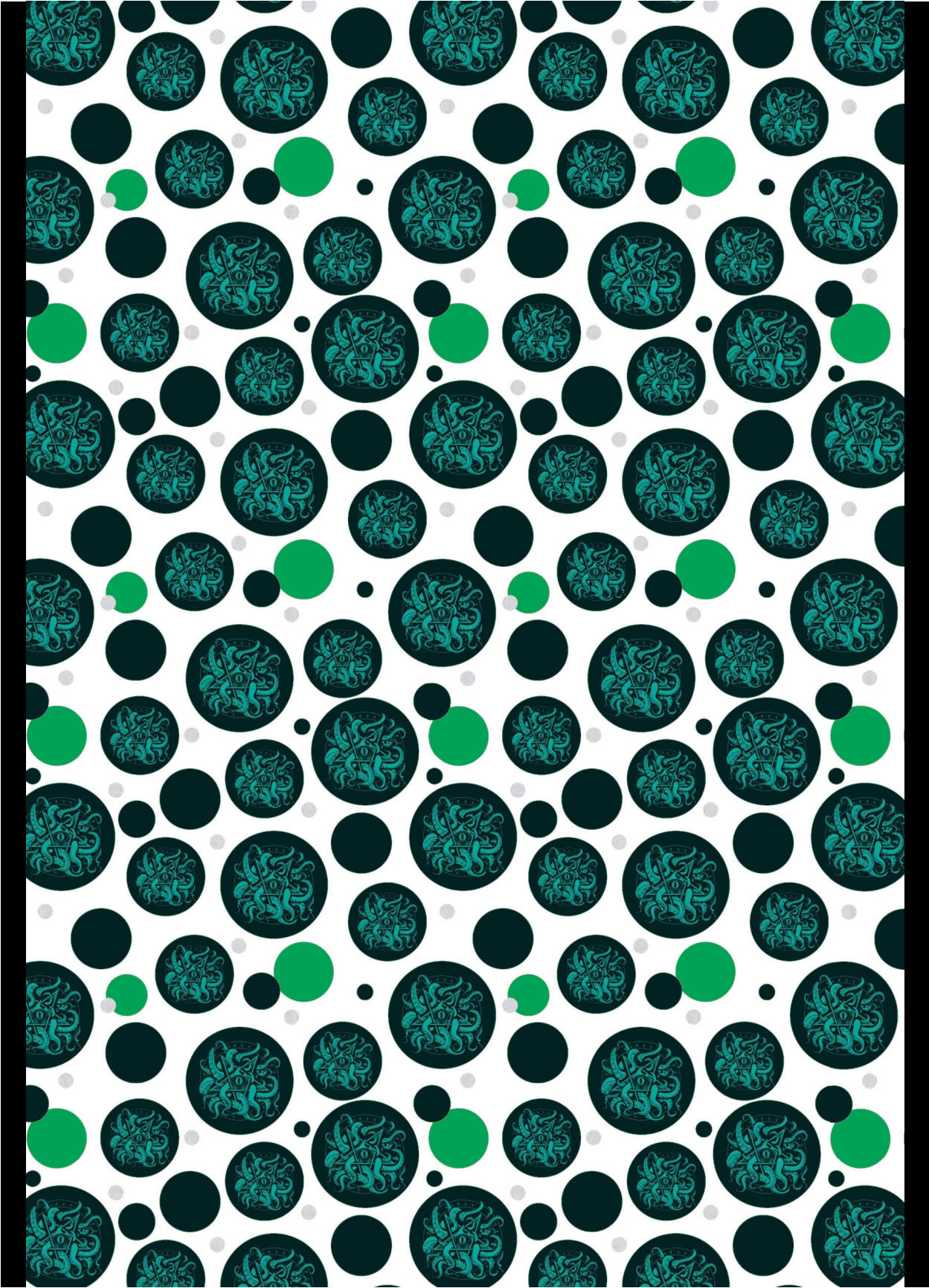
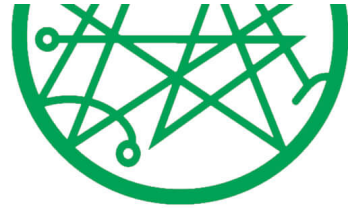










אג קאפאטא "א פאפא, "א פאפא פאפא פאפא "א פאפא פאפא "א פאפא פאפא "א פאפא פאפא

OS HORRORES DE LOVECRAFT

אג קאפאטא "א פאפא, "א פאפא פאפא פאפא "א פאפא פאפא "א פאפא פאפא "א פאפא פאפא

H. P. Lovecraft



אג קאפאטא



OS HORRORES DE LOVECRAFT

Introdução

© S.T. Joshi 2017

Ilustração de capa

© James Bousema

Comentários

Finn J.D. John

Leslie S. Klinger

Bruno Gambarotto

Tradução

Miskatonic Society (*Various*)

Ilustrações de bestiário

Enrique Alcatena

Produção de eBook

Argon

Colaboração

Yuna | TC

Design de eBook

Hyperion

Versão

1.0.0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP

Lovecraft, H. P. (1890–1937)

Os Horrores de Lovecraft ; H. P. Lovecraft.

Tradução por *Miskatonic Society*. Introdução de S.T. Joshi. — Miskatonic, 2020.
1607 p.

ISBN: 978-0-1890-1937-0

1. Literatura Americana. 2. Conto. 3. Literatura Fantástica.

I. Título. II. Ciclo de Cthulhu. III. Ciclo dos Sonhos. IV. Miscelânea.
V. Colaborações. VI. Juvenília. VII. Poesias VIII. Extras IX. Bestiário
X. Apêndices. XI. Miskatonic Society. XII. Joshi, S. T.

CDU 000.000(00) | CDD 000

[2020]

Miskatonic University® LTDA.

Providence County, Rhode Island, EUA

Group 281 Lot 5, Space 10, 1188

www.hplovecraft.com

Sumário



Página de título

Créditos

Introdução

Ciclo de Cthulhu

Dagon

O Depoimento de Randolph Carter

Nyarlathotep

A Cidade sem Nome

Azathoth

O Chamado de Cthulhu

O Modelo de Pickman

A História do Necronomicon

Os Sonhos na Casa da Bruxa

O Festival

O Horror de Dunwich

O Visitante das Trevas

Nas Montanhas da Loucura

A Coisa na Soleira da Porta

A Sombra Vinda do Tempo

O Sabujo
A Sombra em Innsmouth
O Sussurro nas Trevas
A Cor que Caiu do Espaço
O Caso de Charles Dexter Ward

Ciclo dos Sonhos

O Navio Branco
Polaris
Memória
A Maldição de Sarnath
A Árvore
Os Gatos de Ulthar
Celephaïs
Ex Oblivione
A Busca de Iranon
Hipnos
O que a Lua Traz Consigo
A Estranha Casa na Neblina
A Chave de Prata
A Busca Onírica por Kadath
O Clérigo Maligno
O Intruso
Os Outros Deuses
Do Além
O Povo Antiquíssimo
O Inominável

Miscelânea

A Rua
O Medo à Espreita
A Música de Erich Zann
A Doce Ermengarda
Herbert West: Reanimador
A Tumba
O Templo
Ratos nas Paredes
Ele
O Horror em Red Hook
Na Catacumba
A Transição de Juan Romero
Fatos Acerca do Falecido Arthur Jermyn e sua Família
A Casa Temida
Ar Frio
O Descendente
O Livro
O Pântano Lunar
Além da Muralha do Sono
A Gravura na Velha Casa
O Velho Terrível
Old Bugs
Uma Reminiscência do Dr. Samuel Johnson
Ibid

Colaborações

O Desafio do Além

O Horror no Museu
A Maldição de Yig
O Rastejante Caos
A Colina
Vindo dos Éons
O Homem de Pedra
A Árvore na Colina
Através dos Portais da Chave de Prata
A Coisa no Luar
A Coisa com Focinho
Entre as Paredes de Eryx
Sob as Pirâmides
Poesia e os Deuses
A Feitiçaria de Aphlar
A Batalha que Encerrou o Século
O Oceano Noturno
Os Mortos Amados
O Diário de Alonzo Typer
A Morte do Monstro
Quatro Horas
O Horror em Martin's Beach
O Último Teste
Cinzas
A Armadilha
Cosmos em Colapso
A Exumação
A Morte Alada
O Devorador de Fantasma
O Tesouro da Besta-Mágica

O Executor Elétrico
O Horror no Cemitério
Tarbis do Lago
As Duas Garrafas Negras
Surdo, Mudo e Cego
As Tranças da Medusa
O Prado Verde
Até os Mares

Juvenília

A Pequena Garrafa de Vidro
O Mistério do Cemitério
A Caverna Secreta
O Navio Misterioso
O Navio Misterioso
A Fera na Caverna
O Alquimista

Poesias

Os Fungos de Yuggoth
Uma Elegia ao Dr. Franklin Chase Clark
Num Cemitério Retirado Onde Poe Caminhava Outrora
Fungos de Yuggoth
Tigrezinho
Nathicana
Festival
Astrophobos
O Mensageiro

A Cidade
Fato e Fantasia
Sobre a Vaidade da Ambição Humana
Unda; ou a Noiva do Mar
A Pã
Revelação
O Lago do Pesadelo
Desespero
O Conscrito
O Jardim
Ao Receber um Quadro com Cisnes
Os Gatos
Natal Egípcio
Nêmesis
A Klarkash-Ton, Senhor de Averaigne
Lembro-me
Época de Natal
Ao Pequeno Sam Perkins
Providence
À Dona Sofia Simple, Rainha do Cinema
[Tragam aqui, meus rapazes...]
A um Sonhador
Laeta; um Lamento
St. John
A Casa
A Clark Ashton Smith
Pôr do Sol
Dia das Bruxas num Subúrbio
Psychopompos; uma História em Versos

Extras

Nota

A Pedra Negra
O Errante das Estrelas
A Prole Inominável
Os Filhos da Noite
A Sombra do Campanário
Depoimento
O Pescador do Cabo do Falcão
Ubbo-Sathla
There are More Things
A Coisa no Telhado
O Retorno de Hastur
Cães de Tíndalos
O Fogo de Assurbanipal
Haïta, o Pastor
Um Habitante de Carcosa
Não Cavem Meu Túmulo
Os Salgueiros
A Narrativa de Arthur Gordon Pym

Bestiário

Hastur
Pinguins de Leng
Chaugnar Faugn
Tsathoggua
Ghouls
Gugs

Dagon
Yog-Sothoth
Shoggoths
Noctétricos
Rhan Tegoth
Antigos
Prole de Cthulhu
Grande Raça
Profundos
Mi-Go, os Fungos de Yuggoth
Nyarlathotep
Azathoth
Shub-Niggurath
Bestas lunares
Pólipos
Cthulhu

Apêndices

Rascunho descartado de ‘A Sombra em Innsmouth’
A Torre Cilíndrica (fragmento)
Carta a Clark Ashton Smith
Carta a Robert E. Howard
Carta a R. Michael
Carta a Robert E. Howard
Carta de Lovecraft a Zealia Bishop
Carta de Lovecraft a Wilfred B. Talman
Notas sobre a escritura de contos fantásticos
O horror sobrenatural em literatura

A última carta de HPL (fragmento)

A Howard Phillips Lovecraft

∴

De Azathoth a Yog-Sothoth

Uma vida de histórias e obsessões

A estética da literatura de horror

O Necronomicon: Bíblia da literatura gótica contemporânea

Cosmicismo, fascismo e eugenia: o pensamento filosófico e social de HPL

Cthulhu Mythos: a mitologia da subversão



Introdução

por *S. T. Joshi*



Se H.P. Lovecraft estivesse vivo, ficaria assombrado com a celebridade que ele e sua obra obtiveram nos 80 anos transcorridos desde seu falecimento, em 1937. Eis ali um homem que teve apenas um volume precariamente impresso de sua ficção publicado em vida, e foi forçado a publicar a maior parte de suas histórias nas páginas mal encadernadas da *Weird Tales* e outras *pulp magazines* das décadas de 1920 e 1930. Lovecraft praticamente inexistia para o *mainstream* literário de seu tempo, e nem um simples artigo sobre ele apareceu em qualquer revista ou jornal importantes enquanto ele vivia. Não se poderia culpá-lo por pensar, em seu leito de morte, que sua obra se destinava ao esquecimento que ele, em sua excessiva humildade, acreditava merecer.

Hoje, livros com seus contos, novelas e romances breves têm sido impressos aos milhões de exemplares, em capa dura ou brochura, e traduzidos para mais de 25 idiomas em todo o mundo. Praticamente cada linha de seus escritos — ensaios, poemas e principalmente as milhares de cartas de sua autoria que ainda sobrevivem — já foi publicada ou se encontra em processo de publicação. O Mito de Cthulhu — o arcabouço pseudomitológico que ele concebeu nas narrativas de sua última década de vida — assumiu vida própria, e centenas de escritores contribuíram para isso.

Lovecraft é também uma presença enorme em vários outros meios. Adaptações radiofônicas de suas histórias começaram a ser produzidas

na década de 1940, filmes e adaptações televisivas, na de 1960, e em 1982 um popular *role-playing game* alcançou grande popularidade, gerando milhares de fãs de Lovecraft entre aqueles que jamais leram uma só palavra de sua ficção. Produtos ligados a Lovecraft deslancharam nas últimas décadas, variando de miudezas como adesivos de para-choque com os dizeres “Cthulhu para presidente” a bonecos de pelúcia com a forma da entidade octópode extraterrestre Cthulhu.

O mais surpreendente de tudo isso é que a própria imagem do autor magérrimo, de queixo proeminente e feições modestas se tornou um ícone da cultura popular, pois muitos romances e contos têm Lovecraft como personagem, algumas vezes ao lado de figuras ficcionais como Sherlock Holmes, outras vezes envolvido em investigações sobrenaturais mais bizarras que qualquer coisa representada em sua própria ficção. O escritor abstêmio de Providence, Rhode Island, ficaria mortificado se soubesse que uma cerveja especial recebeu seu nome, e que um bar Lovecraft foi aberto na cidade de Portland, Oregon.

Como esse humilde cidadão da Nova Inglaterra, assolado por perenes dúvidas sobre os méritos de seus escritos e ferrenhamente determinado a buscar a literatura como “expressão íntima”, sem jamais pensar em vendas ou marketing, tornou-se uma figura tão popular e aclamada pela crítica? Esta edição propõe-se a fornecer ao menos algumas respostas parciais ao que pode ser um enigma sem resposta, examinando os eventos significativos da vida de Lovecraft, a essência de sua obra literária e o tremendo sucesso póstumo que ele conquistou.

A vida de Lovecraft, como a de muitos autores, talvez careça de eventos dignos de nota, mas é farta em detalhes interessantes. Seu desenvolvimento como escritor e pensador ao longo de um período consideravelmente curto — pouco mais de duas décadas — beira o assombroso. Ninguém que tivesse lido seus primeiros contos de horror e histórias macabras poderia imaginar que ele se tornaria o mais significativo escritor de ficção sobrenatural do século XX, rivalizado unicamente por seu conterrâneo Edgar Allan Poe como a figura suprema desse curioso gênero literário.

As evidências documentais sobre a vida e a obra de Lovecraft são surpreendentes, de riqueza quase inexaurível. No decorrer de sua vida relativamente curta, ele chegou a escrever 80 mil cartas, tornando-se um

dos mais prolíficos missivistas da história. Apenas cerca de 5 mil dessas cartas sobrevivem até hoje, e muitas delas são altamente reveladoras de seus gostos e temperamento; algumas chegando a uma extensão de quarenta, cinquenta ou mesmo setenta páginas; mais longas do que a maioria dos seus contos. Desse modo, Lovecraft tornou-se uma das figuras mais bem documentadas de sua época, e há períodos em sua vida dos quais podemos obter um registro quase diário de suas atividades.

Além disso, muitos de seus amigos e colegas escreveram memórias sobre Lovecraft, acrescentando detalhes fascinantes que corroboram o que ele próprio discute em suas cartas. Algumas dessas memórias são extensas como livros e proporcionam narrativas inesquecíveis sobre um homem que claramente deixou uma forte impressão em todos aqueles com quem manteve contato, até mesmo nos que o conheciam apenas por correspondência.

É necessário, sem dúvida, valer-se de cautela ao avaliar essa riqueza de evidências documentais acerca de Lovecraft, quer provenientes de seu próprio punho, quer escritas por outros. Há ocasiões em que se pode ver que o escritor, em suas cartas, apresenta uma imagem cuidadosamente elaborada de si próprio — ele gostava de posar, mesmo em seus vinte anos, como um cavalheiro sobrenaturalmente idoso, voltado ao passado e desprezando todos os movimentos sociais, políticos e culturais de sua época. Mas em geral, suas cartas parecem notavelmente leais aos altos e baixos de sua vida, e as memórias registradas por seus amigos apenas ampliam, e não contradizem, a imagem que emerge das missivas e ensaios de Lovecraft.

O gênero literário que Lovecraft revolucionou em sua breve carreira foi o que ele próprio denominava “*weird fiction*” (ficção insólita). A literatura de horror sobrenatural tem uma ancestralidade muito longa, e suas origens remontam aos mais antigos registros remanescentes da civilização ocidental. A Epopeia de Gilgamesh, um poema babilônico fragmentário que data de aproximadamente 1700 a.C., já introduz certos motivos, como o do super-herói, da busca pela vida eterna e da descida ao submundo. A *Odisseia* de Homero (c. 700 a.C.) é repleta de criaturas sobrenaturais de todo tipo, da feiticeira Circe (capaz de transformar seres humanos em animais) ao descomunal gigante Polifemo, o ciclope. A tragédia grega é temperada por fantasmas, poções mágicas e outros fe-

nômenos assombrosos. O primeiro lobisomem conhecido da literatura encontra-se numa breve passagem do *Satiricon*, de Petrônio (c. 65 d.C.).

Com o alvorecer do cristianismo, figuras como a bruxa, o fantasma e o vampiro assumiram novos significados, uma vez que tais entidades estiveram ligadas a várias fases da teologia cristã, particularmente à ênfase por esta dedicada à influência de Satã sobre uma humanidade caída. As imagens grotescas do Inferno na *Divina comédia* de Dante (c. 1314) e as vívidas descrições de Satã e seus asseclas no *Paraíso perdido* de John Milton (1667) são, talvez, por demais vinculadas à religião para constituírem exemplos de literatura insólita propriamente dita, mas ambas exerceram influência considerável sobre o que veio depois.

Mas para que uma verdadeira literatura do sobrenatural possa emergir, é necessário haver um consenso geral sobre o que constitui o natural. Em outras palavras, o conhecimento humano precisa ter avançado a ponto de ser generalizadamente aceito que criaturas como bruxas, vampiros e lobisomens não podem existir, pois desafiam o que passou a ser conhecido como as leis naturais que governam o universo. Como o próprio Lovecraft expressou numa carta: “O cerne de uma narrativa insólita é algo que não poderia de forma alguma acontecer”. Portanto, não surpreende que o horror sobrenatural seja um gênero literário surgido apenas no final do século XVIII, pois foi só então que a ciência passou a ter uma compreensão razoavelmente sólida do que é e do que não é possível; e foi somente então que o horror sobrenatural pôde avançar a ponto de superar o estágio do mito, do folclore e da religião.

A novela *O castelo de Otranto* (1764), escrita por um nobre inglês diletante, Horace Walpole, exerceu uma influência muito superior aos seus méritos reais, pois inaugurou o chamado romance gótico, que dominou a história literária por mais de meio século após a sua publicação. O pequeno livro de Walpole, embora cheio de incidentes excêntricos e absurdos, estabeleceu os parâmetros básicos do romance gótico: a ambientação medieval (pois acreditava-se que o caráter primitivo e bárbaro daquele período fosse um terreno fértil para a crença no sobrenatural); o recurso ao castelo como palco da ação (a fonte essencial do tema da casa assombrada); e o emprego de personagens estereotipados, como o nobre cruel, a bela jovem como vítima potencial e objeto da simpatia do leitor e o jovem corajoso que salva o dia.

Mais de quatrocentos romances góticos foram publicados durante o período de 1764 a 1824, mas poucos deles têm algum interesse atualmente; a grande maioria foi escrita por oportunistas que almejavam capitalizar a popularidade do gênero. Entre os mais importantes romancistas góticos encontra-se Ann Radcliffe, que com o romance *Os mistérios de Udolpho* (1794) e outras obras, desbravou a técnica do “sobrenatural explicado”, em que incidentes aparentemente sobrenaturais são posteriormente elucidados como resultantes de enganos ou trapagens. Embora essa deflação do sobrenatural possa parecer por vezes anticlimática, Radcliffe alcançou uma popularidade tremenda em sua época.

Matthew Gregory Lewis, com *The Monk* [O monge] (1796), e Charles Robert Maturin, com *Melmoth the Wanderer* [Melmoth, o errante] (1820), recorreram descaradamente ao sobrenatural. Ambos os livros envolvem pactos demoníacos com resultados horivelmente desastrosos. Foi durante esse período que Mary Shelley escreveu *Frankenstein* (1818), uma obra notavelmente avançada, que alguns acreditam ser o primeiro romance de ficção científica.

Foi, porém, Edgar Allan Poe quem transformou a tradição agonizante do gótico em algo de valor estético muito superior. Com um entendimento ímpar da psicologia do medo, e com uma prosa de intensidade à flor da pele, Poe praticamente inventou o conto como nós o conhecemos e produziu, em sua carreira tragicamente breve, um conjunto de narrativas de horror que continua insuperável em sua dimensão e qualidade.

A obra de Poe amplia o espectro do insólito. Há narrativas de horror sobrenatural, como a celebrada “A queda da casa de Usher”, em que Roderick Usher, sua irmã, Madeline, e a própria casa compartilham uma só alma e sofrem uma desagregação conjunta; e “Ligeia”, em que a vontade de viver de uma esposa morta é tão forte que remodela a face da segunda esposa. Poe também se destacou no horror psicológico, como em “O poço e o pêndulo”, com sua memorável representação das torturas da Inquisição. Também escreveu histórias de sobrenaturalidade ambígua: por exemplo, em “O coração delator”, não sabemos se o coração do homem assassinado de fato está batendo sob o assoalho ou se o assassino simplesmente conjura o som em sua própria mente.

Na Inglaterra, no final do século XIX, muitos escritores tentaram aventurar-se pelo sobrenatural, especialmente na modalidade conhecida como histórias de fantasmas. Charles Dickens, em “Um conto de Natal” (1843) recorreu ao tema com tintas um tanto carregadas para expressar uma mensagem de cunho moral. O escritor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu, em “Green tea” [Chá verde] (1869), construiu uma história arrepiante sobre um religioso assediado por um macaco sobrenatural. Le Fanu também escreveu um romance impressionante sobre uma vampira lésbica, *Carmilla* (1871), que abriu terreno para o *Drácula* (1897), de Bram Stoker, o qual, por sua vez, tornou-se a narrativa prototípica sobre os hábitos dos vampiros. Robert Louis Stevenson, em *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde* (1885), e Oscar Wilde, em *O retrato de Dorian Gray* (1891), escreveram narrativas sobre sócias ou duplos. Nos EUA, o cínico jornalista Ambrose Bierce tornou-se o maior sucessor de Poe com as imortais histórias sobrenaturais e de horror psicológico que escreveu em *Tales of Soldiers and Civilians* [Histórias de soldados e civis] (1891) e *Can Such Things Be?* [Coisas assim são possíveis?] (1893).

Na virada do século, quatro mestres supremos da ficção insólita emergiram, demonstrando que o gênero havia alcançado um clímax de refinamento e sofisticação literários.

O autor galês Arthur Machen, com *The Great God Pan* [O grande deus Pã] (1894) e outras obras, postulou a existência de uma horrenda raça atrofiada de criaturas semi-humanas, o Povo Pequeno, à espreita nos subterrâneos da civilização. Machen, um anglo-católico fervoroso que sentia que o avanço da ciência estava despojando o mundo de suas histórias de mistério e encantamento, investiu suas narrativas de uma convicção que poucos poderiam equiparar. Lovecraft acreditava que sua novela *The White People* [O povo branco] [publicada em 1904], a impressionante história de uma adolescente que é introduzida por sua governanta, e sem o seu conhecimento, no culto das feiticeiras, fosse uma das realizações de maior vulto da literatura insólita.

O irlandês Lord Dunsany escreveu *The Gods of Pegāna* [Os deuses de Pegāna] (1905) e outras narrativas de fantasia ambientadas num mundo imaginário, que antecipam a obra posterior de J.R.R. Tolkien. Dunsany desenvolveu um estilo de prosa, parcialmente baseado na Bíblia do

rei James, de fluência e capacidade sugestiva inigualáveis. Em seus primeiros livros ele concebeu uma cosmogonia completa de deuses, semi-deuses e devotos imaginários — algo que Lovecraft considerou altamente evocativo quando começou a desenvolver sua própria pseudomitologia.

Algernon Blackwood escreveu *The Willows* [Os salgueiros], que Lovecraft considerava a melhor narrativa insólita já escrita — uma história de assombração e horrores nebulosos ambientada no Danúbio. Tanto em romances quanto em contos, Blackwood dotou suas histórias de uma visão mística que oscilava entre o horror e o maravilhamento. Em suas melhores obras, como a reunião de histórias *Incredible Adventures* [Aventuras inacreditáveis] (1914), o assombro predomina e os fenômenos sobrenaturais evocam aquela espécie de emoção transcendente que associamos à religião.

M.R. James, um eminente acadêmico inglês, escreveu quatro coletâneas de histórias de fantasmas que tiveram imensa influência, e que elevaram esse subgênero aos mais altos níveis de talento artístico. James era um mestre da construção de histórias, e a estrutura complexa de seus contos forneceu valiosas sugestões a Lovecraft quando este passou a escrever as narrativas mais longas de sua última década de vida. Lovecraft posteriormente admitiu, porém, que James era “o membro mais mundano dos ‘quatro grandes’”, pela natureza relativamente convencional de seus fenômenos insólitos.

A literatura do sobrenatural foi, na época em que Lovecraft nasceu, um gênero rico e diversificado, mas ainda era considerado como uma espécie de curiosidade no mundo literário em geral; muitos leitores e críticos não acreditavam que se tratasse de uma forma literária inteiramente legítima, e desprezavam-na por oferecer escapismo vazio às duras realidades da vida. No decorrer da sua existência, Lovecraft buscou incansavelmente as maiores obras da ficção insólita para seu desfrute pessoal, mas à medida que sua carreira avançava, ele se tornou a figura mais revolucionária nesse campo desde Poe.



A obra de Lovecraft atinge hoje um público mundial e sua influência estendeu-se a figuras de renome internacional, como Jorge Luis Borges,

Umberto Eco e Michel Houellebecq. Suas narrativas há muito são conhecidas pelos leitores de Portugal e do Brasil. A primeira edição portuguesa apareceu em 1956, com o título *Os mortos podem voltar*. Tratava-se de uma tradução do romance breve *The Case of Charles Dexter Ward* (O caso de Charles Dexter Ward), publicada pela editora lisboeta Livros do Brasil. A primeira edição brasileira surgiu apenas mais de dez anos depois, em 1966: *O que sussurrava nas trevas* (Edições G.R.D.). Várias outras vieram a lume nas décadas que se seguiram.

O presente volume é a mais completa reunião das narrativas de Lovecraft já feitas em português, e oferece pela primeira vez todo o conjunto de ficções escritas por ele — incluindo aquelas que o autor escreveu como *ghostwriter*, os contos escritos em colaboração ou cuja autoria é incerta — nos seus diversos gêneros: fantasia, horror e ficção científica, divididos aqui em seis blocos temáticos: Ciclo de Cthulhu, Ciclo dos Sonhos, Miscelânea, Colaborações, Juvenília e Poesias. E, além de sua ficção, três outras partes: Extras, Bestiário e Apêndices^[1]. Os leitores de língua portuguesa podem ver agora com seus próprios olhos por que H.P. Lovecraft tornou-se o mais importante autor de ficção insólita depois de Edgar Allan Poe, e um escritor de renome e influência mundiais.

וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח
וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח
וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח
וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח וְיִפְתָּח *



**CICLO DE
CTHULHU**



Dagon

∴

Dagon (1917)

The Vagrant (nov. 1919)

Este conto é um dos mais influentes de Lovecraft, talvez o mais famoso. É em “Dagon” que vemos pela primeira vez o tema “ruínas ciclópicas emergindo das profundezas do mar”, que se tornou quase um clichê, junto com o empréstimo de “mitos esquecidos” de deuses de civilizações antigas. Também claramente destaca o foco pretendido por Lovecraft, em sua *weird fiction*, de manter a plausibilidade; nada do que acontece em “Dagon” é fisicamente impossível, e nada na história depende de forças sobrenaturais ou mágicas para funcionar.



Escrevo sob considerável pressão mental, pois até a noite de hoje eu não mais existirei. Sem contar com um tostão, e com o suprimento da droga que é a única coisa que torna a vida suportável chegando ao fim, não consigo mais aguentar a tortura; e devo me lançar da janela deste sótão para a rua esqualida lá embaixo. Não pense que, por minha escravidão à morfina, eu seja um fraco ou um degenerado. Depois que tiver lido estas

páginas garatujadas às pressas você poderá imaginar, embora jamais compreenda por inteiro, o motivo por que devo escolher entre o entorpecimento e a morte.

Foi numa das regiões mais expostas e menos frequentadas do amplo Pacífico que o pacote do qual fui comissário de bordo caiu vítima do agressor alemão. A Grande Guerra estava então em seu princípio e as forças marítimas dos hunos^[1] ainda não haviam afundado completamente em sua degradação posterior, de forma que nossa embarcação foi legitimamente tomada como prêmio, enquanto nós da tripulação fomos tratados com toda a justiça e consideração que nos eram devidas como prisioneiros navais. Tão liberal, aliás, era a disciplina dos nossos captores, que cinco dias depois de termos sido aprisionados eu consegui escapar sozinho em um pequeno bote com água e provisões suficientes para me abastecer por um bom tempo.

Quando finalmente me vi livre e à deriva, fazia muito pouca ideia do meu paradeiro. Como nunca fui um navegador competente, podia apenas supor de maneira muito vaga, a julgar pela posição do sol e das estrelas, que me encontrava em algum ponto ao sul do equador. Quanto à longitude, não sabia nada, e não havia ilha ou linha costeira à vista. O clima manteve-se favorável, e por dias incontáveis fiquei à deriva sob o sol calcinante; à espera de algum navio de passagem ou de ser lançado à praia de alguma terra habitável. Mas nem navio nem terra apareceram, e comecei a me desesperar na solitude daquela sinuosa vastidão de azul ininterrupto.

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Dos detalhes eu jamais saberei, pois minha letargia, embora agitada e infestada de sonhos, era contínua. Quando por fim despertei, descobri-me parcialmente sugado por uma viscosa extensão de lodo negro infernal que se espalhava à minha volta em ondulações monótonas até onde a vista alcançava, na qual meu barco jazia encalhado a alguma distância.

Embora se possa imaginar que minha primeira sensação fosse de maravilhamento por uma mudança de cenário tão prodigiosa e inesperada, fiquei na verdade mais horrorizado que impressionado; pois havia no ar e no solo apodrecido uma qualidade sinistra que me gelava até o âmagô. Toda a região era empestada por carcaças de peixes em decomposição, e por outras coisas menos descritíveis, que eu via se projetarem da lama

nauseabunda que cobria aquela planície interminável. Talvez eu não devesse tentar transpor em meras palavras o horror inexprimível que pode residir no silêncio absoluto e na árida imensidão. Não havia nada ao alcance dos ouvidos ou dos olhos, exceto a vasta extensão de limo negro; no entanto, a completa quietude e a homogeneidade da paisagem opriam-me com um temor nauseante.

O sol flamejava em um céu que me parecia quase negro em sua crueldade sem nuvens; era como se refletisse o pântano retinto sob meus pés. Enquanto eu rastejava de volta ao bote encalhado, dei-me conta de que somente uma hipótese poderia explicar a posição em que me encontrava. Por alguma sublevação vulcânica sem precedentes, parte do solo oceânico devia ter sido atirada à superfície, expondo regiões que ao longo de inumeráveis milhões de anos jaziam ocultas sob imensuráveis profundezas aquáticas. Tão grande era a extensão de terra nova que havia se erguido sob mim, que eu não conseguia detectar o mais tênue ruído do mar revolto, por mais que apurasse meus ouvidos. Não havia sequer uma ave marinha para rapinar as criaturas mortas.

Por várias horas eu me deixei ficar pensando ou ruminando no bote, que adernava para um lado e propiciava uma leve sombra à medida que o sol cruzava os céus. Enquanto o dia avançava, o terreno perdeu parte de sua viscosidade, e pareceu-me que em pouco tempo ele secaria o suficiente para que se pudesse percorrê-lo. Naquela noite eu dormi muito pouco, e no dia seguinte separei um farnel contendo comida e água, em preparação para uma longa jornada por terra em busca do mar desaparecido e de possível resgate.

Na terceira manhã, descobri que o solo havia secado o suficiente para se caminhar sobre ele com facilidade. O fedor de peixe era enlouquecedor; mas eu estava por demais preocupado com coisas mais graves para dar atenção a um mal tão superficial, e parti com coragem a um destino desconhecido. Durante todo o dia avancei gradual e constantemente para o oeste, guiado por um cômoro distante que se erguia mais alto que qualquer outra elevação naquele vasto deserto. Naquela noite acampeei, e no dia seguinte continuei viajando em direção ao promontório, embora aquele objeto a custo parecesse mais próximo do que quando o avistei pela primeira vez. No anoitecer do quarto dia atingi a base do morro, que se revelou muito mais alto do que parecia a distância; um vale inter-

posto destacava seu relevo mais íngreme da superfície geral. Esgotado demais para escalar, dormi à sombra da colina.

Não sei por que meus sonhos foram tão espantosos naquela noite; mas antes que a fantasticamente gibosa lua minguante pairasse sobre a porção oriental da planície, fui despertado por suores frios, decidido a não mais dormir. Visões como as que eu havia experimentado eram excessivas para que eu as suportasse novamente. E à claridade da lua eu vi como havia sido insensato viajar durante o dia. Sem o fulgor do sol calcinante, minha jornada teria me custado menos energia; na verdade, eu agora me sentia perfeitamente capaz de realizar a ascensão que me havia detido ao pôr do sol. Apanhando meus suprimentos, parti rumo ao cume daquela proeminência.

Eu havia dito que a monotonia ininterrupta da vasta planície era fonte de um horror vago para mim; mas creio que meu horror se tornou maior quando alcancei o topo do monte e olhei para um imenso poço ou cânion do outro lado, cujos recessos negros a lua ainda não estava alta o suficiente para iluminar. Senti-me na beirada do mundo; espiando da borda de um imensurável caos de noite eterna. Meu terror era perpassado por curiosas reminiscências do *Paraíso perdido*^[2], e da horrenda escalada de Satã pelos domínios da escuridão primeva.

À medida que a lua se erguia no céu, comecei a ver que as escarpas do vale não eram tão perpendiculares quanto eu havia imaginado. Platôs e afloramentos de rocha proporcionavam pontos de apoio razoavelmente fáceis, ao passo que, após algumas dezenas de metros mais íngremes, o declive se tornava bastante gradual. Impelido por um impulso que não consigo analisar com exatidão, rastejei com dificuldade pelas rochas abaixo e me postei sobre o talude mais suave além delas, contemplando as profundezas infernais onde nenhuma luz jamais havia penetrado.

Imediatamente minha atenção foi atraída por um imenso e singular objeto na escarpa oposta, que se erguia abruptamente a cerca de uma centena de metros à minha frente; um objeto que emitia um brilho alvo sob os raios que acabava de tomar de empréstimo à lua ascendente. Que não passava de um gigantesco pedaço de pedra, logo tratei de assegurar a mim mesmo; mas experimentei a distinta impressão de que seu contorno e posicionamento não eram obra da Natureza. Um exame mais detalhado encheu-me de sensações que eu não consigo expressar; pois apesar

de sua enorme magnitude e de sua situação em um abismo que se escancarara no fundo do mar desde que o mundo era jovem, percebi sem sombra de dúvida que o estranho objeto era um monólito bem talhado, cujo imponente volume havia sido obra da manufatura e talvez da devoção de criaturas vivas e pensantes.

Pasmo e assustado, embora não sem uma certa excitação de cientista ou arqueólogo, examinei as cercanias mais atentamente. A lua, agora próxima do zênite, resplandeceu estranha e vividamente por sobre as elevadas encostas que margeavam o abismo, e revelou o fato de que um extenso corpo de água fluía no fundo, serpenteando até perder de vista em ambas as direções, e quase me lambendo os pés enquanto eu me encontrava na ladeira. Do outro lado do precipício, pequenas ondas banhavam a base do monólito ciclópico, em cuja superfície eu podia agora distinguir inscrições e esculturas grosseiras. A escrita era em um sistema hieroglífico que eu não conhecia, distinta de qualquer coisa que eu tivesse visto em livros, consistindo em sua maior parte de símbolos aquáticos estilizados, como peixes, enguias, polvos, crustáceos, moluscos, baleias e afins. Vários caracteres obviamente representavam criaturas marinhas desconhecidas do mundo moderno, mas cujas formas em decomposição eu havia observado na planície aflorada no oceano.

Foram as representações pictóricas, porém, que mais me encantaram. Claramente visíveis do outro lado da água por conta de seu enorme tamanho, compunham uma sucessão de baixos-relevos cujos temas teriam despertado a inveja de Doré. Pareceu-me que aquelas coisas deveriam representar homens — ao menos, certa espécie de homens; embora as criaturas fossem retratadas portando-se como peixes nas águas de alguma gruta marinha, ou prestando homenagens a algum santuário monolítico que parecia encontrar-se igualmente sob as águas. De suas faces e formas eu não ousou tratar em detalhes, pois a mera lembrança delas me põe à beira de um desmaio. Mais grotescas que a imaginação de um Poe ou de um Bulwer^[3] poderia conceber, elas eram diabolicamente humanas em seus traços gerais, apesar das mãos e pés palmados, lábios horriavelmente carnudos e olhos vidrados e proeminentes, além de outros traços de evocação ainda menos agradável. Curiosamente, pareciam ter sido cinzeladas em franca desproporção com o cenário de fundo, pois uma das criaturas era exibida no ato de matar uma baleia, representada

como se fosse pouco maior do que ela própria. Notei, como eu disse, seu caráter grotesco e seu curioso tamanho; mas imediatamente concluí que não passavam dos deuses imaginários de alguma primitiva tribo de pescadores ou marinheiros; alguma tribo cujos últimos descendentes haviam perecido eras antes que os primeiros ancestrais dos homens de Piltdown^[4] ou de Neandertal tivessem nascido. Assombrado por esse vislumbre imprevisto de um passado mais longínquo do que o mais ousado antropólogo poderia conceber, fiquei a meditar enquanto a lua lançava insólitos reflexos no canal silencioso à minha frente.

Então, subitamente, eu vi. Com não mais do que uma leve agitação a assinalar sua subida à superfície, a criatura deslizou diante dos meus olhos sobre as águas escuras. Imenso como Polifemo^[5] e repulsivo, aquilo dardejou como um estupendo monstro de pesadelo rumo ao monólito, perante o qual agitou seus gigantescos braços escamosos, ao mesmo tempo em que curvava sua horrenda cabeça e emitia certos sons cadenciados. Nesse momento, achei que iria enlouquecer.

De minha frenética ascensão pela escarpa e os rochedos e de minha delirante jornada de volta ao barco encalhado, lembro-me pouco. Parece-me que cantei intensamente e gargalhei de maneira estranha quando não pude mais cantar. Tenho recordações indistintas de uma grande tempestade algum tempo depois que alcancei o bote; seja como for, sei que ouvi o ribombar de trovões e outros sons que a Natureza só profere em seus humores mais enfurecidos.

Quando emergi das sombras, encontrava-me em um hospital de São Francisco, ali levado pelo capitão do navio americano que havia recolhido meu bote no meio do oceano. Em meu delírio, dissera muita coisa, mas descobri que minhas palavras haviam recebido atenção escassa. Se algum cataclismo havia sublevado terras no Pacífico, meus salvadores de nada sabiam; tampouco julguei necessário insistir em algo de que eu tinha consciência que eles não poderiam acreditar. Certa vez procurei um célebre etnólogo e o entretive com perguntas peculiares a respeito da antiga lenda filisteia de Dagon,^[6] o Deus-Peixe; mas tão logo percebi que ele era irremediavelmente convencional, não insisti em meu inquérito.

É à noite, especialmente com a lua gibosa e minguante, que vejo a criatura. Tentei a morfina; mas a droga proporcionou-me apenas um alí-

vio transitório e prendeu-me em suas garras como um escravo sem esperanças. Por isso, agora, após ter escrito uma narrativa completa para informação ou divertimento desdenhoso de meus semelhantes, pretendo acabar com tudo. Com frequência eu me pergunto se tudo não poderia ter sido pura fantasia — um mero delírio febril enquanto eu jazia insolado e em tresvario no barco exposto às intempéries depois de escapar dos soldados alemães. Isso eu me pergunto, mas sempre me vem em resposta uma visão horivelmente vívida. Não posso pensar nas profundezas marinhas sem estremecer pelas criaturas inomináveis que neste mesmo momento podem estar rastejando e se debatendo em seu leito lodoso, adorando seus antigos ídolos de pedra e entalhando imagens à sua detestável semelhança em obeliscos submarinos de granito embebido em água. Sonho com o dia em que elas se erguerão dentre as ondas para arrastar em suas garras fétidas os resquícios da humanidade insignificante e exaurida pela guerra para o fundo do mar — o dia em que a terra afundará, e o escuro leito oceânico se erguerá em meio a um pandemônio universal.

O fim se aproxima. Ouço um ruído à porta, como se um imenso corpo viscoso roçasse seu peso contra ela. Jamais me encontrará. Meu Deus, *aquela mão!* A janela! A janela!



O Depoimento de Randolph Carter

∴

The Statement of Randolph Carter (1919)

The Vagrant (mai. 1920)

Este conto foi escrito no final de dezembro de 1919, e Lovecraft o escreveu quase como uma transcrição de um sonho que ele teve no início do mês. No sonho, o papel de “Harley Warren” foi interpretado por Samuel Love-man; e o papel de “Randolph Carter”, é claro, foi interpretado pelo próprio Lovecraft.



Eu repito, cavalheiros; vossa inquisição é infrutífera. Detenham-me aqui para sempre se quiserem; confinem-me ou me executem, se precisam de uma vítima para apaziguar a ilusão que chamam de justiça; mas eu não posso dizer nada além do que já disse. Tudo o que consigo lembrar eu já lhes contei com perfeita sinceridade. Nada foi distorcido ou ocultado, e se algo permanece vago é apenas por causa das nuvens escuras que co-

briram minha mente — dessas nuvens e da natureza nebulosa dos horrores que as atraíram sobre mim.

Novamente eu declaro, não sei o que aconteceu a Harley Warren; no entanto eu creio — quase desejo — que ele se encontre em sereno oblívio, se é que existe em algum lugar uma coisa tão abençoada. É verdade que fui durante cinco anos seu amigo mais íntimo, e compartilhei parcialmente de suas terríveis pesquisas sobre o desconhecido. Não vou negar, embora minha memória seja incerta e indistinta, que essa sua testemunha pode ter-nos visto juntos como diz, no pico Gainesville, caminhando em direção ao Pântano do Grande Cipreste, às onze e meia daquela noite horrível. Que levávamos lanternas elétricas, pás e um curioso rolo de fio ligado a instrumentos, eu irei até mesmo assegurar-lhes; pois todas essas coisas desempenham seu papel na única e horrenda cena que continua gravada a fogo na minha memória abalada. Mas quanto ao que se seguiu, e à razão por que fui encontrado só e desnortado à beira do pântano na manhã seguinte, devo insistir que não sei nada, exceto o que já lhes contei repetidas vezes. Vocês me dizem que não há nada no pântano ou nas suas imediações que pudesse formar o cenário daquele episódio apavorante. Eu respondo que não sei nada além do que vi. Alucinação ou pesadelo, aquilo pode ter sido — alucinação ou pesadelo eu espero com fervor que tenha sido —, no entanto, é tudo o que minha mente retém do que sucedeu naquelas horas chocantes depois que nos afastamos da visão dos homens. E o motivo por que Harley Warren não retornou, só ele ou sua sombra — ou alguma *coisa* inominável que eu não sei descrever — podem lhes contar.

Como eu lhes disse antes, os misteriosos estudos de Harley Warren eram bem conhecidos e até certo ponto compartilhados por mim. De sua vasta coleção de livros estranhos e raros sobre temas proibidos, li todos os que foram escritos em idiomas que domino; mas estes eram poucos comparados com aqueles que estão em línguas que não consigo entender. A maioria, creio, está em árabe; e o livro de inspiração demoníaca que trouxe consigo o fim — o livro que ele carregou em seu bolso para fora do mundo — era escrito em caracteres como nunca vi iguais em lugar algum. Warren nunca me contou exatamente o que havia naquele livro. Quanto à natureza dos nossos estudos — devo repetir que já não conservo plena compreensão dela? Parece-me antes uma bênção

que seja assim, pois eram estudos terríveis, que eu seguia mais por relutante fascínio do que por inclinação natural. Warren sempre me dominou, e algumas vezes eu o temia. Recordo como estremeci com sua expressão facial na noite que antecedeu o horrendo acontecimento, quando ele falou tão incessantemente sobre sua teoria, *por que certos cadáveres nunca se decompõem, mas repousam firmes e túrgidos em suas tumbas por mil anos*. Mas não o temo neste momento, pois suspeito que ele conheceu horrores além da minha compreensão. Agora eu temo *por* ele.

Mais uma vez eu declaro que não conservo uma ideia clara do nosso objetivo naquela noite. Certamente, tinha muito a ver com algo que estava no livro que Warren levava consigo — aquele antigo volume em caracteres indecifráveis que lhe havia chegado da Índia no mês anterior — mas eu juro que não sei o que esperávamos encontrar. Sua testemunha diz que nos viu às onze e meia da noite no pico Gainesville, dirigindo-nos ao Pântano do Grande Cipreste. Isso provavelmente é verdade, mas eu não tenho uma memória distinta do fato. O quadro gravado em minha alma é de um único cenário, e a hora deve ser muito posterior à meia-noite; pois a lua em quarto minguante estava alta nos céus vaporosos.

O lugar era um antigo cemitério; tão antigo que eu estremeci diante da multiplicidade de signos de anos imemoriais. Ficava numa depressão profunda e úmida, coberta por capim espesso, musgo e uma curiosa vegetação rasteira, e impregnado por um vago bafio que minha imaginação frívola associou de maneira absurda a rochas podres. Por toda parte havia sinais de abandono e decrepitude, e eu parecia assombrado pela noção de que Warren e eu éramos as primeiras criaturas vivas a invadir um silêncio letal de séculos. Sobre a orla do vale, uma lívida lua minguante espiava por entre os vapores insalubres que pareciam emanar das catacumbas inauditas, e graças aos seus raios débeis e inconstantes eu pude distinguir uma repulsiva hoste de lápides, urnas, cenotáfios e fachadas de mausoléus; tudo em ruínas, forrado de musgo e com manchas de umidade, parcialmente encoberto pela exuberância grosseira da vegetação daninha. A primeira impressão vívida que tenho de minha presença nessa terrível necrópole refere-se ao ato de pausar com Warren diante de um determinado sepulcro semiobliterado, e de atirar ao chão parte do fardo que aparentemente vínhamos carregando. Há pouco observei que

levava comigo uma lanterna elétrica e duas pás, enquanto meu companheiro estava munido de uma lanterna semelhante à minha e de um aparelho telefônico portátil. Nenhuma palavra foi pronunciada, pois o local e a incumbência pareciam ser-nos conhecidos; e sem demora apanhamos nossas pás e começamos a remover o capim, as ervas e a terra acumulada sobre a campa mortuária plana e arcaica. Após descobrir toda a superfície, que consistia de três imensas lajes de granito, recuamos a certa distância para avaliar aquele cenário lúgubre; e Warren pareceu fazer algum cálculo mental. Depois retornou ao sepulcro e, usando sua pá como alavanca, tentou levantar a laje mais próxima de um monturo de pedras que devia ter sido algum monumento em sua época. Não teve sucesso, e acenou para que eu fosse em seu auxílio. Por fim, nossas forças combinadas deslocaram a lápide, que erguemos e tombamos para um lado.

A remoção da laje revelou uma negra abertura, da qual jorrou uma efluência de gases miasmáticos tão nauseabundos que recuamos em um sobressalto horrorizado. Após um intervalo, porém, nós voltamos a nos aproximar da cova e achamos as exalações menos insuportáveis. Nossas lanternas revelaram o topo de uma escada de pedra, transudante de alguma detestável secreção das profundezas da terra e delimitada por paredes úmidas incrustadas de salitre. E então, pela primeira vez minha memória registra um discurso verbal, Warren finalmente dirige-se a mim com sua melodiosa voz de tenor; uma voz singularmente impassível diante dos assustadores arredores em que nos encontrávamos.

— Lamento ter de pedir-lhe que fique na superfície — disse ele —, mas seria um crime deixar que alguém com seus nervos frágeis descesse até lá. Você não pode imaginar, mesmo com tudo o que leu e que eu lhe contei, as coisas que terei de ver e fazer. É um trabalho demoníaco, Carter, e eu duvido que qualquer homem desprovido de uma sensibilidade férrea pudesse sequer presenciá-lo e sair vivo e mentalmente são. Não desejo ofendê-lo, e os céus sabem que eu ficaria bastante feliz em tê-lo comigo; mas a responsabilidade é, em certo sentido, minha, e eu não poderia arrastar um feixe de nervos como você até a provável morte ou enlouquecimento. Eu lhe digo, você não pode imaginar como essa coisa realmente é! Mas eu prometo mantê-lo informado pelo telefone de cada movimento que fizer — você pode ver que eu trago fiação suficiente para atingir o centro da terra e voltar!

Ainda posso ouvir, em minha memória, essas palavras pronunciadas com frieza; e ainda consigo recordar minhas objeções. Eu parecia desesperadamente ansioso para acompanhar meu amigo rumo àquelas profundezas sepulcrais, porém ele se manteve inabalavelmente empedernido. Em dado momento ele ameaçou abandonar a expedição se eu persistisse na minha insistência; uma ameaça que se mostrou eficaz, uma vez que somente ele possuía a chave para aquela *coisa*. Tudo isso eu ainda consigo lembrar, porém já não sei que classe de *coisa* procurávamos. Depois de assegurar minha relutante aquiescência ao seu desígnio, Warren apanhou o rolo de fio condutor e ajustou os instrumentos. A um sinal de cabeça dele, tomei um destes e me sentei sobre uma antiga e enodoada lápide junto à abertura recém-exposta. Então ele apertou minha mão, jogou o carretel de fio sobre um ombro, e desapareceu no interior daquele indescritível ossuário. Por um momento eu continuei avistando a claridade da sua lanterna e ouvindo o roçar do fio à medida que ele o deitava atrás de si; mas a luminosidade logo desapareceu de um modo abrupto, indicando que uma volta no lance de escadas fora encontrada, e o som morreu quase simultaneamente. Eu estava só, ainda que ligado à profundidade desconhecida por aquela fieira mágica cuja superfície isolante jazia esverdeada sob os raios pugnazes do quarto minguante.

Na quietude solitária daquela encanecida e deserta cidade dos mortos, minha mente concebeu as mais horripilantes fantasias e ilusões; e as grotescas capelas e monolitos pareciam assumir uma personalidade hedionda — uma semissenciência. Sombras amorfas pareciam espreitar nos recessos mais sombrios daquela depressão sufocada pelas ervas daninhas e esvoaçar como em alguma blasfema procissão cerimonial pelos portais das tumbas deterioradas nas encostas; sombras que não poderiam ter sido projetadas por aquela pálida e tímida meia-lua. Eu consultava constantemente o meu relógio à luz da lanterna elétrica, e auscultava com ansiedade febril o receptor do telefone; mas por mais de um quarto de hora não ouvi nada. Então, um tênue estalido partiu do instrumento, e eu chamei meu amigo com uma voz tensa. Por mais apreensivo que estivesse, eu ainda assim não estava preparado para as palavras que emergiram daquela catacumba sinistra em tons mais alarmados e vibrantes do que eu jamais ouvira antes de Harley Warren. Ele, que havia me deixado

tão calmamente pouco tempo antes, agora me ligava do subterrâneo em um sussurro trêmulo muito mais pressagioso que o mais alto grito:

— *Deus! Se você pudesse ver o que eu estou vendo!*

Não consegui responder. Emudecido, pude apenas esperar. Então vi-eram novamente as mais arrepiantes entonações:

— *Carter, é terrível... monstruoso... inacreditável!*

Dessa vez minha voz não me falhou, e eu verti transmissor adentro uma torrente de perguntas excitadas. Aterrorizado, continuei a repetir: “Warren, o que foi? O que está acontecendo?”

Mais uma vez ouvi a voz do meu amigo, ainda rouca de medo, e agora aparentemente tingida de desespero:

— *Não posso lhe dizer, Carter! Isto vai absolutamente além da nossa compreensão; não ousa contar a você; nenhum homem poderia conhecer tal coisa e continuar vivendo. Bom Deus! Jamais sonhei com ISTO!*

Novamente o silêncio, exceto pelo meu agora incoerente fluxo de inquirições trêmulas. E depois a voz de Warren em um clímax da mais desvairada consternação:

— *Carter! Pelo amor de Deus, ponha a laje de volta e fuja disto se puder! Rápido!... Deixe todo o resto e saia daí... é a sua única chance! Faça o que eu digo, e não me peça para explicar!*

Eu escutei, no entanto só conseguia repetir minhas frenéticas perguntas. Ao meu redor só havia as tumbas, a escuridão e as sombras; abaixo de mim, algum perigo além do alcance da imaginação humana. Mas meu amigo estava em perigo maior do que o meu, e em meio ao meu temor senti um vago ressentimento por ele ter me julgado capaz de abandoná-lo sob tais circunstâncias. Um novo estalido, e após uma pausa um grito lamentoso partiu de Warren:

— *Caia fora! Pela graça de Deus, ponha a laje de volta e caia fora, Carter!*

Alguma coisa na gíria infantil do meu companheiro evidentemente abalado desatou o meu discernimento. Formulei uma resolução e gritei-a: “Warren, aguenta! Eu estou descendo!” Mas ao ouvir tal oferta o tom do meu ouvinte mudou para um grito de completo desespero:

— *Não! Você não entende! É tarde demais... e a culpa é minha. Ponha a laje de volta e fuja... não há nada mais que você ou qualquer outra pessoa possam fazer agora!*

O tom mudou novamente, dessa vez adquirindo uma qualidade mais suave, uma espécie de resignação desesperançada. No entanto permanecia tensa de ansiedade para mim.

— *Rápido... antes que seja tarde demais!*

Tentei não lhe dar atenção; tentei romper a paralisia que me detinha e cumprir minha promessa de descer em auxílio dele. Mas seu próximo sussurro me encontrou ainda inerte nas cadeias do completo terror.

— *Carter... depressa! Não vale a pena... você deve ir... melhor um do que nenhum... a laje...*

Uma pausa, mais um estalo, depois a voz esmaecida de Warren:

— *Agora está quase acabado... não tome mais difícil... cubra esses degraus amaldiçoados e corra para salvar sua vida... você está perdendo tempo... Adeus, Carter... você não me verá novamente.*

Nesse ponto o sussurro de Warren cresceu até se tornar um grito; um grito que gradualmente se avolumou até um berro carregado com todo o horror das eras...

— *Malditas sejam estas criaturas infernais... legiões... Meu Deus! Caia fora! Caia fora!*

Depois disso veio o silêncio. Não sei por quantas eternidades fiquei sentado ali em estupor; sussurrando, murmurando, chamando, gritando com aquele telefone. Repetidamente, ao longo daquelas eternidades eu sussurrava e murmurava, chamava, gritava e berrava “Warren! Warren! Responda... você está aí?”

E então veio a mim a culminância de todos os horrores... a coisa inacreditável, impensável, quase impronunciável. Eu disse que éons haviam se passado depois que Warren berrou seu último alerta desesperado, e que apenas os meus próprios gritos agora rompiam o silêncio medonho. Mas depois de algum tempo, mais um estalo partiu do receptor, e eu apurei meus ouvidos para escutar. Novamente, chamei: “Warren, você está aí?”, e em resposta ouvi a *coisa* que trouxe esta nuvem sobre a minha mente. Não tento, cavalheiros, explicar essa *coisa*... essa voz... nem posso me aventurar a descrevê-la em detalhes, uma vez que as primeiras palavras roubaram minha consciência e criaram um vazio mental que durou até o momento do meu despertar no hospital. Devo dizer que a voz era grave; oca; gelatinosa; remota; sobrenatural; inumana; incorpórea? O que eu devo dizer? Foi o fim da minha experiência e é o

fim da minha história. Eu a ouvi, e não soube mais nada. Ouvi-a enquanto me encontrava petrificado naquele cemitério desconhecido nos ermos, em meio a pedras em desagregação e tumbas em ruínas, à vegetação grosseira e a vapores miasmáticos. Ouvi-a brotar das mais recônditas profundezas daquele execrável sepulcro aberto, enquanto assistia sombras amorfas e necrófagas dançarem sob uma amaldiçoada lua minguante. E o que ela disse foi isto:

— *TOLO, WARREN ESTÁ MORTO!*



Nyarlarthotep

∴

Nyarlarthotep (1920)

The United Amateur (nov. 1920)

O sonambulismo é, obviamente, um problema médico sério. Mas, se acreditarmos no que Lovecraft disse em uma carta que enviou a Reinhart Kleiner, o primeiro parágrafo desta história é o produto de um episódio de “escrita do sono”.

“Nyarlarthotep” é um poema em prosa baseado em um sonho do qual Lovecraft aparentemente acordou com caneta na mão e com palavras já escritas no papel.



Nyarlarthotep o caos sorrateiro... eu sou o último que resta... contarei aos ouvidos do vazio...

Não me recordo distintamente quando começou, mas foi meses atrás. A tensão generalizada era horrível. A um período de sublevações políticas e sociais somou-se o receio estranho e sinistro de um horrível perigo físico, um perigo difuso e ilimitado, como só se pode imaginar nas mais angustiantes assombrações noturnas. Recordo-me que as pes-

soas perambulavam com as faces lívidas e preocupadas, e sussurravam alertas proféticos que ninguém ousava em sã consciência repetir ou mesmo admitir para si mesmos ter ouvido. Um monstruoso sentimento de culpa assolava a terra, e dos abismos entre as estrelas sopravam gélidas correntes de ar que faziam os homens tremer nos lugares sombrios e solitários. Houve uma alteração demoníaca no curso das estações — o último calor do outono persistiu de maneira alarmante, e todos sentiam que o mundo, e talvez o universo, havia passado do controle de divindades ou forças conhecidas ao de entidades ou poderes inauditos.

E foi então que Nyarlathotep chegou do Egito. Quem era ele, ninguém sabia dizer, mas pertencia à velha cepa nativa e parecia-se com um faraó. Os felás ajoelhavam-se ao vê-lo, embora não soubessem dizer por quê. Ele afirmava ter emergido das trevas de vinte e sete séculos, e que ouvira mensagens provenientes de lugares alheios a este planeta. Nyarlathotep veio para as terras civilizadas, trigueiro, esguio e sinistro, sempre adquirindo estranhos instrumentos de vidro e metal e combinando-os em instrumentos ainda mais sinistros. Falava muito de ciências — de eletricidade e psicologia — e fazia exhibições de poder que deixavam seus espectadores sem palavras e inflavam sua fama a magnitudes excepcionais. Homens aconselhavam uns aos outros a ver Nyarlathotep, e estremeciam ao fazê-lo. E onde quer que Nyarlathotep fosse, a tranquilidade deixava de existir, pois as altas horas da noite eram tomadas pelos gritos de pesadelo. Jamais anteriormente os pesadelos haviam sido um problema público de tal ordem; mas a partir de então os homens prudentes quase desejavam poder proibir o adormecimento nas madrugadas, para que os horríveis gritos das cidades não perturbassem a pálida e condolente lua que fazia cintilar as verdes águas que corriam sob as pontes e os antigos campanários em ruínas que se projetavam contra um céu enfermo.

Lembro-me de quando Nyarlathotep chegou à minha cidade — a grande, antiga e terrível cidade de crimes inumeráveis. Um amigo havia me contado sobre ele, e sobre o irresistível fascínio e sedução das suas revelações, e eu me senti arder de ansiedade por explorar seus mais velados mistérios. Meu amigo afirmava que eram mais horríveis e impressionantes que os meus mais febris devaneios; que aquilo que se projetava numa tela na sala escura profetizava coisas que ninguém além de Nyar-

lathotep ousava profetizar, e que no tremeluzir do arco voltaico roubava-se dos homens aquilo que nunca havia sido roubado antes, algo que era visível apenas nos seus olhos. E eu soube que em outros países se insinuava que aqueles que conheciam Nyarlathotep passavam a avistar paisagens que outras pessoas não viam.

Foi no outono quente que vareei a noite com as multidões insones para ver Nyarlathotep; atravessei a noite abafada e subi por degraus intermináveis até entrar no recinto sufocante. E então, projetados numa tela, vi vultos encapuzados em meio a ruínas e perversas faces amarelas espiando de trás de monumentos caídos. E vi o mundo travar batalha contra as trevas; contra as ondas de destruição vindas do espaço mais longínquo; turbilhonantes, escumosas, debatendo-se em torno do sol mortiço e frio. Então, as fagulhas do arco voltaico brincaram de maneira assombrosa por entre as cabeças dos espectadores, e os cabelos ficaram totalmente eretos enquanto sombras mais grotescas do que posso descrever apareceram do nada e empoleiraram-se sobre nossas cabeças. E enquanto eu, que era mais controlado e tinha uma mente mais científica que os demais, murmurei meu trêmulo protesto mencionando “impostura” e “eletricidade estática”, Nyarlathotep conduziu-nos todos para fora, pelas escadarias vertiginosas, para as ruas úmidas, quentes e desertas da meia-noite. Gritei bem alto que *não* estava com medo; que nunca poderia sentir medo daquilo; e outros gritaram comigo em busca de conforto. Juramos uns aos outros que a cidade *era* exatamente a mesma, e ainda vivia; e quando as luzes elétricas começaram a se apagar, maldissemos a companhia de luz e força repetidas vezes, e rimos das expressões ridículas que fazíamos.

Creio que sentimos algo descer da lua esverdeada, pois quando começamos a depender da sua luz, pusemo-nos involuntariamente em curiosas formações e parecíamos conhecer nossos destinos, embora não ousássemos pensar neles. Em dado momento, olhamos para o pavimento e descobrimos que os paralelepípedos estavam soltos e deslocados pelo capim, com uma linha de metal enferrujado mal discernível a assinalar o local por onde os trilhos haviam corrido. E mais adiante vimos um bonde, solitário, desprovido de janelas, dilapidado e quase tombado. Quando olhamos para a linha do horizonte, não conseguimos encontrar a terceira torre junto ao rio, e notamos que a silhueta da segunda torre

estava partida no topo. Então nos dividimos em colunas menores, cada uma das quais parecia atraída para uma direção diferente. Uma delas desapareceu em um beco estreito à esquerda, deixando unicamente o eco de um lamento assustado. Outra seguiu em fila para uma entrada de metrô tomada pelo mato, ululando com uma gargalhada insana.

Minha coluna foi atraída para o campo aberto, e subitamente senti um frio que não provinha do quente outono; pois enquanto caminhávamos silenciosamente pelo pântano escuro, distinguimos à nossa volta o reflexo infernal do luar nas neves malignas. Neves intactas, inexplicáveis, estendendo-se numa única direção, onde nos aguardava um abismo tornado ainda mais escuro pelo contraste com suas bordas reluzentes. A coluna parecia na verdade muito estreita em seu caminhar penoso e sonâmbulo para dentro do penhasco. Eu fiquei para trás, pois a fissura negra na neve esverdeada pelo luar era assustadora, e pensei ter ouvido as reverberações de um inquietante lamento à medida que meus companheiros desapareciam. Porém, minha capacidade de resistência era débil. Como se atendessem o chamado dos que haviam partido antes, eu parecia flutuar por entre os titânicos montes de neve, trêmulo e atemorizado, rumo à inimaginável voragem onde nenhuma visão se distinguia.

Agudamente desperto, entorpecido pelo delírio, só os deuses que outrora existiram poderiam dizer. Uma sombra nauseante e senciente, contorcendo-se entre mãos que não são mãos, rodopiando às cegas pelas trevas fantasmagóricas de um universo em decomposição, por entre cadáveres de mundos mortos com feridas que um dia foram cidades, e ventos sepulcrais que varrem as pálidas estrelas, fazendo tremular as suas fracas luzes. Além desses mundos, vagos fantasmas de coisas monstruosas; colunas indistintas de templos profanos que repousam em rochedos inominados sob o espaço e se erguem para o vácuo vertiginoso, acima das esferas da luz e da escuridão. E atravessando esse revoltante cemitério do universo, o batuque abafado e enlouquecedor de tambores e o agudo e monótono queixume de flautins blasfemos, provenientes de câmaras inconcebíveis, situadas além do Tempo, onde nenhuma luz é possível; o detestável martelar e pipilar em direção ao qual dançam, vagarosa, canhestra e absurdamente, os gigantescos, tenebrosos e derradeiros deuses — as gárgulas cegas, surdas e estultas, cuja alma é Nyarlathotep.



A Cidade sem Nome

∴

The Nameless City (1921)

The Wolverine (nov. 1921)

Este conto apresenta, de forma substancial, a primeira menção ao árabe louco Abdul Alhazred e, embora o Necronomicon não seja mencionado, no conto há passagens do livro dos mortos. Apesar de que “A cidade sem nome” não esteja entre os melhores contos de Lovecraft, o biógrafo W. Scott Poole argumenta convincentemente em sua defesa como uma obra-prima subestimada. Talvez sua reputação sofra porque, por razões óbvias para os leitores que leram as duas histórias, ela é frequentemente comparada com *Nas montanhas da loucura*, que, em consenso geral, é uma das melhores obras de *weird fiction* já escritas.



Quando eu me aproximei da cidade sem nome, sabia que ela estava amaldiçoada. Eu viajava por um vale ressecado e terrível sob a luz da lua, e de longe a vi aflorar sobre as areias de um modo sinistro, como partes de um cadáver às vezes afloram de uma sepultura malfeita. O medo proferia seus discursos nas pedras gastas pelo tempo dessa veneranda

sobrevivente do dilúvio, dessa bisavó das mais antigas pirâmides; e uma aura invisível repeliu-me e ordenou-me que me afastasse dos antigos e sinistros segredos que homem algum deveria ver, e que nenhum outro homem jamais ousou olhar.

Num lugar remoto do deserto da Arábia situa-se a cidade sem nome, arruinada e inexprimível, com seus muros baixos quase ocultos pelas areias de incontáveis eras. Ela já devia ser assim antes que as primeiras pedras de Mênfis fossem assentadas, e enquanto os tijolos da Babilônia ainda estavam por cozer. Não há lenda tão antiga para dar-lhe um nome, ou que recorde que ela algum dia viveu; mas é mencionada aos sussurros em volta das fogueiras e aos murmúrios pelos anciãos nas tendas dos xeiques, de forma que todas as tribos a evitam sem saber inteiramente por quê. Foi com esse lugar que Abdul Alhazred, o poeta louco, sonhou na noite antes de ter cantado seu dístico inexplicável:

*Não está morto o que na eternidade jaz,
ao longo de éons mesmo a morte se desfaz.*

Eu devia ter sabido que os árabes possuíam bons motivos para evitar a cidade sem nome, a cidade contada em estranhas histórias, jamais vista por nenhum homem vivo, porém desafiei-os e entrei pelo deserto não trilhado com meu camelo. Somente eu a vi, e é por isso que nenhuma outra face ostenta rugas de pavor tão abomináveis quanto a minha; que nenhum outro homem estremece tão horivelmente quando o vento da noite agita as janelas. Quando a encontrei, na sinistra quietude de seu sono interminável, ela olhou para mim, gélida pelos raios de uma lua fria em meio ao calor do deserto. E quando correspondi ao seu olhar, esqueci meu triunfo por encontrá-la, e mantive meu camelo imóvel, aguardando o amanhecer.

Durante horas esperei, até que o leste se tornou cinzento e as estrelas se apagaram, e o cinza se tingiu de uma luz rósea banhada a ouro. Ouvi um gemido e vi uma tempestade de areia se agitar por entre as antigas pedras, embora o céu estivesse claro e as vastas extensões do deserto imóveis. Então, subitamente, acima da orla mais distante do deserto surgiu a fímbria flamejante do sol, visto através da pequena tempestade de areia que morria, e em meu estado febril imaginei que de alguma pro-

fundeza remota subia o estrépito de uma música de metais para saudar o disco ígneo, como Mêmnon o saúda às margens do Nilo. Meus ouvidos tiniam e minha imaginação fervilhava enquanto conduzia meu camelo vagarosamente através da areia até aquele silente sítio de pedra; aquele lugar antigo demais para que o Egito e Meroë dele se recordassem; aquele lugar que, entre todos os homens vivos, somente eu vi.

Por dentro e por fora das fundações desfiguradas de casas e palácios eu errei, sem jamais encontrar um relevo ou inscrição que contasse algo dos homens, se homens eles eram, que construíram a cidade e nela se abrigaram tanto tempo atrás. A antiguidade do local era malsã, e ansiei por encontrar algum sinal ou instrumento que provasse que aquela cidade havia de fato sido moldada pela humanidade. Havia certas *proporções* e *dimensões* nas ruínas de que não gostei. Levava comigo muitas ferramentas, e fiz diversas escavações entre as paredes dos edifícios obliterados; mas o progresso era lento, e nada de significativo se revelou. Quando a noite e a lua retornaram, senti um vento gélido que trouxe consigo um medo renovado, de forma que não ousei ficar na cidade. E enquanto me dirigia para fora dos antiquíssimos muros para dormir, uma pequena e suspirante tempestade de areia se formou atrás de mim, soprando sobre as pedras cinzentas ainda que a lua estivesse clara e a maior parte do deserto imóvel.

Fui despertado logo ao alvorecer por um cortejo de sonhos horríveis, meus ouvidos retiniam como se ouvissem algum repique metálico. Vi o sol despontar rubro por entre as últimas rajadas de uma pequena tempestade de areia que pairava sobre a cidade sem nome, e reparei na quietude do restante da paisagem. Uma vez mais me aventurei no interior daquelas ruínas lúgubres que se avolumavam sob a areia como um ogro sob um cobertor, e novamente escavei em vão à procura de relíquias da raça esquecida. Ao meio-dia eu descansei, e à tarde passei muito tempo no reconhecimento dos muros e do que no passado foram ruas, assim como dos perfis dos edifícios quase desaparecidos. Vi que a cidade de fato havia sido poderosa, e indaguei-me sobre as fontes dessa grandeza. Representei comigo mesmo todo o esplendor de uma era tão distante que a Caldeia dela não conseguia se recordar, e pensei em Sarnath, a Condenada, que se erguia na terra de Mnar quando a humanida-

de era jovem, e em Ib, que foi esculpida em pedra cinzenta antes que o gênero humano existisse.

Inesperadamente, cheguei a um local onde o leito rochoso aflorava por completo da areia e formava um penhasco baixo; e ali eu vi com alegria o que parecia prometer mais vestígios daquele povo antediluviano. Talhadas rudemente na face do rochedo havia inconfundíveis fachadas de várias pequenas e achaparradas casas ou templos de pedra, cujos interiores talvez preservassem muitos segredos de eras remotas demais para se calcular, embora as tempestades de areia tivessem desde há muito desfigurado quaisquer relevos que pudessem ter existido do lado de fora.

As entradas escuras perto de mim eram muito baixas e obstruídas pela areia, mas abri uma delas com a minha pá e rastejei por ela, levando comigo uma tocha para revelar os mistérios que o local pudesse conter. Do lado de dentro, vi que a caverna era de fato um templo, e contemplei claros sinais da raça que vivera e adorara seus deuses antes que o deserto fosse um deserto. Altares primitivos, pilares e nichos, todos curiosamente baixos, não estavam ausentes; e embora eu não visse esculturas nem afrescos, havia muitas pedras singulares, claramente modeladas em símbolos por meios artificiais. A baixa estatura da câmara entalhada era muito estranha, pois a custo podia fazer mais do que me erguer sobre os joelhos, mas a área era tão grande que minha tocha revelava apenas partes por vez. Senti estranhos calafrios em alguns dos cantos afastados, pois certos altares e pedras sugeriam ritos esquecidos e terríveis, revoltantes, e de natureza inexplicável, e me fizeram imaginar que espécie de homens poderia ter construído e frequentado tal templo. Depois de ver tudo o que o lugar continha, rastejei para fora novamente, ávido por descobrir o que os outros templos pudessem guardar.

A noite então se aproximava, no entanto as coisas tangíveis que eu tinha visto tornavam a curiosidade mais forte do que o medo, por isso não fugi das longas sombras projetadas pela lua que haviam me amedrontado da primeira vez que vi a cidade sem nome. No crepúsculo, limpei outra abertura e, com uma nova tocha, rastejei para dentro dela, encontrando mais pedras e símbolos vagos, embora nada mais definido do que aquilo que o outro templo continha. O recinto era igualmente baixo, porém muito menos amplo, terminando numa passagem muito estreita, repleto de obscuros e crípticos santuários. Eu examinava esses

santuários quando os ruídos do vento e do meu camelo do lado de fora quebraram a quietude e me atraíram para o exterior a fim de ver o que havia assustado o animal.

A lua brilhava vividamente sobre as ruínas primordiais, iluminando uma densa nuvem de areia que parecia soprada por um vento forte, porém decrescente, proveniente de algum ponto do rochedo a minha frente. Eu sabia que havia sido esse vento gelado e arenoso o que perturbara o camelo, e estava prestes a conduzi-lo a um lugar mais abrigado quando olhei por acaso para cima e vi que não havia vento no alto do rochedo. Isso me surpreendeu e me deixou novamente atemorizado, mas imediatamente recordei-me dos repentinos ventos locais que havia visto e ouvido antes, ao nascer e ao pôr do sol, e julguei que se tratasse de uma coisa normal. Concluí que vinha de alguma fissura na rocha, a qual conduziria a uma caverna, e observei a areia revolta a fim de localizar sua fonte; logo percebi que ele provinha do orifício negro de um templo a longa distância ao sul de onde eu me encontrava, quase fora de vista. Caminhei penosamente contra a sufocante nuvem de areia em direção a esse templo, o qual, à medida que eu me aproximava, avultava-se mais do que os outros, e revelava um pórtico muito menos obstruído por areia compactada. Eu teria entrado, se a força terrível do vento gelado não tivesse quase extinguido minha tocha. Ele escoava loucamente da passagem escura, suspirando perturbadoramente enquanto ondulava a areia e se espalhava pelas bizarras ruínas. Logo ele ficou mais fraco e a areia se aplacou mais e mais, até finalmente tornar a repousar; mas uma presença parecia espreitar entre as pedras espectrais da cidade, e quando voltei os olhos para a lua ela pareceu oscilar, como se espelhada em águas intranquilas. Senti mais medo do que poderia explicar, mas não o suficiente para embotar minha sede de maravilhamento; por isso, tão logo o vento se foi eu penetrei na câmara escura por onde ele havia saído.

Esse templo, como eu havia imaginado pelo lado de fora, era maior do que qualquer um daqueles que eu visitara antes; e tratava-se presumivelmente de uma caverna natural, uma vez que trazia ventos de alguma região além dela. Ali eu pude ficar inteiramente de pé, mas vi que as pedras e altares eram tão baixas quanto as dos outros templos. Nas paredes e no teto eu contemplei pela primeira vez alguns vestígios da arte pictórica da raça antiga, curiosos traços espiralados de tinta que haviam

quase se apagado ou esfarelado; e em dois dos altares eu vi com excitação crescente um emaranhado de relevos curvilíneos e bem esculpidos. Quando segurei minha tocha mais no alto, pareceu-me que a forma do teto era regular demais para ser natural, e me perguntei em que os talhadores de pedra pré-históricos teriam trabalhado primeiro. Suas habilidades de engenharia devem ter sido imensas.

Então um clarão mais forte da chama fantástica revelou-me aquilo que eu estivera procurando, a abertura para aqueles abismos mais remotos de onde o vento súbito havia soprado; e senti um desfalecimento ao ver que se tratava de uma porta pequena e claramente *artificial*, talhada na rocha sólida. Enfiei minha tocha dentro dela, e constatei um túnel escuro com um baixo teto em arco sobre um rústico lance de degraus muito pequenos, numerosos e de declive íngreme. Sempre verei esses degraus nos meus sonhos, pois vim a saber o que eles significavam. Na época eu mal sabia se deveria chamá-los degraus ou meros apoios para os pés numa descida precipitosa. Minha mente estava num turbilhão de pensamentos insanos, e as palavras e alertas dos profetas árabes pareciam flutuar através do deserto, desde as terras conhecidas dos homens até a cidade sem nome que os homens não ousavam conhecer. No entanto, eu hesitei apenas por um momento antes de avançar portal adentro e começar a descer cautelosamente pela passagem íngreme, primeiro os pés, como numa escada.

Somente nas terríveis fantasmagorias induzidas por drogas ou delírios qualquer outro homem poderia ter tido uma descida como a minha. A passagem estreita levava infinitamente abaixo como algum horrendo poço assombrado, e a tocha que eu segurava acima da minha cabeça não podia iluminar as profundezas desconhecidas rumo às quais eu rastejava. Perdi a noção das horas e esqueci de consultar meu relógio, porém fiquei apavorado quando pensei na distância que devia estar percorrendo. Havia mudanças de direção e de inclinação, e em dado momento eu cheguei a uma passagem longa, baixa e nivelada, por onde tive de me contorcer, avançando primeiramente com os pés ao longo do chão rochoso, segurando minha tocha com o braço esticado atrás da cabeça. O lugar não tinha altura suficiente nem para ficar de joelhos. Depois disso havia mais degraus íngremes, e eu ainda estava me arrastando interminavelmente para baixo quando minha tocha oscilante se apagou. Não acho

que tenha percebido no momento em que aconteceu, pois quando notei eu ainda a segurava acima de mim como se estivesse acesa. Eu estava bastante afetado por aquele instinto para o estranho e o desconhecido que fez de mim um errante sobre a terra e um frequentador de lugares longínquos, antigos e proibidos.

Na escuridão, passavam pela minha mente fragmentos do meu precioso acervo de tradições demoníacas; sentenças de Alhazred, o árabe louco, parágrafos extraídos dos pesadelos apócrifos de Damáscio e infames linhas do delirante *Image du Monde*, de Gauthier de Metz. Repeti excertos bizarros, e murmurei sobre Afrasiab e os demônios que com ele navegaram descendo o Oxus; depois, repetindo sucessivamente como um cantochão uma frase de um dos contos de Lord Dunsany — “o negror irrevérbero do abismo”^[1]. Em dado momento, quando a descida se tornou assombrosamente pronunciada, recitei em cantilena algo de Thomas Moore, até sentir medo de recitar mais:

*Um receptáculo de escuridão, retinto
Como os caldeirões das bruxas, quando plenos
De filtros lunares em eclipse destilados.
Inclinando-me para o perigo da passagem
No fundo daquele abismo, vejo, abaixo,
O mais longe que a visão pode explorar,
As encostas de azeviche, como vidro,
Lisas como se recém-untadas
Com o piche escuro que o Mar da Morte
Arremessa em suas lodosas praias.*

O tempo havia praticamente cessado de existir quando meus pés sentiram novamente um piso plano, e eu me vi em um lugar ligeiramente mais alto que os recintos dos dois templos menores, agora tão incalculavelmente distantes sobre minha cabeça. Eu não podia me levantar por inteiro, mas conseguia me manter ereto sobre os joelhos, e na escuridão eu tateei e rastejei a esmo de um lado a outro. Logo percebi que me encontrava numa passagem estreita cujas paredes estavam perfiladas de caixotes de madeira com a frente de vidro. Que naquele lugar paleozoico e abismal eu pudesse sentir coisas como madeira polida e vidro me

fez estremecer diante das possíveis implicações. Os caixotes aparentemente estavam dispostos ao longo de cada lado da passagem a intervalos regulares, e eram oblongos e horizontais, sinistramente semelhantes a caixões, em forma e tamanho. Quando eu tentei mover dois ou três para um exame mais detalhado, descobri que estavam fixados com firmeza.

Concluí que a passagem era longa, por isso me arrastei rapidamente em frente, numa corrida rastejante que teria parecido horrível se algum olho me observasse na escuridão, cruzando ocasionalmente de lado a lado para sentir meus arredores e me certificar de que as paredes e fileiras de caixotes ainda se estendiam adiante. O homem é tão acostumado a pensar visualmente que eu quase esqueci a escuridão e imaginei o interminável corredor de madeira e vidro em sua monotonia de pé-direito baixo, conforme eu pensava vê-lo. Mas então, num momento de indescritível emoção, eu o vi.

Exatamente quando minha fantasia se fundiu à visão real, eu não sei dizer; mas uma gradual claridade surgiu à frente, e de repente eu soube que estava vendo os traços indistintos do corredor e dos caixotes, revelados por alguma fosforescência subterrânea desconhecida. Por um breve momento, tudo era exatamente como eu havia imaginado, uma vez que a luminosidade era muito tênue; mas à medida que eu mecanicamente prosseguia, aos tropeções, rumo à luz mais forte, percebi como a minha fantasia havia sido precária. Aquele corredor não era uma relíquia de crueza como os templos na cidade acima, mas um monumento da mais magnífica e exótica arte. Desenhos e pinturas de grande riqueza, vividez e fantástica ousadia formavam um projeto contínuo de pintura mural, cujas linhas e cores estavam além de qualquer descrição. Os caixotes eram de uma estranha madeira dourada, com tampas frontais de um vidro primoroso, e continham as formas mumificadas de criaturas cujo caráter grotesco ultrapassava os sonhos mais caóticos dos homens.

Transmitir qualquer ideia dessas monstruosidades é impossível. Eram da classe dos répteis, com traços corpóreos que sugeriam por vezes o crocodilo, por vezes a foca, porém com mais frequência nada de que o naturalista ou o paleontólogo tivessem conhecimento. Em tamanho eles se aproximavam de um homem pequeno, e suas patas dianteiras dispunham de pés delicados e evidentemente flexíveis, evocando curiosamente as mãos e dedos humanos. Porém o mais estranho de tudo

eram as suas cabeças, que apresentavam um contorno que violava todos os princípios biológicos conhecidos. Tais coisas não podem se comparar a nada — num átimo eu pensei em comparações tão variadas quanto o gato, o buldogue, o sátiro mítico e o ser humano. Nem o próprio Jove tinha uma testa tão colossal e protuberante, embora a presença de chifres, a ausência de nariz e a mandíbula semelhante à de um crocodilo situassem aquelas coisas fora de todas as categorias estabelecidas. Contestei, por algum tempo, a realidade das múmias, suspeitando em parte que se tratasse de ídolos artificiais; mas logo concluí que eram de fato pertencentes a alguma espécie paleógena que tivesse vivido quando a cidade sem nome existia. Para coroar seu caráter grotesco, a maioria delas estava suntuosamente paramentada com os mais preciosos tecidos, e prodigamente carregada com ornamentos de ouro, joias e metais reluzentes desconhecidos.

A importância dessas criaturas rastejantes devia ter sido imensa, pois ocupavam o primeiro lugar entre os extravagantes desenhos dos afrescos das paredes e do teto. Com habilidade incomparável, o artista os havia representado em um mundo próprio, no qual eles tinham cidades e jardins concebidos para adaptar-se às suas dimensões; e eu não podia deixar de pensar que a história ilustrada deles fosse alegórica, talvez mostrando o progresso da raça que os havia cultuado. Essas criaturas, eu disse comigo mesmo, eram para os homens da cidade sem nome o que a loba era para Roma, ou algum animal totêmico para uma tribo de índios.

Sob esse ponto de vista, achei que pudesse traçar grosseiramente um maravilhoso épico da cidade sem nome; a narrativa de uma poderosa metrópole costeira que governava o mundo antes que a África se erguesse das ondas; e de suas tribulações, à medida que o mar recuava e o deserto avançava sobre o vale fértil em que ela se situava. Vi suas guerras e triunfos, seus conflitos e derrotas, e posteriormente sua terrível luta contra o deserto, quando sua gente aos milhares — ali representados alegoricamente por répteis grotescos — foi levada a entalhar seu caminho através das rochas de um modo maravilhoso até um outro mundo, sobre o qual os seus profetas haviam lhes contado. Era tudo muito vividamente extraordinário e realista, e a ligação com a assombrosa descida

que eu havia feito era inconfundível. Eu reconheci até mesmo as passagens.

Enquanto eu rastejava pelo corredor em direção à luz mais intensa, vi os estágios posteriores da pintura épica — a partida da raça que havia habitado a cidade sem nome e o vale circundante por dez milhões de anos; a raça cujas almas se oprimiram por deixar os cenários que seus corpos haviam conhecido por tanto tempo, onde haviam se estabelecido como nômades quando a terra era jovem, lavrando na rocha virgem aqueles primitivos santuários nos quais nunca cessaram de fazer seus cultos. Como a luz havia melhorado, estudei os quadros mais atentamente, e, recordando que os estranhos répteis deviam representar os homens desconhecidos, ponderei sobre os costumes da cidade sem nome. Muitas coisas eram peculiares e inexplicáveis. A civilização, que incluía um alfabeto escrito, aparentemente havia se desenvolvido até uma ordem mais alta do que aquelas imensuravelmente posteriores civilizações do Egito e da Caldeia, embora houvesse curiosas omissões. Não pude, por exemplo, encontrar pinturas que representassem mortes ou costumes fúnebres, exceto aquelas relacionadas a guerras, violência e pestes; e me perguntei sobre a reticência concernente à morte natural. Era como se um ideal de imortalidade terrena fosse acalentado como uma confortante ilusão.

Ainda mais perto do final da passagem havia pinturas retratando cenas do mais extremo pitoresco e extravagância; visões contrastantes da cidade sem nome em sua desolação e ruína crescente, e do estranho novo reino ou paraíso para o qual aquela raça havia talhado seu caminho rocha adentro. Nessas concepções, a cidade e o vale deserto eram mostrados sempre ao luar, com um halo dourado pairando sobre os muros caídos e parcialmente revelando a esplêndida perfeição dos tempos passados, representados de maneira espectral e elusiva pelo artista. Os cenários paradisíacos eram quase extravagantes demais para serem verossímeis; retratando um mundo oculto de dia eterno, preenchido por cidades gloriosas e colinas e vales etéreos. No último deles, pensei ter visto sinais de um anticlímax artístico. As pinturas tinham menos perícia, e eram muito mais bizarras do que a mais desvairada das cenas anteriores. Pareciam registrar uma lenta decadência da antiga linhagem, combinada a uma ferocidade crescente contra o mundo exterior, do qual ela havia

sido expulsa pelo deserto. As formas das pessoas — sempre representadas pelos répteis sagrados — pareciam definhar gradualmente, embora seus espíritos, como eram representados, pairando ao redor das ruínas ao luar, ganhassem proporção. Sacerdotes emaciados, retratados como répteis em vestes adornadas, amaldiçoavam o ar da superfície e todos que o respiravam; e uma terrível cena final exibia um homem de aspecto primitivo, talvez um pioneiro da antiga Irem, a Cidade dos Pilares, feito em pedaços pelos membros da raça mais antiga. Lembrei-me de como os árabes temiam a cidade sem nome, e senti-me aliviado porque além daquele lugar, as paredes cinzentas e os tetos encontravam-se em branco.

Enquanto eu via o préstito da história mural, havia me aproximado muito do final do corredor de teto baixo, e reparei em um grande portão através do qual me vinha toda aquela iluminação fosforescente. Após rastejar até ele, dei um alto grito, pois fui tomado de um assombro transcendental ao ver o que existia do outro lado, pois em vez de outras e mais claras câmaras, havia apenas um vazio ilimitado de uniforme radiação, como o que se poderia imaginar ver do alto do pico do Monte Everest ao se olhar para baixo sobre um mar de névoa iluminada pelo sol. Atrás de mim havia uma passagem tão exígua que eu não podia ficar de pé ali; à minha frente havia uma infinidade de fulgor subterrâneo.

Logo depois da passagem que dava para o abismo encontrava-se o topo de um íngreme lance de degraus — pequenos e numerosos degraus como aqueles da passagem escura que eu havia atravessado — mas depois de alguns passos, os vapores luminescentes encobriam tudo. Aberta de encontro à parede esquerda da passagem havia uma maciça porta de bronze. Incrivelmente espessa e decorada com fantásticos baixos-relevos, que se fechada poderia isolar todo aquele mundo interior de luminosidade das galerias e corredores de pedra. Eu examinei os degraus e, em um primeiro momento, não me atrevi a tentar descê-los. Toquei a porta de bronze aberta, mas não consegui movê-la. Depois debrucei-me no chão de pedra, com minha mente incendiada por reflexões prodigiosas que nem mesmo a exaustão semelhante à morte poderia banir.

Enquanto permanecia deitado imóvel e de olhos fechados, livre para refletir, muitas coisas que eu havia notado ligeiramente nos afrescos vieram novamente a mim com significado novo e terrível — cenas que re-

presentavam a cidade sem nome em seu apogeu, a vegetação do vale circundante, e as terras longínquas com as quais seus mercadores negociavam. A alegoria das criaturas rastejantes me intrigava por sua proeminência universal, e eu me admirei de que ela fosse seguida tão à risca numa história pictórica de tamanha importância. Nos afrescos, a cidade sem nome era representada em proporções adaptadas aos répteis. Eu me perguntei quais teriam sido suas verdadeiras proporções e sua magnificência, e refleti por um momento sobre certas peculiaridades que havia observado nas ruínas. Pensei com curiosidade sobre a baixa estatura dos templos primitivos e do corredor subterrâneo, que sem dúvida haviam sido talhados daquela maneira em deferência às deidades reptilianas ali cultuadas; embora isso forçosamente obrigasse os devotos a rastejar. Talvez os ritos em si envolvessem o rastejar em imitação às criaturas. Nenhuma teoria religiosa, porém, poderia explicar com facilidade por que a passagem de nível naquela impressionante descida deveria ser tão baixa quanto os templos — ou mais baixa, uma vez que não se poderia nem mesmo ajoelhar dentro dela. Enquanto eu pensava nas criaturas rastejantes, cujas horrendas formas mumificadas encontravam-se tão próximas de mim, senti uma nova palpitação de medo. Associações mentais são curiosas, e eu me encolhi diante da ideia de que, exceto pelo homem primitivo desmembrado na última pintura, a minha era a única forma humana em meio às muitas relíquias e símbolos daquela vida primordial.

Mas como sempre em minha existência estranha e errante, o maravilhamento logo expulsou o medo, pois o abismo luminoso e o que ele poderia conter apresentavam um problema digno do maior dos exploradores. Que um exótico mundo de mistério se encontrasse no final daquele lance de degraus peculiarmente pequenos eu não podia duvidar, e esperava encontrar lá aqueles monumentos humanos que o corredor pintado havia deixado de fornecer. Os afrescos haviam representado cidades, colinas e vales inacreditáveis em seu reino de baixa altitude, e minha fantasia apoiava-se nas ricas e colossais ruínas que me esperavam.

Meus temores, na verdade, diziam respeito mais ao passado que ao futuro. Nem mesmo o horror físico da minha posição naquele corredor exíguo de répteis mortos e afrescos antediluvianos, milhas abaixo do mundo que eu conhecia e confrontado por um outro mundo de luz e

névoas misteriosas, podia se equiparar ao pavor letal que eu senti diante da antiguidade abismal daquele cenário e sua essência. Uma antiguidade tamanha que seria insignificante qualquer tentativa de medi-la parecia espreitar-me das pedras primordiais e templos talhados em rocha na cidade sem nome, enquanto os derradeiros entre aqueles mapas espantosos nos afrescos mostravam oceanos e continentes que o homem esqueceu, tendo apenas algum contorno vagamente familiar aqui e ali. O que poderia ter acontecido nas eras geológicas transcorridas desde que as pinturas cessaram e a raça avessa à morte ressentidamente sucumbiu à decadência, homem algum poderia dizer. A vida um dia fervilhara naquelas cavernas e no reino luminoso além delas; agora eu estava sozinho com vívidas relíquias, e tremia em pensar nas incontáveis eras através das quais essas relíquias haviam guardado seu silêncio e sua vigilância desolada.

De repente, veio-me outro surto daquele medo agudo que se apoderava intermitentemente de mim desde a primeira vez que avistei o vale terrível e a cidade sem nome sob uma lua fria, e apesar da minha exaustão, sentei-me com um sobressalto febril e forcei o olhar para o corredor escuro que conduzia aos túneis que subiam para o mundo exterior. Minhas sensações eram muito semelhantes à que me havia feito evitar a cidade sem nome à noite, e eram tão inexplicáveis quanto pungentes. No momento seguinte, porém, recebi um choque ainda maior na forma de um som bem definido — o primeiro que rompia o completo silêncio daquelas profundidades sepulcrais. Era um grave e baixo lamento, como se produzido por uma multidão distante de espíritos condenados, e provinha da direção para a qual eu estava olhando. Seu volume aumentou muito rápido, até reverberar assustadoramente através da passagem baixa, e ao mesmo tempo eu percebi uma progressiva corrente de ar frio, idêntica à que fluía dos túneis e da cidade acima. O toque desse ar pareceu restaurar meu equilíbrio, pois eu instantaneamente me recordei das rajadas repentinas que se formavam em torno da boca do abismo a cada nascer ou pôr do sol, uma das quais havia de fato servido para me revelar os túneis ocultos. Consultei meu relógio e vi que o nascer do sol estava próximo, por isso preparei-me para resistir à ventania que soprava de volta ao seu lar cavernoso, como havia soprado para fora dele ao

anoitecer. Meu medo novamente arrefeceu, pois um fenômeno natural tende a dissipar as rumações sobre o desconhecido.

Cada vez mais enfurecido era o vento noturno uivante e queixoso que soprava para dentro daquela voragem no interior da terra. Eu me joguei de bruços novamente e me agarrei em vão ao piso por medo de ser varrido de corpo inteiro através daquele portão aberto para o abismo fosforescente. Tamanha fúria eu não esperava, e à medida que tomava consciência que de fato meu corpo deslizava na direção do abismo, fui acossado por mil novos terrores resultantes da apreensão e da imaginação. O sopro maligno despertou incríveis fantasias; mais uma vez eu me comparei, com um calafrio, à única imagem humana naquele corredor pavoroso, o homem que havia sido destruído pela raça sem nome, pois nas garras demoníacas daquela corrente de ar em torvelinho parecia residir um furor vingativo ainda mais forte por eu me encontrar praticamente indefeso. Acho que lancei gritos delirantes perto do fim — eu estava quase louco — mas se o fiz, meus gritos se perderam naquela babel de ululantes ventos fantasmagóricos gerada no inferno. Tentei rastejar contra a mortífera torrente invisível, porém não conseguia nem mesmo me segurar enquanto era empurrado lenta e inexoravelmente na direção do mundo desconhecido. Finalmente, a razão deve ter colapsado por inteiro, pois comecei a balbuciar repetidamente aquele dístico inexplicável do árabe louco Alhazred, que sonhou com a cidade sem nome:

*Não está morto o que na eternidade jaz,
ao longo de éons mesmo a morte se desfaz.*

Somente os lúgubres e taciturnos deuses do deserto sabem o que realmente aconteceu — que combates e esforços indescritíveis na escuridão eu suportei ou que Abaddon me guiou de volta à vida, onde me recordarei para sempre com tremores quando vier o vento da noite, até que o oblívio — ou algo pior — reclame o meu ser. Monstruosa, desnatural, colossal era aquela coisa — muito além de todas as ideias em que o homem possa acreditar, exceto nas malditas horas silenciosas da madrugada, quando não se consegue dormir.

Eu disse que a fúria da rajada repentina havia sido infernal — caco-demoníaca — e que suas vozes eram horrendas pela crueldade contida

de desoladas eternidades. Naquele instante, aquelas vozes, embora ainda caóticas diante de mim, pareciam ao meu cérebro massacrado assumir contornos articulados às minhas costas; e lá embaixo, no túmulo de inumeráveis antiguidades mortas há éons, léguas abaixo do mundo de clareza matinal dos homens, eu ouvi as maldições e os rosnados horripilantes de demônios de língua estranha. Quando me virei, vi delinear-se contra o luminoso éter do abismo o que não podia ser visto contra a obscuridade do corredor — uma horda de demônios precipitosos saídos de um pesadelo; distorcidos pelo ódio, trajando grotescas panóplias semitransparentes; demônios de uma raça que homem algum poderia confundir — os répteis rastejantes da cidade sem nome.

E quando o vento cessou eu estava imerso na escuridão povoada de monstruosidades das entranhas da terra; pois atrás da última daquelas criaturas a grande porta de bronze se fechou com um ensurdecido rebombado de música metálica, cujas reverberações se elevaram até o mundo distante para saudar o sol nascente, como Mêmnon o saúda às margens do Nilo.



Azathoth

∴

Azathoth (1922)

Leaves (1938)

“Azathoth” era para ser originalmente um romance, um romance no espírito sonhador do *Vathek* de William Beckford, que Lovecraft havia lido e se impressionado profundamente em 1921.

A descrição de Lovecraft de suas intenções com este romance remete “A busca onírica por Kadath” — ele planejou escrever uma narrativa contínua, sem divisões de capítulos; criar (ou explorar) nele toda uma mitologia, a Pegãna de Lord Dunsany; e tentar recuperar em sua criação o espírito criativo de sua infância quando, sob a tutela do avô Whipple, invadiu as muralhas da imaginação e conquistou domínios narrativos com a sinceridade inocente da juventude.

Provavelmente não funcionou da maneira que ele esperava, pois apenas 500 palavras de “Azathoth” foram escritas antes que Lovecraft voltasse sua atenção para outras coisas.



Quando a senectude desceu sobre o mundo, e o maravilhamento abandonou as mentes dos homens; quando as cidades cinzentas alçaram aos céus esfumados as suas altas torres lúgubres e feias, em cujas sombras ninguém poderia sonhar com o sol ou os campos floridos da primavera; quando a ciência despiu a terra do seu manto de beleza e os poetas nada mais cantaram a não ser fantasmas disformes vistos por olhos enevoados e introspectivos; quando isso tudo passou a vigorar e as esperanças infantis se perderam para sempre, houve um homem que partiu em expedição além da vida, e viajou pelos espaços onde os sonhos do mundo haviam se refugiado.

Sobre o nome e a proveniência desse homem muito pouco se escreveu, pois pertenciam unicamente ao mundo desperto; mas diz-se que eram ambos obscuros. É suficiente saber que ele residia numa cidade de altos paredões onde reinava o crepúsculo estéril, e que labutava todos os dias em meio a sombras e turbulências, e retornava ao anoitecer para um quarto cuja única janela se abria não para campos e bosques, mas para um pátio escuro que outras janelas também contemplavam em embotado desespero. Desses batentes podia-se ver apenas paredes e vidraças, exceto quando, por vezes, alguém se inclinava para fora e espiava as pequeninas estrelas que passavam lá no alto. E como meras paredes e vidraças em pouco tempo conduziriam à loucura um homem que muito sonha e lê, o morador daquele quarto costumava, noite após noite, inclinar-se para fora e espiar o zênite, e assim avistar fragmentos de coisas alheias ao mundo desperto e à insipidez cinzenta das cidades verticais. No decorrer dos anos ele aprendeu a chamar as lentígradas estrelas pelo nome, e passou a acompanhá-las com a fantasia depois que seu singrar as levava a sumir pesarosamente de vista; até que, por fim, sua visão se abriu para os muitos panoramas secretos de cuja existência o olho comum não suspeita. E certa noite um grande abismo foi transposto, e os céus povoados de sonho se expandiram até a janela do observador solitário e fundiram-se ao ar estagnado do seu quarto, tornando-o parte de seu fabuloso maravilhamento.

Fluíram àquele quarto irrefreáveis correntezas de noite violácea, com suas cintilantes pulverulências de ouro; vórtices de poeira e fogo, subindo em torvelinho até os espaços extremos e impregnados dos perfumes que emanavam dos além-mundos. Oceanos opiáceos se precipita-

ram ali, pontilhados de sóis que o olho jamais poderia contemplar, e seus redemoinhos eram povoados por estranhos delfins e ninfas marinhas de profundezas imemoriais. Um turbilhão silente de infinitude se formou em volta do sonhador e o arrebatou dali sem tocar em momento algum o corpo enrijecido que se debruçava da janela solitária; e durante dias que não se contam nos calendários dos homens as marés das esferas longínquas gentilmente o transportaram até juntar-se aos sonhos por que tanto ansiava; sonhos que os homens perderam. E no decorrer de muitos ciclos elas ternamente o deixaram adormecer numa verde praia banhada pelo sol nascente; uma verde praia fragrante de botões de lótus e cravejada de camalotes vermelhos.



O Chamado de Cthulhu

∴

The Call of Cthulhu (1926)

Weird Tales (fev. 1928)

Esta lendária noveleta foi a primeira peça de escrita que saiu da caneta de Lovecraft depois de se instalar em sua nova casa de volta à sua antiga cidade natal, Providence. No momento em que terminou, ele havia rascunhado uma obra ficcional de horror sobrenatural e estava aos poucos polindo-a; as ideias que ele coletou no curso de suas pesquisas estavam cada vez mais e mais se encaixando em sua ficção. Ao mesmo tempo, sentia profunda sensação de alívio por estar longe de Nova York, alegria por estar em casa novamente e foco por ter seu calendário social limpo de todas as atividades do Kalem Club, tudo combinando para levá-lo à melhor fase produtiva e satisfatória de sua vida de escritor. Nos 12 meses seguintes, Lovecraft produziria mais de 150.000 palavras, incluindo algumas de suas obras mais icônicas — começando, é claro, com esta.

“O chamado de Cthulhu” foi concebido e planejado um ano antes, quando Lovecraft imaginou fazer um pequeno romance. Ele parece ter guardado, poupando-o para um tempo em que ele teria os recursos emocionais certos; em Nova York, é claro, ele não conseguiria. Agora, felizmente

instalado na rua 10 Barnes, “O chamado de Cthulhu” era prioridade nos negócios literários.



*(Encontrado entre os documentos do falecido
Francis Wayland Thurston, de Boston)*

De tamanhos poderes e seres é possível conceber que haja uma sobrevivência... uma sobrevivência de um tempo incomensuravelmente remoto em que... a consciência se manifestava em perfis e formas que saíram de cena muito antes da preamar da humanidade... formas de que somente a poesia e a lenda conservaram uma fugaz lembrança, denominando-as como deuses, monstros e seres míticos de todas as espécies e tipos...

Algernon Blackwood

I. O horror em argila

O que há de mais misericordioso no mundo, creio eu, é a incapacidade da mente humana para correlacionar tudo o que ela contém. Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a negros mares de infinitude, e não fomos destinados a nos aventurar muito longe. As ciências, cada qual se empenhando em seguir seu próprio rumo, poucos danos têm até o presente nos causado; mas quando, algum dia, as peças do nosso conhecimento desagregado se juntarem, irão expor o panorama de uma realidade tão aterrorizante — e também a posição apavorante que ocupamos nela —, que ou enlouqueceremos com a revelação ou nos refugiaremos das luzes letais na paz e na segurança de uma nova idade das trevas.

Os teósofos vêm tecendo especulações sobre a assombrosa grandeza do ciclo cósmico, dentro do qual nosso mundo e a raça humana não passam de incidentes transitórios. Eles têm se referido a estranhas reminiscências em termos que fariam nosso sangue congelar se não fossem mascaradas por um brando otimismo. Mas não foi deles que partiu o único vislumbre de éons proibidos que me traz calafrios quando penso a respeito e me faz beirar a loucura quando com ele sonho. Esse vislumbre, como sempre acontece com os lampejos atemorizantes da verdade,

surgiu de uma combinação accidental de coisas diversas — neste caso, uma velha matéria de jornal e as anotações de um professor falecido. Espero que ninguém mais consiga fazer uma combinação como essa; eu, certamente, enquanto viver, jamais proporcionarei em plena consciência qualquer elo adicional a essa horrenda cadeia. Creio que o professor também pretendia guardar silêncio sobre a parte que lhe era conhecida, e que teria destruído suas anotações se a morte súbita não tivesse se apoderado dele.

Meu conhecimento sobre o caso começou no inverno de 1926–1927, com a morte do meu tio-avô George Gammell Angell, Professor Emérito de Línguas Semíticas na Brown University, Providence, Rhode Island. O professor Angell era amplamente conhecido como autoridade em inscrições antigas, e era consultado com frequência pelos diretores dos mais importantes museus, de forma que talvez muitos se recordem de seu passamento com a idade de noventa e dois anos. Localmente, o interesse foi intensificado pela causa obscura de sua morte. O professor foi fulminado enquanto retornava do barco de Newport; caiu de súbito, como disseram testemunhas, depois de esbarrar em um negro com jeito de marinheiro que saiu de um dos lúgubres pátios escuros na encosta íngreme que formava um atalho entre o cais e a casa do falecido na Williams Street. Os médicos não conseguiram encontrar nenhuma desordem visível, mas concluíram, após um debate em tom perplexo, que alguma lesão obscura do coração, induzida pela lépida subida de uma ladeira tão íngreme por um homem tão velho, havia sido responsável pelo seu fim. Na época eu não vi motivo para discordar desse veredito, porém mais tarde vi-me inclinado a questionar — e mais do que questionar.

Como herdeiro e testamenteiro de meu tio-avô, pois ele morreu viúvo e sem filhos, esperava-se que eu examinasse seus papéis com alguma minúcia; e com esse propósito eu levei todo seu conjunto de arquivos e caixas à minha residência em Boston. Grande parte do material que relacionei será posteriormente publicado pela Sociedade Americana de Arqueologia, mas havia uma caixa que considereei demasiadamente enigmática e senti grande resistência à ideia de expô-la a outros olhos. Ela estava trancada, e eu não encontrava a chave até que me ocorreu examinar o chaveiro pessoal que o professor carregava sempre em seu bolso. Então realmente consegui abri-la, mas aparentemente apenas para me defron-

tar com uma barreira ainda maior e mais hermética. Pois que significado poderia ter o estranho baixo-relevo de barro e as anotações, devaneios e recortes desarticulados que encontrei ali? Será que meu tio, em seus últimos anos de vida, havia se tornado crédulo às mais superficiais imposturas? Resolvi que procuraria o excêntrico escultor aparentemente responsável por perturbar daquela forma a paz de espírito de um velho.

O baixo-relevo era um retângulo grosseiro de menos de três centímetros de espessura e cerca de quinze centímetros de área; obviamente de origem moderna. Os seus desenhos, porém, estavam longe de ser modernos quer em sua atmosfera quer no que sugeriam; pois embora as excentricidades do cubismo e do futurismo sejam muitas e desvairadas, elas não reproduzem com frequência aquela regularidade enigmática que se oculta na escrita pré-histórica. E era alguma espécie de escrita o que a maior parte daqueles desenhos certamente parecia ser; porém a minha memória, apesar de sua grande familiaridade com os documentos e coleções de meu tio, fracassou em qualquer tentativa de identificar aquele espécime em particular, ou mesmo reconhecer indícios de sua afiliação mais remota.

Acima desses aparentes hieróglifos havia uma figura de intenção evidentemente pictórica, embora sua execução impressionista impedisse uma ideia muito clara de sua natureza. Parecia uma espécie de monstro, ou símbolo representando um monstro, ou uma forma que apenas uma fantasia doentia poderia conceber. Se eu disser que minha imaginação um tanto extravagante evocou simultaneamente as imagens de um polvo, um dragão e uma caricatura humana, não serei de todo infiel ao espírito daquela coisa. Uma cabeça carnuda e dotada de tentáculos coroava um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares; mas era o *contorno geral* da criatura como um todo que a tornava mais repulsivamente pavorosa. Por trás da figura havia a vaga sugestão de uma arquitetura ciclópica como pano de fundo.

Os escritos que acompanhavam esse estranho objeto, além de uma pilha de recortes de jornal, eram anotações da caligrafia mais recente do professor Angell; e não tinham qualquer pretensão literária. O que parecia ser o documento principal tinha o título de “O CULTO DE CTHULHU” em caracteres meticulosamente desenhados para evitar a leitura errônea de uma palavra tão inusitada. O manuscrito era dividido em du-

as partes, a primeira das quais intitulava-se “1925 — sonho e obra onírica de H. A. Wilcox, 7 Thomas St., Providence, R.I.”, e a segunda, “Narrativa do inspetor John R. Legrasse, 121 Bienville St., Nova Orleans, LA, durante a reunião da A.A.S. em 1928 — Notas sobre o mesmo e o Testemunho do professor Webb”. Os outros manuscritos eram breves anotações, algumas das quais narrativas de sonhos estranhos de diferentes pessoas, outras eram citações de livros e revistas teosóficos (notavelmente *Atlântida e Lemúria: continentes desaparecidos*, de W. Scott-Elliott), e o restante eram comentários sobre sociedades secretas e seitas ocultas que sobrevivem há séculos, com referências a passagens de alguns livros de mitologia e antropologia, como *O ramo de ouro*, de Frazer, e *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, da senhorita Murray. Os recortes aludiam em sua maior parte a doenças mentais bizarras e surtos de loucura ou mania coletivas na primavera de 1925.

A primeira metade do principal manuscrito contava uma história muito peculiar. Parece que no dia 1º de março de 1925, um jovem magro e escuro de modos neuróticos e excitáveis fez uma visita ao professor Angell e levou consigo o singular baixo-relevo de barro, que então ainda estava úmido e fresco. Seu cartão de visitas exibia o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio o reconheceu como o filho mais jovem de uma excelente família que conhecia ligeiramente, o qual havia recentemente passado a estudar escultura na Rhode Island School of Design e morava sozinho no edifício Fleur-de-Lys, perto daquela instituição. Wilcox era um jovem precoce de genialidade reconhecida, mas muito excêntrico, e desde a infância chamava a atenção pelas estranhas histórias e sonhos bizarros que tinha o hábito de relatar. Ele se classificava como “psiquicamente hipersensível”, mas o povo sisudo da antiga cidade comercial menosprezava-o como meramente “esquisito”. Nunca se misturava muito com seus colegas, e havia gradualmente se retirado da visibilidade social, passando a ser conhecido apenas por um pequeno grupo de estetas de outras cidades. Até mesmo o Clube de Arte de Providence, ávido de preservar seu conservadorismo, considerava-o um caso praticamente perdido.

Na ocasião da visita, dizia o manuscrito do professor, o escultor pediu abruptamente o benefício do conhecimento arqueológico de seu antepassado para identificar os hieróglifos do baixo-relevo. Ele falava de um

modo sonhador e cerimonioso que sugeria afetação e repelia a simpatia; por isso meu tio demonstrou alguma rispidez ao responder, pois o caráter evidentemente recente da tabuleta implicava afinidade com tudo, menos com a arqueologia. A réplica do jovem Wilcox, que impressionou meu tio a ponto de fazê-lo recordar-se dela e reproduzi-la textualmente, foi um argumento fantasticamente poético que deve ter pontuado toda a conversa e que, a partir daí, julguei altamente característica dele. O rapaz disse: “É nova, de fato, pois eu a fiz na noite passada ao sonhar com estranhas cidades; e sonhos são mais antigos que a taciturna Tiro, ou a contemplativa Esfinge, ou a Babilônia coroada de jardins”.

Foi então que ele começou aquela história errática que repentinamente trouxe à tona uma lembrança adormecida e conquistou o interesse febril de meu tio. Havia acontecido um ligeiro tremor de terra na noite anterior, o mais significativo sentido na Nova Inglaterra havia alguns anos; e a imaginação de Wilcox fora agudamente afetada. Ao se recolher, ele tivera um sonho sem precedente com grandes cidades ciclópicas construídas com blocos titânicos e monolitos que arranhavam os céus, tudo vertendo uma exsudação esverdeada e sinistra de horror latente. Hieróglifos cobriam as paredes e colunas, e de algum ponto não determinado abaixo dele provinha uma voz que não era uma voz; uma sensação caótica que somente a fantasia poderia transmutar em som, mas que ele tentou reproduzir por um aglomerado quase impronunciável de letras “*Cthulhu fhtagn*”.

Essa algaravia verbal foi a chave para a recordação que excitou e perturbou o professor Angell. Ele questionou o escultor com minuciosidade científica; e estudou com intensidade quase fanática o baixo-relevo em que o jovem se viu trabalhando, gelado e vestido apenas com seus trajes de dormir, quando a confusão do despertar o tomou de surpresa. Meu tio culpou a idade avançada, disse Wilcox posteriormente, por sua lentidão em reconhecer tanto os hieróglifos quanto a representação pictórica. Muitas das suas perguntas pareceram altamente deslocadas ao seu visitante, especialmente as que tentavam ligá-lo a estranhos cultos ou sociedades; e Wilcox não entendeu o motivo das reiteradas promessas de silêncio que lhe eram oferecidas em troca de sua admissão no seio de alguma religião mística ou pagã amplamente disseminada. Quando o professor Angell se convenceu de que o escultor de fato ignorava a existên-

cia de qualquer culto ou sistema doutrinário críptico, passou a assediar seu visitante para que relatasse todos os sonhos que tivesse no futuro. Isso rendeu bons frutos, pois, após a primeira entrevista, os manuscritos registram as visitas diárias do jovem, durante as quais ele relatava fragmentos alarmantes de um imaginário noturno cujo tema era sempre algum terrível panorama ciclópico de rocha escura e gotejante, com uma voz ou inteligência subterrânea bradando monotonamente em enigmáticos impactos sensoriais, impossíveis de descrever de outra forma que não o de uma algaravia. Os dois sons repetidos com mais frequência eram aqueles representados pelas letras “*Cthulhu*” e “*R’lyeh*”.

No dia 23 de março, prosseguia o manuscrito, Wilcox não apareceu, e informações coletadas na sua vizinhança revelaram que ele fora acometido por um tipo desconhecido de febre e levado para o lar de sua família na Waterman Street. O rapaz havia gritado no meio da noite, acordando vários outros artistas no edifício, e desde então passou a se alternar entre inconsciência e delírio. Meu tio telefonou imediatamente para a família, e desse dia em diante manteve-se atento ao caso, visitando com frequência o consultório na Thayer Street onde atendia o dr. Tobey, que ele soube estar a cargo do enfermo. A mente febril do jovem, aparentemente, detinha-se em coisas estranhas, e o doutor às vezes estremecia ao falar a respeito. Elas incluíam não apenas uma repetição dos sonhos que ele já havia relatado, mas mencionavam desvairadamente uma criatura gigante, “com quilômetros de altura”, que caminhava ou se arrastava pesadamente. Em momento algum ele deu uma descrição detalhada desse ser, mas palavras esparsas em meio a delírios, conforme as repetiu o dr. Tobey, convenceram o professor de que devia ser idêntico à monstruosidade sem nome que o rapaz havia tentado retratar naquela escultura feita durante um sonho. A referência a tal objeto, acrescentou o doutor, era invariavelmente um prelúdio à imersão do jovem na letargia. Sua temperatura, estranhamente, não subia muito acima do normal, mas sua condição como um todo sugeria mais uma febre que uma desordem mental.

No dia 2 de abril por volta das 3 da tarde, qualquer vestígio da enfermidade de Wilcox subitamente cessou. Ele se sentou ereto na cama, surpreso por se encontrar em casa e ignorando completamente o que havia acontecido em sonho ou realidade desde a noite de 22 de março.

Declarado sã por seu médico, ele retornou à sua residência após três dias, mas para o professor Angell ele já não servia de ajuda. Qualquer vestígio dos sonhos estranhos havia desaparecido com sua recuperação, e meu tio deixou de registrar seus pensamentos noturnos após uma semana de narrativas supérfluas e irrelevantes de visões inteiramente comuns.

Aqui terminava a primeira parte do manuscrito, mas referências a certas anotações esparsas deram-me muito o que pensar — a tal ponto, na verdade, que somente o ceticismo arraigado que então caracterizava minha filosofia pode explicar minha contínua desconfiança em relação ao artista. As anotações em questão eram descrições dos sonhos de várias pessoas, cobrindo o mesmo período em que o jovem Wilcox fazia suas estranhas visitas. Meu tio, ao que parece, havia rapidamente instituído um *corpus* com dados coletados entre quase todos os amigos aos quais ele podia interrogar sem ser impertinente, pedindo-lhes que fizessem relatos de seus sonhos todas as noites, e também as datas de quaisquer visões mais notáveis que houvessem tido durante certo tempo antes disso. A recepção de seu pedido parece ter sido variada, mas no fim das contas ele deve ter recebido mais respostas do que qualquer homem comum teria conseguido processar sem uma secretária. Essa correspondência original não foi preservada, mas suas anotações compunham uma compilação meticulosa e realmente significativa. As pessoas comuns na sociedade e no meio empresarial — o “sal da terra” da Nova Inglaterra tradicional — renderam um resultado quase completamente negativo, embora casos isolados de impressões noturnas incômodas porém informes tenham aparecido aqui e ali, sempre entre os dias 23 de março e 2 de abril — o período do delírio do jovem Wilcox. Homens de ciência foram pouco mais afetados, embora houvesse quatro casos com descrições vagas que sugeriam vislumbres fugidios de estranhas paisagens, e em um dos casos houvesse a menção de um pavor de algo anormal.

Foi de artistas e poetas que ele obteve as respostas mais pertinentes, e eu sei que o pânico teria corrido solto se eles pudessem comparar as anotações. Com as informações que tinha, carecendo das cartas originais, eu em parte suspeitava que o compilador tivesse feito perguntas tendenciosas ou editado a correspondência para corroborar o que já estava resolvido a ver, ainda que de maneira latente. Por isso eu continua-

va a sentir que Wilcox, de algum modo conhecedor dos velhos dados que meu tio possuía, tivesse enganado o cientista veterano. As respostas dos estetas contavam uma história perturbadora. De 28 de fevereiro a 2 de abril uma grande proporção deles havia sonhado coisas muito bizarras, e a intensidade dos sonhos foi incomensuravelmente mais forte durante o período de delírio do escultor. Mais de um quarto daqueles que relataram algo, mencionaram cenas e sonoridades não diferentes daquelas que Wilcox havia descrito; e alguns dos sonhadores confessaram um medo agudo da gigantesca coisa sem nome que podia ser vista já no final. Um dos casos, que a anotação descreve com ênfase, era muito triste. O sujeito em questão, um arquiteto bem conhecido com tendências à teosofia e ao ocultismo, foi acometido por violenta insanidade no dia em que Wilcox teve seu primeiro acesso, e expirou vários meses mais tarde depois de gritar incessantemente para que alguém o salvasse de algum ser escapado do inferno. Se meu tio tivesse se referido a esses casos com nomes em vez de meros números, eu poderia ter tentado obter alguma corroboração ou investigar pessoalmente; mas como não foi esse o caso, consegui localizar apenas alguns poucos. Todos eles, porém, confirmavam as anotações na íntegra. Eu me perguntava com frequência se todos os objetos da pesquisa do professor pareceriam tão perplexos quanto essa fração. É bom que nenhuma explicação jamais tenha chegado a eles.

Os recortes de jornal, como já afirmei, tratavam de casos de pânico, loucura e comportamento excêntrico durante o período considerado. O professor Angell deve ter recorrido aos serviços de alguma agência, pois a quantidade de recortes era tremenda e as fontes provinham de todo o globo. Em um deles havia um suicídio noturno em Londres, onde um sonhador solitário havia saltado de uma janela após um grito assustador. Noutro encontramos uma carta ao editor de um jornal na América do Sul, na qual um fanático deduz um futuro sombrio das visões que teve. Um despacho da Califórnia descreve uma colônia de teósofos trajando mantos brancos reunidos em massa à espera de alguma “gloriosa promessa” que nunca se cumpre, ao passo que itens provenientes da Índia falam com cautela de uma grave agitação dos nativos próximo ao fim de março. Orgias vodú se multiplicam no Haiti, e postos avançados na África reportam boatos aziagos. Oficiais americanos nas Filipinas julgam certas tribos turbulentas nesse período, e policiais de Nova York

são cercados por levantinos histéricos na noite de 22 para 23 de março. O oeste da Irlanda também é tomado por rumores e lendas desenfreados, e um pintor fantástico chamado Ardois-Bonnot pendura uma blasfema *Paisagem de sonho* no salão de primavera de 1926, em Paris. E tão numerosas são as perturbações registradas em asilos para insanos que somente um milagre pode ter impedido a comunidade médica de perceber estranhos paralelismos e tecer conclusões mistificadas. Resumindo, um maço de recortes muito bizarro; e hoje eu mal consigo conceber o racionalismo empedernido com que os desprezei. Mas na época eu estava convencido de que o jovem Wilcox tinha conhecimento dos casos mais antigos mencionados pelo professor.

II. *A narrativa do Inspetor Legrasse*

Os casos mais antigos entre os que haviam tornado o sonho e o baixo-relevo do escultor tão significativos para o meu tio compunham o tema da segunda metade de seu longo manuscrito. Anteriormente, ao que parece, o professor Angell já vira os traços infernais da monstruosidade sem nome, intrigara-se com os hieróglifos desconhecidos e ouvira as fáticas sílabas que só podem ser representadas como “Cthulhu”; e tudo isso numa conexão tão provocadora e horrível que não admira que ele assediasse o jovem Wilcox com perguntas e demandas por dados.

As primeiras experiências haviam acontecido em 1908, dezessete anos antes, quando a Sociedade Americana de Arqueologia realizou sua reunião anual em St. Louis. O professor Angell, como convinha a alguém da sua autoridade e talento, tivera uma participação importante em todas as deliberações; e foi um dos primeiros a ser abordado pelos vários observadores que aproveitaram a convocação para apresentar perguntas a serem corretamente respondidas e problemas a serem solucionados pelos peritos.

O principal desses observadores, e por pouco tempo foco de interesse de toda a reunião, era um homem de meia-idade e aparência comum que viajara desde Nova Orleans em busca de certas informações especiais que não poderiam ser obtidas de nenhuma fonte local. Seu nome era John Raymond Legrasse, e era inspetor de polícia. Levava consigo o

motivo de sua visita, uma grotesca, repulsiva e aparentemente muito antiga estatueta de pedra cuja origem ele não sabia determinar. Não se deve imaginar que o inspetor Legrasse tivesse o mais remoto interesse em arqueologia. Pelo contrário, sua ânsia por esclarecimento era motivada por fatores puramente profissionais. A estatueta, ídolo, fetiche, ou o que quer que fosse, havia sido apreendida alguns meses antes nas florestas pantanosas ao sul de Nova Orleans durante uma batida contra um suposto ritual vodu; e tão singulares e horrendos eram os ritos ligados a ela, que a polícia não pôde deixar de perceber que havia se deparado com um culto secreto que lhes era totalmente desconhecido, infinitamente mais diabólico que os mais obscuros círculos do vodu africano. De suas origens, afora as histórias desconexas e inacreditáveis extraídas dos membros capturados, absolutamente nada foi descoberto; daí a ânsia da polícia pelo conhecimento de algum antiquário que pudesse ajudá-la a identificar o pavoroso símbolo, e através dele rastrear o culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não estava preparado para a comoção que sua oferta gerou. Uma visão sobre aquela coisa havia sido suficiente para lançar os cientistas reunidos em um estado de tensa excitação, e os homens de ciência não perderam tempo em se aglomerar em volta dele para contemplar a diminuta figura cuja completa estranheza e ares de antiguidade absolutamente abismal sugeriam com grande intensidade um panorama inexplorado e arcaico. Nenhuma escola de escultura reconhecida havia gerado aquele terrível objeto, embora séculos e até mesmo milênios parecessem registrados na sua superfície baça e esverdeada de uma pedra não identificável.

A imagem, que foi por fim passada vagarosamente de mão em mão para um estudo mais detalhado e cuidadoso, tinha entre dezessete e vinte centímetros de altura, e era de manufatura artística primorosa. Representava um monstro de traços vagamente antropóides, mas com a cabeça semelhante a um polvo, cujo rosto era uma massa de tentáculos, um corpo escamoso de aspecto borrachoso, garras prodigiosas nas patas traseiras e dianteiras, e asas longas e estreitas nas costas. Essa criatura, que parecia dotada de uma perversidade assustadora e sobrenatural, tinha um corpanzil inchado, e acocorava-se diabolicamente sobre um bloco ou pedestal retangular coberto de caracteres indecifráveis. As pontas das

asas tocavam a borda posterior do bloco de pedra, a traseira ocupava o centro, enquanto as garras longas e curvas das pernas fletidas e acocoradas agarravam a borda frontal e se estendiam por um quarto do pedestal. A cabeça cefalópode estava inclinada para a frente, de forma que as pontas dos tentáculos faciais roçavam os dorsos das imensas garras dianteiras, que seguravam os joelhos dobrados para cima. O aspecto como um todo era de um realismo anormal, e o temor que despertava era ainda mais sutil por sua fonte ser tão absolutamente desconhecida. Que tinha uma idade imensa, assombrosa, incalculável era incontestável; porém não aparentava sequer uma ligação distante com qualquer tipo conhecido de arte pertencente à juventude da civilização — ou de qualquer outra época. Totalmente à parte de qualquer estatuária conhecida, até mesmo o material de que era feita constituía um mistério, pois a rocha lisa como sabão, de um negrume esverdeado, com veios e estrias dourados ou iridescentes não recordava nada conhecido da geologia ou da mineralogia. Os caracteres ao longo da base eram igualmente desconcertantes; e, embora metade dos estudiosos da área existentes no mundo estivessem ali, nenhum dos presentes foi capaz de manifestar a mais ínfima noção do seu mais remoto parentesco linguístico. Aquela escrita pertencia, assim como o ser representado e o material de que era feito, a algo horivelmente remoto e distinto da humanidade tal como a conhecemos; algo que sugeria um ciclo de vida pavorosamente antigo e profano, de que nosso mundo e nossas concepções da existência não tomaram parte.

E, no entanto, enquanto os demais participantes meneavam suas cabeças com severidade e confessavam sua derrota diante do problema do inspetor, havia um homem naquele congresso que pensou ter reconhecido um toque de bizarra familiaridade naquela forma monstruosa e naquela escrita, e imediatamente falou com alguma timidez sobre o pouco que sabia. Essa pessoa era o falecido William Channing Webb, professor de antropologia na Universidade de Princeton, e um explorador de não pouca fama. O professor Webb havia se engajado, quarenta e oito anos antes, numa expedição pela Groenlândia e a Islândia em busca de algumas inscrições rúnicas que não conseguiu encontrar; e enquanto navegava pela costa ocidental da Groenlândia encontrou uma singular tribo ou culto de esquimós degenerados cuja religião, uma curiosa forma de ado-

ração ao demônio, causou-lhe calafrios por sua deliberada sede de sangue e pela repulsa que inspiravam. Era uma crença da qual outros esquimós sabiam pouco, e estremeciam sempre que a mencionavam, dizendo que ela remontava a eras horivelmente antigas, muito antes da criação do mundo. Além de ritos indescritíveis e sacrifícios humanos havia certos misteriosos rituais hereditários dirigidos a um antiquíssimo demônio supremo ou *tornasuk*; e destes o professor Webb obteve uma minuciosa transcrição fonética de um idoso *angedkok* ou sacerdote-feiticeiro, expressando os sons em letras românicas da melhor forma que conhecia. Mas naquele momento o mais significativo era o fetiche que aquele culto adorava, e em torno do qual aquela gente dançava quando a aurora saltitava acima dos rochedos gelados. Tratava-se, pelo que o professor declarou, de um baixo-relevo de pedra bastante grosseiro, que incluía uma horrenda gravura e alguns escritos enigmáticos. Pelo que ele podia dizer, havia um distante paralelismo com todas as características essenciais do objeto bestial com que a assembleia se defrontava naquele momento.

Essas informações, recebidas com tensão e assombro pelos acadêmicos reunidos, tiveram efeito redobrado sobre o inspetor Legrasse; e ele começou imediatamente a bombardear seu informante com perguntas. Como havia anotado e copiado o rito oral realizado pelos idólatras que seus homens haviam prendido no pântano, ele rogou que o professor recordasse o melhor que pudesse as sílabas coletadas entre os satanistas esquimós. Seguiu-se então uma exaustiva comparação de detalhes e um momento de silêncio realmente assombrado quando o detetive e o cientista concordaram quanto ao caráter praticamente idêntico daquela frase comum a dois rituais demoníacos realizados em pontos tão distantes do globo. O que, em essência, tanto os feiticeiros esquimós quanto os sacerdotes dos pântanos da Louisiana haviam cantado aos seus ídolos afins era algo muito semelhante ao que segue — as separações entre as palavras foram deduzidas com base nas pausas recorrentes na frase que era cantada em voz alta:

“*Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’nagl fhtagn.*”

Legrasse estava um passo à frente do professor Webb, pois vários de seus prisioneiros mestiços haviam-lhe repetido o que celebrantes mais velhos lhes disseram ser o significado das palavras. O texto, conforme foi coletado, dizia algo como isto:

“Na sua morada em R’lyeh, o morto Cthulhu aguarda sonhando.”

E então, em resposta a uma demanda generalizada e ansiosa, o inspetor Legrasse relatou da maneira mais completa que pôde sua experiência com os idólatras do pântano; contou uma história à qual pude ver que meu tio atribuiu profundo significado. Tinha o sabor dos sonhos mais desenfreados dos mitômanos e dos teósofos, e revelava um grau assombroso de imaginação cósmica entre mestiços e párias, que se julgaria serem os últimos a possuí-la.

No dia 1º de novembro de 1907, a polícia de Nova Orleans recebeu um chamado urgente dos pântanos e territórios lacustres do sul. Os posseiros que vivem lá, em sua maioria descendentes primitivos mas afáveis dos homens de Lafitte,^[1] estavam tomados pelo mais puro terror de algo desconhecido que havia caído sobre eles no meio da noite. Era vodu, aparentemente, mas da espécie mais terrível que eles já haviam conhecido; e algumas das suas mulheres e crianças haviam desaparecido depois que o tambor malévolos começou seu batuque incessante na escuridão profunda daquela mata assombrada, onde nenhum habitante local jamais se aventurava. Havia brados insanos e gritos angustiantes, cantilenas de gelar a alma e diabólicas labaredas dançantes; o povo, acrescentou o assustado mensageiro, não podia mais aguentar aquilo.

Então, um destacamento de vinte policiais, ocupando duas carroças e um automóvel, partiu com a tarde avançada, levando o posseiro assustado como guia. Desembarcaram no final da estrada transitável e chapinharam em silêncio ao longo de milhas através das terríveis matas de ciprestes onde o dia jamais chegava. Feias raízes e meadas de malignas barbas-de-pau pendentes dos galhos estorvavam seu caminho, e de quando em quando uma pilha de pedras úmidas ou restos de um muro apodrecido intensificavam, por sua sugestão de ocupação mórbida, uma depressão que cada árvore disforme e cada ilhota tomada de fungos somava-se para criar. Por fim o assentamento dos posseiros, um miserável

ajuntamento de casebres, despontou; e os moradores histéricos saíram correndo para se aglomerar em volta do grupo de lanternas balançando. O batuque abafado dos tambores era agora fracamente audível muito ao longe; e um grito de gelar o sangue chegava-lhes a intervalos espaçados, quando o vento mudava de direção. Um clarão avermelhado também parecia se infiltrar através da pálida vegetação rasteira além das intermináveis avenidas da floresta noturna. Relutando até mesmo em serem deixados novamente sós, todos os atemorizados posseiros se recusaram terminantemente a avançar um centímetro sequer na direção daquele culto profano, por isso o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas mergulharam sem guia nas negras arcadas de horror onde nenhum deles jamais havia posto os pés.

A região que a polícia agora penetrava tinha reputação de amaldiçoada, e era praticamente desconhecida e inexplorada pelo homem branco. Havia lendas que contavam de um lago oculto, jamais avistado por olhos mortais, em que residia uma imensa criatura disforme e branca, coberta de pólipos e com olhos luminescentes; os posseiros diziam aos sussurros que demônios com asas de morcego esvoaçavam de cavernas no fundo da terra para adorá-la à meia-noite. Diziam que aquele ser já estava ali antes de D'Iberville,^[2] antes de La Salle,^[3] antes dos indígenas, antes até mesmo dos animais sadios e das aves da floresta. Era o pesadelo personificado, e vê-la era o mesmo que morrer. Mas ela fazia os homens sonharem, e por isso eles se mantinham afastados. A orgia vodú então em curso ocorria, na verdade, na mera periferia daquela região abominável, mas mesmo essa localização já era bastante ruim; mais do que os sons e incidentes chocantes, talvez tenha sido o próprio lugar onde o culto se estabeleceu que aterrorizou os posseiros.

Somente a poesia ou a loucura poderiam fazer justiça aos ruídos que os homens de Legrasse escutavam à medida que avançavam através do lodaçal negro em direção ao clarão avermelhado e aos batuques surdos. Há qualidades vocais peculiares aos homens e outras peculiares às bestas; e é terrível ouvir uma delas partir de uma fonte que deveria pertencer à outra. Fúria animalesca e licenciosidade orgiástica se juntavam a uivos e ganidos de êxtase que atingiam alturas demoníacas, rasgando a noite e reverberando através da floresta como uma tempestade pestilencial saída dos abismos do inferno. De quando em quando a ululação me-

nos organizada cessava, e do que parecia ser um coro bem ensaiado de vozes roucas brotava numa cantilena aquela horrenda frase ou ritual:

“Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’naglfhtagn.”

Foi então que os homens, ao atingirem um ponto onde as árvores escasseavam, de repente avistaram o espetáculo propriamente dito. Quatro deles vacilaram, um desmaiou, e dois ficaram abalados a ponto de lançar gritos frenéticos que a cacofonia insana da orgia felizmente abafou. Legrasse jogou água do pântano no rosto do homem desmaiado, e todos começaram a tremer, quase hipnotizados pelo horror.

Numa clareira natural do pântano havia uma ilha relvosa de cerca de um acre de extensão, desprovida de árvores e toleravelmente seca. Nela saltitava e se contorcia a mais indescritível horda de aberrações humanas que só um Sime ou um Angarola^[4] seriam capazes de pintar. Desprovidas de roupas, esses rebentos híbridos zurravam, berravam e serpenteavam em torno de uma monstruosa fogueira circular, no centro da qual, revelado por ocasionais intervalos na cortina de labaredas, erguia-se um grande monólito granítico de cerca de dois metros e meio de altura, em cujo topo, incongruente por seu tamanho diminuto, encontrava-se a perniciosa estatueta de pedra. De um amplo círculo de dez cadafalsos dispostos a intervalos regulares em torno do monólito cingido pelas chamas pendiam, de cabeça para baixo, os corpos repulsivamente desfigurados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era dentro desse círculo que a roda de idólatras pulava e rugia, movendo-se em massa da esquerda para a direita em um interminável bacanal entre o círculo de corpos e o círculo de fogo.

Talvez tenha sido apenas imaginação ou talvez tenham sido nada mais que ecos que induziram um dos homens, um espanhol impressionável, a imaginar ter ouvido uma antífona em resposta ao ritual partindo de algum lugar distante e não iluminado no fundo daquela floresta de lendas e horrores ancestrais. Esse homem, Joseph D. Galvez, eu posteriormente conheci e interroguei; e ele se revelou dotado de uma imaginação fértil. Chegou a sugerir ter ouvido o tênue bater de grandes asas e avistado olhos reluzentes e um corpanzil gigantesco e alvo além das ár-

vores mais remotas — mas eu suponho que ele tenha dado ouvidos demais às superstições nativas.

Na verdade, a pausa horrorizada dos homens teve duração relativamente breve. O dever vinha em primeiro lugar, e embora devesse haver quase uma centena de celebrantes mestiços na multidão, a polícia tinha confiança em suas armas e se lançou com determinação para o meio daquela turba nauseante. Por cinco minutos o ruído e o caos resultantes foram indescritíveis. Golpes selvagens foram desferidos, tiros foram disparados e fugas aconteceram; mas no final Legrasse conseguiu contar cerca de quarenta e sete prisioneiros mal-encarados, que ele forçou a se vestirem às pressas e a se enfileirarem entre dois grupos de policiais. Cinco idólatras jaziam mortos, e dois seriamente feridos foram carregados em padiolas improvisadas por seus companheiros de detenção. A imagem no monólito, obviamente, foi removida com cuidado e levada por Legrasse.

Examinados na delegacia após uma viagem extensa e fatigante, os prisioneiros revelaram-se todos homens do tipo mais torpe, mestiços e mentalmente perturbados. Em sua maioria eram marinheiros, alguns negros e mulatos, em grande parte caribenhos e portugueses de Brava, nas ilhas de Cabo Verde, que conferiam as cores vodúístas àquele culto heterogêneo. Mas antes que se fizessem muitas perguntas, tornou-se manifesto que havia algo muito mais profundo e antigo que a feitiçaria negra envolvido naquilo. Degradadas e ignorantes como eram, aquelas criaturas apegavam-se com surpreendente consistência à ideia central de sua fé abominável.

Eles adoravam, assim disseram, os Grandes Anciões que viveram eras antes de existirem os homens, e que chegaram ao nosso mundo ainda jovens vindos do céu. Esses Anciões já haviam perecido, no interior da terra e no fundo do mar; mas seus corpos mortos haviam contado seus segredos em sonhos aos primeiros homens, que formaram um culto que jamais morreu. O culto era aquele que os policiais desbarataram, e os prisioneiros disseram que ele sempre havia existido e sempre iria existir, escondido em ermos distantes e em lugares escuros por todo o mundo, até chegar o tempo em que o grande sacerdote Cthulhu se erguesse de sua casa imersa em trevas na poderosa cidade subaquática de R'lyeh para pôr a terra novamente sob o seu poder. Algum dia ele os

chamaria, quando as estrelas estivessem prontas, e o culto secreto estaria sempre à espera para libertá-lo.

Nesse ínterim, nada mais deveria ser dito. Havia um segredo que nem mesmo a tortura poderia extrair. A humanidade não estava absolutamente só entre as criaturas conscientes da terra, pois formas saíam das sombras para visitar os poucos fiéis. Estes, porém, não eram os Grandes Anciões. Nenhum homem jamais viu os Anciões. O ídolo esculpido era o grande Cthulhu, mas ninguém saberia dizer se os outros eram precisamente semelhantes a ele ou não. Hoje ninguém mais saberia ler as antigas escrituras, mas coisas eram propagadas oralmente. A cantilena ritual não era o segredo — este nunca era dito em voz alta, somente aos sussurros. O cântico significava apenas isto: “Na sua morada em R’lyeh, o morto Cthulhu aguarda sonhando.”

Apenas dois prisioneiros foram julgados suficientemente lúcidos para serem enforcados, o restante foi internado em várias instituições. Todos negaram participação nos homicídios rituais, e asseveraram que as mortes foram obra dos Alados Negros que haviam partido de seu imemorial ponto de encontro na floresta assombrada para visitá-los. Mas sobre esses aliados misteriosos nenhum relato coerente pôde ser coletado. O que a polícia extraiu partiu principalmente de um mestiço tremendamente idoso chamado Castro, que alegava ter navegado por estranhos portos e conversado com líderes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro recordava fragmentos da lenda abominável que suplantava as especulações dos teósofos e faziam com que o homem e o mundo parecessem realmente recentes e transitórios. Houve éons em que outras Coisas governavam a terra, e Elas construíram grandes cidades. Restos Delas, segundo os chineses imortais teriam lhe contado, ainda podem ser encontradas como rochas ciclópicas em ilhas do Pacífico. Todas Elas morreram eras antes que os homens chegassem, mas havia artes capazes de revivê-Las quando as estrelas completassem seu ciclo de eternidade e retornassem às posições corretas. Tais Coisas, na verdade, vieram elas próprias das estrelas, e trouxeram Suas imagens consigo.

Esses Grandes Anciões, Castro prosseguiu, não eram inteiramente compostos de carne e ossos. Eles tinham forma — aquela estatueta forjada nas estrelas não era uma prova disso? — mas essa forma não se

compunha de matéria. Quando as estrelas estavam na posição certa, Eles podiam saltar de mundo a mundo através do céu; mas enquanto estivessem na posição errada, Eles não podem viver. Porém, embora Eles não mais vivam, jamais morreram de fato. Residem todos Eles em casas de pedra na Sua grande cidade de R'lyeh, preservados pelos encantamentos do poderoso Cthulhu para uma gloriosa ressurreição quando as estrelas e a terra estiverem novamente preparadas para Eles. No entanto, quando esse dia chegar, alguma força externa deverá atuar para libertar Seus corpos. Os mesmos encantamentos que Os preservaram intactos impediam-Nos também de iniciar qualquer movimento, por isso Eles só conseguiram permanecer deitados e despertos nas trevas, pensando ao longo de incontáveis milhões de anos. Eles sabiam de tudo o que estava ocorrendo no universo, pois Seu modo de comunicação era a telepatia. Mesmo naquele momento eles falavam em Suas tumbas. Quando, após um caos infundável, os primeiros homens chegaram, os Grandes Anciões dirigiram-se aos mais sensíveis entre eles moldando seus sonhos; pois somente assim a linguagem Deles alcançava as mentes de carne dos mamíferos.

Então, sussurrou Castro, aqueles primeiros homens formaram um culto em torno de pequenos ídolos que os Grandes lhes revelaram; ídolos trazidos de eras imprecisas das estrelas escuras. Esse culto não morreria até que as estrelas se alinhassem novamente, e os sacerdotes secretos trariam o grande Cthulhu de Sua tumba para reviver Seus súditos e reassumir Seu governo sobre a terra. O momento certo seria fácil de saber, pois então a humanidade teria se tornado como os Grandes Anciões; livre e desenfreada, além do bem e do mal, desprezando as leis e a moral, todos gritando, matando e refestelando-se em euforia. Então os Anciões libertados os ensinarão novas formas de berrar e matar e se refestelar em euforia, e toda a terra será incendiada em um holocausto de êxtase e liberdade. Enquanto isso não chega, o culto de Cthulhu, por meio de ritos apropriados, deve manter vivos na memória esses antigos recursos e propagar nas sombras a profecia do regresso dos Grandes Anciões.

No passado remoto, homens escolhidos conversavam em sonhos com os Anciões sepultos, mas então algo aconteceu. A grande cidade de pedra de R'lyeh, com seus monolitos e sepulcros, afundou sob as ondas,

e as águas profundas, plenas do mistério primordial através do qual nem mesmo o pensamento pode passar, interromperam esse intercuro espectral. Mas a memória não morreu, e os altos sacerdotes disseram que a cidade se ergueria novamente quando as estrelas estivessem alinhadas. Então afloraram os espíritos negros da terra, bolorentos e sombrios, carregados de rumores lúgubres coletados nas cavernas sob o leito esquecido do fundo do mar. Mas deles o velho Castro não ousava falar muito. Ele se calou abruptamente e nenhum tipo de persuasão ou sutileza foi capaz de extrair nada nesse sentido. O *tamanho* dos Grande Anciões, também, ele curiosamente se absteve de mencionar. Quanto ao culto, ele disse acreditar que seu centro residia entre os desertos inacessíveis da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, sonha oculta e intocada. Não tinha relação com a feitiçaria europeia, e era praticamente desconhecido fora do círculo de seus membros. Nenhum livro havia jamais feito qualquer real menção a ele, embora os chineses imortais dissessem haver sentidos dúbios no *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred, que os iniciados podem ler como lhes aprouver, especialmente o tão controvertido dístico:

*Não está morto o que na eternidade jaz,
ao longo de éons mesmo a morte se desfaz.*

Legrasse, profundamente impressionado e não menos perplexo, inquiriu em vão sobre as filiações históricas do culto. Castro, aparentemente, havia dito a verdade ao afirmar que ele era inteiramente secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não conseguiram lançar nenhuma luz sobre o culto ou a imagem, e então o detetive foi procurar as mais eminentes autoridades do país e se deparou com nada menos que a história do professor Webb sobre a Groenlândia.

O interesse febril que a narrativa de Legrasse despertou no congresso, corroborada pela estatueta, ecoou na correspondência posteriormente trocada entre os que estiveram presentes; embora tenham sido escasas as menções a respeito nas publicações formais da sociedade. A cautela é a preocupação primeira dos que estão acostumados a se defrontar ocasionalmente com o charlatanismo e a impostura. Legrasse permitiu que a imagem ficasse por algum tempo com o professor Webb, mas com

a morte deste ela lhe foi devolvida e permanece em seu poder, onde eu a vi não muito tempo atrás. É verdadeiramente uma coisa terrível, e de semelhança inconfundível com a escultura feita em sonho pelo jovem Wilcox.

A excitação com que meu tio recebeu a história do escultor já não me causava surpresa; afinal, sabendo o que Legrasse havia descoberto sobre o culto, o que ele não deve ter pensado ao ouvir de um jovem sensível que havia não apenas *sonhado* com a figura e exatamente os mesmos hieróglifos da estatueta encontrada no pântano e na tabuleta diabólica da Groenlândia, mas também se deparado *em seus sonhos* com ao menos três das mesmíssimas palavras presentes na fórmula pronunciada igualmente por satanistas esquimós e mestiços da Louisiana? Que o professor Angell iniciasse imediatamente a mais minuciosa investigação era mais do que natural; embora eu intimamente suspeitasse que o jovem Wilcox tivesse ouvido falar do culto por algum meio indireto e inventado uma série de sonhos para ampliar e prolongar o mistério às custas do meu tio. As narrativas de sonhos e os recordes coletados pelo professor eram, certamente, uma forte corroboração; mas minha mente racional e a extravagância de todo aquele assunto levaram-me a adotar o que pensei serem as conclusões mais sensatas. Por isso, depois de examinar novamente o manuscrito na íntegra e comparar as notas teosóficas e antropológicas com um relato do culto feito por Legrasse, viajei a Providence para ver o escultor e apresentar-lhe as repreensões que julgava devidas por uma impostura tão ousada contra um homem erudito e idoso.

Wilcox ainda morava sozinho no edifício Fleur-de-Lys, na Thomas Street, uma horrorosa imitação vitoriana da arquitetura bretã do século XVII, ostentava sua fachada em meio às adoráveis casas coloniais da antiga colina e à sombra do mais belo campanário georgiano da América. Encontrei-o trabalhando em seus aposentos e imediatamente reconheci, a julgar pelas amostras espalhadas por ali, que sua genialidade era de fato profunda e autêntica. Acredito que algum dia se ouvirá falar dele como um dos grandes decadentistas; pois cristalizou em argila, e um dia haverá de espelhar no mármore, aqueles pesadelos e fantasias evocadas em prosa por Arthur Machen, e que Clark Ashton Smith^[5] torna visíveis em versos e em sua pintura.

De aspecto sombrio, franzino e um tanto desleixado, ele se virou languidamente quando bati e perguntou o que eu queria sem se levantar. Quando lhe disse quem eu era, ele demonstrou algum interesse, pois meu tio havia estimulado sua curiosidade ao examinar seus sonhos estranhos, embora nunca tivesse explicado o motivo do estudo. Não ampliei seu conhecimento a este respeito, mas tentei com alguma sutileza fazê-lo falar. Em pouco tempo eu me convenci de sua absoluta sinceridade, pois ele falava dos sonhos de um modo que ninguém poderia simular. Esses sonhos e seu resíduo subconsciente haviam influenciado profundamente sua arte, e ele me mostrou uma estatueta mórbida cujos contornos quase me fizeram tremer tamanho o poder de suas sugestões nefandas. Ele não se recordava de ter visto o original daquela coisa exceto no baixo-relevo de seu sonho, mas os traços haviam se formado inconscientemente sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigantesca que ele vira em seus delírios. Logo ficou claro que ele realmente não sabia nada sobre o culto clandestino além do que o catecismo incansável de meu tio havia deixado escapar, e novamente eu me esforcei para pensar em um modo pelo qual ele pudesse ter recebido aquelas impressões bizarras.

Falava de seus sonhos de um modo estranhamente poético, fazendo-me visualizar com terrível vividez a úmida cidade ciclópica de pedra verde limosa — cuja *geometria*, ele dizia com uma expressão insólita, era *toda errada* — e ouvir com assustadora expectativa o incessante chamado, parcialmente mental, que brotava das profundezas: “*Cthulhu fhtang*”, “*Cthulhu fhtang*”. Essas palavras faziam parte daquele temível ritual que descrevia o sonho-vigília do morto Cthulhu em sua catacumba rochosa em R’lyeh, e eu me senti profundamente sugestionado apesar de minhas concepções racionalistas. Eu tinha certeza de que Wilcox havia escutado sobre o culto de alguma maneira casual, e logo esquecido o que ouvira em meio ao conjunto de suas leituras e imaginações igualmente insólitas. Mais tarde, em virtude da vívida impressão que causou, a história encontrou expressão subconsciente em sonhos, no baixo-relevo e na terrível estátua que eu então contemplava, de modo que sua postura sobre meu tio havia sido absolutamente inocente. O jovem tinha uma personalidade, ao mesmo tempo ligeiramente afetada e ligeiramente grosseira, que eu jamais poderia apreciar, mas depois daquela vi-

sita eu me dispus a admitir seu gênio e sua honestidade. Despedi-me dele de maneira amigável, e desejei-lhe todo o sucesso que seu talento prometia.

A história do culto ainda continuava a me fascinar, e às vezes eu me imaginava famoso por pesquisar suas origens e decorrências. Visitei Nova Orleans, conversei com Legrasse e outros integrantes daquele antigo destacamento, vi a imagem terrível e cheguei a interrogar alguns dos prisioneiros mestiços que ainda sobreviviam. O velho Castro, infelizmente, morrera havia alguns anos. O que eu então ouvi tão detalhadamente e em primeira mão, embora na verdade não passasse de uma confirmação detalhada do que meu tio havia escrito, renovou minha excitação, pois sentia a certeza de que estava no rastro de uma religião muito real, muito secreta e muito antiga, cuja descoberta faria de mim um antropólogo notável. Minha atitude ainda era de absoluto materialismo, *e eu gostaria que ainda fosse*, por isso descartei com perversidade quase inexplicável a coincidência entre as anotações de sonhos e os estranhos recortes colecionados pelo professor Angell.

Comecei a suspeitar daquilo que hoje temo *saber*, que a morte de meu tio não foi nada natural. Ele caiu numa ladeira estreita que partia de um velho cais que pululava de mestiços estrangeiros, depois de ser empurrado descuidadamente por um marinheiro negro. Eu não esqueci do sangue misto e das ocupações marítimas dos membros daquele culto na Louisiana, e não me surpreenderia se viesse a descobrir sobre o envolvimento cruel de algum método secreto ou dardo envenenado há muito conhecido pelos seguidores daqueles ritos e crenças enigmáticos. É verdade que Legrasse e seus homens foram poupados, mas na Noruega um certo marinheiro que viu o que não devia hoje está morto. Não poderia a pesquisa aprofundada iniciada por meu tio após saber das informações do escultor ter chegado a ouvidos sinistros? Creio que o professor Angell morreu por saber demais, ou porque era provável que viesse a saber demais. Resta saber se terei o mesmo destino, pois já descobri muitas coisas.

III. *A loucura oriunda do mar*

Se um dia os céus quiserem me conceder uma dádiva, será a total anulação dos resultados de um mero acaso que me levou a fixar meus olhos sobre uma folha de jornal avulsa que forrava uma prateleira. Não era nada com que eu naturalmente me depararia no decorrer de minha rotina diária, pois tratava-se de um exemplar velho de um jornal australiano, o *Sydney Bulletin* de 18 de abril de 1925. Havia passado despercebido até mesmo pela agência responsável por coletar material para a pesquisa do meu tio.

Eu havia praticamente abandonado minhas investigações sobre o que o professor Angell chamava “Culto de Cthulhu”, e estava visitando um amigo erudito em Paterson, Nova Jersey; ele era curador de um museu local e um mineralogista de renome. Certo dia, enquanto examinava espécimes não expostos, armazenados numa sala dos fundos do museu, meus olhos pousaram sobre uma estranha ilustração numa das velhas folhas de jornal estendidas sob as rochas. Era o exemplar do *Sydney Bulletin* que eu mencionei, pois meu amigo tinha muitos contatos em todas as partes concebíveis do mundo, e a estampa era a fototipografia de uma imagem de pedra quase idêntica à que Legrasse encontrou no pântano.

Depois de remover ansiosamente o precioso conteúdo da prateleira, observei mais detalhadamente a matéria, e fiquei desapontado com sua extensão apenas mediana. O que ela sugeria, porém, era extremamente significativo para minha pesquisa pendente, e eu a recortei com cuidado para tomar providências imediatas. Dizia o seguinte:

MISTERIOSO NAVIO É ENCONTRADO À DERIVA

Vigilant aporta com um iate armado de bandeira neozelandesa a reboque. Um sobrevivente e um morto encontrados a bordo. Fala-se de batalha marítima desesperada e com mortes. Marinheiro resgatado recusa-se a fornecer detalhes de sua estranha experiência. Estranho ídolo encontrado em seu poder. Inquérito prossegue.

O cargueiro *Vigilant*, da Companhia Morrison, procedente de Valparaíso, atracou esta manhã no cais do Porto de Darling, trazendo a reboque o avariado mas fortemente armado iate a vapor *Alert*, de Dunedin, Nova Zelândia, que foi avistado a 12 de abril na latitude

34°21'S, longitude 152°17'W com um sobrevivente e um morto a bordo.

O *Vigilant* deixou Valparaíso no dia 25 de março e a dois de abril foi desviado consideravelmente ao sul de sua rota por tempestades excepcionalmente fortes e ondas de tamanho monstruoso. No dia 12 de abril o navio à deriva foi avistado; e embora aparentemente deserto, ao ser abordado descobriu-se que continha um sobrevivente que padecia de delírios e um homem que evidentemente havia morrido mais de uma semana antes. O sobrevivente estava agarrado a um horrível ídolo de pedra de origem desconhecida, com cerca de trinta centímetros de altura, sobre cuja natureza as autoridades da Universidade de Sydney, da Royal Society e do Museu da College Street manifestaram total perplexidade, e que o ocupante do iate disse ter encontrado na cabine da embarcação, num pequeno santuário lavrado em padrões comuns.

O homem, depois de recobrar os sentidos, contou uma história particularmente estranha de pirataria e carnificina. Trata-se de Gustaf Johansen, um norueguês de inteligência razoável, que foi segundo imediato da escuna de dois mastros *Emma*, de Auckland, a qual zarpou para Callao no dia 20 de fevereiro com uma tripulação de onze homens. A *Emma*, segundo ele, sofreu um atraso e foi desviada muito ao sul de sua rota pela grande tempestade de 1° de março, e no dia 22 daquele mês, à latitude 49°51'S, longitude 128°34'W, encontrou o *Alert*, tripulado por melanésios e mestiços mal-encarados. O Capitão Collins se recusou a obedecer a ordem peremptória de dar meia-volta, por isso a estranha tripulação abriu fogo selvagem e sem aviso contra a escuna, com uma bateria peculiarmente pesada de canhões de bronze que compunham o equipamento do iate. Os homens da *Emma* deram combate, segundo o sobrevivente, e embora a escuna tivesse começado a afundar em decorrência de disparos recebidos abaixo da linha d'água, eles conseguiram emparelhar com a embarcação inimiga e abordá-la, lutando com a tripulação selvagem no convés do iate, e foram obrigados a matar todos eles, cujo número era ligeiramente superior, por causa de seu modo de lutar particularmente sanguinário e desesperado, embora um tanto inábil.

Três tripulantes da *Emma*, entre eles o capitão Collins e o primeiro imediato Green, foram mortos; os oito restantes, sob o comando do segundo imediato Johansen, seguiram navegando o iate capturado pela rota original para ver se de fato existia alguma razão para a ordem de retornar. No dia seguinte, ao que parece, eles avistaram uma pequena ilha e atracaram, embora não se tenha notícia da existência de acidentes geográficos naquela região do oceano. Seis homens morreram em terra, mas Johansen mantém uma estranha reticência quanto a essa parte da história e conta apenas que eles caíram em um abismo rochoso. Mais tarde, ao que parece, ele e um companheiro embarcaram no iate e tentaram manobrá-lo, mas foram atingidos pela tempestade de 2 de abril. Desse momento até seu resgate no dia 12, o homem pouco se recorda, e não se lembra nem mesmo de quando William Briden, seu companheiro, morreu. A morte de Briden não revela causa aparente, e provavelmente se deveu ao estresse nervoso ou à exposição às intempéries. Cabogramas de Dunedin informaram que o *Alert* era bem conhecido lá como navio de cabotagem, e tinha má reputação na zona portuária. Pertencia a um curioso grupo de mestiços cujas reuniões frequentes e incursões noturnas à floresta atraíam não pouca curiosidade; e havia zarpado às pressas logo depois da tempestade e dos tremores de terra de primeiro de março. Nosso correspondente em Auckland atribui à *Emma* e seus tripulantes uma reputação excelente, e Johansen é descrito como um homem sóbrio e valoroso. O almirantado irá instaurar um inquérito sobre o caso a partir de amanhã, e não se pouparão esforços para induzir Johansen a fornecer mais detalhes do que se deu até o momento.

Isso era tudo que o jornal informava, além da fotografia da imagem infernal; mas que encadeamento de ideias ela disparou em minha mente! Ali havia informações preciosas sobre o Culto de Cthulhu, e evidências de que ele tinha interesses escusos no mar tanto quanto em terra. Que motivo havia levado aquela tripulação híbrida que navegava com seu ídolo horrendo a ordenar o recuo da *Emma*? Que ilha desconhecida era aquela onde os seis tripulantes da *Emma* morreram e da qual o imediato Johansen fazia tanto segredo? Qual havia sido o resultado da investiga-

ção do almirantado, e o que se sabia sobre o culto nocivo em Dunedin? E, acima de tudo, que ligação profunda e sobrenatural existia entre aquelas datas, que conferia um significado maligno e agora inegável aos vários eventos anotados com tanto cuidado por meu tio?

Em 1º de março — ou no nosso 28 de fevereiro, segundo a Linha Internacional de Data — houve o terremoto e a tempestade. O *Alert* e sua tripulação repulsiva haviam zarpado às pressas de Dunedin, como se atendessem a alguma imperiosa convocação, e do outro lado da terra poetas e artistas começavam a sonhar com uma úmida e estranha cidade ciclópica, enquanto um jovem escultor moldava em sonhos a forma do temível Cthulhu. No dia 23 de março a tripulação da *Emma* atracou numa ilha desconhecida e lá deixou seis mortos; e nessa mesma data os sonhos dos homens sensíveis tornaram-se extremamente vívidos e assombrados pela apavorante aparição de um gigantesco monstro maligno, enquanto um arquiteto enlouquecia e um escultor irrompia subitamente em delírios! E quanto à tempestade do dia 2 de abril — a data em que todos os sonhos com a cidade úmida cessaram, e Wilcox emergiu ileso dos liames daquela estranha febre? Que pensar de tudo isso — e também das sugestões do velho Castro sobre os Anciões submersos nascidos entre as estrelas e seu futuro reino; do culto devotado a eles e de *seu domínio sobre os sonhos*? Eu estaria oscilando no limiar de horrores cósmicos além do que o homem poderia suportar? Se fosse assim, deviam ser horrores apenas da mente, pois de algum modo o dia 2 de abril havia posto um fim em fosse lá que ameaça monstruosa tivesse iniciado seu cerco à alma humana.

Naquela tarde, após um dia atarefado com telegramas e providências, despedi-me de meu anfitrião e tomei um trem para São Francisco. Em menos de um mês eu estava em Dunedin, onde, porém, descobri que pouco se sabia sobre os estranhos seguidores do culto que frequentavam as velhas tabernas à beira-mar. A escória do porto era ordinária demais para chamar a atenção, embora se falasse vagamente de uma viagem terra adentro que aqueles mestiços haviam feito, durante a qual tambores distantes e labaredas rubras foram observados nas colinas distantes. Em Auckland eu soube que Johansen havia retornado *com seus cabelos loiros embranquecidos* após um interrogatório superficial e inconclusivo em Sydney, e que depois disso havia vendido seu chalé na

West Street e zarpado com sua esposa para seu antigo lar em Oslo. Sobre sua impactante experiência ele não contou aos amigos nada mais do que havia contado aos oficiais do almirantado, e a única coisa que eles puderam fazer por mim foi dar-me o endereço dele em Oslo.

Depois disso fui a Sydney e conversei em vão com marinheiros e membros da corte do vice-almirantado. Vi o *Alert*, já vendido e posto a serviço da marinha mercante, no Circular Quay, na Sydney Cove, mas não obtive nada de seu casco indiferente. A imagem agachada, com sua cabeça de siba, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal hieroglífico, estava preservada no Museu do Hyde Park, e eu a examinei longa e detalhadamente, julgando-a uma obra terrivelmente primorosa da habilidade humana, dotada do mesmo absoluto mistério, assombrosa antiguidade e sobrenatural exotismo que eu havia notado no exemplar menor de Legrasse. Os geólogos, segundo me disse o curador, haviam-na considerado um enigma monstruoso, pois juraram que o mundo não possuía uma rocha como aquela. Então pensei com um estremecimento no que o velho Castro havia contado a Legrasse acerca dos Anciões primeiros: “Eles vieram das estrelas, e trouxeram Suas imagens consigo”.

Abalado por tamanha revolução mental como nunca havia experimentado antes, resolvi então visitar o imediato Johansen em Oslo. Depois de navegar para Londres, tornei a embarcar imediatamente para a capital norueguesa, e em um dia de outono desembarquei nos caprichosos molhes à sombra do Egeberg. O endereço de Johansen, eu descobri, ficava na Cidade Velha do rei Harald Hardrada, que manteve vivo o nome de Oslo durante todos os séculos em que a cidade maior disfarçou-se como “Christiana”. Fiz a breve viagem de táxi e bati, com o coração palpitando, à porta de um edifício antigo e bem cuidado, com fachada em estuque. Uma mulher vestida de preto e de expressão tristonha atendeu meu chamado, e fui golpeado pelo desapontamento quando ela me contou num inglês titubeante que Gustav Johansen já não existia.

Ele não havia sobrevivido ao regresso, disse sua esposa, pois os eventos no mar em 1925 haviam-no abalado. Não contou a ela mais do que havia revelado ao público, mas deixou um longo manuscrito — tratando de “questões técnicas”, segundo suas palavras — escrito em inglês, evidentemente para protegê-la do perigo de uma leitura casual. Durante uma caminhada por uma alameda estreita perto das docas de Go-

thenburg, um fardo de papéis caído de uma água-furtada o derrubou. Dois marinheiros indianos imediatamente o ajudaram a ficar de pé, mas antes que a ambulância chegasse até ele, o homem já estava morto. Os médicos não descobriram uma causa convincente para o seu fim, e atribuíram-no a um problema cardíaco e uma constituição debilitada.

Naquele momento senti minhas vísceras contraídas por aquele terror sombrio que só me deixará quando eu, também, chegar ao meu descanso final; seja por “acidente” ou por qualquer outra causa. Depois de persuadir a viúva de que meu interesse pelas “questões técnicas” de seu marido era suficiente para me dar direito à posse do manuscrito, levei o documento comigo e comecei a lê-lo no navio com destino a Londres. Era um texto simples e digressivo — esforço ingênuo de um marinheiro para compor um diário *a posteriori* — e esforçava-se para recordar dia a dia aquela última e horrível viagem. Não posso tentar transcrever literalmente todas as suas obscuridades e redundâncias, mas contarei o suficiente do seu teor para demonstrar porque o som da água contra o casco da embarcação se tornou tão insuportável para mim que tive de tapar os ouvidos com algodão.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, mesmo após ter visto a cidade e a Coisa, mas eu jamais tornarei a dormir com tranquilidade enquanto pensar nos horrores que espreitam sem cessar por trás da vida no tempo e no espaço, e naquelas blasfêmias profanas que vieram das estrelas primevas e que hoje sonham no fundo do mar, conhecidas e protegidas por um culto de pesadelo, ávido por libertá-las sobre o mundo quando outro terremoto fizer emergir novamente aquela monstruosa cidade de pedra e a expuser ao sol e ao ar livre.

A viagem de Johansen havia começado exatamente como ele contou ao vice-almirantado. A *Emma*, navegando com lastro, havia partido de Auckland no dia 20 de fevereiro, e sentiu em plena força a tempestade decorrente do terremoto, que deve ter feito emergir do fundo do mar aqueles horrores que se apoderam dos sonhos dos homens. Depois que seu controle foi recuperado, o navio progrediu bem até ser abordado pelo *Alert* a 22 de março, e eu pude sentir o pesar do imediato ao escrever sobre o bombardeio e o naufrágio da embarcação. Dos fanáticos de pele trigueira a bordo do *Alert* ele falava com horror considerável. Havia algumas características peculiarmente abomináveis neles que faziam

com que fosse quase um dever destruí-los, e Johansen demonstra sincera surpresa diante da acusação de brutalidade apresentada contra sua tripulação durante o inquérito da corte naval. Em seguida, impelidos pela curiosidade no iate capturado sob o comando de Johansen, os homens avistaram um grande pilar de pedra projetando-se do mar, e na latitude 47°9'S, longitude 126°43'W eles se depararam com uma linha costeira formada por uma mistura de lama, limo e alvenaria ciclópica coberta de algas, que não podia ser nada menos que a substância tangível do horror supremo desta terra — a cidade-cadáver de R'lyeh, sítio de pesadelo, construída imensuráveis éons antes da história humana por formas gigantescas e abomináveis vindas das estrelas escuras que aqui se infiltraram. Nesse lugar repousava o grande Cthulhu e suas hordas, oculto em verdes catacumbas lodosas e irradiando por fim, após ciclos incalculáveis, os pensamentos que levaram terror aos sonhos dos homens sensíveis e o chamado imperioso aos fiéis, para que estes viessem em peregrinação para libertá-lo e restituí-lo à vida. De tudo isso Johansen não suspeitava, mas Deus sabe que ele viu o suficiente!

Creio que apenas um cume montanhoso isolado, a horrenda cidade-lá coroadá pelo monólito onde o grande Cthulhu estava sepultado, emergiu de fato das águas. Quando penso na *extensão* do que deve estar sendo incubado ali eu quase sinto ganas de me matar imediatamente. Johansen e seus homens ficaram assombrados pela majestade cósmica daquela Babilônia gotejante habitada por demônios primordiais, e devem ter concluído mesmo sem conhecimento prévio que aquilo não provinha deste ou de qualquer outro planeta mentalmente são. O assombro pelo tamanho inacreditável dos blocos de rocha esverdeada, pela altura vertiginosa do grande monólito esculpido, e pela espantosa semelhança das estátuas e baixos-relevos colossais com a estranha imagem encontrada no santuário a bordo do *Alert* é pungente em cada linha da descrição aterrorizada do imediato.

Sem saber o que é o futurismo, Johansen alcançou algo muito próximo a ele ao tratar da cidade, pois em vez de descrever alguma estrutura ou edificação definidas, ele se deteve em impressões gerais de ângulos vastos e superfícies de pedra — superfícies grandes demais para pertencer a qualquer coisa natural ou própria deste mundo, e profanadas por horríveis imagens e hieróglifos. Menciono suas referências a *ângulos*

porque elas sugerem algo que Wilcox me contou sobre seus sonhos assombrosos. Ele havia dito que a *geometria* do espaço onírico que viu era anômala, não euclidiana, e evocava abominavelmente esferas e dimensões distintas das nossas. Agora um marujo iletrado tinha a mesma impressão ao contemplar a terrível realidade.

Johansen e seus homens desembarcaram numa lamacenta margem em aclave naquela monstruosa acrópole, e subiram aos escorregões por aqueles titânicos blocos lodosos que não poderiam servir de escada a nenhum mortal. O próprio sol parecia distorcido no céu quando visto através dos miasmas polarizantes que emanavam daquela perversão ensopada de água do mar, e uma tortuosa sugestão de ameaça e suspense espreitava-os com ar zombeteiro daqueles ângulos insanamente ilusórios de rocha entalhada, na qual um segundo olhar revelava concavidade onde o primeiro havia constatado convexidade.

Algo muito semelhante ao medo havia se apoderado de todos os exploradores antes mesmo que qualquer coisa mais definida que rocha, limo e algas fosse avistada. Cada um deles teria fugido se não temesse o desprezo dos outros, e foi sem grande ímpeto que eles procuraram — em vão, como se constatou — por algo transportável que servisse de *souvenir*.

Foi Rodrigues, o português, quem escalou até a base do monólito e gritou aos outros o que havia encontrado. Os demais o seguiram, e olharam com curiosidade a imensa porta lavrada com o agora familiar dragão-siba em baixo-relevo. Era, pelo que afirmou Johansen, como uma imensa porta de celeiro, e todos eles sentiram que se tratava realmente de uma porta por causa do lintel ornamentado, do umbral e das jambas que a delimitavam, embora não conseguissem concluir se ela ocupava a posição horizontal como um alçapão, ou oblíqua como a abertura externa de um porão. Como teria dito Wilcox, a geometria do lugar estava toda errada. Não se podia ter certeza de que o mar e o terreno fossem horizontais, pois a posição relativa de todas as outras coisas parecia fantasmagoricamente mutável.

Briden empurrou a pedra em vários lugares sem resultado. Então Donovan apalpou delicadamente ao redor da borda, pressionando cada ponto separadamente ao fazer isso. Ele escalou interminavelmente ao longo da grotesca rocha lavrada — isto é, poder-se-ia chamar aquilo de

escalada se o objeto não fosse, afinal de contas, horizontal — e os homens se perguntaram como alguma porta no universo podia ser tão vasta. Então, muito suave e lentamente, o painel de um acre começou a ceder para dentro no topo, e eles viram que ele tinha contrapesos. Donovan deslizou ou de algum modo impeliu a si próprio abaixo ou ao longo da jamba e se reuniu aos seus companheiros, e todos observaram o esquisito recuo do monstruoso portal esculpido. Nessa fantasia de distorção prismática, ele se movia de um modo anômalo numa direção diagonal, de forma que todas as regras do mundo material e da perspectiva pareciam subvertidas.

A abertura era negra, de uma escuridão quase palpável. Aquela tenebrosidade era de fato uma *qualidade positiva*, pois obscurecia partes das paredes interiores que deveriam se revelar, e de fato emanava como fumaça para fora de seu aprisionamento de éons, obscurecendo visivelmente o sol ao escapar para o céu emurchecido e convexo em um bater de asas membranosas. O odor que subiu daquelas profundezas recém-abertas era intolerável, e por fim Hawkins, que tinha os ouvidos apurados, pensou ter escutado um chapinhar detestável soar lá embaixo. Todos se calaram para escutar, e ainda estavam de ouvidos atentos quando Aquilo emergiu salivando à vista deles e espremeu a custo sua imensidão verde e gelatinosa através da abertura negra para o maculado ar exterior daquela venenosa cidade da loucura.

A caligrafia do pobre Johansen quase falhou enquanto ele escrevia isso. Dos seis homens que jamais alcançaram o navio, ele acredita que dois pereceram de puro pavor naquele instante amaldiçoado. A Coisa não pode ser descrita — não há linguagem que contemple tamanho abismo de insanidade aguda e imemorial, uma contradição tão assustadora de toda matéria, toda energia e toda ordem do cosmos. Uma montanha caminhando ou rastejando. Deus! Será de se admirar que do outro lado da terra um grande arquiteto tenha enlouquecido, e o pobre Wilcox delirasse em febre naquele instante telepático? A Coisa representada pelos ídolos, a cria verde e visguenta das estrelas, havia despertado para reclamar o que era seu. As estrelas estavam novamente alinhadas, e o que um culto de eras havia fracassado em fazer intencionalmente, um bando de marinheiros incautos fizera por acidente. Após vintilhões de anos o grande Cthulhu estava novamente livre, e sequioso de prazeres.

Três homens foram colhidos pelas garras flácidas antes que alguém tivesse tempo de se virar. Que Deus lhes dê repouso, se é que há algum repouso no universo. Eram Donovan, Guerrero e Ångström. Parker escorregou quando os outros três se lançaram freneticamente por aqueles panoramas intermináveis de rocha esverdeada até o navio, e Johansen jura que ele foi engolido por um ângulo da cantaria que não deveria estar ali, um ângulo agudo que se comportava como obtuso. Portanto, apenas Briden e Johansen alcançaram o bote, e remaram desesperadamente para o *Alert* enquanto aquela monstruosidade montanhosa escorria pelas pedras escorregadias e debatia-se com hesitação à beira d'água.

A pressão do vapor não havia se extinguido apesar da partida de todo o contingente para a praia, e bastou o trabalho de alguns minutos correndo de um lado a outro entre o timão e as máquinas para pôr o *Alert* em marcha. Vagarosamente, em meio aos horrores distorcidos daquele cenário indescritível, a embarcação começou a revolver as águas letais; enquanto na cantaria daquela praia sepulcral que não pertencia à terra a Criatura titânica das estrelas babava e balbuciava como Polifemo amaldiçoando o navio fugitivo de Odisseu. Então, mais arrojado que o mítico ciclope, o grande Cthulhu deslizou untuosamente para dentro d'água e começou a persegui-los, erguendo vagalhões com suas amplas braçadas de potência cósmica. Briden olhou para trás e enlouqueceu, soltando gargalhadas agudas, que retornavam a intervalos até que a morte o encontrou certa noite na cabine, enquanto Johansen vagava em delírio.

Mas o imediato ainda não havia desistido. Sabendo que aquela Coisa certamente alcançaria o *Alert* antes que as caldeiras estivessem a pleno vapor, resolveu tomar uma medida desesperada e, pondo as máquinas a toda velocidade, correu como um raio pelo tombadilho e virou o timão. Formou-se um poderoso redemoinho espumante naquele mar deletério e, à medida que a pressão do vapor crescia, o bravo norueguês dirigiu sua embarcação em cheio contra o monstro gelatinoso que se elevava sobre a espuma impura como a proa de um galeão demoníaco. A horrenda cabeça de siba com seus tentáculos serpeantes já se aproximava do gurupés do iate bojudado, mas Johansen seguiu inflexivelmente adiante. Houve um estrondo como de uma bexiga explodindo, uma viscosidade abjeta como de um peixe-lua seccionado ao meio, um fedor de mil se-

pulcros escancarados e um som que o cronista não seria capaz de reproduzir no papel. Por um instante o navio foi empestado por uma acre e cegante nuvem esverdeada, e então restou apenas um borbulhar mefítico à popa; onde — que Deus nos proteja! — a plasticidade dispersa daquela cria inominável do firmamento estava se *recombinando*, como os vapores de uma nuvem, em sua odiosa forma original, ao passo que a distância crescia a cada segundo à medida que o *Alert* ganhava impulso com o aumento da pressão do vapor em suas máquinas.

E foi isso que aconteceu. Depois do ocorrido, Johansen apenas meditou sobre o ídolo na cabine e atendeu às parcas necessidades de provisão dele próprio e do maníaco que gargalhava ao seu lado. Não tentou navegar depois daquela arrojada fuga inicial, pois a reação havia consumido algo de sua alma. Então veio a tempestade do dia 2 de abril e nuvens se avolumaram sobre a sua consciência. Havia a sensação espectral de rodopiar por entre abismos de infinitude líquida, de viagens vertiginosas através de universos cambiantes na cauda de um cometa e de mergulhos histéricos daquela voragem à lua, e da lua novamente à voragem, tudo isso avivado por um coro gargalhante de disformes e escarninhos deuses ancestrais e de verdes demônios zombeteiros saídos do Tártaro numa revoada de asas de morcego.

Mas vieram resgatá-lo desse estado de sonho — o *Vigilant*, o tribunal do vice-almirantado, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta ao velho lar junto ao Egeberg. Ele não podia contar nada daquilo — pensariam que estava louco. Quis escrever o que sabia antes que a morte chegasse, mas sua esposa não deveria suspeitar de nada. A morte seria uma bênção se pudesse anular as lembranças.

Foi esse documento que eu li, e agora eu o deposito na caixa de lata ao lado do baixo-relevo e dos papéis do professor Angell. Com eles ficará este meu registro — este teste à minha própria sanidade, no qual reúno as peças que espero nunca mais tornem a se juntar. Contemplei todo o horror que o universo encerra, e agora até mesmo o céu de primavera e as flores do verão estarão para sempre conspurcados para mim. Mas não creio que viverei muito. Como meu tio partiu, como o pobre Johansen partiu, eu também devo em breve partir. Sei demais, e o culto ainda vive.

Cthulhu ainda vive, também, eu creio, novamente encerrado naquele precipício de rocha que o abriga desde que o sol era jovem. Sua cidade maldita submergiu uma vez mais, pois o *Vigilant* navegou por ali depois da tempestade de abril; mas seus pastores sobre a terra ainda urram, marcham e matam ao redor de monolitos coroados por aquele ídolo em lugares ermos. O monstro deve ter sido submerso com a cidade, caso contrário o mundo estaria a esta altura berrando de medo e delírio. Quem sabe o final dessa história? O que sobe das profundezas pode afundar, mas o que afundou ainda pode emergir. O abominável aguarda e sonha nas profundezas, e a corrupção se dissemina pelas perecíveis cidades dos homens. Chegará um tempo... mas não devo e não posso pensar nisso! Resta-me rezar para que, caso eu não sobreviva a este manuscrito, meus inventariantes ponham a cautela antes da audácia e cuidem para que ele jamais encontre outros olhos.



O Modelo de Pickman

∴

Pickman's Model (1926)

Weird Tales (out. 1927)

Este conto é claramente um experimento, no qual Lovecraft tentou um estilo narrativo mais coloquial. Não é algo que a maioria dos leitores tem esperança de encontrar, mas por outro lado, é o mais próximo possível da experiência de sentar e conversar pessoalmente com Lovecraft. Em suas cartas, ele não tentou “soar” da mesma maneira que se fala pessoalmente; mas nesta história, ele faz exatamente isso — embora, ao fazer isso, ele esteja desempenhando o papel de Thurber.

De qualquer forma, ele parece ter abandonado a abordagem coloquial depois desta história, o que é, sem dúvida, lamentável, porque, embora muitos críticos tenham se desagradado com “O Modelo de Pickman”, a inteligência de conversação exibida nessa história a torna algo realmente especial, e um diferencial no cânone de Lovecraft.



Não precisa pensar que estou louco, Eliot — muitos outros têm preconceitos mais bizarros que este. Por que você não ri do avô de Oliver, que não anda de automóvel? Se não gosto daquele maldito metrô, o problema é meu; e, de qualquer modo, nós chegamos aqui muito mais rápido com o táxi. Teríamos sido obrigados a caminhar ladeira acima desde Park Street se não tivéssemos tomado o carro.

Sei que ando mais nervoso do que quando você me viu no ano passado, mas não precisa chamar um médico por causa disso. Há motivos de sobra, só Deus sabe, e acho que posso me considerar um homem de sorte por não ter enlouquecido. Por que esse interrogatório? Você não costumava ser tão inquisitivo.

Bem, se você quer saber, não vejo motivos para não contar. Talvez seja mesmo melhor você saber, afinal, já que passou a me escrever como um pai aflito quando soube que eu havia começado a me desligar do Art Club e me afastado de Pickman. Agora que ele desapareceu, vou a clube de vez em quando, mas meus nervos já não são os mesmos.

Não, eu não sei que fim levou Pickman e não quero saber. Você deve ter suposto que eu tivesse alguma informação privilegiada quando rompi com ele — e é por isso que eu não quero imaginar para onde ele foi. Deixe que a polícia descubra o que puder — não será muito, considerando que até agora eles não sabem do velho lugar no North End que ele alugou sob o nome de Peters. Eu mesmo não tenho certeza de poder encontrá-lo novamente — não que alguma vez tenha tentado, mesmo em plena luz do dia! Sim, eu sei, ou temo saber, o motivo por que ele o mantinha. Já vou chegar lá. E creio que antes que eu acabe você entenderá por que não conto à polícia. Eles me pediriam para conduzi-los até lá, mas eu não conseguiria voltar àquele lugar mesmo que soubesse o caminho. Havia algo ali — e por isso eu não posso mais usar o metrô nem (e você pode rir disso, também) entrar em porões.

Achei que você não pensaria que eu abandonei Pickman pelas mesmas razões tolas que motivaram velhas birrentas como o dr. Reid, Joe Minot ou Bosworth. As artes mórbidas não me chocam, e quando um homem tem o gênio que Pickman tinha eu considero uma honra conhecê-lo, não importa que direções sua obra tome. Boston nunca teve um pintor que superasse Richard Upton Pickman. Eu afirmei desde o início e ainda afirmo, e não mudei de opinião nem mesmo quando ele me mos-

trou aquele *Ghoul se alimentando*. Isso foi, você deve se lembrar, quando Minot cortou relações com ele.

Você sabe, é preciso um profundo talento e um profundo conhecimento da Natureza para produzir um material como o de Pickman. Qualquer desenhista barato de capas de revista pode espalhar tinta a esmo e dizer que pintou um pesadelo, um sabá de feiticeiras ou um retrato do demônio, mas somente um grande pintor consegue fazer uma coisa dessas parecer assustadora ou verdadeira. Isso porque apenas um verdadeiro artista conhece a real anatomia do terrível ou a fisiologia do medo — exatamente que tipo de linhas e proporções estão ligadas aos instintos latentes ou memórias hereditárias do pavor, e as cores, contrastes e efeitos de luz capazes de despertar sensações dormentes de estranhamento. Eu não preciso lhe dizer porque um Fuseli realmente provoca calafrios enquanto um frontispício de histórias de assombração baratas não nos provocam mais do que risos. Há algo que esses homens conseguem apreender — algo além da vida — e que são capazes de nos fazer captar por um momento. Doré tinha esse dom. Sime o tem. Angarola de Chigago, também. E Pickman o tinha como nenhum homem jamais teve antes dele e — peço a Deus — nenhum outro tornará a ter.

Não me pergunte o que é que eles veem. Como você sabe, na arte em geral, há toda diferença do mundo entre as coisas vivas, de carne e osso, desenhadas a partir da Natureza ou de modelos, e os artificialismos comerciais que os peixes pequenos rascunham a olho em um estúdio. Bem, eu diria que o artista realmente excêntrico tem um tipo de visão que cria modelos, ou invoca o que equivale a cenários reais do mundo espectral em que vive. Seja como for, ele consegue obter resultados que diferem dos sonhos indigestos de um impostor assim como as obras de um pintor realista diferem dos rabiscos de um caricaturista formado por correspondência. Se algum dia eu tivesse visto o que Pickman viu — mas não! Tome, vamos beber algo antes de nos aprofundarmos nessa história. Meu Deus, eu não estaria vivo se tivesse visto o que aquele homem — se é que era um homem — viu!

Você se recorda que o forte de Pickman eram as faces. Não creio que ninguém, desde Goya, tenha conseguido inserir o mais puro inferno em um conjunto de feições ou numa expressão distorcida. E antes de Goya você teria de recuar até os sujeitos da Idade Média que fizeram as gárgu-

las e quimeras da Notre Dame ou do Monte Saint-Michel. Eles acreditavam em toda sorte de coisas — e talvez vissem toda sorte de coisas, também, pois a o período medieval teve algumas fases curiosas. Lembro-me de que você próprio perguntou uma vez a Pickman, no ano anterior à sua partida, de que raios ele tirava aquelas ideias e visões. Não foi com uma gargalhada desagradável que ele respondeu? Foi em parte por causa daquela risada que Reid o abandonou. Reid, você sabe, havia acabado de iniciar seus estudos de patologia comparada, e se pavoneava todo com seu “conhecimento privilegiado” sobre o significado biológico ou evolucionário deste ou daquele sintoma físico ou mental. Ele disse que Pickman causava-lhe mais repulsa a cada dia que passava, e quase chegava a apavorá-lo mais perto do fim — e que suas feições e expressões adquiriam aos poucos um aspecto que não o agradava; um jeito que não era humano. Ele vinha com um monte de conversas sobre dieta, e dizia que Pickman devia ser anormal e excêntrico até o último grau. Suponho que você tenha dito a Reid, se é que vocês trocaram alguma correspondência a respeito, que ele deixou as pinturas de Pickman afetarem seus nervos ou provocarem sua imaginação. Sei que eu próprio disse isso a ele, na época.

Mas tenha em mente que eu não deixei Pickman por nada semelhante a isso. Pelo contrário, minha admiração por ele havia continuado a crescer; pois aquele *Ghoul se alimentando* foi uma realização tremenda. Como você sabe, o clube se recusou a exibi-lo, e o Museu de Belas Artes não o aceitou como doação; e posso acrescentar que ninguém quis comprá-lo, de modo que Pickman o conservou em sua casa até ir embora. Agora seu pai o conserva em Salem — você sabe que Pickman provém de uma antiga cepa de Salem, e que ele teve um ancestral feiticeiro enforcado em 1692.

Eu adquiri o hábito de visitar Pickman com frequência, especialmente depois que comecei a fazer anotações para uma monografia sobre arte fantástica. Provavelmente foi a obra dele que pôs essa ideia em minha cabeça, mas seja como for, encontrei nele uma mina de dados e sugestões quando comecei a desenvolvê-la. Ele me mostrou todas as pinturas e desenhos que havia feito nesse gênero, incluindo alguns esboços a bico de pena que eu realmente acredito que teriam causado sua expulsão do clube se alguns dos membros os tivessem visto. Não demorou para que

eu me tornasse quase um devoto, e passei a ouvir por longas horas, como um colegial, teorias artísticas e especulações filosóficas tão desvairadas que poderiam garantir-lhe um leito no asilo de Danvers. Esse culto ao herói, combinado ao fato de que as pessoas em geral começavam a ter cada vez menos afinidade com ele, levaram-no a nutrir grande confiança em mim, e certa tarde ele sugeriu que se eu soubesse manter o sigilo e não tivesse o estômago muito fraco, talvez ele me mostrasse algo bastante incomum — algo um pouco mais forte do que as coisas que ele tinha na casa.

— Você sabe — ele disse — que há coisas que não cabem na Newbury Street — coisas que ficam deslocadas aqui, e que não podem ser concebidas neste lugar, de qualquer forma. Meu trabalho é captar os matizes da alma, e não se pode encontrá-los em um punhado de ruas artificiais construídas em um aterro e povoadas de novos-ricos. A Back Bay não é Boston — ela ainda não é nada, pois não teve tempo de arrebanhar memórias e atrair espíritos locais. Se há fantasmas aqui, são os espectros enfadonhos de um pântano salgado e de uma enseada pouco profunda; e eu quero espíritos humanos — fantasmas de seres altamente organizados, a ponto de terem visto o inferno e compreendido o sentido do que viram.

— O melhor lugar para um artista viver é o North End. Se os estetas fossem sinceros, eles se instalariam nos bairros mais miseráveis em nome das tradições acumuladas. Meu Deus, homem! Você não percebe que aqueles lugares não foram meramente *construídos*, mas literalmente *cresceram*? Geração após geração viveu, decaiu e morreu ali, e em um tempo em que as pessoas não tinham medo de viver, decair e morrer. Você não sabe que havia um moinho em Copp's Hill em 1632, e que metade das ruas atuais foram traçadas antes de 1650? Eu posso mostrar-lhe casas que estão de pé há mais de dois séculos e meio; casas que testemunharam coisas que fariam uma casa moderna se reduzir a pó. O que os modernos sabem da vida e das forças que residem por trás delas? Você diz que a feitiçaria de Salem era um delírio, mas eu aposto que a minha te-travó teria muitas coisas a lhe contar. Eles a enforcaram em Gallows Hill, sob a supervisão santimonial de Cotton Mather.^[1] Mather, que o inferno o tenha, tinha medo que alguém conseguisse se libertar à força

dessa maldita jaula de monotonia — espero que alguém tenha lançado um feitiço nele ou sugado seu sangue no meio da noite!

— Posso mostrar-lhe a casa onde ele viveu, e também posso mostrar-lhe a outra, na qual ele tinha medo de entrar a despeito de toda a sua bela fanfarrice. Ele sabia de coisas que não ousava escrever naquele seu estúpido *Magnalia* ou nas suas pueris *Maravilhas do mundo invisível*. Ouça, você sabia que o North End inteiro teve no passado um conjunto de túneis que mantinham certas pessoas em contato com as casas umas das outras, e também com o cemitério e o mar? Que os caçadores de bruxas os processassem e perseguissem na superfície — a cada dia aconteciam coisas longe do alcance deles, e vozes riam a cada noite em lugares que eles não podiam determinar!

— Ora, mostre-me dez casas construídas antes de 1700 e ainda intocadas e eu aposto que em oito delas posso lhe mostrar algo estranho no porão. Dificilmente se passa um mês sem que se leia em algum lugar sobre trabalhadores que descobrem arcadas de tijolos e poços que não levam a lugar algum, neste ou naquele lugar que vem abaixo — até o ano passado era possível ver um assim do elevado perto da Henchman Street. Ali havia bruxas e o que os feitiços delas invocavam; piratas e o que eles traziam do mar; contrabandistas; corsários — e eu lhe digo, nos velhos tempos as pessoas sabiam como viver e como expandir as fronteiras da vida! Este não era o único mundo que alguém ousado e sábio podia conhecer — pshh! Pense, em contraste, nos dias de hoje, em que os cérebros são tão desbotados que até mesmo um clube de supostos artistas tem tremores e convulsões só porque uma pintura ofende a sensibilidade de um chá da tarde na Beacon Street.

— A única salvação do presente é ele ser estúpido demais para questionar o passado com muitas minúcias. O que os mapas, registros e guias de viagem nos dizem de fato sobre o North End? Bah! Aposto que posso levá-lo a trinta ou quarenta becos e emaranhados de vielas ao norte da Prince Street cuja existência não é sequer suspeitada por dez viventes além dos estrangeiros que infestam o lugar. E o que aqueles carcamaños sabem do significado do lugar? Não, Thurber, esses lugares antigos sonham lindamente e transbordam maravilhas e terrores, e escapam ao senso comum, entretanto não há uma alma viva que os entenda ou se

beneficie com eles. Ou melhor, há apenas uma alma viva — pois eu não estive cavando o passado a troco de nada!

— Veja, você está interessado nesse tipo de coisa. E se eu lhe disser que tenho outro estúdio lá, onde consigo captar o espírito noturno do horror antigo e pintar coisas que seriam impensáveis na Newbury Street? Naturalmente, eu não conto nada disso àquelas malditas tias velhas do clube — com Reid, maldito seja, espalhando à boca pequena que eu sou uma espécie de monstro descendo de tobogã na contracorrente da evolução. Sim, Thurber, eu decidi há muito tempo que se deve pintar o terror tanto quanto a beleza da vida, por isso passei a explorar alguns lugares onde tinha motivos para saber que o terror reside.

— Encontrei um lugar em que não teria acreditado se três nórdicos de carne e osso não o tivessem visto além de mim. Não é muito longe do elevado, em termos de distância geográfica, mas fica a séculos de distância no que diz respeito à alma. Eu o escolhi por causa do estranho poço de tijolos antigo no porão — um daqueles de que lhe falei. A choça está quase desabando, de modo que ninguém mais iria querer viver ali, e eu odiaria contar a você quão pouco paguei por ela. As janelas estão pregadas, mas eu acho melhor assim, pois a luz do dia não é desejável para o que eu faço. Eu pinto no porão, onde a inspiração é mais densa, mas tenho outras dependências mobiliadas no andar térreo. O proprietário é um siciliano e eu aluguei o imóvel usando o nome de Peters.

— Agora, se você estiver interessado, eu o levarei lá esta noite. Acho que você apreciará as pinturas, pois como disse, eu não impus barreiras à minha criação. Não é uma excursão muito longa — às vezes eu a faço a pé, pois não desejo atrair a atenção indo de táxi a um lugar daqueles. Nós podemos tomar o bonde na South Station até a Battery Street, e de lá a caminhada não é longa.

Bem, Elliot, depois desse discurso não me restou muito a fazer excepto reprimir meu impulso de correr em vez de andar até o primeiro táxi livre que conseguimos avistar. Mudamos para o elevado na South Station, e por volta do meio-dia já havíamos subido a escadaria na Battery Street e percorrido a antiga orla, passando pelo Porto Constitution. Não gravei as ruas transversais, e não sei lhe dizer onde foi que viramos, mas sei que não foi na Greenough Lane.

Quando viramos, foi para subir por toda a extensão do mais velho e sujo dos becos que já vi na minha vida, com águas-furtadas que pareciam prestes a desmoronar, vidraças quebradas e chaminés arcaicas que sobressaíam parcialmente desintegradas contra o céu iluminado pela lua. Não creio que houvesse sequer três casas à vista que já não estivessem de pé na época de Cotton Mather — por certo avistei ao menos duas com beirais, e uma vez pensei ter visto um telhado de duas águas do tipo quase esquecido anterior à mansarda, embora os antiquários nos digam que não resta nenhum assim em Boston.

Daquele beco, que tinha uma claridade fraca, viramos à esquerda numa viela igualmente silenciosa e ainda mais estreita, sem luz alguma; e em um minuto chegamos no que pensei ser uma curva fechada à direita na escuridão. Pouco depois disso Pickman apanhou uma lanterna e revelou uma porta antediluviana de dez painéis que parecia terrivelmente devorada pelos carunchos. Depois de destrancá-la, ele me convidou a entrar em um corredor lúgubre com o que um dia foram esplêndidos painéis de carvalho escuro — simples, é claro, mas excitantemente sugestivas da época de Andros e Phipps e da bruxaria. Então ele me levou por uma porta à esquerda, acendeu uma lâmpada a óleo, e disse que eu me sentisse em casa.

Ora, Eliot, eu sou o que o homem das ruas certamente chamaria de “durão”, mas confesso que o que eu vi nas paredes daquela sala me abalou. Eram as pinturas dele, você sabe — aquelas que ele não poderia pintar ou exibir na Newbury Street — e ele tinha razão quando disse que “não impôs barreiras à sua criação”. Tome, beba mais um drinque, eu mesmo preciso de mais um!

É inútil eu tentar lhe contar como elas eram, pois o horror blasfemo e a inacreditável repugnância e degradação moral provinha de traços simples, muito além do poder de classificação das palavras. Não havia nada da técnica exótica que se vê em Sydney Sime, nem as paisagens trans-saturninas e fungos lunares que Clark Ashton Smith usa para nos congelar o sangue. Os cenários eram quase sempre velhos adros de igrejas, florestas profundas, rochedos à beira-mar, túneis de tijolos, antigos aposentos com lambris ou simples abóbadas de alvenaria. O cemitério de Copp’s Hill, que não ficava a muitos quarteirões daquela casa, era um dos cenários favoritos.

A loucura e a monstruosidade residiam nas figuras em primeiro plano — pois a arte mórbida de Pickman consistia predominantemente em retratos demoníacos. Essas figuras raramente eram completamente humanas, mas com frequência apresentavam graus variados de humanidade. A maioria dos corpos, embora grosseiramente bípedes, eram curvados para a frente e tinham traços vagamente caninos. A textura da maior parte deles tinha um quê de desagradavelmente borrachento. Ugh! Parece que ainda consigo vê-los! Suas ocupações — bem, não me peça para ser muito preciso. Geralmente estavam se alimentando — não direi de quê. Algumas vezes apareciam agrupados em cemitérios ou passagens subterrâneas e com frequência pareciam lutar entre si por sua presa — ou melhor dizendo, por seu tesouro. E que expressividade nefanda Pickman por vezes dava às faces desfiguradas daquele butim macabro! Ocasionalmente as criaturas eram representadas saltando de janelas abertas durante a noite ou agachadas sobre os peitos de pessoas adormecidas, examinando suas gargantas. Uma tela exibia um círculo delas uivando ao redor de uma bruxa enforcada em Gallows Hill, cuja face morta conservava um próximo parentesco com as delas.

Mas não fique com a ideia de que foi toda essa horrenda escolha de tema e ambientação que me fez fraquejar. Eu não sou um menino de três anos de idade e já tinha visto muitas coisas como aquelas antes. Foram os rostos, Eliot, aqueles rostos amaldiçoados, que espreitavam e babavam e que pareciam querer sair da tela com o próprio sopro da vida! Por Deus, homem, eu realmente cheguei a acreditar que eles estavam vivos! Aquele mago da náusea havia despertado o fogo do inferno com seus pigmentos, e seu pincel era uma vara de condão que conjurava pesadelos. Dê-me essa garrafa de vinho, Eliot!

Havia uma pintura chamada *A lição* — que os céus tenham piedade de mim por tê-la visto! Ouça — você consegue imaginar um círculo de indescritíveis criaturas semelhantes a cães agachadas em um cemitério da igreja ensinando uma criancinha a se alimentar como elas? O preço de uma criança trocada, eu suponho — você conhece o velho mito dos seres bizarros que deixam suas crias nos berços em troca de bebês humanos que eles raptam. Pickman estava mostrando o que acontece a esses bebês roubados — como eles crescem — e então eu comecei a ver uma horrível semelhança entre as faces das figuras humanas e não humanas.

Ele estava, em toda a gradação de morbidez entre as formas francamente não humanas e as degeneradamente humanas, estabelecendo um sardônico elo evolutivo. As criaturas caninas se desenvolviam a partir dos mortais!

E tão logo eu me perguntei que destino teriam as crias daqueles seres deixadas nos berços aos cuidados dos humanos, meu olhar caiu sobre uma pintura que representava esse exato pensamento. Ela exibia o interior de uma antiga casa puritana — um recinto com pesadas vigas e janelas com gelosias, um banco e canhestros itens de mobília do século XVII, e a família toda sentada ao redor enquanto o pai lia um trecho das Escrituras. Todas as faces ostentavam nobreza e reverência, exceto uma, que refletia o escárnio das profundezas. Esta era a de um jovem rapaz, e sem dúvida pertencia ao suposto filho daquele devoto pai, mas em essência aparentava-se àqueles seres impuros. Era uma das crianças trocadas — e em um espírito de ironia suprema, Pickman havia conferido às feições dela uma semelhança muito perceptível com a sua própria.

A essa altura Pickman havia acendido uma lâmpada em um quarto adjacente e mantinha a porta polidamente aberta para mim, perguntando-me se eu gostaria de ver seus “estudos modernos”. Eu ainda não havia conseguido expressar minhas opiniões a ele — estava por demais emudecido de medo e asco — mas acho que ele compreendeu tudo e sentiu-se altamente elogiado. E quero asseverar novamente a você, Eliot, que não sou nenhuma criança mimada para berrar diante de qualquer coisa que pareça um pouco fora do comum. Sou um homem de meia-idade e razoavelmente sofisticado, e creio que você reconheceu o suficiente na França para saber que não me abalo com facilidade. Lembre-se, também, que eu havia acabado de recuperar o fôlego e de me acostumar àquelas pinturas pavorosas que transformavam a Nova Inglaterra colonial numa espécie de anexo do inferno. Bem, a despeito de tudo isso, a sala seguinte realmente arrancou-me um grito, e tive de me agarrar ao caixilho da porta para não tombar. A outra câmara havia exibido um bando de *ghouls* e bruxas infestando o mundo dos nossos antepassados, mas esta trouxe o horror diretamente à nossa vida cotidiana!

Deus, como aquele homem podia pintar aquilo! Havia um estudo chamado *Acidente no metrô*, em que um rebanho de criaturas vis subia de alguma catacumba desconhecida através de uma fenda no piso do

metrô da Boylston Street e atacava uma multidão de pessoas na plataforma. Outro retratava uma dança entre as tumbas em Copp's Hill com um pano de fundo dos dias de hoje. Depois havia certo número de vistas de porão, com monstros rastejando através de buracos e brechas na alvenaria e arreganhando os dentes enquanto se agachavam atrás de baris ou móveis e aguardavam que sua primeira vítima descesse as escadas.

Uma tela parecia representar uma ampla área de Beacon Hill com incontáveis exércitos de monstros mefíticos se espremendo para fora de tocas que cravejavam o terreno como favos de uma colmeia. Danças nos cemitérios modernos eram retratadas livremente, mas outra representação por algum motivo me chocou mais do que todo o resto — uma cena numa galeria desconhecida em que dezenas daquelas bestas se aglomeravam em torno de uma delas que empunhava um conhecido guia de viagens de Boston e evidentemente lia em voz alta. Todas estavam apontando para uma certa passagem, e todas as faces pareciam de tal forma distorcidas por uma gargalhada epiléptica e reverberante que eu quase pensei ouvir os ecos demoníacos. O título do quadro era *Holmes, Lowell e Longfellow sepultados no Monte Auburn*.

À medida que eu gradualmente me restabelecia e reajustava àquela segunda sala diabólica e mórbida, comecei a analisar alguns aspectos da minha repulsa enojada. Em primeiro lugar, disse a mim mesmo, essas coisas repelem por causa da completa desumanidade e da crueldade insensível que revelavam em Pickman. O sujeito devia ser um inimigo incansável de toda a espécie humana para encontrar tamanho regozijo na tortura do cérebro e da carne e na degradação da nossa morada mortal. Em segundo lugar, elas aterrorizavam exatamente em virtude de sua grandeza. Aquela era uma arte que convencia — quando víamos os quadros, víamos os próprios demônios e os temíamos. E o mais estranho era que Pickman obtinha tal poder sem recorrer ao rebuscamento ou à bizarrice. Nada era borrado, distorcido ou estilizado; os contornos eram nítidos e realistas, e os detalhes eram quase dolorosamente definidos. E as faces!

Não se tratava de mera concepção artística o que víamos; era o pandemônio personificado, cristalino em sua mais pura objetividade. Era exatamente isso, por Deus! O homem não era um fantasista ou um romântico, de modo algum — ele nem mesmo tentava nos conceder a efe-

meridade mutável e prismática dos sonhos, mas refletia de maneira fria e sardônica um mundo de horrores estável, mecanicista e bem estabelecido, que ele via em plenitude, brilho, perfeição e resolução. Só Deus sabe que mundo pode ter sido esse, ou em que lugar ele pode ter divisado as formas blasfemas que galopavam, trotavam e se arrastavam por lá; mas qualquer que fosse a fonte desconcertante dessas imagens, uma coisa era clara: Pickman era, em todos os sentidos — na concepção tanto quanto na execução —, um rematado, meticoloso e quase científico *realista*.

Meu anfitrião agora me conduzia rumo ao porão onde ficava seu estúdio propriamente dito, e eu me preparava para os efeitos infernais que experimentaria entre as telas inacabadas. Quando chegamos ao final da escada úmida ele dirigiu o facho de sua lanterna para um canto do grande espaço aberto que havia ali, revelando o parapeito circular de tijolos do que evidentemente se tratava de um grande poço no chão de terra batida. Chegamos mais perto e eu vi que o poço devia ter um metro e meio de diâmetro, com paredes que bem chegariam a trinta centímetros de espessura e cerca de quinze centímetros acima do solo — uma sólida obra do século XVII, a menos que eu estivesse muito enganado. Aquele, disse Pickman, era o tipo de coisa de que ele havia falado — uma das aberturas da rede de túneis que no passado permeava a colina. Notei quase ao acaso que ele não parecia ser cimentado, e que um pesado disco de madeira aparentemente servia de tampa. Ao pensar nas coisas com as quais aquele poço devia ter sido ligado se as desvairadas sugestões de Pickman não fossem mera retórica, tive um breve estremecimento; depois virei-me para segui-lo por um degrau que dava para uma porta estreita que se abria para um aposento de bom tamanho, provido de assoalho de madeira e mobiliado como um estúdio. Um dispositivo a acetileno fornecia a luz necessária para trabalhar.

As telas inacabadas em seus cavaletes ou apoiadas contra as paredes eram tão horripilantes quanto as já acabadas no andar de cima, e revelavam os métodos meticolosos do artista. As cenas eram esboçadas com cuidado extremo e linhas-guia feitas a lápis denunciavam a minuciosidade com que Pickman obtinha a perspectiva e as proporções corretas. O homem era genial — digo isso mesmo agora, sabendo tudo o que sei. Uma grande câmara sobre uma mesa atraiu minha atenção, e Pickman contou-me que a usava para fotografar os cenários e assim pintá-los a

partir das fotografias, no estúdio, em vez de carregar seus apetrechos pela cidade. Ele considerava uma fotografia quase tão boa quanto um cenário real ou um modelo para o trabalho prolongado, e declarou que as empregava com regularidade.

Havia algo de muito perturbador nos nauseantes esboços e nas monstruosidades semiacabadas que espreitavam de todos os cantos da sala, mas quando Pickman subitamente desvelou uma imensa tela do lado mais afastado da luz, não pude conter um alto grito — o segundo que eu emitia naquela noite. Ele ecoou e ecoou pelas arcadas obscuras daquele porão antigo e salitroso, e eu tive que sufocar uma torrente de reações que ameaçavam explodir em um riso histérico. Piedoso Criador! Eliot, eu não sei quanto daquilo era real e quanto era delírio febril. Não me parece possível que a terra contenha um sonho como aquele!

Era uma blasfêmia colossal e inominável com um fogo rubro nos olhos, e segurava em suas garras ossudas uma coisa que um dia fora um homem, e mastigava-lhe a cabeça como uma criança mordisca um doce. Estava em posição semiagachada, e ao olhá-la parecia que a qualquer momento a criatura largaria sua presa atual em busca de um bocado mais suculento. Mas ao inferno com tudo isso, não era nem mesmo o tema demoníaco que fazia daquele quadro um manancial imorredouro de pânico — nem isso, nem a face canina com suas orelhas pontudas, olhos injetados, nariz achatado e lábios viscosos de baba. Não foram as garras escamosas, nem o corpo empastado de bolor, nem os cascos nos pés — nada disso, embora cada uma dessas coisas pudesse muito bem conduzir um homem excitável à loucura.

Era a técnica, Eliot — a maldita, herética, desnaturada técnica! Tão certo quanto eu estar vivo, nunca vi em nenhum outro lugar o próprio sopro da vida tão amalgamado a uma tela. O monstro estava ali — ele rugia e roía e roía e rugia — eu sabia que somente uma suspensão das leis da natureza poderia permitir que um homem pintasse uma coisa como aquela sem modelo — sem lançar algum olhar ao inframundo que nenhum mortal que não tenha vendido a alma ao Demônio jamais contemplou.

Preso por um percevejo numa parte vazia da tela havia um pedaço de papel então bastante enrolado — provavelmente, pensei, uma fotografia a partir da qual Pickman pretendia pintar um cenário de fundo tão hor-

rendo quando o pesadelo que estava em primeiro plano. Estendi minha mão para desenrolá-la e olhar para ela, e subitamente vi Pickman ter um sobressalto como se recebesse um tiro. Ele havia apurado os ouvidos com peculiar intensidade desde que meu grito de choque despertara ecos inabituais no porão escuro, e agora parecia afetado por um temor que, embora não comparável com o meu, parecia mais físico que espiritual. Ele sacou um revólver e gesticulou para que eu ficasse em silêncio, depois desceu ao porão principal e fechou a porta ao passar.

Acho que fiquei paralisado por um instante. Apurando os ouvidos como Pickman, pensei ter ouvido um leve rumor de correria em algum lugar, e uma série de guinchos ou balidos provindo de uma direção que eu não pude determinar. Pensei em ratos imensos e estremei. Então prorrompeu uma espécie de ruído surdo que por algum motivo causou arrepios por todo meu corpo — um ruído furtivo, tateante, embora eu não consiga me expressar exatamente em palavras. Era como madeira pesada caindo sobre pedras ou tijolos — madeira sobre tijolo — o que me fez pensar nisso?

O ruído sobreveio novamente, e mais alto. Houve uma vibração, como se a madeira tivesse caído mais longe do que na primeira vez. Depois disso, seguiu-se um rangido agudo, uma algaravia gritada por Pickman e a ensurdecadora descarga de todas as seis cápsulas de um revólver, disparadas espetacularmente, como um domador de leões atira para o ar à guisa de efeito cênico. Um guincho ou sibilação abafada, e um baque. Depois novamente o rilhar de madeira sobre tijolo, uma pausa, e a porta se abriu — com o que, eu confesso, levei um violento susto. Pickman reapareceu com sua arma fumegando, maldizendo os ratos empanturrados que infestavam o velho poço.

— Nem o diabo sabe o que eles comem, Thurber — ele disse sorrindo —, pois esses túneis arcaicos passam por sepulturas, covis de bruxas e chegam até a linha costeira. Mas seja o que for, deve estar acabando, pois eles pareciam desesperados para sair. Seu grito os atçou, eu creio. Melhor ser cauteloso nesses lugares muito velhos — nossos amigos roedores são a única desvantagem, embora às vezes eu os considere um patrimônio positivo para criar atmosfera e cor local.

Bem, Eliot, esse foi o fim da aventura daquela noite. Pickman havia prometido mostrar-me o lugar, e Deus sabe que ele o fez. Ele me condu-

ziu por aquele emaranhado de becos em outra direção, ao que parece, pois quando avistamos um poste de iluminação pública estávamos numa rua aparentemente familiar, com monótonas fileiras de edifícios residenciais entremeados de velhas casas. Tratava-se da Charter Street, mas eu estava perturbado demais para reconhecer a que altura nós a tomamos. Era tarde demais para pegar o elevador, e nós caminhamos de volta ao centro pela Hanover Street. Lembro-me bem daquele muro. Da Tremont nós tomamos a Beacon, e Pickman me deixou na esquina da Joy, de onde voltei para casa. Nunca mais falei com ele.

Por que eu o abandonei? Não seja impaciente. Espere eu pedir um café. Já bebemos bastante outras coisas, mas ainda preciso de algo mais. Não — não foi pelas pinturas que vi naquele lugar; embora eu jure que elas eram suficientes para decretar seu ostracismo em nove entre dez lares e clubes de Boston, e garanto que a partir de agora você não vai mais se perguntar por que eu mantenho distância de metrô e porões. Foi — por algo que eu encontrei no meu casaco na manhã seguinte. Você já sabe, o papel enrolado fixado àquela tela pavorosa no porão; aquilo que eu pensei que fosse a fotografia de algum lugar que ele pretendia usar como cenário de fundo para aquele monstro. Aquele último susto aconteceu enquanto eu a tentava desenrolá-la, e parece que eu distraidamente a enfiar no meu bolso. Mas aqui está o café — tome-o puro, Eliot, se você for prudente.

Sim, aquele papel foi o motivo por que eu abandonei Pickman; Richard Upton Pickman, o maior artista que eu já conheci — e o ser mais sórdido que já ultrapassou as fronteiras da vida rumo aos abismos do mito e da loucura. Eliot — o velho Reid estava certo. Ele não era inteiramente humano. Ou ele nasceu em sombras estranhas, ou encontrou um meio de destrancar o portão proibido. Dá no mesmo agora, pois ele se foi — retornou às trevas fabulosas que adorava frequentar. Venha, vamos acender o candelabro.

Não me peça para explicar ou mesmo conjecturar sobre o que eu queimei. Não me pergunte, tampouco, o que estava por trás daquele rastejar de toupeiras que Pickman tão ansiosamente queria fazer passar por ratos. Há segredos, você bem sabe, que podem remontar aos tempos de Salem, e Cotton Mather fala de coisas ainda mais estranhas. Você sa-

be o quanto as pinturas de Pickman eram realistas — como todos se perguntavam onde ele encontrava aqueles rostos.

Bem — aquele papel não era a fotografia de algum cenário, afinal. O que ela exibia era simplesmente o ser monstruoso que ele estava pintando naquela tela horrenda. Era o modelo que ele estava usando — e o pano de fundo era apenas a parede do estúdio no porão em seus mínimos detalhes. Mas, por Deus, Eliot, *era a fotografia de um ser real*.



A História do *Necronomicon*

∴

History of the Necronomicon (1926)

A History of the Necronomicon (1938)

Este breve ensaio foi escrito por volta de 1926 como um documento de referência para que ele pudesse manter suas histórias retas e sincronizadas quando o Necronomicon fosse mencionado, e para os outros escritores em seu círculo de amigos que ocasionalmente o usassem em suas próprias histórias.

Embora nunca tenha sido planejado para publicação, em 1938, após a morte de Lovecraft, o colega jornalista amador Wilson Shepherd publicou uma “Edição Memorial Limitada” como uma peça autônoma, um tipo de livro de folhetos do tamanho de um panfleto, sob sua marca, Rebel Press.



Título original: *Al Azif* — sendo *azif*^[1] a palavra empregada pelos árabes para designar aquele som noturno (produzido por insetos) que se atribui à ululação dos demônios.^[2]

Composto por Abdul Alhazred, um poeta louco de Sanaá, no Iêmen, que dizem ter florescido durante a época do califado Omíada, por

volta de 700 d.C. Ele visitou as ruínas da Babilônia e os segredos subterrâneos de Mênfis, e passou dez anos sozinho no grande deserto meridional da Arábia — o Roba el Khaliyeh, ou “Espaço Vazio”, dos antigos e Dahna, ou deserto “Carmesim”, para os árabes modernos —, que se acredita ser habitado por malignos espíritos protetores e por monstros letais. Os que alegam ter desbravado esse deserto contam sobre ele muitas maravilhas estranhas e inacreditáveis. Em seus últimos anos de vida, Alhazred residiu em Damasco, onde o *Necronomicon* (*Al Azif*) foi escrito, e sobre sua derradeira morte ou desaparecimento (738 d.C.), muitas coisas terríveis e contraditórias são contadas. Ebn Khallikan (biógrafo do século XII) afirma que ele teria sido capturado por um monstro invisível em plena luz do dia e devorado horivelmente diante de um grande número de testemunhas atônitas. De sua loucura, muito foi dito. Ele alegava ter visto a fabulosa Irem, a Cidade dos Pilares, e encontrado sob as ruínas de certa urbe sem nome no meio do deserto os anais e segredos chocantes de uma raça mais antiga que a humanidade. Era indiferente à fé muçulmana, pois adorava entidades desconhecidas, às quais chamava Yog-Sothoth e Cthulhu.

No ano de 950 d.C., o *Azif*, que havia conquistado uma considerável, ainda que sub-reptícia, circulação entre os filósofos da época, foi secretamente traduzido para o grego por Theodorus Philetas de Constantinopla, sob o título de *Necronomicon*. Durante um século o livro motivou certos pesquisadores a realizar experimentos terríveis, mas então foi suprimido e queimado pelo patriarca Miguel. Depois disso, falou-se dele apenas de maneira furtiva, porém mais tarde (1228) Olaus Wormius fez uma tradução latina, ainda na Idade Média, cujo texto foi impresso duas vezes — uma no século XV, em caracteres góticos (evidentemente na Alemanha), e outra no século XVII (provavelmente na Espanha) — ambas edições sem marcas de identificação, sendo possível estimar sua datação e origem apenas por meio de evidências tipográficas internas. A obra, tanto em latim quanto em grego, foi banida pelo papa Gregório IX em 1232, pouco depois de sua tradução para a língua latina, que chamou a atenção para ela. O original árabe se perdeu ainda na época de Wormius, conforme indicam as notas do prefácio; e nenhum sinal da cópia grega — que foi impressa na Itália entre 1500 e 1550 — tem sido reportado desde o incêndio da biblioteca de um certo habitante de Salem, em

1692. Uma tradução inglesa feita pelo dr. Dee nunca chegou a ser impressa, e existe apenas em fragmentos recobertos do manuscrito original. Quanto ao texto latino, sabe-se que há um exemplar (século XV) ainda existente no Museu Britânico, trancado a chave, e outro (século XVII) na Bibliothèque Nationale de Paris. Uma edição do século XVII encontra-se na Widener Library, em Harvard, e outro na biblioteca da Universidade do Miskatonic, em Arkham. Também na biblioteca da Universidade de Buenos Aires. Numerosas outras cópias são provavelmente conservadas em segredo, e há um rumor persistente de que um exemplar do século XV faria parte da coleção de um célebre milionário americano. Um rumor ainda mais vago refere-se à preservação de um exemplar do texto grego do século XVI pela família Pickman, de Salem; mas se este de fato foi preservado, desapareceu com o artista R.U. Pickman, que sumiu em 1926. O livro é rigorosamente proibido pelas autoridades da maioria dos países e por todos os ramos do clero organizado. Sua leitura leva a consequências terríveis. Foi a partir de rumores sobre esse livro (a respeito do qual o público em geral sabe relativamente pouco) que R. W. Chambers supostamente teria extraído a ideia de seu primeiro romance, *O Rei de Amarelo*.^[3]

Cronologia

O *Al Azif* é escrito por volta de 730 d.C., em Damasco, por Abdul Alhazred.

Tradução para o grego em 950 d.C., como *Necronomicon*, por Theodorus Philetas.

Queimado pelo patriarca Miguel em 1050 (i.e., o texto grego). Texto árabe atualmente perdido.

Olaus o traduz do grego para o latim, 1228.

1232, edição latina (e grega) suprimida pelo papa Gregório IX.

14...: edição impressa em caracteres góticos (Alemanha).

15...: texto grego impresso na Itália.

16...: reimpressão espanhola do texto latino.^[4]



Os Sonhos na Casa da Bruxa

∴

The Dreams in the Witch House (1932)

Weird Tales (jul. 1933)

Sem dúvida, Lovecraft mordeu mais do que poderia mastigar quando se propôs a escrever uma história que daria uma credibilidade científica às lendas da bruxaria de Salem. E mesmo assim ele consegue, ainda que com algumas falhas aqui e acolá.

Em fevereiro de 1932, quando “Os sonhos na casa da bruxa” foi concluído, Lovecraft mostrou a história a seus amigos lhes pedindo opiniões, e Derleth, a quem Lovecraft realmente deveria conhecer bem, foi um pouco pesado demais em suas críticas. (Em defesa de Derleth, ele era um católico praticante, e o conto provavelmente acertou um ou dois de seus nervos espirituais.)

Lovecraft, mais uma vez desprovido de confiança, desistiu da história. Felizmente, Derleth, talvez arrependido de sua franqueza, convenceu Lovecraft a deixá-lo copiar o manuscrito, ele então, às escuras, passou para Farnsworth Wright da *Weird Tales*. Wright rapidamente entrou em contato com Lovecraft e comprou a história.



Se os sonhos provocaram a febre ou a febre provocou os sonhos, Walter Gilman não sabia dizer. Por trás de tudo se escondia o horror lúgubre e pestilento da antiga cidade, e daquele canto de sótão bolorento e iníquo onde ele escrevia, estudava e embatia-se com figuras e fórmulas, quando não estava atirado na miserável cama de ferro. Seus ouvidos haviam se tornado sensíveis a um grau preternatural e intolerável, e há muito ele detivera o relógio barato da lareira, cujo tiquetaquear passara a parecer-lhe uma carga de artilharia. À noite, a sutil agitação da cidade às escuras do lado de fora, o sinistro tropel dos ratos nas divisórias carcomidas e o ranger de tábuas ignoradas na casa centenária eram suficientes para provocar-lhe a sensação de um estridente pandemônio. A escuridão sempre fervilhava de sons inexplicáveis — no entanto ele às vezes tremia com o medo de que os barulhos que escutava pudessem cessar, permitindo que ouvisse certos outros ruídos mais tênues, que suspeitava estivessem à espreita atrás de si.

Encontrava-se na imutável cidade assombrada por lendas de Arkham, com seu aglomerado de telhados de duas águas que oscilavam e vergavam sobre sótãos onde bruxas se escondiam das tropas do rei nos sombrios velhos dias da Província. Porém, nenhum local daquela cidade era mais impregnado de lembranças macabras que o quarto de empena que o abrigava — pois havia sido aquela casa e aquele quarto que igualmente abrigaram a velha Keziah Mason, cuja fuga final da cadeia de Salem ninguém jamais conseguiu explicar. Isso foi em 1692 — o carcereiro havia enlouquecido e balbuciava sobre uma coisinha peluda de presas brancas que correria para fora da cela de Keziah, e nem mesmo Cotton Mather pôde elucidar as curvas e ângulos lambuzados na pedra cinzenta com algum fluido vermelho e viscoso.

É possível que Gilman não tivesse estudado com tanta intensidade. Cálculo não euclidiano e física quântica são suficientes para sobrecarregar qualquer cérebro; e quando alguém os mistura com folclore e tenta traçar um estranho pano de fundo de realidade multidimensional por trás das sugestões fantasmagóricas dos contos góticos e das extravagantes histórias sussurradas ao pé da lareira, dificilmente se pode esperar que esteja inteiramente livre de tensão mental. Gilman era proveniente

de Harverhill, mas foi somente depois de entrar na faculdade em Arkham que ele começou a ligar seus estudos de matemática com as lendas fantásticas da antiga magia. Alguma coisa na atmosfera da propecta cidade agiu de maneira obscura na sua imaginação. Os professores da Miskatonic haviam-no instado a moderar-se, e voluntariamente abreviaram seu curso em vários pontos. Além disso, eles haviam-no impedido de consultar os duvidosos livros antigos sobre segredos proibidos que eram guardados a sete chaves nos subterrâneos da biblioteca da universidade. Mas todas essas precauções chegaram tarde demais, pois Gilman tivera alguns terríveis vislumbres do temível *Necronomicon* de Abdul Alhazred, do fragmentário *Livro de Eibon*,^[1] e do interdito *Unaussprechlichen Kulten*, de von Junzt,^[2] para correlacionar com suas fórmulas abstratas sobre as propriedades do espaço e com as ligações entre as dimensões conhecidas e desconhecidas.

Ele sabia que seu quarto ficava na velha Casa da Bruxa — esse, na verdade, foi o motivo por que o alugou. Havia muita coisa nos registros de Essex County sobre o julgamento de Keziah Mason, e o que ela admitira sob pressão ao Tribunal *Oyer and Terminer*^[3] havia fascinado Gilman além dos limites da razão. Ela contara ao juiz Hawthorne sobre linhas e curvas que podiam ser traçadas de forma a apontar direções que levavam através das paredes do espaço para outros espaços além do nosso, e sugerira que tais linhas e curvas eram usadas com frequência em certos encontros realizados à meia-noite no escuro vale da pedra branca que ficava além de Meadow Hill, assim como na ilha desabitada do rio. Falara também sobre o Homem Negro, sobre o seu juramento e o seu novo nome secreto, Nahab. Depois ela desenhou aqueles esquemas nas paredes da sua cela e desapareceu.

Gilman acreditava em estranhas coisas a respeito de Keziah, e sentira um estranho calafrio ao descobrir que a residência dela ainda estava de pé após mais de 235 anos. Quando ouviu os sussurros abafados de Arkham sobre a persistência da presença de Keziah na velha casa e nas ruas estreitas, sobre as anômalas marcas de dentes humanos em certas pessoas adormecidas naquela e em outras residências, sobre os prantos infantis ouvidos às vésperas do 1º de maio e do Dia de Todos os Santos, sobre o fedor notado com frequência no sótão da velha casa logo depois daquelas temíveis datas e sobre a pequena coisa peluda de dentes afiados

que assombrava a edificação bolorenta e a cidade, e curiosamente farejava as pessoas nas horas mortas antes do amanhecer, resolveu morar no local a qualquer custo. O quarto foi fácil de conseguir, pois a casa era impopular, difícil de ser alugada, e há muito dedicava-se aos alojamentos baratos. Gilman não sabia dizer o que esperava encontrar ali, mas sabia que queria estar no edifício onde algumas circunstâncias haviam, de maneira mais ou menos abrupta, fornecido a uma velha mulher medíocre do século XVII alguma percepção de profundidades matemáticas que talvez superassem as mais modernas descobertas de Planck, Heisenberg, Einstein e Sitter.

Ele estudou as paredes de madeira e reboco em busca de algum vestígio de desenhos crípticos em qualquer ponto que o papel de parede descascado tornasse acessível, e dentro de uma semana conseguiu o quarto no lado leste do sótão, onde Keziah supostamente havia praticado seus encantamentos. O aposento estivera vago desde o início — pois ninguém jamais se dispôs a permanecer ali por muito tempo —, mas o senhorio polonês havia desenvolvido escrúpulos em alugá-lo. No entanto, absolutamente nada aconteceu a Gilman até a época da febre. Nenhuma Keziah fantasmagórica adejou pelos corredores e aposentos sombrios, nenhuma criaturinha peluda se esgueirou para dentro do seu lúgubre ninho a fim de farejá-lo, e nenhum registro dos encantamentos da feiticeira recompensou sua busca incessante. Às vezes ele fazia caminhadas por entrelaçamentos sombrios de alamedas sem pavimento e cheirando a musgo, onde lúgubres casas marrons de idade desconhecida inclinavam-se, bambolevam e espreitavam-no zombeteiramente através de suas janelas estreitas de vidraças pequenas. Ali ele soube que coisas estranhas haviam acontecido, e transparecia sob a superfície uma tênue sugestão de que nem tudo naquele passado monstruoso — ao menos nos becos mais escuros, estreitos e intrincadamente tortuosos — teria perecido por completo. Também remou duas vezes até a malafamada ilha do rio, e fez um croqui dos singulares ângulos descritos pelas fileiras cobertas de musgo de pedras cinzentas expostas, cuja origem era tão obscura e imemorial.

O quarto de Gilman era de bom tamanho, mas tinha um formato estranhamente irregular; a parede norte inclinava-se perceptivelmente para dentro, da extremidade mais externa para a mais interna, enquanto o te-

to baixo tinha um declive suave na mesma direção. Tirando um óbvio buraco de rato e sinais de outros que haviam sido obstruídos, não havia acesso — nem qualquer aparência de alguma antiga passagem de acesso — para o espaço que devia ter existido entre a parede inclinada e a parede externa reta no lado norte da casa, embora uma observação do exterior mostrasse o local onde uma janela fora coberta por tábuas numa data muito remota. O desvão acima do forro — que devia ter possuído um piso inclinado — era igualmente inacessível. Quando Gilman subiu por uma escada até o desvão nivelado e coberto de teias de aranha sobre o resto do sótão, encontrou vestígios de uma antiga abertura firme e fortemente coberta com velhas pranchas fixadas pelas robustas cavilhas de madeira comuns na carpintaria colonial. Nenhum volume de persuasão, porém, conseguiu induzir o inflexível senhorio a deixá-lo investigar qualquer daqueles dois espaços fechados.

Com o passar do tempo, seu interesse pela parede e o teto irregulares do seu quarto cresceu, pois começou a ver nos ângulos estranhos um significado matemático que parecia oferecer vagas pistas quanto ao propósito a que se destinavam. A velha Keziah, refletiu ele, talvez tivesse excelentes razões para viver em um quarto com ângulos peculiares; pois não era através de certos ângulos que ela alegava ter deixado as fronteiras do mundo espacial que conhecemos? Seu interesse gradualmente tomou outro rumo, deixando os recessos impenetráveis por trás das superfícies inclinadas, uma vez que agora lhe parecia que o propósito de tais superfícies dizia respeito ao lado em que ele já se encontrava.

O acesso de febre cerebral e os sonhos começaram no início de fevereiro. Por algum tempo, aparentemente, os ângulos curiosos do quarto de Gilman exerceram um efeito estranho e quase hipnótico sobre ele, e à medida que o gélido inverno avançava ele se via contemplando cada vez mais intensamente o canto onde o teto descendente encontrava a parede inclinada para dentro. Por volta desse período, sua incapacidade para concentrar-se em seus estudos formais preocupava-o consideravelmente, e suas apreensões com os exames da metade do ano eram muito agudas. Mas o exagerado sentido da audição era quase igualmente incômodo. A vida havia se tornado uma insistente e quase insuportável cacofonia, e havia a constante, aterrorizante impressão de outros sons — talvez vindos de regiões além da vida — vibrando no próprio limite da audibi-

lidade. No que dizia respeito aos ruídos concretos, os ratos nas antigas divisórias eram os piores. Às vezes o arranhar deles parecia não apenas furtivo, mas deliberado. Quando vinha de trás da parede inclinada do lado norte, misturava-se a uma espécie de chocalhar seco — e quando vinha do desvão fechado há um século acima do teto inclinado, Gilman sempre se retesava, como se esperasse algum horror que só aguardava o momento certo antes de descer para engoli-lo por completo.

Os sonhos estavam inteiramente além do limite da sanidade, e Gilman sentiu que deviam ser o resultado, somado, de seus estudos de matemática e de folclore. Havia pensado demais nas vagas regiões que suas fórmulas diziam-lhe que deveria haver além das três dimensões que conhecemos, e sobre a possibilidade de que a velha Keziah Mason — guiada por alguma influência além de qualquer conjectura — realmente encontrara a passagem para essas regiões. Os amarelados registros municipais que continham seu testemunho e o de seus acusadores eram terrivelmente sugestivos de coisas além da experiência humana — e as descrições do pequeno objeto peludo e dardejante que a servia como familiar eram dolorosamente realistas, a despeito de seus detalhes inacreditáveis.

Esse objeto — não maior do que um rato de bom tamanho e singularmente chamado pelos habitantes da cidade de “Brown Jenkin” — parecia-lhe ter sido o fruto de um notável caso de delírio simpático em massa, pois em 1692 não menos do que onze pessoas testemunharam tê-lo avistado. Havia rumores recentes, também, com uma confusa e desconcertante soma de concomitâncias. Testemunhas diziam que ele tinha pelos longos e a forma de um rato, mas que seus dentes afiados e sua face barbada eram diabolicamente humanos, enquanto suas patas eram como pequeninas mãos. Ele transportaria mensagens entre a velha Keziah e o diabo, e era nutrido com o sangue da bruxa, que sugava como um vampiro. Sua voz era uma espécie de riso abominável, e podia falar todas as línguas. De todas as monstruosidades bizarras nos sonhos de Gilman, nada o encheu de mais pânico e náusea do que esse híbrido blasfemo e diminuto, cuja imagem esvoaçava diante da sua vista numa forma mil vezes mais odiosa do que qualquer coisa que sua mente desperta teria deduzido a partir dos registros antigos e dos boatos modernos.

Os sonhos de Gilman consistiam em grande parte de mergulhos através de abismos ilimitados imersos numa penumbra de cores incompreensíveis e sons desconcertantemente desordenados; abismos sobre cujas propriedades materiais e gravitacionais e sobre cuja relação com seu próprio ser ele não conseguia nem mesmo iniciar uma explicação. Ele não caminhava nem escalava, não voava nem nadava, não rastejava nem serpeava; mas sempre experimentava um modo de se movimentar que era em parte voluntário e em parte involuntário. Quanto à sua própria condição ele não podia julgar bem, pois a visão de seus braços, pernas e tronco parecia sempre interrompida por algum estranho desarranjo de perspectiva; mas sentia que sua organização física e suas faculdades eram de algum modo maravilhosamente transmudadas e obliquamente projetadas — embora não sem uma certa relação grotesca com suas proporções e propriedades normais.

Os abismos de modo algum estavam desertos, mas sim povoados de massas indescritivelmente angulares de alguma substância de tons alienígenas, algumas das quais aparentavam ser orgânicas, enquanto outras pareciam inorgânicas. Alguns dos objetos orgânicos tendiam a despertar vagas lembranças no fundo de sua mente, embora não conseguisse formar uma ideia consciente do que elas zombeteiramente evocavam ou sugeriam. Nos sonhos mais tardios ele começou a distinguir categorias separadas nas quais os objetos orgânicos pareciam se dividir, e que aparentemente envolviam em cada caso uma espécie radicalmente distinta de padrões comportamentais e motivações básicas. Entre essas categorias, uma pareceu-lhe incluir objetos ligeiramente menos ilógicos e irrelevantes em seus movimentos do que os membros das demais.

Todos os objetos — orgânicos e inorgânicos indistintamente — estavam totalmente além da possibilidade de descrição e mesmo de compreensão. Gilman às vezes comparava as massas inorgânicas a prismas, labirintos, aglomerados de cubos e planos e construções ciclópicas; e as coisas orgânicas pareciam-lhe variegadamente grupos de bolhas, octópodes, centípedes, ídolos hindus viventes e intrincados arabescos despertados numa espécie de animação ofídica. Tudo o que viu era indizivelmente ameaçador e horrível, e sempre que uma das entidades orgânicas parecia, por seus movimentos, tê-lo notado, sentia um medo absoluto e detestável que geralmente despertava-o com um sobressalto. Sobre

o modo como as entidades orgânicas se locomoviam, ele não podia dizer mais do que sobre como ele próprio se movimentava. Com o tempo ele observou um mistério adicional — a tendência de certas entidades a aparecer subitamente de um espaço vazio, ou desaparecer totalmente de modo igualmente repentino. A confusão sonora de gritos e bramidos que permeava os abismos estava fora do alcance de qualquer análise de diapasão, timbre ou ritmo, mas parecia estar sincronizada com vagas modificações visuais em todos os objetos indefinidos, tanto orgânicos quanto inorgânicos. Gilman tinha um constante sentimento de temor que podia se elevar a algum grau insuportável de intensidade durante uma ou outra de suas obscuras e implacavelmente inevitáveis flutuações.

Mas não foi nesses vórtices de completa alienação que ele viu Brown Jenkin. Aquele pequeno e chocante horror reservava-se a certos sonhos mais superficiais e nítidos que o acometiam pouco antes de mergulhar nas profundezas plenas do sono. Ele estaria deitado no escuro, lutando para se manter acordado quando um débil clarão bruxuleante pareceria cintilar à volta do quarto centenário, revelando numa névoa violácea a convergência de planos angulares que haviam se apoderado de seu cérebro de maneira tão insidiosa. O horror pareceria brotar do buraco de rato no canto e correr em direção a ele pelo assoalho cedente de tábuas largas, com uma expectativa maligna em sua pequenina face humana barbada — mas misericordiosamente esse sonho sempre se dissolvia antes que o objeto chegasse perto o bastante para tocá-lo. Aquilo tinha caninos diabolicamente longos e afiados. Gilman tentava obstruir o buraco de rato todos os dias, mas a cada noite os verdadeiros inquilinos dos tabiques sempre roíam os obstáculos, quaisquer que fossem. Uma vez ele pediu para o senhorio pregar uma chapa de lata sobre o orifício, mas na noite seguinte os ratos roeram um novo buraco — ao fazê-lo, eles empurraram ou arrastaram para dentro do quarto um pequeno e curioso fragmento de osso.

Gilman não comunicou sua febre ao médico, pois sabia que não passaria nos exames se fosse mandado para a enfermaria da faculdade, quando cada momento era necessário para que ele se preparasse. Mesmo assim, foi reprovado em Cálculo D e Psicologia Geral Avançada, embora ainda houvesse esperança de recuperar o terreno perdido antes do final do ano letivo. Foi em março que o elemento novo entrou no seu so-

nho preliminar mais leve, e a forma de pesadelo de Brown Jenkin começou a vir acompanhada pelo borrão nebuloso que cada vez mais passava a se assemelhar a uma velha mulher encurvada. Esse acréscimo perturbou-o mais do que ele poderia explicar, mas por fim concluiu que aquilo se parecia com uma velha encarquilhada que por duas vezes ele de fato havia encontrado no entrecruzamento escuro de becos perto do cais abandonado. Naquelas ocasiões, o encarar maldoso, sardônico e aparentemente sem motivo da megera quase o havia abalado — especialmente da primeira vez, quando um rato superdesenvolvido que dardejara através da entrada de um beco das imediações fizera-o pensar irracionalmente em Brown Jenkin. Agora, ele refletiu, aqueles temores nervosos espelhavam-se nos seus sonhos desordenados.

Que a influência da velha casa era insalubre, ele não podia negar; porém, traços do seu interesse mórbido anterior ainda o mantinham ali. Ele argumentava que a febre era a única responsável por suas fantasias noturnas, e que quando os acessos parassem estaria livre das visões monstruosas. Essas visões, entretanto, eram de detestável nitidez e persuasão, e sempre que despertava ele retinha um vago sentimento de ter passado por muito mais do que se recordava. Estava terrivelmente seguro de que em sonhos não recordados ele havia conversado tanto com Brown Jenkin quanto com a velha mulher e que ambos o instavam a ir com eles a algum lugar e conhecer um terceiro ser de grande poder.

Perto do final de março ele começou a se aplicar em matemática, embora outros estudos o entediasssem cada vez mais. Vinha desenvolvendo um talento intuitivo para resolver equações riemannianas, e surpreendeu o professor Upham por seu entendimento da quarta dimensão e outros problemas que haviam derrubado o resto da classe. Certa tarde houve uma discussão sobre possíveis curvaturas excêntricas do espaço e sobre argumentos teóricos quanto à aproximação ou mesmo o contato entre a nossa parte do cosmos e várias outras regiões tão distantes quanto as mais longínquas estrelas ou os próprios abismos transgalácticos — ou ainda, tão fabulosamente remotas quanto as unidades cósmicas concebíveis hipoteticamente além de todo o *continuum* espaço-temporal einsteiniano. O tratamento dado por Gilman a esse tema encheu todos de admiração, embora alguns de seus exemplos teóricos acentuassem os sempre fartos rumores sobre sua excentricidade nervosa e solitária. O

que fez com que os estudantes sacudissem suas cabeças foi sua sóbria proposição de que um homem poderia — considerando um conhecimento matemático assumidamente além de toda probabilidade de aquisição humana — dar um passo deliberado da terra para qualquer outro corpo celestial que pudesse se encontrar em algum dentre uma infinidade de pontos específicos do tecido cósmico.

Tal passo, ele disse, exigiria apenas dois estágios; primeiro, uma passagem para fora da esfera tridimensional que conhecemos e, segundo, uma passagem de volta a qualquer outro ponto da esfera tridimensional, talvez de distância infinita. Que isso pudesse ser realizado sem perda de vida era em muitos casos concebível. Qualquer ser de qualquer parte do espaço tridimensional provavelmente sobreviveria na quarta dimensão; e sua sobrevivência ao segundo estágio dependeria de que porção extraterrestre do espaço tridimensional ele escolhesse para a sua reentrada. Habitantes de alguns planetas poderiam ser capazes de viver em alguns outros — mesmo planetas pertencentes a outras galáxias, ou a fases dimensionais similares de outros *continua* espaço-temporais — embora fosse claro que deveria existir vastos números de corpos ou zonas do espaço reciprocamente inabitáveis, ainda que matematicamente justapostos.

Era também possível que os habitantes de um determinado âmbito dimensional pudessem sobreviver à entrada em muitos domínios desconhecidos e incompreensíveis de dimensões adicionais ou infinitamente multiplicadas — estejam elas dentro ou fora de determinado *continuum* espaço-temporal — e que o oposto fosse da mesma forma verdadeiro. Isso era tema de especulação, embora se pudesse ter plena segurança de que o tipo de mutação envolvida numa passagem de qualquer plano dimensional dado ao plano mais alto seguinte não seria destrutivo à integridade biológica tal como a entendemos. Gilman podia não ser muito claro sobre suas razões para esta última suposição, mas seu obscurantismo aqui era mais do que contrabalançado por sua clareza em outros pontos complexos. O professor Upham gostou particularmente de sua demonstração do parentesco da alta matemática com certas fases da tradição mágica transmitidas ao longo de eras desde uma inefável antiguidade — humana ou pré-humana — cujo conhecimento do cosmos e de suas leis era maior do que o nosso.

Por volta do dia 1º de abril, Gilman passou a se preocupar consideravelmente porque sua febre prolongada não cedia. Também estava perturbado pelo que alguns de seus companheiros de alojamento disseram sobre seu sonambulismo. Aparentemente, ele se ausentava com frequência de sua cama, e o ranger do seu assoalho a certas horas da noite foi notado pelo homem do quarto de baixo. Esse sujeito também disse ter ouvido o andar de pés calçados durante a noite; mas Gilman tinha certeza de que ele devia estar enganado quanto a isso, uma vez que os sapatos, assim como outras peças de vestuário sempre se encontravam precisamente no mesmo lugar pela manhã. Podia-se desenvolver toda sorte de ilusões auditivas naquela mórbida casa velha, pois o próprio Gilman, mesmo à luz do dia, não estava agora convencido de que outros ruídos além do raspar dos ratos partiam dos escuros espaços vazios por trás da parede inclinada e de cima do teto descendente? Seus ouvidos patologicamente sensíveis começaram a se pôr à escuta de tênues sons de passos no desvão imemorialmente selado acima dele, e às vezes a ilusão de tais coisas era angustiantemente realista.

No entanto, ele sabia que de fato havia se tornado um sonâmbulo, pois, por duas vezes o seu quarto fora encontrado vazio durante a noite, embora todas as suas roupas estivessem no lugar. Disso ele havia sido assegurado por Frank Elwood, o único companheiro de estudos cuja pobreza o forçara a alugar um quarto naquela casa esquelética e impopular. Elwood estava estudando madrugada adentro e havia subido em busca de ajuda para uma equação diferencial, apenas para descobrir que Gilman se ausentara. Havia sido um tanto insolente de sua parte abrir a porta destrancada depois que suas batidas fracassaram em obter uma resposta, mas ele precisava muito da ajuda e achou que seu anfitrião não se importaria em ser acordado com um leve cutucão. Em nenhuma das duas ocasiões, porém, Gilman estava lá — e quando o caso lhe foi contado ele se perguntou por onde poderia ter vagado, com os pés descalços e vestindo apenas os seus trajes de dormir. Ele resolveu que investigaria o assunto caso os relatos de seu sonambulismo continuassem, e pensou em polvilhar farinha no chão do corredor para ver onde seus passos poderiam levar. A porta era a única saída viável pois não havia pontos de apoio possíveis do lado de fora da janela estreita.

À medida que o mês de abril avançava, os ouvidos aguçados pela febre de Gilman foram perturbados pelas preces chorosas de um operário têxtil supersticioso chamado Joe Mazurewicz, que ocupava um quarto no andar térreo. Mazurewicz contara histórias longas e incoerentes sobre o fantasma da velha Keziah e a criatura peluda, farejadora e de presas afiadas, e dissera que certas vezes era tão assombrado com tanta perversidade que somente seu crucifixo de prata — que lhe fora dado com esse propósito pelo padre Iwanicki, da Igreja de St. Stanislaus — podia trazer-lhe alívio. Agora ele rezava porque o Sabá das Feiticeiras estava se aproximando. A véspera de primeiro de maio era a Noite de Walpurgis, quando os mais negros males do inferno vagavam pela terra e todos os escravos de Satã se reuniam para praticar ritos e façanhas inomináveis. Era sempre uma época muito ruim em Arkham, ainda que as pessoas refinadas da Miskatonic Avenue e das ruas High e Saltonstall fingissem nada saber a respeito. Haveria malefícios, e uma ou duas crianças provavelmente desapareceriam. Joe sabia sobre tais coisas, pois sua avó no velho país ouvira histórias da avó dela. Era prudente rezar e seguir o rosário nessa época. Havia três meses que Keziah e Brown Jenkin não se aproximavam do quarto de Joe, nem do de Paul Choynski, nem de ninguém mais — e não era nada bom quando eles se afastavam desse jeito. Deviam estar preparando algo.

Gilman visitou o consultório do médico no dia 16 daquele mês, e ficou surpreso ao descobrir que sua temperatura não estava alta como ele temia. O clínico questionou-o com severidade e aconselhou-o a ver um especialista em nervos. Ao refletir a respeito, sentiu-se satisfeito por não ter consultado o ainda mais inquisitivo médico da faculdade. O velho Waldron, que já havia restringido suas atividades antes, tê-lo-ia feito repousar — uma coisa impossível agora que estava tão perto dos grandes resultados de suas equações. Certamente estava próximo da fronteira entre o universo conhecido e a quarta dimensão, e quem poderia dizer quão mais longe poderia chegar?

Porém, no mesmo instante em que esses pensamentos lhe ocorriam ele se perguntava qual era a fonte de sua estranha confiança. Toda aquela arriscada sensação de iminência vinha das fórmulas nas folhas de papel que ele cobria diariamente? Os suaves e furtivos passos imaginários no desvão vedado acima dele eram enervantes. E agora também havia um

sentimento crescente de que alguém estava tentando constantemente persuadi-lo a realizar algo terrível que ele não podia fazer. E quanto ao sonambulismo? Para onde ele ia durante certas noites? E o que era aquela leve sugestão sonora que de vez em quando parecia permear a enlouquecedora confusão de ruídos identificáveis mesmo em plena luz do dia e em total vigília? Seu ritmo não correspondia a nada sobre a terra, a não ser, talvez, à cadência de um ou dois inefáveis cânticos de Sabá, e às vezes ele temia que aquilo correspondesse a certos atributos dos vagos gritos e bramidos naqueles totalmente extraterrenos abismos de sonho.

Os sonhos, nesse meio tempo, tornavam-se atrozes. Na fase preliminar mais superficial, a velha maligna era agora de uma nitidez diabólica, e Gilman sabia que era a mesma que o havia assustado nos bairros pobres. Suas costas curvadas, o longo nariz e o queixo murcho eram inconfundíveis, e seus trajes castanhos sem corte definido eram tais como ele se recordava. A expressão no rosto dela era de medonha malevolência e exultação, e quando ele despertava, podia recordar uma voz crocante que o persuadia e ameaçava. Ele devia encontrar o Homem Negro, e ir com eles todos ao trono de Azathoth, no centro do caos derradeiro. Foi isso o que ela disse. Ele deveria assinar com seu próprio sangue o livro de Azathoth e adotar um novo nome secreto, agora que suas investigações independentes haviam chegado tão longe. O que o impediu de ir com ela, Brown Jenkin e o outro ao trono do Caos onde os flautins agudos tocam em alheamento foi o fato de que ele vira o nome “Azathoth” no *Necronomicon*, e sabia que se referia a um mal primordial horrível demais para ser descrito.

A velha sempre aparecia no ar rarefeito junto ao canto onde o declive do teto encontrava a inclinação da parede para o interior. Ela parecia se cristalizar num ponto mais próximo do teto que do chão, e a cada noite estava um pouco mais próxima e mais distinta antes de o sonho mudar. Brown Jenkin também estava sempre um pouco mais próximo no final, e suas presas branco-amareladas reluziam horivelmente naquela fosforescência violácea. Seu repulsivo riso agudo penetrava cada vez mais na cabeça de Gilman, e ele conseguia se lembrar pela manhã que aquela coisa havia pronunciado as palavras “Azathoth” e “Nyarlathotep”.

Nos sonhos mais profundos, tudo era igualmente mais distinto, e Gilman sentiu que os abismos penumbrais à sua volta eram os da quarta dimensão. Aquelas entidades orgânicas cujos movimentos pareciam menos flagrantemente irrelevantes e imotivados eram provavelmente projeções de formas de vida do nosso planeta, incluindo seres humanos. O que as outras eram em sua própria esfera ou esferas dimensionais ele não ousava sequer tentar imaginar. Duas das formas animadas menos irrelevantes — uma congêrie particularmente grande de bolhas iridescentes e de forma esferoidal prolata, e um poliedro muito menor e de cores desconhecidas, que rapidamente alterava os ângulos de sua superfície — pareciam ter notado a sua presença e o seguiam ou flutuavam à sua frente quando ele mudava de posição em meio aos titânicos prismas, labirintos, aglomerados de cubos e planos e quase edifícios; e a cada momento os vagos gritos e bramidos se tornavam mais e mais altos, como se estivessem se aproximando de algum monstruoso clímax de intensidade absolutamente insuportável.

Durante a noite de 19 para 20 de abril, o novo incremento aconteceu. Gilman se movia quase involuntariamente pelos abismos penumbrais com a massa de bolhas e o pequeno poliedro flutuando à sua frente, quando notou os ângulos peculiarmente regulares formados pelas bordas de um certo gigantesco aglomerado de prismas nas imediações. No segundo seguinte, ele estava fora do abismo, tremulamente posicionado sobre uma encosta rochosa banhada por uma intensa e difusa luz verde. Estava descalço e com suas roupas de dormir, e quando tentou caminhar, descobriu que mal conseguia levantar os seus pés. Um vapor em torvelinho ocultava tudo menos o íngreme terreno adjacente, e ele se encolheu ao pensamento dos sons que poderiam surgir daquele vapor.

Então viu as duas formas que rastejavam laboriosamente em sua direção — a velha e a coisinha peluda. A mulher encarquilhada esforçou-se para se erguer sobre os joelhos e conseguiu cruzar os braços numa pose singular, enquanto Brown Jenkin apontava em certa direção com uma horrível pata dianteira antropeide que ele ergueu com evidente dificuldade. Incitado por um impulso que ele não originou, Gilman avançou a custo ao longo de uma rota determinada pelo ângulo dos braços da velha e pela direção da pata da pequena monstruosidade, e antes que tivesse arrastado os pés por três passos havia retornado aos abismos pe-

numbrais. Formas geométricas fervilhavam à sua volta, e ele caiu vertiginosa e interminavelmente. Por fim acordou em sua cama, no aposento de sótão mais loucamente anguloso da velha casa sinistra.

Ele esteve imprecisável naquela manhã, e manteve-se ausente de todas as suas aulas. Alguma atração desconhecida empurrava seus olhos para uma direção aparentemente irrelevante, pois ele não conseguia deixar de contemplar certo espaço vazio no chão. À medida que o dia avançava, o foco dos seus olhos que nada viam mudava de posição, e ao meio-dia conquistou o impulso de contemplar o vazio. Por volta das duas horas ele saiu para almoçar, e enquanto percorria as alamedas estreitas da cidade surpreendeu-se virando sempre para o sudeste. Foi só com um esforço que se deteve numa cafeteria na Church Street, e depois da refeição sentiu o impulso desconhecido ainda mais forte.

Teria de consultar um especialista em doenças nervosas, afinal — havia alguma ligação com o seu sonambulismo — mas enquanto isso ele teria ao menos de tentar quebrar por si próprio o mórbido encanto. Sem dúvida ele ainda conseguiria caminhar na direção oposta àquela atração; então, com resolução aumentada, tomou a direção contrária a ela e se arrastou deliberadamente para o norte ao longo da Garrison Street. Quando chegou à altura da ponte sobre o Miskatonic, estava suando frio, e agarrou-se ao parapeito de ferro enquanto fitava correnteza acima para a mal-afamada ilha, cujas filas regulares de antigos menires meditavam taciturnas ao sol da tarde.

Então ele teve um sobressalto. Pois era claramente visível que havia uma figura viva naquela ilha desolada, e um segundo olhar informou-o de que certamente tratava-se da velha mulher cujo aspecto sinistro havia se introduzido tão desastrosamente nos seus sonhos. A grama alta ao redor dela também se movia, como se alguma outra coisa vivente estivesse rastejando junto ao solo. Quando a velha começou a se virar para ele, fugiu precipitadamente da ponte para o abrigo dos becos labirínticos do cais da cidade. Por mais distante que a ilha estivesse, sentiu que um mal monstruoso e invisível poderia fluir do sardônico olhar fixo daquela encurvada figura anciã vestida de castanho.

O impulso para sudeste ainda persistia, e somente com uma tremenda resolução Gilman conseguiu arrastar-se até a velha casa e subir os degraus vacilantes. Durante horas ele sentou-se em silêncio e sem propósi-

to, com seus olhos gradualmente deslocando-se para oeste. Por volta das seis da tarde seus ouvidos aguçados captaram as orações lamurientas de Joe Mazurewicz dois andares abaixo, e em desespero ele apanhou seu chapéu e saiu para as ruas douradas pelo sol poente, deixando que o impulso agora dirigido para o sul o carregasse para onde pudesse. Uma hora mais tarde, a escuridão encontrou-o nos campos abertos além do Hangman's Brook, com as cintilantes estrelas da primavera reluzindo à frente. A urgência de caminhar deu lugar aos poucos a uma urgência de saltar misticamente para o espaço, e de súbito ele se deu conta de onde exatamente se encontrava a fonte da atração.

Era do céu. Um ponto definido entre as estrelas exercia um apelo sobre ele e chamava-o. Aparentemente era um ponto em algum lugar entre Hidra e Argo Navis, e ele soube que estava sendo incitado naquela direção desde que acordara, logo após o alvorecer. Pela manhã ela estava sob seus pés; à tarde, encontrava-se surgindo a sudeste, e agora localizava-se aproximadamente ao sul, mas girando rumo ao oeste. Qual era o significado daquele novo evento? Ele estava ficando louco? Quanto tempo aquilo iria durar? Novamente reunindo sua capacidade de resolução, Gilman deu meia-volta e arrastou a si próprio de volta à velha casa sinistra.

Mazurewicz estava à sua espera na porta, e parecia ao mesmo tempo ansioso e relutante para sussurrar algum novo bocado de superstição. Era sobre a luz da bruxa. Joe estivera fora em celebração na noite anterior — era Dia dos Patriotas em Massachusetts — e voltara para casa depois da meia-noite. Olhando a residência pelo lado de fora, ele havia pensado inicialmente que a janela de Gilman estivesse às escuras; mas, então, vira a pálida claridade violeta lá dentro. Quis alertar o cavalheiro sobre aquele brilho, pois todos em Arkham sabiam que era a luz da feiticeira Keziah, que se acendia perto de Brown Jenkin, e portanto o fantasma da velha encarquilhada em pessoa. Ele não havia mencionado isso antes, mas agora tinha de falar a respeito porque aquilo significava que Keziah e seu familiar de presas longas estavam assombrando o jovem cavalheiro. Às vezes ele, Paul Choynski e o senhorio Dombrowski pensavam ver aquela luz infiltrar-se pelas rachaduras no desvão selado em cima do quarto do jovem cavalheiro, mas haviam todos concordado em não falar sobre aquilo. No entanto, seria melhor que o cavalheiro to-

masse outro quarto e conseguisse um crucifixo com algum bom sacerdote, como o padre Iwanicki.

Enquanto o homem continuava tagarelando, Gilman sentiu um pânico indescritível apertar sua garganta. Sabia que Joe devia estar meio bêbado quando voltou para casa na noite anterior, porém aquela menção a uma luz violeta na janela do sótão tinha uma importância assustadora. Era um brilho bruxuleante desse tipo que sempre pairava ao redor da velha e da pequena coisa peluda naqueles sonhos mais leves e nítidos que prenunciavam seu mergulho nos abismos desconhecidos, e o pensamento de que uma segunda pessoa, desperta, podia ver a luminescência de sonho era algo completamente alheio ao abrigo da sanidade. Entretanto, onde o sujeito fora arranjar uma ideia tão estranha? Teria Gilman conversado além de caminhar pela casa e durante o sono? Não, Joe disse que não tinha — mas devia verificar isso. Talvez Frank Elwood pudesse contar-lhe alguma coisa, embora odiasse ter de perguntar.

Febre — sonhos desvairados — sonambulismo — ilusões sonoras — um impulso em direção a um ponto no céu — e agora a suspeita de uma conversa insana durante o sono! Ele deveria parar de estudar, ver um especialista em nervos, e cuidar melhor de si mesmo. Quando subiu para o segundo andar, parou diante da porta de Elwood, mas viu que o outro jovem estava fora. Com relutância, continuou subindo até seu quarto no sótão e sentou-se na escuridão. Seu olhar ainda era atraído para sudoeste, mas também se viu apurando os ouvidos com atenção à escuta de algum som no desvão fechado acima dele, e em parte imaginando que uma luz violeta maligna se infiltrava por uma rachadura infinitesimal no teto baixo e inclinado.

Naquela noite, enquanto Gilman dormia, a luz violeta irrompeu sobre ele com intensidade ampliada, e a velha bruxa e sua pequena coisa hirsuta — chegando mais perto do que antes — zombou dele com guinchos inumanos e gestos diabólicos. Sentiu-se aliviado por afundar nos vagamente rumorejantes abismos penumbrais, embora a perseguição daquela congérie iridescente de bolhas e daquele pequeno poliedro caleidoscópico fosse ameaçadora e irritante. Então houve uma mudança, quando vastos planos convergentes de uma substância de aparência viscosa assomaram acima e abaixo dele — uma mudança que terminou num lampejo de delírio e em um fulgor de luz desconhecida e extrater-

rena em que amarelo, carmim e índigo misturavam-se louca e inextricavelmente.

Ele estava parcialmente deitado sobre um alto terraço com uma balaustrada fantástica, acima de uma ilimitada floresta de bizarros e incríveis picos, planos em equilíbrio, domos, minaretes, discos horizontais posicionados sobre pináculos e inumeráveis formas de extravagância ainda maior — algumas de pedra, outras de metal — que reluziam esplendidamente na claridade confusa e quase vesicante de um céu policromático. Olhando para o alto ele viu três estupendos discos flamejantes, cada qual de uma tonalidade diversa, e a diferentes alturas acima dele, um infinitamente distante horizonte curvo com montanhas baixas. Atrás dele, fileiras de terraços mais altos elevavam-se em altitudes longínquas até onde ele conseguia enxergar. A cidade abaixo estendia-se até os limites da visão, e ele desejou que nenhum som brotasse dali.

O pavimento, do qual ele se levantou com facilidade, era de uma rocha com veios e polida que estava além do seu poder de identificação, e as lajes eram cortadas em formas de ângulos bizarros que lhe pareceram não tanto assimétricas quanto baseadas em algum tipo de simetria extraordinária, cujas leis ele não compreendia. A balaustrada chegava à altura do peito e era delicada e ornada de maneira fantástica, enquanto ao longo do parapeito dispunham-se a intervalos curtos pequenas figuras de talhe grotesco e acabamento primoroso. Estas, como toda a balaustrada, pareciam feitas de algum tipo de metal reluzente, cuja cor não podia ser distinguida naquele caos de resplandecências mescladas; e sua natureza desafiava completamente qualquer conjectura. Representavam algum objeto com arestas e em formato de barril, com finos braços horizontais irradiando-se como os raios de uma roda a partir de um anel central, e com nós ou bulbos verticais projetando-se da cabeça e da base do barril. Cada um desses nós era o elemento de ligação de um sistema de cinco braços longos, planos e afilados triangularmente, dispostos em volta deles como os braços de uma estrela-do-mar — quase horizontais, mas curvados ligeiramente na direção oposta ao centro do barril. A base do nó inferior fundia-se ao longo parapeito por um ponto de contato tão delicado que várias figuras haviam sido quebradas e estavam faltando. As figuras tinham cerca de onze centímetros de altura, enquanto os bra-

ços pontudos conferiam-lhes um diâmetro máximo de cerca de seis centímetros.

Quando Gilman se levantou, sentiu as lajes quentes sob os seus pés descalços. Estava inteiramente só, e seu primeiro ato foi caminhar até a balaustrada e olhar com vertigem para a interminável cidade ciclópica quase seiscientos metros abaixo dele. Enquanto ele escutava, pensou que uma confusão rítmica de débeis instrumentos de sopro, cobrindo uma ampla escala tonal, teria brotado das ruas estreitas lá embaixo e desejou poder discernir os residentes do lugar. A vista deixou-o tonto após alguns instantes, de forma que ele teria caído sobre o pavimento se não houvesse se agarrado por instinto à lustrosa balaustrada. Sua mão direita caiu sobre uma das figuras projetadas, e o toque pareceu estabilizá-lo ligeiramente. Foi demasiado, porém, para a delicadeza exótica da obra de metal, e a figura cheia de pontas se destacou de sua base quando ele a agarrou. Ainda um tanto atordoado, ele continuou agarrado a ela enquanto sua outra mão apoiava-se em um espaço vago no liso parapeito.

Mas então seus ouvidos supersensíveis escutaram algo às suas costas, e ele virou os olhos na direção do outro lado do terraço plano. Aproximando-se dele com passos suaves, mas sem aparente intenção furtiva, vinham cinco figuras, duas das quais eram a velha sinistra e o pequeno animal peludo com presas. As outras três deixaram-no inconsciente — pois eram entidades vivas de cerca de dois metros e meio de altura, talladas precisamente como as imagens espiculadas sobre a balaustrada, locomovendo-se com um colear, semelhante ao movimento de uma aranha, de seu conjunto inferior de braços de estrela-do-mar.

Gilman acordou em sua cama, encharcado por uma transpiração fria e com uma sensação pungente em seu rosto, mãos e pés. Saltando sobre o chão, lavou-se e vestiu-se com uma pressa febril, como se tivesse a necessidade de sair da casa o mais rapidamente possível. Não sabia para onde queria ir, mas sentiu que mais uma vez teria de sacrificar suas aulas. O estranho impulso em direção àquele ponto do céu entre Hidra e Argo havia declinado, mas um outro, de força ainda maior, tomara o seu lugar. Agora sentia que devia ir para o norte — infinitamente para o norte. Ele temia cruzar a ponte que dava vista para a ilha desolada no Miskatonic, por isso se dirigiu à ponte da Peabody Avenue. Tropeçou

com muita frequência, pois seus olhos e ouvidos estavam agrilhoados a um ponto extremamente elevado no vazio céu azul.

Cerca de uma hora depois disso ele conseguiu se controlar melhor, e viu que se encontrava longe da cidade. Por toda a sua volta estendia-se o lúgubre vazio dos charcos de água salgada, enquanto a estrada estreita à frente seguia para Innsmouth — aquele antigo povoado semideserto que o povo de Arkham era tão curiosamente avesso a visitar. Embora a atração para o norte não tivesse diminuído, resistiu a ela assim como havia resistido à primeira, e por fim descobriu que quase conseguia neutralizar uma com a outra. Caminhou penosamente de volta à cidade e após tomar um pouco de café numa lanchonete, arrastou-se até a biblioteca pública e folheou a esmo as revistas mais amenas. Em dado momento encontrou alguns amigos que comentaram como ele parecia estranhamente queimado de sol, mas não lhes contou sobre a sua caminhada. Às três horas ele almoçou no restaurante, notando enquanto isso que a atração havia diminuído ou se dividido. Depois disso ele passou o tempo numa sessão de cinema barato, assistindo à fútil performance repetidas vezes sem prestar qualquer atenção a ela.

Por volta das nove horas ele vagueou no rumo de casa e cambaleou para dentro da antiga residência. Joe Mazurewicz choramingava orações ininteligíveis, e Gilman subiu apressado para o seu quarto no sótão, sem parar para ver se Elwood estava em casa. Foi quando acendeu a fraca luz elétrica que veio o choque. Imediatamente ele viu que havia algo sobre a mesa que não deveria estar ali, e um segundo olhar não deixou margem a dúvidas. Caída para o lado — pois não podia parar de pé sozinha —, ali estava a exótica figura espiculada que no seu sonho monstruoso ele havia destacado daquele fantástico parapeito. Nenhum detalhe estava ausente. O centro sulcado em forma de barril, os finos braços radiados, os nós em cada extremidade e os braços achatados de estrela-do-mar, ligeiramente voltados para fora, estendendo-se a partir deles — estava tudo ali. Sob a luz elétrica, a cor parecia ser um tipo de cinza iridescente raiado de verde, e Gilman conseguiu ver em meio ao seu horror e perplexidade que um dos nós terminava numa fenda dentada correspondente ao seu antigo ponto de encaixe no parapeito do sonho.

Somente sua tendência ao estupor aturdido evitou que ele gritasse alto. Essa fusão de sonho e realidade era demais para suportar. Ainda con-

fuso, ele agarrou a coisa espinhosa e desceu tropegamente a escada até o quarto do senhorio Dombrowski. As orações chorosas do operário da tecelagem ainda ressoavam através dos corredores embolorados, mas Gilman já não se importava com elas. O senhorio estava em casa e cumprimentou-o com afabilidade. Não, ele não vira aquela coisa antes e não sabia nada a respeito dela. Mas sua esposa dissera ter encontrado uma coisa esquisita de latão numa das camas enquanto arrumava os quartos ao meio-dia, e talvez fosse aquilo. Dombrowski chamou-a e ela se aproximou gingando. Sim, a coisa era aquela. Ela a havia encontrado na cama do jovem cavalheiro — no lado perto da parede. Aquilo parecera-lhe muito esquisito, mas afinal o jovem cavalheiro tinha montes de coisas esquisitas no seu quarto — livros, raridades, quadros e anotações em folhas de papel. Ela certamente não sabia nada a respeito.

Então, Gilman tornou a subir os degraus em um turbilhão mental, convencido de que ou ainda estava sonhando, ou seu sonambulismo chegara a extremos incríveis e levaria-o a praticar depredações em lugares desconhecidos. Onde ele havia conseguido aquela coisa extravagante? Não se recordava de vê-la em nenhum museu de Arkham. Aquilo devia ter estado em algum lugar, porém; e a visão daquela coisa enquanto a agarrava em seu sono devia ter provocado o estranho sonho do terraço com a balaustrada. No dia seguinte ele faria inquirições muito cuidadosas — e talvez consultasse o especialista em nervos.

Enquanto isso ele tentaria manter-se atento ao seu sonambulismo. Enquanto subia a escada e atravessava o corredor do sótão ele espalhou ao redor um pouco de farinha que havia emprestado — com um franco reconhecimento do seu propósito — do senhorio. Havia parado na porta de Elwood no caminho, mas encontrara o quarto às escuras. Entrando em seus aposentos, depositou a coisa espiculada sobre a mesa, e deitou-se em completa exaustão mental e física sem se dar ao trabalho de se despir. Vindo do desvão fechado acima do teto inclinado ele pensou ter ouvido um leve arranhar e correr de patas, mas estava desnorteado demais para se preocupar com isso. A enigmática atração para o norte estava ficando mais forte novamente, embora dessa vez parecesse vir de um ponto mais baixo no céu.

Na deslumbrante luz violeta do sonho a velha e a criatura peluda com presas retornaram e com maior nitidez do que em qualquer ocasião

anterior. Dessa vez eles realmente o tocaram, e Gilman sentiu as garras murchas da velha encarquilhada agarrarem-se a ele. Foi puxado para fora da cama e para o espaço vazio, e por um momento ouviu o bramido rítmico e viu a penumbra amorfa dos vagos abismos fervilhar à sua volta. Mas esse momento foi muito breve, pois num instante ele se encontrava em um pequeno e rústico espaço sem janelas, com vigas expostas e tábuas erguendo-se até um pico pouco acima da sua cabeça, e com um curioso chão inclinado sob seus pés. Apoiadas ao nível daquele chão havia estantes baixas cheias de livros em todos os estágios de antiguidade e desintegração, e no centro havia uma mesa e um banco, ambos aparentemente presos no lugar. Objetos pequenos de forma e natureza desconhecidas estavam enfileirados sobre as caixas, e na flamejante luz violeta Gilman pensou ter visto uma duplicata da imagem espiculada que o havia desconcertado tão horivelmente. À esquerda, o assoalho descendia abruptamente, deixando uma lacuna triangular escura pela qual, após um breve tropel seco, escalou num instante a odiosa coisinha peluda com as presas amareladas e a face humana barbada.

A megera com seu sorriso maldoso ainda se agarrava a ele, e do outro lado da mesa estava parada uma pessoa que ele nunca vira antes — um homem alto e esguio, de coloração preta mortiça, mas sem o mais leve sinal de feições negroides, inteiramente desprovido tanto de cabelos quanto de barba, e usando como única vestimenta um hábito rudimentar feito de algum pesado tecido preto. Seus pés não eram distinguíveis por causa da mesa e do banco, mas devia estar calçado, pois ouvia-se um estalido sempre que ele mudava de posição. O homem não falou, e não demonstrou qualquer traço de expressão no seu semblante pequeno e regular. Ele meramente apontou para um livro de tamanho prodigioso que estava aberto sobre a mesa, enquanto a megera enfiava uma grande pena cinzenta na mão direita de Gilman. Sobre todas as coisas havia uma mortalha de medo intensamente enlouquecedor, e o clímax foi atingido quando a coisa peluda correu pelas vestes do sonhador até o seu ombro e depois desceu pelo seu braço esquerdo, e por fim mordeu-o com precisão no pulso pouco abaixo da manga. Quando o sangue verteu dessa ferida, Gilman desmaiou.

Ele despertou na manhã do dia 22 sentindo dor no seu pulso esquerdo, e viu que o punho da sua roupa tinha uma mancha castanha de san-

gue seco. Suas lembranças eram muito confusas, mas a cena com o homem negro no espaço desconhecido se sobressaía com vividez. Os ratos deviam tê-lo mordido enquanto dormia, motivando o clímax daquele sonho pavoroso. Ao abrir a porta, ele viu que a farinha no chão do corredor estava intocada, exceto pelas grandes pegadas do sujeito grosseirão que morava na extremidade oposta do sótão. Então ele não havia caminhado durante o sono desta vez. Mas algo teria de ser feito quanto àqueles ratos. Falaria com o senhorio sobre eles. Novamente tentou tapar o buraco na base da parede inclinada, enfiando nele uma vela que parecia ser aproximadamente do mesmo tamanho. Seus ouvidos tinham horrivelmente, como se fosse pelos ecos residuais de algum horrível ruído escutado em sonhos.

Enquanto se banhava e trocava de roupas ele tentou recordar o que havia sonhado depois da cena no espaço alumiado de violeta, mas nada de definido se cristalizou na sua mente. O cenário em si devia corresponder ao desvão selado acima de seu quarto, que havia começado a atacar sua imaginação de forma muito violenta, mas as impressões posteriores foram tênues e nebulosas. Havia sugestões dos abismos vagos e penumbrosos, e de abismos ainda mais vastos e escuros além daqueles — abismos em que toda sugestão de forma fixa estava ausente. Fora levado para lá pela congérie de bolhas e pelo pequeno poliedro que sempre o perseguia; mas eles haviam se modificado, como ele próprio, em fiapos de névoa leitosa parcamente cintilante naquele longínquo vácuo de negrura extrema. Alguma outra coisa ia à frente — um fiapo maior que, de quando em quando, se condensava em inomináveis sugestões de formas — e Gilman observou que o progresso deles não se dava em linha reta, mas sim ao longo das curvas e espirais extraterrenas de algum vórtice etéreo que obedecia leis desconhecidas para a física e a matemática de qualquer cosmo concebível. Eventualmente, havia uma sugestão de vastas sombras saltitantes, de uma pulsação monstruosa e quase acústica, e do monótono e agudo soprar de uma flauta invisível — mas isso era tudo. Gilman concluiu que havia assimilado essa última concepção do que lera no *Necronomicon* sobre a impassível entidade Azathoth, que rege todo o tempo e o espaço de um trono negro de curioso entorno no centro do Caos.

Quando o sangue foi lavado, a ferida do pulso mostrou-se muito superficial, e Gilman ficou intrigado com a localização das duas pequenas punções. Ocorreu-lhe que não havia sangue nas roupas de cama entre as quais estivera deitado — o que era muito estranho em vista da quantidade que havia em sua pele e em sua manga. Estivera caminhando dormindo em seu quarto e o rato o mordera enquanto estava sentado em alguma cadeira ou parado em alguma posição menos racional? Olhou em todos os cantos em busca de gotas ou manchas acastanhadas, mas não encontrou nenhuma. Seria melhor, pensou, espalhar farinha dentro do quarto tanto quanto porta afora — embora, no final das contas, nenhuma prova adicional de seu sonambulismo fosse necessária. Ele sabia que andava dormindo — e a coisa a fazer agora era deter isso. Devia pedir ajuda a Frank Elwood. Naquela manhã a estranha atração para o espaço parecia atenuada, embora tivesse sido substituída por outra sensação ainda mais inexplicável. Era um vago e insistente impulso de voar para longe da sua situação presente, mas não continha sugestão alguma da direção específica para a qual desejava voar. Quando ele apanhou a estranha imagem espiculada sobre a mesa pensou que a velha atração para o norte havia ficado um nada mais forte; mas ainda assim, foi inteiramente sobrepujada pela nova e mais perturbadora urgência.

Ele levou a imagem espiculada até o quarto de Elwood, enrijecendo-se contra as lamúrias do tecelão que brotavam do andar térreo. Elwood estava em casa, graças aos céus, e parecia agitado. Havia tempo para uma breve conversa antes de sair para o desjejum e a faculdade, por isso Gilman apressou-se em despejar uma narrativa dos seus recentes sonhos e temores. Seu anfitrião mostrou-se muito solidário e concordou que algo devia ser feito. Ele ficou chocado com o aspecto abatido e fatigado do seu visitante, e notou o estranho bronzeado de aspecto anormal que outros haviam observado na semana anterior. Não havia muito, porém, que ele pudesse dizer. Não vira Gilman em qualquer expedição sonâmbula, e não tinha ideia do que a curiosa imagem poderia ser. Havia, porém, ouvido um franco-canadense que estava alojado exatamente embaixo de Gilman conversando com Mazurewicz certa tarde. Diziam um ao outro até que ponto temiam a chegada da Noite de Walpurgis, para a qual faltavam apenas alguns dias, e trocavam comentários lastimosos sobre o pobre e condenado jovem cavalheiro. Desrochers, o sujeito que

morava sob o quarto de Gilman, falara sobre passos noturnos, tanto calçados quanto descalços, e sobre a luz violeta que vira certa noite em que subira furtiva e temerosamente para espiar pelo buraco da fechadura do rapaz. Não ousara espionar, disse ele a Mazurewicz, depois de ter avistado aquela luz através das frestas em volta da porta. Havia conversas em voz baixa, também — e quando ele começou a descrevê-las sua voz desceu a um sussurro inaudível.

Elwood não podia imaginar o que provocara o falatório daquelas criaturas supersticiosas, mas supôs que a imaginação deles havia sido estimulada pelas falas e caminhadas sonolentas a altas horas de Gilman, por um lado, e pela proximidade da tradicionalmente temida véspera do 1º de maio, por outro. Que Gilman falava dormindo era claro, e foi obviamente em consequência de Desrochers escutar atrás da porta que a ideia ilusória da luz onírica violácea havia se espalhado. Aquelas pessoas simples estavam sempre prontas para imaginar ter visto qualquer coisa estranha sobre a qual ouviram falar. Quanto a um plano de ação — seria melhor Gilman se mudar para o quarto de Elwood e evitar dormir sozinho. Elwood, caso estivesse acordado, o despertaria sempre que começasse a falar ou se levantar durante o sono. Muito em breve, também, ele deveria ir ver o especialista. Enquanto isso, eles levariam a imagem espiculada aos vários museus e a certos professores à procura de identificação e para provar que ela havia sido encontrada em alguma lata de lixo pública. Além disso, Dombrowski deveria tratar de envenenar aqueles ratos nas paredes.

Fortalecido pela companhia de Elwood, Gilman compareceu às aulas naquele dia. Estranhas urgências ainda o atraíam, mas ele conseguia afastá-las com considerável sucesso. Durante o período livre ele mostrou a imagem bizarra a vários professores, que ficaram intensamente interessados, embora nenhum deles pudesse lançar qualquer luz em sua natureza ou origem. Naquela noite ele dormiu em um sofá que Elwood fizera o senhorio levar ao quarto do segundo andar, e pela primeira vez em semanas esteve livre de sonhos inquietantes. Mas a indisposição febril ainda persistia, e as lamúrias do operário têxtil eram uma influência enervante.

Durante os dias que se seguiram, Gilman desfrutou de uma imunidade quase perfeita contra manifestações mórbidas. Ele não havia, se-

gundo Elwood, demonstrado nenhuma tendência a falar ou se levantar durante o sono; e enquanto isso o senhorio estava pondo veneno de rato por toda parte. O único elemento perturbador eram as conversas entre os estrangeiros supersticiosos, cujas imaginações haviam se tornado altamente excitadas. Mazurewicz estava sempre tentando fazê-lo arranjar um crucifixo, e por fim impôs-lhe um, que disse ter sido abençoado pelo bom padre Iwanicki. Desrochers também tinha algo a dizer — na verdade, ele insistia que passos cautelosos haviam soado no quarto agora vago acima do dele na primeira e na segunda noite em que Gilman ausentou-se de lá. Paul Choynski pensou ter ouvido sons nos corredores e nas escadas à noite, e alegou que sua porta havia sido levemente testada, enquanto a sra. Dombrowski jurou ter visto Brown Jenkin pela primeira vez desde o Dia de Todos os Santos. Mas tais relatos ingênuos significavam muito pouco, e Gilman deixou o crucifixo de metal barato pendurado em um puxador da cômoda de seu anfitrião.

Durante três dias Gilman e Elwood esquadrinharam os museus locais em um esforço para identificar a estranha imagem espiculada, mas sempre sem sucesso. Em todos os quadrantes, porém, o interesse foi intenso, pois o completo exotismo da coisa era um tremendo desafio à curiosidade científica. Um dos pequenos braços radiais foi destacado e submetido à análise química, e o resultado ainda é comentado em círculos acadêmicos. O professor Ellery encontrou platina, ferro e telúrio na estranha liga; porém, misturados a estes metais havia pelo menos três outros aparentes elementos de alto peso atômico, que a química era absolutamente incapaz de classificar. Não apenas eles deixavam de corresponder a qualquer elemento conhecido, como nem mesmo preenchiam os locais vagos reservados a prováveis elementos no sistema periódico. O mistério continua sem resolução até os dias de hoje, embora a imagem esteja em exibição no museu da Universidade do Miskatonic.

Na manhã de 27 de abril um novo buraco de rato apareceu no quarto onde Gilman era um convidado, mas Dombrowski cobriu-o com uma chapa de lata durante o dia. O veneno não estava surtindo muito efeito, pois os arranhões e tropéis nas paredes praticamente não haviam diminuído. Elwood ficou fora até tarde naquela noite, e Gilman esperou por ele. O rapaz não queria dormir sozinho no quarto — especialmente porque pensara ter avistado na penumbra do entardecer a velha repelen-

te cuja imagem havia se transferido tão horivelmente para os seus sonhos. Perguntou-se quem ela seria, e o que estaria junto dela, chocalhando aquela lata numa pilha de lixo na entrada de um pátio esqualido. A mulher encarquilhada parecia tê-lo notado e lançado um olhar maldoso para ele — embora, talvez, isso fosse mera imaginação sua.

No dia seguinte, ambos os jovens sentiam-se muito cansados e sabiam que iriam dormir como pedras quando a noite viesse. Ao entardecer eles discutiram letargicamente os estudos de matemática que tão completa e talvez nocivamente preocuparam Gilman, e especularam sobre a ligação dela com a antiga magia e o folclore, o que parecia tão sombriamente provável. Falaram sobre a velha Keziah Mason, e Elwood concordou que Gilman tinha um bom fundamento científico para pensar que ela devia ter topado com informações estranhas e significativas. Os cultos secretos aos quais essas bruxas pertenciam com frequência guardavam e transmitiam segredos de éons passados e esquecidos; e não era de modo algum impossível que Keziah tivesse de fato dominado a arte de atravessar portões dimensionais. A tradição enfatiza a inutilidade de barreiras materiais para deter os movimentos de uma bruxa; e quem pode dizer o que subjaz às velhas histórias de cavalgadas em cabo de vassoura através da noite?

Se um estudante moderno seria capaz algum dia de adquirir poderes similares unicamente a partir da pesquisa matemática, era algo ainda a ser visto. O sucesso, Gilman acrescentou, poderia levar a situações perigosas e impensáveis, pois quem poderia prever as condições que impregnam uma dimensão adjacente mas normalmente inacessível? Por outro lado, as possibilidades pitorescas eram enormes. O tempo talvez não existisse em certas zonas do espaço, e ao entrar e permanecer em tais zonas alguém poderia preservar sua vida e sua idade indefinidamente; jamais sofrer metabolização ou deterioração orgânicas, exceto em ligeiras porções decorrentes de visitas ao seu lugar de origem ou a planos similares. Alguém poderia, por exemplo, passar para uma dimensão sem tempo e emergir em algum período remoto da história da terra tão jovem quanto antes.

Se alguém já conseguira fazer isso, seria difícil conjecturar com algum grau de autoridade. Velhas lendas são nebulosas e ambíguas, e em tempos históricos todas as tentativas de cruzar aberturas proibidas pare-

cem complicadas por estranhas e medonhas alianças com seres e mensageiros exteriores. Havia a figura imemorial do agente ou mensageiro de poderes ocultos e terríveis — o “Homem Negro” do culto das feiticeiras e o “Nyarlatheotep” do *Necronomicon*. Havia, também, o problema desconcertante dos mensageiros menores ou intermediários — os quase-animais e híbridos fantásticos que as lendas retratam como os familiares das bruxas. Quando Gilman e Elwood se retiraram, sonolentos demais para discutir por mais tempo, ouviram Joe Mazurewicz cambalear meio bêbado para dentro da casa, e estremeceram pelo desvario desesperado das suas orações lamurientas.

Naquela noite, Gilman viu a luz violeta novamente. Em seu sonho ele ouvira um arranhar e roer nos tabiques, e pensou que alguém tateava desajeitadamente o ferrolho. Depois viu a velha e a coisinha peluda avançarem na sua direção pelo chão atapetado. A face da megera estava iluminada por uma exultação inumana, e a pequena morbidez de dentes amarelados ria zombeteiramente enquanto apontava para a forma pesadamente adormecida de Elwood no outro leito do lado oposto do quarto. Uma paralisia de medo abafou todas as tentativas de gritar. Como havia acontecido uma vez anteriormente, a horrenda anciã agarrou Gilman pelos ombros, arrancando-o da cama e lançando-o para o espaço vazio. Novamente a infinitude dos ululantes abismos penumbrais passou chispando por ele, mas no segundo seguinte ele pensou estar em um escuro e lamacento beco desconhecido e de odores fétidos, com paredes apodrecidas de antigas casas assomando de ambos os lados.

À frente estava o homem negro de túnica que ele vira no espaço acuminado do outro sonho, enquanto de uma distância menor a velha acenava e fazia caretas imperiosamente. Brown Jenkin esfregava-se com uma espécie de devotada jovialidade em volta dos tornozelos do homem negro, que a lama funda em grande parte escondia. Havia uma passagem escura aberta à direita, para a qual o homem negro silenciosamente apontava. Através dela a velhusca, ainda fazendo caretas, começou a passar, arrastando Gilman atrás de si pela manga do pijama. Havia lances de escada de odor pérfido que rangiam agoureiramente, sobre os quais a velha mulher pareceu irradiar uma tênue luz violeta; e por fim uma porta dava saída para um dos lances. A anciã tenteou o trinco e em-

purrou a porta, gesticulando para que Gilman esperasse, e desapareceu no interior da negra abertura.

Os ouvidos hipersensíveis do jovem captaram um horrível choro sufocado, e num instante a megera saiu do quarto carregando uma pequena forma desacordada, que ela empurrou para o sonhador como a ordenar-lhe que a carregasse. A visão daquela forma, e a expressão no seu rosto, quebrou o encanto. Ainda confuso demais para gritar, ele se atirou temerariamente pela escada ruidosa abaixo e para o exterior lamentando, detendo-se apenas quando foi capturado e sufocado pelo homem negro. Enquanto a consciência o abandonava, ele ouviu o tênue riso agudo da aberração com presas e aspecto de rato.

Na manhã do dia 29 Gilman acordou em um turbilhão de horror. No instante em que abriu os olhos soube que havia algo terrivelmente errado, pois estava de volta ao seu velho quarto no sótão, com a parede e o teto inclinados, estendido na cama agora desfeita. Sua garganta doía inexplicavelmente, e enquanto lutava para sentar-se, viu com pavor crescente que seus pés e as barras do pijama estavam marrons com a lama seca. Naquele momento suas lembranças eram desesperadamente nebulosas, mas sabia ao menos que devia ter andado dormindo. Elwood estaria perdido em um sono profundo demais para ouvi-lo e detê-lo. No chão havia confusas pegadas de lama, mas estranhamente elas não se estendiam até a porta. Quanto mais Gilman olhava para elas, mais peculiares pareciam; pois em acréscimo àquelas que ele conseguia reconhecer como suas, havia algumas marcas menores, quase redondas — como as pernas de uma grande cadeira ou mesa poderiam fazer, exceto que a maioria delas tendia a se dividir em duas metades. Havia também alguns curiosos rastros de lama saindo de um novo buraco e tornando a entrar ali. O completo espanto e o medo da loucura torturaram Gilman quando ele cambaleou até a porta e viu que não havia marcas de lama do lado de fora. Quanto mais ele se recordava de seu sonho hediondo, mais aterrorizado se sentia, e seu desespero se intensificou ao ouvir a salmodia lamentosa de Joe Mazurewicz dois andares abaixo.

Descendo até o quarto de Elwood ele acordou seu anfitrião ainda adormecido e começou a contar-lhe como havia voltado a si, mas Elwood não conseguiu elaborar qualquer ideia do que poderia ter realmente acontecido. Onde Gilman poderia ter estado, como voltou para seu

quarto sem deixar rastros no corredor e como as pegadas de lama semelhantes a impressões de mobília se misturaram com as suas no aposento do sótão eram coisas que estavam inteiramente além de qualquer conjectura. Além disso, havia aquelas marcas escuras, arroxeadas, na sua garganta, como se tivesse tentado estrangular-se a si próprio. Ele levou suas mãos até elas, mas descobriu que não correspondiam nem aproximadamente às manchas. Enquanto conversavam, Desrochers apareceu para dizer que ouvira um aterrorizante estrépito acima dele nas altas horas escuras. Não, não havia ninguém na escada após a meia-noite — embora, pouco antes desse horário, ele tivesse ouvido leves passos no sótão, e depois descendo cautelosamente os degraus, dos quais ele não gostou. Era, ele acrescentou, uma época do ano muito ruim para Arkham. Era melhor o jovem cavalheiro não esquecer de usar o crucifixo que Joe Mazurewicz havia lhe dado. Nem mesmo o dia era seguro, pois depois do amanhecer houvera sons estranhos na casa — especialmente um choro fino e infantil que foi rapidamente sufocado.

Gilman assistiu às aulas mecanicamente naquela manhã, mas foi inteiramente incapaz de fixar sua atenção nos estudos. Um estado de espírito de terrível apreensão e expectativa havia-o dominado, e ele parecia estar esperando a chegada de algum golpe aniquilante. Ao meio-dia almoçou na lanchonete universitária e apanhou um jornal do assento ao lado enquanto esperava a sobremesa. Porém jamais chegou a comer aquela sobremesa, pois uma manchete da primeira página deixou-o sem forças, com o olhar transtornado, e capaz apenas de pagar sua conta e caminhar tropegamente de volta ao quarto de Elwood.

Houvera um estranho rapto na noite anterior, no Passadiço de Orne, e o filho de dois anos de idade de uma lavadeira de ar aparvalhado chamada Anastasia Wolejko havia desaparecido sem deixar pistas. A mãe, ao que parecia, já temia esse evento havia algum tempo; mas os motivos que alegou para o seu medo eram tão grotescos que ninguém a levou a sério. Ela havia, segundo disse, visto Brown Jenkin rondando o local de vez em quando desde o início de março, e sabia pelas caretas e risos da criatura que o pequeno Ladislav devia estar marcado para o sacrifício no horrível sabá da Noite de Walpurgis. Ela havia pedido que sua vizinha Mary Czaneck dormisse no quarto e tentasse proteger a criança, mas Mary não ousou fazer isso. Ela não contou à polícia, pois jamais acреди-

tariam em tais coisas. Crianças eram tomadas desse jeito todos os anos desde que ela conseguia se lembrar. E seu amigo Pete Stowacki não a ajudaria porque queria a criança fora do caminho, de qualquer maneira.

Mas o que fez Gilman suar frio foi o depoimento de uma dupla de farristas que passava pela entrada do passadiço pouco depois da meia-noite. Eles admitiram que estavam bêbados, mas ambos juraram ter visto um trio loucamente vestido entrando às escondidas na passagem escura. Havia, segundo eles, um enorme negro vestindo uma túnica, uma velhinha em farrapos e um jovem branco em roupas de dormir. A velha estava arrastando o jovem, enquanto em torno dos pés do negro um rato domesticado esfregava-se e revolvía-se na lama pardacenta.

Gilman ficou sentado em torpor a tarde toda, e Elwood — que nesse meio tempo vira os jornais e formara conjecturas terríveis a partir deles — encontrou-o assim quando voltou para casa. Dessa vez nenhum dos dois pôde duvidar que alguma coisa horrivelmente grave estava se fechando ao redor deles. Entre os fantasmas dos pesadelos e as realidades do mundo objetivo uma relação monstruosa e impensável estava se cristalizando, e somente uma vigilância estupenda poderia impedir acontecimentos ainda mais hediondos. Gilman deveria ver um especialista cedo ou tarde, mas não exatamente naquele momento, quando todos os jornais estavam cheios daquele assunto do rapto.

O que havia realmente acontecido era enlouquecedoramente obscuro, e por um momento Gilman e Elwood trocaram aos sussurros teorias do tipo mais desvairado. Haveria Gilman inconscientemente obtido um sucesso maior do que imaginava em seus estudos do espaço e suas dimensões? Teria realmente escapado da nossa esfera para localizações insuspeitadas e inimagináveis? Onde ele estivera — se é que estivera em algum lugar — naquelas noites de exílio demoníaco? Os uivantes abismos crepusculares... a encosta verde... o terraço abrasador... a atração das estrelas... o supremo vórtice escuro... o homem negro... o beco lamacento e a escada... a velha bruxa e o horror peludo com suas presas... a congérie de bolhas e o pequeno poliedro... o estranho bronzeado... a ferida no pulso... a imagem inexplicável... os pés enlameados... as marcas na garganta... as histórias e temores dos estrangeiros supersticiosos... o que tudo isso significava? Em que extensão as leis da sanidade poderiam se aplicar a um caso assim?

Não houve sono para nenhum dos dois naquela noite, mas no dia seguinte ambos mataram aulas e cochilaram. Era o dia 30 de abril e, com o anoitecer, viria o infernal período do sabá que todos os estrangeiros e a velha gente supersticiosa temia. Mazurewicz chegou em casa às seis em ponto e falou que as pessoas na tecelagem estavam sussurrando que o festim de Walpurgis ocorreria na ravina escura além de Meadow Hill, onde a velha pedra branca se sobressaía num local estranhamente desprovido de toda vida vegetal. Alguns deles haviam até mesmo comunicado o evento à polícia e a aconselhado a procurar lá pelo menino Wojlejo desaparecido, mas não acreditavam que nada seria feito. Joe insistiu que o pobre jovem cavalheiro usasse seu crucifixo com corrente niquelada, e Gilman cingiu-o e largou-o por dentro da sua camisa para satisfazer o sujeito.

Tarde daquela noite os dois jovens se mantiveram sentados, cochilando em suas cadeiras, embalados pelas orações rítmicas do operário de tecelagem no piso inferior. Gilman ouvia enquanto sua cabeça pendia de sono, seus ouvidos sobrenaturalmente aguçados pareciam se retesar à espera de qualquer murmúrio sutil e ameaçador além dos ruídos da velha casa. Lembranças perniciosas de passagens do *Necronomicon* e do *Livro Negro* brotavam-lhe à mente, e ele se viu balançando com os ritmos enfadonhos que se dizia pertencerem às mais negras cerimônias do sabá e terem sua origem fora do tempo e do espaço que compreendemos.

Subitamente ele se deu conta do que escutava — a infernal cantilena dos celebrantes no distante vale escuro. Como sabia tanto sobre o que eles esperavam? Como sabia o momento em que Nahab e seu acólito deveriam carregar o vaso transbordante que se seguiria ao galo e ao bode pretos? Viu que Elwood caíra no sono e tentou chamar seu nome para que ele acordasse. Alguma coisa, porém, fechou sua garganta. Ele não era mais o mestre de si próprio. Assinara o livro do homem negro, afinal?

Então sua audição febril e anormal captou as notas distantes, trazidas pelo vento. Elas atravessaram milhas de colinas, campos e vielas, mas ainda assim ele as reconheceu. As fogueiras já deviam estar acesas, e os dançarinos estariam começando. Como ele poderia privar-se de ir? Que era aquilo que o havia enredado? Matemática... folclore... a casa...

a velha Keziah... Brown Jenkin... e agora ele via um novo buraco de rato na parede perto do seu leito. Acima dos cânticos distantes e das orações mais próximas de Joe Mazurewicz chegou-lhe outro som, um raspar furtivo e determinado nas divisórias. Apegou-se à esperança de que as luzes elétricas não se apagassem. Então ele viu a pequena face barbada com suas presas no buraco de rato — a maldita facezinha que ele finalmente percebeu que trazia uma chocante e caricata semelhança com a velha Keziah — e ouviu o fraco tatear na porta.

Os bramantes abismos penumbrais lampejaram diante dele e ele sentiu-se indefeso nas garras sem forma da congérie bolhosa. À frente corria o pequeno poliedro caleidoscópico, e por todo o agitado vácuo havia uma elevação e uma aceleração do vago padrão tonal que parecia antecipar algum clímax impronunciável e insuportável. Ele parecia saber o que estava por vir — a monstruosa explosão do ritmo de Walpurgis, em cujo timbre cósmico se concentraria toda a ebulição espaço-temporal primitiva e suprema que estava por trás das esferas concentradas de matéria e, por vezes, irrompiam em reverberações cadenciadas que penetravam sutilmente em todas as camadas da existência e conferiam um significado hediondo por todos os mundos em certos temíveis períodos.

Mas tudo isso desapareceu em um segundo. Ele estava novamente no restrito espaço acuminado banhado pela luz violeta, com seu chão em declive, suas estantes baixas com livros antigos, o banco e a mesa, os objetos esdrúxulos e a lacuna triangular em um dos lados. Sobre a mesa jazia uma pequena figura alva — um menino ainda bebê, despido e inconsciente — enquanto do lado oposto postava-se a monstruosa velha de olhar malicioso, com uma reluzente faca com um cabo de forma grotesca na mão direita e uma bacia pálida de metal moldada em estranhas proporções, coberta de desenhos curiosamente cinzelados e com delicadas asas laterais, à sua esquerda. Ela entoava algum ritual crocitante numa língua que Gilman não conseguiu entender, mas que parecia algo cuidadosamente citado do *Necronomicon*.

À medida que o cenário ficava mais claro ele viu a anciã encarquilhada curvar-se para a frente e estender o recipiente vazio para o outro lado da mesa — e incapaz de controlar seus próprios movimentos, esticou bem os braços e apanhou-o com ambas as mãos, notando ao fazê-lo a relativa leveza do objeto. No mesmo momento ele distinguiu a forma de

Brown Jenkin subindo pela borda da negra abertura triangular à sua esquerda. A velha então gesticulou para que ele segurasse a bacia numa certa posição enquanto ela erguia a faca enorme e grotesca acima da pequena vítima alva o mais alto que sua mão direita conseguia alcançar. A criatura peluda dotada de presas começou a guinchar uma continuação para o ritual desconhecido, enquanto a bruxa crocitava resposos abomináveis. Gilman sentiu uma repugnância corrosiva e lancinante atravessar sua paralisia mental e emocional, e a leve bacia de metal vacilou no seu punho. Mais um segundo e o movimento descendente da faca quebrou o encanto por completo e ele largou a bacia com um clangor ressoante semelhante ao de um sino, enquanto suas mãos dispararam febrilmente para deter a ação monstruosa.

Num instante ele havia contornado a extremidade da mesa pelo chão inclinado e arrancado a faca das garras da velha, fazendo-a cair ruidosamente por sobre a beirada da estreita abertura triangular. No instante seguinte, porém, a situação se reverteu, pois aquelas garras assassinas haviam se fechado fortemente em volta da sua garganta, enquanto a face enrugada contorcia-se com uma fúria insana. Ele sentiu o atrito da corrente do crucifixo barato no seu pescoço e, em meio à situação de perigo, perguntou-se como a visão do objeto afetaria a criatura maligna. A força dela era totalmente sobre-humana, mas enquanto ela continuava a estrangulá-lo, ele alcançou debilmente o interior de sua camisa e puxou o símbolo de metal, rompendo a corrente e liberando-o.

À visão do objeto a bruxa pareceu golpeada pelo pânico, e seu aperto relaxou por tempo suficiente para que Gilman tivesse uma chance de interrompê-lo por completo. Ele afastou as garras férreas de seu pescoço e teria arrastado a megera para a borda da abertura se as garras não tivessem recebido um fluxo renovado de força e se fechado novamente. Dessa vez ele resolveu pagar na mesma moeda, e suas mãos alcançaram a garganta da criatura. Antes que se desse conta do que fazia, tinha a corrente do crucifixo enrolada no pescoço da megera, e no momento seguinte apertara o suficiente para deixá-la sem ar. Durante o último esforço da velha ele sentiu algo morder seu tornozelo, e viu que Brown Jenkin viera em socorro dela. Com um chute brutal ele enviou aquela coisa mórbida por sobre a beirada do buraco e ouviu-a se lamuriar em algum nível muito mais abaixo.

Se havia matado a anciã encarquilhada ou não ele não sabia, mas deixou-a deitada no chão onde ela caíra. Então, quando se virou, viu sobre a mesa uma cena que quase rompeu seu último fio de razão. Brown Jenkin, impiedoso e dotado de quatro minúsculas mãos de destreza demoníaca, estivera ocupado enquanto a bruxa o estrangulava, e seus esforços haviam sido em vão. O que evitara que a faca fizesse ao peito da vítima, as presas amarelas da blasfêmia lanuda haviam feito a um dos pulsos — e a bacia tão recentemente atirada ao chão estava cheia ao lado do pequeno corpo sem vida.

Em seu sonho delirante Gilman ouviu o cântico infernal e cacofônico do sabá chegando-lhe de uma distância infinita e soube que o homem negro devia estar lá. Confusas lembranças se misturaram com sua matemática, e ele julgou que seu subconsciente conservava os ângulos de que ele precisava para guiá-lo de volta ao mundo normal — sozinho e sem ajuda dessa vez. Teve certeza de que estava no desvão imemorialmente selado acima do seu quarto, mas que pudesse de algum modo escapar através do chão inclinado ou da saída havia muito vedada, ele duvidava muito. Além disso, uma fuga por um desvão de sonho não o levaria meramente a uma casa de sonho — uma projeção anormal do verdadeiro local que ele procurava? Sentia-se inteiramente desorientado quanto à relação entre sonho e realidade em todas as suas experiências.

A passagem pelos vagos abismos seria pavorosa, pois o ritmo de Walpurgis seria vibrante, e finalmente teria de ouvir aquela pulsação cósmica até então velada que ele tão mortalmente temia. Mesmo naquele momento ele podia distinguir uma batida baixa e monstruosa de cujo tempo ele suspeitava com conhecimento de causa. No período do sabá aquele som sempre se elevava e alcançava diferentes mundos para invocar os iniciados aos ritos inomináveis. Metade dos cânticos do sabá eram variações dessa pulsação indistintamente entreouvida que nenhuma audição humana poderia suportar em sua desvelada plenitude espacial. Gilman se perguntou, também, se poderia confiar nos seus instintos para conduzi-lo de volta ao lugar correto no espaço. Como poderia ter certeza de que não aterrissaria naquela encosta iluminada de verde em um planeta distante, ou no terraço com piso de mosaico acima da cidade dos monstros tentaculados em algum lugar além da galáxia, ou nos ne-

gros vórtices espiralados daquele abismo supremo do Caos, onde reina o indiferente sultão-demônio Azathoth?

Pouco antes de ele dar o seu mergulho a luz violeta se apagou e o deixou em completa escuridão. A bruxa — a velha Keziah — Nahab — aquilo devia ter significado a sua morte. E misturado à distante cantilena do sabá e às lamúrias de Brown Jenkin na abertura abaixo dele, pensou ter ouvido outro lamento mais desvairado vindo das profundezas desconhecidas. Joe Mazurewicz — suas orações contra o Caos Rastejante agora transformadas em um inexplicável ganido de triunfo — mundos de realidade sardônica colidindo contra vértices de sonho febril — Iä! Shub-Niggurath! A Cabra de Mil Rebentos...

Eles encontraram Gilman no chão do seu velho quarto de sótão com ângulos esdrúxulos muito antes do amanhecer, pois o grito terrível havia trazido Desrochers, Choynski, Dombrowski e Mazurewicz imediatamente, e acordara até mesmo o profundamente adormecido Elwood em sua cadeira. Ele estava vivo, e com os olhos abertos e fitos, mas parecia em grande medida inconsciente. Na sua garganta havia marcas de mãos assassinas e no seu tornozelo esquerdo uma agonizante mordida de rato. Suas roupas estavam terrivelmente amarrotadas e o crucifixo de Joe havia sumido. Elwood estremeceu, temendo até mesmo especular que nova forma o sonambulismo de seu amigo havia assumido. Mazurewicz parecia meio entorpecido por causa de um “sinal” que dizia ter recebido em resposta às suas orações, e fez freneticamente o sinal da cruz quando o guincho e o queixume de um rato soou do outro lado da divisória inclinada.

Depois que o sonhador foi acomodado em seu leito no quarto de Elwood, mandaram chamar o dr. Malkowski — um clínico local que não repetia histórias embaraçosas — e ele aplicou em Gilman duas injeções hipodérmicas que o fizeram relaxar com algo parecido com a sonolência natural. Durante o dia o paciente recuperou a consciência algumas vezes e sussurrou seu mais novo sonho desarticuladamente para Elwood. Foi um processo doloroso e desde o início trouxe à tona um fato novo e desconcertante.

Gilman — cujos ouvidos haviam nos últimos tempos adquirido uma sensibilidade anormal — estava agora surdo como uma pedra. O doutor Malkowski, convocado novamente às pressas, disse a Elwood que am-

bos os tímpanos estavam rompidos, como se houvessem sofrido o impacto de alguma estupenda intensidade sonora além de qualquer concepção ou resistência humanas. Como tal som poderia ter sido escutado por alguém nas últimas horas sem despertar todo o Vale do Miskatonic era mais do que o honesto clínico poderia dizer.

Elwood escrevia sua participação no colóquio em um papel, para que uma comunicação bastante fácil fosse mantida. Nenhum dos dois sabia o que fazer com todo aquele caótico assunto e decidiram que seria melhor pensar nele o mínimo possível. Ambos, porém, concordaram que deveriam deixar aquela casa antiga e amaldiçoada tão logo isso pudesse ser arranjado. Os jornais da tarde falaram de uma batida policial contra alguns curiosos celebrantes numa ravina além de Meadow Hill pouco antes do amanhecer, e mencionaram que a pedra branca que havia lá era um objeto que há longa data recebia atribuições supersticiosas. Ninguém havia sido preso, mas entre os fugitivos dispensados havia-se avistado um enorme negro. Em outra coluna afirmou-se que nenhum vestígio do desaparecido Ladislav Wolejko fora encontrado.

O auge do horror ocorreu naquela mesma noite. Elwood jamais esquecerá aquilo, e foi forçado a se afastar da faculdade pelo resto do ano letivo em decorrência do colapso nervoso resultante. Ele pensara ter ouvido ratos nas divisórias por toda a noite, mas dera-lhes pouca atenção. Então, muito depois que ele e Gilman haviam se recolhido, os gritos atrozes começaram. Elwood levantou-se de um salto, acendeu as luzes e correu para o leito do seu convidado. O ocupante emitia sons de natureza verdadeiramente inumana, como se estivesse sendo torturado por algum tormento impossível de ser descrito. Ele se contorcia sob as roupas de cama, e uma grande mancha vermelha estava começando a aparecer nos cobertores.

Elwood mal ousou tocá-lo, mas gradualmente os gritos e contorções cessaram. A essa altura, Dombrowski, Choynski, Mazurewicz e o ocupante do andar de cima estavam todos se acotovelando na porta, e o senhorio mandou sua esposa voltar para telefonar ao dr. Malkowski. Todos gritaram quando uma grande forma semelhante a um rato subitamente saltou de baixo das roupas de cama ensanguentadas e correu pelo assoalho até um buraco de rato recém-aberto nas proximidades. Quan-

do o médico chegou e começou a puxar aquelas atemorizantes cobertas, Walter Gilman já estava morto.

Seria uma barbárie fazer mais do que sugerir o que havia matado Gilman. Havia praticamente um túnel atravessando seu corpo — algo havia comido o seu coração. Dombrowski, enfurecido pelo fracasso de seus constantes esforços para envenenar os ratos, pôs de lado qualquer escrúpulo quanto aos seus aluguéis e dentro de uma semana mudou-se com todos os seus locatários mais velhos para uma casa lúgubre, porém menos antiga, em Walnut Street. A pior coisa, durante algum tempo, foi manter Joe Mazurewicz quieto; pois o preocupado operário têxtil nunca ficava sóbrio e estava constantemente choramingando e murmurando sobre coisas espectrais e terríveis.

Parece que naquela última noite medonha, Joe havia se curvado para examinar os rastros escarlates de rato que levavam do leito de Gilman até o buraco próximo dali. No tapete eles eram muito indistintos, mas havia um trecho de assoalho aberto interposto entre o tapete e o rodapé. Ali Mazurewicz encontrou algo monstruoso — ou pensou ter encontrado, pois ninguém mais pôde concordar inteiramente com ele, apesar da inegável estranheza das pegadas. Os rastros no assoalho eram por certo bastante improváveis como pegadas de um rato mediano, mas nem mesmo Choynski e Desrochers admitiram que elas se pareciam com as impressões de quatro diminutas mãos humanas.

A casa nunca mais foi alugada. Assim que Dombrowski a deixou, a cortina da sua desolação final começou a descer, pois as pessoas evitavam-no tanto por conta de sua velha reputação quanto pelo novo odor fétido. Talvez o veneno de rato do antigo senhorio tenha funcionado no final das contas, pois não se passou muito tempo depois da sua partida e o lugar tornou-se um transtorno para a vizinhança. Agentes sanitários rastream o cheiro até os espaços fechados acima e ao lado do quarto leste do sótão, e concordaram que o número de ratos mortos devia ser enorme. Eles decidiram, porém, que não valia a pena derrubar a parede e desinfetar os espaços há tanto tempo selados, pois a fedentina logo passaria e a vizinhança não tinha padrões muito exigentes. De fato, sempre houvera vagas histórias locais sobre miasmas inexplicados nos andares superiores da Casa da Bruxa logo depois da véspera do 1º de maio e do Dia de Todos os Santos. Os vizinhos aquiesceram de má vontade à

inércia — mas a fedentina ainda assim constituiu uma carga adicional contra o lugar. Perto do fim, a casa foi condenada como local de habitação pelo inspetor de imóveis.

Os sonhos de Gilman e as circunstâncias a eles concomitantes nunca foram explicados. Elwood, cujos pensamentos sobre o episódio todo são por vezes quase enlouquecedores, voltou para a faculdade no outono seguinte e graduou-se no mês de junho subsequente. Ele encontrou o falatório espectral da cidade muito diminuído, e é realmente um fato que — não obstante certos relatos de um riso fantasmagórico na casa deserta, o qual durou quase tanto quanto o próprio edifício — nenhum novo aparecimento da velha Keziah ou de Brown Jenkin foi relatado nem mesmo em sussurros desde a morte de Gilman. É antes uma boa fortuna que Elwood não estivesse em Arkham naqueles anos posteriores em que certos eventos subitamente reacenderam os cochichos locais sobre horrores mais antigos. Claro que ele ouviu falar do assunto posteriormente e sofreu os tormentos inconfessados de especulações sombrias e confusas; mas mesmo isso não foi tão ruim quanto a real proximidade e os vários avistamentos possíveis teriam sido.

Em março de 1931, um vendaval pôs abaixo o telhado e a grande chaminé da abandonada Casa da Bruxa, de modo que um caos de tijolos em desintegração, telhas enegrecidas e cobertas de musgo e tábuas e vigas apodrecidas ruíram sobre o desvão e romperam o chão abaixo dele. O sótão inteiro foi sufocado por escombros caídos do alto, mas ninguém se deu ao trabalho de tocar naquela desordem antes da inevitável demolição completa daquela estrutura decrépita. Este último episódio ocorreu no mês de dezembro seguinte, e foi quando o velho quarto de Gilman foi limpo por trabalhadores relutantes e apreensivos que o falatório começou.

Em meio aos escombros que haviam ruído através do antigo teto inclinado havia várias coisas que fizeram com que os trabalhadores parassem e chamassem a polícia. Mais tarde a polícia, por sua vez, chamou o legista e vários professores da universidade. Havia ossos — rudemente esmagados e partidos, mas claramente reconhecíveis como humanos — cuja data manifestamente moderna conflitava de maneira intrigante com o período remoto em que seu único esconderijo possível, o desvão baixo e de chão inclinado sobre o forro, havia supostamente sido selado a

todo acesso humano. O médico legista concluiu que alguns pertenciam a crianças pequenas, enquanto outros — descobertos misturados com farrapos de um pano marrom apodrecido — pertenciam a uma mulher um tanto encurvada e de baixa estatura, avançada em anos. O cuidadoso peneiramento do entulho também revelou muitos pequeninos ossos de ratos apanhados no desabamento, assim como ossos de roedores mais antigos, roídos por pequenas presas de um modo que ocasionalmente gerou controvérsias e reflexões altamente produtivas.

Outros objetos encontrados incluíram os fragmentos misturados de muitos livros e papéis, juntamente com uma poeira amarelenta deixada pela desintegração de livros e papéis ainda mais antigos. Todos, sem exceção, pareciam tratar de magia negra em suas mais avançadas e horríveis formas; e as datas evidentemente recentes de certos itens ainda é um mistério tão insolúvel quanto o dos ossos humanos modernos. Um mistério ainda maior é a absoluta homogeneidade dos escritos arcaicos e difíceis de decifrar encontrados numa ampla variedade de papéis cujas condições e marcas de umidade sugeriam diferenças de idade de pelo menos 150 a 200 anos. Para alguns, porém, o maior mistério de todos é a variedade de objetos completamente inexplicáveis — objetos cujos formatos, materiais, tipos de manufatura e propósitos frustram todas as conjecturas — descobertos espalhados em meio aos escombros em estados evidentemente diversos de avaria. Uma dessas coisas — a qual excitou profundamente vários professores da Miskatonic — é uma monstruosidade seriamente danificada que se assemelhava claramente à estranha imagem que Gilman doou ao museu universitário, exceto que essa era maior, esculpida em algum tipo peculiar de rocha azulada em vez de metal e dotada de um pedestal singularmente anguloso com hieróglifos indecifráveis.

Arqueólogos e antropólogos ainda tentam explicar os bizarros desenhos cinzelados numa bacia amassada feita de um metal leve, cujo interior trazia funestas manchas acastanhadas quando ela foi encontrada. Estrangeiros e avós crédulas são igualmente gárrulos sobre o moderno crucifixo de níquel com a corrente rompida misturado no entulho, e nervosamente identificado por Joe Mazurewicz como o que ele havia dado ao pobre Gilman muitos anos antes. Alguns acreditam que esse crucifixo foi arrastado até o desvão vedado por ratos, enquanto outros

pensam que ele devia estar em algum canto do chão do velho quarto de Gilman o tempo todo. Outros ainda, incluindo o próprio Joe, têm teorias desvairadas e fantásticas demais para serem dignas de crédito sóbrio.

Quando a parede inclinada do quarto de Gilman foi demolida, o espaço triangular um dia vedado entre aquela divisória e a parede norte da casa revelou conter muito menos entulho estrutural, mesmo em proporção ao seu tamanho, do que o próprio quarto, embora tivesse uma macabra camada de materiais mais velhos que paralisaram os demolidores de horror. Em resumo, o chão era um verdadeiro ossuário com os ossos de pequenas crianças — algumas bastante modernas, mas outras remontando a infinitas gerações até um período tão remoto que a desintegração era quase completa. Sobre essa profunda camada de ossos repousava uma faca de grande tamanho, obviamente uma antiguidade, e grotesca, ornada com desenhos exóticos, sobre a qual os destroços estavam empilhados.

No meio dos escombros, encravado entre uma prancha desmoronada e um agrupamento de tijolos cimentados da chaminé em ruínas, havia um objeto destinado a causar mais polêmicas, medo velado e conversas abertamente supersticiosas em Arkham do que qualquer outra coisa descoberta no edifício assombrado e amaldiçoado. Esse objeto era o esqueleto parcialmente esmagado de um enorme rato doentio, cujas formas anormais ainda são tema de debates e fonte de singular reticência entre os membros do departamento de anatomia comparada da Miskatonic. Muito pouco sobre esse esqueleto transpirou, mas os trabalhadores que o encontraram sussurram em tom de choque sobre os longos pelos acastanhados com os quais ele foi associado.

Os ossos das pequeninas patas, comenta-se, contêm características preênseis mais típicas de um macaco diminuto que de um rato, enquanto o pequeno crânio com suas selvagens presas amareladas é o cúmulo da anormalidade, parecendo, sob certos ângulos, uma paródia em miniatura e monstruosamente degradada de uma caveira humana. Os trabalhadores persignaram-se assustados quando toparam com essa blasfêmia, porém mais tarde acenderam velas de agradecimento na Igreja de St. Stanislaus, pelo guincho agudo e fantasmagórico que eles sentiam que nunca mais tornariam a ouvir.



O Festival

∴

The Festival (1923)
Weird Tales (jan. 1925)

Este é um dos contos mais notáveis da obra de Lovecraft, não pela história que conta, mas pelo estilo denso e melancólico em que foi escrito. É, como S.T. Joshi observou: “um virtual poema em prosa de 3.000 palavras”.



Efficiunt Daemones, ut quae non sunt, sic tamen quasi sint, conspicienda hominibus exhibeant.^[1]

Lactância

Eu estava longe de casa e o encanto do mar oriental exercia seu efeito sobre mim. Escutava-o bater contra os rochedos ao crepúsculo, e sabia que ele estava logo além da colina onde os salgueiros recurvos se agitavam sob o céu límpido e as primeiras estrelas do anoitecer. E como meus pais haviam me chamado à velha cidade longínqua, avancei através da rasa camada de neve recente ao longo da estrada que subia solitária até o ponto onde Aldebarã cintilava entre as árvores; e prossegui rumo

àquela cidade muito antiga que eu nunca vira, mas com a qual sonhara com frequência.

Era o Yuletide, que os homens chamam de Natal embora saibam em seus corações ser mais antigo que Belém e Babilônia, mais velho do que Mênfis e a humanidade. Era o Yuletide, e eu finalmente havia chegado à antiga cidade litorânea onde minha gente residia e realizava o festival desde os tempos ancestrais em que essa comemoração era proibida; a cidade onde eles ordenaram que também seus filhos cumprissem a festividade uma vez a cada século, porque a memória de segredos primevos não pode ser esquecida. Eu pertencia ao velho povo, e este era velho até mesmo quando esta terra foi fundada, trezentos anos atrás. Era um povo estranho, pois viera como uma gente escura e furtiva dos opiáceos jardins de orquídeas setentrionais, e falava outra língua antes de aprender o idioma dos pescadores de olhos azuis. E então eles se espalharam, e compartilhavam unicamente os mistérios rituais que nenhum vivente poderia entender. Eu fui o único a voltar naquela noite para a velha cidade pesqueira conforme prescrevia a lenda, pois apenas os pobres e os solitários dela se recordam.

Então, por sobre o cume da colina, vi Kingsport se estender gelidamente ao crepúsculo; a nevada Kingsport com seus antigos cataventos e campanários, cumeeiras e chaminés, molhes e pequenas pontes, salgueiros e cemitérios; intermináveis labirintos de ruas íngremes, estreitas e tortuosas, e o vertiginoso pico central coroado pela igreja, que a poeira do tempo não tocou; dédalos ininterruptos entre casas coloniais empilhadas e espalhadas por todas as esquinas e níveis como desordenados blocos de montar; antiguidade pairando com asas cinzentas sobre coruchéus e águas-furtadas esbranquiçados pelo inverno; claraboias e janelas de vidros pequenos, reluzindo um a um na frieza do crepúsculo para se igualarem a Órion e as estrelas arcaicas. E de encontro ao cais apodrecido o mar se batia; o mar sigiloso e imemorial de onde o povo veio em tempos primevos.

Ao lado da estrada e sua crista um pico ainda mais alto se erguia, alvo e varrido pelo vento, e eu vi que era uma necrópole onde negras sepulturas se projetavam fantasmagoricamente sobre a neve, como dedos em decomposição de um gigantesco cadáver. A estrada destituída de pegadas era muito solitária, e por vezes eu pensei ter ouvido um horrível

ranger distante, como de uma força ao vento. Haviam enforcado quatro ancestrais meus por feitiçaria em 1692, mas eu não sabia exatamente onde.

À medida que a estrada serpenteava em seu íngreme trajeto descendente em direção ao mar eu apurava os ouvidos na expectativa dos sons alegres de uma vila ao anoitecer, porém não os escutei. Pensei então que isso se devia à estação inóspita, e senti que aquele velho povo puritano poderia muito bem ter costumes natalinos que me eram estranhos, plenos de silenciosas orações introspectivas. Por isso não procurei mais ouvir festejos ou avistar peregrinos, mas continuei seguindo por mudas casas de fazenda iluminadas e muros de pedra envoltos em sombras até onde as placas de antigas lojas e tabernas à beira-mar rilhavam com a brisa salobre, e as grotescas aldravas nos pórticos sustentados por pilares reluziam à luz de pequenas janelas cortinadas ao longo das alamedas desertas e sem pavimentação.

Eu havia consultado mapas da cidade e sabia onde encontrar o lar do meu povo. Dizia-se que eu seria reconhecido e bem-vindo, pois as lendas dos vilarejos têm vida longa; por isso acelerei o passo pela Back Street até a Circle Court, e atravessei a neve fresca sobre o único calçamento de pedra da cidade até o início da Green Lane, atrás da sede do mercado. Os velhos mapas ainda se saíam bem, por isso eu não tive problemas; porém em Arkham deviam ter mentido quando me disseram que os bondes chegavam até ali, pois não vi nenhum cabo quando olhei para cima. A neve teria ocultado os trilhos de qualquer forma. Alegrei-me por ter optado pela caminhada, pois o alvo vilarejo era muito belo visto do alto da colina; mas agora eu me sentia ansioso para bater à porta do meu povo, a sétima casa à esquerda na Green Lane, com um antigo telhado acuminado e o segundo andar saliente, inteiramente construída antes de 1650.

Havia luzes dentro da casa quando eu cheguei, e eu vi pelas janelas de vidros losangulares que ela devia ter se conservado em um estado muito próximo ao antigo. A parte superior projetava-se sobre a estreita rua tomada pelo capim e quase tocava a parte saliente da casa oposta, de forma que era como se eu me encontrasse em um túnel, com os baixos degraus de pedra diante das portas inteiramente livres de neve. Não havia calçada, porém muitas casas tinham portas altas às quais se chegava

por escadas de dois degraus com corrimãos de ferro. Era um cenário insólito, e como eu era um estrangeiro na Nova Inglaterra nunca vira algo assim antes. Embora me agradasse, teria apreciado mais se houvesse pegadas na neve, pessoas nas ruas e algumas janelas com as cortinas abertas.

Quando bati a arcaica aldrava de ferro senti-me parcialmente amedrontado. Um certo temor havia se formado dentro de mim, talvez por causa da estranheza da minha herança, da desolação do entardecer e do silêncio insólito naquela ancestral cidade de curiosos costumes. E quando minha batida teve resposta, meu medo se tornou completo, pois não ouvi nenhum passo antes que a porta se entreabrisse. Mas meu medo não durou muito, pois o velho de camisolão e chinelos que apareceu no batente tinha uma face branda que me tranquilizou; e embora ele fizesse gestos indicando que era surdo, escreveu singulares e antiquadas palavras de boas-vindas com a lousa de cera e o estilete que carregava.

Ele me convidou a entrar numa sala baixa à luz de velas com volumosos esteios à vista e móveis escuros, sóbrios e escassos do século XVII. O passado era vívido ali, pois nenhum de seus atributos estava ausente. Havia uma lareira cavernosa e uma roca à qual uma velha curvada vestindo uma manta folgada e uma touca alta estava sentada de costas para mim, fiando em silêncio a despeito da ocasião festiva. Uma umidade infinita parecia arraigada ao local, e eu me surpreendi que o fogo não estivesse aceso. Havia um banco de encosto alto com baú virado para a fileira de janelas cortinadas à esquerda, e parecia ocupado, embora eu não tivesse certeza disso. Não gostei de tudo o que vi e senti novamente o medo anterior. Esse medo se intensificou com o que antes o havia atenuado, pois quanto mais eu olhava para a face branda do velho, mais essa mesma brandura me aterrorizava. Os olhos nunca se moviam e a pele parecia-se muito com cera. Por fim eu tive certeza de que não se tratava de uma face, e sim de uma máscara diabolicamente perfeita. Mas as mãos débeis, curiosamente enluvadas, escreviam com genialidade na tabuleta e diziam-me que eu deveria esperar um momento antes de ser levado à sede do festival.

Depois de indicar-me uma cadeira, uma mesa e uma pilha de livros, o velho deixou o recinto; e quando eu me sentei para ler, vi que os livros eram gastos e bolorados, e que os títulos incluíam as selvagens *Maravi-*

lhas da ciência, do velho Morryster; o terrível *Saducismus Triumphatus*, de Joseph Glanvill, publicado em 1681; o chocante *Daemonolatreia*, de Remígio, impresso em 1595, em Lion; e o pior de todos, o nefando *Necronomicon*, do louco árabe Abdul Alhazred, na tradução latina proibida de Olaus Wormius, um livro que eu nunca tinha visto, mas do qual ouvira em sussurros coisas monstruosas. Ninguém falou comigo, mas eu podia escutar o ranger das placas ao vento do lado de fora, e o zumbido da roda da roca enquanto a velha de touca continuava silenciosamente a fiar, a fiar. Achei a sala, os livros e as pessoas muito mórbidos e inquietantes, mas como uma velha tradição dos meus pais havia me convocado a estranhos festins, decidi-me a aguardar coisas insólitas. Por isso tentei ler, e logo me vi tremulamente absorto por algo que encontrei naquele amaldiçoado *Necronomicon*; um pensamento e uma lenda horríveis demais para a sanidade ou a consciência. Mas fiquei contrariado quando pensei ter ouvido fechar uma das janelas para as quais o banco estava voltado, como se ela tivesse sido aberta de maneira furtiva. O som pareceu seguir-se a um zumbido que não era da roda de fiar da velha. Isso, porém, não quer dizer muita coisa, pois a mulher estava fiando intensamente e o antiquado relógio havia batido. Depois disso eu perdi a sensação de que havia pessoas no banco, e estava lendo palpitante e concentradamente quando o velho voltou calçando botas e vestindo um folgado traje antiquado e sentou-se naquele mesmo banco, de forma que eu não podia vê-lo. Foi certamente uma espera tensa, e o livro blasfemo em minhas mãos duplicava esse sentimento. Quando soaram onze horas, porém, o velho se levantou, arrastou-se até um imponente baú em relevo em um canto, e apanhou duas capas com capuz; uma das quais vestiu, envolvendo com a outra a velha senhora, que havia cessado seu monótono fiar. Então ambos começaram a se dirigir à porta; a mulher arrastando-se em um passo claudicante e o velho, depois de apanhar o mesmo livro que eu estivera lendo, gesticulando para que eu o seguisse enquanto puxava o capuz sobre aquela face imóvel ou máscara.

Nós saímos para a tortuosa rede de ruas desprovidas de luar daquela cidade inacreditavelmente antiga; saímos enquanto as luzes nas janelas cortinadas desapareciam uma a uma, e a estrela do Cão Maior espiava a multidão de figuras embuçadas e encapotadas que fluíam silenciosamente de todas as portas e formavam monstruosas procissões pelas ruas,

passando por placas rangentes e coruchéus antediluvianos, telhados de sapé e janelas de vidros losangulares; porfiando alamedas alcantiladas onde casas decadentes sobrepunham-se e juntas se desagregavam, deslizando por pátios abertos e adros onde as lanternas bamboleantes formavam sobrenaturais constelações embriagadas.

No meio dessas multidões caladas eu segui meus guias mudos; empurrado por cotovelos que pareciam imaterialmente macios e pressionado por peitos e barrigas que pareciam anormalmente flácidos; porém sem nunca ver um rosto nem ouvir uma palavra. Para o alto, para o alto, para o alto, as lúgubres colunas serpenteavam, e eu vi que todos os viajantes convergiam ao passar por uma espécie de foco de insanas ruelas no topo de uma alta colina no centro da cidade, onde se escarranchava uma grande igreja branca. Eu a havia avistado da crista da estrada quando olhei para Kingsport no início do anoitecer, e ela me fez estremecer porque Aldebarã pareceu equilibrar-se por um momento no fantasmagórico campanário.

Havia um espaço aberto ao redor da igreja; parte adro com colunas espectrais, parte praça semipavimentada, varrida pelo vento até quase despir-se de toda neve, e delimitada por casas insalubrememente arcaicas, com telhados acuminados e coruchéus salientes. Fogos-fátuos dançavam sobre as sepulturas, revelando hórridas paisagens, ainda que curiosamente não projetassem nenhuma sombra. Depois do adro, onde não havia casas, pude enxergar por sobre o cume da colina e vi o cintilar das estrelas no porto, embora a cidade estivesse invisível na escuridão. Apenas uma vez ou outra uma lanterna balançava horivelmente através de becos serpentinosos em seu caminho para alcançar a multidão que agora deslizava sem dizer uma palavra para dentro da igreja. Esperei até que a turba se infiltrasse pelo umbral escuro, e todos os retardatários a tivessem seguido. O velho puxava a minha manga, mas eu estava decidido a ser o último. Então finalmente prossegui, com o homem sinistro e a velha fiandeira à minha frente. Ao atravessar a soleira daquele templo fervilhante de sombras desconhecidas, virei-me uma vez para olhar para o mundo exterior enquanto a fosforescência do adro lançava uma claridade doentia no pavimento do topo da colina. Ao fazer isso eu estremeci. Pois embora o vento não tivesse deixado muita neve, alguns trechos haviam restado no caminho perto da porta; e nessa breve olhadela para

trás pareceu aos meus olhos perturbados que elas não traziam marcas de pés, nem mesmo os meus.

A igreja era parcamente iluminada, apesar de todas as lanternas que nela haviam entrado, pois a maior parte da multidão já havia desaparecido. Eles haviam seguido pelo corredor entre os altos bancos brancos até o alçapão das catacumbas, que estava repulsivamente escancarado pouco antes do púlpito, e agora se espremiavam sem fazer ruído para dentro dele. Desci entorpecido pelos degraus gastos por tantos pés e entrei na úmida e sufocante cripta. O final daquela fila sinuosa de caminhantes noturnos parecia muito horrendo, e quando eu os vi se enfiarem numa tumba venerável, pareceram-me ainda mais horríveis. Então eu percebi que o chão da tumba tinha uma abertura descendente pela qual a turba passava, e após um momento estávamos todos descendo por uma infausta escadaria talhada rudemente na pedra; uma estreita escadaria em espiral, úmida e de odor peculiar, que dava voltas intermináveis rumo às entranhas da colina por entre paredes monótonas de blocos de pedra gotejantes e argamassa em desagregação. Foi uma descida silenciosa e repugnante, e eu observei, após um intervalo horrível, que a natureza das paredes e degraus estava mudando, como se eles passassem a ser esculpidos diretamente na rocha sólida. O que mais me perturbou foi que a miríade de passos não produzia som algum e não provocava ecos. Após mais do que me pareceram eras de descida eu vi algumas passagens ou cavidades laterais que ligavam recessos desconhecidos de escuridão àquele poço de mistério noturno. Logo eles se tornaram excessivamente numerosos, como catacumbas heréticas de ameaça inominável; e seu odor pungente de decomposição tornou-se quase insuportável. Eu sabia que nós devíamos ter atravessado inteiramente a montanha e estar debaixo da terra de Kingsport propriamente dita, e estremeci ao pensar que uma cidade pudesse ser tão velha e pululante de perversidade subterrânea.

Então eu vi o lúgubre tremeluzir de uma luminosidade pálida e ouvi o chapinhar insidioso de águas jamais expostas ao sol. Novamente estremeci, pois não gostei das coisas que a noite havia trazido, e desejei com amargura que nenhum ancestral tivesse me convocado àquele rito primal. Quando os degraus e o corredor se tornaram mais largos, escutei outro som, as agudas e chorosas notas zombeteiras de um flautim; e de

repente estendeu-se ante mim a paisagem ilimitada de um mundo interior — uma vasta praia fúngica iluminada por uma fumegante coluna de doentias labaredas esverdeadas e banhadas por um largo rio untuoso que fluía de abismos pavorosos e insuspeitados para desaguar nos mais negros golfos de um oceano imemorial.

Desfalecente e sem fôlego, olhei para aquele Érebo iníquo de cogumelos titânicos, fogos morféticos e águas lodosas, e vi a turba encapuzada formar um semicírculo em torno do pilar flamejante. Era o rito de Yule, mais antigo do que o homem e fadado a sobreviver a ele; o rito primitivo do solstício e da promessa de primavera após as neves; o rito do fogo e do verdor, da luz e da música. E na gruta estigial vi-os cumprir o rito e adorar o doentio pilar de labaredas, e atirar na água punhados arrancados da vegetação viscosa que refletia cintilações verdes na claridade clorótica. Eu vi isso, e vi também alguma coisa amorfa acocorada longe da luz, soprando ruidosamente uma flauta; e enquanto a criatura pipilava eu pensei ter ouvido perniciosos adejos na escuridão fétida onde eu não conseguia enxergar. Porém, o que mais me assustou foi aquela coluna flamejante; jorrando vulcanicamente de profundezas abismais e inconcebíveis, sem projetar sombras como faria uma chama normal, e revestindo a rocha salitrosa acima dela com um repulsivo e venenoso azinhavre. Pois em toda essa combustão ebuliente não havia calor, apenas a viscosidade da morte e da deterioração.

O homem que havia me levado ali então se espremeu pela aglomeração até chegar a um ponto diretamente ao lado da chama horrenda, e passou a fazer rígidos movimentos cerimoniais para o semicírculo para o qual ele se voltara. Em certos estágios do ritual eles faziam humildes reverências, especialmente quando ele erguia sobre a cabeça aquele abominável *Necronomicon* que levava consigo; e eu repeti todas as reverências, porque havia sido convocado àquele festival pelos escritos dos meus antepassados. Então o velho fez um sinal para o flautista entrevisto nas trevas, e o músico nesse momento substituiu o débil pipilo por um som um pouco mais grave em outra nota; precipitando ao fazer isso um horror impensável e inesperado. Diante de tal horror eu quase afundei na terra coberta de líquido, transfixado por uma mortificação que não era deste ou de qualquer outro mundo, mas pertencia unicamente aos espaços insanos entre as estrelas.

Da escuridão inimaginável além da claridade gangrenosa daquela chama fria, das línguas tartáreas através das quais aquele rio untuoso corria de maneira insólita, inaudita e insuspeitada, brotou o adejar rítmico de uma horda de híbridas criaturas aladas, submissas e domesticadas, que nenhum olho sadio poderia apreender de todo e nenhum cérebro são recordar em sua totalidade. Não eram inteiramente corvos, nem toupeiras, nem abutres, nem formigas, nem morcegos vampiros, nem seres humanos em decomposição; mas algo que não posso e não devo evocar. Eles esvoaçavam por toda parte de maneira errática, em parte com seus pés palmados e em parte com suas asas membranosas; e quando alcançaram a multidão de celebrantes, as figuras encapuzadas passaram a agarrá-los e montá-los, e voaram um a um ao longo das extensões daquele rio privado de luz, entrando em poços e galerias de pânico de onde fontes venenosas alimentavam assustadoras e insuspeitáveis cataratas.

A velha fiandeira se fora com a multidão, e o velho permaneceu apenas porque eu me recusei quando ele gesticulou para que eu apanhasse um animal e o cavalgasse como os outros. Quando me levantei cambaleando, vi que o flautista amorfo havia sumido de vista, e que duas daquelas bestas aladas aguardavam pacientemente nas proximidades. Como eu fiquei para trás, o velho apanhou seu estilete e sua lousa e escreveu que era o verdadeiro sucessor dos meus antepassados que haviam fundado o culto de Yule naquele lugar antigo; que fora decretado que eu deveria retornar, e que os mistérios mais secretos ainda estavam por executar. Escreveu isso numa caligrafia muito antiga, e como eu ainda hesitasse ele tirou de seu manto folgado um sinete e um relógio, ambos com as armas de minha família, para provar que era o que dizia ser. Mas aquela era uma prova hedionda, pois eu sabia com base em velhos documentos que o relógio havia sido enterrado com meu pentavô em 1698.

Num átimo, o velho tirou seu capuz e apontou a semelhança familiar em seu rosto, mas isso só me fez estremecer, pois eu tinha certeza de que a face era meramente uma diabólica máscara de cera. Os animais esvoaçantes agora cavoucam com impaciência o líquen, e eu vi que o velho estava quase tão impaciente quanto eles. Quando uma das criaturas começou aos poucos a se afastar bamboleando, ele se virou rapidamente para detê-la; mas seu movimento foi tão súbito que deslocou a máscara de cera do que devia ter sido sua cabeça. E então, como a posição daquela

criatura de pesadelo me impedia de chegar à escadaria de pedra pela qual havíamos descido, fugi para o untuoso rio subterrâneo que borbulhava rumo às cavernas marinhas; fugi para aquele caldo pútrido de horrores brotados da intimidade da terra antes que o desvario dos meus gritos atraísse sobre mim todas as legiões sepulcrais que aqueles abismos pestilentos pudessem ocultar.

No hospital disseram-me que eu havia sido encontrado parcialmente enregelado no porto de Kingsport ao amanhecer, agarrado a um mastro à deriva que o acaso havia mandado em meu socorro. Afirmaram que eu tomara o caminho errado numa encruzilhada da colina na noite anterior, e caíra dos rochedos em Orange Point; algo que eles deduziram das pegadas encontradas na neve. Não havia nada que eu pudesse dizer, porque estava tudo errado. Estava tudo errado, pois as amplas janelas exibiam um mar de telhados entre os quais cerca de apenas um quinto era antigo, e havia também sons de bondes e motores nas ruas abaixo. Insistiram comigo que aquela era Kingsport, e que não era possível negar isso. Quando eu entrei em delírio ao ouvir que o hospital ficava ao lado do velho adro da igreja em Central Hill, enviaram-me ao Hospital St. Mary em Arkham, onde eu poderia receber melhores cuidados. Gostei de lá, pois os médicos tinham a mente mais aberta, e chegaram a empenhar sua influência para me ajudar a obter a cópia cuidadosamente guardada do questionável *Necronomicon* de Alhazred, da biblioteca da Universidade do Miskatonic. Disseram algo sobre uma “psicose”, e concordaram que era melhor que eu livrasse minha mente de qualquer obsessão que a atormentasse.

Então eu reli aquele capítulo abominável, e estremeci em dobro por que ele de fato não me era inédito. Eu o vira antes, não importa o que digam as pegadas na neve; e do local onde o vira era melhor esquecer. Não havia ninguém — nas horas despertas — que pudesse me fazer recordá-lo; porém meus sonhos eram tomados de um terror ligado a frases que não ousa citar. Atrevo-me apenas a citar um parágrafo, vertido para o inglês como me foi possível a partir daquele canhestro baixo latim.

“As cavernas mais profundas”, escreveu o árabe louco, “não se destinam à sondagem de olhos que veem; pois suas maravilhas são estranhas e aterrorizantes. Maldito o terreno onde pensamentos mortos são revi-

vidos e insolitamente corporificados, e pérfida é a mente que nenhuma cabeça contém. Sábias foram as palavras de Ibn Schacabao, de que feliz é a tumba onde nenhum feiticeiro se deitou, e tranquila a noite da cidade cujos feiticeiros foram reduzidos a cinzas. Pois é um rumor antigo o que diz que as almas corrompidas pelo demônio não se desligam da argila do sepulcro, mas prosperam e adestram *o próprio verme que a róí*; até que da decomposição uma hórrida vida desperta, e os obtusos carniceiros da terra se multiplicam com astúcia para atormentá-la e avolumam-se de maneira monstruosa para infestá-la. Grandes covas são cavadas em segredo onde os poros da terra bastariam, e criaturas que se destinam a rastejar aprendem então a caminhar.”



O Horror de Dunwich

∴

The Dunwich Horror (1928)

Weird Tales (abr. 1929)

“O Horror de Dunwich” é um dos mais controversos dos trabalhos posteriores de Lovecraft. Ele se presta particularmente bem a uma interpretação do bem contra o mal e, portanto, não é surpreendente que tenha sido um dos favoritos de August Derleth. Também depende muito mais de elementos sobrenaturais do que outras histórias de Lovecraft desse período, sem dúvida melhores; um sinal característico das melhores histórias de Lovecraft é uma plausibilidade doentia — uma sensação de que os eventos da história podem ser explicados não por fantasmas e fantasias sobrenaturais, mas por seres e entidades materiais reais que nossos sentidos fracos mal podem começar a perceber. É difícil perceber isso no caso desta história.

No entanto, “O Horror de Dunwich” é um conto emocionante, despretensiosamente alegre e de uma leitura verdadeiramente satisfatória. Claro, pode ter sido escrito como um experimento para equilibrar a qualidade literária com a escrita de ação pulp, com o objetivo de incluir mais histórias na *Weird Tales* e em outras revistas; certamente é muito mais uma reminiscência de um de seus contos como escritor-fantasma (especialmente “A

Maldição de Yig”, escrita alguns meses antes) do que de seu próprio trabalho posterior. De fato, “O Horror de Dunwich” empresta vários elementos da trama de “A Maldição de Yig”, incluindo um muito importante que não pode ser discutido aqui sem estragar o final.



“Górgonas e Hidras e Quimeras — tremendas histórias de Celeno e as Harpias — podem se reproduzir no cérebro supersticioso — mas existiram um dia. São transcrições, tipos — os arquétipos existem dentro de nós, e são eternos. De que outro modo a repetição de algo que sabemos em sã consciência ser falso poderia nos afetar? Será que naturalmente concebemos o terror diante desses objetos, considerados em sua capacidade de nos infligir danos corporais? Ora, isso é o de menos! Esses terrores são muito anteriores. Datam de além do corpo — ou sem o corpo teriam existência da mesma forma... Que o tipo de medo de que aqui se trata seja puramente espiritual — que seja proporcionalmente mais forte conforme tenha menos objetividade na terra, que predomine no período de nossa infância sem pecado — são dificuldades cuja solução pode fornecer intuições plausíveis sobre nossa condição anterior ao mundo, e ao menos um olhar dentro do terreno das sombras da preexistência.”

— Charles Lamb, “*Witches and Other Night-Fears*”
[Bruxas e outros temores noturnos]

Se ao passar a norte da região central de Massachusetts um viajante toma o acesso errado na bifurcação da estrada de Aylesbury logo depois de Dean’s Corners, ele chega a um lugar solitário e curioso. A vegetação do solo fica mais alta, e os muros de pedra ladeados por espinheiros amontoam-se cada vez mais perto dos sulcos na estrada poeirenta e sinuosa. As árvores das várias faixas de floresta parecem grandes demais, e as ervas selvagens, arbustos e gramas atingem uma exuberância raramente vista em regiões habitadas. Ao mesmo tempo, os campos plantados parecem singularmente escassos e estéreis, enquanto as casas ostentam um aspecto surpreendentemente uniforme de antiguidade, sordidez e dilapi-

dação. Sem saber por quê, o viajante hesita em pedir informações às figuras retorcidas e solitárias vislumbradas de vez em quando em soleiras decrépitas ou nas pradarias inclinadas e salpicadas de rochas. Essas figuras são a tal ponto silenciosas e furtivas que o viajante sente estar diante de coisas proibidas, com as quais seria melhor não ter nenhum contato. Quando uma elevação na estrada descortina as montanhas acima dos profundos bosques, a inquietação do forasteiro aumenta. Os cumes são demasiado curvos e simétricos para transmitir uma sensação de conforto e naturalidade, e às vezes o céu delinea com particular vividez os círculos dos altos pilares de pedra que coroam a maioria deles.

Vales e desfiladeiros de profundezas enigmáticas cruzam-se naquela direção, e as rústicas pontes de madeira parecem oferecer uma segurança duvidosa. Quando a estrada torna a descer surgem trechos pantanosos que causam uma aversão instintiva, e por vezes temores ao cair da noite, quando bacuraus invisíveis tagarelam e os vaga-lumes saem em uma profusão anormal para dançar ao ritmo estridente e obstinado dos sapos-boi coaxantes. A linha estreita e cintilante dos pontos mais altos do Miskatonic sugere os movimentos de uma serpente à medida que se aproxima dos sopés das colinas abobadadas em meio às quais se ergue.

À medida que as colinas se aproximam, o viajante percebe mais as encostas verdejantes do que os cumes coroados pelas rochas. Essas encostas são tão escuras e tão íngremes que o forasteiro deseja que se mantivessem ao longe, mas não há outra estrada por onde escapar. Do outro lado de uma ponte coberta, encontra um pequeno vilarejo aninhado entre o rio e a encosta vertical da Round Mountain e percebe um amontoado de mansardas apodrecidas que indicam um período arquitetônico anterior ao de toda a região circunjacente. Não é nada reconfortante ver, ao chegar mais perto, que a maioria das casas encontra-se abandonada e em ruínas, e que a igreja de coruchéu desabado abriga o único estabelecimento comercial decrépito do vilarejo. O túnel da ponte inspira o terror da incerteza, mas não há como evitá-lo. Ao chegar do outro lado, é difícil conter a impressão de um discreto odor maligno na rua do vilarejo, que parece resultar do mofo e da decadência de séculos. É sempre um alívio sair desse lugar e seguir estrada afora, contornando os sopés das colinas e atravessando o terreno plano mais além até retornar à es-

trada de Aylesbury. Depois, às vezes o viajante descobre que passou por Dunwich.

Os forasteiros visitam Dunwich com a menor frequência possível, e desde uma certa estação de horror toda a sinalização que apontava para o vilarejo foi retirada. O cenário, considerado segundo os ditames do cânone estético vulgar, é mais bonito do que o normal; mesmo assim, não há influxo de artistas ou turistas de verão. Dois séculos atrás, quando boatos sobre o sangue de bruxas, rituais de adoração a Satanás e estranhas presenças na floresta eram levados a sério, em geral se ofereciam motivos para evitar o local. Na época sensata em que vivemos — desde que o horror de Dunwich em 1928 foi silenciado por aqueles que tinham o bem-estar do vilarejo e do mundo no coração — as pessoas evitam-no sem saber ao certo por quê. Talvez o motivo — embora não possa causar efeito em forasteiros desinformados — seja que os nativos agora se encontram em um estado repulsivo de decadência, uma vez que seguiram pelo caminho do retrocesso comum a vários recantos da Nova Inglaterra. Acabaram formando uma raça própria, com os estigmas bem definidos da degeneração mental e física provocada por casamentos consanguíneos. A inteligência média da população é pavorosamente baixa, e os anais da história cheiram a vícios em excesso e ao abafamento de assassinatos, incestos e atos de violência e perversidade quase inefáveis. A antiga aristocracia, representada pelas duas ou três famílias blasonadas que chegaram de Salem em 1692, manteve-se um pouco acima do nível geral de decadência, embora muitas linhagens tenham afundado a tal ponto no meio do populacho sórdido que certos nomes permanecem apenas como uma chave para revelar a origem que desgraçam. Alguns dos Whateley e dos Bishop ainda mandam os filhos mais velhos para Harvard e para a Universidade do Miskatonic, embora esses filhos poucas vezes retornem às mansardas emboloradas sob as quais nasceram como tantos outros ancestrais.

Ninguém, nem mesmo as pessoas que conhecem os fatos pertinentes ao recente horror, sabem dizer ao certo qual é o problema com Dunwich, embora antigas lendas versem sobre rituais profanos e conclaves de índios acompanhados pela invocação de sombras proscritas nas grandes colinas abobadadas e por desvairadas preces orgiásticas respondidas por estalos e rumores vindos da terra. Em 1747 o reverendo Abijah Hoad-

ley, recém-chegado à Igreja Congregacional em Dunwich Village, deu um sermão memorável sobre a proximidade de Satã e de uma hoste de diabretes, no qual disse:

“Devemos admitir que essas Blasphêmias de hum Séquito de Demônios infernaes são Assumptos de Conhecimento demasiado comum para que sejam negadas; tendo as vozes abafadas de Azazel e Buzrael, de Belzebu e Belial sido ouvidas nos Subterrâneos por mais de uma Vintena de Testemunhas vivas. Eu mesmo, pouco mais de duas semanas atrás, flagrei o inconfundível Discurso dos Poderes do Mal na Collina atrás da minha Casa; o qual se fez acompanhar de Pancadas e Rumores, Gemidos, Arranhões e Sibilos, taes como não existem Cousas nessa Terra capazes de provocar, e que decerto vieram das Grutas que somente a Magia negra consegue descobrir, e somente o Demônio destranca”.

O sr. Hoadley desapareceu logo depois de dar esse sermão; mas o texto, impresso em Springfield, chegou até nós. Barulhos nas colinas ainda são relatados ano após ano, e permanecem como um enigma para geólogos e fisiógrafos.

Outras tradições fazem menção a odores fétidos próximo aos pilares de pedra que coroam as colinas e a presenças aéreas que podem ser ouvidas a certas horas em determinados pontos no fundo dos enormes vales; enquanto ainda outras tentam explicar o Canteiro do Diabo — uma encosta estéril e maldita onde nenhuma árvore, arbusto ou grama cresce. Além do mais, os nativos têm um medo mortal dos numerosos bacuraus que erguem a voz nas noites quentes. Alguns juram que os pássaros são psicopompos à espera da alma dos moribundos, e que emitem os gritos horripilantes em uníssono com os estertores dos que agonizam. Se capturam a alma ao sair do corpo, no mesmo instante alçam voo, pipilando risadas demoníacas; mas, se fracassam, aos poucos sucumbem a um silêncio decepcionado.

Essas histórias, é claro, parecem obsoletas e ridículas porque remontam a épocas demasiado antigas. A bem dizer, Dunwich é um lugar ridículamente antigo — muito mais antigo do que qualquer outra comunidade em um raio de cinquenta quilômetros. Ao sul do vilarejo ainda se podem ver as paredes do porão e a chaminé da antiga casa dos Bishop,

construída antes de 1700, enquanto as ruínas do moinho na queda-d'água, construído em 1806, representam o espécime arquitetônico mais moderno que se pode encontrar. A indústria não prosperou por aqui, e o impulso industrial do século XIX mostrou-se passageiro. Mais velhos do que todo o restante são os enormes círculos de pedra rústica no alto das colinas, mas estes em geral são atribuídos aos índios, e não aos colonos. Depósitos de crânios e ossadas descobertos nesses círculos e ao redor da grande rocha retangular na Sentinel Hill reforçam a crença popular de que esses lugares foram outrora cemitérios dos Pocumtuck, ainda que muitos etnólogos, rejeitando a improbabilidade absurda dessa teoria, continuem associando os restos mortais a pessoas de origem caucasiana.

II.

Foi no vilarejo de Dunwich, em uma grande casa rural parcialmente desabitada e construída junto de uma encosta a seis quilômetros do vilarejo e a dois quilômetros e meio de qualquer outra residência, que Wilbur Whateley nasceu às cinco horas da manhã de domingo, 2 de fevereiro de 1913. A data era lembrada porque era Candelária, uma celebração que as pessoas de Dunwich curiosamente chamam por outro nome; e porque os rumores haviam soado nas colinas e os cachorros tinham latido sem parar no campo durante toda a noite anterior. Menos digno de nota era o fato de que a mãe era uma das Whateley decadentes, uma mulher de 35 anos, albina, com leves deformações e desprovida de qualquer encanto, que vivia com o pai idoso e meio ensandecido, a respeito de quem as mais terríveis histórias de bruxaria haviam sido sussurradas na época da juventude. Lavinia Whateley não tinha nenhum esposo conhecido, mas como era costume na região não fez nenhuma tentativa de abandonar a criança; quanto à linhagem paterna, as pessoas do campo podiam especular — e de fato especularam — à vontade. Muito pelo contrário: ela parecia nutrir um estranho orgulho em relação ao menino de tez escura e com feições de bode que contrastava com o albinismo enfermigo e os olhos rosados da mãe e balbuciava estranhas profecias sobre os raros poderes e o espantoso futuro do menino.

Lavinia tinha uma certa predisposição a balbuciar essas coisas, pois era uma criatura solitária dada a andar em meio a tempestades elétricas nas colinas e a ler os grandes livros malcheirosos que o pai herdara após dois séculos da família Whateley e que se deterioravam muito depressa por conta da idade e das traças. Nunca tinha frequentado a escola, mas conhecia inúmeros fragmentos desconexos de sabedoria antiga que o Velho Whateley lhe havia ensinado. A propriedade remota sempre fora temida por causa do suposto envolvimento do Velho Whateley com magia negra, e a morte inexplicável e violenta da sra. Whateley quando Lavinia tinha doze anos não contribuiu em nada para a popularidade do lugar. Isolada em meio a estranhas influências, Lavinia entregava-se a devaneios elaborados e grandiosos e a ocupações um tanto singulares; o lazer não era muito prejudicado pelos afazeres domésticos em uma casa onde todos os critérios de ordem e de limpeza haviam desaparecido muito tempo atrás.

Houve um grito horrendo que ecoou mais alto que os rumores das colinas e os latidos dos cachorros na noite em que Wilbur veio ao mundo, mas nenhum médico e nenhuma parteira assistiu o nascimento. Os vizinhos receberam a primeira notícia sobre o garoto uma semana mais tarde, quando o Velho Whateley conduziu o trenó pela neve até Dunwich Village e fez um discurso incoerente para o grupo de desocupados no armazém de secos e molhados de Osborn. Parecia haver uma mudança nos modos do velho — um elemento extra de furtividade no intelecto confuso, que sutilmente o havia transformado de objeto em sujeito do medo —, embora não fosse o tipo de pessoa que se preocupasse com ocorrências familiares ordinárias. Apesar de tudo, demonstrou uma ponta de orgulho, mais tarde percebida na filha, e o que disse sobre a paternidade do menino ainda era lembrado pelos ouvintes muitos anos mais tarde.

“Poco me importa o que as pessoa diz — se o minino da Lavinny fosse paricido co’o pai, ele seria bem diferente do que vocês imagino. Não ache que as única pessoa que existe são as pessoa daqui! A Lavinny leu e viu cousas que a maioria de vocês só conhece de ovi falá. Na mi’a opinião o esposo dela é um marido tão bom como qualqué otro que se possa arranjá aqui pelas banda de Aylesbury; e se vocês conhecesse as colina tão bem quanto eu, saberio que nenhum casamento na igreja sai-

ria melhor que o dela. Escute bem o que eu vô dizê — *um dia vocês ainda vão ovi o filho da Lavinny gritá o nome do pai no alto da Sentinel Hill!*”

As únicas pessoas que viram Wilbur durante o primeiro mês de vida foram o velho Zechariah Whateley, um dos Whateley ainda íntegros, e Mamie Bishop, a esposa de Earl Sawyer. A visita de Mamie deveu-se à curiosidade, e as histórias que contou mais tarde fizeram justiça ao que viu; mas Zechariah apareceu para entregar uma parelha de vacas Alderney que o Velho Whateley havia comprado de Curtis, seu filho. Esse acontecimento marcou o início da aquisição de cabeças de gado pela pequena família de Wilbur que acabou em 1928, quando o horror de Dunwich apareceu e desapareceu; porém em nenhum momento o deplorável estábulo dos Whateley pareceu abrigar um rebanho numeroso. Houve uma época em que a curiosidade levou certas pessoas a se esgueirar até a propriedade e contar o rebanho que pastava na encosta íngreme junto da velha casa, mas nunca se viam mais do que dez ou doze animais anêmicos e de aspecto exangue. Sem dúvida algum malogro, talvez causado pelo pasto insalubre ou por fungos e tábuas apodrecidas no estábulo imundo, era o causador da grande mortandade entre os animais dos Whateley. Estranhas feridas e machucados que sugeriam o aspecto de incisões pareciam afligir o gado; e em uma ou duas ocasiões durante os primeiros meses, certos visitantes imaginaram ter visto feridas similares na garganta do velho grisalho e barbado e da albina vulgar de cabelo ondulado.

Na primavera após o nascimento de Wilbur, Lavinia retomou os passeios habituais pelas colinas, carregando nos braços desproporcionados o menino de tez escura. O interesse público pelos Whateley diminuiu depois que a maioria dos habitantes viu o bebê, e ninguém se preocupou em comentar o desenvolvimento assombroso que o recém-nascido parecia exibir dia após dia. O crescimento de Wilbur era de fato espantoso; três meses depois de nascer, o menino tinha um tamanho e uma força muscular poucas vezes observáveis em crianças com menos de um ano de idade. Os movimentos e até mesmo os sons vocais evidenciavam um controle e uma deliberação muito singulares em uma criança tão pequena, e ninguém se surpreendeu quando, aos sete meses, ele começou a

caminhar sozinho, com pequenos tropeções que o passar de mais um mês eliminou por completo.

Foi um pouco mais tarde — no Dia das Bruxas — que um grande clarão foi visto à meia-noite no alto da Sentinel Hill onde a velha pedra retangular se ergue em meio a um túmulo de ossos antigos. Houve um rebuliço considerável quando Silas Bishop — dos Bishop íntegros — mencionou ter visto o garoto subir a colina correndo à frente da mãe cerca de uma hora antes que o clarão fosse percebido. Silas estava lançando uma novilha fugida, mas quase se esqueceu da missão quando teve um vislumbre fugaz daquelas duas figuras à tênue luz da lanterna. Corriam quase sem fazer barulho em meio aos arbustos, e o observador atônito teve a impressão de que estavam completamente nus. Mais tarde demonstrou incerteza em relação ao garoto, que talvez estivesse usando uma espécie de cinto com franjas e um par de calças ou calções. Wilbur nunca mais foi visto enquanto vivo e consciente sem estar usando trajes abotoados completos, cujo desalinho ou princípio de desalinho sempre parecia enchê-lo de raiva e de apreensão. O contraste com a penúria da mãe e do avô foi notado com certa estranheza até que o horror de 1928 sugerisse razões bastante convincentes para esse comportamento.

Segundo os boatos de janeiro seguinte, o “fedelho moreno” de Lavinny havia começado a falar com a idade de apenas onze meses. A fala do garoto chamava atenção não apenas por apresentar diferenças consideráveis em relação ao sotaque típico do vilarejo, mas também porque apresentava um grau de articulação que seria motivo de orgulho para muitas crianças de três ou quatro anos. O garoto não era muito prolixo, embora ao falar desse a impressão de refletir um elemento totalmente estranho a Dunwich e aos habitantes da região. Essa estranheza não estava no que costumava dizer, nem nas expressões que usava; mas parecia estar vagamente relacionada à entonação ou aos órgãos internos que produziam os sons falados. O aspecto facial também era notável pela maturidade; pois, embora tivesse herdado o queixo quase inexistente da mãe e do avô, o nariz firme e bem talhado de Wilbur unia-se à expressão dos olhos grandes e escuros, quase latinos, para conferir-lhe certo ar de maturidade e de inteligência quase sobrenatural. Apesar da aparência brilhante, no entanto, era feio ao extremo; havia algo que sugeria um bode ou algum outro animal nos lábios grossos, na pele amarela de po-

ros dilatados, no grosso cabelo ondulado e nas estranhas orelhas alongadas. Logo passou a sofrer uma rejeição ainda mais forte do que a mãe e o avô, e todas as conjecturas a respeito do garoto eram temperadas com alusões aos feitiços lançados outrora pelo Velho Whateley e à vez em que as colinas estremeceram quando gritou o pavoroso nome de *Yog-Sothoth* no interior de um círculo de pedras com um grande livro aberto nos braços. Os cães detestavam o garoto, que assim se via obrigado a tomar várias medidas defensivas contra essas ruidosas ameaças.

III.

Nesse meio-tempo o Velho Whateley continuou a comprar reses sem aumentar o rebanho de qualquer maneira perceptível. Também começou a cortar lenha para reparar as partes não utilizadas da casa — uma construção espaçosa com um telhado de duas águas e os fundos escavados diretamente na encosta rochosa, cujos três aposentos térreos menos arruinados sempre tinham sido suficientes para si e para a filha. O velho devia ter reservas prodigiosas de energia para executar todo aquele trabalho pesado; e, mesmo que às vezes ainda balbuciasse frases desconexas, os trabalhos de carpintaria evidenciavam uma capacidade indubitável de fazer cálculos precisos. Começou assim que Wilbur nasceu, quando um dos inúmeros armazéns de ferramentas foi organizado, revestido com ripas de madeira e equipado com uma nova e robusta fechadura. Durante a reforma do andar superior da casa, o talento do Velho Wilbur como artesão não esmoreceu. Os indícios de demência manifestaram-se apenas quando pregou tábuas em todas as janelas da área reocupada — embora muitos achassem que já era loucura o bastante promover a reocupação. Menos explicável ainda foi a construção de um novo cômodo no térreo para o neto — um cômodo visto por muitos visitantes, ainda que ninguém jamais fosse recebido no andar superior pregado com tábuas. A alcova teve as paredes cobertas por estantes altas e robustas, ao longo das quais o velho aos poucos começou a dispor, de maneira organizada, todos os antigos livros e fragmentos de livros apodrecidos que na época da própria juventude haviam ficado dispostos em pilhas negligenciadas nos cantos de aposentos variados.

“Eu usei alguns”, disse enquanto tentava consertar uma página arrancada escrita em letras góticas com uma cola preparada no fogão da cozinha, “mas o minino com certeza há de fazê uso bem melhor. Ele deve de se familiarizá co’esses livro o mais dipressa possívio, porque essa vai sê a única educação que vai recebê.”

Quando Wilbur tinha um ano e sete meses — em setembro de 1914 —, o tamanho e a evolução do garoto eram quase alarmantes. Tinha a altura de uma criança de quatro anos, falava com fluência e exibia uma inteligência nada menos do que espantosa. Corria solto pelos campos e colinas e acompanhava todas as andanças da mãe. Em casa, examinava atentamente as estranhas figuras e mapas nos livros do avô, enquanto o Velho Whateley o instruía e catequizava durante longas tardes silenciosas. Nesse ponto a reforma da casa estava concluída, e as pessoas que a viram perguntaram-se por que uma das janelas superiores tinha sido transformada em uma sólida porta de tábuas. Era uma janela nos fundos da empena que dava para o leste, perto da colina; e ninguém conseguia imaginar por que uma rampa de madeira fora construída desde o chão até lá. Quando a reforma estava prestes a ser concluída, as pessoas notaram que o armazém de ferramentas, trancado e totalmente revestido por ripas de madeira desde o nascimento de Wilbur, tinha sido abandonado mais uma vez. A porta abriu-se sem que ninguém percebesse, e, ao entrar no armazém certa vez durante uma visita relativa à venda de gado para o Velho Whateley, Earl Sawyer ficou impressionado com o singular odor que encontrou — segundo disse, um fedor mais intenso do que qualquer outro cheiro que tivesse sentido ao longo de toda a vida, à exceção do fedor que pairava sobre os círculos indígenas no alto das colinas e que não poderia vir de qualquer coisa salubre desse mundo. Mesmo assim, as casas e os galpões de Dunwich nunca ganharam fama por conta do asseio olfatório.

Nos meses seguintes não houve nenhum evento visível, mas todos juravam que os misteriosos barulhos nas colinas aos poucos ficavam mais audíveis. Na Noite de Walpurgis de 1915 tremores foram sentidos até mesmo em Aylesbury, e o Dia das Bruxas subsequente trouxe um rumor subterrâneo acompanhado por estranhas irrupções de chamuscas — “bruxaria dos Whateley” — no pico da Sentinel Hill. Wilbur crescia de maneira assombrosa, e aos quatro anos parecia um rapaz. Era um leitor

ávido, mas falava ainda menos do que antes. Uma taciturnidade permanente o absorvia, e pela primeira vez as pessoas começaram a falar sobre o olhar de maldade cada vez mais evidente naquela expressão de bode. Às vezes Wilbur balbuciava em um jargão desconhecido e entoava ritmos bizarros que enregelavam o ouvinte com uma sensação de terror inexplicável. A aversão demonstrada pelos cães tornou-se um fenômeno de conhecimento público, e o garoto era obrigado a andar sempre armado com uma pistola para garantir a própria segurança no campo. O uso ocasional da arma pouco serviu para aumentar sua popularidade entre os proprietários dos guardiões caninos.

Os poucos visitantes em geral encontravam Lavinia sozinha no térreo, enquanto estranhos gritos e passadas soavam no segundo andar pregado com tábuas. Ela negava-se a revelar o que o pai e o garoto faziam lá em cima, mas certa vez empalideceu e demonstrou um medo fora do comum quando um vendedor de peixe itinerante tentou abrir a porta trancada que dava para os degraus em uma brincadeira. O vendedor contou para os desocupados na loja de Dunwich Village que imaginou ter ouvido os cascos de um cavalo no andar de cima. Os desocupados refletiram sobre a porta e a rampa e o gado que desaparecia com tamanha celeridade. Logo estremeceram ao relembrar as histórias sobre a juventude do Velho Whateley e as estranhas coisas invocadas da terra quando um novilho é sacrificado no momento oportuno a certas divindades pagãs. As pessoas notaram que os cachorros haviam passado a temer e a odiar toda a propriedade dos Whateley com o mesmo temor e o mesmo ódio que demonstravam em relação ao jovem Wilbur.

Em 1917 veio a guerra, e Sawyer Whateley, proprietário de terras e presidente da junta de recrutamento local, teve bastante trabalho para encontrar uma cota de jovens de Dunwich em condições de serem enviados para um campo de treinamento. O governo, alarmado por esses sinais de decadência regional generalizada, mandou vários oficiais e médicos para investigar a situação; e o resultado foi um estudo que muitos leitores de jornais da Nova Inglaterra ainda devem recordar. A publicidade que acompanhou essa investigação despertou a atenção dos repórteres para os Whateley, e levou o *Boston Globe* e o *Arkham Advertiser* a imprimir reportagens de domingo sobre a precocidade do jovem Wilbur, a magia negra do Velho Whateley, as estantes de livros estranhos, o

segundo andar fechado da antiga casa rural e a estranheza de toda a região e dos barulhos nas colinas. Wilbur tinha quatro anos e meio na época, mas parecia um rapaz de quinze. Tinha os lábios e o rosto cobertos por uma penugem grossa e escura e havia começado a mudar de voz.

Earl Sawyer foi à residência dos Whateley com dois grupos de repórteres e operadores de câmera, e chamou a atenção de todos para o estranho fedor que parecia emanar dos cômodos fechados no andar de cima. Segundo disse, era exatamente o mesmo cheiro que tinha sentido no armazém de ferramentas abandonado após a reforma da casa; e também como os discretos odores que por vezes imaginava captar próximo aos círculos de pedras nas montanhas. Os habitantes de Dunwich leram essas histórias quando elas saíram nos jornais e sorriram ao constatar os equívocos patentes. Ninguém entendeu por que os autores haviam chamado tanta atenção para o fato de que o Velho Whateley sempre pagava pelo gado com moedas de ouro antigas ao extremo. Os Whateley receberam os visitantes com evidente desgosto, mas não se atreveram a atrair mais publicidade ainda recusando-se a falar ou resistindo com violência.

IV.

Por uma década os anais da família Whateley desaparecem em meio à vida cotidiana de uma comunidade mórbida habituada aos próprios costumes estranhos e endurecida em relação às orgias na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxas. Duas vezes por ano fogueiras eram acesas no alto da Sentinel Hill, e por volta dessas épocas os rumores da montanha retornavam com violência cada vez maior; e em todas as estações havia uma movimentação estranha e aziaga na casa solitária. Com o passar do tempo os visitantes começaram a relatar sons ouvidos no andar superior mesmo quando toda a família estava no térreo e a fazer questionamentos acerca da rapidez ou da lentidão com que as vacas e os novilhos eram oferecidos em sacrifício. Cogitou-se fazer uma queixa na Sociedade Protetora dos Animais; mas a ideia não foi adiante, uma vez que os habitantes de Dunwich em geral não têm interesse em chamar a atenção do mundo para si.

Por volta de 1923, quando Wilbur era um garoto de dez anos com uma voz, uma estatura e uma barba que davam a mais perfeita impressão de maturidade, houve um segundo cerco de carpintaria na antiga casa. Tudo aconteceu no andar superior, que seguia trancado, e a partir dos fragmentos de lenha descartados as pessoas concluíram que o jovem e o avô tinham derrubado todas as partições internas e arrancado até mesmo o piso do sótão, deixando um único vão livre entre o térreo e as duas águas do telhado. Também haviam derrubado a grande chaminé central e equipado o velho fogão enferrujado com uma frágil chaminé externa de latão.

Na primavera após esses acontecimentos o Velho Whateley percebeu um aumento no número de bacuraus que vinham de Cold Spring Glen cantar sob a janela do quarto à noite. Parecia atribuir um significado profundo a essa circunstância e disse aos desocupados no armazém de secos e molhados de Osborn que sua hora estava chegando.

“Agora eles assovio em sintonia co’a mi’a respiração”, disse, “e eu acho que ’stão se preparano pra pegá a minh’alma. Eles sabe que ela ’stá saino pra fora e não têm a menor intenção de dexá ela escapá. Vocês vão sabê se eles me pegaro ou não depois que eu me for. Se me pegare, vão ficá cantano e rino até o dia raiá. Se não, vão se aquetá um poco. Acho que eles e as alma que andam caçano por aí deve de tê uns belo duns entrevero de vez em quano.”

Na Noite de Lammas de 1924, o dr. Houghton, de Aylesbury, foi chamado às pressas por Wilbur Whateley, que tinha vergastado o último cavalo remanescente através da escuridão e telefonado do armazém de Osborn no vilarejo. O médico encontrou o Velho Whateley em estado grave, com palpitações e uma respiração estertorante que anunciavam a proximidade do fim. A filha albina disforme e o estranho neto barbado permaneceram ao lado da cabeceira, enquanto inquietantes sugestões de um escorrer ou de um chapinhar como as ondas em uma orla plana vinham do abismo logo acima. O médico, no entanto, manifestou singular preocupação com o alarido dos pássaros noturnos lá fora — uma legião aparentemente sem fim de bacuraus que cantavam mensagens infinitas em repetições diabolicamente sincronizadas com os arquejos estertorantes do velho moribundo. Era uma cena espantosa e sobrenatural — pa-

recida, pensou o dr. Houghton, com toda a região que a contragosto havia adentrado para atender à ocorrência urgente.

Por volta da uma hora o Velho Whateley recobrou a consciência e interrompeu os estertores para tossir algumas palavras ao neto.

“Mais espaço, Willy, mais espaço em breve. Você ’stá crescendo — mas aquilo cresce depressa. Logo vai ’star pronto pra servi você. Abra o caminho para Yog-Sothoth com o longo cântico que ’stá na página 751 *da edição completa*, e depois toque fogo na prisão co’um fósforo. Nenhum fogo da terra pode queimá aquilo.”

Sem dúvida o velho estava louco. Depois de um intervalo em que a revoada de bacuraus ajustou os gritos ao novo ritmo enquanto certos indícios dos estranhos barulhos nas colinas se ouviam ao longe, acrescentou mais uma ou duas frases.

“Dê de cumê pr’ele, Willy, e atente pra quantidade; mas não dexe que cresça rápido demais pro lugar, porque se ele arrombá o escondirijo ou saí pra rua antes de você abri caminho pra Yog-Sothoth, não vai resolvê nada. Só as criatura do além pode fazê aquilo se multiplicá e dá certo... Só as criatura do além, os ancião que quiere voltá...”

Mas logo a fala deu lugar a novos arquejos, e Lavinia gritou ao perceber que os bacuraus acompanharam a mudança. A situação continuou assim por mais uma hora, quando veio o estertor final. O dr. Houghton fechou as pálpebras enrugadas por sobre os olhos cinzentos e vidrados enquanto o tumulto dos pássaros aos poucos se dissipou em silêncio. Lavinia chorou, mas Wilbur apenas conteve uma risada quando um leve rumor fez-se ouvir mais uma vez nas colinas.

“Não pegaro ele”, balbuciou com o vozeirão grave.

Por essa época Wilbur era um especialista de tremenda erudição no campo a que se dedicava, e graças às correspondências que trocava era conhecido por vários bibliotecários em lugares distantes onde os livros raros e proscritos de outrora se encontram guardados. Era cada vez mais odiado e temido nos arredores de Dunwich por conta de certos desaparecimentos de crianças atribuídos a si de maneira vaga; porém sempre foi capaz de silenciar as investigações valendo-se do medo ou da reserva de ouro antigo que, como na época dos avós, continuava a ser enviada com regularidade e em quantidades cada vez maiores para a aquisição de cabeças de gado. Wilbur tinha um aspecto incrivelmente maduro nesse

ponto, e a altura, tendo alcançado o limite máximo da idade adulta, dava a impressão de que diminuiria a partir de então. Em 1925, quando um correspondente erudito da Universidade do Miskatonic visitou-o e foi embora pálido e intrigado, media exatos dois metros e cinco centímetros.

Ao longo dos anos, Wilbur vinha tratando a mãe deformada e albina com um desprezo cada vez mais intenso e por fim a proibiu de acompanhá-lo até as colinas na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxas; e no ano de 1926 a pobre criatura admitiu para Mamie Bishop que sentia medo do filho.

“Ele tem mais mistérios do que eu saberia explicá, Mamie”, disse. “E nesses últimos tempo têm acontecido cousas que nem eu sei. Juro por Deus, eu não sei o que ele qué nem o que tá tentano fazê.”

Naquele Dia das Bruxas os barulhos da colina soaram mais altos do que nunca, e o fogo ardeu no alto da Sentinel Hill como de costume; mas a pessoas de Dunwich prestaram mais atenção aos gritos rítmicos das enormes revoadas de bacuraus tardios que pareciam ter se reunido nas proximidades da escura propriedade dos Whateley. Depois da meia-noite as notas estridentes transformaram-se em uma espécie de cachinada demoníaca que tomou conta de todo o campo e silenciou apenas com o raiar do dia. Então os pássaros desapareceram voando em direção ao sul, que os aguardava havia mais de um mês. O significado de tudo isso ficou claro apenas mais tarde. Não houve nenhum relato de camponeses mortos — mas a pobre Lavinia Whateley, a albina disforme, nunca mais foi vista.

No verão de 1927 Wilbur consertou dois galpões no pátio e começou a enchê-los de livros e objetos pessoais. Logo em seguida, Earl Sawyer contou aos desocupados no armazém de secos e molhados de Osborn que os trabalhos de carpintaria haviam recomeçado na propriedade dos Whateley. Wilbur estava fechando todas as portas e janelas do térreo, e parecia estar removendo partições como já havia feito em companhia do avô quatro anos antes. Estava morando em um dos galpões, e Sawyer achou que parecia trêmulo e preocupado. As pessoas em geral desconfiavam de que soubesse alguma coisa sobre o desaparecimento da mãe, e poucos atreviam-se a chegar perto da propriedade. Wilbur havia

crescido até a altura de dois metros e quinze centímetros, e esse desenvolvimento não dava sinais de que pudesse cessar.

V.

O inverno seguinte trouxe um acontecimento não menos estranho do que a primeira viagem de Wilbur para fora da região de Dunwich. As correspondências com a Widener Library em Harvard, a Bibliothèque Nationale em Paris, o Museu Britânico, a Universidade de Buenos Aires e a Biblioteca da Universidade do Miskatonic em Arkham não foram o bastante para conseguir o empréstimo de um livro que buscava desesperadamente; de modo que no fim Wilbur resolveu ir pessoalmente — desleixado, sujo, com a barba por fazer e o dialeto grosseiro — consultar o exemplar na Universidade do Miskatonic, que era o mais próximo em termos geográficos. Com quase dois metros e meio de altura, depois de comprar uma valise barata no armazém de secos e molhados de Osborn, essa gárgula sombria e com feições de bode apareceu certo dia em Arkham em busca do temível volume guardado a sete chaves na biblioteca da universidade — o pavoroso *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, na edição latina de Olaus Wormius, impressa na Espanha durante o século XVII. Wilbur nunca havia estado na cidade antes, mas não tinha nada em mente a não ser chegar ao *campus* da universidade; onde, a bem dizer, passou sem dar atenção pelo enorme cão de guarda com afiados dentes brancos que latiu com uma fúria e uma inimizade sobrenaturais e puxou a correia em um verdadeiro frenesi.

Wilbur tinha consigo um exemplar inestimável mas imperfeito com a versão inglesa do dr. Dee, deixada de herança pelo avô, e ao obter acesso ao exemplar latino começou de imediato a cotejar os dois textos no intuito de encontrar uma certa passagem que deveria estar na 751ª página do volume defeituoso. As boas maneiras obrigaram-no a revelar esse tanto ao bibliotecário — o mesmo erudito Henry Armitage (Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Miskatonic, Ph.D. pela Universidade de Princeton, Dr. em Lit. pela Universidade Johns Hopkins) que em outra ocasião tinha visitado a fazenda e que naquele instante o atormentava com perguntas. Admitiu que estava procurando uma espé-

cie de fórmula ou de encantamento que contivesse o medonho nome *Yog-Sothoth*, e que havia ficado surpreso ao encontrar discrepâncias, repetições e ambiguidades que tornavam a tarefa um tanto difícil. Enquanto copiava a fórmula que finalmente havia escolhido, o dr. Armitage olhou involuntariamente por cima do ombro em direção às páginas abertas; e a da esquerda continha — em versão latina — ameaças monstruosas à paz e à sanidade do mundo.

“Não se deve pensar”, dizia o texto enquanto Armitage traduzia-o mentalmente, “que o homem seja o mais antigo ou o último dentre os mestres da Terra nem que as formas vulgares da vida e da substância andem desacompanhadas. Os Anciões foram, os Anciões são e os Anciões serão. Não nos espaços que conhecemos, mas *entre* um e outro. Os Anciões caminham, serenos e primevos, adimensionais e invisíveis para nós. *Yog-Sothoth* conhece a passagem. *Yog-Sothoth* é a passagem. *Yog-Sothoth* é a chave e o guardião da passagem. O passado, o presente e o futuro encontram-se em *Yog-Sothoth*. *Yog-Sothoth* sabe onde os Anciões ressurgiram da antiguidade, e onde Eles hão de ressurgir outra vez. Sabe por onde Eles caminharam nos campos da Terra e por onde Eles ainda caminham, e por que ninguém consegue vê-los enquanto caminham. Pelo cheiro, os homens às vezes sentem a presença dos Anciões, porém a aparência Deles permanece oculta aos homens, *salvo pelos traços das proles que geraram com a humanidade*; e dentre essas existem diversos tipos, tão variados entre si quanto o mais genuíno *eídon* humano e a forma sem aspecto nem substância que é *Eles*. Os Anciões caminham invisíveis e torpes em lugares ermos onde as Palavras foram ditas e os Ritos uivados nas respectivas Estações. O vento sussurra com as vozes Deles, e a terra murmura com a consciência Deles. Eles derrubam a floresta e destroem a cidade, contudo nenhuma floresta e nenhuma cidade pode ver a mão que golpeia. Kadath na desolação gelada conheceu-Os, mas que homem conhece Kadath? O deserto de gelo ao sul e as ilhas submersas no Oceano abrigam pedras que trazem o símbolo Deles gravado, mas quem viu a cidade sob o manto de gelo ou a torre inviolável há tanto tempo ornada por algas e cracas? O Grande Cthulhu é primo Deles,

porém consegue vê-los somente através de uma névoa difusa. *Iä! Shub-Niggurath!* Haveis de conhecê-los como torpitude. A mão Deles está em vossa garganta, e no entanto não Os vedes; e a morada Deles é o vosso bem guardado limiar. *Yog-Sothoth* é a chave da passagem através do qual as esferas se encontram. O Homem reina hoje como Eles reinaram outrora; mas logo Eles hão de reinar tal como o Homem reina hoje. Depois do verão vem o inverno, e depois do inverno, o verão. Os Anciões esperam, pacientes e poderosos, pois é aqui que Eles hão de reinar outra vez.”

O dr. Armitage, associando a leitura ao que tinha ouvido a respeito de Dunwich e das agourentas presenças no lugar, bem como a respeito de Wilbur Whateley e da obscura e horrenda aura do rapaz, que o acompanhava desde o nascimento suspeito até a nuvem de um provável matricídio, sentiu uma onda de pavor tangível como o gélido sopro do túmulo. O gigante curvo e com feições de bode que tinha diante de si parecia a prole de outro planeta ou de outra dimensão; uma criatura apenas parcialmente humana, que remontava aos abismos negros de essência e entidade que se estendem como espectros titânicos para além de todas as esferas da força e da matéria, do espaço e do tempo. No mesmo instante, Wilbur ergueu a cabeça e começou a falar com uma voz estranha e ribombante que sugeria órgãos fonadores diferentes dos que se observam nos homens comuns.

“Sr. Armitage”, disse, “acho que eu vô tê que levá esse livro pra casa. Tem u’as cousa aqui que eu prciso expermentá nu’as condições impossíveis de consegui aqui dentro, e seria um pecado dexá a burocracia me impedi. Dexe eu levá o livro e eu juro que ninguém nunca vai ficá sabeno. Nem prciso dizê que vô tomá o maior cuidado. Não fui eu que dexei esse meu exemplar no estado que ’stá...”

Wilbur se interrompeu ao ver a recusa no rosto do bibliotecário e em seguida adotou uma expressão arguta no semblante de bode. Armitage, prestes a sugerir que o consulente tirasse cópias dos trechos desejados, deteve-se ao pensar de repente nas possíveis consequências. Era responsabilidade demais entregar a uma criatura daquelas a chave de acesso a esferas de tamanha blasfêmia. Whateley percebeu o que estava acontecendo e tentou responder de maneira casual.

“Então tudo bem, se é isso que o sior pensa. Talvez em Harvard os bibliotecário não seja tão cheio de nove-horas quanto o sior.” E, sem dizer mais nada, ergueu-se e saiu do prédio, sempre se abaixando ao atravessar o vão das portas.

Armitage ouviu os latidos selvagens do enorme cão de guarda e examinou o caminhar simiesco de Whateley enquanto este atravessava o trecho do *campus* visível a partir da janela. Lembrou-se dos relatos fantásticos que havia escutado e recordou-se das velhas histórias dominicais no *Advertiser*, bem como do folclore que havia escutado de rústicos e moradores de Dunwich durante a visita ao vilarejo. Coisas invisíveis que não pertenciam à Terra — ao menos não às três dimensões terrestres que conhecemos — corriam fétidas e horrendas pelos vales da Nova Inglaterra e espreitavam de maneira obscena no alto das montanhas. Quanto a isso o bibliotecário estava convencido de longa data. Mas naquele instante teve a impressão de sentir a presença imediata de uma parte terrível desse horror insidioso e de vislumbrar um movimento demoníaco nos domínios do pesadelo ancestral e outrora inerte. Trancou o *Necronomicon* com um calafrio de desgosto, mas na biblioteca ainda pairava um fedor blasfemo e ignoto. “Haveis de conhecê-los como torpitude”, disse. Claro — o fedor era o mesmo que o havia nauseado na fazenda dos Whateley menos de três anos atrás. Armitage pensou mais uma vez em Wilbur, com o aspecto de bode e de maus agouros, e riu com escárnio ao relembrar os boatos sobre a paternidade do rapaz.

“Casamentos consanguíneos?”, balbuciou à meia-voz para si mesmo. “Meu Deus, que simplórios! Se alguém lhes mostrasse *O grande deus Pã* de Arthur Machen, todos achariam que se trata de um mero escândalo de Dunwich! Mas o que — que influência maldita e amorfa dessa Terra tridimensional ou do além — era o pai de Wilbur? Nascido na Candelária — nove meses depois da Noite de Walpurgis de 1912, quando boatos sobre os estranhos barulhos subterrâneos chegaram até Arkham — o que caminhou sobre as montanhas naquela Noite de Walpurgis? Que horror de Roodmas aferrou-se ao mundo na substância da carne e do sangue?”

Durante as semanas a seguir o dr. Armitage tentou colher a maior quantidade possível de informações a respeito de Wilbur Whateley e das presenças amorfas nos arredores de Dunwich. Entrou em contato com o

dr. Houghton, de Aylesbury, que havia cuidado do Velho Whateley durante a última doença, e ficou muito intrigado pelas últimas palavras do avô tal como foram citadas pelo médico. Uma nova visita a Dunwich Village trouxe poucas novidades; mas um exame atento do *Necronomicon*, nas partes que Wilbur havia procurado com tanta avidez, parecia fornecer pistas terríveis sobre a natureza, os métodos e os desejos desse estranho mal que constituía uma insidiosa ameaça ao planeta. Conversas com vários estudiosos de sabedoria arcaica em Boston e correspondências enviadas a diversas pessoas em outros lugares foram motivo de um espanto cada vez maior, que passou por vários níveis de alarme antes de chegar ao nível de genuíno temor espiritual agudo. À medida que o verão passava ele tinha a ligeira impressão de que seria necessário tomar uma providência a respeito dos terrores à espreita no vale superior do Miskatonic e da criatura monstruosa conhecida pelo mundo humano como Wilbur Whateley.

VI.

O horror de Dunwich ocorreu entre Lammas e o equinócio de 1928, e o dr. Armitage foi um dos que testemunharam o monstruoso prólogo do evento. No meio-tempo ele ouviu relatos sobre a grotesca viagem de Whateley a Cambridge e sobre os esforços frenéticos do rapaz para retirar ou copiar trechos do *Necronomicon* guardado na Widener Library. Os esforços foram todos em vão, pois Armitage tinha enviado alertas urgentes para todos os bibliotecários encarregados do temível volume. Wilbur havia demonstrado um nervosismo espantoso em Cambridge — ansioso pelo livro, mas quase tão ansioso por estar de volta em casa, como se temesse os resultados de um afastamento prolongado.

No início de agosto veio o desfecho não muito surpreendente, e às três horas da madrugada do dia 3 o dr. Armitage foi acordado de repente pelos gritos desvairados e ferozes do selvagem cão de guarda do *campus* universitário. Profundos e terríveis, os rosnados e latidos ensandecidos não deram trégua e continuaram cada vez mais altos, porém com horrendas pausas repletas de significado. Logo soou o grito de uma outra garganta — um grito que acordou metade das pessoas adormecidas

em Arkham e assombrou os sonhos da população para sempre — um grito que não poderia ter vindo de nenhum ser terrestre ou completamente terrestre.

Depois de vestir-se às pressas e atravessar correndo a rua e o grama-do próximo aos prédios universitários, Armitage percebeu que havia outras pessoas mais à frente; e ouviu os ecos do alarme contra roubo que ainda soava na biblioteca. Uma janela aberta surgia negra e vazia ao luar. O que quer que houvesse entrado tinha conseguido sair; pois os latidos e os gritos, que enfim deram lugar a um misto de rosnados e gemidos, vinham sem dúvida do interior da biblioteca. O instinto avisou Armitage de que aquele não era um acontecimento para ser visto por olhos despreparados, e por esse motivo o bibliotecário empurrou a multidão para longe com autoridade enquanto destrancava a porta do vestíbulo. Entre os presentes encontravam-se o professor Warren Rice e o dr. Francis Morgan, homens a quem havia confiado algumas conjecturas e temores; e os dois foram convidados com um gesto a acompanhá-lo rumo ao interior da biblioteca. A não ser pelo choro vigilante e monótono do cachorro, nesse ponto os sons que vinham lá de dentro haviam cessado; mas Armitage logo percebeu, com um sobressalto repentino, que um alto coro de bacuraus havia começado uma cantoria rítmica e demoníaca nos arbustos, como se estivessem em uníssono com os últimos suspiros de um moribundo.

O prédio estava tomado por um pavoroso fedor que o dr. Armitage conhecia muito bem, e os três homens atravessaram o corredor às pressas em direção à sala de leitura de genealogia, de onde vinha o choro. Por um instante ninguém se atreveu a acender a luz, mas logo o dr. Armitage reuniu toda a coragem e acionou o interruptor. Um dos homens — não se sabe ao certo quem — deixou escapar um grito ao ver o que se espalhava diante dos três em meio às mesas viradas e às cadeiras derrubadas. O professor Rice afirma ter perdido a consciência por um instante, embora não tenha caído nem tropeçado.

A coisa que estava recurvada de lado em meio a uma poça de sânie amarelo-esverdeada e muco pegajoso tinha quase três metros de altura, e o cachorro havia lhe arrancado quase todas as roupas e parte da pele. A criatura ainda não estava morta, mas sofria espasmos silenciosos enquanto o peito arquejava em um monstruoso uníssono com a cantoria

dos bacuraus no lado de fora. Restos de sapatos e fragmentos de vestuário estavam espalhados pelo recinto, e próximo à janela um saco de lona permanecia onde sem dúvida havia sido jogado. Perto da escrivaninha central havia um revólver caído no chão com uma cápsula percutida mas não deflagrada, que mais tarde explicou a ausência de um tiro. A coisa, no entanto, suprimia todas as outras imagens no instante da descoberta. Seria trivial e inexato dizer que nenhuma pena humana seria capaz de descrevê-la; contudo, pode-se dizer com propriedade que não poderia ser visualizada a contento por nenhuma pessoa cujas ideias sobre aspectos e contornos estejam demasiadamente atreladas às formas de vida encontráveis neste planeta e às três dimensões conhecidas. Sem dúvida a criatura era em parte humana, com as mãos e a cabeça muito reconhecíveis, e tinha o semblante de queixo pequeno e feições de bode que era a marca dos Whateley. Apesar disso, o tronco e as partes inferiores eram uma incrível aberração teratológica, e apenas grossas vestes permitiriam que caminhasse sobre a Terra sem se expor a confrontos ou à aniquilação.

Da cintura para cima a criatura era semiantropomórfica; embora o peito, onde as garras afiadas do cachorro permaneciam de guarda, tivesse o aspecto coriáceo e reticulado de um jacaré ou de um crocodilo. O dorso era sarapintado de amarelo e preto, e sugeria vagamente a pele escamosa de certas cobras. O que vinha abaixo da cintura, no entanto, era o pior; pois desse ponto em diante toda semelhança humana desaparecia e uma fantasia desvairada começava. A pele era coberta por uma grossa pelagem negra, e do abdômen pendia uma vintena de compridos tentáculos cinza-esverdeados com bocas vermelhas na ponta. A disposição desses órgãos era muito peculiar e parecia sugerir as simetrias de uma geometria cósmica desconhecida à Terra ou mesmo ao sistema solar. Em ambos os lados do quadril, no fundo de uma espécie de órbita rosada e ciliada, estava o que se imaginou ser um olho rudimentar; e no lugar de uma cauda havia uma espécie de tromba ou tentáculo com marcações aneliformes roxas e vários indícios de que fosse uma boca ou uma garganta vestigial. As pernas, à exceção da pelagem negra, lembravam de maneira grosseira os membros posteriores dos sáurios gigantes que viveram na pré-história da Terra, e terminavam em patas de veias salientes que não eram nem cascos nem garras. Quando a coisa respirava, a cauda

e os tentáculos mudavam de cor, como se esse fosse um fenômeno normal no sistema circulatório do ancestral inumano. Nos tentáculos observava-se um escurecimento do matiz verde, enquanto na cauda a alteração manifestava-se como um surgimento amarelo que se alternava com um tom branco-esverdeado doentio nos espaços entre os anéis roxos. Quanto a sangue genuíno, não havia nenhum; apenas a sãnie fétida amarelo-esverdeada que pintava o chão para além do raio do muco pegajoso e deixava estranhas manchas atrás de si.

A presença dos três homens pareceu dar novo ânimo à criatura moribunda, que começou a emitir balbucios sem se virar nem erguer a cabeça. O dr. Armitage não fez nenhum registro escrito desses sussurros, mas afirma com convicção que nenhuma palavra em inglês foi proferida. A princípio as sílabas desafiavam o estabelecimento de qualquer relação com outras línguas terrestres, porém mais para o fim surgiram fragmentos desconexos sem dúvida alguma retirados do *Necronomicon*, a monstruosidade blasfema em cuja busca aquela coisa havia perecido. Esses fragmentos, tal como Armitage os recorda, soavam mais ou menos como “*N’gai, n’gha’ghaa, bugg-shoggog, y’hah; Yog-Sothoth, Yog-Sothoth...*”. Depois perderam-se no vazio enquanto os bacuraus gritavam em crescendos rítmicos de antecipação blasfema.

Então fez-se uma pausa nos arquejos e o cachorro ergueu a cabeça em um longo e lúgubre uivo. Uma mudança se operou no semblante amarelo e com feições de bode daquela coisa prostrada, e os grandes olhos negros afundaram de maneira horrível. Do outro lado da janela os gritos estridentes dos bacuraus haviam cessado, e acima dos murmúrios da multidão que começava a se juntar ouviram-se os rumores e as batidas de asas em pânico. Com a lua ao fundo, enormes nuvens de observadores emplumados alçaram um voo frenético no encalço da presa.

De repente o cachorro teve um sobressalto, deu um latido repentino e saltou nervoso pela janela por onde havia entrado. Um grito veio da multidão, e o dr. Armitage disse aos homens do lado de fora que ninguém seria admitido até que a polícia ou o legista chegasse. Armitage sentiu-se aliviado ao perceber que as janelas eram altas demais para que fosse possível espiar e, com todo cuidado, fechou as cortinas escuras de cada uma. A essa altura dois policiais haviam chegado; e o sr. Morgan, depois de recebê-los no vestíbulo, insistiu para que postergassem a en-

trada na fétida sala de leitura até que o legista viesse e aquela coisa prostrada fosse coberta.

Nesse meio-tempo, mudanças apavorantes estavam ocorrendo no assoalho. Não seria necessário descrever o tipo e a rapidez do encolhimento e da decomposição que se operaram diante dos olhos do dr. Armitage e do professor Rice; mas pode-se dizer que, a não ser pela aparência externa do rosto e das mãos, o elemento genuinamente humano em Wilbur Whateley devia ser muito pequeno. Quando o legista chegou, restava apenas uma massa esbranquiçada nas tábuas pintadas, e o fedor monstruoso havia quase desaparecido. Ao que tudo indicava, Whateley não tinha crânio nem esqueleto; pelo menos não no sentido verdadeiro ou estável dessas palavras. De alguma forma, assemelhava-se ao pai desconhecido.

VII.

Mesmo assim, esse foi apenas o prólogo do verdadeiro horror de Dunwich. As formalidades foram cumpridas por oficiais perplexos, detalhes anormais foram devidamente mantidos longe da imprensa e do público e homens foram mandados a Dunwich e a Aylesbury em busca de propriedades e dos eventuais herdeiros do falecido Wilbur Whateley. A gente do campo estava muito agitada, não apenas por causa dos rumores cada vez mais intensos sob as colinas abobadadas, mas também por causa do fedor excepcional e do escorrer ou do chapinhar cada vez mais intenso na grande concha vazia formada pela casa pregada com tábuas de Whateley. Earl Sawyer, que ficou encarregado do cavalo e do gado durante a ausência de Wilbur, estava com os nervos em pandarecos. Os oficiais inventaram desculpas para não entrar naquele lugar abjeto e alegraram-se ao ver que poderiam terminar as buscas nos aposentos do finado — os galpões reformados — em uma única visita. Enviaram um extenso relatório ao tribunal de Aylesbury, e correm boatos de que o litígio relativo à herança ainda está em curso entre os incontáveis Whateley, íntegros e decadentes, que habitam o vale superior do Miskatonic.

Um manuscrito quase interminável em estranhos caracteres em um grande caderno de contabilidade e considerado uma espécie de diário em virtude dos espaçamentos e das variações na tinta e na caligrafia revelou-se um quebra-cabeça para aqueles que o encontraram na velha cômoda que fazia as vezes de escrivaninha. Após uma semana de debates ele foi mandado para a Universidade do Miskatonic, junto com a estranha biblioteca do finado, para estudo e possível tradução; porém logo os melhores linguistas perceberam que não seria fácil decifrá-lo. Nenhum vestígio do ouro antigo com que Wilbur e o Velho Whateley costumavam pagar as contas foi encontrado.

Foi na escuridão de 9 de setembro que o horror se abateu sobre o vilarejo. Os barulhos nas colinas foram muito pronunciados durante o entardecer, e os cachorros latiram desesperados por toda a noite. Os madrugadores do dia 10 notaram um fedor estranho no ar. Por volta das sete horas Luther Brown, o garoto que trabalhava para George Corey, entre Cold Spring Glen e o vilarejo, voltou correndo em um frenesi da ida matinal a Ten-Acre Meadow com as vacas. Estava quase desesperado de medo quando adentrou a cozinha; e no pátio lá fora o rebanho apavorado escarvava e mugia depois de fazer o caminho de volta no mesmo estado de pânico em que o garoto se encontrava. Entre um e outro arquejo, Luther tentou balbuciar um relato para a sra. Corey.

“A estrada no fim do vale! Siora Corey — alguma coisa andô por lá! O lugar ’stá co’um chero de trovão, e tudo quanto é arbusto e arvorezinha foro arrancado como se uma casa tivesse passado por cima. E isso nem é o pior. Tem u’as *pegada* no chão. Siora Corey — são u’as pegada enorme, do tamanho dum barril, como se um elefante tivesse andado por lá, *mas parece que a coisa tinha bem mais do que quatro pata!* Olhei pr’uma ou duas antes de saí correndo, e vi que elas ’stavo tudo coberta por umas linha que saío do meso lugar, como se o chão tivesse sido batido co’u’as enorme folha de palmera, duas ou três vez maior do que as maior que existe — e o cheiro era horrívio, que nem perto da velha casa do Bruxo Whateley...”

Nesse ponto o garoto hesitou e mais uma vez estremeceu com o pavor que o tinha mandado correndo de volta para casa. A sra. Corey, ao ver que não conseguiria obter informações mais detalhadas, começou a telefonar para os vizinhos, e assim teve início a abertura de pânico que

prenunciou os maiores terrores. Quando entrou em contato com Sally Sawyer, criada de Seth Bishop, o vizinho mais próximo da propriedade de Whateley, a sra. Corey parou de falar para começar a ouvir; pois Chauncey, o filho de Sally, que dormia mal, tinha estado no alto da colina próxima à propriedade de Whateley e voltado correndo aterrorizado depois de olhar para a casa e o pasto onde as vacas do sr. Bishop estavam passando a noite.

“É verdade, siora Corey”, disse a voz trêmula de Sally através do fio. “O Cha’ncey, ele voltô correnno e não conseguia falá de tão apavorado! Disse que a casa do Velho Whateley ’stá toda arreventada, co’as tábua jogada ao redor como se alguém tivesse estorado dinamite lá dentro; só restô o assoalho, que ’stá todo coberto por uma espécie de piche co’um chero horrívio que fica pingano das borda pro chão onde as tábua das parede foro explodida. E parece que tem umas marca terrívio no pátio, tamém — umas enorme dumas marca redonda, maior do que um barril, cheia da mesma cousa pegajosa que ’stá dentro da casa explodida. O Cha’ncey disse que elas segue na direção do pasto, onde uma trecho maior do que um galpão ’stá afundado, e os muro de pedra desabaro pra tudo quanto é lado por toda parte.

“E ele disse, siora Corey, ele disse que meso assustado ele foi vê como ’stavo as vaca do Seth; e encontrô elas no alto do pasto perto do Cantero do Diabo num estado terrívio. A metade simplesmente sumiu, e a outra metade ’stava lá com boa parte do sangue chupado e u’as ferida igual às que aflige o gado do Whateley dês que aquele fedelho moreno da Lavinny nasceu. O Seth, agora ele saiu pra vê como ’stão os bicho, mas aposto que não vai chegá muito perto da casa do Bruxo Whateley! O Cha’ncey não tomô o cuidado de vê pr’onde io os rasto da grama amassada depois que saío do pasto, mas ele acha que o caminho apontava em direção à estrada do vilarejo.

“Escute o que eu ’stô dizeno, siora Corey, tem alguma cousa à solta que não devia ’stá, e eu acho que aquele Wilbur Whateley, que teve o fim que merecia, ’stá por trás do surgimento dessa cousa. Ele meso tampoco era humano. Eu sempre digo isso pra todo mundo; e acho que ele e o Velho Whateley deve de tê criado naquela casa pregada co’as tábua uma outra cousa menos humana ainda. Sempre existiro essas cousa invisí-

vio em Dunwich — essas cousa viva que não são humana e não fazem bem pras gente humana.

“A terra passô a noite intera murmurano, e já pela manhã o Cha’ncey, ele escutô os bacurau cantá tão alto em Col’ Spring Glen que não conseguiu nem pregá os olho. Depois ele imaginô tê ovido um otro som mais fraco em direção à casa do Bruxo Whateley — maderá seno quebrada ou rachada, como se u’a grande caxa ’stivesse seno aberta em algum lugar ao longe. Ora, com tudo isso ele não conseguiu durmi antes do dia raiá, e assim que levantô hoje de manhã precisô ir até a casa do Whateley pra vê qual era o problema. Ele viu o suficiente, siora Corey! Essa cousa não ’stá bem-intencionada, e eu acho que os home devio de juntá um grupo e tomá u’a providência. Sei que algu’a cousa terrível ’stá à solta e sinto que a mi’a hora ’stá chegano, mas só Deus sabe o que é.

“O Luther viu pr’onde io essas trilha enorme? Não? Bom, siora Corey, se elas ’stavo pro lado do vale e inda não chegaro até a casa da siora, acho que essa cousa deve de tê ido pra den’do vale. Pelo menos era pr’onde os rasto ’stavo apontano. Eu sempre disse que Col’ Spring Glen não é um lugar salubre nem decente. Os bacurau e os vaga-lume de lá nunca agiro como se fosse as criatura de Deus, e eu sempre ovi u’as história sobre ’stranhas cousas que corre e converso no ar por aquela região num lugar entre a queda-d’água e Bear’s Den.”

Por volta do meio-dia três quartos dos homens e rapazes de Dunwich estavam andando pelas estradas e pastagens entre as recém-formadas ruínas da propriedade de Whateley e Cold Spring Glen, examinando horrorizados as enormes pegadas monstruosas, as vacas mutiladas de Bishop, a estranha destruição fétida da casa e a vegetação quebrada e amassada nos campos e na beira da estrada. Qualquer que fosse a natureza da criatura à solta no mundo, não havia dúvidas de que tinha adentrado o vale sinistro; pois todas as árvores da colina estavam tortas e quebradas, e uma grande avenida tinha sido aberta em meio aos arbustos que se dependuravam no precipício. Era como se uma casa, arrastada por uma avalanche, tivesse deslizado pela densa vegetação da encosta quase vertical. Lá de baixo não vinha nenhum som — apenas um fedor distante e indefinível; e não causa nenhuma surpresa descobrir que os homens preferiram ficar na borda discutindo em vez de descer e confrontar o horror ciclópico no próprio covil. Três cães que acompanha-

vam o grupo haviam latido furiosamente a princípio, mas pareciam relutantes e arredios próximo ao vale. Alguém repassou a notícia por telefone à redação do *Aylesbury Transcript*; mas o editor, habituado às histórias fantásticas sobre Dunwich, não fez mais do que escrever um parágrafo humorístico a respeito, logo reproduzido pela Associated Press.

Naquela noite todos foram para casa, e residências e galpões foram protegidos com robustas barricadas. Seria desnecessário dizer que ninguém permitiu que o gado ficasse no pasto aberto. Por volta das duas da manhã um fedor terrível e os latidos ferozes dos cachorros acordaram os ocupantes da casa de Elmer Frye, no leste de Cold Spring Glen, e todos puderam ouvir um zunido ou um chapinhar abafado vindo de algum lugar lá fora. A sra. Frye sugeriu telefonar para os vizinhos, e Elmer estava prestes a concordar quando o barulho de lenha rachando interrompeu a deliberação. Tudo indicava que viesse do galpão; e logo foi seguido por gritos terríveis e pelo som de passos em meio ao gado. Os cachorros começaram a babar e encolheram-se aos pés da família paralisada pelo medo. Frye acendeu uma lanterna por força do hábito, mas sabia que encontraria a morte se saísse para o escuro pátio da fazenda. As crianças e as mulheres choramingavam, mas eram impedidas de gritar por um instinto obscuro e vestigial de sobrevivência que mantinha todos em silêncio. Por fim os sons do gado deram lugar a gemidos, e a seguir vieram estalos, estrondos e estrépitos. Os Frye, abraçados na sala de estar, não se atreveram a fazer nenhum movimento antes que os últimos ecos desaparecessem nas profundezas de Cold Spring Glen. Então, em meio aos gemidos lamuriosos que vinham do estábulo e à cantoria demoníaca dos bacuraus temporões no vale, Selina Frye cambaleou até o telefone e espalhou as notícias que tinha sobre a segunda fase do horror.

No dia seguinte todo o campo estava em pânico; e grupos tímidos e lacônicos foram visitar o local daquela ocorrência demoníaca. Dois rastros titânicos de destruição iam do vale até a propriedade dos Frye; pegadas monstruosas cobriam a terra nua, e uma lateral do galpão vermelho havia desabado por completo. Quanto ao gado, apenas um quarto do rebanho pôde ser encontrado e identificado. Algumas reses estavam dilaceradas em curiosos fragmentos, e todas as sobreviventes tiveram de ser sacrificadas. Earl Sawyer sugeriu que buscassem ajuda em Aylesbury

ou em Arkham, mas outros insistiram em dizer que não adiantaria. O velho Zebulon Whateley, de uma linhagem que pairava entre a integridade e a decadência, fez alusões obscuras a rituais praticados no alto das colinas. Ele vinha de uma família marcada pela tradição, e as lembranças de cânticos entoados em meio aos círculos de pedra não estavam totalmente relacionadas a Wilbur e ao avô.

A escuridão se abateu sobre um vilarejo demasiado passivo para organizar uma estratégia de defesa eficaz. Em certos casos, famílias próximas reuniram-se e fizeram vigílias na escuridão sob o mesmo teto; mas em geral o que se viu foi uma simples repetição das barricadas da noite anterior e do gesto fútil e ocioso de carregar mosquetes e deixar forçados em lugares de fácil acesso. No entanto, nada aconteceu, à exceção de alguns barulhos nas colinas; e quando o dia raiou muitos nutriam a esperança de que o horror tivesse ido embora tão depressa quanto havia chegado. Certos espíritos destemidos sugeriram uma expedição de ofensiva ao fundo do vale, porém não se atreveram a dar um exemplo à maioria ainda recalcitrante.

Quando a noite caiu mais uma vez, as barricadas se repetiram, embora menos famílias estivessem reunidas. Pela manhã, tanto a casa dos Frye como a de Seth Bishop relataram agitação entre os cachorros e vagos sons e fedores distantes, enquanto os exploradores matinais descobriram horrorizados um novo grupo de marcas na estrada que dava a volta na Sentinel Hill. Como antes, as beiras da estrada apresentavam danos que indicavam a blasfema ponderosidade daquele horror, ao passo que a configuração das marcas parecia sugerir uma passagem em ambas direções, como se a montanha ambulante tivesse vindo de Cold Spring Glen e retornado pelo mesmo caminho. No pé da colina, um trecho de nove metros de arbustos esmagados subia de repente, e os exploradores prenderam a respiração ao ver que nem mesmo os recantos mais perpendiculares desviavam a trilha inexorável. O que quer que fosse aquele horror, era capaz de escalar um vertiginoso penhasco quase vertical; e quando os investigadores subiram até o alto da colina por rotas mais seguras perceberam que a trilha acabava — ou melhor, se invertia — naquele ponto.

Era lá que os Whateley costumavam acender as malditas fogueiras e entoar os cânticos dos rituais demoníacos junto à pedra retangular na

Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxas. Naquele instante, a pedra estava no centro de uma vasta área devastada pelo horror montanhoso, enquanto a superfície levemente côncava revelava o depósito fétido de um muco pegajoso idêntico ao observado no chão da arruinada residência dos Whateley quando o horror escapou. Os homens se encararam e balbuciaram alguma coisa. Então olharam para baixo da colina. Tudo indicava que o horror tivesse descido por uma rota muito similar à da subida. Quaisquer especulações seriam fúteis. A razão, a lógica e as ideias normais quanto à motivação estavam confusas. Apenas o velho Zebulon, que não estava com o grupo, poderia ter feito justiça à situação ou apresentado uma explicação plausível.

A noite de quinta-feira começou como as outras, mas terminou de maneira mais trágica. Os bacuraus no vale gritaram com tanta persistência que muitos não conseguiram dormir, e por volta das três horas da manhã todos os telefones nos arredores tocaram. Os que atenderam a ligação ouviram uma voz desesperada gritar “Meu Deus, socorro...!”, e algumas pessoas ouviram um estrondo interromper a exclamação. Não se ouviu mais nada. Ninguém se atreveu a tomar qualquer atitude, e ninguém sabia quem havia telefonado. Os que ouviram o apelo ligaram para toda a vizinhança e descobriram que apenas os Frye não atendiam. A verdade veio à tona uma hora mais tarde, quando um grupo de homens armados que se reuniram às pressas avançou até a residência dos Frye, na cabeceira do vale. Foi uma cena horrível, mas não muito surpreendente. Mais pegadas e rastros monstruosos foram encontrados — no entanto, a casa havia desaparecido. Tinha cedido como uma casca de ovo, e entre as ruínas nenhuma criatura viva ou morta foi encontrada. Apenas fedor e um muco pegajoso. Os Frye tinham sido apagados de Dunwich.

VIII.

Nesse meio-tempo uma fase mais silenciosa porém ainda mais pungente do horror desenrolava-se por trás da porta fechada de um cômodo forrado de livros em Arkham. O curioso relato ou diário manuscrito de Wilbur Whateley, entregue à Universidade do Miskatonic para tradução, havia causado muita preocupação e perplexidade entre os especia-

listas em línguas antigas e modernas; o próprio alfabeto em que o texto vinha escrito, a despeito de certa semelhança com o árabe usado na Mesopotâmia, era absolutamente desconhecido a todos os especialistas disponíveis. A derradeira conclusão dos linguistas foi que se tratava de um alfabeto artificial, com os mesmos efeitos práticos de uma cifra, embora nenhum dos métodos em geral empregados no deciframento criptográfico conseguissem fornecer qualquer pista, nem mesmo quando aplicados aos diversos idiomas que o autor pudesse ter usado. Os livros antigos encontrados nas habitações de Whateley, mesmo que despertassem profundo interesse e por vezes promettessem abrir novas e terríveis linhas de pesquisa para os filósofos e demais homens de ciência, não ofereceram nenhum auxílio. Um dos exemplares, um tomo pesado com uma fivela de ferro, era escrito em outro alfabeto desconhecido de moldes totalmente diferentes, que acima de tudo lembrava o alfabeto sânscrito. O velho caderno foi enfim entregue aos cuidados do dr. Armitage, não apenas por conta do peculiar interesse que nutria em relação aos assuntos ligados a Whateley, mas também por conta da ampla formação linguística e dos conhecimentos que detinha sobre as fórmulas místicas da Antiguidade e da Idade Média.

Armitage imaginava que o alfabeto usado pudesse ser um artifício esotérico empregado por certos cultos proscritos que remontam a tempos antigos e mantêm diversas formas e tradições dos magos que habitavam o mundo sarraceno. Essa questão, no entanto, não era considerada vital, uma vez que seria desnecessário conhecer a origem dos símbolos se, conforme imaginava, estivessem sendo empregados como uma cifra em uma língua moderna. Armitage acreditava que, em virtude do grande volume de texto envolvido, o escritor dificilmente teria se dado o trabalho de usar um idioma que não fosse o próprio, a não ser talvez em certas fórmulas e encantamentos. Assim, atacou o manuscrito com a suposição preliminar de que a maior parte do texto estaria em inglês.

Devido ao fracasso dos colegas, o dr. Armitage sabia que a charada era profunda e complexa, e que nenhuma resolução simples devia ser tentada. Durante todo o fim de agosto, preparou-se com a sabedoria acumulada sobre criptografia, explorando todos os recursos da própria biblioteca e penetrando noite após noite nos segredos arcanos do *Polygraphia* de Trithemius, do *De Furtivis Literarum Notis* de Giambattista

Porta, do *Traité des Chiffres* de De Vigenère, do *Cryptomenysis Patefacta* de Falconer, dos tratados do século XVIII escritos por Davy e Thicknesse e de obras escritas por autoridades modernas no assunto, como Blair, Von Marten e o *Kryptographik* de Klüber. Intercalou o estudo desses livros com os ataques ao manuscrito, e passado algum tempo convenceu-se de que estava lidando com o mais sutil e o mais engenhoso de todos os criptogramas, em que diversas listas separadas de caracteres correspondentes são dispostas como em uma tabela de multiplicação e a mensagem constrói-se a partir de palavras-chave conhecidas somente pelos iniciados. Os especialistas antigos mostraram-se bastante mais úteis do que os modernos, e Armitage chegou à conclusão de que o código do manuscrito era de uma antiguidade tremenda, sem dúvida transmitida graças a uma longa tradição de exploradores místicos. Por muitas vezes tinha a impressão de estar prestes a pôr tudo em claro, mas de repente via-se frustrado por algum obstáculo imprevisto. Então, com a chegada de setembro, as nuvens dispersaram-se. Certas letras usadas em certas partes do manuscrito se revelaram de maneira definida e inconfundível; e tornou-se evidente que o texto era de fato em inglês.

No entardecer do dia 2 de setembro o último grande obstáculo foi transposto, e o dr. Armitage pôde ler pela primeira vez uma passagem completa dos anais de Wilbur Whateley. Era na verdade um diário, como todos haviam imaginado; e estava vazado em um estilo que evidenciava a mistura de erudição oculta e analfabetismo do estranho ser que o havia escrito. Uma das primeiras passagens longas a serem decifradas — uma anotação feita no dia 26 de novembro de 1916 — revelou-se muito surpreendente e inquietante. Armitage lembrou que tinha sido escrita por uma criança de três anos e meio que mais parecia um rapazote de doze ou treze.

“Hoje aprendi o Aklo para o Sabaoth”, dizia, “mas não gostei, porque é respondido a partir da colina e não do céu. A coisa no andar de cima está mais à minha frente do que eu tinha imaginado e não deve ter muito cérebro da Terra. Atirei em Jack, o *collie* de Elam Hutchin quando ele tentou me morder, e Elam disse que me mataria se tivesse a coragem. Acho que não. O vô me fez repetir a fórmula de Dho na noite passada, e acho que vi a cidade interior e os

dois polos magnéticos. Pretendo ir para esses polos quando a Terra estiver limpa se eu não conseguir fazer a fórmula de Dho-Hna funcionar. As criaturas do ar me disseram no Sabá que ainda faltam anos para que eu possa limpar a Terra, e acho que o vô já vai estar morto, então eu preciso aprender todos os ângulos dos planos e todas as fórmulas entre Yr e Nhhngr. As criaturas siderais vão me ajudar, mas não podem assumir um corpo físico sem sangue humano. A coisa no andar de cima parece que vai ser do tipo certo. Eu consigo ver um pouco quando faço o sinal voorishiano ou sopro o pó de Ibn Ghazi, é parecido com as criaturas da Noite de Walpurgis na Colina. O outro rosto pode esmaecer um pouco. Tenho curiosidade de saber qual vai ser a minha aparência quando a Terra estiver limpa e não houver mais nenhum ser vivo. A criatura que veio com o Aklo Sabaoth disse que eu posso ser transfigurado e que ainda resta muito trabalho a fazer.”

Pela manhã o dr. Armitage estava suando frio de terror, em um verdadeiro frenesi de concentração. Não havia abandonado o manuscrito por um instante; passou a noite inteira sentado à mesa sob a luz elétrica, virando página atrás de página com as mãos trêmulas o mais rápido que conseguia decifrar o texto críptico. Telefonou nervoso para dizer à esposa que não iria para casa, e quando ela levou-lhe o café da manhã ele mal conseguiu engolir um bocado. Durante o dia inteiro o dr. Armitage leu, às vezes fazendo pausas enlouquecedoras quando a reaplicação da complexa chave do criptograma se fazia necessária. Levaram-lhe o almoço e o jantar, porém não conseguiu comer mais do que uma fração ínfima de cada um. No meio da noite seguinte, tirou um cochilo na cadeira, mas logo acordou de uma teia de pesadelos quase tão horrenda quanto as verdades e ameaças à existência da humanidade que havia descoberto.

Na manhã do dia 4 de setembro o professor Rice e o dr. Morgan insistiram em vê-lo e em seguida saíram pálidos e trêmulos. Naquela noite o dr. Armitage foi para a cama, mas dormiu um sono intranquilo. Na quarta-feira — o dia seguinte —, voltou ao manuscrito e começou a tomar notas copiosas, tanto do trecho em que trabalhava quanto dos trechos já decifrados. Durante a madrugada, dormiu um pouco em uma poltrona no escritório, porém mais uma vez tornou ao manuscrito antes

do amanhecer. Pouco antes do meio-dia o dr. Hartwell fez-lhe uma visita e insistiu em que parasse de trabalhar. Armitage se recusou, alegando que terminar a leitura do diário era de suma importância e prometendo que no momento oportuno haveria de explicar tudo.

Naquela noite, assim que escureceu, terminou o exame do terrível volume e deixou-se afundar na cadeira, exausto. A esposa, ao servir o jantar, encontrou-o em estado semicomatoso; porém Armitage estava consciente o bastante para alertá-la com um grito estridente quando viu seu olhar correr na direção das notas que havia tomado. Depois de se erguer, juntou os papéis rabiscados e selou-os em um grande envelope, que no mesmo instante guardou no bolso interno do casaco. Teve forças suficientes para voltar para casa, mas a necessidade de assistência médica era tanta que o dr. Hartwell foi chamado no mesmo instante. Quando o médico o pôs na cama, o paciente conseguia apenas repetir “*Mas o que podemos fazer, em nome de Deus?*”.

O dr. Armitage dormiu, porém sofreu com delírios intermitentes no dia seguinte. Não ofereceu nenhuma explicação a Hartwell, porém nos momentos de maior lucidez falava sobre a necessidade absoluta de uma longa conferência com Rice e Morgan. Os devaneios mais fantasiosos eram muito impressionantes e incluíam apelos frenéticos para que se destruísse alguma coisa no interior de uma casa pregada com tábuas e referências fantásticas a um plano de extermínio de toda a raça humana e de todas as formas de vida animal e vegetal da Terra por parte de terríveis seres ancestrais de outra dimensão. Gritou que o mundo estava em perigo, uma vez que as Coisas Ancestrais desejavam arrancá-lo da órbita e arrastá-lo para longe do sistema solar e do cosmo material em direção a outro plano ou outra fase da entidade de onde havia se afastado vigintilhões de éons atrás. Em outros momentos, pedia que lhe trouxessem o temível *Necronomicon* e o *Daemonolatrea* de Remigius, nos quais tinha a esperança de encontrar alguma fórmula para conter o perigo conjurado.

“Precisamos detê-los, precisamos detê-los!”, gritava. “Os Whateley queriam abrir a passagem para eles, e o pior ainda está por vir! Diga a Rice e a Morgan que precisamos tomar alguma providência — é um tiro no escuro, mas eu sei preparar o pó... A coisa não se alimenta desde o dia 2 de agosto, quando Wilbur veio morrer aqui, e nesse ritmo...”

Mesmo aos 73 anos, Armitage tinha um físico robusto e curou o distúrbio com uma boa noite de sono, sem apresentar nenhum sintoma de febre. Acordou tarde na sexta-feira, com os pensamentos lúcidos, mas também estava sóbrio por conta de um medo insidioso e de um tremendo sentimento de responsabilidade. Na tarde de sábado sentiu-se apto a ir até a biblioteca e a chamar Rice e Morgan para uma conferência, e pelo restante do dia e da noite os três homens torturaram os próprios pensamentos com as mais desvairadas especulações e o mais desesperado debate. Livros estranhos e terríveis foram retirados às pilhas de estantes e depósitos seguros; e fórmulas e diagramas foram copiados com uma pressa febril em quantidade espantosa. Não se percebia ceticismo algum. Todos os três tinham visto o corpo de Wilbur Whateley estirado no chão em uma sala daquele mesmo prédio, e após essa experiência nenhum deles tinha a menor inclinação para tratar o diário como o simples delírio de um louco.

Não houve acordo quanto à notificação da polícia de Massachusetts, e por fim a negativa prevaleceu. Havia coisas que simplesmente não podiam ser aceitas por aqueles que não tivessem visto uma amostra, como de fato ficou claro durante certas investigações subsequentes. Tarde da noite a conferência chegou ao fim sem ter estabelecido um plano claro, mas Armitage passou o domingo inteiro comparando fórmulas e misturando substâncias químicas obtidas no laboratório da universidade. Quanto mais refletia sobre o diário infernal, mais se via inclinado a duvidar da eficácia de qualquer agente material na supressão da entidade que Wilbur Whateley havia deixado para trás — a entidade que ameaçava toda a Terra e que, sem que tomasse ciência, estava prestes a ressurgir dentro de algumas horas e a tornar-se o memorável horror de Dunwich.

A segunda-feira foi uma repetição do domingo para o dr. Armitage, pois a tarefa a que se dedicava exigia uma infinidade de pesquisas e experimentos. Consultas mais aprofundadas ao monstruoso diário provocaram diversas mudanças no plano, mas ele sabia que mesmo assim haveria uma enorme margem de incerteza. Na quinta-feira já havia estabelecido uma linha de ação bem definida e planejava fazer uma viagem a Dunwich dentro de uma semana. Porém na quarta-feira veio o grande choque. Escondido em um canto do *Arkham Advertiser* havia uma pequena peça satírica da Associated Press falando sobre o monstro colos-

sal que o uísque destilado ilegalmente em Dunwich havia criado. Armitage, estupefato, conseguiu apenas telefonar para Rice e para Morgan. Os três discutiram noite adentro, e o dia seguinte foi um redemoinho de preparativos. Armitage sabia que estava se envolvendo com poderes terríveis, mas não via outro modo de cancelar o envolvimento ainda mais profundo e maligno a que outros haviam se prestado antes dele.

IX.

Na manhã de sexta-feira, Armitage, Rice e Morgan foram de carro até Dunwich e chegaram ao vilarejo por volta de uma hora da tarde. Fazia um dia agradável, porém até mesmo nos lugares ensolarados uma espécie de temor e portento silencioso dava a impressão de pairar sobre as estranhas colinas abobadadas e os sombrios e profundos vales da região maldita. De vez em quando, no topo de alguma montanha, divisava-se um desolado círculo de pedras com o céu ao fundo. Pelo ar de espanto no armazém de secos e molhados de Osborn, os três perceberam que algo horrendo tinha acontecido, e logo ficaram sabendo da aniquilação da casa e da família de Elmer Frye. Passaram a tarde inteira andando por Dunwich, questionando os nativos sobre tudo o que havia ocorrido e vendo com os próprios olhos, e com aguilhoadas de horror cada vez mais intenso, as ruínas desoladas da residência dos Frye com vestígios de muco pegajoso, as marcas blasfemas no pátio, o gado ferido de Seth Bishop e os enormes trechos de vegetação destruída em vários locais. A trilha que subia e descia de Sentinel Hill despertou em Armitage um pressentimento quase cataclísmico, e o bibliotecário olhou por um longo tempo em direção ao sinistro altar de pedras no topo da colina.

Por fim, ao descobrir que um grupo de policiais havia chegado de Aylesbury naquela manhã para averiguar os relatos telefônicos relativos à tragédia dos Frye, os visitantes resolveram procurar os oficiais para trocar informações sobre o ocorrido. A execução da tarefa, no entanto, foi muito mais difícil do que o planejado, uma vez que os policiais não estavam em parte alguma. Os cinco haviam chegado em um carro, mas naquele instante o carro vazio encontrava-se próximo das ruínas no pátio de Frye. Os nativos, que haviam todos conversado com a polícia, de

início ficaram tão perplexos quanto Armitage e seus companheiros. Então o velho Sam Hutchins pensou em alguma coisa e empalideceu, cutucando Fred Farr e apontando para o úmido e profundo vazio que se abria logo à frente.

“Meu Deus”, disse, “eu falei pr’eles não descere o vale, e nunca achei que ninguém fosse fazê isso co’as marca e aquele chero e os bacurau gritano lá embaixo na escuridão do meio-dia...”

Um calafrio varou os nativos e os visitantes, e todos pareceram apurar o ouvido em uma espécie de audição instintiva e inconsciente. Armitage, depois de presenciar o horror e a destruição monstruosa que fora causada, estremeceu ao pensar na responsabilidade que pesava em seus ombros. Logo a noite cairia, e foi então que a blasfêmia montanhosa arrastou-se pela trilha quimérica. *Negotium perambulans in tenebris...*^[1] O velho bibliotecário ensaiou a fórmula que havia memorizado e agarrou-se ao papel que trazia a alternativa que não havia memorizado. Conferiu se a lanterna elétrica estava em ordem. Rice, que estava ao lado, retirou da valise uma lata de aerossol do mesmo tipo usado no combate aos insetos enquanto Morgan desempacotou o rifle para caça de grande porte em que tanto confiava, mesmo depois de ouvir os companheiros dizerem que nenhuma arma material surtiria efeito.

Armitage, depois de ler o abominável diário, sabia muito bem que tipo de manifestação esperar; mas não quis aumentar o pavor dos habitantes de Dunwich fornecendo pistas ou insinuações. Esperava que o horror pudesse ser vencido sem que revelasse ao mundo a monstruosidade de que havia escapado. As sombras se adensaram e os nativos começaram a se dispersar, ansiosos por trancarem-se em casa apesar da evidência de que as fechaduras e os ferrolhos humanos seriam inúteis diante de uma força capaz de entortar árvores e esmagar casas quando bem entendesse. Balançaram a cabeça ao ouvir o plano dos visitantes, que pretendiam montar guarda nas ruínas da casa dos Frye, perto do vale; e ao saírem tinham pouca esperança de tornar a vê-los.

Ouviram-se rumores sob as colinas naquela noite, e os bacuraus cantaram de maneira ameaçadora. De vez em quando um vento soprava de Cold Spring Glen e trazia um toque de fedor inefável à atmosfera opressiva da noite; um fedor que os três observadores já haviam sentido antes, quando presenciaram a morte de uma coisa que por quinze anos e meio

havia se passado por um ser humano. No entanto, o terror esperado não apareceu. O que quer que estivesse à espreita no vale estava ganhando tempo, e Armitage disse aos colegas que seria suicídio tentar uma ofensiva no escuro.

A manhã chegou pálida, e os sons noturnos cessaram. Era um dia cinza e desalentado, com pancadas de chuva ocasionais; e nuvens cada vez mais escuras pareciam acumular-se para além das colinas a noroeste. Os homens de Arkham não sabiam o que fazer. Depois de procurar abrigo contra a chuva sob uma das construções externas remanescentes na propriedade dos Frye, debateram se seria mais conveniente esperar ou tomar a iniciativa da agressão e descer ao vale em busca da monstruosa presa inominada. A chuva amainou, e os estrondos longínquos do trovão soaram em horizontes distantes. As nuvens relampejaram e logo um raio bífido fulgurou, como se estivesse descendo rumo ao próprio vale maldito. O céu ficou muito escuro, e os observadores torceram para que a tempestade fosse intensa e curta para que o tempo clareasse.

Ainda estava pavorosamente escuro quando, pouco mais de uma hora depois, uma babel de vozes soou na estrada. O instante seguinte revelou um grupo de mais de uma dúzia de homens assustados, correndo e gritando, e até mesmo chorando em um surto de histeria. Alguém que vinha à frente começou a balbuciar, e os homens de Arkham tiveram um violento sobressalto quando as palavras assumiram uma forma coerente.

“Meu Deus, Meu Deus”, tossiu a voz. “Aquela cousa ’stá andano de novo, e *dessa vez à luz do dia!* ’stá à solta — à solta e agora meso vino nessa direção, e só Deus sabe quano vai nos alcançá!”

O interlocutor deu mais um arquejo e calou-se, porém outro homem deu prosseguimento à mensagem.

“Uma meia hora atrás o telefone do Zeb Whateley tocô e era a siora Corey, esposa do George, que mora perto da bifurcação. Ela disse que o Luther ’stava trazeno o gado pra longe da tempestade depois daquele grande relâmpago quano viu as árvore tudo se entortano na cabicera do vale — no outro lado — e sintiu o meso chero horrívio que sintiu quano encontrô aquelas marca na manhã de segunda. E ela contô que ele disse que tamém oviu um zunido mais alto do que as árvore e os arbusto podia fazê, e de repente as árvore ao longo da estrada começaram a se curvâ pro lado e ele oviu u’as pancada e um chapinhá terrívio no barro. Mas

preste atenção, o Luther não viu nada, só as árvore e os arbusto se entortano.

“Depois mais adiante onde o Bishop’s Brook passa por baxo da estrada ele oviu uns estalo e uns rangido terrívio na ponte e disse que o som era de maderá rachano e quebrano. E todo esse tempo ele não viu nada, só as árvore e os arbusto se entortano. E quano o zunido se afastô pela estrada em direção à casa do Bruxo Whateley e da Sentinel Hill, o Luther, ele teve a corage de subi até o lugar onde tinha ovido os barulho pela primera vez e de olhá pro chão. ’stava tudo virado em água e lama, e o céu ’stava escuro, e a chuva ’stava apagano as trilha dipressa, mas na cabicera do vale, onde as árvore tinha se mexido, ele inda conseguiu vê algumas daquelas pegada medonha do tamanho dum barril que nem ele tinha visto na segunda.”

Nesse ponto o primeiro interlocutor o interrompeu, visivelmente nervoso.

“Mas agora o problema não é esse — isso foi só o começo. O Zeb aqui ’stava chamano as pessoa e todo mundo ’stava escutano quano um telefonema do Seth Bishop nos interrompeu. A Sally, a criada dele, ’stava quase teno um troço — ela tinha acabado de vê as árvore se entortá na bera da estrada, e disse que ’stava ovino um som pastoso, que nem a respiração e os passo dum elefante ino em direção à casa. Aí ela se levantô e de repente sintiu um chero horrívio, e disse que o Cha’necy começô a gritá que era o mesmo chero que tinha sentido nas ruína da casa dos Whateley na manhã de segunda. E os cachorro ’stavo tudo dano uns latido e uns ganido pavoroso.

“E depois ela soltô um grito horrívio e disse que o galpão na bera da estrada tinha arrecém desmoronado, só que o vento da tempestade não tinha força suficiente pra fazê aquilo. Todo mundo ficô escutano, e deu pra ovi várias pessoa assustada na linha. E de repente a Sally, ela gritô de novo e disse que a cerca da frente tinha se espatifado, mas não se via nenhum sinal do que podia tê feito aquilo. Aí todo mundo na linha pôde escutá o Cha’necy e o velho Seth Bishop gritano tamém, e a Sally começou a dizê que alguma cousa pesada tinha acertado a casa — não um raio nem nada paricido, mas alguma cousa pesada que ’stava bateno sem pará na frente da casa, meso que não desse pra vê nada pelas janela. E aí... aí...”

As linhas do desespero ficaram mais profundas em todos os rostos; e Armitage, abalado como estava, mal tinha a compostura necessária para solicitar ao interlocutor que prosseguisse.

“Aí... A Sally, ela gritô, ‘Socorro, a casa ’stá disabano’... e na linha a gente pôde ovi o estrondo dum disabamento e um enorme dum grito-do... que nem na casa do Elmer Frye, só que pior...”

O homem fez uma pausa, e outro integrante do grupo tomou a palavra.

“Isso é tudo — não se oviu mais nenhum pio no telefone depois disso. Ficô tudo em silêncio. Nós que ovimo tudo entramo nos Ford e nas carreta e juntamo o maior número de homes capazes que a gente conseguiu na casa dos Corey e viemo pra cá vê o que os siores acho melhor a gente fazê. Mas eu acho que esse é o julgamento do Senhor pras nossa iniquidade, que nenhuma criatura mortal é capaz de detê.”

Armitage percebeu que o momento de tomar a iniciativa havia chegado e falou de maneira decidida para o grupo de rústicos assustados.

“Precisamos seguir essa coisa, rapazes.” Tentou fazer com que a voz soasse da maneira mais confiante possível. “Acredito que nós podemos tirá-la de ação. Os senhores sabem que os Whateley eram bruxos — bem, essa coisa é fruto de uma bruxaria, e precisamos acabar com ela da mesma forma. Eu vi os diários de Wilbur Whateley e li alguns dos estranhos livros que ele costumava ler; e acho que posso recitar um encantamento para fazer essa coisa sumir. Claro que eu não posso dar nenhuma certeza, mas podemos ao menos tentar. A criatura é invisível, como eu imaginava, mas esse aerossol de longa distância contém um pó capaz de revelá-la por alguns instantes. Mais tarde podemos experimentar. É terrível ver uma coisa dessas à solta, mas teria sido ainda pior se Wilbur tivesse vivido por mais tempo. Os senhores nem imaginam do que o mundo escapou. Agora precisamos apenas enfrentar essa coisa, e ela não tem como se multiplicar. Mesmo assim, pode fazer grandes estragos; então não podemos hesitar em salvar a comunidade.

“Precisamos segui-la — e a melhor maneira de começar é indo até o lugar que acabou de ser destruído. Peço que alguém nos guie até lá — eu não conheço muito bem as estradas por aqui, mas acredito que exista um atalho por entre as propriedades. Que tal?”

Uma certa agitação tomou conta dos homens por alguns instantes, e por fim Earl Sawyer falou com uma voz mansa, apontando o dedo imundo em meio à chuva cada vez mais fraca.

“Eu acho que o sior pode chegá até a casa do Seth Bishop mais depressa cortano caminho pelos pasto mais baixo aqui, passano o riacho a vau e subino as terra do Carrier e o pátio de lenha mais adiante. Assim o sior vai saí na estrada bem perto do terreno do Seth — é só caminhá mais um pouco pro otro lado.”

Armitage, na companhia de Rice e de Morgan, pôs-se a caminhar na direção indicada; e a maioria dos nativos acompanhou-os a passos lentos. O céu começou a clarear, e havia sinais de que a tempestade estava chegando ao fim. Quando Armitage inadvertidamente tomou o caminho errado, Joe Osborn alertou-o e tomou a dianteira para mostrar a rota correta. A coragem e a confiança aumentaram, embora a escuridão na colina arborizada quase perpendicular que ficava próxima ao fim do atalho e em meio às fantásticas árvores ancestrais a que tiveram de se agarrar como se fossem corrimãos pusesse essas qualidades à prova.

Após um certo tempo o grupo chegou a uma estrada lamacenta e deparou-se com o nascer do sol. Estavam um pouco além da propriedade de Seth Bishop, porém as árvores entortadas e as pavorosas e inconfundíveis marcas não deixavam nenhuma dúvida quanto ao que havia passado por lá. Apenas breves momentos foram empregados no exame das ruínas logo depois da curva. Era uma repetição do incidente na casa dos Frye, e nada vivo ou morto foi encontrado nas estruturas em ruínas da casa e do galpão dos Bishop. Ninguém quis ficar por lá em meio ao fedor e ao muco pegajoso; em vez disso, todos se dirigiram como que por instinto rumo às horrendas pegadas que levavam em direção à propriedade destruída de Whateley e às encostas coroadas pelo altar da Sentinel Hill.

Enquanto passavam em frente à antiga morada de Wilbur Whateley, os homens estremeceram e pareceram mais uma vez misturar hesitação ao fervor que demonstravam. Não seria nada fácil seguir uma criatura do tamanho de uma casa que ninguém era capaz de ver e ao mesmo tempo era imbuída de toda a malevolência de um demônio. Em frente à base da Sentinel Hill a trilha afastava-se da estrada, e havia novas árvores en-

tortadas e arbustos amassados ao longo do trecho que demarcava a rota tomada pelo monstro ao subir e descer a colina.

Armitage pegou um telescópio portátil de potência considerável e examinou a encosta íngreme e verdejante da colina. A seguir entregou o instrumento para Morgan, que enxergava melhor. Depois de olhar por um instante Morgan soltou um grito estridente e entregou o telescópio a Earl Sawyer enquanto apontava para um certo ponto da encosta. Sawyer, com a falta de jeito típica das pessoas desacostumadas a usar instrumentos ópticos, atrapalhou-se um pouco; mas por fim ajustou as lentes com o auxílio de Armitage. Em seguida soltou um grito ainda menos contido que o de Morgan.

“Deus todo-poderoso, a grama e os arbusto ’stão se mexeno! Aquilo ’stá subino — devagar — se arrastano até o topo nesse exato instante, e só Deus sabe pra quê!”

Foi então que a semente do pânico espalhou-se entre os exploradores. Procurar a entidade inominável era uma coisa, porém encontrá-la era um tanto diferente. Os encantamentos podiam funcionar — mas e se falhassem? As vozes começaram a questionar Armitage sobre o quanto sabia a respeito daquela coisa, e nenhuma resposta parecia satisfatória. Todos pareciam sentir-se próximos a fases proibidas da Natureza e do ser e completamente fora da esfera de experiências humanas salubres.

X.

No fim, os três homens de Arkham — o velho e barbado dr. Armitage, o atarracado e grisalho professor Rice e o magro e jovem dr. Morgan — subiram a montanha sozinhos. Depois de muitas instruções pacientes sobre a utilização e o ajuste do foco, deixaram o telescópio com o assustado grupo que permaneceu na estrada; e enquanto subiam eram vigiados de perto pelos homens encarregados do instrumento. A subida era difícil, e mais de uma vez Armitage precisou de ajuda. Muito acima do grupo uma grande área estremeceu quando a criatura infernal tornou a mover-se com a deliberação de uma lesma. Ficou evidente que os perseguidores estavam mais perto.

Curtis Whateley — da linhagem íntegra — estava de posse do telescópio quando o grupo de Arkham desviou radicalmente da trilha. Disse que sem dúvida os homens estavam tentando chegar a uma elevação secundária que sobranceava a trilha em um ponto à frente do local onde naquele instante os arbustos se dobravam. O palpite estava correto; e o grupo foi avistado na elevação secundária pouco tempo após a passagem da blasfêmia invisível.

Então Wesley Corey, que havia pegado o telescópio, gritou que Armitage estava preparando o aerossol que Rice tinha na mão, e que algo estava prestes a acontecer. A multidão agitou-se ao lembrar que o aerossol daria ao horror invisível uma forma visível por um breve momento. Dois ou três homens fecharam os olhos, mas Curtis Whateley voltou a atenção ao telescópio e forçou a vista ao máximo. Notou que Rice, daquele local favorável acima e atrás da entidade, teria uma excelente chance de espalhar o poderoso pó com o efeito desejado.

Os que não tinham acesso ao telescópio viram apenas o lampejo momentâneo de uma nuvem cinzenta — uma nuvem do tamanho de uma construção razoavelmente grande — próximo ao cume da montanha. Curtis, que estava segurando o instrumento, deixou-o cair com um grito cortante no barro que cobria a estrada até a altura dos tornozelos. Cambaleou e teria caído no chão se dois ou três homens não houvessem aparado a queda. Tudo o que pôde fazer foi murmurar à meia-voz, “Ah, meu Deus... *aquela cousa...*”.

Houve um pandemônio de perguntas, e apenas Henry Wheeler lembrou-se de resgatar o telescópio caído e limpar o barro que o cobria. Curtis estava além de toda a coerência, e mesmo respostas isoladas pareciam ser demais para ele.

“Maior do que um galpão... todo feito dumas corda se retorcenho... com o formato dum ovo de galinha maior do que qualquer outra cousa, com várias dúzia de perna, como barris que se fecho a cada passo... nada de sólido — todo gelatinoso, feito dumas corda que se agito bem junto umas das outra... co’uns olhos enorme e esbugalhado por toda parte... dez ou vinte boca ou tromba saindo de toda parte nos lado, co’o tamanho duma chaminé cada, e todas se mexeno e se abrino e fechano... todo cinza, com uns anel roxo ou azul... *e meu Deus do céu — aquele rosto pela metade em cima...!*”

Essa memória final, o que quer que fosse, foi demais para o pobre Curtis, que caiu desmaiado antes que pudesse dizer mais uma palavra. Fred Fair e Will Hutchins levaram-no até a beira da estrada e o puseram deitado na grama úmida. Henry Wheeler, com as mãos trêmulas, apontou o telescópio resgatado em direção à montanha para ver o quanto pudesse. Através das lentes discerniu três figuras diminutas, que pareciam subir a encosta íngreme rumo ao topo o mais depressa possível. Foi só isso — nada mais. Então todos perceberam um estranho barulho nas profundezas do vale, e até mesmo na vegetação rasteira da própria Sentinel Hill. Era o canto de incontáveis bacuraus, e nesse coro estridente uma nota de tensão e de maus agouros parecia espreitar.

Earl Sawyer pegou o telescópio e relatou que as três figuras estavam de pé no alto da colina, no mesmo nível do altar de pedra, embora a uma distância considerável. Uma figura, disse, parecia erguer as mãos acima da cabeça a intervalos rítmicos; e quando Sawyer mencionou essa circunstância a multidão acreditou ter ouvido um som fraco e semimusical ao longe, como se um cântico estivesse sendo entoado para acompanhar os gestos. A bizarra silhueta no pico distante deve ter sido um espetáculo grotesco e impressionante ao extremo, mas nenhum observador demonstrava inclinações à apreciação estética naquele instante. “Acho que ele ’stá proferindo o encanto”, sussurrou Wheeler enquanto retomava o telescópio. Os bacuraus cantavam desesperados e em um curioso ritmo irregular muito diferente daquele que acompanhava o ritual visível.

De repente os raios do sol pareceram enfraquecer sem a interferência de qualquer nuvem. Foi um fenômeno muito peculiar notado por todos. Um rumor parecia soar por baixo das colinas, estranhamente misturado a um rumor no mesmo ritmo que sem dúvida vinha do céu. O céu relampejou, e a multidão estarrecida procurou em vão os sinais da tempestade. Logo os cânticos dos homens de Arkham puderam ser ouvidos com clareza, e Wheeler viu através do telescópio que estavam todos erguendo os braços no ritmo de um encantamento. De alguma propriedade longínqua veio o latido frenético de cães.

A mudança na qualidade da luz do dia tornou-se ainda mais acentuada, e a multidão olhou para o horizonte tomada de espanto. Uma escuridão arroxeadada, nascida de um escurecimento fantasmagórico no azul do céu, abateu-se sobre as colinas rumorejantes. Então o céu relampejou

mais uma vez, com ainda mais intensidade, e a multidão imaginou ter visto uma certa nebulosidade em volta do altar de pedra nas alturas distantes. Ninguém, contudo, estava usando o telescópio naquele momento. Os bacuraus continuaram com a pulsação irregular, e os tensos homens de Dunwich prepararam-se para enfrentar a ameaça imponderável com que a própria atmosfera parecia estar saturada.

Sem nenhum aviso vieram os sons profundos, ribombantes e fragorosos que jamais hão de abandonar a lembrança do fatídico grupo que os ouviu. Não vinham de nenhuma garganta humana, pois os órgãos do homem não são capazes de tais perversões acústicas. Pareceriam ter vindo do próprio abismo se não fosse tão evidente que a fonte dos estrondos era o altar de pedra no alto da colina. Seria quase um equívoco chamar aquilo de som, uma vez que o timbre espectral e infragrave falava mais a sedes nebulosas da consciência e do terror do que propriamente ao ouvido; e no entanto é necessário proceder assim, uma vez que, de maneira vaga mas inquestionável, tomava a forma de palavras semiarticuladas. Eram palavras estrondosas — estrondosas como os rumores e o trovão que ecoavam —, porém não vinham de nenhuma criatura visível. E, como a imaginação fosse capaz de sugerir uma fonte conjectural no mundo das criaturas invisíveis, a multidão reunida na base da montanha amontoou-se ainda mais e se enrijeceu como se estivesse prestes a receber um golpe.

“Ygnaiih... ygnaiih... thflthkh’ngha... Yog-Sothoth...”, rouquejava o terrível crocitar vindo do espaço. *“Y’bthnk... h’ehye — n’grkdl’lh.”*

O impulso da fala pareceu esmaecer nesse ponto, como se uma terrível batalha psíquica estivesse a ser travada. Henry Wheeler apertou o olho no telescópio, mas viu apenas três grotescas silhuetas humanas no cume, movendo os braços na fúria de estranhos gestos à medida que o encanto se aproximava do ponto culminante. De que abismos negros de terror aquerôntico, de que pélagos inexplorados de consciência extracósmica ou de hereditariedade obscura e latente emanava aquele ribombar semiarticulado? No instante seguinte, a voz pareceu recobrar a força e a coerência enquanto se aproximava de um desesperado, supremo e derradeiro frenesi.

“Eh-ya-ya-ya-yahaah — e’yayayayaaaa... ngh’aaaa... ngh’aaaa... h’yuh... h’yuh... SOCORRO! SOCORRO!... pa — pa — pa — pai! pai!

yog-sothoth...!”

Isso foi tudo. O pálido grupo na beira da estrada, ainda estupefato diante das sílabas em indiscutível inglês que haviam soado como o ribombar do trovão no vazio frenético ao lado do impressionante altar de pedra, nunca mais haveria de escutá-las. Pelo contrário: tiveram um violento sobressalto diante do pavoroso estampido que deu a impressão de rasgar as colinas; o ensurdecedor e cataclísmico estrondo cuja origem, fosse os recônditos da Terra ou o céu, nenhum ouvinte jamais foi capaz de reconhecer. Um único relâmpago atravessou o céu do zênite púrpura até o altar de pedra, e uma grande onda de inconcebível força e inefável fedor saiu da colina e espalhou-se por todo o campo. Árvores, gramados e arbustos agitaram-se em fúria; e a multidão apavorada na base da montanha, enfraquecida pelo fedor mortal que parecia estar na iminência de asfixiar o grupo, por pouco não foi derrubada. Os cães uivaram ao longe, gramados e folhagens verdejantes murcharam e ganharam uma enfermiza coloração amarelo-cinzenta e por campos e florestas espalharam-se os corpos de bacuraus mortos.

O fedor se dissipou em seguida, mas a vegetação nunca mais voltou ao normal. Até hoje existe algo de estranho e blasfemo nas plantas que crescem em cima e em volta da temível colina. Curtis Whateley mal havia recobrado a consciência quando os homens de Arkham desceram a montanha com passos vagarosos sob os raios de um sol mais uma vez puro e reluzente. Estavam graves e silenciosos, e pareciam abalados por memórias e reflexões ainda mais terríveis do que aquelas que haviam reduzido o grupo de nativos a um estado de medo e tremor. Em resposta a um amontoado de perguntas, simplesmente balançaram a cabeça e reafirmaram um fato de vital importância.

“Aquela coisa se foi para sempre”, disse Armitage. “Foi separada dos elementos que a compunham e nunca mais pode voltar a existir. Era uma existência impossível em um mundo normal. Apenas uma fração ínfima era constituída de matéria da maneira como a conhecemos. Parecia-se muito com o pai — e em boa parte retornou a ele em alguma esfera ou dimensão vaga para além do universo material; algum abismo vago de onde apenas os mais profanos ritos de blasfêmia humana poderiam tê-lo chamado por um instante fugaz até as colinas.”

Fez-se um breve silêncio, e nesse intervalo os sentidos atordoados do pobre Curtis Whateley começaram a se reorganizar em um sistema coeso; e o homem levou a mão à cabeça com um gemido. A memória deu a impressão de recompor-se a partir do último momento de consciência, e o horror da visão que o havia prostrado tornou a invadi-lo.

“Ah, meu Deus, aquele rosto — aquele rosto pela metade... aquele rosto co’os olho vermelho e os cabelo albino ondulado, e sem queixo, que nem os Whateley... Era u’a espécie de polvo, de centopeia, de aranha, mas em cima tinha um rosto pela metade que parecia o do Bruxo Whateley, só que com vários metro de largura...”

O homem deteve-se exausto enquanto o grupo de nativos o encarava em um estado de confusão ainda não cristalizado em um novo terror. Apenas o velho Zebulon Whateley, que tinha recordações erráticas de coisas antigas mas que até então permanecia calado, ergueu a voz.

“Há quinze anos atrás”, resmungou, “eu escutei o velho Whateley dizê que um dia nós ainda ia ovi o filho da Lavinny gritá o nome do pai no alto da Sentinel Hill...”

Porém Joe Osborn o interrompeu para fazer mais uma pergunta aos homens de Arkham.

“O que era aquela cousa afinal de contas, e comé que o jovem Bruxo Whateley conseguiu invocá ela do nada?”

Armitage escolheu as palavras com cuidado.

“Aquilo era — digamos que em boa parte era uma força que não pertence à nossa dimensão no espaço; uma força que age e cresce e se molda segundo leis diferentes daquelas que regem a nossa Natureza. Não temos por que invocar essas coisas de longe, e apenas pessoas vis e cultos maléficos se envolvem com isso. O próprio Wilbur Whateley tinha um pouco dessa força — o suficiente para transformá-lo em um demônio precoce e fazer com que seu ocaso fosse uma visão pavorosa. Pretendo queimar o diário maldito que deixou para trás, e se os senhores forem prudentes hão de dinamitar aquele altar de pedra lá em cima e desmanchar todos os círculos de pedra nas outras colinas. Foram coisas como aquelas que trouxeram essas criaturas que os Whateley tanto admiravam — criaturas invocadas para aniquilar a raça humana e arrastar a Terra rumo a um lugar infável para um propósito infável.

“Quanto à coisa que acabamos de despachar — os Whateley a criaram para desempenhar um papel terrível em tudo o que estaria por vir. Cresceu depressa e atingiu um tamanho enorme pelo mesmo motivo que levou Wilbur a crescer depressa e atingir um tamanho enorme — porém acabou ainda maior porque continha mais elementos de *estranheza cósmica*. Não há motivo para perguntar como Wilbur a invocou do nada. Ele não a invocou. *Esse era o irmão gêmeo de Wilbur, que puxou um pouco mais ao pai.*”



O Visitante das Trevas

∴

The Hunter of the Dark (1935)

Weird Tales (dez. 1936)

Esta noveleta foi a última história de *weird fiction* que Lovecraft escreveu, e fazia parte de um pacto lúdico com o colega escritor Robert Bloch — o homem que hoje é mais conhecido como autor de *Psicose*. Tudo começou quando a história de Bloch, “O errante das estrelas”, foi publicada na edição de setembro de 1935 da revista *Weird Tales*. Na história de Bloch, um “sonhador místico” em Providence acidentalmente lê em voz alta um livro de feitiços arcanos, conjurando um ser do além, que o agarra em seus tentáculos e suga todo o seu sangue. O “sonhador místico” foi obviamente modelado em Lovecraft, e um leitor do *Weird Tales* sugeriu em uma carta ao editor no mês seguinte que Lovecraft respondesse da mesma forma — com uma história envolvendo Bloch tendo um destino igualmente horrível.

A resposta de Lovecraft foi “O visitante das trevas”, uma peça fabulosa e sombria sobre um tal “Robert Blake”.



(Dedicado a Robert Bloch)

Vi escancarar-se um escuro universo
De negros planetas que vagam a esmo —
Vagueiam os astros em horror ignoto,
Sem nome e sem lume, inscientes, no abismo.^[1]

Nêmesis

Investigadores mais cautelosos hesitarão em contestar a opinião comumente aceita de que Robert Blake foi morto por um raio ou por algum profundo choque nervoso derivado de uma descarga elétrica. É verdade que a janela através da qual ele olhava encontrava-se incólume, mas a Natureza já se mostrou capaz de muitos feitos inusitados. A expressão de seu rosto poderia facilmente resultar de alguma obscura contração muscular sem relação com nada que ele tivesse visto, ao passo que os registros em seu diário são claros produtos de uma imaginação fantástica, estimulada por certas superstições locais e por certas antigas histórias que ele havia descoberto. Quanto às condições anômalas na igreja abandonada de Federal Hill — qualquer analista perspicaz não tarda a atribuí-las a algum charlatanismo, consciente ou inconsciente, com o qual Blake estaria secretamente ligado ao menos em parte.

Afinal, a vítima era um escritor e pintor inteiramente devotado aos campos do mito, do sonho, do terror e da superstição e perseguia com avidez cenários e efeitos da mais bizarra e espectral espécie. Sua primeira estadia na cidade — em visita a um estranho velho tão profundamente ligado ao oculto e às doutrinas proibidas quanto ele — havia terminado em morte e fogo, e deve ter sido algum instinto mórbido que o trouxe novamente de seu lar em Milwaukee. Ele deve ter ouvido falar das velhas histórias, apesar de negar isso no diário, e sua morte pode ter extirpado ainda em botão alguma estupenda farsa destinada a adquirir ressonâncias literárias.

No entanto, entre os que examinaram e correlacionaram todas essas evidências, ainda restam vários que se apegam a teorias menos racionais e sensatas. Estes se inclinam a tomar grande parte do diário de Blake ao pé da letra, e apontam certos fatos significativos, como a indubitável autenticidade dos antigos registros da igreja, a comprovada existência da

malvista e heterodoxa seita da Sabedoria Estrelada até 1877, o bem documentado desaparecimento do inquisitivo repórter chamado Edwin M. Lillibridge em 1893 e — acima de tudo — a transfigurada e monstruosa expressão de horror na face do jovem escritor quando ele morreu. Foi um dos adeptos de tais teorias que, beirando extremos de fanatismo, trouxe a lume a pedra de ângulos curiosos e sua caixa metálica com estranhos adornos encontrada no campanário da antiga igreja — o coruchêu negro sem janelas e não a torre onde o diário de Blake afirma que essas coisas originalmente se encontravam. Embora amplamente censurado, tanto oficial quanto extraoficialmente, esse homem — um médico respeitável com pendor para o folclore bizarro — declarou que Blake havia livrado a terra de algo perigoso demais para continuar existindo sobre ela.

Entre essas duas correntes de opinião o leitor deve julgar por si próprio. Os jornais noticiaram os detalhes sob um prisma cético, deixando para outros o encargo de pintar o quadro tal como Robert Blake o viu — ou pensou ter visto — ou fingiu ver. Agora, analisando o diário atentamente, desapaixonadamente e com vagar, vamos resumir a sombria cadeia de eventos a partir do ponto de vista expressado por seu principal ator.

O jovem Blake retornou a Providence no inverno de 1934–35, ocupando o piso superior de uma venerável residência em um terreno gramado nos arredores da College Street — no topo da grande colina oriental próximo ao campus da Brown University e atrás do edifício de mármore da Biblioteca John Hay. Era um lugar acolhedor e fascinante, em um pequeno oásis ajardinado como só se vê nas vilas antigas, onde imensos gatos amistosos tomavam sol no alto de algum telheiro providencial. A casa, quadrada e em estilo georgiano, tinha telhado com lucarnas, pórtico clássico lavrado em leque, janelas com vidros pequenos e todas as outras marcas típicas das construções do início do século XIX. No interior havia portas de seis painéis, assoalho de tábuas largas, uma sinuosa escadaria colonial, cornijas brancas do período adâmico e alguns cômodos de fundos situados três degraus abaixo do nível geral da casa.

O gabinete de trabalho de Blake, uma grande câmara na face sudoeste, tinha vista para o jardim frontal em um dos lados, enquanto as janelas na face oeste — diante de uma das quais ele mantinha sua escrevani-

nha — davam para o topo da colina e dominavam uma esplêndida vista dos telhados mais baixos que se espalhavam pela cidade e dos místicos pores de sol que incendiavam o céu além deles. No horizonte mais distante ficavam as vertentes purpúreas do campo aberto. Em contraste com estas, a cerca de duas milhas de distância, erguia-se a corcova espectral da Federal Hill, erigida por um ajuntamento de telhados e campanários cujas silhuetas remotas oscilavam misteriosamente, assumindo formas fantásticas à medida que a fumaça da cidade subia em volutas e as enredava. Blake tinha a curiosa sensação de estar olhando para um mundo desconhecido e etéreo, que poderia ou não se desvanecer como um sonho se ele um dia tentasse procurá-lo e adentrá-lo de corpo presente.

Depois de ter mandado buscar a maior parte dos seus livros, Blake comprou alguns móveis antigos compatíveis com seus aposentos e se pôs a escrever e pintar — morando sozinho e cuidando ele próprio dos simples afazeres domésticos. Seu estúdio ficava em um quarto do sótão voltado para o norte, e as vidraças da lucarna proporcionavam uma iluminação admirável. Durante aquele primeiro inverno ele produziu cinco de seus contos mais conhecidos — “A toupeira sob o solo”, “Os degraus da cripta”, “Shaggai”, “No Vale de Pnath” e “O comensal das estrelas” — e pintou sete quadros; estudos de monstros inomináveis e inumanos, além de paisagens profundamente alienígenas, extraterrenas.

Ao pôr do sol ele frequentemente se sentava em sua mesa e contemplava em enlevo a paisagem que se estendia a oeste — as torres escuras do Memorial Hall logo abaixo, o campanário do fórum georgiano, os altos pináculos do centro da cidade e aquele fugidio outeiro coroadado de coruchéus na distância, cujas ruas desconhecidas e cumeeiras labirínticas provocavam tão poderosamente sua fantasia. Com seus conhecidos locais ele havia descoberto que a ladeira distante era um vasto bairro italiano, embora a maioria das casas fosse remanescente dos tempos mais antigos dos ianques e dos irlandeses. De tempos em tempos ele dirigia seus binóculos para aquele mundo espectral e inatingível além das espiras de fumaça; escolhia telhados, chaminés e campanários individuais e especulava sobre os mistérios curiosos e bizarros que eles poderiam abrigar. Mesmo com o auxílio do aparelho óptico a Federal Hill parecia algo alienígena, parcialmente fabuloso e ligado às maravilhas irreais e intangíveis dos contos e pinturas do próprio Blake. O sentimento persistia

muito tempo depois que a colina desaparecia no crepúsculo violáceo cravejado de luzes e os holofotes do fórum e o farol vermelho do Industrial Trust eram acesos para tornar a noite grotesca.

De todos os objetos distantes na Federal Hill, uma certa igreja imensa e escura era o que mais fascinava Blake. Ela se destacava de um modo particularmente peculiar a certas horas do dia, e ao pôr do sol a grande torre com seu campanário afilado se erguia negra contra o céu flamejante. Parecia assentada num terreno especialmente alto, pois a fachada encardida e o lado norte, visto obliquamente com seus telhados abruptos e os topos de suas enormes janelas ogivais, destacava-se acima do emaranhado de cumeeiras e chaminés. Peculiarmente lúgubre e austera, ela parecia construída em pedra, manchada e desgastada pela fumaça e as tormentas de mais de um século. O estilo, até onde era possível ver pelos binóculos, era aquela primeira forma experimental do renascimento gótico que precedeu o suntuoso período Upjohn e conservava algumas linhas e proporções da era georgiana. Talvez remontasse a cerca de 1810 ou 1815.

À medida que os meses se passavam, Blake observava a estrutura distante e inacessível com um interesse cada vez maior. Como as amplas janelas nunca se iluminavam, sabia que o lugar devia estar abandonado. Quanto mais ele olhava, mais sua imaginação trabalhava, até que, por fim, começou a imaginar coisas curiosas. Acreditava que uma vaga, singular aura de desolação pairava sobre o lugar, de forma que até mesmo os pombos e as andorinhas evitavam seus beirais fuliginosos. Ao redor de outras torres e campanários seus binóculos revelavam grandes bandos de aves, mas ali elas nunca pousavam. Ao menos, foi isso que pensou e anotou em seu diário. Indicou o lugar para vários amigos, mas nenhum deles estivera na Federal Hill nem possuía a mais remota noção do que a igreja fosse ou tivesse sido.

Na primavera um desassossego profundo se apoderou de Blake. Ele havia começado seu romance há muito planejado — baseado numa suposta sobrevivência do culto das feiticeiras no Maine — mas foi estranhamente incapaz de prosseguir com a escrita. Cada vez mais ele se sentava em sua janela voltada para o oeste e contemplava a colina distante e o negro coruchéu carrancudo evitado pelos pássaros. Quando as folhas delicadas brotaram nos ramos do jardim o mundo se encheu de uma be-

leza renovada, mas a ansiedade de Blake apenas cresceu. Foi então que primeiro lhe ocorreu o pensamento de atravessar a cidade e subir com passos decididos aquela fabulosa ladeira rumo ao mundo de sonhos envoltos em fumaça.

No final de abril, pouco antes da Noite de Walpurgis, cuja origem remonta às sombras de eras, Blake fez sua primeira viagem ao desconhecido. Marchando através das ruas intermináveis do centro da cidade e pelos quarteirões lúgubres e decadentes que ficavam além, ele finalmente chegou à avenida ascendente de calçadas gastas pelos séculos, pórticos dóricos empenados e cúpulas de vidro embaçado que lhe pareceram capazes de conduzi-lo ao mundo há tanto conhecido e inalcançável além das névoas. Havia placas azuis e brancas encardidas com nomes de ruas que ele não reconhecia, e logo em seguida ele notou as faces estranhas e escuras da multidão que passava a esmo, e as placas em língua estrangeira sobre curiosas lojas nos edifícios marrons carcomidos pelo tempo. Em parte alguma ele conseguia encontrar quaisquer dos objetos que tinha visto de longe; de forma que novamente ele em parte fantasiou que a Federal Hill daquela paisagem distante era um mundo de sonhos destinado a jamais ser pisado pelos pés de um vivente humano.

De quando em quando aparecia uma fachada de igreja em estado precário ou um campanário prestes a desabar, mas nunca o edifício enegrecido que ele vira. Quando perguntou a um lojista sobre uma grande igreja de pedra o homem sorriu e meneou a cabeça, embora falasse em bom inglês. À medida que Blake subia, a região parecia cada vez mais estranha, com labirintos desconcertantes de lúgubres becos castanhos que conduziam eternamente ao sul. Atravessou duas ou três avenidas mais largas, e uma vez pensou ter avistado uma torre familiar. Novamente perguntou a um comerciante sobre a imponente igreja de pedra, mas dessa vez podia jurar que a alegação de ignorância era fingida. O homem de tez escura tinha um olhar de medo que tentava disfarçar e Blake o viu fazer um curioso sinal com a mão direita.

Foi então que, de repente, um coruchéu negro apareceu contra o céu nublado à sua esquerda, acima das fileiras de telhados marrons que demarcavam o emaranhado de vielas que seguiam para o sul. Blake o reconheceu de imediato e se lançou na sua direção através dos esqualidos becos sem pavimento que partiam da avenida. Por duas vezes ele perdeu o

rumo, mas por algum motivo não ousava perguntar a nenhum dos patriarcas ou donas de casa sentados em seus umbrais ou às crianças que gritavam e brincavam na lama dos becos sombrios.

Por fim ele viu claramente a torre a sudoeste, e um imenso edifício escuro de pedra se avultou no final de uma ruela. Nesse momento ele se encontrava numa praça exposta ao vento, pavimentada de um modo esquisito, com um alto muro de contenção no lado mais distante. Era o final de sua busca, pois acima do largo platô com parapeito de ferro e coberto de mato que o muro sustentava — um mundo distinto e menos digno que se erguia quase dois metros acima das ruas circundantes — encontrava-se a edificação titânica e severa cuja identidade, apesar da nova perspectiva sob a qual Blake a observava, era inquestionável.

A igreja deserta estava em um estado de grande decrepitude. Alguns dos altos botaréis de pedra haviam ruído e vários de seus florões delicados jaziam perdidos no meio das ervas daninhas e do capim acastanhado. As janelas góticas cobertas de fuligem estavam em grande parte intactas, embora muitos de seus mainéis de pedra estivessem faltando. Blake se perguntou como os vitrais com imagens obscuras podiam ter sobrevivido tão bem, em vista dos conhecidos hábitos dos meninos de todo o mundo. As portas imponentes também estavam intactas e bem fechadas. Em volta do topo do muro de contenção, circundando todo o terreno, havia uma cerca de ferro enferrujada cujo portão — no alto de um lance de escada que partia da praça — era visivelmente trancado por um cadeado. O caminho do portão até o edifício estava completamente tomado pelo mato. A desolação e a decrepitude pairavam como uma nuvem sobre o lugar, e nos beirais isentos de pássaros, assim como nas paredes negras desprovidas de heras, Blake sentia um toque indistintamente sinistro que estava além da sua capacidade definir.

Havia muito poucas pessoas na praça, mas Blake viu um policial no lado norte e o abordou com perguntas sobre a igreja. O homem era um irlandês corpulento e saudável e pareceu estranho que ele se limitasse a pouco mais do que fazer o sinal da cruz e murmurar que as pessoas nunca falavam daquele edifício. Quando Blake o pressionou ele disse muito apressadamente que os padres italianos precavam a todos contra o lugar, declarando que um mal monstruoso um dia residira ali e deixara

sua marca. Ele próprio ouvira histórias sinistras contadas aos sussurros por seu pai, que recordava certos sons e rumores de sua infância.

Havia uma seita ruim ali nos velhos tempos — uma seita ilegal que invocava coisas horríveis de algum abismo desconhecido da noite. Foi necessário um bom sacerdote para exorcizar o que surgiu ali, embora houvesse aqueles que diziam que simplesmente a luz poderia fazê-lo. Se o padre O'Malley estivesse vivo, teria muitas coisas para contar. Mas já não restava nada a fazer além de deixar aquele lugar em paz. Já não fazia mal a ninguém e os antigos proprietários estavam mortos ou ausentes. Eles haviam fugido como ratos depois dos rumores ameaçadores de 1877, quando as pessoas começaram a se perguntar por que alguns moradores das vizinhanças desapareciam de tempos em tempos. Algum dia a cidade iria se pronunciar e desapropriar o terreno por falta de herdeiros, mas seria de pouco benefício mexer no lugar. Melhor seria deixá-lo em paz para que os anos o demolissem, caso contrário era bem possível acabar provocando coisas que deveriam repousar para sempre em seus abismos negros.

Depois que o policial se foi, Blake ficou contemplando o edifício de campanários melancólicos. Foi estimulante descobrir que a estrutura parecia tão sinistra aos outros quanto para ele, e se perguntou que fundo de verdade poderia haver por trás das velhas histórias que o homem fardado havia repetido. Provavelmente não passavam de lendas evocadas pelo aspecto maligno do lugar, mas ainda assim era como se uma de suas próprias histórias estranhamente criassem vida.

O sol da tarde saiu de trás das nuvens que se dispersavam, mas não parecia capaz de iluminar as paredes manchadas e fuliginosas do velho templo que se impunha em seu alto platô. Era insólito que o verde da primavera não tocasse a vegetação castanha e mirrada no terreno elevado delimitado pela cerca de ferro. Blake se surpreendeu aproximando-se aos poucos da área elevada e examinando o muro de contenção e a cerca enferrujada em busca de possíveis pontos de acesso. Havia uma atração terrível exercida pela igreja enegrecida, à qual era difícil resistir. A cerca não tinha abertura próxima aos degraus, mas na face norte havia algumas barras faltando. Ele poderia subir os degraus e caminhar pelo topo estreito do muro por fora da cerca até chegar ao vão. Se as pessoas tinham tanto medo do lugar, ele não enfrentaria qualquer interferência.

Antes que alguém notasse, ele já estava sobre o terrapleno e quase do lado de dentro da cerca. Então, ao olhar para baixo, viu algumas pessoas na praça afastando-se pouco a pouco e fazendo o mesmo sinal com a mão direita que o lojista na avenida havia feito. Várias janelas se fecharam bruscamente, e uma mulher gorda disparou para a rua e puxou algumas crianças para dentro de uma casa instável e sem pintura. A fresta na cerca era muito fácil de atravessar, e logo Blake se encontrou caminhando pelo meio do matagal apodrecido e emaranhado daquele pátio deserto. Aqui e ali o toco desgastado de uma lápide dizia-lhe que um dia houvera sepultamentos naquele campo; mas isso, pelo que ele observou, devia ter sido muito tempo atrás. O volume perpendicular da igreja parecia opressivo agora que se encontrava tão perto, mas ele dominou seu ânimo e aproximou-se para testar as três grandes portas da fachada. Todas estavam bem trancadas, por isso ele começou a circundar o edifício ciclópico em busca de alguma abertura menor e mais penetrável. Naquele momento ele não tinha certeza se queria entrar naquele reduto de desolação e sombras, mas o apelo do estranho atraía-o a prosseguir automaticamente.

Uma janela escancarada e sem grades em um porão nos fundos proporcionou a abertura necessária para a sua entrada. Ao espiar para dentro, Blake viu um redemoinho subterrâneo de teias de aranha e poeira iluminadas pelos raios do sol no poente. Detritos, velhos barris e caixas e móveis arruinados de diversas espécies atraíram seus olhos, embora sobre todas as coisas repousasse uma mortalha de poeira que suavizava todos os contornos mais abruptos. Os restos enferrujados de uma estufa revelavam que o edifício havia sido usado e mantido em boas condições pelo menos até meados da era vitoriana.

Agindo quase sem iniciativa consciente, Blake rastejou através da janela e pousou no piso de concreto atapetado de pó e detritos. O porão abobadado era amplo, sem divisões; e em um canto afastado à direita, entre densas sombras, ele viu uma arcada escura que evidentemente conduzia ao andar de cima. Experimentou uma peculiar sensação de opressão por estar de fato no interior do grande edifício espectral, mas conteve-a enquanto explorava cautelosamente o lugar — encontrou um barril ainda intacto no meio da poeira e rolou-o até a janela aberta para garantir sua saída. Depois, tomando coragem, cruzou o amplo espaço engri-

naldado por teias de aranha e seguiu em direção à arcada. Parcialmente sufocado pela poeira onipresente e coberto por fantasmagóricas fibras de teia, ele alcançou os gastos degraus de pedra que avançavam escuridão adentro e começou a subi-los. Não portava nenhuma fonte de luz, mas tateava cuidadosamente com suas mãos. Depois de uma curva abrupta ele sentiu uma porta fechada à frente e após tatear um pouco mais descobriu o antigo trinco. Depois de abri-la para o lado de dentro Blake enxergou um corredor fracamente iluminado, revestido por lambris carcomidos por cupins.

Já no térreo, Blake começou a explorar rapidamente. Todas as portas internas estavam sem tranca, de forma que ele passava livremente de uma sala a outra. A colossal nave era um lugar quase sobrenatural com suas correntes de ar e as montanhas de poeira que se avolumavam sobre os bancos, o altar, o púlpito e o coro, e também suas titânicas teias de aranha que formavam cordas estendidas entre os arcos ogivais da galeria e entrelaçadas no conjunto de colunas góticas. Sobre toda essa desolação silenciosa vertia uma horrenda luz melancólica à medida que o sol da tarde em declínio irradiava seus raios através dos estranhos vidros parcialmente enegrecidos das grandes janelas da abside.

Os vitrais dessas janelas estavam tão obscurecidos de fuligem que Blake a custo conseguia decifrar o que eles representavam, mas o pouco que conseguiu distinguir não lhe agradou. Os desenhos eram bastante convencionais, mas seu conhecimento do simbolismo obscuro disse-lhe muito acerca de alguns daqueles antigos padrões. Os poucos santos representados ostentavam expressões claramente abertas a críticas, enquanto uma das janelas parecia exibir um mero espaço escuro com espirais de uma luminosidade curiosa espalhados em sua superfície. Ao desviar sua atenção das janelas, Blake notou que a cruz coberta de teias acima do altar não era de um tipo comum, mas assemelhava-se à primordial *ankh* ou cruz ansata do sombrio Egito.

Numa sacristia no fundo do recinto, ao lado da abside, Blake encontrou uma escrivaninha apodrecida e estantes que chegavam até o teto com livros embolorados e em franca desintegração. Ali, pela primeira vez, ele recebeu o primeiro choque explícito de horror objetivo, pois os títulos dos livros diziam-lhe muito. Eram coisas negras e proibidas de que a maioria das pessoas sadias nunca sequer ouviu falar ou, se ouviu,

foi somente em sussurros furtivos e amedrontados; os banidos e temidos repositórios de segredos equívocos e fórmulas imemoriais que nos chegaram em gotas pelo fluxo temporal desde a época em que a humanidade era jovem, e desde os dias obscuros e fabulosos anteriores à existência do homem. O próprio Blake havia lido muitos deles — uma versão em latim do abominável *Necronomicon*, o sinistro *Liber Ivonis*,^[2] o infame *Cultes des Goules*, do Conde d’Erlette, o *Unaussprechlichen Kulten* de Von Junzt, um velho tomo do infernal *De Vermis Mysteriis*, de Prinn. Mas havia outros que ele conhecia apenas de reputação e outros ainda que desconhecia totalmente — os Manuscritos Pnakóticos, o *Livro de Dzylan*, e um volume em processo de desagregação escrito em caracteres inteiramente inidentificáveis, porém com certos símbolos e diagramas assustadoramente reconhecíveis ao estudante de ocultismo. Estava claro que os rumores que persistiam no local não mentiam. Aquele lugar um dia havia sido sede de um mal mais antigo que a humanidade e mais disseminado que o universo conhecido.

Na escrivania em ruínas havia um pequeno livro de registros encadernado em couro preenchido em algum estranho sistema criptográfico. As anotações manuscritas consistiam de símbolos tradicionais empregados atualmente na astronomia e antigamente na alquimia, astrologia e outras artes duvidosas — os símbolos do sol, da lua, dos planetas, das posições dos corpos celestes e os signos do zodíaco —, que ali concentravam-se em páginas e páginas de texto, com divisões e parágrafos sugerindo que cada símbolo correspondia a alguma letra do alfabeto.

Na esperança de mais tarde resolver o criptograma, Blake enfiou o volume no bolso do seu casaco. Muitos dos grandes tomos nas prateleiras fascinaram-no de maneira indescritível, e ele se sentiu tentado a tomá-los de empréstimo em algum tempo futuro. Perguntou-se como poderiam ter permanecido intocados por tanto tempo. Seria ele o primeiro a dominar o medo avassalador e generalizado que por quase sessenta anos havia protegido aquele lugar deserto dos olhos de visitantes?

Depois de ter explorado por completo o andar térreo, Blake novamente avançou através da poeira da nave espectral até o vestíbulo, onde vira uma porta e uma escadaria que supostamente conduzia à torre enegrecida e ao campanário — objetos aos quais há tanto tempo se familiarizara a distância. A subida foi uma experiência sufocante, pois o pó ali

era espesso e as aranhas haviam dado o máximo de si naquele lugar constricto. A escadaria era em espiral com altos e estreitos degraus de madeira, e de vez em quando Blake passava por uma janela embaçada com vista vertiginosa para a cidade. Embora não tivesse visto cordas abaixo, esperava encontrar um sino ou carrilhão na torre cujas estreitas janelas ogivais protegidas por adufas seu binóculo havia examinado tantas vezes. Quanto a isso ele estava condenado ao desapontamento, pois ao conquistar o topo da escadaria encontrou a câmara da torre desprovida de carrilhões e claramente devotada a propósitos muito diversos.

O aposento quadrangular, com cerca de cinco metros de lado, era fracamente iluminado por quatro janelas ogivais, uma de cada lado, as quais eram envidraçadas por dentro da proteção das adufas deterioradas. Estas haviam sido guarnecidas posteriormente por telas opacas de malha estreita, mas que estavam já em grande parte apodrecidas. No centro do chão carregado de poeira erguia-se um pilar de pedra curiosamente anguloso de cerca de um metro e vinte de altura e sessenta centímetros de diâmetro em média, coberto em todos os lados por hieróglifos bizarros, grosseiramente esculpidos e totalmente irreconhecíveis. Sobre este pilar repousava uma caixa metálica de forma peculiarmente assimétrica. Sua tampa com dobradiça estava aberta para trás e seu interior continha o que, sob a espessa poeira de décadas, parecia ser um objeto de formato oval ou irregularmente esférico, de cerca de dez centímetros de diâmetro. Ao redor do pilar, dispostas em círculo, havia sete cadeiras góticas de encosto alto, ainda em grande parte intactas, e atrás destas, dispostas ao longo das paredes de lambris escuros, encontravam-se sete colossais imagens de gesso em desagregação pintadas de preto que se assemelhavam mais do que qualquer outra coisa aos enigmáticos megálitos esculpidos na misteriosa Ilha de Páscoa. Em um canto do recinto tomado de teias havia uma escada construída na parede, que dava para o alçapão trancado do coruchéu sem janelas acima.

Quando Blake se acostumou com a luz mortiça ele notou que havia bizarros baixos-relevos na estranha caixa de metal amarelado. Aproximando-se do objeto, ele tentou limpar a poeira usando as mãos e o lenço, e viu que as figuras eram de uma espécie monstruosa e completamente alienígena, representando entidades que, embora aparentemente vivas, não se assemelhavam a nenhuma forma vivente que algum dia ti-

vesse evoluído neste planeta. A aparente esfera de dez centímetros revelou-se um poliedro preto com estrias vermelhas, dotado de muitas faces planas irregulares; ou algum tipo notável de cristal ou um objeto artificial obtido de matéria mineral lapidada e altamente polida. Não tocava o fundo da caixa, ficava suspenso por uma cinta metálica que o cingia no centro, com sete suportes de desenho esdrúxulo estendendo-se horizontalmente em ângulos até as paredes internas da caixa, perto do topo. Essa rocha, uma vez exposta, passou a exercer sobre Blake um fascínio quase alarmante. Mal podia tirar os olhos dela e, enquanto olhava para suas facetas reluzentes, quase chegava a imaginar que fossem transparentes, com indistintos mundos de maravilhamento em seu interior. Em sua mente flutuavam imagens de orbes extraterrestres com grandes torres de pedra, e outros orbes com montanhas titânicas e sem qualquer sinal de vida e espaços ainda mais remotos onde apenas uma leve agitação no vago negrume indicava a presença de alguma vontade consciente.

Quando desviou o olhar, foi para notar um monte de poeira um tanto singular no canto mais afastado, perto da escada que dava para o coruchéu. Por que, exatamente, aquilo chamou sua atenção, ele não sabia, mas algo nos contornos do montículo transmitiu alguma mensagem ao seu inconsciente. À medida que andava com dificuldade até ali, afastando as teias de aranha em seu caminho, começou a discernir algo de macabro naquilo. A mão e o lenço logo revelaram a verdade, e Blake sentiu-se sufocar com uma confusa mistura de emoções. Era um esqueleto humano, e devia estar ali havia um longo tempo. As roupas estavam em farrapos, mas alguns botões e fragmentos de tecido indicavam um terno cinza de homem. Havia outras pequenas evidências — sapatos, fivelas de metal, enormes abotoaduras, um alfinete de gravata com um ornato antiquado, um distintivo de repórter em nome do velho *Providence Telegram* e uma caderneta de notas com a encadernação de couro se desmanchando. Blake examinou esta última com cuidado, encontrando dentro dela várias cédulas fora de circulação, um calendário promocional em celuloide datado de 1893, alguns cartões com o nome Edwin M. Lillibridge impresso, e um papel coberto com anotações a lápis.

Esse papel era de natureza bastante intrigante, e Blake leu-o com cuidado junto à janela encardida voltada para o oeste. O texto sem coesão incluía algumas frases como as que seguem:

“Professor Enoch Bowen retorna do Egito em maio de 1844 — adquire a velha Igreja do Livre-Arbitrio em julho — sua obra arqueológica e seus estudos de ocultismo são bem conhecidos.”

“Dr. Drowne da 4ª Igreja Batista alerta contra a Sabedoria Estrelada no sermão de 29 de dezembro de 1844.”

“Congregação 97 no final de 45.”

“1846 — três desaparecimentos — primeira menção ao Trapezoedro Resplandecente.”

“Sete desaparecimentos 1848 — histórias de sacrifício humano têm início.”

“Investigação 1853 não dá em nada — histórias sobre sons.”

“Padre O'Malley fala de adoração ao demônio com caixa encontrada em grandes ruínas egípcias — diz que eles invocam algo que não pode existir na luz. Foge de qualquer luzinha e é banido pela luz forte. Depois tem de ser invocado novamente. Provavelmente soube disso pela confissão, feita no leito de morte, de Francis X. Feeney, que se converteu à Sabedoria Estrelada em 1849. Essas pessoas dizem que o Trapezoedro Resplandecente mostra-lhes o paraíso e outros mundos e que o Assombro das Trevas revela-lhes certos segredos.”

“História de Orrin B. Eddy 1857. Eles o invocam contemplando o cristal, e têm uma linguagem secreta que lhes é própria.”

“Duzentos ou mais na cong. 1863, exclusivamente para homens do front.”

“Rapazes irlandeses reúnem uma turba diante da igreja depois do desaparecimento de Patrick Regan.”

“Artigo velado no J. de 14 de março de 1872, mas as pessoas não falam a respeito.”

“Seis desaparecimentos 1876 — comitê visita em segredo o Prefeito Doyle.”

“Ação prometida fevereiro 1877 — igreja fecha em abril.”

“Gangue — garotos de Federal Hill — ameaça dr. — e o conselho paroquial em maio.”

“181 pessoas deixam cidade ainda em 1877 — não se mencionam nomes.”

“Histórias de fantasmas começam a circular por volta de 1880 — tentar verificar a veracidade da notícia de que nenhum ser humano entrou na igreja desde 1877.”

“Pedir a Lanigan a fotografia do lugar tirada em 1851.”...

Depois de restituir o papel à caderneta e guardá-la em seu casaco, Blake virou-se para examinar o esqueleto na poeira. As implicações contidas nas notas eram claras e não podia haver dúvida de que aquele homem havia entrado no edifício deserto 42 anos antes em busca de um furo de reportagem que ninguém mais havia tido coragem suficiente para tentar. Talvez ninguém mais soubesse do seu plano — quem poderia dizer? Mas ele jamais retornou ao seu jornal. Teria algum temor que ele conseguira dominar com bravura crescido a ponto de subjugá-lo e causar-lhe um ataque cardíaco repentino? Blake se inclinou sobre os ossos reluzentes e notou o estado peculiar em que se encontravam. Alguns estavam bastante dispersos e alguns pareciam insolitamente *dissolvidos* nas extremidades. Outros eram estranhamente amarelados, com vagas sugestões de chamuscamento. Alguns fragmentos do tecido também estavam chamuscados. O crânio encontrava-se em um estado muito peculiar — com manchas amarelas e uma abertura calcinada no topo, como se algum ácido poderoso tivesse corroído o osso sólido. O que havia acontecido ao esqueleto durante suas quatro décadas de silencioso sepultamento ali, Blake não podia imaginar.

Sem que se desse conta, ele estava olhando novamente para a pedra e isso fez com que a curiosa influência do objeto evocasse um desfile de imagens nebulosas em sua mente. Viu uma procissão de figuras trajando mantos e capuzes cujas silhuetas não eram humanas e observou léguas intermináveis de deserto onde se perfilavam monolitos esculpados que chegavam até o céu. Viu torres e muralhas nas profundezas abissais do mar, e vórtices de espaço onde flutuavam meadas de névoa negra, diante de diáfanas cintilações de uma fria bruma purpúrea. E além de tudo isso ele avistou um abismo infinito de escuridão, onde formas sólidas e semissólidas eram percebidas unicamente ao se agitarem como se sopradas pelo vento, e padrões nebulosos de força pareciam superpor a ordem sobre o caos e oferecer uma chave para todos os paradoxos e arcanos dos mundos que conhecemos.

Então, subitamente, o encanto foi quebrado por um acesso de pânico torturante, indefinido. Blake sentiu-se sufocar e desviou os olhos da pedra, consciente de alguma presença informe e alienígena nas proximidades, observando-o com horrível intensidade. Sentiu-se envolvido por algo — algo que não estava na pedra, mas que havia olhado para ele através dela — algo que o seguiria implacavelmente com um tipo de Cognição que não era a visão física. O lugar estava claramente afetando os seus nervos — como não poderia deixar de acontecer em vista de seu achado macabro. A claridade estava diminuindo também e, como ele não trazia consigo nenhum tipo de iluminação, sabia que teria de partir em breve.

Foi então, no crepúsculo que se avolumava, que ele pensou ter visto um tênue vestígio de luminosidade na pedra de ângulos insólitos. Tentou desviar os olhos dela, mas alguma compulsão obscura atraía-os novamente. Haveria alguma sutil fosforescência radioativa emanando daquilo? O que era mesmo que as anotações do homem morto diziam a respeito de um *Trapezoedro Resplandecente*? O que, afinal, era aquele covil de mal cósmico abandonado? Parecia-lhe agora que um fugidio toque de fedor havia se erguido de algum lugar nas proximidades, embora não houvesse nenhuma fonte aparente. Blake agarrou a tampa tanto tempo aberta da caixa e a fechou com força. Ela se moveu com facilidade em suas dobradiças alienígenas e fechou-se por completo sobre a pedra inegavelmente luminosa.

Com o estalo brusco do fechamento um leve som de algo se agitando pareceu partir da escuridão eterna do coruchéu acima dele, do outro lado do alçapão. Ratos, sem a menor dúvida — as únicas coisas vivas a revelar sua presença naquele edifício amaldiçoado desde a sua entrada. No entanto, aquele rebuliço no campanário assustou-o horrivelmente, de forma que ele se lançou quase em desvario pela escada em espiral abaixo, atravessou a nave demoníaca, mergulhou no porão abobadado e saiu em meio ao crepúsculo crescente da praça deserta, e então desceu através das fervilhantes ruelas e avenidas assoladas de pavor de Federal Hill rumo às ruas mais salubres do centro e às calçadas de tijolos mais acolhedoras do distrito universitário.

Nos dias que se seguiram, Blake não contou a ninguém sobre sua expedição. Em vez disso, leu muito certos livros, examinou muitos anos

de jornais arquivados no centro da cidade e trabalhou febrilmente para decifrar o criptograma naquele volume com encadernação de couro tirado da sacristia infestada de teias de aranha. O código, ele logo percebeu, não era simples; e após um longo período de esforços teve certeza de que seu idioma não poderia ser inglês, latim, grego, francês, espanhol, italiano nem alemão. Evidentemente ele teria de explorar as fontes mais profundas de sua estranha erudição.

Todas as noites o velho impulso de olhar para o oeste retornava, ele via o campanário negro como outrora entre os telhados eriçados de um mundo distante e em grande parte fabuloso. Mas agora aquilo tinha para ele um novo quê de terror. Conhecia o legado de doutrina maligna que a paisagem mascarava e com esse conhecimento sua visão se exaltava de um modo bizarro e inédito. Os pássaros estavam retornando com a primavera e enquanto ele observava as revoadas ao pôr do sol imaginava que eles evitavam o campanário delgado e solitário como nunca haviam feito antes. Parecia-lhe que quando um bando deles se aproximava do coruchêu, todos rodopiavam e se espalhavam em pânico e confusão — e era possível imaginar os trinados frenéticos que não conseguiam alcançá-lo a tantos quilômetros de distância.

Foi em junho que o diário de Blake registrou sua vitória sobre o criptograma. O texto estava, ele descobriu, no tenebroso idioma aklo^[3] usado por certos cultos de maligna antiguidade, que ele conhecia de maneira imperfeita por suas pesquisas anteriores. O diário mantém uma estranha reticência acerca do que Blake decifrou, mas ele ficou claramente assombrado e desconcertado pelo que obteve. Há referências a um Visitante das Trevas que era despertado ao se contemplar o Trapezoedro Resplandecente, e insanas conjecturas sobre os negros abismos de caos dos quais ele era invocado. Esse ser é descrito como detentor de todo conhecimento, e exige sacrifícios monstruosos. Algumas das anotações de Blake revelam seu medo de que a coisa, que ele parecia considerar já ter sido invocada, predasse ao ar livre, porém ele acrescenta que a iluminação das ruas é um baluarte intransponível.

Blake menciona o Trapezoedro Resplandecente com frequência, referindo-se a ele como uma janela para a totalidade do tempo e do espaço e reconstitui sua história desde o tempo em que foi moldado no sombrio planeta Yugoth, muito antes que os Anciões o trouxessem para a

terra. O objeto foi tratado como um tesouro e depositado em sua curiosa caixa pelas criaturas crinoides da Antártida, preservado da ruína daquele povo pelos homens-serpentes de Valusia e perscrutado éons depois na Lemúria pelos primeiros seres humanos. Cruzou estranhas terras e estranhos mares e afundou com a Atlântida, até que um pescador minoico o capturou em sua rede e o vendeu a mercadores de tez escura da noturnal Khem. O faraó Nephren-Ka construiu para a pedra um templo dotado de uma cripta sem janelas e isso fez com que seu nome fosse banido de todos os monumentos e registros. Depois o trapezoedro permaneceu adormecido nas ruínas desse templo consagrado ao mal, que os sacerdotes e o novo faraó destruíram, até que a pá do pesquisador mais uma vez o trouxe à luz para amaldiçoar a humanidade.

No início de julho os jornais forneceram um estranho complemento às anotações de Blake, embora de um modo tão breve e fortuito que apenas o diário chamou a atenção geral para tais contribuições. Ao que parece, um novo temor coletivo vinha se desenvolvendo em Federal Hill desde que um estranho entrou na temida igreja. Os italianos falavam a boca pequena sobre movimentações inusuais e sons de batidas e arranhões no escuro campanário sem janelas e chamaram seus sacerdotes para exorcizar uma entidade que assombrava seus sonhos. Alguma coisa, diziam eles, espreitava constantemente uma das portas da igreja para ver se estava escuro o bastante para se aventurar no exterior. A imprensa mencionava as superstições locais de longa data, mas não esclarecia muito sobre as origens daquele horror. Ficou óbvio que os jovens repórteres da atualidade não têm vocação para antiquários. Ao escrever tais coisas no seu diário, Blake expressa um curioso remorso e menciona o dever de enterrar o Trapezoedro Resplandecente e de expulsar o que ele havia invocado, permitindo que a luz do dia penetrasse na detestável agulha da torre. Ao mesmo tempo, porém, ele demonstra a perigosa extensão do seu fascínio e admite um desejo mórbido — que invadia até mesmo os seus sonhos — de visitar a torre maldita e contemplar novamente os segredos cósmicos da pedra reluzente. Então uma notícia publicada no *Journal*, na manhã do dia 17 de julho lançou o autor do diário numa verdadeira febre de horror. Era apenas uma variação das outras matérias em tom de humor sobre a inquietação de Federal Hill, mas para Blake era algo verdadeiramente terrível. Durante a noite uma tempestade fez

com que o sistema de iluminação da cidade entrasse em pane por uma hora inteira e durante esse intervalo de escuridão os italianos quase enlouqueceram de pavor. Os que moram nas proximidades da igreja temida juravam que a criatura no campanário havia se aproveitado da ausência de iluminação pública para descer até a nave da igreja, arrastando-se aos baques e esbarrões por toda parte de um modo viscoso e inteiramente horripilante. Mais perto do final aquilo subiu se debatendo até a torre e de lá partiram sons de vidro estilhaçado. A criatura podia ir até onde a escuridão alcançasse, mas a luz sempre a fazia fugir.

Quando a corrente elétrica voltou houve uma assustadora comoção na torre, pois até mesmo a luz mais débil, infiltrando-se pelas janelas enegrecidas de sujeira e protegidas por adufas, era demais para aquele ser. Ele subiu se arrastando aos trancos de volta ao seu campanário tenebroso bem a tempo — pois uma dose prolongada de luz o teria mandado de volta ao abismo de onde o estranho insensato o trouxe. Durante aquela hora escura, uma multidão em orações se concentrou sob a chuva em torno da igreja, com velas e lâmpadas acesas protegidas de qualquer maneira com papéis dobrados e guarda-chuvas — uma defesa de luz para proteger a cidade do pesadelo que rondava nas trevas. Em dado momento, conforme declararam os que estavam mais perto da igreja, a porta externa sacudiu de maneira horrenda.

Mas isso não era o pior. Naquela noite, no *Bulletin*, Blake leu sobre o que os repórteres haviam encontrado. Enfim despertados para o extravagante valor jornalístico do medo, dois deles haviam desafiado a multidão de italianos transtornados e se enfiado pela janela do porão depois de terem em vão experimentado as portas. Eles encontraram a poeira do vestíbulo e da nave espectral revirada de um modo singular, com fragmentos de almofadas e coberturas de seda apodrecidas dos bancos espalhadas curiosamente pelo recinto. Havia um mau odor por toda parte e em alguns pontos havia pequeninas manchas amarelas e trechos que pareciam chamuscados. Após abrirem a porta que dava para a torre, e se deterem por um momento ao ouvirem um barulho suspeito acima deles, encontraram a estreita escada em espiral como se tivesse sido esfregada por algo que a deixou toscamente limpa.

A torre propriamente dita encontrava-se em condições similares, parcialmente varrida. Eles falaram sobre o pilar de pedra heptagonal, as

cadeiras góticas viradas e as bizarras imagens de gesso; porém a caixa de metal e o velho esqueleto mutilado estranhamente não eram mencionados. O que mais perturbou Blake — tirando as alusões às manchas, ao chamuscamento e ao mau odor — foi o detalhe final, que explicava o som de vidro estilhaçado. Todas as vidraças ogivais da torre estavam quebradas, e duas delas haviam sido vedadas tosca e apressadamente com pedaços dos forros de seda dos bancos e dos estofamentos de crina das almofadas enfiados nos interstícios das tábulas oblíquas das adufas exteriores. Mais fragmentos de seda e tufo de crina jaziam espalhados pelo chão recém-varrido, como se alguém tivesse sido interrompido no ato de restituir à torre a escuridão absoluta dos dias em que era provida de pesadas cortinas. Manchas amareladas e trechos chamuscados foram encontrados na escada que dava para o coruchêu sem janelas, mas quando um dos repórteres a escalou, puxou o alçapão que se abria horizontalmente e lançou um fraco fecho de sua lanterna no espaço negro e estranhamente fétido, não viu nada além de escuridão e uma heterogênea mistura de fragmentos sem forma espalhados perto da abertura. O veredito, obviamente, foi charlatanismo. Alguém havia pregado uma peça nos supersticiosos habitantes da colina, ou então algum fanático empregara seu esforço para alimentar os temores daquela gente, supondo ser isso para o bem deles. Ou talvez algum dos vizinhos, mais jovem e sofisticado, tivesse encenado um trote elaborado para o mundo exterior. Houve um incidente divertido quando a polícia resolveu enviar um oficial para verificar a versão dos repórteres. Três homens sucessivamente apresentaram argumentos para se esquivar à incumbência e o quarto foi com muita relutância e logo retornou sem acrescentar nada ao relato fornecido pelos jornalistas.

A partir deste ponto o diário de Blake demonstra um fluxo crescente de horror insidioso e apreensão nervosa. Ele se repreende por não ter feito algo e faz especulações desenfreadas sobre as consequências de outra pane no abastecimento elétrico. Verificou-se que em três ocasiões — durante tempestades com raios — ele telefonou à companhia de força e luz em um estado de desvario e perguntou desesperadamente que precauções haviam sido tomadas para prevenir uma interrupção no fornecimento. De quando em quando seus registros demonstravam preocupação com o fato de os repórteres não terem encontrado a caixa metálica

com a pedra e o velho esqueleto estranhamente desfigurado, quando exploraram o sombrio compartimento da torre. Ele presumiu que essas coisas haviam sido removidas — para onde e por quem ou o quê, ele só podia especular. Mas seus piores temores diziam respeito a si próprio e à ligação infesta que ele sentia existir entre sua mente e aquele horror à espreita no campanário distante — aquela monstruosa criatura da noite que sua imprudência havia invocado dos espaços de negror supremo. Ele parecia sentir sua vontade constantemente provocada por algo, e pessoas que o visitaram naquele período recordam-se de como ele se deixava sentar distraidamente em sua escrivaninha e contemplava pela janela oeste aquele morro distante erigido de coruchéus além das volutas de fumaça da cidade. Seus registros delongavam-se monotonamente em certos sonhos terríveis e em certa intensificação da tal ligação infesta durante seu sono. Há menção a uma noite em que ele despertou inteiramente vestido, do lado de fora, descendo automaticamente a College Hill em direção ao oeste. Repetidamente ele se detém no fato de que a coisa no campanário sabe onde encontrá-lo.

A semana que se seguiu ao dia 30 de julho é lembrada como a época do colapso parcial de Blake. Ele não se vestia e pedia todas as suas refeições por telefone. Visitantes reparavam nas cordas que Blake mantinha junto ao leito e ele dizia que o sonambulismo o havia forçado a amarrar seus tornozelos todas as noites com nós que provavelmente o deteriam ou o despertariam com o esforço de desamarrá-los.

Em seu diário ele narrou a experiência horrenda que provocou o colapso. Após se recolher na noite do dia 30 ele subitamente se viu tateando em um espaço quase negro. A única coisa que conseguia enxergar eram curtas e tênues faixas horizontais de luz azulada, mas sentia um fêdor opressivo e ouvia uma mistura de sons leves e furtivos acima dele. Sempre que se movia esbarrava em algo e, com o barulho, uma espécie de som em resposta vinha de cima — uma vaga agitação, misturada com o deslizar cauteloso de madeira sobre madeira.

Em dado momento suas mãos tenteantes encontraram um pilar de pedra com o topo desocupado e logo depois ele se surpreendeu agarrando os degraus de uma escada construída na parede, encontrando seu caminho para o alto em apalpadelas vacilantes rumo a alguma região de fêdor mais intenso de onde um sopro quente, abrasador, descia de encon-

tro a ele. Diante de seus olhos uma gama caleidoscópica de imagens fantasmagóricas se desenrolava, todas dissolvendo-se a intervalos em um amplo abismo imperscrutável de escuridão, no qual giravam em torvelinho sóis e mundos de trevas ainda mais profundas. Pensou nas antigas lendas sobre o Caos Primordial, de cujo centro brota o deus cego e idiota Azathoth, Senhor de Todas as Coisas, circundado por sua horda errática de dançarinos irracionais e amorfos, acalentado pelo fino pipilar monótono de uma flauta demoníaca tocada por garras inomináveis.

Então um estrondo repentino no mundo exterior rompeu seu estu- por e o despertou do horror indescritível em que se encontrava. O que o causou, ele nunca soube — talvez fosse um retardatário dos fogos de artifício que se ouvem durante todo o verão em Federal Hill quando os moradores festejam seus vários santos padroeiros, ou os santos de suas vilas natais na Itália. De qualquer forma, ele deu um alto grito, deixou-se cair febrilmente da escada e tropeçou às cegas pelo chão atravancado da câmara quase inteiramente às escuras que o circundava.

Soube instantaneamente onde estava e se lançou com imprudência pela estreita escadaria em espiral, tropeçando e se contundindo a cada volta. Houve uma fuga de pesadelo através de uma ampla nave coberta de teias de aranha, cujas arcadas fantasmagóricas alçavam-se a um domínio de sombras à espreita, um rastejar cego por um porão coberto de detritos, e então a subida para as regiões de ar puro e as ruas iluminadas do lado de fora, a corrida em desespero pelas ladeiras da colina espectral com suas cumeeiras sussurrantes, pela lúgubre e silenciosa cidade de altas torres negras e, por fim, a subida precipitada para o leste pelas ruas íngremes até a porta do seu antigo edifício.

Ao recuperar a consciência pela manhã ele se viu deitado no chão do seu estúdio, completamente vestido. Estava coberto de sujeira e teias de aranha e cada centímetro do seu corpo parecia dolorido e contundido. Quando se olhou no espelho viu que seus cabelos estavam intensamente chamuscados e traços de um odor estranho e malsão pareciam ter aderido ao seu paletó. Foi então que seus nervos ruíram. Depois disso, deixando-se ficar o tempo todo de roupão, ele pouco fez além de contemplar sua janela oeste, estremecer ao ouvir um trovão e fazer registros enlouquecidos em seu diário.

A grande tempestade irrompeu pouco antes da meia-noite do dia 8 de agosto. Raios golpeavam repetidamente todas as partes da cidade e duas extraordinárias bolas de fogo foram registradas. A chuva era torrencial, enquanto uma fuzilaria ininterrupta de trovões tirou o sono de milhares de pessoas. Blake ficou completamente transtornado em seu temor pela manutenção da iluminação pública e tentou telefonar para a companhia em torno de uma hora da madrugada, mas por volta desse horário o serviço havia sido temporariamente interrompido por medida de segurança. Ele registrou tudo em seu diário — os hieróglifos grandes, nervosos e frequentemente indecifráveis contavam sua própria história de delírio e desespero crescentes e de anotações garatujadas às cegas na escuridão.

Ele teve de manter a casa às escuras para poder enxergar pela janela, e parece que a maior parte desse tempo foi passada em sua escrivaninha, espiando com ansiedade através da chuva ao longo de quilômetros de cintilações sobre os telhados da cidade até a constelação de luzes distantes que assinalavam a Federal Hill. De tempo em tempo ele rabiscava uma anotação em seu diário, de forma que frases sem coesão, como “As luzes não podem se apagar”, “Aquilo sabe onde eu estou”, “Eu devo destruí-lo” e “Está me chamando, mas talvez agora ele não queira me ferir”, encontram-se espalhadas por duas páginas.

Então as luzes se apagaram em toda a cidade. Aconteceu às 2h12, segundo os registros da companhia de eletricidade, mas o diário de Blake não fornece nenhuma indicação de horário. O registro diz simplesmente: “As luzes se apagaram... que Deus me ajude”. Na Federal Hill havia vigilantes tão ansiosos quanto ele, e a chuva encharcou grupos de homens que saíam em procissão pela praça e pelos becos em volta da igreja maligna com velas protegidas por guarda-chuvas, lanternas a pilha ou a óleo, crucifixos e amuletos obscuros das muitas espécies comuns no sul da Itália. Eles abençoavam cada relâmpago, e fizeram enigmáticos sinais de medo com as mãos direitas quando uma mudança de rumo na tempestade fez com que os relâmpagos diminuíssem e por fim cessassem por inteiro. Uma rajada de vento soprou a maior parte das velas, de forma que o lugar tornou-se ameaçadoramente escuro. Alguém foi acordar o padre Merluzzo da Igreja do Espírito Santo, e ele se dirigiu às pressas até a praça sinistra para pronunciar quaisquer sílabas protetoras de que

fosse capaz. Quanto aos sons incessantes e peculiares que partiam da torre enegrecida, não podia haver dúvida.

Sobre o que aconteceu às 2h35, temos o testemunho do padre, um homem jovem, inteligente e bem educado; do patrulheiro William J. Monahan da Chefatura Central, um oficial da mais alta credibilidade que havia feito uma pausa àquela altura da sua ronda para inspecionar a multidão; e da maior parte dos 78 homens que haviam se reunido em volta do alto muro de contenção da igreja — especialmente os que estavam na parte da praça de onde a fachada voltada para o leste era visível. Claro que não havia nada comprovadamente alheio à ordem da Natureza. As possíveis causas de um evento como esse são muitas. Ninguém pode falar com certeza dos obscuros processos químicos possivelmente deflagrados num edifício amplo, mal arejado e tanto tempo deserto, com seu conteúdo tão heterogêneo. Vapores mefíticos, combustão espontânea, pressão de gases produzidos pela decomposição prolongada, qualquer um entre uma infinidade de fenômenos poderia ter sido responsável. E também, é claro, o charlatanismo intencional não pode de modo algum ser excluído. A coisa toda, em si, foi na verdade bastante simples, e levou menos de três minutos ao todo. O padre Merluzzo, um homem sempre apegado à precisão, consultou repetidamente o seu relógio.

Começou com uma nítida intensificação dos ruídos surdos dentro da torre negra. Por algum tempo ocorreu uma vaga exalação de odores estranhos e malsões do interior da igreja e então estes se tornaram marcantes e agressivos. Por fim, ouviu-se um som de madeira partindo, e um objeto grande e pesado tombou no pátio sob a sisuda fachada leste. A torre era invisível, já que as velas haviam se apagado, mas enquanto o objeto se aproximava do solo as pessoas já sabiam que se tratava da adufa enegrecida de fuligem da janela leste daquela torre.

Imediatamente depois disso, um fedor indescritivelmente insuportável exalou da altura invisível, sufocando e nauseando a trêmula assistência e quase prostrando os que estavam na praça. Ao mesmo tempo o ar começou a tremer com uma vibração como a produzida por um bater de asas e um vento repentino e muito mais violento que qualquer das rajadas anteriores soprou na direção leste, arrancando os chapéus e arrebatando os guarda-chuvas gotejantes da multidão. Nada definido podia ser visto na noite sem a claridade das velas, embora alguns espectadores

que olhavam para o alto pensassem ter distinguido uma grande mancha de escuridão mais densa se espalhar contra o céu retinto — algo como uma nuvem informe de fumaça que disparou à velocidade de um bólido para o leste.

E isso foi tudo. Os observadores estavam parcialmente paralisados de medo, assombro e desconforto, e a custo saberiam o que fazer, ou se haveria algo a fazer, afinal. Sem saber o que havia acontecido, eles não dispersaram sua vigília e um momento mais tarde ergueram uma oração quando o clarão de um relâmpago retardatário, seguido de um estrondo de romper os tímpanos, rasgou o dilúvio dos céus. Meia hora depois a chuva cessou, e após mais quinze minutos as luzes das ruas se acenderam novamente, enviando os vigilantes encharcados e exaustos, porém aliviados, de volta aos seus lares.

No dia seguinte os jornais deram pouco destaque a esse tema em contraste com as notícias gerais ligadas à tempestade. Parece que o grande relâmpago e a explosão ensurdecidora que se seguiu à ocorrência na Federal Hill foram ainda mais tremendos ao leste da cidade, onde uma irrupção daquele fedor singular também foi percebida. O fenômeno foi assinalado com mais intensidade sobre College Hill, onde o estrondo despertou todos os habitantes adormecidos e deu vez a uma rodada de especulações desenfreadas. Entre os que já estavam acordados apenas poucos viram o fulgor anômalo próximo ao topo da colina e notaram a inexplicável corrente de ar ascendente que quase despiu as árvores de suas folhas e fez murchar as plantas nos jardins. Chegou-se ao senso comum de que um raio solitário e súbito devia ter atingido algum lugar nas vizinhanças, embora nenhum vestígio de sua queda pudesse ser posteriormente localizado. Um jovem da fraternidade Ômega Tau pensou ter visto uma grotesca e horrenda nuvem de fumaça no ar exatamente quando o clarão preliminar irrompeu, mas sua observação não pôde ser verificada. Todos os poucos observadores, porém, concordam quanto à violenta rajada de vento vinda do oeste e à inundação de intolerável mau cheiro que precedeu o raio retardatário; ao passo que testemunhos quanto ao momentâneo odor de queimado após o raio são igualmente generalizados.

Esses aspectos foram discutidos com muito cuidado por sua provável ligação com a morte de Robert Blake. Os estudantes da casa Psi Del-

ta, cujas janelas superiores do fundo davam para o estúdio de Blake notaram a pálida face embaçada na janela que dava para o oeste na manhã do dia nove, e acharam que havia algo errado naquele semblante. Quando viram a mesma face na mesma posição naquele entardecer, ficaram preocupados e aguardaram que as luzes se acendessem no apartamento dele. Mais tarde tocaram a campainha da residência às escuras, e por fim chamaram um policial para arrombar a porta. O corpo estava sentado rígido e ereto na escrivaninha junto à janela, e quando os invasores viram os olhos vidrados e esbugalhados, e as marcas de puro terror convulso nas feições distorcidas, tiveram de virar os rostos em consternado horror. Pouco depois o legista fez seu exame e, apesar da janela intacta, declarou como causa da morte um choque elétrico ou a tensão nervosa induzida por uma descarga elétrica. A expressão horripilante ele ignorou por completo, considerando-a um resultado nada improvável do choque profundo experimentado por uma pessoa de imaginação tão anômala e emoções desequilibradas. Deduziu estas características com base nos livros, pinturas e manuscritos encontrados no apartamento e nas anotações garatujados às cegas no diário sobre a escrivaninha. Blake havia estendido suas anotações febris até o fim e um lápis de ponta quebrada foi encontrado preso à sua mão direita espasmodicamente contrída.

Os registros após a queda de energia eram altamente desconexos e legíveis apenas em parte. Com base neles certos investigadores tiraram conclusões muito diferentes do materialista veredito oficial, mas tais especulações pouca chance têm de encontrar crédito entre os mais conservadores. O argumento desses teóricos imaginativos não foi beneficiado pela ação do supersticioso dr. Dexter, que atirou a curiosa caixa com sua pedra angulosa — um objeto que inequivocamente emitia luz própria quando foi visto no negro campanário sem janelas onde foi encontrado — no fundo do canal da baía de Narragansett. A imaginação excessiva e o desequilíbrio neurótico por parte de Blake, agravados pelo conhecimento do extinto culto demoníaco cujos vestígios alarmantes ele havia descoberto, compõem a interpretação predominante atribuída àquelas últimas anotações delirantes. Eis aqui os seus registros — ou tudo o que se pôde decifrar deles.

“As luzes ainda estão apagadas — já devem ter se passado cinco minutos. Tudo depende dos relâmpagos. Yaddith faça com que eles continuem!... Alguma influência parece estar conseguindo passar... Chuva, trovões e vento ensurdecedor... A coisa está se apoderando da minha mente...”

“Perturbações de memória. Vejo coisas que nunca conheci antes. Outros mundos e outras galáxias... Escuridão... Os clarões parecem escuros e a escuridão parece luminosa...”

“Não podem ser a colina e a igreja reais que vejo na escuridão de breu. Deve ser a impressão retiniana deixada pelos relâmpagos. Que os céus queiram que os italianos estejam a postos com suas velas se os raios cessarem!”

“Do que estou com medo? Não se trata de um avatar de Nyarlathotep, que na antiga e sombria Khem chegou a assumir a forma humana? Recordo-me de Yuggoth, e da longínqua Shaggai, e da vacuidade derradeira dos planetas negros...”

“O longo voo alado através do vácuo... não posso cruzar o universo de luz... recriado pelos pensamentos capturados pelo Trapezoedro Resplandecente... mande-o através dos horríveis abismos de radiância...”

“Meu nome é Blake — Robert Harrison Blake, residente na East Knapp Street, 620, Milwaukee, Wisconsin...^[4] Estou neste planeta...”

“Azathoth tenha piedade! — os relâmpagos já não emitem seu clarão — horrível — consigo ver tudo com um sentido monstruoso que não é a visão — a luz é escura e a escuridão é luminosa... as pessoas na colina... o guarda... velas e amuletos... seus sacerdotes...”

“O senso de distância se foi — longe é perto e perto é longe. Sem luz — sem vidro — veja aquele campanário — aquela torre — a janela — eu posso ouvir — Roderick Usher^[5] — estou louco ou enlouquecendo — a criatura está se agitando e se arrastando na torre — eu sou ela e ela sou eu — quero sair... devo sair e unificar as forças... A coisa sabe onde eu estou...”

“Sou Robert Blake, mas vejo a torre na escuridão. Há um odor monstruoso... sentidos transfigurados... as tábuas daquela janela

estão cedendo e abrindo passagem... Iä... ngai... ygg...”

“Eu o vejo — vindo para cá — vento do inferno — nuvem titânica — asas negras — que Yog-Sothoth me proteja — o flamejante olho trilobado...”



Nas Montanhas da Loucura

∴

At the Mountains of Madness (1931)

Astounding Stories (mar. 1936)

Era irônico, mas inacreditável, que “Nas montanhas da loucura” seria a história que iria premeditar a crise de confiança que Lovecraft teria nos anos seguintes. Foi, como ele sabia (e como muitos estudiosos de Lovecraft concordam) o melhor trabalho de sua vida. Ele ainda regozijava com o sucesso absoluto de “O sussurro nas trevas”, no qual ele conseguiu agradar, com êxito, a dois públicos — de um lado entregando uma viagem emocionante e pouco sutil aos matadores de aula do ensino médio que Farnsworth Wright estava convencido de que eram seus principais e exclusivos leitores, e por outro, uma sutil experiência literária subtextual complexa para os gostos mais refinados como a de si próprio e de seus amigos escritores. Ele talvez tivesse pensado que havia feito o mesmo coisa com “Nas montanhas da loucura”.

Mas quando ele enviou à *Weird Tales*, o editor Farnsworth Wright rejeitou a história, dando como razão a prosaica e insatisfatória explicação de que era muito longa.

Não está claro por que isso afetou Lovecraft; Wright, como ele bem sabia, era praticamente previsível em suas reações a histórias incomuns. Ele as rejeitava, meditava por um mês ou dois, pedia de volta e as publicava. E às vezes ele fazia isso em resposta não à qualidade das histórias oferecidas, mas à situação financeira do momento da revista.

O estudioso de Lovecraft, S.T. Joshi, sugere que essa rejeição atingiu Lovecraft de maneira invulgarmente difícil porque um editor de livros havia acabado de rejeitar uma coleção de seus contos que o mesmo havia solicitado a H.P. — algo que aconteceu várias vezes na vida de Lovecraft. Mas essa rejeição em particular veio com uma carta explicativa alegando que as histórias tinham sido macabras demais e ao mesmo tempo sutis demais para serem consideradas.

Este último item foi o golpe mais cruel, pois Lovecraft se orgulhava de seu hábil uso das entrelinhas, e culpou Wright por encorajá-lo a diminuir o trabalho a níveis de “O horror de Dunwich” para que o leitor médio de *Weird Tales* não se confundisse. Assim, Joshi postula que, quando Wright rejeitou “Nas montanhas da loucura”, ocorreu exatamente quando ele estava culpando Wright por arruinar suas chances de subir acima dos mercados de revista pulp. Ele havia mudado por Farnsworth, o que levou os outros editores a rejeitá-lo, e agora Farnsworth também o estava rejeitando. E para piorar ainda mais, ele estava o rejeitando pela razão mais supérflua que se possa imaginar.

É muito provável que Joshi esteja correto.

Joshi também sugere que o problema fundamental que afligia Lovecraft em 1931 era que seu trabalho se tornara ficção científica demais para os editores de *weird fiction* e *weird fiction* demais para os editores de ficção científica. Ele quase certamente está certo sobre isso também.

Lovecraft terminou a história em pouco tempo, começando em 24 de fevereiro de 1931 e terminando em 22 de março. Após a rejeição de Wright, o texto datilografado permaneceu por vários anos até Julis Schwartz, um amigo que tentava entrar na agência literária de negócios, colocou na *Amazing Stories*. Foi publicado na edição de março de 1936 e era a matéria de capa (um reconhecimento que Lovecraft nunca teve com a *Weird Tales*).



Vejo-me obrigado a falar porque os homens de ciência recusaram-se a seguir os meus conselhos sem saber por quê. É muito a contragosto que revelo as razões que tenho para me opor à possível invasão da Antártida — acompanhada de uma ampla busca por fósseis e projetos para perfurar e derreter vários pontos da ancestral calota polar em grande escala — e reluto ainda mais porque o meu alerta pode ser em vão. Dúvidas em relação aos fatos reais, tais como os revelo, são inevitáveis; contudo, se eu suprimisse o que talvez pareça extravagante não restaria nada. As fotografias terrestres e aéreas mantidas em segredo até agora contarão a meu favor; pois são particularmente vívidas e detalhadas. Mesmo assim, podem ter a veracidade posta em xeque devido aos grandes requintes concebíveis em farsas bem tramadas. Os desenhos a tinta, é claro, serão descartados como simples embustes, não obstante a estranheza da técnica que há de suscitar comentários e perplexidade entre os especialistas em arte.

No fim, nada me resta senão confiar no juízo e no renome dos poucos líderes científicos que gozam, por um lado, do pensamento independente necessário para analisar a execranda capacidade persuasiva dos meus dados à luz de certos ciclos míticos primordiais e deveras espantosos; e, pelo outro, de influência suficiente para impedir o mundo exploratório como um todo de levar a cabo qualquer plano brusco e demasiado ambicioso na região daquelas montanhas da loucura. É uma lástima que homens de reputação obscura como eu e os meus colegas, ligados apenas a uma pequena universidade, tenham poucas chances de causar impressão em assuntos de natureza singularmente bizarra ou controversa.

Também conta contra nós o fato de não sermos, em sentido estrito, especialistas nas áreas com as quais acabamos envolvidos. Como geólogo, meu objetivo com a Expedição da Universidade do Miskatonic era apenas coletar espécimes de rocha e de solo em grandes profundezas nas diversas partes do continente antártico com o auxílio da notável perfuratriz concebida pelo prof. Frank H. Pabodie, do departamento de engenharia. Eu não tinha a intenção de conduzir trabalhos pioneiros em

nenhuma outra área; mas nutria a esperança de que o uso do novo dispositivo mecânico em diferentes pontos ao longo de rotas conhecidas pudesse revelar materiais até então inalcançados pelos métodos comuns de coleta. A perfuratriz de Pabodie, como o público soube a partir dos nossos relatórios, era uma máquina única e radical graças à leveza, à portabilidade e à capacidade de combinar o princípio da perfuração artesianas convencional com o princípio da perfuração circular a fim de vencer em pouco tempo estratos de dureza variável. A ponta de aço, as hastes articuladas, o motor a gasolina, a torre desmontável de madeira, os apetrechos para dinamitação, os cabos elétricos, o trado para o carregamento dos detritos e a tubulação seccionada para as perfurações com doze centímetros de calibre e até 300 metros de profundidade formavam, somados a todos os acessórios necessários, uma carga total que podia ser transportada em três trenós puxados por sete cães cada um, graças à esplêndida liga de alumínio de que quase todos os objetos metálicos eram feitos. Quatro grandes aviões Dornier^[1], desenhados especialmente para voos nas excepcionais altitudes necessárias à exploração do platô antártico e dotados de sistemas de partida rápida e de aquecimento para o combustível criados por Pabodie, podiam transportar todo o grupo da expedição desde a base estabelecida nos arredores da Grande Barreira de Gelo até diversos pontos mais para dentro do continente, onde podíamos servir-nos dos cães.

Planejávamos cobrir a maior área possível durante uma estação antártica — ou até mais, se necessário —, trabalhando principalmente nas cordilheiras e no platô ao sul do Mar de Ross; regiões exploradas em diferentes graus por Shackleton, Amundsen, Scott e Byrd. Devido às frequentes mudanças de acampamento, feitas de avião e envolvendo distâncias grandes a ponto de ter alguma importância geológica, esperávamos descobrir uma riqueza de material sem precedentes; em especial no estrato pré-cambriano, do qual tão poucos espécimes antárticos haviam sido coletados. Também pretendíamos obter a maior variedade possível das rochas fossilíferas superiores, uma vez que os primórdios da vida no reino inóspito do gelo e da morte são de suma importância para o nosso conhecimento relativo ao passado da Terra. Sabemos que em outras épocas o continente antártico teve um clima temperado e até mesmo tropical, e que abrigou uma fauna e uma flora das quais os líquens, os

animais marinhos, os aracnídeos e os pinguins do extremo norte são simples remanescências; e esperávamos ampliar a variedade, a precisão e os detalhes relativos a esses dados. Quando uma perfuração revelava resquícios fossilíferos, nós aumentávamos o buraco com dinamite para obter espécimes com o tamanho e as condições adequadas.

Nossas perfurações, cuja profundidade variava conforme as características do solo ou da rocha no estrato superior, estavam limitadas a superfícies expostas ou quase expostas — quase sempre localizadas em encostas e elevações por causa calota de gelo sólido com um e meio a três quilômetros de espessura que recobre as regiões inferiores. Não tínhamos tempo a perder perfurando simples glaciações, embora Pabodie tivesse desenvolvido um método para enterrar eletrodos de cobre em perfurações próximas e assim derreter áreas limitadas de gelo com a corrente de um dínamo a gasolina. É este plano — que só poderíamos levar a efeito de maneira experimental em uma expedição como a nossa — que a futura Expedição de Starkweather e Moore pretende seguir, a despeito dos alertas que fiz desde o nosso retorno da Antártida.

O público conhece a Expedição da Miskatonic graças aos frequentes relatórios que enviávamos para o *Arkham Advertiser* e para a Associated Press, e também aos artigos que eu e Pabodie publicamos mais tarde. Estávamos em quatro professores da Universidade — Pabodie, Lake, do departamento de biologia, Atwood, do departamento de física (e também meteorólogo) e eu, representando o departamento de geologia e encarregado de chefiar o grupo — e contávamos com o auxílio de dezesseis assistentes; sete alunos de pós-graduação da Miskatonic e nove hábeis mecânicos. Dos dezesseis, doze eram capacitados como pilotos de avião, mas apenas dois eram operadores de rádio competentes. Oito entendiam de navegação com bússola e sextante, bem como Pabodie, Atwood e eu. Além do mais, nossos dois navios — antigos baleeiros de madeira, reforçados para a navegação em águas geladas e dotados de vapor extra — dispunham de tripulação completa. A Fundação Nathaniel Derby Pickman^[2], com o auxílio de algumas contribuições especiais, financiou a expedição; assim, os preparativos foram planejados com todo o cuidado apesar da ausência de grande publicidade. Os cães, os trenós, as máquinas, os materiais do acampamento e as peças ainda desmontadas dos nossos cinco aviões foram entregues em Boston, onde nossos

navios foram carregados. Estávamos muito bem equipados para o nosso objetivo, e em todos os assuntos relativos às provisões, ao regime, ao transporte e às construções do acampamento nos beneficiamos com o excelente exemplo deixado por muitos predecessores recentes e excepcionalmente brilhantes. Foi o número e o renome destes predecessores que levaram a nossa expedição — por maior que fosse — a ser tão pouco notada pelo mundo em geral.

Conforme os jornais noticiaram, zarpamos do Porto de Boston no dia dois de setembro de 1930; descemos pelo litoral, atravessamos o canal do Panamá e paramos nas Ilhas Samoa e em Hobart, na Tasmânia, onde nos abastecemos com os últimos suprimentos. Nenhum dos integrantes da expedição havia estado antes nas regiões polares, e portanto depositávamos muita confiança nos capitães — J.B. Douglas, no comando do brigue *Arkham* e responsável pelo grupo marítimo, e Georg Thorfinnssen, no comando da barca *Miskatonic* — ambos baleeiros veteranos nas águas antárticas. Enquanto deixávamos o mundo habitado para trás, o sol descia cada vez mais baixo no norte e permanecia cada vez mais tempo acima do horizonte a cada dia que passava. Próximo ao paralelo 62° de latitude sul avistamos os primeiros *icebergs* — objetos de superfície plana com lados verticais —, e antes de adentrar o Círculo Polar Antártico no dia 20 de outubro, com as devidas cerimônias, já estávamos enfrentando problemas com o gelo. A temperatura cada vez mais baixa começou a preocupar-me um bocado após a nossa longa viagem pelos trópicos, mas tentei reunir forças para os rigores ainda maiores que estavam à nossa espera. Em muitas ocasiões os curiosos fenômenos atmosféricos eram motivo de grande encantamento para mim; entre os efeitos mais impressionantes estava uma miragem muito vívida — a primeira que vi — nas quais *icebergs* distantes surgiam como as muralhas de fortalezas cósmicas inimagináveis.

Avançando em meio ao gelo, que por sorte não era muito extenso nem muito compacto, voltamos a navegar em águas abertas ao chegar na latitude 67° sul, longitude 175° leste. Na manhã do dia 26 de outubro, um forte clarão apareceu no sul, e antes do meio-dia sentimos um arrepio de emoção ao vislumbrar a vasta e sobranceira cordilheira nevada que assomava e encobria todo o panorama à frente. Por fim havíamos encontrado o posto avançado do enorme continente desconhecido e do

críptico universo da morte gélida. Os picos eram sem dúvida a Cordilheira do Almirantado descoberta por Ross, e assim teríamos a tarefa de dar a volta no Cabo Adare e descer a costa oeste da Terra de Vitória até chegar ao local planejado para a nossa base, na orla do Estreito de McMurdo junto ao pé do vulcão Erebus na latitude 77°9' sul.

O último trecho da viagem foi vívido e instigante, com enormes picos inóspitos assomando o tempo inteiro a oeste enquanto o sol baixo do meio-dia boreal ou o sol ainda mais baixo que roça o horizonte austral à meia-noite derramava os tênues raios rubros por sobre a neve branca, o gelo e os cursos d'água azulados e os pequenos trechos negros nas encostas de granito exposto. Pelos cumes desolados sopravam furiosas rajadas intermitentes do terrível vento antártico; cujas cadências por vezes traziam vagas sugestões de um assovio musical primitivo e semisenciente, com notas em várias frequências que, por alguma razão mnemônica subconsciente, pareciam-me inquietantes e até mesmo agourentas. Algo no panorama fez-me pensar nas estranhas e inquietantes pinturas asiáticas de Nicholas Roerich^[3] e nas descrições ainda mais estranhas e inquietantes do infame platô de Leng, mencionado no temível *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred. Mais tarde, lamentei ter examinado este livro monstruoso na biblioteca da universidade.

No dia sete de novembro, após perder de vista a cordilheira a oeste, passamos pela Ilha Franklin; e no dia seguinte divisamos os cones do Monte Erebus e do Monte Terror na Ilha de Ross, logo à frente, com a longa fileira dos Montes Parry mais além. A leste estendia-se a linha baixa e branca da Grande Barreira de Gelo, que se erguia perpendicularmente a uma altura de 60 metros, como os penhascos rochosos de Quebec, e marcava o fim da navegação rumo ao sul. À tarde entramos no Estreito de McMurdo e nos mantivemos ao largo, protegidos pelo fumegante Monte Erebus. O pico escoriáceo sobranceava a quase 3.900 metros no céu oriental, como uma gravura japonesa do sagrado Monte Fuji; e mais além se erguia o vulto branco e fantasmagórico do Monte Terror, um vulcão extinto com 3.300 metros de altitude. Nuvens de fumaça saíam do Erebus a intervalos regulares, e um dos assistentes — um jovem brilhante chamado Danforth — apontou o que parecia ser lava no alto da encosta nevada; e acrescentou que a montanha, descoberta em

1840, sem dúvida havia inspirado Poe quando, sete anos mais tarde, escreveu sobre

— *as lavas que rolam inquietas*
Em correntes sulfurosas pelo Yaanek
Nos climas extremos do polo —
Que gemem ao rolar pelo monte Yaanek
Nos reinos boreais do polo.^[4]

Danforth era um grande leitor de livros bizarros e havia falado um bocadinho a respeito de Poe. Eu mesmo fiquei interessado na cena antártica da única história longa de Poe — a perturbante e enigmática *Narrativa de Arthur Gordon Pym*^[5]. Na orla inóspita e na elevada barreira de gelo mais ao fundo, miríades de grotescos pinguins grasnavam e batiam as asas; enquanto gordas focas apareciam na água, nadando ou repousando nos enormes fragmentos de gelo que deslizavam vagarosamente ao redor.

Usando pequenos botes, vencemos a difícil travessia e chegamos à Ilha de Ross nas primeiras horas do dia 9, levando um cabo de cada navio e preparando-nos para descarregar os equipamentos por meio de um sistema de boia-calção. Nossas sensações logo ao pisar no solo antártico foram pungentes e complexas, embora neste ponto em particular as expedições lideradas por Scott e por Shackleton houvessem nos precedido. Nosso acampamento na orla congelada ao pé da encosta vulcânica era apenas provisório; o quartel-general ficava a bordo do *Arkham*. Descarregamos todo o equipamento de perfuração, os cães, os trenós, os tanques de gasolina, o aparelho experimental para derreter o gelo, as câmeras comuns e aéreas, as peças dos aviões e outros acessórios, incluindo três pequenas estações de rádio portáteis (além daquelas nos aviões) capazes de manter contato com o equipamento do *Arkham* de qualquer lugar do continente antártico que pudéssemos visitar. O equipamento do navio, capaz de se comunicar com o mundo exterior, transmitiria boletins de notícia para a poderosa estação de rádio do *Arkham Advertiser* em Kingsport Head, Massachusetts. Planejávamos terminar nosso trabalho em um único verão antártico; mas, caso a tarefa se mostrasse além das nossas capacidades, passaríamos o inverno no *Arkham* e mandaria-

mos o *Miskatonic* para o norte antes que as águas congelassem a fim de buscar suprimentos para mais um verão.

Não me parece necessário repetir o que os jornais mencionaram sobre o início dos trabalhos: a escalada do Monte Erebus; as escavações bem-sucedidas em diversos pontos da Ilha de Ross e a singular velocidade com que o aparato de Pabodie as executava, mesmo em camadas de rocha sólida; os testes preliminares do equipamento para derreter o gelo; a perigosa subida à Grande Barreira, com trenós e suprimentos; e a montagem de cinco enormes aviões no acampamento situado no alto da Barreira. Nossa equipe em terra — vinte homens e 55 cães do Alasca — gozava de saúde extraordinária, embora até esse ponto não houvéssimos sofrido com temperaturas demasiado baixas nem tempestades de vento. Durante a maior parte do tempo o termômetro oscilava entre -18° e -7° ou -4° graus, e nossa experiência com os invernos da Nova Inglaterra havia-nos preparado para rigores como esses. O acampamento na Barreira era semipermanente e funcionava como armazém temporário de gasolina, provisões, dinamite e outros suprimentos. Apenas quatro aviões eram necessários para carregar o material da expedição; o quinto, tripulado por um piloto e dois homens dos navios, permanecia no armazém temporário como meio de resgatar-nos a partir do *Arkham* caso todos os aviões exploradores fossem perdidos. Mais tarde, quando não estávamos usando os aviões para transportar material, empregávamos um ou dois para fazer o transporte da equipe entre o armazém temporário e outra base permanente no grande platô que se estende 1.000 ou 1.100 quilômetros ao sul, além da Geleira Beardmore. Apesar dos relatos quase unânimes sobre as ventanias e tempestades formidáveis que descem do platô, resolvemos dispensar qualquer base intermediária; arriscamo-nos em nome da economia e da provável eficácia do plano.

Notícias transmitidas pelo rádio fizeram menção ao emocionante voo de quatro horas sem escalas que a nossa esquadra fez através do platô gelado no dia 21, em meio aos enormes picos que se erguiam no oeste e aos silêncios inexplorados que ecoavam o som dos motores. O vento foi um obstáculo apenas moderado, e nossos radiogoniômetros ajudaram-nos a atravessar a densa névoa com a qual nos deparamos. Quando a colossal elevação assomou à nossa frente entre as latitudes 83° e 84° , sabíamos ter chegado à Geleira Beardmore, a maior geleira de vale no

mundo, e também que o mar congelado estava dando lugar a um litoral inóspito e montanhoso. Por fim estávamos entrando de fato no ancestral mundo branco entregue à morte através dos éons no sul absoluto; e no instante mesmo em que nos demos conta, avistamos o pico do Monte Nansen no leste distante, erguendo-se a mais de 4.500 metros.

O estabelecimento da base sul acima da geleira, na latitude $86^{\circ}7'$, longitude $174^{\circ}23'$ leste, e as perfurações e dinamitações espantosamente rápidas e eficazes realizadas em diversos pontos durante as viagens de trenó e os breves voos de aviões entraram para os anais da história; bem como a escalada árdua e triunfante do Monte Nansen empreendida por Pabodie e dois alunos de pós-graduação — Gedney e Carroll — nos dias 13–15 de Dezembro. Estávamos a cerca de 2.500 metros acima do nível do mar e, quando perfurações experimentais revelaram chão sólido sob uma camada de neve e gelo de apenas quatro metros em certos pontos, fizemos amplo uso do pequeno aparato derretedor e das perfuratrizes e dos explosivos em diversos locais onde nenhum outro explorador havia pensado em coletar espécimes minerais. Os granitos pré-cambrianos e os arenitos Beacon assim obtidos confirmaram a nossa suspeita de que o platô tinha uma composição idêntica à maior parte do continente a oeste, embora esta diferisse um pouco das regiões a leste abaixo da América do Sul — que, segundo pensávamos na época, formariam um continente menor e independente graças a uma junção congelada do Mar de Ross com o Mar de Weddell, embora Byrd tenha desmentido a hipótese desde então.

Em alguns dos arenitos, dinamitados e cinzelados depois que as perfurações revelaram-lhes a natureza, encontramos marcas e fragmentos fósseis de extraordinário interesse — em especial samambaias, algas marinhas, trilobitas, crinoides e moluscos como lingulídeos e gastrópodes — sendo que todos pareciam ter desempenhado um papel importante na história primordial da região. Também havia uma estranha formação triangular estriada com cerca de trinta centímetros no diâmetro máximo que Lake montou a partir de três fragmentos de ardósia trazidos por uma explosão em grande profundidade. Os fragmentos foram colhidos em um ponto mais a oeste, próximo à Cordilheira da Rainha Alexandra; e Lake, como biólogo, parecia ver na estranha marca algo particularmente enigmático e instigante, embora o meu olhar geológico visse pou-

co mais do que alguns efeitos ondulatórios bastante comuns em rochas sedimentares. Uma vez que a ardósia não passa de uma formação metamórfica contra a qual um estrato sedimentar é pressionado, e uma vez que a simples pressão causa distorções em quaisquer marcas preexistentes, não vi qualquer motivo para espanto na depressão estriada.

No dia 6 de janeiro de 1931, Lake, Pabodie, Danforth, todos os seis alunos, quatro mecânicos e eu voamos por cima do Polo Sul em dois dos grandes aviões e fomos obrigados a fazer uma aterrissagem forçada por conta de uma ventania que por sorte não evoluiu para uma tempestade. Este foi, conforme os jornais noticiaram, apenas um dentre vários voos de observação nos quais tentávamos registrar novas características topográficas em áreas ainda inexploradas. Nossos primeiros voos foram um tanto decepcionantes neste aspecto, embora tenham nos oferecido magníficos exemplos das fantásticas miragens existentes nas regiões polares, das quais a viagem pelo mar já havia oferecido uma pequena amostra. Montanhas longínquas pairavam no céu como cidades encantadas, e muitas vezes todo aquele mundo branco dissolvia-se no panorama de ouro, prata e matizes escarlate que remetia aos sonhos dunsanianos e a uma expectativa aventureira enfeitiçada pelo baixo sol da meia-noite. Em dias nublados enfrentávamos problemas consideráveis para voar, pois nessas condições a terra nevada e o céu fundiam-se em um vazio opalescente sem horizonte visível que marcasse a junção entre os dois.

No fim resolvemos pôr em prática o plano original de voar 800 quilômetros para o leste com todos os quatro aviões exploradores e estabelecer uma nova sub-base em um ponto que, segundo a nossa concepção equivocada, ficaria na menor divisão continental. Amostras geológicas colhidas por lá seriam um tanto desejáveis para fins de comparação. Nossa saúde permanecia excelente; o suco de limão compensava a dieta constante de comida salgada e enlatada, e as temperaturas quase sempre acima de -18° permitiam-nos dispensar as peles mais pesadas. Estávamos em pleno verão, e com a pressa e o cuidado necessários poderíamos concluir os trabalhos até março e evitar o tédio de um inverno passado na longa noite antártica. Muitas tempestades de vento implacáveis haviam-nos assolado vindas do oeste, porém evitamos maiores estragos graças à engenhosidade de Atwood, que concebeu abrigos rudimentares para os aviões e quebra-ventos feitos com pesados blocos de neve, e su-

geriu que reforçássemos as instalações do acampamento principal com neve. Nossa boa estrela e nossa eficiência pareciam quase sobrenaturais.

O mundo exterior conhecia o nosso plano e foi devidamente informado quanto à estranha e obstinada insistência de Lake para que fizéssemos uma viagem de exploração a oeste — ou, a bem dizer, a noroeste — antes da mudança definitiva para a nova base. Dava a impressão de ter refletido muito, e com radical ousadia, a respeito da marca triangular estriada na ardósia; e de nela ter percebido certas contradições relativas à Natureza e aos períodos geológicos que lhe aguçaram a curiosidade ao máximo, e assim o incitaram a empreender mais perfurações e dinamitações na formação a oeste de onde os fragmentos exumados haviam saído. Lake tinha a estranha convicção de que a marca seria o rastro deixado por algum organismo volumoso, desconhecido e absolutamente inclassificável em estágio evolutivo avançado, ainda que a rocha pertencesse a uma época tão remota — o período Cambriano, ou mesmo Pré-Cambriano — a ponto de excluir não apenas a possibilidade de vida altamente evoluída, mas a de qualquer forma de vida além dos organismos unicelulares ou no máximo dos trilobitas. Os fragmentos com as estranhas marcas tinham entre 500 milhões e um bilhão de anos.

II

Penso que a imaginação popular reagiu com entusiasmo aos boletins de rádio sobre a partida de Lake em direção ao noroeste, rumo a regiões jamais tocadas por passos humanos ou exploradas pela imaginação humana; embora não tenhamos feito menção a suas desvairadas esperanças de revolucionar toda a biologia e toda a geologia. As expedições de trenó e as escavações preliminares feitas com Pabodie e cinco outros entre 11 e 18 de janeiro — marcadas pela perda de dois cães em uma capotagem durante a travessia de uma das grandes cristas de gelo — revelou cada vez mais ocorrências da ardósia arqueana; e até mesmo eu me interessei pela singular profusão de marcas fósseis no substrato inconcebivelmente ancestral. As marcas, contudo, pertenciam a formas de vida muito primitivas que não encerravam nenhum grande paradoxo a não ser a ocorrência de certas formas de vida em rochas pré-cambrianas, como parecia

ser o caso; assim, não percebi bom-senso algum no pedido de Lake para que fizéssemos um interlúdio em nosso programa — um interlúdio que precisaria dos quatro aviões, de inúmeros homens e de todo o aparato mecânico da expedição. No fim, não vetei o plano; mas decidi que não acompanharia a expedição a noroeste, por mais que Lake tenha solicitado os meus conhecimentos geológicos. Enquanto estavam longe, permaneci na base com Pabodie e cinco homens para tratar dos planos relativos à mudança em direção ao leste. Como parte dos preparativos, um dos aviões havia começado a levar um grande suprimento de gasolina para o Estreito de McMurdo; mas esse transporte podia esperar. Fiquei com um trenó e nove cães, pois seria arriscado ficar sem nenhum meio de transporte, ainda que apenas temporariamente, no mundo desabitado de uma morte que perdura através dos éons.

A subexpedição de Lake rumo ao desconhecido, como todos hão de recordar, enviava os próprios boletins a partir dos transmissores de ondas curtas nos aviões; que por sua vez eram captados, ao mesmo tempo, pelo nosso equipamento na base ao sul e pelo *Arkham* no Estreito de McMurdo, de onde eram retransmitidos para o mundo exterior em ondas de até cinquenta metros. A partida foi no dia 22 de janeiro, às quatro horas da manhã; e a primeira mensagem que recebemos chegou apenas duas horas mais tarde, quando Lake falou em aterrissar para derreter a camada de gelo e começar uma pequena escavação em um ponto situado a 480 quilômetros de distância. Seis horas depois, uma segunda mensagem eufórica falou a respeito de um trabalho digno de castor, graças ao qual um poço fora cavado e dinamitado, culminando assim na descoberta de fragmentos de ardósia com diversas marcas similares à que havia causado o espanto original.

Três horas mais tarde um rápido boletim anunciou a retomada do voo apesar dos fortes ventos contrários; e, quando enviei uma mensagem protestando contra mais este risco, Lake respondeu de maneira um tanto lacônica que o novo espécime fazia qualquer risco valer a pena. Percebi que o entusiasmo estava prestes a transformar-se em motim, e que eu não teria como impedir que pusesse o sucesso de toda a expedição a perigo; mas era terrível pensar que haveria de embrenhar-se cada vez mais fundo naquela traiçoeira e sinistra imensidão branca de tempestades e mistérios desconhecidos que se estendia por cerca de 2400

quilômetros até o litoral conhecido apenas em parte da Terra da Rainha Mary e da Terra de Knox.

Passada mais uma hora e meia chegou uma mensagem duplamente eufórica do avião de Lake, que por pouco não operou a inversão dos meus sentimentos e fez com que eu desejasse estar na expedição.

“22h05. Em pleno voo. Após a nevasca, divisamos à nossa frente uma cordilheira maior do que qualquer outra vista até hoje. Talvez se equiparem ao Himalaia, a dizer pela altura do platô. Latitude provável 76°15', longitude 113°10' leste. Vai até onde a vista alcança para os dois lados. Suspeita de dois cones fumegantes. Todos os cumes pretos e nenhum coberto de neve. A ventania impede a navegação.”

Logo a seguir Pabodie, eu e os homens ficamos com a respiração suspensa junto do receptor. A simples ideia daquela titânica barreira montanhosa a 1.100 quilômetros de distância exacerbou o nosso espírito aventureiro; e muito nos alegrou saber que a descoberta tocara à nossa expedição, embora não a nós próprios. Depois de mais meia hora Lake fez outro contato.

“O avião de Moulton foi obrigado a aterrissar no platô junto aos sopés, mas ninguém se feriu e talvez o estrago tenha conserto. Vamos transferir o essencial para os outros três na hora de retornar ou se outros deslocamentos forem necessários, mas por ora não há necessidade de mais voos longos. As montanhas ultrapassam a capacidade da imaginação. Farei um voo de reconhecimento no avião de Carroll, com toda a carga em terra. Os senhores não fazem ideia do que estamos vendo. Os picos mais altos devem passar de 10 mil metros. O Everest perdeu a vez. Atwood fará as medições com o teodolito enquanto eu e Carroll nos encarregamos do voo de reconhecimento. O mais provável é que eu estivesse errado quanto aos cones, pois as formações parecem estratificadas. Talvez sejam de ardósia pré-cambriana misturada a outros estratos. Estranhos efeitos no horizonte — seções de cubos regulares grudadas aos cumes mais altos. Panorama maravilhoso à luz fúlgida do sol baixo. Como a terra de mistérios em um sonho ou o portal para um mundo desconhecido de ma-

ravilhas inexploradas. Queria que o senhor estivesse aqui para estudar.”

Ainda que em termos técnicos fosse hora de dormir, nenhum de nós pensou por um instante sequer em ir para a cama. O mesmo deve ter acontecido no Estreito de McMurdo, onde o armazém temporário e o *Arkham* recebiam as mensagens; pois o cap. Douglas enviou uma mensagem felicitando a todos pela importante descoberta, e Sherman, o responsável pelo armazém, repetiu as felicitações. Evidente que lamentamos o avião danificado; mas torcemos para que o estrago pudesse ser consertado sem grandes dificuldades. Às 23h chegou outra mensagem de Lake.

“Eu e Carroll estamos sobrevoando os sopés mais altos. Não nos atrevemos a explorar os picos mais altos com este tempo, porém mais tarde vamos tentar. A subida foi medonha e é difícil voar a esta altitude, mas vale o esforço. A cordilheira é maciça, então não consigo ver mais além. Os picos mais altos ultrapassam o Himalaia e são muito esquisitos. A cordilheira parece ser composta de ardósia pré-cambriana, com sinais de vários outros estratos sublevados. Enganei-me quanto ao vulcanismo. Estende-se para os dois lados até onde a vista alcança. A neve cessa por volta dos 6.500 quilômetros de altitude. Estranhas formações nas montanhas mais elevadas. Grandes blocos cúbicos atarracados com lados perfeitamente verticais e linhas retangulares de muralhas verticais atarracadas, como os antigos castelos asiáticos engastados em rocha nas pinturas de Rerikh. Impressionantes de longe. Voamos até chegar mais perto, e Carroll chegou a cogitar que sejam formados por partes separadas, mas a impressão deve ser resultado das intempéries. Muitas extremidades apresentam desgastes e erosão, como se houvessem passado milhões de anos expostas a tempestades e mudanças climáticas. Algumas partes, e em especial as parte mais altas, parecem feitas de uma rocha mais clara do que qualquer outro estrato visível nas encostas, o que indica uma origem cristalina. Durante um voo rasante avistamos inúmeras bocas de caverna, algumas de contorno muito regular, quadrado ou em semicírculo. O senhor precisa vir investigar. Acho que vi uma formação quadrada no alto de um cume. A altura pare-

ce ser entre 15 mil e 10 mil metros. Estamos a 6.500 em um frio de rachar. O vento uiva e assovia enquanto atravessa os desfiladeiros e entra e sai das cavernas, mas até agora não ofereceu riscos ao voo.”

Por mais meia hora Lake teceu comentários intermináveis e manifestou a intenção de escalar alguns cumes a pé. Respondi que eu o acompanharia assim que pudesse mandar um avião, e que Pabodie e eu nos encarregaríamos de traçar o melhor plano para a gasolina — onde e como concentrar o suprimento em vista da mudança na expedição. Sem dúvida as operações de Lake, bem como as atividades aeronáuticas, exigiriam o transporte de uma grande quantidade de combustível até a nova base que pretendia estabelecer no pé das montanhas; e talvez o voo a leste não pudesse ser realizado ainda naquela estação. Assim, chamei o cap. Douglas e pedi que descarregasse a maior quantidade possível dos navios e transportasse-a para o topo da Barreira com a única matilha que nos restava. Precisávamos traçar um caminho em linha reta através da região desconhecida entre Lake e o Estreito de McMurdo.

Mais tarde, Lake entrou em contato para dizer que seria mais propício manter o acampamento onde o avião de Moulton fora obrigado a aterrissar, e onde os reparos já estavam em andamento. A camada de gelo era muito fina, com o chão escuro visível aqui e acolá, e o plano era derreter o gelo e detonar o solo naquele exato ponto antes de empreender qualquer escalada ou viagem de trenó. Falou sobre a majestade inefável do cenário e sobre a estranha sensação de estar abrigado pela fileira de vastos pináculos silenciosos a erguer-se como uma muralha que tocava o céu nos confins do mundo. As observações feitas com o teodolito de Atwood determinaram que os cinco picos mais altos tinham entre 9.150 e 10.360 metros de altura. O panorama arrasado pelo vento sem dúvida foi motivo de perturbação para Lake, pois sugeria a existência de rajadas prodigiosas, mais violentas do que tudo o que havíamos encontrado até então. O acampamento localizava-se a pouco mais de oito quilômetros do ponto onde os sopés mais altos erguiam-se de repente. Quase flagrei uma nota de alarme subconsciente naquelas palavras — transmitidas através de um vazio glacial de 1.100 quilômetros — quando pediu que todos abandonassem a nova região o mais depressa possível.

Estava se preparando para descansar após um dia inteiro de pressa, esforço e resultados quase sem precedentes.

Na manhã seguinte tive uma conversa a três pelo rádio com Lake e o cap. Douglas; combinamos que um dos aviões de Lake voaria até a minha base para buscar-me — junto com Pabodie e outros cinco homens — e transportar todo o combustível que pudesse. O restante, a depender da nossa decisão quanto à viagem a leste, poderia esperar mais alguns dias, uma vez que Lake tinha gasolina suficiente para as necessidades imediatas do acampamento e das perfuratrizes. Por fim a antiga base sul teve de ser reabastecida; porém, se adiássemos a viagem a leste, não a usaríamos antes do verão seguinte, e neste meio-tempo Lake precisaria despachar um avião para explorar uma rota direta entre as novas montanhas e o Estreito de McMurdo.

Pabodie e eu nos preparamos para fechar a base por um período curto ou longo, conforme o caso. Se passássemos o inverno na Antártida, o mais provável seria voar direto da base de Lake para o *Arkham* sem retornar. Algumas das nossas tendas cônicas já estavam reforçadas com blocos de neve endurecida, e então resolvemos completar o serviço estabelecendo um vilarejo esquimó completo. Graças a um generoso estoque de barracas, Lake dispunha de tudo o que a base poderia precisar mesmo após a nossa chegada. Enviei uma mensagem dizendo que Pabodie e eu estaríamos prontos para a jornada em direção ao norte após um dia de trabalho e uma noite de descanso.

Não pudemos manter o ritmo do trabalho após as 16h, no entanto; por volta deste horário, Lake começou a enviar mensagens absolutamente extraordinárias e eufóricas. Seu dia de trabalho havia começado de maneira nada auspiciosa, pois um reconhecimento aéreo das superfícies rochosas quase expostas revelou uma ausência total dos estratos arqueanos e primordiais que procurava e que, ademais, formavam parte importante dos pináculos colossais que avultavam a uma distância tentadora do acampamento. As rochas avistadas pareciam ser arenitos jurássicos e comancheanos e xistos permianos e triássicos, com ocorrências esparsas de afloramentos negros e reluzentes que sugeriam um carvão duro e rico em ardósia. Lake ficou um tanto desanimado, pois esperava encontrar amostras com mais de 500 milhões de anos. Acreditava que, para redescobrir o veio de ardósia arqueana no qual havia encontrado as

estranhas marcas, teria de fazer uma longa viagem de trenó desde os sopés até as encostas mais íngremes das gigantescas montanhas.

Mesmo assim, estava decidido a fazer perfurações locais de acordo com o programa geral da expedição; e assim montou a perfuratriz e pôs cinco homens a trabalhar consigo enquanto os outros terminavam de montar o acampamento e consertar os estragos no avião. A rocha mais macia à vista — um arenito encontrado a cerca de quatrocentos metros do acampamento — foi escolhida como local das primeiras extrações; e a perfuratriz fez excelente progresso sem que muitas detonações suplementares fossem necessárias. Por volta de três horas mais tarde, logo após a primeira detonação de grandes proporções, os gritos da equipe de perfuração fizeram-se ouvir; e o jovem Gedney — que atuava como capataz — chegou correndo ao acampamento com a espantosa notícia.

A equipe tinha encontrado uma caverna. No início da perfuração o arenito havia dado vez a um veio de calcário comancheano repleto de minúsculos fósseis de cefalópodes, corais, equinoides e espiríferos, com sugestões ocasionais de esponjas silicosas e ossos de vertebrados marinhos — estes últimos, provavelmente teleósteos, tubarões e ganoides. Por si só a descoberta era importante, uma vez que havia revelado os primeiros fósseis coletados pela expedição; mas quando logo depois a perfuratriz atravessou o estrato em um ponto que parecia ser uma formação oca, uma nova e ainda mais intensa onda de entusiasmo tomou conta dos escavadores. Uma grande explosão revelou o segredo oculto pela superfície; e então, através de uma abertura irregular com talvez um metro e meio de largura por um de espessura, surgiu aos pés dos ávidos pesquisadores uma formação calcária erodida pelas águas subterrâneas que corriam em um mundo tropical extinto mais de cinquenta milhões de anos atrás.

A camada oca não tinha mais de dois metros ou dois metros e meio de profundidade, mas estendia-se em todas as direções e apresentava uma leve corrente de ar que sugeria um amplo sistema de galerias subterrâneas. O chão e o teto ostentavam inúmeras estalactites e estalagmites de grandes proporções, algumas das quais se tocavam para formar uma coluna; mas o mais importante era o enorme depósito de conchas e ossos que em certos trechos chegava a obstruir a passagem. Arrastada desde florestas ignotas com samambaias arbóreas e fungos mesozoicos,

e florestas de cicadófitas do período Terciário, palmeiras e angiospermas primitivas, a miscelânea óssea continha mais exemplares do Cretáceo, do Eoceno e de outras espécies animais do que um paleontólogo seria capaz de contar ou classificar em um ano inteiro. Moluscos, exoesqueletos crustáceos, peixes, anfíbios, répteis, pássaros e mamíferos primitivos — grandes e pequenos, conhecidos e desconhecidos. Não admira que Gedney tenha voltado para o acampamento aos gritos, nem que todos os presentes tenham abandonado o serviço e corrido o mais depressa possível em meio ao frio enregelante até o ponto em que a torre assinalava o recém-descoberto portal de acesso a segredos recônditos da Terra e a éons desaparecidos.

Depois de apaziguar o primeiro ímpeto da curiosidade, Lake tratou de escrever uma mensagem na caderneta e pediu ao jovem Moulton que voltasse correndo ao acampamento a fim de transmiti-la por rádio. Foi a primeira notícia que recebi sobre a descoberta, na qual se mencionavam conchas primitivas, ossos de ganóides e placodermes, resquícios de labirintodontes e tecodontes, grandes fragmentos cranianos de mosassauros, vértebras e couraças de dinossauros, dentes e ossos das asas de pterodáctilos, fragmentos de arqueoptérides, dentes de tubarões do Mioceño, crânios de pássaros primitivos e crânios, vértebras e outros ossos de mamíferos primitivos como paleotérios, xifodontes, dinoceratos, hircotérios, oreodontes e titanotérios. Não havia nenhum animal mais recente como o mastodonte, o elefante, o camelo verdadeiro, o cervo e as espécies bovinas; e assim Lake concluiu que os últimos depósitos remontavam ao período Oligoceno, e que o estrato oco permanecera ressequido, morto e inacessível durante pelo menos trinta milhões de anos.

Por outro lado, a predominância de formas de vida muito primitivas era singular ao extremo. Embora a formação calcária, a dizer pela incrustação de fósseis típicos como as *Ventriculites*, remontasse sem dúvida ao Comancheano e não a períodos anteriores, os fragmentos soltos na cavidade rochosa incluíam uma surpreendente quantidade de organismos característicos de períodos mais antigos — tais como peixes rudimentares, moluscos e corais típicos do Siluriano ou do Ordoviciano. A conclusão inevitável era que, naquela parte do mundo, houvera uma espantosa e única continuidade entre as formas de vida de 300 milhões de anos atrás e aquelas de apenas trinta milhões de anos atrás. Até que

ponto essa continuidade estendera-se após o Oligoceno, quando a caverna fora bloqueada, estava além de qualquer especulação. De qualquer modo, a chegada do terrível período glacial no Pleistoceno cerca de 500 mil anos atrás — um mero ontem comparado à idade da caverna — deve ter posto fim a todas as formas de vida primitivas que lograram sobreviver no local.

Lake não se deu por satisfeito com a primeira mensagem, mas escreveu e despachou através da neve um segundo boletim que chegou ao acampamento antes que Moulton pudesse retornar. Depois, Moulton ocupou-se do rádio em um dos aviões; e assim transmitiu para mim — e para que o *Arkham* retransmitisse para o mundo exterior — os frequentes pós-escritos que Lake enviava através de uma série de mensageiros. Quem acompanhou as notícias dos jornais há de recordar a euforia que os relatos feitos naquela tarde causaram entre os homens de ciência — relatos que, passado todo esse tempo, levaram enfim à organização da mesma Expedição Starkweather-Moore que ora tento angustiosamente impedir. Talvez seja melhor reproduzir as mensagens de Lake na íntegra, tal como foram enviadas e traduzidas a partir da taquigrafia a lápis por McTighe, o operador da nossa base.

“Fowler fez uma descoberta de suma importância nos fragmentos de arenito e calcário coletados após a detonação. Diversas marcas triangulares estriadas como aquelas na ardósia arqueana, provando que a fonte sobreviveu desde 600 milhões de anos atrás até o período Comancheano sem grandes alterações morfológicas ou redução de tamanho. No máximo, as marcas comancheanas parecem mais primitivas ou decadentes. Enfatizar a importância da descoberta na imprensa. Será para a biologia o que Einstein foi para a matemática e a física. Alinha-se ao meu trabalho anterior e expande as conclusões. Parece indicar, conforme eu suspeitava, que na Terra houve um ou mais ciclos de vida orgânica anteriores às mais antigas células arqueozoicas conhecidas. Evoluiu e especializou-se há pelo menos um bilhão de anos, quando o planeta ainda era jovem e não podia ser habitado por quaisquer formas de vida ou estruturas protoplásmicas normais. Cabe perguntar quando, onde e como se deu esse desenvolvimento.”

“Mais tarde. Ao examinar os fragmentos esqueléticos de grandes sáurios marinhos e terrestres e de mamíferos primitivos, encontrei singulares ferimentos ou danos à estrutura óssea que não podem ser atribuídos a predadores ou animais carnívoros de qualquer período. São de dois tipos — perfurações retas e profundas e possíveis incisões cortantes. Um ou dois casos de ossos arrancados. Poucos espécimes afetados. Solicitei lanternas elétricas ao acampamento. Pretendo ampliar a área de busca subterrânea cortando estalactites.”

“Ainda mais tarde. Encontrei um fragmento muito peculiar de pedra-sabão com cerca de quinze centímetros de largura por quatro de espessura estranho a todas as formações locais visíveis. Esverdeado, porém sem indícios quanto ao período de formação. Superfície curiosamente lisa e regular. Formato de estrela de cinco pontas com as extremidades quebradas e sinais de outras divisões em ângulos agudos no centro da superfície. Pequena depressão lisa no centro da superfície contínua. Estou curioso quanto à origem e às alterações climáticas sofridas. Talvez um estranho caso de erosão aquática. Carroll, ao examiná-la com uma lupa, acha que consegue perceber outras marcas de relevância geológica. Grupos de pontinhos em padrões regulares. Os cães estão inquietos e parecem odiar a pedra-sabão. Preciso verificar se exala algum odor específico. Enviarei mais notícias assim que Mills trazer as lanternas e explorarmos a área subterrânea.”

“22h15. Descoberta importante. Às 21h45, durante o trabalho no subsolo, Orrendorf e Watkins encontraram o fóssil monstruoso de uma criatura desconhecida em forma de barril; provavelmente um vegetal, ou então um espécime gigante de radiário marinho desconhecido. Tecido preservado por sais minerais. Resistente como o couro, embora apresente espantosa flexibilidade em certas partes. Marcas de pedaços quebrados nas laterais e extremidades. Um metro e oitenta de ponta a ponta, um metro de diâmetro central e trinta centímetros de diâmetro nas extremidades. Parece um barril com

cinco protuberâncias em vez de aduelas. Fraturas laterais, como que de ramificações menores, estão presentes no equador das protuberâncias. Nos sulcos entre as protuberâncias encontram-se formações curiosas. São cristas ou asas que abrem e fecham como leques. Todas muito danificadas à exceção de uma, que tem mais de dois metros de comprimento. A disposição das partes lembra certos monstros da mitologia antiga, e em especial as Coisas Ancestrais mencionadas no Necronomicon. Estas asas parecem ser membranosas e prendem-se à estrutura de um tubo glandular. Minúsculos orifícios visíveis na ponta das asas. As extremidades enrugadas do corpo não oferecem nenhum indício relativo à composição do interior ou às partes faltantes. Farei uma dissecação quando voltarmos ao acampamento. Não sei dizer ao certo se vegetal ou animal. Diversas características evidentes de primitividade extrema. Toda a equipe foi encarregada de cortar estalactites e procurar novos espécimes. Mais ossos com marcas de ferimentos encontrados, mas estes terão de esperar. Problemas com os cães. Não suportam o novo espécime e provavelmente haveriam de despedaçá-lo se não os mantivéssemos afastados.”

“23h30. Atenção, Dyer, Pabodie, Douglas. O assunto é de alta — eu diria até transcendental — importância. O Arkham precisa retransmitir este comunicado à Estação de Kingsport Head o mais rápido possível. O estranho espécime em forma de barril é a coisa arqueana responsável por deixar as marcas nas rochas. Mills, Boudreau e Fowler descobriram um grupo com outros treze em um ponto subterrâneo a doze metros da entrada. Também mais fragmentos de pedrasabão arredondados e trabalhados — em formato de estrela, mas sem marcas de quebra a não ser em algumas das pontas. Quanto aos espécimes orgânicos, oito aparentam estar completos, com todas as partes. Todos foram trazidos à superfície, afastando os cães. Não suportam essas coisas. Prestem muita atenção à descrição e repitam-na para evitar qualquer mal-entendido. Os jornais precisam receber a informação exata.”

“Os objetos têm dois metros e quarenta centímetros de ponta a ponta. Torso em forma de barril de um metro e oitenta formado por

cinco segmentos com diâmetro central de noventa centímetros e trinta centímetros nas extremidades. Cinza-escuro, flexível e extremamente resistente. Asas membranosas da mesma cor, com dois metros e dez centímetros de comprimento, estendem-se a partir dos sulcos entre os segmentos, embora estivessem recolhidas quando da descoberta. As asas apresentam estrutura tubular ou glandular, coloração cinza-claro e orifícios nas pontas. Bordas serrilhadas. Próximo ao equador, no vértice central de cada um dos cinco segmentos em forma de aduela, encontram-se cinco sistemas de braços ou tentáculos cinza-claro firmemente recolhidos junto ao torso, porém expansíveis até uma distância aproximada de um metro. Como os braços de um crinoide primitivo. Cada apêndice de oito centímetros de diâmetro divide-se após quinze centímetros em cinco subapêndices, cada um dos quais se divide após vinte centímetros em cinco tentáculos ou gavinhas de formato afunilado, o que resulta em um total de 25 tentáculos por apêndice.

“No alto do torso um pescoço bulboso e primitivo de coloração cinza-claro com sugestões de guelras sustenta uma cabeça amarelada de cinco pontas em forma de estrela-do-mar coberta por cílios duros de oito centímetros em várias cores prismáticas. A cabeça é grossa e inchada, mede cerca de sessenta centímetros de ponta a ponta e apresenta projeções de tubos amarelados e flexíveis de oito centímetros em cada uma destas. A abertura no centro do topo é provavelmente uma cavidade respiratória. Na extremidade de cada tubo, protegido por uma membrana retrátil de coloração amarelada, encontra-se um globo vítreo de íris vermelha, sem dúvida um olho. Cinco tubos avermelhados um pouco mais longos saem dos ângulos internos da cabeça em formato de estrela-do-mar e terminam em intumescências da mesma cor que, ao serem pressionadas, abrem-se para revelar orifícios em forma de campânula com diâmetro máximo de cinco centímetros e revestidos por projeções brancas e afiadas como dentes. Possíveis bocas. Os tubos, os cílios e as pontas da cabeça em formato de estrela-do-mar estavam firmemente presos para baixo quando da descoberta, com os tubos e as pontas agarrados ao pescoço bulboso e ao torso. Flexibilidade surpreendente apesar da resistência.

“Na base do torso observa-se uma estrutura similar à cabeça, porém com funções distintas. Um pseudopescoço bulboso de coloração cinza-claro, sem evidências de guelras, sustenta uma estrutura esverdeada de cinco pontas em forma de estrela-do-mar. Os braços robustos e musculosos de um metro e vinte de comprimento têm dezoito centímetros de diâmetro na base e afinam até cerca de seis centímetros na ponta. Cada ponta está ligada ao vértice de um triângulo membranoso esverdeado repleto de veias finas com vinte centímetros de comprimento e quinze de largura na extremidade. Este triângulo é a nadadeira, a barbatana ou o pseudópodo que deixou marcas nas rochas de um bilhão a cinquenta ou sessenta milhões de anos atrás. Dos ângulos internos da estrutura em forma de estrela-do-mar saem tubos avermelhados de sessenta centímetros de comprimento com oito centímetros de diâmetro na base que afinam até cerca de três centímetros na extremidade. Orifícios nas extremidades. Todas as partes extremamente resistentes e coriáceas, porém muito flexíveis. Braços de um metro e vinte centímetros de comprimento dotados de nadadeiras sem dúvida usadas para locomoção marinha ou de alguma outra espécie. Quando movidos, sugerem um tônus muscular impressionante. Quando da descoberta, todos estes apêndices estavam firmemente presos por cima do pseudopescoço e da base do torso, de maneira análoga aos apêndices na outra extremidade.

“Ainda não sei ao certo se devo atribuir a descoberta ao reino animal ou vegetal, mas as chances de que seja um animal parecem maiores. O mais provável é que se trate de um estágio evolutivo muito avançado dos radiários, que no entanto conservou certas características primitivas. As semelhanças com os equinodermos são inconfundíveis apesar de algumas evidências contraditórias. As asas deixaram-me intrigado em vista do provável habitat marinho, mas talvez sirvam para a navegação aquática. A simetria apresenta um curioso caráter vegetal e na essência sugere uma estrutura orientada em função de uma base e de um topo em vez da típica estrutura animal com frente e costas. O período evolutivo fabulosamente primordial, anterior aos mais simples protozoários arqueanos conhecidos, dificulta quaisquer conjecturas relativas à origem.

“Os espécimes completos apresentam uma semelhança tão pronunciada em relação a certas criaturas dos mitos antigos que a sugestão de uma existência ancestral fora da Antártida torna-se inevitável. Dyer e Pabodie leram o Necronomicon e viram os pesadelos que Clark Ashton Smith pintou baseado no texto, e assim hão de entender quando eu mencionar as Coisas Ancestrais que criaram toda a vida na Terra como resultado de uma zombaria ou de um equívoco. Os estudiosos acham que a crença deve ter origem em um mórbido tratamento criativo dispensado a certos radiários tropicais muito antigos. O mesmo em relação às coisas do folclore pré-histórico mencionadas por Wilmarth — ramificações dos cultos a Cthulhu etc.

“Um amplo campo de estudos foi inaugurado. A dizer pelos demais espécimes encontrados, os depósitos devem remontar ao fim do Cretáceo ou ao início do Eoceno. Estavam sob enormes estalagmites. Escavá-los foi uma tarefa árdua, mas a resistência dos espécimes evitou quaisquer danos. O estado de preservação foi um milagre operado pelo calcário. Não encontramos mais nada até agora, mas as buscas serão retomadas mais tarde. O desafio agora é carregar catorze espécimes colossais até o acampamento sem a ajuda dos cães, que latem enfurecidos quando estão por perto. Com nove homens — três ficarão para cuidar dos cães — poderemos manejar os trenós sem grandes problemas, embora as rajadas de vento soprem com força. Precisamos estabelecer contato aéreo com o Estreito de McMurdo para começar o transporte do material. No entanto, ainda preciso dissecar uma dessas coisas antes de qualquer descanso. Quisera eu ter um laboratório de verdade aqui. Dyer devia dar um tapa na testa por haver tentado impedir a minha viagem a oeste. Primeiro, as maiores montanhas do mundo, e agora isto. Se essas criaturas não forem o ponto alto da expedição, sequer imagino o que possa ser. Estamos feitos no mundo científico. Meus parabéns, Pabodie, pelo equipamento que abriu a caverna. Agora será que o Arkham poderia retransmitir a descrição?”

Pabodie e eu tivemos reações quase indescritíveis ao receber o relato, e nossos companheiros não ficaram para trás no entusiasmo. McTighe,

que havia traduzido às pressas alguns dos pontos altos à medida que o equipamento receptor zumbia, transcreveu a mensagem na íntegra a partir da versão taquigrafada assim que o operador de Lake saiu do ar. Todos perceberam a importância histórica da descoberta, e mandei meus cumprimentos a Lake assim que o operador do *Arkham* terminou de retransmitir o trecho descritivo conforme o solicitado; e meu exemplo foi seguido por Sherman, do armazém temporário no Estreito de McMurdo, e pelo cap. Douglas do *Arkham*. Mais tarde, como chefe da expedição, acrescentei certos comentários a serem retransmitidos pelo *Arkham* ao mundo exterior. Descansar, é claro, seria absurdo em meio a tanta euforia; e o meu único desejo era chegar ao acampamento de Lake o mais depressa possível. Fiquei decepcionado ao saber que os ventos implacáveis das montanhas haviam tornado o deslocamento aéreo impossível.

Mesmo assim, passada uma hora e meia o meu interesse reavivou-se a ponto de afastar a decepção. Lake estava mandando outras mensagens e relatou que o transporte dos catorze grandes espécimes até o acampamento fora um sucesso. A empreitada foi extenuante, pois eram muito pesados; mas nove homens haviam dado conta do serviço. Naquele instante, alguns membros da equipe estavam construindo um canil de neve a uma distância segura do acampamento, onde os cães poderiam ser alimentados com maior conveniência. Os espécimes foram todos colocados sobre a neve endurecida próxima ao acampamento, a não ser por aquele em que Lake fazia uma rústica tentativa de dissecação.

Essa dissecação mostrou-se uma tarefa mais árdua do que havia imaginado de início; pois mesmo com o calor de um fogão a gasolina na barraca-laboratório recém-montada, os tecidos enganosamente flexíveis do espécime escolhido — um dos mais robustos e intactos — não perderam nada da resistência mais do que coriácea. Lake não sabia ao certo como fazer as incisões necessárias sem valer-se de uma força que poderia destruir todas as sutilezas estruturais que buscava desvendar. Na verdade, dispunha de outros sete espécimes intactos; mas o número era demasiado pequeno para justificar qualquer desperdício, a não ser que a caverna mais tarde revelasse um estoque ilimitado. Assim, afastou o espécime e buscou outro que, embora apresentasse resquícios da estrutura em forma de estrela-do-mar nas duas extremidades, sofrera um grave es-

magamento e apresentava uma ruptura parcial dos tecidos em um dos profundos sulcos no torso.

Os resultados, transmitidos às pressas pelo rádio, foram espantosos e intrigantes. Não se poderia esperar delicadeza ou precisão de um trabalho realizado com instrumentos que mal eram capazes de cortar o tecido anômalo, mas o pouco que se conseguiu bastou para deixar-nos todos confusos e perplexos. A biologia existente teria de ser completamente revisada, pois aquela coisa não era resultado de nenhum crescimento celular conhecido pela ciência. Mal havia indícios de fossilização e, apesar da idade de talvez quarenta milhões de anos, os órgãos internos estavam em perfeito estado de conservação. A estrutura coriácea, incorruptível e quase indestrutível, era um atributo inerente à organização daquela coisa, que pertencia a algum ciclo paleogêneo de evolução invertebrada muito além dos nossos poderes de especulação. A princípio, tudo o que Lake descobriu foram tecidos secos; mas, à medida que o calor da barraca promoveu o degelo, notou a presença de umidade orgânica e de um odor fétido no lado incólume da coisa. Não era sangue, mas um fluido espesso de coloração verde escura que parecia desempenhar o mesmo papel. Quando Lake chegou a este ponto, todos os 37 cães já estavam no canil ainda incompleto próximo ao acampamento; e mesmo à distância os animais começaram a latir furiosamente quando farejaram o odor acre e penetrante.

Em vez de oferecer respostas em relação à estranha entidade, a dissecação provisória aprofundou ainda mais o mistério. Todos os palpites relativos aos membros externos estavam corretos e, com base nessa evidência, não poderia haver muita dúvida quanto a classificá-la como um animal; mas a inspeção dos órgãos internos revelou tantas evidências vegetais que Lake viu-se mais uma vez às escuras. A criatura era dotada de sistema digestório e circulatório, e fazia a excreção através dos tubos avermelhados junto à base em forma de estrela-do-mar. À primeira vista, o aparelho respiratório parecia metabolizar oxigênio em vez do dióxido de carbono; e havia estranhos indícios de câmaras para o armazenamento de ar e de métodos para trocar a respiração através do orifício externo por no mínimo dois outros sistemas respiratórios completamente desenvolvidos — guelras e poros. A criatura era anfíbia e provavelmente adaptada a longos períodos de hibernação sem ar. Os órgãos vocais pa-

reciam estar ligados ao sistema respiratório principal, mas exibiam anomalias muito além de qualquer explicação imediata. A fala articulada através de sílabas parecia quase inconcebível; mas assovios musicais emitidos em várias frequências eram muito prováveis. O sistema muscular apresentava um desenvolvimento quase sobrenatural.

O sistema nervoso era complexo e desenvolvido a ponto de provocar consternação em Lake. Embora muito primitiva e arcaica em certos aspectos, a coisa era dotada de um conjunto de gânglios centrais e nervos conectivos que revelavam um caso extremo de desenvolvimento especializado. Os cinco lóbulos cerebrais apresentavam uma evolução surpreendente; e havia sinais de um sistema sensorial, parcialmente servido pelos cílios duros na cabeça, que envolvia fatores estranhos a todos os outros organismos terrestres. Era provável que a entidade tivesse mais de cinco sentidos, o que impedia qualquer predição baseada em analogias com os hábitos de outros seres vivos. Lake imaginou que o organismo teria pertencido a uma criatura de grande sensibilidade organizada em várias funções diferentes no mundo ancestral; um tanto quanto as formigas e abelhas de hoje. Reproduzia-se como os criptógamos vegetais, e em especial como as pteridófitas; era dotado de esporângios na ponta das asas e sem dúvida evoluíra a partir de um talo ou de protalo.

Mesmo assim, dar-lhe um nome neste ponto seria uma loucura consumada. Tinha o aspecto de um radiário, mas sem dúvida era algo mais. Era em parte vegetal, mas apresentava três quartos da estrutura animal. Os contornos simétricos e outros atributos ofereciam certeza quanto à origem marinha; porém a extensão das adaptações tardias permaneciam incertas. As asas, afinal de contas, eram uma persistente sugestão de ambientes aéreos. Como a criatura poderia ter alcançado um estágio evolutivo complexo na Terra recém-nascida ainda a tempo de deixar marcas em rochas arqueanas estava tão além da capacidade humana que Lake chegou a pensar nos mitos primordiais sobre os Grandes Anciões que vieram das estrelas e criaram a vida na Terra como resultado de uma zombaria ou de um equívoco; e também nos relatos desvairados a respeito de criaturas cósmicas oriundas do espaço sideral feitos por um colega folclorista no departamento de inglês da Universidade do Miskatonic.

De fato, Lake chegou a considerar a possibilidade de que as marcas pré-cambrianas pertencessem a um antepassado menos desenvolvido dos espécimes descobertos; porém descartou a hipótese logo após examinar as qualidades estruturais avançadas dos fósseis mais antigos. Os contornos mais tardios davam sinais de decadência, não de maior evolução. O tamanho dos pseudópodos havia diminuído, e toda a morfologia apresentava um aspecto rústico e simplificado. Além do mais, os nervos e órgãos examinados davam mostras de regressão a partir de formas ainda mais complexas. Havia uma incidência surpreendente de partes atrofiadas e vestigiais. No geral, pouca coisa fora resolvida; e Lake recorreu à mitologia para encontrar um nome provisório — e, numa veia jocosa, chamou o achado de “As Criaturas Ancestrais”.

Por volta das 2h30, após decidir que postergaria a conclusão dos trabalhos a fim de repousar um pouco, cobriu o organismo dissecado com uma lona, saiu da barraca-laboratório e estudou os espécimes intactos com renovado interesse. O perene sol antártico havia começado a amaciar um pouco os tecidos, de maneira que as pontas da cabeça e os tubos de dois ou três exemplares davam sinais de querer se abrir; mas Lake não acreditou que houvesse qualquer risco de decomposição na atmosfera abaixo de zero. O que fez a seguir foi levar todos os espécimes intactos mais para perto uns dos outros e armar uma barraca sobressalente por cima, a fim de protegê-los dos raios diretos do sol. A medida também ajudaria a manter possíveis odores longe dos cães, cujas hostilidades começavam a ser um problema apesar da distância considerável e das muralhas de gelo cada vez mais altas que um grande número de homens apressava-se em erguer ao redor do canil. Fomos obrigados a prender as pontas da lona que recobria a barraca com pesados blocos de neve para mantê-la no lugar em meio ao vendaval que começava, pois as montanhas titânicas pareciam estar a ponto de mandar-nos rajadas impiedosas. As apreensões iniciais quanto aos súbitos ventos antárticos reavivaram-se e, sob a supervisão de Atwood, todas as precauções necessárias foram tomadas a fim de reforçar as barracas, o novo canil e os abrigos improvisados dos aviões com neve no lado que dava para as montanhas. Estes últimos abrigos, construídos com blocos sólidos de neve a intervalos esparsos, não haviam chegado sequer perto da altura ideal; e

Lake enfim chamou todos os envolvidos em outras tarefas para ajudar neste trabalho.

Já passava das quatro horas quando Lake preparou-se para encerrar a transmissão e sugeriu que todos nós também descansássemos durante a pausa que a equipe faria quando as muralhas do abrigo estivessem um pouco mais altas. Travou uma animada conversa com Pabodie através do éter e repetiu os elogios às incríveis perfuratrizes que o haviam auxiliado na descoberta. Atwood também mandou saudações e elogios. Transmisti a Lake as minhas felicitações e reconheci que estivera certo quanto à viagem a oeste; e combinamos de fazer contato através do rádio às dez da manhã. Se os ventos tivessem amainado, Lake mandaria um avião buscar a equipe na minha base. Logo antes de me recolher, enviei uma última mensagem ao *Arkham* pedindo que moderassem o tom das notícias a serem retransmitidas para o mundo exterior, uma vez que o relatório completo parecia radical o bastante para despertar uma onda de incredulidade se não viesse acompanhado de provas substanciais.

III

Nenhum de nós, segundo penso, dormiu um sono profundo ou restaurador naquela manhã; pois a emoção da descoberta de Lake e a crescente fúria do vento nos impediam. Mesmo em nosso acampamento, as rajadas eram tão violentas que não conseguíamos deixar de nos perguntar quão pior haveriam de ser no acampamento de Lake, situado diretamente sob os vastos picos desconhecidos que as engendravam e faziam-nas soprar. McTighe estava de pé às dez horas e tentou fazer contato com Lake no rádio, conforme o combinado, mas alguma interferência elétrica no ar tumultuoso a oeste parecia impedir a comunicação. Mesmo assim, logramos contatar o *Arkham*, e Douglas disse que tampouco havia conseguido falar com Lake. O capitão não sabia nada a respeito do vento, pois mal soprava no Estreito de McMurdo apesar da fúria constante em nosso acampamento.

Passamos o dia apreensivos, escutando o rádio e tentando estabelecer contato com Lake de tempos em tempos, porém sem sucesso. Por volta do meio-dia, uma ventania desvairada irrompeu do oeste e fez com

que temêssemos pela segurança das nossas instalações; mas passado algum tempo o vento amainou e só tornou a soprar em intensidade moderada às 14h. Depois das 15h tudo ficou quieto, e assim redobramos os nossos esforços para estabelecer contato com Lake. Ao pensar que dispunha de quatro aviões, todos equipados com um excelente transmissor de ondas curtas, não conseguíamos pensar em nenhum incidente capaz de avariar todos os equipamentos de uma só vez. Instaurou-se um silêncio pétreo; e quando pensamos na força vertiginosa que o vento deveria ter atingido no ponto onde Lake estava, não conseguíamos afastar as mais catastróficas suposições.

Às 18h nossos temores haviam se tornado intensos e definitivos e, após uma deliberação via rádio com Douglas e Thorfinnssen, decidi tomar as providências necessárias a uma investigação. O quinto avião, que havíamos deixado no armazém temporário do Estreito de McMurdo com Sherman e dois outros marujos, estava em boas condições e pronto para decolar a qualquer momento; e tudo indicava que a própria emergência para a qual fora poupado abatia-se naquele mesmo instante sobre nós. Contatei Sherman pelo rádio e pedi que me recebesse na base com o avião e os dois marujos o mais depressa possível, uma vez que as condições atmosféricas eram altamente favoráveis. Logo discutimos quem faria parte da equipe de investigação; e decidimos que incluiríamos todos os homens, bem como o trenó e os cães que eu tinha comigo. Nem mesmo toda esta carga seria páreo para um dos imensos aviões construídos segundo as nossas especificações para o transporte de maquinário pesado. De vez em quando eu tentava contatar Lake pelo rádio, porém sem sucesso.

Sherman, com os marujos Gunnarsson e Larsen, decolou às 7h30 e relatou um voo tranquilo a partir de várias coordenadas. Era meia-noite quando chegaram à nossa base, e todos os homens discutiram o que fazer a seguir. Seria arriscado atravessar a Antártida em um único avião sem nenhuma base de apoio, mas ninguém se acovardou diante do que parecia ser uma necessidade premente. Às duas da manhã nos recolhemos para um breve repouso depois de carregar parcialmente o avião, mas dentro de quatro horas estávamos todos de pé para terminar a carga e os preparativos de viagem.

Às 7h15 do dia 25 de janeiro, começamos a voar para o norte sob o comando de McTighe com uma tripulação de dez homens, sete cães, um trenó, um suprimento de combustível e de provisões e outros itens que incluíam o equipamento de rádio do avião. A atmosfera estava clara e tranquila, e a temperatura, relativamente amena; e esperávamos enfrentar poucos obstáculos para chegar à latitude e à longitude fornecidas por Lake. Nossas apreensões diziam respeito ao que poderíamos encontrar, ou não encontrar, ao fim da jornada; pois o silêncio continuava sendo a única resposta a todas as comunicações enviadas ao acampamento.

Até os menores incidentes ocorridos durante o voo de quatro horas e meia estão gravados para sempre na minha lembrança devido à posição crucial que ocupam na minha vida. A viagem marcou a minha perda, aos 54 anos, de toda paz e de todo o equilíbrio que a mente normal possui graças à nossa maneira corriqueira de conceber a Natureza externa e as leis da Natureza. A partir daquele ponto nós todos — mas em particular o aluno Danforth e eu — haveríamos de defrontar-nos com um mundo pavorosamente amplificado de horrores à espreita que nada pode apagar da nossa memória, e que evitaríamos compartilhar com a humanidade em geral se ao menos pudéssemos. Os jornais publicaram os boletins que enviamos a partir do avião, relatando a viagem sem escalas, as duas batalhas travadas contra as ventanias nas grandes altitudes, o vislumbre da superfície rachada onde Lake havia feito uma perfuração três dias atrás e a visão de um grupo dos estranhos cilindros de neve fofa descritos por Amundsen e Byrd enquanto cortávamos o vento pela infundável distância do platô congelado. Chegou um momento, porém, em que as nossas sensações já não podiam mais ser traduzidas em palavras que a imprensa fosse compreender; e um ponto mais além em que nos vimos de fato obrigados a adotar uma regra de censura.

O marujo Larsen foi o primeiro a divisar a linha irregular de cones e pináculos aziagos à nossa frente, e os gritos que deu levaram-nos todos às janelas da cabine. Apesar da nossa velocidade, as montanhas custavam a assomar; e assim soubemos que deviam estar infinitamente distantes, visíveis apenas graças à espantosa altura a que se erguiam. Aos poucos, no entanto, ergueram-se como maus presságios no céu ocidental; e permitiram-nos distinguir cumes de rocha nua, inóspita e escurecida, e captar a estranha sensação de fantasia que inspiravam quando vistos na luz

avermelhada da Antártida com o provocante cenário e as iridescentes nuvens de cristais de gelo ao fundo. No geral, o espetáculo era marcado por uma sensação persistente de mistérios espantosos e revelações possíveis; como se aqueles coruchéus rústicos saídos de um pesadelo fossem as pilastras de uma terrível ponte em direção a esferas proibidas de sonho e a abismos insondáveis do tempo, do espaço e de dimensões remotas. Não pude afastar a impressão de que eram coisas malignas — montanhas da loucura cujas encostas mais ermas acabavam em um nefando abismo supremo. O fundo de nuvens agitadas e cintilantes trazia mais sugestões inefáveis de um *além* vago e etéreo do que de espaços terrenos; e conjurava pensamentos terríveis sobre a distância, o isolamento, a desolação e a morte que perdura através dos éons no inexplorado e desconhecido mundo antártico.

Foi o jovem Danforth quem chamou a nossa atenção para as curiosas regularidades no alto do panorama montanhoso — regularidades como os fragmentos de cubos perfeitos que Lake havia mencionado e que de fato justificavam a referência às sugestões oníricas de templos primordiais em ruínas no alto dos nebulosos pináculos orientais pintados de maneira tão estranha e sutil por Rerikh. De fato havia algo digno de um Rerikh a assombrar todo aquele continente extraterreno de mistérios montanhosos. Senti-me assim pela primeira vez em outubro, quando avistamos a Terra de Vitória, e naquele instante fui mais uma vez tomado pelo mesmo sentimento. Também fui invadido pela inquietante revelação de semelhanças míticas e arqueanas; de que aquele reino letal correspondia ao infame platô de Leng mencionado nas escrituras primitivas. Os mitólogos associam Leng à Ásia Central; porém a memória racial do homem — ou de seus predecessores — é longa, e pode ser que certas histórias tenham atravessado países e montanhas e templos de horror mais antigos do que a Ásia e mais antigos do que todos os mundos humanos conhecidos. Alguns místicos ousados insinuaram uma origem anterior ao Pleistoceno para os fragmentos dos Manuscritos Pnakóticos, e sugeriram que os devotos de Tsathoggua seriam tão estranhos à humanidade quanto o próprio Tsathoggua. Leng, onde quer que pudesse situar-se no tempo e no espaço, não era uma região da qual eu gostaria de me aproximar; tampouco me agradava a proximidade de um mundo que outrora tivesse engendrado as enigmáticas monstruosidades

arqueanas descritas por Lake. Naquele instante arrependi-me de ter lido o execrando *Necronomicon* e conversado tanto com Wilmarth, o desconcertante folclorista erudito da universidade.

Esse estado de espírito sem dúvida exacerbou a minha reação à bizarra miragem que surgiu ante nossos olhos no zênite opalescente enquanto nos aproximávamos das montanhas e começávamos a discernir as ondulações cumulativas dos sopés. Eu havia presenciado dezenas de miragens polares nas semanas anteriores, muitas das quais me pareceram dotadas de uma vividez tão impressionante e fantástica quanto a ilusão à minha frente; mas esta última tinha uma qualidade completamente nova e obscura de simbolismo ameaçador, e assim estremeci quando o labirinto fremente de muralhas e torres e minaretes fabulosos emergiu dos perturbados vapores gélidos acima das nossas cabeças.

O efeito foi o de uma cidade ciclópica de arquitetura desconhecida ao homem e até mesmo à imaginação humana, com enormes agregações de cantaria negra que corporificavam perversões monstruosas das leis da geometria e atingiam os mais grotescos extremos de uma sinistra bizarria. Havia cones truncados com terraços e sulcos laterais, encimados aqui e acolá por altaneiros cilindros às vezes tumefactos e amiúde colmados por fileiras de estreitos discos protuberantes; e singulares construções planas que se debruçavam para além das beiradas e sugeriam pilhas de incontáveis pranchas retangulares ou lâminas circulares ou estrelas de cinco pontas dispostas de maneira que cada uma avançasse um pouco mais do que a anterior. Havia fusões de cones e pirâmides erguendo-se solitárias ou sobranceando cilindros ou cubos ou cones truncados mais planos e pirâmides, e eventuais coruchéus aciculados dispostos em grupos de cinco. Todas essas estruturas febris pareciam estar amarradas por pontes tubulares que conduziam de uma à outra em diversas alturas vertiginosas, e a escala insinuada pelo todo era opressiva e aterrorizante em virtude do absoluto gigantismo. O tipo genérico de miragem não era muito diferente das formas mais delirantes observadas e desenhadas pelo baleeiro ártico *Scoresby*^[6] em 1820; mas naquela hora e naquele lugar, com os obscuros e desconhecidos picos montanhosos erguendo-se majestosos à nossa frente, a anômala descoberta de um mundo ancestral nos pensamentos e a mortalha de um provável desastre a envolver a maior parte da nossa expedição, parecíamos todos ver na-

quilo a mácula de uma malignidade latente e de um portento infinitamente sinistro.

Senti-me aliviado quando a miragem começou a se dissipar, embora durante o processo os torreões e cones dignos de um pesadelo tenham assumido, por alguns instantes, formas distorcidas de horror ainda maior. Enquanto toda a miragem desfazia-se em turbilhão opalescente, voltamos o olhar mais uma vez em direção ao norte e percebemos que o fim da jornada não estava longe. As montanhas desconhecidas à nossa frente erguiam-se de maneira vertiginosa, como a terrível muralha de gigantes; e as curiosas regularidades impunham-se com uma clareza impressionante mesmo sem o auxílio do binóculo. Neste ponto, sobrevoávamos os sopés mais baixos, e conseguíamos ver, em meio à neve, ao gelo e ao solo exposto do enorme platô alguns pontos mais escuros que acreditarmos ser o equipamento e as escavações de Lake. Os sopés mais altos erguiam-se a uma distância de oito a dez quilômetros adiante e formavam uma cordilheira quase à parte da medonha linha de picos mais altos que o Himalaia um pouco além. Por fim, Ropes — o aluno que havia rendido McTighe no comando — deu início aos procedimentos de aterrissagem fazendo uma curva para a esquerda, em direção ao ponto escuro cujas dimensões indicavam o acampamento. Durante a manobra, McTighe transmitiu a última mensagem não censurada que o mundo receberia da nossa expedição.

Todo mundo pôde ler os breves e insossos boletins enviados durante o resto da nossa estadia na Antártida. Algumas horas após a aterrissagem, enviamos um cauteloso relato da tragédia que encontramos e, muito a contragosto, anunciamos o massacre de toda a equipe de Lake, promovido pelo vento formidável do dia anterior, ou da noite que o precedeu. Onze mortos, e o jovem Gedney desaparecido. O público relevou a ausência de detalhes ao imaginar o choque que esse triste evento deveria ter ocasionado, e acreditou em nós quando dissemos que as mutilações impostas pela ação do vento haviam deixado os corpos em condições impróprias para o transporte. Na verdade, orgulho-me ao ver que, mesmo em meio à tristeza, à confusão absoluta e ao horror que se apoderava da nossa alma, pouco extrapolamos a verdade em relação a qualquer detalhe. A verdadeira importância do ocorrido estava naquilo que

não nos atrevemos a contar — naquilo que sequer agora eu contaria, não fosse a necessidade de alertar outros quanto a terrores inomináveis.

O vento havia de fato promovido uma profunda devastação. A sobrevivência de toda a equipe, mesmo sem levar em conta o resto, seria um tanto incerta. A tempestade, com a fúria das partículas geladas em frenesi, deve ter ultrapassado qualquer outra coisa encontrada pela expedição até aquele ponto. O abrigo de um dos aviões — e todos foram encontrados em condições precárias — estava quase pulverizado; e a torre de perfuração distante estava reduzida a destroços. O metal exposto dos aviões e perfuratrizes em terra fora polido pelas vergastadas do vento, e duas das barracas menores haviam cedido apesar do reforço de neve. As superfícies de madeira expostas às rajadas estavam riscadas e com a tinta arrancada, e todos os rastros na neve haviam sido obliterados. Também é verdade que nenhum dos espécimes biológicos arqueanos encontrados apresentava condições de ser transportado por inteiro. Coletamos alguns minerais de uma enorme pilha desabada, dentre os quais vários fragmentos da pedra-sabão esverdeada com estranhos contornos de cinco pontas e tênues marcas de pontos agrupados que havia motivado tantas comparações incertas; e alguns fósseis, dentre os quais os ossos mais comuns dos espécimes curiosamente danificados.

Nenhum dos cães sobreviveu, pois o canil de neve construído às pressas nos arredores do acampamento desabou quase por completo. O vento poderia ter feito aquilo, embora o maior estrago no lado voltado para o acampamento, que não era de onde as rajadas haviam soprado, possa indicar uma agitação intensa ou uma tentativa de fuga por parte dos próprios animais. Todos os três trenós haviam desaparecido, e tentamos dizer a nós mesmos que o vento poderia tê-los soprado rumo ao desconhecido. O equipamento de perfuração e derretimento havia sofrido estragos graves demais para justificar qualquer tentativa de salvá-los, e assim os usamos para fechar o inquietante portal de acesso ao passado aberto por Lake. Da mesma forma, deixamos no acampamento os dois aviões mais avariados; pois a equipe restante tinha apenas quatro pilotos ao todo — Sherman, Danforth, McTighe e Ropes —, embora Danforth estivesse com os nervos abalados demais para pilotar. Recuperamos todos os livros, equipamentos científicos e outros objetos que pudemos

encontrar, embora o vento houvesse levado muita coisa. As barracas sobressalentes e as peles estavam desaparecidas ou muito estragadas.

Foi por volta das 16h, depois que uma ampla busca aérea levou-nos a dar Gedney por perdido, que enviamos a nossa cautelosa mensagem para que o *Arkham* a retransmitisse; e acho que fizemos bem ao tratar do assunto em termos vagos e casuais. O máximo que dissemos sobre tumultos referia-se aos nossos cães, que demonstravam uma inquietação frenética perto dos espécimes biológicos, conforme o relato do pobre Lake levaria a esperar. Acho que não mencionamos as mostras dessa mesma inquietação que deram ao farejar as estranhas pedras-sabão esverdeadas e certos outros objetos na região devastada; objetos estes que incluíam instrumentos científicos, aviões e máquinas, no acampamento e no local da perfuração, cujas partes haviam sido afrouxadas, movidas ou de alguma outra maneira alteradas por ventos sem dúvida imbuídos de curiosidade e ímpeto sem iguais.

Quanto aos catorze espécimes biológicos, fomos um tanto vagos. Dissemos que os remanescentes estavam todos danificados, porém mesmo assim eram suficientes para provar a descrição espantosamente precisa de Lake. Foi difícil manter as nossas emoções pessoais à parte — e não mencionamos números nem explicamos como havíamos encontrado as vítimas. Neste ponto havíamos combinado de não fazer nenhuma transmissão que sugerisse loucura da parte dos homens de Lake, embora parecesse loucura encontrar seis monstruosidades imperfeitas enterradas de pé com todo o cuidado em sepulturas nevadas de três metros de profundidade e cobertas por montes de cinco pontas com grupos de pontos dispostos exatamente como aqueles nas estranhas pedras-sabão esverdeadas do período Terciário ou Mesozoico. Os oito espécimes intactos mencionados por Lake pareciam ter sido levados pelo vento.

Também tomamos muito cuidado para não transtornar a paz de espírito do público; assim, Danforth e eu falamos pouco sobre a nossa pavorosa viagem às montanhas no dia seguinte. Foi a circunstância de que apenas um avião extremamente leve poderia atravessar uma cordilheira daquela altura que por sorte limitou a tripulação no voo de reconhecimento a nós dois. Quando retornamos à 1h, Danforth estava à beira da histeria, porém manteve uma expressão admiravelmente serena. Não tive dificuldade em convencê-lo a não mostrar os nossos esboços e as de-

mais coisas que trazíamos nos bolsos, não contar aos outros nada além do que havíamos combinado de transmitir para o mundo exterior e esconder os filmes fotográficos para que nós os revelássemos em segredo mais tarde; de modo que parte da minha história será novidade não apenas para o público em geral, mas também para Pabodie, McTighe, Ropes, Sherman e os outros. De fato, Danforth sabe guardar segredos melhor do que eu; pois viu — ou imaginou ter visto — algo que se recusa a contar até mesmo para mim.

Como todos sabem, nosso boletim trouxe a história de uma subida árdua; a confirmação da teoria de Lake segundo a qual os grandes picos seriam compostos de ardósia arqueana e de outras dobras geológicas primordiais que não haviam sofrido mutações pelo menos desde a metade do Comancheano; um comentário enfadonho sobre a regularidade das formações cúbicas e das muralhas; a descoberta de que a boca das cavernas indicava veios calcários erodidos; a conjectura de que certas encostas e desfiladeiros talvez permitissem a travessia de toda a cordilheira por montanhistas veteranos; e uma observação de que no outro lado da misteriosa cordilheira encontra-se um imenso e sobranceiro superplatô tão antigo e imutável quanto as próprias montanhas — com seis mil metros de elevação e grotescas formações rochosas que se projetam através de uma fina camada de gelo e com baixos sopés graduais entre a superfície geral do platô e os precipícios íngremes dos mais altos picos.

Todos os dados apresentados eram verdadeiros e bastaram para satisfazer os homens no acampamento. Atribuímos a nossa ausência de dezesseis horas — um tempo mais longo do que o voo, a aterrissagem, o reconhecimento e a coleta de espécimes minerais exigia — a um longo período de condições climáticas adversas; e contamos a verdade sobre a aterrissagem nos sopés mais distantes. Por sorte a nossa história soou realística e prosaica o suficiente para não incitar o restante da equipe a repetir o voo. Se alguém houvesse tentado, eu precisaria recorrer a toda a minha persuasão para impedir — e não sei o que Danforth teria feito. Durante a nossa ausência, Pabodie, Sherman, Ropes, McTighe e Williamson trabalharam como castores nos dois aviões em melhor estado, preparando-os para voar mais uma vez apesar da inexplicável pane nos mecanismos.

Decidimos carregar todos os aviões na manhã seguinte e voltar para a antiga base o mais depressa possível. Embora indireta, essa ainda era a forma mais segura de chegar ao Estreito de McMurdo; pois um voo em linha reta através das mais desconhecidas infinitudes de um continente entregue à morte através dos éons traria inúmeros riscos adicionais. Não poderíamos continuar a exploração após a nossa trágica perda e a ruína do equipamento de perfuração; e as dúvidas e os horrores que nos circundavam — e que não ousávamos revelar — infundiam-nos o desejo de escapar daquele mundo de desolação austral e loucura iminente assim que tivéssemos a chance.

Como o público bem sabe, nosso retorno ao mundo não incluiu mais desastres. Todos os aviões chegaram à antiga base na noite do dia seguinte — 27 de janeiro — após um voo sem escalas em alta velocidade; e no dia 28 chegamos ao Estreito de McMurdo em duas etapas, com uma única escala muito breve por conta de um defeito no aerofólio ocasionado pela fúria do vento enquanto sobrevoávamos a barreira de gelo além do grande platô. Passados mais cinco dias o *Arkham* e o *Miskatonic*, com toda a tripulação e todo o equipamento a bordo, afastou-se do gelo cada vez mais espesso e avançou até o Mar de Ross com as zombeteiras montanhas da Terra de Vitória assomando no ocidente com o perturbado céu antártico ao fundo e transformando os uivos do vento em assovios musicais que me enregelaram os ossos. Menos de duas semanas mais tarde deixamos para trás o último resquício de território polar e demos graças aos céus por estarmos longe de um reino assombrado e amaldiçoado onde a vida e a morte, o espaço e o tempo fizeram alianças negras e blasfemas nas épocas desconhecidas desde que a matéria borbulhou e efervesceu pela primeira vez na crosta recém-resfriada.

Desde o nosso retorno, trabalhamos sem descanso para desencorajar as explorações antárticas, e mantivemos certas incertezas e palpites em segredo com impressionante unidade e lealdade. Nem mesmo o jovem Danforth, que sofreu um colapso nervoso, revelou coisa alguma para os médicos — de fato, como eu já afirmei, Danforth imagina ter visto algo que se recusa a contar até mesmo para mim, embora eu ache que o desafo poderia fazer bem a seu estado mental. Talvez assim pudesse explicar e aliviar certas angústias, embora talvez a visão não tenha passado de um delírio provocado por um choque anterior. Esta é a impressão que

tenho após os raros momentos de irresponsabilidade em que sussurra coisas desconexas para mim — coisas que repudia com veemência assim que se recompõe.

Será um trabalho árduo manter outras expedições longe do interminável sul congelado, e alguns de nossos esforços podem trazer prejuízos diretos à nossa causa se despertarem atenção indevida. Desde o início deveríamos ter pensado que a curiosidade humana é perene, e que os resultados anunciados pela nossa expedição seriam capazes de lançar outros aventureiros na antiga busca ao desconhecido. Os relatórios sobre as monstruosidades biológicas enviados por Lake acirraram os ânimos de naturalistas e paleontólogos; no entanto, fomos sensatos o bastante para não mostrar as partes que retiramos dos espécimes enterrados nem as fotografias dos espécimes nas condições em que os encontramos. Também nos furtamos a mostrar os mais enigmáticos dentre os ossos com cicatrizes e as pedras-sabão esverdeadas; enquanto Danforth e eu nos encarregamos de ocultar as fotografias e esboços feitos no superplato no outro extremo da cordilheira, bem como as coisas amassadas que alisamos, examinamos em profundo terror e trouxemos de volta em nossos bolsos. Mas agora a expedição Starkweather-Moore está se mobilizando com uma organização muito superior à da nossa equipe. Se não forem dissuadidos, chegarão ao núcleo mais profundo da Antártida para derreter o gelo e perfurar o solo e acabarão libertando aquilo que pode ser o fim do mundo que conhecemos. Assim, vejo-me enfim obrigado a quebrar o silêncio — até mesmo em relação àquela coisa suprema e inominável para além das montanhas da loucura.

IV

É apenas tomado por hesitação e repugnância enormes que permito à lembrança voltar ao acampamento de Lake e ao que de fato encontramos por lá — e também àquela outra coisa para além da terrível parede montanhosa. Sinto-me constantemente tentado a pular os detalhes e oferecer apenas insinuações em vez de fatos concretos e deduções inelutáveis. Assim, espero que me seja lícito passar depressa pelo restante; o restante que diz respeito ao horror no acampamento. Falei sobre o ter-

reno devastado pelo vento, os abrigos danificados, o maquinário fora de lugar, as várias perturbações dos cães, os trenós sumidos e outros itens desaparecidos, as mortes de homens e cães, o sumiço de Gedney e os seis espécimes biológicos enterrados de maneira insana, com texturas estranhamente intactas apesar de todos os danos estruturais, vindos de um mundo sepulto há quarenta milhões de anos. Não lembro se mencionei que, ao descobrir os corpos dos cães, percebemos que um estava faltando. Não pensamos muito sobre o assunto até mais tarde — e, a bem dizer, só eu e Danforth pensamos.

As coisas que venho guardando para mim dizem respeito aos corpos e a certos detalhes sutis que podem ou não conferir uma lógica incrível e horrenda ao caos aparente. Na época, tentei evitar que os homens pensassem sobre os detalhes; pois seria muito mais simples — muito mais normal — atribuir tudo a um surto de loucura da parte de alguns homens na equipe de Lake. A dizer pelo que encontramos, o demoníaco vento da montanha deve ter sido suficiente para levar qualquer um à loucura no centro de todo o mistério e de toda a desolação da Terra.

O que coroava a anormalidade da situação, no entanto, era o estado dos corpos — de homens e cães. Todos haviam tomado parte em algum terrível conflito, e estavam esquartejados e mutilados de maneira absolutamente inexplicável e demoníaca. As mortes, até onde pudemos determinar, haviam decorrido em função de estrangulamento ou laceração. Os cães sem dúvida haviam começado a escaramuça, pois o estado do precário canil dava indícios de um arrombamento a partir de dentro. A instalação fora construída a uma certa distância do acampamento por conta do ódio que os animais sentiam pelos infernais organismos arqueanos, mas o cuidado parecia ter sido em vão. Vendo-se abandonados em meio à ventania monstruosa e protegidos apenas por frágeis paredes de altura insuficiente, os cães devem ter corrido em pânico — não sabemos se por causa do próprio vento ou de algum outro odor sutil exalado pelos espécimes saídos de um pesadelo. Os espécimes, claro, estavam protegidos sob a lona de uma barraca; mas o baixo sol antártico havia batido na lona por muito tempo, e Lake tinha dito que o calor fazia com que os tecidos estranhamente intactos e resistentes das criaturas relaxassem e se expandissem. Talvez o vento tenha arrancado a lona protetora e

arrastado as criaturas, assim tornando manifestas suas qualidades olfatórias mais pungentes, apesar da incrível antiguidade a que remontavam.

O que quer que tenha sido, no entanto, foi algo horrendo e repugnante. Talvez seja melhor deixar as reservas de lado e narrar o pior de uma vez por todas — embora acompanhado de uma opinião categórica, baseada em observações de primeira mão e nas mais rígidas deduções minhas e de Danforth, segundo a qual o desaparecido Gedney não era de forma alguma responsável pelos horrores que encontramos. Eu afirmei que os corpos haviam sofrido mutilações terríveis. Devo agora acrescentar que alguns haviam sofrido incisões e subtrações estranhas e desumanas, feitas a sangue-frio. O mesmo sucedeu aos cães e aos homens. Os corpos mais saudáveis e mais gordos, fossem bípedes ou quadrúpedes, tiveram os tecidos mais sólidos removidos como que por um hábil açougueiro; e os contornos das incisões vinham salpicados com o sal retirado das provisões saqueadas nos aviões — o que conjurava as mais horrendas associações. A coisa havia se passado em um dos rústicos abrigos para os aviões de onde a aeronave fora arrastada, e os ventos subsequentes apagaram todos os rastros capazes de fornecer uma teoria plausível. Retalhos, arrancados das roupas das vítimas humanas, não ofereciam nenhuma pista. Seria inútil mencionar a impressão sutil de certos rastros tênues em um canto protegido do abrigo em ruínas — porque esta impressão não dizia respeito a pegadas humanas, mas estava claramente misturada aos comentários sobre rastros fósseis que o pobre Lake vinha fazendo nas semanas anteriores. Era preciso tomar cuidado com a própria imaginação ao pé daquelas sobranceiras montanhas da loucura.

Conforme eu expliquei, Gedney e um dos cães haviam desaparecido. Quando chegamos ao terrível abrigo, demos falta de dois cães e dois homens; mas a barraca de dissecação relativamente intacta onde entramos depois de investigar as monstruosas sepulturas tinha algo mais a nos revelar. A barraca não estava nas condições em que Lake a havia deixado, uma vez que as partes cobertas da monstruosidade primordial não estavam na mesa improvisada. De fato, já havíamos percebido que uma das seis coisas imperfeitas e enterradas de maneira insana — a que exalava um odor particularmente odioso — deveria corresponder às partes reunidas da entidade que Lake havia tentado analisar. Em cima e ao redor

da mesa havia outras coisas espalhadas, e não demoramos até perceber que eram as partes resultantes da cuidadosa — embora estranha e canhestra — dissecação de um homem e de um cão. Preservarei os sentimentos dos sobreviventes omitindo a identidade do homem. Os instrumentos anatômicos de Lake tinham desaparecido, mas descobrimos indícios de que haviam sido limpos. O fogão a gasolina também havia sumido, mas ao redor do lugar onde tinha estado encontramos uma grande quantidade de fósforos descartados. Enterramos os restos humanos ao lado dos outros dez homens, e os restos caninos junto com os outros 35 cães. Quanto às estranhas manchas na mesa do laboratório e à mixórdia de livros ilustrados manuseados com desleixo e espalhados ao redor, estávamos confusos demais para fazer qualquer especulação.

Estes foram os principais horrores do acampamento, mas outras coisas pareciam igualmente enigmáticas. O desaparecimento de Gedney, do cão, dos oito espécimes intactos, dos três trenós e de certos instrumentos, de livros técnicos e científicos ilustrados, materiais de escrita, lanternas elétricas e baterias, mantimentos e combustível, aquecedores, baracas sobressalentes, casacos de pele e outros itens estava muito além de qualquer conjectura razoável; assim como os borrões de tinta em certos pedaços de papel e as curiosas evidências de manuseio e experimentação inexplicáveis ao redor dos aviões e de todos os demais equipamentos mecânicos no acampamento e no local da perfuração. Os cães pareciam abominar o maquinário desordenado. Havia também a bagunça na despensa, o desaparecimento de certos mantimentos e o cômico amontoado de latas, abertas das maneiras mais inusitadas e nos lugares mais improváveis. A profusão de fósforos intactos, quebrados ou queimados constituía outro enigma menor; assim como as duas ou três lonas e casacos de pele que encontramos no chão com cortes peculiares e inesperados, possivelmente resultantes de esforços canhestros para adaptá-los a formas inimagináveis. O descaso com os corpos humanos e caninos e o insano sepultamento dos espécimes arqueanos danificados estavam todos de alguma forma ligados à essa aparente loucura destruidora. Para uma eventualidade como a presente, tivemos o cuidado de fotografar todas as principais evidências da insana desordem que encontramos no acampamento; e usaremos as fotografias para reforçar nossos apelos contra a partida da Expedição Starkweather-Moore.

Nossa primeira providência depois de encontrar os corpos no abrigo foi fotografar e abrir a fileira de sepulturas insanas com os montes de neve de cinco pontas. Não pudemos deixar de perceber a semelhança entre os pavorosos montes com grupos de pontos e a descrição que o pobre Lake fizera das estranhas pedras-sabão esverdeadas; e quando encontramos as pedras na grande pilha mineral vimos que a semelhança era de fato muito estreita. Note-se que o contorno geral parecia sugerir de maneira abominável a cabeça de estrela-do-mar observada nas entidades arqueanas; e concordamos que a sugestão deve ter exercido uma forte influência sobre as mentes fragilizadas da abalada equipe de Lake. Nosso primeiro vislumbre das entidades sepultadas foi um instante terrível que remeteu os meus pensamentos — bem como os de Pabodie — de volta a alguns dos chocantes mitos primordiais que havíamos lido e escutado. Todos concordamos que a simples visão e a presença contínua daquelas coisas — junto com a opressiva solidão polar e o demoníaco vento da montanha — deve ter contribuído para levar a equipe de Lake à loucura.

Pois a loucura — centrada em Gedney, por ser o único possível sobrevivente — foi a única explicação oferecida de maneira espontânea por todos os que se pronunciaram; embora eu não seja ingênuo a ponto de negar que todos possam ter nutrido suspeitas fantásticas que a sanidade impediu de formar-se por completo. Sherman, Pabodie e McTighe fizeram um voo abrangente por todo o território próximo à tarde, varrendo o horizonte com binóculos em busca de Gedney e dos objetos desaparecidos; porém nada foi encontrado. A equipe relatou que a titânica barreira da cordilheira estendia-se até onde a vista alcançava para ambos os lados, sem nenhuma diminuição na altura ou na estrutura essencial. Em alguns dos cumes, no entanto, os cubos regulares e muralhas pareciam ainda mais marcantes e mais simples; e apresentavam semelhanças fantásticas às ruínas de montanhas asiáticas pintadas por Rerikh. A distribuição das enigmáticas bocas de caverna nos pináculos de rocha nua parecia mais ou menos regular até onde se podia ver a cordilheira.

Apesar de todos os horrores predominantes, ainda dispúnhamos de fervor científico e espírito de aventura suficientes para indagar-nos a respeito do reino desconhecido além daquelas misteriosas montanhas.

Segundo os nossos cautelosos relatos, fomos descansar à meia-noite após o nosso dia de terror e perplexidade; mas não sem esboçar o plano de um ou mais voos de altitude para atravessar a cordilheira em um avião leve equipado com uma câmera aérea e instrumentos geológicos a partir da manhã seguinte. Ficou decidido que Danforth e eu faríamos o primeiro, e acordamos às 7h prontos para o voo; mas os fortes ventos — mencionados no rápido boletim que enviamos ao mundo exterior — atrasaram nossa decolagem quase até as nove horas.

Já tive ocasião de repetir a história vaga que contamos aos homens no acampamento — e que retransmitimos ao mundo exterior — após o nosso retorno, dezesseis horas mais tarde. Agora tenho o terrível dever de expandir esse relato completando as piedosas lacunas com pistas do que realmente vimos no oculto mundo tramontano — pistas das revelações que enfim levaram Danforth a um colapso nervoso. Como eu queria convencê-lo a dizer uma palavra franca a respeito da coisa que imagina ter visto — ainda que não passe de ilusão nervosa — e que talvez tenha sido a gota d'água; mas Danforth recusa-se terminantemente. Tudo o que posso fazer é repetir os sussurros desconexos que ouvi a respeito daquilo que o pôs a gritar enquanto o avião cruzava os céus em meio ao desfiladeiro torturado pelo vento após o choque real e tangível do qual partilhei. Eis o meu último apelo. Se os indícios evidentes quanto à sobrevivência de horrores ancestrais que ora revelo não forem suficientes para evitar que outros se envolvam na exploração profunda da Antártida — ou ao menos impedi-los de penetrar muito fundo na superfície do supremo deserto glacial de segredos proibidos e desolação amaldiçoada pelos éons — a responsabilidade por males inomináveis e talvez imensuráveis não será minha.

Danforth e eu, depois de estudar as anotações feitas por Pabodie no voo à tarde e de conferir as medições com um sextante, calculamos que o desfiladeiro mais baixo por onde poderíamos passar ficava um pouco à direita, era visível a partir do acampamento e ficava entre 7.000 e 7.300 metros acima do nível do mar. Foi rumo a esse ponto que decolamos em nosso voo exploratório. O acampamento, localizado em sopés que se erguiam em um elevado platô continental, estava a cerca de 3.600 metros de altitude; de modo que o aumento real na altitude não era tão grande quanto talvez pareça. Não obstante, estávamos perfeitamente conscien-

tes do ar rarefeito e do frio intenso à medida que subíamos; pois, em virtude das condições de visibilidade, fomos obrigados a deixar as janelas da cabine abertas. Todos vestíamos as nossas peles mais pesadas.

Enquanto nos aproximávamos dos formidáveis picos, que pairavam obscuros e sinistros acima da linha de neve cortada por uma fenda e por geleiras intersticiais, percebíamos cada vez melhor as formações regulares que se agarravam às encostas; e mais uma vez pensamos nas estranhas pinturas asiáticas de Nikolai Rerikh. Os primitivos estratos rochosos desgastados pelo tempo corroboravam todos os relatórios enviados por Lake e provavam que aqueles pináculos nevados vinham dominando o panorama desde uma época surpreendentemente antiga na história da Terra — talvez por mais de cinquenta milhões de anos. Seria inútil tentar adivinhar o quão mais altos poderiam ter sido outrora; porém tudo naquela estranha região sugeria influências atmosféricas obscuras, desfavoráveis à mudança e calculadas para retardar o processo climático habitual de erosão rochosa.

No entanto, foi a profusão de cubos regulares, muralhas e bocas de caverna nas encostas o que mais nos fascinou e perturbou. Estudei-os com um binóculo e tirei várias fotografias aéreas enquanto Danforth pilotava; e por vezes eu o rendia nos controles — embora os meus conhecimentos de aviação fossem um tanto amadores — a fim de permitir que usasse o binóculo. Não tivemos dificuldade para ver que boa parte do material que compunha aquelas coisas era um quartzito arqueano de coloração clara, diferente de todas as outras formações visíveis na superfície ao redor; nem que aquela regularidade era extrema e espantosa em um grau que o pobre Lake mal havia conseguido sugerir.

Conforme havia nos dito, as extremidades haviam sofrido desabamentos e desgastes ao longo de incontáveis éons de exposição às intempéries; mas a robustez e a dureza sobrenaturais do material haviam-nas salvado da obliteração. Muitas partes, em especial aquelas mais próximas das encostas, pareciam feitas da mesma substância que compunha a superfície rochosa ao redor. O arranjo geral lembrava as ruínas de Machu Picchu, nos Andes, e as muralhas ancestrais de Kish, escavadas por uma expedição conjunta do Museu Field e da Universidade de Oxford em 1929; e tanto Danforth como eu em certos momentos tínhamos a mesma impressão de *blocos ciclópicos separados* que Lake tinha atribuí-

do a Carroll, que o acompanhou durante o voo. Como explicar a existência daquelas coisas naquele lugar estava francamente além das minhas capacidades, e como geólogo senti que eu havia aprendido uma lição de humildade. Formações ígneas muitas vezes apresentam estranhas irregularidades — como a famosa Calçada dos Gigantes na Irlanda —, mas aquela cordilheira estupenda, apesar das suspeitas iniciais de Lake em relação a cones fumegantes, era sem dúvida de origem não vulcânica na estrutura visível.

As curiosas bocas das cavernas, ao redor das quais a concentração de estranhas formações parecia mais abundante, traziam mais um enigma — ainda que um enigma menor — em virtude da regularidade dos contornos. Muitas vezes, conforme Lake havia informado no relatório, apresentavam um formato quadrado ou semicircular; como se os orifícios naturais tivessem sido trabalhados de maneira a atingir um maior grau de simetria por mãos envoltas em mistério. A quantidade e a ampla distribuição das formações eram muito impressionantes, e sugeriam que toda a região fosse perpassada por galerias subterrâneas resultantes da dissolução do estrato calcário. Os vislumbres que tivemos não penetravam muito fundo, mas pudemos ver que as cavernas não apresentavam estalactites ou estalagmites. As encostas na proximidade imediata das aberturas pareciam invariavelmente lisas e regulares; e Danforth achou que as fissuras e lascas impostas pelo clima formavam desenhos um tanto singulares. Impressionado como estava pelos horrores e estranhezas que havíamos descoberto no acampamento, sugeriu que as lascas apresentavam uma vaga semelhança com os inexplicáveis grupos de pontos salpicados nas ancestrais pedras-sabão esverdeadas e replicados de maneira pavorosa nos montes de neve nascidos da loucura e erguidos sobre as seis monstruosidades enterradas.

Ganhamos altitude ao voar por cima dos sopés mais altos e em direção ao desfiladeiro relativamente baixo que havíamos escolhido. À medida que avançávamos, dirigimos o olhar para baixo em direção à neve e ao gelo que cobriam a rota por terra, imaginando se poderíamos ter nos lançado à empreitada com o equipamento mais simples de outras épocas. Para nossa relativa surpresa, percebemos que o terreno era muito menos acidentado do que se poderia esperar; e que, apesar das fendas e de outros pontos difíceis, não poderia deter os trenós de um Scott, de

um Shackleton ou de um Amundsen. Algumas das geleiras pareciam conduzir a desfiladeiros expostos ao vento por um tempo incomum, e quando chegamos ao desfiladeiro escolhido descobrimos que não era exceção.

Nossos sentimentos de expectativa enquanto nos preparávamos para dar a volta na crista e vislumbrar um mundo inexplorado mal se deixam escrever no papel, embora não tivéssemos motivo para suspeitar que as regiões para além da cordilheira fossem diferentes daquelas já vistas e atravessadas. O toque de mistério perverso na barreira de montanhas e no convidativo mar de céu opalescente vislumbrado por entre os cumes era um assunto demasiado sutil e tênue para ser descrito em palavras. Antes, pareciam repletos de vago simbolismo psicológico e indefiníveis associações estéticas — algo relacionado a poesias e pinturas exóticas, e a mitos arcaicos à espreita em tomos proibidos e execrandos. Até mesmo o vento carregava um traço peculiar de malignidade consciente; e por um instante tive a impressão de que o som composto incluía um bizarro uivo ou assovio musical com notas em várias frequências enquanto a rajada soprava para dentro e para fora das onipresentes e ressonantes cavernas. Havia uma sugestão difusa de repulsa remanescente nesse som, tão complexa e inefável quanto qualquer outra dessas impressões sombrias.

Nesse ponto, após uma ascensão gradual, o aneroide marcava uma altitude de 7.185 metros; e havíamos deixado a região de neves perenes muito abaixo de nós. No alto havia apenas encostas escuras e nuas e o princípio de geleiras irregulares — porém com aqueles cubos, muralhas e cavernas insinuantes a acrescentar um portento sobrenatural, onírico e fantástico. Ao olhar para a cordilheira de pináculos sobranceiros, imaginei ter visto aquele mencionado pelo pobre Lake, com uma muralha exatamente no cume. A montanha parecia estar perdida nos meandros de uma estranha névoa antártica; uma névoa, talvez, como aquela responsável por sugerir a Lake a presença de vulcões. O desfiladeiro assomou à nossa frente, liso e açotado pelo vento em meio a ásperas e malignas colunatas. Mais além se estendia um céu ataviado com vapores rodopiantes e iluminado pelo baixo sol polar — o céu daquele reino longínquo jamais observado por olhos humanos.

Mais alguns metros de altitude e poderíamos contemplar aquele reino. Danforth e eu, incapazes de falar a não ser gritando em meio aos uivos e assovios do vento que varava o desfiladeiro e somava-se ao rumor dos motores, trocávamos olhares um tanto eloquentes. Então, depois de subir mais alguns metros, enfim olhamos para o outro lado da divisão rumo aos segredos insondados de uma Terra primitiva de estranheza absoluta.

V

Recordo que nós dois gritamos ao mesmo tempo em um misto de espanto, surpresa, terror e descrença em nossos próprios sentidos quando finalmente atravessamos o desfiladeiro e vimos o que se escondia do outro lado. Para mim parece claro que devemos ter criado alguma teoria natural em nosso subconsciente a fim de preparar nossas faculdades para aquele momento. Provavelmente imaginamos coisas como as grotescas pedras castigadas pelas intempéries no Jardim dos Deuses no Colorado, ou nas fantásticas rochas simétricas escavadas pelo vento no deserto do Arizona. Talvez tenhamos até mesmo cogitado avistar uma miragem como a que tínhamos encontrado na manhã anterior ao nos aproximar daquelas montanhas da loucura. O fato é que devemos ter recorrido a alguma explicação racional quando nossos olhos varreram o interminável platô vergastado pelas tempestades e captaram o labirinto quase infinito de rochas colossais, regulares e geometricamente eurrítmicas que erguiam as cristas desabadas e lascadas acima de uma camada glacial que não passava de doze ou quinze metros nas partes mais espessas, ainda que em outros pontos fosse visivelmente mais fina.

O efeito da visão monstruosa foi indescritível, pois alguma violação demoníaca das leis naturais parecia certa desde o princípio. Em um platô de antiguidade infernal, a 6 mil metros de altitude, exposto a condições climáticas fatais desde uma época pré-humana ocorrida a não menos de 500 mil anos atrás, estendia-se quase até os limites da visão um emaranhado de pedras ordenadas que apenas o desespero da razão ameaçada poderia atribuir a qualquer causa que não fosse consciente e artificial. Havíamos descartado, por força do pensamento científico, qualquer te-

oria em que os cubos e muralhas não figurassem como resultado de processos naturais. Como poderia ser de outra forma, uma vez que a humanidade mal se diferenciava dos grandes símios na época em que a região sucumbiu ao atual reinado da perene morte glacial?

No entanto, o ímpeto da razão parecia abalado de maneira irremediável, pois o labirinto ciclópico de blocos cúbicos, curvos e angulosos era dotado de características que afastavam toda a possibilidade de refúgio. Aquela sem dúvida alguma era a cidade blasfema vislumbrada na miragem, porém em uma realidade crua, objetiva e inelutável. O portento, afinal, tinha uma base física — havia um estrato horizontal de cristais de gelo em suspensão, e a surpreendente remanescência da pedra havia projetado a própria imagem até o outro lado das montanhas de acordo com as simples leis da reflexão. Esse vulto havia sofrido distorções e exageros, e apresentava características ausentes na fonte; mas naquele instante, quando nos defrontamos com a fonte, pensamos que era ainda mais horrenda e ameaçadora do que a imagem distante que havia projetado.

Apenas o incrível e sobrenatural volume das colossais torres e muralhas de pedra havia protegido aquela monstruosidade da aniquilação completa nas centenas de milhares — talvez milhões — de anos passados em meio às rajadas de um rochedo inóspito. “*Corona Mundi...* Pinnacle do mundo...” Toda sorte de epítetos fantásticos surgiam em nossos lábios enquanto, tomados pela vertigem, olhávamos para baixo em direção ao inacreditável espetáculo. Mais uma vez pensei nos quiméricos mitos primordiais que haviam me assombrado com tanta persistência desde o primeiro vislumbre da morte no mundo antártico — no demoníaco platô de Leng, nos Mi-Go, ou Abomináveis Homens das Neves dos Himalaias, nos Manuscritos Pnakóticos repletos de insinuações pré-humanas, no culto a Cthulhu, no *Necronomicon* e nas lendas hiperbóreas do amorfo Tsathoggua e das crias estelares ainda mais temíveis associadas e esta semientidade.

A coisa estendia-se por quilômetros incontáveis em todas as direções e apresentava variações de espessura quase desprezíveis; a bem dizer, enquanto nossos olhares seguiam-na para a direita e para a esquerda junto à base dos sopés graduais que a separavam da base da montanha em si, chegamos à conclusão de que não enxergávamos variação alguma a não ser por uma pequena interrupção à esquerda do desfiladeiro por onde

havíamos chegado. Havíamos chegado, graças ao mais puro acaso, a uma parte limitada de um todo com extensão incalculável. Os sopés apresentavam um número menor das grotescas estruturas de pedra, o que estabelecia uma ligação entre a terrível cidade e os familiares cubos e muralhas que sem dúvida formavam postos avançados da montanha. Estas últimas, bem como a boca das cavernas, eram tão abundantes no interior como no exterior das montanhas.

O inominável labirinto de pedra consistia, na maior parte, de muralhas de gelo cristalino de 3 a 45 metros de altura e um metro e meio a três metros de espessura. As muralhas eram compostas por prodigiosos blocos de ardósia negra primordial, xisto e arenito — alguns blocos chegavam a medir $1,2 \times 1,8 \times 2,4$ metros —, embora em muitos pontos fossem escavadas em um leito sólido e irregular de ardósia pré-cambriana. As construções apresentavam dimensões um tanto desiguais; havia inúmeras galerias de grande extensão bem como estruturas menores e independentes. As formas predominantes eram cones, pirâmides e terraços; embora também houvesse cilindros perfeitos, cubos perfeitos e outras formas retangulares, e uma singular distribuição de edifícios com um plano horizontal de cinco pontas que sugeria de maneira rústica as fortificações modernas. Os construtores haviam feito uso hábil e constante do princípio do arco, e no esplendor de outrora talvez houvesse cúpulas na cidade.

Todo o emaranhado sofrera os estragos monstruosos causados pelas intempéries, e a superfície glacial de onde as torres erguiam-se estava repleta de blocos desabados e ruínas imemoriais. Nos pontos em que a glaciação era transparente, pudemos ver as partes mais baixas de pilhas gigantes, e notamos pontes de cantaria preservadas no gelo que ligavam diferentes torres em várias alturas diferentes acima do solo. Nas muralhas expostas, pudemos detectar os pontos irregulares onde aquelas pontes e também outras ainda mais altas haviam existido. Um exame mais atento revelou incontáveis janelas; algumas fechadas com venezianas feitas de madeira petrificada, embora muitas outras causassem uma impressão sinistra e ameaçadora quando escancaradas. Muitas das ruínas, é claro, estavam sem o teto e apresentavam extremidades superiores irregulares, ainda que erodidas pelo vento; ao passo que outras, de formato mais acentuadamente cônico ou piramidal, ou ainda protegidas

por estruturas próximas mais altas, mantinham o contorno intacto apesar dos desabamentos e lascas onipresentes. Com o binóculo, conseguimos distinguir o que pareciam ser esculturas decorativas arranjadas em listras horizontais — esculturas que exibiam o curioso grupo de pontos cuja presença nas ancestrais pedras-sabão naquele instante assumiu um significado muito mais profundo.

Em diversos pontos as construções estavam totalmente em ruínas e a camada de gelo profundamente fendida como resultado de vários processos geológicos. Em outros, o trabalho em pedra estava desgastado até o nível da glaciação. Um longo trecho que se estendia desde o interior do platô até uma rachadura junto aos sopés a cerca de um quilômetro e meio à esquerda do desfiladeiro que tínhamos atravessado não apresentava nenhuma construção; e o mais provável, segundo concluímos, seria que representasse o curso de algum grande rio que, no período Terciário — milhões de anos atrás — havia atravessado a cidade em direção a algum prodigioso abismo subterrâneo na barreira das cordilheiras. Sem dúvida era acima de tudo uma região de cavernas, pélagos e mistérios subterrâneos muito além da compreensão humana.

Ao recordar as nossas sensações e lembrar da nossa estupefação ao vislumbrar a monstruosa remanescência de éons que julgávamos ser anteriores à humanidade, espanta-me termos conseguido manter qualquer resquício de equilíbrio. Claro que sabíamos que alguma coisa — a cronologia, a teoria científica ou a nossa própria consciência — estava terrivelmente errada; mas conseguimos manter compostura suficiente para pilotar o avião, observar muitas coisas em detalhe e tirar uma série de fotografias que ainda podem ser muito úteis para nós e para o mundo em geral. No meu caso, os hábitos científicos de longa data podem ter ajudado; pois, acima da perplexidade e da sensação de ameaça, ardia o vivo desejo de compreender melhor aquele segredo ancestral — de saber que criaturas haviam construído e vivido naquele lugar gigantesco, e que relação com o mundo da época ou de outras épocas uma concentração de vidas tão singular poderia ter mantido.

Aquela não era uma cidade comum. Deveria ter sido o núcleo primário e o centro de algum capítulo arcaico e inacreditável da história da Terra, cujas ramificações periféricas, recordadas apenas de maneira nebulosa nos mais obscuros e distorcidos mitos, haviam desaparecido por

completo em meio ao caos das convulsões terrenas muito antes de qualquer raça humana conhecida emergir dos símios. Lá estava uma megalópole paleogênea diante da qual as fabulosas cidades de Atlântida e Lemúria, Commorion e Uzuldaroum e Olathoë no país de Lomar seriam coisas recentes pertencentes ao hoje — sequer ao ontem; uma megalópole que entraria para o rol de blasfêmias pré-humanas mencionadas apenas ao sussurros, tais como Valúsia, R'lyeh, Ib no país de Mnar e a Cidade Sem Nome da Arábia Deserta. Enquanto voávamos acima daquele emaranhado de torres titânicas escavadas em rocha nua, minha imaginação por vezes desvencilhava-se de todas as amarras e perdia-se no reino das associações fantásticas — chegando até mesmo a forjar elos entre o mundo perdido e alguns dos meus sonhos mais desvairados relativos ao horror insano no acampamento.

O tanque de combustível do avião estava cheio apenas em parte a fim de mantê-lo o mais leve possível, e portanto deveríamos ter cautela em nossas explorações. Mesmo assim, percorremos uma vasta extensão de chão — ou, antes, de ar — após descermos até um nível onde os ventos tornaram-se quase irrelevantes. Não parecia haver limite para a cordilheira nem para o comprimento da terrível cidade de pedra que bordejava os sopés interiores. Os oitenta quilômetros de noite em todas as direções não exibiam nenhuma alteração significativa no labirinto de rocha e de cantaria que se erguia como um cadáver através do gelo eterno. Havia, no entanto, certas irregularidades altamente chamativas, tais como os entalhes no cânion onde o largo rio outrora havia cortado os sopés e corrido em direção à foz na Grande Barreira. Os promontórios na entrada do curso d'água haviam sido transformados em colunatas ciclópicas; e algo a respeito do formato de barril ornado com protuberâncias despertou lembranças vagas, confusas e odiosas tanto em Danforth como em mim.

Também nos deparamos com vários espaços abertos em forma de estrela-do-mar — sem dúvida esplanadas públicas; e percebemos diversas ondulações no terreno. Em geral, os pontos onde escarpas íngremes se erguiam haviam sido escavados e transformados em edifícios de pedra; mas havia pelo menos duas exceções. Uma estava muito deteriorada para revelar o que em outras épocas repousava sobre o pináculo, mas a outra ainda ostentava um fantástico monumento cônico escavado na rocha

sólida e vagamente similar àquela que se encontra na famosa Tumba da Serpente no ancestral vale de Petra.

Voando rumo ao interior do continente, descobrimos que a largura da cidade não era infinita, embora o comprimento ao longo dos sopés parecesse interminável. Após cinquenta quilômetros as grotescas construções de pedra começaram a ficar mais escassas, e passados outros dez quilômetros chegamos a uma desolação ininterrupta, sem qualquer vestígio de interferência senciente. O curso do rio para além da cidade parecia marcado por uma larga faixa de superfície afundada, enquanto a terra assumia um caráter mais acidentado e dava a impressão de um suave aclave à medida que sumia nas névoas do ocidente.

Até esse ponto ainda não havíamos feito nenhuma aterrissagem, mas abandonar o platô sem uma tentativa de entrar nas estruturas monstruosas seria inconcebível. Assim, decidimos encontrar um lugar plano nos sopés mais próximos do desfiladeiro, onde aterrissamos e nos preparamos para uma exploração a pé. Embora o suave aclave das encostas estivesse em parte coberto por escombros, um voo em baixa altitude revelou um grande número de possíveis locais para a aterrissagem. Após escolher aquele mais próximo ao desfiladeiro, porquanto no voo seguinte mais uma vez atravessaríamos a cordilheira para retornar ao acampamento, às 12h30 descemos em um campo nevado plano e sólido, sem nenhum obstáculo e muito bem adaptado a uma decolagem suave e favorável mais tarde.

Não pareceu necessário proteger o avião com uma barricada de neve por um tempo tão curto e em um local imune às rajadas de vento; apenas nos certificamos de que os esquis de pouso estivessem bem guardados e que as partes vitais do mecanismo ficassem ao abrigo do frio. Para a jornada a pé, deixamos para trás as peles mais pesadas e levamos conosco um equipamento que consistia de uma bússola portátil, uma câmera fotográfica de mão, provisões leves, volumosos cadernos e papéis, um martelo de geólogo e um cinzel, sacos para a coleta de espécimes, rolos de corda e poderosas lanternas elétricas com baterias sobressalentes; equipamento este colocado no avião para que, se acaso a chance surgisse, pudéssemos fazer uma aterrissagem, tirar fotografias a partir do solo, fazer desenhos e esboços topográficos e obter espécimes de rocha de alguma encosta nua, afloramento ou caverna. Por sorte tínhamos um

suprimento extra de papel que decidimos rasgar, colocar em um saco e usar segundo o antigo princípio da trilha para demarcar a nossa rota em quaisquer labirintos recônditos que pudéssemos explorar. O expediente poderia ser usado caso encontrássemos um sistema de cavernas com correntes de ar suaves o bastante para permitir a adoção de um método mais simples e mais rápido que o método habitual de fazer marcas na rocha durante uma primeira exploração.

Ao avançar pela neve endurecida em direção ao espantoso labirinto de pedra que assomava à nossa frente com os matizes opalinos do ocidente ao fundo, tivemos uma impressão quase tão intensa de estar diante de um portento como a que havíamos sentido ao nos aproximar do desfiladeiro quatro horas atrás. Verdade que havíamos adquirido uma certa familiaridade visual com aquele incrível segredo oculto pela barreira dos pináculos; no entanto, o prospecto de efetivamente transpor as muralhas primordiais erguidas por seres conscientes talvez um milhão de anos atrás — antes de qualquer humanidade conhecida — revestia-se de espanto e de terror latente por força das anomalias cósmicas que sugeria. Embora o ar rarefeito naquela altitude formidável tornasse nosso progresso mais difícil do que o habitual, tanto Danforth como eu resistíamos bem e nos sentíamos à altura de praticamente qualquer obstáculo que pudesse surgir. Foram necessários poucos passos até que nos defrontássemos com uma ruína desgastada até o nível da neve, enquanto cinquenta ou setenta metros adiante havia uma enorme muralha de cinco pontas com o contorno preservado que se erguia a uma altura irregular de cerca de três metros. Dirigimo-nos a essa última; e quando enfim conseguimos tocar nos blocos ciclópicos, sentimos que havíamos estabelecido uma ligação sem precedentes e quase blasfema com éons consignados ao esquecimento e em geral interditos à nossa espécie.

A muralha, que tinha formato de estrela e media talvez 90 metros de ponta a ponta, era construída com blocos irregulares de arenito jurássico com cerca de $1,8 \times 2,4$ metros de superfície. Havia uma fileira de seteiras ou janelas em arco com cerca de 1,2 metro de largura por 1,5 metro de altura dispostas em intervalos regulares ao longo das pontas e ângulos internos da estrela, com a base a cerca de 1,2 metro da superfície congelada. Olhando através das frestas, pudemos ver que a altura total da cantaria era de 1,5 metro, que não existiam partições internas e que

havia resquícios de entalhes ou baixos-relevos nas paredes internas; fatos que já havíamos antecipado no voo rasante por cima daquela muralha e de outras semelhantes. Embora suspeitássemos da existência de níveis mais baixos, todos os resquícios destas coisas encontravam-se totalmente obscurecidos pela profunda camada de neve e de gelo naquele ponto.

Esgueiramo-nos para dentro de uma janela e em vão tentamos decifrar os desenhos quase apagados nas paredes internas, mas não tentamos perturbar o chão congelado. Nossos voos de reconhecimento haviam indicado que muitas construções na cidade poderiam estar menos invadidas pelo gelo e que talvez pudéssemos descobrir interiores desobstruídos que nos levassem ao verdadeiro nível térreo se entrássemos em uma das estruturas que ainda conservavam o telhado. Antes de abandonarmos a muralha tivemos o cuidado de fotografá-la e de estudar, tomados pela mais absoluta perplexidade, o trabalho feito sem argamassa na cantaria ciclópica. Desejamos que Pabodie estivesse conosco, pois graças aos conhecimentos de engenharia poderia ter nos ajudado a entender como aqueles blocos titânicos poderiam ter sido manipulados na época incrivelmente remota em que a cidade fora construída.

A descida de oitocentos metros até a cidade, com o vento uivando uma selvageria inútil em meio aos picos que se alçavam ao céu em segundo plano, ficou para sempre gravada na minha lembrança. Além de mim e de Danforth, qualquer outra pessoa só poderia conceber aqueles fenômenos ópticos em pesadelos fantásticos. Entre nós e os tumultuosos vapores do ocidente estendia-se o monstruoso emaranhado de torres escavadas em pedra negra; as formas incríveis e bizarras impressionavam-nos a cada novo ângulo de visão. Era uma miragem na solidez da pedra, e se não fosse pelas fotografias eu ainda questionaria a existência de tais coisas. O estilo do trabalho em cantaria era idêntico ao da muralha que havíamos examinado; mas as formas extravagantes das construções urbanas transcendem qualquer tentativa de descrição.

As próprias fotografias não ilustram mais do que um ou dois estágios da bizzarria infinita, da variedade infindável, da opulência sobrenatural e do exotismo absolutamente extraterreno. Havia formas geométricas para as quais Euclides mal poderia encontrar um nome — cones irregulares e truncados de todas as maneiras possíveis; terraços com to-

da sorte de desproporções intrigantes; postes com singulares avultamentos bulbosos; colunas partidas dispostas em estranhos grupos; e conjuntos de cinco pontas ou cinco protuberâncias imbuídos de uma insanidade grotesca. Ao chegar mais perto, pudemos ver através de certas partes transparentes da camada de gelo e perceber algumas das pontes de pedra tubulares que ligavam as estruturas em vários níveis. Não parecia haver ruas organizadas, sendo a única estrada larga um trecho aberto a cerca de um quilômetro e meio à esquerda, onde o antigo rio sem dúvida havia atravessado a cidade em direção às montanhas.

Nossos binóculos mostraram que grupos de pontos e listras horizontais de esculturas quase apagadas eram muito frequentes no exterior, e quase pudemos imaginar como seria o aspecto da cidade em épocas passadas — embora a maioria dos telhados e das torres houvesse perecido. O todo formava um complexo emaranhado de ruelas e becos; todos cânions profundos, que em alguns casos mal passavam de túneis devido à cantaria sobranceira e às pontes em arco que os encimavam. Espreada abaixo de nós, a cidade assomou como uma fantasia onírica que tivesse por fundo a névoa do ocidente, através de cuja extremidade setentrional o baixo e rubro sol antártico do início da tarde esforçava-se por refulgir; e quando por um instante o sol encontrava uma obstrução mais densa e por breves instantes mergulhava o cenário em trevas, o efeito era o de uma sutil ameaça que não tenho a pretensão de conseguir representar. Até mesmo os discretos uivos e assovios do vento que não sentíamos nos grandes desfiladeiros montanhosos atrás de nós assumiram uma nota de malignidade ainda mais pungente. O último estágio da nossa descida até a cidade foi excepcionalmente íngreme e abrupto, e um afloramento rochoso no local onde o declive se acentuava levou-nos a pensar que um terraço artificial outrora havia existido naquele ponto. Debaixo da geleira, acreditamos que devia haver um lance de escadas ou algo parecido.

Quando enfim mergulhamos na cidade labiríntica, cambaleando em meio à cantaria desabada e afastando-nos da proximidade opressiva e da altura vertiginosa das onipresentes paredes lascadas e prestes a ruir, nossas sensações mais uma vez acirraram-se a tal ponto que só posso admirar-me com a compostura que conseguimos manter. Danforth estava com os nervos à flor da pele e começou a especular de maneira um tanto

insultuosa a respeito do horror no acampamento — uma atitude que res senti ainda mais porque eu me via obrigado a concordar com certas conclusões que pareciam inevitáveis em face de muitas características inerentes à remanescência daquela antiguidade saída de um pesadelo. As especulações também afetaram o juízo do meu colega; pois a certa altura — no local onde uma ruela tomada por escombros fazia uma curva abrupta — insistiu que havia descoberto indícios de certas marcas no chão que em nada lhe agradavam; enquanto em outros pontos deteve-se a fim de escutar um discreto som imaginário vindo de um ponto indefinível — um assovio musical abafado, segundo disse, não muito diferente do som produzido pelo vento nas cavernas, mas por algum motivo inexplicável ainda mais perturbador. A incessante repetição das *cinco pontas* nas construções circunjacentes e nos poucos arabescos distinguíveis nas paredes parecia carregada de obscuras sugestões sinistras às quais não tínhamos como escapar; e instilavam-nos uma terrível certeza subconsciente relativa às entidades primevas que haviam construído e habitado aquele lugar profano.

Mesmo assim, nosso ímpeto científico e aventureiro não se deu por vencido; e seguimos mecanicamente o plano de coletar espécimes de todos os diferentes tipos de rocha presentes no trabalho em cantaria. Precisávamos de um conjunto abrangente a fim de tirar conclusões precisas em relação à idade do lugar. Nada nas muralhas externas dava a impressão de ser posterior ao Jurássico e ao Comancheano, e em todo o lugar não havia um único fragmento de rocha formada após o Plioceno. Tivemos a certeza absoluta de estar vagando em meio a uma morte que havia reinado por pelo menos 500 mil anos.

Avançávamos por aquele labirinto crepuscular ensombrecido pelas pedras parando a cada abertura para examinar os interiores e buscar possíveis rotas de ingresso. Algumas estavam além do nosso alcance, enquanto outras conduziam a ruínas invadidas pelo gelo tão destelhadas e inóspitas quanto a muralha na encosta. Uma delas, embora espaçosa e convidativa, parecia levar a um abismo sem fundo e sem nenhum meio visível de descida. De vez em quando tínhamos a chance de estudar a madeira petrificada de uma veneziana remanescente e ficávamos impressionados com a fabulosa antiguidade sugerida pela textura ainda visível. Aquelas coisas remontavam a gimnospermas e coníferas do Mesozoico

— em especial a cicadófitas do Cretáceo — e a palmeiras e angiospermas primitivas do período Terciário. Nada mais recente do que o Plioceno pôde ser encontrado. Quanto à disposição das venezianas — cujas extremidades sugeriam a antiga presença de estranhas dobradiças havia muito desaparecidas —, o uso parecia ter sido muito variado; algumas se localizavam no exterior e outras no interior das profundas seteiras. Pareciam estar incrustadas na rocha e assim ter sobrevivido à desintegração dos antigos suportes provavelmente metálicos.

Passado algum tempo chegamos a uma fileira de janelas — nas projeções de um descomunal cone de cinco protuberâncias com o ápice ainda intacto — que levava até um vasto e bem preservado recinto com assoalho em pedra; porém estavam a uma altura muito grande para que nos facultassem descer sem uma corda. Tínhamos um rolo conosco, mas não queríamos empreender uma descida de seis metros a não ser em caso de absoluta necessidade — em especial no ar rarefeito do platô, onde grandes exigências são feitas ao mecanismo do coração. O enorme recinto deveria ter sido uma espécie de salão, e nossas lanternas elétricas iluminaram esculturas marcantes, distintas e um tanto surpreendentes, dispostas nas paredes em amplas listras horizontais separadas por listras igualmente amplas de arabescos convencionais. Prestamos muita atenção ao lugar, planejando entrar por lá a não ser que encontrássemos outro acesso mais fácil ao interior.

Por fim, no entanto, encontramos a abertura que procurávamos; uma arcada com cerca de um metro e oitenta de largura por três de altura, marcando o fim da antiga ponte aérea que havia funcionado como via de acesso cerca de um metro e meio acima do nível da glaciação. As arcadas, é claro, eram repletas de andares superiores; e neste caso um dos andares encontrava-se preservado. A construção que adentramos consistia em uma série de terraços regulares à nossa esquerda, em direção ao ocidente. Do outro lado da ruela, onde abria-se uma outra arcada, havia um cilindro decrepito sem janelas e com um curioso volume cerca de três metros acima da abertura. O interior estava mergulhado na mais completa escuridão, e a arcada parecia dar para um poço de vazio incomensurável.

Pilhas de escombros facilitavam ainda mais o acesso à construção à esquerda, mas hesitamos por um instante antes de aproveitar a chance

tão desejada. Emboraouvéssemos transposto aquele emaranhado de mistério arcaico, um novo ímpeto seria necessário para conduzir-nos ao interior de uma construção que remontava a um fabuloso mundo ancestral cuja natureza revelava-nos cada vez mais facetas de horror. No fim, contudo, demos o salto necessário; e cambaleamos ao longo dos escombros para atravessar a seteira. O piso à nossa frente era feito com grandes placas de ardósia e parecia formar a saída de um longo e alto corredor com paredes esculpidas.

Após observar as várias arcadas internas que saíam do corredor e perceber a provável complexidade das galerias interiores, decidimos recorrer ao sistema da trilha de papel para o desbravamento do terreno. Até aquele momento as nossas bússolas, somadas a frequentes lances de olho em direção à vasta cordilheira entre as torres às nossas costas, haviam bastado para nos orientar; mas desse ponto em diante, um substituto artificial seria necessário. Assim, reduzimos o papel sobressalente a pedaços de tamanho razoável, pusemo-los em um saco a ser carregado por Danforth e nos preparamos para usá-los com a maior parcimônia que a cautela nos facultasse. O método provavelmente evitaria que nos perdêssemos, uma vez que não parecia haver vento encanado no interior da cantaria primordial. Caso algum vento soprasse, ou então nos víssemos privados de nosso estoque de papel, sem dúvida poderíamos recorrer ao método mais seguro, embora mais tedioso, de fazer marcas nas rochas.

Era impossível imaginar o tamanho do território que havíamos desbravado sem nos pormos à prova. A ligação estreita e frequente entre diferentes construções parecia sugerir que poderíamos atravessar de uma para outra em pontes localizadas abaixo do gelo a não ser nos pontos obstruídos por desabamentos locais e fraturas geológicas, pois apenas uma glaciação moderada parecia ter invadido as desconumais construções. Quase todas as áreas de gelo transparente haviam revelado janelas submersas completamente fechadas, como se a cidade tivesse se mantido nesse estado uniforme até que a camada glacial cristalizasse a parte inferior para todo o sempre. Na verdade, a impressão era de que o lugar havia sido fechado e abandonado de maneira deliberada em um éon obscuro e remoto, e não acometida de repente por uma calamidade súbita ou mesmo por um declínio gradual. Será que a chegada do gelo fora prevista e a população sem nome havia se retirado em massa em busca

de uma morada que não estivesse fadada ao ocaso? As condições fisiográficas exatas relativas à formação do manto de gelo naquele ponto teriam de esperar uma solução mais tardia. Estava claro que não fora um evento súbito. Talvez a pressão de neves acumuladas houvesse desencadeado o processo; e talvez uma enchente do rio, ou o rompimento de um dique glacial antigo na grande cordilheira, tivesse ajudado a criar as singulares condições observáveis. A imaginação era capaz de fantasiar praticamente qualquer coisa em relação àquele lugar.

VI

Seria muito dificultoso oferecer um relato detalhado e consecutivo de nossas andanças pelas galerias cavernosas de cantaria primeva entregues à morte através dos éons; por aquele monstruoso covil de segredos ancestrais que então ecoava, pela primeira vez após épocas incontáveis, o som de passos humanos. A afirmação é particularmente verdadeira porque boa parte do drama e da revelação tinha origem em um simples exame dos onipresentes entalhes nas paredes. As fotografias que tiramos à luz das lanternas oferecem provas contundentes de tudo o que estamos revelando, e lastimo não termos levado mais filme conosco. Da maneira como aconteceu, fizemos esboços grosseiros de certas características relevantes depois que os filmes acabaram.

A construção em que havíamos entrado apresentava tamanho e complexidade enormes, e ofereceu-nos uma amostra impressionante da arquitetura daquele passado geológico inominado. As partições internas eram menos volumosas do que as paredes externas, mas encontravam-se em ótimo estado de conservação nos níveis mais baixos. Meandros labirínticos, envolvendo diferenças irregulares entre os diferentes níveis, eram uma característica de todo o conjunto; e sem dúvida acabaríamos perdidos logo no início se não fosse pela trilha de papel rasgado que deixamos para trás. Decidimos começar pelos andares superiores, mais decrepitos, e assim subimos pelo labirinto a uma distância de aproximadamente 30 metros até o ponto em que a mais alta fileira de aposentos abria-se em meio à neve e às ruínas para o céu polar. A subida deu-se por cima das íngremes rampas ou planos inclinados com frisos transver-

sais que por toda parte faziam as vezes de escada. Todos aposentos que encontramos apresentavam formas e proporções inimagináveis — desde estrelas de cinco pontas até triângulos e cubos perfeitos. Seria razoável dizer que na média os aposentos mediam 9×9 metros e tinham 6 metros de altura, embora existissem alguns recintos muito maiores. Depois de proceder a um exame minucioso das regiões superiores e do nível glacial, fomos descendo de andar em andar rumo à parte submersa, onde logo percebemos estar em um labirinto constante de câmeras e passagens interligadas que provavelmente conduziam a áreas ilimitadas muito além daquele edifício em particular. O volume e o gigantismo ciclópico de todo o cenário ao redor aos poucos se tornaram opressivos; e havia uma vaga sugestão de algo profundamente inumano em todas as formas, dimensões, proporções, decorações e nuances arquitetônicas daquele blasfemo trabalho em cantaria arcaica. Logo percebemos, a partir do que os entalhes nos revelaram, que a monstruosa cidade tinha milhões de anos.

Ainda não sabemos explicar os princípios de engenharia usados para estabelecer o equilíbrio aberrante e o encaixe anômalo entre as enormes massas rochosas, mas está claro que o princípio do arco foi amplamente utilizado. Nos aposentos que visitamos não foi encontrado um único objeto móvel, circunstância esta que corroborou nossa suspeita de que a cidade tenha sido abandonada segundo algum plano. A principal característica decorativa era o sistema quase universal de escultura nas paredes; que em geral corria do chão até o teto em listras horizontais contínuas de um metro de largura intercaladas com listras de largura idêntica ocupadas por arabescos geométricos. Havia exceções à regra, mas essa preponderância era marcante. Muitas vezes, contudo, surgia uma série de cartuchos lisos com estranhos grupos de pontos entalhados ao longo de uma das listras com arabescos.

A técnica, conforme percebemos, era madura, sofisticada e exibia o mais alto grau de refinamento estético, embora fosse absolutamente estranha a qualquer tradição artística conhecida na história da raça humana. Na delicadeza da execução, nenhuma escultura que eu tivesse visto seria páreo. Os mais ínfimos detalhes da vegetação elaborada e da vida animal estavam representados com uma vividez impressionante, apesar da imponente escala dos entalhes; e os desenhos mais convencionais

eram legítimas maravilhas da execução rebuscada. Os arabescos evidenciavam o amplo uso de princípios matemáticos e consistiam de curvas de simetria obscura e ângulos inspirados pela noção de cinco. As listras pictóricas seguiam uma tradição altamente formalizada e envolviam um tratamento deveras singular da perspectiva; mas eram dotadas de um ímpeto artístico capaz de nos comover, apesar do abismo de vastos períodos geológicos que nos separava. O método dependia de uma singular justaposição da seção transversal com a silhueta bidimensional, e revelava uma psicologia analítica muito além de qualquer outra raça da antiguidade conhecida. Seria inútil tentar comparar essa arte com qualquer outra exposta em nossos museus. Os que virem as nossas fotografias provavelmente descobrirão os equivalentes mais próximos em certas concepções grotescas dos mais ousados futuristas.

O traçado dos arabescos consistia de linhas em baixo-relevo entalhadas a uma profundidade de 2,5 a 5 centímetros nas paredes. Quando encontrávamos cartuchos com grupos de pontos — sem dúvida inscrições em algum alfabeto desconhecido e primordial —, a depressão na superfície lisa era de cerca de quatro centímetros, e os pontos eram entalhados um centímetro mais fundo. As listras pictóricas eram em baixo-relevo e tinham o plano de fundo cerca de cinco centímetros mais fundo do que a superfície original da parede. Em alguns exemplares descobrimos vestígios de uma antiga coloração, ainda que éons incontáveis tivessem obliterado e banido para sempre os pigmentos outrora aplicados na maioria dos objetos. Quanto mais estudávamos a técnica maravilhosa, mais nos tomávamos de admiração por aquelas coisas. Por trás das estritas convenções, era possível captar a observação minuciosa e precisa e a habilidade técnica dos artistas; e, a bem da verdade, as próprias convenções simbolizavam e acentuavam a essência ou a diferenciação vital de cada objeto delineado. Também sentimos que afora essas obras-primas reconhecíveis havia outras espreitando além do alcance de nossas percepções. Certos toques esparsos faziam vagas sugestões de símbolos e estímulos latentes aos quais outra conformação mental e emocional, somada a um aparato sensorial diferente ou mais completo, teria atribuído significados profundos e pungentes.

As esculturas sem dúvida retratavam a vida na época desaparecida em que foram criadas e representavam uma grande quantidade de acon-

tecimentos históricos. Foi a aberrante mentalidade histórica da raça primitiva — uma circunstância fortuita que operou, por simples coincidência, como um verdadeiro milagre em nosso favor — que transformou os entalhes em itens tão esclarecedores e levou-nos a privilegiar a fotografia e a transcrição dos objetos em detrimento de quaisquer outras considerações. Em certos aposentos o arranjo predominante variava segundo a presença de mapas topográficos, mapas celestes e outros desenhos científicos em grande escala — o que corroborava de maneira ingênua e terrível tudo o que havíamos deduzido a partir dos frisos e lambris pictóricos. Ao insinuar a revelação feita pelo conjunto das nossas descobertas, só me resta esperar que o relato não desperte uma curiosidade maior do que a cautela e a sanidade naqueles que me derem crédito. Seria uma tragédia se outras pessoas fossem atraídas para aquele reino de morte e de horror pelo alerta que pretende desencorajá-las.

As esculturas nas paredes eram interrompidas por altas janelas e enormes passagens com três metros e meio de altura que, em alguns casos, haviam preservado as tábuas petrificadas — polidas e repletas de entalhes intrincados — das portas e venezianas. Todos os acessórios metálicos tinham desaparecido havia muito tempo, mas algumas das portas ainda estavam no lugar e precisaram ser forçadas para que nos deslocássemos de um recinto ao outro. Esquadrias com inusitadas vidraças transparentes — na maior parte elípticas — haviam sobrevivido em alguns pontos, embora em número pequeno. Também havia uns quantos nichos de grande magnitude, em geral vazios, mas por vezes contendo algum objeto bizarro de pedra-sabão verde que estava quebrado ou então fora considerado insignificante demais para justificar o transporte. Outras aberturas sem dúvida tinham alguma relação com as instalações mecânicas de outrora — aquecimento, iluminação e afins — sugeridas em inúmeros entalhes. Os tetos em geral eram lisos, mas por vezes apareciam decorados com pedra-sabão verde e outros azulejos em grande parte desabados. Alguns pisos também eram revestidos por azulejos similares, embora a pedra nua predominasse.

Conforme já tive ocasião de dizer, todos os móveis estavam ausentes; mas as esculturas davam uma noção clara dos estranhos dispositivos que outrora haviam enchido os ecoantes salões tumulares. Acima da camada de gelo a maioria dos pisos estava coberta de detritos, ruínas e es-

combros; porém mais para baixo a situação se amenizava. Em algumas das câmaras e passagens inferiores havia pouco além de grãos de poeira e incrustações antigas, enquanto certas áreas tinham o aspecto imaculado de um ambiente recém-varrido. Claro, nos pontos onde havia rachaduras e desabamentos, os níveis inferiores estavam tão obstruídos quanto os superiores. Uma esplanada central — como em outras estruturas avistadas a partir do avião — impedia que a escuridão completa tomasse conta do lugar; de modo que raras vezes precisávamos recorrer às lanternas elétricas nos aposentos superiores a não ser para examinar os detalhes nas esculturas. Abaixo da calota polar, no entanto, a penumbra se adensava; e em muitas partes do meândrico piso térreo a escuridão era quase absoluta.

Para se ter uma ideia rudimentar dos nossos pensamentos e sensações quando adentramos o labirinto escavado em cantaria inumana entregue ao silêncio dos éons é necessário invocar um caos perturbador de disposições anímicas, memórias e impressões fugidias. A suprema antiguidade e a mortífera desolação do lugar seriam o bastante para assoberbar qualquer pessoa sensível, porém a esses fatores somavam-se o horror inexplicável no acampamento e as súbitas revelações feitas pelas terríveis esculturas que nos rodeavam. Quando nos deparamos com uma escultura intacta, na qual nenhuma ambiguidade interpretativa poderia subsistir, um breve exame bastou para revelar-nos a horrenda verdade — e seria ingênuo dizer que Danforth e eu não a havíamos concebido, por mais que tenhamos nos furtado a sequer insinuá-la um para o outro. Naquele instante acabaram-se as nossas misericordiosas dúvidas quanto à natureza dos seres que haviam construído e habitado a monstruosa cidade morta milhões de anos atrás, quando os ancestrais do homem ainda eram mamíferos primitivos e enormes dinossauros andavam pelas estepes tropicais da Europa e da Ásia.

Até esse ponto seguíamos aferrados a uma alternativa desesperada e insistíamos — cada um para si — que a onipresença daqueles motivos de cinco pontas simbolizava apenas uma exaltação cultural ou religiosa do objeto arqueano natural que havia corporificado a qualidade que representava; tal como os motivos de Creta exaltavam o touro sagrado, os do Egito o escaravelho, os de Roma o lobo e a águia e os de várias tribos selvagens a imagem de um animal totêmico. Porém, logo nos vimos pri-

vados até mesmo desse refúgio solitário, e assim fomos obrigados a encarar a enlouquecedora revelação que o leitor dessas páginas sem dúvida antecipou há muito tempo. Ainda hoje, mal consigo traçar as linhas no papel, mas talvez não seja necessário.

As coisas que construíram e habitaram aquele pavoroso templo de cantaria na época dos dinossauros não eram dinossauros, porém algo muito mais temível. Os dinossauros eram criaturas novas e relativamente descerebradas — mas os construtores da cidade eram sábios e antigos, e haviam deixado resquícios em rochas que mesmo na época já haviam sido assentadas cerca de um bilhão de anos atrás... rochas assentadas antes que a vida na Terra tivesse criado os mais simples grupos celulares... rochas assentadas antes que a vida na Terra existisse em qualquer forma. Eram os próprios criadores e escravizadores dessa vida, e sem nenhuma sombra de dúvida a inspiração para os demoníacos mitos primordiais augurados em obras como os Manuscritos Pnakóticos e o *Necronomicon*. Eram os Grandes Anciões que haviam descido das estrelas quando a Terra ainda era jovem — os seres cuja substância uma evolução anômala havia moldado e cujos poderes nosso planeta jamais havia engendrado. E pensar que apenas um dia antes Danforth e eu tínhamos visto fragmentos daquela milenar substância fossilizada... e que o pobre Lake e toda a equipe tinham visto a forma completa das criaturas...

Com certeza seria impossível relatar em ordem todos os estágios pelos quais passamos enquanto descobríamos o que hoje sabemos sobre esse capítulo monstruoso da vida anterior à humanidade. Após o primeiro choque de revelação inelutável fomos obrigados a fazer uma parada a fim de nos restabelecer, e só começamos nossa exploração sistemática às três horas da tarde. As esculturas na construção em que entramos remontavam a um período mais recente — talvez dois milhões de anos atrás — conforme revelaram as características geológicas, biológicas e astronômicas; e constituíam uma arte que parecia decadente em comparação aos espécimes que descobrimos nas construções mais antigas depois de atravessar algumas pontes sob a camada de gelo. Um prédio escavado em rocha sólida parecia remontar a quarenta ou cinquenta milhões de anos atrás — ao baixo Eoceno ou ao Cretáceo — e continha baixos-relevos de qualidade artística insuperável se comparados a tudo que encontramos, salvo por uma assombrosa exceção. Concordamos

que aquela era a estrutura doméstica mais antiga que havíamos atravessado.

Se não fosse o auxílio oferecido pelas lanternas, eu me furtaria a mencionar o que encontrei e o que inferi, por medo de ser taxado de louco. Claro, as partes infinitamente antigas da história contada pelo quebra-cabeça — representando a vida de seres pré-terrenos com cabeça em formato de estrela-do-mar em outros planetas, em outras galáxias e em outros universos — podem ser interpretadas como a mitologia fantástica desses próprios seres; no entanto, essas partes às vezes trazem desenhos e diagramas tão próximos às mais recentes descobertas da matemática e da astrofísica que mal sei o que pensar. Que outros me julguem quando virem as fotografias que pretendo divulgar.

Não havia um único conjunto de esculturas que contasse mais do que uma fração da história; tampouco encontramos os vários estágios históricos na ordem apropriada. Alguns dos enormes recintos abrigavam conjuntos escultóricos independentes, enquanto em outros casos uma crônica sequencial era contada ao longo de uma série de câmaras e corredores. Os melhores mapas e diagramas estavam localizados nas paredes de um pavoroso abismo que se estendia abaixo do substrato mais antigo — uma caverna com cerca 60 metros quadrados e dezoito metros de altura que sem dúvida fora alguma espécie de centro educacional. Havia muitas repetições instigantes do mesmo material em cômodos e construções diferentes; uma vez que certos capítulos da experiência e certas fases históricas vividas pela raça sem dúvida haviam sido motivos caros a diferentes artistas ou habitantes. Às vezes, no entanto, diferentes versões do mesmo tema mostravam-se úteis para a compreensão de detalhes controversos e para o preenchimento de lacunas.

Ainda me espanto ao ver o quanto descobrimos no curto tempo ao nosso dispor. Claro, ainda hoje temos apenas uma ideia rudimentar do todo; e muitas conclusões vieram apenas mais tarde, a partir de um estudo das fotografias e dos esboços que fizemos. Talvez tenha sido esse estudo — as memórias revividas e as impressões vagas somadas à sensibilidade geral e ao suposto vislumbre de um horror derradeiro cuja essência recusa-se a revelar até mesmo para mim — a causa imediata do estado de colapso em que Danforth hoje se encontra. No entanto, tinha de ser assim; pois não podíamos divulgar nosso alerta de maneira inteligente

sem informações completas, e a divulgação do alerta é uma necessidade premente. Certas influências duradouras naquele mundo antártico ignoto de tempo desordenado e estranhas leis naturais exigem que quaisquer avanços na exploração sejam desencorajados.

VII

A história completa, até onde pudemos decifrá-la, em breve será publicada em um periódico oficial da Universidade do Miskatonic. Aqui, ofereço apenas um esboço desorganizado e confuso dos detalhes mais importantes. Mito ou não, as esculturas faziam referência à chegada daqueles seres espaciais com cabeça em forma de estrela-do-mar vindos do espaço cósmico a uma Terra jovem e ainda desabitada — e também à chegada de muitas outras entidades alienígenas que de tempos em tempos desbravam os confins do espaço. As criaturas pareciam capazes de atravessar o éter interestelar voando em enormes asas membranosas — uma estranha confirmação de histórias relativas ao folclore das colinas que ouvi há muito tempo de um colega antiquário. Viveram por um longo período no fundo do mar, construindo cidades fantásticas e travando batalhas terríveis contra adversários inominados graças a dispositivos complexos que empregavam princípios de energia desconhecidos. Sem dúvida o desenvolvimento científico e mecânico das criaturas ultrapassava o conhecimento da humanidade de hoje, embora utilizassem saberes mais amplos e elaborados apenas quando necessário. Algumas das esculturas sugeriam que houvessem passado por um estágio de vida mecanizada em outros planetas, porém desistido ao perceber que os resultados eram emocionalmente insatisfatórios. A rigidez quase sobrenatural da organização e a singeleza das necessidades naturais tornavam as criaturas particularmente aptas a viver em grandes altitudes sem os frutos mais especializados da indústria artificial sem precisar sequer de roupas, a não ser pela ocasional proteção contra os elementos.

Foi no fundo do mar, a princípio no intuito de obter alimento e mais tarde para outros fins, que primeiro criaram a vida na Terra — usando as substâncias disponíveis de acordo com métodos conhecidos havia muito tempo. Os experimentos mais elaborados vieram depois da ani-

quilhação de vários inimigos cósmicos. Haviam feito a mesma coisa em outros planetas; e criaram não apenas os alimentos necessários, mas também certos aglomerados protoplásmicos multicelulares capazes de moldar os tecidos em toda sorte de órgãos temporários quando sujeitos à sugestão hipnótica — escravos ideais para desempenhar o trabalho pesado na comunidade. Esses aglomerados viscosos eram sem dúvida o que Abdul Alhazred chamava aos sussurros de “shoggoths” no terrível *Necronomicon*, embora sequer o árabe louco tenha insinuado que tais criaturas existissem na Terra, a não ser nos sonhos dos que mascassem uma certa erva alcaloide. Após sintetizar as formas mais simples de alimento e criar um bom estoque de shoggoths, os Anciões com cabeça de estrela permitiram que outros grupos celulares evoluíssem para formar as mais variadas formas de vida animal e vegetal; porém sempre extirpando quaisquer presenças indesejáveis.

Com a ajuda dos shoggoths, cujas expansões eram capazes de erguer pesos prodigiosos, as pequenas e baixas cidades submarinas transformaram-se em vastos e imponentes labirintos de pedra que mais tarde ergueram-se até a superfície. Na verdade, os Anciões já tinham habitado a terra em outras partes do universo, e provavelmente mantinham inúmeras tradições de construção em solo firme. Enquanto estudávamos a arquitetura de todas as cidades paleogênicas esculpidas em pedra, incluindo aquela cujos longos corredores entregues à morte através dos éons nós galgávamos, percebemos uma estranha coincidência que ainda não tentamos explicar sequer para nós mesmos. As partes mais altas das construções, que na cidade ao redor sem dúvida haviam sido arruinadas pelas intempéries havia muito tempo, apareciam em contornos marcantes nos baixos-relevos; e exibiam vastos agrupamentos de coruchéus aciculados, frágeis remates nos ápices de cones e pirâmides e fileiras de finos discos horizontais protuberantes a encimar cilindros. Foi exatamente o que vimos na monstruosa e agourenta miragem, projetada por uma cidade morta cujo panorama estivera ausente por dezenas e centenas de milhares de anos, que surgiu ante o nosso olhar incrédulo do outro lado das inexploradas montanhas da loucura quando nos aproximamos pela primeira vez do malfadado acampamento de Lake.

Quanto à vida dos Anciões, tanto no fundo do mar como após a migração para a terra, inúmeros tomos podiam ser escritos. Os que habita-

vam águas rasas continuaram a fazer amplo uso dos olhos na extremidade dos cinco tentáculos cefálicos principais e a praticar a arte da escultura e da escrita como de costume — sendo a escrita executada com um estilete em superfícies de cera à prova d'água. Os que habitavam as profundezas oceânicas, embora usassem um curioso organismo fosforescente para obter luz, suplementavam a visão com sentidos especiais que operavam graças aos cílios prismáticos que tinham na cabeça — sentidos que conferiam aos Anciões uma independência parcial da luz em caso de emergência. As formas da escultura e da escrita sofreram singulares mudanças ao longo da descida, incorporando o que pareciam ser processos de revestimento químico — provavelmente destinados a fixar a fosforescência — que os baixos-relevos não puderam esclarecer. As criaturas moviam-se no mar em parte nadando — com os braços laterais crinoides — e em parte agitando o grupo de tentáculos inferiores, onde estavam localizados os pseudópodos. Por vezes davam longos saltos com o uso concomitante de dois ou mais pares das asas membranosas. No solo firme em geral valiam-se dos pseudópodos, mas de vez em quando subiam a grandes alturas e percorriam longas distâncias voando. Os inúmeros tentáculos delgados em que os braços crinoides dividiam-se eram delicados, flexíveis, robustos e dotados de coordenação neuromuscular precisa, o que garantia habilidade e destreza absolutas em todas as operações artísticas e manuais.

A resistência daquelas coisas era quase inacreditável. Mesmo as pressões terríveis dos mais profundos abismos oceânicos pareciam incapazes de machucá-los. Poucos espécimes pareciam morrer a não ser como resultado de violência, e os cemitérios eram um tanto limitados. Descobrir que as criaturas enterravam os mortos na vertical e cobriam-nos com montes de cinco pontas despertou pensamentos que exigiram uma pausa e um tempo para que Danforth e eu nos recompuséssemos após a revelação feita pelas esculturas. As criaturas multiplicavam-se por esporulação — como as pteridófitas, segundo Lake havia imaginado —, porém, em virtude da resistência e da longevidade prodigiosas, e da consequente ausência de necessidade, não estimulavam o desenvolvimento de novos protalos em grande escala, salvo quando tinham novas regiões a colonizar. Os indivíduos jovens atingiam a maturidade em pouco tempo e recebiam uma educação muito além de tudo o que podemos imaginar. A

vida intelectual e estética das criaturas apresentava um altíssimo grau de desenvolvimento e produziu um sólido conjunto de costumes e instituições que pretendo descrever em detalhe na minha monografia. Estes variavam de acordo com o *habitat* terrestre ou marinho, mas compartilhavam os mesmos fundamentos e a mesma essência.

Embora fossem, como os vegetais, capazes de extrair nutrientes de substâncias inorgânicas, as criaturas preferiam alimentos orgânicos e particularmente os de origem animal. Consumiam exemplares da vida marinha no mar, porém em terra cozinhavam as iguarias. Caçavam e criavam animais — e abatiam-nos com armas afiadas que deixaram estranhas marcas em certos ossos fósseis encontrados pela nossa expedição. Resistiam muito bem a todas as temperaturas normais; e em estado natural podiam viver na água até o ponto de congelamento. Durante a grande glaciação do Pleistoceno, no entanto — ocorrida quase um milhão de anos atrás —, os habitantes em terra precisaram recorrer a medidas extraordinárias, como por exemplo o aquecimento artificial; mas por fim o frio letal parece tê-los obrigado a voltar para o mar. Segundo a lenda, durante os voos pré-históricos através do espaço cósmico as criaturas tinham absorvido substâncias químicas que as haviam tornado quase independentes de comida, ar e condições climáticas apropriadas; porém na época da grande glaciação o método fora esquecido. De qualquer forma, não poderiam manter-se nesse estado artificial por muito tempo sem sofrer as consequências.

Como apresentassem estrutura semivegetal e portanto não acasalassem, os Anciões não tinham as bases biológicas necessárias ao estágio familiar da vida mamífera; mas parecem ter organizado grandes moradias baseadas no princípio da ocupação confortável do espaço e — segundo deduzimos a partir das ocupações e co-habitantes representados nas esculturas — da associação mental por afinidade. Concentravam a mobília no centro dos enormes salões, deixando todas as paredes livres para o tratamento decorativo. A iluminação, no caso dos habitantes terrestres, era obtida através de um dispositivo que apresentava prováveis características eletroquímicas. Na terra e no mar, usavam curiosas mesas, cadeiras e sofás de estrutura cilíndrica — pois repousavam e dormiam em pé, com os tentáculos abaixados —, e também suportes para os conjuntos articulados de superfícies pontilhadas que formavam seus livros.

O sistema de governo era sem dúvida complexo e provavelmente socialista, embora as esculturas não ofereçam nenhuma certeza a esse respeito. Havia um amplo comércio local e entre diferentes cidades; objetos de cinco pontas, achatados e repletos de inscrições funcionavam como dinheiro. Provavelmente as menores dentre as várias pedras-sabão encontradas por nós fossem unidades dessa moeda. Embora a cultura fosse em grande parte urbana, havia uma agricultura limitada e uma pecuária bem desenvolvida. A mineração e a uma atividade industrial limitada também eram praticadas. As viagens eram comuns, mas a migração permanente era bastante rara a não ser pelos grandes movimentos de expansão da raça. Para a locomoção individual nenhum meio externo era necessário, uma vez que os Anciões pareciam capazes de alcançar enormes velocidades em terra, no ar e na água. Objetos, no entanto, eram transportados por animais de carga — shoggoths nas profundezas do mar e uma curiosa variedade de vertebrados primitivos no período mais tardio de existência terrena.

Esses vertebrados, bem como uma infinidade de outras formas de vida — animais e vegetais, marítimas, terrestres e aéreas — eram produto de uma evolução desgovernada que agia sobre as células vitais produzidas pelos Anciões, porém escapavam ao raio de atenção das criaturas. Assim, desenvolveram-se sem nenhum empecilho, pois não entraram em contato com os seres dominantes. As formas de vida inconvenientes eram sistematicamente exterminadas. Achamos curioso encontrar, em algumas das últimas e mais decadentes esculturas, a figura de um cambaleante mamífero primitivo, usado em terra ora como alimento, ora como um divertido bufão dotado de inconfundíveis rasgos símios e humanos. Durante a construção das cidades em terra, as enormes pedras das torres mais altas em geral eram içadas por pterodáctilos de grande envergadura, pertencentes a uma espécie até então desconhecida pela paleontologia.

A persistência com que os Anciões sobreviveram a várias mudanças geológicas e a inúmeras convulsões da crosta terrestre era quase milagrosa. Embora poucas ou nenhuma das primeiras cidades pareçam ter sobrevivido ao período Arqueano, não houve interrupção alguma na civilização ou na transmissão de registros históricos. O lugar de chegada à Terra foi o Oceano Antártico, e pelo que tudo indica as criaturas chega-

ram pouco depois que a matéria formadora da lua foi arrancada do Pacífico Sul. De acordo com os mapas esculpidos, todo o globo estava debaixo d'água, com cidades de pedra espalhadas cada vez mais longe do Antártico à medida que os éons passavam. Outro mapa exibia uma vasta extensão de terra seca ao redor do Polo Sul, onde é evidente que algumas das criaturas estabeleceram colônias experimentais, ainda que os centros urbanos tenham sido transferidos para as profundezas oceânicas mais próximas. Mapas mais tardios, que mostram a rachadura e a movimentação desta massa terrestre, bem como o arrasto de certas partes outras em direção ao norte, corroboram de maneira exemplar as teorias da deriva continental recentemente propostas por Taylor, Wegener e Joly.

O surgimento de novas terras no Pacífico Sul trouxe novos acontecimentos de grande magnitude. Algumas das cidades marinhas foram irremediavelmente destruídas, mas esta não foi a pior desventura. Uma outra raça — uma raça terrena de criaturas com corpos em forma de polvo e provavelmente correspondente à fabulosa prole ancestral de Cthulhu — logo desceu a partir da infinitude cósmica e precipitou uma guerra monstruosa que por algum tempo levou os Anciões de volta ao mar — um golpe devastador em vista das colônias cada vez mais numerosas. Mais tarde a paz foi estabelecida, e as novas terras foram dadas à prole de Cthulhu enquanto os Anciões ficaram com o mar e as terras mais antigas. Novas cidades terrestres foram estabelecidas — a maior delas no Antártico, pois a região da chegada à Terra era sagrada. A partir de então, o Antártico tornou a ser o centro da civilização dos Anciões, e todas as cidades construídas lá pela prole de Cthulhu foram arrasadas. De repente as terras do Pacífico afundaram mais uma vez, levando junto a temível cidade de pedra de R'lyeh e todos os polvos cósmicos; e mais uma vez os Anciões reinaram supremos sobre a Terra, a não ser por um temor obscuro sobre o qual evitavam falar. Em uma época mais tardia as cidades pontilhavam todas as áreas terrestres e aquáticas do globo — daí a minha sugestão, na monografia a ser publicada em breve, para que os arqueólogos façam perfurações sistemáticas com o aparato desenvolvido por Pabodie em certas regiões muito afastadas.

A tendência dominante ao longo do tempo foi da água para a terra; um movimento encorajado pelo surgimento de novas massas terrestres, embora o oceano jamais tenha sido abandonado de todo. Outra razão

para o movimento rumo à terra foi a dificuldade em criar e controlar os shoggoths dos quais toda a vida marinha dependia. Com o passar do tempo, conforme as esculturas confessavam cheias de tristeza, a arte de criar vida a partir da matéria inorgânica foi esquecida; e então os Anciões precisaram recorrer à moldagem das formas já existentes. Em terra, os grandes répteis mostraram-se muito adaptados; mas os shoggoths do mar, que se reproduziam por fissão e haviam adquirido um perigoso grau de inteligência, passaram a representar um problema formidável.

Os shoggoths sempre haviam sido controlados pelas sugestões hipnóticas dos Anciões, e assim modelavam a resistente plasticidade de seus corpos em diversos órgãos e membros temporários; mas a partir desse ponto começaram a exercer os poderes de modelagem corpórea de forma independente, adotando várias formas imitativas sugeridas por hipnoses passadas. Ao que tudo indica, as criaturas desenvolveram um cérebro bastante estável cujos impulsos independentes e por vezes obstinados ecoavam a vontade dos Anciões sem necessariamente a obedecer. As imagens esculpidas desses shoggoths instilaram horror e repulsa em Danforth e em mim. Em geral apareciam como entidades amorfas compostas por uma substância verde e gelatinosa que parecia um aglutinado de bolhas; e tinham em média cinco metros de diâmetro quando em formato de esfera. A verdade, no entanto, é que apresentavam forma e volume em constante mutação; estendiam apêndices e formavam órgãos temporários de visão, audição e fala como os de seus criadores, de maneira espontânea ou como resultado de sugestão hipnótica.

Os shoggoths parecem ter ficado intratáveis por volta do período Permiano, cerca de 150 milhões de anos atrás, quando uma verdadeira guerra foi deflagrada pelos Anciões marinhos no intuito de subjugá-los mais uma vez. Os retratos da guerra e das decapitações levadas a cabo pelo shoggoths, que em geral também deixavam a vítima envolvida em uma viscosa substância verde, eram imbuídos de uma qualidade temível, não obstante o abismo de eras incontáveis que nos separava. Os Anciões brandiram curiosas armas de perturbação molecular contra as entidades rebeldes, e no fim obtiveram uma vitória completa. Desse ponto em diante as esculturas mostravam o período em que os shoggoths foram domesticados e treinados por Anciões que brandiam armas tal como os cavalos selvagens do oeste americano foram domesticados pelos caubóis.

Embora durante a rebelião os shoggoths tenham se mostrado capazes de viver fora d'água, a transição não foi incentivada; pois a utilidade das criaturas em terra seria pouco compatível com o trabalho de controlá-las.

Durante o período Jurássico os Anciões defrontaram-se com novos invasores vindos do espaço sideral — desta vez seres meio fungoides e meio crustáceos oriundos de um planeta identificável como o remoto e recém-descoberto Plutão; seres com certeza idênticos àqueles que figuram em certas lendas contadas aos sussurros no norte e conhecidos no Himalaia como Mi-Go, ou Abomináveis Homens das Neves. A fim de combater essas criaturas os Anciões tentaram, pela primeira vez desde a chegada à Terra, aventurar-se mais uma vez no éter planetário; mas a despeito de todas as preparações tradicionais, descobriram-se incapazes de abandonar a atmosfera terrestre. Qualquer que tenha sido o segredo das viagens interestelares, estava perdido para a raça das criaturas. No fim os Mi-Go expulsaram os Anciões de todas as terras ao norte, embora não dispusessem de meios para investir contra o fundo do mar. Aos poucos começou o lento recuo da raça ancestral em direção ao *habitat* antártico originário.

Era curioso perceber nas batalhas representadas que tanto a prole de Cthulhu como os Mi-Go pareciam ser compostos de matéria ainda mais estranha a tudo o que conhecemos do que a substância dos Anciões. As criaturas eram capazes de sofrer transformações e reintegrações impossíveis aos adversários, e portanto davam a impressão de ter saído de abismos ainda mais remotos do espaço sideral. Os Anciões, a não ser pela anormal resistência e pelas características vitais peculiares, eram seres estritamente materiais, e devem ter se originado no *continuum* do espaço-tempo; enquanto as fontes primordiais das outras criaturas só podem ser imaginadas com a respiração suspensa. Tudo isso, claro, se aceitarmos que as anomalias e ligações extraterrenas atribuídas aos inimigos invasores não sejam pura mitologia. Talvez os Anciões tenham criado uma estrutura cósmica a fim de justificar as eventuais derrotas sofridas, uma vez que o orgulho e o interesse histórico sem dúvida formavam o elemento mais importante no aparato psicológico da raça. É interessante notar que os anais deixados pelas criaturas silenciem a respeito de muitas raças potentes e desenvolvidas de seres cujas culturas e cidades so-

branceiras são mencionadas de maneira persistente em certas lendas obscuras.

As mudanças sofridas pela Terra ao longo dos vários períodos geológicos figuravam com impressionante vividez em muitos dos mapas e cenas entalhados em pedra. Em certos casos a ciência atual precisará ser revista, enquanto em outros certas deduções ousadas recebem uma confirmação magnífica. Como eu disse, a hipótese de Taylor, Wegener e Joly segundo a qual todos os continentes são fragmentos de uma massa terrestre antártica original que se rachou em virtude da força centrífuga e deslizou sobre uma superfície tecnicamente viscosa no interior da terra — uma hipótese sugerida por evidências como os contornos complementares da África e da América do Sul e a maneira como as grandes cordilheiras se erguem — recebe uma notável confirmação dessa fonte singular.

Mapas que sem dúvida mostravam o mundo carbonífero de cem milhões de anos atrás exibiam falhas significantes e abismos que mais tarde haveriam de separar a África dos reinos outrora contínuos da Europa (na época a Valúsia da infernal lenda primeva), da Ásia, das Américas e do continente antártico. Outras representações — sendo a mais importante uma relacionada à fundação, ocorrida cinquenta milhões de anos atrás, da vasta cidade morta que nos rodeava — exibiam os contornos de todos os continentes atuais. No mais recente espécime — que remontava talvez ao Plioceno —, um mundo próximo ao de hoje aparecia claramente delineado, apesar da ligação do Alasca com a Sibéria, da América do Norte com a Europa através da Groenlândia e da América do Sul com o continente antártico através da Terra de Graham. No mapa carbonífero, todo o globo — tanto o fundo dos oceanos como as massas terrestres fendidas — trazia símbolos das vastas cidades de pedra erguidas pelos Anciões, porém nos mapas mais recentes o retorno gradual em direção ao Mar Antártico era muito claro. O espécime plioceno não mostrava nenhuma cidade em terra a não ser no continente antártico e no extremo da América do Sul, tampouco quaisquer cidades oceânicas ao norte do paralelo cinquenta de latitude sul. O conhecimento e o interesse relacionados ao mundo setentrional, a não ser por um estudo dos litorais feito provavelmente durante longos voos executados graças às

asas membranosas que se abriam como leques, haviam se reduzido a zero entre os Anciões.

A destruição das cidades pelo surgimento das montanhas, a separação centrífuga dos continentes, as convulsões sísmicas das profundezas oceânicas e outras causas naturais eram assunto de inúmeros registros; e era curioso observar que o número de substitutos decrescia à medida que as eras passavam. A vasta megalópole defunta que se estendia ao nosso redor parecia ter sido o último grande centro da raça; um lugar construído no início do Cretáceo depois que um terremoto de proporções titânicas obliterou uma predecessora ainda mais vasta e não muito distante. Aquela região parecia ser o ponto mais sagrado de todos, o local onde os primeiros Anciões haviam se fixado no fundo de um mar primordial. A nova cidade — cujas várias características reconhecíamos nas esculturas, ainda que se estendesse em todas as direções por mais de cento e cinquenta quilômetros ao longo da cordilheira e além de todos os limites do nosso reconhecimento aéreo — parecia abrigar certas pedras sagradas usadas na construção da primeira cidade submarina que, mais tarde, foram impelidas em direção à luz da superfície após longas épocas passadas em meio ao colapso geral do substrato.

VIII

Naturalmente, Danforth e eu estudamos com vivo interesse e uma sensação muito pessoal de espanto tudo o que dizia respeito às circunstâncias imediatas do distrito onde nos encontrávamos. O material, é claro, apresentava-se em grande abundância; e no emaranhado nível térreo da cidade tivemos a sorte de encontrar uma casa de uma época muito tardia cujas paredes, embora um pouco danificadas por uma rachadura próxima, continham esculturas decadentes que narravam a história da região para muito além do período representado no mapa do Plioceno que forneceu o nosso último vislumbre do mundo anterior à humanidade. Foi este o último lugar examinado em detalhe, pois sentimos que nos havia dado um novo objetivo imediato.

Com certeza estávamos em um dos mais estranhos, mais inexplicáveis e mais terríveis confins do globo terrestre. Dentre todos os países

existentes, aquele era infinitamente o mais antigo; e nos vimos tomados pela convicção de que o pavoroso terreno elevado devia efetivamente ser o pesadelar platô de Leng, que até mesmo o ensandecido autor do *Necronomicon* relutou em discutir. A enorme cordilheira era incrivelmente longa — começava como uma pequena serra na altura da Terra de Luitpold, na costa do Mar de Weddell, e atravessava quase todo o continente. A parte mais alta estendia-se em um imponente arco a partir da latitude 82°, longitude 60° leste até a latitude 70°, longitude 115° leste, com o lado côncavo voltado para o nosso acampamento e o lado convexo situado na região do extenso litoral congelado visto por Wilkes e Mawson^[7] no Círculo Antártico.

Porém, até os mais monstruosos exageros da natureza davam a impressão de uma inquietante proximidade. Eu já disse que esses picos são mais altos até do que o Himalaia, porém as esculturas impedem-me de afirmar que sejam os mais altos na face da Terra. Essa honra sinistra permanece reservada a algo que metade das esculturas hesitava em representar, enquanto a outra metade fazia insinuações repletas de evidente repulsa e trepidação. Parece ter havido uma parte das antigas terras — a primeira parte a erguer-se das águas depois que a Lua se despreendeu da Terra e os Anciões desceram das estrelas — que passou a ser evitada por conta de associações obscuras a um mal inefável. As cidades construídas por lá ruíram antes da hora e acabaram desertas. Então, quando o primeiro grande terremoto fez a região estremecer durante o período Comancheano, uma pavorosa fileira de picos ergueu-se de repente em meio aos mais terríveis rumores e ao caos — e assim surgiram as mais elevadas e mais terríveis montanhas da Terra.

Se a escala das esculturas estivesse correta, essas coisas abomináveis devem ter ultrapassado em muito os 12 mil metros de altura — espantosamente maiores até mesmo do que as pavorosas montanhas da loucura que havíamos atravessado. Pareciam estender-se desde a latitude 77°, longitude 70° leste, até a latitude 70°, longitude 100° leste — menos de 500 quilômetros de distância da cidade morta, de maneira que poderíamos ter vislumbrado os temíveis picos no ocidente longínquo se não fosse pela tênue névoa opalescente. O extremo setentrional também deve ser visível a partir do extenso litoral do Círculo Antártico na Terra da Rainha Mary.

Alguns dos Anciões, na época da decadência, haviam feito estranhas preces para as montanhas; mas nenhuma criatura jamais se aproximou delas ou atreveu-se a descobrir o que havia do outro lado. Nenhum olhar humano as tinha fixado, e ao analisar as emoções suscitadas pelos entalhes rezei para que ninguém jamais as visse. Existem colinas protetoras ao longo do litoral mais além — a Terra da Rainha Mary e a Terra do Kaiser Wilhelm — e agradeço aos céus por ninguém ter obtido sucesso na escalada. Não sou mais tão cético quanto eu costumava ser em relação a velhas histórias e velhos temores, e não rio mais dos artistas primordiais que às vezes acreditavam ver relâmpagos prenhes de significado deterem-se em cada um dos cumes sobranceiros e um brilho inexplicável que irradiava dos terríveis pináculos durante toda a longa noite polar. Pode haver um significado deveras real e deveras monstruoso nos antigos sussurros pnakóticos a respeito de Kadath na Desolação Gelada.

Mas o terreno imediato não era menos estranho, ainda que não sofresse com maldições inefáveis. Logo após a fundação da cidade, a grande cordilheira tornou-se o centro dos principais templos, e muitos entalhes mostravam as grotescas e fantásticas torres que haviam furado o céu onde então víamos apenas muralhas e cubos agarrados à rocha. Ao longo das eras as cavernas apareceram e foram transformadas em anexos dos templos. Com a chegada de épocas ainda mais recentes, todos os veios de calcário na região foram erodidos pelas águas subterrâneas, e assim as montanhas, os sopés e as planícies transformaram-se em uma verdadeira rede de cavernas e galerias interligadas. Muitas esculturas gráficas retratavam as explorações nas profundezas da terra e a descoberta final do soturno mar estígio que se ocultava nas entranhas da Terra.

O enorme pélago noctífero fora sem dúvida alguma escavado pelo grande rio que corria desde as horríveis montanhas sem nome a oeste, que em outras épocas fazia uma curva na base da serra dos Anciões e corria ao lado da cordilheira até desaguar no Oceano Índico, entre a Terra de Budd e a Terra de Totten no litoral de Wilkes. Com o passar do tempo, a água erodiu a base calcária da montanha no ponto onde o rio fazia a curva até que as insidiosas correntes se juntassem às águas subterrâneas para escavar um abismo ainda mais profundo. Por fim, o enorme volume de água desembocou nas colinas ocas e deixou seco o leito

que outrora corria em direção ao oceano. Grande parte da cidade mais tardia que encontramos fora construída em cima do antigo leito. Os Anciões, cientes do que havia ocorrido e sempre dispostos a dar vazão ao senso artístico, haviam transformado em colunatas esculpidas os promontórios nos sopés onde o grande fluxo começava a descida rumo às trevas eternas.

O rio, em outras épocas atravessado por opulentas pontes de pedra, era claramente aquele cujo antigo curso tínhamos avistado durante o voo de reconhecimento. A posição do rio nos diferentes entalhes da cidade possibilitou que nos orientássemos em relação à cena tal como havia sido em vários estágios da história milenar e entregue à morte através dos éons que dizia respeito ao local; e assim pudemos esboçar um mapa feito às pressas mas bastante detalhado das principais características — esplanadas, construções importantes e similares — para servir de guia às futuras expedições. Não tardou para que nos sentíssemos capazes de reconstruir, em nossa fantasia, toda a glória da cidade a um ou dez ou cinquenta milhões de anos atrás, pois as esculturas mostravam-nos exatamente qual era o aspecto das construções e montanhas e esplanadas e subúrbios e paisagens, bem como o da exuberante vegetação terciária. O lugar deve ter ostentado uma beleza maravilhosa e mística, e enquanto pensava a respeito eu quase esqueci do suor frio causado pelo sentimento de opressão sinistra com que a antiguidade inumana e a magnitude e a morte e o crepúsculo glacial da cidade haviam sufocado e oprimido o meu espírito. No entanto, de acordo com certas esculturas os habitantes da cidade haviam se defrontado com o jugo de um terror opressivo; pois havia um gênero de cena sombria e recorrente em que os Anciões eram representados encolhidos de pavor diante de algum objeto — jamais retratado nos murais — localizado no grande rio e impelido pelas águas através de ondulantes florestas de cicadófitas rematadas por trepadeiras desde as terríveis montanhas a ocidente.

Foi apenas na casa mais tardia com os entalhes decadentes que obtivemos o prenúncio relativo ao desastre final que precipitou o abandono da cidade. Sem dúvida deve ter havido muitas esculturas da mesma antiguidade em outro lugar, apesar das energias e aspirações minguentes em um período de inquietude e incerteza; a bem dizer, descobrimos evidências muito convincentes da existência de outras logo a seguir. Mesmo as-

sim, este foi o primeiro e único conjunto com o qual tivemos contato. Pretendíamos continuar a exploração mais tarde; pois, como eu disse, as circunstâncias ditavam outro curso de ação imediata. Mesmo assim, haveria um limite — pois quando toda a esperança de uma longa ocupação futura mostrou-se frustrada, os Anciões não poderiam ter feito outra coisa senão abandonar de vez os adornos escultóricos. O golpe de misericórdia, é claro, foi a chegada da glaciação que outrora enfeitiçou a maior parte da terra e que jamais abandonou os malfadados polos — a glaciação que, no outro extremo do mundo, pôs fim às terras fabulosas de Lomar e da Hiperbórea.

Seria difícil determinar com precisão quando essa tendência começou na Antártida. Hoje se acredita que os períodos glaciais tenham começado a cerca de 500 mil anos do presente, mas nos polos esse flagelo terrível deve ter começado muito antes. Todas as estimativas qualitativas são ao menos em parte resultado de adivinhações; porém é muito provável que as esculturas decadentes tenham sido feitas há menos de um milhão de anos e que o efetivo abandono da cidade estivesse completo muito antes do início do Pleistoceno — 500 mil anos atrás — conforme os cálculos feitos em relação à superfície total da Terra.

Nas esculturas decadentes havia sinais de vegetação mais escassa por toda a parte, e também de uma vida rural menos intensa da parte dos Anciões. As casas apareciam equipadas com aquecedores, e os viajantes de inverno agasalhavam-se com tecidos protetores. Então descobrimos uma série de cartuchos (estando os grupos contínuos muitas vezes interrompidos nessas esculturas mais tardias) que retratavam a constante migração rumo aos mais próximos refúgios de calor — enquanto uns fugiam para as cidades submarinas saídas da orla longínqua, outros arrastavam-se em meio à rede de galerias calcárias nas colinas ocas em direção ao abismo negro de águas subterrâneas.

No fim, o abismo próximo aparentava ter recebido a maior parte da colonização. Parte do motivo, sem dúvida, foi a sacralidade histórica da região; porém outros fatores determinantes devem ter sido a oportunidade de seguir usando os grandes templos nas montanhas perpassadas por galerias subterrâneas e de manter a enorme cidade terrestre como residência de verão e base de acesso a diversas minas. A ligação entre as antigas e as novas moradas tornou-se ainda mais eficaz graças à imple-

mentação de vários desníveis e outras melhorias ao longo das rotas comunicantes, que incluíam a abertura de numerosos túneis entre a metrópole ancestral e o abismo negro — túneis com um declive acentuado cujas bocas desenhamos com o maior cuidado, segundo as nossas mais ponderadas estimativas, no mapa que estávamos preparando. Era evidente que pelo menos dois túneis localizavam-se a uma distância razoável do ponto onde nos encontrávamos; pois ambos ficavam no extremo montanhoso da cidade, um a menos de quinhentos metros do antigo leito do rio e o outro talvez a duas vezes essa distância na direção contrária.

O abismo, ao que tudo indicava, tinha projeções de terreno seco em certos pontos; mas os Anciões construíram a nova cidade debaixo d'água — sem dúvida movidos pela certeza de um calor mais uniforme. A profundidade do mar oculto aparenta ter sido enorme, pois assim o calor interno da Terra poderia garantir a habitação por um período indefinido. As criaturas não parecem ter enfrentado dificuldades para adaptar-se em caráter temporário — e por fim em caráter permanente — à vida submarina; afinal, jamais haviam permitido que as guelas atrofiassem. Muitas esculturas mostravam que sempre haviam feito visitas frequentes aos parentes submarinos em toda parte e também que tinham o hábito de banhar-se nas profundezas do grande rio. A escuridão nas profundezas da Terra tampouco seria obstáculo para uma raça acostumada às longas noites antárticas.

Por mais decadente que fosse o estilo, as esculturas tardias adquiriram uma qualidade verdadeiramente épica ao retratar a construção da nova cidade nas cavernas subaquáticas. Os Anciões adotaram métodos científicos; extraíram rochas insolúveis do coração das montanhas perpassadas por galerias subterrâneas e empregaram trabalhadores experientes da cidade submarina mais próxima para executar a construção segundo os melhores procedimentos conhecidos. Os trabalhadores levaram consigo tudo o que era necessário para cuidar da nova empresa — tecidos de shoggoth a fim de criar carregadores de pedra e outros animais de carga para a cidade nas cavernas e outras matérias protoplásmicas a serem transformadas em organismos fosforescentes a fim de prover iluminação.

Enfim uma poderosa metrópole ergueu-se no fundo do mar estígio; a arquitetura em muito lembrava a da cidade em terra, e a execução do trabalho evidenciava pouca decadência em virtude do elemento matemático preciso inerente às operações arquitetônicas. Os shoggoths recém-criados atingiram um tamanho enorme e desenvolveram uma inteligência bastante singular, e apareciam recebendo e executando ordens com uma rapidez fabulosa. Pareciam conversar com os Anciões imitando-lhes a voz — uma espécie de assovio musical com notas em várias frequências, se a dissecação efetuada pelo pobre Lake estava correta — e receber mais ordens faladas do que sugestões hipnóticas em relação às épocas anteriores. Mesmo assim, eram admiravelmente mantidos sob controle. Os organismos fosforescentes providenciavam luz com grande eficácia e sem dúvida compensavam a perda das familiares auroras polares da fantástica noite glacial.

A arte e a decoração ainda eram praticadas, embora sofressem com uma certa decadência. Os Anciões parecem ter notado esse declínio; e em muitos casos anteciparam a política de Constantino, o Grande, transplantando para a nova morada certos blocos particularmente vistosos de escultura antiga retirados da cidade terrestre, tal como o imperador, em uma época de declínio bastante similar, privou a Grécia e a Ásia das obras de arte mais vistosas para conferir à nova capital bizantina esplendores maiores do que seu povo seria capaz de criar. Sem dúvida o transporte dos blocos esculpidos não se deu em maior escala porque no início a cidade terrestre não foi abandonada por completo. Na época do abandono completo — o que deve ter ocorrido antes que o Pleistoceno polar alcançasse um estágio muito avançado — os Anciões talvez estivessem satisfeitos com a arte decadente — ou então deixaram de reconhecer os méritos superiores dos entalhes mais antigos. Seja como for, o fato era que as ruínas entregues ao silêncio dos éons ao nosso redor não tinham sofrido um saque escultural completo; muito embora todas as melhores estátuas avulsas, bem como outros artigos, tivessem sido levados.

Os cartuchos e os lambris que contavam essa história eram, como eu já disse, os mais tardios que encontramos em nossa busca limitada. Deixaram-nos com uma imagem de Anciões que andavam de um lado para o outro entre a cidade terrestre no verão e a cidade da caverna marinha

no inverno, por vezes estabelecendo comércio com cidades submarinas mais afastadas da costa antártica. O destino inelutável da cidade terrestre deve ter se revelado ao redor dessa época, pois as esculturas exibiam diversos sinais da aproximação maligna do frio. A vegetação era cada vez mais escassa, e as terríveis neves do inverno não mais se derretiam por completo sequer em pleno verão. Os rebanhos de sáurios estavam quase todos mortos, e os mamíferos estavam em situação precária. Para lidar com o mundo da superfície, tornou-se necessário adaptar alguns dos shoggoths amorfos e resistentes ao frio à vida terrestre; algo que os Anciões até então relutavam em fazer. O grande rio estava morto, e águas mais rasas haviam perdido a maioria dos habitantes a não ser pelas focas e baleias. Todos os pássaros haviam voado para longe, a não ser pelos enormes e grotescos pinguins.

Resta-nos apenas imaginar o que ocorreu a seguir. Por quanto tempo a cidade na caverna teria sobrevivido? Estaria ainda hoje lá nas profundezas, como um cadáver pétreo em meio às trevas eternas? Teriam as águas subterrâneas enfim congelado? A que destino haviam sido entregues as cidades submarinas do mundo extraterreno? Será que os Anciões teriam se aventurado em direção ao norte para além da insidiosa calota polar? A geologia moderna não conhece indício algum desse movimento. Seria possível que os terríveis Mi-Go ainda representassem uma ameaça nas extraterrenas terras do norte? Alguém poderia saber ao certo o que poderia e o que não poderia subsistir até o dia de hoje nos abismos noctíferos e inexplorados das mais profundas águas da Terra? Aquelas coisas pareciam capazes de suportar qualquer pressão — e às vezes os homens do mar físgam objetos estranhos. Será que a teoria da baleia assassina teria de fato explicado as cicatrizes vorazes e misteriosas nas focas antárticas observadas na geração passada por Borchgrevink?

Os espécimes descobertos pelo pobre Lake não poderiam ser explicados assim, pois a localização geológica demonstrava que tinham vivido no que deve ter sido uma época muito remota na história da cidade terrestre. De acordo com a localização, não poderiam ter menos de trinta milhões de anos; e pensamos que na época a cidade da caverna, e a bem dizer a própria caverna, ainda não poderiam existir. As criaturas teriam recordado uma cena mais antiga, com a exuberante vegetação do período Terciário por toda a parte — uma jovem cidade terrestre cerca-

da de artes florescentes e atravessada por um grande rio que corria desde o norte ao longo da base das poderosas montanhas em direção ao um oceano tropical longínquo.

Mesmo assim, não conseguíamos parar de pensar naqueles espécimes — em especial nos oito ainda intactos que sumiram do acampamento brutalmente atacado de Lake. Havia algo de anormal a respeito de tudo aquilo — as estranhas ocorrências que vínhamos tentando a todo custo atribuir a alguma loucura — aqueles túmulos pavorosos — a quantidade e a *natureza* do material desaparecido — Gedney — a resistência extraterrena daquelas monstruosidades arcaicas e as singulares abominações que as esculturas relacionavam à raça... Danforth e eu tínhamos visto um bocado nas últimas horas e estávamos preparados para acreditar e manter sigilo em relação a muitos segredos incríveis e aterrorizantes da Natureza primordial.

IX

Conforme eu tive ocasião de dizer, nosso estudo das esculturas decadentes provocou uma mudança em nosso objetivo imediato. A mudança, é claro, dizia respeito às avenidas cinzeladas do obscuro mundo interior, cuja existência havíamos ignorado até então, embora logo estivéssemos desejosos de encontrá-las e explorá-las. A partir das proporções evidentes nas esculturas, deduzimos que uma caminhada descendente com cerca de oitocentos metros por qualquer um dos túneis próximos haveria de levar-nos aos confins de vertiginosos penhascos ensombrecidos que dominavam o grande abismo e de onde saíam as estradas aprimoradas pelos Anciões que levavam à orla rochosa do oceano recôndito e noctífero. Contemplar a realidade concreta do fabuloso pélago era uma tentação que parecia irresistível uma vez que a descobrimos — embora percebêssemos que seria necessário começar a jornada de imediato se quiséssemos fazê-la durante a nossa primeira incursão.

Eram oito horas da noite, e não dispúnhamos de baterias sobressalentes o bastante para deixar nossas lanternas arderem para sempre. Tínhamos nos dedicado com tanto afincio aos exames e aos esboços sob a camada de gelo que nosso estoque de baterias fora submetido a pelo me-

nos cinco horas de uso quase ininterrupto; e apesar da fórmula seca especial, a bateria só funcionaria por cerca de outras quatro — embora, ao manter uma desligada salvo no caso de passagens particularmente interessantes ou difíceis, pudéssemos estender essa margem a níveis seguros. Não havia condições de ficar sem iluminação no interior das catacumbas ciclópicas; a fim de empreender a viagem pelo abismo, teríamos de abandonar a decifração dos entalhes nas paredes. Claro que pretendíamos retornar ao lugar para dias e talvez semanas dedicados ao estudo e à fotografia — pois a curiosidade tinha vencido o horror havia muito tempo —, mas naquele momento precisávamos nos apressar. Nosso suprimento de papel estava longe de ser ilimitado, e relutávamos em sacrificar os cadernos ou os papéis de rascunho sobressalentes a fim de aumentá-lo; mas acabamos por nos desfazer de um grande caderno. Se tudo mais desse errado, poderíamos recorrer às marcas na rocha — e ainda seria possível, mesmo no caso de nos perdermos, retornar à luz do dia por uma ou outra passagem se houvesse tempo suficiente para a tentativa e o erro. Enfim nos pusemos a caminhar, cheios de expectativa, rumo ao túnel mais próximo.

De acordo com os entalhes segundo os quais havíamos desenhado o nosso mapa, o acesso não poderia estar a muito mais de quatrocentos metros do ponto onde nos encontrávamos; e ao longo do caminho havia sólidas construções que pareciam ser exploráveis a partir dos níveis subglaciais. A abertura em si parecia estar no nível subterrâneo — no ângulo mais próximo aos sopés — de uma enorme estrutura pública de cinco pontas e talvez relacionada a alguma cerimônia, que tentamos identificar a partir do voo exploratório sobre as ruínas. Não conseguimos lembrar de nenhuma estrutura similar avistada durante o voo e assim concluimos que as partes superiores haviam sido danificadas ou ainda destruídas pela fenda glacial que avistamos. Nessa última hipótese era provável que o túnel estivesse obstruído, e assim teríamos de recorrer ao outro mais próximo — que ficava a menos de um quilômetro e meio em direção ao norte. O curso do rio impedia-nos de tentar o acesso por qualquer um dos túneis mais ao sul para essa jornada; e de fato, se os dois acessos mais próximos estivessem obstruídos, talvez as nossas baterias não resistissem à tentativa em mais um túnel ao norte — localizado a cerca de um quilômetro e meio além da nossa segunda opção.

À medida que galgávamos os nebulosos meandros do labirinto com o auxílio do mapa e da bússola — atravessando salões e corredores em todos os estágios de ruína e de preservação, subindo rampas, cruzando portas elevadas e pontes e tornando a descer, encontrando passagens obstruídas por pilhas de escombros, apressando-nos ao longo de trechos preservados e surpreendentemente imaculados, tomando rotas erradas e refazendo o percurso (e nestes casos recolhendo a trilha de papel que havíamos deixado) e de vez em quando chegando ao fundo de uma escavação aberta por onde filtrava a luz do sol —, nos sentimos inúmeras vezes tentados pelos entalhes nas paredes ao longo do caminho. Muitos devem ter retratado acontecimentos de enorme relevância histórica, e apenas o prospecto de revê-los em outra ocasião fez com que nos resignássemos a deixá-los para trás. De vez em quando reduzíamos a marcha e acendíamos a segunda lanterna. Se tivéssemos mais filme, com certeza teríamos feito breves pausas a fim de registrar certos baixos-relevos em foto, porém os demorados esboços manuais estavam fora de cogitação.

Mais uma vez encontro-me num ponto em que a tendência a hesitar ou a sugerir em vez de afirmar é quase irresistível. No entanto, é necessário revelar todo o restante a fim de justificar meu objetivo ao desencorajar quaisquer explorações futuras. Estávamos prestes a nos deparar com o suposto local de entrada do túnel — após cruzar uma ponte do segundo andar em direção ao que parecia ser a extremidade de uma muralha pontuda e descer até um corredor em ruínas particularmente rico em esculturas tardias com evidentes propósitos ritualísticos — quando, por volta das 20h30, o apurado olfato jovial de Danforth deu-nos o primeiro indício de algo fora do comum. Se houvéssemos levado um cão, imagino que o animal teria dado o alerta com maior antecedência. A princípio não sabíamos dizer o que havia de errado com o ar puro que havíamos respirado até então, mas passados alguns segundos as nossas memórias reagiram de modo bastante pronunciado. Peço licença para tentar pôr o ocorrido em palavras sem estremecer. Havia um certo odor — e este odor guardava uma semelhança vaga, sutil e inconfundível com o cheiro nauseante que havíamos sentido ao abrir o insano túmulo de horror dissecado pelo pobre Lake.

Evidente que na hora a revelação não foi tão clara como agora parece. Havia várias explicações possíveis, e trocamos uns quantos sussurros indecisos. O mais importante, no entanto, foi que não recuamos sem antes investigar melhor; pois tendo chegado tão longe não nos deixaríamos intimidar por nada menos do que um desastre iminente. De qualquer modo, nossas suspeitas eram insanas demais para que acreditássemos. Coisas como aquelas não acontecem em um mundo normal. O puro instinto irracional deve ter nos levado a atenuar o facho da única lanterna acesa — pois já não nos sentíamos tentados pelas sinistras e decadentes esculturas que nos espreitavam das paredes — e a reduzir nossa marcha a um cauteloso andar na ponta dos pés enquanto cruzávamos passagens cada vez mais atulhadas de escombros e destroços.

Os olhos e o nariz de Danforth provaram ser mais aguçados do que os meus, pois foi ele quem primeiro notou a estranha aparência dos destroços quando atravessamos várias arcadas obstruídas que levavam a câmaras e corredores do andar térreo. O lugar não dava a impressão de incontáveis milênios de abandono, e quando aos poucos intensificamos o facho da lanterna percebemos que um certo trecho apresentava indícios de movimentação recente. A natureza irregular dos escombros escondia quaisquer marcas definidas, mas as superfícies mais lisas sugeriam o arrastamento de objetos pesados. Em um dado ponto imaginamos ter encontrado rastros paralelos, como os de criaturas em plena corrida. A descoberta nos levou a parar outra vez.

E foi durante essa pausa que sentimos — dessa vez ao mesmo tempo — um outro odor vindo de um ponto mais à frente. Paradoxalmente, era um odor ao mesmo tempo menos e mais apavorante — menos apavorante no sentido intrínseco, porém infinitamente aterrorizante naquele lugar e naquelas circunstâncias... a não ser, é claro, que Gedney... Pois o odor era o simples e familiar odor de gasolina — gasolina comum.

A partir deste ponto, deixo quaisquer explicações relativas às nossas motivações para agir aos psicólogos. Soubemos naquele instante que uma terrível extensão dos horrores perpetrados no acampamento havia se arrastado para o tenebroso cemitério dos éons, e a partir de então não pudemos mais duvidar da existência de circunstâncias inefáveis — presentes ou ao menos recentes — muito próximas a nós. No fim deixamos

que a curiosidade abrasadora — ou a ansiedade — ou a auto-hipnose — ou vagos pensamentos relativos ao nosso dever para com Gedney — ou sabe-se lá o quê — impelisse-nos adiante. Em um sussurro, Danforth tornou a mencionar o rastro que imaginou ter visto em uma curva nas ruínas mais acima; e também o discreto assovio musical — revestido de um significado extraordinário à luz dos relatórios feitos por Lake sobre a dissecação, apesar da semelhança com os ecos produzidos pela boca das cavernas em meio à ventania nos picos — que imaginou ter escutado logo a seguir nas profundezas desconhecidas aos nossos pés. Eu, por minha vez, sussurrei alguma coisa a respeito das condições em que encontramos o acampamento — a respeito do que havia desaparecido e de como a loucura de um sobrevivente único poderia ter concebido o inconcebível — uma jornada desvairada através das monstruosas montanhas e um mergulho na cantaria primordial inexplorada.

Porém, não logramos convencer um ao outro, e sequer a nós próprios, de nada muito definido. Tínhamos desligado a lanterna e estávamos parados, e mal percebemos que um fio de luz da superfície evitava que a escuridão fosse absoluta. Depois que o instinto nos impeliu adiante, passamos a nos guiar usando lampejos ocasionais da lanterna. Os destroços revirados haviam causado uma impressão da qual não conseguíamos nos desvencilhar, e o cheiro de gasolina ficou mais intenso. Cada vez mais ruínas se apresentavam aos nossos olhos e impediam o avanço dos nossos pés, e em um dado ponto vimos que o caminho à frente estava prestes a acabar. Estávamos corretos em nossa impressão pessimista relativa à fenda avistada durante o voo. Nosso túnel não tinha saída, e sequer poderíamos chegar ao nível subterrâneo que franqueava acesso ao abismo.

Os rápidos lampejos da lanterna nas paredes cobertas de entalhes grotescos ao longo dos corredores bloqueados em que nos encontrávamos revelavam várias passagens em vários estágios de obstrução; e de uma delas o odor de gasolina — abafando quase por completo aquele outro odor sutil — tresandava de modo bastante pronunciado. Enquanto fixávamos o olhar, tivemos a certeza de que uma discreta limpeza dos escombros fora efetuada havia não muito tempo naquela abertura em particular. Qualquer que fosse o horror à espreita, acreditamos que uma via de acesso direto estava claramente manifesta. Creio que ninguém se

surpreenderá ao saber que aguardamos um tempo considerável antes de esboçar o movimento seguinte.

Mesmo assim, quando nos aventuramos ao interior da arcada obscura, nossa primeira impressão foi de anticlímax. Em meio ao entulho da cripta esculpida — um cubo perfeito com cerca de seis metros de lado — não havia nenhum objeto prontamente discernível; e por instinto procuramos, ainda que em vão, uma passagem mais além. Em um segundo momento, porém, a visão aguçada de Danforth distinguiu um ponto onde os destroços espalhados pelo chão haviam sido mexidos; e ligamos as duas lanternas na potência máxima. Embora a luz tenha nos revelado algo simples e corriqueiro, reluto em fazer esse relato por conta das implicações que encerra. Era um espaço plano improvisado em meio aos destroços, sobre o qual repousavam vários objetos espalhados sem nenhum critério aparente, e em um dos cantos uma quantidade razoável de gasolina parecia ter sido derramada ainda a tempo de deixar um forte odor até mesmo na altitude extrema do superplatô. Em outras palavras, aquilo só poderia ser uma espécie de acampamento — um acampamento feito por seres exploradores que, como nós, viram-se obrigados a voltar devido à obstrução no caminho até o abismo.

Permita-me ser claro. Os objetos espalhados vinham todos do acampamento de Lake e consistiam em latas abertas de maneira tão inusitada quanto as que encontramos no acampamento devassado, vários fósforos gastos, três livros ilustrados com manchas algo curiosas, um tinteiro vazio e a caixa de papel correspondente, uma caneta-tinteiro quebrada, alguns fragmentos de peles e de lona, uma bateria usada com panfleto de instruções, um cartão que acompanhava o aquecedor da nossa tenda e um sortimento de papéis amassados. A descoberta já parecia ruim o bastante, mas quando abrimos os papéis amassados e vimos o que escondiam, sentimos que havíamos nos defrontado com o pior. No acampamento, havíamos descoberto papéis com manchas inexplicáveis que podiam ter nos preparado, porém a revelação nas profundezas obscuras de criptas anteriores à humanidade em uma cidade saída de um pesadelo era quase mais do que poderíamos suportar.

Um Gedney enlouquecido poderia ter feito os grupos de pontos que imitava aqueles encontrados nas pedras-sabão esverdeadas, bem como os pontos que encontramos nos insanos montes de cinco pontas ergui-

dos sobre as sepulturas; e poderia ter feito esboços apressados e grosseiros — com variável nível de precisão — que exibissem os contornos das partes vizinhas à cidade e traçassem o caminho desde um ponto circular representado fora da nossa rota anterior — um ponto que identificamos como sendo uma enorme torre cilíndrica que aparecia em certos entalhes e um vasto abismo circular avistado durante o voo de reconhecimento — até a estrutura de cinco pontas onde nos encontrávamos e a boca do túnel lá dentro. Repito que poderia ter feito tais esboços; pois o material diante de nós fora sem dúvida compilado da mesma forma que o nosso, a partir das esculturas tardias em algum lugar do labirinto glacial, embora não a partir das mesmas que havíamos visto e usado. Porém, o suposto borra-tintas jamais poderia ter executado os esboços com uma técnica estranha e segura de si que talvez superasse, a despeito da pressa e do desleixo, qualquer uma das esculturas decadentes das quais haviam sido copiados — a técnica característica e inconfundível dos próprios Anciões no antigo esplendor da cidade morta. Há quem possa dizer que Danforth e eu somos loucos por não ter fugido nesse instante, uma vez que as nossas conclusões — não obstante o evidente desvario — estavam a essa altura completas e apresentavam um caráter que não preciso sequer descrever àqueles que leram o meu relato até esse ponto. Talvez estivéssemos loucos — pois eu não disse que aqueles picos atrozes eram montanhas da loucura? Mesmo assim, julgo perceber algo no mesmo espírito — embora de forma menos extrema — nos homens que perseguem bestas mortíferas embrenhados nas selvas africanas no intuito de fotografá-los ou estudar seus hábitos. Ainda que estivéssemos meio paralisados de terror, em nosso espírito ardia a chama do espanto e da curiosidade que triunfou no final.

É claro que não pretendíamos encarar aquilo — ou aqueles — que sabíamos ter estado lá, mas sentimos que já haveriam se afastado. Naquele ponto, teriam encontrado o acesso vicinal ao pélagos e ido ao encontro de quaisquer fragmentos noctíferos do passado que talvez espreitassem no abismo supremo — o abismo supremo em que jamais haviam posto os olhos. Ou, se porventura este acesso também estivesse bloqueado, teriam seguido rumo ao norte em busca de outro. Lembremos que eram ao menos em parte independentes da luz.

Ao recordar aquele momento, mal consigo lembrar de que forma exata as nossas emoções assumiram — que mudança de objetivo imediato acirrou a tal ponto a nossa expectativa. Não pretendíamos de maneira alguma encontrar o que temíamos — mas não nego que podemos ter nutrido um desejo oculto e inconsciente de entrever certas coisas a partir de um lugar a salvo de quaisquer olhares. Não me parece correto dizer que abdicamos o desejo de vislumbrar o abismo, embora um novo objetivo houvesse se apresentado sob a forma do grande local circular indicado nos esboços amassados que encontramos. De pronto nós o reconhecemos como a monstruosa torre cilíndrica representada nas mais antigas esculturas, que no entanto aparecia como uma prodigiosa abertura circular vista de cima. Algo no tratamento dispensado à imagem até mesmo naqueles diagramas traçados às pressas levou-nos a imaginar que os níveis subglaciais ainda pudessem representar alguma característica de singular importância. Talvez exibissem maravilhas arquitetônicas ainda ocultas aos nossos olhares. A torre remontava a tempos imemoriais segundo as esculturas em que aparecia — a bem dizer, fora uma das primeiras construções na cidade. As esculturas, caso se encontrassem preservadas, teriam uma importância simbólica indiscutível. Além do mais, naquela situação a torre poderia oferecer uma ligação conveniente com o mundo da superfície — um caminho mais curto do que aquele que desbravávamos com tanta cautela e por onde os outros exploradores provavelmente teriam descido.

No fim, o que fizemos foi examinar os terríveis esboços — que confirmavam os nossos quase à perfeição — e tomar o curso indicado em direção ao local circular; o curso que os nossos predecessores sem nome deviam ter atravessado duas vezes antes de nós. O outro portal do abismo estaria logo além. Não é necessário relatar a jornada — durante a qual continuamos a deixar uma econômica trilha de papel —, que apresentou as mesmas peculiaridades do caminho usado para chegar até o beco sem saída; a única diferença era uma tendência maior a permanecer no nível térreo e até mesmo a descer rumo aos corredores subterrâneos. De vez em quando podíamos discernir certas marcas perturbadoras em meio aos destroços ou ao entulho sob os nossos pés; e após deixarmos o cheiro de gasolina para trás, mais uma vez percebemos — quase que em um espasmo — aquele odor mais terrível e mais persistente. Depois que

o caminho se afastou do nosso curso original, por vezes varriámos as paredes com o brilho furtivo da lanterna; e em quase todas as ocasiões percebemos as esculturas quase onipresentes que parecem ter constituído um importante veículo estético para os Anciões.

Por volta das 21h30, enquanto atravessávamos um corredor em arco com um piso cada vez mais congelado que parecia localizar-se um pouco abaixo do nível térreo e um teto que baixava à medida que avançávamos, percebemos a forte luz do sol refulgindo mais à frente e pudemos desligar a lanterna. Tínhamos a impressão de estar chegando ao enorme sítio circular, e de que não podíamos estar muito afastados da superfície. O corredor terminava em um arco excepcionalmente baixo para aquelas ruínas megalíticas, mas pudemos ver bastante coisa antes de emergir do outro lado. Mais além se estendia um prodigioso espaço circular — com 60 metros de diâmetro — repleto de destroços e de várias outras arcadas obstruídas semelhantes àquela que estávamos prestes a atravessar. As paredes — onde havia espaço — tinham recebido entalhes bastante ousados que formavam uma espiral de proporções heroicas; e exibiam, a despeito da erosão causada pelos elementos em um local aberto, um esplendor artístico muito além de qualquer outra coisa que houvéssemos encontrado até então. O chão repleto de entulho estava coberto por uma espessa camada de gelo, e imaginamos que o verdadeiro fundo estivesse a uma profundidade considerável.

Porém, o objeto que mais chamava a atenção no local era a titânica rampa de pedra que, evitando as arcadas por meio de uma acentuada curva para fora em direção à superfície, subia em espiral pela estupenda parede cilíndrica como se fosse a contraparte interna dos ornatos que em outras épocas haviam escalado as monstruosas torres ou zigurates da antiga Babilônia. Apenas a velocidade do voo e a perspectiva que fazia a espiral desaparecer contra a parede interna da torre haviam nos impedido de notar essa característica ainda no ar, e assim nos levaram a procurar outro caminho para o nível subglacial. Pabodie talvez pudesse ter explicado que tipo de engenharia mantinha a estrutura no lugar, mas a nós restavam apenas a admiração e o espanto. Enxergamos mísulas e colunas robustas aqui e acolá, mas o que vimos não parecia adequado à função exercida. Aquela coisa estava extraordinariamente bem conservada até o alto da torre — uma circunstância notável em vista da exposição aos ele-

mentos — e o abrigo oferecido tinha feito muito pela proteção das bizarras e perturbadoras esculturas cósmicas nas paredes.

Quando chegamos ao espantoso brilho tênue no interior do monstruoso cilindro — um monumento de cinquenta milhões de anos e sem dúvida a estrutura de antiguidade mais primordial em que pusemos os olhos — notamos que as laterais atravessadas pela rampa subiam de modo vertiginoso a uma altura de dezoito metros. Ao relembrar o nosso voo de reconhecimento, pudemos estimar a espessura da glaciação externa em cerca de doze metros, uma vez que o abismo hiante avistado em pleno ar estava no topo de um monte com cerca de seis metros de cantaria desabada com três quartos da própria circunferência protegidos graças às colossais paredes curvas de uma fileira de ruínas mais elevadas. Segundo as esculturas, a torre original havia se erguido no centro de uma esplanada circular; e talvez atingisse 150 ou 180 metros de altura, com fileiras de discos horizontais próximos ao topo e uma carreira de coruchéus aciculados ao longo da borda superior. A maior parte dos blocos de cantaria havia desabado para o lado de fora — uma coincidência fortuita, pois de outra forma a rampa poderia ter desabado e assim todo o interior estaria obstruído. Percebemos que a rampa apresentava um desgaste profundo; enquanto todas as arcadas no fundo pareciam ter sido parcialmente desobstruídas havia não muito tempo.

Levamos não mais do que um instante para concluir que aquela era de fato a rota por onde aqueles outros haviam descido, e que seria a rota natural para a nossa própria subida apesar da longa trilha de papéis que havíamos deixado para trás. A entrada da torre não ficava mais longe dos sopés e do nosso avião do que o grande prédio com terraços por onde havíamos entrado, e qualquer avanço da exploração subglacial que pudéssemos empreender naquela viagem ficaria restrito aos arredores. É estranho, mas ainda estávamos considerando viagens futuras — mesmo depois de tudo o que tínhamos visto e deduzido. Então, quando seguimos o nosso rumo em meio aos destroços do enorme recinto, nos deparamos com uma cena que se sobrepôs a todos os outros assuntos.

Era um arranjo de três trenós dispostos com todo o cuidado no ângulo mais distante da parte inferior da rampa, que até então havia permanecido oculta à nossa visão. Lá estavam — os três trenós que haviam sumido do acampamento de Lake —, abalados por um uso excessivo

que devia ter incluído trajetos forçados por longas extensões de pedra nua e destroços, bem como um tanto de transporte manual nos pontos de navegação impossível. Os trenós haviam sido carregados e afivelados com esmero, e continham objetos bastante familiares — o fogão a gasolina, latas de combustível, estojos de instrumentos, latas de provisões, lonas sem dúvida repletas de livros e outras repletas de conteúdos menos evidentes — tudo retirado do equipamento de Lake. Depois do que havíamos encontrado na outra câmara, estávamos em certa medida preparados para essa descoberta. O choque maior veio quando demos um passo à frente e abrimos uma das lonas cuja silhueta havia nos instilado uma singular inquietação. Parece que Lake não era o único interessado em coletar espécimes típicos; pois lá estavam mais dois, ambos congelados, em perfeito estado de preservação, com bandagens adesivas cobrindo ferimentos no pescoço e enrolados com evidente cuidado a fim de evitar maiores danos. Eram os corpos do jovem Gedney e do cão desaparecido.

X

Muitas pessoas talvez nos considerem frios e loucos por termos pensado no túnel rumo ao norte logo após nossa descoberta funesta, e não tenho a pretensão de afirmar que teríamos revivido tais pensamentos se não por força de uma circunstância específica que nos influenciou e desencadeou toda uma nova série de especulações. Tornamos a cobrir o corpo do pobre Gedney com a lona e ficamos parados em uma espécie de perplexidade muda até que certos sons atingissem a nossa consciência — os primeiros sons desde a nossa descida, quando deixamos para trás o descampado onde o vento da montanha entoava lamentos sutis em meio às alturas sobrenaturais. Por mais familiares e prosaicos que fossem, no longínquo reino da morte aqueles sons revestiam-se de um caráter mais inesperado e mais exasperante do que quaisquer ruídos grotescos ou fabulosos poderiam apresentar — pois mais uma vez perturbavam todas as nossas noções de harmonia cósmica.

Se ainda fosse um resquício daquele bizarro assovio musical com notas em várias frequências que o relatório de Lake nos havia levado a

esperar das criaturas — e que, de fato, nossa imaginação sobrecarregada vinha percebendo em cada uivo do vento desde que abandonamos o horror no acampamento —, ao menos haveria uma espécie de congruência infernal com a região entregue à morte através dos éons que nos rodeava. A voz de outras épocas pertence apenas ao cemitério de outras épocas. O que aconteceu, no entanto, foi que o barulho fez desabarem todas as nossas convicções mais profundas — toda a nossa concepção da Antártida como um deserto de gelo tão absoluta e irrevogavelmente desprovido até mesmo dos mais rudimentares vestígios de vida natural quanto o disco estéril da lua. O que escutamos não foi a nota formidável e a blasfêmia sepulta de uma terra ancestral a partir de cuja dureza sobrenatural um sol polar renegado por eras sem fim havia evocado uma resposta monstruosa. Não; era algo revestido de uma normalidade tão zombeteira e de uma trivialidade tão inconfundível que estremecemos ao concebê-lo naquele lugar, onde tais coisas não deveriam estar presentes. Para ser breve — foi apenas o grasnado estridente de um pinguim.

O som abafado emergiu dos recônditos subglaciais quase em frente ao corredor por onde havíamos chegado — regiões na exata direção do outro túnel rumo à vastidão do abismo. A presença de um pássaro aquático naquela direção — na superfície de um mundo que por eras havia se resumido a uma longa e uniforme ausência de vida — só poderia levar a uma única conclusão; portanto a nossa primeira reação foi verificar a realidade objetiva do som. De fato, a ocorrência se repetiu; e por vezes parecia vir de mais de uma garganta. Em busca da origem dos sons, entramos por uma arcada de onde muitos destroços haviam sido retirados; e retomamos ao desbravamento de novos territórios — com um novo suprimento de papel retirado com inegável repulsa de uma das lonas nos trenós — deixando a luz do dia para trás.

À medida que o chão congelado dava vez ao entulho, discernimos curiosos rastros ainda muito visíveis; e em certo momento Danforth encontrou uma marca cuja descrição seria desnecessária ao extremo. O caminho indicado pelos grasnados dos pinguins era exatamente o mesmo ditado pelo mapa e pela bússola como rota de acesso à entrada do túnel mais ao norte, e nos regozijamos ao perceber que uma estrada sem pontes no nível térreo e no subterrâneo parecia desobstruída. O túnel, segundo o mapa, deveria começar no nível subterrâneo de uma imponente

estrutura piramidal que durante o voo de reconhecimento deixou-nos com a vaga impressão de estar notavelmente bem conservada. Ao longo do caminho uma única lanterna revelava a costumeira profusão de entalhes, mas não paramos a fim de examiná-los.

De repente um vulto branco assomou à nossa frente, e então ligamos a segunda lanterna. É estranho notar a que ponto a nova missão nos havia levado a esquecer quaisquer temores relativos às coisas que poderiam estar à espreita nos arredores. Os outros haviam deixado o equipamento no grande espaço circular, e portanto deviam ter feito planos de retornar após a jornada em direção ou até mesmo ao interior do abismo; porém nesse ponto abandonamos toda a cautela, como se jamais houvessem existido. O vulto branco e cambaleante tinha um metro e oitenta de altura, mas tivemos a impressão de perceber quase de imediato que não era um dos outros. Estes últimos eram maiores e mais escuros e, segundo os entalhes, locomoviam-se na superfície terrena com movimentos rápidos e confiantes, apesar da estranheza do aparato tentacular marítimo. Mesmo assim, seria inútil negar que aquela coisa branca tenha nos instilado um profundo terror. Por um instante nos vimos presa de um terror primitivo quase mais intenso do que o pior de nossos medos racionais em relação àqueles outros. Fomos ofuscados por um anticlímax quando o vulto branco entrou por uma arcada lateral à nossa esquerda para juntar-se a outros dois exemplares da mesma espécie, que o chamavam com notas estridentes. Era apenas um pinguim — embora fosse uma espécie colossal, maior do que todos os pinguins-rei conhecidos, e monstruosa na combinação de albinismo e ausência de olhos.

Depois de seguir aquela coisa ao longo da arcada e apontar o facho das duas lanternas em direção ao distraído e indiferente grupo de três, vimos que todos eram albinos desprovidos de olhos pertencentes à mesma espécie desconhecida e gigante. A estatura dos pássaros nos fez pensar em alguns dos pinguins arcaicos representados nas esculturas dos Anciões, e não tardamos a concluir que aqueles espécimes pertenciam à mesma linhagem — e que sem dúvida haviam sobrevivido graças a algum refúgio em regiões internas mais quentes, onde a escuridão perpétua havia destruído a pigmentação e atrofiado os olhos das criaturas até transformá-los em meras frestas inúteis. Não duvidamos por um instante sequer que habitassem o vasto abismo que procurávamos; e esse indí-

cio de calor e de clima habitável no interior do pélago despertou a veia mais curiosa e perturbadora da nossa fantasia.

Refletimos também sobre o que teria levado aqueles três pássaros a se aventurar tão longe do *habitat* natural. O silêncio e as condições predominantes na grande cidade morta evidenciavam que o lugar não era o palco de uma colônia sazonal, e a manifesta indiferença do trio em relação à nossa presença fazia parecer estranha a ideia de que a passagem daqueles outros pudesse tê-los assustado. Seria possível que os outros tivessem perpetrado agressões ou tentado aumentar o estoque de carne? Perguntamo-nos se o odor pungente que os cães tanto haviam detestado poderia causar antipatia semelhante nos pinguins; afinal, estava claro que os pássaros ancestrais tinham mantido excelentes relações com os Anciões — uma relação amistosa que deve ter subsistido nas profundezas do abismo enquanto ainda restavam Anciões. Após lamentar — em um paroxismo do velho espírito científico — a impossibilidade de fotografar aquelas criaturas anômalas, nós os deixamos entregues aos próprios grasnados e avançamos rumo ao abismo que sabíamos estar ao nosso alcance e cuja direção exata vinha indicada pelos rastros ocasionais dos pinguins.

Pouco tempo depois uma abrupta descida por um longo e baixo corredor desprovido de portas e de esculturas levou-nos por fim ao que imaginávamos ser a entrada do túnel. Passamos mais dois pinguins e ouvimos outros logo adiante. Então o corredor acabou em um amplo espaço aberto que nos fez prender a respiração — um perfeito hemisfério invertido, sem dúvida a grande profundidade subterrânea, medindo trinta metros de diâmetro por quinze da altura, com arcadas baixas em todas as direções exceto uma, onde havia um cavernoso nicho preto em arco que perturbava a simetria da cripta até uma altura de quase cinco metros. Era a entrada do grande abismo.

No vasto hemisfério, cujo teto côncavo fora entalhado por um artista exímio porém decadente de maneira a representar a abóbada celeste, alguns pinguins albinos cambaleavam — forasteiros, porém forasteiros indiferentes e cegos. O túnel negro estendia-se a uma distância indefinível por um declive acentuado, e a entrada tinha adornos grotescos nas jambas e nos lintéis. No limiar daquela boca críptica, pensamos ter sentido um sopro de ar um pouco mais quente e talvez até um resquício de

vapor; e imaginamos que entidades, além dos pinguins, o ilimitado vazio aos nossos pés e as galerias contínuas entre a terra e as titânicas montanhas poderiam ocultar. Também imaginamos que os vestígios de fumaça no topo da montanha suspeitados pelo pobre Lake, bem como a estranha névoa que nós mesmos havíamos percebido ao redor do pico colmado pelas muralhas, pudessem ser causados por uma tortuosa evaporação das águas em regiões ainda inexploradas do núcleo terrestre.

Ao entrar, percebemos que a largura do túnel — ao menos no trecho inicial — era de aproximadamente cinco metros para cada lado; com as laterais, o chão e a arcada do teto construídos na tradicional cantaria megalítica. As laterais tinham decorações esparsas de cartuchos ornados com desenhos convencionais em um estilo tardio e decadente; e tanto as esculturas como a construção em si pareceram extraordinariamente bem conservadas. O chão estava quase limpo, a não ser por uma pequena quantidade de detritos com rastros que sinalizavam a saída dos pinguins e a entrada daqueles outros. Quanto mais avançávamos, maior o calor; de modo que logo precisamos desabotoar nossas pesadas vestimentas. Imaginamos se haveria manifestações ígneas mais abaixo, e se as águas daquele oceano ensombrecido seriam quentes. Após um breve intervalo o trabalho em cantaria dava lugar à rocha nua, embora o túnel mantivesse as mesmas proporções e apresentasse o mesmo aspecto de regularidade entalhada. Em certos pontos o declive variável era tão acentuado que ranhuras no chão faziam-se necessárias. Em muitas ocasiões notamos pequenas galerias laterais ausentes em nossos diagramas; nenhuma capaz de dificultar o nosso retorno, e todas muito bem-vindas como refúgios possíveis caso nos defrontássemos com entidades indesejadas ao retornar do abismo. O odor indescritível daquelas coisas era muito peculiar. Sem dúvida foi uma temeridade suicida aventurar-se por aquele túnel nas condições em que nos encontrávamos, porém em certas pessoas os encantos do desconhecido são mais fortes do que o senso comum imagina — e a bem dizer não foi outro o motivo que nos levou à extraterrena desolação polar. Vimos diversos pinguins ao longo do caminho e especulamos sobre a distância que teríamos de percorrer. Os entalhes nos haviam levado a prever uma descida íngreme com cerca de um quilômetro e meio até o abismo, mas nossas perambulações anteriores haviam

nos mostrado que em termos de escala os mapas não eram muito confiáveis.

Após cerca de quatrocentos metros aquele cheiro inominável acentuou-se ao extremo mais uma vez, e começamos a prestar estreita atenção às várias aberturas laterais pelas quais passávamos. Não havia vapores visíveis na entrada, mas o fato devia-se com certeza à ausência do ar frio contrastante. A temperatura subia depressa, e não ficamos surpresos ao encontrar um perturbador amontoado de material familiar. Eram peles e lonas retiradas do acampamento de Lake, mas não nos detivemos para estudar as formas bizarras em que os materiais haviam sido cortados. Logo além deste ponto percebemos um evidente aumento no tamanho e no número das galerias laterais, e concluímos estar na região densamente perpassada por túneis subterrâneos sob os mais altos sopés. O cheiro indescritível veio acompanhado de outro odor um pouco menos fétido — de que natureza não saberíamos dizer, embora tenhamos pensado em organismos pútridos e talvez em fungos subterrâneos desconhecidos. A seguir, nos deparamos com uma expansão surpreendente do túnel para a qual os entalhes não nos haviam preparado — o alargamento e o alteamento de uma elevada caverna elíptica de aspecto natural e de chão plano; com cerca de 20 metros de comprimento por 15 de largura e muitas passagens laterais enormes que avançavam em direção a trevas enigmáticas.

Embora a caverna parecesse natural, uma inspeção com as duas lanternas sugeriu que houvesse se formado a partir da destruição artificial de várias paredes entre galerias adjacentes. As paredes eram ásperas, e a elevada abóbada do teto estava repleta de estalactites; mas o piso de rocha sólida fora alisado segundo métodos artificiais e estava livre de destroços, detritos e até mesmo de pó em um grau efetivamente fora do comum. A não ser pelo corredor em que estávamos, o mesmo se aplicava ao piso de todas as enormes galerias que dele partiam; e a singularidade da circunstância era tal que não pudemos senão cogitar em vão. O novo e curioso miasma que veio suplementar o cheiro indescritível era pungente ao extremo nesse trecho, a ponto de destruir quaisquer resquícios do outro. Algo a respeito daquele lugar de chão polido e quase brilhante inspirou-nos maior estupefação e maior horror do que todas as coisas monstruosas encontradas até então.

A regularidade da passagem logo à nossa frente, somada à maior proporção de excrementos de pinguim no local, impedia qualquer confusão relativa ao curso correto em meio à pletora de cavernas igualmente enormes. Mesmo assim, resolvemos demarcar o nosso caminho com papel rasgado para o caso de enfrentarmos alguma dificuldade mais adiante; pois rastros na poeira, é claro, não poderiam ser esperados a partir daquele ponto. Quando voltamos a explorar a passagem, lançamos o facho da lanterna nas paredes do túnel — e detivemos o passo no mesmo instante, espantados com a mudança suprema e radical que se havia operado nos entalhes daquele trecho. Havíamos percebido, é claro, a grande decadência na escultura dos Anciões durante a época da escavação dos túneis; e de fato havíamos notado a execução artística inferior dos arabescos logo às nossas costas. Porém, na seção mais profunda além da caverna, notava-se uma mudança repentina que transcendia qualquer explicação — uma mudança não apenas de mera qualidade, mas também de natureza intrínseca, envolvendo uma degradação tão profunda e tão calamitosa da execução artística que nada no ritmo do declínio observado até então poderia ter nos levado a esperá-la.

Essas novas obras degeneradas eram rústicas, chamativas e desprovidas de qualquer acabamento mais detalhado. As listras apresentavam entalhes de profundidade exagerada e estavam dispostas de maneira a seguir a linha geral dos cartuchos esparsos nas seções anteriores, mas as partes em relevo não alcançavam o nível da superfície geral. Danforth imaginou que pudesse ser um segundo entalhe — uma espécie de palimpsesto formado após a obliteração de um desenho prévio. A obra tinha um caráter puramente decorativo e convencional; e consistia em espirais e ângulos rústicos que tentavam, de maneira grosseira, seguir a quíntica tradição matemática dos Anciões, porém mais como paródias do que como um perpetuamento dessa tradição. Não conseguimos afastar o pensamento de que algum elemento sutil mas de profunda estranheza fora acrescentado à técnica — um elemento, segundo imaginou Danforth, responsável por aquela substituição manifestamente laboriosa. Apresentava semelhanças e ao mesmo tempo profundas dessemelhanças em relação a tudo o que nos havíamos acostumado a reconhecer como sendo a arte dos Anciões; e o tempo inteiro eu me lembrava de outras coisas híbridas como as canhestras esculturas palmirenas feitas à

moda romana. Que outros também houvessem percebido aqueles entalhes foi-nos sugerido pela presença de uma bateria de lanterna caída próximo a um dos desenhos mais característicos.

Como não podíamos dedicar muito tempo ao estudo, seguimos em frente após um breve golpe de vista; mas a intervalos frequentes projetávamos os fachos das lanternas nas paredes a fim de ver se descobríamos outras mudanças decorativas. Não encontramos nada, embora os entalhes aparecessem apenas a intervalos esparsos por conta das numerosas bocas dos túneis laterais de chão liso. Víamos e escutávamos um número menor de pinguins, mas imaginamos ter captado a vaga impressão de um coro infinitamente distante dos pássaros em algum recôndito nas entranhas da Terra. O novo e inexplicável odor atingiu uma intensidade abominável, e mal conseguíamos notar a presença do outro cheiro indescritível. Lufadas de vapor mais adiante prometiam um maior contraste de temperatura e a relativa proximidade às noturnais escarpas marítimas do grande abismo. Então, de repente, nos defrontamos com certas obstruções no chão polido à nossa frente — obstruções que com certeza não eram pinguins — e ligamos a segunda lanterna após nos certificarmos de que os objetos permaneciam imóveis.

XI

Mais uma vez chego a um ponto em que sinto dificuldade para prosseguir. Hoje eu devia estar endurecido; porém certas experiências e sugestões deixam feridas profundas que não cicatrizam jamais e resultam em uma sensibilidade ainda maior a quaisquer reminiscências do horror original. Vimos, como eu disse, certas obstruções no chão polido à nossa frente; e posso acrescentar que quase no mesmo instante o nosso olfato foi acochado por uma curiosa intensificação do estranho miasma preponderante, claramente misturado ao fedor indescritível daqueles outros que haviam chegado antes de nós. A luz da segunda lanterna não deixou restar dúvida quanto à natureza das obstruções, e só nos atrevemos a chegar mais perto quando conseguimos ver, mesmo à distância, que eram tão incapazes de nos fazer mal quanto os seis espécimes descober-

tos nas monstruosas sepulturas cobertas por montes de cinco pontas no acampamento de Lake.

De fato, estavam tão incompletos quanto a maioria dos que havíamos encontrado — embora a poça de espesso líquido verde-escuro que se acumulava ao redor demonstrasse que aquela incompletude era muito mais recente. Parecia haver apenas quatro, embora os relatórios de Lake sugerissem não menos do que oito criaturas no grupo que nos havia precedido. Encontrá-las naquele estado foi algo totalmente inesperado, e nos pusemos a imaginar que tipo de embate monstruoso teria ocorrido na escuridão subterrânea.

Pinguins, se atacados em grupo, retalias com bicadas ferozes; e nossos ouvidos asseguravam-nos quanto à presença de uma colônia mais além. Será que aqueles outros teriam perturbado a morada dos pássaros e suscitado uma perseguição assassina? Não era o que as obstruções sugeriam, pois bicos de pinguim aplicados contra os resistentes tecidos dissecados por Lake dificilmente poderiam explicar os danos terríveis que nosso olhar aos poucos começava a distinguir. Além do mais, os enormes pássaros haviam nos parecido singularmente pacatos.

Teria então havido uma escaramuça entre aqueles outros, e seriam os quatro espécimes faltantes os responsáveis? Neste caso, onde estariam? Próximos a ponto de constituir uma ameaça iminente? Tomados de ansiedade, nos pusemos a examinar algumas passagens laterais à medida que continuávamos a nossa aproximação lenta e francamente hesitante. Independente do motivo, o conflito sem dúvida havia assustado os pinguins e desencadeado as andanças fora do perímetro habitual. Portanto, o confronto devia ter ocorrido próximo à colônia audível a duras penas no precipício insondável mais abaixo, uma vez que não havia sinais de que aquele fosse o *habitat* natural dos pássaros. Cogitamos que talvez se tratasse de uma pavorosa briga ocorrida durante uma fuga, na qual os espécimes mais fracos tentavam chegar aos trenós quando foram abatidos pelos algozes. Era possível imaginar o demoníaco embate travado entre as criaturas monstruosas sem nome enquanto saíam do abismo negro em meio a nuvens de pinguins frenéticos que grasnavam e cambaleavam ao redor.

Admito que nos aproximamos das incompletas obstruções estiradas no chão com vagareza e relutância. Quem dera que, em vez de nos apro-

ximarmos, tivéssemos corrido às pressas para longe daquele túnel blasfemo de chão polido e viscoso, repleto de esculturas degeneradas a trocar e a zombar das coisas que haviam suplantado — corrido antes de ver o que vimos, e antes que os nossos pensamentos ardessem com algo que jamais nos permitirá respirar com tranquilidade outra vez!

Nossas duas lanternas estavam voltadas para os objetos prostrados, de modo que não tardamos a perceber o fator dominante na incompletude. Por mais mutilados, esmagados, retorcidos e lacerados que estivessem, o ferimento em comum era a decapitação total. A cabeça tentaculada em forma de estrela-do-mar fora removida de todos os espécimes; e ao nos aproximar notamos que a remoção parecia ser antes o resultado de uma sucção ou de um arrancamento infernal do que de qualquer outra forma mais corriqueira de corte. A sânie nauseabunda formava uma poça esverdeada cada vez maior; mas o odor pútrido era em parte abafado por aquele fedor mais recente e mais estranho, que lá tresandava com maior pungência do que em qualquer outro ponto da nossa rota. Apenas quando chegamos perto das obstruções estiradas pudemos associar o segundo miasma inexplicável a uma fonte imediata — e assim que o fizemos Danforth, recordando certas esculturas muito vívidas que retratavam a história dos Anciões no Permiano, há 150 milhões de anos, soltou um grito torturado cuja histeria ecoou pelo corredor arcaico ornado pelos malignos entalhes em palimpsesto.

Por pouco eu mesmo não ecoei o grito; pois também havia testemunhado as esculturas primordiais e sentido uma repulsiva admiração pela forma como o artista de nome ignorado sugeria a substância viscosa descoberta ao lado de certos Anciões prostrados na incompletude — mortos e reduzidos a um atroz estado de decapitação pelos temíveis shoggoths durante a grande guerra da ressujeição. As esculturas pareciam infames e dignas de um pesadelo mesmo ao representar eventos transcorridos em eras passadas e ancestrais; pois os shoggoths e os horrores que perpetravam não deveriam ser vistos por olhos humanos nem retratados por quaisquer outros seres vivos. O autor louco do *Necronomicon* havia jurado, embora com certo nervosismo, que nenhum destes seres fora criado neste planeta e que apenas sonhadores drogados eram capazes de concebê-los. Protoplasmas amorfos e zombeteiros capazes de refletir quaisquer formas e órgãos e processos — aglutinações visco-

sas de células borbulhantes — esferoides borrachudos de cinco metros com infinita capacidade plástica e dúctil — escravos de sugestões hipnóticas, construtores de cidades — cada vez mais ressentidos, cada vez mais argutos, cada vez mais anfíbios, cada vez mais miméticos — meu Deus! Que loucura havia levado até mesmo os Anciões a usar e a esculpir tais criaturas?

A seguir, quando Danforth e eu avistamos a brilhante e iridescente viscosidade negra que se grudava aos corpos decapitados e trescalava a fetidez suprema daquele novo odor desconhecido cuja origem apenas uma imaginação doentia poderia conceber — se grudava aos corpos e reluzia com menos intensidade em uma parte lisa da amaldiçoada parede reesculpida onde havia *vários grupos de pontos* — foi então que compreendemos as profundezas mais recônditas do pavor cósmico. Não era medo dos quatro espécimes desaparecidos — pois tínhamos motivo suficiente para crer que não fariam mal algum. Pobres demônios! Afinal de contas, não eram criaturas malévolas. Eram apenas os homens de uma outra época e de uma outra esfera do ser. A Natureza pregou-lhes uma peça infernal — a mesma que seguirá pregando em outros que, por força da loucura, da insensatez ou da crueldade humana possam surgir em meio aos horrores da morta ou adormecida devastação polar —, e esse foi o retorno trágico que os aguardou.

Não eram sequer selvagens — pois de fato o que haviam feito? Um despertar terrível no frio de uma época desconhecida — talvez um ataque de quadrúpedes peludos que latiam em frenesi e uma defesa atordoada contra os agressores e os igualmente frenéticos símios brancos com uma estranha parafernália... pobre Lake, pobre Gedney, pobres Anciões! Foram cientistas até o fim — pois acaso fizeram algo que não teríamos feito na mesma situação? Meu Deus, que inteligência, que persistência! Foi um confronto prodigioso, similar apenas ao dos familiares e antepassados que haviam descoberto coisas apenas um pouco menos incríveis! Radiários, plantas, monstros, crias estelares — não importa o que tenham sido, eram homens!

Atravessaram os picos nevados em cujas encostas outrora haviam celebrado cultos religiosos e andado em meio às samambaias. Encontraram a cidade morta sob a influência de uma maldição e leram sobre os últimos dias de existência tal como havíamos feito. Tentaram alcançar os

semelhantes ainda vivos em profundezas fabulosas às quais nunca tinham se aventurado — e o que encontraram? Todos esses pensamentos ocorreram em uníssono a Danforth e a mim quando desviamos o rosto daqueles vultos decapitados cobertos de viscosidade e olhamos em direção às abomináveis esculturas em palimpsesto e aos grupos pontilhados de viscosidade ainda fresca na parede ao lado — olhamos e entendemos o que deveria ter triunfado e sobrevivido na submersa cidade ciclópica do abismo noctífero rodeado de pinguins, que de tempos em tempos expelia um trêmulo sopro de névoa pálida e sinistra como que em resposta ao grito histérico de Danforth.

O choque ante o reconhecimento da decapitação e da viscosidade monstruosa reduziu-nos a estátuas mudas e imóveis, e foi apenas em conversas posteriores que descobrimos a verdadeira identidade dos nossos pensamentos naquele instante. Tivemos a impressão de passar éons nesse estado, mas na verdade não passaram mais do que dez ou quinze segundos. A odiosa névoa pálida revolteou como se fosse impelida adiante por algum volume que avançasse mais atrás — e então veio um som que pôs a perder muito do que havíamos decidido, e ao fazê-lo quebrou o feitiço e permitiu que corrêsemos como loucos para além dos confusos pinguins grasnantes, ao longo dos corredores megalíticos tomados pelo gelo, até o grande círculo aberto e para o alto da arcaica rampa espiralada em uma busca instintiva e frenética pela sanidade do ar exterior e pela luz do dia.

Conforme dei a entender, o novo som pôs a perder muito do que havíamos decidido; pois era o que a dissecação feita pelo pobre Lake nos havia levado a atribuir às criaturas que pouco tempo atrás tínhamos dado por mortas. Mais tarde Danforth afirmou ter sido aquele o mesmo som que percebeu de forma infinitamente abafada no ponto além da curva no nível supraglacial; e sem dúvida guardava uma semelhança pavorosa com os assovios do vento que havíamos escutado perto das altas cavernas montanhosas. Mesmo correndo o risco de parecer infantil, disponho-me a acrescentar um outro detalhe; mesmo que apenas por conta da maneira impressionante como a impressão de Danforth ecoou a minha. A leitura em comum foi o que nos levou a fazer essa interpretação, embora Danforth tenha mencionado estranhas ideias relativas a certas fontes ocultas que Poe talvez possa ter consultado enquanto es-

crevia *Arthur Gordon Pym* um século atrás. Todos devem recordar que nesta narrativa fantástica existe uma palavra de significado desconhecido, embora terrível e prodigioso, ligada à Antártida e eternamente gritada pelos gigantes pássaros espectrais que habitam os recônditos dessa região maligna. “*Tekeli-li! Tekeli-li!*”^[8] Essa foi a palavra exata que imaginamos ter ouvido nas vibrações do som repentino emitido por trás da névoa branca — o insidioso assovio musical com notas em várias frequências singulares.

Estávamos em plena fuga antes que três notas ou sílabas fossem pronunciadas, embora soubéssemos que a destreza dos Anciões permitiria que um eventual sobrevivente do massacre despertado pelo grito e disposto a dar caçada alcançasse-nos em instantes. No entanto, tínhamos a vaga esperança de que uma conduta não agressiva e uma demonstração de inteligência pudesse levar a criatura a poupar-nos em caso de captura, ainda que por mera curiosidade científica. Afinal de contas, se não tivesse o que temer, não teria por que nos fazer mal. Uma vez que qualquer tentativa de se esconder seria um recurso ocioso naquela circunstância, usamos a lanterna para dar um rápido lance de olhos para trás e notamos que a névoa estava se dissipando. Poderíamos ver, enfim, um espécime vivo e completo daqueles outros? Mais uma vez escutamos o assovio musical — “*Tekeli-li! Tekeli-li!*”.

Então, ao perceber que de fato estávamos deixando o nosso perseguidor para trás, ocorreu-nos que a entidade pudesse estar ferida. Mesmo assim, não podíamos correr riscos, pois a aproximação era sem dúvida uma reação ao grito de Danforth, e não uma fuga motivada por qualquer outra entidade. A relação temporal era próxima demais para admitir dúvidas. Quanto à localização do pesadelo menos concebível e menos mencionável — aquela fétida e inavistada montanha de protoplasma viscoso cuja raça havia conquistado o abismo e enviado pioneiros a terra para reesculpir e arrastar-se pelos subterrâneos das colinas —, não fazíamos a menor ideia; e sentimos uma profunda aguilhada ao ter de abandonar um Ancião provavelmente ferido — talvez o único sobrevivente — aos perigos de uma recaptura e de um destino inominável.

Graças aos céus não diminuimos a marcha. A névoa revolvente parecia mais densa e seguia à frente com velocidade cada vez maior, enquanto os pinguins às nossas costas grasnavam e gritavam e davam si-

nais de um pânico surpreendente em vista da confusão relativamente pequena quando os passamos. Mais uma vez escutamos o sinistro assovio em várias frequências — “*Tekeli-li! Tekeli-li!*” Nós havíamos nos enganado. A coisa não estava ferida, mas havia apenas detido o passo ao encontrar os corpos dos semelhantes mortos e a demoníaca inscrição viscosa logo acima. Jamais descobriríamos o que dizia a mensagem infernal — mas as sepulturas no acampamento de Lake haviam dado mostras da importância que atribuíam aos mortos. Logo a nossa lanterna revelou a ampla caverna onde vários caminhos convergiam mais adiante, e nos sentimos aliviados ao deixar aquelas mórbidas esculturas em palimpsesto — que se faziam sentir mesmo sem que as víssemos — para trás.

Outro pensamento despertado pela aproximação da caverna foi a possibilidade de despistar a criatura em nosso encalço em meio à confusa junção das imensas galerias. Havia diversos pinguins albinos no espaço aberto, e parecia claro que o temor despertado pela entidade que se aproximava era extremo a ponto de desafiar qualquer explicação. Se naquele ponto reduzíssemos a luminosidade da lanterna ao mínimo necessário e mantivéssemos o facho apontado para frente, os grasnados e os movimentos assustados dos enormes pássaros em meio à névoa talvez abafassem os nossos passos, ocultassem o nosso rumo verdadeiro e de algum modo levassem o nosso perseguidor a seguir uma pista falsa. Em meio à turbulenta e espiralante neblina, o chão baço e repleto de entulho no túnel principal, apesar do evidente contraste em relação aos mórbidos subterrâneos polidos em outras partes, não seria uma característica muito perceptível; sequer — pelo menos segundo as nossas estimativas — para os sentidos especiais que, embora de maneira imperfeita, tornavam os Anciões independentes de luz em casos de emergência. Para dizer a verdade, também estávamos um pouco temerosos de perder o nosso próprio caminho na pressa. Tínhamos resolvido continuar sempre adiante em direção à cidade morta; pois as consequências de perder o caminho nas desconhecidas galerias dos sopés eram inconcebíveis.

Nossa sobrevivência e nosso retorno à superfície são provas suficientes de que a coisa deve ter entrado na galeria errada enquanto nós seguimos pelo caminho acertado. Só os pinguins não poderiam ter nos salvado, porém somados à névoa parecem ter contribuído de maneira decisiva. Um destino benigno foi o que manteve os vapores revoltean-

tes densos o bastante no momento crucial, pois o tempo inteiro a névoa se transformava e ameaçava desaparecer. De fato, os vapores dissiparam-se por um breve momento antes que deixássemos o nauseabundo túnel reesculpido e emergíssemos na caverna; e tivemos um primeiro vislumbre da entidade que se aproximava quando lançamos um último olhar temeroso para trás antes de reduzirmos o facho da lanterna e nos juntarmos aos pinguins para escapar da perseguição. Se o destino que nos protegia era benigno, aquele que nos propiciou esse vislumbre era algo infinitamente oposto; pois àquele relance momentâneo pode ser atribuída pelo menos a metade dos horrores que nos assombram desde então.

O motivo que nos levou a olhar para trás talvez não tenha sido mais do que o instinto imemorial do perseguido de avaliar a natureza e a rota do perseguidor; ou talvez tenha sido uma tentativa automática de responder uma questão subconsciente levantada por um dos nossos sentidos. Durante a fuga, com todas as nossas faculdades centradas no escape, não estávamos em condições de observar e analisar detalhes; porém as nossas células cerebrais devem ter analisado a mensagem transmitida pelo olfato. Só mais tarde percebemos do que se tratava — pois o afastamento da viscosidade fétida que cobria aquelas obstruções decapitadas e a concomitante aproximação da entidade perseguidora não haviam provocado a alteração olfativa esperada. Na proximidade daquelas coisas prostradas, o novo e inexplicável miasma era preponderante; mas naquela altura deveria ter dado vez à fedentina inominável associada àqueles outros. Porém, não foi o que sucedeu — pois o novo e insuportável cheiro pareceu surgir em estado puro, e tornava-se mais e mais pungente a cada instante que passava.

Então olhamos para trás — ao mesmo tempo, segundo parece; embora não haja dúvidas de que o movimento incipiente de um tenha provocado a imitação do outro. Apontamos o facho das duas lanternas na potência máxima em direção à névoa momentaneamente atenuada; talvez movidos por um desejo primitivo de ver o quanto pudéssemos, ou em uma tentativa menos primitiva mas também inconsciente de atordoar a entidade antes que apagássemos a luz e desviássemos dos pinguins frenéticos rumo ao centro do labirinto. Gesto desafortunado! Nem o próprio Orfeu nem a esposa de Ló pagaram mais caro ao olhar para trás.

E mais uma vez aquele assovio pavoroso em várias frequências — *“Tekeli-li! Tekeli-li!”*

Hoje me disponho a ser franco — embora eu não consiga ser direto — em relação ao que vimos; embora na época tenhamos sentido que não poderíamos discutir o assunto sequer um com o outro. Jamais as palavras que chegam ao leitor serão capazes de sequer insinuar o horror da visão. Nossa consciência sofreu um abalo tão profundo que me admiro ao perceber que conseguimos apagar as lanternas como havíamos planejado e seguir pelo túnel correto em direção à cidade morta. Apenas o instinto deve ter nos salvado — talvez mais do que a razão seria capaz; mas, se assim foi, pagamos um alto preço. A razão que nos resta sem dúvida é pouca. Danforth sofreu um colapso total, e a minha primeira lembrança em relação ao restante da jornada é ouvi-lo entoar uma fórmula histórica na qual apenas eu, dentre todos os homens, seria capaz de ver mais do que a algaravia dos loucos. Os ecos em falsete reverberavam em meio aos grasnados dos pinguins; reverberavam pelas arcadas à frente e — graças a Deus — pelas arcadas então desertas às nossas costas. Danforth não poderia ter começado aquilo durante a fuga — pois de outra forma não teríamos corrido às cegas e hoje não estaríamos vivos. Estremeço ao pensar no que a menor diferença na reação nervosa poderia ter causado.

“South Station — Washington — Park Street — Kendall — Central — Harvard...” O coitado estava recitando as estações do túnel que ia de Boston a Cambridge em nossa tranquila terra natal a milhares de quilômetros, na Nova Inglaterra, porém em mim o ritual não despertava sentimentos de irrelevância nem de pertencimento ao lar. Despertava apenas horror, pois eu conhecia precisamente a monstruosa e nefasta analogia sugerida. Quando olhamos para trás, esperávamos ver — se a névoa estivesse tênue o bastante — o avanço de uma entidade terrível; porém havíamos formado uma ideia bastante clara dessa entidade. O que vimos, no entanto — pois a névoa maligna de fato estava mais tênue — foi algo distinto ao extremo, incomensuravelmente mais atroz e detestável. Era a total e absoluta corporificação da “coisa que não devia existir” mencionada pelo romancista fantástico, cuja analogia mais compreensível seria a de um enorme trem nos subterrâneos do metrô visto a partir da plataforma — a enorme dianteira negra emergindo como um colosso

das profundezas subterrâneas infinitas, constelado por estranhas luzes coloridas e ocupando toda a prodigiosa escavação como um pistão ocupa um cilindro.

Mas não estávamos em uma plataforma de metrô. Estávamos nos trilhos enquanto a coluna plástica de fétida iridescência negra espremia-se ao mesmo tempo que escorria para frente como que em uma fístula de cinco metros, ganhando velocidade blasfema e arrastando diante de si uma nuvem espessa e revolvente do pálido vapor abissal. Era uma coisa medonha, indescritível, maior do que qualquer trem de metrô — um aglomerado informe de bolhas protoplásmicas dotadas de tênue luminosidade com miríades de olhos temporários que surgiam e desapareciam como pústulas de luz esverdeada por toda a dianteira que avançou para cima de nós, esmagando os pinguins e deslizando pelo chão reluzente que aquilo e outras entidades semelhantes haviam privado de todo o entulho. Mesmo nessa hora escutamos o quimérico e zombeteiro grito — “*Tekeli-li! Tekeli-li!*”. E por fim lembramos que os demoníacos shoggoths — tendo recebido a vida, o pensamento e a configuração orgânica dos Anciões, e não dispoñdo de linguagem alguma salvo aquela expressa pelos grupos de pontos — *tampouco dispunham de voz, salvo pela imitação dos opressores de outrora.*

XII

Danforth e eu temos lembranças de emergir no grande hemisfério entalhado e de refazer o caminho pelos aposentos e corredores ciclóticos da cidade morta; porém são apenas fragmentos oníricos que não envolvem nenhuma lembrança referente à volição, aos detalhes ou aos esforços físicos empreendidos. Foi como se flutuássemos em um mundo ou em uma dimensão de névoa, onde não existissem o tempo, as relações causais nem as direções. A luz cinzenta no interior do vasto espaço circular fez com que nos recompuséssemos um pouco; mas não chegamos perto dos trenós nem tornamos a olhar na direção de Gedney e do cão. Os dois repousam em um estranho e titânico mausoléu, e espero que o fim do planeta encontre-os em um repouso imperturbado.

Foi enquanto subíamos a imensa rampa em espiral que sentimos pela primeira vez a falta de ar e a exaustão terrível que a nossa corrida no platô de ar rarefeito havia produzido; mas sequer o medo do colapso foi capaz de deter-nos antes que reencontrássemos a normalidade no reino exterior do céu e do sol. Tivemos um sentimento vagamente apropriado ao deixar para trás aquelas épocas soterradas; pois à medida que seguíamos o nosso arquejante caminho pelo cilindro de dezoito metros de altura em cantaria primordial, vislumbramos às nossas costas uma procissão contínua das esculturas heroicas feitas segundo a técnica mais antiga e mais pura da raça extinta — uma despedida dos Anciões, escrita cinquenta milhões de anos atrás.

Quando enfim chegamos ao topo, nos vimos no alto de um enorme monte de blocos desabados; as paredes curvas da cantaria erguiam-se a oeste nas partes mais altas, e os picos sobranceiros das enormes montanhas revelavam-se além das estruturas mais arruinadas em direção ao leste. O baixo sol antártico da meia-noite lançava desde o horizonte austral um olhar flamejante que atravessava as frestas das ruínas irregulares, e a antiguidade e a morte da cidade digna de um pesadelo pareceram-nos ainda mais impressionantes em contraste com outras coisas relativamente comuns e familiares como o cenário polar. O céu era uma massa tumultuosa e opalescente de tênues vapores gélidos, e o frio enregelava-nos as entranhas. Exaustos, apoiamos no chão as bolsas de equipamento às quais havíamos nos agarrado como que por instinto durante a fuga desesperada e em seguida reabotoamos nossas pesadas vestes para a cambaleante descida monte abaixo e para a caminhada através do labirinto de pedra imemorial como os éons em direção os sopés onde o nosso avião aguardava. Em relação ao que nos havia posto em fuga na escuridão dos recônditos e arcaicos pélagos terrestres, não dissemos sequer uma palavra.

Em menos de quinze minutos encontramos a encosta íngreme em direção aos sopés — que parecia ter sido um antigo terraço — por onde havíamos descido, e pudemos enxergar o vulto sombrio do avião em meio às ruínas esparsas na encosta logo à frente. No meio da subida, fizemos uma pausa a fim de recobrar o fôlego e nos voltamos mais uma vez para trás a fim de observar o fantástico emaranhado paleogêneo de incríveis formas em pedra que se descortinava a nossos pés — um traça-

do místico com o ocidente desconhecido ao fundo. Enquanto descansávamos, notamos que a névoa matinal havia se dissipado no céu longínquo; os incessantes vapores gélidos haviam subido em direção ao zênite, onde contornos zombeteiros pareciam estar prestes a executar um desenho bizarro que no entanto temiam exhibir como algo definido ou conclusivo.

Logo divisamos, na brancura suprema do horizonte atrás da grotesca cidade velada, uma fantástica e difusa linha de pináculos violeta cujos picos aciculados delineavam uma silhueta onírica contra os tons róseos do céu ocidental. O platô ancestral inclinava-se em direção às alturas cintilantes, com o antigo curso do rio de outrora a cortá-lo como uma listra de sombra irregular. Por um instante perdemos o fôlego ao contemplar a cósmica beleza extraterrena da cena, e a seguir um horror vago tornou a instilar-se em nossas almas. Aquela linha violeta não poderia ser outra coisa que não as terríveis montanhas da terra proibida — os picos mais altos da Terra e a origem de todo o mal terreno; abrigos de horrores inomináveis e segredos arqueanos; evitadas e adoradas por aqueles que temeram esculpi-las; inacessíveis a todas as criaturas da Terra, porém visitadas por relâmpagos sinistros e estranhos raios que cruzavam as planícies da noite polar — sem dúvida o arquétipo desconhecido da temível Kadath na Desolação Gelada além do abominável Platô de Leng, mencionado com relutância nas blasfemas lendas primordiais. Fomos os primeiros seres humanos a vê-las — e peço a Deus que sejamos também os últimos.

Se as figuras e os mapas esculpidos na cidade pré-humana estivessem corretos, aquelas crípticas montanhas violeta não deveriam estar a menos de 500 quilômetros de distância; e mesmo assim uma tênue essência fantástica sobranceava acima das remotas alturas nevadas, como a extremidade serrilhada de um monstruoso planeta alienígena prestes a orbitar céus desconhecidos. A altura das montanhas, portanto, deve ter sido formidável e transcendido em muito quaisquer medidas conhecidas — suficiente para elevá-las aos tênues estratos atmosféricos povoados pelos espectros gasosos que certos aviadores destemidos mal viveram para mencionar aos sussurros após quedas inexplicáveis. Enquanto eu as contemplava, pensei com certo nervosismo nas sugestões esculpidas do que o grande rio de outrora havia arrastado desde as encostas amaldiço-

adas em direção à cidade — e perguntei-me quanta prudência e quanta loucura não teriam motivado os temores dos Anciões que as entalharam com tanta parcimônia. Lembrei-me de que o extremo setentrional deveria ficar próximo da Terra da Rainha Mary, onde naquele exato instante a expedição de Sir Douglas Mawson sem dúvida trabalhava a menos de mil e quinhentos quilômetros de distância; e desejei que nenhum destino infausto concedesse a Sir Douglas e aos demais membros da equipe um vislumbre do que poderia ocultar-se além da cordilheira litorânea. Eis os pensamentos que em parte contribuíram para o meu estado precário naquele instante — e Danforth parecia estar em condições ainda piores.

Antes de atravessarmos a grande ruína em forma de estrela e chegarmos ao avião, no entanto, nossos temores centraram-se na cordilheira menor porém impressionante cuja silhueta estendia-se à nossa frente. A partir daqueles sopés as encostas negras e cravejadas de ruínas erguiam-se de modo pavoroso e ameaçador tendo por fundo o oriente, o que mais uma vez nos fez recordar as estranhas pinturas asiáticas de Nikolai Rerikh; e quando pensamos nas infernais galerias que as perpassavam, e nas entidades amorfas que poderiam ter aberto caminhos fétidos até as ocas alturas escavadas do mais sobranceiro pináculo, não conseguimos conceber sem pavor a ideia de mais uma vez passar ao lado das sugestivas cavernas voltadas ao céu onde o vento produzia sons que lembravam um maligno assovio musical com notas em várias frequências. A fim de piorar ainda mais a situação, notamos resquícios evidentes de névoa ao redor de vários cumes — como o pobre Lake deve ter feito quando se enganou a respeito do vulcanismo — e lembramos com trepidação da névoa que havíamos despistado pouco tempo atrás; e também do blasfemo e horripilante abismo de onde todos aqueles vapores emanavam.

Tudo estava bem com o avião, e com certa falta de jeito vestimos as peles mais grossas para levantar voo. Danforth não teve dificuldades para dar a partida no motor, e fizemos uma decolagem suave por cima da cidade de pesadelo. Abaixo de nós a primordial cantaria ciclópica estendia-se como havia feito na primeira vez em que a avistamos — em um tempo tão recente e ao mesmo tempo infinitamente remoto —, e logo começamos a ganhar altitude e a fazer manobras para experimentar a

força do vento antes de atravessar o desfiladeiro. Em um nível mais alto deve ter havido grandes tumultos atmosféricos, pois as nuvens de cristais de gelo que pairavam no zênite faziam toda sorte de movimentos fantásticos; mas aos 7.300 metros — a altitude necessária para a travessia do desfiladeiro — encontramos condições bastante razoáveis. Enquanto nos aproximávamos dos cumes protuberantes o estranho assovio do vento mais uma vez tornou-se manifesto, e pude ver que as mãos de Danforth tremiam nos controles. Por menos experiência que eu tivesse, imaginei que naquele momento eu talvez fosse um piloto mais adequado para efetuar a perigosa travessia entre os pináculos; e quando sinalizei a minha disposição em assumir o comando, Danforth não protestou. Tentei assenhorar-me da minha postura e da minha habilidade como piloto e fixei o olhar no céu vermelho à minha frente, entre as muralhas do desfiladeiro — recusando-me terminantemente a prestar atenção nos sopros dos vapores montanhosos e desejando que eu tivesse os ouvidos tapados com cera, como os homens de Ulisses na costa das Sereias, para manter o inquietante assovio do vento longe dos meus pensamentos.

Danforth, no entanto, rendido da pilotagem e com os nervos sujeitos a uma tensão perigosa, não conseguia parar quieto. Percebi movimentos agitados e bruscos quando olhava para trás em direção à cidade que se afastava no horizonte, para frente em direção aos picos infestados de cavernas e repletos de incrustações cúbicas, para o lado em direção ao mar negro de sopés nevados cobertos de muralhas e para cima, em direção ao céu turbulento e coalhado de nuvens grotescas. No instante em que eu tentava manobrar em segurança através do desfiladeiro, os gritos ensandecidos do meu colega quase nos precipitaram ao desastre quando deitaram por terra a minha postura e levaram-me a executar movimentos caóticos nos controles. Um segundo mais tarde a minha resolução triunfou e levamos a travessia a bom termo — mas temo que Danforth nunca mais seja o mesmo.

Disse eu que Danforth recusou-se a me descrever o horror final que o levou a esse paroxismo de insanidade — um horror que julgo ser a principal causa do colapso a que sucumbiu. Trocamos breves fragmentos de conversa aos gritos em meio aos assovios do vento e os ruídos do motor quando chegamos ao lado seguro da cordilheira e começamos a descida em direção ao acampamento, porém o assunto era em grande

parte relacionado ao pacto de silêncio feito enquanto nos preparávamos para abandonar a cidade de pesadelo. Certas coisas não se prestavam ao conhecimento público e a discussões levianas — e hoje eu não estaria fazendo esse relato se não fosse a necessidade de impedir a Expedição Starkweather-Moore, bem como outras, a qualquer custo. É absolutamente necessário, para a paz e a segurança da humanidade, que certos recônditos obscuros e mortos e certas profundezas inexploradas da Terra permaneçam em paz; de outro modo, as abominações que dormem talvez despertem para uma nova vida, e então os blasfemos pesadelos remanescentes podem arrastar-se e deslizar para longe de negros covis em busca de novas e maiores conquistas.

Tudo o que Danforth deu a entender foi que o horror final era uma miragem. Segundo disse, não foi nada relacionado aos cubos e às cavernas das ecoantes, vaporosas e labirínticas montanhas da loucura que atravessamos; mas um único vislumbre fantástico e demoníaco, entre as tumultuosas nuvens no zênite, daquilo que se escondia além das montanhas a oeste que os Anciões tinham evitado e temido. O mais provável é que tenha sido uma alucinação causada pelas tensões que havíamos enfrentado e pela miragem avistada na morta cidade trasmontana próximo ao acampamento de Lake no dia anterior; mas a impressão de Danforth foi tão real que o homem até hoje sofre com as consequências.

Em certas ocasiões, falou aos sussurros coisas desconexas e irresponsáveis sobre “o fosso negro”, “as paredes entalhadas”, “os proto-shoggoths”, “os sólidos sem janela de cinco dimensões”, “o cilindro inominável”, “o antigo farol”, “Yog-Sothoth”, “a gelatina branca primordial”, “a cor que caiu do espaço”, “as asas”, “os olhos na escuridão”, “a escada para a lua”, “o original, o eterno e o imortal” e outros conceitos bizarros; mas ao recobrar o juízo repudia tudo e atribui essas noções às curiosas e macabras leituras feitas durante a juventude. Na verdade, Danforth foi um dos poucos que se atreveu a ler na íntegra o carcomido exemplar do *Necronomicon* guardado a cadeado na biblioteca da universidade.

Quando atravessamos a cordilheira, as alturas celestes sem dúvida estavam um tanto vaporosas e tumultuosas; e embora eu não tenha avistado o zênite, posso imaginar que os redemoinhos descritos pelos cristais de gelo tenham assumido formas um tanto estranhas. A imaginação,

conhecendo a vividez com que cenas distantes por vezes podem ser refletidas, refratadas e ampliadas por essas camadas de nuvens turbulentas, não teria dificuldade em providenciar o restante — e é claro que Danforth não fez alusão a nenhum desses horrores específicos enquanto a memória não teve chance de recorrer às leituras de outrora. Seria impossível ver tanta coisa em um olhar momentâneo.

Na hora, os gritos que deu limitaram-se à repetição de uma única palavra insana de origem evidente:

“Tekeli-li! Tekeli-li!”.



A Coisa na Soleira da Porta

∴

The Thing on the Doorstep (1933)

Weird Tales (jan. 1937)

Esta noveleta foi escrita na mesma época que os contos de *Conan, o cimério*, do “período intermediário” de R.E. Howard, o qual tentou às pressas manter o monstro da Grande Depressão longe da porta. As histórias de Conan do “Período Médio” são aquelas em que os estereótipos se baseiam — eles invariavelmente envolvem algumas ruínas antigas, uma donzela de pernas torneadas em perigo, uma força sobrenatural a ser derrotada com a arte ninja-bárbara e uma cena final com Conan, passando o braço ao redor a donzela recém-resgatada, ansioso pela próxima aventura. Talvez Lovecraft, também sentindo um aperto financeiro, tenha decidido tentar algo semelhante, aproveitando os recursos de seus próprios textos — Os Profundos, O Grande Cthulhu, horrores ancestrais, cemitérios, cadáveres ambulantes e manicômios; todos eles estão representados nessa compacta e prazerosa história pulp.

Pelos padrões das histórias da *Weird Tales*, “A coisa na soleira da porta” é excelente. Seus méritos literários, são medidos pela sutileza e uso hábil das entrelinhas, apesar de não estar no nível das outras obras de Lovecraft; é

uma imbatível história pulp de ação. As mulheres terão que cerrar os dentes um pouco, pois esse é de longe o trabalho mais sexista do cânone de Lovecraft.

Lovecraft terminou de escrever em apenas alguns dias, entre 21 e 24 de agosto. No entanto, depois que terminou, sentiu-se muito desencorajado com as perspectivas. Então ele arquivou sem enviar ao editor e logo ficou ocupado com outros assuntos. Sua publicação foi um total acidente; ele incluiu os papéis em uma carta endereçada a seu amigo Bernard Austin Dwyer, que levou a história em frente. Foi publicado pouco antes da morte de Lovecraft, na edição de janeiro de 1937 da revista *Weird Tales*.



É verdade que disparei seis balas na cabeça do meu melhor amigo. No entanto, espero mostrar por este testemunho que não sou seu assassino. A princípio, serei chamado de louco — mais louco que o homem em quem atirei em sua cela no Sanatório Arkham. Mais tarde, alguns dos meus leitores vão avaliar cada afirmação, relacioná-la com os fatos conhecidos e se perguntar como eu poderia ter pensado de forma diferente ao confrontar a evidência daquele horror — aquela coisa na soleira da porta.

Até então eu também não via nada além de loucura nas histórias absurdas das quais participei. Mesmo agora me pergunto se fui enganado — ou se não estou louco, afinal. Eu não sei, mas outros têm coisas estranhas para contar sobre Edward e Asenath Derby, e até mesmo a apática polícia é incapaz de explicar aquela última visita terrível. Tentaram, sem muito sucesso, elaborar uma teoria sobre alguma brincadeira ou um aviso medonho dado por criados que haviam sido dispensados, mas em seu íntimo eles sabem que a verdade é algo infinitamente mais terrível e inacreditável.

Então afirmo que não assassinei Edward Derby. Em vez disso, eu o vinguei e, ao fazê-lo, expurguei a Terra de um horror cuja sobrevivência poderia ter libertado terrores imensuráveis sobre toda a humanidade. Existem zonas negras de sombra que cingem nossos caminhos cotidia-

nos, e de vez em quando alguma alma maligna irrompe de uma passagem. Quando isso acontece, o homem que sabe deve atacar antes de calcular as consequências.

Conheci Edward Pickman Derby por toda a sua vida. Oito anos mais novo que eu, ele era tão precoce que tínhamos muito em comum desde os oito anos dele e os meus dezesseis. Ele era a criança estudiosa mais fenomenal que já conheci, e aos sete anos escrevia versos de um estilo sombrio, fantástico e quase mórbido que surpreendia seus tutores. Talvez a educação particular, o isolamento e os mimos tenham algo a ver com seu florescimento prematuro. Filho único, ele tinha fragilidades orgânicas que assustaram seus pais e os fizeram mantê-lo rigorosamente preso ao lado deles. Nunca era autorizado a sair sem sua ama e raras vezes tinha uma chance de brincar sem restrições com outras crianças. Tudo isso sem dúvida alimentou uma estranha e secreta vida interior no menino, com a imaginação como sua única via de liberdade.

De qualquer forma, seu aprendizado na juventude foi prodigioso e bizarro, e seus escritos me cativavam, apesar da minha maior idade. Naquela época, eu tinha inclinações para as artes de um tipo um tanto grotesco, e encontrei nesse menino mais novo um raro espírito irmão. O que estava por trás do amor que compartilhávamos pelas sombras e maravilhas era, sem dúvida, a cidade antiga, deteriorada e sutilmente assustadora em que vivíamos — Arkham, amaldiçoada por bruxas, assombrada por lendas, cujo amontoado de frágeis telhados à holandesa e balaustradas georgianas em ruínas cultivou os séculos ao lado da obscura e murmurante Universidade Miskatonic.

Com o passar do tempo, me voltei para a arquitetura e desisti do meu projeto de ilustrar um livro de poemas demoníacos de Edward, mas nossa camaradagem não sofreu por isso. O estranho gênio do jovem Derby desenvolveu-se notavelmente e, em seu décimo oitavo ano, sua lírica de pesadelo causou frisson quando foi lançada sob o título de *Azathoth e outros terrores*. Ele era correspondente próximo do conhecido poeta baudelaireano Justin Geoffrey, que escreveu *O povo do Monólito* e morreu gritando em um hospício em 1926, depois de uma visita a uma vila sinistra e malvista na Hungria.

No tocante à autoconfiança e aos assuntos práticos, no entanto, Derby teve o desenvolvimento prejudicado por sua existência mimada.

A saúde melhorara, mas seus hábitos de dependência infantil eram incentivados e cultivados por pais excessivamente protetores; de modo que nunca viajou sozinho, tomou decisões independentes ou assumiu responsabilidades. Desde cedo se notou que ele não seria páreo em lutas nas arenas comercial ou profissional, mas a fortuna da família era tão grande que tal condição não constituiu uma tragédia. Ao chegar ao início da vida adulta, ainda conservava um enganoso aspecto pueril. Louro e de olhos azuis, ele tinha a pele tenra de uma criança, e suas tentativas de cultivar um bigode só eram perceptíveis às custas de muito esforço. A voz era suave e agradável, e sua vida mimada e ociosa lhe conferia um ar de juventude rechonchuda, no lugar da gordura de uma meia-idade precoce. Tinha boa estatura, e seu belo rosto o teria transformado em um cavalheiro galante, não fosse a timidez que o mantinha isolado em meio aos livros.

Os pais de Derby o levavam ao exterior todo verão, e ele foi rápido em absorver os aspectos superficiais do pensamento e da expressão europeus. Com seu talento digno de Poe, voltou-se cada vez mais para o decadente, e outras sensibilidades e anseios artísticos despertavam em seu ser. Debatíamos longamente naqueles tempos. Eu tinha passado por Harvard, estudado no escritório de um arquiteto de Boston, me casado e enfim retornara a Arkham para exercer minha profissão — fixando residência na casa de minha família na Saltonstall St., já que meu pai se mudara para a Flórida devido à saúde. Edward costumava me visitar quase todas as noites, até que passei a encará-lo como membro da família. Ele tinha um jeito característico de tocar a campainha ou fazer soar a aldrava que acabou se tornando um verdadeiro código, de modo que, depois do jantar, eu sempre ouvia os familiares três toques rápidos seguidos por mais dois depois de uma pausa. Eu visitava a casa dele com menos frequência e lá observava com inveja os volumes obscuros de sua biblioteca em constante crescimento.

Derby passou pela Universidade Miskatonic em Arkham, uma vez que seus pais não permitiam que se afastasse deles. Entrou aos dezesseis anos e completou seu curso em três, especializando-se em literatura inglesa e francesa e recebendo notas altas em tudo, menos em matemática e ciências. Ele se misturava muito pouco com os demais alunos, embora olhasse com inveja para os “ousados” ou “boêmios” — cuja linguagem

superficialmente “inteligente” e pose irônica sem sentido ele imitava, e cuja conduta duvidosa desejava ter coragem de adotar.

O que ele fez foi se tornar um devoto quase fanático das obras de ocultismo tradicional, pelas quais a biblioteca da Miskatonic era e ainda é famosa. Sempre superficialmente às voltas com a fantasia e a estranheza, ele mergulhou fundo nas runas e nos enigmas deixados por um passado fabuloso para a orientação ou perplexidade da posteridade. Ele lia coisas como o terrível *Liber Ivonis*, o *Unaussprechlichen Kulten*, de Von Junzt, e o proibido *Necronomicon*, do árabe louco Adbul Alhazred, embora não dissesse a seus pais que os vira. Edward tinha vinte anos quando meu único filho nasceu, e pareceu satisfeito quando batizei o recém-chegado ao mundo de Edward Derby Upton, em sua homenagem.

Aos 25 anos, Edward Derby era um homem prodigiosamente culto e um poeta e fantasista famoso, embora sua falta de contatos e ausência de responsabilidades tivessem retardado seu desenvolvimento literário, tornando seus produtos muito livrescos e calcados em modelos. Eu era talvez seu melhor amigo: considerava-o uma mina inesgotável de tópicos teóricos essenciais, enquanto ele me tinha como conselheiro para quaisquer assuntos que não quisesse confidenciar aos pais.

Ele permaneceu solteiro — mais pela timidez, inércia e proteção dos pais do que por inclinação — e circulava apenas muito restrita e superficialmente em sociedade. Quando eclodiu a guerra, tanto a saúde quanto a timidez arraigada o mantiveram em casa. Fui enviado a Plattsburg como comissionado, mas nunca fui para o exterior.

Então os anos passaram. A mãe de Edward morreu quando ele tinha 34 anos, e durante meses meu amigo permaneceu incapacitado por algum estranho mal psicológico. Contudo, seu pai o levou para a Europa, onde ele conseguiu superar o problema sem consequências visíveis. Depois, pareceu sentir uma espécie de euforia grotesca, como que derivada da fuga parcial de alguma prisão invisível. Ele começou a se misturar ao grupo mais “avançado” da universidade, apesar de sua meia-idade, e se fez presente em algumas circunstâncias extremamente selvagens — chegando a pagar por uma grave chantagem (fui seu credor) para que o pai não fosse informado de sua presença em certo incidente. Alguns dos rumores sussurrados sobre esse louco grupo da Universidade Miskatonic

eram dignos de nota. Falava-se até mesmo em magia negra e acontecimentos que desafiavam qualquer credibilidade.

II.

Edward tinha 38 anos quando conheceu Asenath Waite. Ela tinha, julgo eu, cerca de 23 na época e fazia um curso especial em metafísica medieval na Miskatonic. A filha de um amigo a conhecia — da Escola Hall, em Kingsport — e estava inclinada a evitá-la por causa de sua estranha reputação. Ela era morena, pequena e muito bonita, exceto pelos olhos excessivamente protuberantes, mas algo em sua expressão incomodava pessoas sensíveis demais. Eram, no entanto, em grande parte sua origem e postura que faziam com que as pessoas em geral a evitassem. Ela pertencia à família Waite de Innsmouth, e lendas sombrias se aglomeraram por gerações sobre Innsmouth, cidade arruinada e meio deserta, e sua gente. Há histórias sobre terríveis pactos feitos por volta de 1850, e sobre um estranho elemento “não exatamente humano” nas antigas famílias do porto de pesca degradado — contos como os que apenas antigos ianques eram capazes de conceber e repetir com a devida grandeza e efeito.

O caso de Asenath era agravado pelo fato de ela ser filha de Ephraim Waite, já numa idade avançada, com uma esposa desconhecida que sempre aparecia sob um véu. Ephraim morava numa mansão meio decadente na Washington Street, em Innsmouth, e aqueles que tinham visto o lugar (sempre que podiam, as pessoas de Arkham evitavam ir a Innsmouth) declaravam que as janelas do sótão estavam sempre fechadas, e que sons estranhos às vezes surgiam dali no cair da noite. O velho era conhecido por ter sido um prodigioso estudante de magia em sua época, e rezava a lenda que ele podia suscitar ou reprimir tempestades no mar segundo sua vontade. Eu o vi uma ou duas vezes em minha juventude quando ele viera a Arkham para consultar tomos proibidos na biblioteca da faculdade, e eu detestara seu rosto lupino e saturnino com barba grisalha. Ele morrera louco — sob circunstâncias bastante estranhas — pouco antes de a filha (que por seu testamento ficara sob a tutela do di-

retor) entrar na Hall School, mas ela fora sua pupila morbidamente entusiasmada e diabolicamente parecida com ele às vezes.

O amigo cuja filha fora à escola com Asenath Waite contou muitas coisas curiosas quando a notícia do contato de Edward com ela começou a se espalhar. Asenath, ao que parece, se comportava como uma espécie de maga na escola, e de fato parecia capaz de realizar algumas maravilhas bem desconcertantes. Ela professava ser capaz de despertar tempestades, embora seu aparente sucesso fosse geralmente atribuído a um talento incomum em prevê-las. Os animais no geral não gostavam dela, e Asenath podia fazer qualquer cachorro uivar com certos movimentos de sua mão direita. Houve momentos em que exibiu indícios de conhecimento e linguagem muito singulares — e muito chocante — para uma jovem; quando assustou as colegas de escola com alguma expressão maliciosa ou piscar de olhos inexplicáveis, e parecia extrair uma ironia obscena e efusiva de sua situação atual.

Mais incomuns, porém, foram os casos bem comprovados de sua influência sobre outras pessoas. Ela era, sem dúvida, uma verdadeira hipnotista. Ao olhar de um modo estranho para qualquer colega, muitas vezes dava a essa pessoa uma sensação distinta de *personalidade trocada* — como se o sujeito fosse colocado momentaneamente no corpo da maga e conseguisse olhar para seu corpo real, cujos olhos ardiam e se projetavam com uma expressão alienígena do outro lado do quarto. Asenath costumava fazer declarações selvagens sobre a natureza da consciência e sobre a sua independência da estrutura física — ou pelo menos dos processos da vida da estrutura física. Sua maior fúria, no entanto, era que ela não era um homem, já que acreditava que um cérebro masculino tinha certos poderes cósmicos únicos e de longo alcance. Caso tivesse o cérebro de um homem, declarava ela, não só seria capaz de igualar, como de superar seu pai no domínio de forças desconhecidas.

Edward conheceu Asenath em uma reunião de “intelectuais” realizada na moradia de um dos alunos, e não conseguia falar de outro assunto quando veio me ver no dia seguinte. Ele a achava repleta dos interesses e da erudição que mais o atraíam e, além disso, ficou absolutamente encantado por sua aparência. Eu nunca tinha visto a jovem, e me lembrava apenas vagamente de algumas referências pontuais, mas sabia de quem se tratava. Parecia lamentável que Derby estivesse tão agitado por causa

dela, mas não falei nada para desencorajá-lo, já que a atração prospera diante de obstáculos. Ele não a tinha mencionado ao pai, me contou.

Nas semanas que se seguiram, o jovem Derby não falou de outro assunto que não fosse Asenath. Comentava-se, então, a bravura outonal de Edward, apesar de todos concordarem que ele não aparentava nem de perto sua idade real nem de modo algum parecia uma companhia inadequada por causa de sua bizarra divindade. Estava apenas ligeiramente barrigudo, apesar de sua indolência e autoindulgência, enquanto o rosto se mostrava livre de rugas e linhas. Asenath, por outro lado, tinha pés de galinha prematuros, derivados do exercício de uma vontade intensa.

Mais ou menos nessa época, Edward levou a moça para me visitar e de imediato percebi que o interesse dele não era de forma alguma não correspondido. Ela olhava para ele continuamente com um ar quase predador, e percebi que a intimidade deles não podia ser desfeita. Logo depois, recebi a visita do velho sr. Derby, a quem sempre admirei e respeitei. Ele ouvira as histórias da nova amizade de seu filho e arrancara toda a verdade do “menino”. Edward pretendia se casar com Asenath e estivera até mesmo procurando casas no subúrbio. Reconhecendo minha influência em geral grande em relação a seu filho, o pai se perguntou se eu poderia ajudar a interromper aquele caso tão despropositado; lamentei, mas expressei dúvidas quanto ao meu poder de fazê-lo. Naquele momento, não se tratava da fraqueza de Edward, mas da força da mulher. A criança perene transferira sua dependência da imagem parental para uma imagem nova e mais forte, e não havia o que se pudesse fazer a respeito.

O casamento foi realizado um mês depois — por um juiz de paz, de acordo com a vontade da noiva. O sr. Derby, a meu conselho, não ofereceu oposição; e ele, minha esposa, meu filho e eu assistimos à breve cerimônia — os outros convidados eram os jovens rebeldes da universidade. Asenath havia comprado a velha casa dos Crowninshield na região, no final da High Street, e eles decidiram se estabelecer ali depois de uma curta viagem a Innsmouth, de onde três empregados e alguns livros e utensílios domésticos seriam trazidos. Provavelmente não era tanto a consideração por Edward e seu pai quanto um desejo pessoal de estar perto da faculdade, de sua biblioteca e seu público “sofisticado” que fi-

zeram Asenath se estabelecer em Arkham em vez de retornar de vez para sua cidade natal.

Quando Edward me visitou depois da lua de mel, achei que ele parecia um pouco mudado. Asenath fez com que se livrasse do bigode ralo, mas havia mais do que isso. Parecia mais sóbrio e pensativo, trocando sua costumeira rebeldia infantil por um olhar quase genuíno de tristeza. Eu não sabia dizer se gostava ou não daquela mudança, pois ela me intrigava. Sem dúvida, naquele momento ele parecia mais adulto e normal do que nunca. Talvez o casamento fosse algo bom — será que a *mudança* de dependência não poderia levar a uma *neutralização* e, em seguida, a uma independência responsável? Ele viera só, pois Asenath estava muito ocupada. Ela havia trazido um vasto estoque de livros e equipamentos de Innsmouth (Derby estremeceu ao falar o nome) e estava terminando a restauração da casa e das dependências de Crowninshield.

A casa de Asenath “naquela cidade” era um lugar bastante inquietante, mas certos objetos na casa haviam ensinado a ele algumas coisas surpreendentes. Ele progredia rápido no folclore esotérico, agora que tinha a orientação de Asenath. Alguns dos experimentos que ela propunha eram muito ousados e radicais — ele não se sentia à vontade para descrevê-los —, mas Derby confiava nos poderes e nas intenções dela. Os três criados eram muito esquisitos: um casal incrivelmente idoso que trabalhara para o velho Ephraim e se referia ocasionalmente a ele e à falecida mãe de Asenath de maneira enigmática, e uma jovem morena que tinha notáveis feições anômalas e parecia exalar um odor perpétuo de peixe.

III.

Nos dois anos seguintes, vi Derby cada vez menos. Passavam-se às vezes quinze dias sem a sequência familiar de três e dois toques na porta da frente; e quando me visitava — ou quando, como acontecia com infrequência crescente, eu o visitava — ele se mostrava muito pouco disposto a conversar sobre assuntos cruciais. Agora já não emitia opiniões ou comentários sobre os estudos ocultos que antes costumava descrever e discutir em detalhes, e preferia não falar da esposa. Ela envelhecera

tremendamente desde o casamento, a ponto de — por mais incrível que parecesse — aparentar mais idade do que o marido. Seu rosto tinha a expressão mais concentrada e determinada que conheci, e toda a sua compleição parecia estar dotada de uma repulsividade vaga e impossível de se determinar. Minha esposa e meu filho perceberam isso tanto quanto eu, e todos nós deixamos gradualmente de visitá-la — algo pelo que, segundo Edward admitiu em um de seus momentos de infantilidade indiscreta, ela foi absolutamente grata. De vez em quando, os Derbys faziam longas viagens — ao que tudo indicava, para a Europa, embora Edward às vezes insinuasse destinos obscuros.

Foi depois do primeiro ano que as pessoas começaram a falar sobre as mudanças em Edward Derby. Eram conversas bastante casuais, pois a mudança era puramente psicológica, mas suscitaram alguns pontos interessantes. De vez em quando, parecia que Edward estava usando uma expressão e fazendo coisas nada compatíveis com sua natureza costumadamente passiva. Por exemplo, embora antes não fosse capaz de dirigir um carro, agora às vezes era visto em disparada, entrando ou saindo da garagem de sua antiga casa com o poderoso Packard de Asenath, manejando-o como um perito, e travando embates no tráfego com habilidade e determinação totalmente alheias à sua natureza habitual. Em tais situações, parecia estar sempre de volta de alguma viagem ou iniciando-a — qual tipo de viagem, ninguém podia imaginar, embora ele quase sempre preferisse a estrada de Innsmouth.

Contudo o estranho era que a metamorfose não parecia totalmente agradável. Nesses momentos, as pessoas diziam que ele lembrava muito a esposa, ou o próprio Ephraim Waite — ou talvez esses momentos parecessem antinaturais porque eram tão raros. Às vezes, horas depois de partir, ele voltava visivelmente letárgico no banco de trás do carro, enquanto um motorista ou mecânico obviamente contratado dirigia. Além disso, seu aspecto preponderante nas ruas durante seus cada vez menos frequentes giros sociais (inclusive, posso dizer, as visitas à minha casa) era o da antiga passividade indecisa — com sua infantilidade irresponsável ainda mais marcada do que no passado. Enquanto o rosto de Asenath envelhecera, Edward — afora essas ocasiões excepcionais — na verdade se entregara a uma espécie de imaturidade exagerada, exceto quando um traço da nova tristeza ou entendimento se iluminava em seu sem-

blante. Era de fato muito intrigante. Enquanto isso, os Derbys haviam quase abandonado o círculo alegre de universitários — não por sua própria repulsa, ouvimos, mas porque algo em seus estudos atuais chocava até os mais insensíveis entre os outros decadentes.

Foi no terceiro ano do casamento que Edward começou a me sugerir abertamente certo medo e insatisfação. Ele deixava escapar comentários sobre as coisas “estarem indo longe demais” e falava, de uma forma sombria, sobre a necessidade de “salvar sua identidade”. No começo, ignorei tais referências, mas com o tempo comecei a questioná-lo com cautela, lembrando o que a filha de minha amiga dissera sobre a influência hipnótica de Asenath sobre as outras garotas da escola — os casos em que as alunas pensavam que estavam no corpo de Asenath olhando para si mesmas no outro lado da sala. Esse interrogatório pareceu deixá-lo ao mesmo tempo assustado e grato, e certa vez ele murmurou alguma coisa sobre precisar ter uma conversa séria comigo mais tarde.

Mais ou menos nessa época, o velho sr. Derby morreu, fato pelo qual mais tarde me senti muito grato. Edward ficou muito triste, embora de forma alguma atrapalhado. Ele havia visto surpreendentemente pouco o pai desde o casamento, pois Asenath concentrara em si todo o sentido vital de vínculo familiar do marido. Alguns o chamavam de insensível em sua perda — sobretudo porque começaram a aumentar as ocasiões de exposição daquela alegria e confiança ao volante. Ele agora queria voltar para a antiga mansão dos Derby, mas Asenath insistiu em ficar na casa dos Crowninshield, à qual se adaptara bem.

Não muito tempo depois, minha esposa ouviu algo curioso de uma amiga — uma das poucas pessoas que não haviam abandonado os Derbys. Ela estava no fim da High Street, em visita ao casal, e viu o carro sair rapidamente da garagem com Edward esbanjando confiança e arrogância ao volante. Tocando a campainha, foi informada pela repugnante moça de que Asenath também não estava; contudo, por acaso olhou para dentro da casa ao sair. Ali, em uma das janelas da biblioteca, ela vislumbrou um rosto que na mesma hora se recolhera — um rosto cuja expressão de dor, derrota e melancólica desesperança era indescritivelmente pungente. Era — com a costumeira força dos traços — o rosto de Asenath; no entanto, a visitante podia jurar que naquele momento

eram os olhos tristes e confusos do pobre Edward que olhavam pela janela.

As visitas de Edward agora se tornavam um pouco mais frequentes, e suas sugestões ocasionalmente se tornaram concretas. Não era possível acreditar no que ele dizia, mesmo em Arkham, com tantos séculos, lendas e assombrações, mas ele fez uso de seus saberes sombrios com uma sinceridade e convencimento capazes de colocar em questão sua sanidade. Falou sobre reuniões terríveis em lugares solitários, ruínas ciclópicas no coração da mata do Maine, sob as quais grandes escadarias levam a abismos de segredos noturnos, de ângulos complexos que permitem a travessia de paredes invisíveis a outras regiões do espaço e do tempo, e de hediondas trocas de personalidade que permitiam a exploração de lugares remotos e proibidos, de outros mundos e diferentes dimensões espaço-temporais.

Às vezes ele atestava certas insinuações malucas exibindo objetos que me deixavam perplexo — objetos de coloração indescritível e textura desconcertante, como nunca ouvira falar na Terra, cujas curvas e superfícies insanas não respondiam a nenhum objetivo concebível, tampouco a uma geometria terrestre. Essas coisas, dizia ele, vieram “de fora”; e sua esposa sabia como obtê-las. De vez em quando — mas sempre com sussurros amedrontados e ambíguos — ele sugeria coisas sobre o velho Ephraim Waite, que vira vez ou outra na biblioteca da faculdade nos velhos tempos. Esses esboços nunca eram bem delimitados e pareciam girar em torno de uma dúvida especialmente horrível sobre se o velho bruxo estava mesmo morto — em um sentido espiritual e corporal.

Às vezes, Derby interrompia de forma abrupta suas revelações e eu me perguntava se Asenath poderia ter captado suas palavras a distância e o impedido por algum tipo desconhecido de encantamento telepático — algum poder do tipo que ela exibira na escola. Sem dúvida, a esposa suspeitava que ele havia me contado coisas, pois, conforme as semanas se passavam, ela tentava interromper as visitas com palavras e olhares de uma potência inexplicável. Só com dificuldade ele conseguia me ver, pois, ainda que fingisse estar indo para algum outro lugar, alguma força invisível costumava lhe obstruir os movimentos ou o fazia esquecer seu destino por um instante. Em geral suas visitas ocorriam quando Asenath estava ausente — “longe em seu próprio corpo”, como estranhamente

dizia. Ela sempre descobria mais tarde — os criados observavam suas idas e vindas —, mas era evidente que achava que não era recomendável fazer algo drástico.

IV.

Já haviam se passado mais de três anos desde o casamento de Derby naquele dia de agosto quando recebi o telegrama vindo do Maine. Eu não o via fazia dois meses, mas ouvira dizer que ele estava fora “a negócios”. Asenath provavelmente estava com ele, embora fofocas atentas declarassem que havia alguém no andar de cima da casa, atrás das janelas com cortinas duplas. Os responsáveis por essas fofocas tinham observado as compras feitas pelos criados. E agora o xerife da cidade de Chesuncook havia enviado um telegrama endereçado a mim sobre um louco molhado e sujo que surgiu da floresta cambaleando em meio a delírios e gritando por mim em busca de proteção. Era Edward — e ele tinha sido capaz de lembrar seu próprio nome e meu nome e endereço.

Chesuncook fica próxima do cinturão florestal mais selvagem, mais profundo e menos explorado do Maine, e levou um dia inteiro de solavancos febris através de cenários fantásticos e proibitivos para chegar lá em um carro. Encontrei Derby no porão de uma fazenda do vilarejo, oscilando entre o frenesi e a apatia. Ele me reconheceu na mesma hora e começou a derramar uma torrente de palavras sem sentido e meio incoerentes em minha direção.

“Dan, pelo amor de Deus! O poço dos shoggoths! Descendo os seis mil degraus... a abominação das abominações... eu nunca deixaria ela me levar, mas então me encontrei lá... Iä! Shub-Niggurath!... A forma subiu do altar, e quinhentos deles uivavam... A Coisa com Capuz baliu ‘Kamog! Kamog!’, esse era o nome secreto do velho Ephraim na assembleia de bruxos ... Eu estava lá, aonde ela prometeu que não me levaria... Um minuto antes eu estava trancado na biblioteca, e de repente eu estava lá aonde ela tinha ido com o meu corpo... no lugar de blasfêmia total, o buraco profano onde o reino negro começa e o observador guarda o portão... Eu vi um shoggoth, ele mudou de forma... Eu não aguento isso... não vou aguentar... Eu vou matá-la se ela me mandar de

novo... Vou matar essa entidade... ela, ele, isso... eu vou matar! Vou matá-la com minhas próprias mãos.”

Levei uma hora para acalmá-lo, mas por fim Derby se tranquilizou. No dia seguinte, consegui roupas decentes para ele no vilarejo e viajamos juntos de volta para Arkham. Sua fúria histérica se dissipou e ele ficou inclinado ao silêncio; no entanto, começou a murmurar sombriamente consigo mesmo quando o carro passou por Augusta — como se ver uma cidade despertasse nele lembranças desagradáveis. Ficou claro que não queria ir para casa, e considerando as ilusões fantásticas que parecia ter sobre a esposa — ilusões sem sombra de dúvida provenientes de alguma provação hipnótica a que ele havia sido submetido — achei que seria melhor que não o fizesse. Decidi mantê-lo comigo, a despeito do quanto Asenath ficasse ofendida. Mais tarde, eu o ajudaria a se divorciar, pois, com certeza, havia fatores mentais que tornavam esse casamento suicida para ele. Quando chegamos a campo aberto novamente, o murmúrio de Derby desapareceu, e deixei que ele cabeceasse e cochilasse no assento ao meu lado enquanto eu dirigia.

Durante o nosso pôr do sol atravessando Portland, o murmúrio começou de novo, mais claro do que antes, e enquanto ouvia captei uma torrente absurda de palavras sobre Asenath. O modo como ela havia atacado os nervos de Edward era claro, pois ele tecera todo um conjunto de alucinações sobre a esposa. Sua situação atual, ele murmurou furtivamente, era apenas uma de uma longa série. Ela estava se apoderando dele, e ele sabia que algum dia Asenath não permitiria que voltasse. Mesmo agora, ela provavelmente só o deixava porque era obrigada, porque não conseguia aguentar muito tempo de uma só vez. Ela constantemente tomava o corpo do marido e ia a lugares sem nome para ritos sem nome, deixando-o em seu corpo e o prendendo no andar de cima — mas às vezes não era capaz de sustentar a situação, e ele se encontrava de repente em seu próprio corpo de novo em algum lugar distante, horrível e quase sempre desconhecido. Muitas vezes ele era deixado em algum lugar assim como eu o encontrei... em várias ocasiões teve que encontrar o caminho de casa estando a distâncias assustadoras, e conseguir alguém para dirigir o carro quando o encontrasse.

O pior era que ela estava conseguindo manter o controle sobre ele por cada vez mais tempo. Asenath queria ser um homem — para ser to-

talmente humana —, por isso se apoderou dele. Sentiu nele a mistura de cérebro bem cultivado e vontade fraca. Algum dia ela iria excluí-lo e desaparecer com seu corpo — desaparecer para se tornar um grande mago como seu pai e deixá-lo abandonado naquela concha feminina que não era sequer exatamente humana. Sim, ele sabia do sangue de Innsmouth agora. Houve uma troca com coisas do mar — foi horrível... E o velho Ephraim — ele conhecia o segredo e, quando envelheceu, fez uma coisa horrenda para se manter vivo... ele queria viver para sempre... Asenath teria sucesso — uma demonstração bem-sucedida já havia ocorrido.

Enquanto Derby murmurava, virei-me para olhá-lo de perto, verificando a impressão de mudança que uma análise anterior me permitira. Paradoxalmente, ele parecia em melhor forma do que o habitual — mais firme, mais desenvolvido e normal, e sem o traço de flacidez doentia causada por seus hábitos indolentes. Era como se ele tivesse se tornado de fato ativo e tivesse se exercitado adequadamente pela primeira vez em sua vida mimada, e eu julguei que a força de Asenath deve tê-lo empurrado para canais inusitados de movimento e vigilância. Mas agora sua mente estava em um estado lastimável, pois ele murmurava loucuras absurdas sobre a esposa, sobre magia negra, sobre o antigo Ephraim e sobre alguma revelação que convenceria até a mim. Repetia nomes que eu reconhecia de já esquecidas consultas a volumes proibidos e, às vezes, me fazia estremecer com um certo fio de consistência mitológica — de coerência convincente — que atravessava suas incoerências. Repetidas vezes ele se interrompia, como se reunisse coragem para alguma revelação final e terrível.

“Dan, Dan, você não se lembra dele... os olhos selvagens e a barba desgrenhada que nunca ficou branca? Ele olhou para mim uma vez e eu nunca esqueci. Agora *ela* me olha desse jeito. *E eu sei por quê!* Ele a encontrou no *Necronomicon*, encontrou a fórmula. Eu não ousou lhe dizer a página ainda; direi quando puder ler e entender. Então você saberá o que me engoliu. De novo, de novo, de novo... de corpo em corpo... ele nunca quer morrer. O brilho da vida... ele sabe como quebrar o elo... pode bruxulear, túbio, por um tempo, mesmo quando o corpo está morto. Vou dar dicas, e talvez você adivinhe. Escute, Dan, você sabe por que minha esposa se esforça tanto naquela caligrafia torta e boba dela? Você

já viu um manuscrito do antigo Ephraim? Você quer saber por que eu tremi quando vi algumas anotações precipitadas que Asenath fez?

“Asenath... *existe tal pessoa?* Por que eles achavam que havia veneno no estômago do velho Ephraim? Por que os Gilman sussurram sobre o modo como ele gritava, como uma criança assustada, quando enlouqueceu e Asenath o trancou no sótão acolchoado onde ‘o outro’ estivera? *Era a velha alma de Ephraim que estava trancada? Quem trancou quem?* Por que ele estava procurando por meses por alguém com uma mente boa e uma vontade fraca? Por que ele imprecou por sua filha não ser um filho? Diga-me, Daniel Upton, *que troca diabólica foi perpetrada na casa do horror em que aquele monstro blasfemo conservava sua filha confiável, de vontade fraca e meio humana à sua mercê?* Ele não fez isso de forma permanente... como ela vai fazer no final comigo? Diga-me por que aquela coisa que se chama Asenath escreve de forma diferente quando desprevenida, *de modo que você não consegue diferenciar sua letra da de...*”

Então a coisa aconteceu. A voz de Derby se transformou em um grito agudo e trêmulo enquanto ele delirava, e de repente tudo parou, quase como num clique mecânico. Pensei naquelas outras ocasiões em minha casa quando suas confidências cessaram de forma abrupta — quando imaginara que alguma obscura onda telepática da força mental de Asenath intervinha para mantê-lo em silêncio. Aquilo, no entanto, era algo completamente diferente — e, tal como sentia, infinitamente mais horrível. O rosto ao meu lado se retorceu de modo quase irreconhecível por um instante, enquanto seu corpo era atravessado por um espasmo — como se todos os ossos, órgãos, músculos, nervos e glândulas fossem reajustados para uma postura, um conjunto de tensões e uma personalidade geral radicalmente diferentes.

Onde o supremo horror residia, juro pela minha vida que não seria capaz de contar; varreu-me, contudo, uma onda tão intensa de morbidez e repulsa — uma sensação tão congelante e petrificante de total alienação e anormalidade — que senti minha mão afrouxar-se ao volante. A figura ao meu lado parecia menos meu amigo de longa data do que alguma intrusão monstruosa do espaço exterior — um feixe vil e amaldiçoado de forças cósmicas desconhecidas e malignas.

Hesitei por um momento, mas quase de pronto meu companheiro agarrou o volante e me forçou a trocar de lugar com ele. A noite caía, a escuridão se adensava, e as luzes de Portland haviam muito ficado para trás, de modo que não pude ver muito do seu rosto. O brilho de seus olhos, no entanto, era espantoso; e eu sabia que agora ele deveria se encontrar naquele estado estranhamente energizado — tão diferente de seu eu habitual — que tantas pessoas haviam notado. Parecia estranho e inacreditável que Edward Derby, tão letárgico — ele que nunca conseguira afirmar-se, que nunca aprendera a dirigir —, estivesse me dando ordens e assumindo o volante do meu próprio carro, mas era exatamente isso que se passava. Ele não falou por algum tempo, e, no meu inexplicável horror, fiquei feliz por isso.

Nas luzes de Biddeford e Saco, vi sua boca firme e travada e estremei ante o brilho de seus olhos. As pessoas estavam certas: ele ficava incrivelmente parecido com a esposa e com o velho Ephraim quando estava tomado por aqueles humores. Não me admirava que os ânimos fossem antipáticos — sem dúvida havia algo antinatural e diabólico neles, e senti o elemento sinistro ainda mais, por causa dos delírios selvagens que eu ouvira. Esse homem, apesar de todo o meu conhecimento ao longo da vida sobre Edward Pickman Derby, era um estranho — uma intrusão de algum tipo de abismo negro.

Ele não falou até que estivéssemos em um trecho escuro de estrada, e quando o fez sua voz me soou totalmente desconhecida. Estava mais profunda, firme e decidida do que jamais a ouvira, e seu sotaque e pronúncia revelavam-se transformados por completo — embora vaga, remota e bastante perturbadoramente me recordasse algo que eu não conseguia localizar. Havia, pensei eu, um traço de ironia muito profunda e genuína no timbre — não a pseudoironia autoconfiante e insignificante do imaturo “sofisticado”, que Derby costumava simular, mas algo sombrio, primitivo, penetrante e potencialmente mau. Fiquei estupefato com a retomada do autocontrole depois de momentos de pânico e balbucios.

“Espero que esqueça o meu ataque lá atrás, Upton”, disse ele. “Você sabe como ficam meus nervos, e acho que pode desculpar essas coisas. Estou imensamente grato, é claro, por esta carona para casa.

“E você também deve esquecer as coisas malucas que eu possa ter dito sobre minha esposa... e sobre as coisas em geral. Isso é o que vem do excesso de estudo em um campo como o meu. Minha filosofia é cheia de conceitos bizarros e, quando sinto a estafa mental, ela prepara todo tipo de aplicações concretas imaginárias. Vou descansar a partir de agora, você provavelmente não vai me ver por algum tempo, e não precisa culpar Asenath por isso.

“Esta viagem foi um pouco estranha, mas tudo é muito simples. Existem alguns tesouros indígenas nas florestas do norte... pedras erigidas, coisas assim... que significam muito no folclore, e Asenath e eu estamos investigando a fundo essas coisas. Foi uma pesquisa difícil, então dou a impressão de ter perdido a cabeça. Preciso pedir que alguém vá buscar o carro quando eu chegar em casa. Um mês de descanso me colocará nos eixos de novo.”

Não me lembro exatamente o que falei durante a conversa, pois o desconcertante desaparecimento do meu companheiro de viagem preencheu toda a minha consciência. A cada momento, meu sentimento de um indescritível horror cósmico aumentava, até que no fim me vi virtualmente em delírio, desejando que a viagem terminasse. Derby não quis deixar o volante, e fiquei aliviado com a velocidade com que Portsmouth e Newburyport ficaram para trás.

No entroncamento onde a rodovia principal corre para o interior e se afasta de Innsmouth, temi que meu motorista passasse pela desolada estrada costeira que atravessa aquela cidade medonha. Porém ele não o fez, passando velozmente por Rowley e Ipswich em direção ao nosso destino. Chegamos a Arkham antes da meia-noite e encontramos as luzes acesas na antiga casa dos Crowninshield. Derby deixou o carro repetindo apressadamente seus agradecimentos, e eu segui para casa sozinho com uma curiosa sensação de alívio. Tinha sido uma viagem terrível — ainda mais terrível porque eu não era capaz de dizer exatamente por quê — e não lamentava a previsão de Derby de um longo período de ausência de minha companhia.

V.

Os dois meses seguintes se passaram cheios de rumores. As pessoas comentavam ter visto Derby mais e mais em seu novo estado energizado, e Asenath raramente se mostrava disponível às poucas pessoas que a visitavam. Recebi apenas uma visita de Edward, quando apareceu por um breve momento no carro de Asenath — devidamente resgatado de onde quer que tivesse sido deixado no Maine — para pegar alguns livros que me emprestara. Encontrava-se em seu novo estado e ficou apenas tempo o bastante para algumas observações polidas e evasivas. Estava claro que ele não tinha nada a discutir comigo naquele estado — e percebi que ele sequer se incomodara em dar os velhos três e dois toques ao tocar a campainha. Como naquela noite no carro, senti um horror leve, porém infinitamente profundo, que não consegui explicar; de modo que sua partida rápida foi um imenso alívio.

Em meados de setembro, Derby se ausentou por uma semana, e alguns membros do grupo decadente da faculdade conversaram com ares conhecedores sobre o assunto — insinuando uma reunião com um notório líder de culto, recentemente expulso da Inglaterra, que estabeleceu sua sede em Nova York. De minha parte, não consegui tirar da cabeça aquela estranha viagem do Maine. A transformação que eu testemunhara me afetara profundamente, e me peguei repetidas vezes tentando explicar a coisa — e o extremo horror que ela me havia inspirado.

Mas os rumores mais estranhos eram sobre o choro e os soluços na velha Crowninshield. A voz parecia ser de mulher e algumas das pessoas mais jovens achavam que se parecia com Asenath. Era ouvida apenas em raros momentos, e às vezes parecia sufocada como que à força. Houve rumores de uma investigação, mas isso foi dissipado um dia quando Asenath apareceu nas ruas e conversou de forma alegre com um grande número de conhecidos — desculpando-se por suas recentes ausências e falando incidentalmente sobre o colapso nervoso e a histeria de um convidado de Boston. O convidado nunca foi visto, mas a postura de Asenath não deixou dúvidas. Então alguém complicou as coisas ao sussurrar que os soluços tinham surgido uma ou duas vezes na voz de um homem.

Certa noite, em meados de outubro, ouvi o familiar soar de três e dois toques na porta de casa. Abrindo-a pessoalmente, encontrei Edward e vi na mesma hora que sua postura era a antiga, que eu não via

desde o dia de seus delírios naquela terrível viagem de Chesuncook. Seu rosto se contorcia com uma mistura de emoções estranhas, em que o medo e o triunfo pareciam dividir o domínio, e ele olhou furtivamente por cima do ombro enquanto eu fechava a porta atrás dele.

Seguindo-me desajeitado até o gabinete, ele pediu um pouco de uísque para acalmar os nervos. Parei de fazer perguntas, mas esperei até que começasse a dizer o que quisesse dizer. Finalmente ele arriscou algumas informações com a voz embargada.

“Asenath foi embora, Dan. Nós tivemos uma longa conversa ontem à noite enquanto os criados estavam fora, e a fiz prometer parar de me atacar. É claro que eu tinha certas... certas defesas ocultas que nunca lhe contei. Ela teve que ceder, mas ficou terrivelmente irritada. Fez as malas e partiu para Nova York... saiu direto para pegar o trem das 8h20 em Boston. Suponho que as pessoas comentarão, mas não posso evitar. Você não precisa mencionar que houve algum problema, apenas diga que ela fez uma longa viagem de pesquisa.

“Ela provavelmente vai ficar com um de seus horríveis grupos de devotos. Espero que vá para o oeste e peça o divórcio... de qualquer forma, eu a fiz prometer ficar longe e me deixar em paz. Foi horrível, Dan... ela estava roubando meu corpo... me deixando para fora... me fazendo seu prisioneiro. Deitei-me e fingi deixá-la fazer isso, mas eu tinha que permanecer em vigília. Seria capaz de me planejar se fosse cuidadoso, pois ela não podia ler minha mente de verdade, ou em detalhes. Tudo o que conseguiu ler sobre o meu plano foi uma espécie de humor geral de rebeldia, e ela sempre achou que eu estava à sua mercê. Nunca pensei que poderia ganhar o controle dela... mas alguns feitiços que conhecia funcionaram.”

Derby olhou por cima do ombro e tomou mais uísque.

“Paguei aqueles malditos servos esta manhã quando voltaram. Eles foram rudes, fizeram perguntas, mas foram embora. São iguais a ela, pessoas de Innsmouth, e eram unha e carne com ela. Espero que me deixem em paz... não gostei do jeito que riram quando se afastaram. Preciso ficar com o maior número possível dos velhos criados do papai. Vou me mudar de volta para casa.

“Suponho que você pense que estou louco, Dan, mas a história de Arkham deve sugerir coisas que confirmam o que eu disse a você... e o

que vou dizer. Você viu uma das mudanças também... no seu carro depois que lhe contei sobre Asenath naquele dia voltando do Maine para casa. Foi quando ela me pegou... me tirou do meu corpo. A última coisa da carona que lembro foi quando eu estava muito nervoso tentando lhe dizer *o que aquela demônia era*. Então ela me pegou, e num piscar de olhos eu estava de volta na casa... na biblioteca onde aqueles malditos criados tinham me trancado... e no corpo daquele maldito demônio... que nem sequer é humano... Você sabe, foi com ela que você deve ter voltado para casa... aquele lobo em meu corpo. Você deve ter notado a diferença!”

Estremeci quando Derby parou. Claro que eu *notara* a diferença... mas podia aceitar uma explicação tão insana quanto aquela? No entanto, meu interlocutor perturbado estava ficando ainda mais descontrolado.

“Tive que me salvar... eu precisava, Dan! Ela teria acabado comigo de vez no Dia de Todos os Santos... eles fazem os ritos do Sabá ao norte de Chesuncook, e o sacrifício teria concluído tudo. Ela teria ficado com meu corpo de vez... teria se tornado eu, e eu teria me tornado ela... para sempre... tarde demais... Meu corpo teria sido dela para sempre... Ela teria se tornado homem e totalmente humana, como desejava... Suponho que ela teria me tirado do caminho, matado seu próprio ex-corpo, *assim como fez antes*, assim como ela, ele ou aquela coisa fez antes...”

O rosto de Edward estava agora assustador e retorcido e se chegou desconfortavelmente perto do meu quando sua voz se tornou um sussurro.

“Você deve ter entendido o que insinuei no carro... *que ela não é Asenath, mas o próprio Ephraim*. Eu suspeitava há um ano e meio, e agora tenho certeza. Sua caligrafia mostra quando ela está desprevenida... às vezes rabisca bilhetes em uma caligrafia que é idêntica à dos manuscritos do pai... e às vezes diz coisas que ninguém além de um velho como Ephraim poderia dizer. Ele trocou de corpo com ela quando sentiu a morte chegando... Ela foi a única em que pôde encontrar o tipo certo de cérebro e uma vontade fraca... O pai conseguiu o corpo dela permanentemente, assim como quase pegou o meu, e depois envenenou o velho corpo em que ele a colocou. Você não viu a velha alma de Ephraim brilhando nos olhos da demônia dezenas de vezes... e nos meus quando ela tinha o controle do meu corpo?”

Edward começou a ofegar e parou para respirar. Eu nada disse e, quando ele recuperou o fôlego, sua voz estava mais próxima do normal. Isso, refleti, era caso para uma casa de repouso, mas não seria eu a mandá-lo para lá. Talvez o tempo e a liberdade longe de Asenath fizessem seu trabalho. Pude ver que ele nunca mais ia se envolver com ocultismo mórbido novamente.

“Conto mais depois, preciso descansar agora. Vou lhe contar uma coisa sobre os horrores proibidos aos quais ela me levou... algo dos horrores mais antigos que ainda hoje infectam recantos distantes com alguns sacerdotes monstruosos para mantê-los vivos. Certas pessoas sabem coisas sobre o universo que ninguém deveria saber e podem fazer coisas que ninguém deveria ser capaz de fazer. Estive enfiado até o pescoço no meio de tudo isso, mas acabou. Hoje eu queimaria aquele maldito *Necronomicon* e todo o resto se fosse o bibliotecário da Miskatonic.

“Mas ela não pode me pegar agora. Preciso sair daquela maldita casa quanto antes e retornar à minha. Sei que você vai me ajudar se eu precisar. Aqueles criados diabólicos, você sabe... e se as pessoas ficarem curiosas sobre Asenath. Veja, não posso informar o endereço dela... E há certos grupos de pesquisadores... certos cultos, você sabe... que podem entender mal a nossa separação... alguns têm ideias e métodos curiosamente detestáveis. Sei que você vai ficar do meu lado se algo acontecer, mesmo que eu tenha que lhe contar coisas que o deixarão chocado...”

Pedi a Edward que ficasse e dormisse em um dos quartos de hóspedes naquela noite, e de manhã ele parecia mais calmo. Discutimos certos preparativos possíveis para seu retorno à mansão dos Derby, e eu esperava que ele não perdesse tempo em fazer a mudança. Ele não ligou na noite seguinte, mas o vi com frequência durante as semanas seguintes. Conversamos o mínimo possível sobre coisas estranhas e desagradáveis, mas discutimos a reforma da antiga casa dos Derby e as viagens em que Edward prometeu nos levar, a mim e meu filho, no verão seguinte.

De Asenath não dissemos quase nada, pois vi que o assunto era peculiarmente perturbador. A fofoca, claro, era abundante, mas isso não era novidade em relação aos estranhos moradores da velha casa dos Crowninshield. Uma coisa de que não gostei foi o que o administrador das finanças de Derby deixou escapar em um momento demasiado ex-

pansivo no Miskatonic Club — sobre os cheques que Edward enviava regularmente para certos Moses e Abigail Sargent e uma Eunice Babson em Innsmouth. Ao que parecia, os criados mal-encarados estavam extorquindo algum tipo de pagamento dele, mas meu amigo não havia mencionado o assunto para mim.

Desejei que o verão — e as férias de meu filho em Harvard — chegassem, para que pudéssemos levar Edward para a Europa. Ele não estava, logo notei, melhorando tão rápido quanto eu esperava, pois havia algo um pouco histérico em sua euforia ocasional, enquanto seus humores de medo e depressão eram muito frequentes. A velha casa dos Derby ficou pronta em dezembro, mas Edward sempre adiava a mudança. Embora odiasse e parecesse temer Crownshield, ele era ao mesmo tempo bizarramente escravizado pela casa. Parecia não conseguir começar a desmontar as coisas e inventou todo tipo de desculpa para adiar a ação. Quando falamos do problema, ele me pareceu inexplicavelmente assustado. O velho mordomo de seu pai — que estava lá com outros criados da família readmitidos — disse-me um dia que as caminhadas sem rumo de Edward pela casa, como se estivesse à espreita, sobretudo no porão, pareciam-lhe estranhas e insalubres. Eu me perguntei se Asenath estava enviando cartas perturbadoras, mas o mordomo afirmou que não havia correspondência que tivesse vindo dela.

VI.

Foi perto do Natal que Derby desabou, certa noite, durante uma visita que me fez. Eu estava conduzindo a conversa às viagens do próximo verão quando, de repente, ele gritou e saltou da cadeira com um olhar de medo chocante e incontrolável — um pânico e uma repulsa cósmicos que só os abismos infernais do pesadelo poderiam trazer a qualquer mente sã.

“Meu cérebro! Meu cérebro! Deus, Dan... ela está puxando meu cérebro... do além... batendo... arranhando... aquela demônia... mesmo agora... Ephraim... Kamog! Kamog!... O poço dos shoggoths... Iä! Shub-Niggurath! O bode com mil jovens!...

“A chama, a chama... além do corpo, além da vida... na terra... oh, Deus!...”

Eu o puxei de volta para a cadeira e derramei um pouco de vinho em sua boca enquanto seu frenesi afundava numa apatia muda. Ele não resistiu, mas manteve os lábios se movendo como se falasse consigo mesmo. Logo percebi que tentava falar comigo, e inclinei meu ouvido para a boca para pegar as palavras fracas.

“... De novo, de novo... ela está tentando... eu deveria ter imaginado... nada pode parar essa força; nem a distância, nem a magia, nem a morte... vem e vem, principalmente à noite... não posso sair... é horrível... oh, Deus, Dan, *se você soubesse como eu quanto é horrível...*”

Quando ele colapsou em estupor, eu o apoiei com travesseiros e deixei que o sono normal o alcançasse. Não chamei um médico, pois sabia o que seria dito sobre sua sanidade e desejava dar à natureza uma chance, se possível. Ele acordou à meia-noite e o levei para a cama no andar de cima, mas ele se foi de manhã. Saiu silenciosamente da casa — e seu mordomo, quando atendeu ao telefone, disse que estava em casa andando impacientemente pela biblioteca.

Edward desmoronou rapidamente depois disso. Não voltou à minha casa, mas eu lhe fazia visitas diárias. Ele sempre permanecia sentado em sua biblioteca, olhando para o nada e tendo um ar de quem *escuta* algo anormal. Às vezes falava de modo racional, mas sempre sobre assuntos triviais. Qualquer menção a seu problema, a planos futuros ou a Asenath o levava a um ataque. Seu mordomo disse que ele tinha convulsões assustadoras à noite, durante as quais ele podia chegar a se machucar.

Tive uma longa conversa com seu médico, seu banqueiro e seu advogado, e finalmente levei o médico com dois colegas especialistas para visitá-lo. Os espasmos que resultaram das primeiras perguntas foram violentos e dignos de pena — e naquela noite um carro fechado levou seu pobre corpo em luta para o Sanatório de Arkham. Fui instituído seu guardião e o visitava duas vezes por semana — quase chorando ao ouvir seus gritos selvagens, seus sussurros apavorantes e repetições terríveis de frases como “eu tinha que fazer isso... eu tinha que fazer isso... ela vai me pegar... ela vai me pegar... lá embaixo... no escuro... Mãe, mãe! Dan! Salve-me... salve-me...”.

Quanta esperança de recuperação havia, ninguém era capaz de me dizer, mas eu fiz de tudo para manter o otimismo. Edward precisava ter um lar caso emergisse, então transferi seus criados para a mansão dos Derby, o que com certeza seria sua escolha se estivesse são. O que fazer em relação a Crowninshield com sua organização complexa e suas coleções de objetos absolutamente inexplicáveis, eu não conseguia decidir; assim os deixei por ora intocados — ordenando que a empregada de Derby tirasse o pó dos quartos principais uma vez por semana e o encarregado do aquecimento providenciasse o fogo nesses dias.

O pesadelo final veio antes do dia da Apresentação de Jesus no Templo — anunciado, com cruel ironia, por um falso brilho de esperança. Certa manhã, em fins de janeiro, o sanatório telefonou para informar que Edward recobrou a razão de repente. Sua memória contínua, disseram eles, estava gravemente prejudicada, mas a sanidade em si era certa. É claro que ele deveria permanecer algum tempo em observação, contudo havia poucas dúvidas sobre o resultado. Com tudo correndo bem, ele com certeza teria alta em uma semana.

Apressei-me a encontrá-lo com incontida felicidade, mas fiquei perplexo quando uma enfermeira me levou ao quarto de Edward. O paciente levantou-se para me cumprimentar, estendendo a mão com um sorriso educado; entretanto, vi num instante que ele tinha a personalidade estranhamente energizada, daquela forma tão alheia à sua própria natureza — a personalidade competente que eu achara vagamente terrível, e que o próprio Edward uma vez jurara ser a alma intrusa de sua esposa. Havia aqueles mesmos olhos brilhantes — tão parecidos com os de Ase-nath e os do antigo Ephraim — e a mesma boca travada; e, quando ele falou, pude sentir a mesma ironia penetrante e repelente em sua voz — a ironia profunda e impregnante do mal em potencial. Aquela era a pessoa que havia dirigido meu carro durante a noite cinco meses antes — a pessoa que eu não vira desde aquela breve visita quando ele havia esquecido o tradicional toque à porta e agitara aqueles medos nebulosos sobre mim — e agora me enchia do mesmo sentimento obscuro de alienação blasfema e hediondez cósmica inefável.

Ele falava amistosamente dos preparativos para a alta — e nada me restava senão concordar, apesar de algumas lacunas notáveis em suas memórias recentes. No entanto, eu tinha uma sensação terrível, de que

algo estava inexplicavelmente errado e anormal. Havia horrores ali que eu não conseguia alcançar. Aquela era uma pessoa sã — mas era mesmo o Edward Derby que eu conhecia? Se não, quem ou o que era — *e onde estava Edward?* Deveria ganhar a liberdade ou o confinamento... ou deveria ser extirpado da face da Terra? Havia uma sugestão do absurdo e sarcástico em tudo o que a criatura dizia — os olhos de Asenath emprestavam uma zombaria especial e desconcertante a certas palavras acerca da “rápida liberdade obtida após um *confinamento especialmente difícil*”. Devo ter me comportado de maneira muito estranha e me senti aliviado ao bater em retirada.

Durante todo aquele dia e o seguinte torturei meu cérebro com o problema. O que tinha acontecido? Que tipo de mente olhava através daqueles olhos alienígenas no rosto de Edward? Eu não conseguia pensar em nada a não ser naquele enigma obscuro e terrível e desisti de qualquer esforço para retomar minhas atividades normais. Na segunda manhã, o hospital telefonou para dizer que o paciente recuperado assim se mantinha e, ao anoitecer, eu estava perto de um colapso nervoso — um estado que admito, embora outros afirmem que ele nublava minha visão subsequente. Não tenho nada a dizer sobre esse ponto, exceto que nenhuma loucura minha poderia explicar *todas* as evidências.

VII.

Foi no meio da noite — depois daquela segunda noite — que um horror absoluto explodiu em mim e carregou meu espírito de um pânico negro e apertado, do qual ele nunca mais conseguiu se livrar. Tudo começou com um telefonema pouco antes da meia-noite. Eu era o único de pé e, sonolento, atendi a ligação na biblioteca. Ninguém parecia estar na linha, e eu estava prestes a desligar e ir para a cama quando meu ouvido captou uma leve sugestão de som do outro lado. Alguém tentava, sob grandes dificuldades, proferir as palavras. Enquanto ouvia, pensei ter escutado uma espécie de ruído borbulhante meio líquido — “*glub... glub... glub*” — que tinha uma estranha sugestão de divisões inarticuladas e ininteligíveis de palavras e sílabas. Perguntei “Quem é?”, mas a única resposta foi “*glub-glub... glub-glub*”. Eu só podia supor que o

ruído era mecânico, porém imaginando que poderia ser um caso de aparelho quebrado, capaz de receber, mas não reproduzir a voz, acrescentei: “Não consigo ouvi-lo. É melhor desligar e experimentar o serviço de informações.” Imediatamente ouvi o aparelho ser desligado do outro lado.

Isso, afirmo, ocorreu pouco antes da meia-noite. Quando a ligação foi rastreada, mais tarde, descobriu-se que vinha de Crowninshield, embora ainda faltasse meia semana para a criada encarregada da limpeza estar lá. Vou apenas indicar o que foi encontrado na casa: um caos em um depósito remoto do porão, os rastros, a sujeira, um guarda-roupa revirado às pressas, as marcas desconcertantes ao telefone, os utensílios da escrivaninha mal utilizados e em desordem e um fedor detestável que pairava sobre tudo. A polícia, pobre coitada, tem suas teoriuzinhas presunçosas, e ainda está procurando por aqueles criados sinistros — que haviam sumido em meio a um frenesi violento. Eles falam de uma vingança macabra pelas coisas que foram feitas e dizem que eu fazia parte de tudo porque era o melhor amigo e conselheiro de Edward.

Idiotas! Eles acham que aqueles palhaços brutais poderiam ter forjado aquela caligrafia? Acham que poderiam ter trazido o que mais tarde sobreveio? São cegos para as mudanças naquele corpo que era de Edward? Quanto a mim, *agora acredito em tudo que Edward Derby me contou*. Há horrores além da vida de que não suspeitamos, e de vez em quando o mal à espreita no homem os chama de modo que ficam a nosso alcance. Ephraim... Asenath... aquele diabo os convocou, e eles engolfaram Edward do mesmo modo que agora me engolfam.

Posso ter certeza de que estou seguro? Esses poderes sobrevivem à vida em sua forma física. No dia seguinte — na parte da tarde, quando saí de minha prostração e fui capaz de andar e falar de forma coerente — fui ao hospício e o matei por Edward e pelo mundo, mas posso ter certeza até que ele seja cremado? Estão mantendo o corpo para algumas tolas autópsias a serem realizadas por médicos diferentes — mas eu afirmo que ele precisa ser cremado. *Ele precisa ser cremado — ele que não era Edward Derby quando atirei*. Ficarei louco se ele não for, pois posso ser o próximo. Mas a minha vontade não é fraca — e não deixarei que seja minada pelos terrores que sei que se agitam em torno dela. Uma vida — Ephraim, Asenath e Edward — quem mais agora? Eu *não* serei expulso

do meu corpo... *Não* trocarei de corpo com aquele morto-vivo cravado de balas no manicômio!

Mas deixe-me tentar contar esse horror final de forma coerente. Não vou falar do que a polícia persistentemente ignorou — as histórias daquela coisa anã, grotesca e fétida encontrada por pelo menos três viajantes na High Street antes das duas horas da manhã, e a natureza das pegadas únicas em certos lugares. Vou dizer apenas que eram cerca de duas horas da manhã quando a campainha e a aldrava me acordaram — a campainha e a aldrava, manipuladas alternada e inseguramente numa espécie de desespero fraco, *e cada uma tentando manter o antigo sinal de Edward de três e dois toques*.

Desperto de meu sono profundo, minha mente entrou em tumulto. Derby na porta — e lembrando o antigo código! Aquela nova personalidade não se lembrava disso... Edward estava de repente de volta ao seu estado normal? Por que ele estava aqui, evidenciando tanta pressa e nervosismo? Tinha sido libertado antes do tempo, ou havia escapado? Talvez, pensei enquanto vestia um robe e descia as escadas, seu retorno a si próprio tivesse provocado delírios e violência, revogando sua dispensa e levando-o a uma corrida desesperada pela liberdade. O que quer que tivesse acontecido, aquele era o bom e velho Edward de novo, e eu o ajudaria!

Quando abri a porta na escuridão coberta de elmos, uma rajada de vento insuportavelmente fétido quase me lançou prostrado. Engasguei de náusea e, por um segundo, mal vi a figura anã e corcunda nos degraus. O chamado havia sido de Edward, mas quem era aquele arremedo asqueroso? Para onde Edward tivera tempo de ir? Seu toque havia soado um segundo antes de a porta se abrir.

A criatura usava um dos sobretudos de Edward — a barra quase tocando o chão e as mangas dobradas para trás, mas ainda cobrindo as mãos. Na cabeça havia um chapéu de aba larga, enquanto uma echarpe de seda preta ocultava-lhe o rosto. Quando fui à frente a passos infirmes, a figura fez o som semilíquido que eu tinha ouvido ao telefone — “*glub... glub...*” — e me empurrou um grande papel, escrito em letras pequenas, empalado na margem de baixo por um longo lápis. Ainda me recuperando do fedor mórbido e inexplicável, peguei o papel e tentei lê-lo à luz da porta.

Não restava dúvida de que era a escrita de Edward. Mas por que ele havia escrito quando estava perto o bastante para me visitar — e por que a escrita estava tão desajeitada, instável e grosseira? Eu não conseguia distinguir nada na penumbra da luz fraca, então voltei para a entrada de casa, a figura anã a passos pesados e mecânicos logo atrás, mas parando na soleira da porta. O odor desse mensageiro singular era realmente aterrador, e eu esperava (não em vão, graças a Deus!) que minha esposa não acordasse e se deparasse com ele.

Então, enquanto lia a carta, senti meus joelhos cederem debaixo de mim e minha visão escurecer. Eu estava no chão quando recobrei a consciência, aquela maldita folha ainda apertada na minha mão rígida de medo. Isto é o que dizia:

Dan — vá ao sanatório e mate-a. Extermine-a. Não é mais Edward Derby. Ela me pegou... é Asenath... e ela está morta há três meses e meio. Menti quando disse que tinha ido embora. Eu a matei. Precisei. Foi repentino, mas estávamos sozinhos e eu estava no meu corpo. Vi um candelabro e esmaguei sua cabeça. Ela teria acabado comigo definitivamente no dia de Todos os Santos.

Enterrei-a na despensa mais distante da adega sob algumas caixas velhas e limpei todos os vestígios. Os criados suspeitaram na manhã seguinte, mas eles têm tantos segredos que não ousam contar à polícia. Eu os dispensei, mas Deus sabe o que eles — e outros do culto — farão.

Pensei por um tempo que tudo ficaria bem, e então senti o puxão em meu cérebro. Eu sabia o que era — devia ter me lembrado. Uma alma como a dela — ou a de Ephraim — não chega a se ligar ao corpo e segue existindo após a morte enquanto houver corpo. Ela estava me pegando, me fazendo mudar de corpo com ela, tomando meu corpo e me colocando naquele cadáver enterrado no porão.

Eu sabia o que estava por vir, por isso perdi o controle e tive que ir para o sanatório. Então aconteceu — eu me encontrei sufocado no escuro, na carcaça apodrecida de Asenath lá embaixo no porão, sob as caixas onde a coloquei. E eu sabia que ela devia estar em meu corpo no sanatório — permanentemente, pois havia passado o dia de Todos os Santos, e o sacrifício funcionaria mesmo sem ela estar lá —

sã, e pronta para ser lançada como uma ameaça ao mundo. Eu estava desesperado e, apesar de tudo, consegui cavar minha saída dali.

Estou deteriorado demais para conversar — não conseguia falar ao telefone —, mas ainda posso escrever. Darei um jeito de trazer a você esta última palavra e aviso. Mate aquele demônio se você valoriza a paz e o conforto do mundo. Certifique-se de que o corpo será cremado. Se você não fizer isso, ele continuará vivo, de corpo em corpo para sempre, e eu não sei dizer o que fará. Mantenha-se longe da magia negra, Dan, é o negócio do diabo. Adeus, você tem sido um grande amigo. Diga à polícia o que quer que eles acreditem e lamento muito por arrastar você para dentro disso. Estarei em paz em breve — esta coisa não vai aguentar muito mais. Espero que você possa ler isto. E mate aquela criatura, mate-a.

Atenciosamente, Ed.

Foi só depois que consegui ler a última metade da carta, pois desmaiei no final do terceiro parágrafo. Desmaiei de novo quando vi e senti o cheiro do que se acumulava no limiar onde o ar quente o atingia. O mensageiro não se movia, nem tinha mais consciência.

O mordomo, mais resistente do que eu, não desmaiou diante do que encontrou na entrada pela manhã. Em vez disso, telefonou para a polícia. Quando chegaram, fui levado para a cama, mas a “outra massa” jazia onde desmoronara durante a noite. Os policiais colocaram lenços nos narizes.

O que eles por fim encontraram dentro da roupa estranhamente desmantelada de Edward era sobretudo horror liquefeito. Havia ossos também — e um crânio esmagado. Alguns trabalhos odontológicos identificaram positivamente o crânio como sendo de Asenath.



A Sombra Vinda do Tempo

∴

The Shadow Out of Time (1934–35)

Astounding Stories (jun. 1936)

A maioria dos estudiosos de Lovecraft classifica “A sombra vinda do tempo”, junto com “Nas montanhas da loucura”, como um de seus melhores trabalhos. Para qualquer fã de Lovecraft, pode ser um pouco agridoce, isso indica claramente que ele estava começando a sair da crise de confiança provocada pela rejeição de “Nas montanhas da loucura” vários anos antes; é, sem dúvida, o seu trabalho mais bem trabalhado, juntando ação e habilidade literária melhor do que qualquer coisa que ele já havia feito antes. Mas esta é, essencialmente, sua despedida.

H.P. Lovecraft estava estudando a história básica de “A sombra vinda do tempo” há anos. E apenas no final de 1934 que ele finalmente se sentou para começar, e não foi um trabalho fácil. Se sua história anterior, a bela e exagerada “A coisa na soleira da porta”, levou três dias para produzir, esse trabalho mais sério o levaria bem mais de três meses. Ele terminou em 22 de fevereiro de 1935.



Após 22 anos de pesadelos e terror, dos quais fui salvo apenas por uma convicção desesperada na origem mítica de certas impressões, reluto em afirmar a verdade do que julgo ter encontrado na Austrália Ocidental na noite do dia 17–18 de julho de 1935. Tenho motivos para crer que minha experiência foi, no todo ou em parte, produto de uma alucinação — para a qual, a bem dizer, havia razões de sobra. Mesmo assim, confesso que o realismo dessas impressões foi a tal ponto horripilante que às vezes perco a esperança. Se aquilo de fato aconteceu, então a humanidade deve estar pronta para aceitar noções a respeito do cosmo e do próprio lugar que ocupa no turbulento redemoinho do tempo cuja simples menção tem um efeito paralisante. Deve também ficar de guarda contra um determinado perigo à espreita que, embora não seja capaz de engolir toda a raça dos homens, pode trazer horrores monstruosos e inimagináveis para certos indivíduos mais audazes. É por isso que peço, com todas as minhas forças, que abandonem de vez todas as tentativas de encontrar os fragmentos de cantaria desconhecida e primordial que a minha expedição tinha por objetivo investigar.

Admitindo-se que eu estivesse acordado e em pleno domínio das minhas faculdades, a experiência que tive naquela noite não se compara a nada que outrora tenha se abatido sobre homem algum. Foi, além do mais, uma confirmação pavorosa de tudo o que eu havia tentado descartar como mito e sonho. Quis o destino misericordioso que não existisse nenhuma prova, pois no terror que tomou conta de mim eu perdi o espantoso objeto que — caso fosse real e tivesse sido retirado daquele abismo insalubre — teria servido como prova irrefutável. Quando me deparei com o horror eu estava sozinho — e até hoje não o revelei para ninguém. Não tive como impedir que outros fizessem escavações naquela direção, mas por enquanto a sorte e as areias inconstantes frustraram todas as tentativas de localizá-lo. Agora preciso fazer um relato definitivo — não apenas por conta do meu próprio equilíbrio mental, mas também para alertar todos os que se dispuserem a levá-lo a sério.

Escrevo estas páginas — que nas primeiras partes trarão informações familiares aos leitores atentos de jornais e periódicos científicos — na cabine do navio que está me levando para casa. Pretendo entregá-las ao meu filho, o professor Wingate Peaslee, da Universidade do Miskatonic — o único membro da minha família que se manteve ao meu lado após a

estranha amnésia de anos atrás, e também a pessoa mais bem informada a respeito dos detalhes pertinentes ao meu caso. No mundo inteiro, Wingate é a pessoa menos predisposta a ridicularizar este meu relato sobre aquela noite fatídica. Não lhe ofereci nenhum relato oral antes de zarpar, pois achei que seria melhor fazer a revelação por escrito. A leitura e a releitura nos momentos de maior conveniência devem fornecer-lhe um retrato mais convincente do que a minha língua confusa seria capaz de oferecer. Wingate pode fazer o que achar melhor com este relato — inclusive apresentá-lo, com as devidas explicações, em qualquer lugar onde possa servir para o bem. É em benefício dos leitores ainda não familiarizados com as primeiras etapas do meu caso que prefacio minha revelação com um sumário abrangente da situação anterior.

Meu nome é Nathaniel Wingate Peaslee, e aqueles que recordam as notícias de jornal da geração passada — ou ainda as cartas e os artigos publicados em periódicos de psicologia seis ou sete anos atrás — devem saber quem sou e o que represento. A imprensa publicou inúmeros detalhes sobre a estranha amnésia que me acometeu entre 1908 e 1913, e muito se falou sobre as tradições de horror, loucura e bruxaria que espreitam o antigo vilarejo de Massachusetts que desde então foi o local de minha residência. Mesmo assim, eu gostaria de deixar claro que não há nada de sinistro ou de anormal na minha linhagem e na minha vida pregressa. Trata-se de um detalhe importante em vista da sombra que se projetou sobre mim de maneira tão súbita, vinda de fontes *externas*. Pode ser que séculos de maus augúrios tenham conferido à decrépita Arkham assombrada por sussurros uma vulnerabilidade particular no que diz respeito a tais sombras — embora até isso pareça duvidoso à luz dos outros casos que mais tarde tive a oportunidade de estudar. Mesmo assim, o fato mais importante a ressaltar é que a minha genealogia e o meu passado são completamente normais. O que veio, veio de *algum outro lugar* — de onde, no entanto, ainda hoje eu hesito em afirmar de maneira categórica.

Sou filho de Jonathan e Hannah (Wingate) Peaslee, ambos de antigas famílias tradicionais de Haverhill. Nasci e cresci em Haverhill — na velha casa da Boardman Street, próxima à Golden Hill — e só fui para Arkham quando entrei na Universidade do Miskatonic, aos dezoito anos. Foi em 1889. Depois da minha graduação, estudei economia em

Harvard e voltei para a Universidade do Miskatonic como professor de Economia Política em 1895. Por treze anos levei uma vida tranquila e feliz. Em 1896 casei-me com Alice Keezar, de Haverhill, e meus três filhos, Robert K., Wingate e Hannah nasceram em 1898, 1900 e 1903, respectivamente. Em 1898 fui nomeado professor associado e, em 1902, professor titular. Em nenhum momento tive o menor interesse por ocultismo ou parapsicologia.

Na quinta-feira, 14 de maio de 1908, fui acometido por uma estranha amnésia. Foi um acontecimento súbito, embora mais tarde eu tenha percebido que certos vislumbres difusos algumas horas antes — visões caóticas que me perturbaram ao extremo justamente pelo ineditismo — devem ter formado os sintomas premonitórios. Minha cabeça doía, e eu tinha a estranha sensação — totalmente nova para mim — de que alguém estava tentando controlar meus pensamentos.

O colapso ocorreu às 10h20, enquanto eu dava uma aula de Economia Política IV — sobre a história e as tendências da economia — para alunos do segundo e do terceiro ano. Comecei a ver formas estranhas diante dos meus olhos e a sentir que eu estava em um recinto grotesco sem nenhuma relação com a sala de aula. Meus pensamentos e minha fala distanciaram-se da matéria e os alunos perceberam que algo estava muito errado. Em seguida caí inconsciente na minha cadeira, em um estupor do qual ninguém conseguiu me despertar. Minhas faculdades só tornaram a ver a luz de um mundo normal cinco anos, quatro meses e treze dias mais tarde.

Tudo o que sei a respeito do que aconteceu a seguir, é claro, me foi contado por outras pessoas. Não demonstrei nenhum sinal de consciência por dezesseis horas e meia, embora tenham me conduzido à minha casa na Crane Street no 27 e me dispensado os melhores cuidados médicos. Às três horas da manhã do dia 15 de maio os meus olhos se abriram e eu comecei a falar, porém logo os médicos e os meus familiares assustaram-se com a maneira da minha expressão e da minha linguagem. Era evidente que eu não tinha nenhuma lembrança da minha identidade ou do meu passado, mas por algum motivo eu dava a impressão de querer ocultar essa ausência de conhecimento. Meus olhos fixavam-se de maneira estranha nas pessoas ao meu redor, e as flexões dos meus músculos faciais eram de todo irreconhecíveis.

Até a minha forma de falar parecia estranha e de origem estrangeira. Eu usava meus órgãos vocais de modo desajeitado e experimental, e minha dicção tinha uma qualidade um tanto empolada, como se eu houvesse aprendido a língua inglesa à base de muito estudo nos livros. Minha pronúncia era estrangeira e bárbara, ao passo que a maneira da expressão parecia incluir a um só tempo resquícios de arcaísmos curiosos e expressões de cunho absolutamente incompreensível. Vinte anos mais tarde, fui lembrado dessa última característica de forma particularmente vívida — e aterrorizante — pelo mais jovem médico que me atendia. Nesse período tardio, uma frase começou a ser usada — primeiro na Inglaterra e mais tarde nos Estados Unidos — e, embora apresentasse notável complexidade e inquestionável novidade, reproduzia com exatidão as enigmáticas palavras do estranho paciente de Arkham em 1908.

Meu vigor físico não tardou a voltar, mas precisei me reeducar no uso das mãos, das pernas e do aparato corpóreo como um todo. Por conta disso e de outras deficiências inerentes ao meu lapso mnemônico, passei algum tempo sob os mais estritos cuidados médicos. Quando notei que minhas tentativas de ocultar o lapso haviam falhado, admiti que não me lembrava de nada e passei a demonstrar interesse por toda sorte de informação. A bem dizer, os médicos ficaram com a impressão de que perdi o interesse na minha personalidade assim que o diagnóstico de amnésia foi aceito como algo natural. Perceberam que meus maiores esforços concentravam-se no aprendizado de certos aspectos da história, da ciência, das artes, das línguas e do folclore — alguns incrivelmente abstrusos, outros ridiculamente simples — que permanecem, em certos casos de modo um tanto singular, fora da minha consciência.

Ao mesmo tempo, perceberam que eu detinha um domínio inexplicável sobre várias outras esferas de conhecimento praticamente desconhecidas — um domínio que eu parecia mais inclinado a ocultar do que a demonstrar. Por vezes, em tom casual, eu fazia alusões a acontecimentos específicos em épocas remotas muito além dos limites da história canônica — e tentava fazer essas referências passarem por gracejos ao constatar a perplexidade que despertavam. E eu falava sobre o futuro de uma forma que em duas ou três ocasiões chegou a inspirar pavor. Esses lampejos impressionantes logo cessaram, mesmo que alguns observadores tenham atribuído esse desaparecimento mais a uma precaução furti-

va da minha parte do que a qualquer esvanecimento de um estranho conhecimento subjacente. Na verdade, eu parecia demonstrar uma avidez sem precedentes por aprender a língua, os costumes e as perspectivas da época em que me encontrava, como se fosse um estudioso de algum país estrangeiro longínquo.

Assim que me foi possível, passei a frequentar a biblioteca da universidade em todos os horários; e em pouco tempo comecei a fazer viagens ocasionais e a frequentar cursos em universidades americanas e europeias, o que motivou inúmeros comentários pelos anos a seguir. Em nenhum momento senti falta de contatos eruditos, pois minha condição havia me transformado em uma espécie de celebridade entre os psicólogos da época. Tornei-me objeto de estudo como caso clássico de personalidade secundária — embora de vez em quando os estudiosos parecessem ficar perplexos diante de algum estranho sintoma ou resquício bizarro de uma zombaria velada.

A verdadeira amizade, no entanto, era rara. Algo no meu aspecto e na minha fala parecia despertar temores e aversões indefiníveis em todos aqueles com quem eu me relacionava, como se eu fosse uma criatura infinitamente distante de tudo o que é normal e sadio. A noção de um horror negro e oculto ligado a abismos imensuráveis e à ideia de *distância* era singularmente disseminada e persistente. Minha própria família não era exceção. Desde o meu estranho despertar, minha esposa passou a me tratar com horror e repulsa, jurando que um impostor desconhecido havia usurpado o corpo do homem com quem se havia casado. Em 1910 ela obteve o divórcio legal e não consentiu em me ver nem mesmo após o meu retorno à normalidade, em 1913. Esses sentimentos foram compartilhados pelo meu filho mais velho e pela minha filha pequena — desde então eu nunca mais os vi.

Apenas o meu segundo filho, Wingate, foi capaz de vencer o medo e a repugnância inspirados pela minha transformação. Ele também sentia que eu era um estranho, mas, embora tivesse apenas oito anos na época, agarrou-se à crença de que a minha antiga personalidade haveria de voltar. Quando isso aconteceu, Wingate me procurou, e os tribunais concederam-me a guarda do garoto. Nos anos seguintes, ele ajudou-me com os estudos a que me dediquei, e hoje, aos 35 anos, Wingate é professor de psicologia na Universidade do Miskatonic. Não me espanto com o

horror que causei — pois sem dúvida o intelecto, a voz, os pensamentos e as expressões faciais do ser que despertou no dia 15 de maio de 1908 não pertenciam a Nathaniel Wingate Peaslee.

Não tentarei fazer um relato extenso da minha vida entre 1908 e 1913, uma vez que os leitores podem encontrar todos os fatos essenciais — tal como eu mesmo fiz — nos arquivos públicos e em periódicos científicos. Fui encarregado das minhas próprias finanças e comecei a gastar o meu dinheiro de maneira lenta e criteriosa em viagens e estudos em vários centros de conhecimento. Minhas viagens, no entanto, eram singulares ao extremo e envolviam longas estadias em lugares ermos e desolados. Em 1909 passei um mês no Himalaia, e em 1911 chamei muita atenção por conta de uma viagem a camelo pelos desertos ignotos da Arábia.^[1] Nunca fui capaz de descobrir o que aconteceu durante essas viagens. No verão de 1912, afretei um navio e naveguei pelo norte gelado nos arredores de Spitsbergen, demonstrando sinais de decepção mais tarde. No mesmo ano, passei semanas sozinho além de todos os limites explorados em caráter prévio ou subsequente no enorme sistema de cavernas calcárias no oeste da Virgínia — labirintos negros tão complexos que nenhuma tentativa de refazer meus passos foi sequer cogitada.

Minhas estadias nas universidades foram marcadas por um aprendizado em velocidade espantosa, como se a personalidade secundária fosse dotada de uma inteligência muito superior à minha própria. Descobri também que o meu volume de leitura e de estudo solitário era fenomenal. Eu conseguia memorizar todos os detalhes de um livro apenas no tempo necessário para folhear as páginas, e minha habilidade para interpretar números complexos de maneira instantânea era espantosa. Às vezes surgiam relatos quase tétricos sobre o meu poder de influenciar os pensamentos e as ações de outras pessoas, embora eu pareça ter evitado quaisquer demonstrações dessa faculdade.

Outros relatos tétricos diziam respeito à minha intimidade com os líderes de grupos ocultistas, e certos eruditos suspeitavam de um envolvimento com bandos nefandos de abomináveis hierofantes ancestrais. Esses rumores, mesmo que jamais tenham sido provados na época, eram sem dúvida despertados pelo conhecido teor das minhas leituras — pois a consulta a livros raros nas bibliotecas não pode ser efetuada em segredo. Existem provas tangíveis — na forma de notas marginais — de que

eu tenha lido coisas como o *Cultes des Goules* do Comte d'Erlette, o *De Vermis Mysteriis* de Ludvig Prinn^[2], o *Unaussprechlichen Kulten* de Von Junzt, os fragmentos restantes do enigmático *Livro de Eibon* e o temível *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred. Além do mais, uma nova e maléfica onda de atividade nas seitas clandestinas coincidiu com a minha singular transformação.

No verão de 1913, passei a apresentar sinais de tédio e desinteresse e a insinuar que em breve eu poderia sofrer uma nova transformação. Comecei a falar sobre o retorno das lembranças de minha vida pregressa — embora a maioria das pessoas não acreditasse em mim, uma vez que todas as lembranças que eu relatava eram triviais e poderiam muito bem ter sido colhidas nos meus antigos papéis. Por volta do meio de agosto voltei para Arkham e reabri minha casa na Crane Street, que havia passado tanto tempo fechada. Lá, instalei um mecanismo de aspecto deveras curioso, construído em várias etapas por diversos fabricantes de instrumentos científicos na Europa e nos Estados Unidos e mantido longe dos olhos de qualquer pessoa inteligente o suficiente para analisá-lo. Aqueles que o viram — um mecânico, uma criada e a nova governanta — disseram que era uma estranha mistura de hastes, rodas e espelhos com cerca de sessenta centímetros de altura, trinta centímetros de largura e trinta centímetros de profundidade. O espelho central era circular e convexo. Todos os fabricantes de peças que puderam ser localizados corroboraram esses depoimentos.

Na noite de sexta-feira, 26 de setembro, dispensei a governanta e a criada até a tarde seguinte. As luzes da casa permaneceram acesas até tarde, e um homem magro, de tez escura e feições estrangeiras chegou em um automóvel. Por volta da uma da manhã as luzes se apagaram. Às 2h15 um policial viu que a casa estava às escuras, mas o carro do forasteiro permanecia estacionado na calçada. Pelas quatro da manhã o carro havia partido. Foi apenas às seis horas que uma estranha voz hesitante solicitou ao dr. Wilson que comparecesse à minha casa para curar-me de uma doença de caráter um tanto peculiar. Essa chamada — uma chamada de longa distância — foi mais tarde rastreada até um telefone público na North Station, em Boston, porém até hoje nenhuma pista sobre a identidade desse magro forasteiro foi encontrada.

Quando chegou à minha casa, o médico me encontrou inconsciente na sala de estar — em uma poltrona com uma mesa logo à frente. Na superfície da mesa, arranhões indicavam o local onde havia estado um objeto de peso considerável. A estranha máquina havia desaparecido, e desde então ninguém teve notícias a respeito dela. Sem dúvida o forasteiro magro e de tez escura a havia levado embora. Na lareira da biblioteca foi encontrada uma grande quantidade de cinzas resultantes da queima de todos os documentos que eu havia escrito desde o surto de amnésia. O dr. Wilson notou que a minha frequência respiratória estava bastante alterada, mas depois de uma injeção hipodérmica tudo voltou ao normal.

Às 11h15 do dia 27 de setembro estremeci vigorosamente, e meu semblante impassível como uma máscara começou a dar sinais de expressão. De acordo com o dr. Wilson, a expressão não era a da minha personalidade secundária, mas guardava inúmeras semelhanças com o meu semblante normal. Por volta das 11h30, balbuciei algumas sílabas muito curiosas — sílabas que pareciam estranhas a qualquer idioma humano. Também dei a impressão de estar lutando contra alguma coisa. Então, logo após o meio-dia — quando a governanta e a criada já haviam retornado —, comecei a balbuciar frases em inglês.

“... dentre todos os economistas ortodoxos do período, Jevons é quem melhor exemplifica essa tendência dominante da correlação científica. A tentativa de associar o ciclo comercial de prosperidade e depressão com o ciclo físico das manchas solares talvez seja o ápice da...”

Nathaniel Wingate Peaslee havia retornado — um espírito ainda perdido naquela manhã de quinta-feira em 1908, com toda a classe de economia a observá-lo junto da mesa surrada em cima do tablado.

II.

Meu retorno à vida cotidiana foi um processo difícil e doloroso. A perda de mais de cinco anos cria mais complicações do que se pode imaginar, e no meu caso inúmeros assuntos tiveram de ser resolvidos. O que ouvi sobre as minhas atitudes desde 1908 me deixou atônito e transtornado, mas tentei encarar a situação do modo mais filosófico possível.

Quando enfim recuperei a guarda de Wingate, o meu segundo filho, levei-o para morar comigo na casa da Crane Street e tentei retornar à vida acadêmica — pois o meu antigo posto fora-me oferecido pela universidade.

Voltei a trabalhar em fevereiro de 1914, mas permaneci no cargo por apenas um ano. Foi o tempo de que precisei para compreender a extensão das sequelas deixadas pela minha experiência. Embora eu quisesse acreditar que as minhas faculdades estavam intactas e a minha personalidade não apresentava nenhuma lacuna, eu havia perdido a energia nervosa dos velhos tempos. Devaneios vagos e estranhas ideias me assombravam o tempo inteiro, e quando a eclosão da Guerra Mundial fez com que meus pensamentos se voltassem para a história, flagrei-me pensando sobre outras épocas e outros acontecimentos da maneira mais estranha possível. Minha concepção do *tempo* — minha capacidade de distinguir entre a consecutividade e a simultaneidade — parecia levemente alterada, de modo que passei a formular quimeras sobre viver em uma época e projetar a consciência rumo à eternidade para obter conhecimento sobre épocas passadas e futuras.

A guerra dava-me a estranha impressão de *recordar* certas *consequências longínquas* — como se eu soubesse de que forma havia de acabar e pudesse vê-la em *retrospectiva*, à luz de informações futuras. Todas essas quase memórias vinham acompanhadas por dores intensas e por um sentimento de que alguma espécie de barreira psicológica artificial tentava bloqueá-las. Quando venci a timidez e sugeri a existência dessas impressões a outras pessoas, obtive as mais variadas reações. Houve quem me encarasse com evidente desconforto, porém certos integrantes do departamento de matemática falaram sobre novos desdobramentos das teorias da relatividade — na época discutidas apenas em círculos acadêmicos — que mais tarde haveriam de tornar-se muito famosas. Segundo me disseram, o dr. Albert Einstein reduzia o *tempo* a uma simples dimensão.

Mesmo assim, os sonhos e as sensações de desconforto foram tomando conta de mim, até que em 1915 me vi obrigado a abandonar o trabalho regular. Algumas dessas impressões começaram a traçar um contorno bastante perturbador — levando-me a crer que a amnésia tinha sido uma espécie de *troca profana*; que, na verdade, a minha perso-

nalidade secundária tinha sido uma força invasora vinda de regiões desconhecidas, e que a minha personalidade legítima tinha sido deslocada à força. Assim, fui levado a fazer especulações vagas e aterradoras quanto ao paradeiro da minha personalidade legítima durante os anos em que outra entidade havia ocupado o meu corpo. O conhecimento singular e a estranha conduta desse antigo ocupante passaram a me perturbar cada vez mais à medida que eu descobria detalhes em conversas, jornais e periódicos. Certas estranhezas que haviam causado estupefação pareciam harmonizar-se de maneira terrível com uma bagagem de conhecimento negro que borbulhava nos abismos do meu subconsciente. Lancei-me em uma busca frenética por informações acerca dos estudos e das viagens daquele *outro* ao longo dos anos em que permaneci nas sombras.

Porém nem todos os meus problemas eram de natureza semiabstrata. Havia os sonhos — e estes pareciam tornar-se cada vez mais vívidos e concretos. Sabendo como a maioria das pessoas haveria de encará-los, eu raramente fazia qualquer menção ao assunto, a não ser para o meu filho e para alguns psicólogos de confiança; e no fim comecei a fazer um estudo científico de outros casos semelhantes no intuito de averiguar o quão típicas ou atípicas seriam visões similares entre as vítimas de amnésia. Meus resultados, obtidos mediante consultas a psicólogos, historiadores, antropólogos e especialistas em saúde mental de comprovada experiência, bem como a um estudo que incluía todos os relatos de personalidade dupla desde as lendas de possessão demoníaca até a realidade médica presente, a princípio trouxeram-me mais preocupações do que alívio.

Logo descobri que os meus sonhos não tinham nenhum equivalente na volumosa bibliografia sobre casos verídicos de amnésia. No entanto, ainda restavam uns poucos relatos que por anos me deixaram perplexo e chocado em virtude das inúmeras semelhanças com a minha vivência pessoal. Alguns eram fragmentos de folclore antigo; outros, casos históricos nos anais da medicina; e um ou dois diziam respeito a velhas anedotas relegadas ao silêncio na história canônica. Assim, tive a impressão de que, conquanto a minha moléstia fosse prodigiosamente rara, casos isolados vinham ocorrendo a longos intervalos desde a aurora da humanidade. Alguns séculos traziam registros de um, dois ou três casos; ou-

tros, nenhum — ou ao menos nenhum que tenha sobrevivido à passagem do tempo.

Em essência, os relatos eram sempre idênticos — uma pessoa de intelecto arguto via-se de repente tomada por uma vida secundária e, por um período ora mais, ora menos longo, levava uma existência totalmente extravagante, marcada a princípio por dificuldades articulatórias e motoras, e mais tarde por uma vasta aquisição de conhecimentos científicos, históricos, artísticos e antropológicos; aquisição esta levada a cabo com uma voracidade febril e uma capacidade de absorção totalmente fora dos padrões. Mais tarde ocorria o retorno da consciência original, que a partir de então se via atormentada por sonhos vagos e indefiníveis que sugeriam fragmentos de memórias horripilantes, apagados graças a uma técnica elaborada. A impressionante semelhança entre alguns dos pesadelos descritos e os meus próprios — uma semelhança que chegava aos menores detalhes — não deixou nenhuma dúvida quanto à natureza típica do fenômeno. Um ou dois casos revestiam-se de uma aura ainda mais intensa de familiaridade vaga e blasfema, como se me houvessem sido comunicados através de um canal sônico do cosmo, demasiado mórbido e horripilante para a contemplação. Em três instâncias havia menções explícitas à máquina desconhecida que permanecia na minha casa antes da segunda transformação.

Outro motivo nebuloso de inquietação durante a minha busca foi a maior frequência de casos em que um vislumbre breve e fugidio dos pesadelos típicos era concedido a pessoas não atingidas por uma amnésia típica. Em geral essas pessoas tinham dotes intelectuais medíocres ou ainda menores — em certos casos, mal poderiam ser concebidos como veículos de vasta erudição ou de aquisições mentais prodigiosas. Por um instante, essas pessoas eram tomadas por uma força externa — e em seguida assaltadas por uma tênue e fugaz memória de horrores inumanos.

Pelo menos três casos semelhantes tinham sido registrados nas últimas cinco décadas — o mais recente apenas quinze anos atrás. Será que alguma coisa estava *andando às cegas através do tempo* desde um abismo ignoto da Natureza? Será que esses casos mais brandos seriam *experimentos* monstruosos e sinistros de caráter e autoria muito além de qualquer crença respaldada pela razão? Eis algumas das especulações informes a que eu me entregava nas horas de fraqueza — devaneios esti-

mulados pelos mitos descobertos em meus estudos. Eu não podia duvidar de que a existência de certas lendas persistentes de antiguidade imemorial, aparentemente ignoradas pelas vítimas e pelos médicos ligados aos casos recentes de amnésia, constituía um notável e espantoso desdobramento de lapsos mnemônicos como o meu.

Quanto à natureza dos sonhos e das impressões que se insinuavam com tamanho clamor, ainda hoje temo falar. Tudo parece saber a loucura, e por vezes achei que eu estava de fato perdendo a razão. Será que um tipo peculiar de alucinação afetava as vítimas dos lapsos de memória? Parecia concebível que os esforços do subconsciente para preencher lacunas inexplicáveis com pseudomemórias pudessem resultar em estranhos devaneios imaginativos. Essa, a bem dizer (embora no fim uma teoria alternativa do folclore tenha me parecido mais plausível), era a crença de muitos alienistas que me ajudaram na busca por casos paralelos e compartilharam a minha perplexidade em relação às analogias perfeitas eventualmente descobertas. Os alienistas não tratavam essa condição como uma loucura verdadeira, preferindo classificá-la como um distúrbio neurótico. Minha determinação em buscar a origem do problema a fim de analisá-lo, em vez de empreender vãs tentativas de ignorar ou esquecer o ocorrido, estava em pleno acordo com os melhores princípios da psicologia, segundo me disseram. Eu dava especial valor aos conselhos dos médicos que haviam me estudado durante o período em que estive possuído pela outra personalidade.

Meus primeiros sintomas não foram visuais, mas diziam respeito às impressões abstratas que já tive ocasião de mencionar. Havia também um profundo e inexplicável sentimento de horror em relação a *mim mesmo*. Comecei a sentir um medo inexplicável de ver a minha própria forma, como se os meus olhos pudessem descobrir algo completamente alienígena e inconcebivelmente abominável. Ao olhar para baixo e descobrir a forma humana de sempre, trajando roupas azuis ou cinza, eu era sempre tomado por uma curiosa sensação de alívio, mesmo que para obtê-la eu precisasse vencer um terror infinito. Eu evitava os espelhos tanto quanto possível e sempre fazia a barba no salão do barbeiro.

Foi necessário muito tempo para que eu enfim relacionasse esses sentimentos de frustração às fugazes impressões visuais que comecei a ter. A primeira dessas relações estava ligada à estranha sensação de uma

contenção externa e artificial aplicada às minhas memórias. Eu sentia que meus vislumbres tinham um significado profundo e terrível, bem como uma pavorosa ligação com a minha pessoa, mas uma influência consciente me impedia de compreender esse significado e essa ligação. Logo veio a estranheza em relação ao elemento do *tempo*, acompanhada por esforços desesperados para encaixar os vislumbres oníricos fragmentários no padrão cronológico e espacial conhecido.

A princípio os vislumbres eram muito mais estranhos do que assustadores. Eu tinha a impressão de estar no interior de uma enorme câmara abobadada, cujas arestas em cantaria sobranceira quase se perdiam nas sombras mais acima. Qualquer que fosse a época ou o local da cena, o princípio do arco era conhecido e usado com a mesma prodigalidade demonstrada pelos romanos. Havia janelas redondas de dimensões colossais e altaneiras portas em arco, e pedestais ou mesas da altura de um aposento comum. Enormes estantes de madeira escura recobriam as paredes, repletas do que pareciam ser imensos tomos com estranhos hieróglifos nas lombadas. A cantaria exposta apresentava entalhes curiosos, sempre com desenhos curvilineares e matemáticos, e havia inscrições gravadas com os mesmos caracteres que adornavam os livros descomuns. A pedraria em granito escuro era megalítica e monstruosa, com linhas de blocos com topos convexos onde se encaixavam as fileiras de fundo côncavo que repousavam logo acima. Não havia cadeiras, mas o alto dos vastos pedestais estava repleto de livros, papéis e o que parecia ser material de escrita — estranhos jarros de um metal púrpura e longas hastes com as pontas manchadas. Por mais altos que fossem os pedestais, às vezes eu tinha a impressão de vê-los de cima. Alguns sustentavam globos de cristal luminoso que faziam as vezes de lâmpadas, bem como máquinas inexplicáveis formadas por tubos vítreos e hastes de metal. As janelas tinham vidros e gelosias construídas com barras robustas. Mesmo que não me atrevesse a chegar mais perto e olhar para fora, eu conseguia ver as formas balouçantes de plantas similares a samambaias. O piso era recoberto por lajes octogonais maciças, mas não havia tapeçarias nem outros elementos decorativos.

Mais tarde tive visões em que eu atravessava os corredores em pedra ciclópica, subindo e descendo os gigantescos planos inclinados de cantaria monstruosa. Não havia escadas em lugar algum, tampouco passagens

com menos de nove metros de largura. Algumas das estruturas por onde eu deslizava pareciam alçar-se rumo ao céu por centenas de metros. Havia diversos níveis de abóbadas negras mais abaixo, e também alçapões jamais abertos, trancados com barras de metal que sugeriam uma ameaça formidável. Eu tinha a impressão de ser um prisioneiro, e o horror pairava sobre tudo ao meu redor. Senti que os hieróglifos curvilíneos nas paredes arrasariam a minha alma com a mensagem que encerravam se eu não estivesse sob a proteção de uma ignorância piedosa.

Ainda mais tarde os meus sonhos passaram a incluir panoramas das grandes janelas redondas e do titânico telhado achatado, com jardins curiosos, uma grande área vazia e um alto parapeito de pedra com arremates protuberantes, aonde se chegava depois de atravessar o mais alto plano inclinado. As construções gigantes espalhavam-se por léguas quase infinitas, todas com um jardim próprio e dispostas ao longo de estradas pavimentadas com sessenta metros de largura. Apresentavam diferenças evidentes no aspecto individual, mas poucas tinham menos de cento e cinquenta metros de lado ou trezentos metros de altura. Muitas pareciam ilimitadas a tal ponto que deviam ter uma fachada de várias centenas de metros, enquanto outras se erguiam a altitudes montanhosas no firmamento cinza e vaporoso. Pareciam ser feitas de pedra ou de concreto, e a maioria era construída na mesma cantaria curvilínea observável na construção em que eu me encontrava. Os tetos eram retos e cobertos por jardins e tinham uma notável tendência a apresentar parapeitos com arremates protuberantes. Às vezes observavam-se terraços e níveis mais elevados, e amplos vãos livres em meio aos jardins. As grandes estradas sugeriam movimento, mas durante as primeiras visões não consegui obter mais detalhes a partir dessa impressão.

Em certos lugares eu vislumbrava enormes torres cilíndricas que se erguiam muito acima de qualquer outra estrutura. Estas pareciam dotadas de uma natureza totalmente única, e evidenciavam antiguidade e dilapidação prodigiosas. Eram construídas com uma espécie bizarra de cantaria quadrada em basalto e apresentavam um leve afunilamento em direção ao topo arredondado. Em nenhuma delas se via o menor sinal de janelas ou de quaisquer outras aberturas que não as enormes portas. Também notei algumas construções mais baixas — desmoronando com as intempéries dos éons — que guardavam alguma semelhança com a ar-

quietura básica das obscuras torres cilíndricas. Ao redor dessas aberrações de cantaria quadrada pairava uma aura inexplicável de ameaça e de temor concentrado, como aquela inspirada pelos alçapões trancados.

Os onipresentes jardins pareciam quase medonhos devido à própria estranheza, e apresentavam formas de vegetação bizarras e desconhecidas que se debruçavam ao longo de amplos caminhos ladeados por monólitos repletos de entalhes singulares. As mais comuns eram plantas similares a samambaias de tamanho descomunal; algumas verdes, outras de um sinistro palor fungoide. Em meio a essa flora sobranceavam enormes coisas espectrais que se assemelhavam a calamites, com troncos similares ao bambu que se erguiam a alturas fabulosas. Também havia in-críveis espécies vegetais similares às cicadófitas, e grotescos arbustos verde-escuros e árvores de aspecto conífero. As flores eram pequenas, incolores e irreconhecíveis, e floresciam em canteiros geométricos em meio ao restante da vegetação. Em alguns dos jardins nos terraços havia flores maiores e mais vívidas de contornos quase repulsivos, que sugeriam reprodução artificial. Fungos de tamanhos, silhuetas e cores inconcebíveis espalhavam-se pelo cenário em padrões que indicavam uma desconhecida mas bem estabelecida tradição de horticultura. Nos jardins mais extensos, no térreo, parecia haver alguma tentativa de preservar as irregularidades da Natureza, enquanto nos terraços havia mais seletividade e mais evidências da arte da topiaria.

O tempo estava quase sempre úmido e encoberto, e às vezes trazia chuvas impressionantes. De vez em quando, no entanto, viam-se relances do sol — que aparentava uma grandeza anômala — e também da lua, cujas marcas apresentavam diferenças que nunca pude compreender com exatidão. Quando o céu noturno estava claro — o que acontecia muito raramente —, eu via constelações quase irreconhecíveis. Contornos familiares por vezes surgiam de maneira aproximada, mas qualquer duplicação mais ou menos exata era bastante rara; e, a dizer pela posição dos grupos que fui capaz de reconhecer, senti que eu devia estar no hemisfério sul, próximo ao Trópico de Capricórnio. O horizonte longínquo era quase sempre vaporoso e indistinto, mas eu conseguia perceber que grandes selvas de árvores e samambaias desconhecidas, *calamites*, *lepidodendra* e *sigillaria* espalhavam-se para além da cidade, com as frondes fantásticas a tecer zombarias nos vapores inconstantes. De vez

em quando sugestões de movimento apresentavam-se no céu, porém minhas visões jamais conseguiam se transformar em certeza.

Por volta do outono de 1914, comecei a ter sonhos infrequentes em que eu flutuava acima da cidade e pelas regiões vizinhas. Eu via estradas intermináveis de vegetação pavorosa com troncos malhados, canelados e listrados, e passava por cidades tão estranhas quanto aquela que persistia em me assombrar. Via construções monstruosas de pedra negra ou iridescente nos vales e nas clareiras onde um crepúsculo perpétuo reinava, e atravessava longos caminhos acima de pântanos tão escuros que eu pouco tinha a dizer quanto à vegetação úmida e exuberante que os encobria. Certa vez encontrei uma área de incontáveis quilômetros repleta de ruínas basálticas com arquitetura semelhante à das poucas torres sem janelas e de topo arredondado na cidade assombrosa. Em outra ocasião encontrei o mar — uma interminável extensão vaporosa além dos píeres de pedra colossal em uma gigantesca cidade de arcos e domos. Grandes sugestões de sombras informes moviam-se mais acima, e em certos pontos a superfície agitava-se com jorros anômalos.

III

Como eu disse, a princípio essas visões não apresentaram nenhuma qualidade aterrorizante. Sem dúvida, muitos já tiveram sonhos mais estranhos — compostos de fragmentos avulsos da vida cotidiana, figuras e leituras arranjados em padrões inéditos e fantásticos pelos incontáveis caprichos do sono. Por um tempo aceitei as visões como uma ocorrência natural, embora eu não costumasse ter sonhos extravagantes. Muitas das anomalias vagas, pensei eu, deviam se originar em fontes triviais demasiado numerosas para qualquer tipo de identificação, ao passo que outras pareciam refletir conhecimentos livrescos relativos a plantas e a outras condições do mundo primitivo de cento e cinquenta milhões de anos atrás — o mundo Permiano ou Triássico. Ao longo dos meses, no entanto, o elemento de terror manifestou-se com uma força cada vez maior. Foi nessa época que os sonhos passaram a se apresentar com o aspecto de *memórias*, e os meus pensamentos começaram a relacioná-los às minhas perturbações abstratas cada vez mais intensas — o sentimento

de limitação mnemônica, as curiosas impressões relativas ao *tempo*, a sensação de uma repulsiva troca com a minha personalidade secundária de 1908–13 e, algum tempo mais tarde, a inexplicável repulsa em relação à minha própria pessoa.

Quando certos detalhes passaram a figurar nos sonhos, o horror multiplicou-se por milhares de vezes — até que, em outubro de 1915, senti que eu precisava tomar alguma providência. Foi quando resolvi me dedicar ao estudo de outros casos de amnésia e de visões, pois senti que assim eu poderia analisar o meu problema de maneira objetiva e livrar-me da influência emocional. Como já foi dito, no entanto, o resultado foi praticamente o oposto em um primeiro momento. Fiquei muito perturbado ao descobrir sonhos tão similares aos meus, em especial porque alguns dos relatos eram antigos demais para que quaisquer conhecimentos geológicos — e portanto qualquer ideia quanto à natureza das paisagens primitivas — estivessem ao alcance da vítima. Além do mais, diversos relatos traziam detalhes e explicações horríveis em relação às visões de enormes construções e jardins selvagens — e em relação a outras coisas. As visões e impressões vagas já eram perturbadoras o bastante, mas as insinuações e os depoimentos de outros sonhadores sabiam a loucura e blasfêmia. Para piorar tudo ainda mais, minha pseudomemória começou a trazer-me sonhos cada vez mais delirantes e vislumbres de revelações iminentes. Mesmo assim, em geral os médicos consideraram o meu método bastante salutar.

Estudei psicologia de forma sistemática, e esse estímulo levou o meu filho Wingate a fazer o mesmo — e os estudos levaram-no ao atual cargo de professor universitário. Em 1917 e 1918 frequentei cursos especiais na Universidade do Miskatonic. Nesse ínterim a minha pesquisa em registros médicos, históricos e antropológicos ganhou o caráter de uma busca incansável; envolveu viagens a bibliotecas distantes e chegou até mesmo a incluir leituras dos pavorosos tomos de sabedoria oculta pelos quais a minha segunda personalidade havia demonstrado um mórbido interesse. Alguns destes últimos eram os mesmos exemplares que eu tinha lido ainda na minha condição alterada, e fiquei profundamente perturbado com certas anotações marginais e *correções ostensivas* do texto execrando em uma caligrafia e em um estilo que pareciam estranhamente inumanos.

Essas marcações estavam, na maioria dos casos, escritas nos idiomas dos respectivos livros, que o autor da marginalia conhecia com erudição profunda e evidente. Uma nota apenas ao *Unaussprechlichen Kulten* de Von Junzt, no entanto, chamava atenção por um motivo alarmante. A nota consistia de certos hieróglifos curvilíneos escritos na mesma tinta usada para fazer as correções em alemão, porém não seguia nenhum padrão humano reconhecível. E esses hieróglifos apresentavam semelhanças inconfundíveis com os caracteres tantas vezes encontrados em meus sonhos — caracteres cujo significado eu por vezes imaginava compreender ou me via prestes a recordar. Para completar o quadro da minha negra confusão, meus bibliotecários asseguraram-me de que, segundo os registros dos volumes, todas essas anotações deviam ter sido feitas por mim durante o meu estado secundário. Apesar disso, eu era e ainda sou ignorante em todas as três línguas envolvidas.

Depois de juntar registros esparsos, antigos e modernos, antropológicos e médicos, encontrei uma mistura bastante consistente de mito e alucinação com um nível de abrangência e desvario que me deixou de todo estupefato. Encontrei um único consolo — o fato de que os mitos remontavam a épocas remotas. Que conhecimento perdido poderia ter trazido imagens do Paleozoico ou do Mesozoico para essas fábulas primitivas eu não saberia dizer, mas as imagens estavam lá. Portanto, havia uma base para a formação de um tipo fixo de delírio. Sem dúvida os casos de amnésia haviam criado o padrão geral do mito — mas a partir de então os acréscimos fantasiosos dos mitos devem ter reagido com os pacientes de amnésia e colorido as pseudomemórias destes. Eu mesmo havia lido e ouvido todas as antigas lendas durante o meu lapso de memória — minhas buscas traziam fartas evidências. Neste caso, não seria natural que meus sonhos e emoções subsequentes apresentassem as cores e as formas de tudo o que a minha memória houvesse apreendido durante o estado secundário? Alguns dos mitos apresentavam ligações importantes com outras lendas nebulosas do mundo pré-humano, em especial no que dizia respeito aos mitos hindus referentes a vertiginosos abismos de tempo que formam parte da sabedoria dos teosofistas modernos.

Tanto os mitos primordiais como as alucinações modernas sugeriam que a humanidade seria apenas uma — talvez a menor — dentre as várias raças altamente evoluídas surgidas durante a longa e em boa parte

desconhecida história do planeta. Segundo essas insinuações, criaturas de formas inconcebíveis haviam erguido torres em direção ao céu e explorado todos os segredos da Natureza antes que o primeiro anfíbio se arrastasse para fora do mar quente de trezentos milhões de anos atrás. Algumas dessas criaturas tinham vindo das estrelas; umas poucas eram tão antigas quanto o próprio cosmo; e outras haviam surgido depressa a partir de germes terrestres tão anteriores aos primeiros germes do nosso ciclo vital quanto estes são anteriores a nós mesmos. Havia diversas menções à passagem de bilhões de anos e a ligações com outras galáxias e universos. A bem dizer, o tempo não existia da maneira como é compreendido em termos humanos.

No entanto, a maioria das lendas e impressões dizia respeito a uma raça mais recente, de forma estranha e intrincada e sem nenhuma semelhança com outras formas de vida conhecidas pela ciência, que viveu apenas até cinquenta milhões de anos antes do surgimento do homem. Tudo indicava que essa era a raça mais evoluída dentre todas as outras, pois foi a única a conquistar o segredo do tempo. As criaturas haviam aprendido tudo o que se sabia *ou que algum dia haveria de se saber* na Terra graças às mentes privilegiadas que tinham o poder de projetar-se rumo ao passado e ao futuro através de abismos de milhões de anos para estudar a sabedoria de todas as épocas. Os feitos dessa raça deram origem a todas as lendas sobre *profetas*, inclusive aquelas presentes na mitologia humana.

Vastas bibliotecas guardavam volumes de textos e ilustrações que encerravam a totalidade dos anais terrestres — histórias e descrições de todas as espécies que haviam existido e ainda haveriam de existir, com registros completos das respectivas artes, conquistas, idiomas e psicologias. Com esse conhecimento que abarcava os éons, a Grande Raça podia escolher, dentre todas as épocas e todas as formas de vida, os pensamentos, as artes e os processos que melhor se adequassem à natureza e à situação em que viviam. O conhecimento do passado, obtido graças a uma espécie de projeção mental para além dos cinco sentidos conhecidos, era mais difícil de obter do que o conhecimento relativo ao futuro.

Nesse último caso, o curso era mais simples e mais material. Com o auxílio mecânico necessário, as criaturas projetavam as consciências adiante no tempo e sondavam o nebuloso caminho extrassensorial até se

aproximar do período desejado. Então, depois dos testes preliminares, aferravam-se aos melhores espécimes da forma de vida mais evoluída do período, entrando no cérebro do organismo e em seguida instalando as próprias vibrações enquanto a mente deslocada voltava até o período do usurpador e permanecia no corpo deste último até que o processo se invertesse. A mente projetada, no corpo do organismo futuro, passava-se por um membro da raça cuja forma exterior ostentasse; e logo aprendia, com a maior rapidez possível, tudo o que houvesse para aprender sobre a época escolhida e as informações e técnicas nela disponíveis.

Nesse meio-tempo a mente do hospedeiro, deslocada para a época e o corpo do usurpador, era guardada com todo o cuidado. Impediam-na de ferir o corpo que ocupava e privavam-na de todo conhecimento prévio com técnicas de interrogatório. Muitas vezes o interrogatório era conduzido no idioma nativo da mente hospedeira, pois explorações anteriores do futuro haviam trazido registros desse idioma. Se a mente visse de um corpo cujo idioma a Grande Raça fosse incapaz de reproduzir por motivos físicos, as criaturas desenvolviam engenhosas máquinas capazes de reproduzir o idioma alienígena, como em um instrumento musical. Os integrantes da Grande Raça eram imensos cones rugosos com três metros de altura que tinham a cabeça e outros órgãos presos a membros extensíveis com trinta centímetros de espessura que saíam do ápice. Falavam estalando ou raspando as enormes patas ou garras presentes na extremidade de dois desses quatro membros e caminhavam expandindo e contraindo uma camada viscosa presa à enorme base de três metros.

Quando o espanto e o ressentimento da mente cativa se dissipavam, e quando (no caso de criaturas com um aspecto físico muito diferente) o horror relativo à estranha forma temporária desaparecia, o prisioneiro tinha a chance de estudar o novo ambiente e experimentar um sentimento de espanto e de sabedoria similar ao do usurpador. Uma vez tomadas as devidas precauções, e em troca dos serviços adequados, permitiam-lhe desbravar todo o mundo habitado em aeronaves titânicas ou nos enormes veículos similares a barcos e equipados com motores atômicos que andavam pelas grandes estradas, bem como frequentar à vontade as bibliotecas que continham os registros do passado e do futuro do planeta. Assim, vários prisioneiros faziam as pazes com o destino, pois eram

todos dotados de intelectos extremamente argutos para os quais a exploração dos mistérios ocultos da Terra — capítulos fechados de passados inconcebíveis e redemoinhos vertiginosos de um futuro que incluía anos muito além da época em que originalmente viviam — constitui, não obstante os horrores abismais tantas vezes revelados, a experiência suprema da vida.

De vez em quando alguns prisioneiros tinham a chance de encontrar outras mentes capturadas no futuro — de trocar experiências com intelectos que viviam cem ou mil ou um milhão de anos antes ou depois da época em que existiam. Todos eram incentivados a escrever no próprio idioma a respeito de si mesmos e do período em que viviam; e esses documentos eram armazenados em um vasto arquivo central.

Cabe dizer que havia um tipo particularmente triste de prisioneiro com privilégios bem maiores do que aqueles oferecidos à maioria. Eram os exilados moribundos *permanentes*, cujos corpos futuros haviam sido capturados por integrantes moribundos da Grande Raça que, na iminência da morte, tentavam escapar à extinção mental. Esses exilados melancólicos não eram comuns como se poderia imaginar, uma vez que a longevidade da Grande Raça diminuía o apego que tinham à vida — em especial no caso das mentes superiores capazes de projeção. A partir desses casos de projeção permanente de mentes *provectas* surgiram inúmeras mudanças duradouras na história recente — inclusive na história da humanidade.

Quanto aos casos típicos de exploração — uma vez que o conhecimento desejado fosse adquirido no futuro, a mente usurpadora construía um aparato idêntico àquele responsável pelo voo inicial e revertia o processo de projeção. Mais uma vez tornava a ocupar o próprio corpo na própria época, enquanto a mente cativa retornava ao corpo futuro que de pleno direito habitava. No entanto, quando um dos corpos morria durante a troca essa restauração não era possível. Nesses casos, é claro, a mente exploradora precisava — tal como a dos que tentavam escapar da morte — viver uma vida no futuro, em um corpo alienígena; ou então a mente cativa — como os exilados moribundos *permanentes* — terminava os dias na forma e na época passada a que pertencia a Grande Raça.

Esse destino era menos temível quando a mente cativa também pertencia à Grande Raça — uma ocorrência não muito rara, uma vez que em todos os períodos essas criaturas sempre estiveram muito interessadas no próprio futuro. O número de exilados moribundos permanentes da Grande Raça era muito pequeno — em boa parte devido às tremendas penalidades associadas ao deslocamento de futuras mentes da Grande Raça por parte do moribundo. Através da projeção, providências eram tomadas para aplicar essas penalidades às mentes transgressoras enquanto ocupavam os corpos futuros — e às vezes uma nova troca era efetuada à força. Casos bastante complexos de deslocamentos de mentes exploradoras ou mesmo aprisionadas por outras mentes oriundas de várias regiões do passado haviam sido descobertos e cuidadosamente retificados. Em todas as épocas desde o descobrimento da projeção mental, uma pequena mas importante parcela da população era constituída por mentes da Grande Raça oriundas de épocas passadas, que estavam de visita por períodos ora mais, ora menos longos.

Quando uma mente prisioneira de origem alienígena era devolvida ao próprio corpo futuro, via-se privada de tudo o que havia aprendido na época da Grande Raça através de um complexo processo de hipnose mecânica — um processo necessário em vista das consequências problemáticas do transporte de conhecimento em grandes quantidades. Os poucos casos de transmissão direta haviam causado — e em tempos futuros haveriam de causar ainda outros — enormes desastres. Foi em consequência de dois casos assim que (segundo os antigos mitos) a humanidade aprendeu o que sabia sobre a Grande Raça. Dentre todas as coisas que haviam *sobrevivido fisicamente* desde aquele mundo a éons de distância, restavam apenas certas ruínas de grandes pedras em lugares distantes e nas profundezas oceânicas, bem como partes do texto presente nos temíveis *Manuscritos pnakóticos*.

Assim a mente em retorno voltava à própria época apenas com visões tênues e fragmentárias de tudo o que havia vivido desde a captura. Todas as memórias que podiam ser erradicadas eram erradicadas, de modo que na maioria dos casos apenas um vazio à sombra dos sonhos remontava ao momento da primeira troca. Algumas mentes lembravam mais do que outras, e eventualmente o encontro casual de memórias oferecia pistas relativas ao passado proibido de épocas futuras. Não de-

ve ter havido uma única época em que grupos ou cultos não tenham celebrado algumas dessas pistas em segredo. O *Necronomicon* sugeria a presença de um culto nesses moldes entre os humanos — um culto que por vezes auxiliava as mentes que viajavam através dos éons desde a época da Grande Raça.

Nesse ínterim os integrantes da Grande Raça tornaram-se quase oniscientes, e dedicaram-se a organizar trocas com mentes de outros planetas e explorar o passado e o futuro desses outros mundos. Da mesma forma, tentaram compreender os anos anteriores e a origem do orbe negro e entregue à morte através dos éons de onde a própria herança mental havia surgido — pois a mente da Grande Raça era mais antiga do que a forma corpórea. Os seres de um mundo ancestral moribundo, depois de alcançar a sabedoria graças à obtenção de conhecimentos ocultos e supremos, haviam partido em busca de um novo mundo e de uma espécie em que pudessem ter uma longa vida; e assim projetaram as próprias mentes em massa para a raça mais apta a hospedá-los — as criaturas em forma de cone que povoavam a nossa Terra um bilhão de anos atrás. Assim surgiu a Grande Raça, enquanto as incontáveis mentes enviadas rumo ao passado foram abandonadas para morrer no horror de formas estranhas. Mais tarde a raça enfrentaria a morte uma segunda vez, e sobreviveria graças a outra migração das melhores mentes para o corpo de seres futuros dotados de maior longevidade física.

Eis o pano de fundo composto de lendas e alucinações entremeadas. Quando, por volta de 1920, dei uma forma coerente às minhas descobertas, senti um discreto alívio na tensão que os estágios iniciais da pesquisa haviam causado. Afinal, e a despeito de todos os devaneios provocados por emoções cegas, não haveria uma explicação lógica para a maioria desses fenômenos? Um simples acaso poderia ter levado minha mente a estudos obscuros durante o período da amnésia — e além do mais eu tinha estudado as lendas proibidas e encontrado os integrantes de cultos ancestrais e mal-afamados. Sem dúvida, essa era a origem do material que compôs os sonhos e os sentimentos de perturbação que me assolaram após o retorno da minha memória. Quanto às notas marginais em hieróglifos oníricos e em idiomas que ignoro atribuídas a mim pelos bibliotecários — eu poderia muito bem ter aprendido os rudimentos dessas línguas em meu estado secundário, enquanto os hieróglifos sem

dúvida tinham sido engendrados pela minha fantasia a partir das descrições feitas em antigas lendas e *apenas mais tarde* entremeados aos meus sonhos. Tentei verificar certos detalhes em conversas com infames líderes de cultos, mas nunca consegui estabelecer as relações necessárias.

Às vezes o estranho paralelismo entre tantos casos diferentes em tantas épocas diferentes continuava me preocupando como no início das pesquisas, mas por outro lado eu tinha a impressão de que o folclore de veia fantástica tinha um caráter muito mais universal no passado do que no presente. Provavelmente todas as outras vítimas com sintomas semelhantes aos meus tinham um conhecimento familiar de longa data sobre as histórias que eu havia descoberto apenas no estado secundário. Quando essas vítimas perdiam a memória, associavam-se às criaturas dos mitos domésticos — os fabulosos invasores que deslocavam a mente dos homens — e assim embarcavam em uma busca por conhecimentos que pudessem levar de volta para um suposto passado inumano. Quando a memória retornava, invertiam o processo associativo e viam-se não mais como usurpadores, mas como as antigas mentes cativas. Por esse motivo os sonhos e as pseudomemórias seguiam o padrão convencional dos mitos.

Não obstante uma certa ponderosidade, essas explicações por fim suplantaram todas as outras no meu intelecto — em boa parte devido à fraqueza ainda maior das teorias rivais. Um número considerável de eminentes psicólogos e antropólogos aos poucos aceitou a minha hipótese. Quanto mais eu refletia, mais convincente parecia o meu raciocínio; até que por fim consegui erguer uma barricada poderosa contra as visões e impressões que ainda me apossavam. E se eu visse coisas à noite? Não seriam nada além das coisas sobre as quais eu tinha lido e ouvido falar. E se eu apresentasse estranhas aversões e perspectivas e pseudomemórias? Estas também seriam ecos dos mitos absorvidos no estado secundário. Nada que eu pudesse sonhar, nada que eu pudesse sentir poderia ter qualquer significado real.

Fortalecido por essa filosofia, consegui melhorar o meu equilíbrio nervoso, mesmo que as visões (mais do que as impressões abstratas) estivessem cada vez mais frequentes e mais repletas de detalhes perturbadores. Em 1922, mais uma vez me senti apto a desempenhar um trabalho regular e pus os meus conhecimentos recém-adquiridos em prática

aceitando um cargo de professor assistente de psicologia na universidade. Minha antiga cátedra de economia política tinha sido ocupada havia muito tempo — e além do mais os métodos de ensinar a matéria haviam sofrido grandes mudanças desde o meu auge. Nessa época o meu filho estava começando os estudos de pós-graduação que culminaram no atual professorado, e por esse motivo fizemos muito trabalho conjunto.

IV

Continuei, no entanto, a manter um registro minucioso dos sonhos extravagantes que me visitavam com tanta frequência e de maneira tão vívida. Um registro desses, segundo eu imaginava, despertaria interesse genuíno como documento psicológico. Os vislumbres ainda se pareciam demais com *memórias*, embora eu lutasse contra essa impressão com uma razoável margem de sucesso. Ao escrever, eu tratava esses avantesmas como coisas vistas; mas em qualquer outra situação considerava-as simples ilusões diáfanas trazidas pela noite. Nunca mencionei esses assuntos em conversas casuais, ainda que menções a elas tenham — como não poderia deixar de ser — ocasionalmente suscitado rumores acerca da minha saúde mental. É engraçado pensar que esses rumores circularam apenas entre os leigos, sem um único adepto entre os médicos ou psicólogos.

Quanto às visões que tive depois de 1914, pretendo mencionar aqui apenas umas poucas, dado que registros e relatos completos encontram-se à disposição de qualquer pesquisador sério. É evidente que com o passar do tempo as inibições foram desaparecendo, pois o escopo das minhas visões sofreu um aumento descomunal. Mesmo assim, nunca foram mais do que fragmentos desconexos que não evidenciavam nenhuma motivação clara. Nos sonhos, aos poucos tive a impressão de adquirir uma liberdade cada vez maior para explorar o ambiente em que eu me encontrava. Flutuei ao longo de estranhas construções de pedra, indo de uma a outra através de passagens subterrâneas descomunais que pareciam ser a via usual de deslocamento. Às vezes, nos níveis mais baixos, eu encontrava os enormes alçapões trancados ao redor dos quais pairava uma aura de medo e de maus agouros. Vi gigantescas piscinas

tesseladas, bem como recintos fornidos com utensílios curiosos e inexplicáveis dos mais variados tipos. Havia cavernas colossais dotadas de mecanismos intrincados cujos contornos e propósitos eram completamente ignorados por mim, e cujo *som* se manifestou apenas depois de vários anos sonhando. Aproveito para ressaltar que a visão e a audição foram os únicos sentidos que exercitei no mundo visionário.

O verdadeiro horror começou em maio de 1915, quando tive o primeiro vislumbre das *criaturas vivas*. Foi antes que as minhas pesquisas me ensinassem o que esperar dos mitos e dos relatos de caso. À medida que as barreiras mentais cediam, passei a vislumbrar grandes massas de vapor translúcido em diversas partes das construções e nas ruas lá embaixo. Estas últimas tornaram-se cada vez mais sólidas e distintas, até que, passado algum tempo, pude enfim discernir contornos monstruosos com uma alarmante facilidade. Pareciam enormes cones iridescentes, com cerca de três metros de altura e três metros de largura na base, feitos de um material estriado, semielástico e escamoso. Dos ápices saíam quatro membros cilíndricos flexíveis, cada um com trinta centímetros de espessura e composto de uma substância estriada como a que compunha os cones. Esses membros ora se contraíam quase até desaparecer, ora se estendiam a uma distância de cerca de três metros. Dois deles terminavam em enormes garras ou pinças. Na extremidade de um terceiro havia quatro apêndices vermelhos em forma de trompete. O quarto terminava em um globo amarelado e irregular com cerca de sessenta centímetros de diâmetro e dotado de três grandes olhos dispostos ao longo da circunferência central. Acima da cabeça havia quatro ramificações cinzentas e delgadas que sustentavam apêndices similares a flores, enquanto da parte inferior pendiam oito antenas ou tentáculos esverdeados. A grande base do cone central era rematada por uma substância cinza e borra-chenta que deslocava toda a entidade por meio de expansão e contração.

As ações das criaturas, embora inofensivas, causaram-me ainda mais horror do que a aparência — pois não é nem um pouco salubre observar seres monstruosos desempenhar ações intrinsecamente humanas. Essas entidades moviam-se de maneira inteligente através dos amplos recintos, pegando livros nas estantes e levando-os para as enormes mesas, ou vice-versa, e por vezes escrevendo com uma haste curiosa presa entre os tentáculos esverdeados. As enormes pinças eram usadas para carregar os

livros e conversar — a comunicação era efetuada através de cliques e de arranhões. As entidades não trajavam nenhum tipo de indumentária, mas usavam pastas ou bolsas suspensas do alto do tronco cônico. Em geral mantinham a cabeça próxima ao topo do cone, porém muitas vezes a erguiam ou a abaixavam. Os outros três grandes membros tinham uma tendência natural a permanecer em repouso nas laterais do cone, contraídos a um comprimento de cerca de um metro e meio quando em desuso. A dizer pela velocidade com que liam, escreviam e operavam as máquinas (as que repousavam em cima das mesas pareciam de algum modo ligadas ao pensamento), concluí que a inteligência das criaturas seria muito superior à do homem.

Depois, passei a vê-las por toda parte; reunidas em grandes câmaras e corredores, às voltas com máquinas monstruosas em meio a criptas abobadadas e correndo ao longo das vastas estradas em gigantescos carros em forma de barco. Logo venci o meu temor, pois as entidades pareciam ser parte natural do ambiente que habitavam. Comecei a perceber diferenças entre os diversos indivíduos, e alguns pareceram estar sujeitos a algum tipo de contenção. Esses últimos, embora não apresentassem nenhuma variação física, demonstravam uma variedade de gestos e de hábitos que os diferenciava não apenas da maioria, mas em boa medida também uns dos outros. Escreviam no que parecia ser, para a minha visão turva, uma enorme variedade de caracteres — jamais empregando os hieróglifos curvilineares usados pela maioria. Alguns, segundo imaginei, usavam o nosso próprio alfabeto. Muitos trabalhavam em uma velocidade bastante inferior à massa geral das entidades.

Durante todo esse tempo a *minha participação* nos sonhos parecia resumir-se à de uma consciência sem corpo dotada de uma visão mais ampla do que o normal; capaz de flutuar livremente ao redor, e no entanto restrita aos caminhos e à velocidade de tráfego normal. Apenas em agosto de 1915 as sugestões de existência corpórea começaram a me trazer inquietações. Digo “inquietações” porque a primeira fase consistiu apenas em uma associação puramente abstrata e assim mesmo infinitamente terrível entre a repulsa que eu sentia em relação ao meu próprio corpo e as cenas das minhas visões. Por algum tempo a minha preocupação maior durante os sonhos foi evitar qualquer relance em direção ao meu corpo, e ainda me lembro de como me senti grato pela total ausên-

cia de grandes espelhos naqueles estranhos aposentos. Fiquei profundamente transtornado ao notar que eu nunca via aquelas mesas descomunais — cuja altura não poderia ser inferior a três metros — a partir de um nível inferior ao da superfície.

A tentação mórbida de olhar em direção ao meu corpo tornou-se cada vez maior, e em uma noite fatídica não pude mais resistir. A princípio o olhar que dirigi para baixo não revelou absolutamente nada. No instante seguinte, associei esse resultado ao fato de que a minha cabeça encontrava-se na extremidade de um pescoço flexível de enorme comprimento. Ao retrair o pescoço e olhar para baixo, percebi o vulto escamoso, rugoso e iridescente de um cone com três metros de altura e três metros de largura na base. Foi nesse instante que acordei metade dos habitantes de Arkham com os meus gritos ao emergir do abismo do sono.

Apenas depois de semanas de horrendas repetições consegui resignar-me a essas visões de mim mesmo naquela forma monstruosa. Nos sonhos, passei a me deslocar em meio a outras entidades desconhecidas, lendo os terríveis livros guardados nas intermináveis prateleiras e escrevendo por horas sem fim nas grandes mesas com uma haste manejada pelos tentáculos verdes que pendiam da minha cabeça. Fragmentos do que eu lia e escrevia permaneciam na minha memória. Eram os horrendos anais de outros mundos e outros universos, e de ímpetos de formas de vida amorfas além de todos os universos. Havia registros de estranhas ordens de seres que haviam povoado o mundo em passados esquecidos, e horripilantes crônicas de inteligências dotadas de corpos grotescos que o povoariam milhões de anos após a morte do último ser humano. Li capítulos da história humana cuja existência nenhum erudito de nossa época sequer concebe. Muitos desses textos estavam escritos no idioma dos hieróglifos, que estudei de maneira estranha, com o auxílio de máquinas que rangiam e revelavam o que sem dúvida era uma língua aglutinativa^[3] com sistemas de radicais sem nenhum parentesco com os idiomas humanos. Outros volumes eram escritos em outras línguas desconhecidas aprendidas com o mesmo sistema. Muito pouco estava escrito em línguas que eu compreendesse. Excelentes ilustrações — tanto as que faziam parte dos registros como as que formavam coleções à parte — forneceram-me uma ajuda inestimável. E o tempo todo eu tinha a impressão de estar compondo uma história da minha própria época em

inglês. Ao despertar, eu me lembrava apenas de fragmentos isolados e desprovidos de qualquer significado em relação às línguas desconhecidas que o meu ser onírico havia aprendido, embora frases inteiras da história permanecessem comigo.

Aprendi — mesmo antes que o meu ser terreno houvesse estudado casos paralelos ou os antigos mitos que sem dúvida estavam na origem dos sonhos — que as entidades ao meu redor pertenciam à mais grandiosa raça do mundo, que havia conquistado o tempo e enviado mentes exploradoras a todas as épocas. Além do mais, eu sabia que me haviam capturado na minha própria época enquanto um *outro* usava o meu corpo nessa mesma época, e que algumas das outras estranhas formas hospedavam mentes capturadas em circunstâncias análogas. Eu parecia conversar, em uma estranha língua composta de cliques, com intelectos exilados de todos os confins do sistema solar.

Havia uma mente oriunda do planeta que conhecemos como Vênus, que viveria durante incalculáveis épocas vindouras, e outra de uma lua distante de Júpiter que vivia seis milhões de anos no passado. Quanto às mentes terrenas, havia alguns indivíduos da raça semivegetal dotada de asas e cabeça em forma de estrela-do-mar oriunda da Antártida paleogênea^[4]; um representante do povo reptiliano da fabulosa Valúsia; três dos hiperbóreos adoradores hirsutos e pré-humanos de Tsathoggua; um dos abomináveis Tcho-Tchos; dois representantes das hostes aracnídeas na última época da Terra; cinco da robusta espécie coleóptera posterior à humanidade, para a qual a Grande Raça um dia haveria de transferir as mentes mais argutas em massa ao defrontar-se com uma ameaça formidável; e muitos outros pertencentes às mais variadas ramificações da humanidade.

Conversei com a mente de Yiang-Li, um filósofo do império de Tsan-Chan, que deve ascender no ano 5000 d.C.; com a mente de um general dos negros macrocéfalos que dominavam a África do Sul no ano 50 000 a.C.; com a mente de um monge florentino do século XII chamado Bartolomeo Corsi; com a mente de um rei de Lomar que havia reinado nesse terrível domínio polar cem mil anos antes que os amarelos e atarracados inuros atacassem do Oeste; com a mente de Nug-Soth, um feiticeiro no exército dos conquistadores sombrios do ano 16 000 d.C.; com a mente de um romano chamado Titus Sempronius Blaesus, que ti-

nha sido questor na época de Sula; com a mente de Khephnes, um egípcio da 14^a dinastia que me revelou o horripilante segredo de Nyarlathotep; com a mente de um sacerdote do reino de Atlântida; com a mente de James Woodville, um gentil-homem de Suffolk que vivia na época de Cromwell; com a mente de um astrônomo da corte no Peru pré-inca; com a mente do físico australiano Nevil Kingston-Brown, que há de falecer em 2518 d.C.; com a mente de um arquimago da Yhe desaparecida no Pacífico; com a mente de Teodotides, oficial greco-báctrio do ano 200 a.C.; com a mente de um francês provecto da época de Luís XIII chamado Pierre-Louis Montmagny; com a mente de Crom-Ya, um líder cimério^[5] de 15 000 a.C.; e com tantos outros que meu cérebro não foi capaz de armazenar os segredos chocantes e prodígios vertiginosos que me revelaram.

Toda manhã eu acordava com febre, às vezes em uma tentativa frenética de verificar ou desacreditar informações ao alcance do conhecimento humano moderno. Fatos tradicionais revestiram-se de aspectos novos e duvidosos, e admirei-me com o devaneio onírico capaz de engendrar complementos tão surpreendentes à história e à ciência. Estremeci ao pensar nos mistérios que o passado poderia ocultar e tremi diante das ameaças que o futuro poderia trazer. As insinuações presentes na fala das entidades pós-humanas em relação ao destino da humanidade produziram em mim um efeito que não pretendo deixar registrado. Depois do homem haveria uma poderosa civilização de besouros, cujos corpos a elite da Grande Raça capturaria assim que um destino monstruoso se abatesse sobre o mundo ancestral. Mais tarde, à medida que a Terra se aproximasse do fim, as mentes projetadas mais uma vez migrariam através do tempo e do espaço — para outra parada nos corpos das entidades vegetais bulbosas que habitam Mercúrio. Mas depois haveria outras raças que se aferrariam de maneira patética ao planeta gelado e viveriam escondidas no núcleo repleto de horror até o inelutável fim.

Nos meus sonhos eu expandia sem parar a história da minha época que estava preparando — meio por vontade própria, meio por conta das promessas de mais oportunidades para pesquisas e viagens — para o arquivo central da Grande Raça. O arquivo era uma estrutura subterrânea colossal próxima ao centro da cidade, que passei a conhecer bem por força de frequentes trabalhos e consultas. Construído para durar tanto

quanto a Grande Raça, e também para resistir às mais extremas convulsões do planeta, esse repositório titânico ultrapassava todas as demais estruturas na robustez maciça e montanhosa da construção.

Os registros, escritos ou impressos em enormes folhas de celulose resistentes ao extremo, eram encadernados em livros que se abriam na parte de cima, e eram armazenados em estojos individuais feitos de um estranho e levíssimo metal inoxidável de coloração acinzentada, decorados com padrões matemáticos e ostentando o título nos hieróglifos curvilíneos da Grande Raça. Esses estojos eram guardados em fileiras de cofres retangulares — estantes fechadas e trancadas — feitas do mesmo metal inoxidável e trancadas com segredos de operação complexa. A história que escrevi foi colocada em um dos cofres referentes ao mais baixo nível dos vertebrados — a seção dedicada à cultura humana e às raças hirsutas e reptilianas que a precederam na dominação terrestre.

No entanto, nenhum sonho me forneceu uma visão abrangente da vida cotidiana. Apenas fragmentos nebulosos e desconexos, que com certeza não se apresentavam na sequência correta. Para dar um exemplo, tenho apenas uma ideia bastante imperfeita no que diz respeito ao meu alojamento no mundo onírico, embora eu acredite ter ocupado todo um imenso recinto de pedra. Aos poucos minhas restrições como prisioneiro desapareceram, de modo que as visões passaram a incluir vívidos périplos por estradas no meio da selva, estadias em estranhas cidades e explorações das obscuras e imponentes ruínas sem janelas que os integrantes da Grande Raça evitavam por conta de um curioso temor. Também houve longas viagens marítimas em enormes navios com vários conveses e capazes de velocidades impressionantes, e viagens por regiões selvagens em aeronaves fechadas e em forma de projétil movidas por repulsão elétrica. Além do amplo oceano quente, havia outras cidades pertencentes à Grande Raça, e no continente longínquo eu discernia os rústicos vilarejos das criaturas aladas com focinhos pretos que se tornariam a raça dominante depois que a Grande Raça enviasse as mais ilustres mentes rumo ao futuro para escapar de um horror insidioso. As planuras e a vegetação exuberante eram sempre as principais características da cena. As colinas eram baixas e esparsas, e em geral apresentavam sinais de atividade vulcânica.

Sobre os animais que vi eu seria capaz de escrever volumes inteiros. Todos eram selvagens; pois a cultura mecanizada da Grande Raça tinha dispensado os animais domésticos havia muito tempo, e as fontes de alimento eram exclusivamente vegetais ou sintéticas. Répteis desajeitados de grande porte arrastavam-se em paludes vaporosos, esvoaçavam na atmosfera pesada ou nadavam nos mares e lagos; e nos espécimes avistados imaginei reconhecer vagamente os protótipos arcaicos e primitivos de inúmeras formas — dinossauros, pterodáctilos, ictiossauros, labirintodontes, ranforrincos, plesiossauros e outros — descritas pela paleontologia. Quanto a pássaros ou mamíferos, jamais os encontrei.

O solo e os pântanos ganhavam vida graças a cobras, lagartos e crocodilos, e insetos zumbiam sem parar em meio à exuberância da vegetação. Ao longe, no mar, monstros insuspeitos e ignotos jorravam colunas de espuma em direção ao céu vaporoso. Certa vez descí até o fundo do mar em um gigantesco submarino equipado com holofotes e vislumbrei horrores vivos de espantosa magnitude. Vi também as ruínas de incríveis cidades submersas e a riqueza da vida crinoide, braquiópode, coral e ictíica que se alastrava por toda parte.

No que diz respeito à fisiologia, à psicologia, ao folclore e à história detalhada da Grande Raça, minhas visões preservaram informações escassas, e muitos dos detalhes esparsos registrados neste documento foram colhidos nos meus estudos de antigas lendas e de outros casos, e não em meus próprios sonhos. Depois de algum tempo, é claro, as minhas leituras e as minhas pesquisas ultrapassaram as diversas fases dos sonhos, de modo que certos fragmentos oníricos vinham explicados *a priori* e ratificavam o que eu havia aprendido. Assim surgiu a minha consoladora hipótese de que as leituras e as pesquisas similares levadas a cabo pela minha personalidade secundária deveriam estar na origem de toda a abominável tessitura de pseudomemórias.

O período dos meus sonhos parecia remontar a pouco menos de cento e cinquenta milhões de anos, no período de transição entre o Paleozoico e o Mesozoico. Os corpos ocupados pela Grande Raça não representavam nenhuma linha de evolução terrestre ou sequer descrita pela ciência, mas pertenciam a um tipo orgânico peculiar, singularmente homogêneo e altamente especializado que apresentava tanto características animais quanto vegetais. A ação celular sem precedentes evitava

grande parte da fadiga e eliminava por completo a necessidade de dormir. O alimento, assimilado através dos apêndices em forma de trompete na extremidade de um dos membros flexíveis, apresentava sempre um aspecto semifluido que em quase nada se assemelhava à comida de outros animais descritos pela ciência. As criaturas tinham apenas dois dos sentidos que reconhecemos — visão e audição, sendo esta última desempenhada pelos apêndices florais na extremidade das ramificações cinzentas que ostentavam no alto da cabeça —, mas também eram dotadas de vários outros sentidos incompreensíveis (que, no entanto, eram de difícil utilização para as mentes cativas que habitavam os estranhos corpos). Os três olhos eram dispostos de maneira a permitir uma visão mais ampla do que o normal. O sangue era uma sãnie verde-escura e viscosa. As criaturas eram desprovidas de sexo e reproduziam-se através de sementes ou esporos que se acumulavam nas bases do cone e germinavam apenas dentro d'água. Grandes tanques rasos eram usados para a criação da prole — sempre, no entanto, limitada a um número reduzido em função da longevidade da espécie, que em geral vivia por quatro ou cinco mil anos.

Indivíduos defeituosos eram silenciosamente descartados assim que os defeitos eram percebidos. A doença e a proximidade da morte, na ausência do tato e da sensação de dor física, eram percebidas apenas por meio de sintomas visuais. Os mortos eram incinerados em cerimônias suntuosas. Às vezes, como já tive ocasião de dizer, uma mente arguta escapava da morte projetando-se rumo ao futuro; mas casos assim não eram comuns. Quando ocorriam, a mente exilada vinda do futuro era sempre tratada com a maior delicadeza possível até a dissolução do estranho invólucro que a abrigava.

A Grande Raça parecia formar uma nação ou uma liga mais ou menos coesa, com grandes instituições comuns, embora houvesse quatro divisões claras. O sistema político e econômico de cada unidade era uma espécie de socialismo fascista, em que os principais recursos eram distribuídos por igual, e o poder, delegado a um pequeno comitê governamental eleito pelo voto de todos os indivíduos capazes de passar em certos testes educacionais e psicológicos. A organização familiar não era muito valorizada, ainda que os laços entre pessoas de descendência co-

mum fossem reconhecidos e os jovens fossem em geral criados pelos progenitores.

As semelhanças com as atitudes e as instituições humanas manifestavam-se de forma mais evidente nas áreas ligadas a elementos tratados com um alto nível de abstração ou no domínio sobre as necessidades básicas e não especializadas comuns a todo tipo de vida orgânica. Umas poucas semelhanças surgiram através da adoção consciente, uma vez que a Grande Raça sondava o futuro e copiava o que lhe aprouvesse. A indústria, altamente mecanizada, exigia pouco tempo de cada cidadão; e o abundante tempo livre era ocupado com atividades intelectuais e estéticas dos mais variados tipos. As ciências haviam alcançado um estágio quase inacreditável de desenvolvimento, e a arte era uma parte essencial da vida, embora no período dos meus sonhos já houvesse passado da crista e do meridiano. A tecnologia recebia estímulos poderosos graças à constante luta pela sobrevivência e pela manutenção da integridade física das grandes cidades, ameaçadas pelas prodigiosas convulsões geológicas das épocas primordiais.

O crime era uma prática muito rara e sempre coibida por uma polícia eficiente ao extremo. As punições iam desde a restrição de privilégios ou o encarceramento até a pena de morte ou grandes suplícios emocionais, e jamais eram administradas sem uma minuciosa análise prévia das motivações para o crime. O belicismo, nos últimos milênios em boa parte civil, ainda que ocasionalmente direcionado contra invasores reptilianos e octópodes, ou ainda contra os Grandes Anciões alados e com cabeça em formato de estrela-do-mar vindos da Antártida, era um acontecimento infrequente, embora sempre causasse imensa devastação. Um exército gigantesco equipado com armamentos elétricos capazes de façanhas impressionantes estava sempre a postos por motivos raramente mencionados, mas sem dúvida relativos ao constante temor inspirado pelas ruínas ancestrais e pelos enormes alçapões trancados nos níveis subterrâneos mais profundos.

Esse temor em relação às ruínas basálticas e aos alçapões devia-se em boa parte a sugestões tácitas — ou, na melhor das hipóteses, a sussurros furtivos. Nenhum detalhe a esse respeito podia ser encontrado nos livros que ocupavam as estantes comuns. O assunto era o único tabu que subsistia naquela sociedade, e parecia estar relacionado a terríveis confli-

tos passados e à ameaça futura que um dia obrigaria a Grande Raça a enviar as mentes mais privilegiadas em massa para o futuro. Por mais imperfeitas e fragmentárias que fossem as outras coisas vislumbradas em sonhos e nas lendas, esse assunto permanecia envolto em um mistério ainda mais espantoso. Os antigos mitos evitavam-no — ou talvez as eventuais alusões tenham sido removidas por algum motivo. Nos meus sonhos e no de outras vítimas de amnésia, as pistas eram muito raras. Os integrantes da Grande Raça jamais faziam qualquer menção ao tema, e tudo o que se podia descobrir vinha apenas das mentes cativas mais observadoras.

Segundo esses fragmentos de informação, na origem do temor estava uma terrível raça ancestral de semipólipos — entidades alienígenas que haviam chegado através do espaço vindas de universos infinitamente longínquos para dominar a Terra e três outros planetas solares cerca de seiscentos milhões de anos atrás. Eram compostos apenas em parte de matéria — ao menos segundo a nossa concepção de matéria — e tinham consciência e percepção completamente distintas de todos os outros organismos terrestres. Para dar um exemplo, os sentidos dessas criaturas não incluíam a visão; viviam em um mundo mental de estranhas impressões não visuais. Mesmo assim, eram materiais o suficiente para usar implementos de matéria quando a encontravam em outras zonas cósmicas; e precisavam de habitações — habitações um tanto peculiares. Embora os *sentidos* das criaturas conseguissem atravessar qualquer tipo de barreira material, a *substância* de que eram compostos não conseguia; e certas formas de atividade elétrica podiam destruí-las por completo. Eram capazes de se locomover pelo ar, embora não fossem dotadas de asas ou de qualquer outro meio visível de levitação. As mentes dessas criaturas eram talhadas de maneira a tornar impossível qualquer tipo de contato com a Grande Raça.

Quando chegaram à Terra, construíram opulentas cidades basálticas repletas de torres sem janelas e tornaram-se predadores ferozes dos seres que aqui encontraram. Assim era quando as mentes da Grande Raça atravessaram o vácuo desde o obscuro mundo transgaláctico conhecido nos perturbadores e duvidosos Fragmentos de Eltdown^[6] pelo nome de Yith. Graças aos instrumentos que criaram, os recém-chegados não tiveram dificuldades para subjugar as entidades predadoras e fazê-las recuar

para as cavernas no interior da Terra que haviam incorporado à morada em nosso planeta e começado a habitar. Então trancaram as entradas e deixaram as criaturas entregues à própria sorte, ocupando a seguir a maioria das grandes cidades e preservando certas construções importantes por motivos mais relacionados à superstição do que à indiferença, à temeridade ou à preservação científica e histórica.

No entanto, com o passar dos éons surgiram indícios vagos e maléficos de que as Coisas Ancestrais estavam cada vez mais fortes e numerosas no mundo interior. Houve irrupções esporádicas de caráter particularmente odioso em certas cidades pequenas e remotas da Grande Raça e também em algumas das cidades ancestrais desertas que a Grande Raça não havia povoado — lugares onde os caminhos para os abismos não estavam trancados ou vigiados de maneira adequada. A partir de então precauções adicionais foram tomadas, e muitos dos caminhos acabaram fechados para sempre — embora em certos pontos estratégicos os integrantes da Grande Raça tenham mantido os alçapões trancados a fim de possibilitar uma investida eficaz contra as Coisas Ancestrais, caso algum dia surgissem em lugares inesperados; fissuras recentes causadas pelas mesmas alterações geológicas que haviam obstruído alguns caminhos e aos poucos ocasionado uma redução no número de estruturas e ruínas extraterrenas deixadas pelas entidades vencidas.

As irrupções das Coisas Ancestrais devem ter causado um choque indescritível, pois deixaram marcas indeléveis na psicologia da Grande Raça. O horror era tanto que sequer o *aspecto* das criaturas era mencionado — em nenhum momento fui capaz de obter informações claras sobre a aparência que tinham. Havia sugestões veladas de uma *plasticidade monstruosa* e de *lapsos temporários de visibilidade*, enquanto outros sussurros fragmentários faziam alusões a uma capacidade de *controlar rajadas de vento* e empregá-las para fins militares. Singulares ruídos de *assovios* e pegadas colossais com cinco dedos circulares também pareciam estar associados às criaturas.

Era evidente que o destino temido pela Grande Raça — o destino que um dia haveria de precipitar milhões de mentes privilegiadas rumo ao abismo do tempo em busca de corpos estranhos num futuro mais seguro — estava relacionado a uma derradeira irrupção bem-sucedida dos Seres Anciões. As projeções mentais através de diferentes épocas haviam

pressagiado o horror, e a Grande Raça decidiu que nenhum indivíduo em condições de fugir haveria de presenciá-lo. A história mais tardia do planeta deixava claro que o ataque seria uma vingança, e não uma simples tentativa de reocupar o mundo exterior — pois as projeções revelavam a permanência de raças subsequentes sem nenhum tipo de conflito com as entidades monstruosas. Talvez as entidades tivessem preferido os abismos interiores da Terra à superfície instável e castigada pelas tempestades, uma vez que, para elas, a luz nada significava. Talvez também estivessem enfraquecendo aos poucos com o passar dos éons. Na verdade, era certo que estariam extintas na época da raça pós-humana de besouros que as mentes em fuga ocupariam. Nesse meio-tempo, a Grande Raça mantinha uma vigilância constante, com armamento pesado sempre a postos apesar do total banimento do assunto nas conversas cotidianas e nos registros escritos. Mesmo assim, a sombra de um temor inominável pairava sobre os alçapões trancados e as escuras torres ancestrais sem janelas.

V

Esse foi o mundo de onde toda noite meus sonhos traziam-me ecos abafados e distantes. Não tenho a menor esperança de conseguir dar uma ideia sequer aproximada do horror e do espanto contido nesses ecos, pois consistiam de uma qualidade intangível ao extremo — uma vívida sensação de *pseudomemória*. Conforme eu disse, meus estudos aos poucos forneceram-me uma defesa contra essas sensações sob a forma de explicações psicológicas racionais; e essa influência redentora ganhou força graças ao suave toque do hábito adquirido com a passagem do tempo. Apesar de tudo, no entanto, o terror insidioso retornava de vez em quando. Mesmo assim, não conseguia mais tomar conta de mim como antes; e depois de 1922 passei a viver uma vida normal de trabalho e recreação.

Com o passar dos anos comecei a sentir que a minha experiência — somada aos casos análogos de folclore relacionado — devia ser resumida e publicada em forma definitiva para o benefício dos pesquisadores sérios; assim, preparei uma série de artigos que davam conta de todo o pe-

ríodo e ilustravam, com esboços bastante rudimentares, algumas das formas, cenários, motivos decorativos e hieróglifos vislumbrados nos meus sonhos. Os artigos foram publicados em diferentes ocasiões, entre 1928 e 1929, no *Journal of the American Psychological Society*, mas não chamaram muita atenção. Nesse ínterim, continuei a registrar minuciosamente os meus sonhos, ainda que o montante cada vez maior de registros tivesse atingido proporções um tanto problemáticas.

No dia 10 de julho de 1934, a Psychological Society me encaminhou a carta que culminou na fase mais horrenda de toda a minha provação insana. Tinha sido franqueada em Pilbarra, na Austrália Ocidental, e trazia a assinatura de uma pessoa que, conforme descobri mais tarde, era um engenheiro de minas de notável prestígio. A correspondência trazia algumas fotografias muito interessantes. Proponho-me a reproduzir o texto na íntegra, para que todos os leitores possam compreender a intensidade do efeito que a carta e os registros fotográficos tiveram sobre mim.

Por algum tempo, permaneci atônito e incrédulo; pois, embora muitas vezes houvesse pensado que poderia haver alguma base factual subjacente para certas fases das lendas que haviam pintado meus sonhos com cores tão extravagantes, eu continuava despreparado para me defrontar com os resquícios tangíveis de um mundo perdido e remoto a ponto de desafiar a imaginação. Os elementos mais devastadores foram as fotografias — que, contra um fundo de areia e com realismo frio e incontestável, retratavam certos blocos de pedra carcomidos pelo tempo, desgastados pela água e castigados pelas tempestades cujos topos levemente convexos e cujas bases levemente côncavas contavam a própria história. Quando as estudei com uma lupa, percebi de maneira clara, em meio aos escombros e lascas, os traços dos enormes desenhos curvilíneos e dos hieróglifos ocasionais que se revestiam de um significado para mim tão odioso. No entanto, eis aqui a carta, que fala por si própria:

49. Dampier Str.
Pilbarra, Austrália Ocidental,
18 de maio de 1934

Prof. N. W. Peaslee,
a/c Am. Psychological Society,

30, E. 41st Str.,
Nova York, EUA.

Caro Senhor; —

Uma recente conversa com o dr. E. M. Boyle, de Perth, bem como alguns periódicos com artigos seus que me foram enviados recentemente, levaram-me a lhe escrever para relatar certas coisas que observei no Grande Deserto Arenoso a leste da mina de ouro nos arredores daqui. Em vista das peculiares lendas sobre antigas cidades com enormes construções em cantaria e estranhos desenhos e hieróglifos descritas pelo senhor, acredito ter me deparado com algo de suma importância.

Os aborígenes^[7] sempre contaram histórias sobre “grandes pedras cheias de marcas”, e parecem nutrir um profundo temor em relação a essas coisas. Por algum motivo, relacionam-nas às próprias lendas raciais sobre Buddai, o velho de estatura gigantesca que permanece adormecido no subterrâneo com a cabeça apoiada no braço e que há de devorar o mundo no dia em que despertar. Existem lendas muito antigas e já em parte esquecidas sobre enormes cabanas subterrâneas construídas com pedras enormes, onde as passagens levam cada vez mais fundo e onde coisas terríveis aconteceram. Os aborígenes dizem que certa vez um grupo de guerreiros que fugia de uma batalha desceu por um desses caminhos e nunca mais voltou, e ventos horripilantes começaram a soprar de lá desde então. No entanto, em geral não se aproveita muito do que esses nativos dizem.

Mesmo assim, tenho mais coisas a dizer ao senhor. Dois anos atrás, enquanto eu fazia prospecção no deserto, cerca de oitocentos quilômetros a leste, deparei-me com alguns exemplares de pedra trabalhada que mediam cerca de $90 \times 60 \times 60$ centímetros, desgastados e lascados ao extremo. Em um primeiro momento não logrei encontrar nenhuma das marcas relatadas pelos aborígenes, mas depois de um exame mais atento consegui perceber linhas gravadas em grande profundidade, apesar do desgaste. Eram curvas um tanto peculiares, como as que os aborígenes haviam tentado descrever. Imagino que fossem cerca de trinta ou quarenta blocos, alguns quase en-

terrados na areia, e todos dentro de um círculo com cerca de trezentos metros de diâmetro.

Depois de encontrá-los, examinei atentamente os arredores e fiz uma medição precisa do local com os meus instrumentos. Também registrei os dez ou doze blocos mais característicos, e enviei as fotografias para que o senhor as analise. Comuniquei a descoberta e entreguei fotografias para as autoridades em Perth, mas ninguém parece haver tomado providência alguma. Mais tarde encontrei o dr. Boyle, que tinha lido os seus artigos no *Journal of the American Psychological Society*, e no momento oportuno fez menção às pedras. O dr. Boyle foi tomado por um vivo interesse e demonstrou particular entusiasmo quando lhe mostrei as fotografias, dizendo que as pedras e as marcas correspondiam de maneira exata àquelas encontradas na cantaria com que o senhor sonhou e que se encontra descrita nas lendas. Ele pretendia escrever para o senhor, mas infelizmente teve contratempos. Nesse ínterim, enviou-me a maioria dos periódicos com os artigos escritos pelo senhor e, pelos desenhos e descrições, não tardei a perceber que as minhas pedras são aquelas a que o senhor se refere. O senhor pode tirar as suas próprias conclusões a partir das fotografias em anexo. Acredito que mais tarde o senhor deva ser contatado diretamente pelo dr. Boyle.

Agora percebo a importância que essas descobertas terão para o senhor. Sem dúvida estamos diante dos resquícios de uma civilização desconhecida mais antiga do que qualquer outra jamais sonhada, responsável pela formação da base para as lendas que o senhor discute. Como engenheiro de minas, tenho algum conhecimento de geologia, e posso lhe assegurar que aqueles blocos sugerem uma antiguidade assombrosa. São compostos principalmente de arenito e granito, embora haja um exemplar feito de um tipo bastante singular de cimento ou concreto. Todos exibem marcas relativas à ação da água, como se aquela parte do mundo tivesse ficado submersa para tornar a emergir muito tempo mais tarde — depois da construção e da utilização dos blocos. Refiro-me a centenas ou milhares de anos — ou Deus sabe quanto tempo mais. Não gosto sequer de pensar a respeito.

A dizer pelo minucioso trabalho que o senhor tem feito para rastrear as lendas e tudo aquilo com que se relacionam, creio que em breve o senhor possa liderar uma expedição ao deserto para fazer escavações arqueológicas. Tanto o dr. Boyle como eu estamos dispostos a participar desse trabalho caso o senhor — ou alguma organização que o senhor conheça — possa fornecer os subsídios necessários. Posso conseguir cerca de doze mineiros para fazer a parte mais pesada da escavação — os aborígenes seriam inúteis, pois descobri que nutrem um temor que beira a paranoia em relação ao local. Boyle e eu não pretendemos comentar o assunto com mais ninguém — afinal, o senhor é quem deve levar o crédito pelas descobertas.

A expedição sairia de Pilbarra e chegaria ao local após quatro dias viajando de trator — um equipamento necessário. O local fica a sudoeste do caminho seguido por Warburton em 1873, cento e sessenta quilômetros a sudeste de Joanna Spring. Uma alternativa seria transportar o material pelas águas do rio De Grey — mas todos esses detalhes podem ser discutidos mais tarde. Grosso modo, as pedras encontram-se em um ponto próximo à latitude 22°3'14" Sul e à longitude 125°0'39" Leste. O clima é tropical, e as condições do deserto são um desafio tremendo. Qualquer expedição deve ser feita no inverno — em junho, julho ou agosto. Receberei de muito bom grado qualquer correspondência referente ao assunto, e desde já me coloco à disposição para ajudá-lo no que o senhor decidir fazer. Depois de ler seus artigos, fiquei muito impressionado com o profundo significado de todo esse assunto. O dr. Boyle deve lhe escrever em breve. Caso um contato mais rápido seja necessário, o senhor pode enviar um telegrama por rádio para Perth.

Espero ansiosamente uma resposta sua.

*Saudações cordiais,
Robert B. F. Mackenzie.*

Quanto ao efeito imediato dessa missiva, muito pode ser encontrado na imprensa. Consegui obter subsídio da Universidade do Miskatonic para realizar a expedição, e tanto o sr. Mackenzie como o dr. Boyle prestaram-me um auxílio inestimável no que dizia respeito aos acertos na Austrália. Não oferecemos muitos detalhes ao grande público, uma vez

que o assunto poderia receber um indesejável tratamento sensacionalista ou jocoso por parte do jornalismo barato. Assim, os relatos impressos eram raros; mas a divulgação na imprensa foi suficiente para dar conta da nossa busca por ruínas australianas e noticiar os diversos preparativos antes da viagem.

Os professores William Dyer, do departamento de geologia da universidade (líder da Expedição Antártica feita pela Universidade do Miskatonic em 1930–1), Ferdinand C. Ashley, do departamento de história antiga, e Tyler M. Freeborn, do departamento de antropologia — ao lado de Wingate, o meu filho — foram os meus companheiros. Meu correspondente Mackenzie chegou a Arkham no início de 1935 e nos ajudou com os últimos preparativos. Mackenzie era um senhor competente e afável, com cerca de cinquenta anos, detentor de uma erudição invejável e de uma grande familiaridade com as condições de viagem no continente australiano. Tratores estavam à nossa espera em Pilbarra, e afretamos um navio a vapor de calado baixo o suficiente para subir o rio até aquele ponto. Estávamos preparados para escavar nas condições mais minuciosas e científicas possíveis, examinando cada grão de areia e evitando mexer em quaisquer objetos que pudessem estar na posição original.

Zarpamos de Boston a bordo do *Lexington* no dia 28 de março de 1935 e fizemos uma agradável viagem pelo Atlântico e pelo Mediterrâneo, através do Canal de Suez, ao longo do mar Vermelho e através do oceano Índico até chegar ao nosso destino. Desnecessário dizer que a mera visão do litoral da Austrália Ocidental me deprimiu e que detestei o rústico vilarejo minerador e as desalentadoras minas de ouro onde os tratores receberam os últimos carregamentos. O dr. Boyle nos recebeu e revelou-se um homem proveito e uma companhia agradável e inteligente — os conhecimentos que tinha acerca de psicologia levaram-no a longas discussões comigo e com o meu filho.

Sentíamos um misto de expectativa e desconforto quando enfim nossa equipe de dezoito homens partiu em direção às léguas áridas de areia e rocha. Na sexta-feira, dia 31 de maio, passamos a vau por um braço do rio De Grey e adentramos o reino de absoluta desolação. Uma espécie de terror apossou-se de mim à medida que avançávamos rumo ao local onde se escondia o mundo primevo por trás das lendas — um

terror sem dúvida reforçado por inquietantes sonhos e pseudomemórias que continuavam a me assaltar com uma força infatigável.

No dia 3 de junho, uma segunda-feira, avistamos o primeiro dos blocos parcialmente soterrados. Não sou capaz de descrever as emoções que tomaram conta de mim quando toquei — na realidade objetiva — um fragmento de cantaria ciclópica idêntico aos blocos que recobriam os corredores das minhas construções oníricas. Havia resquícios de entalhes — e minhas mãos tremeram quando reconheci parte do padrão decorativo curvilíneo que para mim se revestia de um caráter infernal em virtude dos anos de pesadelos torturantes e pesquisas enigmáticas.

Um mês de escavações resultou em um total de 1250 blocos em vários estágios de desgaste e desintegração. A maioria era composta de megálitos entalhados com extremidades curvas. Uma minoria era composta de pedras menores, chatas, lisas e de corte quadrado ou octogonal — como os pisos e calçamentos nos meus sonhos —, enquanto outras poucas eram particularmente volumosas e curvadas ou inclinadas de maneira a sugerir o uso em abóbadas, ou mesmo como partes de arcadas ou marcos de janelas redondas. Quanto mais fundo e mais em direção ao nordeste nós cavávamos, mais blocos encontrávamos, mas não conseguimos descobrir nenhum sinal de disposição organizada nas ruínas. O professor Dyer ficou estarelecido com a idade imensurável dos fragmentos, e Freeborn descobriu vestígios de símbolos que sugeriam relações obscuras com lendas de antiguidade infinita oriundas de Papua e da Polinésia. O estado de conservação e a dispersão espacial dos blocos faziam revelações tácitas sobre os ciclos vertiginosos do tempo e sobre convulsões geológicas de violência cósmica.

Tínhamos um avião à nossa disposição, e meu filho Wingate fez diversos voos a altitudes variadas no deserto de areia e rocha a fim de procurar sinais de contornos tênues em grande escala — diferenças no nível do terreno ou vestígios de blocos espalhados. Não obtive resultado algum; pois quando imaginava ter encontrado algum indício promissor, a viagem seguinte substituí-a por outro, igualmente vago — resultado da ação do vento sobre as areias inconstantes. Uma ou duas dessas sugestões efêmeras, no entanto, tiveram sobre mim um efeito bastante peculiar e desagradável. Pareciam encaixar-se de maneira horrível com algo que eu houvesse lido ou sonhado, sem no entanto ser capaz de recordar.

Havia uma terrível *pseudofamiliaridade* a respeito dessas impressões — que de alguma forma levaram-me a olhar com desconfiança e apreensão para a abominável e estéril paisagem que se estendia a norte e a nordeste.

Por volta da primeira semana de julho fui tomado por um misto de emoções inexplicáveis em relação à região nordeste. Eu sentia horror e curiosidade — e, além disso, uma ilusão persistente e enigmática de *memória*. Tentei tirar essas ideias da cabeça com os mais variados expedientes psicológicos, porém sem sucesso. Também passei a sofrer com insônia, mas recebi-a quase de bom grado em virtude da redução na quantidade de sonhos. Adquiri o hábito de fazer longas caminhadas solitárias à noite no deserto — em geral rumo ao norte ou ao nordeste, para onde a soma dos meus novos e estranhos impulsos parecia me atrair.

Às vezes, durante essas caminhadas, eu encontrava outros fragmentos parcialmente soterrados de cantaria ancestral. Embora houvesse menos blocos visíveis naquela região do que no local por onde havíamos começado as escavações, tive certeza de que a quantidade debaixo da superfície seria muito abundante. O chão era menos nivelado do que no local do nosso acampamento, e os fortes ventos que sopravam de vez em quando dispunham a areia em dunas temporárias — expondo assim vestígios das pedras ancestrais enquanto cobriam outros traços. Eu me sentia ansioso para que as escavações chegassem àquele território, mas ao mesmo tempo sentia um pavor indescritível das revelações que poderiam trazer. Os motivos são óbvios. Meu estado piorava a cada dia — em especial porque eu não conseguia explicá-lo.

O estado precário da minha saúde mental pode ser demonstrado pela minha reação à estranha descoberta que fiz em um de meus passeios noturnos. Foi na noite de 11 de julho, quando uma lua gibosa mergulhou as misteriosas dunas de areia em um curioso palor. Depois de avançar para além dos meus limites habituais, deparei-me com uma grande pedra que exibia diferenças notáveis em relação a todas as outras encontradas até aquele momento. Estava quase toda soterrada, porém me abaixei e cavouquei a areia com as mãos para mais tarde estudar o objeto com cuidado e suplementar o brilho do luar com o facho da minha lanterna elétrica. Ao contrário das outras pedras enormes, aquela exibia um corte perfeitamente quadrado, sem nenhuma superfície côncava ou convexa. Também parecia ser esculpida em uma substância basáltica muito

diferente do granito, do arenito e eventualmente do concreto que formava os demais fragmentos.

De repente me levantei, virei de costas e corri o mais depressa que eu podia até o acampamento. Foi uma fuga inconsciente e irracional, e apenas quando cheguei perto da minha barraca percebi por que eu havia fugido. Foi então que me ocorreu. A estranha pedra negra remontava a algum dos meus sonhos ou a alguma das minhas leituras e estava associada aos horrores absolutos nas lendas de éons imemoriais. Era um dos blocos daquela cantaria basáltica ancestral que a mítica Grande Raça tanto temia — as ruínas altas e sem janelas deixadas pelas coisas furtivas, semimateriais e alienígenas que supuravam nos abismos mais profundos da Terra, cujos poderes eólicos e invisíveis os alçapões trancados e as sentinelas eternamente a postos tentavam conter.

Passei a noite acordado, mas ao raiar do dia percebi que eu havia sido ingênuo ao permitir que a sombra de um mito me impressionasse daquela forma. Em vez de ficar assustado, eu devia ter demonstrado o entusiasmo de um descobridor. Na manhã seguinte contei a todos os outros sobre a minha descoberta — Dyer, Freeborn, Boyle e o meu filho — e saí para ver mais uma vez o bloco anômalo. No entanto, o fracasso estava à nossa espera. Eu não tinha prestado atenção à localização exata da pedra, e um vento posterior havia mudado toda a configuração das dunas de areia inconstante.

VI

Chego enfim à parte crucial e mais difícil da minha narrativa — ainda mais difícil porque não consigo ter nenhuma certeza quanto à realidade do que ocorreu. Às vezes sou invadido por um desconfortável sentimento de que não foi sonho nem alucinação; e é esse sentimento — em vista das implicações devastadoras que a realidade objetiva da minha experiência haveria de suscitar — que me impele a fazer esse registro. Meu filho — um psicólogo formado com conhecimentos profundos e de primeira mão sobre o meu caso — vai ser o primeiro juiz em relação ao que tenho a dizer.

Em primeiro lugar, permita-me esboçar os elementos básicos da situação. Na noite de 17–18 de julho, recolhi-me cedo após um dia de fortes ventanias, mas não consegui dormir. Depois de me levantar pouco antes das onze horas, aflito como sempre por aquele estranho sentimento relativo à paisagem ao nordeste, saí para um dos meus típicos passeios noturnos; vi e saudei uma única pessoa — um mineiro chamado Tupper — ao sair das nossas instalações. A lua, que começava a ir de cheia para minguante, brilhava no céu limpo e derramava sobre as areias ancestrais uma radiância branca e leprosa que por algum motivo pareceu-me dotada de malignidade infinita. Não havia vento, e as rajadas tampouco voltaram a soprar por quase cinco horas, como podem atestar Tupper e outros que passaram a noite em claro. O australiano me viu desaparecer a passos lépidos em meio às dunas pálidas que guardavam os segredos do nordeste.

Por volta das 3h30 uma forte rajada soprou, acordando todos no acampamento e derrubando três das nossas barracas. O céu estava limpo, e o deserto, ainda blasonado pelo brilho leproso do luar. Enquanto a equipe se ocupava com as barracas, minha ausência foi percebida — mas, em vista dos meus passeios anteriores, a circunstância não foi motivo de alarme. E mesmo assim três homens — todos australianos — deram a impressão de pressentir algo sinistro no ar. Mackenzie explicou para o professor Freeborn que aquele era um temor presente no folclore dos aborígenes — pois os nativos tinham urdido um curioso mito sobre os ventos fortes que a longos intervalos sopravam pelo deserto quando o céu estava limpo. Aos sussurros, diziam que essas lufadas vinham das enormes cabanas subterrâneas de pedra onde coisas terríveis aconteciam — sem que jamais fossem percebidas, salvo em lugares próximos às grandes pedras entalhadas. Por volta das quatro horas, as rajadas cessaram de maneira tão repentina como haviam começado, deixando as dunas de areia com um aspecto novo e desconhecido.

Eram pouco mais de cinco horas e a tímida lua fungoide afundava no oeste quando cheguei cambaleando de volta ao acampamento — sem chapéu, com as roupas em farrapos, o rosto arranhado e ensanguentado e sem a minha lanterna elétrica. A maioria dos homens tinha voltado para a cama, mas o professor Dyer estava fumando um cachimbo em frente à barraca. Ao ver-me naquele estado resfolegante e quase frenético,

tratou de chamar o dr. Boyle, e os dois puseram-me na cama e cuidaram de mim. Meu filho, despertado pelo burburinho, logo se juntou aos meus colegas; e juntos tentaram fazer com que eu me acalmasse e pegasse no sono.

Mas o sono me escapava. Meu estado psicológico era extremamente anômalo — diferente de qualquer outro que houvesse me acometido até então. Depois de algum tempo insisti em falar — e assim expliquei a minha situação em frases elaboradas e nervosas. Disse que eu havia cansado e resolvi me deitar na areia para tirar um cochilo. Segundo meu relato, tive sonhos ainda mais assustadores do que o normal — e quando fui despertado pelas rajadas súbitas os meus nervos não aguentaram. Saí correndo em pânico, tropeçando em pedras parcialmente soterradas e assim reduzindo as minhas roupas a farrapos deploráveis. Devo ter dormido por um bom tempo — o que justificaria as várias horas de ausência.

Quanto a coisas estranhas vistas ou vividas, não fiz nenhuma referência — nesse quesito, demonstrei a mais absoluta discrição. Mas relatei uma mudança de opinião relativa à expedição como um todo, e solicitei a interrupção imediata das escavações rumo ao nordeste. Meu raciocínio apresentava evidentes sinais de fraqueza — pois eu falava em uma escassez de blocos, em um desejo de não ofender os mineiros supersticiosos, em uma possível falta de subsídios da parte da universidade e em outras coisas inexatas ou irrelevantes. Como seria de esperar, ninguém prestou atenção a esses desejos — nem mesmo o meu filho, cuja preocupação com a minha saúde era bastante óbvia.

No dia seguinte voltei a andar pelo acampamento, mas não tomei parte nas escavações. Ao ver que eu não poderia interromper os trabalhos, decidi voltar para casa o mais rápido possível por causa dos meus nervos, e fiz meu filho prometer que me levaria de avião até Perth — mil e seiscentos quilômetros a sudoeste — assim que terminasse de examinar a região que eu tanto queria deixar em paz. Se a coisa que eu tinha vislumbrado ainda estivesse visível, pensei que talvez eu pudesse tentar um alerta específico, mesmo que ao custo do ridículo. Talvez os mineiros conhecedores do folclore local pudessem me apoiar. Para me fazer um agrado, meu filho examinou a região na mesma tarde, sobrevoando todo o terreno que eu pudesse ter coberto durante a minha caminhada.

Porém, nada do que eu havia descoberto foi avistado. O caso do bloco basáltico se repetia mais uma vez — a areia inconstante havia apagado todos os vestígios. Por um momento eu lamentei a perda de um objeto espantoso em um surto de pavor — mas no instante seguinte tive certeza de que a perda fora misericordiosa. Ainda creio que toda a minha experiência foi uma ilusão — especialmente se, conforme espero com todas as forças, aquele abismo infernal jamais for encontrado.

Wingate levou-me até Perth no dia 20 de julho, mas não quis abandonar a expedição e voltar para casa. Permaneceu ao meu lado até o dia 25, quando o vapor com destino a Liverpool zarpou. Agora, em uma cabine do *Empress*, entrego-me a longas e frenéticas meditações sobre o assunto — e cheguei à conclusão de que o meu filho deve pelo menos ser informado. Caberá a Wingate decidir sobre a ampla divulgação do assunto. Para melhor enfrentar qualquer eventualidade, preparei este resumo da minha vida pregressa — que muitos já conheciam a partir de fontes esparsas —, e agora pretendo contar, da maneira mais breve possível, o que parece ter acontecido durante o tempo que passei longe do acampamento naquela noite odiosa.

Com os nervos à flor da pele e levado a uma espécie de avidez perversa por aquele ímpeto apavorante, inexplicável e pseudomnemônico em direção ao nordeste, continuei arrastando os pés sob o brilho intenso da lua maligna e agourenta. Aqui e acolá eu percebia, absconsos pela areia, os primordiais blocos ciclóticos deixados para trás por éons inominados e esquecidos. A antiguidade incalculável e o horror à espreita naquela desolação monstruosa começaram a me oprimir como nunca dantes, e não pude deixar de pensar em meus sonhos enlouquecedores, nas terríveis lendas por trás dessas fantasias e nos temores demonstrados pelos nativos e mineiros em relação ao deserto e às pedras entalhadas.

Mesmo assim, continuei arrastando os pés como se rumasse a um encontro quimérico — cada vez mais assaltado por devaneios túrbidos, compulsões e pseudomemórias. Lembrei-me dos possíveis contornos de certas fileiras de pedras avistadas do ar pelo meu filho e indaguei por que me pareciam a um só tempo tão agourentas e familiares. Algo forçava o trinco da minha lembrança enquanto outra força desconhecida tentava manter o portal inviolado.

Não havia vento, e as areias pálidas curvavam-se para cima e para baixo como ondas do mar congeladas. Eu não sabia para onde estava indo, mas por algum motivo segui adiante com uma fatídica convicção. Meus sonhos transbordaram para o mundo real, de modo que cada megálito absconso na areia parecia fazer parte dos intermináveis cômodos e corredores de cantaria inumana, entalhados e decorados com hieróglifos e símbolos que eu conhecia muito bem dos anos passados como cativo da Grande Raça. Em certos momentos imaginei ver aqueles horrores cônicos e oniscientes executando tarefas cotidianas ao meu redor, e evitei olhar para baixo por medo de me descobrir como um semelhante das criaturas. Contudo, a cada instante eu via os blocos encobertos pela areia e ao mesmo tempo os cômodos e corredores; a lua maligna e agourenta e ao mesmo tempo as lâmpadas de cristal luminoso; o deserto interminável e ao mesmo tempo as samambaias balouçantes e as cicadófitas no outro lado das janelas. Eu estava desperto e sonhando ao mesmo tempo.

Não sei por quanto tempo nem por quantos quilômetros — e, a bem dizer, sequer em que direção — eu havia caminhado quando divisei a pilha de blocos revelada pelo vento diurno. Era o mais numeroso grupo avistado em um único lugar até então, e causou-me uma impressão tão profunda que as visões dos éons fabulosos desfizeram-se no mesmo instante. Mais uma vez havia apenas o deserto e a lua maligna e as ruínas de um passado ignoto. Cheguei mais perto e me detive, e projetei o facho adicional da minha lanterna elétrica em direção à pilha tombada. Uma duna havia sido levada pelo vento, revelando um amontoado elíptico irregular de megálitos e outros fragmentos menores com cerca de doze metros de largura e sessenta centímetros a dois metros e meio de altura.

Desde o primeiro momento percebi que aquelas pedras apresentavam características sem nenhum precedente. Não apenas a simples quantidade de blocos era inédita, mas algo nas linhas carcomidas pela areia chamou minha atenção enquanto eu as examinava sob o facho misto da lua e da minha lanterna. Não que apresentassem qualquer diferença essencial em relação aos espécimes anteriores. Era mais sutil. A impressão não surgia durante a contemplação de um bloco individual, mas apenas quando eu corria os olhos por vários deles. Foi então que a verdade enfim se revelou. Os desenhos curvilineares em muitos daqueles

blocos estavam *intimamente relacionados* — eram partes de um vasto efeito decorativo. Pela primeira vez naquela desolação estremecida pelos éons eu havia me deparado com uma massa de cantaria na disposição ancestral — uma massa tombada e fragmentária, é verdade, porém remanescente no sentido mais literal da palavra.

Depois de subir em uma das pedras mais baixas, pus-me a escalar a pilha com grande esforço, limpando a areia aqui e acolá com os dedos e o tempo inteiro tentando interpretar as variações no tamanho, no formato, no estilo e nas relações dos desenhos. Passado algum tempo, pude conceber uma ideia vaga quanto à natureza da estrutura obliterada e dos desenhos que outrora recobriam as vastas superfícies de cantaria primordial. A identidade perfeita do todo com alguns dos meus vislumbres oníricos deixou-me inquieto e aterrorizado. Vi-me diante do que em outras épocas havia sido um corredor ciclópico com nove metros de altura, pavimentado com blocos octogonais e adornado com uma abóbada de estrutura robusta. Haveria cômodos à direita, e na extremidade oposta um daqueles estranhos planos inclinados desceria em curva até níveis ainda mais profundos.

Tive um violento sobressalto quando esses pensamentos me ocorreram, pois sugeriam mais do que os meros blocos haviam insinuado. Como eu sabia que aquele nível ficava no subterrâneo? Como eu sabia que o plano em aclave estaria atrás de mim? Como eu sabia que a longa passagem subterrânea até a Esplanada dos Pilares estaria à esquerda no nível imediatamente superior? Como eu sabia que a sala das máquinas e o túnel à direita que levava até o arquivo central estariam dois níveis abaixo de mim? Como eu sabia que haveria um daqueles horrendos alçapões trancados com barras de aço no fundo da construção, quatro níveis abaixo? Perplexo ante essa intrusão do mundo onírico, notei que eu estava tremendo e banhado em suor frio.

Então, em um derradeiro e insuportável momento, senti aquele tênue e insidioso sopro de ar frio que vinha de uma depressão próxima ao centro do enorme monte. No mesmo instante, como já havia acontecido antes, minhas visões desvaneceram e tornei a ver apenas o luar maligno, o deserto à espreita e aquele túmulo de cantaria paleogênea. Algo real e tangível, e no entanto repleto de infinitas sugestões de mistérios noctíferos, confrontou-me naquele instante. Aquele sopro de ar poderia signi-

ficar apenas uma coisa — um abismo oculto de grandes proporções sob os blocos desordenados na superfície.

Minha primeira reação foi pensar nas sinistras lendas aborígenes sobre enormes cabanas subterrâneas em meio aos megálitos onde horrores são perpetrados e os grandes ventos nascem. Depois os pensamentos relativos aos meus próprios sonhos retornaram, e senti vagas pseudomemórias cutucarem minha lembrança. Que tipo de lugar estava abaixo de mim? Que fonte primeva e inconcebível de ciclos míticos ancestrais e pesadelos assombrosos eu estaria prestes a descobrir? Hesitei apenas por um instante, pois havia mais do que curiosidade e ardor científico me impelindo adiante e lutando contra os meus crescentes temores.

Eu parecia movimentar-me de forma quase automática, como o refém de um destino inescapável. Depois de guardar a lanterna no bolso, lutando com forças que jamais imaginei possuir, arrastei um titânico fragmento de pedra e a seguir outro, até sentir uma forte rajada cuja umidade criava um estranho contraste com o árido clima desértico. Uma fissura negra começou a se abrir, e por fim — quando terminei de mover todos os fragmentos pequenos o bastante para o deslocamento — o luar leproso refulgiu sobre uma abertura larga o suficiente para facultar a minha passagem.

Saquei a lanterna e lancei o facho reluzente para o interior da passagem. Lá embaixo havia um caos de cantaria desabada que formava um declive irregular em direção ao norte em um ângulo aproximado de quarenta e cinco graus, sem dúvida resultante de algum colapso vindo de cima em tempos idos. No desnível entre a passagem subterrânea e a superfície do deserto havia um abismo de trevas impenetráveis em cujo extremo superior era possível discernir os sinais de abóbadas gigantescas e sujeitas a uma fadiga tremenda. Naquele ponto, segundo me pareceu, as areias do deserto repousavam diretamente sobre as fundações de uma estrutura titânica que remontava à juventude da Terra — embora eu me declare incapaz de sequer conceber como podem ter se mantido intactas durante éons de convulsões geológicas.

Em retrospecto, a mera sugestão de uma descida repentina e solitária a um pélago envolto em mistério — num momento em que meu paradeiro não era conhecido por viva alma — parece ser o supremo apogeu da insanidade. Talvez tenha sido isso mesmo — porém naquela noite eu me

aventurei sem hesitar na descida. Mais uma vez a atração e o impulso fatal que a cada instante pareciam guiar meus passos fizeram-se presentes. Acendendo a lanterna apenas a intervalos a fim de poupar as baterias, empreendi uma descida tresloucada pelo sinistro e ciclópico declive no outro lado da abertura — às vezes com o rosto voltado para a frente quando encontrava apoios sólidos para os pés e as mãos, e em outros momentos encarando a pilha de megálitos enquanto me agarrava e tropeçava de maneira precária. Em duas direções ao meu lado, paredes distantes de cantaria entalhada e desabada assomavam tênues sob o facho direto da lanterna. À frente, no entanto, havia somente uma negrura interminável.

Não registrei a passagem do tempo durante a trabalhosa descida. Meus pensamentos fervilhavam com tantas insinuações e imagens portentosas que meus arredores imediatos pareceram afastar-se a distâncias incalculáveis. Minhas sensações corpóreas morreram, e até o medo permaneceu apenas como uma gárgula estática e fantasmagórica que me encarava com malícia impotente. Por fim cheguei a um nível repleto de blocos desabados, fragmentos informes de pedra e areia e detritos de toda espécie imaginável. No outro lado — talvez a nove metros de distância — erguiam-se paredes maciças que culminavam em desconuns abóbadas de aresta. Com alguma dificuldade, notei que apresentavam entalhes, porém a natureza exata das figuras escapava à minha percepção. O que mais me impressionou foi a abóbada em si. O facho da minha lanterna não alcançava o teto, mas as partes menos elevadas dos arcos monstruosos eram bem distintas. Apresentavam uma identidade tão perfeita com o que eu tinha visto em incontáveis sonhos com o mundo arcaico que comecei a tremer vigorosamente pela primeira vez.

Atrás de mim, no alto, uma cintilação tênue servia como lembrança do distante mundo enlutarado lá fora. Algum vago resquício de cautela sugeriu que eu não devia perdê-la de vista, pois de outra forma correria o risco de ficar sem guia para o meu retorno. Avancei rumo à parede à minha esquerda, onde os resquícios dos entalhes eram mais visíveis. O chão repleto de entulho representava uma travessia tão dificultosa quanto a descida inicial, mas com algum esforço consegui abrir passagem. A certa altura empurrei alguns blocos e chutei os detritos para examinar o aspecto do calçamento — e estremeci diante da fatídica e absoluta fami-

liaridade sugerida pelas grandes pedras octogonais cuja superfície abaulada mantinha-se quase na configuração original.

A uma distância conveniente da parede, aponte a lanterna com um movimento lento e cuidadoso em direção aos resquícios dos entalhes. Algum fluxo aquático de outrora parecia ter agido sobre a superfície de arenito, mas havia certas incrustações bastante singulares para as quais não pude encontrar nenhuma explicação. Em certos pontos a cantaria estava muito solta e desfigurada, e indaguei por quantos éons mais aquele edifício primordial e oculto poderia manter os traços remanescentes da forma originária em meio às convulsões terrestres.

Mas o que mais me entusiasmou foram os próprios entalhes. Apesar da decrepitude ocasionada pelo tempo, ainda era relativamente fácil percebê-los a curta distância; e a familiaridade íntima e absoluta de cada detalhe atordoou a minha imaginação. Que os atributos mais genéricos da cantaria ancestral parecessem familiares não estaria além da credibilidade ordinária. Ilustrando de forma poderosa os urdidores de certos mitos, haviam se corporificado em uma tradição de folclore críptico que, depois de chamar minha atenção durante o período amnésico, de alguma forma suscitou vívidas imagens no meu subconsciente. Mas como eu poderia explicar a precisão exata e minuciosa com que cada linha e cada espiral nos estranhos desenhos correspondia aos sonhos que me visitaram por mais de vinte anos? Que iconografia obscura e ignota poderia ter reproduzido as nuances dos sombreados que, de maneira persistente, exata e incansável, faziam cerco às minhas visões oníricas noite após noite?

Não se tratava de mera coincidência ou de uma semelhança remota. Em termos absolutos e definitivos, o primevo corredor milenar e oculto pelos éons que eu desbravava era o original de algo que em sonhos me era tão familiar quanto a minha própria casa na Crane Street, em Arkham. É verdade que em meus sonhos o lugar se revelava no esplendor que havia antecedido a decadência, porém a constatação em nada prejudicava a premissa de identidade. Eu tinha um senso de orientação absoluto e atroz. A estrutura por onde eu andava me era familiar. Familiar também era o lugar que ocupava naquela terrível cidade onírica ancestral. Percebi, com instintiva e pavorosa certeza, que eu poderia visitar sem me perder qualquer ponto no interior da estrutura ou da cidade que

havia escapado às devastações de incontáveis eras. Por Deus, qual seria o significado de tudo aquilo? Como eu haveria aprendido tudo o que sabia? E que terrível realidade poderia estar por trás das antigas histórias a respeito de seres que tinham habitado aquele labirinto de pedra ancestral?

As palavras não conseguem transmitir mais do que uma mera fração da magnitude de horror e perplexidade que me devorava o espírito. Eu conhecia o lugar. Sabia o que havia à minha frente, e sabia o que houvera mais acima antes que as miríades de pisos sobranceiros tivessem se reduzido a poeira e escombros e ao deserto. Não é mais necessário, pensei enquanto sentia um calafrio, manter a tênue mancha do luar à vista. Fiquei dividido entre um anseio de fugir e um misto febril de curiosidade ardente e fatalidade inelutável. O que teria acontecido à descomunal megalópole da antiguidade nos milhões de anos desde a época dos meus sonhos? Quantos dos labirintos subterrâneos que atravessavam a cidade e ligavam todas as torres titânicas haveriam sobrevivido às turbulências da crosta terrestre?

Será que eu havia encontrado todo um mundo soterrado de arcaísmo profano? Será que eu ainda poderia encontrar a residência do calígrafo e a torre onde S'gg'ha, uma mente cativa dos vegetais carnívoros com cabeça em forma de estrela-do-mar originários da Antártida, havia entalhado certas figuras nos espaços vazios das paredes? Será que a passagem dois níveis abaixo, que levava ao salão das mentes cativas, ainda estaria desobstruída e atravessável? Nesse salão, a mente cativa de uma entidade impressionante — uma criatura semiplástica que habitava o interior oco de um planeta transplutoniano desconhecido dezoito milhões de anos no futuro — guardava um objeto que havia modelado em barro.

Fechei os olhos e levei a mão à cabeça na vã e ridícula tentativa de afastar esses insanos fragmentos oníricos da minha consciência. Então, pela primeira vez, senti de maneira distinta o frio, o movimento e a umidade do ar que me rodeava. Tremendo, percebi que uma vasta cadeia de abismos negros entregues à morte através dos éons sem dúvida avultava em um ponto adiante e abaixo de mim. Pensei nas terríveis câmaras, passagens e rampas tal como eu as recordava dos meus sonhos. Será que o caminho até o arquivo central ainda estaria aberto? Mais uma vez aquela fatalidade inelutável tornou a cutucar minha lembrança enquanto eu me

lembrava dos impressionantes registros que outrora permaneciam nos cofres retangulares de metal inoxidável.

Lá, segundo os sonhos e as lendas, repousava toda a história pregressa e futura do *continuum* do espaço-tempo cósmico — escrito por mentes cativas oriundas de todos os orbes em todas as épocas do sistema solar. Loucura, é claro — mas eu não tinha adentrado um mundo noctífero tão insano quanto eu próprio? Pensei nas estantes de metal trancadas e nos curiosos movimentos necessários para abrir o segredo de cada uma. Tive uma recordação muito vívida da minha estante. Quantas vezes eu havia repetido o intrincado procedimento de giros e pressões na seção dos vertebrados terrestres, localizada no nível mais baixo! Todos os detalhes eram novos e ao mesmo tempo familiares. Se houvesse um cofre como o que aparecia nos meus sonhos, eu poderia abri-lo em um instante. Foi nesse ponto que a loucura me dominou por completo. No momento seguinte eu estava saltando e tropeçando pelos escombros rochosos em direção à inesquecível rampa que conduzia às profundezas mais abaixo.

VII

A partir desse ponto, minhas impressões deixam de ser confiáveis — na verdade, tenho a desvairada esperança de que tudo não passe de um sonho demoníaco — ou de uma ilusão nascida de um delírio. A febre assolava meus pensamentos, e eu via tudo através de uma névoa — às vezes de maneira intermitente. Os débeis raios da minha lanterna perdiam-se na escuridão predominante, revelando detalhes fantasmáticos de paredes e entalhes que me sugeriam uma horrenda familiaridade, malogrados como estavam pela decadência dos éons. Em certo ponto uma enorme parte da abóbada havia desabado, e assim precisei me arrastar por cima de um imponente amontoado de pedras que chegava quase até o teto irregular e coberto por grotescas estalactites. Era o apogeu supremo de todos os pesadelos, tornado ainda mais medonho pela nota blasfema das pseudomemórias. Apenas um detalhe parecia novo — a saber, a minha própria estatura em relação à cantaria monstruosa. Senti-me oprimido por uma sensação inédita de pequenez, como se a visão da-

quelas paredes sobranceiras a partir de um corpo humano normal fosse radicalmente nova e anômala. De tempos em tempos eu lançava olhares nervosos em direção ao meu corpo, perturbado como estava pela minha forma humana.

Avancei pela negrura do abismo saltando, correndo e cambaleando — muitas vezes caindo e me machucando, e quase destruindo a minha lanterna em uma ocasião. Eu conhecia cada pedra e cada recôndito daquele labirinto demoníaco, e em alguns pontos o facho da lanterna iluminava arcadas obstruídas e decrépitas, porém mesmo assim familiares. Certos cômodos haviam desabado por completo; outros estavam vazios ou repletos de escombros. Em alguns notei certos objetos de metal — ora quase intactos, ora quebrados ou ainda esmagados — que reconheci como os monstruosos pedestais das mesas que surgiam em meus sonhos. Não me atrevi a imaginar o que poderiam ser na verdade.

Encontrei a rampa que conduzia aos níveis inferiores e comecei a descida — embora depois de algum tempo meu progresso tenha sido interrompido por uma enorme fissura irregular cujo ponto mais estreito não podia ter menos de um metro e vinte centímetros. Nesse ponto a cantaria havia cedido, revelando trevas insondáveis nas caliginosas profundezas mais abaixo. Eu sabia da existência de outros dois subterrâneos naquele edifício titânico, e estremeci com terror renovado quando me lembrei do alçapão trancado com barras de metal no último nível. Não haveria guardas naquela situação — pois o que espreitava lá embaixo havia outrora executado o odioso desígnio e sucumbido a um longo ocaso. Na época da raça pós-humana de besouros, já estaria morto. Mesmo assim, ao recordar as lendas nativas, estremeci mais uma vez.

Precisei fazer um tremendo esforço para saltar por cima do abismo hiante, uma vez que o chão repleto de escombros me impedia de tomar impulso — mas a loucura me impelia adiante. Escolhi um lugar próximo à parede esquerda — onde a fissura era menos larga e apresentava um ponto de aterrissagem livre de detritos perigosos — e, depois de um momento frenético, cheguei ao outro lado em segurança. Tendo enfim ganhado o nível inferior, segui aos tropeções pela arcada da sala das máquinas, onde me deparei com ruínas fantásticas parcialmente soterradas por mais escombros da abóbada desabada. Tudo era como eu lembrava, e assim escalei os montes que bloqueavam o acesso a um amplo corre-

dor transverso cheio de confiança. Notei que aquela rota me levaria pelos subterrâneos da cidade até o arquivo central.

Eras incontáveis pareciam desfilar à minha frente enquanto eu tropeçava, saltava e me arrastava ao longo do corredor repleto de entulho. De vez em quando eu percebia os entalhes nas paredes manchadas pelo tempo — alguns familiares, outros talvez acrescentados em épocas posteriores aos meus sonhos. Uma vez que aquela era uma passagem subterrânea que ligava diferentes edificações, não havia arcadas a não ser nos pontos em que o caminho atravessava os níveis inferiores de prédios variados. Em algumas dessas intersecções eu me virava para olhar em direção a corredores e aposentos que despertavam vívidas memórias. Apenas por duas vezes deparei-me com alterações radicais em relação ao cenário dos meus sonhos — e em uma delas pude discernir os contornos barrados da arcada que eu recordava.

Fui tomado por um forte tremor e tive um surto repentino de fraqueza debilitante enquanto percorria um apressado e hostil trajeto em meio à cripta no interior de uma das colossais torres sem janelas em ruínas cuja cantaria basáltica sugeria uma origem pavorosa mencionada apenas aos sussurros. Essa cripta primordial era redonda e media sessenta metros de uma extremidade à outra, sem apresentar nenhum entalhe na cantaria escura. O piso estava livre, à exceção da areia e do pó, e pude ver as passagens que subiam e desciam para outros níveis. Não havia escadas nem rampas — na verdade, em meus sonhos essas torres ancestrais permaneciam intocadas pela fabulosa Grande Raça. As criaturas que as haviam construído não precisavam de escadas ou rampas. Nos sonhos, a passagem descendente permanecia trancada e vigiada por guardas nervosos. Mas naquele instante estava aberta — negra e escancarada, emanando uma corrente de ar frio e úmido. Quanto às cavernas ilimitadas de noite perpétua que poderiam estar à espreita lá embaixo, não me atrevo sequer a imaginá-las.

Mais tarde, depois de escalar uma parte muito obstruída do corredor, cheguei a um local onde o teto tinha cedido por completo. Os escombros erguiam-se como uma montanha, e enquanto eu os escalava adentrei um vasto espaço vazio onde a minha lanterna não revelou nem paredes nem abóbadas. Pensei que aquele devia ser o porão da casa dos

fornecedores de metal, que dava para uma esplanada próxima ao arquivo. O que teria acontecido estava muito além das minhas conjecturas.

Encontrei a continuação do corredor no outro lado da montanha de pedras e detritos, mas depois de uma curta caminhada me deparei com uma passagem completamente bloqueada onde as ruínas da abóbada quase tocavam o teto perigosamente abaulado. Como pude empurrar e afastar blocos suficientes para franquear uma passagem e como me atrevi a perturbar os fragmentos compactados sabendo que a menor alteração no equilíbrio poderia ter derrubado as incontáveis toneladas de cantaria escorada logo acima de mim são perguntas para as quais até hoje não tenho resposta. Era a loucura em estado puro que me impelia adiante e guiava meus passos — se, de fato, a minha aventura subterrânea não foi — conforme espero — uma alucinação infernal ou parte de um sonho. De qualquer modo, abri — ou sonhei ter aberto — uma passagem onde eu pudesse me enfiar. Enquanto me contorcia pelo monte de entulho — com a lanterna acesa enfiada fundo na boca — senti minha pele ser rasgada pelas fantásticas estalactites do teto irregular logo acima de mim.

Eu estava perto da grande estrutura arquivística subterrânea que parecia ser o meu objetivo. Após deslizar e descer o outro lado da barreira e desbravar o caminho ao longo do trajeto restante acionando a lanterna apenas a breves intervalos, cheguei a uma cripta baixa e circular — em estado de conservação esplêndido — com arcos que se abriam em todas as direções. As paredes, ou ao menos as partes que estavam ao alcance da minha lanterna, estavam cobertas de hieróglifos e entalhadas com os símbolos curvilineares típicos — alguns deles acrescidos em uma época posterior aos meus sonhos.

Percebi que aquele era o meu destino final e, no mesmo instante, virei-me em direção a uma arcada familiar à esquerda. Quanto à minha capacidade de encontrar um caminho desimpedido para todos os demais níveis remanescentes, acima ou abaixo da rampa, eu não tinha dúvida. Aquela pilha vasta e protegida pela Terra, que abrigava os anais de todo o sistema solar, fora construída com habilidade e resistência fora do comum para durar tanto quanto o próprio sistema. Blocos de tamanho monstruoso, assentados com precisão matemática e fixados com cimentos de assombrosa dureza, haviam se combinado para formar uma estru-

tura firme como o núcleo rochoso do planeta. Lá, depois de eras mais prodigiosas do que eu poderia conceber em sã consciência, a massa soterrada erguia-se com todos os contornos essenciais, com os amplos corredores empoeirados praticamente livres do entulho predominante em outros corredores e recintos.

A caminhada relativamente fácil a partir desse ponto afetou meus pensamentos de maneira curiosa. Toda a avidez frenética até então frustrada por obstáculos extravasou-se em uma espécie de velocidade febril, e literalmente corri pelas monstruosas passagens de teto baixo para além da arcada. Eu já não me impressionava mais com a familiaridade do ambiente ao redor. Por todos os lados assomava o porte monstruoso das grandes portas de metal cobertas por hieróglifos que protegiam as estantes do arquivo; algumas na posição original, outras abertas, e ainda outras amassadas e entortadas por movimentações geológicas sem força suficiente para estilhaçar a cantaria titânica. Aqui e acolá uma pilha empoeirada logo abaixo de uma estante vazia parecia indicar a localização dos estojos derrubados por abalos sísmicos. Em alguns pilares havia grandes símbolos ou letras proclamando as classes e as subclasses dos volumes.

Em dado momento me detive em frente a uma estante aberta, onde vi alguns dos familiares estojos metálicos ainda na posição original em meio à poeira onipresente. Estendendo a mão, alcancei com alguma dificuldade um espécime fino e o coloquei no chão a fim de examiná-lo. O título estava escrito com os hieróglifos curvilineares predominantes, mas algum detalhe na disposição dos caracteres sugeria uma estranheza sutil. Eu estava perfeitamente familiarizado com o singular mecanismo do fecho curvo, então tratei de abrir a tampa ainda imune à ferrugem para ter acesso ao livro que estava lá dentro. Conforme o esperado, o exemplar media cerca de cinquenta por quarenta centímetros e tinha outros sete de espessura; e as capas de metal fino abriam pela parte de cima. As firmes páginas de celulose pareciam ter resistido às miríades de ciclos temporais que haviam atravessado, e assim comecei a estudar as letras rústicas de estranha pigmentação que compunham o texto — símbolos completamente distintos dos tradicionais hieróglifos entalhados e de qualquer outro alfabeto conhecido pela erudição humana — com a assombrosa impressão de uma pseudomemória. Ocorreu-me que aquela

devia ser a linguagem empregada por uma mente cativa que eu havia conhecido em meus sonhos — a mente vinda de um grande asteroide onde subsistiam partes significativas da vida primeva e do folclore arcaico do planeta que o havia originado. Ao mesmo tempo, lembrei-me de que aquele nível do arquivo era devotado aos volumes que tratavam de planetas não terrestres.

Quando parei de examinar o impressionante documento, percebi que a minha lanterna estava começando a falhar, e assim me apressei em instalar a bateria sobressalente que eu sempre tinha comigo. A seguir, equipado com essa radiância mais intensa, retomei a corrida febril pelos labirintos intermináveis de passagens e corredores — reconhecendo de vez em quando uma estante familiar e sentindo uma vaga irritação por conta das condições acústicas que faziam minhas pegadas ecoarem naquelas catacumbas onde o silêncio e a morte haviam perdurado através dos éons. Até as marcas que meus sapatos deixavam na poeira intocada por milênios me faziam estremecer. Se meus sonhos insanos encerrassem qualquer resquício de verdade, jamais um ser humano havia galgado aqueles calçamentos imemoriais. Quanto ao objetivo particular da minha corrida desvairada, eu não tinha nenhuma ideia consciente. No entanto, um impulso de latência maligna incitava minha vontade treloucada e minhas lembranças enterradas, de modo que eu tinha a vaga impressão de não estar correndo ao acaso.

Cheguei a uma rampa descendente e a segui rumo a profundezas ainda mais recônditas. Vários níveis ficaram para trás à medida que eu corria, porém não me detive a fim de explorá-los. Minha cabeça perturbada havia começado a pulsar em um ritmo que logo pôs minha mão a tremer em uníssono. Eu queria destravar alguma coisa, e senti que conhecia todos os intrincados giros e pressões necessários à tarefa. Seria como um cofre moderno com um segredo de combinação. Sonho ou não, uma vez eu havia conhecido os movimentos — e ainda os conhecia. Como um sonho — ou mesmo um fragmento de folclore absorvido de maneira inconsciente — poderia ter me ensinado um detalhe tão minucioso é algo que não tentei explicar sequer a mim mesmo. Estava além de qualquer pensamento coerente. Toda essa experiência — a familiaridade chocante com um conjunto de ruínas desconhecidas e a identidade perfeita entre tudo o que eu via à minha frente e o cenário que apenas

sonhos e fragmentos míticos poderiam ter sugerido — não era um horror que desafiava a razão? Provavelmente eu acreditava — como hoje ainda acredito em meus momentos de maior lucidez — que não poderia estar desperto, e que toda a cidade enterrada não passava de uma alucinação febril.

Por fim cheguei ao nível mais baixo e saí pela direita da rampa. Por alguma razão nebulosa, tentei abafar meus passos, mesmo que assim eu perdesse velocidade. Houve um trecho que temi atravessar naquele último nível encravado nas profundezas da Terra, e enquanto me aproximava lembrei-me do motivo para o meu temor. Era um dos alçapões trancados com barras de metal e vigiados de perto. Não haveria guardas naquela situação; assim, comecei a tremer e segui na ponta dos pés tal como eu havia feito ao atravessar a cripta de basalto onde um alçapão similar se escancarava. Senti uma corrente de ar frio e úmido, como eu havia sentido antes, e desejei que o meu trajeto seguisse em outra direção. Por que eu tinha de seguir aquele trajeto específico? Eu não sabia.

Quando cheguei ao trecho, percebi que o alçapão estava escancarado. Logo adiante as estantes recomeçavam, e no chão em frente a uma delas divisei uma pilha coberta por uma fina camada de pó onde alguns estojos haviam caído pouco tempo atrás. No mesmo instante um novo surto de pânico tomou conta de mim, embora eu não soubesse dizer o que o havia desencadeado. Pilhas de estojos caídos não eram raras, pois ao longo de incontáveis éons o labirinto escuro havia sido estremecido pelas convulsões da Terra e por vezes ecoado o clangor de objetos que desabavam. Apenas quando a travessia do trecho estava quase concluída percebi o motivo de tremores tão violentos.

Não era a pilha de objetos, mas algo relativo à poeira espalhada no chão o que me perturbava. À luz da minha lanterna, a poeira não apresentava o aspecto homogêneo esperado — havia pontos onde parecia mais fina, como se algo a houvesse tocado poucos meses atrás. Não pude ter certeza, dado que mesmo esses pontos estavam cobertos por uma fina camada de poeira; mas uma vaga suspeita de regularidade nas marcas imaginadas foi motivo de grande inquietação. Quando aproximei a lanterna de um desses estranhos pontos, não gostei do que vi — pois a ilusão de regularidade era muito perfeita. Era como se houvesse linhas regulares de impressões compostas — impressões feitas de três em três,

cada uma com cerca de trinta centímetros de comprimento, consistindo de cinco marcas quase circulares de oito centímetros, estando uma sempre à frente das quatro restantes.

Essas possíveis linhas de impressões com trinta centímetros de comprimento pareciam seguir em dois sentidos, como se algo tivesse se deslocado para um lado e então retornado. Eram impressões muito tênues, e talvez fossem resultado de uma ilusão ou de uma coincidência; mas havia um elemento de terror difuso na maneira como se dispunham ao longo do chão. Em uma das extremidades jazia a pilha de estojos que devia ter caído não muito tempo atrás, e no outro lado estava o agourento alçapão com o vento frio e úmido, escancarado sem nenhum guarda à vista e revelando abismos que desafiavam a imaginação.

VIII

A magnitude e a preponderância do meu estranho sentimento de compulsão podem ser demonstradas pela conquista do medo. Nenhum motivo racional poderia ter me impelido adiante depois das misteriosas impressões e das insidiosas pseudomemórias que despertavam. Minha mão direita, embora tremesse de pavor, continuava pulsando de ansiedade para abrir o segredo pressentido. Antes de dar por mim eu havia passado a pilha de estojos recém-caídos e estava correndo na ponta dos pés ao longo de passagens cobertas por uma poeira absolutamente homogênea em direção a um ponto a respeito do qual eu parecia deter um conhecimento mórbido e terrível. Minha mente fazia perguntas cuja origem e relevância mal haviam me ocorrido. Será que a estante seria acessível a um corpo humano? Será que a minha mão humana seria capaz de executar os movimentos lembrados através dos éons que o segredo requeria? Será que o segredo permanecia intacto e em bom estado de funcionamento? E o que eu faria — o que me atreveria a fazer — com o que (naquele instante comecei a perceber) eu ansiava por encontrar e ao mesmo tempo temia? Será que eu me defrontaria com a verdade impressionante e avassaladora de algo muito além do nosso conceito de normalidade ou com um mero despertar?

No instante seguinte eu havia cessado a minha corrida na ponta dos pés e estava parado, olhando para uma fileira de estantes repletas de hieróglifos que inspiravam uma familiaridade enlouquecedora. Estavam em um estado de preservação quase perfeito, e apenas três portas nos arredores haviam se aberto. Meus sentimentos em relação a essas estantes não podem ser descritos em palavras — tamanha a força e a insistência da impressão de um antigo conhecimento. Eu estava olhando para o alto, em direção a uma estante próxima ao topo e totalmente fora do meu alcance, imaginando o que fazer para me aproximar. Uma porta aberta na quarta prateleira a contar do chão poderia me ajudar, e as fechaduras das portas trancadas poderiam servir como apoios para os meus pés e as minhas mãos. Eu prenderia a lanterna entre os dentes, como havia feito em outros lugares onde havia precisado de ambas as mãos. Acima de tudo, eu não podia fazer barulho. Seria complicado descer com o objeto desejado, mas provavelmente eu conseguiria prender o fecho móvel na gola do casaco e carregá-lo como uma mochila. Logo voltei a me perguntar se o segredo permaneceria intacto. Quanto à minha capacidade de repetir os movimentos familiares eu não tinha a menor dúvida. Mas eu esperava que o segredo não estalasse nem rangesse — e que meus dedos operassem-no com a destreza necessária.

No instante mesmo em que pensava essas coisas eu já havia posto a lanterna na boca e começado a escalar. Os segredos salientes eram maus apoios; mas, como eu tinha imaginado, a prateleira aberta me ajudou um bocado. Usei a porta e a extremidade da própria abertura na escalada e assim evitei quaisquer estalos mais audíveis. Equilibrado sobre a parte superior da porta e me inclinando o máximo para a direita, consegui tocar no segredo que eu buscava. Meus dedos, um pouco anestesiados pela escalada, a princípio estavam muito desajeitados; mas logo percebi que tinham uma anatomia propícia. E o ritmo mnemônico que as animava era intenso. Através dos abismos desconhecidos do tempo, os intrincados movimentos secretos chegaram até o meu cérebro — pois em menos de cinco minutos de tentativas veio o clique cuja familiaridade pareceu ainda mais impressionante porque meus pensamentos conscientes não o esperavam. No instante seguinte a porta de metal se abriu devagar, apenas com rangidos mínimos.

Atônito, olhei para a fileira de estojos cinzentos que se revelaram e senti o acesso poderoso de uma emoção inexplicável. Quase fora do alcance da minha mão direita havia um estojo cujos hieróglifos curvados me fizeram tremer com sentimentos infinitamente mais complexos do que o simples aguilhão do medo. Ainda tremendo, consegui soltá-lo em meio a uma chuva de poeira grossa e trazê-lo para junto do meu corpo sem nenhum barulho que pudesse chamar atenção. Como os demais estojos que eu havia manuseado, media pouco mais do que quarenta por cinquenta centímetros e apresentava desenhos matemáticos em baixo-relevo. A espessura era de quase oito centímetros. Mantendo-o preso entre o meu corpo e a superfície que eu havia escalado, mexi no fecho e por fim soltei o gancho. Abri a capa e desloquei o pesado objeto até as minhas costas, deixando o gancho preso à gola do meu casaco. Com as mãos livres, desci com certa dificuldade até o chão empoeirado e me preparei para inspecionar a minha recompensa.

Ajoelhado na poeira grossa, tornei a deslocar o estojo e coloquei-o no chão à minha frente. Minhas mãos estavam trêmulas, e eu temia pegar o livro encerrado lá dentro quase tanto quanto eu o desejava — e me sentia compelido a pegá-lo. Aos poucos eu havia compreendido o que haveria de encontrar, e a revelação quase paralisou minhas faculdades. Se a coisa estivesse lá — e se eu não estivesse sonhando —, as implicações estariam muito além do que o espírito humano pode suportar. O que mais me atormentava era a incapacidade momentânea de perceber que o cenário ao meu redor fazia parte de um sonho. O sentimento era atroz — e torna a se manifestar sempre que recordo a cena.

Por fim retirei o livro do estojo com as mãos ainda trêmulas e examinei fascinado os conhecidos hieróglifos estampados na capa. Parecia estar em ótimas condições, e as letras curvilíneas do título puseram-me em um estado quase hipnótico, como se eu fosse capaz de compreendê-los. Na verdade, não posso jurar que eu não os tenha lido em algum pavoroso acesso temporário a memórias sobrenaturais. Não sei quanto tempo se passou antes que eu me atrevesse a abrir a fina capa metálica. Eu postergava e inventava desculpas. Tirei a lanterna da boca e a desliguei para economizar as baterias. Então, no escuro, reuni minha coragem — e enfim abri a capa sem acender a lanterna. Por último, projetei um breve facho de luz sobre a página exposta — mas não antes de

me preparar para suprimir qualquer som a despeito do que eu pudesse encontrar.

Olhei por um instante e por pouco não desabei. Rangendo os dentes, no entanto, consegui manter silêncio. Deixei-me cair no chão e levei a mão à testa em meio às trevas que me cercavam. O que eu temia e esperava estava lá. Ou eu estava sonhando, ou o tempo e o espaço haviam se transformado em uma zombaria. Eu devia estar sonhando — mesmo assim, resolvi testar o horror levando aquela coisa de volta para mostrá-la ao meu filho, caso fosse de fato uma realidade concreta. Meus pensamentos rodopiavam a uma velocidade pavorosa, ainda que não houvesse nenhum objeto visível na escuridão ininterrupta ao meu redor. Ideias e imagens de terror absoluto — despertadas pelas possibilidades que o meu relance havia aberto — assoberbaram-me e embotaram-me os sentidos.

Pensei nas possíveis marcas na poeira e estremeci ao escutar o som da minha própria respiração enquanto pensava. Mais uma vez acendi a lanterna por um breve instante e olhei para a página como a vítima de uma serpente olha para os olhos e as presas do algoz. Então, com dedos trêmulos, no escuro, fechei o livro, guardei-o no estojo e fechei a tampa e o curioso gancho do fecho. Era aquilo o que eu precisava levar de volta para o mundo exterior, se realmente existisse — se o abismo realmente existisse — se eu e o mundo inteiro realmente existíssemos.

O momento exato em que me pus de pé e comecei a caminhada de volta não pode ser determinado. Parece-me estranho — e bastante ilustrativo do meu grau de alheamento em relação ao mundo normal — que eu não tenha olhado para o relógio uma única vez durante todas aquelas horas terríveis passadas no subterrâneo. De lanterna em punho, e com o agourento estojo debaixo do braço, me vi andando na ponta dos pés em uma espécie de pânico silencioso ao passar em frente ao abismo de onde o vento soprava e pelas sugestões de marcas à espreita no corredor. Reduzi minha cautela à medida que eu subia os intermináveis aclives, mas não pude afastar por completo uma sombra de apreensão que eu não havia sentido na jornada em direção ao fundo.

Eu temia ter de atravessar mais uma vez aquela cripta basáltica mais antiga do que a própria cidade, onde lufadas frias emanavam de profundezas entregues aos próprios desígnios. Pensei naquilo que a Grande

Raça havia temido, e no que ainda podia estar à espreita — ainda que em uma forma débil ou moribunda — lá no fundo. Pensei nas possíveis marcas com cinco círculos e no que os sonhos haviam me dito a respeito dessas marcas — e nos estranhos ventos e assovios que as acompanhavam. E pensei nas histórias dos aborígenes modernos, em que o horror dos grandes ventos e das ruínas subterrâneas inomináveis era um elemento recorrente.

Graças a um símbolo entalhado em uma parede, eu sabia a que nível me dirigir, e por fim cheguei — depois de passar pelo outro livro que eu havia examinado — ao vasto espaço circular com o entroncamento das arcadas. À minha direita, reconhecível de imediato, estava o arco por onde eu havia chegado. Mais uma vez o atravessei, ciente de que o restante do trajeto seria mais árduo por conta do estado precário da cantaria no exterior do arquivo central. Meu novo fardo encerrado no estojo de metal pesava em minhas costas, e comecei a sentir uma dificuldade cada vez maior de manter-me em silêncio enquanto tropeçava em toda sorte de destroços e fragmentos.

Então cheguei ao monte de escombros que tocava o teto, onde eu havia franqueado uma estreita passagem. Meu pavor ao pensar em me contorcer mais uma vez até o outro lado mostrou-se infinito; pois a passagem inicial havia feito algum barulho, e naquele instante — depois de ver as terríveis marcas — eu temia fazer barulho acima de qualquer outra coisa. E o estojo agravava o problema de atravessar o estreito túnel. Mesmo assim, escalei a barreira da melhor forma possível e empurrei o estojo à minha frente através da abertura. Então, com a lanterna na boca, impeli o meu próprio corpo para a frente — novamente rasgando as costas nas estalactites. Quando tentei pegá-lo mais uma vez, o estojo caiu pela encosta de entulho, provocando um clangor inquietante e despertando ecos que me fizeram suar frio. Precipitei-me em direção ao objeto no mesmo instante e consegui recuperá-lo sem nenhum outro som — mas no instante seguinte o deslocamento dos blocos sob os meus pés causou estrondos sem precedentes.

Esses estrondos foram a minha ruína. Afinal, fosse em sonho ou na realidade, ouvi em resposta sons terríveis que vinham de algum lugar longínquo às minhas costas. Imaginei ter ouvido um assovio estridente, distinto de todos os sons terrestres e além de qualquer descrição verbal

adequada. Pode ter sido apenas a minha imaginação. Nesse caso, o que veio a seguir foi uma ironia macabra — uma vez que, não fosse pelo terror inspirado por essa primeira coisa, a segunda talvez jamais acontecesse.

Da maneira como foi, meu frenesi era absoluto e incontido. Depois de pegar a lanterna com a mão e me agarrar debilmente ao estojo, corri e saltei adiante sem nenhuma ideia na cabeça a não ser um desejo ardente de sair daquelas ruínas de pesadelo para o mundo desperto de luar e deserto vários níveis acima. Mal percebi quando cheguei à montanha de escombros que assomava rumo à vasta escuridão além do teto desabado, e me bati e me cortei repetidas vezes durante a fuga, enquanto subia pela encosta íngreme repleta de blocos e fragmentos afiados. Então veio o grande desastre. Meus pés escorregaram no exato instante em que eu atravessava o cume às cegas, despreparado para a súbita descida logo à frente, e assim me vi no meio de uma violenta avalanche de cantaria maciça, cujo estrondo digno de uma canhonada rasgou o ar negro da caverna com uma ensurdecadora série de reverberações que fez a terra estremecer.

Não me lembro de emergir desse caos, mas um fragmento momentâneo de consciência sugere que corri, cambaleei e tropecei ao longo da passagem em meio ao clamor — com o estojo e a lanterna ainda nas mãos. Quando me aproximei da primordial cripta de basalto que tanto me apavorava a loucura absoluta se instaurou, pois quando os ecos da avalanche silenciaram eu escutei uma repetição daquele terrível assovio alienígena que eu já imaginava ter ouvido antes. Dessa vez não havia margem para dúvidas — e, o que era pior, o assovio saía de um ponto não às minhas costas, mas *à minha frente*.

Devo ter gritado. Tenho uma vaga recordação de correr pela infernal cripta basáltica das Coisas Ancestrais e de ouvir aquele maldito som alienígena assoviando pela porta escancarada que se abria para as infundáveis trevas subterrâneas. Havia também um vento — não apenas uma brisa fria e úmida, mas uma rajada violenta e constante que soprava com frigidez e selvageria do pélago abominável onde os assovios obscenos se originavam.

Tenho lembranças de saltar e avançar sobre obstáculos dos mais variados tipos enquanto a torrente de vento e som estridente ganhava in-

tensidade a cada momento e parecia retorcer-se de propósito ao meu redor enquanto investia contra mim desde os abismos às minhas costas e sob os meus pés. Mesmo estando às minhas costas, o vento tinha a singular capacidade de dificultar o meu progresso em vez de ajudá-lo, agindo como um nó de correr ou um laço jogado ao meu redor. Sem perceber o barulho que eu fazia, subi uma enorme barreira de blocos e mais uma vez cheguei à estrutura que conduzia de volta à superfície. Lembro-me de vislumbrar a arcada que dava para a sala de máquinas e de abafar um grito quando vi a rampa que descia em direção a um daqueles alçapões blasfemos que devia estar escancarado dois níveis abaixo. Mas em vez de gritar repeti várias vezes para mim mesmo que tudo não passava de um sonho do qual eu logo haveria de acordar. Talvez eu estivesse no acampamento — talvez na minha casa em Arkham. Com a sanidade fortalecida por essas esperanças, comecei a subir a rampa em direção ao nível superior.

Eu sabia que teria de reatransversar a fissura de um metro e vinte, mas estava demasiado aflito por outros temores e só percebi a totalidade do horror quando eu estava prestes a encontrá-lo. Na descida, o salto havia sido fácil — mas será que eu conseguiria vencer a falha com a mesma destreza na subida, e além do mais prejudicado pelo medo, pela exaustão, pelo peso do estojo metálico e pela atração sobrenatural exercida por aquele vento demoníaco? Pensei nessas coisas apenas no último instante, e pensei também nas entidades sem nome que poderiam estar à espreita nos abismos negros abaixo do despenhadeiro.

Minha lanterna frenética começava a dar sinais de fraqueza, mas por conta de alguma memória obscura eu pressenti a proximidade da fissura. As rajadas gélidas e estridentes e os assovios nauseantes às minhas costas funcionaram naquele instante como um opiáceo misericordioso, embotando a minha imaginação ao horror do abismo diante logo à frente. Então percebi novas rajadas e assovios *na minha frente* — marés de abominação que saíam pela fissura vindas de profundezas inimaginadas e inimagináveis.

Foi nesse momento que a mais pura essência dos pesadelos se abateu sobre mim. A sanidade se esvaiu — e, ignorando tudo a não ser o impulso animal da fuga, simplesmente me arrojéi rumo à superfície em meio aos escombros da rampa como se o abismo sequer existisse. Quan-

do percebi a borda do precipício, investi todas as reservas de força que eu ainda possuía em um salto frenético, porém no mesmo instante fui apanhado em um redemoinho pandemônico de sons abomináveis e escuridão absoluta e materialmente tangível.

Esse foi o fim da minha experiência, até onde consigo lembrar. Quaisquer impressões ulteriores pertencem unicamente ao domínio do delírio fantasmagórico. Sonho, loucura e memória se fundiram em uma série de alucinações fantásticas e fragmentárias que não podem manter nenhum tipo de relação com a realidade. Houve uma queda odiosa por léguas incalculáveis de uma escuridão viscosa e senciente, e uma babel de ruídos totalmente estranhos a tudo o que sabemos sobre a Terra e a vida orgânica em nosso planeta. Sentidos dormentes e rudimentares pareceram despertar no meu âmago, sugerindo abismos e vácuos povoados por horrores flutuantes que levavam a penhascos desprovidos de sol e a oceanos e cidades fervilhantes com torres basálticas sem janelas, onde nenhuma luz jamais brilhava.

Segredos do planeta primordial e de éons imemoriais passaram pela minha cabeça sem a ajuda da visão ou da audição, e assim eu soube de coisas que nem os meus sonhos mais desvairados haviam sequer insinuado. O tempo inteiro os dedos frios do vapor úmido me agarravam e me cutucavam, e aqueles odiosos e quiméricos assovios gritavam como demônios por cima da babel e do silêncio que se alternavam nos redemoinhos de escuridão ao redor.

A seguir tive visões da cidade ciclópica dos meus sonhos — não em ruínas, mas tal como eu a havia sonhado. Eu estava mais uma vez no meu corpo cônico e inumano, misturado a multidões de indivíduos da Grande Raça e a mentes cativas que carregavam livros de um lado para o outro nos corredores espaçosos e nas enormes rampas. No entanto, por cima dessas imagens surgiam clarões momentâneos de uma consciência não visual que envolvia batalhas desesperadas, de embates para se libertar dos tentáculos preênses de um vento assoviante, de um voo insano como o de um morcego através do ar semissólido, de uma fuga desesperada pela escuridão vergastada por ciclones e de tropeços e cambaleios frenéticos na cantaria desabada.

Em certo momento houve um clarão bastante singular e intrusivo de uma semivisão — a suspeita tênue e difusa de uma radiância azulada

muito acima de mim. Depois veio um sonho em que eu escalava e me arrastava enquanto era perseguido pelo vento — em que eu me contorcía sob um luar sardônico através de uma pilha de entulho que deslizava e desabava atrás de mim no meio de um mórbido furacão. Foi a pulsação maligna e monótona do luar enlouquecedor que por fim marcou o meu retorno ao que eu outrora havia conhecido como o mundo real e objetivo.

Eu me arrastava de bruços pelas areias do deserto australiano, e ao meu redor uivava um tumulto de ventos como eu jamais tinha conhecido na superfície do nosso planeta. Minhas roupas estavam em farrapos, e todo o meu corpo era uma massa de batidas e arranhões. Minha consciência retornou muito devagar, e em nenhum momento eu soube dizer com certeza em que ponto minhas verdadeiras memórias haviam dado lugar aos sonhos delirantes. Parecia ter havido uma pilha de blocos titânicos, um abismo mais abaixo, uma monstruosa revelação do passado e um horror digno de um pesadelo no fim — mas quanto seria real? Minha lanterna tinha desaparecido, assim como qualquer estojo de metal que eu pudesse ter descoberto. Teria havido um estojo — ou um abismo — ou um monte? Com a cabeça erguida, olhei para trás e vi apenas as estéreis areias ondulantes do deserto.

O vento demoníaco amainou, e a tímida lua fungoide afundou na vermelhidão a oeste. Pus-me de pé e comecei a cambalear rumo ao sudoeste, na direção do acampamento. O que havia acontecido comigo na realidade? Será que eu tinha apenas sofrido um colapso no deserto e arrastado um corpo assolado por sonhos inquietantes ao longo de quilômetros de areia e blocos soterrados? De outra forma, como eu poderia continuar vivendo? Nessa nova dúvida, toda a minha fé na irreabilidade nascida dos mitos e surgida nas minhas visões dissolveu-se mais uma vez na antiga dúvida infernal. Se aquele abismo era real, então a Grande Raça era real — e as blasfêmias de ensinamentos e capturas no vórtice cósmico do tempo não seriam mitos ou pesadelos, mas uma realidade terrível e avassaladora.

Será que eu havia, na realidade atroz, visitado o mundo pré-humano de cento e cinquenta milhões de anos atrás naqueles dias obscuros e enigmáticos de amnésia? Será que o meu corpo presente havia servido como veículo para uma medonha consciência alienígena egressa dos pa-

leogêneos abismos do tempo? Será que eu, como mente cativa daqueles horrores rastejantes, teria de fato conhecido a amaldiçoada cidade de pedra na época do apogeu primordial e me arrastado por aqueles vastos corredores na forma abominável do meu captor? Seriam aqueles sonhos torturantes de mais de vinte anos o resultado de atrozes e monstruosas *memórias*? Teria eu efetivamente conversado com mentes oriundas dos mais inalcançáveis confins do espaço e do tempo, aprendido os segredos do universo, passados e futuros, e escrito os anais do meu próprio mundo para os estojos metálicos daquele arquivo titânico? E seriam aqueles outros — aquelas horrendas Coisas Ancestrais dos ventos enlouquecedores e dos assovios demoníacos — na verdade uma ameaça remanescente à espreita, aguardando e definhando em abismos negros enquanto as mais variadas formas de vida desenvolviam-se em ciclos multimilenares na superfície de um planeta devastado pelos éons?

Não sei. Se aquele abismo e os horrores que encerrava forem reais, não resta esperança. Neste caso, seria uma verdade incontestável que sobre o mundo da humanidade paira uma incrível e zombeteira sombra vinda do tempo. Graças ao destino misericordioso, não existe nenhuma prova de que essas coisas sejam mais do que novas fases em meus sonhos nascidos de mitos. Eu não trouxe de volta o estojo metálico que serviria de prova, e até agora os corredores subterrâneos tampouco foram encontrados. Se as leis do universo forem bondosas, jamais serão encontrados. Mesmo assim, preciso contar ao meu filho o que vi ou imagino ter visto, e permitir que use o próprio juízo como psicólogo para avaliar a realidade da minha experiência e transmitir meu relato a outras pessoas.

Afirmar que a espantosa realidade por trás dos meus tormentosos anos oníricos depende, em caráter absoluto, da realidade do que julguei ter visto naquelas ruínas ciclópicas soterradas. Foi difícil para mim registrar por escrito essa revelação crucial, embora nenhum leitor tenha deixado de adivinhá-la. É claro que a revelação estava no livro encerrado no estojo metálico — o estojo que retirei do covil esquecido em meio à poeira intocada de um milhão de séculos. Nenhum olhar tinha visto, nenhuma mão havia tocado aquele livro desde a chegada do homem a este planeta. Mesmo assim, quando acendi a lanterna sobre a página no pavoroso abismo megalítico, percebi que as letras de estranha pigmentação

impressas sobre as frágeis páginas de celulose escurecidas pelos éons na verdade não eram hieróglifos inominados que remontavam à juventude da Terra. Eram apenas as letras do nosso alfabeto, traçando palavras da língua inglesa na minha própria caligrafia.



O Sabujo

∴

The Hound (1922)

Weird Tales (fev. 1924)

Este conto particularmente arrepiante veio da inspiração em viagem que Lovecraft fez com Rheinhart Kleiner à Igreja Reformada Holandesa do século XVIII na Flatbush Avenue, no Brooklyn — e ao seu cemitério adjacente, cheio de marcadores que datam de meados de 1700. Enquanto estava lá, Lovecraft pegou um pedaço de um dos marcadores; e levou-o a pensar nas possibilidades de uma trama de história em que um vingativo habitante da tumba, ressentindo-se de um ato semelhante de levar souvenir, rasteja sepultura afora para perseguir o profanador. Essa ideia da história o levou diretamente a “O sabujo”.

A execução de Lovecraft aqui é rica em excesso melodramático, e essa foi claramente uma decisão estilística da parte dele. S.T. Joshi, em “I Am Providence”, chama a história de “uma autoparódia óbvia” e ele pode estar certo; mas também pode ser que Lovecraft estivesse experimentando, com simplicidade, uma ferramenta literária, ou possa ser que ele mesmo estivesse apenas se divertindo.



Nos meus ouvidos torturados soa, como em um pesadelo, um tinido e um pulsar perpétuos, e o tênue e distante latido de um cão gigantesco. Não se trata de um sonho — não se trata nem mesmo, eu temo, de loucura — pois já me aconteceram coisas demais para que eu pudesse ter o benefício dessas dúvidas. St. John é um cadáver mutilado; só eu sei o motivo, e esse conhecimento faz com que meu cérebro esteja sempre à beira de explodir por medo que eu possa ser mutilado da mesma forma. Pelos corredores escuros e ilimitados de uma fantasia ancestral vaga a nênese negra e informe que me conduz à autoaniquilação.

Que os céus perdoem a loucura e a morbidez que nos conduziu a um destino tão monstruoso! Fartos dos lugares-comuns de um mundo prosaico, onde até mesmo as alegrias do romance e da aventura em pouco tempo se deterioram, St. John e eu seguíamos com entusiasmo todo movimento estético e intelectual que promettesse algum alívio ao nosso tédio devastador. Os enigmas dos simbolistas e os êxtases dos pré-rafaelitas pertenceram-nos cada um a seu tempo, mas toda nova moda logo esgotava o divertimento proporcionado por sua novidade e apelo. Somente a filosofia sombria dos decadentistas conseguia nos cativar, mas mesmo esta exercia sua potência sobre nós unicamente por intensificar de um modo profundo e gradual o diabolismo da nossa compreensão. Baudelaire e Huysmans logo exauriram seu apelo, até que nos restaram apenas os estímulos mais diretos das experiências e aventuras contrárias à natureza. Foi essa assustadora necessidade emocional que nos levou por fim àquele detestável percurso que, pelo medo que atualmente sinto, menciono com vergonha e timidez — aquele horrendo extremo de ultraje à humanidade, a prática abominável da violação de sepulturas.

Não posso revelar os detalhes das nossas repugnantes expedições, nem catalogar sequer em parte os troféus que adornavam o museu inclassificável que preparamos na grande casa de pedra onde ambos residíamos, sós e sem criadagem. Nosso museu era um lugar blasfemo e impensável, onde, com o gosto satânico dos virtuosos neuróticos, reunimos um universo de terror e decomposição para excitar nossas sensibilidades saturadas. Era um recinto secreto, no subsolo profundo; no qual imensos demônios alados esculpidos em basalto e ônix vomitavam es-

pectrais luzes verdes e alaranjadas de suas bocas escancaradas, e tubos pneumáticos ocultos faziam ondular em caleidoscópicas danças da morte as fileiras de rubras criaturas de além-túmulo, que entrelaçavam suas mãos em volumosos reposteiros negros. Através dessa tubulação chegavam-nos os aromas que mais apeteçiam aos nossos humores; às vezes o perfume de pálidos lírios fúnebres, às vezes o incenso narcótico de imaginários mausoléus orientais em honra a reis defuntos, e outras vezes — como estremeço ao lembrar disso! — o pavoroso e aviltante fedor de sepulturas expostas.

À volta das paredes dessa câmara repulsiva havia esquifes de múmias antigas alternados com atraentes corpos de aspecto vívido, perfeitamente empalhados e embalsamados pela arte da taxidermia, e com lápides furtadas dos mais antigos cemitérios da terra. Nichos aqui e ali continham caveiras de todas as formas e cabeças conservadas em vários estágios de dissolução. Ali podiam-se encontrar os crânios apodrecidos e calvos de nobres famosos e os frescos e radiantes cachos dourados de crianças recém-sepultas. Havia estátuas e pinturas, todas com temas infernais, algumas executadas por St. John e por mim. Um portfólio chaveado, encadernado em pele humana curtida, continha certos desenhos desconhecidos e indescritíveis, que se dizia terem sido perpetrados por Goya, que no entanto não ousava reconhecê-los como seus. Havia nauseabundos instrumentos musicais, de corda, metais e sopro, nos quais St. John e eu às vezes produzíamos dissonâncias de refinada morbidez e cacodemoníaco horror; enquanto numa multidão de gabinetes de ébano engastado repousava a mais incrível e inimaginável variedade de butins funéreos jamais reunida pela loucura e a perversidade humana. É desse butim em particular que não devo falar — quisera Deus eu tivesse a coragem de destruí-lo muito antes de pensar em destruir a mim mesmo.

As excursões predatórias em que coletávamos nossos tesouros indizíveis eram sempre eventos artisticamente memoráveis. Nós não éramos necrófilos vulgares, pois trabalhávamos somente sob certas condições de humor, cenário, ambiente, clima, estação e claridade lunar. Esse passatempo era para nós a mais refinada forma de expressão estética, e conferíamos aos seus detalhes um elaborado apuro técnico. Um horário inapropriado, um efeito luminoso desarmônico ou uma manipulação canhestra do terreno úmido, destruiria em sua quase totalidade aquele

nosso gozo extático que se seguia à exumação de algum aziago e lúgubre segredo da terra. Nosso afã por cenários inéditos e condições excitantes era febril e insaciável — St. John era sempre o líder, e foi ele quem no fim abriu o caminho àquele local debochado e maldito que provocou nossa horrível e inevitável condenação.

Que fatalidade maligna nos atraiu para aquele terrível cemitério holandês? Acho que foram certos boatos e lendas sombrios, histórias de alguém sepultado há cinco séculos, que fora ele próprio um violador de sepulturas em sua época e havia roubado um objeto de poder de um imponente sepulcro. Ainda consigo me lembrar do cenário desses momentos finais — a pálida lua de outono sobre as tumbas, projetando longas e horríveis sombras; as árvores grotescas, pendendo lugubrememente até tocar a grama em abandono e as lápides em desagregação; as vastas legiões de bizarros morcegos colossais que esvoaçavam contra a lua; a antiga igreja coberta de heras apontando um imenso dedo espectral para o céu lívido; os insetos fosforescentes que dançavam como fogos-fátuos sob os teixos num canto mais afastado; os odores de mofo, mato e coisas menos explicáveis, que se misturavam debilmente aos odores que o vento noturno trazia de pântanos e mares distantes; e, pior do que tudo, o longínquo e grave ladrar de algum cão gigantesco, que não podíamos ver nem situar com precisão. Quando ouvimos essa sugestão de latido estremecemos, recordando os casos contados pelos camponeses; pois aquele que buscávamos havia sido encontrado séculos antes naquele mesmíssimo local, dilacerado e mutilado pelas garras e presas de alguma besta indescritível.

Lembro-me de termos revolvido a sepultura desse violador de tumbas com nossas pás, e de nos excitarmos pelo quadro que nós próprios compúnhamos, juntamente com o sepulcro, a pálida lua vigilante, as sombras horríveis, as árvores grotescas, os morcegos titânicos, a antiga igreja, a dança dos fogos-fátuos, os odores nauseabundos, o lamento suave do vento da noite e o estranho ladrar entreouvido, que provinha de alguma direção ignota e de cuja existência objetiva mal podíamos ter certeza. Então atingimos uma substância mais dura do que o húmus úmido, e contemplamos uma caixa oblonga apodrecida, incrustada de depósitos minerais daquele solo por tanto tempo imperturbado. Era incrivelmente rude e espessa, mas tão velha que a custo conseguimos abri-

la com um pé de cabra, e então banquetemos nossos olhos com seu conteúdo.

Restava muito — surpreendentemente — do objeto em questão, a despeito do intervalo de quinhentos anos. O esqueleto, embora triturado em alguns pontos pelas mandíbulas da criatura que o havia matado, mantinha-se coeso com notável firmeza, e nós nos rejubilamos pela caveira alva com seus dentes longos e sólidos e suas órbitas vazias que um dia haviam se incendiado por uma febre funérea como a nossa. No caixão jazia um amuleto de traços curiosos e exóticos, que parecia ter cingido o pescoço do morto. Ele ostentava a figura estranhamente estilizada de um cão de caça alado pronto para o bote, ou uma esfinge de face semicanina, e era primorosamente lavrado no estilo da antiguidade oriental numa pequena peça de jade verde. A expressão de suas feições era repelente ao extremo, evocando ao mesmo tempo morte, bestialidade e malevolência. Em torno da base havia uma inscrição em caracteres que nem St. John nem eu pudemos identificar; e na parte de baixo, como um selo de fabricante, estava esculpida uma grotesca e formidável caveira.

Quando pusemos os olhos nesse amuleto, imediatamente soubemos que deveríamos possuí-lo; que esse tesouro, por si só, era pela lógica o nosso butim daquela cova centenária. Mesmo que seus traços fossem desconhecidos, nós o teríamos desejado, mas quando o examinamos mais atentamente, vimos que ele não nos era inteiramente estranho. Era inegável que a joia era alheia a toda arte e literatura com que um leitor são e equilibrado tivesse familiaridade, mas nós reconhecemos nela algo aludido pelo banido *Necronomicon*, do louco árabe Abdul Alhazred; o espectral símbolo anímico do culto necrofágico da inacessível Leng, na Ásia Central. Pudemos encontrar com perfeição os sinistros contornos descritos pelo velho demonologista árabe; contornos, segundo ele escreveu, traçados a partir de alguma obscura manifestação sobrenatural das almas dos que assediavam e devoravam os mortos.

Depois de nos apoderarmos do objeto de jade verde, lançamos um último olhar sobre a face descorada e de órbitas cavernosas do seu possuidor e fechamos a sepultura, deixando-a como a havíamos encontrado. Ao sairmos às pressas daquele local abominável, com o amuleto roubado no bolso de St. John, pensamos ter visto os morcegos descerem como um só corpo até a terra que havíamos tão recentemente pilhado,

como se estivessem em busca de algum alimento maldito e profano. Mas o luar de outono era fraco e pálido, e por isso não pudemos ter certeza. Além disso, quando no dia seguinte zarpamos da Holanda para a nossa terra, pensamos ter ouvido o distante ladrar de algum cão gigantesco ao fundo. Mas o vento do outono gemia triste e vago, e não pudemos ter certeza.

II

Menos de uma semana depois do nosso retorno à Inglaterra, estranhas coisas começaram a acontecer. Nós vivíamos como reclusos, desprovidos de amigos, solitários e sem criados, em alguns aposentos de uma antiga mansão sobre um pântano lúgubre e pouco frequentado; de forma que nossas portas raramente eram perturbadas pelas batidas de visitantes. Agora, porém, éramos incomodados pelo que pareciam ser frequentes tateios na noite, não apenas em volta das portas, mas também das janelas, tanto as inferiores quanto as superiores. Uma vez tivemos a impressão de que um grande corpo opaco escureceu a janela da biblioteca enquanto a lua brilhava através dela, e em outra ocasião pensamos ter ouvido o som de um chiado ou do bater de algo não longe dali. Em cada uma dessas ocasiões a investigação não revelou nada, por isso começamos a atribuir as ocorrências unicamente à imaginação — aquela mesma imaginação perturbada que ainda prolongava em nossos ouvidos o longínquo latido que pensamos ter ouvido no cemitério holandês. O amuleto de jade agora repousava em um nicho em nosso museu, e às vezes queimávamos velas exoticamente perfumadas diante dele. Lemos muito no *Necronomicon* de Alhazred sobre suas propriedades, e sobre a relação das almas dos necrófagos com os objetos que as simbolizavam; e sentimo-nos perturbados pelo que lemos. Então o terror chegou.

Na noite de 24 de setembro de 19__, ouvi uma batida na porta do meu quarto. Pensando que fosse St. John, mandei que entrasse, porém recebi como resposta apenas um riso agudo. Não havia ninguém no corredor. Quando despertei St. John de seu sono, ele jurou ignorar totalmente o evento, e ficou tão preocupado quanto eu. Foi naquela noite que o tênue e distante latido sobre o pântano tornou-se para nós uma

indubitável e temida realidade. Quatro dias depois, quando ambos nos encontrávamos no museu oculto, chegou-nos um raspar baixo e cauteloso na única porta que dava para a escada secreta da biblioteca. Ficamos duplamente alarmados, pois além do nosso medo do desconhecido, sempre nutrimos o temor de que nossa horrenda coleção pudesse ser descoberta. Depois de apagar todas as luzes, aproximamo-nos da porta e a abrimos de súbito; nesse momento sentimos uma inexplicável corrente de ar, e ouvimos, como se retrocedesse a certa distância, uma bizarra combinação de sussurros, risos e conversa articulada. Se estávamos loucos, sonhando ou conscientes, não tentamos determinar. Apenas constatamos, com a mais negra das apreensões, que a conversa aparentemente incorpórea era sem qualquer dúvida *em idioma holandês*.

Depois disso, passamos a viver em crescente horror e fascinação. Apegamo-nos principalmente à teoria de que estávamos enlouquecendo juntos em consequência de nossa vida de excitações desnaturadas, mas por vezes era-nos mais aprazível dramatizar nossa própria condição como vítimas de alguma condenação arrepiante e desesperadora. Manifestações bizarras eram agora frequentes demais para que pudéssemos contá-las. Nossa casa solitária parecia animada pela presença de algum ser maligno, cuja natureza não podíamos determinar, e a cada noite aquele ladrar demoníaco que pairava sobre o pântano varrido pelo vento tornava-se progressivamente mais alto. Em 29 de outubro descobrimos na terra fofa sob a janela da biblioteca uma série de pegadas completamente impossíveis de descrever. Eram tão desconcertantes quanto as hordas de grandes morcegos que assombravam a velha mansão em quantidade crescente e sem precedentes.

O horror chegou ao seu auge em 18 de novembro, quando St. John, enquanto caminhava da distante estação ferroviária para casa após escurecer, foi apanhado por alguma pavorosa criatura carnívora e feito em trapos. Seus gritos chegaram até a casa, e eu corri até o cenário terrível a tempo de ouvir um bater de asas e ver uma vaga silhueta nebulosa e negra recortada contra a lua nascente. Meu amigo estava morrendo quando falei com ele, e não foi capaz de me responder com coerência. Conseguia apenas sussurrar: “O amuleto... aquela coisa maldita...”. Então ele ruiu, uma massa inerte de carne dilacerada.

Sepultei-o à meia-noite seguinte, em um dos nossos descuidados jardins, e murmurei sobre seu corpo um dos rituais diabólicos que ele havia amado em vida. E quando pronunciei a última sentença demoníaca, ouvi no pântano distante o tênue latido de um cão gigantesco. A lua havia nascido, mas não ousei olhar para ela. E quando vi no pântano fracamente iluminado uma grande sombra nebulosa, saltando de um monte a outro, fechei meus olhos e atirei-me com o rosto para baixo sobre o solo. Quando me levantei tremendo, não sei quanto tempo depois, cambaleei para dentro da casa e prestei repugnantes homenagens diante do santuário com o amuleto de jade verde.

Agora temeroso de viver sozinho na antiga casa junto ao pântano, parti para Londres no dia seguinte, levando comigo o amuleto, depois de destruir pelo fogo e o sepultamento o que restava da herética coleção do museu. Porém, após três noites eu ouvi novamente o latido, e antes que a semana se acabasse senti que olhos estranhos se fixavam em mim sempre que estava escuro. Certa noite, quando eu caminhava pelo Victoria Embankment para suprir a necessidade de tomar ar, vi um perfil negro obscurecer um dos reflexos das lâmpadas na água. Um vento mais forte que a brisa noturna passou por ali, e eu soube que aquilo que havia caído sobre St. John em breve cairia sobre mim.

No dia seguinte eu embrulhei com cuidado o amuleto de jade verde e zarpei para a Holanda. Que misericórdia eu poderia obter por devolver o objeto ao seu silencioso proprietário adormecido eu não sabia; mas senti que deveria ao menos tentar qualquer passo concebivelmente lógico. O que era aquele cão, e por que ele me perseguia, eram questões ainda vagas; mas eu havia escutado o latido pela primeira vez no adro daquela antiga igreja, e todos os eventos subsequentes, incluindo o sussurro agonizante de St. John, haviam contribuído para ligar a maldição ao roubo do amuleto. Compreensivelmente, mergulhei nos abismos mais profundos do desespero quando, numa hospedaria em Roterdã, descobri que ladrões haviam me despojado do meu único meio de salvação.

O latido soou alto naquela noite, e pela manhã eu li sobre um fato indescritível no bairro mais torpe da cidade. O populacho estava aterroizado, pois sobre um cortiço malsão havia se abatido uma morte rubra que suplantava o mais abjeto crime cometido anteriormente naquelas vi-

zinhanças. Em um esqualido covil de ladrões, uma família inteira fora feita em pedaços por uma criatura desconhecida que não deixou vestígios, e os que se encontravam nas imediações ouviram por toda a noite, acima do habitual clamor de vozes ébrias, um som distante, grave e insistente como o ladrar de um cão gigantesco.

Assim, finalmente eu me encontrei naquele pernicioso cemitério, onde uma pálida lua invernal projetava sombras horríveis, e árvores desfolhadas pendiam lugubrememente até tocar a grama gelada e ressequida e as lápides rachadas, e a igreja coberta de heras apontava um dedo zombeteiro para o céu inamistoso, e o vento da noite uivava em desvario sobre pântanos enregelados e mares frígidos. O latido estava muito tênue naquele momento, e cessou por completo quando eu me aproximei da antiga sepultura que eu um dia havia violado e espantei uma horda anormalmente grande de morcegos que pairavam curiosos à volta dela.

Não sei por que motivo fui até lá a não ser para rezar, ou balbuciar insanos rogos e pedidos de desculpas para a silenciosa e alva coisa que jazia em seu interior; mas, qualquer que fosse a minha razão, ataquei o terreno parcialmente congelado com um desespero que era em parte meu e em parte de uma vontade dominadora que me era exterior. A escavação foi muito mais fácil do que eu esperava, porém em certo momento eu enfrentei uma insólita interrupção, pois um esguio abutre desceu do céu frio e bicou freneticamente a terra da sepultura, até que eu o matei com um golpe da minha pá. Por fim, atingi a caixa oblonga apodrecida e removi a úmida tampa coberta de salitre. Esse foi o último ato racional que executei em minha vida.

Pois agachado dentro daquele caixão centenário, envolto por um cortejo de pesadelo formado por imensos e vigorosos morcegos adormecidos, estava a criatura óssea que meu amigo e eu havíamos roubado; não limpa e plácida como a víamos então, mas coberta de sangue coagulado e retalhos de carne e cabelos alheios, olhando-me de esguelha numa atitude senciente, com órbitas fosforescentes e aguçadas presas ensanguentadas expostas em um esgar retorcido, como se zombasse da minha inevitável condenação. E quando aquelas mandíbulas arreganhadas emitiram um grave e sardônico latido, como o de algum cão gigantesco, e eu vi que em suas garras sangrentas e imundas ele segurava o malfadado amuleto de jade verde perdido, simplesmente gritei e fugi

correndo como um idiota, e meus gritos logo se dissolveram numa salva de gargalhadas histéricas.

A loucura cavalga o vento das estrelas... garras e dentes aguçados cravados sobre centúrias de cadáveres... a morte gotejante escarranchada em um bacanal de morcegos saídos das ruínas retintas dos templos soterrados de Belial... Neste momento, à medida que o ladrar daquela monstruosidade morta e descarnada se torna cada vez mais alto, e o furtivo zumbido e bater de asas daqueles malditos círculos alados soa cada vez mais próximo, devo encontrar em meu revólver o oblívio que é meu último refúgio contra aquilo que não tem nome e nem se pode nomear.



A Sombra em Innsmouth

∴

The Shadow Over Innsmouth (1931)

Shadow Over Innsmouth (1936)

A inspiração para esta novela veio de uma viagem a Newburyport, em Massachusetts, que em 1931 perdeu sua glória como centro de construção naval, pesca e comércio.

Na época, Lovecraft estava tentando seguir em frente como homem literário. As rejeições que lhe abateram no início do ano o convenceram de que o que ele estava fazendo não o levaria para onde ele queria estar — de que seus esforços para agradar a dois públicos o haviam condenado à rejeição de ambos, e que, também, um repúdio ao mercado de revistas pulp, uma purificação completa e possivelmente transformação de seu estilo literário eram a sua única solução.

Assim, ele passou novembro e dezembro de 1931 preparando rascunhos experimentais desta história em diferentes estilos. Ele rejeitou todos, um por um. Eventualmente, Lovecraft desistiu e escreveu a história em seu estilo padrão.

O protagonista de “A sombra em Innsmouth”, Robert Olmstead, é, claramente, um dos personagens mais autobiográficos de Lovecraft, um fato

que, dado os eventos da história, deu aos psicanalistas muito o que analisar por anos.



Durante o inverno de 1927–8, agentes do governo federal conduziram uma estranha investigação secreta a fim de averiguar certas condições no antigo porto de Innsmouth, estado de Massachusetts. A investigação só veio a público em fevereiro, quando ocorreu uma série de buscas e prisões, seguida pelo incêndio e pela dinamitação — ambos conduzidos com toda a cautela — de um assombroso número de casas decrepitas, caindo aos pedaços e supostamente vazias ao longo do porto abandonado. Para as almas menos desconfiadas, a ocorrência passou como se fosse apenas um duro golpe desferido no curso de uma convulsiva guerra contra a bebida.

Os que acompanhavam os jornais, no entanto, admiravam-se com o prodigioso número de prisões, o enorme contingente de homens mobilizado para efetuá-las e também com o sigilo que cercava o destino dos prisioneiros. Não se teve notícia de julgamentos nem de acusações; os prisioneiros tampouco foram avistados nos cárceres país afora. Houve rumores vagos sobre uma doença estranha e campos de concentração, e mais tarde falou-se sobre a dispersão dos prisioneiros em instalações navais e militares, mas nada jamais se confirmou. O porto de Innsmouth ficou quase deserto, e até hoje limita-se a dar sinais de uma existência retomada aos poucos.

As reclamações de várias organizações liberais foram recebidas com longos debates sigilosos, e representantes foram enviados a certos campos e prisões. Logo todas essas sociedades adotaram uma postura surpreendente de inércia e silêncio. Os jornalistas não desistiram tão fácil, mas no fim pareciam estar cooperando com as forças governamentais. Apenas um jornal — um tabloide sempre ignorado por conta de políticas radicais — fez menção ao submarino de águas profundas que lançou torpedos contra o abismo marinho logo além do Recife do Diabo. Essa notícia, ouvida por acaso em um reduto de marinheiros, parecia um exa-

gero consumado; pois o negro recife se localiza a mais de dois quilômetros do Porto de Innsmouth.

Pessoas em todo o país e nas cidades vizinhas falavam um bocado entre si, mas diziam muito pouco ao mundo exterior. Havia-se falado sobre o estado moribundo e semiabandonado de Innsmouth por quase meio século, e nenhuma novidade poderia ser mais absurda ou mais medonha do que os sussurros e as insinuações de anos atrás. Vários acontecimentos haviam ensinado os nativos a agir com discrição, e agora não havia motivo para pressioná-los. A verdade é que sabiam muito pouco; pois vastos pântanos salgados, inóspitos e desabitados, separam os habitantes de Innsmouth dos vizinhos no interior do continente.

Mas enfim eu desafiarei a proibição de falar sobre esse assunto. Os fatos, estou certo, são tão contundentes que, salvo o choque da repulsa, nenhum mal à população pode resultar de certos esclarecimentos a respeito do que os investigadores horrorizados descobriram em Innsmouth. Além do mais, a descoberta admite diferentes interpretações. Não sei ao certo quanto da história me foi contado e tenho inúmeras razões para não querer me aprofundar no assunto. Tive contato mais direto do que qualquer outro leigo e recebi impressões que ainda podem me levar a tomar medidas drásticas.

Fui eu que fugi desesperado de Innsmouth nas primeiras horas do dia 16 de julho de 1927, e foram os meus apelos desesperados por investigações e medidas governamentais que precipitaram todo o episódio narrado. Dispus-me a permanecer em silêncio enquanto o assunto ainda era recente e incerto; mas agora que essa antiga história não mais desperta a curiosidade ou o interesse do público, sinto o estranho impulso de falar aos sussurros sobre as horas terríveis que passei naquele malfadado porto à sombra da morte e covil de abominações blasfemas. O simples relato ajuda-me a recobrar a confiança nas minhas faculdades; a convencer-me de que não fui o primeiro a sucumbir perante a alucinação coletiva saída de um pesadelo. Também me ajuda a decidir-me em relação a uma terrível providência que me aguarda no futuro.

Jamais escutei o nome de Innsmouth a não ser no dia antes de vê-la pela primeira — e até agora última — vez. Eu estava comemorando a minha recém-atingida maioridade com uma viagem pela Nova Inglaterra — para fins turísticos, antiquários e genealógicos — e planejava, ao

deixar a antiga Newburyport, seguir viagem até Arkham, a cidade natal de minha família materna. Eu não tinha carro e viajava em trens, bondes e automóveis, sempre buscando a alternativa mais em conta. Em Newburyport, informaram-me de que o trem a vapor era a única maneira de chegar a Arkham; e foi apenas no guichê de bilhetes da estação ferroviária, quando abri uma exceção ao elevado custo da passagem, que eu soube da existência de Innsmouth. O funcionário robusto e de expressão astuta, com um sotaque que o traía como forasteiro, pareceu solidário ao meu esforço econômico e deu-me uma sugestão que ninguém mais havia feito.

“O senhor também pode pegar o *velho ônibus* se quiser”, disse ele um pouco hesitante, “mas já lhe aviso de que não é grande coisa. Ele passa por Innsmouth — talvez o senhor já tenha ouvido alguma coisa a respeito — então as pessoas daqui evitam pegá-lo. O proprietário é um sujeito de Innsmouth, chamado Joe Sargent, mas acho que ele nunca consegue clientes aqui, tampouco em Arkham. Eu nem imagino como esse ônibus ainda existe. Acho que o preço é bom, mas nunca vejo mais do que dois ou três passageiros — ninguém a não ser os habitantes de Innsmouth. Se não houve nenhuma alteração recente nos horários, ele sai da praça, em frente à Hammond’s Drug Store, às dez da manhã e às sete da noite. Parece uma lata-velha — eu mesmo nunca andei naquilo.”

Essa foi a primeira vez que ouvi o nome de Innsmouth, refúgio das sombras. Qualquer referência a uma localidade ausente dos mapas e dos mais recentes guias de viagem teria despertado o meu interesse, e a intrigante alusão feita pelo funcionário provocou algo muito semelhante à curiosidade. Um vilarejo capaz de inspirar tamanho desgosto nas localidades vizinhas deveria ser pelo menos inusitado e digno da atenção de um turista. Se Innsmouth ficasse no meio do caminho até Arkham eu faria uma parada — e assim pedi ao funcionário que me dissesse mais alguma coisa sobre o lugar. Ele foi muito cauteloso e falou com ares de discreta superioridade em relação ao que dizia.

“Innsmouth? Ah, é um vilarejo estranho na foz do Manuxet. Já foi quase uma cidade — um porto e tanto antes da Guerra de 1812 — mas o lugar ficou jogado às traças pelos últimos cem anos. Já não há mais ferrovias — a B&M nunca passou por lá, e o ramal que saía de Rowley foi abandonado uns anos atrás.

“Tem mais casas vazias do que pessoas por lá, eu acho, e não existe um único negócio além dos peixes e das lagostas. Todo mundo vende os produtos aqui, em Arkham ou em Ipswich. Chegaram até a construir algumas fábricas, mas não sobrou nada além de uma refinaria de ouro que mal funciona meio turno.

“A refinaria já foi grande, e o Velho Marsh, o proprietário, deve ser mais rico do que Creso. Ele é um velho estranho que nunca se afasta muito de casa. Dizem que, na velhice, desenvolveu uma doença cutânea ou alguma deformidade que o leva a se esconder. É neto do capitão Obed Marsh, o fundador da empresa. Parece que a mãe dele era estrangeira — uma ilhoa dos Mares do Sul —, então fizeram um grande escândalo quando o capitão desposou uma garota de Ipswich cinquenta anos atrás. Isso sempre acontece com os habitantes de Innsmouth, e as pessoas de lá sempre tentam esconder o sangue que trazem nas veias. Mas para mim os filhos e os netos de Marsh se parecem com qualquer outra pessoa. Às vezes eles vêm até aqui — mas, pensando melhor, os filhos mais velhos não têm aparecido nos últimos tempos. Eu nunca vi o pai.

“Por que todo mundo é tão negativo em relação a Innsmouth? Ora, meu jovem, não leve tão a sério tudo o que dizem por aqui! É difícil fazer as pessoas falarem, mas quando começam elas não param mais. E assim correm boatos sobre Innsmouth — quase sempre aos cochichos — já faz mais de cem anos, eu acho, e até onde sei as pessoas sentem mais medo do que qualquer outra coisa. Certas histórias fariam-no dar boas risadas — coisas sobre o capitão Marsh assinando contratos com o diabo e trazendo diabretes do inferno para viver em Innsmouth, ou sobre seitas satânicas e terríveis sacrifícios descobertos em algum lugar perto do cais por volta de 1845 — mas eu sou de Panton, Vermont, e esse tipo de história não me convence.

“Mas o senhor tem que ouvir o que o pessoal dos velhos tempos fala sobre o recife negro ao largo — o Recife do Diabo, como o chamam. A maior parte do tempo o recife fica acima do nível do mar, e mesmo quando a maré sobe a água mal consegue encobri-lo, mas ainda assim não se poderia chamar aquilo de ilha. Reza a lenda que às vezes legiões inteiras de demônios surgem no recife e espalham-se ao redor — ou ficam entrando e saindo de uma gruta perto do topo. É um terreno irre-

gular, acidentado, a uns dois quilômetros da costa, e nos últimos dias do porto os marinheiros chegavam a fazer grandes desvios só para evitá-lo.

“Ou melhor, os marinheiros que não eram de Innsmouth. Uma das teimas que tinham com o velho capitão Marsh era que às vezes ele insistia em atracar no recife à noite dependendo da maré. Talvez seja verdade, pois eu admito que a formação rochosa parece interessante, e não é impossível que ele tenha procurado e até encontrado um tesouro pirata; mas também falavam em negociações com demônios. O fato é que, no geral, foi o capitão quem deu má fama ao recife.

“Tudo aconteceu antes da grande epidemia de 1846, quando mais da metade da população de Innsmouth foi dizimada. Ninguém descobriu ao certo o que aconteceu, mas deve ter sido alguma doença estrangeira trazida da China ou de algum outro lugar pelos navios. Foi um período difícil — arruaças e todo tipo de coisas sórdidas que provavelmente ninguém de fora imagina — o lugar ficou em condições lamentáveis. Hoje não deve ter mais de trezentas ou quatrocentas pessoas morando por lá.

“O verdadeiro motivo por trás de tudo o que as pessoas sentem é simplesmente um preconceito racial — mas eu não as culpo. Eu mesmo detesto os habitantes de Innsmouth e não me daria o trabalho de ir até o vilarejo. Imagino que o senhor saiba — embora eu perceba o sotaque do Oeste — o quanto os navios aqui da Nova Inglaterra se envolveram com estranhos portos na África, na Ásia, nos Mares do Sul e em toda parte, e também a quantidade de pessoas estranhas que às vezes traziam para cá. Provavelmente o senhor já ouviu falar do homem de Salem que voltou com uma esposa chinesa, e talvez saiba que ainda há ilhéus de Fiji nos arredores de Cape Cod.

“Bem, algo semelhante deve ter acontecido em Innsmouth. Aquele lugar sempre esteve muito isolado do resto do país por pântanos e córregos, e não sabemos muita coisa sobre o que aconteceu por lá; mas é quase certo que o velho capitão Marsh tenha trazido espécimes um tanto singulares quando assinou contratos para os três navios que tinha nos anos vinte e trinta. Sem dúvida, hoje os habitantes de Innsmouth têm traços bastante peculiares — eu não sei explicar direito, mas é uma coisa que faz você sentir arrepios. O senhor vai notar no próprio Sargent se tomar o ônibus. Alguns têm cabeças estreitas com narizes chatos e olhos saltados e arregalados que parecem não piscar jamais; e a pele deles tam-

bém tem algo de errado. É áspera e escamosa, e as laterais do pescoço são ressequidas, ou então enrugadas. Eles também perdem o cabelo ainda muito jovens. Os velhos têm o pior aspecto — e para falar a verdade eu nunca vi alguém muito velho de lá. Imagino que devam todos morrer de tanto se olhar no espelho! Até os animais têm medo — antes dos automóveis, eles tinham problemas constantes com os cavalos.

“Todo mundo daqui, de Arkham e de Ipswich prefere manter distância, e eles também são meio antissociais quando vêm para cá ou quando alguém daqui inventa de pescar nas águas de lá. O mar está sempre repleto de peixes nos arredores do porto de Innsmouth, mesmo quando a pesca é escassa em toda parte — mas tente o senhor pescar lá e veja como o mandam embora! Antes aquela gente vinha para cá de trem — caminhando e pegando o trem em Rowley depois que o ramal foi abandonado —, mas agora eles usam o ônibus.

“Sim, existe um hotel em Innsmouth — chama-se Gilman House — mas não acredito que seja grande coisa. Não aconselho o senhor a arriscar. É melhor ficar por aqui e tomar o ônibus das dez horas amanhã de manhã; e de lá o senhor pode pegar o ônibus das oito da noite e seguir até Arkham. Teve um inspetor que parou no Gilman uns anos atrás e teve umas impressões bem desagradáveis do lugar. Parece que os hóspedes são um tanto esquisitos, porque nos outros quartos, que estavam vazios, o sujeito escutou vozes que lhe gelaram o sangue. Era alguma língua estrangeira, mas ele disse que o pior de tudo era o timbre da voz que às vezes falava. Parecia tão sobrenatural — gorgolejante, segundo disse — que o homem não se atreveu a pôr o pijama e dormir. Simplesmente ficou de pé e fugiu assim que o dia raiou. A conversa durou quase a noite inteira.

“Esse sujeito — Casey era o nome dele — tinha umas quantas histórias sobre como os habitantes de Innsmouth o observavam e pareciam estar de guarda. Também disse que a refinaria de Marsh era um lugar estranho — uma velha instalação ao pé das corredeiras mais baixas do Manuxet. Tudo o que ele disse batia com o que eu já tinha ouvido. Livros em péssimas condições e nenhum indício de transações comerciais. Saiba, a origem do ouro que os Marsh refinam foi sempre um grande mistério. Eles nunca pareciam comprar muito, mas uns anos atrás expediram um enorme carregamento de lingotes.

“Corriam histórias sobre estranhas joias estrangeiras que os marinhos e os homens da refinaria vendiam às escondidas, e que de vez em quando apareciam enfeitando as mulheres da família Marsh. Uns achavam que o capitão Obed as conseguia em algum porto pagão, em especial porque sempre encomendava contas de vidro e outras bugigangas que os homens do mar em geral levavam para o escambo com os nativos. Outros achavam, e ainda acham, que o homem tinha encontrado um baú pirata no Recife do Diabo. Mas tem um detalhe estranho. O capitão morreu há sessenta anos, e desde a Guerra Civil nenhum grande navio zarpou de lá; mesmo assim, os Marsh continuam comprando alguns desses objetos — na maior parte quinquilharias de vidro e de borracha, segundo dizem. Talvez os habitantes de Innsmouth gostem de se enfeitar com aquilo — Deus é testemunha de que acabaram tão degenerados quanto os canibais dos Mares do Sul e os selvagens de Guiné.

“A peste de 46 deve ter acabado com todo o sangue bom do lugar. Seja como for, hoje eles são um povoado suspeito, e os Marsh e as outras famílias ricas são tão ruins quanto os outros. Como eu disse, o lugar deve ter no máximo quatrocentos habitantes, apesar de todas as ruas que dizem haver por lá. Acho que são o que costumam chamar de ‘escória branca’ no Sul — criminosos matreiros, cheios de segredos. A produção de peixes e lagostas é grande e o transporte é feito de caminhão. O mais estranho é que a pesca é farta só lá e em nenhum outro lugar.

“Ninguém consegue dar conta da população, e o trabalho dos servidores públicos e dos recenseadores é um inferno. O senhor também precisa saber que forasteiros enxeridos não são bem-vindos em Innsmouth. Eu mesmo já ouvi falar de mais de um homem de negócios ou funcionário do governo que sumiu por lá, sem contar outro que supostamente enlouqueceu e hoje está no manicômio em Danvers. Devem ter dado um susto e tanto no coitado.

“É por isso que eu não iria à noite se fosse o senhor. Nunca estive lá e não tenho vontade de ir, mas acho que um passeio diurno não poderia fazer mal nenhum — embora as pessoas daqui possam tentar fazê-lo desistir da ideia. Se o senhor está apenas fazendo turismo e procurando peças antigas, Innsmouth pode ser um lugar interessante.”

Assim, passei o fim da tarde na Biblioteca Pública de Newburyport, buscando mais informações a respeito de Innsmouth. Quando tentei fa-

zer perguntas aos nativos nas lojas, no refeitório, nas oficinas mecânicas e no quartel dos bombeiros, descobri que convencê-los a falar era mais difícil do que o funcionário da estação tinha previsto; e percebi que não haveria tempo hábil para vencer essa reticência inicial. Todos pareciam nutrir alguma suspeita obscura, como se existisse algo de errado na demonstração de qualquer interesse relativo a Innsmouth. Na ACM, onde eu estava hospedado, o recepcionista tentou dissuadir-me do passeio a um lugar tão inóspito e decadente; e os funcionários da biblioteca tiveram a mesma atitude. Naturalmente, aos olhos das pessoas cultas, Innsmouth não passava de um caso de degradação cívica levada ao extremo.

Os livros sobre a história do condado do Essex nas prateleiras da biblioteca serviram para pouca coisa além de informar-me que o vilarejo fora fundado em 1643, tivera estaleiros famosos antes da Revolução e firmara-se como uma grande sede de prosperidade marítima no início do século XIX e mais tarde como um centro industrial de segunda ordem às margens do Manuxet. A epidemia e os levantes de 1846 eram mencionados muito de passagem, como se constituíssem um descrédito ao condado.

As referências ao declínio eram poucas, embora a relevância das informações fosse inconfundível. Depois da Guerra Civil a vida industrial ficou restrita à Refinaria Marsh, e o comércio de lingotes de ouro era o único resquício de atividade econômica para além da eterna pesca. A pesca começou a dar cada vez menos dinheiro à medida que os preços caíam e a competição das grandes corporações aumentava, mas jamais houve falta de pescado no porto de Innsmouth. Os estrangeiros raramente se instalavam no vilarejo, e certos indícios velados indicavam que imigrantes polacos e portugueses haviam sido afastados de maneira um tanto drástica.

O mais interessante era uma referência às estranhas joias vagamente associadas a Innsmouth. Sem dúvida as peças haviam impressionado as pessoas da região, pois os espécimes eram mencionados tanto no museu da Universidade do Miskatonic, em Arkham, como na sala de exposições da Sociedade Histórica de Newburyport. As descrições fragmentárias desses objetos eram objetivas e prosaicas, mas deram-me a impressão de conter uma mensagem subjacente de persistente estranheza. Havia algo a respeito delas que parecia tão singular e instigante que eu não consegui

tirá-las da cabeça e, apesar do relativo avançado da hora, resolvi ver o espécime local — descrito como um objeto grande e de proporções estranhas, sem dúvida concebido como uma tiara — se fosse possível.

Na biblioteca deram-me uma carta de apresentação a ser entregue para a curadora da Sociedade, a srta. Anna Tilton, que morava nas redondezas, e após uma breve explicação essa gentil mulher teve a bondade de conduzir-me até o prédio fechado, uma vez que não era demasiado tarde. A coleção era muito impressionante, mas no estado de espírito em que me encontrava eu não tinha olhos para nada além do bizarro objeto que reluzia no armário do canto, sob a luz das lâmpadas elétricas.

Não foi preciso nenhuma sensibilidade particular à beleza para me deixar estupefato diante do peculiar esplendor da fantasia opulenta e exótica que descansava sobre uma almofada de veludo púrpura. Mesmo agora me é difícil descrever o que vi, embora tenha ficado claro que se tratava de uma tiara, conforme a descrição que eu havia lido. O objeto era alto na frente e apresentava uma circunferência enorme e irregular, como se desenhada para uma cabeça de aberrante formato elíptico. O material predominante parecia ser ouro, mesmo que o lustre um pouco mais claro sugerisse uma estranha liga de metais igualmente belos e de difícil identificação. A tiara estava em perfeitas condições, e horas poderiam ser empregadas no estudo dos impressionantes e intrigantes desenhos — alguns deles simples padrões geométricos, outros de inspiração claramente marinha — entalhados ou moldados em alto-relevo na superfície com uma ourivesaria incrivelmente hábil e graciosa.

Quanto mais eu olhava, mais o objeto me fascinava; e nesse fascínio havia um elemento perturbador que não se deixaria classificar ou explicar senão a duras penas. Em um primeiro momento, atribuí meu desconforto à estranha qualidade extraterrena da arte. Todos os outros objetos artísticos que eu vira até então davam a impressão de pertencer a uma corrente racial ou nacional conhecida, ou então se apresentavam como subversões modernistas a uma das correntes conhecidas. Mas a tiara não. Com certeza era produto de uma técnica bem estabelecida, de maturidade e perfeição infinitas, ainda que essa técnica estivesse absolutamente distante de qualquer outra — do Oriente ou do Ocidente, antiga ou moderna — de que eu já tivesse ouvido falar ou visto exemplos. Era como se a ourivesaria viesse de algum outro planeta.

No entanto, logo percebi que o meu desconforto tinha uma segunda origem, talvez tão potente quanto a primeira, nas sugestões pictóricas e matemáticas dos estranhos desenhos. As linhas insinuavam mistérios remotos e abismos inconcebíveis no tempo e no espaço, e a monótona natureza aquática dos relevos revestia-se de um aspecto quase sinistro. Entre os relevos havia monstros fabulosos de repulsa e malevolência atroz — de aspecto meio ictíico e meio batráquio — que não podiam ser dissociados de um certo assombro e de uma inquietante sensação de pseudomemória, como se evocassem imagens a partir de células e tecidos recônditos cujas funções mnemônicas fossem absolutamente primevas e incrivelmente ancestrais. Por vezes imaginei que do contorno desses sapos-peixes blasfemos emanasse a suprema quintessência da malignidade inumana e ignota.

Pareceu-me um tanto estranho o contraste entre o formidável aspecto da tiara e a breve e prosaica história do objeto, narrada pela srta. Tilton. A tiara fora penhorada por um valor irrisório em uma das lojas na State Street em 1873 por um bêbado de Innsmouth que logo depois foi morto em uma briga. A Sociedade adquiriu-a diretamente da casa de penhor e logo lhe concedeu um lugar que fizesse jus à sua qualidade artística. Classificaram-na como sendo uma peça indiana ou indo-chinesa, embora a atribuição fosse assumidamente incerta.

A srta. Tilton, depois de comparar todas as possíveis hipóteses relativas à origem e à presença da tiara na Nova Inglaterra, via-se inclinada a crer que fosse parte de algum tesouro pirata descoberto pelo velho capitão Obed Marsh. A hipótese ganhou força ao menos em parte graças às insistentes ofertas de somas vultosas que os Marsh começaram a fazer pelo adorno assim que souberam de sua existência, que vinham se repetindo apesar da determinação da Sociedade a não vendê-lo.

Enquanto me acompanhava até a saída, a gentil srta. Tilton deixou claro que a teoria dos piratas como explicação para a fortuna dos Marsh era muito popular entre as pessoas esclarecidas da região. A própria impressão que tinha em relação à ensombrecida Innsmouth — onde jamais havia estado — resumia-se a uma profunda repulsa por uma comunidade que afundava cada vez mais na escala cultural, e ela me assegurou de que os rumores de adoração ao demônio explicavam-se em parte graças

a um culto secreto que havia ganhado força por lá e engolido todas as igrejas ortodoxas.

Chamava-se, segundo fui informado, “A Ordem Esotérica de Dagon”, e consistia indubitavelmente de uma crença depravada e de índole pagã importada do Oriente havia um século, na época em que a indústria pesqueira de Innsmouth enfrentava um período de escassez. A persistência do credo entre as pessoas humildes era bastante natural em vista do ressurgimento súbito e duradouro do excelente pescado, e a nova religião logo passou a ser a maior influência na cidade, desbancando a maçonaria e estabelecendo sede no velho Templo Maçônico de New Church Green.

Para a srta. Tilton, tudo isso constituía um excelente motivo para evitar o antigo vilarejo de ruína e desolação; mas para mim eram atrativos a mais. Às minhas expectativas históricas e arquitetônicas agora se acrescentava uma intensa disposição antropológica, e mal consegui pregar os olhos no pequeno quarto da ACM enquanto esperava pelo amanhecer.

II.

Pouco antes das dez horas da manhã eu estava a postos com uma pequena valise em frente à Hammond’s Drug Store na antiga Praça do Mercado à espera do transporte para Innsmouth. Logo antes da chegada do ônibus, percebi um afastamento geral dos transeuntes em direção a outros lugares da rua ou ao restaurante Ideal Lunch, no outro lado da praça. O agente não havia exagerado ao descrever a aversão que os nativos sentiam em relação a Innsmouth e seus habitantes. Passados alguns momentos um pequeno ônibus em estado de extrema decrepitude e pintado em tons cinzentos sacolejou até a State Street, fez a curva e parou do meu lado, junto ao calçamento. Na mesma hora pressenti que aquele era o ônibus; um palpite logo confirmado pela identificação “*Arkham-Innsmouth-Newb’port*” no para-brisa.

Havia apenas três passageiros — homens morenos e desleixados de semblante carrancudo e aspecto jovem —, e quando o veículo parou os três desceram meio de arrasto e começaram a subir a State Street em si-

lêncio, de maneira quase furtiva. O motorista também desceu, e fiquei observando quando entrou na farmácia para comprar alguma coisa. Pensei que deveria ser Joe Sargent, o homem mencionado pelo funcionário da estação; e antes mesmo que eu notasse quaisquer outros detalhes fui atingido por uma onda de repulsa espontânea que não podia ser contida nem explicada. De repente pareceu-me muito natural que os nativos de Newburyport não quisessem tomar um ônibus que pertencesse a Sargent e fosse dirigido por ele, nem visitar com maior frequência o habitat do homem e de seus conterrâneos. Quando o motorista saiu da farmácia, examinei-o mais de perto e tentei estabelecer a origem da minha terrível impressão. Era um homem magro, de ombros curvados, com cerca de um metro e oitenta, que usava trajes azuis surrados e um boné de golfe cinza todo puído. Talvez tivesse uns trinta e cinco anos, mas as estranhas e profundas dobras nas laterais do pescoço faziam-no parecer mais velho caso não se examinasse o rosto impassível e inexpressivo. Tinha a cabeça estreita, olhos arregalados de um tom azul-aquoso que pareciam não piscar jamais, nariz chato, testa e queixo pequenos e orelhas curiosamente subdesenvolvidas. Os lábios grossos e protuberantes, bem como as faces ásperas e cinzentas, pareciam quase imberbes a não ser por uns poucos fios loiros que cresciam enrolados a intervalos irregulares; e nesses pontos a tez parecia estranhamente áspera, como se estivesse descamando por conta de uma afecção cutânea. As mãos eram grandes, tinham veias grossas e apresentavam uma improvável coloração azul-acinzentada. Os dedos eram deveras curtos em relação ao resto do corpo e pareciam ter uma tendência natural a crisparem-se junto à enorme palma. Enquanto Sargent caminhava em direção ao ônibus, percebi-lhe as passadas trôpegas e notei que tinha os pés desmesuradamente grandes. Quanto mais eu os estudava, mais eu ficava intrigado pensando onde aquele homem encontraria sapatos que lhe servissem.

Uma certa oleosidade da pele aguçou minha aversão pelo sujeito. Era óbvio que Sargent trabalhava ou ao menos frequentava os atracadouros dos navios pesqueiros, pois exalava um odor muito característico. Não arrisco nenhum palpite quanto ao sangue estrangeiro que corria em suas veias. Aquelas peculiaridades não eram asiáticas, polinésias, levantinas nem negroides, mas ainda assim eu compreendi por que as pes-

soas o achavam estrangeiro. Quanto a mim, a primeira ideia que me ocorreu foi a de degeneração biológica.

Lamentei a situação ao perceber que não havia outros passageiros no ônibus. Por algum motivo a ideia de andar naquele ônibus sozinho com o motorista não me agradava. No entanto, à medida que a hora da partida se aproximava, dominei meus temores e embarquei depois daquele homem, alcançando-lhe uma cédula de um dólar e murmurando a palavra “Innsmouth”. Por um breve instante ele me lançou um olhar curioso enquanto, em silêncio, devolveu os meus quarenta centavos de troco. Escolhi um assento afastado, porém no mesmo lado do ônibus, uma vez que eu pretendia apreciar a orla ao longo do trajeto.

Por fim o decrepito veículo pôs-se em marcha com um solavanco e passou ruidosamente pelos antigos prédios da State Street em meio à nuvem de fumaça do escapamento. Enquanto eu observava os pedestres na calçada, pareceu-me que todos se esforçavam em não olhar para o ônibus — ou ao menos em não parecer estar olhando para o veículo. Logo dobramos à esquerda para entrar na High Street, onde o calçamento era um pouco mais regular; passamos por imponentes casarões antigos que remontavam aos primeiros tempos da república e casas de campo coloniais ainda mais antigas, por Lower Green e pelo Parker River, e enfim chegamos a um longo e monótono trecho que bordejava a orla.

O dia estava ensolarado e quente, mas a paisagem de areia, carriço e outros arbustos retorcidos ficava cada vez mais desolada à medida que avançávamos. Do outro lado da janela eu enxergava o mar azul e a linha arenosa da Plum Island, e chegamos ainda mais perto da praia quando a nossa estrada secundária desviou da via principal rumo a Rowley e Ipswich. Não havia casas à vista, e pelo estado em que se encontravam as placas de trânsito deduzi que o tráfego de automóveis era muito escasso. Os postes telefônicos, pequenos e estragados pelo tempo, tinham apenas dois fios. De tempos em tempos atravessávamos pontes rústicas de madeira erguidas acima dos braços de mar que isolavam a região.

Às vezes eu percebia troncos de árvores mortas e fundações em ruínas na superfície da areia e lembrava-me da velha história mencionada em um dos livros que eu havia consultado, segundo a qual Innsmouth já fora fértil e densamente povoada. Consta que a mudança viera junto

com a epidemia de 1846, e as pessoas mais humildes acreditavam que a peste tinha alguma ligação sombria com forças ocultas do mal. Na verdade, tudo fora causado pelo desmatamento dos bosques mais próximos da orla, que privou o solo de proteção e abriu caminho para as ondas de areia sopradas pelo vento.

Finalmente perdemos Plum Island de vista e deparamo-nos com a imensidão do Atlântico à nossa esquerda. A via estreita começou a ficar cada vez mais íngreme, e fui tomado por uma peculiar sensação de inquietude ao olhar para o cume solitário à frente, no ponto em que a estrada tocava o céu. Era como se o ônibus estivesse prestes a decolar, a abandonar de uma vez por todas a sanidade terrena para misturar-se aos enigmas desconhecidos das esferas superiores e dos mistérios celestes. O cheiro da maresia foi um presságio de maus agouros, e as costas recurvadas e duras do motorista, bem como a cabeça estreita, tornaram-se ainda mais odiosas. Enquanto eu o observava, percebi que a parte de trás da cabeça era quase tão calva quanto o rosto e apresentava apenas uns poucos fios enrolados sobre uma áspera superfície acinzentada.

Então chegamos ao cume e contemplamos o vale que se descortinava lá embaixo, onde o Manuxet deságua no mar logo ao norte da longa serra que culmina em Kingsport Head e faz uma curva abrupta em direção a Cape Ann. No horizonte longínquo e brumoso, com algum custo pude distinguir a silhueta de Kingsport Head, colmada pela estranha casa à moda antiga que tantas lendas mencionam; mas naquele instante toda a minha atenção estava centrada no panorama logo aos meus pés. Percebi que enfim eu estava cara a cara com a ensombrecida Innsmouth.

Era um vilarejo extenso e de muitas construções, porém com uma sinistra ausência de vida. Naquele emaranhado de chaminés mal se via uma pluma de fumaça, e três altos coruchéus assomavam, inóspitos e nus, contra o panorama do horizonte marítimo. A parte superior de um estava ruindo, e nele e em um outro se viam apenas enormes buracos escuros que outrora haviam abrigado relógios. Um vasto amontoado de mansardas e empenas transmitia com pungente clareza a ideia de corrosão por larvas, e quando nos aproximamos do trecho descendente da estrada pude ver que muitos telhados haviam desabado. Também havia casarões georgianos quadrados, com telhados de várias águas, cúpulas e belvederes. Estes ficavam quase todos a uma boa distância da água, e um

ou dois pareciam estar em condições razoáveis de conservação. Estendendo-se terra adentro entre as construções, divisei a ferrovia, abandonada à grama e à ferrugem, ladeada por postes telegráficos tortos, já sem fios, e as linhas meio obscurecidas do antigo caminho feito pelas carruagens com destino a Rowley e Ipswich.

A decadência era ainda maior perto da zona portuária, embora em meio ao abandono eu tenha descoberto o campanário de uma estrutura razoavelmente bem conservada que parecia uma fabriqueta. O porto, há muito coberto pela areia, era protegido por um antigo quebra-mar construído em rocha; no qual pude notar as diminutas silhuetas de alguns pescadores, e em cuja extremidade havia o que pareciam ser os destroços de um farol de outrora. Uma língua de areia havia se formado no interior do molhe, e nela havia algumas cabines decrépitas, barcos atracados e armadilhas de lagosta espalhadas. As águas profundas pareciam estar além do campanário, no ponto em que o rio fazia uma curva rumo ao sul para desaguar no oceano junto à extremidade do quebra-mar.

Aqui e acolá, ruínas de antigos trapiches estendiam-se a partir da margem e terminavam em um amontoado de ripas podres, sendo as estruturas ao sul as mais arruinadas. E mar adentro, apesar da maré alta, vislumbrei uma extensa linha negra que mal se erguia acima da superfície, mas sugeria uma estranha malignidade latente. Aquele, eu bem sabia, devia ser o Recife do Diabo. Enquanto eu observava, um curioso fascínio pareceu acrescentar-se à macabra repulsa; e, por mais estranho que seja, essa nota sutil pareceu-me ainda mais perturbadora do que a impressão inicial.

Não encontramos ninguém pelo caminho, mas logo passamos por fazendas abandonadas nos mais diversos estágios de ruína. Logo percebi algumas casas habitadas com trapos enfiados nas janelas quebradas e conchas e peixes mortos espalhados na sujeira dos pátios. Uma ou duas vezes vi pessoas desanimadas limpando jardins estéreis ou catando mariscos na praia logo abaixo, e grupos de crianças imundas e de aspecto simiesco brincando em frente a soleiras tomadas pelas ervas daninhas. Por algum motivo essas pessoas pareciam mais inquietantes do que as construções abandonadas, pois quase todas apresentavam certas peculiaridades na fisionomia e nos gestos que despertavam uma aversão instintiva sem que eu fosse capaz de defini-las ou compreendê-las. Por um

instante imaginei que a constituição física característica da região pudessem sugerir uma imagem vista em algum outro lugar — talvez num livro — em circunstâncias de particular horror e melancolia; mas essa falsa lembrança dissipou-se muito depressa.

Quando o ônibus chegava ao fim da descida, escutei o som constante de uma cachoeira em meio ao silêncio sobrenatural. As casas fora de prumo e com a pintura descascada tornaram-se ainda mais numerosas nos dois lados da estrada e começaram a exhibir mais tendências urbanas do que as construções que deixávamos para trás. O panorama à frente havia se reduzido a uma rua, e em certos pontos eu conseguia ver os resquícios de uma estrada de paralelepípedos com calçamento de tijolo. Todas as casas pareciam estar abandonadas, e havia falhas ocasionais onde chaminés desmanteladas e paredes de porão indicavam o desabamento de antigas construções. Toda a cena vinha mergulhada no odor de peixe mais nauseabundo que se pode conceber.

Logo começaram a aparecer cruzamentos e entroncamentos; na esquerda, os que conduziam aos reinos não pavimentados de sordidez e ruína, enquanto os da direita ofereciam panoramas da opulência passada. Até então eu não tinha visto ninguém no vilarejo, mas logo surgiram indícios de habitação esparsa — janelas acortinadas aqui e ali e uns poucos automóveis estropiados junto à calçada. Aos poucos, as ruas e calçamentos começaram a apresentar uma demarcação mais nítida, e, embora a maioria das casas fosse um tanto antiga — construções de madeira e alvenaria do início do século XIX —, estavam em plenas condições de habitação. Como antiquário diletante, quase esqueci da náusea olfativa e da sensação de ameaça e repulsa em meio àquela rica e intocada herança do passado.

Porém eu não chegaria ao meu destino sem uma fortíssima impressão de desagrado pungente. O ônibus tinha alcançado uma confluência de pontos radiais com igrejas nos dois lados e as ruínas de um deplorável jardim circular no centro, e eu observava um enorme templo guarnecido com pilastras no cruzamento à direita. A pintura outrora branca da construção havia se tornado cinza e estava descascando, e a placa preta e dourada no frontão estava tão desgastada que tive de me esforçar para distinguir as palavras “Ordem Esotérica de Dagon”. Descobri que aquele era o antigo templo maçônico transformado em sede do culto depra-

vado. Enquanto eu me esforçava para decifrar a inscrição, minha atenção foi distraída pelas notas estridentes de um sino rachado na calçada oposta, e virei-me depressa a fim de olhar para fora da janela no meu lado do ônibus.

O som vinha de uma igreja de cantaria com uma torre baixa, erguida mais tarde do que a maioria das casas, construída com uma canhestra inspiração gótica e dotada de um porão desproporcionalmente alto com janelas cobertas por venezianas. Embora os ponteiros do relógio estivessem ausentes no lado que vislumbrei, eu sabia que aquelas ríspidas badaladas estavam dando onze horas. De repente, toda a noção de tempo deu lugar a uma imagem de intensa nitidez e de horror inexplicável que se apoderou de mim antes que eu pudesse compreendê-la. O acesso ao porão estava aberto, revelando um retângulo de escuridão no interior da igreja. E enquanto eu olhava, alguma coisa atravessou ou pareceu atravessar aquele retângulo escuro, marcando a ferro em minha lembrança a concepção momentânea de um pesadelo que pareceu ainda mais enlouquecedor porque uma análise não era capaz de apontar um único motivo de inquietação.

Era um ser vivo — além do motorista, o primeiro que eu via desde a nossa entrada na parte mais compacta da cidade —, e se porventura o meu ânimo se mostrasse mais firme eu não teria percebido terror algum naquilo. Conforme notei no instante seguinte, era o pastor, trajando vestes peculiares sem dúvida introduzidas pela Ordem de Dagon desde a mudança nos rituais eclesiásticos da região. O que provavelmente mais chamou a atenção do meu olhar subconsciente e conferiu-lhe um toque de horror grotesco foi a tiara que o sacerdote ostentava na cabeça; uma réplica quase exata do objeto que a srta. Tilton me havia mostrado na noite anterior. O efeito dessa duplicata sobre a minha fantasia conferiu qualidades inefavelmente sinistras ao rosto difuso e à trôpega forma envolta em um manto. Logo percebi que não havia motivo para a horripilante sensação causada pela minha pseudomemória maligna. Não seria natural que o misterioso culto da região tivesse adotado um estilo único de ornamento de cabeça tornado familiar à comunidade graças a algum estranho contato — talvez através de um baú do tesouro?

Jovens de aspecto repelente surgiram a intervalos esparsos nas calçadas — indivíduos solitários e grupos silenciosos de dois ou três. Os tér-

reos das decrepitas construções por vezes abrigavam lojinhas com placas sórdidas, e percebi um ou dois caminhões estacionados enquanto avançávamos aos solavancos. O som de cachoeiras tornou-se cada vez mais distinto, até que percebi um rio bastante profundo à minha frente, atravessado por uma ampla ponte com balaustrada de ferro depois da qual se descortinava uma enorme praça. Enquanto sacolejávamos pela ponte, olhei para os dois lados e observei algumas construções industriais na margem verdejante ou um pouco mais para baixo. A água lá embaixo era muito abundante, e pude ver dois conjuntos de cascatas acima da correnteza, à minha direita, e pelo menos abaixo da correnteza, à minha esquerda. Naquele ponto o fragor das águas era quase ensurdecedor. Logo avançamos até uma grande praça semicircular do outro lado do rio e paramos à direita de um alto prédio rematado por uma cúpula, com resquícios de tinta amarela e uma placa desbotada onde se lia o nome Gilman House.

Senti-me aliviado ao sair do ônibus e fui direto ao desgastado saguão do hotel deixar a minha valise. Havia apenas uma pessoa à vista — um senhor com a típica “aparência de Innsmouth” —, mas, ao lembrar das estranhas coisas que já haviam acontecido no hotel, preferi não aborrecê-lo com as dúvidas que me inquietavam. Em vez disso, caminhei até a praça, de onde o ônibus já havia partido, e comecei a observar o cenário com atenção minuciosa.

Um dos lados da esplanada consistia na linha reta do rio; o outro era um semicírculo de casas de alvenaria com telhados fora de prumo que remontavam ao século XIX, de onde várias ruas seguiam rumo ao sudeste, ao sul e ao sudoeste. Os postes de iluminação pública eram poucos e pequenos — todos com luzes incandescentes de baixa potência —, e alegrei-me por ter planejado minha partida antes do anoitecer, embora soubesse que a lua estaria radiante. Todas as construções estavam razoavelmente bem conservadas, e dentre elas havia talvez uma dúzia de lojas em pleno funcionamento; uma das quais era uma mercearia da rede First National e as outras um restaurante, uma farmácia, um escritório de venda de peixe no atacado e por último, na extremidade leste da esplanada, junto ao rio, um escritório da única indústria local — a Refinaria Marsh. Talvez houvesse mais umas dez pessoas à vista, e quatro ou cinco automóveis e caminhões espalhados ao redor. Deduzi que aquele fos-

se o centro da vida cívica em Innsmouth. Em direção ao leste eu tive vislumbres do porto, e em primeiro plano erguiam-se as ruínas decrépitas de três coruchéus georgianos outrora belos. E na direção do rio, na margem oposta, vi o campanário branco encimando o que imaginei ser a Refinaria Marsh.

Por um ou outro motivo preferi fazer as primeiras perguntas na mercearia pertencente à rede, pois os funcionários teriam maiores chances de não serem nativos. Lá encontrei um garoto solitário de dezessete anos e congratulei-me ao notar sua disposição e afabilidade, que prometiam uma acolhida calorosa. O jovem parecia excepcionalmente ávido por uma conversa, e não tardei a concluir que não gostava de Innsmouth nem do odor de peixe ou dos furtivos habitantes do vilarejo. Qualquer palavra trocada com um forasteiro era-lhe um alívio. Ele vinha de Arkham, estava hospedado na residência de uma família de Ipswich e voltava para casa sempre que tinha oportunidade. A família não gostava que trabalhasse em Innsmouth, mas a empresa o havia transferido para lá e ele não queria abandonar o emprego.

Segundo me disse, não havia biblioteca pública nem câmara de comércio em Innsmouth, mas eu provavelmente não teria dificuldades para me orientar. A rua de onde eu tinha vindo era a Federal. Rumo ao oeste ficavam as antigas ruas dos bairros residenciais mais abastados — a Broad, a Washington, a Lafayette e a Adams —, e para o outro lado ficavam os cortiços à beira d'água. Era nesses cortiços — ao longo da Main Street — que eu encontraria as antigas igrejas georgianas, porém estavam todas abandonadas desde muito tempo. Seria aconselhável não dar muito na vista nesses arrabaldes — em especial ao norte do rio —, uma vez que os habitantes eram rabugentos e hostis. Alguns forasteiros haviam até mesmo desaparecido.

Certos lugares eram território proibido, como ele mesmo havia aprendido a um custo nada desprezível. Não se podia, por exemplo, vagar por muito tempo ao redor da Refinaria Marsh, nem ao redor das igrejas ainda em atividade, nem ao redor do Templo da Ordem de Dagon em New Church Green. Essas igrejas eram muito estranhas — todas rejeitadas com veemência pelas respectivas denominações em outras localidades e, ao que tudo indicava, adeptas dos mais esdrúxulos cerimoniais e paramentos eclesiásticos. As crenças eram misteriosas e hete-

rodoxas e aludiam a certas transformações milagrosas que culminariam em uma espécie de imortalidade do corpo ainda na terra. O pároco do garoto — o pastor Wallace da Igreja Metodista Episcopal em Arkham — já havia feito um apelo para que não se juntasse a nenhuma congregação em Innsmouth.

Quanto aos habitantes de Innsmouth — o jovem mal sabia o que pensar deles. Eram tão furtivos e espantadiços quanto os animais que moram entocados, e mal se podia imaginar como passavam o tempo quando não estavam pescando. Talvez — a dizer pela quantidade de bebida ilegal que consumiam — passassem a maior parte do dia em um estupor etílico. Todos pareciam estar juntos em uma espécie de fraternidade taciturna — desprezando o mundo como se tivessem acesso a outras esferas mais interessantes do ser. A aparência da maioria — em especial aqueles olhos arregalados que pareciam não piscar jamais — era sem dúvida chocante; e suas vozes tinham timbres odiosos. Era terrível ouvir os cânticos que entoavam na igreja à noite, em especial durante as principais festividades e assembleias, realizadas duas vezes por ano nos dias 30 de abril e 31 de outubro.

Gostavam muito da água e nadavam um bocado, tanto no rio como no porto. Competições de nado até o Recife do Diabo eram muito comuns, e todos pareciam suficientemente treinados para competir nesse árduo esporte. Pensando melhor, em geral só se viam jovens em público, e dentre estes os mais velhos eram os mais propensos a terem uma aparência maculada. A maior parte das exceções ficava por conta das pessoas sem nenhum traço aberrante, como o velho balconista do hotel. Era curioso pensar no que teria acontecido à população mais velha, e também se a “aparência de Innsmouth” não seria um estranho e insidioso fenômeno mórbido que se tornava mais grave à medida que a idade avançava.

É claro que apenas uma moléstia rara poderia desencadear alterações anatômicas tão profundas e radicais em um indivíduo adulto — alterações que envolviam características ósseas básicas como o formato do crânio —, porém nem mesmo esse aspecto se apresentava de forma mais assombrosa e inaudita do que as manifestações visíveis da moléstia como um todo. O garoto deu a entender que seria difícil tirar conclusões sólidas a respeito do assunto, uma vez que era impossível a um forastei-

ro ter contato pessoal com os nativos, independentemente do tempo que morasse em Innsmouth.

Ele também afirmou ter certeza de que vários espécimes muito piores do que os piores à vista permaneciam trancafiados em outros lugares. Às vezes ouviam-se os mais estranhos sons. Os casebres caindo aos pedaços no porto, ao norte do rio, supostamente eram conectados uns aos outros por túneis secretos, constituindo assim uma verdadeira galeria de aberrações ocultas. Que tipo de sangue estrangeiro corria na veia daqueles seres — se é que tinham algum — era impossível dizer. Às vezes eles escondiam certas figuras particularmente repugnantes quando agentes do governo ou outras pessoas de fora visitavam o vilarejo.

Questionar os nativos a respeito do lugar, segundo ouvi de meu informante, seria inútil. O único disposto a falar era um senhor de idade muito avançada, mas de aparência normal, que morava em um casebre no extremo norte da cidade e passava o tempo fazendo caminhadas ou vagando nas proximidades do quartel dos bombeiros. Essa figura grisalha, Zadok Allen, tinha noventa e seis anos e parecia ter um parafuso solto, além de ser o notório bêbado do vilarejo. Era uma criatura estranha e furtiva, que o tempo inteiro olhava para trás como se temesse alguma coisa e, quando sóbrio, recusava-se a falar com estranhos. No entanto, também era incapaz de resistir a uma oferta de seu veneno favorito; e, uma vez bêbado, dispunha-se a sussurrar fragmentos surpreendentes de suas memórias.

Mas a verdade é que muito pouco do que se arrancava do homem poderia ser útil; pois todas as histórias traziam sugestões insanas e incompletas de portentos e horrores impossíveis, que não poderiam ter outra origem que não os próprios desatinos de sua fantasia. Ninguém lhe dava crédito, porém os nativos não gostavam que bebesse e falasse com forasteiros; e nem sempre era seguro ser visto às voltas com aquele homem. O sujeito era a origem mais provável de certos boatos e histórias delirantes.

Muitos residentes nascidos em outros lugares relatavam visões monstruosas de tempos em tempos, mas, levando-se em conta as histórias do velho Zadok e a deformação dos nativos, não surpreende que essas ilusões fossem corriqueiras. Esses residentes jamais permaneciam na rua durante a madrugada, pois havia um entendimento tácito de que se-

ria pouco sensato fazê-lo. Além do mais, as ruas eram pavorosamente escuras.

Quanto aos negócios — a abundância de pescado era quase sobrenatural, mas os nativos tiravam-lhe cada vez menos proveito. Para piorar, os preços estavam caindo e a concorrência ganhava força. É claro que o principal negócio do vilarejo era a refinaria, que tinha um escritório comercial situado na praça a poucos metros de onde estávamos, em direção ao Leste. O Velho Marsh nunca era visto, embora às vezes fosse até a firma em um carro fechado e acortinado.

Ouviam-se inúmeros rumores sobre o aspecto físico de Marsh. Em priscas eras, Marsh tinha sido um dândi notório, e diziam que ainda trazia os elegantes casacos da época eduardiana, embora adaptados a certas deformidades físicas. Antes, seus filhos cuidavam da administração do escritório na praça, mas nos últimos tempos evitavam aparecer em público e preferiam deixar o grosso dos negócios para a nova geração. Os filhos e as irmãs tinham assumido um aspecto muito esquisito, em especial os mais velhos; e corriam boatos de que a saúde de todos estava em risco.

Uma das filhas era uma mulher repugnante, de aspecto reptiliano, que ostentava uma profusão de joias sem dúvida pertencentes à mesma tradição exótica que dera origem à tiara. Meu informante já tinha visto o adorno por diversas vezes e escutado histórias sobre um tesouro secreto de piratas ou demônios. Os sacerdotes — ou padres, ou como quer que se chamassem — também usavam ornamentos semelhantes na cabeça; mas vê-los era uma ocorrência rara. O jovem nunca tinha visto outro espécime, embora corressem boatos sobre um grande número deles nos arredores de Innsmouth.

Os Marsh, bem como as três outras famílias aristocráticas do vilarejo — os Waite, os Gilman e os Eliot — eram todos muito reservados. Viviam em enormes casas na Washington Street, nas quais supostamente ocultavam parentes ainda vivos cuja aparência impedia aparições em público e cujas mortes já haviam sido devidamente comunicadas e registradas.

Quando me avisou de que muitas ruas já não tinham mais identificação, o jovem desenhou-me um mapa rústico, porém abrangente e detalhado, dos principais pontos da cidade. Ao ver o esboço, percebi que se-

ria de grande serventia e guardei-o no bolso com profusos agradecimentos. Insatisfeito com a sordidez do único restaurante que eu havia encontrado, comprei um suprimento razoável de biscoitos de queijo e *wafers* de gengibre para que me servissem de almoço mais tarde. O meu programa, decidi então, seria galgar as ruas principais, conversar com quaisquer outros forasteiros que cruzassem o meu caminho e tomar o ônibus das oito para Arkham. O vilarejo, a meu ver, ilustrava a decadência pungente e exagerada de toda uma comunidade; mas, na falta de uma formação sólida em sociologia, decidi limitar-me a observações no campo da arquitetura.

Assim comecei minhas andanças sistemáticas, embora algo confusas, pelos becos estreitos e ensombrecidos de Innsmouth. Depois de cruzar a ponte e dobrar uma esquina em direção ao rumor das corredeiras mais baixas, passei perto da refinaria dos Marsh, que pareceu estranhamente silenciosa para uma indústria. A construção erguia-se na margem elevada do rio, próxima a uma ponte e a uma confluência de ruas que tomei por um antigo centro cívico, que após a Revolução teria dado lugar à praça central.

Ao reatruvessar o rio pela ponte da Main Street, deparei-me com uma região de absoluta desolação que por algum motivo pôs-me a tremer. Pilhas de mansardas desabadas formavam um panorama irregular e fantástico, acima do qual se erguia o coruchéu decapitado e tétrico de uma antiga igreja. Algumas casas na Main Street eram habitadas, mas a maioria tinha as portas e as janelas pregadas com tábuas. Pelas ruelas com chão de terra, vi as janelas negras e escancaradas de casebres abandonados, muitos dos quais se inclinavam em ângulos perigosos e inacreditáveis sobre as ruínas de suas fundações. As janelas pareciam lançar-me um olhar tão espectral que precisei tomar coragem para voltar-me ao leste, em direção ao porto. Sem dúvida, o terror despertado por uma casa deserta aumenta em progressão geométrica, e não aritmética, à medida que as casas multiplicam-se para formar um panorama da mais absoluta desolação. A visão de intermináveis avenidas à mercê de espaços vazios e da morte e a ideia de infinitos compartimentos negros e ameaçadores interligados, entregues às teias de aranha e às memórias do verme conquistador, despertam aversões e pavores primitivos que nem mesmo a mais robusta filosofia é capaz de dissipar.

A Fish Street estava tão deserta quanto a Main, embora tivesse muitos depósitos construídos com pedras e tijolos ainda em excelente estado. O cenário na Water Street era quase o mesmo, salvo pelas grandes falhas em direção ao mar que outrora haviam sido atracadouros. Não vi um único ser vivo afora os pescadores no quebra-mar longínquo e não ouvi um único som afora o chapinhar das marés no porto e o rumor das corredeiras do Manuxet. O vilarejo exercia uma influência cada vez mais poderosa sobre os meus nervos, e assim olhei para trás desconfiado enquanto eu fazia o trajeto de volta pela ponte balouçante da Water Street. A ponte da Fish Bridge, segundo o meu mapa, estava em ruínas.

Ao norte da cidade havia resquícios de uma existência sórdida — fornecedores de peixe na Water Street, chaminés fumarentas e telhados remendados aqui e acolá, sons intermitentes de origem indeterminada e por vezes vultos trôpegos em ruas lúgubres e becos de chão batido — mas por algum motivo achei tudo aquilo ainda mais opressivo do que o abandono ao sul. Para começar, lá as pessoas eram ainda mais repugnantes e disformes do que os habitantes do centro; de maneira que por inúmeras vezes vi-me assolado por impressões ameaçadoras de algo absolutamente fantástico que eu não conseguia definir. Sem dúvida as características dos nativos de Innsmouth eram mais evidentes à beira-mar do que em terra — a não ser que a “aparência de Innsmouth” fosse uma doença em vez de uma herança sanguínea, sendo que nesse caso o porto abrigaria os casos mais avançados.

Um detalhe bastante perturbador foi a *distribuição* dos poucos sons que ouvi. O mais natural seria que viessem apenas das casas habitadas, mas a verdade é que quase sempre pareciam mais fortes justamente atrás das tábuas pregadas às portas e janelas de certas fachadas. Ouvi rangidos, estrépitos e ruídos ásperos e duvidosos; e pensei com alguma inquietação nas galerias secretas mencionadas pelo garoto da mercearia. De repente, flagrei-me imaginando como seriam as vozes dos nativos. Eu não tinha ouvido uma única palavra nos arredores do porto e, por algum motivo, a ideia de que o silêncio pudesse ser perturbado enchia-me de temores.

Após deter-me apenas tempo suficiente para observar duas belas igrejas em ruínas na Main e na Church Street, apressei-me em deixar para trás os casebres abjetos da zona portuária. Em termos lógicos, a mi-

nha próxima parada seria New Church Green, mas por algum motivo eu relutava em passar mais uma vez pela igreja onde tinha vislumbrado o vulto inexplicavelmente horripilante daquele estranho padre ou pastor com o diadema. Ademais, o jovem da mercearia havia me dito que as igrejas, bem como o Templo da Ordem de Dagon, não eram locais recomendáveis aos forasteiros.

Assim, segui pela Main Street até chegar à Martin, quando fiz uma curva em direção ao continente, atravessei a Federal Street a norte de New Church Green e entrei no decadente bairro aristocrático entre a Broad, a Washington, a Lafayette e a Adams Street. Embora essas antigas avenidas opulentas sofressem com a deterioração e o abandono, aquela dignidade à sombra dos ulmeiros não havia desaparecido por completo. As diferentes mansões chamavam-me a atenção uma atrás da outra, a maioria delas em ruínas, com tábuas a tapar portas e janelas e pátios abandonados, embora uma ou duas por quarteirão dessem sinais de estar ocupadas. Na Washington Street havia uma série de quatro ou cinco em excelentes condições, com jardins e quintais bem cuidados. A mais suntuosa — com *parterres* que avançavam até a Lafayette Street — eu imaginei que fosse a residência do Velho Marsh, o inválido proprietário da refinaria.

Nestas ruas não se avistava nenhum ser vivo, e fiquei meditando sobre a ausência de cães e gatos em Innsmouth. Outra coisa que me intrigou e me perturbou, até mesmo em algumas das mansões mais conservadas, foram as venezianas completamente fechadas em muitas janelas de sótão e de terceiro andar. A furtividade e a discrição pareciam ser atributos universais naquela cidade silente de estranheza e morte, e não consegui livrar-me da sensação de estar sendo observado de todos os lados por olhos arregalados, eternamente abertos.

Estremeci quando o campanário à minha esquerda fez soar três horas. Eu lembrava muito bem da igreja que dava origem àquelas notas. Seguindo pela Washington Street em direção ao rio, cheguei a um antigo distrito industrial e comercial; percebi as ruínas de uma fábrica mais adiante e logo a seguir vi outras, bem com os resquícios de uma velha estação de trem e de uma ponte ferroviária coberta mais além, sobre o rio à minha esquerda.

Havia uma placa de aviso na instável ponte à minha frente, mas resolvi correr o risco e atravessá-la em direção à margem sul, onde havia mais sinais de vida. Criaturas furtivas e trôpegas lançaram olhares crípticos na minha direção, e rostos um pouco mais normais me observaram com modos distantes e curiosos. Innsmouth estava se tornando mais insuportável a cada instante que passava, e assim descí a Paine Street em direção à praça central na esperança de arranjar alguma condução que me levasse até Arkham antes do horário de partida ainda longínquo de meu ônibus sinistro.

Foi então que vi o decrepito quartel dos bombeiros à minha esquerda e percebi um velho de rosto esbraseado, barba cerrada e olhos aquosos envolto em farrapos, sentado na frente da construção, conversando com dois bombeiros desleixados, porém de aspecto normal. Aquele homem, claro, só poderia ser Zadok Allen, o nonagenário meio louco e alcoólatra cujas histórias sobre o passado e as sombras de Innsmouth eram tão horripilantes e incríveis.

III.

Deve ter sido algum demônio da obstinação — ou o fascínio sardônico exercido por fontes obscuras e recônditas — que me levou a mudar de planos da maneira como fiz. Eu já havia resolvido limitar minhas observações estritamente à arquitetura e estava caminhando depressa em direção à praça central em busca de um meio de transporte que me tirasse o mais rápido possível daquela cidade de ruína e de morte; mas a visão de Zadok Allen suscitou novos pensamentos e fez-me diminuir o passo, sem saber o que fazer.

Haviam me assegurado de que o velho era incapaz de fazer outra coisa que não discorrer sobre lendas fantasiosas, desconexas e inacreditáveis, e também haviam me advertido de que os nativos ofereciam certo perigo a quem fosse visto em sua companhia; mesmo assim, uma antiga testemunha da decadência do vilarejo, com memórias que remontavam ao tempo dos navios e das fábricas, era uma tentação à qual razão nenhuma me faria resistir. Afinal de contas, os mais estranhos e loucos mitos muitas vezes são apenas alegorias baseadas na verdade — e o velho

Zadok devia ter presenciado todos os acontecimentos nos arredores de Innsmouth pelos últimos noventa anos. A curiosidade venceu a sensatez e a cautela e, em meu egotismo juvenil, imaginei ser possível peneirar um núcleo de história factual a partir da torrente confusa e extravagante que eu provavelmente obteria graças à ajuda de um uísque.

Eu sabia que não poderia abordá-lo naquele momento, pois os bombeiros perceberiam meu intento e fariam objeções. Assim, resolvi me preparar buscando destilado de alambique em um local onde o garoto da mercearia informou-me que haveria bebida em grande quantidade. Em seguida eu ficaria vagando nas cercanias do quartel dos bombeiros e puxaria conversa com o Velho Zadok assim que ele saísse para um de seus frequentes passeios errantes. Segundo o jovem, o homem era muito inquieto e raras vezes permanecia no entorno do quartel por mais de uma ou duas horas.

Embora não tenha sido barato, tampouco foi difícil obter uma garrafa de uísque nos fundos de uma repugnante loja de conveniências próxima à praça central, na Eliot Street. O sujeito imundo que me atendeu tinha alguns traços típicos da “aparência de Innsmouth”, mas tratou-me com cortesia; talvez por estar mais habituado a lidar com os forasteiros — caminhoneiros, negociantes de ouro e outros — que por vezes apareciam no vilarejo.

Ao retornar para a praça, notei que a sorte estava a meu favor; pois — ao sair da Paine Street pela esquina do Gilman House — vislumbrei nada menos do que o vulto alto, esquelético e maltrapilho do velho Zadok Allen. Pondo o meu plano em prática, chamei-lhe a atenção brandindo a garrafa recém-comprada; e logo percebi que o homem estava arrastando os pés na minha direção quando dobrei na Waite Street, em direção à zona mais deserta que eu conseguia imaginar.

Eu me orientava segundo o mapa desenhado pelo garoto da mercearia enquanto tentava chegar ao trecho totalmente deserto da zona portuária onde eu já havia estado. As únicas pessoas à vista eram os pescadores no quebra-mar longínquo; e, depois de andar uns poucos quarteirões em direção ao sul, eu os deixei para trás e logo adiante descobri dois assentos em um trapiche abandonado, quando me vi livre para questionar o velho Zadok longe de todos os olhares por tempo indeterminado. Antes de chegar à Main Street eu ouvi um débil e ofegante cha-

mado de “Senhor!” às minhas costas e deixei que o homem me alcançasse e tomasse goles copiosos da garrafa.

Comecei a sondá-lo enquanto caminhávamos em direção à Water Street e fazíamos uma curva ao sul, em meio à desolação onipresente e às ruínas em ângulos insanos; mas logo descobri que aquela língua projecta não se soltaria tão depressa quanto eu imaginara a princípio. Por fim divisei um terreno entre dois muros desabados em direção ao mar, com a extensão de um atracadouro coberto de algas marinhas que se projetava adiante. Amontoados de pedras musguentas à beira-mar serviriam como assentos razoáveis, e o local ficava totalmente oculto pelas ruínas de um armazém ao norte. Pensei que aquele seria o cenário ideal para um longo colóquio secreto; e assim conduzi meu companheiro até lá e escolhi um lugar para sentar em meio às pedras cobertas de musgo. A atmosfera de morte e abandono era tétrica, e o odor de peixe, quase intolerável; mas eu estava decidido a não permitir que nada me detivesse.

Ainda me restariam cerca de quatro horas de conversa se eu pegasse o ônibus das oito horas para Arkham, e assim comecei a oferecer mais bebida para o velho beerrão enquanto eu consumia o meu frugal almoço. Tomei cuidado para não exagerar na generosidade, pois eu não queria que a verborragia etílica de Zadok evoluísse para um quadro de estupor. Uma hora depois, seu silêncio furtivo deu sinais de desaparecer, mas para minha grande decepção o velho ainda evitava as minhas perguntas sobre Innsmouth e as sombras do passado. Dispôs-se apenas a discutir os assuntos do momento, revelando grande intimidade com os jornais e uma forte tendência a filosofar por meio de máximas interiores.

No fim da segunda hora eu comecei a temer que o litro de uísque pudesse não ser o bastante para obter resultados, e imaginei se não seria melhor deixar o velho Zadok a fim de providenciar mais bebida. Nesse exato instante, porém, a sorte ofereceu a abertura que as minhas perguntas não haviam logrado; e as novas divagações ofegantes do velho fizeram com que eu me inclinasse para a frente e escutasse com muita atenção. Minhas costas estavam voltadas para o mar, que tresandava a peixe, e alguma coisa desviou o olhar do velho beerrão para a silhueta baixa e distante do Recife do Diabo, que se erguia nítida e fascinante por cima

das ondas. A visão pareceu desagradá-lo, pois logo ele começou a desfiar uma série de leves imprecações que terminaram com um sussurro confidencial e um misterioso sorriso. O homem se inclinou em direção a mim, puxou-me pela lapela do casaco e, por entre os dentes, fez insinuações que não teriam como passar despercebidas.

“Foi lá que tudo começou — naquele lugar maldito onde as água afundo de repente. Aquilo é o portão do inferno... nenhuma sonda bate no fundo. Foi tudo culpa do velho capitão Obed — ele que descobriu mais do que devia nas ilha do Mar do Sul.

“Todo mundo tava passano apuro na época. O comércio ia mal, os moinho trabalhavo cada dia menos, até os mais novo, e os melhor homem daqui tinha morrido na pirataria da Guerra de 1812 ou sumido co’os brigue *Elizy* e *Ranger*, as duas empresa de Gilman. Obed Marsh tinha três navio — o patacho *Columby*, o brigue *Hetty* e a barca *Sumatry Queen*. Ele era o único que ainda fazia negócio nas Índia Oriental e no Pacífico, apesar que o lugre-patacho *Malay Pride*, de Esdras Martin, resistiu até 1828.

“Nunca existiu outro sujeito que nem o capitão Obed — aquele homem era o demo! He, he! Eu lembro dele falano sobre os país do estrangeiro, e chamano todos os negro de cretino porque eles io nos culto cristão e carregavo cada um o seu fardo de cabeça baixa. Dizeno que eles devio tratá de arrumá uns deus melhor, que nem o pessoal lá das Índia... uns deus que oferecesse mais pescado em troca de sacrifício, que realmente escutasse as oração.

“Matt Eliot, o imediato, tamém falava um bocado, mas era contra essas heresia. Ele contava uma história sobre uma ilha a leste do Taiti, onde tinha umas ruína de pedra muito antiga que ninguém sabia nada a respeito delas, que nem as de Ponape, nas Carolina, só que com uns rosto entalhado que mais parecio as estátua da Ilha de Páscoa. Tamém tinha uma ilha vulcânica por perto, onde tinha mais umas ruína diferente — umas ruína totalmente desgastada, como se tivesse passado muito tempo debaixo d’água, co’os desenho de uns monstro terrível.

“Ah, senhor, e Matt dizia que por lá tinha mais peixe do que os nativo conseguio pescá, e as pessoa andavo co’umas pulseira e uns bracelete e uns adorno de cabeça feito dum tipo estranho de ouro e coberto co’umas figura de monstro que nem os das pedra na ilhota — parecido

com uns sapo-peixe ou uns peixe-sapo desenhado em tudo quanto era pose como se fosse gente. Ninguém nunca conseguiu descobri de onde eles tiravo aquilo, e os outros nativo ficavo espantado com a quantidade de peixe que eles pegavo até quando faltava peixe nas ilha mais próxima. E Matt tamém começô a ficá encucado, e o capitão Obed tamém. Além do mais o capitão Obed notô que muitos jovem de boa figura desaparecio pra sempre ano após ano, e que não tinha muitos velho por lá. Ele tamém achava que o pessoal era pra lá de esquisito, mesmo pra um bando de canaca.

“Só Obed conseguiu arrancá a verdade daqueles pagão. Eu não sei o que ele fez, mas sei que começô ofereceno umas coisa em troca pelos objeto dourado dos nativo. Depois perguntô de onde vinha aquilo, se eles conseguio mais, e no fim fez o velho chefe Walakea soltá a língua. Só Obed mesmo pra acreditá no que aquele velho demônio disse, mas o capitão conseguia lê as pessoa como quem lê um livro. He, he! Ninguém acredita hoje quando eu digo, e não acho que o senhor vá acreditá — mas quem diria, o senhor tamém tem umas vista aguçada que nem o capitão!”

O sussurro do velho começou a ficar cada vez mais indistinto, e percebi que eu tremia com os terríveis e sinceros presságios da entonação, mesmo sabendo que a história não poderia ser mais do que a fantasia de um bêbado.

“Depois Obed aprendeu que existe coisas na terra que a maioria das pessoa nem imagina — e tamém nem acreditaria se ouvisse falá. Parece que os canaca tavo sacrificano um bando de moço e moça pra algum deus do fundo do mar, e em troca eles conseguio tudo quanto era tipo de favor. Eles encontravo as criatura na tal ilhota das ruína esquisita, e parece que os desenho dos monstro em formato de peixe-sapo ero pra ser as figura delas. Talvez essas criatura tenho dado origem às história das sereia e a outras parecida. Elas tinha várias cidade no fundo do mar, e a ilha tamém tinha vindo lá de baixo. Parece que algumas dessas criatura ainda tavo viva nas construção de pedra quando a ilha subiu de repente. Foi aí que os canaca descobriro que elas vivio no fundo do mar. Eles começaro a se comunicá por gesto, e não demorô muito até que começaro as negociação.

“Aqueles coisa gostavo mesmo de sacrifício humano. Esses ritual ero muito antigo, mas as criatura perdero contato co’o mundo da superfície depois de um tempo. Eu não tenho a menor ideia do que eles fazio co’as vítima, e acho que o capitão Obed não teve muita curiosidade de perguntá. Mas pros pagão ia tudo muito bem, porque pra eles era uma época difícil e eles tavo desesperado. Aí eles oferecio uns moço e umas moça em sacrifício aos bicho do mar duas vez por ano — na Noite de Walpurgis e no Dia das Bruxa — sem falhá nunca. E tamém davu algumas das traquitana de madeira que eles fazio. O que as criatura prometero foi pesca farta — a peixarada ia de tudo quanto era canto do oceano pra lá — e tamém de tempo em tempo uns objeto que parecio de ouro.

“Ora, como eu tava dizeno, os nativo encontraro essas coisa na ilha do vulcão — eles io até lá de canoa pros sacrifício e coisa e tal, e trazio de volta as joia dourada que conseguiu em troca. No início as criatura não chegavo nem perto da ilha principal, mas depois de um tempo elas começaro a querê i. Parece que insisti depois de se misturá co’os nativo e de começá a festejá junto as data importante — a Noite de Walpurgis e o Dia das Bruxa. O senhor tá entendeno? Eles conseguiu vivê tanto na água quanto fora — acho que é isso que chamo de anfíbio. Os canaca explicaro pras criatura que os habitante das ilha vizinha poderio querê acabá com a raça delas se ficasse sabeno que elas tavo por lá, mas os bicho dissero que não se importavo, porque eles podio acabá com toda a humanidade se quisesse — qué dizê, com todos que não tivesse o sinal secreto que dize que os Grande Ancião tinho. Mas, como não querio se dá o trabalho, as criatura davu um jeito de sumi quando alguém visitava a ilha.

“Quando chegô a hora de tê filho com aqueles peixe com cara de sapo, os canaca parece que ficaro um pouco receoso, mas no fim descobriro uma coisa que mudô tudo. Parece que os humano têm alguma relação co’as fera do mar — que tudo quanto é ser vivo que existe veio do mar, e só precisa de uma pequena mudança pra voltá pra lá. Aquelas coisa dissero pros canaca que misturano os dois sangue diferente eles terio uns filho com jeito de gente, que depois ficario cada vez mais parecido com as criatura até chegá a hora de pulá na água e se juntá aos outro no fundo do mar. E essa é a parte mais importante, filho — os que viravo

peixe e mergulhavo no mar *não morrio nunca mais*. Aquelas coisa não morrio nunca, só se alguém matasse elas com violência.

“Ah, e parece que quando Obed descobriu tudo isso o sangue daqueles peixe já corria nas veia dos ilhéu. Quando ficavo mais velho e começavo a dá na vista, eles se escondio até podê entrá na água e sumi de uma vez por todas. Uns ero mais afetado que os outro, e tamém tinha os que nunca se transformavo o suficiente pra entrá na água; mas quase sempre a coisa funcionava do jeito que as criatura tinha dito. Os que nascio mais parecido com peixe se transformavo mais depressa, mas os que ero quase totalmente humano às vez ficavo na ilha até depois dos setenta ano, mesmo que desse uns mergulho antes disso pra experimentá. As gente que tinha ido pra água em geral fazio visita aos parente em terra, então era comum que alguém pudesse conversá com o bisavô de seu próprio avô, que já tinha ido pra água vários século atrás.

“Ninguém nem pensava em morrê — a não sê nas guerra contra os outro ilhéu, ou então nos sacrifício pros deus marinho lá embaixo, ou de mordida de cobra ou de peste ou de doença repentina ou de alguma outra coisa antes que eles pudesse i pra água — todo mundo simplesmente esperava por uma mudança que nem parecia tão ruim depois de um tempo. Os ilhéu achavo que tudo que eles recebio em troca valia a pena comparado ao que davó — e eu acho que Obed deve tê achado a mesma coisa depois de pensá mais um pouco sobre a história do velho Walakea. Mas acontece que Walakea era um dos que não tinha nenhum sangue de peixe — ele era de uma linhagem real que casava co’os nobre de outras ilha.

“Walakea mostrô pra Obed muitos dos rito e dos encantamento que tinha que ver co’as criatura marinha, e também deixô ele vê os habitante do vilarejo que já tinha perdido a forma humana. Mas, por um que outro motivo, ele nunca deixô o capitão vê um dos bicho que saíó da água. No fim Walakea deu pro capitão um cacareco estranho feito de chumbo ou algo assim, que servia pra atraí as criatura de qualquer lugar na água onde pudesse existi um ninho. A ideia era atirá aquilo na água co’as oração certa e não sei o que mais. Walakea imaginava que aquelas coisa tavo espalhada pelo mundo inteiro, então qualquer um podia olhá ao redor e invocá eles tudo se quisesse.

“Matt não gostô nem um pouco dessa história toda e quis que Obed ficasse longe da ilha; mas o capitão tinha sede de lucro e descobriu que podia consegui as joia dourada a uns preço tão baixo que valeria a pena se especializá naquilo. As coisa ficaro assim por muitos anos, e Obed juntô o suficiente daquele ouro pra começá a refinaria na antiga oficina de pisoagem de Waite. Ele não se arriscô a vendê as peça como elas ero, porque as pessoa não io pará com as pergunta. Mesmo assim os homem dele de vez em quando pegavo uma daquelas joia e sumio com ela, mesmo que tivesse jurado ficá quieto; e o capitão deixava as mulher da família usá algumas das peça que parecio mais humana que as outra.

“Ah, em 38 — quando eu tinha sete ano — Obed descobriu que todos os ilhéu tinha sumido entre uma viagem e a outra. Parece que os otro ilhéu descobriro o que tava aconteceno e resolvero os problema co’as próprias mão. Eles devio tê os tal símbolo mágico que ero a única coisa que fazia medo às criatura do mar. Não tem como sabê o que aqueles canaca pode tê aprontado depois que uma ilha apareceu de repente, vinda do fundo do mar e cheia de umas ruína mais velha que o dilúvio. Ero uns homem muito temente a Deus — não deixaro pedra sobre pedra na ilha principal nem na ilhota vulcânica, a não sê os pedaço de ruína grande demais pra derrubá. Em alguns lugar tinha umas pedrinha espalhada ao redor — como que uns amuleto — e nelas tava desenhado o que chamam por aí de suástica. Aquilo devia sê o símbolo dos Grande Ancião. As pessoa sumida, nenhuma pista dos objeto dourado e os canaca das ilha vizinha não falavo uma palavra a respeito. Nem ao menos admitio que um povo tinha morado naquela ilha.

“Foi um golpe duro pro capitão Obed, porque os negócio dele tavo indo de mal a pior. Innsmouth tamém sofreu, porque nessa época o que era bom pro capitão de um navio em geral tamém era bom pra tripulação. A maioria das pessoa no vilarejo passô essa época de penúria igual a uns cordeirinho resignado, mas a coisa era séria mesmo porque o pescado tava escasso e a coisa tamém não tava boa pras indústria.

“Foi aí que o capitão Obed começô a amaldiçoá as pessoa por elas serem um bando de cordeirinho cristão que ficavo orano pra um deus que não ajudava em nada. Ele disse que tinha conhecido um povo que orava pra uns deus que davu tudo que eles precisavo de verdade, e que se alguns homem de coragem ficasse do lado dele, ele podia consegui

poderes suficiente pra trazê muito peixe e um bocado de ouro. Claro que os antigo tripulante do *Sumatry Queen* que tinha visto a ilha sabio do que o capitão tava falano e não tava muito interessado em se misturá às criatura do mar que eles tinham ouvido falar, mas os que não sabio de nada se deixaram levá pelas palavras do capitão e começaram a perguntá pra ele o que poderio fazê pra abraçá essa fé que dava resultado.”

Nesse ponto o velho hesitou, balbuciou alguma coisa e sucumbiu a um silêncio agourento e nervoso; começou a olhar para trás e logo se virou por completo a fim de observar os distantes contornos negros do recife. O velho Zadok não respondeu quando lhe dirigi a palavra, e assim precisei deixar que terminasse a garrafa. O insano caso que eu estava escutando despertava o meu profundo interesse, pois eu imaginava que nele estivesse contida alguma alegoria rústica baseada na estranheza de Innsmouth e trabalhada por uma imaginação a um só tempo criativa e repleta de fragmentos de lendas exóticas. Nem por um instante acreditei que a história tivesse qualquer fundamento na realidade; mas ainda assim o relato encerrava um terror genuíno, embora apenas em função das referências às estranhas joias sem dúvida alguma semelhantes à tiara maligna que eu vira em Newburyport. Talvez os ornamentos tivessem mesmo vindo de alguma ilha estranha; e não é impossível que as histórias fantasiosas fossem invenções do finado Obed, e não do velho beerrão.

Entreguei a garrafa a Zadok, que sorveu até a última gota da bebida. Era curioso notar sua resistência ao uísque, pois seguia falando com uma voz aguda e rouca, sem enrolar a língua. O homem lambeu o gargalo e pôs a garrafa no bolso, quando então começou a menear a cabeça e a cochichar para si mesmo. Inclinei-me para a frente na tentativa de captar as palavras e imaginei ter percebido um sorriso sardônico por trás da barba cerrada. De fato, Zadok estava formando palavras — e eu pude apreender algumas delas.

“Pobre Matt — Matt sempre foi contra — tentô trazê mais gente pro lado dele e teve longas conversa co’os pregador — mas não deu em nada — eles mandaram o pastor congregacional embora do vilarejo, e o metodista acabou desistindo — nunca mais viro Resolved Babcock, o pastor batista — Ira Divina — eu era uma criaturinha de nada, mas ouvi o que eu ouvi e vi o que eu vi — Dagon e Ashtoreth — Belial e Belzebu — o

Bezerro de Ouro e os ídolo de Canaã e dos filisteu — as abominação da Babilônia — *Mene, mene, tekel, upharsin...*”

Mais uma vez Zadok deteve-se, e pela expressão de seus olhos azul-aquosos temi que ele pudesse cair em um estupor a qualquer momento. Mas quando gentilmente eu lhe sacudi o ombro, o homem voltou-se em minha direção com uma lucidez surpreendente e proferiu mais algumas frases obscuras.

“Não acredita em mim, hein? He, he, he — pois então me diga, filho, por que é que o capitão Obed e outras vinte e poucas pessoa costumavo remá em volta do Recife do Diabo na calada da noite e entoá uns cântico tão alto que dava pra ouvi as cantoria por todo o vilarejo quando o vento soprava? Por quê, hein? E por que o capitão Obed volta e meio jogava umas coisa pesada nas profundeza do mar lá do outro lado do recife, onde o fundo despenca num abismo que nenhuma sonda alcança? O que o capitão fez com aquele cacareco engraçado que Walakea deu pra ele? O quê, filho? E pra que eles ficavo uivano na Noite de Walpurgis, e depois de novo no Dia das Bruxa? E por que os novo pastor da igreja — uns homem que antes ero marinheiro — usavo aqueles manto esquisito e se enfeitavo co’os adereço dourado que o capitão tinha trazido? Hein?”

Nesse ponto, os olhos azul-aquosos tinham assumido uma aparência selvagem que beirava a paranoia, e a barba branca eriçou-se como se um impulso elétrico a houvesse atravessado. É provável que o velho Zadok tenha notado quando eu me afastei, pois começou a dar gargalhadas malignas.

“He, he, he, he! Começano a se dá conta, é? Talvez o senhor pudesse tê gostado de está na minha pele naquele época, veno as criatura indo pro mar do alto da cúpula da minha casa, à noite. Ah, pois saiba que as criança não têm nada de boba, e eu não perdi um ai do que as pessoa falavo sobre o capitão Obed e as gente que io até o recife! He, he, he! Imagine que uma noite eu levei a luneta do meu pai até o alto da cúpula e vi o recife formigano com uns vulto que mergulharo assim que a lua apareceu? Obed e as gente dele tavo num barquinho a remo, mas as outra figura mergulharo na parte mais funda do oceano e nunca mais aparecero... Como o senhor acha que se sente um moleque sozinho numa

cúpula veno um bando de criatura *que não são humana...*? Hein...? He, he, he, he...”

O velho estava às raías da histeria, e eu comecei a tremer com uma apreensão indescritível. Zadok aferrou-me pelo ombro com uma garra disforme, e tive a impressão de que os movimentos que fazia não eram de alegria.

“Já imaginô numa noite o senhor vê uma coisa pesada seno içada pra fora do barco de Obed, e no dia seguinte descobri que um jovem tinha desaparecido? Hein? Ninguém nunca mais teve notícia de Hiram Gilman. Sabia? E Nick Pierce, e Luelly Waite, e Adoniram Southwick, e Henry Garrison? Hein? He, he, he, he... Uns vulto conversano com uns gesto de mão... isso os que tinha mão de verdade...”

“Ah, foi nessa época que Obed começô a se recuperá um pouco. As pessoa viro as três filha dele usano uns enfeite dourado que ninguém nunca tinha visto nada parecido antes e logo a fumaça começô a corrê pelas chaminé da refinaria outra vez. Outros tamém prosperavo... o porto de repente ficô coalhado de peixe e só Deus sabe quantas tonelada foro levada pra Newburyport, Arkham e Boston. Foi aí que Obed fez que construísse o velho ramal da ferrovia. Uns pescador de Kingsport ouviro falá da fartura e viero pra cá numas chalupa, mas todos eles desaparecero. Ninguém nunca mais teve notícia. E bem nessa época fundaro aqui a Ordem Esotérica de Dagon e compraro o Templo Maçônico da Loja do Calvário pra usá como sede... he, he, he! Matt Eliot era maçom e foi contra a venda, mas bem por essa época ele também sumiu.

“Cuide bem, eu não tô dizeno que Obed queria fazê as coisa igual eles fazio na ilha dos canaca. No início eu acho que ele não queria sabê de misturá as raça nem de criá um bando de jovem pra sê transformado em peixe imortal. Ele só queria o ouro, e tava disposto a pagá qualquer preço, e eu acho que os *outro* se dero por satisfeito por um tempo...”

“Só que em 64 os morador da cidade resolvero abri os olho e aí tira-ro as própria conclusão deles. Era muita gente sumida — muita pregação maluca nas missa de domingo — muita conversa sobre o recife. Acho que eu fiz a minha parte contano pra Selectman Mowry o que eu tinha visto do alto da cúpula. Uma noite teve um grupo que seguiu o pessoal de Obed até o recife, e eu ouvi os barco trocano tiro. No dia seguinte Obed e outras vinte e duas pessoa tavo no xadrez, com todo

mundo se perguntano afinal o que tinha acontecido e que acusação poderio fazê contra eles. Deus do Céu, se alguém imaginasse... algumas semana mais tarde, quando passô um tempo sem que ninguém jogasse nada ao mar...”

Zadok começava a dar sinais de medo e exaustão, e assim permiti que se mantivesse calado por alguns instantes, embora eu não conseguisse tirar os olhos do relógio. A maré havia começado a subir, e o som das ondas parecia exaltá-lo. Alegrei-me com a mudança, pois na maré alta o odor de peixe poderia diminuir um pouco. Mais uma vez tive de me esforçar para captar os sussurros do velho.

“Naquela noite terrível... Eu vi eles... Eu tava na cúpula... ero hordas e mais hordas por todo o recife, tudo nadano pelo porto em direção ao Manuxet... Meu Deus, o que aconteceu naquela noite... eles chacoalharam a nossa porta, mas o meu pai não abria... até que ele resolveu sair pela janela da cozinha com o mosquete pra ir atrás de Selectman Mowry e decidi o que fazê... Pilhas de gente morta e ferida... tiros... gritaria... um alarido dos inferno no antigo mercado e na praça central e em New Church Green... arrombaro o portão da cadeia... proclamação... traição... depois viero dizê que a peste tinha levado metade das pessoas no vilarejo... não sobrô ninguém além dos que se dispunho a ficar do lado de Obed e daquelas criatura ou ao menos a ficar quieto... eu nunca mais fiquei sabendo do meu pai...”

O velho estava ofegante e suava muito. Ele apertou o meu ombro com mais força.

“Pela manhã já tinha limpado tudo — mas ficaro alguns *resquício*... O capitão Obed assumiu o comando, por assim dizê, e disse que as coisas iam mudá... que *outros* também iam participá dos cultos com a gente, e certas casas tiveram que recebê os *hóspedes*... *eles* querio se misturá, que nem já tinha feito com os canacas, e o capitão é que não ia tentá impedi. Obed foi além da conta... mais parecia um louco. Ele disse que os bichos iam nos trazê pescado se a gente desse o que eles querio...”

“Por fora nada ia mudá, mas era pra gente evitá falar com os forasteiros se não quisesse ter problema. Todo mundo teve que fazê o Juramento de Dagon, e mais tarde teve um segundo e um terceiro juramento que alguns de nós fizemo. Quem mais ajudasse, mais ganhava — ouro e outras coisas assim — e não resolvia nada fazer cara feia, porque tinha milhares

das criatura no fundo do mar. Elas preferio não tê que saí da água pra acabá com a humanidade, mas se alguém entregasse o segredo e esse fosse o único jeito, tampouco terio muito trabalho pra dá cabo de tudo. A gente não tinha os amuleto pra afastá eles que nem os ilhéu dos Mar do Sul, e os canaca se negavo a revelá o segredo deles.

“Era só não se descuidá dos sacrifício e oferecê umas tralha e abrigo no vilarejo quando as criatura quisesse que tudo ia ficá em paz. Os peixe não se importavo que contasse essas história longe de Innsmouth — desde que ninguém se metesse a xeretá por aqui. E aí um bando de convertido da Ordem de Dagon — as criança, em vez de morrê, voltavo pra Mãe Hidra e pro Pai Dagon de onde todos nós viemo — *Iä! Iä! Cthulhu fhtagn! Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah-nagl fhtagn*—”

O velho Zadok sucumbia depressa à loucura total enquanto eu esperava com a respiração suspensa. Pobre alma atormentada — a que profundezas delirantes o álcool, somado ao ressentimento que ele sentia em relação à decadência, à estranheza e à doença que o rodeavam havia precipitado sua fantasia! A seguir o homem começou a gemer, e lágrimas correram pelos sulcos de sua face para se perder no emaranhado da barba.

“Meu Deus, tudo o que eu vi desde os meus quinze ano — *Mene, mene, tekel, upharsin!* — as pessoa desaparecida, mais as que se mataro — as que contavo histórias em Arkham e Ipswich e outros lugar como esses ero tudo tida por louca, que nem o senhor tá me achano agora — mas por Deus, tudo que eu vi — Eles terio me matado há muito tempo por tudo que eu sei, só que eu fiz o primeiro e o segundo juramento de Dagon perante o capitão Obed, então eu tava protegido a não ser que um júri provasse que eu tava falano a respeito por aí... mas eu me recusei a fazê o terceiro juramento — prefiro morrê do que fazê uma coisa dessas—

“E piorô ainda mais na época da Guerra Civil, *quando as criança nascida em 64 já tavo crescida* — ou melhor, nem todas. Eu tinha medo — nunca mais espiei coisa nenhuma depois daquela noite e nunca mais vi uma daquelas criatura de perto em toda a minha vida. Qué dizê, nenhuma de sangue puro. Eu fui pra guerra e, se tivesse coragem ou a cabeça no lugar, eu nunca ia tê voltado pra cá. Mas na minha correspondência dizio que as coisa não tavo tão ruim assim. Acho que era porque

os homem do alistamento tava na cidade depois de 63. Depois da guerra tudo voltô a ficá ruim. As pessoa começaro a empobrecê — foi um monte de firma e de loja fechano — o porto ficô cheio de navio parado — desistiro da ferrovia — mas aquelas coisa — aquelas coisa nunca pararo de nadá de lá pra cá no rio vindo daquele maldito recife dos inferno — e cada vez mais janelas de sótão ero pregada com tábuas, e cada vez mais barulhos vinho das casa onde não devia tê ninguém...

“As pessoa de fora conto cada história a respeito da gente — eu imagino que o senhor tenha ouvido algumas, a dizê pelas coisa que me pergunta — umas história sobre o que eles vio de vez em quando, e sobre as joia esquisita que ainda aparece de tempo em tempo vinda não se sabe de onde e que ainda não derretero todas — mas nunca é nada definitivo. E também ninguém acredita. Dize que é um tesouro pirata e acho que as pessoa de Innsmouth têm sangue estrangeiro ou são destemperada ou alguma coisa assim. Além do mais, quem mora aqui evita falá co’os forasteiro a todo custo e faz o quanto pode pra não despertá a curiosidade alheia, ainda mais à noite. Os bicho fico apavorado quando vee aquelas criatura — os cavalo mais até do que as mula — mas quando eles começaro a andá de carro tudo ficô bem.

“Em 46 o capitão Obed casô co’uma segunda esposa *que ninguém nunca viu* — tem quem dissesse que ele nem queria, mas que as criatura obrigaro — e teve três filho com ela — dois desaparecero ainda na meninice, mas a moça que sobrô parecia normal e estudô na Europa. No fim Obed usô de alguma artimanha pra casá a filha co’um sujeito de Arkham que não suspeitava de nada. Mas agora ninguém qué tê nada que vê com o pessoal aqui de Innsmouth. Barnabas Marsh, que hoje é o encarregado da refinaria, é neto de Obed pela família da primeira esposa — filho de Onesiphorus, o primeiro filho do capitão, *mas a mãe era outra que nunca aparecia na rua*.

“Hoje Barnabas é um homem muito mudado. Não consegue mais fechá os olho e tá todo deformado. Dize que ainda usa roupa de gente, mas parece que logo deve entrá na água. Talvez ele já tenha experimentado — às vezes essas coisa passo um tempo mergulhada antes de i de vez pro mar. Ninguém vê ele em público já vai fazê dez ano. Nem imagino como a coitada da esposa dele deve se senti — ela é de Ipswich, e quase lincharo Barnabas por lá quando ele cortejô a moça já há uns cin-

quenta ano atrás. O capitão Obed morreu em 78, e a geração seguinte também já se foi a essas altura — os filho da primeira esposa morrero, e o resto... só Deus sabe...”

O som da maré tornava-se cada vez mais insistente, e aos poucos pareceu transformar o sentimentalismo lacrimoso do velho em um temor vigilante. De vez em quando ele fazia pausas para repetir as espiadelas nervosas por cima do ombro ou em direção ao recife, e em seguida, apesar do caráter absurdo da história, também me vi tomado por um vago sentimento de apreensão. Zadok começou a falar em um tom mais estridente e pareceu decidido a instigar a própria coragem elevando o tom da voz.

“Ah, mas então, por que o senhor não diz nada? Que tal morá numa cidade que nem essa, com tudo apodreceno, morreno, cheia de monstro se arrastano dentro das casa fechada e balino e latino e saltitano pelos porão escuro e pelos sótão em cada esquina? Hein? Que tal escutá os ui-vo que noite atrás de noite sae das igreja e do Tempo da Ordem de Dagon e *sabê pelo menos em parte de onde vem os uiivo*? Que tal escutá os som que sempre vêm daquele recife infernal toda Noite de Walpurgis e todo Dia das Bruxa? Hein? O senhor acha que eu sô um velho maluco, é? Bem, pois fique sabeno que *existe coisa pior!*”

Nesse ponto Zadok estava gritando, e o desvario frenético em sua voz me perturbava mais do que eu gostaria de admitir.

“Maldito seja, não fique aí só me olhano com essa cara — o capitão Obed Marsh tá no inferno, onde é o lugar dele! He, he... no inferno, cuide bem! Não tem mais como me pegá — eu não fiz nada nem disse nada pra ninguém—

“Ah, você, filho? Ora, mesmo que eu ainda nunca tenha dito nada pra ninguém, agora eu vô! Fique aí bem quietinho e ouça, garoto — ouça o que eu nunca disse pra ninguém... Eu disse que eu não xeretei mais depois daquela noite — *mas eu descobri mais coisa assim mesmo!*

“Qué sabê qual é o maior horror de todos, qué? Pois bem — não é o que os peixe-demônio *fizero*, mas o que eles *ainda vão fazê!* Eles tão trazeno uma coisa lá de onde eles vêm aqui pro vilarejo — já faz anos, e de um tempo pra cá vêm diminuino o passo. As casa a norte do rio entre a Water e a Main Street estão apinhada — apinhada co’os demônio e com *tudo que eles trouxero* — e quando eles estiverem pronto... Isso mes-

mo, *quando eles estiverem pronto* — o senhor sabe o que é um *shoggoth*...?

“Ei, tá me ouvindo? Eu vô lhe contá o que são aquelas coisa — *eu vi uma delas na noite que eu...* EH — AHHHH! — AH! E’YAAHHHH—”

O terror inesperado e o desespero sobrenatural no grito do velho quase me fizeram desmaiar. Seus olhos, fixos no mar de odor fétido, pareciam prestes a saltar das órbitas; enquanto o rosto estava fixo em uma máscara digna da tragédia grega. A garra descarnada apertou meu ombro com uma intensidade monstruosa, e o velho não esboçou nenhuma reação quando virei a cabeça para ver o que havia lhe chamado a atenção.

Não consegui ver nada. Apenas a maré crescente, com ondas talvez um pouco mais próximas do que a distante linha da rebentação. Mas a essa altura Zadok estava me sacudindo, e virei-me para trás a fim de testemunhar o derretimento daquela expressão congelada pelo medo, que logo revelou um caos de pálpebras palpitantes e lábios balbuciantes. Então ele recobrou a voz — embora apenas como um débil sussurro.

“*Saia daqui! Saia daqui! Eles nos viro* — saia daqui e salve a sua vida! Não espere mais um instante — *eles descobriro* — Corra — depressa — *pra longe daqui*—”

Mais uma onda quebrou com força na estrutura do que outrora havia sido um cais e transformou o sussurro do velho lunático em mais um grito inumano de gelar o sangue. “E-YAAHHHH...! YHAAAAAAA...!” Antes que eu pudesse organizar a confusão de meus pensamentos, o velho havia largado o meu ombro e corrido para o interior do continente rua afora, cambaleando rumo ao norte enquanto dava a volta no muro do armazém. Olhei mais uma vez para o mar, porém não havia nada lá. Quando cheguei à Water Street e olhei em direção ao norte, não havia mais nenhum sinal de Zadok Allen.

IV.

Mal posso descrever o efeito desse horripilante episódio sobre o meu estado de espírito — um episódio a um só tempo desvairado e lamuriante, pavoroso e grotesco. O garoto da mercearia havia me dado o alerta, mas

ainda assim a realidade deixou-me confuso e perturbado. Por mais pueril que a história parecesse, a sinceridade e o horror insanos do velho Zadok haviam me inspirado uma crescente inquietude que se juntara ao meu sentimento anterior de asco pelo vilarejo e pela maldição das sombras intangíveis.

Mais tarde eu teria ocasião para peneirar o relato e dele extrair um núcleo de alegoria histórica; mas naquele momento eu queria apenas tirá-lo da cabeça. O avançado da hora começava a se tornar perigoso — meu relógio marcava 19h15, e o ônibus para Arkham saía da praça central às oito —, então tentei organizar os pensamentos da maneira mais neutra e objetiva possível enquanto eu caminhava depressa pelas ruas desertas com telhados esburacados e casas desmanteladas na direção do hotel onde eu havia deixado a minha valise e de onde o ônibus partiria.

Embora a luz dourada do entardecer conferisse aos antigos telhados e às chaminés decrépitas um ar de beleza mística e tranquilidade, eu não conseguia resistir ao impulso de olhar para trás de vez em quando. Com certeza seria uma grande alegria deixar o fétido e ensombrecido vilarejo de Innsmouth, mas desejei que houvesse algum outro meio de transporte além do ônibus dirigido pelo sinistro Sargent. Porém, não me afastei com excessiva pressa, pois havia detalhes arquitetônicos dignos de observação a cada esquina silenciosa; e calculei que eu poderia, sem dificuldade, percorrer o trajeto necessário em meia hora.

Após examinar o mapa desenhado pelo garoto da mercearia em busca de uma rota que eu ainda não houvesse percorrido, segui pela Marsh Street até a praça central. Perto da esquina com a Fall Street eu comecei a ver grupos esparsos cochichando às furtadelas, e, quando finalmente cheguei à praça, percebi que quase todos aqueles desocupados estavam reunidos junto à porta do Gilman House. Era como se inúmeros olhos arregalados e aquosos, que não piscavam jamais, estivessem a me vigiar enquanto eu pegava a minha valise do saguão, e torci para que nenhuma daquelas criaturas desagradáveis me fizesse companhia durante a viagem.

O ônibus, um tanto adiantado, chegou com três passageiros antes das oito, e na calçada um sujeito de ar maligno balbuciou certas palavras incompreensíveis ao motorista. Sargent pegou um malote postal e um fardo de jornais e adentrou o hotel; enquanto os passageiros — os mes-

mos homens que eu vira chegar a Newburyport pela manhã — arrastaram-se pela calçada e trocaram sons guturais com um dos ociosos em uma língua que eu teria jurado não ser inglês. Embarquei no ônibus vazio e sentei-me no mesmo assento de antes, porém eu mal havia me acomodado quando Sargent reapareceu e começou a emitir certos balbucios produzidos no fundo da garganta que me inspiraram uma singular repulsa.

De fato, a sorte não parecia estar ao meu lado. O motor apresentara problemas, apesar da viagem sem contratempos desde Newburyport, e o ônibus não poderia seguir até Arkham. Não seria possível realizar o conserto à noite e tampouco haveria outra maneira de conseguir um transporte para sair de Innsmouth, fosse para ir a Arkham ou a qualquer outro lugar. Sargent pediu desculpas, mas informou que eu não teria alternativa senão hospedar-me no Gilman. Provavelmente o recepcionista conseguiria um desconto, mas não havia mais nada a fazer. Perplexo ante o obstáculo inesperado e temendo com todas as minhas forças a chegada da noite no vilarejo decadente e escuro, desci do ônibus e fui até o saguão do hotel, onde o recepcionista estranho e rabugento informou-me de que eu poderia ocupar o quarto 428 no último andar — um quarto amplo, mas sem água corrente — por um dólar.

Apesar das histórias que haviam me contado a respeito do lugar em Newburyport, assinei o livro de registro, paguei pela estadia, deixei que o recepcionista carregasse a minha mala e segui o funcionário amargurado e solitário por três lances de escada em meio a corredores empoeirados que pareciam entregues ao mais completo abandono. Meu aposento, um quarto de fundos com duas janelas e mobília parca e barata, dava para um pátio sórdido, ladeado por blocos baixos de tijolo, e comandava a vista de uma fileira de telhados decrépitos no ocidente com um cenário pantanoso mais além. No fim do corredor havia um banheiro — uma desanimadora relíquia com um antigo vaso de mármore, uma banheira de estanho, uma lâmpada elétrica de brilho tênue e painéis de madeira bolorenta envolvendo os canos.

Aproveitando que o dia ainda estava claro, desci à praça central e olhei ao redor em busca de um restaurante; e então percebi os estranhos olhares que as vis criaturas ociosas lançavam em minha direção. Como a mercearia estava fechada, vi-me obrigado a jantar no restaurante que an-

tes eu havia refugado; fui atendido por um homem corcunda, de cabeça estreita e olhos vigilantes e por uma garota de nariz achatado, com mãos inacreditavelmente grossas e desajeitadas. A comida era servida no balcão, e fiquei aliviado ao perceber que a maioria dos alimentos vinha de latas e pacotes. Uma sopa de legumes com biscoitos foi o quanto me bastou, e logo retornei ao meu lúgubre quarto no Gilman; ao chegar, peguei com o recepcionista de olhar maléfico um jornal vespertino e uma revista manchada que estavam no frágil suporte ao lado do balcão.

Como as trevas se adensavam, liguei a débil lâmpada elétrica acima da cama de ferro barata e fiz todo o possível para retomar a leitura que eu havia começado. Achei que seria aconselhável providenciar uma distração sadia para os meus pensamentos, pois de nada adiantaria ficar ruminando as aberrações do antigo vilarejo assolado pelas sombras enquanto eu ainda estivesse em seus confins. A história absurda que o velho bêbado havia me contado não prometia sonhos muito tranquilos, e senti que eu deveria manter a imagem daqueles olhos desvairados e aquosos o mais longe possível da minha imaginação.

Ademais, eu não poderia ficar pensando no que o inspetor da fábrica havia dito ao agente de Newburyport sobre o Gilman House e as vozes dos hóspedes noturnos — tampouco no rosto sob a tiara no vão da porta da igreja; um rosto cujo horror permanecia insondável aos meus pensamentos conscientes. Talvez fosse mais fácil evitar pensamentos inquietantes em um quarto menos bolorento. Da maneira como foi, o bolor letal misturava-se pavorosamente ao odor de peixe e despertava em minha fantasia pensamentos sórdidos e funestos.

Outra coisa que me perturbou foi a ausência de um ferrolho na porta do quarto. Certas marcas evidenciavam a presença recente de um, porém havia indícios de uma retirada feita pouco tempo atrás. Sem dúvida havia apresentado algum problema, como tantas outras coisas no edifício decrépito. Tomado pelo nervosismo, olhei ao redor e descobri um ferrolho no roupeiro que, a julgar pelas marcas, parecia ter o mesmo tamanho da antiga tranca na porta. Para amenizar a tensão, embora apenas em parte, ocupei-me transferindo o mecanismo para o lugar vazio na porta com a ajuda de uma prática ferramenta três em um, que incluía uma chave de fenda e que eu trazia presa ao chaveiro. O ferrolho ajustou-se à perfeição, e senti certo alívio ao saber que eu poderia trancá-lo

quando fosse deitar. Não que eu esperasse precisar do mecanismo, mas qualquer símbolo de segurança seria bem-vindo em um ambiente daqueles. Havia ferrolhos em boas condições nas duas portas laterais que davam acesso aos quartos adjacentes, e a seguir também os fechei.

Não me despi, mas resolvi ler até ficar sonolento para só então me deitar, tirando apenas o casaco, o colarinho e os sapatos. Peguei uma lanterna portátil da minha valise e guardei-a no bolso da calça, para que pudesse ler durante a vigília caso mais tarde eu acordasse no escuro. O sono, entretanto, não veio; e quando enfim resolvi analisar os meus pensamentos inquietei-me ao descobrir que, inconscientemente, eu vinha prestando atenção a algum ruído — ao ruído de alguma coisa que me enchia de horror, embora eu fosse incapaz de nomeá-la. A história do inspetor devia ter instigado a minha imaginação mais do que eu suspeitava. Mais uma vez tentei ler, mas não consegui me concentrar.

Passado algum tempo, tive a impressão de ouvir as escadas e os corredores rangerem, e imaginei se os outros quartos estariam ocupados. Contudo, não havia vozes, e ocorreu-me que os rangidos tinham um certo caráter furtivo. Aquilo não me agradou em nada, e pensei se não seria melhor passar a noite acordado. O vilarejo era repleto de pessoas estranhas e havia sido o palco de vários desaparecimentos. Será que eu estava em uma daquelas pousadas onde os viajantes são mortos por ladrões? Com certeza eu não parecia um homem de posses. Ou será que os nativos eram mesmo tão ressentidos em relação a forasteiros curiosos? Será que o evidente caráter turístico de minha viagem, somado às repetidas consultas ao mapa, havia despertado atenção indesejada? Ocorreu-me que os meus nervos deveriam estar muito alterados para que simples rangidos dessem origem a especulações dessa ordem — mas ainda assim lamentei não estar armado.

Por fim, sentindo o peso de uma fadiga sem sono, tranquei a porta recém-guarneçada do corredor, apaguei a luz e atirei-me no colchão duro e irregular — de casaco, sapatos, colarinho e tudo mais. Na escuridão, até os menores ruídos da noite pareciam amplificados, e uma torrente de pensamentos inquietantes tomou conta de mim. Lamentei ter apagado a luz, e no entanto eu estava demasiadamente cansado para levantar-me e acendê-la outra vez. Então, após um longo intervalo de angústia iniciado por um novo ranger nas escadas e no corredor, percebi o

leve e inconfundível som que parecia ser a concretização macabra de todas as minhas apreensões. Sem a menor sombra de dúvida, alguém estava tentando abrir a porta do meu quarto — de maneira cautelosa e furtiva — com uma chave. Quando notei o perigo iminente, a intensidade dos meus sentimentos talvez tenha diminuído em vez de aumentar, tendo em vista os meus vagos temores prévios. Embora sem nenhum motivo palpável, eu estava instintivamente em alerta — o que me serviria de vantagem naquele momento de crise real, qualquer que fosse sua natureza. Mesmo assim, a transformação de um pressentimento vago em uma realidade imediata foi um choque profundo, que me acertou com todo o impacto de uma pancada genuína. Nem passou pela minha cabeça que os movimentos na porta pudessem ser algum engano. Eu só conseguia pensar em desígnios maléficos, e mantive-me em silêncio sepulcral, aguardando os movimentos seguintes do invasor.

Passados alguns momentos os ruídos cessaram, e ouvi alguém abrindo o quarto ao norte com uma chave mestra. Logo alguém tentou abrir a porta que dava acesso ao meu quarto. O ferrolho impediu, é claro, e então escutei o assoalho ranger enquanto o gatuno deixava o aposento. Depois de mais alguns instantes escutei outros ruídos e soube que alguém estava adentrando o quarto ao sul. Mais uma discreta tentativa de abrir a porta entre os quartos, e mais rangidos de passos que se afastavam. Dessa vez os rangidos seguiram pelo corredor até o lance de escadas, e assim eu soube que o invasor havia percebido não haver meio de ingresso ao meu quarto e abandonado as tentativas, pelo menos até que o futuro trouxesse novidades.

A presteza com que tracei um plano de ação demonstra que meu subconsciente deve ter passado horas atento a alguma ameaça enquanto cogitava possíveis meios de fuga. Desde o primeiro instante eu soube que aquela presença estranha não representava um problema a ser confrontado, mas um perigo do qual eu devia fugir a qualquer custo. A única coisa a fazer era sair do hotel o mais rápido possível por algum outro acesso que não as escadas e o saguão de entrada.

Pondo-me de pé com cuidado e apontando o facho da lanterna em direção ao interruptor, tentei acender a lâmpada acima da cama a fim de escolher os pertences necessários a uma fuga inesperada, deixando a minha valise para trás. Contudo, nada aconteceu; e percebi que a eletricidade

dade fora cortada. Sem dúvida, algum complô maligno e enigmático de grandes proporções estava em andamento — mas eu não saberia dizer em que consistia. Enquanto fiquei pensando no que fazer, com a mão no interruptor inútil, escutei um rangido abafado no andar de baixo e imaginei ouvir vozes conversando. No instante seguinte tive dúvidas de que os sons mais graves fossem vozes, pois os ríspidos latidos e os coaxados de sílabas incompreensíveis não guardavam quase nenhuma semelhança com a fala humana. Então voltei a pensar com força renovada nas coisas que o inspetor da fábrica tinha ouvido à noite naquele prédio tomado pelo bolor e pela peste.

Depois de encher os bolsos à luz da lanterna, pus o chapéu na cabeça e andei na ponta dos pés até as janelas para considerar a possibilidade de uma descida. Apesar das leis de segurança vigentes no estado, não havia escadas de incêndio naquele lado do hotel, e percebi que as janelas do quarto não ofereciam nada além de uma queda de três andares até o calçamento do pátio. À esquerda e à direita, no entanto, o hotel era ladeado por blocos comerciais, cujos telhados ficavam a uma distância razoável da minha janela no quarto andar. Para alcançar uma dessas construções eu teria de estar em um quarto a duas portas do meu — fosse a norte ou a sul —, e assim meus pensamentos instantaneamente se puseram a calcular minhas chances de sucesso na empreitada.

Decidi que eu não poderia arriscar uma saída ao corredor, onde os meus passos sem dúvida seriam ouvidos e as dificuldades para chegar a um dos quartos desejados seriam insuperáveis. Meu progresso, se eu pretendesse fazer algum, só poderia dar-se através das portas menos robustas entre os quartos adjacentes; cujos ferrolhos e fechaduras eu teria de vencer usando o ombro como aríete sempre que oferecessem resistência. O plano seria viável graças ao péssimo estado de conservação do hotel e das instalações; mas percebi que seria impossível pô-lo em prática sem fazer barulho. Assim, eu teria de contar apenas com a velocidade e a chance de chegar a uma janela antes que as forças hostis se organizassem o suficiente para abrir a porta certa com uma chave mestra. Reforcei a porta do quarto com a cômoda — devagar, para fazer o menor barulho possível.

Notei que minhas chances eram ínfimas e preparei-me para o pior. Mesmo que eu chegasse a outro telhado, o problema não estaria resolvi-

do, pois ainda me restaria a tarefa de chegar até o chão e fugir do vilarejo. Uma coisa a meu favor era o estado de abandono e decrepitude das construções vizinhas, bem como a quantidade de claraboias escuras que se abriam em ambos os lados.

Depois de consultar o mapa feito pelo garoto da mercearia e concluir que a melhor rota para deixar a cidade seria o sul, lancei um olhar para a porta que dava para essa direção. A porta abria para dentro, e assim — depois de soltar o ferrolho e descobrir a existência de outras seguranças — notei que seria mais difícil forçá-la. Levado pela cautela a abandonar a rota, arrastei a cama de encontro à porta a fim de evitar qualquer investida feita mais tarde a partir do quarto vizinho. A porta ao norte abria para fora, e então — ainda que estivesse chaveada ou trancada pelo outro lado — eu soube que aquela seria a minha rota. Se conseguisse alcançar os telhados das construções na Paine Street e descer até o nível da calçada, talvez eu pudesse correr pelo pátio em frente aos prédios vizinhos ou pelo outro lado da rua até a Washington ou a Bates — ou ainda sair na Paine e avançar em direção ao sul até chegar à Washington. De qualquer modo, eu tentaria chegar à Washington de alguma forma e sair depressa da região da praça central. Se possível, evitaria a Paine, uma vez que o quartel dos bombeiros provavelmente estaria aberto a noite inteira.

Enquanto pensava nessas coisas, olhei para baixo, em direção ao mar decrepito de telhados em ruínas iluminado pelos raios de uma lua quase cheia. À direita, as águas negras do rio fendiam o panorama; fábricas abandonadas e a estação ferroviária prendiam-se ao leito como cracas. Mais além, a ferrovia enferrujada e a estrada para Rowley atravessavam o terreno plano e pantanoso salpicado por ilhotas de terra alta e seca cobertas por vegetação rasteira. À esquerda, a paisagem cortada por córregos era mais próxima, e a brancura da estrada em direção a Ipswich cintilava ao luar. Do meu lado do hotel não se via a rota sul em direção a Arkham que eu estava decidido a tomar.

Eu ainda estava distraído com especulações indecisas sobre o melhor momento de forçar a porta norte e sobre como chamar a menor atenção possível quando notei que os ruídos vagos no andar de baixo haviam dado lugar a rangidos mais fortes nas escadas. Uma luz oscilante apareceu na claraboia do meu quarto, e as tábuas do corredor começaram a

estremecer sob um peso vultoso. Sons abafados de possível origem vocal se aproximaram, e por fim uma batida firme soou na porta do corredor.

Por um instante eu simplesmente prendi a respiração e aguardei. Tive a impressão de que passaram eternidades, e o nauseante odor de peixe ao meu redor pareceu intensificar-se de maneira repentina e espetacular. A batida repetiu-se — por diversas vezes, com insistência cada vez maior. Eu sabia que havia chegado o momento de agir, e de imediato abri o ferrolho da porta que dava para o quarto ao norte, preparando-me para golpeá-la. As batidas na porta do corredor ficaram mais altas, e nutri esperanças de que os rumores pudessem encobrir o barulho de meus esforços. Pondo enfim o meu plano em prática, investi repetidas vezes contra o fino painel usando o meu ombro esquerdo, alheio aos impactos e à dor. A porta resistiu mais do que eu havia imaginado, porém não desisti. E durante todo esse tempo o clamor à porta só fazia aumentar.

Por fim a porta que dava acesso ao quarto vizinho cedeu, mas com tamanho estrépito que eu sabia que aqueles lá fora teriam me ouvido. No mesmo instante as batidas deram lugar a pancadas frenéticas, enquanto chaves tilintavam augúrios na porta de entrada dos dois quartos ao lado. Depois de atravessar a passagem recém-aberta, consegui barricar a porta de entrada do quarto ao norte antes que a fechadura fosse aberta; porém nesse mesmo instante ouvi a porta do terceiro quarto — de onde eu pretendia alcançar o telhado lá embaixo — sendo aberta com uma chave mestra.

Por um instante fui arrebatado pelo mais absoluto desespero, já que eu parecia estar encurralado em um aposento sem via de egresso pela janela. Uma onda de horror quase sobrenatural tomou conta de mim e conferiu uma singularidade terrível e inexplicável às marcas na poeira, vistas de relance à luz da lanterna, deixadas pelo intruso que pouco tempo atrás havia tentado abrir a porta a partir daquele quarto. Então, graças a um automatismo que persistiu mesmo ao defrontar-se com a ausência de esperança, avancei até a outra porta de acesso entre os quartos e, sem dar por mim, executei os movimentos necessários à tentativa de forçá-la e — se as trancas estivessem intactas como no segundo quarto — trancar a porta do corredor no terceiro quarto antes que a fechadura fosse aberta pelo lado de fora.

Um golpe de sorte veio em meu auxílio — pois a porta que separava os quartos à frente não só estava destrancada, como também entreaberta. Em um instante eu a havia transposto e estava com o joelho e o ombro direitos na porta do corredor, que visivelmente começava a se abrir para dentro. Meu esforço deve ter surpreendido o intruso, pois a porta fechou com o baque e assim consegui trancar o ferrolho, como eu havia feito na outra porta. Um pouco aliviado, escutei as batidas nas duas outras portas diminuírem quando um rumor confuso começou junto à porta que eu havia barricado com a cama. Ficou evidente que os meus atacantes haviam ganhado o quarto ao sul e estavam se reunindo para um ataque lateral. Porém, no mesmo instante ouvi o som de uma chave mestra na porta do quarto adjacente ao norte e soube estar diante de um perigo ainda mais iminente.

A porta entre os dois quartos estava escancarada, mas não houve tempo sequer de pensar em impedir a entrada pela porta do corredor. Tudo o que pude fazer foi fechar e trancar as portas internas de ambos os lados — empurrando uma cama contra uma, uma cômoda contra a outra e arrastando um lavatório até a porta do corredor. Notei que seria necessário lançar mão dessas barreiras improvisadas até que eu pudesse sair pela janela e alcançar o telhado no bloco comercial da Paine Street. Porém, mesmo nesse momento crucial o meu maior horror era de todo alheio à precariedade das minhas defesas. Eu tremia porque os meus algozes, afora certos estertores, grunhidos e latidos abafados a intervalos irregulares, não emitiam nenhum som vocal humano puro ou inteligível.

Enquanto eu rearranjava a mobília e corria em direção às janelas, escutei um rumor terrível ao longo do corredor que dava para o quarto ao norte e percebi que as pancadas no aposento ao sul haviam cessado. Ficou claro que meus oponentes estavam prestes a concentrar esforços na débil porta interna que levaria diretamente a mim. Na rua, o luar brincava na cumeeira do bloco lá embaixo, e percebi que o salto envolveria um risco desesperado em vista da superfície íngreme onde eu haveria de pousar.

Depois de examinar as condições, escolhi a janela mais ao sul como via de escape; planejando aterrissar na elevação interna do telhado e de lá correr até a claraboia mais próxima. Uma vez no interior das decrepitas estruturas de tijolo eu teria de estar pronto para uma perseguição;

mas ainda me restava a esperança de descer e correr para dentro e para fora das portas escancaradas ao longo do pátio ensombrecido para enfim chegar até a Washington Street e deixar o vilarejo para trás rumo ao sul.

O estrépito na porta interna ao norte havia atingido níveis pavorosos, e notei que o painel de madeira começava a rachar. Era evidente que os atacantes haviam trazido algum objeto pesado para fazer as vezes de aríete. A cama, no entanto, seguia firme no lugar; de modo que ainda me restava uma chance de sucesso na fuga. Ao abrir a janela, percebi que estava flanqueada por pesadas cortinas de veludo que pendiam de argolas douradas enfiadas em um varão, e também que havia um prendedor para as venezianas no lado externo da parede. Vendo aí um possível meio de evitar os perigos de um salto, puxei o tecido com força e derrubei as cortinas com varão e tudo; e logo enfiei duas argolas no prendedor da veneziana e joguei todo o veludo para a rua. Os drapeados chegavam até o telhado vizinho, e percebi que as argolas e o prendedor provavelmente aguentariam o meu peso. Então, saindo pela janela e descendo pela corda improvisada, deixei para trás de uma vez por todas o ambiente mórbido e tenebroso do Gilman House.

Cheguei em segurança às telhas soltas do telhado íngreme e consegui ganhar a escuridão da claraboia sem um único resvalo. Ao olhar para cima, em direção à janela por onde eu havia saído, notei que ainda estava escura, embora além das chaminés decrépitas ao norte eu pudesse ver luzes agourentas ardendo no Templo da Ordem de Dagon, na igreja batista e na igreja congregacional que me haviam inspirado tanto horror. Não parecia haver ninguém no pátio logo abaixo, e torci para que eu tivesse uma chance de escapar antes que soassem o alarme geral. Ao apontar o facho da lanterna para o interior da claraboia, notei que não havia degraus no interior. Contudo, a distância era curta, e assim me arrastei até a borda e deixei-me cair; o chão estava muito empoeirado e cheio de caixas e barris arrebatados.

O lugar tinha um aspecto lúgubre, mas naquela altura eu não me importava mais com essas impressões e logo avancei rumo à escadaria de lanterna em punho — depois de um breve lance de olhos em direção ao meu relógio de pulso, que marcava duas horas da manhã. Os degraus estalaram, mas pareceram sólidos o bastante; e, passando por um segundo andar que fazia as vezes de celeiro, desci correndo até o térreo. A deso-

lação era completa, e só o que se ouvia além dos meus passos era o som do eco. Por fim alcancei o saguão do térreo, em cuja extremidade percebi um tênue retângulo luminoso que indicava a localização da porta aruinada que se abria para a Paine Street. Andando na direção contrária, descobri que a porta dos fundos também estava aberta; e desci correndo os cinco degraus de pedra que levavam ao calçamento abandonado do pátio.

Os raios do luar não chegavam até lá embaixo, mas eu conseguia enxergar o caminho sem o auxílio da lanterna. Algumas das janelas no Gilman House cintilavam no escuro, e imaginei ter ouvido sons confusos lá dentro. Caminhando com passos leves até o lado que dava para a Washington Street, percebi diversas portas abertas e resolvi sair pela mais próxima. O corredor interno estava escuro como breu, e ao chegar à outra extremidade vi que a porta para a rua estava bloqueada e não seria possível abri-la. Decidido a tentar outro prédio, voltei tateando até o pátio, mas precisei deter-me quando cheguei perto do vão de entrada.

Uma multidão de vultos indefinidos estava saindo por uma porta do Gilman House — lanternas balançavam na escuridão e terríveis vozes coaxantes trocavam lamúrias graves em uma língua que com certeza não era inglês. As figuras moviam-se indecisas, e percebi, para o meu alívio, que não sabiam para onde eu tinha ido; porém assim mesmo senti um calafrio varar-me o corpo dos pés à cabeça. À distância, não era possível distinguir os traços das criaturas, mas a postura recurvada e os passos trôpegos inspiravam-me uma repulsa abominável. O pior de tudo foi quando notei uma figura que trajava um manto e ostentava de maneira inconfundível uma tiara de desenho terrivelmente familiar. Enquanto as figuras dispersavam-se pelo pátio, senti meus temores aumentarem. E se eu não conseguisse encontrar via de egresso para sair à rua? O odor de peixe era nauseante, e não sei como o suportei sem perder os sentidos. Mais uma vez seguindo às apalpadelas em direção à rua, abri uma porta do corredor e descobri um aposento vazio de janelas fechadas, mas sem caixilhos. Movimentando o facho da lanterna, descobri que eu poderia abrir as venezianas; e em mais um instante eu havia me esgueirado para fora e estava cuidadosamente fechando o acesso.

Logo me encontrei na Washington Street e não percebi nenhuma criatura viva nem luz alguma além dos raios do luar. Em várias direções ao

longe, no entanto, eu escutava vozes ríspidas, passos e um curioso movimento rítmico que não soava exatamente como passos. Era evidente que eu não tinha tempo a perder. Eu estava bem orientado em relação aos pontos cardeais e regozijei-me ao ver que todos os postes de iluminação pública estavam desligados, como em geral se vê nas noites de luar em regiões rurais pouco prósperas. Alguns dos sons vinham do sul, porém mantive-me firme na decisão de fugir por essa direção. Eu tinha certeza de que não faltariam portas desertas para me abrigar caso eu encontrasse uma ou mais pessoas em meu encalço.

Pus-me a caminhar depressa, com passos leves e próximo às casas em ruínas. Apesar de estar com a cabeça a descoberto e com os trajes em desalinho após minha árdua escalada, não se poderia dizer que eu chamasse a atenção; e assim teria uma boa chance de passar despercebido caso encontrasse um transeunte qualquer. Na Bates Street, recolhi-me a um vestíbulo vazio enquanto duas figuras trôpegas passavam à minha frente, mas logo voltei ao caminho e aproximei-me do espaço aberto onde a Eliot Street passa em sentido oblíquo pela Washington no cruzamento com a South. Embora eu nunca o tivesse visto, o local parecia perigoso no mapa desenhado pelo garoto da mercearia; pois naquele ponto o luar iluminaria todo o cenário ao redor. Mesmo assim, seria inútil tentar evitá-lo, pois uma vez que qualquer rota alternativa envolveria desvios que resultariam em mais demora e em uma visibilidade possivelmente desastrosa. A única coisa a fazer era atravessar o trecho com coragem e à vista de todos; imitando o andar trôpego dos nativos da melhor maneira possível, torcendo para que ninguém — ou pelo menos nenhum de meus perseguidores — estivesse nos arredores.

Eu não fazia a menor ideia da maneira como a perseguição estava organizada — tampouco em relação ao propósito daquilo. Parecia haver uma comoção anormal no vilarejo, mas imaginei que a notícia da minha fuga do Gilman ainda não se teria espalhado. Logo eu teria de sair da Washington em direção a outra rua ao sul; pois a multidão do hotel sem dúvida estaria atrás de mim. Na última construção antiga eu devia ter deixado rastros revelando como havia ganhado a rua.

O espaço aberto, conforme eu imaginara, estava mergulhado no intenso brilho do luar; e percebi os destroços de um parque no interior de uma cerca de ferro no centro. Por sorte não havia ninguém por perto,

embora singulares zunidos ou rugidos parecessem ganhar intensidade na direção da praça central. A South Street era muito larga e apresentava um leve declive que descia até a zona portuária, comandando assim uma ampla visão do oceano; e nesse momento desejei que ninguém estivesse olhando para cima enquanto eu a cruzava em meio aos raios luminosos do luar.

Nada impediu meu progresso, e não se fez nenhum som capaz de indicar que eu fora avistado. Olhando ao redor, sem querer diminuí o passo por um instante a fim de contemplar o belo panorama marítimo que resplandia sob o luar no fim da rua. Muito além do quebra-mar estava a silhueta difusa e escura do Recife do Diabo, e ao vislumbrá-la não pude deixar de pensar em todas as terríveis lendas que eu havia descoberto nas últimas 34 horas — lendas que retratavam aquela rocha irregular como um verdadeiro portão de acesso a reinos de horror insondável e aberrações inconcebíveis.

Então, sem nenhum aviso, percebi clarões intermitentes no recife longínquo. As luzes eram bem definidas e inconfundíveis e despertaram em meus pensamentos um horror cego além de qualquer medida racional. Os músculos em meu corpo contraíram-se, prontos para fugir em pânico, e só foram vencidos por uma cautela inconsciente e um fascínio quase hipnótico. Para piorar ainda mais a situação, no alto da cúpula do Gilman House, que assomava no nordeste às minhas costas, começou uma série de clarões análogos, porém a intervalos diferentes, que não poderia ser nada além de um sinal em resposta.

Após dominar meus músculos e perceber mais uma vez a situação vulnerável em que me encontrava, retomei as passadas lépidas e trôpegas; embora eu tenha mantido o olhar fixo no agourento recife infernal por todo o trecho em que a South Street me oferecia uma vista do mar. Eu era incapaz de imaginar o significado de todo aquele procedimento; a não ser que envolvesse algum estranho ritual ligado ao Recife do Diabo, ou então que um navio tivesse atracado naquela rocha sinistra. Segui pela esquerda, contornando o jardim em ruínas; e o tempo inteiro eu contemplei o esplendor do oceano sob o luar espectral do verão e observei os clarões crípticos daqueles fachos de luz inomináveis e inexplicáveis.

Foi então que a mais terrível impressão se abateu sobre mim — a impressão que destruiu meus últimos vestígios de autocontrole e me pôs em uma marcha frenética em direção ao sul, conduzindo-me para além da escuridão de portas escancaradas e de janelas à espreita com olhos de peixe naquela rua deserta saída de um pesadelo. Pois um olhar mais atento revelou que as águas iluminadas entre o recife e a orla não estavam vazias. O mar revolvía-se com uma horda fervilhante de vultos que nadavam em direção ao vilarejo; e mesmo à enorme distância em que eu me encontrava, um único relance bastou para revelar que as cabeças balouçantes e os apêndices convulsos eram estranhos e aberrantes a ponto de desafiar qualquer expressão ou formulação consciente.

Minha corrida frenética cessou antes que eu tivesse percorrido um único quarteirão, uma vez que à minha esquerda comecei a ouvir algo como o clamor de uma perseguição organizada. Havia passos e sons guturais, e um veículo motor passou estrondeando pela Federal Street em direção ao sul. Em um segundo todos os meus planos mudaram — pois se a estrada ao sul estivesse bloqueada, a única maneira seria encontrar outra rota de fuga para sair de Innsmouth. Parei e me escondi no vão escuro de uma porta, refletindo sobre a sorte que me fizera sair do espaço aberto ao luar antes que os meus perseguidores chegassem à rua paralela.

A reflexão seguinte foi menos reconfortante. Como a perseguição estava em curso em outra rua, ficou claro que o grupo não estava no meu encalço direto. Ninguém tinha me visto, mas havia um plano para impedir a minha fuga. A consequência natural do fato, portanto, era que todas as estradas que saíam de Innsmouth deveriam estar sujeitas a uma vigilância semelhante; pois ninguém sabia que rota eu pretendia tomar. Se fosse assim, eu teria de fugir afastado de qualquer estrada; mas como, tendo em vista a natureza pantanosa e salpicada de córregos na região? Por um instante fui tomado pela vertigem — tanto em consequência do desespero como também do aumento na intensidade do onipresente odor de peixe.

Então pensei na ferrovia abandonada em direção a Rowley, com uma linha sólida de terra coberta de cascalho e de grama que ainda avançava em direção ao nordeste a partir da estação arruinada nos arredores do rio. Havia uma chance de que os nativos não pensassem nessa possi-

bilidade; uma vez que a desolada vegetação espinhosa tornava o terreno quase intransponível e, portanto, a mais improvável rota de um fugitivo. Eu havia observado a paisagem em detalhe a partir da minha janela no hotel e sabia que rumo tomar. O trecho inicial era visível a partir da estrada para Rowley e também de outros lugares altos no vilarejo; mas talvez fosse possível arrastar-me sem ser visto em meio aos arbustos. Fosse como fosse, essa seria a minha única chance de escapar e não havia mais nada a fazer senão correr o risco. Recolhendo-me ao corredor de meu abrigo deserto, novamente consultei o mapa desenhado pelo garoto da mercearia com a ajuda da lanterna. O problema imediato era como chegar à antiga estação de trem; e não tardei a perceber que a opção mais segura seria avançar até a Babson Street, dobrar a oeste na Lafayette — dando a volta em um espaço aberto semelhante ao que eu já havia atravessado, porém sem cruzá-lo — para depois voltar ao norte e ao oeste em uma linha ziguezagueante que passaria pela Lafayette, pela Bates, pela Adams e pela Bank Street — esta última ladeando o córrego — para enfim chegar à estação deserta e dilapidada que eu tinha avistado da janela. Meu motivo para avançar até a Babson era que eu não queria cruzar o espaço aberto outra vez nem começar minha jornada em direção ao oeste por uma via tão larga quanto a South Street.

Pondo-me mais uma vez a caminhar, atravessei para o lado direito da rua a fim de chegar à Babson do modo mais discreto possível. Os barulhos continuavam na Federal Street e, quando olhei para trás, imaginei ter visto um clarão perto da construção por onde eu havia escapado. Ansioso para sair da Washington Street, pus-me a correr, contando com a sorte para não encontrar nenhum olhar vigilante. Na esquina com a Babson Street alarmei-me ao perceber que uma das casas ainda era habitada, conforme atestavam as cortinas penduradas na janela; mas não havia luzes no interior, e assim passei sem nenhum percalço.

Na Babson Street, que atravessava a Federal e assim poderia revelar minha presença, mantive-me o mais próximo possível às construções desabadas e irregulares, parando duas vezes no vão de uma porta quando os barulhos às minhas costas aumentaram por alguns instantes. O espaço desolado à minha frente reluzia ao luar, porém minha rota não me obrigaria a cruzá-lo. Durante a segunda pausa, comecei a perceber uma nova distribuição dos sons vagos; e ao espiar de meu esconderijo perce-

bi um automóvel avançando em alta velocidade pelo espaço aberto, seguindo pela Eliot Street, que naquele ponto cruza a Babson e a Lafayette.

Enquanto eu olhava — com um nó na garganta devido ao súbito aumento na intensidade do odor de peixe, ocorrido após um breve período de alívio —, notei um bando de formas rústicas e corcundas arrastando-se na mesma direção; e soube que aquele devia ser o grupo responsável por vigiar a saída a Ipswich, uma vez que essa estrada é uma extensão da Eliot Street. Duas das figuras que vislumbrei trajavam mantos volumosos, e uma trazia sobre a cabeça um diadema pontiagudo que emanava reflexos brancos ao luar. O andar dessa figura era tão peculiar que cheguei a sentir um calafrio — pois tive a impressão de que a criatura estava quase saltitando.

Quando o último integrante do bando sumiu de vista, continuei avançando; dobrei correndo a esquina da Lafayette Street e atravessei a Eliot o mais rápido possível, por medo de que os mais atrasados do grupo ainda estivessem naquele trecho. Escutei alguns sons coaxantes e estrepitosos ao longe, na direção da praça central, mas completei o trajeto a salvo de qualquer desastre. O meu maior temor era cruzar mais uma vez a amplitude enluarada da South Street — com sua vista para o mar —, e precisei tomar coragem para esse suplício. As chances de alguém estar à espreita eram grandes, e eventuais criaturas ainda na Eliot Street poderiam ver-me de dois pontos diferentes. No último instante decidi que seria melhor diminuir o passo e fazer a travessia como antes, imitando o andar trôpego dos nativos de Innsmouth.

Quando o panorama marítimo mais uma vez descortinou-se — dessa vez à minha direita —, eu estava quase determinado a não lhe dar atenção. Contudo, não pude resistir; e lancei um olhar de soslaio enquanto me arrastava em direção às sombras protetoras logo adiante. Contrariamente à minha expectativa, não havia nenhum navio à vista. A primeira coisa que me chamou a atenção foi um pequeno barco a remo que se aproximou dos velhos atracadouros trazendo um objeto volumoso e coberto com lona. Os remadores, embora distantes e indefníveis, tinham um aspecto particularmente repugnante. Também percebi inúmeros nadadores; ao mesmo tempo que, no longínquo recife negro, notei uma cintilação tênue e contínua, diferente dos clarões intermitentes e

tingida por um matiz singular que eu não saberia identificar com precisão. Acima dos telhados inclinados à esquerda assomava a cúpula do Gilman House, completamente às escuras. O odor de peixe, antes dissipado por uma brisa piedosa, retornou mais uma vez com uma intensidade enlouquecedora.

Eu mal havia atravessado a rua quando escutei um grupo balbuciante avançando pela Washington Street, vindo do norte. Quando chegaram ao amplo espaço aberto de onde tive o primeiro vislumbre inquietante das águas ao luar eu pude vê-los claramente um quarteirão adiante — e fiquei abismado com a anormalidade bestial dos rostos e com a sub-humanidade canina do caminhar agachado. Havia um homem que se deslocava com movimentos simiescos, muitas vezes arrastando os longos braços pelo chão; enquanto uma outra figura — de manto e tiara — parecia avançar quase aos saltos. Imaginei que o grupo seria o mesmo avistado no pátio do Gilman's — e, portanto, aquele que me seguia mais de perto. Quando algumas figuras voltaram o rosto em minha direção, fui transfixado pelo pavor, mas consegui manter o passo trôpego e casual que eu havia adotado. Até hoje não sei se fui visto ou não. Se fui, meu estratagema deve tê-los ludibriado, pois todos cruzaram o espaço enlustrado sem desviar do percurso — enquanto coaxavam e vociferavam em um odioso patoá gutural que não fui capaz de identificar.

De volta à sombra, retomei minha corrida até passar pelas casas desabadas e decrépitas que contemplavam a noite com olhos vazios. Depois de atravessar para a calçada oeste, dobrei a primeira esquina que dava para a Bates Street, onde me mantive próximo às construções ao sul. Passei por duas casas com indícios de habitação, uma das quais tinha luzes nos andares superiores, porém não me deparei com nenhum obstáculo. Quando dobrei na Adams Street senti-me um tanto mais seguro, mas levei um choque quando um homem saiu se arrastando de uma porta escura bem à minha frente. Mas ele estava demasiado bêbado para constituir ameaça; e assim cheguei às ruínas desoladas dos armazéns na Bank Street em segurança.

Nada se mexia na rua deserta às margens do córrego, e o rumor das cachoeiras abafava as minhas passadas. Foi uma longa corrida até a estação em ruínas, e as paredes do enorme armazém de tijolos à minha volta por algum motivo pareciam mais aterradoras do que as demais casas.

Por fim vi o arco da antiga estação — ou o que restava dele — e apressei-me em direção à ferrovia que começava na extremidade mais distante.

Os trilhos estavam enferrujados, porém em boa parte intactos, e não mais do que a metade dos dormentes havia apodrecido. Andar ou correr naquela superfície era muito difícil; mas fiz o melhor que pude e consegui manter uma velocidade razoável. Por um bom pedaço os trilhos ficavam à beira do rio, e por fim cheguei à longa ponte coberta no ponto em que atravessava o abismo a uma altura vertiginosa. As condições da ponte determinariam o passo a seguir. Se fosse possível, eu haveria de atravessá-la; senão, teria de me arriscar em mais andanças pelas ruas até conseguir acesso a uma ponte rodoviária em boas condições.

O enorme comprimento da antiga ponte reluzia com um brilho espectral ao luar, e notei que pelo menos nos primeiros metros os dormentes estavam em condições razoáveis. Acendi minha lanterna ao entrar e quase fui derrubado pela nuvem de morcegos que saiu voando do interior do túnel. Pelo meio do caminho havia uma falha perigosa nos dormentes que por um instante ameaçou deter o meu progresso; mas no fim arrisquei um salto desesperado, que por sorte obteve êxito.

Fiquei feliz quando tornei a ver o luar ao sair do túnel macabro. Os velhos trilhos atravessavam a River Street em uma passagem de nível e então seguiam para uma região mais rural de Innsmouth onde o detestável odor de peixe era menos pungente. A densa vegetação espinhosa dificultava o meu progresso e rasgava impiedosamente as minhas roupas, mas ainda assim me dei por satisfeito ao perceber que estaria protegido em caso de perigo. Eu sabia que boa parte da minha rota era visível a partir da estrada em direção a Rowley.

A região pantanosa começava logo a seguir, e o trilho solitário avançava por um trecho baixo e coberto de grama onde as ervas daninhas eram um pouco mais escassas. A seguir vinha uma espécie de ilha em terreno elevado, onde a ferrovia cruzava um desmonte raso tomado por arbustos e espinheiros. Senti um grande alívio ao encontrar esse abrigo parcial, pois a estrada para Rowley deveria estar a uma distância inquietantemente curta segundo a observação que eu havia feito de minha janela. No fim do desmonte, a estrada atravessaria os trilhos e afastar-se-ia rumo a uma distância segura; mas nesse meio-tempo eu precisaria tomar

todo o cuidado possível. A essa altura eu tinha certeza de que a ferrovia não estava sendo observada.

Logo antes de adentrar o desmonte eu olhei para trás, mas não vi ninguém em meu encalço. Os vetustos telhados e coruchéus da decadente Innsmouth cintilavam com um brilho encantador e etéreo sob o brilho pardacento do luar, e imaginei o aspecto que teriam apresentado nos velhos tempos, antes que as sombras se abatessem sobre o vilarejo. A seguir, enquanto o meu olhar se dirigia para o interior do continente, uma visão menos pacata chamou a minha atenção e paralisou-me por um instante.

O que eu vi — ou imaginei ter visto — foi a perturbadora sugestão de um movimento ondulante no sul longínquo; e essa sugestão levou-me a concluir que uma enorme horda de criaturas deveria estar saindo da cidade em direção à estrada de Ipswich. A distância era grande, e eu não conseguia distinguir os detalhes; mas a maneira como aquela coluna se deslocava não me agradou nem um pouco. O contorno ondulava demais e cintilava com demasiada intensidade sob os raios da lua que naquele instante deslizava rumo ao ocidente. Também havia a sugestão de um som, embora o vento estivesse soprando no sentido contrário — a sugestão de estrépitos e mugidos bestiais ainda piores do que os balbucios que eu havia escutado antes.

Toda sorte de conjecturas desagradáveis passava pela minha cabeça. Pensei nas criaturas de Innsmouth que, segundo rumores, habitariam antigas galerias em ruínas próximas ao porto. Também pensei nos nadadores inomináveis que eu tinha visto. Somando os grupos avistados até então, bem como os que eu imaginava estarem de tocaia nas outras estradas, o número dos meus perseguidores era estranhamente elevado para uma cidade tão despovuada como Innsmouth.

De onde teriam vindo todos os integrantes da densa coluna que naquele instante eu contemplava? Será que as antigas galerias inexploradas estariam fervilhando com seres disformes e ignotos, de existência até então inconcebida? Ou algum navio teria transportado uma legião de intrusos desconhecidos até o recife infernal? Quem eram aquelas criaturas? Por que estavam lá? E se avançavam em colunas pela estrada em direção a Ipswich, será que as patrulhas do outro lado também teriam recebido reforços?

Eu havia adentrado o desmonte tomado pelos arbustos e avançava com dificuldade, a um passo lento, quando mais uma vez um repugnante odor de peixe dominou o panorama. Será que o vento teria mudado para o leste, de modo a soprar do oceano em direção ao vilarejo? Concluí que essa seria a única explicação, pois comecei a ouvir terríveis murmúrios guturais vindos de um ponto até então silencioso. Mas havia outro som — de batidas ou pancadas colossais que, por algum motivo, conjuravam imagens de caráter absolutamente odioso. O ruído levou-me a abandonar a lógica enquanto pensava na repelente coluna ondulante na longínqua estrada que levava a Ipswich.

Logo a intensidade do fedor e dos sons aumentou e, tremendo, senti-me grato pela proteção oferecida pelo desmonte. Lembrei-me de que naquele ponto a estrada para Rowley passava muito perto da antiga ferrovia antes de guinar para o oeste e afastar-se. Algo estava vindo por aquela estrada, e precisei abaixar-me até que passasse e desaparecesse por completo na distância. Graças a Deus as criaturas não usavam cães na perseguição — embora talvez fosse impossível em vista do odor que infestava toda a região. Agachado em meio aos arbustos da fenda arenosa eu me sentia razoavelmente seguro, embora soubesse que os meus perseguidores cruzariam os trilhos à minha frente pouco mais de cem metros adiante. Eu poderia vê-los, mas eles, salvo no caso de algum milagre maligno, não me veriam.

De repente fui tomado por uma forte aversão à ideia de observar a travessia. Vi o espaço enluarado por onde o cortejo passaria e tive pensamentos curiosos sobre a conspurcação irremediável do lugar. Talvez fossem as piores criaturas de Innsmouth — uma visão que ninguém faria questão de recordar.

O fedor tornou-se ainda mais insuportável, e os barulhos transformaram-se em uma babel de coaxados, uivos e latidos que não tinham sequer a mais remota semelhança com a fala humana. Seriam aquelas as vozes dos meus perseguidores? Será que tinham cães, afinal de contas? Até então eu não tinha visto nenhum dos habitantes mais degradados de Innsmouth. As batidas ou pancadas eram monstruosas — eu não poderia olhar para as criaturas degeneradas que as provocavam. Tinha de manter os olhos fechados até que os sons desaparecessem no oeste. A horda estava muito próxima — o ar vinha contaminado pelos rosnados

brutais, e o chão quase estremecia no ritmo daquelas passadas inconcebíveis. Por pouco não preendi a respiração, e concentrei toda a minha força de vontade em manter os olhos fechados.

Ainda não sei dizer se o que veio a seguir foi uma realidade horrenda ou apenas um pesadelo alucinatório. As medidas governamentais em resposta aos meus apelos frenéticos parecem confirmar a existência de uma realidade monstruosa; mas será que podemos descartar a hipótese de uma alucinação recorrente na atmosfera quase hipnótica daquele vilarejo ancestral, obscuro e tomado pelas sombras? Lugares assim são dotados de estranhas propriedades, e o legado de lendas insanas pode muito bem ter agido sobre mais de uma imaginação humana em meio às ruas desertas e malcheirosas e aos escombros de telhados apodrecidos e coruchéus arruinados. Não seria possível que o germe de uma loucura contagiosa estivesse à espreita nas profundezas da sombra que paira sobre Innsmouth? Quem pode ter certeza da realidade depois de ouvir histórias como aquelas contadas pelo velho Zadok Allen? A polícia jamais encontrou o corpo do velho Zadok, e ninguém sabe que fim o levou. Onde acaba a loucura e onde começa a realidade? Será possível que até os meus temores mais recentes sejam meras ilusões?

Seja como for, preciso tentar explicar o que eu acredito ter visto à noite, sob a luz zombeteira da lua amarela — o que eu acredito ter visto andar pela estrada que levava a Rowley bem diante dos meus olhos enquanto eu permanecia agachado em meio aos arbustos daquele inóspito desmante na ferrovia. É claro que fracassei na tentativa de manter os olhos fechados. A decisão estava fadada ao fracasso — pois quem poderia manter-se agachado de olhos fechados enquanto uma legião de entidades coaxantes e uivantes de origem desconhecida se debate com grande estrépito ao passar pouco mais de cem metros adiante?

Eu me julgava preparado para o pior, e de fato deveria estar em virtude de tudo o que tinha visto antes. Afinal, se os meus outros perseguidores eram de uma anormalidade abominável, eu não deveria estar pronto para vislumbrar o elemento anormal *em grau mais elevado* — ou mesmo para defrontar-me com formas em que o normal não desempenhava parte alguma? Não abri os olhos até que o clamor atingisse um ponto diretamente à minha frente. Nesse momento eu soube que uma longa fileira de criaturas deveria estar bem à vista no ponto em que as la-

terais do desmonte se achatavam e a estrada atravessava a ferrovia — e não pude resistir a uma amostra dos horrores que a zombeteira lua amarela tinha a oferecer.

Para mim, por todo o tempo de vida que ainda me resta sobre a terra, aquela visão enterrou de vez qualquer vestígio de paz de espírito e de confiança na integridade da Natureza e da mente humana. Nada do que eu pudesse ter imaginado — nada sequer do que eu poderia ter concebido ainda que levasse ao pé da letra a história maluca contada pelo velho Zadok — chegaria aos pés da realidade demoníaca e blasfema que presenciei — ou acredito ter presenciado. Tentei insinuar o que vi para postergar o horror de uma descrição direta. Será possível que nosso planeta tenha de fato engendrado tais criaturas? Que olhos humanos possam mesmo ter visto, na substância da carne, o que até então o homem só havia conhecido em devaneios febris e lendas fantasiosas?

E no entanto eu os vi em fileiras intermináveis — debatendo-se, saltando, coaxando, balindo — uma bestialidade crescente sob o brilho espectral do luar, na sarabanda grotesca e maligna de um pesadelo aterrorizador. Alguns ostentavam tiaras daquele inominável minério dourado... outros trajavam mantos... e um outro, que seguia à frente, estava vestido com um funéreo manto preto e calças listradas e trazia um chapéu de feltro sobre o apêndice disforme que fazia as vezes de cabeça...

Acho que a cor predominante era um verde-acinzentado, embora as criaturas tivessem barrigas brancas. A maioria tinha corpos brilhosos e escorregadios, mas a protuberância nas costas era escamosa. As silhuetas eram vagamente antropoides, enquanto as cabeças eram como as dos peixes, dotadas de prodigiosos olhos arregalados que não se fechavam jamais. Nas laterais do pescoço tinham guelras palpitantes, e os dedos na extremidade das patas eram ligados por uma membrana. Todos se deslocavam com saltos irregulares — ora sobre duas patas, ora sobre quatro. Por algum motivo fiquei aliviado ao perceber que não tinham mais de quatro membros. As vozes coaxantes e uivantes, sem dúvida usadas para a comunicação articulada, sugeriam todas as nuances expressivas de que os rostos de olhar vidrado careciam.

Mas, apesar de toda a monstruosidade, a cena não deixava de ser familiar. Eu sabia muito bem o que aquelas criaturas deviam ser — afinal, a memória da maligna tiara em Newburyport ainda não estava fresca?

Aqueles eram os sapos-peixes blasfemos de origem inominável — vivos e horripilantes —, e ao vê-los eu também soube por que o padre corcunda no escuro porão da igreja havia me inspirado tamanho terror. O número das criaturas era incalculável. Tive a impressão de ver hordas infindáveis — e com certeza o vislumbre momentâneo que tive só poderia ter revelado uma fração ínfima do total. No instante seguinte tudo foi obscurecido por um piedoso desmaio; o primeiro em minha vida.

V.

Foi uma suave chuva diurna que me acordou do estupor em que eu me encontrava no desmante da ferrovia, e quando me arrastei em direção à estrada mais à frente não percebi nenhum rastro no barro recém-formado. O odor de peixe também havia desaparecido. Os telhados em ruínas e os coruchéus desabados de Innsmouth assomavam no horizonte cinza a sudeste, mas não percebi uma só criatura viva na desolação dos pântanos salgados ao redor. Meu relógio indicava que já era mais de meio-dia.

A realidade dos eventos recentes era um tanto incerta em meus pensamentos, mas eu sentia que algo horripilante permanecia em segundo plano. Eu precisava sair do vilarejo assolado pelas sombras — e para tanto comecei a testar meus músculos exaustos. Apesar do cansaço, da fome, da perturbação e do horror prolongados, descobri que eu era capaz de caminhar; e assim comecei a deslocar-me lentamente ao longo da estrada lamacenta que conduzia a Rowley. Antes que a noite caísse eu já havia chegado à cidade, feito uma refeição e vestido roupas apresentáveis. Tomei o trem noturno até Arkham e no dia seguinte tive uma longa e séria conversa com representantes do governo; um procedimento mais tarde repetido em Boston. O resultado desses colóquios é de conhecimento público — e, pelo bem da normalidade, eu gostaria que não houvesse mais nada a acrescentar. Talvez eu esteja sucumbindo à loucura — mas talvez um horror ainda maior — ou um portento ainda maior — esteja próximo.

Como se pode imaginar, desisti de quase todos os planos da minha viagem — as distrações cênicas, arquitetônicas e antiquárias que tanto me enchiam de expectativa. Tampouco me atrevi a examinar a estranha

joia que supostamente integra o acervo do Museu da Universidade do Miskatonic. Contudo, aproveitei minha estada em Arkham para reunir apontamentos genealógicos que eu buscava havia muito tempo; anotações muito superficiais e apressadas, que no entanto seriam de grande serventia mais tarde, quando eu tivesse tempo de compará-las e codificá-las. O curador da sociedade histórica na cidade — o sr. E. Lapham Peabody — recebeu-me com grande cortesia e manifestou um raro interesse quando mencionei ser neto de Eliza Orne, que havia nascido em Arkham no ano de 1867 e casado com James Williamson, de Ohio, aos dezessete anos.

Parece que um de meus tios maternos havia visitado a cidade muitos anos atrás em uma busca muito semelhante à minha; e que a família da minha avó despertava uma certa curiosidade nos nativos. O sr. Peabody explicou-me que houve muita discussão acerca do casamento de meu bisavô, Benjamin Orne, logo após a Guerra Civil; uma vez que a linhagem da noiva era um tanto enigmática. Segundo o entendimento mais comum, a moça era uma órfã da família Marsh de New Hampshire — prima dos Marsh do condado de Essex —, que no entanto havia estudado na França e sabia muito pouco sobre a família. Um tutor havia depositado dinheiro em um banco de Boston a fim de prover o sustento da menina e de sua governanta francesa; mas ninguém em Arkham conhecia seu nome, e assim, quando ele desapareceu, a governanta assumiu o posto graças a uma nomeação judicial. A francesa — falecida há tempos — era muito reservada, e algumas pessoas diziam que poderia ter falado mais do que falou.

Porém o mais surpreendente era que ninguém conseguia localizar os pais da jovem — Enoch e Lydia (Meserve) Marsh — entre as famílias conhecidas de New Hampshire. Muitos achavam que a moça talvez fosse filha de algum Marsh proeminente — sem dúvida ela tinha os olhos dos Marsh. O enigma se complicou ainda mais com seu falecimento prematuro, durante o parto da minha avó — sua única filha. Como eu tivesse impressões desfavoráveis acerca da família Marsh, não recebi de bom grado a notícia de que esse nome pertencia à minha própria genealogia; nem tomei como elogio a insinuação feita pelo sr. Peabody de que eu também tinha os olhos dos Marsh. Entretanto, agradei-lhe pelas in-

formações, que sem dúvida seriam valiosas; e fiz copiosas anotações e listas bibliográficas referentes à bem documentada família Orne.

De Boston voltei direto a Toledo, e mais tarde passei um mês inteiro em Maumee recuperando-me do meu suplício. Em setembro matriculei-me em Oberlin para o meu ano final, e até junho ocupei-me com os estudos e outras atividades saudáveis — lembrado dos terrores passados somente pelas visitas ocasionais de funcionários do governo envolvidos na campanha lançada após os apelos que eu havia feito e as provas que eu havia apresentado. Em meados de julho — apenas um ano após os acontecimentos em Innsmouth — passei uma semana com a família da minha finada mãe em Cleveland, confrontando parte dos meus dados genealógicos com as várias notas, tradições e heranças que subsistiam e tentando organizar os dados de maneira coerente.

A tarefa não era exatamente agradável, pois a atmosfera na casa dos Williamson sempre me deprimia. Havia algo de mórbido no ar, e minha mãe jamais me encorajava a fazer visitas aos meus avós durante a minha infância, embora sempre recebesse o pai com alegria nas vezes em que ele nos visitava em Toledo. Minha avó nascida em Arkham sempre me parecera estranha e assustadora, e não me lembro de ter sentido tristeza alguma quando ela desapareceu. Eu tinha oito anos na época, e diziam que ela tinha saído sem rumo, arrasada com o suicídio de meu tio Douglas, seu filho mais velho. Ele havia se matado com um tiro após uma viagem à Nova Inglaterra — sem dúvida a mesma viagem que motivara a breve menção a seu nome na Sociedade Histórica de Arkham.

Meu tio guardava certa semelhança física com a mãe, e eu também nunca gostei muito dele. Algo em relação ao olhar arregalado e fixo de ambos despertava em mim uma perturbação inexplicável. Minha mãe e meu tio Walter não eram assim. Os dois haviam puxado mais ao pai, embora o meu desafortunado primo Lawrence — filho de Walter — tenha sido quase uma duplicata perfeita da minha avó antes que a doença o confinasse à segregação permanente de um sanatório em Canton. Eu não o tinha visto em quatro anos, mas certa vez meu tio deu a entender que o estado dele, tanto mental como físico, era muito precário. Essa preocupação sem dúvida havia contribuído em boa parte para a morte da mãe de Lawrence dois anos antes.

Juntos, meu avô e seu filho Walter, que era viúvo, eram os únicos remanescentes da família em Cleveland, mas a memória dos velhos tempos fazia-se notar com grande intensidade. Eu ainda me sentia pouco à vontade por lá e tentei concluir minhas pesquisas no menor tempo possível. Inúmeros registros e tradições dos Williamson foram-me repassados pelo meu avô; mas para o material relativo aos Orne eu tive de contar com meu tio Walter, que pôs à minha disposição todos os seus arquivos, que incluíam bilhetes, cartas, recortes, heranças, fotografias e miniaturas.

Foi ao examinar as cartas e fotografias desse lado da família que comecei a sentir um certo terror relativo à minha própria genealogia. Como eu disse, o aspecto de minha avó e de meu tio Douglas sempre havia sido motivo de inquietação para mim. Mesmo anos depois do falecimento de ambos, contemplei os rostos nas fotografias tomado por um sentimento de estranheza e repulsa ainda mais intenso. A princípio, fui incapaz de compreender meus sentimentos, mas aos poucos uma espécie de *comparação* começou a penetrar meu inconsciente, apesar da recusa de meu consciente em admitir qualquer sugestão relacionada. Estava claro que os traços característicos daqueles rostos sugeriam algo que antes não haviam sugerido — algo que resultaria em um pânico descontrolado caso assumisse a forma de um pensamento consciente.

Porém o choque mais violento veio quando o meu tio mostrou-me as joias dos Orne, guardadas em um cofre no centro da cidade. Algumas das peças eram delicadas e inspiradoras, mas havia uma caixa de estranhas joias antigas, legadas pela misteriosa bisavó, que meu tio relutou em mostrar-me. Segundo me disse, as peças tinham um aspecto grotesco, que beirava o repulsivo, e possivelmente jamais haviam sido usadas em público; embora a minha avó gostasse de admirá-las. Havia histórias vagas que atribuíam maus agouros àquelas joias, e a governanta francesa da minha bisavó havia dito que seria arriscado usá-las na Nova Inglaterra, mesmo que não houvesse problema algum em exibí-las na Europa.

Enquanto desembulhava o pacote devagar e meio a contragosto, meu tio insistiu para que eu não me espantasse com a estranheza e o caráter com frequência horrendo daqueles objetos. Artistas e arqueólogos haviam notado a maestria do ourives e a absoluta excentricidade da execução, mas ninguém fora capaz de definir a natureza exata do material

nem de atribuí-los a uma tradição artística específica. Havia dois braceletes, uma tiara e uma espécie de peitoral, sendo este último ornado com figuras de extravagância quase insuportável em alto-relevo.

Durante a descrição eu havia mantido estrita vigilância sobre os meus sentimentos, porém meu rosto deve ter traído a escalada de meus temores. Meu tio adotou uma expressão preocupada e deteve as mãos para melhor examinar o meu semblante. Fiz um gesto indicando que continuasse a desembulhar o pacote, o que fez com visível relutância. Ele parecia estar à espera de uma reação quando a primeira peça — a tiara — foi revelada, mas duvido que esperasse pelo que de fato aconteceu. Nem eu mesmo esperava, pois já me imaginava preparado para a revelação que as joias trariam consigo. O que fiz foi desmaiar em silêncio, tal como eu havia feito em meio aos arbustos no desmante à beira da ferrovia no ano anterior.

Desse dia em diante a minha vida tem sido um pesadelo de maus augúrios e apreensão, e já não sei mais quanto é uma verdade horrenda e quanto é loucura. A minha bisavó tinha sido uma Marsh de linhagem desconhecida casada com um homem de Arkham — e Zadok não havia dito que a filha de Obed Marsh com uma esposa monstruosa tinha se casado com um homem de Arkham graças a alguma artimanha? O velho beerrão não havia balbuciado alguma coisa sobre a semelhança dos meus olhos e os do capitão Obed? Em Arkham, o curador também me havia dito que eu tinha os olhos dos Marsh. Então Obed Marsh era o meu próprio trisavô? Quem — ou *o quê* — era então a minha trisavó? Mas talvez tudo não passe de loucura. Não seria nada estranho se os ornamentos de ouro esbranquiçado tivessem sido comprados de algum marinheiro de Innsmouth pelo pai da minha bisavó, quem quer que tenha sido. E talvez os olhos arregalados no rosto da minha avó e do meu tio suicida não passem de fantasias da minha imaginação — a mais pura fantasia exacerbada pela sombra de Innsmouth, que pinta meus devaneios em cores tão escuras. Mas por que o meu tio haveria cometido suicídio após uma viagem de cunho genealógico à Nova Inglaterra?

Por mais de dois anos evitei essas reflexões com algum sucesso. Meu pai conseguiu um emprego para mim em um escritório de seguros, e eu me enterrei na rotina o mais fundo que pude. No inverno de 1930–1, contudo, vieram os sonhos. No início eram esparsos e insidiosos, porém

aumentaram em frequência e nitidez à medida que as semanas passavam. Grandes panoramas líquidos descortinavam-se à minha frente, e eu parecia vagar por titânicos pórticos submersos e labirintos de muralhas ciclópicas tendo apenas peixes grotescos por companhia. Então *outros vultos* começavam a aparecer, enchendo-me de um horror inefável no momento em que eu despertava. Mas durante o sonho eu não sentia pavor algum — eu me sentia como um deles; usava as mesmas vestes inumanas, andava pelos mesmos caminhos aquáticos e fazia orações monstruosas em templos malignos no fundo do mar.

Havia muitas outras coisas das quais não me recordo, mas as lembranças que eu tinha toda manhã ao acordar bastariam para conferir-me o estigma do louco ou do gênio se eu ousasse confiá-las ao papel. Eu sentia que uma terrível influência aos poucos tentava arrastar-me para longe do mundo da sanidade em direção a abismos inomináveis de escuridão e estranheza; e o processo teve consequências nefastas. Minha saúde e minha aparência pioravam dia após dia, até o ponto em que fui obrigado a abandonar meu emprego para abraçar a vida monótona e reclusa de um inválido. Alguma moléstia nervosa me afligia, e por vezes eu mal conseguia fechar os olhos.

Foi então que comecei a estudar meu reflexo no espelho com crescente espanto. A lenta deterioração imposta pela doença não era uma visão agradável, mas no meu caso havia algo mais sutil e mais enigmático em segundo plano. Meu pai também pareceu notar, pois começou a me lançar olhares curiosos e quase temerosos. O que estava acontecendo comigo? Será que aos poucos eu estava ficando parecido com a minha avó e o meu tio Douglas?

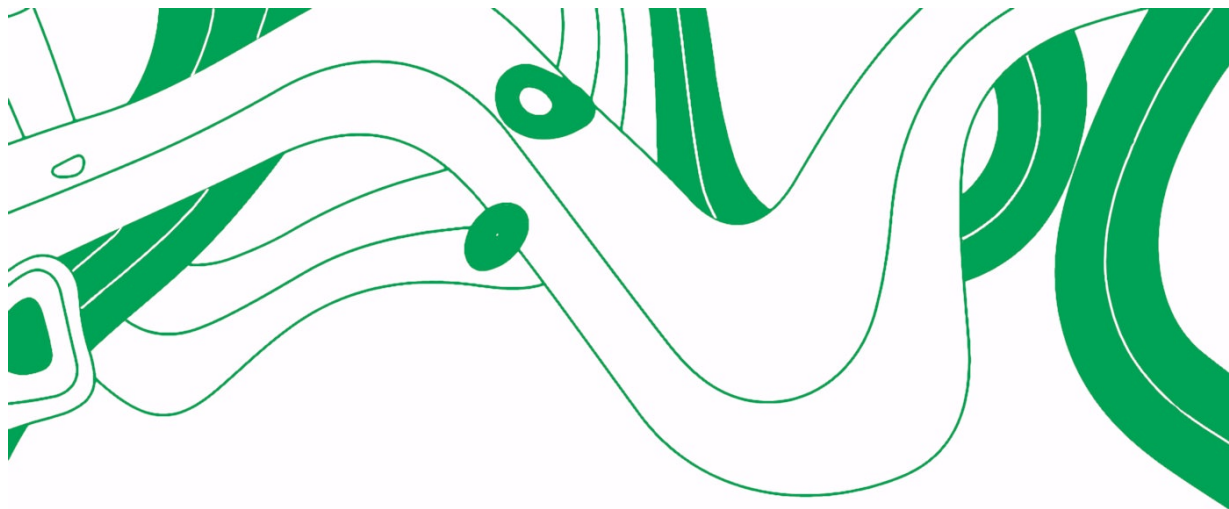
Certa noite eu sonhei que encontrava a minha avó no fundo do mar. Ela morava em um palácio fosforescente de vários terraços, com jardins de estranhos corais leprosos e grotescas florescências ondulantes, e me recebeu com uma demonstração de afeto que talvez tenha sido sarcástica. Ela estava mudada — como todos os que vão para a água — e me disse que não havia morrido. Na verdade, tinha ido até um lugar descoberto pelo filho suicida e mergulhado em direção a um reino cujos prodígios — igualmente reservados ao primogênito — meu tio havia desprezado com uma pistola fumegante. Aquele também seria o meu reino — não havia escapatória. Eu não morreria jamais e estava destinado a vi-

ver com todos aqueles que desde antes da humanidade caminham sobre a terra.

Também encontrei aquela que havia sido a avó dela. Por oitenta mil anos Pth'thya-l'yi tinha vivido em Y'ha-nthlei, para onde voltou depois que Obed Marsh morreu. Y'ha-nthlei não fora destruída quando os homens da superfície lançaram a morte contra o mar. Foi apenas ferida, mas não destruída. As Criaturas Abissais jamais seriam destruídas, ainda que a magia paleogênea dos Anciões esquecidos às vezes pudesse barrá-los. Por ora, apenas descansariam; mas um dia, se ainda lembrarem, hão de erguer-se mais uma vez e prestar o tributo exigido pelo Grande Cthulhu. Da próxima vez seria uma cidade maior do que Innsmouth. O plano era dispersar a raça, e para tanto haviam criado os meios necessários; mas agora ficariam à espera uma vez mais. Por ter trazido a morte da superfície eu precisaria fazer uma penitência, mas não seria pesada. Foi nesse sonho que eu vi um *shoggoth* pela primeira vez, e a visão despertou-me em meio a gritos atrozes. Naquela manhã o espelho não deixou mais dúvidas de que *eu havia adquirido a aparência de Innsmouth*.

Ainda não me dei um tiro, como fez meu tio Douglas. Comprei uma automática e por pouco já não puxei o gatilho, mas certos sonhos me impediram. Os paroxismos de horror estão diminuindo, e em vez de medo eu sinto uma atração inexplicável pelas profundezas oceânicas. Ouço e faço coisas estranhas durante o sono e acordo em uma espécie de exaltação que assumiu o lugar antes ocupado pelo horror. Não acho que eu precise esperar pela transformação completa como a maioria. Se eu procedesse assim, meu pai provavelmente me trancaria em um sanatório, como aconteceu ao meu desafortunado primo. Esplendores magníficos e inauditos me aguardam nas profundezas, e em breve hei de encontrá-los. *Iä-R'lyeh! Cthulhu fhtagn! Iä! Iä!* Não, não devo puxar o gatilho — nada me fará puxá-lo!

Pretendo ajudar meu primo a escapar do hospício em Canton para juntos seguirmos rumo às prodigiosas sombras de Innsmouth. Nadaremos até o infausto recife para mergulhar nos abismos negros até avistar as inúmeras colunas da ciclópica Y'ha-nthlei, e no covil das Criaturas Abissais habitaremos em meio a glórias e maravilhas por toda a eternidade.



O Sussurro nas Trevas

∴

The Whisperer in Darkness (1930)

Weird Tales (ago. 1931)

Se “O horror de Dunwich” gerou alguma dúvida sobre a tendência da ficção de Lovecraft ir em uma direção menos sobrenatural e mais científica, “O sussurro nas trevas” encerrou isso. Essa narrativa profundamente perturbadora confunde a linha entre *weird fiction*, fantasia sombria e ficção científica e, sem dúvida, faz melhor uso de seu narrador docente acadêmico para evocar horror nas entrelinhas do que qualquer trabalho anterior.

“O sussurro nas trevas” pode ter sido sua tentativa de atravessar dois mundos. Ele apresenta muita ação pulp, a ponto de ser criticado por alguns fãs de Lovecraft por trazer muitos elementos de escritores como Robert E. Howard.

Essa história também tira maior vantagem de todo o Mito de Cthulhu do que a maioria dos trabalhos anteriores. Clark Ashton Smith é incorporado a ele como um sacerdote atlante (“Klarkash-Ton”), assim como seu deus sapo Tsathoggua. Os Mitos de Cthulhu estavam começando a tomar forma como um verdadeiro universo compartilhado de ficção, a partir do

qual Lovecraft e seus amigos poderiam desenhar personagens e referências para aprimorar o realismo de seus contos weird.



Tenha sempre em mente que não houve nenhum horror visual no fim. Dizer que um abalo mental foi a causa do que inferi — a última gota d'água que me fez fugir correndo da isolada fazenda Akeley e atravessar as selvagens montanhas coroadas de Vermont em um automóvel à noite — é ignorar os fatos mais simples da minha experiência final. Não obstante a quantidade enorme de informação e especulação de que eu dispunha sobre Henry Akeley, as coisas que vi e ouvi e a confessada nitidez da impressão produzida em mim por essas coisas, não posso provar nem agora se eu estava certo ou errado em minha hedionda inferência. Pois, afinal, o desaparecimento de Akeley não definiu nada. Não deram falta de nada em sua casa, apesar das marcas de balas por fora e por dentro. Era como se ele tivesse saído casualmente para passear na montanha e não tivesse voltado. Não havia nenhum sinal da presença de um convidado ali, ou de que aqueles cilindros e máquinas horríveis estivessem guardados no escritório. O fato de que ele morria de medo das montanhas cheias de gente e do interminável escorrer dos riachos entre os quais nascera e fora criado também não significava nada, pois milhares de pessoas estão sujeitas a esse tipo de medo mórbido. Além disso, a excentricidade explicaria melhor seus estranhos atos e apreensões perto do fim.

Tudo havia começado, até onde sei, com a enchente histórica e sem precedentes em Vermont no dia 3 de novembro de 1927. Eu era na época, como sou até hoje, professor de literatura na Universidade Miskatonic em Arkham, Massachusetts, e um estudante amador e entusiasta do folclore da Nova Inglaterra. Pouco depois da enchente, em meio a diversos relatos de dificuldades, sofrimentos e auxílios organizados que inundaram a imprensa, surgiram certas matérias curiosas sobre objetos encontrados boiando nas cheias, de modo que muitos amigos embarcaram em discussões peculiares e recorreram a mim para ver se eu podia lançar alguma luz sobre o assunto. Fiquei lisonjeado por levarem meus

estudos de folclore tão a sério e fiz o que pude para desacreditar aquelas histórias estranhas e vagas que me pareciam nítidos resquícios de velhas superstições rústicas. Achei graça ao descobrir que diversas pessoas formadas insistiam que algum estrato de fatos obscuros e distorcidos podia estar por trás de tais rumores.

As histórias assim trazidas ao meu conhecimento vinham quase sempre de recortes de jornais, embora um dos fios da meada fosse uma fonte oral e tivesse sido repetida a um amigo meu em uma carta da mãe dele em Hardwick, Vermont. O tipo de coisa descrita era essencialmente o mesmo em todos os casos, ainda que parecesse haver três instâncias separadas envolvidas: uma associada ao rio Winooski, perto de Montpelier; outra ligada ao rio West, no condado de Windham, depois de Newfane; e uma terceira em torno de Passumpsic, no condado de Caledonia, acima de Lyndonville. Claro que muitos dos itens encontrados mencionavam outras ocorrências, mas sob análise todos pareciam se resumir a essas três. Em cada caso, o povo do interior relatou ter visto um ou mais objetos muito bizarros e perturbadores nas águas que se despejavam das montanhas pouco frequentadas, e havia uma tendência generalizada de associar essas visões a um ciclo primitivo, quase esquecido, de lendas sussurradas, que os mais velhos ressuscitavam para a ocasião.

O que as pessoas alegavam ter visto eram formas orgânicas diferentes de tudo o que já tinham visto antes. Naturalmente, muitos corpos humanos foram trazidos pelas torrentes naquele período trágico, mas aqueles que descreviam essas formas estranhas tinham certeza de que não eram humanas, apesar de algumas semelhanças superficiais em tamanho e contorno geral. Tampouco, diziam as testemunhas, poderia ter sido qualquer tipo de animal conhecido em Vermont. Eram coisas rosadas de um metro e meio de comprimento, com corpos de crustáceos, trazendo vastos pares de barbatanas dorsais ou asas membranosas e conjuntos numerosos de membros articulados, e com uma espécie de elipsoide convoluta, coberta com miríades de antenas muito curtas, onde normalmente ficaria uma cabeça. Era de fato notável como os relatos de fontes diferentes tendiam a coincidir rigorosamente, embora o espanto diminuísse pelo fato de que as velhas lendas, compartilhadas outrora em toda a região das montanhas, forneciam uma imagem morbidamente vívida que podia muito bem ter despertado a imaginação de todas as teste-

munhas envolvidas. Minha conclusão foi que essas testemunhas — em todos os casos gente ingênua e simplória do interior — haviam visto de relance os corpos abatidos e inchados de seres humanos ou de animais de criação nas correntes rodopiantes e permitiram que o folclore quase esquecido investisse aqueles objetos lamentáveis de atributos fantásticos.

O antigo folclore, apesar de nebuloso, evasivo e em grande medida esquecido pela geração atual, tinha um caráter muito singular e obviamente refletia a influência de histórias indígenas ainda anteriores. Embora nunca tivesse ido a Vermont, eu conhecia bem o folclore, graças a uma monografia extremamente rara de Eli Davenport, que incluía um material oral obtido antes de 1839 com as pessoas mais velhas do estado. Esse material, além do mais, coincidia rigorosamente com histórias que eu mesmo tinha ouvido de camponeses idosos das montanhas de New Hampshire. Resumindo em poucas palavras, ele sugeria a existência de uma espécie oculta de seres monstruosos que espreitavam entre as montanhas mais remotas — nas matas densas dos cumes mais altos e nos vales escuros onde riachos escorriam de fontes desconhecidas. Esses seres raramente eram vislumbrados, mas provas de sua presença eram relatadas por aqueles que se aventuravam mais longe do que o costume pelas encostas de certas montanhas ou dentro de certas gargantas profundas, íngremes, que até os lobos evitavam.

Havia pegadas ou rastros de patas estranhas na lama das margens dos riachos e descampados, e curiosos círculos de pedras, com a grama desgastada ao redor, que não pareciam ter sido dispostos ou inteiramente moldados pela Natureza. Havia também certas cavernas de profundidade problemática nas encostas das montanhas, com bocas fechadas por rochas de um modo dificilmente accidental e mais do que a cota comum de pegadas estranhas indo e vindo dali — se de fato a orientação dessas pegadas pudesse ser estimada com precisão. Ainda pior, havia as coisas que as pessoas mais aventureiras tinham visto muito raramente no crepúsculo dos vales mais remotos e nos bosques densos e perpendiculares acima dos limites das escaladas corriqueiras.

Teria sido menos desconfortável se os relatos esporádicos dessas coisas não fossem tão concordantes. Na prática, quase todos os rumores tinham vários pontos em comum, atestando que as criaturas eram uma es-

pécie de caranguejo imenso, vermelho-claro, com muitos pares de patas e duas grandes asas como de morcego no meio das costas. Às vezes andavam em todas as patas, e às vezes apenas no par traseiro, usando as outras para transportar grandes objetos de natureza indeterminada. Num ocasião, foram avistados em número considerável, um destacamento deles vadeando um riacho raso no meio da floresta, em fileiras de três, em formação evidentemente disciplinada. Certa vez, um espécime fora visto voando — lançando-se do topo de uma montanha desmatada, erma, à noite, e sumindo no céu depois de suas grandes asas terem sido avistadas em silhueta por um instante contra a lua cheia.

Essas criaturas pareciam contentes, em geral, de deixar a humanidade em paz, embora fossem às vezes consideradas responsáveis pelo desaparecimento de indivíduos mais ousados — especialmente pessoas que construíam suas casas perto demais de certos vales ou alto demais em certas montanhas. Muitas localidades passaram a ser conhecidas como desaconselháveis para moradia, e essa sensação persistiu muito depois de o motivo ser esquecido. As pessoas olhavam para um precipício montanhoso vizinho com um estremecimento, mesmo que não se lembrassem de quantos moradores haviam desaparecido e de quantas casas haviam sido queimadas até virar cinzas, nos aclives mais baixos daquelas sombrias sentinelas verdes.

Embora, segundo as lendas mais antigas, as criaturas aparentemente só tivessem causado dano àqueles que ultrapassavam sua privacidade, relatos posteriores demonstrariam a curiosidade em relação às pessoas, e tentativas de estabelecer entrepostos secretos no mundo humano. Havia histórias de rastros de patas bizarros vistos nas imediações de janelas de casas de fazenda pela manhã, e de desaparecimentos ocasionais em regiões distantes das áreas obviamente assombradas. Histórias, também, de vozes sussurrantes imitando a fala humana, que faziam surpreendentes ofertas a viajantes solitários em estradas e caminhos de carroça em florestas profundas, e de crianças muito assustadas com coisas vistas ou ouvidas onde a floresta primitiva se aproximava de seus quintais. No estrato final das lendas — o estrato que precedia o declínio da superstição e o abandono do contato íntimo com os locais temidos — havia referências chocadas a eremitas e fazendeiros remotos que em determinado momento da vida pareciam passar por uma transformação mental repe-

lente e que eram evitados e comentados aos sussurros, como mortais que teriam se vendido aos estranhos seres. Em um condado a nordeste, parecia ser costume por volta de 1800 acusar reclusos excêntricos e impopulares de serem aliados ou representantes das abomináveis criaturas.

Quanto ao que eram essas coisas... as explicações naturalmente variavam. O nome comum aplicado a elas era “aqueles lá”, ou “os antigos”, embora outros termos tivessem uso local e passageiro. Quase todos os colonos puritanos as consideravam simplesmente parentes do diabo, e fizeram delas uma base para temerosas especulações teológicas. Aqueles que tinham as lendas celtas no sangue — sobretudo o elemento escocês e irlandês de New Hampshire, e seus parentes que se estabeleceram em Vermont com as capitânicas coloniais cedidas pelo governador Wentworth — associavam-nas vagamente às fadas malignas e ao “povo pequeno” dos pântanos e ruínas, e protegiam-se com trechos de encantamentos passados através de muitas gerações. As populações indígenas tinham as teorias mais fantásticas de todas. Embora houvesse diferentes lendas em cada povo, havia um nítido consenso na crença em certas particularidades vitais, sendo unanimemente acordado que as criaturas não eram nativas desta terra.

Os mitos pennacook, que eram os mais consistentes e pitorescos, ensinavam que os Alados vieram da Ursa Maior e tinham minas em nossas montanhas terrestres de onde extraíam uma espécie de pedra que não podiam obter em nenhum outro mundo. Eles não moravam aqui, diziam os mitos, mas meramente mantinham postos avançados e voavam de volta com vastos carregamentos de pedra para suas próprias estrelas no norte. Só causavam dano às pessoas terrestres que se aproximavam demais ou que os espionavam. Os animais evitavam-nos com um ódio instintivo, não porque estivessem sendo caçados. Eles não podiam comer coisas e animais da terra, mas traziam seu próprio alimento das estrelas. Era perigoso se aproximar deles, e às vezes jovens caçadores subiam aquelas montanhas e nunca mais voltavam. Não era bom tampouco ouvir o que eles sussurravam à noite na floresta com vozes como a das abelhas que tentavam ser como vozes de homem. Eles conheciam as falas de todos os tipos de homens — pennacooks, hurons, homens das Cinco Nações —, mas não pareciam ter ou precisar de nenhuma fala própria.

Falavam com a cabeça, que mudava de cor de diferentes modos para significar coisas diferentes.

Todas as lendas, é claro, tanto brancas quanto indígenas, morreram durante o século XIX, exceto por alguns ressurgimentos atávicos ocasionais. Os costumes dos vermonteses se estabeleceram, e, assim que suas trilhas e moradas habituais se definiram de acordo com um determinado plano fixo, eles se lembrariam cada vez menos dos medos e recusas que haviam determinado esse plano, e até mesmo que tivessem existido medos e recusas. A maioria apenas sabia que havia certas regiões da montanha que eram consideradas altamente insalubres, imprestáveis e de modo geral azaradas de se viver, e que quanto mais distantes se mantivessem delas melhor costumava ser. Com o tempo, os sulcos do costume e do interesse econômico se tornaram tão profundamente gravados em locais aprovados que não havia mais motivo para ir além deles, e as montanhas assombradas foram deixadas desertas mais por acaso que por projeto. Com exceção de um ou outro temor esporádico na região, apenas avós dadas à fantasia e nonagenários nostálgicos sussurravam histórias sobre os seres que moravam naquelas montanhas; mesmo esses sussurros admitiam que não havia muito por que temê-las, agora que já estavam acostumadas à presença das casas e das propriedades e agora que os humanos tinham deixado o território favorito delas profundamente isolado.

Tudo isso eu ficara sabendo por leituras e certas histórias populares ouvidas em New Hampshire; assim, quando começaram a surgir rumores sobre a enchente, foi fácil adivinhar o contexto imaginativo que lhes dera origem. Foi muito difícil explicar isso aos meus amigos, e fiquei consequentemente espantado quando diversos indivíduos conscienciosos continuaram insistindo em um possível elemento de verdade naqueles relatos. Essas pessoas tentaram enfatizar que as primeiras lendas continham persistências e uniformidades significativas, e que a natureza praticamente inexplorada das montanhas de Vermont tornava imprudente ser dogmático a respeito do que podia ou não viver por lá; tampouco se calaram quando declarei que todos os mitos procediam de um conhecidíssimo padrão comum à maior parte da humanidade e eram determinados pelas primeiras fases da experiência imaginativa que sempre produziam o mesmo tipo de ilusão.

Não adiantou demonstrar a tais oponentes que os mitos de Vermont diferiam muito pouco em essência das lendas universais da personificação natural que encheram o mundo antigo de faunos, dríades e sátiros, sugeriram os *kallikantzaroi* da Grécia moderna e deram a Gales e à Irlanda selvagens suas obscuras alusões a espécies estranhas, pequenas e terríveis de trogloditas e cavernícolas. Tampouco adiantou destacar a crença ainda mais estranhamente semelhante dos povos das montanhas do Nepal nos temíveis *mi-go* ou “abomináveis homens das neves” que espreitam, sinistros, em meio ao gelo dos píncaros rochosos do alto do Himalaia. Quando lhes mostrei essas evidências, meus oponentes tentaram voltá-las contra mim, alegando que isso devia implicar uma certa historicidade das lendas antigas e que isso argumentava a favor da existência concreta de alguma espécie terrestre bizarra e mais antiga, levada a se esconder após o advento e o domínio dos seres humanos, que muito provavelmente teria sobrevivido em número reduzido até tempos relativamente recentes — ou talvez até o presente.

Quanto mais eu ria dessas teorias, mais esses amigos obstinados faziam questão de afirmá-las, acrescentando que, mesmo sem o patrimônio das lendas, os relatos recentes eram claros, consistentes, detalhados e sensatamente prosaicos demais para serem ignorados por completo. Dois ou três fanáticos extremistas chegaram ao ponto de especular sobre possíveis significados das antigas histórias indígenas que atribuíam aos seres ocultos origem extraterrena, citando os extravagantes livros de Charles Fort, com suas alegações de que viajantes de outros mundos e do espaço sideral teriam visitado a terra com frequência. A maioria de meus adversários, contudo, eram meros românticos que insistiam em tentar transferir à vida real o folclore fantástico de um “povo pequeno” à espreita, tornado popular pela magnífica ficção de horror de Arthur Machen.

II.

Como era natural sob tais circunstâncias, esse debate mordaz finalmente ganhou a imprensa na forma de cartas ao *Arkham Advertiser*, algumas das quais seriam reproduzidas na imprensa daquelas regiões de Vermont

de onde as histórias da enchente se originaram. O *Rutland Herald* publicou meia página de trechos de cartas de ambos os lados, enquanto o *Brattleboro Reformer* reproduziu na íntegra um dos meus longos resumos históricos e mitológicos, com comentários na cuidadosa coluna “The Pendrifter’s”, que apoiavam e aplaudiam minhas conclusões céticas. Na primavera de 1928, eu era uma figura quase famosa em Vermont, não obstante o fato de eu nunca ter posto os pés naquele estado. Até chegarem as desafiadoras cartas de Henry Akeley, que me impressionaram profundamente e me levaram pela primeira e última vez àquele fascinante domínio de precipícios verdes e florestas de riachos murmurantes.

Quase tudo o que sei hoje sobre Henry Wentworth Akeley foi apurado por correspondências com seus vizinhos e com seu único filho na Califórnia, após minha experiência em sua fazenda isolada. Ele era, descobri, o último representante em sua terra natal de uma longa linhagem, distinta na região, de juristas, administradores e senhores de terras. Nele, no entanto, a família havia se desviado mentalmente dos assuntos práticos para a erudição pura, de modo que ele se tornara um notável estudante de matemática, astronomia, biologia, antropologia e folclore na Universidade de Vermont. Eu nunca tinha ouvido falar nele, e ele não fornecia muitos detalhes autobiográficos em suas comunicações, mas, desde o início, vi que se tratava de um homem de caráter, educação e inteligência, apesar de ser um recluso com muito pouca sofisticação mundana.

A despeito da natureza incrível daquilo que ele alegava, não pude deixar de imediatamente levar Akeley mais a sério do que os outros adversários das minhas opiniões. Antes de mais nada, ele estava muito próximo dos fenômenos concretos — visíveis e tangíveis — sobre os quais especulava de forma tão grotesca; além disso, parecia incrivelmente disposto a deixar suas conclusões em aberto, como um verdadeiro cientista. Ele não tinha nenhuma preferência pessoal de antemão e era sempre guiado pelo que considerava uma prova sólida. Evidentemente, a princípio o considerei equivocado, mas lhe dei o crédito do equívoco informado, e em nenhum momento associei, como alguns de seus amigos, suas ideias e seu medo das solitárias montanhas verdes à insanidade. Era claro que ele podia dar uma grande contribuição ao caso, e eu sabia

que o que ele relatava seguramente devia advir de alguma circunstância estranha, que merecia ser investigada, mesmo que desvinculada das causas fantásticas que ele lhe atribuía. Mais tarde, recebi dele provas materiais que colocariam o caso em um contexto um tanto diferente e desconcertantemente bizarro.

O melhor que posso fazer é transcrever na íntegra, na medida do possível, a longa carta em que Akeley se apresenta, e que constituiu um marco importante em minha própria história intelectual. Não tenho mais a carta, mas minha memória conservou quase todas as palavras de sua portentosa mensagem, e mais uma vez afirmo minha confiança na sanidade do homem que a escreveu. Eis o texto — um texto que chegou até mim na caligrafia miúda, arcaica, de alguém que obviamente não se misturava muito com o mundo em sua vida pacata de erudito.

*Serviço de Correio Rural
Townshend, condado de Windham, Vermont
5 de maio de 1928*

*Sr. Albert N. Wilmarth,
r. Saltonstall, 118
Arkham, Massachusetts,*

Prezado senhor:

Li com grande interesse sua carta republicada no Brattleboro Reformer (23 de abril de 1928) sobre histórias recentes de corpos estranhos vistos flutuando em nossos rios inundados no outono passado, curiosamente abonadas pelo folclore. É simples compreender por que um forasteiro assumiria sua posição, e até mesmo por que o “Pendrifter” concorda consigo. É a atitude comum das pessoas educadas dentro e fora de Vermont, e era a minha atitude quando jovem (agora estou com 57), antes que meus estudos, em geral, e em particular da obra de Davenport, me levassem a explorar partes das regiões montanhosas pouco visitadas.

Fui levado a tais estudos por lendas fantásticas que costumava ouvir de camponeses idosos do tipo mais ignorante, mas hoje minha vontade é que tivesse deixado o assunto de lado. Posso dizer, com a devida modéstia, que os campos da antropologia e do folclore são

parte dos meus interesses. Estudei-os muito na faculdade e estou familiarizado com as autoridades reconhecidas como Tylor, Lubbock, Frazer, Quatrefages, Murray, Osborn, Keith, Boule, G. Elliot Smith, e assim por diante. Não é novidade para mim que lendas sobre raças ocultas são antigas como a humanidade. Li outras cartas suas e de seus adversários no Rutland Herald e creio estar a par da controvérsia até o momento.

O que desejo dizer agora é que receio que seus adversários estejam mais próximos da verdade que o senhor, muito embora toda a razão pareça estar do seu lado. Eles estão mais próximos da verdade do que eles mesmos sabem — pois evidentemente agem apenas pela teoria, e não poderiam saber o que eu sei. Se eu soubesse só o que eles sabem sobre o assunto, não me sentiria no direito de acreditar no que eles acreditam. Eu estaria inteiramente do seu lado.

O senhor pode notar que tenho dificuldade em chegar ao ponto, provavelmente porque muito me apavora chegar ao ponto; mas em suma é o seguinte: disponho de certas provas de que criaturas monstruosas de fato vivem em florestas das montanhas que ninguém visita. Não vi nenhuma das coisas flutuando nos rios, como foi relatado, mas vi coisas idênticas a elas sob circunstâncias que tenho pavor de repetir. Vi pegadas, e recentemente as vi mais perto de minha casa (moro na velha propriedade Akeley ao sul da vila de Townshend, na encosta de Dark Mountain) do que ousou lhe contar. Tenho também ouvido vozes na floresta, em certos locais, que não posso nem começar a descrever no papel.

Em determinado lugar, ouvi tantas vozes que levei um fonógrafo para lá — acoplado a um ditafone e uma matriz de cera em branco — e tomei providências para que o senhor possa escutar o disco que gravei. Reproduzi a gravação para alguns velhos da região e uma das vozes assustou-os a ponto de paralisá-los, devido à semelhança com uma certa voz (aquele zumbido na floresta que Davenport menciona) que suas avós haviam descrito e imitado para eles na infância. Sei o que a maioria pensa de um homem que diz que “ouve vozes” — mas, antes de tirar suas conclusões, escute o disco e pergunte a alguns velhos das florestas mais isoladas o que eles têm a dizer a respeito. Se o senhor conseguir explicá-la normalmente, muito

bem; mas deve haver algo por trás dessa voz. Ex nihilo nihil fit, o senhor sabe.

Ora, meu objetivo ao escrever-lhe não é começar uma discussão, mas dar ao senhor informações que imagino que um homem com suas aptidões considerará profundamente interessantes. Não revele o seguinte: publicamente estou do seu lado, pois certas circunstâncias me mostraram que não é bom que as pessoas saibam demais sobre esses assuntos. Meus estudos hoje em dia são inteiramente particulares, e eu não desejaria dizer nada que atraísse a atenção das pessoas e provocasse visitas aos lugares que explorei. É verdade — uma verdade terrível — que existem criaturas não humanas nos vigiando o tempo todo, com espiões entre nós reunindo informações. Foi a partir de um homem desgraçado que, se estava são (e acredito que estivesse), tinha sido um desses espiões, que obtive grande parte das pistas do caso. Ele suicidou-se mais tarde, mas tenho motivos para pensar que existem outros atualmente.

As criaturas vêm de outro planeta, sendo capazes de viver no espaço entre as estrelas e voar através dele com asas desconjuntadas mas poderosas que conseguem resistir ao éter, porém são fracas para lhes serem úteis na terra. Contarei mais a respeito depois, se o senhor não me julgar agora um louco. Elas vêm aqui obter metais das minas que chegam ao fundo das montanhas, e acredito que sei de onde elas vêm. Não nos farão mal se as deixarmos em paz, mas ninguém pode dizer o que vai acontecer se ficarmos curiosos demais a respeito delas. É evidente que um bom exército de homens conseguiria destruir sua colônia mineradora. É disso que elas têm medo. Mas, se isso ocorrer, virão mais lá de fora — quantas forem necessárias. Elas facilmente conquistariam a Terra, mas ainda não tentaram porque não foi preciso. Elas prefeririam deixar as coisas como estão para não se darem a esse trabalho.

Creio que pretendem se livrar de mim pelo que descobri. Encontrei na floresta de Round Hill, a leste daqui, uma grande pedra preta com hieróglifos desconhecidos quase apagados; depois que a levei para casa, tudo mudou. Se elas acharem que desconfio demais, vão me matar ou me levar embora da terra para lá de onde vieram. Elas gostam de levar embora homens eruditos de quando em quando,

para se manterem informadas do estado de coisas no mundo humano.

Isso me conduz ao meu segundo propósito ao me dirigir ao senhor — a saber, insistir para que o senhor silencie o atual debate, em vez de atrair mais publicidade. As pessoas devem manter distância dessas montanhas, e para que isso aconteça, a curiosidade delas não deve ser despertada além do que já foi. O risco já é grande no momento, com comerciantes e corretores invadindo Vermont com hordas de veranistas para percorrer regiões selvagens e cobrir as montanhas de bangalôs baratos.

Espero receber notícias suas, e tentarei enviar o disco fonográfico e a pedra preta (que está tão gasta que as fotografias não revelam muito) pelo correio, se o senhor estiver interessado. Digo “tentarei” porque creio que essas criaturas dispõem de meios de interferir no andamento das coisas por aqui. Há um sujeito sombrio e esquivo chamado Brown, em uma propriedade próxima à vila, que suspeito ser um espião das criaturas. Aos poucos, elas estão tentando me isolar do nosso mundo porque sei demais sobre o mundo delas.

Elas dispõem dos meios mais inacreditáveis de descobrir tudo o que faço. O senhor talvez nem receba esta carta. Creio que precisarei deixar esta parte do país e ir morar com meu filho em San Diego, Califórnia, se as coisas piorarem ainda mais, mas não é fácil abrir mão do lugar onde nasci, e onde viveram seis gerações da minha família. Além disso, eu dificilmente ousaria vender esta casa para alguém agora que as criaturas repararam nela. Elas parecem estar tentando recuperar a pedra preta e destruir o disco fonográfico, mas farei o possível para impedir que isso aconteça. Meus grandes cães policiais sempre as fazem recuar, pois há muito poucas delas aqui ainda, e elas são desajeitadas para se movimentar por aí. Como eu disse, as asas das criaturas não têm grande serventia para voos curtos na Terra. Estou prestes a decifrar essa pedra — de modo muito terrível — e com o seu conhecimento de folclore o senhor conseguirá suprir os elos que faltam para me ajudar. Suponho que o senhor conheça os temíveis mitos anteriores à vinda do homem para a Terra — os ciclos de Yog-Sothoth e Cthulhu — que são sugeridos no Necronomicon. Tive acesso a um exemplar desse livro uma vez e fiquei

sabendo que o senhor possui outro exemplar na biblioteca da sua universidade, trancado com cadeado.

Para concluir, sr. Wilmarth, creio que com nossos respectivos estudos podemos ser de grande utilidade um ao outro. Não quero colocá-lo sob nenhum tipo de risco, e creio que devo avisá-lo de que a posse da pedra e do disco não será muito segura para o senhor; mas acredito que o senhor há de julgar que vale a pena correr esse risco pelo bem do conhecimento. Vou descer de automóvel até Newfane ou Brattleboro para enviar o que o senhor me autorizar que lhe envie, pois a mala expressa é mais confiável. Devo dizer que vivo muito isolado hoje em dia, uma vez que não consigo mais contratar empregados. Eles não ficam por causa das criaturas que tentam se aproximar à noite e fazem com que os cães fiquem latindo sem parar. Fico contente por não ter me aprofundado tanto assim no assunto enquanto minha esposa era viva, pois ela teria enlouquecido.

Na esperança de não incomodá-lo indevidamente, e de que senhor decida entrar em contato comigo em vez de jogar esta carta na lixeira como se fossem delírios de um louco, sigo

Às suas ordens
HENRY W. AKELEY

P.S. Estou providenciando outras cópias de certas fotografias feitas por mim, que imagino que possam ajudá-lo a provar uma série de pontos que abordei. Os velhos da região acham que são monstruosamente verídicas. Posso enviar as fotos muito em breve se o senhor se interessar. H.W.A.

Seria difícil descrever meus sentimentos ao ler esse estranho documento pela primeira vez. Por todas as regras comuns, eu deveria gargalhar ainda mais alto diante dessas extravagâncias do que das teorias mais amenas que anteriormente me levavam ao riso; no entanto, algo no tom da carta me fez considerá-la com uma seriedade paradoxal. Não que eu acreditasse por um momento na espécie oculta vinda das estrelas de que meu correspondente falava; mas, após algumas dúvidas preliminares graves, passei a me sentir estranhamente seguro de sua sanidade e sua sinceridade, e de seu confronto com algum fenômeno genuíno, ainda

que singular e anormal, que ele não conseguia explicar, senão daquele modo imaginativo. Não podia ser como ele pensava, refleti; no entanto, era digno de investigação. O homem parecia indevidamente agitado e alarmado com alguma coisa, mas era difícil imaginar que não houvesse nenhuma causa por trás daquilo. Ele era tão específico e lógico sob certos aspectos — e, afinal, era perturbador o quanto o fio de sua história encaixava bem com alguns dos mitos antigos, até mesmo com as lendas indígenas mais delirantes.

Que ele tivesse de fato ouvido vozes perturbadoras nas montanhas, e de fato houvesse encontrado a pedra preta de que falara, era inteiramente possível, apesar das inferências insanas que ele fazia — inferências provavelmente sugeridas pelo homem que alegara ter sido espião das criaturas extraterrenas e que mais tarde se suicidara. Era fácil deduzir que esse outro já devia ter enlouquecido por completo, mas provavelmente tivera um lampejo perverso de lógica extrovertida que fizera o ingênuo Akeley — já preparado para esse tipo de coisas por seus estudos de folclore — acreditar em sua história. Quanto aos últimos desdobramentos — parecia, pela sua incapacidade de manter os empregados, que os vizinhos mais humildes de Akeley estavam tão convencidos quanto ele de que sua casa era assombrada por criaturas sobrenaturais à noite. Os cães, de fato, também tinham latido.

Por fim, havia a questão do disco fonográfico, que eu não podia acreditar que ele tivesse obtido da maneira que disse. Aquilo devia ser alguma outra coisa; talvez ruídos animais enganosamente semelhantes à fala humana, ou a fala de um ser humano escondido, saindo para caçar à noite, degradado a um estado não muito acima dos animais inferiores. Disso, meus pensamentos voltaram aos hieróglifos da pedra preta, e às especulações sobre seu significado. Além do mais, o que haveria naquelas fotografias que Akeley dizia que iria me enviar, e que os velhos da região haviam achado tão persuasivamente terríveis?

Conforme reli outras vezes sua caligrafia miúda, senti como nunca antes que meus crédulos oponentes talvez tivessem mais informações do que eu havia suposto. Afinal, devia haver casos de eremitas bizarros e talvez indivíduos com deformações congênitas isolados naquelas montanhas, mesmo que não fosse a tal espécie de monstros nascidos das estrelas que o folclore alegava. Se houvesse mesmo tais casos, então a pre-

sença de corpos estranhos nos rios inundados não seria inteiramente descabida. Seria muita presunção supor que tanto as lendas antigas quanto os relatos recentes contivessem esse tanto de realidade por trás? Mas, no exato momento em que eu admitia essas dúvidas, senti vergonha de uma peça tão bizarra quanto aquela carta delirante de Henry Akeley tê-las suscitado em mim.

Por fim, respondi à carta de Akeley, adotando um tom de interesse amistoso e solicitando mais detalhes. A resposta dele veio em seguida; continha, conforme o prometido, uma série de ampliações fotográficas de cenas e objetos que ilustravam o que ele tinha para contar. Observando essas imagens ao tirá-las do envelope, tive uma curiosa sensação de medo e proximidade de coisas proibidas, pois, apesar da ambiguidade da maioria, elas tinham um poder de sugestão terrível, intensificado pelo fato de serem fotografias genuínas — vínculos ópticos concretos com aquilo que retratavam, e produto de um processo de transmissão impessoal, isento de preconceito, falha ou mentira.

Quanto mais eu olhava para elas, mais via que minha opinião sobre a seriedade de Akeley e sua história não era injustificada. Decerto, aquelas imagens traziam evidências conclusivas de alguma coisa nas montanhas de Vermont que estava no mínimo muito além do raio de nossos conhecimentos e crenças comuns. O pior de tudo era a pegada — uma vista do ponto onde o sol iluminava uma poça de lama em um trecho plano e deserto do alto da montanha. Aquilo não era nenhuma falsificação barata, pude notar imediatamente, pois os seixos e as folhas da grama bem definidos no campo de visão eram claro índice da escala e não deixavam nenhuma possibilidade para uma enganosa dupla exposição. Chamei de “pegada”, mas “marca de garras” seria uma expressão melhor. Mesmo agora mal sou capaz de descrevê-la, exceto dizendo que lembrava pavorosamente um rastro de crustáceo, e que parecia haver alguma ambiguidade quanto à direção de seu movimento. Não se tratava de uma pegada muito profunda ou recente, mas parecia ter o tamanho de um pé humano normal. A partir de um bloco central, pares de pinças serrilhadas se projetavam em direções opostas — o que tornava intrigante sua função, se é que o objeto como um todo fosse exclusivamente um órgão de locomoção.

Outra fotografia — evidentemente uma exposição prolongada feita em sombra densa — era da boca de uma caverna na floresta, com uma rocha arredondada e regular tampando a abertura. No terreno descampado em frente à rocha, podia-se discernir uma malha de rastros curiosos, apinhados, e quando analisei a imagem com uma lupa tive a estranha certeza de que aqueles rastros eram iguais aos da outra fotografia. Uma terceira imagem mostrava um círculo druídico de rochas erguidas no cume de uma montanha deserta. Em volta do círculo enigmático, a grama era muito batida e gasta, embora eu não pudesse detectar nenhuma pegada mesmo com a lupa. O ermo extremo do local era evidente pelo verdadeiro mar de montanhas despovoadas que formava o fundo e se estendia até um horizonte enevoadado.

Mas, se a visão mais perturbadora foi a da pegada, a mais curiosamente sugestiva foi a da grande pedra preta encontrada nas florestas de Round Hill. Akeley fotografara a pedra no que evidentemente era a mesa de seu escritório, pois pude ver as fileiras de livros e um busto de Milton ao fundo. A pedra, como seria de esperar, estava verticalmente de frente para a câmera, com sua superfície curva e irregular de uns trinta por sessenta centímetros; mas dizer algo definido sobre essa superfície, ou sobre a forma geral da massa inteira, quase desafia o poder da linguagem. Que princípios geométricos estranhos orientaram seus entalhes — pois decerto era um corte artificial — eu nem poderia começar a supor; nunca tinha visto nada que me parecesse tão estranha e inconfundivelmente alienígena neste mundo. Dos hieróglifos na superfície, podia-se distinguir pouquíssimos, mas um ou dois que vi me deram calafrios. É evidente que podiam ser fraudulentos, pois outros além de mim também haviam lido o monstruoso e abominável *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred — mesmo assim, estremeci ao reconhecer certos ideogramas cujo estudo me ensinou a associar aos sussurros mais arrepiantes e blasfemos de criaturas que tinham tido uma espécie de semi-existência insana antes que a Terra e os outros mundos internos do sistema solar fossem criados.

Das outras cinco fotografias, três eram cenas de pântano e montanha, que pareciam ter vestígios de um ocupante oculto e doentio. Outra era uma marca bizarra no chão, muito perto da casa de Akeley, que ele disse ter fotografado na manhã seguinte à noite em que os cães tinham

latido com mais violência que de costume. Era bastante borrada, e de fato era impossível tirar conclusões certas a partir dela, mas se parecia diabolicamente com a outra pegada ou marca de garras fotografada no alto da montanha deserta. A última imagem era da propriedade Akeley em si, uma bela casa branca de dois andares e sótão, com seus 125 anos de idade, e um gramado bem cuidado com aleia cercada de pedras que levava a um portal georgiano entalhado de muito bom gosto. Havia diversos cães policiais imensos no gramado, agachados junto a um homem de semblante simpático, com uma barba grisalha bem aparada, que julguei ser o próprio Akeley — fotógrafo de si mesmo, podia-se inferir da lâmpada conectada a um tubo em sua mão direita.

Das imagens, passei à carta volumosa, escrita em letra miúda, e, nas três horas seguintes, mergulhei em um golfo de terror indizível. Naquilo de que Akeley fornecera antes apenas as linhas gerais, ele agora entrava nos mínimos detalhes, apresentando longas transcrições de palavras entreouvidas na floresta à noite, longos relatos sobre monstruosas formas rosadas avistadas em bosques da montanha ao crepúsculo, e uma narrativa cósmica terrível, derivada da aplicação de uma erudição profunda e variada, de intermináveis discursos esquecidos do autodenominado espião enlouquecido que se suicidara. Eu me vi diante de nomes e termos que já tinha ouvido antes nos contextos mais hediondos — Yugoth, Grande Cthulhu, Tsathoggua, Yog-Sothoth, R'lyeh, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur, Yian, Leng, o Lago de Hali, Bethmoora, o Sinal Amarelo, L'mur-Kathulos, Bran e o Magnum Innominandum — e fui atraído de volta através de éons inomináveis e dimensões inconcebíveis para os mundos da entidade antiga e extraterrena à qual o ensandecido autor do *Necronomicon* meramente aludia do modo mais vago. Aprendi sobre os abismos da vida primordial e as nascentes que haviam escoado desde lá, e, enfim, sobre os minúsculos riachos oriundos dessas nascentes, que haviam se emaranhado aos destinos da nossa própria Terra.

Meu cérebro ficou atordoado, e, embora antes tivesse tentado encontrar explicações para tudo, agora eu passava a acreditar nas mais anormais e incríveis maravilhas. O acúmulo de provas vitais era terrivelmente vasto e impressionante; e a atitude fria e científica de Akeley — o mais distante possível de uma postura demente, fanática e histérica, ou mesmo de uma atitude especulativa extravagante — teve um tremendo

feito sobre meu pensamento e meu juízo. Ao acabar de ler a carta, eu conseguia compreender os medos que ele passara a nutrir, e estava disposto a fazer qualquer coisa ao meu alcance para manter as pessoas distantes daquelas montanhas selvagens e assombradas. Mesmo agora, que o tempo amenizou a impressão e me fez questionar em parte minha própria experiência e minhas dúvidas horríveis, há trechos daquela carta de Akeley que eu não voltaria a citar, ou sequer formular em palavras no papel. Sinto-me quase satisfeito agora que a carta, o disco e as fotografias não existem mais — e gostaria, por motivos que em breve tornarei explícitos, que o novo planeta depois de Netuno não tivesse sido descoberto.

Com a leitura daquela carta, meu debate público sobre o horror em Vermont se encerrou definitivamente. Os argumentos de meus oponentes continuaram sem resposta ou postergados com promessas, e enfim a controvérsia definhou no esquecimento. No final de maio e em junho, mantive constante correspondência com Akeley, embora, de quando em quando, uma carta se extraviasse, de modo que precisamos retrazar a situação e realizar cópias consideravelmente trabalhosas. O que estávamos tentando fazer, em dupla, era comparar anotações sobre erudição mitológica obscura e chegar a uma correlação mais clara dos horrores de Vermont com o conjunto geral das lendas do mundo primitivo.

Antes de mais nada, praticamente decidimos que toda essa morbidez e os infernais *mi-go* do Himalaia eram um único e mesmo tipo de pesadelo. Houve ainda intrigantes conjecturas zoológicas, que eu teria levado ao professor Dexter de minha própria universidade não fosse a ordem imperativa de Akeley para não contar a ninguém sobre a questão que tínhamos diante de nós. Se aparentemente desobedeço agora essa ordem, é apenas porque penso que a esta altura um alerta sobre aquelas remotas montanhas de Vermont — e sobre os picos do Himalaia que exploradores ousados estão cada vez mais determinados em escalar — é mais coerente com a segurança pública do que o silêncio seria. Uma coisa específica que estávamos conduzindo era decifrar os hieróglifos daquela infame pedra preta — uma investigação que pode muito bem nos colocar em posse de segredos mais profundos e mais vertiginosos que quaisquer outros já conhecidos pela humanidade.

III.

Perto do final de junho, chegou o disco fonográfico — enviado de Brattleboro, uma vez que Akeley não estava disposto a confiar nos correios do ramal norte. Ele começara a se sentir cada vez mais espionado, o que foi agravado pelo extravio de algumas de nossas cartas, e falava muito sobre as atitudes insidiosas de certos homens que ele considerava instrumentos e agentes das criaturas ocultas. Mais do que de qualquer um, ele desconfiava do soturno fazendeiro Walter Brown, que vivia sozinho em uma propriedade abandonada na montanha, perto da mata fechada, e que era muitas vezes avistado à toa pelas esquinas em Brattleboro, Bellows Falls, Newfane e South Londonderry, da forma mais inexplicável e aparentemente injustificável. A voz de Brown, ele estava convencido, era uma das vozes que entreouvira certa vez em meio a uma conversa muito terrível; e ele havia encontrado uma pegada ou marca de garras próxima da casa de Brown que talvez tivesse a mais sinistra relevância. Estava curiosamente perto das pegadas do próprio Brown — posicionadas diante dela.

Assim, o disco foi enviado do correio de Brattleboro, para onde Akeley dirigiu seu Ford pelas ermas estradas de Vermont. Ele confessou em uma nota anexa que estava começando a sentir medo daquelas estradas e que agora só ia a Townshend comprar mantimentos em plena luz do dia. Não valia a pena, ele repetia incessantemente, saber demais, a não ser que se estivesse longe daquelas montanhas silenciosas e problemáticas. Ele iria muito em breve à Califórnia para morar com o filho, embora fosse difícil abandonar o lugar onde se centravam todas as suas memórias e sentimentos ancestrais.

Antes de tentar ouvir o disco no aparelho que pedi emprestado do edifício da administração da universidade, repassei cuidadosamente toda a matéria explicada nas várias cartas de Akeley. O registro, dissera ele, fora obtido por volta da uma da manhã de 1º de maio de 1915, perto da boca obstruída de uma caverna, na vertente oeste e coberta de floresta da Dark Mountain a partir de Lee's Swamp. O local sempre fora considerado anormalmente associado à presença de vozes estranhas, sendo esse o motivo de ele ter levado o fonógrafo, o ditafone e a matriz de cera, na expectativa de resultados. Experiências anteriores haviam sugeri-

do que ele fosse na Noite de Santa Valburga — a hedionda noite do sabá da obscura lenda europeia —, pois seria provavelmente mais produtivo que qualquer outra data, e ele não se decepcionou. Vale notar que, no entanto, nunca mais ele ouviu vozes naquele local específico.

Ao contrário da maioria das vozes entreouvidas na floresta, o conteúdo da gravação era quase ritualístico e incluía uma voz distintamente humana que Akeley jamais conseguira identificar. Não era de Brown, mas parecia ser de um homem mais culto. A segunda voz, contudo, era o verdadeiro cerne da questão — pois era o maldito *zumbido* que não guardava nenhuma semelhança com a voz humana, apesar das palavras humanas que pronunciava de acordo com a melhor gramática inglesa e com sotaque acadêmico.

O fonógrafo de registro e o ditafone não funcionaram bem o tempo todo, e encontravam-se evidentemente em grande desvantagem devido ao isolamento e à natureza abafada do ritual entreouvido, de modo que a fala propriamente era muito fragmentada. Akeley deu-me uma transcrição do que ele acreditava serem as palavras proferidas, que reli outra vez antes de reproduzir o disco. O texto era soturno e misterioso em vez de abertamente horrendo, embora o conhecimento sobre sua origem e modo de registro agregasse todo o horror associativo que qualquer palavra poderia possuir. Apresentarei aqui a íntegra dessa gravação tal como a retive na memória — e tenho plena confiança de havê-la decorado corretamente, não apenas pela leitura da transcrição, mas por ter reproduzido o disco inúmeras vezes. Não é algo que se esquece facilmente!

(SONS IRRECONHECÍVEIS)

(VOZ DE HOMEM CULTO)

... é o Senhor da Floresta, mesmo para... e as oferendas dos homens de Leng... então dos poços da noite até os golfos do espaço, e dos golfos do espaço até os poços da noite, louvemos eternamente o Grande Cthulhu, e Tsathoggua, e Aquele Que Não Devemos Nomear. Louvemos eternamente a Eles, e a abundância para o Bode Preto da Floresta. Iä! Shub-Niggurath! O Bode de Mil Crias!

(ZUMBIDO IMITANDO FALA HUMANA)

Iä! Shub-Niggurath! O Bode Preto da Floresta com Mil Crias!

(VOZ HUMANA)

E veio a acontecer que o Senhor da Floresta, sendo... sete e nove, descendo os degraus de ônix... (tri)buta a Ele no Golfo, Azathot, Ele de Quem Tu nos ensinaste marav(ilhas)... nas asas da noite de além do espaço exterior, de além d... até Aquele De Quem Yuggoth é filho mais novo, girando solitário no éter negro no limite...

(ZUMBIDO COMO VOZ HUMANA)

... vai em meio aos homens e encontra os caminhos a partir daí, para que Ele no Golfo possa saber. Para Nyarlathotep, Poderoso Mensageiro, todas as coisas devem ser contadas. E Ele assumirá a semelhança dos homens, a máscara de cera e a túnica que ocultam, e virá do mundo dos Sete Sóis para zombar...

(VOZ HUMANA)

... (Nyarl)athotep, Grande Mensageiro, que traz estranho júbilo a Yuggoth através do vazio, Pai de um Milhão de Favoritos, O Que Espreita em meio...

(FALA INTERROMPIDA PELO FIM DO DISCO)

Tais eram as palavras que escutei quando reproduzi o disco. Foi com um misto de genuíno pavor e relutância que acionei o aparelho e ouvi o chiado preliminar da agulha de safira, e fiquei contente de que as primeiras palavras baixas, fragmentadas, fossem em voz humana — uma voz suave, educada, com um sotaque levemente bostoniano, e que sem dúvida não era de nenhum nativo das montanhas de Vermont. Enquanto eu ouvia a gravação intrigantemente baixa, pareceu-me que a fala era idêntica à transcrição preparada com todo o cuidado por Akeley. Naquele suave e cantado sotaque de Boston... “Iä! Shub-Niggurath! O Bode Preto com Mil Crias!...”

Então ouvi *a outra voz*. Até agora estremeço ao pensar no impacto daquilo, mesmo preparado como eu estava pelos relatos de Akeley. As pessoas para quem desde então descrevi esse disco alegaram não haver nisso nada além de uma impostura barata ou de loucura, mas, *se tivessem escutado a criatura maldita em si*, ou lido o principal da correspondência de Akeley (especialmente a enciclopédica segunda carta), sei que

pensariam de outro modo. É, afinal, uma tremenda pena que eu não tenha desobedecido Akeley e reproduzido o disco para outros ouvintes — uma tremenda pena também que todas as suas cartas tenham se perdido. Para mim, com minha impressão em primeira mão dos sons reais, e com meu conhecimento do contexto e das circunstâncias do registro, aquela voz era uma coisa monstruosa. Ela se seguia prontamente à voz humana em resposta ritualística, mas na minha imaginação era um eco mórbido abrindo caminho através de abismos inimagináveis, vindo de inimagináveis infernos exteriores. Faz mais de dois anos desde que reproduzi o blasfemo cilindro de cera; mas neste momento, e a todo momento, ainda posso ouvir aquele zumbido fraco, demoníaco, como se fosse pela primeira vez.

“Iä! Shub-Niggurath! O Bode Preto da Floresta com Mil Crias!”

Ainda que aquela voz esteja sempre em meus ouvidos, não fui sequer capaz de analisá-la com suficiente detalhe descritivo. Era como o zumbido odioso de um inseto gigantesco, grotescamente moldado em uma fala articulada de um espécime alienígena, e tenho toda certeza de que os órgãos que a produziam não podiam ter nenhuma semelhança com os órgãos vocais humanos, nem mesmo com os de outros mamíferos. Havia singularidades de timbre, de extensão e de harmônicos que tiravam completamente esse fenômeno da esfera da humanidade e da vida terrena. Seu súbito advento daquela primeira vez quase me deu vertigem, e ouvi o resto do disco em uma espécie de torpor absorto. Quando chegou a hora da passagem mais longa de zumbidos, houve uma aguda intensificação daquela sensação de infinitude blasfema, que me impactara durante a passagem mais curta anterior. Enfim o disco terminou de forma abrupta, em meio a uma fala estranhamente clara da voz humana de Boston, mas continuei contemplando o vazio, como um idiota, muito depois que o aparelho se desligou automaticamente.

Eu nem precisaria dizer que repeti muitas outras vezes a reprodução daquele disco chocante e que fiz exaustivas tentativas de análise e comentário ao comparar minhas anotações com as de Akeley. Seria tanto inútil quanto perturbador repetir aqui tudo o que concluímos, mas eu ousaria dizer que concordamos na crença de ter encontrado uma pista para a origem de alguns dos costumes mais repulsivos e primordiais das religiões mais antigas e enigmáticas da humanidade. Também nos pare-

ceu claro que havia alianças antigas e elaboradas entre as criaturas ocultas de outro mundo e certos membros da raça humana. Qual a extensão dessas alianças, e como sua situação atual podia se comparar com sua situação em eras anteriores, não tínhamos meios para supor; no entanto, na melhor das hipóteses, havia espaço para uma quantidade ilimitada de especulações horrorizadas. Parecia haver uma associação pavorosa, imemorial, em diversos estados definidos entre o homem e a infinidade inominada. As blasfêmias que apareceram na Terra, supusemos, vinham do planeta escuro Yuggoth, nos limites do sistema solar, mas o planeta era meramente um entreposto povoado de uma assustadora raça interestelar, cuja origem definitiva devia ficar fora até do *continuum* espaço-tempo einsteniano ou mesmo do mais vasto cosmo conhecido.

Nesse ínterim, continuamos a discutir a pedra preta e o melhor modo de levá-la a Arkham — uma vez que Akeley considerava desaconselhável que eu fosse visitá-lo no cenário de pesadelo de seus estudos aflitivos. Por um motivo ou outro, Akeley estava com medo de expôr o objeto a qualquer rota de transporte óbvia. Sua ideia final foi levá-la pelo interior até Bellows Falls e enviá-la pelo serviço postal de Boston e do Maine, através de Keene, Winchedon e Fitchburg, mesmo que para isso fosse necessário dirigir por estradas de montanha ainda mais isoladas que a estrada principal até Brattleboro. Ele disse ter reparado em um homem nas imediações da agência do correio em Brattleboro quando enviara o disco, cujas atitudes e expressões não foram nada tranquilizadoras. Esse sujeito parecia ansioso demais para conseguir falar com os funcionários, e acabara pegando o mesmo trem em que o disco fora enviado. Akeley confessou que não ficara exatamente sossegado enquanto não recebeu notícias minhas dizendo que recebera o disco em segurança.

Por volta dessa época — segunda semana de julho —, outra das minhas cartas se extraviou, como fiquei sabendo por uma comunicação aflita de Akeley. Depois disso, ele me pediu que não escrevesse mais para Townshend, mas que enviasse as cartas aos cuidados do Correio Central em Brattleboro, aonde ele ia frequentemente, de carro ou de ônibus, pois uma linha havia substituído o serviço de passageiros do trem sempre atrasado. Vi que ele estava ficando cada vez mais aflito, pois passara a entrar em detalhes sobre os latidos cada vez mais altos dos cães nas

noites sem lua e sobre as marcas de garras que às vezes encontrava no barro do quintal pela manhã. Certa vez ele contou de um verdadeiro exército de pegadas formando uma fila diante de uma outra fila, igualmente larga e definida, de pegadas de cães, e enviou uma fotografia repugnante e perturbadora para comprovar o que dizia. A fotografia era da manhã seguinte à noite em que os cães se superaram de tanto latir e uivar.

Na manhã da quarta-feira, 18 de julho, recebi um telegrama de Bellows Falls, em que Akeley dizia que estava despachando a pedra preta pela B. & M. no trem número 5508, que saía de Bellows Falls às 12h15, horário local, com chegada na North Station em Boston às 16h12. Devia, calculei, chegar em Arkham no mínimo ao meio-dia do dia seguinte; por isso, fiquei esperando em casa a manhã inteira de quinta-feira. Mas o meio-dia veio e passou sem o correio passar e, quando telefonei para a agência, fui informado de que nenhuma encomenda para mim havia chegado. Meu ato seguinte, em meio a grande alarme, foi fazer uma ligação de longa distância para a agência da North Station em Boston, e não fiquei muito surpreso ao descobrir que minha encomenda não havia chegado. O trem número 5508 havia passado apenas 35 minutos atrasado no dia anterior, mas não trazia nenhuma caixa endereçada a mim. O funcionário prometeu, contudo, abrir um pedido de verificação. Ao final do dia, enviei uma carta a Akeley pelo correio noturno explicando a situação.

Com notável prontidão, recebi um relatório da agência de Boston na tarde seguinte, pois o funcionário me telefonou assim que apurou os fatos. Aparentemente, o funcionário do correio a bordo do trem número 5508 se lembrou de um incidente que podia ter muita relação com a minha perda — certa discussão com um homem com uma voz muito curiosa, magro, de cabelos claros e aparência rústica, quando o trem parou em Keene, New Hampshire, pouco depois da uma da tarde, horário local.

O homem, segundo ele, estava muito ansioso à espera de uma caixa pesada que alegara ser sua, mas que não estava nem no trem, nem registrada nos livros da companhia. Ele dera o nome de Stanley Adams e tinha uma voz tão estranhamente grave, como um zumbido, que deixara o funcionário anormalmente tonto e sonolento só de ouvi-lo. O funcio-

nário não conseguia se lembrar com precisão de como a conversa terminou, mas se lembrava de ter despertado com um sobressalto assim que o trem voltou a se mover. O funcionário de Boston acrescentou que seu colega era um rapaz de inquestionável idoneidade e confiança, de conhecidos antecedentes e muito tempo de casa.

Naquela noite, fui a Boston conversar pessoalmente com esse funcionário, depois de obter seu nome e endereço na agência. Era um sujeito franco e simpático, mas vi que ele não podia acrescentar nada a seu próprio relato original. Estranhamente, ele não pareceu muito seguro de conseguir sequer reconhecer o homem que o abordara. Quando me dei conta de que ele não tinha mais nada para me dizer, voltei a Arkham e passei a noite inteira acordado escrevendo cartas para Akeley, para a companhia ferroviária, para a polícia e para o funcionário do correio em Keene. Eu sentia que o homem da voz estranha, que afetara o funcionário de um modo bizarro, devia ter um papel decisivo nesse caso sinistro, e esperava que os funcionários da estação em Keene e os registros dos telégrafos talvez pudessem dizer alguma coisa sobre ele e quando e onde teria ocorrido a solicitação da retirada da encomenda.

Devo admitir, no entanto, que todas as minhas investigações resultaram em nada. O homem da voz bizarra de fato havia sido visto perto da estação de Keene no início da tarde de 18 de julho, e um passante conseguiu associá-lo vagamente a uma caixa pesada; mas era um total desconhecido, e nunca tinha sido visto ali nem antes, nem depois. Ele não havia visitado a agência do telégrafo nem recebido nenhuma mensagem, pelo que pude apurar, tampouco chegara nenhuma mensagem que pudesse ser considerada um aviso da presença da pedra preta a bordo do trem número 5508 para ninguém da agência. Naturalmente, Akeley se juntou a mim nessas apurações, e chegou até a ir pessoalmente a Keene para interrogar pessoas do entorno da estação, mas sua atitude em relação ao assunto era mais fatalista que a minha. Ele parecia achar a perda da caixa uma consequência portentosa e ameaçadora de tendências inevitáveis, e não tinha nenhuma real esperança de recuperá-la. Ele falou dos indiscutíveis poderes telepáticos e hipnóticos das criaturas das montanhas e de seus agentes, e em uma carta sugeriu que não acreditava que a pedra estivesse mais na Terra àquela altura. Da minha parte, fiquei com razão enfurecido, pois supunha haver ao menos a oportunidade de

aprender coisas profundas e impressionantes com aqueles velhos hieróglifos apagados. Eu teria ficado remoendo essa questão com rancor se as cartas imediatamente seguintes de Akeley não trouxessem uma nova fase do horrível problema das montanhas que logo captou toda a minha atenção.

IV.

As criaturas desconhecidas, Akeley escreveu em letra lamentavelmente cada vez mais trêmula, haviam começado a fechar o cerco sobre ele com um grau de determinação totalmente novo. Os latidos noturnos dos cães, sempre que a lua ficava fraca ou ausente, eram horríveis agora, e ele sofrera ataques nas estradas ermas que precisava percorrer durante o dia. No dia 2 de agosto, a caminho da vila em seu automóvel, ele encontrara um tronco de árvore atravessado em seu caminho em um trecho de densa floresta da estrada, enquanto os latidos selvagens dos dois cães grandes que ele levava consigo mostravam claramente que devia haver algo à espreita por perto. O que poderia ter acontecido se os cachorros não estivessem ali, ele não ousava imaginar, mas agora ele não saía de casa sem ao menos dois fiéis e fortes companheiros de sua matilha. Outras experiências na estrada ocorreriam nos dias 5 e 6 de agosto: um tiro que pegara de raspão em seu carro uma ocasião, e o latido dos cães indicando presenças profanas na mata na outra.

No dia 15 de agosto, recebi uma carta frenética que me perturbou bastante e me fez desejar que Akeley deixasse de lado sua reticência solitária e fosse pedir auxílio da lei. Houvera pavorosas ocorrências na noite de 12 para 13 do mesmo mês, tiros disparados do lado de fora da sede da fazenda, e três dos doze cães grandes foram encontrados mortos, baleados, pela manhã. Havia miríades de marcas de garras na estrada, com as pegadas humanas de Walter Brown entre elas. Akeley tentou telefonar para Brattleboro, para encomendar mais cães, mas a linha caiu antes que ele conseguisse dizer muita coisa. Mais tarde, ele foi a Brattleboro de carro e descobriu que os funcionários da ferrovia tinham encontrado o cabo telefônico principal cortado em um ponto em que atravessava as montanhas desertas ao norte de Newfane. Mas ele estava prestes a voltar

para casa com quatro bons cães novos e diversas caixas de munição para seu rifle de caça. A carta foi escrita na agência dos correios em Brattleboro e chegou até mim sem nenhum atraso.

Minha atitude quanto ao caso àquela altura rapidamente passava de científica a desesperadamente pessoal. Eu receava pela vida de Akeley em sua casa remota, isolada, e por mim mesmo, devido à minha agora evidente conexão com o estranho problema naquelas montanhas. A coisa toda estava então *se expandindo*. Será que acabaria me sugando e engolindo? Ao responder à carta dele, insisti que fosse procurar ajuda e sugeri que eu mesmo poderia entrar em ação, caso ele não fosse. Falei que iria pessoalmente a Vermont, mesmo que ele não quisesse, para ajudá-lo a explicar a situação às autoridades. Em resposta, contudo, recebi apenas um telegrama de Bellows Falls que dizia o seguinte:

AGRADEÇO INTERESSE MAS NÃO HÁ NADA A FAZER. NÃO AJA SOZINHO POIS PODE PREJUDICAR AMBOS. AGUARDE EXPLICAÇÃO.

HENRY AKELY

Contudo, o caso foi se aprofundando incessantemente. Depois da minha resposta ao telegrama, recebi um bilhete trêmulo de Akeley com a espantosa notícia de que não só ele não tinha enviado nenhum telegrama, como não havia recebido a minha carta que era uma óbvia resposta ao telegrama. Uma rápida investigação em Bellows Falls revelou-lhe que a mensagem fora depositada por um estranho homem de cabelos claros, com uma voz curiosamente grossa, como um zumbido, embora não tenha apurado nada além disso. O funcionário mostrou-lhe o texto original rascunhado a lápis pelo remetente, mas a caligrafia era inteiramente desconhecida. Saltava aos olhos que a assinatura estava escrita errado — A-K-E-L-Y, sem o segundo “E”. Certas conjecturas foram inevitáveis, mas, em meio à óbvia crise, ele não parou para pensar muito nisso.

Ele mencionou a morte de mais cães e a compra de outros mais, e a troca de tiros que se tornara parte integrante de toda noite sem lua. As pegadas de Brown, e as pegadas de pelo menos uma ou duas figuras humanas calçadas, agora eram encontradas regularmente em meio às marcas de garras na estrada, e no quintal da sede. Era, como Akeley admitia, uma situação muito complicada, e logo era provável que ele fosse mesmo morar com o filho na Califórnia, mesmo que não conseguisse ven-

der a velha propriedade. Mas não era fácil deixar para trás o único lugar que realmente podia considerar seu lar. Ele precisaria tentar suportar mais um pouco; talvez conseguisse espantar os invasores, sobretudo se parasse de uma vez de tentar penetrar seus segredos.

Escrevendo na mesma hora a Akeley, renovei minha oferta de ajuda e falei novamente em visitá-lo e ajudá-lo a convencer as autoridades de seu risco terrível. Em sua resposta, ele me pareceu menos contrário ao plano do que sua atitude anterior tinha me levado a prever, mas disse que gostaria de esperar mais um pouco — só o suficiente para pôr suas coisas em ordem e se reconciliar com a ideia de abandonar o lugar onde tinha nascido e pelo qual tinha uma adoração quase mórbida. As pessoas vinham consultá-lo por seus estudos e especulações, e seria melhor se afastar discretamente sem deixar o povo da região alvoroçado e disseminando dúvidas quanto à sua sanidade. Ele já suportara o bastante, admitia, mas queria fazer uma saída digna, se possível.

Essa carta chegou às minhas mãos no dia 28 de agosto, e redigi e enviei uma resposta o mais encorajadora que pude. Ao que parece, o encorajamento surtiu efeito, pois Akeley relatou menos terrores quando acusou recebimento da minha resposta. Contudo, ele não estava muito otimista e expressou a crença de que era apenas a lua cheia que estava mantendo as criaturas afastadas. Ele esperava que não houvesse muitas noites nubladas, e falou vagamente em se hospedar em Brattleboro quando a lua minguassem. Mais uma vez, escrevi-lhe para encorajá-lo, mas no dia 5 de setembro chegou um novo comunicado que obviamente havia cruzado a minha carta no correio; e a este comunicado não pude dar nenhuma resposta esperançosa. Diante de sua importância, acredito ser melhor transcrevê-lo na íntegra — da melhor forma que eu conseguir a partir da lembrança de sua escrita trêmula. Dizia em suma o seguinte:

Segunda-feira

Prezado Wilmarth

Um pós-escrito um tanto desencorajador à minha última carta. Ontem a noite foi muito nublada — embora não tenha chovido — e nenhum raio de luar atravessava as nuvens. As coisas se complicaram muito, e creio que o fim está próximo, apesar de tudo o que es-

perávamos poder fazer. Depois da meia-noite, alguma coisa pousou no telhado de casa, e os cachorros foram todos ver o que era. Ouvi mordidas e rasgos, e então um deles conseguiu subir no telhado pulando do beiral baixo. Houve uma luta terrível lá em cima, e ouvi um zumbido assustador que não vou esquecer nunca. E então senti um cheiro chocante. Quase ao mesmo tempo, os tiros entraram pela janela, e quase raspavam em mim. Acho que a linha principal das criaturas da montanha se aproximou da casa quando os cachorros se dividiram por causa da confusão no telhado. O que estava lá em cima, ainda não sei, mas receio que as criaturas estejam aprendendo a manobrar melhor com suas asas espaciais. Apaguei a luz e usei as janelas como observatórios, e percorri a casa inteira disparando o rifle apontado um pouco acima para não atingir os cachorros. Aquilo aparentemente encerrou o problema, mas pela manhã encontrei grandes poças de sangue no quintal, ao lado de poças de uma matéria verde e viscosa que tinha o pior odor que já senti na vida. Subi no telhado e encontrei mais dessa matéria grudenta lá em cima. Cinco cães tinham sido mortos — receio ter atingido um ao mirar baixo demais, pois ele recebera um tiro nas costas. Agora estou consertando os vidros que os tiros quebraram, e vou a Brattleboro buscar mais cães. Acho que os empregados dos canis me julgam louco. Mais tarde enviarei outro bilhete. Suponho que esteja pronto para partir dentro de uma ou duas semanas, embora isso me mate só de pensar.

*Apressaamente,
AKELEY*

Porém, essa não foi a única carta de Akeley a cruzar com a minha. Na manhã seguinte — 6 de setembro — chegou mais uma; dessa vez, rascunhada freneticamente, o que me desanimou e me deixou sem saber o que dizer ou fazer em seguida. Mais uma vez, o melhor a fazer é citar o texto o mais fielmente que minha memória me permitir.

Terça-feira

As nuvens não se dispersaram, de modo que não teremos lua outra vez — está minguante de todo modo. Eu mandaria puxar eletricidade

dade e instalaria um holofote se não tivesse certeza de que eles cortariam os fios todas as vezes na mesma velocidade com que fossem consertados.

Creio que estou enlouquecendo. Talvez tudo o que escrevi ao senhor seja um sonho ou loucura. Foi muito ruim antes, mas desta vez é demais. Eles falaram comigo ontem à noite — falaram naquela maldita voz de zumbido e me contaram coisas que não ousou repetir ao senhor. Ouvi claramente, acima dos latidos dos cachorros, e assim que as vozes diminuíram uma voz humana as ajudou. Fique fora disso, Wilmarth — é pior do que você e eu suspeitávamos. Eles não querem mais me deixar ir para a Califórnia — eles querem me levar embora com vida ou o que quer que vida signifique teórica e mentalmente para eles — não apenas até Yuggoth, mas além de lá — para fora da galáxia e possivelmente além do último limite curvo do espaço. Eu disse que não iria aonde eles queriam me levar, ou da maneira terrível como eles propuseram me levar, mas receio que não vá adiantar nada. Minha casa é tão isolada que eles devem vir a qualquer momento de noite ou de dia. Outros seis cachorros foram mortos, e senti presenças nos trechos de floresta da estrada quando fui de carro a Brattleboro hoje.

Foi um erro da minha parte tentar enviar ao senhor aquele disco fonográfico e aquela pedra preta. Era melhor ter destruído o disco antes que fosse tarde demais. Amanhã enviarei mais notícias se ainda estiver aqui. Queria ter conseguido enviar meus livros e pertences a Brattleboro e ter me hospedado por lá. Eu fugiria sem levar nada se pudesse, mas algo dentro de mim me retém aqui. Posso tentar chegar a Brattleboro, onde talvez fique seguro, mas me sentiria um prisioneiro tanto lá como em casa. Pelo visto, sei que não conseguiria chegar muito longe nem que deixasse tudo aqui e tentasse fugir. É horrível — não se deixe envolver nisso.

*Sinceramente,
AKELEY*

Não consegui dormir a noite inteira depois de receber essa carta terrível, e estava profundamente intrigado com o que ainda restaria de sanidade em Akeley. O conteúdo do bilhete era totalmente insano, no en-

tanto o modo de expressão — tendo em vista tudo que se passara antes — tinha um poder de convencimento sombrio e intenso. Sequer tentei responder, julgando ser melhor esperar que Akeley tivesse tempo de responder a meu último comunicado. Essa resposta, de fato, chegou no dia seguinte, mas a novidade que a carta continha ia além dos pontos levantados pela minha, a que supostamente respondia. Eis o que me lembro do texto, de seus garranchos borrados, fruto de sua composição evidentemente frenética e apressada.

Quarta-feira

W—

Sua carta chegou, mas não adianta discutir mais nada. Estou totalmente resignado. Pergunto-me se ainda teria força de vontade suficiente para lutar para mantê-los afastados daqui. Não conseguiria escapar nem que estivesse disposto a deixar tudo aqui e fugir correndo. Eles me pegariam.

Recebi uma carta deles ontem — o carteiro trouxe enquanto eu estava em Brattleboro. Datilografada e com o carimbo de Bellows Falls. Diz o que eles querem fazer comigo — não posso repetir aqui. Cuide-se o senhor também! Destrua aquele disco. As noites continuam nubladas, e a lua está minguando cada vez mais. Quem dera eu ousasse pedir socorro — isso talvez recuperasse minha força de vontade —, mas as pessoas que ousassem vir me chamariam de louco se não houvesse alguma prova. Não posso pedir que venham sem motivo — perdi o contato com todo mundo e já faz muitos anos.

Mas eu não contei o pior, Wilmarth. Prepare-se para o que vai ler, pois será chocante. Mesmo assim é verdade. É o seguinte: vi e toquei uma das criaturas, ou parte de uma das criaturas. Por Deus, caro senhor, como é asquerosa! Estava morta, evidentemente. Um dos cachorros pegou-a, e encontrei-a perto do canil esta manhã. Tentei conservá-la no barracão para convencer as pessoas da história toda, mas a criatura evaporou em poucas horas. Não sobrou nada. O senhor sabe, todas aquelas coisas nos rios só foram avistadas na primeira manhã após a cheia. E aqui vem o pior. Tentei fotografá-la para mostrar ao senhor, mas quando revelei o filme não havia nada visível com exceção do barracão. Do que será feita essa criatura? Eu

a vi e a senti, e elas todas deixam pegadas. Seguramente era feita de matéria — mas de que tipo de matéria? A forma é impossível de descrever. Tratava-se de um grande caranguejo com muitos anéis ou nós piramidais carnudos, de matéria semelhante a cordas, com antenas no lugar onde ficaria a cabeça de um homem. Aquela substância verde e viscosa é seu sangue ou seiva. E devem surgir novas criaturas dessas na Terra a qualquer minuto.

Walter Brown está desaparecido — não foi visto à toa em nenhuma das esquinas de costume nos vilarejos da região. Talvez tenha sido atingido por um dos meus disparos, embora aparentemente as criaturas sempre tentem levar embora consigo seus mortos e feridos.

Fui à cidade hoje à tarde sem nenhum incidente, mas receio que as criaturas estejam começando a relaxar por já me considerarem condenado. Escrevo esta carta na agência do correio de Brattleboro. Talvez seja uma carta de despedida — caso seja, escreva para meu filho George Goodenough Akeley, r. Pleasant, 176, San Diego, Califórnia, mas não venha para cá. Escreva para o meu filho se não tiver notícias minhas dentro de uma semana e fique atento às notícias nos jornais.

Jogarei minhas duas últimas cartas agora — se eu ainda tiver força de vontade. Primeiro, vou tentar envenenar as criaturas com gás (tenho as substâncias químicas necessárias e separei máscaras para mim e para os cachorros) e aí, se isso não funcionar, vou chamar o xerife. Podem me levar para um hospício, se quiserem — seria melhor do que aquilo que as outras criaturas fariam comigo. Talvez eu consiga convencê-los a prestar atenção nas pegadas em volta da casa — são fracas, mas eu as encontro todas as manhãs. Suponhamos, todavia, que a polícia alegue que eu as falsifiquei de alguma forma, pois todos me julgam um tipo bizarro.

Devo tentar convencer um policial estadual a passar uma noite aqui para que veja com seus próprios olhos, mas bastaria que as criaturas soubessem disso para deixarem de vir justo essa noite. Elas cortam meus fios sempre que tento telefonar à noite — os funcionários da companhia devem achar muito estranho, e poderiam testemunhar a meu favor se não achassem que eu mesmo os estou cor-

tando. Já faz uma semana que nem solicito mais que sejam conservados.

Eu poderia conseguir algum popular ignorante para testemunhar a meu favor sobre a realidade dos horrores, mas todo mundo ri do que o povo diz e, seja como for, todo mundo evita minhas terras há tanto tempo que nem sabem nada dos novos acontecimentos. Seria impossível convencer aqueles sitiante decedentes a chegar sequer a um quilômetro da minha casa, nem por amor, nem por dinheiro. O carteiro ouve o que eles dizem e faz piadas comigo a esse respeito — Santo Deus! Se eu tivesse coragem de explicar ao carteiro o tanto que isso é real! Acho que vou tentar mostrar para ele as pegadas, mas ele passa à tarde e a essa hora geralmente as pegadas já sumiram. Se eu conservasse uma pegada cobrindo com uma caixa ou com uma panela, ele com certeza pensaria se tratar de uma falsificação ou de alguma piada.

Quem dera eu não tivesse me tornado um eremita, pois as pessoas não me visitam mais como antigamente. Jamais ousei mostrar a pedra preta ou as fotografias, ou reproduzir o disco, a qualquer pessoa além do povo mais ignorante da região. Os outros diriam que falsifiquei tudo e não fariam nada além de dar risada. Mesmo assim, talvez eu ainda tente mostrar as fotografias. Elas mostram claramente as marcas de garras, ainda que as criaturas que as produziram não possam ser fotografadas. Que pena que ninguém mais tenha visto aquela criatura esta manhã antes de se reduzir a nada!

Mas não me importo mais. Depois do que passei, um hospício parece um lugar tão bom quanto qualquer outro. Os médicos podem me ajudar a me convencer a ir embora desta casa, e isso é a única coisa que poderá me salvar.

Escreva para meu filho George se não tiver notícias minhas em breve. Adeus, destrua aquele disco, e não se deixe envolver mais nisso.

Sinceramente,
AKELEY

A carta me lançou francamente no mais sombrio terror. Eu não sabia o que dizer em resposta, mas rascunhei algumas palavras incoerentes de

conselho e encorajamento e as enviei como carta registrada. Lembro que insisti com Akeley para se mudar de uma vez para Brattleboro, e se colocar sob proteção das autoridades, acrescentando que eu chegaria à cidade com o disco e ajudaria a convencer os tribunais de sua sanidade. Estava na hora também, creio que escrevi, de alertar a população em geral sobre essa criatura em sua região. Deve-se observar que, nesse momento de angústia, minha crença em tudo o que Akeley dissera e alegara era praticamente completa, embora eu tenha achado que seu fracasso em obter uma imagem do monstro morto se devesse não a alguma aberração da Natureza, mas a um lapso da parte dele mesmo.

V.

Então, aparentemente cruzando meu bilhete incoerente e chegando às minhas mãos na tarde de sábado, 8 de setembro, recebi uma carta curiosamente diferente e tranquilizadora, datilografada com todo o cuidado em uma máquina nova; uma estranha carta serena e convidativa, que marcou uma transição tão prodigiosa daquele pesadelo dramático naquelas montanhas solitárias. Mais uma vez citarei de memória — buscando por motivos especiais conservar o máximo do sabor do estilo que conseguir. Tinha o carimbo de Bellows Falls, e a assinatura e o corpo da carta eram datilografados — como é comum entre iniciantes da datilografia. O texto, no entanto, era maravilhosamente preciso para um trabalho de aprendiz; e concluí que Akeley devia ter usado uma máquina de escrever antes — talvez na faculdade. Seria justo dizer que a carta me trouxe alívio, embora por baixo do alívio houvesse um substrato de inquietude. Se Akeley estivera são em seu terror, estaria ainda são depois que o terror passara? E aquele “melhor relacionamento” mencionado... o que seria? Tudo aquilo implicava uma inversão total da atitude anterior de Akeley! Mas eis a substância do texto, cuidadosamente transcrito a partir de uma memória que me causa certo orgulho.

*Ao sr. Albert N. Wilmarth,
Universidade Miskatonic,
Arkham, Mass.*

Townshend, Vermont,

Quinta-feira, 6 de setembro de 1928

Meu caro Wilmarth:

É um grande prazer para mim ser capaz de tranquilizá-lo sobre todas as tolices que lhe tenho escrito. Digo “tolices”, embora com isso eu queira me referir à minha atitude apavorada e não às minhas descrições de certos fenômenos. Esses fenômenos são reais e importantes o suficiente; meu erro foi adotar uma atitude anômala em relação a eles.

Creio ter mencionado que meus estranhos visitantes estavam começando a se comunicar comigo, e a tomar iniciativa nessas comunicações. Ontem à noite, essa troca de comunicações se tornou real. Em resposta a certos sinais, permiti que entrasse em casa um mensageiro dos seres exteriores — um ser humano, logo adiante. Ele me contou muitas coisas que nem você nem eu sequer tínhamos começado a intuir, e mostrou com clareza que havíamos julgado e interpretado de modo totalmente equivocado o propósito dos Seres Exteriores em manter sua colônia secreta neste planeta.

Ao que parece, as lendas malignas sobre o que eles ofereceram aos homens, e o que eles desejam em relação à Terra, são inteiramente resultado de uma concepção errônea e ignorante do discurso alegórico — discurso, é evidente, moldado pelo contexto cultural e por hábitos mentais imensamente diferentes de tudo o que sonhamos. Minhas conjecturas, admito abertamente, miravam muito longe do alvo, assim como as suposições dos sitiantes iletrados e dos indígenas selvagens. O que eu havia julgado mórbido e vergonhoso e ignominioso é na realidade magnífico, esclarecedor e até mesmo glorioso — minha avaliação anterior sendo apenas uma fase da eterna tendência humana a odiar, temer e recuar diante do inteiramente outro.

Agora lamento o mal que infligi a essas criaturas alienígenas e incríveis ao longo de nossas escaramuças noturnas. Se eu ao menos tivesse consentido em conversar pacífica e sensatamente com elas desde o início! Mas elas não guardam rancor contra mim, pois suas emoções são organizadas de modo muito diferente das nossas. Por azar, elas escolheram como agentes humanos em Vermont alguns es-

pécimes evidentemente inferiores — o falecido Walter Brown, por exemplo. Ele me fez nutrir um enorme preconceito contra elas. Na verdade, elas nunca me causaram conscientemente nenhum mal, mas muitas vezes foram cruelmente injustiçadas e espionadas pela nossa espécie. Há todo um culto secreto de homens malignos (um homem com a sua erudição mística há de me compreender quando os associo com Hastur e o Sinal Amarelo) dedicados ao propósito de localizá-las e prejudicá-las em nome de poderes monstruosos de outras dimensões. É contra esses agressores — não contra a humanidade normal — que as drásticas precauções dos Seres Externos são direcionadas. Incidentalmente, descobri que muitas de nossas cartas extraviadas não foram roubadas pelos Deuses Externos, mas por emissários desse culto maligno.

A única coisa que os Seres Externos desejam do homem é paz, não agressão e uma relação intelectual cada vez mais forte. Esta última é absolutamente necessária agora que nossas invenções e aparelhos estão expandindo nosso conhecimento e nossos movimentos, e tornando cada vez mais impossível que os entrepostos necessários aos Seres Externos existam secretamente neste planeta. Os seres alienígenas desejam conhecer a humanidade mais completamente e fazer com que alguns líderes filosóficos e científicos da humanidade saibam mais sobre eles. Com essa troca de conhecimentos, todos os riscos passarão e um modus vivendi satisfatório será estabelecido. A própria ideia de qualquer tentativa de escravizar ou degradar a humanidade é ridícula.

Para dar início a esse melhor relacionamento, os Seres Externos naturalmente me escolheram — pois meu conhecimento sobre eles já é considerável — como seu primeiro intérprete na Terra. Muita coisa me foi dita ontem à noite — fatos da natureza mais estupenda e esclarecedora — e mais ainda me será comunicado em seguida, tanto oralmente quanto por escrito. Por ora, não serei chamado para viajar para fora, embora provavelmente eu venha a querer fazê-lo depois — empregando meios especiais e transcendendo tudo o que até hoje nos acostumamos a compreender como experiência humana. Minha casa não será mais vigiada. Tudo voltou ao normal, e não haverá mais necessidade dos cachorros no futuro. Em vez de terror,

ganhei um rico tesouro de conhecimento e aventura intelectual de que poucos mortais já puderam compartilhar.

Os Seres Externos talvez sejam as criaturas orgânicas mais maravilhosas existentes no espaço e no tempo ou além de todo espaço e tempo — membros de uma espécie disseminada por todo o cosmos, da qual todas as outras formas de vida são meramente variantes degeneradas. São mais vegetais que animais, se é que esses termos se aplicam ao tipo de composição material desses seres, e têm uma estrutura semelhante à dos fungos; embora a presença de uma substância semelhante à clorofila e um sistema nutritivo muito singular os diferenciem por completo dos verdadeiros fungos cormófitos. Na verdade, o tipo é composto de uma matéria totalmente alheia à nossa região do espaço — com elétrons com uma taxa vibracional inteiramente diferente. É por isso que as criaturas não podem ser fotografadas por filmes e chapas de câmeras comuns do nosso universo conhecido, mesmo que nossos olhos possam vê-las. Com o conhecimento apropriado, contudo, qualquer bom químico conseguiria fazer uma emulsão fotográfica capaz de registrar suas imagens.

O gênero é único em sua capacidade de atravessar o vazio interestelar, sem calor e sem ar, em sua forma corporal plena, e algumas de suas variantes não são capazes de fazer isso sem auxílio mecânico ou curiosos procedimentos cirúrgicos. Apenas algumas poucas variantes têm as asas resistentes ao éter características do tipo encontrado em Vermont. Aquelas criaturas que habitam certos remotos picos do Velho Mundo foram trazidas à Terra de outras maneiras. Sua semelhança externa com a vida animal, e ao tipo de estrutura que entendemos como material, é antes uma questão de evolução paralela do que de parentesco íntimo. Sua capacidade cerebral extrapola a de qualquer outra forma de vida atualmente existente, embora os tipos alados de nossas montanhas estejam longe de ser os mais desenvolvidos. A telepatia é seu modo usual de comunicação, embora tenham órgãos vocais rudimentares que, após uma simples operação (pois a cirurgia é uma prática incrivelmente avançada e cotidiana entre eles), podem replicar de forma grosseira a fala desses tipos de organismo que ainda usam a fala.

Sua residência imediata é o planeta ainda não descoberto e quase sem luz localizado no limite de nosso sistema solar — depois de Netuno, é o nono em distância do Sol. Trata-se, como nós havíamos inferido, do objeto misticamente referido como “Yuggoth” em certos escritos antigos e proibidos; e que logo será o cenário de uma estranha convergência de pensamentos direcionada ao nosso mundo em uma tentativa de facilitar o relacionamento mental. Eu não ficaria surpreso se os astrônomos comesçassem a se tornar suficientemente sensíveis a essas torrentes de pensamento a ponto de descobrir Yuggoth quando os Seres Externos quiserem que eles o encontrem. Porém Yuggoth, claro, é apenas uma passagem. O maior conjunto dessas criaturas habita em abismos estranhamente organizados que se localizam além do alcance da imaginação humana. O glóbulo de espaço-tempo que identificamos como a totalidade de toda a entidade cósmica é apenas um átomo na genuína infinitude que é a deles. Toda essa infinitude que qualquer cérebro humano é capaz de assimilar será enfim revelada para mim, tal como foi a não mais de cinquenta outros homens desde que a espécie humana começou a existir.

À primeira vista, você provavelmente há de considerar isso um delírio, Wilmarth, mas com o tempo há de compreender a titânica oportunidade com que me deparei. Quero que compartilhe dessa oportunidade ao máximo possível, e nesse intuito devo lhe contar milhares de coisas que não poderão seguir por escrito. No passado, adverti-o para não vir me visitar. Agora que tudo está seguro, será um prazer retirar a advertência e convidá-lo para vir.

Você não pode vir para cá antes do início do período letivo da sua faculdade? Seria maravilhosamente delicioso se pudesse. Traga o disco fonográfico e todas as minhas cartas para que possamos usar como dados de consulta — precisaremos deles para reconstituir toda essa história tremenda. Se puder, traga também as fotografias, pois aparentemente descuidei dos negativos e das minhas próprias cópias durante essa excitação recente. Mas que riqueza de fatos tenho a acrescentar a todo esse material tateante e especulativo — e que instrumento estupendo tenho agora para complementar esses acréscimos!

Não hesite — não estou mais sendo espionado agora, e o senhor não há de deparar com nada de desnaturado ou perturbador. Simplesmente venha e deixe que eu vá buscá-lo de carro na estação de Brattleboro — prepare-se para passar o máximo de tempo que puder, e conte com muitas noites de discussão sobre coisas que estão além de toda conjectura humana. Não conte a ninguém a respeito de nada disso, é claro, pois esse assunto não deve chegar ao público vulgar.

O trem para Brattleboro não é nada mau — o senhor poderá consultar os horários em Boston. Tome o trem para Greenfield, e faça baldeação para o breve trecho que resta. Sugiro que o senhor tome o trem do horário mais conveniente, 16h10 — horário local —, que sai de Boston. Esse trem chegará às 19h35, e às 21h19 sai um trem que chega em Brattleboro às 22h01. Durante a semana. Avise-me o dia e irei buscá-lo de carro na estação.

Perdoe a carta datilografada, mas minha letra ultimamente ficou muito tremida, como o senhor sabe, e não me sinto disposto a longos trechos de escrita. Comprei ontem esta máquina Corona nova em Brattleboro — parece estar funcionando muito bem.

Aguardo uma palavra sua, e espero encontrá-lo em breve com o disco e todas as minhas cartas — e as fotografias.

*Sinceramente,
Sigo às ordens,
HENRY W. AKELEY*

A complexidade das minhas emoções ao ler, reler e ponderar sobre a estranha e inesperada carta vai além da descrição adequada. Disse que fiquei ao mesmo tempo aliviado e incomodado, mas isso expressa apenas de forma grosseira as sugestões de sentimentos diversos e amplamente subconscientes abarcados pelo alívio e pelo incômodo. Antes de mais nada, a carta representava uma variação antípoda de toda a sequência de horrores que a precederam — a mudança de humor do terror puro para a complacência despreocupada e até mesmo exultante, era inesperada, súbita e completa! Eu mal podia acreditar que um único dia fosse capaz de alterar tanto a perspectiva psicológica de alguém que escrevera aquele último boletim frenético na quarta-feira, por mais revelações tranquili-

zadoras que esse dia pudesse trazer. Em certos momentos, uma sensação de irrerealidades conflitantes me fazia pensar se todo aquele drama remoto e relatado de forças fantásticas não seria uma espécie de sonho semi-ilusório, criado em grande parte dentro da minha própria cabeça. Então me lembrei do disco fonográfico e me deixei levar por uma perplexidade ainda maior.

A carta parecia muito diferente de tudo o que eu teria esperado receber! Ao analisar minha impressão, notei que ela consistia de duas camadas distintas. Primeiro, admitindo que Akeley estivesse são antes e ainda estivesse são, a mudança observada na situação em si era muito rápida e impensável. Segundo, a mudança de atitude e de linguagem de Akeley ia muito além do normal ou do previsível. A personalidade inteira do sujeito parecia ter passado por uma mutação insidiosa — uma mutação tão profunda que era quase impossível conciliar esses dois aspectos com a suposição de que ambos representassem a mesma sanidade nos dois momentos. A escolha de palavras, as construções — eram todas sutilmente diferentes. Com minha sensibilidade acadêmica para os estilos de prosa, pude notar profundas divergências em suas reações e respostas rítmicas mais comuns. Sem dúvida, o cataclisma emocional ou a revelação capaz de produzir reviravolta tão radical devia ser mesmo extrema! No entanto, sob outro aspecto, a carta parecia bastante característica de Akeley. A mesma velha paixão pelo infinito — a mesma velha curiosidade acadêmica. Nem por um momento — ou mais do que momentaneamente — eu poderia acreditar em uma intenção espúria ou de alguma substituição maligna. O próprio convite — o desejo expresso de que eu comprovasse pessoalmente a veracidade da carta — não provava sua autenticidade?

Não dormi na noite de sábado, mas fiquei acordado pensando nas sombras e prodígios por trás da carta que havia recebido. Meus pensamentos, doloridos da rápida sucessão de concepções monstruosas que foram obrigados a enfrentar nos últimos quatro meses, trabalharam sobre esse novo material surpreendente em um ciclo de dúvida e aceitação, que repetiu a maioria das etapas experimentadas diante das maravilhas anteriores. Até que, antes de amanhecer, um interesse e uma curiosidade ardentes começaram a substituir a tempestade original de perplexidade e inquietude. Louco ou são, metamorfoseado ou meramente aliviado, tu-

do indicava que Akeley de fato havia deparado com uma mudança estu-
penda de perspectiva em sua arriscada pesquisa; alguma mudança que ao
mesmo tempo diminuía seus riscos — reais ou imaginados — e abria
novas visões de conhecimento cósmico e além do humano. Meu próprio
apreço pelo desconhecido se incendiou em contato com o dele, e me
senti tocado pelo contágio da mórbida ruptura de barreiras. Livrar-se
das enlouquecedoras e exaustivas limitações do tempo, do espaço e das
leis naturais... associar-se ao vasto *exterior*... tomar contato com segre-
dos noturnos e abismais do infinito e do definitivo... seguramente algo
assim valia o risco da vida, da alma, da sanidade! E Akeley disse que não
havia mais nenhum risco — ele me convidava a visitá-lo, em vez de me
advertir para não me aproximar como fizera antes. Estremeci só de pen-
sar no que ele teria para me dizer agora — havia um fascínio quase para-
lisante na ideia de estar naquela fazenda isolada e recentemente assedia-
da com um homem que havia conversado com verdadeiros emissários
do espaço sideral; estar ali com o disco terrível e a pilha de cartas em que
Akeley havia resumido suas conclusões anteriores.

De modo que, ao final da manhã de domingo, telegrafei a Akeley di-
zendo que o encontraria em Brattleboro na quarta-feira seguinte — 12
de setembro —, se a data fosse conveniente para ele. Em apenas um as-
pecto deixei de seguir suas sugestões, e isso em relação à escolha do
trem. Francamente, eu não gostaria de chegar àquela região assombrada
de Vermont tarde da noite; de modo que, em vez de aceitar o trem que
ele escolhera, telefonei para a estação e escolhi outra opção. Acordando
cedo e tomando o trem das 8h07 (horário local) em Boston, eu conse-
guiria pegar o trem das 9h25 para Greenfield, chegando lá às 12h22 da
tarde. Esse trem fazia conexão exata com outro que chegaria em Brattle-
boro às 13h08 — horário muito mais confortável que 22h01 para encon-
trar Akeley e viajar de carro com ele por aquelas montanhas densas e
cheias de segredos.

Mencionei essa opção em meu telegrama, e fiquei contente ao desco-
brir, na resposta que chegou ao anoitecer, que o horário contava com o
apoio de meu futuro anfitrião. Seu telegrama dizia o seguinte:

*OPÇÃO SATISFATÓRIA. ENCONTRO TREM 13H08 QUARTA. NÃO ES-
QUEÇA DISCO E CARTAS E FOTOS. NÃO REVELE DESTINO. AGUAR-*

A chegada dessa mensagem em resposta direta à que eu enviara a Akeley — e que necessariamente havia sido entregue em sua casa a partir da estação de Townshend, por carteiro oficial ou pelo serviço telefônico restaurado — afastou qualquer dúvida subconsciente que eu ainda tivesse sobre a autoria da espantosa carta. Meu alívio foi notável — de fato, foi maior do que eu me dei conta na ocasião; uma vez que eram dúvidas profundamente arraigadas em mim. Dormi bem e por longas horas naquela noite e fiquei ansioso e ocupado com os preparativos durante os dois dias seguintes.

VI.

Na quarta-feira, parti, como combinado, levando comigo uma valise com artigos de uso pessoal e dados científicos, incluindo o hediondo disco fonográfico, as fotografias e todo o arquivo das correspondências da Akeley. Tal como me fora solicitado, não contei a ninguém aonde estava indo, pois eu podia ver que o assunto exigia a máxima privacidade, mesmo admitindo que tudo corresse da forma mais favorável. A ideia de um contato mental efetivo com entidades alienígenas, siderais, era estupefaciente o bastante para minha mente treinada e um tanto preparada; e, sendo assim, o que se poderia pensar de seu efeito sobre as vastas massas de leigos desinformados? Não sei se a expectativa de pavor ou de aventura era maior em mim ao trocar de trem em Boston e iniciar o longo trecho rumo a oeste, para fora das regiões familiares, na direção de outras que definitivamente eu menos conhecia. Waltham... Concord... Ayer... Fitchburg... Gardner... Athol...

Meu trem chegou a Greenfield com sete minutos de atraso, mas a conexão expressa que seguiria para o norte estava esperando. Fazendo a transferência às pressas, senti uma curiosa euforia quando os vagões estrondearam, através da luz do início da tarde, penetrando territórios sobre os quais eu sempre lera, mas nunca visitara antes. Eu sabia estar adentrando uma Nova Inglaterra inteiramente antiquada e mais primitiva do que as áreas mecanizadas e urbanizadas do litoral e do sul onde

passara a vida inteira até então; uma Nova Inglaterra intacta, ancestral, sem os forasteiros e a fumaça de fábrica, os anúncios ou estradas de cimento dos setores tocados pela modernidade. Haveria estranhas sobrevivências daquela vida nativa contínua cujas profundas raízes fazem delas os frutos autênticos da paisagem — a vida nativa contínua que mantém viva estranhas memórias antigas e fertiliza o solo para crenças sombrias, maravilhosas e raramente mencionadas.

De quando em quando, vi o azul do rio Connecticut reluzindo ao sol e, depois de sair de Northfield, atravessamos sobre suas águas. Lá adiante, pairavam montanhas verdes e crípticas; quando veio o condutor, fiquei sabendo que estava enfim em Vermont. Ele me disse que atrasasse meu relógio em uma hora, uma vez que a região das montanhas do norte não tinha nada a ver com essas novidades de horário de verão. Ao fazê-lo, pareceu-me que eu estava atrasando todo o calendário em um século.

O trem seguia ao longo do rio e, ao atravessar New Hampshire, pude ver a vertente da íngreme Wantastiquet se aproximando, montanha em torno da qual convergem singulares lendas antigas. Então apareceram ruas à minha esquerda, e uma ilha verde se mostrou no rio à minha direita. As pessoas se levantaram e se amontoaram à porta, e fui atrás delas. O vagão parou, e desembarquei na longa plataforma da estação de Brattleboro.

Observando a fila de carros estacionados, hesitei por um momento para adivinhar qual poderia ser o Ford de Akeley, mas minha identidade foi descoberta antes que eu pudesse tomar a iniciativa. No entanto, claramente não era Akeley em pessoa quem veio me abordar com a mão estendida e perguntando com um fraseado delicadamente elaborado se eu era mesmo o sr. Albert N. Wilmarth de Arkham. Esse homem não tinha nenhuma semelhança com o Akeley barbudo e grisalho da fotografia; era um homem mais jovem e mais urbano, elegantemente vestido, e usando apenas um pequeno bigode escuro. Sua voz cultivada tinha uma vaga familiaridade, estranha e quase perturbadora, embora eu não a conseguisse identificar com precisão em minha memória.

Ao conversar com ele, ouvi sua explicação de que era um amigo de meu futuro anfitrião, que viera de Townshend em vez do próprio. Akeley, disse ele, sofrera um súbito ataque de asma, e não estava disposto

para sair de casa e viajar. Não era nada grave, no entanto, e não havia motivo para nenhuma mudança de planos com relação à minha visita. Não pude descobrir o quanto aquele sr. Noyes — como ele se apresentou — sabia das pesquisas e descobertas de Akeley, embora seus modos casuais sugerissem classificá-lo como relativamente leigo. Lembrando-me do eremita que Akeley havia se tornado, fiquei um tanto surpreso com a solícita disponibilidade daquele amigo, mas não deixei minha desconfiança me impedir de entrar no carro que o rapaz me mostrou. Não era o pequeno carro antigo que eu esperava pelas descrições de Akeley, mas um novo modelo, grande e imaculado — aparentemente do próprio Noyes, e com placa de Massachusetts, incluindo o divertido “bacalhau sagrado” das licenças daquele ano. Meu guia, concluí, devia ser um veranista na região de Townshend.

Noyes entrou no carro ao meu lado e deu logo a partida. Fiquei contente por ele não conversar demais, pois uma certa tensão na atmosfera me deixou indisposto para falar. A cidade parecia muito bonita à luz da tarde, quando começamos a subir um aclave e viramos à direita na rua principal. Parecia adormecida, como as velhas cidades da Nova Inglaterra de que as pessoas se lembram da infância, e algo na posição dos telhados, torres, chaminés e muros de tijolos formava contornos que tocavam cordas profundas de uma emoção ancestral. Eu podia ver que estava no umbral de uma região semiassombrada, através da sobreposição de acúmulos temporais ininterruptos; uma região onde coisas antigas e estranhas tiveram oportunidade de crescer e permanecer porque nunca foram lá perturbá-las.

Assim que saímos de Brattleboro, minha sensação de opressão e agouro aumentou, pois uma vaga qualidade do interior montanhoso, com suas vertentes verdes e graníticas gigantescas, ameaçadoras, muito próximas, sugeria segredos obscuros e sobrevivências imemoriais que podiam ser ou não hostis à humanidade. Durante algum tempo, nosso trajeto acompanhou um rio largo e raso que descia das montanhas do norte, e estremei quando meu companheiro me contou que aquele era o rio West. Havia sido naquele rio, lembrei-me dos recortes de jornal, que uma das mórbidas criaturas em forma de caranguejo tinha sido vista boiando depois das cheias.

Aos poucos, a região foi se tornando mais selvagem e mais deserta. Pontes cobertas arcaicas pairavam temerosamente, vindas do passado, em bolsões montanhosos, e a linha férrea quase abandonada em paralelo ao rio parecia emanar um ar de desolação nebulosamente visível. Havia vastas extensões de vales verdejantes de onde se erguiam grandes rochedos, o granito virgem da Nova Inglaterra, mostrando-se cinzento e austero, através da vegetação das escarpas escamadas. Havia gargantas onde rios caudalosos saltavam, levando rio abaixo segredos inimaginados de mil cumes jamais trilhados. Ramificando-se aqui e ali, onde estradas estreitas e escondidas atravessavam sólidas e luxuriantes massas de florestas, entre cujas árvores antigas, hostes inteiras de espíritos elementais bem podiam espreitar. Ao ver tudo isso, lembrei-me de que Akeley havia sido incomodado por agentes invisíveis em seus percursos por aquela mesma estrada, e não me espantei de que tais coisas pudessem existir.

A exótica e encantadora aldeia de Newfane, que alcançamos em menos de uma hora, foi nosso último elo com aquele mundo que o homem podia chamar de seu por mérito da conquista e da completa ocupação. Depois disso, abandonamos toda relação com coisas imediatas, tangíveis e tocadas pelo tempo, e entramos em um mundo fantástico de irrealidade acelerada, no qual a estrada estreita, serpenteante, erguia-se e descia e se curvava com um capricho quase consciente e deliberado, em meio aos picos verdes sem casas e vales quase desertos. Exceto pelo som do motor, e a discreta movimentação dos poucos sítios ermos por que passamos a intervalos infrequentes, a única coisa que chegava aos meus ouvidos era o gorgolejar insidioso de águas estranhas, de inúmeras fontes ocultas nas sombras da floresta.

A proximidade e a intimidade com as montanhas que víamos minúsculas ao longe, cobertas de neve, agora se tornava realmente de tirar o fôlego. Íngremes e abruptas, eram ainda mais grandiosas do que eu havia imaginado por descrições, e não sugeria nada em comum com o prosaico mundo objetivo que conhecemos. As florestas densas, intactas naquelas vertentes inacessíveis, pareciam abrigar criaturas alienígenas e incríveis, e senti que a própria silhueta das serras continha algum significado estranho e esquecido éons atrás, como se fossem vastos hieróglifos deixados por uma raça titânica, da qual restaram só rumores, cujas glórias viviam ainda apenas em raros sonhos profundos. Todas as lendas do

passado, e todas as estupefacientes imputações das cartas e provas de Henry Akeley, voltaram na minha memória, acentuando a atmosfera de tensão e crescente ameaça. O propósito da minha visita, e as pavorosas anormalidades postuladas, ficaram evidentes subitamente para mim, com a sensação de um calafrio que quase supera o meu ardor por investigações estranhas.

Meu guia deve ter reparado em minha atitude perturbada, pois, conforme a estrada ficava mais selvagem e mais irregular, e nosso movimento mais lento ou mais sacudido, seus comentários simpáticos expandiam-se em um fluxo de conversa mais constante. Ele falou da beleza e da estranheza da região, e revelou certo conhecimento dos estudos de folclore de meu futuro anfitrião. Pelas suas perguntas educadas, ficou óbvio que ele sabia que eu vinha com propósito científico e trazia dados importantes, mas ele não deu nenhum sinal de avaliar a profundidade e o horror dos conhecimentos que Akeley finalmente alcançara.

Seus modos eram tão animados, comuns e urbanos que seus comentários deveriam ter me acalmado e tranquilizado, mas, por estranho que pareça, só me senti mais perturbado conforme subíamos e descíamos, aos trancos, em direção àquela paisagem desconhecida de montanhas e florestas. Às vezes, parecia que ele estava me testando para ver o que eu sabia sobre os segredos monstruosos do lugar, e a cada novo comentário aquela vaga, provocante e intrigante *familiaridade* em sua voz foi aumentando. Não era uma familiaridade comum ou sadia, apesar da natureza inteiramente saudável e cultivada de sua voz. De alguma forma, associei aquela voz a pesadelos esquecidos e senti que podia enlouquecer se a reconhecesse e identificasse. Se eu conseguisse encontrar uma boa desculpa, creio que teria voltado e desistido da visita. No entanto, não pude fazê-lo — e me ocorreu que uma conversa serena, científica com o próprio Akeley, assim que eu chegasse, ajudaria muito a me recompor.

Além disso, havia um elemento de beleza cósmica estranhamente tranquilizadora na paisagem hipnótica através da qual escalávamos e mergulhávamos fantasticamente. O tempo ali se perdia nos labirintos que deixávamos para trás, e à nossa volta se estendiam apenas ondas florescentes da beleza feérica e recapturada dos séculos perdidos — venerandos arvoredos, pastagens intactas bordejadas de alegres flores outonais, e a vastos intervalos nas pequenas casas marrons de fazendas ani-

nhadas entre imensas árvores na base de precipícios verticais de urzes e relvas perfumadas. Até a luz do sol assumia um fascínio superior, como se uma atmosfera ou uma emanção especial cobrisse toda a região. Nunca tinha visto nada parecido, exceto nas visões mágicas que às vezes formam os cenários dos primitivos italianos. Sodoma e Leonardo conceberam essas paisagens, mas entrevistadas apenas a distância, e através das abóbadas das arcadas renascentistas. Agora estávamos atravessando fisicamente aquele quadro, e eu parecia encontrar em sua necromancia algo que eu conhecia inata ou hereditariamente, algo que eu passara a vida procurando em vão.

De repente, após contornar um ângulo obtuso no alto de uma subida difícil, o carro parou. À minha esquerda, do outro lado de um gramado bem cuidado, que se estendia até a estrada e exibia uma borda de pedras caiadas, erguia-se uma casa branca de dois andares de tamanho e elegância incomuns para a região, com uma série de celeiros, barracões e moinho, contíguos ou interligados por arcadas, atrás e à direita. Reconheci imediatamente pela fotografia que eu havia recebido, e não fiquei surpreso ao ver o nome de Henry Akeley na caixa de correio de ferro galvanizado junto à estrada. Mais adiante dos fundos da casa, estendia-se um trecho plano de brejo com árvores esparsas, depois do qual se erguia a encosta íngreme e de mata densa que terminava em uma montanha verde e irregular. Esta última, eu sabia, era o pico de Dark Mountain, que já devíamos ter escalado até a metade.

Desembarcando do carro e levando minha valise, Noyes me pediu que esperasse um pouco enquanto ele ia avisar Akeley da minha chegada. Ele mesmo, acrescentou, tinha coisas importantes para fazer em outro lugar, e não poderia ficar mais do que alguns minutos. Enquanto ele subia bruscamente o caminho até a casa, desci do carro, querendo esticar um pouco as pernas antes de iniciar uma conversa sedentária. Minha sensação de nervosismo e tensão então chegou ao máximo outra vez, agora que eu via o cenário real do assédio mórbido descrito de forma tão assombrosa nas cartas de Akeley, e sinceramente tive medo de que as discussões que ocorreriam em seguida me associassem com aqueles mundos alienígenas e proibidos.

O contato íntimo com o inteiramente bizarro é muitas vezes mais aterrorizante que inspirador, e não me entusiasmos pensar que aquele

exato trecho de estrada de terra era o local onde aquelas monstruosas pegadas e aquela fétida sânie verde havia sido encontrada depois de noites sem lua de medo e morte. Sem me dar conta, vi que nenhum dos cães de Akeley parecia estar por lá. Teria ele vendido os cães tão logo os Seres Externos fizeram as pazes consigo? Por mais que eu tentasse, não conseguia ter a mesma confiança na profundidade e na sinceridade daquela paz que aparecia na última carta de Akeley, estranhamente diferente. Afinal, ele era um homem de grande simplicidade e pouca experiência mundana. Não haveria talvez alguma corrente profunda e sinistra por baixo da superfície da nova aliança?

Levado por meus próprios pensamentos, meu olhar se virou para a superfície poeirenta da estrada que fora cenário daqueles hediondos testemunhos. Os últimos dias tinham sido secos, e marcas de todos os tipos se espalhavam pela pista sulcada e irregular apesar da natureza pouco frequentada daquele distrito. Com uma vaga curiosidade, comecei a delinear as linhas gerais de algumas impressões heterogêneas, tentando com isso frear os surtos de fantasia macabra que o lugar e suas memórias sugeriam. Havia algo ameaçador e incômodo naquela quietude fúnebra, no murmúrio abafado e sutil de riachos distantes, e nos densos picos verdes e precipícios negros que sufocavam o horizonte estreito.

E então se formou em minha consciência uma imagem que fez essas ameaças vagas e surtos de fantasia parecerem brandos e insignificantes. Eu disse que estava repassando diversas marcas na estrada com uma espécie de curiosidade ociosa, mas logo essa curiosidade foi extinta por uma súbita e paralisante lufada de terror ativo. Pois, embora as marcas na terra fossem em geral confusas e sobrepostas, e dificilmente atrairiam um olhar casual, meus olhos incansáveis captaram certos detalhes perto do local onde o caminho para a casa encontrava a estrada; e entendi, sem sombra de dúvida ou de esperança, o significado pavoroso daqueles detalhes. Não foi à toa, infelizmente, que passei horas observando aquelas fotografias das marcas de garras dos Seres Exteriores que Akeley me enviara. Eu conhecia bem os rastros daquelas pinças odiosas, e a mesma ambiguidade de direção que classificava aqueles horrores como criaturas que não eram deste planeta. Não havia a possibilidade piedosa de nenhum equívoco. Ali, na verdade, de forma objetiva, diante dos meus próprios olhos, e seguramente feitas poucas horas antes, havia pelo me-

nos três marcas que se destacavam de modo blasfemo da surpreendente pletora de pegadas borradas que iam e vinham da casa de Akeley. *Eram os rastros infernais dos fungos vivos de Yuggoth.*

Recuperei-me do susto a tempo de conter um grito. Afinal, o que mais eu esperava encontrar ali, supondo que eu realmente acreditasse nas cartas de Akeley? Ele falara em fazer as pazes com as criaturas. Ora, então, o que haveria de estranho se algumas delas o visitassem em sua casa? Mas o terror foi mais forte do que esse argumento. Um homem poderia permanecer impassível diante do primeiro encontro com marcas de garras de seres animados das profundezas do espaço sideral? Nesse instante, vi Noyes saindo pela porta e se aproximando a passos bruscos. Eu precisava, refleti, manter o controle, pois era provável que aquele simpático amigo não soubesse nada sobre as sondagens mais profundas e estupendas de Akeley em território proibido.

Akeley, Noyes logo me informou, estava contente e pronto para me ver, embora o súbito ataque de asma o impedisse de ser um bom anfitrião por um ou dois dias. Os ataques atingiam-no com força quando começavam, e eram sempre acompanhados por uma febre debilitante e uma fraqueza geral. Ele ficava indisposto para tudo durante esses ataques — precisava falar sussurrando e se deslocava de modo desajeitado e fraco. Seus pés e tornozelos incharam também, de modo que ele precisava enfaixá-los como um velho guarda inglês gotoso. Hoje ele estava péssimo, de modo que eu precisaria fazer quase tudo sozinho para me instalar, mas ele estava ávido para conversar comigo mesmo assim. Eu o encontraria no escritório à esquerda da entrada da casa — onde as cortinas ficavam fechadas. Ele precisava evitar que a luz do sol entrasse durante os ataques, pois seus olhos ficavam muito sensíveis.

Quando Noyes se despediu e partiu em seu carro para o norte, comecei a caminhar lentamente em direção à casa. A porta estava entreaberta para mim, mas, antes de me aproximar e entrar, olhei de relance para o lugar, tentando decidir o que me parecia tão intangivelmente bizarro ali. Os celeiros e barracões pareciam cuidados e prosaicos, e reparei no Ford velho de Akeley em sua garagem ampla e descoberta. Então entendi o segredo da estranheza. Era o silêncio total. Uma fazenda costuma ter ao menos o murmúrio moderado de seus diversos tipos de criação, mas ali todos os sinais de vida eram ausentes. E as galinhas e por-

cos? As vacas, que Akeley dissera possuir várias, poderiam plausivelmente estar no pasto, e os cães talvez tivessem sido vendidos — mas a ausência de qualquer vestígio de cacarejo ou grunhido era genuinamente singular.

Não fiquei por muito tempo parado no caminho, mas entrei decidido pela porta aberta e a fechei atrás de mim. Aquilo me custou um esforço psicológico peculiar e, no momento em que eu estava dentro da casa, tive uma vontade súbita de ir embora precipitadamente. Não que a casa fosse sinistra em termos de sugestão visual; pelo contrário, achei a graciosa sala colonial de muito bom gosto e asseio, e admirei a evidente educação do homem que a mobiliara. O que me fez ter vontade de fugir foi algo muito tênue e indefinido. Talvez fosse um certo odor estranho que pensei ter notado — embora eu soubesse que odores rançosos são comuns mesmo nas melhores casas de fazendas antigas.

VII.

Recusando-me a deixar que essas sensações nebulosas me dominassem, lembrei-me das instruções de Noyes e abri a porta branca de seis folhas e maçaneta de latão à minha esquerda. A sala atrás da porta estava às escuras, como eu já sabia; e, ao entrar, reparei que o odor bizarro era mais forte ali dentro. Parecia haver também um ritmo ou vibração fraca, quase imaginária, no ar. Por um momento, as cortinas fechadas não me permitiram enxergar muita coisa, mas então uma espécie de tosse pungente ou som sussurrado chamou minha atenção para uma grande espreguiçadeira no canto oposto e mais escuro da sala. Dentro daquelas sombras profundas, vi a mancha branca do rosto e das mãos de um homem; e no momento seguinte fui cumprimentar a pessoa que tentava falar comigo. Mesmo naquela penumbra, percebi que aquele era de fato meu anfitrião. Eu havia observado muitas vezes a fotografia, e não havia nenhuma dúvida quanto àquele rosto firme, marcado pelas intempéries, com a barba grisalha bem aparada.

Mas, quando olhei novamente, meu reconhecimento se mesclou à tristeza e à angústia, pois sem dúvida aquele era o rosto de um homem muito doente. Senti que devia haver algo além da asma por trás daquela

expressão sofrida, rígida e imóvel e daquele olhar vítreo e impassível, e me dei conta do esforço terrível que suas experiências deviam ter lhe custado. Se teriam sido avassaladoras para qualquer ser humano — até para um jovem —, o que dirá para aquele intrépido frequentador do proibido? O sinistro e súbito alívio, receei, teria vindo tarde demais para salvá-lo de algo semelhante a um esgotamento generalizado. Havia algo penoso no modo frouxo, sem vida, como suas mãos magras repousavam em seu colo. Ele usava uma camisola larga, estava com a cabeça e o pescoço enfaixados com um chamativo cachecol ou capuz amarelo.

Vi então que ele estava tentando falar com aquela mesma tosse sussurrada com que havia me saudado. Eram sussurros difíceis de captar a princípio, uma vez que seu bigode grisalho escondia todo o movimento dos lábios, e alguma coisa em seu timbre me perturbou enormemente, mas, concentrando minha atenção, logo consegui decifrar surpreendentemente bem suas intenções. Seu sotaque estava longe de ser rústico, e o linguajar era ainda mais polido do que a correspondência me levava a esperar.

— Sr. Wilmarth, eu presumo? O senhor deve me perdoar por não me levantar. Estou muito doente, como o sr. Noyes deve ter lhe dito, mas eu quis que o senhor viesse mesmo assim. O senhor sabe o que eu disse na última carta... e tenho muita coisa para lhe contar amanhã, quando espero estar me sentindo melhor. Nem sei dizer o quanto estou feliz de vê-lo pessoalmente depois de tantas cartas. O senhor trouxe o arquivo, não é? E as fotografias e o disco? O sr. Noyes deixou sua valise na sala, imagino que o senhor tenha visto. Esta noite receio que o senhor tenha de passar praticamente sozinho. O seu quarto fica no andar de cima, logo acima deste aqui, e o senhor verá a porta do banheiro aberta no alto da escada. Há uma refeição servida na sala de jantar, depois dessa porta à sua direita, que o senhor poderá fazer quando quiser. Amanhã serei um anfitrião melhor, mas neste momento a fraqueza me deixa incapaz de qualquer outro compromisso.

“Sinta-se em casa. O senhor pode deixar as cartas, as fotografias e o disco na mesa aqui antes de subir com sua bagagem. Falaremos sobre isso aqui... o senhor pode ver meu fonógrafo ali no móvel do canto.

“Não, obrigado, não há nada que o senhor possa fazer. Tenho esses ataques há muitos anos. Volte daqui a pouco para uma visita breve antes

de anoitecer, e depois o senhor pode subir para dormir quando quiser. Vou ficar aqui mesmo descansando... talvez durma aqui a noite inteira, como costume fazer. Pela manhã, estarei muito melhor para tratarmos dos assuntos de que precisamos tratar. O senhor, é claro, se dá conta da natureza totalmente extraordinária da questão diante de nós. Para nós, como apenas alguns homens neste mundo, estarão abertos golfos do tempo e do espaço e conhecimentos além de toda concepção da ciência e da filosofia humana.

“O senhor sabia que Einstein está errado, e que certos objetos e forças *podem* se mover com velocidade maior que a da luz? Com o devido auxílio, espero conseguir voltar e avançar no tempo, e efetivamente *ver* e *sentir* a Terra de épocas remotas no passado e no futuro. O senhor nem imagina o grau em que esses seres desenvolveram a ciência. Não há nada que eles não possam fazer com a mente e o corpo dos organismos vivos. Espero visitar outros planetas, e até mesmo outras estrelas e galáxias. A primeira viagem será para Yuggoth, o planeta mais próximo inteiramente povoado por essas criaturas. Trata-se de um estranho astro obscuro no limite de nosso sistema solar, ainda desconhecido de astrônomos terrestres. Mas creio que já deva ter escrito sobre isso. No tempo devido, os seres direcionarão torrentes de pensamento em nossa direção e farão com que o planeta seja descoberto, ou talvez deixem um de seus aliados humanos fornecerem uma pista aos cientistas.

“Há grandes cidades em Yuggoth, imensas fileiras de torres escalonadas construídas em pedra preta como a da amostra que lhe enviei. Essa pedra veio de Yuggoth. Lá o Sol brilha fraco como uma estrela, mas os seres não precisam de luz. Eles têm outros sentidos mais sutis, e não constroem janelas em suas casas e templos gigantescos. A luz chega a feri-los e os deixa embaraçados e confusos, pois não existe no cosmo escuro fora do tempo e do espaço de onde eles vieram originalmente. Visitar Yuggoth seria enlouquecedor para um homem fraco... no entanto, vou para lá. Os rios negros de piche que correm sob aquelas misteriosas e ciclópicas pontes, construídas por alguma raça antiga extinta e esquecida antes que as criaturas chegassem a Yuggoth vindas dos abismos definitivos, deviam ser o bastante para fazer de alguém um Dante ou um Poe, se conseguisse se manter são por tempo suficiente para contar o que viu.

“Mas lembre-se: esse mundo obscuro de jardins de fungos e cidades sem janelas não é na verdade terrível. Apenas pareceria aos nossos olhos. Provavelmente este nosso mundo pareceu terrível para eles quando vieram pela primeira vez explorá-lo em eras primordiais. O senhor sabe que eles estiveram aqui muito antes do fim da época fabulosa de Cthulhu, e se lembra das histórias da submersa R’lyeh quando se erguia acima das águas. Eles também estiveram dentro da Terra... há aberturas desconhecidas dos seres humanos, algumas delas nestas mesmas montanhas de Vermont, e grandes mundos de vida desconhecida lá embaixo: K’n-yan, iluminada de azul, Yoth, iluminada de vermelho, e N’kai, preta e sem luz. É de N’kai que vem o assustador Tsathoggua... o senhor sabe, o deus-criatura amorfo e semelhante a um sapo mencionado nos Manuscritos Pnakóticos, no *Necronomicon* e no ciclo de mitos de Com-morion preservados pelo sumo sacerdote atlante Klarkash-Ton.

“Mas conversaremos sobre tudo isso daqui a pouco. Já devem ser quatro ou cinco da tarde. Melhor trazer o material da sua mala, comer alguma coisa, e depois voltar para falarmos à vontade.”

Muito lentamente me virei e comecei a obedecer meu anfitrião: busquei minha valise, extraí e deposei os itens desejados, e por fim subi para o quarto a mim designado. Com a lembrança da marca de garra na beira da estrada ainda fresca na cabeça, os relatos sussurrados de Akeley me afetaram bizarramente; e as sugestões de familiaridade com aquele mundo desconhecido de vida fúngica — o proibido Yuggoth — fizeram minha pele arrepiar mais do que eu gostaria de admitir. Senti tremendamente pela doença de Akeley, mas precisei admitir que seus sussurros roucos tinham uma qualidade ao mesmo tempo odiosa e lamentável. Se ao menos ele não tivesse *se gabado* a respeito de Yuggoth e seus segredos obscuros!

Meu quarto se revelou agradável e bem mobiliado, igualmente isento de odores embolorados como de qualquer vibração perturbadora; depois de deixar a valise no quarto, desci para conversar com Akeley e comer a refeição que ele deixara servida. A sala de jantar ficava ao lado do escritório, e vi que uma cozinha em L se abria mais adiante na mesma direção. Na mesa de jantar, uma ampla variedade de sanduíches, bolos e queijos esperava por mim, e uma garrafa térmica ao lado de uma xícara e um pires atestavam que o café quente não havia sido esquecido. Após a

reforçada refeição, servi-me uma boa xícara de café, mas descobri que o padrão culinário sofrera um lapso em um único detalhe. A primeira colherada revelou um gosto picante desagradável, de modo que não me servi de mais. Ao longo do repasto, pensei em Akeley sentado em silêncio na grande espreguiçadeira do quarto escuro ao lado. A certa altura, fui pedir que ele comesse comigo, mas ele sussurrou que ainda não estava conseguindo engolir nada. Mais tarde, antes de dormir, ele beberia leite maltado — a única coisa que ele havia ingerido o dia inteiro.

Depois de comer, insisti em lavar a louça na pia da cozinha, discretamente esvaziando o café que eu não pudera apreciar. Ao voltar ao escritório, aproximei uma cadeira do canto onde estava meu anfitrião e me preparei para conversar sobre o que ele quisesse falar. As cartas, fotografias e o disco ainda estavam na grande mesa de centro, mas, por ora, não precisávamos recorrer a eles. Logo me esqueci até do cheiro bizarro e da curiosa sensação de uma vibração no ar.

Afirmar que havia coisas nas cartas de Akeley — especialmente na segunda e mais volumosa — que eu não ousaria citar ou mesmo passar para o papel por escrito. A hesitação cresceria ainda mais com as coisas que me foram sussurradas aquela noite naquele escritório escuro em meio àquelas montanhas ermas e assombradas. Não posso avaliar a extensão dos horrores cósmicos revelados por aquela voz rouca. Ele já sabia de coisas hediondas antes, mas o que havia aprendido desde que fizera o pacto com as Criaturas Exteriores era quase demais para uma mente sã suportar. Até hoje me recuso a acreditar no que ele sugeria sobre a constituição do infinito definitivo, a justaposição de dimensões, e a pavorosa posição de nosso cosmo conhecido de espaço e tempo na corrente infinita de átomos-cosmos que constitui o supercosmos imediato das curvas, ângulos e organização eletrônica material e semimaterial.

Jamais um homem não esteve tão perigosamente perto dos arcanos da entidade básica — jamais um cérebro orgânico chegou tão próximo da aniquilação total no caos que transcende forma, força e simetria. Aprendi de onde Cthulhu veio *primeiro*, e por que metade das grandes estrelas temporárias da história emitiram seus últimos raios. Adivinhei — pelas sugestões com que interrompia meu tímido informante — o segredo por trás das Nuvens de Magalhães e das nebulosas globulares, e da verdade negra velada pela alegoria imemorial do Tao. A natureza dos

Doels foi simplesmente revelada, e fiquei sabendo a essência (embora não a origem) dos Cães de Tíndalos. A lenda do Yig, Pai das Serpentes, deixou de ser figurativa, e comecei a sentir repugnância quando ele contou do monstruoso caos nuclear além do espaço angulado que o *Necronomicon* piedosamente encobria sob o nome de Azathoth. Foi chocante ver os pesadelos mais imundos dos mitos secretos sendo limpos e esclarecidos em termos concretos, cuja hediondez total e mórbida ia além das elucubrações mais ousadas dos místicos antigos e medievais. Inelutavelmente, fui levado a acreditar que os primeiros a sussurrarem aquelas histórias malditas deviam ter tido contato com os Seres Exteriores de Akeley, e talvez tivessem visitado domínios cósmicos externos, tal como Akeley agora se propunha a fazer indo visitá-los.

Ele me contou sobre a Pedra Preta e o que ela significava, e fiquei contente por ela não ter chegado às minhas mãos. Minhas hipóteses sobre os hieróglifos estavam certíssimas! No entanto, Akeley agora parecia reconciliado com todo o sistema demoníaco com que havia deparado; reconciliado e ávido por penetrar mais fundo no monstruoso abismo. Perguntei-me o que as criaturas teriam falado com ele desde a última carta para mim, e se muitas tinham sido tão humanas quanto o primeiro emissário que ele mencionara. A tensão na minha cabeça foi ficando insuportável, e construí todo tipo de teorias mirabolantes sobre o odor bizarro e persistente e aquela insidiosa sensação de vibração na penumbra do escritório.

A noite estava caindo e, ao me lembrar do que Akeley me escrevera sobre as noites anteriores, estremeci de pensar que logo não haveria mais lua. Também não gostei do modo como a casa se aninhava na base da vertente colossal e coberta de floresta que levava ao cume quase inexplorado de Dark Mountain. Com a permissão de Akeley, acendi um pequeno lampião a óleo, ajustei a chama baixa, e o deixei na prateleira de livros distante, ao lado do fantasmagórico busto de Milton, mas em seguida lamentei, pois a luz fez o rosto imóvel e exaurido de meu anfitrião, assim como suas mãos inertes, parecerem desgraçadamente anormais e cadavéricos. Ele parecia quase incapaz de se mover, embora eu visse seus meneios rígidos de quando em quando com a cabeça.

Depois do que ele me contou, eu mal podia imaginar que segredos mais profundos ele estaria guardando para o dia seguinte, mas enfim se

revelou que sua viagem para Yuggoth e além — *e minha possível participação nela* — seria o tópico de amanhã. Ele deve ter achado graça no sobressalto de horror que tive ao receber a proposta de uma viagem cósmica, pois sua cabeça sacudiu violentamente quando demonstrei meu medo. Em seguida, falou com muita delicadeza que os seres humanos poderiam realizar — e diversas vezes realizaram — a viagem aparentemente impossível através do vazio interestelar. Pelo visto *não eram corpos humanos inteiros que faziam a viagem*, mas a capacidade cirúrgica, biológica, química e mecânica dos Seres Exteriores havia descoberto um modo de transportar cérebros humanos sem a concomitante estrutura física.

Havia um modo inofensivo de extrair um cérebro, e um modo de manter o resíduo orgânico vivo durante sua ausência. A matéria cerebral pura, compacta, era então mergulhada em um líquido que, de quando em quando, era repostado, dentro de um cilindro hermeticamente fechado, feito de um metal minerado em Yuggoth, com eletrodos conectados, controlados por elaborados instrumentos capazes de replicar as três faculdades vitais da visão, da audição e da fala. Para as criaturas fungoides aladas, levar os cilindros cerebrais intactos através do espaço era uma questão simples. Então, em cada planeta abarcado pela civilização delas, elas encontrariam outra série de instrumentos ajustáveis correspondentes a cada faculdade e conectariam com os cérebros encapsulados; de modo que, após alguns ajustes, essas inteligências em trânsito recebiam vida sensorial e articulada plena — apesar da ausência da vida corporal e mecânica — a cada etapa de sua jornada através e além do *continuum* espaço-tempo. Era simples como levar um disco fonográfico e reproduzi-lo onde quer que houvesse um fonógrafo correspondente. Quanto ao sucesso da viagem, não havia nenhuma dúvida. Akeley não estava com medo. Não haviam feito brilhantemente a mesma viagem tantas vezes antes?

Pela primeira vez, uma das mãos inertes, exauridas, ergueu-se e apontou para uma prateleira do outro lado do escritório. Ali, em uma fileira organizada, havia mais de uma dúzia de cilindros feitos de um metal que eu nunca tinha visto antes — cilindros de cerca de trinta centímetros de altura e um pouco menos de diâmetro, com três curiosos soquetes acoplados a um triângulo isósceles na frente da superfície conve-

xa de cada cilindro. Um deles estava ligado por dois dos soquetes a um par de máquinas de aparência singular que ficava mais atrás. Sobre sua finalidade, ninguém precisou me dizer nada, e estremeci febrilmente. Então vi que a mão apontava para um canto muito mais próximo, onde intrincados instrumentos com fios e tomadas acoplados, diversos deles muito semelhantes aos dois aparelhos da prateleira atrás dos cilindros, estavam perfilados.

— Aqui há quatro tipos de instrumentos, Wilmarth — sussurrou a voz. — Quatro tipos, três faculdades em cada, formando doze peças no total. Pode ver que há quatro tipos de seres apresentados naqueles cilindros ali em cima. Três humanos, seis criaturas fungóides que não podem navegar fisicamente no espaço, dois seres de Netuno (Santo Deus! Se você visse o corpo que esse tipo tem em seu próprio planeta!), e os outros são entidades das cavernas centrais de uma estrela apagada especialmente interessante, de além da galáxia. No entreposto principal no interior de Round Hill, você encontrará, de quando em quando, mais cilindros e máquinas, cilindros de cérebros extracósmicos com sentidos diferentes dos que conhecemos, aliados e exploradores do Exterior mais extremo, e máquinas especiais para lhes transmitir impressões e expressões em diversos modos apropriados ao mesmo tempo para eles e para a compreensão de diferentes tipos de ouvintes. Round Hill, como a maioria dos entrepostos importantes das criaturas, espalhados por todos os vários universos, é um lugar bastante cosmopolita! É claro, apenas os tipos mais comuns foram emprestados para o meu experimento.

“Agora, pegue as três máquinas que estou mostrando e deixe-as sobre a mesa. A máquina mais alta, com as duas lentes de aumento na frente, depois a caixa com os tubos de vácuo e a caixa de ressonância, e então a outra com o disco de metal em cima. Depois traga o cilindro com a etiqueta ‘B-67’. Suba nessa cadeira Windsor para alcançar a prateleira. Muito pesado? Não faz mal! Verifique se é mesmo o número B-67. Deixe esse cilindro novo e brilhante conectado aos dois instrumentos, esse com o meu nome escrito. Coloque o B-67 na mesa perto de onde o senhor deixou as máquinas e posicione o seletor das três máquinas ao máximo para a esquerda.

“Agora ligue o cabo da máquina das lentes ao soquete de cima do cilindro... pronto! Conecte agora a máquina dos tubos ao soquete de bai-

xo à esquerda, e o aparato do disco ao soquete externo. Agora posicione todos os seletores das máquinas o máximo para a direita, primeiro o das lentes, depois o do disco, e depois o dos tubos. Muito bem. Eu posso lhe dizer que isto é um ser humano, tal como nós dois. Vou lhe mostrar alguns outros amanhã.”

Até hoje não sei por que fui tão submisso ao obedecer àqueles sussurros ou se pensei que Akeley estivesse louco ou são. Depois de tudo o que tinha acontecido, eu devia estar preparado para qualquer coisa, mas aquela mímica mecânica parecia muito os estereótipos de caprichos de inventores e cientistas enlouquecidos e despertou uma dúvida que nem mesmo seu discurso anterior havia despertado. O que os sussurros de meu anfitrião implicavam ia além de qualquer crença humana — mas as outras coisas não iam ainda mais longe, e seriam menos absurdas apenas por estarem longe de qualquer prova concreta e tangível?

Enquanto minha mente cambaleava em meio a esse caos, tomei consciência de um som misto de raspagem e zumbido vindo das três máquinas recém-conectadas ao cilindro — raspão e zumbido que logo se atenuaram em um silêncio quase total. O que estaria prestes a acontecer? Terei ouvido uma voz? Se ouvi, que prova eu teria de que não era apenas de uma espécie de rádio engenhosamente construído, que transmitia a voz de um locutor escondido mas que nos observava de perto? Até hoje não me sinto capaz de jurar que ouvi o que ouvi, ou que fenômeno se deu diante de mim. Mas decerto alguma coisa parecia estar acontecendo.

Para ser breve e sucinto, a máquina com os tubos e a caixa de ressonância começaram a falar, e com uma precisão e uma inteligência que não deixavam dúvidas de que o falante estivesse de fato presente e nos observando. A voz era alta, metálica, sem ênfase, e claramente mecânica em todos os aspectos de sua produção. Era incapaz de qualquer inflexão ou expressividade, mas se articulava aos trancos e solavancos com uma precisão e uma deliberação obstinada.

— Sr. Wilmarth — disse a voz —, espero não assustá-lo. Sou um ser humano como o senhor, embora meu corpo agora esteja repousando em segurança e recebendo um tratamento vitalizante apropriado no interior de Round Hill, cerca de dois quilômetros a leste daqui. Eu mesmo estou aqui com o senhor. Meu cérebro está naquele cilindro e posso ver, ouvir

e falar através desses vibradores eletrônicos. Dentro de uma semana, atravessarei o vazio como fiz muitas vezes antes, e espero ter o prazer da companhia do sr. Akeley. Quem dera eu pudesse ter a sua companhia também, pois conheço o senhor de vista e por reputação, e tenho acompanhado de perto sua correspondência com nosso amigo. Sou, evidentemente, um daqueles homens que se tornaram aliados dos seres exteriores em visita ao nosso planeta. Encontrei-os pela primeira vez no Himalaia, e ajudei-os de diversas maneiras. Em troca, eles me propiciaram experiências que poucos homens jamais tiveram.

“O senhor se dá conta do que significa quando digo que estive em 37 corpos celestes diferentes, entre planetas, estrelas mortas e objetos menos definíveis, incluindo oito fora de nossa galáxia e dois fora do cosmo curvo do espaço e do tempo? Nada disso me causou qualquer mal. Meu cérebro foi removido do meu corpo por fissões tão bem feitas que seria grosseiro chamá-las de cirúrgicas. Os seres visitantes têm métodos que tornam essas extrações simples e quase rotineiras, e o corpo nunca mais envelhece quando o cérebro está fora dele. O cérebro, devo acrescentar, é praticamente imortal com suas faculdades mecânicas e nutrição controladas e fornecidas por mudanças ocasionais do líquido onde está preservado.

“Em suma, espero sinceramente que o senhor decida vir com o sr. Akeley e comigo. Os visitantes estão interessados em serem apresentados a homens de conhecimento como o senhor, e em mostrar-lhes os grandes abismos com que a maioria de nós apenas sonha em total ignorância fantasiosa. Pode parecer estranho a princípio conhecê-los, mas sei que o senhor está acima de se importar com isso. Creio que o sr. Noyes também vá junto... o homem que sem dúvida deve tê-lo trazido aqui de carro. Há anos que ele é um dos nossos. Imagino que o senhor tenha reconhecido a voz dele como uma das vozes no disco que o sr. Akeley lhe enviou.”

Diante do meu violento sobressalto, o falante fez uma pausa antes de concluir.

— Sendo assim, sr. Wilmarth, deixo a questão para o senhor decidir, acrescentando apenas que um homem como o senhor, com seu amor pelo desconhecido e pelo folclore, não deveria perder uma oportunidade como esta. Não há nada a temer. Todas as transições são indolores, e há

muito o que desfrutar em um estado de sensação totalmente mecanizado. Quando os eletrodos são desconectados, apenas mergulhamos em um sono de sonhos especialmente vívidos e fantásticos.

“E agora, se o senhor não se importa, podemos encerrar nossa sessão e retomamos amanhã. Boa noite. Basta pôr os seletores de volta para a esquerda; não importa a ordem exata, mas pode deixar a máquina de lentes por último. Boa noite, sr. Akeley. Cuide bem do nosso hóspede! O senhor pode desligar os interruptores?”

E foi só isso. Obedeci mecanicamente e desliguei os três interruptores, embora estivesse confuso com as dúvidas sobre tudo o que tinha ocorrido. Minha cabeça ainda estava dando voltas quando ouvi a voz sussurrada de Akeley me dizendo para deixar todos os equipamentos na mesa onde estavam. Ele não tentou fazer nenhum comentário sobre o que tinha acontecido e, de fato, nenhum comentário poderia acrescentar muito às minhas faculdades sobrecarregadas. Eu o ouvi me dizer que podia levar o lampião para o meu quarto, e deduzi que ele queria descansar sozinho no escuro. Estava, de fato, na hora de meu anfitrião descansar, pois seu discurso à tarde e ao anoitecer fora exaustivo até para um homem vigoroso. Ainda tonto, dei boa-noite ao meu anfitrião e subi com o lampião, embora eu tivesse uma excelente lanterna de bolso comigo.

Fiquei contente de sair daquele escritório do térreo com aquele odor bizarro e aquela vaga sugestão de vibração no ar, no entanto, evidentemente, eu não poderia escapar de uma hedionda sensação de pavor e perigo e anormalidade cósmica enquanto pensava no lugar onde eu estava e nas forças que tinha encontrado. A região selvagem, erma, a vertente negra coberta de floresta erguendo-se tão perto atrás da casa, as pegadas na estrada, o sussurrante doente e imóvel no escuro, os infernais cilindros e máquinas e, acima de tudo, os convites para estranhas cirurgias e viagens ainda mais estranhas — todas essas coisas, tão novas e em tão súbita sucessão, precipitaram-se sobre mim com uma força cumulativa que esgotou minha força de vontade e quase minou minha capacidade física.

Descobrir que meu guia, Noyes, era o celebrante humano daquele monstruoso sabá antigo no disco fonográfico foi particularmente chocante, embora mais cedo eu tivesse notado uma familiaridade difusa e

repelente em sua voz. Outro choque peculiar veio da minha própria atitude com relação ao meu anfitrião sempre que eu parava para analisá-la, pois, apesar de instintivamente ter gostado de Akeley por meio de suas cartas, agora eu descobria que ele me enchia de uma repulsa indisfarçável. Sua doença podia ter despertado minha compaixão, mas, em vez disso, agora me fazia estremecer. Ele estava tão rígido e inerte, semelhante a um cadáver — e aquele sussurro incessante era tão odioso e desumano!

Ocorreu-me que seus sussurros eram diferentes de tudo o que eu já tinha ouvido, que, apesar dos lábios cobertos pelo bigode curiosamente imóveis, eram potencialmente fortes e persuasivos de um modo notável para arquejos de um asmático. Eu tinha conseguido entender sua voz do outro lado do escritório, e uma ou duas vezes me pareceu que os sons fracos porém penetrantes representavam não tanto fraqueza, mas uma contenção deliberada — embora não pudesse atinar com o motivo. Desde o início, eu havia notado a perturbadora qualidade daquele timbre. Agora, quando tentava ponderar sobre a questão, pensei ser capaz de identificar essa impressão com uma espécie de familiaridade subconsciente como a que tornava a voz de Noyes tão difusamente sinistra. Mas quando ou onde eu encontrara aquilo que sua voz sugeria era mais do que eu saberia dizer.

Uma coisa era certa: eu não passaria nem mais uma noite ali. Meu interesse científico havia desaparecido em meio ao medo e à repugnância, e eu sentia apenas vontade de escapar daquela rede de morbidez e revelações desnaturadas. Eu já sabia o suficiente. Devia mesmo ser verdade a existência daqueles vínculos cósmicos, mas seguramente não eram coisas para seres humanos normais lidarem.

Influências blasfemas me cercavam e me apertavam até sufocar meus sentidos. Dormir, decidi, estaria fora de questão; de modo que me limitei a apagar o lampião e me deitar na cama vestido. Sem dúvida aquilo era absurdo, mas me preparei para qualquer emergência desconhecida, segurando na mão direita o revólver que trouxera comigo, e a lanterna de bolso na mão esquerda. Não vinha nenhum som lá de baixo, e eu podia imaginar como meu anfitrião devia estar sentado com sua rigidez cadavérica no escuro.

Algures ouvi um relógio tiquetaquear, e fiquei até contente pela normalidade do som. Aquilo me lembrou, no entanto, de outra coisa sobre a região que me deixara perturbado: a ausência total de vida animal. Certamente não havia nenhum animal na fazenda, e então me dei conta de que ali não havia nem mesmo os sons noturnos costumeiros dos animais selvagens. Com exceção do sinistro gotejar distante de águas ocultas, aquela quietude era anômala — extraterrena — e me perguntei que maldição estelar intangível poderia pairar sobre a região. Lembrei-me das velhas lendas de que os cães e outros animais sempre odiaram os Seres Exteriores, e pensei no que poderiam significar aquelas marcas na estrada.

VIII.

Não me pergunte quanto tempo durou meu inesperado cochilo, ou quanto do que se seguiu foi puro sonho. Se eu lhe contar que despertei a certa altura, e ouvi e vi certas coisas, você apenas há de dizer que então não despertei, e que tudo foi um sonho até o momento em que saí correndo da casa, cheguei cambaleando ao barracão onde tinha visto o velho Ford e segui naquele veículo antigo em uma corrida enlouquecida e desgovernada por aquelas montanhas assombradas, que enfim me deixou — depois de horas de solavancos e curvas por labirintos cercados de florestas — em um vilarejo que se revelou ser Townshend.

Você também decerto vai desconsiderar todo o resto do meu relato, e há de declarar que todas as fotografias, sons gravados, sons de cilindros e máquinas, e provas encontradas eram apenas artigos de puro ilusionismo exercido sobre mim pelo desaparecido Henry Akeley. Chegará até a supor que ele conspirou com outros excêntricos para aplicar um golpe tolo e elaborado — que ele mesmo teria retirado a encomenda em Keene e que mandara Noyes gravar aquele terrível disco de cera. Mas o estranho seria o fato de que Noyes não tivesse sido identificado, de que ele era desconhecido em todos os vilarejos vizinhos da propriedade de Akeley, mesmo tendo sido um frequentador da região. Quem dera eu tivesse conseguido memorizar a placa de seu carro — ou talvez tenha sido melhor que eu não tenha conseguido. Pois, apesar de tudo o que vo-

cê possa dizer, e apesar do que eu mesmo tento às vezes me dizer, eu sei que influências externas odiosas devem estar espreitando naquelas montanhas quase desconhecidas, e que aquelas influências possuem espiões e emissários no mundo dos homens. Manter-me o mais distante possível de tais influências e de tais emissários é tudo o que peço da vida no futuro.

Quando minha história frenética levou alguns policiais à casa da fazenda, Akeley tinha desaparecido sem deixar traços. Sua camisola folgada, seu cachecol amarelo, e as bandagens dos pés estavam no chão do escritório perto da espreguiçadeira de canto, e não conseguiram apurar se o restante de seus aparelhos havia sumido também. Os cães e os animais da fazenda haviam desaparecido de fato, e havia curiosos buracos de balas na fachada da casa e em algumas paredes internas, mas, afora isso, não se detectou nada de incomum. Nenhum dos cilindros ou máquinas, nenhuma das evidências que eu havia levado para lá em minha valise, nenhum odor bizarro ou sensação vibrátil, nenhuma pegada na estrada, e nenhuma das coisas problemáticas que eu presenciara ao final de minha estada.

Fiquei uma semana em Brattleboro depois de fugir, fazendo perguntas a todo tipo de pessoas que tinham conhecido Akeley, e os resultados me convenceram de que o caso não havia sido produto de um sonho ou ilusão. As compras bizarras de cães, munição e produtos químicos e os cortes dos cabos telefônicos de Akeley estavam todos registrados; e todos que o conheceram, inclusive seu filho na Califórnia, admitiram que seus comentários ocasionais sobre estudos estranhos tinham uma certa consistência. Alguns cidadãos respeitáveis achavam que ele tinha enlouquecido, e sem hesitar declararam que todas as provas relatadas eram meros golpes planejados com astúcia insana e talvez aplicados por cúmplices excêntricos, mas a gente mais pobre do interior sustentava cada detalhe das coisas que ele dizia. Ele tinha mostrado a alguns camponeses suas fotografias e a pedra preta, e tinha reproduzido o odioso disco para eles; e todos disseram que as pegadas e a voz zumbida eram idênticas às descritas nas lendas ancestrais.

Eles disseram também que as visões e sons suspeitos haviam se tornado cada vez mais comuns em volta da casa de Akeley depois que ele encontrara a pedra preta, e que o lugar era agora evitado por todo mun-

do, com exceção do carteiro e uma ou outra pessoa mais obstinada. A Dark Mountain e a Round Hill eram ambos locais sabidamente assombrados, e não consegui encontrar ninguém que jamais tivesse explorado mais intimamente qualquer uma dessas montanhas. Os desaparecimentos ocasionais de nativos ao longo da história do distrito eram bem documentados, e esses agora incluíam o quase vagabundo Walter Brown, que as cartas de Akeley haviam mencionado. Cheguei até a conhecer um sitiante que dizia ter visto pessoalmente um dos corpos estranhos na cheia do West River, mas sua história era muito confusa para ser de fato aproveitável.

Quando saí de Brattleboro, decidi nunca mais voltar a Vermont, e ainda me sinto seguro de que mantereí minha decisão. Aquelas montanhas selvagens são certamente o entreposto de uma pavorosa espécie cósmica — algo de que duvido cada vez menos desde que li sobre um nono planeta avistado além de Netuno, tal como aquelas influências disseram que seria. Astrônomos, com sinistra propriedade de que mal desconfiam, nomearam esse corpo celeste “Plutão”. Sinto, sem dúvida, que não é outro senão o noturno Yuggoth — e estremeço ao pensar no verdadeiro motivo *por que* seus monstruosos habitantes quiseram que se tornasse conhecido assim neste momento específico. Tento em vão me convencer de que essas criaturas demoníacas não estão aos poucos conduzindo uma nova política prejudicial à Terra e seus habitantes normais.

Mas ainda preciso contar sobre o final daquela noite terrível na sede da fazenda. Como eu disse, por fim acabei caindo em um sono perturbado, um sono povoado de pedaços de sonho, que envolviam monstruosas paisagens vislumbradas. Exatamente o que me despertou ainda não sei dizer, mas tenho absoluta certeza do que fiz quando acordei nesse dado momento. Minha primeira impressão confusa foi de tábuas de assoalho rangendo furtivamente no corredor do lado de fora da porta do meu quarto, e de tentativas desajeitadas e abafadas de girar a maçaneta. Isso, no entanto, parou quase na mesma hora, de modo que minhas impressões realmente claras começaram com as vozes vindas do escritório no térreo. Pareciam ser vários falantes, e calculei que estivessem envolvidos em uma controvérsia.

Depois de alguns segundos ouvindo, eu já estava plenamente desperto, pois a natureza daquelas vozes tornava ridícula a ideia de dormir

mais. Os tons eram curiosamente variados, e ninguém que tivesse ouvido o maldito disco fonográfico poderia ter qualquer dúvida sobre a origem de pelo menos duas vozes. Por mais hedionda que a ideia parecesse, eu sabia que estava sob o mesmo teto que criaturas inominadas do espaço abismal, pois aquelas duas vozes eram indiscutivelmente os zumbidos blasfemos que os Seres Exteriores usavam em suas comunicações com os homens. Eram individualmente distintas — em altura, sotaque e ritmo —, mas eram ambas da mesma espécie maldita.

Uma terceira voz era inconfundivelmente a da máquina mecânica de fala conectada a um dos cérebros extraídos conservados nos cilindros. Assim como em relação aos zumbidos, havia pouca dúvida quanto a ela, pois a voz alta, metálica, sem vida, da noite anterior, com sua ausência de inflexão, de expressão, aos trancos e solavancos, e sua precisão e deliberação impessoal, fora absolutamente inesquecível. Durante algum tempo não questionei se a inteligência por trás daquela voz seria idêntica àquela que conversara comigo, mas pouco depois refleti que *qualquer* cérebro emitiria sons vocais da mesma qualidade se estivesse ligado ao mesmo aparelho mecânico de produção sonora, e as únicas diferenças possíveis seriam de língua, ritmo, velocidade e pronúncia. Para completar o macabro colóquio, havia duas vozes de fato humanas — uma fala tosca de um homem desconhecido e evidentemente rústico, e a outra a entonação suave, com sotaque de Boston, do mesmo Noyes que me levaria até lá.

Enquanto eu tentava entender as palavras que o assoalho sólido confusamente interceptava, tomei também consciência de movimentos, arranhões e arrastamentos no andar de baixo; de modo que não pude evitar a impressão de que o escritório estivesse cheio de seres vivos — muito mais indivíduos do que os poucos cujas falas eu conseguia identificar. A exata natureza desses movimentos é extremamente difícil de descrever, pois existem pouquíssimas bases de comparação. De quando em quando, era como se objetos estivessem se deslocando pelo escritório como entidades conscientes; o som de seus passos se parecia ora com um tamborilar frouxo de superfícies duras, ora com o contato de superfícies irregulares de chifres ou borracha dura. Era, para usar uma comparação mais concreta porém menos precisa, como se pessoas com sapatos de madeira mole e quebradiça estivessem se arrastando e se sacudindo.

do sobre o assoalho de madeira encerado. Sobre a natureza e a aparência dos responsáveis pelos sons, não ousei especular.

Logo vi que seria impossível distinguir os discursos com algum nexo. Palavras isoladas — incluindo os nomes de Akeley e o meu — de quando em quando se destacavam, especialmente quando pronunciadas pelo alto-falante mecânico, mas o significado real se perdia por falta de um contexto contínuo. Hoje me recuso a formar qualquer dedução definitiva a partir delas, e mesmo o efeito assustador que tiveram sobre mim foi antes de uma *sugestão* que de uma *revelação*. Um conclave terrível e anormal, tive certeza, reunia-se no andar de baixo, mas para que deliberações chocantes eu não saberia dizer. Era curioso como essa sensação incontestada do maligno e do blasfemo me invadia apesar das garantias de Akeley quanto à amabilidade dos Exteriores.

Ouvindo pacientemente, comecei a distinguir com clareza as vozes, muito embora não conseguisse absorver boa parte do que diziam. Ao que parecia consegui captar certas emoções típicas por trás de alguns falantes. Uma das vozes zumbidas, por exemplo, tinha um tom inconfundível de autoridade; enquanto a voz mecânica, não obstante seu volume e sua regularidade artificial, parecia em posição subordinada e suplicante. O tom de Noyes emanava uma espécie de atmosfera conciliatória. Quanto às outras, nem sequer tentei interpretá-las. Não escutei o sussurro familiar de Akeley, mas eu bem sabia que aquele som jamais conseguiria atravessar o assoalho maciço do meu quarto.

Tentarei estabelecer algumas das palavras desconexas e outros sons que captei, rotulando os falantes da melhor forma que puder. Foi do alto-falante que distingi as primeiras frases reconhecíveis.

(ALTO-FALANTE)

“... eu mesmo trouxe... enviei de volta as cartas e o disco... acabar com isso... aceito... ver e ouvir... maldito seja... força impessoal, afinal... cilindro novo e brilhante... santo Deus...”

(PRIMEIRA VOZ ZUMBIDA)

“... hora que paramos... pequeno e humano... Akeley... cérebro... dizendo...”

(SEGUNDA VOZ ZUMBIDA)

“... Nyarlathotep... Wilmarth... registros e cartas... impostura barata...”

(NOYES)

“... (uma palavra ou nome impronunciável, possivelmente N’gah-Kthun)... inofensivo... paz... duas semanas... teatral... já disse isso antes...”

(PRIMEIRA VOZ ZUMBIDA)

“... nenhum motivo... plano original... efeitos... Noyes pode vigiar... Round Hill... cilindro novo... carro de Noyes...”

(NOYES)

“... bem... todo seu... aqui embaixo... descansar... lugar...”

(DIVERSAS VOZES AO MESMO TEMPO EM FALATÓRIO INDISTINGUÍVEL)

(MUITOS PASSOS, INCLUSIVE A AGITAÇÃO OU TAMBORILAR PECULIAR E FROUXO)

(UMA CURIOSA ESPÉCIE DE FARFALHAR DE ASAS)

(O SOM DE UM AUTOMÓVEL DANDO A PARTIDA E SE AFASTANDO)

(SILÊNCIO)

Essa é a substância do que meus ouvidos puderam captar enquanto eu fiquei deitado, rígido, naquele estranho quarto do andar de cima da sede assombrada daquela fazenda das montanhas demoníacas — ali deitado e vestido, segurando um revólver na mão direita e uma lanterna portátil na esquerda. Eu estava, como eu disse, plenamente desperto, mas uma espécie obscura de paralisia, não obstante, manteve-me inerte por muito tempo até que o último eco daqueles sons desaparecesse. Ouvi o tiquetaquear amadeirado e obstinado do antigo relógio de Connecticut algures lá embaixo, e enfim notei o ronco irregular de alguém dormindo. Akeley devia ter caído no sono após a estranha sessão, e eu achei que ele devia mesmo precisar dormir um pouco.

O que pensar ou fazer exatamente era mais do que eu conseguiria decidir. Afinal, *o que* eu tinha ouvido além das coisas que as informa-

ções prévias poderiam me levar a esperar? Eu não ficara sabendo que os Exteriores inominados eram agora livremente admitidos na sede da fazenda? Sem dúvida, Akeley fora pego de surpresa por uma visita inesperada da parte deles. No entanto, algo naquele discurso fragmentário me dava imensos calafrios, despertava as mais grotescas e horríveis dúvidas, e me fazia desejar ardentemente despertar e descobrir que tinha sido tudo um sonho. Creio que minha mente subconsciente deve ter captado algo que minha consciência ainda não havia identificado. Mas e quanto a Akeley? Ele não era afinal meu amigo, e não teria protestado se quisessem me fazer algum mal? O ronco pacífico lá embaixo parecia tornar ridículos todos os meus medos subitamente intensificados. Seria possível que Akeley tivesse sido sujeitado e usado como chamariz para me atrair para aquelas montanhas com suas cartas e fotografias e aquele disco fonográfico? Será que aqueles seres pretendiam nos envolver em uma destruição comum porque ficáramos sabendo demais? Mais uma vez pensei na mudança abrupta e estranha de situação que devia ter ocorrido entre a penúltima e a última carta de Akeley. Alguma coisa, meu instinto me dizia, estava terrivelmente errada. Nem tudo era o que parecia. O café apimentado que me recusei a beber — não teria sido uma tentativa de alguma entidade oculta e desconhecida de me drogar? Precisava falar logo com Akeley, e recuperar seu senso de proporção. Eles deviam tê-lo hipnotizado com promessas de revelações cósmicas, mas agora ele precisava dar ouvidos à razão. Precisamos escapar disso tudo antes que seja tarde demais. Se lhe faltasse a força de vontade para se libertar, eu lhe forneceria. Ou, caso não conseguisse persuadi-lo, pelo menos eu me libertaria. Decerto ele me emprestaria seu Ford e eu o deixaria em uma garagem de Brattleboro. Eu havia reparado no carro no barracão — a porta estava destrancada e aberta agora que o perigo parecia ter passado — e acredito que havia grande probabilidade de que estivesse pronto para ser usado. Aquela antipatia momentânea que sentira em relação a Akeley, durante e depois da conversa da noite, agora tinha passado. Ele estava em posição muito semelhante à minha, e precisávamos continuar juntos. Sabendo de sua condição indisposta, abominei a ideia de acordá-lo naquele momento, mas eu sabia que era preciso. Eu não poderia continuar ali até amanhecer naquela situação.

Enfim me senti capaz de agir, e me espreguicei vigorosamente para retomar o comando dos meus músculos. Erguendo-me com cuidado, mais impulsivo que deliberado, encontrei e peguei meu chapéu, minha valise, e desci a escada com auxílio da minha lanterna de bolso. No meu nervosismo, continuei com o revólver na mão direita, conseguindo levar a valise e a lanterna na esquerda. Por que tomei tais precauções realmente não sei, uma vez que, para todos os efeitos, àquela altura, eu estava indo acordar o outro único ocupante da casa.

Enquanto eu descia na ponta dos pés os degraus que rangiam até o térreo, pude ouvir mais claramente os roncoss do meu anfitrião, e reparei que ele devia estar no cômodo à minha esquerda — a sala de estar onde eu não tinha entrado. À minha direita, estava a escuridão escancarada do escritório onde eu havia ouvido as vozes. Abrindo a porta sem maçaneta da sala de estar, fiz um caminho com a lanterna até a origem dos roncoss, e por fim apontei o facho para o rosto do sonhador. Mas, no segundo seguinte, logo afastei o facho e comecei a recuar agachado para o corredor, precaução dessa vez racionalmente fundamentada, além de instintiva. Pois quem estava dormindo no sofá não era Akeley, mas o mesmo Noyes que me servira de guia.

A situação real, não consegui apreender, mas o bom senso me aconselhou que a coisa mais segura era apurar o máximo de elementos antes de acordar os outros. De volta ao corredor, puxei e fechei silenciosamente a porta da sala de estar, diminuindo assim as chances de despertar Noyes. Com cuidado, entrei então no escritório às escuras, onde esperava encontrar Akeley, dormindo ou acordado, na grande espreguiçadeira no canto que era evidentemente seu local favorito para repousar. Enquanto avançava, o facho da minha lanterna mostrou a grande mesa de centro, revelando um dos cilindros infernais acoplado às máquinas de visão e audição, ao lado de um alto-falante, pronto para ser conectado a qualquer momento. Aquele, refleti, devia ser o cérebro encapsulado que eu ouvira falando durante a pavorosa conferência; e, por um segundo, senti o impulso perverso de acoplar o alto falante e ouvir o que ele teria a dizer.

O cérebro, pensei, devia ser consciente da minha presença naquele momento, uma vez que os aparelhos de visão e audição deviam ter captado os raios da minha lanterna e os rangidos discretos do assoalho sob

meus pés. Mas enfim não arrisquei me imiscuir com aquele ser. Involuntariamente, vi que era o cilindro novo e brilhante com o nome de Akeley escrito, em que eu havia reparado na prateleira na noite anterior e que meu anfitrião dissera para deixar onde estava. Olhando em retrospectiva para aquele momento, só posso lamentar minha timidez e desejar que eu tivesse ousado e ligado o aparelho para falar. Só Deus sabe que mistérios, dúvidas horríveis e questões de identidade poderiam ter sido dirimidas! Mas, novamente, talvez tenha sido melhor que eu tenha deixado para lá.

Da mesa, virei o facho da lanterna para o canto onde eu pensava que Akeley estivesse, mas descobri, para minha perplexidade, que a grande espreguiçadeira estava vazia de qualquer ocupante humano dormindo ou acordado. Do assento até o chão, a familiar camisola velha se estendia, e ao lado dela jazia o cachecol amarelo e as imensas bandagens dos pés que eu julgara tão estranhas. Enquanto hesitava, tentando conjecturar onde Akeley poderia estar, e por que teria descartado de repente seu traje imprescindível de doente, notei que o odor bizarro e a sensação de vibração já haviam passado. Quais seriam os motivos? Curiosamente, ocorreu-me que eu havia notado aquilo apenas na presença de Akeley. Eram mais fortes onde ele ficava, e inteiramente ausentes com exceção do escritório ou das imediações da porta do escritório. Fiz uma pausa, deixando a lanterna percorrer o ambiente escuro e acumulando em meu cérebro explicações para a guinada dos acontecimentos.

Quem dera eu tivesse saído dali antes que a luz pousasse outra vez na espreguiçadeira vazia. Na verdade, não consegui me manter calado, mas emití um grito abafado que deve ter perturbado, embora não tenha acordado, o sentinela adormecido do outro lado do corredor. Esse grito, e o ronco impassível de Noyes, foram os últimos sons que ouvi naquela casa esmagada pela morbidez, sob o cume escuro de florestas de uma montanha maldita — aquele foco de horror transcósmico em meio às ermas vertentes verdes e riachos murmurantes de maldições de uma terra rústica e espectral.

É espantoso que eu não tenha deixado cair a lanterna, a valise e o revólver em minha fuga ensandecida, mas, de algum modo, não soltei nenhuma dessas coisas. Na verdade, consegui sair daquele ambiente e daquela casa sem fazer mais nenhum ruído, arrastei-me com meus pertenc-

ces para a segurança do velho Ford no barracão, e consegui fazer o arcaico veículo funcionar e me levar até algum lugar desconhecido mas seguro naquela noite negra e sem luar. A viagem que se seguiu foi uma peça delirante de um Poe ou de um Rimbaud, ou de um desenho de Doré, mas enfim cheguei a Townshend. E foi só isso. Se minha sanidade permaneceu inabalada, foi sorte minha. Às vezes receio o que os anos trarão, sobretudo desde que o novo planeta, Plutão, foi curiosamente descoberto.

Como eu ia dizendo, deixei minha lanterna iluminar a espreguiçadeira vazia depois de percorrer o ambiente. Então reparei pela primeira vez na presença de certos objetos no assento, que se revelaram pelas dobras folgadas da camisola vazia. Foram objetos, três deles, que os investigadores não encontraram quando chegaram mais tarde. Como eu dissera no início, não havia nenhum horror visual efetivo naqueles três objetos. O problema estava no que eles permitiam que se inferisse. Até hoje tenho meus momentos de dúvida — momentos em que aceito o ceticismo daqueles que atribuem minha experiência ao sonho e aos nervos e à ilusão.

Os três objetos eram artefatos de uma sofisticação maldita, dotados de engenhosos grampos de metal para prendê-los a tecidos orgânicos sobre os quais não arrisco qualquer conjectura. Espero — devotadamente espero — que fossem produtos de cera de um grande artista, apesar do que meus medos mais profundos me sugerem. Santo Deus! Aquele que sussurrava nas trevas com seu odor mórbido e suas vibrações! Feiticeiro, emissário, abduzido, eremita... aquele hediondo zumbido reprimido... e o tempo todo dentro daquele cilindro novo, brilhante na prateleira... pobre diabo... “capacidade cirúrgica, biológica, química e mecânica prodigiosa”...

Pois os objetos na espreguiçadeira, perfeitos em todos os detalhes sutis de uma semelhança microscópica — ou identidade — eram o rosto e as mãos de Henry Wentworth Akeley.



A Cor que Caiu do Espaço

∴

The Colour Out of Space (1927)

Amazing Stories (set. 1927)

Muitos dos mais sérios fãs de Lovecraft consideram “A cor que caiu do espaço” como sua melhor obra, e foi para o autor o seu trabalho favorito por anos. É uma de suas histórias de horror mais verdadeiramente cósmicas, e que absolutamente não troca nada por elementos sobrenaturais, confiando em todo o seu poder na ideia de forças e entidades reais que os humanos simplesmente não estão preparados para entender.

Lovecraft procurava novos mercados, e após várias rejeições inesperadas de seu trabalho por Farnsworth Wright da *Weird Tales*, Lovecraft enviou “A cor que caiu do espaço” para a revista *Amazing Stories*, uma inovadora revista de “ficção científica” editada pelo, hoje lendário, Hugo Gernsback. Ele ficou agradavelmente surpreso quando foi rapidamente aceito e publicado poucos meses depois na edição de setembro de 1927; e ficou surpreso de novo, de forma menos agradável desta vez, quando recebeu o cheque: 25 dólares, aproximadamente um quinto do pagamento que esperava.

Desnecessário dizer que Lovecraft nunca enviou outra história para Gernsback e passou a chamá-lo de “Hugo, o Rato” (Wright, da *Weird Ta-*

les, era “Farny, a Raposa”). Mas ver uma publicação de Lovecraft em uma revista concorrente causou um efeito em Wright, o que o encorajou a ser mais generoso com suas cartas de aceite.



A oeste de Arkham as colinas se erguem selvagens, e existem vales de raízes profundas que nenhum machado jamais cortou. Existem desfiladeiros sombrios e estreitos onde as árvores se inclinam de maneira fantástica e onde pequenos riachos correm sem jamais ter refletido a luz do sol. Nas encostas mais suaves existem antigas fazendas de pedra com cabanas atarracadas e cobertas de musgo que por toda a eternidade ponderam os segredos da Nova Inglaterra, abrigadas pelas saliências rochosas; mas hoje estão todas vazias, com as chaminés em ruínas e as laterais cedendo sob o peso das baixas mansardas. Os antigos habitantes foram embora, e os estrangeiros não gostam de morar por lá. Os franco-canadenses tentaram, os italianos tentaram e os poloneses vieram e foram embora. Não devido a coisas que possam ser vistas, ouvidas ou tocadas, mas devido a coisas imaginadas. O lugar não faz bem para a imaginação e não traz sonhos tranquilos à noite. Deve ser isso o que mantém os estrangeiros afastados, pois o velho Ammi Pierce nunca lhes contou nada sobre as lembranças que tem daqueles dias estranhos. Ammi, que nos últimos anos não anda bem da cabeça, é o único que restou, ou ao menos o único que ainda se atreve a falar hoje em dia; pois mora em uma casa próxima aos campos abertos e às estradas movimentadas no entorno de Arkham.

Antes havia uma estrada que atravessava as colinas e os vales e que cortava o terreno onde hoje fica o descampado maldito; mas as pessoas deixaram de usá-la e uma nova estrada curva foi construída mais ao sul. Ainda se encontram resquícios do antigo caminho em meio às ervas daninhas da natureza selvagem que retorna, e alguns desses resquícios sem dúvida persistirão mesmo quando os vales forem inundados pela nova represa. Os bosques escuros serão cortados e o descampado maldito ficará adormecido sob águas plácidas cuja superfície há de refletir o céu e ondular ao sol. Assim os segredos daqueles dias estranhos serão um só

com os segredos das profundezas; um só com a sabedoria oculta do velho oceano e com todos os mistérios da Terra primitiva.

Quando visitei as colinas e os vales para medir o terreno da nova represa disseram-me que o lugar era amaldiçoado. Escutei o comentário em Arkham, e como essa é uma cidade muito antiga e repleta de histórias sobre bruxaria, achei que a maldição devia ser algo que as avós viam sussurrando para as crianças há séculos. O nome “descampado maldito” pareceu-me muito estranho e teatral, e me perguntei como teria entrado para o folclore dos puritanos. Mais tarde, porém, eu vi o emaranhado de vales e encostas a oeste e abandonei quaisquer perguntas que não versassem sobre a aura de mistério ancestral que pairava sobre o lugar. Era manhã, mas nos vales sempre havia sombras à espreita. As árvores cresciam muito próximas umas das outras, e os troncos eram grandes demais em relação às espécies típicas da Nova Inglaterra. Havia um silêncio profundo demais nas veredas entre as árvores, e o chão era macio demais por conta do musgo úmido e da camada formada por incontáveis anos de putrescência.

Nos espaços abertos, e em especial ao longo da antiga estrada, pequenas fazendas empoleiravam-se nas encostas; às vezes com todas as construções ainda de pé, às vezes com apenas uma ou duas remanescentes e às vezes com apenas uma chaminé solitária ou um pequeno porão meio soterrado. As ervas daninhas e os espinheiros reinavam, e coisas furtivas e selvagens farfalhavam em meio à vegetação rasteira. Uma névoa de inquietude e opressão pairava sobre tudo; um toque irreal e grotesco, como se algum elemento vital de perspectiva ou de *chiaroscuro* não estivesse correto. Não me admirei ao saber que os estrangeiros não haviam ficado por lá, pois aquela não era uma região propícia ao sono. O cenário lembrava uma paisagem de Salvator Rosa; uma xilogravura proibida em uma história de terror.

Mas nada era tão assustador quanto o descampado maldito. Eu o reconheci assim que o enxerguei no fundo de um vale espaçoso; pois nenhum outro nome serviria para a coisa, e nenhuma outra coisa serviria para o nome. Era como se o poeta houvesse cunhado a expressão ao ver aquela região em particular. Logo que a avistei, pensei que devia ser resultado de um incêndio; mas por que nada mais havia crescido naqueles cinco acres de desolação cinzenta que se estendiam sob o céu como uma

grande mancha corroída por ácido em meio aos campos e bosques? O descampado maldito ficava quase todo ao norte da antiga estrada, mas alcançava uma pequena área no outro lado. Senti relutância ao me aproximar, e mesmo assim só consegui porque o dever me chamava mais além. Não havia vegetação de nenhum tipo em toda aquela extensão de terra — apenas um fino pó cinzento que nenhum vento parecia espalhar. As árvores próximas eram doentes e retorcidas, e muitos troncos mortos apodreciam ao redor. Enquanto caminhava às pressas, percebi as pedras e os tijolos desabados de uma velha chaminé e de um porão à minha direita, bem como a bocarra escancarada de um poço abandonado cujas emanções pútridas criavam reflexos singulares quando iluminadas pelos raios de sol. Até mesmo a caminhada pelo longo e escuro bosque mais além pareceu bem-vinda em comparação, e assim compreendi os sussurros temerosos dos habitantes de Arkham. Não havia casas nem ruínas próximas; mesmo em tempos antigos o local parecia ter sido remoto e solitário. Durante o crepúsculo, com medo de atravessar mais uma vez aquele lugar aziago, retornei à cidade pela estrada curva ao sul. Senti o desejo vago de que nuvens encobrissem o céu, pois uma estranha inquietude motivada pela vastidão celeste se havia instilado em minha alma.

À noite, fiz perguntas aos moradores mais velhos de Arkham sobre o descampado maldito e sobre “aqueles dias estranhos”, uma expressão que muitos balbuciavam de maneira evasiva. No entanto, não obtive nenhuma resposta satisfatória; descobri apenas que o mistério era bem mais recente do que eu havia pensado. Não era de maneira alguma o tema de antigas lendas, mas algo ocorrido ainda durante a vida dos meus interlocutores. Tudo aconteceu por volta de 1880, quando uma família inteira desapareceu ou foi morta. Os meus interlocutores evitavam fornecer detalhes: e como todos me disseram para não prestar atenção aos relatos fantásticos do velho Ammi Pierce, fui procurá-lo na manhã seguinte, pois eu sabia que morava sozinho na antiga cabana decrépita onde as estranhas árvores começaram a crescer. O lugar era de uma antiguidade pavorosa e exsudava o leve odor miasmático que se entranha nas casas demasiado antigas. Somente após muitas batidas insistentes consegui acordar o velho, e quando se aproximou da porta com passos tímidos e cambaleantes notei que estava feliz ao me ver. Não pareceu

tão debilitado quanto eu imaginava, mas os olhos pareciam caídos; e as roupas puídas, somadas à barba branca, conferiam-lhe um aspecto de desleixo e desamparo. Sem saber qual seria a melhor forma de levá-lo a contar as histórias, fingi que tinha ido tratar de negócios; falei sobre o meu trabalho como agrimensor e fiz perguntas genéricas sobre o distrito. Ammi Pierce era muito mais inteligente e educado do que me haviam levado a imaginar e sabia tanto do assunto quanto qualquer outra pessoa com quem eu houvesse conversado em Arkham. O homem não era como outros rústicos que eu havia encontrado nos locais que seriam inundados pela represa. Não protestou contra os quilômetros de antigos bosques e fazendas que desapareceriam sob as águas, embora a situação talvez fosse outra se a casa onde morava não estivesse fora dos limites do futuro lago. Tudo o que demonstrou foi alívio; alívio em relação ao destino dos antigos vales escuros por onde havia errado ao longo de uma vida inteira. Seria melhor que ficassem sob as águas — desde aqueles dias estranhos. E, uma vez feita essa declaração, a voz rouquenha do homem diminuiu de volume enquanto o corpo inclinou-se para frente e o indicador direito começou a apontar com gestos trêmulos e impressionantes.

Foi então que ouvi a história, e enquanto aquela voz divagante rouquejava e sussurrava eu estremecia e tornava a estremecer apesar do verão. Muitas vezes tive de interromper divagações, esclarecer detalhes científicos que o homem conhecia apenas à força de repetir comentários dos pesquisadores e completar lacunas quando a lógica ou a continuidade se perdiam. Quando terminou, entendi por que estava com a sanidade um pouco abalada, e também por que os habitantes de Arkham não gostavam de falar sobre o descampado maldito. Corri de volta para o hotel antes do pôr do sol, temeroso de que as estrelas surgissem enquanto eu estivesse ao relento; e no dia seguinte retornei a Boston para pedir demissão. Nada me levaria a adentrar mais uma vez aquele caos difuso de antigas florestas e encostas, nem a defrontar mais uma vez o cinzento descampado maldito onde o poço negro escancarava a bocarra ao lado das pedras e tijolos desabados. Logo a represa será construída, e assim todos esses segredos ancestrais estarão guardados para sempre sob as profundezas das águas. Mas nem assim eu voltaria para aquele lugar à

noite — pelo menos não em uma noite com estrelas sinistras a cintilar no céu; e nada me levaria a beber a água da represa de Arkham.

Segundo o velho Ammi, tudo começou com o meteorito. Antes, as últimas lendas fantasiosas remontavam à época da perseguição às bruxas, e mesmo então os bosques ocidentais não eram temidos como a pequena ilha no Miskatonic onde o demônio aparecia ao lado de um estranho altar de pedra mais antigo do que os índios. Os bosques não eram assombrados, e o crepúsculo fantástico em meio às árvores jamais despertou temor antes daqueles dias estranhos. Mas então vieram a nuvem branca ao meio-dia, a sequência de explosões no ar e o pilar de fumaça em um vale longínquo no bosque. À noite, todos em Arkham tinham ouvido falar a respeito da enorme rocha que caiu do céu e encravou-se ao lado do poço na propriedade de Nahum Gardner. Essa era a casa que havia no lugar mais tarde ocupado pelo descampado maldito — a bela casa branca de Nahum Gardner, cercada por jardins e pomares cheios de viço.

Nahum decidiu ir até a cidade falar às pessoas sobre a pedra, e no caminho parou na casa de Ammi Pierce. Na época Ammi tinha quarenta anos, e toda sorte de coisas singulares causava-lhe forte impressão. Ammi e a esposa acompanharam os três professores da Universidade do Miskatonic que na manhã seguinte saíram às pressas para ver aquele estranho visitante do espaço sideral desconhecido, e perguntaram-se por que Nahum o havia descrito como enorme no dia anterior. Enquanto apontava para o volumoso monte marrom acima da terra revolvida e da grama chamuscada próxima à arcaica cegonha do poço, Nahum disse que havia encolhido; mas os sábios responderam que pedras não encolhem. O objeto permanecia quente, e Nahum afirmou que havia cintilado à noite. Os professores experimentaram golpeá-lo com um martelo de geólogo e descobriram que era macio. Na verdade, era macio quase a ponto de ser maleável; e os três mais raspam do que lascaram para colher uma amostra e fazer testes no laboratório. A amostra foi levada em um velho balde tomado de empréstimo à cozinha de Nahum, pois mesmo o fragmento menor recusava-se a esfriar. Na viagem de volta os homens pararam para descansar na casa de Ammi e ficaram pensativos quando a sra. Pierce comentou que o fragmento estava encolhendo e queimando o fundo do balde. Verdade que não era um pedaço muito

grande, mas talvez houvessem colhido uma amostra menor do que imaginavam.

No dia seguinte — tudo se passou em junho de 1882 —, os professores mais uma vez se puseram a caminho tomados por uma grande empolgação. Ao passar pela casa de Ammi, falaram-lhe sobre as estranhas coisas que o espécime havia feito e sobre como havia desbotado quando o puseram em um béquer. O béquer também foi danificado, e os sábios mencionaram a afinidade da estranha pedra com a sílica. O espécime havia apresentado características inimagináveis no laboratório; não fez coisa alguma e não liberou nenhum tipo de gás ocluso ao ser aquecido, não reagiu com a pérola de bórax e não se volatilizou a temperatura alguma — sequer na chama de um maçarico de oxi-hidrogênio. Mostrou-se bastante maleável na bigorna, e no escuro apresentava uma notável luminosidade. Sempre se recusando a arrefecer, o espécime despertou o entusiasmo de toda a universidade; e, quando revelou faixas brilhantes diferentes de quaisquer matizes conhecidos ao ser aquecido no espectroscópio, houve muitas conversas exaltadas sobre a descoberta de novos elementos, propriedades ópticas bizarras e outras coisas que em geral dizem os homens de ciência perplexos quando encontram o desconhecido.

Por mais quente que estivesse, o espécime foi testado em um cadinho com todos os reagentes apropriados. Não reagiu com a água. Tampouco reagiu com o ácido clorídrico. O ácido nítrico e a água-régia não faziam mais do que produzir sibilos e pequenos estouros contra aquela invencibilidade tórrida. Ammi teve dificuldade para recordar essas coisas, mas reconheceu alguns dos solventes quando recitei os nomes na ordem tradicional de aplicação. Tentaram a amônia e a soda cáustica, o álcool e o éter, o nauseante dissulfeto de carbono e uma dúzia de outros; mas, embora o peso do espécime diminuísse sem parar à medida que o tempo passava e o fragmento parecia esfriar aos poucos, os solventes não sofriam nenhuma alteração capaz de indicar que houvessem atacado a substância. Mesmo assim, não havia dúvidas de que era um metal. Para começar, era magnético; e a imersão nos solventes ácidos deu a impressão de revelar discretos traços das figuras de Widmannstätten encontradas em ferro meteórico. Quando o resfriamento alcançou um nível considerável, os testes passaram a ser conduzidos em recipientes de vidro; e

as lascas do fragmento original foram deixadas em um béquer durante o trabalho. Na manhã seguinte, as lascas e o béquer haviam desaparecido sem deixar nenhum rastro, e apenas a madeira chamuscada indicava o lugar que haviam ocupado na estante.

Tudo foi relatado pelos professores ainda na porta da casa, e mais uma vez Ammi seguiu-os para ver o rochoso mensageiro das estrelas, embora dessa vez a esposa n  os tenha acompanhado. Sem dúvida, havia encolhido, e nem os sóbrios professores puderam duvidar do que viram. A terra marrom havia cedido por todos os lados; e, se no dia anterior o meteorito ultrapassava os dois metros, naquele instante mal chegava a um e meio. Ainda estava quente, e os sábios estudavam-lhe a superfície tomados pela curiosidade enquanto recolhiam uma amostra maior com o martelo e o cinzel. Cavaram um pouco mais fundo nessa segunda vez e, ao arrancar a crosta daquela massa reduzida, perceberam que o núcleo da coisa n  era muito homogêneo.

Encontraram o que parecia ser a lateral de um glóbulo colorido incrustado na substância. A cor, que lembrava alguma das faixas no singular espectro do meteoro, era quase impossível de descrever; e foi apenas por analogia que puderam design -la como tal. A textura era brilhosa, e leves batidas deram sinais do que parecia ser uma textura quebradiça e um interior oco. Um dos professores deu uma pancada firme com o martelo e o glóbulo rompeu-se com um pequeno estouro nervoso. Nada saiu l  de dentro, e todos os vestígios da coisa sumiram com a perfuração. Restou apenas um vazio esférico de aproximadamente oito centímetros, e todos julgaram provável que outros fossem aparecer   medida que a substância externa se deteriorasse.

Quaisquer conjecturas seriam em v o; e assim, após uma tentativa fútil de encontrar mais glóbulos por meio de perfurações, os pesquisadores foram embora com o novo espécime — que, no entanto, mostrou-se tão impressionante quanto o predecessor no laboratório. Além de ser quase plástico, emitir calor, magnetismo e uma pequena luminosidade, baixar a temperatura em contato com ácidos corrosivos, apresentar um espectro desconhecido, deteriorar-se na presença do ar e atacar compostos de sílica com resultados mutuamente destrutivos, o espécime n  apresentava nenhuma característica que permitisse uma identificação; e ao final dos testes os cientistas foram obrigados a reconhecer que não

sabiam como classificá-lo. Não era nada que se pudesse encontrar na Terra, mas um fragmento do vasto espaço sideral; e portanto dotado de propriedades desconhecidas e sujeito a leis desconhecidas.

Naquela noite houve uma tempestade elétrica, e quando os professores foram à casa de Nahum no dia seguinte depararam-se com uma amarga decepção. A pedra, sendo magnética, devia apresentar alguma propriedade elétrica peculiar; pois havia “atraído os raios”, segundo Nahum, com singular persistência. Em uma hora o fazendeiro viu seis raios caírem no sulco feito no pátio, e quando a tempestade passou não restava nada além de um buraco irregular e meio encoberto pela terra ao lado da ancestral cegonha. As escavações foram infrutíferas, e os cientistas comprovaram o desaparecimento. O fracasso era total; não restava mais nada a fazer senão voltar ao laboratório e continuar os testes com o fragmento cada vez menor, armazenado em um recipiente de chumbo. O fragmento durou uma semana, ao fim da qual nenhuma descoberta de valor havia sido feita. Quando desapareceu, não deixou nenhum resíduo para trás, e passado algum tempo os professores mal acreditavam ter visto com os próprios olhos aquele vestígio críptico dos insondáveis abismos siderais; aquela estranha e solitária mensagem vinda de outros universos e de outras esferas de matéria, força e entidade.

Como se poderia imaginar, o jornal de Arkham deu ampla cobertura ao incidente por conta do patrocínio universitário e mandou repórteres para entrevistar a família de Nahum Gardner. Pelo menos um diário de Boston também mandou um repórter, e em pouco tempo Nahum virou uma espécie de celebridade local. Era um homem magro e simpático que vivia com a mulher e os três filhos em uma agradável propriedade rural no vale. Ele e Ammi visitavam-se com bastante frequência, bem como as esposas de ambos; e, mesmo após todos esses anos, Ammi só tinha elogios para fazer ao vizinho. Nahum parecia sentir um discreto orgulho em virtude da atenção dedicada à propriedade da família e falou sobre o meteorito com frequência nas semanas a seguir. Julho e agosto foram quentes, e Nahum trabalhou com afinco na preparação do feno em uma pastagem de dez acres do outro lado de Chapman's Brook; a carreta rangente deixava sulcos profundos nas veredas ensombrecidas. O trabalho cansou-o mais do que havia cansado em outros anos, e assim Nahum começou a sentir os primeiros sinais da idade.

Então veio a época das frutas e da colheita. As peras e maçãs amadureciam aos poucos, e Nahum jurou que os pomares estavam mais bonitos do que nunca. As frutas apresentavam um tamanho impressionante e um brilho extraordinário, e cresciam com tanta abundância que barris sobressalentes foram encomendados para a futura colheita. Mas com o amadurecimento veio uma grande decepção; pois, apesar de todo aquele espetáculo de viço lustroso, nem uma única fruta prestava para comer. No sabor delicioso das peras e das maçãs haviam se insinuado o amargor e a doença, de modo que até uma pequena mordida suscitava um asco duradouro. O mesmo aconteceu com os melões e os tomates, e Nahum percebeu com tristeza que toda a colheita estava perdida. Nahum relacionou os acontecimentos e declarou que o meteorito havia envenenado o solo, e agradeceu a Deus que a maioria das plantações ficassem em terras mais altas ao longo da estrada.

O inverno chegou cedo e foi muito frio. Ammi passou a fazer visitas menos frequentes a Nahum e a dizer que o amigo parecia preocupado. A bem dizer, a família inteira também parecia mais taciturna e menos assídua na igreja e em vários outros eventos sociais no campo. Não havia causa conhecida para essa reserva ou melancolia, embora todos os membros da família por vezes se queixassem da saúde e admitissem um vago sentimento de inquietude. O próprio Nahum fez a declaração mais explícita quando se disse preocupado com certas pegadas que havia encontrado na neve. Eram os rastros corriqueiros deixados por esquilos, coelhos e raposas, mas o pensativo fazendeiro afirmou ver algo de anormal na natureza e na disposição das pegadas. Nahum nunca ofereceu muitos detalhes, mas parecia imaginar que os rastros não evidenciavam a anatomia e o comportamento dos esquilos, coelhos e raposas da maneira esperada. Ammi escutou essas conversas sem muito interesse até a noite em que passou pela casa de Nahum no trenó, enquanto voltava de Clark's Corners. Era noite de lua e um coelho atravessou correndo a estrada, mas os saltos do animalzinho eram longos a ponto de causar desconforto em Ammi e no cavalo. O cavalo, aliás, teria saído a galope se não fosse uma mão firme a segurar as rédeas. A partir de então Ammi começou a dar mais crédito às histórias de Nahum e a perguntar-se por que os cães dos Gardner pareciam tão ariscos e arredios pela manhã. Os animais quase não latiam mais.

Em fevereiro, os jovens McGregor de Meadow Hill estavam no mato caçando marmotas e, próximo à propriedade dos Gardner, alvejaram um espécime bastante peculiar. As proporções do corpo do animal pareciam alteradas de maneira indescritível, enquanto o rosto tinha uma expressão jamais vista em uma marmota. Os garotos pareceram muito assustados e na mesma hora jogaram o animal longe, de modo que apenas relatos grotescos chegaram aos habitantes do campo. A relutância dos cavalos em se aproximar da casa de Nahum também era notória, e assim todos os elementos necessários a um ciclo de lendas contadas aos sussurros pareciam estar presentes.

As pessoas juravam que ao redor da casa de Nahum a neve derretia mais depressa do que em qualquer outro lugar, e no início de março houve uma discussão no armazém de secos e molhados de Potter, em Clark's Corners. Stephen Rice havia passado pela propriedade dos Gardner pela manhã e percebido alguns repolhos-gambá crescendo na lama do outro lado da estrada. Jamais tinha visto exemplares tão grandes como aqueles, e além do mais as plantas apresentavam estranhas cores que não se deixavam descrever em palavras. Tinham um formato monstruoso, e o cavalo resfolegou ao captar um odor que Stephen jamais havia sentido. Durante a tarde muitas pessoas foram até lá para ver o fenômeno fora do normal, e todos concordaram que plantas como aquelas jamais cresceriam em um mundo saudável. Todos falaram das frutas arruinadas no outono, e assim começaram boatos de que as terras de Nahum estavam envenenadas. Só podia ser o meteorito; e, ao lembrar das estranhas características minerais citadas pelos professores da universidade, muitos fazendeiros foram consultá-los.

Certo dia os pesquisadores fizeram uma visita a Nahum; mas, como não gostavam de histórias fantásticas nem de folclore, tiraram conclusões bastante céticas. As plantas eram sem dúvida estranhas, mas os repolhos-gambá naturalmente têm formas, odores e cores um pouco estranhos. Talvez algum elemento mineral do meteorito tivesse adentrado o solo, mas nesse caso logo haveria de se diluir. Quanto às pegadas e aos cavalos assustadiços — não passavam de lendas do campo, sem dúvida inspiradas pelo fenômeno do aerólito. Não havia nada que os homens de ciência pudessem fazer contra boatos infundados, pois os rústicos supersticiosos acreditam em qualquer coisa. Assim, durante todos aqueles

dias estranhos, os acadêmicos mantiveram-se afastados por desprezo. Apenas um, ao receber duas ampolas de pó para análise por ocasião de um trabalho policial mais de um ano e meio mais tarde, lembrou que a estranha cor daquele repolho-gambá tinha uma semelhança muito grande com as anômalas faixas de luz emitidas pelo fragmento do meteoro durante a análise espectroscópica na universidade, e também com o glóbulo quebradiço incrustado na pedra vinda do abismo. No início as amostras dessa análise emitiram as mesmas faixas peculiares, mas com o passar do tempo perderam essa propriedade.

As árvores ao redor da casa de Nahum brotavam antes do tempo e à noite balançavam de maneira agourenta ao sabor do vento. Thaddeus, um rapaz de quinze anos, filho de Nahum, jurava que as árvores também balançavam quando não tinha vento; mas nem os mais supersticiosos acreditaram. No entanto, não havia dúvidas de que uma certa agitação pairava no ar. Todos os membros da família Gardner adquiriram o hábito de ficar em silêncio tentando escutar um som que não saberiam descrever em termos conscientes. Na verdade, esse hábito parecia ser o resultado de certos momentos em que a consciência parecia escapar-lhes. Infelizmente, esses momentos ficaram cada vez mais frequentes com o passar das semanas, e logo todos diziam que havia algo de errado com a família Nahum. As primeiras saxífragas em flor apresentaram outra cor estranha; não exatamente como a do repolho-gambá, mas de qualquer modo uma cor relacionada e igualmente desconhecida de todos que a viam. Nahum levou algumas flores até Arkham e mostrou-as para o editor da *Gazette*, mas o dignitário não fez mais do que escrever um artigo humorístico, no qual ridicularizava os temores obscuros dos rústicos que moravam no campo. Outro equívoco de Nahum foi relatar a um insensível habitante da cidade a maneira como as enormes borboletas-antíope se comportavam em relação às saxífragas.

Abril trouxe uma espécie de loucura aos habitantes do campo e marcou o início do abandono da estrada para além da casa de Nahum. Era a vegetação. Todas as árvores do pomar floresciam em estranhas cores, e por todo o solo rochoso no pátio e na pastagem vizinha brotou uma bizzarra espécie vegetal que apenas um botanista poderia relacionar à flora da região. Não se via nenhuma cor sã ou saudável a não ser pela grama e pela relva verdejantes; apenas, por toda a parte, os matizes prismáticos e

berrantes de uma doentia cor primária subjacente que não tinha lugar entre os matizes terrestres conhecidos. Os calções-de-holandês transformaram-se em uma ameaça sinistra, e as sanguinárias-do-canadá pareciam insolentes naquela perversão cromática. Ammi e os Gardner achavam que a maioria das cores apresentava uma assombrosa familiaridade e chegaram à conclusão de que lembravam o glóbulo quebradiço no interior do meteoro. Nahum arou e semeou a pastagem de dez acres e as terras mais altas, mas não fez nada com o terreno em torno da casa. Sabia que seria inútil, e nutria esperanças de que as estranhas plantas do verão extraíssem todo o veneno do solo. Neste ponto estava preparado para qualquer coisa e habituado à sensação de que havia algo próximo à espera de ser escutado. O distanciamento dos vizinhos o entristeceu, claro; mas entristeceu a esposa ainda mais. Os filhos se deram melhor, pois frequentavam a escola; mesmo assim, sempre se assustavam com os boatos. Thaddeus, um rapaz particularmente sensível, foi quem mais sofreu.

Em maio vieram os insetos, e a propriedade de Nahum virou um pesadelo de zumbidos e patinhas rastejantes. A maioria das criaturas parecia evidenciar aspectos e movimentos fora do normal, bem como hábitos noturnos contrários a tudo o que se conhecia. À noite os Gardner ficavam de sentinela — procurando em todas as direções por alguma coisa... embora não soubessem dizer o quê. Nesse ponto reconheceram que Thaddeus estava certo em relação às árvores. A sra. Gardner viu os galhos inchados de um bordo a balançar no outro lado da janela com o céu enluarado ao fundo. Sem dúvida os galhos estavam se mexendo, e não havia vento. Devia ser a seiva. A estranheza havia tomado conta de tudo o que nascia da terra. Mesmo assim, não foi nenhum dos Gardner quem fez a descoberta seguinte. A familiaridade os havia tornado indiferentes, e o que não conseguiam ver foi vislumbrado por um tímido vendedor de máquinas para serraria de Bolton que chegou certa noite sem conhecer as lendas do campo. O relato que fez mereceu um breve parágrafo na *Gazette*, e foi no jornal que todos os fazendeiros, inclusive Nahum, tomaram conhecimento do ocorrido. Fazia uma noite escura e as lamparinas da charrete estavam fracas, mas ao redor de uma certa fazenda no vale, que todos reconheceram como a propriedade de Nahum, a escuridão era menos densa. Uma luminosidade tênue parecia emanar da

vegetação, da grama, das folhas e das flores, e em um dado momento um pedaço de matéria fosforescente deu a impressão de fazer um movimento furtivo no pátio próximo ao celeiro.

Até esse ponto a grama permanecia inalterada e as vacas eram criadas na pastagem junto da casa, porém no fim de maio o leite começou a estragar. Nahum levou as vacas para as terras mais altas e o problema acabou. Pouco tempo mais tarde essa mudança na grama e nas folhas tornou-se visível a olho nu. Tudo o que antes era viçoso começou a ficar cinzento e tornou-se extremamente quebradiço. Ammi era a única pessoa que ainda visitava a propriedade, mas as visitas ficavam cada vez mais esparsas. Quando a escola fechou, os Gardner viram-se isolados do mundo, e às vezes pediam a Ammi que resolvesse certos assuntos na cidade. Todos os membros da família estavam com a saúde física e mental deteriorada, e assim ninguém se surpreendeu quando veio a notícia de que a sra. Gardner tinha enlouquecido.

Aconteceu em junho, mais ou menos quando a queda do meteoro fez um ano; a pobre mulher vociferava a respeito de coisas indescritíveis que pairavam no ar. Nos delírios não havia um único substantivo específico — apenas verbos e pronomes. As coisas moviam-se, transformavam-se e esvoaçavam, e os ouvidos da mulher captavam o ritmo de impulsos que não eram propriamente sons. Algo fora levado — a sra. Gardner se dizia parasitada por alguma coisa — algo que não devia existir prendia-se ao corpo da mulher — alguém precisava manter aquilo longe — tudo se mexia à noite — inclusive as paredes e as janelas. Nahum não a mandou para o hospício do condado e preferiu mantê-la em casa enquanto não oferecesse riscos a si mesma e aos outros. Nem quando a expressão da sra. Gardner mudava Nahum esboçava qualquer reação. Mas, quando os garotos começaram a ficar com medo e Thaddeus quase desmaiou com certas caretas da mãe, Nahum decidiu trancá-la no sótão. Em julho a mulher havia parado de falar e andava apenas de quatro, e antes que o mês acabasse Nahum teve a bizarra impressão de que ela cintilava no escuro, como sem dúvida fazia a vegetação próxima.

Pouco antes os cavalos haviam fugido. Alguma coisa os acordou à noite, e os relinchos e os coices na estrebaria foram terríveis. Nada parecia capaz de acalmar os animais, e quando Nahum abriu a porta da estrebaria todos saíram a galope como cervos assustados. Levou quase

uma semana para que todos os quatro fossem encontrados, e mesmo assim reapareceram em um estado deplorável. Algo de muito errado havia acontecido, e todos precisaram ser sacrificados. Nahum pegou um cavalo emprestado de Ammi para continuar o trabalho no feno, porém o animal se recusava a chegar perto do celeiro. O cavalo refugava, empacava e relinchava, e no fim o único jeito foi deixá-lo no pátio enquanto os homens empurravam a pesada carreta até o celeiro para terminar o serviço. Durante todo esse tempo a vegetação ficava cada vez mais cinzenta e mais quebradiça. Até as flores que antes exibiam estranhos matizes haviam ficado acinzentadas, e as frutas nasciam cinzentas e miúdas e insossas. Os ásteres e as virgáureas cresciam cinzentos e distorcidos, e as rosas e canelas-de-velha e malvaíscos-silvestres do pátio tinham um aspecto tão blasfemo que Zenas, o filho mais velho de Nahum, decidiu cortar todas as flores. Os estranhos insetos morreram por essa época, bem como as abelhas que haviam deixado as caixas e ido para os bosques.

Em setembro toda a vegetação começou a se desmanchar em um pó cinzento, e Nahum temia que as árvores morressem antes que o veneno fosse extraído do solo. A esposa sofria com terríveis crises histéricas, e Nahum e os filhos viviam em constante tensão. Passaram a evitar as pessoas, e quando a escola reabriu os garotos não voltaram às aulas. Mas foi Ammi, em uma das raras visitas, o primeiro a notar que a água do poço não estava boa. Tinha um gosto vil que não era nem fétido nem salgado, e Ammi sugeriu ao amigo que cavasse outro poço em terras mais altas para ter água enquanto o solo não voltasse ao normal. Mas Nahum ignorou o alerta, pois havia se acostumado a coisas estranhas e desagradáveis. Ele e os filhos continuaram a usar a água contaminada, bebendo da mesma forma desatenta e mecânica como faziam as refeições parcas e malpreparadas e executavam as tarefas ingratas e monótonas ao longo daqueles dias sem perspectiva. Todos pareciam resignados, como se andassem em outro mundo nas fileiras de guardiões sem nome que protegiam o destino inexorável da família.

Thaddeus enlouqueceu em setembro após uma visita ao poço. Tinha levado um balde e voltou de mãos vazias, gritando e agitando os braços, e por vezes sucumbindo a risadas estúpidas ou sussurros nervosos enquanto falava sobre “as cores que andam por lá”. Dois casos na família

eram um fardo e tanto, mas Nahum enfrentou tudo com bravura. Deixou o filho à solta por mais uma semana, quando o garoto começou a tropeçar nas coisas e a se machucar; então o trancou em uma peça no sótão, em frente ao aposento da mãe. Os gritos que lançavam um para o outro por trás das portas fechadas eram terríveis, em especial para o pequeno Merwin, que imaginava ouvir a mãe e o irmão conversando em uma língua estranha ao mundo que conhecemos. A imaginação de Merwin era muito fértil, e a inquietude do garoto piorou depois que o irmão e companheiro de brincadeiras foi trancafiado.

Quase ao mesmo tempo os animais começaram a morrer. As galinhas ficavam acinzentadas e logo morriam, revelando uma carne seca de odor nauseante quando eram cortadas. Os cordeiros engordavam muito além do normal e de repente começavam a sofrer transformações horrendas que ninguém conseguia explicar. A carne ficava imprestável, e Nahum já não sabia mais o que fazer. Nenhum veterinário do campo chegava perto da fazenda, e o veterinário de Arkham não escondeu a perplexidade. Os porcos ficavam com o corpo cinzento e quebradiço e começavam a se desmanchar antes de morrer, e os olhos e focinhos exibiam alterações bastante singulares. A situação era inexplicável, pois esses animais nunca haviam comido a vegetação contaminada. Então algo atacou as vacas. Certas áreas no corpo dos animais se ressequiam ou encolhiam ao extremo, e colapsos e desintegrações atrozes tornaram-se comuns. Nos últimos estágios — pois o resultado era sempre a morte —, observava-se o mesmo aspecto cinzento e quebradiço que afetava os cordeiros. Não havia dúvida quanto à existência de um veneno, pois todos os casos aconteceram em um celeiro fechado e tranquilo. Nenhuma mordida de outras criaturas poderia ter trazido um vírus, pois que animal consegue atravessar obstáculos sólidos? Só poderia ser uma doença natural — mas que doença seria capaz de provocar tamanhos estragos, ninguém se arriscava a dizer. Quando chegou a época da colheita não havia um único animal na fazenda, pois as ovelhas, porcos e vacas estavam mortos e os cães haviam fugido. Os cães, que eram três, haviam todos desaparecido juntos durante a noite para nunca mais reaparecer. Os cinco gatos haviam ido embora algum tempo atrás, mas essa partida mal foi percebida, uma vez que parecia não haver mais ratos e apenas a sra. Gardner estimava os graciosos felinos.

No dia 19 de outubro Nahum entrou cambaleando na casa de Ammi com notícias pavorosas. A morte havia chegado para o pobre Thaddeus no quartinho do sótão de maneira indescritível. Nahum foi até os fundos da fazenda e cavou uma sepultura no jazigo da família para enterrar o que havia encontrado. Nada poderia ter entrado no sótão a partir do lado de fora, pois a pequena janela gradeada e a fechadura da porta estavam intactas; tudo se deu como no celeiro. Ammi e a esposa consolaram o homem como podiam, mas estremeceram ao fazê-lo. O terror em forma bruta parecia se abater sobre os Gardner e sobre tudo em que tocavam, e a mera presença de um membro da família em casa era como um sopro de regiões inominadas e inomináveis. Ammi acompanhou Nahum até em casa com grande relutância e fez o que pôde a fim de acalmar o choro histérico do pequeno Merwin. Zenas não precisou de consolo. Nos últimos tempos, não fazia mais nada além de olhar para o vazio e obedecer as ordens do pai; segundo Ammi, era um destino piedoso. De vez em quando os gritos de Merwin eram respondidos a meia-voz no sótão, e em resposta a um olhar intrigado Nahum explicou que a esposa ficava mais fraca a cada dia que passava. Quando a noite estava prestes a cair, Ammi foi embora; pois nem a amizade era capaz de mantê-lo naquele lugar quando a vegetação começava a cintilar e as árvores davam a impressão de balançar com ou sem vento. Ammi teve a sorte de ser pouco imaginativo. Naquela situação, tinha os pensamentos um pouco desordenados; mas se tivesse a capacidade de relacionar e analisar todos os portentos que o cercavam, sem dúvida o homem teria enlouquecido de vez. Voltou para casa ao entardecer, com os gritos da louca e do garoto perturbado a ecoar nos ouvidos.

Três dias mais tarde Nahum irrompeu na cozinha de Ammi pela manhã e, na ausência do amigo, balbuciou para a aterrorizada sra. Pierce mais uma história desesperadora. Dessa vez fora o pequeno Merwin. Estava desaparecido. Tinha saído à noite com uma lamparina e um balde para buscar água e não voltou mais. O garoto passou dias fora de si e mal sabia o que estava fazendo. Gritava por qualquer motivo. No fim soltou um grito desesperado no pátio e, antes que o pai conseguisse chegar à porta, o garoto havia sumido. Não se viu mais o brilho da lamparina que levava consigo, e tampouco havia pistas do garoto. Na hora Nahum pensou que a lamparina e o balde também houvessem desapareci-

do; mas, quando o dia raiou e o homem retornou da busca noturna pelos bosques e campos, encontrou coisas muito curiosas próximas ao poço. Havia um amontoado de ferro esmagado e aparentemente derretido que sem dúvida era a lamparina; enquanto uma alça e argolas de ferro distorcido, fundidas em uma coisa só, pareciam indicar os resquícios do balde. Porém não havia mais nada. Nahum não sabia o que pensar, a sra. Pierce ficou estupefata e Ammi, depois de chegar em casa e ouvir a história, não teve nenhum palpite a oferecer. Merwin havia desaparecido e não adiantaria nada avisar os vizinhos, pois a essa altura todos evitavam os Gardner. Tampouco adiantaria avisar os moradores de Arkham, que davam risada de tudo. Thad havia partido, e agora Mernie também. Algo estava se insinuando cada vez mais à espera de ser ouvido e sentido e escutado. Nahum não resistiria por muito tempo, e assim pediu a Ammi que cuidasse da esposa e de Zenas se ainda estivessem vivos quando se fosse. Aquilo devia ser algum tipo de julgamento; mas Nahum não conseguia entender por quê, uma vez que sempre havia trilhado os caminhos do Senhor.

Ammi passou mais de duas semanas sem ver Nahum; e então, preocupado com o que poderia ter acontecido, venceu o medo e fez uma visita à propriedade dos Gardner. Não havia fumaça na grande chaminé, e por um instante o visitante temeu o pior. O aspecto de toda a fazenda era chocante — grama seca e cinzenta por toda a parte, trepadeiras esfarelando-se nas vetustas paredes e empenas e grandes árvores nuas erguendo as garras em direção ao cinzento céu de outubro com uma malevolência intencional que Ammi atribuiu a uma discreta mudança na inclinação dos galhos. Mas Nahum estava vivo. Estava fraco, deitado em um sofá sob o teto baixo da cozinha, porém consciente e ainda capaz de dar ordens simples a Zenas. O recinto estava frio como um túmulo; e, enquanto Ammi tremia a olhos vistos, o anfitrião pediu com voz rouca a Zenas que buscasse mais lenha. A lenha era uma necessidade premente, pois o nicho da lareira estava vazio e apagado, com uma nuvem de fuligem rodopiando ao sabor do vento gélido que soprava pela chaminé. No mesmo instante Nahum perguntou se a lenha extra havia deixado o amigo mais confortável, e então Ammi percebeu o que havia acontecido. A amarra mais forte havia rebentado, e a mente do infeliz fazendeiro foi motivo de mais tristeza.

Por mais que perguntasse, Ammi não conseguia obter nenhuma informação coerente sobre o paradeiro de Zenas. “No poço — ele mora no poço” era tudo o que o transtornado pai conseguia dizer. Em um lampejo, o visitante pensou na esposa desvairada e mudou a linha do interrogatório. “Nabby? Ora, aqui está ela!”, foi a resposta do pobre Nahum, e então Ammi percebeu que teria de procurar sozinho. Após deixar o amigo entregue a delírios inofensivos no sofá, Ammi pegou as chaves penduradas em um prego ao lado da porta e subiu os degraus estalejantes que levavam até o sótão. O ar lá em cima era abafado a nauseante, e não se ouvia nenhum som de nenhuma direção. Das quatro portas à vista, apenas uma estava trancada, e Ammi tentou abri-la com várias das chaves que havia pegado. A terceira chave fez a fechadura girar, e depois de alguns movimentos desajeitados Ammi conseguiu abrir a porta.

O interior do cômodo estava escuro, pois a janela era pequena e ficava obscurecida pelas rústicas grades de madeira; e Ammi não conseguia ver nada nas tábuas do assoalho. O fedor era insuportável, e antes de proceder foi necessário voltar a um dos cômodos anteriores para retornar com os pulmões repletos de ar respirável. Ao entrar, Ammi viu alguma coisa escura em um canto, e quando enxergou com mais clareza não conseguiu sufocar um grito. Enquanto gritava, Ammi imaginou ver uma nuvem eclipsar a janela por alguns instantes, e no momento seguinte teve a impressão de perceber uma odiosa corrente de vapor a roçar-lhe a pele. Estranhas cores dançaram ante seus olhos; e se aquele horror não o houvesse entorpecido, Ammi teria pensado no glóbulo do meteoro, destruído pelo martelo de geólogo, e na mórbida vegetação que brotou na primavera. Da maneira como foi, pensou apenas na monstruosidade blasfema que o confrontava e que sem dúvida havia compartilhado o inefável destino que se abateu sobre o jovem Thaddeus e os animais da fazenda. Porém o mais terrível a respeito daquele horror era que continuava a se mexer devagar enquanto se esfarelava.

Ammi não quis me dar muitos detalhes sobre essa cena, mas esse vulto no canto não voltou a aparecer na história como algo dotado de movimento. Existem coisas que não devem ser ditas, e às vezes o que se faz em nome da simples humanidade é julgado com crueldade pela lei. Compreendi que quando deixou o sótão não havia nada se mexendo lá

dentro, e que deixar qualquer coisa capaz de movimento para trás seria uma monstruosidade suficiente para condenar qualquer um ao tormento eterno. Qualquer outra pessoa além de um fazendeiro endurecido teria desmaiado ou enlouquecido, mas Ammi atravessou a porta em pleno domínio das faculdades e trancou o segredo maldito atrás de si. Ainda restava Nahum; seria preciso alimentar o amigo e levá-lo a um lugar onde pudesse receber os cuidados necessários.

Enquanto começava a descer a escada sombria, Ammi escutou um baque no andar de baixo. Pensou ter ouvido um grito abafado e lembrou-se com nervosismo do vapor sufocante que lhe havia roçado a pele naquele pavoroso cômodo no andar de cima. Que presença haveriam despertado o grito e a chegada de um visitante? Paralisado por um vago temor, Ammi escutou outros sons vindo do andar de baixo. Sem dúvida havia o rumor de um objeto pesado sendo arrastado, e o ruído detestável de algo pegajoso, como uma espécie de sucção demoníaca e impura. Com a capacidade associativa levada ao extremo, nenhum motivo racional foi necessário para que o homem pensasse no que tinha visto no alto da escada. Deus misericordioso! Que mundo onírico e quimérico teria adentrado? Ammi não teve coragem para avançar nem retroceder, e assim permaneceu tremendo na curva sombria da escada. Até os mais ínfimos detalhes da cena ficaram gravados a ferro na memória. Os sons, a expectativa de algo tenebroso, a escuridão, a altura dos degraus estreitos e — Deus do céu! ... a tênue e inconfundível luminosidade de todos os objetos de madeira ao redor; degraus, painéis, detalhes torneados e vigas!

Foi então que Ammi escutou um relincho frenético do cavalo, seguido de imediato por rumores que denunciavam uma fuga desesperada. No momento seguinte já não era mais possível ouvir o cavalo nem a charrete, e tudo o que restou àquele homem assustado foi permanecer na escada sombria tentando adivinhar o que estava acontecendo. Mas isso não foi tudo. Houve um outro som lá fora. Uma espécie de chapi-nhar líquido — água —, deve ter sido o poço. Ammi havia deixado Hero lá perto, e uma roda da charrete devia ter raspado no bocal e derrubado uma pedra. Uma fosforescência pálida continuava a emanar da odiosa madeira antiga. Meu Deus! Como a casa era velha! A maior parte fora construída antes de 1670, e a mansarda por volta de 1730.

Um leve arranhão no assoalho do térreo soou de maneira distinta, e Ammi crispou os dedos em volta de um pesado bastão que por algum motivo havia pegado no andar de cima. Depois de tomar coragem, terminou a descida e avançou determinado em direção à cozinha. No entanto, não chegou a completar o trajeto, pois o que procurava não estava mais lá. Apenas uma coisa veio a seu encontro. Se havia rastejado ou sido arrastada por alguma força externa, Ammi não sabia dizer; mas trazia a morte em si. Não havia se passado mais de meia hora, mas o colapso, a contaminação cinzenta e a desintegração eram irreversíveis. A coisa tinha uma pavorosa textura quebradiça e desprendia farelos secos. Ammi viu-se incapaz de tocar naquilo, mas olhou horrorizado em direção à paródia do que tinha sido um rosto. “O que foi, Nahum — o que foi?”, sussurrou, e os lábios rachados e tumefactos conseguiram rouquejar uma derradeira resposta.

“Nada... nada... a cor... ela queima... fria e molhada... mas queima... passô todo esse tempo no poço... Eu vi... uma fumaça... que nem as flores da primavera passada... o poço brilhava de noite... O Thad e o Mernie e o Zenas... tudo vivo... sugano a vida de todo o resto... naquela pedra... só pode tê vino ca’quela pedra... envenenô toda a fazenda... eu não sei por quê... aquela cousa redonda que os professor da faculdade tiraro da pedra... eles quebraro... era da mesma cor... a mesma coisa, que nem as flor e as planta... devia tê mais... as semente... as semente... elas crescero... Eu só fui vê essa semana... deve de tê se apoderado do Zenas... ele era um rapaz forte, cheio de vida... mas a coisa acaba com a sua mente e depois pega você... queima você... na água do poço... você tinha razão sobre o... veneno na água... O Zenas nunca voltô do poço... não conseguiu saí... aquilo arrasta você... você sabe que a coisa tá vino atrás, mas não adianta... Eu mesmo vi aquilo várias vez desde que o Zenas foi levado... onde tá a Nabby, Ammy? ...não ando bem da cabeça... não sei quando foi a última vez que dei de comê a ela... a coisa vai pegá ela se a gente não tomá cuidado... só que a cor... de noite às vez o rosto dela fica daquela cor... queima e suga... e veio de algum lugar onde as coisa não são que nem aqui... foi um dos professor que disse... ele tinha razão... cuidado, Ammi, porque ainda não acabô... a coisa vai sugá a vida...”

Isso foi tudo. O vulto parou de falar porque se desmanchou. Ammi estendeu uma toalha de mesa vermelha e branca por cima do que havia restado e saiu cambaleando pela porta dos fundos em direção ao campo. Subiu a encosta até a pastagem de dez acres e voltou para casa aos tropeços pela estrada ao norte e pelos bosques. Não conseguiria passar na frente do poço de onde o cavalo havia fugido. Ammi havia olhado pela janela e constatado que não havia nenhuma pedra faltando no bocal do poço. Neste caso, a charrete em fuga não havia deslocado nada — o chapinhar fora alguma outra coisa — algo que entrou no poço depois de acabar com o pobre Nahum...

Quando Ammi chegou em casa, descobriu que o cavalo e a charrete haviam voltado sozinhos, para grande preocupação da esposa. Depois de acalmá-la sem oferecer explicações, Ammi partiu rumo a Arkham e notificou às autoridades o ocaso da família Gardner. Não forneceu detalhes; apenas registrou a morte de Nahum e de Nabby, uma vez que a de Thaddeus era de conhecimento público, e mencionou que a causa parecia ser a mesma estranha doença que havia matado os animais. Também declarou que Merwin e Zenas haviam desaparecido. Houve um longo interrogatório na delegacia, e no fim Ammi foi obrigado a levar três policiais até a propriedade dos Gardner, junto com o delegado, o legista e o veterinário que havia tratado os animais. O fazendeiro obedeceu a contragosto, pois o entardecer ficava cada vez mais escuro e ele temia a chegada da noite naquele lugar amaldiçoado, embora sentisse um certo conforto ao ver-se rodeado de tantas pessoas.

Os seis homens partiram em uma carruagem, seguindo a charrete de Ammi, e chegaram à propriedade assolada pela peste por volta das quatro horas. Por mais que os policiais estivessem acostumados a ocorrências horripilantes, ninguém permaneceu indiferente ao que encontraram no sótão e sob a toalha de mesa vermelha e branca no térreo. O aspecto geral da fazenda era terrível o bastante por conta da desolação cinzenta, mas aqueles dois objetos esfarelados ultrapassavam qualquer limite. Ninguém se atrevia a olhá-los de perto, e o próprio legista admitiu que havia pouco a examinar. Mas as amostras poderiam ser analisadas, claro, e assim não tardou em colhê-las — e foi assim que um desdobramento muito intrigante ocorreu no laboratório da universidade para onde duas ampolas de pó foram enfim levadas. No espectroscópio, as duas amos-

tras exibiram um espectro desconhecido em que muitas das impressionantes faixas coincidiam de maneira exata com aquelas observadas no estranho meteoro durante o ano anterior. A emissão desse espectro cessou dentro de um mês, ao fim do qual o pó revelou uma composição de fosfatos alcalinos e carbonatos.

Ammi não teria falado nada sobre o poço se imaginasse que os homens da polícia fossem investigá-lo naquele momento. O sol estava quase se pondo, e ele ansiava por estar longe da propriedade. Mesmo assim, não conseguiu conter um olhar nervoso em direção ao bocal de pedra junto da enorme cegonha, e ao ser questionado por um detetive Ammi reconheceu que Nahum temia alguma coisa naquela área — a ponto de jamais ter ido atrás de Merwin ou de Zenas. Ao ouvir essa resposta os policiais resolveram esvaziar e investigar o poço no mesmo instante, e Ammi esperou tremendo enquanto os baldes de água estagnada subiam pela corda e eram despejados na terra encharcada. Os homens fungaram enojados ao sentir o cheiro daquele fluido, e no fim da operação taparam o nariz para se proteger do fedor. O trabalho não demorou tanto quanto imaginaram a princípio, uma vez que o nível da água estava baixo ao extremo. Não há por que descrever em detalhe a descoberta que fizeram. Merwin e Zenas estavam lá dentro — ao menos em parte, pois restavam pouco mais do que dois esqueletos. Também havia um pequeno cervo e um cão no mesmo estado, bem como alguns ossos de animais menores. O lodo e a viscosidade no fundo do poço pareciam borbulhar de maneira inexplicável, e um homem que desceu com uma longa vara descobriu que podia enfiá-la a qualquer profundidade na lama sem encontrar nenhum obstáculo sólido.

Como a noite começava a cair, lamparinas foram trazidas da casa. Depois, quando ficou claro que o poço não revelaria mais nada, todos entraram para conferenciar na sala enquanto a luz intermitente da meialua espectral dançava pálida sobre a desolação cinzenta lá fora. Os homens estavam francamente perplexos com o caso e não conseguiam encontrar nenhum elemento comum que relacionasse a estranha mudança na vegetação, a moléstia desconhecida que atacava pessoas e animais e as mortes inexplicáveis de Merwin e Zenas no poço contaminado. Todos conheciam os boatos que circulavam pelo campo, mas ninguém acreditava que algo contrário às leis naturais pudesse ter ocorrido. Sem dúvida

o meteoro tinha envenenado o solo, mas a doença de pessoas e animais que não haviam consumido nada cultivado naquele solo era outro assunto. Seria a água do poço? Muito provavelmente. Talvez fosse uma boa ideia analisá-la. Mas que loucura teria levado os dois garotos a se jogarem no poço? Aqueles gestos desesperados apresentavam uma estranha semelhança — e os restos mortais revelaram que ambos haviam sofrido com a morte cinza e quebradiça. Por que tudo estava cinza e quebradiço?

Foi o legista, sentado próximo a uma janela com vista para o pátio, quem primeiro notou a luminosidade ao redor do poço. A noite havia caído, e todo aquele terreno abominável parecia tremeluzir com algo mais do que o luar intermitente; mas essa nova cintilação era algo claro e distinto, e parecia emanar do poço negro como o tênue facho de uma lanterna para refletir-se nas pequenas poças d'água formadas pelo esvaziamento dos baldes. A cor era muito estranha, e enquanto todos os homens reuniam-se ao redor da janela Ammi teve um violento sobressalto. Aquele estranho facho de miasma espectral não lhe era estranho. Já tinha visto aquela cor antes, e estremeceu ao ponderar o significado daquela aparição. Ele a tinha visto no glóbulo quebradiço encontrado no interior do aerólito dois verões atrás, na bizarra vegetação da primavera e talvez por um breve instante naquela mesma manhã, ao olhar para a pequena janela gradeada do terrível cômodo no sótão onde coisas indescritíveis haviam acontecido. A cor havia brilhado por um instante e a seguir uma odiosa corrente de vapor frio roçou-lhe a pele — e a seguir o pobre Nahum foi tomado por algo daquela cor. No fim Ammi explicou — disse que aquilo vinha do glóbulo e das plantas. Depois vieram a fuga no pátio e o chapinhar no poço — e agora o poço eructava noite adentro um insidioso facho pálido com o mesmo matiz demoníaco.

Ammi demonstrou ter uma mente alerta ao ponderar um detalhe essencialmente científico mesmo nesse momento de tensão. Ficou intrigado ao perceber que havia recebido a mesma impressão de um vapor vislumbrado à luz do dia com o céu da manhã ao fundo e de uma exalação noturna vista como uma névoa fosforescente com a paisagem negra e malograda ao fundo. Algo não estava certo — era contra a natureza — e então pensou nas terríveis palavras ditas pelo amigo no momento extre-

mo. “Veio de algum lugar onde as coisa não são que nem aqui... foi um dos professor que disse...”

De repente os três cavalos no pátio, amarrados a duas arvorezinhas definhadas à beira da estrada, começaram a relinchar e a escarvar o chão em um verdadeiro frenesi. O cocheiro disparou em direção à porta para tentar fazer alguma coisa, mas Ammi deteve-o com uma mão trêmula. “Não saia”, sussurrou. “A gente não pode fazê nada contra isso que tá acontecendo. O Nahum disse que alguma coisa vivia no poço e sugava a vida de tudo. Ele disse que essa coisa saiu de uma bola que nem a que a gente viu naquela pedra de meteoro que caiu vai fazê um ano agora em junho. Suga e queima, disse ele; é uma nuvem de cor que nem aquela luz lá fora, que os siores mal pode vê e não sabe explicá o que é. O Nahum achava que aquilo se alimenta de tudo que existe e que fica mais forte a cada instante que passa. Ele me disse que só foi vê essa semana. Deve de sê uma coisa de algum lugar distante no céu, como dissero os pesquisador da universidade sobre o meteoro no ano passado. O jeito que aquilo tem e a maneira como funciona não são obra de Deus. É alguma coisa do além.”

Os homens pararam sem saber o que fazer enquanto a luz do poço ficava mais intensa e os cavalos amarrados escarvavam e relinchavam num frenesi cada vez maior. Foi um momento pavoroso, com o terror à espreita na casa antiga e amaldiçoada, quatro conjuntos de restos mortais — dois da casa e dois do poço — no galpão logo atrás e aquele facho de iridescência desconhecida e profana a emanar das profundezas lodosas à frente. Ammi deteve o cocheiro por instinto, sem lembrar que não havia sofrido nenhum tipo de consequência após o roçar frio daquele vapor cromático no sótão, mas talvez tenha sido melhor assim. Ninguém jamais saberá o que estava à solta naquela noite; e embora a blasfêmia do além não tivesse atacado nenhum humano com a sanidade perfeita até então, não há como saber o que poderia ter feito naquele derradeiro instante, com as forças aumentadas e os sinais repletos de intenção que em breve exibiria sob o céu enluarado oculto pelas nuvens.

Um dos investigadores junto da janela arfou de repente. Os outros o encararam e em seguida viraram o rosto em direção ao céu, onde por um mero acaso o homem havia fixado o olhar. Não havia necessidade de palavras. As incertezas que permeavam os boatos do campo desfizeram-se

no mesmo instante, e é por conta dos sussurros mais tarde trocados pelos integrantes do grupo que em Arkham ninguém fala sobre aqueles dias estranhos. Faz-se necessário esclarecer de antemão que não ventava àquela hora da noite. Uma rajada soprou muito tempo depois, mas naquele instante não havia vento algum. Até os ramos secos dos erísimos, malogrados e cinzentos, e as franjas no tejadilho da carruagem permaneciam imóveis. E, no entanto, em meio à calmaria herética os elevados galhos nus de todas as árvores ao redor se mexiam. Pulsavam em um ritmo mórbido e espasmódico, erguendo as garras em uma loucura convulsiva e epiléptica na direção das nuvens enlutaradas; arranhavam impotentes o ar contaminado, como que açuladas por uma ligação extraterrena e incorpórea com horrores subterrâneos a retorcer-se e a debater-se sob as raízes negras.

Por alguns instantes, nenhum dos homens se atreveu a respirar. Então uma nuvem mais negra encobriu a lua, e a silhueta dos galhos em movimento desapareceu por um instante. Nesse ponto ouviu-se um único grito saído de todas as gargantas; abafado pelo espanto, mas rouco e quase uniforme. O terror não havia desaparecido com a silhueta, e em um pavoroso momento de escuridão mais profunda os observadores vislumbraram, na copa das árvores, a convulsão de milhares de pontos de luminosidade tênue e profana a colmar os galhos como o fogo de são telmo ou as chamas que desceram sobre a cabeça dos Apóstolos no Pentecostes. Era uma constelação monstruosa de luz sobrenatural, como um enxame de vaga-lumes necrófagos inchados a executar uma sarabanda demoníaca acima de um pântano maldito; e tinha a mesma cor do invasor sem nome que Ammi havia aprendido a reconhecer e a temer. O facho de fosforescência que emanava do poço tornava-se cada vez mais intenso e despertava na imaginação dos homens uma sensação de catástrofe e anormalidade que ultrapassava em muito qualquer imagem concebível pelo intelecto consciente. O facho já não apenas *brilhava*, mas antes *se derramava*; e ao sair do poço aquela torrente amorfa de matiz indefinível parecia fluir direto rumo ao céu.

O veterinário estremeceu e caminhou até a porta da frente para acrescentar-lhe mais uma tranca de metal. Ammi não tremia menos e, incapaz de controlar a voz, precisou cutucar os companheiros e apontar com o dedo quando desejou chamar a atenção para a crescente lumino-

sidade das árvores. Os relinchos e a agitação dos cavalos haviam se transformado em um pesadelo, mas não havia viva alma no grupo que se aventurasse a sair da antiga casa naquele instante, por maiores que fossem as recompensas prometidas. Com o passar do tempo as árvores começaram a brilhar mais forte, enquanto os galhos incansáveis pareciam contorcer-se para assumir uma posição cada vez mais vertical. A madeira da cegonha também brilhava, e nesse instante um dos policiais apontou em silêncio para os galpões de madeira e as caixas de abelha próximas ao muro de pedra no ocidente. Havia começado a brilhar, embora os veículos dos visitantes dessem a impressão de permanecer incólumes. Então houve uma grande comoção e um rumor na estrada e, enquanto Ammi apagava a lamparina para ver melhor, todos perceberam que a parrelha de tordilhos frenéticos havia quebrado a árvore que servia de mourão e fugido com a carruagem.

O choque serviu para soltar algumas línguas, e houve uma troca de sussurros constrangidos. “Essa coisa se espalha por toda a matéria orgânica ao redor”, balbuciou o legista. Ninguém respondeu, mas o homem que havia descido ao poço deu a entender que poderia ter despertado alguma coisa intangível com a vara. “Foi horrível”, acrescentou. “O poço não tinha fundo. Apenas lodo e bolhas e uma sensação de algo à espreita.” O cavalo de Ammi continuava a escarvar e a relinchar em volume ensurdecedor na estrada lá fora, e por pouco não abafou a voz trêmula do dono enquanto este balbuciava algumas reflexões confusas. “Essa coisa veio daquela pedra... deve de tê crescido lá embaixo... e pegô tudo que era vivo... se alimentô do corpo e da alma... O Thad e o Mernie, o Zenas e a Nabby... o Nahum foi o último... todos eles bebero daquela água... a coisa foi se apoderano... e veio de algum lugar do além, onde as cousa não são como aqui... e agora tá voltano pra casa...”

Nesse ponto, enquanto a coluna de cor desconhecida se iluminou em um clarão repentino e começou a desenhar vultos fantásticos que mais tarde cada espectador descreveu de maneira distinta, o pobre Hero emitiu um som que nenhum homem jamais tinha ouvido e jamais tornaria a ouvir de um cavalo. Todos os que estavam na sala de teto baixo taparam os ouvidos, e o horror e a náusea levaram Ammi a desviar o olhar da janela. Não há palavras capazes de descrever — quando Ammi tornou a olhar para a rua, o pobre animal estava reduzido a um corpo iner-

te, estirado no chão entre os varões partidos da charrete. Este foi o fim de Hero, enterrado no dia seguinte. Mas naquele instante não havia tempo para se lamentar, pois logo um dos investigadores indicou com um gesto que algo terrível estava presente na sala. Na falta da luz emitida pela lamparina, ficou evidente que um tênue brilho fosforescente emanava de todo o cômodo. Reluzia nas tábuas do assoalho e no tapete vermelho, e cintilava nos caixilhos das janelas com pequenas vidraças. Subia e descia pelas vigas expostas, coruscava nas estantes e no consolo e infectava até mesmo as portas e a mobília. O brilho ficava mais forte a cada instante, e logo ficou evidente que quaisquer seres vivos saudáveis precisariam abandonar a casa.

Ammi levou os companheiros até a porta dos fundos e guiou-os pelos campos até a pastagem de dez acres. Todos caminharam aos tropeções como em um sonho, sem coragem de olhar para trás enquanto não chegassem a um terreno mais elevado. Estavam felizes com o caminho, pois não teriam conseguido sair pela porta da frente, junto do poço. Foi ruim o bastante passar pelo celeiro e pelos galpões cintilantes e pelas silhuetas distorcidas e diabólicas das árvores que resplandeciam no pomar; mas graças aos céus apenas os galhos mais altos se contorciam com maior fúria. A lua escondeu-se atrás de nuvens muito escuras quando o grupo atravessava a rústica ponte sobre Chapman's Brook, e a partir de então todos seguiram às apalpadelas em direção ao pasto aberto.

Quando olharam para trás, em direção ao vale e à distante propriedade dos Gardner, defrontaram-se com uma visão horripilante. Toda a fazenda refulgia com a horrenda mistura de cores desconhecidas; as árvores, as construções e até mesmo a grama e as ervas que pouco tempo atrás não haviam sofrido a mutação para o cinza quebradiço e letal. Todos os galhos se erguiam em direção ao céu, colmados por línguas de um fogo maldito, e rastros luminosos daquelas chamas monstruosas arrastavam-se em direção às cumeeiras da casa, do celeiro e dos galpões. Era uma cena digna das visões de Fuseli, e por todo o cenário reinava aquele caos de luminescência amorfa, aquele arco-íris extraterreno e adimensional de veneno críptico emanado do poço — pulsando, palpitando, escoando, avançando, cintilando, escorrendo e borbulhando na malignidade suprema de um cromatismo sideral irreconhecível.

Então, sem nenhum aviso, aquela coisa odiosa disparou verticalmente em direção ao céu como um foguete ou um meteoro, sem deixar nenhum rastro, e desapareceu em um curioso rasgo circular nas nuvens antes que qualquer um dos homens tivesse oportunidade de arfar ou de soltar um grito. Nenhum dos observadores jamais há de esquecer aquela visão, e Ammi ficou olhando pasmo para a constelação de Cygnus, com Deneb a cintilar acima das outras estrelas, onde a cor desconhecida se dissolveu na Via-Láctea. Mas no instante seguinte teve o olhar chamado de volta à Terra por um estalo no vale distante. Nada mais. Apenas o estalo de madeira quebrando e rachando — sem explosão alguma, como vários outros membros do grupo confirmaram mais tarde. De qualquer modo, o resultado foi o mesmo, pois em um instante febril e caleidoscópico irrompeu da fazenda condenada e maldita um cataclismo eruptivo de centelhas e substâncias sobrenaturais, que ofuscou a visão dos presentes e lançou em direção ao zênite uma nuvem explosiva de fragmentos coloridos e fantásticos renegados pelo universo que conhecemos. Em meio aos vapores que tornavam a se adensar, os fragmentos seguiram a horrenda morbidez desaparecida e, no instante seguinte, desapareceram também. Para trás e para baixo restaram apenas trevas para onde os homens não ousaram retornar, e por toda a parte havia um vento de intensidade crescente que parecia descer em rajadas negras e geladas do espaço interestelar. Aquilo uivava e ululava e açoitava os campos e os bosques retorcidos em um insano frenesi cósmico, e logo o abalado grupo percebeu que não adiantaria esperar que a lua revelasse o que havia sobrado na propriedade de Nahum.

Tomados de um espanto profundo demais para sequer arriscar teorias, os sete homens trêmulos fizeram a longa e difícil caminhada até Arkham pela estrada norte. Ammi estava pior do que os companheiros e insistiu para que fizessem uma parada na sua cozinha em vez de seguir direto para a cidade. Não queria atravessar sozinho os bosques noctíferos e açoitados pelo vento que o separavam de casa. Ammi sofreu um choque adicional em relação aos demais integrantes da companhia e ficou para sempre marcado por um medo constante que não ousou sequer mencionar por muitos anos a seguir. Enquanto os demais observadores na colina tempestuosa mantiveram os olhares fixos na estrada, por um instante Ammi voltou o rosto para trás em direção ao ensombrecido va-

le da desolação que nos últimos tempos servira de morada ao astroso Nahum. E, daquele lugar malogrado e longínquo, viu algo se erguer devagar, apenas para afundar mais uma vez no ponto de onde o grande horror amorfo havia disparado rumo ao céu. Era apenas uma cor — mas não uma cor nativa da Terra ou do nosso céu. Desde que reconheceu aquela cor e soube que aquele último resquício tênue ainda devia estar à espreita no interior do poço, Ammi nunca mais foi o mesmo.

Jamais voltaria a se aproximar da propriedade. Mais de meio século se passou desde o horror, porém Ammi nunca mais esteve lá e há de ficar satisfeito quando a nova represa apagar a existência do lugar. Eu também ficarei satisfeito, pois a maneira como a luz do sol trocou de cor ao redor da boca do poço abandonado me perturbou. Espero que as águas sejam profundas — e mesmo assim jamais hei de bebê-la. Acho que jamais vou retornar ao interior de Arkham. Três dos homens que estavam com Ammi voltaram à propriedade na manhã seguinte para ver as ruínas à luz do dia, mas não havia ruínas de fato. Apenas os tijolos da chaminé, as pedras do porão, alguns destroços minerais e metálicos aqui e acolá e o bocal daquele poço nefando. A não ser pelo cavalo morto de Ammi, que foi transportado e enterrado, e a charrete que em seguida lhe devolveram, todos os outros organismos vivos haviam desaparecido. Restaram apenas cinco acres quiméricos de um deserto cinzento, e nada mais cresceu por lá desde então. Até hoje o panorama se estende sob o céu como uma grande mancha corroída por ácido em meio aos campos e bosques, e os poucos que se atreveram a vê-lo a despeito das lendas rurais chamaram-no de “descampado maldito”.

As lendas rurais são estranhas. E podem ficar ainda mais estranhas quando os homens da cidade e os químicos da universidade se interessam o suficiente a ponto de analisar a água de um poço abandonado ou o fino pó cinzento que nenhum vento parece dispersar. Os botânicos também deviam estudar a flora adoecida na região próxima, pois assim poderiam esclarecer se de fato a peste está se espalhando como os fazendeiros dizem — devagar, à taxa de três ou quatro centímetros por ano. Dizem que a cor das plantas ao redor parece irregular na primavera, e que certas coisas selvagens deixam estranhas pegadas na neve alva do inverno. A neve parece nunca se acumular no descampado maldito como em outros lugares. Os cavalos — os poucos que ainda restam nessa épo-

ca a motor — ficam arredios no silêncio do vale; e os caçadores não podem contar com os cães no entorno do pó cinzento.

Dizem que as influências mentais também são muito nocivas. Muitos enlouqueceram nos anos que sucederam a morte de Nahum, sempre incapazes de fugir. Logo todas as pessoas de mente sadia abandonaram a região, e apenas os estrangeiros tentaram viver nas antigas casas decrepitas. Mesmo assim, não conseguiram permanecer lá; e às vezes me pergunto que compreensão além da nossa podem ter obtido graças aos fantásticos e bizarros encantamentos que sussurram. Os sonhos que os visitam à noite, segundo afirmam, são sempre horríveis naquele terreno grotesco; e sem dúvida a mera visão daquele domínio sombrio é suficiente para instigar devaneios mórbidos. Nenhum viajante escapa à sensação de estranheza nas profundezas dos vales, e os artistas sempre estremecem ao pintar bosques densos cujo mistério reside não apenas no olhar, mas também no espírito. Eu mesmo tenho uma certa curiosidade relativa à impressão que tive durante a caminhada solitária que fiz antes de ouvir a história de Ammi. Com a chegada do crepúsculo, senti o desejo vago de que nuvens encobrissem o céu, pois uma estranha inquietude motivada pela vastidão celeste se havia instilado em minha alma.

Não me peça para explicar. Eu não sei — isso é tudo. Não havia ninguém além de Ammi que pudesse responder minhas perguntas; pois os moradores de Arkham se recusam a falar sobre aqueles dias estranhos, e todos os três professores que viram o aerólito e o glóbulo colorido estão mortos. E houve outros glóbulos — pode ter certeza. Um deve ter encontrado alimento e escapado, e outro provavelmente ficou para trás. Não há dúvida de que ainda hoje habita o fundo do poço — sei que havia algo de errado com a luz do sol que vi acima daquele poço miasmático. Os rústicos dizem que a praga se espalha três ou quatro centímetros por ano, então pode ser que continue se alimentando e crescendo. Mesmo assim, qualquer prole demoníaca que esteja por lá deve estar amarrada a alguma coisa, pois de outra maneira não tardaria em espalhar-se. Será que estaria presa às raízes das árvores que erguiam as garras para o céu? Uma das lendas que correm em Arkham versa sobre carvalhos intumescidos que brilham e balançam de maneira anormal à noite.

O que pode ser, só Deus sabe. Em termos de matéria, imagino que a coisa descrita por Ammi possa ser chamada de gás, mas esse gás obede-

cia leis estranhas ao nosso cosmo. Não era fruto dos mundos e dos sóis que fulguram nos telescópios e nas chapas fotográficas dos nossos observatórios. Não era um sopro dos céus cujos movimentos e dimensões os nossos astrônomos medem ou julgam demasiado vastos para medir. Era apenas uma cor que caiu do espaço — o pavoroso mensageiro de reinos informes que transcendem a Natureza tal como a conhecemos; de reinos cuja mera existência atordoa os nossos pensamentos e entorpecenos com os negros abismos siderais que descortina ante o nosso olhar frenético.

Duvido que Ammi tenha mentido para mim e não acredito que o relato tenha origem nas alucinações causadas pela loucura, conforme haviam me prevenido na cidade. Algo terrível chegou aos vales e às colinas naquele meteoro, e algo terrível — embora eu não saiba em que proporção — permanece lá. Para mim vai ser uma alegria ver as águas chegarem. No meio-tempo, espero que nada aconteça com Ammi. A visão que teve da coisa foi completa demais — e as consequências foram insidiosas. Por que nunca conseguiu ir embora? E a exatidão com que lembrava das palavras de Nahum — “O Zenas nunca voltô do poço... não conseguiu saí... aquilo arrasta você... você sabe que a cousa tá vino atrás, mas não adianta...” Ammi é um homem bom — quando a equipe da represa começar as obras eu preciso escrever para o engenheiro-chefe e pedir que fique de olho nele. Eu detestaria pensar no velho fazendeiro como a monstruosidade cinzenta, retorcida e quebradiça que insiste em atormentar meu sono.



O Caso de Charles Dexter Ward

∴

The Case of Charles Dexter Ward (1927)

Weird Tales (jul. 1941)

H.P. Lovecraft começou a escrever esta novela, seu trabalho mais longo, quase imediatamente após terminar “A busca onírica por Kadath”. Inicialmente, ele pensou como uma noveleta, mas foi crescendo e crescendo até que, quando terminou, tinha três ou quatro vezes o tamanho que ele esperava.

O mais estranho deste romance é a péssima opinião de Lovecraft. Hoje é uma de suas obras mais admiradas e amadas universalmente; mas depois de publicá-lo, ele ficou tão deprimido que nunca pensou em comprar uma cópia da publicação de sua história, e quando um editor de livros o contou para perguntar sobre a publicação de um romance dele, ele sequer mencionou sua existência, respondendo com uma proposta para publicar uma coleção de histórias curtas. Essa proposta não chegou a lugar nenhum, pois essas coleções estavam fora de moda na época; mas é difícil não pensar sobre o que poderia ter acontecido se Lovecraft tivesse apenas enviado “O caso de Charles Dexter Ward”.



“Os Saes essenciaes das Bestas podem ser preparados e preservados de Maneyra que seja facultado a hum Homem de Engenho conter toda a Arca de Noe no proprio Estudio, e fazer com que a Forma perfeyta de huma Besta ressurja a partir das Cinzas a seu Bel-Prazer; e, applicando hum Methodo analogo aos Saes Essenciaes do Pó humano, um Phylosopho pode, sem recorrer a qualquer Sorte de Necromancia obscura, invocar a Forma de qualquer Antepassado fallecido a partir do Pó que resulta da Incineração do Cadaver.”

— Borellus

I. Um resultado e um prólogo

1.

De um hospital particular para os insanos, próximo a Rhode Island, desapareceu há pouco tempo um indivíduo singular ao extremo. O paciente atendia pelo nome de Charles Dexter Ward, e a internação foi ordenada pelo sofrido e relutante pai, que viu a moléstia do filho evoluir de uma mera excentricidade para uma mania funesta que envolvia ao mesmo tempo a possibilidade de tendências homicidas e uma peculiar alteração no conteúdo observável de seus pensamentos. Os médicos demonstraram perplexidade em relação ao caso, uma vez que apresentava uma estranheza geral de caráter fisiológico associada a alterações psíquicas.

Em primeiro lugar, o paciente tinha uma aparência mais velha do que meros vinte e seis anos de idade levariam a imaginar. As perturbações mentais de fato aceleram o processo de envelhecimento, porém o semblante deste jovem revestia-se daquela expressão sutil que via de regra caracteriza indivíduos de idade muito avançada. Em segundo lugar, os processos orgânicos indicavam uma anomalia de proporções insuperáveis por qualquer outro relato de casos médicos conhecidos. A respiração e a atividade cardíaca evidenciavam uma assimetria desconcertante; a voz havia desaparecido, de maneira que nenhum som mais rumoroso do que um sussurro podia ser produzido; a digestão era incrivelmente prolongada e reduzida, e as reações neurais aos estímulos-padrão não

se assemelhavam a qualquer outro caso relatado até então, fosse normal ou patológico. A pele apresentava uma frigidez e uma secura de caráter mórbido, e a estrutura celular dos tecidos parecia exageradamente áspera e mal-ajambrada. Até a grande marca de nascença marrom no lado direito do quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia se formado uma verruga ou um ponto negro a respeito do qual não havia qualquer indício anterior. Os médicos em geral compartilham a opinião de que os processos fisiológicos de Ward sofreram um retardamento sem precedentes.

A psicologia de Charles Ward também apresentava características únicas. A loucura que o acometia não apresentava nenhuma afinidade com qualquer outro tipo registrado sequer nos mais novos e abrangentes tratados e aliava-se a uma destreza mental que o teria elevado à condição de gênio se não tivesse conferido formas estranhas e grotescas aos pensamentos. O dr. Willett, médico da família Ward, afirma que a capacidade mental bruta do paciente, quando medida em relação a assuntos que não diziam respeito à esfera da insanidade, na verdade havia aumentado desde o surto. A bem dizer, Ward sempre tinha sido um acadêmico e um antiquário; porém nem mesmo o brilhantismo dos trabalhos incipientes demonstrava a visão e a compreensão prodigiosa evidenciada durante os últimos exames conduzidos pelos alienistas. Na verdade, foi difícil obter autorização legal para a internação do paciente, pois a mente do jovem parecia equilibrada e lúcida ao extremo; foi apenas por conta das evidências fornecidas por terceiros e das inúmeras e aberrantes lacunas de conhecimento em uma inteligência de tamanha envergadura que por fim o levaram a ser confinado. Até o instante do desaparecimento, Charles Ward foi um leitor onívoro e um debatedor igualmente talentoso enquanto a voz permitiu; e observadores astutos, incapazes de prever a fuga, afirmaram que não tardaria até que recebesse alta.

2.

Apenas o dr. Willett, que trouxe Charles Ward ao mundo e acompanhou o crescimento do corpo e da mente do rapaz desde então, parecia assustado ao pensar na futura liberdade do paciente. O médico tinha vivido uma experiência terrível e feito uma descoberta terrível que não se

atrevia a revelar para os colegas céticos. Para dizer a verdade, Willett desponta como um pequeno mistério à parte no que diz respeito a esse caso. Foi a última pessoa a ver o paciente antes da fuga, e retornou da derradeira conversa em um misto de horror e alívio lembrado por muitas pessoas quando a fuga de Ward veio a público três horas mais tarde. A fuga em si é apenas mais um dos mistérios não resolvidos no hospital do dr. Waite. Uma janela aberta que dá para uma queda livre de quase vinte metros não parece oferecer uma explicação satisfatória, mas não há dúvidas de que o jovem desapareceu após a conversa com Willett. O próprio Willett não tem nenhuma explicação pública a oferecer, embora pareça demonstrar uma estranha tranquilidade após a fuga. Na verdade, muitos acham que o doutor teria mais a dizer se acreditasse na existência de um número razoável de pessoas dispostas a lhe darem crédito. Encontrou Ward no quarto, mas logo depois que partiu os enfermeiros bateram em vão. Quando abriram a porta o paciente não estava mais lá dentro, e tudo o que encontraram foi a janela aberta com uma brisa gelada de abril a soprar a nuvem de um fino pó azul-acinzentado que quase os sufocou. É verdade que os cachorros tinham uivado pouco tempo antes; mas foi enquanto Willett ainda estava presente, e os animais não capturaram nada e não demonstraram nenhum tipo de agitação mais tarde. O pai de Ward foi informado de imediato pelo telefone, mas pareceu mais triste do que surpreso. Quando o dr. Waite foi dar a notícia pessoalmente, o pai estava conversando com o dr. Willett, e os dois negaram qualquer tipo de conhecimento ou cumplicidade em relação à fuga. As pistas foram todas colhidas dos amigos próximos de Willett e do patriarca Ward, e mesmo assim são fantásticas demais para desfrutar do crédito geral. Mesmo assim, permanece o fato de que até o presente momento não se encontrou nenhum vestígio do louco desaparecido.

Charles Ward foi um antiquário desde a infância, e sem dúvida adquiriu esse gosto com a venerável cidade em que cresceu e com as relíquias do passado que enchiam todos os recantos da velha mansão dos pais, situada na Prospect Street, no alto da colina. Com o passar dos anos a devoção às coisas antigas continuou aumentando, de modo que a história, a geologia e o estudo da arquitetura, do mobiliário e das técnicas de artesanato do período colonial acabaram por expurgar todos os demais assuntos da sua esfera de interesse. É importante mencionar es-

ses gostos ao falar sobre a loucura que o acometeu; pois, embora não funcionem como um núcleo absoluto, desempenham um papel relevante na manifestação superficial do desvario. As lacunas de conhecimento relatadas pelos alienistas estavam todas relacionadas a assuntos modernos, e eram invariavelmente compensadas por um conhecimento em igual medida excessivo porém oculto a respeito de temas antigos, que surgiu graças aos interrogatórios bem conduzidos e causou a impressão de que o paciente teria sido literalmente transferido para uma época passada graças a um obscuro método de auto-hipnose. O mais estranho era que Ward parecia ter perdido o interesse pelas antiguidades que conhecia tão bem. A dizer pelas aparências, tinha perdido o apreço como resultado da simples familiaridade; e todos os esforços que empreendeu no final estavam sem dúvida relacionados ao aprendizado de fatos corriqueiros da vida moderna que, de maneira total e inequívoca, haviam sido expurgados de suas lembranças. Charles Ward fez o quanto pôde a fim de ocultar essa obliteração, mas era claro para todos aqueles que o observavam que todo o programa de leitura e debate que levava a cabo era marcado por um anseio frenético de embeber-se nos conhecimentos acerca da própria vida e das vivências práticas e culturais do século XX que deviam pertencer-lhe em virtude do nascimento em 1902 e da educação recebida em escolas do nosso tempo. Os alienistas passaram a se perguntar como, em vista da ausência dessa gama de dados absolutamente vitais, o fugitivo poderia lidar com o complexo mundo de hoje; segundo a opinião dominante, estaria “se escondendo” em uma posição discreta e humilde enquanto tenta acumular o mínimo necessário de informações sobre a vida moderna.

O início da loucura de Ward é motivo de disputa entre os especialistas. O dr. Lyman, eminente médico de Boston, situa o princípio da loucura entre 1919 e 1920, durante o último ano passado na Moses Brown School, quando de repente Ward abandonou o estudo do passado para se dedicar às ciências ocultas e recusou-se a entrar para a universidade alegando que tinha pesquisas individuais muito mais importantes a fazer. A hipótese parece ser corroborada pelos hábitos anômalos que Ward cultivava à época, e em especial pela incessante busca em arquivos públicos e cemitérios da cidade por um túmulo cavado em 1771; o túmulo de um antepassado de nome Joseph Curwen, cujos papéis Ward

alegava ter encontrado atrás dos painéis de uma antiga casa em Olney Court, em Stamper's Hill, que fora construída e habitada por Curwen. Em linhas gerais, não há como negar que o inverno de 1919–1920 trouxe consigo uma profunda mudança; de repente, Ward deixou para trás as ambições antiquárias e lançou-se em um desbravamento frenético de assuntos ocultos tanto em casa como no exterior, que se intercalava apenas com a estranha e persistente busca pelo túmulo do antepassado.

O dr. Willett, no entanto, discorda substancialmente dessa opinião, e fundamenta o veredito no conhecimento íntimo e contínuo que detinha acerca do paciente, bem como em certas investigações e descobertas pavorosas feitas antes do desaparecimento. Essas investigações e descobertas deixaram marcas profundas; a voz do médico estremece quando as menciona, e a mão estremece quando tenta consigná-las ao papel. Willett admite que a mudança do período 1919–1920 de fato parece marcar o início de uma decadência progressiva que culminou na horrível e inexplicável alienação de 1928; porém, motivado por observações pessoais, acredita que é mister fazer uma distinção mais sutil. Mesmo reconhecendo que o garoto sempre apresentou um temperamento desequilibrado e uma propensão a demonstrar um excesso de suscetibilidade e de entusiasmo em relação aos fenômenos que o cercavam, o dr. Willett recusa-se a admitir que essa alteração incipiente tenha marcado a passagem da sanidade à loucura; segundo acredita, o momento foi sinalizado por uma declaração do próprio Ward, quando este afirmou ter feito uma descoberta ou uma redescoberta cujo efeito sobre o pensamento humano seria profundo e prodigioso. A verdadeira loucura, segundo afirma, teria vindo com uma mudança tardia, posterior à descoberta do retrato e dos antigos papéis de Curwen; posterior à viagem a estranhos lugares no estrangeiro e às evocações terríveis entoadas em circunstâncias estranhas e secretas; posterior ao surgimento de certas *respostas* a essas mesmas invocações e à escritura de uma carta frenética nas condições mais inexplicáveis e agonizantes; posterior ao surto do vampirismo e aos agourentos boatos em Pawtuxet; e posterior ao momento em que a memória do paciente começou a excluir imagens contemporâneas ao mesmo tempo em que a voz começou a falhar e o aspecto físico sofreu a sutil alteração percebida por inúmeros outros mais tarde.

Foi somente por volta dessa época, segundo as observações precisas de Willett, que a qualidade de pesadelo se torna indissociável de Ward; e o médico tem a apavorante certeza de que existem indícios sólidos o suficiente para sustentar a alegação do jovem no que diz respeito à descoberta crucial. Em primeiro lugar, dois trabalhadores de elevada capacidade intelectual viram os antigos papéis redescobertos de Curwen. Em segundo lugar, o rapaz certa vez mostrou ao dr. Willett esses papéis e uma página do diário de Curwen, e ambos os documentos tinham um aspecto totalmente genuíno. O buraco onde Ward afirmou tê-los encontrado era uma realidade tangível, e Willett teve um vislumbre muito convincente desses documentos em lugares que quase incitam a descrença e talvez jamais possam ser provados. A esses fatores somam-se os mistérios e as coincidências das cartas entre Orne e Hutchinson, bem como o problema da caligrafia de Curwen e da revelação feita pelos detetives acerca do dr. Allen; e também a mensagem em minúsculas medievais encontrada no bolso de Willett quando recobrou a consciência após a medonha revelação.

Mas acima de tudo existem os dois pavorosos *resultados* que o médico obteve de um certo par de fórmulas durante o estágio final das investigações; resultados que praticamente demonstraram a autenticidade dos papéis e das implicações monstruosas ao mesmo tempo em que esses papéis eram levados para além da esfera do conhecimento humano por toda a eternidade.

3.

É preciso olhar para a vida pregressa de Charles Ward como se olha para um evento passado, como as antiguidades que tanto admirava. No outono de 1918, com uma notável demonstração de fervor durante o serviço militar do período, Ward havia ingressado na Moses Brown School, situada perto da casa onde morava. A construção principal, erigida em 1819, sempre tinha agradado o gosto antiquário do jovem; e o amplo parque onde a academia se localizava agradou seu olhar apurado para aquele tipo de cenário. As atividades sociais eram poucas, e o jovem passava a maior parte do tempo em casa, em caminhadas sem rumo, em aulas e exercícios e na busca de dados antiquários e genealógicos na

Prefeitura, no Capitólio, na Biblioteca Pública, no Athenaeum, na Sociedade Histórica, nas bibliotecas John Carter Brown e John Hay da Brown University e na recém-inaugurada Shepley Library na Benefit Street. Ainda é possível imaginá-lo como era naquela época: alto, esbelto e louro, com olhos estudiosos e uma leve corcunda, vestido com certo descuido, o que dava a pouco atraente impressão geral de uma inofensiva falta de jeito.

As caminhadas eram sempre aventuras rumo à antiguidade, durante as quais conseguia recapturar, a partir da miríade de relíquias de uma cidade antiga e esplendorosa, uma imagem vívida e coesa de séculos passados. A casa onde morava era uma enorme mansão em estilo georgiano no alto da colina quase abismal que se ergue logo a oeste do rio; e pelas janelas nos fundos dos aposentos labirínticos Charles Ward perdia-se em vertigens ao admirar os coruchéus, as cúpulas, os telhados e os topos dos arranha-céus que se amontoavam na parte mais baixa da cidade e que aos poucos davam lugar às colinas purpúreas dos campos mais além. Tinha nascido naquele lugar, e na bela varanda ao estilo clássico na fachada com duas aberturas a babá o havia empurrado pela primeira vez no carrinho, para além da pequena casa branca que já existia dois séculos antes que a cidade a alcançasse, e adiante em direção às imponentes universidades ao longo da rua suntuosa e ensombrecida, cujas antigas mansões de tijolos quadrados, junto às casinhas de madeira com varandas estreitas e ponderosas ornadas por colunas em estilo dórico, sonhavam com a solidez e a exclusividade de que desfrutavam em meio aos exuberantes pátios e jardins.

Também fora empurrado ao longo da sonolenta Congdon Street, uma rua abaixo na íngreme encosta da colina, com todas as casas a leste situadas em terraços elevados. As casinhas de madeira eram ainda mais antigas naquele local, pois ao crescer a cidade havia escalado a colina; e nesses passeios Charles tinha absorvido as cores de um pitoresco vilarejo colonial. A babá costumava parar e sentar nos bancos de Prospect Terrace para conversar com os policiais; e uma das primeiras memórias do menino era uma imagem do grande e nebuloso oceano de telhados e cúpulas e coruchéus a oeste, bem como a visão das colinas longínquas que teve em uma tarde de inverno mística e violeta junto à balaustrada na margem do rio, com um pôr do sol frenético e apocalíptico repleto

de vermelhos e dourados e púrpuras e curiosos matizes de verde. A vasta cúpula de mármore do Capitólio desenhava uma silhueta colossal, em que a estátua que a colmava adquiria um halo fantástico graças a um rasgo em um dos estratos coloridos que encobriam o céu flamejante.

Quando cresceu, tiveram início as famosas caminhadas; primeiro com a babá levada de arrasto, e mais tarde sozinho, em um devaneio meditativo. Aventurou-se cada vez mais baixo na colina quase perpendicular, encontrando a cada vez lugares ainda mais antigos e ainda mais pitorescos da antiga cidade. Avançou com timidez desde a íngreme Jenckes Street, em meio aos barrancos e às empenas coloniais, até a esquina com a ensombrecida Benefit Street, onde avistou uma antiguidade de madeira com entradas guarnecidas de pilastras jônicas, tendo ao lado uma mansarda pré-histórica com o resquício de antiquíssimas terras aráveis, e a enorme mansão do juiz Durfee, com os vestígios decadentes do esplendor georgiano. O lugar estava transformando-se em um cortiço; mas os titânicos olmos projetavam uma sombra restauradora sobre o lugar, e o garoto tinha por hábito continuar o passeio rumo ao sul, em meio às longas fileiras de casas do período pré-revolucionário com grandes chaminés centrais e portais em estilo clássico. A leste as casas apoiavam-se no alto de porões guarnecidos por lances duplos de escadas com degraus em pedra, e o jovem Charles conseguia imaginar a aparência que tinham quando eram novos, e quando saltos vermelhos e perucas destacavam os frontões pintados cujos sinais de idade começavam a ficar bastante visíveis.

A oeste empreendeu uma descida quase tão profunda quanto a leste, até a antiga “Town Street” que os fundadores haviam construído à beira do rio em 1636. Lá corriam incontáveis ruelas com residências amontoadas e fora de prumo que remontavam a uma antiguidade inconcebível; e, por maior que fosse o fascínio despertado, levou tempo até que Ward se atrevesse a galgar aquela verticalidade arcaica, por medo de que se revelassem um sonho ou um portal rumo a terrores desconhecidos. Achava bem menos formidável continuar ao longo da Benefit Street, para além da cerca de ferro do cemitério oculto de St. John’s rumo aos fundos da Casa Colonial de 1761 e ao ponderoso vulto da Golden Ball Inn, onde Washington havia se hospedado. Na Meeting Street — sucessivamente a Gaol Lane e a King Street de outros períodos —, direcionava o olhar

para cima em direção ao leste e contemplava a escadaria em arco a que a estrada teve de recorrer para subir a encosta, e depois para baixo em direção ao oeste para vislumbrar a velha escola colonial de tijolo à vista que do outro lado da rua sorri para a antiga Insígnia do Busto de Shakespeare, onde o *Providence Gazette* e o *Country-Journal* eram impressos antes da revolução. A seguir vinha a magnífica Igreja Batista de 1775, ornada com um coruchéu insuperável desenhado por James Gibbs, à qual se somavam os telhados e cúpulas do período georgiano que flutuavam ao redor. Nesse ponto e em direção ao sul a vizinhança melhorava de aspecto, e florescia em pelo menos dois grupos distintos de mansões antigas; mas as ruelas ancestrais continuavam a descer o precipício a oeste com arroubos espectrais de arcaísmo nas múltiplas empenas enquanto despencavam rumo a um caos de decadência iridescente onde a sordidez da antiga zona portuária o fazia pensar na pompa das expedições às Índias, em meio à penúria e ao vício nas mais variadas línguas, a cais apodrecidos e a comerciantes de aprestos com os olhos inchados devido à falta de sono, e nas alusões que sobreviviam em nomes de ruas, como Packet, Bullion, Gold, Silver, Coin, Doubloon, Sovereign, Guilder, Dollar, Dime e Cent.

Por vezes, à medida que crescia e imbuía-se de um espírito mais aventureiro, o jovem Ward avançava rumo à voragem de casas decrepitas, claraboias quebradas, degraus desabados, balaustradas tortas, rostos morenos e odores inomináveis enquanto seguia da South Main em direção a South Water, em busca das docas onde a baía e os vapores do canal ainda se encontravam para depois retornar pelo norte por aquele nível mais baixo para além dos armazéns com telhados de duas águas construídos em 1815 e também da ampla praça junto à Great Bridge, onde o Mercado de 1773 permanece sustentado com firmeza pelos velhos arcos. Nessa praça, detinha o passo para beber água em meio à beleza encantadora da velha cidade que se ergue na margem a leste, ornada por dois coruchéus georgianos e coroado pela enorme cúpula da Christian Science assim como Londres é coroada pela St. Paul's Church. Charles Dexter gostava especialmente de chegar ao local no fim da tarde, quando a luz oblíqua do sol toca o Mercado e os ancestrais telhados e campanários da colina, espalhando uma aura de magia ao redor dos cais sonhadores onde os navios de Providence retornados da Índia costumavam

aportar. Após um longo tempo observando, sentia-se tomado pelo amor de um poeta diante de uma paisagem, e então tratava de subir a encosta e voltar para casa em meio ao crepúsculo, passando pela antiga igreja branca e pelos caminhos estreitos e vertiginosos onde raios amarelos espiavam por trás de janelas com pequenas vidraças e de claraboias no alto de lances duplos de escada ornados com curiosos balaústres em ferro lavrado.

Em outros momentos, e nos anos posteriores, buscava os mais vívidos contrastes; passava metade da caminhada nas regiões coloniais decrépitas a noroeste de casa, onde a colina diminui o vulto e dá vez à eminência um pouco mais baixa de Stamper's Hill, com o gueto e o bairro negro próximo ao local de onde a posta de Boston costumava partir antes da Revolução, e a outra metade no gracioso reino sulista entre a George, a Benevolent, a Power e a Williams Street, onde a velha encosta mantém preservadas as belas casas e resquícios de jardins fechados e íngremes caminhos verdejantes onde persistem inúmeras memórias fragrantas. Esses passeios, somados à dedicação aos estudos que os acompanhava, sem dúvida bastariam para explicar o enorme volume de sabedoria antiquária que no fim expulsou o mundo contemporâneo da imaginação de Charles Ward; e também para explicar o solo mental em que, no terrível inverno de 1919–1920, caíram as sementes que germinaram frutos tão estranhos e terríveis.

O dr. Willett tem certeza de que, antes desse inverno aziago em que surgiu a primeira alteração, o antiquarismo de Charles Ward era isento de qualquer traço de morbidez. Os cemitérios não exerciam nenhuma atração particular, a não ser pelo caráter pitoresco e pelo valor histórico, e Ward era completamente desprovido de inclinações à violência e de instintos agressivos. Mas a partir de então, de maneira gradual, começou a delinear-se uma singular continuação para um dos triunfos genealógicos do ano anterior, quando o jovem havia descoberto entre os ancestrais da linha materna um homem deveras longevo chamado Joseph Curwen, que havia chegado de Salém em março de 1692 e a respeito de quem se contava aos sussurros uma série de histórias um tanto peculiares e inquietantes.

Welcome Potter, o trisavô de Ward, casara em 1795 com uma certa “Ann Tillinghast, filha da sra. Eliza, filha do cap. James Tillinghast”, a

respeito de cuja paternidade a família não havia preservado nenhum traço. No fim de 1918, enquanto examinava um tomo manuscrito original com os registros municipais, o jovem genealogista encontrou uma entrada que descrevia uma alteração de nome realizada em 1772, graças à qual uma sra. Eliza Curwen, viúva de Joseph Curwen, readotou, junto com a filha de sete anos, o nome Tillinghast, que havia usado na época de solteira, sob a alegação de que “O Nome do Marido se havia tornado uma Vergonha para a Sociedade em Razam do que se descobriu após seu Falecimento; o qual veyo a confirmar um antigo Rumor, que no entanto não mereceria o Credito de uma Esposa fiel enquanto não fosse provado para allem de qualquer Duvida”. Essa entrada veio à tona após a separação accidental de duas folhas que haviam sido coladas com todo o cuidado e tratadas como se fossem uma folha única, graças a uma trabalhosa revisão na numeração das páginas.

Naquele instante Charles Ward compreendeu que encontrara um tataravô até então desconhecido. A descoberta foi motivo de um duplo entusiasmo, pois Ward já tinha ouvido relatos vagos e encontrado alusões dispersas acerca daquele nome, sobre o qual restavam tão poucos registros disponíveis além dos que vieram a público somente na época atual que quase parecia ter havido uma conspiração para apagá-lo da memória. Além do mais, o caso revestia-se de uma natureza tão singular e provocativa que não havia como afastar certas especulações curiosas sobre o que os tabeliães da época colonial estariam tão ávidos por esconder e esquecer, e tampouco a suspeita de que essa obliteração poderia de fato ter razões válidas.

Antes, Ward limitava-se a deixar as suposições românticas a respeito de Joseph Curwen na esfera da curiosidade; porém, após descobrir um parentesco com esse personagem “silenciado”, passou a buscar da maneira mais sistemática possível tudo o que pudesse encontrar a seu respeito. Nessa busca desenfreada, logrou um sucesso muito além das expectativas mais otimistas, pois cartas, diários e fardos de memórias não publicadas nos sótãos empoeirados de Providence e de outros lugares forneceram muitas passagens esclarecedoras que os autores não haviam feito questão de destruir. Uma revelação importante veio da longínqua Nova York, uma vez que certas correspondências da época colonial encontravam-se armazenadas no museu da Fraunces’ Tavern. O documen-

to crucial, no entanto, que segundo a opinião do dr. Willett precipitou a ruína de Ward, foi o material encontrado em agosto de 1919 por trás dos painéis de uma casa decrépita em Olney Court. Sem dúvida, foi esse documento que descortinou o negro panorama cujo fim era mais profundo do que o abismo.

II. *Um antecedente e um horror*

1.

Joseph Curwen, segundo os confusos relatos consubstanciados em tudo o que Ward tinha ouvido e descoberto, era um homem impressionante, enigmático, obscuro e terrível. Havia fugido de Salém para Providence — esse refúgio universal de tudo o que era estranho, livre e subversivo — no início do grande pânico da bruxaria, com medo de ser acusado por conta da vida solitária e dos singulares experimentos químicos ou alquímicos que conduzia. Era um sujeito pálido de cerca de trinta anos, e logo obteve a qualificação necessária para tornar-se um homem livre em Providence; e assim comprou um terreno um pouco ao norte da casa de Gregory Dexter, próximo ao ponto mais baixo da Gluey Street. A casa foi construída em Stamper's Hill, a oeste da Town Street, no que mais tarde viria a se tornar Olney Court; e em 1761 o proprietário substituiu-a por uma residência maior, que existe até hoje.

A primeira coisa estranha a respeito de Joseph Curwen é que não parecia ficar mais velho do que estava quando chegou à cidade. Envolveu-se com negócios marítimos, comprou uma acostagem próxima a Mile-End Cove, ajudou a reconstruir a Great Bridge em 1713 e em 1723 foi um dos fundadores da Congregational Church na colina; porém sempre mantendo o aspecto pouco chamativo de um homem recém-entrado nos trinta ou trinta e cinco anos. Com o passar das décadas, essa qualidade singular passou a despertar a atenção do público; mas Curwen sempre a explicava afirmando que tinha ancestrais robustos e que levava uma vida simples que não o exauria. Como tamanha simplicidade poderia ser conjugada às inexplicáveis idas e vindas do furtivo comerciante ou ainda à estranha visão de luz nas janelas da casa onde morava, a todas as horas da madrugada, jamais ficou claro para o povo

da cidade, que assim passou a evidenciar certa predisposição a acreditar em outros motivos para a juventude prolongada e a longevidade do forasteiro. Em geral, acreditava-se que as incessantes misturas e fervuras de componentes químicos promovidas por Curwen tivessem uma estreita relação com essa condição. Corriam boatos a respeito de estranhas substâncias trazidas de Londres e das Índias nos barcos ou compradas em Newport, Boston e Nova York; e quando o velho dr. Jabez Bowen chegou de Rehoboth e abriu o apotecário do outro lado da ponte sob a Insígnia do Unicórnio e do Pilão, correram intermináveis conversas sobre as drogas, os ácidos e os metais que o taciturno recluso solicitava de maneira incessante em compras e encomendas. Movidos pela suposição de que Curwen fosse dotado de habilidades médicas secretas e maravilhosas, inúmeros doentes dos mais variados tipos começaram a procurá-lo em busca de socorro; mas, embora Curwen parecesse incentivar essas crenças de maneira indireta e sempre providenciasse poções de estranho colorido em resposta a esses apelos, era visível que o tratamento dispensado aos outros raras vezes trazia efeitos benéficos. Por fim, quando mais de cinquenta anos se haviam passado desde a chegada do forasteiro sem produzir alterações correspondentes a mais do que cinco anos no semblante e no aspecto físico, a população começou a sussurrar histórias mais obscuras e a respeitar o isolamento a que Curwen sempre fora propenso.

As cartas e os diários do período revelam uma verdadeira miríade de outras razões para que Joseph Curwen fosse admirado, temido e por fim abominado como a peste. A paixão por cemitérios, onde era avistado a todas as horas e sob todas as condições climáticas, tornou-se notória, embora não houvesse testemunhas de qualquer comportamento que pudesse ser descrito como mórbido. Tinha uma fazenda na Pawtuxet Road onde costumava morar durante o verão e para onde muitas vezes o viam cavalgar nos mais variados e improváveis horários do dia e da noite. Os únicos criados, trabalhadores do campo e zeladores conhecidos eram um casal de índios Narragansett; o marido, mudo e coberto por estranhas cicatrizes; e a esposa marcada pelo aspecto repulsivo do rosto, provavelmente devido à mistura de sangue negro. No galpão ficava o laboratório onde a maioria das experiências era conduzida. Os curiosos carregadores e carreteiros que entregavam vidros, bolsas e caixas

na diminuta porta dos fundos trocavam entre si histórias sobre frascos, cadinhos, alambiques e fornalhas no interior do pequeno recinto repleto de prateleiras; e profetizavam aos sussurros que o taciturno “quimista” — com o que queriam dizer *alquimista* — não tardaria a encontrar a Pedra Filosofal. Os vizinhos mais próximos da fazenda — os Fenner, que moravam a cerca de quinhentos metros — tinham histórias ainda mais estranhas a contar sobre os sons que afirmavam vir da propriedade de Curwen à noite. Mencionavam gritos e uivos prolongados; e não gostavam da grande quantidade de animais que enchia os pastos, demasiado excessiva para fornecer a apenas um homem solitário e poucos criados as provisões necessárias de carne, leite e lã. A composição do rebanho parecia mudar de uma semana para a outra à medida que novos animais eram comprados dos fazendeiros de Kingstown. O sentimento de repulsa era tornado ainda mais intenso por uma grande construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas.

Da mesma forma, os desocupados da Great Bridge tinham muito a dizer sobre a casa na cidade, em Olney Court; nem tanto acerca da nova, construída em 1761, quando o proprietário devia ser quase um homem centenário, mas acerca da primeira, mais antiga, que tinha uma mansarda, um sótão desprovido de janelas e as fachadas cobertas por recortes de madeira que Curwen teve o cuidado de queimar após a demolição. Verdade que nesse caso o mistério era menor; mas nas horas em que as luzes estavam acesas, a furtividade dos dois forasteiros de pele morena que compunham a totalidade da criadagem masculina, os pavorosos e incompreensíveis rumores da vetusta caseira francesa, as enormes quantidades de comida que adentravam a porta de uma casa onde viviam apenas quatro pessoas e a *Dualidade* de certas vozes ouvidas durante conversas abafadas em horários altamente improváveis combinavam-se com os demais rumores sobre a fazenda de Pawtuxet e davam origem à má reputação do lugar.

A residência de Curwen era assunto mesmo nos círculos de maior prestígio; afinal, enquanto trabalhava na igreja e na vida comercial do vilarejo, o forasteiro havia cultivado as melhores amizades para assim poder desfrutar de companhias e conversas adequadas à educação que havia recebido. O berço de onde vinha era bom, uma vez que os Curwen ou Corwin de Salém dispensavam apresentações na Nova Inglaterra. A

certa altura veio à tona que Joseph Curwen tinha viajado um bocado ainda menino, tendo vivido por um tempo na Inglaterra e feito pelo menos duas viagens ao Oriente; e o sotaque, quando se dignava a falar, era o de um cavalheiro inglês culto e refinado. Mas por algum motivo Curwen não se importava com a vida em sociedade. Embora jamais mandasse os visitantes embora, costumava erguer uma muralha de reserva tão intransponível que poucos conseguiam pensar em dizer alguma coisa que não fosse soar banal.

Naquele comportamento parecia ocultar-se uma arrogância críptica e sardônica, como se tivesse passado a aborrecer-se com toda a humanidade depois de mover-se em meio a entidades mais estranhas e mais potentes. Quando o dr. Checkley, famoso pela erudição e pelo espírito trocista, chegou de Houston em 1738 para ser pastor da King's Church, Joseph Curwen não perdeu a oportunidade de fazer uma visita à personalidade de quem tanto ouvira falar; mas foi embora após poucos instantes por conta de uma sinistra nota subjacente percebida no discurso do anfitrião. Charles Ward contou ao pai, quando os dois falavam a respeito de Curwen em uma noite de inverno, que estaria disposto a oferecer muita coisa para saber o que aquele velho sinistro teria dito para o vivaz sacerdote, porém todos os diaristas estão de acordo ao mencionar a relutância do dr. Checkley em repetir o que tinha ouvido. O bom homem havia recebido um choque terrível, e a partir de então não conseguia mais pensar em Joseph Curwen sem obter como resultado o desaparecimento momentâneo da alegria que o havia tornado famoso.

Bem mais claro, no entanto, foi o motivo que levou outro homem de bom gosto e boa criação a evitar o ermitão atrevido. Em 1746 o sr. John Merrit, um vetusto cavalheiro inglês com inclinações literárias e científicas, chegou de Newport à cidade que rapidamente a ultrapassava em prestígio e construiu uma bela casa rural em Neck, onde hoje se localiza o coração da melhor zona residencial. Vivia cercado de estilo e de conforto, porém mantinha o primeiro coche e a criadagem de *libré* na cidade e se enchia de orgulho do telescópio, do microscópio e da bem-escolhida biblioteca de livros ingleses e latinos. Ao ouvir que Curwen era o proprietário da mais bem-fornida biblioteca de Providence, o sr. Merritt tratou de fazer uma visita o mais breve possível, e foi recebido com mais cordialidade do que a maioria dos outros visitantes da casa. A admiração

demonstrada pelo visitante em relação às amplas prateleiras do anfitrião, que além dos clássicos gregos, latinos e ingleses vinham equipadas com uma impressionante bateria de obras filosóficas, matemáticas e científicas, incluindo obras de Paracelso, Agricola, Van Helmont, Sylvius, Glauber, Boerhaave, Becher e Stahl, levou Curwen a sugerir uma visita à fazenda e ao laboratório, onde ninguém jamais estivera; e assim os dois partiram de imediato no coche do sr. Merritt.

O sr. Merritt sempre afirmava não ter visto nada de horripilante na fazenda, mas admitia que apenas os títulos dos livros na biblioteca especial de taumaturgia, alquimia e teologia que Curwen mantinha em um recinto à parte tinham sido o bastante para inspirar-lhe um duradouro sentimento de repulsa. No entanto, é possível que a expressão facial do proprietário ao exhibir os livros tenha contribuído em boa medida para esse preconceito. A estranha coleção, além de uma hoste de obras clássicas que o sr. Merritt pôde invejar sem nenhum motivo para alarme, abarcava praticamente todos os cabalistas, demonologistas e magos conhecidos à humanidade; e consistia em um verdadeiro tesouro de sabedoria em reinos duvidosos como a alquimia e a astrologia. Hermes Trismegisto na edição de Mesnard, o *Turba Philosophorum*, o *Liber Investigationis* de Geber e o *Key of Wisdom* de Arthepius estavam todos lá, com o cabalístico *Zohar*, a coleção de Alberto Magno editada por Peter Jammy, o *Ars Magna et Ultima* de Raimundo Lúlio na edição de Zelsner, o *Thesaurus Chemicus* de Roger Bacon, o *Clavis Alchimiae* de Fludd e o *De Lapide Philosophico* de Tritêmio ao redor. Judeus e árabes medievais estavam representados em profusão, e o sr. Merritt empalideceu quando, ao tomar nas mãos um belo volume claramente identificado como *Qanoon-e-Islam*, descobriu tratar-se na verdade do proscrito *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred, a respeito do qual havia escutado coisas monstruosas ditas aos sussurros anos atrás, quando se revelou a prática de rituais inomináveis no estranho vilarejo pesqueiro de Kingsport, na Província de Massachusetts Bay.

No entanto, por mais estranho que pareça, o grande motivo da perturbação alegada pelo digno cavalheiro foi um mero detalhe. Na enorme mesa de mogno encontrava-se um exemplar muito desgastado de Borellus, que trazia um grande número de anotações e interlineações crípticas feitas na caligrafia de Curwen. O livro estava aberto no meio, e um de-

terminado parágrafo exhibia sublinhados tão grossos e tão trêmulos sob as linhas de místicos caracteres góticos que o visitante não pôde resistir a analisá-los. Se foi a natureza da passagem grifada ou o peso febril dos golpes da pena que formavam os grifos, o sr. Merritt não soube dizer; mas algo naquela combinação causou-lhe uma impressão muito negativa e muito peculiar. O sr. Merritt recordou a passagem até o fim da vida e reproduziu-a de memória no próprio diário pessoal, e certa vez tentou recitá-la para o dr. Checkley, com quem mantinha uma estreita amizade, mas deteve-se ao perceber o quanto aquilo perturbava o ilustrado pastor. A passagem dizia:

“Os Saes essenciaes das Bestas podem ser preparados e preservados de Maneyra que seja facultado a hum Homem de Engenho conter toda a Arca de Noe no proprio Estudio, e fazer com que a Forma perfeyta de hum Besta ressurja a partir das Cinzas a seu Bel-Prazer; e, applicando hum Methodo analogo aos Saes Essenciaes do Pó humano, um Phylosopho pode, sem recorrer a qualquer Sorte de Necromancia obscura, invocar a Forma de qualquer Antepassado fallecido a partir do Pó que resulta da Incineraçam do Cadaver.”

Era nas cercanias das docas na parte ao sul da Town Street, no entanto, que corriam os piores boatos acerca de Joseph Curwen. Os marinheiros são uma gente supersticiosa, e os lobos do mar que tripulavam as infinitas chalupas de rum, escravos e melaço, os mal-afamados navios corsários e os grandes brigues das famílias Brown, Crawford e Tillinghast faziam estranhos e furtivos gestos de proteção quando viam a figura magra e enganadoramente jovem de cabelos trigueiros e com uma discreta corcunda entrar no depósito de Curwen na Doubloon Street ou conversar com os capitães e supervisores no longo cais onde os navios de Curwen aportavam inquietos pela âncora. Os próprios fiscais e capitães de Curwen nutriam temor e ódio pelo empregador, e todos os marujos pertenciam à rábula mestiça da Martinica, de Santo Eustáquio, de Havana ou de Port-Royal. De certa forma, a frequência com que esses marinheiros eram substituídos foi o que inspirou a parte mais intensa e mais tangível do medo despertado pelo velho. Uma tripulação desembarcava na cidade em licença, por vezes com um ou outro afazer a cumprir; po-

rém, no momento da reunião, quase sempre se dava pela falta de um ou mais homens. O fato de que muitos afazeres envolviam a fazenda na Pawtuxet Road, somado ao fato de que poucos marinheiros retornavam do lugar, não foi esquecido; de maneira que, passado algum tempo, Curwen passou a enfrentar grandes dificuldades para manter os homens da caótica tripulação. Quase sempre um grande número de marinheiros desertava imediatamente após ouvir os boatos sobre os cais de Providence, e a reposição desses homens nas Índias Ocidentais tornou-se um problema cada vez maior para o comerciante.

Em 1760 Joseph Curwen havia se tornado um pária e era suspeito de ter perpetrado horrores vagos e forjado alianças demoníacas que pareciam ainda mais ameaçadoras porque não tinham nome, não eram compreendidas e também porque não havia sequer como provar que existiam. A gota d'água pode ter sido o caso dos soldados desaparecidos em 1758, pois em março e em abril desse ano dois regimentos reais a caminho da Nova França alojaram-se em Providence e desapareceram como resultado de um processo inexplicável, muito além da taxa média de deserção. Rumores furtivos mencionavam a frequência com que Curwen era visto conversando com os forasteiros de capa vermelha; e, quando estes começaram a desaparecer, as pessoas lembraram-se do estranho fenômeno que acometia os marinheiros. O que teria acontecido se os regimentos não recebessem ordens de seguir adiante, ninguém saberia dizer.

Nesse meio-tempo, o comerciante prosperava nos negócios mundanos. Praticamente detinha o monopólio sobre o comércio de salitre, pimenta-do-reino e canela, e com a exceção da firma dos Brown, estava à frente de quase todos os outros estabelecimentos de comércio marítimo na importação de artigos de latão, índigo, algodão, lã, sal, aprestos, ferro, papel e bens ingleses de toda sorte. Lojistas como James Green, sob a Insígnia do Elefante em Cheapside, os Russell, sob a Insígnia da Águia Dourada no outro lado da Ponte, ou Clark e Nightingale, sob a insígnia da Frigideira e do Peixe nas proximidades da New Coffee-House, dependiam de Ward em caráter quase exclusivo para a obtenção desses produtos; e os acordos firmados com os destiladores locais, os leiteiros e criadores de cavalo Narrangasett e os fabricantes de velas em Newport haviam-no transformado em um dos maiores exportadores da Colônia.

Embora relegado ao ostracismo, Joseph Curwen não era desprovido de espírito cívico. Quando a Casa Colonial queimou, fez grandes investimentos nas loterias graças às quais o novo prédio, de alvenaria — que ainda hoje se ergue na antiga rua principal —, foi construído em 1761. No mesmo ano, ajudou a reconstruir a Great Bridge após o vendaval de outubro. Repôs muitos livros da biblioteca pública consumidos pelo fogo durante o incêndio da Casa Colonial e comprou muitos bilhetes da loteria que propiciou à embarrada Market Parade e à sulcada Town Street a pavimentação com grandes pedras arredondadas e um passeio ou canteiro de tijolos no meio. Por volta da mesma época, construiu a simples mas excelente residência cuja fachada sobrevive até hoje como um grande triunfo da entalhadura. Quando os partidários de Whirefield romperam com a igreja do dr. Cotton em 1743 e fundaram a Deacon Snow's Church do outro lado da Ponte, Curwen os acompanhou, embora o fervor e o interesse pelo assunto tenham durado pouco. Porém voltou a cultivar a religiosidade, como se quisesse dissipar a sombra que o havia precipitado rumo ao isolamento e que não tardaria a arruiná-lo os negócios se não fosse combatida.

2.

A visão desse estranho e pálido homem que aparentava estar na meia-idade, embora não pudesse ter menos do que um século de vida, e tentava enfim dissipar uma nuvem de pavor e repulsa demasiado vaga para que se pudesse compreendê-la ou analisá-la era a um só tempo dramática, patética e desprezível. No entanto, o poder da fortuna monetária e dos gestos superficiais resultou em uma discreta redução na visível repulsa que lhe era dispensada, em particular depois que o súbito desaparecimento dos marinheiros cessou de repente. Ao mesmo tempo, Curwen deve ter começado a cercar-se de cuidado e discrição durante as expedições noturnas ao cemitério, pois nunca mais foi avistado nessas perambulações; e os rumores acerca de sons e movimentações estranhas na fazenda de Pawtuxet diminuíram na mesma proporção. O consumo de mantimentos e a reposição dos animais do campo mantiveram-se em um nível anômalo; mas apenas em tempos recentes, quando Charles Ward examinou contas e faturas do antepassado na Shepley Library,

ocorreu ao público em geral — talvez com a exceção de um certo jovem amargurado com a vida — estabelecer ligações sombrias entre o elevado número de negros importados da Guiné até 1766 e a inquietante ausência de notas fiscais idôneas emitidas para os mercadores de escravos na Great Bridge ou para os donos de plantações em Narragansett Country. Sem dúvida a astúcia e a engenhosidade dessa figura abominada revelaram-se deveras profundas quando a necessidade premente de usá-las se apresentou.

Mesmo assim, o efeito dessas correções tardias foi mínimo. Joseph Curwen continuou a inspirar desconfiança e a ser evitado, o que a bem dizer encontrava respaldo no eterno aspecto jovial que ostentava mesmo em idade avançada; e no fim percebeu que a fortuna poderia dar uma guinada para o pior. Qualquer que fosse a natureza dos complexos estudos e experimentos que conduzia, era evidente que a manutenção destes exigia uma renda considerável; e, uma vez que qualquer mudança na situação o privasse das vantagens comerciais que granjeara, não valeria a pena recomeçar em outra região. O juízo havia ditado que remediasse as relações que mantinha com o povo de Providence, de maneira que sua presença deixasse de ser motivo para conversas a meia-voz, desculpas transparentes para compromissos em outros lugares e uma atmosfera generalizada de reserva e inquietude. Os despachantes, a essa altura limitados aos rejeitos depauperados e modorrentos a quem ninguém mais daria emprego, haviam se transformado em uma fonte de constantes preocupações; e os capitães e imediatos eram mantidos apenas por força da astúcia de Curwen, que tratou de exercer uma forte influência sobre todos — através de hipotecas, notas promissórias ou informações pertinentes ao bem-estar do interessado. Muitos diaristas da época registraram com evidente espanto que Curwen parecia ter poderes quase sobrenaturais para descobrir segredos de família a fim de empregá-los para fins um tanto questionáveis. Nos últimos cinco anos de vida, a impressão causada era a de que nada menos do que conversas diretas com os mortos de outrora poderia ter fornecido certas informações que tinha na ponta da língua.

Por volta da mesma época, o sagaz erudito tentou um último e desesperado expediente para se restabelecer no seio da comunidade. Depois de passar a vida inteira como um completo ermitão, Curwen resol-

veu tirar vantagem do matrimônio com uma esposa de reconhecida posição social a fim de tornar impossível o ostracismo da casa onde morava. Pode ser que tivesse outros motivos mais profundos para forjar essa aliança — motivos tão estranhos à esfera cósmica onde vivemos que somente papéis encontrados um século e meio após sua morte levantaram suspeitas; porém jamais teremos respostas definitivas quanto a essas questões. Sem dúvida Curwen estava ciente do horror e da indignação com que qualquer tentativa de corte seria recebida, e assim tratou de procurar uma candidata filha de pais sobre quem pudesse exercer uma pressão considerável. Essas candidatas, no entanto, não eram fáceis de encontrar, pois Curwen tinha exigências muito específicas no que dizia respeito à beleza, aos talentos e à estabilidade social. Por fim, viu-se reduzido à casa de um dos melhores e mais antigos capitães — um viúvo nascido em berço de ouro e de reputação impecável chamado Dutee Tillinghast, cuja filha Eliza parecia ter sido abençoada com toda sorte de favorecimento imaginável, a não ser no que dizia respeito às perspectivas como herdeira. O cap. Tillinghast estava sob o completo domínio de Curwen; e, após um terrível colóquio na casa encimada por uma cúpula onde morava, em Power's Lane Hill, consentiu em sancionar essa aliança blasfema.

Eliza Tillinghast somava na época dezoito anos de idade, e tinha sido criada da forma mais delicada possível nas limitadas circunstâncias do pai. Havia frequentado a Stephen Jackson's School em frente à [Court-House Parade*] e sido instruída nas artes e requintes da vida doméstica pela diligente mãe, que morreu em decorrência de varíola em 1757. Exemplos de objetos feitos por Eliza aos nove anos de idade podem ainda hoje ser vistos nas salas da Rhode Island Historical Society. Após o falecimento da mãe, Eliza passou a cuidar da casa auxiliada somente por uma preta velha. As discussões que teve com o pai acerca do matrimônio proposto por Curwen devem ter sido dolorosas, mas a esse respeito não há nenhum registro. O que se sabe é que o noivado com o jovem Ezra Weeden, o segundo imediato do paquete *Enterprise*, de Crawford, foi devidamente rompido, e que a união com Joseph Curwen foi celebrada na igreja batista aos sete de março de 1763, na presença dos mais distintos personagens que a cidade tinha a oferecer, em uma cerimônia oficiada pelo jovem Samuel Winsor. A *Gazette* publicou uma

breve nota sobre a cerimônia, e na maioria dos exemplares que sobreviveram à passagem do tempo o item em questão parece ter sido recortado ou rasgado. Após inúmeras buscas, Ward encontrou um único exemplar intacto nos arquivos de um notável colecionador particular, e admirou com gosto a falsa cortesia da linguagem empregada:

“Na tarde da segunda-feira ultima, o sr. Joseph Curwen, desta Cidade, despozou a Srta. Eliza Tillinghast, Filha do Cap. Dutee Tillinghast. A jovem Noiva detem inumeraveis Meritos que, somados a huma bela Figura, agraciam o Matrimonio e asseguram ao Casal uma Felicidade pene.”

As correspondências trocadas entre Durfee e Arnold, descobertas por Charles Ward pouco antes do primeiro surto de loucura, na coleção do sr. Melville F. Peters, da George Street, cobrem esse período e o período imediatamente anterior e oferecem um testemunho contundente do ultraje causado ao sentimento público pelo mal-arranjado casamento. O prestígio social dos Tillinghast, no entanto, não podia ser negado; e mais uma vez Joseph Curwen viu-se em uma casa frequentada por pessoas que, de outra forma, jamais teria persuadido a cruzar o umbral de sua porta. Mas a aceitação não foi de forma nenhuma total, e a noiva sofreu diversos reveses sociais em decorrência da empresa forçada; mesmo assim, a muralha de absoluto ostracismo desabou em parte. No tratamento dispensado à esposa, o estranho noivo surpreendeu tanto à própria quanto à comunidade em geral ao demonstrar profunda graciosidade e consideração. A nova casa em Olney Court ficou assim completamente a salvo de manifestações perturbadoras, e, embora Curwen passasse boa parte do tempo ausente na fazenda em Pawtuxet que a esposa jamais visitava, parecia nessa época uma pessoa mais normal do que jamais havia sido em todos os longos anos de residência. Somente uma pessoa manteve uma inimizade declarada: o jovem oficial de navio cujo noivado com Eliza Tillinghast fora rompido de maneira tão abrupta. Ezra Weeden havia jurado vingança; e, embora tivesse uma disposição pacata e introvertida, viu-se tomado por uma determinação obsessiva e odiosa que não trazia bons presságios para o marido usurpador.

No dia sete de maio de 1765 nasceu Ann, a única filha de Curwen; a menina foi batizada pelo rev. John Graves da King's Church, com quem tanto o marido quanto a esposa haviam entrado em contato logo após o matrimônio a fim de encontrar um meio-termo para as respectivas afiliações à igreja congregacional e à igreja batista. O registro deste nascimento, bem como o do matrimônio celebrado dois anos antes, foi riscado de quase todos os documentos eclesiásticos e anais da cidade; Charles Ward localizou-os apenas graças a um árduo trabalho de busca empreendido depois que a mudança de nome efetuada pela viúva revelou o parentesco que o ligava ao objeto da pesquisa e assim engendrou o interesse febril que culminou em loucura. Com efeito, a certidão de nascimento foi encontrada em uma troca de correspondências bastante curiosa entre os herdeiros do lealista dr. Graves, que havia levado consigo uma duplicata de todos os registros quando deixou o pastorado após o início da Revolução. Ward havia buscado essa fonte porque sabia que a trisavó Ann Tillinghast Potter tinha sido adepta da igreja episcopal.

Pouco tempo após o nascimento da filha — um acontecimento que parece ter recebido com um fervor bastante incompatível com a frieza habitual —, Curwen decidiu encomendar um retrato seu. O retrato foi pintado por um escocês muito talentoso de nome Cosmo Alexander, que na época morava em Newport e mais tarde ganhou fama como um dos primeiros mestres de Gilbert Stuart. Segundo relatos, teria sido executado em um painel na biblioteca da casa em Olney Court, mas nenhum dos antigos diários que o mencionavam oferecia qualquer pista sobre o destino final do retrato. Por volta desse período o acadêmico errático começou a dar mostras de uma abstração fora do comum e a passar o maior tempo possível na fazenda em Pawtuxet Road. Segundo relatos, dava a impressão de se encontrar em um estado de empolgação contida ou de suspense, como se aguardasse um acontecimento extraordinário ou estivesse prestes a fazer uma estranha descoberta. A química ou a alquimia pareciam ter desempenhado um papel importante, pois Curwen levou a maior parte dos livros sobre esses assuntos para a fazenda.

A afetação de interesse cívico não arrefeceu, e Curwen tampouco perdia a oportunidade de ajudar líderes como Stephen Hopkins, Joseph Brown e Benjamin West a elevar o nível cultural da cidade, que na época

se encontrava muito abaixo do nível encontrado em Newport no que dizia respeito às artes. Ajudou Daniel Jenckes a estabelecer a livraria em 1763, e a partir de então passou a ser o mais assíduo cliente; e ofereceu ajuda também à emergente *Gazette*, impressa todas as quartas-feiras sob a Insígnia do Busto de Shakespeare. Na política, ofereceu apoio irrestrito ao governador Hopkins contra o partido de Ward, que concentrava forças em Newport, e o eloquente discurso que proferiu no Hacker's Hall em 1765 contra a emancipação de North Providence como um vilarejo independente através de um voto pró-Ward na Assembleia Geral fez mais do que qualquer outra coisa para diminuir o preconceito com que era visto. Mas Ezra Weeden, que o observava de perto, zombava de todo esse ativismo político e alardeava para quem quisesse ouvir que tudo não passava de uma máscara sob a qual Curwen mantinha tráfico com os mais negros abismos do Tártaro. O jovem vingativo lançou-se em um estudo sistemático do homem e de seus afazeres sempre que estava em terra; à noite, quando via luzes nos armazéns de Curwen, passava longas horas de prontidão em uma canoa a remo no cais, para então seguir o barquinho que por vezes cruzava furtivamente a baía. Também vigiava de perto a fazenda de Pawtuxet, e em uma ocasião levou graves mordidas dos cachorros que o casal de índios havia soltado contra o invasor.

3.

Em 1766 Joseph Curwen sofreu a derradeira transformação. A mudança foi muito repentina e chamou a atenção de todos os moradores curiosos, pois a atmosfera de suspense e de expectativa caiu como um velho manto, dando vez à exaltação malcontida de um triunfo perfeito. Curwen parecia enfrentar dificuldades para evitar manifestações públicas sobre o que havia descoberto ou aprendido ou feito; mas aparentemente a necessidade de descrição era maior do que o desejo de compartilhar o êxito, pois nenhuma explicação foi oferecida. Após essa transição, que parece ter se operado no início de julho, o sinistro acadêmico começou a impressionar as pessoas com a posse de informações que somente antepassados falecidos muito tempo atrás poderiam ser capazes de fornecer.

Porém, as febris atividades secretas de Curwen não cessaram com a mudança. Muito pelo contrário: davam a impressão de aumentar, pois uma parte cada vez maior dos negócios marítimos começou a ser administrada pelos capitães, que a essa altura estavam ligados a Curwen por laços de medo tão poderosos quanto antes haviam sido os da bancarrota. O comércio de escravos foi abandonado por completo, sob o pretexto de que os lucros eram cada vez menores. Curwen passava o tempo inteiro na fazenda de Pawtuxet, embora de vez em quando surgissem rumores de que estivera em lugares que, embora não fossem próximos a nenhum cemitério, levaram os mais pensativos a refletir sobre a real extensão da mudança de hábitos que se havia operado no comerciante. Ezra Weeden, embora tivesse períodos de espionagem necessariamente breves e intermitentes em função das viagens marítimas, tinha uma persistência vingativa sem par entre os moradores e fazendeiros de espírito mais prático; e assim submeteu os negócios de Curwen a um escrutínio que nunca haviam recebido antes.

Muitas das estranhas manobras executadas pelas embarcações do comerciante tinham sido atribuídas à turbulência de um período em que todos os colonizadores pareciam estar determinados a resistir às provisões da Lei do Açúcar, que impediam a movimentação conspícua dos navios. O contrabando e a evasão eram as regras em Narragansett Bay, e o desembarque noturno de cargas ilícitas era uma ocorrência corriqueira. Porém Weeden, depois de observar noite após noite as balsas ou as pequenas chalupas que se afastavam com manobras dos armazéns de Curwen junto às docas da Town Street, logo percebeu que não eram apenas os navios armados de Vossa Majestade que o sinistro personagem tentava evitar. Antes da mudança em 1766, a maior parte desses navios trazia cargas de negros acorrentados, que eram levados até o outro lado da baía e descarregados em um local obscuro nas margens logo ao norte de Pawtuxet, para então serem conduzidos outeiro acima e campo afora até chegar à fazenda de Curwen, onde eram trancados na enorme construção de pedra que não tinha nada além de frestas elevadas à guisa de janelas. Após a mudança, no entanto, todo esse programa sofreu alterações. A importação de escravos cessou de repente, e por um tempo Curwen abandonou a movimentação noturna dos navios. Então, por volta da primavera de 1767, surgiu uma nova política. Mais uma vez as

balsas começaram a zarpar das negras e silenciosas docas e a singrar a baía por uma certa distância, por vezes até Namquit Point, quando então recebiam carregamentos de estranhos navios de tamanho considerável e aspecto variado ao extremo. A seguir os marinheiros de Curwen depositavam a carga junto à margem, no lugar de sempre, e de lá a transportavam por terra até a fazenda, para então trancafiá-la na críptica estrutura de pedra que antes havia recebido os negros. A carga era composta quase exclusivamente por caixas — quase sempre caixotes grandes e pesados e oblongos que guardavam uma perturbadora semelhança com a silhueta de um ataúde.

Weeden vigiava a fazenda de maneira persistente, realizando visitas diárias por longos períodos e raramente permitindo uma semana inteira passar sem observações, salvo quando a neve no chão pudesse reter suas pegadas. Mesmo nesses casos, aproximava-se o quanto fosse possível pela beira da estrada ou pelo gelo do rio vicinal para investigar os rastros que outros pudessem ter deixado. Ao perceber que essas vigílias noturnas seriam interrompidas pelos deveres náuticos, Ezra Weeden contratou um companheiro de taverna chamado Eleazar Smith para levar adiante as buscas durante o período em que estivesse ausente; e os dois poderiam ter dado início a rumores extraordinários. Mesmo assim, os rumores não vieram à tona porque ambos sabiam que o efeito de qualquer publicidade seria alertar a presa e impedir qualquer tipo de progresso nas investigações. Weeden e Smith queriam ter alguma certeza antes de tomar qualquer atitude. O que descobriram deve ter sido espantoso ao extremo, e em várias conversas com os pais Charles Ward lamentou o fato de que Weeden mais tarde houvesse queimado todos os cadernos que tinha. Tudo o que se pode saber a respeito das descobertas é o que Eleazar Smith anotou em um diário um tanto desconexo e o que outros diaristas e missivistas da época repetiram timidamente a partir dos relatos feitos mais tarde pelos dois — segundo os quais a fazenda era apenas o invólucro externo de uma ameaça colossal e repulsiva, de um escopo e de uma grandeza demasiado profundos e intangíveis para mais do que uma compreensão difusa e nebulosa.

Percebe-se que Weeden e Smith não tardaram a se convencer da existência de uma enorme série de galerias e catacumbas, habitadas por um número considerável de pessoas além do velho casal de índios, sob o

terreno da fazenda. A casa era uma antiga relíquia da metade do século XVII, com telhado de duas águas e guarnecido por uma enorme chaminé e janelas de treliça em forma de losango, estando o laboratório situado em um galpão mais ao norte, em um ponto onde o telhado quase tocava o chão. A construção ficava longe de todas as demais; porém, a dizer pelas diferentes vozes escutadas no interior até mesmo nos horários mais improváveis, devia ser acessível a partir de passagens secretas nos subterrâneos. Antes de 1766, essas vozes eram meros balbucios, sussurros e gritos desesperados dos negros, somados a peculiares cânticos ou invocações. Após essa data, no entanto, revestiram-se de um caráter deveras peculiar e odioso, e passaram a oscilar entre murmúrios de aquiescência reprimida e explosões de dor ou de ira frenética, rumores de conversas e gemidos de lamúria, arquejos de entusiasmo e gritos de protesto. Davam a impressão de pertencer a diferentes línguas, todas faladas por Curwen, cujo sotaque gutural muitas vezes podia ser ouvido em resposta, reprimenda ou ameaça. Às vezes tinha-se a impressão de que havia diversas pessoas na casa; Curwen, certos prisioneiros e os guardas desses prisioneiros. Havia vozes que nem Weeden nem Smith jamais tinham ouvido, embora possuísem um vasto conhecimento sobre as nações estrangeiras, e outras que davam a impressão de pertencer a esta ou àquela nacionalidade. A natureza das conversas parecia consistir sempre em uma espécie de sabatina, como se Curwen quisesse arrancar informações dos prisioneiros rebeldes ou aterrorizados.

Weeden tinha diversas anotações *verbatim* de fragmentos ouvidos, pois o inglês, o francês e o espanhol eram usados com frequência; mas nenhuma destas chegou até nós. Afirmou, no entanto, que à exceção de uns poucos diálogos monstruosos em que os assuntos passados das famílias de Providence eram discutidos, a maioria das perguntas e respostas que conseguiu ouvir eram de natureza histórica ou científica, por vezes atinentes a lugares e épocas muito longínquas. Certa vez, por exemplo, uma figura que alternava entre momentos de ira e mau humor foi questionada em francês acerca do massacre promovido pelo Príncipe Negro em Limoges no ano de 1370, como se houvesse uma razão secreta que pudesse esclarecer. Curwen perguntou ao prisioneiro — se é que de fato se tratava de um prisioneiro — se a ordem para matar fora dada em resposta ao Símbolo do Bode encontrado no altar da antiga cripta

romana sob a Catedral ou se o Homem Negro do Pacto de Haute-Vienne havia proferido as Três Palavras. Diante do fracasso na obtenção de respostas, o inquisidor dera a impressão de recorrer a meios extremos — pois ouviu-se um terrível grito seguido por silêncio e balbucios e por fim um baque.

Nenhum desses colóquios foi testemunhado com os olhos, uma vez que as janelas se encontravam o tempo inteiro cobertas por pesadas cortinas. Certa vez, no entanto, durante um pronunciamento em uma língua desconhecida, uma sombra avistada na cortina infundiu extremo pavor em Weeden, pois lembrou-o das marionetes que tinha visto em um espetáculo no outono de 1764 no Hacker's Hall, quando um homem de Germantown, Pensilvânia, apresentou um interessante espetáculo mecânico anunciado como “Huma Vizam da Famosa Cidade de Jerusalem, em que aparecem Jerusalem, o Templo de Salomão, o Throno Real, as famosas Torres e as Collinas, bem como os Sofrimentos de Nosso Salvador desde o Jardim de Gethsemane ate a Cruz na Collina de Golgotha; huma interessante peça de Estatuário que deve agradar ao Gosto dos Curiosos”. Foi nessa ocasião que o investigador, à espreita junto à janela do recinto frontal de onde as vozes emanavam, soltou um grito que acordou o velho casal de índios e levou-os a soltar os cachorros. A partir de então nenhuma outra conversa foi ouvida na casa, e Weeden e Smith concluíram que Curwen havia transferido o campo de ação para as regiões inferiores.

Que tais regiões existiam de verdade parecia ser um fato amplamente comprovado por diversos indícios. Gritos e gemidos inconfundíveis de tempos em tempos saíam do que parecia ser terra sólida em lugares distantes de qualquer estrutura, e, oculto nos arbustos ao longo do rio mais ao fundo, onde o terreno elevado se precipitava de repente em direção ao vale de Pawtuxet, foi encontrada na pesada cantaria uma porta de carvalho em arco, que sem dúvida era uma via de acesso às cavernas no interior da colina. Quando e como essas catacumbas teriam sido construídas, Weeden não saberia dizer; mas com frequência chamava atenção para a facilidade com que o local seria alcançado por bandos de trabalhadores não avistados que viessem pelo rio. De fato, Joseph Curwen empregava os marinheiros de sangue mestiço nas mais variadas tarefas! Durante as fortes chuvas na primavera de 1769 os dois observadores fi-

caram de olho na íngreme margem do rio para ver se quaisquer segredos subterrâneos podiam revelar-se à luz, e foram recompensados pela visão de incontáveis ossos de origem humana e animal em lugares onde sulcos profundos haviam cortado o solo das margens. Naturalmente poderia haver diversas explicações para essas coisas nos fundos de uma fazenda de gado em um local onde antigos cemitérios indígenas eram comuns, mas Weeden e Smith tiraram suas próprias conclusões.

Em janeiro de 1770, quando Weeden e Smith ainda discutiam em vão o que pensar ou fazer a respeito de toda a perturbadora situação, deu-se o incidente com o *Fortaleza*. Exasperados pelo incêndio que acometeu a chalupa da receita *Liberty*, ocorrido em Newport durante o verão anterior, a esquadra alfandegária comandada pelo almirante Wallace adotara uma vigilância mais severa no que dizia respeito a embarcações desconhecidas; e nessa ocasião a escuna armada *Cygnnet*, pertencente a Vossa Majestade e comandada pelo capitão Charles Leslie, capturou após uma breve perseguição a barca *Fortaleza*, de Barcelona, Espanha, que segundo o registro de bordo viera desde o Cairo, no Egito, até Providence sob o comando do cap. Manuel Arruda. Ao ser passado em revista em função de possíveis contrabandos, o navio fez a surpreendente revelação de que a carga transportada consistia exclusivamente de múmias egípcias, consignadas ao “Marinheiro A. B. C.”, que receberia os bens em uma balsa em local próximo a Namquit Point e cuja identidade o cap. Arruda sentia-se na obrigação moral de preservar. O Tribunal do Vice-Almirantado em Newport, sem saber o que fazer levando em conta por um lado a natureza não contrabandeada da carga e por outro lado o sigilo da entrada ilegal, aceitou a recomendação do coletor Robinson de liberar o barco mas impedir que aportasse nas águas de Rhode Island. Mais tarde surgiram rumores de que o navio teria sido avistado na Baía de Boston, embora nunca tenha entrado abertamente no porto do vilarejo.

O extraordinário incidente atraiu muita atenção em Providence, e eram poucos os que duvidavam da existência de alguma ligação entre a carga de múmias e o sinistro Joseph Curwen. Sendo as pesquisas exóticas e as estranhas importações químicas assuntos de conhecimento público, e a preferência de Curwen por cemitérios uma suspeita comum, não seria preciso muita imaginação para associá-lo a um carregamento que não poderia ter por destinatário qualquer outro habitante do vilarejo.

jo. Como se estivesse ciente dessa crença natural, Curwen teve o cuidado de falar em várias ocasiões sobre a relevância química dos bálsamos encontrados nas múmias, imaginando talvez que dessa forma o assunto poderia ganhar ares menos sobrenaturais, porém mesmo assim evitando admitir qualquer tipo de participação. Weeden e Smith, é claro, não tinham nenhuma dúvida quanto à importância do assunto, e cogitavam as mais desvairadas teorias a respeito de Curwen e dos monstruosos trabalhos que executava.

A primavera seguinte, como a do ano anterior, trouxe pesadas chuvas; e os observadores investigaram de perto as margens do rio atrás da fazenda de Curwen. Grande parte do terreno sofreu erosão, e um certo número de ossos foi descoberto; mas não houve nenhum vislumbre de câmaras ou de galerias subterrâneas. No entanto, surgiram rumores no vilarejo de Pawtuxet, cerca de um quilômetro e meio mais abaixo, onde as águas do rio despencam em cachoeiras acima de um terraço rochoso e juntam-se em uma plácida enseada rodeada de terra. Lá, onde pitorescas casas antigas escalavam a colina desde a ponte rústica e sumacas de pesca dormitavam nas sonolentas docas enquanto portavam pela âncora, correu um vago relato sobre coisas que flutuavam rio abaixo e revelavam-se por um instante quando despencavam das cachoeiras. Como sabemos, o Pawtuxet é um rio comprido que serpenteia em meio a várias regiões habitadas repletas de cemitérios, e sabemos que as chuvas de primavera tinham sido fortes; mas os pescadores que moravam ao redor da ponte não gostaram nem um pouco da forma como uma dessas coisas olhou ao redor enquanto caía até as águas lá embaixo, nem da forma como outra gritou, embora as condições em que se encontrava apresentassem uma grotesca divergência em relação às circunstâncias de todas as coisas em geral capazes de gritar. O rumor levou Smith — pois Weeden estava em alto-mar — a apressar-se rumo às margens do rio atrás da fazenda, onde havia fartas evidências de um enorme desabamento. Não havia, entretanto, qualquer indício de uma passagem rumo ao interior da margem talhada a pique, uma vez que a diminuta avalanche tinha deixado para trás uma sólida muralha de terra e de arbustos. Smith chegou a arriscar escavações preliminares, mas foi desencorajado pela ausência de sucesso — ou talvez pelo medo de um possível sucesso. Seria interessan-

te cogitar o que o vingativo e persistente Weeden teria feito se estivesse em terra durante esse período.

4.

No outono de 1770 Weeden decidiu que havia chegado a hora de contar a outros sobre as descobertas que havia feito, pois reunira um grande número de fatos correlacionados e uma segunda testemunha ocular capaz de refutar as possíveis acusações de que a inveja e a vingança teriam engendrado um desvario. Escolheu como primeiro confidente o cap. James Mathewson do *Enterprise*, que por um lado conhecia-o bem o suficiente para não duvidar da veracidade da história, e por outro lado tinha influência suficiente na cidade para que o ouvissem com a devida consideração. O colóquio deu-se próximo às docas, em um dos quartos no segundo andar da Sabin's Tavern, com Smith presente a fim de corroborar cada declaração, e sem dúvida causou uma forte impressão sobre o cap. Mathewson. Como todos os outros na cidade, o capitão tinha nutrido as mais negras suspeitas acerca de Joseph Curwen, e por esse motivo necessitou apenas da confirmação e da ampliação de dados para convencer-se de uma vez por todas. No final da conferência o capitão adotou uma expressão de gravidade extrema, e solicitou o mais estrito silêncio aos dois jovens. Segundo informou, transmitiria a informação separadamente para cerca de dez homens escolhidos entre os mais eruditos e prestigiosos cidadãos de Providence a fim de averiguar as opiniões que pudessem manifestar em relação ao assunto e de seguir quaisquer conselhos que tivessem a oferecer. A discrição seria essencial para a empreitada, pois o assunto não poderia ser assumido pelos condestáveis ou pela milícia do vilarejo; e acima de tudo a turba deveria ser mantida na mais absoluta ignorância, para que em meio a todas as essas atribulações não se corresse o risco de repetir o terrível pânico ocorrido em Salém que menos de um século atrás levava Curwen até a cidade.

As pessoas a serem avisadas, segundo acreditava, seriam o dr. Benjamin West, cujo panfleto sobre o trânsito recente de Vênus havia-o consagrado como acadêmico e pensador; o rev. James Manning, recém-chegado Presidente da Universidade e hóspede temporário da escola na King Street enquanto aguardava o término da construção na colina aci-

ma da Presbyterian-Lane; o ex-governador Stephen Hopkins, que tinha sido membro da Sociedade Filosófica de Newport e era um homem de percepções muito amplas; John Carter, o editor da *Gazette*; os irmãos John, Joseph, Nicholas e Moses Brown, reconhecidos como os quatro magnatas locais, sendo que Joseph era também um cientista amador; o velho dr. Jabez Bowen, homem de erudição considerável e detentor de informações obtidas em primeira mão sobre as singulares compras de Curwen; e o cap. Abraham Whipple, um corsário de energia e coragem extraordinárias com quem se poderia contar para a tomada de quaisquer medidas necessárias. Estes homens, caso fossem todos favoráveis, poderiam ser reunidos em uma deliberação coletiva; e assim teriam por responsabilidade dar o veredito sobre informar ou não o Governador da Colônia, Joseph Wanton de Newport, antes de partir para a ação.

A missão do cap. Mathewson obteve um êxito muito além das expectativas mais otimistas, pois, embora um ou dois confidentes tenham recebido o aspecto possivelmente sinistro da história de Weeden com certa dose de ceticismo, todos concordaram em que seria necessário tomar providências secretas e articuladas. Embora de maneira vaga, Curwen representava uma ameaça potencial para o bem-estar da cidade e da Colônia, e portanto devia ser eliminado a qualquer custo. No fim de dezembro de 1770 um grupo de eminentes habitantes do vilarejo reuniu-se na casa de Stephen Hopkins e debateu as medidas cabíveis. As anotações que Weeden havia entregado ao cap. Mathewson foram lidas com todo o cuidado; e solicitou-se que Weeden e Smith fizessem relatos e oferecessem mais detalhes. Um sentimento muito semelhante ao medo tomou conta da companhia antes que o encontro chegasse ao fim, embora esse medo fosse perpassado por uma determinação sinistra, expressa com perfeição pela bravata e pela ribombante imprecisão proferida pelo cap. Whipple. Ninguém informaria o Governador porque um curso de ação fora da alçada da lei parecia necessário. Devido aos poderes ocultos de extensão ignorada que tinha à disposição, Curwen não podia ser instado a abandonar a cidade de maneira segura. Retalhações inomináveis podiam vir à tona, e mesmo que a sinistra criatura obedecesse, a remoção não seria mais do que a transferência de um fardo blasfemo para outra localidade. Vivia-se em uma época sem lei, e homens que haviam zombado das forças do Rei por anos a fio não hesitariam diante de

coisas mais graves quando o dever chamasse. Curwen seria surpreendido na fazenda de Pawtuxet por um numeroso grupo de corsários experientes e receberia a oportunidade de se explicar de uma vez por todas. Caso se revelasse um louco que se divertia com gritos e conversas imaginárias executadas em vozes diversas, seria devidamente trancafiado. Caso o resultado fosse mais grave, e caso os horrores subterrâneos de fato fossem reais, devia morrer junto com todo o restante. Tudo poderia ser feito com discrição, e sequer a viúva e o pai da viúva saberiam o que de fato aconteceu.

Enquanto essas medidas sérias eram discutidas, ocorreu na cidade um incidente tão horrível e tão inexplicável que por um determinado tempo não se falou em mais nada por quilômetros ao redor. Durante uma noite enluarada de janeiro, com uma grossa camada de neve sob os pés, ressoou por todo o rio e por toda a colina uma série de gritos que trouxe rostos sonolentos a todas as janelas; e os moradores próximos a Weybosset Point avistaram uma enorme coisa branca executando movimentos frenéticos ao longo do espaço aberto em frente ao Turk's Head Building. Cachorros latiam ao longe, mas o alarido cessou assim que o clamor da cidade desperta tornou-se audível. Grupos de homens com lanternas e mosquetes apressaram-se para ver o que estava acontecendo, mas não encontraram nada durante as buscas. Na manhã seguinte, contudo, um enorme corpanzil musculoso e desnudo foi encontrado em meio ao acúmulo de gelo ao redor dos píeres ao sul da Great Bridge, no ponto onde a Long Dock estendia-se em frente à destilaria Abbott; e a identidade desse objeto foi tema de inúmeras especulações e sussurros. Não eram tanto os jovens, mas os velhos que sussurravam; pois apenas nos patriarcas aquele semblante impassível com olhos arregalados e repletos de horror poderia fazer soar os acordes da memória. Com tremores a varar-lhes o corpo, trocaram murmúrios furtivos de espanto e temor, pois as rígidas e horrendas feições apresentavam uma semelhança tão espantosa que chegava às raías da identidade, e essa identidade dizia respeito a um homem falecido cinquenta anos atrás.

Ezra Weeden estava presente no momento da descoberta; e, ao recordar os latidos na noite anterior, percorreu a Weybosset Street e atravessou a Muddy Dock Bridge de onde o som havia chegado. Tinha um curioso sentimento de expectativa e não se surpreendeu quando, che-

gando ao limite do distrito habitado onde a rua juntava-se à Pawtuxet Road, encontrou rastros curiosos sobre a neve. O gigante nu fora perseguido por vários cães e homens que calçavam botas, e o rastro que os animais e os donos haviam deixado na volta pôde ser traçado sem nenhuma dificuldade. A caçada fora interrompida nos arredores do vilarejo. Weeden abriu um sorriso lúgubre e, à guisa de verificação perfunctória, seguiu as pegadas de volta à origem. Era a fazenda de Joseph Curwen em Pawtuxet, como havia imaginado; e o investigador desejou que o jardim estivesse em um estado de menor arruaça. Da maneira como estava, não poderia mostrar-se demasiado curioso em plena luz do dia. O dr. Bowen, a quem Weeden prontamente ofereceu um relatório, encarregou-se de fazer a autópsia do estranho cadáver, e assim descobriu certas peculiaridades que o deixaram estupefato. O trato digestivo do homem parecia não ter sido usado jamais, e a pele como um todo apresentava uma textura rústica e mal-ajambrada para a qual seria difícil achar uma explicação. Impressionado pelo sussurros dos velhos, que mencionavam a semelhança do cadáver com o defunto ferreiro Daniel Green, cujo bisneto Aaron Hoppin era um supervisor de carga a serviço de Curwen, Weeden fez as perguntas de praxe até descobrir onde Green fora enterrado. Na mesma noite um grupo de dez homens visitou o North Burying Ground em frente a Herrenden's Lane para abrir uma sepultura. Encontraram-na vazia, precisamente como tinham antecipado.

Nesse meio-tempo o grupo tomou as providências necessárias para que se interceptasse a correspondência de Joseph Curwen, e pouco antes do incidente do corpo desnudo fora descoberta uma carta de Jedediah Orne, de Salém, que levou os cidadãos confederados a fazerem profundas reflexões. Partes dessa missiva, copiadas e preservadas nos arquivos privados da família Smith, onde Charles Ward a encontrou, diziam o seguinte:

“Folgo em saber que continuas as Investigações dos Antigos Assumptos que encontraes pelo vosso Caminho, e não pensaes que Milhor tenha sido feito pelo sr. Hutchinson em Salem-Village. Decerto não houve Nada além do mais vivo Horror no que H. invocou a partir Daquillo que conseguiu obter apenas em Parte. Aquillo que mandastes não funcionou, seja

porque tenha havido Falta de alguma Couse, seja porque as Pallavras não estivessem correctas devido a minha Pronuncia ou a vossa Transcripção. Estou sozinho e não sei mais o que fazer. Não detenho a Arte Chymica necessaria para acompanhar Borellus, e reconheço a minha Perplexidade diante do VII. Livro do Necronomicon que recomendastes. Contudo, gostaria de pedir que observasseis Aquillo que nos foi dicto a Respeito de attentar para as Invocações, pois estaes ciente do que o sr. Mather escreveu no Magnalia de _____, e bem podeis julgar a Veracidade do Horror relatado. Rogo-vos mais huma Vez que não invoqueis Nada que não possaes supprimir; com o que me refiro a Qualquer Hum que por sua Vez possa fazer outra Invocação contra vos, em Relação a qual vossos mais Poderosos Recursos mostrem-se vãos. Chamae os Fracos, posto que os Fortes talvez não se dignem a attender ao Chamado e, huma Vez invocados, podem commandar mais do que vos. Fui tomado pelo Horror ao ler que sabeis o que Ben Zariatnatmik guardava na Caixa de Ebano, pois bem imagino quem vos possa ter contado. Mais huma Vez, insisto em pedir que me escrevaes como Jedediah e não como Simon. Nessa Communiidade hum Homem não pode viver por Tempo demasiado, e vos conheceis o Plano graças ao qual voltei como o meu Filho. Desejo que me comuniqueis o que o Homem Negro aprendeo com Sylvanus Cocidius na Catacumba sob a Muralha Romana e ficaria muito grato com o Emprestimo do Manuscripto que mencionastes.”

Outra carta sem assinatura franqueada na Filadélfia provocou o mesmo sentimento, em especial devido à seguinte passagem:

“Comprometto-me a observar o que pedis em Relação ao envio de Relatos somente atravez de vossas Naos, porem nem sempre posso saber ao certo o Momento de recebello. Quanto ao Assumpto mencionado, rogo apenas mais huma Couse; mas quero ter a Certeza de ter apreendido correctamente o que dissestes. Afirmastes que nenhuma Parte deve faltar para a Obtenção dos milhores Resultados, porem vos mesmo deveis conhecer a Difficuldade de se obter essa Certeza. Parece hum grande Fardo e hum grande Risco levar a Caixa inteira, e no Vilarejo (ou seja, na St.

Peter's, St. Paul's, St. Mary's ou Christ Church) este Transporte mal poderia ser realizado. No entanto, conheço as Imperfeições daquelle que invoquei em Outubro ultimo, e sei quantos Especimes vivos fostes obrigado a empregar antes de encontrar o Methodo correcto no Anno de 1776; e portanto disponho-me a seguir vossos Conselhos em todos esse Assumptos. Aguardo com Impaciência o vosso Brigue, e indago a esse Respeito todos os Dias no Caes do sr. Kiddie.”

Uma terceira carta suspeita estava escrita em um idioma e até mesmo em um alfabeto desconhecido. No diário de Smith, encontrado por Charles Ward, uma única combinação de caracteres encontra-se copiada repetidas vezes; os especialistas da Brown University declararam que o alfabeto deve ser amárico ou abissínio, embora não tenham reconhecido a palavra. Nenhuma dessas epístolas jamais foi entregue a Curwen, embora o desaparecimento de Jedediah Orne em Salém, conforme atestam os registros da época, demonstre que os homens de Providence tomaram a iniciativa necessária. A Sociedade Histórica da Pensilvânia também dispõe de algumas missivas curiosas recebidas pelo dr. Shippen relativas à presença de um personagem insalubre. No entanto, os passos mais decisivos permaneciam vagos, e é na reunião secreta entre marinheiros fiéis e conhecidos e velhos e leais corsários que se deu à noite, nos armazéns de Brown, que devemos buscar os principais resultados das revelações de Weeden. Não restavam dúvidas de que havia um plano de campanha com o objetivo de obliterar todos os resquícios dos mistérios nefastos de Joseph Curwen.

Curwen, apesar de todas as precauções, deve ter percebido alguma coisa no ar, pois testemunhas relatam que a partir desse momento passou a ter a marca de uma grande preocupação estampada no semblante. O coche era visto a todas as horas do dia na cidade e na Pawtuxet Road, e aos poucos o homem abandonou a congenialidade forçada com que nos últimos tempos vinha tentando combater o preconceito do vilarejo. Os vizinhos mais próximos da fazenda — os Fenner — perceberam certa noite um grande fecho de luz projetar-se rumo ao céu a partir de uma abertura no teto da misteriosa construção em pedra com as frestas elevadas à guisa de janelas; um acontecimento que não tardaram a relatar a

John Brown em Providence. O sr. Brown assumira o cargo de líder executivo do seletto grupo dedicado à aniquilação de Curwen, e nessa condição informou aos Fenner que alguma providência seria tomada. Esse seria um passo necessário em função da impossibilidade de evitar que a família testemunhasse a invasão final; e o sr. Brown explicou a providência alegando que Curwen era um espião dos oficiais da alfândega em Newport, contra quem os punhos de todos os expedidores, comerciantes e fazendeiros de Providence estavam erguidos em segredo. Não se sabe se o artifício recebeu crédito da parte dos vizinhos que já haviam testemunhado inúmeros fenômenos estranhos; mas de qualquer forma os Fenner estavam dispostos a associar qualquer tipo de mal com um homem de hábitos tão estranhos. O sr. Brown pediu que vigiassem a propriedade rural de Curwen e que relatassem quaisquer incidentes ocorridos no local.

5.

A chance de que Curwen estivesse de guarda e tentando manobras fora do comum, sugerida pelo singular facho de luz, precipitou enfim a ação cuidadosamente orquestrada pelo grupo de graves cidadãos. Segundo o diário de Smith, uma companhia de cerca de cem homens encontrou-se às 22 horas na sexta-feira, 12 de abril de 1771, no grande salão da *Thurstons Tavern* junto à Insígnia do Leão Dourado em *Weybosset Point*, do outro lado da ponte. Além do líder John Brown, encontravam-se presentes nesse grupo de homens célebres o dr. Bowen, com a maleta de instrumentos cirúrgicos, o presidente Manning, destituído da grande peruca (a maior de todas as Colônias) pela qual era conhecido, o Governador Hopkins, envolto em um manto escuro e acompanhado pelo irmão Esek, um desbravador dos mares convocado de última hora com a aprovação de todos os restantes, John Carter, o cap. Mathewson e o cap. Whipple, que seria o líder do grupo encarregado da invasão. Os homens deliberaram em um cômodo nos fundos da taverna, e por fim o cap. Whipple retornou ao grande salão para dar as últimas instruções e solicitar os últimos juramentos de lealdade aos marujos presentes. Eleazar Smith estava com os líderes quando estes sentaram-se no cômodo de

fundos à espera de Ezra Weeden, encarregado de vigiar Curwen a fim de avisar quando o coche deixasse a fazenda.

Por volta das 22h30 ouviu-se um forte estrondo na Great Bridge, seguido pelo som de um coche na rua lá fora; e a essa altura não havia necessidade de esperar por Weeden para saber que o condenado havia partido na última noite de feitiçaria profana. No momento seguinte, enquanto o coche se afastava com certo estrépito pela Muddy Dock Bridge, Weeden apareceu; e em silêncio os invasores assumiram uma formação militar na rua, tendo nos ombros os arcabuzes, mosquetes ou arpões baleeiros que traziam consigo. Weeden e Smith estavam junto com o grupo, e entre os cidadãos da assembleia deliberativa que haviam se disposto a desempenhar um papel ativo na operação estavam o cap. Whipple, na condição de líder, o cap. Esek Hopkins, John Carter, o presidente Manning, o cap. Mathewson e o dr. Bowen; e também Moses Brown, que havia aparecido na undécima hora a despeito da ausência na sessão preliminar na taverna. Todos esses homens livres e a centena de marujos puseram-se em marcha sem mais delongas, com uma expressão grave e um pouco apreensiva enquanto deixavam Muddy Dock para trás e escalavam e suave inclinação da Broad Street em direção à Pawtuxet Road. Logo depois da igreja de Elder Snow, alguns dos homens olharam para trás e lançaram um olhar de despedida em direção a Providence, que se estendia sob as estrelas do início da primavera. Coruchéus e empenas se erguiam em silhuetas negras e graciosas, e brisas marítimas sopravam da enseada ao norte da ponte. Vega subia acima da grande colina na margem oposta, cujo pico verdejante era interrompido pelo telhado do prédio ainda inacabado da universidade. No pé da colina, e ao longo das estreitas ruelas que subiam a encosta, a velha cidade sonhava — a velha Providence, em nome de cuja segurança e sanidade uma blasfêmia monstruosa e colossal estava prestes a ser extinta.

Uma hora e quinze minutos mais tarde os invasores chegaram, como haviam combinado, à fazenda dos Fenner, onde ouviram o último relato sobre a vítima pretendida. Curwen havia chegado à fazenda mais de uma hora atrás, e logo a seguir o estranho facho de luz fora mais uma vez avistado no céu, embora não houvesse luz em nenhuma das janelas visíveis. Nos últimos tempos era sempre assim. No instante mesmo em que a notícia era relatada, mais um grande clarão ergueu-se em direção

ao sul, e os homens do grupo perceberam que de fato haviam chegado próximo ao palco de portentos inacreditáveis e sobrenaturais. Nesse instante o cap. Whipple ordenou que o grupo fosse separado em três divisões; uma, formada por vinte homens e comandada por Eleazar Smith, foi encarregada de cruzar a margem e proteger o local da aportagem contra possíveis reforços mandados por Curwen até que um mensageiro a chamasse de volta para executar um serviço desesperado; a segunda, formada por vinte homens e comandada pelo cap. Esek Hopkins, foi encarregada de se esgueirar até o vale atrás da fazenda de Curwen e demolir com machados ou pólvora a porta de carvalho na margem elevada; e a terceira foi encarregada de cercar a casa e as construções adjacentes. Um terço dessa última divisão seria liderado pelo cap. Mathewson em uma incursão até o críptico edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas; outro terço seguiria o cap. Whipple até a casa principal, e o terço restante permaneceria disposto em um círculo ao redor de todo o grupo de construções até que fosse chamado pelo derradeiro sinal de emergência.

O grupo do rio arrombaria a porta da encosta ao ouvir o primeiro sopro de um apito, e a seguir permaneceria de tocaia a fim de capturar o que quer que pudesse sair das regiões subterrâneas. Ao som do segundo sopro de apito, o grupo avançaria pela brecha a fim de enfrentar o inimigo ou juntar-se ao restante do contingente invasor. O grupo da construção de pedra receberia os respectivos sinais de maneira análoga, forçando a entrada no primeiro e, no segundo, descendo por qualquer passagem subterrânea que pudesse ser descoberta a fim de juntar-se ao combate geral ou local que deveria eclodir no interior das cavernas. Um terceiro sinal de emergência, que consistia de três sopros de apito, serviria para convocar a reserva que estaria de guarda, composta por vinte homens que se dividiriam e adentrariam as profundezas desconhecidas tanto através da fazenda como também pela construção de pedra. A crença do cap. Whipple na existência das catacumbas era absoluta, e portanto não havia outra alternativa contemplada nos planos. O capitão tinha consigo um apito de som estridente e altissonante, e não temia nenhum mal-entendido em relação aos sinais. A reserva final no local da aportagem, claro, estava quase além do alcance do instrumento; e por esse motivo dependeria de um mensageiro caso fosse necessária. Moses

Brown e John Carter foram com o cap. Hopkins até a margem do rio, enquanto o presidente Manning seguiu com o cap. Mathewson rumo à construção de pedra. O dr. Bowen permaneceu com Ezra Weeden no grupo do cap. Whipple, encarregado de invadir a fazenda. O ataque começaria assim que o mensageiro do cap. Hopkins se juntasse ao cap. Whipple e anunciasse que o grupo do rio estava de prontidão. O líder então faria soar o primeiro apito, e os vários grupos lançariam ataques simultâneos nos três locais. Pouco antes da uma hora da manhã as três divisões saíram da casa dos Fenner; um destinado a defender o local da aportagem, outro a buscar o vale e a porta na encosta e o terceiro a subdividir-se e vigiar as construções na propriedade de Curwen.

Eleazar Smith, que acompanhava o grupo encarregado de defender a margem, registrou no diário uma marcha sem nenhum contratempo e uma longa espera no outeiro junto à baía, interrompido uma vez pelo que parecia ser o som distante do apito sinalizador e depois por uma mistura peculiar de gritos e urros abafados com uma explosão de pólvora que parecia ter vindo da mesma direção. Mais tarde um dos homens imaginou ter ouvido tiros ao longe, e ainda mais tarde o próprio Smith sentiu a reverberação de palavras titânicas e tonitruantes que ressoaram pelo ar. Pouco antes do amanhecer um mensageiro solitário e exausto com o olhar desvairado e um pavoroso e desconhecido odor a trescalar das roupas apareceu e insistiu em pedir que o destacamento se dispersasse em silêncio, voltasse para casa e nunca mais pensasse ou falasse sobre os acontecimentos daquela noite ou sobre aquele que tinha sido Joseph Curwen. Alguma coisa na maneira como o mensageiro se portava transmitiu uma convicção mais profunda do que as palavras seriam capazes de fazer, pois, embora fosse um marinheiro conhecido por vários dos homens presentes, notou-se uma perda ou um ganho de dimensões sombrias na alma do pobre homem, que a partir de então seria eternamente um pária. O mesmo tornou a acontecer mais tarde quando encontraram velhos companheiros que haviam adentrado aquela região de horror. A maioria havia sofrido uma perda ou um ganho imponderável e indescritível. Tinham visto ou ouvido ou sentido coisas que não se destinavam às criaturas humanas, e portanto jamais poderiam esquecer. Esses homens jamais contaram histórias, pois existem barreiras terríveis até mesmo para os mais mezinhos instintos mortais. E por conta des-

se mensageiro solitário o grupo da margem foi tomado por um espanto inefável que por pouco não selou os lábios de todos. Os rumores aventados por qualquer um dos homens são parcos, e o diário de Eleazar Smith é o único registro escrito remanescente de toda a expedição que partiu da Insígnia do Leão Dourado sob a luz das estrelas.

Charles Ward, no entanto, descobriu um detalhe vago e interessante em uma correspondência dos Fenner encontrada em New London, onde sabia que outra parte da família tinha vivido. Parece que os Fenner, de cuja residência avistava-se à distância a fazenda condenada, tinham observado o avanço das colunas de invasores; e ouviram claramente os latidos furiosos dos cachorros de Curwen, seguidos pelo estridente sinal que precipitou o ataque. Esse sinal foi seguido por uma repetição do grande facho de luz na construção de pedra, e em outro momento, após o sinal de duas breves notas que deu a ordem para a invasão geral, ouviu-se um rumor abafado de mosquetes seguido por um rugido horrendo, que o correspondente Luke Fenner representou na epístola mediante o emprego dos caracteres “*Waaaahrrrrr — R’waaahrr*”. Esse grito, no entanto, revestia-se de uma qualidade que não se deixava representar pela mera escrita, e o correspondente afirma ter visto a própria mãe desfalecer ao ouvir o som. Mais tarde, repetiu-se com menos intensidade, e a seguir vieram outros indícios ainda mais abafados de disparos, seguidos por uma explosão de pólvora na direção do rio. Cerca de uma hora mais tarde os cachorros puseram-se todos a latir freneticamente, e o chão sofreu abalos capazes de fazer os castiçais balançarem no consolo da lareira. Havia um forte odor de enxofre; e o pai de Luke Fenner declarou ter escutado o terceiro sinal de emergência, mesmo que os outros não tenham percebido nada. Logo vieram mais sons abafados de mosquetes, seguidos por um grito menos estridente mas ainda mais horrível do que aquele que o havia precedido; uma espécie de tossido ou gorgolejo plástico e gutural, cuja definição como grito deveu-se mais à continuidade e ao impacto psicológico que causou do que propriamente à configuração acústica.

Então a coisa em chamas surgiu no ponto exato onde devia estar a fazenda de Curwen, e ouviram-se os gritos humanos de homens tomados pelo horror e pelo desespero. Os mosquetes dispararam em meio a clarões e estampidos, e a coisa flamejante caiu ao chão. Logo uma se-

gunda coisa flamejante apareceu, e um berro de origem claramente humana fez-se ouvir. Fenner relatou ter conseguido distinguir algumas palavras vomitadas em meio ao frenesi: “Todo-Poderoso, protege o teu cordeiro!” A seguir vieram mais tiros, e a segunda coisa flamejante tombou. Fez-se então um silêncio de cerca de quarenta e cinco minutos, e ao fim desse intervalo o pequeno Arthur Fenner, irmão de Luke, afirmou aos gritos ter visto uma “névoa vermelha” deixar a amaldiçoada fazenda ao longe para se alçar rumo às estrelas. Não existe nenhuma outra testemunha do fenômeno além do menino, mas Luke reconhece que esse momento coincidiu com o pânico e o desespero quase convulsivo que no mesmo instante levou os três gatos no recinto a arquear as costas e eriçar os pelos.

Cinco minutos depois um vento gélido soprou, e a atmosfera foi impregnada por um fedor insuportável que apenas o intenso frescor do oceano poderia ter impedido de chegar até o grupo da margem ou a qualquer outra alma desperta no vilarejo de Pawtuxet. Esse fedor jamais fora percebido por qualquer um dos Fenner, e produziu uma espécie de medo amorfo e paralisante muito além daquele provocado pelo túmulo ou pelo ossuário. Logo a seguir veio a terrível voz que nenhuma das desafortunadas testemunhas jamais poderá esquecer. Ribombou pelo céu como uma maldição, e as janelas estremeceram à medida que os ecos se dissipavam. Era uma voz grave e musical; poderosa como as notas graves de um órgão, porém maléfica como os livros proscritos dos árabes. O que disse, ninguém saberia dizer, pois falou em uma língua desconhecida; mas eis as palavras que Luke Fenner consignou à escrita a fim de retratar as invocações demoníacas: “DEESMEES — JESMET — BONK DOSEFE DUVEMA — ENITEMOSS”. Até o ano de 1919 não houve ninguém capaz de relacionar essa transcrição a qualquer outro conhecimento mortal, porém Charles Ward empalideceu ao reconhecer o que Mirandola denunciara em meio a tremores como sendo o horror supremo dentre todos os feitiços da magia negra.

Um grito inconfundivelmente humano ou um brado profundo repetido em coral pareceu responder a esse portento maligno na fazenda de Curwen, e a seguir o fedor desconhecido tornou-se mais complexo mediante o acréscimo de um novo odor em igual medida insuportável. No instante seguinte ecoou um uivo marcadamente distinto do grito, que

permaneceu ululando em paroxismos ascendentes e descendentes. Às vezes tornava-se quase articulado, embora nenhuma testemunha tenha conseguido compreender palavras coerentes; e em certo ponto pareceu chegar às raias de uma gargalhada histérica e diabólica. Então um urro de terror supremo e absoluto somado à loucura consumada foi arrancado de vintenas de gargantas humanas — um urro ouvido de maneira clara e distinta apesar das profundezas de que devia ter emergido; e a seguir a escuridão e o silêncio envolveram tudo. Espirais de fumaça acre subiram e encobriram as estrelas, embora não se visse nenhuma chama e nenhuma construção estivesse desaparecida ou danificada no dia seguinte.

Próximo ao amanhecer, dois mensageiros assustados com os odores monstruosos e inidentificáveis que lhes saturavam as roupas bateram na porta dos Fenner e pediram um barril de rum, pelo qual pagaram uma soma considerável. Um deles contou à família que os assuntos relativos a Joseph Curwen haviam se encerrado, e que os acontecimentos daquela noite jamais deveriam ser mencionados outra vez. Por mais arrogante que parecesse a ordem, o aspecto de quem a proferiu afastou toda sorte de ressentimento e transmitiu uma autoridade terrível, de modo que apenas as furtivas cartas de Luke Fenner, que solicitou a um parente de Connecticut que as destruísse, restaram para contar a história do que foi visto e ouvido. Foi a relutância do parente em seguir essa instrução, graças à qual as cartas foram salvas, que impediu o assunto de cair em um misericordioso oblívio. Mas Charles Ward tinha um detalhe a acrescentar depois de longos questionamentos feitos aos residentes de Pawtuxet acerca das tradições ancestrais. O velho Charles Slocum, habitante do vilarejo, disse que o avô estava a par de um estranho rumor a respeito de um corpo distorcido e carbonizado que aparecera nos campos uma semana depois que a morte de Joseph Curwen veio a público. O que motivava os rumores era a ideia de que esse corpo, mesmo na situação retorcida e queimada em que se encontrava, não parecia nem humano nem relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet jamais tivessem visto ou lido a respeito.

Nenhum dentre os homens que participaram da terrível invasão jamais pôde ser convencido a dizer uma única palavra a respeito do que aconteceu, e todos os fragmentos das vagas informações que sobreviveram vêm de fontes exteriores ao grupo que participou do derradeiro combate. Existe algo de assustador no cuidado com que os invasores destruíram todos os fragmentos que pudessem fazer qualquer alusão ao assunto. Oito marinheiros haviam sido mortos, mas, embora os corpos jamais tenham sido entregues, as famílias pareceram dar-se por satisfeitas com a explicação de que houvera um conflito com os oficiais da alfândega. O mesmo tratamento foi dispensado aos numerosos casos de ferimentos, todos limpos e tratados apenas pelo dr. Jabez Bowen, que tinha acompanhado o grupo. O mais difícil de explicar, no entanto, era o fedor inefável que tresandava de todos os invasores — um assunto que foi discutido por semanas. Dentre os líderes dos cidadãos, o cap. Whipple e Moses Brown sofreram os ferimentos mais graves, e as cartas das respectivas esposas oferecem um testemunho da reticência e da discrição com que as bandagens eram tratadas. Em termos psicológicos, todos os participantes sentiam-se mais velhos, mais sóbrios e mais abalados. Por sorte eram todos robustos homens de ação e religionários simples e ortodoxos, pois com uma disposição maior à introspecção sutil e à complexidade mental o resultado teria sido desastroso. O presidente Manning era o mais perturbado; mas, como os outros, conseguiu vencer a sombra mais obscura e sufocar as lembranças nas orações. Todos os líderes tiveram papéis importantes a desempenhar nos anos vindouros, e pode ser que tenha sido melhor assim. Pouco mais de um ano depois o cap. Whipple liderou a turba que incendiou o navio da receita *Gaspee*, e nesse ato de coragem podemos notar um passo em direção ao apagamento das imagens deletérias.

À viúva de Joseph Curwen foi entregue um caixão de chumbo de estranho formato, com certeza disponível no momento necessário, e dito que o corpo do marido se encontrava lá dentro. Segundo a explicação oferecida, Curwen tinha sido morto em uma batalha política a respeito da qual mais detalhes não seriam oferecidos. Mais não se falou sobre o fim de Joseph Curwen, e Charles Ward dispunha de uma única pista para elaborar um teoria. A pista consistia apenas em uma vaga sugestão — a linha trêmula que sublinhava uma passagem na carta interceptada de

Jedediah Orne para Curwen, copiada em parte na caligrafia de Ezra Weeden. A cópia estava em posse dos descendentes de Smith; e assim nos resta decidir se Weeden a entregou ao companheiro após o fim, como uma pista tácita a respeito da anormalidade que havia ocorrido, ou se, como parece mais provável, Smith já dispunha da cópia e apenas sublinhou a passagem com base nas informações que conseguiu arrancar do amigo à base de conjecturas sagazes e habilidosos questionamentos. A passagem sublinhada consiste apenas no que segue:

“Rogo-vos mais huma Vez que não invoqueis Nada que não possaes supprimir; com o que me refiro a Qualquer Hum que por sua Vez possa fazer outra Invocaçam contra vos, em Relaçam a qual vossos mais Poderosos Recursos mostrem-se vãos. Chamai os Fracos, posto que os Fortes talvez não se dignem a attender ao Chamado e, huma vez invocados, podem commandar mais do que vos.”

À luz dessa passagem, e depois de refletir sobre os últimos aliados que um homem derrotado poderia tentar invocar na mais extrema necessidade, Charles Ward pode muito bem ter se perguntado se algum morador de Providence teria matado Joseph Curwen.

A supressão deliberada de todas as memórias do morto na vida e nos anais de Providence recebeu amplo incentivo graças à influência dos líderes da invasão. A princípio nenhum dos homens pretendia levar a cabo um projeto muito abrangente, e assim permitiram que a viúva e a filha permanecessem alheias à situação real; mas o cap. Tillinghast era um homem perspicaz que logo descobriu rumores suficientes para acirrar o horror e levá-lo a pedir que a filha e a neta trocassem de nome, queimassem a biblioteca e todos os papéis remanescentes e apagassem a inscrição entalhada na lápide de Joseph Curwen. Conhecia bem o cap. Whipple e provavelmente obteve mais pistas desse marinheiro sincero do que qualquer outra pessoa jamais conseguiu em relação ao fim do feiticeiro maldito.

A partir de então a obliteração da memória de Curwen tornou-se cada vez mais sistemática, e por fim estendeu-se, de comum acordo, aos registros da cidade e aos arquivos da *Gazette*. Poderia ser comparada em espírito somente ao silêncio que pairou sobre o nome de Oscar Wil-

de na década seguinte à desgraça do irlandês, e em extensão somente ao destino do pecaminoso Rei de Runazar no conto de Lord Dunsany, que pela vontade dos Deuses precisou não apenas deixar de existir, mas deixar de um dia ter existido.

A sra. Tillinghast, como ficou conhecida a viúva de 1772 em diante, vendeu a casa em Olney Court e passou a morar com o pai em Power's Lane até morrer no ano de 1817. A fazenda em Pawtuxet, temida por todas as pessoas da região, permaneceu abandonada ao longo dos anos, e parecia degradar-se com uma rapidez inexplicável. Em 1780 somente as pedras e os tijolos permaneciam de pé, e em 1800 tudo se reduzira a montes de entulho. Ninguém se aventurava a penetrar o denso matagal à margem do rio que devia ocultar a porta na encosta, e tampouco se dispôs a estabelecer uma imagem bem-definida das cenas em meio às quais Joseph Curwen abandonou os horrores que havia perpetrado.

Apenas o robusto cap. Whipple às vezes balbuciava como que para si mesmo na presença de ouvintes atentos, “Que se dane aquele _____, mas ele não tinha o direito de rir enquanto gritava. Foi como se o _____ tivesse alguma carta na manga. Por meia coroa eu queimaria aquela casa.”

III. *Uma busca e uma evocação*

1.

Charles Ward, como sabemos, descobriu em 1918 que era descendente de Joseph Curwen. Não causa nenhum espanto o profundo interesse que desenvolveu por tudo o que dizia respeito a esse mistério de um tempo passado; pois cada rumor vago que ouvira a respeito de Curwen passou a ser algo vital para si, uma vez que o sangue de Curwen corria em suas veias. Nenhum genealogista espirituoso e imaginativo poderia ter feito outra coisa que não se lançar de imediato em uma ávida e sistemática coleta de dados relativos a Curwen.

Nos primeiros tempos não houve nenhuma tentativa de sigilo — motivo pelo qual o dr. Lyman hesita em situar a loucura do jovem em qualquer período anterior ao fim de 1919. Charles Ward discutia o assunto com a família — embora a ideia de ter um ancestral como Curwen

não agradasse à mãe — e com os funcionários dos museus e das bibliotecas que visitava. Ao solicitar os arquivos pessoais das famílias que podiam tê-los, não fazia segredo do motivo da busca, e compartilhava do ceticismo irônico com que os relatos dos antigos diaristas e missivistas eram vistos. Muitas vezes expressava profundo espanto em relação ao que teria ocorrido um século e meio atrás naquela fazenda em Pawtuxet cuja localização esforçava-se em vão por encontrar, bem como em relação à natureza exata do que Joseph Curwen teria sido.

Quando encontrou o diário e os arquivos de Smith e descobriu a carta de Jedediah Orne, Charles Ward decidiu visitar Salém e fazer uma pesquisa sobre as primeiras atividades e ligações de Curwen na cidade, o que de fato ocorreu no feriado de Páscoa de 1919. No Essex Institute, que conhecera em outros passeios à glamorosa cidade antiga de empenas puritanas decrépitas e grandes concentrações de mansardas, Ward foi muito bem recebido, e além do mais encontrou um volume considerável de dados acerca de Curwen. Descobriu que o antepassado havia nascido em Salem-Village, hoje Danvers, a dez quilômetros da cidade no dia 18 de fevereiro (no antigo calendário juliano) de 1662–3; e que fugira para o mar aos quinze anos para voltar apenas nove anos mais tarde, com o sotaque, as roupas e os modos de um inglês nativo para estabelecer-se em Salém. Na época, Joseph Curwen tinha pouco contato com a família e passava a maior parte do tempo com os singulares livros que havia trazido da Europa e com os estranhos produtos químicos que chegavam em navios da Inglaterra, da França e da Holanda. Certas viagens ao interior atiçaram a curiosidade local, e mais tarde foram associadas em tom de lamento aos vagos rumores sobre as fogueiras avistadas à noite nas colinas.

Os únicos amigos próximos de Curwen haviam sido um certo Edward Hutchinson de Salem-Village e um certo Simon Orne de Salém. Era visto com frequência na companhia destes homens, sempre a falar sobre o Amherst College, e as visitas entre os amigos não eram raras. Hutchinson tinha uma casa na orla da floresta que era evitada pelos habitantes mais sensíveis em função dos sons que lá se ouviam à noite. Corriam boatos de que recebia estranhos visitantes, e as luzes vistas nas janelas não eram sempre da mesma cor. O conhecimento que detinha a respeito de pessoas falecidas muito tempo atrás e de acontecimentos ha-

via muito esquecidos, em particular, era tido por insalubre; e desapareceu na época em que começou o pânico da bruxaria sem que nunca mais se tivessem notícias a seu respeito. Por volta dessa época Joseph Curwen também se afastou da cidade, mas o novo endereço em Providence logo veio a público. Simon Orne morou em Salém até 1720, quando a extraordinária capacidade de não sucumbir ao envelhecimento começou a chamar atenção. A seguir desapareceu, embora trinta anos mais tarde um homem de feições e porte idênticos, que se disse filho do desaparecido, tenha surgido para reivindicar as posses do pai. A reivindicação foi atendida em virtude da existência de documentos escritos com a caligrafia do próprio Simon Orne, e Jedediah Orne continuou morando em Salém até 1771, quando missivas enviadas por moradores de Providence ao rev. Thomas Barnard e a outras pessoas de renome culminaram no afastamento sigiloso rumo a um destino ignorado.

Certos documentos escritos por todos esses estranhos personagens, somados a outros acerca dos três, encontravam-se disponíveis no Essex Institute, no Fórum e no Registro de Títulos e Documentos, e incluíam não apenas trivialidades inofensivas como a escritura de terrenos e recibos de venda, mas também fragmentos furtivos de natureza mais provocadora. Havia quatro ou cinco alusões inconfundíveis aos três nos registros dos julgamentos de bruxaria; como, por exemplo, quando um certo Hepzibah Lawson afirmou, no dia dez de julho de 1692, no tribunal presidido pelo juiz Hathorne, que “Duas Vintenas de Bruxas e o Homem Negro tinham por Habito reunir-se em Sigillo nos Bosques atrás da Casa do sr. Hutchinson”, ou quando um certo Amity How declarou, na sessão do dia 8 de agosto diante do juiz Gedney, que “O sr. G. B. (rev. George Burroughs) naquela Noute pos a Marca do Demonio em Bridget S., Jonathan A., *Simon O.*, Deliverance W., *Joseph C.*, Susan P. Mehitable C. e Deborah B.” Havia também um catálogo da impressionante biblioteca de Hutchinson, encontrado após o desaparecimento, e um manuscrito inacabado em sua caligrafia, vazado em uma cifra que ninguém fora capaz de ler. Ward solicitou uma cópia fotostática desse manuscrito e começou a trabalhar ocasionalmente na cifra assim que esta lhe foi entregue. Passado o agosto seguinte, o labor dedicado à cifra tornou-se intenso e febril, e a fala e a conduta de Ward davam motivos para crer que tivesse encontrado uma solução antes de outubro ou no-

vembro. Mesmo assim, o próprio Ward jamais revelou se obteve ou não sucesso.

Porém o material de interesse imediato era o que dizia respeito a Orne. Em pouco tempo Ward conseguiu determinar, por meio da identidade da caligrafia, o que já dava por certo em função da carta endereçada a Curwen — a saber, que Simon Orne e o suposto filho eram na verdade a mesma e única pessoa. Como Orne dissera ao correspondente, seria muito arriscado permanecer em Salém; a seguir recorreu a uma estada de trinta anos no exterior e não voltou mais para reivindicar as posses que tinha acumulado, a não ser como representante de uma geração posterior. Ao que tudo indicava, Orne havia tomado o cuidado de destruir a maior parte dessa correspondência, mas os cidadãos que participaram da ação em 1771 encontraram cartas e documentos que despertaram perplexidade. Havia fórmulas e diagramas crípticos na caligrafia de Orne e de outras pessoas, que Ward copiou minuciosamente ou mandou fotografar, e uma carta misteriosa ao extremo em uma quirografia que o investigador reconheceu como sendo de Joseph Curwen graças à absoluta identidade com a quirografia presente no Registro de Títulos e Documentos.

Essa carta de Curwen, embora não trouxesse nenhuma indicação de ano, com certeza não era a que havia suscitado a missiva confiscada; e, graças a evidências internas, Ward estabeleceu que não devia ter sido escrita muito depois de 1750. Talvez não seja despropositado reproduzir o texto na íntegra a fim de exemplificar o estilo de um homem cuja história foi tão obscura e tão terrível. O destinatário foi identificado como “Simon”, mas existe um risco (Ward não descobriu se feito por Curwen ou por Orne) que corta o nome de lado a lado.

Providence, primeiro de maio (Ut. vulgo)

Irmão:

Meo muy vetusto e honrado Irmão, saudemos com o devido Respeito e com os milhores Votos Aquelle a quem servimos em nome de teu eterno Poder! Acabo de descobrir Aquillo que precisas saber acerca da Extremidade Ultima e do que fazer a Respeito desse Assumpto. Não me disponho a seguir-te em Decorrencia dos meus avançados Annos, pois que Provi-

dence não tem a Celleridade da Bahia para dar Caça as Cousas estranhas nem para levallas a Julgamento. Estou preso as Naos e as Mercadorias, e portanto não me encontro em Condiçoens de fazer como fizeste; ademais, sob minha Fazenda em Pawtuxet encontra-se Aquillo que tam bem conheces, e que não poderia aguardar meu Retorno como hum Outro.

Todavia, não me encontro despreparado para os Revezes da Fortuna, como ja tive Occasiam de dizer-te, e ha Tempo dedico-me a encontrar hu'a Maneyra de retornar apos o Fim. Noute passada deparei-me com as Pallavras que invocão YOGGE-SOTHOTHE, e então vi pela primeyra Vez o Semblante mencionado por Ibn Schacabao no _____. E ELLE disse que o III. Psalmo do Liber-Damnatus encerra a Chave. Com o Sol na Casa e Saturno em Trigono, basta que desenes o Pentagramma de Fogo e recites por tres Vezes o nono Verso. Sendo esse Verso repetido a cada Roodemas e a cada Dia das Bruxas, a Cousa ha multiplicar-se nas Esphas Sideraes.

E as Sementes de Tempos Ancestraes hão de engendrar hum Ser capaz de olhar para traz, embora desconheça Aquillo que procura.

Todavia, de Nada adianta caso não haja hum Herdeiro, ou se os Saes, ou ainda o Methodo para a Preparaçam dos Saes, não lhe estiver ao Alcance das Mãos; e admitto que não tomei as devidas Providencias nem descobri muita Cousa a esse Respeito. O Processo he muito difficil, e requer uma Quantidade tam grande de Especimes que tenho Difficuldade para os conseguir em Numero sufficiente, não obstante os Marinheiros que vierão das Indias. As Pessoas que moram aqui nas Proximidades começarão a se mostrar curiosas, muito embora eu as consiga manter affastadas. A Aristocracia he peor do que o Populacho, visto serem Gentes de Actos mais ponderados que desfrutão de maes Credibilidade nas Cousas que affirmão. Temo que o Parocho e o sr. Merritt possão ter dado Azo a certos Boatos, mas por enquanto não ha Perigo. As Substancias Chymicas são faceys de encontrar, huma vez que existem dous bons Pharmaceuticos no Vilarejo: o dr. Bowen e Samuel Carew. Estou a seguir os Passos indicados por Borellus, mas tambem busco Amparo no Livro VII. de Abdul Al-Hazred. O que quer que eu logre obter ha de ser teu. Nesse Meio-

Tempo, não te esqueças de usar as Pallavras aqui indicadas. Estam todas correctas, mas se desejares um encontro com ELLE, emprega os Escriptos do _____ que estou a enviar junto com este Pacote. Repete os versos sempre no Roodmas e no Dia das Bruxas; e, se não falhares na Sequencia, *ha de surgir nos Annos vindouros hu'a Força capaz de olhar para traz e usar os Saes ou as Cousas necessarias a Preparaçam dos Saes que lhe deixares.* Job 14. 14.

Folgo em saber que estas em Salem e espero ver-te dentro em pouco. Tenho hum excellente Alazão, e penso em comprar hum Coche, visto que já existe hum em Providence (pertencente ao sr. Merritt), muito embora as Estradas sejam ruins. Se estiveres disposto a embarcar numa Viagem, não deixa de comunicar-me. De Boston, debes pegar a Post Rd. e atravessar Dedham, Wrentham e Attleborough, todos estes Vilarejos que oferecem boas Tavernas. Hospeda-te nos Apposentos do sr. Bolcom, em Wrentham, onde os Leitos são maes confortaveis do que Aquelles offerecidos pelo sr. Hatch; mas faze as Refeições na outra Casa, posto que o Cosinheiro delles he melhor. Toma a Estrada rumo a Providence junto as Cataractas de Pawtuxet, e entam a segue ate passar em frente a Taverna do sr. Sayles. Minha Casa fica defronte a Taverna do sr. Epenetus Olney, proximo a Town Street — he a primeira no Lado Norte de Olney's Court. A distancia approximada he de XLIV milhas desde o Marco de Boston.

Do teu velho e sincero Amigo e Servidor em *Almousin-Metraton*,

Josephus C.

Para Simon Orne,

William's-Lane, em Salem.

Por mais estranho que pareça, foi essa carta que revelou a Ward a localização exata da residência de Curwen em Providence, uma vez que nenhum dos registros encontrados até então trazia informações detalhadas. A descoberta foi ainda mais notável porque revelou ser a casa erigida por Curwen em 1761, no mesmo terreno da antiga residência, uma construção dilapidada que permanecia de pé em Olney Court e que Ward havia conhecido tempos atrás durante os passeios antiquários por

Stamper's Hill. A bem da verdade, o local ficava a poucos quarteirões da residência de Ward, situada em um ponto mais elevado da colina, e na época servia de lar para uma família de negros muito estimados pelos serviços ocasionais de lavagem, limpeza e manutenção de fornalhas que ofereciam. Encontrar, na longínqua Salém, provas inesperadas da importância dessa espelunca familiar no histórico da própria família era um acontecimento não menos do que extraordinário; e assim Ward resolveu explorar o local imediatamente ao voltar. As passagens mais abstrusas da carta, interpretadas como parte de um simbolismo extravagante, deixaram-no de todo perplexo, embora tenha percebido com um frêmito de curiosidade que a passagem bíblica mencionada — Jó 14:14 — era o conhecido versículo, “Morrendo o homem, acaso tornará a viver? Todos os dias da minha vida esperaria eu, até que viesse a minha mudança.”

2.

O jovem Ward voltou para casa com notável entusiasmo, e passou todo o sábado seguinte fazendo um longo e detalhado estudo da casa em Olney Court. O lugar, que começava a desabar em função da idade, nunca tinha sido uma mansão; mas era uma modesta casa de dois andares com sótão, telhado de duas águas, uma grande chaminé central e uma fachada repleta de entalhes, rematada por uma claraboia raiada, um frontão triangular e elegantes pilastras dóricas. A construção havia sofrido poucas alterações externas, e Ward sentiu que estava próximo de certos aspectos deveras sinistros da busca a que se havia lançado.

Os ocupantes negros eram conhecidos, e portanto o velho Asa e a robusta esposa Hannah receberam-no com modos corteses no interior da residência. A parte interna sofrera mais alterações do que o exterior levaria a crer, e Ward notou com pesar que metade dos ornatos acima do consolo, bem como os antigos entalhes conquiformes nos armários, haviam desaparecido, enquanto boa parte dos lambris e dos frisos estavam marcados, danificados e arrancados, ou simplesmente cobertos com papel de parede barato. Em geral, a pesquisa não trouxe os bons resultados que Ward havia esperado; porém mesmo assim era emocionante caminhar entre as paredes ancestrais que haviam dado abrigo a um homem

medonho como Joseph Curwen. Ward percebeu com um surto de entusiasmo que um monograma fora cuidadosamente apagado da vetusta aldraba em latão.

Desse ponto até o fim dos estudos, Ward dedicou todo o tempo de que dispunha à cópia eletrostática da cifra de Hutchinson e ao acúmulo de dados locais a respeito de Curwen. A cifra permaneceu insolúvel; mas, no que diz respeito aos dados, Ward encontrou-os em tão vasta quantidade, e somados a tantas outras pistas sobre informações similares, que em julho estava com tudo pronto para fazer uma viagem a New London e a Nova York a fim de consultar as antigas correspondências cuja presença nesses locais estava indicada. A viagem foi extremamente frutuosa, pois rendeu-lhe as cartas de Fenner, com o terrível relato da invasão à fazenda em Pawtuxet, e as correspondências trocadas entre Nightingale e Talbot, graças às quais tomou conhecimento do retrato pintado em um painel na biblioteca de Curwen. O retrato despertou um interesse muito particular, uma vez que Ward tinha um profundo desejo de saber qual teria sido o aspecto de Joseph Curwen; e por esse motivo decidiu empreender uma segunda busca em Olney Court a fim de averiguar se não poderia haver resquícios do revestimento original por trás das camadas de tinta que descascavam ou dos embolorados papéis de parede.

A busca foi realizada no início de agosto, e Ward submeteu a um exame minucioso as paredes de todos os cômodos grandes o suficiente para que pudessem ter sido a biblioteca do malévolo construtor. Dispensou atenção especial aos grandes painéis acima dos consolos remanescentes, e foi tomado por um profundo entusiasmo cerca de uma hora mais tarde, quando a grande área que encimava a lareira de um espaçoso cômodo no térreo revelou, por baixo de várias camadas de tinta, uma área mais escura do que qualquer outra tinta ou madeira usada no interior da casa poderia ter sido. Depois de fazer alguns testes com uma faca de lâmina fina, Ward teve a certeza de que havia descoberto um retrato a óleo de grandes dimensões. Com o mais genuíno rigor acadêmico, o jovem furtou-se a assumir o risco de causar danos à pintura com uma tentativa imediata de revelar o retrato oculto mediante o uso da faca e deixou o local da descoberta em busca de ajuda especializada. Passados três dias, retornou com o sr. Walter C. Dwight, um artista experiente que

trabalhava em um estúdio próximo ao sopé de College Hill; e o talentoso restaurador de pinturas pôs-se a trabalhar de imediato com os métodos e os reagentes químicos pertinentes. O velho Asa e a esposa demonstraram grande entusiasmo com a presença dos estranhos visitantes, e foram devidamente reembolsados por essa intrusão.

Quanto mais avançava o trabalho de restauro, mais interesse Charles Ward demonstrava em relação às linhas e sombras que aos poucos se revelavam ao cabo daquele longo oblívio. Dwight havia começado por baixo; e, como se tratava de um retrato de três quartos, o rosto não se revelou por algum tempo. Nesse ínterim descobriu-se que o modelo era um homem esbelto e de boa figura, que trajava um casaco azul-escuro, um colete bordado, um lenço de cetim preto e meias brancas de seda, que estava sentado em uma cadeira entalhada e que tinha ao fundo uma janela por onde se viam cais e navios. Quando enfim surgiu, a cabeça revelou uma peruca Albemarle e um semblante magro, calmo e discreto, que pareceu familiar tanto a Ward como ao meticoloso artista. Foi apenas quando o trabalho estava próximo ao fim, no entanto, que o restaurador e o cliente puderam demonstrar espanto perante os detalhes do rosto descarnado e pálido e reconhecer com uma nota de espanto o truque dramático executado pela hereditariedade. Pois foram necessários o último banho de óleo e o golpe final do delicado raspador para que fosse revelada por completo a expressão que os séculos haviam ocultado — e para que o estupefato Charles Dexter Ward, eterno habitante de épocas passadas, se defrontasse com as feições do próprio rosto no semblante do horrendo tataravô.

Ward levou os pais até a casa para que vissem o portento recém-descoberto, e no mesmo instante o pai resolveu comprar a pintura, ainda que esta tivesse por suporte um painel estacionário. A semelhança com o rapaz, a despeito da aparência de uma idade avançada ao extremo, não era menos do que espantosa; e via-se que, por força de um furtivo truque do atavismo, os contornos físicos de Joseph Curwen haviam gerado uma réplica perfeita um século e meio depois. Não se percebeu nenhuma semelhança notável entre a sra. Ward e o antepassado, embora a mulher tivesse lembranças de parentes que apresentavam certas características faciais compartilhadas pelo filho e pelo finado Curwen. A sra. Ward não gostou da descoberta, e disse ao marido que seria melhor queimar a

pintura em vez de levá-la para casa. Asseverou que havia algo de insalubre a respeito do retrato; não apenas no aspecto intrínseco, mas também na maneira como se assemelhava a Charles. O sr. Ward, no entanto, era um homem poderoso e pragmático — um fabricante de algodão com diversos moinhos em Riverpont, no Pawtuxet Valley —, e por esse motivo não deu ouvidos a esse escrúpulo feminino. A pintura impressionou-o deveras em virtude da semelhança com o filho, e assim decidiu que o garoto merecia ganhá-la de presente. Seria ocioso dizer que Charles apoiou efusivamente a opinião do pai; e poucos dias mais tarde o sr. Ward localizou o proprietário da casa — uma pessoa com dentes protuberantes como o dos roedores e com uma dicção gutural — e arrematou o consolo e o painel com ornatos que trazia o retrato por uma quantia peremptória que visava a poupá-lo de uma torrente de regateios untuosos.

Bastaria, portanto, remover o painel e transportá-lo até a casa dos Ward, onde já estavam sendo tomadas as devidas providências para que a obra fosse restaurada por completo e instalada ao pé de uma lareira elétrica no estúdio ou na biblioteca de Charles, no terceiro andar. Charles foi encarregado de supervisionar a remoção, e no dia 28 de agosto acompanhou dois trabalhadores especializados da firma de decoração Crooker até a casa em Olney Court, onde o consolo e o painel com ornatos, que fazia as vezes de suporte para o retrato, foram removidos com a cautela e a precisão necessárias para então serem colocados no caminhão da empresa. A remoção expôs parte da estrutura em alvenaria e revelou o percurso da chaminé, no qual o jovem Ward observou um recôndito cúbico com cerca de trinta centímetros de lado situado atrás do rosto do retrato. Curioso em relação ao que o espaço poderia significar ou conter, o jovem aproximou-se e olhou para dentro — e assim encontrou, sob grossas camadas de poeira e fuligem, certos papéis amarelados e avulsos, um volumoso e rústico caderno de caligrafia e alguns farrapos embolorados de material têxtil, que deviam ter servido para amarrar o pequeno fardo. Depois de soprar para longe o grosso da sujeira e das cinzas, tomou o caderno nas mãos e leu as opulentas letras inscritas na capa. Estas vinham escritas em uma caligrafia com que se havia familiarizado no Essex Institute, e apresentavam o volume como “*Diario e Ap-*

pontamentos de Joseph Curwen, originario das Plantaçoens de Providence e actual Residente de Salem”.

Tomado pelo entusiasmo da descoberta, Ward mostrou o livro para os dois curiosos trabalhadores que estavam na casa. O relato desses trabalhadores é taxativo no que diz respeito à natureza e à veracidade do achado, e o sr. Willett usa-o para defender a hipótese de que o jovem Ward não estava louco quando deu início às grandes excentricidades. Os demais papéis também estavam todos escritos na caligrafia de Curwen, e um item em especial sugeriu um grande portento devido à seguinte inscrição: *“Para Aquelle que ha de vir depoes de mim, com Instrucçoens acerca do Methodo para a Transcendencia do Tempo & das Espheras”*. Outro consistia em uma cifra, e Ward torceu para que fosse a mesma empregada por Hutchinson e que até então o havia derrotado. Um terceiro, que levou o jovem antiquário a rejubilar-se, parecia ser uma chave para a cifra; enquanto o quarto e o quinto estavam destinados respectivamente *“Ao Armigero Edward Hutchinson”* e *“Ao Senhor Jedediah Orne”*, *“ou aos Herdeiros destes, ou a seus Representantes legais.”* O sexto e último documento ostentava o título: *“A Vida e os Periplos de Joseph Curwen entre os Annos de 1678 e 1687: Contendo Mençoens aos Locaes aonde foi, aos Albergues onde se hospedou, as Pessoas que encontrou e as Cousas que apprendeu”*.

3.

Chegamos agora ao ponto exato que, segundo os círculos mais acadêmicos de alienistas, marca o início da loucura de Charles Ward. Imediatamente após a descoberta o rapaz examinou certas páginas do livro e dos manuscritos, e sem dúvida encontrou algo capaz de causar uma impressão profunda. A bem dizer, quando mostrou os títulos para os trabalhadores, o jovem Ward deu a impressão de que estava a tomar cuidados muito particulares a fim de ocultar o texto, e também de que sofria com uma grave perturbação que dificilmente se deixaria explicar pela importância antiquária e genealógica da descoberta. Ao retornar para casa, deu a notícia com um ar quase tímido, como se desejasse transmitir a ideia de uma importância absoluta sem ter de apresentar qualquer tipo de evidência. Sequer mostrou os títulos para os pais, limitando-se a mencionar

a descoberta de alguns documentos na caligrafia de Joseph Curwen, “quase todos cifrados”, que teriam de ser estudados minuciosamente para que revelassem o verdadeiro significado. Parece improvável que fosse mostrar aos pais os objetos antes exibidos aos trabalhadores se não fosse a insistência despertada pela evidente curiosidade. Da maneira como foi, Charles Ward parece ter evitado qualquer demonstração de reticência que pudesse fomentar as discussões acerca do tema.

Naquela noite, permaneceu no quarto estudando o diário e os documentos encontrados, e não se interrompeu sequer quando o dia raiou. As refeições, depois de um pedido urgente feito à mãe quando bateu na porta para ver se havia algo de errado com o filho, passaram a ser mandadas para o quarto; somente à tarde o rapaz fez uma breve aparição enquanto os trabalhadores instalavam o retrato e o consolo de Curwen no interior do estúdio. A noite seguinte foi marcada por breves sonecas com as roupas ainda no corpo, tiradas entre as longas horas de esforços frenéticos dedicadas à solução do manuscrito cifrado. Pela manhã a sra. Ward encontrou o filho às voltas com a cópia fotostática da cifra de Hutchinson, que já tinha visto em mais de uma oportunidade; porém, em resposta à pergunta feita pela mãe, Charles Ward afirmou que a chave de Curwen não podia ser usada para decifrá-la. À tarde, deixou de lado o trabalho e observou fascinado o término da instalação do retrato acima de uma lareira elétrica com um aspecto quase real, quando a falsa lareira e o painel com ornatos foram afastados da parede norte, como que para dar espaço a uma chaminé, e aos vãos laterais, cobertos por lambris idênticos aos que revestiam as paredes. O painel frontal em que o retrato se encontrava pintado foi serrado e guarnecido com dobradiças para que o espaço atrás da pintura fosse usado como armário. Depois que os instaladores foram embora, Ward levou o trabalho para o estúdio e sentou-se defronte aos papéis, com olhar fixo em parte na cifra e em parte no retrato que o encarava de volta como se fosse um espelho capaz de envelhecê-lo e de evocar os séculos passados.

Os pais, ao lembrar a conduta do filho por volta dessa época, oferecem detalhes interessantes sobre a política de sigilo adotada pelo rapaz. Diante dos criados, Charles Ward escondia todo e qualquer documento que porventura estivesse analisando, pois supunha corretamente que a quirografia rebuscada e arcaica de Curwen seria demais para essas

peessoas. Com os pais, no entanto, era mais circunspecto; e, a não ser que o manuscrito em questão fosse uma cifra, ou um simples amontoado de símbolos crípticos e ideogramas desconhecidos (como o documento intitulado “*Para Aquelle que ha de vir depoes de mim* etc.” parecia ser), tratava sempre de ocultá-lo com outro papel qualquer até que o visitante houvesse partido. À noite os documentos eram guardados a sete chaves em uma antiga escrivaninha, onde Ward também os guardava sempre que saía do quarto. O rapaz não tardou a voltar para a rotina e os horários de sempre, mas parecia ter perdido todo o interesse nas longas caminhadas e em outras atividades ao ar livre. A abertura da escola, onde começara o último ano de estudos, parecia ser um enorme aborrecimento; e o jovem muitas vezes dizia que jamais se preocuparia em entrar para a universidade. Segundo afirmava, tinha interesse em conduzir investigações um tanto particulares, capazes de abrir vias de acesso ao conhecimento e às humanidades que nenhuma universidade poderia oferecer.

Naturalmente, uma pessoa de caráter mais ou menos estudioso, excêntrico e solitário poderia ter mantido esses hábitos por vários dias sem chamar atenção. Ward, no entanto, era um acadêmico e um eremita por definição; e por esse motivo os pais mostraram-se mais chateados do que surpresos ao perceber o isolamento e o sigilo adotados pelo filho. Ao mesmo tempo, tanto o pai como a mãe estranharam a relutância de Charles a mostrar qualquer fragmento do baú do tesouro, bem como a oferecer qualquer tipo de relato acerca das informações decifradas. A reticência foi explicada mediante recurso a um desejo de esperar até que pudesse oferecer um relato coeso, mas após semanas inteiras sem nenhuma revelação, surgiu entre o jovem e a família uma sensação de constrangimento, tornada ainda mais intensa aos olhos da mãe em decorrência da desaprovação explícita em relação a toda e qualquer pesquisa relativa a Curwen.

Em outubro Ward tornou a visitar as bibliotecas, porém não mais em busca dos temas antiquários de outrora. A bruxaria e a magia, o ocultismo e a demonologia passaram a ser os objetos das pesquisas; e quando as fontes em Providence mostravam-se infrutíferas, tomava um trem rumo a Boston para ter acesso à fortuna de informações na grande biblioteca de Copley Square, na Widener Library em Harvard ou na Zi-

on Research Library em Brookline, onde se encontram certas obras raras sobre temas bíblicos. Comprou um grande número de livros e mandou instalar um novo conjunto de prateleiras no estúdio para guardar os volumes recém-adquiridos sobre esses estranhos assuntos; e, durante o feriado de Natal, empreendeu uma série de viagens para fora da cidade, que incluiu uma visita a certos arquivos do Essex Institute.

Em meados de janeiro de 1920, o porte de Ward pareceu revestir-se de um inexplicável elemento de triunfo, e o jovem não foi mais visto a trabalhar na cifra de Hutchinson. No entanto, adotou uma dupla política de pesquisas químicas e análise de registros, que resultou na instalação de um laboratório no espaço ocioso no sótão da casa e em uma busca minuciosa por todos os arquivos de estatísticas vitais em Providence. Os vendedores de medicamentos e de suprimentos científicos questionados mais tarde apresentaram catálogos deveras estranhos e desprovidos de sentido com listas das substâncias e dos instrumentos adquiridos; porém os burocratas do Capitólio, da Prefeitura e de várias bibliotecas todos concordam no que dizia respeito ao objeto do segundo interesse. Ward lançou-se em uma intensa e febril busca pelo túmulo de Joseph Curwen, cuja lápide tivera o nome sabiamente apagado por uma geração anterior.

Aos poucos, a convicção da família Ward de que havia algo errado ganhou força. Antes, Charles já tivera episódios de pequenos surtos e mudanças repentinas de interesse, mas o crescente sigilo e a extrema atenção dedicada a estranhas buscas era inquietante mesmo em um indivíduo sabidamente excêntrico. As tarefas escolares não passavam de um pretexto; e, embora não se saísse mal em nenhuma matéria, era visível que o antigo empenho havia desaparecido. Tinha outras preocupações; e, quando não estava no laboratório com uma vintena de tomos obsoletos sobre alquimia, debruçava-se sobre antigos registros de cemitérios no centro da cidade ou trancava-se com livros de ocultismo no estúdio, onde as surpreendentes feições de Joseph Curwen — que a cada dia pareciam mais similares às do sucessor distante — encaravam-no do painel na parede norte.

No fim de março, Ward complementou a busca pelos arquivos com um macabro esquema de perambulações em vários cemitérios antigos pela cidade. O motivo veio à tona apenas mais tarde, quando os buro-

cratas da Prefeitura revelaram que provavelmente o jovem havia encontrado uma pista importante. A busca pelo túmulo de Joseph Curwen deu lugar à busca pelo túmulo de um certo Naphthali Field; e essa mudança foi explicada quando, ao revisar os documentos analisados por Ward, os investigadores encontraram um registro fragmentário do enterro de Curwen que havia escapado à obliteração generalizada, segundo o qual o caixão de chumbo tinha sido enterrado “dez Pez ao Sul e cinco Pez a Oeste do Jazigo de Naphthali Field em _____”. A ausência de um maior detalhamento acerca do local do enterro complicou bastante as buscas, e o túmulo de Naphthali Field mostrou-se tão esquivo quanto o de Curwen; mas nesse caso não havia nenhum apagamento sistemático, e seria possível deparar-se com uma lápide mesmo que os registros tivessem perecido. Eis, portanto, o motivo das perambulações — das quais os cemitérios da St. John’s Church (antiga King’s Church) e o antigo cemitério congregacional no meio do Swan Point Cemetery foram excluídos, uma vez que outras informações demonstravam que o único Naphthali Field (morto em 1729) a cujo túmulo se podia aludir tinha sido batista.

4.

Era quase maio quando o dr. Willett, a pedido do patriarca Ward e equipado com todas as informações sobre Curwen que a família tinha obtido de Charles no período anterior ao sigilo, tentou conversar com o rapaz. A entrevista teve pouca serventia e admitiu poucas conclusões, uma vez que durante o tempo inteiro Charles demonstrou ter pleno domínio das faculdades mentais e pareceu estar lidando com assuntos de suma importância; mas pelo menos o jovem viu-se obrigado a oferecer explicações racionais para o comportamento adotado. Ward, um tipo pálido e impassível que apenas raramente dava sinais de constrangimento, pareceu disposto a discutir as buscas, mas não a revelar o propósito a que serviam. Afirmou que os documentos do ancestral tinham revelado impressionantes segredos de um conhecimento científico incipiente, quase sempre cifrado, de uma abrangência comparável apenas às descobertas do Frade Bacon, embora pudessem ter importância ainda maior do que estas. No entanto, esse conhecimento não fazia sentido a não ser quan-

do relacionado a todo um arcabouço de erudição totalmente obsoleto, de modo que uma apresentação imediata dos achados a um mundo que dispunha apenas da ciência moderna acabaria por roubar-lhe toda a magnitude e toda a importância dramática. Para que pudessem reivindicar o merecido destaque na história do pensamento humano, essas relações precisariam ser estabelecidas por uma pessoa familiarizada com o contexto em que haviam evoluído, e era a essa tarefa que Ward então se dedicava. Estava procurando adquirir o mais depressa possível todas as artes negligenciadas de outrora necessárias a uma interpretação adequada de todos os dados relativos a Curwen, e tinha a esperança de, no futuro, fazer uma revelação e uma apresentação completa de supremo interesse para a humanidade e para o mundo das ideias como um todo. Segundo afirmou, nem mesmo Einstein poderia trazer uma revolução mais profunda à atual concepção acerca das coisas.

Quanto às buscas nos cemitérios, cujo objeto foi assumido de pronto, embora sem nenhum comentário a respeito do progresso eventualmente feito, Ward afirmou ter motivos para crer que a lápide depredada de Joseph Curwen ostentasse certos símbolos místicos — entalhados a partir de instruções deixadas no testamento e por mero acaso ignoradas por aqueles que haviam apagado o nome — absolutamente essenciais para a solução final do críptico sistema. Segundo acreditava, Curwen teria guardado esse segredo com muito cuidado, distribuindo os dados de acordo com um método deveras curioso. Quando o dr. Willett pediu para ver os documentos místicos, Ward mostrou-se relutante e tentou desanimá-lo com as cópias fotostáticas da cifra de Hutchinson e das fórmulas e diagramas de Orne; mas por fim concordou em mostrar o exterior de certos documentos relacionados a Curwen — como o “*Diario e Appontamentos*”, a cifra (com o título igualmente cifrado) e a mensagem repleta de fórmulas intitulada “*Para Aquelle que ha de vir depois de mim*” — e permitiu que o visitante examinasse o interior daqueles escritos em caracteres obscuros.

Também abriu o diário em uma página escolhida em função da inocuidade, e assim ofereceu a Willett um vislumbre da caligrafia cursiva de Curwen em inglês. O médico procedeu a um minucioso exame das letras rebuscadas e elaboradas e da aura setecentista que pairava ao redor da caligrafia e do estilo, apesar da sobrevivência do autor até o século

dezoito, e logo concluiu tratar-se de um documento genuíno. O texto em si era relativamente trivial, e Willett recordava apenas de um breve fragmento:

“Quarta-feira, dezasseis de Outubro de 1754. Minha Chalupa *The Wakeful* chegou hoje de Londres com XX novos Homens trazidos das Indias, Espanhoes de Martinica e dous Hollandezes de Suriname. Os Hollandezes encontrão-se propensos a Deserçam, huma vez que ouviram maus Agoiros a respeito desta Empresa, mas hei de empenhar-me para que fiquem. Para o sr. Knight Dexter, da Bahia e do Gancho, 120 Peças de Camelão, 100 Peças sortidas de Chamalote, 20 Peças de Baeta azul, 100 Peças de Caxemira, 50 peças de Calicos e 300 peças de Amã. Para o sr. Green, do Elefante, 50 Panellas de Galão, 20 Escalfetas, 15 Panellas de Lareira, 10 Pares de Pinças de Fumar. Para o sr. Perrigo 1 Conjunto de Sovellas, para o sr. Nightingale 50 Resmas de Papel de primeyra Qualidade. Recitei o SABAOTH tres Vezes na Noute passada mas Nada appareceo. Aguardo Noticias do sr. H., que esta na Transilvania, embora seja muy difficil contactallo e demasiado estranho que não possa me indicar o Uso Daquillo que tam bem vem usando ao longo de todos estes Secullos. Simon não escreve ha cinco Semmanas, mas espero receber Noticias dentro em breve.”

Ao chegar a esse ponto, o dr. Willett virou a página, mas foi impedido por Ward, que quase lhe arrancou o tomo das mãos. Tudo o que o médico teve a chance de ver na página recém-aberta foram duas breves frases; mas estas, por mais estranho que pareça, perduraram com tenacidade na memória. Diziam: “Tendo recitado o Verso do Liber Damnatus durante cinco Roodmasses e quatro Dias das Bruxas, tenho a Esperança de que a Cousa esteja a multiplicar-se allem das Espheras. Assim ha de atrahir Aquelle cuja Chegada espero, se eu puder garantir que haja de ser, e elle ha de pensar em Cousas remotas e olhar para traz rumo aos Annos passados, de modo que devo ter prontos os Saes ou as Substancias necessarias para a Preparação destes.”

Willett não viu mais nada, mas esse pequeno vislumbre conferiu um novo e vago terror às feições pintadas de Joseph Curwen que o encara-

vam do painel acima do consolo. Mesmo depois, passou a ter a singular impressão — que a formação médica assegurava não ser mais do que uma simples impressão — de que os olhos do retrato nutriam uma espécie de desejo, se não de fato uma tendência, a seguir o jovem Charles Ward enquanto andava pelo cômodo. Antes de sair do estúdio, o dr. Willett deteve-se para examinar o retrato de perto, admirando a grande semelhança que guardava em relação a Charles e memorizando cada detalhe daquele rosto pálido e críptico, incluindo uma discreta cicatriz ou depressão acima da sobrancelha direita. Decidiu que Cosmo Alexander era um pintor digno da Escócia onde havia nascido Raeburn, e um mestre digno do ilustre aluno Gilbert Stuart.

Ao escutarem do médico que a saúde mental de Charles não corria perigo e que o filho na verdade estava às voltas com uma pesquisa que mais tarde poderia revelar-se deveras importante, os Ward adotaram uma postura mais tolerante do que teriam feito de outra forma quando em junho o rapaz se recusou de vez a frequentar a universidade. Declaraou que tinha estudos de importância vital com que se ocupar; e deu a entender que desejava viajar para o estrangeiro no ano seguinte para ter acesso a certas fontes de informações indisponíveis nos Estados Unidos. O patriarca Ward, tendo negado esse último desejo por considerá-lo absurdo para um rapaz de apenas dezoito anos, concordou no que dizia respeito à universidade; de maneira que, após uma formatura não muito brilhante da Moses Brown Scholl, sobreveio um período de três anos durante os quais Charles ocupou-se com intensos estudos de ocultismo e buscas em cemitérios. Obteve reconhecimento como um personagem excêntrico, e assim tornou-se ainda mais recluso do que havia sido antes; devotava a maior parte do tempo ao trabalho e apenas em raras ocasiões fazia viagens a outras cidades a fim de consultar registros obscuros. Certa vez foi ao sul conversar com um velho e estranho mulato que morava em um pântano e a cujo respeito um jornal havia publicado um curioso artigo. Em outra ocasião saiu em busca de um pequeno vilarejo nas montanhas Adirondack, de onde haviam chegado relatos de singulares práticas ritualísticas. Mas os pais continuavam a negar-lhe a viagem ao Velho Mundo que tanto desejava.

Quando alcançou a maioridade em abril de 1923, depois de herdar uma pequena quantia monetária da avó materna, Ward enfim decidiu fa-

zer a viagem europeia que até então lhe fora negada. Quanto ao itinerário pretendido, não revelou nada, a não ser que as exigências ditadas pelos estudos haveriam de levá-lo a diversos lugares; mas prometeu escrever aos pais com detalhes fidedignos. Ao perceber que o filho não seria dissuadido, o sr. e a sra. Ward abandonaram toda a oposição e passaram a ajudar da melhor forma possível; e assim o rapaz zarpou rumo a Liverpool em junho com as bênçãos de despedida do pai e da mãe, que o acompanharam até Boston e acenaram-lhe do píer White Star em Charlestown. Logo chegaram cartas que narravam a bem-sucedida viagem e a busca por boas acomodações na Great Russell Street, em Londres, onde, depois de recusar todas as ofertas de amigos da família, Charles Ward decidiu hospedar-se até exaurir todos os recursos do Museu Britânico a respeito de um certo tema. Os relatos sobre a vida cotidiana eram raros, pois havia pouco a escrever. Os estudos e os experimentos consumiam-lhe todo o tempo, e Charles mencionou que havia montado um laboratório em um dos cômodos. A ausência de qualquer comentário acerca de passeios antiquários pela opulenta cidade antiga, com um vistoso panorama de cúpulas e coruchéus ancestrais em meio a um emaranhado de avenidas e becos repletos de volteaduras místicas e vistas repentinas que ora surpreendem e ora inspiram, foi interpretada pelos pais como um bom indício do ponto que os novos interesses passaram a ocupar nos pensamentos do filho.

Em junho de 1924, uma breve nota deu conta de uma partida rumo a Paris, para onde Charles já havia feito duas viagens expressas em busca de material na Bibliothèque Nationale. Pelos três meses a seguir, limitou-se a enviar cartões-postais, informando um endereço na Rue St. Jacques e referindo-se a uma busca especial em meio aos manuscritos raros pertencentes à biblioteca de um colecionador particular cujo nome não foi mencionado. Charles Ward evitava os conhecidos, e não havia relatos de turistas que o tivessem avistado. Então veio um período de silêncio, e em outubro os Ward receberam um cartão-postal de Praga, na Tchecoslováquia, relatando que Charles estava nessa antiga cidade para uma conferência com um homem de idade muito avançada que, segundo relatos, seria a última pessoa viva em posse de certas informações medievais deveras singulares. Informou um endereço em Neustadt e anunciou que não devia fazer mais viagens antes de janeiro seguinte,

quando enviou diversos cartões de Viena que narravam a passagem por esta cidade durante a jornada rumo a uma região mais ao leste para onde um correspondente e pesquisador das ciências ocultas o convidara.

O cartão-postal seguinte veio de Klausenburg, na Transilvânia, e narrava o progresso de Ward rumo ao destino final. Haveria de visitar um certo barão Ferenczy, proprietário de terras nas montanhas a leste de Rakus; e estaria hospedado em Rakus, nos aposentos do nobre em questão. O cartão enviado de Rakus uma semana mais tarde, com informações de que o anfitrião fora encontrá-lo de carruagem e de que em breve deixaria o vilarejo rumo às montanhas, foi a última mensagem durante um período razoavelmente longo; de fato, Charles não respondeu às frequentes correspondências dos pais antes de maio, quando escreveu para desencorajar o plano materno de encontrar o filho em Londres, Paris ou Roma durante o verão, quando o sr. e a sra. Ward planejavam viajar para a Europa. Afirmou que o estágio em que se encontravam as buscas não permitiria que saísse do local onde se encontrava, e que a situação no castelo do barão Ferenczy não favorecia visitas. A construção situava-se em um rochedo em meio a montanhas sombrias, e a região era temida com tanta intensidade pelos camponeses locais que nenhuma pessoa normal poderia sentir-se à vontade no lugar. Além do mais, o barão não seria considerado uma pessoa agradável pela aristocracia correta e conservadora da Nova Inglaterra. Tinha idiossincrasias de aspecto e de atitude, e uma idade avançada a ponto de causar incômodo naqueles que o viam. De acordo com Charles, seria melhor se os pais o aguardassem em Providence, uma vez que o retorno não poderia estar muito distante.

O retorno, todavia, ocorreu apenas em maio de 1926, quando, depois de alguns cartões-postais em que anunciou a novidade, o jovem viajante chegou furtivamente a Nova York no *Homeric* e atravessou os longos quilômetros até Providence em um ônibus motorizado, saciando a sede com as viçosas colinas ondulantes, os fragrantos pomares em flor e os vilarejos salpicados de coruchéus na primavera em Connecticut; pois era o primeiro gosto que tinha da antiga Nova Inglaterra em um período de quase quatro anos. Quando o ônibus atravessou o Pawcatuck e chegou a Rhode Island em meio ao ouro feérico de um entardecer primaveril, o coração de Charles Ward bateu com forças renovadas; e a entrada em Providence ao longo da Reservoir e da Elmwood Avenue

deixou-o sem fôlego, apesar das profundezas de sabedoria proscrita em que havia mergulhado. No ponto em que a Broad, a Weybosset e a Empire Street se encontram, viu no fogo que se estendia adiante e abaixo de si as agradáveis casas e cúpulas e coruchéus que recordava da antiga cidade; e entregou-se aos devaneios enquanto o veículo rodava por trás do Biltmore, revelando o enorme domo e a macia vegetação de raízes profundas que medrava na ancestral colina na margem oposta do rio, e por fim o sobranceiro coruchéu em estilo colonial da First Baptist Church debuxou-se em rosa em meio à prodigiosa luz do entardecer, tendo ao fundo o vertiginoso panorama do viço e do frescor primaveril.

A velha Providence! Fora aquele lugar e as estranhas forças de uma longa e contínua história que lhe haviam dado a vida e que o impeliram rumo a portentos e segredos cujos limites nenhum profeta seria capaz de predizer. Lá estavam os poderes arcanos fantásticos ou medonhos para os quais todos os anos dedicados às viagens e aos estudos o haviam preparado. Um coche levou-o para além do Post Office Square com um vislumbre do rio, do velho Mercado e da baía, e então subiu a curva íngreme da Waterman Street até a Prospect, onde a vasta cúpula reluzente e as colunas iônicas ensolaradas da Christian Science Church chamavam-no rumo ao norte. Depois vieram mais oito quarteirões repletos das antigas casas que o olhar de Charles havia conhecido na infância, e a seguir as calçadas de tijolos galgadas tantas vezes durante a meninice. Então uma pequena propriedade à direita, que logo ficou para trás, e por fim, à esquerda, a clássica varanda ao estilo de Robert Adams e a suntuosa fachada guarnecida por arcos da imponente mansão onde havia nascido. A noite começava a cair, e Charles Dexter Ward havia tornado a casa.

5.

Uma escola de alienistas um pouco menos acadêmica que a do dr. Lyman atribui à viagem europeia de Ward o início da loucura consumada. Admitindo a sanidade de Ward no momento da partida, esse grupo acredita que a conduta do rapaz na volta indica uma mudança desastrosa. No entanto, o dr. Willett reluta em aceitar sequer essa afirmação. Insiste em alegar que a transformação operou-se apenas mais tarde; quan-

to às excentricidades do rapaz por volta desse período, atribuiu-as à prática de rituais aprendidos no estrangeiro — coisas estranhas, sem dúvida, mas que não implicam nenhum tipo de aberração mental por parte do praticante. Ward, embora mais velho e mais endurecido, continuava a comportar-se de maneira normal, e em várias conversas com Willett deu mostras de um equilíbrio que nenhum louco — sequer nos primórdios da loucura — poderia fingir por muito tempo. O que levantou a suspeita acerca de uma possível insanidade por volta dessa época foram os *sons* ouvidos a todas as horas do dia e da noite vindos do laboratório que Ward havia montado no sótão, onde permanecia durante a maior parte do tempo. Ouviam-se cânticos e repetições, e declamações ribombantes em ritmos desconhecidos; e embora os sons viessem sempre na voz do próprio Ward, havia algo indefinível na qualidade da voz e no sotaque das fórmulas pronunciadas que enregelava o sangue de todos os que as escutavam. Logo se percebeu que Nig, o amável e venerado gato preto da casa, eriçava os pelos e arqueava as costas quando certos sons eram entoados.

Os odores que por vezes sopravam do laboratório também eram demasiado estranhos. Às vezes tinham um cheiro agressivo ao extremo, porém com maior frequência eram aromáticos, e revestiam-se de uma qualidade fugidia e assombrosa que parecia ter o efeito de induzir imagens fantásticas. As pessoas que sentiam esses cheiros evidenciavam uma tendência a ver miragens fugazes de enormes panoramas com estranhas colinas e intermináveis avenidas de esfinges e hipogrifos que se estendiam rumo ao infinito. Ward não retomou as caminhadas de outrora, mas dedicou-se com afinho aos estranhos livros que havia levado para casa e às igualmente estranhas investigações que conduzia nos aposentos particulares, com a justificativa de que as fontes europeias haviam produzido uma grande ampliação no campo de trabalho e prometiam grandes revelações nos anos vindouros. O aspecto mais velho levou a semelhança de Ward com o retrato de Curwen a um nível impressionante; e o sr. Willett com frequência detinha-se junto à pintura ao final das visitas, admirando a notável identidade entre as duas figuras e ponderando que, naquela altura, somente a pequena cicatriz acima do olho direito do retrato diferenciava o feiticeiro morto há mais de um século do rapaz cheio de vida. Essas visitas de Willett, feitas a pedido do sr. e da sra. Ward,

eram um tanto estranhas. Em nenhum momento Charles Ward rejeitou o médico, mas este logo percebeu que jamais conseguiria alcançar a psicologia íntima do rapaz. Com frequência notava objetos singulares, como pequenas imagens grotescas moldadas em cera nas prateleiras ou nas mesas, e os resquícios parcialmente apagados de círculos, triângulos e pentagramas desenhados a giz ou a carvão no vão livre que ocupava o centro do amplo cômodo. À noite os ritmos e os encantamentos continuavam a ribombar, e por fim surgiram dificuldades para manter os criados na casa ou suprimir as conversas furtivas sobre a loucura de Charles.

Em janeiro de 1927 ocorreu um incidente bastante peculiar. Certa noite, por volta da meia-noite, enquanto Charles entoava um ritual de cadência inaudita que ecoava por todos os andares da casa, uma rajada de vento gélido soprou da baía, e um discreto e obscuro tremor de terra foi percebido por todos os moradores da vizinhança. Ao mesmo tempo, o gato exibiu traços de um pavor fenomenal, enquanto todos os cachorros em um raio de um quilômetro e meio ao redor puseram-se a latir. Esse foi o prelúdio de uma forte tempestade elétrica, bastante anômala naquela época do ano, que trouxe consigo um estrondo tão intenso que o sr. e a sra. Ward chegaram a acreditar que a casa teria sido atingida. Os dois subiram as escadas correndo a fim de averiguar os estragos, porém Charles encontrou-os na porta do sótão; estava pálido, decidido e azia-go, e ostentava no rosto uma combinação quase terrível de triunfo e seriedade. Assegurou-os de que a casa não fora atingida, e de que a tempestade logo passaria. O casal deteve-se e, depois de olhar para fora de uma janela, percebeu que o filho de fato tinha razão, pois os raios iluminavam céus cada vez mais distantes, enquanto as árvores aos poucos deixavam de vergar-se com as estranhas rajadas gélidas que vinham do mar. O trovão reduziu-se a uma espécie de rumor abafado e por fim desapareceu. As estrelas surgiram, e a marca de triunfo no semblante de Charles Ward cristalizou-se em uma expressão deveras singular.

Por dois meses ou mais após esse incidente Ward passou menos tempo do que o habitual confinado no laboratório. Passou a exhibir um curioso interesse pelo clima e a fazer estranhas indagações a respeito da data em que o gelo começaria a derreter na primavera. Certa noite em março saiu de casa após a meia-noite e retornou apenas pouco tempo antes do

alvorecer, quando a mãe, que estava acordada, ouviu o ruído de um motor aproximando-se da entrada da carruagem. Era possível distinguir imprecações abafadas, e a sra. Ward, depois de erguer-se e avançar até a janela, divisou quatro vultos retirando uma longa e pesada caixa de um caminhão e carregando-a até a porta lateral sob o comando de Charles. Ouviu uma respiração arquejante e passadas ponderosas nos degraus da escada, e por fim um baque surdo no sótão, quando então as pegadas tornaram a descer e os quatro homens reapareceram do lado de fora e partiram com o caminhão.

No dia seguinte Charles retomou o enclausuramento no sótão, baixando as cortinas escuras nas janelas do laboratório e dando a impressão de estar trabalhando em alguma substância metálica. Não abria a porta para ninguém, e recusava toda e qualquer comida que lhe fosse oferecida. Por volta do meio-dia um estrépito repentino foi seguido por um grito e uma queda terríveis, mas quando a sra. Ward bateu na porta o filho enfim atendeu com uma voz débil e disse que não havia nada de errado. O horrendo e indescritível fedor que o laboratório exalava era absolutamente inofensivo e infelizmente necessário. A solidão era o mais importante naquele momento, porém se comprometeu a aparecer mais tarde para o jantar. Naquela tarde, quando cessaram os estranhos sons sibilantes que se ouviam por detrás da porta trancada, Charles enfim apareceu, revelando um aspecto de extremo desalento e proibindo toda e qualquer pessoa de adentrar o laboratório sob qualquer pretexto. De fato, o anúncio revelou-se como o início de uma nova política de sigilo; pois a partir de então jamais outra pessoa recebeu permissão para visitar o misterioso estúdio na água-furtada ou a despensa adjacente que Charles Ward esvaziou, mobiliou de maneira precária e incorporou a seus domínios particulares na condição de quarto de dormir. Passou a morar naquele cubículo com os livros que retirava da biblioteca no andar de baixo, até que, passado algum tempo, comprou a casa em Pawtuxet e mudou-se para lá com todos os aparatos científicos.

À noite Charles pegou o jornal antes dos outros membros da família e danificou-o em parte em um suposto acidente. Mais tarde o dr. Willett, tendo estabelecido a data a partir dos testemunhos de vários membros da casa, procurou um exemplar intacto na redação do *Journal* e descobriu que a seção destruída trazia a seguinte nota:

ESCAVADORES NOTURNOS SUPREENDIDOS NO NORTH BURIAL GROUND

Robert Hart, vigia noturno do North Burial Ground, descobriu hoje pela manhã um grupo de vários homens com um caminhão na parte mais antiga do cemitério, mas conseguiu afugentá-los antes que pudessem cumprir qualquer desígnio que pudessem ter em mente.

A descoberta deu-se por volta das quatro horas da manhã, quando a atenção de Hart foi atraída pelo som de um motor no lado de fora da guarita. Quando saiu para investigar, percebeu um caminhão de grandes proporções na estrada principal a vários metros de distância; mas não conseguiu alcançá-lo antes que o som dos próprios passos no cascalho o denunciasse. Os homens puseram uma enorme caixa no caminhão e saíram às pressas em direção à rua antes que pudessem ser interceptados; mas, como nenhum túmulo foi profanado, Hart acredita que a caixa encerrava algum objeto que pretendiam enterrar.

Os escavadores devem ter trabalhado por um longo período antes de serem percebidos, pois Hart encontrou um enorme buraco cavado a uma distância considerável da estrada no terreno de Amosa Field, onde a maior parte das antigas lápides desapareceu muito tempo atrás. O buraco, com a largura e a profundidade de uma cova, encontrava-se vazio, e não coincidia com nenhum jazigo mencionado nos registros do cemitério.

O sagto. Riley, da Segunda Delegacia de Polícia, averiguou o local e afirmou que o buraco foi cavado por falsificadores de bebida que, com esse método engenhoso e terrível, poderiam estocar a carga em um lugar onde dificilmente a encontrariam. Durante o depoimento, Hart afirmou que imaginou ver o caminhão seguir rumo à Rochambeau Avenue, embora não pudesse afirmar com certeza.

Durante os dias que vieram a seguir, Charles foi visto em poucas ocasiões pela família. Depois de acrescentar um quarto de dormir a seus domínios no sótão, adotou um regime de enclausuramento ainda mais rígido, e passou a exigir que a comida fosse deixada na porta, negando-se a aparecer enquanto o criado não tivesse se afastado. A litania de fórmulas

monótonas e a entoação de ritmos bizarros surgiam a intervalos regulares, enquanto em outras situações o ouvinte casual podia detectar o som de vidros tilintantes, químicos sibilantes, água corrente ou rumorosas bicas de gás. Odores de qualidade indescritível, totalmente estranhos a tudo o que se havia percebido até então, por vezes pairavam ao redor da porta; e o ar de tensão observável no jovem recluso sempre que se aventurava no mundo exterior era capaz de suscitar as mais febris especulações. Certa vez fez uma viagem às pressas até o Athenaeum em busca de um livro que necessitava, e em outra ocasião contratou um mensageiro para buscar um volume altamente obscuro em Boston. O suspense estava inscrito como um portento em toda a situação, e tanto a família Ward como o dr. Willett declararam não saber o que pensar nem o que fazer a respeito.

6.

O dia quinze de abril trouxe um estranho desdobramento. Embora nada parecesse ter se alterado no tocante à natureza, sem dúvida havia uma terrível diferença de intensidade; e por algum motivo o dr. Willett atribui grande importância a essa mudança. Era Sexta-Feira Santa — uma circunstância a que os criados atribuem grande importância, embora outros naturalmente a considerem apenas uma coincidência sem qualquer relevância. No fim da tarde o jovem Ward começou a repetir certa fórmula em uma voz de singular potência enquanto queimava uma substância pungente cujos vapores escaparam por toda a casa. A fórmula era audível de maneira tão clara no corredor em frente à porta trancada que a sra. Ward não teve como evitar memorizá-la enquanto aguardava e esperava angustiada, e por esse motivo foi mais tarde capaz de escrevê-la a pedido do sr. Willett. Dizia o seguinte — e os especialistas afirmaram ao sr. Willett que uma fórmula deveras semelhante pode ser encontrada nos escritos místicos de “Eliphas Levi”, a alma críptica que se esgueirou por uma rachadura do portal interdito e vislumbrou terríveis panoramas do vazio mais além:

*“Per Adonai Eloim, Adonai Jehova,
Adonai Sabaoth, Metraton Ou Agla Methon,
verbum pythonicum, mysterlum salamandrae,
cenventus sylvorum, antra gnomorum,
daemonia Coeli God, Almonsin, Gibor,
Jehosua, Evam, Zariathnatmik, Veni, veni, veni”.*

A ladainha havia se repetido por duas horas sem alterações e sem nenhuma interrupção quando, por toda a vizinhança, os cachorros puseram-se a entoar uivos pandemoníacos. A intensidade desses uivos pode ser imaginada pelo destaque que recebeu nos jornais do dia seguinte, mas para os ocupantes da casa dos Ward o barulho foi obscurecido pelo odor que veio instantaneamente a seguir; um odor terrível e pungente que nenhum homem jamais tinha sentido e jamais tornaria a sentir outra vez. Em meio a essa torrente mefítica surgiu um clarão muito perceptível, como o de um raio, que teria sido ofuscante e notável se não fosse a luz do dia que o rodeava; e foi então que se ergueu a voz que nenhum ouvinte jamais poderá esquecer em função da ribombante distância, da incrível profundidade e da quimérica dissimilitude em relação à voz de Charles Ward. A voz fez com que a casa estremecesse e sem dúvida foi ouvida por pelo menos dois outros vizinhos em meio ao alarido dos cachorros. A sra. Ward, que escutava desesperada no lado de fora do laboratório trancado pelo filho, estremeceu ao reconhecer a demoníaca importância daquele som; pois Charles havia lhe falado a respeito da negra fama que granjeara em tomos obscuros, e também a respeito da maneira como, segundo as correspondências de Fenner, havia ribombado acima da fazenda de Pawtuxet na noite em que Joseph Curwen foi aniquilado. Não havia como se enganar a respeito daquela frase saída de um pesadelo, pois Charles a descrevera de maneira vívida na época em que falava livremente sobre as investigações acerca de Curwen. Mesmo assim, tratava-se apenas de um fragmento em uma língua esquecida e arcaica: “DI-ES MIES JESCHET BOENE DOESEF DOUVEMA ENITEMAUS”.

O estrondo foi seguido por um obscurecimento momentâneo da luz do dia, embora ainda faltasse uma hora para o pôr do sol, e então por uma rajada de odor diferente da primeira mas igualmente desconhecida e insuportável. Charles tornou a fazer a entoação mais uma vez e a mãe

pôde ouvir sílabas que soavam como “Yi-nash-Yog-Sothoth-he-lgeb-fi-throdog” — e terminavam com um “Yah!” cuja força desvairada escalava em um crescendo de estourar os ouvidos. No instante seguinte todas as memórias anteriores foram obliteradas pelo grito ululante que surgiu em uma explosão frenética e aos poucos transformou-se em um paroxismo de gargalhadas histéricas e diabólicas. A sra. Ward, com o misto de temor e coragem cega da maternidade, avançou e bateu assustada nas tábuas ocultativas, mas não suscitou nenhum sinal de reconhecimento. Logo tornou a bater, mas deteve-se sem coragem quando uma segunda voz se ergueu, sendo essa a voz inconfundível do filho, *e soando em concomitância com as cachinadas explosivas daquela outra voz*. No mesmo instante perdeu os sentidos, embora ainda hoje se declare incapaz de recordar a causa precisa e imediata do desmaio. Às vezes a memória promove apagamentos piedosos.

O sr. Ward voltou da repartição de negócios por volta de seis e quinze, e, ao perceber que a esposa não se encontrava no térreo, foi informado pela assustada criadagem de que devia estar observando a porta de Charles, de onde haviam surgido gritos mais estranhos do que nunca. Após subir de pronto as escadas, encontrou a sra. Ward estirada no assoalho do corredor em frente à porta do laboratório; e, ao perceber que estava desmaiada, apressou-se em buscar um copo d’água de uma moiranga em uma alcova próxima. Depois de aspergir-lhe o rosto com o líquido frio, animou-se ao observar uma reação imediata, e estava a observar o confuso abrir das pálpebras quando um arrepio gélido varou-lhe o corpo e ameaçou reduzi-lo ao mesmo estado de que a esposa naquele instante emergia. O laboratório aparentemente silencioso não estava tão silencioso quanto dava a impressão de estar, mas encerrava os murmúrios de uma conversa tensa e abafada em tons demasiado baixos para a compreensão, porém de uma qualidade profundamente inquietante para o espírito.

Que Charles balbuciasse fórmulas não era nenhuma novidade; mas aquele balbuciar era um tanto diferente. Era sem dúvida um diálogo, ou a imitação de um diálogo, que exibia as alterações regulares de inflexões que sugeriam perguntas e respostas, asserções e réplicas. Uma era a voz corriqueira de Charles, mas a outra apresentava um caráter profundo e cavo que os melhores poderes de mímica cerimonial do jovem mal lo-

graram produzir em outras situações. Havia um elemento medonho, blasfemo e anormal a respeito daquilo, e, se não fosse por um grito da esposa que recobrava a consciência a clarear-lhe os pensamentos e despertar-lhe para os instintos de sobrevivência, seria improvável que Theodore Howland Ward pudesse manter por mais quase um ano a velha bravata de que nunca havia desmaiado. Da maneira como foi, tomou a esposa nos braços e levou-a o mais depressa possível para o térreo antes mesmo que percebesse as horrendas vozes que tanto o perturbavam. Mesmo assim, no entanto, não foi rápido o suficiente para deixar de captar algo que o levou a cambalear perigosamente com o fardo que transportava. Pois o grito da sra. Ward sem dúvida fora ouvido por outros além do próprio marido, e de trás da porta trancada vieram as primeiras palavras reconhecíveis que o terrível e mascarado colóquio havia produzido. Não passava de um alerta exaltado proferido na voz do próprio Charles, mas por algum motivo trouxe insinuações repletas de um horror inefável para o pai que o ouviu. A frase era simplesmente a seguinte: “*Sshh! — Escreva!*”

O sr. e a sra. Ward conversaram durante algum tempo após o jantar, e o patriarca resolveu ter uma conversa firme e séria com Charles naquela mesma noite. Por mais importantes que fossem os estudos, aquele tipo de conduta não seria mais tolerado, uma vez que esses últimos desdobramentos haviam transcendido os limites da sanidade e constituído uma ameaça à ordem e ao bem-estar nervoso de todos os habitantes da casa. Não restava dúvida de que o jovem havia perdido completamente o juízo, pois nada além da loucura consumada poderia ter resultado nos gritos frenéticos e nas conversações imaginárias com interpretação de diferentes vozes que aquele dia havia trazido. Tudo precisava acabar, ou a sra. Ward acabaria doente e a manutenção da criadagem tornar-se-ia uma tarefa impossível.

O sr. Ward ergueu-se ao final da refeição e fez menção de subir a escada rumo ao laboratório de Charles. No terceiro andar, no entanto, deteve-se ao escutar os barulhos que vinham da então abandonada biblioteca do filho. A impressão era a de que livros estavam sendo atirados para todas as direções enquanto documentos eram folheados, e ao se aproximar da porta o sr. Ward vislumbrou o jovem lá dentro, coligindo em frenesi uma vasta quantidade de volumes literários dos mais diversos ti-

pos e formatos. O aspecto de Charles era de cansaço e desalento extremos, e o jovem deixou cair toda a carga com um sobressalto ao escutar a voz do pai. Ao comando do patriarca, sentou-se, e por algum tempo escutou as admoestações havia tanto tempo merecidas. Não houve cena alguma. No fim do sermão o filho aceitou que o pai tinha razão, e que os ruídos, balbucios, encantamentos e odores químicos de fato eram aborrecimentos imperdoáveis. Concordou em adotar uma conduta mais silenciosa, embora insistisse em um prolongamento da privacidade extrema. Asseverou que muito do trabalho que ainda restava fazer resumia-se a pesquisas bibliográficas; e que podia alojar-se em outro lugar para as vocalizações rituais necessárias em um estágio mais avançado. Expressou o mais profundo arrependimento em relação ao susto e ao desmaio da mãe, e explicou que a conversa ouvida mais tarde havia sido parte de um elaborado simbolismo que tinha por meta criar uma certa atmosfera mental. O uso de termos técnicos e abstrusos desorientou o sr. Ward, mas a impressão geral foi de inegável sanidade e compostura, apesar de uma tensão misteriosa da mais profunda gravidade. A entrevista revelou-se um tanto inconclusiva, e quando Charles juntou os livros e deixou o recinto o sr. Charles mal sabia o que pensar a respeito da situação como um todo. Era tão misteriosa como a morte do velho Nig, cuja forma rígida havia sido encontrada uma hora antes no porão, com os olhos vidrados e a boca distorcida pelo medo.

Movido por um impulso detetivesco, o pai desorientado lançou olhares curiosos às prateleiras vazias a fim de averiguar que volumes o filho havia levado para o sótão. A biblioteca do jovem apresentava uma organização clara e rígida ao extremo, de maneira que em um único relance era possível identificar os livros ou ao menos o tipo dos livros que haviam sido levados. Nessa ocasião o sr. Ward surpreendeu-se ao descobrir que nenhuma das obras antiquárias ou ocultistas, além das que já tinham sido removidas, fora levada. As novas remoções diziam respeito apenas a itens recentes: livros de história, tratados científicos, atlas de geografia, manuais de literatura, compêndios filosóficos e certos jornais e periódicos contemporâneos. Era uma mudança bastante curiosa em vista da recente lista de leituras de Charles Ward, e o pai deteve-se em meio a uma voragem cada vez maior de perplexidade e de estranheza. A estranheza revelou-se uma sensação muito aguçada, e quase lhe arranha-

va o peito enquanto se esforçava por descobrir o que estaria errado. Não havia dúvidas de que algo estava errado, não apenas em termos tangíveis, mas também espirituais. Desde o instante em que adentrou o recinto, o sr. Ward teve o pressentimento de que havia alguma coisa fora dos conformes, e por fim percebeu o que era.

Na parede norte ainda se erguia o antigo painel entalhado da casa em Olney Court, porém o desastre havia se abatido sobre os óleos craquelados e precariamente restaurados do grande retrato de Curwen. O tempo e o aquecimento irregular por fim surtiram efeito, e em um momento qualquer desde a última limpeza do cômodo o pior havia acontecido. Após se desprender da madeira e encarquilhar-se em voltas cada vez mais próximas, até enfim pulverizar-se em pequenos cacos em um movimento repentino e silencioso de malignidade latente, o retrato de Joseph Curwen abandonara para sempre a vigilância constante do jovem com quem tanto se parecia e, naquele instante, encontrava-se espalhado pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

IV. Uma mutação e uma loucura

1.

Na semana que se seguiu à memorável Sexta-Feira Santa Charles Ward foi visto com mais frequência do que o normal, e passou o tempo inteiro carregando livros entre a biblioteca e o laboratório no sótão. Executava as ações de maneira calma e racional, mas tinha um olhar furtivo e acuado que em nada agradou à mãe, e desenvolveu um apetite incrivelmente voraz no que dizia respeito às exigências feitas à cozinha. O dr. Willett ouviu relatos acerca dos ruídos e desdobramentos da sexta-feira, e na terça-feira seguinte teve uma longa conversa com o jovem na biblioteca onde o retrato não mais vigiava. A entrevista, como sempre, foi inconclusiva; mas Willett continuava disposto a jurar que o rapaz mantinha o pleno domínio das faculdades mentais naquele momento. Fez promessas de uma revelação prematura e falou sobre a necessidade de montar um laboratório em outra parte. Em vista do entusiasmo inicial, Charles demonstrou pouco remorso em relação à perda do retrato, dan-

do a impressão de ter descoberto um elemento positivo na súbita degradação da pintura.

Por volta da segunda semana Charles começou a se ausentar da casa por longos períodos, e certo dia, quando veio ajudar com a faxina de primavera, a velha preta Hannah mencionou as frequentes visitas que Charles fazia à antiga casa em Olney Court, onde aparecia com uma valise enorme e conduzia singulares buscas no porão. Costumava mostrar-se muito à vontade na presença da criada e do velho Asa, embora parecesse sempre mais preocupado do que costumava aparentar — o que muito a angustiava, visto que conhecia o jovem patrão desde o dia em que havia nascido. Outro relato sobre os afazeres de Charles chegou de Pawtuxet, onde certos amigos da família afirmaram tê-lo visto à distância um surpreendente número de vezes. Parecia frequentar o hotel de Rhodes-on-the-Pawtuxet, e os questionamentos ulteriores feitos pelo dr. Willett nesse local trouxeram à tona o fato de que o propósito do investigador era sempre encontrar uma via de acesso à margem do rio, cercada por arbustos ao longo dos quais costumava seguir rumo ao norte, em geral para não ser visto durante um bom tempo a seguir.

No fim de maio houve um retorno momentâneo dos sons ritualísticos no laboratório do sótão que resultou em uma severa reprimenda da parte do sr. Ward e em uma angustiada promessa de endireitar-se da parte de Charles. Tudo aconteceu pela manhã, e parecia consistir em uma continuação da conversa imaginária percebida na turbulenta Sexta-Feira Santa. O jovem mantinha um debate ou uma discussão acalorada consigo mesmo, pois de repente ergueu-se uma série perfeitamente reconhecível de gritos conflitantes em diferentes tons, como se fossem exigências e recusas alternadas, que levou a sra. Ward a subir a escada correndo e postar-se junto à porta a fim de escutar. Não pôde ouvir mais do que um fragmento cujas únicas palavras audíveis foram “Preciso do vermelho durante três meses”, e quando bateu todos os sons cessaram no mesmo instante. Quando mais tarde foi questionado pelo pai, Charles afirmou que havia certos conflitos de esferas da consciência que somente uma grande habilidade seria capaz de evitar, mas que se esforçaria por transferi-los a outros reinos.

No meio de junho ocorreu um bizarro incidente noturno. No fim da tarde ouviram-se barulhos e estrépitos no laboratório do sótão, e o

sr. Ward esteve a ponto de investigá-los quando de repente cessaram. À meia-noite, depois que a família tinha se recolhido, o mordomo estava trancando a porta da frente quando, de acordo com o depoimento, Charles apareceu com passos cambaleantes e incertos junto ao pé da escada com uma enorme valise e pôs-se a fazer sinais indicativos de que buscava uma via de egresso. O jovem não proferiu sequer uma palavra, mas o valoroso nativo de Yorkshire percebeu o olhar febril do patrão e começou a tremer sem saber ao certo por quê. Abriu a porta e o jovem Ward saiu, porém na manhã seguinte o homem pediu demissão à sra. Ward. Segundo disse, havia algo de profano no olhar com que Charles o havia encarado. Não convinha que um jovem cavalheiro olhasse para um empregado honesto daquela maneira, e assim o mordomo afirmou que não poderia ficar sequer mais uma noite. A sra. Ward dispensou-o, mas não deu muita importância ao comentário. Imaginar Charles em um estado febril naquela noite parecia um tanto ridículo, pois durante todo o tempo em que esteve acordada a sra. Ward não ouviu mais do que rumores no laboratório do sótão; sons que sugeriam passos e um choro convulsivo, e suspiros que nada revelavam além de um profundo desespero. A sra. Ward havia se acostumado a apurar o ouvido em busca de sons durante a noite, pois o mistério do filho sobrepunha-se a todos os demais pensamentos.

No entardecer seguinte, como em outro entardecer cerca de três meses antes, Charles Ward pegou o jornal muito cedo e acidentalmente perdeu a seção principal. O assunto foi retomado apenas mais tarde, quando o dr. Willett começou a investigar as pontas soltas e a buscar os elos faltantes aqui e acolá. Na redação do *Journal* conseguiu encontrar a seção que Charles havia perdido, e identificou duas notas de possível interesse. Ei-las:

MAIS ESCAVAÇÕES NO CEMITÉRIO

Hoje pela manhã Robert Hart, o vigia noturno do North Burial Ground, descobriu que ladrões de sepultura estiveram mais uma vez em atividade na parte antiga do cemitério. O túmulo de Ezra Weeden, nascido em 1740 e falecido em 1824 segundo a lápide de ardósia tombada e comple-

tamente lascada, foi escavado e violado, sem dúvida mediante o uso de uma pá que se encontrava na casa de ferramentas adjacente.

Qualquer que pudesse ser o conteúdo do jazigo mais de um século após a ocasião do enterro, não se encontrou nada além de umas poucas lascas de madeira apodrecida. Não havia marcas de rodas, mas a polícia examinou as pegadas encontradas nas proximidades e concluiu que foram deixadas pelas botas de um homem requintado.

Hart acredita que o incidente esteja relacionado à escavação frustrada de março passado, quando um grupo de homens em um caminhão foi descoberto após cavar um buraco um tanto profundo; mas o sagto. Riley da Segunda Delegacia de Polícia descarta essa hipótese e afirma haver diferenças fundamentais entre os dois casos. Em março a escavação ocorreu em um local onde não havia nenhuma sepultura conhecida; porém desta vez um túmulo bem sinalizado e em boas condições de preservação foi violado de maneira voluntária e com requintes de malignidade consciente expressos na depredação na lápide, que se encontrava intacta no dia anterior ao ocorrido.

Os membros da família Weeden manifestaram espanto e pesar, e não conseguiram pensar em nenhum inimigo que pudesse querer profanar o túmulo desse antepassado. Hazard Weeden, domiciliado à Angell Street, 598, afirma conhecer uma lenda segundo a qual Ezra Weeden teria se envolvido em circunstâncias bastante peculiares, embora não desonrosas, pouco antes da Revolução; mas desconhece qualquer inimizade ou mistério na época atual. O inspetor Cunningham assumiu o caso e espera descobrir pistas valiosas nos próximos dias.



CACHORROS EM POLVOROSA EM PAWTUXET

Os moradores de Pawtuxet acordaram por volta das três horas da manhã de hoje com o alarido ensurdecador dos inúmeros cachorros que latiam, principalmente às margens do rio logo ao norte de Rhodes-on-the-Pawtuxet. Segundo o relato de testemunhas, o volume e a qualidade dos uivos era singular ao extremo; e Fred Lemdin, o vigia noturno em Rhodes,

afirmou que em meio ao alarido era possível distinguir o que pareciam ser os gritos de um homem em terror e agonia mortais. Uma tempestade elétrica breve e intensa, que começou próximo às margens do rio, pôs fim ao tumulto. Estranhos e desagradáveis odores com provável origem nos tanques de óleo dispostos ao longo da baía foram identificados pelo populares como sendo a causa do incidente, e de fato podem ter contribuído para alterar o temperamento dos animais.

A partir desse ponto o aspecto de Charles tornou-se desalentado e acuadao ao extremo, de maneira que, ao pensar em retrospectiva, todos afirmaram que o rapaz dava a impressão de querer fazer uma declaração ou uma confissão que, no entanto, era impedida pelo terror em estado bruto. O mórbido hábito da sra. Ward de escutar à noite revelou que Charles Ward com frequência saía da casa sob o manto da escuridão, e a maior parte dos alienistas mais acadêmicos associam-no aos revoltantes casos de vampirismo que a imprensa noticiou com requintes sensacionalistas na época, embora ainda não tenham sido atribuídos de maneira conclusiva a nenhum malfeitor conhecido. Esses casos, demasiado recentes e célebres para que seja necessário entrar em detalhes, envolvem vítimas das mais variadas características e faixas etárias, e parecem centrar-se em duas localidades distintas: na parte residencial do morro e no North End, próximos à casa da família, e nos distritos suburbanos do outro lado da Cranston Line, próximo a Pawtuxet. Viajantes noturnos e pessoas acostumadas a dormir com as janelas abertas foram vítimas de ataques, e os que sobreviveram para contar a história falaram em um monstro esbelto e ágil que soltava fogo nos olhos, cravava os dentes na garganta ou na parte superior do braço da vítima e banquetear-se com um apetite voraz.

O dr. Willett, que se recusava a admitir a loucura de Charles Ward a essa época, era cauteloso ao arriscar uma explicação para esses horrores. Segundo disse, elaborou teorias próprias a esse respeito, e limitou todas as afirmações a um tipo peculiar de negação. “Não pretendo”, disse, “revelar quem ou o que acredito ter perpetrado esses ataques e homicídios, mas declaro que Charles Ward é inocente de todas as acusações. Tenho motivos para afirmar com certeza que desconhecia o gosto do

sangue, pois a decadência anêmica e o palor cada vez maior desse jovem são provas mais convincentes do que qualquer argumento verbal. Ward envolveu-se com coisas terríveis e pagou um alto preço, mas nunca foi um monstro ou um vilão. Quanto à situação atual — não gosto nem de pensar a respeito. Houve uma alteração, e me sinto mais leve por acreditar que o velho Charles Ward tenha morrido com ela. Pelo menos em alma — pois a carne desvairada que desapareceu do hospital de Waite tinha outra.”

Willett falava com autoridade, pois estava com frequência na casa dos Ward cuidando da sra. Ward, cujos nervos haviam começado a se deteriorar com a tensão. As audições noturnas haviam engendrado alucinações mórbidas reveladas com certo receio para o médico, que as ridicularizava ao falar com a paciente, mas ponderava-as em profundas reflexões quando sozinho. Todos esses delírios referiam-se aos sons tênues que a sra. Ward imaginava ouvir no laboratório e no quarto do sótão, e enfatizavam a ocorrência de suspiros abafados e choro nos horários mais impossíveis. No início de julho Willett mandou a sra. Ward passar uma temporada de convalescência em Atlantic City sem data para voltar, e orientou o sr. Ward e o desalentado e fugidio Charles a escrever-lhe apenas com boas notícias. É possível que a mulher deva a sanidade e a própria vida a esse afastamento indesejado e compulsório.

2.

Pouco tempo após a partida da mãe Charles Ward começou a negociar a casa em Pawtuxet. Era uma pequena e sórdida construção de madeira com uma garagem de concreto, empoleirada no alto da margem esparsamente povoada do rio acima de Rhodes, mas por algum motivo bizarro o jovem não demonstrou interesse por nenhuma outra propriedade. Tampouco deu sossego aos corretores imobiliários enquanto não lograram comprar o imóvel de um proprietário avesso ao negócio por uma soma exorbitante, e assim que a casa foi desocupada Charles instalou-se no local sob o manto da noite, transportando em um grande caminhão fechado todo o conteúdo do laboratório no sótão, incluindo os livros que havia retirado do estúdio. O caminhão foi carregado durante as trevas da madrugada, e o pai recorda-se apenas de perceber imprecações

abafadas e o som de passos na noite em que os bens foram levados. A seguir Charles tornou a ocupar os antigos aposentos no terceiro andar e nunca mais voltou a frequentar o sótão.

Para a casa em Pawtuxet Charles levou todo o sigilo que antes rodeava o antigo reino do sótão — a única diferença foi que a partir desse ponto começou a dar a impressão de ter dois companheiros de mistério: um mestiço português de aspecto repulsivo que trabalhava na zona portuária da South Main Street como criado e um magro e erudito forasteiro que usava óculos escuros e uma barba cerrada de aspecto tingido cuja posição era sem dúvida a de um colega. Os vizinhos tentaram em vão entabular conversas com esses singulares personagens. O mulato Gomes falava pouco inglês, e o homem barbado, que se identificava como dr. Allen, seguiu voluntariamente o exemplo. Ward tentou ser mais afável, mas conseguiu apenas despertar ainda mais curiosidade com os prolixos relatos acerca das pesquisas químicas a que se dedicava. Dentro de pouco tempo começaram a circular estranhos causos relativos às luzes que ardiam durante a noite inteira; e mais tarde, quando pararam de arder de repente, surgiram causos ainda mais estranhos a respeito de encomendas colossais feitas para o açougueiro e a respeito dos berros, declamações, litanias e gritos abafados que pareciam vir das profundezas de algum lugar sob a casa. Sem dúvida os novos ocupantes sofreram com a evidente e amarga rejeição da burguesia honesta que morava nos arredores, e não chega a causar surpresa saber que rumores sombrios começaram a relacionar a odiosa morada à epidemia de ataques e assassinatos vampíricos, em especial porque o raio de ação dessa praga dava a impressão de limitar-se a Pawtuxet e às ruas adjacentes de Edgewood.

Ward passava a maior parte do tempo na casa em Pawtuxet, mas por vezes dormia na mansão da família e ainda era contado entre aqueles que moravam sob o teto do pai. Por duas vezes ausentou-se da cidade em viagens de uma semana cujos destinos ainda não foram descobertos. Estava cada vez mais pálido e mais descarnado do que antes e parecia ter perdido a antiga convicção quando repetiu para o sr. Willett a velha história sobre pesquisas vitais e revelações futuras. Willett muitas vezes interpelava-o na casa do pai, pois o patriarca Ward demonstrava perplexidade e preocupação extremas e desejava que o filho recebesse tanta supervisão quanto fosse possível oferecer a um adulto tão sigiloso e inde-

pendente. O médico insistia em afirmar que o rapaz mantinha o pleno domínio de todas as faculdades mentais até esse ponto e apresentava evidências colhidas ao longo de inúmeras conversas para demonstrar essa afirmação.

Por volta de setembro os casos de vampirismo diminuíram, mas no janeiro seguinte Ward quase acabou envolvido em problemas sérios. Por um tempo a chegada e a saída de caminhões à noite na casa de Pawtuxet tinham sido motivo de comentários, e foi nessa circunstância que um obstáculo inesperado revelou a natureza de pelo menos um item transportado nos carregamentos. Um local isolado próximo ao Hope Valley foi palco de uma das frequentes e sórdidas emboscadas promovidas pelos “sequestradores” de caminhões em busca de carregamentos de bebida, porém dessa vez os ladrões estavam destinados a levar um tremendo susto. Ao serem abertas, as caixas oblongas das quais se haviam apossado revelaram coisas medonhas ao extremo; a bem dizer, tão medonhas que não foram mantidas em sigilo nem mesmo pelos frequentadores do submundo. Os ladrões enterraram às pressas o que haviam encontrado, mas quando a Polícia Civil tomou conhecimento do caso iniciou-se uma busca minuciosa. Um andarilho preso não muito tempo atrás, mediante a promessa de que não seria indiciado por nenhum outro crime, por fim concordou em levar um grupo de investigadores ao local; e no esconderijo cavado às pressas foi encontrado um carregamento vergonhoso e horrendo. Não faria bem ao decoro nacional ou mesmo internacional que a população soubesse o que foi encontrado por esse atônito grupo de investigadores. Não havia engano possível, nem mesmo para aqueles investigadores nada estudiosos; e logo telegramas foram despachados para Washington com uma rapidez frenética.

As caixas tinham sido remetidas para o endereço da casa em Pawtuxet, e em certa ocasião agentes estaduais e federais fizeram uma visita deveras séria e intimidadora à casa de Charles Ward. Encontraram-no pálido e preocupado com os dois estranhos companheiros, e receberam o que parecia ser uma explicação válida como alegação de inocência. Charles afirmou que precisara de certos espécimes anatômicos para levar adiante um programa de pesquisa cuja profundidade e originalidade qualquer pessoa que o houvesse conhecido durante a última década poderia atestar, e também que os encomendara segundo a necessidade de

agências que imaginou serem perfeitamente idôneas. Quanto à *identidade* do espécime, afirmou nada saber, e a bem da verdade mostrou-se chocado quando os inspetores sugeriram o impacto monstruoso que o ocorrido poderia ter sobre o sentimento público e a dignidade nacional se porventura viesse à tona. O depoimento foi confirmado pelo barbado dr. Allen, cuja estranha voz cava transmitia ainda mais convicção do que o tom nervoso em que se expressava; e assim os oficiais decidiram não levar o caso adiante e limitaram-se a anotar o nome e o endereço em Nova York que Ward havia mencionado como ponto de partida para uma busca que no fim não deu em nada. Cabe mencionar que os espécimes foram devolvidos ao lugar de origem com a maior brevidade e o maior sigilo possíveis, e que a população jamais tomará conhecimento dessa profanação blasfema.

No dia 9 de fevereiro de 1928 o dr. Willett recebeu de Charles Ward uma carta que considerou ser de extraordinária importância e que serviu como mote de inúmeras discussões com o dr. Lyman. Lyman acreditou que essa correspondência trazia provas irrefutáveis de um evidente caso de *dementia praecox*, enquanto Willett a interpretou como a última manifestação salubre do malfadado jovem. O médico da família chamou especial atenção para a caligrafia, que, embora trouxesse evidências de uma alteração nervosa, representava de maneira fidedigna o estilo de Ward. Eis o texto integral da carta:

*100 Prospect St.
Providence, R.I.,
8 de fevereiro de 1928.*

Caro dr. Willett,

Sinto que enfim chegou o momento de fazer as revelações que há muito tempo prometi ao senhor, e pelas quais o senhor tantas vezes me pressionou. A paciência demonstrada nessa espera e a confiança evidenciada pelo senhor em relação à minha sanidade e à minha integridade serão motivos de eterno apreço da minha parte.

Mesmo agora, quando me encontro disposto a falar, reconheço humilhado que um triunfo como o que idealizei jamais poderá ser atingido — pois em vez do triunfo encontrei o terror, e a revelação que ora ofereço

não é a bravata de um vitorioso, mas apenas o pedido de um suplicante em busca de ajuda e de conselhos para salvar a si mesmo e ao mundo de um horror que transcende toda a concepção humana. Com certeza o senhor recorda o que as cartas de Fenner dizem a respeito do antigo grupo encarregado da invasão em Pawtuxet. Tudo aquilo precisa ser feito mais uma vez, e depressa. De nossas providências dependem mais coisas do que seria possível expressar em palavras — todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo. Eu trouxe à luz do dia uma aberração monstruosa, porém meu único objetivo era a obtenção de conhecimento. Agora, em nome da vida e da Natureza, o senhor precisa me ajudar a empurrá-la de volta para as trevas.

Abandonei a residência em Pawtuxet para sempre, e precisamos aniquilar tudo aquilo que lá se encontra, independente de estar vivo ou morto. Não pretendo voltar jamais até aquele lugar, e o senhor não deve acreditar se em algum momento receber notícias de que me encontro lá. Prometo explicar por que quando nos encontrarmos pessoalmente. Voltei para casa em definitivo, e gostaria que o senhor me fizesse uma visita na primeira oportunidade em que possa dispor de cinco ou seis horas ininterruptas para ouvir o que tenho a dizer. Todo esse tempo será necessário — e acredite-me quando digo que o senhor nunca teve um dever profissional mais genuíno do que esse. Minha vida e minha sanidade são as coisas menos importantes que estão em jogo.

Não me atrevo a contar nada ao meu pai, que não conseguiria apreender o todo. Mesmo assim, informei-o do perigo atual, e agora temos quatro homens de uma agência de detetives vigiando a casa. Não tenho certeza de que possam ter grande serventia, pois o oponente é uma força que mesmo o senhor mal poderia conceber ou admitir. Assim, peço que venha logo se pretende me encontrar vivo e saber como pode ajudar a salvar o cosmo do inferno.

Venha a qualquer momento — não vou mais sair de casa. Não telefone antes, pois não há como saber quem ou o que pode tentar emboscá-lo

no caminho. Rezemos a quaisquer deuses que existam para que nada possa impedir nosso encontro.

Na mais absoluta gravidade e desespero,

Charles Dexter Ward.

P.S.: Caso encontre o dr. Allen, mate-o a tiros no ato e *dissolva o corpo em ácido*. Não o queime.

O dr. Willett recebeu esse bilhete por volta das 10h30 e imediatamente resolveu dedicar todo o final do entardecer e toda a noite a essa importantíssima conversa, disposto a permitir que se estendesse por tanto tempo quanto fosse necessário. Planejou chegar por volta das quatro horas da tarde, e durante o tempo que antecedeu o encontro viu-se tão distraído por toda sorte de especulações improváveis que executou a maioria das tarefas de forma mecânica. Por mais lunática que a carta pudesse ter soado aos ouvidos de um estranho, Willett conhecia as excêntricas de Charles Ward demasiado a fundo para considerá-las um simples caso de alucinação. Tinha quase certeza de que uma sombra furtiva, antiga e terrível pairava sobre a revelação, e a referência ao dr. Allen quase podia ser compreendida à luz do que os boatos correntes em Pawtuxet diziam a respeito do enigmático colega de Ward. Willett nunca o tinha visto, mas escutara vários comentários sobre o aspecto e o porte desse personagem, e por esse motivo nutria uma certa curiosidade em relação aos olhos que os óculos escuros discutidos nas mais variadas rodas sociais podiam ocultar.

Pontualmente às quatro horas da tarde o dr. Willett apresentou-se na residência dos Ward, porém descobriu com justificada frustração que Charles cumprira a promessa de manter-se em casa. Os guardas estavam a postos, mas informaram-lhe que o jovem aparentava ter perdido um pouco da timidez. Segundo um dos detetives, naquela manhã tinha feito reclamações e protestos um tanto receosos ao telefone, respondendo a uma voz desconhecida com frases como “Estou muito cansado e preciso descansar um pouco”, “Não posso receber ninguém por algum tempo, desculpe”, “Por favor adie as medidas decisivas para quando pudermos chegar a um meio-termo” e “Lamento, mas preciso tirar férias de tudo; conversamos mais tarde.” Por fim, tendo aparentemente encontrado co-

ragem na meditação, esgueirou-se para a rua com tanto sigilo que ninguém o viu partir ou sequer percebeu que havia se ausentado enquanto não voltou, por volta de uma hora da tarde, e entrou na casa sem dizer uma palavra. Subiu imediatamente as escadas, o que parece ter causado o ressurgimento parcial do medo; pois quando entrou na biblioteca ouviram-no soltar um grito de pavor que aos poucos deu lugar a uma espécie de estertor sufocado. Quando, no entanto, o mordomo subiu para averiguar qual era o problema, Charles recebeu-o junto à porta com uma grande demonstração de coragem e dispensou-o com um gesto que infundiu no serviçal um terror inexplicável. A seguir, procedeu sem dúvida a uma reorganização das prateleiras, uma vez que se ouviram estrépitos e baques e rangidos; e por fim reapareceu e de imediato saiu da casa. Willett perguntou se Ward teria deixado alguma mensagem, mas foi informado de que não havia nenhuma. O mordomo parecia evidenciar uma estranha perturbação relativa a alguma coisa na aparência e nos modos de Charles, e indagou preocupado se havia esperança de cura para o estado de nervos em que se encontrava.

Por quase duas horas o sr. Willett esperou em vão na biblioteca de Charles Ward, observando as prateleiras empoeiradas com grandes falhas nos lugares de que os livros tinham sido removidos e abrindo sorrisos lúgubres para o painel que encimava o consolo na parede norte, de onde um ano atrás as feições delicadas do velho Joseph Curwen haviam olhado com uma expressão serena para baixo. Passado algum tempo, as sombras do crepúsculo adensaram-se, e o pôr do sol deu lugar a um vago terror crescente que fugia como uma sombra perante a noite. O sr. Ward por fim chegou e demonstrou surpresa e raiva ao saber da ausência do filho depois de todas as precauções que tomara para resguardá-lo. Não sabia nada acerca do encontro marcado por Charles, e prontificou-se a notificar Willet assim que o jovem retornasse. Ao despedir-se do médico, expressou a mais absoluta perplexidade em relação à situação do filho, e suplicou ao visitante que fizesse todo o possível a fim de restabelecer a compostura normal do rapaz. Willett sentiu-se aliviado ao deixar a biblioteca, pois algo terrível e profano dava a impressão de assombrar o lugar, como se o retrato desaparecido tivesse deixado para trás um legado maligno. Nunca tinha gostado daquela pintura; e naquele instante, por mais domínio que tivesse sobre os próprios nervos, uma

qualidade indefinível no painel vazio fê-lo sentir a necessidade urgente de sair para o ar puro o mais depressa possível.

3.

Na manhã seguinte Willett recebeu uma mensagem do patriarca Ward dizendo que Charles seguia ausente. O sr. Ward mencionou que o dr. Allen telefonara para dizer que Charles permaneceria em Pawtuxet por algum tempo e que não devia ser perturbado. Todas essas medidas eram necessárias porque o próprio Allen de repente viu-se obrigado a se ausentar por um período indefinido, durante o qual as pesquisas seriam deixadas aos cuidados de Charles. Charles havia mandado saudações e pedia desculpas por quaisquer transtornos causados pela súbita mudança de planos. O sr. Ward escutou a voz do dr. Allen pela primeira vez ao ouvir essa mensagem, e o timbre pareceu reavivar uma lembrança vaga e fugidia que não podia ser identificada de maneira precisa, mas se mostrava perturbadora a ponto de causar temor.

Ao confrontar-se com esses relatos contraditórios e intrigantes, o dr. Willett não soube como reagir. Não havia como negar a seriedade frenética do bilhete de Charles, mas o que se poderia cogitar a respeito da violação imediata das políticas expressas pelo próprio missivista? O jovem Ward escrevera que os aposentos que habitava tinham se transformado em um lugar blasfemo e ameaçador, que deviam ser aniquilados juntamente com o colega barbado a qualquer custo e que ele próprio jamais retornaria ao local; porém, de acordo com os últimos relatos, havia se esquecido de tudo e voltado a envolver-se com o mistério. O senso comum recomendaria deixar o jovem em paz com essas excentricidades, porém um instinto mais profundo impedia que a impressão causada pela carta frenética desaparecesse. Willett leu e releu a mensagem, mas não conseguiu fazer com que a essência que encerrava soasse vazia e insana como a verborragia bombástica e a súbita inobservância da conduta recomendada poderiam sugerir. O terror era demasiado profundo e real, e somado a tudo que o médico sabia evocava sugestões demasiado vívidas de monstruosidades para além do tempo e do espaço para que permitissem qualquer tipo de explicação mais cética. Havia horrores inomináveis à espreita; e, por mais improvável que se afigurasse uma tentativa de

aproximação, era necessário estar preparado para tomar providências a qualquer momento.

Por mais de uma semana o dr. Willett meditou sobre o dilema que parecia haver se imposto, e assim viu-se cada vez mais inclinado a fazer uma visita a Charles na casa em Pawtuxet. Nenhum amigo do jovem havia se aventurado a penetrar nesse refúgio proibido, e mesmo o patriarca Ward conhecia apenas os detalhes interiores que o filho tinha por bem lhe oferecer; mas Willett sentiu que uma conversa direta com o paciente seria necessária. O sr. Ward vinha recebendo correspondências breves e evasivas do filho, sempre datilografadas, e afirmou que a situação da sra. Ward não era diferente em Atlantic City. Por fim o dr. Willett decidiu-se a agir; e, apesar de uma sensação curiosa inspirada pelas velhas lendas a respeito de Joseph Curwen e das revelações e alertas recentes de Charles Ward, partiu cheio de coragem rumo à casa situada nas margens do rio.

Movido por uma profunda curiosidade, Willett já havia visitado o local, embora jamais tivesse adentrado a casa ou mencionado essa incursão; e portanto sabia exatamente que caminho tomar. Depois de pegar o carro e tomar a Broad Street em uma tarde no fim de fevereiro, pensou com certa estranheza no sinistro grupo de homens que havia tomado aquele mesmo caminho cento e cinquenta e sete anos atrás para cumprir uma missão que ninguém jamais poderá compreender.

O trajeto através da periferia decadente da cidade era curto, e a graciosa Edgewood e a sonolenta Pawtuxet logo se estenderam à frente. Willett virou à esquerda para descer a Lockwood Street e continuou dirigindo pela estrada rural até onde era possível; então desceu do carro e prosseguiu a pé rumo ao norte, onde a margem erguia-se em meio às belas curvas do rio e aos rochedos nebulosos que se espalhavam mais além. As casas ainda eram um tanto esparsas naquele ponto, e não havia como enganar-se a respeito da construção com a garagem de concreto em um ponto elevado à esquerda. Após subir a passos lépidos a estrada de cascalho abandonada, o médico bateu na porta com a mão firme e falou sem nenhum temor com o mulato português que a abriu pouco mais do que uma fresta.

Alegrou que precisava ver Charles Ward o quanto antes para discutir um assunto de vital importância. Nenhuma desculpa seria aceita, e uma eventual recusa significaria um relato completo do ocorrido ao patriarca

Ward. O mulato continuou hesitante e empurrou a porta no instante em que Willett tentou abri-la; porém o médico ergueu a voz e tornou a repetir as exigências feitas. Nesse instante veio do interior sombrio um sussurro rouco que enregelou o sangue do visitante, ainda que não conhecesse o motivo desse temor. “Deixe-o entrar, Tony”, disse a voz; “agora podemos conversar.” Mas por mais perturbador que fosse o sussurro, um temor ainda maior veio logo a seguir. O assoalho estalou e o misterioso interlocutor se revelou — e o dono daquela estranha e ribombante voz não era outro senão Charles Dexter Ward.

A precisão com que o dr. Willett recordou e registrou a conversa dessa tarde deve-se à importância que atribui a esse período em particular. A partir desse ponto o médico enfim reconhece a ocorrência de uma alteração fundamental na mentalidade de Charles Dexter Ward, e acredita que o jovem que encontrou na casa em Pawtuxet falava movido por ideias e pensamentos totalmente estranhos às ideias e aos pensamentos do rapaz que tinha acompanhado ao longo de vinte e seis anos. A polêmica com o dr. Lyman obrigou-o a ser mais específico, e assim o dr. Willett afirmou que a loucura de Charles Ward começou na época em que passou a enviar as correspondências datilografadas para os pais. Essas correspondências não são vazadas no estilo habitual de Ward nem no estilo da última carta frenética endereçada a Willett. Parecem estranhas e arcaicas, como se o colapso mental do remetente tivesse feito transbordar uma torrente de pendores e impressões acumuladas de maneira inconsciente ao longo de toda uma infância de antiquarismo. Percebe-se uma evidente tentativa de parecer moderno, porém o espírito e por vezes a linguagem das missivas remontam ao passado.

O passado também se mostrou presente na postura e nos gestos de Ward quando recebeu o dr. Willett na casa obscura. Charles fez uma mesura, indicou um assento a Willett e sem mais delongas começou a falar de repente naquele estranho sussurro que tentou explicar desde o primeiro momento.

“Estou tísico”, disse, “por causa dos ventos desse rio maldito. Por favor não repare na minha voz. Imagino que o meu pai o tenha mandado averiguar o que me aflige, mas espero que o senhor não leve notícias alarmantes.”

Willett estudou aqueles sons com o maior cuidado, mas estudou ainda mais de perto a expressão do interlocutor. Percebeu que havia alguma coisa errada; e lembrou-se do que a família lhe dissera a respeito do susto que o mordomo de Yorkshire havia tomado em uma certa noite. Desejou que não estivesse tão escuro, mas não pediu que as cortinas fossem abertas. Em vez disso, simplesmente perguntou a Ward por que tinha contrariado o bilhete frenético de pouco menos de uma semana atrás.

“É o que eu gostaria de explicar”, respondeu o anfitrião. “Como o senhor deve saber, meus nervos encontram-se em um estado deveras precário, e assim me levam a dizer e a fazer coisas pelas quais não posso ser responsabilizado. Conforme afirmei em inúmeras ocasiões, estou envolvido em pesquisas de extrema importância; e a grandeza dessas pesquisas por vezes embota-me os pensamentos. Qualquer um haveria de sentir-se assustado pelo que descobri, mas eu não posso adiar meu progresso por muito tempo. Sinto-me um idiota por ter pedido aquela guarda e me decidido a ficar em casa, pois o meu lugar é aqui. Não sou bem falado por meus vizinhos intrusões, e talvez a fraqueza tenha me levado a acreditar no que disseram a meu respeito. Não há mal nenhum no que faço, desde que eu o faça direito. Tenha a bondade de aguardar seis meses e hei de recompensar-lhe a paciência.”

“O senhor deve saber que tenho maneiras de inteirar-me a respeito de temas antigos valendo-me de fontes mais confiáveis que os livros, e portanto deixo-lhe a tarefa de julgar a importância da contribuição que posso fazer à história, à filosofia e às artes com as portas a que tive acesso. Meu antepassado dispunha dessas coisas todas quando aqueles idiotas enxeridos vieram matá-lo. Eu agora tenho-as mais uma vez ao meu dispor, ou ao menos hei de ter alguma parte, ainda que de maneira imperfeita. Dessa vez nada deve acontecer, e acima de tudo não em decorrência de meus temores estúpidos. Rogo ao senhor que esqueça tudo o que escrevi, e que não tenha medo desse lugar nem das pessoas que aqui se encontram. O dr. Allen é um homem decente, e devo-lhe um pedido de desculpas por todos os males que espalhei a seu respeito. Eu não gostaria de tê-lo dispensado, porém tinha compromissos em outro lugar. O fervor que demonstra em relação a essas coisas não é menor do que o meu, e imagino que quando temi meu dever também o temi na condição de meu principal ajudante.”

Ward deteve-se e o dr. Willett mal soube o que fazer ou pensar. Sentiu-se quase tolo em vista desse tranquilo repúdio em relação à carta; porém, mesmo assim ateve-se ao fato de que, embora tivesse parecido estranha e bizarra e sem dúvida insana, a mensagem tinha sido trágica por conta da naturalidade e da profunda semelhança que guardava com o Charles Ward que conhecia de outrora. Willett tentou abordar temas mais antigos para que o jovem recordasse eventos passados capazes de restaurar uma atmosfera mais familiar, entretanto obteve apenas resultados grotescos nesse processo. O mesmo se repetiu mais tarde com todos os alienistas. Grandes porções do repositório de imagens mentais de Charles Ward, e em especial aquelas que se relacionavam aos tempos modernos e a sua vida pessoal, tinham sido inexplicavelmente obliteradas, enquanto todo o antiquarismo acumulado durante a juventude aflorou das profundezas do inconsciente e tragou tudo o que havia de contemporâneo e de individual. O conhecimento íntimo que o jovem evidenciava acerca de coisas antigas era anômalo e profano, e por esse motivo o paciente tentava ocultá-lo da melhor forma possível. Às vezes, quando Willett mencionava um objeto favorito dos estudos arcaicos da infância, Charles Ward revelava por acaso um conhecimento de que nenhum mortal comum poderia dispor, e quando essas alusões surgiam o médico nunca deixava de estremecer.

Não era salubre deter tanto conhecimento a respeito da maneira como a peruca do rotundo xerife caiu quando se inclinou para frente durante uma encenação na Histrionick Academy do sr. Douglass, em plena King Street, no dia onze de fevereiro de 1762, uma quinta-feira; nem a respeito da ocasião em que os atores fizeram tantos cortes no texto de *Conscious Lovers*, de Steele, que o fechamento do teatro pela legislatura batista da época duas semanas mais tarde foi visto quase com alegria por certas pessoas. Que o coche para Boston de Thomas Sabin era “desconfortável de sobejo” as correspondências da época talvez pudessem revelar; mas que antiquarismo saudável poderia recordar que os estalos da nova placa de Epenetus Olney (a espalhafatosa coroa adotada depois que passou a chamar a taverna de Crown Coffee House) soavam exatamente como as primeiras notas da nova canção de jazz que tocava em todas as rádios de Pawtuxet?

Ward, contudo, não se deixava questionar por muito tempo nessa veia. Os tópicos pessoais e modernos eram abandonados de maneira sumária, e os temas antigos não tardavam a aborrecê-lo. O que claramente pretendia fazer era satisfazer a curiosidade do visitante para que fosse embora sem a intenção de voltar. A fim de atingir esse objetivo, dispôs-se a mostrar a Willett a casa inteira, e no instante seguinte começou a acompanhar o médico por todos os cômodos do porão ao sótão. Willett examinou tudo com atenção e percebeu que os livros visíveis eram demasiado poucos e triviais para que pudessem ter preenchido as grandes lacunas deixadas nas prateleiras de Ward, e também que o suposto “laboratório” não passava de uma cortina das mais ordinárias. Sem dúvida havia uma biblioteca e um laboratório em outro lugar, mas era impossível determinar onde. Derrotado na busca por algo que nem ao menos sabia o que era, Willett voltou para a cidade antes do anoitecer e contou ao patriarca Ward tudo o que havia se passado. Os dois chegaram à conclusão de que o jovem havia definitivamente perdido o controle sobre as próprias faculdades mentais, porém acharam que nenhuma medida drástica precisaria ser tomada de imediato. Acima de tudo a sra. Ward devia ser mantida na mais absoluta ignorância a respeito do ocorrido, na medida que as estranhas notas datilográficas do filho permitissem.

Nessa ocasião o sr. Ward decidiu-se a fazer uma visita pessoal ao filho, sem comunicá-lo de antemão. O dr. Willett levou-o de carro em um entardecer, mostrou onde se situava a casa e esperou pacientemente o retorno do companheiro de viagem. A entrevista foi longa, e por fim o pai saiu em um estado de profunda tristeza e perplexidade. A recepção fora similar à de Willett, com a diferença de que Charles levou um tempo deveras longo para apresentar-se depois que o visitante abriu passagem à força pelo corredor e mandou o português embora com uma ordem peremptória; e na postura alterada do jovem não havia nenhum resquício de afeição filial. A iluminação era tênue, porém mesmo assim Charles afirmou sentir-se ofuscado de maneira quase insuportável. Tinha falado em voz baixa, alegando que a garganta estava em condições precárias; mas no sussurro rouco havia uma qualidade vagamente perturbadora que o sr. Ward não conseguia afastar dos pensamentos.

Unidos em definitivo para fazer o quanto fosse possível a fim de resguardar a sanidade do jovem, o sr. Ward e o dr. Willett começaram a

reunir todos os detalhes que pudessem encontrar acerca do caso. Os boatos que circulavam em Pawtuxet foram o primeiro item examinado, e a tarefa foi relativamente fácil porque ambos tinham amigos na região. O dr. Willett coletou o maior número de rumores porque as pessoas dispunham-se a ser mais abertas com um médico do que com o pai da figura central — e, a dizer pelos relatos que colheu, o jovem Ward vinha levando uma vida deveras estranha. As línguas comuns não conseguiam dissociar a casa onde morava dos casos de vampirismo ocorridos no verão anterior, e a movimentação noturna dos caminhões dava origem a muitas outras especulações sombrias. Os comerciantes locais mencionaram a estranheza dos pedidos feitos pelo mulato de aspecto maligno e em particular as enormes quantias de carne e sangue frescos compradas dos únicos dois açougues na vizinhança imediata. Para uma residência com apenas três pessoas, as quantidades eram absurdas.

Havia também a questão dos ruídos subterrâneos. Os relatos acerca dessas coisas eram difíceis de interpretar, mas todas as vagas insinuações concordavam nos detalhes essenciais. Surgiam ruídos de natureza ritual nas ocasiões em que a casa se encontrava às escuras. Poderiam, é claro, vir do porão conhecido; mas os rumores insistiam em afirmar que havia criptas mais extensas e mais profundas. Tendo em mente as antigas histórias sobre as catacumbas de Joseph Curwen e o pressuposto de que a casa atual tivesse sido escolhida por ocupar o mesmo terreno da antiga propriedade de Curwen, segundo informavam certos documentos encontrados atrás do retrato, o dr. Willett e o sr. Ward prestaram muita atenção a essa faceta dos rumores, e por inúmeras vezes procuraram sem sucesso a porta à margem do rio mencionada nos antigos manuscritos. Quanto à opinião popular acerca dos vários habitantes da casa, logo ficou evidente que o português de Brava era abominado, que o dr. Allen de barba e de óculos era temido e que o pálido e jovem estudioso era o objeto de uma profunda repulsa. Durante os dez ou quinze últimos dias Ward sem dúvida havia sofrido mudanças profundas; tinha abandonado qualquer tentativa de mostrar-se afável e passara a falar apenas com sussurros roucos e estranhamente repulsivos nas raras ocasiões em que saía de casa.

Estes eram os retalhos e fragmentos coletados aqui e acolá pelo sr. Ward e pelo dr. Willett; e a respeito deles tiveram várias conferências

longas e graves. Os dois se esforçaram por aplicar métodos de dedução, indução e imaginação criativa da forma mais abrangente possível, e também por estabelecer relações entre todos os fatos conhecidos acerca da vida recente de Charles, incluindo a carta frenética que o médico havia mostrado ao pai e as poucas evidências documentais disponíveis que diziam respeito a Joseph Curwen. Estariam dispostos a dar muita coisa em troca de um vislumbre dos papéis que Charles encontrara, pois sem dúvida a explicação para a loucura do jovem estava naquilo que aprendera sobre as façanhas do antigo feiticeiro.

4.

Apesar de tudo, o último movimento deste caso singular não se deveu às ações do sr. Ward ou do dr. Willett. O pai e o médico, confusos e perplexos ante uma sombra demasiado amorfa e intangível para que pudessem combatê-la, desfrutavam de um repouso intranquilo à espera do passo seguinte enquanto as notas datilográficas do jovem Ward tornavam-se cada vez menos frequentes. Quando o dia primeiro do mês trouxe os ajustes financeiros habituais, os funcionários de certos bancos começaram a balançar a cabeça e a telefonar uns para os outros. Oficiais que conheciam Charles Ward de vista foram até a casa em Pawtuxet perguntar por que todos os cheques apresentados naquela circunstância traziam falsificações grosseiras no campo da assinatura, e receberam uma resposta menos convincente do que gostariam de receber quando o jovem explicou com voz rouca que nos últimos tempos os tremores nervosos vinham-lhe afetando a mão a ponto de tornar a escrita normal impossível. Segundo disse, não conseguia mais formar caracteres manuscritos a não ser com extrema dificuldade, e resolveu provar o que dizia explicando que se vira obrigado a datilografar todas as correspondências recentes, inclusive aquelas endereçadas ao pai e à mãe, que poderiam confirmar essa alegação.

A confusão que levou os investigadores a se deterem não foi essa circunstância isolada, pois a esse respeito não havia nada de inédito ou de suspeito; tampouco os boatos de Pawtuxet, a respeito dos quais um que outro investigador ouvira falar. Foi a fala desconexa do jovem que os deixou atônitos, uma vez que indicava uma total perda de memória no

tocante a assuntos monetários de grande importância que apenas um ou dois meses atrás tinham sido tratados com a mais absoluta desenvoltura. Alguma coisa estava errada, pois a despeito do aspecto de coerência e de racionalidade presente no discurso, não poderia haver uma razão concebível para aquela ignorância escondida a duras penas em relação a tópicos vitais. Além do mais, embora nenhum dos homens fosse muito próximo a Ward, todos perceberam uma alteração no porte e na maneira de falar do jovem. Tinham ouvido falar das inclinações ao antiquariato, porém nem mesmo o antiquário mais empedernido faria uso diário de frases e gestos obsoletos. No geral, essa combinação de voz rouca, mãos paralisadas, lacunas de memória e alterações de fala e de comportamento devia ser o indicativo de um distúrbio ou de uma moléstia grave, o que sem dúvida formava a base dos rumores que circulavam; e depois de partir o grupo de oficiais decidiu que a providência mais urgente seria arranjar uma entrevista com o patriarca Ward.

Assim, no dia seis de março de 1928 houve uma longa e grave conferência no escritório do sr. Ward, ao cabo da qual o resignado pai solicitou a presença do dr. Willett. Willett examinou as assinaturas canhestras e forçadas nos cheques e comparou-as mentalmente com a caligrafia daquele último bilhete frenético. Sem dúvida a alteração fora radical e profunda, porém mesmo assim havia um traço de familiaridade sinistra naquela nova caligrafia. Apresentava fortes tendências a garatujas e arcaísmos de um tipo deveras curioso, e parecia ser o resultado de traçados muito diferentes daqueles via de regra usados pelo jovem. Parecia estranho — mas onde teria visto aquilo antes? Dado o contexto geral, era óbvio que Charles tinha enlouquecido. Quanto a isso não restavam dúvidas. E como parecia improvável que pudesse gerenciar a propriedade ou se manter no mundo dos negócios por mais tempo, alguma providência devia ser tomada o mais depressa possível em relação a uma possível curatela. Foi nesse ponto que os alienistas foram chamados: os drs. Peck e Waite de Providence e o dr. Lyman de Boston, a quem o sr. Ward e o dr. Willett ofereceram um relato tão abrangente quanto possível do caso, e que por fim mantiveram uma longa conferência na biblioteca ociosa do jovem enfermo, analisando os livros e papéis deixados para trás com vistas a formar uma opinião acerca da têmpera habitual do paciente. Depois de averiguar o material e examinar o agourento bilhete enviado a

Willett, todos concordaram em que os estudos de Charles Ward haviam desequilibrado ou ao menos distorcido um intelecto comum, e manifestaram o vivo desejo de perscrutar outros volumes e documentos pessoais; mas sabiam que esse passo somente poderia ser dado no próprio local da casa em Pawtuxet. Willett revisou o caso inteiro com uma disposição febril; e foi por volta dessa época que colheu os depoimentos dos trabalhadores que tinham acompanhado o momento em que Charles descobrira os documentos de Curwen e coligiu os incidentes dos jornais danificados após localizá-los na redação do *Journal*.

Na quinta-feira, dia oito de março, os drs. Willett, Peck, Lyman e Waite, acompanhados pelo sr. Ward, partiram rumo à tão aguardada visita ao jovem; não fizeram nenhum segredo a respeito do que pretendiam e questionaram o recém-declarado paciente com extrema minúcia. Charles, embora tenha levado um tempo excessivo para atender a porta e conquanto ainda trescalasse estranhos e nocivos odores do laboratório quando enfim se apresentou, mostrou-se um anfitrião nem um pouco recalcitrante, e admitiu com a mais absoluta franqueza que a memória e o equilíbrio mental haviam sofrido um pouco com a profunda dedicação a estudos abstrusos. Não ofereceu nenhuma resistência quando insistiram em que mudasse de acomodações; e, a bem da verdade, pareceu evidenciar um alto grau de inteligência além da simples memória. A conduta presenciada teria deixado os entrevistadores perplexos se não fosse a persistente tendência a arcaísmos na fala, enquanto a inconfundível substituição de ideias modernas por conceitos obsoletos marcava-o em definitivo como uma pessoa fora da normalidade. Quanto às pesquisas realizadas, não poderia dizer ao grupo de médicos mais do que já havia revelado previamente à própria família e ao dr. Willett, e o bilhete frenético do mês anterior foi desdenhado como a simples consequência de nervos agitados e histeria. Charles insistiu em dizer que a casa ensombrecida não dispunha de um laboratório nem de uma biblioteca além daqueles que se podiam enxergar, e ofereceu explicações abstrusas quando pediram que explicasse a ausência, na casa, dos odores que lhe impregnavam as roupas. Os boatos da vizinhança foram atribuídos à inventividade barata da curiosidade frustrada. Quanto ao paradeiro do dr. Allen, disse que não estava em posição de oferecer informações precisas, mas assegurou aos inquiridores que o homem de barba e de óculos es-

curos retornaria no momento oportuno. Ao pagar o impassível português de Brava que resistiu a toda sorte de questionamento da parte dos visitantes e ao fechar a casa que ainda parecia guardar segredos noctíferos, Ward não demonstrou nenhum sinal de nervosismo, salvo apenas por uma discreta tendência a deter-se e apurar o ouvido como se desejasse captar um som longínquo. Parecia estar animado por uma serena resignação filosófica, como se o afastamento fosse apenas um incidente passageiro que causaria menos transtornos se não oferecesse resistência e se livrasse daquilo o mais depressa possível. Era evidente que confiava na agudeza intocada da própria mentalidade absoluta para vencer todos os constrangimentos em que a memória deturpada, a perda da voz e da caligrafia e o comportamento furtivo e excêntrico haviam culminado. Foi combinado que a mãe não seria informada a respeito dessa mudança, e que o pai haveria de enviar bilhetes datilográficos em nome do filho. Ward foi levado ao tranquilo e pitoresco hospital particular mantido pelo dr. Waite em Conanicut Island, na baía, onde foi examinado e questionado minuciosamente por todos os médicos relacionados ao caso. Nesse ponto as anomalias físicas foram percebidas; o metabolismo desacelerado, a pele alterada e as reações neurais desproporcionais. O dr. Willett era o mais perturbado dentre todos os examinadores, pois tinha acompanhado Ward ao longo de toda a vida e portanto era quem melhor podia dimensionar a gravidade e a extensão da decadência física. Até mesmo a familiar marca de nascença no quadril havia desaparecido, enquanto no peito havia surgido um sinal ou uma cicatriz de cor preta que nunca havia estado lá e que levou Willett a indagar se o jovem teria participado dos rituais de “marcação das bruxas” que supostamente ocorrem durante certos encontros noturnos insalubres em lugares ermos e selvagens. O médico não conseguia tirar da cabeça a transcrição do julgamento de uma bruxa em Salém que Charles lhe havia mostrado antes de adotar o comportamento furtivo, que dizia: “O sr. G. B. naquella Noute pos a Marca do Demonio em Bridget S., Jonathan A., Simon O., Deliverance W., Joseph C., Susan P. Mehitable C. e Deborah B.”. O rosto de Ward também o horrorizava, e por fim descobriu de repente a causa de tamanho horror. Acima do olho direito do jovem, notou um detalhe que nunca havia percebido antes — uma pequena cicatriz ou depressão exatamente idêntica àquela presente na pintura decré-

pita do velho Joseph Curwen, que talvez indicasse uma inoculação ritualística medonha à qual ambos tivessem se submetido a certa altura da carreira ocultista.

Enquanto Ward intrigava os médicos do hospital, todas as correspondências endereçadas ao paciente ou ao dr. Allen passaram a ser mantidas sob a mais estrita vigilância e entregues na mansão da família Ward. Willett imaginou que o método traria poucos resultados, uma vez que as comunicações de natureza vital provavelmente seriam trocadas através de mensageiros; mas no fim de março uma carta que chegou de Praga para o dr. Allen deixou tanto o médico quanto o pai um tanto pensativos. Veio escrita com garatujas arcaicas ao extremo; e, embora não tivesse saído da pena de um estrangeiro, apresentava desvios quase tão singulares em relação à linguagem moderna quanto a maneira de falar do jovem Ward. Ei-la:

*Kleinstrasse 11,
Altstadt, Praga,
11 de Fev. de 1928*

Irmão em Almousin-metraton:

Hoje recebi a Mençam Aquillo que resultou da Encommenda que vos envie. Houve hum Erro, o que sem Duvida significa que as Pedras Tumullares estavam em Logares trocados quando Barnabas obteve o Especime. Huma Situaçam comezinha, como deveis saber pela Couse obtida no Terreno da King's Chapell em 1769 e por Aquillo que H. encontrou no Olde Bury'g Point em 1690 e que acabou por matallo. Encontrei hu'a Couse simillar no Egypto 75 Annos atraz, e dahi vem a Cicatriz que o Menino viu quando me encontrou aqui em 1924. Conforme ja tive Occasiam de dizer, não invoqueis Nada que não possaes supprimir; seja dos Saes mortos ou das Esphas maes allem. Tende sempre prontas as Pallavras do Esconjuro, e não vos demoreis a empregallas quando surgirem quaesquer Duvidas sobre a Identidade Daquelle que invocastes. As Pedras Tumullares se encontrão trocadas em nove de cada dez cemyterios. Não ha como ter Certesa sem perguntar. Hoje recebi Noticias de H., que enfren-tou Difficuldades com os Soldados. He possivel que lamente a Transfe-

rencia da Transilvania da Hungria para a Romenia, e a bem dizer mudaria a Sede de Logar se o Castello não estivesse tam repleto Daquillo que Conhecemos. Mas não tenho Duvidas de que ha de vos ter escripto acerca desses Assumptos. Em minha proxima Missiva pretendo dar Noticias a Respeito da Descoberta feita em hum Tumullo no alto de huma Collina no Occidente que, segundo acredito, ha de trazer-vos profunda Satisfacçam. Neste meio-tempo não vos esqueçaes de que estou desejoso de falar com B. F. se puderdes encontrallo. Afinal, conheceis G. na Philadelphia melhor do que eu. Fazei com que se erga primeyro, se assim preferis, mas não o useis a ponto de tornallo difficil, huma vez que preciso ter com Elle no Fim.

Yogg-Sothoth Neblod Zin

Simon O.

Para o sr. J.C. em
Providence

O sr. Ward e dr. Willett detiveram-se em estado de absoluto caos perante essa evidente prova de insanidade consumada. Apenas aos poucos lograram compreender o que parecia insinuar. Seria o ausente dr. Allen, e não Charles Ward, o espírito dominante em Pawtuxet? Isso explicaria as referências desvairadas e a denúncia na última carta frenética do jovem. E o que dizer a respeito do destinatário, identificado pelo forasteiro de barba e de óculos escuros como “Sr. J.C.”? Não havia como escapar à inferência, mas existem limites para as monstruosidades concebíveis. E quem seria “Simon O.”? O velho que Ward tinha visitado em Praga quatro anos antes? Talvez, mas nos séculos passados havia existido um outro Simon O. — Simon Orne, também conhecido como Jedediah, de Salém, que desapareceu em 1771 e *cujas caligrafia um tanto peculiar o sr. Willett naquele instante reconheceu graças às cópias fotostáticas das fórmulas de Orne que Charles certa vez lhe havia mostrado*. Que horrores e mistérios, que contradições e contravenções da Natureza teriam retornado depois de um século e meio para assolar a velha Providence repleta de cúpulas e coruchéus?

O pai e o velho médico, sem saber o que fazer ou o que pensar, foram visitar Charles no hospital para questioná-lo com o maior tato pos-

sível a respeito do dr. Allen, da viagem a Praga e das coisas que havia aprendido com Simon ou Jedediah Orne de Salém. O jovem ofereceu respostas polidas mas evasivas a todos os questionamentos, restringindo-se a dizer em um rouco sussurro que havia encontrado o dr. Allen a fim de estabelecer uma comunicação espiritual com almas do passado e que qualquer contato que o homem barbado tivesse em Praga muito provavelmente teria dons similares. Quando foram embora, o sr. Ward e o dr. Willett notaram com pesar que tinham sido vítimas de uma sabatina; pois, sem oferecer nenhum tipo de informação vital, o jovem se valeu de uma lábia impressionante para fazer com que relatassem todo o conteúdo da carta de Praga.

Os Drs. Peck, Waite e Lyman não estavam dispostos a atribuir muita importância à estranha correspondência do companheiro de Charles Ward, pois conheciam a tendência dos excêntricos e dos monomaniacos a buscar espíritos irmãos e acreditavam que Charles e Orne não tinham feito nada além de encontrar uma contraparte no estrangeiro — uma contraparte que talvez houvesse visto a caligrafia de Orne e decidido copiá-la em uma tentativa de passar-se por uma reencarnação do falecido personagem. O próprio caso de Allen não era muito diferente, pois talvez se houvesse apresentado ao jovem como um avatar do finado Curwen. Casos semelhantes haviam ocorrido no passado, e baseados nesse conhecimento os intransigentes médicos descartaram as crescentes preocupações de Willett com a mudança da caligrafia de Charles Ward em relação aos espécimes não premeditados obtidos graças às mais diversas manobras. No fim Willett imaginou ter identificado a origem da estranha familiaridade, e estabeleceu que se assemelhava à caligrafia outrora empregada pelo velho Joseph Curwen; porém os outros médicos afirmaram que uma fase imitativa era parte integrante da mania que afligia o paciente e assim se recusaram a atribuir qualquer importância favorável ou desfavorável ao assunto. Ao perceber a atitude prosaica dos colegas, o dr. Willett aconselhou o sr. Ward a não comentar a carta que chegou no dia dois de abril, enviada ao dr. Allen desde Rakus, na Transilvânia, e escrita em uma caligrafia que guardava semelhanças tão intensas e fundamentais com a cifra de Hutchinson que tanto o pai como o médico viram-se paralisados de espanto por um instante antes de violar o lacre. O conteúdo da carta era o seguinte:

Castello Ferenczy
7 de março de 1928.

Caro C.

Huma Milicia composta por huma Vintena de Homens veyo falar sobre os Rumores que correm entre as Gentes do Campo. Preciso cavar maes fundo e chamar menos Attençam. Esses Romenos são huma Praga dos Infernos, pois se mostram enxeridos e meticulosos, enquanto os Magiares deixavam-se comprar com Bebidas e Comidas. No Mez passado, M. entregou-me o Sarcophago das Cinco Esphinges trazido da Acropole, onde Aquelle que invoquei affirmou que estaria, e desde entam entabulei Tres Pallestras com *Aquillo que nelle se encontra inumado*. O Sarcophago deve ser despachado sem maes Delongas para S. O., em Praga, e de la deve seguir Viagem ate vos. Vereis como a Creatura he obstinada — porem sabeis lidar com essas Cousas. Mostraste-vos sabio por agora terdes menos do que dantes; pois não havia Necessidade de manter os Guardas em Forma e comendo-lhes as Cabeças, posto que isso daria hum Bocado de Assumpto se porventura surgissem Problemas, como bem sabeis. Assim podeis mudar-vos para dar Prosseguimento aos Trabalhos em outro Logar, sem Problemas decorrentes da Matança eventualmente necessaria, muito embora eu espere que ao menos por ora Nada vos force a adoptar Medidas tam extremadas. Folgo em saber que não levastes adiante o Traffico com as *Creaturas Sideraes*, pois que sempre representarão Perigo Mortal, e de certo não ignorais o que acconteceo quando pedistes a Protecçam Daquelle que não estava disposto a concedella. Surpreendestes-me ao conseguir que as Phormulas sejam profferidas por *Outros* com Successo, embora Borellus tenha previsto que assim seria caso as Pallavras correctas fossem obtidas. O Garoto usa-as com Frequencia? Lamento que esteja a mostrar-se affectado, como temi que haveria de mostrar-se depois que o tive em minha Casa por Obra de 15 Mezes, mas tenho a Certesa de que sabereis lidar com elle. Não ha como esconjura-lo com a Phormula, que funciona somente Naquelles que tenham sido invocados pela outra Phormula a partir dos Saes; entretanto ainda tendes Mãos fortes e a Faca e a Pistola, e Covas não são difficeis de cavar, nem os Acidos avessos a queimar. O. dis-

se-me que prometestes entregar-lhe B.F. Depois hei de precisar Delle. B. deve fazer-vos huma Visita em breve, e tomara que possa vos levar o que desejaes daquella Cousa Obscura nos Subterraneos de Memphis. Tende Cuidado com tudo Aquillo que invocardes e acautelae-vos com o Garoto. Dentro de hum Anno chegará o momento de trazer as Legioens dos Subterraneos, e entam não haverá maes Limites para as nossas Conquistas. Confiae em tudo o que vos digo, pois bem sabeis que eu e O. tivemos 150 Annos a maes do que vos para comprehender esses Assumptos.

Nephren-Ka nai Hadoth
Edw: H.

Para o sr. J. Curwen.
Providence.

Mas, embora Willett e o sr. Ward tenham se furtado a mostrar essa carta aos alienistas, não se furtaram a tomar as devidas providências. Não haveria sofisma ou erudição capaz de contradizer o fato de que o estranho dr. Allen de barba e de óculos escuros, descrito na carta frenética de Charles como uma ameaça monstruosa, mantinha uma correspondência íntima e sinistra com duas criaturas inexplicáveis que Ward visitara durante as viagens e que sem dúvida afirmavam ser avatares dos antigos colegas de Curwen em Salém; de que se via como a reencarnação do próprio Joseph Curwen, e de que tinha — ou ao menos fora instado a ter — desígnios assassinos contra um “garoto” que difficilmente poderia ser outro que não Charles Ward. Havia um horror organizado à espreita; e independente de quem o houvesse começado, nesse ponto tornou-se evidente que o desaparecido Allen estava por trás de tudo. Foi assim que, aliviado ao saber que Charles estava a salvo no hospital, o sr. Ward de immediato contratou detetives para que descobrissem o quanto fosse possível a respeito do críptico médico barbado — de onde tinha vindo e o que os habitantes de Pawtuxet sabiam a seu respeito, e se possível o paradeiro de então. Depois de entregar aos investigadores uma das chaves da casa em Pawtuxet que Charles lhe havia confiado, o patriarca Ward pediu que examinassem os aposentos vazios de Allen, identificados durante o transporte dos artigos pertencentes ao jovem paciente, a fim de averiguar a existência de pistas entre os artigos pessoais que pu-

desse ter deixado para trás. O sr. Ward conversou com os detetives na antiga biblioteca do filho, e todos sentiram uma profunda sensação de alívio ao deixarem o cômodo, que parecia envolto em uma vaga aura de malignidade. Talvez já tivessem ouvido boatos a respeito do infame feiticeiro cujo retrato outrora havia fitado de um painel acima do consolo da lareira, e talvez fosse outro detalhe irrelevante qualquer; mas o fato é que todos pressentiram o miasma intangível que se concentrava nos resquícios entalhados daquela habitação de outrora e que por vezes quase ganhava a intensidade de uma emanção material.

V. Um pesadelo e um cataclismo

1.

Logo a seguir precipitaram-se os medonhos eventos que deixaram a indelével marca do medo na alma de Marinus Bicknell Willett, e que acrescentaram uma década à idade aparente de outro, cuja juventude encontrava-se ainda mais longe. O dr. Willett teve um longo colóquio com o sr. Ward, e chegou a um acordo relativo a vários aspectos que, na opinião de ambos, seriam ridicularizados pelos alienistas. Em primeiro lugar, reconheceram a existência de um terrível movimento em ação no mundo, cuja relação direta com uma necromancia ainda mais antiga do que a bruxaria de Salém estava além de qualquer dúvida. Que pelo menos dois homens — e também um terceiro em quem não se atreviam a pensar — tinham a posse absoluta de intelectos ou de personalidades que haviam existido desde 1690 ou antes era um fato para o qual havia provas incontestáveis mesmo em vista de todas as leis naturais conhecidas. O que essas criaturas horrendas — e também Charles Ward — estavam fazendo ou tentando fazer parecia claro o bastante em vista das correspondências e de outras descobertas antigas e recentes que haviam esclarecido diversas facetas do caso. Estavam roubando túmulos de todas as épocas, entre os quais se encontravam o lugar de repouso dos maiores e mais sábios homens que a humanidade já conheceu, na esperança de recuperar, das cinzas de outrora, os vestígios da consciência e da sabedoria responsáveis por animá-los e informá-los em vida.

Um tráfico horrendo estava sendo conduzido por aqueles ladrões de túmulos saídos de um pesadelo, que promoviam o escambo de ossos ilustres com a fleuma de escolares que estivessem a trocar livros; e com aquilo que conseguiam extrair do pó secular esperavam obter sabedoria e poderes além de tudo o que o cosmo já viu se concentrar em um único homem ou grupo de homens. Encontraram maneiras profanas de manter os cérebros vivos, fosse no mesmo corpo ou em corpos distintos; e sem dúvida encontraram uma forma de acessar a consciência dos mortos com que se congregavam. Havia indícios de que o velho e quimérico Borellus tivesse revelado certas verdades ao escrever sobre o método de preparação dos “Saes Essenciaes” que poderiam ser extraídos dos mais antigos restos mortais a fim de conjurar a sombra de coisas mortas muito tempo atrás. Havia uma forma para invocar essas sombras, e outra para esconjurá-las; e naquele momento ambas tinham sido aperfeiçoadas e podiam ser ensinadas com sucesso. Era necessário tomar cuidado com essas invocações, pois as demarcações nos túmulos antigos nem sempre estão corretas.

Willett e o sr. Ward estremeceram ao passar de uma conclusão à outra. Coisas — presenças ou vozes de natureza desconhecida — podiam ser conjuradas de lugares ignotos e também do túmulo, mas era preciso tomar muito cuidado na execução do processo. Joseph Curwen indubitavelmente tinha conjurado inúmeras coisas proscritas, e quanto a Charles — o que se poderia pensar do rapaz? Que forças de “além das esferas” poderiam tê-lo alcançado desde a época de Joseph Curwen para voltar seus pensamentos em direção a coisas esquecidas? Fora levado a encontrar certas instruções, e então a usá-las. Tinha falado com aquele terrível homem em Praga e permanecido um longo período com a criatura nas montanhas da Transilvânia. E por fim devia ter encontrado o túmulo de Joseph Curwen. A nota do jornal e aquilo que a sra. Ward ouvira à noite eram detalhes importantes demais para que não fossem percebidos. Depois havia invocado alguma coisa, que devia ter atendido ao chamado. A poderosa voz que veio das alturas na Sexta-Feira Santa e os *diferentes tons* vindos do laboratório trancado no sótão... com o que se pareciam em função da natureza profunda e cava? Não havia nesse ponto um espantoso prenúncio do temível e desconhecido dr. Allen com a voz grave e espectral? Ah, eis o que o sr. Ward sentira com um

vago horror durante a única conversa que teve com esse homem — se de fato um homem estivesse na linha!

Que consciência ou voz infernal, que sombra ou presença mórbida respondera aos ritos secretos conduzidos a portas fechadas por Charles Ward? As vozes ouvidas na contenda — “Preciso do vermelho durante três meses” — por Deus! Não tinha acontecido logo antes dos surtos de vampirismo? A profanação do antigo túmulo de Ezra Weeden e mais tarde os gritos em Pawtuxet — que mente haveria planejado a vingança e redescoberto a medonha origem de blasfêmias ancestrais? Depois vieram a casa em Pawtuxet e o forasteiro barbado e os rumores e o medo. Nem o pai nem o médico tentaram oferecer explicações para a derradeira loucura de Charles, mas ambos tinham certeza de que a mente de Joseph Curwen estava de volta à Terra para dar prosseguimento à morbidez de outrora. Seria a possessão demoníaca uma possibilidade real? Allen estava de alguma forma implicado nos acontecimentos, e os detetives precisariam obter mais informações a respeito de um homem cuja existência ameaçava a vida do jovem Ward. Nesse meio-tempo, uma vez que a existência de uma vasta cripta sob a casa em Pawtuxet parecia estar além de qualquer controvérsia, esforços seriam envidados para localizá-la. Willett e o sr. Ward, conscientes da atitude cética dos alienistas, resolveram em uma última conferência proceder a uma exploração sigilosa de inigualável minúcia; e assim combinaram de encontrar-se na casa pela manhã seguinte munidos de valises e de certas ferramentas necessárias às buscas arquitetônicas e à exploração subterrânea.

O dia 6 de abril raiou com uma manhã clara, e às dez horas os dois exploradores estavam em frente à casa. O sr. Ward tinha a chave, e logo a entrada e uma busca superficial foram levadas a cabo. A julgar pela desordem do quarto antes ocupado pelo dr. Allen, parecia óbvio que os detetives já haviam estado lá, e os exploradores tardios acalentaram a esperança de que pudessem encontrar uma pista que se mostrasse útil. Era evidente que a parte mais importante do trabalho a ser feito encontrava-se no porão, e assim os dois exploradores desceram sem mais delongas, refazendo o circuito que já haviam feito em vão na presença do jovem proprietário louco. Por alguns instantes tudo os deixou atônitos, pois cada centímetro do chão de terra batida e das paredes de pedra revestia-se de um aspecto tão sólido e tão inócuo que mal era possível cogitar a

ideia de uma abertura. Willett pensou que, uma vez que o porão original tinha sido escavado sem nenhum conhecimento acerca de quaisquer catacumbas subterrâneas, o início da passagem representaria apenas os cômodos modernos de Ward e de seus companheiros no ponto onde haviam procurado as antigas galerias cujos rumores não poderiam tê-los alcançado senão por meios insalubres.

O médico tentou colocar-se no lugar de Charles para entender como um explorador poderia começar, mas o método não lhe trouxe muita inspiração. Então decidiu adotar a política da eliminação, e percorreu cuidadosamente toda a superfície do porão subterrâneo no sentido vertical e horizontal, tentando averiguar cada centímetro separadamente. Logo havia reduzido os pontos suspeitos de maneira considerável, e por fim viu-se reduzido à pequena plataforma em frente às tinas d'água, que já tinha examinado anteriormente em vão. Experimentando de todas as maneiras possíveis e exercendo força redobrada, descobriu enfim que a parte superior de fato era capaz de girar e de deslizar no plano horizontal graças a um ponto fixo na extremidade da superfície. Logo abaixo havia uma superfície de concreto com um bueiro de ferro, em direção ao qual o sr. Ward correu tomado de entusiasmo. A tampa não ofereceu resistência, e o pai havia quase terminado de removê-la quando percebeu a estranheza daquele objeto. O sr. Ward pôs-se a cambalear e começou a sentir vertigens, e a rajada de ar viciado que soprou do abismo negro foi logo identificada como causa suficiente para esses sintomas.

No instante seguinte o dr. Willett deitou o companheiro desmaiado no chão da peça e reavivou-o com água fria. O sr. Ward não fez mais do que esboçar uma reação, mas pôde-se notar que a rajada mefítica da cripta subterrânea havia causado uma moléstia grave. Relutante em dar qualquer chance ao azar, Willett apressou-se até a Broad Street à procura de um coche e logo despachou o doente para casa, apesar dos débeis protestos a meia-voz; e então sacou do bolso uma lanterna elétrica, cobriu o nariz com uma tira de gaze estéril e desceu mais uma vez a fim de perscrutar as profundezas recém-descobertas. A intensidade do ar pestilento diminuiu, e Willett conseguiu divisar um fecho de luz que descia por aquele buraco rumo ao Estige. Por cerca de três metros era uma passagem cilíndrica vertical com paredes de concreto e uma escada de ferro; e a partir de então o buraco parecia levar a uma antiga escadaria

de pedra que outrora devia ter chegado até a superfície do solo em algum ponto a sudoeste da construção atual.

2.

Willett admite que por um instante a memória das lendas a respeito do velho Curwen impediu-o de galgar sozinho a escada que descia rumo ao abismo fétido. Não conseguia tirar da cabeça o comentário que Luke Fenner havia feito na derradeira e monstruosa noite. No entanto, o dever se impunha, e assim o médico empreendeu a descida com uma grande valise para o eventual transporte de quaisquer documentos de suprema importância que viesse a encontrar. Aos poucos, como seria conveniente a um homem já entrado em anos, desceu a escada e chegou aos degraus viscosos lá embaixo. A lanterna revelou uma construção de cantaria ancestral; e nas paredes úmidas o dr. Willett percebeu uma grande quantidade de musgo secular e insalubre. Os degraus desciam cada vez mais fundo; não em espiral, mas em três curvas fechadas; e em passagens tão estreitas que dois homens teriam dificuldade para caminhar lado a lado. Willett havia contado cerca de trinta quando percebeu um som abafado; e depois não se dispôs mais a contá-los.

Era um som herético; um ultraje insidioso e cavo da Natureza que não devia sequer existir. Descrevê-lo como um grito indistinto, como um resmungo arrastado ou como o uivo desesperado de uma carne irracional aflita e atormentada seria ignorar a quintessência monstruosa e os repugnantes harmônicos do todo. Seria aquilo o que Ward tentava escutar no dia em que foi levado para o hospital do dr. Waite? Era a coisa mais horrenda que Willett havia escutado ao longo de uma vida inteira, e continuou a emanar de um ponto desconhecido quando o médico chegou ao último degrau e projetou o facho da lanterna em direção às elevadas paredes dos corredores colmados por abóbadas ciclópicas e varados por incontáveis arcos negros. O corredor em que se encontrava media talvez quatro metros no ponto central da abóbada e três ou quatro metros de largura. O pavimento era composto por lajes grandes e lascadas, e as paredes e o teto eram de cantaria regular. Não era possível imaginar a extensão da galeria, pois esta se estendia indefinidamente adiante rumo à escuridão. Quanto aos arcos, certos espécimes tinham portas de

seis painéis, ao estilo colonial, enquanto outros não tinham nada para fechá-los.

Depois de vencer o terror infundido pelo cheiro e pelo uivo, Willett começou a explorar os arcos um a um; e mais além descobriu aposentos com abóbadas de aresta, todos de tamanho mediano e aparentemente usados para fins um tanto bizarros. A maioria tinha uma lareira, e a parte superior das chaminés teria dado um interessante estudo na ciência da engenharia. Nunca tinha visto e jamais tornaria a ver instrumentos ou sugestões de instrumentos como os que assomavam por todos os lados em meio à poeira e às teias de aranha de um século e meio, que em muitos casos encontravam-se destruídas como que por antigos saqueadores. Muitas das câmaras pareciam jamais ter sido galgadas por visitantes modernos, e deviam representar as mais antigas e obsoletas fases dos experimentos levados a efeito por Joseph Curwen. Por fim Willett chegou a uma sala de evidente modernidade, ou pelo menos de ocupação recente. Havia aquecedores a óleo, estantes de livros e mesas, cadeiras e gabinetes e uma escrivaninha com uma pilha de documentos de antiguidade e contemporaneidade variáveis. Candelabros e lamparinas a óleo encontravam-se em vários locais do aposento; e, depois de encontrar um porta-fósforos, Willett acendeu os que se encontravam prontos para o uso.

Com a iluminação mais intensa, teve a impressão de que o apartamento não seria outra coisa senão o último estúdio ou a última biblioteca de Charles Ward. Quanto aos livros, o dr. Willett tinha visto uns quantos em ocasiões anteriores, e parecia evidente que boa parte da mobília tinha vindo da mansão na Prospect Street. Espalhadas aqui e acolá encontravam-se outras peças conhecidas por Willett, e a sensação de familiaridade tornou-se tão intensa que por alguns instantes o explorador chegou a esquecer a náusea e os uivos, naquele ponto ainda mais audíveis do que junto ao pé da escada. O primeiro dever, como já havia planejado, seria encontrar e resgatar papéis que pudessem ter importância vital — e em particular os documentos aziagos que Charles tinha encontrado havia muito tempo no recôndito atrás do retrato em Olney Court. À medida que procurava, notou a grandiosidade que envolvia a investigação final; pois eram tantos os arquivos atulhados de papéis escritos em caligrafias variadas e ornados por estranhos desenhos que meses ou até mesmo anos poderiam ser necessários para uma decifração e uma edição

de caráter abrangente. Em certo ponto encontrou grandes pilhas de cartas franqueadas em Praga e em Rakus, escritas na caligrafia de Orne e de Hutchinson; e levou-as todas como parte do fardo a ser transportado na valise.

Por fim, em um gabinete de mogno trancado a chave que costumava agraciar a mansão dos Ward, Willett encontrou o conjunto dos antigos papéis de Curwen, tendo-os reconhecido em função do vislumbre relutante que Charles lhe havia permitido muito tempo atrás. O jovem sem dúvida os havia mantido na mesma disposição em que se encontravam quando da descoberta original, uma vez que todos os títulos mencionados pelos trabalhadores se encontravam lá, à exceção dos papéis endereçados a Orne e a Hutchinson e da cifra com a chave. Willett colocou o monte de papéis na valise e deu prosseguimento ao exame dos arquivos. Como a condição imediata do jovem Ward fosse o mais importante assunto naquele momento, as buscas mais aprofundadas ocorreram na porção mais recente do material; e em meio a essa abundância de manuscritos contemporâneos uma bizarria exasperante foi percebida. A bizarria consistia na pequena quantidade de material escrito na caligrafia ordinária de Charles, que a bem dizer não incluía nenhum documento escrito menos de dois meses atrás. Por outro lado, havia resmas e mais resmas de símbolos e fórmulas, apontamentos históricos e comentários filosóficos feitos com garatujas absolutamente idênticas à caligrafia ancestral de Joseph Cruwen, embora sem dúvida fossem documentos contemporâneos. Estava claro que parte do programa mais recente havia incluído uma imitação minuciosa da caligrafia do velho feiticeiro, que Charles parecia ter conseguido reproduzir com um impressionante grau de perfeição. Quanto a uma terceira caligrafia que pudesse ser identificada como a de Allen não havia o menor sinal. Se de fato tivesse sido o líder, devia ter obrigado o jovem Ward a atuar como estenógrafo.

Em meio a esse novo material uma fórmula mística, ou antes um par de fórmulas, reaparecia com tanta frequência que Willett o havia decorado antes mesmo que a busca tivesse chegado ao fim. Consistia em duas colunas paralelas — a da esquerda colmada pelo símbolo arcaico conhecido como “Cabeça do Dragão”, usado em almanaques para indicar um nó ascendente, e a da esquerda encimada pelo signo complementar da “Cauda do Dragão”, que assinalava o nó descendente. A aparência do

todo era mais ou menos essa, e de maneira quase inconsciente o médico percebeu que a segunda metade não era nada mais do que uma repetição da primeira, com as sílabas escritas ao contrário, à exceção dos monossílabos finais e do estranho nome *Yog-Sothoth*, que tinha se acostumado a reconhecer sob as mais variadas grafias por conta de outras coisas vistas em função desse terrível assunto. As fórmulas eram como se pode ver a seguir — e *exatamente* assim, segundo Willett pôde confirmar em mais de uma ocasião —, e a primeira fez soar uma perturbadora nota de memória latente no cérebro do médico, conforme admitiu mais tarde ao reexaminar os acontecimentos daquela terrível Sexta-Feira Santa do ano anterior.

	
Y'AI'NG'NGAH YOG-SOTHOTH H'EE — L'GEB F'AI THRODOG UAAAH!	“OGTHROD AI'F GEB'L — EE'H YOG-SOTHOTH 'NGAH'NG AI'Y ZHRO!”

Tão assombrosas eram as fórmulas, e com tanta frequência surgiam nos documentos, que sem nem ao menos perceber o dr. Willett começou a repeti-las sozinho a meia-voz. No fim, porém, sentiu que se havia aposado de todos os papéis dos quais por ora conseguiria obter alguma vantagem; e assim resolveu parar de examiná-los até que pudesse convencer todos os alienistas céticos a conduzir uma busca mais ampla e mais sistemática. Ainda teria de encontrar o laboratório oculto, e assim, deixando a valise no aposento iluminado, retornou ao negro e nauseante corredor cuja abóbada ecoava sem parar o indistinto e horrendo resmungo.

Os outros cômodos que explorou se encontravam todos abandonados, ou repletos de caixas decrépitas e aziagos caixões de chumbo; porém mesmo assim o impressionaram com a magnitude das operações conduzidas por Joseph Curwen. Pensou nos escravos e marinheiros que haviam desaparecido, nos túmulos profanados ao redor do mundo e na visão com que o último grupo encarregado da invasão devia ter se depurado; e então decidiu que era melhor não pensar mais. Outrora uma grande escadaria de pedra havia se erguido à direita, e Willett deduziu

que devia ter chegado até uma das construções externas no pátio de Curwen — talvez o famoso edifício de pedra com frestas elevadas à guisa de janelas — caso os degraus por onde havia descido tivessem origem na casa com o telhado de duas águas. De repente as paredes deram a impressão de ter desabado mais à frente, e o fedor e os uivos tornaram-se mais intensos. Willett percebeu que tinha chegado a um vasto espaço aberto, tão amplo que o facho da lanterna não chegava à outra extremidade; e, à medida que avançava, encontrou as robustas pilastras que sustentavam os arcos da abóbada.

Passado algum tempo, Willett chegou a um círculo de pilares que se agrupavam como os monólitos de Stonehenge, com um enorme altar entalhado sobre uma base de três degraus no centro; e as entalhaduras no altar eram tão curiosas que o explorador se aproximou a fim de estudá-las à luz da lanterna elétrica. Mas, quando percebeu o que representavam, o médico se afastou tremendo e não se deteve para investigar as manchas escuras que haviam tingido as bordas e se espalhado pelas laterais em linhas finas. A seguir, encontrou a parede mais distante e traçou-a da maneira como se estendia em um gigantesco círculo perfurado por eventuais portas negras e marcado por uma miríade de celas rasas guardadas com grades de ferro e grilhões para tornozelos e punhos que se prendiam à cantaria logo atrás. As celas encontravam-se vazias, porém mesmo assim o terrível odor e os gemidos desolados continuaram, mais insistentes do que nunca, e às vezes interrompidos por uma espécie de baque viscoso.

3.

O pavoroso cheiro e o assombroso barulho não puderam mais ser ignorados pelo dr. Willett. Ambos eram mais intensos e mais terríveis no grande salão com pilastras do que em qualquer outro lugar, e davam a vaga impressão de uma profundidade extrema, mesmo naquele mundo negro de mistério subterrâneo. Antes de se aventurar pelos degraus além dos arcos negros que continuavam a descer, o médico apontou o facho de luz para as pedras no chão, pavimentado de maneira um tanto solta, e percebeu que a intervalos irregulares havia lajes curiosamente transfixadas por minúsculos furos sem nenhuma disposição particular, ao passo

que em determinado ponto havia uma longa escada atirada de qualquer jeito. Dessa escada, por mais estranho que fosse, parecia emanar boa parte do horrendo fedor que envolvia a tudo. Enquanto caminhava lentamente naquela direção, Willett percebeu que tanto o barulho como o odor pareciam mais fortes acima das estranhas lajes perfuradas, como se fossem alçapões rústicos que talvez conduzissem a regiões de horror ainda mais profundas. Ajoelhado junto a uma dessas lajes, Willett descobriu que poderia manuseá-la, embora com extrema dificuldade. A um mero toque os gemidos que vinham de baixo deram a impressão de se tornar mais intensos, e foi apenas com grande trepidação que conseguiu perseverar na tentativa de erguer a ponderosa laje. No mesmo instante um fedor inefável ergueu-se das profundezas, e o médico sentiu vertigens enquanto largava a laje e apontava a lanterna para aquele metro quadrado exposto de negrura hiante.

Se tivesse a expectativa de encontrar um lance de degraus que o levasse rumo ao enorme abismo de abominação suprema, Willett estava fadado ao fracasso, pois em meio ao fedor e aos resmungos das vozes alquebradas pôde discernir apenas o topo de um poço cilíndrico de bocal construído em tijolo com talvez um metro e meio de diâmetro e desprovido de escada ou de qualquer outro meio de acesso. Quando a luz chegou até lá embaixo, os uivos transformaram-se de repente em uma série de horrendos latidos; e ao mesmo tempo ouviram-se mais uma vez os sons de um inútil tateamento às cegas e de um baque viscoso. O explorador tremeu, avesso a sequer imaginar que coisa insalubre poderia estar à espreita naquele abismo, mas passado um instante reuniu a coragem necessária para espiar além da rústica mureta, deitando-se no chão e segurando a tocha dentro do buraco com o braço estendido para ver o que poderia estar oculto lá embaixo. Por um segundo não conseguiu distinguir nada além das viscosas paredes de tijolo cobertas de musgo que se estendiam infinitamente rumo ao miasma semitangível de trevas e fedores e frenesi desesperado; e então percebeu que um vulto escuro saltava com gestos canhestros e frenéticos de um lado para o outro no fundo do estreito túnel, que devia localizar-se a cerca de seis ou sete metros abaixo do chão de pedra onde se encontrava. A lanterna tremeu em sua mão, mas o explorador tornou a olhar para ver que espécie de criatura poderia estar confinada na escuridão daquele poço sobrenatural, faminta e

abandonada pelo jovem Ward durante todo o longo mês que se havia passado desde a internação, embora fosse apenas um espécime do vasto número aprisionado nos poços similares cujas tampas de cantaria perfurada espalhavam-se pelo enorme chão da grande caverna abobadada. O que quer que fossem aquelas coisas, não conseguiam se deitar no espaço exíguo, e deviam ter se postado de cócoras e ganido e esperado e saltado em vão durante todas aquelas horrendas semanas passadas desde que o dono as havia consignado ao esquecimento.

Porém, Marinus Bicknell Willett lamentou ter olhado mais uma vez; pois embora fosse um veterano da mesa de dissecação, nunca mais foi o mesmo desde então. Seria difícil explicar como uma única visão de um objeto tangível com dimensões mensuráveis poderia abalar e transformar um homem daquela forma; e podemos dizer apenas que certas entidades e silhuetas revestem-se de um poder sugestivo e simbólico que age de maneira terrível sobre a perspectiva de um pensador sensível e sus-surra insinuações horrendas a respeito de relações cósmicas e realidades inomináveis por trás das ilusões protetoras de nossa visão corriqueira. Naquele segundo Willett viu a silhueta de uma dessas entidades, pois durante os instantes a seguir estava tão louco quanto os pacientes do hospital particular do dr. Waite. Deixou a lanterna cair da mão privada de força muscular e de coordenação nervosa sem nem ao menos ouvir o som dos dentes que rangeram anunciando o destino do artefato no fundo do poço. Então gritou e gritou e gritou com uma voz cujo pânico em falseto não poderia ser identificado por nenhum amigo ou conhecido; e, embora não conseguisse postar-se de pé, arrastou-se e rolou em desespero pelo pavimento úmido por onde dezenas de poços tartáreos davam vazão a resmungos e latidos exaustos em resposta a esses gritos insanos. Cortou as mãos nas pedras ásperas e soltas, e por muitas vezes bateu a cabeça nas pilastras, mas conseguiu prosseguir mesmo assim. Por fim voltou a si na mais absoluta escuridão em meio ao fedor insuportável e tapou os ouvidos para não ouvir o uivo insistente a que a explosão de latidos havia se reduzido. Estava encharcado de suor e privado dos meios necessários para obter luz; e apavorado e aflito em meio à escuridão e ao horror abismal, e oprimido por uma lembrança que jamais poderia obliterar. Mais abaixo, inúmeras daquelas coisas seguiam vivas, e a tampa de um duto fora removida. Willett sabia que a coisa vislumbrada ja-

mais poderia escalar as paredes viscosas, porém mesmo assim estremeceu ao pensar que talvez existissem apoios para os pés ocultos pela escuridão.

O que era essa coisa o médico jamais viria a dizer. Assemelhava-se a certos entalhes presentes no altar demoníaco, mas estava vivo. A Natureza jamais havia concebido a criatura daquela maneira, pois era evidente que estava *incompleta*. Apresentava deficiências dos mais variados tipos, e as anomalias nas proporções não poderiam ser descritas. Willett limitou-se a dizer que coisas como aquela deviam representar entidades que Ward invocara a partir de *sais imperfeitos*, e que as mantivera para fins servis ou ritualísticos. Se não tivessem importância, não teriam a imagem gravada na pedra maldita. A criatura não era a pior coisa representada na pedra — mas Willett não abriu mais nenhum fosso. Naquele momento, a primeira ideia coerente que lhe ocorreu foi um parágrafo retirado de certos documentos antigos de Curwen que havia examinado muito tempo atrás; uma frase usada por Simon ou Jedediah Orne na agourenta missiva confiscada que tinha por destinatário o feiticeiro de outrora: “Decerto não houve Nada além do mais vivo Horror no que H. invocou a partir Daquillo que conseguiu obter apenas em Parte.”

Então, de maneira a prover um horrível suplemento e não um deslocamento dessa imagem, acudiu-lhe a lembrança dos ancestrais e duradouros rumores acerca da coisa queimada e retorcida encontrada nos campos uma semana após a invasão da casa de Curwen. Charles Ward certa vez havia contado ao dr. Willett o que o velho Slocum dissera sobre aquele objeto — que não era nem totalmente humano, nem totalmente relacionado a qualquer outro animal que as pessoas de Pawtuxet tivessem visto ou lido a respeito.

Essas palavras ressoaram na cabeça do médico enquanto balançava de um lado para o outro, agachado no chão de pedra recoberto por salitre. Tentou afastá-las e rezou um Pai-Nosso a meia-voz; e, passado algum tempo, perdeu-se em uma mixórdia mnemônica como a *Terra devastada* do modernista T.S. Eliot, e por fim reverteu à fórmula dúplice que havia encontrado inúmeras vezes na biblioteca subterrânea de Ward: “*Y'ai 'ng'ngah, Yog-Sothoth*”, e assim prosseguiu até o derradeiro “*Zhro*”. Aquilo pareceu acalmá-lo, e assim pôs-se de pé após um breve intervalo, lamentando com amargura a lanterna perdida durante o

susto e olhando desesperadamente ao redor em busca de uma nesga qualquer de luz em meio ao breu e à atmosfera enregelante. Pensar seria impossível; mas apertou os olhos com o rosto voltado em todas as direções em busca de uma cintilação ou de um reflexo tênue da forte iluminação que deixara para trás na biblioteca. Passado algum tempo, percebeu a suspeita de um brilho infinitamente longínquo, e pôs-se a engatinhar naquela direção com agonizante cautela em meio ao fedor e aos uivos, sempre tateando à frente para evitar colisões com as inúmeras pilas-tras ou ainda uma queda no interior do abominável fosso que havia destampado.

Em dado momento os dedos encostaram em algo que Willett imaginou ser o lance de degraus que conduzia até o altar demoníaco, quando então se encolheu tomado de repulsa. Em outro instante encontrou a laje furada que havia removido, e nesse ponto os cuidados que tomou chegariam quase a inspirar pena. Mas no fim não se aproximou da temida abertura, e nenhuma criatura emergiu a fim de impedir-lhe o progresso. Aquilo que havia estado lá no fundo não fazia sons nem se mexia. Sem dúvida a mastigação da lanterna elétrica derrubada não fizera bem à criatura. Cada vez que os dedos de Willett tocavam em uma laje perfurada o médico estremecia. A passagem através desses pontos às vezes provocava um aumento nos gemidos lá embaixo, mas em geral não produzia efeito nenhum, uma vez que o explorador se movia de forma quase inaudível. Inúmeras vezes durante o progresso o brilho mais à frente sofreu uma notável diminuição de intensidade, e assim Willett percebeu que as diversas velas e lamparinas que tinha acendido deviam estar se apagando uma a uma. A ideia de acabar perdido em meio à mais absoluta escuridão sem nem ao menos um fósforo naquele mundo subterrâneo de labirintos saídos de um pesadelo levou-o a pôr-se de pé e correr — o que já podia ser feito em segurança, uma vez que o fosso aberto fora deixado para trás; pois Willett sabia que, quando a luz se extinguísse, a única esperança de resgate e de sobrevivência dependeria do envio de um grupo de buscas que o sr. Ward talvez despachasse ao perceber a ausência do médico após um período suficiente de tempo. Naquele instante, contudo, deixou o espaço aberto para trás e entrou no corredor mais estreito, e assim pôde localizar o brilho, que vinha de uma porta à direita. Imediatamente se dirigiu até lá e mais uma vez se viu na biblioteca

secreta do jovem Ward, tremendo de alívio e observando o bruxulear daquela última lamparina que o havia guiado até um lugar seguro.

4.

No instante seguinte o dr. Willett começou a encher as lamparinas vazias usando um suprimento de óleo que havia percebido durante a primeira visita ao recinto, e, quando o cômodo tornou a se iluminar, olhou ao redor para ver se encontraria uma lanterna que o ajudasse a levar a exploração adiante. Embora estivesse atormentado pelo horror, a convicção implacável ainda era o sentimento dominante; e o médico estava decidido a não deixar nenhum detalhe passar em branco na investigação dos horrendos acontecimentos por trás da bizarra loucura de Charles Ward. Ao perceber que não havia nenhuma lanterna ao redor, decidiu levar consigo uma das lamparinas menores; e aproveitou para encher os bolsos com velas e fósforos, e também para transportar um galão de óleo, que pretendia usar em qualquer laboratório oculto que pudesse revelar-se além do terrível espaço aberto com o altar profano e os inefáveis poços cobertos. Uma nova travessia daquele espaço haveria de exigir uma demonstração de extrema fortitude, mas Willett sabia que não havia outra maneira. Por sorte, nem o terrível altar nem o fosso aberto localizavam-se próximos à parede repleta de celas que circundava toda a área da caverna e cujos negros e misteriosos arcos formavam o objetivo seguinte de uma exploração lógica.

Assim, Willett voltou àquele enorme corredor guarnecido por enormes pilastras e tomado pelo fedor e pelos uivos desesperados, posicionando a lamparina de maneira a evitar qualquer vislumbre distante do altar infernal ou do fosso aberto com a laje de pedra furada ao lado. A maior parte das portas negras conduzia apenas a pequenas câmaras — algumas vazias e outras sem dúvida usadas como depósitos; e em várias dessas últimas havia um estranho acúmulo dos mais variados objetos. Uma estava repleta de fardos podres e empoeirados de roupas, e o explorador sentiu um arrepio ao perceber que eram trajes de um século e meio atrás. Em outro recinto encontrou uma miscelânea de roupas modernas, como se provisões graduais estivessem a ser feitas com vistas ao equipamento de um numeroso grupo de homens. No entanto, o que

mais o perturbou foram as enormes tinas de cobre que apareciam a intervalos irregulares; as tinas e as incrustações que traziam. Mesmo assim, até mesmo estas o perturbaram menos do que as bacias de chumbo ornadas com estranhas figuras, cujas bordas retinham sedimentações abjetas e ao redor das quais pairavam odores repulsivos e perceptíveis mesmo na fétida atmosfera da cripta. Quando havia completado a metade do circuito da parede, Willett encontrou outro corredor como aquele por onde havia chegado e a partir do qual muitas portas se abriam. Resolveu então investigá-las; e, depois de adentrar três aposentos de tamanho médio sem nenhum conteúdo notável, chegou a um amplo cômodo oblongo cujo aspecto profissional com tanques e mesas, fornhalhas e instrumentos modernos, alguns poucos livros e incontáveis prateleiras repletas de vidros e potes revelava-o como sendo enfim o tão procurado laboratório de Charles Ward — e, em tempos mais antigos, sem dúvida de Joseph Curwen.

Depois de acender as três lamparinas que havia encontrado e tinha de prontidão, o dr. Willett examinou o lugar e todos os apetrechos que continha tomado pelo mais vivo interesse, notando a partir da quantidade dos vários reagentes nas prateleiras que a preocupação dominante do jovem Ward devia ter se concentrado em uma ramificação da química orgânica. No geral, não era possível apreender muita coisa a partir do equipamento científico, que incluía uma mesa de dissecação de aspecto medonho; e por esse motivo o aposento foi uma decepção e tanto. Em meio aos livros havia um antigo exemplar em frangalhos de autoria de Borellus, impresso em letras góticas — e era interessante notar que Ward havia sublinhado a mesma passagem que tanto perturbara o bom dr. Merritt na fazenda de Curwen mais de um século e meio atrás. O exemplar mais antigo, é claro, devia ter perecido junto com o restante da biblioteca ocultista de Curwen na invasão final. Três arcos se abriam a partir do laboratório, e assim o doutor pôs-se a explorá-los um a um. A partir de um exame sumário, pôde ver que dois simplesmente levavam a pequenos depósitos; mesmo assim, investigou-os minuciosamente, notando as pilhas de caixões nos mais diversos estágios de decomposição e estremecendo ante as duas ou três placas que conseguiu decifrar. Também nesses aposentos encontrou um grande número de peças de vestuário, bem como várias caixas de aparência recente fechadas com pregos

que não se deteve para examinar. Mas talvez o mais interessante de tudo fossem os estranhos detalhes que imaginou serem fragmentos do laboratório do velho Joseph Curwen. Estes haviam sofrido danos nas mãos dos invasores, mas ainda formavam uma parte reconhecível da parafernália química que remontava ao período georgiano.

O terceiro arco levava a uma câmara de tamanho considerável totalmente forrada de prateleiras e com uma mesa e duas lamparinas no centro. Willett acendeu as lamparinas e no brilho intenso pôs-se a estudar as intermináveis prateleiras que o cercavam. Alguns dos níveis superiores estavam vazios, porém a maior parte do espaço se encontrava repleta de estranhos recipientes de chumbo pertencentes a dois tipos; o primeiro sem nenhum pegador, como um *lekythos* ou vaso de azeite grego, e o outro com um único pegador e de formato semelhante a um jarro de Falero. Todos dispunham de uma tampa de metal e se encontravam cobertos por símbolos de aspecto peculiar moldados em baixo-relevo. Em um instante o médico percebeu que aqueles jarros estavam classificados de acordo com um rígido princípio; todos os *lekythoi* encontravam-se em um único lado da sala, guarnecido com uma placa de madeira onde se lia “Custodes” logo acima, e todos os jarros de Falero no outro, identificados da mesma forma com uma placa onde se lia “Materia”. Cada um dos vasos ou jarros, a não ser por certos espécimes avulsos nas prateleiras que estavam vazias, trazia uma etiqueta de papelão com um número que provavelmente se referia a um catálogo; e assim Willett decidiu procurar esse registro. Naquele momento, contudo, estava mais interessado na natureza daquela coleção como um todo; e, à guisa de experimento, abriu diversos *lekythoi* e jarros de Falero ao acaso a fim de obter uma ideia geral acerca do todo. O resultado era sempre o mesmo. Os dois tipos de jarro continham apenas pequena quantidade de um único tipo de substância — um fino pó de peso quase desprezível composto por diversos matizes de uma cor neutra. Quanto às cores que formavam a única instância de variação, não havia método evidente na maneira como estavam dispostas; e tampouco uma distinção entre o que se encontrava nos *lekythoi* e o que se encontrava nos jarros de Falero. Um pó cinza-azulado podia estar ao lado de um branco-rosado, e qualquer substância em um jarro de Falero podia ter uma contraparte exata em um *lekythos*. A característica mais notável dos pós era a inaderência. Willett derrama-

va um punhado na palma da mão e, ao devolver o pó ao jarro, percebia que nenhum resíduo permanecia grudado à pele.

O significado das placas intrigou-o, e então se perguntou por que aquela bateria de produtos químicos estaria separada de maneira tão radical dos potes de vidro que se encontravam nas prateleiras do laboratório em si. “Custodes”, “Materia”; eram as palavras latinas para “Guardas” e “Materiais”, respectivamente — e logo um clarão da memória fez com que o dr. Willett se recordasse onde tinha visto a palavra “Guardas” no contexto daquele terrível mistério. Tinha sido, é claro, na recente carta endereçada ao dr. Allen, supostamente pelo velho Edward Hutchinson; e a frase dizia: “Não havia Necessidade de manter os Guardas em Forma e comendo-lhes as Cabeças, posto que isso daria hum Boca-do de Assumpto se porventura surgissem Problemas, como bem sabeis”. O significaria essa frase? Mas espere — não havia ainda *outra* referência a “guardas” que não havia sequer lhe ocorrido durante a leitura da carta enviada por Hutchinson? No período anterior ao sigilo Ward lhe dissera que o diário de Eleazar Smith registrava a espionagem conduzida por Smith e Weeden na fazenda de Curwen, e que nessa pavorosa crônica havia menções a conversas ouvidas antes que o velho feiticeiro desaparecesse de uma vez por todas sob a terra. Smith e Weeden insistiam em dizer que haviam escutado terríveis colóquios entre Curwen, certos prisioneiros e *os guardas desses prisioneiros*. Esses guardas, de acordo com Hutchinson ou com seu avatar, haviam lhes “comido as cabeças”, e assim o dr. Allen não os manteve *em forma*. E se não estavam *em forma*, como poderiam estar, senão como os “sais” a que o bando de feiticeiros parecia estar decidido a reduzir o maior número possível de corpos ou de esqueletos humanos?

Seria *esse*, portanto, o conteúdo dos *lekythoi* — o monstruoso fruto de ritos e atos heréticos, possivelmente convertido ou coagido à submissão a fim de, quando chamado por meio de um encantamento demoníaco, ajudar a defender o blasfemo mestre ou a interrogar os recalcitrantes? Willett estremeceu ao pensar no que havia derramado sobre as próprias mãos, e por um instante foi dominado pelo impulso de fugir em pânico daquela caverna repleta de prateleiras horrendas com guardiões silenciosos e talvez vigilantes. Então pensou na “Materia” — na miríade de jarros de Falero que ocupavam o lado oposto do recinto. Sais, tam-

bém — mas, se não os saís dos “guardas”, então saís do quê? Meu Deus! Seria possível que lá estivessem as relíquias mortais de metade dos pensadores titânicos de todas as épocas, retirados por ladrões de sepulturas das criptas onde o mundo os tinha imaginado seguros e à mercê de loucos que buscavam extrair-lhes conhecimento a fim de cumprir um desígnio ainda mais ambicioso cujo resultado último diria respeito, como o pobre Charles havia insinuado no bilhete frenético, a “todas as civilizações, todas as leis naturais e talvez até mesmo o destino do sistema solar e do universo como um todo”? E Marinus Bicknell Willett havia deixado o pó desses homens correr por entre os dedos!

No momento seguinte, percebeu uma diminuta porta no lado oposto do recinto e acalmou-se o suficiente para se aproximar e examinar o rústico símbolo entalhado logo acima. Era apenas um símbolo, e no entanto instilou-lhe um vago pavor espiritual; pois um amigo mórbido e sonhador certa vez o havia traçado em uma folha de papel e discorrido sobre os significados que adquire nos negros abismos do sono. Era o símbolo de Koth, que os sonhadores veem afixado logo acima da arcada de uma certa torre negra que se ergue solitária em meio ao crepúsculo — e Willett não gostou nem um pouco do que o amigo Randolph Carter tinha dito acerca dos poderes que encerrava. Mesmo assim, um instante mais tarde esqueceu-se do símbolo ao reconhecer um novo odor acre na atmosfera pestilenta. Era um cheiro químico, e não animal, que sem dúvida tinha origem no cômodo do outro lado da porta. E era sem dúvida o mesmo odor que havia saturado as roupas de Charles Ward no dia em que os médicos o levaram embora. Então era aquele o lugar em que o jovem fora interrompido pelo derradeiro chamado? Nesse caso, Ward seria mais sábio do que Curwen, pois não havia resistido. Willett, determinado a penetrar todos os portentos e pesadelos que aquele reino subterrâneo pudesse encerrar, apanhou a pequena lamparina e atravessou o umbral. Uma onda de pavor inefável veio a seu encontro, mas o explorador não cedeu a nenhum devaneio e aferrou-se à intuição. Não havia nenhuma criatura viva capaz de fazer-lhe mal naquele lugar, e tampouco se permitiria hesitar na investigação da nuvem quimérica que envolvera o paciente.

O cômodo além da porta possuía dimensões medianas, e não tinha nenhum móvel além de uma mesa, uma única cadeira e dois grupos de

curiosas máquinas com rodas e presilhas, que, passados alguns instantes, Willett reconheceu como instrumentos medievais de tortura. Ao lado da porta havia um suporte com diversos azorragues de aparência brutal, acima dos quais se encontravam prateleiras com fileiras vazias de copas em chumbo no formato de cálices gregos. No outro lado estava a mesa, com uma poderosa lâmpada de Argand, um bloco de anotações acompanhado de um lápis e dois *lekythoi* tampados trazidos das prateleiras no outro cômodo e largados a espaços irregulares, como que de maneira provisória ou precipitada. Willett acendeu a lâmpada e examinou minuciosamente o bloco para ver que notas o jovem Ward poderia haver tomado quando foi interrompido, mas não encontrou nada mais compreensível do que os seguintes fragmentos desconexos escritos com as garatujas de Curwen, que não ajudavam a esclarecer nenhum aspecto do caso tomado como um todo:

“B. não morreo. Escapou para além dos Muros e encontrou o Logar mais abaixo.

“Vi o velho V. dizer o Sabbath e aprendi o Caminho.

“Invoquei *Tog-Sothoth* por tres Vezes e no Dia seguinte minha Supplica foi attendida.

“F. tentou anniquillar todos Aquelles que sabem como invocar as Creatures Sideraes.”

Quando o forte brilho da lâmpada de Argand iluminou a câmara por completo, o médico viu que a parede defronte à porta, entre os dois grupos de instrumentos de tortura dispostos nos cantos, tinha ganchos de onde pendiam mantos informes de um branco-amarelado um tanto lúgubre. Porém ainda mais interessantes eram as duas paredes vazias, cobertas por símbolos e fórmulas místicas entalhadas de maneira rústica na cantaria regular. O assoalho úmido também ostentava marcas de entalhaduras; e Willett não teve dificuldade para decifrar um enorme pentagrama no centro, com um círculo branco de cerca de um metro de diâmetro a meio caminho entre o símbolo místico e cada um dos cantos. Em um desses quatro círculos, próximo ao lugar onde um manto amarelado fora atirado de qualquer jeito ao chão, repousava um cálice raso como aqueles que se encontravam acima do suporte para os azorragues;

e logo além da periferia encontrava-se um dos jarros de Falero retirados das prateleiras no outro recinto, que trazia na etiqueta o número 118. Esse jarro não se encontrava tampado, e um rápido exame revelou que estava vazio; porém o médico estremeceu ao ver que o cílice não estava. Naquela área rasa, preservada pela ausência de vento naquela caverna erma, havia uma pequena quantidade de um pó de coloração verde-fluorescente que devia anteriormente estar contido no jarro; e Willett quase sentiu vertigens ao perceber as implicações que se impuseram assim que aos poucos começou a estabelecer relações entre os vários elementos e antecedentes da cena. Os azorragues e os instrumentos de tortura, o pó ou os sais no jarro de “Materia”, os dois *lekythoi* da prateleira marcada como “Custodes”, os mantos, as fórmulas nas paredes, as anotações no bloco, as insinuações de cartas e lendas e os milhares de vislumbres, dúvidas e suposições que atormentavam os amigos e os pais de Charles — a soma desses elementos atingiu o dr. Willett como uma onda de terror quando olhou em direção ao pó esverdeado que se espalhava pelo cílice de chumbo deixado no chão.

Com um esforço da vontade, no entanto, Willett se recompôs e começou a estudar as fórmulas entalhadas nas paredes. A dizer pelas letras manchadas e com diversas incrustações, parecia evidente que remontassem à época de Joseph Curwen, e o texto apresentava uma vaga familiaridade para alguém que tivesse lido o farto material a respeito de Curwen ou estudado a fundo a história da magia. Uma fórmula foi reconhecida por Willett como sendo aquela que a sra. Ward ouvira o filho entoar naquela agourenta Sexta-Feira Santa de um ano atrás, que, segundo um especialista, consistia em uma terrível invocação a deuses proscritos que se encontravam além das esferas normais do ser. Não estava soleturada exatamente como a sra. Ward a havia registrado de memória, tampouco como o especialista lhe havia mostrado no volume proscrito de “Éliphas Lévi”; mas a identidade era inconfundível, e palavras como *Sabaoth*, *Metatron*, *Almousin* e *Zariatnatmik* fizeram com que um arrepio de pavor varasse o corpo do homem que tinha visto e sentido de muito perto a abominação cósmica à espreita.

Essas palavras encontravam-se no lado esquerdo de quem entrava no recinto. O lado direito apresentava uma quantidade similar de inscrições, e Willett teve um sobressalto ao reconhecer um par de fórmulas

que ocorriam com grande frequência nas recentes notas encontradas na biblioteca. Em termos gerais, eram idênticas, e ostentavam os símbolos ancestrais da “Cabeça do Dragão” e da “Cauda do Dragão” no alto da página, que a seguir dava lugar à caligrafia de Ward. Entretanto, a grafia variava bastante em relação às versões modernas, como se o velho Curwen usasse um método diferente para registrar os sons, ou como se um estudo mais aprofundado tivesse encontrado variantes mais perfeitas e mais poderosas das invocações em questão. O médico tentou conciliar a versão entalhada àquela que insistia em martelar-lhe os pensamentos, porém encontrou dificuldades. No ponto em que a fórmula memorizada dizia “*Y’ai ’ng ’ngah, Yog-Sothoth*”, a epígrafe trazia “*Aye, engengag, Yogge-Sothotha*”, o que dava a impressão de causar uma séria interferência à silabificação da segunda palavra.

Em função da intensidade com que o texto mais recente havia se impregnado nos pensamentos do explorador, a discrepância o perturbou; e logo se viu entoando a primeira das fórmulas em voz alta em uma tentativa de conciliar o som que havia concebido às letras entalhadas que havia encontrado. Estranha e ameaçadora soou-lhe a própria voz naquele abismo de blasfêmia ancestral, com trenos que seguiam o ritmo de uma litania insistente devido a um feitiço antigo e ignoto ou devido ao exemplo infernal dos uivos abafados e heréticos que se erguiam dos fossos onde distantes cadências rítmicas e inumanas se erguiam e se atenuavam em meio ao fedor e às trevas.

**Y’AI’NG’NGAH
YOG-SOTHOTH
H’EE — L’GEB
F’AI THRODOG
UAAAH!**

Mas o que seria o vento gélido que de repente havia soprado logo nas primeiras sílabas do cântico? As tristes lamparinas bruxuleavam, e a escuridão se adensou de tal maneira que as letras na parede quase desapareceram em meio às trevas. Havia também fumaça, e um odor acre que abafou quase por completo o fedor dos poços distantes; um odor como o que havia surgido antes, porém infinitamente mais forte e mais pungente. Então o dr. Willett desviou o olhar das inscrições para virar-

se em direção à câmara repleta de itens bizarros e notou que o cálice no chão, no qual o agourento pó fosforescente se encontrava, havia começado a emanar uma densa nuvem de vapor preto-esverdeado com volume e opacidade surpreendentes. Aquele pó — Meu Deus! — Aquilo havia saído da estante de “Materia” — mas o que estaria fazendo naquele instante, e o que teria desencadeado o processo? A fórmula que havia entoado — a primeira do par — a Cabeça do Dragão, *nó ascendente* — Pai do Céu, seria possível...?

Willett viu-se tomado por vertigens, e por seus pensamentos correram fragmentos desconexos de tudo o que tinha visto, ouvido e lido a respeito do pavoroso caso de Joseph Curwen e de Charles Dexter Ward. “Rogo-vos mais uma Vez que não invoqueis Nada que não possaes supprimir... Tende sempre prontas as Pallavras do Esconjuro, e não vos demoreis a empregallas quando surgirem quaesquer Duvidas sobre a Identidade Daquelle que invocastes... Tres Pallestras com *Aquillo que nelle se encontra inumado...*” Por misericórdia, o que era o vulto por trás da fumaça que se descortinava?

5.

Marinus Bicknell Willett não tinha a menor esperança de que as diferentes partes da história fossem receber o crédito de outros que não os amigos mais próximos, e por esse motivo não chegou sequer a contá-la fora do círculo mais íntimo em que transitava. Apenas um reduzido número de pessoas de fora tomou conhecimento do relato, e a maioria destas simplesmente riu e afirmou que o médico sem dúvida estava começando a sentir o peso da idade. Aconselharam-no a tirar longas férias e a evitar toda sorte de envolvimento futuro em casos de perturbação mental. Mas o patriarca Ward sabe que o médico veterano não fez mais do que revelar uma verdade horrenda. Não tinha visto com os próprios olhos a abertura insalubre no porão da casa em Pawtuxet? Willett não o havia deixado em casa, vencido e doente, às onze horas daquela agourenta manhã? Não havia telefonado ao médico em vão ao entardecer, e mais uma vez no dia seguinte, e não se dirigira mais uma vez à casa em Pawtuxet na tarde subsequente, apenas para encontrar o amigo desacordado em uma das camas no andar de cima? Willett respirava em arquejos, mas

abriu os olhos devagar quando o sr. Ward ofereceu-lhe um gole do *brandy* que tinha no carro. Então estremeceu e gritou, “*Aquela barba... aqueles olhos... Meu Deus, quem é você?*” Era um comentário um tanto estranho a se fazer para um cavalheiro elegante, bem-escanhado e de olhos azuis que havia conhecido desde a meninice.

Na luz forte do meio-dia, a casa permanecia inalterada desde a manhã anterior. As roupas de Willett não traziam nenhum sinal de desalinho a não ser por certas manchas e um certo desgaste nos joelhos, e apenas um discreto odor acre lembraria o sr. Ward do cheiro que exalara do filho no dia em que o levaram para o hospital. A lanterna do médico havia se perdido, mas a valise estava segura, e vazia como a trouxera. Antes de oferecer qualquer explicação, e obviamente com um grande esforço moral, Willett cambaleou tomado por vertigens até o porão e tentou abrir a fatídica plataforma defronte às tinas. O objeto não se moveu. Depois de ir até o ponto onde deixara a bolsa de ferramentas no dia anterior, sacou um formão e começou a forçar as resistentes tábuas uma a uma. Por baixo o concreto liso ainda era visível, mas quanto a qualquer abertura ou perfuração não restava nenhum traço. Nenhuma passagem se abriu naquele momento para nausear o pai estupefato que tinha desido o lance de escadas em companhia do médico; havia apenas o concreto liso por baixo das tábuas — nenhum poço insalubre, nenhum horror subterrâneo, nenhuma biblioteca secreta, nenhum papel de Curwen, nenhum fosso saído de um pesadelo de uivos e fedores, nenhum laboratório com prateleiras e fórmulas entalhadas... O dr. Willett empalideceu e agarrou-se ao homem mais jovem. “Ontem”, perguntou a meia-voz, “você também viu aqui... você também sentiu o cheiro?” E quando o sr. Ward, transfixado pelo horror e pelo espanto, reuniu forças para fazer um gesto afirmativo com a cabeça, o médico soltou um suspiro engasgado e respondeu-lhe com um gesto idêntico. “Então vou contar tudo”, disse.

E assim, durante uma hora no recinto mais ensolarado que puderam encontrar no andar de cima, o médico sussurrou o terrível relato ao pai estupefato. Não havia nada a relatar além do vulto que surgiu quando o vapor preto-esverdeado que saiu do cílice descortinou-se, e Willett estava cansado demais para indagar sobre o que de fato teria ocorrido. Os dois homens trocaram inúteis meneios de cabeça, e em um dado mo-

mento o sr. Ward aventurou-se a perguntar a meia-voz: “Você acha que resolveria alguma coisa se cavássemos?” O médico permaneceu em silêncio, pois não julgou adequado responder sabendo que os poderes de esferas ignotas haviam chegado a esse lado do Grande Abismo. O sr. Ward tornou a perguntar: “Para onde foi aquela coisa? Você sabe que foi aquilo que o trouxe até aqui e que de algum modo fechou o acesso.” E mais uma vez Willett respondeu com o silêncio.

Mesmo assim, a história estava longe do fim. Quando estendeu a mão a fim de pegar o lenço antes de se levantar e partir, o dr. Willett fechou os dedos ao redor de um pedaço de papel no interior do bolso que não havia estado lá anteriormente e que se fez acompanhar pelas velas e fósforos que havia encontrado nas galerias desaparecidas. Era uma folha comum, sem dúvida arrancada do bloco que se encontrava naquele fabuloso recinto de horror nas galerias subterrâneas, e a caligrafia sobre o papel era a de um lápis de grafite ordinário — com certeza o instrumento que se encontrava ao lado do bloco. A folha estava dobrada sem nenhum cuidado, e à exceção do discreto cheiro acre das câmaras crípticas não trazia nenhuma marca ou sugestão de qualquer outro mundo que não o nosso. Do texto, contudo, trescalavam portentos; pois não se tratava de uma caligrafia da época contemporânea, mas dos traços rebuscados das trevas medievais, legíveis somente a duras penas aos olhos dos leigos que naquele instante se debruçaram sobre o papel, que no entanto ostentava símbolos vagamente familiares. Eis a mensagem rabiscada às pressas — e o mistério instilou convicção na dupla de investigadores abalados, que sem mais delongas foram até o carro do sr. Ward e ordenaram ao motorista que passasse em um restaurante silencioso e depois os levasse até a John Hay Library na colina.

Θρυγηται ηλκαηδαις ζϕ.
Cαδαυλη αῶ πορτζη διππολυνηδαιη
ηλ αληθα ηττηνηδαιη.
Τααυτ πορτζη.

Na biblioteca não foi difícil encontrar bons manuais de paleografia, e os homens deixaram-se intrigar por esses volumes até que as luzes do

anoitecer se refletissem no enorme lustre. No fim encontraram o que tanto haviam procurado. As letras não eram nenhuma invenção fantástica, mas apenas a caligrafia ordinária de um período obscuro ao extremo. Eram as minúsculas saxônicas do século VIII ou IX, e traziam consigo memórias de uma época de barbárie em que, sob o novo lustre do cristianismo, religiões antigas e ritos ancestrais moviam-se às furtadelas enquanto a lua pálida da Bretanha por vezes contemplava as estranhas cerimônias nas ruínas romanas de Caerleon e de Hexham, e também junto às torres da muralha decrépita de Adriano. As palavras eram vazadas no latim que se podia esperar de uma época bárbara — *“Corvinus necandus est. Cadaver aq(ua) forti dissolvendum, nec aliq(ui)d retinendum. Tace ut potes”* — e podem ser traduzidas aproximadamente como: “Curwen deve ser morto. O corpo deve ser dissolvido em água-forte, e nada deve restar. Guarde silêncio tanto quanto possível”.

Willett e o sr. Ward calaram-se, perplexos. Ao se defrontarem com o desconhecido, perceberam que não tinham emoções adequadas para reagir da maneira como haviam vagamente antecipado. No caso de Willett, em particular, a capacidade de receber novas impressões de espanto havia chegado muito próximo do limite; e os dois homens permaneceram sentados, imóveis e indefesos, até que o fechamento da biblioteca os obrigasse a ir embora. Então seguiram de carro até a mansão Ward na Prospect Street e falaram noite adentro sem chegar a nenhuma conclusão. O médico descansou perto do amanhecer, mas não foi para casa. Ainda estava na mansão quando, ao meio-dia de domingo, recebeu uma mensagem telefônica enviada pelos detetives contratados para vigiar o dr. Allen.

O sr. Ward, que estava andando com passos nervosos de um lado para o outro vestido com um roupão, atendeu pessoalmente a ligação, e solicitou aos homens que fizessem uma visita à casa na manhã seguinte ao saber que tinham um relatório quase pronto. Tanto Willett como o sr. Ward alegraram-se ao perceber que essa fase da investigação estava tomando corpo, pois qualquer que fosse a origem da estranha mensagem em minúsculas, tudo indicava que o “Curwen” a ser destruído não podia ser outro senão o forasteiro de barba e de óculos escuros. Charles havia temido esse homem, e também havia dito no bilhete frenético que devia ser morto e dissolvido em ácido. Como se não bastasse, Allen vi-

nha recebendo cartas de estranhos feiticeiros da Europa sob a alcunha de Curwen, e não havia dúvidas de que se considerava um avatar do necromante de outrora. E naquele instante uma nova e até então desconhecida fonte havia surgido, dizendo que “Curwen” devia ser morto e dissolvido em ácido. Os nexos pareciam demasiado coesos para que fossem engendrados; além do mais, Allen não estava planejando o assassinato do jovem Ward a pedido da criatura chamada Hutchinson? Claro, a carta talvez nunca tivesse chegado até o forasteiro barbado; mas a partir do texto foi possível determinar que Allen já tinha planos concretos para lidar com o jovem caso viesse a mostrar-se demasiado “afetado”. Sem dúvida, Allen precisava ser detido; e mesmo que as providências mais drásticas não se fizessem necessárias, devia ser colocado em um lugar onde não pudesse fazer mal a Charles Ward.

Naquela tarde, em uma vã esperança de arrancar informações acerca dos mais profundos mistérios da única pessoa capaz de fornecê-las, o pai e o médico dirigiram-se até a baía para visitar o jovem Charles no hospital. Com palavras simples e graves, Willett contou-lhe tudo o que havia descoberto até então e notou que o jovem empalidecia à medida que cada descrição corroborava ainda mais a certeza da descoberta. O médico usou o maior número possível de efeitos dramáticos e permaneceu atento a qualquer expressão de sofrimento no semblante de Charles quando abordou a questão dos poços cobertos e dos inomináveis seres híbridos que continham. Mas a expressão de Ward não se alterou. Willett deteve-se e passou a falar com uma voz indignada quando mencionou que as criaturas estavam passando fome. Acusou o jovem de ter adotado um comportamento desumano, e estremeceu ao receber como resposta apenas uma risada sardônica. Charles, tendo abandonado qualquer pretensão de fingir que a cripta não existia, deu a impressão de encarar toda aquela circunstância como uma grande piada macabra, e viu-se obrigado a abafar o riso. Então sussurrou, em tons de horror redobrado em função da voz alquebrada que usou, “Que se danem! Eles *comem*, mas ele *não precisa!* Essa é a parte estranha! Um mês sem comida, o senhor disse? Ora, quanta modéstia! Esse era o chiste que fazíamos com a santimônia do velho Whipple! Matar tudo aquilo, ele? Ah, o desgraçado ficou mouco com os rumores do Espaço Sideral e nunca viu nem ouviu coisa alguma vinda dos poços! Nunca sequer imaginou que

existissem! Que o demônio vos leve — *aquelas coisas estão uivando lá embaixo desde que Curwen mordeu a terra cento e cinquenta e sete anos atrás!*”

Mais informações Willett foi incapaz de arrancar do jovem. Horrificado, porém quase persuadido malgrado a própria vontade, deu seguimento à própria história na esperança de que um incidente qualquer pudesse despertar o interlocutor da insana postura adotada. Ao encarar o rosto do jovem, o médico não conseguiu evitar um vago sentimento de terror ao perceber as mudanças operadas pelos meses recentes. Em verdade o rapaz havia trazido horrores inomináveis dos céus. Quando o recinto onde se encontravam as fórmulas e o pó verde foi mencionado, Charles deu a primeira mostra de entusiasmo. Uma expressão de curiosidade tomou conta do rosto quando ouviu o relato sobre o que Willett havia lido no bloco de anotações, e a seguir o jovem afirmou em um sucinto comentário que os apontamentos eram antigos e desprovidos de significado para qualquer pessoa que não detivesse profundos conhecimentos relativos à história da magia. “Mas”, acrescentou, “se o senhor conhecesse a fórmula para invocar aquilo que estava no cílice, não estaria aqui para me contar essa história. Aquele era o número 118, e imagino que o senhor teria estremecido se houvesse consultado a lista no outro cômodo. Eu mesmo jamais o invoquei, muito embora pretendesse conjurá-lo no dia em que o senhor apareceu e mandou-me para cá.”

Então Willett falou sobre a fórmula que havia repetido e a fumaça preto-esverdeada que havia se erguido; e enquanto falava viu o mais puro medo despontar pela primeira vez no semblante de Charles Ward. “Ele *apareceu* e o senhor está vivo?” Quando Ward crocitou as palavras, a voz parecia ter vencido todas as barreiras e afundado em abismos cavernosos de lúgubres ressonâncias. Willett, em um súbito lampejo de inspiração, imaginou ter compreendido o que se passava, e assim incluiu na resposta o alerta retirado de uma correspondência que havia recordado. “Não. 118, você diz? Não esqueça que *as pedras Tumulares se encontram trocadas em nove de cada dez cemitérios. Não há como ter certeza sem perguntar!*” Então, sem nenhum aviso prévio, sacou a diminuta mensagem e postou-a ante os olhos do paciente. Não poderia ter imaginado um resultado mais contundente, pois no mesmo instante Charles Ward desfaleceu.

Toda essa conversa, é claro, fora conduzida no mais absoluto sigilo para evitar que os alienistas residentes acusassem o pai e o médico de incentivar os delírios patológicos de um louco. Sem nenhum auxílio externo, o dr. Willett e o sr. Ward levantaram o jovem desfalecido e puseram-no em cima do sofá. Quando voltou a si, o paciente emitiu diversos balbucios a respeito de uma mensagem que precisava despachar de imediato para Orne e Hutchinson, de modo que, quando a consciência pareceu voltar por completo, o médico lhe asseverou que pelo menos uma dessas estranhas criaturas era um inimigo encarniçado que havia sugerido ao dr. Allen que o matasse. Essa revelação não produziu nenhum efeito visível, e mesmo antes os visitantes puderam ver que o anfitrião tinha o olhar de um homem acossado. Desse ponto em diante Charles Ward recusou-se a continuar a conversa, e assim Willett e o pai resolveram ir embora, deixando para trás um alerta em relação ao barbado Allen, ao qual o jovem respondeu prontamente dizendo que já havia dado um jeito no assunto e que essa pessoa não faria mal a mais ninguém nem se quisesse. O comentário fez-se acompanhar de uma risada malévola muito dolorosa de ouvir. Willett e o sr. Ward não se preocuparam com a chance de que Charles pudesse escrever uma carta para a monstruosa dupla na Europa, pois sabiam que as autoridades do hospital interceptavam toda a correspondência externa para fins de censura e que não deixariam passar nenhuma mensagem extravagante ou desvairada.

Existe, no entanto, uma curiosa sequência para a história de Orne e de Hutchinson, se de fato os feiticeiros no exílio chamavam-se assim. Movido por um vago pressentimento em meio aos horrores desse período, Willett contratou um serviço de recortes internacionais para que se mantivessem atentos a quaisquer relatos de crimes e acidentes em Praga e no leste da Transilvânia; e seis meses depois convenceu-se de que havia encontrado dois itens de suma importância na miscelânea de recortes que havia recebido e mandado traduzir. Um dizia respeito à destruição total de uma casa à noite no bairro mais antigo de Praga e ao desaparecimento de um velho maléfico chamado Josef Nadek, que morava sozinho desde as mais remotas lembranças dos moradores locais. O outro dizia respeito a uma explosão titânica nas montanhas da Transilvânia a leste de Rakus e ao total aniquilamento do agourento Castelo Ferenczy e de todos os antigos ocupantes — um lugar cujo proprietário era tão

malfalado pelos camponeses e soldados da região que em breve teria sido intimado a se apresentar em Bucareste para um interrogatório se o incidente não tivesse dado fim a uma longa carreira que remontava a tempos anteriores à lembrança comum. Willett sustenta que a mão que escreveu as minúsculas também era capaz de empunhar armas mais fortes, e que, embora a aniquilação de Curwen tenha ficado a seu próprio encargo, o autor em pessoa teria saído em busca de Orne e de Hutchinson. Em relação ao destino que se teria abatido sobre os dois, o médico evita ao máximo pensar.

6.

Na manhã seguinte o dr. Willett apressou-se rumo à mansão dos Ward para estar presente quando os detetives chegassem. A destruição ou a captura de Allen — ou de Curwen, se a tácita alegação de reencarnação fosse deveras válida — devia ser empreendida a todo custo, e o médico detalhou essa convicção ao sr. Ward enquanto os dois permaneciam sentados à espera dos homens. Nesta ocasião encontravam-se no térreo, pois as partes superiores da casa estavam sendo evitadas em função da peculiar repugnância que pairava de maneira indefinida ao redor de tudo; uma repugnância que os criados de longa data associavam a uma maldição deixada pelo desaparecido retrato de Curwen.

Às nove horas os três detetives apresentaram-se e no mesmo instante relataram tudo o que tinham a relatar. Infelizmente, não tinham localizado o nativo de Brava Tony Gomes como haviam desejado, tampouco encontrado qualquer resquício sobre a origem ou o paradeiro do dr. Allen; mas tinham conseguido reunir um número considerável de impressões e fatos relativos ao lacônico forasteiro. Allen tinha dado aos habitantes de Pawtuxet a impressão de que seria uma criatura vagamente sobrenatural, e havia uma crença generalizada de que a grossa barba escura seria ou tingida ou postiça — uma crença demonstrada de maneira irrefutável quando uma barba postiça de acordo com essa descrição e acompanhada por um par de óculos escuros foi encontrada no quarto que havia ocupado na fatídica casa em Pawtuxet. A voz, como o sr. Ward poderia confirmar a partir da conversa telefônica, tinha um caráter profundo e cavo que seria impossível esquecer; e o olhar irradiava malevolência

até mesmo por trás dos óculos escuros com armação de chifre. Um certo comerciante, durante o curso das negociações, tinha visto um espécime da caligrafia de Allen e declarou que consistia em estranhas garatujas, o que foi confirmado pelas enigmáticas notas a lápis encontradas no quarto que ocupava e mais tarde reconhecidas pelo comerciante. Em relação às suspeitas de vampirismo aventadas no verão anterior, a maioria dos rumores indicava que Allen, e não Ward, seria efetivamente o vampiro. Também foram colhidos relatos dos oficiais que haviam visitado a casa em Pawtuxet após o desagradável incidente do roubo com o caminhão. Todos haviam pressentido menos elementos sinistros no dr. Allen, mas a partir de então passaram a considerá-lo a figura dominante na estranha casa ensombrecida. O lugar era demasiado escuro para que pudessem vê-lo com nitidez, mas seriam capazes de reconhecê-lo mesmo assim. A barba parecia estranha, e o homem parecia ter uma discreta cicatriz acima do olho direito por trás dos óculos. Quanto à busca empreendida pelos detetives no quarto de Allen, não trouxe nenhuma revelação decisiva além da barba e dos óculos e de várias anotações a lápis feitas com garatujas que Willett no mesmo instante reconheceu como sendo idênticas àquelas nos antigos manuscritos de Curwen e nas volumosas notas recentes do jovem Ward encontradas nas desaparecidas catacumbas de horror.

O dr. Willett e o sr. Ward receberam a impressão de um profundo, sutil e insidioso medo cósmico das informações que aos poucos se desvelavam, e quase estremeceram ao levar adiante o pensamento vago e insano que lhes ocorreu ao mesmo tempo. A barba postiça e os óculos — as garatujas de Curwen — o velho retrato e a pequena cicatriz — *e o jovem desvairado no hospital com uma cicatriz idêntica* — a voz profunda e cava ao telefone — não fora nessas coisas que o sr. Ward pensou ao ouvir o filho latir as notas dignas de pena às quais naquele ponto afirmava estar reduzido? Alguém já tinha visto Charles e Allen juntos? Uma vez, os oficiais — mas e depois? Não foi quando Allen se afastou que Charles de repente perdeu o medo cada vez maior e começou a viver de forma plena na casa em Pawtuxet? Curwen — Allen — Ward — em que fusão blasfema e abominável essas duas épocas e essas duas pessoas teriam se envolvido? A semelhança maldita entre Charles e o retrato — por acaso a pintura não costumava encarar o jovem e segui-lo com os olhos

pelo cômodo? Mas por que tanto Allen como Charles haveriam de copiar a caligrafia de Joseph Curwen, mesmo sozinhos e com a guarda baixa? E havia também o horrendo trabalho dessas pessoas — a cripta de horrores perdida que havia levado o médico a envelhecer de um dia para o outro; os monstros famintos nos poços insalubres; a pavorosa fórmula capaz de trazer resultados inomináveis; a mensagem em minúsculas encontrada no bolso de Willett; os papéis e as cartas e as discussões acerca de túmulos e “saes” e descobertas — como tudo poderia encaixar-se? No fim o sr. Ward fez a coisa mais sensata. Armado contra todos os questionamentos quanto ao motivo para agir desta forma, entregou aos detetives um artigo que devia ser mostrado aos comerciantes de Pawtuxet que tivessem visto o agourento dr. Allen. O artigo era uma fotografia do próprio filho desafortunado, na qual desenhou com todo o cuidado, a tinta, um par de pesados óculos escuros e a barba negra e pontuda que os detetives haviam trazido do quarto de Allen.

Por duas horas esperou com Willett na atmosfera opressiva da mansão onde o medo e os miasmas aos poucos se mesclavam enquanto o painel vazio na biblioteca do terceiro andar de cima sorria e sorria e sorria. Então os homens retornaram. De fato. *A fotografia alterada era uma representação absolutamente passável do dr. Allen.* O sr. Ward empalideceu, e Willett enxugou com um lenço a testa que se havia umedecido de repente. Allen — Ward — Curwen — tudo estava se tornando horrendo demais para um raciocínio coerente. O que o garoto havia invocado do abismo, e como a entidade poderia tê-lo afetado? O que, em suma, havia acontecido do início ao fim? Quem era esse Allen que tentara matar Charles por considerá-lo “afetado”, e por que a vítima pretendida havia dito no *post-scriptum* à carta frenética que o forasteiro devia ser destruído com ácido? Por que, além do mais, a mensagem em minúsculas, cuja origem ninguém se atrevia a cogitar, dizia que “Curwen” devia ser destruído de maneira idêntica? No que consistiria a *mudança*, e quando o estágio final havia chegado? No dia em que o bilhete frenético foi recebido — Charles havia passado a manhã inteira nervoso, e depois operou-se uma mudança. O jovem se esgueirou para fora da casa sem que ninguém o visse e caminhou a passos largos, deixando para trás os homens contratados para vigiá-lo. Durante aquele tempo esteve fora. Mas não — por acaso não havia soltado um grito de terror ao adentrar o

estúdio — aquele mesmo recinto? O que havia encontrado lá dentro? Ou então — *o que o havia encontrado?* O simulacro que tornou a casa sem que o vissem partir — seria um espectro sideral e um horror que se abatia sobre uma figura trêmula que na verdade jamais havia saído? O mordomo não havia mencionado barulhos estranhos?

Willett pediu que chamassem o homem e fez-lhe algumas perguntas em voz baixa. Sem dúvida a situação havia sido tensa. Houve barulhos — um grito, um suspiro e um engasgo, e a seguir uma espécie de rangido ou estrépito ou baque, ou ainda todos os três. E o sr. Charles não era mais o mesmo quando deixou o cômodo sem dizer uma palavra sequer. O mordomo tremia ao falar, e sentiu o cheiro do ar fétido que soprava de uma janela aberta no andar de cima. O terror havia se instalado em definitivo na mansão, e apenas os detetives profissionais davam a impressão de não ter digerido a notícia. Mesmo assim, também estavam irrequietos, pois no segundo plano o caso apresentava elementos vagos que não lhes agradavam nem um pouco. O dr. Willett pensava com profundidade e clareza, e esses pensamentos eram terríveis. Às vezes quase sucumbia aos balbucios enquanto examinava mentalmente uma nova, terrível e cada vez mais conclusiva cadeia de acontecimentos dignos de um pesadelo.

Então o sr. Ward sinalizou que a conferência havia chegado ao fim, e todos à exceção do pai e do médico deixaram o recinto. Era meio-dia, porém sombras como as da noite que cai ameaçavam engolir a casa assombrada por espectros em um triunfo de zombaria. Willett começou a falar em tom muito sério com o anfitrião e insistiu em pedir-lhe que deixasse grande parte da futura investigação a seu encargo. Segundo imaginava, haveria certos elementos nocivos que um amigo poderia suportar melhor do que um familiar. Como médico da família, precisaria ter carta branca, e a primeira coisa que exigiu foi um período de solidão e repouso na biblioteca abandonada do andar de cima, onde o antigo painel havia ganhado uma aura de horror insalubre mais intensa do que quando as próprias feições de Joseph Curwen espreitavam com olhos argutos desde o retrato pintado.

O sr. Ward, perplexo ante a enxurrada de elementos morbidamente grotescos e de sugestões inconcebivelmente insanas que o assaltavam por todos os lados, não teve alternativa senão aquiescer; e meia hora

mais tarde o médico estava trancado no temido recinto com o painel retirado de Olney Court. O pai, escutando no lado de fora, ouviu sons de movimentações e de vasculhamentos à medida que o tempo passava; e por fim um esforço e um rangido, como se um pesado armário estivesse a ser aberto. Então veio um grito abafado, uma espécie de engasgo e um baque veloz, provocado pelo fechamento do que quer que tivesse sido aberto. Quase no mesmo instante a chave movimentou-se na fechadura e Willett apareceu no corredor, com uma expressão sinistra e tétrica, e exigiu lenha para a lareira na parede sul da habitação. Asseverou que a fornalha não seria o bastante; e a lareira elétrica teve pouco uso prático. Angustiado, porém avesso a fazer perguntas, o sr. Ward deu as ordens correspondentes e um homem levou troncos de pinho, estremecendo ao penetrar a atmosfera pestilenta da biblioteca a fim de colocá-los na grelha. Nesse meio-tempo, Willett subiu ao laboratório desativado e desceu com uma miscelânea de itens não levados durante a mudança efetuada no mês de julho anterior. Estavam todos em uma cesta coberta, e o sr. Ward jamais chegou a ver do que se tratava.

Então o médico trancou-se mais uma vez na biblioteca, e pelas nuvens de fumaça que saíam da chaminé e ondulavam em frente às janelas pôde-se depreender que havia acendido o fogo. Mais tarde, após um intenso farfalhar de jornais, o puxão e o rangido foram ouvidos mais uma vez, seguidos por um baque que desagradou a todos os que o ouviram. A seguir vieram dois gritos abafados de Willett, e no momento seguinte um rumor que provocou um indefinível sentimento de repulsa. A fumaça empurrada pelo vento tornou-se muito escura e acre, e todos desejaram que o clima os houvesse poupado daquela sufocante e deletéria inundação de vapores peculiares. O sr. Ward sentiu a cabeça rodopiar, e toda a criadagem amontoou-se em um grupo compacto para ver a horrenda fumaça preta descer pela chaminé. Após um longo tempo de espera os vapores deram a impressão de se dissipar, e os ruídos quase amorfos de arranhões, deslizamentos e de outras operações menores foram ouvidos por trás da porta trancada. Por fim, após o bater de um armário no interior do cômodo, Willett tornou a aparecer — triste, pálido e desalentado, e segurando na mão a cesta coberta que havia buscado no laboratório do andar de cima. Tinha deixado a janela aberta, e por todo aquele recinto outrora maldito soprava uma brisa de ar puro e salubre

que se misturava ao estranho e recente cheiro dos desinfetantes. O antigo painel continuava no lugar de sempre, mas parecia desprovido de malignidade, e erguia-se calmo e opulento como se jamais tivesse ostentado o retrato de Joseph Curwen. A noite se aproximava, porém desta vez as sombras não traziam nenhum medo latente — apenas uma suave melancolia. Quanto ao que havia feito, o médico jamais viria a falar. Para o sr. Ward, disse apenas: “Eu não posso responder a nenhuma pergunta, mas afirmo que existem diferentes tipos de magia. Fiz uma grande purgação, e as pessoas desta casa vão dormir melhor agora”.

7.

Que a “purgação” feita pelo dr. Willett foi um suplício quase tão devastador quanto as pavorosas andanças pela cripta desaparecida pode ser demonstrada pelo fato de que o provecto médico sucumbiu assim que chegou em casa naquela mesma noite. Permaneceu três dias inteiros confinado no quarto, embora mais tarde a criadagem tenha sussurrado alguma coisa sobre a noite de quarta-feira, quando a porta de entrada abriu-se e fechou-se com espantosa delicadeza. A imaginação dos criados, felizmente, é limitada, pois de outra forma poderiam ter-se deixado influenciar por uma nota na edição de quinta-feira do *Evening Bulletin* que dizia o seguinte:

LADRÕES DE SEPULTURA EM NORTH END VOLTAM À ATIVA

Dez meses após o covarde vandalismo perpetrado no jazigo de Weeden no North Burial Ground, um malfeitor noturno foi avistado hoje pela manhã no mesmo cemitério pelo vigia noturno Robert Hart. Quando olhou por acaso ao redor por volta das duas horas da madrugada, o sr. Hart percebeu o brilho de uma lamparina ou de lanterna portátil um pouco a noroeste e, ao abrir a porta, deparou com o vulto de um homem delineado contra uma luz elétrica nas proximidades. Lançando-se de imediato a uma perseguição, o vigia noturno observou o vulto correr depressa em direção à entrada principal do cemitério, ganhar a rua e perder-se em meio às sombras antes que pudesse efetuar a aproximação ou a captura.

Como os primeiros ladrões de sepultura no ano passado, o intruso não chegou a causar nenhum estrago. Uma parte vazia do jazigo da família Ward mostrava indícios de uma escavação superficial, que no entanto não chegava sequer próximo ao tamanho de uma sepultura, e outros jazigos tampouco foram perturbados.

O sr. Hart conseguiu perceber apenas que o malfeitor era um homem barbado e de pequena estatura, e acredita que os três incidentes tenham uma fonte comum; mesmo assim, os agentes da Segunda Delegacia de Polícia pensam diferente em função da violência observada no segundo incidente, quando um antigo caixão foi removido e teve a lápide destruída mediante o uso da força.

O primeiro incidente, em que a possível tentativa de enterrar alguma coisa viu-se frustrada, ocorreu em março último, e foi atribuído a falsificadores de bebida em busca de um lugar improvável para estocar as mercadorias ilegais. Segundo o sgt. Riley, é possível que esse terceiro incidente tenha uma motivação semelhante. Os agentes da Segunda Delegacia de Polícia empenham todos os esforços possíveis na localização e na captura dos malfeitores responsáveis por esses reiterados ultrajes.

Durante o dia inteiro o dr. Willett descansou como se estivesse a se recuperar de algum ocorrido ou a preparar-se para o que pudesse suceder. À tarde escreveu um bilhete para o sr. Ward, que foi entregue na manhã seguinte e que levou o atônito pai a uma longa e profunda meditação. O sr. Ward não fora capaz de se dedicar a nada desde o choque da segunda-feira devido aos impressionantes relatos da sinistra “purgação”, mas conseguiu encontrar um lampejo de tranquilidade na carta do médico, apesar do desespero que dava a impressão de prometer e dos mistérios que parecia evocar.

*10 Barnes St.,
Providence, R.I.,
12 de abril de 1928.*

Caro Theodore,

Sinto que devo ter uma palavra com você antes de fazer o que pretendo fazer amanhã. Disponho-me a terminar o assunto que nos tem ocupa-

do (pois sinto que nenhuma pá haverá de encontrar o monstruoso lugar que conhecemos), mas temo que nada seja capaz de tranquilizá-lo enquanto eu não asseverar de maneira expressa que acredito ter encontrado uma solução definitiva.

Você me conhece desde que era menino, então acho que não teria motivo para desconfiar de mim se eu disser que certos assuntos devem ser relegados à incerteza e ao esquecimento. O melhor a fazer é abandonar toda sorte de especulação acerca do caso de Charles, e é muito importante que você não conte à mãe do garoto nada além do que ela já suspeita. Quando eu o visitar amanhã, Charles terá fugido. Eis tudo o que outras pessoas devem saber. Charles estava louco e fugiu. Você pode fazer revelações suaves e graduais à mãe quando parar de enviar as notas datilográficas em nome do garoto. Eu o aconselharia a encontrar sua esposa em Atlantic City e descansar um pouco. Deus sabe que você precisa descansar após um choque desses, e o mesmo vale para mim. Vou passar uma temporada no Sul para me acalmar e me preparar para o que ainda virá.

Por isso peço que você não me faça perguntas quando eu o visitar. Pode ser que as coisas deem errado, mas nesse caso eu prometo avisá-lo. Não acho que vá acontecer. Não haverá mais nada com o que se preocupar, pois Charles estará a salvo, totalmente a salvo. Agora mesmo está mais seguro do que você pode imaginar. Você não tem mais motivos para temer Allen, ou ainda quem ou o que possa ser esse misterioso personagem. Allen pertence ao passado, assim como o retrato de Joseph Curwen, e quando eu tocar a campainha da sua porta você pode ter a certeza de que essa pessoa não existe. O que quer que tenha escrito aquela mensagem em minúsculas nunca mais vai importunar você ou a sua família.

Mas você deve estar pronto para enfrentar a melancolia e preparar a sua esposa para fazer o mesmo. Vejo-me obrigado a dizer com toda a franqueza que a fuga de Charles não vai significar a volta do garoto para casa. Charles vem sofrendo com uma moléstia um tanto singular, como você mesmo pode concluir pelas sutis alterações físicas e mentais que o afligiram, e você não deve nutrir a esperança de um dia tornar a vê-lo. À guisa de consolo, saiba que o seu filho nunca foi um demônio ou sequer

um louco, mas apenas um garoto ávido, dedicado e curioso levado à ruína pelo amor que nutria em relação ao mistério e ao passado. Charles descobriu coisas que nenhum mortal jamais deveria saber e esquadrinhou o passado de uma forma que ninguém deveria fazer; e uma sombra surgiu do passado a fim de tragá-lo.

Agora chegamos ao ponto em que a sua confiança se faz mais necessária — pois é certo que não há incertezas quanto ao destino de Charles. Daqui a cerca de um ano, digamos, você pode imaginar um relato coeso para o fim se assim desejar; pois o garoto não haverá mais de existir. Você há de erguer uma lápide no jazigo da família no North Burial Ground exatos três metros a oeste da lápide do seu pai, apontada para a mesma direção, para assim marcar o verdadeiro lugar de repouso do seu filho. Não há motivos para temer que o monumento possa marcar o local de qualquer aberração ou monstruosidade. As cinzas no túmulo serão as dos seus ossos e tendões inalterados — terão pertencido ao verdadeiro Charles Dexter Ward, cujo desenvolvimento você acompanhou desde a infância — o verdadeiro Charles, com a marca escura no quadril e sem a marca das bruxas no peito nem a cicatriz acima da sobrancelha. O Charles que nunca fez nenhum mal, e que há de ter pago a “afetação” com a própria vida.

Eis tudo. Charles vai ter fugido, e daqui a um ano você poderá erguer-lhe uma lápide. Não me faça perguntas amanhã. Mas acredite que a honra dessa antiga família permanece imaculada, como ademais sempre esteve em todas as épocas desde o mais remoto passado.

Com os meus profundos sentimentos, e com exortações à fortitude, à serenidade e à resignação, permaneço sendo

Seu amigo sincero,

Marinus B. Willett

Então, na manhã do dia 13 de abril de 1928, Marinus Bicknell Willett visitou o quarto de Charles Dexter Ward no hospital particular do dr. Waite em Conanicut Island. O jovem, embora não tentasse evitar o visitante, encontrava-se em um estado de espírito sombrio, e demonstrava pouca disposição para entabular a conversa que Willett obviamente de-

sejava. A nova descoberta feita pelo doutor em relação à cripta e aos monstruosos experimentos conduzidos no local tinha criado uma nova fonte de constrangimento, de maneira que ambos hesitaram após a troca das formalidades obrigatórias. Logo um novo elemento restritivo surgiu enquanto Ward dava a impressão de ler por trás do semblante impassível do médico uma terrível obstinação que jamais havia estado lá. O paciente se encolheu, ciente de que desde a última visita havia se operado uma mudança graças à qual o obsequioso médico da família havia cedido o lugar a um vingador impiedoso e implacável.

Ward chegou a empalidecer, e o médico foi o primeiro a tomar a palavra. “Mais coisas foram encontradas”, disse, “e devo avisá-lo de que certas explicações se fazem necessárias.”

“Cavando mais uma vez em busca de bichos famintos?”, retrucou Ward com uma nota de forte ironia. Não havia dúvidas de que o jovem pretendia manter as bravatas até o fim.

“Não”, emendou Willett devagar; “dessa vez não precisei cavar. Nossos homens vigiaram o dr. Allen e encontraram os óculos e a barba postiça na casa em Pawtuxet.”

“Excelente!”, comentou o anfitrião inquieto em uma tentativa de insulto espirituoso; “espero que sirvam melhor do que os óculos e a barba que o senhor está usando nesse instante.”

“Serviriam muito bem em você”, veio a resposta calma e estudada, *“como a bem dizer parecem ter servido.”*

Quando Willett pronunciou estas palavras foi como se uma nuvem obscurecesse o sol, embora as sombras no assoalho não tivessem sofrido qualquer alteração. Então Ward arriscou:

“Essa é a explicação que tanto se faz necessária? E se uma pessoa julgar conveniente transformar-se em duas de vez em quando?”

“Não”, respondeu Willett. “Mais uma vez você se engana. Um homem que busca a dualidade não me diz respeito, *contanto que tenha direito a existir e que tampouco destrua aquilo que o invocou desde o espaço.*”

Ward teve um violento sobressalto. “Bem, mas o que descobristes, e por que desejastes ter comigo?”

O médico deixou que alguns instantes se passassem antes de responder, como se estivesse a pensar em uma resposta eficaz.

“Descobri”, continuou por fim, “uma certa coisa em um armário por trás de um antigo painel onde esteve outrora um retrato, e queimeei-a e enterrei as cinzas restantes no lugar onde há de ser o túmulo de Charles Dexter Ward.”

O paciente insano engasgou-se e saltou da cadeira onde se encontrava sentado:

“Maldito sede! A quem contastes — e quem há de acreditar que seja ele após esses dois meses em que estive vivo? O que pretendeis fazer?”

Willett, embora fosse um homem pequeno, investiu-se de uma majestade judicial enquanto acalmava o paciente com um gesto.

“Não contei para ninguém. Não se trata de um caso comum — é uma loucura vinda do tempo e um horror de além das esferas que nenhuma polícia, nenhum tribunal, nenhum advogado e nenhum alienista seria capaz de compreender ou de reparar. Graças a Deus o destino me agraciou com a chama da imaginação para que eu não enlouquecesse pensando sobre essa coisa. *O senhor não me engana, Joseph Curwen, pois eu sei que essa magia amaldiçoada é verdadeira!*

“Eu sei que o senhor urdiu o feitiço que pairou ao redor do tempo e aferrou-se ao seu duplo e descendente; sei que o atraiu rumo ao passado e que o levou a retirá-lo da odiosa sepultura onde o senhor se encontrava; sei que o manteve oculto no laboratório enquanto o senhor estudava as coisas modernas e vagava como um vampiro à noite, e sei que mais tarde apresentou-se de óculos e barba para que ninguém se espantasse com a semelhança blasfema entre ambos; sei o que o senhor resolveu fazer quando o garoto hesitou ante a monstruosa profanação das sepulturas mundo afora, *e ante o que o senhor planejava para mais tarde*, e sei como o senhor levou o plano a cabo.

“O senhor tirou a barba e os óculos e enganou os guardas ao redor da casa. Acharam que era Charles quem havia entrado e depois acharam que era Charles quem havia saído, quando na verdade o senhor o havia estrangulado e ocultado o corpo. Mas o senhor não havia levado em conta a diferença de conteúdo entre as duas mentes. O senhor foi um tolo, Curwen, por achar que uma simples identidade visual seria o bastante! Por que não pensou na maneira de falar e na voz e na caligrafia? No fim não deu certo, como o senhor mesmo pode ver. O senhor conhece melhor do que eu quem ou o que escreveu aquela mensagem em

minúsculas, mas aviso que não foi escrita em vão. Existem abominações e blasfêmias que precisam ser aniquiladas, e acredito que o autor daquelas palavras há de se juntar a Orne e a Hutchinson. Uma dessas criaturas certa vez lhe escreveu, dizendo: ‘não invoqueis nada que não possais suprimir’. O senhor já foi vencido antes, talvez dessa mesma forma, e pode ser que a sua própria magia demoníaca traga-lhe mais uma vez a ruína. Curwen, não podemos interferir com a natureza além de certos limites, e todos os horrores que o senhor urdiu hão de retornar para eliminá-lo.”

Nesse ponto o médico foi interrompido por um grito convulsivo da criatura que tinha diante de si. Acuado, indefeso e ciente de que qualquer demonstração de violência física chamaria uma vintena de enfermeiros em auxílio ao visitante, Joseph Curwen recorreu ao antigo aliado, e assim começou uma série de gestos cabalísticos com os indicadores enquanto a voz profunda e cava, enfim livre da rouquidão fingida, recitou as palavras iniciais de uma terrível fórmula.

“PER ADONAI ELOIM, ADONAI JEHOVA, ADONAI SABAOOTH, METRATON...”

Porém, Willett foi mais rápido. No mesmo instante em que os cachorros do pátio começaram a uivar, e no mesmo instante em que um vento gélido soprou da baía, o médico começou a entoar de maneira solene e compassada as palavras que desde o início pretendia recitar. Olho por olho — magia por magia — que o desfecho mostre como a lição do abismo foi aprendida! Então, com uma voz clara, Marinus Bicknell Willett começou a *segunda* fórmula do par cujo primeiro elemento havia conjurado o autor daquelas minúsculas — a críptica invocação encimada pela Cauda do Dragão, signo do *nó descendente* —

“OGTHROD AI’F
GEB’L — EE’H
YOG-SOTHOTH
’NGAH’NG AI’Y
ZHRO!”

Assim que a primeira palavra deixou os lábios de Willett, a fórmula começada antes pelo interno foi interrompida. Incapaz de falar, o monstro executou gestos frenéticos com os braços até que estes por fim tam-

bém se detiveram. Quando o terrível nome de *Yog-Sothoth* foi pronunciado, teve início a horrenda transformação. Não era uma simples *disso-
lução*, mas antes uma *transformação ou recapitulação*; e Willett fechou os olhos para evitar que desfalecesse antes de terminar o encanto.

Porém, não desfaleceu, e aquele homem de séculos blasfemos e segredos proscritos jamais tornou a perturbar o mundo. A loucura vinda do tempo desaparecera, e o caso de Charles Dexter Ward havia chegado ao fim. Quando abriu os olhos antes de sair cambaleando daquele recinto de horror, o dr. Willett percebeu que o que havia retido na memória não fora em vão. Conforme havia previsto, o emprego de ácidos não foi necessário. Pois, como o amaldiçoado retrato de um ano atrás, naquele instante Joseph Curwen espalhou-se pelo chão como uma fina camada de pó cinza-azulado.

**CICLO DOS
SONHOS**



O Navio Branco

∴

The White Ship (1919)

The United Amateur (nov. 1919)

Este conto é, cronologicamente, a primeira de uma série de histórias escritas em inspiração consciente do estilo de Lord Dunsany, cujo trabalho Lovecraft acabara de descobrir quando o escreveu em outubro de 1919.

O caprichoso anglo-irlandês, Lord Dunsany, causou um efeito substancial no estilo de escrita de Lovecraft desde o momento em que o descobriu, logo após escrever “A transição de Juan Romero”. Os biógrafos lamentam a influência de tempos em tempos, uma vez que, durante um ano ou dois, muito do trabalho de Lovecraft adquiriu o característico estilo sonhador, um poético estilo pastiche de Dunsany.



Sou Basil Elton, guardião do farol de North Point, que meu pai e meu avô guardaram antes de mim. Longe da costa ergue-se o farol cinzento, sobre rochas cobertas de limo e parcialmente submersas, que podem ser vistas quando a maré está baixa, mas são invisíveis quando ela está alta. Por esse fanal, ao longo de um século, singraram as majestosas naus dos

sete mares. Nos dias de meu avô elas eram muitas; nos de meu pai, nem tantas; e hoje são tão poucas que eu por vezes me sinto estranhamente só, como se fosse o último homem na superfície do nosso planeta.

Antigas embarcações mercantes com alvas velas vinham de terras longínquas; das costas do extremo Oriente, onde brilha o cálido sol e doces aromas pairam sobre jardins exóticos e alegres templos. Os velhos capitães do mar visitavam meu avô com frequência e contavam-lhe essas coisas, que ele, por sua vez, contou ao meu pai, e que meu pai me contava nas longas noites de outono, quando o vento do leste soprava seu uivo fantasmagórico. E eu li mais sobre tais histórias, e sobre muitas outras coisas, nos livros que os marinheiros me davam, quando era mais jovem e cheio de maravilhamento.

Porém, mais maravilhosa que a doutrina dos antigos e o conhecimento dos livros é a sabedoria secreta do oceano. Azul, verde, cinzento, branco ou negro; plácido, ondeante ou encapelado; o oceano não é silencioso. Todos os dias de minha vida eu o observei e escutei, e conheço-o bem. No início contava-me apenas as historinhas simples de praias tranquilas e portos próximos, mas com o passar dos anos ele se tornou mais íntimo e falou-me de outras coisas; coisas mais estranhas e distantes no espaço e no tempo. Às vezes, durante o crepúsculo, os vapores cinzentos do horizonte se abriam para me conceder vislumbres dos caminhos que ficavam além; e outras vezes, à noite, as águas profundas do mar tornavam-se claras e fosforescentes e propiciavam-me breves visões dos caminhos do fundo. E essas visões com frequência eram de caminhos que existiram e dos que poderiam existir, tanto quanto dos que existem; pois o oceano é mais antigo que as montanhas e carrega consigo as lembranças e os sonhos do Tempo.

Era pelo sul que o Navio Branco geralmente chegava quando a lua estava cheia e alta no firmamento. Pelo sul ele deslizava muito plácida e silenciosamente sobre o mar. E quer o mar estivesse agitado ou calmo, quer o vento fosse amistoso ou adverso, ele sempre deslizava plácida e silenciosamente, com suas velas distantes e suas fileiras de longos e estranhos remos movendo-se ritmicamente. Certa noite eu avistei um homem sobre o tombadilho, barbado e vestido com um manto, e ele pareceu gesticular para que eu embarcasse rumo a belas praias desconheci-

das. Muitas vezes depois disso eu o vi sob a lua cheia e ele sempre gesticulava para mim.

A lua estava muito brilhante na noite em que eu atendi ao chamado e caminhei sobre as águas até o Navio Branco numa ponte de luar. O homem que havia acenado agora me dava as boas-vindas em um idioma suave que eu parecia conhecer bem, e as horas foram preenchidas pelas doces canções dos remadores enquanto nós singrávamos rumo ao misterioso sul, dourado pela claridade daquela lua cheia e melíflua.

E quando o dia clareou, róseo e esplendoroso, contemplei as verdes praias de terras distantes, luminosas e lindas, desconhecidas para mim. Do mar erguiam-se altivos terraços verdejantes, cravejados de árvores, e exibindo aqui e ali alvos telhados e colunatas reluzentes de estranhos templos. À medida que nos aproximávamos da verde costa, o homem barbado me falou daquela terra, a Terra de Zar, habitada por todos os sonhos e pensamentos belos que visitam os homens uma única vez e depois são esquecidos. E quando eu olhei novamente para os terraços, vi que o que ele dizia era verdade, pois entre as visões que se descortinavam diante de mim havia muitas coisas que eu um dia vira por entre as névoas além do horizonte e nas profundezas fosforescentes do oceano. Ali também havia formas e fantasias mais esplêndidas que quaisquer outras que eu tivesse jamais conhecido; as visões de jovens poetas que morreram na indigência antes que o mundo pudesse conhecer o que eles haviam visto e sonhado. Mas nós não pisamos os prados oblíquos de Zar, pois conta-se que aquele que os percorre arrisca-se a jamais voltar à sua terra natal.

Enquanto o Navio Branco se afastava silenciosamente dos terraços entremeados de templos de Zar, avistamos no horizonte à distância os pináculos de uma cidade imponente; e o homem barbado me disse: “Esta é Thalarion, a Cidade das Mil Maravilhas, em cujo interior residem todos aqueles mistérios que o homem tem em vão se esforçado para compreender”. E eu olhei novamente, agora mais de perto, e vi que ela era maior que qualquer cidade que eu tivesse conhecido ou sonhado antes. As torres de seus templos alcançavam o céu, de forma que ninguém conseguia enxergar seus pináculos; e até muito além do horizonte estendiam-se as muralhas sombrias e cinzentas, acima das quais se podia distinguir apenas alguns telhados, bizarros e agourentos, mas adornados

com frisos luxuosos e esculturas encantadoras. Senti uma poderosa ânsia de entrar nessa cidade tão fascinante quanto repulsiva e roguei ao homem barbado que me desembarcasse no cais de pedra junto ao imenso portão esculpido de Akariel; mas ele gentilmente negou meu pedido, dizendo: “Em Thalarion, a Cidade das Mil Maravilhas, muitos entraram, mas ninguém retornou. Por lá caminham apenas demônios e criaturas enlouquecidas que não são mais homens, e as ruas se tornaram alvas com os ossos insepultos daqueles que se depararam com o espectro de Lathi, que reina sobre a cidade”. Então o navio branco continuou navegando e deixou para trás as muralhas de Thalarion, e por muitos dias seguiu uma ave que voava para o sul, cuja plumagem acetinada se confundia com o céu de onde viera.

Então nós chegamos a uma costa aprazível, com alegres flores de todos os tons e até onde a vista alcançava podíamos enxergar cálidos e adoráveis bosques e radiantes pérgulas sob o sol meridional. De latadas ocultas à nossa visão chegavam-nos notas de canções e fragmentos de harmonias líricas, intercalados de risos distantes tão deliciosos que eu exortei os remadores a avançarem em minha ânsia de alcançar aquele cenário. O homem barbado não disse uma só palavra, apenas me observou enquanto nos aproximávamos da praia forrada de lírios. De repente, um vento soprou dos campos floridos e florestas folhosas, trazendo um odor que me fez estremecer. O vento ficou mais forte e o ar foi tomado pelo fartum letal e pútrido das cidades assoladas pela peste e dos cemitérios exumados. E enquanto navegávamos como loucos para longe daquela costa amaldiçoada, o homem barbado finalmente falou, dizendo: “Esta é Xura, a Terra dos Prazeres Insaciados”.

Novamente o Navio Branco seguiu o pássaro celestial por sobre mares tépidos e benfazejos, acariciados pelo sopro de brisas aromáticas. Dia após dia e noite após noite navegamos, e quando a lua estava cheia nós ouvíamos as suaves canções dos remadores, tão doces quanto naquela noite distante em que zarpamos da minha terra natal. E foi sob o luar que finalmente ancoramos no porto de Sona-Nyl, guardado por promontórios gêmeos de cristal que se erguem do mar e se encontram em um arco resplandecente. Era a Terra da Fantasia e nós caminhamos até a praia verdejante sobre uma ponte dourada de raios de luar.

Na Terra de Sona-Nyl não existe tempo nem espaço, tampouco sofrimento e morte; e lá eu residi por muitos éons. Verdes são seus bosques e pastos, vistosas e fragrantes suas flores, azuis e musicais seus córregos, claras e frescas suas fontes, majestosos e magníficos seus templos, castelos e cidades. Naquela terra não há fronteiras, pois além de cada paisagem de grande beleza desponta outra mais linda. Pelos campos e em meio ao esplendor das cidades vagava livremente o povo feliz, que recebeu a dádiva da graça imaculada e da impecável alegria. Durante os éons em que residi ali, caminhei alegremente por jardins onde fantásticos pagodes espiavam entre agradáveis touceiras de arbustos e cujas brancas calçadas são margeadas por delicadas florescências. Escalei suaves colinas, de cujos cumes podia ver paisagens de encantadora beleza, com vilas repletas de agudos campanários aninhadas em vales vicejantes e gigantescas cidades com abóbadas douradas reluzindo no horizonte infinitamente distante. E vi à luz da lua as cintilações do mar, os promontórios de cristal e o plácido porto onde continuava ancorado o Navio Branco.

Foi recortado contra a lua cheia, certa noite do ano imemorial de Tharp, que vi delinear-se a forma do pássaro celestial a me chamar e senti as primeiras pontadas da apreensão. Então falei com o homem barbado, e contei-lhe dos meus novos anseios de partir para a remota Cathuria que homem algum jamais viu, mas que eu acreditava encontrar-se além dos pilares de basalto do Ocidente. Trata-se da Terra da Esperança e nela reluziriam os ideais de perfeição de tudo o que conhecemos em outra parte; ou ao menos é o que afirmam os homens. Mas o homem barbado me disse: “Cuidado com os mares perigosos onde se diz estar Cathuria. Em Sona-Nyl não existe dor nem morte, mas quem poderá dizer o que se encontra além dos pilares de basalto do Ocidente?” Todavia, na próxima noite de lua cheia, embarquei no Navio Branco e, apesar da relutância do homem barbado, deixei o porto feliz rumo a mares nunca singrados.

E o pássaro celeste voou à nossa frente e nos conduziu aos pilares do Ocidente, mas dessa vez os remadores não cantaram nenhuma canção sob a lua cheia. Em minha mente eu representava com frequência a desconhecida Terra de Cathuria, com seus esplêndidos bosques e palácios, e me perguntava que novas delícias me aguardavam lá. “Cathuria”, dizia

comigo mesmo, “é a morada dos deuses e a terra de inumeráveis cidades de ouro. Suas florestas são de áloes e sândalo, equiparáveis aos fragrantes pomares de Camorin, e entre as árvores adejam pássaros vivazes de doces cantos. Nas montanhas verdes e floridas de Cathuria encontram-se templos de mármore róseo, ricos em gloriosos relevos e pinturas, dotados de pátios com frescas fontes de prata, de onde fluem com encantadora musicalidade as olorosas águas que vêm do rio Narg, cuja nascente brota de uma gruta. E as cidades de Cathuria são cingidas por muralhas de ouro e seus pavimentos também são dourados. Nos jardins dessas cidades existem estranhas orquídeas e lagos perfumados cujos leitos são de coral e âmbar. À noite as ruas e jardins se iluminam com alegres luminárias feitas com cascos tricolores de tartarugas, e ressoam lá as notas suaves do cantor e do alaudista. E todas as casas das cidades de Cathuria são palácios, cada qual construído sobre um fragrante canal que conduz as águas do sagrado Narg. As residências são de mármore e pórfiro e seus telhados são cobertos de ouro reluzente que reflete os raios do sol e intensifica o esplendor das cidades quando os deuses benfazejos as observam dos picos distantes. O mais belo de todos é o palácio do grande monarca Dorieb, que alguns dizem ser um semideus e outros um deus. O palácio de Dorieb é elevado e seus muros têm muitos torreões de mármore. Em seus amplos salões multidões imensas se reúnem e pendem de suas paredes os troféus das eras. E o teto é de ouro puro, sustentado por altos pilares de rubi e lápis-lazúli, com relevos representando figuras de deuses e heróis cuja perfeição é tamanha que aquele que ergue os olhos para aquelas alturas parece contemplar o próprio Olimpo. E o piso do palácio é de vidro e sob ele correm as águas engenhosamente iluminadas do Narg, alegradas por peixes de cores vistosas, desconhecidos além das fronteiras da adorável Cathuria.”

Isso eu dizia a mim mesmo sobre Cathuria, mas o homem barbado sempre me alertava a dar meia-volta e retornar à alegre costa de Sonan-Nyl; pois esta é conhecida dos homens, ao passo que ninguém jamais pôs os olhos sobre Cathuria.

E no trigésimo primeiro dia em que acompanhávamos o pássaro, avistamos os pilares de basalto do Ocidente. Estavam envoltos em bruma, de forma que não se podia enxergar além deles ou ver seus cumes — que alguns chegam a dizer que alcançam o firmamento. E o homem bar-

bado novamente me implorou que retornasse, porém eu não cedi; pois partindo das névoas além dos pilares de basalto imaginei ter ouvido as notas do cantor e do alaudista; mais doces que as mais doces canções de Sona-Nyl, e soavam como meus próprios louvores; louvores a mim, que viajara de longe sob a lua cheia e residia na Terra da Fantasia.

E então, ao som da melodia, o Navio Branco avançou neblina adentro entre os pilares de basalto do Ocidente. E quando a música cessou e a bruma se dissipou, contemplamos não a terra de Cathuria, mas um mar de correnteza impossível de resistir, que arrastava nosso barco indefeso para algum destino desconhecido. Logo chegou aos nossos ouvidos o trovejar distante de uma queda d'água e aos nossos olhos apareceu no horizonte longínquo a cerração titânica de uma monstruosa catarata, onde os oceanos do mundo se precipitavam no vácuo abismal. Então, o homem barbado, com lágrimas escorrendo pela face, disse-me: “Nós rejeitamos a linda terra de Sona-Nyl e talvez não a vejamos nunca mais. Os deuses são maiores do que os homens, e eles venceram”. E eu fechei meus olhos antes do impacto que certamente se seguiria, cerrando a visão do pássaro celestial que batia suas zombeteiras asas azuis acima da borda da torrente.

Depois do estrondo veio a escuridão e eu ouvi os gritos dos homens e de coisas que não eram homens. Do tempestuoso Leste agitaram-se os ventos e gelaram-me enquanto eu me agachava na laje de pedra úmida que se erguera sob os meus pés. Então ouvi outro impacto, abri meus olhos e me vi na plataforma daquele farol de onde havia partido tantos éons atrás. Na escuridão abaixo agigantava-se o amplo perfil indistinto de uma embarcação se chocando contra as rochas cruéis, e quando ergui meus olhos do naufrágio, vi que a luz do farol havia se apagado pela primeira vez desde que meu avô assumira seu posto.

E na vigília tardia da noite, quando entrei na torre, vi na parede um calendário que ainda permanecia como eu o havia deixado no momento em que zarpei. Com o alvorecer eu desci da torre e procurei os destroços sobre as pedras, mas o que encontrei foi apenas isto: um estranho pássaro morto, cuja plumagem se igualava ao azul do céu, e um único mastro estilhaçado, de uma brancura maior que a da crista de uma onda ou da neve de uma montanha.

E desde então o oceano não mais me contou os seus segredos; e embora muitas vezes depois disso a lua cheia tenha brilhado no alto firmamento, o Navio Branco jamais tornou a despontar no Sul.



Polaris

∴

Polaris (1918)

The Philosopher (dez. 1920)

Este conto marca a primeira aparição da terra de Lomar no trabalho de Lovecraft, localizada perto do Polo Norte antes do início da Era do Gelo. Parece ter sido inspirado por um sonho, que ele descreveu em uma carta a Maurice Moe em maio de 1918; em algum momento depois, ele transformou o sonho em “Polaris”.

Esta também é a primeira aparição da técnica de misturar elementos do mundo real com seu mundo ficcional, para criar um senso aprimorado de plausibilidade. Essa mistura se tornaria uma das características de sinal de suas histórias mais famosas nos próximos anos.



Pela janela setentrional do meu quarto de dormir rutila a Estrela Polar com sua luz perturbadora. Durante todas as horas infernais da escuridão ela reluz ali. E no outono de cada ano, quando os ventos do norte praguejam e lamuriam e as árvores de folhas vermelhas do pântano murmuram entre si nas altas horas da madrugada sob os cornos da lua min-

guante, eu me sento junto ao batente e observo aquela estrela. Das alturas abaixo oscila a cintilante Cassiopeia à medida que as horas fenecem, enquanto a Carroça de Charles^[1] se alça a custo de trás das árvores embebidas pelo vapor do pântano, que vergam com o vento da noite. Pouco antes do alvorecer, Arcturus tremeluz rúbea por sobre o cemitério do baixo outeiro e Coma Berenices cintila estranhamente a distância no misterioso oriente; mas a Estrela Polar ainda espreita do mesmo lugar na abóbada negra, piscando pavorosamente como um insano olho vigilante que se esforça por transmitir alguma mensagem insólita, embora não se recorde de nada exceto que um dia teve uma mensagem para transmitir. Algumas vezes, quando está nublado, eu consigo dormir.

Lembro-me bem da noite da grande Aurora, quando brincaram acima do pântano as comoventes fulgurações da luz demoníaca. Depois dos raios de luz vieram as nuvens e então eu adormeci.

E foi sob os cornos de uma lua minguante que eu vi a cidade pela primeira vez. Imóvel e sonolenta ela jazia, sob um singular platô numa depressão entre estranhos picos. De um mármore fantasmagórico eram seus muros e suas torres, suas colunas, domos e pavimentos. Nas ruas marmóreas havia pilares de mármore, cujas partes superiores sustentavam imagens esculpidas de solenes homens barbados. O ar era cálido e não havia a menor agitação. E no alto, a escassos dez graus do zênite, cintilava aquela vigilante Estrela Polar. Por muito tempo eu contemplei a cidade, mas o dia não chegou. Quando a rubra Aldebarã, que rutila baixa no céu porém jamais se põe, havia roçagado um quarto de seu trajeto à volta do horizonte, vi luzes e movimento nas casas e nas ruas. Formas estranhamente togadas, mas já à primeira vista nobres e familiares, caminhavam para fora, e sob os cornos da lua minguante, homens conversavam sabiamente numa língua que eu compreendi, embora fosse distinta de qualquer idioma que eu tivesse jamais conhecido. E quando a rubra Aldebarã havia percorrido vagarosamente a metade do caminho à volta do horizonte, houve novamente trevas e silêncio.

Quando eu despertei, não era mais o que havia sido. Na minha memória estava gravada a visão da cidade e em minha alma havia brotado uma outra e mais vaga recordação, de cuja natureza eu não estava certo na época. Posteriormente, nas noites nebulosas em que conseguia dormir, vi a cidade com frequência; às vezes sob aqueles chifres da lua min-

guante, outras vezes sob os quentes raios amarelados de um sol que não se punha, mas girava baixo ao redor do horizonte. E nas noites límpidas a Estrela Polar espreitava como nunca antes fizera.

Gradualmente eu passei a me perguntar qual poderia ser o meu lugar naquela cidade sobre o estranho platô entre estranhos picos. Inicialmente contentando-me em apreciar o cenário como uma onividente presença incorpórea, eu agora desejava definir minha relação com ela e expressar o que ia na minha mente para os circunspectos homens que conversavam diariamente nas praças públicas. Disse comigo mesmo: “Isto não é um sonho, pois por que meios eu poderia provar a maior realidade daquela outra vida na casa de pedra e tijolos, ao sul do pântano sinistro e do cemitério sobre o outeiro baixo, onde a Estrela Polar espiava a cada noite pela minha janela?”

Certa noite eu ouvi o discurso na grande praça que continha muitas estátuas, senti uma mudança; e percebi que tinha por fim uma forma corpórea. Tampouco era um estranho nas ruas de Olathoe, encravada sobre o platô de Sarkis, entre os picos de Noton e Kadiphonek. Era meu amigo Alos quem falava, e seu pronunciamento contentava minha alma, pois era o discurso de um verdadeiro homem e de um patriota. Naquela noite havia chegado a notícia da queda de Daikos e do avanço dos inutos; demônios atarracados, horrendos e amarelos que haviam aparecido cinco anos antes do oeste desconhecido para pilhar os confins do nosso reino e por fim sitiar nossas cidades. Após terem tomado os locais fortificados no sopé das montanhas, o caminho deles agora estaria aberto até o platô, a não ser que cada cidadão pudesse resistir com a força de dez homens. Pois as criaturas atarracadas eram poderosas nas artes da guerra e não conheciam os escrúpulos da honra que vedavam aos homens altos e de olhos cinzentos de Lomar a conquista impiedosa.

Alos, o meu amigo, era o comandante de todas as forças do platô e nele residia a última esperança da nossa terra. Nessa ocasião ele falou dos perigos a serem enfrentados e exortou os homens de Olathoe, os mais bravos dos lomarianos, a manter as tradições dos seus ancestrais, que quando forçados a se deslocar para o sul de Zobna antes do avanço do grande lençol de gelo (assim como os nossos descendentes deverão algum dia fugir da terra de Lomar), repeliram valente e vitoriosamente os cabeludos canibais de braços longos conhecidos como gnophkehs,

que se interpuseram no caminho deles. Para mim, Alos negou a participação como guerreiro, pois eu era frágil e dado a estranhos desmaios quando submetido a tensão e privações. Mas meus olhos eram os mais aguçados da cidade, apesar das longas horas que eu dedicava diariamente ao estudo dos manuscritos pnakóticos e à sabedoria dos Pais Zobnarianos; por isso meu amigo, não desejando condenar-me à inação, recompensou-me com aquele dever cuja importância só era maior do que o nada. À torre de vigilância de Thapnen ele me mandou, para lá servir como os olhos do nosso exército. Caso os inutos tentassem atingir a cidade pela estreita passagem por trás do pico Noton e assim surpreender a guarnição, eu deveria acender a fogueira sinalizadora que alertaria os soldados à espera e salvaria a cidade do desastre imediato.

Sozinho eu subi à torre, pois todos os homens de corpo robusto eram necessários nas passagens abaixo. Meu cérebro estava seriamente entorpecido pela excitação e a fadiga, pois eu não dormia havia muitos dias; no entanto, o meu propósito era firme, pois eu amava a minha terra natal de Lomar e a cidade marmórea de Olathoe, situada entre os picos de Noton e Kadiphonek.

Mas enquanto eu me postava na câmara mais elevada da torre, contemplei os cornos da lua minguante, ruborizada e sinistra, tremeluzindo através dos vapores que se erguiam do distante vale de Banof. E por uma abertura no teto cintilava a pálida Estrela Polar, adejando como um ser vivo e espreitando como um demônio tentador. Parecia-me que seu espírito me sussurrava conselhos malignos, acalentando-me numa sonolência traiçoeira, com uma condenável promessa rítmica que ela repetia seguidamente:

*Dorme, vigilante, que as esferas
Revolvem vinte e seis mil anos,
Até eu retornar ao ponto
Onde neste momento ardo.
Outras estrelas em breve subirão
Ao ápice dos céus altivos;
Estrelas que apaziguam e estrelas que abençoam
Com o mais doce esquecimento:
Quando completa estiver a minha volta
O passado baterá em tua porta.*

Em vão eu lutei contra o meu torpor, tentando relacionar essas estranhas palavras com alguma doutrina celeste que havia aprendido nos manuscritos pnakóticos. Minha cabeça, pesada e ébria, pendeu sobre o meu peito e quando novamente ergui os olhos encontrava-me em um sonho; com a Estrela Polar arreganhando-me seus dentes através de uma janela, por cima das horríveis árvores recurvas de um pântano onírico. E sonhando ainda estou.

Em minha vergonha e desespero, eu às vezes grito em desvario, implorando às criaturas de sonho à minha volta que me despertem antes que os inutos se infiltrem pela passagem por trás do pico Noton e tomem a cidadela de surpresa; mas essas criaturas são demônios, pois riem de mim e me dizem que não estou sonhando. Zombam de mim enquanto durmo e enquanto o atarracado inimigo amarelo pode estar se esgueirando silenciosamente sobre nós. Eu falhei em meu dever e traí a cidade marmórea de Olathoe; provei minha falsidade a Alos, meu amigo e comandante. E ainda assim essas sombras do meu sonho continuam a me ridicularizar. Elas dizem que não existe a terra de Lomar, a não ser na minha imaginação noturna; que naqueles reinos onde a Estrela Polar brilha alta e a rubra Aldebarã rasteja baixa à volta do horizonte, não há nada exceto gelo e neve de milhares de anos; e homem algum, exceto criaturas atarracadas e amarelas, empoladas pelo frio, a quem eles chamam “*esquimaux*”.

E enquanto me atormento em minha agoniada culpa, desesperado para salvar a cidade, cujo perigo aumenta a cada momento, e lutando em vão para repelir esse sonho inatural com a casa de pedra e tijolos ao sul

de um pântano sinistro e de um cemitério sobre um outeiro baixo, a Estrela Polar, maligna e monstruosa, espia do alto da abóbada escura, piscando horivelmente como um insano olho vigilante que luta para transmitir alguma estranha mensagem, mas não se recorda de nada, exceto que um dia teve uma mensagem a transmitir.



Memória

∴

Memory (1919)

The United Co-operative (jun. 1919)

Este sombrio e pequeno poema em prosa foi escrito na mesma época que “Além da muralha do sono”, logo após a mãe de Lovecraft ser internada no hospital psiquiátrico.



No vale do Nis, a aziaga lua minguante projeta seu brilho diáfano, rasgando com cornos delicados uma passagem para o seu lume através da folhagem letal de um imponente antiárís. Mas nas profundezas do vale, onde a luz jamais alcança, movem-se formas indignas de contemplação. Grosseira é a relva que reveste cada encosta, por onde proliferam trepadeiras daninhas e plantas rasteiras em meio a pedras de palácios em ruínas, entrelaçando-se coesas ao redor de colunas partidas e de estranhos monolitos, para depois se alçarem sobre pavimentos de mármore assentados por mãos esquecidas. E nas árvores que crescem gigantescas nos pátios em desagregação saltitam pequenos símios, enquanto para dentro

e para fora de profundas câmaras de tesouro se contorcem serpentes peçonhentas e outras criaturas escamosas desprovidas de nome.

Imensas são as rochas, adormecidas sob colchas de musgo úmido e poderosos eram os muros dos quais elas caíram. Para durar eternamente seus construtores os erigiram e na verdade ainda servem a um nobre propósito, pois sob eles o sapo cinzento faz sua morada.

No fundo do vale corre o rio Lohmens, cujas águas são lodosas e repletas de algas. De fontes ocultas ele brota e para grutas subterrâneas flui, de forma que o Demônio do Vale não sabe por que suas águas são rubras, nem para onde elas se dirigem.

O Gênio que ronda os raios da lua dirigiu-se ao Demônio do Vale, dizendo:

— Sou velho e muita coisa esqueci. Conte-me os feitos, o aspecto e o nome daqueles que construíram estas coisas de pedra.

E o Demônio respondeu:

— Eu me chamo Memória e sou versado nas doutrinas do passado, mas também estou velho. Esses seres foram como as águas do rio Lohmens, não se destinavam à nossa compreensão. De seus feitos eu não me recordo, pois foram muito fugazes. De seu aspecto eu recordo vagamente, pois assemelhava-se aos pequeninos símios dessas árvores. De seu nome eu me recordo com clareza, pois rimava com o do rio. Esses seres de ontem chamavam-se homens.

Então o Gênio retornou esvoaçando aos finos cornos da lua e o Demônio contemplou atentamente um pequenino macaco que brincava numa das árvores que cresciam no pátio em ruínas.



A Maldição de Sarnath

∴

The Doom That Came to Sarnath (1919)

The Scot (jun. 1920)

Este conto é um dos mais fortemente inspirados em Lord Dunsany. Porém, difere do trabalho do Lord, uma vez que é apresentado não como uma história ambientada no mundo dos sonhos ou no reino da fantasia, mas como um evento pré-histórico desde o início dos tempos em nossa própria Terra. Isso, é claro, levou a história de um tom melancólico e sonhador para uma meditação perturbadora sobre o que poderia ter sido e o que poderia ser novamente.



Há na terra de Mnar um vasto lago estagnado, que nenhum riacho alimenta e do qual nenhum curso d'água flui. Dez mil anos atrás, erguia-se junto à sua margem a poderosa cidade de Sarnath, mas Sarnath já não se encontra ali.

Conta-se que nos anos imemoriais quando o mundo era jovem, antes mesmo de os homens de Sarnath chegarem à terra de Mnar, outra cidade erguia-se ao lado do lago; a cidade de pedras cinzentas de Ib, que

era antiga como o próprio lago e habitada por seres que não eram agradáveis de se contemplar. Muito bizarros e feios eram esses seres, como de fato era a maioria dos seres de um mundo ainda rudimentar e tosca-mente moldado. Está escrito nos cilindros de cerâmica de Kadatheron que os seres de Ib eram de coloração tão verde quanto a do lago e das névoas que pairam sobre ele; que eles tinham olhos esbugalhados, lábios projetados e flácidos e curiosas orelhas, e eram desprovidos de voz. Também está escrito que certa noite eles desceram da lua em um nevoeiro; eles e o vasto lago estagnado, assim como a cidade de pedras cinzentas de Ib. Seja como for, é certo que eles adoravam um ídolo de pedra verde-mar esculpido à semelhança de Bokrug, o grande lagarto-monitor, perante o qual dançavam horrivelmente quando a lua estava gibosa. E está escrito nos papiros de Ilarneq que eles um dia descobriram o fogo e então passaram a acender fogueiras em diversas ocasiões cerimoniais. Mas não há muitos registros sobre esses seres, porque eles viveram em tempos muito antigos, e a humanidade é jovem e sabe muito pouco sobre criaturas vivas tão primevas.

Muitos éons depois, os homens chegaram à terra de Mnar; povos pastores de pele escura com seus rebanhos lanosos, que construíram Thraa, Ilarneq e Kadatheron sobre o sinuoso rio Ai. E certas tribos, mais resistentes que as demais, prosseguiram até a margem do lago e construíram Sarnath em um local onde metais preciosos foram encontrados sob a terra.

Não longe da cidade cinzenta de Ib, as tribos nômades assentaram as primeiras pedras de Sarnath, e com os seres de Ib eles se maravilharam grandemente. Mas a esse maravilhamento misturava-se o ódio, pois não julgavam apropriado que seres de tal aspecto caminhassem pelo mundo dos homens ao anoitecer. Tampouco gostavam das estranhas esculturas nos monolitos cinzentos de Ib, pois tais esculturas eram terríveis com sua grande antiguidade. Por que aqueles seres e aquelas esculturas se demoravam tanto tempo no mundo, mesmo depois da chegada dos homens, ninguém sabia dizer; talvez por ser a terra de Mnar tão imutável e distante da maior parte das outras terras, tanto despertas quanto sonhadas.

Quanto mais os homens de Sarnath contemplavam os seres de Ib, mais seu ódio crescia, e este não diminuiu por eles terem descoberto que

as criaturas eram fracas e moles como geleia ao toque de pedras, lanças e flechas. Por isso, um dia os jovens guerreiros, os fundibulários, os lanceiros e os arqueiros marcharam contra Ib e massacraram todos os habitantes dali, empurrando seus corpos esquisitos para o lago com longas lanças, porque não desejavam tocá-los. E como não gostavam dos cinzentos monolitos esculpidos de Ib, atiraram-nos também no lago, perguntando-se, pela grandiosidade do trabalho, como as rochas haviam sido trazidas de longe, pois tal deveria ser o caso, uma vez que não havia nada como elas em toda a terra de Mnar ou nos territórios adjacentes.

Portanto, da antiquíssima cidade de Ib nada foi poupado, exceto o ídolo de pedra verde-mar esculpido à semelhança de Bokrug, o lagarto-monitor. Este os jovens guerreiros levaram consigo para Sarnath, como um símbolo da conquista imposta aos velhos deuses e seres de Ib, e um signo de liderança em Mnar. Mas na noite depois que ele foi depositado no templo, uma coisa terrível deve ter acontecido, pois estranhas luzes foram vistas sobre o lago, e pela manhã o povo descobriu que o ídolo se fora e que o sumo sacerdote Taran-Ish jazia morto, como se tivesse sido vítima de algum pavor indescritível. Mas antes de morrer, Taran-Ish havia rabiscado sobre o altar de crisólito, com golpes toscos e trêmulos, o sinal da MALDIÇÃO.

Depois de Taran-Ish houve muitos sumos sacerdotes em Sarnath, mas o ídolo de pedra verde-mar nunca foi encontrado. E muitos séculos vieram e se foram, e neles Sarnath prosperou extraordinariamente, de forma que apenas os sacerdotes e as velhas se recordavam do que Taran-Ish havia garatujado sobre o altar de crisólito. Entre Sarnath e a cidade de Ilarneq surgiu uma rota de caravanas e os metais preciosos extraídos da terra foram trocados por outros metais, e por tecidos raros, joias, livros e ferramentas para os artífices, e por todas as coisas luxuosas que são conhecidas dos povos que residem ao longo do sinuoso rio Ai e além dele. Então Sarnath se desenvolveu até tornar-se poderosa, culta e bela, e enviar exércitos conquistadores para subjugar as cidades vizinhas; e com o passar do tempo sentaram-se em um trono em Sarnath os reis de toda a terra de Mnar e de muitas terras adjacentes.

A maravilha do mundo e orgulho de toda a humanidade era Sarnath, a magnífica. De mármore polido extraído do deserto eram os seus muros, com 300 cúbitos de altura e 75 de largura, de forma que carruagens

podiam passar uma pela outra quando os homens as conduziam ao longo do topo. Uma distância total de 500 estádios eles percorriam, interrompidos apenas no lado que dava para o lago, onde um dique de pedra verde continha as ondas que se erguiam estranhamente uma vez ao ano, na festividade da destruição de Ib. Em Sarnath havia cinquenta ruas do lago até os portões das caravanas e cinquenta mais interceptando-as. Eram pavimentadas de ônix, exceto aquelas por onde trotavam os cavalos, camelos e elefantes, que eram revestidas de granito. E os portões de Sarnath eram tantos quanto as extremidades das ruas voltadas para a terra, todos de bronze e flanqueados por figuras de leões e elefantes esculpidos em alguma rocha não mais conhecida pelos homens. As residências de Sarnath eram de tijolos vitrificados e calcedônia, cada uma tendo seus jardins murados e suas lagoas cristalinas. Com estranha arte elas eram construídas, pois nenhuma outra cidade tinha casas como aquelas; e os viajantes de Thraa, Ilarne e Kadatheron maravilhavam-se com as cúpulas reluzentes que as encimavam.

Porém ainda mais maravilhosos eram os palácios, os templos e jardins construídos por Zokkar, o rei do passado. Havia muitos palácios, o menor dos quais era mais imponente que qualquer um de Thraa, Ilarne ou Kadatheron. Tão altos eram, que quem estivesse dentro deles poderia algumas vezes imaginar-se abaixo unicamente do céu; além disso, quando iluminadas por tochas banhadas no óleo de Dothur, suas paredes exibiam vastas pinturas de reis e exércitos, de um esplendor que ao mesmo tempo enlevava e assombrava aqueles que as contemplavam. Muitos eram os pilares dos palácios, todos de mármore tingido e esculpidos com desenhos de avassaladora beleza. E na maioria dos palácios os pisos eram mosaicos de berilo, lápis-lazúli, sárdonix, carbúnculo e outros materiais sortidos, dispostos de tal maneira que o observador podia fantasiar estar caminhando sobre camadas das mais raras flores. E do mesmo modo havia fontes que lançavam águas perfumadas em agradáveis jorros dispostos com engenhosa arte. Excedendo todos os outros em brilho havia o palácio dos reis de Mnar e das terras adjacentes. Sobre um par de leões agachados repousava o trono, muitos degraus acima do piso lustroso. Era lavrado numa peça inteiriça de marfim, embora nenhum homem vivo soubesse de onde uma peça tão vasta tivesse vindo. Naquele palácio havia também muitas galerias e numerosos anfiteatros onde le-

ões, homens e elefantes lutavam para o prazer dos reis. Às vezes os anfiteatros eram inundados de água transportada do lago por poderosos aquedutos, e então encenavam-se excitantes batalhas navais, ou combates entre nadadores e mortíferas criaturas marinhas.

Imponentes e assombrosas eram os dezessete templos turriformes de Sarnath, construídos numa vívida rocha multicolor, não conhecida em qualquer outro lugar. Com plenos mil cúbitos de altura sobressaía o maior entre eles, em cujo interior residiam os sumos sacerdotes com uma magnificência pouquíssimo menor que a dos reis. À altura do solo havia salões tão vastos e esplêndidos quanto aqueles dos palácios, onde se reuniam multidões em louvor a Zo-Kalar e Tamash e Lobon, os principais deuses de Sarnath, cujos santuários sempre envoltos em incenso eram como os tronos dos monarcas. Distintos dos ícones dos outros deuses eram os de Zo-Kalar e Tamash e Lobon, pois tão vívidos eles eram que se poderia jurar que os graciosos deuses barbados sentavam-se em pessoa sobre os tronos de marfim. E acima dos intermináveis degraus de reluzente zircônio havia a câmara da torre, de onde os sumos sacerdotes observavam a cidade, as planícies e o lago durante o dia; e a enigmática lua, assim como as significantes estrelas e planetas e seus reflexos no lago, à noite. Ali era praticado o secretíssimo e antigo ritual de abominação a Bokrug, o lagarto-monitor, e ali repousava o altar de crisólito que ostentava a marca da MALDIÇÃO rabiscada por Taran-Ish.

Igualmente maravilhosos eram os jardins criados por Zokkar, o rei antigo. No centro de Sarnath eles se situavam, cobrindo um grande espaço e circundados por uma alta muralha. E eram encimados por uma imensa cúpula de vidro, através da qual brilhava o sol, a lua e as estrelas e planetas quando o céu estava limpo, e na qual penduravam-se fúlgidas imagens do sol, da lua e das estrelas e planetas quando estava nublado. No verão os jardins eram refrescados por brisas amenas e olorosas, engenhosamente sopradas por leques, e no inverno eles eram aquecidos por fogos ocultos, de modo que nesses jardins era sempre primavera. Corriam pequenos cursos d'água por sobre pedregulhos brilhantes, separando campos verdes e canteiros de muitas tonalidades e transpostos por uma multidão de pontes. Muitas eram as cachoeiras nesses riachos e muitas as lagoas ornadas de lírios em que eles se expandiam. Sobre os córregos e lagoas singravam cisnes brancos, enquanto a música de aves

raras harmonizava-se com a melodia das águas. As verdes barrancas subiam em terraços ordenados, adornados aqui e ali com caramanchões de vinhas e doces flores, e assentos e bancos de mármore e pórfiro. E havia muitos pequenos santuários e templos onde se podia descansar ou orar para os deuses menores.

Todos os anos era celebrado em Sarnath a festividade da destruição de Ib, época em que o vinho, a música, a dança e as diversões de todos os tipos abundavam. Grandes honrarias eram então prestadas às efígies daqueles que haviam aniquilado os bizarros seres antigos e as memórias desses seres e seus deuses primevos eram escarnecidas por dançarinos e alaudistas coroados com rosas dos jardins de Zokkar. E os reis contemplavam a superfície do lago e maldiziam os ossos dos mortos que jaziam sob ela. No início, os sumos sacerdotes não gostavam desses festivais, pois persistiam entre eles estranhas histórias de como o ídolo verde-mar havia desaparecido e de como Taran-Ish havia morrido de pavor e deixado um alerta. E eles diziam que, de cima de sua alta torre, às vezes viam luzes sob as águas do lago. Mas como muitos anos se passaram sem calamidades, até mesmo os sacerdotes passaram a rir e praguejar e a aderir às orgias dos celebrantes. Afinal, eles próprios, em sua alta torre, não executavam com frequência o antiquíssimo e secreto ritual de abominação a Bokrug, o lagarto-monitor? E mil anos de riquezas e deleite passaram por Sarnath, maravilha do mundo e orgulho de toda a humanidade.

Deslumbrante além do concebível foi a festividade do milésimo ano da destruição de Ib. Durante uma década ela havia sido assunto de comentários na terra de Mnar, e à medida que se aproximava, dirigiam-se para Sarnath, em cavalos, camelos e elefantes, homens de Thraa, Ilarneq, Kadatheron e de todas as cidades de Mnar e das terras que ficavam além dela. Diante dos muros de mármore ergueram-se pavilhões de príncipes e tendas de peregrinos, e toda a praia ressoava com as canções dos celebrantes. Em seu salão de banquetes repousava Nargis-Hei, o rei, bêbado com o vinho envelhecido das adegas da conquistada Pnath e rodeado de nobres festivos e escravos atarefados. Ingeriram-se ali muitas iguarias estranhas: pavões das ilhas de Nariel, no Oceano Médio, cabritos das distantes colinas de Implan, pernis de camelo do deserto de Bnazic, nozes e especiarias dos bosques cydatrianos e pérolas de Mtal, banhadas pelas ondas, dissolvidas no vinagre de Thraa. De molhos havia um nú-

mero incontável, preparados pelos mais refinados cozinheiros de toda Mnar e adequados ao paladar de cada comensal. Porém a mais valorizada de todas as viandas foram os grandes peixes do lago, cada qual de vasto tamanho, servidos em baixelas de ouro cravejadas de rubis e diamantes.

Enquanto os reis e seus nobres banqueteavam dentro do palácio e admiravam o prato supremo que os aguardava nas baixelas de ouro, outros festejavam alhures. Na torre do grande templo, os sacerdotes promoviam festins, e nos pavilhões fora dos muros, divertiam-se os príncipes das terras vizinhas. E foi o sumo sacerdote Gnai-Kah quem primeiro viu as sombras que desciam da lua cheia para dentro do lago e as abomináveis névoas verdes que se erguiam dele para encontrar a lua e amortalhar em um nevoeiro sinistro as torres e os domos da predestinada Sarnath. Depois os que estavam nas torres e fora dos muros contemplaram estranhas luzes sobre a água e viram que o cinzento rochedo Akurion, que costumava sobressair-se muito alto junto à margem, estava quase submerso. E o medo cresceu vaga, porém rapidamente, de forma que os príncipes de Ilarnek e da distante Rokol desmontaram e dobraram suas tendas e pavilhões e partiram para o rio Ai, embora pouco soubessem da razão de sua partida.

Então, quando se aproximava a meia-noite, todos os portões de bronze de Sarnath se abriram de súbito e despejaram uma multidão em frenesi que escureceu a planície, de forma que todos os príncipes visitantes e os peregrinos fugiram apavorados. Pois nas faces dessa turba estava inscrita uma loucura nascida de insuportável horror, e em suas línguas havia palavras tão terríveis que nenhum ouvinte se deteve para testar sua veracidade. Homens cujos olhos estavam transtornados de temor berravam alto sobre o que se via no interior do real salão de banquetes, através de cujas janelas já não se avistavam as formas de Nargis-Hei e seus nobres e escravos, mas uma horda de indescritíveis criaturas verdes e mudas, de olhos esbugalhados, lábios projetados e flácidos e curiosas orelhas; coisas que dançavam horivelmente, portando em suas patas baixelas de ouro cravejadas de rubis e diamantes, contendo grosseiras labaredas. E os príncipes e peregrinos, enquanto fugiam da cidade condenada de Sarnath em seus cavalos, camelos e elefantes, olharam novamen-

te para o lago que gerava brumas e viram que o rochedo cinzento estava praticamente submerso.

Por toda Mnar e as terras adjacentes espalharam-se as histórias daqueles que haviam fugido de Sarnath e as caravanas não mais procuravam aquela cidade amaldiçoada e seus metais preciosos. Passou-se um longo tempo antes que qualquer viajante passasse por ali, e mesmo então somente os bravos e aventureiros jovens da distante Falona ousaram fazer tal jornada; jovens aventureiros de cabelos amarelados e olhos azuis, que não tinham parentesco com os habitantes de Mnar. Esses homens de fato foram ao lago para ver Sarnath; mas embora encontrassem as vastas águas estagnadas e o cinzento rochedo Akurion que se ergue muito acima delas, junto à margem, não contemplaram nenhuma maravilha do mundo e orgulho da humanidade. Onde um dia se ergueram muros de 300 cúbitos e torres ainda mais altas, agora se estendia apenas a praia pantanosa, e onde um dia habitaram cinquenta milhões de homens, agora rastejavam apenas os detestáveis lagartos-monitores verdes. Nem mesmo as minas de metais preciosos restavam, pois a MALDIÇÃO havia chegado a Sarnath.

Porém, parcialmente enterrado entre os juncos, avistou-se um curioso ídolo de pedra; um ídolo de extraordinária antiguidade, coberto de algas e esculpido à semelhança de Bokrug, o grande lagarto-monitor. Esse ídolo, posto em um santuário no alto templo de Ilarnek, foi subsequentemente adorado sob a lua gibosa em toda a terra de Mnar.



A Árvore

∴

The Tree (1920)

The Tryout (out. 1921)

Aqui o estilo de prosa de H.P. Lovecraft também é, muito provavelmente, emprestado da cadência do trabalho do irlandês, o que lhe confere a classificação como uma de suas histórias influenciadas por Dunsany; porém, o enredo é anterior à descoberta do Lord.

Anos mais tarde, Lovecraft repudiou “A árvore” e a listou entre seus trabalhos menos favoritos; mas não está claro por que isso aconteceu. Embora curta, é uma bela história, e não é apenas qualquer pessoa que possa tornar verdadeira uma história ambientada no mundo greco-romano antigo, como esta faz de forma inquestionável.



Fata viam invenient^[1]

Numa encosta verdejante do Monte Mênalos, na Arcádia, existe um olival que circunda as ruínas de uma quinta. Junto a ele há uma tumba, um dia embelezada pelas mais sublimes esculturas, mas hoje reduzida a uma

deterioração tão grande quanto a da casa. Numa das extremidades dessa tumba, com suas curiosas raízes deslocando os blocos de mármore pentélico manchados pelo tempo, cresce uma oliveira inaturalmente grande, dotada de um formato estranhamente repulsivo; tão semelhante a algum homem grotesco ou a um corpo humano distorcido pela morte, que os camponeses temem passar por ali à noite, quando a lua brilha tênue por entre seus galhos tortos. O Monte Mênalo é um dos retiros escolhidos pelo temido Pã, cujos bizarros companheiros são numerosos, e os camponeses simplórios acreditam que a árvore deve ter algum horrendo parentesco com esses fantásticos paniscos; mas um velho apicultor que vive no chalé vizinho contou-me uma história diferente.

Muitos anos atrás, quando a quinta na encosta do monte era nova e resplandescente, habitavam-na os dois escultores Kalos e Musides. Da Lídia a Neápolis, a beleza das suas obras era glorificada e ninguém ousava dizer que um excedia o outro em talento. O Hermes de Kalos encontrava-se em um nicho de mármore em Corinto e a Palas de Musides ocupava o alto de um pilar em Atenas, próximo ao Partenon. Todos os homens prestavam homenagens a Kalos e Musides, e maravilhavam-se porque nenhuma sombra de ciúmes artísticos esfriava o calor da amizade fraterna entre eles.

Mas embora Kalos e Musides vivessem em harmonia inquebrantável, suas naturezas não eram semelhantes. Enquanto Musides divertia-se à noite em meio às alegrias urbanas de Tégea, Kalos permanecia em casa, furtando-se aos olhos de seus escravos nos frescos recessos do olival. Ali ele meditava sobre as visões que ocupavam sua mente e ali divisava as formas de beleza que mais tarde se tornariam imortais em mármore vivo. As pessoas fúteis, a propósito, diziam que Kalos conversava com os espíritos do olival e que suas estátuas não passavam de imagens dos faunos e dríades que ele encontrava ali — pois ele não baseava suas obras em nenhum modelo vivo.

Tão famosos eram Kalos e Musides, que ninguém se surpreendeu quando o tirano de Siracusa mandou emissários até eles para falar sobre a dispendiosa estátua de Tiquê, que havia planejado para sua cidade. De grande tamanho e primoroso acabamento ela deveria ser, pois destinava-se a se converter na maravilha das nações e destino dos viajantes. Exaltado além do concebível seria aquele cuja obra ganhasse a aceitação, e para

tal honra Kalos e Musides foram convidados a competir. O amor fraterno entre eles era bem conhecido e o astucioso tirano presumia que ambos, em vez de esconder suas obras um do outro, ofereceriam auxílio e conselho mútuos; essa cooperação produziria duas imagens de inaudita beleza, a mais adorável das quais eclipsaria até mesmo os sonhos dos poetas.

Com alegria os escultores saudaram a oferta do tirano, de forma que nos dias que se seguiram seus escravos escutaram os incessantes golpes de cinzéis. Kalos e Musides não ocultavam um do outro suas obras, mas tal visão cabia unicamente a eles. Exceto os deles próprios, olho algum contemplou as duas divinas figuras que seus habilidosos golpes libertavam dos rudes blocos que as aprisionavam desde que o mundo começou.

À noite, como antes, Musides procurava os salões de banquete de Tégea, enquanto Kalos perambulava sozinho pelo olival. Mas à medida que o tempo passava, os homens observavam escassear a alegria do outrora esfuziante Musides. Era estranho, diziam eles entre si, que a depressão se apoderasse daquela forma de alguém com uma chance tão grande de conquistar a mais elevada recompensa artística. Muitos meses se passaram, no entanto a face amarga de Musides não manifestava nem um pouco da expectativa aguda que a situação deveria atizar.

Mas, certo dia, Musides falou da enfermidade de Kalos, e depois disso ninguém tornou a se surpreender com a sua tristeza, uma vez que o afeto entre os escultores era sabidamente profundo e sagrado. Subsequentemente, muitos foram visitar Kalos e, de fato, notaram a palidez em seu rosto; mas havia nele uma serenidade feliz que tornava seu olhar mais encantador que o de Musides — que estava claramente perturbado pela ansiedade e que mantinha afastados todos os escravos em sua ânsia de alimentar e cuidar de seu amigo com as próprias mãos. Ocultas por trás de pesadas cortinas encontravam-se as duas figuras inacabadas de Tiquê, ultimamente pouco tocadas pelo homem doente e seu dedicado acompanhante.

À medida que Kalos, inexplicavelmente, se tornava cada vez mais fraco, apesar dos cuidados dos médicos perplexos e de seu assíduo amigo, desejava com frequência ser carregado ao olival que tanto amava. Lá ele pedia para ficar só, como se quisesse falar com criaturas invisíveis.

Musides sempre atendia seus pedidos, ainda que seus olhos se enchessem visivelmente de lágrimas ao pensamento de que Kalos daria mais valor aos faunos e dríades do que a ele. Por fim, a morte se aproximou, e Kalos discursou sobre coisas além desta vida. Musides, aos prantos, prometeu-lhe um sepulcro mais encantador do que a tumba de Mausolo; mas Kalos ordenou-lhe que não mais falasse em glórias de mármore. Apenas um desejo habitava agora a mente do moribundo: o de que ramos de certas oliveiras do bosque fossem enterrados junto ao seu local de descanso — perto de sua cabeça. E uma noite, sentado sozinho na escuridão do olival, Kalos morreu.

De uma beleza além das palavras era o sepulcro de mármore que o abalado Musides esculpiu para o seu amado amigo. Ninguém além do próprio Kalos poderia ter moldado baixos-relevos como aqueles, em que se via todo o esplendor do Elísio. E Musides tampouco se esqueceu de enterrar junto à cabeça de Kalos os ramos de oliveira do bosque.

Enquanto a violência inicial do luto de Musides dava lugar à resignação, ele trabalhava com diligência em sua imagem de Tiquê. Toda honra agora cabia a ele, uma vez que o tirano de Siracusa não aceitaria nenhuma outra obra além da sua ou de Kalos. A tarefa se revelou um alívio para as suas emoções, e ele labutava cada vez com mais constância a cada dia, afastando-se dos divertimentos que um dia apreciara. Enquanto isso, seus entardeceres eram passados ao lado da tumba de seu amigo, onde uma jovem oliveira havia brotado, junto à cabeça do adormecido. Tão rápido foi o crescimento dessa árvore, e tão estranha a sua forma, que todos que a contemplavam emitiam exclamações de surpresa; e Musides parecia sentir ao mesmo tempo fascínio e aversão.

Três anos após a morte de Kalos, Musides enviou um mensageiro ao tirano e falou-se à boca pequena na ágora de Tégea que a imponente estátua estava concluída. À essa altura a árvore junto à tumba havia alcançado proporções assombrosas, excedendo todas as outras de seu gênero, e projetando um galho singularmente pesado acima do aposento em que Musides trabalhava. Visitantes vinham para ver a prodigiosa árvore tanto quanto para admirar a arte do escultor, de forma que Musides raramente se encontrava só. Mas ele não se importava com sua multidão de convidados. Na verdade, parecia temer a solidão, agora que seu absorvente trabalho estava concluído. O gélido vento da montanha, suspiran-

do por entre os olivais do bosque e a árvore da tumba, formava, perturbadoramente, sons vagamente articulados.

O céu estava escuro na noite em que os emissários do tirano chegaram a Tégea. Era fato amplamente conhecido que eles tinham vindo para levar a grande imagem de Tiquê e trazer honra eterna a Musides, de forma que a acolhida que tiveram por parte dos próxenos foi muito calorosa. À medida que a noite avançava, uma violenta tempestade de vento irrompeu sobre a crista do Mênalo, e os homens da distante Siracusa sentiram-se gratos por repousarem confortavelmente na cidade. Eles falaram de seu ilustre tirano e do esplendor da sua capital, e exultaram com a glória da estátua que Musides havia esculpido para ele. Os homens de Tégea, por sua vez, falaram da bondade de Musides e de seu intenso pesar pela perda do amigo; e de como nem mesmo os iminentes louros da arte poderiam consolá-lo pela ausência de Kalos, que poderia ter cingido esses louros em seu lugar. Da árvore que crescia junto à tumba, perto da cabeça de Kalos, também se falou. O vento uivou da maneira mais horrível e tanto os siracúsios quanto os arcadianos oraram a Éolo.

Sob o sol da manhã, os próxenos conduziram os mensageiros do tirano encosta acima até a residência do escultor, mas o vento da noite havia operado estranhas coisas. Os prantos dos escravos erguiam-se de um cenário de desolação e, em meio ao bosque de oliveiras, não mais se elevavam as colunatas magníficas daquela vasta mansão onde Musides havia sonhado e laborado. Solitários e abalados, lamentavam-se o humilde pátio e as paredes inferiores, pois sobre o suntuoso peristilo maior havia desabado em cheio o pesado ramo pendente daquela estranha árvore jovem, reduzindo o majestoso poema de mármore, de maneira singularmente completa, a um amontoado de ruínas disformes. Estrangeiros e tegeatas ficaram boquiabertos, olhando sucessivamente os escombros e a grande e sinistra árvore, cujo aspecto era tão perturbadoramente humano e cujas raízes penetravam de um modo tão bizarro no sepulcro esculpido de Kalos. E o medo e assombro deles aumentou quando revistaram as dependências desmoronadas, pois do gentil Musides e da imagem maravilhosamente talhada de Tiquê, nenhum vestígio pôde ser descoberto. Em meio a uma ruína tão estupenda, somente o caos residia, e os representantes das duas cidades partiram desapontados: os siracúsios, por não terem estátua alguma para levar para casa; os tegeatas, porque

não tinham mais nenhum artista para coroar. Contudo, os siracúsios obtiveram, depois de algum tempo, uma estátua muito esplêndida em Atenas, e os tegeatas se consolaram erigindo em sua ágora um templo de mármore em homenagem aos dons, às virtudes e à fraterna piedade de Musides.

Mas o bosque das oliveiras ainda está de pé, assim como a árvore que cresceu da tumba de Kalos, e o velho apicultor contou-me que, por vezes, os ramos ciciam entre si ao vento da noite, dizendo repetidamente: “*Οἶδα! Οἶδα!* — Eu sei! Eu sei!”



Os Gatos de Ulthar

∴
The Cats of Ulthar (1920)
The Tryout (nov. 1920)

Não é de se surpreender que Lovecraft continuou a amar essa história a vida inteira, considerando o assunto. H.P., embora nunca tenha mantido um dos seus depois da infância, adorava gatos.



Dizem que em Ulthar, que fica além do rio Skai, nenhum homem pode tirar a vida de um gato; e nisso eu posso realmente acreditar enquanto observo este que repousa ronronando diante da lareira. Pois o gato é um animal enigmático, íntimo de coisas estranhas que o homem não pode ver. Ele é a alma do antigo Egito e conserva em seu poder as histórias das cidades esquecidas de Meroë e Ophir. Aparentado com os senhores da selva, é herdeiro dos segredos da remota e sinistra África. É primo da Esfinge e fala o idioma dela; porém é mais antigo que a Esfinge e recorda-se de coisas que ela já esqueceu.

Em Ulthar, antes que os burgueses proibissem para sempre o extermínio de gatos, vivia lá um velho posseiro e sua mulher, que se deleita-

vam em capturar e abater os gatos de seus vizinhos. Por que faziam isso, eu não tenho ideia; exceto que muita gente odeia ouvir a voz dos gatos no meio da noite e se enraivece quando eles correm furtivamente pelos pátios e jardins ao anoitecer. Mas qualquer que seja o motivo, esse velho e sua mulher sentiam prazer em capturar e massacrar todo gato que se aproximasse do seu casebre; e a julgar pelos sons que às vezes se ouviam depois de escurecer, muitos aldeões acreditavam que a maneira empregada para abatê-los fosse extremamente peculiar. Mas os aldeões não discutiam essas coisas com o velho e sua mulher, tanto por causa das expressões habitualmente fechadas nas faces encarquilhadas de ambos, quanto pelo fato de morarem em um barraco tão pequeno e escondido nas sombras escuras dos carvalhos frondosos no fundo de um terreno em abandono. Na verdade, por mais que os proprietários de gatos odiassem essa gente esquisita, temiam-nos ainda mais; e em vez de acusá-los como assassinos brutais, limitavam-se a tomar cuidado para que seus bichinhos queridos ou seus caçadores de ratos não se afastassem na direção do casebre remoto sob as árvores escuras. Quando por alguma inevitável desatenção algum gato se perdia, e certos sons eram ouvidos depois de escurecer, seu dono limitava-se a se lamentar com impotência; ou a se consolar dando graças ao Destino por não ter sido um de seus filhos a desaparecer daquela forma. Pois as pessoas que viviam em Ulthar eram simplórias e não sabiam de onde provinham todos os gatos.

Certo dia, uma caravana de estranhos nômades do sul adentrou as estreitas ruas calçadas de pedra de Ulthar. Eram nômades de tez escura, diferentes dos excursionistas que passavam duas vezes por ano pelo vilarejo. Na praça do mercado eles liam a sorte em troca de prata e compravam contas de cores alegres dos mercadores. De que terra provinham aqueles errantes ninguém saberia dizer; mas viu-se que eles se entregavam a estranhas orações e que haviam pintado as laterais de suas carroças com bizarras figuras de corpos humanos e cabeças de gatos, falcões, carneiros e leões. O líder da caravana vestia um adorno de cabeça com dois cornos e um curioso disco entre eles.

Havia nessa singular caravana um garotinho sem pai nem mãe, que tinha apenas um pequenino bichano negro para dar carinho. A peste não tivera piedade dele, embora lhe tivesse deixado aquela pequena criatura peluda para mitigar sua dor; pois quando se é muito jovem, é possí-

vel encontrar grande alívio nas travessuras de um gatinho preto. Por isso, o menino a quem aquele povo de tez escura chamava Menes sorria mais do que chorava ao sentar-se para brincar com seu gracioso bichinho nos degraus de uma carroça com pinturas extraordinárias.

Na terceira manhã da estadia dos nômades em Ulthar, Menes não conseguiu encontrar seu gatinho; e ao ouvirem seus altos soluços na praça do mercado alguns aldeões lhe contaram sobre o velho e sua mulher e sobre os sons ouvidos na noite. Quando tomou conhecimento de tais coisas, seus soluços deram lugar à meditação e, por fim, à prece. Ele estendeu seus braços na direção do sol e orou numa língua que os aldeões não conseguiam entender; embora, na verdade, nenhum aldeão fizesse muito esforço para entendê-la, pois a atenção de todos foi quase inteiramente absorvida pelo céu e as formas estranhas que as nuvens começaram a assumir. Foi muito peculiar, pois à medida que o pequeno menino pronunciava sua súplica, pareciam tomar forma nas alturas estranhas figuras nebulosas de coisas exóticas; criaturas híbridas coroadas de discos flanqueados por chifres. A natureza é pródiga em tais ilusões para impressionar as pessoas imaginativas.

Naquela noite, os nômades deixaram Ulthar e nunca mais foram vistos. E os moradores ficaram perplexos ao notar que em toda a vila não se encontrava um só gato. Em cada lareira, o gato da família havia desaparecido; gatos grandes e pequenos, pretos, cinzentos, listrados, amarelos e brancos. O velho Kranon, o burgomestre, jurava que o povo de tez escura havia levado os gatos embora para se vingar da morte do gatinho de Menes; e amaldiçoava a caravana e o menininho. Mas Nith, o magro escrivão, declarou que o velho posseiro e sua mulher eram os suspeitos mais prováveis, pois o ódio de ambos pelos gatos era notório e cada vez mais ostensivo. Ainda assim, ninguém se arriscava a reclamar com o casal sinistro; nem mesmo quando o pequeno Atal, o filho do estalajadeiro, jurou ter visto ao anoitecer todos os gatos de Ulthar naquele terreno amaldiçoado sob as árvores, marchando em um círculo muito vagaroso e solene ao redor do barraco, dois a dois, como se executassem algum inaudito ritual de bichos. Os aldeões não sabiam até que ponto acreditar em um menino tão pequeno; e embora temessem que o casal perverso tivesse, por algum encantamento, atraído os gatos para a morte, preferi-

am não repreender o velho posseiro enquanto não o encontrassem fora de seu escuro e repulsivo terreno.

Por isso, Ulthar adormeceu numa raiva impotente; e quando o povo despertou ao amanhecer — vejam! Todos os gatos haviam retornado às suas lareiras de costume! Grandes e pequenos, pretos, cinzentos, listrados, amarelos e brancos, não faltava nenhum. Os gatos apareceram muito lustrosos e gordos, com seus sonoros rom-rons de contentamento. Os cidadãos conversavam entre si sobre o caso com maravilhamento nada desprezível. O velho Kranon ainda insistia que o povo de tez escura os havia levado, pois nenhum gato jamais retornara com vida do barraco do ancião com sua mulher. Mas todos concordavam numa coisa: que a recusa de todos os gatos em comer suas porções de carne ou beber o leite de seus pires era extremamente curiosa. Durante dois dias inteiros os gatos lustrosos e preguiçosos de Ulthar não tocaram comida, simplesmente cochilaram junto ao fogo ou ao sol.

Passou-se uma semana inteira até que os aldeões notassem que nenhuma luz aparecia nas janelas do barraco sob as árvores ao amanhecer. Então o magro Nith comentou que ninguém avistava o velho ou sua mulher desde a noite em que os gatos sumiram. Após mais uma semana, o burgomestre decidiu enfrentar seu medo e visitar a residência estranhamente silenciosa por questão de dever, embora tivesse o cuidado de levar consigo Shang, o ferreiro, e Thul, o talhador de pedras, como testemunhas. E quando arrombaram a frágil porta, eles encontraram apenas isto: dois esqueletos humanos totalmente descarnados no chão de terra e alguns curiosos besouros rastejando pelos cantos escuros.

Depois disso houve muito falatório entre os burgueses de Ulthar. Zath, o oficial de justiça, discutiu extensamente com Nith, o magro escrivão; e Kranon, Shang e Thul foram bombardeados de perguntas. Até mesmo o pequeno Atal, o filho do estalajadeiro, foi minuciosamente interrogado e ganhou um doce como recompensa. Falaram do velho posseiro e sua mulher, da caravana de nômades de tez escura, do pequeno Menes e seu gatinho preto, da prece de Menes e do aspecto do céu durante essa prece, da atitude dos gatos na noite em que a caravana partiu, e do que posteriormente se encontrou no casebre sob as árvores escuras do terreno repulsivo.

No final, os burgueses aprovaram aquela lei notável de que falam os mercadores em Hatheg e discutem os viajantes em Nir; a saber, que em Ulthar não se pode matar gatos.



Celephaïs

∴

Celephaïs (1920)
The Rainbow (mai. 1922)

Este sonhador e agri-doce conto (ou, talvez, um longo poema em prosa) é uma das mais admiradas histórias de Lovecraft influenciadas por Lord Dunsany. É difícil não contemplar os paralelos com Kuranés e imaginar quanta influência autobiográfica há nessa história.



Em sonho, Kuranés viu a cidade no vale, e a costa que se abria além dela, e os picos nevados com vista para o mar, e as galés com alegres pinturas que zarpavam do porto rumo às regiões distantes onde o mar encontra o céu. Foi também num sonho que descobriu se chamar Kuranés, pois quando desperto conheciam-no por outro nome. Talvez sonhar um novo nome fosse para ele algo natural; pois era o último sobrevivente de sua família, e vivia só entre os milhões de londrinos indiferentes, de modo que não restava muita gente disposta a falar com ele e a fazê-lo recordar do que um dia havia sido. Seu dinheiro e suas terras haviam se perdido, e ele não se importava com os afazeres das pessoas ao seu redor,

pois preferia sonhar e escrever sobre seus sonhos. Seus escritos despertaram risos naqueles a quem os mostrou, por isso, depois de algum tempo, passou a conservá-los apenas para si, e por fim deixou de escrever. Quanto mais se isolava do mundo à sua volta, mais maravilhosos se tornavam os seus sonhos; e teria sido inútil tentar descrevê-los no papel. Kuranos não era um homem moderno e não pensava como outros escritores. Enquanto estes lutavam para despir a vida das vestes ricamente bordadas do mito e para exibir em toda a sua feia nudez essa coisa medonha que é a realidade, Kuranos almejava unicamente a beleza. Quando a verdade e a experiência não conseguiam revelá-la, ele a buscava na fantasia e na ilusão, e conseguiu encontrá-la no umbral de sua própria casa, entre as lembranças nebulosas das histórias e sonhos da infância.

São poucas as pessoas capazes de reconhecer as maravilhas que para elas se revelam nas histórias e visões da juventude; pois quando crianças nós ouvimos e sonhamos, e nossos pensamentos se moldam de maneiras apenas parciais, mas quando, já adultos, tentamos recordá-los, estamos por demais embrutecidos e ressecados pelo veneno da vida. Porém, alguns de nós são despertados à noite por misteriosas fantasmagorias envolvendo colinas e jardins encantados, fontes que cantam ao sol, escarpas douradas que se debruçam sobre mares murmurantes, planícies que se estendem ao encontro de adormecidas cidades de pedra e bronze, e nebulosas companhias de heróis que cavalgam seus alvos cavalos ajacidos por entre as fímbrias de densas florestas; e então sabemos que novamente conseguimos olhar por entre os portões de marfim que se abrem para aquele mundo de maravilhamento que um dia nos pertenceu, antes que nos tornássemos sensatos e infelizes.

Kuranos se deparou de um modo muito súbito com seu velho mundo da infância. Estava sonhando com a casa onde nasceu; a grande casa de pedra coberta de hera, onde treze gerações de seus ancestrais haviam vivido e onde ele acreditara que iria morrer. Havia luar, e ele tinha saído furtivamente para a fragrante noite de verão, atravessado os jardins, descido pelos terraços, passado pelos grandes carvalhos do parque e seguido pela longa estrada branca até a vila. Esta parecia muito antiga, roída pelas bordas como a lua que começava a ficar minguante, e Kuranos se perguntou se os telhados acuminados das pequenas casas ocultavam adormecidos ou mortos. Nas ruas havia longas hastes lanceoladas de ca-

pim, e as vidraças de ambos os lados estavam quebradas, ou fitavam-no como olhos baços. Kuranês não se demorou ali, mas seguiu em passos arrastados como se tivesse sido convocado a algum destino determinado. Ousou não desobedecer ao chamado apesar do temor de que este pudesse se revelar uma ilusão como os anseios e aspirações da vida desperta, que não levam a objetivo algum. Foi, então, atraído a um beco que partia da rua principal da vila em direção às falésias, e chegou ao final de todas as coisas — ao precipício e ao abismo onde a vila e o mundo se interrompiam numa queda abrupta para o vazio silente e o infinito, e onde até mesmo o céu à frente era deserto, despojado da claridade da lua carcomida e das estrelas à espreita. A fé o impeliu a avançar, pela borda do precipício e pelo despenhadeiro adentro, por onde ele flutuou cada vez mais para baixo, passando por escuros e amorfos sonhos jamais sonhados, esferas que emitiam uma radiância muito fraca e que deviam ser sonhos apenas parcialmente sonhados, e por criaturas aladas e gargalhantes que pareciam zombar dos sonhadores de todos os mundos. Então uma fissura pareceu se abrir na escuridão à sua frente, e ele viu a cidade do vale, cintilando de modo deslumbrante muito, muito abaixo, com um panorama de mar e céu, e uma montanha coroada de neve junto à costa.

Kuranês havia despertado no preciso momento em que contemplara a cidade, porém soube ao primeiro breve olhar que não se tratava de nenhuma outra além de Celephaïs, situada no vale de Ooth-Nargai, além das colinas de Tanarian, onde certa tarde de verão seu espírito havia resido por toda a eternidade de uma hora, muito tempo atrás, numa ocasião em que havia conseguido escapar da sua governanta e deixar que a brisa morna do mar o ninasse enquanto observava as nuvens do penhasco próximo à vila. Havia protestado, então, quando o encontraram, despertaram e carregaram para casa, pois no momento em que o acordaram ele estava prestes a zarpar numa galé dourada rumo àquelas regiões sedutoras onde o mar encontra o céu. E agora ele igualmente se ressentia ao despertar, pois havia encontrado sua cidade fabulosa após quarenta anos. Três noites depois, porém, Kuranês retornou a Celephaïs. Como anteriormente, sonhou primeiro com a vila adormecida ou morta, e com o abismo silencioso pelo qual se devia descer flutuando; então a fenda voltou a aparecer, e ele contemplou os reluzentes minaretes da cidade, e

viu as graciosas galés ancoradas no porto azul, e observou as árvores de ginkgo que balançavam com a brisa marinha no Monte Aran. Mas dessa vez não foi arrebatado para o despertar, e como um ser dotado de asas ele desceu gradualmente sobre uma encosta relvosa, até que, por fim, seus pés pousaram suavemente na turfa. Havia realmente retornado ao vale de Ooth-Nargai e à esplêndida cidade de Celephaïs.

Descendo a colina por entre o relvado fragrante e as flores de cores vivas, Kuranês caminhou, cruzou o borbulhante Naraxa pela pequena ponte de madeira, onde havia entalhado seu nome tantos anos antes, e atravessou o bosque cicante até a grande ponte de pedra junto ao portão da cidade. Tudo estava como antigamente, os muros de mármore não haviam descorado, nem as lustrosas estátuas de bronze que os encimavam haviam perdido o brilho. E Kuranês viu que não precisava temer que as coisas que conhecera tivessem desaparecido; pois até mesmo as sentinelas sobre os baluartes eram as mesmas, tão jovens quanto as recordava. Quando entrou na cidade, passando pelos portões de bronze e caminhando sobre o pavimento de ônix, os mercadores e condutores de camelo o cumprimentaram como se jamais tivesse se ausentado; e o mesmo aconteceu no templo de turquesa de Nath-Horthath, onde os sacerdotes coroados de orquídeas lhe contaram que o tempo não existe em Ooth-Nargai, apenas a perpétua juventude. Então Kuranês caminhou pela rua dos Pilares até a muralha que dava para o mar, onde se juntou aos mercadores e marinheiros e aos estranhos homens das regiões onde o mar encontra o céu. Lá ele se deixou ficar um longo tempo, fitando o porto luminoso onde a ondulação cintilava sob um sol desconhecido e as galés deslizavam suavemente sobre as águas, vindas de lugares distantes. E contemplou também o Monte Aran, que se erguia majestosamente da orla, com suas altas escarpas verdejantes de árvores agitadas ao vento e seu alvo cume tocando o céu.

Mais do que nunca, Kuranês desejou navegar numa daquelas galés até os locais longínquos sobre os quais ouvira contar tantas histórias estranhas, e novamente procurou o capitão que havia concordado em transportá-lo, tanto tempo atrás. Encontrou o homem, que se chamava Athib, sentado no mesmo baú de especiarias em que se sentara antes, e parecia não perceber que o tempo tinha passado. Os dois então remaram até uma galé no porto, e depois que o capitão distribuiu ordens aos

remadores, começaram a navegar pelo revolto Mar Cereneriano que levava ao céu. Por vários dias eles deslizaram pelas águas ondulantes, até que finalmente alcançaram o horizonte, onde o mar encontra o céu. Ali a galé não fez qualquer pausa, e flutuou placidamente no azul do céu por entre nuvens felpudas tingidas de rosa. E bem abaixo da quilha, Kuranês pôde ver estranhas terras, rios e cidades de beleza extraordinária, espalhadas indolentemente à luz do sol que parecia jamais enfraquecer ou desaparecer. Por fim Athib lhe disse que a viagem deles estava chegando ao fim, e que logo entrariam no porto de Serannian, a cidade de mármore rosa entre as nuvens, construída naquela praia etérea onde o vento oeste flui pelo céu adentro; mas quando as mais elevadas torres esculpidas da cidade puderam ser avistada, um som chegou-lhe de algum lugar no espaço, e Kuranês despertou no seu sótão em Londres.

Por muitos meses depois disso ele buscou em vão a maravilhosa cidade de Celephaïs e suas galés que singravam rumo ao céu; e embora seus sonhos o transportassem para muitos lugares lindos e inauditos, ninguém que ele encontrasse sabia lhe dizer como chegar a Ooth-Nargai, além das colinas de Tanarian. Certa noite ele sobrevoou escuras montanhas onde havia tênues e solitárias fogueiras a grande distância umas das outras, e estranhos rebanhos felpudos cujos líderes tinham sinos que tilintavam sonoramente; e na parte mais erma desse território montanhoso, tão remota que poucos homens poderiam tê-la visto, encontrou uma muralha ou estrada de pedra em dique tremendamente antiga, que ziguezagueava ao longo das serras e vales; gigantesca demais para ter sido construída por mãos humanas, e de tamanha extensão que não se podia discernir nenhuma das suas extremidades. Além dessa muralha, no alvorecer cinzento, ele chegou a uma terra de fantásticos jardins e cerejeiras, e quando o sol se ergueu ele avistou uma paisagem de tamanha beleza, com flores vermelhas e brancas, folhagens e gramados verdejantes, alvos caminhos, riachos diamantinos, lagunas azuis, pontes esculpidas e pagodes de rubros telhados, que por um momento de puro êxtase esqueceu Celephaïs. Mas lembrou-se dela novamente quando caminhou por uma alva alameda em direção a um pagode de telhado vermelho, e teria interrogado o povo daquela terra sobre a cidade se não tivesse descoberto que não havia ninguém ali, apenas pássaros, abelhas e borboletas. Noutra noite Kuranês subiu interminavelmente por uma

úmida escadaria em espiral, e chegou a uma torre com janela que dava para uma imponente planície cortada por um rio iluminado pela lua cheia; e na silenciosa cidade que se estendia a partir da margem do rio pensou ter avistado algumas formas e disposições que já conhecia. Teria descido para perguntar o caminho para Ooth-Nargai se uma assustadora aurora não tivesse irrompido de algum lugar remoto além do horizonte, revelando a ruína e a antiguidade do lugar, a estagnação do rio coberto de juncos e a morte que jazia sobre aquelas terras, e que ali jazera desde que o rei Kynaratholis retornou das suas conquistas e encontrou a vingança dos deuses.

E assim Kuranos prosseguiu numa busca infrutífera pela maravilhosa cidade de Celephaïs e suas galés que zarpavam para o céu de Serannian, conhecendo nesse ínterim muitas coisas deslumbrantes e uma vez escapando por pouco do sumo sacerdote que não deve ser descrito, que cobre o rosto com uma máscara de seda amarela e reside inteiramente só em um monastério pré-histórico de pedra sobre o gélido platô deserto de Leng. Com o tempo ele se tornou tão impaciente com os insípidos intervalos do dia que começou a comprar drogas para aumentar seus períodos de sono. Haxixe ajudou bastante, e uma vez o enviou a uma parte do espaço onde as formas não existem, e onde gases incandescentes estudavam os segredos da existência. Ali um gás de coloração violácea lhe disse que aquela parte do espaço ficava fora do que ele denominava infinito. O gás jamais ouvira falar em planetas e organismos, mas identificou Kuranos meramente como um elemento do infinito onde matéria, energia e gravitação existiam. Kuranos sentia-se então muito ansioso para retornar à cidade cravejada de minaretes de Celephaïs e por isso aumentou as dosagens das drogas; mas por fim já não lhe restava mais dinheiro e ele não podia mais comprá-las. Então, certo dia de verão, foi despejado de seu sótão e começou a vagar a esmo pelas ruas, cruzando aleatoriamente uma ponte até um lugar onde as casas começaram a escassear. E foi lá que a realização aconteceu, e ele encontrou o cortejo de cavaleiros que haviam chegado de Celephaïs a fim de levá-lo definitivamente para lá.

Eram belos cavaleiros, montando cavalos ruões e vestindo armaduras reluzentes com tabardos de brocado de ouro adornados por curiosos brasões. Eram tão numerosos que Kuranos quase os tomou por um

exército, mas o líder disse-lhe que haviam sido mandados em sua honra, uma vez que havia sido ele quem criou Ooth-Nargai em seus sonhos, e por esse motivo seria agora designado deus supremo daquela terra por toda a eternidade. Então entregaram um cavalo a Kuranés e posicionaram-no à frente do séquito, e todos cavalgaram majestosamente pelos pastos de Surrey e prosseguiram rumo à região onde Kuranés e seus ancestrais nasceram. Foi algo muito estranho, mas à medida que os cavaleiros avançavam, pareciam retroceder no tempo; pois sempre que atravessavam algum vilarejo ao crepúsculo, viam apenas casas e povoados como os que Chaucer e homens anteriores a ele deviam ter visto, e às vezes avistavam ginetes cavalgando com pequenas companhias de servos. Quando escureceu eles passaram a viajar mais rápido, até voarem fantasticamente como se estivessem no ar. Na penumbra do alvorecer eles chegaram à vila que Kuranés conhecera com vida em sua infância, e adormecida ou morta em seus sonhos. Estava viva agora, e aldeões madrugadores faziam reverências enquanto os cavaleiros seguiam em tropel pelas ruas e entravam no beco que acabava no abismo de sonho. Kuranés anteriormente havia entrado nesse abismo apenas à noite, e se perguntou como ele pareceria durante o dia, de forma que observava com ansiedade à medida que a coluna se aproximava da beirada. No momento em que galopavam pelo terreno ascendente até o precipício, um clarão dourado surgiu de algum ponto a leste e cobriu toda a paisagem com seu cortinado resplandecente. O abismo era agora um fervilhante caos de esplendor róseo e Cerúleo, e vozes invisíveis cantavam em exultação à medida que a comitiva de cavaleiros mergulhava pela borda e flutuava com elegância para o fundo, passando por nuvens cintilantes e fulgores prateados. Os ginetes flutuavam interminavelmente para baixo, e seus corcéis tocavam o éter como se galopassem sobre areias douradas; e então os vapores luminosos se dispersaram para revelar uma luminosidade ainda maior, o brilho da cidade de Celephaïs, e o litoral além dela, e o pico nevado, e as galés pintadas de cores alegres que zarpavam do porto rumo às regiões distantes onde o mar encontra o céu.

E desde então Kuranés reinou sobre Ooth-Nargai e todas as vizinhas regiões de sonho e alternou sua corte entre Celephaïs e a cidade moldada em nuvens de Serannian. Ele ainda reina lá, e reinará alegremente para toda a eternidade, ainda que sob os penhascos de Innsmouth

as marés do canal brinquem zombeteiramente com o corpo de um mendigo que atravessara tropegamente o vilarejo semideserto ao amanhecer; brinquem zombeteiras e o atirem de encontro às rochas junto às edificações cobertas de hera das Trevor Towers, onde um cervejeiro milionário notavelmente gordo e particularmente repulsivo desfruta da atmosfera de nobreza extinta que adquiriu.



Ex Oblivione

∴

Ex Oblivione (1920)

The United Amateur (mar. 1921)

Não sabemos exatamente quando esse pequeno e sombrio poema em prosa foi escrito, além do fato de que foi em algum momento de 1920.

Foi publicado na edição de março de 1921 da *United Amateur* sob o pseudônimo de “Ward Phillips”.



Quando os últimos dias já se avizinhavam de mim e as torpes mesquinhas da existência começavam a me conduzir à loucura, como as pequenas gotas d’água que os torturadores deixam cair sem cessar sobre um único ponto do corpo de sua vítima, eu adorava o radioso refúgio do sono. Nos meus sonhos eu encontrava um pouco da beleza que havia procurado em vão durante a vida e vagava por entre antigos jardins e florestas encantadas.

Uma vez, quando o vento era suave e perfumado, ouvi o chamado do sul, e naveguei interminável e langorosamente sob estrelas desconhecidas.

Numa outra vez, quando caía a chuva dócil, deslizei numa barçaça por uma correnteza não banhada pelo sol, sob a terra, até chegar a outro mundo de ocasos purpúreos, pérfulas iridescentes e rosas eternas.

E houve uma ocasião em que caminhei através de um vale dourado que conduzia a umbrosos bosques e ruínas e terminava em um imponente muro verde, coberto de trepadeiras ancestrais e permeado por um pequeno portão de bronze.

Percorri aquele vale muitas outras vezes, demorando-me cada vez mais na penumbra espectral onde as árvores gigantescas retorciam-se e entrelaçavam-se grotescamente e o solo cinéreo se estendia úmido de um tronco a outro, por vezes revelando as pedras enlameadas de templos sepultos. Mas o destino das minhas fantasias era sempre o sobranceiro muro coberto de trepadeiras, com o pequeno portão de bronze.

Com o passar do tempo, à medida que os dias despertos se tornavam cada vez menos suportáveis por sua monotonia e insipidez, passei a imergir com frequência na paz opiácea do vale e dos bosques sombrios e a me perguntar de que maneira poderia torná-los a minha morada eterna, para que não mais precisasse retornar a contragosto para um mundo opaco, desprovido de interesse e de novas cores. E ao olhar para o pequeno portão no poderoso muro, sentia que além dele encontrava-se um mundo de sonhos do qual, uma vez que o penetrasse, não haveria retorno.

Assim, a cada noite de sono eu me esforçava para encontrar o ferro-lho oculto daquele portão no muro revestido de heras, porém o trinco era excepcionalmente bem camuflado. E eu dizia comigo mesmo que o reino situado além da muralha era não apenas imutável, porém ainda mais adorável e radiante.

Então, certa noite em que me encontrava na cidade-sonho de Zakarion, encontrei um papiro amarelado que continha os pensamentos dos sábios oníricos que residiam naquela metrópole desde a Antiguidade e que eram demasiadamente lúcidos para nascer no mundo desperto. Ali estavam escritas muitas coisas acerca do universo dos sonhos e entre elas havia a lendária descrição de um vale dourado e de um sagrado bosque com templos e um alto muro permeado por um pequeno portão de bronze. No momento em que vi esse relato, soube que se tratava do ce-

nário que eu frequentara, e por isso prossegui minha leitura do papiro amarelado.

Alguns daqueles sábios oníricos descreveram lindamente as maravilhas situadas além do portão intransponível, mas outros falavam de horror e desapontamento. Eu não sabia em qual deles acreditar, mas ansiava cada vez mais por ingressar para sempre naquela terra desconhecida, pois dúvida e segredo constituem o maior dos chamarizes, e nenhum terror inaudito pode ser mais atroz que a tortura diária da banalidade. Por isso, quando aprendi sobre a droga que destrancaria o portão e me permitiria atravessá-lo, resolvi tomá-la da próxima vez que acordasse.

Na noite seguinte eu ingeri a droga e flutuei em um mundo de sonho até o vale dourado e os bosques umbrosos; e dessa vez, quando cheguei ao muro ancestral, vi que o pequeno portão de bronze estava entreaberto. De trás dele vinha uma claridade que iluminava de maneira espectral as gigantescas árvores retorcidas e os topos dos templos enterrados, e eu prossegui melodiosamente, ansioso pelas glórias daquela terra da qual eu jamais retornaria.

Mas quando o portão se abriu mais e o feitiço da droga e do sonho me impeliu através dele, soube que todas as visões e glórias haviam chegado ao fim; pois naquele novo reino não havia terra nem mar, somente o abismo alvacentos de um espaço ermo e ilimitado. Então, mais feliz do que jamais ousara esperar sentir-me, novamente eu me dissolvi naquela pura infinitude de oblívio cristalino, da qual o demônio da Vida me havia chamado por uma breve e desolada hora.



A Busca de Iranon

∴
The Quest of Iranon (1921)
The Galleon (jul.–ago. 1935)

Este conto é provavelmente o mais dunsaniano das histórias de Lovecraft. À primeira vista, parece um longo poema em prosa, buscando conscientemente a beleza lírica e, portanto, vulnerável a acusações de imprudência — em seus últimos anos, o próprio Lovecraft passou a vê-lo dessa maneira. Mas a história tem uma profundidade e complexidade filosófica que muitas vezes é ignorada por aqueles que a confundem com um mera história melancólica, humorada e imitadora de Dunsany.



Para dentro da cidade granítica de Teloth perambulou o jovem, coroadado de lianas, com seus cabelos amarelos reluzentes de mirra e seu manto purpúreo rasgado pelos sarçais do monte Sidrak, que se ergue do outro lado da antiquíssima ponte de pedra. Os homens de Teloth são sombrios e severos e residem em casas quadrangulares, e com o cenho fechado eles perguntaram ao estranho de onde viera e qual o seu nome e fortuna. Assim o jovem respondeu:

— Sou Iranon e venho de Aira, uma cidade distante da qual me recordo unicamente de maneira difusa, mas busco reencontrar. Canto as canções que aprendi na cidade longínqua e meu propósito é criar beleza com as coisas que recordo da infância. Minha riqueza consiste em pequenas memórias e sonhos e nas esperanças que entoo nos jardins quando a lua é amena e o vento oeste agita os botões de lótus.

Quando os homens de Teloth ouviam tais coisas, sussurravam entre si; pois embora não houvesse risos ou canções na cidade de granito, os homens severos por vezes olhavam na primavera para as colinas de Karthia e pensavam nos alaúdes da distante Oonai, da qual os viajantes lhes haviam contado. E pensando nisso eles convidaram o estranho a ficar e cantar na praça em frente à Torre de Mlin, embora não gostassem da cor de seu manto esfarrapado, nem da mirra em seus cabelos, nem de sua grinalda de lianas, nem da juventude de sua voz dourada. Iranon cantou ao entardecer, e enquanto entoava seu cântico um velho orou e um cego disse ter visto uma auréola sobre a cabeça do trovador. Mas a maioria dos homens de Teloth bocejou, e alguns riram, e outros se retiraram para dormir; pois Iranon não contou nada de útil, limitando-se a cantar suas memórias, seus sonhos e suas esperanças.

— Lembro-me do crepúsculo, da lua e de suaves cantigas, e da janela onde eu era embalado até dormir. E através da janela havia a rua, de onde vinham as luzes douradas e onde sombras bailavam em casas de mármore. Recordo-me do retângulo de luar sobre o chão, que não se assemelhava a qualquer outra luz, e das visões que dançavam nos raios da lua quando minha mãe me ninava. E lembro-me, também, do sol das manhãs de verão brilhando sobre as colinas de múltiplas cores, e do aroma doce das flores, trazido pelo vento sul que despertava a melodia das árvores.

— Oh, Aira, cidade de mármore e berilo, inumeráveis são as tuas belezas! Como eu amava os bosques fragrantes na outra margem do Nithra hialino, e as corredeiras do pequenino Kra, que fluía pelo vale verdejante! Nesses bosques e nesse vale as crianças teciam grinaldas para adornar as cabeças umas das outras, e ao anoitecer eu tinha estranhos sonhos sob as árvores sagradas da montanha, enquanto abaixo de mim via a cidade com suas luzes, e uma faixa de estrelas refletidas no sinuoso Nithra.

— E na cidade havia palácios de mármore venado e colorido, com cúpulas douradas e afrescos e verdes jardins com lagos cerúleos e fontes cristalinas. Amiúde eu brincava em jardins e mergulhava em lagos, e deitava e sonhava entre as pálidas flores sob as árvores. E às vezes, ao pôr do sol, subia a longa ladeira até a cidadela e o palácio de portas sempre abertas, e voltava meus olhos para Aira, a cidade mágica de mármore e berilo, esplêndida em seu manto de ouro flamejante.

— Há muito eu te perdi, Aira, pois não passava de um rapaz quando fui para o exílio; mas meu pai era teu Rei e eu voltarei para ti, pois assim decretou o Destino. Por sete terras eu te busquei e um dia reinarei sobre teus bosques e jardins, tuas ruas e palácios, e cantarei para os homens que sabem do que eu canto, que não riem de mim e tampouco me ignoram. Pois sou Iranon, que foi Príncipe de Aira.

Naquela noite, os homens de Teloth alojaram o estrangeiro em um estábulo e pela manhã um arconte o procurou e disse-lhe que fosse à oficina de Athok, o sapateiro, e se tornasse seu aprendiz.

— Mas eu sou Iranon, um cantor — ele respondeu — e meu coração não está no comércio de sapatos.

— Todos em Teloth devem trabalhar duro — respondeu o arconte —, pois esta é a lei.

Então, Iranon disse:

— Por que motivo vocês tanto labutam? Não é para que possam viver e ser felizes? Mas se labutam apenas para que possam labutar mais, quando a felicidade os encontrará? Vocês trabalham para viver, mas a vida não é feita de beleza e canções? Mas, se não admitem cantores entre vocês, onde estarão os frutos do seu trabalho? O trabalho sem música é como uma jornada extenuante sem um fim. Não será a morte mais desejável?

Mas o arconte era intolerante e não entendeu, por isso repreendeu o estrangeiro.

— És um jovem estranho e eu não gosto do teu rosto nem da tua voz. As palavras que dizes são blasfemas, pois os deuses de Teloth afirmaram que o trabalho é bom. Nossos deuses prometeram-nos um paraíso luminoso após a morte, onde repousaremos interminavelmente, e um frescor cristalino em meio ao qual ninguém atormentará a mente com pensamentos ou os olhos com beleza. Procure Athok, o sapateiro,

então, ou deixe a cidade até o pôr do sol. Todos aqui devem servir, e canções são tolices.

Então Iranon deixou o estábulo e caminhou pelas estreitas ruas de pedra entre as lúgubres casas quadrangulares de granito, buscando algum verdor no ar da primavera. Mas em Teloth nada era verde, pois tudo era feito de pedra. As faces dos homens eram carrancudas, mas junto ao dique de pedra às margens do moroso rio Zuro sentava-se um rapazinho de olhos tristes, contemplando as águas para avistar os verdes ramos fluorescentes trazidos das colinas pela correnteza. E o menino lhe disse:

— Não és aquele de quem falam os arcontes, que busca uma cidade longínqua numa terra bela? Eu sou Romnod, e nasci do sangue de Teloth, mas não sou velho como a cidade de granito, e anseio a cada dia pelos bosques cálidos e as terras distantes, de beleza e melodia. Além das colinas karthianas encontra-se Oonai, a cidade dos alaúdes e da dança, da qual os homens falam aos sussurros e dizem ser adorável e terrível. Para lá eu desejo ir, quando tiver idade suficiente para encontrar o caminho, e para lá deverias ir tu, pois lá cantarias e terias homens dispostos a ouvir-te. Deixemos a cidade de Teloth e palmilhemos juntos as colinas primaveris. Tu me ensinarás os caminhos e eu ouvirei tuas canções ao anoitecer, quando, uma a uma, as estrelas trazem sonhos às mentes dos sonhadores. E quem sabe não será Oonai, a cidade dos alaúdes e das danças, acaso a bela Aira que procuras, pois dizem que não vês Aira desde os velhos dias, e não é raro que se mude um nome. Vamos para Oonai, oh Iranon de cabelos dourados, onde os homens reconhecerão nossas aspirações e nos acolherão como irmãos, sem jamais rir ou fechar o cenho pelo que dizemos.

E Iranon respondeu:

— Que assim seja, pequeno. Se alguém neste lugar de pedra anseia por beleza, é nas montanhas e além delas que deve procurar, e eu não te deixaria para definhar à beira do moroso Zuro. Mas não penses que o deleite e o entendimento residem logo após as colinas karthianas, ou em qualquer outro local que possas encontrar em um dia, ou em um ano, ou em um lustro de jornada. Vê, quando eu era pequenino como tu, residi no vale de Narthos, junto ao frígido Xari, onde ninguém dava ouvidos aos meus sonhos; e disse a mim mesmo que quando mais velho iria

a Sinara, nas encostas ao sul, e cantaria para os sorridentes homens-dromedários no mercado. Mas quando cheguei a Sinara, encontrei os homens-dromedários todos bêbados e obscenos e vi que as canções deles não eram como as minhas, por isso descí o Xari numa balsa até Jaren dos muros de ônix. E os soldados de Jaren riram de mim e me expulsaram, de forma que vaguei por várias outras cidades. Vi Stethelos, que fica sob a grande catarata, e contemplei o pântano onde outrora se ergueu Sarnath. Estive em Thraa, Ilarne e Kadatheron, sobre o sinuoso rio Ai, e residi por longo tempo em Olathoe, na terra de Lomar. Mas embora algumas vezes encontrasse ouvintes, eles sempre foram poucos, e sei que a receptividade me aguardará unicamente em Aira, a cidade de mármore e berilo onde meu pai um dia legislou como rei. Portanto, é Aira que devemos buscar, embora seja bom visitar a distante Oonai abençoada pelos alaúdes, do outro lado das colinas karthianas, que talvez possa de fato ser Aira, embora eu não acredite. A beleza de Aira está além da imaginação e ninguém consegue falar dela sem arrebatamento, ao passo que de Oonai os condutores de camelos sussurram com malícia.

Ao pôr do sol, Iranon e o pequeno Romnod partiram de Teloth e por longo tempo vagaram por verdes colinas e frescas florestas. O caminho era rústico e obscuro e eles nunca pareciam se aproximar de Oonai, a cidade dos alaúdes e das danças; mas ao anoitecer, quando as estrelas apareciam, Iranon cantava Aira e suas belezas, e Romnos escutava, de forma que ambos a seu modo eram felizes. Alimentavam-se com fartura de frutos e bagos vermelhos e não contavam a passagem do tempo, mas muitos anos devem ter transcorrido. O pequeno Romnod não era mais tão pequeno e falava em voz grave e não mais aguda, embora Iranon fosse sempre o mesmo e continuasse adornando seus cabelos dourados com lianas e resinas fragrantes encontradas na mata. E assim chegou um dia em que Romnod pareceu mais velho que Iranon, embora fosse muito pequeno quando seu amigo o encontrou a observar os verdes ramos fluorescentes em Teloth, junto ao moroso Zuro de margens de pedra.

Então, numa noite de lua cheia, os viajantes chegaram à crista de uma montanha e viram abaixo deles as miríades de luzes de Oonai. Camponeses lhes disseram que estavam próximos e Iranon soube que aquela não era a sua cidade natal. As luzes de Oonai não eram como as de Aira, pois eram agressivas e chamativas, enquanto as de sua cidade

brilhavam suave e magicamente como o luar no piso junto à janela onde a mãe de Iranon embalava seu sono com cantigas. Mas Oonai era uma cidade de alaúdes e danças, por isso Iranon e Romnod desceram a escarpa íngreme para que pudessem encontrar homens que encontrassem prazer nas canções e nos sonhos. E quando entraram na cidade eles se depararam com celebrantes engrinaldados de rosas, que erravam de casa em casa e se debruçavam das janelas e balcões, que ouviam as canções de Iranon e atiravam-lhe flores e aplaudiam-no ao final. Então, por um momento Iranon acreditou ter encontrado aqueles que pensavam e sentiam como ele, embora a cidade não tivesse um centésimo da beleza de Aira.

Quando o entardecer chegou, Iranon olhou tudo com desalento, pois as cúpulas de Oonai não eram douradas ao sol, mas cinzentas e tristonhas. E os homens de Oonai eram emaciados pela esbórnia e embotados pelo vinho, diferentes dos radiantes habitantes de Aira. Mas como as pessoas haviam-lhe atirado flores e aclamado suas canções, Iranon se deixou ficar, e com ele Romnod, que gostou dos festejos da cidade e passou a usar rosas e murta nos seus cabelos escuros. À noite, Iranon com frequência cantava para os foliões, mas continuava sempre como antes, coroados unicamente com as lianas das montanhas e recordando-se das ruas de mármore de Aira e do Nithra hialino. Nos salões decorados de afrescos do Monarca ele cantou sobre um pódio de cristal erguido sobre um piso que era como um espelho, e ao entoar seus cânticos, evocou imagens aos seus ouvintes, até que o pavimento pareceu refletir coisas antigas e lindas, apenas parcialmente recordadas, em vez dos comensais que lhe atiravam rosas. E o rei ordenou-lhe que despisse seu manto puído e vestiu-o de seda e brocado, com anéis de jade verde e braceletes de marfim colorido, e alojou-o em um aposento dourado e revestido de tapeçarias, sobre um leito de doce madeira esculpida, com dosséis e colchas de seda bordadas de flores. Assim residiu Iranon em Oonai, a cidade dos alaúdes e das danças.

Não se sabe quanto tempo Iranon permaneceu em Oonai, mas um dia o rei chamou ao palácio alguns licenciosos dançarinos rodopiantes do deserto de Lirania e um grupo de flautistas pardos de Drinen, no Oriente, e depois disso os foliões passaram a atirar suas rosas menos para Iranon que para os dançarinos e os músicos. E a cada dia aquele

Romnod que fora um menininho na cidade de granito de Teloth se tornava mais vulgar e rubicundo pelo vinho e passava a sonhar cada vez menos e a ouvir com menos deleite as canções de Iranon. Porém, por mais triste que estivesse, Iranon não interrompeu seus cantos, e a cada anoitecer ele novamente contava seus sonhos sobre Aira, a cidade de mármore e berilo. Até que, certa noite, o ruborizado e gordo Romnod resfolegou pesadamente em meio às sedas cobertas de papoulas do divã em que banqueteara e morreu entre convulsões, enquanto Iranon, pálido e esguio, cantava sozinho num canto afastado. E depois de haver chorado sobre a sepultura de Romnod e espargido sobre ela verdes ramos fluorescentes como aqueles que seu amigo amava, Iranon abandonou suas sedas e pompas e partiu esquecido de Onai, a cidade dos alaúdes e das danças, vestido unicamente com os farrapos púrpuras com que chegara, engrinaldado com novas lianas das montanhas.

Rumo ao pôr do sol vagou Iranon, ainda em busca de sua terra natal e de homens que entendessem e apreciassem suas canções e sonhos. Em todas as cidades de Cydathria e nas terras além do deserto de Bnazic, crianças de faces alegres riam de seus cantos antiquados e de seu manto púrpura em farrapos; mas Iranon se mantinha sempre jovem e continuava usando grinaldas sobre seus cabelos dourados enquanto cantava Aira, deleite do passado e esperança do futuro.

E assim chegou ele uma noite à miserável cabana de um pastor ancião, curvado e sujo, que criava rebanhos magérrimos numa encosta pedregosa acima de um pântano de areias movediças. A esse homem Iranon se dirigiu, assim como falara com tantos outros:

— Sabes dizer-me onde eu poderia encontrar Aira, a cidade de mármore e berilo, onde corre o hialino Nithra e onde as corredeiras do pequenino Kra cantam para os vales verdejantes e para as colinas cobertas por árvores sagradas?

E o pastor, ao ouvir isso, olhou longa e estranhamente para Iranon, como se recordasse de algo que ficara em um tempo muito distante, e observou cada traço do rosto do forasteiro, e também seus cabelos dourados e sua coroa de lianas. Mas era um homem velho, e meneou sua cabeça ao responder:

— Oh, estranho, de fato eu ouvi o nome de Aira, assim como os outros nomes que mencionaste, porém eles me chegam de muito longe,

através de um deserto de longos anos. Ouvi-os em minha juventude, dos lábios de um companheiro, um rapaz mendicante dado a sonhos estranhos, que tecia longas histórias sobre a lua, as flores e o vento oeste. Nós ríamos dele, pois o conhecíamos desde o seu nascimento, embora ele se acreditasse filho de um rei. Ele era gracioso, assim como tu, mas cheio de loucura e estranheza. Quando pequeno, ele fugia para encontrar quem se dispusesse a ouvir suas cantigas e sonhos. Com que frequência ele cantou para mim sobre terras que nunca existiram e sobre coisas que jamais poderiam existir! De Aira ele muito falava; de Aira e do rio Nithra e das corredeiras do pequenino Kra. Lá ele sempre dizia ter residido como um príncipe, embora nós aqui o conhecêssemos desde o nascimento. Jamais houve uma cidade marmórea de Aira, nem os homens que se deleitavam com estranhas canções, exceto nos sonhos de meu velho companheiro Iranon, que se foi.

E no crepúsculo, enquanto, uma a uma, as estrelas surgiam e a lua vertia sobre o pântano uma radiância semelhante àquela que uma criança vê dançar no assoalho quando é acalentada ao anoitecer, um homem muito velho, vestindo um manto púrpura em farrapos, coroados por lianas entrelaçadas, caminhou para as letais areias movediças, contemplando a distância como se visse as cúpulas douradas de uma bela cidade, onde todos os sonhos são compreendidos. Naquela noite, algo jovem e belo pereceu no mundo envelhecido.



Hipnos

∴

Hypnos (1922)

The National Amateur (mai. 1923)

Este conto, que Lovecraft passou a detestar nos anos seguintes, é uma obra bastante interessante. É contada do ponto de vista de um narrador não confiável, e especulações sobre a condição mental do narrador formam uma parte significativa das entrelinhas: isso é um sonho? Realidade? Uma loucura induzida por drogas?



Para S.L.

A propósito do sono, aquela aventura sinistra de todas as nossas noites, podemos dizer que os homens vão diariamente para suas camas com uma audácia que seria incompreensível, caso não a soubéssemos resultante da ignorância do perigo.

Baudelaire

Que os deuses piedosos, se de fato existe tal coisa, protejam aquelas horas em que nenhuma força de vontade, ou mesmo as drogas concebidas

pela astúcia humana, podem me defender da voragem do sono. A morte é misericordiosa, pois dela não há retorno, mas para aquele que regressa das mais profundas câmaras da noite, abatido e consciente, paz alguma restará jamais. Tolo é aquele que mergulha com injustificado arrebatamento em mistérios que homem algum deveria penetrar; tolo ou divindade ele era — meu único amigo, que me conduziu e me antecedeu, e que no final passou por terrores que poderiam ter sido meus.

Nós nos conhecemos, eu me recordo, numa estação de trem, onde o encontrei no centro de uma multidão de curiosos vulgares. Estava inconsciente após ter caído num tipo de convulsão que conferia ao seu delgado corpo vestido de preto uma estranha rigidez. Acho que ele então se aproximava dos quarenta anos de idade, pois havia fundas rugas no seu rosto lívido e encovado, mas oval e verdadeiramente *bonito*; e toques grisalhos nos cabelos espessos e ondulados, além de uma barba cerrada que um dia fora do mais profundo negror. Sua fronte era alva, como o mármore do monte Pentélico, e de uma altura e amplitude quase divinas. Pensei comigo, com todo o enlevo de um escultor, que aquele homem era a estátua de um fauno da antiga Hélade, escavada das ruínas de um templo e de algum modo trazida à vida nesta nossa era sufocante, somente para sentir o abatimento e a opressão dos anos devastadores. E quando ele abriu seus imensos e fundos olhos negros de uma luminosidade febril, eu soube que seria, dali em diante, meu único amigo — o único amigo de alguém que jamais possuía uma amizade anteriormente —, pois vi que aqueles olhos deviam ter observado em plenitude a grandeza e o terror de reinos além da consciência e da realidade normais; reinos que eu acalentara na fantasia, mas buscara em vão. Por isso, enquanto eu dispersava a aglomeração, disse-lhe que deveria ir para casa comigo e ser meu mestre e líder nos mistérios insondáveis, e ele assentiu sem dizer uma palavra. Posteriormente eu descobri que sua voz era musical — a música das violas graves e das esferas cristalinas. Conversávamos com frequência durante a noite e o dia, quando eu cinzelava bustos seus e esculpia cabeças de marfim em miniatura para imortalizar suas diferentes expressões.

Sobre os nossos estudos é impossível falar, uma vez que conservavam conexão muito tênue com qualquer outra coisa do mundo tal como os homens vivos o concebem. Eles tratavam daquele universo mais

vasto e assustador, de entidades e consciências obscuras, que reside mais fundo que a matéria, o tempo e o espaço, e cuja existência suspeitamos apenas em certas formas de sono — aqueles raros sonhos além dos sonhos que nunca ocorrem aos homens comuns, e não mais de uma ou duas vezes em toda a vida dos homens imaginativos. O cosmo do nosso conhecimento desperto, nascido desse universo como uma bolha nasce do cachimbo de um bufão, toca-o apenas como tal bolha pode tocar sua fonte sardônica quando aspirada de volta por um capricho do bufão. Homens de conhecimento pouco suspeitam dele, mas ignoram-no na maior parte do tempo. Homens sábios interpretaram sonhos, mas os deuses riram. Um homem com olhos orientais disse que todo o tempo e o espaço são relativos, e os outros homens riram. Mas mesmo esse homem de olhos orientais não fez mais que suspeitar. Eu desejei e tentei fazer mais do que suspeitar, e meu amigo havia tentado e tido sucesso parcial. Então, ambos tentamos juntos e, recorrendo a drogas exóticas, cortejamos sonhos terríveis e proibidos em nosso estúdio no alto da torre daquela velha mansão na venerável Kent.

Entre as agonias dos dias que se seguiram está aquele que é o supremo de todos os tormentos: a inefabilidade. O que eu aprendi e vi naquelas horas de ímpia exploração jamais poderá ser dito — pois carece de símbolos ou alusões em qualquer linguagem. Afirmo isso porque, da primeira à última das nossas descobertas, participou unicamente a natureza das *sensações*; sensações não correlatas a qualquer impressão que o sistema nervoso da humanidade normal é capaz de receber. Eram sensações, porém no interior delas encontravam-se inacreditáveis elementos de tempo e espaço — coisas que no fundo não possuem distinção e existência definidas. A fala humana pode expressar melhor o caráter geral das nossas experiências chamando-as *mergulhos* ou *ascensões*; pois em cada período de revelação alguma parte das nossas mentes desprendia-se com audácia de tudo o que é real e presente, precipitando-se pelo ar ao longo de abismos chocantes, escuros e assombrados pelo medo, e ocasionalmente ultrapassando certos obstáculos típicos e bem marcados, que só podem ser descritos como nuvens ou vapores viscosos, misteriosos. Nesses incorpóreos voos cegos, íamos às vezes sós e às vezes juntos. Quando estávamos juntos, meu amigo sempre ia muito à frente; eu podia distinguir a sua presença, apesar da ausência de forma, como uma es-

pécie de memória pictórica, por meio da qual o seu rosto me aparecia, dourado por uma estranha luminosidade e assustador por sua insólita beleza, suas faces anormalmente jovens, seus olhos ardentes, sua testa olímpica, seus cabelos e sua barba escuros como as sombras.

Da progressão do tempo, não mantivemos registros, pois o tempo havia se tornado para nós a mais mera ilusão. Eu sabia apenas que devia haver algo de muito singular implicado naquilo, pois passamos posteriormente a nos indagar por que não envelhecíamos. Nosso discurso era herético, e sempre perniciosamente ambicioso — nem deus nem demônio poderia ter aspirado a descobertas e conquistas como as que planejávamos aos sussurros. Eu estremeço ao falar delas, e não ousa ser explícito; no entanto, direi que meu amigo uma vez pôs no papel um desejo que não se atrevia a pronunciar com sua língua, e fez-me queimar o papel enquanto olhava aterrorizado através da janela para o céu estrelado da noite. Irei sugerir — apenas sugerir — que ele abrigava desígnios que envolviam o domínio do universo visível e além dele; desígnios pelos quais a terra e as estrelas se moveriam ao seu comando, e os destinos de todas as coisas vivas lhe pertenceriam. Eu afirmo — eu juro — que não compartilhei dessas aspirações extremas. Qualquer coisa que meu amigo possa ter dito ou escrito em sentido contrário só pode ser errônea, pois não sou homem de força suficiente para arriscar o inefável combate nas inefáveis esferas, que é o único meio pelo qual se poderia obter sucesso.

Houve uma noite em que os ventos voraginosos do espaço desconhecido nos tragaram irresistivelmente aos vácuos ilimitados além de todo pensamento e existência. Percepções enlouquecedoras da mais incomunicável espécie nos tomaram de assalto; percepções do infinito que na época nos produziram uma alegria convulsa, mas hoje são em parte perdidas para a minha memória e em parte impossíveis de representar aos outros. Obstáculos víscidos eram rasgados em rápida sucessão, e por fim eu senti que havíamos sido carregados para reinos mais remotos que qualquer outro que houvéssemos conhecido previamente. Meu amigo estava muito à frente quando mergulhamos naquele assombroso oceano de éter imaculado, e eu podia ver a exultação sinistra na sua face-memória volátil, luminosa e excessivamente jovial. De repente, aquela face tornou-se obscura e rapidamente desapareceu, e em um breve intervalo eu me vi projetado contra um obstáculo que não pude penetrar. Era

como os outros, porém incalculavelmente mais denso; uma massa pegajosa e glutinosa, se tais termos podem se aplicar a qualidades análogas numa esfera não material.

Eu fora detido, senti, por uma barreira que meu amigo e líder havia ultrapassado com sucesso. Novamente debatendo-me, cheguei ao fim daquele sonho induzido por drogas e abri meus olhos físicos para o estúdio na torre, em cujo canto oposto recostava-se a forma pálida e ainda inconsciente do meu companheiro de sonho, sobrenaturalmente abatido e de uma beleza inculta enquanto a lua derramava uma claridade de ouro esverdeado nas suas feições de mármore. Então, após um curto intervalo, a forma no canto se agitou; e que os céus piedosos protejam minha visão e minha audição de outra coisa como aquela que aconteceu diante de mim. Não posso lhes descrever como ele gritou, ou que paisagens de infernos vedados à visitação humana cintilaram por um segundo nos olhos negros enlouquecidos de pavor. Posso apenas dizer que desmaiei, e não dei sinais de vida até que ele próprio se recuperou e me sacudiu em sua ânsia por alguém que afastasse seu horror e sua desolação.

Aquele foi o fim das nossas explorações voluntárias nas cavernas do sonho. Aterrorizado, abalado e pressagioso, meu amigo que havia ultrapassado a barreira alertou-me que nós jamais deveríamos nos aventurar naqueles reinos novamente. O que ele vira, não ousou me contar; mas usou de prudência ao dizer que deveríamos dormir o mínimo possível, mesmo que fossem necessárias drogas para nos manter despertos. Que ele estava certo, eu logo descobri pelo medo indescritível que me subjuguava sempre que a consciência vacilava. Depois de cada intervalo de sono curto e inevitável, eu me sentia mais velho, enquanto meu amigo envelhecia com uma rapidez quase chocante. É horrível assistir rugas se formarem e cabelos embranquecerem quase a olhos vistos. Nosso modo de vida estava então totalmente alterado. Outrora um recluso, pelo que eu sabia — seu verdadeiro nome e origem nunca haviam escapado pelos seus lábios — meu amigo então tornou-se aflito em seu medo da solidão. À noite, ele não queria ficar sozinho, e nem mesmo a companhia de algumas pessoas o acalmava. Seu alívio era obtido unicamente em festejos da mais generalizada e turbulenta espécie; de forma que poucas reuniões de pessoas jovens e alegres nos eram desconhecidas. Nossa aparência e idade pareciam excitar, na maioria dos casos, uma ridiculariza-

ção da qual eu me ressentia agudamente, mas que meu amigo considerava isso um mal menor do que a solidão. Ele temia especialmente estar sozinho ao ar livre quando as estrelas brilhavam, e se forçado a essa situação, ele com frequência lançava olhares furtivos para o céu, como se temesse alguma criatura monstruosa que houvesse ali. Não olhava sempre para o mesmo ponto do firmamento — parecia haver lugares diversos em diferentes ocasiões. Nas noites de primavera, era em um ponto baixo a nordeste. No verão, era quase no zênite. No outono, a noroeste. No inverno, ficava no leste, mas principalmente nas altas horas da madrugada. As noites de solstício de inverno pareciam as menos assustadoras para ele. Somente após dois anos eu relatei o seu medo com algo em particular; mas então comecei a perceber que ele devia estar olhando para um ponto determinado da abóbada celeste, cuja posição em diferentes épocas correspondia à direção do seu olhar — um ponto aproximadamente demarcado pela constelação da Coroa Boreal.

Nós passáramos a ocupar um estúdio em Londres, jamais nos separávamos, mas nunca discutíamos os dias em que havíamos buscado sondar os mistérios do mundo irreal. Estávamos envelhecidos e debilitados pelas drogas, dissipações e excessos nervosos, e os ralos cabelos e a barba do meu amigo haviam se tornado alvos como a neve. Nossa libertação dos longos períodos de sono era surpreendente, pois raramente sucumbíamos por mais do que uma hora ou duas às sombras que haviam naquele tempo se tornado uma ameaça tão pavorosa. Então chegou um janeiro de neblina e chuvas, quando o dinheiro escasseou e as drogas se tornaram difíceis de adquirir. Minhas estátuas e bustos de marfim haviam sido todos vendidos, e eu não tinha meios para comprar novos materiais, nem energia para moldá-los, ainda que os possuísse. Sofremos terrivelmente, e certa noite meu amigo afundou em um sono ressonante do qual eu não conseguia despertá-lo. Posso recordar a cena agora — o estúdio em um sótão desolado e escuro como breu, sob os beirais castigados pela chuva; o ruído cadenciado do solitário relógio de parede; o tique-taque entreouvido dos nossos relógios de bolso pousados no toucador; o ranger de uma veneziana batendo em alguma parte remota da casa; certos distantes barulhos da cidade, abafados pela névoa e o espaço; e, pior de todos, o respirar profundo, constante e sinistro do meu amigo no sofá — um ressonar rítmico que parecia mensurar momentos de te-

mor sobrenatural e agonia para o seu espírito, enquanto vagava pelas esferas proibidas, inimagináveis e horivelmente remotas.

A tensão da minha vigília se tornou opressiva, e uma desvairada sucessão de impressões e associações triviais se acotovelavam na minha mente quase enlouquecida. Ouvi um relógio bater em algum lugar — não o nosso, pois aquele não era um relógio que soava as horas — e minha mórbida fantasia encontrou nisso um novo ponto de partida para divagações supérfluas. Relógios — tempo — espaço — infinito — mas então minha fantasia retornou ao local quando eu refleti que naquele momento, além do telhado, da neblina, da chuva e da atmosfera, a Coroa Boreal despontava a nordeste. A Coroa Boreal, que meu amigo parecia temer, e cujo cintilante semicírculo de estrelas devia então estar reluzindo invisivelmente através dos imensuráveis abismos do éter. Imediatamente, meus ouvidos de uma sensibilidade febril pareceram detectar um novo e inteiramente distinto componente na suave miscelânea de sons ampliados pela droga — um lamento baixo e abominavelmente insistente, vindo de muito longe; murmurando, clamando, zombando, chamando, *do nordeste*.

Mas não foi essa lamúria distante que roubou minhas faculdades e firmou sobre a minha alma o lacre de pavor que talvez jamais será removido nesta vida; não foi ele que provocou os gritos e excitou as convulsões que fizeram com que os locatários e a polícia arrombassem a porta. Não foi o que eu *ouvi*, mas o que eu *vi*; pois naquele quarto escuro, trancado, de janelas e cortinas fechadas apareceu, no negro canto nordeste, um raio de horrível luz vermelho-ouro — um raio que não trazia consigo nenhum brilho capaz de dispersar a escuridão, mas que incidia unicamente na cabeça recostada do meu agitado amigo adormecido, revelando em perturbadora duplicata a luminosa e estranhamente jovem face-memória que eu havia conhecido nos sonhos de espaço abismal e tempo irrestrito, quando meu amigo se enfiara por trás da barreira daquelas cavernas secretas, recônditas e proibidas do pesadelo.

E enquanto eu olhava, vi a cabeça se erguer, os olhos negros, líquidos e fundos se abrirem em terror, e os lábios finos e ensombrecidos se separarem como se fossem lançar um grito pavoroso demais para ser pronunciado. Residia naquela face lívida e flexível, à medida que ela brilhava de maneira incorpórea, luminosa e rejuvenescida na escuridão, o

mais severo, férvido e enlouquecedor medo que todo o restante do céu e da terra jamais revelou a mim. Nenhuma palavra foi dita em meio ao som distante que chegava cada vez mais perto, mas quando eu acompanhei o olhar demente da face-memória ao longo daquele maldito raio de luz até sua fonte, a fonte de onde também provinha o lamento, pude ver por um instante o mesmo que ela via, e caí com os ouvidos retinindo naquele acesso de gritos e convulsões epiléticas que trouxe os inquilinos e a polícia. Nunca consegui contar, por mais que tentasse, o que de fato vi; tampouco a face imóvel poderia, pois embora ela deva ter visto mais do que eu, jamais falará novamente. Mas sempre me guardarei contra o zombeteiro e insaciável Hipnos, senhor do sono, contra o céu noturno e contra as loucas ambições do conhecimento e da filosofia.

Exatamente o que aconteceu não é sabido, pois não apenas minha mente foi abalada por aquela coisa estranha e horrenda, mas os outros foram também corrompidos por um esquecimento que não pode significar outra coisa senão loucura. Eles disseram, não sei por que razão, que eu nunca tive um amigo, e que a arte, a filosofia e a insanidade haviam preenchido toda a minha trágica vida. Os locatários e a polícia me acalmaram naquela noite e o médico administrou algo para me tranquilizar. Ninguém tampouco viu que evento de pesadelo tivera lugar ali. Meu amigo fulminado não despertou neles piedade alguma, mas o que eles encontraram no sofá do estúdio fez com que me dedicassem enaltecimentos que me enojaram, e hoje uma fama que rejeito desesperadamente enquanto me sento durante horas, calvo, de barba grisalha, trêmulo, parálítico, enlouquecido pelas drogas e arruinado, adorando e louvando o objeto que eles descobriram.

Pois eles negam que eu tenha vendido tudo o que restava da minha estatuária, e apontam em êxtase para aquela coisa que o reluzente raio de luz deixou, fria, petrificada e muda. É só o que resta do meu amigo; o amigo que me conduziu para a loucura e a ruína; uma cabeça divinal de um mármore como somente a velha Hélade poderia fornecer, de uma juventude fora do tempo, e com uma bela face barbada, lábios contraídos em um sorriso, testa olimpiana e densos cachos ondulados e coroados de papoulas. Eles dizem que aquela perturbadora face-memória foi modelada a partir da minha própria, como era aos vinte e cinco anos,

mas sobre a base de mármore está esculpido um único nome nas letras da Ática — ὙΠΝΟΣ.



O que a Lua Traz Consigo

∴

What the Moon Brings (1922)
The National Amateur (mai. 1923)

A prosa poética parece extraordinariamente adequada para transcrever e comunicar sonhos, e é esse o propósito para o qual Lovecraft usa isso nesta breve e arrepiante peça. É digno de nota a maneira pela qual, no final, ele faz os vermes parecerem uma alternativa salutar e saudável a outra coisa — que, é claro, não tem nome.



Odeio a lua — tenho medo dela — pois quando ela brilha sobre certos cenários familiares e queridos, por vezes torna-os desconhecidos e horrendos.

Foi em um verão espectral, quando a lua lançava sua luz sobre o velho jardim por onde eu caminhava; o verão espectral de flores aquáticas e úmidos mares de folhagens que despertam sonhos deslumbrantes e multicoloridos. E enquanto eu caminhava junto à rasa correnteza cristalina percebi peculiares ondulações insinuadas pela luz amarelada, como se aquelas águas plácidas fossem atraídas em irresistíveis correntezas pa-

ra estranhos oceanos que não pertencem a este mundo. Silentes e cintilantes, luzentes e sinistras, aquelas águas amaldiçoadas pela lua corriam apressadas a algum lugar que eu desconhecia; enquanto das margens cobertas de vegetação e alvos botões de lótus flutuavam um a um no opiáceo vento noturno e deixavam-se cair em desalento na correnteza, afastando-se em horríveis redemoinhos por sob o arco da ponte esculpida e fitando o mundo que deixavam com a sinistra calma resignada das faces mortas.

E enquanto eu percorria a margem, esmagando flores adormecidas com meus pés descuidados e cada vez mais enlouquecido pelo medo de coisas desconhecidas e o fascínio dos rostos sem vida, vi que o jardim não tinha fim sob aquele luar; pois onde durante o dia encontravam-se os muros, agora estendiam-se apenas inéditas paisagens de árvores e trilhas, flores e arbustos, ídolos de pedra e pagodes, e as curvas do riacho banhado pela claridade amarelada, que corria pelas margens relvadas e sob grotescas pontes de mármore. E os lábios das faces mortas dos lótus sussurravam tristemente, convidando-me a segui-los, mas não interrompi meus passos até o riacho se tornar um rio e desaguar, por entre pântanos cobertos de juncos oscilantes e praias de areias reluzentes, em um vasto mar sem nome.

Sobre esse mar, brilhava a lua odiosa, e de suas ondas mudas brotavam insólitas fragrâncias. E enquanto via as faces de lótus desaparecerem ali, desejei ter comigo alguma rede com a qual pudesse capturá-los e saber deles os segredos que a lua confessava à noite. Mas quando o astro partiu para o oeste e a maré estagnada retrocedeu da praia lúgubre, vi àquela luz antigos campanários que as ondas quase desnudaram e alvas colunas, vistosas com suas grinaldas de verdes algas marinhas. E ao saber que para aquele lugar submerso todos os mortos se dirigiam, tremi e desejei jamais falar novamente com as faces de lótus.

Porém, quando vi, à distância, mar afora um condor negro descer dos céus em busca de repouso em um amplo recife, de bom grado eu o teria interrogado e lhe perguntado sobre aqueles que conheci enquanto ainda viviam. Isso eu teria perguntado se ele não estivesse tão longe, mas a ave estava muito distante, e já não pude vê-lo quando se aproximou daquele gigantesco recife.

Então eu contemplei a maré recuar sob aquela lua poente, e vi reluzirem os campanários, as torres e os telhados daquela cidade morta e gotejante. Enquanto eu observava, minhas narinas tentaram fechar-se em reação à pestilência avassaladora dos mortos do mundo; pois de fato, naquele sítio desolado e esquecido, toda a carne dos adros se acumulava para nutrir e saciar os túmidos vermes marinhos.

Sobre tais horrores a lua maligna agora pairava muito baixa, mas os gordos vermes do mar não careciam de luar para se alimentarem. E enquanto eu observava as ondulações que denunciavam o frenesi dos vermes submersos, senti um novo calafrio que me vinha do local distante onde o condor havia pousado, como se minha carne pressentisse algum horror antes que meus olhos pudessem vê-lo.

Mas minha carne não tremera sem motivo, pois quando ergui meus olhos, vi que as águas haviam declinado muito, exibindo grande parte do vasto recife cuja orla eu havia divisado anteriormente. E quando vi que esse recife era de fato a negra coroa basáltica de um medonho ícone, cuja fronte monstruosa agora reluzia ao luar mortiço e cujos sórdidos cascos deviam revirar o lodo infernal milhas abaixo, gritei e gritei, temendo que a face oculta se erguesse sobre as águas, e que os olhos encobertos me fitassem depois que aquela furtiva e traiçoeira lua amarela se retirasse.

E para escapar a essa coisa implacável, mergulhei de bom grado e sem hesitar nos fétidos baixios onde, entre paredes cobertas de algas e ruas submersas, os túmidos vermes marinhos se banquetavam com os mortos do mundo.



A Estranha Casa na Neblina

∴

The Strange High House in the Mist (1926)

Weird Tales (out. 1931)

Agora chegamos a um trio de histórias que representam algo como a canção de cisne do período dunsaniano de Lovecraft: “A estranha casa que pairava na névoa”, “A Chave de Prata” e “A busca onírica por Kadath”. Todas foram escritas aproximadamente ao mesmo tempo — Lovecraft começou com Busca Onírica primeiro. Das três A Estranha Casa é a mais dunsaniana.



Pela manhã, a neblina brota do mar junto aos rochedos além de Kingsport. Alva e vaporosa, ela parte das profundezas ao encontro de suas irmãs, as nuvens, repletas de sonhos com úmidas pastagens e grutas de leviatãs. E mais tarde, nas serenas chuvas de verão que caem sobre os telhados íngremes dos poetas, as nuvens disseminam fragmentos desses sonhos, pois os homens não devem viver sem os rumores de antigos e estranhos segredos, e maravilhas que os planetas contam uns aos outros unicamente na noite. Quando as histórias flutuam em abundância nas

furnas dos tritões, e as conchas, nas cidades de sargaço, sopram selvagens melodias aprendidas com os Antigos, então grandes névoas impetuosas afluem ao céu carregadas de sabedoria, e de cima dos rochedos, os olhos voltados para o oceano veem apenas uma alvura mística, como se a beira dos penhascos fosse a orla de toda a terra, e os solenes sinos das boias de navegação badalassem livres no éter de um mundo feérico.

Imediatamente ao norte da arcaica Kingston, os penhascos elevam-se imponentes e curiosos, terraço sobre terraço, até que o mais setentrional projeta-se ao céu como uma cinzenta nuvem de tempestade congelada. Solitário ele é, uma ponta desolada sobressaindo no espaço ilimitado, pois ali a costa se adelgaça no ponto onde o grande Miskatonic deságua, vindo das planícies além de Arkham, trazendo lendas da floresta e pequenas recordações inusitadas das colinas da Nova Inglaterra. Os marinheiros de Kingsport olham para aquele rochedo como outros marinheiros alçam os olhos para a Estrela Polar, e determinam os horários das vigias noturnas de acordo com os períodos em que ele oculta ou revela a Ursa Maior, a Cassiopeia ou o Dragão. Consideram-no parte do firmamento, e de fato ele some da vista daqueles homens quando o nevoeiro esconde as estrelas ou o sol. Eles amam alguns daqueles penhascos, como aquele cujo grotesco perfil denominam de Pai Netuno, ou aquele outro, cujos degraus em forma de pilastras designam como O Passadiço; mas este eles temem, por estar tão perto do céu. Os marinheiros portugueses, quando ali chegam em suas viagens, fazem o sinal da cruz quando o veem pela primeira vez, e os velhos ianques acreditam que escalá-lo, se isso fosse possível, seria algo muito mais grave do que a morte. Entretanto, existe uma velha casa nesse penhasco, e à noite os homens veem luzes nas suas vidraças de vidros pequenos.

A antiga casa sempre esteve ali, e as pessoas dizem que ali reside Aquele que conversa com as névoas matinais que sobem do mar profundo, e talvez veja coisas singulares na vastidão do oceano, nos momentos em que a beira do penhasco torna-se a orla de toda a terra, e solenes boias de navegação badalam livres no alvo éter de um mundo feérico. Isso eles dizem com base em boatos, pois aquele penhasco proibido nunca foi visitado, e os nativos não gostam de mirar telescópios para ele. Veranistas na verdade o esquadrinharam com vistosos binóculos, porém nunca viram mais do que o primevo telhado cinzento, acuminado e re-

vestido de tábuas, cujos beirais chegam quase até as fundações cinzentas, e a fraca luz amarelada das pequenas janelas, que espreitam por sob aqueles beirais ao anoitecer. Esses visitantes de verão não acreditam que Aquele que mora na antiga casa há centenas de anos é sempre o mesmo, mas não podem provar sua heresia a nenhum verdadeiro kingsportense. Até mesmo o Velho Terrível, que conversa com pêndulos de chumbo dentro de garrafas, compra mantimentos com centenárias moedas de ouro espanholas, e conserva ídolos de pedra no terreno do seu chalé antediluviano em Water Street, sabe dizer apenas que aquelas coisas são as mesmas desde que seu avô era menino, e isso deve ter sido há inconcebíveis gerações atrás, quando Belcher, ou Shirley, ou Pownall, ou Bernard era o Governador da Província de Sua Majestade da Baía de Massachusetts.

Então, certo verão, chegou um filósofo a Kingsport. Seu nome era Thomas Olney, e ele ensinava coisas enfadonhas em um colégio à margem da Baía Narragansett. Chegou com uma esposa robusta e filhos travessos, e seus olhos estavam fatigados de ver as mesmas coisas por tantos anos, e ter os mesmos pensamentos bem disciplinados. Ele olhou as névoas de cima do diadema do Pai Netuno, e tentou caminhar para dentro do mundo branco de mistério que elas delimitavam ao longo dos titânicos degraus do Passadiço. Manhã após manhã ele se deitava sobre os rochedos e olhava por sobre a borda do mundo para o éter enigmático que ficava além dela, ouvindo os sinos espectrais e os gritos do que podem ter sido gaivotas. Então, quando a neblina se dispersava e o mar se revelava tedioso com a fumaça dos barcos a vapor, ele suspirava e descia até a cidade, onde adorava percorrer as estreitas alamedas antigas, ladeira acima e ladeira abaixo, e examinar os insanos coruchéus instáveis e as estranhas fachadas com pilares que haviam abrigado tantas gerações de vigorosos homens do mar. E ele conversava até mesmo com o Velho Terrível, que não apreciava forasteiros, e foi convidado ao seu chalé assustadoramente arcaico, onde os tetos baixos e os lambris carunchados escutavam os ecos de inquietantes solilóquios nas escuras altas horas da noite.

Claro que era inevitável que Olney reparasse no jamais visitado chalé cinzento perto do céu, naquele sinistro penhasco ao norte, que se funde às névoas e ao firmamento. Suspenso eternamente sobre Kingsport,

seu mistério sempre ressoava nos sussurros que ecoavam pelos becos tortuosos da cidade. O Velho Terrível resfolegou uma história que seu pai lhe havia contado, sobre um raio que partiu certa noite daquele chalé pontiagudo para as nuvens mais elevadas do céu; e Granny Orne, cuja pequenina residência de mansarda na Ship Street é toda coberta de musgo e heras, crocitou sobre algo que sua avó ouvira dizer, sobre formas que adejavam das névoas a leste diretamente para a única porta estreita daquele lugar inalcançável — pois a porta situa-se junto à borda do penhasco e voltada para o mar, e só pode ser avistada pelos navios ao largo.

Por fim, ávido de coisas novas e estranhas, e sem se deixar deter nem pelo temor dos kingsportenses, nem pela indolência usual dos veranistas, Olney tomou uma resolução muito terrível. Apesar de sua formação conservadora — ou por causa dela, pois vidas enfadonhas fermentam melancólicos anseios pelo desconhecido — ele fez o grande juramento de escalar aquele temido penhasco setentrional e visitar o anormalmente antigo chalé cinzento no céu. Muito plausivelmente, seu lado mais lúcido argumentou que o lugar devia ser habitado por pessoas que o alcançaram pelo lado voltado para a terra, ao longo da crista mais fácil junto ao estuário do Miskatonic. Provavelmente eles tinham negócios em Arkham, sabendo do pouco apreço que os kingsportenses nutriam por sua habitação, ou talvez por serem incapazes de descer o penhasco pelo lado de Kingsport. Olney caminhou ao longo dos rochedos menos íngremes até onde o grande penedo saltava com insolência para se consorciar com as coisas celestiais, e teve plena certeza de que nenhum pé humano poderia escalar ou descer por aquela abrupta encosta sul. A leste e ao norte, ela se erguia milhares de metros em linha vertical a partir da água, de forma que só restava o lado ocidental, voltado para o interior e para Arkham.

No início de uma manhã de agosto, Olney partiu para encontrar um caminho que levasse ao pináculo inacessível. Ele avançou para noroeste por agradáveis estradas secundárias, passando pela Lagoa de Hooper e pelo velho armazém de pólvora feito de tijolos, até onde as pastagens ascendiam ao espinhaço paralelo ao Miskatonic e proporcionavam uma adorável vista dos alvos campanários georgeanos de Arkham, além de léguas de rio e campos. Ali ele encontrou uma arborizada estrada que

conduzia a Arkham, mas absolutamente nenhuma trilha na direção do mar, como ele desejava. Florestas e campos se adensavam até a alta margem da foz do rio, e não mostravam qualquer sinal de presença humana; nem mesmo um muro de pedra ou uma vaca extraviada, apenas o capim alto, árvores gigantescas e emaranhados de espinheiros que talvez tivessem sido vistos pelos primeiros índios. Enquanto ele escalava vagarosamente para o leste, cada vez mais alto acima do estuário à sua esquerda, e progressivamente mais próximo do mar, descobriu que a dificuldade da via aumentava; até que ele se perguntou como os habitantes daquele lugar malvisto conseguiam chegar ao mundo exterior, e se eles iam com frequência tratar de negócios em Arkham.

Então as árvores escassearam, e muito abaixo, à sua direita, ele viu as colinas, os antigos telhados e campanários de Kingsport. Até mesmo a Colina Central era uma anã vista daquela altura, e ele conseguiu discernir somente o antigo cemitério junto ao Hospital Congregacional, sob o qual, segundo os rumores, ocultavam-se terríveis cavernas ou tocas. À frente estendia-se o capim esparsos e moitas de mirtilo, e além destes a rocha nua do penedo e o delgado pico do temido chalé cinzento. Em seguida a crista se estreitava, e Olney sentiu-se atordoado em sua solidão próxima do céu. Ao sul de onde ele se encontrava havia o assustador precipício acima de Kingsport, ao norte, o desnível vertical de quase 1500 metros até a foz do rio. De repente, uma grande fenda se abriu diante dele, de modo que teve de descer usando as mãos e se deixar cair no fundo inclinado, e depois rastejou perigosamente para cima até uma passagem natural na parede oposta. Então era aquele o caminho pelo qual a gente da enigmática residência transitava entre terra e céu!

Quando ele escalou para fora da fenda, um nevoeiro matinal estava se formando, mas ele viu claramente o elevado e profano chalé à frente; paredes cinzentas como a rocha, e a cumeeira alta se sobressaindo nitidamente contra a brancura leitosa dos vapores vindos do mar. E ele percebeu que não havia porta naquele lado voltado para a terra, mas somente um par de pequenas janelas de gelosia, com encardidos vitrais coloridos à maneira do século XVII. Por toda a sua volta havia nebulosidade e caos, e ele não podia ver nada abaixo, a não ser a brancura do espaço ilimitado. Estava sozinho no céu com aquela estranha e muito perturbadora casa; e quando ele a contornou silenciosamente até a frente e

viu que a parede se erguia nivelada com a beira do penhasco, de forma que a única porta estreita não podia ser alcançada a não ser pelo éter vazio, sentiu um distinto terror que a altitude não podia explicar inteiramente. E era muito estranho que telhas tão carcomidas de carunchos pudessem sobreviver, ou que tijolos tão esfarelados ainda formassem uma chaminé ereta.

Enquanto o nevoeiro se adensava, Olney rastejou até as janelas nos lados norte, oeste e sul, experimentando-as, mas descobrindo-as todas trancadas. Sentiu-se vagamente grato de que elas estivessem travadas, pois quanto mais via daquela casa, menos desejava entrar nela. Então um som o deteve. Ele ouviu um trinco tilintar e um ferrolho soar, e um longo rangido se seguiu, como se uma pesada porta fosse aberta vagorosamente e com cautela. Isso foi no lado voltado para o oceano, fora do seu campo de visão, onde o estreito pórtico se abria para o vazio no céu enevoadado a milhares de metros acima das ondas.

Então, ouviu-se um pesado e decidido caminhar dentro do chalé, e Olney escutou as janelas se abrirem, primeiro a do lado norte, oposto a ele, e depois a do oeste, logo ao dobrar o canto da casa. Em seguida foram as janelas do sul, sob o grande beiral baixo no lado onde ele se encontrava; e deve-se dizer que ele se sentiu mais do que desconfortável ao pensamento de ter a casa detestável num dos lados e do outro a vacuidade do ar rarefeito. Quando escutou um tatear no batente mais próximo, ele se esgueirou novamente para a face oeste, pressionando-se de encontro à parede ao lado das janelas agora abertas. Estava claro que o proprietário havia chegado em casa; mas ele não viera por terra, nem por qualquer balão ou aeronave que se pudesse imaginar. Ouviu passos outra vez, e Olney rodeou a casa novamente para o norte; mas antes que pudesse encontrar refúgio, uma voz chamou suavemente, e ele soube que teria de confrontar seu anfitrião.

Projetando-se de uma janela que dava para o oeste, havia uma grande face barbada, cujos olhos tinham um brilho fosforescente, com o engrama de visões inauditas. Mas a voz era gentil e tinha um estranho tom antiquado, de modo que Olney não temeu quando a mão parda se estendeu para ajudá-lo a pular o parapeito e entrar naquele aposento baixo de lambris de carvalho escuro e mobília lavrada em estilo Tudor. O homem vestia roupas muito antigas, e exalava uma estranha aura de tradi-

ção marítima e evocava grandes galeões de sonho. Olney não se recorda muito das maravilhas que ele contou, ou de quem ele era; mas diz que era estranho e gentil, e pleno da magia dos abismos insondáveis do espaço e do tempo. A pequena sala parecia esverdeada por uma fraca luz aquosa, e Olney viu que as janelas mais afastadas que davam para o leste não estavam abertas, mas cerradas para o éter brumoso com seus vidros foscos e espessos como fundos de garrafas.

O anfitrião barbudo parecia jovem, embora olhasse com olhos impregnados dos mistérios do passado; e a julgar pelas narrativas de antigas maravilhas que ele relatou, pode-se supor que o povo da vila tenha razão ao dizer que ele conviveu com as névoas do mar e as nuvens do céu desde que passou a existir uma vila para observar sua taciturna morada das planícies abaixo. E o dia avançou, mas Olney ainda escutava os ecos de velhos tempos e de lugares distantes, e ouvia como os Reis de Atlântida lutaram contra as blasfêmias esquivas que serpenteavam para fora das fissuras do piso oceânico, e como o templo de Posídon, com suas colunas e algas, ainda é avistado à meia-noite por navios perdidos, que por vê-lo sabem que estão perdidos. A era dos Titãs foi recordada, mas o anfitrião tornou-se tímido ao falar dos primeiros tempos obscuros de caos antes que os deuses, ou até mesmo os Antigos, nascessem, e quando apenas *os outros deuses* vinham dançar no pico do Hatheg-Kla, no deserto rochoso de Ulthar, além do rio Skai.

Foi nesse momento que se ouviu uma batida na porta; na antiga porta de carvalho cravejada de pregos além da qual encontrava-se somente o abismo de nuvens brancas. Olney ficou alarmado, mas o homem barbudo gesticulou para que ele se mantivesse imóvel, e caminhou nas pontas dos pés até a porta, para espiar por um orifício muito pequeno. Ele não gostou do que viu, por isso pressionou seus dedos sobre os lábios e caminhou pela casa nas pontas dos pés para fechar e trancar todas as janelas antes de retornar ao antiquíssimo banco de madeira ao lado do seu convidado. Então Olney viu demorar-se junto aos quadriláteros translúcidos de cada uma das pequenas janelas encardidas, sucessivamente, uma misteriosa silhueta escura, à medida que o visitante se movia inquisitivamente em torno da casa antes de partir; e sentiu-se aliviado por seu anfitrião não ter atendido a porta. Pois há estranhos objetos no grande

abismo, e o explorador de sonhos deve ter cuidado para não provocar ou encontrar os que não deve.

Então as sombras começaram a se aglutinar; primeiro as pequenas e furtivas sob a mesa, e depois as mais ousadas nos cantos de lambris escuros. E o homem barbado fez enigmáticos gestos de devoção, e acendeu altas velas em castiçais de bronze curiosamente lavrados. Com frequência ele lançava olhares para a porta, como se esperasse alguém, e por fim seu olhar pareceu encontrar resposta numa singular batida que devia seguir algum código muito antigo e secreto. Dessa vez ele nem mesmo olhou pelo orifício, mas tirou a grande tranca de carvalho e puxou o ferrolho, destrancando a pesada porta e escancarando-a para as estrelas e o nevoeiro.

E então, ao som de obscuras harmonias, flutuaram para dentro daquela sala, vindos das profundezas, todos os sonhos e recordações dos Poderosos submersos da terra. E labaredas douradas brincavam por madeixas de algas marinhas, de tal modo que Olney sentia-se deslumbrado ao lhes prestar seus respeitos. Netuno, portador do tridente, estava ali, com joviais tritões e fantásticas nereidas, e sobre dorsos de golfinhos equilibrava-se uma espaçosa valva crenada sobre a qual viajava a forma cinzenta e horrível do primitivo Nodens, Senhor do Grande Abismo, e as conchas dos tritões sopravam estranhos toques, e as nereidas produziam sons peculiares golpeando ressonantes conchas de desconhecidos moradores das escuras cavernas marinhas. Então o venerando Nodens estendeu sua mão encarquilhada e ajudou Olney e seu anfitrião a entrarem na ampla valva, e nesse momento as conchas e os gongos iniciaram um frenético e assombroso clamor. E rumo ao éter ilimitado oscilou aquele comboio fabuloso, cujo clamor de gritos se perdeu nos ecos do trovão.

Por toda a noite, em Kingston, as pessoas observaram aquele imponente penedo sempre que a tempestade e as névoas permitiam-lhes vislumbres dele, e quando, perto das horas da madrugada, as janelinhas baças escureceram, sussurraram sobre ameaça e desastre. E os filhos de Olney e sua robusta esposa oraram ao brando e decente deus dos batistas, e desejaram que o viajante conseguisse um guarda-chuva e galochas caso a chuva não cessasse pela manhã. Então o alvorecer chegou pelo mar e emergiu gotejante de seu nado, engrinaldado de névoas, e as boias

de navegação badalaram solenes em alvos e etéreos redemoinhos. E ao meio-dia, trombetas élficas ressoaram por sobre o oceano enquanto Olney, seco e lépido, descia dos penhascos para a antiga Kingston com um reflexo de lugares distantes nos seus olhos. Ele não conseguia se lembrar do que havia sonhado na choupana empoleirada no céu daquele ainda anônimo eremita, ou como havia sido a sua descida rastejante por aquele penedo jamais transposto por outros pés. Tampouco podia conversar sobre esses assuntos com ninguém a não ser o Velho Terrível, que posteriormente murmurou coisas bizarras por entre suas longas barbas brancas; atestando que o homem que desceu daquele penhasco não era inteiramente o mesmo homem que o subiu, e que em algum lugar sob aquele telhado cinzento acuminado, ou dentro dos inconcebíveis domínios daquela sinistra névoa branca, ainda se deixava ficar o espírito perdido daquele que foi Thomas Olney.

E desde aquele momento, ao longo de insípidos e morosos anos de monotonia e tédio, o filósofo trabalhou, comeu e dormiu, e cumpriu sem queixas os deveres adequados a um cidadão. Ele não mais anseia pela magia das colinas mais remotas, nem suspira por segredos que despontam como recifes de um mar sem fundo. A rotina de seus dias não mais lhe causa pesar, e pensamentos bem disciplinados passaram a ser suficientes para a sua imaginação. Sua boa esposa torna-se ainda mais robusta e seus filhos mais velhos, prosaicos e prestativos, e ele nunca deixa de sorrir com o correto orgulho quando a ocasião se apresenta. No seu olhar não há qualquer reflexo de desassossego, e se em algum momento ele escuta sinos solenes ou trombetas feéricas distantes é somente à noite, quando velhos sonhos errantes se manifestam. Nunca mais tornou a ver Kingsport, pois sua família não gosta das velhas casas engraçadas, e reclama que os esgotos de lá são impossivelmente ruins. Eles têm um bangalô bem cuidado em Bristol Highlands, onde nenhum penhasco elevado assoma, e a vizinhança é urbana e moderna.

Mas em Kingsport estranhas histórias circulam, e até mesmo o Velho Terrível admite algo não contado por seu avô. Pois agora, quando o vento sopra impetuosamente do norte, passando pela alta casa antiga que se confunde com o firmamento, rompe-se enfim aquele aziago silêncio taciturno que sempre antecede a ruína dos aldeões marítimos de Kingsport. E os mais velhos contam sobre vozes agradáveis que se ou-

vem cantando ali, e de risos repletos de alegrias que superam as alegrias terrenas; e dizem que ao anoitecer as pequenas janelas baixas brilham com mais intensidade do que antes. Eles dizem, também, que a ardorosa aurora é mais frequente naquele local, resplandecendo azul ao norte com visões de mundos congelados, enquanto o penhasco e o chalé pairam negros e fantásticos contra coruscações espantosas. E as névoas do amanhecer são mais espessas, e os marinheiros não têm tanta certeza de que todos os repicares abafados que vêm do mar são os das solenes boi-as de navegação.

O pior de tudo, porém, é a atrofia dos velhos temores nos corações dos jovens de Kingsport, que se tornaram propensos a escutar, à noite, os tênues sons distantes do vento norte. Eles juram que nenhuma ameaça ou sofrimento pode habitar aquele alto chalé acuminado, pois nas novas vozes retumba o contentamento, e com ele o retinir de riso e música. Que histórias as névoas marinhas podem trazer àquele assombrado pináculo no extremo norte eles não sabem, mas anseiam por extrair algum indício das maravilhas que batem à porta escancarada do rochedo quando as nuvens são mais densas. E os patriarcas temem que algum dia, um a um, eles partam à procura daquele pico inacessível no céu, e descubram que segredos seculares se ocultam sob o íngreme telhado de madeira que se funde às rochas, às estrelas e aos antigos medos de Kingsport. Que aqueles jovens aventureiros voltarão, eles não duvidam, mas creem que uma luz pode se apagar dos olhos deles, e a vontade dos seus corações. E não desejam que a singular Kingsport, com suas ladeiras íngremes e frontões arcaicos, torne-se indiferente, com o passar dos anos, enquanto a cada voz que se soma o coro de risos se torne mais forte e desenfreado naquele reduto desconhecido e terrível, onde as névoas e os sonhos nebulosos param para descansar em seu caminho entre o mar e o céu.

Eles não desejam que as almas de seus jovens abandonem as lareiras convidativas e as tabernas com mansardas da velha Kingsport, nem querem que os risos e canções naquele elevado lugar rochoso se tornem mais altos. Pois se a voz que lhes chega trouxe consigo novas névoas do mar e novas luzes do norte, eles dizem que outras vozes trarão mais névoas e mais luzes, até que talvez os deuses mais antigos (cuja existência eles sugerem somente aos sussurros, por medo que o presbítero da Igre-

ja Congregacional os escute) possam sair das profundezas e da desconhecida Kadath, nos ermos frios, e fazer sua morada naquele penedo apossado por seres malignos, tão perto das amenas colinas e vales daqueles pescadores tranquilos e simples. Isso eles não desejam, pois para as pessoas humildes as coisas que não pertencem à terra não são bem-vindas; e além disso, o Velho Terrível com frequência recorda o que Olney disse sobre um bater de porta que o habitante solitário temia, e uma silhueta que apareceu, negra e inquisitiva, recortada contra a neblina naquelas estranhas janelas translúcidas de vitrais coloridos.

Todas essas coisas, porém, somente os Antigos podem decidir; e enquanto isso a névoa da manhã ainda sobe àquele vertiginoso pico solitário com sua antiga casa de telhado acuminado, àquela residência cinzenta de beirais baixos onde não se vê ninguém, mas de onde o anoitecer traz luzes furtivas enquanto o vento norte fala de estranhos festins. Alva e vaporosa, ela parte das profundezas ao encontro de suas irmãs, as nuvens, repletas de sonhos com úmidas pastagens e grutas de leviatãs. E quando as histórias flutuam em abundância nas furnas dos tritões, e as conchas, nas cidades de sargaço, sopram selvagens melodias aprendidas com os Antigos, então grandes névoas impetuosas afluem ao céu carregadas de sabedoria, e Kingsport, aninhada apreensivamente em seus rochedos mais baixos, sob aquela assombrosa sentinela de rocha suspensa, vê sobre o oceano apenas uma alvura mística, como se a beira dos penhascos fosse a orla de toda a terra, e os solenes sinos das boias de navegação badalassem livres no éter de um mundo feérico.



A Chave de Prata

∴

The Silver Key (1926)

Weird Tales (jan. 1929)

Esta disquisição filosófica na forma de conto é o mais próximo que Lovecraft chegou a um relato autobiográfico sobre seu crescimento na vida como artista literário. Para os leitores familiarizados com os detalhes biográficos de Lovecraft, os paralelos são difíceis de não notar.

O estudioso S.T. Joshi, em “I Am Providence”, sugere que “A chave de prata” pode ser vista como um epitáfio da consideração outrora adoradora de Dunsany, e dos seus reinos de fantasia. Certamente, a descrição da vida literária de Randolph Carter, nesta história, é muito mais parecida com Dunsany do que com Lovecraft. Não se pode explicar mais essa teoria aqui sem estragar o final, mas o leitor pode ter isso em mente como algo a se pensar depois de ler esta história.



Quando Randolph Carter tinha trinta anos, ele perdeu a chave do portão dos sonhos. Antes desse período, ele compensava o prosaísmo da vida com excursões noturnas para estranhas e antigas cidades além do es-

paço, e para adoráveis, inacreditáveis jardins do outro lado dos mares etéreos; mas à medida que a meia-idade ganhava terreno sobre ele, sentiu essas liberdades escaparem pouco a pouco, até que por fim foi totalmente deserdado. Suas galés não mais subiam o rio Oukranos, passando pelos campanários dourados de Thran, nem suas caravanas de elefantes atravessavam com suas firmes passadas as florestas perfumadas de Kled, onde palácios esquecidos com colunas de marfim estriado dormem encantadores e serenos sob a lua.

Ele havia lido muito sobre as coisas como são, e conversado com demasiadas pessoas. Filósofos bem-intencionados haviam-no ensinado a investigar as relações lógicas entre as coisas, e analisar os processos que moldavam seus pensamentos e fantasias. O maravilhamento se fora, e ele havia esquecido que a vida inteira é apenas um conjunto de imagens no cérebro, e que para este não há diferença entre as que nascem de coisas reais e as que são geradas por devaneios introspectivos, e que portanto não há motivo para valorizar uma acima da outra. O costume havia alardeado em seus ouvidos uma reverência supersticiosa por aquilo que existe tangível e fisicamente, e fizera com que ele se envergonhasse em segredo por abrigar fantasias. Homens sábios disseram-lhe que suas divagações eram fúteis e infantis, e ele acreditou porque conseguia ver que isso bem podia ser verdade. O que ele deixou de recordar foi que os feitos da realidade são igualmente fúteis e infantis, e mesmo mais absurdos, pois seus atores persistem em imaginá-los cheios de significado e finalidade, enquanto o cosmo cego gira sem propósito do nada à existência e desta novamente ao nada, sem prestar atenção ou tomar conhecimento dos desejos ou da existência das mentes que, de quando em quando, tremeluzem por um segundo na escuridão.

Essa gente o havia acorrentado às coisas como são, e depois lhe explicado o funcionamento dessas coisas até que o mistério abandonasse o mundo. Quando se queixava, e ansiava por escapar para reinos crepusculares onde a magia moldava cada pequenino fragmento vivo e cada associação apreciada por sua mente em panoramas de ávida expectativa e inextinguível deleite, faziam-no voltar-se, em vez disso, aos recém-descobertos prodígios da ciência, ordenando-lhe que encontrasse maravilhamento no turbilhão dos átomos e mistério nas dimensões do céu. E quando ele fracassava em descobrir tais bênçãos em coisas cujas leis são

conhecidas e mensuráveis, diziam-lhe que carecia de imaginação, e que era imaturo porque preferia ilusões oníricas às ilusões da nossa criação física.

Por isso Carter tentou fazer como os outros, e fingiu que os eventos e emoções comuns das mentes objetivas eram mais importantes que as fantasias das almas raras e delicadas. Ele não discutiu quando lhe disseram que o sofrimento animal de um porco esfaqueado ou de um lavrador dispéptico na vida real é algo maior do que a beleza inigualável de Narath, com seus cem portões entalhados e domos de calcedônia, de que ele se recordava fracamente dos seus sonhos; e sob a orientação desses homens, cultivou um meticuloso sentimento de piedade e tragédia.

De tempos em tempos, porém, ele não conseguia evitar a percepção de como todas as aspirações humanas são rasas, volúveis e sem sentido, e da maneira vazia com que os nossos reais impulsos contrastam com aqueles ideais pomposos que professamos seguir. Então ele recorria ao riso polido que o haviam ensinado a usar contra a extravagância e a artificialidade dos sonhos; pois via que cada segundo da vida diária do nosso mundo é tão extravagante e artificial quanto eles, e muito menos digno de respeito por carecer de beleza e por sua tola relutância em admitir a própria ausência de razão e propósito. Desse modo ele se tornou uma espécie de humorista, pois não percebia que até mesmo o humor é vazio em um universo maquinal, desprovido de qualquer verdadeiro padrão de consistência ou inconsistência.

Nos primeiros dias do seu cativeiro ele havia se voltado à dócil fé religiosa valorizada aos seus olhos pela ingênua devoção de seus pais, pois dela se estendiam avenidas místicas que pareciam prometer escape da vida. Somente sob um exame mais minucioso ele reparou na escassez de fantasia e beleza, na trivialidade insípida e prosaica, na gravidade solene e nas grotescas alegações de verdade sólida que reinavam enfadonha e inapelavelmente sobre a maioria de seus professantes; e sentiu plenamente a inaptidão com que ela buscava manter vivos como fatos literais os medos exacerbados e suposições de uma raça primitiva confrontada com o desconhecido. Carter se aborrecia ao ver com que solenidade as pessoas tentavam construir realidades terrenas a partir de velhos mitos que cada passo da sua alardeada ciência refutava, e essa seriedade fora de lugar eliminava a atração que ele poderia ter sentido pelos antigos cre-

dos, caso eles tivessem se contentado em oferecer os ritos sonoros e as vazões emocionais em sua verdadeira aparência de fantasia etérea.

Mas quando ele começou a estudar os que haviam se despojado dos velhos mitos, achou-os ainda mais repulsivos do que aqueles que não haviam. Eles não sabiam que a beleza reside na harmonia, e que a graça da vida não encontra comparação num cosmos aleatório, exceto apenas em sua harmonia com os sonhos e os sentimentos que antecederam e moldaram às cegas as nossas pequenas esferas do caos restante. Eles não viam que o bem e o mal, a beleza e a feiura, são apenas frutos ornamentais da perspectiva, cujo único valor reside na sua ligação com o que o acaso fez com que nossos pais pensassem e sentissem, e cujos detalhes mais delicados são diferentes para cada raça e cultura. Em vez disso, eles negaram essas coisas como um todo ou transferiram-nas para os instintos vagos e crus que compartilhavam com as bestas e os camponeses; de forma que suas vidas foram arrastadas fetidamente para o sofrimento, a torpeza e a desproporção, ainda que preenchidas com o orgulho ridículo de terem escapado de algo não mais insalubre do que aquilo que ainda os dominava. Haviam trocado os falsos deuses do medo e da devoção cega pelos da licenciosidade e da anarquia.

Carter não experimentou essas liberdades modernas em profundidade, pois sua vulgaridade e sordidez enojavam um espírito que amava unicamente a beleza, ao mesmo tempo em que sua razão se rebelava contra a lógica inconsistente com que os campeões daquela maneira de pensar tentavam dourar o impulso bruto com uma sacralidade despida dos ídolos que eles haviam descartado. Via que a maior parte deles, assim como o clero que repudiavam, não conseguia escapar da ilusão de que a vida tem um significado separado daquele que os sonhos dos homens nela introduzem; e não podia distinguir a noção crua de ética e dever daquelas ligadas à beleza, mesmo quando a natureza ululava sua inconsciência e imoralidade impessoal à luz das descobertas científicas daqueles homens. Desvirtuados e fanatizados por ilusões preconcebidas de justiça, liberdade e consistência, eles descartavam a antiga tradição e as antigas maneiras juntamente com as antigas crenças; tampouco jamais paravam para pensar que aquela tradição e aquelas maneiras eram os únicos geradores dos seus pensamentos e julgamentos presentes e os únicos guias e padrões em um universo sem sentido, sem propósitos fi-

xos ou pontos de referência estáveis. Após terem perdido esses rumos artificiais, suas vidas se tornaram desprovidas de direção e interesse dramático; até que, por fim, empenharam-se em afogar seu tédio na agitação e no proveito forjado, no barulho e na excitação, em demonstrações de barbárie e sensações animais. Quando essas coisas os fartaram, desapontaram ou passaram a lhes causar repugnância, cultivaram a ironia e a amargura, e puseram a culpa na ordem social. Jamais conseguiram se dar conta de que seus fundamentos brutos eram tão mutáveis e contraditórios quanto os deuses dos seus ancestrais, e que a satisfação de um momento é a ruína do momento seguinte. A beleza tranquila e duradoura ocorre apenas em sonhos, e desse conforto o mundo se desfez quando seu culto à realidade descartou os segredos da infância e da inocência.

Em meio ao caos do vazio e do desassossego, Carter tentou viver como condizia a um homem de pensamento arguto e bons antecedentes. Com seus sonhos desbotando-se sob o ridículo da idade ele não conseguia acreditar em nada, mas o amor pela harmonia o manteve fiel aos princípios praticados por sua raça e posição. Ele caminhava impassível pelas cidades dos homens, e suspirava porque nenhuma paisagem parecia inteiramente real; porque cada raio amarelado de luz solar nos altos telhados e cada vislumbre de praças cercadas de balaustradas no acender das primeiras lâmpadas da noite serviam apenas para recordá-lo dos sonhos que um dia tivera, e para torná-lo saudoso das terras etéreas que ele não sabia mais onde encontrar. As viagens eram apenas arremedos; e até mesmo a Grande Guerra o agitou muito pouco, embora tenha servido desde o início na Legião Estrangeira da França. Por algum tempo ele buscou amigos, mas logo se cansou da crueza das emoções deles, e da mesmice e mundanidade dos seus pontos de vista. Sentia-se vagamente feliz quando todos os seus parentes estavam distantes e sem contato com ele, pois não poderiam ter entendido a sua vida interior. Isto é, ninguém além do seu avô e do seu tio-avô Christopher poderia, e eles estavam mortos havia muito tempo.

Então ele começou novamente a escrever livros, aos quais havia deixado de se dedicar quando os sonhos pela primeira vez o abandonaram. Mas nisso, também, não havia satisfação ou realização, pois o toque da mundanidade marcava sua mente, e ele não conseguia pensar em coisas

adoráveis como havia feito outrora. O humor irônico pôs abaixo todos os minaretes crepusculares que ele cultivara, e o temor prosaico da improbabilidade arruinou todas as delicadas e maravilhosas flores dos seus jardins encantados. A convenção da piedade simulada impregnou seus personagens de pieguice, enquanto o mito de uma realidade importante e de eventos e emoções humanos significativos degradou toda a sua alta fantasia na alegoria mal velada e na sátira social barata. Seus novos romances alcançavam o sucesso que os antigos nunca haviam alcançado; e como ele sabia quanto eles deviam ser vazios para agradar uma horda vazia, queimou-os e parou de escrever. Eram romances muito palatáveis, em que ria com urbanidade dos sonhos que esboçava com leveza; mas viu que a sofisticação havia solapado deles toda a vida.

Foi depois disso que ele passou a cultivar a ilusão deliberada, e a chapinhar nas noções do bizarro e do excêntrico como antídotos ao lugar-comum. A maioria destas, porém, logo demonstrou sua pobreza e aridez; e ele viu que as doutrinas populares do ocultismo eram tão secas e inflexíveis quanto as da ciência, e sem sequer o mirrado paliativo da verdade para redimi-las. A estupidez grosseira, a falsidade e o pensamento desorganizado não são sonhos; e não oferecem escape para a vida a uma mente treinada acima do nível em que elas se encontram. Então Carter comprou estranhos livros e buscou homens mais profundos e terríveis, de fantástica erudição, pesquisando arcanos da consciência que poucos percorreram, e aprendendo coisas sobre os abismos secretos da vida, lendas, e a imemorial antiguidade, que passaram a perturbá-lo para sempre a partir de então. Ele decidiu viver em um plano mais raro, e mobiliou sua casa em Boston para abrigar seus humores inconstantes; um quarto para cada um deles, decorado com cores apropriadas, guarnecido com livros e objetos condizentes, e provido de fontes das sensações apropriadas de luminosidade, calor, som, sabor e odor.

Uma vez ele ouviu falar de um homem do sul que era evitado e temido pelas coisas blasfemas que lia em livros e tabuletas de argila pré-históricas que contrabandeava da Índia e da Arábia. Visitou-o, morou com ele e compartilhou seus estudos por sete anos, até que o horror se apossou de ambos certa meia-noite em um cemitério desconhecido e arcaico, e somente um emergiu de onde dois haviam entrado. Depois ele voltou para Arkham, a terrível velha cidade assombrada por feiticeiras de seus

ancestrais na Nova Inglaterra, e teve experiências na escuridão, em meio a salgueiros seculares e altas mansardas, que fizeram-no selar para sempre certas páginas do diário de um ancestral de mente perturbada. Porém, esses horrores levaram-no apenas aos limites da realidade, mas não eram o verdadeiro território do sonho que ele havia conhecido na juventude; de forma que aos cinquenta anos ele se desesperançou de qualquer repouso ou contentamento em um mundo que se tornara atarefado demais para a beleza e astuto demais para sonhar.

Após finalmente ter percebido a vacuidade e a futilidade das coisas reais, Carter passava seus dias em retiro, e em saudosas recordações incoerentes de sua juventude preenchida pelos sonhos. Concluiu que era uma tolice dar-se ao trabalho de continuar vivendo, e encomendou de um conhecido sul-americano um líquido muito curioso, para levá-lo ao oblívio sem sofrimento. A inércia e a força do hábito, porém, fizeram-no postergar a ação; e ele se deixou permanecer indeciso entre pensamentos de velhos tempos, tirando os estranhos quadros de suas paredes e redecorando a casa conforme era na sua primeira infância — vidraças purpúreas, mobília vitoriana e tudo mais.

Com o passar do tempo ele se sentiu quase grato por ter-se deixado ficar, pois suas relíquias da juventude e seu isolamento do mundo faziam com que a vida e a sofisticação parecessem muito distantes e irreais; tanto assim que um toque de magia e expectativa infiltrou-se novamente nos seus descansos noturnos. Durante anos seus sonhos haviam conhecido apenas aqueles reflexos das coisas cotidianas que os sonhadores mais comuns conhecem, mas agora havia retornado uma centelha de algo mais estranho e bravio; algo de imanência vagamente assombrosa que tomou a forma de imagens tensamente distintas dos dias de sua infância e o fez pensar em pequenas coisas inconsequentes que ele esquecera havia muito tempo. Com frequência acordava chamando sua mãe e seu avô, ambos em suas sepulturas havia um quarto de século.

Então, certa noite seu avô recordou-o de uma chave. O velho erudito grisalho, tão nítido quanto em vida, falou longa e fervorosamente sobre a antiga linhagem deles, e das estranhas visões dos homens delicados e sensíveis que a haviam composto. Falou do cruzado de olhos flamejantes que aprendeu segredos fantásticos com os sarracenos que o mantiveram cativo; e do primeiro Sir Randolph Carter, que estudou magia

quando Elizabeth era rainha. Falou, também, daquele Edmund Carter que havia escapado por pouco do enforcamento nos processos por feitiçaria de Salem, e que havia guardado numa antiga caixa uma grande chave de prata repassada desde os seus ancestrais. Antes que Carter desperdesse, o gentil visitante contou-lhe onde encontrar aquela caixa; aquela caixa de carvalho lavrado maravilhosamente arcaico, cuja tampa grotesca não alguma levantava havia dois séculos.

Na poeira e nas sombras do grande sótão ele a encontrou, remota e esquecida no fundo de uma gaveta em um alto cofre. Tinha cerca de trinta centímetros de lado, e seus entalhes góticos eram tão assustadores que ele não se surpreendeu que nenhuma pessoa desde Edmund Carter tivesse ousado abri-la. Não produziu nenhum ruído quando agitada, mas tinha o misticismo do aroma de especiarias não mais recordadas. Que contivesse uma chave era na verdade apenas uma lenda indistinta, e o pai de Randolph Carter nunca soubera que tal caixa existia. Estava trancada por metal enferrujado, e nenhum meio fora fornecido para abrir o formidável cadeado. Carter havia entendido vagamente que encontraria dentro dela alguma chave para o portão perdido dos sonhos, mas sobre onde e como usá-la, seu avô não lhe dissera nada.

Um velho criado forçou a tampa esculpida, tremendo ao fazê-lo, por causa das faces horríveis que o olhavam com expressão perversa na madeira escurecida, e por alguma sensação de familiaridade indeterminada. Dentro dela, embrulhada num pergaminho desbotado, havia uma enorme chave de prata embaciada coberta de arabescos enigmáticos; mas não havia qualquer explicação legível. O pergaminho era volumoso, e continha apenas os estranhos hieróglifos de uma língua desconhecida, escritos com um antigo cálamo. Carter reconheceu os caracteres como aqueles que vira em um certo rolo de papiro pertencente àquele terrível estudioso do sul que havia desaparecido certa meia-noite em um cemitério sem nome. O homem sempre estremecia ao ler aquele pergaminho, e Carter estremecia agora.

Mas ele limpou a chave, e mantinha-a junto a si todas as noites, em sua olorosa caixa de carvalho antigo. Seus sonhos enquanto isso tornavam-se mais vívidos, e embora não lhe revelassem nada das estranhas cidades e incríveis jardins dos velhos tempos, vinham assumindo um molde definido cujo propósito era inequívoco. Eles o estavam chamando de

volta ao longo dos anos e, com as vontades combinadas de todos os seus ancestrais, atraindo a alguma fonte oculta e ancestral. Então ele soube que deveria rumar ao passado e fundir-se a coisas antigas, e dia após dia pensava nas colinas ao norte de onde a assombrada Arkham, o caudaloso Miskatonic e a rústica e solitária propriedade rural da sua família se situavam.

Sob as taciturnas cores do outono Carter tomou o velho caminho de que se recordava, passando por graciosas cadeias de morros ondulantes e pelo campo delimitado por um muro de pedra, o vale distante e as florestas suspensas, a estrada sinuosa e as aconchegantes casas de fazenda, e os meandros cristalinos do Miskatonic, cruzados aqui e ali por pontes rústicas de madeira ou de pedra. Numa curva ele viu o grupo de gigantes olmos entre os quais um ancestral seu havia desaparecido um século e meio antes, e teve um calafrio quando o vento soprou como um agouro por entre eles. Depois veio a fazenda em ruínas da velha Goody Fowler, a bruxa, com suas pequenas janelas malignas e seu grande telhado descendo quase até o solo pelo lado norte. Ele acelerou seu carro ao passar por ela, e não diminuiu a marcha até ter subido a colina onde sua mãe, e seus pais antes dela, nasceram, e onde a velha casa branca ainda contemplava orgulhosamente a paisagem estonteantemente bela de escarpas rochosas e vales verdejantes, com os distantes campanários de Kingsport no horizonte, e indícios do mar arcaico e imerso em sonhos como pano de fundo mais remoto.

Então ele chegou à ladeira mais íngreme que levava à velha propriedade dos Carter, que ele não via há quarenta anos. A tarde se fora há muito quando chegou ao sopé, e numa curva na metade da subida ele parou para examinar os campos dourados e gloriosos que se estendiam ao redor, sob a inundação oblíqua da magia derramada por um sol potente. Toda a estranheza e a expectativa dos seus sonhos recentes pareciam presentes naquele panorama silencioso e sobrenatural, e ele pensou nos ermos desconhecidos de outros planetas enquanto seus olhos percorriam os relvados aveludados e desertos que brilhavam e ondulavam entre seus muros desabados, os torrões de floresta feérica destacando-se em distantes linhas purpúreas colina após colina, e o espectral vale arborizado mergulhando em sombras até os baixios úmidos, onde o gotejar

das águas murmurava e gorgolejava por entre raízes volumosas e distorcidas.

Algo o fez sentir que motores não pertenciam ao reino que ele buscava, por isso deixou seu veículo na orla da floresta, e depois de guardar a grande chave no bolso do seu casaco, caminhou colina acima. A mata, então, engoliu-o por completo, embora ele soubesse que a casa se situava em um alto outeiro limpo de árvores exceto pelo norte. Perguntou-se como ela estaria, pois ficara desocupada e sem conservação por negligência sua desde a morte do seu excêntrico tio-avô Christopher, trinta anos antes. Na sua infância ele se divertia com longas visitas àquele local, e havia descoberto estranhas maravilhas na floresta além do pomar.

As sombras se adensaram em volta dele, pois a noite estava próxima. Em dado momento um intervalo se abriu nas árvores à direita, de forma que ele pôde ver léguas de campos ao crepúsculo e divisar o velho campanário congregacional de Central Hill, em Kingsport; rosado com o último rubor do dia, os vidros das pequenas janelas redondas em labaredas de fogo refletido. Então, quando ele estava novamente mergulhado em sombras profundas, lembrou-se com um sobressalto que o vislumbre devia ter vindo unicamente de suas memórias de infância, pois a velha igreja branca havia sido demolida há muito tempo para dar lugar ao Hospital Congregacional. Lera sobre isso com interesse, pois o jornal falara sobre estranhos esconderijos ou passagens encontrados na colina rochosa sob ela.

Em meio ao seu desconcerto, uma voz aguda gritou, e ele se sobressaltou novamente com a familiaridade que ela evocava após tantos anos. O velho Benijah Corey havia sido um empregado de seu tio Christopher, e já era idoso mesmo naqueles tempos distantes das suas visitas de infância. Agora devia ter bem mais de cem anos, mas aquela voz estridente não podia vir de mais ninguém. Ele não conseguia distinguir as palavras, embora a entonação fosse inesquecível e inconfundível. Pensar que o “Velho Benijy” ainda estivesse vivo!

— Seu Randy! Seu Randy! Onde cê tá? Qué matá de veiz a sua tia Marthy de susto? Ela num te disse pra ficá perto da casa depois do almoço e voltá antes de escurecê? Randy! Ran... dii! Ele é o menino que mais merece surra por entrá no mato que eu já vi; o tempo todo coa ca-

beça no mundo da lua, dentro daquela toca de cobra no fundo da mata-
ria!... Ei, ocê, Ran... dii!

Randolph Carter parou na escuridão de breu e esfregou os olhos com as mãos. Algo estava muito esquisito. Estivera em algum lugar onde não deveria estar; vagara por muito tempo em lugares aos quais não pertencia, e estava agora injustificavelmente atrasado. Não havia observado o horário no campanário de Kingsport, embora pudesse tê-lo feito com facilidade com a sua luneta de bolso; mas sabia que seu atraso era algo muito estranho e sem precedentes. Não tinha certeza de ter sua pequena luneta consigo, e pôs sua mão no bolso da blusa para verificar. Não, não estava ali, mas havia a grande chave de prata que ele encontrara em algum lugar. Tio Chris havia-lhe contado algo intrigante uma vez, sobre uma caixa nunca aberta com uma chave dentro dela, mas tia Martha interrompera a história abruptamente, dizendo que aquilo não era coisa para se contar a uma criança cuja cabeça já estava muito cheia de fantasias bizarras. Ele tentou se recordar de onde exatamente havia encontrado a chave, mas algo parecia muito confuso. Achou que tinha sido no sótão de casa, em Boston, e lembrava-se vagamente de ter subornado Parks com metade de sua renda semanal para que ele o ajudasse a abrir a caixa e guardasse silêncio sobre o fato; mas ao recordar isso, a face de Parks aparecia de um modo muito estranho, como se as rugas de longos anos tivessem caído com a rapidez do leve dialeto *cockney*.

— Ran... dii! Ran... dii! Oi! Oi! Randy!

Uma lanterna apareceu balançando depois da curva escura, e o velho Benijah se lançou sobre a forma silenciosa e perplexa do peregrino.

— Diacho, guri, então cê tá aí! O gato comeu sua língua? Eu tô chamando já faiz meia hora, e ocê deve ter me ouvido faiz tempo! Num sabe que a sua tia Marthy fica toda nervosa quando cê num volta antes de escurecê? Espera até eu contá pro seu tio Chris quando ele tivé ocupado! Cê devia sabê que esses matagá não é lugar pra ficá vadiando até essa hora! Tem coisa ali que num faiz bem pra ninguém, como meu vô já sabia antes de mim. Vem, seu Randy, senão a Hannah num guarda mais janta pra ocê!

Em seguida, Randolph Carter foi conduzido pela estrada onde estrelas fascinantes cintilavam por entre altos ramos outonais. E cães latiam enquanto as luzes amarelas das pequenas vidraças começavam a brilhar

na curva mais distante e as Plêiades tremeluziam do outro lado do outeiro exposto onde uma grande mansarda erguia-se negra contra o oeste mortiço. Tia Martha estava no batente da porta, e não ralhou muito quando Benijah empurrou o faltoso para dentro. Ela conhecia o tio Chris bem o suficiente para esperar tal tipo de coisa do sangue dos Carter. Randolph não mostrou sua chave, mas comeu seu jantar em silêncio e protestou apenas quando chegou a hora de dormir. Às vezes ele sonhava melhor quando acordado, e queria usar aquela chave.

Pela manhã, Randolph acordou cedo, e teria corrido para o alto do terreno arborizado se o tio Chris não o tivesse apanhado e forçado-o a sentar em sua cadeira junto à mesa do café da manhã. Ele olhava com impaciência ao redor da sala de teto baixo com o tapete rasgado e as vigas do teto e dos cantos expostas, e sorriu apenas quando os galhos das árvores do pomar arranharam os vidros coloridos da janela dos fundos. As árvores e as colinas estavam próximas dele, e formavam os portões daquele reino atemporal que era o seu verdadeiro território.

Então, quando se viu livre, apalpou o bolso da sua blusa à procura da chave, e tendo-se reassegurado de que ela estava ali, disparou através do pomar até a ladeira do outro lado, onde a colina arborizada tornava a subir a altitudes superiores à do outeiro sem árvores. O chão da floresta era forrado de musgo e mistério, e grandes rochas cobertas de líquen afloravam vagamente aqui e ali naquela penumbra, como os monolitos dos druidas entre os troncos grossos e retorcidos de um bosque sagrado. Já em seu caminho ascendente, Randolph atravessou um riacho caudaloso, cujas cachoeiras não longe dali entoavam encantamentos rúnicos para os faunos, egipãs e dríades à espreita.

Por fim ele chegou à estranha caverna na encosta da floresta, a temida “toca de cobras” que o povo do campo evitava, e contra a qual Benijah o havia alertado repetidas vezes. Era profunda; muito mais funda do que qualquer um além de Randolph suspeitava, pois o garoto havia encontrado uma fissura no mais remoto canto escuro, que dava para uma gruta mais grandiosa além dela — um assombroso lugar sepulcral, cujas paredes de granito guardavam a curiosa ilusão de um artifício consciente. Nessa ocasião ele se arrastou como de costume, iluminando seu caminho com fósforos apanhados da caixa na sala de estar, e enfiou-se até o final da fenda com uma avidez difícil de explicar até mesmo para si pró-

prio. Não sabia dizer por que se aproximou da parede mais distante com tanta confiança, ou por que tirou do bolso instintivamente a grande chave de prata, como fez. Mas foi em frente, e quando saltitou de volta para a casa naquela noite, não ofereceu nenhuma desculpa para o seu atraso, nem prestou a mínima atenção às reprimendas que ganhou por ignorar também o chamado para o jantar.

Hoje é opinião unânime de todos os parentes distantes de Randolph Carter que algo aconteceu para intensificar sua imaginação aos dez anos de idade. Seu primo, o ilustríssimo senhor Ernest B. Aspinwall, de Chicago, é dez anos completos mais velho do que ele, e recorda-se distintamente de uma mudança no garoto após o outono de 1883. Randolph havia olhado para cenários de fantasia que poucos outros jamais puderam contemplar, e ainda mais estranha eram algumas qualidades que ele manifestava em relação a coisas muito mundanas. Ele parecia, em suma, ter adquirido um estranho dom de profecia; e reagia de forma incomum a coisas que, embora na época fossem desprovidas de significado, demonstraram mais tarde justificar as suas singulares impressões. Nas décadas subsequentes, à medida que novas invenções, novos nomes e novos eventos apareciam um a um no livro da história, as pessoas eventualmente recordavam com maravilhamento como Carter, anos antes, havia deixado escapar algumas palavras descuidadas que tinham indubitável conexão com o que estava então muito longe no futuro. Ele próprio não entendia essas palavras, nem sabia por que certas coisas faziam-no sentir certas emoções; mas fantasiava que algum sonho não recordado poderia ser o responsável. Não passava de 1897 quando ele empalideceu ao ouvir algum viajante mencionar a cidade francesa de Belloy-en-Santerre, e amigos lembraram-se disso quando ele foi quase mortalmente ferido lá, em 1916, enquanto servia na Legião Estrangeira na Grande Guerra.

Os parentes de Carter falam muito dessas coisas porque ele recentemente desapareceu. Seu pequeno velho criado Parks, que por anos suportou com paciência suas esquisitices, viu-o pela última vez na manhã em que partiu sozinho em seu carro com uma chave que ele havia encontrado recentemente. Parks havia-o ajudado a tirar a chave da velha caixa que a continha, e sentiu-se estranhamente afetado pelos grotescos entalhes na tampa, e por alguma outra insólita sensação que ele não sa-

bia nomear. Quando Carter partiu, disse que estava indo visitar sua velha terra ancestral nos arredores de Arkham.

Na metade da subida da Elm Mountain, no caminho das ruínas da velha residência dos Carter, encontraram seu automóvel estacionado cuidadosamente à margem da estrada; e nele havia uma caixa de uma madeira fragrante, com entalhes que assustaram os camponeses que deram com ela. A caixa continha apenas um bizarro pergaminho, cujos caracteres nenhum linguista ou paleógrafo conseguiu decifrar ou identificar. A chuva havia muito desfigurado quaisquer pegadas, embora os investigadores de Boston tivessem algo a dizer sobre evidências de alterações entre as tábuas caídas da residência Carter. Era, eles asseveraram, como se alguém tivesse tateado pelas ruínas em um período não distante. Um lenço branco comum, encontrado entre as rochas da floresta na encosta da colina além dela não pôde ser identificado como pertencente ao homem desaparecido.

Fala-se em distribuir os bens de Randolph Carter entre seus herdeiros, mas eu me posiciono firmemente contra isso porque não acredito que ele esteja morto. Existem entrelaçamentos de tempo e espaço, de ilusão e realidade, que somente um sonhador pode revelar; e pelo que eu sei de Carter, creio que ele simplesmente encontrou um modo de percorrer esses labirintos. Se algum dia ele voltará ou não, eu não sei dizer. Ele queria as terras de sonho que havia perdido, e sentia nostalgia dos dias da sua infância. Então ele encontrou uma chave, e por algum motivo eu acredito que ele foi capaz de usá-la para obter um estranho benefício.

Perguntarei a ele quando o vir, pois espero encontrá-lo em breve numa certa cidade de sonho que ambos costumávamos frequentar. Dizem os rumores em Ulthar, além do rio Skai, que um novo rei governa sobre o trono de opala em Ilek-Vad, aquela cidade fabulosa com seus torreões no topo dos côncavos penhascos de vidro que dão para o mar crepuscular no fundo do qual o barbudo Gnorri, provido de barbatanas, construiu seus singulares labirintos, e creio que sei como interpretar esses rumores. Certamente, anseio com impaciência pela visão daquela grande chave de prata, pois em seus arabescos crípticos podem estar simbolizados todos os propósitos e mistérios de um cosmos cegamente impessoal.



A Busca Onírica por Kadath

∴

The Dream-Quest of Unknown Kadath (1926–27)

Beyond the Wall of Sleep (1943)

“Na verdade, não é muito boa; mas forma uma prática útil para posteriores tentativas mais autênticas de uma nova forma.”

Com essas modestas palavras, H.P. Lovecraft se desfez de seu, até então, inacabado curto romance, “A busca onírica por Kadath”. E desde então, os aficionados de Lovecraft discordam veementemente sobre se ele estava correto ou não em sua autoavaliação.

Busca Onírica é um romance único, desprovido de quebras de capítulos, embora existam várias partes em que pareça natural utilizá-los; é uma anedota longa e fluida, quase um fluxo de consciência, correndo por quase 43.000 palavras sem parar para respirar.

É importante lembrar que ele nunca pretendeu publicar. Depois que ele terminou em janeiro de 1927, Lovecraft recusou várias ofertas de ajuda para preparar um texto datilografado, e é apenas porque Robert H. Barlow o perturbou por semanas que ele passou o manuscrito a ele.



Por três vezes Randolph Carter sonhou com a cidade maravilhosa, e por três vezes perdeu-a enquanto se detinha no alto do terraço que a dominava. Dourada e bela, a cidade refulgia ao pôr do sol, com muros, templos, colunatas e pontes em arco entalhadas em mármore, fontes com bacias de prata que lançavam borrifos prismáticos em amplas esplanadas e jardins perfumados e ruas largas que marchavam por entre árvores delicadas e urnas repletas de flores e estátuas de marfim dispostas em fileiras esplendorosas; enquanto nas íngremes encostas ao norte empilhavam-se vermelhas e antigas empenas triangulares que abrigavam pequenas ruelas onde a grama crescia por entre as pedras do calçamento. Era uma febre dos deuses; uma fanfarra de trombetas sobrenaturais e um clangor de címbalos imorredouros. O mistério pairava sobre a cidade como as nuvens sobre uma montanha erma; e enquanto permanecia ansioso e com a respiração suspensa junto à balaustrada do parapeito, Carter foi atingido pelo ímpeto e pelo mistério da memória quase esmaecida, pela dor da perda e pela necessidade enlouquecedora de mais uma vez encontrar o que outrora tinha sido um lugar prodigioso e relevante.

Sabia que aquele significado outrora devia ter sido absoluto, embora não soubesse dizer em que ciclo ou encarnação o havia conhecido, nem se em sonho ou em vigília. O sentimento evocava vislumbres de uma primeira juventude distante e esquecida, em que o prazer e o deslumbramento estavam em todo o mistério dos dias, e tanto a aurora como o crepúsculo chegavam profeticamente ao som de alaúdes e canções, abrindo os portões encantados que davam acesso a outros portentos ainda mais surpreendentes. Porém, toda noite, quando chegava ao elevado terraço de mármore com as curiosas urnas e os balaústres entalhados e olhava para além da silenciosa cidade ao pôr do sol dotada de beleza e imanência extraterrenas, Carter sentia os grilhões dos tirânicos deuses dos sonhos; pois de modo algum conseguia deixar aquele ponto altaneiro ou galgar os amplos e marmóreos lances de escada que desciam interminavelmente até onde as ruas de bruxaria ancestral estendiam-se e fascinavam.

Quando pela terceira vez acordou sem descer os lances marmóreos e sem explorar as silenciosas ruas ao pôr do sol, rezou com paciência e fervor para os deuses ocultos dos sonhos que habitam com todos os caprichos divinos acima das nuvens na desconhecida Kadath, em meio à

desolação gelada aonde nenhum homem se atreve. Porém, os deuses não ofereceram resposta e não fizeram menção de ceder, e tampouco deram qualquer sinal favorável quando Carter rezou no sonho e invocou-os através de sacrifícios com o auxílio dos barbados sacerdotes Nasht e Kaman-Thah, cujo templo no interior de uma caverna com um pilar de fogo localiza-se próximo aos portões do mundo em vigília. As orações, no entanto, deram a impressão de causar efeitos adversos, pois já depois da primeira Carter cessou por completo de vislumbrar a cidade maravilhosa, como se os três vislumbres de longe tivessem sido meros acidentes ou descuidos que contrariavam o plano ou o desígnio oculto dos deuses.

Por fim, farto de ansiar pelas cintilantes ruas ao pôr do sol e pelas crípticas estradas que cortavam as colinas por entre telhados ancestrais, e incapaz de afastá-las dos pensamentos, fosse no sono ou na vigília, Carter decidiu aventurar-se onde homem nenhum jamais havia estado e desafiar os gélidos desertos mergulhados na escuridão onde a desconhecida Kadath, envolta em nuvens e coroada por estrelas inimaginadas, abriga secreta e noturna o castelo de ônix dos Grandes Deuses.

Em um leve cochilo, desceu os setenta degraus rumo à caverna da chama e falou sobre os próprios desígnios com os barbados sacerdotes Nasht e Kaman-Thah. Os sacerdotes balançaram as cabeças cingidas com *psbents* e asseveraram que aquela seria a morte anímica de Carter. Afirmaram que os Grandes Deuses já haviam manifestado seus desejos, e que não seria aconselhável perturbá-los com súplicas insistentes. Lembraram-no também de que não apenas homem nenhum jamais havia estado na desconhecida Kadath, mas homem nenhum sequer imaginava em que parte do espaço poderia localizar-se — se nas terras oníricas ao redor do nosso mundo ou se naquelas que circundam uma insuspeita companheira de Fomalhaut ou Aldebarã. Se estivesse localizada em nossas terras oníricas, talvez fosse possível alcançá-la; mas desde o primórdio dos tempos apenas três almas completamente humanas tinham reatravessado os impiedosos abismos negros em direção a outras terras oníricas, e duas haviam retornado com a sanidade um tanto abalada. Nessas viagens sempre existem perigos incalculáveis, bem como o perigo supremo que balbucia coisas inefáveis para além do universo ordenado, onde nenhum sonho alcança — o derradeiro malogro amorfo da mais profunda confusão que blasfema e borbulha no centro da infinitu-

de — o ilimitado sultão-demônio Azathoth, cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar em voz alta, e que rói faminto em câmaras inconcebíveis e escuras para além do tempo em meio ao ritmo abafado e enlouquecedor de vis tambores e ao gemido estridente e monótono de flautas amaldiçoadas, em cujo ritmo abominável dançam de maneira lenta, desajeitada e absurda os gigantescos deuses supremos — os cegos, mudos, tenebrosos e irracionais Outros Deuses cujo espírito e mensageiro é o caos rastejante Nyarlathotep.

Quanto a essas coisas Carter foi alertado pelos sacerdotes Nasht e Kaman-Thah na caverna da chama, porém mesmo assim decidiu encontrar os deuses na desconhecida Kadath em meio à desolação gelada, onde quer que ficasse, e assim reconquistar o vislumbre e a lembrança e o abrigo daquela maravilhosa cidade ao pôr do sol. Sabia que a jornada seria longa e estranha, e que os Grandes Deuses seriam contra; porém, estando habituado às terras dos sonhos, contava com inúmeras memórias e artimanhas úteis que poderiam ajudá-lo. Assim, depois de pedir uma bênção de adeus aos sacerdotes, desceu os setecentos degraus até o Portão do Sono Profundo fazendo planos e a seguir embrenhou-se no bosque encantado.

Nos túneis do bosque retorcido, cujos prodigiosos carvalhos emaranham os galhos e cintilam com a fosforescência de estranhos fungos, habitam os furtivos *zoogs*, que conhecem inúmeros segredos obscuros dos mundos oníricos e também do mundo em vigília, uma vez que o bosque tange as terras dos homens em dois pontos, embora fosse desastroso revelar onde. Certos rumores, fatos e desaparecimentos inexplicáveis ocorrem entre os homens nos locais a que os *zoogs* tem acesso, e convém que não possam se afastar muito do mundo onírico. Mesmo assim, os *zoogs* cruzam livremente as fronteiras mais próximas do mundo onírico, esvoaçando marrons e pequenos e invisíveis e trazendo de volta deliciosas histórias que ajudam a passar o tempo ao redor das fogueiras na floresta que amam. A maioria dessas criaturas vive em tocas, porém algumas habitam os troncos de grandes árvores; e embora tenham uma alimentação baseada principalmente em fungos, conta-se aos sussurros que também gostam de carne, seja física ou espiritual, pois muitos sonhadores que adentraram o bosque nunca mais saíram. Carter, no entanto, não sentia medo, pois era um velho sonhador e tinha aprendido a

esvoaçante língua dos *zoogs* e feito diversos acordos com as criaturas, tendo encontrado, graças à ajuda delas, a esplêndida cidade de Celephais em Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas, governada durante a metade do ano pelo rei Kuranés, um homem que havia conhecido em vida por outro nome. Kuranés era a única alma a ter visitado os abismos estelares e retornado a salvo da loucura.

Enquanto galgava os baixos corredores fosforescentes por entre os troncos gigantes, Carter emitia sons esvoaçantes à maneira dos *zoogs* e aguardava uma resposta. Lembrou-se de um vilarejo das criaturas próximo ao centro do bosque, onde um círculo de grandes pedras cobertas de musgo no que outrora tinha sido uma clareira sugeria habitantes mais antigos e mais terríveis há muito tempo esquecidos, e seguiu com passos rápidos naquela direção. Orientou-se graças aos fungos grotescos, que parecem cada vez mais bem alimentados à medida que se chega perto do círculo onde os seres anciãos dançavam e faziam sacrifícios. Por fim a fosforescência mais intensa dos fungos amontoados revelaram uma sinistra vastidão verde e cinza que se elevava acima das copas da floresta e perdia-se de vista. Esse era o círculo de pedras mais próximo, e Carter sabia que estava perto do vilarejo dos *zoogs*. Depois de repetir mais uma vez o som esvoaçante, esperou com paciência; e enfim foi recompensado pela impressão de que inúmeros olhos vigiavam-no. Eram os *zoogs*, pois os estranhos olhos verdes dessas criaturas surgem muito antes que se possa distinguir o contorno pequeno e escorregadio dos corpos marrons.

Logo saíram em um grande enxame da toca oculta e da árvore repleta de galerias, até que toda aquela região de luz tênue ganhasse vida com as criaturas. Alguns dos *zoogs* mais atrevidos roçaram-se em Carter, e um chegou a dar-lhe uma nojenta mordiscada na orelha; mas logo esses espíritos sem lei foram contidos pelos mais velhos. Depois de reconhecer o visitante, o Conselho dos Sábios ofereceu-lhe uma cabaça de seiva fermentada colhida de uma árvore misteriosa e diferente das outras, que havia crescido a partir de uma semente lançada por alguém na lua; e enquanto Carter bebia cerimoniosamente teve início um estranhíssimo colóquio. Infelizmente os *zoogs* não sabiam onde ficava o cume de Kada-th, nem estavam em condições de dizer se a desolação gelada localizava-se em nosso mundo onírico ou em outro. Os humores dos Grandes

Deuses emanavam de todos os lados; e poder-se-ia dizer que seria mais provável avistá-los nos altaneiros cumes das montanhas do que nos vales, uma vez que nos cumes executam danças remisscentes quando a lua se ergue acima das nuvens.

Um *zoog* deveras provecto lembrou-se de uma história desconhecida aos demais, e disse que em Ulthar, que fica além do rio Skai, encontrava-se a última cópia dos inconcebivelmente ancestrais Manuscritos Pnakóticos feitos por homens em vigília nos reinos boreais e levados até a terra dos sonhos quando o hirsuto canibal Gnophkehs subjugou os numerosos templos de Olathoë e matou todos os heróis da terra de Lomar. Esses manuscritos, segundo disse, continham muitas informações acerca dos deuses; e, além do mais, em Ulthar havia homens que tinham recebido os sinais dos deuses, e até mesmo um velho sacerdote que havia escalado uma grande montanha para vê-los dançando ao luar. O sacerdote havia falhado, embora um companheiro de viagem tivesse obtido sucesso e perecido de maneira inefável.

Então Randolph Carter agradeceu aos *zoogs*, que esvoaçaram amigavelmente e lhe ofereceram mais uma cabaça de vinho lunar para que levasse consigo durante a jornada, e afastou-se pelo bosque fosforescente do outro lado, onde as águas ligeiras do Skai descem as encostas de Lerion enquanto Hatheg e Nir e Ulthar salpicam a planície. Mais atrás, furtivos e ocultos, espreitavam diversos *zoogs* curiosos, pois desejavam saber o que aconteceria a Carter para contar a lenda às outras criaturas da espécie. Os enormes carvalhos tornavam-se cada vez mais densos à medida que Carter se afastava do vilarejo, com o olhar fixo em um ponto onde pareciam um pouco mais esparsos por estarem mortos ou morrendo em meio aos densos fungos anômalos e ao mofo putrescente e aos troncos pastosos dos irmãos caídos. Ao chegar lá faria uma curva fechada, pois naquele ponto o chão da floresta é revestido por uma robusta placa de pedra; e aqueles que se atreveram a chegar perto dizem que traz uma sólida argola de metal com um metro de diâmetro. Conhecendo o círculo arcaico de grandes pedras cobertas por musgo e o possível uso daquele objeto, os *zoogs* não se detinham nas proximidades da extensa placa de pedra com a enorme argola de metal; pois sabem que nem tudo o que foi esquecido está necessariamente morto, e não gostariam de ver a placa erguer-se sozinha de maneira deliberada.

Carter se afastou do caminho no local adequado e ouviu atrás de si o esvoaçar assustado de certos *zoogs* mais tímidos. Sabia que o seguiriam, e assim não se deixou perturbar, uma vez que estava acostumado às anomalias dessas criaturas enxeridas. Estava na hora do crepúsculo quando chegou à orla do bosque, e o esplendor cada vez mais forte dava os primeiros sinais da alvorada. Em meio às planícies férteis que descem até o Skai, Carter viu a fumaça das cabanas, e por todos os lados espalhavam-se as sebes e os campos arados e os telhados de sapé daquela terra pacata. Houve um momento em que parou junto ao poço de uma fazenda para tomar um gole d'água e todos os cães latiram apavorados para os inconspícuos *zoogs* que se esgueiravam no gramado logo atrás. Em outra casa, onde os moradores estavam envolvidos em afazeres domésticos, indagou sobre os deuses e perguntou se dançavam com frequência em Lerion; mas o fazendeiro e a esposa limitaram-se a fazer o Símbolo Ancestral e a indicar o caminho de Nir e de Ulthar.

Ao meio-dia Carter atravessou a principal rua de Nir, que outrora havia visitado e que havia marcado as viagens mais distantes naquela direção; e logo em seguida chegou à grande ponte de pedra sobre o Skai, em cujo píer central os pedreiros haviam emparedado um sacrifício humano ainda vivo na época da construção mil e trezentos anos atrás. Depois de chegar ao outro lado, a frequente presença dos gatos (que sem exceção arqueavam as costas ao perceberem os *zoogs*) revelou a proximidade de Ulthar; pois em Ulthar, segundo uma lei antiga e importante, nenhum homem pode matar gatos. Deveras agradáveis eram os subúrbios de Ulthar, repletos de pequenas cabanas verdes e fazendas com cercas bem cuidadas; e ainda mais agradável era o próprio vilarejo pitoresco, com antigos telhados de duas águas e incontáveis chaminés e estreitas ruelas morro acima, onde se viam antigas calçadas sempre que os graciosos felinos ofereciam espaço suficiente para tanto. Depois que os gatos foram em parte dispersados pelos *zoogs* semivisíveis, Carter seguiu diretamente rumo ao Templo dos Anciões, onde segundo as lendas encontravam-se os sacerdotes e os antigos registros; e, uma vez no interior da venerável torre circular de pedra recoberta por hera que coroa a montanha mais alta de Ulthar, buscou o patriarca Atal, que havia subido a montanha proibida de Hatheg-Kla no deserto pedregoso e sobrevivido.

Atal, que estava sentado em um pedestal de marfim sobre um santuário ornado por festões no alto do templo, tinha trezentos anos de idade; mesmo assim, era muito lúcido e tinha uma excelente memória. Com Atal, Carter aprendeu muitas coisas sobre os deuses — em especial que eram apenas os deuses terrestres e exerciam apenas uma débil supremacia sobre as nossas próprias terras oníricas, sem nenhuma prerrogativa de poder ou morada em qualquer outra parte. Segundo Atal, era possível que atendessem as preces de um homem se estivessem de bom humor; mas ninguém devia almejar subir até a fortaleza de ônix no alto de Kadath em meio à desolação gelada. Era sorte que nenhum homem soubesse onde Kadath sobranceia, pois os frutos dessa escalada seriam demasiadamente graves. O companheiro de Atal, conhecido como Barzai, o sábio, fora tragado aos gritos em direção ao céu simplesmente por escalar a montanha conhecida de Hatheg-Kla. Com a desconhecida Kadath, se um dia fosse descoberta, as consequências seriam infinitamente mais graves; pois, embora às vezes possam ser superados pela sabedoria mortal, os deuses terrestres são protegidos pelos Outros Deuses do Espaço Sideral, sobre os quais seria melhor calar. Pelo menos duas vezes na história do mundo os Outros Deuses haviam marcado o granito primordial da Terra com o próprio sinete; uma nos tempos antediluvianos, como sugere um desenho encontrado nas partes dos Manuscritos Pnakóticos antigas demais para que sejam lidas, e outra em Hatheg-Kla, quando Barzai, o sábio, tentou ver os deuses terrestres dançando ao luar. Assim, Atal disse que o melhor seria deixar todos os deuses em paz, a não ser em orações cautelosas.

Carter, embora desapontado pelo conselho desencorajador de Atal e pela ajuda insuficiente oferecida pelos Manuscritos Pnakóticos e pelos Sete Livros Crípticos de Hsan, não perdeu a esperança. Primeiro questionou o velho sacerdote a respeito da maravilhosa cidade ao pôr do sol vislumbrada do terraço com balaústres, pensando que talvez pudesse encontrar o que buscava sem o auxílio dos deuses; mas Atal não pôde oferecer nenhum esclarecimento. Segundo Atal, seria possível que o lugar pertencesse à terra onírica particular de Carter, e não à terra da visão geral que muitos outros conhecem; e seria concebível que ficasse em outro planeta. Nesse caso os deuses terrestres não poderiam guiá-lo nem se quisessem. Mas isso não era provável, uma vez que a ausência de sonhos

podia ser interpretada como um sinal claro de que aquilo era algo que os Grandes Deuses desejavam manter oculto.

Então Carter cometeu uma vileza, oferecendo ao inocente anfitrião goles e mais goles do vinho lunar que os *zoogs* haviam lhe dado, até que o velho sucumbisse à irresponsabilidade e começasse a falar. Privado de toda a discrição, o pobre Atal balbuciou livremente sobre toda sorte de coisas proscritas, contando histórias sobre uma grande imagem entalhada na sólida rocha da montanha Ngranek, situada na ilha de Oriab e banhada pelo Mar Austral, e insinuando que podia ser uma estátua lavrada pelos deuses terrestres à própria imagem e semelhança enquanto dançavam ao luar na montanha. Também deixou escapar que as feições da estátua eram muito estranhas, sendo portanto de imediato reconhecíveis, e que eram um traço distintivo nos representantes autênticos da raça divina.

Nesse ponto a utilidade de todas essas informações na busca pelos deuses tornou-se evidente para Carter. Sabe-se que os mais jovens dentre os Grandes Deuses muitas vezes usam disfarces para desposar as filhas dos homens, de modo que no entorno da desolação gelada onde se ergue Kadath todos os aldeões devem ter o sangue dos deuses. Sendo assim, a melhor forma de encontrar a desolação gelada seria observar o rosto de pedra em Ngranek e prestar atenção às feições; e então, depois de memorizá-las, procurar feições similares em meio aos homens. O lugar onde fossem mais simples e evidentes deveria ser próximo à morada dos deuses; e qualquer terreno rochoso que se estendesse atrás dos vilarejos nesse lugar deveria ser a desolação onde se ergue Kadath.

Muito se poderia aprender sobre os Grandes Deuses nessas regiões, pois aqueles com o sangue divino herdavam pequenas memórias muito úteis a um explorador. Talvez não conheçam a própria genealogia, pois os deuses evitam revelar-se aos homens e portanto não existe ninguém que saiba ter contemplado rostos divinos — uma descoberta feita por Carter enquanto tentava escalar Kadath. Porém, tinham estranhos pensamentos elevados, mal compreendidos pelos próprios semelhantes, e cantavam sobre lugares e jardins longínquos tão distintos de qualquer local conhecido, mesmo nas terras oníricas, que as pessoas os chamavam de tolos; e graças a todas essas coisas talvez fosse possível aprender os antigos segredos de Kadath, ou encontrar pistas sobre a maravilhosa ci-

dade ao pôr do sol que os deuses mantinham oculta. Além do mais, em determinadas circunstâncias seria possível tomar o bem-amado filho de um deus como refém; ou mesmo capturar um jovem deus incógnito que vivesse entre os homens com uma bela camponesa por esposa.

Atal, no entanto, não sabia como encontrar Ngranek na ilha de Oriab, e recomendou a Carter que seguisse o melodioso Skai por sob as pontes até chegar ao Mar Austral, onde nenhum cidadão de Ulthar jamais esteve, mas de onde os mercadores chegam em barcos ou em longas caravanas de mulas e carroças. Lá se encontra a grande Dylath-Leen, porém o lugar tem má fama em Ulthar devido às galés com três ordens de remos que trazem rubis de portos desconhecidos. Os mercadores que chegam nessas galés para tratar com os joalheiros são humanos, ou ao menos quase, mas os remadores nunca são avistados; e os habitantes de Ulthar julgam pouco apropriado que os mercadores façam comércio com navios pretos de lugares desconhecidos cujos remadores não podem ser vistos.

Quando terminou de fornecer essa informação Atal ficou muito sonolento, e Carter deitou-o cuidadosamente em um sofá de ébano com incrustações e sobre o peito juntou com enorme decoro a longa barba do anfitrião. Quando se virou para ir embora, notou que nenhum esvoaçar suprimido vinha em seu encalço e perguntou-se por que motivo os *zoogs* haviam abandonado aquela curiosa perseguição. Logo percebeu que todos os lustrosos e satisfeitos gatos de Ulthar lambiam os bigodes com um entusiasmo fora do comum, e lembrou-se dos bufos e dos miados que havia percebido nas partes mais baixas do templo enquanto distraía-se conversando com o velho sacerdote. Lembrou-se também do consternador olhar faminto que um jovem e atrevido *zoog* havia lançado em direção a um gatinho preto no calçamento da rua lá fora. E, como na Terra amava os gatinhos pretos acima de tudo, Carter abaixou-se e afagou os lustrosos gatos de Ulthar que lambiam os bigodes e não lamentou a relutância dos *zoogs* inquiridores em continuar a segui-lo.

Como o sol estivesse se pondo, Carter parou em uma antiga estalagem numa ruela íngreme que sobranceava as partes mais baixas do vilarejo. Quando saiu para a sacada do quarto e olhou para baixo em direção ao mar de telhados vermelhos e calçadas e agradáveis campos mais além, mergulhado na tranquilidade e na magia da luz oblíqua, jurou que

Ulthar seria um lugar muito agradável para se morar por todo o sempre se não fosse pela memória de uma cidade ao pôr do sol ainda mais grandiosa que o impelia rumo a perigos desconhecidos. Então veio o crepúsculo, e os muros rosados das empenas rematadas com gesso ganharam um aspecto místico e violáceo enquanto pequenas luzinhas amarelas se acendiam uma a uma nas velhas gelosias. E doces sinos repicaram na torre do templo mais acima, e a primeira estrela reluziu suave acima dos prados na outra margem do Skai. Com a noite veio a música, e Carter balançou a cabeça ao ritmo dos alaúdes enquanto os instrumentistas louvavam os tempos antigos além das sacadas decoradas com filigranas e dos pátios tessellados da singela Ulthar. Talvez pudesse haver doçura até mesmo na voz dos inúmeros gatos de Ulthar, se não estivessem em boa parte fartos e silenciosos como resultado de um estranho banquete. Alguns felinos afastaram-se em direção aos reinos crípticos conhecidos somente pelos gatos, que os habitantes do vilarejo dizem ficar no lado escuro da lua, aonde os gatos chegam saltando desde os mais altos telhados; porém um gatinho preto subiu o lance de escadas e pulou no colo de Carter para ronronar e brincar, e aninhou-se aos pés do viajante quando este por fim deitou-se no pequeno sofá estofado com ervas fragrantas e soporíferas.

Pela manhã Carter juntou-se a uma caravana de mercadores que estavam a caminho de Dylath-Leen com a lã fiada de Ulthar e os repolhos das movimentadas fazendas de Ulthar. E por seis dias viajaram com sininhos tilintantes pela estrada nivelada à margem do Skai, parando certas noites nas estalagens de curiosos vilarejos pesqueiros, e em outras acampando sob o lume das estrelas enquanto ouviam as canções dos barqueiros nas plácidas águas do rio. O campo era belíssimo, repleto de verdejantes sebes e arvoredos e pitorescas cabanas com telhados de duas águas e moinhos octogonais.

No sétimo dia uma pluma de fumaça surgiu no horizonte à frente, e logo se ergueram as altaneiras torres basálticas de Dylath-Leen. Dylath-Leen, repleta de torres delgadas e angulosas, olha para longe como a Calçada dos Gigantes, e tem ruas escuras e pouco atraentes. Existem sórdidas tavernas portuárias nos arredores dos inúmeros cais, e por todo o vilarejo amontoam-se os estranhos marujos de todos os países da Terra e outros que talvez venham de portos ainda mais distantes. Carter

perguntou a cidadãos trajados com estranhos mantos sobre a montanha de Ngranek na ilha de Oriab e descobriu que a conheciam muito bem. No porto havia embarcações de Baharna, na mesma ilha — e embora um dos navios fosse retornar dentro de um mês, a viagem do porto a Ngranek leva apenas dois dias nas costas de uma zebra. Mesmo assim, poucos tinham visto o rosto pétreo do deus, localizado em uma encosta muito acidentada de Ngranek, que sobranceia apenas as escarpas mais íngremes e um sinistro vale de lava. Certa vez os deuses zangaram-se com os homens naquele lado e levaram o assunto ao conhecimento dos Outros Deuses.

Foi difícil obter essa informação dos comerciantes e marujos nas tavernas portuárias de Dylath-Leen, uma vez que preferiam falar apenas aos sussurros sobre as galés negras. Dentro de uma semana um navio aportaria com uma carga de rubis vindo de orlas desconhecidas, e a população do vilarejo temia essa chegada. Os homens desse navio tinham a boca larga demais, e a maneira como seus turbantes avolumavam-se em dois pontos distintos na altura da testa eram de extremo mau gosto. Os sapatos que usavam eram os mais curtos e os mais estranhos jamais vistos nos Seis Reinos. Mas o pior de tudo eram os remadores invisíveis. As três ordens de remos moviam-se com velocidade e precisão e vigor excessivos, e não parecia certo que um navio permanecesse ancorado em um porto durante semanas a fio enquanto os mercadores conduziam negócios sem que ninguém avistasse a tripulação. Não parecia justo com os taverneiros de Dylath-Leen, e tampouco com os merceeiros e açougueiros; pois nenhum mantimento era jamais enviado a bordo. Os mercadores atravessavam o rio levando de Parg apenas ouro e rotundos escravos negros. Eis tudo o que levavam esses mercadores de feições desagradáveis com remadores invisíveis; jamais faziam compras nos açougues ou mercearias — levavam apenas ouro e negros gordos de Parg, comprados a quilo. Não há como descrever o cheiro dessas galés quando o vento sul soprava dos cais. Mesmo os mais endurecidos frequentadores das velhas tavernas portuárias precisavam fumar *thag* constantemente para suportá-lo. Dylath-Leen jamais haveria tolerado as galés negras se aqueles rubis pudessem ser obtidos de outra maneira, porém não se conhecia nenhuma outra mina em todas as terras oníricas de nosso planeta capaz de produzir gemas parecidas.

Os habitantes cosmopolitas de Dylath-Leen discutiam esses assuntos enquanto Carter esperava pacientemente pelo navio de Baharna, que poderia conduzi-lo à ilha onde a montanha entalhada de Ngranek ergue-se altaneira e desolada. Nesse meio-tempo, não deixou de vasculhar os lugares habitualmente frequentados pelos viajantes em busca das histórias que pudessem conhecer a respeito de Kadath na desolação gelada ou sobre uma fabulosa cidade com muros de marfim e fontes de prata que reluziam sob os terraços ao pôr do sol. Quanto a essas coisas, no entanto, não descobriu nada, ainda que em certa ocasião um velho mercador de olhar oblíquo tenha dado estranhos sinais de conhecimento quando ouviu menções à desolação gelada. Esse homem tinha a fama de manter comércio com os horrendos vilarejos de pedra no inóspito platô gelado de Leng, jamais visitado por pessoas salubres e repleto de fogueiras malignas à noite. Dizia-se até que havia tratado com o alto sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela sobre o rosto e vive isolado em um pré-histórico monastério de pedra no inóspito platô gelado de Leng. Não restava nenhuma dúvida de que esse homem pudesse ter mantido comércio com as entidades que habitam a desolação gelada, porém Carter logo percebeu que era inútil questioná-lo.

Após deixar para trás o molhe basáltico e o elevado farol a galé negra adentrou o porto, silenciosa e alienígena, trazendo consigo um estranho odor que o vento sul soprava rumo à cidade. A inquietude pairava sobre as tavernas ao longo da zona portuária, e passado algum tempo os mercadores de boca larga com turbantes salientes e pés curtos desembarcaram furtivamente a fim de procurar os bazares dos joalheiros. Carter observou-os mais de perto e percebeu que quanto mais os encarava, mais os execrava. Em seguida viu-os conduzir os rotundos negros de Parg ao interior da galé através do portaló, em meio a muitos grunhidos e muito suor, e perguntou-se em que países — se é que era em algum país — aquelas criaturas gordas e patéticas estariam fadadas a servir.

Na terceira noite depois que a galé aportou um dos inquietantes mercadores falou-lhe, piscando cheio de malícia e fazendo insinuações a respeito do que tinha ouvido nas tavernas sobre a busca de Carter. Parecia deter algum conhecimento demasiado secreto para uma revelação pública; e, embora o som daquela voz fosse odioso ao extremo, Carter percebeu que não poderia subestimar a sabedoria de um viajante de pla-

gas tão longínquas. Convidou-o para uma conversa a portas fechadas no quarto andar da estalagem e usou o restante do vinho lunar dos *zoogs* para soltar a língua do interlocutor. O estranho mercador bebeu à farta e limitou-se a sorrir, imune aos efeitos da bebida. Em seguida sacou uma curiosa garrafa de vinho, e Carter percebeu que o recipiente era um único rubi oco, entalhado com desenhos grotescos demais para que pudessem ser compreendidos. Ofereceu aquele vinho ao anfitrião — e, embora tenha bebido apenas um gole minúsculo, Carter sentiu a vertigem do espaço e a febre de selvas inimaginadas. O convidado foi abrindo um sorriso cada vez mais largo, e antes de sucumbir de vez ao esquecimento Carter viu aquele odioso semblante escuro contorcer-se em uma gargalhada demoníaca e percebeu um movimento nefando no ponto onde uma das protuberâncias frontais do turbante laranja agitou-se com o frêmito daquele júbilo epiléptico.

Carter recobrou a consciência em meio a odores terríveis sob o toldo no convés de um navio enquanto a esplêndida costa do Mar Austral deslizava a uma velocidade espantosa. Não estava acorrentado, mas três dos sardônicos mercadores obscuros estavam próximos com um largo sorriso no rosto, e a visão das protuberâncias gêmeas sob os turbantes provocou uma vertigem quase tão intensa quanto aquela causada pelo fedor que trescalava pelas sinistras escotilhas. Carter viu passarem as gloriosas terras e cidades sobre as quais um outro sonhador da Terra — um faroleiro da antiga Kingsport — havia discursado em priscas épocas e reconheceu os terraços de Zar, morada dos sonhos esquecidos; os coruchéus da infame Thalarion, a cidade-demônio de mil maravilhas presidida pelo *eídolon* Lathi; os funestos jardins de Xura, terra dos prazeres inalcançados, e os promontórios gêmeos de cristal, que se encontram em uma arcada resplendente e guardam o porto de Sona-Nyl, o abençoado país dos devaneios.

O malcheiroso navio traçava uma rota insalubre por todos esses belos países, impelido pela força sobrenatural dos remadores invisíveis lá embaixo. E antes que o dia chegasse ao fim Carter viu que o timoneiro não poderia ter outro rumo senão os Pilares Basálticos do Ocidente, além dos quais as pessoas humildes creem situar-se a esplêndida Cathúria, ainda que os sonhadores experientes saibam que são os portões de uma catarata monstruosa, na qual os oceanos do mundo deságuam no

abismo do nada e atravessam o espaço vazio rumo a outros mundos e outras estrelas e aos terríveis vácuos para além do universo conhecido, onde o sultão-demônio Azathoth rói faminto em meio ao caos e aos rumores e assovios e às danças demoníacas dos Outros Deuses, cegos, mudos, tenebrosos e irracionais, com o espírito e mensageiro Nyarlathotep.

Durante todo esse tempo os três mercadores sardônicos não pronunciaram uma única palavra quanto ao intento da captura, embora Carter imaginasse que deviam estar mancomunados com aqueles que pretendiam frustrá-lo na busca. Nas terras oníricas sabe-se que os Outros Deuses têm muitos agentes entre os homens; e todos esses agentes, sejam humanos ou humanoides, anseiam por fazer a vontade dessas coisas cegas e irracionais em troca dos favores do terrível espírito e mensageiro, o caos rastejante Nyarlathotep. Assim, Carter imaginou que os mercadores de turbantes salientes, ao saber da intrépida busca pelos Grandes Deuses no castelo em Kadath, haviam decidido levá-lo e entregá-lo a Nyarlathotep em troca do galardão inefável que pudesse ser oferecido em troca daquele prêmio. Carter não conseguia imaginar de que confins no universo conhecido ou quiméricos espaços siderais viriam aqueles mercadores; tampouco era capaz de imaginar em que demoníaco local de assembleia haveriam de encontrar o caos rastejante para entregá-lo e exigir a recompensa devida. Sabia, no entanto, que seres quase humanos como aqueles jamais ousariam se aproximar do noctífero trono do demônio Azathoth no âmago do vazio amorfo.

Quando o sol se pôs os mercadores lamberam os amplos lábios e trocaram olhares famintos, e um deles desceu ao convés e voltou de alguma cabine fétida com uma panela e um cesto de pratos. Em seguida agacharam-se sob o toldo e comeram a carne fumegante que passava de mão em mão. Depois de receber uma porção, Carter percebeu algo medonho ao extremo no tamanho e no formato da comida, de maneira que ficou ainda mais pálido e lançou a porção ao mar enquanto nenhum olhar o observava. Mais uma vez pensou naqueles remadores invisíveis lá embaixo e nas sinistras provisões que alimentavam todo aquele poderio mecânico.

Era noite quando a galé passou em meio aos Pilares Basálticos do Ocidente, e o fragor da catarata suprema alcançava níveis ensurdecido-

res logo adiante. A névoa da catarata ergueu-se a ponto de obscurecer as estrelas e o convés se umedeceu, e a embarcação jogou em meio à corrente provocada pelo abismo. Então, com um estranho assovio e um estranho mergulho o salto foi dado, e Carter sentiu todos os terrores de um pesadelo enquanto a Terra se afastava e o grande barco disparava silencioso como um cometa rumo ao espaço planetário. Jamais tinha imaginado as coisas negras e amorfas que espreitam e pululam e arrastam-se pelo éter com sorrisos maliciosos e zombeteiros para quantos viajantes passarem, às vezes tateando com as patas viscosas quando um objeto móvel desperta-lhes a curiosidade. Essas são as larvas sem nome dos Outros Deuses, inertes como os progenitores são cegos e irracionais, e imbuídas de singulares fomes e sedes.

Porém, a fétida galé não chegaria tão longe quanto Carter havia temido, pois logo notou que o timoneiro seguia em direção à lua. O crescente cintilava com um brilho cada vez mais intenso e exibia singulares crateras e picos de aspecto inquietante à medida que se aproximava. O navio seguiu em direção à borda, e logo ficou claro que o destino era aquele lado secreto e misterioso eternamente voltado para longe da Terra em que nenhum ser completamente humano, salvo talvez o sonhador Snireth-Ko, jamais pôs os olhos. O aspecto próximo da lua à medida que a galé se aproximava mostrou-se perturbador ao extremo, e Carter não gostou da forma e do tamanho das ruínas que se espalhavam aqui e acolá. A disposição dos templos mortos nas montanhas insinuava que não tinham servido à glória de deuses salubres ou apropriados, e nas simetrias das colunas quebradas parecia espreitar um portento obscuro e secreto que não convidava a nenhuma resolução. Quanto à estrutura e às proporções dos antigos adoradores, Carter recusava-se com veemência a fazer qualquer conjectura.

Quando o navio atravessou a borda e singrou aquelas terras desconhecidas aos homens, surgiram no estranho panorama certos sinais de vida, e Carter percebeu muitas cabanas baixas, largas e redondas em campos repletos de fungos esbranquiçados. Notou também que essas cabanas não tinham janelas, e pensou que o formato sugeria os iglus dos esquimós. Então vislumbrou as ondulações untuosas de um oceano mordorrido e soube que a viagem mais uma vez seguiria pela água — ou pelo menos através de um líquido. A galé bateu na superfície com um

som peculiar, e a estranha maneira elástica como as ondas receberam o impacto deixou Carter um tanto perplexo. Logo depois avançaram com grande velocidade, passando e saudando uma outra galé do mesmo tipo, porém na maior parte do tempo sem ver nada além daquele estranho mar e do céu negro e coalhado de estrelas, ainda que o sol abrasador continuasse a arder no firmamento.

De repente surgiram no horizonte as escarpas de uma costa leprosa, e Carter viu as sólidas torres cinzentas de uma cidade. A maneira como estavam recurvadas, o modo como se amontoavam e a total ausência de janelas foram muito inquietantes para o prisioneiro, que lamentou o desatino que o levava a provar o curioso vinho do mercador com o turbante saliente. À medida que a costa se aproximava e o horrendo fedor da cidade ganhava intensidade, viu inúmeras florestas no alto das escarpas, bem como certas árvores que pareciam ter alguma relação com a solitária árvore lunar no bosque encantado na Terra, de cuja seiva fermentada os pequenos *zoogs* marrons produzem um vinho peculiar.

Carter pôde distinguir figuras em movimento nos abjetos cais mais à frente, e quanto melhor os via, maiores eram o temor e a repulsa que sentia. Pois não eram homens ou sequer humanoides; eram enormes criaturas branco-acinzentadas e pegajosas capazes de expandirem-se e contraírem-se à vontade, e cuja forma predominante — embora sofressem constantes mutações — era uma espécie de sapo desprovido de olhos, dotado de uma curiosa massa fremente repleta de curtos tentáculos rosados na ponta do vago e grosseiro nariz. Esses objetos cambaleavam pelos cais, transportando fardos e caixas e caixotes com uma força sobrenatural, de vez em quando entrando ou saindo aos pulos de uma galé ancorada com longos remos nas patas dianteiras. Às vezes uma criatura aparecia conduzindo um bando de escravos amontoados que de fato eram aproximações de seres humanos, com bocas largas como as dos mercadores que faziam comércio em Dylath-Leen; porém esses bandos, por estarem sem turbantes nem sapatos nem roupas, não pareciam tão humanos afinal de contas. Alguns escravos — os mais gordos, que uma espécie de capataz beliscava à guisa de experimentação — foram descarregados dos navios e pregados no interior de caixas que outros trabalhadores empurravam para dentro de galpões baixos ou carregavam em enormes e ponderosos carroções.

Em um dado momento um dos carroções foi atrelado e partiu, e a coisa fabulosa que o dirigia fez com que Carter tivesse um forte sobressalto, mesmo depois de ver as outras monstruosidades daquele lugar odioso. Vez ou outra um pequeno grupo de escravos com trajas e turbantes similares aos dos mercadores obscuros eram conduzidos a bordo de uma galé, seguidos por uma grande tripulação dos batráquios cinzentos e pegajosos que ocupavam as funções de oficiais, navegadores e remadores. E Carter viu que as criaturas humanoides eram empregadas nos tipos mais ignominiosos de servidão, que não requeriam nenhum vigor físico, como guiar o navio, preparar comida, transportar pequenos objetos e barganhar com os homens da Terra ou de outros planetas onde mantivessem comércio. Essas criaturas teriam sido convenientes na Terra, pois a bem dizer não eram muito diferentes dos homens quando trajavam roupas e calçados e turbantes, e sabiam regatear nas lojas dos homens sem nenhum constrangimento e sem explicações curiosas. Porém, a maioria das criaturas, salvo aquelas magras ou desfavorecidas, foram despidas e postas em caixotes e levadas em ponderosos carroções por coisas fabulosas. De vez em quando outros seres eram descarregados e encaixotados; alguns muito similares aos humanoides, outros nem tanto, e ainda outros nem um pouco. E Carter perguntou-se se algum dos pobres negros rotundos de Parg seria descarregado e encaixotado e embarcado rumo ao continente nos carroções.

Quando a galé aportou em um cais de aspecto graxento entalhado em pedra esponjosa, uma horda de coisas batráquias saídas de um pesadelo esgueirou-se pelas escotilhas, e duas dessas criaturas pegaram Carter e o arrastaram para terra. O cheiro e o aspecto da cidade desafiavam qualquer descrição, e Carter reteve apenas imagens fragmentárias das ruas calçadas e dos vãos negros nas portas e dos intermináveis precipícios verticais de paredes cinzentas e desprovidas de janelas. Por fim foi arrastado ao interior de uma porta um tanto baixa e obrigado a galgar infinitos degraus em uma escuridão de breu. Segundo tudo indicava, para as coisas batráquias pouca diferença fazia se estivesse claro ou escuro. O odor do lugar era intolerável, e quando foi trancafiado sozinho em um cômodo Carter mal teve forças para se arrastar ao redor e investigar o formato e as dimensões do recinto. Era circular e tinha aproximadamente seis metros de diâmetro.

A partir daquele momento o tempo deixou de existir. De vez em quando uma porção de comida era empurrada para dentro da câmara, porém Carter não a tocava. Não tinha a menor ideia de que destino o levaria; mas sentia que estava sendo retido para a chegada do terrível espírito e mensageiro dos Outros Deuses da infinitude, o caos rastejante Nyarlathotep. Por fim, depois de um intervalo de horas ou de dias insabidos, a grande porta de pedra tornou a se abrir e Carter foi empurrado pela escada em direção às ruas de iluminação vermelha naquela temível cidade. Era noite na lua, e por todo vilarejo havia escravos empunhando archotes.

Em uma esplanada medonha, uma espécie de procissão estava formada: eram dez coisas batráquias e 24 criaturas humanoides de archote em punho, onze de cada lado, uma na frente e uma atrás. Carter foi posto no meio da formação, com cinco coisas batráquias à frente e outras cinco atrás, e um humanoide de archote em punho em cada lado. Algumas das coisas batráquias sacaram flautas de marfim ornadas com entalhes repugnantes e começaram a produzir sons odiosos. No ritmo daqueles sopros infernais a coluna deixou para trás as ruas calçadas e avançou rumo às planícies noctíferas de fungos obscenos a fim de escalar uma das colinas mais baixas e mais graduais logo atrás da cidade. Carter não tinha a menor dúvida de que em uma encosta terrível ou em um blasfemo platô o caos rastejante estaria à espreita; e desejou que o suspense acabasse o quanto antes. Os lamentos daquelas flautas ímpias eram chocantes, e teria dado o mundo em troca de um som remotamente normal; porém as coisas batráquias eram desprovidas de voz, e os escravos permaneciam em silêncio.

De repente, em meio à escuridão coalhada de estrelas, fez-se ouvir um som normal. Veio desde as colinas mais altas e ecoou por todos os picos escarpados ao redor no *crescendo* de um coro demoníaco. Era o grito noturno de um gato, e Carter soube enfim que os velhos habitantes do vilarejo estavam certos quando especularam a meia-voz sobre os crípticos reinos conhecidos somente pelos gatos, e para onde os felinos mais velhos dirigem-se com passos furtivos à noite, saltando desde os telhados mais altos. Em verdade, é para o lado escuro da lua que os gatos vão para saltar e brincar nas colinas e entabular conversas com sombras antigas, e em meio àquela coluna de coisas fétidas Carter escutou o

grito familiar e amigável e pensou nos telhados íngremes e nas lareiras aconchegantes e nas janelas iluminadas de casa.

Randolph Carter conhecia bem a língua dos gatos, e assim tratou de proferir o grito adequado naquele lugar distante e terrível. O grito, no entanto, não seria necessário; pois assim que abriu os lábios Carter percebeu que as vozes do coro ganhavam intensidade à medida que se aproximavam, e em seguida viu sombras ligeiras obscurecerem as estrelas enquanto pequenas formas graciosas pulavam de colina em colina em legiões cada vez maiores. O chamado do clã havia soado, e antes que houvesse tempo para sentir medo uma nuvem de pelos sufocantes e uma falange de garras assassinas abateu-se como o mar revoltado ou como uma tempestade sobre a horrenda procissão. As flautas calaram-se e gritos ecoaram noite afora. Os humanoides moribundos gritavam, e os gatos cuspiam e miavam e bufavam, mas as coisas batráquias não faziam nenhum som quando a fétida sânie verde escorria de maneira fatal pela terra porosa coberta por fungos obscenos.

Foi uma visão impressionante enquanto ainda havia archotes, e Carter jamais tinha visto tantos gatos juntos. Pretos, cinzentos e brancos; amarelos, tigrados e malhados; comuns, persas e Manx; tibetanos, angorás e egípcios; todos reunidos na fúria da batalha e cingidos pela aura de profunda e inviolável santidade que enaltece a deusa protetora dos gatos nos templos de Bubástis. Pulavam sete ao mesmo tempo no pescoço de um humanoide ou no focinho tentaculado de uma coisa batráquia e derubavam a vítima sobre a planície fúngica, onde miríades de felinos cobriam-na e investiam com garras e dentes no frenesi de uma fúria divina. Carter havia tomado o archote de um escravo abatido, mas logo foi arrastado pelas ondas impetuosas de seus leais protetores. Permaneceu então na mais absoluta escuridão, ouvindo o clamor da batalha e os gritos dos vitoriosos enquanto sentia as patas macias dos amigos que passavam de um lado para o outro na escaramuça.

Por fim o espanto e a exaustão fecharam-lhe os olhos, e quando tornou a abri-los se deparou com uma estranha cena. O grande disco luminoso da Terra, cerca de treze vezes maior do que a lua tal como a vemos, havia se erguido com torrentes de uma estranha luz para acima da paisagem lunar; e por todas aquelas léguas de platô selvagem e de cristas escarpadas havia um interminável mar de gatos dispostos em formação.

Eram círculos e mais círculos, e dois ou três líderes que haviam deixado as fileiras lambiam-lhe o rosto e ronronavam a fim de reconfortá-lo. Não havia sobrado muitos resquícios dos escravos e das coisas batráquias, mas Carter imaginou ter visto um osso a uma pequena distância no espaço vazio entre o lugar onde estava e o início do denso círculo de guerreiros.

Então Carter falou com os líderes na suave língua dos gatos e descobriu que a antiga amizade que mantinha com a espécie era famosa e muitas vezes mencionada nos lugares onde os gatos congregam-se. Não haviam deixado de notá-lo durante a passagem por Ulthar, e os velhos gatos lustrosos recordaram-se de como os havia afagado depois que afastaram os *zoogs* famintos que lançavam olhares maldosos em direção a um gatinho preto. Lembraram-se também de como havia recebido o gatinho que fora visitá-lo na estalagem, e de que havia lhe oferecido um deliciosa tigela de leite na manhã da partida. O avô daquele pequeno gatinho era o líder do exército reunido naquele instante, pois tinha avistado a terrível procissão a partir de uma colina longínqua e reconhecido o prisioneiro como um amigo jurado da espécie felina tanto em nosso planeta como na terra dos sonhos.

De repente um miado soou em um pico mais afastado e o velho líder interrompeu a conversa. Era um dos integrantes do exército, estacionado em um posto avançado na mais alta montanha lunar para observar o único inimigo temido pelos gatos terrestres: os enormes e peculiares gatos de Saturno, que por algum motivo não permaneceram alheios aos encantos no lado escuro da nossa lua. Esses felinos têm um tratado com as malignas coisas batráquias e adotam um comportamento notoriamente hostil em relação aos gatos terrestres, e naquele momento um confronto seria motivo de graves preocupações.

Depois de uma breve consulta aos generais os gatos se ergueram e adotaram uma formação mais cerrada, reunindo-se ao redor de Carter e preparando-se para o grande salto através do espaço que os levaria de volta aos telhados do nosso planeta e às nossas terras oníricas. O velho marechal de campo aconselhou Carter a deixar-se carregar de maneira passiva e suave em meio às fileiras do exército felpudo e ensinou-o a saltar quando os outros saltassem e a aterrissar com graça quando os outros aterrissassem. Também se dispôs a deixá-lo em qualquer lugar que

desejasse, e Carter decidiu-se pela cidade de Dylath-Leen, de onde a galé negra havia partido; pois de lá pretendia zarpar com destino a Oriab e à crista entalhada de Ngranek para solicitar aos habitantes da cidade que cessassem o comércio com as galés negras se de fato esse comércio pudesse ser interrompido de maneira cordial e judiciosa. Então, mediante um sinal, todos os gatos deram um gracioso salto com o amigo protegido no meio da bichanada enquanto, em uma caverna escura no longínquo cume profano das montanhas lunares, o caos rastejante Nyarlathotep aguardava em vão.

O salto dos felinos através do espaço foi muito veloz; e, estando rodeado pelos companheiros, dessa vez Carter não viu as colossais infirmitades negras que espreitam e pululam e arrastam-se no abismo. Antes que percebesse por completo o que havia acontecido, estava de volta ao familiar quarto da estalagem em Dylath-Leen, e os furtivos e amistosos gatos saíam pelas janelas aos borbotões. O velho líder de Ulthar foi o último a sair e, enquanto Carter apertava-lhe a pata, disse que estaria de volta com o cantar do galo. Quando a aurora raiou, Carter desceu a escada e descobriu que uma semana havia passado desde a captura e a partida. Ainda teria de esperar quase duas semanas pelo navio com destino a Oriab, e durante esse tempo disse tudo quanto podia contra as galés negras e seus estratagemas infames. A maioria dos habitantes do vilarejo deram-lhe um voto de confiança; mas o apreço dos joalheiros por aqueles enormes rubis impediu que prometessem cessar o comércio com os mercadores de boca larga. Se algum infortúnio um dia abater-se sobre Dylath-Leen por conta desse comércio, não será por culpa de Carter.

Após cerca de uma semana o navio esperado arribou próximo ao molhe negro e ao alto farol, e Carter alegrou-se ao ver que era uma embarcação de homens sadios, com os costados pintados, velas latinas amarelas e um capitão grisalho envolto em mantos de seda. O navio transportava a fragrante resina dos mais profundos vales de Oriab, e as delicadas cerâmicas produzidas pelos artistas de Baharna, e as pequenas e singulares imagens esculpidas na lava ancestral de Ngranek. As mercadorias eram pagas com a lã de Ulthar e com os têxteis iridescentes de Hatheg e com o marfim que os negros entalham na outra margem do rio em Parg. Carter fez um trato com o capitão para ir até Baharna e foi informado de que a viagem levaria dez dias. Durante a semana de espera

falou bastante com o capitão de Ngranek e descobriu que pouquíssima gente tinha visto o rosto entalhado; e também que muitos viajantes limitavam-se a escutar as lendas daquela terra conforme eram contadas pelos velhos e pelos coletores de lava e entalhadores de imagens em Baharna, embora ao voltar para casa dissessem que o haviam contemplado. O capitão não sabia nem ao menos se existia alguma pessoa viva que tivesse contemplado o rosto entalhado na rocha, pois aquela encosta de Ngranek é muito sinistra e escarpada e inóspita, e existem rumores sobre cavernas próximas ao pico onde habitam os noctétricos. Mas o capitão não quis dizer como eram os noctétricos, uma vez que estes seres costumam assombrar os sonhos dos que pensam com demasiada frequência a seu respeito. Então Carter perguntou ao capitão sobre a desconhecida Kadath na desolação gelada, e sobre a maravilhosa cidade do pôr do sol, mas quanto a essas o bom homem realmente nada sabia.

Carter zarpou de Dylath-Leen cedo da manhã, quando a maré virou, e viu os primeiros raios de sol nas esguias torres angulares da lúgubre cidade basáltica. E por dois dias os navegadores seguiram rumo ao oriente, costeando litorais verdejantes e com frequência avistando os pacatos vilarejos pesqueiros que se erguiam de repente com telhados vermelhos e chaminés desde velhos cais sonhadores e de praias onde redes estendidas secavam. Porém, no terceiro dia deram uma forte guinada em direção ao sul, onde o mar era mais revoltoso, e logo perderam de vista qualquer sinal de terra. No quinto dia os marujos estavam nervosos, mas o capitão pediu desculpas por aqueles temores, dizendo que o navio estava prestes a passar pelas muralhas recobertas de algas e pelas colunas arruinadas de uma cidade submersa demasiado antiga para que fosse lembrada, e que quando a água estava límpida viam-se tantas sombras em movimento naquelas profundezas que os mais humildes chegavam a temê-las. Admitiu, contudo, que muitos navios haviam se perdido naquela parte do oceano para nunca mais serem vistos.

Naquela noite a lua estava muito clara, e era possível enxergar a uma grande profundidade sob a superfície da água. Ventava tão pouco que o navio mal fazia caminho no mar espelhado. Olhando por cima da amurada, Carter viu a muitas braças de profundidade a cúpula de um grande templo, e logo em frente uma avenida de esfinges sobrenaturais que conduziam ao que outrora tinha sido uma esplanada. Golfinhos brinca-

vam alegremente em meio às ruínas, e desajeitadas toninhas divertiam-se aqui e acolá, por vezes aproximando-se da superfície e saltando para fora d'água. À medida que o navio avançou o fundo do mar ergueu-se em uma cadeia de montanhas, e foi possível distinguir com clareza as linhas das antigas ruas íngremes e das paredes submersas de inúmeras casas.

Logo apareceram os subúrbios, e por fim uma enorme construção solitária em uma encosta, de arquitetura mais simples do que as outras estruturas, porém em um estado de conservação muito superior. Era uma estrutura atarracada e escura que cobria os quatro lados de um quadrado, com uma torre em cada canto, um pátio calçado no meio e curiosas janelinhas redondas por toda parte. Provavelmente era construída em basalto, embora tivesse quase toda a superfície recoberta por algas; e ocupava um lugar tão solitário e imponente na montanha longínqua que bem poderia ter sido um templo ou um monastério. Algum peixe fosforescente lá dentro conferia às janelinhas redondas um aspecto cintilante, e naquele instante Carter solidarizou-se com os marujos que temiam aquele lugar. A seguir, no brilho do luar aquoso, percebeu um estranho monólito no meio do pátio central e viu que nele havia alguma coisa amarrada. E quando, depois de pegar um telescópio da câmara do capitão, viu que a coisa amarrada era um marujo que trajava os mantos de seda de Oriab, virado de cabeça para baixo e sem os olhos, alegrou-se ao perceber que uma brisa tratava de impelir o navio adiante rumo a partes mais salubres do oceano.

No dia seguinte chegaram à fala com um navio de panos violeta que seguia rumo a Zar, na terra dos sonhos esquecidos, com bulbos de lírios de estranhas cores no porão de carga. E na noite do décimo primeiro dia avistaram a ilha de Oriab, com a montanha de Ngranek erguendo-se ao longe com as escarpas e as coroas de neve. Oriab é uma ilha muito grande, e o porto de Baharna é uma cidade vibrante. Os portos de Baharna são de porfrito, e a cidade ergue-se mais atrás em enormes terraços de pedra, repletos de ruas com escadarias que muitas vezes formam arcadas entre as construções e as pontes que ligam as construções. Existe um grande canal que corre sob toda a cidade em um túnel com portões de granito que deságua no lago de Yath, em cuja margem mais distante espalham-se as vastas ruínas de tijolos que remontam a uma cidade ancestral cujo nome não é mais lembrado. À medida que o navio se aproxi-

mou do porto ao entardecer, os faróis gêmeos Thon e Thai acenderam-se para dar as boas-vindas, e por todo o milhão de janelas no terraço de Baharna luzes tênues espíaram em silêncio, como as estrelas espíam no firmamento ao anoitecer, até que a íngreme e altaneira cidade se transformasse em uma constelação cintilante suspensa entre as estrelas do céu e os reflexos destas mesmas estrelas no porto silencioso.

Uma vez em terra, o capitão recebeu Carter como hóspede em sua própria casa no litoral de Yath, onde a parte de trás da cidade desce até a praia; e a esposa e os criados trouxeram estranhas e saborosas comidas para o deleite do viajante. Nos dias a seguir Carter saiu em busca de rumores e lendas sobre Ngranek em todas as tavernas e lugares públicos onde os coletores de lava e os entalhadores de imagens se reúnem, mas não encontrou ninguém que tivesse visitado as encostas mais altas ou visto o rosto entalhado. A montanha de Ngranek era uma escarpa inóspita com um vale amaldiçoado logo atrás, e por esse motivo não seria prudente acreditar que os noctétricos fossem apenas criaturas fabulosas.

Quando o capitão zarpou mais uma vez rumo a Dylath-Leen, Carter hospedou-se em uma taverna ancestral que dava para uma ruela com degraus em uma parte antiga do vilarejo, construída em tijolo e semelhante às ruínas na outra margem do Yath. Naquele local Carter traçou um plano para escalar Ngranek e relacionou tudo o que tinha descoberto com os coletores de lava a respeito das estradas mais além. O taverneiro era um homem muito velho que pôde oferecer uma grande ajuda graças às inúmeras lendas que tinha escutado. Chegou até mesmo a levar Carter a um cômodo no andar superior daquela casa antiga para mostrar-lhe um desenho grosseiro que um viajante havia rabiscado na parede de barro no tempo em que os homens demonstravam mais coragem e menos relutância em visitar as encostas mais altas de Ngranek. O bisavô do taverneiro ouvira do próprio bisavô que o viajante que havia rabiscado a figura tinha subido a montanha de Ngranek e visto o rosto entalhado, e que o havia desenhado para que outros o vissem; mas Carter foi invadido por uma dúvida atroz, uma vez que as enormes feições grosseiras na parede tinham sido traçadas às pressas e sem capricho, e estavam cercadas por uma multidão de pequenas figuras desenhadas no pior estilo imaginável, com chifres e asas e garras e caudas enroladas.

Por fim, depois de obter todas as informações que poderia obter nas tavernas e lugares públicos de Baharna, Carter alugou uma zebra e certa manhã tomou a estrada que seguia ao longo da margem do Yath em direção ao interior do continente onde se ergue a rochosa montanha de Ngranek. À direita estendiam-se colinas ondulantes e agradáveis pomares e pequenas fazendolas de pedra, que guardavam uma estreita semelhança com os campos férteis que flanqueiam o Skai. Quando a noite caiu Carter estava próximo às antigas ruínas sem nome na outra margem do Yath e, embora os antigos coletores de lava tivessem-no aconselhado a não acampar naquele ponto à noite, o viajante amarrou a zebra a um curioso pilar em frente a uma muralha decrépita e estendeu o cobertor em um recanto abrigado sob entalhes cujo significado ninguém poderia decifrar. Enrolou um segundo cobertor ao redor do corpo, pois as noites são frias em Oriab; e quando acordou no meio da noite e imaginou sentir as asas de algum inseto a roçar-lhe o rosto, cobriu totalmente a cabeça e dormiu em paz até despertar com o canto dos pássaros-*magah* nos distantes vales de resina.

O sol tinha acabado de nascer na grande encosta onde léguas e mais léguas de fundações primordiais de tijolos e paredes desgastadas e eventuais pilares e pedestais rachados desciam desolados até a margem do Yath, e Carter olhou ao redor em busca da zebra amarrada. Grande foi a tristeza ao encontrar o dócil animal prostrado junto do curioso pilar a que estava amarrado, e maior ainda a irritação ao descobrir que a montaria estava morta, com o todo o sangue chupado por um singular ferimento na garganta. Carter também notou que seus pertences estavam revirados e deu falta de várias traquitanas chamativas, e por todo o solo poeirento haviam grandes pegadas membranosas para as quais não havia explicação. Lembrou-se das lendas e avisos dos coletores de lava e pensou na coisa que lhe havia roçado o rosto durante a noite. Em seguida pôs a mochila no ombro e continuou a pé em direção a Ngranek, mas não pôde deixar de sentir um calafrio quando, no ponto em que a estrada atravessa as ruínas, percebeu um enorme arco baixo e vazio na parede de um antigo templo, com degraus que desciam a uma escuridão impenetrável ao olhar.

O caminho seguia montanha acima por um terreno cada vez mais inexplorado e arborizado, de onde Carter via apenas as cabanas dos

queimadores de carvão e os acampamentos dos coletores que retiravam seiva no vale. O ar tinha o perfume de um bálsamo, e todos os pássaros-*magah* cantavam alegres ao mesmo tempo em que ostentavam as sete cores ao sol. Pouco antes do pôr do sol, Carter chegou a um novo acampamento de coletores de lava que retornavam com sacos abarrotados das encostas mais baixas de Ngranek; e nesse ponto o viajante também acampou, escutando as músicas e as histórias dos homens e ouvindo o que sussurravam a respeito de um colega que haviam perdido. Tinha escalado até um ponto bastante elevado para chegar a uma preciosa massa de lava mais acima, e quando a noite caiu não retornou para junto dos companheiros. Quando o procuraram no dia seguinte encontraram apenas um turbante, e tampouco havia sinais de que pudesse ter caído do penhasco. Não continuaram as buscas porque os homens mais velhos disseram que seria inútil. Ninguém jamais encontrava as coisas levadas pelos noctétricos, embora a existência dessas criaturas fosse incerta a ponto de torná-las quase fabulescas. Carter perguntou se os noctétricos chupavam sangue e se gostavam de objetos reluzentes e deixavam pegadas membranosas, porém todos balançaram a cabeça e pareceram assustados com a pergunta. Ao perceber que todos haviam ficado taciturnos, Carter interrompeu os questionamentos e foi dormir no cobertor.

No dia seguinte, levantou-se com os coletores de lava e se despediu quando os homens seguiram rumo ao oeste e ele seguiu rumo ao leste em uma zebra que havia comprado dos companheiros. Os mais velhos ofereceram-lhe bênçãos e alertas e disseram que não seria prudente escalar as partes mais altas de Ngranek — porém, mesmo que tenha agradecido o conselho com todo o coração, Carter não estava dissuadido. Ainda sentia que precisava encontrar os deuses na desconhecida Kadath para ganhar acesso à maravilhosa e obsedante cidade ao pôr do sol. Ao meio-dia, depois de um longo trecho montanha acima, chegou a vilarejos abandonados de tijolo, outrora habitados pelos montanheses que haviam morado próximos a Ngranek e às imagens entalhadas em lava. Tinham morado naquele lugar até a época do avô do velho taverneiro, quando sentiram que a permanência naquele local era indesejada. As casas tinham subido a encosta da montanha, e quanto mais alto eram construídas, mais pessoas desapareciam à noite. Por fim decidiram que

seria melhor ir embora de vez, pois na escuridão às vezes divisavam-se coisas estranhas que ninguém conseguia interpretar de maneira favorável; de modo que no fim todos desceram até o mar e se estabeleceram em um bairro muito antigo de Baharna, onde ensinaram aos filhos a antiga arte de entalhar imagens que se mantém viva até os dias de hoje. Foi desses filhos dos montanheses exilados que Carter ouviu as melhores histórias sobre Ngranek enquanto conduzia buscas pelas antigas tavernas de Baharna.

Durante todo esse tempo a lúgubre encosta de Ngranek assomava cada vez maior à medida que Carter aproximava-se. Havia árvores esparsas na encosta mais baixa e frágeis arbustos logo acima, e então a terrível rocha nua erguia-se em uma fantasmagoria rumo ao céu para se misturar à geada e ao gelo e à neve eterna. Carter percebeu as rachaduras e as escarpas da pedra sombria e não se animou com o prospecto da escalada. Em certos pontos havia córregos de lava sólida e montes de escória que se espalhavam pelas encostas e saliências da rocha. Noventa éons atrás, antes mesmo que os deuses tivessem dançado no cume pontiagudo, a montanha havia falado na língua do fogo e rugido com a voz dos trovões. Naquele instante a montanha de Ngranek erguia-se silenciosa e sinistra, trazendo no lado oculto a titânica imagem secreta mencionada nos rumores. E havia cavernas na montanha que poderiam estar sozinhas e entregues às trevas ancestrais, ou — se as lendas dissessem a verdade — guardar horrores de formas inconcebíveis.

O terreno elevava-se em direção ao sopé de Ngranek, coberto por arbustos de carvalho e freixos e repleto de fragmentos de rocha, lava e antigas cinzas. Havia resquícios das lareiras de inúmeros acampamentos, onde os coletores de lava em geral paravam, e diversos altares rústicos que haviam construído para aplacar os Grandes Deuses ou para afastar as coisas que apareciam em sonhos nos elevados desfiladeiros e nas labirínticas cavernas de Ngranek. No entardecer Carter alcançou o mais distante monte de cinzas e lá resolveu passar a noite, amarrando a zebra a uma pequena árvore e enrolando-se no cobertor antes de adormecer. Durante toda a noite um *voonith* uivou à margem de um lago oculto, mas Carter não sentiu medo do terror anfíbio porque tinham lhe assegurado que nenhuma daquelas criaturas ousa se aproximar das encostas de Ngranek.

No sol da manhã, Carter deu os primeiros passos da longa escalada, levando a zebra até onde o útil animal pudesse acompanhá-lo e amarrando-a a um freixo retorcido quando a estradinha tornou-se demasiado íngreme. A partir desse ponto, continuou sozinho; primeiro atravessando a floresta e as ruínas de antigos vilarejos nas clareiras, e depois avançando em meio à grama resistente onde franzinos arbustos cresciam aqui e acolá. Carter lamentou deixar as árvores para trás, uma vez que a encosta apresentava um aclive bastante pronunciado e todo o panorama era um tanto vertiginoso. Por fim começou a discernir a zona rural que se espalhava lá embaixo para onde quer que olhasse; as cabanas desertas dos entalhadores de imagens, os vales produtores de resina e os acampamentos dos homens que a recolhem, os bosques onde os prismáticos *magahs* fazem ninhos e cantam e até mesmo um vislumbre longínquo das margens do Yath e daquelas antigas ruínas proscritas cujo nome foi esquecido. Teve por bem não olhar ao redor e manteve-se firme na escalada até que os arbustos se tornassem mais esparsos e muitas vezes não houvesse nada a que se agarrar além da grama resistente.

Em seguida a vegetação tornou-se mais rala e o solo começou a apresentar longos trechos de rocha nua, e de vez em quando um ninho de condor em algum recôndito. Por fim não havia mais nada além da rocha nua, e se a superfície rochosa não fosse tão áspera e tão castigada pelas intempéries, Carter mal conseguiria ter avançado. Protuberâncias, saliências e pináculos, no entanto, eram de grande ajuda; e era sempre animador encontrar a intervalos o sinal de algum coletor de lava rabiscado na pedra arenosa e saber que uma criatura humana e salubre já havia estado lá. Passada uma certa altura a presença do homem evidenciava-se através de apoios para os pés e as mãos entalhados na rocha onde necessário, e através de pequenas pedreiras e escavações junto a algum importante fluxo ou veio de lava. Em um dado ponto uma estreita saliência havia sido artificialmente criada para dar acesso a um rico depósito à extrema direita da principal rota de escalada. Por uma ou duas vezes Carter se atreveu a olhar ao redor, e por pouco não sentiu vertigens ao contemplar o panorama que se estendia lá embaixo. Toda a ilha entre o ponto onde estava e o litoral revelava-se à vista, com os terraços de pedra em Baharna e a fumaça das místicas chaminés ao longe. E mais além estendia-se o ilimitado Mar Austral repleto de segredos.

Até aquele ponto haviam sido necessárias muitas voltas pela montanha, de modo que o lado mais distante, onde ficava o rosto entalhado, permanecia oculto. De repente Carter percebeu uma saliência que subia em direção à esquerda e parecia seguir na direção desejada, e tomou esse caminho na esperança de que fosse contínuo. Passados dez minutos percebeu que de fato não se tratava de um beco sem saída, porém seguia em um arco muito íngreme que — a não ser que fosse interrompido ou mudasse de direção — dentro de poucas horas haveria de levá-lo à desconhecida encosta sul que sobranceia os penhascos desolados e o amaldiçoado vale de lava. À medida que o novo terreno se revelava, Carter percebia que era ainda mais inóspito e selvagem do que as terras em direção ao mar que tinha atravessado. A própria encosta da montanha parecia diferente, e naquele ponto era perpassada por estranhas fendas e cavernas inexistentes na rota mais direta que abandonara. Havia cavernas acima e abaixo, porém todas se abriam em precipícios verticais completamente inacessíveis aos pés de qualquer ser humano. O ar estava muito frio, mas a escalada era a tal ponto exaustiva que Carter não se importou. Apenas a rarefação cada vez maior o incomodava, e pensou que talvez aquilo houvesse afetado o juízo de outros viajantes e inspirado as absurdas histórias sobre os noctétricos que serviam de explicação para o sumiço dos escaladores que caíam dos voraginosos caminhos. Carter não se deixava impressionar muito por histórias de viajantes, porém mesmo assim carregava uma boa cimitarra para o caso de encontrar problemas. Todos os pensamentos menores perdiam-se no desejo de ver o rosto entalhado que poderia indicar o caminho rumo aos deuses no alto da desconhecida Kadath.

Por fim, no temível frio das regiões elevadas, conseguiu fazer a volta e chegar ao lado oculto de Ngranek, onde em abismos infinitos viu os penhascos menores e os estéreis abismos de lava que sinalizavam a ira ancestral dos Grandes Deuses. No mesmo instante descortinou-se também uma vasta extensão de terras ao sul; mas era um terreno desértico sem campos verdejantes nem chaminés de cabanas, e parecia não ter fim. Não se avistava nenhum indício do mar naquele lado, pois Oriab é uma ilha bastante grande. Cavernas negras e estranhos recônditos ainda surgiam em grande número nos precipícios verticais, porém nenhum estava ao alcance de um escalador. Logo assomou nas alturas uma enorme mas-

sa plana que se debruçava para além da beirada e impedia qualquer vislumbre do que havia mais acima, e por um instante Carter temeu que se revelasse um obstáculo intransponível. Postado quilômetros acima da terra em meio à insegurança dos ventos, com nada além de vazio e morte de um lado e escorregadios paredões de rocha no outro, por um instante Carter conheceu o medo que leva os homens a abominar o lado oculto de Ngranek. Não poderia voltar atrás, e o sol já estava baixo. Se não houvesse um caminho até o topo, a noite certamente o encontraria agachado e em silêncio, e a manhã seguinte já não o encontraria mais.

Mas havia um caminho, e Carter o viu em boa hora. Apenas um sonhador experiente poderia ter usado aqueles imperceptíveis apoios de pé, mas para Carter foram suficientes. Depois de escalar a rocha protuberante, descobriu que a encosta a seguir era muito mais suave do que tinha imaginado, uma vez que o derretimento de uma enorme geleira havia revelado uma generosa extensão de barro e saliências. À esquerda um precipício arrojava-se de alturas desconhecidas a profundezas desconhecidas, com a escura boca de uma caverna inalcançável logo acima. Em outros pontos, no entanto, o aclave da montanha diminuía e chegava até mesmo a oferecer espaços onde era possível parar e descansar.

Ao avaliar o frio, Carter imaginou estar próximo à linha de neve e olhou para cima a fim de ver que pináculos cintilantes poderiam estar reluzindo à luz do rubro sol tardio. Sem dúvida havia neve a incalculáveis metros acima, e abaixo uma enorme rocha que se debruçava para além da beirada como a que tinha acabado de escalar, com os negros contornos eternamente suspensos contra a brancura do pico gelado. E ao ver o penhasco Carter engasgou-se e gritou, e agarrou-se à rocha escarpada em terror; pois aquele vulto titânico não havia permanecido o mesmo desde que a aurora terrestre o delineara contra o céu, mas refulgia vermelho e imponente ao pôr do sol com feições entalhadas e polidas dignas de um deus.

Austero e terrível brilhava o rosto que chamejava ao sol. Não existe intelecto que possa conceber tamanha vastidão, e no mesmo instante Carter soube que homem nenhum poderia ter construído aquilo. Era um deus entalhado pelas mãos dos deuses, que encarava o viajante com desdém e majestade. Os rumores diziam que o rosto era estranho e que não haveria como confundi-lo; e Carter percebeu que de fato assim era,

pois os olhos largos e estreitos e as orelhas de lóbulos compridos, e o nariz fino e o queixo pontudo, sugeriam uma raça não de homens, mas de deuses. Tomado pelo espanto, Carter agarrou-se ao perigoso e sobranceiro pináculo, mesmo que a imagem fosse aquilo que esperava e desejava encontrar; pois o rosto de um deus revela mais portentos do que as previsões são capazes de sugerir, e quando esse rosto é maior do que um templo e revela-se ao pôr do sol olhando para baixo em meio aos silêncios crípticos do mundo superior de cuja lava escura fora divinamente criado em tempos antigos, o portento é tão impressionante que ninguém pode escapar.

Somava-se a isso tudo o portento adicional do reconhecimento; pois, embora tivesse planos de procurar em todas as terras oníricas homens cujos rostos pudessem marcá-los como filhos dos deuses, naquele instante Carter percebeu que não seria necessário. Sem dúvida o grande rosto entalhado naquela montanha não tinha nada de estranho, mas apresentava um forte parentesco com os homens que tinha avistado nas tavernas do porto de Celephaïs, que se estende no Vale de Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas e é governada pelo rei Kuranos, que Carter certa vez havia encontrado em vigília. Todo ano marujos com aquele rosto chegavam em navios escuros vindos do norte a fim de trocar o ônix que traziam pelo jade entalhado e pelo ouro em fio e pelos rubros pássaros canoros de Celephaïs, e esses marujos não podiam ser outra coisa se não os semideuses que Carter buscava. Onde quer que morassem, a desolação gelada devia estar próxima, e nela a desconhecida Kadath e o castelo de ônix dos Grandes Deuses. Seguiria então rumo a Celephaïs, muito distante da ilha de Oriab, por caminhos que o levariam de volta a Dylath-Leen e pelo Skai até a ponte de Nir, e mais uma vez para o interior do bosque encantado onde habitam os *zoogs*, quando o caminho faria uma curva para o norte em meio aos jardins nos arredores de Oukranos rumo aos coruchéus dourados de Thran, onde poderia embarcar em um galeão para atravessar o Mar Cereneriano.

Porém, a noite começava a cair, e o enorme rosto entalhado parecia ainda mais austero rodeado pelas sombras. A noite encontrou o viajante empoleirado naquela saliência; e em meio às trevas não era possível subir nem descer, mas apenas permanecer de pé e tremer naquela passagem estreita até que a aurora raiasse, rezando para manter-se acordado e evi-

tar que o sono o levasse a relaxar os dedos e cair por quilômetros de um vazio vertiginoso até os penhascos e rochas escarpadas do vale maldito. As estrelas surgiram, mas além do brilho tênue não havia nada além de trevas nos olhos de Carter; trevas em conluio com a morte — um chamado que podia ser resistido apenas agarrando-se às rochas e afastando-se do precipício invisível. A última coisa que viu no crepúsculo terrestre foi um condor, que planou junto do precipício a oeste e fugiu aos gritos quando chegou perto da caverna que escancarava a boca em um lugar inalcançável.

De repente, sem nenhum som de alerta, Carter teve a cimitarra retirada do cinto por mãos furtivas e invisíveis. Em seguida escutou o retinir do metal nas rochas lá embaixo. Entre o lugar onde estava e a Via Láctea, imaginou ver o terrível contorno de alguma coisa esquelética com chifres e rabo e asas de morcego. Outras coisas também haviam começado a encobrir as estrelas a oeste, como se uma revoada de entidades vagas estivesse ruflando as asas em silêncio ao sair da inacessível caverna na encosta do precipício. A seguir uma espécie de braço frio e borrachento agarrou-lhe o pescoço e uma outra coisa agarrou-lhe os pés, e Carter foi erguido sem nenhuma consideração e sacudido de um lado para o outro no espaço vazio. No instante seguinte as estrelas haviam desaparecido, e então Carter soube que os noctétricos o haviam capturado.

Carregaram-no com a respiração suspensa para o interior da caverna no paredão e através dos monstruosos labirintos mais além. Quando Carter resistia, como a princípio fez por simples instinto, as criaturas faziam-lhe cócegas. Não emitiam nenhum som, e até mesmo as asas membranosas ruflavam no mais absoluto silêncio. Tinham o corpo pavorosamente frio e úmido e escorregadio, e patas que apertavam de maneira odiosa. Logo as criaturas executaram um pavoroso mergulho rumo a abismos inconcebíveis em uma atmosfera entorpecedora, vertiginosa e nauseante como o úmido sopro do túmulo; e Carter percebeu que estavam a ponto de lançar-se na suprema voragem de loucura vociferante e demoníaca. Gritou e tornou a gritar, mas sempre que esboçava qualquer reação as criaturas faziam-lhe cócegas sutis. Depois de algum tempo viu uma espécie de fosforescência cinzenta ao redor e imaginou que estivessem chegando ao mundo recôndito de horror subterrâneo mencionado

em lendas vagas, iluminado apenas pelo fogo mortiço e pálido que empestia o ar e as névoas primordiais dos abismos no centro da Terra.

Por fim vislumbrou nas profundezas as linhas tênues dos cinzentos e aziagos pináculos que reconheceu como sendo os fabulosos Picos de Thok. Pavorosos e sinistros, estes cumes se erguem no crepúsculo assombrado das eternas profundezas lúgubres a alturas maiores do que os homens são capazes de calcular, como sentinelas dos terríveis vales onde os *bholes* se arrastam e escavam de maneira repulsiva. Porém, Carter preferiu ver aquilo do que olhar para os captores, que de fato eram criaturas negras horripilantes e grosseiras com superfícies lisas, untuosas e cetáceas, repelentes chifres que se curvavam para dentro, um em direção ao outro, asas de morcego cujo ruflar não produzia nenhum som, feias garras preênsais e caudas serrilhadas que açoitavam sem necessidade e sem dar trégua. O mais terrível, no entanto, era que jamais falavam ou gargalhavam e jamais sorriam, pois não tinham rostos com que pudessem sorrir, mas apenas um vazio sugestivo onde devia haver um rosto. Só o que faziam era voar e agarrar e fazer cócegas; eis os modos dos noctétricos.

Quando o bando começou a voar mais baixo os Picos de Thok ergueram-se cinzentos e sobranceiros por todos os lados, e tornou-se evidente que nada poderia viver no granito austero e impassível daquele crepúsculo eterno. Nos níveis ainda mais baixos os fogos mortiços sumiram, e a partir de então havia apenas a escuridão primordial do vazio, a não ser nas alturas, onde os picos emaciados se erguiam como *goblins*. Logo os picos ficaram para trás e nada mais restou além das grandes rajadas de vento e da umidade das mais profundas grutas. Por fim os noctétricos aterrissaram em um terreno que parecia consistir de várias camadas de osso e deixaram Carter sozinho naquele vale obscuro. Carregá-lo até lá era o dever dos noctétricos que guardam a montanha de Ngranek; e, uma vez cumprido esse desígnio, voaram em silêncio para longe. Quando Carter tentou acompanhar o voo com os olhos descobriu que era impossível, uma vez que até mesmo os Picos de Thok haviam desaparecido. Não havia nada em lugar algum a não ser a escuridão e o horror e o silêncio e os ossos.

Nesse instante Carter soube que estava no vale de Pnath, onde se arrastam e escavam os enormes *bholes*; porém não sabia o que esperar,

pois ninguém jamais tinha visto um *bhole* ou sequer conjecturado sobre o aspecto daquelas coisas. Os *bholes* são mencionados apenas em sussurros vagos por conta dos rumores que produzem em meio às montanhas de ossos e do rastro pegajoso que deixam para trás. Não podem jamais ser vistos porque se arrastam somente no escuro. Carter não queria encontrar um *bhole*, e assim permaneceu atento ao menor sinal de ruído nas desconhecidas profundezas de ossos ao redor. Mesmo naquele lugar pavoroso ele tinha um plano e um objetivo, pois sussurros a respeito de Pnath e das regiões circunjacentes não eram estranhos a alguém com quem muito havia conversado nos velhos tempos. Em suma, parecia bastante provável que aquele fosse o lugar onde todos os *ghouls* do mundo em vigília atiram os rejeitos de seus fúnebres banquetes; e que com um pouco de sorte poderia tropeçar no imponente rochedo mais alto que os Picos de Thok onde começam os domínios desses seres medonhos. Uma chuva de ossos indicaria onde procurar, e uma vez que encontrasse um *ghoul* poderia chamá-lo e pedir que lançasse uma escada; afinal, por mais estranho que pareça, Carter tinha uma estranha ligação com as terríveis criaturas.

Um homem que havia conhecido em Boston — um pintor de estranhos quadros que tinha um estúdio secreto em um beco antigo e profano próximo a um cemitério — de fato havia feito amizade com os *ghouls* e lhe ensinado a compreender as partes mais rudimentares dos repulsivos tartanhos e gasganeios da língua que falavam. Esse homem por fim desapareceu, mas Carter não ficaria surpreso se naquele momento o reencontrasse e usasse pela primeira vez nas terras oníricas o inglês distante da tênue vida em vigília. De uma forma ou de outra, sentia-se capaz de convencer um *ghoul* a indicar-lhe o caminho para sair de Pnath; e seria melhor encontrar um *ghoul*, que é visível, do que um *bhole*, que é invisível.

Então Carter avançou pelo escuro e correu quando imaginou ter ouvido um estrépito em meio aos ossos espalhados pelo chão. A uma certa altura esbarrou contra uma encosta de pedra e soube que aquilo devia ser a base de um dos Picos de Thok. Por fim escutou monstruosos estrondos e estrépitos que se subiram às alturas e teve certeza de que estava próximo ao rochedo dos *ghouls*. Não sabia se o escutariam naquele vale a quilômetros de profundidade, mas lembrou-se de que aquele

mundo recôndito era governado por leis estranhas. Enquanto pensava, Carter foi atingido por um osso tão pesado que devia ser um crânio, e ao notar a proximidade do fatídico rochedo emitiu da melhor maneira possível o brado gasganeante em que consiste o chamado dos *ghouls*.

O som viaja devagar, de modo que levou algum tempo até que escutasse um outro tartanho em resposta. Mas a resposta enfim chegou, e dentro de pouco tempo uma voz informou a Carter que uma escada de corda seria lançada. A espera foi muito tensa, pois não havia como saber o que o grito poderia ter despertado em meio aos ossos. De fato, não demorou muito até que Carter ouvisse um vago rumor ao longe. À medida que o rumor aproximava-se devagar, Carter sentia-se ainda menos confortável; pois não queria se afastar do local onde a escada seria lançada. Por fim a tensão atingiu um nível insuportável, e o viajante estava a ponto de sair correndo em pânico quando um baque na pilha de ossos recém-empilhados chamou-lhe a atenção. Era a escada, e depois de um instante passado às apalpadelas Carter tinha-a firme entre as mãos. Porém, o outro som não cessou, e continuou a segui-lo mesmo enquanto subia. Carter estava a um metro e meio do chão quando o rumor tornou-se mais enfático, e a três metros quando alguma coisa balançou a ponta da escada lá embaixo. A uma altura de cinco ou seis metros sentiu toda a lateral do corpo ser roçada por uma longa extensão pegajosa que se retorcia com uma alternância de estruturas côncavas e convexas, e depois subiu em desespero para escapar ao contato com o focinho daquele repugnante *bhole* obeso cuja forma nenhum homem poderia ver.

Por horas Carter subiu com os braços extenuados e as mãos queimadas, vendo apenas os cinzentos fogos mortiços e os incômodos pináculos de Thok. Por fim notou uma projeção do grande rochedo habitado pelos *ghouls*, cujo paredão vertical não conseguia discernir; e horas mais tarde viu um curioso rosto espreitando como uma gárgula sobre o parapeito de Notre Dame. Essa visão quase o fez perder o equilíbrio por conta da vertigem, porém no instante seguinte Carter reasenhonorou-se de si; pois o desaparecido amigo Richard Pickman certa vez o apresentara a um *ghoul*, e portanto Carter conhecia os rostos caninos e as formas recurvadas e as inúmeras idiossincrasias dessas criaturas. Assim, sentiu-se no controle da situação quando aquela coisa horrenda o puxou da vertiginosa queda livre para o alto do rochedo, e sequer gritou ao ver a

pilha de rejeitos parcialmente consumidos ou os círculos de *ghouls* agachados que roíam e observavam-no com um olhar curioso.

Estava agora em uma planície de luz tênue cujas únicas características topográficas eram grandes penedos e a abertura das tocas. Os *ghouls* em geral adotaram um comportamento respeitoso, mesmo que um deles tenha beliscado Carter enquanto vários outros encaravam aquele corpo magro com olhares especulativos. À força de pacientes tartanhos, o explorador fez perguntas a respeito do amigo desaparecido e descobriu que havia se tornado um *ghoul* de certa relevância em abismos próximos ao mundo em vigília. Um velho *ghoul* esverdeado se ofereceu para levá-lo até a morada de Pickman, e apesar do sentimento natural de repulsa Carter seguiu a criatura até uma toca espaçosa de onde os dois se arrastaram por horas em meio à escuridão do mofo pútrido. Emergiram em uma planície vaga repleta das mais variadas relíquias terrestres — antigas lajes tumulares, urnas quebradas e grotescas ruínas de monumentos —, e Carter percebeu com alguma emoção que provavelmente estava mais próximo do mundo em vigília do que em qualquer outro momento desde que havia descido os setecentos degraus na caverna da chama rumo ao Portão do Sono Profundo.

Em uma lápide de 1768, roubada do Granary Burying Ground em Boston, estava sentado o *ghoul* que outrora tinha sido o artista Richard Upton Pickman. Nu, o ex-artista tinha uma pele tão borrachenta e exibia de maneira tão pronunciada a fisionomia dos *ghouls* que qualquer resquício de origem humana parecia obscurecido. Porém, a criatura ainda recordava algumas palavras em inglês e foi capaz de conversar com Carter através de grunhidos e monossílabos, valendo-se vez ou outra dos característicos tartanhos dos *ghouls*. Ao saber que Carter desejava chegar ao bosque encantado e de lá seguir rumo a Celephaïs em Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas, ficou em dúvida; pois os *ghouls* do mundo em vigília não transitam pelos cemitérios das terras oníricas superiores (uma tarefa deixada aos *wamps* de patas membranosas que vivem nas cidades mortas), e existem muitas coisas entre o abismo onde habitam e o bosque encantado, inclusive o terrível reino dos *gugs*.

Os *gugs*, hirtos e gigantescos, certa vez ergueram círculos de pedra naquele bosque e ofereceram estranhos sacrifícios aos Outros Deuses e ao caos rastejante Nyarlathotep, até que certa noite uma abominação

engendrada pelas criaturas chegou ao conhecimento dos deuses terrestres, que os baniram para cavernas subterrâneas. Apenas um grande alçapão de pedra com uma argola de metal liga o abismo dos *ghouls* terrestres ao bosque encantado, porém os *gugs* temem abri-lo por conta de uma maldição. Que um sonhador mortal pudesse atravessar o reino das cavernas e sair por aquela porta seria inconcebível; pois os sonhadores mortais costumavam ser mera comida, e os *gugs* têm lendas sobre o sabor refinado destes sonhadores, embora o banimento tenha restringido a dieta das criaturas aos *ghasts*, os repulsivos seres que morrem em contato com a luz e vivem nas catacumbas de Zin e pulam usando as pernas traseiras como cangurus.

Então o *ghoul* que outrora tinha sido Pickman aconselhou Carter a sair do abismo em Sarkomand, a cidade deserta no vale abaixo de Leng onde negras escadarias com incrustações de salitre guardadas por leões alados de diorito descem das terras oníricas rumo aos abismos inferiores, ou então a voltar ao mundo da vigília por um cemitério e recomeçar a busca pelos setenta degraus do sono leve até a caverna da chama e os setecentos degraus rumo ao Portão do Sono Profundo e ao bosque encantado. O conselho, no entanto, não agradou ao explorador; pois Carter não conhecia o caminho de Leng para Ooth-Nargai e relutava em despertar por medo de esquecer tudo o que havia ganhado até aquele ponto do sonho. Seria desastroso para a busca esquecer os rostos celestiais e augustos dos marujos do norte que comerciavam ônix em Celephaïs e que, sendo filhos dos deuses, poderiam apontar a direção da desolação gelada e de Kadath, onde os Grandes Deuses habitam.

Depois de muita insistência o *ghoul* consentiu em acompanhar o visitante ao interior da grande muralha que demarcava o reino dos *gugs*. Carter talvez pudesse esgueirar-se por aquele reino crepuscular de torres de pedras circulares enquanto os gigantes estivessem fartos e cochilando dentro de casa e assim chegar à torre central que abriga o símbolo de Koth e a escada que sobe até o alçapão de pedra e franqueia acesso ao bosque encantado. Pickman chegou a consentir em emprestar três *ghouls* para ajudar usando uma lápide à guisa de alavanca para abrir a porta de pedra; pois os *gugs* temem os *ghouls* e muitas vezes fogem dos próprios cemitérios colossais ao presenciar os banquetes dessas criaturas.

Também aconselhou Carter a disfarçar-se de *ghoul*, raspando a barba que havia deixado crescer (pois os *ghouls* não usam barba), rolando nu em meio à putrescência para adquirir uma aparência mais convincente e adotando o característico trote com as costas recurvadas enquanto levava as roupas em uma trouxa, como se fossem o festim retirado de um túmulo. Chegariam à cidade dos *gugs* — contígua a todo o reino — pelas galerias apropriadas, para então emergir em um cemitério próximo à Torre de Koth. Mesmo assim, precisariam estar atentos a uma grande caverna próxima ao cemitério que era a entrada para as catacumbas de Zin, onde os vingativos *ghasts* estão sempre à espreita e prontos para matar os habitantes do abismo superior que os caçam e preparam emboscadas. Os *ghasts* tentam sair enquanto os *gugs* dormem, e atacam os *ghouls* com o mesmo ímpeto que demonstram em relação aos *gugs*, pois não conseguem discriminá-los. Os *ghasts* são muito primitivos e praticam o canibalismo. Os *gugs* mantêm uma sentinela em uma estreita passagem nas catacumbas de Zin, mas esse guarda no entanto é frequentemente vencido pela sonolência e às vezes surpreendido por um bando de *ghasts*. Embora os *ghasts* não sobrevivam na luz, podem suportar o crepúsculo cinzento do abismo por horas a fio.

Por fim, com muita cautela, Carter começou a se arrastar pelas intermináveis galerias subterrâneas na companhia de três solícitos *ghouls* que carregavam a lápide de ardósia do Cel. Nehemiah Derby, falecido em 1719 e enterrado no Charter Street Burying Ground em Salém. Quando emergiram na superfície crepuscular, estavam rodeados por uma floresta de vastos monólitos cobertos de líquen que se estendiam até onde o olhar alcançava e formavam as modestas lápides dos *gugs*. À direita da toca por onde tinham se esgueirado, visto em meio aos corredores de monólitos, descortinava-se um estupendo panorama de ciclópicas torres redondas que se alçavam a alturas inalcançáveis na atmosfera plúmbea da Terra interior. Aquela era a grande cidade dos *gugs*, cujas portas medem nove metros de altura. Os *ghouls* visitam frequentemente aquele lugar, pois um *gug* enterrado pode alimentar toda uma comunidade por cerca de um ano, e mesmo com o risco adicional é melhor desenterrar *gugs* do que se ocupar com os túmulos dos homens. Naquele instante Carter compreendeu os ossos titânicos que havia sentido sob os pés no vale de Pnath.

À frente, junto à saída do cemitério, erguia-se um precipício vertical em cuja base escancarava-se a boca de uma imensa e formidável caverna. Os *ghouls* pediram a Carter que a evitasse tanto quanto possível, uma vez que era a entrada para as profanas catacumbas de Zin, onde os *gugs* caçam os *ghasts* na escuridão. De fato, o alerta logo se justificou; pois no instante em que um dos *ghouls* avançou rumo às torres a fim de averiguar se a hora prevista para o repouso dos *gugs* estava correta, a escuridão na boca da enorme caverna cintilou primeiro com um par de olhos amarelo-avermelhados e a seguir com outro, indicando que os *gugs* haviam perdido uma sentinela e que os *ghasts* tinham um excelente olfato. O *ghoul* retornou à galeria e sinalizou aos companheiros que permanecessem em silêncio. Seria melhor deixar os *ghasts* entregues aos próprios desígnios, pois havia uma chance de que logo se afastassem em decorrência do cansaço provocado pelo combate contra a sentinela dos *gugs* no interior das negras catacumbas. Passados alguns momentos um objeto com o tamanho de um pequeno cavalo surgiu em meio ao crepúsculo cinzento, e Carter sentiu náuseas ao perceber o aspecto daquela besta escabrosa e insalubre com um semblante humano, apesar da ausência de um nariz, de uma testa e de outros traços importantes.

No mesmo instante outros três *ghasts* saíram para juntar-se ao companheiro, e um dos *ghouls* sussurrou em um tartanho para Carter que a ausência de cicatrizes de batalha era um mau sinal. Provava que os *ghasts* não haviam combatido a sentinela dos *gugs*, mas simplesmente passado em silêncio enquanto dormia, de modo que as forças e a selvageria das criaturas permaneciam intactas e assim permaneceriam até que encontrassem e aniquilassem uma vítima. Era muito desagradável ver aqueles animais imundos e desproporcionais, que logo somavam quinze, caminhando de um lado para outro e saltando como cangurus no crepúsculo cinzento onde torres e monólitos titânicos se erguiam, mas era ainda mais desagradável quando falavam entre si usando os tossidos guturais dos *ghasts*. Por mais horrendos que fossem, no entanto, não eram tão horrendos quanto o que logo emergiu da caverna com uma rapidez desconcertante.

Era uma pata com quase um metro de largura e equipada com garras formidáveis. A seguir veio outra pata, e depois um enorme braço hirto e negro ao qual ambas as patas se ligavam por meio de curtos antebraços.

Dois olhos rosados cintilaram e a cabeça da sentinela dos *gugs*, enorme como um barril, revelou-se aos olhos de todos. Os olhos projetavam-se cinco centímetros para fora das órbitas e eram protegidos por protuberâncias ósseas recobertas por cerdas grossas. Mas a cabeça era terrível em especial por conta da boca. A boca tinha enormes presas amarelas e se abria de cima a baixo da cabeça, no sentido vertical.

Porém, antes que o malfadado *gug* pudesse emergir da caverna e erguer o corpanzil de sete metros de altura, os vingativos *ghasts* lançaram-se ao ataque. Por um instante Carter temeu que pudesse dar o alarme e chamar a atenção das todas as criaturas, porém um *ghoul* tartanhou em um sussurro que os *gugs* não tinham voz, mas comunicavam-se através de expressões faciais. A batalha que teve início foi terrível. De todos os lados os peçonhentos *ghasts* investiam em um frenesi contra o *gug* rastejante, mordendo e lacerando com os focinhos e causando mutilações pavorosas com os cascos. Durante o tempo inteiro tossiam de emoção, gritando quando a enorme bocarra vertical do *gug* apanhava um dos adversários, de modo que o ruído do combate sem dúvida teria despertado a cidade adormecida se o enfraquecimento da sentinela não houvesse levado o combate cada vez mais para o fundo da caverna. Da maneira como foi, o tumulto logo se recolheu aos recônditos escuros, e apenas ecos ocasionais davam sinais de prosseguimento.

Então o mais alerta dos *ghouls* fez sinal para que todos avançassem, e Carter seguiu os três companheiros trotadores para fora da floresta de monólitos rumo às lúgubres e abjetas ruas daquela cidade horrenda cujas torres redondas de cantaria ciclópica erguiam-se a altura inalcançáveis. Em silêncio, cambalearam pelo calçamento de rocha irregular enquanto ouviam, atrás das enormes portas negras, os abomináveis roncoss abafados que sinalizavam o sono dos *gugs*. Apreensivos devido ao fim iminente da hora de descanso, os *ghouls* apertaram o passo; porém mesmo assim a jornada era longa, pois naquela cidade de gigantes as distâncias medem-se em grande escala. No entanto, chegaram por fim a um espaço mais ou menos amplo defronte a uma torre ainda mais vasta do que as outras, cuja porta colossal era encimada por um monstruoso símbolo em baixo-relevo que provocava calafrios apesar do significado obscuro e ignoto. Aquela era a torre central com o símbolo de Koth, e os enormes degraus quase ocultos pelo crepúsculo no interior da constru-

ção eram o princípio da grande escadaria que levava às terras oníricas superiores e ao bosque encantado.

Naquele momento começou uma subida interminável em meio a trevas absolutas; uma jornada quase impossível devido à altura dos degraus, feitos para os *gugs* e portanto medindo quase um metro de altura. Quanto ao número de degraus Carter não pôde ter sequer a mais remota noção, pois logo se exauriu a tal ponto que os *ghouls* viram-se obrigados a oferecer auxílio. Durante toda a interminável subida o perigo de detecção e caçada esteve à espreita; pois embora nenhum *gug* se atreva a erguer o alçapão de pedra que se abre para a floresta devido à maldição lançada pelos Grandes Deuses, nenhum interdito vigora no interior da torre e nas escadas, e os *ghasts* em fuga são muitas vezes perseguidos até o topo. Os *gugs* têm ouvidos tão apurados que até mesmo os pés descalços dos exploradores poderia ser prontamente ouvido assim que a cidade acordasse; e sem dúvida seria necessário pouquíssimo tempo para que os gigantes de passadas largas, acostumados a ver no escuro em função das caçadas aos *ghasts* nas catacumbas de Zin, alcançassem as vítimas menores e mais vagarosas naqueles degraus ciclóticos. Era desanimador ao extremo pensar que os silenciosos *gugs* nem ao menos seriam ouvidos, mas surgiriam de repente no escuro para investir contra os exploradores. Não poderiam sequer contar com o tradicional medo que os *gugs* nutrem em relação aos *ghouls* em um lugar onde as criaturas estariam em flagrante vantagem. Também representavam um certo perigo os furtivos e peçonhentos *ghasts*, que com frequência adentravam a torre durante o sono dos *gugs*. Se os *gugs* dormissem por bastante tempo e os *ghasts* retornassem do embate na caverna, o cheiro dos exploradores seria percebido por aquelas coisas odiosas e mal-intencionadas; e nesse caso seria quase melhor ser devorado por um *gug*.

Passados éons de subida ouviu-se um tossido na escuridão mais acima, e a situação sofreu uma reviravolta deveras grave e inesperada. Ficou claro que um *ghast*, ou talvez mais de um, havia entrado na torre antes da chegada de Carter e de seus guias; e ficou igualmente claro que o perigo estava muito próximo. Depois de um segundo com a respiração suspensa, o *ghoul* que liderava o grupo empurrou Carter para junto da parede e dispôs os dois semelhantes da melhor forma possível, com a velha lápide de ardósia erguida e pronta para desferir um golpe esmagador.

dor assim que um inimigo surgisse. Como os *ghouls* enxergam no escuro, o grupo se encontrava em uma situação melhor do que Carter então se encontraria caso estivesse sozinho. No momento seguinte o estrépito de cascos anunciou a descida de pelo menos uma fera, e os *ghouls* prepararam a lápide de ardósia para um golpe desesperado. No mesmo instante surgiram dois olhos vermelho-amarelados, e os arquejos do *ghast* foram ouvidos em meio aos baques dos cascos. Quando alcançou o degrau imediatamente acima dos *ghouls*, essas criaturas manejaram a lápide com uma força prodigiosa, de modo que houve apenas um arquejo e estertor antes que a vítima desabasse em um amontoado peçonhento. Parecia tratar-se de um único animal, e após mais um instante de audição minuciosa os *ghouls* sinalizaram a Carter que prosseguisse. Como antes, viram-se obrigados a auxiliá-lo; e Carter se comprouve ao deixar o local da carnificina onde os nauseantes restos mortais do *ghast* espalhavam-se invisíveis na escuridão.

Por fim os *ghouls* se detiveram; e, tateando acima da cabeça, Carter perceber que enfim o grupo havia chegado ao grande alçapão de pedra. Abrir por completo uma coisa tão vasta estava fora de cogitação, mas os *ghouls* tinham a esperança de usar a lápide como alavanca a fim de permitir que Carter se esgueirasse pela fresta. Depois planejavam tornar a descer e voltar pela cidade dos *gugs*, uma vez que eram furtivos ao extremo e pela superfície não eram capazes de traçar o caminho até a espectral Sarkomand, onde leões guardam a passagem para o abismo.

Valeroso foi o esforço dos três *ghouls* para erguer a pedra do alçapão, e Carter ajudou-os a empurrar com todas as forças de que dispunha. Julgaram que a extremidade mais próxima ao topo da escada fosse a correta, e naquele ponto aplicaram todo o vigor dos músculos nutridos com a infâmia. Passados alguns momentos surgiu uma frincha de luz; e Carter, a quem a tarefa fora delegada, fez deslizar a extremidade da velha lápide ao interior da abertura. A seguir veio um esforço veemente; mas o progresso foi vagaroso ao extremo, e era necessário voltar à posição inicial a cada tentativa fracassada de levar a alavanca até o ponto desejado e abrir o portal.

De repente o desespero foi amplificado mil vezes pelo som de passos mais abaixo. Eram apenas as pancadas e os estrépitos causados pelos cascos do *ghast* morto enquanto rolava para os níveis inferiores; porém

as possíveis causas para o deslocamento eram todas igualmente inquietantes. Por conhecer os hábitos dos *gugs*, os *ghouls* empenharam-se com uma espécie de frenesi; e ao cabo de um tempo surpreendentemente curto tinham elevado o alçapão a uma altura considerável, onde foram capazes de segurá-lo até que Carter girasse a lápide de maneira a deixar uma fresta generosa. Os *ghouls* ajudaram-no, permitindo que subisse nos ombros borrachentos e depois guiando-lhe os pés enquanto se agarrava ao solo abençoado das terras oníricas superiores que se estendiam do outro lado. No momento seguinte as próprias criaturas também estavam do outro lado, derrubando a lápide e fechando o enorme alçapão no exato instante em que arquejos tornavam-se audíveis logo abaixo. Devido à maldição dos Grandes Deuses, jamais um *gug* atravessaria aquele portal, e foi com um profundo alívio e um profundo senso de responsabilidade que Carter deitou-se nos grotescos fungos do bosque encantado enquanto os guias se agachavam na típica postura de repouso dos *ghouls*.

Por mais estranho que fosse aquele lugar explorado em tempos remotos, o bosque encantado revelou-se um porto seguro e um deleite em comparação aos abismos que havia deixado para trás. Não havia sequer uma criatura viva ao redor, pois os *zoogs* abominam a passagem misteriosa, e em seguida Carter consultou os *ghouls* em relação ao curso a seguir. As criaturas não se atreveriam a voltar pela torre, porém o mundo em vigília não pareceu uma alternativa desejável quando descobriram que teriam de passar pelos sacerdotes Nasht e Kaman-Thah na caverna da chama. Por fim resolveram atravessar Sarkomand e a passagem ao abismo, embora não soubessem como chegar até lá. Carter lembrou-se de que a cidade situa-se no vale abaixo de Leng, e lembrou-se ademais de que em Dylath-Leen tinha visto um velho mercador de aspecto sinistro e olhos oblíquos que tinha fama de manter comércio com Leng. Assim, Carter aconselhou os *ghouls* a procurarem Dylath-Leen, atravessando os campos em direção a Nir e ao Skai e seguindo o rio até a foz. A sugestão foi prontamente aceita e os *ghouls* puseram-se a caminho no mesmo instante, uma vez que o crepúsculo prometia uma noite inteira de viagem à frente. E Carter apertou as garras daquelas feras repugnantes, agradecendo a ajuda e solicitando que transmitissem esses agradecimentos à fera que outrora havia sido Pickman; mas não conseguiu evitar

um suspiro de alívio quando se afastaram. Afinal, *ghouls* são *ghouls*, e na melhor das hipóteses companheiros desagradáveis para os homens. Depois Carter procurou um olho d'água na floresta para lavar o lodo da Terra interior e a seguir vestir as roupas que transportara com tanto cuidado.

Era noite naquele duvidoso bosque de árvores monstruosas, mas graças à fosforescência era possível viajar como se fosse dia; e assim Carter tomou o famoso caminho de Celephaïs em Ooth-Nargai além das Montanhas Tanarianas. Ao longo do caminho começou a pensar na zebra que havia deixado amarrada a um freixo em Ngranek na longínqua Oriab tantos éons atrás, e perguntou-se se algum coletor de lava teria soltado e alimentado o animal. Também imaginou se algum dia retornaria a Baharna a fim de pagar pela zebra morta à noite nas ruínas ancestrais às margens do Yath, e se o velho taverneiro haveria de reconhecê-lo. Eis os pensamentos que lhe ocupavam na atmosfera das terras oníricas superiores.

Porém, Carter logo deteve o passo ao escutar um som vindo de uma enorme árvore oca. Tinha evitado o grande círculo de pedras, uma vez que não fazia questão alguma de falar com os *zoogs* naquela circunstância; porém o forte ruflar de asas no interior da grande árvore parecia indicar que importantes conselhos estivessem reunidos em outra parte. Ao se aproximar, Carter percebeu as manifestações de um tenso e acalorado debate; e dentro de pouco tempo inteirou-se de assuntos que foram motivo de grande preocupação. Uma guerra contra os gatos estava sendo discutida na assembleia soberana dos *zoogs*. O motivo era a perda de um destacamento que havia seguido Carter até Ulthar, cujas intenções maldosas os gatos haviam punido com o devido rigor. Por muito tempo o assunto tinha sido motivo de animosidades; e naquele mesmo instante fileiras de *zoogs* estavam se preparando para investir contra toda a tribo felina em uma série de ataques surpresa, que incluía emboscadas a gatos individuais e a grupos de gatos indefesos que tornariam inviável qualquer tentativa de treinamento ou mobilização. Esse era o plano dos *zoogs*, e Carter soube que precisaria frustrá-lo antes de prosseguir na incansável busca.

No mais absoluto silêncio, Randolph Carter esgueirou-se até a orla do bosque e emitiu o grito dos gatos em meio aos campos coalhados de

estrelas. Um velho felino em uma cabana próxima captou o chamado e retransmitiu-o por léguas de pradarias a guerreiros pequenos e grandes, pretos, cinzentos, tigrados, brancos, amarelos e malhados; e o chamado ecoou por Nir e para além do Skai até chegar em Ulthar, onde os numerosos gatos de Ulthar repetiram-no em coro e reuniram-se em marcha. Por sorte não havia lua, de modo que todos os gatos estavam na Terra. Com saltos ágeis e silenciosos, os gatos pularam de cada lareira e de cada telhado e derramaram-se em um mar felpudo através das planícies até a orla do bosque. Carter estava lá para recebê-los, e a visão dos elegantes e salubres gatos foi deveras agradável aos olhos depois das coisas que tinha visto e seguido no abismo. Carter regozijou-se ao ver o venerável amigo e salvador à frente do destacamento de Ulthar, usando um colar de patente ao redor do lustroso pescoço e com os bigodes espetados em um ângulo marcial. Para melhorar ainda mais as coisas, o subtenente do exército era um jovem vivaz que se revelou como ninguém menos do que o gatinho para o qual Carter tinha oferecido uma deliciosa tigela de leite naquela longínqua manhã em Ulthar. Havia crescido e se transformado em um gato forte e promissor, e ronronou ao apertar a mão do amigo. O avô disse que estava se saindo muito bem no exército e seria promovido a capitão depois de mais uma campanha bem-sucedida.

Carter ofereceu um breve relatório sobre os perigos que ameaçavam a tribo dos gatos e foi recompensado com graves ronronados de gratidão vindos de todos os lados. Depois de consultar os generais, preparou um plano de ação imediata que envolvia marchar contra o conselho inimigo e contra outras fortalezas conhecidas dos *zoogs* a fim de impedir os ataques surpresa e obrigá-los a fechar um acordo antes que o exército se mobilizasse para a invasão. Sem perder mais um instante, o enorme oceano de gatos inundou o bosque encantado e fechou o cerco à árvore do conselho e ao grande círculo de pedra. O ruflar de asas transformou-se em pânico quando o inimigo percebeu a aproximação dos recém-chegados, e houve pouca resistência em meio aos furtivos e curiosos *zoogs*. Perceberam que estavam derrotados antes mesmo do início do combate, e logo os pensamentos de vingança deram vez aos pensamentos de auto-preservação.

Metade dos gatos sentou-se em um semicírculo com os *zoogs* capturados no centro, deixando aberto um corredor por onde marchavam os

prisioneiros adicionais cercados pelos outros gatos em outros pontos do bosque. Os termos do acordo foram discutidos por um longo tempo, com Carter fazendo o papel de intérprete, e foi decidido que os *zoogs* poderiam continuar sendo uma tribo livre desde que pagassem aos gatos um generoso tributo anual de tetrazes, codornas e faisões das partes menos fabulosas da floresta. Doze *zoogs* jovens de famílias nobres foram tomados como reféns e mandados para o Templo dos Gatos em Ulthar, e os vitoriosos deixaram claro que qualquer desaparecimento felino próximo à fronteira teria consequências desastrosas para os *zoogs*. Uma vez discutidos esses assuntos, as fileiras de gatos dispersaram-se e permitiram que os *zoogs* retornassem para casa às pressas e com uns quantos olhares ressentidos para trás.

O velho general felino ofereceu a Carter um guerreiro para acompanhá-lo pela floresta a qualquer fronteira onde desejasse chegar, pois era muito provável que os *zoogs* fossem ressentir a frustração da empresa bélica. A oferta foi aceita com gratidão; não apenas pela segurança que oferecia, mas também porque Carter apreciava a graciosa companhia dos gatos. Assim, no meio de um regimento agradável e brincalhão, feliz por ter cumprido com o dever, Randolph Carter atravessou com dignidade o encantado e fosforescente bosque de árvores titânicas enquanto falava sobre a busca com o velho general e o neto ao mesmo tempo em que os demais gatos do bando entregavam-se a brincadeiras fantásticas ou corriam atrás das folhas soltas que o vento soprava entre os fungos do solo primordial. E o velho gato disse que tinha ouvido muitas coisas sobre a desconhecida Kadath na desolação gelada, mas não sabia onde ficava. Quanto à maravilhosa cidade ao pôr do sol, jamais tinha ouvido falar a respeito, mas de bom grado avisaria Carter se mais tarde descobrisse alguma coisa.

O gato revelou ao explorador senhas secretas de grande importância entre os gatos das terras oníricas e recomendou-o ao velho chefe dos gatos em Celephaïs, para onde estava indo. O velho gato, com quem Carter já se sentia um pouco familiarizado, era um solene maltês, e seria capaz de exercer grande influência em qualquer transação. O dia estava raiando quando chegaram à orla do bosque, e Carter despediu-se com pesar dos amigos felinos. O jovem subtenente que havia conhecido ainda filhote teria assumido a escolta se o velho general não o tivesse proi-

bido, mas o austero patriarca afirmou que devia permanecer junto do exército e da tribo. Então Carter partiu sozinho pelos misteriosos campos dourados que se estendiam ao longo de um rio ladeado por salgueiros, e os gatos voltaram ao bosque.

O viajante conhecia bem as terras que se estendiam entre o bosque e o Mar Cereneriano, e seguiu com alegria as águas cantantes do rio Oukranos, que lhe indicavam o caminho. O sol erguia-se cada vez mais alto nas suaves encostas dos vales e pradarias, realçando os matizes dos milhares de flores que salpicavam os outeiros e entremontes. Uma névoa abençoada pairava sobre toda a região à frente, onde havia mais raios de sol do que nos demais lugares e um pouco mais da música estival de pássaros e abelhas, de modo que era possível atravessá-la como a uma terra encantada e sentir um júbilo e uma enlevação infinitamente maiores do que seria possível lembrar mais tarde.

Ao entardecer Carter chegou aos terraços de jaspe em Kiran, que descem até as margens do rio e abrigam o belo templo aonde o rei de Ilek-Vad chega uma vez por ano em um palanquim de ouro após uma longa viagem desde o longínquo reino no oceano crepuscular a fim de rezar para o deus do Oukranos, que cantou para um monarca ainda jovem que morava às margens do rio. Esse templo de jaspe maciço cobre um acre inteiro de chão com muros e pátios, sete torres com pináculos e um templo onde o rio chega depois de atravessar canais ocultos e o deus entoava suaves canções à noite. Por vezes a lua escuta uma estranha música ao reluzir sobre aqueles pátios e terraços e pináculos, mas se essa música é a canção do deus ou o canto dos crípticos sacerdotes, somente o rei de Ilek-Vad poderia dizer; pois apenas o monarca adentrou o templo e viu os sacerdotes. Na modorra do dia, o gracioso templo entalhado permanecia em silêncio, e Carter ouvia apenas os murmúrios do grande rio e o rumor de pássaros e abelhas enquanto seguia viagem sob os raios de um sol encantado.

Durante toda aquela tarde o peregrino vagou em meio a pradarias fragrantas e abrigou-se do vento atrás das suaves colinas próximas ao rio e dos templos em honra a deuses amistosos entalhados em jaspe ou crisoberilo. Por vezes caminhava próximo à margem do Oukranos e assoviava para os vivazes e iridescentes peixes daquelas águas cristalinas, e em outros momentos detinha-se em meio aos juncos sussurrantes para

olhar em direção ao bosque escuro na outra margem, cujas árvores chegavam até a beira d'água. Em antigos sonhos Carter tinha visto estranhos *buopoths* desajeitados saírem timidamente do bosque para beber, mas naquele instante não havia nenhum à vista. De vez em quando parava a fim de observar um peixe carnívoro capturar um pássaro pesqueiro, atraído à água pelas escamas reluzentes do predador, que prendia o bico da vítima na enorme boca quando o caçador alado tentava uma investida.

No fim da tarde, subiu uma encosta verdejante e viu diante de si os mil coruchéus dourados de Thran chamejando ao pôr do sol. Sobranceiros além da imaginação eram os muros de alabastro daquela incrível cidade, que se inclinavam em direção ao topo e juntavam-se em uma única peça ninguém sabia como, pois aqueles muros são mais antigos do que a memória. Mas por mais sobranceiros que fossem com uma centena de portões e duas centenas de torretas, as alvas torres reunidas no interior dos muros sob os coruchéus dourados são ainda mais sobranceiras, e os homens da planície ao redor as veem se alçar rumo ao céu, às vezes claras, às vezes enredadas em nuvens e névoas e às vezes encobertas na base com a extremidade dos pináculos refulgindo livre acima dos vapores. E no ponto onde os portões de Thran se abrem para o rio existem grandes cais de mármore, com vistosos galeões de cedro perfumado e madeira de Coromandel portando pela âncora, e estranhos marujos barbados sentados em barris e fardos com os hieróglifos de terras longínquas. Em direção ao continente para além dos muros estende-se o campo, onde pequenas cabanas brancas sonham em meio a suaves encostas e estradinhas com inúmeras pontes de pedra serpenteiam com graça em meio a córregos e jardins.

Carter andou por esse panorama verdejante ao entardecer e viu o crepúsculo subir desde o rio até os prodigiosos coruchéus dourados de Thran. No instante em que anoiteceu o viajante chegou ao portão sul e foi parado por uma sentinela de manto vermelho para que narrasse três sonhos inacreditáveis e assim provasse ser um sonhador digno de andar pelas íngremes ruas misteriosas de Thran e visitar os bazares onde as mercadorias dos galeões ornados eram vendidas. Carter adentrou a cidade dos portentos através de um muro tão espesso que o portão mais parecia um túnel, e depois seguiu por ruas curvas e ondulantes que serpen-

teavam por entre as torres sobranceiras. Luzes ardiam em janelas com grades e sacadas, e o som de alaúdes e flautas erguia-se tímido de pátios internos onde fontes de mármore borbulhavam. Carter estava habituado ao caminho e logo atravessou as ruelas escuras em direção ao rio, onde encontrou em uma antiga taverna portuária os capitães e os marujos que havia conhecido em miríades de outros sonhos. Comprou a passagem para Celephaïs em um enorme galeão verde e passou a noite em uma estalagem depois de entabular uma grave conversa com o venerável gato que cochilava em frente a uma enorme lareira e sonhava com antigas guerras e deuses esquecidos.

Pela manhã Carter embarcou no galeão com destino a Celephaïs e sentou-se na proa enquanto os cabos eram desamarrados para que a longa viagem ao Mar Cereneriano tivesse início. Por muitas léguas as margens do rio permaneceram como as de Thran, interrompidas a intervalos esparsos por um templo curioso que se erguia à direita nas colinas mais distantes ou por um sonolento vilarejo repleto de telhados vermelhos e redes estendidas ao sol. Ciente da busca em que se havia lançado, Carter questionou todos os marujos em detalhe a respeito daqueles que haviam encontrado nas tavernas de Celephaïs, fazendo perguntas sobre os nomes e os costumes dos estranhos homens de olhos largos e estreitos, orelhas de lóbulos compridos, narizes finos e queixos pontudos que chegavam em navios escuros vindos do norte e trocavam ônix por jade entalhado e ouro em fio e pequenos pássaros canoros de Celephaïs. Quanto a esses homens os marujos sabiam apenas que falavam pouco e pareciam espalhar uma estranha aura de espanto ao redor.

O longínquo país desses homens chamava-se Inganok, e pouca gente o visitava porque era uma terra fria e crepuscular, supostamente próxima ao infame platô de Leng — embora as lendas afirmassem que Leng ficava do outro lado de uma intransponível cadeia de montanhas e portanto ninguém soubesse dizer com certeza se esse maligno platô com horrendos vilarejos de pedra e um nefando monastério realmente existia ou se os rumores eram apenas um temor noturno provocado pela visão da formidável barreira formada à noite pelas montanhas negras com a lua ao fundo. Com certeza os homens chegavam a Leng vindos dos mais diversos oceanos. Quanto às outras fronteiras de Inganok os homens não tinham ideia, e tampouco haviam escutado relatos sobre a desolação

gelada e a desconhecida Kadath, a não ser pelos mais vagos rumores. Em relação à maravilhosa cidade ao pôr do sol que Carter buscava, nada sabiam. Então o viajante parou com as perguntas sobre lugares distantes e esperou até que pudesse falar com os estranhos homens da fria e crepuscular Inganok, que são a prole dos deuses entalhados em Ngranek.

No final do dia o galeão chegou ao ponto em que o rio atravessa as fragrantes selvas de Kled. Carter quis desembarcar, pois em meio às folhagens daqueles trópicos repousam maravilhosos palácios de marfim, solitários e intactos, onde outrora viveram monarcas de uma terra cujo nome foi esquecido. Feitiços dos Anciões mantêm esses lugares protegidos e conservados, pois está escrito que um dia ainda podem ser necessários; e caravanas de elefantes já os vislumbraram reluzindo ao luar, embora ninguém se atreva a chegar perto em virtude dos guardiões que os protegem. O navio continuou a singrar as águas, e o entardecer silenciou os murmúrios do dia, e as primeiras estrelas cintilaram em resposta aos vaga-lumes temporões enquanto se afastava da selva, deixando apenas um rastro de perfume como lembrança de que havia existido. E por toda a noite o galeão deixou para trás mistérios jamais vistos e jamais imaginados. A certa altura um vigia relatou incêndios nas colinas a leste, mas o sonolento capitão disse que seria melhor não olhar para aquelas bandas, uma vez que ninguém sabia quem ou o que teria ateado o fogo.

Pela manhã o leito do rio havia se alargado um bocado, e pelas casas ao longo da margem Carter soube que estavam próximos à cidade comercial de Hlanith no Mar Cereneriano. Os muros da cidade eram de granito irregular, e as casas ostentavam telhados fantásticos e empenas rematadas por vigas e gesso. Os homens de Hlanith são os mais parecidos com os homens da Terra em toda a extensão das terras oníricas; por esse motivo, a cidade não é procurada apenas em virtude do comércio, mas também devido ao impressionante trabalho de seus artesãos. Os cais de Hlanith são de carvalho, e lá o galeão permaneceu amarrado enquanto o capitão negociava nas tavernas. Carter também foi a terra e examinou com olhar curioso as ruas sulcadas por onde carros de boi se arrastavam e comerciantes inflamados anunciavam os produtos aos quatro ventos nos bazares. As tavernas portuárias situavam-se todas próximas aos cais em ruelas com calçamentos de pedra salgados pela espuma da maré alta, e pareciam antigas ao extremo por conta das vigas pretas

no teto e dos olhos de boi com vidros esverdeados. Os marujos mais velhos falavam sobre portos distantes e contavam muitas histórias sobre os estranhos homens da crepuscular Inganok, mas tinham pouco a acrescentar ao que os marujos do galeão haviam dito. Então, por fim, depois de muita carga e descarga, o navio mais uma vez se fez ao mar no pôr do sol, e os altaneiros muros e empenas de Hlanith perderam-se na distância até que o último raio de sol lhes conferisse uma beleza prodigiosa muito além daquela proporcionada pelos homens.

Por duas noites e dois dias o galeão navegou as águas do Mar Cereniano, sem nenhuma terra à vista e sem encontrar nenhuma outra embarcação. Porém, no entardecer do segundo dia assomou à frente do navio o pico nevado de Aran com as balouçantes árvores de *ginkgo* nas encostas mais baixas, e então Carter soube que haviam chegado a Ooth-Nargai e à maravilhosa cidade de Celephaïs. Logo descortinaram-se os minaretes cintilantes do fabuloso vilarejo, e os imaculados muros de mármore com estátuas de bronze, e a grande ponte de pedra onde o Naraxa deságua no mar. A seguir as suaves colinas verdejantes ergueram-se atrás do vilarejo, com vales e jardins de asfódelos e pequenos templos e cabanas; e mais ao longe a cordilheira púrpura das Montanhas Tanarianas, imponente e mística, por trás da qual se escondem caminhos proibidos que levam ao mundo em vigília e a outras regiões oníricas.

O porto estava repleto de galeões pintados, alguns dos quais vinham de Serannian, a cidade nas nuvens localizada no espaço etéreo onde o mar encontra o céu, e alguns dos quais vinham de portos mais tangíveis nos oceanos das terras oníricas. Em meio a esses últimos o timoneiro abriu caminho até os cais que recendiam a especiarias para enfim amarrar o navio ao entardecer, quando os milhões de luzes da cidade começaram a reluzir na superfície d'água. Sempre renovada parecia aquela imortal cidade das visões, onde o tempo é incapaz de macular ou destruir. Como sempre foi ainda é a turquesa de Nath-Horthath, e os oitenta sacerdotes com as fronte cingidas por orquídeas são os mesmos que a construíram dez mil anos atrás. Ainda refulge o bronze dos enormes portões, e os calçamentos de ônix jamais se desgastam e jamais quebram. E as grandes estátuas de bronze no alto dos muros observam comerciantes e cameleiros mais antigos do que as fábulas, porém sem um único fio grisalho nas barbas forquilhadas.

Carter não saiu de imediato em busca do templo ou do palácio ou da cidadela, mas permaneceu junto dos muros portuários em meio aos marujos e comerciantes. Quando estava tarde demais para rumores e lendas, procurou uma antiga taverna que conhecia bem e descansou sonhando com os deuses que procurava na desconhecida Kadath. No dia seguinte vasculhou os cais em busca dos estranhos marujos de Inganok, mas descobriu que não estavam no porto e que a galé não devia chegar do norte em menos de duas semanas. No entanto, descobriu um marujo thoraboniano que tinha estado em Inganok e trabalhado nas minas daquelas plagas crepusculares; e o marujo afirmou que sem dúvida havia um deserto ao norte da região povoada, e que todos pareciam temê-lo e evitá-lo. O thoraboniano afirmou que o deserto avançava até o limite extremo dos cumes intransponíveis que cercavam o platô de Leng, e que por isso o local era temido; embora admitisse que havia outras histórias vagas sobre presenças malignas e sentinelas inomináveis. Se esse seria o deserto onde se estende a desconhecida Kadath, o homem não sabia dizer; mas pareceria estranho que, se de fato existissem, essas presenças e sentinelas estivessem a postos sem motivo.

No dia seguinte Carter subiu a rua dos Pilares até chegar ao templo turquesa para conversar com o alto sacerdote. Embora o deus mais reverenciado em Celephaïs seja Nath-Horthath, todos os Grandes Deuses são mencionados nas orações diurnas; e o sacerdote conhece razoavelmente bem o temperamento de todos. Como Atal já havia feito na distante Ulthar, o sacerdote aconselhou Carter a abandonar o projeto de vê-los, declarando que os deuses são irritadiços e caprichosos e além do mais têm a proteção dos Outros Deuses irracionais do Espaço Sideral, cujo espírito e mensageiro é o caos rastejante Nyarlathotep. O ciúme que demonstravam ao ocultar a maravilhosa cidade ao pôr do sol era a prova cabal de que não desejavam a presença de Carter, e não se sabia ao certo como reagiriam a um visitante cujo propósito era vê-los para fazer pedidos. Nenhum homem jamais havia encontrado Kadath no passado, e poderia muito bem ser que ninguém a encontrasse no futuro. Os rumores que circulavam a respeito do castelo de ônix dos Grandes Deuses não eram nem um pouco reconfortantes.

Depois de agradecer ao alto sacerdote com a fronte cingida por orquídeas, Carter deixou o templo e dirigiu-se ao bazar dos açougueiros,

onde o velho chefe dos gatos de Celephaïs morava lustroso e contente. Essa criatura cinzenta e solene estava tomando sol no calçamento de ônix e estendeu languidamente a pata quando o visitante se aproximou. Porém, quando Carter repetiu as senhas e a apresentação fornecidas pelo velho general de Ulthar, o felpudo patriarca adotou uma postura muito cordial e comunicativa, e falou sobre o folclore secreto dos gatos que habitam as encostas voltadas para o mar em Ooth-Nargai. Além do mais, repetiu várias histórias que os tímidos gatos na zona portuária de Celephaïs contavam às furtadelas sobre os homens de Inganok, em cujos barcos escuros nenhum gato se atreve a embarcar.

Parece que esses homens têm uma aura de terra quente ao redor, embora não seja esse o motivo por que nenhum gato se atreve a viajar naqueles barcos. O motivo para tamanha aversão é que Inganok tem sombras que nenhum gato consegue tolerar, de modo que em todo aquele frio reino crepuscular jamais se escuta um ronronar ou um miado aconchegante. Se isso é consequência das coisas que sopram através dos intransponíveis picos do hipotético platô de Leng ou de coisas que filtram desde o deserto gelado ao norte, ninguém sabe dizer; porém não há como negar que sobre aquela região longínqua paira uma sugestão de espaço sideral que em nada agrada os felinos e em relação à qual demonstram maior sensibilidade do que os homens. Por isso os gatos não se atrevem a embarcar nos navios escuros que rumam para os portos basálticos de Inganok.

O velho chefe dos gatos também revelou onde encontrar o rei Kuran, que nos sonhos mais recentes de Carter havia reinado alternadamente no róseo e cristalino Palácio das Setenta Delícias em Celephaïs e no castelo guarnecido por torretas sobre as nuvens da flutuante Serannian. Parece que Kuran não conseguia mais se contentar com esses lugares e havia passado a sentir profundos anseios pelos rochedos e pelas colinas inglesas da infância, onde à noite as antigas canções da Inglaterra erguem-se por trás das gelosias em pequenos vilarejos sonolentos, e onde cinzentas torres eclesiásticas espiam com doçura por entre as folhagens de vales distantes. O rei não tinha como retornar aos prazeres do mundo em vigília porque seu corpo havia morrido; porém havia compensado essa perda da melhor forma possível sonhando uma pequena região campestre a leste da cidade, onde graciosos prados se estendiam

desde os rochedos à beira-mar até o sopé das Montanhas Tanarianas. Lá o rei morava em uma cinzenta mansão gótica construída em pedra e voltada para o mar enquanto tentava imaginar-se nas antigas Trevor Towers, onde nasceu e onde treze gerações atrás os antepassados da família tinham vindo à luz. No litoral próximo, havia construído um pequeno vilarejo pesqueiro em estilo cônico repleto de calçadas íngremes, onde colocou pessoas com rostos ingleses e tentou lhes ensinar o querido sotaque dos antigos pescadores da Cornualha. Em um vale não muito distante havia erguido uma enorme abadia em estilo normando, cuja torre enxergava da janela, e entalhado o nome dos ancestrais nas lápides cinzentas do cemitério, cobertas com um musgo similar ao musgo da Velha Inglaterra. Pois, embora fosse um monarca nas terras oníricas, onde desfrutava de pompas e prodígios, esplendores e maravilhas, êxtases e júbilos, novidades e emoções, Kuranos teria renunciado com alegria ao trono e ao luxo e à liberdade em troca de um único dia abençoado como menino naquela Inglaterra pura e pacata — a antiga e bem-amada Inglaterra que o havia moldado e da qual seria uma parte imutável por todo o sempre.

Então, quando se despediu do velho chefe dos gatos, Carter não se dirigiu aos terraços do róseo e cristalino palácio, mas saiu pelo portão oriental e atravessou os campos repletos de margaridas em direção a uma empena que tinha vislumbrado por entre os carvalhos de um parque que subia até os rochedos à beira-mar. Passado algum tempo chegou a uma enorme sebe e a um portão com uma pequena guarita de tijolos, e ao tocar a campainha foi recebido não por um laiaio do palácio ataviado com um manto e outros adereços, mas por um velho atarracado que trajava uma túnica pastoril e fazia o maior esforço possível para imitar o estranho sotaque da Cornualha longínqua. Carter prosseguiu à sombra pelo caminho entre árvores semelhantes às da Inglaterra e subiu pelos terraços em meio a jardins que sugeriam a época da Rainha Ana. Quando chegou à porta, flanqueada por gatos de pedra à moda antiga, foi recebido por um mordomo barbado que trajava um belo *libré*; e a seguir foi acompanhado até a biblioteca onde Kuranos, Senhor de Ooth-Nargai e do Céu ao redor de Serannian, permanecia sentado com uma expressão pensativa em uma cadeira ao lado da janela e olhava para o vilarejo costeiro na esperança de que a antiga governanta viesse repreen-

dê-lo por não estar pronto para a detestável festa no pátio do vigário enquanto a carruagem esperava e a mãe por pouco não perdia de vez a paciência.

Kuranes, trajando um roupão do tipo preferido pelos alfaiates londrinos na época da meninice, ergueu-se para receber o convidado, pois a visão de um anglo-saxão vindo do mundo em vigília era-lhe muito cara, mesmo que fosse um saxão de Boston, Massachusetts, e não da Cornualha. Os dois começaram uma longa conversa sobre os velhos tempos, pois tinham muita coisa a dizer por serem ambos sonhadores de longa data e muito bem versados nas maravilhas de lugares incríveis. De fato, Kuranes havia estado além das estrelas no vazio supremo, e dizia-se que era o único a ter retornado com a sanidade intacta dessa viagem.

Por fim Carter explicou o que buscava e então fez ao anfitrião as mesmas perguntas que já havia feito a tantos outros. Kuranes não sabia onde ficava Kadath nem a maravilhosa cidade ao pôr do sol; mas sabia que os Grandes Deuses eram criaturas deveras perigosas, e que os Outros Deuses tinham estranhas maneiras de protegê-los contra a curiosidade impertinente. Tinha aprendido um bocado sobre os Outros Deuses em lugares mais distantes do espaço, em particular na região onde não existem formas e gases coloridos estudam os segredos arcanos. O gás violeta S'ngac disse-lhe coisas terríveis sobre o caos rastejante Nyarlathotep e o aconselhou a jamais se aproximar do vazio central onde o sultão-demônio Azathoth rói faminto no escuro. No geral, não era uma boa ideia envolver-se com os Anciões; e se persistissem em negar acesso à maravilhosa cidade ao pôr do sol, melhor seria não procurá-la.

Além do mais, Kuranes duvidou que o visitante pudesse obter qualquer benefício mesmo que conseguisse chegar à cidade. Por anos o próprio rei havia tido sonhos e ansiado pela adorável Celephaïs e por todo o território de Ooth-Nargai, bem como pela liberdade e pelas cores e pela grande experiência de uma vida livre de grilhões, convenções e futilidades. Porém, depois de adentrar a cidade e a região que tanto desejava e de ser sagrado rei, descobriu que a liberdade e a intensidade logo desvaneciam e tornavam-se monótonas devido à falta de ligação com os sentimentos e as memórias de outrora. Era o rei de Ooth-Nargai, mas não encontrava nenhum significado nisso e no fim sempre voltava aos velhos e familiares temas ingleses que o haviam moldado durante a in-

fância. Daria todo o reino em troca do repicar de sinos pelas colinas da Cornualha, e todos os mil minaretes de Celephaïs em troca dos telhados pontudos no vilarejo perto de onde morava. Então disse ao convidado que a desconhecida cidade ao pôr do sol talvez não oferecesse o júbilo que buscava, e que talvez fosse melhor se permanecesse como um glorioso sonho lembrado apenas pela metade. Pois Kuranos tinha feito muitas visitas a Carter nos antigos dias de vigília e conhecia bem as adoráveis encostas da Nova Inglaterra onde o amigo tinha nascido.

Por fim, afirmou ter certeza de que o explorador em breve ansiaria somente pelas cenas mais antigas; o brilho de Beacon Hill ao entardecer, os altos coruchéus e as ruas que serpenteavam pelas colinas na pitoresca Kingsport, as provectas mansardas da antiga e assombrada Arkham e os abençoados quilômetros de prados e vales onde muros de pedra serpenteavam e as empenas brancas de casinhas rústicas espiavam por entre os caramanchões. Todas essas coisas Kuranos disse a Randolph Carter, mas o explorador permaneceu irredutível. E no fim os dois se despediram cada um com a própria convicção, e Carter atravessou mais uma vez o portão de bronze em direção a Celephaïs e desceu a rua dos Pilares até o antigo quebra-mar, onde falou mais um pouco com os marinheiros de portos distantes e esperou o navio escuro que chegaria da fria e crepuscular Inganok, cujos marujos e comerciantes de rosto estranho traziam o sangue dos Grandes Deuses nas veias.

Certa noite estrelada, quando o Farol brilhava esplendorosamente sobre o porto, o navio tão aguardado chegou e os marujos e comerciantes de rosto estranho começaram a surgir um a um e logo depois grupo a grupo nas tavernas ao longo do quebra-mar. Era muito empolgante rever aqueles semblantes, que lembravam em todos os detalhes as feições divinas em Ngranek, mas Carter não se apressou em entabular conversas com os silenciosos homens do mar. Não sabia quanto orgulho nem quantos segredos ou quantas lembranças tênues e sobrenaturais poderiam animar a prole dos Grandes Deuses, e sentia que não seria prudente revelar o propósito da jornada ou fazer perguntas muito detalhadas sobre o deserto gelado que se estende a norte da terra crepuscular onde habitam. Os homens de Inganok falavam pouco com os demais frequentadores das tavernas portuárias, mas reuniam-se em grupos nos recantos mais remotos e entoavam assombrosas canções sobre lugares

desconhecidos, ou contavam histórias em sotaques estranhos a todas as terras oníricas. Tamanho era o requinte e a comoção dessas canções e histórias que chegavam a sugerir maravilhas no rosto dos ouvintes, ainda que aos ouvidos vulgares as palavras tivessem uma cadência estranha e uma melodia obscura.

Por uma semana os estranhos marujos frequentaram as tavernas e fizeram comércio nos bazares de Celephaïs, e antes que zarpassem Carter havia assegurado a passagem no navio escuro dizendo que era um velho mineiro de ônix e gostaria de ver as pedreiras de Inganok. O navio era muito bonito e fora construído com grande esmero em teca e guarnecido com aprestos de ébano e filigranas de ouro, e a cabine em que o viajante se acomodou era ornada com tapeçarias de seda e veludo. Certa manhã, quando a maré começava a virar, as velas foram içadas e o ferro suspenso, e do alto da proa do navio Carter viu as muralhas que refulgiam ao pôr do sol e as estátuas de bronze e os minaretes dourados da atemporal Celephaïs afundarem no horizonte enquanto o pico nevado do Monte Aran diminuía até desaparecer. Ao entardecer não havia nada a vista além do plácido azul do Mar Cereneriano, com uma galé pintada ao longe que rumava para o reino flutuante de Serannian onde o mar encontra o céu.

E a noite caiu com lindas estrelas, e o navio escuro fez caminho em direção ao Grande Carro e à Ursa Menor enquanto aos poucos dava a volta em torno do polo. E os marinheiros cantaram estranhas canções sobre lugares desconhecidos, e então se dirigiram um a um até o castelo de proa enquanto os melancólicos observadores entoavam velhos cânticos e se debruçavam por cima da balaustrada a fim de ver os peixes luminosos brincarem nos caramanchões submersos no fundo do mar. Carter se recolheu à meia-noite e acordou com o brilho de uma manhã jovem, percebendo a seguir que o sol parecia estar mais ao sul do que seria esperado. Durante todo o segundo dia travou conhecimento com os homens da tripulação e aos poucos convenceu-os a falar sobre a fria e crepuscular terra onde haviam nascido, a esplendorosa cidade de ônix e o medo que nutriam em relação aos picos intransponíveis além dos quais Leng supostamente estendia-se. Os homens comentaram com tristeza que nenhum gato parava nas terras de Inganok, e que acreditavam que a proximidade oculta de Leng seria responsável por esse estranho

comportamento. Mesmo assim, não quiseram falar sobre o deserto ao norte. Havia algo de inquietante a respeito do deserto, e segundo pensavam o mais conveniente era negar que existisse.

Alguns dias mais tarde conversaram sobre as pedreiras de ônix onde Carter disse que iria trabalhar. As pedreiras eram em grande número, pois toda a cidade de Inganok era feita de ônix, e grandes blocos polidos dessa pedra eram trocados em Rinar, Ogrothan e Celephais, e também em casa com os mercadores de Thran, Ilarne e Kadatheron, pelas belas mercadorias desses fabulosos portos. No extremo norte, quase no deserto gelado cuja existência os homens de Inganok relutavam em admitir, havia uma pedreira maior do que todas as outras, de onde em tempos remotos haviam saído blocos tão prodigiosos que a simples visão dos vazios que haviam deixado instilava terror em todos que os vislumbassem. Quem teria retirado esses blocos incríveis e para onde teriam sido levados eram perguntas que ninguém sabia responder; e assim todos consideravam prudente não perturbar uma pedreira ao redor da qual talvez pairassem memórias inumanas. Assim, foi deixada em paz no crepúsculo, e apenas os corvos e os supostos pássaros-*shantak* atreviam-se a ponderar tamanha imensidão. Carter foi levado a uma profunda reflexão quando ouviu falar sobre essa pedreira, pois sabia que nas antigas lendas o castelo habitado pelos Grandes Deuses no alto da desconhecida Kadath é entalhado em ônix.

A cada novo dia o sol parecia estar mais baixo no firmamento, e as névoas acima pareciam cada vez mais densas. Em duas semanas já não havia mais sol — apenas um estranho crepúsculo cinzento que filtrava por uma eterna cúpula de nuvem durante o dia e uma fosforescência tépida e sem estrelas que emanava do fundo dessa nuvem. No vigésimo dia uma rocha escarpada surgiu em pleno mar — o primeiro sinal de terra desde que o pico nevado do Monte Aran desaparecera atrás do navio. Carter perguntou ao capitão como o escolho se chamava, mas ouviu como resposta que não tinha nome nem jamais havia sido visitado por embarcação alguma por conta dos sons que à noite vinham de lá. E quando, depois que a noite caiu, um uivo distante e incansável veio daquela escarpa granítica, o viajante rejubilou-se ao saber que nenhuma embarcação a tinha visitado e que tampouco recebera um nome. Os marujos

rezaram e cantaram até que o barulho ficasse para trás, e Carter sonhou terríveis sonhos dentro de sonhos por toda a madrugada.

Na segunda manhã depois do ocorrido assomou no oriente longínquo uma fileira de grandes picos cinzentos cujos cimos perdiam-se nas nuvens imutáveis daquele mundo crepuscular. E ao vê-los os marinheiros entoaram canções alegres, e alguns caíram de joelhos no convés para rezar; e então Carter soube que haviam chegado à terra de Inganok e que logo o navio estaria amarrado a um cais basáltico da grandiosa cidade que levava o nome de toda a região. Próximo ao meio-dia surgiu um litoral escuro, e antes das três da tarde delinearam-se ao norte as cúpulas bulbosas e os fantásticos coruchéus da cidade de ônix. Rara e singular, a cidade arcaica se erguia acima dos muros e cais, toda feita em um delicado matiz de preto e repleta de frisos, volutas e arabescos com incrustações de ouro. Altas e ventiladas eram as casas, dotadas de muitas janelas e ornadas em todos os lados com entalhes florais e desenhos cujas escuras simetrias ofuscavam o olhar com uma beleza mais intensa do que a luz. Algumas terminavam em imponentes cúpulas inchadas que se afinavam em um cume agudo; outras, em pirâmides com terraços onde se erguiam grupos de minaretes que ostentavam toda sorte de estranheza e devaneio fantástico. Os muros eram baixos e atravessados por diversos portões, todos encaixados em um grande arco que se erguia acima do nível geral e rematados pela cabeça de um deus entalhada com a mesma habilidade evidenciada pelo monstruoso rosto na distante Ngranek. Em uma colina no centro da cidade erguia-se acima de todas as outras uma torre hexadecagonal com um altaneiro campanário e um coruchéu que repousavam sobre uma cúpula achatada. Aquele, segundo os marinheiros, era o Templo dos Anciões, governado por um antigo sacerdote detentor de tristes segredos arcanos.

De tempos em tempos o dobre de um estranho sino fazia a cidade de ônix estremecer, e sempre era respondido pelo clamor de uma música composta por cornos, violas e vozes cantantes. A fileira de tripés na galeria que circunda a altaneira cúpula do templo em certos momentos era abalada por uma explosão de chamas; pois os sacerdotes e os habitantes da cidade eram versados nos mistérios primordiais e acreditavam em manter o ritmo dos Grandes Deuses de acordo com os ensinamentos de certos pergaminhos mais antigos do que os Manuscritos Pnakóticos. À

medida que o navio deixava para trás os grandes molhes de basalto e adentrava o porto os rumores da cidade fizeram-se ouvir, e Carter viu os escravos, os marujos e os mercadores nas docas. Os marujos e mercadores tinham o estranho rosto da raça divina, porém os escravos eram homens atarracados e de olhos oblíquos que, segundo as lendas, teriam atravessado ou contornado os picos intransponíveis desde os vales para além de Leng. Os portos estendiam-se para muito além do muro da cidade e ofereciam toda sorte de mercadoria nas galés ancoradas, enquanto em uma das extremidades havia enormes pilhas de ônix bruto e entalhado aguardando o transporte para os longínquos mercados de Rinar, Ogrothan e Celephaïs.

A noite ainda não havia caído quando o navio escuro fundeou ao lado de um cais de pedra e a seguir todos os marujos e mercadores saíram em fila e atravessaram o portão em arco que levava ao interior da cidade. As ruas eram de ônix, e algumas vias eram largas e retas ao extremo, enquanto outras eram curvas e estreitas. As casas próximas à água eram mais baixas do que as outras e ostentavam acima da porta em arco certos símbolos de ouro que prestavam honra aos deuses menores que protegiam cada residência. O capitão do navio levou Carter até uma antiga taverna portuária onde se reuniam os marinheiros dos mais singulares países e prometeu que no dia seguinte mostraria todas as maravilhas da cidade crepuscular e o acompanharia às tavernas dos mineiros de ônix próximas ao muro norte. E a noite caiu, e pequenas lâmpadas de bronze se acenderam, e os marujos naquela taverna entoaram canções de lugares remotos. Porém, quando o grande sino da altaneira torre repicou sobre a cidade e o enigmático clamor de cornos e violas e vozes se ergueu em resposta, todos interromperam as canções ou as histórias e curvaram-se em silêncio até que o último eco se dissipasse. Pois existe um portento e uma estranheza na cidade crepuscular de Inganok, e os homens temem a inobservância dos ritos por medo de que uma vingança possa estar à espreita.

Ao longe, nas sombras da taverna, Carter percebeu um vulto atarracado que em nada o agradou, pois sem dúvida tratava-se do velho mercador de olhos oblíquos visto muito tempo atrás nas tavernas de Dylath-Leen e famoso por manter comércio com os terríveis vilarejos de pedra em Leng, um lugar evitado por todos os homens salubres cujas fo-

gueiras malignas podem ser vistas de longe à noite, e até mesmo com o alto sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela por cima do rosto e habita sozinho um pré-histórico monastério de pedra. Esse homem tinha dado a impressão de um fugaz lampejo de conhecimento quando Carter perguntou aos mercadores de Dylath-Leen sobre a devastação gelada e Kadath; e por algum motivo aquela presença na escura e assombrada Inganok, tão próxima às maravilhas do norte, causou-lhe certa inquietação. O homem sumiu de vista antes que Carter pudesse dirigir-lhe a palavra, e os marujos disseram que havia chegado em uma caravana de iaques vindo de um lugar insabido, transportando os ovos colossais e saborosos do suposto pássaro-*shantak* para trocá-los pelos hábeis cálices de jade que os mercadores traziam de Ilarne.

Na manhã seguinte o capitão do navio conduziu Carter pelas ruas de ônix de Inganok, toldadas pelo céu crepuscular. As portas com incrustações e as fachadas com desenhos, os balcões entalhados e as janelas com folhas de cristal reluziam com uma beleza sombria e polida; e de vez em quando surgia uma esplanada repleta de pilares negros, colunatas e estátuas de curiosos seres a um só tempo humanos e fabulosos. Não existem palavras para descrever a beleza e a estranheza de certos panoramas nas longas avenidas retas, ou nas ruelas laterais e acima de cúpulas bulbosas, coruchéus e tetos ornados com arabescos; e nada era mais esplêndido do que a altura vertiginosa do imponente Templo dos Anciões, com a torre hexadecagonal, a cúpula achatada e o altaneiro campanário encimado por um coruchéu, que se erguia acima de toda a cidade e dominava todos os ângulos do panorama. Seguindo rumo ao oriente, para muito além dos muros da cidade e das léguas e mais léguas de pradarias, erguiam-se as laterais cinzentas e lúgubres dos picos intransponíveis e intermináveis para além dos quais, segundo as lendas, estendia-se Leng.

O capitão levou Carter ao imponente templo, que se situava com o jardim em uma grande esplanada redonda de onde as ruas partem como os raios de uma roda. Os sete portões arqueados do jardim — cada um deles encimado por um rosto entalhado como os que adornam os portões da cidade — estão sempre abertos; e as pessoas caminham à vontade com passos reverentes pelas rotas calçadas e pelas estreitas ruelas repletas de marcos grotescos e santuários de deuses modestos. E também

existem fontes, lagos e bacias que refletem o brilho ininterrupto dos tripés montados na altaneira sacada, todos feitos de ônix e repletos de peixinhos luminosos capturados por mergulhadores nos mais profundos caramanchões do oceano. Quando o grave clangor do campanário estremece sobre o jardim e a cidade e a resposta dos cornos e violas e vozes se ergue das sete guaritas junto aos portões do jardim, emergem das sete portas do templo longas fileiras de sacerdotes que trajam máscaras e mantos negros enquanto carregam, estendidos à frente do corpo, grandes recipientes dourados de onde se ergue um estranho vapor. E todas as sete fileiras avançam de maneira peculiar em fila simples, estendendo as pernas para frente sem dobrar os joelhos, e seguem pelos caminhos que levam até as sete guaritas, onde então desaparecem para não mais reaparecer. Dizem que galerias subterrâneas ligam as guaritas ao templo e que as longas fileiras de sacerdotes retornam por esse caminho; e não se pode negar a existência de rumores sobre profundos lances de degraus em ônix que descem rumo a mistérios inefáveis. Mas poucos insinuam que os sacerdotes que trajam máscaras e mantos naquelas fileiras não sejam humanos.

Carter não entrou no templo porque ninguém além do Rei Velado tem permissão para assim proceder. Porém, antes que deixasse o jardim chegou a hora do sino, e Carter escutou quando o clangor fez todo o céu estremecer e os lamentos de cornos e violas e vozes ergueram-se nas guaritas junto dos portões. E pelos sete grandes caminhos desceram as longas fileiras de sacerdotes, carregando os recipientes de maneira singular e instilando no viajante um medo que os sacerdotes humanos em geral não instilam. Quando o último integrante da fila desapareceu no interior da guarita Carter deixou o jardim, notando ao se afastar um ponto na calçada por onde os recipientes haviam passado. O capitão do navio tampouco gostava daquele lugar, e apressou o explorador em direção à colina onde o palácio do Rei Velado se ergue em meio a cúpulas múltiplas e a outras maravilhas.

Os caminhos que levam ao palácio de ônix são íngremes e estreitos, a não ser pela estrada curva por onde o rei e o cortejo real transitam em iaques ou em carruagens puxadas por estes animais. Carter e o guia subiram por uma ruela feita inteiramente de degraus, que ficava entre muros com incrustações de estranhos símbolos dourados, e sob sacadas e

janelas de onde às vezes emanavam discretos trenos musicais ou sopros ou fragrâncias exóticas. Mais à frente avultavam as muralhas titânicas, as imponentes ameias e as cúpulas bulbosas pelas quais o palácio do Rei Velado é famoso; e por fim os dois passaram sob um grande arco e emergiram nos jardins que compraziam o monarca. Nesse ponto Carter precisou deter o passo, atordoado ao se deparar com tanta beleza; pois os terraços de ônix e os passeios ladeados por colunatas, os alegres *parterres* e as delicadas árvores balouçantes dispostas em latadas auríferas, as imponentes urnas e os tripés com baixos-relevos impressionantes, as estátuas em mármore com veios negros que davam a impressão de respirar no alto de pedestais, os lagos com fundo de basalto e as fontes azulejadas com peixes luminosos, os diminutos templos de pássaros canoros iridescentes no alto de colunas entalhadas, as maravilhosas volutas dos grandes portões de bronze e as trepadeiras em flor espalhavam-se por cada centímetro das muralhas polidas e complementavam-se de maneira a compor um panorama cuja beleza transcendia a realidade e parecia quase fabulosa mesmo na terra dos sonhos. Cintilava como uma miragem sob o plúmbeo céu crepuscular com a plangente magnificência do palácio abobadado mais adiante e a fantástica silhueta dos longínquos cumes intransponíveis à direita. E os pássaros e as fontes não paravam de cantar enquanto o perfume de flores raras estendia-se como um véu por cima de todo o incrível jardim. Não havia nenhuma outra presença humana naquele lugar, e Carter apreciou que assim fosse. A seguir fizeram uma curva e tornaram a descer os degraus da ruela de ônix, uma vez que o palácio não podia ser visitado por ninguém; e não convém olhar por muito tempo e com muita atenção para a enorme cúpula central, pois dizem que o lugar abriga o pai de todos os supostos pássaros-*shantak* e provoca estranhos sonhos nos curiosos.

Depois o capitão levou Carter até a região norte do vilarejo, próximo ao Portão das Caravanas, onde se situam as tavernas dos mercadores de iaques e dos mineradores de ônix. Lá, em uma estalagem de teto baixo apinhada de mineiros, os dois se despediram; pois o capitão tinha negócios a tratar, enquanto Carter estava ansioso por falar com os mineiros a respeito do norte. Havia muitos homens na estalagem, e o viajante não tardou a interpelar um deles dizendo que era um velho minerador de ônix ansioso por saber alguma coisa a respeito das pedreiras de Inga-

nok. Porém, não descobriu muita coisa além do que já sabia, pois os mineiros eram tímidos e evasivos ao falar sobre o deserto gelado ao norte e sobre a pedreira onde nenhum homem se atreve a ir. Temiam os fabulosos emissários ao redor das montanhas intransponíveis para além das quais segundo as lendas estendia-se Leng, bem como as presenças malignas e as sentinelas sem nome que ficavam no extremo norte em meio a rochas espalhadas. E também diziam aos sussurros que os supostos pássaros-*shantak* não eram coisas salubres; de fato, era melhor que nenhum homem jamais tivesse visto uma dessas criaturas (pois o fabuloso pai dos *shantaks* que habita a cúpula do rei se alimenta no escuro).

No dia seguinte, depois de alegar que gostaria de ver as minas com os próprios olhos e visitar as fazendas espalhadas e os pitorescos vilarejos de ônix em Inganok, Carter alugou um iaque e encheu grandes alforjes de couro para a jornada. Para além do Portão das Caravanas a estrada seguia numa linha reta em meio aos campos arados e a estranhas casas rústicas colmadas por cúpulas baixas. Em algumas dessas casas o explorador deteve-se para fazer perguntas; e em certo ponto deparou-se com um anfitrião tão austero e reticente, e tão cheio de uma majestade indefinível similar àquela das enormes feições em Ngranek, que teve certeza de estar frente a frente com um dos Grandes Deuses, ou ao menos de alguém com nove décimos de sangue divino que morava entre os homens. E para esse austero e reticente camponês Carter teve o cuidado de falar muito bem sobre os deuses, e de louvar todas as bênçãos que haviam lhe concedido.

À noite Carter acampou em um prado na beira da estrada sob a copa de uma árvore-*lygath* à qual amarrou o iaque, e pela manhã continuou a peregrinação rumo ao norte. Por volta das dez horas chegou às pequenas cúpulas no vilarejo de Urg, onde os mercadores repousam e os mineiros contam histórias, e permaneceu nas tavernas até o meio-dia. Nesse ponto a grande estrada das caravanas faz uma curva a oeste, em direção a Selarn, mas Carter seguiu rumo ao norte pelo caminho da mina. Por toda a tarde avançou pela estrada cada vez mais íngreme, que era um pouco mais estreita do que a grande estrada das caravanas e passava por uma região com mais rochas do que campos arados. À noite os outeiros à esquerda haviam dado lugar a penhascos negros consideráveis, e assim Carter soube que estava próximo à região mineira. O tempo inteiri-

ro as colossais e lúgubres encostas das montanhas intransponíveis sobranceavam ao longe, e quanto mais Carter avançava, mais terríveis eram as histórias que os fazendeiros e mercadores e condutores de carretas abarrotadas de ônix contavam a respeito do lugar.

Na segunda noite, depois de amarrar o iaque a uma estaca fincada no chão, acampou à sombra de uma grande escarpa negra. Percebeu a intensa fosforescência das nuvens naquele ponto setentrional e mais de uma vez imaginou enxergar vultos escuros delinearem-se contra o firmamento. E na terceira manhã avistou a primeira de várias pedreiras de ônix, e saudou os homens que lá trabalhavam com picaretas e formões. Antes do entardecer havia passado por onze pedreiras; naquele ponto o panorama era dominado por penhascos e rochedos de ônix, sem nenhuma vegetação — apenas grandes fragmentos rochosos espalhados no chão de terra preta, com os cinzentos picos intransponíveis sempre a se erguerem lúgubres e sinistros à direita. A terceira noite foi passada em um acampamento de mineiros cujas fogueiras crepitantes projetavam estranhos reflexos nos penhascos reluzentes a oeste. E os homens entoaram muitas canções e contaram muitas histórias, e evidenciaram tantos estranhos conhecimentos sobre os tempos de outrora e os hábitos divinos que Carter notou que tinham inúmeras memórias latentes dos antepassados — os Grandes Deuses. Perguntaram para onde ia, e aconselharam-no a não avançar muito rumo ao norte; mas Carter respondeu que estava procurando novos penhascos de ônix e que não assumiria riscos maiores do que qualquer outro prospector. Pela manhã Carter despediu-se e avançou rumo ao norte cada vez mais escuro, onde haviam dito que encontraria a temida e abandonada pedreira de onde mãos mais antigas do que o homem tinham arrancado blocos prodigiosos. Mas não gostou quando, ao se virar para um último adeus, imaginou ter visto, próximo ao acampamento, o velho mercador atarracado e evasivo com olhos oblíquos, cujo suposto comércio com Leng era motivo de boatos na distante Dylath-Leen.

Depois de mais duas pedreiras a parte habitada de Inganok dava a impressão de acabar, e a estrada se afunilava em um caminho para iaques cada vez mais íngreme entre os formidáveis penhascos negros. Sempre à direita sobranceavam os lúgubres e distantes picos, e à medida que Carter avançava o reino inexplorado tornava-se mais frio e mais escuro. Lo-

go o viajante percebeu que não havia pegadas nem marcas de cascos no caminho preto que galgava, e assim percebeu que de fato tinha adentrado os estranhos e desertos caminhos dos tempos antigos. De vez em quando um corvo crocitava ao longe, e às vezes um ruflar de asas por trás de uma rocha colossal insinuava a inquietante presença do suposto pássaro-*shantak*. Porém, na estrada Carter estava sozinho com a montaria desgrenhada, e preocupou-se ao notar que o excelente iaque demonstrava uma relutância cada vez maior em avançar, bem como uma disposição cada vez maior de bufar assustado ao menor sinal de barulho na rota.

Em seguida o caminho espremeu-se por entre reluzentes muros sable e começou a exhibir uma elevação ainda mais íngreme do que antes. O chão era irregular, e muitas vezes o iaque escorregava nos fragmentos de pedra espalhados em grande quantidade ao redor. Passadas duas horas, Carter divisou um cume para além do qual havia tão-somente um céu plúmbeo e monótono e abençoou o prospecto de um percurso nivelado ou descendente. Chegar ao cume, no entanto, não seria uma tarefa simples; pois naquele ponto o caminho era quase perpendicular e revelava-se perigoso ao extremo devido a incontáveis fragmentos soltos de rocha preta e pequenas pedras. Por fim, Carter apeou do iaque e passou a conduzir a desconfiada montaria, puxando as rédeas com força sempre que o animal empacava ou tropeçava enquanto tentava manter o equilíbrio da melhor forma possível. De repente chegou ao topo da elevação e enxergou mais além, e espantou-se com o que viu.

O caminho de fato seguia adiante e apresentava um declive suave, com as mesmas linhas de elevados paredões naturais de antes; porém à esquerda abria-se um monstruoso espaço vazio, com vastos acres de extensão, de onde algum poder arcaico havia arrancado e demolido os penhascos nativos de ônix em uma pedreira de gigantes. A escavação ciclópica avançava sobre a rocha sólida do precipício e chegava aos mais bem-guardados recônditos nas entranhas da Terra. Não poderia ser uma pedreira humana, e as laterais côncavas ostentavam cicatrizes quadradas de vários metros, que indicavam o tamanho dos blocos cortados por mãos e formões sem nome. No alto da escarpa grandes corvos esvoaçavam e crocitavam, e vagos rumores nas profundezas ocultas sugeriam morcegos ou *urhags* ou outras presenças nefandas a assombrar a escuri-

dão eterna. Naquele instante, Carter deteve-se na estreita passagem em meio ao crepúsculo com o rochoso caminho descendente adiante; à direita, elevados penhascos de ônix estendiam-se até onde a vista alcançava, e à esquerda elevados penhascos cortados logo à frente davam forma à terrível e extraterrena pedreira.

De repente o iaque soltou um berro e fugiu do controle de Carter, dando um salto para frente e correndo em pânico até desaparecer no estreito declive rumo ao norte. As pedras espalhadas pelos velozes cascos do animal caíam da pedreira e desapareciam no escuro sem fazer nenhum som que indicasse a chegada ao fundo; mas Carter ignorou os perigos do estreito caminho enquanto corria sem fôlego atrás da veloz montaria. Logo os penhascos à esquerda retornaram à normalidade, mais uma vez transformando o caminho em uma passagem estreita; porém mesmo assim o viajante seguiu correndo atrás do iaque cujos rastros espaçados indicavam uma fuga em pânico.

Em certo momento Carter imaginou ter captado a batida dos cascos da montaria assustada e redobrou a velocidade por conta desse incentivo. Estava percorrendo quilômetros, e aos poucos o caminho à frente se abriu e por fim o explorador soube que não tardaria a adentrar o gélido e temível deserto ao norte. Os lúgubres flancos cinzentos dos longínquos picos intransponíveis mais uma vez surgiram acima dos penhascos à direita, e à frente estavam as rochas e penedos de um amplo espaço que sem dúvida oferecia um primeiro relance da escura e infinita planície. E mais uma vez os cascos soaram nas orelhas do explorador, ainda mais claros do que antes, porém dessa vez instilando terror em vez de incentivo, porque não eram mais os cascos do iaque em fuga. Eram passos implacáveis e decididos que vinham de trás.

A perseguição ao iaque de repente transformou-se em uma fuga de uma coisa invisível, pois embora não se atrevesse a olhar por cima do ombro, Carter sentia que a presença mais atrás não poderia ser nada salubre ou sequer mencionável. O iaque devia ter ouvido ou percebido a aproximação, e Carter relutou em indagar se aquilo o teria seguido desde as moradas dos homens ou se teria saído do negro fosso na pedreira. Nesse meio-tempo os penhascos haviam ficado para trás, de modo que a iminente chegada da noite anunciava-se em meio à enorme desolação arenosa e às rochas espectrais onde todos os caminhos perdiam-se. Car-

ter não conseguia mais ver os rastros do iaque, porém continuava escutando atrás de si as detestáveis batidas, por vezes misturadas ao que imaginava ser um ruflar e um rumor de asas frenéticas. A aproximação daquela coisa era um incômodo evidente, e Carter sabia que estaria irremediavelmente perdido naquele deserto arrasado e inóspito de rochas e areias inexploradas. Somente os remotos e intransponíveis cumes à direita ofereciam qualquer resquício de orientação, mas logo tornaram-se menos evidentes à medida que o crepúsculo cinzento desvaneceu para dar lugar à fosforescência mortiça das nuvens.

Em seguida, Carter teve um horrendo vislumbre tênue e nebuloso em direção ao norte escuro. Por alguns momentos imaginou tratar-se de uma cordilheira de montanhas negras, porém a seguir notou que era algo mais. A fosforescência das nuvens ameaçadoras proporcionara-lhe uma visão inconfundível, e chegara a delinear certos contornos enquanto vapores baixos cintilavam mais atrás. Não seria possível estimar a distância, mas parecia ser muito grande. A coisa tinha milhares de metros de altura e se estendia em um enorme arco côncavo desde os cinzentos picos intransponíveis até lugares inimaginados a oeste, e outrora tinha sido de fato uma cordilheira de imponentes colinas de ônix. Mas as colinas já não eram mais colinas, pois forças maiores que as do homem haviam-nas tocado. Permaneciam agachadas no topo do mundo, como lobos ou *ghouls* cingidos por nuvens e névoas, guardando para sempre os segredos do norte. Agachavam-se em um enorme semicírculo, aquelas montanhas caninas transformadas em monstruosas estátuas vigilantes, e tinham as destras erguidas contra a humanidade em sinal de ameaça.

Foi apenas a luz bruxuleante das nuvens que criou a ilusão de um gesto nas duplas cabeças mitradas, mas enquanto seguia adiante Carter viu se erguerem daqueles regaços sombrios vultos cujos movimentos não eram nenhum delírio. Com um ruflar de asas, essas formas tornavam-se maiores a cada momento, e o explorador soube que a caminhada havia chegado ao fim. Não eram pássaros nem morcegos conhecidos em outras plagas da Terra ou sequer das terras oníricas, pois eram maiores do que elefantes e tinham cabeças como a dos cavalos. Carter soube que deviam ser os pássaros-*shantak* de mau agouro, e enfim descobriu os guardiões maléficos e as sentinelas inomináveis que levavam os homens a evitar o deserto de rocha boreal. E quando deteve-se em uma resigna-

ção derradeira, tomou coragem e olhou para trás; e de fato avistou o atarracado mercador de olhos oblíquos mencionado em lendas nefastas, montado em um iaque magro com um sorriso zombeteiro no rosto enquanto liderava uma pestilenta horda de *shantaks* malignos cujas asas ainda ostentavam a geada e o salitre dos abismos inferiores.

Mesmo encurralado pelos fabulosos e hipocéfalos pesadelos alados que o rondavam em enormes círculos blasfemos, Randolph Carter não perdeu a consciência. Sobranceiras e horrendas pairavam as gárgulas titânicas quando o mercador de olhos oblíquos apeou do iaque e postou-se com um sorriso escarninho à frente do prisioneiro. Com um gesto, o homem indicou a Carter que montasse em um dos repugnantes *shantaks*, ajudando-o a subir enquanto a consciência do viajante tentava vencer o asco. Foi difícil montar a criatura, pois os pássaros-*shantak* têm escamas no lugar de penas, e essas escamas são muito escorregadias. Quando o prisioneiro conseguiu montar, o homem de olhos oblíquos pulou logo atrás, e o magro iaque foi conduzido rumo ao círculo de montanhas entalhadas mais ao norte por um dos incríveis colossos alados.

A seguir veio um voo horrendo pelo espaço gélido, infinitamente para cima e para o leste, rumo aos lúgubres flancos das montanhas intransponíveis para além das quais, segundo as lendas, estendia-se Leng. Voaram muito acima das nuvens, até que por fim estivessem sobre os fabulosos píncaros que os homens de Inganok jamais viram, e que estão sempre envoltos por altos redemoinhos de névoa cintilante. Carter os viu com clareza quando passaram, e percebeu no alto dos picos mais elevados estranhas cavernas que o fizeram pensar naquelas avistadas em Ngranek; porém achou melhor não questionar o captor quando percebeu que tanto o homem como o *shantak* hipocéfalo pareceram demonstrar um estranho temor em relação àquelas coisas, fazendo um voo apressado e evidenciando uma profunda tensão até que os deixassem para trás.

Em seguida o *shantak* diminuiu a altitude, revelando por sob o dossel de nuvem uma cinzenta planície devastada onde pequenas fogueiras queimavam a grandes distâncias umas das outras. Durante a aterrissagem, surgiam a intervalos solitárias cabanas de granito e vilarejos de pedra cujas minúsculas janelas iluminavam-se com uma luz pálida. E des-

sas cabanas e vilarejos vinham estridentes sons de assovios e nauseantes ruídos de cascavéis, que provaram de uma vez por todas que os homens de Inganok estão certos em suas especulações geográficas. Pois outros viajantes já ouviram aqueles sons em outras ocasiões, e sabem que emanam apenas do frio e deserto platô jamais visitado por homens salubres; do assombrado lugar de malignidade e mistério que é Leng.

Vultos negros dançavam ao redor das débeis fogueiras, e Carter ficou curioso para saber que tipo de criatura podiam ser; pois nenhuma pessoa salubre jamais havia estado em Leng, e o lugar só é conhecido pelas fogueiras e pelas cabanas de pedra vistas de longe. As formas executavam saltos lentos e canhestros, acompanhados por torções e outras manobras desagradáveis ao olhar; de modo que Carter não se admirou com a malignidade suprema que lhes era atribuída em lendas vagas, nem com o temor demonstrado por todos os habitantes das terras em relação ao repelente platô congelado. Quanto mais baixo o *shantak* voava, mais a repulsa inspirada pelos dançarinos parecia tingida por uma certa familiaridade infernal; e o prisioneiro continuou a forçar a vista e a vasculhar a memória em busca de pistas sobre quando teria visto aquelas criaturas antes.

Saltavam como se tivessem cascos em vez de pés, e pareciam usar uma espécie de peruca ou adorno de cabeça com pequenos chifres. Não usavam mais nenhum item de vestuário, porém muitas eram um tanto hirsutas. Tinham pequenas caudas vestigiais, e quando olhavam para cima Carter podia ver a largura excessiva das bocas. Naquele instante compreendeu o que eram, e também que não usavam nenhum tipo de peruca ou adorno de cabeça. Pois o críptico povo de Leng pertencia à mesma raça dos incômodos mercadores das galés negras que negociavam rubis em Dylath-Leen — os mercadores humanoides escravizados pelas monstruosas coisas lunares! De fato, eram o mesmo povo de tez escura que havia sequestrado Carter na abjeta galé muito tempo atrás, e cujos semelhantes tinha visto andar em bando nos sórdidos cais daquela amaldiçoada cidade lunar, enquanto os mais franzinos mourejavam e os mais gordos eram levados em caixotes para satisfazer outras necessidades dos mestres amorfos e poliposos. Naquele instante Carter soube de onde vinham aquelas criaturas ambíguas, e estremeceu ao pensar que

Leng deveria ser um território conhecido por aquelas informes abominações lunares.

Porém, o *shantak* voou para além das fogueiras e das cabanas de pedra e dos dançarinos inumanos, e planou acima das colinas estéreis de granito cinzento e das obscuras devastações de rocha e gelo e neve. O dia raiou, e a fosforescência das nuvens mais baixas deu lugar ao crepúsculo nebuloso do mundo setentrional enquanto o vil pássaro-*shantak* batia as asas em meio ao frio e ao silêncio. Às vezes o homem de olhos oblíquos conversava com a montaria em um odioso idioma gutural, e o *shantak* respondia com tons gargalhantes e ríspidos como o raspar de vidro quebrado. Durante todo esse tempo o terreno se elevava cada vez mais, até por fim culminar em um platô arrasado pelo vento que parecia ser o ápice de um mundo devastado e desabitado. Lá, sozinhas em meio ao silêncio e ao crepúsculo e ao frio, erguiam-se as rústicas pedras de uma atarracada construção sem janelas rodeada por monólitos brutos. Não havia nenhum elemento humano naquele arranjo, e ao lembrar-se das antigas lendas Carter pressupôs que havia de fato chegado ao mais temível e ao mais lendário de todos os lugares — o remoto monastério pré-histórico onde habita sozinho o alto sacerdote que não deve ser descrito, que usa uma máscara de seda amarela por cima do rosto e reza para os Outros Deuses e para o caos rastejante Nyarlathotep.

O ascoroso pássaro-*shantak* enfim pousou, e o homem de olhos oblíquos desceu com um salto e ajudou o prisioneiro a apear. Quanto ao propósito daquela captura, Carter não podia ter certeza; pois sem dúvida o mercador de olhos oblíquos era um agente das forças sombrias, ansioso por levar à presença dos mestres um mortal cuja presunção era encontrar a desconhecida Kadath e fazer uma oração diante dos Grandes Deuses no castelo de ônix. Parecia um tanto provável que o mercador tivesse ordenado a captura feita pelos escravos das coisas lunares em Dylath-Leen e que naquele momento tivesse a intenção de levar a termo o plano que os gatos haviam frustrado, conduzindo a vítima a um terrível encontro com o monstruoso Nyarlathotep a fim de denunciar a temeridade com que o viajante havia se lançado em busca da desconhecida Kadath. Tudo indicava que Leng e a desolação gelada ao norte de Inganok ficassem próximas aos Outros Deuses, e naquele ponto os desfiladeiros rumo a Kadath são muito bem guardados.

O homem de olhos oblíquos era pequeno, mas o enorme pássaro hipocéfalo assegurava que todas as ordens fossem obedecidas; e assim Carter seguiu-o e passou ao interior do círculo de monólitos e cruzou a atarracada porta que dava acesso ao monastério de pedra sem janelas. Não havia iluminação lá dentro, porém o funesto mercador acendeu uma pequena lamparina de barro ornada com mórbidos baixos-relevos e empurrou o prisioneiro ao longo de labirintos com estreitos corredores serpenteantes. Nas paredes dos corredores, pavorosas cenas mais antigas do que a própria história estavam pintadas em um estilo desconhecido a todos os arqueólogos da Terra. Mesmo depois de incontáveis éons os pigmentos continuavam intensos, pois o clima frio e seco da horripilante Leng mantinha vivas inúmeras coisas ancestrais. Carter viu os desenhos de relance graças aos raios da lamparina tênue e bruxuleante e estremeceu ao compreender a história que contavam.

Os anais de Leng desfilavam por aqueles afrescos primordiais; e os humanoides com chifres, cascos e bocas largas executavam danças malignas em meio a cidades esquecidas. Havia cenas de antigas guerras em que os humanoides de Leng combatiam as túmidas aranhas roxas dos vales próximos; e havia cenas que retratavam a chegada das galés negras vindas da lua, e a sujeição do povo de Leng às blasfêmias poliposas e amorfas que saltavam e se arrastavam e se contorciam nas paredes. Essas blasfêmias escorregadias e esbranquiçadas foram reverenciadas como deuses, e portanto os nativos jamais reclamavam quando dezenas de machos gordos eram levados pelas galés negras. As monstruosas bestas lunares haviam se instalado em uma ilha escarpada em pleno mar, e Carter percebeu no afresco que não poderia ser outro lugar senão o escolho solitário e sem nome avistado durante a viagem para Inganok — a rocha cinzenta e maldita temida pelos marinheiros de Inganok onde uivos malignos reverberam durante a noite inteira.

E os afrescos retratavam a grande capital portuária dos humanoides, solene e repleta de pilares em meio aos penhascos e aos cais basálticos e fabulosa devido aos templos sobranceiros e às construções entalhadas. Jardins enormes e ruas ladeadas por colunas saíam dos penhascos e de cada um dos seis portões rematados por esfinges para encontrar-se em uma vasta esplanada central, onde havia dois gigantescos leões alados que vigiavam o topo de uma escadaria subterrânea. Os enormes leões

alados surgiam repetidas vezes nos afrescos, com os imponentes flancos de diorito reluzindo no crepúsculo cinzento do dia e na fosforescência nebulosa da noite. E enquanto avançava aos tropeços em meio às frequentes e repetidas imagens, Carter enfim percebeu o que eram de fato, e que cidade era aquela onde os humanoides haviam reinado em tempos primordiais anteriores à chegada das galés negras. Não havia como se equivocar, pois as lendas das terras oníricas são generosas e profusas. Sem dúvida aquela cidade ancestral não era outro lugar senão a lendária Sarkomand, cujas ruínas haviam deteriorado ao sol por um milhão de anos antes que o primeiro ser humano verdadeiro surgisse na Terra e cujos titânicos leões gêmeos guardam para sempre os degraus que descem das terras oníricas ao Grande Abismo.

Outras representações mostravam os lúgubres picos cinzentos que separavam Leng de Inganok, bem como os monstruosos pássaros-*shantak* que constroem ninhos no alto das encostas. Mostravam também as singulares cavernas próximas aos pináculos mais elevados, e como até mesmo os *shantaks* mais destemidos fogem gritando ao vê-las. Carter tinha avistado as cavernas enquanto as sobrevoava e percebido as semelhanças com as cavernas em Ngranek. Naquele instante, soube que a semelhança era mais do que uma simples coincidência, pois os afrescos mostravam seus temíveis habitantes; e as asas de morcego, os chifres curvos, as caudas serrilhadas, as garras preênsais e o corpo borrachento não lhe eram estranhos. Já havia encontrado aquelas criaturas silenciosas, esvoaçantes e pegajosas — os guardiões irracionais do Grande Abismo temidos até mesmo pelos Grandes Deuses que têm por senhor não o caos rastejante Nyarlathotep, mas o encanecido Nodens. Eram os temíveis noctétricos, que jamais sorriem ou gargalham porque não têm rosto, e que se debatem incessantemente na escuridão entre o Vale de Pnath e os desfiladeiros que conduzem ao mundo exterior.

Nesse ponto o mercador de olhos oblíquos empurrou Carter para o interior de um grande recinto abobadado cujas paredes eram cobertas por medonhos baixos-relevos e em cujo centro abria-se um fosso circular rodeado por um círculo de seis altares de pedra com máculas sinistras. Não havia iluminação na vasta cripta malcheirosa, e a pequena lâmparina do funesto mercador oferecia uma luz tão parca que somente aos poucos foi possível discernir os detalhes. Na extremidade mais distante

havia um púlpito de pedra acessado por cinco degraus; e sentada em um trono dourado havia uma figura envolta em mantos de seda amarela trabalhada em vermelho e com o rosto coberto por uma máscara de seda amarela. O homem de olhos oblíquos executou certos gestos com as mãos e o vulto à espreita nas trevas respondeu erguendo uma odiosa flauta entalhada em marfim nas patas cobertas de seda e tirando sons repulsivos por sob a ondulante máscara amarela. Esse colóquio estendeu-se por algum tempo, e Carter percebeu semelhanças nauseantes entre o som da flauta e o fedor pungente do malcheiroso recinto. Lembrou-se da temível cidade das luzes vermelhas e da repugnante procissão que a atravessou em fileira; e também da terrível escalada através do terreno lunar mais além, antes que fosse resgatado pela enxurrada de amistosos gatos amigos vindos da Terra. Carter soube que a criatura no púlpito era sem dúvida o alto sacerdote que não deve ser descrito a respeito do qual as lendas sussurram possibilidades anormais e demoníacas, mas assustou-se ao pensar o que exatamente o abominável sacerdote poderia ser.

Então a seda trabalhada escorregou de uma das patas branquicentas, e Carter soube o que era o abjeto sacerdote. E naquele horrendo instante o medo irresistível incitou-o a um ato que a razão jamais teria arriscado, pois em toda aquela consciência abalada havia espaço somente para a vontade frenética de escapar do vulto que repousava no trono dourado. Carter sabia que invencíveis labirintos de pedra o separavam do frio platô no lado de fora, e que mesmo se alcançasse o platô o deletério *shantak* estaria a postos; porém mesmo assim não sentia nada além da vontade urgente de se afastar daquela monstruosidade que se retorcia ataviada em mantos de seda.

O homem de olhos oblíquos havia deixado a lamparina em um dos altares maculados junto do fosso e avançou um pouco a fim de se comunicar com o sacerdote usando as mãos. Carter, que até aquele instante continuara passivo, de repente empurrou o homem com toda a incontável força do medo, e a vítima precipitou-se no mesmo instante rumo ao interior do fosso que segundo as lendas descem até as infernais Catacumbas de Zin, onde os *gugs* caçam *ghasts* na escuridão. Quase no mesmo instante Carter pegou a lamparina do altar e disparou rumo aos labirintos decorados com afrescos, correndo de um lado para o outro conforme os ditames da sorte enquanto tentava não pensar no rumor

abafado de patas macias e amorphas atrás de si nem nas contorções e deslizamentos silenciosos que deviam estar acontecendo nos corredores escuros.

Passados alguns momentos, lamentou a fuga precipitada e desejou que houvesse tentado prestar maior atenção aos afrescos que havia deixado para trás ao entrar. Verdade que eram confusos e complexos a ponto de não poder oferecer muita ajuda, porém mesmo assim desejou que ao menos tivesse feito a tentativa. Os que viu naquele instante eram ainda mais terríveis do que os afrescos vistos anteriormente, e Carter soube que não estava nos corredores que levavam à saída. Depois de alguns instantes teve quase certeza de que não estava sendo seguido e diminuiu a marcha; porém mal havia dado um suspiro de alívio quando foi assaltado por um novo perigo. A lamparina começava a se apagar, e Carter logo estaria na escuridão absoluta sem nenhum meio de visão ou de orientação.

Quando a luz enfim se extinguiu, tateou devagar no escuro e rezou aos Grandes Deuses pedindo toda a ajuda possível. Às vezes percebia um auge ou um declive nos corredores de pedra, e a dada altura tropeçou em um degrau para cuja existência não parecia haver explicação alguma. Quanto mais avançava, mais úmida a atmosfera parecia ficar, e sempre que percebia uma junção ou o acesso a uma passagem lateral, Carter tomava o caminho menos descendente. Mesmo assim, tinha a impressão de que a direção geral era para baixo; e o cheiro de cripta e as incrustações nas paredes graxentas e no chão indicaram que estava penetrando cada vez mais fundo no insalubre platô de Leng. Mas não houve nenhum alerta relativo à coisa que surgiu por último; apenas o surgimento da própria coisa com a aura de terror e o espanto e o choque e o caos atordoante. Em um momento Carter estava tateando devagar enquanto avançava pelo chão escorregadio de um corredor quase nivelado, e no instante seguinte mergulhou no escuro em uma velocidade espantosa por uma galeria praticamente vertical.

Quanto à distância percorrida nesse mergulho, Carter jamais poderia ter certeza, mas teve a impressão de que caiu durante horas de náusea delirante e frenesi extático. Então percebeu que estava parado, com as nuvens fosforescentes de uma luz boreal reluzindo mortíferas mais acima. Por todos os lados havia paredes decrepitas e colunas quebradas, e o cal-

çamento onde se encontrava era cortado pela grama que medrava entre as pedras e por frequentes arbustos e raízes que as deslocavam para os lados. Mais atrás, um penhasco basáltico perdia-se nas alturas depois de se erguer em sentido perpendicular, com as encostas repletas de repulsi-vas cenas esculpidas e varadas por um arco entalhado que dava acesso à escuridão interior por onde Carter havia chegado. Mais adiante estendi-
am-se fileiras duplas de pilares e os fragmentos de pedestais e pilares que davam testemunho sobre uma larga rua de outrora; e a partir das urnas e cisternas ao longo do caminho Carter soube que aquela tinha sido uma grande rua ajardinada. Ao longe, pilares se espalhavam para demarcar os limites de uma vasta esplanada circular, e no interior do círculo um par de coisas monstruosas agigantava-se sob as lúgubres nuvens noturnas. Eram enormes leões alados de diorito, em meio à escuridão e à sombra. Seis metros adiante, erguiam as grotescas cabeças ainda intactas e rosna-
vam com desdém para as ruínas ao redor. E Carter soube muito bem o que deveriam ser, pois as lendas mencionam uma parelha como aquela. Eram os imutáveis guardiões do Grande Abismo, e as ruínas escuras eram de fato a primordial Sarkomand.

A primeira reação de Carter foi fechar e barricar a passagem no pe-nhasco com os blocos desabados e os destroços espalhados ao redor. Não queria que nenhuma criatura o seguisse desde o odioso monastério de Leng, pois ao longo do caminho outros perigos já estariam à espreita. Quanto à maneira de sair de Sarkomand rumo às regiões habitadas das terras oníricas, Carter nada sabia; tampouco poderia se informar des-cendo até as grutas dos *ghouls*, uma vez que as criaturas não dispunham de mais informações. Os três *ghouls* que o haviam ajudado a atravessar a cidade dos *gugs* em direção ao mundo exterior não sabiam como chegar a Sarkomand na jornada de volta, mas pretendiam indagar os velhos co-
merciantes em Dylath-Leen. Carter não pretendia retornar ao mundo subterrâneo dos *gugs* e arriscar-se uma vez mais na infernal torre de Ko-th com os degraus ciclópicos que levam ao bosque encantado, mas sen-tiu que teria de seguir esse curso se tudo mais falhasse. Atravessar o pla-tô de Leng sozinho para além do monastério solitário estava fora de co-gitação, pois os emissários do alto sacerdote deviam ser muitos, e no fim da jornada com certeza seria necessário enfrentar os *shantaks* e talvez ainda outras coisas. Se conseguisse um barco, poderia voltar para Inga-

nok depois de passar pela terrível rocha escarpada em alto-mar, pois os afrescos primordiais no labirinto do monastério haviam revelado que esse pavoroso lugar não se situa longe dos cais basálticos de Sarkomand. Mas encontrar um barco naquela cidade abandonada aos éons não seria plausível, e provavelmente jamais poderia construir um.

Esses eram os pensamentos de Randolph Carter quando uma nova impressão se ofereceu à sua mente. Durante todo esse tempo a vastidão cadavérica da fabulosa Sarkomand havia se estendido à frente com ruínas de pilares negros e destroços de portões rematados por esfinges e pedras titânicas e monstruosos leões alados que se delineavam com o brilho mortiço das luminosas nuvens noturnas ao fundo. Porém, naquele instante Carter percebeu, ao longe e à direita, um brilho que não poderia ser explicado pela presença das nuvens, e soube que não estava sozinho no silêncio da cidade morta. O brilho aumentava e diminuía de intensidade em um ciclo constante, e cintilava com um matiz esverdeado que nada fez para tranquilizar o observador. Ao chegar mais perto depois de percorrer a rua obstruída por destroços e avançar pelas estreitas frestas entre as paredes desabadas, Carter percebeu tratar-se de uma fogueira próxima aos cais, que reunia diversos vultos indefinidos em um obscuro conclave e exalava um odor mortífero que pairava sobre todos. Mais além ouvia-se o chapinhar oleoso das águas portuárias no costado de um grande embarcação que portava pela âncora, e Carter ficou paralisado pelo terror quando percebeu que o navio era de fato uma das temidas galés negras da lua.

Então, quando estava prestes a se afastar daquela odiosa chama, percebeu um burburinho em meio aos vultos indefinidos e ouviu um som peculiar e inconfundível. Era o gasganeio de um *ghoul* assustado, que no momento seguinte deu lugar a um verdadeiro coro de angústia. Escondido em meio às sombras das ruínas monstruosas, Carter deixou que a curiosidade vencesse o medo e avançou em vez de retroceder. Em um dado ponto, ao atravessar uma rua, arrastou-se sobre o próprio ventre como um verme; e em outro momento pôs-se de pé a fim de evitar qualquer barulho ao atravessar pilhas de mármore desabado. Porém, sempre logrou manter-se escondido, e em pouco tempo encontrou um lugar atrás de um pilar titânico de onde poderia assistir a toda a cena iluminada pelo matiz verde. Ao redor de uma horrenda fogueira alimentada pe-

los talos de fungos lunares, um fétido círculo de bestas lunares batráquias reunia-se na companhia de escravos humanoides. Alguns escravos aqueciam estranhas lanças nas chamas dardejantes, e de tempos em tempos aplicavam as pontas incandescentes a três prisioneiros fortemente amarrados que se contorciam diante dos líderes do grupo. Observando a movimentação dos tentáculos, Carter viu que as criaturas lunares de focinho chato acompanhavam o espetáculo com enorme satisfação e foi tomado por um profundo horror quando reconheceu o gasganeio frenético e percebeu que os *ghouls* torturados eram o valoroso trio que o havia conduzido em segurança desde o abismo para depois sair do bosque encantado e encontrar Sarkomand e a passagem de acesso às profundezas onde viviam.

O número das malcheirosas bestas lunares ao redor do fogo esverdeado era muito grande, e Carter soube que nada poderia fazer naquele instante para salvar os antigos aliados. Como os *ghouls* haviam sido capturados, Carter não saberia dizer; porém imaginou que aquelas blasfêmias cinzentas e batráquias tivessem ouvido as criaturas perguntarem sobre o caminho até Sarkomand em Dylath-Leen e decidido impedir qualquer aproximação ao odioso platô de Leng e ao alto sacerdote que não deve ser descrito. Por um instante Carter pensou no que fazer, e em seguida lembrou-se de que estava muito próximo ao portão que dava acesso ao reino negro dos *ghouls*. Sem dúvida a melhor alternativa seria esgueirar-se até a esplanada dos leões gêmeos e descer de uma vez até o abismo, onde não haveria de encontrar nenhum horror pior do que aqueles que habitavam a superfície e onde logo poderia encontrar outros *ghouls* ávidos por resgatar os semelhantes e talvez por exterminar as bestas lunares da galé negra. Ocorreu-lhe que o portal, como outras passagens ao abismo, poderia ser guardado por revoadas de noctétricos; porém naquele instante não temeu as criaturas sem rosto. Tinha descoberto que mantinham solenes tratados com os *ghouls*, e o *ghoul* que tinha sido Pickman havia lhe ensinado a tartanhar uma senha compreendida pelos noctétricos.

Então Carter começou mais uma jornada silenciosa em meio às ruínas e aos poucos se aproximou da vasta esplanada central e dos leões alados. Era uma missão de alta periculosidade, mas as bestas lunares estavam ocupadas com o agradável passatempo e não ouviram os discretos

barulhos que por duas vezes o viajante produziu em meio às pedras espalhadas. Por fim Carter chegou à esplanada e avançou em meio às árvores retorcidas e aos espinheiros que haviam crescido no local. Mais acima os gigantescos leões assomavam terríveis em meio à cintilação mortíca das fosforescentes nuvens noturnas, mas Carter persistiu avançando com bravura e se esgueirou para a direção em que os rostos miravam, sabendo que naquele lado encontraria a poderosa escuridão que as criaturas guardavam. A três metros de distância as bestas de diorito permaneciam em uma imobilidade ameaçadora no alto de pedestais ciclópicos cujas laterais eram repletas de terríveis baixos-relevos. Entre os dois leões havia um pátio azulejado com um espaço central outrora demarcado por uma balaustrada de ônix. No meio desse espaço abria-se um poço, e Carter não tardou a perceber que de fato havia chegado ao abismo hiante cujos degraus bolorentos e encarquilhados desciam às criptas de pesadelo.

Horrendas são as lembranças daquela jornada no escuro em que horas passaram enquanto Carter andava às cegas, dando voltas e mais voltas pelos degraus altos e escorregadios de uma interminável espiral descendente. Tão desgastados e estreitos eram os degraus, e tão escorregadios devido à gosma no interior da Terra, que o explorador nunca sabia em que momento esperar uma súbita e apavorante queda rumo aos abismos supremos; da mesma forma, não sabia quando nem como os noctétricos guardiões poderiam atacar se de fato estivessem à postos naquela passagem primeva. Todo o ambiente estava empestado pelo odor sufocante dos mais profundos abismos, e Carter sentiu que o ar daquelas profundezas asfíxiantes não era feito para os homens. Depois de algum tempo sentiu-se entorpecido e sonolento, e continuou a andar mais por força do instinto do que por uma vontade consciente; e não percebeu mudança alguma sequer quando parou de mover-se ao ser agarrado em silêncio por trás. Carter notou que estava voando a uma velocidade impressionante quando cócegas malévolas indicaram que os borrachentos noctétricos haviam cumprido com o dever.

Ao perceber que estava nas garras frias e úmidas daqueles voadores sem rosto, Carter lembrou-se da senha dos *ghouls* e a tartanhou o mais alto que podia em meio ao vento e ao caos do voo. Por mais irracional que aquelas criaturas em geral sejam consideradas, o efeito foi instantâ-

neo; pois as cócegas cessaram de repente e os noctétricos apressaram-se em pôr o refém em uma posição mais confortável. Com o ânimo renovado, Carter aventurou-se a oferecer explicações, falando sobre a captura e a tortura dos três *ghouls* aprisionados pelas bestas lunares e sobre a necessidade de reunir um grupo a fim de resgatá-los. Os noctétricos, embora não falassem, pareceram compreender o que dizia; e começaram a voar com ainda mais pressa e determinação. De repente as trevas deram vez ao crepúsculo cinzento da Terra interior, onde se descortinava um pouco mais adiante uma das planícies estéreis onde os *ghouls* adoraram se agachar e roer. Lápides e fragmentos ósseos espalhados indicavam a presença dos habitantes do lugar; e quando Carter emitiu um sonoro gasganeio convocatório, vinte tocas despejaram os coriáceos moradores de aspecto canino para a superfície. Os noctétricos fizeram um voo rasante e largaram o passageiro em pé, e a seguir afastaram-se um pouco e agacharam-se em um semicírculo no chão enquanto os *ghouls* davam boas-vindas ao recém-chegado.

Carter tartanhou a mensagem às pressas e nos termos mais explícitos possíveis a toda a grotesca companhia; e no mesmo instante quatro *ghouls* desapareceram em tocas diferentes a fim de dar a notícia aos outros e reunir todas as tropas disponíveis para o resgate. Após uma longa espera um *ghoul* importante apareceu e fez gestos prenhes de significado que levaram dois noctétricos a alçar voo e desaparecer na escuridão. Depois houve uma sequência de aterrissagens em meio ao bando de noctétricos na planície, até que por fim o solo lodoso estivesse coberto pelas negras criaturas. Nesse ínterim novos *ghouls* arrastavam-se para fora das tocas um atrás do outro, todos a tartanhar freneticamente enquanto se organizavam em uma rudimentar formação de batalha junto ao bando de noctétricos. No momento oportuno surgiu o orgulhoso e influente *ghoul* que outrora tinha sido o artista Richard Pickman, de Boston, para quem Carter tartanhou um relato completo de tudo o que havia ocorrido. O grave Pickman, surpreso ao reencontrar o velho amigo, pareceu um tanto impressionado e convocou uma assembleia com outros chefes em um local um pouco afastado da multidão cada vez maior.

Por fim, depois de examinar as fileiras com todo o cuidado, os chefes reunidos gasganearam em uníssono e puseram-se a tartanhar ordens para as multidões de *ghouls* e noctétricos. Um grande destacamento dos

voadores chifrudos desapareceu no mesmo instante, enquanto as demais criaturas ajoelhavam-se duas a duas com as patas dianteiras estendidas à frente enquanto aguardavam a aproximação dos *ghouls*, um a um. Depois de alcançar a dupla de noctétricos os *ghouls* eram levados e desapareciam na escuridão; e por fim toda a multidão havia desaparecido, à exceção de Carter, Pickman e os outros chefes e umas poucas duplas de noctétricos. Pickman explicou que os noctétricos são a vanguarda e as montarias de batalha dos *ghouls*, e que o exército estava se dirigindo a Sarkomand para combater as bestas lunares. Então Carter e os chefes dos *ghouls* aproximaram-se das montarias a postos e foram erguidos por patas úmidas e escorregadias. Mais um instante e tudo estava rodopiando em meio ao vento e à escuridão; para cima, cada vez mais alto, até o portão dos leões alados e as ruínas da primordial Sarkomand.

Quando, passado um longo intervalo, Carter tornou a ver a luz mortiça no céu noturno de Sarkomand, vislumbrou a grande esplanada central repleta de *ghouls* e noctétricos prontos para o combate. Não havia dúvidas de que o dia estava próximo; mas o exército era tão poderoso que não seria necessário contar com a vantagem de um ataque surpresa. O clarão esverdeado próximo aos cais ainda cintilava, embora a ausência dos gasganeios dos *ghouls* indicasse que a tortura dos prisioneiros por ora havia acabado. Enquanto tartanhavam instruções a meia-voz para as montarias e para os noctétricos sem montadores que seguiam à frente, os *ghouls* ergueram-se em colunas rumorosas e avançaram pelas ruínas desoladas em direção ao fogo maligno. Carter estava ao lado de Pickman na primeira fileira dos *ghouls* e ao se aproximar do repulsivo acampamento percebeu que as bestas lunares estavam completamente despreparadas. Os três prisioneiros jaziam amarrados e inertes ao pé do fogo, enquanto os captores batráquios esparramavam-se ao redor, vencidos pelo sono. Os escravos humanoides também estavam adormecidos — até mesmo as sentinelas negligenciavam um dever que naquele reino devia ter parecido meramente perfunctório.

A investida final dos noctétricos e dos *ghouls* que os montavam foi muito repentina, e as cinzentas blasfêmias batráquias e os escravos humanoides foram todos capturados por um grupo de noctétricos sem que um único som fosse ouvido. As bestas lunares, claro, eram mudas; porém mesmo os escravos tiveram pouca chance de gritar antes que patas

borrachentas obrigassem-nos ao silêncio. Terríveis foram os espasmos daquelas aberrações gelatinosas quando os noctétricos agarraram-nas, porém nada podia contra a força daquelas negras garras preêenseis. Quando uma besta lunar agitava-se com excessiva violência, os noctétricos agarravam um dos frementes tentáculos cor-de-rosa e davam-lhe um forte puxão, que parecia doer a ponto de fazer com que a vítima parasse de se debater. Carter estava preparado para testemunhar uma carnificina, mas descobriu que os *ghouls* tinham planos muito mais sutis. Tartanharam ordens simples aos noctétricos que se ocupavam dos reféns e deixaram o resto a cargo do instinto; e logo as infelizes criaturas foram levadas em silêncio rumo ao Grande Abismo para serem distribuídas ir-mãmente entre *bholes*, *gugs*, *ghasts* e outros habitantes da escuridão cujos hábitos alimentares não são nada indolores para as vítimas. Nesse meio-tempo os três prisioneiros foram desamarrados e consolados pelos companheiros vitoriosos, enquanto vários grupos empreendiam buscas nos arredores à procura de bestas lunares remanescentes e subiam a bordo da malcheirosa galé negra no cais para garantir que nada houvesse escapado à derrota geral. Com certeza a captura fora completa; pois nenhum outro sinal de vida foi encontrado pelos vencedores. Carter, ansioso por preservar uma via de acesso ao restante das terras oníricas, insistiu em que não afundassem a galé ancorada — uma solicitação prontamente atendida como um gesto de gratidão pela denúncia dos suplícios impostos ao trio de prisioneiros. No navio foram encontrados estranhos objetos e enfeites, alguns dos quais Carter lançou no mesmo instante ao mar.

Ghouls e noctétricos dividiram-se em grupos separados, e os primeiros começaram a questionar os reféns acerca de acontecimentos passados. Tudo indicava que os três houvessem acatado as instruções de Carter e seguido desde o bosque encantado até Dylath-Leen, passando por Nir e pelo Skai, roubando vestes humanas em uma fazenda solitária e imitando da melhor forma possível a maneira de caminhar dos homens. Nas tavernas de Dylath-Leen os rostos e os modos grotescos das criaturas deram azo a inúmeros comentários; mas o trio continuou a fazer perguntas sobre o caminho a Sarkomand até que um velho viajante os esclarecesse. Assim, descobriram que apenas um navio com destino a

Lelag-Leng serviria esse propósito e decidiram aguardar pacientemente uma embarcação.

Porém, sem dúvida espiões malignos haviam denunciado aquelas presenças, pois dentro de pouco tempo uma galé negra aportou e os mercadores de rubis com bocas largas convidaram os *ghouls* para beber em uma taverna. Vinho foi servido de uma daquelas sinistras garrafas entalhadas em um único rubi, e dentro de pouco tempo os *ghouls* viram-se aprisionados na galé negra como antes sucedera a Carter. Dessa vez, no entanto, os remadores invisíveis não conduziram o navio à lua, mas à antiga Sarkomand — sem dúvida a fim de levar os prisioneiros à presença do alto sacerdote que não deve ser descrito. Ao singrar as águas do mar boreal, o navio deteve-se na rocha escarpada que instilava medo nos marinheiros de Inganok, onde os *ghouls* viram pela primeira vez os verdadeiros mestres da embarcação; e, apesar dos próprios hábitos insalubres, ficaram nauseados com aqueles extremos de informidade maligna e odor repugnante. Lá também descobriram os inomináveis passatempos da guarnição de criaturas batráquias — passatempos responsáveis pelos uivos que os homens temem. Depois veio o desembarque em meio às ruínas de Sarkomand e o início das torturas, cujo prosseguimento foi impedido pelo resgate.

A seguir foram discutidos os planos para o futuro, quando os três *ghouls* resgatados sugeriram uma invasão da rocha escarpada e o extermínio da guarnição batráquia. Os noctétricos fizeram objeções, uma vez que o prospecto de voar sobre a água não os agradava. A maioria dos *ghouls* foi a favor do plano, mas não sabia como implementá-lo sem a ajuda dos noctétricos alados. Nesse ponto Carter, ao ver que os *ghouls* não poderiam navegar a galé ancorada, ofereceu-se para ensiná-los a usar as grandes ordens de remos, e a proposta foi aceita de imediato. Um dia cinzento havia raiado, e sob o plúmbeo céu boreal um seletto destacamento de *ghouls* adentrou o abjeto navio e postou-se nos bancos dos remadores. Carter descobriu que as criaturas aprendiam depressa, e antes que a noite caísse arriscou vários percursos experimentais nos arredores do porto. No entanto, apenas depois de três dias julgou que seria prudente lançar-se à viagem da conquista. Com os remadores treinados e os noctétricos postados em segurança no castelo de proa, o grupo

enfim zarpou enquanto Pickman e os outros chefes reuniam-se no convés para discutir o método de aproximação e ataque.

Na primeira noite os uivos vindos do escolho fizeram-se ouvir. O timbre fez com que a tripulação da galé tremesse a olhos vistos; porém quem mais estremeceu foram os três *ghouls* resgatados, que conheciam o significado preciso daqueles uivos. Foi decidido que seria melhor evitar um ataque à noite, e assim o navio atravessou as velas sob as nuvens fosforescentes à espera da aurora cinzenta. Quando a luz tornou-se suficiente e os uivos cessaram os remadores puseram-se mais uma vez a trabalhar, e a galé aproximou-se cada vez mais da rocha escarpada cujos pináculos de granito estendiam-se como garras fantásticas rumo ao céu mortício. As laterais do escolho eram demasiado íngremes; mas em saliências rochosas aqui e acolá viam-se as paredes de estranhas habitações sem janelas e os balaústres que guarneciam os caminhos mais elevados. Nenhuma embarcação humana jamais havia se aproximado tanto do lugar, ou pelo menos jamais havia se aproximado tanto e retornado; mas Carter e os *ghouls* permaneceram impávidos e seguiram adiante, dando a volta pela face oriental do escolho e procurando os cais mais ao sul que, segundo o trio resgatado, localizavam-se no interior de um porto formado por altos promontórios.

Os promontórios eram extensões da própria ilha, e chegavam tão perto uns dos outros que apenas um navio poderia passar de cada vez. Não parecia haver sentinelas à vista, e assim a galé foi conduzida com determinação através do estreito e ao interior do fétido e estagnado porto mais além. Lá, no entanto, havia movimento e atividade; diversos navios portavam pela âncora ao longo de um formidável cais de pedra, e dezenas de escravos humanoides e bestas lunares na zona portuária transportavam caixas e caixotes ou conduziam horrores inomináveis e fabulosos atrelados a ponderosos carroções. Havia um pequeno vilarejo de pedra construído com o material extraído do penhasco vertical que dominava os cais e o princípio de uma estrada serpenteante que espiralava em direção às mais altas saliências do escolho. O que poderia haver no interior daquele prodigioso pico de granito, ninguém saberia dizer, mas as coisas que se viam e ouviam do lado de fora não eram nem um pouco encorajadoras.

Ao ver a galé que se aproximava, a turba nos cais demonstrou entusiasmo; os que tinham olhos observavam o navio de perto, e os que não tinham fremiavam os tentáculos rosados de expectativa. Não haviam percebido a troca no comando do navio preto; pois os *ghouls* são bastante parecidos com os humanoides dotados de chifres e cascos, e os noctétricos estavam escondidos no convés. Nesse ponto os líderes tinham um plano detalhado, que consistia em soltar os noctétricos assim que chegassem ao cais e afastar-se no mesmo instante, para que o assunto fosse resolvido pelos instintos daquelas criaturas quase irracionais. Uma vez abandonados no escolho, a primeira providência dos voadores chifrudos seria agarrar todas as coisas vivas que encontrassem, e depois, dominados pelo instinto de voltar para casa, esqueceriam o medo da água e retornariam voando a toda velocidade para o abismo, levando as presas abjetas a um destino apropriado no escuro, de onde poucas saíam com vida.

O *ghoul* que outrora havia sido Pickman desceu ao convés para dar as instruções aos noctétricos enquanto o navio se aproximava dos agourentos e malcheirosos cais. Fez-se um burburinho na zona portuária, e Carter percebeu que a movimentação do navio havia começado a levantar suspeitas. Era evidente que o timoneiro não estava rumando para a doca correta, e provavelmente os observadores tinham percebido a diferença entre os horrendos *ghouls* e os escravos humanoides cujo lugar ocupavam. Um alarme silencioso deve ter soado, pois quase no mesmo instante uma horda de mefíticas bestas lunares começou a derramar-se pelas pequenas portas negras das casas sem janelas e a descer a estrada serpenteante à direita. Uma saraivada de curiosos dardos atingiu a galé assim que a proa chegou ao cais, alvejando dois *ghouls* e ferindo de leve um terceiro; porém nesse ponto todas as escotilhas foram abertas para dar passagem a uma nuvem negra de rumorosos noctétricos que enxamearam por toda a cidade como uma revoada de morcegos chifrudos e ciclópicos.

As gelatinosas bestas lunares haviam providenciado uma longa vara e tentavam empurrar o navio invasor para longe, mas com a investida dos noctétricos abandonaram a iniciativa. Era um espetáculo terrível ver aqueles fazedores de cócegas borrachentos e sem rosto desfrutando um passatempo, e causava uma impressão tremenda ver a densa nuvem das

criaturas alastrar-se pelo vilarejo e subir pela estrada serpenteante. Às vezes um grupo dos voadores negros largava um prisioneiro batráquio por engano em pleno voo, e a maneira como a vítima estourava ao cair era um atentado à visão e ao olfato. Quando o último dos noctétricos saiu da galé os líderes dos *ghouls* deram a ordem de bater em retirada, e os remadores afastaram-se silenciosamente do porto entre os promontórios cinzentos enquanto o vilarejo mergulhava no caos da batalha e da conquista.

O *ghoul* que outrora havia sido Pickman dispôs de várias horas até que os noctétricos tomassem uma decisão em suas mentes rudimentares e vencessem o medo de atravessar o mar voando, e manteve a galé a cerca de uma milha da rocha escarpada enquanto aguardava e aplicava bandagens nos homens feridos. A noite caiu e o crepúsculo cinzento deu lugar à fosforescência mortiça das nuvens baixas, e durante o tempo inteiro os líderes observavam com atenção os sobranceiros picos do escolho maldito buscando sinais do voo dos noctétricos. Quase pela manhã um pontinho negro planou timidamente acima do mais elevado pináculo, e logo depois o pontinho transformou-se em um enxame. Pouco antes da aurora o enxame pareceu espalhar-se, e dentro de quinze minutos havia desaparecido por completo no horizonte a nordeste. Por uma ou duas vezes algo pareceu cair do enxame disperso nas águas do mar; mas Carter não sentiu-se apreensivo, pois sabia que as bestas lunares batráquias não sabem nadar. Por fim, quando os *ghouls* convenceram-se de que todos os noctétricos haviam retornado para Sarkomand e para o Grande Abismo com as vítimas condenadas, a galé retornou ao porto por entre os promontórios cinzentos; e toda a horrenda companhia foi a terra e desbravou a rocha nua protegida por torres e pináculos e fortalezas cinzeladas em pedra sólida.

Terríveis foram os segredos desvendados nessas malignas criptas sem janelas; pois os restos dos brinquedos abandonados eram muitos, e apresentavam-se em diversos estágios de decadência em relação ao estado original. Carter acabou com algumas coisas remanescentes que ainda estavam vivas de certa forma e fugiu às pressas de outras em relação às quais não pôde ter certeza. A maioria das casas fétidas era mobiliada com grotescos bancos entalhados em madeira lunar e ornados com pinturas de desenhos frenéticos e inomináveis. Inúmeras armas, implemen-

tos e enfeites espalhavam-se ao redor, incluindo grandes ídolos de rubi sólido que representavam criaturas singulares inexistentes na Terra. Essas últimas, apesar do material de que eram feitas, não despertavam nenhuma vontade de posse ou de exame prolongado; e Carter deu-se o trabalho de reduzir cinco exemplares a estilhaços com um martelo. Juntou as lanças e os dardos espalhados ao redor e, com a aprovação de Pickman, distribuiu-os entre os *ghouls*. Essas armas eram novidade para os trotadores caninos, porém a relativa simplicidade permitiu que aprendessem a usá-las depois de ouvirem uns poucos conselhos sucintos.

As regiões superiores do escolho abrigavam mais templos do que residências, e em diversas câmaras foram encontrados terríveis altares entalhados e fontes com máculas duvidosas e templos para a adoração de coisas mais monstruosas do que os deuses suaves no alto de Kadath. Nos fundos do grande templo estendia-se uma passagem negra e baixa, por onde Carter seguiu rumo ao interior da rocha de archote em punho até chegar a um saguão abobadado de enormes proporções, com arcadas recobertas por entalhes demoníacos e em cujo centro escancarava-se um fétido poço sem fundo como aquele no horrendo monastério de Leng, onde sozinho medita o alto sacerdote que não deve ser descrito. Na distante extremidade ensombrecida, para além do poço abjeto, imaginou ter visto uma estranha porta lavrada em bronze; mas por alguma razão sentiu um pavor indescritível ao pensar em abri-la ou mesmo em se aproximar dela, e voltou às pressas pela galeria a fim de reencontrar os repugnantes aliados que cambaleavam ao redor com uma tranquilidade e um abandono que mal conseguia sentir. Os *ghouls* tinham assistido ao passatempo inconcluso das bestas lunares e dele extraído todo o proveito que podiam. Também haviam encontrado um barril do forte vinho lunar, que estava sendo levado até os cais para o transporte e mais tarde para o posterior uso em negociações diplomáticas — embora os três prisioneiros resgatados, ao lembrarem do efeito que o vinho teve em Dylath-Leen, houvessem pedido aos demais *ghouls* da companhia que não o degustassem. Havia rubis lunares brutos e lapidados em grande quantidade em uma das arcadas próximas à água; mas quando os *ghouls* descobriram que não eram comestíveis perderam todo o interesse pelo acha-

do. Carter não tentou levá-los consigo, pois sabia coisas demais a respeito dos seres que os haviam minado.

De repente ouviu-se o gasganeio entusiasmado de todas as sentinelas nos cais, e todos os repugnantes *ghouls* necrófagos pararam o que estavam fazendo para olhar em direção ao oceano e reunir-se na zona portuária. Em meio aos promontórios cinzentos uma outra galé negra aproximou-se a grande velocidade, e dentro de poucos instantes os humanoides no convés perceberiam a invasão do vilarejo e soariam o alarme para as coisas monstruosas que se escondiam sob o convés. Por sorte os *ghouls* ainda empunhavam as lanças e dardos que Carter havia distribuído; e a um comando do viajante, corroborado pelo ser que outrora havia sido Pickman, organizaram uma fileira pronta para bater-se em combate e impedir que o navio aportasse. Logo uma intensa movimentação na galé revelou que haviam descoberto a recente mudança no estado de coisas, e a parada imediata da embarcação demonstrou que a superioridade numérica dos *ghouls* fora percebida e levada em conta. Passado um momento de hesitação os recém-chegados deram meia-volta em silêncio e deixaram os promontórios cinzentos para trás, mas nem por um instante os *ghouls* imaginaram que o conflito seria evitado. Ou a galé negra buscaria reforços, ou a tripulação tentaria aportar em outro ponto da ilha; e assim um grupo de batedores foi enviado ao pináculo para ver qual seria o curso do inimigo.

Dentro de poucos momentos um *ghoul* arquejante retornou com notícias de que as bestas lunares e os escravos humanoides estavam desembarcando junto ao mais oriental dos escarpados promontórios cinzentos e subindo por caminhos e saliências rochosas que até um cabrito teria dificuldade para galgar em segurança. Quase no mesmo instante a galé tornou a ser avistada no estreito, mas apenas por um relance fugaz. Então, passados alguns momentos, um segundo mensageiro arquejante chegou para dizer que mais um grupo estava desembarcando em outro promontório e que ambos eram bem mais numerosos do que o tamanho da galé permitiria supor. O navio, que se deslocava com lentidão devido ao número reduzido de remadores, logo surgiu em meio aos penhascos e atravessou as velas naquele porto fétido como que para assistir à escaramuça iminente e manter-se a postos em caso de necessidade.

A essa altura Carter e Pickman haviam dividido os *ghouls* em três grupos — dois que iriam ao encontro das colunas de invasores e um que permaneceria no vilarejo. Os primeiros dois não tardaram a escalar as rochas nas respectivas direções, enquanto o terceiro foi subdividido em um grupo terrestre e um grupo marítimo. O grupo marítimo, comandado por Carter, subiu a bordo do navio ancorado e remou ao encontro da subtripulada galé dos recém-chegados; e em seguida essa última embarcação recuou pelo estreito e voltou para o alto-mar. Carter preferiu não iniciar uma perseguição, pois sabia que seria mais necessário nos arredores do vilarejo.

Nesse meio-tempo os terríveis destacamentos de bestas lunares e humanoides tinham se arrastado até o alto dos promontórios, e naquele instante projetavam silhuetas horrendas em ambos os lados do escolho com o crepúsculo cinzento ao fundo. As estridentes flautas infernais dos invasores haviam começado a soar, e o efeito geral daquelas procissões híbridas e semiamorfas era tão nauseante quanto o odor exalado pelos batráquios horrores lunares. Logo os dois grupos de *ghouls* reapareceram e juntaram-se à silhueta do panorama. Dardos começaram a voar de ambos os lados, e os gasganeios cada vez mais altos dos *ghouls*, somados aos uivos bestiais dos humanoides, aos poucos se juntaram aos lamentos das flautas para culminar em um frenético e indescritível caos de cacofonia demoníaca. De vez em quando corpos despencavam das estreitas cristas dos promontórios rumo ao mar ou ao porto, sendo nesse último caso tragados às pressas por certos predadores submarinos cuja presença era indicada apenas por borbulhas prodigiosas.

Por meia hora a dupla batalha acirrou-se nas alturas, até que os invasores fossem completamente aniquilados no promontório a oeste. A leste, no entanto, onde o líder das bestas lunares parecia estar presente, os *ghouls* não se saíram tão bem, e aos poucos retrocederam até as encostas do pináculo. Pickman havia mandado reforços dessa frente de batalha para o grupo que estava no vilarejo, e esses reforços foram de grande ajuda nos primeiros estágios do combate. Então, quando a batalha a ocidente se encerrou, os sobreviventes vitoriosos apressaram-se em ajudar os colegas em apuros, virando a maré e obrigando os invasores a voltar pela estreita crista do promontório. Os humanoides estavam todos mortos a essa altura, mas os últimos horrores batráquios lutavam desespera-

damente com enormes lanças empunhadas nas robustas e asquerosas garras. Os dardos já haviam quase chegado ao fim, e a luta transformou-se em um combate mano a mano contra os poucos lanceiros que puderam se reunir na estreita crista.

À medida que a fúria e a imprudência aumentavam, o número de feridos que caía ao mar crescia. Os que despencavam no porto sucumbiam à extinção inominável dos borbulhadores invisíveis, mas os que despencavam no mar conseguiam nadar até os penhascos e alcançar os baixios enquanto a galé inimiga resgatava diversas bestas lunares. A não ser no ponto onde os monstros haviam desembarcado os penhascos eram inescaláveis, e assim nenhum dos *ghouls* nas rochas pôde se reunir à linha de batalha. Alguns foram mortos por dardos da galé hostil ou das bestas lunares lá no alto, mas uns poucos sobreviveram até o resgate. Quando a segurança dos grupos em terra parecia assegurada, a galé de Carter avançou por entre os promontórios e afastou o navio inimigo em direção ao mar, fazendo paradas a fim de resgatar os *ghouls* que estavam sobre a rocha ou nadando no oceano. Várias bestas lunares arrastadas de encontro às rochas ou aos recifes foram rapidamente liquidadas.

Por fim, quando a galé das bestas lunares estava a uma distância segura e o exército invasor concentrava-se em um único ponto, Carter desembarcou uma força considerável no promontório oriental, na retaguarda do inimigo; e após essa manobra a batalha durou muito pouco. Atacadas por ambos os lados, as criaturas abjetas foram rapidamente cortadas em pedaços e empurradas em direção ao mar, e ao entardecer os chefes dos *ghouls* declararam que a ilha estava livre do inimigo. A galé hostil havia desaparecido nesse meio-tempo; e foi decidido que seria melhor evacuar a maligna rocha escarpada antes que uma horda invencível de horrores lunares pudesse se reunir e avançar contra os vencedores.

À noite, Pickman e Carter reuniram todos os *ghouls* e, depois de os contarem com todo cuidado, descobriram que mais de um quarto do exército fora perdido nas batalhas do dia. Os feridos foram acomodados em beliches na galé, uma vez que Pickman desencorajava o velho costume *ghoul* de matar e comer os próprios feridos; e os soldados ilesos foram mandados aos remos e a outros lugares onde pudessem ser úteis. Sob as baixas nuvens fosforescentes da noite a galé partiu, e Carter não

lamentou deixar para trás aquela ilha de segredos insalubres cujo escuro saguão abobadado com um poço sem fundo e uma repugnante porta de bronze não paravam de assombrar-lhe os pensamentos. Quando a auro-ra raiou a tripulação pôde avistar os arruinados cais basálticos de Sarkomand, onde uns poucos noctétricos permaneciam de guarda, agachados como sombrias gárgulas chifrudas no alto das colunas quebradas e das esfinges decrepitas na terrível cidade que tinha vivido e morrido antes da era do homem.

Os *ghouls* acamparam em meio às pedras desabadas de Sarkomand e despacharam um mensageiro para solicitar aos noctétricos que lhes servissem de montaria. Pickman e os demais chefes agradeceram efusivamente a ajuda de Carter; e Carter percebeu que o plano estava amadurecendo bem e que poderia valer-se da ajuda daqueles terríveis aliados não apenas para deixar aquela parte das terras oníricas, mas também para levar adiante a busca suprema pelos deuses no alto da desconhecida Kadath e pela cidade ao pôr do sol que por estranhos motivos esses mesmos deuses negavam-lhe. Dando seguimento ao plano, Carter discutiu esses assuntos com os líderes dos *ghouls*, dizendo que sabia da existência da devastação gelada onde se estende Kadath e dos monstruosos *shantaks* e das montanhas entalhadas em imagens de duas cabeças que a guardam. Falou sobre o medo que os *shantaks* tinham dos noctétricos, e sobre como os vastos pássaros hipocéfalos fogem aos gritos das tocas negras no alto dos lúgubres picos cinzentos que separam Inganok da odiosa Leng. Falou também sobre as coisas que tinha aprendido a respeito dos noctétricos nos afrescos do monastério sem janelas do alto sacerdote que não deve ser descrito; e disse que até mesmo os Grandes Deuses os temem, e que o senhor dos noctétricos não é o caos rastejante Nyarlathotep, mas o encanecido e imemorial Nodens, Senhor do Grande Abismo.

Todas essas coisas Carter tartanhou para a assembleia de *ghouls*, e em seguida fez menção ao pedido que tinha em mente, e que não lhe parecia extravagante em vista dos serviços que havia acabado de prestar aos trotadores borrachentos e caninos. Afirmou que desejava os serviços de um número de noctétricos suficiente para levá-lo voando em segurança aos confins do reino dos *shantaks* e das montanhas entalhadas, rumo à devastação gelada muito além da trilha de retorno de qualquer outro mortal. Desejava voar até o castelo de ônix no alto da desconheci-

da Kadath na devastação gelada para suplicar aos Grandes Deuses pela cidade ao pôr do sol que lhe era negada, e tinha certeza de que os noctétricos poderiam levá-lo até lá sem nenhum problema, pairando acima dos perigos da planície e sobrevoando as horrendas cabeças duplas das montanhas entalhadas como sentinelas que permanecem eternamente agachadas no crepúsculo cinzento. As criaturas chifrudas e sem rosto não poderiam temer nenhuma entidade terrena, uma vez que eram temidas pelos próprios Grandes Deuses. E mesmo que coisas inesperadas vissem dos Outros Deuses, que são propensos a supervisionar os assuntos dos deuses suaves da Terra, os noctétricos não teriam o que temer; pois os infernos siderais são indiferentes para voadores silenciosos e es-corregadios que não servem a Nyarlathotep, mas curvam-se diante do poderoso e arcaico Nodens.

Uma revoada de dez ou quinze noctétricos, tartanhou Carter, com certeza seria suficiente para manter qualquer número de *shantaks* à distância; embora talvez fosse melhor ter *ghouls* no grupo a fim de manejar as criaturas, uma vez que os hábitos dos noctétricos eram mais conhecidos pelos *ghouls* do que pelos homens. O grupo poderia aterrissar em um local conveniente além de quaisquer muros que pudessem circundar a fabulosa cidadela de ônix e lá ficar à espera de um sinal enquanto se aventurava ao interior do castelo para fazer orações aos deuses da Terra. Se os *ghouls* quisessem acompanhá-lo à sala do trono dos Grandes Deuses, Carter ficaria muito agradecido, pois essa presença haveria de conferir mais peso e mais importância à súplica. Mesmo assim, não insistiria em relação a esse assunto, e desejava simplesmente o transporte de ida e de volta até o castelo no alto da desconhecida Kadath; a jornada final seria ou à maravilhosa cidade ao pôr do sol, caso os deuses se mostrassem favoráveis, ou de volta ao Portão do Sono Profundo no bosque encantado, caso as preces não dessem frutos.

Enquanto Carter falava todos os *ghouls* escutavam com profunda atenção, e passados alguns instantes o céu se obscureceu com a revoada de noctétricos convocados pelos mensageiros. Os horrores alados dispuseram-se em semicírculo ao redor do exército de *ghouls*, esperando respeitosamente enquanto os chefes caninos avaliavam o pedido do viajante terreno. O *ghoul* que outrora havia sido Pickman tartanhou em tom grave com os semelhantes, e no fim Carter recebeu mais do que ha-

via esperado a princípio. Assim como tinha ajudado os *ghouls* a derrotar as bestas lunares, os *ghouls* haveriam de ajudá-lo na ousada viagem a reinos de onde ninguém jamais havia retornado; e colocariam à disposição não apenas alguns dos noctétricos aliados, mas todo o exército reunido, com *ghouls* veteranos e noctétricos recém-chegados, à exceção de uma pequena guarnição que cuidaria da galé negra capturada e dos espólios recolhidos naquela rocha escarpada em alto-mar. Dispuseram-se a rasgar os ares no momento que Carter escolhesse, e em Kadath um grupo de *ghouls* poderia acompanhá-lo durante a petição perante os deuses terrestres no castelo de ônix.

Movido por uma gratitude e uma satisfação para além das palavras, Carter começou a traçar os planos para a audaciosa viagem com os líderes dos *ghouls*. Foi decidido que o exército voaria a uma grande altitude por cima da horrenda Leng com o monastério inominável e os malignos vilarejos de pedra, parando apenas nos vastos picos cinzentos a fim de confabular com os noctétricos que assustavam os *shantaks* cujas galerias atravessavam aqueles pináculos longínquos. Então, dependendo dos conselhos que recebessem dessas criaturas, decidiriam o percurso final; ou chegariam a Kadath pelo deserto de montanhas entalhadas a norte de Inganok, ou pelas terras mais ao norte da repulsiva Leng. Por mais caninos e desalmados que fossem, os *ghouls* e os noctétricos não temiam as revelações daqueles desertos inexplorados; tampouco sentiam-se desencorajados pelo espanto causado por Kadath, que se erguia solitária com o misterioso castelo de ônix.

Por volta do meio-dia os *ghouls* e os noctétricos prepararam-se para alçar voo, e cada *ghoul* escolheu um par de montarias chifrudas para carregá-lo. Carter assumiu um lugar próximo à dianteira de uma coluna ao lado de Pickman, e a linha de frente foi deixada a cargo de uma dupla fileira de noctétricos que fazia as vezes de vanguarda. Quando Pickman gasganeou todo o chocante exército ergueu-se em uma nuvem digna de um pesadelo acima das colunas quebradas e das esfinges decrépitas da primordial Sarkomand, cada vez mais alto, até que o enorme penhasco de basalto atrás do vilarejo fosse transposto e o frio e estéril platô de Leng se descortinasse mais adiante. A hoste negra subiu ainda mais alto, até que o platô se tornasse pequeno lá embaixo; e, à medida que avançavam rumo ao norte por aquele platô de horror açoitado pelo vento,

Carter mais uma vez vislumbrou com um calafrio o círculo de rústicos monólitos e atarracadas construções sem janelas que abrigavam a pavorosa blasfêmia com máscara de seda de cujas garras havia escapado por um triz. Dessa vez o exército não reduziu a altitude ao passar como uma revoada de morcegos sobre o panorama estéril, deixando para trás os tênues fogos dos insalubres vilarejos de pedra sem deter-se para examinar os humanoides dotados de chifres e cascos que dançam e cantam por toda a eternidade. Em dado momento avistaram um pássaro-*shantak* que fazia um voo rasante sobre a planície, mas quando viu o exército que se aproximava o *shantak* gritou e fugiu para o norte em um pânico grotesco.

Ao entardecer, o exército chegou aos escarpados picos cinzentos que formam a barreira de Inganok e planou acima das estranhas cavernas próximas aos cumes que tanto pavor haviam inspirado nos *shantaks*. A um gasganeio insistente dos líderes *ghouls* um enxame de negros voadores chifrudos saiu de cada uma das altaneiras tocas; e nesse momento os *ghouls* e os noctétricos do grupo enfim confabularam valendo-se de feios gestos. Logo tornou-se claro que o melhor curso a seguir seria pela devastação gelada ao norte de Inganok, pois as regiões mais setentrionais de Leng são repletas de armadilhas invisíveis que desagradam até mesmo aos noctétricos; pois influências abismais concentram-se no alto de estranhos outeiros em certas construções hemisféricas brancas, que o folclore associa de maneira nem um pouco agradável com os Grandes Deuses e o caos rastejante Nyarlathotep.

Quanto a Kadath, os voadores dos cumes quase nada sabiam, a não ser que devia haver algum portento espantoso em direção ao norte, onde os *shantaks* e as montanhas entalhadas ficam de guarda. Fizeram insinuações acerca das supostas anomalias nas proporções das léguas inexploradas que se estendiam mais adiante e recordaram vagos sussurros a respeito de uma terra onde a noite reina eterna; mas não tinham nenhuma informação concreta a oferecer. Carter e o grupo agradeceram; e, depois de transpor os mais altos pináculos de granito rumo aos céus de Inganok, desceram ao nível das fosforescentes nuvens noturnas e vislumbra-ram no horizonte as terríveis gárgulas agachadas que tinham sido montanhas até que uma mão titânica entalhasse o medo na rocha virgem.

Lá estavam, agachadas em um semicírculo infernal, com as pernas na areia do deserto e as mitras espetadas nas nuvens luminosas; sinistras, lupinas e bicéfalas, com semblantes enfurecidos e a destra erguida, vigiando com monotonia e malignidade os limites do mundo humano e guardando com horror as terras de um gélido mundo boreal que não pertence ao homem. No terrível regaço das gárgulas erguiam-se *shantaks* de porte elefantino que fugiram com gorjeios ensandecidos quando a vanguarda de noctétricos foi avistada em meio às névoas celestes. Rumo ao norte e acima das gárgulas montanhosas o exército voou, e por léguas e mais léguas de deserto indefinido sequer um ponto de referência foi avistado. As nuvens tornaram-se cada vez mais esparsas, até que por fim Carter não visse nada além da escuridão ao redor; porém as montarias aladas não hesitaram por um instante sequer, pois habitavam as mais negras criptas terrestres e enxergavam não com os olhos, mas com toda a superfície úmida dos corpos escorregadios. Seguiram sempre avante, em meio a ventos de cheiro duvidoso e a sons de significado dubio; cada vez envoltos por uma escuridão mais profunda, e cobrindo distâncias tão prodigiosas que Carter se perguntou se ainda poderiam estar nos limites das terras oníricas de nosso planeta.

Porém, de repente as nuvens dispersaram-se e as estrelas reluziram com um brilho espectral no firmamento. Lá embaixo tudo estava mergulhado na escuridão, mas pálidos fachos no céu pareciam estar investidos de um significado e de uma importância que jamais haviam possuído em outra parte. Não que as figuras das constelações houvessem mudado; porém os mesmos contornos familiares pareciam revelar naquele instante um significado que até então permanecera obscuro. Tudo apontava para o norte; cada curva e cada asterismo do firmamento cintilante tornaram-se parte de um enorme desenho cuja função era impelir adiante primeiro o olhar e depois o observador rumo a um sigiloso e terrível objetivo de convergência para além da desolação gelada que se estendia infinitamente adiante. Carter olhou para o leste, onde a grande cordilheira de picos intransponíveis havia sobranceado durante todo o trajeto ao longo de Inganok, e mais uma vez percebeu, delineada contra as estrelas, uma silhueta escarpada que revelava a continuidade daquela presença. Parecia ainda mais acidentada naquele ponto, com enormes rachaduras e pináculos fantasticamente erráticos; e Carter estudou de per-

to os sugestivos volteios e traçados do grotesco contorno, que parecia compartilhar com as estrelas um sutil anseio pelo norte.

Estavam voando a uma velocidade extrema, e o observador precisou olhar com atenção a fim de captar todos os detalhes; e de repente vislumbrou, logo acima dos picos mais altos, um objeto negro que se delineava contra as estrelas e cujo trajeto correspondia de maneira exata àquele descrito pelo bizarro grupo a que pertencia. Os *ghouls* também o haviam percebido, pois Carter escutou tartanhos discretos ao redor e, por um instante, imaginou que o objeto fosse um gigantesco *shantak*, de estatura vastamente superior à dos espécimes habituais. Logo, no entanto, percebeu que a teoria carecia de sustentação; pois o vulto da coisa que pairava acima das montanhas não era o de um pássaro hipocéfalo. A silhueta delineada pelas estrelas ao fundo, necessariamente vaga, sugeria antes uma colossal e mitrada cabeça, ou parêla de cabeças, ampliada a proporções infinitas; e o rápido voo que empreendia pelo firmamento dava a singular impressão de que prescindia de asas. Carter não conseguiu estabelecer em que lado das montanhas se encontrava o vulto, mas logo notou que tinha mais partes além das primeiras que tinha avistado, uma vez que obscurecia todas as estrelas em pontos onde a cordilheira apresentava profundas divisões.

Então veio uma ampla falha na cordilheira, onde as medonhas terras da tramontina Leng juntavam-se à devastação gelada do lado em que o viajante se encontrava graças a um desfiladeiro por onde as estrelas projetavam um brilho tênue. Carter observou a falha com profunda atenção, sabendo que poderia ver, delineadas contra o firmamento, as partes inferiores da vasta criatura que executava um voo ondulante sobre os pináculos. O objeto avançou um pouco, e todos os olhos do grupo fixaram-se na colossal rachadura que a qualquer momento revelaria a silhueta completa. Aos poucos aquela coisa gigantesca acima dos picos aproximou-se da falha depois de reduzir um pouco a velocidade, como se estivesse consciente de ter deixado para trás o exército de *ghouls*. Houve mais um momento de profundo suspense, e então veio o breve instante em que a silhueta completa se revelou, trazendo aos lábios dos *ghouls* um gasganeio de temor cósmico sufocado a duras penas e à alma do viajante um calafrio que jamais a abandonou por completo. Pois a forma colossal que pairava sobre a cordilheira era apenas uma cabeça — uma

dupla cabeça mitrada — abaixo da qual, na terrível vastidão, corria o horrendo corpo túmido que a sustentava; a monstruosidade com a altura de uma montanha que andava em silêncio com passos furtivos; a distorção hienídea de uma gigantesca forma humanoide que trotava envolta em trevas com o céu ao fundo enquanto o par de cabeças mitradas alçava-se rumo ao zênite.

Carter não perdeu a consciência ou sequer gritou, pois era um sonhador experiente; mas olhou para trás tomado pelo horror e estremeceu ao ver que as silhuetas de outras cabeças monstruosas começavam a se delinear acima dos picos, balançando discretamente atrás da primeira. Na retaguarda, outros três daqueles opulentos vultos montanhosos foram avistados com as estrelas austrais ao fundo, avançando com passos lupinos e balançando as enormes mitras a milhares de metros de altura. As montanhas entalhadas não haviam permanecido agachadas naquele rígido semicírculo ao norte de Inganok com as destros erguidas. Tinham deveres a cumprir, e não eram relapsas. Porém, era terrível que não falassem e que jamais fizessem um único som, mesmo ao caminhar.

Nesse meio-tempo o *ghoul* que outrora havia sido Pickman tartanhou uma ordem para os noctétricos, e todo o exército alçou-se a grandes alturas. A coluna disparou rumo às estrelas até que nada mais pudesse ser visto no firmamento; nem a cinzenta cordilheira de granito que permanecia imóvel nem as montanhas entalhadas e mitradas que caminhavam. Tudo estava envolto em trevas quando as legiões aladas investiram rumo ao norte em meio a ventos cortantes e risadas invisíveis no éter, e em nenhum momento um *shantak* ou qualquer outra entidade nefanda ergueu-se da desolação assombrada para dar início a uma perseguição. Quanto mais longe iam, mais depressa avançavam, e logo a velocidade alucinante pareceu ultrapassar a da bala de um rifle para aproximar-se à de um planeta girando em torno da própria órbita. Carter perguntou-se como, a aquela velocidade, o terreno continuava a se estender lá embaixo, porém sabia que na terra dos sonhos as dimensões têm estranhas propriedades. Tinha certeza de que estavam em um reino de noite eterna, e imaginou que as constelações no firmamento tivessem enfatizado sutilmente a orientação ao norte, como se estivessem erguendo-se a fim de lançar o exército voador rumo ao vazio do polo boreal,

como uma bolsa virada do avesso para expulsar o último resquício de substância lá dentro.

Então percebeu aterrorizado que as asas dos noctétricos haviam parado de bater. As montarias chifrudas e sem rosto haviam dobrado os apêndices membranosos e permaneciam numa atitude passiva em meio ao caos de vento que ria e rodopiava enquanto os impelia adiante. Uma força extraterrena havia capturado o exército, e tanto os *ghouls* como os noctétricos viram-se impotentes diante de um vórtice que os empurrava de maneira implacável e ensandecida rumo ao norte de onde nenhum mortal jamais havia retornado. Por fim surgiu no horizonte à frente uma pálida luz solitária, que se erguia cada vez mais à medida que se aproximavam e tinha abaixo de si uma massa negra que obscurecia as estrelas. Carter percebeu que devia ser alguma espécie de farol em uma montanha, pois apenas uma montanha poderia se erguer tão vasta a ponto de ser visível mesmo de uma altura tão prodigiosa.

Cada vez mais alto se ergueram a luz e a escuridão mais abaixo, até que metade do céu boreal fosse obscurecida pela colossal escarpa cônica. Por mais alto que o exército estivesse voando, o clarão pálido e sinistro erguia-se sempre mais alto, dominando monstruosamente todos os picos e proporções terrenas enquanto provava do éter despido de átomos em que a lua e os planetas insanos rodopiam. A montanha que assomava à frente não era conhecida por homem nenhum. As mais altas nuvens sob a horda voadora não eram mais do que um tapete para o sopé da montanha. A vertigem do ar rarefeito não era mais do que um cinturão para seu ventre. A ponte entre a terra e o céu erguia-se zombeteira e espectral enquanto negrejava em meio à noite eterna, coroada por um *pshent* de estrelas desconhecidas cujos contornos espantosos e prenhes de significado tornavam-se a cada instante mais distintos. Os *ghouls* gasganearam deslumbrados ao vê-la, e Carter estremeceu com o medo de que todo o exército voador se arrebesse no impassível ônix do penhasco ciclópico.

A luz continuou a se erguer, até que por fim se misturasse aos mais elevados orbes do zênite e, com uma zombaria lúgubre, piscasse o olho para os integrantes da revoada. Abaixo, todo o norte encontrava-se mergulhado na escuridão; uma escuridão horrenda e rochosa que se erguia de profundezas infinitas a alturas infinitas sem nenhuma interrupção

além do pálido facho que cintilava em um local inatingível e além do alcance da visão. Carter estudou a luz com maior atenção e enfim as linhas que aquela negrura de breu traçava contra as estrelas. Havia torres no topo daquela titânica montanha; horrendas torres abobadadas em repugnantes e incalculáveis fileiras e amontoados que transcendiam todos os talentos concebíveis da humanidade; ameias e terraços prodigiosos e nefastos, todos debuxados com minúsculos traços negros e distantes enquanto o *pshent* estrelado cintilava malevolamente ao fundo nos supremos limites da visão. No ápice da mais imensurável dentre todas as montanhas assomava um castelo que transcendia todo o pensamento mortal e cintilava sob a luz demoníaca. Então Randolph Carter soube que a busca havia chegado ao fim, e que via acima de si o objetivo de todos os passos proibidos e visões audaciosas — o fabuloso e incrível lar dos Grandes Deuses no alto da desconhecida Kadath.

No instante mesmo em que teve essa revelação, Carter percebeu uma mudança na trajetória descrita pelo grupo arrastado pelo vento. Estavam ganhando altitude muito depressa, e não havia dúvidas de que o foco daquele voo era o castelo de ônix de onde a luz pálida emanava. A enorme montanha negra estava tão próxima que as encostas pareceram deslizar a uma velocidade alucinante enquanto o grupo disparava para o alto; mas em meio à escuridão era impossível distinguir quaisquer contornos. Cada vez mais vastas avultavam as tenebrosas torres do noctífero castelo mais acima, e Carter percebeu que a construção beirava os limites do blasfemo com tamanha imensidão. As pedras bem poderiam ter sido extraídas por trabalhadores inomináveis do horrendo abismo de rocha no desfiladeiro ao norte de Inganok, pois tinham dimensões que faziam um homem parecer uma formiga ante os degraus da mais colossal fortaleza terrena. Os *pshents* de estrelas desconhecidas acima das miríades de torretas abobadadas cintilavam com um brilho insalubre e mortício, e uma espécie de crepúsculo envolvia as muralhas tenebrosas de ônix escorregadio. Logo o clarão pálido revelou ser uma única janela iluminada no alto das mais elevadas torres, e à medida que o exército indefeso se aproximava do cume da montanha Carter imaginou ter percebido desagradáveis sombras esvoaçando por aquela região envolta em penumbra. Era uma estranha janela em arco, pertencente a um estilo arquitetônico completamente desconhecido na terra.

A rocha sólida de repente deu lugar às gigantescas fundações do monstruoso castelo, e a velocidade a que o grupo avançava pareceu diminuir um pouco. Vastas muralhas avultavam à frente, e houve o breve vislumbre de um enorme portão por onde os viajantes foram arrastados. A noite reinava no titânico pátio, e então vieram as trevas ainda mais profundas de coisas recônditas quando um enorme portal em arco engoliu a coluna. Vórtices de rajadas frias sopravam úmidos pela escuridão absoluta nos labirintos de ônix, e Carter não saberia dizer que degraus e corredores ciclóticos estendiam-se em silêncio durante o trajeto das intermináveis contorções aéreas. O terrível avanço em meio à escuridão impelia-os sempre para cima, sem que um único som, toque ou vislumbre rasgasse a impenetrável mortalha do mistério. Por maior que fosse o exército de *ghouls* e noctétricos, estavam todos perdidos nos prodigiosos vazios daquele castelo supraterrâneo. Quando por fim todo espaço ao redor de repente fulgurou com a luz tétrica daquele único aposento localizado na torre cuja sobranceira janela havia servido como farol, Carter levou um tempo considerável para discernir as muralhas longínquas e o teto altaneiro e distante, bem como para perceber que de fato não mais se encontrava entre as incontrolláveis rajadas de vento que sopravam no lado de fora.

Randolph Carter tinha acalentado a esperança de entrar na sala do trono dos Grandes Deuses com dignidade e compostura, flanqueado e seguido por um impressionante séquito de *ghouls* com trajes cerimoniais, e oferecer as próprias orações como um mestre livre e poderoso entre os sonhadores. Sabia que os Grandes Deuses não se encontram além dos poderes de um mortal, e contava com a sorte para que os Outros Deuses e o caos rastejante Nyarlathotep não se fizessem presentes naquele momento crucial, como havia ocorrido nas tantas outras vezes em que os homens haviam procurado os deuses da terra nas moradas dos deuses ou nas montanhas onde habitavam. Com esse hediondo séquito, esperava desafiar até mesmo os Outros Deuses se houvesse necessidade, pois sabia que os *ghouls* não têm mestres, e que os noctétricos têm por senhor não o caos rastejante Nyarlathotep, mas apenas o arcaico Nodens. Porém, naquele instante Carter percebeu que a sobrenatural Kadath na devastação gelada é de fato rodeada por obscuros portentos e sentinelas inomináveis, e que os Outros Deuses sem dúvida permane-

cem vigilantes a fim de proteger os suaves e fracos deuses da Terra. Mesmo que não tenham autoridade perante os *ghouls* e os noctétricos, essas blasfêmias irracionais e amorfas do espaço sideral podem controlá-los se assim desejarem; e portanto Randolph Carter não pôde adentrar a sala do trono dos Grandes Deuses com um séquito de *ghouls* como um livre e poderoso mestre entre os sonhadores. Arrastado e pastoreado por tempestades estelares dignas de um pesadelo, e perseguido pelos horrores invisíveis da devastação boreal, todo o exército flutuava aprisionado e indefeso em meio à luz tétrica, caindo ao chão de ônix quando, por força de um comando sem voz, as rajadas de pavor amainavam.

Randolph Carter não estava diante de nenhum templo dourado, e tampouco havia um círculo augusto de entidades cingidas por halos e coroas com olhos estreitos, orelhas de lóbulos compridos, nariz fino e queixo pontudo, cujo parentesco com o rosto entalhado em Ngranek pudesse marcá-los como aqueles a quem o sonhador poderia dirigir as preces. Salvo por aquele único recinto na torre, o castelo de ônix no alto de Kadath estava às escuras, e os mestres não estavam presentes. Carter havia chegado à desconhecida Kadath na desolação gelada, mas não havia encontrado os deuses. Mesmo assim, a luz tétrica cintilava naquele recinto da torre cujo tamanho era pouco menor do que todo o restante no lado de fora, e cujas paredes longínquas e teto distante estavam quase perdidos em meio às névoas revolventeantes. Os deuses da Terra não estavam presentes; mas outras presenças mais sutis e menos visíveis não faltavam. Mesmo onde os deuses suaves se ausentam, os Outros Deuses não deixam de fazer-se representar; e com certeza o castelo dos castelos entalhado em ônix não estava desabitado. Sob que forma ou formas de atrocidade o terror haveria de revelar-se, Carter não poderia sequer conceber. Sentiu que aquela visita fora esperada, e ocorreu-lhe que durante o tempo inteiro poderia ter sido vigiado de perto pelo caos rastejante Nyarlathotep. É a Nyarlathotep, horror de formas infinitas e espírito tenebroso e mensageiro dos Outros Deuses, que as fúngicas bestas lunares servem; e Carter pensou na galé negra que havia desaparecido quando a maré da batalha virou-se contra as aberrações batráquias na rocha escarpada em alto-mar.

Enquanto refletia sobre essas coisas, Carter punha-se de pé em meio à companhia digna de um pesadelo quando, sem aviso, soou pela câmara

ensombrecida e infinita o horrendo sopro de uma trombeta demoníaca. Por três vezes ressoou o terrível grito estridente, e quando os ecos da terceira nota dissiparam-se com trenos de zombaria Randolph Carter percebeu que estava sozinho. Para onde, por que e como os *ghouls* e noctétricos haviam desaparecido estava além da compreensão imediata. Carter sabia apenas que de repente se vira sozinho, e que as forças que o espreitavam e escarneciam ao redor não eram forças benévolas das terras oníricas de nosso planeta. No instante seguinte um novo som emergiu dos mais profundos recônditos da câmara. Mais uma vez eram as notas ritmadas de uma trombeta, porém imbuídas de uma qualidade totalmente distinta dos três sopros roucos que haviam dissolvido a sinistra corte. Naquela grave fanfarra ecoavam todas as maravilhas e melodias do sonho etéreo; panoramas exóticos de beleza inimaginada emanavam de estranhos acordes e de inauditas cadências extraterrenas. Odores de incenso chegaram para acompanhar as áureas notas musicais; e mais acima uma intensa luz começou a brilhar com cores que se alternavam em ciclos desconhecidos ao espectro terreno e a acompanhar a música da trombeta em bizarras harmonias sinfônicas. Archotes fulguravam ao longe, e as batidas de tambores pulsavam cada vez mais próximas em ondas de tensa expectativa.

Em meio às névoas cintilantes e à nuvem de estranho incenso alinhavam-se fileiras gêmeas de gigantescos escravos negros que vestiam tangas de seda iridescente. Tinham as cabeças ornadas com enormes archotes de metal reluzente, presos como capacetes, de onde a fragrância de obscuros bálsamos espalhava-se em fumarentas espirais. Na mão direita traziam varinhas de cristal com as extremidades ornadas por entalhes de zombeteiras quimeras, e na mão esquerda seguravam longas e finas trombetas prateadas que eram tocadas alternadamente. Vinham ataviados com braceletes e tornozeleiras de ouro, e entre cada par de tornozeleiras estendia-se uma corrente de ouro que obrigava os passos a seguir um rígido andamento. No mesmo instante tornou-se evidente que eram negros legítimos das terras oníricas de nosso planeta, mas pareceu menos provável que aqueles ritos e trajes pertencessem à Terra. A três metros de Carter as colunas detiveram-se, e no instante seguinte as trombetas foram levadas aos grossos lábios dos instrumentistas. Desvairadas e extáticas foram as notas que soaram a seguir, e ainda mais desvairado o

grito que depois se ergueu em coro ao sair daquelas gargantas negras tornadas estridentes por meio de um estranho artifício.

Então uma figura solitária desfilou em meio à larga avenida entre as duas colunas; uma figura alta e esguia com o rosto jovem de um antigo faraó, trajando alegres mantos prismáticos e cingida por um *pshent* dourado que reluzia com luz própria. Para junto de Carter avançou a nobre figura, cujo porte orgulhoso e rosto moreno encerravam todo o fascínio de um deus obscuro ou de um arcanjo decaído, e ao redor de cujos olhos as chispas lânguidas de uma disposição caprichosa espreitavam. A seguir fez um pronunciamento, e em notas amenas fez tremular a música suave dos gritos do Lete.

“Randolph Carter”, disse a voz, “vieste ao encontro dos Grandes Deuses interditos aos olhos dos homens. Observadores falaram a respeito dessa busca, e os Outros Deuses grunhiram enquanto rolavam e debatiam-se irracionalmente ao som de flautas estridentes no vazio supremo onde habita o sultão-demônio cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar.

“Barzai, o sábio, jamais retornou depois de escalar Hatheg-Kla para ver os Grandes Deuses dançarem e uivarem acima das nuvens ao luar. Os Outros Deuses estavam lá, e fizeram o que se poderia esperar. Zenig de Aphorat tentou chegar à desconhecida Kadath na devastação gelada, e hoje o crânio deste explorador encontra-se engastado em um anel que adorna o dedo mínimo de uma entidade que não preciso nomear.

“Mas tu, Randolph Carter, enfrentaste todas as coisas das terras oníricas do teu planeta, e assim mesmo ardes com as chamas dessa busca. Vieste não como um reles curioso, mas como alguém que busca o que é devido, e ademais como alguém que jamais deixou de reverenciar os suaves deuses da Terra. Porém, os deuses mantiveram-te longe da maravilhosa cidade ao pôr do sol vislumbrada em teus sonhos por simples inveja; e a bem dizer ansiaram pela estranha beleza engendrada em teus devaneios, e juraram que nenhum outro lugar poderia servir-lhes de morada.

“Os deuses abandonaram o castelo na desconhecida Kadath para habitar a tua cidade maravilhosa. Passam os dias regozijando-se nos palácios de mármore e, quando o sol se põe, saem aos jardins perfumados e observam a glória dourada nos templos e nas colunatas, nas pontes em

arco e nas fontes com bacias, e também nas largas ruas ornadas por urnas repletas de flores e reluzentes fileiras de estátuas de marfim. E quando a noite cai sobre os altos terraços orvalhados, sentam-se nos bancos entalhados em porfiro para observar as estrelas, ou se debruçam sobre as pálidas balaustradas para admirar as encostas íngremes ao norte do vilarejo, onde uma a uma as janelinhas das velhas empenas iluminam-se com o calmo lume amarelo de familiares candeias.

“Os deuses amam a tua cidade maravilhosa, e não mais trilham o caminho dos deuses. Esqueceram-se dos lugares elevados na Terra e das montanhas que conheceram na juventude. A Terra não tem mais deuses que sejam divindades, e apenas os Outros Deuses presidem a esquecida Kadath. Em um vale distante da tua própria infância, Randolph Carter, os Grandes Deuses brincam sem nenhuma preocupação. Sonhaste bem demais, ó, sábio arquissonhador; e assim atraíste os deuses dos sonhos para longe do mundo das visões humanas para um mundo todo teu, depois de construir, com pequenos devaneios infantis, uma cidade mais bela do que todas as fantasias precedentes.

“Não convém que os deuses terrestres abandonem os tronos para que a aranha fie a teia, nem o reino para que os Outros o ocupem à sombria maneira dos Outros. De bom grado os poderes siderais fariam o caos e o horror se abaterem sobre o causador dessa perturbação, Randolph Carter, se não soubessem que és o único capaz de levar os deuses de volta à morada habitual. Naquela terra de sonhos e devaneios que te pertence, nenhum poder noctífero há de prosperar; e apenas tu és capaz de afastar os Grandes Deuses com gentileza da tua cidade ao pôr do sol e conduzi-los pelo crepúsculo boreal de volta à morada no alto da desconhecida Kadath na desolação gelada.

“Assim sendo, Randolph Carter, poupo a tua vida em nome dos Outros Deuses e ordeno que sirvas à minha vontade. Ordeno que busques a cidade ao pôr do sol que te pertence, e que de lá afastes os sonolentos deuses relapsos por quem o mundo onírico espera. Não é difícil encontrar a febre rósea dos deuses, a fanfarra de trombetas sobrenaturais e o clangor de címbalos imorredouros, o mistério cujo lugar e cujo significado te assombraram nos salões da vigília e nos abismos dos sonhos e atormentaram-te com vislumbres de memórias esmaecidas e a dor associada à perda de coisas prodigiosas e relevantes. Não é difícil

encontrar o símbolo e a relíquia dos teus dias de deslumbre, pois em verdade são a constante e eterna gema em que todo esse deslumbre cristalizou-se a fim de iluminar teus caminhos ao entardecer. Vê! Não é por mares desconhecidos, mas de volta aos anos bem-lembrados que a tua busca deve prosseguir; de volta às estranhas coisas reluzentes da tua infância e aos vislumbres fugazes e ensolarados da magia que essas velhas cenas traziam a teus jovens olhos despertos.

“Pois sabe que a tua cidade maravilhosa de ouro e mármore é apenas a soma de tudo o que viste e amaste na tua juventude. É a glória dos telhados nas colinas e janelas ocidentais que chamejam ao pôr do sol em Boston; a glória das flores no Common e da grande cúpula na colina e do emaranhado de empenas e chaminés no vale púrpura onde o Charles dormita enquanto corre sob as pontes. Essas coisas todas, Randolph Carter, viste quando tua governanta levou-te a passear de carrinho no esplendor da primavera, e serão elas as últimas coisas que hás de ver com os olhos da memória e do amor. E há a antiga Salém onde paira o peso dos anos, e a espectral Marblehead que escala precipícios rumo a séculos passados, e a glória das torres e dos coruchéus de Salém vistos ao pôr do sol desde os longínquos prados de Marblehead no outro lado do porto.

“Há Providence, graciosa e imponente com as sete colinas acima do porto azul e terraços verdejantes que levam a coruchéus e cidadelas de antiguidade pulsante, e Newport, que se ergue como um fantasma dos molhes sonhadores. Há Arkham, que se estende com mansardas cobertas de musgo e intermináveis pastos rochosos; e a antediluviana Kingsport, que ostenta chaminés antigas e cais abandonados e empenas sobranceiras, e a maravilha dos penhascos altaneiros e do oceano ataviado com as névoas leitosas e as boias de sino mais além.

“Os vales frescos de Concord, as ruas pavimentadas em Portsmouth e as curvas crepusculares das rústicas estradas de New Hampshire, onde olmos gigantes ocultam os muros alvos das residências campestres e as cegonhas que rangem nos poços. Os portos salgados de Gloucester e os arejados salgueiros de Truro. Os panoramas de longínquas cidades ornadas por coruchéus e de colinas atrás de colinas ao longo da margem norte, as silenciosas encostas pedregosas e as pequenas cabanas recobertas por hera e abrigadas por enormes rochas no interior de Rhode Is-

land. O cheiro do mar e o perfume dos campos; o encanto dos bosques ensombrecidos e a alegria dos pomares e dos jardins ao amanhecer. Essas coisas, Randolph Carter, são a tua cidade; pois delas és feito. A Nova Inglaterra criou-te, e na tua alma derramou uma beleza líquida que não morre jamais. Essa beleza, moldada, cristalizada e polida por anos de lembranças e de sonhos, é a maravilha dos teus efêmeros terraços ao pôr do sol; e a fim de encontrar aquele parapeito de mármore com curiosas urnas e balaústres entalhados, e de enfim descer os intermináveis degraus que levam à cidade de amplas esplanadas e fontes prismáticas, necessitas apenas voltar aos pensamentos e às visões da tua melancólica infância.

“Olha! Do outro lado da janela brilham as estrelas da noite eterna. Mesmo agora iluminam as cenas que conhecestes e acalentaste, bebendo do encanto para que possam brilhar com ainda mais beleza sobre os jardins do sonho. Lá está Antares — cintilando nesse exato instante sobre os telhados da Tremont Street, onde poderias vê-lo da tua janela em Beacon Hill. Para além das estrelas abrem-se os abismos de onde os meus mestres irracionais enviaram-me. Um dia também hás de atravessá-los, mas se fores sábio evitarás tamanha imprudência; pois dentre todos os mortais que foram e voltaram, somente um conseguiu resistir com a mente intacta aos insidiosos horrores do vazio. Heresias e blasfêmias roem umas às outras em busca de espaço, e o mal reside em maior quantidade nas coisas pequenas do que nas grandes, como bem podes notar pelo comportamento daqueles que tentaram entregar-te nas minhas mãos — embora eu não acalentasse nenhum desejo de causar tua ruína e a bem dizer pudesse ter oferecido ajuda se não estivesse ocupado com outros desígnios ou não tivesse certeza de que encontrarias o caminho por conta própria. Evita, portanto, os infernos siderais, e apegate às coisas tranquilas e belas da tua juventude. Procura a tua cidade maravilhosa e de lá afasta os Grandes Deuses em recreio, mandando-os de volta com delicadeza para as cenas da própria juventude divina que os aguardam inquietas.

“Mais fácil até do que o caminho das memórias vagas há de ser o caminho que prepararei para ti. Vê! Um monstruoso *shantak* se aproxima, conduzido por um escravo que, em nome da paz do teu espírito, há de permanecer invisível. Monta e prepara-te — eia! Yogash, o negro, há de

ajudar-te a guiar o horror escamoso. Segue em direção à mais brilhante estrela a sul do zênite — é Vega; e em duas horas estarás acima dos terraços da tua cidade ao pôr do sol. Segue em frente até ouvires cantos distantes nas alturas do éter. Além desse ponto espreita a loucura; puxa, então, as rédeas do *shantak* quando a primeira nota se fizer ouvir. Olha em direção à Terra e verás o imorredouro altar chamejante de Ired-Naa brilhar no alto de um templo sagrado. Esse templo é a cidade ao pôr do sol pela qual tanto anseias — então trata de pôr-te a caminho antes que ouças o canto e te percas.

“Quando chegares à cidade, procura o mesmo parapeito elevado em que outrora costumavas admirar a glória que se descortinava à tua frente, esporeando o *shantak* até arrancar-lhe um grito. Esse grito será ouvido e reconhecido pelos Grandes Deuses nos terraços perfumados, que assim serão acometidos por uma saudade tão profunda da antiga morada que nem mesmo as maravilhas da tua cidade poderão atenuar a falta do sinistro castelo em Kadath e do *pshent* de estrelas perenes que o coroa.

“Então hás de aterrissar em meio aos Grandes Deuses com o *shantak* e permitir que vejam e toquem o abjeto pássaro hipocéfalo enquanto falas a respeito da desconhecida Kadath, que há pouco tempo deixaste, e relatas a solidude e a escuridão dos saguões ilimitados por onde antigamente costumavam pular e brincar com uma radiância sobrenatural. E o *shantak* há de falar na língua dos *shantaks*, porém nada mais poderá fazer além de evocar as recordações de tempos passados.

“Deves falar repetidas vezes sobre a morada e a juventude dos Grandes Deuses, até que se ponham a chorar e peçam que indiques o caminho de volta há tanto tempo esquecido. Então poderás soltar o *shantak*, que ascenderá ao céu e dará o grito da espécie; e ao ouvi-lo os Grandes Deuses hão de regozijar-se e pular com a mesma alegria dos tempos antigos e incontinentemente seguirão no encalço do repugnante pássaro à maneira dos deuses, atravessando os profundos abismos do céu rumo às familiares torres e cúpulas de Kadath.

“E assim a maravilhosa cidade ao pôr do sol mais uma vez será tua, para que possas habitá-la e acalentá-la para todo o sempre enquanto os deuses da Terra reinam nos sonhos dos homens desde a sede habitual. Agora vai — a janela está aberta e as estrelas te aguardam lá fora! Teu *shantak* já arqueja e estremece de ansiedade. Segue em direção a Vega

noite afora, mas vira quando ouvires o canto. Não te esqueças deste aviso, pois de outra forma horrores inimagináveis podem tragar-te rumo ao clamoroso e ululante abismo de loucura. E lembra-te dos Outros Deuses, que são poderosos e irracionais e terríveis e espreitam nos vazios siderais. Convém temê-los.

“*Hei! Aa-shanta ’nygh!* Põe-te a caminho! Manda os deuses da Terra de volta à morada na desconhecida Kadath e reza a tudo o que existe no espaço para nunca mais me encontrar em nenhuma das minhas mil outras formas. Adeus, Randolph Carter, e toma cuidado; *pois eu sou Nyarlathotep, o Caos Rastejante!*”

E Randolph Carter, atordoado e ofegante no dorso do medonho *shantak*, disparou com um grito em direção ao espaço e avançou rumo ao gélido brilho azul da boreal Vega sem olhar para trás — a não ser uma única vez, quando viu as amontoadas e caóticas torretas do pesadelo de ônix iluminadas pela solitária luz tétrica da janela que se erguia acima do ar e das nuvens que pairavam sobre as terras oníricas de nosso planeta. Grandes horrores poliposos deslizavam obscuramente no espaço próximo e invisíveis asas de morcego batiam em grande número ao redor, porém mesmo assim Carter agarrava-se com tenacidade à insalubre crina do repugnante e escamoso pássaro hipocéfalo. As estrelas executavam danças zombeteiras, e por vezes quase formavam pálidos símbolos aziagos que sugeriam uma estranha familiaridade e um estranho temor; e o tempo inteiro os ventos do éter uivavam em notas que sugeriam a negrura e a solidão além do cosmo.

Então, na cintilante arcada logo à frente fez-se um silêncio portentoso, e todos os ventos e horrores afastaram-se como a noite se afasta para dar lugar à aurora. Tremulando nas estranhas ondas reveladas pela nebulosa, ergueu-se a tímida sugestão de uma melodia distante, que trazia acordes desconhecidos ao nosso universo e às nossas estrelas. Quando a música ganhou força o *shantak* ergueu as orelhas e avançou em frente, e Carter apurou o ouvido a fim de captar os belos trenos. Era música, mas não a música de uma voz. A noite e as esferas entoavam-na, e já era antiga quando o espaço e Nyarlathotep e os Outros Deuses nasceram.

O *shantak* voava cada vez mais depressa e o cavaleiro inclinava-se cada vez mais para frente, inebriado pelas maravilhas dos estranhos abismos enquanto rodopiava nas espirais cristalinas da magia sideral.

Tarde demais veio o aviso da entidade malévola — o sardônico alerta do emissário demoníaco que havia pedido ao explorador que evitasse a loucura daquela canção. Apenas como provocação Nyarlathotep havia revelado o caminho da segurança e da maravilhosa cidade ao pôr do sol; apenas para escarnecer o mensageiro negro havia revelado o segredo dos deuses em recreio cujos passos poderia facilmente reverter sem nenhum tipo de ajuda. Pois a loucura e a vingança impiedosa são as únicas dádivas que Nyarlathotep confere aos presunçosos; e por mais frenéticos que fossem os esforços do viajante para desviar o rumo da repugnante montaria, o ardiloso e zombeteiro *shantak* seguiu adiante com ímpeto e convicção, batendo as enormes asas coriáceas em um júbilo maligno à medida que avançava rumo aos abismos profanos que nem os sonhos alcançam; rumo ao supremo malogro amorfo do mais profundo caos, onde borbulha e blasfema no centro da infinitude o irracional sultão-demoníaco Azathoth, cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar.

Pertinaz e obediente às ordens do vil emissário, o pássaro infernal seguiu adiante em meio a cardumes de criaturas amorfas que espreitavam e brincavam na escuridão, e a rebanhos vazios de entidades à deriva que estendiam as patas e tentavam se agarrar e tentavam se agarrar e estendiam as patas — as larvas inomináveis dos Outros Deuses, cegas e irracionais como os progenitores, e dotadas de fomes e sedes singulares.

Adiante, pertinaz e implacável, soltando gargalhadas hilárias ao perceber os risos histéricos em que a música da noite e das esferas havia se transformado, o quimérico monstro escamoso levou o cavaleiro indefeso; avançando e disparando, rasgando os confins supremos e atravessando os mais longínquos abismos; deixando para trás as estrelas e o reino da matéria, e precipitando-se como um meteoro através da informidade pura em direção às inconcebíveis e escuras câmaras além do tempo onde Azathoth rói amorfo e faminto em meio ao abafado e enlouquecedor ritmo de tambores malignos e ao agudo e monótono lamento de flautas amaldiçoadas.

Adiante — adiante — por tenebrosos abismos populosos que gritavam e gargalhavam — e então, de uma tênue e abençoada distância, uma imagem e um pensamento ocorreram ao malfadado Randolph Carter. Engenhoso fora o plano de Nyarlathotep para provocar e escarnecer,

pois havia conjurado imagens que nenhuma rajada de terror gelado seria capaz de obliterar. A antiga casa — a Nova Inglaterra — Beacon Hill — o mundo em vigília.

“Pois sabe que a tua cidade maravilhosa de ouro e mármore é apenas a soma de tudo o que viste a amaste na tua juventude... a glória dos telhados nas colinas e janelas ocidentais que chamejam ao pôr do sol em Boston; a glória das flores no Common e da grande cúpula na colina e do emaranhado de empenas e chaminés no vale púrpura onde o Charles dormita enquanto corre sob as pontes... essa beleza, moldada, cristalizada e polida por anos de lembranças e de sonhos, é a maravilha dos teus efêmeros terraços ao pôr do sol; e a fim de encontrar aquele para-peito de mármore com curiosas urnas e balaústres entalhados, e de enfim descer os intermináveis degraus que levam à cidade de amplas esplanadas e fontes prismáticas, necessitas apenas voltar aos pensamentos e às visões da tua melancólica infância.”

Adiante — adiante — rumo à vertigem do destino supremo em meio à escuridão onde criaturas cegas estendiam as patas e focinhos úmidos cutucavam e coisas sem nome riam e riam e riam. Porém, a imagem e o pensamento haviam surgido, e Randolph Carter percebeu claramente que estava sonhando e apenas sonhando, e que em algum lugar, escondido atrás do mundo em vigília, a cidade da infância ainda existia. As palavras fizeram-se ouvir mais uma vez — “Necessitas apenas voltar aos pensamentos e às visões da tua melancólica infância”. Virar — virar — não havia nada além de escuridão por todos os lados, mas Randolph Carter poderia virar-se mesmo assim.

Em meio ao pesadelo alucinante que lhe embotava os sentidos, Randolph Carter poderia virar-se e mexer-se. Poderia mexer-se, e se assim desejasse poderia saltar das costas do *shantak* que o carregava rumo a um destino de acordo com as ordens de Nyarlathotep. Poderia saltar e desbravar as profundezas da noite que se estendia infinitamente para baixo — aquelas profundezas de medo cujos terrores no entanto não poderiam exceder o destino inefável que o aguardava à espreita no âmago do caos. Randolph Carter poderia virar-se e mexer-se e saltar — poderia — poderia — e assim faria — e assim faria —

Para longe da abominação hipocéfala o condenado sonhador em desespero saltou, e por intermináveis vazios de escuridão senciente caiu.

Éons revoltearam, universos morreram e tornaram a nascer, as estrelas deram lugar a nebulosas e as nebulosas deram lugar a estrelas, e Randolph Carter continuou a cair pelos intermináveis vazios de escuridão senciente.

Então, no lento e arrastado curso da eternidade, o derradeiro ciclo do cosmo mais uma vez estremeceu em uma completude fútil, e todas as coisas voltaram a ser como haviam sido incalculáveis kalpas atrás. A matéria e a luz tornaram a nascer como o espaço outrora as tinha conhecido; e cometas, sóis e planetas ganharam vida em convulsões flamejantes, embora nada houvesse sobrevivido para saber que tinham existido e desaparecido, existido e desaparecido incontáveis vezes por toda a eternidade, desde um começo que jamais fora o primeiro.

E mais uma vez surgiram o céu e o vento e o brilho de uma luz púrpura nos olhos do sonhador que caía. Havia deuses e presenças; e a vontade, a beleza e o mal, e os gritos da noite corrupta cuja presa havia escapado. Pois todo o ignoto ciclo supremo fora presidido por um pensamento e por uma visão da infância do sonhador, e naquele instante foram refeitos um mundo em vigília e uma velha cidade acalentada que haveriam de corporificar e justificar essas coisas. Em meio ao vazio o gás violeta S'ngac havia indicado o caminho, e o arcaico Nodens grunhia conselhos desde profundezas insondáveis.

As estrelas intumesceram até se tornarem auroras, e as auroras explodiram em fontes de ouro, carmim e púrpura, e por todo esse tempo o sonhador continuava a cair. Gritos rasgaram o éter enquanto raios de luz repeliam os demônios siderais. E o encanecido Nodens soltou um uivo triunfante quando Nyarlathotep, próximo à pedreira, deteve os passos ao perceber um clarão que abrasava os horrores informes e os reduzia a cinzas. Randolph Carter havia enfim descido a ampla escadaria de mármore até a cidade maravilhosa, pois mais uma vez se encontrava no belo mundo da Nova Inglaterra que o havia criado.

Então, com o som dos acordes de órgão em meio à miríade de assovios matinais e o brilho da manhã filtrando pelas vidraças roxas junto à grande cúpula dourada na Sede do Governo em Beacon Hill, Randolph Carter acordou com um grito no interior de um quarto em Boston. Os pássaros cantavam em jardins ocultos e o triste perfume das trepadeiras plantadas pelo avô soprava dos caramanchões. A beleza e a luz cintila-

vam nas linhas clássicas do consolo e da cornija entalhada e das paredes com ornatos grotescos enquanto um lustroso gato preto acordava com um bocejo do sono ao pé da lareira, perturbado pelo sobressalto e pelo grito do dono. E vastas infinitudes ao longe, para além do Portão do Sono Profundo e do bosque encantado e dos jardins fragrantes e do Mar Cereneriano e das terras crepusculares em Inganok, o caos rastejante Nyarlathotep entrou ameaçadoramente no castelo de ônix no alto da desconhecida Kadath na desolação gelada e provocou com insolência os suaves deuses da Terra que havia arrancado bruscamente de um recreio perfumado na maravilhosa cidade ao pôr do sol.



O Clérigo Maligno

∴

The Evil Clergyman (1933)

Weird Tales (abr. 1939)

Este conto é uma simples transcrição de um sonho. Lovecraft o incluiu em uma carta para Bernard Austin Dwyer em 22 de outubro de 1933; após a morte de Lovecraft, Dwyer empacotou tudo como uma história, deu um título e enviou à *Weird Tales*.



O compartimento no sótão me foi mostrado por um homem sério e de aspecto inteligente, com roupas sóbrias e barba platinada, que me falou nestes termos:

— Sim, *ele* viveu aqui — mas eu não aconselho você a fazer nada. Sua curiosidade pode torná-lo irresponsável. Nós nunca vimos aqui à noite, e é somente por causa *dele* que agimos assim. Você sabe o que *ele* fez. Aquela sociedade abominável se incumbiu de tudo, afinal, e nós não sabemos onde *ele* está sepultado. Não havia meios pelos quais a lei ou qualquer outro poder pudesse atingir a sociedade.

— Eu espero que você não fique até depois de escurecer. E imploro para que deixe aquela coisa sobre a mesa — a coisa que se parece com uma caixa de fósforos — onde está. Nós não sabemos o que é, mas suspeitamos que tenha algo a ver com o que *ele* fez. Nós evitamos até mesmo olhar para ela muito fixamente.

Após algum tempo o homem me deixou sozinho no quarto do sótão. O lugar estava muito sujo e empoeirado, e tinha apenas uma mobília primitiva, mas era dotado de uma organização que revelava não se tratar dos aposentos de um morador de cortiço. Havia prateleiras cheias de livros clássicos e de teologia, e outra estante contendo tratados de magia — Paracelso^[1], Alberto Magno^[2], Tritêmio^[3], Hermes Trismegisto^[4], Borellus^[5], e alguns outros escritos em estranhos alfabetos, cujos títulos não pude decifrar. A mobília era muito simples. Havia uma porta, mas dava somente para um armário embutido. A única saída era a abertura no chão para a qual a escada rústica e íngreme dava. As janelas eram em olho de boi, e as negras vigas de carvalho comunicavam uma antiguidade inacreditável. Claramente, aquela casa era do velho mundo. Eu parecia saber onde estava, mas não consigo me recordar de nada do que conhecia na época. Certamente a cidade *não* era Londres. Minha impressão é de uma pequena localidade portuária.

O diminuto objeto sobre a mesa fascinou-me intensamente. Eu parecia saber o que fazer com ele, pois tirei uma lanterna elétrica — ou o que parecia ser uma — do meu bolso e com nervosismo testei o seu fecho. A luz não era branca, e sim violeta, e parecia-se menos com uma verdadeira luz do que com algum tipo de bombardeamento radioativo. Lembro-me de que não a considerava uma lanterna comum — de fato, eu *tinha* uma lanterna comum em outro bolso.

Estava escurecendo, e os antigos telhados e chaminés do lado de fora pareciam muito estranhos através dos vidros das janelas em olho de boi. Finalmente, reuni coragem e posicionei o pequeno objeto sobre a mesa apoiado em um livro — depois dirigi os raios da peculiar luz violeta para ele. A luz agora parecia mais uma chuva ou saraivada de pequeninas partículas violáceas do que um fecho contínuo. À medida que as partículas atingiam a superfície vítrea no centro do estranho dispositivo, elas pareciam produzir um ruído crepitante, como o faiscar de um tubo de vácuo através do qual passassem fagulhas. A escura superfície vítrea exi-

biu uma claridade rosada, e uma vaga silhueta branca pareceu tomar forma no seu centro. Então eu notei que não estava sozinho no quarto — e guardei o projetor de raios novamente em meu bolso.

Mas o recém-chegado não falou nada — nem eu ouvi qualquer som durante todos os momentos que imediatamente se seguiram. Tudo era uma pantomima de sombras, como se fossem vistas de grande distância através de alguma bruma intersticial — embora, por outro lado, o recém-chegado e todos os que apareceram subsequentemente se avultassem grandes e contíguos, como se estivessem ao mesmo tempo próximos e distantes, seguindo alguma geometria anormal.

O recém-chegado era um homem magro e escuro, de estatura mediana, trajando o hábito clerical da igreja anglicana. Aparentava ter por volta de trinta anos, com uma complexão amarelada e olivácea, e feições bastante agradáveis, mas uma testa anomalmente alta. Seus cabelos negros eram bem aparados e cuidadosamente penteados, e ele estava bem barbeado, embora tivesse o queixo sombreado por uma intensa profusão de barba. Usava óculos sem aros com hastes de aço. Sua constituição física e características faciais eram como as de outros clérigos que eu havia conhecido, mas tinha uma testa muito mais alta, e era mais escuro e tinha um olhar mais inteligente — e também mais sutil e dissimuladamente *maligno*. Naquele momento — após ter simplesmente acendido uma fraca lamparina a óleo — ele parecia nervoso, e antes que eu me desse conta, o homem já estava atirando todos os seus livros de magia numa lareira no lado do aposento em que ficava a janela (onde a parede tinha uma brusca inclinação), a qual eu não havia notado antes. As labaredas devoraram os volumes com avidez — saltando para o alto em curiosas cores e emitindo odores indescritivelmente repulsivos, à medida que as folhas preenchidas por estranhos hieróglifos e as encadernações carunchadas sucumbiam ao elemento devastador. De repente, percebi que havia outros no quarto — homens de aparência séria, vestindo hábitos clericais, um dos quais usava a estola e os calções à altura dos joelhos de um bispo. Embora eu não conseguisse ouvir nada, podia ver que eles traziam uma decisão de suma importância para o que havia chegado primeiro. Pareciam odiá-lo e temê-lo ao mesmo tempo, e ele aparentava retribuir esses sentimentos. Seu rosto adotou uma expressão severa, mas eu pude ver que sua mão direita tremia no momento em que ele apertou

o encosto de uma cadeira. O bispo apontou para a estante vazia e para a lareira (onde as chamas haviam morrido em meio a uma massa carbonizada e irreconhecível), e parecia repleto de um peculiar desprezo. O primeiro a chegar então deu um sorriso irônico e estendeu sua mão esquerda para o pequeno objeto sobre a mesa. Todos então pareceram atemorizados. A procissão de clérigos começou a descer em fila pelos degraus íngremes, através do alçapão no assoalho, virando-se e fazendo gestos ameaçadores ao partir. O bispo foi o último a se retirar.

O primeiro a chegar então foi até um armário no lado mais interno do quarto e extraiu um rolo de corda. Subindo numa cadeira, ele prendeu uma das extremidades da corda em um gancho na grande viga central de carvalho negro, e começou a fazer um laço com a outra ponta. Compreendendo que ele estava para se enforcar, comecei a avançar para dissuadi-lo ou salvá-lo. Ele me viu e interrompeu seus preparativos, olhando para mim com uma espécie de *triumfo* que me desconcertou e perturbou. Lentamente ele desceu da cadeira e começou a se aproximar de mim com um sorriso francamente lupino no seu rosto sombrio e de lábios finos.

Senti-me, por algum motivo, em perigo mortal, e lancei mão do peculiar projetor de raios como uma arma de defesa. Por que pensei que ele poderia me ajudar, eu não sei. Liguei-o — bem no rosto dele, e vi suas feições amareladas brilharem, de início com uma luz violeta e depois rosada. Sua expressão de exultação lupina começou a ser repelida por um olhar de medo profundo — que, no entanto, não substituiu inteiramente a exultação. Ele parou a meio caminho — então, agitando seus braços selvagememente no ar, começou a cambalear para trás. Vi que ele estava se aproximando do alçapão aberto no chão e tentei dar um grito de alerta, mas ele não me ouviu. No instante seguinte, deu uma súbita guinada para trás, atravessou a abertura e sumiu de vista.

Foi com dificuldade que avancei em direção à escada, mas quando cheguei ali, não encontrei nenhum corpo destroçado no piso abaixo. Em vez disso, ouvi um tropel de pessoas subindo com lanternas, pois o encanto de fantasmagórico silêncio fora rompido, e novamente eu ouvi sons e vi imagens normalmente tridimensionais. Algo havia evidentemente atraído uma multidão àquele local. Teria havido algum barulho que eu não escutara? em um átimo, as duas pessoas (simples aldeões,

aparentemente) que vinham mais à frente do grupo me viram — e se deram, paralisados. Um deles deu um grito alto e reverberante:

— Arrgh!... É ele, siô? De novo?

Então todos deram meia-volta e fugiram em desvario. Todos, menos um, digo. Quando a multidão se foi eu vi o sério homem barbado que havia me conduzido àquele local — parado sozinho com uma lanterna. Ele me fitava ofegante e fascinado, mas não parecia ter medo. Então começou a subir os degraus e juntou-se a mim no sótão. Ele falou:

— Então, você não deixou aquilo onde estava! Eu lamento. Sei o que aconteceu. Já aconteceu antes, mas o homem ficou assustado e se matou. Você não deveria tê-lo feito voltar. Você sabe o que *ele* quer. Mas não deve ter se assustado como o outro homem que ele pegou. Algo muito estranho e terrível aconteceu a você, mas não chegou ao ponto de ferir sua mente e sua personalidade. Se você mantiver a calma, e aceitar a necessidade de fazer certos reajustes radicais na sua vida, poderá continuar aproveitando o mundo e os proventos da sua erudição. Mas não pode viver aqui — e não acredito que possa voltar para Londres. Eu aconselharia a América.

— Você não deve tentar mais nada com aquela... coisa. Nada pode ser desfeito agora. A situação iria apenas piorar se você tentasse fazer — ou invocar — algo. Você não está tão perdido quanto poderia — Mas deve sair daqui imediatamente e se manter afastado. Deveria agradecer aos céus por isso não ter ido mais longe...

— Vou prepará-lo o mais prontamente que me for possível. Houve uma certa mudança — na sua aparência pessoal. *Ele* sempre causa isso. Mas num novo país você poderá se acostumar. Há um espelho do outro lado do quarto, e eu vou levá-lo até ele. Você terá um choque — porém não verá nada repulsivo.

Eu agora estava tremendo com um medo mortal, e o homem barbado quase teve de me amparar enquanto me conduzia ao espelho do outro lado do quarto, com a fraca luz (isto é, aquela que já estava anteriormente sobre a mesa, não a lanterna ainda mais fraca que ele trouxera) em sua mão livre. O que eu vi no espelho foi isto:

Um homem magro e escuro, de estatura mediana, trajando o hábito clerical da igreja anglicana, aparentando em torno de trinta anos, e com

óculos sem aros e de hastes de aço reluzindo sob uma testa amarelada e olivácea, de altura anormal.

Era o primeiro homem silencioso a chegar, que havia queimado os seus livros.

Pelo resto da minha vida, em meu aspecto exterior, eu seria aquele homem!



O Intruso

∴

The Outsider (1921)
Weird Tales (abr. 1926)

Muitos leitores e críticos concordaram, ao longo dos anos, que “O Intruso” é uma história fabulosa, um dos melhores esforços iniciais de Lovecraft. Porém, nos anos seguintes, o próprio autor passou a desdenhá-la, chamando sua trama de excessivamente mecânica e sua linguagem de excessivamente florida; quase todo mundo que já leu a história discorda.



That night the Baron dreamt of many a woe;
And all his warrior-guests, with shade and form
Of witch, and demon, and large coffin-worm,
Were long be-nightmared.^[1]

Keats

Infeliz é aquele cujas lembranças de infância trazem somente medo e tristeza. Miserável o que só se recorda de horas solitárias passadas em aposentos amplos e lúgubres, com reposteiros pardacentos e fileiras

exasperantes de velhos livros, ou em reverentes vigílias entre bosques penumbrosos, com suas imensas e grotescas árvores tomadas por trepadeiras, que em silêncio acenam seus galhos retorcidos muito acima do chão. Foi esse o quinhão que os deuses destinaram a mim — a mim, o entorpecido, o desapontado; o estéril, o caído. E, no entanto, sinto-me estranhamente satisfeito, e agarro-me desesperadamente a essas lembranças ressequidas sempre que minha mente por um momento ameaça transcender-se até *o outro*.

Não sei nada do local onde nasci, exceto que era um castelo infinitamente velho e infinitamente horrível; cheio de passagens escuras e dotado de altos tetos, onde o olhar só encontrava teias de aranha e sombras. As pedras nos corredores em desagregação pareciam sempre abominavelmente úmidas, e havia um odor detestável por toda parte, como se exalasse dos cadáveres empilhados de gerações defuntas. Nunca havia claridade, e por isso eu às vezes costumava acender velas e olhá-las fixamente em busca de alívio; tampouco havia algum sol do lado de fora, uma vez que as árvores terríveis cresciam muito além da mais alta torre a que se podia ter acesso. Havia uma torre negra que se elevava acima das árvores até o desconhecido céu exterior, mas estava parcialmente em ruínas e não se podia subir por ela a não ser mediante uma escalada praticamente impossível pela parede nua, pedra a pedra.

Devo ter vivido anos naquele lugar, mas não sei medir o tempo. Entes devem ter cuidado das minhas necessidades, embora eu não consiga recordar de mais ninguém exceto eu próprio; ou de qualquer coisa viva além de silenciosos ratos, morcegos e aranhas. Creio que seja lá quem me nutriu, devia ser alguém assombrosamente velho, pois minha primeira concepção de pessoa vivente era de algo que parecia um arremedo de mim mesmo, embora distorcido, murcho e decadente como o castelo. Para mim não havia nada de grotesco nos ossos e esqueletos que se espargiam por algumas das criptas de pedra encravadas profundamente entre as fundações. Fantasticamente, eu associava tais coisas a eventos do dia a dia, e julgava-as mais naturais do que as coloridas representações de seres vivos que encontrei em muitos dos livros bolorentos. De tais livros aprendi tudo o que sei. Nenhum professor me incitou ou me guiou, e não me recordo de ter ouvido qualquer voz humana em todos aqueles anos — nem mesmo a minha própria; pois embora tivesse lido

sobre a fala, nunca pensei em tentar expressar-me em voz alta. Meu aspecto era assunto igualmente ignorado, pois não havia espelhos no castelo, e eu por instinto me julgava semelhante às jovens figuras que via desenhadas e pintadas nos livros. Tinha consciência de minha juventude por lembrar tão pouco.

Do lado de fora, além do fosso pútrido e sob as escuras árvores mudas, eu com frequência me deitava e sonhava durante horas sobre o que lia nos livros; e com ardor imaginava-me entre as multidões felizes no mundo ensolarado que ficava além da floresta interminável. Uma vez eu tentei escapar daquela mata, mas à medida que me distanciava do castelo, a penumbra se tornava cada vez mais densa e o ar mais tomado de um temor taciturno; por isso voltei correndo em desvario, antes que me perdesse em um labirinto de silêncio trevoso.

Assim, ao longo de crepúsculos sem fim, eu sonhava e esperava, embora não soubesse o quê. Mas na solidão sombria meu anseio pela luz se tornou tão desatinado que já não podia ter descanso, e alcei minhas mãos suplicantes à única torre, negra e em ruínas, que alcançava acima da floresta rumo ao desconhecido céu exterior. E por fim resolvi escalá-la, ainda que pudesse cair; pois melhor seria entrever o céu e perecer, que viver sem jamais contemplar o dia.

No abafado crepúsculo eu subi a escada de pedra gasta e antiga até alcançar o nível em que ela terminava, e então me agarrei perigosamente aos pequenos pontos de apoio que levavam para o alto. Espectral e terrível era aquele cilindro de pedra morta sem degraus; negro, arruinado e deserto, sinistro com seus morcegos assustados cujas asas não produziam ruído algum. Porém ainda mais espectral e terrível era a lentidão do meu progresso; por mais que escalasse, a escuridão acima de mim não escasseava, e um novo calafrio, de um caráter assombroso e venerável, me atacou. Estremeci ao me perguntar por que não alcançava a luz, e teria olhado para baixo se tivesse ousadia para tanto. Imaginei que a noite havia caído subitamente sobre mim e em vão tateei com uma das mãos livres em busca de um vão de janela pelo qual pudesse espiar para fora e para o alto, a fim de procurar estimar que altura havia atingido.

De repente, depois de me arrastar apavorado e às cegas por um tempo infinito acima daquele precipício côncavo e desesperador, senti minha cabeça tocar algo sólido e soube que devia ter atingido o teto, ou ao

menos algum tipo de piso superior. Na escuridão, levantei minha mão livre e examinei a barreira, descobrindo-a pétrea e imóvel. Então pus-me com grande risco a circundar a torre, agarrando-me a qualquer apoio que a parede lisa pudesse oferecer; até que, por fim, minha mão perscrutadora sentiu a barreira ceder, e eu novamente avancei para o alto, empurrando a laje ou porta com minha cabeça enquanto usava ambas as mãos na arriscada ascensão. Nenhuma luz se revelou acima e, quando minhas mãos subiram mais eu soube que a escalada não se encerraria naquele momento, pois a laje era o alçapão de uma abertura que dava para um chão de pedra de maior circunferência do que a torre inferior, sem dúvida o piso de alguma elevada e espaçosa câmara de observação. Arrastei-me com cuidado através da abertura e tentei evitar que a pesada laje caísse de volta ao seu lugar; mas fracassei nesta última tentativa. Enquanto jazia exausto sobre o chão de rocha, ouvi os ecos lúgubres de sua queda, mas tinha esperança de que, quando fosse necessário, eu conseguiria erguê-la novamente.

Acreditando estar naquele momento a uma altura prodigiosa, muito acima dos galhos detestáveis da floresta, levantei-me do chão e tateei ao meu redor à procura de janelas pelas quais pudesse ver pela primeira vez o céu e a lua e as estrelas sobre as quais havia lido. Mas a cada avançar de mão eu me desapontava, pois só o que encontrei foram amplos nichos de mármore, encerrando em seu interior odiosas caixas oblongas de tamanho perturbador. Cada vez mais eu refletia, perguntando-me que segredos seculares poderiam persistir naquelas altas dependências, há tantos éons isoladas do castelo abaixo. Então, minhas mãos deram inesperadamente com um umbral onde se fixava uma porta de pedra, rugosa por seus estranhos relevos. Testando-a, descobri que estava emperrada; mas com um supremo rompante de força eu superei todos os obstáculos e a arrastei para dentro do recinto. Quando fiz isso, desceu sobre mim o mais puro êxtase que jamais conheci, pois ali, derramando placidamente o seu brilho através de um gradil de ferro ornado e por uma curta passagem com degraus de pedra que se iniciavam na porta recém-descoberta, estava a lua, que jamais vira a não ser em sonhos e em vagas visões que não ousava chamar de lembranças.

Imaginando, então, que havia atingido o ápice do castelo, comecei a subir correndo os poucos degraus que havia além da porta; mas o repen-

tino encobrimento da lua por uma nuvem me fez tropeçar, e tateei meu caminho mais vagarosamente na escuridão. Ainda estava muito escuro quando alcancei o gradil — que empurrei com cuidado e descobri estar destrancado, embora não o tivesse aberto por medo de cair da assombrosa altura que havia escalado. Então, a lua saiu.

O mais demoníaco de todos os choques vem daquilo que é abissalmente inesperado e inacreditavelmente grotesco. Nada por que havia passado antes podia se comparar em termos de terror com o que eu via naquele instante, com o bizarro maravilhamento que aquela visão implicava. A vista em si era tão simples quanto espantosa, pois tratava-se meramente disto: em vez de uma vertiginosa paisagem com copas de árvores vistas de uma imponente altitude, estendia-se à minha volta, no mesmo nível do gradil, nada menos do que *a terra firme*, adornada e diversificada por lápides e colunas de mármore eclipsadas por uma antiga igreja de pedra, cujo pináculo em ruínas resplandecia espectralmente ao luar.

Quase inconsciente, abri o gradil e saí tropegamente para o caminho de cascalho branco que partia em duas direções. Minha mente, por mais atordoada e caótica que estivesse, ainda conservava a ânsia febril pela luz; e nem mesmo o fantástico prodígio que havia acontecido poderia deter meu curso. Não sabia, e tampouco me importava, se minha experiência era insanidade, sonho ou magia; mas estava determinado a ver esplendor e alegria a qualquer custo. Ignorava quem ou o que eu era, ou mesmo o que o meio em que me encontrava poderia ser; no entanto, à medida que continuava a bordejar ao longo do caminho, adquiria consciência de uma espécie de memória latente que fazia com que meu progresso não fosse inteiramente fortuito. Passei sob uma arcada e saí daquela área de lajes e colunas, e então vaguei por campo aberto; às vezes seguindo a estrada perceptível, outras vezes curiosamente deixando-a para trilhar prados onde apenas ruínas ocasionais indicavam a presença ancestral de uma via esquecida. Em dado momento eu atravessei a nado um rio caudaloso por onde alvenaria coberta de musgo e aos pedaços indicava uma ponte há muito desaparecida.

Mais de duas horas deviam ter se passado quando eu atingi o que parecia ser meu objetivo, um venerável castelo coberto de heras em um parque densamente arborizado; insanamente familiar, ainda que pleno de desconcertante estranheza para mim. Vi que o fosso fora aterrado, e

que algumas das torres bem conhecidas haviam sido demolidas, ao passo que novas alas existiam para confundir quem o contemplava. Mas o que eu observei com o maior interesse e deleite foram as janelas abertas — irradiando claridade esplendorosamente e propagando o som da mais alegre festividade. Depois de avançar até uma delas, olhei para dentro e vi um grupo de pessoas vestidas de maneira muito estranha, divertindo-se e conversando vivamente umas com as outras. Eu nunca ouvira, aparentemente, a voz humana e podia adivinhar apenas vagamente o que era dito. Algumas faces pareciam dotadas de expressões que evocavam reminiscências incrivelmente remotas; outras eram completamente estranhas.

Então eu atravessei a janela baixa e entrei no salão magnificamente iluminado, e ao fazê-lo passei do meu único radiante momento de esperança à mais sombria convulsão de desespero e desilusão que já sentira. O pesadelo começou rápido, pois, enquanto eu entrava, imediatamente ocorreu uma das mais aterrorizantes demonstrações que jamais concebi. Mal havia cruzado o parapeito quando, sobre todo o grupo, abateu-se um pavor repentino e inesperado de intensidade assustadora, distorcendo cada face e extraíndo os gritos mais horríveis de quase todas as gargantas. A fuga foi geral, e em meio ao clamor e ao pânico, vários perderam os sentidos e foram arrastados por seus acompanhantes em demencial debandada. Muitos cobriam seus olhos com as mãos e tateavam às cegas e desajeitadamente em sua corrida para escapar, derrubando móveis e esbarrando contra as paredes antes de conseguirem alcançar uma das muitas portas.

Os prantos foram chocantes, e quando eu me encontrei sozinho e confuso no recinto iluminado, ouvindo seus ecos sumirem na distância, tremi ao pensar no que podia estar à espreita junto a mim sem que eu o visse. A uma inspeção superficial, o salão parecia deserto, mas quando andei em direção a uma das alcovas, pensei ter detectado uma presença ali — um esboço de movimento além do umbral com arcos dourados da passagem que dava para outro salão um tanto semelhante àquele. À medida que me aproximava da arcada, comecei a distinguir a presença com mais clareza; e então, com o primeiro e último som que jamais pronunciei — um ulular horripilante que me revoltou com quase tanta pungência quanto sua perniciosa causa —, contemplei em sua plena e assusta-

dora nitidez a monstruosidade inconcebível, indescritível e inefável que com sua simples aparição transformara um grupo festivo numa horda de fugitivos delirantes.

Não posso dar sequer uma ideia de seu aspecto, pois era uma combinação de tudo o que é poluto, nefasto, indesejável, anormal e detestável. Era a imagem macabra da decomposição, da antiguidade e da desolação; o pútrido e viscoso *eidolon* de uma revelação doentia; o desnudamento horrível daquilo que a terra misericordiosa deveria para sempre ocultar. Deus sabe que aquilo não era deste mundo — ou não mais deste mundo —, no entanto, para meu horror, vi nos seus traços carcomidos e de ossos expostos um arremedo perverso e repugnante da forma humana; e em suas vestes bolorentas e em desintegração, uma qualidade indizível que me arrepiou ainda mais.

Eu estava quase paralisado, mas não a ponto de não tentar um débil esforço para fugir, um vacilante passo atrás que não conseguiu quebrar o encanto em que o monstro inominado e mudo me mantinha. Meus olhos, enfeitiçados pelos vítreos globos oculares que neles se fixavam de maneira repulsiva, recusavam-se a fechar, embora sua misericordiosa turvação me permitisse visualizar o terrível objeto de maneira apenas indistinta após o primeiro choque. Tentei levantar minha mão para repelir a visagem, porém tão aturdidos estavam os meus nervos que meu braço não conseguia obedecer inteiramente à minha vontade. A tentativa, porém, foi suficiente para perturbar meu equilíbrio, de forma que tive de cambalear vários passos adiante para evitar uma queda. Ao fazer isso, tive a súbita e agoniante noção da proximidade daquela coisa putrefata, cuja horrenda respiração oca eu quase imaginei poder ouvir. Semienlouquecido, descobri-me ainda capaz de lançar uma das mãos à frente para afastar a fétida aparição que tão perto impunha sua presença; foi quando em um cataclísmico segundo de pesadelo cósmico e acaso infernal *meus dedos tocaram a garra apodrecida que o monstro estendia por sob o arco dourado*.

Não gritei, mas todos os espectros diabólicos que cavalgavam o vento da noite urraram por mim, pois naquele mesmo segundo desabou sobre minha mente uma única e fugaz avalanche de lembranças capazes de aniquilar a alma. Soube naquele segundo tudo o que eu havia sido; minha memória foi além do pavoroso castelo com suas árvores, e reconhe-

ceu o edifício alterado em que eu naquele momento me encontrava. Reconheci, e foi o mais terrível de tudo, a abominação profana que me espiava, parada à minha frente, enquanto eu afastava meus dedos maculados pelo toque dos seus.

Porém há no cosmos lenitivo tanto quanto angústia, e esse lenitivo é nepente. No supremo horror daquele segundo eu esqueci o que me havia apavorado, e a explosão de negras memórias desapareceu em um caos de imagens reverberantes. Num estado onírico, eu fugi daquele paço assombrado e maldito e corri veloz e silenciosamente à luz da lua. Quando retornei ao lugar de mármore no pátio da igreja e desci os degraus, descobri que o alçapão de pedra era irremovível; mas não lamentei, pois odiava o castelo antigo com suas árvores. Hoje cavalgo com os zombeteiros e amigáveis espectros no vento noturno, e brinco durante o dia entre as catacumbas de Nephren-Ka, no vedado e desconhecido vale de Hadoth, à margem do Nilo. Sei que a luz não é para mim, exceto aquela que a lua projeta sobre as tumbas rochosas de Neb, nem qualquer alegria exceto os festins inomináveis de Nitokris, sob a Grande Pirâmide; embora em minha nova turbulência e liberdade eu quase acolha a amargura do exílio.

Pois embora o nepente tenha me acalmado, sempre saberei que sou um intruso, um estranho neste século e entre aqueles que ainda são homens. Isso eu soube desde que estendi meus dedos para a abominação naquela grande moldura dourada; desde que estiquei meus dedos e toquei *uma fria e inflexível superfície de vidro polido*.



Os Outros Deuses

∴

The Other Gods (1921)
The Fantasy Fan (nov. 1933)

Este conto disputa com “A busca de Iranon” como o mais dunsaniano de suas histórias. De fato, este pode ter uma vantagem, porque é mais do que apenas uma história — é uma base mitológica fundamental para um novo mundo de histórias, assim como *The Gods of Pegāna* de Dunsany.

Esse paralelo pode ter causado alguns problemas ao legado de Lovecraft, já que a mitologia sugerida aqui convidou certos leitores — entre eles o chefe de August Derleth — a supor que Lovecraft estava empreendendo a criação de uma pseudomitologia narrativamente completa, ao estilo Bullfinch, e levou Derleth a caçar através de seu trabalho, escolhendo referências que apoiam tal interpretação.

É inegável que os personagens e recursos introduzidos pela primeira vez em “Os outros deuses” são apresentados e referenciados em muitas outras histórias posteriores de Lovecraft, exatamente como teriam sido se Lovecraft pretendesse criar essa mitologia. Mas parece que, embora Lovecraft pretendesse conjurar um ciclo de mitologia conectado com entidades esquecidas desde o início dos tempos, ele pretendia que permanecesse nebu-

loso, vago, sinistro e, acima de tudo, plausível — o que quase exigia que fosse sempre temeroso. sugerido e nunca ser explicado em detalhes prosaicos. É claro que não é assim que Derleth interpretou.



No topo dos mais altos cumes do planeta habitam os deuses da terra e não permitem que homem algum possa dizer que lançou seu olhar sobre eles. Picos menos elevados eles um dia habitaram; mas os homens das planícies sempre escalavam as encostas de rocha e neve, deslocando os deuses para montanhas cada vez mais altas e eis que agora apenas a última delas permanece. Quando deixaram seus antigos picos, levaram com eles todos os sinais da sua presença; exceto uma vez, diz-se, quando deixaram uma imagem esculpida na face da montanha que chamavam Ngranek.

Mas então eles se retiraram para a desconhecida Kadath, na desolação gelada que homem algum trilha, e tornaram-se mais severos, pois não têm um pico mais elevado para onde fugir da chegada dos homens. Eles ficaram severos e se antes aceitavam que os homens os desalojassem, agora proibem-lhes a chegada ou, caso cheguem, a partida. É bom que os homens não conheçam Kadath, no deserto frio, caso contrário tentariam imprudentemente invadi-la.

Às vezes, quando os deuses da terra sentem-se saudosos de casa, visitam na calada da noite os picos onde um dia residiram, e choram em silêncio enquanto tentam brincar à velha maneira sobre as encostas das suas recordações. Os homens sentiram as lágrimas dos deuses no Thurai de cume alvo, embora as tomassem por chuva; e ouviram seus suspiros nos lamentosos ventos matinais de Lerion. Em navios de nuvens os deuses costumam viajar, e os sábios camponeses contam lendas que os mantêm afastados de certos picos elevados, durante a noite, quando o tempo se encontra nebuloso, pois os deuses não são mais lenientes como no passado.

Em Ulthar, que fica além do rio Skai, uma vez residiu um velho ávido de contemplar os deuses da terra; um homem profundamente versado nos sete livros enigmáticos de Hsan, e familiarizado com os *Manus-*

critos Pnakóticos da distante e gélida Lomar. Seu nome era Barzai, o Sábio, e os aldeões contam como ele subiu uma montanha na noite do estranho eclipse.

Barzai sabia tanto sobre os deuses que podia prever suas idas e vindas, e solucionara tantos dos seus segredos que era tido ele próprio como um semideus. Foi ele quem sensatamente aconselhou os burgueses de Ulthar quando eles aprovaram sua notável lei contra o abate de gatos, e quem pela primeira vez contou ao jovem sacerdote Atal para onde os gatos pretos vão à meia-noite da Véspera de São João. Barzai era instruído nas doutrinas dos deuses da terra, e adquirira o desejo de olhar seus rostos. Ele acreditava que seu grande conhecimento secreto dos deuses poderia protegê-lo da ira deles, por isso resolveu subir até o cume do alto e rochoso Hatheg-Kla, numa noite em que sabia que os deuses estariam ali.

Hatheg-Kla encontra-se nas distâncias do deserto rochoso além de Hatheg, daí o seu nome, e ergue-se como uma estátua de pedra em um templo silencioso. Em volta do seu pico as brumas erravam sempre lamentosamente, pois as névoas são as lembranças dos deuses, e os deuses amavam Hatheg-Kla quando nele residiam, nos velhos dias. Com frequência os deuses da terra visitam Hatheg-Kla em seus navios de nuvens, lançando pálidos vapores por sobre as encostas enquanto dançam rememorativamente no cume, sob a lua límpida. Os aldeões de Hatheg dizem que é maléfico escalar o Hatheg-Kla em qualquer época, e mortal escalá-lo à noite, quando os vapores desbotados escondem o topo e a lua; porém Barzai não lhes deu atenção quando chegou da vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atal, que era seu discípulo. Atal era apenas o filho de um estalajadeiro, e às vezes tinha medo; mas o pai de Barzai havia sido um landgrave que residia em um antigo castelo, por isso ele não tinha a superstição corriqueira em seu sangue, e simplesmente ria dos camponeses temerosos.

Barzai e Atal deixaram Hatheg para o deserto rochoso apesar dos rogos dos campônios, e conversaram sobre os deuses da terra junto às suas fogueiras, à noite. Viajaram muitos dias, e de longe eles viram o imponente Hatheg-Kla com sua auréola de névoas lamentosas. No trigésimo dia eles alcançaram a base solitária da montanha, e Atal falou de seus temores. Mas Barzai era velho e erudito, e não tinha medo, por isso su-

biu com ousadia a encosta que nenhum homem havia escalado desde os tempos de Sansu, de quem se escreve com pavor nos embolorados *Manuscritos Pnakóticos*.

O caminho era pedregoso e arriscado devido à presença de fendas, penhascos e pedras soltas. Mais adiante ele se tornou frio e nevado, por isso Barzai e Atal com frequência escorregavam e caíam à medida que abriam picadas e subiam a custo, com o auxílio de bastões e machados. Por fim, o ar tornou-se rarefeito e o céu mudou de cor, e então os escaladores acharam difícil respirar; mas ainda assim avançavam penosamente cada vez mais para o alto, maravilhando-se com a estranheza do cenário e excitados com o que aconteceria no topo quando a lua saísse e os vapores lívidos se disseminassem. Por três dias eles escalaram mais e mais e mais alto, rumo ao teto do mundo; então acamparam para aguardar que a lua se cobrisse de nuvens.

Por quatro noites nenhuma nuvem apareceu e a lua banhou com seu brilho frio as tênues neblinas lacrimosas ao redor do pináculo silencioso. Então, na quinta noite, que era de lua cheia, Barzai viu algumas nuvens densas muito ao norte, e se manteve desperto com Atal a fim de observar a aproximação delas. Densas e majestosas, elas navegaram vagarosa e deliberadamente adiante; costeando o pico muito acima dos observadores, e ocultando a visão da lua e do topo. Durante uma longa hora os observadores as contemplaram, enquanto os vapores revolteavam e a cortina de nuvens ficava mais espessa e agitada. Barzai era versado nas doutrinas dos deuses da terra, e procurava intensamente escutar certos sons, mas Atal sentiu o gelo dos vapores e o assombro da noite e sentiu muito medo. E quando Barzai começou a escalar mais para o alto e chamá-lo com gestos ansiosos, demorou muito para que Atal o seguisse.

Tão densos eram os vapores que o caminho era difícil, e embora Atal finalmente o seguisse, mal podia discernir a silhueta cinzenta de Barzai na encosta indistinta acima dele, sob o luar enevoadado. Barzai avançou muito à frente, e parecia, apesar da sua idade, escalar com mais facilidade que Atal, sem temer a inclinação que começava a ficar intensa demais para qualquer um que não fosse um homem forte e destemido, sem pausar diante das largas fendas negras que Atal a custo conseguia saltar. E assim eles subiram precipitadamente por sobre rochas e abismos, aos es-

corregões e tropeções, e por vezes assombrados com a vastidão e o horrível silêncio dos alvos pináculos de gelo e escarpas de mudo granito.

De maneira muito repentina, Atal perdeu Barzai de vista, enquanto este escalava um terrível rochedo que parecia uma excrescência projetando-se para fora e bloqueando o caminho de qualquer escalador que não se inspirasse pelos deuses da terra. Atal ficou muito atrás, planejando o que faria quando alcançasse o local, quando curiosamente notou que a luz havia ficado mais forte, como se o pico sem nuvens e o enluardo local de encontro dos deuses estivesse muito próximo. E enquanto ele subia em direção ao rochedo protuberante e ao céu iluminado, sentiu temores mais chocantes que quaisquer outros que conheceria anteriormente. Então, através das altas névoas, ele ouviu a voz do invisível Barzai gritando desvairadamente, tamanho o seu encanto:

— Eu ouvi os deuses! Eu ouvi os deuses da terra cantando alegres no Hatheg-Kla! As vozes dos deuses da terra são conhecidas por Barzai, o Profeta! As névoas são tênues e a lua é brilhante, e eu posso ver os deuses dançando freneticamente no Hatheg-Kla que eles amavam na juventude! A sabedoria de Barzai tornou-o maior do que os deuses da terra, e contra a sua vontade os sortilégios e barreiras impostos por eles são nulos; Barzai contemplará os deuses, os deuses orgulhosos, os deuses secretos, os deuses da terra que desprezam a visão dos homens!

Atal não podia ouvir as vozes que Barzai escutava, mas estava agora próximo do rochedo saliente e examinava-o em busca de pontos de apoio. Então ele ouviu a voz de Barzai ficar mais aguda e alta:

— As névoas são muito tênues e a lua projeta sombras na encosta; as vozes dos deuses da terra são altas e bravias, mas eles temem a chegada de Barzai, o Sábio, que é maior do que eles... A luz da lua tremula enquanto os deuses da terra dançam perante ela; eu verei as formas dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar... A luz está mais fraca e os deuses têm medo...

Enquanto Barzai gritava essas coisas, Atal sentiu uma mudança espectral no ar, como se as leis da terra se curvassem a leis maiores; pois embora a via estivesse mais íngreme do que nunca, o caminho ascendente tornava-se assustadoramente fácil, e o rochedo saliente demonstrou-se um obstáculo exíguo quando ele o alcançou e deslizou perigosamente por cima da sua face convexa. A luz da lua havia falhado estranhamente,

e enquanto Atal se lançava para o alto através da neblina, ouviu Barzai, o Sábio, gritar nas sombras:

— A lua escureceu e os deuses dançam na noite; há terror no céu, pois sobre a lua desceu um eclipse não previsto em nenhum dos livros dos homens ou dos deuses da terra... Há magia desconhecida no Hatheg-Kla, pois os gritos dos deuses assustados converteram-se em gargalhadas, e as escarpas de gelo sobem incessantemente para os céus escuros para onde eu me lanço... Ei! Ei! Finalmente! *Na luz baça eu contemplo os deuses da terra!*

E então Atal, deslizando como um ébrio por sobre escarpas inconcebíveis, ouviu na escuridão uma gargalhada repulsiva, misturada a um grito como homem algum jamais ouviu, a não ser no Flegetonte de inarráveis pesadelos; um grito em que reverberava o horror e a angústia de toda uma vida de assombros condensada em um só momento atroz:

— Os *outros* deuses! Os *outros* deuses! Os deuses dos infernos exteriores que guardam os frágeis deuses da terra!... Vire o rosto!... Volte!... Não veja!... Não veja!... A vingança dos abismos infinitos... Aquele maldito, abominável poço... Piedosos deuses da terra, *eu estou caindo para o céu!*

E enquanto Atal fechava seus olhos, tapava seus ouvidos e tentava saltar para baixo contra a pavorosa tração das alturas desconhecidas, ressoou no Hatheg-Kla aquele terrível troar de trovão que despertou os bons camponeses das planícies e os honestos burgueses de Hatheg, Nir e Ulthar, e foz com que eles avistassem entre as nuvens aquele estranho eclipse lunar que nenhum livro jamais predisse. E quando a lua por fim se libertou, Atal estava a salvo nas neves mais baixas da montanha, sem sinal dos deuses da terra ou dos *outros* deuses.

Ora está dito nos embolorados *Manuscritos Pnakóticos* que Sansu não encontrou nada além de gelo e rochas quando escalou o Hatheg-Kla na juventude do mundo. No entanto, quando os homens de Ulthar, Nir e Hatheg derrotaram seus medos e escalaram aquelas encostas assombradas durante o dia em busca de Barzai, o Sábio, encontraram gravado na rocha nua do topo um curioso e ciclópico símbolo de cinquenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido talhada por algum cinzel titânico. E o símbolo era semelhante àquele que os eruditos haviam dis-

cernido naquelas assustadoras passagens dos *Manuscritos Pnakóticos* que são antigas demais para se ler. Isso eles encontraram.

Barzai, o Sábio, eles jamais localizaram, e tampouco o santo sacerdote Atal pôde algum dia ser persuadido a orar pelo repouso da alma dele. Além disso, até os dias de hoje os habitantes de Ulthar, Nir e Hatheg temem os eclipses, e rezam durante a noite quando os pálidos vapores ocultam o topo da montanha e a lua. E acima das névoas que pairam sobre o Hatheg-Kla, deuses da terra algumas vezes dançam com saudosismo; pois eles sabem que estão seguros, e adoram vir da desconhecida Kadath em navios de nuvens para brincar à maneira antiga, como faziam quando a terra era recente e aos homens não era dado escalar os lugares inacessíveis.



Do Além

∴

From Beyond (1920)
The Fantasy Fan (jun. 1934)

Este é outro dos primeiros trabalhos de Lovecraft que, apesar de geralmente criticado pelos admiradores mais eruditos de Lovecraft, é notavelmente eficaz como uma história e vale a pena ler. Explora a ideia de que a tecnologia está sendo usada para colmatar duas dimensões ou planos de existência diferentes — nosso plano material e outro desconhecido; e explora todas as implicações do que pode significar estar em contato físico direto com seres extradimensionais.



De um horror além do que se pode conceber foi a mudança operada no meu melhor amigo, Crawford Tillinghast. Não o via desde o dia, dois meses e meio antes, em que ele me havia descrito o rumo a que suas pesquisas físicas e metafísicas o estavam conduzindo, ocasião em que respondeu aos meus protestos de assombro beirando o pavor expulsando-me do seu laboratório e da sua casa numa explosão de ira fanática. Eu havia sido informado de que ele agora passava a maior parte do tempo

trancado no laboratório do sótão com aquela maldita máquina elétrica, comendo pouco e excluindo dali até mesmo os criados, mas não pensara que um breve período de dez semanas pudesse alterar e desfigurar tanto qualquer criatura humana. Não é agradável ver um homem robusto emagrecer de maneira tão súbita, e isso fica ainda pior quando a pele flácida apresenta-se amarela ou cinzenta; os olhos tornam-se fundos, adquirem olheiras e um brilho misterioso; a testa, cheia de veias e rugas; e as mãos, trêmulas e espasmódicas. E se acrescentarmos a isso um repente desleixo, uma selvagem desordem no vestir, uma hirsutez dos cabelos escuros de raízes brancas, e um incontido crescimento da barba de um branco puro numa face que um dia foi bem barbeada, os efeitos cumulativos são bastante chocantes. Mas esse era o aspecto de Crawford Tillinghast na noite em que sua mensagem pouco coerente levou-me à sua porta após as minhas semanas de exílio; assim era o espectro trêmulo que me recebeu, segurando uma vela e olhando furtivamente por cima do ombro, como se temesse coisas invisíveis na antiga e solitária casa no fundo de um terreno na Benevolent Street.

O fato de Crawford Tillinghast ter estudado ciência e filosofia foi um erro. Essas coisas deveriam ser deixadas aos investigadores frígidos e impessoais, pois elas oferecem duas alternativas igualmente trágicas para o homem de sentimentos e ação: desespero pelo fracasso em sua busca e terrores impronunciáveis e inimagináveis se tiver sucesso. Tillinghast já havia sido uma presa solitária e melancólica do fracasso; mas agora eu sabia, com temores nauseantes de minha parte, que ele era uma presa do sucesso. Eu chegara mesmo a alertá-lo dez semanas antes, quando ele surgiu com sua história sobre o que se sentia prestes a descobrir. Estava corado e excitado na ocasião, falando numa voz alta e inatural, embora sempre pedante.

— O que nós sabemos — dizia ele — sobre o mundo e o universo que nos cerca? Os meios de que dispomos para receber impressões são absurdamente escassos, e nossas noções sobre os objetos circundantes, infinitamente estreitas. Nós vemos as coisas unicamente como somos constituídos para vê-las, e não podemos obter uma ideia de sua natureza absoluta. Com cinco débeis sentidos, fingimos compreender o cosmo ilimitadamente complexo, enquanto outros seres com uma gama mais ampla, forte ou diferente de sentidos poderiam não apenas ver de modo

muito diferente as coisas que vemos, como distinguir e estudar mundos inteiros de matéria, energia e vida, que, embora estejam ao alcance da mão, não podem ser detectados com os sentidos que temos. Eu sempre acreditei que tais mundos estranhos e inacessíveis existem bem nos nossos narizes, *e agora creio que encontrei um modo de romper as barreiras*. Não estou brincando. Dentro de vinte e quatro horas, aquela máquina junto à mesa irá gerar ondas capazes de agir sobre órgãos sensoriais que existem em nós como vestígios atrofiados e rudimentares. Essas ondas nos abrirão muitas paisagens desconhecidas para o homem, e várias ignoradas por qualquer coisa que consideramos vida orgânica. Nós poderemos ver aquilo para que os cães uivam na escuridão, e aquilo que faz com que os gatos apurem seus ouvidos após a meia-noite. Nós veremos tais coisas, e outras que nenhuma criatura que respira jamais avistou. Nós superaremos o tempo, o espaço e as dimensões, e sem qualquer movimento corporal, espreitaremos o fundo da criação.

Quando Tillinghast disse essas coisas eu protestei, pois conhecia-o bem o bastante para me assustar em vez de me divertir; mas ele era um fanático, e me expulsou de sua casa. Posteriormente ele não se tornara menos fanático, mas seu desejo de falar havia sobrepujado seu ressentimento, e ele me escreveu em um tom imperativo e numa caligrafia que eu mal pude reconhecer. Quando entrei no domicílio do amigo tão repentinamente metamorfoseado numa gárgula tiritante, contaguei-me com o terror que parecia emboscado em cada sombra. As palavras e crenças expressas dez semanas antes pareciam tomar corpo na escuridão além do pequeno círculo projetado pela luz da vela, e eu me senti repugnado pela voz profunda e alterada do meu anfitrião. Desejei que os criados estivessem presentes, e não gostei quando ele me disse que todos haviam partido três dias antes. Pareceu-me estranho que o velho Gregory, ao menos, tivesse desertado seu patrão sem contar a um amigo a toda prova como eu. Foi ele quem me forneceu todas as informações que eu tive sobre Tillinghast após ser repellido com tamanho furor.

Porém, logo subordinei todos os meus temores à minha crescente curiosidade e fascínio. Exatamente o que Tillinghast agora desejava de mim, eu podia apenas supor, mas que ele tinha algum estupendo segredo ou descoberta para compartilhar, era indubitável. Anteriormente, eu havia protestado contra suas inaturais sondagens do impensável; agora que

ele evidentemente obtivera algum grau de sucesso, eu quase chegava a partilhar de seu estado de espírito, por mais terrível que o custo da vitória parecesse. Através da sombria desolação da casa, eu segui a vela vacilante na mão daquela trêmula paródia de homem. A eletricidade parecia estar desativada, e quando perguntei ao meu guia ele disse que isso se devia a uma razão definida.

— Seria demais... eu não ousaria — ele continuava murmurando. Notei particularmente o seu novo hábito de resmungar, pois não era de seu feitio falar sozinho. Nós entramos no laboratório no sótão, e eu observei aquela detestável máquina elétrica, emitindo uma nauseante e sinistra luminosidade violeta. Estava conectada a uma poderosa bateria química, mas parecia não estar recebendo qualquer corrente, pois eu me recordava que, em seu estágio experimental, ela estalava e roncava quando em atividade. Em resposta à minha indagação, Tillinghast murmurou que aquela irradiação permanente não era elétrica em nenhum sentido que eu pudesse entender.

Ele, então, sentou-me perto da máquina, de forma que ela estava posicionada à minha direita, e ligou uma chave em algum lugar sob o grupo de lâmpadas de vidro que coroava a parte superior. O estalar costumeiro começou, tornou-se um queixume e terminou em um zumbido tão suave que sugeria um retorno ao silêncio. Enquanto isso, a luminosidade aumentou, declinou novamente, e depois assumiu uma pálida e extravagante coloração ou mistura de cores que eu não poderia determinar nem descrever. Tillinghast me observava, e notou minha expressão perplexa.

— Você sabe o que é isso? — ele sussurrou. — É *ultravioleta*. — Ele deu um risinho esquisito diante da minha surpresa. — Você achava que ultravioleta era invisível, e de fato é — mas *agora* pode vê-la, assim como outras coisas invisíveis.

— Ouça-me! As ondas emitidas por este objeto estão despertando milhares de sentidos adormecidos em nós; sentidos que herdamos de eras de evolução, desde o estado de elétrons isolados até o de humanidade orgânica. Eu vi a *verdade*, e pretendo mostrá-la a você. Está se perguntando como ela é? Eu lhe direi.

Nesse momento, Tillinghast sentou-se diretamente à minha frente, soprou sua vela e fitou-me os olhos com uma expressão terrível.

— Seus órgãos sensoriais existentes — a começar pelos ouvidos, eu creio — captarão muitas impressões, pois eles estão intimamente ligados aos órgãos inativos. Depois haverá outros. Você ouviu falar da glândula pineal? Eu rio dos endocrinologistas de mente estreita, companheiros de ingenuidade e diletantismo dos freudianos. Essa glândula é o maior dos órgãos dos sentidos — *eu descobri isso*. É semelhante à visão, afinal, e transmite impressões visuais ao cérebro. Se você for normal, é assim que deve apreender a maior parte disso... quero dizer, apreender a maior parte das evidências do *além*.

Eu olhei em volta do imenso aposento do sótão, com sua parede sul inclinada, fracamente iluminado por raios que o olhar cotidiano não pode ver. Os cantos mais afastados estavam imersos em sombras, e todo o lugar assumiu uma irreabilidade nebulosa que obscurecia sua natureza e convidava a imaginação ao simbolismo e à fantasmagoria. Durante o intervalo em que Tillinghast ficou em silêncio eu me imaginei em algum vasto e inacreditável templo de deuses mortos há muito tempo; algum obscuro edifício de inumeráveis colunas de rocha negra erguendo-se de um piso de lajes úmidas rumo a uma altitude nebulosa além do alcance da minha visão. O quadro foi muito vívido por um instante, mas gradualmente deu lugar a uma concepção mais horrível; a de uma completa, absoluta solidão no espaço infinito, sem luz e sem som. Parecia haver um vácuo e nada mais, e eu senti um medo pueril que me levou a tirar do bolso da minha calça o revólver que sempre carregava depois de escurecer, desde a noite em que fui assaltado em East Providence. Então, das regiões mais remotas, o *som* suavemente adquiriu existência. Era infinitamente tênue, de vibrações sutis, e inconfundivelmente musical, mas continha certa insuperável brutalidade que fazia de seu impacto uma delicada tortura para todo o meu corpo. Experimentei sensações como aquela que se tem quando acidentalmente se arranha vidro moído. Simultaneamente, desenvolveu-se algo como uma corrente de ar frio, que aparentemente passou por mim vindo da direção do som distante. Enquanto eu esperava com a respiração contida, percebi que tanto o som quanto o vento estavam aumentando de intensidade; o efeito proporcionou-me uma estranha noção de mim mesmo como se estivesse atado a um par de trilhos no caminho de uma gigantesca locomotiva em aproximação. Comecei a falar com Tillinghast, e quando o fiz as impres-

sões incomuns abruptamente desapareceram. Vi somente o homem, a máquina luminescente, e o apartamento às escuras. Tillinghast sorria de um modo repulsivo diante do revólver que eu havia sacado quase inconscientemente, mas a julgar pela sua expressão eu tinha certeza de que ele vira e escutara o mesmo que eu, senão muito mais. Sussurrei o que havia experimentado, e ele me convidou a permanecer o mais calmo e receptivo possível.

— Não se mova — ele me alertou —, pois esses raios são capazes de ver tanto quanto de serem vistos. Eu lhe disse que os criados partiram, mas não lhe contei *como*. Foi aquela governanta estúpida — ela acendeu as luzes do andar de baixo depois de eu tê-la alertado para não fazê-lo, e os fios captaram vibrações simpáticas. Deve ter sido pavoroso — eu podia ouvir os gritos daqui de cima apesar de tudo o que estava vendo e ouvindo de outra direção, e mais tarde foi algo horrível encontrar aquelas pilhas vazias de roupas pela casa. As roupas da sra. Updike estavam perto do interruptor do corredor da frente — é por isso que eu sei que foi ela. Aquilo os levou a todos. Mas enquanto não nos movermos, estaremos perfeitamente seguros. Lembre-se que estamos lidando com um mundo terrível onde somos praticamente indefesos... *Mantenha-se imóvel!*

Os choques combinados da revelação e da ordem abrupta causaram-me uma espécie de paralisia, e em meu terror minha mente novamente se abriu para as impressões provenientes daquilo que Tillinghast chamava “o além”. Eu estava agora em um vórtice de som e movimento, com imagens confusas diante dos meus olhos. Vi os traços borrados do recinto, mas de algum ponto no espaço parecia brotar uma coluna fervente de irreconhecíveis formas ou nuvens, penetrando o teto sólido até um ponto à frente e à minha direita. Então eu avistei novamente o efeito que evocava um templo, mas dessa vez os pilares elevavam-se até um oceano etéreo de luz, que emitia um feixe ofuscante ao longo do trajeto percorrido pela coluna de nuvem que eu havia visto anteriormente. Depois disso a cena tornou-se quase caleidoscópica, e na confusão de visões, sons e impressões sensoriais não identificadas, senti que estava prestes a me dissolver ou de algum modo perder a forma sólida. De um determinado vislumbre eu irei sempre me recordar. Pareci por um instante contemplar um estranho trecho de céu noturno tomado de esferas brilha-

tes em rotação, e quando estas desapareceram, vi que os sóis refulgentes formavam uma constelação ou uma galáxia de forma definida; essa forma era a face distorcida de Crawford Tillinghast. Em outro momento, senti as imensas formas animadas passarem raspando por mim e ocasionalmente *caminhando ou vagando através do meu corpo supostamente sólido*, e pensei ter visto Tillinghast olhar para elas como se por meio de seus sentidos mais bem treinados ele pudesse apreendê-las visualmente. Recordei-me do que ele havia dito sobre a glândula pineal, e me perguntei o que ele viu com este olho sobrenatural.

De repente, eu próprio fui possuído por uma espécie de visão aumentada. No alto e acima do caos de luminosidade e sombras formou-se uma imagem que, embora vaga, continha elementos de consistência e permanência. Era, de fato, um tanto familiar, pois as partes incomuns estavam superpostas ao cenário terrestre usual de forma muito semelhante ao modo como uma cena de cinema pode ser projetada sobre a cortina pintada de um teatro. Vi o laboratório do sótão, a máquina elétrica e a forma pouco apresentável de Tillinghast à minha frente; mas de todo o espaço não ocupado por objetos materiais conhecidos, nem uma partícula encontrava-se vaga. Formas indescritíveis, tanto vivas quanto inanimadas misturavam-se numa repelente desordem, e junto a todas as coisas conhecidas havia mundos inteiros de entidades alienígenas desconhecidas. Parecia, igualmente, que todas as coisas conhecidas penetravam na composição de outras coisas ignotas, e vice-versa. Sobressaindo-se entre os objetos animados havia grandes monstruosidades retintas e gelatinosas, que tremulavam languidamente em harmonia com as vibrações da máquina. Estavam presentes em abominável profusão, e eu vi, para meu horror, que elas se *sobrepunham*; que eram semifluidas e capazes de passar através umas das outras e do que nós conhecemos como sólidos. Essas coisas nunca estavam imóveis, mas pareciam sempre fluir ao redor com algum propósito maligno. Às vezes elas pareciam devorar umas às outras, o oponente lançando-se contra sua vítima e instantaneamente obliterando a última. Em um estremecimento, senti que sabia o que havia eliminado a infeliz criada, e era incapaz de excluir aquelas coisas da minha mente enquanto me esforçava para observar outras propriedades do mundo recém-revelado que se encontra

invisível à nossa volta. Mas Tillinghast estivera me observando, e agora falava.

— Você os está vendo? Está vendo? Está vendo os seres que flutuam à sua volta e através de você a cada momento da sua vida? Está vendo as criaturas que compõem o que os homens chamam de ar puro e céu azul? Não obtive sucesso em romper a barreira? Não lhe mostrei mundos que nenhum outro homem vivente contemplou?

Eu o ouvi gritar em meio ao horrível caos, e olhei para a face trans-tornada que se impunha tão agressivamente próxima da minha. Seus olhos eram poços de labaredas, e fulminavam-me com o que eu agora via como um ódio avassalador. A máquina zumbia detestavelmente.

— Você pensa que essas coisas errantes eliminaram os criados? Tolo, elas são inofensivas! Mas os criados se foram, não é? Você tentou me impedir; você me desencorajou quando eu precisava de cada gota de encorajamento que pudesse obter; você temia a verdade cósmica, seu maldito covarde, mas agora eu o peguei! O que extinguiu os criados? O que os fez gritarem tão alto?... Não sabe, hein? Saberá em breve! Olhe para mim... ouça o que eu digo... você supõe que realmente existem coisas como tempo e extensão? Fantasia que existam coisas como forma ou matéria? Eu lhe digo, atingi profundezas que seu pequeno cérebro não pode conceber! Enxerguei além das fronteiras do infinito e atraí demônios provenientes das estrelas... Eu dominei as sombras que perambulam de mundo em mundo para semear a morte e a loucura... O espaço pertence a mim, está ouvindo? Há criaturas à minha caça agora — as criaturas que devoram e dissolvem — mas eu sei como despistá-las. Será você que elas pegarão, assim como levaram os servos. Agitado, caro senhor? Eu lhe disse que era perigoso mover-se. Eu o mantive a salvo até aqui quando lhe disse para se manter imóvel — salvei-o para que visse mais e para que me ouvisse. Se tivesse se movido, eles teriam vindo até você há muito. Não se preocupe, eles não vão *feri-lo*. Eles não feriram os criados — foi *vê-los* que fez com que os pobres diabos gritassem tanto. Meus bichinhos não são bonitos, pois eles vêm de lugares onde os padrões estéticos são... *muito diferentes*. A desintegração é praticamente indolor, eu lhe asseguro — mas *eu quero que você os veja*. Eu quase os vi, mas sabia como parar. Você não está curioso? Eu sempre soube que você não era um cientista! Tremendo, hein? Tremendo de ansiedade

para ver as coisas mais extremas que eu descobri? Por que não se move, então? Está cansado? Ora, não se preocupe, meu amigo, *pois elas estão vindo...* Olhe! Olhe, seu maldito, olhe!... Está logo acima do seu ombro esquerdo...

O que resta a ser dito é muito breve, e talvez lhes seja conhecido pelos relatos dos jornais. A polícia ouviu um tiro na velha residência Tillinghast e nos encontrou ali — Tillinghast morto e eu inconsciente. Eles me prenderam porque o revólver estava na minha mão, mas libertaram-me em três horas, após descobrirem que foi a apoplexia que acabou com Tillinghast e verem que o meu tiro fora dirigido para a máquina nociva que agora jaz irremediavelmente espatifada no chão do laboratório. Eu não contei muito do que vi, pois temia que o legista se mostrasse cético; mas a partir do evasivo relato que eu fiz, o médico me disse que eu sem dúvida havia sido hipnotizado pelo vingativo louco homicida.

Gostaria de poder acreditar naquele médico. Seria um alívio aos meus nervos abalados se eu pudesse rejeitar o que agora tenho de pensar sobre o ar que me rodeia e o céu acima de mim. Eu nunca me sinto só ou confortável, e um horrível sentimento de perseguição por vezes cai de maneira deprimente sobre mim quando estou fatigado. O que me impede de acreditar no médico é este simples fato: a polícia jamais encontrou os corpos daqueles criados que, segundo eles, Crawford Tillinghast assassinou.



O Povo Antiquíssimo

∴

The Very Old Folk (1927)

Scienti-Snaps (verão 1940)

“O povo antiquíssimo” é, na verdade, o trecho de uma carta de Lovecraft a Donald Wandrei. Ela versa sobre um sonho que Lovecraft tivera após uma leitura do Eneida, de Virgílio, com tradução de James Rhoades (1921). Outras versões do sonho foram enviadas por Lovecraft a Bernard Austin Dwyer e Frank Belknap Long — que incorporou o texto na íntegra em seu *The Horror from the Hills*, de 1931. Foi publicada postumamente, recebendo de Wandrei o título e a permissão para impressão.



Quinta-feira
[3 de novembro de 1927]

Caro Melmoth:—

... Então, você tem se dedicado a investigar o passado incerto daquele insuportável jovem asiático chamado Varius Avitus Bassianus? Argh! Há poucas pessoas que eu despreze mais do que aquele maldito e insignificante rato sírio!

Eu próprio tenho me transportado ao período romano pela leitura atenta que fiz recentemente da *Eneida* de James Rhoades, uma tradução que eu nunca havia lido, e mais fiel a P. Maro do que qualquer outra versão versificada que eu já tenha visto — incluindo a do meu falecido tio, o dr. Clark, que não chegou a ser publicada. Essa diversão virgiliana, juntamente com os pensamentos espectrais ligados ao feriado de Fina-dos, com seus Sabás de feiticeiras nas colinas, provocou-me, na última noite de segunda-feira, um sonho romano de clareza e vividez tão sobrenaturais, e de tão titânicos prenúncios de horrores ocultos, que verdadeiramente acredito que deverei algum dia empregá-lo na ficção. Sonhos romanos não eram incidentes incomuns na minha juventude — eu costumava acompanhar o Divino Júlio por toda a Gália como *Tribunus Militum* durante a noite —, mas havia tanto tempo que eu deixara de experimentá-los, que o atual me impressionou com extraordinária força.

Era um flamejante pôr de sol ou final de tarde na pequenina cidade provinciana de Pompelo, aos pés dos Pirineus da Hispânia Citerior. O ano devia ser no final da república, pois a província ainda era governada por um procônsul senatorial, em vez de um legado pretoriano de Augusto, e o dia era o primeiro antes das calendas de novembro. As colinas erguiam-se em escarlate e dourado ao norte da pequena cidade, e o sol no poente brilhava rubro e místico sobre os rústicos edifícios de cantaria e gesso do fórum poeirento e as paredes de madeira do circo, alguma distância a leste. Grupos de cidadãos — romanos de testa alta e nativos romanizados de cabelos cerdosos, juntamente com óbvios híbridos das duas cepas, todos vestidos com togas de lã barata — e uns poucos legionários de elmos e mantos grosseiros, além de homens de barbas negras provenientes das tribos vascãs circundantes — todos aglomerados nas poucas ruas pavimentadas e no fórum; movidos por alguma vaga e mal definida intranquilidade.

Eu próprio havia acabado de desembarcar de uma liteira, que os carregadores ilíricos pareciam ter trazido com certa pressa de Calagurris, do outro lado da Ibéria, ao sul. Aparentemente eu era um questor provincial chamado L. Caelius Rufus, e havia sido convocado pelo procônsul, P. Scribonius Libo, que chagara de Tarraco alguns dias antes. Os soldados formavam a quinta coorte da 12ª legião, sob o comando do tribuno militar Sextus Asellius. O legado responsável por toda a região,

Cn. Balbutius, também viera de Calagurris, onde o comando permanente se situava.

A causa daquela conferência era um horror que infestava as colinas. Todos os aldeões estavam apavorados e haviam implorado pela presença de uma coorte enviada por Calagurris. Era a Estação Terrível do outono, e o povo selvagem das montanhas se preparava para as assustadoras cerimônias sobre as quais somente rumores chegavam às cidades. Era o povo antiquíssimo que residia no topo das colinas e falava um idioma entrecortado que os vascões não conseguiam entender. Eles raramente se viam; mas algumas vezes por ano aquela gente mandava pequenos mensageiros amarelentos e de olhos apertados (que se pareciam com os citas) para negociar com os mercadores por meio de gestos, e a cada primavera e outono, quando eles realizavam seus ritos infames nos picos, seus uivos e as labaredas dos altares lançavam terror sobre os aldeões. Era sempre nas mesmas datas — a noite anterior às calendas de maio e a que antecede as calendas de novembro. Habitantes da cidade desapareciam pouco antes dessas noites, e jamais se tornava a ter notícia deles. Falava-se à boca pequena que os pastores e agricultores nativos não manifestavam indisposição alguma contra o povo antiquíssimo — e que mais de uma cabana de teto de palha ficava deserta nas horas que antecedem a meia-noite dos dois abomináveis sabás.

Naquele ano, o medo era muito grande, pois as pessoas sabiam que a ira do povo antiquíssimo estava voltada contra Pompelo. Três meses antes, cinco daqueles negociantes de olhos apertados haviam descido das colinas, e durante uma briga no mercado, três deles haviam sido mortos. Os dois restantes retornaram às suas montanhas sem dizer uma palavra — e naquele outono nem um só aldeão desaparecera. Havia uma ameaça nessa imunidade. Não era provável que o povo antiquíssimo poupasse suas vítimas no sabá. Era bom demais para ser normal, e os aldeões estavam assustados.

Por muitas noites se ouvira um rufar profundo nas colinas, e por fim o edil Tib. Anaeus Stilpo (mestiço de sangue nativo) havia mandado uma mensagem a Balbutius, em Calagurris, pedindo uma coorte para erradicar o sabá daquela terrível noite. Balbutius havia rejeitado negligentemente a solicitação, sob a alegação de que os temores dos aldeões eram infundados, e que os abomináveis ritos do povo das colinas não diziam

respeito ao povo romano, a não ser que seus próprios cidadãos fossem ameaçados. Eu, porém, que parecia ser amigo íntimo de Balbutius, discordara dele, asseverando que estudara a fundo a proibida doutrina negra, e que acreditava que o povo antiquíssimo era capaz de impingir quase toda sorte de maldições inomináveis sobre a cidadezinha, que afinal de contas era um assentamento romano e continha grande número de nossos cidadãos. A própria mãe do edil reclamante, Hélvia, era uma romana pura, filha de M. Helvius Cinna, que viera com o exército de Cipião. Tendo isso em conta, eu havia mandado um escravo — um ágil homenzinho grego chamado Antipater — ao procônsul com cartas minhas, e Scribonius dera ouvidos à minha súplica e ordenara que Balbutius enviasse sua quinta coorte, sob o comando de Aselius, a Pompelo; e que subisse as colinas ao entardecer da véspera das calendas de novembro e reprimisse quaisquer orgias inomináveis que encontrasse lá — e então trouxesse os prisioneiros que conseguisse capturar a Tarraco, para a próxima audiência da corte do propretor. Balbutius, porém, havia protestado, de forma que mais correspondência se seguiu. Eu havia escrito tantas vezes ao procônsul que ele ficou seriamente interessado, e resolveu investigar pessoalmente aquele horror.

Por fim, ele seguiu para Pompelo com seus lictores e assistentes; e lá ouviu rumores suficientes para sentir-se grandemente impressionado e perturbado, e manteve-se firme em sua ordem de extirpar o sabá. Desejoso de conferenciar com alguém que tivesse estudado o assunto, ele ordenou que eu acompanhasse a coorte de Aselius — Balbutius também fora conosco para apresentar seu conselho contrário, pois honestamente acreditava que uma ação militar drástica provocaria um perigoso sentimento de inquietude entre os vascões, tanto das tribos quanto dos assentamentos.

Portanto, ali estávamos nós todos, no místico pôr do sol das colinas outonais — o velho Scribonius Libo em sua toga pretexta, com a luz dourada incidindo obliquamente em sua lustrosa cabeça calva e em suas enrugadas feições de falcão; Balbutius com seu elmo reluzente e sua couraça, os lábios bem barbeados comprimidos em uma conscienciosa e obstinada oposição; o jovem Aselius com suas grevas polidas e seu olhar de superioridade, e a curiosa multidão de aldeões, legionários, membros tribais, camponeses, lictores, escravos e assistentes. Quanto a mim, pare-

cia estar vestindo uma toga comum e não apresentar qualquer característica especialmente distinta. E por toda parte o horror proliferava. O povo da vila e do campo mal ousava falar em voz alta, e os homens do séquito de Libo, que estavam ali havia quase uma semana, pareciam ter absorvido algo daquela ameaça sem nome. Até o velho Scribonius parecia muito sério, e as vozes bem pronunciadas dos nossos retardatários pareciam conter uma certa curiosa impropriedade, como se soassem em um lugar fúnebre ou no templo de algum deus místico.

Nós entramos no pretório e entabulamos uma grave conversa. Balbutius reforçou suas objeções, e foi apoiado por Aselius, que parecia ter todos os nativos em grande desprezo, ao mesmo tempo que considerava desaconselhável provocá-los. Ambos os soldados sustentavam que seria mais vantajoso para nós nos permitirmos contrariar a minoria de colonos e nativos civilizados por nossa inação, do que antagonizar a provável maioria composta pelos homens das tribos e os trabalhadores rurais ao reprimirmos os temidos ritos.

Eu, por outro lado, renovei minha demanda por ação, e ofereci-me a acompanhar a coorte em qualquer expedição que ela se dispusesse a fazer. Salientei que os bárbaros vascões eram na melhor das hipóteses turbulentos e imprevisíveis, de modo que escaramuças com eles seriam inevitáveis, cedo ou tarde, qualquer que fosse o caminho que tomássemos; que no passado eles não haviam se revelado adversários perigosos para as nossas legiões, e que não seria favorável à imagem dos representantes do povo romano admitir que os bárbaros interferissem num curso de ação que a justiça e o prestígio da República exigem. Também lembrei que, por outro lado, a administração bem-sucedida de uma província dependia principalmente da segurança e da boa vontade dos elementos civilizados, de cujas mãos o mecanismo do comércio e da prosperidade dependiam, e em cujas veias corria uma grande parcela de nosso próprio sangue italiano. Estes, ainda que numericamente pudessem compor uma minoria, eram os elementos estáveis em cuja constância se poderia confiar, e cuja cooperação manteria a província mais firmemente ligada à autoridade do Senado e ao povo romano. Era ao mesmo tempo um dever e uma vantagem conceder-lhes a proteção devida aos cidadãos romanos; mesmo (e nesse momento eu lancei um olhar sarcástico para Balbutius e Aselius) ao custo de um pequeno incômodo e de alguma ativida-

de, ou de uma breve interrupção nos jogos de damas e brigas de galo do acampamento de Calagurris. Que o perigo para a cidade e os habitantes de Pompelo era real, com base em meus estudos eu não podia duvidar. Lera muitos pergaminhos trazidos da Síria e do Egito, e havia conversado longamente com o sanguinário sacerdote de Diana Aricina, em seu templo na floresta que margeia o Lacus Nemoensis. Havia maldições chocantes que podiam ser invocadas das colinas durante os sabás; maldições que não podiam existir dentro dos territórios do povo romano; e permitir orgias do tipo que se sabia que vigoravam nos sabás dificilmente estaria em consonância com os costumes daqueles cujos antepassados, no tempo em que A. Postumius era cônsul, haviam executado tantos cidadãos romanos pela prática da Bacanália — um caso guardado para sempre na memória pelo *Senatus Consultum de Bacchanalibus*, gravado a bronze e exposto para quem quisesse ver. Reprimido a tempo, antes que a progressão dos ritos pudesse evocar algo de que o ferro de um pilo romano não pudesse dar conta, o sabá não seria demasiado para as forças de uma só coorte. Somente os participantes precisariam ser apreendidos, e o fato de pouparmos um grande número de meros espectadores atenuaria consideravelmente o ressentimento que alguns dos simpatizantes presentes entre o povo do campo pudessem sentir. Em resumo, tanto por princípios quanto por razões políticas, a situação exigia uma ação severa; e eu não tinha dúvida de que Publius Scribonius, levando em conta a dignidade e as obrigações do povo romano, manter-se-ia firme em seu plano de enviar a coorte, acompanhada por mim, a despeito das objeções que Balbutius e Aselius — que na verdade falavam mais como provincianos que como romanos — pudessem julgar condizente apresentar e intensificar.

O sol poente estava agora muito baixo, e todo o silente povoado parecia envolvido em um encantamento irreal e maligno. Então P. Scribonius, o procônsul, expressou sua aprovação às minhas palavras, e lotou-me com a coorte, com a patente provisória de *centurio primipilus*; e com o assentimento de Balbutius e Aselius, o primeiro com melhor disposição que o segundo. Quando o crepúsculo caiu sobre as agrestes encostas outonais, um batuque uniforme e hediondo de estranhos tambores chegou de longe em um ritmo terrível. Alguns dos legionários demonstravam certa timidez, mas comandos ásperos puseram-nos na linha, e toda

a coorte se colocou em formação na planície que se abria a leste do circo. O próprio Libo, assim como Balbutius, insistiu em acompanhar a coorte; porém grande dificuldade foi encontrada em conseguir um guia nativo para apontar as trilhas que levavam montanha acima.

Por fim, um jovem chamado Vercelius, filho de pais romanos puros, concordou em nos levar ao menos além do sopé das colinas. Começamos a marchar no início do crepúsculo, com a fina foice prateada da lua nascente reverberando acima das florestas à nossa esquerda. O que mais nos inquietava era *o fato de que o sabá ainda fosse mantido*. A notícia da chegada da coorte devia ter alcançado as colinas, e nem mesmo a ausência de uma decisão definitiva poderia ter tornado o rumor menos alarmante — no entanto, lá estava o sinistro batuque como sempre, como se os celebrantes tivessem algum peculiar motivo para se conservarem indiferentes à possibilidade de que as tropas do povo romano marchassem contra eles.

O som ficou mais alto quando entramos numa grota ascendente entre as colinas, com barrancos íngremes cobertos de mata delimitando-nos estreitamente de ambos os lados e exibindo troncos curiosos e fantásticos à luz das nossas tochas agitadas. Todos estavam a pé, exceto Libo, Balbutius, Aselius, dois ou três centuriões e eu, mas aos poucos a via se tornou tão íngreme e estreita que os que tinham cavalos foram forçados a deixá-los; um pelotão de dez homens foi designado a guardá-los, embora não fosse provável que bandos de ladrões estivessem na estrada numa noite tão aterrorizante. De quando em quando, parecíamos distinguir uma forma esquiva entre as árvores das proximidades, e depois de uma escalada de meia hora, a inclinação e a estreiteza do caminho tornaram o avanço de um grupamento tão grande de homens — mais de trezentos, ao todo — excessivamente lerdo e difícil.

Então, de maneira totalmente súbita e horrorizante, ouvimos um som assustador vindo de baixo. Provinha dos cavalos amarrados — eles haviam *gritado*, não relinchado, mas *gritado*... e não havia luz lá, nem o som de qualquer criatura humana, que nos indicasse o motivo por que eles haviam feito isso. No mesmo momento, fogueiras refulgiram em todos os picos acima, de forma que o terror parecia estar igualmente à espreita adiante e atrás de nós. Quando olhamos para Vercelius, o nosso guia, encontramos apenas um montículo amarfanhado, imerso numa

poça de sangue. Na sua mão encontrava-se o gládio arrancado do cinto de D. Vibulanus, um subcenturião, e no seu rosto havia um olhar de terror tão intenso que o mais corajoso dos veteranos empalideceu a essa visão. Ele havia se matado no momento em que os cavalos gritaram... ele, que nascera e vivera toda a sua vida naquela região, e sabia o que os homens murmuravam a respeito das colinas. Todas as tochas então começaram a ficar mais fracas, e os lamentos dos legionários assustados se misturaram aos incessantes gritos dos cavalos amarrados.

O ar se tornou perceptivelmente mais frio, de um modo mais repentino do que se poderia esperar no início de novembro, e parecia provocado por terríveis ondulações que eu não podia deixar de associar ao bater de imensas asas. A coorte inteira agora permanecia estática, e enquanto as tochas se apagavam, avistei o que pensei serem sombras fantásticas delineadas no céu pela luminosidade espectral da Via Láctea, que fluíam sucessivamente através de Perseu, Cassiopeia, Cefeu e Cisne. Então, todas as estrelas subitamente se apagaram do céu — até mesmo as resplandecentes Deneb e Vega, à nossa frente, e a solitária Altair e Formalhaut, atrás de nós. E quando as tochas feneceram por completo, somente as perniciosas e horrendas labaredas dos altares nos elevados picos permaneceram visíveis acima da coorte abalada e aos gritos; infernais e rubras, delineando agora as silhuetas das formas desvairadas, saltitantes e colossais de bestas inomináveis, das quais nem mesmo um sacerdote frígio ou uma camponesa anciã jamais mencionaram sequer aos sussurros em seus contos mais extravagantes e furtivos.

E acima do ulular noturno de homens e cavalos, aquele batuque demoníaco se elevou ainda mais agudo, e então um vento gélido de assustadora senciência e intencionalidade soprou daquelas alturas interditas e serpenteou em torno de cada homem separadamente, até que a coorte inteira se encontrou lutando e gritando na escuridão, como se encenasse o destino de Laocoonte e seus filhos. Somente o velho Scribonius Libo parecia resignado. Ele pronunciou palavras em meio aos gritos, e elas ecoaram serenas nos meus ouvidos. “*Malitia vetus — malitia vetus est... venit... tandem venit...*”^[1]

E então eu acordei. Foi o sonho mais vívido que tive em anos, proveniente de fontes subconscientes há muito intocadas e esquecidas. Sobre o destino daquela coorte não existem registros, mas o vilarejo ao

menos foi salvo — pois as enciclopédias dão conta da sobrevivência de Pompelo até os dias atuais, sob o moderno nome espanhol de Pamplo-na...

*Sen, pela Supremacia Gótica—
C · IVLIVS · VER VS · MAXIMINVS.*



O Inominável

∴

The Unnamable (1923)

Weird Tales (jul. 1925)

Este conto, o segundo dos contos de Lovecraft a envolver o personagem Randolph Carter, parece mais com um exercício de escrita envolvendo exploração filosófica do que com uma história profissional real. É quase como se Lovecraft estivesse reafirmando sua nova atitude em relação aos horrores fúnebres e, ao mesmo tempo, ampliando e desconsiderando o uso dos cenários da Nova Inglaterra em geral, e usando Arkham, em particular, em sua construção de histórias de horror.



Estávamos sentados sobre uma tumba dilapidada do século XVII, no final da tarde de um dia de outono, no velho campo fúnebre de Arkham, e especulávamos sobre o inominável. Olhando para o gigantesco salgueiro no centro do cemitério, cujo tronco quase engolia uma antiga lápide ilegível, eu havia feito uma observação fantástica sobre o espectral e indizível repasto que as raízes colossais deviam estar sugando daquela terra arcaica e soturna, quando meu amigo me repreendeu por tal dispa-

rate e disse-me que, uma vez que nenhuma inumação ocorria ali havia mais de um século, não poderia existir nada que nutrisse a árvore, a não ser da maneira comum. Além disso, ele acrescentou, minhas constantes conversas sobre coisas “inomináveis” e “indizíveis” eram um recurso muito pueril, bem de acordo com minha baixa reputação como escritor. Eu seria por demais inclinado a concluir minhas histórias com visões ou sons que paralisavam as faculdades dos meus heróis e deixavam-nos privados de coragem, palavras ou associações para contar o que haviam vivenciado. Nós temos conhecimento das coisas, disse ele, unicamente por intermédio de nossos cinco sentidos ou de nossas intuições religiosas; e por essa razão é inteiramente impossível referirmo-nos a qualquer objeto ou manifestação que não possa ser claramente representada por sólidas definições factuais ou pelas doutrinas teológicas corretas — preferivelmente as dos congregacionalistas, com todas as modificações que a tradição e sir Arthur Conan Doyle possam prover.

Com esse amigo, Joel Manton, eu com frequência tinha lânguidas discussões. Ele era diretor da East High School, nascido e criado em Boston e um adepto da arrogante surdez da Nova Inglaterra aos matizes delicados da vida. Sua opinião era de que somente as nossas experiências objetivas possuem qualquer significado estético, e que a atribuição do artista não é tanto provocar emoções fortes por meio da ação, do êxtase e do assombro, quanto manter um plácido interesse e apreciação por meio de transcrições acuradas e detalhadas dos acontecimentos cotidianos. Ele se opunha especialmente à minha preocupação com o místico e o inexplicado; pois embora acreditasse no sobrenatural de maneira muito mais plena do que eu, não admitia que fosse um tema corriqueiro a ponto de receber tratamento literário. Que a mente pudesse encontrar seu maior prazer em fugas da rotina diária, e em originais e dramáticas recombinações de imagens comumente depositadas por hábito e fadiga nos padrões triviais da existência real era algo virtualmente inacreditável para o seu intelecto translúcido, prático e lógico. Para ele todas as coisas e sentimentos tinham dimensões, propriedades, causas e efeitos imutáveis; e embora ele vagamente soubesse que a mente por vezes contém visões e sensações muito menos geométricas, classificáveis e de natureza factível, considerava-se justificado ao traçar uma linha arbitrária e deixar de fora tudo o que não pode ser experimentado e compreendido pelo ci-

dadão mediano. Além disso, ele tinha quase certeza de que nada pode ser realmente “inominável”. Isso não lhe parecia sensato.

Embora eu bem percebesse a futilidade dos argumentos imaginativos e metafísicos contra a complacência de um ortodoxo habitante da luz solar, algo no cenário em que se desenrolou o colóquio daquela tarde motivou-me a uma controvérsia maior do que a costumeira. As lajes de ardósia em decomposição, as árvores patriarcais e as seculares mansardas da velha cidadezinha assombrada por feiticeiras que se estendia à nossa volta, tudo isso combinou-se para atizar meu espírito a defender minha obra; e logo eu estava desferindo meus golpes em território inimigo. Não era difícil, afinal, começar um contra-ataque, pois eu sabia que Joel Manton, na verdade, aderiria parcialmente a muitas superstições comadrescas que as pessoas sofisticadas haviam superado muito tempo atrás; crenças no aparecimento de pessoas moribundas em lugares distantes, e em impressões deixadas por rostos idosos nas janelas através das quais eles haviam contemplado suas vidas inteiras. Acreditar nesses murmúrios de comadres da roça, eu agora insistia, pressupunha a fé na existência de substâncias espectrais na terra, distintas e subsequentes às suas contrapartes materiais. Requeria uma capacidade de acreditar em fenômenos além de todas as noções normais; pois se um homem morto pode transmitir sua imagem visível ou tangível por meio mundo, ou pela extensão dos séculos, como pode ser absurdo supor que casas desertas estão cheias de misteriosas coisas sencientes, ou que velhos cemitérios pululavam com a terrível inteligência incorpórea de gerações? E uma vez que o espírito, para que possa causar todas as manifestações atribuídas a ele, não pode estar limitado por quaisquer das leis da matéria, por que seria extravagante imaginar coisas fisicamente mortas adotando formas — ou ausências de forma — que devem ser, aos espectadores humanos, completa e assombrosamente “inomináveis”? Recorrer ao “senso comum” ao refletir sobre esses temas, eu assegurei com algum ardor ao meu amigo, não passa de estúpida ausência de imaginação e flexibilidade mental.

O crepúsculo agora se aproximava, mas nenhum de nós sentiu qualquer vontade de interromper a conversa. Manton parecia não estar impressionado com os meus argumentos, e sim ávido para refutá-los, manifestando aquela confiança em suas próprias opiniões que sem dúvida

proporcionara seu sucesso como professor; enquanto eu próprio estava suficientemente seguro do terreno em que pisava para temer uma derrota. O anoitecer caiu sobre nós, e luzes cintilavam fracamente em alguma janela distante, porém não nos movemos dali. Nosso assento na tumba era bastante confortável, e eu sabia que meu prosaico amigo não se importaria com a fissura cavernosa na antiga alvenaria perturbada pelas raízes logo atrás de nós, ou com a escuridão completa do lugar, provocada pela intervenção de uma instável e deserta residência do século dezessete que se encontrava entre nós e a rua iluminada mais próxima. Ali no escuro, sobre aquela tumba rachada junto à casa abandonada, continuamos conversando sobre o “inominável”, e depois que meu amigo terminou suas zombarias, eu lhe contei sobre a horrível evidência por trás da história da qual ele mais escarnecera.

Meu conto chamava-se “A janela no sótão” e apareceu na edição de janeiro de 1922 da *Whispers*. Em diversos lugares, especialmente no sul e na costa do Pacífico, a revista foi retirada das prateleiras em resposta às reclamações de maricas apalermados; mas a Nova Inglaterra não se deixou impressionar e simplesmente deu de ombros à minha extravagância. A coisa, como se comprovou, era biologicamente impossível, para começar; apenas mais um daqueles meros bochichos rurais ensandecidos, que Cotton Mather teve a credulidade de incluir no seu caótico *Magnalia Christi Americana*,^[1] e de autenticidade tão precária, que nem mesmo ele se aventurou a nomear a localidade onde o horror ocorreu. E quanto ao modo como eu amplifiquei os simples apontamentos do velho místico — aquilo era praticamente impossível, e característico de um escrevinhador avoado e imaginativo! Mather de fato havia mencionado o nascer da criatura, mas ninguém além de um sensacionalista barato pensaria em representá-la crescida, olhando à noite pelas janelas das pessoas e escondendo-se no sótão de uma casa, em carne e espírito, até alguém avistá-la, séculos depois, em sua janela e sentir-se incapaz de descrever o que embranquecera os seus cabelos. Tudo isso era uma flagrante bobagem, e meu amigo Manton não se fez de rogado ao insistir nesse fato. Então eu lhe contei o que havia descoberto em um velho diário mantido entre 1706 e 1723, desencavado entre papéis de família a menos de uma milha de onde nos encontrávamos; isso, e a inquestionável realidade das cicatrizes no peito e nas costas do meu ancestral, que o diário

descrevia. Contei-lhe, também, dos temores de outros habitantes daquela região, que eram sussurrados de geração em geração; e que não fora nenhuma loucura mítica o que se apoderou do rapaz que, em 1793, entrou numa casa abandonada para examinar certos vestígios que se suspeitava haver ali.

Havia sido uma coisa assustadora — não admira que estudantes sensíveis estremeçam com a era puritana em Massachusetts. Tão pouco se conhece a respeito do que aconteceu sob a superfície — tão pouco, mas ainda assim de uma supuração tão nauseabunda ao borbotar sua putrescência em ocasionais vislumbres mórbidos. O terror da feitiçaria é um horrível raio de luz sobre o que se fermentava nos cérebros arrasados dos homens, mas mesmo isso é ninharia. Não havia beleza; nem liberdade — podemos ver isso pelos resquícios arquitetônicos e da vida doméstica, e pelos sermões venenosos dos pregadores rígidos. Mas de dentro dessa camisa de força de ferro enferrujado espreitava uma algaravia de hediondez, perversão e diabolismo. Ali, verdadeiramente, se encontrava a apoteose do inominável.

Cotton Mather, naquele demoníaco sexto livro que ninguém deveria ler depois de anoitecer, não mediu palavras ao despejar seu anátema. Severo como um profeta judeu, e laconicamente impassível como ninguém desde os seus dias poderia ser, ele contou sobre a besta que pariu algo que era mais que animal, porém menos que homem — a coisa com o olho manchado — e o infeliz bêbado aos gritos que enforcaram por ter um olho assim. Isso tudo ele contou abertamente, porém sem uma sugestão sequer do que veio depois. Talvez ele não soubesse, ou talvez soubesse mas não ousasse contar. Outros sabiam, mas não ousavam contar — não há qualquer alusão pública ao que se dizia aos sussurros sobre o cadeado na porta que dava para a escada do sótão na casa de um velho arruinado, amargurado e sem filhos que havia posto uma lápide de ardósia em branco numa sepultura temida, embora seja possível encontrar lendas ambíguas em número suficiente para coagular o mais ralo dos sangues.

Isso tudo está contido naquele diário ancestral que eu encontrei; todas as insinuações a boca pequena e histórias furtivas sobre coisas com um olho manchado que foram vistas pelas janelas à noite ou em campos desertos junto às florestas. Algo havia atacado meu ancestral numa es-

trada escura do vale, deixando-o com marcas de chifre no peito e de garras semelhantes às de um símio nas costas; e quando procuraram pegadas na poeira pisada, encontraram marcas mistas de cascos fendidos e patas vagamente antropoides. Uma vez um carteiro disse ter visto um velho perseguindo e chamando uma pavorosa criatura saltitante e inominada em Meadow Hill, nas horas fracamente iluminadas pela lua que antecede o amanhecer, e muitos acreditaram nele. Certamente, houve um estranho falatório certa noite de 1710, quando o velho arruinado e sem filhos foi enterrado na cripta atrás de sua própria casa, à vista da lápide de ardósia sem inscrições. A porta do sótão nunca foi destrancada, pois a casa foi deixada como estava, evitada e deserta. Quando ruídos partiam dela, havia sussurros e estremecimentos; e a esperança de que a tranca naquela porta do sótão fosse resistente. Mas então, a esperança cessou quando o horror atingiu o presbitério, não deixando uma só alma viva ou inteira. Com o passar dos anos as lendas assumiram um caráter espectral — suponho que a criatura, se é que se tratava de uma criatura viva, deva ter morrido. As lembranças horrendas persistiam — tornadas ainda mais horrendas por serem tão sigilosas.

Durante esta narração, meu amigo Manton havia ficado muito silencioso, e vi que minhas palavras o haviam impressionado. Ele não riu quando eu fiz uma pausa, mas perguntou em tom muito sério sobre o rapaz que havia enlouquecido em 1793, e que era presumivelmente o herói da minha ficção. Contei-lhe o motivo por que o rapaz tinha ido àquela casa evitada e deserta, e observei que ele devia estar interessado, pois acreditava que aquelas janelas retinham imagens latentes daqueles que haviam se sentado diante delas. O rapaz tinha ido olhar as janelas daquele sótão horrível, motivado por relatos de coisas vistas por trás delas, e voltou berrando como um demente.

Manton se manteve pensativo enquanto eu dizia isso, mas gradualmente retornou à sua disposição analítica. Ele tomava por certo o argumento de que algum monstro inatural havia realmente existido, mas recordou-me de que nem mesmo a mais mórbida perversão da natureza precisa ser inominável ou cientificamente indescritível. Eu admirei sua clareza e persistência, e acrescentei algumas revelações complementares que havia coletado com os idosos. Deixei claro que estas últimas lendas espectrais diziam respeito a aparições mais assustadoras do que qual-

quer coisa orgânica poderia ser; aparições de gigantescas formas bestiais, por vezes visíveis e por vezes apenas tangíveis, que flutuavam a esmo nas noites sem luar e assombravam a velha casa, a cripta atrás dela e a sepultura onde uma arvorezinha havia brotado ao lado de uma lápide ilegível. Quer tais aparições algum dia tenham ou não transfixado ou estrangulado pessoas causando-lhes a morte, como contam as tradições não corroboradas, elas produziram uma impressão forte e consistente, e ainda eram temidas com assombro pelos nativos de mais idade, embora tenham sido em grande parte esquecidas pelas duas últimas gerações — talvez agonizando por não se pensar muito nelas. Além do mais, no que diz respeito à teoria estética, se as emanações psíquicas de criaturas humanas podem ser distorções grotescas, que representação coerente poderia expressar ou retratar uma nebulosidade tão gibosa e infame quanto o espectro de uma perversão maligna e caótica, em si mesma uma mórbida blasfêmia contra a natureza? Moldado pelo cérebro morto de um pesadelo híbrido, tal terror vaporoso não constituiria, em toda a sua abominável verdade, o perfeito e ululante *inominável*?

A hora devia estar então muito adiantada. Um morcego singularmente silencioso roçou-me, e eu creio que o animal tenha tocado Manton também, pois embora eu não pudesse vê-lo, senti que ele agitou o braço. Ao mesmo tempo, falou-me:

— Mas essa casa com a janela no sótão ainda está de pé e deserta?

— Sim — respondi —, eu a vi.

— E você encontrou alguma coisa lá — no sótão ou em qualquer outro lugar?

— Há alguns ossos sob os beirais do telhado. Pode ser isso que o rapaz tenha visto — se ele era sensível, não seria necessário haver nada no vidro da janela para enlouquecê-lo. Se eram todos provenientes do mesmo objeto, devia ser uma monstruosidade histérica e delirante. Teria sido uma blasfêmia deixar tais ossos neste mundo, por isso eu retornei com um saco e levei-os para a tumba atrás da casa. Havia uma abertura por onde eu pude jogá-los para dentro. Não pense que eu fui um tolo — você deveria ter visto aquele crânio. Tinha chifres de dez centímetros, mas uma face e mandíbula que era algo semelhante à sua e à minha.

Finalmente eu pude sentir que um calafrio real percorreu Manton, que havia se achegado bastante a mim. Mas sua curiosidade era irrepri-

mível.

— E quanto às vidraças?

— Todas se foram. Uma das janelas havia perdido o caixilho inteiro, e na outra não havia um só vestígio de vidro nos pequenos interstícios losangulares. Elas eram desse tipo — as velhas janelas de gelosia que caíram em desuso antes de 1700. Não creio que tenham conservado algum vidro há uma centena de anos ou mais — talvez o garoto os tenha quebrado se chegou a esse ponto; a lenda não conta.

Manton estava refletindo novamente.

— Eu gostaria de ver essa casa, Carter. Onde ela fica? Com ou sem vidros, devo explorá-la um pouco. E a tumba onde você pôs aqueles ossos, e a outra sepultura sem inscrição — a coisa toda deve ser bem terrível.

— Você a viu — antes de escurecer.

Meu amigo ficou mais perturbado com isso do que eu havia suspeitado, pois diante desse inofensivo toque teatral ele se afastou de mim com um sobressalto neurótico e chegou a soltar uma espécie de grito engasgado que liberou a tensão previamente reprimida. Foi um grito estranho, e tanto mais terrível por ter sido respondido. Pois enquanto ele ainda ecoava, ouvi o som de um rangido atravessar a escuridão de breu, e percebi que uma das gelosias estava se abrindo naquela velha casa amaldiçoada ao nosso lado. E como todos os outros caixilhos haviam ruído há muito tempo, eu sabia que se tratava do aterrador caixilho sem vidros daquela demoníaca janela do sótão.

Então chegou-nos uma deletéria corrente de ar fétido e gélido, vindo daquela mesma direção ameaçadora, seguida de um grito lancinante bem ao meu lado, sobre aquela chocante tumba rachada de homem e monstro. No instante seguinte eu fui arremessado do meu horripilante banco pelo diabólico safanão de alguma entidade invisível de dimensões titânicas, mas de natureza indeterminada; arremessado em cheio sobre a lama entremeada de raízes daquele detestável cemitério, enquanto da tumba partia tal rebuliço abafado de sufocações e chiados que minha fantasia povoou as trevas densas com legiões miltonianas de malditos desfigurados. Houve um vórtice de vento gelado e destrutivo, e então o ruído de tijolos e reboco soltos; mas eu misericordiosamente desmaiei antes que pudesse saber o que aquilo significava.

Manton, embora menor do que eu, é muito resistente, pois abrimos nossos olhos quase ao mesmo tempo, apesar de seus ferimentos terem sido maiores. Nossos leitos estavam postos lado a lado, e soubemos em poucos segundos que estávamos no Hospital St. Mary. Enfermeiros estavam agrupados por ali em nervosa curiosidade, ansiosos para auxiliar nossas memórias dizendo-nos como havíamos chegado ali, e logo ouvimos sobre o fazendeiro que nos encontrou ao meio-dia num campo solitário além de Meadow Hill, a uma milha do velho cemitério, num ponto onde se diz que havia existido um antigo matadouro. Manton tinha dois ferimentos sérios no peito, e alguns cortes ou arranhões menos severos nas costas. Eu não me encontrava tão gravemente ferido, mas estava coberto de vergões e contusões da mais perturbadora natureza, incluindo a marca de um casco fendido. Era claro que Manton sabia mais do que eu, mas não disse nada aos médicos intrigados e interessados até saber que tipo de lesões nós tínhamos. Depois falou que havíamos sido vítimas de um touro enraivecido — embora o animal fosse algo difícil de situar e descrever.

Depois que os médicos e enfermeiros se retiraram, sussurrei uma atemorizada pergunta:

— Meu Deus, Manton, mas *o que era aquilo?* Essas cicatrizes... *foi mesmo como você disse?*

Mas eu estava entorpecido demais para exultar quando ele respondeu sussurrando algo que eu em parte já esperava...

— *Não... não foi nada disso.* Aquilo estava por toda parte... uma gelatina... uma viscosidade... no entanto tinha formas, mil formas de um horror além de qualquer lembrança. Havia olhos... e uma mancha. Era o poço sem fundo... o turbilhão... a abominação definitiva. Carter, *aquilo era o inominável!*

MISCELÂNEA



A Rua

∴

The Street (1919)

The Wolverine (dez. 1920)

S.T. Joshi chama “A rua” de “provavelmente o pior conto que Lovecraft já escreveu”. Para a maioria dos leitores modernos, é difícil discordar. Mais tarde em sua vida, o próprio Lovecraft passou a acreditar que a história era terrível.

Mas essa é uma história que não pode ser entendida fora de seu contexto histórico. Foi escrito no final do ano de 1919, ano esse em que foi exposta uma conspiração de terroristas que pretendiam enviar bombas por correio a J.P. Morgan, Oliver Wendell Holmes e 34 outros americanos importantes; dois meses depois, um radical nascido na Itália acidentalmente explodiu tentando matar o procurador-geral Alexander Palmer. Palmer respondeu lançando, com a ajuda de J. Edgar Hoover, e sob o encobrimento de um esforço de propaganda agressiva, o notório “Palmer Raids”, e um dos mais dramáticos deles foi um dia de violentos ataques contra escritórios da União dos Trabalhadores Russos, em 7 de novembro de 1919.

É quase certo que esses ataques, realizados apenas alguns dias antes de Lovecraft colocar a caneta no papel para escrever esta história, tiveram mui-

to a ver com a sua prosa. Graças em parte ao sucesso da campanha de propaganda de Palmer, os americanos tinham muito medo de algo como a conspiração retratada em “A rua”; há muitas razões para acreditar que Lovecraft não foi exceção. Atribuir os medos articulados nesta história ao racismo simples, como muitos críticos fizeram, é, no mínimo, simplificar demais o seu contexto.



Há quem diga que as coisas e lugares têm almas, e há quem diga que não têm; eu próprio não ousou afirmar, mas contarei sobre A Rua.

Homens de força e honra modelaram aquela Rua; homens bons e valentes do nosso sangue, que vieram das Ilhas Benditas além do oceano. No início ela não passava de uma trilha pisada por carregadores de água entre a fonte na mata e o povoado junto à praia. Depois, à medida que mais homens chegavam ao crescente ajuntamento de casas e procuravam lugares para residir, eles construíram cabanas ao longo do lado norte; cabanas de robustas toras de carvalho com alvenaria no lado voltado para a floresta, pois muitos índios espreitavam por ali com flechas incendiárias. E depois de alguns anos mais, homens construíram cabanas na face sul da Rua.

De um lado a outro da Rua caminhavam homens sérios usando chapéus cônicos, que na maior parte do tempo carregavam mosquetes ou espingardas de caça. E havia também suas esposas entoucadas e seus sóbrios filhos. Ao entardecer esses homens com suas esposas e filhos sentavam-se em volta de gigantescas lareiras, liam e conversavam. Muito simples eram as coisas sobre as quais eles liam e falavam, porém eram coisas que lhes propiciavam coragem e bondade, e ajudavam-nos durante o dia a subjugar a floresta e cultivar os campos. E as crianças ouviam e aprendiam sobre as leis e os feitos dos antigos, e sobre aquela amada Inglaterra que elas jamais viram, ou da qual não conseguiam lembrar.

Houve guerra, e depois disso os índios não mais perturbaram A Rua. Os homens, esforçados no trabalho, tornaram-se prósperos e tão felizes quanto sabiam ser. As crianças cresciam em conforto, e cada vez mais famílias chegavam da Terra Mãe para residir na Rua. E os filhos

dos filhos cresceram, e também os filhos dos recém-chegados. O vilarejo era agora uma cidade, e uma a uma as cabanas deram lugar a casas; simples e belas casas de tijolo e madeira, com degraus de pedra, corrimãos de ferro e bandeiras sobre as portas. Não eram criações frágeis, aquelas casas, pois eram feitas para servir muitas gerações. Dentro havia cornijas esculpidas e graciosas escadas, e mobília prática e agradável, porcelanas e prataria, trazidas da Terra Mãe.

Assim, A Rua absorvia os sonhos de um jovem povo, e se regozijava à medida que seus moradores se tornavam mais educados e felizes. Onde um dia houvera apenas força e honra, bom gosto e saber agora também residiam. Livros, pinturas e música chegaram às casas, e os jovens foram para a universidade que se ergueu acima da planície ao norte. Em lugar dos chapéus cônicos e mosquetes havia agora chapéus de três bicos e espadins, e alvas perucas com laços de fita. E havia pavimentos de pedras sobre os quais trotavam muitos cavalos puro-sangue e rumorejavam diversas carruagens douradas; e calçadas de tijolos com poiais para montar e desmontar e postes para amarrar os cavalos.

Havia naquela Rua muitas árvores; olmos, carvalhos e bordos investidos de dignidade; de modo que no verão a paisagem era plena de suave verdor e trinados de pássaros. E atrás das casas havia roseirais cercados, com caminhos de sebes e relógios de sol, e à noite a lua e as estrelas brilhavam encantadoramente sobre esses jardins, enquanto fragrantes botões de flor cintilavam com o orvalho.

Então A Rua seguiu sonhando, alheia a guerras, calamidades e mudanças. Um dia a maioria dos jovens rapazes partiu, e alguns deles nunca mais voltaram. Foi quando eles recolheram a Velha Bandeira e hastearam um novo pendão de listras e estrelas. Mas embora os homens falassem de grandes mudanças, A Rua não as sentia; pois seu povo ainda era o mesmo, falando das velhas coisas familiares no velho sotaque familiar. E as árvores ainda abrigavam aves canoras, e à noite a lua e as estrelas fixavam os botões orvalhados no roseiral murado.

Com o tempo já não havia mais espadas, chapéus tricôrnios ou perucas na Rua. Que estranhos pareciam os habitantes com suas bengalas, altas cartolas de pele de castor e cabelos bem aparados! Novos sons chegavam da distância — primeiro estranhos sopros e guinchos vindos do rio a uma milha de distância, e depois, muitos anos mais tarde, estranhos

sopros, guinchos e estampidos de outras direções. O ar já não era tão puro quanto antes, mas o espírito do lugar não havia mudado. O sangue e a alma das pessoas eram como o sangue e a alma dos seus ancestrais que haviam moldado A Rua. O espírito tampouco mudou quando abriram a terra para depositar estranhos canos ou quando erigiram altos postes amparando estranhos fios. Havia tanta tradição ancestral naquela Rua, que o passado não podia ser esquecido com facilidade.

Então chegaram dias de infortúnio, quando muitos dos que haviam conhecido A Rua nos velhos tempos já não mais a conheciam; e muitos passaram a conhecê-la, gente que não a conhecera antes. E os que chegavam nunca eram como os que partiam; pois seus sotaques eram grosseiros e estridentes, e suas aparências e feições desagradáveis. Seus pensamentos, também, lutavam contra a sabedoria, contra o espírito justo da Rua, de modo que ela definhou em silêncio à medida que suas casas caíam em decadência e suas árvores morriam uma a uma, e seus roseirais eram infestados por ervas daninhas e abandono. Mas ela sentiu um estremecimento de orgulho certo dia, quando novamente por ela marcharam jovens rapazes, alguns dos quais jamais retornaram. Esses jovens vestiam-se de azul.

Com o passar dos anos, um destino pior se abateu sobre A Rua. Suas árvores todas já haviam partido, e seus roseirais foram desalojados pelos fundos de reles e feios novos edifícios de ruas paralelas. No entanto, as casas permaneceram, apesar da devastação dos anos, das tormentas e dos cupins, pois haviam sido feitas para servir a muitas gerações. Faces de tipos diversos apareceram na Rua; faces trigueiras e sinistras, com olhos furtivos e fisionomias bizarras, cujos possuidores falavam palavras ignoradas e fixavam placas com caracteres conhecidos e desconhecidos sobre a maioria das casas bolorentas. Carrinhos de mão povoavam as sarjetas. Um fedor sórdido e indefinível se instalou no lugar, e o espírito ancestral adormeceu.

Uma grande excitação certo dia chegou à Rua. A guerra e a revolução assolavam as terras além do oceano; uma dinastia havia desmoronado, e seus súditos degenerados afluíam em bandos com propósitos duvidosos para as terras do Ocidente. Muitos deles fizeram seus alojamentos nas casas desgastadas que um dia conheceram os trinados dos pássaros e o perfume das rosas. Então a Terra do Ocidente despertou, e juntou-se à

Terra Mãe em sua titânica luta pela civilização. Sobre as cidades mais uma vez tremulou a Velha Bandeira, acompanhada do Novo Pendão e de uma outra, mais simples, porém gloriosa, tricolor. Mas não foram muitas as bandeiras que tremularam sobre A Rua, pois nela proliferava apenas medo, ódio e ignorância. Novamente os jovens partiram, mas não exatamente como fizeram os rapazes daqueles outros tempos. Alguma coisa faltava. Pois os filhos daqueles jovens de outros dias, que de fato se apresentaram em fatiotas verde-oliva com o verdadeiro espírito de seus ancestrais, partiram de lugares distantes e não conheciam A Rua e seu espírito antigo.

Sobre os mares houve uma grande vitória, e em triunfo a maioria dos jovens retornou. Aqueles a quem faltava algo já não mais careciam daquilo, no entanto o medo, o ódio e a ignorância ainda proliferavam na Rua; pois muitos não haviam voltado, e muitos estrangeiros chegaram de lugares distantes para as casas antigas. E os jovens que retornaram já não residiam lá. Trigueira e sinistra era a maioria dos estrangeiros, embora entre eles se pudesse encontrar algumas faces semelhantes às aquelas que traçaram A Rua e moldaram seu espírito. Semelhantes, porém diferentes, pois havia nos olhos de todas elas uma peculiar e doentia cintilação de cobiça, ambição, disposição vingativa ou zelo desorientado. Intranquilidade e traição circulavam entre alguns perversos que conspiravam para desferir contra as Terras do Ocidente seu golpe mortífero, para que eles pudessem ascender ao poder por cima das ruínas; assim como os assassinos que haviam ascendido naquela terra infeliz e gélida de onde a maioria deles tinha vindo. E o coração desse complô residia na Rua, cujas casas em ruínas abundavam de forasteiros que semeavam a discórdia e ecoavam os planos e discursos daqueles que ansiavam pelo dia marcado que traria o sangue, o fogo e o crime.

Sobre as várias estranhas assembleias ocorridas na Rua, a lei teve muito a dizer, mas pouco pôde provar. Com grande diligência, homens de distintivos ocultos perambulavam e apuravam os ouvidos por entre lugares como a Padaria do Petrovitch, a miserável Escola Rifkin de Economia Moderna, o Clube Círculo Social e o Café Liberdade. Ali congregavam-se em grande número homens sinistros, porém seus discursos eram sempre contidos ou proferidos numa língua estrangeira. Mas ainda as velhas casas persistiam, com sua tradição esquecida de mais nobres

séculos passados; de vigorosos residentes coloniais e de roseirais orvalhados à luz da lua. Às vezes um poeta ou viajante solitário chegava para vê-las, e tentava imaginá-las em sua glória desvanecida; mas tais viajantes e poetas não eram muitos.

Espalhou-se, então, o rumor de que aquelas casas continham os líderes de um enorme bando de terroristas, que em um dia determinado lançaria uma orgia de massacres para exterminar a América e todas as belas tradições antigas que A Rua havia amado. Folhetos e panfletos flutuavam ao vento pelas sarjetas imundas; folhetos e panfletos impressos em muitas línguas e em muitos caracteres, porém todos trazendo mensagens de crime e rebelião. Nesses escritos o povo era instado a violar as leis e virtudes que nossos pais haviam exaltado; a pisotear a alma da velha América — a alma herdada ao longo de mil e quinhentos anos de liberdade, justiça e moderação anglo-saxã. Dizia-se que os homens trigueiros que residiam na Rua e se congregavam nos seus edifícios apodrecidos eram os cérebros de uma revolução horrível; que ao comando deles muitos milhões de bestas insensatas e embriagadas exporiam suas garras perniciosas a partir dos cortiços de milhares de cidades, incendiando, massacrando e destruindo, até que a terra dos nossos pais não mais existisse. Tudo isso era dito e repetido, e muitos esperavam com temor pelo quarto dia de julho, sobre o qual os escritos exóticos tanto sugeriam; no entanto, nada pôde ser encontrado para comprovar a culpa. Ninguém sabia dizer que prisões poderiam extirpar o maldito complô pela raiz. Por diversas vezes chegaram grupos de policiais fardados de azul para revistar as casas instáveis, porém no final eles deixaram de vir; pois também eles haviam se fatigado da lei e da ordem, e abandonaram toda a cidade ao seu destino. Então chegaram homens trajando verde-oliva, empunhando mosquetes; até parecer que em seu triste sono A Rua tivesse sonhos assombrosos com aqueles outros dias, quando mosqueteiros de chapéus cônicos caminhavam por ela desde a nascente na floresta até o povoado junto à praia. Mas ação alguma pôde ser posta em prática para investigar o iminente cataclismo, pois os sinistros homens trigueiros eram traquejados em astúcias.

Por isso A Rua prosseguiu seu sono intranquilo, até que certa noite reuniram-se na Panificadora do Petrovitch, na Escola Rifkin de Economia Moderna, no Clube Círculo Social, no Café Liberdade e também

em outros lugares, vastas hordas de homens que tinham os olhos esbugalhados de horrível triunfo e expectativa. Por fios ocultos viajaram mensagens bizarras, e muito se disse sobre mensagens ainda mais bizarras que ainda viajariam por eles; mas da maior parte disso tudo não se suspeitou senão mais tarde, quando as Terras Ocidentais já estavam livres do perigo. Os homens de verde-oliva não sabiam o que estava acontecendo, nem o que deveriam fazer; pois os homens trigueiros e sinistros eram hábeis em sutilezas e disfarces.

No entanto, os homens de verde-oliva sempre se lembrarão daquela noite, e falarão sobre A Rua quando contarem aquilo aos seus netos; pois muitos deles foram mandados para lá, perto do amanhecer, numa missão diferente da que haviam esperado. Sabia-se que aquele ninho de anarquia era antigo, e que as casas estavam abaladas pela devastação dos anos, das tormentas e dos cupins; mas o acontecimento daquela noite de verão foi surpreendente por sua tão desconcertante uniformidade. Foi, de fato, um acontecimento extremamente singular; embora, no final das contas, muito simples. Pois sem qualquer aviso, numa das altas horas depois da meia-noite, toda a devastação dos anos, das tormentas e dos cupins chegou a um tremendo clímax; e depois do desabamento nada mais restou da Rua, exceto duas antigas chaminés e parte de uma robusta parede de tijolos. E nada que um dia tenha vivido saiu com vida das ruínas.

Um poeta e um viajante, que chegaram com a volumosa multidão para ver o cenário, contaram histórias insólitas. O poeta disse que nas horas que antecederam a alvorada ele viu sórdidas ruínas, ainda que indistintamente, sob a claridade das lâmpadas de arco voltaico; mas que acima dos destroços se erguia outra paisagem, na qual ele pôde distinguir o luar, e belas casas e olmos, carvalhos e bordos investidos de dignidade. E o viajante declarou que em vez do habitual fedor do lugar pairava uma delicada fragrância, como que de rosas em plena florescência. Mas não são os sonhos dos poetas e as histórias dos viajantes notoriamente falsos?

Há quem diga que as coisas e lugares têm almas, e há quem diga que não têm; eu próprio não ousou afirmar, mas contei a vocês sobre A Rua.



O Medo à Espreita

∴

The Lurking Fear (1922)

Home Brew (jan. 1923)

Esta série de quatro partes foi a segunda história de Lovecraft escrita para receber um pagamento, e foi uma continuação dos “Grewsome Tales” de Herbert West e seu assistente. Ele continua a veia melodramática que percorre grande parte do trabalho de Lovecraft em 1921–1922 e a executa melhor do que em seu trabalho anterior.

É também o ponto alto nos escritos artísticos de Lovecraft. Após terminar esta história, passariam seis meses antes de Lovecraft produzisse outra; e após o seu lançamento, ficaria muito claro que a era da experimentação com o forte drama havia terminado.



I. *A sombra na chaminé*

Havia trovões no ar na noite em que me dirigi à mansão deserta no topo do Monte Tempest a fim de encontrar o medo à espreita. Eu não estava só, pois a temeridade não se misturava, então, com aquele amor pelo

grotesco e o terrível que fez da minha carreira uma série de investigações de estranhos horrores na literatura e na vida. Comigo iam dois homens fiéis e musculosos, que mandei chamar quando chegou o momento; homens a quem eu me associara havia longo tempo, em minhas horripilantes explorações, em virtude da peculiar forma física de ambos.

Havíamos partido da vila com discrição, por causa dos repórteres que ainda se encontravam por lá após o pânico sobrenatural do mês anterior — o pesadelo da morte horripilante. Mais tarde, pensei, eles poderiam ajudar-me; mas não os queria por perto naquele momento. Quisera Deus que eu os tivesse deixado partilhar da minha busca, que eu não fosse obrigado a arcar sozinho com o segredo durante tanto tempo; suportá-lo em solidão por temor que o mundo pudesse me chamar de louco, ou ele próprio enlouquecer pelas implicações demoníacas daquela coisa. Agora que, de qualquer forma, eu o conto, para que de tanto pensar nele não me torne um maníaco, desejaria nunca tê-lo ocultado. Pois eu, e somente eu, sei que espécie de medo se achava à espreita naquela montanha espectral e desolada.

Num pequeno automóvel, nós percorremos milhas de florestas nativas e colinas, até que a ascensão arborizada se interrompeu de súbito. A região tinha um aspecto mais sinistro que o normal, pois nós a vimos à noite e sem a costumeira aglomeração de investigadores, de modo que fomos várias vezes tentados a usar os faróis de acetileno, a despeito da atenção que eles poderiam atrair. Não era uma paisagem salutar após o escurecer, e eu creio que teria reparado na sua morbidez até mesmo se ignorasse o terror que rondava o local. Criaturas selvagens, ali, não havia nenhuma — elas são precavidas quando a morte espreita os arredores. As antigas árvores marcadas por raios pareciam sobrenaturalmente grandes e retorcidas, enquanto curiosos montículos e cômoros na terra tomada de ervas daninhas e cicatrizes de fulgurito^[1] recordavam-me serpentes e caveiras intumescidas em proporções gigantescas.

O medo espreitava no Monte Tempest havia mais de um século. Isso eu aprendi de imediato com as narrativas publicadas nos jornais sobre a catástrofe que expôs pela primeira vez aquela região à atenção do mundo. O lugar é uma elevação remota e solitária naquela parte das Catskill onde a civilização holandesa um dia penetrou débil e transitoriamente, deixando para trás ao se retirar apenas algumas mansões em ruínas e

uma degenerada população de posseiros habitando vilarejos lastimáveis e escarpas isoladas. Seres normais raramente visitavam a localidade antes que a polícia estadual fosse formada, e mesmo agora apenas guardas aleatórios a patrulham. O medo, porém, é uma velha tradição pelas vilas da vizinhança, uma vez que é um assunto da maior importância no discurso simples dos pobres mestiços que às vezes deixam seus vales a fim de negociar cestas trançadas à mão para suprir as necessidades mais primitivas que eles não conseguem caçar, criar ou produzir.

O medo à espreita habitava a temida e deserta mansão Martense, que coroava a eminência elevada, porém de ascensão gradual, cuja tendência a frequentes raios e trovões proporcionou-lhe o nome de Monte Tempest. Por mais de cem anos a casa de pedras circundada por bosques fora tema de histórias incrivelmente violentas e monstruosamente abomináveis; histórias de uma silenciosa morte colossal e insidiosa que predava os arredores no verão. Com lamuriosa insistência, os posseiros contavam casos sobre um demônio que capturava os andarilhos solitários após o escurecer, carregando-os para algum lugar ou abandonando-os num estado pavoroso de consunção e desmembramento; enquanto outras vezes falavam aos sussurros sobre rastros de sangue conduzindo à mansão distante. Alguns diziam que as trovoadas atraíam o medo à espreita para fora da sua habitação, enquanto outros afirmavam que o trovão era sua voz.

Ninguém fora daqueles agrestes acreditava nessas histórias variegadas e conflitantes, com suas descrições incoerentes e extravagantes de demônios entrevistados; no entanto, nenhum fazendeiro ou aldeão duvidava que a mansão Martense fosse assombrada por algo macabro. A história do local proibia tal dúvida, embora nenhuma evidência fantasmagórica jamais tivesse sido encontrada pelos investigadores que visitaram a edificação em consequência de alguma narrativa especialmente vívida dos posseiros. Avós contavam estranhos mitos sobre o espectro Martense; mitos que diziam respeito à própria família Martense, sua rara disparidade hereditária dos olhos, seus extensos registros de ocorrências desnaturadas e o assassinato que a havia amaldiçoado.

O terror que me levou àquele cenário foi uma súbita e portentosa confirmação das mais selvagens lendas dos montanheseiros. Certa noite de verão, após uma tempestade de raios de violência sem precedentes, a re-

gião foi despertada por uma debandada de posseiros que nenhuma mera ilusão poderia criar. A lastimável turba de nativos guinchava e se lamuriava pelo horror inominável que havia se abatido sobre ela, e ninguém duvidou deles. Não a haviam visto, mas ouviram tantos gritos de uma de suas aldeias que sabiam que uma morte horripilante havia chegado.

Pela manhã, cidadãos e guardas estaduais seguiram os trêmulos montanheses até o local onde haviam dito que a morte chegara. Morte havia de fato ali. O terreno sob uma das vilas de posseiros desmoronara após ser atingido por um raio, destruindo diversos casebres malcheirosos; mas sobre este dano à propriedade impôs-se uma devastação orgânica que o reduziu à insignificância. De possíveis 75 nativos que haviam habitado aquele local, nenhum representante vivo podia ser visto. A terra revolvida estava coberta de sangue e destroços humanos descreviam de maneira muito vívida uma devastação imposta por dentes e garras demoníacas; porém nenhum rastro identificável conduzia para fora daquela carnificina. Que algum animal horrendo devia ser a causa, todos rapidamente concordaram; tampouco alguma língua naquele momento retomou a imputação de que mortes enigmáticas como aquelas constituíssem meramente um dos assassinatos sórdidos comuns em comunidades decadentes. Essa acusação ressurgiu apenas quando se descobriu que 25 dos membros da população estimada estavam ausentes dentre os mortos; e mesmo assim foi difícil explicar o assassinato de cinquenta pessoas pela metade desse número. Mas permanecia o fato de que numa noite de verão um raio partira do céu e deixara uma vila morta, cujos corpos estavam horripilantemente mutilados, mastigados e arranhados.

O excitado distrito rural imediatamente associou o horror à mansão assombrada dos Martense, embora os dois locais estivessem separados por mais de cinco quilômetros. Os guardas estaduais foram mais céticos; incluíram a mansão apenas circunstancialmente em sua investigação, e abandonaram-na por completo uma vez que a descobriram inteiramente deserta. Pessoas do campo e da vila, porém, escrutinavam o local com infinita cautela; reviraram tudo que havia na casa, sondando tanques e riachos, derrubando arbustos e esquadrinhando as florestas próximas. Tudo foi em vão; a morte que havia chegado não deixara traços, exceto a própria destruição.

No segundo dia de buscas o acontecimento foi tratado em detalhes pelos jornais, cujos repórteres acorreram ao Monte Tempest. Descreveram-no em muitos detalhes, e com muitas entrevistas para elucidar a história de horror, segundo era contada pelas idosas locais. Acompanhei as narrativas inicialmente com languidez, pois sou um *connoisseur* dos horrores; mas depois de uma semana detectei uma atmosfera que me agitou estranhamente, de forma que no dia 5 de agosto de 1921, registrei-me entre os repórteres que povoavam o hotel em Leferts Corners, a vila mais próxima do Monte Tempest e reconhecida como quartel-general dos investigadores. Três semanas mais e a dispersão dos repórteres deixou-me em liberdade para começar a terrível exploração baseada nas minuciosas inquirições e pesquisas com as quais eu havia me ocupado naquele meio-tempo.

Então, naquela noite de verão, enquanto os trovões rumorejavam a distância, deixei o automóvel em silêncio e marchei com dois companheiros armados até os últimos recessos cobertos por montículos de terra do Monte Tempest, lançando os raios de luz de uma lanterna elétrica sobre as espectrais paredes cinzentas que começavam a aparecer por trás dos gigantescos carvalhos diante de nós. Na solidão mórbida daquela noite e sob a iluminação débil e oscilante, a ampla edificação semelhante a uma caixa exibia obscuras sugestões de terror que nem o dia conseguiria pôr a descoberto; no entanto, eu não hesitei, uma vez que fora até lá com a firme resolução de testar uma ideia. Eu acreditava que o trovão chamava o demônio mortal para fora de algum temível lugar secreto; e fosse esse demônio entidade sólida ou pestilência vaporosa, eu pretendia vê-lo.

Eu vasculhara por inteiro as ruínas anteriormente, por isso conhecia bem o meu plano; escolhi como sede da minha vigília o velho quarto de Jan Martense, cujo assassinato assoma com tanta grandeza nas lendas rurais. Senti de um modo sutil que o apartamento dessa antiga vítima servia melhor aos meus propósitos. A câmara, medindo cerca de seis metros de lado, continha, como as outras dependências, algum entulho que um dia fora móvel. Ficava no segundo andar, no canto sudeste da casa, e tinha uma imensa janela dando para leste e uma janela estreita para o sul, ambas desprovidas de vidraças ou venezianas. Do lado oposto à grande janela havia uma enorme lareira holandesa com azulejos bíblicos

representando o filho pródigo, e em frente à mais estreita encontrava-se uma espaçosa cama embutida na parede.

Quando o trovejar abafado pelas árvores ficou mais alto, acertei os detalhes do meu plano. Primeiro, fixei lado a lado no parapeito da janela grande três escadas de corda que havia levado comigo. Sabia que elas alcançavam um ponto adequado no gramado do lado de fora, pois as havia testado. Então nós três arrastamos de outro quarto uma larga armação de cama com quatro colunas, empurrando-a lateralmente de encontro à janela. Depois de cobri-la com galhos de abeto, todos nos acomodamos sobre ela com automáticas à mão, dois repousando enquanto o terceiro vigiava. Qualquer que fosse a direção da qual o demônio pudessem vir, nossa potencial fuga havia sido providenciada. Se viesse de dentro da casa, tínhamos as escadas na janela; se viesse de fora, a porta e a escadaria. Não achávamos, a julgar pelos precedentes, que ele fosse nos perseguir até muito longe, mesmo na pior das hipóteses.

Eu vigiei da meia-noite até uma hora, quando, apesar da casa sinistra, da janela desprotegida e dos trovões e relâmpagos que se aproximavam, senti-me singularmente sonolento. Estava entre meus dois companheiros, George Bennet do lado da janela e William Tobey do lado da lareira. Bennet estava dormindo, aparentemente sentindo a mesma sonolência anômala que me afetava, por isso eu designei Tobey para o próximo turno, embora até mesmo ele estivesse cabeceando. Era curiosa a intensidade com que eu estivera observando aquela lareira.

O trovejar crescente devia ter afetado os meus sonhos, pois no breve intervalo em que dormi, vieram-me visões apocalípticas. Uma vez eu parcialmente despertei, provavelmente porque o adormecido junto à janela atirara desassossegadamente um braço sobre o meu peito. Não estava suficientemente desperto para ver se Tobey estava cumprindo seus deveres como sentinela, mas senti uma distinta ansiedade por conta disso. Nunca antes a presença do mal havia me oprimido de maneira tão pungente. Mais tarde eu devo ter voltado a cair no sono, pois foi de um caos fantasmagórico que minha mente saltou quando a noite se tornou apavorante por gritos que iam além de toda a minha experiência ou minha imaginação anteriores.

Naquela gritaria, a mais profunda alma do medo e da agonia humana agarrava-se em desespero e insanidade aos portões de ébano do oblívio.

Despertei para a loucura rubra e o escárnio diabólico, enquanto, descendo cada vez mais ao fundo de um panorama inconcebível, aquela angústia fóbica e cristalina reverberava e buscava refúgio. Não havia luz, mas eu soube pelo espaço vazio à minha direita que Tobey se fora, só Deus sabe para onde. Sobre meu peito ainda jazia o pesado braço do homem adormecido à minha esquerda.

Então veio o golpe devastador do relâmpago que estremeceu toda a montanha, iluminando as mais enegrecidas catacumbas do venerável bosque, e estilhaçou o patriarca daquelas árvores retorcidas. Ao clarão demoníaco de uma monstruosa bola de fogo, o adormecido despertou com um sobressalto, enquanto o clarão que entrou pela janela lançou a sombra dele com vividez sobre a chaminé acima da lareira, da qual meus olhos em nenhum momento haviam se desgarrado. O fato de eu ainda estar vivo e mentalmente sã é uma maravilha que não sei dimensionar. Não sei dimensioná-la, pois a sombra sobre aquela chaminé não era de George Bennett ou de qualquer outra criatura humana, mas uma anomalia blasfema saída das mais profundas crateras do inferno; uma abominação sem nome nem forma, que mente alguma conseguiria apreender e nenhuma caneta poderia descrever sequer em parte. No segundo seguinte eu estava sozinho na mansão amaldiçoada, tremendo e balbuciando. George Bennett e William Tobey não haviam deixado vestígios, nem mesmo de uma luta. Nunca mais se teve notícias deles.

II. *Um passante na tempestade*

Por dias a fio depois daquela horrível experiência na mansão envolta em floresta eu fiquei deitado em exaustão nervosa no meu quarto de hotel em Lefferts Corners. Não recorro exatamente como consegui chegar até o automóvel, dar a partida e escapar de volta à vila sem ser percebido; pois não retenho qualquer impressão distinta, exceto dos braços selvagens de árvores titânicas, do murmurar demoníaco dos trovões e das sombras carontianas que atravessavam os montes baixos que pontilhavam e raiavam a região.

Enquanto eu tremia e refletia sobre a projeção daquela sombra perturbadora, tive certeza de que finalmente entrevira um dos horrores su-

premos da terra — uma daquelas pragas sem nome dos abismos exteriores, cuja débil agitação demoníaca nós às vezes ouvimos no círculo mais distante do espaço, mas contra as quais a nossa visão limitada confere misericordiosa imunidade. A sombra que eu vi, ousei a custo analisar ou identificar. Algo se interpôs entre mim e a janela naquela noite, mas estremecia por não conseguir afastar o impulso de classificá-lo. Se aquilo tivesse rosnado, ladrado ou gargalhado zombeteiramente — mesmo isso teria mitigado a hediondez abissal. Mas era tão silencioso. Havia pousado um pesado braço ou pata dianteira no meu peito... Obviamente aquilo era orgânico, ou havia sido um dia... Jan Martense, cujo quarto eu invadira, foi enterrado no cemitério próximo à mansão... Eu devo encontrar Bennett e Tobey, se eles sobreviveram... por que aquilo os escolheu, e deixou-me por último?... A sonolência é tão sufocante, e os sonhos tão horríveis...

Num curto período eu me dei conta de que deveria contar minha história a alguém ou ruiria por completo. Já havia decidido não abandonar a busca pelo medo à espreita, pois na minha temerária ignorância parecia-me que a incerteza era pior que o esclarecimento, por mais terrível que ele mais tarde pudesse se demonstrar. Assim sendo, decidi em minha mente o melhor caminho a seguir; a quem escolher para as minhas confidências, e como rastrear a coisa que havia obliterado dois homens e projetado uma sombra de pesadelo.

Meus principais conhecidos em Lefferts Corners eram os afáveis repórteres, muitos dos quais ainda permaneciam lá para coletar os ecos finais da tragédia. Foi dentre eles que eu decidi escolher um parceiro, e quanto mais eu refletia, mais minha preferência se inclinava na direção de um certo Arthur Munroe, um homem sombrio e esguio de cerca de 35 anos, cuja educação, gosto, inteligência e temperamento pareciam marcá-lo como alguém que não se prende a ideias e experiências convencionais.

Numa tarde do início de setembro, Arthur Munroe ouviu minha história. Vi desde o início que eu tinha o seu interesse e simpatia, e quando concluí ele analisou e discutiu a coisa toda com a maior perspicácia e discernimento. Seu conselho, além do mais, foi eminentemente prático; pois ele recomendou um adiamento das operações na mansão Martense até que pudéssemos nos fortalecer com mais detalhes históri-

cos e dados geográficos. Por iniciativa própria, ele esquadrinhou a região em busca de informações referentes à terrível família Martense, e descobriu um homem que possuía um antigo diário maravilhosamente esclarecedor. Também conversamos extensamente com os mestiços montanhesees que não haviam fugido do terror e da confusão para as escarpas mais remotas, e concordamos em preceder a culminação da nossa tarefa — o exaustivo e definitivo exame da mansão à luz de sua história detalhada — de uma igualmente exaustiva e definitiva inspeção dos locais associados às várias tragédias das lendas dos posseiros.

Os resultados desse exame não foram inicialmente muito esclarecedores, embora a tabulação que fizemos deles parecesse revelar uma direção amplamente significativa: a saber, que o número de horrores noticiados era de longe muito maior em áreas comparativamente próximas à casa evitada ou ligadas a ela por extensões daquela floresta morbidamente hipertrofiada. Havia, é verdade, exceções. De fato, o horror que atraíra os ouvidos do mundo havia acontecido num espaço desprovido de árvores, igualmente remoto em relação à mansão e a qualquer mata ligada a ela.

Quanto à natureza e aparência do medo à espreita, nada se pôde conseguir dos assustados e néscios habitantes das taperas. Sem pausa para respirar eles o descreviam como uma serpente e um gigante, um demônio dos trovões e um morcego, um abutre e uma árvore ambulante. Nós nos consideramos, porém, aptos a presumir que se tratava de um organismo vivo altamente suscetível a tempestades elétricas; e embora algumas das histórias sugerissem asas, acreditávamos que sua aversão por espaços abertos fazia da locomoção por terra uma hipótese mais provável. A única coisa realmente incompatível com este último ponto de vista era a rapidez com que a criatura devia viajar para realizar todos os feitos que lhe eram atribuídos.

Quando viemos a conhecer melhor os posseiros, nós os achamos curiosamente agradáveis em muitos sentidos. Animais simples eles eram, seguindo uma branda trajetória descendente na escala evolutiva devido à sua ancestralidade desafortunada e seu isolamento estultificante. Eles temiam forasteiros, mas aos poucos se acostumaram conosco; por fim, foram de grande ajuda quando abatemos cada arbusto e pusemos abaixo todas as divisórias da mansão em nossa busca pelo medo à espreita.

Quando lhes pedimos para nos ajudarem a encontrar Bennett e Tobey, eles ficaram verdadeiramente nervosos; pois queriam nos ajudar, embora soubessem que aquelas vítimas haviam partido tão inteiramente deste mundo quanto sua própria gente desaparecida. Do fato de que um grande número deles havia sido morto e eliminado, assim como os animais selvagens haviam desde há muito sido exterminados, estávamos, é claro, inteiramente convencidos; e esperávamos com apreensão que outras tragédias ocorressem.

Em meados de outubro estávamos intrigados pela nossa falta de progresso. Isso se devia ao fato de que em noites límpidas nenhuma agressão demoníaca havia acontecido, e que a conclusão das nossas buscas vãs pela casa e pela região quase nos levou a considerar o medo à espreita um fenômeno não material. Temíamos que a estação fria chegasse e interrompesse as nossas explorações, pois todos concordavam que o demônio geralmente se acalmava no inverno. Por isso houve uma certa pressa e desespero no nosso último escrutínio à luz do dia do vilarejo visitado pelo horror; um vilarejo então deserto em consequência dos temores dos posseiros.

A desafortunada vila de posseiros não tinha nome, mas havia muito situava-se numa fissura abrigada, porém desprovida de vegetação arbórea, entre duas elevações chamadas respectivamente Monte Cone e Colina Maple. Ficava mais próxima da colina que do monte, e alguns dos domicílios rústicos eram na verdade abrigos escavados na encosta da primeira dessas eminências. Geograficamente, ela se situava a cerca de três quilômetros a noroeste do sopé do Monte Tempest, e a cinco quilômetros da mansão cingida por carvalhos. Na distância que separava o vilarejo da mansão, três quilômetros e meio a partir do primeiro eram de terreno inteiramente nu; a planície tinha um caráter regularmente plano, exceto pelos montículos sinuosos, e possuía como vegetação apenas capim e ervas esparsas. Considerando essa topografia, havíamos concluído por fim que o demônio devia ter chegado pelo Monte Cone, ao sul do qual havia um prolongamento arborizado que corria à curta distância do contraforte mais ocidental do Monte Tempest. Essa sublevação do terreno nós relacionamos conclusivamente a um deslizamento de terras na Colina Maple, em cuja encosta havia uma alta e solitária árvore partida, que havia sido o alvo do raio que invocou o demônio.

Enquanto pela vigésima vez, ou mais, Arthur Munroe e eu percorríamos minuciosamente cada centímetro do vilarejo violado, fomos tomados por um certo desencorajamento combinado a vagos e renovados temores. Era pungentemente perturbador, mesmo em um tempo em que coisas apavorantes e sinistras eram comuns, encontrar um cenário tão completamente desprovido de indícios após uma ocorrência tão avassaladora; e nós nos deslocávamos a esmo sob um céu plúmbeo e escurecido com aquele trágico fervor sem rumo que resulta da combinação de um sentimento de inutilidade com a necessidade de agir. Nosso esmero era severamente minucioso; cada choupana era adentrada repetidamente, cada abrigo escavado na encosta era novamente vasculhado em busca de corpos, cada metro coberto de espinheiros da escarpa adjacente era de novo esquadrinhado à procura de covis e cavernas, mas tudo sem resultados. E, no entanto, como eu disse, vagos e renovados temores pairavam ameaçadoramente acima de nós; como se gigantescos grifos com asas de morcego se agachassem invisivelmente sobre os cumes das montanhas e mirassem-nos com os maliciosos olhos de Abadom^[2] que haviam contemplado os abismos transcósmicos.

À medida que a tarde avançava, tornava-se cada vez mais difícil enxergar; e nós ouvimos o retumbar de uma tempestade de raios se formando acima do Monte Tempest. Esse som em tal localidade naturalmente nos deixou agitados, embora menos do que teria feito à noite. Naquelas circunstâncias, desejamos desesperadamente que a tormenta durasse até bem depois do escurecer; e com essa esperança deixamos nossa incerta busca nas encostas para nos dirigirmos ao mais próximo vilarejo habitado a fim de reunir um grupo de posseiros para ajudar na investigação. Por tímidos que fossem, alguns dos homens mais jovens estavam suficientemente inspirados por nossa liderança protetora a ponto de se disporem a prestar tal auxílio.

Havíamos acabado de dar a meia-volta, porém, quando desabou tamanho lençol cegante de chuva torrencial que um abrigo se tornou imperativo. A escuridão extrema, quase noturna, do céu fazia com que tropeçássemos lamentavelmente, mas guiados pelos frequentes clarões dos relâmpagos e por nosso conhecimento minucioso do vilarejo, logo alcançamos a cabana menos permeável do terreno: uma combinação heterogênea de toras e tábuas, cuja porta ainda existente e cuja única minús-

cula janela davam ambas para a Colina Maple. Depois de bloquear a porta por onde havíamos entrado contra a fúria do vento e da chuva, pusemos em seu lugar o rústico postigo da janela, que nossas buscas frequentes haviam-nos ensinado onde encontrar. Era lúgubre ficar ali sentados sobre caixotes instáveis na escuridão de breu, mas fumamos cachimbos e, ocasionalmente, acendemos nossas lanternas de bolso para olhar em volta. Vez ou outra podíamos ver os relâmpagos através das rachaduras na parede; a tarde estava tão inacreditavelmente escura que cada clarão era extremamente vívido.

A vigília tempestuosa me fez recordar com calafrios minha noite macabra no Monte Tempest. Minha mente retornou àquela pergunta perturbadora que se tornara recorrente desde que o pesadelo havia acontecido; e novamente indaguei a mim mesmo por que o demônio, aproximando-se dos três vigilantes pela janela ou pelo interior da casa, havia começado pelos homens posicionados um de cada lado e deixado o homem do meio por último, quando a titânica bola de fogo o afugentou. Por que ele não havia tomado suas vítimas na ordem natural, comigo em segundo lugar, qualquer que fosse a direção pela qual se aproximou? Com que gênero de tentáculos de longo alcance ele predava? Ou sabia que eu era o líder, e me reservou para um destino pior que o dos meus companheiros?

Em meio a essas reflexões, como se estivesse dramaticamente arranjado para intensificá-las, caiu nas proximidades uma terrível descarga elétrica seguida do som de um deslizamento de terra. Ao mesmo tempo, o vento lupino elevou seus diabólicos crescendos ululantes. Tivemos certeza de que a árvore solitária da Colina Maple havia sido novamente atingida, e Munroe se levantou de sua caixa e foi até a janela minúscula para averiguar o dano. Quando ele tirou o postigo, o vento e a chuva entraram uivando ensurdecedoramente, de modo que não pude ouvir o que ele disse; mas esperei enquanto ele se debruçava para fora e tentava avaliar o pandemônio da Natureza.

Gradualmente, a diminuição do vento e a dispersão da escuridão incomum informou que a tempestade estava passando. Eu tivera esperança que ela durasse até a noite para auxiliar nossa investigação, mas um raio de sol furtivo vindo de um orifício na madeira atrás de mim afastou a probabilidade de tal coisa. Sugerindo a Munroe que seria melhor ter-

mos um pouco mais de claridade, mesmo que mais precipitação estivesse por vir, eu destranquei e abri a porta rústica. O terreno do lado de fora era uma massa singular de lama e poças, com novos montes de terra causados pelo leve deslizamento; mas não vi nada que justificasse o interesse que mantivera meu companheiro silenciosamente debruçado na janela. Aproximando-me de onde ele estava inclinado, toquei seu ombro; mas ele não se moveu. Então, quando eu alegremente o sacudi e virei o seu corpo, senti as gavinhas sufocantes de um horror canceroso, cujas raízes alcançavam um passado infinito e os abismos imensuráveis da noite que é gestada além do tempo.

Pois Arthur Munroe estava morto. E no que restava de sua cabeça mastigada e destituída de olhos não havia mais um rosto.

III. *O que significava o clarão vermelho*

Na noite varrida por tempestades de 8 de novembro de 1921, com uma lanterna que projetava sombras sepulcrais, eu me encontrava escavando solitária e idioticamente a sepultura de Jan Martense. Havia começado a escavação à tarde, porque uma tempestade elétrica estava se formando, e agora que estava escuro e a tormenta havia irrompido sobre a folhagem insanamente espessa eu me sentia satisfeito.

Creio que minha mente estava parcialmente perturbada pelos eventos ocorridos desde o dia 5 de agosto: a sombra demoníaca na mansão, a tensão e o desapontamento generalizados e aquilo que se passou no vilarejo durante uma tempestade de outubro. Depois daquilo, eu cavara uma sepultura para alguém cuja morte não conseguia entender. Sabia que outras pessoas não poderiam compreender tampouco, por isso deixei que eles pensassem que Arthur Munroe havia se extraviado. Fizeram uma busca, porém nada se encontrou. Os posseiros talvez tivessem entendido, mas eu não ousei assustá-los ainda mais. Eu próprio parecia estranhamente insensível. Aquele choque na mansão havia feito algo ao meu cérebro, e eu só conseguia pensar na busca por um horror que já crescera até a estatura de um cataclismo em minha imaginação; uma busca que o destino de Arthur Munroe fez com que eu jurasse relegar ao silêncio e à solidão.

O cenário das minhas escavações teria, só ele, sido suficiente para enervar qualquer homem comum. Árvores malignamente primitivas e grotescas, de tamanho e idade sacrílegos, espiavam-me de cima como pilares de algum infernal templo druídico; abafando os trovões, sibilando sob as garras do vento e deixando penetrar muito pouco a chuva. Além dos troncos marcados de cicatrizes como pano de fundo, iluminados pelos pálidos clarões dos relâmpagos que se infiltravam, erguiam-se as úmidas pedras cobertas de hera da mansão deserta, enquanto relativamente mais perto havia o jardim holandês abandonado, cujas calçadas e canteiros estavam poluídos por uma proliferante vegetação branquicenta, fúngica e fétida que jamais vira plenamente a luz do dia. E mais perto do que tudo estava o cemitério, onde árvores desfiguradas projetavam ramos insanos enquanto suas raízes deslocavam lápides profanadas e sugavam os venenos que jaziam por baixo. Aqui e ali, sob a mortalha acastanhada de folhas que apodreciam e supuravam na escuridão da floresta antediluviana, eu podia delinear os sinistros perfis de alguns daqueles montículos baixos que caracterizavam aquela região perfurada pelos raios.

A história havia me levado até aquela tumba arcaica. História, na verdade, era a única coisa que eu tinha depois que tudo mais terminou em satanismo zombeteiro. Eu agora acreditava que o medo à espreita não era uma coisa material, mas um espírito com presas de lobo que cavalgava o relâmpago da meia-noite. E acreditava, por causa do volume de tradições locais que eu havia desenterrado na minha pesquisa com Arthur Munroe, que o fantasma pertencia a Jan Martense, que morreu em 1762. Era por isso que escavava tolamente a sua sepultura.

A mansão Martense foi erguida em 1670 por Gerrit Martense, um próspero mercador de Nova Amsterdã que não gostava da ordem inconstante sob o domínio britânico, e havia construído esse magnífico domicílio em um pico remoto em meio à floresta, cuja solidão inexplorada e paisagem incomum o apraziam. O único desapontamento substancial encontrado nesse local dizia respeito à prevalência de violentas tempestades elétricas no verão. Ao selecionar a colina para construir sua mansão, Mynheer^[3] Martense havia atribuído essas frequentes explosões naturais a alguma peculiaridade daquele ano; mas com o tempo percebeu que a localidade era especialmente propensa a tal fenômeno.

Por fim, por considerar essas tempestades prejudiciais à sua saúde, mobilizou um porão no qual poderia se refugiar dos pandemônios mais bravios.

Sobre os descendentes de Gerrit Martense menos se sabe do que sobre ele próprio, pois foram todos criados no ódio contra a civilização inglesa, e treinados a evitar os colonos que a aceitassem. A vida deles era extraordinariamente apartada, e as pessoas declaravam que seu isolamento havia-os tornado de difícil conversa e compreensão. Quanto à aparência, eram todos marcados por uma peculiar desigualdade hereditária dos olhos; um era geralmente azul e o outro, castanho. Seus contatos sociais tornaram-se progressivamente mais escassos, até que, por fim, passaram a se casar com os numerosos membros das classes servis dos arredores da propriedade. Muitos membros da família populosa degeneraram, mudaram-se pelo vale e misturaram-se com a população mestiça que mais tarde produziria os lastimáveis posseiros. Os demais haviam se fixado com azedume na sua mansão ancestral, tornando-se cada vez mais facciosos e taciturnos, porém desenvolvendo uma sensibilidade nervosa às frequentes tempestades de raios.

A maioria dessas informações chegou ao mundo exterior por intermédio do jovem Jan Martense, que por algum tipo de inquietação juntou-se ao exército colonial quando as notícias da Convenção de Albany chegaram ao Monte Tempest. Foi o primeiro dos descendentes de Gerrit a ver alguma coisa do mundo. E quando ele retornou, em 1760, após seis anos de campanha, foi odiado como um forasteiro por seu pai, tios e irmãos, a despeito de seus desiguais olhos de Martense. Não mais podia compartilhar das peculiaridades e preconceitos dos Martense, ao passo que até mesmo as trovoadas da montanha haviam deixado de intoxicá-lo como faziam antes. Em vez disso, o meio circundante o deprimia; e com frequência ele escrevia a um amigo em Albany sobre seus planos de deixar a casa paterna.

Na primavera de 1763, Jonathan Gifford, o amigo de Jan Martense em Albany, tornou-se preocupado com o silêncio de seu correspondente; especialmente em vista das condições e desentendimentos na mansão Martense. Determinado a visitar Jan em pessoa, ele foi a cavalo até as montanhas. Seu diário afirma que ele chegou ao Monte Tempest em 20 de setembro, encontrando a mansão em grande decrepitude. Os rabu-

gentos Martense de olhos esquisitos, cujo aspecto de animais sem asseio o chocou, disseram-lhe em guturais entrecortadas que Jan estava morto. Fora, insistiram eles, atingido por um raio no outono anterior, e jazia enterrado atrás do malcuidado jardim rebaixado. Eles apresentaram ao visitante a sepultura, árida e desprovida de marcos. Algo nos modos dos Martense provocou em Gifford um sentimento de repulsa e suspeita, e uma semana mais tarde ele retornou com pá e picareta para explorar o sítio sepulcral. Encontrou o que esperava — um crânio cruelmente esmagado, como se tivesse recebido golpes de grande selvageria —, por isso, depois de retornar a Albany, acusou abertamente os Martense pelo assassinato do parente.

Faltavam evidências legais, mas a história se espalhou rapidamente pelo território; e a partir daquele tempo os Martense foram relegados pelo mundo ao ostracismo. Ninguém negociava com eles, e seu solar distante passou a ser evitado como um lugar maldito. De algum modo eles conseguiram viver com independência à custa dos produtos de sua propriedade, pois luzes ocasionais brilhavam nas colinas distantes para atestar a continuidade da sua presença. Essas luzes foram vistas até o final da década de 1810, mas perto do fim tornaram-se muito pouco frequentes.

Enquanto isso, proliferava sobre a mansão e o monte um *corpus* de lendas diabólicas. O lugar era evitado com redobrada perseverança e investido de cada mito sussurrado que a tradição podia suprir. Ficou sem ser visitado até 1816, quando a contínua ausência de luzes foi notada pelos posseiros. Naquela época um destacamento fez investigações, encontrando a casa deserta e parcialmente em ruínas.

Não havia esqueletos por lá, por isso inferiu-se uma retirada em vez de mortes. O clã parecia ter partido muitos anos antes, e telheiros improvisados davam testemunho do quanto ele havia se tornado numeroso antes da migração. Seu nível cultural havia decaído muito, como provava a mobília em decomposição e a prataria espalhada pelo lugar, que deviam estar havia muito abandonadas quando seus proprietários partiram. Mas embora os temidos Martense tivessem ido embora, o temor da casa assombrada prosseguiu; e tornou-se muito agudo quando novas e estranhas histórias surgiram entre os montanheses decadentes. Lá ela se erguia; deserta, temida e associada ao fantasma vingativo de Jan Marten-

se. Lá ela ainda se erguia na noite em que escavei a sepultura de Jan Martense.

Eu descrevi minha prolongada escavação como uma idiotice, e isso ela de fato foi em objetivo e em método. O caixão de Jan Martense foi logo desenterrado — continha apenas poeira e salitre —, mas em minha fúria de exumar seu fantasma eu vasculhei de um modo irracional e canhestro por baixo de onde ele havia estado. Só Deus sabe o que eu esperava encontrar — sentia apenas que estava revolvendo a sepultura de um homem cujo fantasma predava à noite.

É impossível dizer que monstruosa profundidade eu havia atingido quando minha pá, logo seguida pelos meus pés, abriu caminho subitamente através do solo sob o sepulcro. O evento, sob aquelas circunstâncias, foi tremendo, pois com a existência de um espaço subterrâneo ali, minhas loucas teorias tinham uma terrível confirmação. Minha ligeira queda havia extinguido a lanterna, mas eu providenciei um farolete elétrico de bolso e visualizei o pequeno túnel horizontal que se afastava indefinidamente em ambas as direções. Tinha amplitude suficiente para que um homem se insinuasse por ele; e embora nenhuma pessoa mentalmente sã fosse tentar fazer isso naquele momento, eu esqueci o perigo, a racionalidade e o asseio em minha obstinação febril de desentocar o medo à espreita. Escolhendo o sentido da casa, eu me arrastei temerariamente pela toca estreita; contorcendo-me cega e rapidamente adiante e acendendo não mais que raramente a lâmpada que mantinha à minha frente.

Que idioma é capaz de descrever o espetáculo de um homem perdido na terra infinitamente abismal; escarvando, contorcendo-se, ofegando; rastejando loucamente através de convoluções subterrâneas de imemorial escuridão, sem ideia de tempo, segurança, direção ou objeto definido? Fiz isso por tanto tempo que a vida esvaeceu até tornar-se uma lembrança distante, e eu me tornei um só com as toupeiras e as larvas das profundezas em trevas. De fato, foi apenas por acidente que após intermináveis contorções eu acendi minha lanterna elétrica esquecida com um safanão, de modo que ela brilhou lugubrememente ao longo do covil de argila solidificada que se estendia e se curvava à frente.

Eu estivera rastejando dessa maneira por algum tempo, de forma que minha bateria havia ficado muito fraca, quando a passagem subitamente

se inclinou abruptamente para cima, alterando o modo como eu progredia. E quando eu ergui meu olhar foi sem qualquer preparação prévia que avistei, reluzindo a distância, dois reflexos demoníacos da minha lâmpada em extinção; dois reflexos cintilando com pernicioso e inconfundível fulgor, e provocando lembranças enlouquecedoramente nebulosas. Parei automaticamente, embora carecesse de presença de espírito para bater em retirada. Os olhos se aproximaram, mas da coisa que os portava eu podia distinguir apenas uma garra. Mas que garra! Então, muito acima eu ouvi um tênue estrondo que pude reconhecer. Era o turbulento trovão da montanha, elevado até um furor histérico — eu devia ter rastejado para cima durante algum tempo, de modo que a superfície estava agora bem próxima. E enquanto o trovão abafado retumbava, aqueles olhos ainda me fitavam com inexpressiva crueldade.

Graças a Deus eu não sabia naquele momento o que era aquilo, caso contrário teria morrido. Mas fui salvo pelo próprio trovão que o havia invocado, pois depois de uma espera horrível irrompeu do invisível céu exterior um daqueles frequentes raios que atingiam a montanha e cujas consequências eu havia notado aqui e ali como talhos de terra revolvida e fulguritos de tamanhos variados. Com furor ciclópico aquilo rasgou o solo acima daquele poço amaldiçoado, cegando-me e ensurdecendo-me, por pouco não me reduzindo inteiramente a um coma.

No caos de terra deslizante e movediça eu cavouquei e me espojei desamparadamente até que a chuva sobre a minha cabeça me estabilizou e eu vi que saíra à superfície em um ponto familiar; um íngreme local desprovido de floresta na encosta sudoeste da montanha. Recorrentes relâmpagos difusos iluminaram o solo revirado e os restos da curiosa elevação que se estendia em declive da encosta mais alta e arborizada, mas não havia nada naquele caos que revelasse meu local de egressão da catacumba letal. Meu cérebro era um caos tão grande quanto a terra, e quando um distante clarão avermelhado irrompeu na paisagem vindo pelo sul eu duramente compreendi o horror por que havia passado.

Porém quando dois dias depois os posseiros me contaram o que o clarão vermelho significava, senti um terror maior do que aquele que o covil bolorento, a garra e os olhos haviam me causado; um horror mais intenso por causa das avassaladoras implicações daquilo. Em um vilarejo a trinta quilômetros dali uma orgia de pavor havia se seguido ao raio

que me trouxe solo acima, e uma coisa inominável havia se deixado cair de uma árvore suspensa para dentro de uma cabana de telhado frágil. Ela havia consumado o seu feito, mas os posseiros enfurecidos incendiaram a cabana antes que ela pudesse escapar. Ela cometera o seu feito no mesmo instante em que a terra desabou sobre aquela coisa com garras e olhos.

IV. *O horror nos olhos*

Não pode haver nada normal na mente de alguém que, sabendo o que eu sabia sobre os horrores do Monte Tempest, perseguia sozinho o medo que espreitava ali. Que pelo menos duas das corporificações daquele medo haviam sido destruídas, era apenas uma leve garantia de segurança mental e física naquele Aqueronte^[4] de diabolismo multiforme; no entanto, eu continuei minha exploração com zelo ainda maior à medida que os eventos e revelações se tornavam mais monstruosos.

Quando, dois dias depois do meu pavoroso rastejar através daquela cripta dos olhos e da garra, soube que uma coisa maligna havia atacado a trinta quilômetros de distância, no mesmo instante em que os olhos me fitavam, experimentei verdadeiras convulsões de temor. Mas esse temor era de tal modo misturado a um maravilhamento e a um fascinante sentimento de grotesco, que quase chegava a ser uma sensação prazerosa. Às vezes, nos sobressaltos de um pesadelo, quando poderes invisíveis nos conduzem rodopiando sobre os telhados de estranhas cidades mortas rumo aos precipícios de dentes arreganhados de Nis, é um alívio e mesmo um deleite lançar um grito selvagem e atirar-se voluntariamente com o vórtice medonho da condenação onírica para dentro de qualquer goela sem fundo que possa se escancarar. E assim foi com o pesadelo desperto do Monte Tempest; a descoberta de que dois monstros haviam assombrado o local me proporcionou no final das contas um louco anseio de mergulhar terra adentro daquela região maldita, e com as mãos nuas desencavar a morte que espiava de cada centímetro daquele solo peçonhento.

Assim que me foi possível, visitei a sepultura de Jan Martense e cavei em vão onde havia cavado antes. Algum extenso desabamento havia

obliterado todo vestígio da passagem subterrânea, ao passo que a chuva havia arrastado tanta terra de volta para a escavação que eu não sabia dizer com que profundidade havia escavado naquele outro dia. Do mesmo modo, fiz uma difícil incursão ao distante vilarejo onde a criatura letal havia sido queimada, e fui pouco recompensado pelo meu esforço. Nas cinzas da malfadada cabana eu encontrei vários ossos, mas aparentemente nenhum pertencia ao monstro. Os posseiros disseram que a coisa havia feito apenas uma vítima; mas nisso eu os julguei inexatos, pois além da caveira completa de um ser humano, havia outros fragmentos ósseos que pareciam certamente ter pertencido a um crânio humano em algum período. Embora o rápido bote do monstro tivesse sido visto, ninguém sabia dizer ao menos como a criatura se parecia; aqueles que a haviam avistado descreviam-na simplesmente como um diabo. Examinando a grande árvore onde ela estivera emboscada, não pude discernir qualquer marca distinta. Tentei encontrar algum rastro que levasse para dentro da floresta escura, mas nessa ocasião eu não pude suportar a visão daqueles troncos morbidamente aumentados, ou daquelas vastas raízes serpenti-formes que se contorciam de maneira tão malévola antes de afundar na terra.

Meu próximo passo foi reexaminar com atenção microscópica a aldeia deserta onde a morte havia chegado com mais abundância e onde Arthur Munroe vira algo que não viveu para contar. Embora minhas infrutíferas buscas anteriores tivessem sido extraordinariamente minuciosas, eu agora tinha novos dados a testar, pois meu horrível rastejar sob a sepultura convenceu-me de que pelo menos uma das fases daquela monstruosidade era uma criatura subterrânea. Dessa vez, no dia 14 de novembro, minha investigação ocupou-se principalmente das encostas do Monte Cone e da Colina Maple, nos pontos em que elas davam vista para o desafortunado vilarejo, e dediquei particular atenção à terra solta das áreas de deslizamento da última dessas eminências.

A tarde da minha busca não trouxe nada à luz, e o anoitecer chegou quando eu me encontrava na Colina Maple, olhando para o vilarejo abaixo e para o Monte Tempest, do outro lado do vale. Houve um pôr do sol deslumbrante, e então a lua se ergueu, quase cheia e vertendo uma inundação prateada sobre a planície, a encosta distante e os curiosos montículos baixos que se projetavam aqui e ali. Era um pacífico ce-

nário arcádico, mas sabendo o que ele escondia eu o odiei. Odiei a lua zombeteira, a planície hipócrita, a montanha corrompida e aqueles sinistros montículos. Tudo me parecia conspurcado por um hediondo contágio e inspirado por uma aliança perniciosa com distorcidos poderes ocultos.

Logo em seguida, enquanto eu olhava distraidamente para o panorama iluminado pelo luar, minha visão foi atraída por alguma coisa singular na natureza e disposição de certo elemento topográfico. Sem possuir qualquer conhecimento exato de geologia, desde o início eu me interessei pelos montículos e cômoros da região. Havia notado que eles se distribuíam de maneira bem ampla ao redor do Monte Tempest, embora menos numerosos na planície do que perto do topo em si, onde a glaciação pré-histórica havia sem dúvida encontrado uma oposição mais débil aos seus impressionantes e fantásticos caprichos. Então, à luz daquela lua baixa que lançava longas sombras bizarras, ocorreu-me de um ímpeto que os vários pontos e linhas do sistema de montículos tinha uma peculiar relação com o cume do Monte Tempest. Aquele pico era inegavelmente um centro a partir do qual as linhas ou fileiras de pontos se irradiavam indefinida e irregularmente, como se a morbígena mansão Martense lançasse visíveis tentáculos de terror. A ideia de tais tentáculos causou-me um calafrio inexplicável, e eu parei para analisar meus motivos para atribuir aqueles montículos a fenômenos glaciais.

Quanto mais eu analisava, menos acreditava nisso, e de encontro à minha mente recém-aberta começaram a se chocar grotescas e horríveis analogias baseadas na aparência da superfície e na minha experiência sob a terra. Antes que pudesse me dar conta, estava pronunciando palavras febris e desconexas comigo mesmo: “Meu Deus!... Montículos de toupeiras... o lugar amaldiçoado deve estar minado... quantas... naquela noite, na mansão... elas levaram Bennett e Tobey primeiro... um de cada lado...” Então eu me vi cavoucando freneticamente o outeiro que se estendia mais perto de mim; cavando desesperadamente, com tremor, porém quase com júbilo; escavei e por fim gritei alto com alguma emoção fora de lugar, quando dei com um túnel ou toca exatamente como aquela através da qual havia rastejado naquela outra noite demoníaca.

Depois disso eu me recordo de ter corrido, com a pá nas mãos; uma corrida medonha pelos campos enluarados e pontilhados de montículos

e através dos doentios e alcantilados abismos da floresta assombrada na encosta; saltando, gritando, ofegando, seguindo o rumo da terrível mansão Martense. Lembro-me de escavar irracionalmente em todas as partes do porão sufocado de espinheiros; cavando para encontrar o coração e o centro daquele pernicioso universo de montículos de terra. E então, recordo como ri quando tropecei no corredor; o buraco na base da velha chaminé, onde espessas ervas daninhas cresciam e projetavam sombras inusitadas à luz da vela solitária que eu casualmente tinha comigo. O que ainda permanecia no fundo daquele alveário infernal, espreitando e esperando que o trovão o despertasse, eu não sabia. Dois haviam sido mortos; talvez isso os tivesse eliminado. Mas ainda permanecia aquela determinação ardente de alcançar o segredo mais íntimo do medo, que eu mais uma vez passara a considerar definido, material e orgânico.

Minha especulação indecisa entre explorar a passagem sozinho e imediatamente com minha lanterna de bolso ou tentar reunir um grupo de posseiros para a expedição, foi interrompida após algum tempo por uma súbita rajada de vento vinda de fora, que apagou a vela e me deixou em completa escuridão. A lua não brilhava mais pelas fendas e aberturas acima de mim, e com uma sensação de funesto alarme eu ouvi o sinistro e significativo estrondo de trovões se aproximando. Uma confusão de ideias associadas se apoderou do meu cérebro, levando-me a tatear de volta ao canto mais afastado do porão. Meus olhos, porém, jamais se afastaram da horrível abertura na base da chaminé; e eu comecei a ter vislumbres dos tijolos em desagregação e ervas nocivas à medida que os clarões tênues dos relâmpagos penetravam a mata do lado de fora e iluminavam as frestas na parede superior. A cada segundo eu era consumido por uma mistura de medo e curiosidade. O que a tempestade poderia invocar — ou restaria algo para ser invocado? Guiado pelo lampejo de um raio eu me acomodei por trás de uma densa moita de vegetação, através da qual eu poderia ver a abertura sem ser visto.

Se o céu é piedoso, ele irá algum dia obliterar da minha consciência a aparição que eu vi, e deixar que eu viva meus últimos anos em paz. Hoje já não consigo dormir à noite, e sou obrigado a tomar opiáceos quando tropeja. A coisa saiu abruptamente e sem se anunciar; uma diabólica correria, como de ratos, partindo de profundezas remotas e inimagináveis; um resfolegar infernal e grunhidos abafados; e então, daquela aber-

tura sob a chaminé uma explosão de vida multitudinária e morféica — uma repugnante inundação de corrupção orgânica gerada pela noite, mais devastadoramente hedionda que a mais negra conjuração de loucura e morbidez mortais. Fervilhando, ebulindo, ondeando, borbulhando como visgo de serpentes, aquilo se agitava para cima e para fora daquele buraco escancarado, espalhando-se como uma sepse contagiosa e transbordando do subsolo a cada ponto de egressão — jorrando dali para se dispersar através da maldita floresta em plena noite e disseminando o medo, a loucura e a morte.

Só Deus sabe quantos havia ali — deviam ser milhares. Ver o fluxo deles naquele relampejar tênue e intermitente foi chocante. Quando eles escassearam o suficiente para que se pudesse distingui-los como organismos unitários, vi que eram demônios ou símios ananizados, deformados e peludos — caricaturas monstruosas e diabólicas da tribo dos primatas. Eram tão horrendamente silenciosos; mal chegou a haver um guincho quando um dos últimos retardatários virou-se com a destreza de um longo tempo de prática para fazer de um companheiro mais fraco a sua refeição rotineira. Outros abocanharam o que sobrou e comeram com babugento refestelo. Então, a despeito do meu pasmo de espanto e asco, minha curiosidade mórbida trinfou; e quando a última das monstruosidades ressumou sozinha daquele mundo inferior de desconhecido pesadelo, saquei minha pistola automática e disparei-a sob a cobertura de um trovão.

Sombras guinchantes, serpenteantes e torrenciais de viscosa loucura rubra perseguindo-se mutuamente através de intermináveis corredores ensanguentados de um fulgurante céu purpúreo... fantasmas informes e mutações caleidoscópicas de um cenário espectral rememorado; florestas de monstruosos carvalhos hiperdesenvolvidos, com raízes serpenti-formes retorcendo-se e sugando seivas inomináveis de uma terra infestada por milhões de demônios canibais; tentáculos disfarçados de outeiros Tateando desde núcleos subterrâneos de perversão poliposa... insano relampejar sobre paredes recobertas de heras malignas e arcadas demoníacas sufocadas por vegetação fúngica... Graças sejam dadas aos céus pelo instinto que me conduziu inconscientemente até os locais onde os homens habitam; ao pacífico povoado que dormia sob as claras estrelas de um firmamento límpido.

Recuperei-me o suficiente numa semana para mandar procurar em Albany uma equipe de homens a fim de explodir com dinamite a mansão Martense e todo o cume do Monte Tempest, obturar todas as tocas-montículos que descobrissem e destruir certas árvores hiperdesenvolvidas cuja mera existência parecia um insulto à sanidade. Eu poderia dormir um pouco depois que eles fizessem isso, mas o verdadeiro repouso jamais virá enquanto eu me recordar daquele segredo inominável do medo à espreita. Aquela coisa me assombrará, pois quem pode garantir que o extermínio foi completo, e que fenômenos análogos não existem por todo o mundo? Quem pode, sabendo o que eu sei, pensar nas cavernas desconhecidas da terra sem o terrível pesadelo das possibilidades futuras? Eu não consigo ver um poço ou uma entrada de metrô sem estremecer... por que os médicos não me dão algo que me faça dormir, ou que realmente acalme o meu cérebro quando troveja?

O que eu vi sob o facho da minha lanterna depois de atirar no indescritível objeto extraviado era tão simples que quase um minuto se passou até que eu entendesse e entrasse em delírio. O objeto era nauseante; uma coisa imunda semelhante a um gorila com agudas presas amarelentas e pelagem emaranhada. Era o produto derradeiro da degeneração dos mamíferos; a consequência apavorante da procriação em isolamento, da multiplicação e da nutrição canibal acima e abaixo do solo; a incorporação de todo o caos rosnante e o medo de presas à mostra que espreita por trás da vida. Aquilo havia me olhado ao morrer, e seus olhos tinham a mesma qualidade ímpar que marcava aqueles outros olhos que haviam me fitado sob o solo e excitado recordações nebulosas. Um deles era azul, o outro castanho. Eram os olhos dessemelhantes dos Martense descritos pelas velhas lendas, e eu soube em um inundante cataclismo de horror mudo o que fora feito daquela família desaparecida; a terrível casa Martense, enlouquecida pelos trovões.



A Música de Erich Zann

∴

The Music of Erich Zann (1921)
The National Amateur (mar. 1922)

Este conto é amplamente reconhecido como um dos melhores trabalhos de Lovecraft e, era um de seus favoritos. É, sem dúvida, a sua narrativa mais opaca.

Pode haver uma razão para isso; a história foi escrita em dezembro de 1921, logo após Lovecraft terminar as duas primeiras partes de “Herbert West: Reanimador”, uma história que diverte por seu humor no horror pop exagerado. Lovecraft pode ter se sentido obrigado a escrever algo obscuro e sutil como uma espécie de ‘limpa sabores’.



Examinei os mapas da cidade com o máximo cuidado, porém nunca mais consegui encontrar a rue d’Auseil. E não foram apenas os mapas modernos que consultei, pois sei que os nomes mudam. Pelo contrário, pesquisei a fundo todas as antiguidades do lugar; e explorei pessoalmente toda região, qualquer que fosse o nome, que pudesse corresponder à via que eu conhecia como rue d’Auseil. Mas, por mais que tenha feito,

persiste o fato humilhante de que eu não consigo encontrar a casa, a rua ou mesmo o bairro onde, durante os últimos meses de minha despojada vida como estudante de metafísica na universidade, ouvi a música de Erich Zann.

Essa falha de memória não surpreende, pois minha saúde, física e mental, foi gravemente abalada durante o período de minha residência na rue d'Auseil, e eu me recordo de que não levei nenhum dos meus poucos conhecidos até lá. Mas o fato de não conseguir encontrar o lugar novamente é ao mesmo tempo singular e desconcertante, pois ficava a meia hora de caminhada da universidade e distinguia-se por peculiaridades que dificilmente seriam esquecidas por qualquer um que tivesse estado lá. Nunca conheci uma pessoa que tivesse visto a rue d'Auseil.

A rue d'Auseil ficava além de um rio escuro margeado por elevados armazéns de tijolos à vista e janelas encardidas e o acesso a ela se dava por uma imponente ponte de pedra escura. O percurso ao longo daquele rio estava sempre sombreado, como se a fumaça das fábricas vizinhas bloqueasse perpetuamente o sol. O rio também era malcheiroso, com miasmas insalubres que nunca senti em qualquer outro lugar, e que talvez algum dia me ajudem a encontrá-lo, pois eu os reconheceria de imediato. Do outro lado da ponte havia estreitas ruas de paralelepípedos com trilhos, e depois vinha a subida, inicialmente gradual, mas que se tomava incrivelmente íngreme à altura da rue d'Auseil.

Eu nunca conheci outra rua tão estreita e íngreme como a rue d'Auseil. Era quase um penhasco, fechada para qualquer tipo de veículo, consistindo em vários lugares de lances de escadas, e no topo terminava em um alto muro coberto de hera. Sua pavimentação era irregular, às vezes com placas de pedra, às vezes paralelepípedos, e em alguns pontos ela era de terra nua, com uma persistente vegetação verde-acinzentada. As casas eram altas, de telhados acuminados, incrivelmente velhas e preocupantemente inclinadas para trás, para a frente e para os lados. Ocasionalmente um par de casas opostas, ambas pendendo para diante, quase se encontravam no meio da rua como numa arcada; e certamente obstruíam a maior parte da luminosidade no terreno abaixo. Havia algumas pontes suspensas atravessando a rua de uma casa a outra.

Os habitantes daquela rua causaram-me uma impressão peculiar. Inicialmente pensei que isso se devesse a serem todos calados e reticen-

tes; porém, mais tarde concluí que era por serem todos muito velhos. Não sei como passei a morar numa rua daquelas, mas não estava inteiramente de posse do meu juízo quando me mudei para lá. Eu havia residido em muitos lugares pobres, e sempre era despejado por falta de dinheiro; até que, por fim, me deparei com aquela casa cambaleante na rue d'Auseil, mantida pelo paralítico Blandot. Era a terceira casa a partir do topo da rua, e de longe a mais alta de todas elas.

Meu quarto ficava no quinto andar; o único recinto habitado ali, uma vez que a casa era quase vazia. Na noite da minha chegada, ouvi uma música estranha vinda do anguloso sótão acima, e no dia seguinte perguntei a respeito ao velho Blandot. Ele me disse que se tratava de um idoso violista alemão,^[1] um homem estranho e mudo que assinava o nome de Erich Zann, e que tocava à noite numa orquestra de teatro barato, acrescentando que a inclinação de Zann para tocar após seu retomo do teatro havia sido o motivo de ele ter escolhido aquele alto e isolado quarto de sótão, cuja solitária janela de empena era o único ponto da rua do qual se podia olhar por cima do muro que a encerrava para o declive e a paisagem que ficava além dele.

Depois disso ouvi Zann todas as noites, e apesar de ele me impedir o sono, sentia-me assombrado pela estranheza de sua música. Embora possuísse um conhecimento limitado dessa arte, tinha certeza de que nenhuma de suas harmonias tinha qualquer relação com a música que eu havia escutado antes; e concluí que se tratava de um compositor de gênio altamente original. Quanto mais eu escutava, mais me sentia fascinado, até que, após uma semana, resolvi travar conhecimento com o velho homem.

Numa noite, quando ele retornava do trabalho, eu interceptei Zann no corredor e disse-lhe que gostaria de conhecê-lo e estar presente quando ele tocasse. Era um homem pequeno, esguio, curvado, de roupas puídas, olhos azuis, face grotesca como a de um sátiro e cabeça quase inteiramente calva; e ao ouvir minhas primeiras palavras pareceu ao mesmo tempo raivoso e assustado. Minha atitude obviamente amistosa, porém, finalmente o aplacou; e ele acenou de má vontade para que eu o seguisse pelos degraus escuros, rangentes e instáveis. Seu quarto, um dos dois que ficavam no sótão abruptamente anguloso, ficava do lado oeste, voltado para o alto muro que compunha o limite superior da rua. O

apartamento era muito grande, e parecia ainda maior devido ao seu extraordinário despojoamento e desmazelo. A mobília se reduzia a uma estreita cama de ferro, um lavatório enegrecido pelo tempo, uma mesinha, uma grande estante de livros, uma estante para partituras e três cadeiras antiquadas. Havia pilhas de partituras em desordem pelo assoalho. As paredes eram de tábuas nuas e provavelmente nunca conheceram pintura, ao passo que a abundância de poeira e teias de aranha fazia com que o lugar parecesse mais deserto que habitado. Era evidente que o belo mundo de Erich Zann encontrava-se em algum distante cosmos da imaginação.

Depois de gesticular para que eu sentasse, o mudo fechou a porta, baixou uma grande tranca de madeira e acendeu uma vela para se somar à que havia trazido consigo. Então retirou sua viola da capa roída de traças e, segurando-a, sentou-se na menos confortável das cadeiras. Não recorreu à estante de partituras, mas ainda assim, sem me oferecer opções, tocando de memória, encantou-me por mais de uma hora com melodias que eu jamais ouvira; melodias que deviam ser de sua própria autoria. Descrever a natureza exata delas é algo impossível para alguém não versado em música. Constituíam uma espécie de fuga, com passagens recorrentes da mais cativante qualidade, mas o que me chamou a atenção foi a ausência de qualquer das estranhas notas que eu ouvira em meu quarto no andar de baixo em outras ocasiões.

Das notas que me assombraram eu me lembrava bem, e com frequência as assobiava para mim mesmo sem muita exatidão; por isso, quando o músico finalmente largou o arco do seu instrumento, perguntei-lhe se tocaria algumas delas. Assim que comecei a fazer meu pedido, a enrugada face de sátiro perdeu a entediada placidez que ostentava durante a execução e pareceu exibir a mesma curiosa mistura de raiva e temor que eu havia notado quando abordei o velho homem. Por um momento fiquei inclinado a recorrer à persuasão, sem dar muita atenção aos caprichos da senilidade; e cheguei a fazer uma tentativa de despertar o estado de ânimo mais excêntrico de meu anfitrião assobiando algumas das melodias que havia escutado na noite anterior. Mas não continuei fazendo isso por mais do que um momento, pois quando o violista mudo reconheceu o assobio sua face foi repentinamente distorcida por uma expressão que escapava inteiramente a qualquer possibilidade de interpretação, e sua longa mão direita fria e ossuda se estendeu para cobrir

minha boca e calar a imitação grosseira. Ao fazer isso, deu uma demonstração ainda maior de sua excentricidade lançando um olhar alarmado para a única janela cortinada, como se temesse algum intruso — um olhar duplamente absurdo, uma vez que o sótão encontrava-se a uma altura inacessível até mesmo aos telhados adjacentes, e aquela janela era o único local daquela rua íngreme, pelo que o porteiro havia me dito, de onde se podia enxergar por cima do muro para o topo da ladeira.

O olhar do velho trouxe a observação de Blandot de volta à minha mente, e talvez por capricho senti vontade de olhar o amplo e vertiginoso panorama dos telhados iluminados pela lua e as luzes da cidade além do topo da colina, que entre todos os moradores da rue d'Auseil somente aquele músico mal-humorado podia ver. Aproximei-me da janela e teria afastado as cortinas toscas se, com uma fúria assustadiça ainda maior o inquilino calado não tivesse avançado novamente sobre mim, dessa vez apontando com a cabeça para a porta enquanto se esforçava com nervosismo para me arrastar para lá com ambas mãos. Agora inteiramente contrariado com meu o anfitrião, ordenei-lhe que me soltasse e disse-lhe que me retiraria imediatamente. Seu aperto relaxou e, quando ele me viu desgostoso e ofendido, sua própria raiva pareceu ceder. Ele apertou novamente meus braços, mas desta vez de uma maneira amistosa, forçando-me em direção a uma cadeira, depois, com uma aparência melancólica, foi até a mesa abarrotada, onde escreveu muitas palavras a lápis no seu francês rebuscado de estrangeiro.

O bilhete que ele finalmente me entregou era um apelo à tolerância e ao perdão. Zann disse ser velho, solitário e acometido de estranhos temores e desordens nervosas ligadas à sua música e a outras coisas. Ele havia apreciado minha presença e desejava que eu retornasse e não me incomodasse com suas excentricidades. Mas não podia tocar suas fantásticas harmonias a outrem, nem suportava ouvi-las executadas por outra pessoa; assim como também não admitia que nada em seu quarto fosse tocado por alguém mais além dele. Até a nossa conversa no corredor, ele não sabia que eu podia ouvir sua música de meu quarto, por isso me pedia que eu solicitasse a Blandot que me providenciasse um quarto no andar mais baixo, de onde não pudesse ouvi-lo à noite. Ele escreveu que pagaria a diferença no valor do aluguel.

Enquanto decifrava o seu francês precário, senti-me mais leniente em relação ao velho. Ele era vítima de sofrimento físico e nervoso, assim como eu; e meus estudos metafísicos haviam me ensinado a ser bondoso. No silêncio que se seguiu, chegou-nos um leve som vindo da janela — a veneziana devia ter batido com o vento da noite — e por algum motivo levei um susto quase tão violento quanto o de Erich Zann. Então, quando terminei de ler, apertei a mão do meu anfitrião e parti como amigo. No dia seguinte, Blandot deu-me um quarto mais caro no terceiro andar, entre os apartamentos de um velho agiota e de um respeitável estofador. Não havia ninguém no quarto andar.

Não demorou para que eu descobrisse que a avidez de Zann pela minha companhia não era tão grande quanto havia parecido enquanto ele me persuadia a deixar o quinto andar. Ele não me pedia para visitá-lo e, quando eu o fazia, parecia incomodado e tocava sem muita atenção. Isso acontecia sempre à noite — durante o dia ele descansava e não admitia ninguém. Meu apreço por ele não aumentou, embora o quarto no sótão e a música fantástica parecessem continuar exercendo um singular fascínio sobre mim. Eu tinha um curioso desejo de olhar por aquela janela, ver por cima do muro, e apreciar a ladeira invisível com os esplêndidos telhados e campanários que deviam existir ah. Uma vez subi até o sótão no horário do teatro, quando Zann estava ausente, mas a porta estava trancada.

O que consegui fazer foi escutar o concerto noturno do velho surdo. Inicialmente eu caminhei nas pontas dos pés até o meu antigo andar, depois tomei-me ousado a ponto de escalar o último lance da escada instável que levava ao sótão de formato acuminado. No corredor estreito que havia ah, do lado de fora da porta trancafiada e com o buraco da fechadura coberto, com frequência ouvia sons que me enchiam de um temor indefinido — o temor das maravilhas vagas e do mistério pressagioso. Isso não significa que os sons fossem horríveis, pois eles não eram; mas continham vibrações que não sugeriam nada que pertencesse a esta terra, e a certos intervalos assumiam uma qualidade sinfônica que a custo eu conseguia conceber que fossem produzidas por um só músico. Certamente, Erich Zann era um gênio de capacidade ilimitada. À medida que as semanas passavam, a música se tomava mais bravia, enquanto o velho músico adquiria um crescente esgotamento e uma furtividade que

davam pena. Ele passou a se recusar a receber-me qualquer que fosse o horário e me evitava sempre que nos encontrávamos na escada.

Então, certa noite em que eu escutava à porta, ouvi a viola aguda irromper num caos babélico de sons; um pandemônio que teria me feito duvidar de minha própria sanidade se não viesse, de trás daquela porta trancada, uma prova lamentável de que o horror era real — o grito pavoroso e inarticulado que somente um mudo é capaz de pronunciar, e que só se manifesta nos momentos do mais terrível medo ou angústia. Bati repetidamente à porta, mas não obtive resposta. Depois disso, aguardei no corredor às escuras, tremendo de frio e medo, até que ouvi o débil esforço do pobre músico para se levantar do chão com a ajuda de uma cadeira. Acreditando que ele tivesse acabado de recuperar a consciência após um desmaio, retomei minhas batidas, ao mesmo tempo declarando meu nome para tranquilizá-lo. Ouvi Zann caminhar tropeçadamente até a janela e fechar a veneziana e a vidraça, depois cambalear até a porta, que destrancou com hesitação para me deixar entrar. Dessa vez sua satisfação com minha presença foi real; pois sua face distorcida se iluminou de alívio quando ele agarrou meu casaco como uma criança se agarra à saia da mãe.

Tremendo pateticamente, o velho me fez sentar numa cadeira enquanto afundava em outra, ao lado da qual sua viola com o arco jaziam descuidadamente no chão. Ele ficou sentado por algum tempo, inativo, balançando estranhamente a cabeça, mas havia nele uma paradoxal sugestão de concentração intensa e alarmada. Pouco depois ele pareceu dar-se por satisfeito e foi até a cadeira junto à mesa para escrever um breve bilhete, que entregou a mim, para então retomar à mesa, onde começou a escrever rapidamente e sem cessar. O bilhete implorava-me pelo amor de Deus, e pelo interesse da minha própria curiosidade, que esperasse onde estava enquanto ele preparava uma narrativa completa, em alemão, de todas as maravilhas e terrores que o assediavam. Eu aguardei enquanto o lápis do homem surdo corria.

Foi, talvez, uma hora mais tarde, enquanto eu seguia à espera e as folhas escritas febrilmente pelo velho músico ainda continuavam a se amontoar em pilhas, que vi Zann ter um sobressalto pelo que pareceu ter sido um susto horrível. Não havia dúvida de que ele olhava para a cortina da janela e apurava os ouvidos com um estremecimento. Então

eu próprio pensei ter ouvido um som; embora não um ruído horrendo, mas sim uma nota musical absolutamente grave e infinitamente distante, sugerindo que alguém estivesse tocando numa das casas vizinhas, ou em alguma moradia além do alto muro por sobre o qual eu nunca havia conseguido olhar. Sobre Zann o efeito foi terrível, pois ele subitamente deixou cair seu lápis, agarrou a viola, e começou a rasgar a noite com a mais desvairada execução musical que eu já ouvira de seu arco, exceto quando escutava pela porta trancada.

Seria inútil descrever o modo como Erich Zann tocou naquela noite terrível. Era mais horrendo que qualquer outra coisa que eu já havia escutado, pois agora eu podia ver a expressão em seu rosto, e compreendia que dessa vez o motivo era o mais puro medo. Ele estava tentando fazer algum barulho; repelir ou abafar algo — o quê, eu não podia imaginar, embora sentisse que devia ser algo assombroso. A execução ficava cada vez mais fantástica, delirante e histérica, embora conservasse até o fim as características do gênio supremo que eu sabia que aquele estranho homem possuía. Reconheci a melodia — era uma selvagem dança húngara bastante popular nos teatros, e refleti por um momento que aquela era a primeira vez que eu ouvia Zann tocar uma obra de outro compositor.

Cada vez mais altos, cada vez mais convulsos soavam os ganidos e lamentos daquela viola desesperada. O músico respingava um volume excepcional de suor e se retorcia como um macaco, sempre olhando febrilmente para a janela acortinada. Em suas melodias frenéticas parecia-me quase visualizar silhuetas de sátiros e bacantes rodopiando numa dança insana por entre abismos fervilhantes de nuvens, fumaça e relâmpagos. Então pensei ter ouvido uma nota mais aguda e constante que não provinha da viola; uma nota calma, deliberada, resoluta e zombeteira que chegava de grande distância a oeste.

Nesse momento a veneziana começou a sacudir com o vento uivante da noite, que havia despertado do lado de fora como se em resposta à música desvairada no interior do recinto. A viola estridente de Zann então se superou, emitindo sons que eu jamais pensaria que um instrumento como aquele pudesse emitir. A veneziana chacoalhou ainda mais alto, abriu e começou a bater de encontro à janela. Então o vidro se estilhaçou sob os impactos persistentes, e o vento frio irrompeu quarto adentro, fazendo tremular as velas e farfalhar as folhas de papel sobre a

mesa, nas quais Zann havia começado a escrever seu horrível segredo. Olhei para Zann e vi que ele estava impossibilitado de qualquer observação consciente. Seus olhos azuis estavam esbugalhados, vidrados e embotados, e a melodia frenética havia se tomado uma orgia cega, mecânica, irreconhecível, que caneta alguma poderia sequer sugerir.

Uma rajada repentina, mais forte do que as outras, apoderou-se dos manuscritos e os transportou em direção à janela. Segui o voo das folhas de papel em desespero, mas elas se foram antes que eu alcançasse a vidraça estilhaçada. Então lembrei-me de meu antigo desejo de espiar por aquela janela, a única na rue d'Auseil de onde se podia enxergar a ladeira além do muro, e a cidade estendendo-se abaixo. Estava muito escuro, mas as luzes da cidade jamais se apagavam, e eu esperava vê-las em meio à chuva e ao vento. Mas quando olhei pela mais alta das lucarnas da rua, enquanto as velas bruxuleavam e a viola insana uivava com o vento da noite, não vi cidade alguma estender-se abaixo, nem luzes amistosas cintilando em ruas conhecidas, apenas o negrume do espaço ilimitado; um espaço inimaginável, animado por movimento e música, e sem qualquer semelhança com nada que houvesse sobre a terra. E enquanto eu me encontrava ali, olhando aterrorizado, o vento apagou ambas as velas daquele antigo sótão acuminado, deixando-me em brutal e impenetrável escuridão com o caos e o pandemônio diante de mim, e a loucura demoníaca daquela viola ululante às minhas costas.

Cambaleei para trás na escuridão, sem meios de acender alguma luz, choquei-me contra a mesa, derrubei uma cadeira, e por fim tateei até o lugar de onde aquela música chocante berrava nas trevas. Poderia ao menos tentar salvar a mim mesmo e a Erich Zann, fossem lá que poderes se opusessem a mim. Em dado momento, pensei que uma coisa gelada havia me roçado e gritei, mas meu grito não podia ser ouvido em meio àquela horrenda música de viola. De repente, no meio da escuridão, o arco enlouquecido me atingiu, e concluí que estava próximo do músico. Estendi minha mão, toquei o encosto da cadeira de Zann, depois encontrei e sacudi seu ombro em um esforço de fazê-lo recobrar os sentidos.

Ele não respondeu, e a viola continuou a ganir sem qualquer abrandamento. Levei minha mão à sua cabeça, cujo meneio mecânico eu consegui deter, e gritei em seu ouvido que deveríamos fugir das criaturas desconhecidas da noite. Mas ele não respondeu nem atenuou o delírio

de sua música indescritível, ao passo que, por todo o sótão, estranhas correntes de vento pareciam dançar naquelas trevas babélicas. Quando minha mão tocou sua orelha eu estremei, embora não soubesse por quê — continuei sem saber até tatear a face imóvel; a face gélida, rígida, sem alento, cujos olhos vidrados esbugalhavam-se inutilmente para o vazio. E então, depois de por algum milagre encontrar a porta e a grande tranca de madeira, mergulhei em desvario para longe daquela criatura de olhos vítreos na escuridão e do ulular fantasmagórico daquela maldita viola, cuja fúria apenas crescia à medida que eu me afastava.

Saltando, deslizando, voando por aquelas intermináveis escadas abaixo através da casa às escuras, correndo às cegas pela rua estreita, íngreme e antiga com seus degraus e suas casas pendentes, ressoando meus passos pelas escadarias e pelo calçamento de pedras até as ruas mais baixas e o rio pútrido em seu cânion de muralhas, ofegando ao atravessar a grande ponte escura até as ruas e bulevares mais amplos e salubres que conhecemos; tudo isso persiste em mim como uma impressão terrível e indelével. E lembro-me de que não havia vento, e que a lua havia nascido, e que todas as luzes da cidade cintilavam.

Por mais cuidadosas que sejam minhas buscas e investigações, jamais fui capaz de novamente encontrar a rue d'Auseil. Mas não lamento inteiramente por isso; tampouco lamento a perda, nos abismos inimagináveis, daquelas folhas escritas em letras miúdas, a única coisa que poderia ter fornecido alguma explicação para a música de Erich Zann.



A Doce Ermengarda

ou o Coração de uma garota do campo

∴

Sweet Ermengarde; or, The Heart of a Country Girl (1919–21?)
Beyond the Wall of Sleep (1943)

Trata-se do único conto de Lovecraft que não se pode datar com precisão. Evidências textuais, como a referência à aprovação da Lei Seca (julho de 1919), e a caligrafia levam a crer que a peça foi produzida em algum momento do início da década de 1920; já o tema e, corroborando-o, o post-scriptum de uma carta de 1914, escrita e publicada no calor das polêmicas do escritor nas páginas da revista Argosy, fazem seu projeto remontar a um momento anterior. Trata-se de uma paródia da prosa moral e sentimental com que Lovecraft travara contato nas páginas da revista, uma de suas publicações prediletas no início da década de 1910. É considerado o melhor dos contos humorísticos de Lovecraft.



Por Percy Simple [H.P. Lovecraft]

Capítulo I: *Uma simples camponesa*

Ermengarda Stubbs era a bela e loira filha de Hiram Stubbs, um fazendeiro pobre, porém honesto, que fabricava bebidas clandestinas em Hogton, Vermont. Chamava-se originalmente Etila Ermengarda, mas o pai a persuadiu a abandonar o prenome após a aprovação da 18ª Emenda, asseverando que causava-lhe sede por recordá-lo do álcool etílico, C_2H_5OH . Quanto aos produtos que ele destilava, continham na maior parte álcool metílico, ou metanol, CH_3OH . Ermengarda confessava dezesseis primaveras, e qualificava como caluniosos todos os registros de haver completado trinta. Tinha grandes olhos negros, um proeminente nariz romano, cabelos claros cujas raízes nunca ficavam escuras, a não ser quando havia deficiência de estoque na farmácia local, e uma compleição bonita, ainda que modesta. Media 1,65 m de altura e pesava 52 quilos na balança de seu pai — e também fora dela — e era considerada a mais bela por todos os pretendentes da aldeia, admiradores da fazenda de seu pai e das líquidas searas que ali se produzia.

A mão de Ermengarda era almejada em matrimônio por dois ardentes apaixonados. O Comendador Hardman, que detinha uma hipoteca sobre a velha casa, era muito rico e maduro. Tinha uma beleza sombria e cruel, andava sempre a cavalo e levava consigo um chicote de cavalgada. Havia muito ele desejava a radiante Ermengarda, mas seu ardor foi atiçado em labaredas febris por um segredo conhecido unicamente por ele — pois nos humildes acres de terra do Fazendeiro Stubbs ele havia descoberto um rico veio de OURO!!! “Ahá!” — disse ele então —, “conquistarei aquela moça antes que seu pai descubra sobre esta riqueza insuspeitada, e somarei à minha fortuna outra ainda maior!” E então ele passou a visitá-los duas vezes por semana, em vez de uma só, como antes.

Mas infelizmente para seus propósitos vis, o Comendador Hardman não era o único pretendente àquela beldade. Perto da vila residia outro — o belo Jack Manly, cujos louros cabelos encaracolados haviam ganhado a afeição da doce Ermengarda quando ambos não passavam de criancinhas na escola rural. Durante muito tempo a timidez de Jack havia sido grande demais para que ele declarasse sua paixão, mas certo dia, enquanto caminhava com Ermengarda por uma alameda arborizada junto ao velho moinho, encontrou coragem para expressar o que sentia em seu coração.

— Oh, luz da minha vida — ele disse —, minha alma se sente tão oprimida que eu preciso falar! Ermengarda, és meu ideal de mulher (na verdade, ele pronunciou *idial!*), a vida se toma vazia sem você. Amada de meu espírito, contemple um suplicante ajoelhado no pó aos teus pés. Ermengarda, oh, Ermengarda, tu me transportarás a um paraíso de felicidade se disseres que algum dia serás minha! Eu sou pobre, é verdade, mas não possuo juventude e vigor suficientes para, com esforço, abrir meu caminho até a fama? Eu faria isso unicamente por ti, adorada Etila — perdão, Ermengarda — minha única, minha mais preciosa... — mas então ele fez uma pausa para esfregar os olhos e enxugar a testa, e a bela respondeu:

— Jack... meu anjo... até que enfim... quero dizer, tudo isso é tão inesperado e sem precedentes! Eu jamais sonhei que você nutria sentimentos de afeto por alguém tão humilde como a pobre menina do fazendeiro Stubbs — pois ainda não passo de uma menina! Mas a sua nobreza inata é tamanha que eu temi... digo, pensei... que você seria cego a encantos tão escassos quanto os que eu possuo, e que iria buscar fortuna na cidade grande; e lá encontraria e desposaria uma dessas donzelas tão atraentes, cujo esplendor podemos admirar nos livros de moda.

— Mas, Jack, se é realmente a mim que você adora, vamos pôr de lado todo esse circunlóquio desnecessário. Jack, meu querido, meu coração há muito tempo sucumbiu a suas graças viris. Eu acalento uma imensa afeição por ti — considere-me somente tua, e não se esqueça de comprar a aliança na loja do Perkins, que tem aquelas imitações de diamante tão lindas expostas na vitrine.

— Ermengarda, meu amor!

— Jack, meu precioso!

— Minha querida!

— Meu homem!

— Meu Deus!

[Desce a cortina]

Capítulo II: *Mas o vilão ainda a espreitava*

Porém, essa terna passagem, por mais santificado que fosse o seu fervor, não passou despercebida por olhos profanos; pois agachado entre os ar-

bustos e rangendo os dentes, ali estava o ignóbil Comendador Hardman! Quando os amantes finalmente se afastaram, ele saltou para a alameda, torcendo cruelmente os bigodes e o chicote, e chutando um gato inquestionavelmente isento de culpa, que também andava por ali.

— Maldição! — ele gritou (Hardman, não o gato) — Estou vendo os meus planos para conseguir a fazenda e a garota irem por água abaixo! Mas Jack Manly jamais terá sucesso! Eu sou um homem poderoso, e vou dar um jeito nisso!

Logo depois ele se dirigiu à humilde choupana dos Stubbs, e lá encontrou o afetuoso pai na destilaria do porão, lavando garrafas sob a supervisão da gentil esposa e mãe Hannah Stubbs. Indo diretamente ao ponto, o vilão falou:

— Fazendeiro Stubbs, eu nutro de longa data uma terna afeição por sua adorável filha, Etila Ermengarda. Sinto-me consumido de amores, e desejo a mão dela em matrimônio. Sempre fui um homem de poucas palavras e não recorrerei a eufemismos. Dê-me a garota ou eu executarei a hipoteca e tomarei esta velha casa!

— Mas, senhor — rogou o confuso Stubbs, enquanto sua abalada esposa se limitava a fuzilar o homem com o olhar —, eu estou convencido de que os sentimentos da menina são dedicados a outra pessoa.

— Ela tem que ser minha! — vociferou com dureza o sinistro comendador. — Eu farei com que ela me ame — ninguém resiste à minha vontade! Ou ela se torna minha esposa, ou vocês podem se despedir da velha propriedade!

Com uma careta de desprezo e um estalar do seu chicote de cavalgada, o Comendador Hardman saiu para o meio da noite.

Mal ele havia partido quando os radiantes apaixonados entraram pela porta dos fundos, ansiosos para contar aos velhos Stubbs sobre a felicidade recém-descoberta por eles. Imaginem a consternação universal que passou a reinar quando os acontecimentos se tornaram de conhecimento geral! Lágrimas se derramavam como espuma de cerveja, até que Jack subitamente lembrou-se que era o herói e ergueu a cabeça, declamando em tons apropriadamente viris:

— Jamais a bela Ermengarda será oferecida em sacrifício a essa besta enquanto eu viver! Eu a protegerei... Ela é minha, minha, minha... e etcétera e tal! Não temam, futuros papai e mamãe... eu os defenderei a to-

dos! Vocês conservarão o seu ganha-pão (referindo-se à fazenda, não à destilaria — embora Jack não fosse de modo algum desprovido de simpatias pelo modo de produção rural de Stubbs) e eu levarei ao altar a linda Ermengarda, a mais adorável das representantes de seu sexo! Ao inferno com o comendador indecente e seu ouro sujo — o certo sempre vence, e um herói está sempre certo! Eu irei para a cidade grande e lá farei fortuna e voltarei para salvá-los antes que a hipoteca expire! Adeus, minha amada... agora eu a deixo em lágrimas, mas regressarei para pagar a hipoteca e reclamá-la como minha noiva!

— Jack, meu protetor!

— Erminha, meu pãozinho doce!

— Meu amado!... e não se esqueça daquele anel no Perkins.

— Minha querida!

— Oh!

— Ah!

[Desce a cortina]

Capítulo III: *Um ato vil*

Porém o astucioso comendador Hardman não era um homem tão fácil de se derrotar. Perto da vila havia um mal afamado assentamento de barracos desleixados, habitados por uma corja de incapazes que viviam de roubos e outros negócios escusos. Ali o diabólico vilão encontrou dois cúmplices — sujeitos mal-encarados que claramente não podiam ser considerados cavalheiros. E no meio da noite os três malfeitores invadiram o chalé de Stubbs e raptaram a bela Ermengarda, levando-a para um barraco desprezível no assentamento e deixando-a aos cuidados de Mãe Maria, uma horrenda bruxa velha. O fazendeiro Stubbs ficou completamente transtornado, e teria posto anúncios nos jornais se custassem menos que um centavo por palavra a cada inserção. Ermengarda era firme, e em nenhum momento vacilou em sua recusa de casar-se com o vilão.

— Ah, minha bela orgulhosa — sentenciou ele —, eu a tenho em meu poder, e mais cedo ou mais tarde quebrarei a sua vontade! Enquanto isso, pense em seus pobres e idosos pai e mãe, que ficarão sem lar e abrigo, e vagarão indefesos pelos campos!

— Oh, poupe-os, poupe-os! — disse a donzela.

— Jamais... há, há, há, há! — zombou o bruto.

E assim correram os dias cruéis, enquanto o jovem Jack Manly, em completa ignorância, buscava fama e fortuna na cidade grande.

Capítulo IV: *Sutil vilania*

Certo dia, enquanto o Comendador Hardman estava sentado na sala de estar da sua dispendiosa e palaciana residência, entregue a seu passatempo favorito de ranger os dentes e estalar seu chicote de cavalgada, um pensamento formidável lhe ocorreu; e ele praguejou em voz alta diante da estátua de Satã na cornija de ônix da lareira.

— Que tolo eu sou! — gritou ele. — Por que desperdiço todo esse tempo e esforço com a garota quando poderia conseguir a fazenda simplesmente executando a hipoteca? Não havia pensado nisso! Soltarei a garota, tomarei a fazenda e estarei livre para me casar com alguma bela dama da cidade, como a estrela daquela trupe burlesca que se apresentou semana passada no Teatro Municipal!

E então ele foi até o assentamento, pediu desculpas a Ermengarda, deixou-a ir para casa e ele próprio retornou ao lar para planejar novos crimes e inventar novas formas de vilania.

Os dias transcorreram e os Stubbs entristeciam-se cada vez mais pela iminente perda de sua casa e alambique, mas ninguém parecia capaz de fazer nada quanto a isso. Um dia um grupo de caçadores da cidade foi parar por acaso na velha fazenda, e um deles encontrou o ouro!! Ocultando a descoberta de seus companheiros, ele fingiu ter levado uma picada de cascavel e dirigiu-se ao chalé dos Stubbs em busca do auxílio usual. Ermengarda abriu a porta e o viu. Ele também a viu e, nesse momento, resolveu conquistar a garota e o ouro.

— Pela alma da minha velha mãe, eu conseguirei isso — disse ele em voz alta consigo mesmo. — Nenhum sacrifício deverá ser poupado!

Capítulo V: *O sujeito da cidade*

Algernon Reginald Jones era um elegante homem do mundo, vindo da cidade grande, e em suas mãos sofisticadas a nossa pobre e pequena Er-

mengarda não passava de uma criança. Quase se poderia acreditar naquela história dos dezesseis anos. Algy agia rápido, mas nunca de modo grosseiro. Ele poderia ter dado a Hardman algumas lições sobre a *finesse* da sedução. Assim, apenas uma semana depois da sua introdução ao círculo familiar dos Stubbs, onde ele se infiltrou sorrateiramente como a serpente que era, persuadiu a heroína a fugir de casa! Foi na calada da noite que ela partiu, deixando um bilhete para seus pais, sentindo pela última vez o aroma do mingau de sua mãe, e dando um beijo de adeus ao gato — que cena tocante! Já no trem, Algernon sentiu sono e adormeceu em seu assento, deixando que um papel caísse do seu bolso por acidente. Ermengarda, tirando vantagem de sua suposta posição de noiva eleita, apanhou a folha dobrada e leu o seu perfumado conteúdo — Céus! Ela quase desmaiou! Era uma carta de amor de outra mulher!!

— Enganador pérfido! — ela sussurrou para o adormecido Algernon. — Então é essa a sua fidelidade tão alardeada! Estou rompendo com você por toda a eternidade!

Ao dizer isso, ela o empurrou pela janela e se acomodou melhor no assento para um descanso mais que necessário.

Capítulo VI: *Sozinha na cidade grande*

Quando o ruidoso trem parou na escura estação da cidade, a pobre e indefesa Ermengarda estava completamente só, sem dinheiro para retomar a Hogton.

— Ah! — ela suspirou em inocente arrependimento. — Por que eu não peguei a carteira dele antes de empurrá-lo para fora? Bem, não devo me preocupar! Ele me contou tudo sobre a cidade, de modo que não será difícil eu ganhar o suficiente para voltar para casa, ou até para quitar a hipoteca!

Mas infelizmente para a nossa pequena heroína, trabalho não é algo fácil de se conseguir para um novato, por isso, por uma semana ela foi forçada a dormir em bancos de praça e obter comida nas filas da caridade. Certa vez uma pessoa astuta e perversa, percebendo seu desamparo, ofereceu-lhe o cargo de lavadora de pratos em um cabaré vistoso e depravado; mas a nossa heroína era fiel aos seus rústicos ideais e recusou-

se a trabalhar em tão dourado e reluzente palácio de frivolidade — especialmente quando lhe ofereciam apenas três dólares por semana, incluindo refeições mas não moradia. Ela tentou localizar Jack Manly, seu antigo amante, mas não era possível encontrá-lo em lugar algum. Possivelmente, além disso, ele não a teria reconhecido; pois em seu estado de pobreza ela se viu forçada a ficar morena novamente, e Jackie não a via nessa condição desde os tempos da escola. Certo dia ela achou uma organizada e cara bolsa no parque. Depois de ver que não continha muita coisa, levou-a à rica senhora cujo cartão proclamava ser a proprietária do objeto em questão. Indizivelmente maravilhada com a honestidade daquela pária desamparada, a aristocrática sra. Van Itty adotou Ermengarda em substituição à pequena que lhe havia sido roubada tantos anos atrás.

— Como se parece com a minha preciosa Maude — ela suspirou, ao ver a bela morena retomar à loirice. E assim várias semanas se passaram, com os velhos em casa arrancando os cabelos e o perverso Comendador Hardman a rir diabolicamente.

Capítulo VII: *Felizes para sempre*

Certo dia a rica herdeira Ermengarda S. van Itty contratou um novo chofer assistente. Intrigada por algo familiar em seu rosto, ela o olhou com mais atenção e sentiu-se sufocar. Céus! Não era ninguém mais além do pérfido Algernon Reginald Jones, a quem ela havia atirado da janela do vagão naquele dia malfadado! Ele havia sobrevivido — isso ficou evidente quase de imediato. Além disso, havia desposado outra mulher, que fugira com o leiteiro e todo o dinheiro da casa. Então, inteiramente humilhado, ele pediu o perdão da nossa heroína e confiou a ela toda a história do ouro na fazenda de seu pai. Comovida além do que as palavras poderiam expressar, ela aumentou o salário dele em um dólar ao mês e resolveu finalmente satisfazer aquele sempre inextinguível anseio de aliviar a preocupação dos dois velhos. Então, em um belo dia, Ermengarda voltou a Hogton, chegando na fazenda exatamente quando o Comendador Hardman estava executando a hipoteca e expulsando os dois idosos.

— Pare, canalha! — ela gritou, exibindo um colossal rolo de notas.
— Você está derrotado, por fim! Aqui está o seu dinheiro — agora vá e nunca mais projete a sua sombra na humilde soleira da nossa porta!

Seguiu-se uma alegre reunião, enquanto o comendador retorcia os bigodes e o chicote de cavalgada em malogro e decepção. Mas, ouçam! O que é isso? Passos na velha estrada de cascalho, e quem apareceria ali senão o nosso herói, Jack Manly — gasto e abatido, mas de face radiante? Dirigindo-se imediatamente ao vilão deposto, ele disse:

— Comendador... empreste-me dez pratas, por favor? Acabei de chegar da cidade com minha bela noiva, a loira Bridget Goldstein, e necessito de algo para pôr as coisas em marcha na velha fazenda.

Então, voltando-se para os Stubbs, desculpou-se por sua inabilidade para quitar a hipoteca conforme o combinado.

— Não há de que se desculpar — disse Ermengarda. — A prosperidade nos encontrou e eu considerarei um pagamento justo se você esquecer para sempre as fantasias tolas da nossa infância.

Todo esse tempo a sra. Van Itty estivera sentada no automóvel à espera de Ermengarda; mas quando seus olhos deram casualmente com a face angulosa de Hannah Stubbs uma vaga lembrança brotou no fundo do seu cérebro. Então tudo ficou claro para ela, e a velha senhora lançou um grito acusador contra a matrona agreste.

— Você... você é... Hannah Smith... Eu a conheço! Vinte e oito anos atrás você foi babá da minha filhinha Maude e roubou-a do berço!! Onde, oh, onde está a minha criança?

Então um pensamento passou por ela como um relâmpago em um céu encoberto.

— *Ermengarda* — você diz que ela é *sua* filha... Ela é minha! O destino restituiu-me o meu bebê perdido... minha pequenina Maudie!... Ermengarda... Maude... venha para os braços da sua amada mãe!!!

Mas Ermengarda estava dando vazão a pensamentos mais elevados. Como ela poderia continuar com a mentira dos dezesseis anos de idade se havia sido raptada vinte e oito anos atrás? E se não fosse filha de Stubbs o ouro nunca seria dela. A sra. Van Itty era rica, mas o Comendador Hardman era mais. Por isso, aproximando-se do vilão detestável, infligiu-lhe a última terrível punição.

— Meu querido Comendador — ela murmurou —, eu reconsiderarei tudo. Amo você e sua força ingênua. Case-se comigo imediatamente ou eu o processarei por aquele rapto no ano passado. Execute a sua hipoteca e desfrute comigo do ouro que a sua astúcia descobriu. Vamos, querido!

E o pobre diabo obedeceu.

FIM



Herbert West: Reanimador

∴

Herbert West: Reanimador (1921)

Home Brew (fev. 1922)

H.P. não costumava se dedicar à escrita humorística, embora haja muitas razões para acreditar que, se houvesse tentado, teria se saído muito bem, se assim fosse, “Herbert West: Reanimador” seria uma comédia.

“Herbert West: Reanimador” foi escrito sob encomenda em seis partes para uma revista iniciante e provocativamente intitulada *Home Brew* sob a legendada “Um mata sede para os amantes da liberdade pessoal”.

Infelizmente, nem tudo são flores, a despeito do humor, o conto possui passagens de racismo, e, mais uma vez, vemos marcas de preconceito de Lovecraft.



“Estar morto, estar verdadeiramente morto, deve ser glorioso. Há muitas coisas piores do que a morte aguardando o homem.”

—Conde Drácula^[1]

I. Saído das trevas

De Herbert West, que foi meu amigo na faculdade e na vida que se seguiu, só posso falar com extremo terror. Esse terror não se deve inteiramente à maneira sinistra como ele recentemente desapareceu, mas foi engendrado pela natureza da sua obra como um todo, e adquiriu pela primeira vez a sua forma aguda há mais de dezessete anos, quando estávamos no terceiro ano de nosso curso na Escola de Medicina da Universidade do Miskatonic, em Arkham. Enquanto ele esteve comigo, o maravilhamento e o diabolismo de seus experimentos fascinaram-me por inteiro, e eu fui seu companheiro mais íntimo. Agora que ele se foi e o encanto se quebrou, o medo de fato é maior. Lembranças e possibilidades são sempre mais terríveis que realidades.

O primeiro horrível incidente do nosso relacionamento foi o maior choque que já experimentei, e é somente com relutância que eu o repito. Como eu disse, aconteceu quando estávamos na faculdade de medicina, onde West já havia se notabilizado por suas arrojadas teorias sobre a natureza da morte e a possibilidade de dominá-la artificialmente. Seus pontos de vista, que foram amplamente ridicularizados pela faculdade e por seus companheiros de estudos, giravam em torno da natureza essencialmente mecanicista da vida; e ocupavam-se de meios para operar o mecanismo orgânico do gênero humano mediante ações químicas calculadas, após a falência dos processos naturais. Em seus experimentos com variadas soluções animadoras, ele matara e tratara quantidades imensas de coelhos, porquinhos-da-índia, gatos, cães e macacos, até se tornar o principal transtorno da faculdade. Por várias vezes ele de fato obteve sinais de vida em animais supostamente mortos; em muitos casos, sinais violentos; mas logo viu que a perfeição de seu processo, se de fato fosse possível, envolveria necessariamente toda uma vida de pesquisas. Do mesmo modo tornou-se claro que, uma vez que a mesma solução nunca agia do mesmo modo em diferentes espécies orgânicas, ele precisaria de cobaias humanas para obter progressos mais avançados e especializados. Foi nesse ponto que pela primeira vez ele entrou em conflito com as autoridades acadêmicas, e teve seus experimentos futuros embargados por um dignitário não menos importante que o decano da escola de medicina em pessoa — o culto e benevolente dr. Allan Halsey, cujo trabalho em prol dos combalidos é recordado por todos os velhos residentes de Arkham.

Eu sempre fui excepcionalmente tolerante com as atividades de West, e nós com frequência discutíamos as suas teorias, cujas ramificações e corolários eram sempre infinitos. Sustentando, como Haeckel, que toda vida é um processo químico e físico, e que a chamada “alma” é um mito, meu amigo acreditava que a reanimação artificial dos mortos podia depender apenas das condições dos tecidos; e que a não ser que a decomposição de fato houvesse se instalado, um cadáver plenamente equipado de órgãos poderia, com medidas adequadas, ser posto novamente em marcha no peculiar modelo conhecido como vida. Que a vida psíquica ou intelectual poderia ser prejudicada pela mais leve deterioração das células sensíveis do cérebro, o que a morte, mesmo por um curto período, estaria apta a causar, West tinha plena consciência. Sua esperança inicial fora encontrar um reagente que restaurasse a vitalidade antes do real advento da morte, e somente os repetidos fracassos com animais haviam-lhe demonstrado que os mecanismos vivos naturais e artificiais eram incompatíveis. Então ele buscou o frescor extremo em seus espécimes, injetando suas soluções no sangue imediatamente após a extinção da vida. Foi tal circunstância que tornou os professores tão displicentemente céticos, pois eles sentiam que a verdadeira morte não havia ocorrido em nenhum dos casos. Eles não se deram ao trabalho de examinar a questão atenta e razoavelmente.

Não havia se passado muito tempo depois que a faculdade interditiu o seu trabalho quando West confidenciou-me sua resolução de obter de algum modo corpos humanos frescos, e continuar em segredo os experimentos que não poderia mais executar abertamente. Ouvi-lo discutir modos e meios era um tanto horripilante, pois na faculdade nós nunca procurávamos espécimes anatômicos pessoalmente. Sempre que o necrotério se mostrava inadequado, dois negros locais supriam esse quesito, e raramente eram questionados. West era na época um jovem franzino, magro e de óculos, com feições delicadas, cabelos amarelados, olhos azuis pálidos e voz suave, e era sinistro ouvi-lo se delongar sobre os méritos comparados do Cemitério Christchurch e do cemitério dos indigentes. Por fim, decidimo-nos pelo segundo, porque praticamente todos os corpos no Christchurch eram embalsamados; um dado obviamente ruinoso para as pesquisas de West.

Nessa época eu era seu assistente ativo e devotado, e ajudei-o a tomar todas as suas decisões, não apenas no que dizia respeito à fonte dos corpos, mas também quanto a um local adequado para o nosso repugnante trabalho. Fui eu quem pensou na fazenda deserta Chapman, além de Meadow Hill, onde adaptamos no andar térreo uma sala de operações e um laboratório, ambos com cortinas escuras para ocultar o que fazíamos na calada da noite. O lugar era afastado de qualquer estrada, e fora do alcance da visão de qualquer outra casa, mas as precauções eram ainda assim necessárias, uma vez que rumores sobre luzes estranhas, iniciados por eventuais andarilhos noturnos, logo trariam o desastre para o nosso empreendimento. Combinamos declarar que tudo aquilo era um laboratório de química, caso a descoberta ocorresse. Gradualmente, equipamos nosso sinistro retiro científico com materiais comprados em Boston ou secretamente tomados de empréstimo à faculdade — materiais cuidadosamente tornados irreconhecíveis, a não ser a olhos treinados — e providenciamos pás e picaretas para os muitos sepultamentos que teríamos de fazer no porão. Na faculdade nós usávamos o incinerador, mas o aparato era dispendioso demais para o nosso laboratório não autorizado. Cadáveres eram sempre um problema — até mesmo os pequenos corpos dos porquinhos-da-índia dos experimentos clandestinos menores no quarto de West, no pensionato.

Acompanhávamos os necrológios locais como papa-defuntos, pois nossos espécimes exigiam qualidades particulares. O que queríamos eram cadáveres sepultados logo após a morte e sem preservação artificial; preferivelmente livres de doenças deformantes, e com a certeza de que todos os órgãos estivessem presentes. Vítimas de acidentes eram nossas maiores expectativas. Durante muitas semanas não sabíamos de nada condizente; no entanto, conversávamos com as autoridades do necrotério e do hospital, pretensamente sob o interesse da faculdade, sempre que podíamos fazê-lo sem provocar suspeitas. Descobrimos que a faculdade tinha a primazia em todos os casos, de modo que talvez fosse necessário permanecer em Arkham durante o verão, quando apenas as classes limitadas dos cursos de veraneio eram mantidas. No fim, porém, a sorte nos favoreceu, pois um dia soubemos de um caso quase ideal no cemitério dos indigentes; um jovem trabalhador musculoso que se afogara na manhã anterior em Sumner's Pond, e fora enterrado às expensas

da cidade, sem demora ou embalsamamento. Naquela tarde nós encontramos a nova sepultura, e decidimos começar o trabalho logo após a meia-noite.

Foi uma tarefa repulsiva que empreendemos no negrume da madrugada, ainda que naquele tempo carecêssemos do particular horror a cemitérios que as experiências posteriores nos trouxeram. Levávamos pás e lanternas furta-fogo a óleo, pois embora faroletes elétricos fossem manufaturados na época, não eram tão satisfatórios quanto os dispositivos a tungstênio de hoje. O processo de exumação foi vagaroso e sórdido — poderia ter sido pavorosamente poético, se fôssemos artistas em vez de cientistas — e ficamos felizes quando nossas pás golpearam a madeira. Quando o caixão de pinho foi totalmente descoberto, West desceu às pressas e removeu a tampa, arrastando o conteúdo e escorando-o. Estendi minhas mãos e icei o corpo para fora da cova, e depois ambos labutamos intensamente para restaurar a antiga aparência ao local. O evento nos deixou um tanto nervosos, especialmente a forma rígida e a face vazia do nosso primeiro troféu, mas conseguimos remover todos os vestígios da nossa visita. Quando já havíamos batido a última pá de terra, pusemos o espécime em um saco de lona e partimos para a velha sede da Chapmann, depois de Meadow Hill.

Numa mesa de dissecação improvisada na antiga casa de fazenda, à luz de uma poderosa lâmpada de acetileno, o espécime não tinha uma aparência muito espectral. Ele havia sido um jovem robusto e aparentemente não imaginativo, do tipo inteiramente plebeu — corpo grande, olhos cinzentos e cabelos castanhos —, um animal saudável sem sutilezas psicológicas e provavelmente dotado de processos vitais da mais simples e saudável espécie. Ali, de olhos fechados, parecia mais adormecido que morto; embora o teste aplicado com perícia por meu amigo não tenha deixado dúvida quanto a esse aspecto. Tínhamos finalmente aquilo por que West sempre ansiou — um morto real do tipo ideal, pronto para a solução preparada conforme os mais cuidadosos cálculos e teorizações para o uso humano. A tensão de nossa parte tornou-se muito grande. Nós sabíamos que dificilmente haveria uma chance de algo como um sucesso completo, e não podíamos evitar o medo terrível dos resultados possivelmente grotescos da animação parcial. Estávamos especialmente apreensivos quanto à mente e os impulsos da criatura,

uma vez que no intervalo que se seguiu à morte algumas das mais delicadas células cerebrais poderiam muito bem ter sofrido deterioração. Eu, particularmente, ainda conservava algumas curiosas noções sobre a tradicional “alma” humana, e sentia um temor reverente pelos segredos que poderiam ser contados por alguém que retornasse dos mortos. Perguntava-me que visões aquele plácido jovem poderia ter tido em esferas inacessíveis, e o que ele poderia relatar se completamente restituído à vida. Mas meu espanto não era predominante, pois na maior parte eu compartilhava do materialismo do meu amigo. Ele estava mais calmo que eu quando compeliu uma grande quantidade de seu fluido para o interior de uma veia no braço do cadáver, suturando imediatamente e com segurança a incisão.

A espera foi horrível, mas West não vacilou em momento algum. De tempos em tempos ele aplicava seu estetoscópio ao espécime, e suportava o resultado negativo com uma postura filosófica. Após cerca de três quartos de hora sem o menor sinal de vida ele declarou, com desapontamento, a solução inadequada, mas determinou-se a tirar o máximo proveito de sua oportunidade e tentar uma mudança na fórmula antes de se desfazer de seu prêmio macabro. Naquela tarde nós havíamos cavado uma cova no porão, e teríamos de enchê-la ao amanhecer — pois embora tivéssemos fixado uma tranca na casa, queríamos evitar até mesmo o mais remoto risco de uma descoberta mórbida. Além disso, o corpo não estaria nem ligeiramente fresco na noite seguinte. Por isso, levando a solitária lâmpada de acetileno para o laboratório adjacente, deixamos nosso convidado silencioso sobre a laje no escuro, e aplicamos toda a nossa energia no preparo de uma nova solução; a pesagem e a medição foram supervisionadas por West com um cuidado que beirava o fanatismo.

O horrível evento foi muito repentino, e totalmente inesperado. Eu estava vertendo algo de um tubo de ensaio para outro e West estava ocupado com a lâmpada a álcool que tinha de fazer as vezes de um bico de Bunsen naquele edifício desprovido de gás, quando da sala escura como breu que havíamos deixado irrompeu a mais apavorante e demoníaca sucessão de gritos que nenhum de nós jamais escutara. O caos de sons infernais não poderia ter sido mais indescritível nem mesmo se o próprio abismo tivesse se aberto para extravasar a agonia dos danados, pois numa inconcebível cacofonia concentrava-se todo o terror extremo e o

desespero anormal da natureza animada. Humano aquilo não poderia ter sido — não está no homem produzir tais sons — e sem dirigir um só pensamento ao nosso último empreendimento ou sua possível descoberta, tanto West quanto eu disparamos para a janela mais próxima como animais feridos, derrubando tubos, lâmpadas e retortas e saltando loucamente para o abismo estrelado da noite rural. Acho que nós próprios gritamos em nossa frenética corrida aos tropeções rumo à cidadezinha, embora ao alcançar a periferia vestíssemos um semblante de contenção — suficiente apenas para que parecêssemos farristas retardatários cambaleando para casa após o deboche.

Não nos separamos, mas conseguimos chegar até o quarto de West, onde cochichamos com o gás aceso até o amanhecer. A essa altura já havíamos nos acalmado um pouco, recorrendo a teorias racionais e planos de investigação, de forma que pudemos dormir dia afora — as aulas foram negligenciadas. Mas naquela noite duas notícias nos jornais, inteiramente sem conexão, tornaram novamente impossível que dormíssemos. A velha e deserta casa Chapman havia inexplicavelmente se incendiado até tornar-se uma pilha amorfa de cinzas. Isso nós podíamos entender por causa da lâmpada derrubada. Além disso, alguém tentara profanar uma sepultura nova no cemitério dos indigentes, como se uma infrutífera garra desprovida de pá houvesse revolvido a terra. Isso não podíamos entender, pois havíamos assentado o monte de terra com muito cuidado.

E por dezessete anos depois disso, West com frequência olhava por sobre os ombros e reclamava de passos imaginários atrás de si. Agora ele desapareceu.

II. O demônio da pestilência

Jamais esquecerei aquele verão medonho dezesseis anos atrás, quando, como um pernicioso *ifrit*^[2] emerso dos salões de Eblis,^[3] o tifo predou sorrateiramente Arkham. É por esse flagelo satânico que muitos recordam aquele ano, pois o verdadeiro terror incubou com asas de morcego pilhas de caixões nas tumbas do Cemitério de Christchurch; no entanto, para mim houve um horror maior naquele tempo — um horror conhecido somente por mim, agora que Herbert West desapareceu.

West e eu fazíamos trabalho de pós-graduação nas turmas de verão da escola de medicina da Universidade do Miskatonic, e meu amigo alcançara ampla notoriedade por causa de seus experimentos dirigidos à revivificação dos mortos. Após o abate científico de incontáveis pequenos animais, a excêntrica obra havia sido ostensivamente interrompida por ordem do nosso cético decano, o dr. Allan Halsey. Porém, West continuara a executar em segredo certos testes no seu sombrio quarto de pensão, e numa terrível e inolvidável ocasião, tomara um corpo humano de sua sepultura no cemitério dos indigentes e levava-o a uma casa de fazenda deserta além de Meadow Hill.

Eu estava com ele naquela odiosa ocasião, e vi-o injetar nas veias estagnadas o elixir que ele acreditava que fosse restaurar até certa extensão os processos químicos e físicos da vida. Isso havia acabado de maneira horrível — num delírio de medo que nós gradualmente passamos a atribuir aos nossos nervos extenuados — e depois disso West nunca mais conseguiu repelir uma enlouquecedora sensação de estar sendo assombrado e caçado. O cadáver não estava suficientemente fresco — evidentemente, para que se restaurem os atributos normais da mente, o corpo deve ser de fato muito fresco — e um incêndio na velha casa nos impedira de enterrar aquela coisa. Teria sido melhor se soubéssemos que ela estava debaixo da terra.

Depois daquela experiência, West largou suas pesquisas por algum tempo; mas quando o zelo do cientista nato aos poucos retornou, ele novamente passou a insistir com o corpo docente da faculdade, pleiteando o uso do centro anatômico e de espécimes humanos recentes para o trabalho cuja importância considerava tão decisiva. Seus rogos, porém, foram inteiramente em vão, pois a decisão do dr. Halsey era inflexível, e todos os outros professores endossaram o veredito do seu líder. Na radical teoria da reanimação eles não viam mais nada além das fantasias imaturas de um jovem entusiasta, cuja constituição franzina, cabelos amarelados, olhos azuis munidos de óculos, e voz suave não indicavam o poder sobre-humano — quase diabólico — do frio cérebro que havia por trás disso tudo. Posso vê-lo agora exatamente como ele era na época — e estremeço. Ele assumiu uma feição mais rígida, mas nunca envelhecida. E agora o Asilo Sefton sofreu o infortúnio e West desapareceu.

West entrou em um desagradável confronto com o dr. Halsey perto do final do nosso último período de graduação, numa altercação palavrosa que, no que concerne à cortesia, rendeu menos créditos a ele que ao amável decano. Herbert sentia estar sendo desnecessária e irracionalmente impedido numa obra de suprema grandeza; uma obra que ele certamente poderia conduzir como lhe aprouvesse nos anos posteriores, mas que desejava iniciar enquanto ainda possuía as excepcionais instalações da universidade. Que os anciãos atados à tradição ignorassem os resultados singulares que ele havia obtido com animas e persistissem em sua negação da possibilidade da reanimação, era inexprimivelmente revoltante e quase incompreensível a um jovem com o temperamento lógico de West. Somente a maior maturidade poderia ajudá-lo a entender as limitações mentais crônicas da espécie dos “professores doutores” — produto do puritanismo patético de gerações; bondosos, conscienciosos e por vezes gentis e amáveis, porém sempre estreitos, intolerantes, presos aos costumes e desprovidos de perspectivas. A idade reserva mais caridade para esses caracteres incompletos, ainda que de alma elevada, cujo pior vício real é o acanhamento, e que no final das contas são punidos com o ridículo generalizado por seus pecados intelectuais — pecados como o geocentrismo de Ptolomeu, o calvinismo, o antidarwinismo, o antinietzscheísmo e toda sorte de sabatismos^[4] e leis suntuárias. West, jovem apesar de seu maravilhoso talento científico, tinha uma paciência escassa com o bom dr. Halsey e seus colegas eruditos; e passou a nutrir um ressentimento crescente, associado a um desejo de provar suas teorias àquelas obtusas sumidades de alguma maneira impressionante e dramática. Como a maioria dos jovens, ele se entregava a elaborados devaneios de vingança, triunfo e, por fim, magnânimo perdão.

E então veio o flagelo, perverso e letal, saído das cavernas de pesadelo do Tártaro. West e eu havíamos nos graduado na época em que ele iniciou, mas permanecemos na faculdade para cumprir trabalhos adicionais no curso de verão, de forma que estávamos em Arkham quando ele irrompeu com plena fúria demoníaca sobre a cidade. Embora ainda não fôssemos médicos licenciados, já havíamos obtido nosso grau e fomos recrutados freneticamente pelo serviço público, enquanto os números de acometidos aumentavam. A situação estava quase além do controlável, e as mortes seguiam-se com frequência demasiada para que os co-

veiros locais pudessem tratá-las adequadamente. Enterros sem embalsamamento eram feitos em rápida sucessão, e até a capela mortuária do Cemitério Christchurch estava abarrotada com os caixões dos mortos não embalsamados. Essa circunstância não deixou de exercer seus efeitos sobre West, que pensava com frequência na ironia da situação — tantos espécimes frescos, porém nenhum para as suas oprimidas pesquisas! Nós estávamos assustadoramente sobrecarregados, e a terrível tensão mental e nervosa deixava meu amigo morbidamente preocupado.

Mas os gentis inimigos de West não eram menos acossados por deveres extenuantes. A universidade estava praticamente fechada, e todos os médicos da faculdade de medicina estavam ajudando a combater a peste da febre tifoide. O dr. Halsey em particular havia se distinguido por seu sacrifício em prol do trabalho, aplicando seu extremo conhecimento com entusiástica energia a casos que muitos outros evitavam, pelo perigo ou aparente desesperança. Antes que um mês tivesse se passado, o destemido decano havia se tornado um herói popular, embora parecesse não ter consciência de sua fama enquanto lutava para não sofrer um colapso com a fadiga física e a exaustão nervosa. West não pôde evitar a admiração pela força de seu antagonista, mas exatamente por isso estava ainda mais determinado a provar-lhe a verdade de suas assombrosas doutrinas. Tirando vantagem da desorganização tanto do trabalho universitário quanto das regras municipais de saúde, ele conseguiu certa noite introduzir clandestinamente no centro anatômico da universidade um corpo que havia falecido recentemente, e na minha presença injetou uma nova versão de sua fórmula. A coisa realmente abriu seus olhos, mas apenas mirou o teto com um olhar que exprimia um horror de petrificar a alma, para então ruir numa inércia da qual nada pôde despertá-la. West disse que o corpo não estava suficientemente fresco — o ar quente do verão não favorecia os cadáveres. Daquela vez quase fomos surpreendidos antes de incinerar a coisa, e West duvidou que fosse aconselhável repetir seu ousado abuso do laboratório da faculdade.

O auge da epidemia foi atingido em agosto. West e eu estávamos quase mortos, e o dr. Halsey de fato morreu no dia 14. Todos os estudantes compareceram ao funeral apressado no dia 15 e levaram uma impressionante coroa de flores, ainda que ela fosse um tanto ofuscada pelos tributos enviados pelos prósperos cidadãos de Arkham e pela pró-

pria municipalidade. Foi quase um evento comunitário, pois o decano havia sido sem dúvida um benfeitor público. Depois do sepultamento todos ficamos algo deprimidos, e passamos a tarde no bar do Commercial House. Lá West, embora abalado com a morte de seu principal oponente, causou calafrios no resto de nós com referências às suas notórias teorias. A maioria dos estudantes foi para casa, ou para seus vários deveres, quando a noite avançou; mas West me persuadiu a ajudá-lo a “fazer uma noitada”. A senhoria de West nos viu chegar no quarto dele por volta das duas da manhã, com um terceiro homem entre nós, e disse ao seu marido que estávamos todos evidentemente bem supridos de jantar e de vinho.

Aparentemente essa acídula matrona estava certa, pois, por volta das 3h a casa toda foi despertada por gritos vindos do quarto de West, e quando arrombaram a porta, encontraram-nos a ambos inconscientes sobre o tapete manchado de sangue, pisados, arranhados e espancados, e com os despojos dos frascos e instrumentos de West espalhados à nossa volta. Apenas uma janela aberta nos informava do que havia acontecido com o nosso oponente, e muitos se perguntaram como ele estaria passando após o tremendo salto do segundo andar até o gramado, que devia ter dado. Havia algumas estranhas vestes no quarto, mas West, após recuperar a consciência, disse que elas não pertenciam ao estranho, mas eram espécimes coletados para análise bacteriológica no decorrer das investigações sobre a transmissão de doenças infecciosas. Ordenou que elas fossem queimadas assim que possível na ampla lareira. À polícia, ambos declaramos ignorar a identidade do nosso recente companheiro. Ele era, disse West com nervosismo, um estranho amigável que havíamos conhecido em algum bar de localização incerta no centro da cidade. Todos havíamos estado um tanto alegres, e West e eu não queríamos que nosso pugnaz acompanhante fosse perseguido.

Aquela mesma noite viu o início do segundo horror de Arkham — um horror que para mim eclipsou a própria peste. O Cemitério de Christchurch foi cenário de um terrível assassinato; um vigia foi atacado até a morte de um modo não apenas horrível demais para se descrever, mas que levantou dúvidas sobre a origem humana de tal feito. A vítima fora vista com vida bem depois da meia-noite — mas o amanhecer revelou a coisa indescritível. O gerente de um circo na cidade vizinha de Bolton

foi interrogado, mas jurou que nenhuma fera havia em momento algum escapado de sua jaula. Os que encontraram o corpo notaram um rastro de sangue conduzindo até a capela mortuária, onde uma pequena poça vermelha jazia no chão de concreto do lado de fora, rente ao portão. Um rastro mais apagado levava à floresta, mas logo desaparecia.

Na noite seguinte, demônios dançaram sobre os telhados de Arkham, e uma loucura desnaturada uivou no vento. Pela cidade em febre, rastejou uma maldição que muitos disseram ser maior do que a praga, e que alguns sussurraram ser a corporificação da alma demoníaca da própria peste. Oito casas foram invadidas por uma coisa inominada que disseminou a morte rubra à sua passagem — ao todo, dezessete restos mortais mutilados e disformes foram deixados pelo monstro silencioso e sádico em seu amplo rastejar. Algumas pessoas haviam-no entrevisto na escuridão, e disseram que era branco e semelhante a um símio malformado ou um demônio antropomórfico. Ele não deixara para trás absolutamente tudo o que havia atacado, pois às vezes tinha fome. O número de pessoas que a coisa matara foi de quatorze; três dos corpos estavam em casas atacadas e não haviam sobrevivido.

Na terceira noite de desvario, grupos de busca, liderados pela polícia, capturaram-no numa casa na rua Crane, perto do campus da Miskatonic. Eles haviam organizado a incursão com cuidado, mantendo contato por meio de postos telefônicos voluntários, e quando alguém no distrito universitário comunicou ter ouvido um arranhar numa janela fechada, a rede foi estendida rapidamente. Por conta do alarme geral e das precauções tomadas, houve apenas mais duas vítimas, e a captura foi efetuada sem maiores baixas. A coisa foi finalmente detida por uma bala, embora esta não tenha sido fatal, e foi levada às pressas para o hospital local em meio a excitação e revolta generalizadas.

Pois aquilo era um homem. Isso estava claro apesar dos olhos nauseantes, da mudez simiesca e da ferocidade demoníaca. Fizeram curativos em sua ferida e transportaram-no para o asilo em Sefton, onde ele bateu sua cabeça contra a parede de uma cela acolchoada por dezesseis anos — até um recente incidente, quando ele escapou sob circunstâncias que poucos gostam de mencionar. O que mais desagradou a equipe de buscas de Arkham foi o que eles notaram quando a face do monstro foi limpa — a caricata e inacreditável semelhança com um douto e abnega-

do mártir que fora sepultado apenas três dias antes — o falecido dr. Allan Halsey, benfeitor público e decano da escola de medicina da Universidade do Miskatonic.

Para o desaparecido Herbert West e para mim, a repugnância e o horror foram supremos. Ainda esta noite eu tremo ao pensar nisso; tremo ainda mais do que tremi naquela manhã em que West murmurou por entre suas bandagens:

— Maldição, não estava fresco o suficiente!

III. *Seis tiros ao luar*

É incomum disparar todos os seis tiros de um revólver subitamente, quando um só provavelmente bastaria, porém muitas coisas na vida de Herbert West eram incomuns. Por exemplo, não é frequente que um jovem médico, ao deixar a faculdade, seja obrigado a ocultar os princípios que orientam sua escolha de um lar e consultório, no entanto foi esse o caso de Herbert West. Quando ele e eu obtivemos nossos graus na faculdade de medicina da Universidade do Miskatonic, e buscamos aliviar nossa pobreza estabelecendo-nos como clínicos gerais, tomamos grande cuidado para não dizer que escolhemos nossa residência por ser bastante isolada, e tão próxima quanto possível do cemitério dos indigentes.

Reticência como essa raramente é desprovida de uma causa, tampouco de fato foi a nossa, pois nossos requisitos eram resultantes de uma obra de vida nitidamente impopular. Externamente, éramos apenas médicos, mas sob a superfície éramos alvos de um impulso muito maior e mais terrível — pois o fundamento da existência de Herbert West era uma busca por entre os reinos negros e ilícitos do desconhecido, por meio da qual esperávamos descobrir o segredo da vida e restaurar à animação perpétua o barro frio do cemitério. Uma investigação como essa exige materiais inusitados, entre os quais, cadáveres humanos frescos; e com o objetivo de suprir-se de tais coisas indispensáveis é necessário viver com discrição e não muito longe de um local de sepultamentos informais.

West e eu havíamos nos conhecido na faculdade, e eu fui o único a simpatizar com seus experimentos hediondos. Gradualmente, tornara-

me seu assistente inseparável, e agora que havíamos nos desligado da faculdade, tínhamos de nos manter juntos. Não era fácil encontrar uma boa oportunidade para dois médicos associados, mas por fim a influência da universidade nos assegurou um consultório em Bolton — uma cidade industrial perto de Arkham, a sede da faculdade. A Bolton Worsted Mills era a maior fábrica do Vale do Miskatonic, e seu quadro poliglota de funcionários nunca foi o mais popular entre os pacientes dos médicos locais. Nós escolhemos nossa casa com o maior cuidado, decidindo-nos finalmente por um chalé um tanto precário próximo ao final da Pond Street; a cinco números do vizinho mais próximo e separado do cemitério dos indigentes unicamente por uma faixa de campo, bipartida por um trecho estreito da floresta densa que se estende ao norte. A distância era maior do que desejávamos, mas não conseguiríamos nenhuma casa mais próxima sem ir para o outro lado do cemitério, inteiramente fora do distrito industrial. Não ficamos muito contrariados, porém, uma vez que não havia ninguém entre nós e nossa sinistra fonte de suprimentos. A caminhada era um pouquinho longa, mas podíamos arrastar nossos espécimes silenciosos sem sermos perturbados.

Nossa clientela era surpreendentemente ampla já no início — grande o suficiente para satisfazer a maioria dos jovens médicos, e volumosa o bastante para se revelar um tédio e um fardo para estudiosos cujo real interesse residia em outra coisa. Os operários tinham inclinações um tanto turbulentas; e além de suas necessidades naturais, seus frequentes conflitos e brigas de faca davam-nos muito o que fazer. Mas o que de fato absorvia nossas mentes era o laboratório secreto que havíamos instalado no porão — o laboratório com a longa mesa sob as luzes elétricas, onde nas horas mortas da madrugada nós frequentemente injetávamos as várias soluções de West nas veias das criaturas que arrastávamos do cemitério dos indigentes. West procurava insanamente descobrir algo que desse novo impulso aos movimentos vitais humanos após eles terem sido interrompidos por aquilo que chamamos morte, mas encontrara os mais desagradáveis obstáculos. A solução precisava ter diferentes composições para diferentes espécies — o que servia para porquinhos-da-índia não serviria para seres humanos, e espécimes humanos diversos requeriam grandes modificações.

Os corpos tinham de ser extremamente recentes, caso contrário, a mais leve decomposição do tecido cerebral tornaria a reanimação perfeita impossível. De fato, o maior problema era consegui-los suficientemente frescos — West tivera experiências horríveis durante suas pesquisas secretas na faculdade, com corpos de safra duvidosa. Os resultados da animação parcial ou imperfeita eram muito mais abomináveis do que quando o fracasso era total, e ambos conservávamos lembranças pavorosas de tais coisas. Desde nossa primeira sessão demoníaca na fazenda deserta de Meadow Hill, em Arkham, sentíamos uma lúgubre ameaça; e West, embora na maioria dos aspectos fosse um autômato científico calmo, loiro e de olhos azuis, frequentemente confessava sentir a arrepiante sensação de que algo o perseguia sorrrateiramente. Sentia em parte que estava sendo seguido — uma delusão psicológica provocada pelos nervos abalados, intensificada pelo fato inegável e perturbador de que pelo menos um dos nossos espécimes reanimados ainda vivia — uma assustadora criatura carnívora encerrada numa cela acolchoada em Sefton. Além disso, houve outro — o nosso primeiro — cujo exato destino nós nunca descobrimos.

Tivemos boa sorte com os espécimes de Bolton — muito mais do que em Arkham. Não fazia uma semana que havíamos nos mudado quando conseguimos uma vítima de acidente na própria noite do enterro, e a fizemos abrir os olhos com uma expressão surpreendentemente racional antes que a solução desandasse. Ele havia perdido um braço — se fosse um corpo perfeito, talvez tivéssemos obtido mais sucesso. Entre essa época e o mês de janeiro seguinte, conseguimos mais três: um total fracasso, um caso de pronunciado movimento muscular e algo de causar calafrios — a coisa se levantou e pronunciou um som. Depois veio um período de sorte deplorável; os enterros declinaram, e os que de fato ocorriam eram de espécimes doentes demais ou excessivamente mutilados para que pudéssemos utilizá-los. Nós continuávamos rastreando todas as mortes e suas circunstâncias com cuidado sistemático.

Numa noite de março, porém, obtivemos inesperadamente um espécime que não saiu do cemitério dos indigentes. Em Bolton, o espírito prevalente do puritanismo havia tornado ilegal o esporte do boxe — com o resultado costumeiro. Lutas sub-reptícias e conduzidas de maneira precária entre os trabalhadores eram comuns, e ocasionalmente

importava-se algum talento profissional de divisão mais baixa. Naquela noite de fim de inverno houve um desses embates; com resultados evidentemente desastrosos, uma vez que dois amedrontados poloneses nos procuraram com súplicas sussurradas com incoerência para que atendêssemos um caso muito sigiloso e desesperado. Nós os seguimos até um celeiro abandonado, onde os remanescentes de um ajuntamento de estrangeiros assustados observavam uma silenciosa forma escura no chão.

A luta havia sido entre Kid O'Brien — um jovem grosseiro e agora trêmulo, com o menos hibérnico dos narizes aquilinos — e Buck Robinson, “A Nuvem Negra do Harlem”. O negro fora a nocaute, e um exame rápido mostrou-nos que ele continuaria permanentemente assim. Era um ser abominável que lembrava um gorila, com braços anormalmente longos que eu não pude evitar de chamar de patas dianteiras, e um rosto que conjurava pensamentos sobre inefáveis segredos do Congo e batuques sob uma lua aziaga. O cadáver devia ter parecido muito pior em vida — mas o mundo encerra muita feiura. O medo caíra sobre todo aquele lamentável grupo, pois eles não sabiam o que a lei lhes imporia se o caso não fosse abafado; e ficaram aliviados quando West, a despeito do meu estremecimento involuntário, ofereceu-se para se desfazer discretamente daquela coisa — com um propósito que eu conhecia muito bem.

Havia um luar radiante sobre a paisagem sem neve, mas nós vestimos a coisa e a carregamos para casa entre nós dois, através de ruas e prados desertos, do mesmo modo como havíamos transportado uma coisa semelhante certa horrível noite, em Arkham. Aproximamo-nos da casa pelo campo que ficava nos fundos, introduzindo o espécime pela porta de trás e conduzindo-o pela escada que levava ao porão, e em seguida o preparamos para o experimento costumeiro. Nosso temor da polícia era absurdamente grande, embora tivéssemos calculado o tempo da nossa incursão de modo a evitar o patrulheiro solitário daquela região da cidade.

O resultado foi enfadonhamente anticlimático. Por mais assustadora que nossa presa parecesse, deixou inteiramente de responder a todas as soluções que injetamos em seu braço negro; soluções preparadas unicamente a partir de experiências com espécimes brancos. Por isso, como o horário se aproximava perigosamente do amanhecer, fizemos o que ha-

víamos feito com os outros — arrastamos aquela coisa pelo pasto até a faixa de mata perto do cemitério dos indigentes e a enterramos ali, na melhor espécie de sepultura que o solo gelado poderia fornecer. A cova não era muito funda, mas absolutamente tão boa quanto a do espécime anterior — a coisa que havia se levantado e emitido um som. À luz das nossas lanternas furta-fogo, nós a cobrimos cuidadosamente com folhas e cipós mortos, e ficamos bastante seguros de que a polícia jamais a encontraria numa floresta tão obscura e densa.

O dia seguinte foi de progressiva apreensão com a polícia, pois um paciente nos trouxe rumores de uma luta suspeita seguida de morte. West tinha uma fonte de preocupação adicional, pois fora chamado durante a tarde para atender um caso que terminou de forma muito ameaçadora. Uma mulher italiana ficara histérica pelo desaparecimento de seu filho — um rapazinho de cinco anos que havia se desgarrado pela manhã e deixou de aparecer para o jantar — e desenvolvera sintomas altamente alarmantes em presença de um coração sempre fraco. Era uma histeria bastante tola, pois o menino já havia fugido antes; mas camponeses italianos são excessivamente supersticiosos, e essa mulher parecia tão aflita por presságios quanto pelos fatos. Por volta das sete horas da noite ela morreu, e seu marido transtornado fez uma cena pavorosa em seus esforços para matar West, a quem ele culpava com selvageria por não ter salvado a vida dela. Amigos tiveram de contê-lo quando ele sacou um estilete, mas West partiu em meio aos seus gritos inumanos, maldições e juras de vingança. Em sua extrema aflição, o sujeito parecia ter-se esquecido de seu filho, que continuava desaparecido enquanto a noite avançava. Falou-se em fazer buscas na floresta, mas a maior parte dos amigos da família estava ocupada com a mulher morta e o homem aos gritos. Juntando-se tudo isso, a tensão nervosa de West deve ter sido tremenda. Preocupações com a polícia e o italiano enlouquecido devem ter sido um peso intenso.

Nós nos recolhemos por volta das onze horas, mas eu não dormi bem. Bolton tinha uma polícia surpreendentemente boa para uma cidade tão pequena, e eu não podia evitar o temor quanto à confusão que se seguiria se a ação da noite anterior fosse investigada. Isso poderia significar o fim de todas as nossas atividades no local — e talvez a prisão para West e para mim. Não me agradavam aqueles rumores sobre a luta que

estavam circulando. Depois que o relógio soou três horas, o luar atingiu os meus olhos, mas eu me virei sem me levantar para fechar a veneziana. Então veio o bater constante na porta dos fundos.

Fiquei imóvel e até pasmo, mas não demorou para que ouvisse West bater à minha porta. Ele estava de roupão e chinelos, e tinha em suas mãos um revólver e uma lanterna elétrica. Pelo revólver eu concluí que ele estava mais preocupado com o italiano louco do que com a polícia.

— É melhor irmos nós dois — ele sussurrou. — Não adiantaria deixar de atender, de qualquer forma, e pode ser um paciente — deve ser um daqueles idiotas para bater na porta dos fundos.

Assim, nós dois descemos a escada nas pontas dos pés, com um temor que era em parte justificado e em parte um daqueles que brotam na alma apenas pelo inusitado das horas da madrugada. A batida continuou, tornando-se um pouco mais alta. Quando alcançamos a porta, eu a destravei com cautela e a abri, e quando o luar entrou revelando a silhueta que havia ali, West fez algo peculiar. Apesar do óbvio perigo de despertar atenção e atrair sobre as nossas cabeças a temida investigação policial — algo que no final das contas foi felizmente evitado pelo relativo isolamento do nosso chalé —, meu amigo subitamente, com precipitação e sem necessidade descarregou todas as seis câmaras de seu revólver no visitante noturno.

Pois esse visitante não era italiano nem policial. Assomando ameaçadoramente contra o luar espectral havia uma coisa gigantesca e disforme, inimaginável senão em pesadelos — uma aparição retinta e de olhos vidrados, quase quadrúpede, coberta de torrões de musgo, folhas e cipós, emporcalhado de sangue seco, e tendo entre seus dentes luzidios um alvo e terrível objeto cilíndrico terminado numa pequena mãozinha.

IV. *O grito do morto*

O grito de um homem morto proporcionou-me aquele horror agudo e crescente do dr. Herbert West que acossou os últimos anos do nosso relacionamento. É natural que algo como o grito de um morto cause pavor, pois essa obviamente não é uma ocorrência prazerosa ou ordinária; mas eu estava acostumado a tais experiências, por isso eu o sofri naquela

ocasião apenas por causa de uma circunstância particular. E, como eu dei a entender, não foi do homem morto em si que eu senti medo.

Herbert West, cujo sócio e assistente eu era, possuía interesses científicos muito além da rotina usual de um médico de vila. Foi por isso que, quando estabeleceu consultório em Bolton, ele escolheu uma casa isolada próxima ao cemitério dos indigentes. Expresso de modo breve e grosseiro, o único interesse que absorvia West era um estudo secreto do fenômeno da vida e sua interrupção, que levasse à reanimação dos mortos mediante injeções de uma solução estimulante. Para esse experimento macabro era necessário dispor de um constante suprimento de corpos humanos muito frescos; muito frescos porque o menor sinal de decomposição prejudicava irreversivelmente a estrutura do cérebro, e humanos porque descobrimos que a solução precisava ter composições diversas para diferentes tipos de organismo. Dezenas de coelhos e porquinhos-da-índia haviam sido mortos e tratados, mas essa era uma trilha que não levava a lugar algum. West nunca obtivera sucesso pleno porque não havia conseguido garantir um cadáver suficientemente fresco. O que nós queríamos eram corpos cuja vitalidade tivesse acabado de deixá-los; corpos com todas as células intactas e capazes de receber novamente o impulso rumo àquela forma de movimento chamada vida. Havia a esperança de que essa segunda vida artificial pudesse se tornar perpétua por meio de injeções repetidas, mas descobrimos que uma vida natural comum não responderia a essa medida. Para estabelecer o impulso artificial, a vida natural deveria ser extinta — os espécimes deveriam estar muito frescos, porém genuinamente mortos.

A assombrosa pesquisa começara quando West e eu éramos estudantes na Escola de Medicina da Universidade do Miskatonic, em Arkham, vividamente convictos, pela primeira vez, da natureza inteiramente mecânica da vida. Isso havia sido sete anos antes, mas West mal parecia ter envelhecido um só dia — ele era pequeno, loiro, bem barbeado, de voz suave e óculos, com não mais do que o ocasional lampejo dos frios olhos azuis a indicar o endurecimento e o fanatismo crescente de seu caráter sob a pressão de suas terríveis investigações. Nossas experiências com frequência eram horríveis ao extremo; resultados de uma reanimação imperfeita, em que torrões de barro dos cemitérios haviam sido gal-

vanizados a um movimento mórbido, inatural e insensato por várias modificações da solução vital.

Uma das criaturas emitira um grito de estilhaçar os nervos; outra tornara-se violenta, batendo em nós ambos até deixar-nos inconscientes, e investira numa chocante fúria homicida antes que se pudesse encerrá-la por trás das grades de um hospício; outra ainda, uma repugnante monstruosidade africana, abrira caminho com suas garras para fora da sepultura e cometera uma atrocidade — West tivera de balear esse objeto. Nós não conseguíamos obter corpos suficientemente frescos a ponto de demonstrar qualquer traço de razão quando reanimados, por isso havíamos sido forçados a criar horrores inomináveis. Era perturbador pensar que um, talvez dois, dos nossos monstros ainda viviam — esse pensamento nos perseguiu como uma sombra, até que por fim West desapareceu sob circunstâncias amedrontadoras. Mas na época do grito no laboratório de porão do chalé isolado em Bolton, nossos temores estavam subordinados à nossa ansiedade por espécimes extremamente frescos. West era mais ávido que eu, de forma que quase chegava a me parecer que ele manifestava uma certa cobiça diante de qualquer vivente de compleição física muito saudável.

Foi em julho de 1910 que a má sorte concernente aos espécimes começou a mudar. Eu estivera ausente numa longa visita aos meus pais em Illinois, e ao retornar encontrei West em um estado de singular entusiasmo. Ele me contou, com grande excitação, que havia com toda probabilidade resolvido o problema do frescor dos corpos abordando-o por um ângulo inteiramente novo — o da preservação artificial. Eu sabia que ele estava trabalhando em um novo e altamente incomum composto para embalsamamento, e não fiquei surpreso quando deu bons resultados; mas até que ele me explicasse os detalhes eu estive um tanto desorientado sobre de que forma essa mistura poderia ajudar nosso trabalho, uma vez que a indesejável deterioração dos espécimes estaria há muito instalada antes de nós os obtermos, para que sua ocorrência pudesse ser adiada. Isso, eu vejo agora, West havia reconhecido com clareza, criando seu composto embalsamador para uso futuro, e não imediato; e confiando que o destino novamente nos supriria de algum cadáver muito recente e insepulto, como fizera anos antes, quando obtivemos o negro morto no torneio de boxe em Bolton. Enfim, o destino havia sido gentil, pois nes-

sa ocasião jazia no laboratório secreto do porão um cadáver cuja decomposição não poderia de modo algum ter começado. O que poderia acontecer com a reanimação, e se poderíamos ter esperança de uma revivificação da mente e do raciocínio, West não se aventurava a predizer. O experimento seria um marco nos nossos estudos, e por isso ele havia guardado o novo corpo para a minha volta, para que ambos pudéssemos compartilhar o espetáculo do modo habitual.

West contou-me como havia obtido o espécime. Ele havia sido um homem vigoroso; um estranho bem vestido que acabara de sair do trem a caminho de alguma transação comercial com a Bolton Worsted Mills. O trajeto através da cidade havia sido longo, e no momento em que o viajante fez uma pausa no nosso chalé para perguntar o caminho da fábrica, seu coração estava bastante sobrecarregado. Ele havia recusado um estimulante, e caíra morto de súbito apenas um momento mais tarde. O corpo, como era de se esperar, pareceu a West um presente mandado pelos céus. Na breve conversa que teve com o estranho, este havia deixado claro que era desconhecido em Bolton, e uma inspeção subsequente em seus bolsos revelou que se tratava de um certo Robert Leavitt, de St. Louis, aparentemente sem familiares que pudessem fazer perguntas imediatas sobre o seu desaparecimento. Se esse homem não pudesse ser restituído à vida, ninguém saberia do nosso experimento. Nós enterrávamos nossos materiais numa densa faixa de mata entre a casa e o cemitério dos indigentes. Se, por outro lado, a restituição fosse possível, nossa fama se estabeleceria de maneira brilhante e perpétua. Por isso, sem demora West injetou no pulso do morto o composto que o manteria fresco para ser usado após a minha chegada. A questão do coração presumivelmente fraco, que em minha mente punha em risco o sucesso da nossa experiência, não parecia perturbar West em grande extensão. Ele esperava ao menos obter o que nunca havia obtido antes — uma centelha reacesa de razão e talvez uma criatura vivente normal.

Por isso, na noite de 18 de julho de 1910, Herbert West e eu nos postamos no laboratório do porão e contemplamos uma figura alva e silente sob a ofuscante lâmpada de arco voltaico. O composto embalsamador havia funcionado fantasticamente bem, pois enquanto admirava com fascínio o corpo robusto que jazia ali durante duas semanas sem enrijecer, vi-me compelido a pedir que West me assegurasse que a coisa estava

realmente morta. Confirmou de pronto, recordando-me que a solução reanimadora nunca foi usada sem que se testasse cuidadosamente os sinais vitais, uma vez que ela não teria qualquer efeito se algo da vitalidade original estivesse presente. Enquanto West procedia aos passos preliminares, eu fiquei impressionado pela extrema complexidade do novo experimento; uma complexidade tão grande que ele não poderia confiar em mãos menos delicadas do que as suas. Proibindo-me de tocar o corpo, ele primeiramente injetou uma droga no pulso, imediatamente ao lado do local puncionado pela agulha quando ele aplicou o composto embalsamador. Isso, disse ele, destinava-se a neutralizar o composto e liberar o organismo para um relaxamento normal, de forma que a solução reanimadora pudesse agir livremente quando administrada. Ligeiramente mais tarde, quando uma mudança e um suave tremor pareceram afetar os membros mortos, West aplicou com violência um objeto semelhante a um travesseiro sobre a face convulsa, sem tirá-lo até que o cadáver parecesse quieto e pronto para a nossa tentativa de reanimação. O pálido entusiasta então aplicou alguns últimos testes superficiais para certificar-se da absoluta ausência de vida, afastou-se satisfeito e por fim injetou no braço esquerdo uma quantidade rigorosamente medida do elixir vital, preparado durante a tarde com um cuidado muito maior do que havíamos empregado desde os tempos de faculdade, quando nossa destreza era recente e vacilante. Não posso expressar o suspense intenso e aflito com que aguardamos os resultados desse primeiro espécime realmente fresco — o primeiro que podíamos razoavelmente esperar que abrisse seus lábios numa fala racional, talvez contar-nos o que vira além do abismo imperscrutável.

West era um materialista, não acreditava em alma e atribuía todo o funcionamento da consciência a fenômenos corpóreos; consequentemente, não buscava a revelação de segredos ocultos em pântanos e cavernas situados além da barreira da morte. Eu não discordava inteiramente dele, em teoria, embora conservasse vagos resquícios instintivos da fé primitiva dos meus antepassados; de forma que não pude deixar de observar o cadáver com certo assombro e terrível expectativa. Além disso... não conseguia extirpar da minha memória aquele grito horrendo e inumano que ouvimos na noite em que tentamos nosso primeiro experimento na casa de fazenda deserta de Arkham.

Muito pouco tempo se passou antes que eu visse que a tentativa não seria um total fracasso. Um toque de cor subiu às faces até então alvas como giz, e se espalhou por sob os curiosamente crescidos restolhos de sua barba arenosa. West, que tomava o pulso da mão esquerda, de repente balançou significativamente sua cabeça, e quase simultaneamente uma névoa apareceu no espelho inclinado sobre a boca do cadáver. Seguiram-se alguns movimentos musculares espasmódicos, e então uma respiração audível e uma visível movimentação do peito. Eu olhei para as pálpebras fechadas e pensei ter detectado um tremor. Então elas se abriram, revelando olhos que eram cinzentos, calmos e vivos, mas ainda desprovidos de inteligência e até mesmo de curiosidade.

Num momento de enlevo fantástico, sussurrei perguntas nos ouvidos em processo de enrubescimento; indagações sobre outros mundos cuja memória poderia ainda estar presente. O terror subsequente expulsou-as da minha memória, mas creio que a última delas, que repeti, foi: “Por onde você esteve?” Ainda não sei se fui respondido ou não, pois nenhum som saiu da boca bem delineada; mas sei que naquele instante eu tive o firme pensamento de que os lábios finos haviam se movido em silêncio, formando sílabas que eu teria vocalizado como “só agora”, se essa frase possuísse algum sentido ou relevância. Naquele momento, como eu disse, alegrei-me com a convicção de que o objetivo maior fora alcançado; e que pela primeira vez um cadáver reanimado havia pronunciado palavras distintas, produzidas de fato pela razão. No momento seguinte, não houve dúvida sobre o triunfo; nenhuma dúvida de que a solução havia verdadeiramente cumprido, ao menos temporariamente, sua completa missão de restaurar a vida racional e articulada aos mortos. Mas com esse triunfo veio-me o maior dos horrores — não da coisa que falava, mas da façanha que eu havia testemunhado e do homem com quem meu destino profissional se associava.

Pois aquele mesmo corpo fresco, finalmente se debatendo em plena e aterrorizante consciência, com os olhos dilatados à lembrança de sua última cena sobre a terra, atirou suas mãos tresvariadas numa luta de vida e morte com o ar; e desmoronando de súbito numa segunda e definitiva dissolução da qual não haveria volta, lançou o grito que ecoará eternamente no meu cérebro angustiado.

— Socorro! Afaste-se de mim, seu maldito demônio de cabelos desbotados — mantenha essa agulha amaldiçoada longe de mim!

V. *O horror saído das sombras*

Muitos homens relataram coisas horríveis, não mencionadas pela imprensa, que aconteceram nos campos de batalha da Grande Guerra. Algumas dessas coisas me fizeram desmaiar, outras convulsionaram-me com náuseas devastadoras, enquanto outras ainda me fizeram tremer e olhar preocupado à minha volta na escuridão; no entanto, por piores que elas sejam, acredito que eu próprio posso relatar a mais horrenda de todas as coisas — o chocante, abominável, inacreditável horror saído das sombras.

Em 1915, eu era um médico que ocupava o posto de primeiro-tenente em um regimento canadense em Flandres, um dos muitos americanos que se anteciparam ao governo naquele gigantesco conflito. Não havia entrado no exército por iniciativa própria, mas antes como resultado natural do alistamento do homem cujo assistente indispensável eu era — o célebre especialista cirúrgico de Boston, dr. Herbert West. O doutor West era ávido por uma chance de servir como cirurgião numa grande guerra, e quando a oportunidade chegou, ele me carregou consigo quase contra a minha vontade. Havia razões por que eu teria ficado feliz em deixar que a guerra nos separasse; razões em função das quais eu achava a prática da medicina e a companhia de West cada vez mais irritantes; mas quando ele se foi para Ottawa e, valendo-se da influência de um colega, conseguiu uma patente de oficial médico como major, não pude resistir à imperiosa persuasão de alguém determinado a que eu o acompanhasse com minha competência habitual.

Quando afirmei que o dr. West sentia-se ávido para servir no campo de batalha, não pretendi sugerir que ele fosse naturalmente belicoso ou preocupado com a segurança da civilização. Sempre uma fria máquina intelectual; franzino, loiro, de olhos azuis e óculos; acho que ele secretamente desprezava meus ocasionais entusiasmos marciais e minhas censuras contra a neutralidade indolente. Havia, porém, algo que ele queria naquela Flandres preparada para o combate; e para assegurar isso ele

adotara um exterior militarista. O que ele queria não era aquilo que muitas pessoas querem, mas algo ligado ao peculiar ramo da ciência médica que ele havia escolhido seguir quase clandestinamente, no qual alcançara resultados surpreendentes e ocasionalmente pavorosos. Era, na verdade, nada mais nada menos que um abundante suprimento de homens recém-mortos, em todos os estágios de desmembramento.

Herbert West precisava de corpos frescos porque o trabalho de sua vida era a reanimação dos mortos. Essa obra não era conhecida da elegante clientela que havia tão rapidamente construído sua fama após chegar em Boston; mas era muito bem conhecida somente por mim, que havia sido seu amigo mais íntimo e único assistente desde os velhos dias na Escola de Medicina da Universidade do Miskatonic, em Arkham. Foi em um desses dias de faculdade que ele começou seus terríveis experimentos, primeiro em pequenos animais e depois em corpos humanos obtidos de maneira chocante. Havia uma solução que ele injetava nas veias das criaturas mortas, e se fossem bastante recentes, respondiam de estranhas maneiras. Ele tivera muita dificuldade em obter a fórmula adequada, pois cada tipo de organismo revelava necessitar de um estímulo especialmente adaptado a ele. O terror o espreitou enquanto ele refletia sobre seus fracassos parciais; coisas inomináveis resultantes de soluções imperfeitas ou de corpos insatisfatoriamente frescos. Um certo número desses fracassos havia permanecido com vida — um deles em um asilo, enquanto outros haviam desaparecido — e quando pensava em eventualidades concebíveis, ainda que praticamente impossíveis, ele com frequência estremecia por sob sua habitual impassibilidade.

West cedo aprendera que o absoluto frescor era o principal requisito para obter espécimes úteis, e conseqüentemente recorrera a expedientes temíveis e desnaturados para roubar corpos. Na faculdade, e durante o início da nossa atividade profissional conjunta, na cidade industrial de Bolton, minha atitude em relação a ele havia sido de amplo fascínio e admiração: mas quando a ousadia dos seus métodos aumentou, comecei a desenvolver um medo corrosivo. Não gostava do modo como ele olhava para corpos vivos e saudáveis; e então veio aquele pesadelo durante uma sessão no laboratório clandestino, quando eu descobri que um certo espécime ainda era um corpo vivo quando ele o capturou. Essa foi a primeira vez em que ele conseguiu reviver a qualidade do pensa-

mento racional num cadáver; e seu sucesso, obtido a um custo tão revoltante, endureceu-o por completo.

Sobre os seus métodos nos cinco anos seguintes eu não ousei falar. Eu me mantive ligado a ele pela pura força do medo, e testemunhei visões que nenhuma língua humana poderia repetir. Gradualmente eu passei a considerar Herbert West mais terrível do que qualquer coisa que ele fez — foi então que se elucidou para mim o fato de que seu outrora normal zelo científico pelo prolongamento da vida havia sutilmente se degenerado numa mera curiosidade mórbida e macabra e num inconfessado apego pelo pitoresco mórbido. Seu interesse tornou-se um vício infernal e perverso pela anormalidade repelente e demoníaca; ele se regozijava em perfeita calma sobre monstruosidades artificiais que fariam o mais saudável dos homens cair morto de pavor e repulsa; ele se tornou, por trás de sua intelectualidade pálida, um obstinado Baudelaire da experimentação médica — um lânguido Heliogábalo das tumbas.

Perigos ele enfrentava sem se abalar; crimes ele cometia com indiferença. Creio que o clímax ocorreu quando ele provou seu argumento de que a vida racional pode ser restaurada; então buscou novos mundos a conquistar pela experiência da reanimação de partes destacadas dos corpos. Ele tinha ideias extravagantes e originais sobre as propriedades vitais independentes das células orgânicas e dos tecidos nervosos separados de seus sistemas fisiológicos normais; e conseguiu alguns temíveis resultados preliminares na forma de tecidos imperecíveis nutridos artificialmente, obtidos de ovos semi-incubados de algum indescritível réptil tropical. Havia dois fatos biológicos que ele estava extraordinariamente ansioso para demonstrar — primeiro, se qualquer extensão de consciência e ação racional seria possível sem o cérebro, procedendo da espinha vertebral e de centros nervosos variados; e segundo, se algum tipo de relação etérea e intangível, independente do material celular, poderia existir ligando partes cirurgicamente seccionadas ao que havia sido anteriormente um organismo vivo uno. Todo esse trabalho de pesquisa exigia um prodigioso suprimento de carne humana recém-abatida — e foi por isso que Herbert West ingressou na Grande Guerra.

O evento fantasmagórico e improferível ocorreu certa meia-noite no final de março, em 1915, em um hospital de campanha por trás das linhas de combate em St. Eloi. Eu me pergunto ainda hoje se aquilo po-

deria ter sido algo além de uma visão de algum delírio demoníaco. West tinha um laboratório particular na ala leste do edifício temporário semelhante a um galpão, que lhe havia sido designado em decorrência de sua alegação de estar concebendo novos e radicais métodos para o tratamento de casos até então desesperançados de mutilação. Ali ele trabalhou como um açougueiro em meio à sua mercadoria sangrenta — eu jamais consegui me acostumar com a leviandade com que ele manuseava e classificava certas coisas. Algumas vezes ele realmente executava maravilhas cirúrgicas com os soldados; mas seus principais deleites eram de um tipo menos público e filantrópico, exigindo muitas explicações a dar sobre sons que pareciam estranhos até mesmo em meio àquela babel dos condenados. Entre esses sons eram frequentes os tiros de revólver — certamente nada incomuns em um campo de batalha, mas distintamente excepcionais em um hospital. Os espécimes reanimados pelo dr. West não se destinavam a uma longa existência ou ao conhecimento público. Além de tecidos humanos, West empregava em grande extensão os tecidos embrionários de répteis que havia cultivado com resultados tão singulares. Eles eram melhores que o material de origem humana para manter a vida em fragmentos separados dos órgãos, e essa era então a principal atividade do meu amigo. Num canto escuro do laboratório, sobre um curioso bico de gás para incubação, ele mantinha uma grande cuba coberta cheia desse material celular reptiliano, o qual se multiplicava e crescia como um inchaço repugnante.

Na noite de que falo nós tínhamos um esplêndido novo espécime — um homem dotado ao mesmo tempo de potência física e de uma mentalidade tão elevada que a presença de um sistema nervoso sensível estava assegurada. Era um tanto irônico, pois tratava-se do oficial que ajudara West a conseguir seu posto, e que àquela altura era nosso aliado. Além do mais, no passado ele havia estudado em segredo e até certo ponto a teoria da reanimação, sob a orientação de West. O major sir Eric Moreland Clapham-Lee, condecorado com a Ordem de Serviços Distintos, era o maior cirurgião da nossa divisão, e fora designado às pressas para o setor de St. Eloi quando as notícias de intensos combates chegaram ao quartel-general. Ele havia chegado em um aeroplano pilotado pelo intrépido tenente Ronald Hill, unicamente para ser abatido quando se encontrava exatamente acima do seu destino. A queda havia sido espetacu-

lar e assombrosa; Hill ficou irreconhecível, mas os destroços cederam o grande cirurgião em condições de quase decapitação, mas, tirando isso, intactas. West apoderou-se com sofreguidão daquela coisa sem vida que outrora havia sido seu amigo e colega; e eu estremei quando ele terminou de seccionar a cabeça, depositou-a na sua cuba infernal de carnosos tecidos reptilianos a fim de preservá-la para experiências futuras e procedeu ao tratamento do corpo decapitado sobre a mesa cirúrgica. Ele injetou novo sangue, suturou certas veias, artérias e nervos no pescoço acéfalo, e fechou a abertura repulsiva com um enxerto de pele de algum espécime não identificado que um dia vestira uniforme de oficial. Eu sabia qual era a intenção dele — ver se aquele corpo altamente organizado poderia exibir, sem a cabeça, quaisquer dos sinais de vida mental que haviam distinguido sir Eric Moreland Clapham-Lee. Após ter um dia estudado a reanimação, aquele tronco silencioso era agora horivelmente convocado a exemplificá-la.

Ainda posso ver Herbert West sob a sinistra lâmpada elétrica enquanto injetava a solução reanimadora no braço daquele corpo sem cabeça. A cena eu não posso descrever — desmaiaria se tentasse, pois há loucura numa sala cheia de coisas catalogadas que deveriam estar em um cemitério, com sangue e restos humanos inferiores quase à altura dos tornozelos sobre o chão viscoso, e horríveis aberrações reptilianas germinando, borbulhando e cozendo sobre o trêmulo espectro azul-esverdeado da chama esmaecida em um canto afastado sob negras sombras.

O espécime, como West repetidamente observava, tinha um esplêndido sistema nervoso. Muito se esperava dele; e quando alguns movimentos espasmódicos começaram a aparecer, eu pude ver o férvido interesse na face de West. Ele estava preparado, eu creio, para ver a prova de sua opinião cada vez mais forte de que a consciência, a razão e a personalidade podem existir independentemente do cérebro — que o homem não tem um espírito conectivo central, mas é uma mera máquina feita de matéria nervosa, cada divisão mais ou menos completa em si mesma. Numa demonstração triunfante, West estava prestes a relegar o mistério da vida à categoria de mito. O corpo então passou a se contorcer de maneira mais vigorosa, e sob os nossos olhos ávidos começou a se erguer de um modo atemorizante. Os braços se agitaram perturbadoramente, as pernas se ergueram e vários músculos se contraíram numa espécie de

convulsão repulsiva. Então a coisa acéfala atirou seus braços em um inconfundível gesto de desespero — um desespero inteligente que aparentemente bastava para provar todas as teorias de Herbert West. Certamente, os nervos estavam recordando o último ato do homem em vida: a luta para se libertar do aeroplano em queda.

O que se seguiu, eu jamais saberei com certeza. Pode ter sido unicamente uma alucinação pelo choque causado naquele instante pela destruição súbita e completa do edifício em um cataclismo causado pelo fogo de artilharia germânico — quem poderia negar isso, uma vez que West e eu fomos os únicos encontrados com vida? West gostava de pensar assim antes de seu recente desaparecimento, mas havia vezes em que isso não nos era possível, pois era estranho que ambos tivéssemos a mesma alucinação. A horrível ocorrência em si foi muito simples, notável apenas pelo que ela implicava.

O corpo sobre a mesa se levantou em um terrível andar às cegas, e nós ouvimos um som. Eu não chamaria aquilo como o som de uma voz, pois era apavorante demais. No entanto, seu timbre não foi a coisa mais assombrosa nele. Tampouco sua mensagem — ele meramente gritou: “Salte, Ronald, pelo amor de Deus, salte!” O mais pavoroso foi a fonte de onde o som partiu.

Pois ele veio da grande cuba coberta naquele canto macabro de sombras negras à espreita.

VI. *As legiões das tumbas*

Quando o dr. Herbert West desapareceu um ano atrás, a polícia de Boston interrogou-me minuciosamente. Eles suspeitavam que eu estivesse escondendo algo, e talvez desconfiassem até de coisas mais graves; mas eu não podia lhes dizer a verdade porque eles não teriam acreditado. Sabiam, realmente, que West estava ligado a atividades que desafiavam a crença dos homens comuns; pois suas experiências macabras com a reanimação de corpos mortos há muito se tornaram extensivas demais para comportar o sigilo perfeito; mas a derradeira catástrofe capaz de abalar a alma guardava elementos de fantasia demoníaca que fizeram com que até mesmo eu duvidasse da realidade do que vi.

Eu era o amigo mais íntimo de West e seu único assistente de confiança. Havíamos nos conhecido anos antes, na faculdade de medicina, e desde o início eu participei de suas terríveis pesquisas. Ele tentara a custo aperfeiçoar uma solução que, injetada nas veias dos recentemente falecidos, restauraria a vida; uma obra que demandava corpos frescos em abundância e portanto envolvia as ações mais desnaturadas. Ainda mais chocantes foram os resultados de alguns desses experimentos — pavorosas massas de carne até então mortas, que West despertava para uma animação cega, acéfala e nauseabunda. Esses eram os resultados habituais, pois para recobrar a mente era necessário ter espécimes tão absolutamente frescos que nenhuma possível decomposição pudesse afetar as delicadas células nervosas.

Essa necessidade de cadáveres muito frescos foi a ruína moral de West. Eles eram difíceis de conseguir, e houve um dia horrível em que ele capturou seu espécime enquanto ainda estava vivo e em pleno vigor. Uma luta, uma agulha e um poderoso alcaloide o transformaram em um cadáver muito fresco, e a experiência teve sucesso por um momento breve e memorável; mas West emergiu dele com a alma embrutecida e insensível, e um olhar endurecido que às vezes cintilava com uma espécie de avaliação horrenda e calculista sobre homens de cérebro especialmente sensível e constituição particularmente vigorosa. Perto do fim, fui tomado de um receio agudo de West, pois ele começou a olhar-me desse jeito. As pessoas não pareciam notar seus olhares, mas reparavam no meu medo; e depois de seu desaparecimento, tomaram isso como base para algumas suspeitas absurdas.

West, na realidade, sentia mais medo do que eu, pois sua busca abominável acarretava uma vida furtiva e temeroso de cada sombra que via. Em parte era a polícia o que ele temia; mas às vezes seu nervosismo era mais profundo e nebuloso, envolvendo certas coisas indescritíveis nas quais ele havia insuflado uma vida mórbida, e das quais não vira essa vida partir. Geralmente ele encerrava seus experimentos com um revólver, mas algumas vezes não foi rápido o suficiente. Houve aquele primeiro espécime sobre cuja sepultura pilhada marcas de garras foram posteriormente vistas. Houve também o corpo do professor de Arkham que se tornara uma criatura canibal antes de ser capturada e atirada sem identificação numa cela de hospício em Sefton, onde se chocou contra as pare-

des por dezesseis anos. A maioria dos outros possíveis resultados sobreviventes eram coisas mais difíceis de descrever — pois nos anos que se seguiram o rigor científico de West havia degenerado numa obsessão perniciosa e fantasista, e ele passou a empregar sua principal destreza para vitalizar não corpos humanos íntegros, mas partes isoladas de cadáveres, ou segmentos unidos a outras matérias orgânicas que não a humana. Isso havia se tornado diabolicamente repulsivo na época em que ele desapareceu; muitos dos experimentos não poderiam ser sequer sugeridos no texto impresso. A Grande Guerra, durante a qual ambos servimos como cirurgões, havia intensificado esse lado de West.

Quando digo que o medo que West tinha de seus espécimes era nebuloso, penso particularmente em sua natureza complexa. Parte desse medo provinha meramente do conhecimento da existência de tais monstruosidades inomináveis, enquanto outra parte originava-se da apreensão pela ameaça física que elas poderiam sob certas circunstâncias impingir-lhe. O desaparecimento delas acrescentava horror à situação — de todas elas, West conhecia o paradeiro de apenas uma, a lastimável criatura no asilo. Além disso, havia um medo mais sutil — uma sensação muito fantástica resultante de uma curiosa experiência no exército canadense, em 1915. West, no meio de uma severa batalha, havia reanimado o major sir Eric Moreland Clapham-Lee, condecorado com a Ordem de Serviços Distintos, um colega médico que sabia sobre as experiências dele e poderia tê-las reproduzido. Sua cabeça havia sido removida, para que as possibilidades de vida quase inteligente no tronco pudessem ser investigadas. Exatamente no momento em que o edifício era destruído por uma bomba alemã, o sucesso ocorreu. O tronco havia se movido de forma inteligente; e, por inacreditável que seja, tivemos ambos a nauseante certeza de que sons articulados haviam partido da cabeça seccionada, que jazia em um canto escuro do laboratório. A carga de artilharia havia sido misericordiosa, em certo sentido — mas West jamais pôde ter a certeza que gostaria de que nós dois fômos os únicos sobreviventes. Ele costumava tecer conjecturas estremecedoras sobre as possíveis ações de um médico sem cabeça com a capacidade de reanimar os mortos.

As últimas acomodações de West foram numa venerável residência de grande elegância, com vista para uma das mais antigas necrópoles de Boston. Ele havia escolhido o local por razões puramente simbólicas e

fantasticamente estéticas, uma vez que a maioria dos sepultamentos datavam do período colonial e eram, portanto, de pouco uso para um cientista que procurava corpos muito frescos. O laboratório ficava em um porão subterrâneo construído em segredo por trabalhadores importados, e continha um enorme incinerador para o descarte silencioso e completo dos cadáveres, ou fragmentos e arremedos sintéticos de corpos, resultantes dos experimentos mórbidos e dos divertimentos profanos do proprietário. Durante a escavação desse porão, os trabalhadores haviam dado com alguma construção em alvenaria extraordinariamente antiga, sem dúvida ligada à velha necrópole, embora profunda demais para corresponder a qualquer sepulcro conhecido existente ali. Após certo número de cálculos, West concluiu que aquilo representava alguma câmara secreta sob a tumba dos Averill, cujo último sepultamento havia ocorrido em 1768. Eu estava com ele quando estudou as paredes salitrosas e gotejantes desnudadas pelas pás e picaretas dos homens, e já estava preparado para os calafrios pavorosos que acompanhariam o desvelamento de segredos sepulcrais de séculos; mas pela primeira vez a recente timidez de West sobrepujou sua curiosidade natural, e ele traiu seu caráter em degeneração ao ordenar que a alvenaria fosse deixada intacta e coberta de cimento. E assim ela permaneceu até aquela demoníaca noite final, compondo as paredes do laboratório secreto. Eu falo da decadência de West, mas devo acrescentar que se tratava de algo puramente mental e intangível. Externamente, ele foi o mesmo até o fim — calmo, frio, franzino, com olhos azuis munidos de óculos e um aspecto geral de juventude que os anos e os temores pareciam nunca mudar. Ele parecia calmo até mesmo quando pensava naquela sepultura revirada por garras e olhava por sobre o ombro; mesmo quando pensava na criatura carnívora que roía e arranhava as grades de Sefton.

O fim de Herbert West começou numa tarde, no nosso estúdio comum, enquanto ele dividia seu olhar curioso entre o jornal e eu. Uma estranha manchete o abalara dentre as páginas amarrotadas, e uma titânica e inominável garra pareceu esticar-se ao longo de dezesseis anos. Algo pavoroso e inacreditável havia acontecido no Asilo Sefton, a oitenta quilômetros de distância, assombrando a vizinhança e desconcertando a polícia. Nas altas horas da madrugada, um grupo de homens silenciosos entrara nas dependências e seu líder despertara os atendentes. Era

uma ameaçadora figura militar que falava sem mover os lábios e cuja voz parecia quase a de um ventríloquo ligada a uma imensa caixa preta que ele carregava. Sua face inexpressiva era dotada de uma beleza radiante, mas deixou chocado o superintendente quando a luz do corredor incidiu sobre ela — pois era uma face de cera com olhos de vidro colorido. Algum acidente indescritível havia sucedido àquele homem. Um indivíduo maior guiava seus passos; um repelente brutamonte cuja face azulada parecia ter sido parcialmente devorada por alguma doença desconhecida. O porta-voz havia pedido a custódia do monstro canibal de Arkham, internado havia dezesseis anos; e quando recebeu uma recusa, fez um gesto que precipitou um chocante motim. Seus amigos haviam espancado, pisoteado e mordido todos os atendentes que não fugiram; mataram quatro deles e finalmente tiveram sucesso na libertação do monstro. As vítimas não conseguiam recordar o evento sem histeria, jurando que as criaturas haviam agido menos como homens do que como impensáveis autômatos guiados pelo líder de rosto de cera. Quando conseguiram convocar ajuda, todos os vestígios daqueles homens e seu louco protegido haviam desaparecido.

Desde o momento em que leu essa matéria até a meia-noite, West ficou sentado numa quase paralisia. À meia-noite o sino da porta soou, alarmando-o de um modo assustador. Todos os empregados dormiam no sótão, por isso eu atendi a porta. Como eu contei à polícia, não havia nenhum veículo na rua; apenas um grupo de pessoas de estranho aspecto portando uma grande caixa quadrada que depositaram no corredor depois que um deles grunhiu numa voz extremamente inatural: “Correio... pré-pago.” Eles se retiraram da casa em fila, com passos espasmódicos, e enquanto eu os observava se afastarem, tive a estranha ideia de que se dirigiam ao antigo cemitério que os fundos da casa delimitavam. Quando bati a porta às costas deles, West desceu as escadas e olhou para a caixa. Tinha cerca de sessenta centímetros de lado, e trazia o nome correto de West e seu endereço atualizado. Também trazia a inscrição: “Enviado por Eric Moreland Clapham-Lee, St. Eloi, Flandres”. Seis anos antes, em Flandres, um hospital atingido por uma bomba havia desabado sobre o tronco acéfalo e reanimado do dr. Clapham-Lee, e sobre a cabeça decepada que — possivelmente — havia articulado alguns sons.

West já não estava nem mesmo excitado. Sua condição era mais espectral. Rapidamente ele disse: “É o fim... mas vamos incinerar... isso”. Nós carregamos aquela coisa até o laboratório — com os ouvidos atentos. Não me recordo de muitas particularidades — vocês podem imaginar meu estado de espírito — mas é uma mentira perversa dizer que foi o corpo de Herbert West que eu pus no incinerador. Ambos introduzimos inteiramente a caixa de madeira sem abri-la, fechamos a porta e acionamos a corrente elétrica. Nenhum som saiu da caixa, afinal.

Foi West quem primeiro notou o reboco caído naquela parte da parede onde a antiga tumba de alvenaria havia sido coberta. Eu estava prestes a correr, mas ele me deteve. Então, vi um pequeno orifício escuro, senti um mórbido vento gelado e o cheiro das entranhas sepulcrais de uma terra putrescente. Não havia som, mas exatamente naquele momento as luzes elétricas se apagaram e eu vi delinear-se contra algum tipo de fosforescência do mundo subterrâneo uma horda silente e rastejante de coisas que somente a insanidade — ou algo pior — poderia criar. Seus perfis eram humanos, semi-humanos, fracionalmente humanos e absolutamente não humanos — a horda era grotescamente heterogênea. Eles estavam removendo silenciosamente as pedras, uma a uma, da parede centenária. E então, quando a fenda se tornou suficientemente larga, entraram no laboratório em fila indiana, conduzidos por uma imponente criatura dotada de uma bela cabeça feita de cera. Uma espécie de monstruosidade de olhar enlouquecido que vinha atrás do líder apoderou-se de Herbert West. Ele não resistiu nem pronunciou qualquer som. Então todos eles saltaram sobre o médico e rasgaram-no em pedaços diante dos meus olhos, carregando os fragmentos para aquela galeria subterrânea de fabulosas abominações. A cabeça de West foi levada pelo líder de rosto de cera, que vestia um uniforme de oficial canadense. Enquanto aquilo desaparecia, vi que os olhos azuis por trás dos óculos refulgiam terrivelmente com seu primeiro toque visível de emoção febril.

Os empregados me encontraram inconsciente pela manhã. West se fora. O incinerador continha apenas cinzas impossíveis de identificar. Detetives me interrogaram, mas o que posso eu dizer? A tragédia de Sefton eles não irão ligar a West; nem isso, nem os homens com a caixa, cuja existência eles negam. Eu lhes contei sobre a galeria, e eles apontaram para o reboco intacto da parede e riram. Por isso, não lhes disse

mais nada. Eles inferiram que eu sou louco ou assassino — provavelmente estou louco. Mas talvez não tivesse enlouquecido se aquelas malditas legiões das sepulturas não fossem tão silenciosas.



A Tumba

∴

The Tomb (1917)

The Vagrant (mar. 1922)

Este conto de 4.000 palavras foi a primeira contribuição profissional de Lovecraft para o campo da *weird fiction*. Embora seu enredo não esteja de acordo com os padrões dos trabalhos posteriores de Lovecraft, ainda é uma história incrível, já embebido pelo ambiente em camadas sublimes e um pavor enigmático que logo o tornaria famoso. Possivelmente, a melhor de “A tumba” é a poesia georgiana que Lovecraft habilmente inseriu, criando uma prazerosa transição do antigo para o novo.



“*Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.*”^[1]

— Virgílio

Considerando que as circunstâncias levaram ao meu confinamento neste asilo para dementes, tenho consciência de que a posição em que atualmente me encontro naturalmente irá gerar dúvidas quanto à autenticidade da minha narrativa. É um fato lamentável que a maior parte da huma-

nidade tenha uma amplitude mental demasiado limitada para avaliar com paciência e inteligência certos fenômenos isolados, vistos e sentidos somente por alguns poucos dotados de sensibilidade psicológica, e que se situam fora do âmbito da experiência comum. Homens de intelecto mais amplo sabem que não há distinção pronunciada entre o real e o ir-real; que todas as coisas parecem ser como são unicamente em virtude do delicado meio mental e físico de cada indivíduo, através do qual se toma consciência deles; mas o materialismo prosaico da maioria condena como loucura os lampejos de sobrevivência que penetram o véu comum do empirismo óbvio.

Meu nome é Jervas Dudley, e desde a primeira infância fui um sonhador e um visionário. Abastado a ponto de não necessitar de uma vida comercial, e de temperamento inconciliável com os estudos formais e as recreações sociais do meu círculo de relações, sempre me refugiei em reinos apartados do mundo visível; consumindo minha juventude e adolescência em livros antigos e pouco conhecidos, e vagando pelos campos e bosques da região vizinha ao meu lar ancestral. Não creio que o que eu lia naqueles livros ou via naqueles campos e bosques fosse exatamente o que outros meninos liam e viam ali; mas disso eu não devo falar muito, pois um discurso detalhado só iria confirmar aquelas calúnias cruéis sobre o meu intelecto, que às vezes eu entreouço nos sussurros dos enfermeiros furtivos que me rodeiam. Basta-me relatar os eventos sem analisar as causas.

Disse que me refugiei à parte do mundo visível, mas não disse que me refugiei sozinho. Isso nenhuma criatura humana pode fazer; pois carecendo da amizade dos vivos, inevitavelmente recorre-se à companhia de coisas que não são, ou não mais estão, vivas. Próximo ao meu lar existe um singular recôncavo coberto de mata, em cuja penumbra passei a maior parte do meu tempo; lendo, pensando e sonhando. Nas suas ribanceiras forradas de musgo foram dados os primeiros passos da minha infância e em torno de seus carvalhos grotescamente nodosos, minhas primeiras fantasias de meninice foram urdidas. Passei a conhecer muito bem as dríades que presidem aquelas árvores, e com frequência assisti suas danças selváticas sob os raios obstinados de uma lua minguante — mas de tais coisas não devo falar agora. Contarei apenas sobre a solitária tumba no matagal mais escuro da encosta; a tumba deserta dos Hydes,

uma antiga e exaltada família, cujo último descendente direto havia sido sepultado naqueles negros recessos muitas décadas antes do meu nascimento.

A catacumba a que me refiro é de granito antigo, puído pelo tempo e descolorido pelas névoas e a umidade das gerações. Escavada encosta adentro, da estrutura é visível apenas a entrada. A porta, uma imponente e ameaçadora laje de pedra, é sustentada por dobradiças enferrujadas de ferro, e mantém-se sinistramente *entreaberta* por meio de pesadas correntes de ferro e cadeados, conforme um lúgubre costume de meio século atrás. A residência da raça cujos rebentos estão ali inumados um dia havia coroado o declive que contém a tumba, mas muito tempo atrás cairá vítima das labaredas que brotaram da descarga desastrosa de um raio. Sobre a tempestade que em plena meia-noite destruiu aquela mansão soturna, os habitantes mais idosos da região às vezes falam em vozes sufocadas e receosas; aludindo ao que chamam de “ira divina” de um modo que, em anos posteriores, aumentou vagamente o sempre forte fascínio que eu sentia pelo sepulcro da floresta sombria. Somente um homem havia perecido no incêndio. Quando o último dos Hyde foi sepultado naquele lugar de sombra e quietude, a triste urna com as cinzas chegou de uma terra distante, para a qual a família havia partido quando a mansão foi carbonizada. Não restou ninguém para depositar flores diante do portal de granito, e poucos se davam ao trabalho de enfrentar as deprimentes sombras que pareciam pairar estranhamente em torno das pedras carcomidas pela umidade.

Jamais me esquecerei da tarde em que me deparei pela primeira vez com aquela semioculta casa dos mortos. Era em pleno verão, quando a alquimia da Natureza transmuta a paisagem silvestre numa vívida e quase homogênea massa verde; quando os sentidos se veem quase intoxicados pelos mares revoltos de verdor orvalhado e pelos sutis e indefiníveis odores do solo e da vegetação. Em ambientes como esse, a mente perde suas perspectivas; o tempo e o espaço se tornam insignificantes e irreais, e ecos de um passado pré-histórico esquecido se batem com insistência sobre a consciência deslumbrada. Por todo o dia eu havia vagado pelos bosques místicos do recôncavo; meditando sobre ideias que não sentia necessidade de discutir e conversando com coisas que não preciso nomear. Com a idade de dez anos, eu já vira e ouvira muitas maravilhas

desconhecidas da multidão; e já era peculiarmente maduro em certos aspectos. Quando, após forçar meu caminho por entre duas bravias moitas de espinheiros, eu repentinamente encontrei a entrada da catacumba, não tinha noção do que havia descoberto. Os escuros blocos de granito, a porta tão intrigantemente entreaberta e os relevos fúnebres acima da arcada não despertaram em mim qualquer associação de caráter lutuoso ou terrível. Sobre sepulcros e tumbas eu sabia e imaginava muito, mas por conta do meu temperamento peculiar, resguardara-me de todo contato pessoal com igrejas e cemitérios. A estranha edificação de pedra na ladeira da floresta foi para mim unicamente uma fonte de interesse e especulação; e seu interior frio e úmido, para o qual eu espiei em vão através da abertura deixada de maneira tão tentadora, não continha para mim nenhuma sugestão de morte ou decomposição. Mas naquele instante de curiosidade nasceu o desejo loucamente irracional que me trouxe a este inferno em que estou confinado. Motivado por uma voz que deve ter partido da horrenda alma da floresta, resolvi entrar naquela convidativa obscuridade, apesar das pesadas correntes que barravam minha passagem. À luz declinante do dia, eu alternadamente sacudia os obstáculos enferrujados com a intenção de alargar a abertura da porta de pedra e ensaiava espremer minha forma delgada através do espaço já oferecido; mas nenhum dos meus planos obteve sucesso. Inicialmente curioso, eu estava agora em desvario; e quando no crepúsculo que se adensava eu retornei para casa, havia feito aos cem deuses do bosque o juramento de que, *a qualquer custo*, eu algum dia forçaria minha entrada para as profundezas negras e gélidas que pareciam me chamar. O médico de barba grisalha que vem diariamente ao meu quarto um dia contou a um visitante que essa decisão marcou o início de uma lastimável monomania; mas eu deixarei o julgamento final aos meus leitores, quando eles tiverem conhecimento de tudo.

Os meses que se seguiram à minha descoberta foram passados em vãs tentativas de forçar o complicado cadeado daquela catacumba ligeiramente aberta, e em inquéritos cuidadosamente disfarçados acerca da natureza e da história daquela estrutura. Com os ouvidos tradicionalmente receptivos de um garotinho, eu aprendi muito; porém minha discrição habitual fez com que evitasse comunicar a qualquer outra pessoa minhas informações ou minha resolução. Talvez valha a pena mencionar

que eu não fiquei de modo algum surpreso ou aterrorizado ao saber da natureza daquela catacumba. Minhas ideias um tanto originais a respeito da vida e da morte faziam-me associar de um modo muito vago a argila fria e o corpo animado; e eu sentia que a grande e sinistra família da mansão incendiada estava de algum modo representada no interior do espaço de rocha que eu buscava explorar. Histórias contadas à boca pequena sobre os rituais esdrúxulos e os ímpios festins de anos passados no antigo palacete conduziram-me a um novo e potente interesse pela tumba, diante de cujo portal eu me sentava durante horas todos os dias. Uma vez eu enfiei uma vela para dentro da entrada quase fechada, mas não pude ver nada além de um lance de degraus de pedra úmidos que conduziam para baixo. O odor do lugar me causava repulsa e ainda assim me encantava. Senti que já o conhecera, em um passado remoto além de toda recordação; anterior até mesmo ao período em que passei a habitar o corpo que agora possuo.

Um ano depois de ter contemplado pela primeira vez a tumba, deparei-me com uma tradução devorada por traças das *Vidas*, de Plutarco, no sótão tomado de livros de meu lar. Após ler a vida de Teseu, fiquei muito impressionado por aquela passagem que trata da grande rocha sob a qual o herói menino deveria encontrar as insígnias do seu destino quando atingisse idade suficiente para erguer seu enorme peso. Essa lenda teve o efeito de dissipar minha mais ardente impaciência de entrar na catacumba, pois fez-me sentir que o tempo ainda não havia chegado. Com o tempo, disse a mim mesmo, eu cresceria até atingir a força e a experiência que me tornariam capaz de destrancar a pesada porta acorrentada com facilidade; mas até que esse momento chegasse, seria melhor eu me conformar com o que parecia ser a vontade do Destino.

Consequentemente, minhas vigílias junto ao portal úmido tornaram-se menos persistentes, e grande parte do meu tempo era dedicada a outros, ainda que igualmente estranhos, propósitos. Às vezes eu me levantava muito silenciosamente no meio da noite e saía a passos furtivos para caminhar por aqueles adros e cemitérios dos quais meus pais me mantinham afastado. O que eu fazia lá, não posso dizer, pois não tenho mais certeza da realidade de certas coisas; mas sei que nos dias que se seguiam a tais errâncias noturnas eu com frequência surpreendia os que viviam no meu entorno com meu conhecimento de assuntos quase es-

quecidos por muitas gerações. Foi depois de uma noite como essa que eu choquei a comunidade com uma insólita versão do sepultamento do rico e celebrado Cavaleiro Brewster, um personagem histórico local que foi enterrado em 1711, e cuja lápide, ostentando uma caveira esculpida com ossos cruzados, lentamente se decompunha em pó. Em um momento de imaginação infantil, declarei não apenas que o coveiro, Goodman Simpson, havia roubado os sapatos com fivela de prata, as meias de seda e os calções de cetim do falecido antes do sepultamento, mas que o próprio Cavaleiro, não inteiramente inanimado, havia se virado duas vezes no seu caixão coberto de terra no dia seguinte à inumação.

Mas a ideia de entrar na tumba nunca deixou meus pensamentos, sendo de fato estimulada pela inesperada descoberta genealógica de que minha própria ancestralidade materna possuía ao menos uma ligeira ligação com a supostamente extinta família Hyde. Último representante da minha família paterna, eu era igualmente o último dessa mais antiga e misteriosa linhagem. Comecei a sentir que a tumba era *minha*, e a esperar com acalorada ansiedade pelo tempo em que poderia penetrar por aquela porta de pedra e descer aqueles limosos degraus de rocha escuridão adentro. Naquela época eu havia desenvolvido o hábito de *escutar* muito atentamente pelo portal ligeiramente aberto, escolhendo as horas silenciosas por volta da meia-noite, minhas favoritas, para a peculiar vigília. Quando atingi a idade, abri uma pequena clareira no matagal diante da fachada manchada de bolor na encosta da colina, permitindo que a vegetação adjacente circundasse e sobrepairasse o espaço formado como as paredes e o telhado de um caramanchão silvestre. Esse caramanchão era o meu templo, a porta acorrentada o meu santuário, e ali eu me deixava ficar estendido sobre o solo musgoso, entregando-me a estranhos pensamentos e estranhos sonhos.

A primeira revelação foi numa noite abafadiça. Eu devo ter adormecido de fadiga, pois foi com uma distinta sensação de despertar que eu ouvi as *vozes*. Sobre seus tons e timbres eu hesito em falar; de sua *qualidade* eu não falarei; mas posso dizer que estavam presentes certas insólitas diferenças de vocabulário, pronúncia e construção das frases. Cada traço do dialeto da Nova Inglaterra, das sílabas grosseiras dos colonos puritanos à retórica precisa de cinquenta anos atrás, parecia representado naquele colóquio sombrio, embora somente mais tarde eu tenha no-

tado esse fato. Naquele momento, na verdade, minha atenção foi distraída desse aspecto por outro fenômeno; um fenômeno tão fugaz que eu não poderia jurar que fosse real. Mal pude distingui-la no momento em que despertei, uma luz extinta às pressas dentro do fundo sepulcro. Não creio ter ficado perplexo ou de ser acometido de pânico, mas sei que sofri uma grande e permanente *mudança* naquela noite. Quando retornei para casa, segui muito diretamente até um baú apodrecido no sótão, dentro do qual encontrei a chave que no dia seguinte destrancou com facilidade a barreira que eu por tanto tempo havia atacado em vão.

Foi na suave penumbra de um final de tarde que entrei pela primeira vez na catacumba da encosta abandonada. Um encantamento agia sobre mim, e meu coração disparou com uma exultação que não consigo descrever. Quando fechei a porta atrás de mim e descí os degraus gotejantes à luz da minha única vela, senti que conhecia o caminho; e embora a vela crepitasse com o bafio sufocante do lugar, senti-me singularmente à vontade naquele bolorento ar sepulcral. Olhando à minha volta, vi muitas lajes de mármore contendo caixões ou restos de caixões. Alguns deles estavam selados e intactos, mas outros haviam quase desaparecido, deixando as alças e placas de prata isoladas no meio de curiosos montículos de poeira branquicenta. Sobre uma das placas li o nome de sir Geoffrey Hyde, que viera de Sussex em 1640 e morrera ali alguns anos mais tarde. Em um nicho que se sobressaía havia um esquife muito bem preservado e desocupado, adornado unicamente com um nome que me provocou ao mesmo tempo um sorriso e um estremecimento. Um impulso insólito levou-me a subir na ampla laje, extinguir minha vela e deitar-me no caixão vazio.

Na luz mortiça do amanhecer, saí cambaleando do sepulcro e tranquei a corrente da porta. Eu deixara de ser um jovem, embora não mais do que vinte e um anos tivessem fustigado minha compleição corporal. Os aldeões madrugadores que assistiram meu regresso para casa olharam-me com estranheza e intrigaram-se com os sinais de dissolução que viram em alguém cuja vida era sabidamente sóbria e solitária. Não apareci perante meus pais senão depois de um longo e revigorante sono.

A partir desse dia, frequentei a tumba todas as noites; vendo, ouvindo e fazendo coisas que jamais revelarei. Minha fala, sempre suscetível a influências do meio, foi a primeira coisa a sucumbir à mudança; e o as-

pecto arcaico subitamente adquirido pela minha dicção logo foi notado. Mais tarde uma peculiar audácia e temeridade se apossaram das minhas maneiras, até que passei inconscientemente a adotar os modos de um homem do mundo, apesar da minha vida de total reclusão. Minha língua anteriormente calada tornou-se verborrágica com a graça fácil de um Chesterfield ou o cinismo ímpio de um Rochester. Eu exibia uma peculiar erudição, completamente distinta da fantástica e monacal doutrina que havia estudado à exaustão na juventude; e cobria as folhas de guarda dos meus livros com fluidos epigramas de improviso que traziam sugestões de Gay, Prior e dos mais vivazes e espirituosos versejadores augustinos. Certa manhã, durante o desjejum, eu beirei o desastre ao recitar em entonações tangivelmente ébrias uma efusão de alegria orgiástica do século XVIII; uma amostra de jocosidade georgiana^[2] jamais registrada em livro, que dizia algo semelhante a isto:

*Chegai, meus rapazes, trazei os canecos,
Bebei ao presente, que logo se acaba;
Enchei vossos pratos com pilhas de bifes,
Comendo e bebendo encontramos alívio:
E enchei vossos copos,
Que a morte já vem;
E mortos não brindam às damas ou ao rei!*

*Anacreonte, se diz, tinha um rubro nariz;
E que importa o rubor a quem ri e é feliz?
Que Deus me perdoe! Antes rubro e humano,
Que alvo de neve e morto em um ano!
Então, Betty, meu anjo,
Vem dar-me teu beijo;
Os taverneiros do inferno não têm filhas como tu!*

*O Harry, coitado, mal para de pé,
Perdeu a peruca e caiu sob a mesa.
Pois encham as taças e passem em volta.
Melhor sob a mesa que embaixo da terra!
E brinquem, e riam
E matem a sede:
Se ri muito menos no fundo da cova!*

*Estou tão chumbado que mal dá pra andar,
Não paro de pé e nem posso falar
Garçom, mande Betty chamar a carroça
Minha velha saiu, eu retomo pra choça
Estenda-me a mão
Ou eu caio no chão,
Mas alegre eu me sinto, se estou vivo e são.^[3]*

Até este momento eu ocultei o medo que hoje sinto do fogo e das tempestades. Antes indiferente a tais coisas, no presente eu as temo de maneira indescritível e refugio-me nos recessos mais recônditos da casa sempre que o céu nos ameaça com um espetáculo elétrico. Um dos meus recantos favoritos durante o dia era o porão em ruínas da mansão incen-

diada, e na minha fantasia eu visualizava a construção como havia sido em seu auge. Em certa ocasião eu deixei um aldeão alarmado ao guiá-lo com passos seguros até um baixo compartimento subterrâneo, de cuja existência eu parecia saber, a despeito do fato de que o lugar estivera oculto e esquecido por muitas gerações.

Por fim aconteceu aquilo que havia muito eu temia. Meus pais, alarmados com as alterações no comportamento e na aparência de seu único filho, começaram a impor aos meus movimentos uma discreta espionagem que ameaçava resultar em desastre. Eu não havia contado a ninguém sobre minhas visitas à tumba, guardando meus intentos secretos com zelo religioso desde a infância; mas agora eu me via forçado a percorrer com cuidado os labirintos da floresta, de forma a despistar um possível perseguidor. A chave da catacumba eu mantinha sempre pendurada em um cordão em volta do meu pescoço, e sua presença era conhecida unicamente por mim. Jamais carregava para fora do sepulcro nenhuma das coisas que encontrava entre suas paredes.

Certa manhã, quando emergi da tumba úmida e preendi a corrente do portal com mão não muito firme, avistei em um arbusto das adjacências o rosto atemorizado de um curioso. Agora era certo que o final estava próximo, pois meu caramanchão havia sido descoberto, e o objetivo das minhas caminhadas noturnas fora revelado. O homem não me abordou, por isso eu me apressei para casa em um esforço de ouvir antecipadamente o que ele iria relatar ao meu preocupado pai. Minhas incursões além da porta acorrentada estariam prestes a ser reveladas ao mundo? Imagine meu perplexo deleite ao ouvir o espião informar meu pai em um sussurro cauteloso que *eu havia passado a noite no caramanchão do lado de fora da tumba*, com meus olhos enevoados de sono fixos na fresta que havia onde o portal com cadeado permanecia entreaberto! Qual havia sido o milagre graças ao qual o vigilante se enganou de tal forma? Eu então me convenci de que alguma intervenção sobrenatural me protegia. Encorajado por essa circunstância propiciada pelos céus, comecei a retomar com plena franqueza minhas idas ao sepulcro, confiante de que ninguém conseguiria testemunhar minha entrada. Durante uma semana desfrutei ao máximo as alegrias daquela convivência fúnebre que não devo descrever, mas então aconteceu *aquilo*, e eu fui arrastado para este maldito reduto de tristeza e monotonia.

Não devia ter-me aventurado a sair naquela noite, pois sinais de tempestade podiam ser vistos nas nuvens, e uma fosforescência infernal se erguia do pântano estagnado no fundo do recôncavo. O chamado dos mortos também era diferente. Em vez da tumba nas encostas, era o demônio que presidia o porão calcinado na crista da escarpa que me acenava com dedos invisíveis. Quando emergi de um bosque intermediário na baixada em frente à ruína, avistei ao luar enevoadado algo que eu sempre havia vagamente esperado. A mansão, desaparecida havia um século, novamente se erguia em sua grandiosidade à visão extasiada; cada uma de suas janelas fulgurava com o esplendor de muitas velas. Pela longa estrada subiam as carruagens da nobreza bostoniana, enquanto à pé chegava um numeroso grupo de janotas empoados das mansões vizinhas. Misturei-me a essa multidão, embora soubesse que meu lugar era mais entre os anfitriões que entre os convidados. Dentro do salão havia música, risos e o vinho corria por todas as mãos. Diversos rostos eu reconheci, embora os tivesse achado mais familiares se estivessem emurchecidos ou devorados pela morte e a decomposição. Em meio à massa turbulenta e desmedida, eu era o mais desenfreado e dissoluto. Alegres blasfêmias vertiam em torrentes dos meus lábios, e em meus chocantes gracejos eu não temia a lei de Deus, do Homem ou da Natureza. De repente, o clamor de um trovão, ressoando mais alto que o rumor da bestial folia, chegou a trespassar o telhado e impôs um toque de atemorizado silêncio sobre a ruidosa congregação. Rubras labaredas estenderam suas línguas e abrasantes rajadas de calor engoliram a casa. Os foliões, apavorados pela chegada de uma calamidade que parecia transcender as fronteiras da Natureza bravia, fugiram aos gritos noite adentro. Somente eu permaneci, cravado ao meu assento por um medo mais avassalador do que jamais havia sentido antes. E então um segundo horror se apossou da minha alma. Queimado vivo e reduzido a cinzas, tendo meu corpo disperso aos quatro ventos, *eu jamais poderia repousar na tumba dos Hyde!* Meu caixão não estava já preparado para mim? Não me cabia o direito de descansar até a eternidade entre os descendentes de sir Geoffrey Hyde? Sim! Eu exigiria meu direito de morte, mesmo que para isso minha alma buscasse ao longo das eras por outra morada corpórea que a representasse naquela erva laje no nicho da catacumba. *Jervas Hyde* jamais compartilharia o triste destino de Palinuro^[4]!

Quando o fantasma da casa em chamas desapareceu, eu me encontrei gritando e debatendo-me de maneira insana nos braços de dois homens, um dos quais era o espião que me havia seguido até a tumba. Chovia em torrentes, e no horizonte ao sul viam-se os clarões dos relâmpagos que ainda recentemente haviam passado sobre as nossas cabeças. Meu pai, com sua face vincada de pesar, apenas assistia enquanto eu bradava minha exigência de ser sepultado dentro da tumba, frequentemente alertando meus captores que me tratassem com o máximo de gentileza possível. Um círculo enegrecido no chão do porão em ruínas era o testemunho de um violento golpe desferido pelos céus; e desse local um grupo de aldeões curiosos portando lanternas desenterrava uma pequena caixa de feitiço muito antigo, que o raio havia revelado. Interrompendo minhas vãs e agora despropositadas convulsões, observei enquanto os espectadores examinavam o tesouro encontrado, e fui autorizado a participar da descoberta. A caixa, cujo fecho havia sido quebrado pelo raio que a desenterrara, continha muitos papéis e objetos de valor; mas eu só tinha olhos para uma coisa. Era a miniatura em porcelana de um jovem com uma peruca cuidadosamente penteada em cachos, que trazia as iniciais “J.H.” O rosto tinha tal aspecto que, ao contemplá-lo, era como se eu estivesse me examinando ao espelho.

No dia seguinte eu fui trazido para este quarto com grades nas janelas, mas tenho sido informado de certas coisas por um idoso e simplório servidor, por quem nutro carinho desde a infância, e que como eu adora os cemitérios. O que ousei relatar das minhas experiências dentro da catacumba só me propiciou sorrisos piedosos. Meu pai, que me visita com frequência, declara que em nenhum momento eu passei pelo portal acorrentado, e jura que o cadeado enferrujado não era tocado havia cinquenta anos no momento em que ele o examinou. Ele chega a dizer que a vila toda sabia das minhas incursões à tumba, e que eu amiúde era visto adormecido no caramanchão em frente à lúgubre fachada, com meus olhos parcialmente abertos fixos na fresta que dá para o interior. Contra essas asserções eu não tenho prova tangível a oferecer, uma vez que minha chave para aquele cadeado se perdeu no confronto daquela noite de horrores. As coisas estranhas do passado que aprendi durante aqueles encontros noturnos com os mortos ele refuta como frutos da minha incessante e onívora leitura dos antigos volumes da biblioteca familiar.

Não fosse pelo meu velho criado Hiram, e eu a esta altura estaria praticamente convencido de minha insanidade.

Mas Hiram, leal ao extremo, conservou sua fé em mim, e fez aquilo que me impele a tornar pública pelo menos uma parte da minha história. Uma semana atrás ele arrombou o cadeado que mantém a porta da tumba perpetuamente entreaberta, e desceu com uma lanterna até as profundezas obscuras. Sobre uma laje dentro de um nicho ele encontrou um velho caixão vazio, cuja placa embaçada ostenta só um nome: “*Jervas*”. Nesse caixão e nessa catacumba, prometeram-me que serei enterrado.



O Templo

∴

The Temple (1920)

Weird Tales (set. 1925)

O motivo pelo qual H.P. Lovecraft decidiu voltar ao assunto da Primeira Guerra Mundial no verão de 1920 não está claro. Talvez “O Templo” tenha sido um conceito que ele desenvolveu durante a guerra, e ele simplesmente nunca teve a inclinação ou inspiração para desenvolver até o momento certo.

Independentemente da motivação, o resultado foi uma história que em geral tem sido desaprovada por críticos e estudiosos de Lovecraft, mas na verdade há muito a se considerar.

Está escrito de um ponto de vista hostil às supostas simpatias dos leitores: tenente-comandante de um submarino da Marinha Imperial Alemã. O comandante é apresentado de maneira muito antipática; no entanto, Lovecraft quase nos obriga a admirá-lo enquanto ele marcha bravamente para seu destino.

Além disso, nos parágrafos finais, Lovecraft mostra uma das características que marcam seu trabalho: um instinto afiado para saber o quanto contar e o quanto, provocativamente, não.



(*Manuscrito encontrado na costa do Iucatã*)

No dia 20 de agosto de 1917, eu, Karl Heinrich, Graf von Altberg-Ehrenstein, tenente-comandante da Armada Imperial Alemã e comandante do submarino U-29, deposito o relato contido nesta garrafa no Oceano Atlântico, em um ponto para mim desconhecido, mas provavelmente próximo dos 20° de latitude norte e 35° de longitude oeste, onde minha embarcação jaz incapacitada no fundo do mar. Faço isso em função do meu desejo de expor certos fatos incomuns perante o público; algo que, com toda probabilidade, não sobreviverei para fazer pessoalmente, uma vez que as circunstâncias em que me encontro são tão ameaçadoras quanto extraordinárias, e envolvem não apenas a avaria irrecuperável do U-29, mas também o comprometimento da minha férrea vontade germânica, da mais desastrosa maneira.

Na tarde do dia 18 de junho, conforme reportado por rádio ao U-61, que se dirigia a Kiel, nós torpedeamos o cargueiro britânico *Victory*, em rota de Nova York para Liverpool, aos 45°16' de latitude N e 28°34' de longitude W, permitindo que a tripulação partisse em escaleres para que obtivéssemos uma bela visão cinematográfica para os registros do almirantado. O navio afundou de maneira um tanto pitoresca, primeiro a proa, e a popa erguendo-se muito alto sobre as águas, enquanto o casco descia perpendicularmente até o fundo do mar. Nossa câmera não perdeu nada, e eu lamento que um rolo de filme tão perfeito jamais chegue a Berlim. Depois disso, afundamos os escaleres com nossas armas e submergimos.

Quando voltamos à superfície, perto do pôr do sol, o corpo de um marinheiro foi encontrado no convés, agarrado ao parapeito de maneira muito curiosa. O pobre sujeito era jovem, um tanto escuro e muito bonito; provavelmente italiano ou grego, e sem dúvida pertencia à tripulação do *Victory*. Era evidente que havia buscado refúgio no mesmo navio que fora forçado a destruir o seu — mais uma vítima da injusta guerra de agressão que os porcos ingleses vêm movendo contra a nossa pátria. Nossos homens revistaram-no em busca de *souvenirs*, e encontraram no bolso do seu casaco um pedaço muito curioso de marfim, esculpido de

forma a representar a cabeça de um jovem coroadado de louro. Meu segundo-oficial, o tenente Klenze, acreditava que o objeto fosse de grande antiguidade e valor artístico, por isso confiscou-o dos homens para si próprio. Como aquilo foi parar em poder de um marinheiro comum, nem ele nem eu pudemos imaginar.

Quando o morto foi jogado ao mar, ocorreram dois incidentes que geraram grande perturbação entre os tripulantes. Os olhos do sujeito estavam fechados; mas enquanto se arrastava o seu corpo até o parapeito eles se abriram com o balanço, e vários homens aparentemente passaram a nutrir a ridícula ilusão de que eles olhavam fixa e zombeteiramente para Schmidt e Zimmer, que estavam curvados sobre o cadáver. O contra-mestre Müller, um homem mais velho que agiria melhor se não fosse um supersticioso e desprezível alsaciano, ficou tão excitado por essa impressão que observou o corpo na água, e jurou que depois de afundar um pouco ele se pôs em posição de nado e disparou rumo ao sul sob as ondas. Klenze e eu não gostamos dessas demonstrações de ignorância camponia, e repreendemos os homens com severidade, particularmente Müller.

No dia seguinte gerou-se uma situação muito problemática, alguns membros da tripulação foram acometidos por uma indisposição. Era evidente que eles estavam sofrendo em consequência da tensão nervosa provocada pela nossa longa viagem, e tinham sonhos ruins. Vários deles pareciam completamente pasmos e estúpidos; e depois que eu me certifiquei de que eles não estavam fingindo essa fraqueza, liberei-os dos seus deveres. O mar estava um tanto encrespado, por isso descemos a uma profundidade onde as ondas eram menos agitadas. Ali ficamos comparativamente tranquilos, apesar de uma desconcertante corrente que não conseguimos identificar nas nossas cartas oceanográficas. Os gemidos dos enfermos eram decididamente irritantes; mas uma vez que pareciam não desmoralizar o restante da tripulação, não recorremos a medidas extremas. Nosso plano era permanecer onde estávamos e interceptar o transatlântico *Dacia*, mencionado pelas informações dos nossos agentes em Nova York.

No início da noite nós subimos à superfície e encontramos o mar menos revolto. A fumaça de um couraçado podia ser vista no horizonte norte, mas nossa distância e a habilidade de submergir nos manteve a

salvo. O que nos preocupava mais era o falatório do contramestre Müller, que ficava mais desvairado com o chegar da noite. Ele se encontrava em um estado detestavelmente pueril, e balbuciava a respeito de alguma ilusão envolvendo cadáveres passando à deriva pelas vigias submersas; cadáveres que o olhavam intensamente, e que apesar de desfigurados pelo inchaço ele reconhecia como companheiros que vira morrer durante algumas das nossas vitoriosas expedições germânicas. Disse também que o jovem que havíamos encontrado e jogado ao mar os liderava. Isso era muito repulsivo e anormal, por isso confinamos Müller a ferros e mandamos que fosse exemplarmente açoitado. Os homens não ficaram satisfeitos com a punição de seu companheiro, mas a disciplina era necessária. Também negamos o requerimento de uma delegação encabeçada pelo marinheiro Zimmer, para que a curiosa cabeça entalhada em marfim fosse lançada ao mar.

No dia 20 de junho, os marinheiros Bohm e Schmidt, que haviam adoecido no dia anterior, tornaram-se violentamente insanos. Lamentei não termos nenhum médico incluído em nosso corpo de oficiais, pois as vidas germânicas são preciosas; mas os constantes delírios dos dois acerca de uma terrível maldição subvertiam seriamente a disciplina, por isso medidas drásticas foram tomadas. A tripulação recebeu o evento com um humor taciturno, mas isso pareceu acalmar Müller, que depois desse evento não nos causou mais problemas. Ao anoitecer nós o libertamos, e ele retomou seus deveres em silêncio.

Na semana que se seguiu estávamos todos muito nervosos, à espera do *Dacia*. A tensão foi agravada pelo desaparecimento de Müller e Zimmer, que sem dúvida cometeram suicídio em consequência dos temores que pareciam assolá-los, embora não tenham sido observados no ato de saltar da embarcação. Na verdade, senti-me satisfeito por me ver livre de Müller, pois até mesmo o seu silêncio afetava desfavoravelmente a tripulação. Todos pareciam então inclinados ao silêncio, como se acometidos por um terror secreto. Muitos adoeceram, mas ninguém cometeu qualquer desordem. O tenente Klenze, desgastado pela tensão, irritava-se pelas mais triviais ninharias — como o cardume de golfinhos que se reunia em torno do U-29 em quantidade cada vez maior, e a intensidade crescente daquela corrente em direção ao sul, que não estava na nossa carta náutica.

Por fim, tornou-se evidente que havíamos perdido definitivamente o *Dacia*. Tais fracassos não eram incomuns, e nós ficamos mais satisfeitos que desapontados, pois nosso retorno a Willenshaven agora era possível. Ao meio-dia de 28 de junho, dirigimo-nos para o norte, e apesar de alguns embaraços um tanto cômicos com a incomum massa de golfinhos, logo nos pusemos a caminho.

A explosão na casa de máquinas às 14h foi uma total surpresa. Nenhum defeito no maquinário ou descuido dos homens havia sido notado, mas ainda assim, sem qualquer aviso, a embarcação foi sacudida de um canto a outro por um abalo colossal. O tenente Klenze correu para a sala de máquinas, e encontrou o tanque de combustível e a maior parte do mecanismo danificados, e os engenheiros Raabe e Schneider fulminados. Nossa situação de repente se tornara verdadeiramente grave, pois embora os regeneradores químicos do ar estivessem intactos, e embora pudéssemos usar os dispositivos para emergir e submergir o barco e abrir as escotilhas enquanto durasse o ar comprimido e as baterias, vímo-nos incapacitados de acionar ou manobrar o submarino. Buscar resgate com os botes salva-vidas seria entregarmo-nos às mãos de inimigos desmedidamente amargurados contra a nossa grande nação germânica e nosso rádio estava inoperante desde a ação contra o *Victory* e não poderia nos pôr em contato com outro submarino da Armada Imperial.

Desde a hora do acidente até o dia dois de julho, vagamos constantemente à deriva para o sul, quase sem planos e sem encontrar nenhuma embarcação. Os golfinhos ainda rodeavam o U-29, uma circunstância de fato notável, considerando a distância que havíamos percorrido. Na manhã do dia dois de julho avistamos um couraçado de bandeira americana e os homens ficaram muito agitados por um desejo de rendição. Finalmente, o tenente Klenze teve de baleiar um marinheiro chamado Traube, que incitava esse ato antigermânico de maneira especialmente violenta. Isso aquietou momentaneamente a tripulação e nós submergimos sem sermos vistos.

Na tarde seguinte, uma densa revoada de aves marinhas apareceu pelo sul e o oceano começou a formar ondas ameaçadoras. Depois de fechar nossas escotilhas, aguardamos os acontecimentos, até concluirmos que deveríamos submergir ou seríamos engolidos pelas vagas que se avolumavam. Nosso ar pressurizado e nossa eletricidade estavam se es-

gotando, e desejávamos evitar todo uso desnecessário de nossos minguados recursos mecânicos; mas nesse caso não havia escolha. Não descesmos muito, e quando, depois de várias horas, o mar ficou mais calmo, decidimos retornar à superfície. Nisso, porém, um novo problema se apresentou, pois a embarcação deixou de responder ao nosso comando, a despeito de todos os esforços dos mecânicos. À medida que os homens ficavam mais assustados com aquele aprisionamento submarino, alguns deles começaram a resmungar novamente sobre a imagem de marfim do tenente Klenze, mas a visão de uma pistola automática os acalmou. Mantivemos os pobres diabos o mais ocupados que pudemos, remendando o maquinário ainda que soubéssemos que isso era inútil.

Klenze e eu geralmente dormíamos em horários diferentes; e foi durante o meu sono, por volta das 5h da manhã de 4 de julho, que o motim generalizado explodiu. Os seis porcos que restavam dos nossos marinheiros, suspeitando que estivéssemos perdidos, irromperam subitamente numa fúria insana devido à nossa recusa em nos rendermos ao couraçado ianque dois dias antes, e entraram num delírio destrutivo e maldito. Eles rugiam como os animais que eram e quebravam instrumentos e mobília indiscriminadamente, berrando tolices sobre coisas como a maldição da imagem de marfim e o jovem morto de pele escura que olhou para eles e saiu nadando. O tenente Klenze parecia paralisado e ineficiente, como se poderia esperar de um renano débil e efeminado. Atirei em todos os seis, pois isso era necessário, e certifiquei-me de que nenhum permanecera com vida.

Expelimos os corpos pelas escotilhas duplas e restamos só nós no U-29. Klenze parecia muito nervoso, e bebia excessivamente. Decidiu-se que nos manteríamos vivos o mais que pudéssemos, usando o grande estoque de provisões e o suprimento químico de oxigênio, que restaram ilesos das estrepolias insensatas daqueles suínos em forma de marinheiros. Nossas bússolas, manômetros de profundidade e outros instrumentos delicados estavam arruinados; de forma que dali em diante, o único meio de calcular nossa posição eram os palpites baseados em nossas observações, no calendário e em nosso aparente curso à deriva, por qualquer objeto que pudéssemos avistar pelas vigias ou da torre de comando. Felizmente, tínhamos baterias de reserva para um longo tempo, tanto para a iluminação do interior quanto para os holofotes. Com fre-

quência lançávamos um facho de luz à volta do barco, mas víamos apenas golfinhos, nadando paralelamente à rota da nossa deriva. Esses golfinhos despertaram o meu interesse científico, pois embora o *Delphinus delphis* comum seja um mamífero cetáceo, incapaz de subsistir sem ar, observei um desses animais marinhos por duas horas, mas não o vi alterar sua condição submersa.

Com o passar do tempo, Klenze e eu concluímos que ainda estávamos em deriva para o sul, ao mesmo tempo em que afundávamos cada vez mais. Observamos a fauna e a flora marinhas e lemos muito sobre o assunto nos livros que eu havia trazido comigo para os momentos de lazer. Não pude deixar de notar, porém, o conhecimento científico inferior do meu companheiro. Ele não tinha uma mente prussiana, e era dado a devaneios com especulações sem valor. O fato de que nossa morte se aproximava afetava-o de maneira curiosa, ele com frequência orava em remorso pelos homens, mulheres e crianças que havíamos mandado para o fundo do mar, esquecendo que todas as coisas são nobres quando servem ao estado germânico. Após algum tempo, ele se tornou perceptivelmente desequilibrado, contemplando durante horas a sua imagem de marfim e tecendo histórias fantasiosas sobre coisas perdidas e esquecidas sob o mar. Às vezes, à guisa de experimento psicológico, eu o conduzia a um desses devaneios e ouvia suas intermináveis citações poéticas e histórias de navios afundados. Lamentava muito por ele, pois não gosto de ver um alemão sofrendo; mas não era uma boa companhia para se morrer. Quanto a mim, sentia-me orgulhoso por saber que a Pátria iria reverenciar minha memória e que meus filhos aprenderiam a ser homens como eu.

No dia 9 de agosto, sondamos o solo oceânico, lançando um poderoso facho do holofote sobre ele. Era uma vasta planície sinuosa, coberta em sua maior parte por algas marinhas, com pequenas conchas de moluscos espalhadas por toda parte. Aqui e ali havia objetos de contorno intrigante, cobertos de lodo e algas e incrustados de cracas, que Klenze declarou pertencerem provavelmente a antigos navios que jaziam em suas sepulturas. Ele ficou intrigado com uma certa coisa, um pico de matéria sólida, projetando-se quase um metro e meio acima do leito oceânico em seu ápice, com cerca de sessenta centímetros de espessura, tendo os lados planos e uma superfície superior lisa, que se encontravam

num ângulo muito obtuso. Considerei esse pico um afloramento rochoso, mas Klenze pensou ter visto relevos esculpidos nele. Após um momento ele começou a tremer, e desviou o rosto do cenário como se estivesse com medo; porém não deu explicação alguma, exceto que estava impressionado com a vastidão, a escuridão, a solidão, a antiguidade e o mistério dos abismos oceânicos. Sua mente estava esgotada, mas eu jamais deixei de ser um germânico e rapidamente percebi duas coisas: que o U-29 resistia esplendidamente à pressão do fundo do mar, e que aqueles golfinhos peculiares ainda estavam à nossa volta, mesmo numa profundidade em que a existência de organismos superiores é considerada impossível pela maioria dos naturalistas. Tive certeza de que havia anteriormente superestimado nossa profundidade; mas ainda assim devíamos estar fundo o suficiente para que esses fenômenos pudessem ser considerados notáveis. A velocidade do nosso curso para o sul, avaliada em relação ao piso oceânico, condizia aproximadamente à que eu havia estimado com base nos organismos que passavam nos níveis mais altos.

Foi às 15h15 do dia 12 de agosto que o pobre Klenze enlouqueceu de vez. Ele estivera usando o holofote na torre de comando, mas então eu o vi saltar para dentro do compartimento que servia como biblioteca, onde eu me encontrava lendo, e seu rosto imediatamente o traiu. Repetirei o que ele disse, sublinhando as palavras que ele enfatizou:

— *Ele* está chamando! *Ele* está chamando! Eu o ouço! Nós devemos ir!

Enquanto falava, ele apanhou sua imagem de marfim de cima da mesa, colocou-a no bolso e agarrou meu braço em um esforço para me arrastar até a escada que dava para o convés. Bastou um momento para que eu compreendesse que ele pretendia abrir a escotilha e mergulhar comigo na água do lado de fora, em um surto maníaco suicida e homicida para o qual eu definitivamente não estava preparado. Quando eu resisti e tentei acalmá-lo, ele ficou mais violento, dizendo:

— Vamos agora, não espere até mais tarde; é melhor arrepender-se e ser perdoado que resistir e ser condenado.

Então eu tentei a estratégia oposta à tentativa de acalmá-lo, e disse-lhe que estava louco, lastimavelmente insano. Mas ele não se deixou abalar e gritou:

— Se estou louco, isso é uma bênção! Que os deuses tenham piedade do homem que, em sua insensibilidade, consegue manter-se são até o horrível fim! Venha enlouquecer enquanto *ele* ainda nos chama com benevolência!

Essa explosão pareceu aliviar a pressão no seu cérebro, pois ao acabar ele ficou mais brando, pedindo-me para deixá-lo partir sozinho se não desejava acompanhá-lo. O procedimento que eu deveria tomar imediatamente tornou-se claro. Ele era alemão, mas apenas um renano e um homem comum; e agora era um louco potencialmente perigoso. Concordando com um seu pedido suicida eu poderia imediatamente me libertar de alguém que já não era um companheiro, mas uma ameaça. Pedi-lhe que me deixasse a imagem de marfim antes de ir, mas essa solicitação provocou-lhe uma gargalhada tão sinistra que não a repetirei. Então eu lhe perguntei se desejava deixar alguma lembrança ou mecha de cabelo para sua família na Alemanha, caso eu fosse resgatado, mas novamente ele me deu aquela estranha gargalhada. Assim, enquanto ele subia a escada, fui até as manivelas e, observando os intervalos necessários, operei o maquinário que o mandaria ao encontro de sua morte. Depois de constatar que ele não estava mais no barco, movi o holofote pela água ao redor em um esforço de avistá-lo pela última vez, pois desejava confirmar se a pressão da água o esmagaria como teoricamente deveria ocorrer, ou se o corpo permaneceria incólume, como aqueles golfinhos extraordinários. Não tive sucesso, porém, em localizar meu falecido companheiro, pois os golfinhos formavam densa aglomeração e impediam a visão em torno da torre de comando.

Naquela noite eu me arrependi por não ter tirado disfarçadamente a imagem de marfim do bolso do pobre Klenze quando ele partiu, pois a lembrança dela me fascinava. Não conseguia esquecer a jovial e bela cabeça com sua coroa de folhas, embora não seja por natureza um artista. Também lamentei não ter ninguém com quem conversar. Klenze, embora intelectualmente não se igualasse a mim, era melhor do que ninguém. Não dormi bem naquela noite, e passei a me perguntar quando exatamente o fim chegaria. Por certo eu tinha muito pouca chance de ser resgatado.

No dia seguinte eu subi até a torre de controle e comeci as explorações costumeiras com o holofote. Para o norte a vista era exatamente a

mesma que havia sido durante todos os quatro dias transcorridos desde que havíamos avistado o fundo, mas eu percebi que a deriva do U-29 estava menos veloz. Quando dirigi o facho para o sul, notei que o piso oceânico à frente caía num acentuado declive e exibia em certos locais blocos de rocha curiosamente regulares, dispostos como se seguissem padrões definidos. A embarcação não desceu de imediato ao encontro da grande profundidade oceânica, por isso logo fui forçado a ajustar o holofote para lançar seu facho em um ângulo descendente mais agudo. Devido à mudança abrupta de posição, um cabo se desconectou, o que exigiu uma demora de muitos minutos para os reparos; mas por fim a luz se acendeu novamente, inundando o vale marinho abaixo de mim.

Não sou dado a emoções de nenhum tipo, mas meu assombro foi muito grande quando vi o que se revelou naquela claridade elétrica. No entanto, como alguém educado no que a *Kultur* prussiana tem de melhor a oferecer, eu não deveria me surpreender, pois tanto a geologia quanto a tradição nos contam de grandes transposições nas áreas oceânicas e continentais. O que eu vi foi uma extensa e elaborada série de edifícios em ruínas; todos de arquitetura magnífica, embora inclassificável, e em vários estágios de preservação. A maioria parecia ser de mármore, emitindo cintilações brancas sob os raios do holofote, e a planta geral era de uma grande cidade no fundo de um vale estreito, com numerosos templos e palacetes isolados nas íngremes escarpas acima. Havia telhados desabados e colunas quebradas, mas ainda permanecia um ar de esplendor imemorialmente antigo que nada poderia apagar.

Confrontado por fim com a Atlântida que eu outrora havia julgado não passar de um mito, eu era o mais empolgado dos exploradores. No fundo daquele vale um dia correria um rio; pois quando examinei a paisagem mais atentamente, avistei os despojos de pontes e quebra-mares de pedra e mármore, assim como terraços e aterros que um dia foram verdejantes e belos. No meu entusiasmo, tornei-me quase tão idiota e sentimental quanto o pobre Klenze, e demorei muito a notar que a corrente meridional havia finalmente cessado, permitindo que o U-29 se estabilizasse vagarosamente sobre a cidade afundada, como um aeroplano paira sobre um agrupamento urbano da superfície. Tardei também em me dar conta de que o cardume de golfinhos incomuns havia desaparecido.

Em cerca de duas horas o submarino pousou numa praça pavimentada junto à muralha rochosa do vale. Em um dos lados eu podia ver a cidade inteira tal como ela se estendia da praça mais elevada até a antiga margem do rio; do lado oposto, numa proximidade alarmante, fui confrontado com a fachada ricamente adornada e perfeitamente conservada de um grande edifício, evidentemente um templo, escavado na rocha sólida. Sobre a feitura original daquela obra titânica eu só podia me limitar a fazer conjecturas. A fachada, de imensa magnitude, aparentemente cobria um único ambiente vazio, pois suas janelas eram muitas e largamente distribuídas. No centro abria-se uma grande porta, à qual se podia chegar por um imponente lance de escadas, e era rodeada por magníficos relevos que lembravam as figuras dos bacanais. O que mais se sobressaía eram as grandes colunas e frisos, ambos decorados com esculturas de beleza inexprimível; obviamente representando cenas pastorais idealizadas e procissões de sacerdotes e sacerdotisas portando estranhos dispositivos cerimoniais em adoração a um deus radiante. A arte é da mais fenomenal perfeição, de concepção basicamente helenística, porém estranhamente singular. Ela transmite uma impressão de antiguidade terrível, como se fosse a mais remota sobre a terra e não um ancestral imediato da arte grega. Também não posso duvidar que cada detalhe dessa criação assombrosa tenha sido moldado na rocha virgem do nosso planeta. Ela evidentemente faz parte da parede do vale, embora eu não possa imaginar como o vasto interior foi um dia escavado. Talvez uma caverna ou série de cavernas tenham proporcionado o núcleo inicial. Nem o tempo e nem a submersão corroeram a prístina grandeza desse templo assustador — pois um templo de fato deve ser — e hoje, após milhares de anos, ele repousa imaculado e inviolado na noite e no silêncio intermináveis do abismo oceânico.

Não sei estimar o número de horas que passei contemplando a cidade submersa com seus edifícios, arcadas, estátuas e pontes, e o templo colossal com sua beleza e mistério. Embora soubesse que a morte estava próxima, minha curiosidade era ardente, e eu projetava a luz do holofote à minha volta numa ávida busca. O fecho de luz permitiu-me examinar muitos detalhes, mas recusava-se a revelar qualquer coisa dentro da porta escancarada do templo talhado na rocha; e após algum tempo, desliguei o holofote, ciente da necessidade de conservar energia. O fa-

cho estava agora perceptivelmente mais fraco do que havia estado durante as semanas à deriva. Mas como se aguçado pela iminente privação da luz, meu desejo de explorar os segredos subaquáticos cresceu. Eu, como alemão, deveria ser o primeiro a percorrer aquelas ruas esquecidas há eras!

Providenciei e examinei um escafandro de metal vedado para mergulho em mar profundo e fiz testes com a lanterna portátil e o regenerador de ar. Embora eu soubesse que teria dificuldade em operar as escotilhas duplas sozinho, acreditei que poderia superar todos os obstáculos com meu conhecimento científico e de fato caminhar pessoalmente pela cidade morta.

No dia 16 de agosto eu consegui sair do U-29 e laboriosamente segui meu caminho através das ruas arruinadas e cobertas de lama até o antigo rio. Não encontrei esqueletos ou outros restos humanos, mas coletei uma fortuna em conhecimento arqueológico a partir de esculturas e moedas. Disso e eu não posso falar no momento, a não ser expressar meu assombro diante de uma cultura que estava no apogeu da glória enquanto os homens das cavernas erravam pela Europa e o Nilo fluía ignoto para o mar. Outros, guiados por este manuscrito, se ele algum dia for encontrado, deverão descortinar os mistérios que eu só posso sugerir. Retornei à embarcação quando minhas baterias começaram a enfraquecer, decidido a explorar o templo rochoso no dia seguinte.

No dia 17, enquanto meu impulso de investigar o mistério do templo tornava-se ainda mais insistente, um grande desapontamento caiu sobre mim, pois descobri que os materiais necessários para reabastecer a lanterna portátil haviam perecido durante o motim daqueles porcos, em julho. Meu furor foi ilimitado, porém minha sensatez germânica proibiu-me de me aventurar despreparado num espaço interior completamente escuro, que poderia ser o covil de algum indescritível monstro marinho ou um labirinto de passagens de cujas sinuosidades talvez eu jamais conseguisse me libertar. A única coisa que eu podia fazer era dirigir o holofote enfraquecido do U-29 e com sua ajuda subir os degraus do templo e estudar os relevos exteriores. O fecho de luz entrou pela porta em ângulo ascendente, mas completamente em vão. Nem mesmo o teto era visível; e embora tivesse dado um ou dois passos para dentro depois de testar o chão com um cajado, não ousei ir mais longe. Além

do mais, pela primeira vez em minha vida experimentei a emoção do medo. Comecei a compreender como parte dos humores do pobre Klenze haviam sido despertados, pois embora o templo me atraísse cada vez mais, temi seus abismos aquosos com um terror cego e crescente. Depois de retornar ao submarino, desliguei as luzes e sentei-me no escuro para pensar. A eletricidade agora deveria ser reservada para emergências.

O sábado, dia 18, passei em total escuridão, atormentado por pensamentos e lembranças que ameaçaram sobrepujar minha vontade germânica. Klenze havia enlouquecido e perecido antes de alcançar este sinistro resquício de um passado perniciosamente remoto, e havia-me aconselhado a ir com ele. O Destino estaria, na verdade, preservando minha razão unicamente para atrair-me irresistivelmente a um fim mais horrível e impensável do que qualquer homem já sonhou? Era evidente que meus nervos estavam dolorosamente sobrecarregados, e eu precisava repelir essas impressões de homens mais fracos.

Não pude dormir na noite de sábado e acendi as luzes sem me importar com o futuro. Era um incômodo que a eletricidade não durasse mais do que o ar e as provisões. Revi meus pensamentos sobre eutanásia e examinei minha pistola automática. Pouco antes do amanhecer eu devo ter adormecido com as luzes acesas, pois acordei em completa escuridão na tarde do dia seguinte para descobrir que as baterias estavam esgotadas. Acendi vários fósforos seguidos e lamentei com desespero a imprevidência que muito tempo antes havia-nos levado a usar as poucas velas que trazíamos conosco.

Depois do apagar do último fósforo que ousei desperdiçar, permaneci sentado muito silenciosamente sem uma luz sequer. Enquanto considerava o fim inevitável, minha mente percorreu os eventos precedentes e desenvolveu uma impressão até então latente, que teria feito um homem mais fraco e supersticioso tremer. *A cabeça do deus radiante nas esculturas do templo de rochas é a mesma esculpida naquele pedaço de marfim que o marinheiro morto trouxe do mar e que o pobre Klenze levou consigo para o oceano.*

Fiquei um pouco perplexo com essa coincidência, mas não me senti aterrorizado. Somente as inteligências inferiores se apressam em explicar o singular e o complexo pelo primitivo atalho da sobrenaturalidade. A

coincidência era estranha, mas eu era dotado de uma racionalidade sólida demais para conectar circunstâncias que não admitiam uma conexão lógica, ou para associar de qualquer maneira insólita os eventos desastrosos que haviam se desenrolado do incidente com o *Victory* à minha situação presente. Sentindo necessidade de mais repouso, tomei um sedativo e garanti assim um pouco mais de sono. Meu nervosismo se refletiu nos meus sonhos, pois eu parecia ouvir os gritos de pessoas se afogando, e ver faces mortas pressionadas contra as vigias do submarino. E entre essas faces estava o rosto vivo e zombeteiro do jovem com a imagem de marfim.

Devo ser cuidadoso ao registrar meu despertar de hoje, pois estou abalado e há muitos elementos alucinatórios necessariamente misturados aos fatos. Psicologicamente falando, meu caso é dos mais interessantes e eu lamento não poder ser observado cientificamente por uma autoridade germânica competente. Ao abrir meus olhos, minha primeira sensação foi um compulsivo desejo de visitar o templo de rocha; um desejo que crescia a cada instante, mas contra o qual eu automaticamente procurava resistir em consequência de alguma emoção semelhante ao medo, que operava na direção inversa. Em seguida, chegou-me a impressão de *luminosidade* em meio às trevas ocasionadas pelo fim das baterias, e pareceu-me ter visto uma espécie de fosforescência na água, através da vigia que dava para o templo. Isso instigou minha curiosidade, pois eu não conhecia nenhum organismo de mar profundo capaz de emitir tamanha luminosidade. Mas antes que eu pudesse investigar, chegou-me uma terceira impressão que, por causa de sua irracionalidade, fez-me duvidar da objetividade de tudo o que os meus sentidos pudessem registrar. Era uma ilusão auditiva; a sensação de um som melódico e rítmico que lembrava algum cântico selvagem, porém belo, ou um hino entoado em coro, vindo de fora através do casco absolutamente à prova de som do U-29. Convencido da anormalidade do meu estado psicológico e nervoso, acendi alguns fósforos e tomei uma forte dose de uma solução de brometo de sódio, que pareceu acalmar-me a ponto de dissipar o delírio sonoro. Mas a fosforescência continuou, e eu tive dificuldade em reprimir um impulso pueril de ir até a vigia e procurar sua fonte. Aquilo era horivelmente realista, e eu logo pude distinguir com sua ajuda os objetos familiares à minha volta, assim como o vidro vazio de

brometo de sódio, de cuja localização presente eu não tivera nenhuma impressão visual anterior. Essa última circunstância me fez refletir, e então eu atravessei o recinto e toquei o vidro. Estava realmente no lugar onde eu parecia vê-lo. Agora eu sabia que a luz era real ou fazia parte de uma alucinação tão arraigada e consistente que eu não poderia ter esperanças de bani-la, por isso abandonei toda resistência e subi até a torre de comando para procurar a origem da luminosidade. Não poderia, talvez, ser outro submarino alemão, oferecendo possibilidades de resgate?

É bom que o leitor não aceite nada do que se segue como uma verdade objetiva, pois uma vez que os eventos descritos transcendem as leis naturais, são necessariamente criações subjetivas e irreais da minha mente extenuada. Quando alcancei a torre de comando, descobri o mar em geral muito menos luminoso do que eu havia esperado. Não havia fosforescência animal ou vegetal ao redor, e a cidade que se estendia em declive até o rio estava invisível na escuridão. O que eu vi não era espetacular, nem grotesco ou aterrorizante, porém removeu meus últimos vestígios de confiança na minha própria consciência. *Pois a porta e as janelas do templo escavado na elevação rochosa estavam vivamente iluminadas por uma radiância bruxuleante, como se proviesse de um potente altar flamejante em seu interior profundo.*

Os incidentes posteriores são caóticos. Enquanto eu olhava fixamente para a porta e as janelas insolitamente iluminadas, submeti-me às mais extravagantes visões — tão extravagantes que não posso nem mesmo relató-las. Imaginei discernir objetos no templo — objetos tanto estacionários quanto móveis — e pareceu-me ouvir novamente o cântico irreal que chegou até mim no momento em que despertei. E acima de tudo surgiam pensamentos e temores que tinham seu centro no jovem com a imagem de marfim, cuja escultura aparecia duplicada no friso e nas colunas do templo à minha frente. Pensei no pobre Klenze, e me perguntei onde seu corpo estaria repousando com a imagem que ele havia carregado consigo para o mar. Ele havia me alertado de algo, e eu não lhe dei ouvidos — mas ele era um renano simplório que enlouqueceu diante de perturbações que um prussiano poderia suportar com facilidade.

O restante é muito simples. Meu impulso de visitar o interior do templo tornou-se agora um comando tão inexplicável e imperioso que já não pode ser negado. Minha vontade germânica já não controla os

meus atos, e a volição doravante só é possível em questões menos importantes. Foi uma loucura como essa que levou Klenze, de mãos nuas e desprotegido, a mergulhar para a própria morte no oceano; mas eu sou um prussiano e um homem de bom senso, e usarei até o fim a pouca vontade que me resta. Quando concluí que deveria ir, preparei meu traje de mergulho, o elmo e o regenerador de ar para que estivessem à mão, e imediatamente comecei a escrever este apressado relato na esperança de que ele possa algum dia alcançar o mundo. Devo selar o manuscrito numa garrafa e confiá-lo ao mar no momento em que deixar o U-29 para sempre.

Não sinto medo, nem mesmo das profecias do insano Klenze. O que eu vi não pode ser verdade, e sei que esta loucura de que minha vontade padece me levará no máximo à sufocação completa quando meu ar se esgotar. A luz no templo é uma pura ilusão, e eu morrerei calmamente, como um alemão, nas profundezas negras e esquecidas. Esse riso demoníaco que ouço enquanto escrevo é mero produto de meu cérebro enfraquecido. Por isso vestirei com cuidado o meu escafandro e subirei com confiança os degraus para dentro daquele santuário primitivo; daquele silencioso segredo das águas insondáveis e dos anos inumeráveis.



Ratos nas Paredes

∴

The Rats in the Walls (1923)

Weird Tales (mar. 1924)

Esta noveleta foi a primeira história weird a ser escrita por Lovecraft em 1923, e não foi terminada até o início de setembro. Lovecraft passou os primeiros nove meses do ano em várias atividades de imprensa amadora, cortejando Sonia Greene e lendo o trabalho de seu novo autor favorito, Arthur Machen.



Em 16 de julho de 1923, mudei-me para Exham Priory depois que o último trabalhador concluiu seus labores. A restauração havia sido uma tarefa estupenda, pois pouco restara do edifício além de ruínas que mais lembravam uma carapaça; no entanto, como ela havia sido a sede dos meus ancestrais, não deixei que as despesas me detivessem. O lugar não era habitado desde o reinado de James I, quando uma tragédia de natureza intensamente horrenda, embora totalmente inexplicável, eliminou o proprietário, cinco de seus filhos e vários criados, e expulsou sob uma nuvem de suspeita e terror o terceiro filho, meu ancestral em linhagem

direta e único sobrevivente da odiada estirpe. Com este único herdeiro denunciado como assassino, a propriedade passou às mãos da coroa, sem que o acusado fizesse qualquer tentativa de eximir-se ou reconquistar suas posses. Abalado por algum horror maior que o da consciência ou o da lei, e expressando unicamente um desejo febril de excluir o antigo edifício de sua visão e de sua memória, Walter de la Poer, décimo primeiro barão de Exham, fugiu para a Virginia e lá fundou a família que no século seguinte tornou-se conhecida como Delapore.

Exham Priory havia permanecido inabitada, embora mais tarde fosse anexada às propriedades da família Norrys e muito estudada por sua peculiar arquitetura eclética; uma arquitetura que envolve torres góticas baseadas sobre uma subestrutura saxônica ou românica, cujas fundações, por sua vez, eram de uma ordem ainda anterior ou uma mistura de ordens — latina, ou mesmo druídica ou galesa nativa, se as lendas dizem a verdade. Essas fundações eram algo muito singular, amalgamadas por um lado com o calcário sólido do precipício de cuja beirada o priorado contemplava um vale desolado cinco quilômetros a oeste da vila de Anchester. Arquitetos e antiquários adoravam examinar essa estranha relíquia de séculos esquecidos, mas o povo da região a odiava. Haviam-na odiado centenas de anos antes, quando meus ancestrais viviam ali, e odeiam-na agora, com o musgo e bolor do abandono crescendo sobre ela. Não fazia nem um dia que eu estava em Anchester quando soube que descendia de uma casa amaldiçoada. E esta semana os trabalhadores explodiram Exham Priory, e estão atarefados obliterando os vestígios das suas fundações.

As estatísticas brutas sobre a minha ancestralidade eu sempre havia conhecido, juntamente com o fato de que meu primeiro antepassado americano havia chegado às colônias sob uma estranha nebulosidade. Sobre os detalhes, porém, haviam-me mantido sempre em total ignorância devido à política de reticência sempre mantida pelos Delapore. Ao contrário dos nossos vizinhos fazendeiros, nós raramente nos vangloriávamos de ancestrais cruzados ou de outros heróis medievais ou renascentistas; tampouco havia qualquer tipo de tradição a ser transmitida, exceto no que poderia estar registrado no envelope lacrado que, antes da Guerra Civil, todo patriarca rural legava ao seu primogênito para ser aberto postumamente. As glórias que acalentávamos eram aquelas con-

quistadas desde a migração; glórias de uma linhagem orgulhosa e honrada, ainda que um tanto reservada e antissocial, da Virginia.

Durante a guerra nossas fortunas se extinguíram e toda a nossa existência mudou em decorrência do incêndio de Carfax, nosso lar às margens do James. Meu avô, avançado em anos, havia perecido nesse ultraje incendiário, e com ele o envelope que nos ligava ao passado. Ainda hoje consigo me recordar daquela conflagração, pois eu a presenciei com a idade de sete anos, entre soldados da Federação gritando, mulheres berando e negros uivando e rezando. Meu pai estava no exército, defendendo Richmond, e após muitas formalidades minha mãe e eu fomos transportados através das linhas para nos juntarmos a ele. Quando a guerra acabou, todos nos mudamos para o norte, de onde minha mãe viera; e eu cresci até me tornar um homem, atingir a meia-idade e a máxima abastança como um estólido ianque. Nem meu pai, nem eu jamais soubemos o que o nosso envelope hereditário continha, e quando eu imergi na cinzenta vida comercial de Massachusetts, perdi todo interesse nos mistérios que evidentemente nos espreitavam da minha árvore genealógica. Tivesse eu suspeitado da natureza deles, com que satisfação teria deixado Exham Priory ao musgo, aos morcegos e às teias de aranha!

Meu pai morreu em 1904, mas sem deixar qualquer mensagem para mim ou meu único filho, Alfred, um menino órfão de mãe com dez anos de idade. Foi esse rapaz que reverteu a ordem da informação familiar, pois embora eu pudesse oferecer-lhe apenas conjecturas galhofeiras sobre o passado, ele me escreveu sobre certas lendas ancestrais muito interessantes, quando a última guerra o levou à Inglaterra, em 1917, como oficial de aviação. Aparentemente, os Delapore tinham uma história pitoresca e talvez sinistra, pois um amigo de meu filho, o capitão Edward Norrys, da *Royal Flying Corps*, morou perto da sede original da família, em Anchester, e relatou algumas superstições de camponeses, cuja brutalidade e inverossimilhança poucos romancistas poderiam igualar. O próprio Norrys, é claro, não as levava a sério, mas elas divertiram meu filho e forneceram um bom material para as cartas que ele endereçou a mim. Foram essas lendas que definitivamente voltaram minha atenção para a minha herança transatlântica, e me levaram a resolver comprar e restaurar a sede familiar que Norrys mostrou a Alfred em sua pitoresca

desolação, e ofereceu-se a conseguir para ele a um valor surpreendentemente razoável, uma vez que seu tio era o então proprietário.

Comprei Exham Priory em 1918, mas fui quase imediatamente distraído dos meus planos de restauração pelo retorno do meu filho como um mutilado inválido. Durante os dois anos que ele sobreviveu eu não pensei em nada além dos seus cuidados, chegando mesmo a deixar meus negócios sob a direção de sócios. Em 1921, quando me vi enlutado e sem propósitos, um industrial aposentado que já não era jovem, resolvi entreter meus anos restantes com a nova propriedade. Ao visitar Anchester em dezembro, fui entretido pelo capitão Norrys, um jovem roliço e afável que havia querido muito bem ao meu filho, e garanti seu auxílio em reunir planos e histórias para guiar a futura restauração. Exham Priory, em si, eu via sem emoção, uma mistura de sinuosas ruínas medievais cobertas de líquen e cravejadas de ninhos de gralha, empoleirada perigosamente sobre um precipício, e destituída de assoalhos e outras dependências internas, salvo as paredes de pedra das torres separadas.

À medida que eu gradualmente recuperava a imagem do edifício como havia sido quando meu ancestral o deixou, mais de três séculos antes, comecei a contratar operários para a reconstrução. Em todas as circunstâncias fui forçado a procurar fora das imediações da localidade, pois os aldeões de Anchester tinham um medo e um ódio quase inacreditáveis do lugar. Esse sentimento era tão grande que foi por vezes comunicado aos trabalhadores de fora, causando numerosas deserções, ao passo que seu âmbito parecia incluir tanto o priorado quanto sua antiga família.

Meu filho havia me contado que foi um pouco evitado durante suas visitas por ser um De la Poer, e eu então me vi sutilmente posto em ostracismo por razão semelhante, até convencer os camponeses do pouco que sabia sobre minha herança. Mesmo assim eles tinham um despreço carrancudo em relação a mim, de modo que tive de coletar a maior parte das tradições da vila valendo-me da mediação de Norrys. O que as pessoas não podiam esquecer, talvez, era o fato de que eu viera para restaurar um símbolo tão abominável para eles; pois, racionalmente ou não, viam Exham Priory como nada mais que um lugar assombrado por demônios e lobisomens.

Reunindo as histórias que Norrys coletava para mim, e suplementando-as com as narrativas de vários estudiosos que haviam pesquisado as ruínas, deduzi que Exham Priory erguia-se no local de um templo pré-histórico; alguma coisa druídica ou pré-druídica que devia ter sido contemporânea de Stonehenge. Que ritos indescritíveis haviam sido celebrados ali, poucos duvidavam; e existiam desagradáveis narrativas sobre a transferência desses ritos ao culto de Cibele que os romanos haviam introduzido. Inscrições ainda visíveis no porão inferior traziam letras inconfundíveis, como “DIV... OPS... MAGNA. MAT...”, sinais da Magna Mater, cujo culto sombrio foi um dia inutilmente proibido aos cidadãos romanos. Anchester havia sido quartel da terceira legião augustana, como muitos indícios atestam, e dizia-se que o templo de Cibele era esplêndido e povoado de adoradores que executavam cerimônias inomináveis sob o comando de um sacerdote frígio. Histórias acrescentavam que o declínio da antiga religião não encerrou as orgias do templo, e que os sacerdotes sobreviveram na nova fé sem mudanças reais. Dizia-se, do mesmo modo, que os ritos não desapareceram com o poder romano, e que certos indivíduos entre os saxônios contribuíram ao que restou do templo, e deram-lhe o contorno essencial que ele subsequentemente preservou, tornando-o o centro de um culto temido ao longo de meia heptarquia. Por volta de 1000 d.C., o lugar é mencionado numa crônica como a pedra fundamental de um priorado que abrigou uma estranha e poderosa ordem monástica, e rodeado por extensos jardins que não necessitavam de muros para excluir uma população assustadiça. Ele nunca foi destruído pelos dinamarqueses, embora durante a conquista nórdica deva ter passado por um tremendo declínio, uma vez que não houve impedimento quando Henrique III cedeu o local ao meu ancestral, Gilbert de la Poer, Primeiro Barão de Exham, em 1261.

Sobre a minha família não há, antes dessa data, nenhum registro desfavorável, mas algo estranho deve ter acontecido nessa época. Em certa crônica de 1307 há referência a um De la Poer como “amaldiçoado por Deus”, enquanto as lendas dos aldeões não têm nada além de maldades e medo insano a contar sobre o castelo que foi erigido sobre as fundações do velho templo e priorado. As histórias que se contavam em volta do fogo eram da mais pavorosa natureza, tornadas ainda mais sinistras por sua reticência temerosa e obscuridade evasiva. Elas representam meus

ancestrais como uma raça de demônios hereditários, diante dos quais Gille de Retz^[1] e o Marquês de Sade pareceriam os mais rematados amadores, e sugerem aos sussurros a responsabilidade deles pelos desaparecimentos ocasionais de aldeões ao longo de várias gerações.

Os piores personagens, aparentemente, foram os barões e seus herdeiros diretos; pelo menos, a maior parte dos sussurros referia-se a eles. Se tivesse inclinações mais salutaras, dizia-se, um herdeiro logo morreria misteriosamente para abrir caminho a outro descendente mais típico. Parecia haver um culto secreto na família, presidido pelo líder da casa, e às vezes restrito a poucos membros. Temperamento, mais do que a ancestralidade, era evidentemente a base desse culto, pois a ele foram admitidos vários que entraram na família pelo casamento. Lady Margaret Trevor de Cornwall, esposa de Godfrey, o segundo filho do quinto barão, tornou-se um motivo predominante de angústia para as crianças de todo o território e a heroína demoníaca de uma balada particularmente horrível e que até hoje não se extinguiu, perto da fronteira com Gales. Preservada nas canções populares também, embora não ilustre o mesmo aspecto, há a horrível história de Lady Mary de la Poer, que pouco depois de seu casamento com o Conde de Shrewsfield foi morta por ele e sua mãe, e ambos os assassinos foram absolvidos e abençoados pelo padre a quem confessaram o que não ousavam repetir para o mundo.

Esses mitos e baladas, por mais típicos que fossem da crua superstição, causaram-me grande repulsa. A persistência deles, e sua aplicação a uma linhagem tão longa dos meus ancestrais, era especialmente importuna; ao passo que as imputações de hábitos monstruosos se demonstrou uma desagradável reminiscência do único escândalo conhecido dos meus antepassados imediatos — o caso do meu primo, o jovem Randolph Delapore, de Carfax, que se misturou aos negros e tornou-se um sacerdote vodu após retornar da Guerra do México.

Fiquei muito menos perturbado pelas histórias mais vagas de lamentações e uivos no vale estéril e ventoso sob o rochedo calcário; do fedor de cemitério após as chuvas de primavera; da branca e rastejante coisa aos guinchos que o cavalo de sir John Clave pisoteou certa noite em um campo deserto; e do criado que enlouqueceu com o que viu no priorado em plena luz do dia. Essas coisas pertenciam à tradição espectral comezinha, e eu era na época um cético declarado. As narrativas sobre cam-

poneses desaparecidos eram menos propícias a serem desprezadas, embora não especialmente significativas em vista dos costumes medievais. A curiosidade indiscreta significava a morte, e mais de uma cabeça decapada havia sido exposta publicamente nos bastiões — hoje esfacelados — que circundam Exham Priory.

Algumas das histórias eram extraordinariamente pitorescas, e fizeram-me desejar ter aprendido mais sobre mitologia comparada na minha juventude. Havia, por exemplo, a crença de que uma legião de demônios com asas de morcego promoviam sabás de feiticeiras todas as noites no priorado — uma legião cuja manutenção poderia explicar a desproporcional abundância de hortaliças rústicas colhidas nos vastos jardins. E, com mais vividez do que tudo mais, havia a dramática epopeia dos ratos — o exército galopante de pragas obscenas que irrompera do castelo três meses após a tragédia que o condenou à desolação — o magérrimo, imundo e voraz exército que varrera inteiramente seus arredores e devorara aves, gatos, cães, porcos, carneiros e até mesmo dois infortunados seres humanos antes que sua fúria arrefecesse. Em torno desse inesquecível exército de roedores gira todo um ciclo distinto de mitos, pois ele se espalhou pelos lares da vila e trouxe maldições e horrores na sua trilha.

Foi esse o folclore que me atacou enquanto eu levava até a completude, com uma obstinação senil, o trabalho de restaurar o lar dos meus ancestrais. Não se deve imaginar nem por um momento que essas histórias tivessem formado o meu principal ambiente psicológico. Pelo contrário, fui constantemente exaltado e encorajado pelo Capitão Norrys e os antiquários que me circundavam e auxiliavam. Quando a tarefa foi cumprida, mais de dois anos após o seu início, vi os grandiosos salões, paredes lambrisadas, tetos abobadados, janelas com mainéis e escadarias amplas com um orgulho que compensou com plenitude as prodigiosas despesas da restauração. Cada atributo da Idade Média foi habilidosamente reproduzido, e as partes novas combinaram-se perfeitamente às paredes e fundações originais. A sede dos meus ancestrais estava completa, e eu estava ansioso para finalmente redimir a fama local da linhagem que terminava em mim. Iria residir ali permanentemente, e provar que um De la Poer (pois eu havia adotado novamente a escrita original do nome) não precisava ser um demônio. Meu conforto foi, talvez, au-

mentado pelo fato de que, embora Exham Priory fosse configurado em estilo medieval, seu interior era na verdade inteiramente novo e livre de velhas pragas e, do mesmo modo, de velhos fantasmas.

Como eu disse, mudei-me no dia 16 de julho de 1923. Minha família consistia de sete criados e nove gatos, espécie, esta última, pela qual sou particularmente apegado. Meu gato mais velho, “Nigger-Man”, tinha sete anos de idade e viera comigo de meu lar em Bolton, Massachusetts; os outros eu havia acumulado enquanto morava com a família do Capitão Norrys durante a restauração do priorado. Por cinco dias nossa rotina transcorreu com a mais extrema placidez, e meu tempo era empregado em sua maior parte na compilação de antigos dados familiares. Havia então obtido alguns registros muito circunstanciais da tragédia final e da fuga de Walter de la Poer, que julguei serem o conteúdo provável do documento hereditário perdido no incêndio de Carfax. Aparentemente meu ancestral foi acusado com muitos fundamentos de ter matado todos os outros membros da sua casa familiar, exceto quatro criados cúmplices, durante o sono, cerca de duas semanas depois de uma chocante descoberta que modificou inteiramente a sua conduta, mas que, exceto por insinuações, ele não expôs a ninguém salvo, talvez, os quatro criados que o assistiam e posteriormente fugiram para além do alcance.

Esse massacre deliberado, que incluiu um pai, três irmãos e duas irmãs, foi amplamente perdoado pelos aldeões, e tratado com tanta liberalidade pela lei que seu perpetrador escapou respeitado, incólume e sem disfarce para a Virginia; o sentimento geral, que se comunicava à boca pequena, era de que ele havia expurgado aquela terra de uma maldição imemorial. Que descoberta motivara um ato tão terrível, eu mal conseguiria sequer conjecturar. Walter de la Poer devia ter conhecido durante anos os casos sinistros sobre sua família, de forma que esse material não poderia ter-lhe provocado qualquer impulso de momento. Teria ele, então, testemunhado algum assombroso rito antigo, ou topado com algum símbolo atemorizante e revelador no priorado ou suas vizinhanças? Ele tinha a reputação de ser um jovem tímido e gentil na Inglaterra. Em Virginia, parecia nem tanto duro ou amargo quanto atormentado e apreensivo. Há referências a ele no diário de outro cavalheiro aventureiro, Francis Harley de Bellview, como um homem de justiça, honra e delicadeza inigualáveis.

Em 22 de julho aconteceu o primeiro acidente que, embora desprezado com leviandade na época, assumiu um significado sobrenatural em relação a eventos posteriores. Foi simples a ponto de se tornar quase negligenciável, e não seria possível tê-lo notado sob as circunstâncias de então, pois é necessário lembrar que, uma vez que eu estava em um edifício praticamente fresco e novo, exceto pelas paredes, e cercado por um quadro bem equilibrado de servidores, a apreensão teria sido absurda a despeito do local. O que eu posteriormente me recordei foi meramente isto: que meu velho gato preto, cujo humor eu conhecia tão bem, estava indubitavelmente alerta e ansioso a um extremo inteiramente em desacordo com seu caráter natural. Ele perambulava de quarto em quarto, impaciente e perturbado, e farejava constantemente as paredes que formavam parte da velha estrutura gótica. Eu tenho consciência do quanto isso parece banal — como o inevitável cão das histórias de fantasmas, que sempre rosna antes que seu dono veja a figura amortalhada — no entanto, não posso suprimi-lo com consistência.

No dia seguinte um criado reclamou da agitação de todos os gatos da casa. Ele me procurou em meu estúdio, uma imponente sala na ala oeste do segundo andar, com arcadas ogivais, painéis trabalhados em carvalho escuro, e uma janela gótica tripla com vista para os penhascos de calcário e o vale desolado; e no instante mesmo em que ele falou eu vi o vulto de azeviche de Nigger-Man esgueirar-se ao longo da parede oeste e arranhar os painéis novos que revestiam a pedra antiga. Disse ao homem que devia ser algum odor ou emanção singular da velha cantaria, imperceptível aos sentidos humanos, mas capaz de afetar os órgãos delicados dos gatos até mesmo através do madeiramento recente. Nisso eu verdadeiramente acreditava, e quando o sujeito sugeriu a presença de camundongos ou ratos, mencionei que ali não havia ratos fazia trezentos anos, e que até mesmo os camundongos silvestres dos campos circundantes dificilmente poderiam ser encontrados naquelas paredes altas, para onde nunca se soube que tivessem se desgarrado. Naquela tarde eu liguei para o Capitão Norrys, e ele me assegurou que seria inteiramente inacreditável que camundongos do campo infestassem o priorado de um modo tão súbito e sem precedentes.

Naquela noite, prescindindo como de costume de um pajem, retirei-me para o aposento da torre oeste que havia escolhido como meu, o

qual podia ser acessado a partir do estúdio por meio de uma escada de pedra e uma curta galeria — a primeira parcialmente antiga, a segunda inteiramente restaurada. Esse quarto era circular, muito alto, e sem lambrimento, sendo coberto de arrases que eu próprio havia escolhido em Londres. Ao ver que Nigger-Man estava comigo, fechei a pesada porta gótica e recolhi-me à claridade das lâmpadas elétricas que tão habilmente simulavam velas, apagando por fim as luzes e afundando na cama com armação ornamentada e dossel, tendo o venerável gato em seu lugar costumeiro entre meus pés. Não cerrei as cortinas, e contemplei a estreita janela que dava para o norte, com a qual me defrontava. Havia um indício de aurora no céu, e os delicados ornatos da janela formaram uma agradável silhueta.

Em algum momento eu devo ter caído tranquilamente no sono, pois recordo-me de uma distinta sensação de deixar estranhos sonhos quando o gato sobressaltou-se violentamente de sua plácida posição. Eu o vi na pálida claridade aurea, com a cabeça tensionada para a frente, as patas dianteiras nos meus tornozelos, as posteriores esticadas para trás. Ele olhava intensamente para um ponto na parede levemente a oeste da janela, um ponto que aos meus olhos não tinha nada a diferenciá-lo, mas ao qual toda a minha atenção foi então dirigida. E enquanto observava, sabia que Nigger-Man não estava excitado em vão. Se os arrases de fato se moveram eu não sei dizer. Parece-me que sim, muito ligeiramente. Mas o que posso jurar é que por trás deles eu ouvi um baixo e distinto tropel como que de ratos ou camundongos. Em um segundo o gato saltou de corpo inteiro sobre o revestimento de tapeçaria, levando a seção atingida ao chão com o seu peso e expondo uma parede de pedra úmida e antiga, remendada aqui e ali pelos restauradores, e desprovida de qualquer vestígio de roedores. Nigger-Man corria de um lado a outro junto àquela parte da parede, agarrando-se ao arrás caído e algumas vezes aparentemente tentando inserir uma pata entre a parede e o chão de carvalho. Não encontrou nada, e depois de algum tempo retornou fatigado ao seu lugar entre os meus pés. Eu não me movi, mas não tornei a dormir naquela noite.

Pela manhã eu questionei todos os criados, e descobri que nenhum deles tinha notado nada incomum, exceto a cozinheira, que lembrou as ações de um gato que havia repousado no parapeito da sua janela. Esse

gato havia berrado em alguma hora desconhecida da noite, acordando a cozinheira a tempo de vê-lo sair numa disparada decidida pela porta aberta escada abaixo. Eu cochilei até o meio-dia e à tarde visitei novamente o Capitão Norrys, que ficou extraordinariamente interessado no que lhe contei. Os incidentes estranhos — tão insignificantes, porém tão curiosos — apelaram ao seu sentido de pitoresco, e evocaram-lhe uma série de reminiscências do folclore fantasmagórico local. Ficamos genuinamente perplexos com a presença de ratos, e Norrys me emprestou algumas ratoeiras e um pouco de verde-paris, que eu fiz com que os criados posicionassem em locais estratégicos quando retornei.

Recolhi-me cedo, pois estava muito sonolento, mas fui atormentado por sonhos da mais horrível natureza. Parecia estar olhando de uma altura imensa para uma gruta obscura, com imundície até a altura dos joelhos, onde um demônio porqueiro de barbas brancas tangia com seu cajado um alfeire de bestas fúngicas e flácidas, cuja aparição inflou-me de inefável repulsa. Então, quando o porqueiro parou e sinalizou a conclusão da sua tarefa, um poderoso pulular de ratos choveu sobre o abismo pestilencial e se pôs a devorar igualmente bestas e homem.

Fui abruptamente despertado dessa visão aterrorizante pelos movimentos de Nigger-Man, que estava dormindo como de hábito sobre os meus pés. Dessa vez eu não tive de me questionar sobre a origem dos seus rosnados e silvos, e nem do medo que o fez cravar suas garras no meu tornozelo, alheio aos efeitos produzidos por elas; pois por todos os lados da câmara as paredes haviam criado vida com um som nauseabundo — o pernicioso rastejar de vorazes e gigantescos ratos. Então não havia aurora para revelar o estado dos arrases — cujo segmento caído fora repostado — mas eu não estava assustado demais para acender a luz.

Quando as lâmpadas lançaram sua radiância eu vi um horrendo agitar por toda a tapeçaria, fazendo com que os desenhos um tanto peculiares executassem uma singular dança da morte. Esse movimento desapareceu quase instantaneamente, assim como o seu som. Saltando para fora da cama, cutuquei o arrás com o longo cabo de um braseiro que estava largado por ali, e levantei uma ponta para ver o que havia por baixo. Não havia nada além da parede de pedra remendada, e até mesmo o gato perdera sua tensa percepção de presenças anormais. Quando examinei a ratoeira circular que havia sido colocada no quarto, encontrei todas as

aberturas disparadas, embora não restassem traços do que havia sido capturado e depois fugira.

Voltar a dormir estava fora de questão, por isso, acendendo uma vela, abri a porta e saí para a galeria em direção à escada do meu estúdio, com Nigger-Man seguindo junto aos meus calcanhares. Antes que tivéssemos alcançado os degraus de pedra, porém, o gato saiu em disparada à minha frente e desapareceu pelo antigo lance de escadas. Enquanto eu próprio descia os degraus, dei-me subitamente conta de sons na grande sala abaixo; sons de uma natureza que não era possível confundir. As paredes forradas por painéis de carvalho estavam coalhadas de ratos, galopando e circulando, enquanto Nigger-Man corria de um lado a outro com a fúria de um caçador frustrado. Ao chegar ao final, acendi a luz, que dessa vez não fez com que o ruído cedesse. Os ratos continuaram seu motim, pisando com tamanha força e nitidez que eu pude finalmente atribuir aos seus movimentos uma direção definida. Aquelas criaturas, em quantidades aparentemente inesgotáveis, estavam engajadas numa estupenda migração de alturas inconcebíveis até alguma profundidade concebível ou inconcebivelmente abaixo.

Então ouvi passos no corredor, e no momento seguinte dois criados abriram a porta compacta. Eles estavam vasculhando a casa em busca de alguma fonte desconhecida de perturbação que havia lançado todos os gatos em um pânico rosnante e feito com que mergulhassem precipitadamente por vários lances de escada e fossem se agachar, aos uivos, diante da porta fechada do porão inferior. Perguntei-lhes se haviam escutado os ratos, mas a resposta deles foi negativa. E quando eu me virei para chamar a atenção deles para os sons nos painéis, dei-me conta de que o ruído havia cessado. Com os dois homens, desci até a porta do porão inferior, mas descobri que os gatos já haviam se dispersado. Resolvi que mais tarde exploraria a cripta que havia abaixo, mas naquele momento simplesmente fiz uma ronda às armadilhas. Todas haviam sido disparadas, embora estivessem todas desocupadas. Após me certificar de que ninguém havia escutado os ratos exceto os felinos e eu, sentei-me no meu estúdio até amanhecer; pensando profundamente, e recordando cada fragmento das lendas que havia desenterrado a respeito do edifício que habitava.

Dormi um pouco pela manhã, recostado na única confortável poltrona de biblioteca que meu projeto medieval de mobiliário não conseguiu banir. Mais tarde, telefonei para o Capitão Norrys, que veio me ajudar a explorar o porão inferior. Absolutamente nada de inconveniente foi encontrado, embora não pudéssemos reprimir um calafrio por saber que aquela galeria havia sido construída por mãos romanas. Cada arcada baixa e pilar sólido era romano — não a corruptela românica dos edifícios saxônicos, mas o classicismo severo e harmonioso da era dos césares; de fato, as paredes estavam repletas de inscrições familiares aos antiquários que haviam repetidamente explorado o local — coisas como:

“P. GETAE. PROP... TEMP... DONA...” e “L. PRAEC... VS... PONTIFI... ATYS...”

A referência a Átis me fez estremecer, pois eu lera Catulo e sabia algo sobre os ritos horríveis do deus oriental, cujo culto era tão misturado ao de Cibele. Norrys e eu, à luz de lanternas, tentamos interpretar os estranhos e quase apagados desenhos em certos blocos irregularmente retangulares de pedra geralmente empregados à guisa de altares, mas não conseguimos extrair nada deles. Lembramo-nos de que um dos padrões, uma espécie de sol raiado, era usado por estudantes a fim de indicar uma origem não romana, o que sugeria que aqueles altares haviam simplesmente sido adotados pelos sacerdotes romanos de algum templo mais antigo, e talvez aborígene, no mesmo local. Em um desses blocos havia algumas manchas castanhas que me fizeram refletir. O maior, no centro do recinto, tinha certos traços sobre sua superfície superior que indicavam sua ligação com o fogo — provavelmente oferendas queimadas.

Tais eram as coisas que podiam ser vistas naquela cripta diante de cuja porta os gatos haviam miado, e onde Norrys e eu então resolvemos passar a noite. Sofás foram levados até lá pelos criados, que foram instruídos a não se importar com quaisquer ações noturnas dos felinos, e Nigger-Man foi admitido tanto por auxílio quanto por companhia. Decidimos manter a grande porta de carvalho — uma réplica moderna com fendas para ventilação — firmemente fechada e, atendido isso, recolhemo-nos com as lanternas ainda acesas para aguardar o que pudesse acontecer.

A catacumba era muito profunda nas fundações do priorado, e sem dúvida situada muito abaixo sobre a face do rochedo saliente de calcário que dava para o vale agreste. Que ela havia sido o objetivo dos ratos arruaceiros e inexplicáveis eu não podia duvidar, embora o porquê, eu não soubesse dizer. Enquanto estávamos lá, deitados em expectativa, vi minha vigília ocasionalmente misturar-se com sonhos informes, dos quais os movimentos intranquilos do gato entre os meus pés me despertaram. Esses sonhos não eram saudáveis, mas horrivelmente semelhantes àquele que eu tivera na noite anterior. Vi novamente a gruta obscura, e o porquê com suas indescritíveis bestas fúngicas chafurdando na imundície, e enquanto eu olhava para essas coisas elas pareciam mais próximas e distintas — tão distintas que eu quase podia observar seus semblantes. Então contemplei as feições flácidas de uma delas — e acordei com tamanho grito que Nigger-Man se alarmou, enquanto o Capitão Norrrys, que não havia dormido, gargalhou consideravelmente. Norrrys teria rido mais — ou talvez menos — se soubesse o que me havia feito gritar. Mas eu próprio não me lembrei senão mais tarde. O horror extremo com frequência paralisa a memória de um modo misericordioso.

Norrrys me acordou quando os fenômenos começaram. Fui tirado do mesmo sonho com ele agitando-me gentilmente e instando-me a ouvir os gatos. Na verdade, havia muito a se ouvir, pois atrás da porta fechada no final dos degraus de pedra havia um verdadeiro pesadelo de felinos gritando e arranhando, enquanto Nigger-Man, sem se importar com seus semelhantes do lado de fora, corria com excitação ao redor das paredes de pedra nua, nas quais ouvi o mesmo babélico tropel de ratos que me havia perturbado na noite anterior.

Um terror agudo então se agitou dentro de mim, pois ali estavam anomalias que nada que fosse normal poderia explicar a contento. Aqueles ratos, se não eram uma loucura que eu compartilhava unicamente com os gatos, tinham de estar entocados e movendo-se às ocultas dentro de paredes romanas que eu havia pensado serem feitas de blocos sólidos de calcário... a não ser, talvez, que a ação da água ao longo de mais de dezessete séculos tivesse corroído túneis sinuosos que corpos de roedores houvessem desgastado, tornando-os limpos e amplos... Mas mesmo assim, o horror spectral não era menor, pois se aquilo eram pragas viventes, por que Norrrys não escutava a sua nauseante comoção?

Por que ele meurgia a observar Nigger-Man e ouvir os gatos do lado de fora, e por que ele se perguntava ansiosa e vagamente o que poderia tê-los excitado?

Quando eu consegui contar-lhe, o mais racionalmente que pude, o que eu pensava estar ouvindo, meus ouvidos deram-me a última impressão desvanecente da correria; que havia se retirado *ainda mais para baixo*, muito além daquele mais profundo dos porões, até parecer que todo o rochedo abaixo de nós estivesse permeado por ratos em demanda. Norrys não foi tão cético quanto eu havia previsto, ao contrário, pareceu profundamente tocado. Ele gesticulou para que eu notasse que os gatos junto à porta haviam cessado seu clamor, como se dessem os ratos por perdidos, enquanto Nigger-Man teve um surto de agitação renovada, e arranhava freneticamente ao redor do fundo do grande altar de pedra no centro do recinto, que estava mais perto do sofá de Norrys que do meu.

A essa altura, meu temor do desconhecido era enorme. Algo assustador havia ocorrido, e eu vi que o Capitão Norrys, um homem mais jovem, robusto e presumivelmente de uma natureza mais materialista, havia sido afetado tão inteiramente quanto eu — talvez por causa de sua íntima familiaridade durante toda a vida com as lendas locais. Naquele momento não podíamos fazer nada além de observar o velho gato preto enquanto ele cavoucava com fervor decrescente a base do altar, ocasionalmente erguendo os olhos e miando para mim daquela maneira persuasiva que usava quando queria que eu lhe prestasse algum favor.

Norrys então levou uma lanterna para perto do altar e examinou o local onde Nigger-Man estava arranhando, ajoelhando-se em silêncio e raspando os líquens de séculos que fundiam o maciço bloco pré-romano ao piso de mosaico. Ele não encontrou nada, e estava prestes a abandonar seu esforço quando eu notei uma circunstância trivial que me fez estremecer, ainda que ela não implicasse nada mais do que eu já havia imaginado. Conteí isso a ele e ambos olhamos para sua quase imperceptível manifestação com a fixação proveniente do fascínio da descoberta e do reconhecimento. Foi apenas isto: que a chama da lanterna posta junto ao altar tremulava ligeira mas inegavelmente por uma corrente de ar que ela não recebia antes, e que vinha indubitavelmente da fissura entre o chão e o altar onde Norrys havia raspado o líquen.

Passamos o resto daquela noite no estúdio bem iluminado, discutindo com nervosismo o que faríamos em seguida. A descoberta de que alguma galeria ainda mais profunda que a mais profunda alvenaria romana conhecida jazia sob aquela edificação maldita — alguma galeria insuspeitada pelos antiquários curiosos de três séculos — teria sido suficiente para excitar-nos mesmo sem qualquer pano de fundo sinistro. Da maneira como foi, o fascínio tornou-se redobrado; e nós hesitamos na dúvida entre abandonar nossa busca e deixar o priorado para sempre em supersticiosa prudência, ou gratificar nosso sentimento de aventura e desbravar os horrores que pudessem estar à nossa espera nas profundezas desconhecidas. Pela manhã havíamos assumido um compromisso, e decidido ir a Londres para reunir um grupo de arqueólogos e cientistas capacitados a lidar com o mistério. Deve-se mencionar que antes de deixar o porão inferior nós tentamos em vão mover o altar central que então reconhecíamos como o portal para um novo poço de medo inominável. Que segredo abriria o portal, homens mais sábios do que nós teriam de descobrir.

Durante muitos dias, em Londres, o Capitão Norrys e eu apresentamos nossos fatos, conjecturas e relatos lendários a cinco eminentes autoridades, todos homens em quem se poderia confiar com respeito a qualquer revelação familiar que futuras explorações pudessem fomentar. Achamos a maioria deles pouco disposta ao escárnio, e em vez disso, intensamente interessada e sinceramente compreensiva. Não me parece necessário nomear todos, mas posso dizer que incluíam sir William Brinton, cujas escavações em Trôade excitaram a maior parte do mundo em seus dias. Quando todos tomamos o trem para Anchester senti como se me equilibrasse à beira de revelações assustadoras, uma sensação simbolizada pelo ar de luto entre os muitos americanos pela morte inesperada do Presidente^[2] do outro lado do mundo.

Na tarde do dia 7 de agosto nós chegamos a Exham Priory, onde os criados asseguraram-me de que nada incomum havia acontecido. Os gatos, e até mesmo o velho Nigger-Man, estiveram perfeitamente plácidos, e nenhuma ratoeira na casa havia sido disparada. Iríamos começar a exploração no dia seguinte, e enquanto esperávamos eu destinei quartos com boas instalações para todos os meus convidados. Eu próprio me recolhi aos meus aposentos na torre, com Nigger-Man entre os meus pés.

O sono veio rápido, mas sonhos terríveis me assolaram. Houve a visão de um banquete romano como aquele de Trimálquio, com um horror servido numa baixela coberta. Depois aquela maldita coisa recorrente com o porqueiro e seu rebanho imundo na gruta obscura. Porém, quando acordei já estava em plena luz do dia, com os sons normais da casa abaixo de mim. Os ratos, viventes ou espectrais, não haviam me perturbado, e Nigger-Man estava pacificamente adormecido. Ao descer, descobri que a mesma tranquilidade prevalecera por toda parte; uma condição que um dos sábios reunidos — um sujeito chamado Thornton, devotado à mediunidade — atribuiu de maneira um tanto absurda ao fato de que já me havia sido revelado aquilo que certas forças desejavam me mostrar.

Tudo já estava pronto, e às 11h da manhã todo o nosso grupo de sete homens, portando poderosos faróis elétricos e implementos de escavação, desceu ao porão inferior e ferrolhou a porta ao passar. Nigger-Man foi conosco, pois os investigadores não encontraram uma oportunidade para despistar sua excitação, e estavam de fato ansiosos para que ele estivesse presente no caso das obscuras manifestações de roedores. Nós observamos as inscrições romanas e os desenhos desconhecidos no altar apenas brevemente, pois três dos estudiosos já os tinham visto, e todos conheciam as suas características. A atenção maior foi destinada ao imponente altar central, e dentro de uma hora sir William Brinton fez com que ele se inclinasse para trás, equilibrado por algum sistema desconhecido de contrapesos.

Lá então se revelou tamanho horror que teria nos subjugado caso não estivéssemos preparados. Através de uma abertura quase quadrada no chão de ladrilhos, espraiaando-se sobre um lance de degraus de pedra tão prodigiosamente gastos que eram pouco mais do que um plano inclinado em sua parte central, havia uma macabra hoste de ossos humanos ou semi-humanos. Aqueles que conservavam sua disposição como esqueletos exibiam atitudes de pânico temor, e sobre todos eles havia marcas de mastigação de roedores. Os crânios denotavam nada menos que completa idiotia, cretinismo ou primitivismo semissimiesco. Acima da escadaria forrada de detritos infernais arqueava-se uma passagem descendente aparentemente talhada na rocha sólida, que conduzia uma corrente de ar. Esse fluxo não era uma torrente súbita e insalubre como

o de uma catacumba fechada, mas uma brisa fria com um certo frescor. Nós não nos detivemos por muito tempo, e começamos a abrir com calafrios uma passagem de graus abaixo. Foi então que sir William, examinando as paredes desbastadas, fez a estranha observação de que o corredor, de acordo com a direção dos golpes, devia ter sido talhado de baixo para cima.

Eu devo ser muito ponderado agora, e escolher bem as minhas palavras.

Depois de avançar a custo por alguns de graus em meio aos ossos roídos, vimos que havia luz à frente; não alguma fosforescência mística, mas uma infiltração da luz do dia que não poderia provir senão de fissuras desconhecidas nos rochedos que davam para o vale estéril. Que tais fissuras tivessem passado despercebidas pelo lado de fora não era exatamente notável, pois não apenas o vale é inteiramente desabitado, como o rochedo é tão alto e saliente que somente um aeronauta poderia estudar sua face em detalhes. Mais alguns passos, e nossos fôlegos foram literalmente roubados de nós pelo que vimos; tão literalmente que Thornton, o investigador mediúnico, de fato desmaiou nos braços do homem estupefato que estava atrás dele. Norrys, com sua face rechonchuda completamente pálida e flácida, simplesmente lançou gritos inarticulados; enquanto eu, creio que o que fiz foi ofegar ou sibilar, e cobrir os meus olhos. O homem atrás de mim — o único da comitiva que era mais velho do que eu — crocitou um trivial “Meu Deus!” na voz mais estridente que eu já ouvi. Dos sete homens cultos, somente sir William Brinton manteve a compostura; algo que lhe dá mais crédito considerando que ele liderava o grupo e deve ter visto aquilo em primeiro lugar.

Era uma gruta sombria de enorme altura, estendendo-se a uma distância maior do que os olhos podiam ver; um mundo subterrâneo de mistério ilimitado e horríveis sugestões. Havia construções e outros resquícios arquitetônicos — num aterrorizado correr de olhos eu vi uma bizarra série de túmulos, um rústico círculo de monolitos, uma ruína romana de cúpula baixa, um espaçoso edifício saxônico e uma antiga construção inglesa em madeira — mas todos eles eram diminuídos pelo espetáculo fantasmagórico representado pela superfície geral do terreno. Por metros ao redor da escada estendia-se um insano emaranhado de ossos humanos, ou ao menos tão humanos quanto os dos de graus. Co-

mo um mar escumoso eles se espalhavam, alguns desagregados, mas outros inteira ou parcialmente articulados em esqueletos; estes últimos invariavelmente em posturas de frenesi demoníaco, ou lutando para repelir alguma ameaça, ou agarrando-se a outras formas com intenções canibalescas.

Quando o dr. Trask, o antropólogo, curvou-se para classificar os crânios, encontrou uma mistura degradada que o desconcertou por completo. Eram em sua maioria mais baixos que o homem de Piltdown na escala evolutiva, mas em todo caso definitivamente humanos. Muitos eram de um grau mais alto, e muito poucos eram crânios de tipos suprema e sensivelmente desenvolvidos. Todos os ossos estavam roídos, a maioria por roedores, mas um bom tanto por outros membros do rebanho semi-humano. Misturados a eles havia muitos ossos minúsculos de ratos — membros caídos do letal exército que encerrou aquele épico da Antiguidade.

Eu me pergunto se algum de nós sobreviveu àquele horrível dia de descoberta conservando a sua sanidade. Nem mesmo Hoffmann ou Huysmans poderiam conceber um cenário mais desmesuradamente inacreditável, mais freneticamente repulsivo, ou mais goticamente grotesco do que a gruta obscura através da qual nós sete cambaleávamos; cada um tropeçando numa revelação após a outra, e tentando evitar naquele instante pensar nos eventos que deviam ter ocorrido ali trezentos, ou mil, ou dois mil, ou dez mil anos atrás. Aquela era a antecâmara do inferno, e o pobre Thornton desmaiou novamente quando Trask lhe contou que alguns dos esqueletos deviam ter decaído à condição de quadrúpedes ao longo das últimas vinte gerações ou mais.

Horrores acumulavam-se sobre horrores à medida que começávamos a interpretar os restos arquitetônicos. As criaturas quadrúpedes — com seus ocasionais recrutas da classe bípede — haviam sido mantidos em currais de pedra, para fora dos quais eles devem ter irrompido em seu último delírio de fome ou medo dos ratos. Havia grandes hordas deles, evidentemente engordados com as hortaliças rústicas cujos resíduos podiam ser encontrados como uma espécie de forragem venenosa no fundo de enormes silos de pedra mais antigos do que Roma. Agora eu sabia por que meus ancestrais tiveram jardins tão excessivos — pediria

aos céus que pudesse esquecer! O propósito dos rebanhos eu não tive de perguntar.

Sir William, postado com seu farolete na ruína romana, traduziu em voz alta o mais chocante ritual que eu jamais conheci; e contou sobre a dieta daquele culto antediluviano que os sacerdotes de Cibele encontraram e combinaram ao seu. Norrys, acostumado que era com as trincheiras, não conseguia caminhar em posição ereta quando saiu da edificação inglesa. Era um açougue e uma cozinha — ele já esperava isso —, mas foi demais ver utensílios ingleses familiares em tal lugar, e ler inscrições corriqueiras em inglês, algumas de data tão recente quanto 1610. Eu não consegui entrar naquele edifício — aquele edifício cujas atividades demoníacas só foram detidas pela adaga do meu ancestral Walter de la Poer.

Onde me aventurei a entrar foi na baixa edificação saxônica, cuja porta de carvalho havia caído, e ali eu encontrei uma terrível fileira de dez celas de pedra com grades enferrujadas. Três delas tinham ocupantes, todos esqueletos de alto grau, e no osso do indicador de um deles eu encontrei um anel de sinete com a minha própria cota de armas. Sir William encontrou uma galeria com celas muito mais antigas sob a capela romana, mas elas estavam vazias. Abaixo delas havia uma cripta baixa com urnas de ossos arrumados com formalidade, algumas delas contendo terríveis inscrições paralelas entalhadas em latim, grego e no idioma da Frígia. Enquanto isso, o dr. Trask havia aberto um dos túmulos pré-históricos, e trouxe à luz caveiras que eram ligeiramente mais humanas que a de um gorila, e que continham indescritíveis ideogramas entalhados. Em meio a todo esse horror meu gato espreitava sem se perturbar. Uma vez eu o vi monstruosamente empoleirado no topo de uma montanha de ossos, e me perguntei que segredos poderiam existir por trás dos seus olhos amarelos.

Tendo compreendido até certo leve grau as pavorosas revelações daquela área em penumbra — uma área tão odiosamente prenunciada por meu sonho recorrente —, nós nos voltamos para aquela profundidade aparentemente ilimitada da caverna noturna, onde nenhum raio de luz vindo do rochedo conseguia penetrar. Jamais saberemos que invisíveis mundos estigiais se abrem além da pequena distância que percorremos, pois decidiu-se que tais segredos não são bons para o gênero humano.

Mas havia muito com que nos ocupar ao alcance da mão, pois não avançáramos muito quando os faroletes revelaram aquela amaldiçoada infinidade de covas nas quais os ratos haviam se banquetado, e cuja súbita ausência de reabastecimento levava o exército de roedores vorazes primeiro a voltarem-se contra as hordas vivas de criaturas famélicas, e depois a irromper priorado afora naquela histórica orgia de devastação que os camponeses jamais irão esquecer.

Deus! Aqueles poços negros putrefatos com seus ossos picados e serrados e suas caveiras abertas! Aqueles abismos de pesadelo abarrotados com os ossos pitecantropoides, celtas, romanos e ingleses de incontáveis séculos de iniquidade! Alguns deles estavam cheios, e ninguém pode dizer que profundidade tiveram um dia. Outros ainda pareciam não ter fundo à luz das nossas lanternas, e eram povoados por fantasias inomináveis. O que havia sido, pensei, dos ratos desafortunados que tropeçaram para dentro de tais armadilhas em meio ao negrume de suas buscas naquele Tártaro terrível?

Em dado momento meus pés escorregaram perto de um horrível precipício escancarado, e passei por um momento de medo extático. Devo ter ficado perdido em pensamentos por um longo tempo, pois não pude ver nenhum membro do grupo além do roliço Capitão Norrys. Então, daquela distância retinta, ilimitada e extrema partiu um som que eu pensei conhecer; e vi meu velho gato preto passar por mim em disparada como um deus alado egípcio, diretamente para o infinito abismo do desconhecido. Mas eu não havia ficado muito para trás, pois após mais um segundo já não houve dúvida. Ali estava o assustador tropel daqueles ratos paridos pelo demônio, sempre em busca de novos horrores, e determinados a me conduzir para dentro daquelas cavernas escancaradas do centro da terra, onde Nyarlathotep, o louco deus sem face, uiva cegamente aos acordes de dois flautistas amorfos e idiotas.

Minha lanterna expirou, mas eu continuei correndo. Ouvi vozes, e berros, e ecos, mas acima de tudo ressurgia delicadamente aquele tropel ímpio e insidioso; crescendo e crescendo aos poucos, como um cadáver rígido e inchado que lentamente emerge à superfície de um rio untuoso que flui sob intermináveis pontes de ônix até um negro e pútrido mar. Algo esbarrou em mim — algo mole e roliço. Deviam ter sido os ratos; o exército viscoso, gelatinoso e voraz que se banquetava com os mor-

tos e os vivos... Por que os ratos não devoravam um De la Poer como um De la Poer se alimenta de coisas proibidas?... A guerra devorou meu filho, malditos sejam todos... e os ianques devoraram Carfax com suas chamas e queimaram avô Delapore e o segredo... Não, não, eu lhes digo, eu *não* sou aquele porquero demoníaco da gruta obscura! *Não* era a gorda face de Edward Norrys naquela coisa flácida e fúngica! Quem diz que eu sou um De la Poer? Ele sobreviveu, mas meu menino morreu!... Deve um Norrys possuir as terras de um De la Poer?... É vodu, eu lhes digo... aquela serpente pintalgada... Maldito seja, Thornton, eu lhe ensinarei a desmaiar com o que minha família faz!... Sangue de Cristo, seus fedorentos, eu vos ensinarei a degustar... quereis me moldar ao vosso modo?... *Magna Mater! Magna Mater!... Atys... Dia ad ag-haidh's ad aodann... agus bas dunach ort! Dhonas's dholas ort, agus le-at-sa!... Ungh... ungh... rrrlh... chchch...*

Foi isso o que eles disseram que eu falei quando me encontraram na escuridão três horas depois; encontraram-me agachado na escuridão por sobre o corpo roliço e semidevorado do Capitão Norrys, com meu próprio gato saltando sobre a minha garganta e rasgando-a. Agora eles explodiram Exham Priory, tiraram meu Nigger-Man de mim, e me tranca-ram nesta sala gradeada em Hanwell, trocando sussurros assustados sobre a minha hereditariedade e as minhas experiências. Thornton está na sala ao lado, mas evitam que eu converse com ele. Estão tentando, também, suprimir a maior parte dos fatos que dizem respeito ao priorado. Quando falo do pobre Norrys, acusam-me de uma coisa horrível, mas eles têm de saber que eu não fiz isso. Eles têm de saber que foram os ratos; os ratos lisos e céleres, cujo tropel jamais me deixará dormir; os ratos demoníacos que correm por trás do acolchoamento desta sala e me convidam a descer a horrores maiores do que eu jamais conheci; os ratos que eles não conseguem ouvir; os ratos, os ratos nas paredes.



Ele

∴

He (1925)

Weird Tales (set. 1926)

Este conto foi concebido em um caderno barato que Lovecraft comprou enquanto passeava por Greenwich Village. Parece altamente provável que ele tenha sido planejado como um destilado do sofrimento contínuo de Lovecraft por ficar preso em Nova York; é como se o escritor estivesse passando pelos estágios do luto, da raiva ao desespero.



Eu o vi numa noite de insônia, enquanto caminhava em desespero para salvar minha alma e minha percepção. A vinda para Nova York havia sido um erro, pois embora eu procurasse maravilhamento comovedor e inspiração nos fervilhantes labirintos de ruas antigas que serpenteavam interminavelmente pátios, praças e fontes esquecidos para pátios, praças e fontes igualmente esquecidos, e nas ciclópicas torres e pináculos modernos que assomavam em babilônico negror sob a lua minguante, encontrei em vez disso apenas um sentimento de horror e opressão que ameaçou me dominar, paralisar e aniquilar.

A desilusão havia sido gradual. Quando cheguei pela primeira vez à cidade, vi-a de uma ponte ao pôr do sol, majestosa sobre as suas águas, seus incríveis picos e pirâmides surgindo como flores delicadas sobre lagos de névoa violeta para brincar com as nuvens de ouro flamejante e as primeiras estrelas do entardecer. Então acendera janela após janela sobre caudais por onde lanternas oscilavam e cintilavam e trombetas de tons graves ladravam harmonias bizarras, e toda ela tornou-se um estrelado firmamento de sonho, perfumada de música feérica, e igualou-se às maravilhas de Carcassone, Samarcanda, Eldorado e todas as cidades gloriosas e semilendárias. Pouco depois disso eu fui conduzido por entre aquelas vias antigas tão caras à minha fantasia — becos e passagens estreitas e curvas onde fileiras de edifícios georgianos de tijolos vermelhos piscavam suas águas-furtadas de vidraças pequenas sobre pórticos sustentados por pilastras, que contemplaram carruagens douradas e coches almofadados — e no primeiro lampejo de percepção dessas coisas há tanto tempo almejadas pensei que havia realmente alcançado tamanhos tesouros que no devido tempo me fariam poeta.

Porém, sucesso e felicidade não viriam. O esplendor da luz do dia revelou apenas sordidez, alheamento e a perniciosa elefantíase de pedras subindo e se espalhando por onde a lua sugerira delicadeza e magia ancestral; e as multidões de pessoas que fervilhavam por entre ruas que se assemelhavam a canais de escoamento eram estrangeiros atarracados e escuros com faces endurecidas e olhos apertados, estrangeiros ladinos sem sonhos nem afinidades com os cenários que os circundavam, que jamais poderiam significar nada para um homem de olhos azuis da velha stirpe, com o amor pelas belas alamedas verdes e brancos campanários dos vilarejos da Nova Inglaterra em seu coração.

Por isso, em vez dos poemas que esperava, vieram-me apenas vazio estremeedor e solidão inefável; e por fim enxerguei uma verdade assustadora que ninguém jamais ousara proferir anteriormente — inconfessável segredo entre os segredos — o fato de que esta cidade de pedra e estridência não é uma perpetuação senciente da Velha Nova York, como Londres é da Velha Londres, e Paris da Velha Paris, e que na realidade ela está completamente morta, seu corpo estendido imperfeitamente embalsamado e infestado de ridículas coisas animadas que nada têm a ver com o que ela foi em vida. Depois de fazer esta descoberta eu cessei

de dormir confortavelmente; porém uma certa tranquilidade resignada retornou quando eu gradualmente desenvolvi o hábito de manter-me longe das ruas durante o dia e me aventurar no exterior unicamente à noite, quando as trevas evocam o pouco de passado que ainda paira sobre os arredores como uma alma penada, e velhos umbrais esbranquiçados recordam-se das formas vigorosas que um dia passaram através deles. Com essa espécie de alívio eu cheguei a escrever alguns poemas, e contive ainda o impulso de regressar para a minha gente, pois pareceria rastejar de volta em ignóbil derrota.

Então, numa caminhada insone, eu conheci o homem. Foi em um grotesco pátio escondido na área de Greenwich, pois em minha ignorância eu lá aportara após ter ouvido falar do local como um lar natural de poetas e artistas. As alamedas e casas arcaicas e os trechos de praças e pátios haviam de fato me agradado, e quando descobri que os poetas e artistas eram falastrões pretensiosos cuja esquisitice não passa de bijuteria e cujas vidas são uma negação de toda aquela pura beleza que a poesia e a arte são, continuei indo lá por amor àquelas coisas veneráveis. Eu as fantasiava como eram no apogeu, quando Greenwich era um plácido lugarejo ainda não engolido pela cidade; e nas horas que antecedem o amanhecer, quando todos os farristas já haviam se retirado furtivamente, eu costumava vagar sozinho por suas sinuosidades crípticas e refletir sobre os intrigantes arcanos que gerações deviam ter depositado ali. Isso mantinha viva a minha alma, e me proporcionava alguns daqueles sonhos e visões pelos quais o poeta no meu interior mais profundo ansiava.

O homem veio a mim por volta das duas horas de uma madrugada nebulosa de agosto, enquanto eu atravessava uma série de pátios afastados hoje acessíveis apenas através dos corredores escuros dos edifícios interpostos, mas que um dia formaram partes de uma rede contínua de alamedas pitorescas. Ouvira falar deles por um rumor vago, e compreendi que não poderiam estar em nenhum mapa atual; mas o fato de terem sido esquecidos somente os tornava mais caros a mim, de forma que os procurei com o dobro do meu entusiasmo habitual. Agora que os havia encontrado, meu entusiasmo novamente redobrava, pois algo em sua disposição sugeria vagamente que poderiam ser apenas alguns entre muitos semelhantes, com contrapartes escuras e silenciosas encra-

vadas obscuramente entre altas paredes nuas e fundos de habitações desertas, ou emboscados por trás de arcadas sem iluminação, ainda não atraídos pelas hordas de falantes de outras línguas nem guardados por artistas furtivos e taciturnos, cujas práticas não convidam à publicidade nem a luz do dia.

Ele se dirigiu a mim sem ser convidado, notando o meu humor e meus olhares enquanto eu estudava os umbrais de certas portas com aldrava sobre degraus com corrimão de ferro e a claridade pálida das bandeiras ornamentadas iluminava debilmente o meu rosto. Sua face estava em sombras, e ele usava um chapéu de abas largas que por algum motivo combinava perfeitamente com a capa fora de moda que ostentava; mas senti uma inquietação súbita antes mesmo que ele falasse algo. Sua silhueta era muito esguia, magra de um modo quase cadavérico, e sua voz se revelou fenomenalmente suave e cavernosa, embora não particularmente grave. Ele havia, segundo disse, reparado várias vezes em mim durante as minhas caminhadas, e inferiu que eu me assemelhasse a ele em seu amor pelos vestígios de anos passados. Não gostaria eu da orientação de alguém com longa prática em tais explorações, e que possuía informações locais intensamente mais profundas que qualquer uma que um óbvio recém-chegado poderia ter adquirido?

Enquanto ele falava, surpreendi um lampejo de seu rosto sob a luz amarelada que vinha da solitária janela de um sótão. Era um nobre, até mesmo belo, semblante idoso; e portava as marcas de uma linhagem e um refinamento incomuns para aquela época e local. No entanto, alguma característica nele me perturbou quase tanto quanto suas feições me agradaram — talvez fosse muito branco, ou muito inexpressivo, ou demasiadamente deslocado em relação ao lugar, para me deixar à vontade ou confortável. Ainda assim, eu o acompanhei, pois naqueles dias melancólicos minha busca por belezas e mistérios antigos era a única coisa que mantinha viva a minha alma, e eu considerei um raro favor do Destino conhecer casualmente alguém cujas buscas afins pareciam ter penetrado tão além das minhas.

Algo na noite constrangeu o homem de capa ao silêncio, e por uma longa hora ele me levou adiante sem necessitar de palavras, fazendo apenas os mais breves comentários a respeito de antigos nomes, datas e mudanças, e direcionando meu progresso em muito grande parte por gestos

enquanto nos espremiámos por interstícios, caminhávamos nas pontas dos pés por corredores, escalávamos muros de tijolos e, uma vez, rastejamos sobre as mãos e os joelhos através de uma passagem de pedra arqueada e baixa, cuja imensa extensão e tortuosas curvas acabaram por suprimir qualquer indício de localização geográfica que eu havia conseguido preservar. As coisas que vimos eram muito antigas e maravilhosas — ou pelo menos assim pareciam sob os poucos raios de luz extraviados com os quais eu as vi —. e eu nunca esquecerei as colunas jônicas bamboleantes, as pilastras caneladas, os mourões de ferro encimados por urnas e as janelas com lintéis vistosos e claraboias decorativas que pareciam tornar-se cada vez mais fantásticas e estranhas à medida que nos aprofundávamos nesse inexaurível labirinto de antiguidade desconhecida.

Não encontramos uma alma viva sequer, e à medida que o tempo passava, as janelas iluminadas tornavam-se cada vez mais raras. As luzes das ruas que encontramos primeiro eram a óleo, e tinham o antigo formato losangular. Mais tarde, notei algumas com velas; e por último, depois de transpassar um horrível pátio às escuras por onde meu guia teve de conduzir-me com sua mão enluvada através da total escuridão até um portão estreito de madeira em um muro alto, demos com um fragmento de alameda iluminada apenas por lanternas a cada sete casas — inacreditáveis lanternas coloniais de latão com topos cônicos e orifícios perfurados nas laterais. Essa alameda levava abruptamente colina acima — era mais íngreme do que eu julguei possível naquela parte de Nova York — e a extremidade superior era bloqueada diretamente pelo muro coberto de heras de uma propriedade particular, atrás do qual pude ver uma cúpula pálida e as copas das árvores acenando contra a vaga claridade do céu. Nesse muro havia um pequeno e baixo portão arqueado de carvalho preto cravejado de pregos, que o homem se adiantou a destrancar com uma pesada chave. Conduzindo-me para dentro, ele me guiou por um trajeto em completa escuridão sobre o que me pareceu caminho de cascalho, e por fim subindo uma escada com degraus de pedra até a porta da casa, que destrancou e abriu para mim.

Nós entramos, e enquanto o fazíamos eu fui sufocado por um desagradável cheiro de bolor infinito que brotou para nos receber, e que devia ser fruto de séculos de insalubre decadência. Meu anfitrião não pare-

ceu perceber isso, e por cortesia eu me mantive em silêncio enquanto ele me levava por uma escadaria em curva, através de um corredor, e em seguida para dentro de um quarto cuja porta eu o ouvi trancar às nossas costas. Então eu o vi puxar as cortinas de três janelas de vidraças pequenas que mal se mostravam contra o céu que começava a clarear, e depois disso ele foi até o consolo da lareira, bateu aço numa pederneira, acendendo duas velas de um candelabro de vinte braços e fez um gesto convidando-me a uma conversa em voz baixa.

Naquela débil radiância eu vi que estávamos numa biblioteca espaçosa, bem mobiliada e apainelada, que datava do primeiro quarto do século dezoito, com um esplêndido frontão triangular sobre a porta, um encantador friso dórico e uma cornija com entalhes magníficos sobre a lareira, encimada por volutas e cântaros. Acima das prateleiras abarrotadas, a intervalos ao longo das paredes, havia esmerados retratos de família; todos embaciados até um ofuscamento enigmático, e trazendo uma inconfundível semelhança com o homem que agora gesticulava para que eu ocupasse uma cadeira ao lado da graciosa mesa Chipendale. Antes de sentar-se do lado oposto do móvel, meu anfitrião parou por um momento, como se estivesse constrangido; depois, retirando vagarosamente suas luvas, seu chapéu de abas largas e sua capa, parou numa postura teatral, revelando-se numa indumentária médio-georgeana completa, incluindo cabelos trançados e babados no pescoço até calções à altura dos joelhos, meias de seda e sapatos com fivela que eu não havia notado anteriormente. Então, depois de afundar lentamente numa cadeira com encosto em forma de lira, ele passou a me olhar intensamente.

Sem o chapéu ele assumiu um aspecto de idade extrema, o que mal se podia ver anteriormente, e eu me perguntei se essa marca não percebida de singular longevidade não seria uma das fontes da minha inquietação original. Quando ele finalmente falou, sua voz suave, cavernosa e cuidadosamente baixa não vacilava com pouca frequência, e de quando em quando eu tinha grande dificuldade em acompanhar o que ele dizia, ao mesmo tempo em que o escutava com um arrepio de assombro e alarme parcialmente negado que crescia a cada instante.

— Contemplais, senhor — meu anfitrião começou a falar —, um homem de hábitos muito excêntricos, por cujo traje nenhum pedido de desculpas precisa ser feito a alguém com a vossa sabedoria e inclinações.

Após refletir sobre tempos melhores, não tive escrúpulos em averiguar seu modo de ser e adotar seu vestuário e suas maneiras; uma indulgência que não ofende ninguém caso praticada sem ostentação. Coube a mim a boa fortuna de conservar a sede rural dos meus antepassados, ainda que engolida por duas cidades, primeiro Greenwich, que cresceu para estes lados após 1800, depois Nova York, que se juntou a ela por volta de 1830. Houve muitas razões para preservar este local em poder de minha família, e eu não cometi a negligência de me desincumbir de tais obrigações. O senhor de terras que a obtive em 1768 estudou certas artes e fez certas descobertas, todas conectas a influências residentes neste pedaço de terra em particular, e que requerem a mais forte vigilância. Alguns curiosos efeitos dessas artes e descobertas eu agora proponho mostrar-vos, sob o mais estrito sigilo; e creio que posso me amparar suficientemente em minha capacidade de julgar os homens a ponto de não duvidar do vosso interesse e da vossa fidelidade.

Ele fez uma pausa, mas eu pude apenas balançar minha cabeça. Já afirmei que estava alarmado, embora para a minha alma nada fosse mais mortal do que o mundo material diurno de Nova York, e fosse aquele homem um excêntrico inofensivo ou um detentor de perigosas artes, eu não tinha escolha a não ser acompanhá-lo e satisfazer minha sensação de maravilhamento com o que quer que ele tivesse a oferecer. Por isso continuei ouvindo.

— Para... o meu ancestral... — ele prosseguiu em voz baixa — algumas qualidades muito notáveis pareciam residir na vontade do gênero humano; qualidades possuidoras de um domínio quase insuspeitado não apenas sobre os atos de um ou outro indivíduo, mas sobre toda a variedade de forças e substâncias que há na Natureza, e sobre muitos elementos e dimensões considerados mais universais que a própria Natureza. Posso dizer que ele escarneceu da santidade de coisas tão grandiosas quanto o espaço e o tempo, e que dedicou a estranhos usos os rituais de certos peles-vermelhas mestiços que certa vez acamparam sobre esta colina? Esses índios se mostraram irascíveis quando o local foi construído, e foram importunos como uma praga ao pedirem reiteradamente para visitar o terreno nas noites de lua cheia. Por anos eles se esgueiravam por cima do muro a cada mês, sempre que podiam, e realizavam furtivamente certos atos. Então, em 68, o novo proprietário surpreendeu os

seus feitos, e manteve-se calado sobre o que viu. Posteriormente barganhou com eles e trocou o livre acesso ao seu terreno pela exato e íntimo conhecimento do que faziam; e aprendeu que os avós daquela gente adquiriram parte de seus costumes com os ancestrais indígenas e parte com um velho holandês, na época dos Estados Gerais^[1]. E que a desgraça recaia sobre ele, pois eu temo que o senhor das terras deve ter-lhes servido um rum terrivelmente ruim — intencionalmente ou não — pois uma semana depois de descobrir o segredo ele era o único homem vivo que o conhecia. Vós, senhor, sois o primeiro estranho a ser informado de que há um segredo, e raios me partam se eu teria arriscado a tratar disso — os poderes — se não fôsseis tão ávido por coisas passadas.

Senti calafrios à medida que o homem se tornava mais coloquial — e com aquela fala íntima de outros tempos. Ele prosseguiu.

— Mas deveis saber, senhor, que aquilo que... o proprietário... conseguiu com aqueles selvagens mestiços foi apenas uma pequena parte dos conhecimentos que ele veio a possuir. Não foi à toa que ele esteve em Oxford, nem foi em vão que conversou com um venerável alquimista e astrólogo em Paris. Ele se convenceu, no fim, de que o mundo inteiro não passa de fumaça dos nossos intelectos; fora do controle do vulgo, mas pode ser tragada e baforada pelo sábio como o melhor tabaco da Virginia. Aquilo que queremos, podemos construir à nossa volta; e aquilo que não queremos, podemos repelir. Não direi que tudo isso é inteiramente verdadeiro em seu conjunto, mas é suficientemente real para fornecer um espetáculo muito belo de quando em quando. Vós, eu imagino, ficaríeis excitado por uma melhor visão de certos outros anos do que aquela que a vossa fantasia vos permite; por isso reprimi qualquer temor diante do que eu pretendo vos mostrar. Vinde até a janela e acalmai-vos.

Meu anfitrião então tomou-me pela mão e levou-me até uma das duas janelas da longa parede lateral da malcheirosa sala, e ao primeiro toque de seus dedos desenluvados eu me senti gelar. Sua carne, embora seca e firme, tinha a qualidade do gelo; e eu quase me esquivei ao seu impulso. Mas novamente eu pensei no vazio e no horror da realidade, e me dispus corajosamente a segui-lo onde quer que me levasse. Uma vez na janela, o homem afastou as cortinas de seda amarelada e dirigiu meu olhar para as trevas do lado de fora. Por um momento não vi nada além

de uma miríade de pequeninas luzes dançantes, longe, muito longe de mim. Então, como se em resposta a um movimento insidioso da mão do meu anfitrião, um relâmpago brincou sobre o cenário, e eu distingi um mar de luxuriante vegetação — vegetação imaculada, e não o mar de telhados que qualquer mente normal esperaria. À minha direita o Hudson cintilava perniciosamente, e na distância à frente tive o vislumbre malsão de um vasto charco salino constelado de nervosos vaga-lumes. O relâmpago morreu, e um sorriso maldoso iluminou a face de cera do idoso necromante.

— Isso foi antes do meu tempo — antes da época do novo senhor das terras. Tentemos novamente.

Senti-me desfalecer, um desfalecimento ainda maior do que a odiosa modernidade daquela cidade maldita teria me causado.

— Bom Deus! — sussurrei — Você pode fazer isso para *qualquer época*?

E quando ele fez que sim, e expôs os tocos enegrecidos do que um dia foram presas amareladas, eu me agarrei às cortinas para evitar uma queda. Mas ele me segurou com aquelas suas terríveis garras geladas, e mais uma vez executou seu gesto insidioso.

Novamente o relâmpago brilhou — mas dessa vez sobre um cenário não inteiramente estranho. Era Greenwich, a Greenwich que havia existido, com um telhado ou grupos de casas aqui e ali como vemos agora, porém com adoráveis alamedas verdes, campos e trechos de pastos comunitários. O charco ainda cintilava ao longe, porém a uma distância maior eu vi os pináculos do que era então toda Nova York; com as igrejas de Trinity, St. Paul e a Brick Church dominando suas irmãs, e uma rala bruma causada pela fumaça de madeira queimada pairava por toda parte. Eu respirava a custo, porém não tanto pela visão em si quanto pelas possibilidades que minha imaginação aterrorizada conjurava.

— Você pode... ousa... ir *além*? — eu falava com assombro, e acho que por um segundo ele compartilhou desse sentimento, mas o sorriso maldoso retornou.

— *Além*? O que eu vi vos transformaria numa louca estátua de pedra! Para trás, para trás... para diante, para diante... Olhai, chorão desmiolado!

E enquanto ele vociferava a frase entre dentes, gesticulou novamente, trazendo ao céu um relâmpago ainda mais cegante do que cada um dos que o haviam antecedido. Durante três segundos inteiros eu pude vislumbrar aquela visão pandemoníaca, e nesses segundos eu vi um panorama que para sempre depois disso atormentará os meus sonhos. Vi os céus infestados de estranhas coisas voadoras, e debaixo dele uma infernal cidade negra de gigantescos terraços de pedra com sacrílegas pirâmides lançando-se selvagememente para a lua, e luzes diabólicas ardendo de janelas inumeráveis. E pululando abominavelmente sobre galerias aéreas vi as pessoas amarelas e de olhos apertados daquela cidade, vestidas horrivelmente de laranja e vermelho, e dançando de maneira insana ao batuque de febris tambores, e ao chocalhar de crótalos obscenos, e ao gemido maníaco de trompas em surdinas, cujas nênias incessantes subiam e desciam em um ondular semelhante ao das vagas de um profano oceano de betume.

Eu tive essa visão, como disse, e ouvi como se fosse com os ouvidos da minha mente o báratro blasfemo das cacofonias que a acompanhavam. Foi a consagração gritante de todos os horrores que aquela cidade-cadáver sempre provocara em minha alma, e esquecendo qualquer injunção ao silêncio eu gritei, e gritei, e gritei, enquanto meus nervos cediam e as paredes estremeciam à minha volta.

Então, quando o relâmpago cessou, vi que meu anfitrião também tremia; uma expressão de chocado temor havia parcialmente obliterado de sua face a viperina distorção de ódio que meus gritos haviam provocado. Ele cambaleou, agarrou-se às cortinas como eu havia feito antes e meneou selvagememente a cabeça como um animal caçado. Deus sabe o que ele havia provocado, pois enquanto os ecos dos meus gritos morriam a distância chegou-nos outro som tão diabolicamente sugestivo que somente o embotamento de minhas emoções me manteve são e consciente. Era o ranger constante e furtivo dos degraus por trás da porta fechada, como se pela ascensão de uma horda descalça ou calçada com peles; e por fim o cauteloso e decidido agitar do trinco de bronze que reluzia à débil luz das velas. O velho me arranhou e cuspiu em mim naquele ar bolorento, e vociferou coisas em sua garganta enquanto agitava as cortinas amarelas às quais se segurava.

— A lua cheia... maldito sede... seu... seu cão lamuriento... vós os chamastes, e eles vieram atrás de mim! Pés calçados com mocassins... homens mortos... Que Deus vos aniquile, demônios vermelhos, mas eu não envenenei o vosso rum... não conservei a vossa mágica pestilenta a salvo?... vós vos embebedastes até adoecer, malditos sede, e precisais culpar o senhor das terras... ide! Largai esse trinco... Não tenho nada para vós aqui...

Nesse momento, três pancadas lentas e muito decididas sacudiram os painéis da porta, e uma espuma branca se formou na boca do mágico possesso. Seu medo, tornando-se em agudo desespero, deu lugar à ressurgência de sua raiva contra mim; e ele cambaleou um passo em direção à mesa sobre cuja borda eu me apoiava. As cortinas que ainda estavam presas pela sua mão direita, enquanto a esquerda avançava como uma garra contra mim, se esticaram e por fim soltaram-se de suas altas argolas, permitindo que a sala fosse inundada por aquele brilho da lua cheia que a claridade progressiva do céu prenunciara. Sob aqueles raios de luz esverdeados as velas empalideceram, e um novo semblante de decadência se espalhou pelo recinto almiscarado, com seus painéis carcomidos, seu chão cedente, sua lareira avariada, sua mobília em desmoronamento e seus reposteiros em farrapos. Ele tomou também o velho, quer proveniente da mesma fonte, quer em consequência de seu medo e impetuosidade, e eu o vi murchar e escurecer enquanto se aproximava adernando e esforçando-se para me despedaçar com suas garras de abutre. Somente seus olhos continuaram íntegros, e eles chispavam com uma incandescência propulsiva e dilatada, que se intensificava à medida que a face ao redor deles se carbonizava e mirrava.

As pancadas eram agora repetidas com grande insistência, e dessa vez traziam uma sugestão de metal. A coisa escura que me encarava havia-se tornado apenas uma cabeça dotada de olhos, tentando impotentemente se arrastar pelo assoalho afundado em minha direção, emitindo ocasionalmente débeis cuspes com malícia imortal. Agora golpes rápidos e estilhaçantes atacavam os painéis doentios, e eu vi o lampejo de um *tomahawk* quando ele partiu ao meio a madeira rachada. Não me movi, pois não podia; mas assisti estupefato quando a porta caiu aos pedaços para admitir o influxo colossal e informe de uma substância negra como tinta, constelada de olhos brilhantes e malévolos. Ela se derramou

espaçosamente, como uma inundação de óleo rebentando um tabique apodrecido, derrubando uma cadeira ao se espalhar, e finalmente fluindo por baixo da mesa e atravessando a sala até onde a cabeça escurecida com seus olhos ainda me fitava com ódio. Em volta dessa cabeça aquilo se fechou, engolindo-a por completo, e no momento seguinte começou a recuar; levando embora o seu fardo invisível sem tocar-me, e refluindo por aquele umbral negro e descendo as escadas invisíveis, que rangeram como antes, embora no sentido contrário.

Então o chão finalmente cedeu, e eu deslizei ofegante para a câmara escura abaixo, sufocando com as teias e quase desmaiando de terror. A lua esverdeada, brilhando através das janelas quebradas, mostrou-me a porta entreaberta do salão, e quando eu me levantei do chão polvilhado de reboco e me contorci para libertar-me do teto desabado, vi passar por ela uma horrível torrente de escuridão, com dezenas de olhos cheios de ódio reluzindo em seu meio. Procurava a porta que dava para o porão, e quando a encontrou, desapareceu por ali. Então eu senti o chão daquela sala mais baixa ceder como havia ocorrido com o do aposento superior, e logo um estrondo lá no alto seguiu-se da queda, passando pela janela oeste, de algo que devia ter sido a cúpula. Assim libertado por um instante dos destroços, saí em disparada pelo corredor até a porta da frente, e vendo-me incapaz de abri-la, apanhei uma cadeira e quebrei uma das janelas, saltando freneticamente para fora dela sobre o gramado em abandono, onde o luar dançava sobre capim e ervas de um metro de altura. O muro era alto, e todos os portões estavam trancados, mas deslocando uma pilha de caixas em um canto eu consegui chegar ao topo e me agarrar à grande urna de pedra fixada ali.

Ao meu redor, em minha exaustão, pude ver apenas estranhas paredes, janelas e velhos telhados de vertentes duplas. A rua íngreme pela qual havia me aproximado não era visível em lugar algum, e o pouco que pude ver sucumbiu rapidamente a uma neblina que brotou do rio a despeito da lua refulgente. De repente, a urna à qual eu me agarrava começou a tremer, como se compartilhasse da minha vertigem letal; e no instante seguinte meu corpo estava mergulhando rumo a um destino ignorado.

O homem que me encontrou disse que eu devia ter me arrastado por um longo caminho apesar dos meus ossos quebrados, pois um rastro de

sangue se estendia tão longe quanto ele ousara olhar. A chuva que se formou logo apagou esse elo com o cenário da minha provação, e os relatos não puderam estabelecer nada além do fato de que eu surgira de um local desconhecido, na entrada de um pequeno pátio escuro nas imediações da Perry Street.

Jamais tentei retornar àqueles labirintos tenebrosos, nem dirigiria qualquer homem são para lá ainda que pudesse. Quanto a quem ou o que aquela antiga criatura era, não faço ideia; mas repito que a cidade está morta e cheia de horrores insuspeitados. Para onde *ele* se foi eu não sei; mas eu voltei para casa, para as puras planícies da Nova Inglaterra, onde os fragrantos ventos marítimos sopram ao entardecer.



O Horror em Red Hook

∴

The Horror at Red Hook (1925)

Weird Tales (jan. 1927)

Este é o primeiro de seus três contos ambientados em Nova York, escrito após uma longa viagem de reconhecimento de sítios coloniais na região de Nova York e Nova Jersey, “O horror em Red Hook” é, no contexto das peças mais longas e trabalhadas de Lovecraft, um fragoroso fracasso. Estranhamente desprovido da prosa elegante que caracteriza a obra do autor e recheado de clichês, o conto não consegue desfazer-se de sua penosa motivação racista, presente na “babel de barulho e imundície” que retrata os imigrantes da região e dá o tom à atmosfera da prosa. A figura de Thomas Malore, como detetive sobrenatural, antecipa em certa medida o dr. Willett da novela *The Case of Charles Dexter Ward*.



Há sacramentos do mal tanto quanto do bem à nossa volta, e nós vivemos e nos movimentamos, segundo a minha crença, em um mundo desconhecido, um lugar onde há cavernas, sombras e habitantes do crepúsculo. É possível que o homem possa algumas vezes

retornar pela trilha da evolução, e eu tenho a convicção de que um saber terrível ainda não morreu.^[1]

Arthur Machen

Não muitas semanas atrás, numa esquina da vila de Pascoag, Rhode Island, um pedestre alto, corpulento e de ar saudável gerou muitas especulações em consequência de um singular lapso de comportamento. Ele vinha, ao que parece, descendo a colina pela estrada de Chepachet e, chegando à área onde as casas se adensavam, virou à esquerda na via principal, à qual diversos quarteirões com lojas modestas emprestavam um toque de urbanidade. A essa altura, sem provocação visível, ele cometeu sua surpreendente gafe, contemplando por um segundo o mais alto entre os edifícios diante dele, e então, com uma série de gritos aterrorizados e histéricos, arrojou-se numa corrida febril que acabou num tropeção e numa queda na esquina seguinte. Erguido e espanado por mãos solícitas, constatou-se que ele estava consciente, organicamente incólume e evidentemente curado de seu súbito ataque nervoso. Murmurou algumas explicações envergonhadas envolvendo uma certa tensão pela qual havia passado, e com os olhos baixos tornou a subir a estrada de Chepachet, marchando para longe das vistas sem uma só vez olhar para trás. Foi um incidente de ocorrência estranha num homem tão grande, robusto, aparentemente normal e de aspecto capaz, e a estranheza não foi atenuada pelas observações de um passante que o havia reconhecido como o pensionista de um bem conhecido leiteiro nos arredores de Chepachet.

Ele era, descobriu-se, um detetive policial de Nova York chamado Thomas F. Malone, que passava por um longo período de licença para tratamento médico após um trabalho desproporcionalmente árduo em um horripilante caso local que o acaso havia tornado dramático. Havia ocorrido um desmoronamento de diversos velhos edifícios de alvenaria durante uma batida da qual ele participava, e algo que envolveu uma indiscriminada perda de vidas, tanto de prisioneiros quanto de seus colegas, abalara-o de maneira peculiar. Como resultado, ele adquirira um agudo e anômalo horror a qualquer edificação que mesmo remotamente sugerisse aquelas que haviam desabado, de forma que no final os especialistas em saúde mental proibiram-lhe a visão de tais coisas por período

indefinido. Um cirurgião policial com parentes em Chepachet sugerira aquele singular vilarejo de casas coloniais de madeira como um lugar ideal para a convalescença psicológica; e para lá o paciente havia ido, prometendo nunca se aventurar nas ruas perfiladas de edifícios de tijolos das vilas maiores até ser devidamente aconselhado a isso pelo especialista de Woonsocket com quem fora posto em contato. Aquela caminhada até as lojas de Pascoag fora um erro, e o paciente pagou sua desobediência com pavor, escoriações e humilhação.

Isso era o que os mexeriqueiros de Chepachet e Pascoag sabiam; e era nisso, também, que os mais versados especialistas acreditavam. Porém Malone inicialmente contara muito mais aos peritos, cessando apenas quando viu que a completa incredulidade era o quinhão que lhe cabia. Depois disso ele se calou, sem protestar de modo algum quando se chegou à conclusão geral de que o desmoronamento de certas miseráveis casas de tijolos na área do Brooklyn conhecida como Red Hook, e a consequente morte de muitos bravos oficiais, abalara seu equilíbrio nervoso. Havia trabalhado muito duro, diziam todos, na tentativa de limpar aqueles ninhos de desordem e violência; certos aspectos eram bastante chocantes, para qualquer consciência, e a tragédia inesperada foi a última gota. Essa era uma explicação simples que todos podiam entender, e como Malone não era uma pessoa simples, percebeu que era melhor deixar que ela bastasse. Sugerir a pessoas sem imaginação um horror além de toda concepção humana — um horror de casas, quarteirões e cidades leprosos e cancerosos com o mal extraído de mundos primários — seria um mero convite a uma cela acolchoada em vez da repoussante vida campestre, e Malone era um homem de bom senso apesar de seu misticismo. Ele tinha a clarividência do celta para coisas estranhas e ocultas, mas também o pronto olhar do lógico para o aparentemente incerto; um amálgama que o levava longe em seus quarenta e dois anos de vida, e posicionara-o em lugares estranhos para um homem da Universidade de Dublin, nascido numa residência georgeana perto do Phoenix Park.

Mas então, quando reconsiderou as coisas que havia visto, sentido e compreendido, Malone contentou-se por não partilhar um segredo que podia reduzir um lutador destemido a um trêmulo neurótico; que podia tornar velhos cortiços de tijolos e mares de faces escuras e sutis em obje-

tos de pesadelo e presságios sinistros. Não seria a primeira vez que suas sensações eram obrigadas a permanecer sem interpretação — pois o próprio ato do seu mergulho no abismo poliglota do submundo de Nova York não era uma extravagância além de qualquer explicação sensata? Que poderia ele contar aos simplórios sobre feitiçarias antigas e maravilhas grotescas, discerníveis a olhos sensíveis em meio ao caldeirão venenoso onde todos os diversos sedimentos de eras corrompidas combinam sua peçonha e perpetuam seus terrores obscenos? Ele vira a infernal chama verde de prodígio secreto nesse rebuliço ruidoso e evasivo de cupidéz externa e blasfêmia interior, e sorria gentilmente quando todos os nova-iorquinos que conhecia zombaram de sua experiência com o trabalho policial. Eles haviam sido muito sagazes e cínicos, escarnecendo da sua fantástica busca por mistérios incognoscíveis e assegurando-lhe que nestes dias Nova York não conserva nada além de mesquinharia e vulgaridade. Um deles havia-lhe proposto apostar uma grande soma em que ele não conseguiria — a despeito de muitas coisas pungentes a seu favor no *Dublin Review* — sequer escrever uma história verdadeiramente interessante sobre a vida baixa de Nova York; e agora, rememorando, ele percebia que a ironia cósmica justificara as palavras do profeta, ao mesmo tempo que refutava em segredo seu impertinente sentido. O horror, tal como finalmente vislumbrado, não poderia compor uma história — pois como o livro citado pela autoridade alemã sobre Poe, “*er lässt sich nicht lesen*” — ele não se permite ser lido.

II

Para Malone o sentimento de mistério latente na existência sempre esteve presente. Na juventude ele sentira a beleza oculta e o êxtase das coisas, e fora poeta; mas a pobreza, a dor e o exílio haviam voltado seu olhar para direções mais sombrias, e ele estremecera com as imputações do mal no mundo circundante. A vida diária passara a ser para ele uma fantasmagoria de macabros estudos de sombra; ora com o resplendor e a malícia de uma depravação dissimulada como na melhor maneira de Beardsley, ora sugerindo terrores por trás das formas e objetos mais comuns como na obra mais sutil e menos óbvia de Gustave Doré. Ele com

frequência considerava uma bênção que a maioria das pessoas de inteligência elevada zombassem dos mistérios mais secretos, pois, argumentava, se as mentes superiores fossem algum dia postas plenamente em contato com os segredos preservados por cultos antigos e vis, as anormalidades daí resultantes logo não apenas arruinariam o mundo, como ameaçariam a integridade do próprio universo. Todas essas reflexões sem dúvida eram mórbidas, mas uma lógica aguçada e um profundo senso de humor compensavam habilmente isso. Malone satisfazia-se ao deixar que suas concepções permanecessem como visões meio furtivas e proibidas a serem tratadas com leveza; e a histeria só veio quando o dever lançou-o para dentro de um inferno de revelação muito súbita e insidiosa para que ele pudesse escapar.

Por algum tempo ele havia sido destacado para o posto policial de Butler Street, no Brooklin, quando o assunto de Red Hook chegou ao seu conhecimento. Red Hook é um labirinto de híbrida sordidez junto ao antigo porto defronte a Governor's Island, com estradas de terra subindo a colina a partir das docas até aquele terreno mais alto onde as extensões decadentes das ruas Clinton e Court conduzem ao Borough Hall. Suas casas são na maior parte de tijolos, datando do primeiro quarto à metade do século XIX, e alguns dos becos e atalhos mais escuros têm aquele fascinante sabor de antiguidade que as leituras convencionais nos levam a chamar de "dickensiana". A população é uma massa desesperançada e enigmática; elementos sírios, espanhóis, italianos e negros colidindo uns sobre os outros, e fragmentos de cinturões escandinavos e americanos estabelecidos a uma distância não muito grande dali. É uma babel de sons e sujeira, e emite estranhos gritos em resposta ao marulhar das ondas oleosas nas suas docas encardidas e às monstruosas litanias de órgão dos apitos do porto. Ali, muito tempo atrás, residia um quadro mais luminoso, com marinheiros de olhos claros nas ruas mais baixas e lares de bom gosto e solidez onde as casas maiores delineavam a colina. Pode-se reconhecer as relíquias dessa felicidade passada nos contornos bem ordenados dos edifícios, nas ocasionais igrejas elegantes, e nas evidências da arte e do cenário originais em pequenos detalhes aqui e ali — um lance de escadas desgastado, um umbral de porta avariado, um carcomido par de colunas ou pilastras decorativas, ou um fragmento de espaço outrora verde com trilhos de ferro retorcidos e enferrujados.

As casas são geralmente de blocos sólidos, e de quando em quando uma cúpula com muitas janelas se ergue para contar dos dias em que as residências de capitães e proprietários de navios contemplavam o mar.

Desse emaranhado de putrescência material e espiritual as blasfêmias de uma centena de dialetos tomam o céu de assalto. Hordas de vagabundos cambaleiam gritando e cantando ao longo dos becos e das ruas, ocasionais mãos furtivas extinguem de súbito as luzes e puxam cortinas, e faces trigueiras e marcadas pelo pecado desaparecem das janelas quando visitantes decidem passar por aquele caminho. Policiais desistem da ordem ou da reforma, e buscam em vez disso erigir barreiras que protejam do contágio o mundo exterior. O retinir da patrulha é respondido por uma espécie de silêncio espectral, e os que são tomados prisioneiros jamais são muito comunicativos. As infrações visíveis são tão variadas quanto os dialetos locais, e vão do contrabando de rum e imigrantes clandestinos, passando por diversos estágios de ilegalidade e vícios obscuros, até o assassinato e a mutilação em seus mais abomináveis disfarces. Que essas transações à luz do dia não sejam mais frequentes não se deve creditar à vizinhança, a não ser que a capacidade de ocultação seja uma arte que demande reconhecimento. Mais pessoas entram em Red Hook do que partem dali — ao menos, entre as que partem por terra — e as que não são loquazes têm a maior probabilidade de partir.

Malone identificou nesse estado de coisas um débil indício de segredos mais terríveis que quaisquer dos pecados denunciados pelos cidadãos e lamentados por padres e filantropos. Ele tinha consciência, como alguém que combina a imaginação ao conhecimento científico, de que as pessoas modernas sob condições de ausência de leis tendem perigosamente a repetir os mais sombrios padrões instintivos de selvageria simiesca em sua vida diária e práticas rituais; e com frequência via com o estremecimento de um antropólogo as procissões salmodiantes e blasfemas de jovens de olhos turvos e marcas de varíola, que seguiam com seu andar sinuoso nas mais escuras horas da madrugada. Via-se grupos desses jovens incessantemente; às vezes em vigílias sorrateiras nas esquinas, às vezes tocando lugubrememente nos umbrais seus instrumentos musicais baratos, por vezes em cochilos entorpecidos ou diálogos indecentes em volta das mesas dos cafés nos arredores do Borough Hall, e outras vezes em conversas sussurradas ao redor de táxis avariados estacionados em

frente às altas sacadas de velhas casas caindo aos pedaços e de postigos bem fechados. Eles o afetavam e fascinavam mais do que ousava confessar aos seus parceiros da força policial, pois parecia ver naquela gente alguma monstruosa cadeia de secreta continuidade; algum padrão diabólico, críptico e antigo completamente além do alcance da sórdida massa de fatos, hábitos e antros listados com um cuidado técnico tão consciencioso pela polícia. Eles deviam ser, sentia em seu íntimo, os herdeiros de alguma chocante e primordial tradição; participantes de fragmentos corrompidos e adulterados de cultos e cerimônias mais antigos que a humanidade. Sua coerência e determinação sugeria isso, e se revelava na singular suspeita de ordem que espreitava sob sua esquálida desordem. Não era em vão que Malone havia lido tratados como o *Culto das bruxas na Europa Ocidental*, da Senhorita Murray, e sabia que até anos recentes havia certamente sobrevivido entre os camponeses e a gente furtiva um pavoroso e clandestino sistema de congregações e orgias, descendente das religiões tenebrosas que antecederam o mundo ariano, e que aparecem nas lendas populares como missas negras e sabás de feiticeiras. Que esses vestígios infernais da velha magia turaniano-asiática e dos cultos de fertilidade estivessem na atualidade inteiramente mortos ele não podia nem por um momento supor, e com frequência se perguntava até que ponto alguns deles poderiam realmente ser mais antigos e mais negros que a pior das histórias que sobre eles se sussurravam.

III

Foi o caso de Robert Suydam que levou Malone ao coração dos eventos em Red Hook. Suydam era um letrado recluso de uma antiga família holandesa, que originalmente possuía escassos recursos próprios e habitava a espaçosa, porém mal preservada, mansão que seu avô havia construído em Flatbush quando a vila era pouco mais que um agradável agrupamento de chalés coloniais rodeando o campanário coberto de heras da Igreja Reformada, com seu cemitério de lápides holandesas cercado por grades de ferro. Em sua residência isolada, localizada no fundo de um terreno na Martense Street em meio a árvores veneráveis, Suydam havia lido e meditado por cerca de seis décadas, exceto por certo período uma

geração antes, quando navegara para o velho mundo e lá sumira de vista durante oito anos. Não podia pagar empregados, e admitia apenas alguns poucos visitantes em sua absoluta solidão, evitando amizades mais íntimas e recebendo seus raros conhecidos numa das três salas do andar térreo que ele mantinha em ordem — uma ampla biblioteca de pé-direito alto cujas paredes eram completamente abarrotadas de livros esfarrapados de aspecto enfadonho, arcaico e vagamente repelente. O crescimento da cidade e sua posterior absorção pelo distrito do Brooklyn nada havia significado para Suydam, e ele passara a significar cada vez menos para a cidade. As pessoas mais velhas ainda apontavam para ele nas ruas, mas para a maior parte da população recente não passava de um velho sujeito esquisito e corpulento, cujos cabelos brancos em desalinho, barba por fazer, roupas pretas lustrosas e bengala com castão de ouro valiam-lhe uma olhadela divertida e nada mais. Malone não o conhecia de vista até que o dever o chamou para o caso, mas ouvira falar indiretamente dele como uma autoridade realmente importante em superstições medievais, e certa vez tivera a intenção de examinar casualmente um panfleto fora de catálogo da autoria dele sobre a cabala e a lenda de Fausto, que um amigo havia citado de memória.

Suydam tornou-se um “caso” quando seus únicos parentes distantes procuraram a opinião da corte sobre sua sanidade. A ação deles pareceu repentina ao mundo exterior, mas na verdade foi empreendida apenas após prolongada observação e dolorosos debates. Ela se baseou em certas estranhas mudanças em seu discurso e em seus hábitos: referências extravagantes a prodígios iminentes, e incontáveis visitas a regiões de má reputação no Brooklin. Ficara cada vez mais maltrapilho com o passar dos anos, e agora perambulava como um verdadeiro mendigo, visto ocasionalmente por amigos vexados em estações de metrô, ou delongando-se nos bancos ao redor do Borough Hall em conversas com grupos de estranhos mal-encarados e de pele escura. Quando falava era para tagarelar sobre poderes ilimitados quase ao alcance da sua mão, e repetir com ares de entendido palavras místicas ou nomes como “Sephiroth”, “Ashmodai” e “Samaël”. A ação judicial revelou que ele gastava acima de sua renda e desperdiçava seu capital na compra de curiosos tomos importados de Londres e Paris, e na manutenção de um sórdido apartamento de porão no distrito de Red Hook, onde passava quase todas as

noites, recebendo estranhas delegações de arruaceiros e estrangeiros, e aparentemente conduzindo algum tipo de serviço cerimonial por trás das cortinas verdes das sigilosas janelas. Detetives contratados para segui-lo reportaram gritos e cânticos inusitados, assim como um saltitar de pés, partindo daqueles ritos noturnos, e estremeceram com o êxtase e o abandono peculiares daquela gente, apesar da frequência com que ocorriam orgias bizarras naquela região infame. Quando, porém, o caso foi levado a uma audiência, Suydam conseguiu preservar sua liberdade. Diante do juiz, seus modos se tornaram civilizados e razoáveis, e ele admitiu livremente as maneiras esquisitas e a linguagem de matiz extravagante em que havia incorrido por devoção excessiva aos estudos e à pesquisa. Engajara-se, ele falou, na investigação de certos detalhes da tradição europeia que requeriam o mais íntimo contato com grupos estrangeiros, suas canções e danças folclóricas. A ideia de que alguma baixa sociedade secreta o estivesse consumindo, como sugeriam seus parentes, era obviamente absurda, e demonstrava como era tristemente limitado o entendimento que eles possuíam dele e de seu trabalho. Triunfando com suas explicações tranquilas, ele foi autorizado a se retirar sem impedimentos; e os detetives contratados pelos Suydam, Corlear e Van Brunt, foram afastados em desgostosa resignação.

Foi aqui que uma aliança entre os inspetores federais e a polícia, com Malone entre eles, entrou no caso. A lei vigiava as ações de Suydam com interesse, e havia em muitas ocasiões sido chamada para auxiliar os detetives particulares. Nesse trabalho descobriu-se que os novos associados de Suydam estavam entre os mais ameaçadores e perversos criminosos dos becos degenerados de Red Hook, e que pelo menos um terço deles eram infratores conhecidos e reincidentes em casos de roubo, desordem e contrabando de imigrantes ilegais. De fato, não seria demais dizer que o círculo íntimo do velho estudioso coincidia quase perfeitamente com o que havia de pior nas camarilhas organizadas que traziam clandestinamente à terra certa inominável e desclassificada ralé asiática sabiamente deportada por Ellis Island. No fervilhante cortiço de Parker Place — desde então renomeado — onde Suydam tinha seu apartamento de porão, havia se desenvolvido uma colônia muito incomum de desclassificados de olhos oblíquos que usavam o alfabeto árabe mas eram repudiados com eloquência pela grande massa de sírios no entorno da Atlantic

Avenue. Todos eles poderiam ter sido deportados por falta de documentos, mas a legalidade tem movimentos vagarosos, e não se perturba Red Hook a não ser que a publicidade obrigue a isso.

Essas criaturas frequentavam uma igreja de pedra dilapidada, usada às quartas-feiras como salão de dança, que empinava seus botaréus góticos junto à porção mais vil do cais do porto. Era nominalmente católica; mas os padres de todo o Brooklyn negavam ao local qualquer reconhecimento e autenticidade, e os policiais concordavam com eles quando ouviam os ruídos que ela emitia à noite. Malone julgava ter ouvido terríveis acordes estridentes de um órgão oculto muito abaixo do solo enquanto a igreja estava vazia e às escuras, ao passo que todos os observadores temiam os gritos e batuques que acompanhavam os serviços religiosos visíveis. Suydam, quando questionado, dizia pensar que o ritual era alguma reminiscência do cristianismo nestoriano tingido com o xamanismo do Tibete. A maioria das pessoas, ele conjecturava, eram de raça mongol, originárias de algum lugar do Curdistão ou arredores — e Malone não pôde senão recordar-se que o Curdistão é a terra dos yezi-dis, últimos sobreviventes dos adoradores persas do demônio. Fosse como fosse, a agitação provocada pela investigação de Suydam tornou claro que esses recém-chegados sem autorização vinham inundando Red Hook em números crescentes; entrando por meio de alguma conspiração marítima fora do alcance dos oficiais de alfândega ou da polícia portuária, infestando Parker Place e rapidamente se espalhando colina acima, acolhidos com curiosa fraternidade pelos outros diversificados forasteiros da região. Suas silhuetas atarracadas e fisionomias caracteristicamente estrábicas, grotescamente combinadas com espalhafatosas roupas americanas, pareciam cada vez mais numerosas entre os vadios e os gângsteres nômades da área do Borough Hall; até que, por fim, considerou-se necessário computar seus números, averiguar suas fontes de renda e ocupações, e descobrir, se possível, um modo de capturá-los e entregá-los às autoridades de imigração competentes. Para essa tarefa, Malone foi designado por um acordo entre as forças federal e municipal, e à medida que começava sua investigação em Red Hook sentiu-se suspenso à beira de terrores inomináveis, com a figura maltrapilha e desalinhada de Robert Suydam como maior inimigo e adversário.

IV

Os métodos policiais são variados e engenhosos. Malone, recorrendo a perambulações discretas, conversas calculadamente casuais, ofertas oportunas da garrafinha que levava no bolso traseiro e judiciosos diálogos com prisioneiros assustados, descobriu muitos fatos isolados sobre o movimento cuja atitude havia se tornado tão ameaçadora. Os recém-chegados eram de fato curdos, mas de um dialeto obscuro cuja filologia era difícil precisar. Aqueles que trabalhavam viviam principalmente como estivadores e camelôs, embora com frequência servissem em restaurantes gregos ou cuidando de bancas de jornal nas esquinas. A maioria deles, porém, não tinha meios de sustento visíveis, e estavam obviamente ligados às atividades do submundo, das quais o contrabando e a venda ilegal de bebidas eram as menos indescritíveis. Havia chegado em navios a vapor, aparentemente cargueiros sem rota fixa, e desembarcado secretamente em noites sem luar, em botes a remo que passavam despercebidos sob certo cais e seguiam um canal oculto até um tanque subterrâneo secreto debaixo de uma casa. Esse cais, o canal e a casa Malone não conseguiu localizar, pois as memórias dos seus informantes eram excessivamente confusas, enquanto suas falas estavam em grande extensão além da compreensão até mesmo dos mais capazes intérpretes; também não pôde obter nenhum dado real sobre as razões dessa importação sistemática. Eles eram reticentes sobre o local exato de onde vinham, e nunca tinham a guarda suficientemente baixa a ponto de revelar a agência que os havia reunido e determinado seu curso. Na verdade, desenvolviam algo como um agudo temor quando perguntados sobre os motivos da sua presença. Gângsteres de outras estirpes eram igualmente taciturnos, e a maior parte do que se conseguiu apurar foi que algum deus ou grande sacerdócio havia-lhes prometido poderes inauditos, glórias sobrenaturais e domínios numa terra estranha.

O comparecimento tanto de recém-chegados quanto de velhos gângsteres nos encontros noturnos cuidadosamente vigiados de Suydam era muito regular, e a polícia logo descobriu que o recluso de outrora havia alugado apartamentos adicionais para acomodar tais convidados, desde que soubessem sua senha, ocupando por fim três casas inteiras e dando permanente guarida a muitos daqueles seus companheiros esquisitos.

Agora ele passava pouco tempo em sua residência de Flatbush, aparentemente indo e vindo apenas para apanhar e restituir livros; e seu rosto e modos haviam adquirido um grau assombroso de selvageria. Malone o entrevistou duas vezes, mas em ambas foi bruscamente repellido. Não sabia nada, disse o homem, sobre quaisquer complôs ou movimentos misteriosos; e não fazia ideia de como os curdos poderiam ter entrado ou o que eles pretendiam. Sua ocupação era estudar sem ser perturbado o folclore de todos os imigrantes do distrito, uma ocupação na qual os policiais não tinham qualquer interesse legítimo. Malone mencionou sua admiração pela antiga brochura de Suydam sobre a cabala e outros mitos, mas o abrandamento do velho foi apenas momentâneo. Ele pressentiu a intrusão e repeliu seu visitante de um modo que não deixava margem a dúvida, até que Malone se retirou contrariado, e voltou-se para outras fontes de informação.

O que Malone teria descoberto se pudesse ter trabalhado continuamente no caso nós jamais saberemos. Do modo como sucedeu, um conflito estúpido entre as autoridades municipais e federais suspendeu a investigação por vários meses, durante os quais o detetive esteve atarefado com outras incumbências. Mas em momento algum ele perdeu o interesse ou deixou de se assombrar com o que começou a acontecer com Robert Suydam. Exatamente no período em que uma onda de sequestros e desaparecimentos espalhou o alvoroço por Nova York, o erudito desleixado iniciou uma metamorfose tão alarmante quanto absurda. Um dia ele foi visto perto de Borough Hall com o rosto escanhado, cabelos bem aparados e um imaculado vestuário de bom gosto, e a cada dia depois disso alguma melhoria obscura era observada nele. O homem manteve sua nova meticulosidade sem interrupções, acrescentando a ela um invulgar brilho nos olhos e vivacidade na fala, começando pouco a pouco a se desfazer da corpulência que durante tanto tempo o havia deformado. Passando a ser com frequência tomado por alguém de menos idade, ele adquiriu elasticidade no andar e maneiras joviais para fazer par com o novo costume, além de exibir um curioso escurecimento dos cabelos que por algum motivo não sugeria tingimento. Enquanto os meses se passavam, ele começou a se vestir de modo cada vez menos conservador, e por fim deixou assombrados seus novos amigos ao renovar e redecorar sua mansão de Flatbush, a qual abriu para uma série de recep-

ções, convidando todos os conhecidos de quem conseguia se lembrar, e estendendo especiais boas-vindas aos parentes inteiramente perdoados que tão recentemente haviam buscado interná-lo. Alguns compareceram por curiosidade, outros por dever; mas todos ficaram subitamente encantados pela graça emergente e pela urbanidade do antigo eremita. Ele havia, segundo declarou, cumprido a maior parte do trabalho que lhe cabia; e como havia acabado de herdar algumas posses de um amigo europeu quase esquecido, estava decidido a passar os anos que lhe restavam numa segunda juventude mais vivaz, que o sossego, os cuidados pessoais e a dieta haviam-lhe possibilitado. Era cada vez menos visto em Red Hook, e cada vez mais ingressava na sociedade para a qual havia nascido. Os policiais notaram uma tendência dos gângsteres a se congregarem na velha igreja de pedra e salão de danças, em lugar do apartamento de porão em Parker Place, embora este e seus recentes anexos ainda superabundassem de vida perniciosa.

Então dois incidentes ocorreram, bastante separados um do outro, mas ambos de intenso interesse para o caso, tal como Malone o encarava. Um deles foi um anúncio discreto no *Eagle* comunicando o noivado de Robert Suydam com a senhorita Cornelia Gerritsen de Bayside, uma jovem de excelente posição, e parente distante de seu velho noivo; enquanto o outro foi uma batida na igreja e salão de dança pela polícia municipal, após a denúncia de que o rosto de uma criança raptada fora visto por um segundo numa das janelas do porão. Malone havia participado dessa batida, e estudou o local com muito cuidado enquanto estava ali dentro. Nada foi encontrado — na verdade, o edifício estava inteiramente deserto quando recebeu a visita — mas o sensível celta ficou vagamente perturbado por muitas coisas presentes em seu interior. Havia painéis pintados de maneira tosca de que ele não gostou — painéis que representavam faces sagradas com expressões peculiarmente mundanas e sardônicas, e que ocasionalmente tomavam liberdades que até mesmo o senso de decoro de um leigo dificilmente poderia tolerar. Além disso, ele também desaprovou as inscrições gregas na parede acima do púlpito; um antigo encantamento com o qual ele um dia havia topado em seus dias de colégio em Dublin, e que tinha os dizeres, traduzidos literalmente:

“Oh, amiga e companheira da noite, tu que te regozijas com o ladrar dos cães e o sangue derramado, que vagas nas sombras entre as sepulturas, que anseias por sangue e trazes o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, vê com olhos dadivosos os nossos sacrifícios!”

Ao ler isso ele estremeceu, e lembrou vagamente dos acordes graves e dissonantes do órgão que pensou ter ouvido sob a igreja em certas noites. Estremeceu novamente ao ver a ferrugem em torno da borda de uma pia de metal que estava posta sobre o altar, e parou com nervosismo quando suas narinas pareceram detectar um fedor peculiar e horripilante vindo de algum lugar nas imediações. A lembrança daquele órgão assombrava-o, e ele explorou o porão com particular esmero antes de partir. O lugar era-lhe muito odioso; porém, no final das contas, seriam os painéis e inscrições blasfemos mais do que meras imbecilidades perpetradas por ignorantes?

Na época do casamento de Suydam a epidemia de raptos havia se tornado um popular escândalo jornalístico. A maioria das vítimas eram jovens crianças das classes mais baixas, mas o crescente número de desaparecimentos havia provocado um sentimento do mais forte furor. Jornais clamavam pela ação da polícia, e mais uma vez o posto policial da Butler Street mandou seus homens para a Red Hook em busca de pistas, descobertas e criminosos. Malone ficou feliz por estar no rastro novamente, e orgulhou-se por uma batida numa das casas de Suydam em Parker Place. Ali, na verdade, não se encontrou nenhuma criança roubada, apesar das histórias sobre gritos e da fita vermelha recolhida no vão entre os edifícios; mas as pinturas e inscrições grosseiras nas paredes descascadas da maioria dos quartos e o laboratório químico primitivo no sótão, somados, ajudaram a convencer o detetive de que estava na pista de algo tremendo. As pinturas eram apavorantes — monstros hediondos de todas as formas e tamanhos, e paródias de traços humanos que não podem ser descritas. As inscrições eram em vermelho, e variavam do árabe ao grego, latim e caracteres hebraicos. Malone não conseguiu ler grande parte daquilo, mas o que ele decifrou era suficientemente portentoso e cabalístico. Um mote repetido com frequência estava

numa espécie de grego helenístico hebraizado, que sugeria as mais terríveis evocações ao demônio da decadência alexandrina:

“HEL · HELOYM · SOTHER · EMMANVEL · SABAOTH · AGLA ·
TETRAGRAMMATON · AGYROS · OTHEOS · ISCHYROS · ATHA-
NATOS · IEHOVA · VA · ADONAI · SADAY · HOMOVSION · MESSI-
AS · ESCHEREHEYE.”

Círculos e pentagramas assomavam em todas as mãos, e atestavam indubitavelmente as estranhas crenças e aspirações daqueles que se abrigavam tão sordidamente ali. No porão, contudo, encontrou-se a coisa mais estranha — uma pilha de lingotes de ouro genuíno cobertos displacentemente por um pedaço de estopa, trazendo em suas superfícies brilhantes os mesmos hieróglifos estranhos que também adornavam as paredes. Durante a batida, a polícia encontrou apenas uma resistência passiva por parte dos orientais de olhos oblíquos que saíam em enxames de cada porta. Sem encontrar nada de relevante, tiveram de deixar tudo como estava; mas o capitão do distrito escreveu a Suydam um bilhete aconselhando-o a olhar com mais atenção o caráter de seus inquilinos e protegidos em vista do crescente clamor público.

V

Então veio o casamento no mês de junho e o grande impacto. Flatbush estava uma festa na hora que antecede o meio-dia, e automóveis embandeirados lotavam as ruas nas imediações da velha igreja holandesa com seu toldo que se estendia da porta até a estrada. Nenhum evento local jamais superou as núpcias de Suydam e Gerritsen em gênero e grau, e a comitiva que escoltou os noivos até o embarcadouro do Cunard foi, se não exatamente a mais elegante, pelo menos uma página importante do Registro Social. Às cinco em ponto foi dado o aceno de adeus, o ponderoso navio de linha se afastou do longo píer, voltou vagarosamente sua proa para o mar, liberou o rebocador e avançou rumo aos amplos espaços aquáticos que levavam às maravilhas do Velho Mundo. À noite o porto externo havia sido transposto, e os últimos passageiros observavam as estrelas cintilarem sobre um oceano de águas límpidas.

Se foi o cargueiro a vapor ou o grito o que primeiro chamou a atenção, ninguém sabe dizer. Provavelmente foram simultâneos, mas é inútil tentar calcular. O grito partiu da cabine de Suydam, e o marinheiro que arrombou a porta teria possivelmente contado coisas apavorantes se não tivesse enlouquecido por completo logo em seguida — na verdade, ele gritou mais alto que as primeiras vítimas, e depois correu pela embarcação com um sorriso transtornado, até ser apanhado e posto a ferros. O médico do navio, que entrou na cabine e acendeu as luzes um momento depois, não ficou louco, mas não contou a ninguém o que viu até mais tarde, quando trocou correspondência com Malone em Chepachet. Foi assassinato — estrangulamento —, mas não é necessário dizer que as marcas de garras na garganta da sra. Suydam não poderiam ser de seu marido ou de qualquer outra mão humana, ou que sobre a parede branca lampejou por um instante em odioso tom vermelho uma inscrição que, mais tarde reproduzida de memória, parece não ter sido nada menos do que as alarmantes letras caldaicas da palavra “LILITH”. Não foi necessário mencionar essas coisas porque elas desapareceram muito rapidamente — quanto a Suydam, pôde-se ao menos impedir que outros entrassem no aposento até que se soubesse o que pensar. O médico havia distintamente assegurado a Malone que não viu AQUILO. A vigia aberta, pouco antes que ele acendesse as luzes, foi enevoadada por um segundo com uma certa fosforescência, e por um momento pareceu ecoar na noite exterior a sugestão de uma tênue e infernal gargalhada; mas nenhum contorno real surgiu aos olhos. Como prova, o médico apresenta a permanência da sua sanidade.

Então o cargueiro a vapor exigiu toda atenção. Um escaler partiu dele, e uma horda de rufiões insolentes e de tez escura vestindo trajes oficiais se apinhou a bordo do navio temporariamente parado da Cunard. Eles queriam Suydam ou seu corpo — sabiam daquela viagem e, por certos motivos, tinham certeza de que ele morreria. O deque do capitão era quase um pandemônio, pois no instante entre o relatório do médico sobre a cabine e as exigências dos homens vindos do cargueiro, nem mesmo o mais sábio e sério dos marinheiros conseguiria pensar no que fazer. De repente, o líder dos marinheiros visitantes, um árabe com uma odiosa boca negroide, puxou um papel sujo e amarrotado e apresentou-

o ao capitão. Estava assinado por Robert Suydam, e trazia a seguinte inusitada mensagem:

Em caso de acidente ou morte súbitos ou inexplicáveis de minha parte, por favor entregue meu corpo sem questionar às mãos do portador desta e seus associados. Tudo, para mim, e talvez para você, depende da obediência absoluta. Explicações podem vir mais tarde — não me desampare neste momento.

ROBERT SUYDAM

O capitão e o médico olharam um para o outro, e o último sussurrou algo para o primeiro. Por fim, balançaram a cabeça com certa impotência e abriram o caminho até a cabine de Suydam. O médico fez com que o capitão desviasse os olhos enquanto destrancava a porta e admitia os estranhos marinheiros, e respirou com dificuldade até que eles saíram com seu fardo após um período imensuravelmente longo de preparação. O corpo estava envolvido nos lençóis dos beliches, e o médico sentiu um alívio ao ver que as formas não eram muito reveladoras. De algum modo os homens conseguiram retirar aquela coisa por sobre a amurada e levá-la até seu cargueiro a vapor sem descobri-la. O Cunard deu a partida novamente, e então o médico e um agente funerário do navio foram até a cabine de Suydam a fim de realizar os últimos serviços que pudessem. Mais uma vez o clínico foi forçado à reticência e mesmo à mendacidade, pois uma coisa diabólica havia acontecido. Quando o agente funerário lhe perguntou por que ele havia drenado todo o sangue da sra. Suydam, ele se absteve de afirmar que não havia feito isso; tampouco indicou o espaço vazio na prateleira das garrafas, ou o odor da pia, que indicava a eliminação apressada dos conteúdos originais dos frascos. Os bolsos daqueles homens — se é que homens eles eram — iam abominavelmente protuberantes quando eles deixaram o navio. Duas horas depois, o mundo soube pelo rádio tudo o que se precisava saber sobre o horrível evento.

VI

Naquela mesma tarde de junho, sem ter recebido qualquer notícia vinda do mar, Malone estava desesperadamente atarefado entre os becos de Red Hook. Um levante súbito pareceu permear o local, e como se tivessem sido notificados por “transmissão boca a boca” sobre alguma coisa singular, os estrangeiros aglomeraram-se ansiosamente ao redor da igreja e salão de dança e das casas em Parker Place. Três crianças haviam acabado de desaparecer — norueguesas de olhos azuis das ruas que levam a Gowanus — e houve rumores de um motim se formando entre os vigorosos vikings daquela área. Malone havia semanas instava seus colegas a tentar uma limpeza geral; e por fim, movidos por condições mais óbvias ao seu senso comum do que às conjecturas de um sonhador dublinense, eles haviam concordado em desferir um golpe final. A inquietação e a ameaça daquela noite haviam sido os fatores decisivos, e por volta da meia-noite um destacamento de patrulha recrutado em três postos policiais caiu sobre Parker Place e seus arredores. Portas foram arrombadas, desocupados detidos e quartos à luz de velas forçados a regurgitar inacreditáveis multidões de estrangeiros variados com seus robes estampados, mitras e outras indumentárias inexplicáveis. Muito se perdeu na peleja, objetos foram atirados às pressas em poços insuspeitados e odores denunciante foram disfarçados por incensos pungentes acesos de última hora. Mas o sangue derramado estava por toda parte, e Malone estremeceu quando viu um braseiro ou altar do qual a fumaça ainda se erguia.

Ele desejou estar em vários lugares ao mesmo tempo, e decidiu-se pelo apartamento de porão de Suydam somente depois que um mensageiro comunicou que a igreja e salão de dança dilapidada estava completamente vazia. O apartamento, pensou ele, devia conter alguma pista de um culto do qual o erudito ocultista havia se tornado muito obviamente o centro e o líder; e foi com autêntica expectativa que ele esquadrinhou os quartos bolorentos, notando seu odor vagamente sepulcral e examinando os curiosos livros, instrumentos, lingotes de ouro e frascos com tampões de vidro espalhados descuidadamente aqui e ali. Em certo momento um esguio gato preto e branco passou entre seus pés e o fez tropeçar, virando ao mesmo tempo uma proveta cheia pela metade com um líquido vermelho. O choque foi intenso, e até hoje Malone não tem certeza do que viu; mas em sonhos ele ainda visualiza aquele gato passar

correndo com certas alterações e peculiaridades monstruosas. Depois veio a porta trancada do porão, e a procura por algo para arrombá-la. Havia um pesado banquinho por ali, e seu assento rústico era mais do que suficiente para os antigos painéis. Uma rachadura se formou e foi alargada, e então toda a porta cedeu — porém pelo *outro* lado; e dali verteu um ululante tumulto de vento gelado com todos os fedores do poço sem fundo, e partiu uma forte sucção que não era nem da terra nem do céu, a qual, enrodilhando-se de maneira senciente ao redor do detetive paralisado, arrastou-o através da abertura para dentro de espaços imensuráveis cheios de sussurros e queixumes, e erupções de riso zombeteiro.

Era claro que aquilo se tratava de um sonho. Todos os especialistas disseram-lhe o mesmo, e ele não tinha nada para provar o contrário. Na verdade, preferiria tomá-lo por tal, pois assim a visão de velhos cortiços de tijolos e escuras faces estrangeiras não devorariam tão profundamente a sua alma. Mas naquele momento tudo era horrivelmente real, e nada poderá jamais apagar a lembrança daquelas criptas soturnas, aquelas arcadas titânicas e aquelas disformes aparições do inferno que vagavam como colossos silenciosos segurando criaturas semidevoradas cujas porções ainda viventes gritavam por piedade ou gargalhavam de loucura. Odores de incenso e corrupção se juntavam em um concerto nauseante, e o ar negro criava vida com a massa semivisível de elementais informes dotados de olhos. Em algum lugar uma água escura e pegajosa marulhava de encontro a píeres de ônix, e em dado momento o reverberante ttilintar de roufenhas sinetas repicou para saudar o riso insano de uma fosforescente coisa nua que nadou para o campo de visão, arrastou-se para a margem e subiu para se acocorar maliciosamente em um pedestal de ouro lavrado ao fundo.

Avenidas de noite ilimitada pareciam se irradiar em todas as direções, a tal ponto que se poderia pensar que ali residia a raiz de um contágio destinado a adoecer e engolir cidades, a engolfar nações em seu fartum de híbrida pestilência. Ali o pecado cósmico havia penetrado e, conspurcado por ritos sacrílegos, dera início à marcha gargalhante da morte que deverá nos apodrecer a todos, reduzindo-nos a anomalias fúngicas horrendas demais para serem contidas em sepulturas. Ali Satã reuniu sua corte babilônica, e no sangue da infância imaculada os mem-

broso leproso da fosforescente Lilith se banharam. Íncubos e súcubos uivavam seu louvor a Hécate, e lunáticos acéfalos baliavam para a Magna Mater. Bodes saltitavam ao som de agudos flautins amaldiçoados, e egípcios davam caça interminavelmente a faunos desafortunados por sobre rochas distorcidas como sapos intumescidos. Moloch e Astaroth não estavam ausentes, pois nessa quintessência de todas as danações as fronteiras da consciência foram postas abaixo, e a fantasia humana se abria a paisagens de todos os reinos de horror e todas as dimensões proibidas que o poder do demônio permitiu moldar. O mundo e a Natureza eram indefesos contra tamanho assalto desses poços deslacrados da noite, e nenhum signo ou oração poderia refrear a folia de horror de Walpurgis, que se iniciara quando um sábio com sua odiosa chave topara com uma horda detentora do cofre trancafiado e transbordante da doutrina transmitida por demônios.

De repente, um raio de luz física atravessou esses fantasmas, e Malone ouviu um som de remos em meio às blasfêmias de coisas que deveriam estar mortas. Um bote com uma lanterna na proa entrou dardejando em seu campo de visão, seguiu velozmente até um aro de ferro no píer limoso e vomitou vários homens escuros que transportavam um longo fardo embrulhado em lençóis. Eles o levaram até a criatura fosforescente e nua sobre o pedestal de ouro lavrado, e aquela coisa riu e afagou os lençóis. Então eles desembrulharam aquilo e apoiaram em posição ereta diante do pedestal o cadáver gangrenoso de um velho corpulento com a barba por fazer e os cabelos brancos em desalinho. A criatura fosforescente tornou a rir, e os homens retiraram garrafas de seus bolsos, ungiram-lhe os pés de vermelho e posteriormente ofereceram as garrafas para que aquela coisa delas bebesse.

Ao mesmo tempo, de uma alameda com arcadas que conduzia ao infinito, vinha o demoníaco matraquear e resfolegar de um órgão blasfemo, abafando e eclipsando as zombarias do inferno em um baixo dissonante e sardônico. Em um instante cada entidade semovente ficou eletrizada; e entrando imediatamente em formação como uma procissão cerimonial, a horda de pesadelo saiu serpenteando ao encontro do som — bodes, sátiros e egípcios, íncubos, súcubos e lêmures, sapos retorcidos e elementais sem forma, cinocéfalos uivantes e tartamudos silenciosos na escuridão — todos conduzidos pela abominável criatura fosforescente e

nua que se escarranchara sobre o trono de ouro lavrado, e que agora marchava com insolência levando nos braços o cadáver de olhos vidrados do velho corpulento. Os estranhos homens de tez escura dançavam na retaguarda, e a coluna toda pulava e saltava com fúria dionisiaca. Malone cambaleava a alguns passos atrás deles, delirante e confuso, duvidando de seu lugar naquele ou em qualquer mundo. Então ele se virou, vacilou e afundou na fria pedra úmida, sufocando e tremendo enquanto o órgão demoníaco continuava a coaxar, e os uivos, batuques e tinidos da procissão insana ficavam cada vez mais longínquos.

Ele tinha vaga consciência da cantilena de horrores e dos grasnidos chocantes a distância. De quando em quando um lamento ou gemido de devoção cerimonial flutuavam até ele através das arcadas negras, até que por fim ergueu-se o terrível encantamento grego cujo texto ele havia lido sobre o púlpito daquela igreja e salão de baile.

Oh, amiga e companheira da noite, tu que te regozijas com o ladrar dos cães (*aqui um horrendo uivo irrompeu*) e o sangue derramado (*aqui sons inomináveis rivalizavam com mórbidos ganidos*), que vagas nas sombras entre as sepulturas (*neste ponto ouviu-se um suspiro sibilante*), que anseias por sangue e trazes o terror aos mortais (*gritos curtos e agudos de miríades de gargantas*), Gorgo (*repetido como responso*), Mormo (*repetido com êxtase*), lua de mil faces (*suspiros e tons de flauta*), vê com olhos dadivosos os nossos sacrifícios!

Quando a cantilena se encerrou, um clamor generalizado se ergueu, e sons sibilantes quase encobriram o coaxar grave e dissonante do órgão. Então um soluço de muitas gargantas, e uma babel de palavras latidas e berradas: “Lilith, Grande Lilith, contempla o Recém-Desposado!” Mais gritos, um clamor amotinado e os passos impetuosos e estridentes de uma figura que corria. Os passos se aproximaram, e Malone ergueu-se sobre os cotovelos para ver.

A luminosidade da cripta, que pouco antes diminuía, havia então aumentado ligeiramente; e naquela luz maligna apareceu a forma em fuga do que não deveria fugir, nem sentir, nem respirar — o cadáver gangrenoso e de olhos vítreos do velho corpulento, que já não precisava de apoio algum, pois fora animado por algum sortilégio infernal do rito que acabara de se encerrar. Atrás dele corria a coisa nua, gargalhante e

fosforescente que ocupara o pedestal cinzelado, e ainda mais atrás ofegavam os homens escuros e todo o pavoroso bando de abominações sencientes. O cadáver estava ganhando terreno sobre seus perseguidores, e pareceu dirigir-se a um objeto definido, retesando cada músculo apodrecido rumo ao pedestal de ouro lavrado, cuja importância necromântica era evidentemente tão grande. Mais um momento e ele havia atingido seu objetivo, enquanto a multidão na sua esteira avançava numa velocidade ainda mais febril. Mas chegaram tarde demais, pois numa última arremetida que separou tendão de tendão e lançou seu fétido volume ao solo em um estado de dissolução gelatinosa, o cadáver de olhos fitos que havia sido Robert Suydam alcançou seu objetivo e seu triunfo. O impulso havia sido tremendo, mas a força foi suficiente; e quando o autor do encontrão desabou numa pústula lamacenta de decomposição o pedestal que ele havia empurrado cambaleou, inclinou-se e finalmente adernou de sua base de ônix para dentro das águas espessas abaixo dele, lançando um brilho derradeiro de ouro lavrado enquanto submergia pesadamente no abismo inimaginável do fundo do Tártaro. Naquele instante, também, todo o cenário de horror se desfez em nada diante dos olhos de Malone, e ele desmaiou em meio a um estrépito retumbante que pareceu destruir todo o universo maligno.

VII

O sonho de Malone, experimentado integralmente antes que ele soubesse da morte e traslado de Suydam no mar, foi curiosamente suplementado por algumas realidades esdrúxulas do caso, ainda que não houvesse razão por que alguém devesse acreditar nisso. As três velhas casas de Parker Place, sem dúvida havia muito corrompidas pelo decaimento em sua mais insidiosa forma, desabaram sem causa visível enquanto metade dos policiais e a maioria dos prisioneiros estavam dentro delas; e quase todos morreram instantaneamente. Somente nos porões e adegas houve algumas vidas poupadas, e Malone teve sorte por estar muito abaixo da casa de Robert Suydam. Pois ele realmente se encontrava lá, como ninguém está disposto a negar. Acharam-no inconsciente à beira de um tanque negro como a noite, com um horrível e grotesco emaranhado de os-

sos e carne em decomposição, identificado por análise dentária como o corpo de Suydam, a poucos metros de distância. O caso era simples, pois era para lá que o canal subterrâneo dos contrabandistas conduzia; e os homens que tiraram Suydam do navio haviam-no levado para casa. Eles próprios nunca foram encontrados, ou jamais identificados, ao menos; e o médico do navio ainda não se satisfiz com os boletins simplistas da polícia.

Suydam era evidentemente um líder em extensas operações de tráfico humano, pois o canal que levava à sua casa era apenas um de diversos dutos e túneis subterrâneos na vizinhança. Havia um túnel de sua residência até uma cripta sob a igreja e salão de dança; uma cripta acessível a partir da igreja unicamente através de uma estreita passagem secreta na parede norte, e em cujas câmaras algumas coisas singulares e terríveis foram descobertas. O órgão crocitante estava ali, assim como uma ampla capela abobadada com bancos de madeira e um altar configurado de maneira insólita. As paredes eram perfiladas de pequenas celas, em dezesseite das quais — algo horrível de se relatar — prisioneiros solitários em um estado de completa idiotia se encontravam acorrentados, incluindo quatro mães com bebês de aparência perturbadoramente estranha. Essas crianças morreram logo após serem expostas à luz, uma circunstância que os médicos consideraram antes misericordiosa. Ninguém além de Malone, entre aqueles que os investigavam, recordou-se da sombria pergunta do velho Delrio: “*An sint unquam daemones incubi et succubae, et an ex tali congressu proles nasci queat?*”.[2]

Antes de serem aterrados, os canais foram inteiramente dragados, e revelaram uma fenomenal coleção de ossos serrados e partidos de todos os tamanhos. Os sequestros epidêmicos, com muita clareza, haviam sido elucidados, embora apenas dois dos prisioneiros sobreviventes pudessem ser associados a eles por algum indício legal. Esses homens estão agora na prisão, uma vez que não foram condenados como cúmplices dos assassinatos propriamente ditos. O pedestal ou trono de ouro lavrado mencionado com tanta frequência por Malone como tendo importância primordial para os ritos ocultos nunca foi trazido à luz, embora em certo local sob a casa de Suydam observou-se que o canal mergulhava em um poço profundo demais para ser dragado. Ele foi soterrado até a boca e cimentado quando os porões das novas casas foram construí-

dos, porém Malone com frequência especula o que poderia fazer em seu fundo. A polícia, satisfeita por ter desmantelado uma perigosa gangue de maníacos e traficantes de homens, entregou às autoridades federais os curdos que não foram condenados, que antes da deportação foram caracterizados conclusivamente como pertencentes ao clã Yezidi de adoradores do demônio. O cargueiro e sua tripulação permanecem um mistério esquivo, embora os detetives céticos estivessem preparados para uma vez mais combater suas atividades de contrabando e tráfico de bebidas. Malone acredita que esses detetives demonstram uma perspectiva tristemente limitada em sua ausência de preocupação com a miríade de detalhes inexplicáveis e a sugestiva obscuridade do caso como um todo; no entanto, é igualmente crítico dos jornais, que viram apenas sensacionalismo mórbido e fizeram alarde sobre um culto sádico de menor importância, que poderiam ter proclamado como um horror saído do próprio coração do universo. Mas ele se contentou em repousar silenciosamente em Chepachet, acalmando seu sistema nervoso e orando para que o tempo pudesse gradualmente transferir sua experiência terrível dos domínios da realidade presente para aquele do distanciamento pitoresco e parcialmente mítico.

Robert Suydam descansa ao lado de sua noiva no Cemitério Greenwood. Nenhum funeral foi observado com os ossos entregues de maneira tão insólita, e os parentes ficaram aliviados pelo rápido esquecimento que se apossou do caso como um todo. As ligações do erudito com os horrores de Red Hook, de fato, jamais foram comprovadas por evidências legais, uma vez que sua morte evitou o inquérito que ele de outra forma teria enfrentado. Seu fim não é muito mencionado, e os Suydam esperam que a posteridade possa recordar dele apenas como um gentil recluso que se meteu com magia inofensiva e folclórica.

Quanto a Red Hook — é sempre o mesmo. Suydam veio e se foi; o terror se formou e desapareceu; mas o espírito da obscuridade e da sordidez prolifera entre os mestiços nas velhas casas de tijolos, e bandos errantes ainda desfilam em negociatas desconhecidas, passando por janelas onde luzes e faces convulsas incontavelmente aparecem e somem. O horror milenar é uma hidra de mil cabeças, e os cultos da escuridão enraízam-se em blasfêmias mais profundas do que o poço de Demócrito. A alma da besta é onipresente e triunfante, e as legiões de jovens de

olhos baços e faces marcadas por varíola de Red Hook ainda entoam cânticos, maldições e uivos enquanto se sucedem de abismo em abismo, ninguém sabe de onde nem para onde, impulsionados pelas leis cegas da biologia que talvez jamais venham a entender. Como antes, mais pessoas entram em Red Hook do que partem dali rumo ao interior, e já existem rumores sobre novos canais que correm pelo subterrâneo para certos centros de tráfico de bebidas e coisas menos mencionáveis.

A igreja e salão de dança é hoje principalmente salão, e faces bizarras aparecem à noite em suas janelas. Recentemente um policial expressou a opinião de que a cripta aterrada fora escavada novamente, e com um propósito que não poderia ser explicado de maneira simples. Quem somos nós para combater venenos mais velhos que a história e a humanidade? Macacos já dançavam a esses horrores na Ásia, e o câncer espreita seguro e disseminado de onde a clandestinidade se oculta em fileiras de edifícios decadentes de tijolos.

Malone não se assustou sem motivo — pois ainda outro dia um oficial entreouviu uma bruxa trigueira e vesga ensinar a uma pequena criança algum patoá sussurrado nas sombras de um vão entre edifícios. Ele escutou, e achou muito estranho quando a ouviu repetir sucessivas vezes:

Oh, amiga e companheira da noite, tu que te regozijas com o ladrar dos cães e o sangue derramado, que vagas nas sombras entre as sepulturas, que anseias por sangue e trazes o terror aos mortais, Gorgo, Mormo, lua de mil faces, vê com olhos dadivosos os nossos sacrifícios!



Na Catacumba

∴

In the Vault (1925)
The Tryout (nov. 1925)

Este foi o terceiro conto que saiu da pena de Lovecraft em 1925, e é muito diferente dos outros dois. Está longe de ser o melhor trabalho de Lovecraft; falta aquele ar venenoso de depressão e hostilidade que corrói “Ele” e quase destrói “O Horror em Red Hook”.

Talvez seja porque Lovecraft estava se sentindo um pouco esperançoso demais mais uma vez. Ele havia pensado em uma ideia no mês anterior, estava mapeando e esperando desenvolver um pequeno romance; ele já estava chamando de “O Chamado de Cthulhu”. Mas antes de levar esse projeto a sério, ele lançou “Na catacumba”.



(Dedicado a C. W. Smith,
cuja sugestão gerou a situação central.)

Não há nada mais absurdo, na minha opinião, do que aquela convencional associação entre o rústico e o salutar que parece permear a psicologia

da multidão. Mencione-se uma bucólica paisagem ianque, um coveiro de vila desleixado e cheio de personalidade, e um infortúnio ocorrido por descuido numa tumba, e nenhum leitor mediano poderá ser levado a esperar mais do que um jovial ainda que grotesco momento cômico. Deus sabe, porém, que a prosaica narrativa que a morte de George Birch me permite contar contém aspectos perante os quais algumas das nossas tragédias mais sombrias parecem leves.

Birch adquiriu uma deficiência e mudou de profissão em 1881, porém jamais discutia o caso quando lhe era possível evitá-lo. Tampouco o fazia seu velho médico, o dr. Davis, que morreu anos atrás. O comentário generalizado era de que a afecção e o distúrbio resultavam de um lamentável desliz, quando Birch trancou-se por nove horas na capela mortuária do Cemitério de Peck Valley, e só conseguiu escapar recorrendo a rudes e desastrosos meios mecânicos; mas embora isso indubitavelmente fosse verdade, havia outras coisas, mais sombrias, que o homem costumava murmurar para mim em seus delírios alcoólicos, já perto do fim. Ele as segredava a mim porque era o seu médico, e porque provavelmente sentia a necessidade de fazer confidências a mais alguém depois que Davis morreu. Era solteiro, inteiramente privado de familiares.

Birch, antes de 1881, havia sido coveiro da vila de Peck Valley; e era um espécime muito endurecido e primitivo, mesmo entre seus pares. As práticas que ouvi atribuídas a ele seriam inacreditáveis hoje em dia, pelo menos numa cidade; e até mesmo Peck Valley teria estremecido um pouco caso soubesse da ética frouxa de seu artista mortuário em temas tão discutíveis quanto a propriedade das vestimentas suntuosas com que os defuntos eram “postos para dormir”, as quais ficavam invisíveis sob a tampa do caixão, e o grau de dignidade a ser observado ao dispor e adaptar os membros não visíveis dos seus inquilinos inertes a receptáculos nem sempre calculados com a mais sublime exatidão. Birch era com toda clareza relaxado, insensível e profissionalmente indesejável; no entanto, ainda acredito que ele não era um homem mau. Era simplesmente crasso de caráter e desempenho — inconsequente, descuidado e beberão, como prova o seu acidente facilmente evitável, e sem aquela pitada de imaginação que mantém o cidadão mediano dentro de certos limites fixados pelo bom gosto.

Exatamente por onde começar a história de Birch eu a custo consigo decidir, pois não sou um contador de histórias experiente. Suponho que deveria iniciá-la no frio mês de dezembro de 1880, quando o solo congelou e os cavadores descobriram que não poderiam abrir mais sepulturas até a primavera. Felizmente, a vila era pequena e a taxa de mortalidade baixa, de forma que era possível fornecer a todos os protegidos inanimados de Birch um abrigo temporário na única e antiquada capela mortuária. O coveiro ficou duplamente letárgico naquele clima gélido, e pareceu sobrepujar até mesmo a si próprio em negligência. Jamais construiu caixões tão precários e canhestros, nem desdenhou de maneira mais flagrante as necessidades da fechadura enferrujada na porta da capela, que ele abria e fechava aos safanões, com igual indiferença e abandono.

Por fim, o degelo da primavera chegou, e as sepulturas foram laboriosamente preparadas para as nove silenciosas colheitas do ceifador implacável que aguardavam na capela. Birch, embora sentisse repulsa pelo incômodo do traslado e sepultamento, começou seu trabalho de transferência numa desagradável manhã de abril, mas interrompeu-a antes do meio-dia por causa de uma forte chuva que pareceu irritar seu cavalo, após ter acomodado apenas um inquilino funéreo em seu repouso permanente. Este foi Darius Peck, o nonagenário, cuja sepultura não ficava longe da capela. Birch decidiu que começaria no dia seguinte pelo pequenino e velho Matthew Fenner, cuja sepultura também encontrava-se próxima; mas na verdade adiou o assunto por três dias, ficando sem trabalhar até a Sexta-feira Santa, dia 15. Como não tinha superstições, não guardava esse dia de modo algum, embora, sempre depois disso tenha se recusado a fazer qualquer coisa de importância nesse funesto sexto dia da semana. Por certo, os eventos daquela noite provocaram grandes mudanças em George Birch.

Na tarde de sexta-feira, 15 de abril, portanto, Birch se dirigiu à capela com cavalo e carroça a fim de transferir o corpo de Matthew Fenner. Que não estava perfeitamente sóbrio, ele posteriormente admitiu, embora ainda não tivesse, na época, se entregado à bebedeira indiscriminada por meio da qual tentou mais tarde esquecer certas coisas. Estava apenas grogue e desatento a ponto de aborrecer seu sensível cavalo, que, enquanto era por ele arrastado violentamente até a tumba, relinchava,

pateava e agitava sua cabeça, de modo muito semelhante ao daquela ocasião anterior em que a chuva o havia inquietado. O dia estava claro, mas um vento forte havia começado a soprar; e Birch sentiu-se grato por encontrar abrigo enquanto destrancava a porta de ferro e entrava na catacumba na encosta da colina. Outra pessoa poderia não ter apreciado a câmara úmida e malcheirosa com os oito caixões distribuídos sem cuidado; mas Birch naqueles dias era insensível, e estava preocupado unicamente em levar o caixão certo para a sepultura correta. Ele não havia esquecido as críticas fomentadas quando os parentes de Hannah Bixby, desejando transportar seu corpo ao cemitério da cidade para onde haviam se mudado, descobriram o esquife do juiz Capwell sob a lápide dela.

A iluminação era fraca, mas a vista de Birch era boa, e ele não apanhou o caixão de Asaph Sawyer por engano, embora fosse muito semelhante. Havia, de fato, feito aquele caixão para Matthew Fenner; porém deixara-o de lado no último momento por ser muito tosco e precário, em um surto de curioso sentimentalismo despertado por recordações da gentileza e generosidade que o velhinho havia demonstrado para com ele durante sua bancarrota, cinco anos antes. Birch deu ao velho Matt o melhor que suas habilidades poderiam produzir, porém era parcimonioso a ponto de poupar a amostra e usá-la quando Asaph Sawyer morreu de uma febre perniciososa. Sawyer não era um homem amável, e contavam-se muitas histórias sobre seu caráter vingativo e sua memória tenaz para ofensas reais ou imaginadas. Birch não sentia qualquer compunção por ter-lhe destinado o caixão construído com desleixo, que agora afastava para o lado em sua procura pelo ataúde de Fenner.

Foi exatamente quando reconheceu o esquife do velho Matt que a porta se fechou com o vento, deixando-o numa penumbra ainda mais profunda do que antes. A estreita claraboia sobre a porta admitia apenas o mais débil raio de luz, e a chaminé de ventilação no teto não deixava passar praticamente nenhum, de forma que ele foi obrigado a um tatear profano enquanto seguia seu caminho hesitante por entre as caixas oblongas em direção ao ferrolho. Nessa penumbra funesta ele sacudiu os puxadores enferrujados, empurrou os painéis de ferro e se perguntou por que o portal maciço havia repentinamente se tornado tão recalcitrante. Nesse lusco-fusco, também começou a tomar consciência da verdade e a gritar alto como se o seu cavalo do lado de fora pudesse fazer

algo mais do que relinchar uma resposta sem simpatia. Pois era óbvio que o ferrolho longamente negligenciado havia se quebrado, deixando o descuidado coveiro preso na catacumba, uma vítima de sua própria omissão.

A coisa deve ter acontecido por volta das três e meia da tarde. Birch, sendo por temperamento fleumático e prático, não gritou por muito tempo; mas começou a andar em torno às apalpadelas à procura de algumas ferramentas que ele recordava ter visto em um canto da capela. É duvidoso que ele tenha sido tocado de algum modo pelo horror e pela requintada estranheza da sua situação, mas o simples fato de estar aprisionado tão longe dos caminhos diários dos homens foi suficiente para exasperá-lo de maneira completa. O trabalho daquele dia foi tristemente interrompido, e a menos que o acaso trouxesse rapidamente algum andarilho para aqueles lados, ele poderia ter de passar ali a noite inteira ou mais. O amontoado de ferramentas logo alcançado, e um martelo e talhadeira selecionados, Birch retornou por cima dos caixões até a porta. O ar havia começado a ficar excessivamente insalubre; mas ele não prestou grande atenção a esse detalhe enquanto labutava, em parte pelo tato, no pesado e corroído metal do ferrolho. Teria pagado bem por uma lanterna ou um pedaço de vela; mas na ausência destas, penava parcialmente às cegas o melhor que podia.

Quando percebeu que o ferrolho era irremediavelmente inquebrantável, ao menos para ferramentas tão limitadas e sob condições tão tenebrosas quanto aquelas, Birch olhou ao redor em busca de outros possíveis pontos pelos quais pudesse escapar. A catacumba havia sido escavada na encosta de uma colina, de forma que a estreita chaminé de ventilação no teto corria através de vários metros de terra, tornando completamente inútil considerar aquela via. Sobre a porta, porém, a alta claraboia em forma de fenda na fachada de tijolos oferecia a promessa de um possível alargamento a um trabalhador diligente; por isso seus olhos repousaram longamente sobre ela enquanto torturava seu cérebro em busca de meios para alcançá-la. Não havia nada semelhante a uma escada no sepulcro, e os nichos dos caixões, dos lados e no fundo — os quais Birch raramente se dava ao trabalho de usar — não permitiam nenhum acesso ao espaço acima da porta. Somente os próprios caixões restavam como potenciais degraus, e enquanto ele considerava isso, especulava sobre o

melhor modo de dispô-los. A altura de três caixões, ele avaliou, permitiria que alcançasse a claraboia; mas poderia fazê-lo melhor com quatro. As caixas eram bastante uniformes, e podiam ser empilhadas como blocos; portanto ele começou a calcular como poderia usar as oito da maneira mais estável para erigir uma plataforma escalável à altura de quatro delas. Enquanto planejava, não podia senão desejar que as unidades que formariam a escadaria concebida por ele tivessem sido construídas de maneira mais firme. Se tinha imaginação suficiente para desejar que estivessem vazias, é algo a se duvidar fortemente.

Por fim, ele decidiu assentar uma base de três esquifes paralelos à parede, posicionar sobre esta duas camadas de dois caixões cada, e sobre estas uma só caixa para servir como plataforma. Tal arranjo poderia ser escalado com um mínimo de dificuldade, e proporcionaria a altura desejada. Melhor ainda, porém, ele utilizaria apenas duas caixas da base para suportar a superestrutura, deixando uma livre para ser empilhada no topo, caso o ato da fuga propriamente dito exigisse uma altura ainda maior. E assim o prisioneiro labutou na penumbra, alçando os impassíveis restos mortais com pouca cerimônia enquanto sua Torre de Babel em miniatura erguia-se passo a passo. Alguns dos caixões começaram a rachar com o esforço do manuseio, e ele planejou reservar o ataúde de feitura mais robusta do pequeno Matthew Fenner para o topo, para que seus pés pudessem contar com uma superfície o mais segura possível. Na semiobscuridade, confiava mais no toque para escolher o certo, e de fato deu com ele quase por acidente, uma vez que caiu entre suas mãos quase como se por alguma estranha volição, depois de tê-lo inadvertidamente posicionado ao lado de outro na terceira camada.

A torre finalmente foi concluída, e seus braços doloridos repousaram por um momento durante o qual ele se sentou no degrau mais baixo de seu lúgubre dispositivo. Birch subiu cautelosamente com suas ferramentas e postou-se diante da claraboia estreita. As bordas do interstício eram inteiramente de tijolos, e parecia haver pouca dúvida de que ele poderia em pouco tempo talhar o suficiente para permitir a passagem do seu corpo. Quando os golpes do martelo começaram a cair, o cavalo do lado de fora relinchou em um tom que poderia ter sido de encorajamento ou zombaria. Qualquer dos dois casos teria sido apropriado, pois a tenacidade inesperada da alvenaria de aparência frágil certamente propi-

ciava um comentário sardônico sobre a vanidade das esperanças mortais, e a fonte de uma tarefa cuja execução merecia todo estímulo possível.

O crepúsculo chegou e encontrou Birch ainda na labuta. Ele trabalhava em grande parte pelo tato agora, uma vez que nuvens recém-formadas encobriam a lua; e embora o progresso ainda fosse vagaroso, ele se sentiu encorajado pela extensão dos seus avanços no alto e embaixo da abertura. Conseguiria, disso ele tinha certeza, estar fora até a meia-noite — embora fosse uma característica sua que tal pensamento não se tingisse de implicações fantasmagóricas. Sem se perturbar por reflexões opressivas sobre o horário, o lugar e a companhia sob os seus pés, ele desbastava filosoficamente a alvenaria dura como pedra, praguejando quando um fragmento o atingia no rosto, e rindo quando outro atingia o cavalo cada vez mais excitado que batia os cascos ao lado do cipreste. Com o tempo, o buraco havia ficado tão grande que ele arriscava testar seu corpo nele de quando em quando, mexendo-se de uma forma que fazia os caixões sob ele balançarem e rangerem. Não teria, ele descobriu, de empilhar mais um na sua plataforma para atingir a altura apropriada, pois o orifício estava exatamente no nível correto para que ele o usasse assim que o tamanho permitisse.

Devia ser pelo menos meia-noite quando Birch concluiu que conseguiria atravessar a claraboia. Cansado e transpirando a despeito dos vários intervalos de repouso, ele desceu ao chão e sentou-se um momento na caixa inferior para reunir forças para a última contorção e o salto para o solo do lado de fora. O cavalo faminto rinchava repetida e quase assustadoramente, e Birch teve o vago desejo que o animal parasse. Estava curiosamente desprovido de empolgação pela sua fuga iminente, e quase abominava o esforço, pois sua forma física tinha a robustez indolente do início da meia-idade. Quando tornou a subir nos caixões rachados sentiu seu peso de maneira muito intensa, especialmente quando, ao alcançar o mais alto deles, ouviu aquele estalo agravado que indica o despedaçar completo da madeira. Ao que parecia, havia planejado em vão quando escolheu o caixão mais robusto para a plataforma; pois nem bem se posicionou novamente com todo o seu volume sobre ele e a tampa apodrecida cedeu, atirando-o sessenta centímetros abaixo sobre uma superfície que nem mesmo ele desejava imaginar. Enlouquecido pelo som, ou pelo fedor que se espalhou até mesmo pelo ar livre, o cavalo que o espe-

rava deu um grito desvairado demais para ser um relincho, e mergulhou furiosamente noite adentro, a carroça chocalhando de um modo insano atrás dele.

Birch, em sua situação horripilante, estava agora muito abaixo para escalar com facilidade e sair pela claraboia alargada, mas reuniu suas energias para uma tentativa decidida. Agarrando-se às bordas da abertura, ele buscou içar-se para o alto, quando notou um estranho impedimento na forma de um aparente puxão em ambos os seus tornozelos. No momento seguinte, ele conheceu o medo pela primeira vez naquela noite, pois por mais que lutasse, como fazia, não conseguia repelir a compressão desconhecida que mantinha seus pés num inflexível cativeiro. Dores horríveis, como se proviessem de feridas brutais, dispararam através das suas panturrilhas; e na sua mente havia um turbilhão de pavor misturado a um invencível materialismo que sugeria lascas de madeira, pregos soltos ou algum outro atributo de uma caixa de madeira quebrada. Talvez ele tenha gritado. De qualquer forma, chutou e se contorceu frenética e automaticamente, enquanto sua consciência estava quase eclipsada num semidesfalecimento.

O instinto o guiou em seu serpentear através da claraboia, e no ras-tejar que se seguiu ao seu baque dissonante no solo úmido. Ele não conseguia caminhar, ao que parecia, e a lua emergente deve ter testemunhado uma visão horrível enquanto ele arrastava seus tornozelos sangrentos em direção à casa do guardião do cemitério; seus dedos agarrando-se ao barro negro em desorientada afobação, enquanto seu corpo respondia com aquela enlouquecedora vagarosidade de que se sofre quando se é perseguido pelos fantasmas do pesadelo. Evidentemente não havia, porém, perseguidor algum, pois ele estava sozinho e com vida quando Armington, o guardião, atendeu à sua débil batida na porta.

Armington ajudou Birch a chegar até uma cama disponível e mandou seu filho, o pequeno Edwin, procurar o dr. Davis. O homem afligido estava plenamente consciente, mas não dizia nada que tivesse alguma lógica; simplesmente murmurava coisas como “ah, meus tornozelos!”, “solte!” ou “trancado na tumba!”. Então o médico chegou com sua maleta de medicamentos, fez perguntas concisas e removeu as vestes exteriores do paciente, seus sapatos e meias. As feridas — pois ambos os tornozelos estavam pavorosamente lacerados ao redor dos tendões de

Aquiles — pareceram desconcertar grandemente o velho clínico, e por fim quase amedrontá-lo. Seu interrogatório tornou-se mais que profissionalmente tenso, e suas mãos tremiam enquanto ele enfaixava os membros destroçados; cobriu-os de ataduras como se desejasse tirar as feridas de vista o mais rapidamente possível.

Para um médico impessoal, o exame ominoso e apavorado de Davis tornou-se de fato muito estranho quando ele tentou extrair do coveiro debilitado cada mínimo detalhe de sua horrível experiência. Ele estava extraordinariamente ansioso para saber se Birch tinha certeza — absoluta certeza — da identidade daquele caixão que ocupava o topo da pilha; como ele o havia escolhido, como ele tivera certeza de que se tratava do caixão de Fenner na obscuridade, e como o havia distinguido da duplicata inferior do ataúde do cruel Asaph Sawyer. Teria o firme esquife de Fenner ruído tão facilmente? Davis, um clínico de vila de longa data, tinha obviamente comparecido a ambos os respectivos funerais, e de fato havia assistido tanto Fenner quanto Sawyer em suas enfermidades derradeiras. Ele havia até mesmo se perguntado, no funeral de Sawyer, como haviam conseguido pôr o vingativo fazendeiro estendido numa caixa tão exatamente similar à do diminuto Fenner.

Após duas horas completas o dr. Davis partiu, instando Birch a declarar insistentemente que suas feridas foram causadas unicamente por pregos expostos e madeira lascada. Que mais, ele acrescentou, poderia em todo caso ser provado ou acreditado? Mas seria melhor dizer o mínimo possível, e não deixar que outro médico tratasse dos ferimentos. Birch seguiu esse conselho pelo resto de sua vida, até me contar esta história; e quando eu vi as cicatrizes — antigas e descoradas que estavam na época — concordei que havia sido prudente agir assim. Ele continuou coxo para sempre, pois os grandes tendões haviam sido seccionados; mas creio que a maior claudicação residia em sua alma. O processo dos seus pensamentos, um dia tão fleumático e lógico, havia sido indelevelmente marcado; e era lamentável notar sua resposta a certas alusões casuais a palavras como “sexta-feira”, “tumba”, “caixão” e outras de concatenação menos óbvia. Seu cavalo assustado havia voltado para casa, mas seu juízo atemorizado nunca voltou por inteiro. Ele mudou de profissão, mas alguma coisa sempre o afligiu. Pode ter sido apenas medo, e pode ter sido medo misturado a uma estranha espécie de remorsos re-

tardados por rudezas passadas. Suas bebedeiras, é óbvio, apenas agravavam o que deveriam aliviar.

Quando o dr. Davis deixou Birch naquela noite, tomou uma lanterna e foi até a velha capela mortuária. A lua brilhava sobre os fragmentos de tijolos espalhados e sobre a fachada desfigurada, e o trinco da grande porta cedeu prontamente ao toque do lado de fora. Calejado por antigas provações em salas de dissecação, o médico entrou e olhou em volta, reprimindo a náusea de mente e corpo que toda visão e todo cheiro induziam. Ele deu um forte grito uma vez, e um pouco depois produziu um arfar que era mais terrível do que um grito. Então fugiu de volta para a casa do guardião e rompeu todas as regras da sua profissão ao despertar e sacudir seu paciente, lançando-lhe uma sucessão de sussurros trêmulos que queimavam os ouvidos transtornados como o sibilar do vitríolo.

— Foi o caixão de Asaph, Birch, exatamente como eu pensei! Eu conhecia os dentes dele, faltando os da frente na arcada superior — nunca, pelo amor de Deus, exiba essas feridas! O corpo estava bastante decomposto, mas se eu já vi rancor vingativo em alguma face — ou no que já foi face... Você sabe como ele era um demônio por vingança — como ele arruinou o velho Raymond trinta anos depois da contenda deles pela demarcação de divisa, e como ele pisoteou o cachorrinho que o mordeu um ano atrás, no mês de agosto passado... Ele era o diabo encarnado, Birch, e eu creio que sua furiosa lei de Talião poderia derrotar até mesmo o Pai Morte em pessoa. Meu Deus, que ira! Eu odiaria vê-la dirigida contra mim!

— Por que você fez isso, Birch? Ele era um canalha, e eu não o culpo por ter-lhe dado um caixão refugado, mas você sempre teve a maldição de ir longe demais! Bastava ser mesquinho de algum modo com aquela coisa, mas você sabia como Fenner era pequeno.

— Eu jamais tirarei a imagem da minha cabeça enquanto eu viver. Você chutou com força, pois o caixão de Asaph estava no chão. A cabeça dele estava afundada, e tudo estava revirado. Eu vi coisas terríveis antes, mas o que havia ali foi demais. Olho por olho! Deus do Céu, Birch, mas você teve o que mereceu. A caveira embrulhou meu estômago, mas o outro lado foi pior — *aqueles tornozelos cuidadosamente cortados para caber no caixão descartado de Matt Fenner!*



A Transição de Juan Romero

∴

The Transition of Juan Romero (1919)

Marginalia (1944)

Ninguém nunca confundirá “A transição de Juan Romero” como o melhor trabalho de Lovecraft, mas não é tão horrível quanto ele pensou logo depois de ter escrito. Após ter terminado, em 16 de setembro de 1919, Lovecraft guardou a história e não permitiu que fosse publicada, mesmo na mais obscura das revistas amadoras de seus amigos. Ela não foi impressa até 1944, bem depois da morte de H.P., quando apareceu em *Marginalia*, uma das coleções da Arkham House.

Claro, existem algumas falhas que podem ser apontadas. No entanto, também é possível ver as primeiras mudanças do estilo de Lovecraft tomando forma.



Quanto aos eventos que ocorreram na Mina Norton em 18 e 19 de outubro de 1894, não é meu desejo falar sobre eles. Um senso de dever para com a ciência é a única coisa que me impele a recordar, nestes últimos anos da minha vida, cenas e acontecimentos repletos de um terror du-

plamente agudo, porque não consigo defini-lo inteiramente. Mas creio que antes de morrer eu deveria contar o que sei a respeito da... digamos, transição... de Juan Romero.

Não há necessidade de comunicar meu nome e origem à posteridade; de fato, creio mesmo ser melhor que eles fiquem ignorados, pois quando um homem emigra repentinamente para os Estados ou as Colônias, deixa seu passado para trás. Além disso, o que um dia eu fui não tem qualquer relevância para a minha narrativa; exceto, talvez, o fato de que durante meu serviço militar na Índia, senti-me mais à vontade entre os professores nativos com suas barbas brancas do que entre meus irmãos oficiais. Eu investigava em extensão nada reduzida as doutrinas do Oriente, mas então fui surpreendido pelas calamidades que me conduziram à minha nova vida no vasto Oeste americano; uma vida para a qual eu achei por bem aceitar um nome — o que ora adoto — que é muito comum e não traz consigo significado algum.

Do verão ao outono de 1894 eu residi nas melancólicas vastidões das Cactus Mountains, empregado como trabalhador comum na célebre Mina Norton, cujo descobrimento por um idoso prospector alguns anos antes havia transformado a região circundante, que de um desterro quase desabitado tornara-se um fervilhante caldeirão de vida sórdida. Uma caverna de ouro, encravada profundamente sob um lago montanhoso, havia enriquecido seu venerável descobridor além até mesmo de seus sonhos mais desenfreados, e passara a ser sede das escavações de extensos túneis por parte da corporação à qual ele finalmente a havia vendido. Outras grutas foram posteriormente encontradas, e a extração do metal dourado tornou-se excepcionalmente intensa; de forma que um poderoso e heterogêneo exército de mineiros labutava dia e noite nas numerosas passagens e galerias na rocha. O superintendente, um certo sr. Arthur, discutia com frequência a singularidade das formações geológicas que havia ali, especulando sobre a provável extensão da rede de cavernas, e fazendo estimativas sobre o futuro do titânico empreendimento mineiro. Ele considerava as cavidades auríferas como resultantes da ação da água, e acreditava que logo se abriria a última delas.

Não foi muito tempo depois da minha chegada ao emprego que Juan Romero apareceu na Mina Norton. No meio de uma grande horda de mexicanos desleixados, atraídos do país vizinho para lá, ele chamou a

atenção à primeira vista unicamente por suas feições, que embora fossem evidentemente indígenas, eram ainda assim notáveis por sua coloração clara e seus traços refinados, muito distintas das da maioria dos *greaser* ou dos *piute* da localidade. É curioso que embora diferisse tanto da massa de índios hispanizados e tribais, Romero não dava a menor impressão de ter sangue caucasiano. Não era o conquistador castelhano nem o pioneiro americano, e sim o antigo e nobre asteca, que a imaginação evocava quando aquele calado peão se levantava no início da manhã e assistia em fascínio ao despontar do sol sobre as colinas a leste, e estendia seus braços para o globo luminoso como se cumprisse algum rito cuja natureza ele próprio não compreendia. Mas tirando seu rosto, Romero não sugeria qualquer nobreza. Ignorante e sujo, ele se sentia à vontade entre os outros mexicanos de pele parda; proveniente que era (assim me contaram posteriormente) dos mais baixos meios. Ele havia sido encontrado quando criança em um rústico casebre na montanha, único sobrevivente de uma epidemia que assolara letalmente as redondezas. Perto do barraco, junto a uma fissura incomum nas rochas, encontravam-se dois esqueletos, recentemente bicados pelos abutres, que provavelmente compunham os restos mortais de seus pais. Ninguém sabia dizer a identidade deles, e logo foram esquecidos pela maioria das pessoas. De fato, o desmoronamento do casebre de adobe e o selamento da fissura nas rochas por uma avalanche subsequente ajudaram a apagar até mesmo o cenário das lembranças. Criado por um ladrão de gado mexicano que lhe dera seu nome, Juan diferia pouco de seus companheiros.

A ligação que Romero manifestou em relação a mim sem dúvida começou devido ao singular e antigo anel hindu que eu usava quando não estava engajado nas atividades do trabalho. Sobre a natureza dessa joia e a maneira como ela passou ao meu poder, não posso falar. Era o último elo com um capítulo para sempre encerrado da minha vida, e eu dava imenso valor a ele. Logo observei que o mexicano de aparência peculiar estava igualmente interessado nela, olhando-a com uma expressão que bania qualquer suspeita de mera cobiça. Seus hieróglifos antiquíssimos pareciam despertar alguma tênue recordação naquela mente inculta porém ativa, embora não fosse possível que ele o tivesse contemplado anteriormente. Poucas semanas depois da sua chegada, Romero era como um criado fiel para mim; isso não obstante o fato de que eu próprio não

passava de um mineiro ordinário. Nossas conversas eram necessariamente limitadas. Ele sabia apenas algumas palavras em inglês, ao passo que eu achava meu espanhol oxoniano consideravelmente distinto do patoá do peão da Nova Espanha.

O evento que estou prestes a relatar não foi anunciado por longas premonições. Embora o homem chamado Romero tivesse despertado meu interesse, e ainda que meu ânimo o afetasse de maneira peculiar, acho que nenhum de nós esperava o que estava para suceder quando a grande explosão foi deflagrada. Considerações geológicas haviam determinado que se estendesse a mina diretamente abaixo a partir da parte mais profunda da área subterrânea; e a opinião do Superintendente de que encontraríamos somente rocha sólida havia-nos levado a depositar uma carga prodigiosa de dinamite. Com esse tipo de trabalho Romero e eu não estávamos ligados, e por esse motivo nossas primeiras informações sobre aquelas condições extraordinárias vieram de outras pessoas. A carga, talvez mais pesada do que se havia estimado, pareceu abalar a montanha inteira. As janelas dos barracos nas encostas exteriores foram estilhaçadas com o choque, enquanto os mineiros nas passagens mais próximas foram jogados ao chão. O lago Jewel, que fica acima do local da ação, ergueu-se como numa tempestade. Após a investigação, viu-se que um novo abismo se escancarou indefinidamente sob o sítio da explosão; um abismo tão monstruoso que nenhuma sonda conseguia medi-lo, nenhuma lâmpada iluminá-lo. Perplexos, os escavadores foram conversar com o Superintendente, que ordenou que se levassem grandes extensões de corda para o poço, e que elas fossem unidas e baixadas sem cessar até que o fundo fosse descoberto.

Pouco tempo depois, os trabalhadores empalidecidos notificaram o Superintendente do seu fracasso. Com firmeza, ainda que respeitosa-mente, eles deixaram clara a sua recusa em visitar novamente a fissura, ou mesmo em continuar trabalhando na mina até que ela fosse selada. Era evidente que eles se confrontavam com algo que estava além das suas experiências de vida, pois até onde eles podiam dizer com alguma certeza, o abismo tinha uma profundidade infinita. O Superintendente não os censurou. Ao contrário, refletiu intensamente sobre o caso e fez muitos planos para o dia seguinte. O turno da noite não assumiu seu posto naquele entardecer.

Às duas da manhã um coiole solitário na montanha começou a uivar de um modo lúgubre. Em algum lugar dentro do pátio de trabalho, um cão ladrou em resposta; ao coiole, ou a alguma outra coisa. Uma tempestade estava se formando ao redor dos picos da cadeia de montanhas, e nuvens de formas bizarras corriam horivelmente sobre o borrão de luz celestial que assinalava as tentativas de uma lua gibosa para brilhar através de várias camadas vaporosas de cirros-estratos. Foi a voz de Romero, vinda da parte de cima do beliche, que me acordou; uma voz excitada e tensa, com uma certa vaga expectativa que eu não conseguia entender:

— *¡Madre de Dios! — el sonido — ese sonido — ¡oiga usted! ¿lo oye usted?* — Señor, ESSE SOM!

Eu apurei os ouvidos, perguntando-me a que ele se referia. O coiole, o cão, a tempestade, tudo isso era audível; a última agora adquirindo precedência, pois o vento assobiava de maneira cada vez mais frenética. Clarões de relâmpagos eram visíveis através da janela do alojamento. Eu questionei o nervoso mexicano, repetindo os sons que havia escutado:

— *¿El coyote? — ¿El perro? — ¿El viento?*

Mas Romero não respondeu. Então ele começou a sussurrar numa voz assombrada:

— *El ritmo, Señor — el ritmo de la tierra* — ESSA PALPITAÇÃO DE-BAIXO DA TERRA!

Então eu também ouvi; ouvi e estremei sem saber por quê. Fundo, fundo, abaixo de mim havia um som — um ritmo, exatamente como disse o peão — que embora extremamente tênue, ainda assim se sobrepunha ao cão, ao coiole e à tempestade crescente. Tentar descrevê-lo seria inútil — pois sua forma era tal que nenhuma descrição seria possível. Talvez fosse como o pulsar das máquinas no fundo de um grande cruzeiro, sentido no tombadilho, embora não tão mecânico; não tão destituído de elementos de vida e consciência. De todos os seus aspectos, o caráter *remoto* nas profundezas da terra foi o que mais me impressionou. Acorreram em minha mente fragmentos de uma passagem de Joseph Glanvill que Poe citou com um efeito tremendo:

“... a vastidão, profundidade e inescrutabilidade das Suas obras, que guardam em si profundezas maiores que as do poço de Demócrito.”

De repente, Romero saltou de seu beliche; fez uma pausa diante de mim para contemplar o estranho anel na minha mão, que cintilava perturbadoramente a cada clarão dos relâmpagos, e depois olhou fixa e atentamente na direção do poço da mina. Eu também me levantei, e ambos ficamos imóveis por algum tempo, apurando nossos ouvidos, enquanto o ritmo sinistro parecia adquirir uma qualidade cada vez mais vívida. Então, de um modo aparentemente destituído de volição, começamos a nos mover em direção à porta, cujas dobradiças continham em seu rangido uma reconfortante sugestão de realidade terrena. A cantilena das profundezas — pois era isso que o som agora parecia ser — cresceu em volume e clareza; e nós sentimos uma urgência irresistível de sair para a tempestade e dali para o negrume escancarado do poço.

Não encontramos sequer uma criatura viva, pois os homens do turno da noite haviam sido liberados de seus deveres, e estavam sem dúvida no assentamento de Dry Gulch, despejando rumores sinistros nos ouvidos de algum *bartender* sonolento. Na cabine do vigia, porém, brilhava um pequeno quadrado de luz amarelada, como o olho de um guardião. Eu me perguntei vagamente que efeito o som rítmico tivera sobre o vigia; mas Romero já estava se movendo mais rápido, e eu o segui sem pausa.

Enquanto descíamos o poço, o som abaixo de nós tornou-se definitivamente mais complexo. Aos meus ouvidos, soava como uma horrível espécie de cerimônia oriental, com batidas de tambores e o cântico de muitas vozes. Como vocês sabem, eu havia passado muito tempo na Índia. Romero e eu avançamos sem muita hesitação por entre galerias e descemos escadas; sempre na direção daquilo que nos atraía, porém sempre com temor e relutância lamentavelmente impotentes. Em dado momento, imaginei que havia ficado louco — foi quando, perguntando-me como nosso caminho se iluminava sem que houvesse qualquer lâmpada ou vela, percebi que o antigo anel no meu dedo luzia com uma radiância fantasmagórica, difundindo uma luminosidade pálida através do ar úmido e pesado à nossa volta.

Sem qualquer aviso, depois de descer uma das muitas escadas rústicas, Romero irrompeu numa corrida e me deixou sozinho. Um novo e desvairado tom no batuque e na cantilena, apenas levemente perceptível para mim, agiu sobre ele de maneira alarmante; e com um urro selvagem

ele se precipitou às cegas na escuridão da caverna. Eu ouvia seus gritos repetidos à minha frente, à medida que ele tropeçava desajeitadamente ao longo dos lugares mais planos e se lançava loucamente pelas escadas instáveis. Mas por mais assustado que estivesse, eu conservei percepção suficiente para notar que a fala dele, quando articulada, não era em qualquer língua conhecida por mim. Ásperos mas impressionantes polissílabos haviam substituído a costumeira mistura de espanhol ruim e inglês pior, e entre eles apenas o grito repetido de “*Huitzilopochtli*” parecia ao menos familiar. Posteriormente, localizei com precisão essa palavra na obra de um grande historiador — e estremeci diante da associação que me ocorreu.

O clímax daquela noite horrível foi complexo, mas bastante breve, iniciando-se no momento exato em que eu cheguei à última caverna daquela jornada. Do meio da escuridão imediatamente adiante irrompeu um grito final do mexicano, ao qual se juntou um coro de sons desconhecidos como eu jamais poderia ouvir novamente e sobreviver. Naquele momento, pareceu-me que todos os terrores e monstruosidades ocultas sob a terra haviam se articulado em um esforço de subjugar a raça humana. Simultaneamente, a luz do meu anel se extinguiu, e eu vi uma nova luminosidade brilhar no espaço inferior, poucos metros à minha frente. Eu havia chegado ao abismo, que agora emitia uma incandescência rubra, e que evidentemente engolira o infortunado Romero. Avancei mais e espiei por sobre a borda daquela fenda que sonda alguma coisa dimensionar, e que agora era um pandemônio de labaredas bruxuleantes e rugidos horrendos. No início eu não distingi nada além de um fervilhante borrão luminoso; mas então as formas, todas infinitamente distantes, começaram a se destacar da confusão e eu vi — aquilo era Juan Romero? — *por Deus! Não ousa contar a vocês o que vi!...* Algum poder dos céus, vindo em meu auxílio, suprimiu tanto a visão quanto os sons num estrondo tamanho como o que se ouviria quando dois universos colidissem no espaço. Seguiu-se o caos, e eu conheci a paz da inconsciência.

Eu quase não sabia como prosseguir, considerando que condições tão singulares estavam em curso; mas fiz o melhor que pude, nem mesmo tentando diferenciar o real do aparente. Quando despertei, estava na segurança do meu catre, e a claridade avermelhada do amanhecer era vi-

sível pela janela. A alguma distância, o corpo sem vida de Juan Romero jazia sobre uma mesa, rodeado por um grupo de homens, incluindo o médico do alojamento. Os homens estavam discutindo a estranha morte do mexicano enquanto dormia; uma morte aparentemente ligada de algum modo ao terrível raio que havia atingido a montanha já abalada. Nenhuma causa direta parecia evidente, e uma autópsia não havia conseguido evidenciar qualquer razão pela qual Romero deixara de viver. Fragmentos de conversa indicavam sem qualquer dúvida que nem Romero e nem eu havíamos abandonado o alojamento durante a noite; que nenhum de nós dois acordara durante a pavorosa tempestade que varreu a serra de Cactus. Aquela tormenta, diziam os homens que se aventuraram a descer o poço da mina, havia causado um extenso desmoronamento, e selado por completo o abismo profundo que criara tanta apreensão no dia anterior. Quando eu perguntei ao vigia que sons ele havia escutado antes do portentoso trovão, ele mencionou um coiote, um cão e o vento rosnante da montanha — nada mais que isso. Não tenho motivo para duvidar da sua palavra.

Depois da retomada do trabalho, o superintendente Arthur convocou alguns homens especialmente competentes para fazer investigações ao redor do ponto onde o abismo havia aparecido. Embora de má vontade, eles obedeceram; e fez-se uma perfuração profunda. Os resultados foram muito curiosos. O teto do precipício, conforme nós vimos quando ele estava aberto, não era nada espesso; no entanto, agora as brocas dos investigadores revelavam o que parecia ser uma extensão ilimitada de rocha sólida. Como não se encontrou mais nada, nem mesmo ouro, o superintendente abandonou suas tentativas; mas um olhar perplexo ocasionalmente transparece no seu semblante quando ele senta para pensar na sua mesa de trabalho.

Há outra coisa curiosa. Pouco depois de despertar naquela manhã depois da tempestade, dei pela inexplicável ausência do anel hindu que eu usava em meu dedo. Embora eu desse muito valor àquela joia, experimentei uma sensação de alívio com o seu desaparecimento. Se um dos meus companheiros de mina se apropriou dele, deve ter sido muito habilidoso em se desfazer de seu butim, pois apesar dos comunicados e da inspeção policial, o anel nunca mais tornou a ser visto. Por algum moti-

vo eu duvido que tenha sido roubado por mãos mortais, pois muitas coisas estranhas me foram ensinadas na índia.

Minha opinião sobre toda essa experiência varia de tempos em tempos. Em plena luz do dia, e na maioria das estações do ano, tendo a pensar que em sua maior parte ela não passou de um sonho. Mas algumas vezes, no outono, por volta das duas horas da madrugada, quando ventos e feras uivam lugubrememente, parte das profundezas inconcebíveis sob a terra a execrável sugestão de um pulsar ritmado... e sinto que a transição de Juan Romero foi algo de fato terrível.



Fatos Acerca do Falecido Arthur Jermyn e sua Família

∴

Facts Concerning the Late Arthur Jermyn and His Family (1920)
The Wolverine (mar. 1921)

Este conto de tamanho médio é um dos títulos mais polarizadores do cânone de Lovecraft. Mas tanto os que detestam e tanto os que admiram geralmente concordam que é uma história competente e arrepiante — ainda mais porque nunca descreve seu horror culminante em palavras.

Os leitores modernos tendem a achar o conceito básico de “Arthur Jermyn” estranho, porque, basicamente, se baseia em medos de miscigenação. Nesse caso, porém, a miscigenação não é o que costumava ser chamado de “mistura de raças” nos dias obscuros de Jim Crow no sul do pós-Guerra Civil — mas, em vez disso, um tipo mais primitivo de miscigenação, o que se poderia chamar de “Mistura de espécies”. Mais tarde Lovecraft expandiu esse tema, com muito mais eficácia em “A sombra em Innsmouth”.



A vida é uma coisa terrível, e por trás do pano de fundo daquilo que conhecemos sobre ela é possível vislumbrar demoníacos elementos de verdade que por vezes a tornam mil vezes mais hedionda. A ciência, por si só opressiva em decorrência de suas chocantes revelações, talvez venha a ser o definitivo agente de extermínio da nossa espécie humana — se é que somos uma espécie à parte —, pois seu estoque de horrores insuspeitados jamais poderia ser suportado por cérebros mortais, se algum dia fosse libertado pelo mundo. Se soubéssemos o que de fato somos, faríamos o mesmo que sir Arthur Jermyn; pois Arthur Jermyn certa noite embebeu-se em óleo e ateou fogo às vestes. Ninguém depositou os fragmentos carbonizados numa urna, nem construiu um monumento em sua memória; pois certos papéis e certo objeto encontrados numa caixa fizeram com que os homens desejassem esquecê-lo. Alguns dos que o conheceram não admitem nem mesmo que ele algum dia tenha existido.

Arthur Jermyn saiu para o pântano e imolou-se pelo fogo após ter visto o *objeto* que estava na caixa que havia chegado da África. Foi esse *objeto*, e não sua peculiar aparência pessoal, que o levou a dar fim à vida. Muitos não teriam gostado de viver de posse das peculiares feições de Arthur Jermyn, mas ele foi poeta e erudito, e não se importava com tais coisas. O conhecimento estava no seu sangue, pois seu bisavô, o baronete sir Robert Jermyn, havia sido um antropólogo de renome, enquanto seu tataravô, sir Wade Jermyn, foi um dos primeiros exploradores da região do Congo, e escreveu com erudição sobre as tribos, animais e supostas antiguidades daquela terra. De fato, o velho sir Wade possuía um zelo intelectual que beirava a mania; suas conjecturas bizarras sobre uma civilização pré-histórica branca no Congo valeram-lhe grande ridicularização quando seu livro, *Observações sobre as diversas regiões da África*, foi publicado. Em 1765, esse explorador destemido foi internado em um manicômio em Huntingdon.

A loucura esteve presente em todos os Jermyn, e as pessoas sentiam-se aliviadas por eles não serem muitos. A linhagem não deixou ramificações, e Arthur foi o último dos seus representantes. Caso não fosse, ninguém sabe o que ele teria feito quando o *objeto* chegou. Os Jermyn nunca tiveram lá muito boa aparência — havia algo errado neles, embora Arthur fosse o pior, mas os velhos retratos de família na antiga resi-

dência exibiam feições razoavelmente belas anteriormente à época de sir Wade. Certamente, a loucura começou com ele, cujas histórias insanas sobre a África faziam ao mesmo tempo o deleite e o terror de seus poucos amigos. Ela transparecia na sua coleção de troféus e espécimes, que não eram como os que um homem normal iria acumular e preservar, e aparecia de maneira pungente no enclausuramento oriental em que ele mantinha sua esposa. Esta, segundo ele, era filha de um comerciante português que havia conhecido na África; e não gostava das maneiras inglesas. Ela o havia acompanhado de volta à Inglaterra, trazendo um filho ainda bebê nascido na África, após a segunda e mais longa de suas viagens, e partira com ele na terceira e última, para nunca mais voltar. Ninguém jamais a viu de perto, nem mesmo os criados, pois sua disposição era violenta e singular. Durante sua breve estadia na Mansão Jermyn, ela ocupou uma ala remota, e era atendida unicamente por seu marido. Sir Wade era, de fato, muito peculiar em sua solicitude para com a família, pois quando retornou à África, não permitiu que ninguém cuidasse de seu jovem filho, a não ser uma repulsiva mulher negra proveniente de Guiné. Ao retornar, após a morte de lady Jermyn, ele próprio assumiu por completo a criação do menino.

Mas eram as conversas de sir Wade, especialmente depois de virar alguns copos, a principal razão para que seus amigos o considerassem louco. Numa era de racionalidade como o século XVIII, não era sábio um homem instruído descrever visões selvagens e estranhos cenários sob a lua do Congo; gigantescas muralhas e pilares de uma cidade esquecida, em ruínas e cobertas de lianas; e escadarias de pedra, úmidas e silenciosas, que desciam interminavelmente escuridão adentro até abismais galerias contendo tesouros ocultos e catacumbas inconcebíveis. Era particularmente insensato tresvariar sobre os seres vivos que poderiam frequentar tais lugares; seres pertencentes em parte à selva e em parte à cidade sacrilegamente antiga — criaturas fabulosas que nem mesmo um Plínio descreveria sem ceticismo; coisas que poderiam ter surgido depois que os grandes símios infestaram a cidade morta, com suas muralhas e pilares, suas catacumbas e frisos estranhos. Mas depois de retornar pela última vez ao lar, sir Wade passou a falar de tais assuntos com um prazer perturbadoramente sinistro, principalmente depois de tomar o terceiro copo no Knight's Head, vangloriando-se de seus achados na

selva e de ter residido naquelas ruínas terríveis conhecidas unicamente por ele. E por fim passou a falar sobre as criaturas vivas de tal maneira que acabaram conduzindo-o ao manicômio. Mostrou-se pouco arrependido após ser trancafiado em um quarto com grades em Huntingdon, pois sua mente funcionava de maneira peculiar. Desde que seu filho começou a deixar a infância, ele gostava cada vez menos do próprio lar, até que por fim parecia temê-lo. O Knight's Head passou a ser seu reduto, e ao ser confinado ele expressou uma vaga gratidão, como se recebesse proteção. Morreu três anos mais tarde.

O filho de Wade Jermyn, Philip, era uma personalidade altamente peculiar. Apesar de uma forte semelhança física com seu pai, sua aparência e sua conduta eram em muitos aspectos tão rústicos que ele era universalmente evitado. Embora não tivesse herdado a loucura temida por alguns, era densamente estúpido e dado a breves períodos de violência incontrolável. Sua compleição era pequena, mas intensamente poderosa, e ele tinha uma agilidade inacreditável. Doze anos após herdar seu título ele casou-se com a filha do seu guarda-caça, uma pessoa que diziam ser de origem cigana, mas antes que seu filho nascesse ele se engajou na marinha como marinheiro comum, para completar o desagrado geral que seus hábitos e seu casamento já causavam. Após o fim da guerra americana, soube-se que ele havia se engajado em um navio mercante que fazia a rota africana, e ali adquiriu uma certa reputação por suas demonstrações de força e suas escaladas, mas acabou desaparecendo certa noite quando seu navio atracou na costa do Congo.

No filho de sir Philip Jermyn, a então já aceita peculiaridade familiar teve um desdobramento estranho e fatal. Alto e bastante bonito, com uma espécie de exótico encanto oriental a despeito de certas ligeiras singularidades em suas proporções, Robert Jermyn começou a vida como estudioso e pesquisador. Ele foi o primeiro a investigar de maneira científica a vasta coleção de relíquias que seu avô louco havia trazido da África, e também a tornar o nome da família tão celebrado na etnologia quanto por suas explorações. Em 1815, sir Robert casou-se com uma filha do sétimo Visconde de Brightholme e foi subsequentemente abençoado com três filhos, o mais velho e o mais jovem dos quais nunca foram vistos em público por conta de deformidades de mente e corpo. Entristecido por esses infortúnios familiares, o cientista buscou alívio no tra-

balho, e empreendeu duas longas expedições ao interior da África. Em 1849, seu segundo filho, Nevil, uma pessoa singularmente repulsiva, que parecia combinar a brutalidade de Philip Jermyn com a arrogância dos Brightholme, fugiu com uma dançarina vulgar, mas foi perdoado ao retornar no ano seguinte. Ele retornou à Mansão Jermyn na condição de viúvo com um filho bebê, Alfred, que um dia viria a ser o pai de Arthur Jermyn.

Amigos disseram que foi essa série de infortúnios que perturbou a mente de sir Robert Jermyn, embora provavelmente tenha sido meramente alguma dose de folclore africano o que causou o desastre. O velho erudito vinha coletando lendas das tribos onga que habitavam a região explorada por seu avô e por ele próprio, na esperança de lançar alguma luz sobre as histórias fantasiosas de sir Wade sobre uma cidade perdida habitada por estranhas criaturas híbridas. Uma certa consistência nos insólitos documentos de seu ancestral sugeria que a sua imaginação insana poderia ter sido estimulada por mitos nativos. Em 19 de outubro de 1852, o explorador Samuel Seaton visitou a Mansão Jermyn com um manuscrito contendo anotações coletadas entre os onga, acreditando que certas lendas sobre uma cidade cinzenta de macacos brancos governados por um deus branco poderiam se revelar valiosas para o etnólogo. Nessa conversa ele provavelmente forneceu muitos detalhes adicionais, cuja natureza jamais será conhecida, uma vez que uma sucessão de horríveis tragédias irrompeu repentinamente. Quando sir Robert Jermyn emergiu de sua biblioteca, deixou para trás o cadáver estrangulado do explorador, e antes que pudesse ser detido, pôs fim à existência de seus três filhos: os dois que nunca foram vistos e o que havia fugido. Nevil Jermyn morreu na bem-sucedida defesa de seu próprio filho de dois anos de idade, que aparentemente estava incluído nos loucos planos assassinos do velho. Quanto a sir Robert, após repetidas tentativas de suicídio e uma obstinada recusa a pronunciar qualquer som articulado, morreu de apoplexia em seu segundo ano de confinamento.

Sir Alfred Jermyn tornou-se baronete antes do seu quarto aniversário, mas seus gostos nunca foram condizentes com o título. Aos vinte anos ele se juntou a um bando de artistas de *music hall*, e aos trinta e seis abandonou sua esposa e filho para viajar com um circo itinerante americano. Seu fim foi muito revoltante. Entre os animais do espetáculo com

o qual ele viajava havia um enorme gorila macho de coloração mais clara que a média; uma fera surpreendentemente afável e de grande popularidade entre os artistas. Alfred Jermyn era singularmente fascinado por esse gorila, e em muitas ocasiões os dois contemplavam-se por longos períodos, por entre as grades. Eventualmente, Jermyn solicitou e obteve permissão para treinar o animal, assombrando igualmente as plateias e seus colegas de picadeiro com seu sucesso. Certa manhã, em Chicago, quando o gorila e Alfred Jermyn ensaiavam uma luta de boxe excepcionalmente talentosa, o primeiro desferiu um golpe de força superior à usual, ferindo tanto o corpo quanto a dignidade do treinador amador. Sobre o que se seguiu, os membros do “Maior Espetáculo da Terra” não gostam de falar. Eles não esperavam ouvir sir Alfred Jermyn emitir aquele grito agudo e inumano, nem vê-lo engalfinhar-se com seu canhestro antagonista com ambas as mãos, arremessá-lo contra o piso da jaula e morder cruelmente sua garganta peluda. O gorila foi pego de surpresa, mas não por muito tempo, pois antes que qualquer atitude pudesse ser tomada pelo treinador regular, o corpo que pertencera a um baronete havia se tornado irreconhecível.

II

Arthur Jermyn era filho de sir Alfred Jermyn e de uma cantora de cabaré de origem desconhecida. Quando o marido e pai abandonou sua família, a mãe levou a criança à Mansão Jermyn, onde não restava mais ninguém para se opor à sua presença. Ela não era desprovida das noções de dignidade que a nobreza deve ter, e cuidou para que seu filho recebesse a melhor educação que suas rendas limitadas poderiam proporcionar. Os recursos familiares encontravam-se então tristemente mingua-dos, e a Mansão Jermyn havia caído em um lamentável abandono, mas o jovem Arthur adorava o velho edifício e todo o seu conteúdo. Ele era diferente de qualquer outro Jermyn que já vivera, pois era um poeta e um sonhador. Algumas famílias vizinhas que haviam escutado histórias sobre a nunca vista esposa portuguesa do velho sir Wade Jermyn declararam que o sangue latino daquela ancestral devia estar se revelando; porém a maioria das pessoas simplesmente fazia pouco caso da sensibili-da-

de do rapaz à beleza, atribuindo-a à sua mãe de cabaré, que não era reconhecida pela sociedade. A delicadeza poética de Arthur Jermyn fazia-se ainda mais notável por causa de sua grosseira aparência pessoal. A maioria dos Jermyn havia possuído um aspecto sutilmente bizarro e repulsivo, mas o caso de Arthur era muito impressionante. É difícil dizer exatamente com que ele se parecia, mas sua expressão, seus ângulos faciais e o comprimento de seus braços provocavam um calafrio de repulsa a quem o encontrava pela primeira vez.

Porém, a mente e o caráter de Arthur Jermyn compensavam seu aspecto. Dotado e culto, ele recebeu as mais altas láureas em Oxford e parecia destinado a redimir a fama intelectual de sua família. Embora fosse de temperamento mais poético que científico, planejava continuar a obra de seus antepassados sobre a etnologia e a antiguidade africanas, valendo-se da realmente maravilhosa, ainda que estranha, coleção de sir Wade. Com sua mente propensa a fantasias, ele refletia com frequência sobre a civilização pré-histórica em que o explorador louco havia tão arraigadamente acreditado, e tecia sucessivas narrativas sobre a silenciosa cidade da selva, mencionada nas mais desvairadas anotações e parágrafos de seu ancestral. Nutria pelas nebulosas alusões acerca de uma raça insuspeitada e sem nome de híbridos selvagens um peculiar sentimento, misto de terror e atração, especulando sobre os possíveis fundamentos de tamanha fantasia, e buscando obter algum esclarecimento sobre os dados mais recentes coletados por seu bisavô e Samuel Seaton entre os onga.

Em 1911, após a morte de sua mãe, sir Arthur Jermyn, decidiu-se a dar seguimento às suas investigações até o extremo. Depois de vender uma parcela de sua propriedade para obter o dinheiro necessário, ele organizou uma expedição e partiu para o Congo. Conseguiu com as autoridades belgas uma comitiva de guias e passou um ano no território dos onga e dos kaliri, recolhendo dados que superavam suas mais altas expectativas. Entre os kaliri havia um chefe avançado em anos chamado Mwanu, que possuía não apenas uma memória altamente precisa, mas também um raro grau de inteligência e interesse em antigas lendas. Esse ancião confirmou cada história que Jermyn ouvira, acrescentando seu próprio depoimento sobre a cidade de pedra e os símios brancos, conforme o que lhe haviam contado.

De acordo com Mwanu, a cidade cinzenta e as criaturas híbridas não mais existiam, pois haviam sido aniquilados pelos belicosos n'bangus muitos anos antes. Essa tribo, após destruir a maioria dos edifícios e matar as criaturas vivas, apoderara-se da deusa embalsamada que fora o objetivo de sua incursão; a deusa símia branca que os estranhos seres idolatravam, e que, segundo a tradição do Congo, teria a forma de alguém que havia reinado como princesa entre aqueles seres. Exatamente o que as simiescas criaturas brancas poderiam ter sido, Mwanu não fazia ideia, mas acreditava que fossem os construtores da cidade em ruínas. Jermyn não pôde formular qualquer conjectura a respeito, mas após um detalhado interrogatório, obteve uma lenda muito pitoresca sobre a deusa embalsamada.

A princesa-símia, dizia-se, tornara-se a consorte de um grande deus branco que viera do oeste. Por longo tempo eles haviam reinado juntos sobre a cidade, mas quando tiveram um filho, os três partiram. Mais tarde, o deus e a princesa retornaram, e após a morte desta o seu divino esposo mumificou o corpo e conservou-o em um amplo santuário de pedra, onde era idolatrada. Depois ele partiu sozinho. Nesse ponto, a lenda parecia apresentar três variantes. Segundo uma das histórias, nada mais aconteceu, exceto que a deusa embalsamada tornou-se um símbolo de supremacia para qualquer tribo que a possuísse. Foi por esse motivo que os n'bangus se apropriaram dela. Uma segunda história falava sobre o retorno do deus e de sua morte aos pés de sua esposa conservada no santuário. A terceira variante falava do retorno do filho, como homem adulto — ou símio, ou deus adulto, conforme pudesse ser o caso —, ainda que sem ter consciência de sua identidade. Os negros imaginativos certamente haviam extraído o máximo de fossem lá que eventos estivessem por trás daquela lenda extravagante.

Sobre a realidade da cidade selvática descrita pelo velho sir Wade, Arthur Jermyn já não tinha dúvida; e pouco se surpreendeu quando, no início de 1912, deparou-se com o que restava dela. Suas dimensões deviam ter sido exageradas pelas narrativas, embora as pedras espalhadas demonstrassem que não se tratava de uma simples aldeia negra. Infelizmente, nenhuma escultura pôde ser encontrada, e o pequeno tamanho da expedição impediu qualquer operação que deslindasse a única passagem visível que parecia conduzir ao sistema de galerias subterrâneas que

sir Wade havia mencionado. Os símios brancos e a deusa embalsamada eram assunto discutido por todos os chefes nativos da região, mas a um europeu cabia aperfeiçoar as informações oferecidas pelo velho Mwanu. Monsieur Verhaeren, agente belga lotado em um entreposto comercial no Congo, acreditava poder não apenas localizar, mas também obter a deusa embalsamada, da qual ouvira falar vagamente, pois os outrora poderosos n'bangus eram agora servos submissos do governo do rei Albert, e mediante uma pequena persuasão poderiam ser induzidos a se desfazer da lúgubre deidade da qual eles haviam se apropriado. Quando Jermyn zarpou para a Inglaterra, portanto, foi com a exultante perspectiva de que, em questão de meses, poderia receber a inestimável relíquia etnológica que confirmaria as mais extravagantes narrativas de seu tataravô — ou seja, as mais extravagantes que ele ouvira em toda a sua vida. Os camponeses no entorno da Mansão Jermyn talvez conhecessem histórias mais desatinadas, transmitidas por seus antepassados, que as haviam escutado do próprio sir Wade em volta das mesas do Knight's Head.

Arthur Jermyn aguardou com muita paciência a esperada caixa de monsieur Verhaeren, estudando, enquanto isso, com diligência crescente os manuscritos deixados por seu louco ancestral. Ele começou a sentir uma grande afinidade com sir Wade, e a buscar relíquias de sua vida pessoal na Inglaterra, tanto quanto de suas explorações africanas. Depoimentos orais sobre sua misteriosa e enclausurada esposa eram numerosos, mas nenhum vestígio tangível de sua estadia na Mansão Jermyn havia permanecido. Jermyn se perguntou que circunstância teria motivado ou permitido tamanha obliteração, e concluiu que a insanidade do marido teria sido a principal causa. Dizia-se que sua tataravó, pelo que ele se recordava, teria sido filha de um comerciante português que atuava na África. Sem dúvida a sua herança utilitária e seu conhecimento superficial do Continente Negro a teriam levado a escarnecer das histórias de sir Wade sobre os recessos daquela terra, algo que um homem como ele não estaria disposto a perdoar. Ela havia morrido na África, talvez arrasada para lá por um marido determinado a provar o que dissera. Mas quando Jermyn se permitia tais reflexões, não podia deixar de sorrir de sua futilidade, um século e meio após a morte de ambos os seus estranhos ancestrais.

Em junho de 1913, chegou-lhe uma carta de monsieur Verhaeren, contando sobre a descoberta da deusa embalsamada. Segundo o que o belga asseverou, era um objeto dos mais extraordinários, muito além do que caberia a um leigo classificar. Se era humano ou símio, somente um cientista poderia determinar, porém o processo necessário para isso seria prejudicado pelas condições imperfeitas da peça. O tempo e o clima do Congo não eram gentis com as múmias; especialmente quando preparadas de maneira amadora, como parecia ser o caso. Ao redor do pescoço da criatura encontrara-se uma corrente de ouro com um medalhão vazio contendo desenhos heráldicos; sem dúvida uma recordação de algum viajante infeliz, tomada pelos n'bangus e pendurada no pescoço da deusa como um talismã. Ao comentar os contornos do rosto da múmia, monsieur Verhaeren sugeriu uma comparação excêntrica; ou antes expressou com humor sua admiração com um fato que certamente chocaria seu correspondente, mas estava muito mais interessado em questões científicas do que em desperdiçar palavras com leviandades. A deusa embalsamada, ele escreveu, chegaria devidamente embalada cerca de um mês depois do recebimento da carta.

O objeto encaixotado foi entregue na Mansão Jermyn na tarde do dia 3 de agosto de 1913, e foi transportado imediatamente ao largo aposento que abrigava a coleção de espécimes africanos organizada por sir Robert e Arthur. O que se seguiu pode ser mais bem compreendido a partir das histórias dos criados e de alguns elementos e papéis examinados mais tarde. Entre os diversos relatos, o de Soames, o idoso mordomo da família, é o mais amplo e coerente. De acordo com esse homem fidedigno, sir Arthur Jermyn dispensou todos do recinto antes de abrir a caixa, embora o instantâneo som de martelo e formão atestasse que ele não demorou em dar seguimento à operação. Não se ouviu nada por algum tempo, exatamente quanto, Soames não soube estimar com precisão; mas certamente passou-se menos do que um quarto de hora antes que se ouvisse um horrível grito, sem dúvida na voz de Jermyn. Imediatamente depois disso Jermyn emergiu da sala, correndo transtornadamente em direção à frente da casa, como se perseguido por algum inimigo horrendo. A expressão no seu rosto, que já era bem medonho quando em repouso, estava além de qualquer descrição. Quando se aproximou da porta da frente ele pareceu pensar em algo, e deu meia-volta em

sua fuga, desaparecendo por fim pelos degraus que levavam ao porão. Os criados ficaram completamente aturdidos, e espreitaram no alto da escada, mas seu patrão não retornou. Um cheiro de óleo era a única coisa que emergia das regiões inferiores da casa. Depois de anoitecer, um ttilintar foi ouvido na porta que conduzia do porão para o pátio; e um garoto do estábulo viu Arthur Jermyn, reluzente de óleo da cabeça aos pés e recendendo a esse fluido, sair furtivamente e desaparecer no pântano negro que circundava a casa. Então, numa exaltação de horror supremo, todos viram o final. Uma centelha apareceu no pântano, uma labareda se ergueu, e um pilar de fogo humano subiu aos céus. A casa familiar dos Jermyn não mais existia.

O motivo por que os fragmentos carbonizados de Arthur Jermyn não foram reunidos e sepultados reside no que foi descoberto em seguida, principalmente na coisa dentro da caixa. A deusa embalsamada era uma visão nauseante, ressecada e carcomida, mas era claramente uma macaca branca mumificada, de alguma espécie com menos pelos que qualquer outra variedade de que se tem registro, e infinitamente mais próxima do gênero humano — de um modo consideravelmente chocante. Descrições detalhadas seriam muito desagradáveis, mas duas particularidades de destaque devem ser contadas, pois ajustam-se de maneira revoltante a certas anotações das expedições africanas de sir Wade Jermyn e com as lendas congolezas sobre o deus branco e a princesa símia. As duas particularidades em questão são estas: as armas no medalhão de ouro em torno do pescoço da criatura eram as dos Jermyn, e a sugestão jocosa de monsieur Verhaeren sobre certa semelhança ligada à face encarquilhada aplicava-se, com vívido, espectral e sobrenatural horror a ninguém menos que o sensível Arthur Jermyn, tataraneto de sir Wade Jermyn e sua esposa desconhecida. Membros do Real Instituto de Antropologia queimaram a criatura e atiraram o medalhão em um poço, e alguns deles sequer admitem que Arthur Jermyn um dia existiu.



A Casa Temida

∴

The Shunned House (1924)

The Shunned House (1928)

Com todos os problemas e agitação, não é surpreendente que Lovecraft tenha produzido apenas uma história em 1924 — escrita enquanto Sonia estava no hospital se recuperando de seu colapso nervoso. “A casa temida” foi retirada da lenda local de Providence e aprimorado de maneiras estratégicas e sutis para maximizar seu impacto.



Mesmo nos grandes horrores é bastante raro que a ironia se encontre ausente. Às vezes o sentimento entra de forma direta na composição dos eventos, e às vezes surge apenas em função do caráter fortuito que estes ocupam em meio a pessoas e lugares. Esse último caso pode ser exemplificado de maneira esplêndida por um episódio ocorrido na antiga cidade de Providence, onde, no fim da década de 1840, Edgar Allan Poe cortejava sem êxito a talentosa poetisa sra. Whitman. Poe em geral se hospedava na Mansion House da Benefit Street — na célebre Golden Ball Inn, que abrigou Washington, Jefferson e Lafayette — e tinha por

caminhada favorita o trajeto que seguia rumo ao norte ao longo da mesma rua que conduzia à casa da sra. Whitman e ao St. John's Churchyard, cujo estoque de lápides do século XVIII sempre exercera sobre ele um fascínio singular.

Mas eis que surgiu uma ironia. Nessa caminhada, repetida tantas vezes, o mestre do terrível e do bizarro era obrigado a passar em frente a uma casa em particular no lado da rua que dava para o leste; uma estrutura suja e antiquada que se empoleirava na abrupta encosta da colina, com um enorme jardim negligenciado que remontava à época em que a região era em parte campo aberto. Parece que jamais escreveu a respeito do assunto ou sequer o mencionou, e tampouco há evidências de que a tenha percebido. Mesmo assim, para as duas pessoas em posse de certas informações, a casa em questão se iguala ou supera as mais desvairadas fantasias do gênio que tantas vezes a deixou para trás sem perceber, e ademais se ergue com um sorriso zombeteiro como símbolo de tudo o que é inefavelmente horrendo.

A casa era — e a bem dizer ainda é — do tipo que atrai a atenção dos curiosos. Originalmente uma construção típica de fazenda ou similar, seguia o padrão vigente na Nova Inglaterra durante a metade do século XVIII — a arquitetura próspera, com telhado de duas águas, dois andares e sótão desprovido de trapeira, com o vão da porta em estilo georgiano e os lambris interiores ditados pelo progresso do gosto naquela época. A casa era voltada para o sul e tinha uma empena coberta pelo solo até a altura das janelas mais baixas que davam para a colina a leste, enquanto a outra tinha as fundações expostas em direção à rua. A construção, terminada mais de um século e meio atrás, havia seguido as alterações e o endireitamento da rua nos arredores; pois a Benefit Street — a princípio chamada de Back Street — era uma ruela sinuosa que atravessava os cemitérios dos primeiros colonos, e que foi endireitada apenas quando a remoção dos corpos para o North Burial Ground facultou a passagem entre os antigos jazigos familiares.

No início, a parede a oeste erguia-se seis metros a partir de um gramado íngreme à beira da estrada; porém um alargamento da rua por volta da época da Revolução acabou com boa parte do espaço entre uma coisa e a outra, e assim expôs as fundações, de modo que foi necessário construir uma parede de tijolos no porão, o que conferia ao nível inferi-

or da casa uma fachada com duas portas e duas janelas acima do nível do chão, próximas ao novo local de passeio público. Quando o calçamento foi assentado, um século atrás, o último recuo foi removido; e durante suas caminhadas Poe deve ter visto apenas uma subida íngreme de tijolos cinzentos e tristes junto ao passeio, colmada a uma altura de três metros pelo antigo revestimento da casa.

O terreno em estilo rural estendia-se colina acima, quase até a Wheaton Street. O espaço ao sul da casa, localizado na Benefit Street, situava-se evidentemente muito acima do nível da calçada, e assim formava um terraço delimitado por um muro elevado de pedras úmidas e cobertas de musgo atravessadas por um lance de estreitos degraus que seguia por entre superfícies que mais pareciam um cânion nas regiões superiores do gramado abandonado, dos muros de tijolo recobertos de muco e dos jardins abandonados, cujas urnas de cimento em ruínas, chaleiras enferrujadas caídas de tripés feitos com gravetos nodosos e outra parafernália similar chamavam a atenção para a porta de entrada castigada pelas intempéries com a claraboia quebrada, os pilares iônicos apodrecidos e o pedimento triangular carcomido pelos vermes.

O que ouvi na minha juventude a respeito da casa temida foi apenas que por lá as pessoas morriam em números alarmantes. Foi por esse motivo, segundo me disseram, que os proprietários se mudaram cerca de vinte anos depois de construir a casa. Era uma residência sem dúvida insalubre, talvez em função da umidade e dos fungos que cresciam no porão, do odor enfermício, do vento encanado pelos corredores e da qualidade do poço e da água. Essas coisas todas já eram ruins o bastante, e eram também as únicas que desfrutavam de crédito junto às pessoas de minha convivência. Foram os cadernos do meu tio antiquário, o dr. Elihu Whipple, que por fim me revelaram as suposições vagas e obscuras que formavam uma impressão subjacente ou um folclore acerca dos criados e das pessoas humildes de outrora; suposições essas que jamais chegavam longe, e que tinham sido em boa parte esquecidas quando Providence cresceu a ponto de se transformar em uma metrópole com uma população moderna e variada.

O fato é que a casa nunca foi vista pela maioria da comunidade como “assombrada” em qualquer acepção do termo. Não havia histórias sobre o tilintar de correntes, rajadas de ar frio, luzes que se apagavam ou

rostos nas janelas. Os extremistas às vezes diziam que a casa era “desafortunada”, mas esse era o ponto máximo a que chegavam. O que estava além de qualquer disputa era que um grande número de pessoas morria por lá; ou, mais precisamente, havia morrido por lá, visto que após certos eventos um tanto peculiares ocorridos há sessenta anos a casa acabou desabitada em função da absoluta impossibilidade de alugá-la. Essas vidas não eram ceifadas de uma hora para outra; a impressão era de que tinham a vitalidade drenada às escondidas, de maneira que cada vítima morria de forma prematura como resultado de qualquer tendência à fraqueza que tivesse naturalmente evidenciado. Os que não haviam morrido apresentavam graus variados de anemia ou da tísica, e por vezes um declínio nas faculdades mentais, que trazia maus agouros em relação à salubridade da construção. Cumpre acrescentar que as casas vizinhas pareciam estar totalmente livres dessa qualidade maléfica.

Eis o quanto eu sabia antes que as minhas indagações constantes levassem meu tio a mostrar-me as anotações que por fim impeliram-nos a uma horrenda investigação. Em minha infância a casa temida encontrava-se desabitada, com árvores inóspitas, retorcidas e terríveis, grama alta e estranha e ervas daninhas saídas de um pesadelo no pátio elevado com terraço onde os pássaros jamais se demoravam. Eu e outros garotos tínhamos por hábito frequentar o local, e ainda recordo o meu terror juvenil não apenas ao perceber a estranheza mórbida da sinistra vegetação, mas também a atmosfera quimérica e o odor da casa dilapidada, cuja porta da frente, sempre destrancada, atravessávamos com frequência em busca de calafrios. As pequenas vidraças das janelas estavam quase todas quebradas, e uma inefável atmosfera de desolação pairava ao redor dos lambris precários, das venezianas internas decrépitas, do papel de parede descascado, do gesso em ruínas, das escadarias rangentes e dos fragmentos de mobília destruída que ainda restavam. O pó e as teias de aranha acrescentavam um toque lúgubre; e era preciso ser um garoto muito destemido para subir voluntariamente a escada que levava ao sótão, uma enorme peça com vigas aparentes e iluminada apenas pelas diminutas janelas cintilantes na extremidade das empenas, e atulhado com uma mixórdia de baús, cadeiras e rocas que os infinitos anos de armazenamento tinham amortalhado e transformado em vultos monstruosos e demoníacos.

Mas apesar de tudo o sótão não era a parte mais terrível da casa. Era o porão úmido e gélido que por algum motivo exercia sobre nós a repulsa mais intensa, mesmo que se localizasse acima do nível do chão e desse para o lado da rua e tivesse apenas uma fina porta e uma parede de alvenaria guarnecida com janela a separá-la do movimento na calçada. Mal conseguíamos decidir entre frequentá-lo em nossa fascinação espectral ou renegá-lo para salvar nossas almas e nossa sanidade. Em primeiro lugar, o mau cheiro da casa era mais intenso naquele cômodo; e, em segundo lugar, não gostávamos nem um pouco dos fungos que por vezes brotavam do chão de terra batida após as chuvas de verão. Esses fungos, grotescos como a vegetação no pátio externo, revelavam silhuetas horrendas; eram odiosas paródias de agáricos e cachimbos-de-índio que jamais havíamos visto em qualquer outra situação. Apodreciam depressa, e em um certo estágio tornavam-se quase fosforescentes, de maneira que os transeuntes noturnos eventualmente mencionavam um fogo das bruxas que cintilava por trás das vidraças quebradas nas janelas que espalhavam fedor.

Nunca — sequer nos momentos de desatino em pleno Dia das Bruxas — visitávamos o porão à noite, mas por vezes em nossas visitas diurnas conseguíamos detectar essa fosforescência, em particular nos dias escuros e úmidos. Também havia uma coisa mais sutil que não raro imaginávamos ter percebido — uma coisa deveras estranha que, no entanto, era na melhor das hipóteses sugestiva. Refiro-me a uma espécie de contorno nebuloso e branquicento sobre o chão de terra — um depósito vago e cambiante de mofo ou salitre que ocasionalmente nos imaginávamos capazes de rastrear em meio aos esparsos crescimentos fúngicos próximos à enorme lareira na cozinha do porão. De vez em quando nos ocorria que esse desenho no chão apresentava uma impressionante semelhança com a silhueta de uma figura humana encolhida, embora via de regra essa similaridade não existisse, e com frequência não fosse possível encontrar sequer o depósito de matéria branquicenta. Numa certa tarde chuvosa em que essa ilusão apresentou-se de maneira singularmente forte, e quando, ademais, imaginei ter divisado uma espécie de exalação tênue, amarelada e cintilante a erguer-se do desenho nitroso em direção à bocarra da lareira, falei com meu tio a respeito do assunto. Ele sorriu quando lhe apresentei o conceito, mas tive a impressão de que

aquele sorriso insinuava certas reminiscências. Mais tarde eu soube que uma ideia similar havia se manifestado nas antigas histórias das pessoas simples — uma ideia que aludia às formas de *ghouls* e de lobos assumidas pela fumaça que saía da grande chaminé, bem como aos bizarros contornos assumidos por algumas das raízes sinuosas que penetravam abaixo do porão e se entranhavam em meio às fundações danificadas.

II.

Apenas depois que atingi a idade adulta o meu tio se dispôs a me apresentar as anotações e os dados que havia coligido acerca da casa temida. O dr. Whipple era um médico saudável e conservador da escola antiga, e em função do interesse que tinha pelo lugar não sentia nenhum pendor a empurrar mentes jovens rumo ao sobrenatural. A visão que tinha a respeito do assunto postulava uma construção e uma localização marcadamente insalubres e não tinha nada a ver com o sobrenaturalismo; porém mesmo assim ele sabia que o elemento pitoresco responsável por despertar-lhe o interesse ainda na infância daria início a toda sorte de terríveis associações imaginativas na mente de um garoto.

O médico era solteiro; um cavalheiro de cabelos brancos, rosto bem-escanhoadado e modos antigos, e ademais um historiador de renome que por vezes havia quebrado lanças com guardiões da tradição controversos como Sidney S. Rider e Thomas W. Bicknell. Morava com um criado em uma casa georgiana fornida com uma aldraba e degraus com corrimão de ferro, empoleirada de maneira vertiginosa na subida íngreme da North Court Street ao lado do antigo pátio de tijolos e da casa colonial onde o avô — primo do cap. Whipple, o célebre corsário que no ano de 1772 incendiou a escuna armada *Gaspee* quando estava a serviço de Vossa Majestade — tinha votado, no dia 4 de maio de 1776, pela independência da colônia de Rhode Island. Ao redor, na biblioteca úmida e baixa com lambris brancos e bolorentos, guarneçada por um painel ricamente entalhado acima da lareira e pequenas janelas ensombrecidas por trepadeiras, estavam as relíquias e os registros da antiga família, em meio aos quais se encontravam muitas alusões dúbias à casa temida na Benefit Street. O local pestilento não era longe — pois a Benefit Street

corre logo acima do tribunal, ao longo da íngreme colina escalada pelos primeiros colonizadores.

Quando enfim minhas importunações constantes e minha idade mais avançada conseguiram obter de meu tio a sabedoria que eu buscava, deparei-me com uma crônica um tanto esquisita. Por mais longo, estatístico e tediosamente genealógico que o assunto fosse, ao menos em parte, havia um fio contínuo de ameaça, um horror persistente e uma malevolência sobrenatural que me impressionaram ainda mais do que haviam impressionado o bom doutor. Era possível encontrar relações extraordinárias em acontecimentos separados, e detalhes à primeira vista insignificantes revelavam-se minas de possibilidades. Surgiu em mim uma curiosidade nova e febril, comparada à qual minha curiosidade de menino parecia débil e incipiente. A primeira revelação me levou a empreender uma abrangente pesquisa, e por fim a lançar-me na temível busca que se mostrou tão desastrosa para mim e para os meus. No fim meu tio insistiu em juntar-se a mim na busca que eu havia iniciado, e após a noite fática que passamos juntos naquela casa ele não estava mais ao meu lado quando saí. Estou sozinho sem aquela alma bondosa que preencheu os longos anos de vida apenas com honra, virtude, bom gosto, benevolência e aprendizado. Mande erguer uma urna de mármore para honrar-lhe a memória no St. John's Churchyard — o lugar que Poe tanto amava — o bosque secreto com a colina repleta de salgueiros gigantes, onde túmulos e lápides amontoam-se em silêncio entre o vetusto vulto da igreja e as casas e muros de arrimo da Benefit Street.

A história da casa, escondida em um labirinto de datas, não revelou nenhum detalhe sinistro que dissesse respeito à construção ou à próspera e honrada família que a havia construído. Mesmo assim, desde o início a mácula da calamidade, que não tardou a ganhar um significado agourento, mostrava-se evidente. Os registros meticulosamente compilados por meu tio começavam na época da construção, em 1763, e acompanhavam o tema com uma riqueza de detalhes fora do comum. A casa temida, segundo tudo indica, foi em um primeiro momento ocupada por William Harris e a esposa Rhoby Dexter, bem como pelos filhos Elkanah, nascido em 1755, Abigail, nascida em 1757, William Jr., nascido em 1759, e Ruth, nascida em 1761. Harris era um mercador e um marinheiro de vulto no comércio com as Índias Ocidentais, e tinha ligações

com a firma que Obadiah Brown mantinha com os sobrinhos. Após a morte de Brown em 1761, a nova firma Nicholas Brown & Co. encarregou-o do brigue de cento e vinte toneladas *Prudence*, construído em Providence, e assim pôde erguer a residência com que tanto havia sonhado desde o casamento.

O local escolhido — uma parte recém-aterrada da nova Back Street, que estava em voga na época e avançava ao longo da colina acima do populoso distrito de Cheapside — era tudo o que poderia desejar, e a construção fez jus ao local. Era a melhor casa que recursos moderados poderiam obter, e Harris apressou a mudança para que todos estivessem realocados antes do nascimento do quinto filho no seio da família. O parto ocorreu em dezembro, mas o garoto veio natimorto. Nenhuma criança haveria de nascer com vida naquela casa por um século e meio.

Em abril uma doença acometeu as crianças, e Abigail e Ruth morreram antes que o mês chegasse ao fim. O dr. Job Ives diagnosticou a moléstia como uma febre infantil, mas outros declararam que se tratava de um simples definhamento ou de uma simples degradação. De qualquer modo, parecia ser contagioso; pois Hannah Bowen, que trabalhava como criada na casa, morreu no fim do junho seguinte. Eli Liddeason, o outro criado, queixava-se com frequência de fraqueza; e teria voltado à fazenda do pai em Rehoboth se não fosse um súbito apego a Mehitabel Pierce, contratada para ocupar o lugar de Hannah. Mas ele também morreu no ano seguinte — um ano deveras triste, uma vez que marcou a morte do próprio William Harris, enfraquecido como estava pelo clima da Martinica, onde o trabalho obrigara-o a permanecer durante longos períodos nas décadas anteriores.

A viúva Rhoby Harris jamais conseguiu superar a perda do marido, e o passamento do primogênito Elkanah dois anos mais tarde foi o golpe de misericórdia no juízo que lhe restava. Em 1768 sucumbiu a uma leve forma de insanidade, e a partir de então foi confinada à parte de cima da casa; Mercy Dexter, a irmã solteira mais jovem, mudou-se para a casa a fim de tomar conta da família. Mercy era uma mulher simples e ossuda com uma força admirável; mas a saúde dela piorou visivelmente a partir do momento em que chegou. Era muito dedicada à irmã desventurada, e tinha uma afeição especial por William, o único sobrinho ainda vivo, que, embora tivesse nascido robusto, havia se transformado em

um garoto doente e esquelético. Nesse ano a criada Mehitabel morreu, e o outro criado, Preserved Smith, foi embora sem oferecer nenhuma explicação coerente — mencionou apenas certas histórias fantasiosas e reclamou do cheiro que envolvia a casa. Por um tempo Mercy não conseguiu mais ninguém para ajudá-la, uma vez que as sete mortes e o caso de loucura, todos ocorridos em um período de apenas cinco anos, tinham dado azo a rumores que mais tarde haveriam de se tornar demasiado bizarros. No fim, todavia, conseguiu novos criados vindos de fora; Ann White, uma mulher rabugenta da parte de North Kingstown que hoje é Exeter, e um competente homem de Boston chamado Zenas Low.

Foi Ann White quem primeiro deu uma forma definida aos boatos sinistros. Mercy devia ter pensado duas vezes antes de contratar qualquer pessoa de Nooseneck Hill, pois na época, como ainda hoje, essa região afastada era a sede das mais desagradáveis superstições. Ainda em 1892 uma comunidade de Exeter exumou um cadáver e promoveu uma cerimônia de cremação do coração para evitar supostas assombrações que perturbavam a saúde e a paz do público — e assim é possível imaginar a mentalidade em idos de 1768. A língua de Ann era perniciosamente ativa, e Mercy viu-se obrigada a dispensá-la poucos meses depois, substituindo-a por Maria Robbins, uma fiel e amistosa amazona de Newport.

Nesse meio-tempo a pobre Rhoby Harris dava voz a sonhos e devaneios de caráter absolutamente medonho. Por vezes os gritos tornavam-se insuportáveis, e por longos períodos ela vociferava horrores com tanta veemência que era preciso transferir a residência do filho temporariamente para a casa do primo Peleg Harris, que ficava na Presbyterian Lane, próxima ao novo prédio da universidade. O garoto dava a impressão de melhorar após essas visitas, e, se Mercy fosse tão sábia quanto era bem-intencionada, teria deixado o sobrinho morar em caráter permanente com Peleg. A tradição demonstra certa relutância em detalhar o que a sra. Harris gritava nos surtos de violência; ou, a bem dizer, apresenta relatos extravagantes a ponto de refutarem a si mesmos por conta da natureza manifestamente absurda. Sem dúvida soaria absurdo ouvir histórias em que uma mulher que aprendeu tão somente os rudimentos do francês por vezes gritava por horas a fio em uma forma vernacular e idiomática dessa língua, ou que a mesma pessoa, sozinha e protegida co-

mo estava, apresentasse reclamações inflamadas a respeito de uma coisa que a vigiava e a mordida e mastigava. Em 1772 o criado Zenas morreu, e ao receber a notícia a sra. Harris gargalhou com um júbilo estarrecedor de todo estranho à antiga personalidade. No ano seguinte ela própria morreu e foi enterrada ao lado do marido no North Burial Ground.

Quando começaram as atribulações com a Grã-Bretanha em 1775, William Harris, apesar dos meros dezesseis anos e da constituição fraca, conseguiu se alistar no Exército da Observação sob o comando do general Greene; e a partir de então começou a desfrutar de saúde e de prestígio cada vez maiores. Em 1780, na condição de capitão das forças de Rhode Island em Nova Jersey sob as ordens do coronel Angell, conheceu e desposou Phebe Hetfield de Elizabethtown, e no ano seguinte levou-a a Providence depois de receber uma dispensa honrosa.

Mas o retorno do jovem soldado não foi marcado somente pela alegria. A casa, é verdade, ainda estava em boas condições, e a rua fora alargada e tivera o nome trocado de Back Street para Benefit Street. Porém a estatura outrora robusta de Mercy Dexter fora acometida por uma estranha degradação, de maneira que se via reduzida a uma figura corcunda e patética com uma voz cava e uma tez de palor desconcertante — qualidades compartilhadas em certo grau por Maria, a única criada remanescente. No outono de 1782, Phebe Harris deu à luz uma filha natimorta, e no dia 15 do maio seguinte Mercy Dexter deixou para trás uma vida útil, austera e virtuosa.

William Harris, por fim convencido da natureza radicalmente insalubre daquela morada, resolveu adotar as medidas necessárias a fim de fechá-la e abandoná-la para sempre. Depois de arranjar uma acomodação temporária para si e para a esposa na recém-inaugurada Golden Ball Inn, providenciou a construção de uma casa nova e ainda mais bem-acabada na Westminster Street, junto à parte que crescia do outro lado da Great Bridge. Lá, em 1785, nasceu-lhe o filho Dutee; e lá a família morou até que as influências do comércio os levassem de volta ao outro lado do rio e colina acima para a Angell Street, no mais novo distrito residencial do East Side, onde o finado Archer Harris veio a construir a suntuosa mas horrenda mansão com telhado francês em 1876. Tanto William como Phebe sucumbiram à epidemia de febre amarela em 1797, mas Dutee foi criado pelo primo Rathbone Harris, filho de Peleg.

Rathbone era um homem pragmático, e por esse motivo alugou a casa da Benefit Street ainda que William quisesse mantê-la desocupada. Julgava que era um dever do responsável pela curatela aproveitar da melhor forma possível os bens do garoto, e portanto não se preocupou com as mortes ou doenças que haviam causado tantas mudanças entre os habitantes da casa nem com a aversão cada vez maior com que era tratada pela população em geral. É provável que não tenha sentido nada além de irritação quando, em 1804, a prefeitura ordenou que fumigasse o lugar com enxofre, alcatrão e cânfora por conta das célebres mortes de quatro pessoas ocorridas no interior da casa, presumivelmente causadas pela epidemia de febre, que no entanto já começava a diminuir nessa época. Disseram que o lugar cheirava a febre.

O próprio Dutee não tinha muito apreço pela casa, pois havia crescido e se tornado um corsário, e serviu com distinção no *Vigilant* sob o comando do cap. Cahoone na Guerra de 1812. Voltou para casa ileso, casou-se em 1814 e foi pai na memorável noite de 23 de setembro de 1815, quando um vendaval espalhou as águas da baía por metade da cidade e arrastou uma chalupa até a Westminster Street, de maneira que os mastros quase tocaram as janelas dos Harris como que para afirmar que o recém-nascido, chamado Welcome, era o filho de um marinheiro.

Welcome morreu antes do pai, mas teve um fim glorioso na batalha de Fredericksburg em 1862. Nem ele nem o filho Archer conheciam a casa temida a não ser como um empecilho quase impossível de alugar — talvez por conta da umidade e do odor doentio característicos do descaído e da idade avançada. De fato, a casa não foi mais alugada após uma série de mortes que culminou em 1861, embora o fato tenha sido obscurecido pela eclosão da guerra. Carrington Harris, o último descendente na linhagem paterna, conhecia-a apenas como um local deserto e pitoresco rodeado de lendas antes que eu lhe relatasse a minha experiência. Tinha a intenção de demolir a construção e erguer um prédio de apartamentos, mas depois de ouvir meu relato decidiu-se a manter a casa de pé, instalar água encanada e alugá-la. Por enquanto não teve nenhuma dificuldade para encontrar inquilinos. O horror passou.

III.

Não seria difícil imaginar o quanto fui afetado pelos anais da família Harris. Nesse registro contínuo tive a impressão de detectar a presença de um mal persistente que transcendia qualquer outro elemento da Natureza como eu a conhecia; um mal sem dúvida relacionado à casa e não à família. Essa impressão foi confirmada pelo acúmulo pouco sistemático de informações variadas reunidas pelo meu tio — lendas transcritas a partir dos boatos contados pela criadagem, recortes de jornais, cópias de certidões de óbito emitidas por colegas médicos e assim por diante. Não posso reproduzir todo esse material, posto que meu tio era um antiquário incansável e um homem profundamente interessado na casa temida; mas posso fazer referência a muitos pontos salientes que devem receber atenção devido à recorrência em diversos relatos oferecidos pelas mais variadas fontes. Para dar um exemplo, os boatos contados pela criadagem eram praticamente unânimes em atribuir *ao porão bolorento e malcheiroso* da casa uma vasta supremacia em termos de influência maligna. Havia criados — particularmente Ann White — que se recusavam a usar a cozinha do porão, e pelo menos três lendas claramente definidas referiam-se aos estranhos contornos quase humanos ou diabólicos assumidos pelas raízes das árvores e pelos acúmulos de bolor naquela região. Essas últimas narrativas despertaram meu profundo interesse por conta das coisas vistas em minha infância, mas eu sentia que esse significado estava em boa parte obscurecido por acréscimos originados no substrato local de relatos fantasmagóricos.

Ann White, com a superstição de Exeter, havia promulgado aquele que era ao mesmo tempo o relato mais extravagante e mais consistente; de acordo com o qual sob a casa estaria enterrado um daqueles vampiros — os mortos que retêm a forma corpórea e vivem do sangue e do fôlego dos vivos — cujas legiões odiosas à noite se espalham na forma de espíritos ou predadores. Para destruir um vampiro, segundo contam as avós, é preciso exumá-lo e queimar-lhe o coração, ou pelo menos cravar-lhe uma estaca nesse órgão; e a insistência obstinada de Ann por uma busca sob o porão desempenhara um papel decisivo em sua dispensa.

Suas histórias, no entanto, atraíram uma audiência mais numerosa, e foram mais prontamente aceitas porque a casa de fato se erguia em um terreno outrora usado como cemitério. Para mim, esse interesse dependia menos da circunstância que da maneira singularmente apropriada

como tudo se encaixava com certas outras coisas — o relato feito pelo antigo criado Preserved Smith, que havia precedido Ann e jamais soubera o que quer que fosse acerca da sucessora, de acordo com o qual alguma coisa “roubava-lhe o fôlego” à noite; as certidões de óbito relativas às vítimas da febre em 1804, assinadas pelo dr. Chad Hopkins, que traziam a revelação de que os cadáveres das quatro vítimas foram encontrados inexplicavelmente privados de sangue; e as passagens obscuras das vociferações da pobre Rhoby Harris, durante as quais mencionava os dentes afiados de uma presença com olhos vidrados e visível apenas em parte.

Por mais que eu me considere livre de superstições injustificáveis, essas coisas todas produziram em mim uma sensação estranha, tornada ainda mais intensa por dois recortes de jornais independentes que se relacionavam às mortes ocorridas na casa temida — um do *Providence Gazette and Country-Journal* de 12 de abril de 1815 e o outro do *Daily Transcript and Chronicle* de 27 de outubro de 1845 —, ambos coincidentes no que dizia respeito a uma circunstância cuja repetição parecia notável. Em ambos os casos, parece que a pessoa moribunda — em 1815 uma senhora chamada Stafford e em 1845 um mestre-escola de meia-idade chamado Eleazar Durfee — sofrera uma transfiguração medonha; com um olhar que se tornara vidrado e com repetidas tentativas de morder o pescoço do médico responsável. Ainda mais enigmático, no entanto, era o último caso, que pusera fim à locação da casa — uma série de mortes por anemia precedida por episódios de loucura progressiva em que os enfermos atentavam contra a vida de parentes fazendo-lhes incisões no pulso ou no pescoço.

Esses fatos ocorreram em 1860 e 1861, quando o meu tio havia começado o exercício da medicina; e antes de tomar o rumo do front ele ouviu muitas histórias dos colegas de profissão mais velhos. O detalhe realmente inexplicável era o modo como as vítimas — pessoas ignorantes, pois naquele momento a malcheirosa e amplamente temida casa já não poderia ser alugada para mais ninguém — balbuciavam imprecisões em francês, uma língua que em nenhuma hipótese poderiam ter estudado. Aquilo fazia pensar na pobre Rhoby Harris um século atrás, e afetou meu tio de maneira tão profunda que ele começou a reunir dados históricos acerca da casa depois de ouvir, pouco tempo após retornar da

guerra, o relato de primeira mão feito pelos drs. Chase e Whitmarsh. De fato, para mim estava claro que meu tio havia refletido longamente a respeito do assunto, e que se alegrara com o meu interesse — um interesse aberto e solidário, que lhe permitia discutir comigo assuntos que outros teriam recebido com gargalhadas. A fantasia de meu tio não fora tão longe quanto a minha, mas ele achava que aquele era um lugar excepcional em termos de potencialidades imaginativas, e digno de nota como inspiração no campo do grotesco e do macabro.

Quanto a mim, eu estava disposto a encarar o assunto com a mais absoluta seriedade, e de imediato comecei não apenas a revisar as evidências, mas também a acumular tantas mais quanto me fosse possível. Conversei com o provecto Archer Harris, na época proprietário da casa, em diversas ocasiões antes de sua morte em 1916; e dele e de Alice, sua irmã solteira, obtive uma corroboração autêntica de todos os dados coligidos por meu tio. Quando, no entanto, perguntei-lhes acerca do tipo de ligação que a casa poderia ter com a França ou com a língua francesa, os dois confessaram-se tão ignorantes quanto eu próprio. Archer não sabia de nada, e tudo o que a srta. Harris soube informar foi que uma velha alusão ouvida por seu avô Dutee Harris poderia trazer um pouco de luz ao assunto. O velho marujo, que sobrevivera por dois anos à morte do filho Welcome no campo de batalha, não conhecera pessoalmente a lenda; mas lembrava-se de que a primeira governanta, a velha Maria Robbins, parecia ter consciência de uma presença sinistra que conferia às vociferações em francês de Rhoby Harris um estranho sentido que ela própria ouvira com muita frequência durante os últimos dias daquela mulher desafortunada. Maria estivera na casa temida de 1769 até a remoção da família em 1783 e presenciara a morte de Mercy Dexter. Certa vez fizera ao pequeno Dutee referências a uma circunstância algo peculiar ocorrida durante os últimos instantes de Mercy, mas logo ele se esquecera de tudo, a não ser pela impressão de que se tratava de um acontecimento estranho. Como se não bastasse, a neta recordava até mesmo esse tanto com certa dificuldade. Ela e o irmão não nutriam tanto interesse pela casa como Carrington, o filho de Archer e atual proprietário, com quem tive ocasião de falar após a minha experiência.

Após exaurir as informações que a família Harris tinha condições de oferecer, voltei minha atenção aos antigos registros e títulos da cidade

com mais afinco do que o meu tio ocasionalmente demonstrara naquela mesma empreitada. O que eu procurava era uma história detalhada daquele local, desde a primeira ocupação em 1636 — ou mesmo antes, caso lendas dos índios Narragansett fossem encontradas e pudessem complementar as informações. Logo no início, descobri que o terreno fizera parte do lote alongado originalmente concedido a John Throckmorton; era uma de várias faixas similares que começavam na Town Street, ao lado do rio, e avançavam colina acima até um ponto que correspondia mais ou menos ao local onde hoje situa-se a Hope Street. O lote de Throckmorton, é claro, mais tarde foi subdividido; e tornei-me bastante minucioso ao acompanhar as transformações na seção onde a Back ou Benefit Street foi mais tarde construída. Segundo antigos rumores, aquele local tinha sido o cemitério dos Throckmorton; mas, ao examinar os registros com a devida atenção, descobri que todos os túmulos haviam sido transferidos desde muito tempo para o North Burial Ground, na Pawtucket West Road.

Por fim, de repente encontrei — graças a um feliz golpe de sorte, uma vez que não constava no principal arquivo de registros e assim poderia facilmente ter sido ignorado — um detalhe que despertou meu entusiasmo, visto que parecia oferecer uma explicação para todos os aspectos mais esquisitos daquele assunto como um todo. Era o registro do arrendamento de um pequeno lote de terra, feito em 1697, para um certo Etienne Roulet e sua esposa. Enfim o elemento francês havia surgido — juntamente com outro elemento de horror mais profundo que o nome conjurara desde os mais obscuros recônditos de minhas leituras bizarras e heterogêneas —, e assim comecei a estudar febrilmente o planejamento daquela localidade tal como se apresentava antes do corte e do endireitamento parcial da Back Street, promovidos entre 1747 e 1758. Descobri o que eu mais ou menos esperava: que, no ponto onde se erguia a casa temida, os Roulet haviam construído o cemitério da família, atrás de uma cabana com sótão, e que não havia registros de uma subsequente transferência de jazigos. De fato, o documento acabava de maneira confusa; e fui obrigado a esquadrinhar tanto a Rhode Island Historical Society como a Shepley Library antes de encontrar uma porta local que pudesse ser aberta pelo nome de Etienne Roulet. No fim consegui fazer uma descoberta; uma descoberta de impacto a um só tempo vago e mons-

truoso, que de imediato levou-me a examinar o porão da casa temida com atenção renovada e cheio de entusiasmo.

Os Roulet, ao que parecia, haviam chegado em 1696 de East Greenwich, pela costa oeste de Narragansett Bay. Eram huguenotes de Caude e tinham encontrado uma oposição ferrenha até que os vereadores de Providence lhes permitissem estabelecer-se por lá. A impopularidade acompanhara-os em East Greenwich, aonde haviam chegado em 1686 após a revogação do Édito de Nantes, e corriam rumores de que a causa da antipatia estendia-se para além do simples preconceito racial e nacional, e para além das disputas entre colonizadores franceses e ingleses que nem mesmo o governador Andros foi capaz de aplacar. Mas o protestantismo ardente da família — demasiado ardente, segundo dizia-se aos sussurros — e o evidente desespero quando foram literalmente expulsos do vilarejo rumo ao sul da baía haviam comovido os vereadores de Providence. Naquele lugar os estrangeiros receberam um abrigo; e o moreno Etienne Roulet, menos hábil na agricultura do que na leitura de livros estranhos e na preparação de estranhos diagramas, passou a ocupar um posto burocrático no armazém portuário de Pardon Tillinghast, na parte mais ao sul da Town Street. Mais tarde, no entanto, houve uma agitação qualquer — talvez quarenta anos depois, após a morte do velho Roulet —, e ninguém recebera notícias da família desde então.

Havia indícios de que os Roulet foram recordados e amiúde discutidos por mais de um século como um incidente vívido na vida daquela pacata cidade portuária da Nova Inglaterra. Paul, o filho de Etienne, um sujeito mal-humorado cuja postura errática provavelmente havia precipitado a agitação responsável pela eliminação da família, era uma fonte particularmente interessante de especulação; e, muito embora Providence jamais tenha compartilhado o pânico em relação às bruxas observado nos vilarejos puritanos ao redor, velhas supersticiosas insinuavam livremente que as orações deste homem não eram nem feitas nas ocasiões próprias nem dirigidas ao objeto próprio. Tudo isso sem dúvida havia servido como base para a lenda conhecida pela velha Maria Robbins. Que relação mantinha com as vociferações francesas de Rhoby Harris e outros habitantes da casa temida, somente a imaginação ou uma descoberta futura poderia determinar. Indaguei-me quantas, dentre as pessoas que haviam conhecido as lendas, haviam percebido a relação que manti-

nham com o terror revelado por minhas variadas leituras; aquele item aziago nos anais de horror mórbido que narram a história da criatura chamada *Jacques Roulet, de Caude*, condenado à morte em 1598 por demonolatria e mais tarde salvo da fogueira pelo parlamento de Paris, que mandara trancafiá-lo em um manicômio. Jacques Roulet fora encontrado recoberto de sangue e pedaços de carne em um bosque, logo após um menino ser morto e dilacerado por dois lobos. Um dos lobos dera a impressão de ter fugido sem nenhum ferimento. Sem dúvida uma história fascinante para contar ao pé da lareira, com um estranho significado no que dizia respeito ao nome e ao lugar; mas por fim decidi que as boatarias de Providence não podiam conhecer o assunto. Se o conhecessem, a coincidência de nomes teria desencadeado uma reação drástica e assustada — de fato, será que mesmo a circulação limitada de boatos não teria precipitado a agitação final que varrerá os Roulet do local que habitavam?

Passei a visitar o lugar amaldiçoado com frequência cada vez maior; a estudar a vegetação insalubre do jardim, examinando todas as paredes da construção e esquadrinhando cada centímetro do chão de terra batida no porão. Por fim, com a permissão de Carrington Harris, mandei fazer uma chave para a porta não utilizada do porão, que saía diretamente à Benefit Street, visto que eu preferia ter um acesso mais imediato ao mundo exterior do que aquele proporcionado pela sequência da escadaria escura, do piso térreo e da porta de entrada. E lá, onde a morbidez espreitava com maior intensidade, procurei e cutuquei durante longas tardes com a luz do sol a filtrar pelas janelas altas repletas de teia de aranha, enquanto uma impressão de segurança emanava da porta destrancada que me colocava a poucos metros do plácido calçamento no lado de fora. Não houve novidade que recompensasse meus esforços — apenas a mesma umidade opressiva e as mesmas sugestões de odores nocivos e contornos de salitre no chão —, e julgo que muitos pedestres devem ter me observado intrigados através das janelas quebradas.

Finalmente, por sugestão do meu tio, decidi empreender buscas noturnas; e em uma meia-noite tempestuosa fiz correr o facho de uma lanterna elétrica sobre o chão bolorento repleto de formas extravagantes e fungos distorcidos e semifosforescentes. O local havia me provocado um curioso desânimo naquela noite, e eu estava quase preparado quan-

do vi — ou imaginei ter visto —, em meio aos depósitos esbranquiçados, os contornos bem definidos da “forma amontoada” de que eu suspeitara na minha infância. A clareza com que se apresentou era inédita e impressionante — e, à medida que eu observava, tive a impressão de perceber mais uma vez a emanção tênue, amarelada e cintilante que me sobressaltara naquela tarde chuvosa de tantos anos atrás.

Acima do contorno antropomórfico de bolor próximo à lareira aquilo se ergueu; um vapor sutil, enfermigo e quase luminoso que, enquanto pairava trêmulo em meio à umidade, deu a impressão de apresentar vagas e impressionantes sugestões de forma, e então aos poucos sucumbiu a uma decadência nebulosa e subiu pela negrura da grande chaminé, deixando um rastro de miasma fétido por onde havia passado. Foi uma visão horrenda, tornada ainda pior em razão do que eu sabia a respeito do local. Recusando-me a fugir, observei enquanto a forma se dissipava — e, enquanto eu observava, senti-me também observado por olhos mais imaginados do que visíveis. Quando narrei o ocorrido, meu tio demonstrou grande entusiasmo; e, após uma hora tensa de reflexão, ele chegou a uma conclusão drástica e definitiva. Ao sopesar em pensamento a importância daquele assunto, e o significado que teria a nossa relação para com aquilo, insistiu que desafiássemos — e se possível destruíssemos — o horror daquela casa mediante uma ou mais noites de vigília agressiva naquele porão amaldiçoado pelos fungos.

IV.

Na quarta-feira, dia 25 de junho de 1919, após notificar Carrington Harris sem no entanto apresentar quaisquer suposições relativas àquilo que esperávamos encontrar, eu e meu tio levamos à casa temida duas cadeiras de campanha e uma cama dobrável de campanha, bem como certos mecanismos científicos de maior peso e complexidade. Estes foram postos no porão durante o dia, e na mesma ocasião recobrimos as janelas com papel e fizemos planos de voltar à noite para a nossa primeira vigília. Havíamos trancado a porta que levava do porão ao piso térreo; e, de posse de uma chave que abria a porta externa do porão, preparamo-nos para lá deixar o nosso aparato caro e sensível — que havíamos obti-

do em segredo e a um custo muito elevado — por quantos dias nossas vigílias pudessem estender-se. Nossa intenção era mantermo-nos acordados até bastante tarde para então nos revezarmos em vigílias individuais com duas horas de duração — primeiro eu, e então meu companheiro; o membro rendido poderia repousar na cama de campanha.

A liderança natural com que meu tio providenciou os instrumentos nos laboratórios da Brown University e da Cranston Street Armoury, somada à maneira como instintivamente assumiu o comando de nossa empreitada, foi uma demonstração admirável da vitalidade e da resistência potenciais em um homem de oitenta e um anos. Elihu Whipple viveu de acordo com as leis de higiene que apregoava na condição de médico, e se não fosse pelo que sucedeu mais tarde ainda estaria aqui no mais pleno vigor. Somente duas pessoas suspeitam do que pode ter acontecido — Carrington Harris e eu. Tive de contar o que eu sabia a Harris porque ele era proprietário da casa e merecia saber o que havia saído de lá. Mas também havíamos conversado antes de nossa empreitada; e senti que, após a partida de meu tio, ele haveria de compreender e ajudar-me a fornecer explicações públicas de interesse vital. Harris tornou-se muito pálido, mas concordou em me ajudar e decidiu que a partir daquele momento não haveria riscos em alugar a casa.

Declarar que não estávamos apreensivos naquela noite chuvosa de vigília seria um exagero a um só tempo grosseiro e ridículo. Como já tive ocasião de afirmar, não alimentávamos nenhum tipo de superstição infantil, mas a reflexão e o estudo científico haviam nos ensinado que o universo tridimensional conhecido abarca somente uma fração ínfima desse cosmo de substância e energia. Nesse caso, uma abundância maciça de evidências originárias de numerosas fontes autênticas apontava para a existência pertinaz de certas forças imbuídas de enorme poder e — quando examinadas do ponto de vista humano — excepcional malignidade. Dizer que acreditávamos em vampiros ou lobisomens seria uma afirmação irresponsável e demasiado abrangente. Antes, devo asseverar que não estaríamos dispostos a negar a possibilidade de certas modificações invulgares e jamais descritas das forças vitais e da matéria atenuada, que existem a intervalos bastante infrequentes no espaço tridimensional por conta da relação mais estreita que mantêm com outras unidades espaciais, mas assim mesmo próximas o suficiente dos limiares de nosso

mundo para fornecer-nos manifestações ocasionais que nós, por falta de uma perspectiva mais privilegiada, não temos esperança nenhuma de compreender.

Em suma, para mim e para o meu tio parecia que uma gama de fatos incontestáveis apontava sempre para a mesma influência duradoura e insidiosa na casa temida; uma influência que podia ser rastreada até um daqueles malfadados colonizadores franceses que haviam chegado dois séculos atrás, e que se mantinha em plena operação graças a leis singulares e desconhecidas de movimentos atômicos e eletrônicos. Que a família Roulet tivesse uma afinidade bastante anômala com outros círculos da entidade — esferas negras que para as pessoas comuns despertam apenas repulsa e terror — parece ser um fato comprovado por registros históricos. Será então que as agitações na longínqua década de 1730 não teriam dado início a certos padrões cinéticos no intelecto mórbido de um ou mais integrantes da família — notavelmente o sinistro Paul Roulet —, que teriam obscuramente sobrevivido aos corpos assassinados e enterrados pela turba e continuado a funcionar em um espaço multidimensional em sintonia com as linhas de força originárias, determinadas por um ódio frenético em relação à comunidade que os rodeava?

Essa não seria uma impossibilidade física ou bioquímica à luz da nova ciência, que inclui teorias da relatividade e da ação intra-atômica. Pode-se facilmente imaginar um ignoto núcleo de substância ou energia, amorfo ou ainda com outras características, mantido vivo graças a subtrações imperceptíveis ou imateriais da força vital de tecidos e fluidos corpóreos de outras coisas dotadas de uma vida mais palpável, nas quais penetra e em cuja matéria às vezes funde-se por completo. Essa ação poderia ser ativamente hostil, ou poderia ser meramente ditada por instintos cegos de autopreservação. De qualquer forma, em nosso esquema de coisas um monstro desses teria de necessariamente caracterizar-se como uma anomalia e um intruso, cuja extirpação apresenta-se como um imperativo a todo homem que não se revele um inimigo da saúde, da vida e da sanidade do mundo.

O que nos deixou perplexos foi nossa absoluta ignorância em relação ao aspecto em que poderíamos encontrar essa coisa. Nenhuma pessoa sã jamais a tinha visto, e mesmo os que a haviam pressentido em caráter definido eram poucos. Poderia tratar-se de energia em forma pura

— uma forma etérea e externa ao reino da substância — ou poderia tratar-se em parte de matéria; uma massa equívoca e ignota de plasticidade, capaz de transmutar-se livremente em aproximações nebulosas dos estados sólido, líquido e gasoso, bem como em um tênue estado de partículas ausentes. O contorno antropomórfico de bolor no chão, a forma do vapor amarelado e a curvatura das raízes nas antigas histórias sugeriam pelo menos uma conexão remota com a forma humana; mas quão representativa ou permanente essa similaridade poderia ser, ninguém saberia afirmar com certeza.

Desenvolvemos duas armas para enfrentar a criatura; um tubo de Crookes alimentado por baterias potentes e equipado com telas e refletores especiais, caso se revelasse intangível e oponível somente por meio de radiações de éter vigorosamente destrutivas, e dois lança-chamas militares do tipo usado na Guerra Mundial, caso se revelasse parcialmente material e passível de destruição mecânica — pois, como os rústicos supersticiosos de Exeter, estávamos dispostos a queimar o coração daquela coisa se houvesse um coração a ser queimado. Todo esse mecanismo agressivo foi montado no porão e cuidadosamente disposto em relação à cama e às cadeiras de campanha, bem como em relação ao ponto em frente à lareira onde o bolor assumira estranhas formas. Aquele contorno sugestivo, a propósito, encontrava-se visível somente a duras penas quando posicionamos nossa mobília e nossos instrumentos, e também quando retornamos à tarde para a vigília. Por um momento cheguei a duvidar de que eu a tivesse enxergado na forma evidenciada com maior clareza — mas logo me lembrei das lendas.

Nossa vigília no porão começou às 22h, no horário de verão, e mesmo após certo tempo não tivemos nenhum indício de avanço pertinente. Apenas o brilho tênue e filtrado das lâmpadas de iluminação pública importunadas pela chuva no lado de fora e a fosforescência tênue dos odi-
osos fungos no lado de dentro revelavam a pedra gotejante das paredes, de onde todos os resquícios da caiadura haviam desaparecido; o chão úmido, fétido e bolorento de terra batida com seus fungos obscenos; os escombros do que outrora haviam sido bancos, cadeiras e mesas, bem como outros itens menos identificáveis de mobiliário; as tábuas pesadas e vigas maciças que sustentavam o térreo mais acima; a porta decrépita de madeira que levava a receptáculos e câmaras em outras partes da casa;

a escada de pedra em ruínas com o corrimão de madeira destroçado; e a rústica e cavernosa lareira de tijolos pretos, onde fragmentos de ferro revelavam a antiga presença de ganchos, trasfogueiros, espetos, um braço móvel e uma portinhola para a caçarola — essas coisas e o austero conjunto formado pelos bancos e pela cama de campanha, juntamente com o pesado e complexo maquinário destrutivo que havíamos levado.

Como em minhas explorações anteriores, havíamos deixado a porta que dava para a rua destrancada; de maneira que uma rota de escape prática e direta estivesse à disposição caso nos defrontássemos com manifestações além do nosso poder de reação. Acreditávamos que nossa presença noturna continuada acabaria por despertar a entidade maligna que lá espreitava; e que, estando tudo preparado, conseguiríamos destruí-la com um dos meios que tínhamos a nosso alcance tão logo a houvésssemos reconhecido e observado por tempo suficiente. Quanto ao tempo necessário para invocar e extinguir aquela coisa, não tínhamos a menor ideia. Ocorreu-nos, ademais, que a empreitada trazia riscos consideráveis; pois não havia como prever a força daquela coisa. Mas julgamos que a aposta valia o risco, e embarcamos juntos, sozinhos e sem nenhum tipo de hesitação; conscientes de que a busca de ajuda externa não poderia senão expor-nos ao ridículo e pôr tudo a perder. Esse era o nosso estado de espírito ao conversar noite adentro — até que a sonolência cada vez mais intensa de meu tio levasse-me a lembrá-lo de se deitar para o repouso de duas horas.

Um sentimento próximo do medo tomou conta de mim quando me vi sozinho de madrugada — e digo sozinho porque aquele que se encontra ao lado de uma pessoa adormecida encontra-se de fato sozinho; talvez mais sozinho do que imagina. A respiração do meu tio era pesada, com inspirações e expirações profundas, acompanhadas pela chuva do lado de fora e pontuada pelo enervante som de água gotejante no lado de dentro — pois a casa era repulsivamente úmida, mesmo no tempo seco, e efetivamente pantanosa durante aquela tempestade. Estudei a cantaria solta e antiga das paredes sob a luminescência dos fungos e dos raios tênues que chegavam da rua pelas frestas nas janelas cobertas; e a certa altura, quando a atmosfera nauseante do lugar deu a impressão de estar prestes a me causar enjoos, abri a porta e olhei para o alto da rua, banquetando minha visão com o cenário familiar e meu olfato com o ar

fresco e salubre. Mesmo assim, não ocorreu nada que pudesse recompensar minha observação; e pus-me a bocejar com frequência, visto que a fadiga começava a vencer minha apreensão.

Porém logo um movimento feito por meu tio enquanto dormia chamou-me a atenção. Por repetidas vezes ele havia se virado durante a primeira meia hora, mas naquele momento respirava com uma irregularidade singular, e ocasionalmente soltava um suspiro que trazia mais do que a sugestão remota dos arquejos de um homem que sufoca. Apontei o facho da minha lanterna elétrica para a cama e descobri que ele tinha o rosto virado, de maneira que me levantei e fui para o outro lado da cama. Mais uma vez direcionei o facho da lanterna a fim de ver se estava sofrendo de qualquer forma. O que descobri foi motivo de um nervosismo surpreendente, tendo-se em vista o caráter relativamente trivial. Deve ter sido a simples associação de circunstâncias inusitadas à natureza sinistra de nossa localização e de nossa missão, pois a circunstância em si não era nem assustadora nem sobrenatural. Ocorreu simplesmente que a expressão facial do meu tio, sem dúvida perturbada pelos estranhos sonhos que nossa situação despertava, revelava uma agitação considerável, e não lhe parecia muito característica. A expressão habitual era de uma calma gentil e polida, ao passo que naquele instante uma miscelânea de emoções parecia travar uma batalha em seu âmago. Acredito que a *variedade* do todo foi a principal causa de minha perturbação. Meu tio, enquanto arquejava e se virava em meio à perturbação cada vez maior com os olhos semicerrados, parecia ser não um, mas vários homens, e sugeria uma curiosa qualidade de alheamento em relação a si próprio.

De repente ele começou a balbuciar, e não gostei da aparência de seus lábios e dentes quando se pôs a falar. A princípio as palavras eram incompreensíveis, porém logo — com um sobressalto enorme — reconheci certos aspectos que me encheram de um medo gelado até eu recordar a educação abrangente que meu tio havia recebido e as incontáveis traduções de artigos antropológicos e antiquários que havia feito para a *Revue des Deux Mondes*. Pois o respeitável Elihu Whipple estava balbuciando em francês, e as poucas frases que pude discernir pareciam dizer respeito aos mais obscuros mitos que havia retirado da famosa revista de Paris.

De repente o suor brotou na testa daquele homem adormecido e ele deu um salto repentino, já meio desperto. A algaravia francesa transformou-se num grito em inglês, e a voz rouca exclamou “Meu fôlego, meu fôlego!”. Então a vigília tornou-se completa e, com o retorno da expressão do rosto ao estado normal, meu tio pegou a minha mão e começou a relatar um sonho cujo núcleo de significado eu somente pude imaginar tomado por um sentimento de espanto.

Segundo me contou, meu tio havia deixado uma série ordinária de imagens oníricas para adentrar uma cena cuja estranheza não se encontrava relacionada a nenhuma leitura de outrora. Era um cenário terreno, e simultaneamente extraterreno — um caos nebuloso e geométrico em que podiam ser vistos elementos de coisas familiares nas combinações mais inesperadas e perturbadoras. Havia a sugestão de imagens estranhamente desordenadas e justapostas; uma disposição em que a essência do tempo e do espaço parecia dissolver-se e misturar-se da forma mais ilógica possível. Nesse torvelinho caleidoscópico de imagens fantasmagóricas havia relances singulares, se me é dado expressar-me assim, de notável clareza, mas também de inexplicável heterogeneidade.

A certa altura meu tio imaginou encontrar-se em uma cova recém-cavada com uma multidão de rostos tomados pela raiva e emoldurados por cachos e tricornes que o olhavam cheios de desprezo. Logo teve a impressão de encontrar-se no interior de uma casa — uma casa antiga, segundo tudo indicava —, mas os detalhes e os habitantes sofriam alterações constantes, e ele nunca tinha certeza em relação aos rostos ou à mobília, ou mesmo em relação ao próprio recinto, uma vez que portas e janelas também davam a impressão de encontrar-se em um estado de fluxo tão intenso quanto aquele observável em objetos presumivelmente móveis. A estranheza era grande — uma estranheza infernal —, e meu tio falou quase acovardado, como se eu não fosse dar-lhe crédito, ao declarar que, dentre os estranhos rostos, muitos sem dúvida tinham as feições da família Harris. Durante todo esse tempo havia uma sensação pessoal de sufocamento, como se uma presença insidiosa se houvesse espalhado por todo o corpo dele e tentasse assumir o controle dos processos vitais. Estremeci ao pensar nesses processos vitais, desgastados como se encontravam ao fim de oitenta e um anos de funcionamento ininterrupto, em conflito com forças desconhecidas que provocariam temor até

mesmo em um sistema jovem e robusto; mas logo a seguir pensei que sonhos não passam de sonhos e que, por mais incômodas que fossem essas visões, não poderiam ser mais do que a reação do meu tio às investigações e às expectativas que nos últimos tempos haviam ocupado os nossos pensamentos à exclusão de todo o restante.

A conversa logo ajudou a dispersar minha sensação de estranheza; e, quando a minha vez chegou, sucumbi aos bocejos e fui dormir na cama de campanha. Nessa altura o meu tio parecia muito desperto, e de bom grado assumiu como vigia, mesmo que o pesadelo o houvesse despertado bem antes que acabassem as duas horas de repouso que lhe cabiam. O sono logo me venceu, e fui de pronto assombrado por sonhos de caráter absolutamente perturbador. Em minhas visões, senti uma solidão cósmica e abismal; com a hostilidade surgindo por todos os lados na prisão em que eu me encontrava confinado. Eu parecia estar amarrado e amordaçado, recebendo as provocações dos gritos longínquos de multidões distantes e sedentas de sangue. O rosto do meu tio surgiu com associações menos agradáveis do que na vigília, e lembro-me de muitos esforços e muitas tentativas fúteis de gritar. Não foi um sono agradável, e por um instante não lamentei o grito cortante que partiu as barreiras do sonho e arrojou-me em uma vigília clara e assustada em que todos os objetos diante dos meus olhos revelavam-se com mais do que a clareza e a realidade naturais.

V.

Eu tinha o rosto voltado para o lado oposto àquele onde se encontrava a cadeira de meu tio, de maneira que, nesse lampejo repentino da vigília, somente vi a porta que dava para a rua, a janela que dava para o norte e a parede, o chão e o teto no lado norte do recinto — todos fotografados com uma vividez mórbida pelo meu cérebro em uma luz mais clara do que a luminescência dos fungos e a luz da rua lá fora. Não era uma luz forte e nem mesmo relativamente forte; decerto não serviria para ler um livro. Mesmo assim, foi suficiente para projetar sobre o chão uma sombra minha e da cama, e tinha uma força amarelada e primitiva que sugeria coisas mais potentes do que a luminosidade. Percebi esse fato com

uma agudeza insalubre, não obstante o fato de que dois de meus outros sentidos encontravam-se sob ataque. Pois em meus ouvidos soavam as reverberações daquele grito apavorante, enquanto minhas narinas repugnavam o fedor que preenchia o lugar. Meus pensamentos, tão alertas quanto os meus sentidos, reconheceram a estranheza e a gravidade da situação; e de maneira quase automática pus-me de pé com um salto e me virei em direção aos instrumentos de aniquilação que havíamos deixado a postos no contorno bolorento em frente à lareira. Ao virar o rosto, estremeci pensando no que haveria de encontrar; pois o grito fora dado na voz do meu tio, e eu não conhecia a ameaça contra a qual teria de nos defender.

A visão foi ainda pior do que eu havia esperado. Existem horrores para além do horror, e nesse caso tratava-se de uma concentração de toda a repugnância concebível apenas em sonhos que o cosmo guarda para atingir somente uns poucos desgraçados e amaldiçoados. Da terra acometida pelos fungos ergueu-se uma luz vaporosa e cadavérica, amarelada e enfermiça, que chapinhou e borbulhou até atingir uma estatura gigantesca de vagos contornos semi-humanos e semimonstruosos, através da qual eu ainda conseguia ver a chaminé e a lareira mais além. Era feita de olhos — lupinos e zombeteiros —, e a cabeça rugosa e insectoide dissolveu-se em uma fina pluma de névoa que descreveu volutas pútridas ao meu redor e por fim desapareceu ao subir pela chaminé. Afirmo ter visto essa coisa, mas foi somente por meio de uma retrospectção consciente que pude traçar de maneira definida aquela forma odiosa. No momento em que tudo aconteceu, para mim aquilo não passava de uma nuvem agitada e fosforescente de repugnância fúngica, que envolvia e dissolvia em uma plasticidade abominável o único objeto que comandava minha atenção. Esse objeto era o meu tio — o respeitável Elihu Whipple —, que, com feições negras e decrépitas, abria sorrisos zombeteiros para mim e dirigia-me algaravias, e estendia garras úmidas para dilacerar-me em meio à fúria que aquele horror havia trazido.

O que me impediu de enlouquecer foi o instinto de seguir o protocolo. Eu havia treinado para o momento crucial, e esse treinamento cego salvou-me a vida. Ao reconhecer o mal borbulhante como uma substância inalcançável para a matéria ou mesmo a química da matéria, e ignorando portanto o lança-chamas que assomava à minha esquerda, liguei a

corrente elétrica que alimentava o tubo de Crookes e aponte para aquela cena de blasfêmia imortal as mais fortes radiações de éter que a arte humana é capaz de fazer despertar nos espaços e fluidos da natureza. Fez-se uma névoa azul e houve um chapinhar frenético, e a fosforescência amarelada tornou-se mais tênue diante dos meus olhos. Mas eu vi que esse caráter menos tênue dizia respeito apenas ao contraste, e que as ondas emitidas pelo aparato não surtião efeito algum.

Então, no meio daquele espetáculo demoníaco, vislumbrei um novo horror que trouxe gritos aos meus lábios e me fez avançar em meio a tropeços e apalpadelas rumo à porta destrancada que dava para a rua tranquila, alheia a todos os terrores que eu lançava sobre o mundo, bem como a todos os juízos e veredictos que eu fazia cair sobre mim. Nessa tênue mistura de azul e amarelo, a forma do meu tio havia começado um processo nauseante de liquefação cuja essência escapa a qualquer descrição, e durante a qual se viam no rosto que desaparecia transformações de identidade que somente a loucura poderia conceber. Ele era ao mesmo tempo um demônio e uma multidão, uma casa mortuária e uma procissão. Iluminado por raios mistos e incertos, aquele rosto gelatinoso assumiu uma dúzia — uma vintena — uma centena — de aspectos; sempre rindo enquanto afundava no chão em um corpo que derretia como uma vela de sebo, na forma caricatural de legiões estranhas e mesmo assim conhecidas.

Vi as feições da linhagem dos Harris, masculinas e femininas, adultas e infantis, e outras feições jovens e provectas, rústicas e refinadas, familiares e desconhecidas. Por um instante surgiu uma cópia degradada da miniatura da pobre e louca Rhoby Harris que eu vira no School of Design Museum, e em outro momento imaginei ter um relance do vulto ossudo de Mercy Dexter da maneira como eu a recordava de uma pintura na casa de Carrington Harris. Era horrendo para muito além do concebível; e já perto do fim, quando uma curiosa mistura de rostos de criados e bebês cintilou perto do chão bolorento, onde uma poça de graxa verde se espalhava, foi como se as feições alternadas lutassem umas contra as outras na tentativa de formar os contornos do gentil rosto do meu tio. Gosto de pensar que ele chegou a existir naquele momento, e que tentou despedir-se de mim. Tenho a impressão de que soluzei uma despedida de minha própria garganta seca enquanto me precipitava em di-

reção à rua; um discreto fio de graxa me acompanhou quando atravessei a porta e cheguei à calçada encharcada pela chuva.

Todo o restante foi obscuro e monstruoso. Não havia ninguém na rua molhada, e no mundo inteiro não havia nenhuma pessoa a quem eu tivesse coragem de narrar minha história. Caminhei a esmo rumo ao sul até deixar para trás College Hill e o Athenaeum, descii a Hopkins Street e atravessei a ponte em direção ao distrito financeiro, onde altos edifícios pareciam me guardar como as coisas modernas guardam o mundo contra portentos insalubres e ancestrais. Logo o entardecer cinzento desdobrou-se na umidade vinda do leste, desenhando a silhueta da colina arcaica e seus venerandos coruchéus, e atraindo-me para o lugar onde minha terrível empresa permanecia inacabada. E no fim eu voltei, molhado, com a cabeça a descoberto e confuso em meio à luz matinal, e adentrei aquela porta horrenda que eu havia deixado entreaberta na Benefit Street, e que batia de maneira críptica ante os olhos de todos os moradores que haviam despertado cedo e com os quais não tive coragem de falar.

A graxa havia desaparecido, pois o chão bolorento era poroso. E em frente à lareira não havia nenhum vestígio do contorno gigante e encolhido que o salitre formava. Olhei para a cama, para as cadeiras, para os instrumentos, para o meu chapéu abandonado e para o chapéu de palha do meu tio. Minha confusão era enorme, e mal pude recordar o que era sonho e o que era realidade. A seguir o juízo retornou, e eu soube que havia testemunhado coisas mais horríveis do que eu sonhara. Sentando-me, tentei fazer conjecturas sobre o que acontecera até o ponto em que a sanidade me permitia, e também sobre como pôr fim àquele horror, se de fato tivesse ocorrido na realidade. Pois aquilo não parecia ser matéria, nem éter, nem qualquer outra substância concebível pelo intelecto humano. O que seria, nesse caso, senão uma *emanação exótica*, um vapor vampírico, como aquele que os rústicos de Exeter afirmam estar sempre à espreita em determinados cemitérios? Senti que essa seria a pista, e mais uma vez tornei a olhar para o chão em frente à lareira, onde o bolor e o salitre haviam assumido estranhas formas. Em dez minutos eu havia me decidido, e então peguei meu chapéu e fui para casa, onde tomei banho, comi e por telefone fiz a encomenda de uma picareta, uma pá, uma máscara antigás militar e seis garrações de ácido sulfúrico, todos

entregues na manhã seguinte junto à porta do porão da casa temida na Benefit Street. Uma vez recebido o pedido, tentei dormir; mas fracassei, e passei as horas lendo e compondo versos para contrabalancear minha disposição.

Às onze horas da manhã seguinte eu comecei a cavar. Fazia um dia ensolarado, e senti-me alegre. Eu ainda estava sozinho, pois a despeito do quanto eu temesse o horror desconhecido que procurava, havia mais temor ainda na ideia de contar para outras pessoas. Mais tarde contei tudo a Harris, apenas em função da necessidade, e também porque ele ouvira estranhos boatos de pessoas mais velhas que lhe haviam despertado uma discreta predisposição à credice. Quando revirei a terra preta em frente à lareira, enquanto minha pá fazia com que uma sânie amarela e viscosa escorresse dos fungos brancos que eram assim cortados, estremeci ante os pensamentos duvidosos quanto ao que eu poderia encontrar. Há segredos no interior da Terra que não fazem bem aos homens, e esse me parecia ser um deles.

Minha mão tremia a olhos vistos, mas assim mesmo continuei a cavar; e passado um certo tempo eu me encontrava de pé no interior do buraco assim cavado. Com o aprofundamento do buraco, um quadrilátero medindo quase dois metros de lado, o cheiro maléfico intensificou-se; e perdi todo o meu contato imediato com a coisa infernal cujas emanções tinham amaldiçoado a casa por mais de um século e meio. Perguntei-me que aspecto teria — que forma poderia assumir e de que substância poderia ser feita, e a que tamanho haveria chegado após longas épocas sorvendo tantas vidas. Por fim saí do interior do buraco e dispersei a terra acumulada, dispondo os volumosos garrafões de ácido em dois lados para que, no momento necessário, eu pudesse vertê-los na abertura em rápida sucessão. Depois, coloquei terra ao longo dos lados restantes; trabalhando sem pressa e passando a usar minha máscara de gás à medida que o cheiro ganhava intensidade. Eu estava quase nervoso com a minha proximidade a uma coisa inominável saída do fundo de um poço.

De repente minha pá atingiu algo macio. Estremeci e fiz menção de sair do buraco, cujas bordas batiam na altura do meu pescoço. Mas logo a coragem retornou, e eu continuei a remover a terra sob a luz da lanterna elétrica que eu havia providenciado. A superfície que descobri era ic-

tílica e vítrea — uma espécie de gelatina semipútrida com sugestões de translucência. Continuei a revolver a terra e vi que aquilo tinha uma forma. Havia uma falha no ponto em que parte da substância encontrava-se dobrada. A área exposta era enorme, e grosso modo cilíndrica; como um colossal tubo azul-claro dobrado ao meio, com cerca de sessenta centímetros de diâmetro na parte mais larga. Revolvi a terra ainda mais, e logo, em um movimento abrupto, saltei para fora do buraco e para longe daquela coisa imunda; e então descerrei e inclinei os garrafões, vertendo o conteúdo corrosivo dos recipientes um atrás do outro nas profundezas daquele abismo de morte sobre a anomalia inconcebível cujo *cotovelo titânico* eu vislumbrara.

O torvelinho cegante de vapores amarelo-esverdeados que emanou tempestuosamente daquele buraco à medida que as torrentes de ácido se derramavam jamais há de abandonar minha lembrança. Por toda a colina as pessoas ainda falam no “dia amarelo”, quando uma virulenta e horrível fumaça se ergueu dos resíduos industriais despejados no rio Providence — mas eu sei que todos se enganam em relação à origem desse fenômeno. Falam também do terrível rugido que ao mesmo tempo se ergueu de uma tubulação de água ou de um encanamento de gás no subsolo — porém mais uma vez eu poderia corrigir essa impressão, se tivesse coragem. Foi um choque infável, e não sei como sobrevivi. Perdi a consciência após esvaziar o quarto garrafão, que tive de manusear depois que os vapores haviam começado a penetrar minha máscara; mas quando recobrei a consciência notei que o buraco já não emanava mais vapores.

Os dois garrafões restantes foram despejados sem nenhum resultado particular, e passado certo tempo pareceu-me seguro usar a pá e colocar a terra de volta no buraco. O crepúsculo chegou antes que eu terminasse, porém o medo havia deixado aquele lugar. A umidade parecia menos fétida, e todos os estranhos fungos haviam murchado e se reduzido a um pó cinzento e inofensivo, que se espalhava como cinza pelo chão. Um dos terrores mais profundos da Terra havia perecido para sempre; e, se existe um inferno, este por fim deve ter recebido a alma demoníaca daquela coisa blasfema. Enquanto eu batia a última pá de terra, derramei a primeira das muitas lágrimas com que prestei um tributo sincero à memória de meu amado tio.

Na primavera seguinte já não havia grama pálida nem plantas estranhas no jardim da casa temida, e logo depois Carrington Harris enfim a alugou. A casa ainda é um lugar espectral, mas hoje aquela estranheza me fascina — e junto com meu alívio, hei de sentir também uma singular melancolia quando for demolida para dar vez a uma loja barata ou a um prédio vulgar. As velhas macieiras estéreis do pátio começaram a dar pequenos e doces frutos, e no ano passado os pássaros fizeram ninhos em seus galhos retorcidos.



Ar Frio

∴

Cool Air (1926)

Tales of Magic and Mystery (mar. 1928)

Este conto compacto é um ponto de articulação no cânone literário de Lovecraft. É a última das histórias escritas enquanto morava em Nova York e, a maioria dos leitores concorda, a melhor delas. É também a primeira das histórias que Lovecraft escreveu após adotar o curso de estudar, ler e escrever que culminaria em uma história de horror sobrenatural no ano seguinte.



Você pede que eu explique por que tenho medo de correntes de ar frio; por que tremo mais do que os outros ao entrar numa sala fria, e pareço nauseado e repellido quando o frescor do anoitecer se infiltra em meio ao calor de um dia ameno de outono. Há quem diga que eu reajo ao frio como outras pessoas aos maus odores, e sou o último a negar tal impressão. O que pretendo fazer é relatar a mais horrível das circunstâncias com que já me deparei, e deixar que você julgue se ela fornece uma explicação aceitável para a minha peculiaridade ou não.

É um erro imaginar que o horror está associado inextrincavelmente à escuridão, ao silêncio e à solidão. Encontrei-o em plena claridade da tarde, no burburinho de uma metrópole, e também no meio pululante de um cortiço decadente e ordinário, com uma senhoria simplória e dois homens fortes ao meu lado. Na primavera de 1923 eu consegui um emprego tedioso e mal remunerado numa revista na cidade de Nova York; e como não podia me permitir o pagamento de um aluguel muito dispendioso, comecei a errar de uma pensão barata para outra em busca de um quarto que reunisse as qualidades de uma limpeza aceitável, mobília resistente e preço muito razoável. Logo ficou claro que só me restava escolher entre diferentes males, mas após algum tempo eu encontrei uma casa na West Fourteenth Street que me desagradou muito menos do que as outras que eu havia experimentado.

O lugar era uma mansão de arenito com quatro andares, datando aparentemente do final da década de 1840, e provida de acabamento em madeira e mármore cujo esplendor manchado e fosco evidenciava uma decadência em relação a padrões de opulência e bom gosto outrora elevados. Nos quartos, espaçosos e de pé-direito alto, decorados com um papel de parede inconcebível e cornijas de gesso ridiculamente ornamentadas, persistia um deprimente cheiro de bolor e notas de obscuros cozimentos; mas o assoalho era limpo, as roupas de cama toleráveis e a água quente não faltava ou esfriava com muita frequência, de modo que eu passei a considerar o local ao menos tolerável para hibernar até que eu pudesse de fato voltar a habitar algo. A senhoria, uma espanhola desleixada, quase barbada, chamada Herrero, não me perturbava com fofocas ou reclamações acerca da luz elétrica acesa até altas horas no meu quarto na fachada do terceiro andar; e os outros inquilinos eram tão quietos e pouco comunicativos quanto se poderia desejar, em sua maior parte espanhóis pouco acima do nível mais rude e grosseiro. Somente o ruído dos bondes na via pública lá embaixo representavam algum incômodo mais sério.

Eu estava ali havia cerca de três semanas quando o primeiro incidente estranho aconteceu. Certa noite, por volta das oito horas, ouvi um gotejar no chão e subitamente me dei conta de que estivera sentindo um pungente cheiro de amônia havia algum tempo. Olhando em volta, vi que o teto estava úmido e pingando; o líquido aparentemente provinha

de um canto no lado que dava para a rua. Ansioso para resolver o problema no início, desci rapidamente até o porão para avisar a senhoria; e ela me assegurou de que o incômodo seria rapidamente sanado.

— *El Doctor Muñoz* — ela gritou enquanto subia apressadamente a escada à minha frente — *derramou sus productos químicos. Ello debía procurar otro médico, está cada vez más enfermo, pero no acepta ayuda de nadie. Es una molestia muy extraña, ello fica el dia todo en unos baños fedorentos, e no aguenta nervosismo ni calor. Todo el trabajo doméstico es ello que faz; el quartito é cheio de frascos e máquinas, pero no trabaja más como doctor. Pero yá foi famoso, mi papá en Barcelona ouviu hablar dele, e no ace mucho le curó el brazo al encanador que se matchucó de súbito. Él no sale nunca, sólo al tejado, e mi niño Esteban leva comida, ropa limpia, remédios e productos químicos para ello. Dios mio, la cantidad de amoníaco que el hombre usa para se manter frío!*

A sra. Herrero desapareceu escada acima até o quarto andar e eu retornei ao meu quarto. A amônia parou de pingar, e enquanto eu limpava o que havia derramado e abria as janelas para arejar, ouvi os passos pesados da senhoria no andar de cima. O dr. Muñoz eu nunca havia escutado, a não ser por alguns sons que pareciam algum mecanismo movido a gasolina, pois seus passos eram macios e suaves. Perguntei-me por um momento qual poderia ser a estranha aflição daquele homem, e se a sua recusa obstinada a qualquer ajuda externa não seria antes devida a alguma excentricidade sem fundamento. Tive o pensamento um tanto banal de que existe uma imensa carga de *páthos* na situação de uma pessoa eminente que cai em decadência.

Talvez eu nunca tivesse conhecido o dr. Muñoz não fosse pelo infarto repentino que sofri certa manhã enquanto escrevia em meu quarto. Os médicos haviam me prevenido do perigo de tais ataques, e eu sabia que não havia tempo a perder; por isso, recordando do que a senhoria havia dito sobre a ajuda prestada pelo inválido ao trabalhador ferido, arrastei-me até o andar de cima e bati debilmente à porta do apartamento superior ao meu. Minha batida foi atendida em bom inglês por uma voz curiosa a alguma distância à direita, perguntando meu nome e interesse; e depois que tais coisas foram esclarecidas, abriu-se a porta ao lado da que eu havia escolhido.

Uma corrente de ar frio me recebeu; e embora fosse um dos dias mais quentes do final de junho, tremi ao cruzar a soleira e entrar em um grande apartamento, cuja decoração rica e de bom gosto me surpreendeu naquele ninho de sordidez e miséria. Um sofá-cama cumpria naquele momento sua função diurna de sofá, e a mobília de mogno, as tapeçarias suntuosas, as antigas pinturas e as sóbrias estantes de livros indicavam o estúdio de um cavalheiro em vez de um quarto de pensão. Eu agora via que o quarto em cima do meu — o “quartito” cheio de garrafas e máquinas mencionado pela sra. Herrero — era apenas o laboratório do doutor; e que seus aposentos principais ficavam nas espaçosas dependências adjacentes, dotados de alcova e de um banheiro contíguo que lhe permitiam ocultar seu toucador e apetrechos utilitários inconvenientes. O dr. Muñoz, com toda certeza, era um homem bem nascido, culto e distinto.

O personagem diante de mim era baixo, mas de proporções perfeitas, e vestia um traje um tanto formal, de talhe e ajuste impecáveis. Uma face distinta, de expressão magistral, porém não arrogante, era adornada por uma curta barba grisalha, e um conservador *pince-nez* guarnecia seus olhos escuros e penetrantes, colocado sobre um nariz aquilino que dava um toque mourisco a uma fisionomia fora isso predominantemente celtibérica. Cabelos bastos e bem aparados que denunciavam as visitas periódicas de um barbeiro eram repartidos com capricho sobre sua testa alta; e o quadro todo era de uma inteligência notável e de linhagem e cultura superiores.

Não obstante, quando vi o dr. Muñoz naquela rajada de ar frio, senti uma repugnância que nada em seu aspecto poderia justificar. Somente sua compleição inclinada à lividez e a frieza ao toque poderiam propiciar uma base física a esse sentimento, e até mesmo tais coisas deveriam ser desculpáveis considerando a conhecida invalidez do homem. Pode ter sido, também, o frio singular o que me indispôs; pois tamanha friagem era anormal em um dia tão quente, e a anormalidade sempre desperta aversão, desconfiança e medo.

Mas a repugnância logo deu lugar à admiração, pois a extrema perícia do estranho médico imediatamente se tornou manifesta, apesar da frieza de gelo e do tremor das suas mãos lívidas. Ficou claro que ele compreendeu minha necessidade a um simples olhar, e supriu-a com

uma destreza de mestre; o tempo todo assegurando-me numa voz refinadamente modulada, embora peculiarmente grave e sem timbre, de que era o mais ferrenho inimigo da morte, e que havia dissipado sua fortuna e perdido todos os amigos numa vida dedicada a experimentos bizarros devotados ao seu malogro e supressão. Um certo fanatismo benevolente parecia habitá-lo, e ele divagava numa quase tagarelice enquanto auscultava meu peito e preparava uma mistura de drogas trazidas do quarto menor que abrigava o laboratório. Evidentemente ele considerou a associação com um homem bem-nascido uma rara novidade naquele ambiente lúgubre, e foi levado a uma conversa pouco costumeira à medida que as lembranças de dias melhores eram despertadas.

Sua voz, embora esquisita, era ao menos tranquilizadora, e eu não pude percebê-lo nem mesmo respirar enquanto as fluidas sentenças eram educadamente proferidas. Ele procurava distrair minha atenção do infarto falando sobre suas teorias e experimentos; e eu me recordo dele consolando-me diplomaticamente de meu coração fraco pela insistência de que força de vontade e consciência eram mais fortes do que a própria vida orgânica, de modo que se um corpo que fosse originalmente saudável e bem cuidado, poderia, graças a um aprimoramento científico de tais qualidades, conservar alguma animação nervosa apesar dos mais sérios danos, defeitos ou até mesmo da cessação do funcionamento de órgãos específicos. Algum dia ele poderia, disse-me em tom de brincadeira, ensinar-me a viver — ou ao menos conservar algum tipo de existência consciente — até mesmo sem coração! Quanto a ele, padecia de uma complicação de certas doenças, que exigia um regime muito rígido, que incluía o frio constante. O menor aumento de temperatura poderia, caso se prolongasse, afetá-lo de maneira fatal; e a frigidez de sua habitação — cerca de 12 ou 13 graus Celsius — era mantida por um sistema de refrigeração por absorção à base de amônia que se valia de um motor a gasolina cujo bombeamento eu com frequência ouvia no meu quarto no andar de baixo.

Recobrado de meu ataque em um período maravilhosamente breve, deixei o gélido apartamento como um discípulo e um devoto do talentoso recluso. Depois disso eu comecei a visitá-lo com frequência, sempre vestindo meu sobretudo, e a ouvi-lo contar sobre as pesquisas secretas e seus resultados quase fantasmagóricos, e estremecia um pouco ao exa-

minar os heterodoxos e assombrosamente antigos volumes que preenchiam suas prateleiras. Com o tempo, devo acrescentar, fui quase inteiramente curado de minha doença graças à sua perícia médica. Ao que parece, ele não desprezava os encantamentos dos medievalistas, pois acreditava que aquelas fórmulas cifradas continham raros estímulos psicológicos que bem poderiam exercer efeitos insuspeitados sobre um sistema nervoso abandonado pelas pulsações orgânicas. Fiquei comovido por seu relato sobre o idoso dr. Torres de Valencia, que havia compartilhado de seus primeiros experimentos durante a grave doença que o acometeu dezoito anos antes, da qual sua presente desordem era consequência. Pouco depois de salvar seu colega, o venerável clínico sucumbiu, ele próprio, ao sinistro inimigo que havia combatido. Talvez o esforço tivesse sido demasiado, pois, aos sussurros, o dr. Muñoz deixou claro — embora não em detalhes — que os métodos de cura haviam sido dos mais extraordinários, envolvendo meios e procedimentos malvistas pelos galenos mais velhos e conservadores.

À medida que as semanas se passavam, notei com pesar que meu novo amigo de fato perdia terreno, lenta porém inconfundivelmente, para a decrepitude, como a sra. Herrero havia sugerido. A lividez de sua fisionomia se intensificava, sua voz se tornava mais cavernosa e indistinta, os movimentos de seus músculos menos coordenados, e sua mente e força de vontade demonstravam menos resiliência e iniciativa. Ele não parecia de modo algum consciente dessa triste mudança, e pouco a pouco sua expressão e suas conversas assumiram uma horrenda ironia que novamente despertou em mim algo da sutil repulsa que inicialmente senti.

Ele desenvolveu estranhos caprichos, adquirindo certo apreço por temperos exóticos e incensos egípcios, até que seu quarto começou a cheirar como a catacumba de algum faraó sepultado no Vale dos Reis. Ao mesmo tempo, sua necessidade de ar frio aumentou e, com minha ajuda, ele ampliou a tubulação de amônia em seu quarto e modificou as bombas e a alimentação do seu mecanismo de refrigeração, até conseguir manter a temperatura entre 1 e 4 graus e, por fim, chegar a -2 graus Celsius, sendo o banheiro e o laboratório, obviamente, menos gélidos, para que a água não congelasse, impedindo assim os processos químicos. O inquilino contíguo a ele reclamou do ar gelado que vazava pela

porta que ligava os quartos, por isso eu o ajudei a adaptar pesadas cortinas para sanar essa dificuldade. Uma espécie de horror crescente, de natureza mórbida e bizarra, pareceu apossar-se dele. Falava da morte sem cessar, mas dava um riso cavernoso sempre que coisas como enterro ou preparativos fúnebres eram polidamente sugeridas.

Em suma, tornou-se uma companhia desconcertante e até mesmo horripilante; porém a gratidão que sentia por ele ter me curado não permitia que eu o abandonasse aos estranhos que o cercavam, e eu tomava o cuidado de espanar seu quarto e cuidar das suas necessidades diárias, enfiado em um pesado casaco que comprei especialmente para esse propósito. Também era eu quem fazia boa parte das suas compras, e ficava assombrado com alguns produtos químicos que ele encomendava de farmácias e lojas de suprimentos laboratoriais.

Uma crescente e inexplicável atmosfera de pânico parecia se intensificar naquele apartamento. A casa toda, como eu disse, tinha odor de mofo; mas o cheiro de seu quarto era pior — apesar de todas as especiarias e incensos, e da pungência dos compostos químicos dos agora incessantes banhos que ele insistia em tomar desassistido. Percebi que aquilo devia estar ligado à sua enfermidade, e tremia ao pensar que enfermidade poderia ser esta. A sra. Herrero fazia o sinal da cruz ao vê-lo, e entregou-o inteiramente aos meus cuidados, não permitindo nem mesmo que seu filho Esteban continuasse a fazer pequenas tarefas para ele. Quando eu sugeri outros médicos, o doente dava asas a toda ira de que parecia capaz. Era evidente que ele temia o efeito físico das emoções violentas, mas sua vontade e sua determinação cresciam em vez de diminuir, e ele se recusava a ficar confinado à cama. A lassidão dos primeiros dias da sua doença cedeu lugar a um retorno de sua inflamada resolução, de forma que ele parecia pronto a desafiar o demônio da morte no momento em que esse inimigo ancestral tentasse tomar posse dele. O pretexto das refeições, que curiosamente sempre parecia uma formalidade nele, foi praticamente abandonado; e a única coisa que parecia impedi-lo de ruir por completo era sua força mental.

O doutor adquiriu o hábito de escrever longos documentos, que se lava com cuidado e entregava-me com a injunção de que, após sua morte, eu os transmitisse a certas pessoas nomeadas por ele — em sua maior parte indianos letrados, mas incluiu também um outrora célebre clínico

francês, que então acreditava-se estar morto, e de quem se murmuravam as coisas mais inconcebíveis. No fim das contas, queimei todos esses papéis sem entregá-los nem abri-los. O aspecto e a voz do dr. Muñoz tornaram-se completamente apavorantes, e sua presença quase insuportável. Certo dia de setembro, um homem teve um ataque epilético ao avistá-lo inesperadamente quando viera reparar sua luminária elétrica de mesa; um ataque eficazmente medicado por ele enquanto se mantinha fora de vista. Aquele homem, estranhamente, havia atravessado os terrores da Grande Guerra sem sentir medo de nada.

Então, em meados de outubro, o horror dos horrores chegou de maneira atordoante e súbita. Certa noite por volta das onze horas, a bomba do refrigerador quebrou, de forma que em questão de três horas o processo de resfriamento por amônia se tornou impossível. O doutor Muñoz convocou-me por meio de batidas no chão, e eu trabalhei desesperadamente para consertar o estrago enquanto meu anfitrião adejava em um tom de voz cuja ausência de vida e vazio roufenho superava qualquer possibilidade de descrição. Meus esforços de amator, porém, se mostraram inúteis; e quando eu trouxe um mecânico de uma oficina vinte e quatro horas das vizinhanças, descobrimos que nada poderia ser feito até o amanhecer, quando um novo pistão deveria ser providenciado. A fúria e o medo do eremita moribundo, atingindo proporções grotescas, pareciam prestes a destroçar o que restava de seu físico decadente; e em dado momento um espasmo fez com que levasse as mãos aos olhos e corresse para o banheiro. Saiu de lá tateando e com a face firmemente envolta em ataduras, e eu jamais tornei a ver os seus olhos.

A frigidez do apartamento agora diminuiria sensivelmente, e por volta das cinco horas da manhã o doutor se refugiou no banheiro, exigindo que eu providenciasse todo o gelo que conseguisse obter em farmácias e lanchonetes vinte e quatro horas. À medida que eu retornava de minhas incursões por vezes desencorajadoras e depositava meus despojos diante da porta fechada do banheiro, podia ouvir um incessante chapinhar lá dentro e uma voz pastosa crocitando a ordem de “Mais... mais!” Por fim, o dia raiou quente, e as lojas abriram-se uma a uma. Pedi a Esteban que me ajudasse a buscar gelo enquanto eu obtinha o pistão para a bomba, ou que fizesse isso enquanto eu continuava a trazer o gelo; mas instruído por sua mãe, ele se recusou terminantemente.

Finalmente, paguei um vagabundo miserável que encontrei na esquina da Eighth Avenue para continuar com o paciente transporte do gelo de uma lojinha à qual eu o apresentei, e me entreguei com diligência à tarefa de encontrar um pistão de bomba e contratar trabalhadores competentes para instalá-lo. A missão parecia interminável, e minha raiva era quase tão violenta quanto a do eremita à medida que eu via as horas passarem em incessantes e famélicas sessões de telefonemas vãos, e uma frenética peregrinação de um lugar a outro, indo de lá para cá de metrô ou de bonde. Por volta do meio-dia encontrei um fornecedor adequado no centro da cidade, e aproximadamente às 13h30 cheguei à minha pensão com a parafernália necessária e dois robustos e inteligentes mecânicos. Havia feito tudo o que podia, e esperava ter chegado a tempo.

Um negro terror, porém, havia me precedido. A casa estava um tumulto completo, e acima do burburinho de vozes assombradas ouvi um homem rezando em um tom de voz grave e profundo. Havia algo demoníaco no ar, e os inquilinos percorriam as contas dos seus rosários à medida que sentiam o odor que escapava sob a porta fechada do médico. O vagabundo que eu havia contratado, ao que parecia, fugira aos gritos e com um olhar transtornado pouco depois da segunda entrega de gelo; talvez como resultado de uma curiosidade excessiva. O homem não podia, obviamente, ter trancado a porta ao sair; porém ela agora estava chaveada, provavelmente pelo lado de dentro. Não havia som no interior do aposento, exceto uma indescritível espécie de lento e espesso gotejar.

Depois de conferenciar brevemente com a sra. Herrero e os trabalhadores, apesar do medo que me mordida a alma, propus que a porta fosse arrombada; mas a senhoria encontrou um meio de virar a chave pelo lado de fora com um dispositivo feito de arame. Havíamos previamente aberto as portas de todos os outros quartos daquele andar, e escancarado todas as janelas ao máximo. Então, trêmulos e com os narizes protegidos por lenços, invadimos o amaldiçoado quarto na face sul, que parecia incendiado pelo sol quente do início da tarde.

Uma espécie de rastro escuro e pegajoso levava da porta aberta do banheiro à porta da sala, e dali à escrivaninha, onde uma poça terrível havia se acumulado. Ali havia algo rabiscado a lápis numa caligrafia horrenda e cega num pedaço de papel repulsivamente lambuzado, aparente-

mente pelas próprias garras que haviam acertado às pressas suas últimas palavras. Depois o rastro seguia ao sofá e terminava de maneira indescritível.

O que estava, ou havia estado, no sofá eu não posso e não ousar dizer aqui. Mas eis o que eu decifrei, trêmulo, naquele papel pegajoso antes de apanhar um fósforo e queimá-lo até as cinzas; o que decifrei aterrorizado enquanto a senhoria e os dois mecânicos corriam em desespero para fora daquele lugar infernal para balbuciar suas histórias incoerentes na delegacia de polícia mais próxima. As palavras nauseantes pareciam quase inacreditáveis sob a luz amarelada do sol, em meio ao fragor dos automóveis e caminhões que subiam ruidosamente pela movimentada Fourteenth Street, embora eu confesse que naquele momento dei-lhes crédito. Se acredito nelas agora, honestamente não sei dizer. Há coisas sobre as quais é melhor não especular, e só o que posso dizer é que odeio o cheiro de amônia e sinto-me prestes a desmaiar diante de uma corrente de ar incomumente frio.

“O fim”, dizia a repulsiva garatuja, “chegou. Não há mais gelo — o homem olhou para mim e fugiu. O calor aumenta a cada minuto e os tecidos não conseguiram aguentar. Presumo que você saiba — aquilo que eu disse sobre a vontade e os nervos e o corpo preservado depois que os órgãos cessaram seu funcionamento. Era uma boa teoria, mas não podia ser mantida indefinidamente. Havia uma deterioração gradual que eu não havia previsto. O dr. Torres sabia, mas o choque o matou. Não pôde suportar o que teve de fazer — ele foi obrigado a me buscar em um lugar estranho e escuro ao levar minha carta a sério e me trouxe de volta. Mas os órgãos jamais voltaram a funcionar. E tive de fazer tudo a minha maneira — a preservação artificial — *pois, entenda, eu morri naquela ocasião, dezoito anos atrás.*



O Descendente

∴

The Descendant (1927)

Leaves (1938)

Este curto fragmento parece ter sido o começo de uma noveleta ou talvez de uma novela, ambientada em Londres em vez da Nova Inglaterra. Não está claro quando Lovecraft o escreveu; mas é, essencialmente, o começo de um rascunho. Aparentemente, Lovecraft decidiu não continuar tendo escrito apenas 1.500 palavras; mas, talvez, ele achasse que valia mais a pena economizar para retomar mais tarde.



Em Londres, há um homem que grita quando repicam os sinos da igreja. Ele mora inteiramente só com seu gato malhado na Gray's Inn, e as pessoas consideram-no um louco inofensivo. Seu quarto é abarrotado dos livros mais banais e pueris, e hora após hora ele procura perder-se naquelas páginas débeis. A única coisa que ele almeja na vida é não pensar. Por algum motivo, o pensamento causa-lhe grande horror, e diante de qualquer coisa que possa instigar a imaginação ele foge como se fosse uma praga. É muito magro, grisalho e enrugado, mas há quem declare

que ele não chega nem perto da idade que aparenta. O medo tem suas garras terríveis cravadas nele, e qualquer som causa-lhe sobressaltos, fazendo seus olhos se arregalarem e a testa ficar orvalhada de suor. Amizades e companhias ele evita, pois não deseja responder perguntas. Os que um dia o conheceram como erudito e esteta dizem que é muito lastimável vê-lo agora. Ele os abandonou a todos muitos anos atrás, e nenhum deles sabe ao certo se o homem deixou o país ou meramente se eclipsou em algum recanto afastado. Já faz uma década desde que ele se mudou para a Gray's Inn, e sobre onde esteve, não disse nada a ninguém até a noite em que o jovem Williams comprou o *Necronomicon*.

Williams era um sonhador, tinha só vinte e três anos e, quando se mudou para a antiga casa, sentiu uma certa estranheza, um sopro de vento cósmico em torno do homem grisalho e enrugado no quarto ao lado do seu. Impôs sua amizade onde velhos amigos não ousaram impor as deles, e surpreendeu-se com o medo que acometia seu esquelético e intratável observador e ouvinte. Pois que o homem sempre observava e ouvia, ninguém podia duvidar. Ele observava e escutava com a mente mais do que com os olhos e ouvidos, e esforçava-se a cada momento para reprimir algo com sua atenção incessante aos romances alegres e insípidos. E quando soavam os sinos da igreja, tapava os ouvidos e gritava, e o gato cinzento que vivia com ele uivava em uníssono até que as reverberações do último repique cessassem na distância.

Porém, por mais que Williams tentasse, não conseguia fazer com que seu vizinho falasse sobre nada mais profundo ou oculto. O velho não correspondia ao seu aspecto e maneiras, mas fingia um sorriso e um tom de leveza, e tagarelava agitada e freneticamente sobre trivialidades divertidas; sua voz subia e engrossava a cada momento, até finalmente irromper em um falsete pipilante e incoerente. Que seu conhecimento era profundo e abrangente, suas observações mais triviais deixavam abundantemente claro; e Williams não se surpreendeu ao saber que ele estivera em Harrow e Oxford. Mais tarde revelou-se que o homem não era ninguém menos que o Lorde Northam, de cujo antigo castelo hereditário na costa de Yorkshire tantas coisas insólitas se contavam; mas quando Williams tentou falar do castelo, e de sua origem supostamente romana, o homem se recusou a admitir que houvesse qualquer coisa de incomum no lugar. Chegou mesmo a emitir um agudo riso nervoso quan-

do o assunto das criptas subterrâneas espalhadas pelos sólidos penhascos cujas carrancas contemplam o Mar do Norte foi trazido à tona.

Assim as coisas transcorreram até a noite em que Williams levou para casa o infame *Necronomicon*, do louco árabe Abdul Alhazred. Ele tinha conhecimento do temido tomo desde os seus dezesseis anos, quando um nascente gosto pelo bizarro levava-o a fazer perguntas estranhas a um velho e recurvado livreiro da Chandos Street; e sempre se indagava por que os homens empalideciam ao falar daquele livro. O velho livreiro contou-lhe que apenas cinco exemplares conhecidos haviam sobrevivido aos escandalizados éditos de sacerdotes e legisladores contra a obra, todos trancafiados com temeroso cuidado pelos depositários que haviam se aventurado na leitura de suas odiosas letras góticas. Mas então, ele finalmente havia não apenas encontrado uma cópia acessível, mas também adquirido-a por uma soma ridiculamente baixa. Foi na livraria de um judeu nos miseráveis arredores de Clare Market, onde anteriormente ele com frequência comprara estranhas coisas, e quase pensou ter visto o velho levita encarquilhado sorrir entre emaranhados de barba quando a descoberta foi feita. A robusta capa de couro com five-las de bronze era flagrantemente chamativa, e o preço absurdamente insignificante.

O primeiro olhar dirigido ao título já havia sido suficiente para lançá-lo em devaneios, e alguns dos diagramas intercalados no vago texto latino excitaram as mais tensas e inquietantes reminiscências em seu cérebro. Sentiu que era altamente necessário levar o pesado objeto para casa e começar a decifrá-lo, e tirou-o da loja com uma pressa tão impulsiva que o velho judeu soltou um riso perturbador às suas costas. Mas quando finalmente se viu seguro em seu quarto, descobriu que a combinação das letras góticas com o idioma extinto era demasiada para suas habilidades linguísticas e com relutância chamou seu estranho e assustadiço amigo para ajudá-lo com o tortuoso latim medieval. Lorde Northam estava balbuciando futilidades para o seu gato vadio, e teve um violento susto quando o jovem entrou. Então ele avistou o volume e teve um intenso estremecimento, e desmaiou imediatamente quando Williams pronunciou o título. Foi ao recuperar seus sentidos que contou sua história; narrou sua fantástica fábula de loucura em sussurros frenéticos, receoso

de que seu amigo se recusasse a queimar imediatamente o livro amaldiçoado e espalhar por completo suas cinzas.

Devia haver algo errado desde o início, sussurrou Lorde Northam; mas isso nunca teria chegado ao extremo que chegou se suas explorações não tivessem ido tão longe. Ele era o décimo nono barão de uma linhagem cujo início remontava a um tempo incomodamente distante no passado — inacreditavelmente distante, se a vaga tradição pudesse ser levada em conta, pois havia histórias familiares que falavam de uma origem que remontava ao período pré-saxão, quando um certo Cnaeus Gabinius Capito, tribuno militar da Terceira Legião Augusta, na época instalada em Lindum, na Bretanha Romana, havia sido expulso sumariamente do seu comando por haver participado em certos ritos desvinculados de qualquer religião conhecida. Gabinius, diziam os boatos, havia subido até uma caverna num penhasco, onde um povo estranho costumava se reunir, e traçado na escuridão o Signo dos Antigos; um povo estranho de que os bretões não falavam a não ser com temor, e que foram os últimos sobreviventes de uma grande terra ocidental que havia submergido, deixando apenas as ilhas com fortificações, círculos e santuários, dos quais o Stonehenge era o maior. A lenda não dizia com certeza, obviamente, que Gabinius havia construído uma fortaleza inexpugnável sobre a caverna escondida e fundado uma linhagem que pictos e saxões, dinamarqueses e normandos viram-se incapazes de obliterar; nem mencionava a conjectura tácita de que foi dessa linhagem que brotou o audacioso parceiro e lugar-tenente do Príncipe Negro, a quem Eduardo III tornou Barão de Northam. Essas coisas não eram inequívocas, no entanto eram contadas com frequência; e na verdade a cantaria de Northam Keep parecia-se de maneira alarmante com a alvenaria da Muralha de Adriano. Quando criança, Lorde Northam tinha sonhos peculiares quando adormecia nas partes mais velhas do castelo, e passara a adotar o hábito constante de perscrutar sua memória em busca de cenários, padrões e impressões parcialmente amorfos que não faziam parte da sua experiência consciente. Ele se tornou um sonhador que julgava a vida enfadonha e insatisfatória; um investigador de reinos e relacionamentos que um dia foram familiares, ainda que não se situassem em lugar algum das regiões visíveis da terra.

Tomado pelo sentimento de que nosso mundo tangível não passa de um átomo num tecido vasto e ameaçador, e de que domínios desconhecidos pressionavam e permeavam a esfera do conhecido a cada ponto, Northam, na adolescência e na juventude, também drenou, por sua vez, as fontes da religião formal e do mistério oculto. Em lugar algum, porém, pôde encontrar tranquilidade e contentamento; e quando ficou mais velho, a deterioração e as limitações da vida se tornaram cada vez mais enlouquecedoras para ele. Durante a década de 1890 ele se meteu com satanismo, e a todo momento devorava com avidez qualquer doutrina ou teoria que ensejasse uma possibilidade de fuga dos cenários fechados da ciência e das leis tediosamente invariáveis da natureza. Livros como a quimérica narrativa de Ignatius Donnelly sobre a Atlântida ele absorveu com deleite, e uma dúzia de precursores obscuros de Charles Fort encantaram-no com suas fantasias. Ele viajava léguas para acompanhar um furtivo conto de alguma aldeia sobre maravilhas anormais, e uma vez adentrou o deserto da Arábia em busca de uma Cidade Sem Nome vagamente mencionada, que nenhum homem jamais contemplou. Ali despertou dentro dele a crença torturante de que em algum lugar existia um portão aberto, que se encontrado admitiria pleno acesso de seu descobridor àquelas profundezas mais externas cujos ecos ressoavam tão indistintamente no fundo da sua memória. Podia estar no mundo visível, mas talvez residisse apenas na sua mente e alma. Talvez ele contivesse dentro do seu cérebro não inteiramente explorado aquele elo críptico que o despertaria para vidas antigas e futuras em dimensões esquecidas que o levariam até as estrelas, e para as infinitudes e eternidades além delas.



O Livro



The Book (1933)
Leaves (1938)

Os leitores familiarizados com os quatro primeiros poemas de “Os fungos de Yuggoth” sentirão um *déjà vu* ao ler “O Livro”.

S.T. Joshi sugeriu que a história é um artefato do doloroso período do final de 1933 e início de 1934, durante o qual a fonte de inspiração de Lovecraft estava acabando e ele estava tentando desesperadamente tomar fôlego canibalizando ideias antigas. Embora isso seja, obviamente, apenas especulação, parece muito plausível.



Minhas lembranças são muito confusas. Tenho dúvidas até mesmo sobre onde elas começam; pois algumas vezes sinto que meu passado se estende como uma espantosa paisagem atrás de mim, mas outras vezes parece-me como se o momento presente fosse um ponto isolado numa infinidade cinzenta e sem forma. Não tenho certeza nem mesmo de como estou comunicando esta mensagem. Embora tenha consciência de estar falando, tenho uma vaga impressão de que alguma estranha e talvez terrível mediação será necessária para transportar o que eu digo aos sítios onde pretendo ser ouvido. Minha identidade também é perturbadoramente nebulosa. Eu pareço ter sofrido um grande choque — talvez proveniente de algum fruto inteiramente monstruoso dos ciclos da minha experiência única e inacreditável.

Esses ciclos de experiência derivam todos, claramente, daquele livro carcomido pelas traças. Lembro-me de quando o encontrei — em um lugar fracamente iluminado junto ao rio escuro e poluto onde sempre voluteiam brumas. Aquele lugar era muito antigo, e as prateleiras à altura do teto, tomadas de volumes em apodrecimento, estendiam-se interminavelmente por dependências internas e alcovas desprovidas de janelas. Havia, além disso, grandes pilhas amorfas de livros sobre o chão e dentro de caixotes grosseiros; e foi numa dessas pilhas que encontrei aquele. Jamais soube o seu título, pois as primeiras páginas estavam fal-

tando; mas ele caiu aberto perto do final e deu-me um vislumbre de algo que fez com que meus sentidos vacilassem.

Era uma fórmula — uma espécie de lista de coisas a dizer e fazer — que reconheci como algo sombrio e proibido; coisas que já havia lido antes em parágrafos furtivos, com um misto de aversão e fascínio, garantidas por aqueles estranhos e antigos investigadores dos segredos conservados pelo universo, cujos textos decaídos eu adorava absorver. Era uma chave — um guia — para certos pórticos e transições sobre os quais os místicos haviam sonhado e sussurrado desde que a raça era ainda jovem, e que conduziam a descobertas e liberdades situadas além das três dimensões e reinos da vida e da matéria que conhecemos. Havia séculos que nenhum homem recordava sua substância vital nem sabia onde encontrá-la, mas esse livro era de fato muito antigo. Nenhum prelo, mas sim a mão de algum monge semienlouquecido, havia grafado aquelas nefastas frases latinas, em unciais de assombrosa antiguidade.

Lembro-me do modo como o velho me olhou de esguelha, deu um riso nervoso e fez um curioso sinal com sua mão quando levei o tomo. Ele se recusou a aceitar pagamento pelo livro, e somente muito tempo depois eu concluí por quê. Enquanto eu seguia às pressas para casa por entre aquelas ruas estreitas, sinuosas e abafadas pela névoa, das imediações do porto, tive a impressão assustadora de ser acompanhado furtivamente por passadas suaves. As casas centenárias e pendentes de ambos os lados pareciam animadas por uma recém-adquirida e mórbida malignidade — como se algum canal de entendimento maligno que até então estivera fechado tivesse abruptamente se aberto. Senti como se aquelas paredes e coruchéus suspensos, com seus tijolos embolorados e seu gesso e suas tábuas cobertos de fungos — e com suspeitosas janelas de vidros losangulares, como olhos à espreita —, a custo pudessem renunciar a avançar sobre mim e esmagar-me... no entanto, eu só lera o mais ínfimo fragmento daquela runa blasfema antes de fechar o livro e levá-lo comigo.

Recordo-me do modo como eu finalmente li o livro — empalidecido, e trancado no sótão que havia muito tempo eu devotara a estranhas investigações. O casarão estava em completo silêncio, pois lá eu não subia até depois da meia-noite. Acho que tinha uma família na época — embora os detalhes sejam muito incertos — e sei que havia muitos cria-

dos. Exatamente em que ano estava, não sei dizer; pois desde então conheci muitas eras e dimensões, e tive todas as minhas noções de tempo dissolvidas e remodeladas. Foi à luz de velas que eu o li — recordo-me do incansável gotejar da cera — e o som de sinos me chegava de tempos em tempos de campanários distantes. Eu parecia me manter atento a esses repiques com peculiar intensidade, como se temesse ouvir alguma nota mais longínqua intrometer-se neles.

Então vieram os primeiros sons de algo raspando e tateando na trapeira cuja vista alcançava muito além dos demais telhados da cidade. Eles começaram quando eu recitei em voz alta o nono verso daquele cântico primevo, e em meio ao meu estremecimento, compreendi o que aquilo significava. Pois aquele que atravessa o pórtico sempre adquire uma sombra, e nunca mais poderá estar só. Eu a havia invocado — e o livro era de fato tudo o que eu suspeitara. Naquela noite, ultrapassei o pórtico até um vórtice de tempo e visão distorcidos, e quando a manhã me encontrou no quarto do sótão, vi nas paredes, prateleiras e móveis algo que eu nunca vira antes.

A partir de então, jamais pude tornar a ver o mundo como eu o havia conhecido. Misturados com as cenas do presente, havia sempre um pouco do passado e um pouco do futuro, e todo objeto outrora familiar revelava-se exótico sob a nova perspectiva que se apresentou à minha visão ampliada. Desde aquele momento, ingressei em um sonho fantástico de formas desconhecidas e parcialmente conhecidas; e a cada novo pórtico atravessado, com menos clareza eu conseguia reconhecer os objetos da estreita esfera à qual havia tanto tempo eu estivera limitado. O que vi ao meu redor, ninguém mais viu; e eu me tornei ainda mais silencioso e reservado, para que não me julgassem louco. Os cães tinham temor a mim, pois sentiam a sombra exterior que nunca deixava o meu lado. Mas eu li ainda mais — em livros e pergaminhos ocultos, esquecidos, aos quais minha nova visão me conduziu — e abri caminho por entre novos limiares de espaço, de existência e de formas de vida, rumo ao coração do cosmo desconhecido.

Lembro-me da noite em que tracei os cinco círculos concêntricos de fogo no chão, e posicionei-me no mais interno deles, entoando aquela monstruosa litania que o mensageiro do Tártaro havia trazido. As paredes se dissolveram, e eu fui arrebatado por um vento negro através de

imensuráveis abismos cinzentos, vendo os pináculos aciculados de montanhas desconhecidas, milhas abaixo de mim. Após algum tempo, houve completa escuridão, e então a luz de uma miríade de estrelas formou estranhas e discrepantes constelações. Por fim, vi uma planície pontilhada de verde muito abaixo de mim, e discerni as torres contorcidas de uma cidade construída de um modo como jamais conheci, li ou sonhei. Enquanto flutuava para mais perto daquela cidade, vi um grande edifício quadrangular de pedra em um espaço aberto, e senti um medo horrendo se apoderar de mim. Gritei e me debati, e depois de uma completa escuridão, encontrei-me novamente no meu aposento no sótão, estendido sobre os cinco círculos fosforescentes no assoalho. Nas perambulações daquela noite, não encontrei mais estranhezas do que em muitas das errâncias noturnas anteriores; mas senti mais terror porque sabia estar mais próximo daqueles vórtices e mundos exteriores do que jamais estivera antes. Posteriormente, fui mais cauteloso com meus encantamentos, pois não desejava ser ceifado do meu corpo, e desta terra, nos abismos desconhecidos de onde nunca mais poderia retornar.



O Pântano Lunar

∴

The Moon-Bog (1921)

Weird Tales (jun. 1926)

Este conto de tamanho médio foi escrito para uma reunião de jornalistas amadores que se conheceram na casa de um membro em Boston em 10 de março de 1921. O objetivo da noite era que cada membro compartilhasse o que havia escrito para uma ocasião de escrita compartilhada, e o trabalho considerado melhor receberia um prêmio. A noite teve um tema do dia de São Patrício. E embora não tenha ganhado o prêmio, “O pântano lunar” foi muito bem recebido e elogiado.



Para algum lugar, em que remota e pavorosa região eu não sei, Denys Barry se foi. Eu estava com ele na última noite que viveu entre os homens, e ouvi seus gritos quando aquela coisa veio em busca dele; mas todos os camponeses e policiais de County Meath foram incapazes de encontrá-lo, ou aos outros, por mais que sua busca tenha sido longa e abrangente. E hoje eu estremeço quando ouço os sapos coaxarem nos brejos, ou vejo a lua em locais solitários.

Eu conhecera bem Denys Barry na América, onde ele havia enriquecido, e congratulei-o quando ele recobrou o velho castelo junto ao pântano na modorrenta Kilderry. Foi de lá que seu pai veio, e era lá que ele desejava desfrutar da sua abastança entre cenários ancestrais. Homens da sua estirpe haviam governado Kilderry e construído e habitado o castelo, mas esses dias eram muito remotos, de forma que durante gerações a residência senhorial esteve desocupada e decadente. Depois de partir para a Irlanda, Barry escrevia-me com frequência, e contou-me que, sob os seus cuidados, cada torre do castelo cinzento recuperava progressivamente seu antigo esplendor, que as heras escalavam lentamente as paredes restauradas como haviam escalado tantos séculos atrás, e que os camponeses o abençoavam por ter trazido de volta os velhos dias com seu ouro de além-mar. Mas com o tempo vieram problemas, e os camponeses deixaram de abençoá-lo, e em vez disso fugiam dele como de uma maldição iminente. E então ele mandou uma carta pedindo-me para visitá-lo, pois sentia-se solitário no castelo, sem ninguém para conversar exceto os novos criados e trabalhadores que havia trazido do norte.

O pântano era a causa de todos aqueles problemas, como Barry me disse na noite em que cheguei ao castelo. Eu havia desembarcado em Kilderry em um crepúsculo de verão, quando o ouro do céu iluminava o verde das colinas e bosques, e o azul da charneca, onde, numa ilhota afastada, uma estranha ruína cintilava de maneira espectral. Aquele pôr do sol foi muito bonito, mas os camponeses de Ballylough haviam me alertado contra ele, e me dito que Kilderry havia se tomado amaldiçoada, de forma que eu quase estremeci ao ver os altos torreões do castelo dourados pela incandescência. O automóvel de Barry havia me recebido na estação de Ballylough, pois Kilderry ficava fora da rede ferroviária. Os aldeões haviam se afastado do automóvel e do motorista vindo do norte, mas sussurraram para mim com rostos empalidecidos quando viram que eu estava indo para Kilderry. E naquela noite, depois do nosso reencontro, Barry contou-me o porquê.

Os camponeses haviam se retirado de Kilderry porque Denys Barry iria drenar o grande pântano. Com todo o seu amor pela Irlanda, a América não o deixara intocado, e ele odiava o desperdício daquele belo espaço, de onde a turfa poderia ser extraída e a área utilizada. As lendas

e superstições de Kilderry não o comoviam, e ele riu quando os camponeses primeiro se recusaram a ajudá-lo, depois amaldiçoaram-no e se retiraram para Ballylough com seus poucos pertences, ao constatarem sua determinação. Para ocupar os lugares deles, mandou buscar trabalhadores do norte, e quando os servos partiram ele os substituiu do mesmo modo. Mas era solitário estar entre estranhos, por isso Barry pediu-me para ir até lá.

Quando eu ouvi sobre os temores que levaram o povo a se retirar de Kilderry, ri tão alto quanto meu amigo havia rido, pois esses medos eram do mais vago, desvairado e absurdo caráter. Eles tinham a ver com uma certa lenda ilógica acerca do pântano, e sobre um macabro espírito guardião que residia na estranha velha ruína da ilhota afastada que eu tinha visto ao pôr do sol. Havia histórias sobre luzes dançando na parte escura da lua, e de ventos gelados em noites quentes; de aparições vestidas de branco pairando sobre as águas, e de uma imaginária cidade de pedra nas profundezas muito abaixo da superfície pantanosa. Mas a maior de todas as fantasias bizarras, e indisputada em sua absoluta unanimidade, era a da maldição que o esperava caso ele ousasse tocar ou drenar o vasto lodaçal avermelhado. Havia segredos, diziam os camponeses, que não deviam ser descobertos; segredos que jaziam ocultos desde que a praga atingiu os filhos de Partholan, nos fabulosos anos além da história. No *Livro dos invasores* conta-se que esses rebentos da Grécia estavam todos sepultados em Tallaght, mas os homens antigos de Kilderry falavam de uma cidade protegida por sua deusa-lua padroeira; e que apenas as colinas cobertas de mata a sepultavam quando os homens de Nemed chegaram da Cítia em seus trinta navios.

Essas eram as histórias infundadas que haviam feito os aldeões abandonarem Kilderry, e quando eu as ouvi, não me admirei que Denys Barry houvesse se recusado a dar-lhes ouvidos. Ele tinha, porém, um grande interesse por antiguidades, e propôs que explorássemos o pântano por inteiro depois que ele fosse drenado. As alvas ruínas na ilhota ele visitara com frequência, mas embora a idade delas claramente fosse grande, e seus contornos muito pouco semelhantes aos da maioria das ruínas na Irlanda, estavam dilapidadas demais para contar sobre seus dias de glória. Agora a drenagem estava prestes a começar, e os trabalhadores do norte logo despiriam o charco proibido de seu musgo verde e

de suas urzes vermelhas, e matariam os pequeninos córregos ladrilhados de conchas e as tranquilas lagoas azuis debruadas de juncos.

Depois que Barry me contou essas coisas, eu me senti muito sonolento, pois as viagens do dia haviam sido cansativas e meu anfitrião conversara até tarde da noite. Um criado conduziu-me até o meu quarto, que ficava numa remota torre com vista para a vila e a planície na orla do pântano, e para o próprio pântano, de modo que das minhas janelas, à luz da lua, eu podia ver os silenciosos telhados de onde os camponeses haviam fugido e que agora abrigavam os trabalhadores vindos do norte, e também a igreja sede da paróquia, com seu antigo pináculo, e a distância, do outro lado da charneca agourenta, a remota ruína antiga na ilha, reluzindo alva e espectral. No momento em que caía no sono, imaginei ter ouvido sons tênues ao longe; sons que eram bravios e quase musicais, e agitaram-me com uma estranha excitação que coloriu meus sonhos. Mas quando acordei na manhã seguinte, senti que tudo havia sido um sonho, pois as visões que eu tivera eram mais maravilhosas que quaisquer sons de assovios selvagens na noite. Influenciado pelas lendas que Barry havia relatado, minha mente durante o sono havia pairado ao redor de uma majestosa cidade em um verde vale, onde ruas e estátuas de mármore, vilas e templos, entalhes e inscrições, tudo falava em certos tons sobre a glória que foi a Grécia. Quando contei esse sonho a Barry, ambos rimos; mas eu ri mais alto, porque estava perplexo com os trabalhadores nortistas dele. Pela sexta vez haviam todos dormido demais, e caminhavam muito vagarosa e desorientadamente, e agiam como se não tivessem descansado, embora se soubesse que haviam deitado cedo na noite anterior.

Naquela manhã e à tarde eu andei sozinho a esmo pela vila dourada pelo sol e conversei aqui e ali com trabalhadores ociosos, pois Barry estava ocupado com os planos finais para começar suas obras de drenagem. Os trabalhadores não estavam tão satisfeitos quanto poderiam, pois a maioria deles parecia intranquila com algum sonho que tivera, embora tentasse em vão se recordar. Eu lhes contei o meu sonho, mas eles não se interessaram até que eu mencionei os sons estranhos que pensei ter ouvido. Então eles olharam estranhamente para mim, e disseram que pareciam se lembrar de sons estranhos também.

À noite Barry jantou comigo e anunciou que começaria a drenagem em dois dias. Alegrei-me, pois embora não gostasse de ver o musgo, as urzes e os pequenos córregos e lagoas partirem, tinha um crescente desejo de discernir os antigos segredos que as profundas camadas de turfa poderiam esconder. Mas naquela noite os meus sonhos com flautas agudas e peristilos de mármore chegaram a um final súbito e inquietante, pois sobre a cidade no vale eu vi cair uma pestilência, e então uma pavorosa avalanche de encostas cobertas de mata que amortalharam os cadáveres nas ruas e deixaram insepulto apenas o templo de Ártemis, no pico elevado, onde Cleis, a idosa sacerdotisa lunar, jazia fria e silente com uma coroa de marfim em sua cabeça prateada.

Eu havia dito que acordei repentinamente e alarmado. Por algum tempo eu não soube dizer se estava acordado ou adormecido, pois o som de flautas ainda ressoava com estridência nos meus ouvidos; mas quando vi no chão os gélidos raios de luar e os contornos de uma janela gótica com gelosia, concluí que devia estar acordado e encontrava-me no castelo de Kilderry. Então ouvi o relógio de alguma longínqua plataforma de estação abaixo soar duas horas, e soube que estava desperto. No entanto, de longe ainda me chegava o monótono flauteio; melodias selvagens e insólitas que me faziam pensar em alguma dança de faunos no Mênalo distante. Ela não me deixaria dormir, e em minha impaciência eu me levantei e comecei a palmilhar o chão. Apenas pelo acaso eu fui até a janela que dava para o norte e olhei para a silenciosa vila e a planície à beira do pântano. Não pretendia olhar para fora, pois desejava dormir; mas as flautas atormentavam-me, e eu tinha de fazer ou ver algo. Como poderia suspeitar daquela coisa que estava para avistar?

Ali, ao luar que inundava a espaçosa planície, havia um espetáculo que nenhum mortal, tendo-o visto, poderia jamais esquecer. Ao som dos flautins de junco que ecoavam pela charneca, deslizava silenciosa e fantasmagoricamente uma multidão mista de figuras oscilantes, volteando através de um festim tamanho, como os sicilianos devem ter dançado em honra a Deméter nos velhos dias, sob a Lua das Colheitas,^[1] às margens do Ciane. A vasta planície, o luar dourado, as sombrias formas móveis, e acima de tudo o monótono flauteio agudo, produziram um efeito que quase me paralisou; porém eu notei em meio ao meu medo que metade daqueles incansáveis e mecânicos dançarinos eram os trabalhadores

que eu pensava estarem dormindo, enquanto a outra metade eram estranhos seres diáfanos vestidos de branco, de natureza semi-indeterminada, mas sugerindo pálidas náíades melancólicas das fontes assombradas do pântano. Não sei por quanto tempo eu contemplei essa visão da solitária janela do torreão antes de cair repentinamente em um desfalecimento sem sonhos, do qual o sol já alto da manhã me despertou.

Meu primeiro impulso ao acordar foi comunicar todos os meus temores e observações a Denys Barry, mas quando eu vi a luz solar ardendo através da gelosia da janela do lado leste, tive certeza de que não havia realidade no que eu pensei ter visto. Sou dado a estranhos devaneios, embora nunca tenha sido fraco a ponto de acreditar neles; portanto, nessa ocasião eu me contentei em questionar os trabalhadores, que dormiram até muito tarde e não se recordavam de nada da noite anterior, salvo sonhos nebulosos e sons agudos. Essa questão do flauteio espectral me importunava grandemente, e eu me perguntei se os grilos do outono haviam chegado fora de época para importunar a noite e assombrar as visões dos homens. Mais tarde, naquele dia, observei Barry na biblioteca, estudando seus planos para a grande obra que deveria começar no dia seguinte, e pela primeira vez senti um toque do mesmo tipo de medo que havia expulsado os camponeses. Por alguma razão desconhecida eu temia a ideia de perturbar a antiga charneca e seus segredos sombrios, e imaginei que visões terríveis jaziam sob o negror da imensurável profundidade da turfa imemorial. Que esses segredos fossem trazidos à luz pareceu-me algo insensato, e eu comecei a procurar uma desculpa para deixar o castelo e a vila. Cheguei ao extremo de conversar casualmente com Barry sobre o assunto, mas não ousei continuar depois que ele deu sua ressonante gargalhada. Então fiquei em silêncio quando o sol se pôs fúlgido por trás das colinas distantes, e o céu de Kilderry se incendiou em rubro e dourado numa labareda que parecia um portentoso.

Se os eventos daquela noite foram realidade ou ilusão, eu nunca terei certeza. Sem dúvida, eles transcendem tudo que sonhamos na natureza e no universo; no entanto, de nenhuma maneira normal eu consigo explicar aqueles desaparecimentos que se tornaram conhecidos de todos os homens depois que tudo acabou. Eu me recolhi cedo e cheio de temor, e por um longo tempo não pude dormir no silêncio insólito da torre. Estava muito escuro, pois embora o céu estivesse limpo, a lua estava então

bem avançada em sua fase minguante, e não nasceria até altas horas. Pensei, enquanto estava deitado ali, em Denys Barry, e no que sucederia àquele pântano quando o dia chegasse, e me vi quase desesperado com o impulso de correr noite adentro, pegar o carro de Barry e dirigir loucamente até Ballylough, fora das terras ameaçadas. Mas antes que meus medos pudessem se cristalizar em ação, eu havia caído no sono, e contemplei em sonhos a cidade no vale, fria e morta sob uma mortalha de pavorosas sombras.

Provavelmente foi o flauteio agudo que me despertou, embora não tenha sido ele que eu notei primeiro quando abri os meus olhos. Eu estava deitado de costas para a janela leste, que dava para o pântano, onde a lua minguante surgiria, e portanto esperava ver claridade projetada na parede à minha frente, mas não previa uma visão como a que agora aparecia. Luz, de fato, iluminava os lambris diante de mim, mas não era nenhuma claridade que a lua provê. Terrível e pungente era a coluna de rubra refulgência que vertia através da janela gótica, e toda a câmara brilhava com um esplendor intenso e sobrenatural. Minhas ações imediatas foram peculiares para tal situação, mas é somente em contos que um homem faz coisas dramáticas e previsíveis. Em vez de olhar por sobre o pântano para a fonte da nova luz, em pânico eu mantive meus olhos desviado da janela, e vesti desajeitadamente minhas roupas com alguma confusa ideia de fuga. Lembro-me de apanhar meu revólver e meu chapéu, mas antes que aquilo terminasse eu havia perdido ambos, sem disparar o primeiro nem vestir o segundo. Após um tempo, o fascínio da radiância vermelha superou meu pavor, e eu me arrastei até a janela do lado leste e olhei para fora enquanto o flauteio incessante e enlouquecedor lamuriava-se e reverberava através do castelo e por toda a vila.

Sobre o pântano havia um dilúvio de luz ofuscante, escarlate e sinistra, emanando das estranhas ruínas antigas na ilhota afastada. O aspecto daquelas ruínas eu não posso descrever — devia estar louco, pois pareceu-me que ela se erguia, majestosa e não decadente, esplêndida e cingida por colunas, o mármore do seu entablamento, que refletia as labaredas, puncionava o céu como o ápice de um templo no topo de uma montanha. Flautas gritavam e tambores começavam a bater, e enquanto eu assistia em assombro e terror, pensei ter visto escuras formas saltitantes contornadas grotescamente contra a visão de mármore e esplendor.

O efeito foi titânico — completamente impensável — e eu poderia tê-lo contemplado indefinidamente se o som das flautas não parecesse ter ficado mais forte à minha esquerda. Tremendo de um terror estranhamente misturado a êxtase, eu atravessei o quarto circular até a janela que dava para o norte, da qual pude ver os aldeões e a planície na orla do pântano. Ali meus olhos novamente se dilataram com um maravilhamento frenético tão grande quanto se eu não tivesse acabado de afastar meus olhos de um cenário além dos limites da natureza, pois sobre a planície espectralmente iluminada de vermelho movia-se uma procissão de seres de tal maneira como ninguém jamais vira antes, exceto em pesadelos.

Em parte deslizando, em parte flutuando no ar, os espectros vestidos de branco do pântano retiravam-se lentamente rumo às águas estagnadas e à ilha das ruínas em formações fantásticas que sugeriam alguma antiga e solene dança cerimonial. Seus braços ondeantes e translúcidos, guiados pelo detestável assobio daquelas flautas invisíveis, acenavam em um ritmo insólito a uma turba de trabalhadores trôpegos que os seguiam como cães, com passos cegos, maquinais e descoordenados, como se arrastados por uma canhestra porém irresistível vontade demoníaca. À medida que as náiades se aproximavam do pântano, sem alterar seu curso, uma nova fileira de andarilhos cambaleantes ziguezagueavam como ébrios para fora do castelo, por alguma porta muito abaixo da minha janela, tateavam às cegas pelo pátio e através do trecho interposto da vila, e juntavam-se às colunas trôpegas de trabalhadores na planície. Apesar da altura que nos separava, eu soube imediatamente que eles eram os criados trazidos do norte, pois reconheci a forma feia e pesada do cozinheiro, cujo ridículo então havia se tornado inteiramente trágico. As flautas sopravam de maneira horrível, e novamente eu ouvi o bater dos tambores vindo da direção da ruína na ilha. Depois, silenciosa e graciosamente as náiades alcançaram a água e fundiram-se, uma a uma, ao antigo pântano, enquanto as fileiras de seguidores, sem jamais controlar sua velocidade, chapinhavam desajeitadamente atrás delas e desapareciam no meio de um pequeno redemoinho de bolhas nocivas, que eu mal conseguia distinguir naquela luz escarlata. E quando o último patético andarilho, o gordo cozinheiro, afundou pesadamente, desaparecendo naquele poço soturno, as flautas e tambores silenciaram, e os cegantes raios vermelhos das ruínas se apagaram instantaneamente, deixando a

vila amaldiçoada solitária e desolada sob os lívidos feixes luminosos da lua recém-nascida.

Minha condição era agora de um caos indescritível. Sem saber se estava louco ou lúcido, adormecido ou acordado, fui salvo apenas por um clemente entorpecimento. Creio que fiz coisas ridículas, como oferecer orações a Ártemis, Latona, Deméter, Perséfone e Plutão. Tudo o que eu me recordava de uma juventude clássica me veio aos lábios quando os horrores daquela situação despertaram minhas superstições mais profundas. Senti que havia testemunhado a morte de uma vila inteira, e soube que estava sozinho no castelo com Denys Barry, cuja audácia havia provocado uma maldição. Ao pensar nele, novos terrores me agitaram, e eu caí ao chão, não desmaiado, mas fisicamente impotente. Então senti o sopro gelado vindo da janela que dava para o leste, onde a lua havia surgido, e comecei a ouvir os gritos agudos no castelo muito abaixo de onde eu estava. Logo esses gritos haviam atingido uma magnitude e qualidade que não podem ser descritos, e que me fazem desfalecer quando penso neles. Só o que eu posso dizer é que eles vinham de algo que eu havia conhecido como um amigo.

Em algum momento durante esse período chocante, o vento frio e os gritos devem ter me despertado, pois minha impressão seguinte é de correr como um louco através de salas e corredores em trevas, e atravessar o pátio para dentro da noite horrenda. Encontraram-me ao alvorecer, vagando inconscientemente pelos arredores de Ballylough, mas o que me desatinou por completo não foi nenhum dos horrores que eu havia visto ou ouvido antes. Aquilo de que eu murmurava ao sair lentamente das sombras era um par de incidentes fantásticos que ocorreram durante a minha fuga; incidentes sem significado, que no entanto assombram-me cada vez mais quando eu me encontro só em certos locais alagadiços ou ao luar.

Enquanto eu fugia daquele castelo amaldiçoado ao longo da orla do pântano, ouvi um novo som; comum, porém diferente de qualquer um que eu havia escutado antes em Kilderry. As águas estagnadas, ultimamente tão desprovidas de vida animal, agora fervilhavam com uma horda de enormes sapos viscosos que coaxavam aguda e incessantemente em tons estranhamente desproporcionais ao seu tamanho. Eles reluziam, inchados e verdes, aos raios do luar, e pareciam contemplar a fonte

da luz. Segui o olhar de um sapo muito gordo e feio, e vi a segunda das coisas que perturbaram meus sentidos.

Estendendo-se diretamente das estranhas ruínas antigas na ilhota afastada até a lua minguante, meus olhos pareceram discernir um raio de tênue radiância vibrante que não se refletia nas águas do pântano. E subindo ao longo daquele pálido caminho, minha imaginação febril concebeu uma delgada sombra vagarosamente convulsa; uma vaga sombra contorcida, debatendo-se como se fosse arrastada por demônios invisíveis. Enlouquecido como estava, vi naquela horrível sombra uma semelhança monstruosa — uma nauseante e inacreditável caricatura —, uma efígie blasfema daquele que havia sido Denys Barry.



Além da Muralha do Sono

∴
Beyond the Wall of Sleep (1919)
Pine Cones (out. 1919)

Este conto foi escrito em algum momento da primavera de 1919, logo após Sarah Susan Lovecraft, mãe de H.P., ter sido internada no Hospital Butler. É provável que ele tenha se inspirado em algumas cenas que tenha visto no Butler Hospital.



I have an exposition of sleep come upon me.^[1]

Shakespeare

Com frequência eu me pergunto se a maior parte da humanidade alguma vez parou para refletir sobre o significado por vezes titânico dos sonhos e do mundo obscuro ao qual eles pertencem. Embora a maioria das nossas visões noturnas talvez não passe de tênues e fantásticos reflexos de nossas experiências conscientes — ao contrário do que afirma Freud, com seu simbolismo pueril —, existe ainda um certo montante cujo caráter extraterreno e etéreo não permite qualquer interpretação

ordinária, e cujos efeitos vagamente excitantes e inquietantes sugerem possíveis vislumbres fugazes de uma esfera de existência mental não menos importante que a existência física, porém separada desta por uma barreira quase intransponível. Minha experiência não me deixa dúvidas de que o homem, quando se afasta de sua consciência terrestre, de fato reside temporariamente numa outra vida incorpórea, de natureza muito diversa da existência que conhecemos, e da qual apenas as mais leves e indistintas lembranças permanecem após o despertar. Dessas lembranças desfocadas e fragmentárias é possível inferir muito, mas demonstrar pouco. Podemos supor que nos sonhos a vida, a matéria e a vitalidade, tais como as conhecemos na terra, não são necessariamente constantes; e que o tempo e o espaço não existem da mesma forma como nossas consciências despertas os compreendem. Por vezes acredito que essa existência menos material é nossa vida mais verdadeira, e que a nossa vã presença sobre o globo terrestre é, por sua vez, o fenômeno secundário ou meramente virtual.

Foi de um devaneio juvenil repleto de especulações dessas espécies que despertei certa tarde, no inverno de 1900–1901, quando a instituição psiquiátrica do Estado na qual eu servia como residente admitiu o homem cujo caso, desde então, me assombra sem cessar. Seu nome, de acordo com os registros, era Joe Slater, ou Slaader, e tinha a aparência de um típico habitante da região das montanhas Catskill; um desses descendentes estranhos e repulsivos de uma casta de primitivos camponeses coloniais, cujo isolamento por quase três séculos nas vastidões montanhosas de uma área rural pouco explorada, fez com que afundassem numa espécie de degeneração bárbara, em vez de progredir com seus semelhantes mais afortunadamente localizados dos distritos mais populosos. No meio dessa gente bizarra, que corresponde exatamente ao elemento decadente conhecido no sul como *white trash*, a lei e a moral não existem; e seu estado mental, como um todo, é provavelmente inferior ao de qualquer outra parcela do povo americano nativo.

Joe Slater, que chegou à instituição sob a custódia atenta de quatro policiais do Estado, e que foi descrito como possuidor de um caráter altamente perigoso, por certo não apresentava qualquer evidência dessa disposição ameaçadora quando o vi pela primeira vez. Embora bem acima da estatura mediana, e de constituição um tanto musculosa, era dota-

do de uma aparência absurda de estupidez inofensiva pela tonalidade azul pálida e sonolenta de seus pequeninos olhos marejados, pela escassez de sua desleixada barba amarelada e nunca escanhoadada e pela apatia sugerida por seu grosso lábio inferior pendente. Sua idade era desconhecida, pois entre os de seu gênero não existem registros familiares nem laços permanentes; mas a julgar pela calva em sua fronte e pela condição precária de seus dentes, o cirurgião-chefe protocolou-o como um homem de cerca de quarenta anos.

A partir dos documentos médicos e jurídicos descobrimos tudo o que podia ser apurado sobre o seu caso. Esse homem, um vagabundo, caçador e negociante de peles, sempre havia sido estranho aos olhos de seus antigos associados. Habitualmente dormia mais do que o normal durante as noites, e após acordar com frequência falava de coisas desconhecidas de um modo tão bizarro a ponto de inspirar temor até mesmo nos corações de um populacho sem imaginação. Não que sua maneira de se expressar fosse de algum modo incomum, pois ele nunca falava outra língua que não o patoá degradado de seu meio; mas o tom e o teor de seu discurso era de um desvario tão misterioso que não se podia ouvi-lo sem apreensão. Ele próprio ficava, geralmente, tão aterrorizado e desconcertado quanto seus ouvintes, mas em questão de uma hora após despertar esquecia tudo o que havia dito, ou ao menos o que o havia levado a dizê-lo; recaindo numa normalidade bovina e parcialmente amigável como a dos outros montanheseiros.

À medida que Slater ficava mais velho, aparentemente, suas aberrações matinais gradualmente aumentaram em frequência e violência; até que, cerca de um mês antes de sua chegada à instituição, ocorreu a tragédia chocante que causou sua detenção pelas autoridades. Certa ocasião, por volta do meio-dia, após o sono profundo iniciado durante uma libação de uísque por volta das cinco horas da tarde anterior, o homem despertou de maneira muito súbita, com uivos tão horríveis e inumanos que atraíram vários vizinhos à sua cabana — um chiqueiro imundo onde residia com uma família tão indescritível quanto ele próprio. Correndo para o meio da neve, ele agitava seus braços para o alto, e então começou uma série de investidas contra o ar diretamente acima dele, enquanto gritava sua determinação de alcançar alguma “cabana muito, muito grande, com o telhado, as paredes e o chão brilhando, e a música alta e

esquisita lá longe”. Quando dois homens de tamanho mediano tentaram imobilizá-lo, ele lutou com a força e a fúria de um maníaco, gritando sobre seu desejo e necessidade de encontrar e matar uma certa “coisa que reluz, chacoalha e ri”. Por fim, depois de derrubar temporariamente um dos seus detentores com um golpe inesperado, ele se lançou contra o outro em um êxtase demoníaco e sanguinário, gritando diabolicamente que iria “saltar para o alto e abrir caminho a fogo contra qualquer coisa que tentasse detê-lo”. A família e os vizinhos já haviam fugido em pânico, e quando o mais corajoso deles retornou, Slater se fora, deixando para trás uma polpa irreconhecível em lugar do que apenas uma hora antes havia sido um homem vivo. Nenhum dos montanheseiros tivera a ousadia de sair em seu encalço, e é provável que ficassem satisfeitos se ele tivesse morrido de frio; mas quando várias manhãs depois eles ouviram seus gritos numa ravina distante, perceberam que de algum modo ele havia conseguido sobreviver, e que sua remoção, de um jeito ou de outro, seria necessária. Então formou-se um grupo de busca armado, cujo propósito (qualquer que tivesse sido originalmente) passou a ser o de levá-lo ao xerife, depois que um dos raros policiais montados conhecidos ali por acaso observou, depois questionou e por fim se juntou ao grupo.

No terceiro dia Slater foi encontrado inconsciente no oco de uma árvore e conduzido à cadeia mais próxima. Lá, alienistas de Albany o examinaram tão logo seus sentidos retornaram. Para eles, o homem contou uma história simples. Havia, disse, ido dormir à tarde, por volta do pôr do sol, depois de beber muito álcool. Havia despertado de pé, com as mãos sujas de sangue, na neve diante de sua cabana, tendo o corpo destroçado de seu vizinho Peter Slader aos seus pés. Horrorizado, correu para a floresta em um vago esforço de fugir à cena do que devia ter sido seu crime. Além de tais coisas, ele parecia não saber de nada, e tampouco o inquérito pericial de seus interrogadores conseguiu extrair qualquer fato adicional. Naquela noite Slater dormiu tranquilamente, e na manhã seguinte despertou sem qualquer traço singular, exceto certa alteração de expressão. O dr. Barnard, que estava observando o paciente, pensou ter notado em seus olhos azuis pálidos um certo brilho de características peculiares; e nos lábios flácidos uma contração quase imperceptível, como se indicasse uma determinação inteligente. Mas quando

questionado, Slater recaiu na habitual letargia dos montanhese e limitou-se a reiterar o que havia dito no dia anterior.

Na manhã do terceiro dia ocorreu o primeiro dos ataques mentais do homem. Após alguns sinais de agitação durante o sono, ele irrompeu em um frenesi tão poderoso que foram necessários os esforços combinados de quatro homens para imobilizá-lo numa camisa de força. Os alienistas ouviram suas palavras como grande atenção, pois a curiosidade deles havia sido altamente instigada pelas histórias sugestivas, ainda que em sua maior parte contraditórias e incoerentes, de seus familiares e vizinhos. Slater delirou por mais de quinze minutos, balbuciando em seu dialeto campônio sobre grandes edifícios de luz, oceanos de espaço, músicas estranhas e montanhas e vales sombrios. Mas acima de tudo ele se delongava sobre uma misteriosa entidade flamejante que o atacava com safanões, gargalhadas e zombarias. Esse ser imenso e vago parecia ter-lhe feito um mal terrível, pois matá-lo como triunfante vingança era seu desejo supremo. Para conseguir isso, dizia, sobrevoaria abismos de vácuo, *queimaria* todo obstáculo que se interpusesse em seu caminho. Assim prosseguiu o seu discurso, até que, de maneira muito súbita, ele se calou. O fogo da loucura se apagou de seus olhos e, com obtusa surpresa, olhou para seus examinadores e perguntou por que o haviam imobilizado. O dr. Barnard desafivelou as tiras de couro e não as repôs até a noite, quando conseguiu persuadir Slater a vesti-las voluntariamente, para seu próprio bem. O homem agora admitia que às vezes falava de maneira estranha, embora não soubesse por quê.

No decorrer de uma semana, outros dois ataques ocorreram, mas a partir deles os médicos pouco descobriram. Sobre a *origem* das visões de Slater eles especularam extensamente, pois como o homem não sabia ler nem escrever, e aparentemente nunca ouvira uma lenda ou conto de fadas, seu imaginário riquíssimo era praticamente inexplicável. Que não podia ter vindo de qualquer mito ou romance conhecido ficou particularmente claro pelo fato de que o infeliz lunático se expressava unicamente à sua maneira simplória. Ele tresvariava sobre coisas que não entendia e não sabia interpretar; coisas que alegava ter experimentado, mas sobre as quais não poderia ter aprendido por meio de qualquer narração normal ou coerente. Os alienistas logo concordaram que os sonhos anormais eram a base do problema; sonhos cujo caráter vívido podiam

temporariamente dominar por completo a consciência desperta desse homem basicamente inferior. Seguindo as devidas formalidades, Slater foi julgado por assassinato, absolvido com base na sua insanidade, e internado na instituição onde eu exercia meu tão humilde cargo.

Disse que sou um especulador habitual a respeito da vida onírica, e sabendo disso você pode avaliar a avidez com que eu me apliquei ao estudo do novo paciente, tão logo me inteirei totalmente dos fatos ligados ao seu caso. O homem parecia sentir certa amizade por mim; nascida sem dúvida do interesse que eu não conseguia ocultar, e da maneira gentil com que eu o interroguei. Isso não significa que ele alguma vez me reconhecesse durante seus ataques, quando eu me deixava ficar suspenso e sem fôlego diante dos quadros caóticos, porém cósmicos, criados por suas palavras. Mas me reconhecia em suas horas de tranquilidade, quando se sentava diante de sua janela com grades tecendo cestos de palha e salgueiro, e talvez sonhando com a liberdade das montanhas, da qual ele jamais poderia desfrutar novamente. Sua família nunca o visitou; provavelmente haviam encontrado outro provedor temporário, seguindo os modos do povo decadente da montanha.

Gradualmente eu comecei a sentir uma avassaladora admiração pelas concepções insanas e fantásticas de Joe Slater. O homem, em si, era lastimavelmente inferior, tanto em mentalidade quanto em seu modo de expressão; mas suas visões fulgurantes e titânicas, ainda que descritas em um calão bárbaro e desconexo, eram sem sombra de dúvida coisas que somente um cérebro superior, ou mesmo excepcional, poderia conceber. Como era possível, eu frequentemente me perguntava, que a imaginação estólida de um degenerado das Catskill pudesse conjurar imagens cuja simples concepção argumentava em favor de uma centelha de genialidade oculta? Como podia um papalvo da roça ter adquirido sequer uma ideia daqueles fúlgidos reinos de radiância e vastidão celestiais com os quais Slater tresvariava em seus delírios furiosos? Cada vez mais eu me inclinava à crença de que, na lastimável personalidade que se encolhia diante de mim, encontrava-se o núcleo desordenado de algo que estava além da compreensão de meus colegas médicos e cientistas mais experientes, porém menos imaginativos.

No entanto, eu não conseguia extrair nada de definido daquele homem. A soma de toda minha investigação apontava que, numa espécie

de vida onírica semicorpórea, Slater vagava ou flutuava por vales resplandecentes e prodigiosos, por campos, jardins, cidades e palácios de luz; numa região ilimitada e desconhecida pelo homem. Que lá ele não era um caipira ou um degenerado, mas uma criatura de importância e vívida existência; movendo-se com orgulho e altivez, e cerceada unicamente por certo inimigo mortal, que parecia ser uma criatura de corpo visível porém etéreo, e que aparentemente não possuía a forma humana, pois Slater nunca se referia a ele como um *homem*, ou como nada além de uma *criatura*. Essa *criatura* havia feito a Slater algum mal horrendo e inominável, do qual o maníaco (se maníaco ele era) desejava ardentemente vingar-se. Pela maneira como Slater se referia às relações entre ambos, concluí que ele e a *criatura* luminosa haviam se encontrado em igualdade de condições; que em sua existência onírica ele próprio era uma *criatura* luminosa da mesma raça de seu inimigo. Essa impressão se sustentou por suas frequentes referências a *voar através do espaço* e *queimar* tudo o que impedisse seu avanço. Porém tais concepções foram formuladas com palavras rústicas inteiramente inadequadas para expressá-las, uma circunstância que me levou à conclusão de que se um verdadeiro mundo onírico de fato existisse, a linguagem oral não era o meio pelo qual os pensamentos eram lá transmitidos. Seria possível que a alma de sonho que habitava aquele corpo inferior lutasse desesperadamente para dizer coisas que o idioma simples e entrecortado da estultice não conseguia pronunciar? Seria possível que eu estivesse face a face com emanções intelectuais capazes de explicar o mistério se ao menos eu pudesse aprender uma forma de descobri-las e decifrá-las? Não contei nada disso aos médicos mais velhos, pois a meia-idade é cética, cínica e pouco inclinada a aceitar novas ideias. Além disso, o chefe da instituição havia recentemente me alertado, à sua maneira paternalista, de que eu estava sobrecarregado; de que minha mente necessitava de repouso.

Há muito tempo eu nutria a convicção de que o pensamento humano consiste basicamente de movimentos atômicos ou moleculares, os quais podem ser convertidos em ondas de éter ou energia radiante como o calor, a luz e a eletricidade. Essa crença cedo me levou a contemplar a possibilidade da telepatia ou da comunicação mental por meio de dispositivos apropriados, e nos meus dias de colégio eu havia preparado um conjunto de instrumentos transmissores e receptores um tanto similares

aos desajeitados equipamentos empregados na telegrafia sem fio durante aquele rudimentar período anterior ao advento do rádio. Eu os havia testado com um colega estudante; mas como não obtive resultado algum, logo os encaixotei com outras quinquilharias científicas para possível uso futuro. Então, em meu desejo intenso de sondar a vida onírica de Joe Slater, tornei a procurar esses instrumentos, e passei vários dias reparando-os para colocá-los em ação. Depois de tê-los novamente montados, não deixava passar qualquer oportunidade para testá-los. A cada surto de violência de Slater, eu ajustava o transmissor à sua frente e o receptor à minha, fazendo constantes ajustes finos em busca dos vários comprimentos de onda hipotéticos da energia intelectual. Eu tinha pouca noção de como as impressões de pensamentos, caso a comunicação fosse bem-sucedida, estimulariam uma resposta inteligente no meu cérebro; mas tinha certeza de que poderia detectá-las e interpretá-las. Assim sendo, prossegui em meus experimentos, embora sem informar a ninguém sobre sua natureza.

Foi no dia 21 de fevereiro de 1901 que o evento finalmente ocorreu. Quando o revejo anos depois, percebo como parece irreal; e às vezes me pergunto se o velho dr. Fenton não teria razão quando o atribuiu à minha imaginação excitada. Recordo-me que ele ouviu com grande polidez e paciência quando eu lhe contei tudo, mas depois receitou-me um pó para os nervos e conseguiu-me uma licença de meio ano, que iniciei na semana seguinte. Naquela noite fatídica eu estava extremamente agitado e perturbado, pois apesar dos excelentes cuidados que havia recebido, Joe Slater estava inequivocamente morrendo. Talvez sentisse falta da liberdade que gozava nas montanhas, ou talvez a desordem de seu cérebro tivesse se tornado por demais aguda para o seu físico um tanto letárgico; em todo caso, a chama da vitalidade diminuía cada vez mais naquele corpo decadente. Perto do fim ele estava sonolento, e quando a escuridão caiu, entregou-se a um sono agitado. Não afivelei as correias de couro como era o costume quando ele dormia, pois vi que estava débil demais para oferecer perigo, mesmo que despertasse em desordem mental uma vez mais antes de falecer. Mas apliquei à sua cabeça e à minha as duas extremidades do meu “rádio” cósmico, na pífia esperança de receber uma primeira e última mensagem do mundo dos sonhos no breve tempo que ainda restava. Na cela conosco havia um enfermeiro, um su-

jeito medíocre que não entendia o propósito do dispositivo, nem se preocupou em indagar sobre o meu procedimento. Com o passar das horas, vi sua cabeça pender ridiculamente com o sono, mas não o incomodei. Eu próprio, acalentado pelas respirações rítmicas do saudável e do moribundo, devo ter cochilado um pouco mais tarde.

O som de uma bizarra melodia lírica foi o que me despertou. Acor-des, vibrações e êxtases harmônicos ecoavam apaixonadamente por toda parte; enquanto diante da minha visão extasiada irrompia um estupendo espetáculo de extrema beleza. Paredes, colunas e arquitraves de fogo vi-vo refulgiam ao redor do ponto onde eu parecia flutuar no espaço; e es-tendiam-se para o alto até uma cúpula abobadada infinitamente elevada e de esplendor indescritível. Fundindo-se com essa demonstração de magnificência palaciana, ou melhor, suplantando-a periodicamente num-a rotação caleidoscópica, havia vislumbres de amplas planícies e graci-osos vales, altas montanhas e grutas convidativas, cobertos com toda es-pécie de adoráveis atributos paisagísticos que meus olhos deslumbrados poderiam conceber, embora inteiramente formados por alguma entidade luminescente, etérea e plástica, cuja consistência tinha características de espírito tanto quanto de matéria. Enquanto admirava, percebi que meu próprio cérebro detinha a chave para essas metamorfoses encantadoras, pois cada paisagem que me aparecia era a que minha mente mutável mais desejava contemplar. Nesse reino paradisíaco eu não me encontra-va como um estranho, pois cada visão e som me eram familiares; tais co-mo haviam sido por éons de eternidade no passado, e viriam a ser em outras tantas eternidades por vir.

Então a aura resplandecente do meu irmão de luz se aproximou e entabulou conversação comigo, de alma para alma, num silencioso e perfeito intercâmbio de pensamentos. O momento era de iminente triunfo, pois não estava meu ser companheiro finalmente escapando de um degradante aprisionamento periódico; escapando para sempre, e preparando-se para perseguir o amaldiçoado opressor até os mais lon-gínquos confins do éter, e impor sobre ele uma flamejante vingança cósmica que abalaria até mesmo as esferas? Flutuamos assim por algum tempo, e então eu percebi que os objetos à nossa volta ficavam levemente desfocados e embaçados, como se alguma força estivesse me convo-cando de volta à terra — que era onde eu menos desejava ir. A forma ao

meu lado pareceu também sentir a mudança, pois gradualmente conduziu seu discurso rumo a uma conclusão, e preparou-se ela própria para deixar o cenário; desaparecendo de minha visão em um ritmo um pouco menos veloz que o dos outros objetos. Mais alguns pensamentos foram trocados, e eu soube que o ser luminoso e eu éramos chamados de volta ao cativeiro, embora para meu irmão de luz aquela fosse a última vez. A lastimável carapaça planetária logo estaria totalmente consumida, e em menos de uma hora meu companheiro estaria livre para perseguir o opressor ao longo da Via Láctea e ultrapassar as estrelas próximas até os confins do infinito.

Um choque muito definido separa minha última impressão do cenário de luz que se apagava e meu despertar súbito e um tanto envergonhado, quando vi, ao me endireitar na cadeira, a figura agonizante sobre o leito mover-se com gestos hesitantes. Joe Slater estava de fato acordado, embora provavelmente pela última vez. Quando olhei-o com mais atenção, vi que nas faces pálidas distinguiam-se pontos de cor que nunca haviam estado presentes antes. Os lábios também pareciam incomuns, pois estavam fortemente comprimidos, como pela força de um caráter mais voluntarioso que do que havia sido o de Slater. A face toda, por fim, começou a ficar tensa, e a cabeça virava-se incessantemente, com os olhos fechados. Não despertei o enfermeiro adormecido, mas reajustei as tiras ligeiramente deslocadas do meu “rádio” telepático, com a intenção de captar qualquer mensagem que o sonhador pudesse ter para emitir. Imediatamente sua cabeça virou-se em um gesto abrupto em minha direção, e os olhos se abriram, obrigando-me a contemplá-los em puro assombro. O homem que havia sido Joe Slater, um decadente habitante das Catskill, fixava-me agora com dois olhos luminosos e muito abertos, cujo azul parecia ter subitamente se intensificado. Não havia loucura nem degeneração visíveis naquele olhar, e eu senti sem sombra de dúvida que havia uma face por trás da qual encontrava-se uma mente ativa de primeira ordem.

A essa altura meu cérebro tinha consciência de que uma constante influência externa operava sobre ele. Fechei meus olhos para concentrar mais profundamente meus pensamentos, e fui recompensado pelo conhecimento de que a *mensagem mental que havia tanto tempo eu buscava finalmente chegara*. Cada ideia transmitida formava-se muito rápido

na minha mente, e embora não se empregasse nenhuma linguagem propriamente dita, minha habitual associação entre conceitos e expressões era tão grande que eu parecia estar recebendo a mensagem em inglês corrente.

“Joe Slater está morto”, disse a petrificante voz ou inteligência do outro lado da muralha do sono. Meus olhos abertos buscaram o leito do enfermo com curiosidade horrorizada, mas as íris azuis ainda me fitavam tranquilamente, e a fisionomia ainda era animada por inteligência. “Ele está melhor assim, pois não era apto para ser o portador do intelecto ativo de uma entidade cósmica. Seu corpo rude não podia passar pelos ajustes necessários para transitar entre a vida etérea e a vida planetária. Era em grande parte um animal, muito pouco humano; porém foi graças à sua deficiência que você veio a descobrir-me, pois as almas cósmica e planetária não deveriam jamais se encontrar. Ele foi meu tormento e prisão diurna por quarenta e dois anos terrestres. Eu sou uma entidade como a que você se tornou na liberdade do sono sem sonhos. Sou seu irmão de luz, e flutuei com você nos vales refulgentes. Não me é permitido contar ao seu ser terreno desperto sobre o seu ser real, mas nós somos todos andarilhos da vastidão dos espaços e viajantes de muitas eras. No ano que virá eu talvez esteja residindo no sombrio Egito que você considera antigo, ou no cruel império Tsan-Chan, que surgirá daqui a três mil anos. Você e eu já vagamos pelos mundos que orbitam a rubra Arcturus, e habitamos os corpos dos insetos filósofos que rastejam com orgulho na superfície da quarta lua de Júpiter. Como o ser terrestre sabe pouco sobre a vida e sua extensão! Na verdade, ele sabe tão pouco para preservar sua própria tranquilidade! Sobre o opressor eu nada posso falar. Vocês, na terra, sentiram involuntariamente a sua presença distante — vocês que, sem saber de sua existência, inadvertidamente deram ao seu farol, que pisca regularmente no espaço, o nome de Algol, a *Estrela-Demônio*.^[2] Para encontrar e dominar o opressor eu tenho lutado em vão ao longo de éons, impedido por obstáculos corpóreos. Esta noite eu partirei como uma Nêmesis, levando comigo a justa e cataclísmica vingança incandescente. *Observe-me no céu junto à Estrela-Demônio*. Não posso falar mais, pois o corpo de Joe Slater já se torna frio e rígido, e o cérebro grosseiro está deixando de vibrar de acordo com minha vontade. Você tem sido meu amigo no cosmos; tem sido meu único

amigo neste planeta — a única alma a me sentir e buscar no interior da forma repulsiva que jaz neste leito. Nós nos encontraremos novamente — talvez nas nebulosas reluzentes da Espada de Órion, talvez em um lúgubre platô da Ásia pré-histórica. Talvez esta noite, em sonhos que não serão lembrados; talvez com alguma outra forma, daqui a um éon, quando o sistema solar já estiver extinto.”

Nesse momento, as ondas de pensamento subitamente cessaram, e os olhos pálidos do sonhador — ou devo dizer do morto? — começaram a ficar vidrados. Quase em estupor eu me aproximei do leito e tomei seu pulso, mas encontrei-o frio, rígido e inerte. As faces encovadas estavam novamente pálidas, e os lábios grossos estavam abertos, revelando as presas repulsivamente apodrecidas do degenerado Joe Slater. Eu estremeci, puxei um cobertor sobre a face horrenda, e despertei o enfermeiro. Depois deixei a cela e segui silenciosamente para o meu quarto. Sentia uma persistente e inexplicável ânsia por um sono cujos sonhos eu não iria recordar.

O clímax? Que simples caso científico pode se vangloriar de tal efeito retórico? Eu meramente enumerei certas coisas que me parecem fatuais, permitindo que você as elabore como desejar. Como já admiti, meu superior, o velho dr. Fenton, nega a realidade de tudo o que eu relatei. Ele jura que eu passava por um colapso devido à tensão nervosa, e que me encontrava em urgente necessidade da longa licença remunerada que tão generosamente me concedeu. Ele me garante, por sua honra profissional, que Joe Slater não passava de um paranoico de baixa classe, cujas figurações fantásticas deviam ser provenientes das rústicas histórias folclóricas hereditárias que circulam até mesmo na mais decadente das comunidades. Isso tudo ele me diz — porém eu não posso esquecer do que vi no céu na noite seguinte à morte de Slater. Caso me considere uma testemunha tendenciosa, a caneta de outra pessoa deve acrescentar este testemunho final, que talvez forneça o clímax que você esperava. Citarei o seguinte relato sobre a estrela *Nova Persei* literalmente, conforme as páginas daquela iminente autoridade da astronomia, o professor Garret P. Serviss:

“No dia 22 de fevereiro de 1901, uma maravilhosa nova estrela foi descoberta pelo dr. Anderson, de Edimburgo, *não muito distante*

de Algol. Nenhum astro era visível anteriormente naquele ponto do céu. Em intervalo de vinte e quatro horas a estrela se tornou tão brilhante que ofuscou Capella. Após uma ou duas semanas ela perdeu visivelmente a força, e no decorrer de alguns meses mal podia ser vista a olho nu.”



A Gravura na Velha Casa

∴

The Picture in the House (1920)

The National Amateur (verão 1921)

Este compacto conto é amplamente considerado como a primeira grande história de Lovecraft. É a primeira de suas histórias a explorar verdadeiramente o estranho potencial da Nova Inglaterra e a primeira a incluir a cidade fictícia de Arkham e o fictício vale de Miskatonic.



Os que buscam o horror frequentam lugares estranhos e longínquos. Interessam-lhes as catacumbas de Ptolemaida e os mausoléus esculpidos em pedra, em países de pesadelo. Eles escalam as torres enluradas dos castelos em ruínas do Reno, e descem titubeando por degraus cobertos de teias sob as pedras desmoronadas de cidades asiáticas esquecidas. A floresta assombrada e a montanha desolada são seus santuários, e eles se deixam ficar nos arredores de sinistros monolitos e ilhas desabitadas. Mas o verdadeiro epicurista do terrível, para quem qualquer novo calafrio de terror impronunciável é o imperativo e a justificativa da existência, aprecia mais do que tudo as antigas e solitárias casas de fazenda dos

ermos da Nova Inglaterra; pois lá os elementos mais tenebrosos da força, da solidão, do grotesco e da ignorância se combinam para compor o horrendo em sua perfeição.

A mais horrível de todas as visões são as remotas casinhas de madeira sem pintura, geralmente atarracadas sobre alguma escarpa úmida e coberta de capim, ou debruçadas sobre algum gigantesco afloramento rochoso. Há mais de duzentos anos elas se mantiveram debruçadas ou atarracadas ali, enquanto as trepadeiras estendiam suas gavinhas e as árvores cresciam e se espalhavam. Hoje estão quase completamente ocultas pelo irrefreável verdor luxuriante e pelo manto de sombra que as protege; mas as janelas de pequenas vidraças ainda nos fitam assustadoramente, como se pestanejassem ao despertar de um estupor letal que as guardasse da loucura ao embotar as lembranças de coisas nefandas.

Nessas casas residiram gerações de estranhas pessoas, tais como o mundo nunca mais viu. Presas de uma crença obscura e fanática que as manteve isoladas de seus semelhantes, seus ancestrais buscaram a liberdade do desterro. Ali os descendentes de uma raça conquistadora de fato prosperaram livres das restrições de seus congêneres, mas curvados sob o peso de uma apavorante escravidão aos fantasmas sinistros que habitavam suas mentes. Divorciada das luzes da civilização, a força desses puritanos foi canalizada por vias singulares; e em seu isolamento, sua mórbida autorrepressão e sua luta pela vida contra a Natureza implacável, manifestaram-se neles aspectos obscuros e furtivos das profundezas pré-históricas de sua gélida herança nórdica. Pragmáticos por necessidade, e rígidos por convicção filosófica, os pecados dessa gente não eram nada belos. Errando como todos os mortais, seu rígido código disciplinar forçava-os a buscar a ocultação acima de tudo, de forma que aquilo que ocultavam se tornava cada vez mais repulsivo. Somente as silenciosas e modorrentas casas de semblante atento nos matagais poderiam dizer tudo o que jaz escondido desde os primeiros tempos; mas elas não são comunicativas, pois abominam afastar o torpor que as ajuda a esquecer. Por vezes, parece-nos que seria um ato de piedade pôr abaixo essas casas, pois elas devem sonhar com frequência.

A um desses edifícios massacrados pelo tempo fui conduzido, certa tarde de novembro de 1896, por uma chuva tão gélida e copiosa que qualquer tipo de abrigo seria preferível a continuar exposto a ela. Eu es-

tivera durante algum tempo viajando pelos povoados do vale do Miskatonic, em busca de certos dados genealógicos; e devido à natureza remota, sinuosa e problemática do meu trajeto, julgara conveniente empregar uma bicicleta, apesar da estação fria já estar adiantada. Então eu me encontrei numa via aparentemente abandonada, que havia escolhido por ser o atalho mais curto para Arkham. Surpreendido pela tormenta em um ponto afastado de qualquer cidade, não encontrei qualquer outro refúgio além da antiga e repulsiva construção de madeira que pestanejava com suas janelas turvas entre dois imensos olmos desfolhados junto ao sopé de uma colina rochosa. Por mais que estivesse distante dos resquícios de uma estrada, a casa me causou uma impressão desfavorável no momento em que a vislumbrei. Estruturas honestas e sadias não encararam os viajantes de maneira tão maliciosa e ameaçadora, e nas minhas pesquisas genealógicas eu havia encontrado lendas de um século antes que me deixaram precavido contra lugares daquele tipo. No entanto, a força dos elementos era tamanha que superou meus escrúpulos, e eu não hesitei em manobrar meu veículo pela ladeira coberta de mato até a porta fechada que parecia ao mesmo tempo tão sugestiva e sigilosa.

Por algum motivo eu tinha por certo que a casa estava abandonada, no entanto, ao me aproximar, deixei de estar tão seguro disso, pois embora as paredes estivessem de fato tomadas pelo mato, pareciam conservar sua natureza original bem demais para que se pudesse considerá-las completamente desertas. Por isso, em vez de experimentar a porta, eu bati, sentindo ao fazê-lo uma trepidação que mal posso explicar. Enquanto eu esperava sobre a rocha rústica e coberta de musgo que servia de degrau de entrada, olhei para as janelas vizinhas e para o basculante acima de mim, e notei que embora velhas, frouxas e quase opacas de sujeira, elas não estavam quebradas. A residência, então, devia estar ainda habitada, apesar do isolamento e do desleixo gerais. No entanto, minhas batidas não trouxeram nenhuma resposta, por isso, depois de repetir o chamado, experimentei o trinco enferrujado e descobri que a porta estava destrancada. Dentro havia um pequeno vestíbulo com paredes cujo reboco estava se soltando, e através da porta veio-me um odor tênue porém peculiarmente odioso. Eu entrei, carregando minha bicicleta, e fechei a porta atrás de mim. À frente erguia-se uma escadaria estreita, flanqueada por uma pequena porta que provavelmente dava para o po-

ção, ao passo que à esquerda e à direita havia portas fechadas que conduziam a aposentos do andar térreo.

Depois de encostar minha bicicleta na parede eu abri a porta da esquerda e entrei em um pequeno recinto de teto baixo, mas fracamente iluminado por suas duas janelas empoeiradas e mobiliado da maneira mais módica e primitiva possível. Parecia ser uma espécie de sala de estar, pois tinha uma mesa e várias cadeiras, e uma imensa lareira sobre cuja cornija tiquetaqueava um antigo relógio. Livros e papéis eram muito poucos, e na obscuridade predominante eu não pude distinguir os títulos. O que me interessou foi o uniforme ar de arcaísmo demonstrado em cada detalhe visível. A maioria das casas que eu havia encontrado naquela região eram pródigas em relíquias do passado, mas ali a antiguidade era curiosamente completa; pois no quarto inteiro eu não pude distinguir um só artigo de proveniência inequivocamente pós-revolucionária. Se os móveis fossem menos humildes, o lugar teria sido um paraíso para qualquer colecionador.

Enquanto eu examinava esse insólito aposento, senti aumentar aquela aversão inicialmente excitada pelo lúgubre exterior da casa. Exatamente o que eu temia ou abominava, não havia modo de definir; mas algo naquela atmosfera toda parecia recender a uma era iníqua, a uma rudeza desprazerosa, e a segredos que deveriam ser esquecidos. Senti-me pouco propenso a sentar-me, e andei por ali examinando os vários objetos que havia observado. O primeiro a atrair minha curiosidade foi um livro de tamanho médio deixado sobre a mesa e ostentando um aspecto de tal modo antediluviano que eu fiquei surpreso por contemplá-lo fora de um museu ou biblioteca. Era encadernado em couro com costuras em metal, e estava em excelente estado de preservação; um volume deveras incomum de se encontrar em um domicílio tão modesto. Quando abri na folha de rosto, minha surpresa se tornou ainda maior, pois ele se revelou nada menos raro que o relato de Pigafetta sobre a região do Congo, escrito em latim a partir das anotações do marinheiro Lopez, e impresso em Frankfurt, em 1598. Eu ouvira falar com frequência dessa obra, com suas curiosas ilustrações dos irmãos De Bry, e esqueci por um momento minha intranquilidade, tamanho era meu desejo de folhear as páginas que se encontravam diante de mim. As gravuras eram de fato interessantes, traçadas inteiramente a partir da imaginação e de descri-

ções imprecisas, e representavam congoleses de pele branca e feições caucasianas; eu não teria fechado o livro tão cedo se um incidente absolutamente banal não tivesse perturbado meus nervos exauridos e reavivado minha sensação de inquietude. O que me intrigou foi simplesmente a persistência com que o volume tendia a cair aberto como que por vontade própria na Gravura XII, que representava com crueza de detalhes um açougue dos canibais anziques. Senti alguma vergonha por minha suscetibilidade a uma coisa tão corriqueira, mas o desenho ainda assim me perturbou, especialmente por sua ligação com algumas passagens adjacentes que descreviam a gastronomia anzique.

Então eu me virei para uma estante próxima e estava examinando seus minguados conteúdos literários — uma Bíblia do século XVIII, uma edição do *Pilgrim's Progress* do mesmo período, um volume carcomido da *Magnalia Christi Americana*, de Cotton Mather, e alguns outros livros de idade evidentemente similar — quando minha atenção foi atraída pelo inconfundível som de passos no andar de cima. Inicialmente surpreso e assustado, considerando a ausência de resposta às batidas que eu há pouco dera à porta, imediatamente depois concluí que o caminhante devia ter acabado de acordar de um sono profundo; e apurei os ouvidos com menos surpresa enquanto os passos soavam nos degraus rangentes da escada. O andar era pesado, mas parecia dotado de uma curiosa cautela, uma característica que me desagradou ainda mais pelo peso das passadas. Depois de entrar naquele aposento eu havia fechado a porta. Então, após um momento de silêncio durante o qual o caminhante devia estar examinando minha bicicleta na sala, ouvi-o mexer no trinco e vi a porta se abrir novamente.

No umbral encontrava-se uma pessoa de aparência tão singular que eu teria exclamado em voz alta não fossem as rédeas da boa educação. Velho, de barba branca e em andrajos, meu anfitrião possuía um semblante e um físico que inspiravam igual admiração e respeito. Sua altura não podia ser menor que um metro e oitenta, e apesar da aparência geral de velhice e pobreza, ele era de proporções robustas e potentes. Seu rosto, quase oculto por uma longa barba que crescia com fartura em suas bochechas, parecia anormalmente rubicundo e menos enrugado do que se poderia esperar, enquanto por sobre a sua testa alta caía uma cabeleira branca que pouco se rarefizera com o passar dos anos. Seus olhos azuis,

embora um pouquinho injetados, pareciam inexplicavelmente penetrantes e ardentes. Não fosse por seu horrível desmazelo, o homem teria uma aparência tão distinta quanto impressionante. Esse desmazelo, porém, tornava-o repulsivo apesar de seu rosto e seu porte. Em que suas roupas consistiam eu dificilmente poderia dizer, pois para mim elas pareciam não passar de uma massa de trapos acima de um par de botas altas e pesadas; e sua falta de limpeza ultrapassava qualquer descrição.

A aparência desse homem, e o medo instintivo que ele inspirava, prepararam-me para algo semelhante à inimizade; de forma que eu quase estremei pela surpresa e por uma sensação de insólita incongruência quando ele gesticulou para que eu ocupasse uma cadeira e dirigiu-se a mim numa voz fina e fraca, plena de respeito servil e agradável hospitalidade. Sua fala era muito curiosa, uma forma extrema do dialeto ianque, que eu pensava estar há muito tempo extinta; e eu o examinei com atenção enquanto ele se sentava diante de mim para conversar.

— Pego pela chuva, né? — ele me cumprimentou. — Inda bem que ocê 'tava perto da casa e teve o bão senso de entrá direto. Calculo qu'eu 'tava dormindo, senão tinha ouvido ocê. Eu em um sô mais mocinho como já fui, e preciso de um bão cochilo veiz em quando. Viajando pra onde? Num vejo muita gente ness'istrada des'que acabaro c'a diligência de Arkham.

Eu respondi que estava indo para Arkham, e desculpei-me por entrar de maneira tão rude em seu domicílio, e então ele prosseguiu.

— Gostei de vê ocê, seu moço; é difícil vê cara nova por aqui, e eu em um tenho muita distração ultimamente. Aposto que ocê é de Boston, né? Eu nunca 'tive lá, mas posso reconhecê um home da cidade quando vejo; nós tivemos um aqui, como mestre-escola do distrito, em oitenta e quatro, mas ele foi simbora de repente e ninguém mais ouviu falá dele...

Neste momento o velho soltou uma espécie de gargalhada, mas não deu explicação alguma quando eu o questionei. Ele parecia estar em um humor excelente, apesar de ostentar aquelas excentricidades que se poderia deduzir da sua aparência. Por algum tempo, tagarelou com uma jovialidade quase febril, quando então me ocorreu perguntar-lhe como um livro tão raro como o *Regnum Congo* de Pigafetta havia ido parar ali. A impressão causada pelo volume não havia me deixado, e eu senti uma certa hesitação em tocar no assunto; mas a curiosidade superou to-

dos os temores vagos que eu havia acumulado progressivamente desde o primeiro olhar que dirigi à casa. Para meu alívio, a pergunta não parecia ser indiscreta, pois o velho respondeu livremente e com fluência.

— Ah, o livro africano? O Capitão Ebenezer Holt me vendeu em sessenta e oito; ele foi morto na guerra.

Alguma coisa no nome de Ebenezer Holt me fez erguer os olhos de repente. Eu o havia encontrado na minha pesquisa genealógica, mas não existia qualquer registro dele desde a Revolução. Eu me perguntei se meu anfitrião poderia me ajudar no meu trabalho, e resolvi que perguntaria a respeito mais tarde. Ele prosseguiu.

— Ebenezer 'teve em um navio mercante de Salem durante anos, e em cada porto pegava as coisas mais estranhas. Ele arranjà isso em Londres, eu acho — o home gostava de comprá tudo o que era coisa nas lojas. Uma vez eu fui na casa dele, no morro, negociá cavalos, e foi quando eu vi esse livro. Gostei das figuras, e aí ele me deu numa troca. É um livro esquisito — peraí, deixa eu pôr meus óculos.

O velho vasculhou seus trapos, tirando um par de óculos imundos e assombrosamente antigos, com pequenas lentes octogonais e aros de aço. Depois de colocá-los, ele apanhou o volume sobre a mesa e virou as páginas apaixonadamente.

— Ebenezer sabia lê um pouco disso — esse tal de latim — mas eu não. Eu fiz dois ou três mestres-escolas lerem um pouquinho pra mim, e também o Pastor Clark, que dizem que se afogô no poço — você consegue entender alguma coisa?

Respondi-lhe que sim, e traduzi um parágrafo próximo ao começo. Se errei, ele não tinha erudição suficiente para me corrigir, pois parecia sentir uma satisfação pueril ao ouvir minha versão em inglês. Sua proximidade estava se tornando um tanto detestável, porém eu não via escapatória possível sem ofendê-lo. Fiquei surpreso com o apreço infantil daquele velho homem ignorante pelas gravuras de um livro que não sabia decifrar, e me perguntei se ele conseguiria ler melhor os poucos livros em inglês que adornavam o recinto. Essa revelação de simplicidade removeu grande parte da apreensão indefinida que eu havia sentido, e eu sorri quando meu anfitrião prosseguiu seu falatório:

— Estranho como as gravuras fazem a gente pensá. Veja essa ali no começo. Já viu árvores desse jeito, com foias tão grandes, balançando

dum lado pra outro? E esses homes — eles num pode sê negros — num chegam nem perto. Parecem mais bugres, eu acho, apesar de 'tarem na África. Algumas dessas criaturas parecem macacos, ou meio macacos e meio gente, mas eu nunca vi nada parecido com esta aqui.

Então ele apontou para um ser fabuloso criado pelo artista, que poderia ser descrito como uma espécie de dragão com cabeça de crocodilo.

— Mas agora eu vô te mostrá a melhor, aqui, perto do meio...

A fala do velho ficou um pouquinho mais grossa e seus olhos ficaram mais brilhantes; mas suas mãos tateantes, embora parecessem ainda mais desajeitadas do que antes, eram inteiramente adequadas para a missão que se propunham. O livro caiu aberto, quase por sua própria conta, como se aquele lugar fosse consultado com frequência, na repulsiva décima segunda lâmina, exibindo um açougue entre os canibais anzique. Minha sensação de desassossego retornou, embora eu não a demonstrasse. A particularidade especialmente bizarra era o fato de o artista ter feito seus africanos se parecerem com homens brancos — os membros e quartos pendurados nas paredes da loja eram repugnantes, enquanto o açougueiro com seu machado era horrendamente incongruente. Mas meu anfitrião parecia se divertir com aquela visão tanto quanto eu a detestava.

— Que ocê tá achando? Nunca viu coisa assim por aqui, né? Quando eu vi isso, falei pro Eb Holt: “Taí uma coisa pra mexê co’a gente e fazê o sangue fervê!” Quando eu leio sobre chacinas nas Escrituras — como o assassinato daqueles midianitas — eu até penso coisas, mas num tenho a imagem delas. Aqui dá pra vê tudo que há pra vê — acho até que é pecado, mas nós tudo não nascêmo e vivêmo em pecado? Aquele sujeito sendo esquartejado me dá um comichão toda veiz que eu vejo — eu num consigo deixá de olhá, tá vendo como o açougueiro corta fora os pés dele? Aquela ali é a cabeça em cima do banco, com um braço do lado, e o outro braço tá no chão, do lado do cepo de carne.

Enquanto o homem murmurava em seu êxtase assustador, a expressão na sua face hirsuta e de óculos tornou-se indescritível, mas sua voz diminuía em vez de aumentar. Quanto aos meus sentimentos, mal podem ser registrados. Todo o terror que anteriormente eu sentia apenas de maneira difusa disparou ativa e vividamente dentro de mim, e eu percebi que abominava a criatura repugnante e senil à minha frente com

uma intensidade infinita. Sua loucura, ou ao menos sua perversão parcial, parecia indisputável. Ele estava falando quase aos sussurros agora, cochichos que eram muito mais terríveis do que um grito, e eu tremia ao escutá-los.

— Como eu digo, é estranho como essas gravuras fazem a gente pensá. Sabe, seu moço, eu tenho uma fissura por esta aqui. Desde que peguei o livro do Eb, me costumei a olhá pra ela um montão; especialmente depois que eu ouvia as lengalengas do Pastor Clark aos domingos, com aquela perucona dele. Uma vez eu tentei uma coisa divertida — ei, seu moço, não se assuste — a única coisa que eu fiz foi olhá a figura antes de matá um carneiro pra levá pro mercado — matá carneiro era bem mais divertido depois de olhá pra ela...

O tom de voz do velho era agora muito baixo, às vezes ficando tão tênue que suas palavras mal podiam ser ouvidas. Eu escutei a chuva, e o vento sacudindo as janelas de vidros pequenos e embaçados, e notei o rumorejar de um trovão se aproximando, o que era bastante incomum para aquela época do ano. Em dado momento, houve um relâmpago terrível e um ribombar que sacudiu a casa frágil até os alicerces, mas o homem com seus sussurros pareceu não ter percebido.

— Matá carneiros era bem mais divertido, mas... ocê sabe, não era tão satisfatório. Engraçado como uma simples figura desperta uma vontade na gente. Se ocê ama o Todo-Poderoso, moço, não conte a ninguém, mas eu juro que olhá praquela figura começou a me dá uma fome de quitutes que eu não podia criá nem comprá — ei, fique quieto, qual é o problema? — Eu num fiz nada, só imaginei como ia sê se fizesse. Dizem que a carne constrói o sangue e os músculos, e dá vida nova pra gente, por isso eu me perguntei se ela faria um home vivê mais e mais, se fosse *quase igual*...

Mas os sussurros não continuaram. A interrupção não foi motivada pelo meu medo, nem pela tempestade que rapidamente crescia, em meio a cujo furor eu abri meus olhos numa solidão enevoadada de ruínas enegrecidas. Ela foi causada por um acontecimento muito simples, porém um tanto incomum.

O livro continuava aberto entre nós, com a gravura voltada asquerosamente para cima. Quando o velho murmurou as palavras “*quase igual*”, um pequeno impacto líquido se ouviu, e algo apareceu no papel

amarelado do volume aberto sobre a mesa. Pensei que fosse a chuva e uma goteira no telhado, mas gotas de chuva não são vermelhas. No açougue dos canibais anzique, uma pequena gota rubra reluzia de maneira pitoresca, emprestando vividez ao horror da gravura. O velho a viu, e parou de sussurrar antes mesmo que minha expressão de horror tornasse isso necessário; viu-a, e olhou rapidamente para o quarto que ele havia deixado uma hora antes. Eu segui o seu olhar, e distingui logo acima de nós, no forro de gesso em desagregação do antigo teto, uma grande mancha irregular de umidade escarlate, que parecia se espalhar enquanto nós a observávamos. Não gritei nem me movi, apenas fechei os meus olhos. No momento seguinte, veio o mais titânico de todos os raios, explodindo aquela casa amaldiçoada e seus segredos inconfessáveis, e trazendo o alheamento que, por si só, salvou minha mente.



O Velho Terrível

∴

The Terrible Old Man (1920)

The Tryout (jul. 1921)

Este pequeno conto nos apresenta pela primeira vez a cidade fictícia de Kingsport. Lembra um pouco de “A rua”, na medida em que envolve uma desgraça horrível que cai sobre um grupo de estrangeiros suspeitos, e embora desta vez os estrangeiros não sejam russos, ela permanece muito no espírito do pós-guerra “Red Scare”.



O propósito de Angelo Ricci, Joe Czanek e Manuel Silva era fazer uma visita ao Velho Terrível. Este homem idoso reside completamente só numa casa muito antiga na Water Street, perto do mar, e tem a reputação de ser extraordinariamente rico e extraordinariamente debilitado, o que compõe uma situação muito atraente para homens da profissão dos senhores Ricci, Czanek e Silva, pois essa profissão não era nada menos digno do que o roubo de residências.

Os habitantes de Kingsport dizem e pensam muitas coisas sobre o Velho Terrível, o que geralmente o mantém a salvo da atenção de cava-

lheiros como o sr. Ricci e seus colegas, a despeito do fato quase certo de que ele esconde uma fortuna de magnitude indefinida em algum lugar do seu bolorento e venerável domicílio. Ele é, na verdade, uma pessoa muito estranha, de quem se acredita ter sido em seus dias um capitão de veleiros das Índias Orientais; tão velho que ninguém consegue se recordar de quando foi jovem, e tão taciturno que poucos conhecem seu verdadeiro nome. Entre as árvores retorcidas do quintal em frente à sua moradia velha e negligenciada ele mantém uma coleção de grandes rochas, curiosamente agrupadas e pintadas de modo a assemelharem-se a ídolos de algum obscuro templo oriental. Essa coleção afugenta a maioria dos garotinhos que adoram zombar dos longos cabelos e barbas brancos do Velho Terrível, ou quebrar os pequenos vidros das janelas da sua residência com projéteis perversos. Mas há outras coisas que assustam as pessoas mais velhas e curiosas que às vezes se esgueiram até a casa para espiar pelas vidraças empoeiradas. Essa gente diz que sobre uma mesa numa sala nua do andar térreo há muitas garrafas peculiares, e em cada uma delas um pequeno pedaço de chumbo suspenso como um pêndulo por um cordão. E dizem que o Velho Terrível conversa com esses frascos, dirigindo-se a eles por nomes como Jack, Scar-Face, Long-Tom, Spanish Joe, Peters e Mate Ellis, e que sempre que ele fala com uma garrafa o pequeno pêndulo dentro dela produz certas distintas vibrações, como se respondesse. Aqueles que assistiram o alto e magro Velho Terrível nessas peculiares conversações não tornaram a observá-lo. Mas Angelo Ricci, Joe Czanek e Manuel Silva não tinham o sangue de Kingsport; eles eram daquela nova e heterogênea cepa estrangeira que é alheia ao círculo encantador da vida e das tradições da Nova Inglaterra, e viam no Velho Terrível meramente um homem de barbas brancas, trôpego e quase indefeso, que não conseguia caminhar sem o auxílio da sua bengala nodosa, e cujas mãos finas e frágeis tremiam de maneira lamentável. Na realidade eles sentiam muita pena, à sua maneira, do velho sujeito solitário e impopular, a quem todos evitavam, e para quem todos os cães singularmente latiam. Mas trabalho é trabalho, e para um assaltante cuja alma reside na sua profissão, há um apelo e um desafio em um homem idoso e muito frágil que não tem conta bancária, e que paga por suas poucas necessidades no armazém da vila com moedas espanholas de ouro e prata, cunhadas dois séculos atrás.

Os srs. Ricci, Czanek e Silva escolheram a noite de 11 de abril para a sua visita. O sr. Ricci e o sr. Silva iriam entrevistar o pobre cavalheiro idoso, enquanto o sr. Czanek esperaria por eles e seu presumível fardo metálico num automóvel com a capota erguida na Ship Street, junto ao portão do alto muro dos fundos do terreno de seu anfitrião. O desejo de evitar explicações desnecessárias no caso de uma intrusão inesperada da polícia motivou esses planos a adotar uma partida silenciosa e sem ostentação.

Conforme o combinado, os três aventureiros começaram a agir separadamente, com a finalidade de prevenir quaisquer suspeitas maliciosas posteriores. Os srs. Ricci e Silva se encontraram na Water Street, junto ao portão da frente do velho, e embora não gostassem do modo como a lua brilhava sobre as pedras pintadas por entre os ramos em flor das árvores retorcidas, tinham coisas mais importantes em que pensar do que em meras e inúteis superstições. Eles temiam que pudesse se revelar um trabalho desagradável o de estimular a loquacidade do Velho Terrível acerca do ouro e da prata amalhados por ele, pois idosos capitães do mar eram notavelmente turrões e insensatos. Por outro lado, o homem era muito velho e debilitado, e haveria dois visitantes. Os srs. Ricci e Silva eram experientes na arte de tornar verbosas as pessoas relutantes, e os gritos de um homem fraco e excepcionalmente vetusto poderiam ser abafados com facilidade. Por isso eles avançaram até a única janela iluminada e escutaram o Velho Terrível conversar puerilmente com suas garrafas dotadas de pêndulos. Então vestiram suas máscaras e bateram polidamente na porta de carvalho manchada pelo tempo.

A espera pareceu muito longa para o sr. Czanek, enquanto ele se inquietava sob a capota do automóvel junto ao portão dos fundos do Velho Terrível, na Ship Street. Ele tinha um coração mais mole que o normal, e não gostou dos gritos horríveis que havia escutado na antiga casa logo depois da hora marcada para o delito. Não havia dito aos seus colegas para serem o mais gentis possível com o patético velho capitão do mar? Com muito nervosismo ele observou aquele estreito portão de carvalho no alto muro de pedra coberto de heras. Com frequência consultava seu relógio, e se perguntava o motivo da demora. O velho teria morrido antes de revelar o local onde o seu tesouro estava escondido e uma busca completa se tornara necessária? O sr. Czanek não gostava de

esperar tanto tempo no escuro em um lugar daqueles. Então ele percebeu leves passos ou um bater de bengala na calçada para dentro do portão, ouviu um delicado tentar no trinco enferrujado e viu a porta estreita e pesada se abrir para o lado de dentro. E na pálida claridade da única fraca lâmpada de rua ele forçou seus olhos para ver o que seus colegas haviam trazido daquela casa sinistra que se erguia tão próxima, às costas deles. Mas quando olhou, não viu o que esperava, pois não havia nenhum de seus colegas ali, apenas o Velho Terrível apoiado tranquilamente em sua bengala nodosa e sorrindo de um modo perverso. O sr. Czanek nunca antes havia notado a cor dos olhos daquele homem; agora via que eram amarelos.

Pequenas coisas provocam excitação considerável nas cidades pequenas, e essa foi a razão por que o povo de Kingsport falou por toda aquela primavera e verão sobre os três corpos inidentificáveis que a maré jogou na praia, horivelmente retalhados, como se golpeados por muitos alfanjes; e horrendamente desfigurados, como se tivessem sido pisados por numerosos e cruéis tacões de botas. E algumas pessoas falavam até mesmo de coisas mais triviais, como o automóvel abandonado encontrado na Ship Street, ou certos gritos particularmente inumanos, provavelmente de algum animal desgarrado ou ave migratória, ouvidos no meio da noite por cidadãos insones. Mas nesse fútil falatório de vilarejo o Velho Terrível não tinha interesse algum. Ele era por natureza reservado, e quando se é idoso e debilitado, a reserva é sem dúvida redobrada. Além disso, um capitão do mar tão senil deve ter testemunhado dezenas de coisas muito mais excitantes, nos longínquos dias da sua esquecida juventude.



Old Bugs

∴

Old Bugs (1919)

The Shuttered Room and Other Pieces (1959)

Está é uma peça cômica dirigida por Lovecraft diretamente a seu amigo Alfred Galpin com o intuito de dissuadi-lo de seu desejo de experimentar álcool. Algumas das personagens do conto (como Eleanor Wing) são baseadas em pessoas do círculo de Galpin. Este, por sua vez, é retratado na figura do próprio protagonista, Old Bugs, um alcoólatra que perde sua carreira e seu amor para o vício.



Uma extemporânea história lacrimosa
Por Marcus Lolius, Procônsul da Gália

O Sheehan's Bilhar, que adorna um dos becos mais desprezíveis no coração do distrito comercial de Chicago, não é um lugar aprazível. Seu ar, sobrecarregado por milhares de odores como os que Coleridge deve ter sentido em Colônia, muito raramente conhece os raios purificadores do sol; mas compete pelo espaço com as fumaças acres de inumeráveis cha-

rutos e cigarros baratos que pendem dos lábios grosseiros dos inumeráveis animais humanos que frequentam o lugar dia e noite. Mas a popularidade do Sheehan's permanece inigualável; e há um motivo para isso — um motivo óbvio para qualquer um que se dê ao trabalho de analisar os variegados fedores que prevalecem ali. Acima da fumaça e da promiscuidade nauseante ergue-se um aroma que já foi familiar em todo o país, mas que hoje encontra-se felizmente banido para as ruelas da vida pelo decreto de um governo benevolente — o aroma do forte e perverso *uísque* — uma espécie deveras preciosa de fruto proibido neste ano da graça de 1950.

O Sheehan's é o conhecido centro do tráfico subterrâneo de bebidas e narcóticos de Chicago, e como tal dispõe de uma certa dignidade que se estende até mesmo aos desleixados *attachés* do lugar; mas até pouco tempo havia um deles que se mantinha fora dos limites dessa dignidade — alguém que partilhava da sordidez e da imundície, mas não da importância do Sheehan's. Chamavam-no "*Old Bugs*", e era o elemento mais mal-afamado em um meio já por si malconceituado. O que ele algum dia havia sido, muitos tentavam adivinhar; pois sua linguagem e pronúncia, quando intoxicados até um certo grau, eram tais que despertavam admiração; mas quanto ao que ele *era*, tratava-se de uma questão de menor dificuldade — pois "*Old Bugs*", em um grau superlativo, era a epítome da patética espécie conhecida como "vagabundos" ou os "sem eira nem beira". De onde ele viera, ninguém sabia dizer. Certa noite ele havia irrompido em desvario Sheehan's adentro, espumando pela boca e berrando por uísque e haxixe; e após devidamente suprido sob a promessa de retribuir com biscates, passou a viver por ali desde então, esfregando assoalhos, limpando escarradeiras e copos, e cumprindo uma centena de deveres menores como esses em troca da bebida e das drogas necessárias para mantê-lo vivo e são.

Ele falava muito pouco, e geralmente no jargão comum do submundo; mas ocasionalmente, quando inflamado por um uma dose incomumente generosa de uísque barato, explodia em torrentes de polissílabos incompreensíveis e retalhos de prosa e verso sonorosos, que levavam certos *habitués* a conjecturar que o sujeito já vira tempos melhores. Um dos fregueses regulares — um falido incógnito — conversava com ele com bastante regularidade, e pelo tom de seu discurso arriscava-se a

opinar que o homem havia sido um escritor ou professor nos seus melhores dias. Mas a única pista tangível sobre o passado de Old Bugs era uma fotografia desbotada que ele carregava sempre consigo — a fotografia de uma jovem de feições nobres e belas. Às vezes tirava-a de seu bolso em farrapos, desembrulhava-a com cuidado de seu invólucro de papel de seda, e contemplava-a durante horas com uma expressão de inefável tristeza e ternura. Não era o retrato de alguém que um covil do submundo conheceria, mas de uma dama de fino trato e qualidade, trajando um singular vestuário de trinta anos antes. O próprio Old Bugs também parecia pertencer ao passado, pois seus trajes indefiníveis traziam todas as marcas da antiguidade. Era um homem de altura imensa, provavelmente mais de um metro e oitenta, embora seus ombros caídos algumas vezes disfarçassem esse fato. Seus cabelos, de um branco sujo e soltos em grenhas, nunca eram penteados; e na sua face magérrima crescia uma barba áspera que parecia sempre reduzida ao estágio cerdoso — jamais era raspada, porém nunca ficava longa o suficiente para formar um par respeitável de suíças. Suas feições talvez tivessem sido nobres um dia, mas eram agora marcadas pelos efeitos medonhos da sua terrível dissipação. Em algum período — provavelmente na meia-idade — era evidente que ele havia sido francamente gordo; mas agora era horivelmente magro, e sua carne purpúrea pendia em bolsas frouxas sob os olhos turvos e sobre as bochechas. Tudo somado, Old Bugs não era agradável de se olhar.

A disposição de Old Bugs era tão esquisita quanto seu aspecto. Comumente, ele correspondia ao tipo desamparado — pronto a fazer qualquer coisa por um níquel ou uma dose de uísque ou haxixe — mas a intervalos esparsos ele demonstrava os tratos que lhe valeram o apelido. Nesses momentos ele tentava se recompor, e um certo fogo se infiltrava nos seus olhos fundos. Suas atitudes assumiam uma graça não costumeira e até alguma dignidade; e as criaturas embotadas à sua volta sentiam nele uma certa superioridade — algo que os tornava menos dispostos a desferir os costumeiros chutes e safanões no pobre lacaio que era alvo de suas chacotas. Nessas ocasiões ele exibia um humor sardônico e fazia observações que os frequentadores do Sheehan's julgavam tolas e irracionais. Mas o encanto logo passava, e mais uma vez Old Bugs reassumia seu eterno esfregar de assoalho e esvaziar de escarradeiras. Exceto por

um detalhe, Old Bugs seria um escravo ideal para o estabelecimento — e esse detalhe era sua conduta quando jovens rapazes eram introduzidos ali para o seu primeiro trago. O velho então se erguia do chão em furor e excitação, balbuciando ameaças e advertências, e procurava dissuadir os noviços de embarcar naquela rota que os levaria a “ver a vida como ela é”. Ele espumava e fumegava, explodindo em sesquipedais admoestações e insólitos augúrios, e animava-se de uma assustadora severidade que provocava calafrios em mais de um cérebro assolado pela droga no recinto abarrotado. Mas depois de algum tempo a sua mente enfraquecida pelo álcool desviava-se do tema, e com um sorriso tolo ele retornava mais uma vez ao seu esfregão ou seu pano de limpeza.

Não creio que muitos fregueses regulares do Sheehan’s algum dia venham a se esquecer da ocasião em que o jovem Alfred Trever chegou. Ele era um verdadeiro “achado” — um rapaz rico e espirituoso, que desejava “chegar ao limite” de tudo que experimentava — ao menos, esse era o veredito de Pete Schultz, o “recrutador” do Sheehan’s, que havia encontrado o garoto no Lawrence College, na pequena cidade de Appleton, Wisconsin. Trever era filho de pais proeminentes em Appleton. Seu pai, Karl Trever, era advogado e cidadão distinto, enquanto sua mãe havia construído uma reputação invejável como poeta, sob o nome de solteira de Eleanor Wing. Alfred era, ele próprio, um estudioso e poeta de projeção, embora amaldiçoado com uma certa irresponsabilidade pueril que fazia dele uma presa ideal para o recrutador do Sheehan’s. Ele era loiro, bonito e mimado; vivaz e ávido por experimentar as várias formas de dissipação sobre as quais lera e ouvira. No Lawrence, havia se destacado na debochada fraternidade de “Tappa Tappa Keg”, onde era o mais turbulento e alegre daqueles turbulentos e alegres jovens trocistas; mas essa frivolidade imatura e colegial não o satisfazia. Ele conhecia os vícios mais profundos por intermédio dos livros, e agora ansiava conhecê-los por experiência própria. Talvez essa tendência para o desregramento tenha sido de algum modo estimulada pela repressão à qual havia sido submetido no lar; pois a sra. Trever tinha uma razão particular para criar seu único filho com rígida severidade. Em sua própria juventude, ela ficara profunda e permanentemente impressionada pelo horror da dissipação em consequência do caso ocorrido a alguém com quem estivera por algum tempo comprometida.

O jovem Galpin, o noivo em questão, havia sido um dos mais notáveis filhos de Appleton. Após ter obtido distinção, quando garoto, por seu maravilhoso intelecto, conquistou vasta fama na Universidade de Wisconsin, e com a idade de vinte e três anos retornou a Appleton para assumir uma cadeira no Lawrence e colocar um diamante no dedo da mais bela e brilhante filha da cidade. Por algum tempo, tudo foi felicidade, até que a tempestade chegou sem avisar. Hábitos perniciosos, que remontavam a um primeiro drinque tomado anos antes na reclusão dos bosques, começaram a se manifestar no jovem professor; e só um pedido de demissão às pressas possibilitou que ele escapasse a um vergonhoso processo por ferir os bons hábitos e a moral dos pupilos que estavam ao seu encargo. Após a ruptura do noivado, Galpin mudou-se para o leste a fim de começar vida nova; mas não demorou muito até que os moradores de Appleton soubessem de sua desonrosa dispensa da Universidade de Nova York, onde havia obtido um cargo de docência de língua inglesa. Galpin então passou a dedicar seu tempo à biblioteca e à mesa de conferências, preparando publicações e discursos sobre diversos assuntos ligados às *belles lettres*, e sempre demonstrando uma genialidade tão notável que por vezes levava a crer que o público deveria perdoo-lo por seus erros passados. Suas ardorosas palestras em defesa de Villon, Poe, Verlaine e Oscar Wilde aplicavam-se igualmente a ele próprio, e no curto veranico de sua glória falava-se de um novo noivado em certa refinada residência da Park Avenue. Mas então veio o golpe. Uma última desgraça, comparada à qual as outras não haviam sido nada, estilhaçou as ilusões daqueles que haviam começado a acreditar na reabilitação de Galpin; e o jovem abandonou seu nome e sumiu de vista. Rumores, de quando em quando, associavam-no a um certo “Cônsul Hasting”, cuja obra para o palco e as companhias de cinema atraiu certo grau de atenção em virtude de seu fôlego erudito e sua profundidade. Mas Hasting logo desapareceu das atenções públicas, e Galpin tornou-se apenas um nome citado pelos pais em entonações de alerta. Eleanor Wing logo celebrou seu casamento com Karl Trever, um jovem advogado em ascensão, e do seu antigo pretendente conservou apenas a lembrança necessária para determinar o nome de seu único filho e a orientação moral daquele belo e genioso rapaz. Mas agora, a despeito de toda

essa orientação, Alfred Trever encontrava-se no Sheehan's, prestes a tomar seu primeiro drinque.

— Chefe — gritou Schultz, ao entrar no recinto fétido com sua jovem vítima —, conheça meu amigo Al Trever, craque esportivo em Lawrence — que fica em Appleton, Wisconsin, 'cê sabe. O cara é gente fina, também — o pai dele é um advogado empresarial importante lá, e a mãe é uma espécie de gênio literário. Ele quer ver a vida como ela é — quer provar um uísque dos bons — portanto não esqueça que o rapaz é meu chapa e trate bem dele.

Quando os nomes Trever, Lawrence e Appleton foram lançados ao ar, os desocupados tiveram a impressão de sentir algo incomum. Talvez fosse apenas algum som decorrente dos choques entre bolas nas mesas de bilhar ou do tilintar dos copos que vinha das regiões obscuras do fundo do botequim — talvez apenas isso, somado a algum perturbador roçar das cortinas imundas na única janela encardida —, porém muitos pensaram que alguém no recinto havia rangido os dentes e exalado de maneira muito aguda.

— Prazer em conhecê-lo, Sheehan — disse Trever em um tom calmo e educado. — Esta é a minha primeira experiência em um lugar como este, mas sou um estudioso da vida, e não quero desperdiçá-la de modo algum. Há poesia nesta espécie de coisas, você sabe — ou talvez não saiba, mas dá no mesmo.

— Jovem colega — respondeu o proprietário —, 'cê veio pro lugar certo se qué conhecê a vida. Nós têm de tudo aqui — vida real e diversão. O governo maldito pode tentá obrigá as pessoas a bancá os bonzinhos, se quisé, mas não pode impedi um sujeito de dá uns tapas na marvada de vez em quando. O que 'cê vai querê, colega — bebida, coca ou outro tipo de droga? Não tem nada que 'cê peça que a gente não arranje.

Os frequentadores dizem que foi nesse momento que notaram a interrupção do raspar regular e monótono do esfregão.

— Quero uísque — do bom e tradicional destilado de centeio! — exclamou Trever com entusiasmo. — Vou lhe dizer, eu enjoei definitivamente de tomar refrescos após ler sobre as alegres bebedeiras dos camaradas dos velhos dias. Não consigo ler um anacreôntico sem que minha boca junte água — e é por algo bem mais forte do que água que ela fica assim!

— Anacreôntico... que diabo é isso? — os olhos de vários frequentadores se voltaram para o jovem, pois ele se expressou ligeiramente além do alcance deles. Mas o falido incógnito explicou-lhes que Anacreonte era um sujeito alegre, que viveu muitos anos atrás e descreveu como tudo era mais divertido quando o mundo todo era exatamente como o Sheehan's.

— Vejamos, Trever — continuou o falido —, Schultz não falou que sua mãe é uma personalidade literária, também?

— Sim, com os diabos — respondeu Trever —, mas não chega aos pés do velho teano! Ela é mais uma daqueles eternas moralistas obtusas que tentam acabar com toda a alegria de viver. Uma velha piegas... já ouviu falar dela? Escreve sob o nome de solteira de Eleanor Wing.

Foi nesse momento que Old Bugs derrubou seu esfregão.

— Bem, tá aqui o que 'cê qué — anunciou Sheehan com jovialidade quando uma bandeja de garrafas e copos foi trazida para o recinto. — Um bom uísque de centeio, tão forte quanto os que 'cê encontra em Chicago.

Os olhos do jovem cintilaram e suas narinas se dilataram ao sentir os vapores do fluido acastanhado que um garçom lhe servia. Aquilo causou-lhe uma horrível repulsa, e revoltou toda a sua delicadeza hereditária; mas sua determinação de provar o sabor da vida em plenitude não o havia abandonado, e ele manteve uma expressão decidida. Mas antes que sua resolução fosse posta a teste, o inesperado interveio. Old Bugs, disparando da posição agachada em que estivera até então, saltou sobre o jovem e arrancou das suas mãos o copo erguido, atacando quase simultaneamente a bandeja de copos e garrafas com seu esfregão, e espalhando os conteúdos pelo chão numa confusão de fluidos odoríferos e cacos de copos e garrafas. Vários homens, ou coisas que um dia foram homens, lançaram-se ao chão e começaram a lambar as poças de bebida derramada, mas a maioria ficou imóvel, assistindo as ações sem precedentes daquele desamparado escravo de botequim. Old Bugs se emperdigou diante do atônito Trever, e numa voz suave e polida disse:

— Não faça isso. Eu fui como você um dia, e fiz. Agora sou... assim.

— O que você está dizendo, seu maldito velho louco? — gritou Trever. — O que você pretende, interferindo desse jeito no prazer de um cavalheiro?

Sheehan, que se recuperou de seu assombro, avançou e pousou sua mão pesada no ombro do velho pária.

— Este é o fim da linha pra ocê, velhote! — ele exclamou com fúria.
— Quando um cavalheiro qué tomá um trago aqui, por Deus, ele toma, sem que ocê interfira. Agora suma daqui antes que eu te chute pra fora.

Mas a avaliação de Sheehan carecia de conhecimento científico sobre psicopatologia e os efeitos dos estímulos nervosos. Old Bugs, segurando seu esfregão com mais firmeza, começou a brandi-lo como se fosse o dardo de um hoplita macedônio, e logo abriu um espaço considerável à sua volta, enquanto gritava diversos fragmentos desconexos de citações, entre as quais marcadamente repetia: “...os filhos de Belial, pela insolência e pelo vinho insanos.”

O lugar se tornou um pandemônio, e homens gritavam e uivavam de pavor diante da criatura sinistra que havia despertado. Trever parecia estupefato naquela confusão, e encolhia-se cada vez mais junto à parede, à medida que a contenda engrossava.

— Ele não beberá! Ele não beberá! — assim rugia Old Bugs nos momentos em que parecia esgotar (ou emergir de) suas citações. Policiais apareceram na porta, atraídos pelo barulho, mas por algum tempo não fizeram nenhum gesto para intervir. Trever, agora completamente aterrorizado e curado para sempre de seu desejo de conhecer a vida pela rota do vício, abriu caminho para mais perto dos recém-chegados de farda azul. Se ao menos conseguisse escapar e tomar um trem para Appleton, ele refletiu, passaria a considerar sua educação sobre o desregramento inteiramente consumada.

Então, subitamente Old Bugs cessou o brandir de seu dardo e ficou imóvel — posicionando-se mais ereto do que qualquer frequentador do lugar jamais o vira antes.

— *Ave Caesar, moriturus te saluto!*^[1] — ele gritou, e caiu ao chão recendente a uísque, para nunca mais se levantar.

As impressões subsequentes jamais deixarão a mente do jovem Trever. O quadro é indistinto, mas impossível de erradicar. Policiais abriram caminho através do ajuntamento, interrogando intensamente a todos, tanto sobre o incidente quanto sobre a figura morta no assoalho. Assediaram especialmente Sheehan com suas perguntas, porém sem extrair qualquer informação de valor a respeito de Old Bugs. Então o fali-

do lembrou-se da fotografia, e sugeriu que ela fosse vista e arquivada para identificação nos quartéis da polícia. Um oficial curvou-se com relutância sobre a execrável forma de olhos vidrados e encontrou o cartão envolvido em papel de seda, que passou entre os outros.

— Alguma frangota! — debochou um bêbado ao ver a linda face, mas os que estavam mais sóbrios não zombaram, olhando com respeito e consternação para as feições delicadas e espirituais. Ninguém parecia capaz de concatenar a questão, e todos se perguntavam como aquele desvalido degradado pelas drogas podia ter tal retrato — isto é, todos à exceção do falido, que enquanto isso olhava para os intrusos de farda azul com considerável intranquilidade. *Ele* havia enxergado um pouco mais a fundo sob a máscara de completa degradação de Old Bugs.

Então o retrato chegou a Trever, e uma mudança se abateu sobre o jovem. Após o susto inicial, ele repôs o envoltório de papel de seda sobre a fotografia, como se pretendesse protegê-la contra a sordidez do lugar. Depois contemplou longa e inquisitivamente a figura no chão, notando sua grande estatura, e o conjunto de feições aristocráticas que pareciam surgir agora que a ignóbil chama de vida havia se apagado. Não, disse apressadamente, quando a pergunta lhe foi feita, ele não conhecia a pessoa na fotografia. O retrato era tão velho, ele acrescentou, que seria impossível reconhecê-lo.

Mas Alfred Trever não disse a verdade, como muitos supuseram quando ele se ofereceu para cuidar do corpo e garantir seu sepultamento em Appleton. Sobre a cornija da lareira da biblioteca de sua casa pendia uma réplica exata daquela fotografia, e por toda a sua vida ele havia conhecido e amado a modelo retratada.

Pois aquelas eram as feições gentis e nobres da sua própria mãe.



Uma Reminiscência do Dr. Samuel Johnson

∴

A Reminiscence of Dr. Samuel Johnson (1917)

The United Amateur (nov. 1917)

Esse espirituoso pseudo-livro de memórias era uma espécie de ponta irônica da fase georgiana de Lovecraft. Ele usou o pseudônimo de “Humphrey Littlewit, Esq” ao publicar. Aparentemente, era uma paródia divertida e auto-infligida de Lovecraft, pois ele era conhecido por se denominar um cavaleiro georgiano.



O Privilégio da Reminiscência, embora tortuoso ou cansativo, reserva-se geralmente aos muito idosos; em verdade, é com frequência por meio de tais Recordações que as Ocorrências obscuras da História e as Anecdotas menores dos Grandes Homens são transmitidas para a Posteridade.

Por mais que muitos de meus leitores tenham de quando em quando observado e apontado uma Fluência um tanto antiquada em meu Estilo

de Escrita, agrada-me passar por Jovem entre os Representantes desta Geração, propagando a Ficção de ter nascido em 1890, na *América*. Hoje, porém, resolvi desvencilhar-me de um Segredo que tenho mantido até aqui, por Medo da Incredulidade, e compartilhar com o Público a verdadeira Natureza dos meus longos Anos, a fim de satisfazer-lhes o Gosto por Informações autênticas sobre uma Era de Personagens afa-
mados, com os quais privei de íntima Familiaridade. Que se saiba, então, que eu nasci na Propriedade da minha Família em *Devonshire*, no décimo Dia de Agosto de 1690 (ou, conforme o novo Estilo Gregoriano de contar o Tempo, a 20 de Agosto), estando portanto agora em meus 228 anos de Idade.

Tendo chegado cedo a Londres, vi quando Criança muitos dos Homens célebres no Reinado do Rei *Guilherme*, incluindo o pranteado sr. *Dryden*, que tantas vezes sentou-se às Mesas do Café de *Will*. Do sr. *Addison* e do dr. *Swift*, tornei-me mais tarde muito íntimo, e fui um Amigo ainda mais próximo do sr. *Pope*, a quem conheci e respeitei até o Dia de sua Morte. Mas uma vez que é de um Conhecido mais recente, o falecido dr. *Johnson*, que desejo neste momento escrever, deixarei minha Juventude de lado por enquanto.

A primeira Informação que chegou aos meus Ouvidos sobre o Doutor foi em Maio do ano de 1738, embora não o tivesse encontrado pessoalmente naquele Tempo. O sr. *Pope* havia acabado de finalizar o Epílogo das suas *Sátiras* (a Peça que se inicia com: “Não publicais duas vezes em um ano.”) e tomara as Providências para que fossem ao Prelo. Naquele mesmo Dia, ao que parece, também foi publicada uma Sátira em imitação de *Juvenal*, intitulada *Londres*, pelo então desconhecido *Johnson*; e a tal ponto ela comoveu a Cidade que muitos Cavalheiros de bom Gosto declararam que se tratava da Obra de um Poeta maior do que o sr. *Pope*. Não obstante o que alguns Detratores afirmaram sobre os Ciúmes mesquinhos do sr. *Pope*, ele não poupou Louvores aos Versos de seu novo Rival; e após saber por intermédio do sr. *Richardson* quem era o Poeta, disse-me: “esse sr. *Johnson* em breve será *deterré*.”

Não travei Conhecimento pessoal com o Doutor até 1763, quando fui apresentado a ele na Taverna *Mitre* pelo sr. *James Boswell*, um jovem *Escocês* de excelente Família e grande Erudição, mas pouca Sagacidade, cujas Efusões métricas eu havia revisado algumas vezes.

O dr. *Johnson*, tal como eu o vi pela primeira vez, era um Homem grande e corpulento, muito mal vestido e de Aspecto desleixado. Recor-do-me que ele usava uma basta Peruca, frouxa e sem empoar, e pequena demais para a sua Cabeça. Suas vestes eram de um castanho ferruginoso, muito amarrotadas, e com bem mais do que um Botão faltando. Seu Rosto, cheio demais para ser belo, era igualmente marcado pelos Efeitos de alguma Desordem escrofulosa; e sua Cabeça virava-se continuamente à sua volta de um modo aparentemente convulso. Dessa Enfermidade, de fato, eu já sabia; ouvira falar a respeito pelo sr. *Pope*, que se deu ao Trabalho de fazer Indagações pessoais.

Por ter quase setenta e três, dezenove Anos completos mais velho que o dr. *Johnson* (digo Doutor, embora ele não tivesse obtido o Título senão dois Anos mais tarde), eu naturalmente esperava que ele tivesse alguma Consideração por minha Idade; e portanto não sentia aquele Medo dele que outros confessavam ter. Quando lhe perguntei o que pensava sobre minha Nota favorável ao seu Dicionário no *The Londoner*, meu Jornal periódico, ele disse:

— Senhor, não guardo Lembrança de haver examinado seu Jornal, e não tenho grande Interesse pelas Opiniões da Parcela menos dotada de Intellecto da Humanidade.

Fiquei mais do que ligeiramente ressentido pela Indelicadeza de alguém cuja Celebridade me fazia desejoso de sua Aprovação, por isso ar-risquei-me a retaliar na mesma Moeda, e disse-lhe que me surpreendia que um Homem de bom Senso julgasse de pouco Intellecto alguém cuja Produção ele admitia nunca ter lido.

— Ora, Senhor — respondeu-me Johnson —, eu não preciso me familiarizar com os Escritos de um Homem para avaliar a Superficialidade dos seus Dotes, quando ele claramente a exhibe com sua Avidez em mencionar suas próprias Produções na primeira Pergunta que me propõe.

Como depois disso tornamo-nos Amigos, passamos a conversar sobre muitos Temas. Quando, para concordar com ele, afirmei minha Desconfiança sobre a Autenticidade dos Poemas de *Ossian*, o sr. *Johnson* me disse:

— Isso, Senhor, não acrescenta particularmente grande Crédito ao seu Juízo, pois algo que toda a Cidade já percebeu não é uma grande Descoberta nem mesmo para um Crítico de Botequim. Seria o mesmo

dizer que você tem fortes Suspeitas de que Milton escreveu o *Paraíso perdido*!

Posteriormente passei a ver *Johnson* com muita frequência, principalmente nos Encontros do THE LITERARY CLUB, que foi fundado no ano seguinte pelo Doutor, juntamente com o sr. *Burke*, o Orador parlamentar; o sr. *Beauclerk*, um Cavalheiro de fina Estampa; o sr. *Langton*, um Homem devoto e Capitão de Milícia; Sir *J. Reynolds*, o Pintor largamente conhecido; o dr. *Goldsmith*, Escritor de Prosa e Poesia; o dr. *Nugent*, sogro do sr. *Burke*; Sir *John Hawkins*; o sr. *Anthony Chamier*; e eu. Nós nos reuníamos geralmente às sete horas da Noite, uma vez por Semana, no *Turk's-Head*, na *Gerrard-Street, Soho*, até que a Taverna foi vendida e transformada em Residência particular. Depois desse Evento nós mudamos nossos Encontros sucessivamente para a *Price's*, em *Sackville-Street*; a *Le Tellier's*, na *Dover-Street*; e também a *Parsloe's* e a *The Thatched House*, na *St. James's-Street*. Nessas Reuniões, mantínhamos um notável Grau de Amizade e Placidez, que contrastava muito favoravelmente com certas Dissensões e Disrupções que eu observo nas Associações de Imprensa, tanto literárias quanto amadoras, de hoje. Essa Placidez era ainda mais notável pelo Fato de termos entre nós Cavalheiros de Opiniões bastante opostas. O dr. *Johnson* e eu, assim como muitos outros, éramos *Tories*; enquanto o sr. *Burke* era *Whig*, e contrário à Guerra Americana, e muitos de seus Discursos sobre esse Tema foram amplamente disseminados. O menos amigável dos Membros era um dos Fundadores, Sir *John Hawkins*, que mais tarde escreveria muitas calúnias sobre nossa Sociedade. Sir *John*, um excêntrico, certa vez negou-se a pagar sua parte na Conta da Ceia, alegando não ter o Costume de cear em sua Casa. Mais tarde ele insultou o sr. *Burke* de um Modo tão intolérável que todos nós tomamos suas Dores e manifestamos nossa Desaprovação. Após esse Incidente, não mais promovemos nossos Encontros. No entanto, ele jamais rompeu abertamente com o Doutor, e foi o Executor do seu Testamento, embora o sr. *Boswell* e outros tivessem Motivos para questionar a Autenticidade da sua Afeição. Outros e mais tardios membros do CLUBE foram o sr. *David Garrick*, o Ator e um dos Amigos mais antigos do dr. *Johnson*; Messieurs *Tho.* e *Jos. Warton*; dr. *Adam Smith*; dr. *Percy*, Autor das *Relíquias*; sr. *Edw. Gibbon*, o Historiador; dr. *Burney*, o Músico; sr. *Malone*, o Crítico; e o sr. *Boswell*. O sr.

Garrick só foi admitido após certa Dificuldade, pois o Doutor, a despeito da grande Amizade que tinha por ele, sempre foi propenso a depreciar o Palco e tudo que era ligado a ele. *Johnson*, na verdade, tinha o singularíssimo Hábito de falar em favor de *Davy* quando outros posicionavam-se contra ele, e de argumentar contra, quando outros lhe eram favoráveis. Não tenho qualquer Dúvida de que ele amava sinceramente o sr. *Garrick*, pois jamais referiu-se a ele nos mesmos Termos que usou ao falar de *Foote*, que era um Sujeito muito grosseiro, apesar do seu Gênio cômico. O sr. *Gibbon* definitivamente não era tão apreciado, pois tinha Modos odiosamente sarcásticos, que ofendiam até mesmo aqueles que mais admiravam sua Produção histórica. O sr. *Goldsmith*, um Homenzinho muito vaidoso de seu Vestuário e muito desfavorecido pelo Brilho da Conversação, era meu Favorito em particular, uma vez que eu era igualmente incapaz de me sobressair por meus Discursos. Ele sentia grande Inveja do dr. *Johnson*, embora gostasse dele e o respeitasse. Lembro-me de que certa vez um Estrangeiro, um *Alemão*, creio, esteve em nossa Companhia; e que enquanto *Goldsmith* falava, ele notou que o Doutor preparava-se para declarar algo. Vendo inconscientemente *Goldsmith* como um mero Estorvo quando comparado ao grande Homem, o Estrangeiro interrompeu-o bruscamente e atraiu para si a Hostilidade duradoura de *Johnson* ao gritar: “Shh, *Toutor Shonsson* fai falar!”

Na luminosa Companhia dele eu era tolerado mais em função dos meus Anos que por minha Argúcia ou Erudição; e não era Páreo para os outros. Minha Amizade pelo célebre monsieur *Voltaire* sempre foi Motivo de Contrariedade para o Doutor, que era profundamente ortodoxo e costumava dizer do Filósofo *Francês*: “*Vir est acerrimi Ingenii et paucarum Literarum*”.[1]

O sr. *Boswell*, um Sujeitinho irritante que eu já conhecia de longa Data, costumava zombar dos meus Modos acanhados e de minha Peruca e minhas Vestes ultrapassados. Uma vez, estando um pouco tomado pelo vinho (no qual era viciado), ele se pôs a satirizar-me com uns Versos de Improviso, escritos na Superfície da Mesa; mas carecendo do Auxílio de que geralmente dispunha em suas Composições, cometeu um grave Erro gramatical. Disse-lhe que ele faria melhor se não pasquinasse a Fonte da sua Poesia. Em outra ocasião *Bozzy* (como costumávamos

chamá-lo) reclamou da minha severidade para com os novos Escritores nos Artigos que eu preparava para *The Monthly Review*. Disse que eu atirava cada Aspirante pelas Ladeiras do Parnaso abaixo.

— Senhor — eu respondi —, você está enganado. Aqueles que levam Escorregões o fazem por Falta de Firmeza; porém, desejosos de ocultar suas Fraquezas, atribuem a Falta de Sucesso ao primeiro Crítico que os menciona.

Alegra-me lembrar que o dr. *Johnson* apoiou-me nessa questão.

Ninguém superava o dr. *Johnson* quando este se dava ao trabalho de revisar os maus Versos alheios; na verdade, dizem que no livro do pobre, velho e cego sr. Williams, mal se encontram duas linhas que não sejam do Doutor. Certa vez *Johnson* recitou-me algumas linhas de um Criado do Duque de *Leeds*, as quais tanto o haviam divertido que ele as sabia de Cor. Tratam do Casamento do Duque, e sua Qualidade lembra tanto as Obras de outros e mais recentes Asnos poéticos que não consigo resistir a reproduzi-las:

*Ao se casar o Duque de Leeds
Com uma jovem da alta Nobreza
Feliz ficará essa casta Beleza
Na boa Companhia do Nobre de Leeds.*

Perguntei ao Doutor se ele alguma vez havia tentado extrair Sentido dessa Composição; e quando ele afirmou que não, diverti-me com a seguinte Emenda:

*Quando Leeds, o Galante, contraiu esponsais
Com casta donzela de virtudes ancestrais,
Não pouco se terá a bela dama orgulhado
Pelo bravo e glorioso consorte ao seu lado!*

Quando mostrei o resultado ao dr. *Johnson*, ele disse:

— Senhor, você endireitou a Métrica, mas não inseriu Inteligência nem Poesia nos Versos.

Ser-me-ia gratificante contar mais das minhas Experiências com o dr. *Johnson* e seu Círculo de Intelectuais brilhantes; mas sou um Homem velho, e canso-me com Facilidade. Pareço me delongar sem muita Lógi-

ca ou Continuidade quando me aventuro a recordar o Passado; e temo que lançaria poucas Luzes a Incidentes que outros já não houvessem discutido anteriormente. Se minhas presentes Memórias forem recebidas favoravelmente, talvez no Futuro eu ofereça mais algumas Anedotas de velhos Tempos dos quais sou o único Sobrevivente. Recordo-me de muitas coisas sobre *Sam Johnson* e seu Clube, pois continuei sendo Membro deste último até muito Tempo depois da Morte do Doutor, a qual lamentei com sinceridade. Lembro-me de que *John Burgoyne*, Esq., o General, cuja Obra Dramática e Poética veio a público somente após sua Morte, foi rejeitado por três Votos; provavelmente devido à sua infeliz Derrota na Guerra *Americana*, em *Saratoga*. Pobre John! Seu Filho teve melhor destino, creio, e se tornou Baronete. Mas estou muito cansado. Sou velho, muito velho, e é Hora do meu Cochilo da Tarde.



Ibid

∴

Ibid (1928)

The O-Wash-Ta-Nong (jan. 1938)

“Ibid” (abreviatura do advérbio latino ibidem, ou “no mesmo lugar”, utilizado para indicar citações repetidas do mesmo autor e da mesma obra) é, a julgar pela epígrafe do conto, sátira à grandiloquência afetada da vida acadêmica. O hilário conteúdo da epígrafe teria sido decalcado do trabalho escolar de um dos alunos de Maurice W. Moe. É a quarta das peças satíricas de Lovecraft, junto com “Uma reminiscência do dr. Samuel Johnson”, “Old Bugs” e “A doce Ermengarda”.



... conforme afirma Ibid em sua famosa obra, *Vidas dos Poetas*.

De um tema estudantil.

A ideia errônea de que Ibid é o autor das *Vidas* é encontrada com tanta frequência, mesmo entre aqueles que ostentam certo grau de cultura, que vale a pena corrigi-la. Deveria ser de conhecimento geral que Cf.^[1] é o responsável por esse livro. A obra-prima de Ibid, por outro lado, foi

a famosa *Op. Cit.*, com a qual todas as implicações semânticas significativas da expressão greco-romana cristalizaram-se de uma vez por todas — e com acurácia admirável, não obstante a data surpreendentemente tardia em que a publicação foi escrita. Há um falso registro — reproduzido com muita frequência em livros modernos anteriores ao monumental *Geschichte der Ostrogothen in Italien*, de Von Schweinkopf^[2] — dando conta de que Ibid foi um visigodo romanizado da horda de Ataulfo, que se estabeleceu em Piacenza por volta de 410 d.C. Não se pode enfatizar o contrário com muito empenho, pois Von Schweinkopf, e depois dele Littlewit^[3] e Bêtenoir,^[4] demonstraram^[5] com força irrefutável que esta figura notavelmente isolada foi um romano genuíno — ou ao menos tão genuíno quanto aquela era degenerada e híbrida seria capaz de produzir. Dele se poderia muito bem afirmar o que Gibbons disse de Boécio: “foi o último a quem Catulo ou Túlio poderiam ter reconhecido como seu conterrâneo”. Ele foi, como Boécio e quase todos os homens eminentes de sua época, um membro da grande família Anícia, e fazia remontar sua genealogia com muita exatidão e envaidecimento à totalidade dos heróis da república. Seu nome completo — longo e pomposo conforme o costume de uma época que havia perdido a simplicidade trinômine da nomenclatura romana clássica — foi determinado por Von Shweinkopf^[6] como Caius Anicius Magnus Furius Camillus Æmilianus Cornelius Valerius Pompeius Julius Ibidus; porém Littlewit^[7] refuta Æmilianus e acrescenta *Claudius Decius Junianus*; enquanto Bêtenoir^[8] discorda radicalmente, dando-lhe o nome completo de Magnus Furius Camillus Aurelius Antoninus Flavius Anicius Petronius Valentinianus Aegidus Ibidus.

O eminente crítico e biógrafo nasceu no ano de 486, pouco depois da extinção do domínio romano na Gália por obra de Clóvis. Roma e Ravena rivalizam pela honra de ser sua terra natal, embora seja certo que ele recebeu sua educação retórica e filosófica nas escolas de Atenas — cuja supressão por parte de Teodósio um século antes tem sua extensão grosseiramente exagerada por parte dos intelectos superficiais. Em 512, sob o reinado benevolente do ostrogodo Teodorico, nós o vemos como professor de retórica em Roma, e em 516 ele exerce o consulado juntamente com Pompilius Numantius Bombastes Marcellinus Deodamnatus. Com a morte de Teodorico, em 526, Ibidus se retira da vida

pública para compor sua célebre obra (cujo puro estilo ciceroniano é um caso notável de atavismo clássico, assim como os versos de Claudius Claudianus, que floresceram um século antes de Ibidus); porém, foi posteriormente reconvocato à cena pública para atuar como retórico da corte de Teodato, sobrinho de Teodorico.

Após a usurpação de Vitige, Ibidus caiu em desgraça e foi aprisionado durante algum tempo; mas a chegada do exército romano-bizantino sob o comando de Belisário logo restituiu-lhe a liberdade e a honra. Durante o cerco de Roma, serviu com bravura no exército dos defensores, e posteriormente seguiu as águias de Belisário até Alba, Porto e Centocelle^[9]. Após o cerco franco de Milão, Ibidus foi escolhido para acompanhar o bispo Dácio até a Grécia, e residiu com ele em Corinto, no ano de 539. Por volta de 541, retirou-se para Constantinopla, onde recebeu todas as benesses dos favores imperiais, tanto de Justiniano quanto de Justino Segundo. Os imperadores Tibério e Maurício honraram com amabilidade sua senectude, e muito contribuíram para sua imortalidade — especialmente Maurício, cujo prazer era atribuir sua ancestralidade à velha Roma, a despeito de seu nascimento em Arabisco, na Capadócia. Foi Maurício quem, no 101º aniversário do poeta, decretou a adoção de sua obra como livro de estudos nas escolas do império, uma honra que impôs um ônus fatal às emoções do idoso retórico, pois ele faleceu placidamente em sua casa próxima à igreja de Santa Sofia, seis dias antes das Calendas de setembro, 587 d.C., aos 102 anos de idade.

Seus restos mortais, não obstante os conflitos que assolaram a Itália, foram levados a Ravena para sepultamento; mas depois de enterrados no subúrbio de Classe, foram exumados e ridicularizados pelo duque lombardo de Spoleto, que levou sua caveira ao rei Autáris para ser usada como taça. A caveira de Ibid foi manipulada com orgulho pelos sucessivos reis da linhagem lombarda. Após a captura de Pávia por Carlos Magno, em 774, o crânio foi arrebatado ao débil Desidério e carregado no comboio do conquistador franco. Foi desse vaso, na verdade, que o papa Leão administrou a unção real que fez do herói nômade um Sacro Imperador Romano. Carlos Magno levou a caveira de Ibid à sua capital, em Aix, e logo depois presenteou-a ao seu mestre saxão Alcuíno, e após a morte deste, em 804, ela foi enviada aos seus parentes, na Inglaterra.

William, o Conquistador, após encontrá-la no nicho de uma abadia onde a devota família de Alcuíno a havia colocado (acreditando tratar-se do crânio de um santo^[10] que milagrosamente aniquilara os lombardos em resposta às suas orações), passou a reverenciar essa antiguidade óssea; e até mesmo os rudes soldados de Cromwell, após destruírem a Abadia de Ballylough, na Irlanda, em 1650 (ela havia sido transportada em segredo para lá por um devoto papista em 1539, depois que Henrique VIII dissolveu os mosteiros ingleses), negaram-se a desferir qualquer dano contra uma relíquia tão venerável.

Ela foi capturada pelo mercenário Muitolamento Hopkins, que não demorou a vendê-la a Descanso-Eterno Stubbs por um naco de tabaco fresco da Virgínia. Stubbs, depois de mandar seu filho Zerubbabel tentar fazer fortuna na Nova Inglaterra em 1661 (pois julgava a atmosfera da Restauração péssima para um jovem soldado devoto), deu-lhe a caveira de Santo Ibid — ou melhor, do Irmão Ibid, pois abominava tudo o que soasse papista — como um talismã. Depois de desembarcar em Salem, Zerubbabel depositou-a no seu armário junto à chaminé, depois de ter construído uma modesta casinha no coração da cidade. Porém, ele não havia ficado inteiramente incólume à influência da Restauração, e depois de adquirir o vício do jogo, perdeu o crânio para um certo Epenetus Dexter, um cidadão liberal de Providence, em visita à cidade.

Ela estava na residência de Dexter, na parte norte da cidade, próxima ao atual cruzamento das ruas North Main e Olney, por ocasião do ataque de Canonchet em 30 de março de 1676, durante a Guerra do Rei Filipe, e o astuto cacique^[11], reconhecendo-a imediatamente como algo de singular venerabilidade e dignidade, enviou-a como símbolo de aliança a uma facção dos pequots de Connecticut, com os quais estava em negociações. A 4 de abril ele foi capturado pelos colonos e logo depois executado, mas a austera cabeça de Ibid continuou suas perambulações.

Os pequots, enfraquecidos por uma guerra anterior, não podiam prestar qualquer auxílio aos agora devastados Narrangassetts; e em 1680 um negociante de peles holandês de Albany, Petrus van Schaack, tomou posse do ilustre crânio pela modesta soma de dois florins, após reconhecer seu valor pelas inscrições semiesmaecidas, gravadas em minúsculos caracteres lombardos (a paleografia, deve-se explicar, foi uma das princi-

país contribuições dos comerciantes de peles da Nova Holanda, no século XVII).

Ἰβιδῶν ῥηετορ ῥομανὺς

A relíquia, é triste dizer, foi roubada de Van Schaack em 1683 por um comerciante francês chamado Jean Grenier, cujo zelo papista reconheceu os traços que sua mãe havia-lhe ensinado a reverenciar como os de Santo Ibide. Grenier, inflamado por um furor virtuoso ao ver esse símbolo sagrado em posse de um protestante, certa noite esmagou a cabeça de Van Schaack com um machado e fugiu para o norte com seu butim. Não demorou muito, porém, até que ele fosse assaltado e assassinado pelo viajante mestiço Michel Savard, que se apossou da caveira — apesar do analfabetismo que o impedia de reconhecê-la —, para juntá-la a uma coleção de objetos semelhantes, porém de origem mais recente.

Após sua morte, em 1701, seu filho mestiço Pierre vendeu-a em meio a outros objetos a emissários dos sac e dos fox^[12], e uma geração mais tarde ela foi encontrada diante da tenda do chefe por Charles de Langlade, fundador do entreposto comercial de Green Bay, Wisconsin. Langlade tratou esse objeto sacro com a veneração que lhe era devida e resgatou-o à custa de muitas contas de vidro; porém, após o período em que permaneceu com ele, o crânio passou por muitas outras mãos, sendo negociado em assentamentos na cabeceira do lago Winnebago, em tribos ao redor do lago Mendota, e por fim vendido a um certo Solomon Juneau, um francês, no novo entreposto comercial de Milwaukee, sobre o rio Menominee e à margem do lago Michigan.

Vendida mais tarde para Jacques Caboche, outro colono, a caveira foi perdida, em 1850, em um jogo de xadrez ou pôquer, para um recém-chegado chamado Hans Zimmerman, e foi usada por este como caneco de cerveja; até que certo dia, sob os efeitos de tal conteúdo, o homem rolou a ladeira diante da sua casa até a trilha no descampado — e ali, por ter caído na toca de um cão-de-pradaria, o objeto encontrou-se além de qualquer capacidade de localização ou recuperação, mesmo após o despertar de seu antigo possuidor.

Assim, ao longo de gerações, a santificada caveira de Caius Anicius Magnus Furius Camillus Æmilianus Cornelius Valerius Pompeius Julius

Ibidus, cônsul de Roma, favorito de imperadores e santo da igreja romana, permaneceu oculta sob o solo de uma cidade em desenvolvimento. Inicialmente idolatrada em ritos negros pelos cães-de-pradaria, que viam nela uma divindade enviada pelo mundo da superfície, ela caiu em completo abandono depois que a raça de roedores simplórios e desprovidos de artifícios sucumbiu aos massacres dos conquistadores arianos. Chegaram os esgotos, mas apenas tangenciaram-na. Casas foram erigidas — 2303 delas, e depois outras mais — e por fim, numa noite fatídica, ocorreu um episódio titânico. A sutil Natureza, convulsa por um êxtase espiritual, como a espuma da tradicional bebida consumida naquela região, derrubou o imponente e elevou o humilhado. E, enfim, contem-plai! Sob o róseo alvorecer, os burgueses de Milwaukee despertaram para descobrir uma antiga pradaria transformada numa cadeia montanhosa! Vasto e abrangente foi o grande abalo sísmico. Arcanos subterrâneos, ocultos no decorrer de anos, vieram finalmente à luz. Pois ali, em plena vista da rua fraturada, jazia alva e tranquila em toda a sua pompa imperturbável, santificada e consular, a caveira cupular de Ibid!

COLABORAÇÕES



O Desafio do Além

com C.L. Moore, Robert E. Howard,
A. Merritt e Frank Belknap Long

∴

The Challenge from Beyond (1935)
Fantasy Magazine (set. 1935)

De todas colaborações e revisões de Lovecraft, apenas uma vez ele se envolveu em um projeto que tinha mais de um outro escritor. Foi em 1935, quando ele foi levado a participar de uma história de rodízio de escrita com o vago e túrgido título de “O desafio do além”.

“O desafio do além” foi estimulado por Julius Schwartz, editor da *Fantasy Magazine*. Sua ideia era reunir duas “equipes” de escritores para criar histórias de rodízio. Haveria uma história de ficção científica e outra de *weird fiction*.

Para cada história, ele convenceu uma lista impressionante de escritores profissionais da época a participar. No lado da ficção científica, ele obteve E.E. ‘Doc’ Smith, Donald Wandrei, Stanley G. Weinbaum, Harl Vincent e Stanley Leinster. No lado weird, C.L. Moore, A. Merritt, Robert E. Howard, Frank Belknap Long e, é claro, H.P. Lovecraft.



I

[C.L. Moore]

George Campbell abriu os olhos embaçados em meio à névoa do sono, e ficou olhando por alguns minutos, através da abertura na tenda, para a noite pálida de agosto, erguendo-se apenas o bastante para se perguntar o que o acordara. Havia nesses ares cortantes e claros das florestas canadenses um soporífico tão potente quanto qualquer droga. Campbell permaneceu imóvel por um momento, atravessando lentamente de volta as fronteiras deliciosas do sono, consciente de uma agradável fadiga, uma sensação inusitada de músculos bem usados e agora relaxados. Esses eram os momentos mais agradáveis das férias, afinal — repouso, após a labuta, na noite doce e clara da floresta.

Luxuriosamente, enquanto sua mente afundava no esquecimento, ele pensou mais uma vez que três longos meses de liberdade estavam diante dele — liberdade das cidades e da monotonia, liberdade do magistério e da Universidade e dos estudantes sem quaisquer resquícios de interesse pela geologia com a qual ele ganhava seu sustento, repetindo-a todos os dias em seus ouvidos obstinados. Libertação do ...

De repente, a deliciosa sonolência caiu sobre ele. Em algum lugar, lá fora, um som de estanho batendo contra lata invadiu sua paz. George Campbell se sentou de repente e apanhou a lanterna. Então sorriu e baixou-a outra vez, forçando os olhos através da escuridão da meia-noite lá fora, entre as latas caídas de seus suprimentos, um animalzinho negro e anônimo estava rondando. Ele esticou um braço comprido e procurou entre as pedras em frente à porta da tenda para jogar. Seus dedos se fecharam em torno de uma pedra grande, e ele recuou a mão no movimento de lançar.

Mas nunca a lançou. A coisa que encontrara na noite era tão estranha. Quadrada, cristalina, obviamente artificial, com as arestas arredondadas. A estranheza de suas superfícies rochosas em seus dedos era tão notável que ele apanhou de novo a lanterna e acendeu a luz sobre o objeto que segurava.

Toda a sonolência o deixou quando ele observou o que tinha encontrado em seu tatear distraído. Era transparente como cristal de rocha aquele cubo estranho e polido. Quartzo, inquestionavelmente, mas não em sua habitual forma hexagonal cristalizada. De alguma maneira — ele não podia imaginar o método — tinha sido esculpida na forma de um cubo perfeito, com as faces desgastadas de cerca de dez centímetros. Pois estava incrivelmente desgastado. O cristal, bastante duro, estava arredondado até que seus cantos quase desaparecessem e a coisa comesse a assumir os contornos de uma esfera. Eras e eras de desgaste, anos quase incontáveis deviam ter decorrido sobre aquela coisa estranha e clara.

Mas o mais curioso de tudo era aquela forma que ele distinguia vagamente no coração do cristal. Para incrustar em seu centro, havia um pequeno disco feito de uma substância clara e desconhecida, com alguns caracteres entalhados sobre a superfície envolta em quartzo. Caracteres em forma de cunha, reminiscentes da escrita cuneiforme.

George Campbell franziu o cenho e se aproximou mais do pequeno enigma que tinha nas mãos, intrigado e impotente. Como tal coisa poderia ter sido incrustada dentro do puro cristal de rocha? Uma lembrança remota flutuava em sua mente de antigas lendas que diziam ser o cristal de quartzo gelo que se solidificara demais a ponto de não poder derreter novamente. Gelo — e caracteres cuneiformes — sim, não tinha esse tipo de escrita se originado entre os sumérios, os quais vieram do norte nos primórdios mais remotos da história para se estabelecer no vale da Mesopotâmia primitiva? Então, retomou o controle sobre seus sentidos e sorriu. O quartzo, por certo, tinha se formado nos primeiros períodos geológicos da Terra, quando não havia nada além de calor e rochas empilhadas. O gelo não viria senão dezenas de milhões de anos depois de aquela coisa ter se formado.

E, ainda assim, aquela escrita ... Feita à mão, certamente, embora os caracteres não fossem familiares, exceto por sua vaga sugestão das notações cuneiformes. Ou poderia ter havido, no mundo paleozoico, seres capazes de linguagem escrita e em condições de gravar aquelas cunhas enigmáticas sobre o disco de quartzo que ele segurava? Ou, poderia uma coisa daquelas ter caído do espaço como um meteoro, sobre o rochedo informe de um mundo ainda não solidificado? Poderia ...

Então ele se levantou bruscamente e sentiu seus ouvidos arderem sob as imprecisões de sua própria imaginação. O silêncio, a solidão e a estranha coisa em suas mãos estavam conspirando para pregar peças com seu bom senso. Ele deu de ombros e colocou o cristal na beirada do colchão, apagando a luz. Talvez a manhã e uma mente clara trouxessem uma resposta para as perguntas que pareciam tão insolúveis agora.

Mas o sono não veio facilmente. Por um lado, ele percebeu, quando apagou a luz, que o pequeno cubo tinha brilhado por um momento, como se contivesse luz própria, antes de desaparecer na escuridão circundante. Ou talvez ele estivesse errado. Talvez tivesse sido apenas os seus olhos ofuscados que deram a impressão de ver a luz abandoná-la com relutância, brilhando nas profundezas enigmáticas do objeto com uma persistência estranha.

Ele permaneceu ali, inquieto, por um longo tempo, repetindo as perguntas sem resposta em sua mente. Havia algo no cubo de cristal que, para além de um passado incalculável — talvez desde a aurora de toda a história, que constituía um desafio que não o deixava dormir.

II

[A. Merritt]

Permaneceu ali, pareceu-lhe, por horas. Sua mente fora capturada pela luz hesitante, pela luminescência que se mostrara tão relutante em morrer. Era como se alguma coisa no coração do cubo tivesse despertado, se mexesse sonolentemente, se tornasse subitamente alerta ... e começasse a observá-lo.

Pura fantasia, isso. Ele se agitou, impaciente, e acendeu a luz sobre o relógio. Perto de uma hora; três horas mais, e já seria manhã. O feixe baixou e caiu sobre o morno cubo de cristal. Ele o manteve em foco por alguns minutos. Então o tomou e o observou.

Não havia dúvidas sobre isso agora. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, ele viu que o estranho cristal brilhava com diminutas luzes furtivas em seu interior, como se fossem fios de relâmpagos de safira. Estavam bem no centro e pareciam provir do disco pálido com suas gravações perturbadoras. E o disco em si estava se tornando maior

... as marcações mudando de forma ... o cubo estava crescendo ... Seria uma ilusão provocada pelos pequenos relâmpagos ...

Ouviu um som. Era quase o fantasma de um som, como os fantasmas de cordas de harpas vibradas por dedos fantasmagóricos. Ele se aproximou. Provinha do cubo ...

Havia um rangido na vegetação rasteira, uma agitação de corpos e um lamento agonizante, como o de uma criança em agonia e que logo se cala. Alguma pequena tragédia de selvageria — caçador e presa. Ele deu alguns passos em direção ao tumulto, mas não conseguiu ver nada. Tomou de novo a lanterna e iluminou a tenda. Sobre o solo havia um pálido brilho azulado. Era o cubo. Ele se abaixou para apanhá-lo; então, obedecendo a algum aviso obscuro, recuou a mão.

E de novo ele viu: seu brilho estava morrendo. Os pequenos relâmpagos cor de safira brilhavam intermitentemente, recuando de volta para o disco de onde tinham vindo. Não havia nenhum som.

Ele se sentou, observando a luminescência aumentar e diminuir, aumentar e diminuir, mas cada vez se tornando mais nebulosa. Ocorreu-lhe que seriam necessários dois elementos para produzir o fenômeno. O próprio raio elétrico e a sua atenção fixa. Sua mente devia viajar ao longo do brilho, prender-se no coração do cubo, cuja pulsação oscilava, até... quê?

Ele sentiu um frio no espírito, como se proveniente do contato com alguma coisa alienígena. Era estranho, ele sabia, não vinha desta Terra. Não da vida desta Terra. Ele conteve um tremor, apanhou o cubo e o levou para dentro da tenda. Não era nem quente nem frio; exceto pelo seu peso, ele não teria consciência de estar segurando-o. Colocou-o sobre a mesa, mantendo o feixe da lanterna desviado dele; então foi até a porta da tenda e fechou-a.

Retornou à mesa, puxou a cadeira de acampamento, e incidiu o feixe diretamente sobre o cubo, dirigindo-o o máximo que pôde em seu coração. Dirigiu toda a sua vontade, toda a sua concentração, ao longo dela, enfocando a vontade e a visão sobre o disco tal como fizera com a luz.

Como se obedecendo a um comando, os relâmpagos de safira explodiram. Saltaram do disco para o corpo do cubo de cristal; em seguida bateram de volta, banhando todo o disco e as gravações. Novamente, estas começaram a se transformar, mudando, movendo-se, avançando e

recuando sob a claridade azul. Não eram mais cuneiformes. Eram objetos ...

Ouviu a música murmurante, o dedilhar de cordas de harpa. O som se tornou mais e mais alto, e agora todo o corpo do cubo vibrava ao seu ritmo. As faces do cristal começaram a derreter, tornando-se nebulosas, como se formadas pela névoa de diamantes. E o próprio disco estava crescendo ... as formas mudando, dividindo-se e multiplicando-se, como se alguma porta tivesse sido aberta e nela entrassem multidões de fantasmas. Mais e mais brilhante se tornava a pulsação da luz.

Ele sentiu um pânico repentino, tentou desviar sua vista e sua vontade, deixou cair a lanterna. O cubo não precisava mais do feixe ... e ele não podia se esquivar ... não podia se esquivar? Ora, ele mesmo estava sendo sugado por aquele disco que era agora um globo dentro do qual dançavam formas inomináveis ao som de uma música que banhava o globo com um brilho constante.

Não havia tenda. Havia apenas uma enorme cortina de névoa cintilante atrás da qual brilhava o globo ... Ele se sentiu mergulhar através daquela névoa, sugado por ela como por um vento poderoso — diretamente para o globo.

III

[H.P. Lovecraft]

À medida que a névoa turva dos sóis de safira se tornava cada vez mais intensa, os contornos do globo oscilavam e se dissolviam num caos agitado. Sua palidez e seu movimento e sua música se misturavam com a névoa envolvente — descolorindo-a até uma cor pálida de aço e imprimindo-lhe um movimento. E os sóis de safira se fundiam imperceptivelmente numa infinidade acinzentada de pulsações disformes.

Enquanto isso, a sensação de movimento para frente e para fora se tornou intolerável, incrível e cosmicamente veloz. Qualquer padrão de velocidade conhecido na Terra pareceria diminuído, e Campbell compreendeu que qualquer fuga na realidade física significaria morte instantânea para qualquer ser humano. Mesmo assim — nessa hipnose estranha e infernal de pesadelo — a impressão quase visual de ser arremessa-

do como um meteoro chegava a paralisar sua mente. Embora não houvesse pontos reais de referência no vazio cinzento e pulsante, ele sentia que estava se aproximando da velocidade da luz e mesmo ultrapassando-a. Finalmente sua consciência sucumbiu e a escuridão misericordiosa engoliu tudo.

Foi muito subitamente, e em meio à escuridão mais impenetrável, que os pensamentos e as ideias retornavam a George Campbell. Quantos momentos — ou anos — ou eternidades — tinham se passado desde seu voo através do vazio cinzento ele não podia formar nenhuma estimativa. Sabia apenas que parecia estar imóvel e sem dor. De fato, a ausência de todas as sensações físicas era a qualidade mais evidente de sua condição. Fazia até a escuridão parecer menos escura e compacta — sugerindo que ele era, antes, uma inteligência desencarnada num estado para além das sensações físicas do que um ser corpóreo cujos sentidos tivessem sido privados de seus objetos habituais de percepção. Ele podia pensar de forma brusca e rápida — quase sobrenaturalmente, sem, no entanto, formar qualquer ideia acerca de sua situação.

Meio por instinto, ele percebeu que não estava mais em sua própria tenda. É verdade que ele poderia ter despertado de um pesadelo para um mundo igualmente negro; porém sabia que não era assim. Não havia nenhuma cama de acampamento debaixo dele; ele não tinha mãos para sentir os cobertores ou a superfície da lona, ou a lanterna que deveria estar perto dele — não havia a sensação de frio no ar — nenhuma abertura através da qual pudesse vislumbrar a noite pálida lá fora ... alguma coisa estava errada, terrivelmente errada.

Recuando em seus pensamentos, pensou no cubo fluorescente que o tinha hipnotizado e tudo o que se seguira. Compreendera que sua mente estava indo, mas não fora capaz de retornar. No último momento houvera um medo pânico e chocante, um medo subconsciente para além mesmo daquele causado pela sensação do voo demoníaco. Tinha vindo de alguma vaga recordação ou de lembranças remotas — o quê, ele não pôde dizer de imediato. Um grupo de células na parte de trás de sua cabeça parecera descobrir uma qualidade familiar no cubo, e essa familiaridade vinha carregada de um sombrio terror. Agora ele tentava lembrar qual era a familiaridade e o terror.

Aos poucos lhe ocorreu. Certa vez, há muito tempo, em conexão com seu trabalho de geólogo — lera a respeito de qualquer coisa parecida com esse cubo. Tinha a ver com aqueles discutíveis e inquietantes cacos de argila chamados de os Fragmentos de Eltdown, escavados de estratos pré-carboníferos no sul da Inglaterra havia trinta anos. Sua forma e inscrições eram tão estranhas que alguns poucos especialistas sugeriram artificialidade, e fizeram conjecturas acerca de sua origem. Provinham, por certo, de uma época em que os seres humanos ainda não existiam no globo — mas seus contornos e aspectos eram terrivelmente intrigantes. Foi assim que receberam tal nome.

Não foi, no entanto, nos escritos de qualquer cientista sóbrio que Campbell vira essa referência a um globo de cristal contendo um disco. A fonte era bem menos respeitável e infinitamente mais vívida. Por volta de 1912, um clérigo de Sussex, profundo conhecedor de assuntos ligados ao ocultismo — o reverendo Arthur Brooke Winters-Hall — alegara ter identificado as gravações nos Fragmentos de Eltdown com os assim chamados “hieróglifos pré-humanos” tão insistentemente valorizados e esotericamente transmitidos em certos círculos místicos, e publicara, a expensas próprias, o que dizia ser uma “tradução” das “inscrições” primitivas e desconcertantes — uma “tradução” ainda frequente e seriamente citada por escritores ocultistas. Nessa “tradução” — uma brochura surpreendentemente longa, tendo em vista o número limitado dos “fragmentos” existentes — é que aparecia a narrativa, de autoria supostamente pré-humana, contendo a referência agora assustadora.

Como dizia a história, habitava num mundo — e, eventualmente em incontáveis outros mundos — do espaço exterior, uma poderosa ordem de seres semelhantes a vermes, cujos conhecimentos e cujo controle da natureza ultrapassavam qualquer coisa dentro do alcance da imaginação terrestre. Bem cedo tinham dominado a arte das viagens interestelares e assim povoaram cada planeta habitável em sua própria galáxia — exterminando as raças que encontravam.

Além dos limites de sua própria galáxia — que não era a nossa — não podiam navegar pessoalmente, mas em sua busca pelo conhecimento de todo o espaço e do tempo, descobriram uma maneira de abrir certos atalhos transgalácticos com suas mentes. Confeccionavam objetos peculiares — cubos estranhamente energizados de um cristal peculiar

contendo talismãs hipnóticos e envoltos em envelopes esféricos, resistentes ao espaço, feitos de uma substância desconhecida — que podiam ser lançados à força para além dos limites de seu universo e que só reagiriam à atração de matéria sólida e fria.

Esses objetos, alguns dos quais pousariam necessariamente em vários mundos habitados nos universos exteriores, formavam as pontes etéreas necessárias para a comunicação mental. O atrito atmosférico incendiaria a cápsula protetora, expondo o cubo e deixando-o sujeito a ser descoberto por mentes inteligentes do mundo onde caísse. Por sua natureza, o cubo atrairia e fixaria a atenção. Isso, acoplado com a ação da luz, era suficiente para colocar em ação as suas propriedades especiais.

A mente que notasse o cubo seria atraída pelo poder do disco e seria enviada através de um fio de energia obscura para o lugar de onde o cubo viera, o mundo remoto dos exploradores espaciais em forma de vermes, atravessando estupendos abismos galácticos. Recebida numa das máquinas com a qual o cubo estivesse sintonizado, a mente capturada permaneceria suspensa sem corpo ou sentidos até que fosse examinada por uma das raças dominantes. Então, por um processo obscuro de intercâmbio, seria esvaziada de todo o seu conteúdo. A mente do explorador poderia agora ocupar a estranha máquina, enquanto a mente cativa ocuparia o corpo vermicular do explorador. Então, num outro intercâmbio, a mente do explorador saltaria através dos espaços ilimitados para o corpo vazio e inconsciente do cativo no mundo transgalático, animando o hospedeiro alienígena na medida do possível e explorando o mundo alienígena disfarçado na forma de um de seus habitantes.

Terminada a exploração, o aventureiro usaria o cubo e seu disco para realizar o retorno — e às vezes a mente capturada seria restaurada intacta ao seu próprio mundo remoto. Nem sempre, porém, a raça dominante era tão generosa. Às vezes, quando uma raça potencialmente importante, capaz de viajar no espaço era encontrada, o povo vermicular usaria o cubo para capturar e aniquilar mentes aos milhares e extirparia assim a raça por razões diplomáticas, usando as mentes exploradoras como agentes de destruição.

Em outros casos, seções do povo vermicular ocupariam permanentemente um planeta transgalático, destruindo as mentes capturadas e eliminando os habitantes remanescentes, preparando-se para ocupar cor-

pos alienígenas. Nunca, entretanto, poderia a raça mãe ser duplicada em tais casos, já que o novo planeta não conteria todos os materiais necessários para as realizações do povo vermicular. Os cubos, por exemplo, só podiam ser feitos no planeta natal.

Apenas alguns dos inúmeros cubos lançados chegavam eventualmente a pousar e a encontrar resposta num mundo habitado, já que não havia tal coisa como direcioná-los para objetivos além da visão ou do conhecimento. Apenas três, dizia a história, teriam alguma vez pousado em mundos habitados em nosso próprio universo particular. Um deles teria alcançado um planeta na periferia da galáxia há dois milhares de bilhões de anos, enquanto outro aterrissara há três bilhões de anos num mundo próximo ao centro da galáxia. O terceiro — e o único que se sabe ter alguma vez entrado no sistema solar — alcançou nossa própria Terra há certa de cento e cinquenta milhões de anos.

Era principalmente desse último que a “tradução” do Dr. Winters-Hall tratava. Quando o cubo atingiu a Terra, escreveu ele, a espécie terrestre dominante era uma raça de seres enormes, em forma de cones, que ultrapassavam todas as anteriores ou posteriores em mentalidade e conquistas. Essa raça era tão avançada que teria de fato enviado mentes ao exterior, através do tempo e do espaço, para explorar o cosmos, tendo tomado consciência do que acontecera quando o cubo caiu do céu e certos indivíduos sofreram transformações mentais depois de observá-lo.

Percebendo que os indivíduos modificados representavam mentes invasoras, os líderes da raça os destruíram, mesmo ao preço de terem deixado as mentes deslocadas em exílio no espaço alienígena. Haviam tido experiência com transições ainda mais estranhas. Quando, através de uma exploração mental do espaço e do tempo, formaram uma ideia aproximada do que era o cubo, eles cuidadosamente esconderam a coisa da luz e da visão, considerando-a uma ameaça. Não desejavam destruir algo tão rico em possibilidades de experimentação posterior. De vez em quando, algum aventureiro afoito e inescrupuloso obteria furtivamente acesso a ele e experimentaria seus poderes perigosos, apesar das consequências — mas todos esses casos foram descobertos e tratados com segurança e drasticamente.

Dessas intrusões malignas o único resultado ruim foi que a distante raça vermicular descobriu, a partir dos novos exilados, o que havia acontecido com seus exploradores na Terra, e tomaram um ódio violento pelo planeta e por todas as suas formas de vida. E o teriam despovoado, se pudessem, tendo mesmo enviado cubos adicionais através do espaço na esperança bestial de atingi-lo acidentalmente em locais desguarnecidos, mas tal evento jamais aconteceu.

Os seres terrestres em forma de cone mantiveram o único cubo existente guardado num santuário especial, como uma relíquia e uma base para experimentos, até que, depois de eras, ele se perdeu em meio ao caos da guerra e da destruição da grande cidade polar onde era guardado. Quando, há cinquenta milhões de anos, os seres enviaram suas mentes para o futuro infinito com o intuito de evitar o perigo inominável do interior da terra, o paradeiro do cubo sinistro do espaço se tornou desconhecido.

Tudo isso, de acordo com o erudito ocultista, constava dos Fragmentos de Eltdown. O que agora tornava o relato tão furtivamente amedrontador para Campbell era a minúcia e a exatidão com que o cubo alienígena fora descrito. Todos os detalhes eram calculados: dimensões, consistência, o disco central com os hieróglifos, os efeitos hipnóticos. Enquanto pensava no assunto continuamente em meio às trevas de sua estranha situação, começou a se perguntar se toda a sua experiência com o cubo de cristal — de fato, a própria existência do mesmo — não seria apenas um pesadelo despertado por alguma memória subconsciente e bizarra dessa velha peça de literatura extravagante e charlatã. Se fosse assim, o pesadelo devia estar em vigor, já que seu presente estado aparentemente sem corpo nada tinha de normal.

Do tempo consumido por essa rememoração e essa reflexão confusa Campbell não saberia estimar. Tudo em seu estado era tão irreal que as dimensões e mensurações ordinárias se tornaram sem sentido. Pareceu uma eternidade, mas talvez não tivesse demorado tanto, até que aconteceu a primeira e brusca interrupção. O que aconteceu foi tão estranho e inexplicável quanto à escuridão que veio antes. Houve uma sensação — mais da mente do que do corpo — e, de uma vez só, Campbell sentiu que seus pensamentos eram varridos ou sugados, de uma maneira tumultuada e caótica, para além de seu controle.

Lembranças fluíram desordenadas e confusas. Tudo o que ele sabia — todo o seu passado pessoal, tradições, experiências, conhecimento, sonhos, ideias e inspirações — se escoou abrupta e simultaneamente, com uma velocidade vertiginosa e uma abundância que logo o impossibilitou de acompanhar qualquer conceito separado. O desfile de todos os seus conteúdos mentais tornou-se uma avalanche, uma cachoeira, um vórtice. Era tão horrível e vertiginoso quanto seu voo hipnótico através do espaço quando o cubo de cristal o puxou. Finalmente, esvaziou sua consciência e trouxe um novo esquecimento.

Outro vazio imensurável — e depois um lento gotejar de sensações. Desta vez era físico, não mental. Luz de safira, e um som lento e distante. Havia impressões táteis; ele podia sentir que estava deitado sobre alguma coisa, embora houvesse uma estranheza desconcertante sobre a sensação de sua postura. Ele não conseguia conciliar a pressão da superfície de apoio com os seus próprios contornos — ou com os contornos da forma humana. Tentou mover os braços, mas não obteve resposta definida a essa tentativa. Em vez disso, havia pequenas e ineficazes contrações nervosas por toda a área que parecia marcar o seu corpo.

Tentou abrir mais os olhos, mas descobriu-se incapaz de controlar o seu mecanismo. A luz de safira chegava de um modo difuso, nebuloso e não podia ser em parte alguma voluntariamente concentrada e com definição. Gradualmente, porém, as imagens visuais começaram a fluir de forma indecisa e curiosa. Os limites e qualidades da visão não eram aqueles com os quais estava acostumado, mas ele podia correlacionar aproximadamente a sensação com o que conhecera como sendo a visão. Quando essa sensação atingiu certo grau de estabilidade, Campbell percebeu que ainda devia estar no auge do pesadelo.

Parecia estar num cômodo de extensão considerável — de altura média, mas com uma área bastante ampla. De todos os lados — e era como se ele pudesse ver todos os lados ao mesmo tempo — havia fendas altas e estreitas que pareciam servir como portas e janelas combinadas. Havia mesas baixas e pedestais singulares, mas nenhuma mobília de natureza ou proporções normais. Através das fendas fluíam inundações de luz de safira, e para além delas se podiam ver, nebulosamente, as faces e os telhados de edifícios fantásticos, como cubos agrupados. Nas paredes — nos painéis verticais que havia entre as fendas — viam-se estranhas ins-

crições de caracteres desconhecidos e inquietantes. Demorou algum tempo até que Campbell descobriu por que o perturbavam tanto — e então ele viu que eram, repetidos em certos aspectos, exatamente iguais a alguns dos hieróglifos do disco no cubo de cristal.

O verdadeiro elemento de pesadelo foi, porém, algo mais do que isso. Começou com a coisa viva que de repente entrou por uma das fendas, avançando deliberadamente em sua direção e segurando uma caixa de metal de proporções bizarras e superfícies vítreas e espelhadas. Pois tal coisa não tinha nada de humana — nada de terrena — nem mesmo nada de algum mito ou sonho humano. Era um verme ou centopeia gigantesca, de cor cinzenta clara, com a largura de um homem e o comprimento de dois, exibindo uma cabeça em forma de disco, aparentemente destituída de olhos, ornada de cílios e com um orifício central roxo. Deslizava sobre seus pares de patas traseiras, com a parte dianteira levantada verticalmente — as pernas, ou pelo menos dois pares delas, servindo como braços. Ao longo de sua espinha dorsal havia um curioso pente arroxeadado e uma cauda em leque formada por um tipo de membrana cinzenta que arrematava o todo grotesco. Havia um anel de pontas vermelhas e flexíveis em torno do pescoço, e das contorções dessas pontas, os estalidos soavam em ritmos medidos e deliberados.

Aqui, de fato, estava o maior pesadelo em sua essência — a fantasia caprichosa em seu ápice. Mas não foi ainda essa visão de delírio que fez com que George Campbell tombasse pela terceira vez na inconsciência. Houve uma outra coisa — um toque final, insuportável — que o levou a isso. Quando o inominável verme avançou com sua caixa brilhante, o homem deitado captou, na superfície espelhada, um vislumbre do que deveria ser o seu próprio corpo. No entanto — horivelmente consciente de suas sensações desordenadas e desconhecidas — não era de todo o seu próprio corpo que ele viu refletido no metal polido. Era, em vez disso, a repugnante massa cinza-clara de uma das grandes centopeias.

IV

[Robert E. Howard]

Desse ultimo mergulho na inconsciência ele emergiu com uma compreensão plena de sua situação. Sua mente estava aprisionada no corpo de um dos amedrontadores nativos de um planeta alienígena, enquanto, em alguma parte do outro lado do universo, seu próprio corpo hospedava a personalidade do monstro.

Ele teve de superar um terror irracional. Julgado de um ponto de vista cósmico, por que sua metamorfose o horrorizaria? A vida e a consciência eram as únicas realidades do universo. A forma não era importante. Seu corpo atual era hediondo apenas para os padrões terrestres. O medo e a repulsa afogaram-se na excitação de uma aventura titânica.

O que era o seu corpo anterior senão um invólucro, que a morte eventualmente descartaria de qualquer maneira? Ele não tinha ilusões sentimentais sobre a vida da qual tinha sido exilado. O que lhe dera ela senão trabalho, pobreza, frustração contínua e repressão? Se esta vida que o aguardava não lhe oferecesse mais, pelo menos não lhe oferecia nada menos. A intuição lhe dizia que oferecia mais — muito mais.

Com a honestidade que se torna possível apenas quando a vida é despojada até dos seus fundamentos, teve consciência de que se lembrava com prazer apenas das delícias físicas de sua vida anterior. Mas há muito ele já havia esgotado todas as possibilidades físicas contidas naquele corpo terreno. Esgotaram-se os estímulos da Terra. Mas, na impressão desse novo corpo estranho, ele sentia as promessas de deleites estranhos e exóticos.

Uma exultação selvagem o invadiu. Ele era um homem sem um mundo, livre de todas as convenções ou inibições da Terra, ou deste planeta estranho, livre de toda restrição artificial do universo. Ele era um Deus! Com sombria satisfação, pensou em seu velho corpo movendo-se entre os negócios e a sociedade na Terra, com um monstro alienígena a olhar através das janelas que eram os olhos de George Campbell para pessoas que fugiriam dele se soubessem.

Que ele caminhasse pela Terra e matasse e destruísse à vontade. A Terra e suas raças não tinham mais qualquer significado para George Campbell. Lá, ele tinha sido apenas uma entre bilhões de nulidades, fixada em seu lugar por uma acumulação montanhosa de convenções, leis e costumes, condenada a viver e a morrer em seu sórdido nicho. Mas num salto cego ele se elevava acima da realidade comum. Isto não era a

morte, mas um renascimento — o nascimento de uma mentalidade adulta, dona de uma liberdade recém-descoberta que pouco se importava com o cativeiro físico em Yekub.

Sobressaltou-se. Yekub! Era o nome deste planeta, mas como ele soubera? Então ele sabia, tal como sabia o nome daquele cujo corpo agora ocupava: Tothe. A memória, inscrita profundamente no cérebro de Tothe, agitava-se nele — sombras do conhecimento que Tothe possuía. Gravadas bem fundo nos tecidos físicos do cérebro, falavam obscuramente, como instintos implantados, a George Cambell; e sua consciência física se apoderava deles e os traduzia para mostrar-lhe o caminho não apenas para a segurança e a liberdade, mas para o poder a que sua alma — despojada de seus impulsos primitivos, ansiava. Não viveria como um escravo em Yekub, mas como um rei! Tal como os bárbaros antigos tinham se sentado no trono de impérios senhoriais.

Pela primeira vez, voltou sua atenção para os arredores. Ainda estava deitado sobre aquela espécie de colchão no meio daquele cômodo fantástico, e o homem centopeia estava diante dele, segurando o objeto de metal polido e estalando as pontas em seu pescoço. Assim, falava com ele, Campbell sabia, compreendendo de algum modo o que era dito, por meio dos processos de pensamento herdados de Tothe, enquanto descobria que a criatura era Yukth, senhor supremo da ciência.

Mas Campbell não deu atenção, pois tinha feito seu plano desesperado, um plano tão inusitado aos modos de Yekub que estaria além da compreensão de Yukth, pegando-o totalmente despreparado. Yukth, tal como Campbell, via o fragmento de metal pontiagudo numa mesa próxima, mas para Yukth era apenas um instrumento científico. Ele nem sabia que poderia ser usado como uma arma. A mente terrena de Campbell forneceu o conhecimento e a ação que se seguiu, levando o corpo de Tothe a fazer movimentos que nenhum homem de Yekub jamais fizera antes.

Cambell pegou o fragmento pontudo e o golpeou, cortando brutalmente para cima. Yukth recuou e tombou; suas entranhas se derramando no chão. Num instante, Campbell já deslizava para a porta. Sua velocidade era surpreendente, estimulante, primeiro cumprimento da promessa de novas sensações físicas.

Enquanto corria, guiado inteiramente pelo conhecimento instintivo implantado nos reflexos físicos de Tothe, era como se ele fosse sustentado em suas patas por uma consciência particular. O corpo de Tothe o transportava através de uma via que fora percorrida milhares de vezes antes, quando animado pela mente de Tothe.

Correu por um corredor sinuoso, subiu por uma escada retorcida, atravessou uma porta esculpida, e os mesmos instintos que o tinham levado ali lhe diziam que encontrara o que procurava. Descobriu-se num recinto circular, com um teto abobadado do qual jorrava uma luz lívida e azulada. Uma estranha estrutura se erguia no meio do piso em tons de arco-íris, camada sobre camada, cada qual de uma cor diferente e vívida. A última camada era um cone púrpura, de cujo ápice subia uma névoa azul em direção a uma esfera que pairava no ar — uma esfera que brilhava como se fosse marfim translúcido.

Isso, diziam as profundas memórias de Tothe a Campbell, era o deus de Yekub, embora o povo de Yekub temesse e adorasse que ele havia sido esquecido há milhões de anos. Um verme-sacerdote se achava entre ele e o altar que nenhuma mão ou carne jamais haviam tocado. Tocá-lo seria uma blasfêmia que nunca, em tempo algum, ocorrera a qualquer habitante de Yekub. O verme-sacerdote permaneceu horrorizado até que o fragmento de Campbell lhe arrancasse a vida.

Com suas pernas de centopeia, Campbell subiu as camadas do altar, indiferente aos seus estremecimentos súbitos, sem se importar com a transformação que começou a ocorrer na esfera flutuante, sem se importar com a fumaça que agora se acumulava em nuvens azuis. A sensação de poder o embriagava. Não temia as superstições de Yekub mais do que temia as da terra. Com aquele globo em suas mãos, ele se tornaria rei de Yekub. Os homens-vermes não se atreveriam a lhe negar coisa alguma enquanto ele mantinha seu deus como refém. Ergueu uma mão até a esfera — não mais em tons de marfim, mas vermelha como sangue ...

V

[Frank Belknap Long]

Da tenda para a pálida noite de agosto, caminhava o corpo de George Campbell. Movia-se de maneira lenta e trêmula em meio aos vultos de enormes árvores, caminhando por uma trilha na floresta recoberta por folhas de pinheiro perfumadas. O ar era seco e frio. O céu era uma tigela invertida de prata fosca, salpicada de poeira estelar e, à distância, ao norte, a aurora boreal estendia faixas de fogo.

A cabeça do caminhante oscilava grotescamente de um lado e para o outro. Dos cantos de sua boca semiaberta escorriam grossos fios de espuma âmbar, os quais flutuavam na brisa noturna. Ele caminhou ereto a princípio, como um homem caminharia, mas gradualmente, à medida que a tenda desaparecia de vista, sua postura se modificou. Seu torso começou, quase imperceptivelmente, a vergar-se, e seus membros a encurtar.

Num mundo longínquo do espaço exterior, a criatura centípede que era George Campbell, agarrava ao peito um deus cuja cor era vermelha como sangue e atravessava, contorcendo-se como um inseto através de um salão em tons de arco-íris e, depois através de maciços portais para a luz brilhante de sóis alienígenas.

Perambulando por entre as árvores da Terra numa atitude que sugeriria o desajeitado trotar de um homem-urso, o corpo de George Campbell se encaminhava para um destino irracional. Longos dedos terminando em garras arrastavam folhas do tapete de olorosas agulhas de pinheiro, enquanto se movia em direção a uma vasta extensão de água reluzente.

No longínquo mundo extragalático do povo de vermes, George Campbell se movia por entre blocos ciclóticos de alvenaria negra, descendo por longas avenidas guarnecidas de samambaias, enquanto erguia o deus vermelho.

Houve um grito áspero de animal em meio à vegetação perto do lago reluzente na Terra onde a mente de uma criatura vermicular ocupava um corpo que se movia por instinto. Dentes humanos cravaram-se em macio pelo animal, rasgando sua carne negra. Uma pequena raposa prateada meteu suas garras, numa retaliação frenética, num pulso humano coberto de pele e se debateu aterrorizada, enquanto seu sangue jorrava. Lentamente, o corpo de George Campbell se levantou, a boca salpicada

pelo sangue fresco. Com os membros superiores agitando-se de um modo estranho, caminhou para as águas do lago.

Enquanto a criatura multiforme que era George Campbell rastejava por entre os blocos negros de pedra, milhares de formas vermiculares se prostraram diante da névoa cintilante. Um poder divino parecia emanar do seu corpo rastejante enquanto se movia com um movimento lento e ondulante em direção ao trono de um império espiritual que transcenderia todas as soberanias da terra.

Um caçador exausto, vagueando por entre as densas florestas da Terra, próximo à tenda onde a criatura vermicular ocupara o corpo de George Campbell, veio até as águas reluzentes do lago e percebeu algo escuro flutuando ali. Ele havia se perdido na floresta durante toda a noite, e o cansaço já o envolvia como uma capa de chumbo sob a luminosidade pálida da manhã.

Mas a forma era um desafio que ele não podia ignorar. Achegando-se à beira da água, ele se ajoelhou sobre o solo úmido e estendeu a mão em direção ao volume flutuante. Lentamente, puxou-o para a terra.

Ao longe, no espaço infinito, a criatura em forma de verme que segurava o deus brilhante e vermelho subia ao trono que brilhava como a constelação de Cassiopeia sob uma abóbada alienígena de hipersóis. A grande divindade que ele segurava no alto energizava seu corpo vermicular, queimando num fogo branco de uma espiritualidade ultramundana os últimos vestígios de animalidade.

Na Terra, o caçador olhou com horror indizível para a face enegrecida e peluda do homem afogado. Era uma face bestial, de contornos repulsivamente antropóides, e de sua boca retorcida e deformada escorria uma baba escura.

“Aquele que buscou o seu corpo nos abismos do tempo ocupará uma habitação incontrollável”, disse o deus vermelho. “Nenhuma semente de Yekub pode dominar o corpo de um humano”.

“Em toda a Terra, criaturas vivas se submetem umas às outras, e se regalam com inexprimível crueldade sobre os seus amigos e parentes. Nenhuma mente-verme pode controlar um bestial corpo humano quando este decide se libertar. Apenas as mentes dos homens, instintivamente condicionadas através de dez mil gerações, podem manter os instintos humanos escravizados. Seu corpo se destruirá a si mesmo na Terra, bus-

cando o sangue de seus semelhantes, buscando a água fresca onde possa chafurdar à vontade. Buscando sua eventual destruição, pois o instinto de morte é mais poderoso nele do que os instintos de vida, e se destruirá a si mesmo na tentativa de retornar à lama de onde emergiu.”

Assim falou o deus vermelho e redondo de Yekub a George Campbell num longínquo segmento do contínuo espaço-temporal, enquanto este último, purgado de todo o desejo humano, se sentou num trono e governou um império de vermes com mais sabedoria e benevolência do que qualquer homem da Terra jamais governou um império de homens.



O Horror no Museu

com Hazel Heald

∴

The Horror in the Museum (1932)

Weird Tales (jul. 1933)

É difícil saber exatamente o que dizer de “O Horror no Museu”. Em “I Am Providence”, S.T. Joshi expressa esperança de que tenha sido escrito como uma autoparódia. Certamente tem uma forte aura de extravagância deliberada que caracterizaria uma paródia, porém, é igualmente possível que Lovecraft esteja apenas se divertindo de forma irônica.



Foi apenas curiosidade o que levou Stephen Jones ao Museu Rogers pela primeira vez. Alguém lhe falara a respeito do estranho lugar subterrâneo na Southwark Street, do outro lado do rio, onde criaturas de cera muito mais horrendas que as piores efígies do Madame Tussauds^[1] estavam expostas; e num dia de abril ele resolveu entrar para conferir que tipo de desapontamento iria ter. Curiosamente, não se desapontou. Afinal, alguma coisa diferente e notável estava ali. Decerto, os velhos lugares-comuns sanguinários não poderiam faltar: Landru, Doutor Crippen,

Madame Demers, Rizzio, Lady Jane Grey,^[2] infindáveis vítimas da guerra e da revolução, e monstros como Gilles de Rais e o Marquês de Sade;^[3] mas também outras coisas que aceleraram sua respiração e o fizeram permanecer até ouvir o toque de fechar. O homem que tinha montado aquela coleção não poderia ser um charlatão ordinário. Havia imaginação, e até um toque de genialidade doentia, em algumas das peças.

Mais tarde ele se informou sobre George Rogers. O homem tinha sido da equipe do Tussauds, mas algum problema ocorrera que resultara em sua demissão. Ouviram-se rumores acerca de sua sanidade mental e notícias sobre suas loucas formas de adoração secreta; embora, finalmente, o sucesso de seu próprio museu no porão acabasse embotando o gume de algumas críticas, ao mesmo tempo em que aguçava a ponta insidiosa de outras. Teratologia e iconografia do pesadelo eram seus passatempos; e ele teve mesmo a prudência de alojar discretamente algumas de suas piores efígies numa alcova especial, destinada somente aos adultos. Foi essa alcova que tanto fascinou Jones. Havia coisas híbridas e disformes que só a fantasia seria capaz de gerar, moldadas com arte diabólica e coloridas de um modo horivelmente realístico.

Algumas eram figuras de mitos bem conhecidos: górgonas, quimeras, dragões, ciclopes e todos os seus arrepiantes congêneres. Outras tinham sido tiradas de mais obscuros e só furtivamente murmurados ciclos de lendas subterreais: o negro e disforme Tsathoggua, o multitentacular Cthulhu, o trombudo Chaugnar Faugn, e outras indizíveis blasfêmias extraídas de livros proibidos como o *Necronomicon*, o *Liber Ivonis*, ou *Unaussprechlichen Kulten*, de Von Junzt^[4]. Mas as piores eram criações originais de Rogers, representando formas que nenhuma narrativa da antiguidade teria alguma vez ousado descrever. Muitas eram repulsivas paródias das formas da vida orgânica que conhecemos, enquanto outras pareciam ter sido sacadas de sonhos febris de outros planetas e galáxias. As mais selvagens pintadas por Clark Ashton Smith podem sugerir algumas; mas nada se compararia ao efeito de pungente, repelente terror gerado pelas suas grandes dimensões e delirante acabamento artesanal e pelas condições de luz diabolicamente perspicazes sob as quais eram exibidas.

Stephen Jones, como um descompromissado *connoisseur* do bizarro na arte, procurara Rogers pessoalmente no sombrio escritório e estúdio que ficava atrás do salão de teto abobadado do museu — uma cripta de aspecto demoníaco, obscuramente iluminada por janelas de correr poeirentas, dispostas horizontalmente no nível dos paralelepípedos de um pátio escondido. Nesse lugar é que se fazia a manutenção das imagens, e ali, também, algumas tinham sido produzidas. Braços, pernas, cabeças e torsos de cera jaziam em grotesca desordem sobre vários bancos, ao passo que nas prateleiras das estantes se viam perucas, dentes e olhos mortícios de vidro espalhados indiscriminadamente. Vestimentas de todos os tipos pendiam de ganchos; e numa dada alcova havia grandes pilhas de cera cor de carne e prateleiras repletas de latas de tinta e pincéis de todos os formatos. No centro do cômodo estava a grande forja para preparar a cera a ser moldada, sua larga boca ocupada por um vasto contêiner de ferro com alças, ao qual se ligava um tubo que permitiria despejar a cera derretida com um simples toque de dedo.

Outras coisas, na cripta penumbrosa, seriam mais difíceis de descrever: partes isoladas de entidades problemáticas cujas formas agrupadas eram fantasmas de delírio. Numa das extremidades via-se uma porta de madeira maciça, trancada por um cadeado de tamanho incomum, sobre a qual se achava pintado um símbolo bastante peculiar. Jones, que já tivera acesso ao temível *Necronomicon*, estremeceu involuntariamente ao reconhecer aquele símbolo. Este expositor, refletiu, deve ser alguém de um saber desconcertantemente vasto acerca dos assuntos dúbios e negros.

Também a palestra de Rogers não o desapontou. Era um homem alto, esguio e assaz desalinhado, os grandes olhos negros brilhando em combustão em meio a uma face pálida e mal barbeada. Não se incomodou com o aparecimento de Jones e antes pareceu saudar a ocasião de poder se abrir com uma pessoa interessada. Sua voz era de uma profundidade e de uma ressonância singulares, mal dissimulando uma ponta de intensidade represa, que bordejava mesmo com o fervor. Jones não se espantou de que muitos o tivessem julgado louco.

A cada nova visita (e as visitas se tornaram habituais com o passar das semanas), Jones encontraria Rogers mais comunicativo, mais inclinado às confidências. No princípio, tinha havido rumores de crenças e

práticas estranhas, da parte do expositor, e mais tarde esses rumores se expandiram em histórias, não obstante umas poucas e estranhas fotografias corroborantes, cuja extravagância roçaria pelo cômico. Foi em junho, numa noite em que Jones trouxera uma garrafa de bom uísque e pôde conversar mais livremente com seu anfitrião, que o discurso realmente insano despontou. Antes disso, haviam surgido histórias delirantes demais — relatos de viagens ao Tibete, ao interior da África, ao deserto da Arábia, ao vale do Amazonas, ao Alasca e a certas ilhas pouco conhecidas do Pacífico Sul, além de declarações acerca de ter lido livros monstruosos como os fragmentos Pnacóticos e os cantos Dhol atribuídos ao maligno e inumano Leng —, mas nada disso fora tão inequivocamente insano quanto o que veio à tona, sob o influxo do uísque, naquele anoitecer de junho.

Mais abertamente, Rogers passou a se gabar de ter encontrado certas coisas na natureza que ninguém encontrara antes e de ter trazido à luz evidências de tais descobertas. De acordo com sua arenga, tinha ido mais longe do que qualquer outro na interpretação desses livros obscuros e primevos que estudara, e fora orientado por eles para certos lugares remotos onde insólitos remanescentes se ocultavam — remanescentes de éons^[5] de ciclos de vidas mais antigos que a humanidade e em alguns casos conectados com outras dimensões e outros mundos, mundos e dimensões com os quais a comunicação seria frequente em dias pré-humanos. Jones se maravilhava com uma fantasia tão capaz de conjurar semelhantes noções e se perguntava qual seria a real história mental de Rogers. Teria sido o seu trabalho em meio ao grotesco mórbido do Madame Tussaud o ponto de partida para suas fugas imaginativas ou se tratava de uma tendência inata, da qual a escolha de sua ocupação fora apenas uma das manifestações? De qualquer modo, o trabalho do homem estava como que ligado a essas noções. Mesmo agora não havia que se equivocar com o curso de suas mais negras sugestões acerca das monstruosidades de pesadelo ocultas atrás da porta onde se lia “Para adultos somente”. Infenso ao ridículo, ele tentava sugerir que nem todas essas anormalidades demoníacas eram artificiais.

Foi mesmo o ceticismo e o espanto de Jones diante dessas declarações irresponsáveis que acabaram quebrando a crescente cordialidade. Rogers — estava claro — se levava muito a sério, pois agora se tornava

moroso e ressentido, continuando a tolerar Jones somente ao preço de um incontido impulso de romper o muro de sua incredulidade urbana e complacente. Contos e sugestões delirantes de ritos e sacrifícios prestados a inomináveis deuses antigos continuavam; e aqui e ali Rogers mostraria ao hóspede uma das ultrajantes blasfêmias na alcova reservada e apontaria detalhes difíceis de conciliar mesmo com a mais refinada arte-sania humana. Jones prosseguiu, fascinado, com suas visitas, embora soubesse que tinha desmerecido os interesses de seu anfitrião. Às vezes, tentaria animar Rogers com um fingido assentimento a alguma sugestão ou asserção maluca, mas o magro expositor raramente se deixaria enganar por essas táticas.

A tensão atingiu o ápice mais tarde, em setembro. Jones entrou casualmente no museu, num certo entardecer, e perambulava pelos corredores sombrios, cujo horror lhe era agora familiar, quando ouviu um som bastante sinistro, proveniente do estúdio de Rogers. Outros o ouviram também e, nervosamente, saíram em disparada, enquanto os ecos reverberavam através do grande porão de teto arqueado. Os três assistentes trocaram olhares significativos; um deles, um sujeito negro e taciturno, com ar de estrangeiro, que sempre servira Rogers como reparador e desenhista assistente, sorriu de um modo que pareceu intrigar seus colegas e que tocou profundamente alguma faceta da sensibilidade de Jones. Parecia o ganido ou o uivo de um cão e era um som que só poderia ser produzido sob condições do mais extremo terror e agonia combinados. Seu frenesi agudo, angustiado, era impressionante de ouvir e, em toda a sua grotesca anormalidade, continha algo duplamente aterrorizante. Jones se lembrou de que não eram permitidos cachorros no museu.

Estava prestes a ir até a porta que conduzia ao estúdio, quando o atendente negro o deteve com uma palavra e um gesto. O Sr. Rogers — o homem disse, numa voz suave e algo acentuada que não escondia qualquer coisa de apologético e sardônico — tinha saído, e havia ordens expressas para não deixar que ninguém entrasse no estúdio durante sua ausência. Quanto àquele uivo, proviera certamente de alguma coisa lá fora, do pátio aos fundos do museu. A vizinhança estava cheia de viralatas, cujas brigas costumavam ser chocantemente barulhentas. Não havia cães em parte alguma do museu. Mas, se o Sr. Jones quisesse ver o Sr. Rogers, poderia encontrá-lo antes da hora de fechar.

Depois disso, Jones galgou os velhos degraus de pedra até a rua e examinou com curiosidade os esquálidos arredores. Os edifícios magros, decrepitos — que uma vez foram residências, mas que agora eram na maioria lojas e armazéns — eram de fato muito antigos. Alguns deles eram de um tipo que parecia remontar à época dos Tudors^[6], e um fedor algo miasmático pairava sutilmente por toda a região. Ao lado da casa sombria cujo porão servia de museu havia uma passagem em arco, não muito alta, cortada por um caminho de pedras escuras, e foi por ela que Jones enveredou na vaga expectativa de encontrar o pátio dos fundos e ajeitar em sua mente, de um modo mais confortável, o caso do cachorro. O pátio, obscurecido na fraca luz do entardecer, estava cercado ao fundo por muros mais feios e intangivelmente ameaçadores do que as fachadas decadentes do casario vetusto e maligno. Não se via nenhum cachorro. Jones se perguntou como o resultado de tamanho frenesi poderia ter se desvanecido tão depressa e tão completamente.

Apesar da declaração do assistente de que nenhum cachorro tinha estado no museu, Jones examinou com nervosismo as três pequenas janelas do estúdio subterrâneo, estreitos e horizontais retângulos colados ao piso onde a erva crescia, seus vidros ostensivos a mirar repulsivamente e sem curiosidade como os olhos de um peixe morto. À sua esquerda um lance carcomido de degraus conduzia a uma obscura porta de pesadas dobradiças. Um impulso lhe veio de se abaixar sobre os paralelepípedos úmidos e partidos e espiar lá dentro, na possibilidade de que os espessos cortinados verdes, movidos por longos cordões que desciam até um nível alcançável, não poderiam ser afastados. As superfícies externas estavam grossas de poeira, mas quando as esfregou com o lenço percebeu que não havia nenhuma cortina obstruindo a visão.

Tão penumbroso era o interior do porão que pouca coisa se podia ver, mas a grotesca parafernália se deixava lobrigar espectralmente aqui e ali, enquanto Jones observava janela por janela. Parecia evidente, a princípio, que ninguém estava dentro; no entanto, quando ele espiou através da janela da extrema direita — aquela mais próxima do caminho de entrada —, avistou um brilho ao fundo do compartimento que o fez estar surpreso. Não havia razão para que nenhuma luz estivesse ali. Tratava-se de uma parte interna do cômodo, e ele não podia lembrar-se de haver nenhuma lâmpada elétrica ou a gás perto daquele ponto. Uma

outra olhadela definiu o brilho como sendo um largo retângulo vertical, e um pensamento lhe ocorreu. Era naquela direção que ele tinha sempre reparado na grande porta de madeira com o imenso cadeado — a porta que nunca era aberta e sobre a qual se estampava cruamente aquele pavoroso símbolo críptico proveniente dos documentos fragmentários de uma magia ancestral e proibida. Devia estar aberta agora, e havia uma luz lá dentro. Toda a sua especulação anterior sobre o lugar aonde aquela porta levaria e sobre o que haveria por trás foi então renovada, com uma intensidade triplamente inquietadora.

Jones perambulou a esmo pela opressiva localidade até próximo das seis horas, quando voltou ao museu para procurar Rogers. Dificilmente poderia dizer por que ansiava tanto em ver o homem assim de imediato; contudo devem ter influído nessa disposição algumas suspeitas subconscientes acerca daquele uivo canino da tarde, terrivelmente difícil de situar, e acerca do brilho naquela porta perturbadora do interior, que usualmente permanecia fechada com o maciço cadeado. Os assistentes estavam de saída quando ele chegou, e achou que Orabona, o negro assistente de aparência estrangeira, o olhava com uma curiosidade sub-reptícia e contida. Não gostava daquele olhar, mesmo tendo visto o sujeito dirigi-lo ao seu patrão noutras ocasiões.

O salão de teto abaulado parecia aterrorizante em seu abandono, mas ele o atravessou velozmente e bateu na porta do escritório e estúdio. A resposta demorou a vir, embora se ouvissem passos lá dentro. Finalmente, em resposta a uma segunda batida, a fechadura estalou, e o antigo portal de seis painéis rangeu relutantemente antes de pôr à mostra o vulto devastado e de olhar febricitante de George Rogers. Logo de saída ficou claro que o expositor se achava num estado de espírito incomum. Havia uma curiosa mistura de relutância e de real avidez em sua saudação, e seu modo de falar derivava para extravagâncias do tipo mais incrível e horripilante.

Antigos deuses sobreviventes — inomináveis sacrifícios — a outra natureza além daquela, artificial, dos horrores da alcova — toda a lenga-lenga usual, mas pronunciada num tom de confiança algo crescente. Obviamente, refletiu Jones, a loucura do pobre o estava dominando mais e mais. Vez por outra, Rogers lançaria olhadelas furtivas em direção à porta trancada no final do cômodo ou em direção a um pedaço de áspe-

ra aniação que jazia no chão, não muito distante dele, sob o qual algum objeto pequeno parecia estar colocado. Jones ficou mais nervoso à medida que os momentos passavam e começou a se sentir tão hesitante em mencionar os estranhos eventos da tarde quanto há pouco tinha estado ansioso por fazê-lo.

O tom sepulcralmente grave da voz de Rogers quase se partia sob a excitação de seu delírio febril.

“Você se lembra”, gritou “do que eu lhe contei acerca daquela cidade em ruínas da Indochina onde os tcho-tchos viviam? Teve de admitir que estive lá, quando viu as fotografias, mesmo se achasse que eu fiz às escuras aquele nadador oblongo de cera. Se você o tivesse visto contorcendo-se nos poços subterrâneos como eu vi...

“Bem, este é maior ainda. Nunca lhe falei sobre este, porque desejava trabalhar as últimas partes antes de fazer qualquer anúncio. Quando você vir os instantâneos, saberá que a geografia não poderia ter sido falsificada; e eu creio que tenho outro meio de prová-Lo. Não se trata de nenhuma mistura de cera que fiz. Você nunca o viu, porque os experimentos não me permitiriam mantê-lo em exibição.”

O exibidor olhou de um modo estranho para a porta trancada.

“Tudo provém daquele longo ritual no oitavo fragmento pncótico. Quando me dei conta, vi que poderia ter apenas um significado. Havia coisas no norte antes que a terra de Lomar — antes que a humanidade existisse; e esta era uma delas. Vasculhamos tudo até o Alasca, partindo de Fort Morton até Nootak, mas a coisa estava lá, como sabíamos que estaria. Grandes ruínas ciclópicas, cobrindo acres inteiros. Havia sobrado menos do que esperáramos, mas após três milhões de anos o que se poderia desejar? E não estavam as lendas esquimós todas na direção certa? Não podíamos forçar um deles a ir conosco, e tivemos de esquiar de volta até Nome^[7] em busca de americanos. Orabona não tinha utilidade naquele clima, tornou-se taciturno e odioso.

“Mais tarde lhe contarei do modo como a encontramos. Quando removemos o gelo dos pilonos da ruína central, a escadaria era exatamente como pensamos que seria. Viam-se ainda alguns entalhes, e não houve problemas em impedir que os yankees nos seguissem ao entrarmos. Orabona tremia como uma folha — você nunca suporia, vendo o modos insolentes que ele exhibe por aqui. Ele conhecia o bastante sobre as

velhas lendas, para estar devidamente amedrontado. A luz externa tinha acabado, mas nossos archotes mostravam o bastante. Vimos os ossos de outros que tinham existido antes de nós éons atrás, quando o clima era quente. Alguns desses ossos eram de coisas que você não poderia sequer imaginar. No terceiro nível abaixo, encontramos o trono de marfim, do qual os fragmentos tanto falavam — e posso lhe dizer que não estava vazio.

“A coisa no trono não se movia, e então percebemos que Ele precisava ser alimentado por algum sacrifício. Mas não pretendíamos acordá-Lo. Melhor levá-Lo para Londres primeiro. Orabona e eu nos arrojamos à superfície da grande caixa, mas quando O embalamos, vimos que não poderíamos subir com Ele os três lances de degraus. Esses degraus não foram construídos para seres humanos, suas dimensões nos dificultavam. De qualquer modo, era pesado em excesso. Tivemos de chamar os americanos para O tirarmos de lá. Não estavam nada animados a entrar no lugar, mas certamente a coisa pior já estava dentro da caixa. Dissemos a eles que se tratava de uma peça de marfim esculpido, material arqueológico; e, ao verem o trono entalhado, provavelmente acreditaram em nós. É um espanto que não tenham suspeitado de um tesouro oculto e que não tenham exigido uma parte. Devem ter contado estranhas histórias acerca de Nome, mais tarde; embora eu duvide de que tenham retornado às ruínas, mesmo pelo trono de marfim.”

Rogers fez uma pausa, procurou em sua escrivaninha e tirou um envelope com fotografias de tamanho grande. Extraíndo uma e colocando-a com a face virada para baixo à sua frente, passou as restantes a Jones. O conjunto era certamente espantoso: colinas cobertas de gelo, trenós puxados por cães, homens envolvidos em peles, e vastas ruínas decadentes contra um fundo de neve — ruínas cujos contornos bizarros e cujos blocos enormes de pedra dificilmente poderiam ser descritos. Uma vista à luz do *flash* mostrava uma incrível câmara interior com entalhes selvagens e um trono curioso cujas proporções não poderiam ter sido desenhadas para um ocupante humano. Os entalhes da alvenaria gigantesca — altas paredes peculiarmente abobadadas — eram grandemente simbólicos e envolviam tanto desenhos completamente desconhecidos quanto certos hieróglifos citados de modo sombrio em lendas obscenas. Sobre o trono estampava-se o mesmo símbolo temerário que se via pinta-

do acima da porta de madeira da oficina. Jones lançou um olhar nervoso àquele portal fechado. Com toda certeza, Rogers andara por lugares estranhos e vira coisas estranhas. Entretanto aquela fotografia louca do interior podia ser facilmente uma fraude — tirada de um cenário bem montado. Não se deve ser tão crédulo. Mas Rogers continuava.

“Bem, embarcamos a caixa num navio que saía de Nome e chegamos a Londres sem nenhum problema. Foi a primeira vez em que trouxemos alguma coisa com chances de estar viva. Não O coloquei em exibição, porque havia algo mais importante a fazer por Ele. Precisava do alimento sacrificial, pois se tratava de um deus. Obviamente eu não poderia Lhe dar o tipo de sacrifícios que Ele costumaria receber em sua época, pois tais coisas não existem agora. Mas havia outras que podiam servir. O sangue é a vida, você sabe. Mesmo os lêmures e os elementais que são mais velhos do que a terra hão de vir quando o sangue de homens ou animais for oferecido sob as condições corretas.”

A expressão na face do narrador estava se tornando mais e mais alarmante e repulsiva, o que fez Jones estremecer em sua cadeira. Rogers pareceu notar o nervosismo de seu hóspede e prosseguiu, com um sorriso distintamente mau:

“Foi no último ano que O consegui e desde então tenho tentado ritos e sacrifícios. Orabona não tem sido de muita ajuda, pois esteve sempre contra a ideia de despertá-Lo. Ele O odeia, provavelmente porque teme o que Ele poderá vir a significar. Carrega uma pistola durante todo o tempo, para se proteger — tolo, como se houvesse proteção humana contra Ele! Se alguma vez o vir sacar a pistola, o estrangularei. Queria que eu O matasse e fizesse uma efígie dEle. Mas já tracei meus planos e estou chegando ao topo, a despeito de todos os covardes como Orabona e dos malditos cétricos de nariz empinado como você, Jones! Já entoei os cantos e realizei certos sacrifícios, *e na semana passada a transição ocorreu*. O sacrifício foi — recebido e apreciado!”

Rogers lambia mesmo os lábios, enquanto Jones se mantinha incomodamente rígido. O expositor parou e se ergueu, cruzando o cômodo em direção ao pedaço de aniagem para o qual vinha olhando frequentemente. Abaixando-se, agarrou um dos cantos e voltou a falar:

“Você já riu bastante de minha obra — e agora é hora de conhecer alguns fatos. Orabona me diz que você ouviu um cachorro ganir por

aqui esta tarde. *Sabe o que isso significava?*”

Jones olhava. Apesar de toda a sua curiosidade, teria preferido ir embora sem obter maiores luzes acerca do ponto que tanto o intrigara. Mas Rogers foi inexorável e começou a levantar o quadrado de aniagem. Debaixo dele jazia uma massa retorcida e quase disforme que Jones demorou a classificar. Seria alguma coisa que vivera e que algum agente comprimira, privara de todo o sangue, espicaçara em mil lugares e costurara num monte mole e desossado de puro grotesco? Após um instante, Jones compreendeu o que poderia ser. Era o que restara de um cachorro — um cachorro, talvez de tamanho considerável e de uma cor esbranquiçada. A raça estava além de qualquer reconhecimento, porque a distorção tinha acontecido de um modo inominável e ultrajante. Grande parte do pelo fora queimada por algum tipo de ácido, e a pele exposta e exangue estava marcada por inumeráveis feridas de incisões circulares. A forma de tortura necessária para obter semelhantes resultados teria sido inimaginável.

Eletrizado por uma pura repulsa que ultrapassava seu crescente desgosto, Jones explodiu num grito:

“Seu sádico maldito, seu demente, você faz uma coisa dessas e ainda ousa vir falar a um homem decente!”

Rogers repôs a aniagem com um ricto maligno de desdém e encarou sem furioso hóspede. Suas palavras portavam uma calma pouco natural:

“Ora, seu tolo, pensa que *eu* fiz isto? O que dizer? Não é humano e não tem intenção de ser. Sacrificar é meramente oferecer. Eu dei a Ele o cachorro. O que aconteceu é obra dEle, não minha. Precisava ser alimentado com a oferta e a tomou à sua própria maneira. Mas deixe-me mostrar a você com o que Ele se parece.”

Enquanto Jones hesitava, o outro foi até sua escrivaninha e apanhou a fotografia que tinha colocado com a face para baixo. Agora, estendia-a com um olhar curioso. Jones recebeu-a e examinou-a de um modo quase mecânico. Após um momento, o olhar do visitante se tornou mais concentrado e mais absorto, pois a força satânica do objeto representado tinha um efeito quase hipnótico. Certamente, Rogers tinha se superado em modelar o pesadelo feérico que a câmera capturara. A coisa era obra de um gênio férvido e infernal, e Jones se perguntou como o público reagiria quando fosse colocada em exibição. Algo tão monstruoso

não tinha direito de existir — provavelmente a mera contemplação do mesmo, depois que fora feito, teria completado o desajuste na mente de quem o fizera, levando-o a uma adoração com sacrifícios brutais. Só uma firme sanidade poderia resistir à sugestão insidiosa de que tal blasfêmia era — ou teria sido — alguma forma exótica e mórbida de vida efetiva.

A coisa na imagem estava agachada ou se balançava sobre o que parecia ser uma engenhosa reprodução do trono monstruosamente entalhado da outra fotografia curiosa. Descrevê-la com qualquer palavra comum teria sido impossível, pois o que quer que seja de minimamente parecido com ela jamais ocorreu à imaginação da humanidade sã. Representava alguma forma vagamente conectada com os vertebrados deste planeta — embora não se pudesse ter certeza disso. Sua compleição era ciclópica, já que mesmo agachada sua altura dava quase duas vezes a de Orabona, o qual aparecia ao seu lado. Examinando atentamente, seria possível traçar suas aproximações com as feições corporais dos vertebrados superiores.

Havia um torso quase globular, com seis longos e sinuosos membros terminando em patas de crustáceo. Da extremidade superior protuberava, como uma bolha, um glóbulo subsidiário; seu triângulo de três olhos fixos de peixe, sua tromba de um pé de comprimento e evidentemente flexível, e um sistema lateral distendido, semelhante a guelras, sugerindo que se tratava de uma cabeça. Grande parte do corpo era coberta pelo que a princípio parecia ser pelos, mas que a um exame mais atento provava ser uma densa floração de tentáculos negros e delgados ou filamentos de sucção, cada qual terminando numa boca que sugeriria uma cabeça de áspide. Sobre a cabeça e abaixo da tromba os tentáculos tendiam a ser mais longos e grossos, marcados com tiras espiraladas — sugerindo as tradicionais serpentes-madeixas da Medusa. Insinuar que aquilo podia ter uma expressão parece paradoxal; no entanto Jones sentiu que aquele triângulo de olhos protuberantes de peixe e aquela tromba pouxada obliquamente exalavam um ar de ódio, voracidade e gritante crueldade, incompreensível aos humanos porque se misturava a outras emoções estranhas a este mundo e a este sistema solar. Nessa anormalidade bestial, refletiu, Rogers devia ter despejado de uma só vez toda a sua

maligna insanidade e todo o seu inaudito gênio escultórico. A coisa era incrível — e, não obstante, a fotografia provava sua existência.

Rogers interrompeu suas divagações.

“Bem, o que acha dEle? Ainda tem dúvidas sobre o que estraçalhou o cachorro e o sugou inteiro com um milhão de bocas? Precisava de alimento — e precisará de mais. Ele é um deus, e eu sou o primeiro sacerdote de Sua hierarquia final. *Iä! Shub-Niggurath!* O Bode de Mil Crias!”

Jones baixou a fotografia, com desgosto e pena.

“Olhe aqui, Rogers, é melhor abandonar isso. Existem limites, você sabe. É um grande trabalho, e tudo o mais, mas não faz bem a você. Melhor não o ver mais — deixar que Orabona o quebre e tentar esquecê-lo. E deixe-me rasgar essa reprodução bestial também.”

Com um resmungo, Rogers arrebatou a fotografia e devolveu-a à escrivadinha.

“Idiota — você — e ainda pensa que Ele seja uma fraude! Ainda acha que eu O fiz e ainda acha que minhas figuras não são mais que cera inerte! Ora, que se dane, você saberá. Não agora, porque Ele está descansando após o sacrifício, mas mais tarde. Oh, sim, você não duvidará de Seu poder então.”

Enquanto Rogers olhava para a porta interna com o cadeado, Jones apanhou seu chapéu e sua bengala de um banco próximo.

“Muito bem, Rogers, deixe para mais tarde. Preciso ir agora, mas o procurarei de novo amanhã ao entardecer. Reflita sobre meu conselho e veja se não faz sentido. Pergunte a Orabona o que ele acha também.”

Rogers arreganhou os dentes de um modo animalesco.

“Precisa ir agora, hein? Com medo, afinal! Com medo, apesar de toda a fanfarronice! Você diz que as efígies são apenas cera e, no entanto, dá o fora quando começo a provar que não o são. Você é como os demais que aceitam minha aposta de que não ousam passar uma noite inteira no museu — chegam valentemente, mas depois de uma hora gritam e esmurram a porta implorando para sair! Quer que eu consulte Orabona, hein? Vocês dois — sempre contra mim! Vocês querem barrar o estabelecimento de Seu reino vindouro!”

Jones manteve a calma.

“Não, Rogers, não há ninguém contra você. E não estou com medo de suas figuras, também, até porque admiro sua arte. Mas estamos ambos um pouco excitados esta noite, e imagino que algum descanso nos fará bem.”

Outra vez Rogers barrou a saída de seu hóspede.

“Sem medo, hein? Então por que está tão aflito em sair? Olhe aqui, você tem ou não tem coragem de ficar aqui sozinho no escuro? Por que tanta pressa, se você não acredita nEle?”

Uma nova ideia parecia ter ocorrido a Rogers, e Jones olhou-o atentamente.

“Ora, não tenho nenhuma pressa em especial; mas de que adiantaria eu permanecer sozinho aqui? O que isso provaria? Minha única objeção é que não é confortável para dormir. Que benefício traria para qualquer de nós?”

Dessa vez, foi a Jones que ocorreu uma ideia. Ele prosseguiu, num tom de conciliação:

“Pense bem, Rogers; apenas lhe perguntei o que seria provado se eu ficasse, quando nós dois o sabemos. Seria provado que suas efígies são apenas efígies, e que você não devia deixar sua imaginação fluir como tem fluído ultimamente. Suponha que eu fique. Se eu me mantiver firme até o amanhecer, você aceitará uma nova visão das coisas, tirará umas férias e deixará que Orabona destrua essa sua nova coisa? Vamos lá, não é um jogo honesto?”

A expressão na face do expositor era difícil de decifrar. Parecia óbvio que ele estivesse pensando rápido e que sobre um emaranhado de emoções conflitantes o triunfo maligno o estava dominando. Sua voz soou embargada, quando respondeu:

“Honesto o bastante! *Se você se mantiver firme*, aceitarei seu conselho. Sairemos para jantar e depois retornaremos. Trancarei você no cômodo de exibição e irei para casa. Pela manhã, retornarei antes de Orabona — ele chega meia hora antes dos outros — e verei como você está. Mas não o tente, a menos que esteja *muito* seguro de seu ceticismo. Outros fraquejaram — a oportunidade é sua. E suponho que umas batidas na porta de fora sempre trarão um policial. Você poderá não gostar, depois de algum tempo — e estará no mesmo edifício, mas não no mesmo cômodo que Ele.”

Quando atravessaram a porta dos fundos em direção ao pátio sombrio, Rogers levou consigo o pedaço de aniagem com seu repulsivo conteúdo. Próximo ao centro do pátio havia um bueiro, cuja tampa o expositor ergueu em silêncio e com um acento de arrepiante familiaridade. Com invólucro e tudo, o fardo desceu ao oblívio de uma cloaca labiríntica. Jones estremeceu e instintivamente se esquivou ao contato da vampiresca figura ao seu lado, enquanto saíam para a rua.

Num tácito consentimento mútuo, não jantaram juntos, mas concordaram em se encontrar às sete diante do museu.

Jones apanhou um táxi e respirou aliviado depois que cruzou a Ponte Waterloo e sentiu que se aproximava da Strand alegremente iluminada. Satisfez-se com um café frugal e em seguida se recolheu a casa em Portland Place, para tomar um banho e apanhar algumas coisas. Perguntou-se, um tanto improficuamente, o que Rogers estaria fazendo. Tinha ouvido que o homem possuía uma casa vasta e penumbrosa em Walworth Road, repleta de livros obscuros e proibidos, parafernálias ocultas e imagens de cera que preferia não colocar em exposição. Ora-bona, sabia-se, vivia num setor separado dessa mesma casa.

Às onze, Jones encontrou Rogers à sua espera junto à porta do porão na Southwark Street. Trocaram escassas palavras, mas cada qual parecia lutar com uma tensão ameaçadora. Concordaram em que somente o salão de exibição deveria compor o cenário da vigília, e Rogers não insistiu para que o outro se alojasse na alcova “para adultos” dos supremos horrores. O expositor, após apagar todas as luzes do estúdio, fechou a porta daquela cripta com uma das chaves de seu volumoso molho. Sem sequer um aperto de mãos, atravessou a porta da rua, trancou-a atrás de si e galgou os desgastados degraus que conduziam ao pavimento lá fora. Enquanto o som de suas passadas esmorecia, Jones se deu conta de que a longa e tediosa vigília havia começado.

2

Mais tarde, na treva absoluta do grande porão abobadado, Jones amaldiçoou sua própria ingenuidade infantil, que o tinha colocado ali. Durante a primeira meia hora, acendeu e apagou sua lanterna de bolso a interva-

los regulares, mas estar sentado agora num dos bancos do expositor, em plena escuridão, tornara-se uma tarefa enervante. A cada vez que a lanterna faiscava, algum objeto mórbido e grotesco aparecia — uma guilhotina, algum inominável monstro híbrido, uma face barbada, repleta de malignidade, ou um corpo com emanções vermelhas escorrendo de uma garganta cortada. Jones sabia que nenhuma realidade sinistra se ligava a essas coisas, mas após a primeira meia hora preferiu não as ver mais.

Por que se dera ao trabalho do provocar aquele maluco ele mal podia dizer. Teria sido muito mais simples deixá-lo entregue a si mesmo ou ter chamado um especialista. Provavelmente, refletiu, influenciara-o o sentimento de empatia que um artista tem por outro. Havia suficiente genialidade em Rogers para torná-lo merecedor de toda oportunidade possível de que alguém o ajudasse a se livrar de sua crescente mania. Qualquer homem que pudesse imaginar e construir as coisas incrivelmente vivas que ele tinha produzido não estaria distante de uma real grandeza. Ele tinha a fantasia de um Sime ou de um Doré^[8] reunida ao artesanato minucioso e científico de um Blaschka^[9]. Com efeito, ele dera ao mundo do pesadelo aquilo que os Blaschkas, com seus modelos de plantas maravilhosamente acurados, feitos com vidro finamente retorcido e colorido, tinham dado ao mundo da botânica.

À meia-noite as batidas de um relógio distante filtraram-se através da escuridão, e Jones se sentiu animado pela mensagem de um mundo exterior que ainda vivia. A câmara de teto arqueado do museu assemelhava-se a um túmulo — perturbadora em sua extrema solidão. Mesmo um camundongo teria sido uma companhia razoável; e, no entanto, Rogers aventara que — por “certas razões”, conforme dissera — camundongos ou quaisquer insetos jamais se aproximaram do lugar. Era bastante curioso, conquanto parecesse verdade. A imobilidade e o silêncio eram virtualmente totais. Se ao menos alguma coisa produzisse um som! Ele agitou os pés, e os ecos repercutiram na quietude absoluta. Tossiu, mas havia o que quer que fosse de zombeteiro nas reverberações em staccato. Ele não podia, reconheceu, simplesmente conversar consigo mesmo. Isso significaria uma desintegração nervosa. O tempo parecia escoar com uma lentidão anormal e desconcertante. Ele poderia jurar que ho-

ras inteiras tinham transcorrido desde que acendera a lanterna pela última vez durante a vigília, porém mal havia batido meia-noite.

Teria desejado que seus sentidos não fossem tão extraordinariamente aguçados. Alguma coisa na quietude e na escuridão parecia tê-los afiado, de modo que respondiam às mais ligeiras excitações com uma nitidez que dificilmente se consideraria normal. Seus ouvidos pareciam, às vezes, captar um *débil*, evasivo sussurro que não se poderia sem erro identificar como sendo o rumor das ruas esquálidas lá fora; e ele pensou em coisas vagas e irrelevantes, como a música das esferas ou a vida ignota, inacessível, de dimensões alienígenas pressionando contra a nossa. Rogers não raro especulava sobre tais coisas.

Os espectros de luz flutuante sobre seus olhos repletos de treva pareciam inclinados a assumir curiosas simetrias de padrão e movimento. Ele frequentemente se indagava acerca desses estranhos raios provenientes do insondável abismo que cintila diante de nós na ausência de toda iluminação terrestre, mas nunca conhecera nenhum que se comportasse tal como esses se comportavam. Faltava-lhes a repousante errância das manchas de luz ordinária — como se sugerindo alguma vontade ou propósito além de qualquer concepção terrestre.

Então veio aquela sugestão de estranhos estremecimentos. Nada estava aberto; no entanto, a despeito da geral imobilidade do ar, Jones sentiu que a atmosfera não parecia uniformemente parada. Havia variações intangíveis de pressão — não decididas o suficiente para sugerir o repugnante patear de entidades desconhecidas. Estava anormalmente frio também. Ele não gostou de nada disso. O ar pareceu-lhe salgado, como se se houvesse misturado à salinidade de águas subterrâneas, e havia a vaga impressão de algum odor de inefável mofo. Durante o dia, ele nunca reparara que as figuras de cera tivessem odor. Mesmo agora aquela impressão incerta não correspondia ao cheiro que figuras de cera deveriam ter. Assemelhava-se mais ao discreto odor dos espécimes num museu de história natural. Curioso, em vista das declarações de Rogers de que suas figuras não eram de todo artificiais — de fato, tal declaração é que levava a imaginação a conjurar a suspeita olfativa. É preciso que se reaja aos excessos da imaginação — não foram tais coisas que puseram louco o pobre Rogers?

No entanto a extrema solidão do lugar era amedrontadora. Mesmo as badaladas mais distantes pareciam provir de golfos cósmicos. Isso fez com que Jones se lembrasse daquela fotografia insana que Rogers lhe mostrara — a câmara horrendamente entalhada com o trono críptico que o sujeito alegara ser parte de uma ruína de três milhões de anos localizada em ermos temidos e inacessíveis do Ártico. Talvez Rogers tivesse ido ao Alasca, mas aquela foto não seria mais que uma encenação. Não havia como ser de outro modo, com todos aqueles entalhes e aqueles símbolos terríveis. E aquela forma monstruosa, que se supunha ter sido encontrada sobre o trono — que arroubo de mórbida fantasia! Jones se perguntou a que distância realmente estaria da insana obra-prima de cera — provavelmente ela estaria guardada atrás daquela maciça porta com o cadeado, que levava a algum recesso para além da oficina. Mas de nada serviria conjecturar acerca de uma imagem de cera. Não estava aquela mesma sala repleta de tais coisas, algumas delas pouco menos horríveis do que o temível “Ele”? E, para além de um delgado biombo à esquerda, estava a alcova “Para adultos somente”, com seus inomináveis fantasmas de delírio.

A proximidade das inumeráveis formas de cera começou a bulir mais e mais com os nervos de Jones à medida que os minutos avançavam. Ele conhecia o museu bem o bastante para não se sentir livre de suas imagens usuais nem mesmo na escuridão total. Na verdade, a escuridão tinha o efeito de adicionar às imagens lembradas algumas nuances imaginativas realmente perturbadoras. A guilhotina parecia ranger, e a face barbada de Landru — o carrasco de suas cinquenta esposas — se contorcia em expressões de monstruosa ameaça. Da garganta cortada de Madame Demers parecia emanar um horrível som borbulhante, enquanto a vítima sem cabeça e pernas de um esquartejador tentava se aproximar mais e mais sobre suas amputações sangrentas. Jones passou a fechar seus olhos na expectativa de que isso pudesse afastar as imagens, mas descobriu que era inútil. Além disso, quando ele fechava os olhos os padrões estranhos e despropositados das manchas de luz se tornavam mais pronunciados e inquietadores.

Então, subitamente, ele começou a tentar reter as imagens que antes tinha se esforçado para banir. Tentou retê-las porque estavam dando lugar a outras mais assustadoras. Contra a vontade, sua memória se pôs a

reconstruir as blasfêmias não-humanas que espreitavam pelos cantos mais obscuros, e essas demoníacas formações híbridas se enroscavam e se sacudiam em sua direção como se tentando envolvê-lo num círculo. O negro Tsathoggua se converteu, de uma gárgula semelhante a um sapo, numa linha longa e sinuosa com centenas de pés rudimentares; e um delgado e flexível abutre noturno estendeu suas asas como se para avançar e sufocar o vigilante. Jones segurou-se para não gritar. Reconheceu que estava revertendo aos terrores tradicionais de sua infância e determinou usar sua razão adulta para conter os fantasmas. Ajudou um pouco, percebeu, piscar a luz novamente. Por medonhas que fossem as imagens mostradas, não o eram tanto quanto as que sua fantasia sacava da extrema escuridão.

Mas houve recaídas. Mesmo à luz da lanterna ele não podia deixar de suspeitar que um furtivo e ligeiro tremor se verificava no biombo que escondia a terrível alcova “para adultos, somente”. Sabia o que estava ali atrás e estremecia. A imaginação evocava as formas chocantes do fabuloso Youg-Sothoth — um mero aglomerado de globos iridescentes, mas ainda assim estupendo em sua maligna sugestividade. Não estaria aquela massa amaldiçoada flutuando lentamente em sua direção e se chocando contra a divisória em seu caminho? Uma pequena protuberância na tela à direita sugeria o chifre pontudo de Gnoph-keh, a coisa peluda, mitológica, dos gelos de Greenland, que às vezes caminhava sobre duas pernas, às vezes sobre quatro, e às vezes sobre seis. Para tirar isso da cabeça, Jones se arrojou num ímpeto contra a alcova infernal, com a lanterna acesa à sua frente. Certamente, nenhum de seus receios se comprovou. No entanto não estariam os longos tentáculos faciais do grande Cthulhu movendo-se realmente, de um modo lento e insidioso? Sabia que eram flexíveis, mas não havia notado que o sopro de ar causado pelo seu próprio avanço fosse suficiente para colocá-los em movimento.

Retornando a seu assento do lado de fora da alcova, fechou os olhos e deixou que as manchas simétricas de luz fizessem seu estrago. O relógio distante deu uma única batida. Teria sido apenas uma? Acendeu a lanterna sobre seu relógio e viu que era precisamente uma hora. Seria penoso, decerto, esperar até de manhã. Rogers só chegaria por volta das oito horas, antes mesmo de Orabona. Haveria luz lá fora, no porão principal, bem antes que isso ocorresse, mas nenhum raio penetraria ali.

Todas as janelas neste porão tinham sido bloqueadas pelas três mais pequenas que davam para o pátio. Uma péssima vigília, ao que tudo indicava.

Seus ouvidos captavam maiores alucinações agora — pois ele poderia jurar que estava ouvindo passadas furtivas e inexoráveis na oficina, para além da porta trancada. Não havia que ficar pensando no horror chamado “Ele”, que Rogers se privara de exhibir. A coisa era uma contaminação — havia enlouquecido o seu criador e agora mesmo a sua imagem suscitava atemorizantes fantasias. Jazia, obviamente, por detrás daquela pesada porta de madeira com o cadeado. As passadas seriam, certamente, pura imaginação.

Então julgou ter ouvido a chave girar na porta do estúdio. Acendendo a lanterna, nada mais viu que o vetusto portal de seis folhas em sua posição costumeira. Outra vez apelou para a treva e fechou seus olhos, mas veio em seguida uma alucinante ilusão de rangido — não a guilhotina, desta vez, mas o lento e furtivo abrir-se da porta do estúdio. Ele não gritaria. Se gritasse, estaria perdido. Ouviu-se uma espécie de patear ou de remexer, e estava avançando lentamente em direção a ele. Precisava manter o controle sobre si mesmo. Não fizera o mesmo quando o inominável em forma de cérebro tentou acuá-lo? A movimentação parecia mais próxima, e sua resolução lhe faltava. Ele não gritou, mas apenas gaguejou uma intimação:

“Quem está aí? Quem é você? O que você quer?”

Não houve resposta, porém a agitação prosseguia. Jones não soube o que mais temia fazer — se acender a lanterna ou se ficar quieto no escuro, enquanto a coisa avançava sobre ele. Esta coisa era diferente — sentiu no fundo — dos outros terrores do anoitecer. Seus dedos e sua garganta funcionavam espasmodicamente. O silêncio era impossível, e o suspense da escuridão extrema começava a se revelar a mais intolerável das condições. Outra vez gritou, histericamente: “Alto! Quem está aí?” — enquanto acendia o facho esclarecedor. Então, paralisado pelo que viu, deixou cair a lanterna e gritou — não uma só, mas muitas vezes.

Vinha contorcendo-se em sua direção a forma gigantesca e blasfema de algo que não era inteiramente macaco nem inteiramente um inseto. Sua carapaça pendia solta sobre o corpo, e o seu rudimento rugoso de cabeça — olhos mortiços — balançava de um lado para o outro como a

de um bêbado. Suas patas dianteiras estavam estendidas, com as garras abertas, e todo o seu corpo exalava malignidade, a despeito de sua completa ausência de expressão. Após os gritos e a volta da escuridão, a criatura saltou e, num instante, manteve Jones preso ao chão. Não houve luta, porque o vigilante desmaiou.

A inconsciência de Jones não deve ter durado mais que um instante, pois a coisa inominável o estava arrastando através da escuridão quando ele começou a se recobrar. O que o despertou foram os sons que a coisa emitia — ou, antes, a voz com que os produzia. Era uma voz humana e algo familiar. Somente uma criatura viva poderia estar por trás daqueles acentos ásperos e febris que entoavam cantos a algum horror desconhecido.

“*Iä! Iä!*” uivava. “Estou chegando, ó Rhan-Tegoth, chegando com o alimento. Tu esperaste muito e te alimentaste mal, mas agora terás o que foi prometido. E ainda mais, pois que, em vez de Orabona, terás alguém de alto nível que duvidou de ti. Poderás espremê-lo e sugá-lo, com todas as suas dúvidas, e te fortalecerás assim. E após, entre os homens, ele há de ser mostrado como um monumento à tua glória. Rhan-Tegoth, infinito e invencível, sou teu escravo e teu sumo sacerdote. Estás faminto, e te alimentarei. Li o sinal e te conduzi. Com sangue te nutrirei, e hás de me nutrir com poder. *Iä! Shub-Niggurath! O Bode de Mil Crias!*”

Num instante, todos os terrores da noite abandonaram Jones como um manto que se despe. Ele se tornou de novo senhor de sua mente, pois reconhecia o perigo muito terreno e material com que tinha de lidar. Não era nenhum monstro de fábula, mas um louco perigoso. Era Rogers, vestindo alguma fantasia de pesadelo produzida por seu próprio engenho insano, e prestes a realizar algum apavorante sacrifício ao deus-demônio que ele mesmo moldara na cera. Claramente, ele devia ter penetrado na oficina pela porta do pátio, envergado seu disfarce e então avançado para sua vítima acuada e alquebrada pelo medo. Sua força era prodigiosa, e se ele devia ser impedido, cumpria agir rapidamente. Contando com a confiança do louco em sua inconsciência, Jones decidiu surpreendê-lo, aproveitando-se de um relaxamento do abraço. O contato com alguma mobília mostrou-lhe que estava cruzando o cômodo em direção às trevas do estúdio.

Com a força que nos concede o medo mortal, Jones deu um súbito arranco, saindo da posição meio deitada na qual estava sendo arrastado. Por um instante, viu-se livre das mãos do maníaco atônito, e num outro instante um golpe de sorte na escuridão colocou suas próprias mãos na goela oculta do perseguidor. Simultaneamente, Rogers o agarrou de novo, e sem maiores avisos estavam os dois atracados numa luta desesperada de vida e morte. O preparo atlético de Jones, sem sombra de dúvida, era sua única salvação; pois seu louco adversário, livre de qualquer inibição com respeito a jogo limpo, decência ou mesmo autopreservação, era uma máquina de selvagem destruição tão formidável quanto qualquer lobo ou pantera.

Urros guturais pontuavam às vezes a horrível peleja na treva. Sangue jorrava, vestes rasgavam-se, e Jones por fim sentiu de fato, entre os dedos, a garganta do maníaco, despida de sua máscara espectral. Não disse palavra alguma, mas aplicou cada fragmento de sua energia na defesa de sua vida. Rogers chutava, esmurrava, cabeceava, mordia, arranhava e se debatia — e no entanto encontrava forças para emitir algumas frases ocasionais. A maior parte do que dizia aflorava num jargão repleto de referências ao “Ele” ou “Rhan-Tegoth”, e para os nervos desgastados de Jones era como se os gritos ecoassem rosnados e latidos demoníacos a uma infinita distância. Por último, estavam rolando no chão, revirando bancos ou se chocando contra as paredes e as fundações de tijolos da fornalha central. Próximo ao fim, Jones não estava certo de poder se salvar, mas o acaso interveio a seu favor. Um golpe de seu joelho contra o peito de Rogers produziu um relaxamento geral, e no momento seguinte ele reconheceu que tinha vencido.

Embora mal pudesse aguentar-se, Jones se levantou e apalpou as paredes à procura do interruptor — pois sua lanterna sumira juntamente com grande parte de suas roupas. Enquanto avançava, arrastou consigo seu oponente inerte, temendo um ataque súbito quando o mesmo se recobrasse. Encontrando a caixa dos interruptores, remexeu-a até que depistou com o acionador direito. Então, quando a caótica desordem do estúdio explodiu numa súbita cintilação, pôs-se a amarrar Rogers com cordas e correias que facilmente descobriu à sua volta. O disfarce do sujeito — ou o que restara dele — parecia feito de uma espécie estranhíssima de couro. Por alguma razão, a carne de Jones se retraiu ao tocá-lo; e

parecia exalar-se daquilo um odor ferruginoso e alienígena. Por baixo, entre as roupas normais, estava o molho de chaves de Rogers, que o exaltado vencedor arrebatou como seu passaporte final para a liberdade. As cortinas sobre as pequenas janelas de correr estavam todas cuidadosamente cerradas, e ele as deixou ficar assim.

Lavando o sangue da batalha com uma bacia conveniente, Jones vestiu as mais ordinárias — sempre ruins — roupas que conseguiu encontrar nos cabides do vestuário. Experimentando a porta para o pátio, descobriu que a tranca não exigia uma chave pelo lado de dentro. No entanto ele conservou consigo o molho de chaves, de modo a poder voltar com ajuda — pois, obviamente, o melhor a fazer era chamar um alienista. Não havia telefone no museu, mas não seria demorado encontrar um restaurante noturno ou uma farmácia que dispusesse de um. Tinha quase aberto a porta, quando uma torrente de repulsivas imprecações, proveniente do cômodo, lhe informou que Rogers — cujos ferimentos mais visíveis se restringiam a um sulco longo e profundo na face esquerda — recobrava a consciência.

“Tolo! Filhote de Noth-Yidik e eflúvio de K’thun! Filho dos cães que uivam no *maelstrom* de Azathoth! Você teria sido sagrado e imortal, e agora está traindo a Ele e ao Seu sacerdote! Mas cuidado — pois Ele tem fome! Teria sido Orabona — aquele maldito cão traiçoeiro, sempre pronto a me trair a mim e a Ele — mas darei a honra a você. Agora, ambos precisamos ter cuidado, pois Ele não é gentil com seu sacerdote.

“*Iä! Iä!* A vingança está próxima! Sabe que você teria se tornado imortal? Olhe para a fornalha! Há um fogo pronto a ser aceso, e existe cera no caldeirão. Eu teria feito com você o que fiz com outras criaturas outrora viventes. Eh! Você, que declarou serem apenas cera todas as minhas efígies, teria se tornado uma efígie de cera também! A fornalha estava preparada! Depois que Ele se houvesse nutrido, e você tivesse ficado como aquele cachorro que lhe mostrei, eu teria tornado imortais os seus restos compactados e perfurados! A cera seria o bastante. Não viu como sou um grande artista? Cera sobre cada poro — cera sobre cada polegada de você — *Iä! Iä!* E para todo o sempre o mundo teria olhado para a sua carcaça mofina e se espantado de que eu pudesse imaginar e

produzir semelhante coisa! Eh! e Orabona teria sido o próximo, e outros depois dele — e assim cresceria minha família de cera!

“Cão — ainda acha que *fiz* todas as efígies? Por que não dizer: *pre-servei*? Reconhece agora os estranhos lugares pelos quais andei e as coisas estranhas que trouxe comigo. Covarde — você nunca teria peito para encarar o rastejante dimensional cuja pele eu vesti para assustá-lo — a mera visão de sua forma viva, ou sequer um pensamento dela, o mataria de medo num instante! *Iä! Iä!* Ele aguarda faminto pelo sangue que é vida!”

Rogers, encostado à parede, oscilava para a frente e para trás em suas amarras.

“Ouça, Jones, se eu o deixar ir, você me deixará ir também? É preciso que Seu sumo sacerdote cuide dEle. Orabona será suficiente para mantê-Lo vivo. Podia ter sido você, mas você rejeitou a honra. Não o importunarei mais. Deixe-me ir, e compartilharei com você o poder que Ele me trará. *Iä! Iä!* Grande é Rhan-Tegoth! Deixe-me ir! Deixe-me ir! Ele está morrendo de fome lá embaixo, atrás daquela porta, e se Ele morrer os Antigos nunca mais retornarão. Eh! Eh! Deixe-me ir!”

Jones apenas balançou a cabeça, embora a enormidade das ideias do expositor o revoltasse. Rogers, olhando agora alucinadamente para a porta de madeira com o cadeado, batia mais e mais com a cabeça contra a parede de tijolos e esmurrava com os cotovelos bem atados. Jones temeu que ele se machucasse, e avançou para amarrá-lo um pouco mais firmemente a algum objeto estacionário. Encolhendo-se, Rogers se desviou dele e começou a emitir uma série de uivos frenéticos, cuja inumanidade extrema e monstruosa era estardalhadeira e cujo volume agudo era quase inacreditável. Parecia impossível que uma garganta humana produzisse ruídos tão altos e cortantes, e Jones sentiu que se continuassem não haveria necessidade de pedir ajuda por telefone. Não demoraria para que um policial viesse investigar, mesmo admitindo-se que não havia vizinhos para ouvir entre os armazéns daquele distrito deserto.

“*Wza-y’ei! Wza-y’ei!*” uivou o louco. “*Y’kaa haa ho-ii, Rhan-Tegoth... Cthulhu fhagn... Ei! Ei! Ei! Ei!... Rhan-Tegoth, Rhan-Tegoth, Rhan-Tegoth!*”

Aquela criatura toda amarrada, que tinha começado a se contorcer ao longo do piso, agora alcançava a porta com o cadeado e batia trove-

jantemente com a cabeça contra ela. Jones receou amarrá-lo ainda mais e desejou que a luta o tivesse deixado exausto o suficiente. Essa sequência violenta dava-lhe horrivelmente nos nervos, e ele começou a sentir o retorno das indescritíveis inquietações que havia sentido no escuro. Tudo o que presenciara acerca de Rogers e do museu era tão infernalmente mórbido e sugestivo de negras visões de além vida! Era inquietador pensar na obra-prima em cera, de genialidade anormal, que naquele momento deveria estar à espreita, quase à mão, na escuridão que havia do outro lado da pesada porta com o cadeado.

Então, alguma coisa aconteceu que trouxe mais um arrepio à espinha de Jones e fez com que cada pelo de seu corpo — mesmo os suaves tufo nos dorsos das mãos — se arrepiasse com um vago medo que não permitia classificação. Rogers, subitamente, parara de gritar e de bater com a cabeça contra a maciça porta de madeira e lutava para se assentar, a cabeça pendida para um lado como se ouvindo alguma coisa com atenção. Inopinadamente, um sorriso de diabólico triunfo se estampou em seu rosto, e ele começou a falar de um modo ininteligível outra vez — agora num sussurro grave que contrastava estranhamente como seu anterior uivo estentóricico.

“Escute, tolo! Escute bem! Ele me ouviu e está vindo. Pode ouvi-Lo chapinhar para fora de seu tanque lá no fundo da eclusa? Eu a fiz bem funda, porque não havia nada melhor para Ele. Trata-se de um anfíbio, sabe? — você viu as guelras na fotografia. Chegou à terra vindo da plúmbea Yuggoth, onde as cidades jazem no fundo de um mar aquecido. Não pode ficar de pé ali — alto demais —, tem de se sentar ou de se agachar. Dê-me as chaves — precisamos deixá-Lo sair e nos ajoelharmos diante dEle. Então sairemos à procura de um cão ou de um gato — ou quem sabe de algum bêbado — para Lhe dar o sustento de que Ele precisa!”

Não foi tanto o que o doido dissera, mas o modo como o dissera, que atingiu Jones tão profundamente. A confiança e a sinceridade extremas, insanas, que havia naquele sussurro louco eram lamentavelmente contagiantes. A imaginação, tremendo estímulo, acharia uma ameaça ativa naquela demoníaca figura de cera que espreitava oculta para além das grossas tábuas. Mirando a porta com inusitado fascínio, Jones reparou que ela exibia várias rachaduras, conquanto nenhum sinal de trata-

mento violento era visível daquele lado. Ele se perguntou que dimensões teria o cômodo ou despensa por trás dela e de que modo estaria colocada a figura de cera. A ideia do maníaco de um tanque com uma eclusa era tão conjeturável quanto todas as suas outras fabulações.

Logo, num instante terrível, Jones não teve forças sequer para respirar. A correia de couro que segurava para dar o último laço em Rogers escorregou de suas mãos, e um espasmo de tremor convulsionou-o da cabeça aos pés. Devia saber que o lugar o levaria à loucura, como fizera com Rogers — e agora *estava* louco. Estava louco, pois agora sofria alucinações mais esquisitas do que quaisquer outras que o tinham assaltado naquela noite. O louco convocava-o a ouvir o chapinhar de um monstro mítico no tanque que estava para além da porta — e agora, Deus poderoso, *ele o ouvia!*

Rogers percebeu o espasmo de horror que se estampou no rosto de Jones e o transformou numa máscara de expectativa e de medo. Casquinou:

“Afinal, tolo, acredita! Afinal você sabe! Ouve-O, e Ele vem! Dê-me as chaves, tolo — precisamos fazer a reverência e Lhe servir!”

Mas Jones estava longe de prestar atenção em quaisquer palavras humanas, loucas ou sãs. Uma paralisia fóbica o colocou imóvel e semi-inconsciente, imagens selvagens precipitando-se de modo fantasmagórico em sua imaginação. Ouviu-se um chapinhar. Ouviu-se um patear ou um bulício, como o de grandes patas úmidas contra uma superfície sólida. Alguma coisa se aproximava. Suas narinas foram invadidas por um fedor, proveniente das frinchas daquela porta de pesadelo, ao mesmo tempo semelhante e distinto daquele que emana das jaulas dos mamíferos nos jardins zoológicos do Regent’s Park.

Ele não sabia mais se Rogers estava falando ou não. Tudo o que fosse real se desvanecera, e ele era uma estátua obsedada por sonhos e alucinações tão antinaturais que se tornavam quase objetivas e independentes dele. Pensou ter ouvido um farejar ou um grunhir proveniente do abismo para além da porta; quando um súbito ruído, como o de um latido ou de uma trombeta, assaltou seus ouvidos, não teve certeza se teria vindo do maníaco amarrado, cuja imagem dançava diante de sua vista abalada. A fotografia daquela maldita coisa oculta de cera insistia em

flutuar através de sua consciência. Tal coisa não tinha o direito de existir. Não o havia deixado louco?

Mesmo enquanto refletia, uma nova evidência de loucura lhe ocorreu. Alguma coisa, pensou, estava bulindo com a tranca da pesada porta com o cadeado. Estava batendo e arranhando e empurrando as grandes tábuas. Ouvia-se um martelar contra a madeira resistente, que se tornou mais e mais pronunciado. A fedentina era horrível. E agora o assalto contra aquela porta pelo lado de dentro se tornava uma saraivada maligna, determinada, como os ribombos num campo de batalha. Houve um ominoso estrondo — um despedaçamento — uma onda de fedor — uma tábua que caía — *uma pata negra terminando numa pinça de caranguejo...*

“Socorro! Socorro! Deus me ajude!... Aaaaaaa!...”

Com grande esforço Jones consegue, hoje em dia, recordar-se de que sua paralisia fóbica explodiu na liberação de um súbito frenesi de fuga automática. Ora, ele provavelmente viveu uma daquelas fugas loucas e selvagens dos mais loucos pesadelos, pois parece que atravessou num ímpeto a cripta em desordem, de um único salto, escancarou a porta de saída, que se fechou e se trancou às suas costas com um estampido, disparou escada acima, saltando de três em três degraus, e cruzou alucinada e desorientadamente o pátio calçado de pedras em direção às ruas esquálidas de Southwark.

Aqui a memória para. Jones não sabe como chegou a casa, e não há evidências de que tenha apanhado um táxi. Provavelmente, venceu todo o trajeto guiado por um instinto cego — através da Ponte Waterloo, ao longo do Strand e de Charing Cross, até as alturas de Haymarket e Regent Street e até sua própria vizinhança. Ele ainda usava a inusitada barafunda das roupas do museu, quando se tornou consciente o bastante para chamar o médico.

Uma semana mais tarde, os especialistas em nervos permitiram que ele deixasse o leito e saísse ao ar livre.

Mas ele não contou muita coisa aos especialistas. Sobre toda a sua experiência pendia um véu de loucura e pesadelo, e ele concluiu que o silêncio era a melhor opção. Quando se levantou, perscrutou atentamente todos os papéis que se acumularam desde aquela noite medonha, mas não encontrou nenhuma referência a nada de estranho no museu. O

quanto, afinal, de tudo aquilo tinha sido realidade? Onde terminava a realidade e começava o sonho mórbido? Teria sua mente se despedaçado naquela escura câmara de exibição, e teria sido toda a luta com Rogers apenas uma fantasmagoria da febre? Teria ajudado em sua recuperação se ele conseguisse assentar alguns desses pontos enlouquecedores. Ele devia ter visto aquela maldita fotografia da imagem de cera denominada “Ele”, pois cérebro algum senão o de Rogers seria capaz de conceber semelhante blasfêmia.

Duas semanas transcorreram antes que ele tivesse coragem de retornar a Southwark Street. Partiu durante uma manhã, quando o maior volume de atividade sã estava ocorrendo naqueles antigos arredores de lojas e armazéns. A placa do museu ainda estava lá, e quando se aproximou viu que o lugar ainda estava aberto. O porteiro fez uma aceno de aprazível reconhecimento, enquanto ele cobrava coragem para entrar, e na câmara arqueada lá embaixo um assistente tocou animadamente no quepe. Talvez tudo tivesse sido apenas um sonho. Ousaria bater na porta do estúdio e procurar por Rogers?

Então Orabona avançou para cumprimentá-lo. Sua negra cara lambida tinha algo de sardônico, mas Jones sentiu que não era inamistosa. O outro falou, com uma ponta de sotaque:

“Bom dia, Sr. Jones. Faz tempo que não o vemos por aqui. Deseja ver o Sr. Rogers? Lamento, mas ele não se encontra. Foi chamado para algum negócio na América e teve de ir. Sim, foi bem repentino. Estou no comando agora, aqui e na casa. Procuro manter o alto padrão do Sr. Rogers — até que ele volte.”

O estrangeiro sorriu — talvez apenas por afabilidade. Jones mal sabia o que responder, mas se esforçou para balbuciar algumas perguntas sobre o dia seguinte à sua última visita. Orabona pareceu interessado nas perguntas, e teve o maior cuidado ao responder.

“Oh, sim, Sr. Jones, o vinte e oito do mês passado. Lembro-me dele por muitas razões. Pela manhã — antes que o Sr. Rogers chegasse, você compreende? — encontrei o estúdio numa verdadeira barafunda. Havia muita — limpeza — por fazer. O trabalho da noite anterior durara até tarde, veja você. Um importante espécime novo, dado o seu processo secundário de cozimento. Assumi todo o controle quando cheguei.

“Era um espécime difícil de preparar — mas, naturalmente, o Sr. Rogers havia me ensinado o bastante. Ele é, como se sabe, um grande artista. Quando chegou, ajudou-me a completar o espécime — ajudou-me bem materialmente, lhe asseguro — mas saiu logo, sem sequer cumprir os homens. Como lhe disse, foi chamado de repente. Havia importantes reações químicas envolvidas. Faziam muito barulho — de fato, algumas pessoas lá fora imaginam ter ouvido vários tiros de pistola — uma ideia bem peculiar!

“Quanto ao novo espécime — é um assunto lamentável. Trata-se de uma grande obra-prima, desenhada e executada, você compreende, pelo Sr. Rogers. Ele verá o que aconteceu quando retornar.”

Outra vez Orabona sorriu.

“A polícia, você sabe. Nós o colocamos em exibição há uma semana, e aconteceram dois ou três desmaios. Um pobre coitado teve um ataque epilético diante dele. Compreende, um pouquinho — mais forte — que o resto. Maior, por causa de uma coisa. Naturalmente, estava na alcova ‘para adultos’. No dia seguinte, dois homens da Scotland Yard deram uma olhada e disseram que era mórbido demais para ser exibido. Disseram que tínhamos de removê-lo. Foi um grande embaraço — tamanha obra-prima de arte — mas eu não me senti com autoridade para recorrer à justiça na ausência do Sr. Rogers. Ele detestaria semelhante publicidade, com a polícia envolvida — mas quando retornar — quando retornar...”

Por uma ou outra razão, Jones sentiu uma onda crescente de desconforto e repulsa. Mas Orabona prosseguia:

“Você é um conhecedor, Sr. Jones. Estou certo de que não violo nenhuma lei oferecendo-lhe uma demonstração particular. Pode ser que — de acordo, evidentemente, com a vontade do Sr. Rogers — venhamos a destruir o espécime algum dia — mas seria um crime.”

Jones teve um forte ímpeto de recusar ver a coisa e fugir precipitadamente, mas Orabona já o conduzia pelo braço com um entusiasmo de artista. A alcova “adulta”, apinhada de inomináveis horrores, não tinha visitantes. Num canto distante, um largo nicho fora coberto por uma cortina, e em direção a ele é que avançou o sorridente auxiliar.

“Você deve saber, Sr. Jones, que o título deste espécime é ‘O Sacrifício a Rhan-Tegoth’.”

Jones ficou violentamente abalado, mas Orabona não pareceu notar.

“O deus colossal e informe é uma personagem de certas lendas obscuras que o Sr. Rogers tinha estudado. Tudo bobagem, com certeza, como você tantas vezes asseverou ao Sr. Rogers. Supõe-se que tenha vindo do espaço sideral e que tenha vivido no Ártico há três milhões de anos. Tratava seus sacrifícios de modo bastante peculiar e horrível, como verás. O Sr. Rogers o realizou com muita vivacidade e imaginação — mesmo quanto à face da vítima.”

Em meio a violentos tremores, Jones se agarrou ao corrimão de bronze em frente ao nicho velado. Esteve mesmo para erguer a mão e impedir Orabona quando viu a cortina deslizar, mas um conflituoso impulso o deteve. O estrangeiro sorria triunfalmente.

“Contemple!”

Jones sentiu-se girar, mesmo agarrado ao corrimão.

“Deus! Deus do céu!”

Com bons dez pés de altura, a despeito de sua postura agachada, rastejante, expressiva de infinita malignidade cósmica, uma monstruosidade de horror inacreditável aparecia saindo de um trono ciclópico de marfim coberto de relevos grotescos. No par central de suas seis pernas, segurava uma coisa amassada, esmagada, distorcida e exangue, perfurada por um milhão de picadelas e em alguns pontos corroída por algum ácido pungente. Somente a macilenta cabeça da vítima, pendendo invertida num dos lados, dava mostras de representar qualquer coisa de humana.

O monstro em si dispensaria qualquer título, para quem tivesse visto certa fotografia infernal. Aquela desgraçada imagem tinha sido mais que fiel e no entanto não podia comportar todo o horror que havia no gigantesco objeto real. O torso globular — a sugestão de cabeça algo semelhante a uma bolha — a tromba de um pé de comprimento — as guelras salientes — a monstruosa penugem das ventosas em forma de áspide — os seis membros sinuosos com suas patas negras e pinças de caranguejo — Deus! a familiaridade da pata negra terminando numa pinça de caranguejo!...

O sorriso de Orabona era simplesmente hediondo. Jones engasgou e fitou aquela exibição medonha com um fascínio crescente que o perturbou e o deixou perplexo. Que irrevelado horror o estava prendendo e forçando a olhar por mais um pouco e a procurar por detalhes? Aquilo

tinha enlouquecido Rogers... Rogers, o artista supremo... disse que não eram artificiais...

Então ele localizou a coisa que o atraía. Era a cabeça pendente da macilenta vítima de cera e alguma coisa que ela implicava. Essa cabeça não era inteiramente destituída de uma face, e aquela face era familiar. Parecia-se com a face enlouquecida do pobre Rogers. Jones examinou melhor, mal sabendo por que o fazia. Não era natural que um egotista moldasse suas próprias feições em sua obra-prima? Haveria alguma coisa mais que a visão subconsciente tivesse capturado e ultrapassado em infinito terror?

A cera da face ressequida tinha sido manuseada com inigualável destreza. Aquelas picadas — quão perfeitamente reproduziam a miríade de feridas de algum modo infligidas àquele pobre cão! Mas havia algo mais. Na bochecha esquerda podia-se vislumbrar uma irregularidade que parecia transcender o esquema geral — como se o escultor tivesse procurado cobrir um defeito de sua primeira modelagem. Quanto mais Jones olhava para ela, mais ela o terrificava misteriosamente — e então, de súbito, ele se lembrou de uma circunstância que levou seu horror ao ápice. Aquela noite de abominação — a luta — o louco amarrado — *e o corte longo e profundo na face esquerda do verdadeiro Rogers vivo...*

Jones, abandonando o desesperado apoio do corrimão, tombou num desmaio total.

Orabona continuava a sorrir.



A Maldição de Yig

com Zealia Bishop

∴

The Curse of Yig (1928)
Weird Tales (nov. 1929)

Este conto parece ser, em grande parte, um trabalho de Lovecraft. Bishop, em suas memórias, afirmou que ela escreveu a história e a enviou, e ele ficou muito impressionado e a ajudou a polir; no entanto, Lovecraft, em uma carta a August Derleth, disse: “75% é minha”, e lembrou que Bishop lhe deu apenas o esboço de uma história.

“Não havia enredo ou motivação — nenhum prólogo ou consequência do incidente — logo, pode-se dizer que a história, como uma história, é totalmente minha”, escreveu Lovecraft.

Os leitores mais atentos com o trabalho de Lovecraft de 1928 reconhecerão ao menos um elemento significativo que essa história compartilha com “O horror de Dunwich”, a qual Lovecraft escreveu apenas alguns meses depois. Mais detalhes não podem ser divulgados aqui sem estragar o final.



Em 1925, viajei a Oklahoma procurando lendas de serpentes, e terminei com um medo de serpentes que durará o resto de minha vida. Admito que é tolo, já que há explicações naturais para tudo o que vi e ouvi, mas, mesmo assim, o medo me domina. Se a velha história fosse tudo, eu não estaria tão abalado. Meu trabalho como etnologista de índios americanos acostumou-me a todos os tipos de lendas extravagantes, e sei que os brancos simplórios podem superar os peles-vermelhas no seu próprio jogo quando se trata de invenções fantasiosas. Mas não posso esquecer o que vi com meus próprios olhos no asilo para insanos em Guthrie.

Fui àquele asilo porque uns poucos colonizadores mais antigos me disseram que lá encontraria algo importante. Nem índios nem brancos discutiriam as lendas do deus-serpente que eu estava investigando. Os recém-chegados, atraídos pelo *boom* do petróleo, nada sabiam a respeito, e os índios e os velhos pioneiros ficavam muito amedrontados quando eu lhes falava delas. Não mais do que seis ou sete pessoas mencionaram o asilo, e aqueles que o fizeram tiveram o cuidado de falar em sussurros. Mas os sussurros diziam que o Dr. McNeill poderia me mostrar uma relíquia muito terrível e contar tudo o que eu desejava saber. Ele poderia explicar porque Yig, o pai das serpentes, entidade metade humana, é assunto temido e evitado no Oklahoma central, e porque os colonizadores tremiam ante os ritos secretos indígenas que tornam os dias e as noites de outono horríveis com as batidas incessantes dos tambores em lugares desolados.

Foi com o faro de um sabujo numa trilha que fui a Guthrie, pois passei muitos anos coletando informações sobre a evolução dos adoradores de serpentes entre os índios. Sempre me pareceu, pelas bem definidas indicações de lendas e da arqueologia, que o grande Quetzalcoatl — o benigno deus-serpente dos mexicanos — tinha um protótipo mais antigo e sombrio e, durante os meses recentes, estive bem perto de prová-lo numa série de pesquisas estendendo-se da Guatemala até as planícies de Oklahoma. Mas tudo era atormentador e incompleto, pois, acima da fronteira, o culto da serpente era cercado de medo e de sigilo.

Agora, parecia que uma nova e abundante fonte de dados estava prestes a manifestar-se, e procurei o diretor do asilo com uma ânsia que não tentei disfarçar. O Dr. McNeill era um homem pequeno, bem barbeado, de idade um tanto avançada, e vi imediatamente, pela sua fala e

seus modos, que era dono de considerável erudição em muitos ramos fora de sua profissão. Solene e cheio de dúvidas, quando expliquei, pela primeira vez, meu propósito, seu rosto ficou pensativo enquanto examinava cuidadosamente minhas credenciais e a carta de apresentação que um velho e gentil ex-agente indígena me dera.

— Então você tem estudado a lenda de Yig, hein? — ele refletiu sentenciosamente. — Sei que muitos de nossos etnólogos de Oklahoma tentaram ligá-la a Quetzalcoatl, mas não creio que algum deles conseguiu cobrir os passos intermediários tão bem. Você fez um trabalho notável para um homem tão jovem quanto aparenta ser e, certamente, merece toda a informação que pudermos fornecer.

“Não creio que o velho major Moore ou qualquer um dos outros tenha revelado o que eu tenho aqui. Eles não gostam de falar a respeito, e nem eu. É muito trágico e horrível, mas é só. Eu me nego a considerar algo sobrenatural. Há uma história a respeito que contarei após você vê-lo. Uma demoníaca história triste, mas uma que não chamarei de mágica. Apenas demonstra a força que a crença tem sobre algumas pessoas. Admito que há momentos em que sinto um calafrio que é mais que físico, mas, à luz do dia, eu responsabilizo meus nervos. Não sou mais jovem! Para ir direto ao ponto, a criatura que tenho é o que você pode chamar de uma vítima da maldição de Yig, uma vítima fisicamente viva. Não deixamos a maior parte das enfermeiras vê-la, apesar da maioria saber que está aqui. Há apenas dois velhos internos que deixo alimentá-la e limpar seus aposentos. Costumava haver três, mas o bom e velho Stevens faleceu há alguns anos. Suponho que terei que treinar um novo grupo em breve, pois a criatura não parece envelhecer ou mudar muito, e os velhos rapazes não vão durar para sempre. Talvez a ética, no futuro próximo, permita que lhe proporcionemos um descanso misericordioso, mas é difícil dizer.

“Você viu aquela única janela de vidro fosco no porão, próximo à ala leste, quando veio pela alameda? É onde ela está. Eu o levarei lá pessoalmente. Você não precisa fazer nenhum comentário. Apenas olhe pelo painel móvel na porta e agradeça a Deus pela luz não ser mais forte. Então, contarei a história, ou o tanto que fui capaz de deduzir.”

Caminhamos para o térreo silenciosamente, e não conversamos enquanto nos enfiávamos pelos corredores do porão aparentemente deser-

to. O Dr. McNeill destrancou uma porta de aço pintada de cinza, mas era apenas uma divisória levando a outra extensão do corredor. Enfim, ele parou diante de uma porta marcada B 116, abriu um pequeno painel de observação que ele só conseguia alcançar ficando nas pontas dos pés e bateu algumas vezes no metal pintado, como que para despertar o ocupante, fosse lá o que fosse.

Um leve fedor veio da fenda quando o médico a abriu, e deduzi que suas batidas provocaram uma espécie de resposta fraca e sibilante. Finalmente, ele me fez sinal para substituí-lo no painel, e o fiz com um tremor crescente e sem razão. A janela, com grades e vidro fosco, perto do chão, permitia apenas a entrada de uma iluminação fraca e inconstante, e tive que olhar para o covil fétido por vários segundos antes que pudesse ver o que estava rastejando e se contorcendo no chão coberto de palha, emitindo, de vez em quando, um silvo fraco e vago. Em seguida, os contornos ensombrecidos começaram a tomar forma e percebi que a entidade que se contorcia tinha uma semelhança vaga com uma forma humana deitada sobre a barriga. Eu me agarrei à maçaneta da porta, tentando evitar um desmaio.

A coisa em movimento tinha tamanho quase humano e estava sem roupas. Era absolutamente sem pelos e suas costas fulvas pareciam sutilmente escamosas na macabra luz tênue. A pele ao redor dos ombros era sardenta e acastanhada, e a cabeça era curiosamente achatada. Quando levantou os olhos para sibilar para mim, vi que os pequenos olhos redondos eram odiosamente antropoides, mas não suportei estudá-los por muito tempo. Eles se fixaram em mim com uma persistência horrível, de modo que fechei o painel sobressaltado e deixei a criatura contorcendo-se fora de vista no seu leito de palha e no crepúsculo espectral. Devo ter cambaleado um pouco, pois senti que o médico estava segurando, suavemente, meu braço enquanto me guiava para longe. Eu gaguejava sem parar:

— M... mas pelo amor de Deus, *o que é isso?*

O Dr. McNeill contou-me a história em seu escritório particular, quando ocupei uma poltrona a sua frente. O dourado e o vermelho do final da tarde mudaram para o violeta do início do anoitecer, mas eu ainda estava sentado, aterrorizado e imóvel. Eu me irritava com cada toque do telefone e com o zumbido da campainha, e poderia ter xingado as en-

fermeiras e os auxiliares cujas batidas à porta, de vez em quando, convocavam o médico, brevemente, para fora do escritório. A noite chegou, e eu estava contente por meu anfitrião ter acendido todas as luzes. Embora fosse cientista, meu zelo pela pesquisa estava quase esquecido em meio a um êxtase de pavor de tirar o fôlego, como um menino pequeno sente quando os contos de bruxas são sussurrados entre os cantos da chaminé.

Aparentemente Yig, o deus-serpente das tribos das planícies centrais — presumivelmente a fonte primitiva do Quetzalcoatl ou Kukulcan mais ao sul — era um estranho demônio semiantropomórfico de natureza caprichosa e muito arbitrária. Ele não era totalmente maligno e, em geral, tinha boa vontade para com aqueles que demonstravam o devido respeito a ele e a seus filhos, as serpentes. Mas, no outono, tornava-se anormalmente voraz e tinha que ser afugentado por meio dos ritos adequados. Foi por isso que os tambores nos condados de Pawnee, Wichita e Caddo bateram incessantemente durante semanas em agosto, setembro e outubro. E, por isso, os curandeiros faziam barulhos estranhos com chocalhos e apitos curiosamente semelhantes aos dos astecas e dos maias.

A característica principal de Yig era uma devoção implacável a seus filhos — uma devoção tão grande que os peles-vermelhas quase temiam se proteger das venenosas cascavéis que infestavam a região. Lendas clandestinas apavorantes insinuavam sua vingança contra os mortais que o insultavam ou feriam a sua prole rastejante. Sua punição preferida consistia em transformar a vítima, depois das torturas apropriadas, em uma cobra pintada.

Nos velhos tempos dos territórios indígenas, o médico prosseguiu, não havia tanto segredo sobre Yig. As tribos das planícies, menos cautelosas do que os nômades do deserto e os pueblos, falavam muito livremente das lendas e das cerimônias de outono com os primeiros agentes do governo, e deixaram uma considerável tradição espalhada pelas regiões vizinhas dos assentamentos brancos. O grande medo veio com a corrida pelas terras, em 1889, quando houve rumores de alguns incidentes extraordinários que se baseavam no que aparentava ser provas tangíveis. Os índios diziam que os homens brancos recém-chegados não sabiam como lidar com Yig e, depois, acabaram aceitando as lendas como

fatos reais. Hoje em dia, nenhum veterano em Oklahoma, seja de pele branca ou vermelha, poderia ser levado a dizer uma palavra sobre o deus-serpente que não fosse apenas vagas alusões. Apesar de tudo, o médico acrescentou uma ênfase quase desnecessária: o único horror verdadeiramente autêntico foi o resultado de uma tragédia lamentável e não de feitiçaria. Era tudo muito real e cruel, mesmo aquela última parte, que causou tanta controvérsia.

O Dr. McNeill fez uma pausa e pigarreou antes de começar a história, e senti uma sensação de ansiedade como quando sobe a cortina no teatro. Tudo começou quando Walker Davis e sua esposa, Audrey, deixaram o Arkansas para se estabelecer nas terras públicas recém-abertas na primavera de 1889, e terminou no território dos wichita — norte do rio Wichita, no que, atualmente, é o condado de Caddo. Há um pequeno povoado hoje chamado Binger que é atravessado pela ferrovia. No mais, o local mudou menos do que outras partes de Oklahoma. Ainda é uma zona de fazendas e ranchos — bastante produtivos nestes dias — uma vez que os grandes campos de petróleo não estão muito perto.

Walker e Audrey vieram do condado de Franklin, nas montanhas de Ozarks, em um carroção coberto de lona, duas mulas, um cão velho e inútil chamado Lobo e todas suas posses domésticas. Eles eram típicos caipiras, jovens e, talvez, um pouco mais ambiciosos do que a maioria, e almejavam uma vida com melhores recompensas pelo trabalho duro do que a vida que tinham no Arkansas. Ambos eram tipos bastante magros. O homem, alto, amarelado e de olhos cinzentos; e a mulher, baixa e bastante escura, com cabelo negro e liso, sugerindo leve ascendência indígena.

Em geral, havia pouca coisa excepcional a seu respeito e, salvo um detalhe, seus registros médicos não teriam diferido dos milhares de outros pioneiros que migraram para os novos territórios naquela época. Esse detalhe era o horror quase epilético que Walker tinha de serpentes, o qual alguns atribuíam a causas pré-natais, enquanto outros disseram que veio de uma profecia sombria sobre sua morte, com a qual uma velha indígena tentou assustá-lo quando ele era criança. Seja qual for a causa, o efeito era, de fato, bastante intenso, pois, apesar de sua enorme coragem no geral, a simples menção a uma serpente fazia com que ele fi-

casasse pálido e à beira do desmaio, e a visão de um pequeno espécime produzia um choque que, às vezes, o levava a convulsões.

Os Davis partiram no início do ano, na esperança de chegar a sua nova terra para a lavoura da primavera. A viagem foi lenta, pois as estradas eram ruins no Arkansas e, no território indígena, havia grandes trechos de colinas vermelhas, estéreis e arenosas, e nenhuma estrada. À medida que o terreno se tornava mais plano, abandonar suas montanhas nativas os deprimia talvez mais do que se davam conta. Mas acharam as pessoas das agências do governo muito afáveis, e a maioria dos índios parecia amigável e civilizada. De vez em quando, encontravam um colega pioneiro com quem, em geral, trocavam piadas e manifestações de amável rivalidade.

Devido à estação do ano, não havia muitas serpentes à vista, e Walker não sofreu com sua instável e peculiar fraqueza. Nas etapas anteriores da jornada, também não havia as lendas de serpentes indígenas para perturbá-lo, pois as tribos estabelecidas no sudeste não compartilhavam das crenças mais bárbaras de seus vizinhos do oeste. Por um capricho do destino, foi um homem branco em Okmulgee, no condado de Creek, que deu aos Davis a primeira pista sobre as crenças de Yig, uma pista que teve um efeito incomumente fascinante sobre Walker e o levou a fazer perguntas muito claras e curiosas sobre o assunto.

Em pouco tempo, o fascínio de Walker se tornou um caso grave de pavor. Ele tomava as precauções mais extraordinárias em cada um dos acampamentos noturnos, sempre limpando qualquer vegetação que encontrava e evitando lugares rochosos sempre que podia. Cada moita de arbustos atrofiados e toda fissura nas grandes rochas pareciam-lhe, agora, esconder serpentes malévolas, enquanto toda figura humana que não pertencesse ao assentamento ou a um comboio imigrante lhe parecia um deus-serpente potencial, até que a proximidade provasse o contrário. Felizmente, nenhum encontro perturbador surgiu neste período para abalar ainda mais seus nervos.

À medida que se aproximavam do condado de Kickapoo, descobriram que era cada vez mais difícil evitar acampar perto de rochas. Finalmente, não foi mais possível, e o pobre Walker foi reduzido ao recurso pueril de sussurrar alguns dos encantos rústicos contra as serpentes que ele aprendeu na infância. Duas ou três vezes, uma serpente foi, de fato,

vista de relance, e estes avistamentos não o ajudaram em seus esforços para preservar a compostura.

Na vigésima segunda tarde da jornada, um vento selvagem tornou imperativo, por causa das mulas, acampar num local o mais protegido possível. E Audrey persuadiu o marido a aproveitar um penhasco que se elevava excepcionalmente acima do leito seco de um antigo afluente do rio Canadian. Ele não gostou do relevo rochoso do lugar, mas se deu por vencido desta vez, levando, mau humorado, os animais para o declive protetor, cuja natureza do solo não permitia a aproximação da carroça.

Enquanto isso, Audrey, examinando as rochas perto do carroção, percebeu um farejar peculiar por parte do velho cão. Pegando um rifle, ela o seguiu e, logo, agradeceu às estrelas por ter se antecipado a Walker na descoberta. Pois, ali, firmemente aninhada no espaço entre duas grandes rochas arredondadas, havia uma visão que não faria bem a ele. Visível apenas como uma massa que talvez abrangesse três ou quatro criaturas, as sinuosidades mostravam que não podia ser nada além de uma ninhada de cascavéis recém-nascidas.

Ansiosa para poupar Walker de um choque penoso, Audrey não hesitou em agir: pegou a arma firmemente pelo cano e bateu com a coronha inúmeras vezes nas coisas que se contorciam. Sua sensação de repugnância era imensa, mas não significava medo real. Enfim, viu que sua tarefa estava concluída e virou-se para limpar o bastão improvisado na areia vermelha e na grama seca ao redor. E lembrou-se que devia cobrir o ninho antes que Walker terminasse de amarrar as mulas. O velho Lobo, idoso, cambaleante, misto de pastor e coiote que era, havia desaparecido, e ela temeu que ele tivesse ido buscar seu dono.

Naquele instante, passos provaram que seu receio era fundamentado. Mais um segundo e Walker teria visto tudo. Audrey fez um movimento para ampará-lo caso desmaiasse, mas ele não fez mais do que oscilar. Então, o olhar de puro pavor no seu rosto pálido transformou-se, lentamente, em algo como raiva e terror misturados, e ele começou a repreender a esposa com um tom de voz trêmulo.

— Pelamor de Deus, Aud, mas porque ocê fez isso? Não ouviu todas as cousa que falam do deus-serpente Yig? Devia tê me dito, e nós ia embora. Ocê não sabe que ele é um deus maligno que se vinga quem

machuca seus fios? Porque ocê pensa que os índios dançam e batem seus tambor no outono? Essa terra é maldita, eu te digo. Cada alma que a gente conversa falô a mesma cousa. Yig manda aqui, e ele vem no outono pegá as vítima e transformá em serpentes. Ora! Aud, nem por dinheiro os índio desse lado do Canayjin^[1] mata uma serpente! Só Deus sabe o que ocê arrumou pra ocê, muié, esmagando uma ninhada inteira das cria do Yig. Ele vai te pegá, com certeza, mais cedo ou mais tarde, a meno que eu arrume um amuleto dum curandeiro pele-vermelha. Ele vai te pegá, Aud, certo como tem Deus no céu — ele vai vim de noite e te transformá numa serpente pintada!

Todo o resto da jornada, Walker continuou com as profecias e condenações assustadoras. Eles atravessaram o rio Canadian, perto de Newcastle, e, logo, encontraram os primeiros índios das planícies que haviam visto — um grupo de wichitas agasalhados, cujo líder falava desembaraçadamente sob o efeito do uísque oferecido, e que ensinou ao pobre Walker um longo feitiço protetor contra Yig em troca de um quarto da garrafa do mesmo líquido inspirador. No fim da semana, o lugar escolhido no território wichita foi alcançado e os Davis apressaram-se em delinear as fronteiras de seu terreno e arar as terras para a primavera, antes mesmo de começar a construção de uma cabana.

A região era plana, melancolicamente ventosa e pobre de vegetação natural, mas prometia grande fertilidade para o cultivo. Os afloramentos ocasionais de granito diversificaram o solo de arenito vermelho decomposto e, aqui e ali, uma grande rocha plana se estendia ao longo da superfície como um pavimento feito pelo ser humano. Parecia haver pouquíssimas serpentes, ou possíveis covis para elas, e, então, Audrey, finalmente, persuadiu Walker a construir uma cabana de um único aposento sobre uma vasta placa de pedra. Com aquele piso e uma lareira de bom tamanho, o clima mais úmido poderia ser enfrentado — embora logo se tenha tornado evidente que a umidade não era qualidade relevante da região. Troncos dos bosques mais próximos, a alguns quilômetros em direção às montanhas Wichita, foram transportados na carroça.

Walker construiu a cabana com uma chaminé larga e um rústico abrigo para os animais com a ajuda de alguns outros pioneiros, a despeito do mais próximo estar a mais de um quilômetro de distância. E, em troca, ele os ajudou de forma semelhante a erguer suas casas. Assim,

muitos laços de amizade nasceram entre os novos vizinhos. Não havia nada digno de ser chamado de cidade mais perto do que El Reno, na margem da ferrovia, a cerca de cinquenta quilômetros ou mais a nordeste, e, antes que muitas semanas transcorressem, as pessoas da região se tornaram unidas, apesar da distância entre elas. Os índios, alguns que estavam começando a se juntar aos ranchos, eram, em sua maior parte, inofensivos, ainda que um tanto irascíveis quando estimulados pelas bebidas que encontravam, apesar das proibições governamentais.

Entre todos os vizinhos, os Davis descobriram em Joe e Sally Compton, que também eram do Arkansas, os mais prestativos e agradáveis. Sally ainda está viva, conhecida hoje como Vovó Compton, e seu filho Clyde, na época apenas um bebê de colo, tornou-se um dos líderes do Estado.

Sally e Audrey se visitavam com frequência, pois suas cabanas ficavam a apenas três quilômetros uma da outra e, nas longas tardes de primavera e de verão, elas trocavam muitas histórias sobre a velha Arkansas e muitos rumores sobre a nova região.

Sally era muito compreensiva a respeito do medo de Walker em relação a serpentes, mas talvez tenha agravado, mais do que amenizado, o nervosismo que Audrey vinha adquirindo com as incessantes rezas e profecias sobre a maldição de Yig. Ela era incomumente versada em histórias grotescas sobre serpentes e causou uma terrível impressão com sua obra-prima — a história de um homem do condado de Scott que fora mordido, ao mesmo tempo, por uma horda inteira de cascavéis e inchara tão monstruosamente devido ao veneno que seu corpo terminou por explodir. Desnecessário dizer que Audrey não repetia essas histórias para o marido, e implorava aos Compton para que fossem cautelosos e não as difundissem pela região. É um mérito de Joe e Sally terem atendido ao pedido com a máxima fidelidade.

Walker semeou o milho antecipadamente e, no solstício de verão, ocupou seu tempo com uma colheita boa do feno nativo da região. Com a ajuda de Joe Compton, ele escavou um poço que rendeu um suprimento moderado água muito boa, embora planejasse um poço artesianos mais adiante. Ele não teve muitos sustos sérios com serpentes e tornou sua terra a mais inóspita possível para invasores rastejantes. De tempos em tempos, cavalgava até o amontoado de cabanas em forma de cone

que era a aldeia principal dos wichita e tinha longas conversas com os velhos e xamãs sobre o deus-serpente e como apaziguar a sua ira. Feitiços estavam sempre à disposição em troca de uísque. Porém, muitas das informações que ele recebia estavam longe de tranquilizadoras.

Yig era um grande deus. Ele era mau agouro. Ele não perdoava. No outono, suas crianças estariam famintas e selvagens, e Yig estaria faminto e selvagem também. Todas as tribos preparavam-se contra Yig quando a colheita do milho chegava. Eles lhes davam um pouco de milho e dançavam com roupas peculiares ao som de apitos, chocalhos e tambores. Mantinham os tambores batendo para espantar Yig e clamavam a ajuda de Tiráwa, de quem todos os homens são filhos, tal como as serpentes são filhas de Yig. Era mau agouro a mulher dos Davis ter matado as crianças de Yig. Deixem Davis recitar os feitiços muitas vezes quando a colheita do milho chegar. Yig é Yig. Yig é um grande deus.

Na época que a colheita do milho chegou, Walker foi bem-sucedido em deixar sua esposa num estado de apreensão deplorável. Suas rezas e os encantamentos ensinados pelos índios se tornaram uma tortura. E, quando os ritos de outono dos índios começaram, o vento sempre trazia as batidas dos tambores, formando um sinistro pano de fundo. Era enlouquecedor ter as batidas abafadas pairando sobre as planícies vermelhas. Por que nunca paravam? Dia e noite, semana após semana, as batidas dos tambores continuavam, em turnos inesgotáveis, tão persistentes quanto o vento vermelho, cheio de poeira, que as carregava. Audrey detestava as batidas mais do que seu marido, pois ele as enxergava como um elemento a mais de proteção. Foi com a sensação de poderoso e intocável baluarte contra o mal que ele partiu para a colheita do milho e preparou a cabana e o estábulo para o inverno que chegava.

O outono foi anormalmente quente e, exceto para a sua culinária primitiva, os Davis pouco utilizaram a lareira de pedra que Walker havia construído com tanto esmero. Algo no caráter antinatural das nuvens quentes e cheias de poeira atormentava os nervos de todos os colonos, mas, acima de todos, Audrey e Walker. A ideia de uma maldição da serpente pairando sobre eles e o estranho e incessante ritmo dos tambores indígenas formavam uma combinação maligna que qualquer elemento bizarro adicional tornaria absolutamente insuportável.

Não obstante a tensão, diversas reuniões festivas foram realizadas em uma ou outra cabana após o final das colheitas. Dessa maneira, eram ingenuamente mantidos vivos na modernidade os curiosos rituais de celebração da colheita tão antigos quanto a própria agricultura. Lafayette Smith, que viera do sul do Missouri e possuía uma cabana cerca de cinco quilômetros a leste da de Walker, era um bom violinista e suas melodias foram de muita valia para que os celebrantes se esquecessem das batidas monótonas dos tambores distantes. Então, com a proximidade do Halloween, os colonos planejaram outro festejo. Eles não sabiam que essa celebração era de uma linhagem ainda mais antiga que a agricultura: era o terrível sabá das bruxas, dos primordiais pré-arianos, mantido vivo através das eras na escuridão da meia-noite em florestas secretas, e que ainda hoje aludem a horrores vagos sob um disfarce recente de comédia e de leveza. O Halloween cairia numa quinta-feira, e os vizinhos concordaram em se reunir para o primeiro festejo na cabana dos Davis.

Foi naquele dia trinta e um de outubro que o período de calor se dissipou. A manhã fora fria e plúmbea, e, por volta do meio-dia, os ventos incessantes haviam mudado de secos para agrestes. As pessoas tremiam, mais ainda por não estarem preparadas para o frio, e o velho cão de Walker Davis se arrastou, cansado, para um canto perto do forno. Mas os tambores distantes seguiam batendo, e os cidadãos brancos continuavam dispostos a prosseguir com seus ritos escolhidos. Bem cedo, por volta das quatro da tarde, os carroções começaram a chegar à cabana de Walker e, ao anoitecer, depois de um memorável churrasco, o violino de Lafayette Smith inspirou um grupo de dançarinos a grandes proezas e a brincadeiras grotescas no cômodo de bom tamanho. Os mais jovens entregavam-se às futilidades próprias da estação e, de vez em quando, o velho Lobo soltava um uivo lúgubre e ameaçador, de gelar a espinha, para alguma nota particularmente espectral do violino de Lafayette — um instrumento que ele nunca ouvira antes. A maior parte do tempo, no entanto, esse cansado veterano dormiu durante o folguedo, pois já passara da idade de interesses ativos e vivia amplamente em seus sonhos. Tom e Jennie Rigby haviam trazido seu collie Zeke, mas os caninos não confraternizaram. Zeke parecia estranhamente inquieto com algo e farejou o salão a noite inteira.

Audrey e Walker formavam um belo casal na pista de dança, e a vó Compton ainda gosta de se lembrar deles dançando naquela noite. Suas preocupações pareciam, por enquanto, esquecidas, e Walker estava barbeado e arrumado com surpreendente bom gosto. Por volta das dez horas, todos já estavam saudavelmente cansados e os convidados começaram a se despedir, de família em família, com muitos apertos de mãos e afirmações francas do quanto haviam se divertido. Tom e Jennie acharam que os uivos assustadores de Zeke, enquanto os seguia para o carroção, eram de pesar de ter que ir embora para casa, apesar de Audrey dizer que deviam ser os tambores que o aborreciam, pois as batidas distantes eram bastante sinistras após o divertimento que tiveram.

A noite estava excessivamente fria e, pela primeira vez, Walker colocou uma grande tora na lareira e a cobriu com cinzas para mantê-la queimando até o amanhecer. O velho Lobo se arrastou até o brilho vermelho e tombou em seu coma costumeiro. Audrey e Walker, cansados demais para pensar em feitiços ou maldições, despencaram na cama rústica de madeira de pinheiro e estavam dormindo antes que o despertador barato, preso à cabeceira, marcasse três minutos. E, a distância, as batidas rítmicas daqueles tambores infernais ainda pulsavam com o vento gelado da noite.

O Dr. McNeill parou e tirou os óculos, como se o embaciar do mundo real tornasse a visão do passado mais clara.

— Você, em breve, vai agradecer — disse ele — por eu ter tido uma dificuldade imensa para compreender o que ocorreu depois que os convidados foram embora. Houve momentos, entretanto, em que consegui fazer um esforço para descobrir o que houve.

Depois de um momento em silêncio, ele prosseguiu com a história.

Audrey teve sonhos terríveis com Yig, que apareceu para ela na forma de satanás conforme representado nas ilustrações baratas que ela viu. E foi, de fato, de um absoluto êxtase de pesadelo que ela acordou subitamente e viu Walker, já desperto, sentado na cama. Ele parecia ouvir algo atentamente, e a silenciou com um sussurro quando ela começou a lhe perguntar o que o despertou.

— Escuta, Aud! — ele disse, nervoso. — Ocê não tá ouvindo uma cantarolada, um zumbido e um murmuro? Será qui é gafanhoto?

Certamente havia um som estranho dentro da cabana, tal como ele descrevera. Audrey tentou identificá-lo e ficou impressionada com um elemento ao mesmo tempo horrível e familiar que pairava à margem de sua memória e, acima de tudo, despertando um pensamento apavorante. As batidas monótonas dos tambores vinham incessantemente pelas planícies negras sobre as quais brilhava uma meia lua quase encoberta pelas nuvens.

— Walker... será... que... é... a... maldição de Yig?

Ela podia senti-lo tremendo.

— Não, muié, eu num acho que ele vem desse jeito. Ele tem forma dum homê, mas não se ocê olhá de perto. Isso foi o que o chefe Águia Cinzenta disse. Isso é uns bicho que entraro aqui pra escapá do frio, não é gafanhoto, eu acho, mas alguma cousa assim. É melhor eu levantá e espantá eles antes que eles avance muito ou chegue na despensa.

Ele se levantou, procurou o lampião que estava pendurado a seu alcance, e pegou a fina caixa de cobre com fósforos pregada na parede ao lado.

Audrey sentou-se na cama e observou a chama do fósforo crescer diante do brilho fixo do lampião. Então, enquanto seus olhos começavam perceber a totalidade do quarto, as vigas toscas tremeram com o frenesi dos gritos simultâneos. Pois o chão rochoso e plano revelou, quando iluminado, uma mancha marrom de cascáveis deslizando em direção à lareira, e que, agora, viravam suas cabeças repugnantes para ameaçar o amedrontado homem que segurava o lampião.

Foi apenas por um instante que Audrey viu as criaturas. Os répteis eram de todos os tamanhos, em número incontável e, aparentemente, de variadas espécies. Enquanto ela olhava, duas ou três serpentes empinaram as cabeças como se para atacar Walker. Ela não desmaiou; foi a queda de Walker no chão que apagou o lampião e a mergulhou na escuridão. Ele não gritou uma segunda vez. O medo o havia paralisado, e ele sentiu como se atingido pela flecha silenciosa de um arco sobrenatural. Para Audrey, o mundo inteiro parecia rodopiar fantasticamente, misturando-se ao pesadelo do qual fora arrancada.

Movimentos voluntários de qualquer tipo eram impossíveis, pois a vontade e o senso de realidade a haviam abandonado. Ela caiu, inerte, no travesseiro, na esperança de que acordaria em breve. Nenhuma com-

preensão efetiva do que havia ocorrido penetrou sua mente por algum tempo. Então, aos poucos, a suspeita de que estava realmente desperta começou a invadi-la, e ela se agitava com uma mistura crescente de pânico e de aflição que a fez desejar gritar, apesar do feitiço paralisante que a mantinha muda.

Walker estava desaparecido e ela não pôde ajudá-lo. Ele tinha morrido por causa das serpentes, exatamente como a feiticeira havia preconizado quando ele era menino. O pobre Lobo também não fora capaz de ajudar; provavelmente não havia despertado de seu estupor senil. E, agora, as criaturas rastejantes deviam estar vindo, rastejando, cada vez mais perto, na escuridão. Talvez mesmo enroscando-se, agora, nos pés da cama e deslizando sobre os cobertores de lã grossa. Inconscientemente, ela se arrepiou e tremeu.

Devia ser a maldição de Yig. Ele tinha enviado seus filhos monstruosos na noite de Halloween, e eles levaram Walker primeiro. Por quê? Ele não era inocente? Por que não ir diretamente até ela? Não foi ela quem matara, sozinha, aquelas pequenas cascavéis? Então, ela pensou na maldição conforme dita pelos índios. Ela não seria morta, mas transformada em uma serpente pintada. Argh! Então ela seria como aquelas criaturas que havia vislumbrado no chão, aquelas criaturas que Yig havia enviado para capturá-la e torná-la parte de seu grupo! Ela tentou murmurar um feitiço que Walker havia ensinado, mas descobriu que não podia emitir um único som.

O tique-taque barulhento do relógio soava acima das enlouquecedoras batidas dos tambores. As serpentes estavam demorando muito. Será que tencionavam demorar de propósito para brincar com os nervos dela? De vez em quando, ela pensava ter sentido uma firme pressão insidiosa nas roupas de cama. Mas, cada vez que as revirava, descobria que eram apenas os espasmos involuntários de seus nervos exaustos. O tique-taque do relógio reverberava na escuridão, e uma mudança invadia, lentamente, seus pensamentos.

Aquelas serpentes *não podiam* demorar tanto tempo. Elas não podiam ser mensageiras de Yig, no final das contas, mas apenas cascavéis que estavam abrigadas abaixo da rocha e foram atraídas pelo fogo. Talvez elas não estivessem vindo para pegá-la. Talvez tivessem se saciado com o pobre Walker. Onde elas estavam agora? Elas se foram? Enrolaram-se

perto do fogo? Ainda estariam rastejando sobre o cadáver de sua vítima? O relógio batia e os tambores distantes continuavam.

Ao pensar no corpo do marido caído na escuridão, um estremecimento de puro horror físico atingiu Audrey: a história de Sally Compton sobre o homem do condado de Scott! Ele também tinha sido mordido por um bando de cascavéis, e o que aconteceu com ele? O veneno tinha apodrecido a carne, inchado todo o cadáver e, no final, a coisa inchada *explodira* horivelmente com um barulho detestável. Era isso que estava ocorrendo com Walker no chão de pedra? Instintivamente, ela sentiu que estava começando a ouvir algo horrível demais até para admitir o que era.

O relógio seguia batendo, numa espécie de tempo irônico, escarecedor, com as longínquas batidas que o vento da noite trazia. Ela desejou que fosse um relógio com badalo, pois, dessa forma, saberia quanto tempo a vigília sobrenatural deveria durar. Ela amaldiçoou a resistência que a impedia de desmaiar e perguntava-se que tipo de alívio o amanhecer traria. Provavelmente, vizinhos passariam. Sem dúvida alguém viria. Será que a encontrariam ainda sã? Ela ainda estava sã?

Escutando morbidamente, Audrey tomou consciência, de imediato, de algo que teve que confirmar, com todo o esforço de vontade, antes que pudesse acreditar. E, uma vez confirmado, ela não sabia se era bem-vindo ou se para temer. *A batida distante dos tambores dos índios havia parado.* Elas sempre a enlouqueceram. Mas Walker não considerou que eram proteção contra os inomináveis males vindos do universo? O que eram algumas daquelas coisas que ele havia repetido a seu ouvido aos sussurros depois de conversar com o chefe Águia Cinzenta e os curandeiros wichita?

Não lhe agradou o novo e repentino silêncio. Havia algo sinistro. O tique-taque do relógio parecia anormal em meio àquele silêncio. Enfim, capaz de movimentos conscientes, ela tirou as cobertas de sobre o rosto e olhou na escuridão em direção à janela. Devia ter clareado depois que a lua surgiu, pois ela viu, nitidamente, a abertura quadrada contra o fundo de estrelas.

Então, sem aviso, veio aquele aterrorizante som indescritível — Argh! — aquele *estalo* pútrido e amorfo de pele esticada e veneno jorrandos no escuro. Deus! A história da Sally, aquele fedor obscuro e este

tortuoso silêncio! Era demais. Os laços de mudez arreberaram, e a noite negra cresceu reverberante com os gritos de puro horror de Audrey.

Ela não perdeu a consciência com o choque. Quão misericordioso se tivesse! Em meio aos ecos do seu grito, Audrey ainda via o céu estrelado da janela em frente e ouviu o tique-taque condenatório daquele relógio assustador. Ela ouvia outro som? Aquela janela quadrada ainda era um quadrado perfeito? Ela não estava em condições de pesar as evidências ou distinguir entre fato e alucinação.

Não, aquela janela não era mais um quadrado perfeito. *Algo estava obstruindo a beirada inferior.* Nem era o tique-taque do relógio o único som no quarto. Havia, sem sombra de dúvida, uma respiração pesada que não era dela e nem do pobre Lobo. Lobo dormia muito silenciosamente, e seu bufar ao despertar era inconfundível. Então, Audrey viu, contra as estrelas, a negra silhueta demoníaca de algo antropeide, o volume ondulante de uma cabeça gigantesca e os ombros se movendo de forma lenta em direção a ela.

— Aaaaah! Aaaaah! Vá embora! Vá embora! Vá embora, serpente-diabo! Vá, Yig! Eu não queria matá-los. Eu temia que ele ficasse com medo deles. Não, Yig, não! Eu não queria machucar seus filhos! Não chega perto de mim! Não me transforme em serpente!

Mas a cabeça e os ombros semiamorfos apenas se balançavam em direção a cama, muito silenciosamente.

Houve um surto repentino na mente de Audrey e, de uma vez, ela passou de uma criança acovardada para uma mulher enraivecida. Ela sabia onde o machado estava: pendurado na parede naqueles pregos próximo ao lampião. Estava dentro do seu alcance e ela poderia encontrá-lo na escuridão. Antes que tivesse consciência de qualquer outra coisa, ele estava nas mãos e ela se arrastava para os pés da cama, em direção à cabeça e aos ombros monstruosos que, a cada momento, se aproximavam. Se houvesse alguma luz, a expressão em seu rosto não seria agradável de se ver.

— Toma *isso!* E *isso*, e *isso*, e *isso!*

Ela ria de modo estridente, agora, e suas gargalhadas aumentaram quando viu que a luz das estrelas além da janela estava dando lugar à fraca palidez profética do amanhecer.

O Dr. McNeill limpou a transpiração da testa e colocou os óculos de volta. Aguardei que continuasse e, enquanto ele estava em silêncio, falei suavemente.

— Ela sobreviveu? Foi encontrada? Houve alguma explicação?

O médico limpou a garganta.

— Sim. Ela sobreviveu, de certa forma. E foi explicado. Eu disse a você que não havia nada de sobrenatural, apenas um horror físico, cruel e deplorável.

Foi Sally Compton quem fez a descoberta. Ela cavalgou até a cabana dos Davis na tarde seguinte para falar sobre a festa com Audrey, e não viu fumaça da chaminé. Isso era estranho. O calor tinha voltado mas, ainda assim, Audrey geralmente estava cozinhando algo naquela hora. Com fome, as mulas estavam fazendo barulho no estábulo, e não havia sinal do velho Lobo tomando seu banho de sol no lugar de costume, na porta.

Sally não gostou do aspecto do lugar e estava hesitante quando desceu do cavalo e bateu à porta. Não houve resposta. Ela aguardou um tempo antes de tentar a rústica porta de toras repartidas. A fechadura, aparentemente, estava destrancada, e ela entrou devagar. Então, percebendo o que havia lá dentro, recuou, horrorizada, e agarrou-se ao portal para manter o equilíbrio.

Um terrível odor se fez sentir quando abriu a porta, mas não foi o que a aturdiu. Foi o que ela viu. Dentro da cabana escurecida, coisas monstruosas haviam ocorrido e três figuras chocantes permaneciam no chão para espantar e desconcertar o observador.

Próximo à lareira apagada, estava o grande cachorro, a putrefação roxa na pele deixada a nu pela sarna e a velhice, e a carcaça inteira explodira devido ao efeito do veneno de cascavel. Ele devia ter sido mordido por uma verdadeira legião de répteis.

À direita da porta, estavam os restos esfaçalhados do que fora um homem vestido em roupa de dormir e com os pedaços de um lampião em uma das mãos. *Estava totalmente livre de qualquer sinal de mordidas de serpentes.* Próximo a ele, estava o machado ensanguentado, jogado, com desleixo, no chão.

E, contorcendo-se no chão, havia uma criatura repugnante, de olhos perdidos, que fora uma mulher, mas, agora, era apenas uma muda cari-

catura insana. Tudo o que a criatura podia fazer era silvar, e silvar.

O doutor e eu estávamos enxugando gotas frias de nossas testas naquele momento. Ele serviu algo em um copo, tomou um gole, e me entregou outro copo. Apenas pude sugerir de forma trêmula e estúpida:

— Então Walker havia apenas desmaiado naquela vez. Os gritos o acordaram e o machado fez o resto?

— Sim! — A voz do doutor McNeill era grave — Mas, de qualquer forma, ele morreu por causa das serpentes. Era o seu medo funcionando de duas formas: fê-lo desmaiar, tal como o fez encher sua esposa com histórias loucas, o que a levou a atacá-lo quando ela pensou ter visto o demônio-serpente.

Eu pensei por um momento.

— E Audrey? Não foi bizarro como a maldição de Yig aparentemente agiu sobre ela? Suponho que a ideia de serpentes sibilantes deixaram uma marca profunda.

— Sim. Havia feitiços a princípio, mas eles ficaram cada vez mais raros. Seu cabelo ficou branco na raiz à medida que crescia e, depois, começou a cair. A pele tornou-se manchada e, quando ela morreu...

Interrompi com um sobressalto.

— *Morreu?* Então o que era aquela... aquela criatura no porão?

McNeill falou solenemente.

— *Aquilo* é o que ela pariu três quartos de um ano depois. Havia mais três deles, dois eram ainda piores, mas esse foi o único que sobreviveu.



O Rastejante Caos

com Winifred V. Jackson

∴

The Crawling Chaos (1920)
The United Co-operative (abr. 1921)

“O rastejante caos”, é a segunda das colaborações de Lovecraft com Winifred Virginia Jackson, é muito semelhante a “O prado verde”. É outra história de sonho, mas desta vez o sonho é induzido por ópio administrado durante um procedimento médico. Como “O prado verde”, provavelmente é um trabalho inteiramente de Lovecraft, construído a partir de uma ideia de história fornecida por Jackson.

Mais uma vez, a prosa é semelhante a um transe, embora agora seja possível detectar alguma influência de Lord Dunsany nela; Lovecraft brinca muito mais com ambiguidade e com as entrelinhas, deixando enigmas para o leitor. Além disso, a história do quadro, se é que se pode chamar assim — a ingestão da dose de ópio — é muito mais crível.

“O rastejante caos” foi escrito no final de 1920, pouco depois de Lovecraft escrever seu próprio poema em prosa, “Nyarlathotep”, de onde, da primeira linha, ele originou o título desta história.



Dos prazeres e dores do ópio, muito se escreveu. Os êxtases e horrores de De Quincey e os *paradis artificiels* de Baudelaire são preservados e interpretados com uma arte que os torna imemoriais, e o mundo conhece bem a beleza, o terror e o mistério desses reinos obscuros para os quais o sonhador inspirado é transportado. Mas, por mais que tenha sido contado, nenhum homem todavia ousou formular a *natureza* dos fantasmas assim revelados para a mente, ou sugerir a *direção* dos caminhos inauditos por cujos percursos exóticos e graciosos o consumidor da droga é tão irresistivelmente conduzido. De Quincey foi levado para a Ásia, essa fervilhante região de sombras nebulosas cuja terrível antiguidade é tão impressionante que “a imensa antiguidade da raça e do nome subjuga o senso de juventude de um indivíduo”. Mais além, no entanto, ele não ousou ir. Os que foram mais longe raramente retornaram, e, mesmo quando conseguiram voltar, silenciaram ou enlouqueceram. Experimentei o ópio uma única vez — no ano da peste, quando os doutores procuravam atenuar as agonias que não conseguiam curar. Foi uma overdose — meu médico se esgotou de horror e cuidados — e eu viajei para muito, muito longe. No final, voltei e sobrevivi, mas minhas noites se enchem de estranhas lembranças e jamais permiti, desde então, que algum médico me administrasse ópio.

A dor e a palpitação de minha cabeça eram quase insuportáveis quando a droga foi administrada. O futuro não me causava cuidados; escapar, fosse pela cura, a inconsciência ou a morte, era tudo que me interessava. Estava um tanto delirante, por isso é difícil situar o momento exato da transição, mas creio que o efeito deve ter começado logo depois que a palpitação deixou de ser dolorosa. Como já mencionei, foi uma overdose, por isso minhas reações foram, provavelmente, acima das normais. A sensação de queda, curiosamente dissociada da ideia de gravidade ou direção, foi suprema, embora houvesse uma impressão subsidiária de multidões invisíveis em incalculável profusão, multidões de natureza infinitamente diferente, mas todas mais ou menos relacionadas comigo. Às vezes, parecia não tanto que eu estivesse caindo mas que o universo ou as eras estivessem passando por mim. De repente, a dor se extinguiu e comecei a associar a palpitação com uma força mais externa

que interna. A queda também havia cessado, dando lugar a uma sensação de repouso inquieto e provisório; e, quando apurei os ouvidos, imaginei que a palpitação era a do vasto inescrutável mar quando suas sinistras vagas colossais laceram alguma praia desolada depois de uma tempestade de titânica grandeza. Abri os olhos, então.

Por um momento, o ambiente à minha volta pareceu confuso, como uma imagem projetada irremediavelmente desfocada, mas gradualmente fui percebendo minha solitária presença numa sala estranha e bela, iluminada por muitas janelas. Sobre a exata natureza do recinto, não pude formar nenhuma ideia, pois meus pensamentos ainda estavam muito perturbados, mas percebi tapetes e cortinados multicoloridos, mesas de elaborado trabalho, cadeiras, otomanas e divãs, e delicados vasos e ornamentos que produziam uma sugestão de exotismo sem ser realmente estranhos. Essas coisas pude observar, embora não perdurassem em minha mente. Insinuando-se lenta e inexoravelmente em minha consciência e sobrepondo-se a qualquer outra impressão, veio um medo estonteante do desconhecido, um medo ainda maior porque eu não conseguia interpretá-lo, parecendo aludir a uma ameaça que se aproximava furtivamente; não a morte e sim alguma coisa inaudita e inominável, indizivelmente mais terrível e abominável.

Percebi, naquele instante, que o símbolo direto e excitante de meu medo era a odiosa palpitação cujas reverberações incessantes trepidavam loucamente em meu cérebro exausto. Parecia vir de um ponto fora e abaixo da construção em que eu estava, e associar-se às mais apavorantes imagens mentais. Senti que uma visão ou objeto horrível espreitava por trás das paredes atapetadas e evitei olhar através das janelas de gelosia arqueadas que se abriam desconcertantemente para todos os lados. Notando a existência de persianas nas janelas, fechei-as todas, evitando olhar para fora ao fazê-lo. Então, encontrando uma pederneira e um ponteiro de aço em uma das mesinhas, acendi as muitas velas colocadas em arandelas ornamentadas de arabescos afixadas nas paredes. A sensação de segurança provocada pelas persianas fechadas e a luz artificial apaziguaram um pouco meus nervos, mas não consegui extinguir a monótona pulsação. Agora que estava mais calmo, o som se tornou tão fascinante quanto assustador, e senti um desejo contraditório de buscar sua origem, apesar do pavor que ainda me dominava. Correndo a cortina

que vedava uma passagem no lado da sala mais próximo da pulsação, avistei um pequeno corredor ricamente drapejado dando para uma porta entalhada e uma grande janela de sacada. Para essa janela fui irresistivelmente atraído, embora minhas indefinidas apreensões parecessem igualmente inclinadas a reter-me. Ao me aproximar dela, pude ver um caótico turbilhão de águas à distância. Depois, ao atingi-la e olhar para todos os lados, o panorama estupendo que me cercava empolgou-me com uma força total e avassaladora.

Avistei uma paisagem como jamais antes vira e que nenhum vivente jamais terá visto exceto no delírio da febre ou no inferno do ópio. A construção estava erguida numa estreita ponta de terra — ou o que era então uma estreita ponta de terra — trezentos pés acima do que posteriormente deve ter sido um fervilhante turbilhão de águas ensandecidas. Pelos lados da casa descia um penhasco de terra vermelha recentemente escavado pelas águas, enquanto à minha frente as ondas terríveis ainda rolavam assustadoramente, corroendo a terra com pavorosa monotonia e deliberação. A uma milha ou mais de distância, erguiam-se e desabavam vagas ameaçadoras com pelo menos cinquenta pés de altura, e no horizonte distante, fantasmagóricas nuvens negras com perfis grotescos pairavam e espreitavam como macabros abutres. As ondas eram escuras e purpúreas, quase negras, e arrancavam a copiosa lama vermelha do barranco como que com ávidas mãos toscas. Eu não podia deixar de sentir que algum maléfico intelecto marinho declarara uma guerra de extermínio contra todo o chão sólido, incitado, talvez, pelo furor do céu.

Recobrando-me final mente do estupor em que este espetáculo sobrenatural me atirara, percebi que meu perigo físico real era agudo. Enquanto olhava, o barranco havia perdido muitos pés e não demoraria muito para a casa minada ser engolfada pelo pavoroso abismo das fustigantes vagas. Corri então para o lado oposto do edifício e encontrando uma porta, saí imediatamente, trancando-a em seguida com uma curiosa chave que encontrara do lado de dentro. Agora podia enxergar uma porção maior da estranha região onde estava, e observei uma singular divisão que parecia existir no hostil oceano e no firmamento. Em cada lado do saliente promontório, imperavam condições diferentes. À minha esquerda, quando virado de frente para a terra, havia um mar ondeando suavemente com grandes vagas verdes rolando pacificamente sob

um sol resplandecente. Alguma coisa na natureza e na posição desse sol me provocou arrepios, mas não soube dizer então, nem o sei hoje, do que se tratava. A minha direita, estava também o mar, mas era azul e calmo e apenas ondulava suavemente, enquanto o céu acima era mais escuro e na praia por ele banhada a alvura predominava sobre o vermelho.

Desviei então a atenção para a terra e tive uma nova surpresa, pois a vegetação não se parecia com nada que eu tivesse visto ou de que tivesse ouvido falar. Era aparentemente tropical ou, pelo menos, subtropical — uma conclusão derivada do intenso calor reinante. Pensei, por um momento, poder identificar estranhas analogias com a flora de minha terra natal, mas as gigantescas e onipresentes palmeiras eram totalmente estranhas. A casa que eu acabara de deixar era muito pequena — pouco mais que uma choupana —, mas seu material era evidentemente o mármore, e sua arquitetura era estranha e mesclada, uma singular combinação de formas orientais e ocidentais. Nos cantos, tinha colunas coríntias, mas o telhado de telhas vermelhas se assemelhava ao de um pagode chinês. Da porta que dava para o continente, estendia-se um caminho de areia singularmente branca, com cerca de quatro pés de largura e orlado por imponentes palmeiras, arbustos e plantas florescentes não identificadas. Ele avançava para o lado do promontório onde o mar era azul e a margem mais clara. Senti-me impelido a fugir por esse caminho, como se perseguido por algum espírito maligno do fustigante oceano. No começo, ele ascendia ligeiramente, mas logo alcancei seu cume suave. Olhando para trás, avistei a cena que havia deixado, a ponta inteira com a casinha e a água escura, com o mar verde de um lado e o mar azul do outro, e uma maldição inominada e inominável descendo sobre tudo. Nunca mais a vi, e frequentemente fico imaginando... Depois desse último olhar, avancei decididamente examinando o panorama do interior à minha frente.

O caminho, como indiquei, corria ao longo da praia à direita de quem avançasse para o interior. À frente e à esquerda, avistava agora um vale deslumbrante com milhares de acres e coberto com uma plantação ondulante de capim tropical que se alteava acima de minha cabeça. Quase no limite da visão, havia uma colossal palmeira que parecia me fascinar e atrair. A essa altura, o assombro e a fuga da ameaçada península haviam dissipado boa parte de meu medo, mas quando parei e desabei,

fatigado, no caminho mergulhando inconscientemente as mãos na cálida areia clara e dourada, fui tomado por nova e aguda sensação de perigo. Algum terror no sibilante capinzal parecia se somar àquele mar diabolicamente fustigante, e comecei a gritar alto e incoerentemente: “Tigre? Tigre? É Tigre? Fera? Fera? É de uma Fera que estou com medo?” Minha mente viajou por uma antiga e clássica história de tigres que eu lera; esforcei-me para recordar seu autor, mas tinha dificuldade. Então, em meio ao pavor, lembrei-me de que a narrativa era de Rudyard Kipling, sem que o grotesco de julgá-lo um autor antigo me ocorresse. Gostaria de ter o livro contendo essa história e quase saía para a condenada casinha para procurá-lo quando meu bom senso e a atração da palmeira me impediram.

Se teria ou não resistido ao apelo para voltar sem o fascínio impeditivo da imensa palmeira, isso não sei. Essa atração agora se impunha e saía do caminho me arrastando de gatinhas pela encosta do vale, apesar de meu temor do capinzal e das serpentes que poderia ocultar. Resolvi lutar pela vida e a razão até onde me fosse possível contra todas as ameaças de mar e de terra, embora às vezes temesse a derrota quando o enlouquecedor zunido do apavorante capinzal se somava ao ainda audível e irritante fustigar das ondas distantes. Eu parava amiúde tapando as orelhas com as mãos em busca de alívio, sem nunca conseguir calar inteiramente o hediondo ruído. Levou um tempo infinito, me pareceu, arrastar-me para a atraente palmeira e me deitar silencioso debaixo de sua sombra protetora.

Seguiu-se então uma série de incidentes que me transportaram a extremos opostos de êxtase e horror, incidentes que estremeço só de lembrar e não ousa tentar decifrar. Mal havia me arrastado para baixo da folhagem pendente da palmeira, tombou de seus ramos uma criança de uma beleza tal como eu nunca antes vira. Embora estivesse suja e maltrapilha, essa criatura trazia as feições de um fauno ou semideus, e parecia quase difundir uma radiância sob a densa sombra da árvore. Ela sorriu e estendeu a mão, mas antes que eu pudesse me erguer e falar, ouvi no ar superior o estranho cantarolar, notas graves e agudas fundindo-se com uma sublime e etérea harmonia. O sol, a esta altura, havia se posto no horizonte, e avistei, à luz do crepúsculo, uma auréola de luz bruxuleante rodeando a cabeça da criança. Então, com voz argentina, ela se diri-

giu a mim: “É o fim. Eles desceram pelo crepúsculo, das estrelas. Agora tudo acabou, e além das correntes Arinurianas, iremos viver em bem-aventurança, em Teloe”. Enquanto a criança falava, avistei uma doce radiância através das folhas da palmeira, e dela saiu um acolhedor casal que logo identifiquei como os principais cantores entre os que eu escutava. Um deus e uma deusa eles deviam ser, pois não era mortal a sua beleza, e pegando minhas mãos, disseram: “Vem, criança, ouviste as vozes e está tudo bem. Em Teloe, além da Via Láctea e das correntes Arinurianas, há cidades inteiras de âmbar e calcedônia. E sobre suas multifacetadas cúpulas fulgem as imagens de estranhas e belas estrelas. Sob as pontes de marfim de Teloe escoam rios de ouro líquido levando barcas de delícias para a florescente Cytharion dos Sete Sóis. E em Teloe e Cytharion habitam apenas a juventude, a beleza e o prazer, sem que se ouça qualquer som exceto o riso, canções e o alaúde. Somente os deuses moram na Teloe dos rios dourados, mas entre eles tu viverás”.

Enquanto escutava, encantado, notei uma repentina alteração próxima a mim. A palmeira, que lançava sua sombra sobre minha forma exausta, estava agora há alguma distância à minha esquerda e consideravelmente abaixo de mim. Eu estava evidentemente flutuando na atmosfera, tendo como companhia não só a estranha criança e o radiante casal, mas uma multidão crescente de mancebos e donzelas semiluminosos e coroados de grinaldas com os cabelos agitados ao vento e semblantes jubilosos. Lentamente nos elevamos como que levados por uma fragrante brisa que soprava não da terra, mas das douradas nebulosas, e a criança sussurrava em meu ouvido que eu devia olhar sempre para cima, para os caminhos de luz, e nunca para baixo, para o globo que eu acabara de deixar. Os mancebos e donzelas entoavam agora melífluos coriambos acompanhados por alaúdes, e senti-me envolvido por uma paz e felicidade mais profundas do que jamais imaginara em minha vida, quando a intromissão de um único som alterou meu destino e dilacerou minha alma. Através das arrebatadoras melodias dos cantores e alaudistas, vibrou dos abismos inferiores o zombeteiro, o diabólico martelar daquele odioso oceano. Quando aquelas vagas sombrias martelaram sua mensagem em meus ouvidos, esqueci as palavras da criança e olhei para baixo, para o cenário maldito do qual pensava ter escapado.

Lá em baixo, através do éter, vi a amaldiçoada terra lentamente girando, girando sempre, com furiosos e tempestuosos mares devorando selvagens praias desoladas e atirando espuma contra as cambaleantes torres de cidades desertas. E sob uma apavorante lua brilhavam visões que jamais poderei descrever, visões que jamais poderei esquecer; desertos de lama sepulcral e selvas de ruína e decadência onde antes se estendiam as populosas planícies e aldeias de minha terra natal, e sorvedouros de espumante oceano onde antes se erguiam os imponentes templos de meus ancestrais. Em torno do pólo setentrional, fervia um pântano de vegetação fétida e vapores miasmáticos, sibilando diante do massacre das vagas sempre crescentes que se enrodilhavam e fustigavam emergindo de arrepiantes profundezas. Um dilacerante estampido rompeu então a noite e cruzando o deserto dos desertos emergiu um rochedo fumegante. O negro oceano ainda espumava e arremetia, engolindo o deserto de todos os lados à medida em que o rochedo, em seu centro, alargava-se cada vez mais.

Já não havia nenhuma terra exceto o deserto, e o fumegante oceano engolia e engolia. Cheguei a pensar, por um instante, que o fustigante oceano parecia assustado com algo, com medo dos deuses obscuros da terra interior que são mais poderosos que o cruel deus das águas, mas mesmo que assim fosse, ele não poderia recuar, e o deserto havia sofrido demais com aquelas ondas titânicas para poder agora ajudá-las. E assim o oceano engoliu o resto da terra e escoou para o abismo fumegante, desistindo de tudo que conquistara. Das terras recém-inundadas ele escoou novamente, desvendando a morte e a ruína; e de seu leito antigo e imemorial ele escoou repugnantemente, desvendando segredos tenebrosos dos anos em que o Tempo era jovem e os deuses não eram nascidos. Sobre as ondas ergueram-se cúpulas conhecidas cobertas de ervas daninhas. A lua lançava pálidos clarões sobre a extinta Londres, e Paris erguia-se de seu úmido sepulcro para ser santificada pela poeira estelar. Depois surgiram cúpulas e monólitos cobertos de ervas, mas não reconhecidos, terríveis cúpulas e monólitos de terras que os homens nunca souberam que fossem terras.

Já não havia nenhum martelar agora, apenas o bramido e zumbidos sobrenaturais de águas se chocando contra o rochedo. A fumaça daquele rochedo se transformara em vapor, ocultando progressivamente o mun-

do à medida que se adensava. Ela ressecou minhas mãos e meu rosto, e, quando olhei para ver como afetava meus companheiros, descobri que haviam todos desaparecido. Então, abruptamente, terminou, e não soube mais nada até acordar sobre um leito de convalescença. Quando a nuvem de vapor do abismo plutônico finalmente ocultou toda a superfície de minha visão, o firmamento inteiro uivou em súbita agonia com loucas reverberações que abalaram o tremente éter. Isso se deu com um lampejo e explosão delirantes, um cegante, ensurdecador holocausto de fogo, fumaça e trovão que dissolveu a pálida lua ao se lançar para fora do vazio.

E, quando a fumaça clareou e procurei olhar para a Terra, avistei apenas contra o fundo de frias estrelas caprichosas, o sol poente e os pálidos lamurientos planetas em busca de sua irmã.



A Colina

com Zealia Bishop

∴

The Mound^[1] (1929)
Weird Tales (nov. 1940)

Esta sombria novela é a mais longa e possivelmente o melhor trabalho de revisão de Lovecraft. Sua trama lembra o popular romance clássico de Lord Edward Bulwer-Lytton, *The Coming Race*, que Lovecraft certamente leu e que *pode* ter sido parte de sua inspiração.

Os leitores mais experientes de Lovecraft também detectarão mais do que um pouco de semelhança entre “A colina” e “O sussurro nas trevas”, qual Lovecraft escreveu alguns meses depois.

É difícil saber exatamente o quanto da história era de Zealia Bishop e quanto de Lovecraft; mas é provavelmente seguro assumir que é em grande parte dele. Lovecraft escreveu, em uma carta a Robert H. Barlow, que Bishop apenas lhe contou uma lenda de uma colina indiana assombrada por um fantasma sem cabeça, qual às vezes é uma mulher. Mas isso não pode ter sido tudo, porque ele continuou dizendo que achou a história dela “insuportavelmente mansa e maçante”; para que isso fizesse sentido, teria que haver uma história real, não apenas o germe de uma ideia.

No entanto, a execução possui toda a clássica de Lovecraft — embora, como em todas as suas colaborações, Lovecraft não tenha aplicado o mesmo nível de polimento na “A colina” do que nas histórias que continham seu nome.

Infelizmente, quando Bishop submeteu “A colina” a Farnsworth Wright, editor da *Weird Tales*, logo foi rejeitada — Wright disse era grande demais para ser publicada de uma só vez, mas não o bastante que não pudesse ser serializado. A verdadeira razão para a rejeição da história pode ter sido financeira, pois seu tamanho significaria um alto preço e a Grande Depressão estava atingindo a revista com força naquele momento.



Foi apenas nos últimos anos que a maioria das pessoas deixou de pensar no oeste como uma nova região. Suponho que a ideia ganhou força porque nossa própria civilização é recente. Mas, hoje em dia, os arqueólogos estão escavando além da superfície e trazendo à tona capítulos inteiros de existências que se ergueram e caíram entre estes planaltos e montanhas antes da história começar. Nós nada pensamos sobre uma vila *pueblo* de 2500 anos, e dificilmente nos choca quando arqueólogos situam a cultura subpedregal do México por volta de 17.000 ou 18.000 a.C. Também ouvimos rumores de coisas ainda mais antigas, de homens primitivos, contemporâneos de animais extintos, e conhecidos, hoje, apenas por meio de alguns ossos fragmentados e artefatos. Portanto, a ideia de ser algo novo está desaparecendo bem rápido. Os europeus, geralmente, capturam, melhor do que nós, o senso de tempo de antiguidade imemorável e jazidas profundas dos sucessivos fluxos da vida. Apenas há alguns anos, um autor britânico falou do Arizona como uma “região de lua turva, uma antiga terra solitária, severa e velha”.

Ainda assim, acredito que tenho um senso mais profundo da estupefaciente, quase terrível, antiguidade do oeste do que qualquer europeu. Tudo veio de um incidente que aconteceu em 1928, um incidente que eu gostaria muito de descartar como alucinação, mas que deixou uma impressão tão assustadora na minha memória que não posso deixá-la de la-

do muito facilmente. Foi em Oklahoma, aonde meu trabalho como etnólogo de índios americanos constantemente me leva, e onde encontrei alguns assuntos demonicamente estranhos e desconcertantes. Não se engane: Oklahoma é muito mais que mera fronteira de pioneiros e fomentadores. Há uma antiga tribo com antigas memórias lá; e quando os tambores batem incessantemente sobre as planícies contemplativas do outono, os espíritos dos homens são trazidos perigosamente perto de coisas primais, sussurradas. Eu mesmo sou branco e procedente do leste, mas qualquer um é bem-vindo a participar dos ritos de Yig, pai das serpentes, que, a qualquer hora, podem me causar um arrepio de verdade. Eu ouvi e vi demais para ser “sofisticado” em tais assuntos. E assim foi com esse incidente de 1928. Gostaria de poder rir a respeito, mas eu não consigo.

Fui a Oklahoma para encontrar e correlacionar uma das muitas histórias de fantasmas que eram recorrentes entre os colonizadores brancos, mas que tinham fortes traços e, eu tinha certeza, uma sólida origem indígena. Eram muito curiosas essas histórias de fantasmas ao ar livre e, apesar de soarem insípidas e prosaicas na boca das pessoas brancas, tinham relação com algumas das mais ricas e obscuras fases da mitologia nativa. Todas estavam disseminadas em torno das vastas colinas de aparência artificial na parte oeste do estado, e todas envolviam aparições de aspecto extremamente estranho.

A mais comum, e entre as mais antigas, se tornou bem famosa em 1892, quando um delegado do governo chamado John Willis foi à região da colina atrás de ladrões de cavalos e voltou com uma história desvairada sobre tropas noturnas de cavalos no ar entre grandes exércitos de espectros invisíveis. Batalhas que envolviam o barulho de cascos e pés, o estrondear de golpes, o estrépito de metal no metal, o grito silencioso de guerreiros e a queda de corpos humanos e equinos. Essas coisas ocorreram ao luar e assustaram tanto seu cavalo quanto ele próprio. Os sons persistiram por cerca de uma hora, nítido, mas amortecido, como se trazido de muito longe pelo vento, e desacompanhado de qualquer vislumbre dos exércitos propriamente ditos. Mais tarde, Willis aprendeu que a região dos sons era um lugar notoriamente assombrado, evitado tanto por colonizadores quanto por índios. Muitos viram, ou entreviram, os bélicos cavaleiros no céu, e forneceram descrições vagas e ambíguas. Os

colonizadores descreveram os guerreiros fantasmagóricos como índios, apesar de não serem de nenhuma tribo conhecida, e possuindo as vestimentas e armas mais incomuns. Eles, inclusive, chegaram ao ponto de dizer que não poderiam ter certeza de que os cavalos eram mesmo cavalos.

Os índios, por outro lado, não pareciam identificar os espectros como seu povo, e se referiam a eles como “aquelas pessoas”, “as pessoas antigas”, ou “aqueles que habitam abaixo”, e aparentavam considerá-los objetos de uma veneração amedrontada muito grande para falar a respeito. Nenhum etnologista foi capaz de obter de um contador de histórias uma descrição específica dos seres e, aparentemente, ninguém jamais os tinha visto muito claramente. Os índios tinham um ou dois provérbios sobre esses fenômenos, dizendo que “homens muitos antigos, tornam-se espíritos muito grandes, não tão antigos, não tão grandes, mais antigos que todo o tempo, então o espírito é tão grande que se aproxima da carne, aquelas pessoas antigas e os espíritos misturavam-se, tornaram-se todos os mesmos”.

Agora, tudo isto é coisa conhecida para um etnologista, uma parte com as persistentes lendas de ricas cidades escondidas e lugares enterrados que abundavam entre o *pueblo* e os índios da planície, e que atraiu Coronado, séculos atrás, em sua vã busca pela lendária Quivira.^[2]

O que me levou ao oeste de Oklahoma foi algo muito mais definido e tangível. Uma história local e distinta que, apesar de muito antiga, era totalmente nova para o mundo da pesquisa, e que envolvia a primeira descrição clara dos fantasmas dos quais tratava. Havia uma empolgação adicional no fato de que veio da remota cidade de Binger, no condado de Caddo, um lugar que há muito eu conhecia como o cenário de uma terrível e parcialmente inexplicável ocorrência ligada ao mito do deus serpente.

A história, aparentemente, era bastante ingênua e simples, e centrada numa grande colina solitária, ou pequeno monte, que se elevava sobre a planície, cerca de meio quilômetro a oeste da vila. Uma colina que alguns acreditavam ser produto da natureza, mas que outros acreditavam ser um lugar de enterros ou um estrado cerimonial construído por tribos pré-históricas. Essa colina, os aldeões diziam, era constantemente assombrada por duas figuras indígenas que apareciam alternativamente:

um homem velho que caminhava para frente e para trás ao longo do topo, da alvorada até o anoitecer, independente do tempo e com apenas breves intervalos de desaparecimento; e uma índia que tomava seu lugar à noite com uma tocha de chamas azuladas que luzia fracamente de forma contínua até o amanhecer. Quando a lua estava brilhante, a figura peculiar da índia podia ser vista claramente; e metade dos aldeões concordou que a aparição não tinha cabeça.

A opinião local estava dividida quanto às razões e à relativa fantasmagoria das duas visões. Alguns defendiam que o homem não era um fantasma, mas um índio vivo que havia matado e decapitado a índia pelo ouro e enterrado em algum lugar da colina. De acordo com esses teóricos, ele estava andando pelo cume por puro remorso, aprisionado ao espírito de sua vítima que assumia uma forma visível após anoitecer. Mas outros teóricos, mais informados nas suas crenças espectrais, defendiam que tanto o homem quanto a mulher eram fantasmas, o homem tendo matado a índia e a si mesmo em alguma época distante. Essas e versões menores pareciam ser recorrentes desde a colonização do território de Wichita, em 1889, e eram, me foi dito, mantidas em grau surpreendente pelos fenômenos ainda existentes, que qualquer um podia observar por si mesmo. Muitos contos de fantasmas não oferecem uma prova tão evidente, e eu estava ansioso para ver que maravilhas bizarras poderiam espreitar nessa pequena vila obscura tão longe do caminho percorrido pelas multidões e do implacável holofote do conhecimento científico. Assim, no verão de 1928, peguei um trem para Binger e ponderei sobre estranhos mistérios enquanto os vagões chacoalhavam timidamente ao longo da única linha por uma paisagem cada vez mais solitária.

Binger é um agrupamento modesto de casas de madeira e lojas no meio de uma região plana, batida pelos ventos e cheia de nuvens de poeira vermelha. Há cerca de quinhentos habitantes, além dos índios numa reserva vizinha, e a principal atividade aparenta ser a agricultura. O solo é razoavelmente fértil, e a indústria petrolífera ainda não alcançou essa parte do estado. Meu trem chegou ao entardecer e me senti um tanto perdido e apreensivo, desprendido de tudo e das coisas do dia a dia, quando o vi seguir para sul sem mim. A plataforma da estação estava cheia de vadios curiosos, e todos pareciam ansiosos em me guiar quando perguntei pelo homem para quem eu portava uma carta de apresentação.

Fui levado por uma rua principal cuja superfície esburacada era vermelha como o solo de arenito da região e, finalmente, fui entregue à porta do meu anfitrião. Aqueles que me arranjaram as coisas fizeram bem, pois o senhor Compton era um homem de grande inteligência e com responsabilidades locais, enquanto sua mãe, que vivia com ele e era popularmente conhecida como “vovó Compton”, era uma das primeiras da geração pioneira, e uma verdadeira mina de histórias e do folclore local.

Naquela noite, os Comptons resumiram para mim todas as lendas comuns entre os habitantes, provando que o fenômeno que eu ia estudar era de fato importante e desconcertante. Os fantasmas, aparentemente, eram aceitos quase como normalidade por todos em Binger. Duas gerações nasceram e cresceram nas proximidades daquele estranho túmulo solitário e suas figuras incansáveis. A vizinhança da colina era, naturalmente, temida e evitada, tanto que a vila e as fazendas não avançaram em sua direção nas quatro décadas de colonização. Mesmo assim, indivíduos aventureiros inúmeras vezes a visitaram. Alguns retornaram para relatar que não viram nenhum fantasma quando se aproximaram da temível colina e que, de alguma forma, o sentinela solitário saiu de vista antes que alcançassem o local, deixando-os livres para subir a ladeira íngreme e explorar o cume plano. “Não há nada lá em cima”, disseram, “apenas uma vegetação rasteira irregular.” Para onde o sentinela índio teria desaparecido, eles não tinham ideia. Ele devia, refletiram, ter descido a ladeira e, de alguma forma, conseguiu escapar pela planície, apesar de não haver nenhum esconderijo adequado à vista. De qualquer modo, não aparentava haver nenhuma abertura para dentro da colina, segundo a conclusão a que se chegou após considerável exploração das moitas de arbustos e da grama alta por todos os lados. Em alguns casos, alguns dos pesquisadores mais impressionáveis declararam que sentiram um tipo de presença invisível, opressora, mas não conseguiam descrever nada mais definitivo do que isso. Era, simplesmente, como se o ar se levantasse contra eles na direção em que desejavam se movimentar. Desnecessário mencionar que todas essas pesquisas ousadas foram conduzidas durante o dia. Nada no universo poderia ter induzido qualquer ser humano, branco ou índio, a se aproximar naquela elevação sinistra após o anoite-

cer, e, de fato, nenhum índio pensaria em chegar perto mesmo no dia mais claro.

Mas não foi das histórias desses investigadores sensatos que o terror principal da colina fantasma brotou. De fato, se a experiência deles fosse típica, a magnitude do fenômeno teria sido bem menos proeminente nas lendas locais. O mais maligno era o fato de que muitos outros investigadores retornaram estranhamente debilitados de mente e corpo, ou sequer retornaram. O primeiro desses casos ocorreu em 1891, quando um jovem chamado Heaton saiu com uma pá para ver que segredos ocultos poderia desenterrar. Ele ouviu histórias curiosas dos índios e riu do relato enfadonho de outro jovem que esteve na colina e não encontrou nada. Heaton observava a colina com uma luneta enquanto o outro jovem fazia sua viagem, e à medida que o explorador se aproximava do local, Heaton viu o sentinela índio caminhar deliberadamente para dentro do túmulo como se houvesse um alçapão e uma escadaria no topo. O outro jovem não percebeu como o índio desapareceu, apenas constatou que ele não mais estava lá ao chegar à colina.

Quando Heaton fez sua própria viagem, decidiu desvendar o mistério, e os observadores, na vila, viram-no escavando diligentemente nas moitas de arbustos no topo da colina. Então, viram sua figura se dissolver lentamente na invisibilidade, não reaparecendo por longas horas, até depois do anoitecer, quando a tocha da mulher índia sem cabeça já brilhava macabra na elevação distante. Cerca de duas horas após o anoitecer, ele cambaleou até a vila sem a pá e outros pertences e irrompeu, aos gritos, num monólogo de delírios desconexos. Berrou a respeito de abismos aterrorizantes e monstros, de terríveis baixos-relevos e estátuas, e captores inumanos e torturas grotescas, e outras anormalidades fantásticas muito complexas e terríveis até para serem lembradas.

— Velho! Velho! Velho! — Ele gemia continuamente, — Meu Deus, eles são mais velhos do que a Terra, vieram de outro lugar... Eles sabem o que você pensa, fazem você saber o que eles pensam... Eles são meio-homens, meio-fantasmas... cruzaram a linha... dissolvem-se e tomam forma de novo... chegando mais e mais, e nós somos todos descendentes deles... filhos de Tulu... tudo feito de ouro... animais monstruosos, metade humanos... escravos mortos... loucura... Iä! Shub-Niggurath!... *aquele homem branco... Oh, meu Deus, o que fizeram com ele!*

Heaton foi o maluco da vila por cerca de oito anos, depois morreu de ataque epilético. Desde sua provação, houve mais dois casos de loucura da montanha e um total de oito desaparecimentos. Imediatamente após o retorno do ensandecido Heaton, três homens, desesperados e determinados, foram à colina solitária fortemente armados e com pás e picaretas. Os habitantes que os observavam viram o fantasma indígena se dissolver à medida que os exploradores se aproximavam e, depois, viram os homens subirem a colina e começarem a vasculhar a vegetação rasteira. Todos, de uma vez, desvaneceram e nunca foram vistos novamente. Um observador, com uma luneta particularmente potente, pensou ter visto outras formas materializarem-se vagamente ao lado dos pobres coitados e arrastá-los para dentro da colina, mas esse relato permanece não corroborado. É desnecessário dizer que nenhum grupo de busca saiu atrás dos desaparecidos e que, por muitos anos, a colina foi completamente abandonada. Apenas quando os incidentes de 1891 foram totalmente esquecidos alguém ousou pensar em mais explorações. Então, por volta de 1910, um camarada muito jovem para se lembrar dos antigos horrores fez uma viagem ao local proibido e não encontrou nada.

Por volta de 1915, o pavor e as lendas extravagantes de 1891 haviam mergulhado no lugar comum das histórias pouco imaginativas de fantasmas que ainda hoje sobrevivem, isto é, desapareceu da memória das pessoas brancas. Na reserva próxima, havia velhos índios que pensavam muito e tinham suas próprias opiniões. Nessa época, uma segunda onda de curiosidade ativa e de aventuras desenvolveu-se, e muitos pesquisadores ousados fizeram a viagem para a colina e retornaram. Então, veio a viagem de dois visitantes europeus com pás e outras aparelhagens, uma dupla de arqueólogos amadores ligados a uma pequena faculdade que estavam realizando estudos entre os índios. Ninguém da vila acompanhou a viagem deles, e eles nunca retornaram. O grupo de busca que foi atrás dos dois, no qual estava meu anfitrião Clyde Compton, não encontrou nada de errado na colina.

A viagem seguinte foi a solitária aventura do velho capitão Lawton, um pioneiro grisalho que ajudou a desbravar a região em 1889, mas que nunca estivera lá desde então. Ele se lembrava da colina e de sua fascinação ao longo de todos aqueles anos e, estando agora numa confortável aposentadoria, decidiu tentar desvendar o antigo mistério. A longa inti-

midade com o mito indígena lhe deu ideias mais estranhas do que aquelas dos simples habitantes, e ele fez preparativos para uma exploração extensiva. Ele subiu a colina na manhã de terça-feira, 11 de maio de 1916, observado pelas lunetas de cerca de vinte pessoas na vila e na planície adjacente. Seu desaparecimento foi muito repentino e ocorreu quando ele estava cortando os arbustos com uma roçadeira. Ninguém poderia dizer mais do que isso: ele estava lá num momento e ausente no outro. Por cerca de uma semana, nenhuma notícia dele chegou a Binger. Então, no meio da noite, uma coisa sobre a qual ainda há discussão arrastou-se até a vila.

Dizia-se que era, ou ainda é, o capitão Lawton, mas, definitivamente, mais jovem, cerca de quarenta anos, do que o velho que subiu a colina. Seu cabelo era negro como o azeviche, e seu rosto, distorcido por um espanto inominável, estava livre de rugas. Mas, para a vovó Compton, ele lembrava, estranhamente, a aparência que o capitão tinha em 1889. Seus pés foram cortados habilmente nos tornozelos, e os membros amputados cicatrizaram de uma forma quase inacreditável, se o ser fosse realmente o homem que caminhava ereto uma semana antes. Ele balbuciava coisas incompreensíveis, e repetia o nome “George Lawton, George E. Lawton” como se tentasse certificar-se de sua própria identidade. As coisas que ele balbuciava, segundo vovó Compton, eram curiosamente parecidas com as alucinações do pobre jovem Heaton em 1891, apesar de haver pequenas diferenças.

— A luz azul! A luz azul!... — murmurava a coisa, — sempre lá embaixo, antes de haver qualquer coisa viva... mais velhos do que os dinossauros... sempre o mesmo, apenas enfraquecido... nunca morto... reproduzindo e reproduzindo e reproduzindo... as mesmas pessoas, metade homem e metade gás... oh, aquelas bestas, aqueles unicórnios metade humanos... casas e cidades de ouro... antigo, antigo, antigo, mais antigo que o tempo... veio das estrelas... Grande Tulu... Azathoth... Nyarlathotep... esperando, esperando...

A coisa morreu antes do amanhecer.

Claro que houve uma investigação, e os índios na reserva foram atormentados impiedosamente. Mas eles nada sabiam, e não tinham nada a dizer. Ao menos, nenhum deles tinha nada a dizer exceto o velho Águia Cinzenta, um chefe wichita com mais de um século de idade, o

que o colocava acima dos medos mundanos. Só ele condescendeu em resmungar um conselho:

— Você deixe estar, homem branco. Não prestar, essa gente. Todos aqui embaixo, todos lá embaixo, os grandes antigos. Yig, grande pai das serpentes, ele lá. Yig é Yig. Tiráwa, grande pai do homem, ele lá. Tiráwa é Tiráwa. Não morre. Não fica velho. Sempre mesmo, como ar. Apenas vive e aguarda. Uma vez eles vir aqui, viver e lutar. Construir tenda de terra. Trazer ouro, eles ter muito. Sair e fazer novos alojamentos. Eu eles. Você eles. Então grandes águas vir. Tudo mudar. Ninguém sai, deixar ninguém sair. Entrar, sem saída. Você deixe estar, você não tem má sorte. Pele-vermelha sabe, ele não conseguir pegar. Homem branco intrrometer-se, ele não voltar. Fique longe das pequenas colinas. Não presta. Águia Cinzenta diz isso.

Se Joe Norton e Rance Wheelock tivessem ouvido o conselho do velho chefe, provavelmente estariam aqui hoje, mas não o ouviram. Eram grandes leitores e materialistas, e não temiam nada no céu ou na terra, e pensavam que algum demônio indígena tinha esconderijo dentro da colina. Eles lá estiveram antes e, agora, foram de novo para vingar o capitão Lawton, alardeando que o fariam mesmo se tivessem que destruir toda a colina. Clyde Compton os observou com um binóculo e os viu em volta da base da sinistra colina. Evidentemente, pretendiam inspecionar o território de forma gradual e minuciosa. Minutos se passaram e eles não reapareceram. Também nunca mais foram vistos.

Mais uma vez, a colina era objeto de pânico aterrorizante, e apenas a agitação da Grande Guerra pôde confiná-la ao folclore de Binger. Não foi visitada de 1916 a 1919, e assim teria permanecido não fosse a ousadia de alguns jovens de volta do serviço militar na França. De 1919 a 1920, no entanto, houve verdadeira epidemia de visitas à colina entre os prematuramente endurecidos jovens veteranos. Uma epidemia que aumentou à medida que um jovem após o outro retornava ileso e insolente. Por volta de 1920 — tão curta é a memória humana — a colina era quase uma piada, e a história monótona da mulher índia assassinada começou a tomar o lugar dos sussurros sombrios nas línguas de todos. Então, dois jovens e imprudentes irmãos — os especialmente sem imaginação e durões garotos Clay — decidiram ir e desencavar a índia enterrada e o ouro pelo qual o velho índio a havia assassinado.

Eles foram numa tarde de setembro, por volta da época em que os tambores indígenas começavam suas incessantes batidas anuais sobre as planícies cobertas com uma poeira vermelha. Ninguém os observou e, por várias horas, seus pais não ficaram preocupados com o desaparecimento. Em seguida, veio o temor e um grupo de busca, e mais uma resignação diante do mistério de silêncio e dúvida.

Mas um deles retornou, no final das contas. Era Ed, o mais velho, e seus cabelos e a barba cor de palha haviam se tornado de um branco al-bino. Na testa, havia uma cicatriz estranha como uma marca de hieróglifo. Três meses depois que ele e seu irmão Walker tinham desaparecido, esgueirou-se em sua casa durante a noite, vestindo nada além de uma manta estranhamente decorada, que lançou ao fogo tão logo conseguiu vestir suas próprias roupas. Disse a seus pais que ele e Walker foram capturados por alguns índios estranhos — não os wichitas ou os caddos — e mantidos prisioneiros em algum lugar na direção do oeste. Walker morrera sob tortura, mas ele conseguiu escapar a muito custo. A experiência fora tão particularmente terrível que ele não poderia falar naquele momento. Ele precisava descansar e, de qualquer forma, não adiantaria nada dar o alarme e tentar encontrar e punir os índios. Eles não eram do tipo que poderiam ser capturados ou punidos e, especialmente para o bem de Binger e do mundo, não deveriam ser perseguidos até seu covil secreto. De fato, não eram o que alguém poderia chamar de índios, ele disse que explicaria depois. Nesse meio tempo, devia descansar. Melhor não despertar a vila com as notícias de seu retorno; ele ia dormir. Antes de subir as escadas até seu quarto, ele pegou um bloco e lápis da mesa da sala de estar, e uma pistola automática na gaveta da escrivaninha de seu pai.

Três horas mais tarde, o tiro foi disparado. Ed Clay enfiou uma bala na têmpora com a pistola na mão esquerda, deixando uma folha de papel sobre a mesa perto da cama. Mais tarde, constatou-se, a partir do toco de lápis e do fogão cheio de papel carbonizado, que ele tinha, originalmente, escrito muito mais. Contudo, decidiu não contar o que sabia, deixando apenas vagos indícios. O fragmento remanescente era apenas um aviso insano rabiscado em uma curiosa caligrafia inclinada para a esquerda — os delírios de uma mente perturbada, sem qualquer dúvida,

pelo sofrimento, e com uma elocução um tanto surpreendente para alguém que sempre tinha sido frio e prosaico. Lia-se o seguinte:

Pelo amor de deus nunca se aproximem da colina faz parte de alguma espécie de mundo tão diabólico e antigo que não pode ser dito eu e Walker fomos e fomos levados até a coisa que apenas derretia às vezes e fez-se envelhecida e todo o mundo exterior é impotente ao longo do que eles podem fazer — eles que vivem eternamente jovens como eles gostam e você não pode dizer se eles são realmente homens ou apenas fantasmas — e o que eles fazem não pode ser dito e esta é apenas 1 entrada — você não pode dizer quão grande é a coisa toda — depois do que vi eu não quero viver mais França não foi nada perto disso — e ver que as pessoas sempre fiquem afastadas oh deus elas ficariam se vissem como o pobre walker ficou no final.

Sinceramente Ed Clay

Na autópsia, descobriu-se que todos os órgãos de Clay foram transpostos da direita para a esquerda de seu corpo, como se ele tivesse sido virado do avesso. Se ele sempre foi assim, ninguém saberia dizer na época, mas descobriu-se mais tarde, nos arquivos do Exército, que Ed era perfeitamente normal quando convocado em maio de 1919. Se houve um engano, ou se alguma metamorfose sem precedentes de fato ocorreu, ainda é uma questão a ser resolvida, assim como a origem da marca parecida com um hieróglifo na testa.

Esse fora o fim das explorações na colina. Nos oito anos seguintes ninguém se aproximara do local e poucos se importavam de apontar uma luneta naquela direção. De tempos em tempos, as pessoas continuavam a olhar de relance, nervosamente, a colina solitária que se erguia contra o céu do oeste, e a estremecerem com a pequena mancha escura que desfilava durante o dia e a radiância da coisa obscura que dançava à noite. A coisa era aceita pelo que era: um mistério para não ser investigado e, de comum acordo, a vila evitava o assunto. No fim das contas, fora bem fácil evitar a colina, pois o espaço era ilimitado em todas as direções, e a vida comunitária sempre seguia as trilhas batidas. O lado da vila que dava para a colina fora simplesmente mantido sem trilhas, como se fosse água ou pântano ou deserto. E é curioso observar a estupidez e esterilidade imaginativa do animal humano, que fez com que os conse-

lhós com os quais crianças e os estranhos foram advertidos para ficarem longe da colina voltassem rapidamente a ser, mais uma vez, a história já muito repetida sobre um índio homicida e sua vítima. Apenas os membros da tribo da reserva e os veteranos como vovó Compton lembravam-se das sugestões de panoramas profanos e profunda ameaça cósmica que povoavam os delírios dos que retornaram transformados e despedaçados.

Era muito tarde, e vovó Compton há muito tinha subido para a cama, quando Clyde terminou de me contar isso. Eu mal sabia o que pensar do assustador enigma. Ainda assim, rebelava-me contra qualquer indício de conflito com o materialismo sensato. Que influência trouxera a loucura ou o impulso de fugir ou de vagar para tantos que visitaram a colina? Apesar de bastante impressionado, estava estimulado em vez de dissuadido. Com certeza, eu poderia chegar ao fundo dessa questão, tanto quanto possível, se tivesse cabeça fria e determinação inquebrantável. Compton viu meu estado de espírito e balançou a cabeça, preocupado. Em seguida, ele se levantou e acenou para que o acompanhasse.

Sáímos da casa de madeira para a rua, ou viela, tranquila, e caminhamos alguns passos à luz de uma lua minguante de agosto até onde as casas eram poucas. A lua ainda estava baixa e não ocultava muitas estrelas no céu, de modo que eu podia ver não só o brilho poente de Altair e de Vega e, também, a mística cintilante da Via Láctea enquanto olhava para a vasta extensão de terra e de céu na direção que Compton apontou. Então, de repente, vi uma faísca que não era uma estrela. Uma faísca azulada que se movia e luzia fracamente contra a Via Láctea próxima ao horizonte, e que parecia, de forma vaga, mais diabólica e malévola do que qualquer coisa no céu. Noutro momento, ficou claro que a faísca tinha vindo do topo de uma longa e distante elevação na planície extensa e fracamente iluminada. Eu me virei para Compton com uma pergunta.

— Sim, — ele respondeu, — é a luz do fantasma azul, e aquela é a colina. Não houve em toda a história uma única noite em que nós não a tenhamos visto, e não há uma alma viva em Binger que sairia por essa planície em sua direção. É um mau negócio, meu jovem, e se você for sensato, a deixará como está. Melhor cancelar a sua busca, filho, e interessar-se por alguma outra lenda indígena dessas redondezas. Nós temos o bastante para mantê-lo ocupado, Deus sabe!.

II.

Mas eu não estava disposto a ouvir conselhos e, apesar de Compton ter me dado um quarto agradável, não consegui dormir nem por um um piscar de olhos, por causa da ansiedade pela manhã seguinte e de suas oportunidades para ver o fantasma do dia e de fazer perguntas aos índios na reserva. Eu pretendia examinar a coisa toda, lenta e minuciosamente, e equipar-me de todos os dados disponíveis, de brancos e peles-vermelhas, antes de começar qualquer investigação arqueológica. Ao amanhecer, levantei-me e me vesti e, quando ouvi os outros se movimentando, desci. Compton estava acendendo o fogo na cozinha enquanto a sua mãe estava ocupada na despensa. Quando ele me viu, acenou com a cabeça e, após um momento, me convidou a sair sob o deslumbrante sol da manhã. Eu sabia aonde estávamos indo e, à medida que caminhava pela viela, voltei os olhos para o oeste, em direção à planície.

Lá estava a colina, longínqua e muito peculiar no seu aspecto de regularidade artificial. Devia ter de dez a doze metros de altura e com uns noventa metros de norte a sul, conforme observava. Não era tão larga de leste a oeste, disse Compton, mas tinha o contorno de uma elipse um tanto delgada. Ele, eu sabia, tinha estado lá e retornado em segurança inúmeras vezes. Quando olhei para o contorno contra o azul profundo do oeste, tentei seguir suas pequenas irregularidades, e fiquei impressionado com a percepção de algo se movendo no topo. Minha pulsação subiu um pouco e peguei, rapidamente, o binóculo de alta potência que Compton havia me oferecido. Focando às pressas, vi, a princípio, apenas um emaranhado de vegetação rasteira na margem da colina. E, então, algo apareceu no meu campo de visão. Era, sem dúvida, uma forma humana, e eu soube, imediatamente, que estava vendo “o fantasma indígena” do dia. Não me espantei quanto à descrição, pois, certamente, o ser alto, magro, de vestimenta escura, com filetes de cabelos pretos e o rosto aquilino, cor de cobre, sem expressão e com cicatrizes parecia mais com um índio do que qualquer outra coisa que já presenciei na vida. E, ainda assim, meu olhar treinado de etnologista me disse, de imediato, que aquele não era um tipo de pele-vermelha conhecido pela história, mas uma criatura de ampla variação racial e de um nicho cultural totalmente diferente. índios modernos são braquicéfalos — de cabeça ar-

redondada — e não se encontram quaisquer dolílocos ou crânios longos, exceto em antigas jazidas de *pueblo*, que datam de 2.500 anos ou mais. Mesmo assim, a cabeça alongada desse homem era tão gritante que a reconheci de imediato, mesmo a vasta distância e no raio visual impreciso do binóculo. Vi, também, que o padrão de seu manto representava uma tradição decorativa totalmente distante de qualquer coisa reconhecível na arte nativa do sudoeste. Havia ornamentos brilhantes de metal e uma espada curta, ou arma semelhante, a seu lado, tudo forjado de um modo totalmente discrepante de qualquer coisa de que já tinha ouvido falar.

À medida que ele dava passos para frente e para trás ao longo do topo da colina, eu o segui por alguns minutos com o binóculo, observando a qualidade cinestésica de seu passo e a posição equilibrada de sua cabeça, e nasceu em mim a forte convicção de que aquele homem, quem ou o que quer que fosse, certamente *não era um selvagem*. Ele era produto da civilização. Senti isso instintivamente, apesar de não poder imaginar a qual civilização pertencia. À distância, ele desapareceu além do extremo longínquo da colina, como se descendo a ladeira oposta e fora de vista, e baixei o binóculo com uma curiosa mistura de sentimentos confusos. Compton estava olhando com curiosidade para mim, e sacudi a cabeça.

— O que você acha? — ele disse. — Isso é o que vemos aqui em Binger todos os dias das nossas vidas.

Ao meio-dia, eu estava na reserva indígena falando com o velho Águia Cinzenta que, por algum milagre, ainda estava vivo, embora tivesse perto dos cento e cinquenta anos de idade. Ele era uma figura estranha e impressionante. Esse líder destemido de seu povo — que falara com os fora-da-lei, com tratantes vestidos com pele de gamo adornada com franjas e com autoridades francesas em calções e tricórnios — pareceu gostar de mim por causa do meu ar de respeito para com ele. Sua afeição, no entanto, revestiu-se de obstinada oposição logo que descobriu o que eu desejava, pois tudo o que ele fazia era me alertar contra a busca que eu estava prestes a realizar.

— Você bom rapaz, você não incomodar aquela colina. Má sorte. Muito mal lá embaixo, cuidado quando você cavar. Sem escavação, sem dor. Vá e cave, não voltará. Só o mesmo quando eu garoto, só o mesmo

quando meu pai e seu pai garoto. O tempo todo índio ele andar de dia, índia sem cabeça, ela andar na noite. Todo o tempo desde homem branco com casacos finos eles veem ao pôr do sol e abaixo do rio grande — muitas eras atrás... quatro vezes mais do que Águia Cinzenta, duas vezes mais que franceses, tudo igual depois deles. Mais eras atrás do que isso, ninguém chegar perto das pequenas colinas ou dos vales profundos com pedras de cavernas. Ainda há mais eras, aqueles grandes antigos não se esconder, sair e construir vilas. Trazer muito ouro. Eu, eles. Você, eles. Então grandes águas vir. Tudo muda. Ninguém sair, não deixar ninguém entrar. Entrar, não sair. Eles não morrer, não ficar velho como Águia Cinzenta com vales no rosto e neve na cabeça. Apenas igual ao ar, alguns homem, alguns espírito. Má sorte. Às vezes, espírito sair à noite em metade homem, metade cavalo com chifres e lutar onde homens uma vez lutar. Ficar longe do lugar deles. Não prestar. Você bom rapaz, vá embora e deixar os grandes antigos em paz.

Isso foi tudo que consegui extrair do antigo chefe, e os outros índios não me diziam nada. Mas se eu estava perturbado, Águia Cinzenta estava mais ainda, porque, obviamente, sentia verdadeiro pesar diante da ideia de minha entrada na região que ele temia tão abjetamente. Quando me preparei para deixar a reserva, ele me parou para uma cerimônia final de despedida e, mais uma vez, tentou me fazer prometer abandonar minha busca. Quando viu que não adiantava, tirou algo de forma meio tímida de uma bolsa de camurça que usava e estendeu-o na minha direção muito solenemente. Era um disco de metal desgastado, mas finamente cunhado, de cerca de cinco centímetros de diâmetro, estranhamente desenhado e perfurado, e pendurado em um cordão de couro.

— Você não prometer, então Águia Cinzenta não pode dizer o que pegar você. Se ajudar, isso é boa sorte. Veio de meu pai, ele pegar de meu pai, ele pegar de pai dele há muito tempo, perto de Tiráwa, pai de todos os homens. Meu pai dizer, “você ficar longe daqueles grandes antigos, ficar longe daquelas pequenas colinas e vales com cavernas de pedra”. Mas se os grandes antigos vir pegar você, então você mostrar esse amuleto. Eles conhecer. Eles fizeram há muito tempo. Eles olhar, então eles não fazer maldade, talvez. Mas ninguém saber dizer. Você ficar longe, de qualquer jeito. Eles não prestar. Não saber o que eles fazer.

Enquanto falava, Águia Cinzenta estava pendurando a coisa em meu pescoço, e vi que era, de fato, um objeto muito peculiar. Quanto mais observava, mais me admirava, pois não era apenas a escura e pesada substância lustrosa, opulentamente estampada, que era um metal de todo estranho para mim. Mas o que restou de seu formato parecia ser uma maravilha artística e de um acabamento desconhecido. Em um lado, tanto quanto podia ver, havia uma serpente primorosamente desenhada; enquanto o outro representava uma espécie de polvo ou outro monstro com tentáculos. Havia, também, alguns hieróglifos semiapagados, de um tipo que nenhum arqueólogo poderia identificar ou até mesmo conjecturar a origem. Com a permissão de Águia Cinzenta, mais tarde providenciei que historiadores, antropólogos, geólogos e químicos analisassem o objeto, mas deles obtive apenas um coro de perplexidade. Desafiava tanto a classificação quanto a análise. Os químicos disseram que era um amálgama de elementos metálicos desconhecidos de grande peso atômico, e um geólogo sugeriu que a substância devia ser de origem meteórica, caída de abismos desconhecidos do espaço interestelar. Se, realmente, salvou minha vida ou sanidade ou existência como ser humano não arrisco dizer, mas Águia Cinzenta está certo disso. Ele a tem de volta agora, e me pergunto se tem alguma ligação com sua idade extraordinária. Todos os seus antepassados que viveram muito além da passagem do século, morreram apenas em batalha. Será possível que Águia Cinzenta, se mantido longe de acidentes, nunca morrerá? Mas estou me adiando na minha história.

Quando retornei à vila, tentei descobrir mais histórias sobre a colina, mas encontrei apenas fofocas exaltadas e oposição. Era lisonjeiro ver como as pessoas estavam preocupadas com minha segurança, mas tive que fazer com que calassem seus protestos e censuras. Mostrei-lhes o amuleto de Águia Cinzenta, mas ninguém jamais tinha ouvido falar ou visto algo nem remotamente parecido. Eles concordaram que não poderia ser uma relíquia indígena, e imaginei que os ancestrais do velho chefe deviam tê-lo obtido de algum comerciante.

Quando tiveram certeza de que não podiam impedir minha expedição, os cidadãos de Binger, tristemente, fizeram o possível para contribuir para minha equipagem. Sabendo, de antemão, o tipo de trabalho a ser feito, já tinham a maior parte das minhas provisões em mãos — fa-

ção e faca de trincheira para cortar arbustos e escavar, lanternas para quaisquer estágios subterrâneos que pudessem vir, corda, binóculo, fita métrica, microscópio e suplementos para emergências — tudo que poderia ser adequadamente armazenado em uma mochila. A este equipamento, acrescentei, apenas, o pesado revólver que o xerife me forçou a levar, e a picareta e a pá que acreditei que poderiam acelerar meu trabalho.

Decidi levar esses últimos pendurados em meus ombros com uma corda grossa, pois logo vi que não poderia contar com um ajudante ou colegas exploradores. A vila iria me observar, sem dúvida, com todos os binóculos e telescópios disponíveis, mas não mandaria nenhum cidadão nem a um metro da planície em direção à solitária colina. Minha partida foi programada para as primeiras horas da manhã do dia seguinte e, no resto daquele dia, fui tratado com a admiração e o respeito apreensivo que as pessoas dão a um homem prestes a partir rumo à morte certa.

Quando a manhã veio — nublada, porém não ameaçadora — a vila inteira apareceu para me ver seguir pela planície empoeirada. Binóculos mostravam o homem solitário em seu passo normal no topo da colina, e decidi manter meus olhos nele o mais firmemente possível durante minha aproximação. No último momento, uma vaga sensação de pavor me oprimia, e eu estava trêmulo o suficiente para fazer o talismã de Águia Cinzenta balançar no meu peito, bem a vista de quaisquer seres ou fantasmas que estivessem dispostos a dar-lhe atenção. Dando *au revoir*^[3] a Compton e a sua mãe, avancei em passo rápido, apesar da sacola na mão esquerda e o tilintar da pá e da picareta amarradas às minhas costas, segurando meu binóculo na mão direita e dando uma olhadela no caminhante silencioso de tempos em tempos. À medida que me aproximava da colina, vi o homem muito claramente e imaginei que poderia identificar uma expressão de mal infinito e decadência em suas faces enrugadas. Também estava assustado ao ver que a dourada e reluzente bainha da faca tinha hieróglifos muito semelhantes aos do talismã desconhecido que eu usava. Todo o traje da criatura e os ornamentos indicavam acabadamente requintado e refinamento. Então, de repente, o vi começar a descer para o lado mais distante da colina e sair de vista. Quando cheguei ao local, cerca de dez minutos depois de partir, não havia ninguém lá.

Não há necessidade de relatar como passei a primeira parte da minha pesquisa na topografia e no reconhecimento da colina, fazendo medições e recuando para ver as coisas de diferentes ângulos. A colina me impressionou tremendamente à medida que me aproximava, e parecia haver uma espécie de ameaça latente em seus contornos muito harmoniosos. Era a única elevação de qualquer tipo na ampla planície nivelada, e não pude duvidar por um momento de que era um túmulo artificial. Os lados íngremes pareciam totalmente intactos e sem marcas de trilha aberta pelo homem. Não havia sinais de um caminho para o topo e, sobrecarregado como estava, consegui escalar com considerável dificuldade. Quando alcancei o topo, descobri um planalto elíptico bruscamente nivelado de cerca de quinze metros de extensão coberto de modo uniforme com grama alta e mata densa, absolutamente incompatível com a presença constante de um sentinela. Essa condição me deixou verdadeiramente chocado, pois mostrava, além de qualquer dúvida, que o “velho índio”, apesar de aparentar ser real, não poderia ser outra coisa exceto uma alucinação coletiva.

Eu olhava em volta com considerável perplexidade e sobressalto, voltando-me, ansiosamente, para a vila e para a massa de pontos pretos que sabia ser a multidão que me observava. Apontando meu binóculo para eles, vi que me estudavam avidamente com os seus. Então, para tranquilizá-los, acenei meu boné no ar com uma animação que estava longe de sentir. Em seguida, preparando-me para o trabalho, coloquei no chão a picareta, a pá e a sacola, tirando, por último, meu facão e começando a limpar a vegetação rasteira. Era uma tarefa cansativa e, de tempos em tempos, sentia um peculiar calafrio, como se perversas rajadas de vento se erguessem para dificultar meu trabalho com uma constância que beirava a intencionalidade. Às vezes, parecia que uma força quase tangível me empurrava para trás enquanto eu trabalhava, quase como se o ar ficasse espesso na minha frente, ou como se mãos amorfas puxassem meus pulsos. Minhas forças pareciam insuficientes para produzir um resultado adequado. Mesmo com tudo isso, fiz algum avanço.

Pela tarde, percebi claramente que, em direção ao extremo norte da colina, havia leve depressão em formato de tigela na terra coberta de raízes emaranhadas. Embora isso talvez não significasse nada, seria um bom lugar para começar a cavar e fiz uma anotação mental. Ao mesmo

tempo, percebi outra coisa muito peculiar: o talismã indígena, balançando no meu pescoço, parecia agir estranhamente num ponto a cerca de vinte e um metros a sudeste da depressão. Sua rotação era alterada sempre que eu me inclinava para frente em torno desse ponto e puxava-me para baixo, como se atraído por algum magnetismo no solo. Quanto mais percebia isso, mais ficava perplexo até que, finalmente, decidi realizar um pouco de escavação preliminar ali.

Enquanto revirava o solo com minha faca de trincheira, não podia deixar de pensar na relativa espessura da camada avermelhada do solo do lugar. A região era de arenito vermelho. Mas, ali, encontrei um barro preto, estranho, menos de meio metro abaixo da superfície. Era um tipo de solo que se encontra nos estranhos vales profundos mais a oeste e ao sul, e, certamente, fora trazido de uma distância considerável na era pré-histórica, quando a colina foi erigida. Ajoelhado e cavando, senti a tira de couro em volta de meu pescoço puxando-me com mais e mais força, como se algo no solo estivesse puxando, cada vez mais, o talismã de metal. Então, senti minhas ferramentas atingirem uma superfície dura e me perguntei se havia uma camada de rocha abaixo. Erguendo-a com a faca de trincheira, descobri que não era o caso. Ao invés disso, para minha intensa surpresa e interesse febril, extrai um objeto pesado de forma cilíndrica coberto de terra, de cerca de trinta centímetros de comprimento e dez centímetros de diâmetro, ao qual o meu talismã pendente aderiu como se por ação de uma cola. À medida que limpava o barro preto, a admiração e a tensão aumentavam diante dos baixos-relevos expostos. Todo o cilindro, as extremidades e tudo o mais, era coberto com figuras e hieróglifos, e vi, com entusiasmo crescente, que eram da mesma tradição desconhecida daqueles no talismã de Águia Cinzenta, e dos ornamentos de metal amarelo do fantasma que tinha visto pelo meu binóculo.

Sentado, limpei ainda mais o cilindro magnético, esfregando-o no veludo áspero das minhas calças e observei que era feito do mesmo metal pesado, brilhante e desconhecido do amuleto. Daí, portanto, sem dúvida, a atração singular. Os baixos-relevos e os entalhes eram muito estranhos e horríveis — monstros inomináveis e desenhos carregados com um insidioso mal. Todos tinham um acabamento cuidadoso e eram fruto de habilidade artística. A princípio, não pude determinar por qual extre-

midade aquilo se abria, e a manuseava sem saber o que fazer até ver uma rachadura perto de uma das extremidades. Então, procurei, ansiosamente, alguma abertura, e descobri, enfim, que a extremidade simplesmente se desenroscava.

A tampa não cedeu com facilidade, mas saiu, liberando um aroma peculiar. O único conteúdo era um rolo volumoso de um material amarelado, semelhante a papel, escrito com caracteres esverdeados. Por um segundo, tive a suprema emoção de imaginar que segurava a chave para mundos antigos e abismos além do tempo. Quase imediatamente, no entanto, o desenrolar de uma extremidade mostrou que o manuscrito estava em espanhol, ainda que no pomposo espanhol formal de um tempo há muito passado. À luz dourada do pôr do sol, vi o título e o primeiro parágrafo, tentando decifrar o manuscrito deplorável e mal pontuado do autor desaparecido. Que tipo de relíquia era essa? Com que tipo de descoberta me deparei? As primeiras palavras me provocaram novo ímpeto de excitação e curiosidade, pois, ao invés de me desviar de minha busca original, elas, surpreendentemente, confirmaram o esforço.

O pergaminho amarelo com letras verdes tinha um título arrojado e um apelo desesperado e cerimonioso para se acreditar nas incríveis revelações a seguir:

RELACIÓN DE PÁNFILO DE ZAMACONA Y NÚÑEZ,
HIDALGO DE LUARCA EN ASTURIAS, TOCANTE AL
MUNDO SOTERRÁNEO DE XINAÍAN, A. D. MDXLV.

En el nombre de la santísima Trinidad, Padre, Hijo, y Espíritu-Santo, tres personas distintas y un solo. Dios verdadero, y de la santísima Virgen nuestra Señora, YO, PÁNFILO DE ZAMACONA, HIJO DE PEDRO GUZMÁN Y ZAMACONA, HIDALGO, Y DE LA DOÑA YNÉS ALVARADO Y NÚÑEZ, DE LUARCA EN ASTURIAS, juro para que todo que deco está verdadero como sacramento...^[4]

Parei e refleti sobre o significado portentoso do que lia. “A Narrativa de Pánfilo de Zamacona y Nuñez, cavaleiro de Luarca em Asturias, *a respeito do mundo subterrâneo de Xinaíán*, A. D. 1545...” Aqui, com certeza, havia muito para qualquer mente absorver de uma única vez. Um mundo subterrâneo. De novo, a ideia sempre presente que permeava to-

das as histórias indígenas e afirmações daqueles que retornaram da colina. E a data, 1545, o que poderia significar? Em 1540, Coronado e seus homens foram para o norte do México adentrando a região selvagem, mas eles teriam retornado em 1542! Meus olhos percorriam, bem atentos, a parte aberta do pergaminho, e, quase de imediato, percebi o nome *Francisco Vásquez de Coronado*. O autor desta coisa, evidentemente, era um dos homens de Coronado, mas o que ele estava fazendo nessa região remota três anos depois de seu grupo ter ido embora? Devia ler mais. Outra olhadela me revelou que aquilo era apenas um resumo da marcha de Coronado para o norte, que em nada diferia, essencialmente, do relato conhecido pela história.

Foi somente a luz minguante que me impediu de desenrolar o documento e ler mais, e, na minha perplexidade impaciente, quase esqueci de me sentir assustado com a chegada da noite naquele lugar sinistro. Outros, no entanto, não esqueceram o terror à espreita, pois ouvi o distante chamado de um grupo de homens que se reuniram no limite da cidade. Respondendo aos chamados ansiosos, recoloquei o manuscrito no seu estranho cilindro, ao qual o disco em volta do meu pescoço ainda aderiria. Por isso, tirei-o e o guardei com minhas ferramentas menores para a partida. Deixando a picareta e a pá para o próximo dia de trabalho, peguei a mochila, descí pelo lado íngreme da colina e, em um quarto de hora, estava de volta à vila, explicando e expondo minha curiosa descoberta. Enquanto a escuridão chegava, dei uma olhadela na colina que tinha acabado de deixar, já com a chegada da noite, e vi, com arrepios, que a tênue tocha azulada do fantasma noturno da índia havia começado a brilhar.

Foi um trabalho árduo esperar para poder me dedicar à narrativa antiga do espanhol. Mas eu sabia que devia ter calma e descansar para fazer uma boa tradução, o que me fez, embora com relutância, postergar a tarefa para tarde da noite. Prometi ao povo da cidade um relato transparente de minhas descobertas pela manhã, dei-lhes ampla oportunidade de examinar o cilindro bizarro e provocativo, acompanhei Clyde Compton até a casa e subi para meu quarto, iniciando o processo de tradução tão logo possível. Meu anfitrião e sua mãe estavam bastante ansiosos para ouvir a narrativa, mas julguei que seria melhor esperar até que

eu mesmo pudesse absorver o texto minuciosamente e relatar a eles o ponto principal de forma concisa e exata.

Abrindo minha mochila à luz de uma única lâmpada elétrica, retirei o cilindro e percebi o magnetismo imediato que puxava o talismã indígena para sua superfície entalhada. Os desenhos brilhavam malignamente no desconhecido metal lustroso e opulento, e eu não podia evitar os calafrios enquanto analisava as formas anormais e blasfemas que olhavam de soslaio para mim com tão requintado acabamento. Hoje, desejaria ter fotografado cuidadosamente todos esses desenhos, embora, talvez, tenha sido melhor não tê-lo feito. De uma coisa estou realmente satisfeito: na época, não pude identificar a coisa agachada com cabeça de polvo que dominava a maioria da ornamentação das páginas, e que o manuscrito chamava de “Tulu”. Recentemente, eu o associei, e as lendas do manuscrito a ele ligadas, ao folclore recém-descoberto do monstruoso e desconhecido Cthulhu, um horror que veio das estrelas quando a Terra ainda estava se formando. Se eu soubesse dessa ligação naquele momento, não teria ficado no mesmo quarto com a coisa. O tema secundário era uma serpente quase antropomórfica, muito facilmente identificada como protótipo das concepções de Yig, Quetzalcoatl,^[5] e Kukulcán. Antes de abrir o cilindro, testei sua capacidade magnética em outros metais além do disco de Águia Cinzenta, mas descobri que não havia qualquer atração. Não era o magnetismo comum que impregnava aquele fragmento mórbido de mundos desconhecidos e o conectava aos de seu tipo.

Enfim, retirei o manuscrito e comecei a traduzi-lo, anotando um esboço sinóptico em inglês à medida que escrevia e, de vez em quando, lamentando a ausência de um dicionário de espanhol quando me deparava com alguma palavra ou construção especialmente obscura ou arcaica. Havia uma sensação de estranheza inefável em ser jogado desta maneira quase quatro séculos atrás no meio de minha busca, de volta a uma época quando meus antepassados foram assentados, cavaleiros nativos de Somerset e Devon sob Henrique VIII, sem nunca refletir sobre a aventura que seria levar seu sangue para a Virgínia e para o Novo Mundo, ainda quando esse novo mundo tinha, tanto quanto agora, o mesmo mistério da colina que formou meu horizonte e o lugar atual. A sensação de regresso foi ainda mais forte porque senti, instintivamente, que o pro-

blema comum ao explorador espanhol e eu era de tanta intemporalidade abismal, de tão profana e sobrenatural eternidade, que os escassos quatrocentos anos entre nós amontoavam-se como nada em comparação. Não foi preciso mais do que um único olhar àquele cilindro monstruoso e insidioso para me fazer perceber os abismos vertiginosos que se abriam entre todos os homens da Terra conhecida e os mistérios primórdios que representava. Diante daquele abismo, Pánfilo de Zamacona e eu permanecemos lado a lado, assim como Aristóteles e eu, ou Quéops eu teríamos ficado.

III.

Sobre sua juventude em Luarca, um pequeno e plácido porto na baía de Biscaia, Zamacona pouco contou. Ele foi um jovem rebelde e, mesmo sendo o filho mais jovem, veio para a Nova Espanha em 1532, quando tinha apenas vinte anos. De sensibilidade imaginativa, ouviu, fascinado, os rumores de cidades ricas e mundos desconhecidos no norte e, especialmente, a história do frade franciscano Marcos de Niza, que voltou de uma viagem em 1539 com relatos apaixonantes da fabulosa Cíbola^[6] e suas grandes cidades muradas com casas de pedra em socacos. Ouvindo sobre a expedição mencionada por Coronado à procura dessas maravilhas, e sobre as maravilhas ainda maiores que diziam estar além delas na terra dos búfalos, o jovem Zamacona conseguiu se juntar ao grupo selecionado de trezentos e partiu para o norte com os demais em 1540.

A história conhece o relato daquela expedição: como Cíbola era, apenas, a miserável vila pueblo de Zuñi; como De Niza foi mandado de volta para o México em desonra por seus exageros floridos; como Coronado viu o Grande Cânion pela primeira vez e como, em Cicuyé, no Pecos, ouviu do índio chamado El Turco sobre a rica e misteriosa terra de Quivira, no extremo nordeste, onde ouro, prata e búfalos abundavam e onde corria um rio de duas léguas de largura. Zamacona abordou, resumidamente, o acampamento de inverno em Tiguex, no Pecos, e o começo da marcha em direção ao norte em abril, quando o guia nativo provou-se falso e levou o grupo perdido ao meio de uma terra de cães de pradarias, lagoas de sal, e tribos itinerantes caçadoras de bisões.

Quando Coronado dispensou seu grupo maior e fez sua marcha final de quarenta e dois dias com um pequeno e seletto destacamento, Zamacona conseguiu ser incluído no grupo avançado. Ele falava das terras férteis e das grandes ravinas com árvores visíveis apenas do extremo de suas margens íngremes, e como todos os homens viviam unicamente de carne de búfalo. Logo, voltou-se a mencionar o limite mais extremo da expedição, a possível, mas ilusória, terra de Quivira, com suas vilas de casas de grama, seus riachos e rios, a sua boa terra negra, suas ameixas, nozes, uvas e amoras e suas plantações de milho e índios que trabalhavam o cobre. A execução de El Turco, o falso guia nativo, foi casualmente citada, e havia uma menção à cruz que Coronado ergueu na margem de um grande rio no outono de 1541, com a inscrição, “Até aqui chegou o grande general, Francisco Vásquez de Coronado”.

Essa suposta Quivira estava próxima do quadragésimo paralelo de latitude norte, e descobri que, muito recentemente, o arqueólogo de Nova Iorque, Dr. Hodge, identificou-a com o curso do rio Arkansas, através dos condados de Barton e de Rice, no Kansas. Era o velho lar dos wichitas, antes dos sioux os expulsarem para o sul, que é hoje conhecido como Oklahoma; e alguns dos locais das vilas de casas de grama foram encontrados e escavados em busca de artefatos. Coronado fez uma considerável exploração nas redondezas, levado para lá e para cá pelos rumores persistentes de cidades ricas e mundos ocultos que, de forma temerosa, circulavam nas línguas dos índios. Estes nativos do norte pareciam mais temerosos e relutantes em falar sobre os boatos das cidades e mundos do que os índios mexicanos. Mas, ao mesmo tempo, era como se pudessem revelar muito mais do que os mexicanos, se estivessem dispostos ou se se atrevessem a fazê-lo. A falta de clareza deles exasperava o líder espanhol e, depois de muitas pesquisas decepcionantes, ele começou a ser muito severo para com os que lhe trouxeram as histórias. Zamacona, mais paciente do que Coronado, achou os contos especialmente interessantes e aprendeu o suficiente do idioma local para manter conversas longas com um jovem chamado Búfalo Indomável, cuja curiosidade o levou a lugares muito mais estranhos do que qualquer um dos seus companheiros de tribo ousara penetrar.

Foi Búfalo Indomável quem disse a Zamacona sobre os estranhos portais e as entradas de cavernas na parte inferior de algumas dessas ra-

vinas profundas, íngremes, arborizadas, que o grupo tinha reparado na marcha para o norte. Essas entradas, ele disse, eram escondidas pelo matalgal, e poucos nelas entraram por incontáveis eras. E aqueles que nelas entraram nunca retornaram ou, em poucos casos, retornaram loucos ou estranhamente mutilados. Mas era tudo lenda, pois não se sabia de ninguém, na memória dos avós dos homens mais antigos vivos, que as tivesse adentrado além de curta distância. O próprio Búfalo Indomável, provavelmente, esteve mais longe do que qualquer outro e viu o suficiente para refrear sua curiosidade e sua ganância pelo suposto ouro que se dizia que lá estava enterrado.

A abertura pela qual entrou o levou a uma longa passagem que se estendia, loucamente, para cima e para baixo e fazendo muitas voltas, coberta de baixos-relevos aterrorizantes de monstros e horrores que nenhum homem havia visto. Enfim, após incontáveis quilômetros de espirais e descidas, havia o brilho de uma terrível luz azul e a passagem abria-se para um chocante mundo subterrâneo. A esse respeito, o índio não disse mais nada, pois havia visto algo que o fez voltar às pressas. Mas as cidades de ouro deviam estar em algum lugar lá embaixo, acrescentou, e talvez um homem branco com a mágica da vara de trovão pudesse ser bem-sucedido em consegui-lo. Ele não diria ao grande chefe Coronado o que sabia, pois Coronado não mais escutava os índios. Sim, ele poderia mostrar a Zamacona, se o homem branco deixasse o grupo e aceitasse sua condução. Mas ele não entraria com o homem branco. Era muito ruim lá dentro.

O lugar ficava cerca de cinco dias ao sul, próximo à região das grandes colinas, que tinham algo a ver com o mundo maligno abaixo. Provavelmente, eram antigas passagens fechadas, pois, uma vez, os Grandes Antigos tinham colônias na superfície e negociavam com homens em toda a parte, até mesmo nas terras que afundaram sob as grandes águas. Foi quando aquelas terras afundaram que os Grandes Antigos trancaram-se embaixo e recusaram-se a ter relações com o povo da superfície. Os refugiados dos lugares afundados disseram-lhes que os deuses da terra exterior eram contra os homens, e que nenhum homem poderia sobreviver na terra exterior a menos que fosse demônio em aliança com os deuses do mal. Por este motivo, fecharam o acesso a todo o povo da superfície e faziam coisas assustadoras com qualquer um que se aventu-

rasse onde eles habitavam. Houve, uma vez, sentinelas nas várias entradas, mas, após eras, não foram mais necessários. Não eram muitos os que faziam questão de falar sobre os Grandes Antigos ocultos, e as lendas a respeito provavelmente teriam desaparecido não fossem certas lembranças fantasmagóricas de sua presença de vez em quando. Parecia que a antiguidade infinita dessas criaturas as trouxera estranhamente perto da fronteira do espírito, de modo que suas emanções espectrais eram mais frequentes e vívidas. Como consequência, a região das grandes colinas foi repetidamente abalada por batalhas espectrais noturnas, refletindo as que foram travadas nos dias anteriores ao fechamento das aberturas.

Os próprios Grandes Antigos eram quase fantasmas na verdade, e dizia-se que eles já não mais envelheciam ou reproduziam a espécie, mas oscilavam eternamente em um estado entre a carne e o espírito. A transformação não era completa, no entanto, pois tinham que respirar. Uma vez que o mundo subterrâneo precisava de ar, as entradas nos vales profundos não eram bloqueadas como foram as aberturas nas colinas das planícies. Essas entradas, Búfalo Indomável acrescentou, eram, provavelmente, baseadas em fissuras naturais na terra. Também se dizia que os Grandes Antigos vieram das estrelas quando este mundo ainda era muito jovem, e tinham ido para baixo para construir suas cidades de ouro sólido porque a superfície não era, na época, adequada para se viver. Eles eram os ancestrais de todos os homens, ainda que ninguém possa adivinhar de qual estrela, ou de qual lugar além das estrelas, eles vieram. Suas cidades ocultas eram cheias de ouro e de prata, mas era melhor que os homens as deixassem em paz, a menos se estivessem protegidos por uma magia muito poderosa.

Eles tinham feras terríveis com leve traço de sangue humano nas quais cavalgavam e que empregavam para outros fins. As feras, as pessoas insinuavam, eram carnívoras e, como seus mestres, preferiam carne humana. De modo que, embora os Grandes Antigos não procriassem, tinham uma espécie de classe escrava meio humana que também servia para alimentar a população humana e a animal. Estes tinham sido muito estranhamente recrutados e foram complementados por uma segunda classe escrava de cadáveres reanimados. Os Grandes Antigos sabiam como transformar um cadáver num autômato que poderia durar quase in-

definidamente e realizar qualquer tipo de trabalho quando controlado por fluxos de pensamento. Búfalo Indomável disse que as pessoas começaram a falar apenas por meio de pensamentos. A fala passou a ser considerada bruta e desnecessária, exceto para devoções religiosas e expressão emocional, enquanto eras de descobertas e estudos transcorriam. Eles adoravam Yig, o grande pai das serpentes, e Tulu, a entidade com cabeça de polvo que os trouxera das estrelas, satisfazendo ambas as monstruosidades horríveis por meio de sacrifícios humanos oferecidos de uma maneira muito peculiar, que Búfalo Indomável não fazia questão de descrever.

Zamacona ficou fascinado pela história do índio e, de imediato, resolveu aceitar sua condução para a entrada críptica na ravina. Ele não acreditava nos relatos de hábitos estranhos atribuídos, pelas lendas, ao povo oculto, pois as experiências do grupo tinham sido de muita desilusão a respeito de mitos nativos de terras desconhecidas. Mas sentia que alguma área bastante maravilhosa, de riquezas e de aventura, devia, realmente, estar além das passagens estranhamente esculpidas na terra. A princípio, ele pensou em persuadir Búfalo Indomável a contar sua história para Coronado, oferecendo-se para protegê-lo contra quaisquer consequências do impaciente ceticismo do líder. Mas, depois, decidiu que uma aventura solitária seria melhor. Se não tivesse nenhuma ajuda, não precisaria repartir nada do que encontrasse, e talvez se tornasse um grande explorador e possuidor de fabulosas riquezas. O sucesso o tornaria uma figura maior do que o próprio Coronado, talvez maior do que qualquer um na Nova Espanha, incluindo o vice-rei Dom Antonio de Mendoza.

No dia 7 de outubro de 1541, perto da meia-noite, Zamacona saiu do acampamento espanhol próximo à vila de casas de grama e encontrou Búfalo Indomável para a longa jornada ao sul. Ele viajou com o mínimo possível e não usou seu pesado capacete e a couraça. Dos detalhes da viagem, o manuscrito dizia muito pouco, mas Zamacona registra sua chegada à grande ravina em 13 de outubro. A descida da encosta densamente arborizada não tomou muito tempo e, embora o índio tivesse dificuldades em localizar, em meio ao crepúsculo, a porta de pedra escondida nos arbustos desse desfiladeiro profundo, o lugar foi, finalmente, encontrado. Era uma abertura muito pequena, como uma porta,

formada por alizares de arenito e com sinais de baixos-relevos quase apagados e, agora, indecifráveis. A altura era, talvez, de dois metros e dez, e a largura não mais que um metro e vinte. Havia pontos perfurados no chão, no lado direito, que indicavam a presença, noutros tempos, de uma porta de dobradiças ou portão, mas todos os outros traços de tal coisa há muito haviam desaparecido.

Ao ver esse abismo negro, Búfalo Indomável revelou seu medo e jogou no chão sua sacola de suprimentos como sinal de pressa. Ele supriu Zamacona com um bom estoque de tochas de resina e provisões e o guiou em segurança e de forma correta, mas recusou-se a fazer parte da aventura que vinha pela frente. Zamacona deu-lhe as bugigangas que tinha guardado para uma ocasião como aquela e obteve dele a promessa de retornar à região em um mês, depois de indicar o caminho do sul que levava às aldeias *pueblo* de Pecos. Uma rocha proeminente na planície acima deles foi escolhida como local de encontro: aquele que chegasse primeiro, montaria acampamento até que o outro chegasse.

No manuscrito, Zamacona expressava um questionamento ansioso quanto ao tempo que esperaria o índio no local de encontro. No último momento, Búfalo Indomável tentou dissuadi-lo de seu salto na escuridão, mas logo viu que era em vão e gesticulou um adeus estoico. Antes de acender sua primeira tocha e adentrar a abertura com sua sacola pesada, o espanhol observou a forma esguia do índio subindo apressadamente e de forma um tanto aliviada entre as árvores. Era o fim de seu último elo com o mundo, embora não soubesse que nunca iria ver um ser humano, no sentido comum do termo, de novo.

Zamacona não sentiu nenhuma premonição imediata do mal ao entrar por aquela porta sinistra, embora, desde o início, estivesse cercado por uma atmosfera bizarra e insalubre. A passagem, levemente mais alta e mais larga do que a abertura, era, por muitos metros, um túnel nivelado de alvenaria ciclópica, com lajes fortemente desgastadas sob os pés e grotescamente esculpida em granito e blocos de arenito nos lados e no teto. Os baixos-relevos deviam ser, de fato, asquerosos e terríveis, a julgar pela descrição de Zamacona, pois a maioria deles girava em torno dos seres monstruosos Yig e Tulu. Eram diferentes de tudo o que o aventureiro tinha visto antes, apesar de ter acrescentado que a arquitetura nativa do México era a que mais se aproximava, dentre todas as coisas

no mundo exterior, daquelas por ele descritas. Após alguma distância, o túnel começou a inclinar-se para baixo abruptamente e rochas naturais, irregulares, apareceram de todos os lados. A passagem parecia ser, em parte, artificial, e a decoração era restrita a ocasionais cartelas com aterrorizantes baixos-relevos.

Seguindo uma enorme descida, cuja inclinação, às vezes, apresentava o perigo de escorregar e deslizar ladeira abaixo, a passagem tornou-se muito incerta na direção e variável no contorno. Às vezes, estreitava-se quase até uma fenda ou crescia tão para baixo que era necessário inclinar-se e, até, rastejar, enquanto, em outros momentos, ampliava-se em cavernas bastante grandes ou em série de cavernas. Muito pouco da construção humana, era evidente, foi empregada nesta parte do túnel, embora, ocasionalmente, um sinistro conjunto de hieróglifos na parede ou uma passagem lateral bloqueada lembrava Zamacona que esta era, na verdade, a estrada de eras esquecidas para um mundo primitivo e inacreditável de seres vivos.

Durante três dias, o mais que podia recordar, Pánfilo de Zamacona arrastou-se para baixo, para cima, para frente e ao redor, mas sempre, predominantemente, para baixo, através desta região escura da noite paleolítica. De vez em quando, ouvia algum ser oculto da escuridão correr com passos miúdos e rápidos ou bater asas em fuga, e, em uma única ocasião, vislumbrou uma grande coisa esbranquiçada que o deixou tremendo. A qualidade do ar era, no geral, tolerável, apesar das zonas fétidas que, de vez em quando, encontrava, enquanto uma grande caverna de estalactites e estalagmites resultava numa umidade deprimente. Esta última, quando Búfalo Indomável a encontrou, barrava a passagem, já que os depósitos de pedra calcária antiga formavam pilares recentes no caminho dos habitantes primordiais do abismo. O índio, no entanto, os havia destruído e, portanto, Zamacona não viu seu rumo bloqueado. Para ele, era um conforto inconsciente refletir que alguém mais do mundo exterior havia estado lá antes, e que as descrições precisas do índio haviam eliminado o elemento surpresa e o inesperado. E mais: o conhecimento do túnel por Búfalo Indomável o levou a providenciar um suprimento tão bom de tochas para jornada de ida e vinda que não havia perigo de ele ficar desamparado na escuridão. Zamacona acampou duas

vezes, acendendo uma chama cuja fumaça parecia ser bem eliminada pela ventilação natural.

No que considerou o fim do terceiro dia — embora não se deva ter, em nenhum momento, a fé reconfortante que ele tinha na sua cronologia especulativa — Zamacona encontrou a descida prodigiosa e a subsequente subida prodigiosa que Búfalo Indomável havia descrito como o último estágio do túnel. Em certos pontos, marcas de melhoramentos artificiais eram discerníveis e, inúmeras vezes, a descida íngreme era facilitada por um lance de degraus toscos. A tocha exibia mais e mais os baixos-relevos monstruosos nas paredes e, finalmente, a chama resinosa parecia misturada a uma luminosidade mais fraca e mais difusa, enquanto Zamacona subia mais e mais depois da última escadaria descendente. Por fim, a subida cessou e uma passagem nivelada de alvenaria com escuros blocos de basalto levava adiante em linha reta. Já não havia necessidade de uma tocha, pois todo o ar estava brilhando com um esplendor azulado que oscilava como a aurora. Era a estranha luz do mundo interior que o índio havia descrito, e, em outro momento, Zamacona emergiu do túnel em cima de uma sombria encosta rochosa que se erguia para um céu estranho, impenetrável, de cintilações azuladas, e descia vertiginosamente para uma planície que parecia infinita e envolta em névoa azulada.

Ele tinha chegado, finalmente, ao mundo desconhecido e, em seu manuscrito, está claro que, orgulhoso e exaltado, via a paisagem amorfa do mesmo modo que seu compatriota Balboa viu o recém-descoberto Pacífico daquele cume inesquecível em Darién. Búfalo Indomável havia voltado daquele ponto, movido pelo medo de algo que podia apenas descrever, vagamente, como um rebanho de gado maligno, nem cavalo nem búfalo, e eram as coisas que os espíritos da colina cavalgavam à noite. Porém, Zamacona não podia ser dissuadido por qualquer frivolidade. No lugar de medo, uma estranha sensação de glória o invadiu, pois tinha imaginação suficiente para saber o que significava estar sozinho num inexplicável mundo subterrâneo de cuja existência nenhum outro homem branco suspeitava.

O solo da grande colina que se erguia atrás dele e se espalhava acentuadamente para baixo e sob ele era cinza escuro, pedregoso, sem vegetação e, provavelmente, de origem basáltica, com um aspecto sobrenatu-

ral que o fez sentir-se como um intruso em um planeta alienígena. A vasta planície distante, milhares de metros abaixo, não tinha traços que pudesse distinguir, em especial porque aparentava ser amplamente encoberta em um ondulado vapor azul. Porém, mais do que colina ou planície ou nuvens, o luminoso céu azulado reluzente impressionou o aventureiro com uma sensação de supremo esplendor e mistério. O que criou esse céu dentro daquele mundo, ele não podia dizer, apesar de conhecer as auroras boreais e, mesmo, tê-las visto uma ou duas vezes. Concluiu que a luz subterrânea era algo vagamente conectado à aurora, uma opinião que os modernos podem muito bem endossar, apesar de ser provável que certo fenômeno de radiatividade pudesse fazer parte.

Nas costas de Zamacona, a boca de um túnel que ele havia atravessado escancarava-se sombriamente, marcada por um portal muito semelhante àquele pelo qual havia adentrado o mundo acima, exceto que era de um basalto negro acinzentado, ao invés do arenito vermelho. Havia baixos-relevos medonhos, ainda bem preservados e, talvez, correspondendo àqueles no portal externo, que o tempo havia quase inteiramente destruído. A ausência de desintegração aqui indicava um clima seco e temperado. De fato, o espanhol começou a perceber a agradável estabilidade semelhante à primavera que caracterizava o ar do norte. Nos umbrais de pedra, havia obras evidenciando a presença de dobradiças, mas, da porta ou portão propriamente ditos, não havia vestígios. Sentando-se para descansar e pensar, Zamacona aliviou o peso da mochila removendo uma quantidade de comida e de tochas suficiente para levá-lo de volta pelo túnel e escondendo-a numa abertura, sob um monte de pedras formado às pressas com os fragmentos de rocha que estavam em toda a parte. Em seguida, com a mochila mais vazia, começou a descida em direção à planície distante, preparando-se para entrar numa região que nenhum ser vivo da Terra exterior havia penetrado em um século ou mais, na qual nenhum homem branco jamais tinha estado e da qual, se a lenda fosse verdade, ninguém jamais voltara são.

Zamacona caminhou rapidamente ao longo da interminável encosta íngreme, seu progresso marcado, de vez em quando, pela queda de fragmentos de rochas soltas ou pelo grau de descida excessivamente íngreme. A distância que o separava da planície coberta de névoa deve ter sido enorme, pois caminhar muitas horas, aparentemente, não o levou

mais perto do que havia estado antes. Atrás dele sempre estava a grande colina que se estendia para o alto, para um brilhante céu de fulgores azulados. O silêncio era absoluto, pois seus próprios passos e a queda de pedras que havia deslocado atingiam seus ouvidos com nitidez surpreendente. Foi no que considerava meio-dia que ele viu, pela primeira vez, as pegadas anormais que o levaram a pensar nas alusões terríveis de Búfalo Indomável, na sua fuga precipitada, e no seu estranho terror permanente.

A natureza pedregosa do solo dava poucas oportunidades para trilhas de qualquer tipo, mas, em um local, um intervalo um tanto nivelado fez com que os detritos soltos se acumulassem em uma pilha, deixando uma considerável área de barro cinza escuro absolutamente exposta. Ali, numa confusão que indicava um grande rebanho vagando sem rumo, Zamacona descobriu as pegadas anormais. É de se lamentar que não pudesse descrevê-las mais exatamente, mas o manuscrito expunha muito mais medo vago do que observação acurada. O que era tão apavorante para o espanhol pôde apenas ser inferido de suas últimas alusões envolvendo as bestas. Ele se referia às pegadas “não como cascos, ou mãos, ou pés, nem precisamente garras, nem tão largas para causar temor”. Por que ou há quanto tempo as coisas estiveram lá, não era fácil adivinhar. Não havia vegetação visível, portanto, o pastar estava fora de questão, mas é claro que se as bestas eram carnívoras poderiam muito bem ter caçado animais menores, cujos rastros os seus próprios tenderiam a obliterar.

Olhando deste platô para as alturas lá atrás, Zamacona pensou ter detectado vestígios de uma grande estrada sinuosa, que descia do túnel em direção à planície. Alguém poderia ter noção dessa antiga estrada apenas a partir de ampla visão panorâmica, já que a queda de fragmentos de rochas há muito tempo a tinha coberto. Mas, ainda assim, o aventureiro sentiu que ela tinha existido. Não foi, provavelmente, uma grande rota pavimentada, pois o túnel pequeno no qual tinha início mais parecia um caminho para o mundo exterior. Ao escolher um caminho reto de descida, Zamacona não havia seguido sua trajetória curva, apesar de tê-la cruzado uma vez ou duas. Com atenção nela, olhou para frente para ver se poderia segui-la para baixo em direção à planície e, finalmente, acreditou que era possível fazê-lo. E decidiu investigar a superfície

quando a cruzasse da próxima vez e, talvez, seguir seu traçado pelo resto do caminho, se pudesse identificá-lo.

Zamacona retomou sua jornada e chegou, algum tempo depois, a algo que pensou ser uma curva da antiga estrada. Havia sinais de nivelamento e de uma tentativa primitiva de pavimentação, mas não foi suficiente para fazer valer a pena seguir a rota. Enquanto vasculhava o solo com sua espada, o espanhol desencavou algo que brilhava à luz do eterno dia azul, e ficou empolgado ao contemplar uma espécie de moeda ou medalha de um metal desconhecido, escuro e brilhante, com desenhos horríveis em cada lado. Era completamente estranho para ele e, pela descrição, não tenho dúvidas de que era uma duplicata do talismã que me foi dado por Águia Cinzenta quase quatro séculos depois. Colocando-o no bolso depois de um longo e curioso exame, seguiu em frente, parando para acampar num horário que imaginava ser noite no mundo exterior.

No dia seguinte, Zamacona levantou-se cedo e prosseguiu sua descida pelo mundo azul coberto de névoas, cheio de desolação e de um silêncio sobrenatural. À medida que avançava, foi capaz de distinguir alguns objetos na distante planície abaixo: árvores, arbustos, rochas e um rio que era visível à direita e curvava-se adiante num ponto à esquerda de seu curso visível. Esse rio parecia ser atravessado por uma ponte ligada à estrada descendente, e, com cuidado, o explorador poderia distinguir o traçado da estrada em uma linha reta sobre a planície. Finalmente, imaginou que poderia detectar cidades espalhadas ao longo da faixa retilínea; cidades cujas margens à esquerda alcançavam o rio e, às vezes, o cruzavam. Enquanto descia, podia ver que nos pontos onde tais cruzamentos ocorriam havia sempre sinais de pontes arruinadas ou conservadas. Estava, agora, no meio de uma vegetação gramínea esparsa, e viu que, abaixo dele, o crescimento era mais espesso e mais grosso. Era mais fácil seguir pela estrada visto que sua superfície estava livre da grama. Fragmentos de rocha eram menos frequentes, e a vista estéril acima e atrás dele parecia sombria e ameaçadora em contraste com o espaço ao redor.

Foi neste dia que viu a massa turva movendo-se sobre a planície distante. Desde que viu, pela primeira vez, as pegadas sinistras não cruzou com mais nenhuma, mas havia algo naquela intencionalidade lenta da

massa turva que, em particular, o enjoava. Nada senão um rebanho de animais de pasto poderia mover-se daquela forma, e, após ver as pegadas, não desejava conhecer as criaturas que as fizeram. Entretanto, a massa em movimento não estava próxima da estrada, e sua curiosidade e ganância pelo ouro mítico eram enormes. Ademais, quem poderia julgar as criaturas a partir de vagas pegadas confusas ou de distorcidas insinuações assustadas de um índio ignorante?

Ao forçar os olhos para ver a massa em movimento, Zamacona ficou ciente de inúmeras outras coisas interessantes. Uma era que certas partes das agora inconfundíveis cidades brilhavam estranhamente na luminosidade azul da névoa. A outra era que, além das cidades, inúmeras estruturas brilhantes similares, de um tipo mais isolado, estavam espalhadas aqui e ali ao longo da estrada e sobre a planície. Elas pareciam envoltas em tufo de vegetação, e as que estavam sobre a planície tinham pequenas avenidas levando à estrada. Nenhuma fumaça ou outro sinal de vida podia ser discernido sobre qualquer uma das torres ou edifícios. Finalmente, Zamacona viu que a extensão da planície não era infinita, apesar da névoa azul que quase a ocultava ter dado essa impressão. Era limitada, bem longe, por uma série de colinas baixas, em direção a uma passagem a que o rio e a estrada pareciam conduzir. Tudo isso, especialmente o brilho de certos pináculos nas cidades, havia se tornado muito vivo quando Zamacona fez seu segundo acampamento no meio do interminável dia azul. Da mesma forma, notou bandos de aves voando a grande altura, cuja natureza não podia claramente discernir.

Na tarde seguinte — para usar a linguagem do mundo exterior como o manuscrito fez em todos os momentos — Zamacona alcançou a planície silenciosa e atravessou o rio de águas lentas em uma ponte de basalto negro curiosamente esculpida e razoavelmente bem preservada. A água era clara e tinha grandes peixes de aspecto estranho. A estrada estava, agora, pavimentada e cheia de ervas daninhas e trepadeiras, e seu traçado era delineado por pequenos pilares contendo símbolos obscuros. Por todos os lados, a grama densa estendia-se e, aqui e ali, via-se um grupo de árvores ou arbustos, e flores azuladas, desconhecidas, crescendo irregularmente em toda a área. De vez em quando, um movimento espasmódico da grama indicava a presença de serpentes. Após várias horas, o viajante chegou a um bosque de antigas árvores verdes de aparência es-

tranha que ele sabia, uma vez que as tinha visto de longe, que protegiam uma das estruturas isoladas com telhado resplandecente. Em meio à vegetação invasora, viu os pilares horrivelmente esculpidos de uma passagem de pedra que conduzia para fora da estrada e foi forçando passagem em meio a urzes e ao longo de uma trilha de musgos flanqueada por pequenos pilares monolíticos e árvores enormes.

Por fim, neste silencioso crepúsculo verde, viu a indescritível e antiga fachada em ruínas do edifício. Um templo, não tinha nenhuma dúvida. Era uma massa nauseante de baixos-relevos, representando cenas e seres, objetos e cerimônias, que, com certeza, não poderiam ter lugar neste ou em qualquer planeta são. Ao se defrontar com essas coisas, Zamacona exibiu, pela primeira vez, a hesitação abalada e piedosa que prejudica o caráter informativo do resto de seu manuscrito. Não podemos deixar de lamentar o fato de o ardor católico da Espanha renascentista ter permeado tão completamente seus pensamentos e sentimentos. A porta do lugar estava totalmente aberta, e a escuridão absoluta preenchia o interior sem janelas. Dominando a repulsa que os baixos-relevos do mural haviam provocado, Zamacona retirou a pederneira, acendeu uma tocha resinosa, empurrou para o lado as trepadeiras que a cobriam e marchou corajosamente pela soleira ominosa.

Por um momento, ficou estupefato com o que viu. Não foram a poeira e as teias de aranha de tempos imemoriáveis; as criaturas aladas esvoaçantes; os baixos-relevos repugnantes nas paredes; a forma bizarra das muitas bacias e braseiros; o altar piramidal sinistro com a parte superior oca ou a anômala e monstruosa cabeça de polvo, de algum estranho metal escuro que se acocorava em seu pedestal coberto de hieróglifos, que lhe roubaram até mesmo o poder de dar um grito de espanto. Mão foi nada tão sobrenatural como isto, mas apenas o fato de que, com exceção da poeira, das teias de aranha, das criaturas aladas, e do ídolo gigantesco de olhos esmeralda, cada partícula visível era composta de ouro puro e, evidentemente, sólido.

Mesmo o manuscrito, redigido em retrospecto, após Zamacona descobrir que o ouro é o metal mais comum em um mundo subterrâneo contendo filões e veios ilimitados, refletia o entusiasmo frenético que o viajante sentiu ao, repentinamente, encontrar a verdadeira fonte de todas as lendas indígenas das cidades douradas. Por um tempo, o poder de

observação detalhada o abandonou. Mas, no final, suas faculdades foram recobradas por uma peculiar sensação de um puxão no bolso do casaco. Buscando a causa, percebeu que o disco de metal estranho que encontrou na estrada abandonada estava sendo fortemente atraído pelo horrível ídolo de cabeça de polvo e olhos de esmeralda no pedestal, que, percebeu, era composto do mesmo metal exótico desconhecido. Ele demorou a descobrir que esta estranha substância magnética — incomum tanto neste mundo subterrâneo como no mundo exterior dos homens — é o metal precioso do iluminado abismo azulado. Ninguém sabe o que é ou onde ocorre em estado natural; e a quantidade neste planeta veio das estrelas com aqueles que o grande Tulu, o deus com cabeça de polvo, trouxe pela primeira vez a este mundo. Certamente, sua única fonte conhecida era um estoque de artefatos preexistentes, incluindo grande número de ídolos ciclópicos. Nunca poderia ser identificado ou analisado, e mesmo seu magnetismo era exercido apenas em sua própria espécie. Era o supremo metal cerimonial do povo oculto, e seu uso era regulado pelo costume, de tal forma que suas propriedades magnéticas não poderiam causar inconvenientes. Uma liga muito fracamente magnética dele com metais de base como ferro, ouro, prata, cobre ou zinco tinha formado o único padrão monetário do povo oculto em um período de sua história.

As reflexões de Zamacona sobre o ídolo estranho e seu magnetismo foram interrompidas por uma enorme onda de medo quando, pela primeira vez neste mundo em silêncio, ouviu um estrondo muito definido e que, obviamente, se aproximava. Não há enganos na natureza. Foi uma trovejante manada descontrolada de grandes animais e, lembrando-se do pânico do índio, das pegadas e da massa em movimento vista a distância, o espanhol estremeceu em apavorada antecipação. Ele não avaliou sua posição ou o significado dessa investida de grandes bestas pesadas, mas, meramente, reagiu a um impulso natural de autopreservação. Manadas descontroladas não param para procurar vítimas em locais obscuros, e, na outra terra, Zamacona teria sentido pouco ou nenhum alarme dentro de um edifício massivo cercado por um bosque. No entanto, alguns instintos, agora, faziam surgir um terror profundo e peculiar em sua alma, e ele olhou em volta, freneticamente, procurando qualquer meio de segurança.

Não havendo nenhum refúgio no grande interior de ouro, ele percebeu que devia fechar a porta há muito em desuso, ainda presa nas dobradiças antigas e encostada na parede interna. Terra, trepadeiras e musgo tinham entrado no prédio, de modo que ele teve que abrir um caminho para o grande portal de ouro com a espada. E conseguiu realizar esse trabalho muito rapidamente sob o estímulo assustador do ruído que se aproximava. O som dos cascos crescia, mais alto e ameaçador, quando começou a arrastar a porta pesada, e, por um tempo, seus medos alcançaram um auge frenético à medida que a esperança de mover o metal, emperrado pelo tempo, começou a enfraquecer. Então, com um rangido, a porta cedeu a sua força juvenil e seguiu-se um esforço frenético de puxar e empurrar. Em meio ao rugido das batidas de cascos, o êxito veio finalmente e a pesada porta dourada se fechou, deixando Zamacona na escuridão, exceto pela tocha acesa que tinha colocado entre os pilares de um tripé que sustentava uma bacia. Havia um trinco, e o homem, assustado, agradeceu a seu santo padroeiro porque o dispositivo ainda era eficaz.

O som, por si mesmo, disse ao fugitivo o que se seguiu. Quando o rugido chegou muito perto, dispersou-se em passos separados, como se o avanço entre as árvores obrigasse a manada a reduzir a velocidade e se dispersar. Mas os passos continuavam a se aproximar-se e ficou evidente que as bestas estavam avançando por entre árvores e circulando as hediondas paredes talhadas do templo. Zamacona percebeu algo muito alarmante e repulsivo na curiosa intencionalidade de toda aquela movimentação, e não lhe agradou o som de pés arrastando-se, audíveis mesmo através das espessas paredes de pedra e da pesada porta dourada. Uma vez, a porta foi sacudida ameaçadoramente em suas dobradiças arcaicas, como se sob forte impacto, mas, felizmente, ainda mantinha-se no lugar. Então, após um intervalo aparentemente interminável, ouviu passos recuando e percebeu que seus visitantes desconhecidos estavam partindo. Como as manadas não pareciam ser muito numerosas, talvez fosse seguro aventurar-se do lado de fora dentro de mais ou menos meia hora, mas Zamacona não se arriscou. Abrindo a mochila, armou acampamento nos azulejos dourados do chão do templo, com a grande porta bem fechada contra invasores e mergulhou em um sono mais profundo do que poderia ter conhecido nos azulados espaços iluminados de fora. Ele nem se

incomodou com a enorme e infernal cabeça de polvo do grande Tulu, esculpida em metal desconhecido e olhando-o, lubricamente, com esverdeados olhos de peixe, acocorado, em meio ao negrume que a tudo cercava, no monstruoso pedestal cheio de hieróglifos.

Coberto pela escuridão pela primeira vez desde que deixou o túnel, Zamacona dormia profunda e longamente. Ele deve ter compensando o sono que perdeu nos acampamentos anteriores, quando o brilho incessante do céu o havia mantido acordado apesar da fadiga, pois muita distância foi percorrida por outros seres vivos enquanto ele permanecia em seu saudável descanso sem sonhos. Foi bom que descansasse profundamente, pois havia muitas coisas estranhas a serem encontradas no seu próximo período de consciência.

IV.

O que, finalmente, fez Zamacona levantar-se foi uma trovejante batida à porta. Ela abriu caminho em seus sonhos e dissolveu todas as névoas vagarosas de sonolência logo que ele soube o que era. Não poderia haver engano. Era uma clara e peremptória batida humana, executada, aparentemente, com algum objeto metálico e com o ritmo característico do pensamento ou da vontade consciente. Enquanto se levantava, ainda sonolento, uma nota vocal afiada foi acrescentada ao chamado. Alguém gritando, com uma voz dissonante, palavras que o manuscrito tenta representar como *oxi, oxi, giathcán ycá relex*. Sentindo-se seguro de que seus visitantes eram homens e não demônios, e argumentando que não teriam razão para considerá-lo inimigo, Zamacona decidiu encará-los abertamente e de imediato, e, por consequência, atrapalhou-se com a antiga trava até que a porta dourada se abriu com a pressão dos que estavam de fora.

Quando o grande portal se abriu, Zamacona viu-se diante de um grupo de cerca de vinte indivíduos de uma aparência que não fora calculada para lhe causar apreensão. Pareciam ser índios, apesar das vestes elegantes, dos ornamentos e das espadas não serem como as que tinha visto em qualquer das tribos do mundo exterior, enquanto os rostos tinham muitas diferenças sutis do padrão indígena. Estava muito claro

que não tencionavam ser hostis de forma irresponsável, pois, ao invés de ameaçá-lo de alguma forma, meramente o examinaram de forma atenta e significativa, como se esperassem que a observação iniciasse algum tipo de comunicação. Quanto mais tempo o contemplavam, mais pareciam saber a respeito dele e de sua missão, pois, apesar de ninguém ter falado desde o chamado vocal diante da abertura da porta, ele foi percebendo, aos poucos, que eles vieram da grande cidade além das colinas baixas, montados nos animais que tinham denunciado sua presença, e não estavam certos do tipo de pessoa que ele era ou de onde tinha vindo, mas sabiam que devia estar ligado ao mundo exterior vagamente lembrado que, às vezes, visitavam em sonhos curiosos. Zamacona não sabia explicar como lera tudo isso no olhar fixo dos dois ou três líderes, apesar de ter descoberto, um momento depois, como isso ocorreu.

Então, tentou dirigir-se a seus visitantes no dialeto wichita, que havia aprendido com Búfalo Indomável, e, após ter falhado em obter uma resposta oral, ele tentou, sucessivamente, o asteca, o espanhol, o francês e línguas latinas, adicionando muitos fragmentos de grego, galego e português e do balbucio patoá camponês de sua nativa Astúrias, conforme sua memória poderia recordar. Mas nem mesmo sua exibição poliglota, todo seu estoque linguístico, poderia levar a uma réplica no mesmo idioma. Quando, no entanto, ele parou, perplexo, um dos visitantes começou a falar uma língua estranha e um tanto fascinante, cujos sons o espanhol, mais tarde, teve muita dificuldade em reproduzir no papel. Após o fracasso em do estranho em compreendê-lo, o interlocutor apontou, primeiro, para seus olhos, a seguir, para sua testa e, então, para seus olhos de novo, como se ordenasse ao espanhol contemplá-lo para que pudesse absorver o que ele queria transmitir.

Zamacona, obedecendo, se viu rapidamente de posse de algumas informações. As pessoas, ele aprendeu, conversavam, naquela época, por meios da emissão não oral de pensamentos, apesar de terem, antigamente, usado uma língua falada que ainda subsistia como língua escrita, e que usavam oralmente por uma questão de tradição, ou quando fortes sentimentos exigiam uma expressão mais espontânea e enfática. Ele podia compreendê-los ao concentrar sua atenção em seus olhos, e podia responder ao formar uma imagem mental do que desejava dizer e lançando a essência disso no olhar. Quando o interlocutor fez uma pausa,

aparentemente solicitando uma resposta, Zamacona fez o melhor que pôde para seguir o padrão prescrito, mas pareceu-lhe não ter ido muito bem. Então, ele acenou com a cabeça e tentou descrever a si mesmo e sua jornada com gestos. Apontou para cima, como se para o mundo exterior; então, fechou os olhos e fez gestos como de uma toupeira escavando. Em seguida, abriu os olhos de novo e apontou para baixo, a fim de indicar sua descida pelo grande declive. Experimentalmente, misturou uma ou duas palavras faladas aos seus gestos. Por exemplo, apontando sucessivamente para si mesmo e para todos os visitantes e dizendo *un hombre* e, em seguida, apontando para si mesmo e, com muito cuidado, pronunciando seu nome: *Pánfilo de Zamacona*.

Antes da estranha conversa terminar, boa quantidade de dados tinha passado em ambas as direções. Zamacona havia começado a aprender como lançar seus pensamentos. E, da mesma forma, captou várias palavras da arcaica língua falada na região. Seus visitantes, por sua vez, absorveram muitos princípios de um vocabulário espanhol básico. Sua própria língua antiga era completamente diferente de tudo o que o espanhol já tinha ouvido, apesar de, algumas vezes, ele imaginar uma ligação infinitamente remota com o idioma asteca, como se esse último representasse um estágio tardio de evolução, ou estivesse muito diluído devido à infiltração de palavras estrangeiras. Zamacona descobriu que o mundo subterrâneo usava um nome antigo que o manuscrito registra como *Xinaián*, mas que, pelas explicações suplementares do escritor e marcas diacríticas, poderia, provavelmente, ser mais bem representado aos ouvidos anglo-saxões pelo arranjo fonético *K'n-yan*.

Não surpreende que esta conversa preliminar não fosse além do meramente essencial, mas esse essencial era de grande importância. Zamacona aprendeu que as pessoas de K'n-yan eram quase infinitamente antigas e que vieram de uma parte distante do espaço onde as condições físicas são muito parecidas com as da Terra. Tudo isso, é claro, era lenda agora, e ninguém sabia dizer o quanto de verdade havia ou quanto de adoração era devida ao ser de cabeça de polvo, Tulu, que, segundo a tradição, os trouxera para cá, e a quem ainda reverenciavam por razões estéticas. Mas eles sabiam do mundo exterior e eram, de fato, a espécie original que o havia povoado logo que a crosta ficou adequada para se

viver. Entre as eras glaciais, tiveram algumas notáveis civilizações na superfície, especialmente uma no Polo Sul, próxima da montanha Kadath.

Em algum tempo num passado infinitamente distante, a maior parte do mundo exterior afundou no oceano, de forma que apenas alguns sobreviventes trouxeram as notícias a K'n-yan. Isto era, sem dúvida, devido à ira dos demônios do espaço, hostis tanto aos homens quanto aos deuses dos homens, pois havia rumores de um afundamento anterior que havia submerso os próprios deuses, incluindo Tulu, que ainda permanecia aprisionado e sonhando sob as abóbodas aquosas da cidade semicósmica de Relax. Argumentava-se que nenhum homem que não fosse escravo dos demônios do espaço poderia viver muito tempo no mundo exterior, e ficou decidido que todos os seres que lá permaneciam deviam estar malignamente relacionados. Por consequência, o comércio com as terras iluminadas pelo sol e pelas estrelas cessou abruptamente. Os acessos subterrâneos a K'n-yan, ou que poderiam ser lembrados como tais, estavam bloqueados ou cuidadosamente vigiados, e todos os intrusos eram tratados como espiões perigosos e inimigos.

Mas isto fora muito antes. Com o passar das eras, menos e menos visitantes vinham a K'n-yan, e, no final, sentinelas deixaram de ser mantidos nos acessos não bloqueados. A maioria do povo esqueceu, exceto por memórias distorcidas, mitos e alguns sonhos peculiares, que um mundo exterior existia, apesar de pessoas eruditas nunca cessarem de lembrar os fatos essenciais. Os últimos visitantes registrados, muitos séculos atrás, não foram tratados como espiões inimigos, pois a crença nas lendas antigas havia morrido muito antes. Eles foram interrogados a respeito das fabulosas regiões exteriores, pois a curiosidade científica em K'n-yan era intensa, e os mitos, memórias, sonhos e fragmentos históricos relacionados à superfície da Terra com frequência instigavam os eruditos ao ponto de pensarem em uma expedição externa, que não chegaram a pôr em prática. A única coisa exigida de tais visitantes era que não retornassem e informassem ao mundo exterior a existência de K'n-yan, pois, apesar de tudo, ninguém poderia estar seguro a respeito dessas terras externas. Elas cobiçavam ouro e prata e poderiam atrair intrusos bastante problemáticos. Aqueles que obedeceram à solicitação viveram felizes, apesar de, lamentavelmente, por pouco tempo, e contaram tudo o que podiam sobre seu mundo. No entanto, era muito pouco, já que seus

relatos eram tão fragmentados e conflitantes que dificilmente podia-se dizer no que acreditar e no que duvidar. Desejava-se mesmo que mais deles viessem. Quanto àqueles que desobedeceram e tentaram escapar, seu destino foi muito infeliz. Zamacona foi muito bem recebido, pois aparentava ser um homem de alta estirpe e saber muito mais sobre o mundo exterior do que qualquer outro de que se lembravam. Poderia revelar muito, e esperavam que ele se satisfizesse com sua estadia para a vida toda.

Muitas coisas que Zamacona aprendeu sobre K'n-yan naquele primeiro encontro o deixaram sem fôlego. Aprendeu, por exemplo, que, durante as últimas centenas de anos, os fenômenos do envelhecimento e da morte haviam sido dominados, de forma que os indivíduos não mais ficavam frágeis ou morriam, exceto por violência ou vontade própria. Por meio de regulação do sistema, poder-se-ia permanecer fisiologicamente jovem e imortal, conforme se desejasse, e a única razão por que alguém permitiria a si mesmo envelhecer era porque apreciavam a sensação num mundo onde a estagnação e o lugar-comum reinavam. Eles poderiam, facilmente, tornarem-se jovens novamente quando tivessem vontade. Os nascimentos haviam cessado, exceto para fins de experimentação, visto que uma população maior tornou-se desnecessária para uma raça que controlava, igualmente, rivais naturais e orgânicos. Muitos, no entanto, escolhiam morrer após um tempo, visto que, apesar dos esforços mais inteligentes para inventar novos prazeres, a provação da consciência se tornara muito maçante para almas sensíveis, especialmente aquelas nas quais o tempo e a saciedade cegaram os instintos primitivos e as emoções da autopreservação. Todos os membros do grupo diante de Zamacona tinham entre 500 a 1500 anos de idade e muitos haviam visto visitantes da superfície antes, a despeito do tempo ter obscurecido a lembrança. Aliás, esses visitantes, com frequência, tentavam alcançar a longevidade da raça subterrânea, mas foram capazes de fazê-lo apenas parcialmente, devido às diferenças evolutivas desenvolvidas durante um ou dois milhões de anos de separação.

Estas diferenças evolutivas eram mais claramente visíveis em outro detalhe, muito mais estranho do que o milagre da própria imortalidade. Era a habilidade do povo de K'n-yan de regular o equilíbrio entre matéria e energia, mesmo quando corpos de organismos vivos estavam en-

volvidos, pela força da vontade dos tecnicamente treinados. Em outras palavras, com o esforço adequado, um homem treinado de K'n-yan podia desmaterializar-se e rematerializar-se, ou, com um esforço maior e técnica mais refinada, fazer o mesmo com qualquer objeto que escolhesse, reduzindo matéria sólida a partículas soltas e recombinando-as novamente sem danos. Não tivesse Zamacona respondido à batida de seus visitantes, ele teria descoberto este feito de uma forma intrigante, pois apenas o esforço e o incômodo do processo impediram os vinte homens de atravessarem a porta dourada sem deter-se em chamados. Essa arte era muito mais antiga do que a da vida perpétua, e podia, até certo ponto, ser ensinada, apesar de nunca com perfeição, a qualquer pessoa inteligente. Rumores sobre isso alcançaram o mundo exterior em eras passadas, sobrevivendo em tradições secretas e lendas fantasmagóricas. Os homens de K'n-yan divertiram-se com as histórias primitivas e imperfeitas trazidas pelos visitantes do mundo exterior. Na vida prática, este princípio tinha aplicações industriais, mas, geralmente, permanecia negligenciado devido à falta de incentivo para seu uso. Sua forma principal de sobrevivência era em conexão com o sono, quando, pelo prazer da diversão, muitos sonhadores recorriam a essa prática para aumentar a vivacidade de seus devaneios errantes. Com a ajuda desse método, certos sonhadores até faziam visitas em estado semimaterial a um estranho reino nebuloso de colinas, vales e luz que alguns acreditavam ser o esquecido mundo externo. Eles iam até lá com seus animais e, naquela era de paz, reviviam as velhas e gloriosas batalhas de seus antepassados. Alguns filósofos pensavam que, em tais casos, eles, na verdade, atuavam em união com as forças imateriais deixadas para trás por seus próprios antepassados guerreiros.

O povo de K'n-yan morava na cidade grande e alta de Tsath, além das montanhas. Antigamente, várias raças haviam habitado todo o mundo subterrâneo, que se estendia até abismos insondáveis e incluía, além da região de luz azul, uma região de luz vermelha chamada Yoth, onde restos de uma raça ainda mais antiga e não humana foram encontrados por arqueólogos. Com o passar do tempo, no entanto, os homens de Tsath haviam conquistado e escravizado os demais, cruzando-os com alguns quadrúpedes com chifres da região de luz vermelha, cujas características semi-humanas eram muito peculiares e que, apesar de conterem

um elemento criado artificialmente, podiam ter sido, em parte, descendentes degenerados das entidades que haviam deixado as relíquias. Conforme as eras passaram e descobertas mecânicas tornaram os afazeres da vida extremamente fáceis, ocorreu a concentração de indivíduos em Tsath, de modo que todo o resto de K'n-yan ficou relativamente deserto.

Era mais fácil viver em um único lugar, e não havia nenhuma razão para manter uma população de proporções gigantescas. Muitos dos antigos instrumentos mecânicos ainda eram usados, apesar de outros terem sido abandonados quando se viu que fracassaram em proporcionar prazer, ou que não eram necessários a uma raça de número reduzido cuja força mental poderia governar um extenso agrupamento de organismos semi-humanos inferiores para fins industriais. Essa extensa classe escrava era formada por elementos heterogêneos, que incluíam antigos inimigos conquistados, invasores do mundo externo, cadáveres curiosamente revividos e pelos membros naturalmente inferiores da raça dominante de Tsath. O próprio tipo dominante tornou-se bem superior através da eugenia e da evolução social. A nação passou por um período de democracia industrial idealista que deu oportunidades iguais a todos e, assim, elevando os naturalmente inteligentes ao poder, drenou das massas toda sua inteligência e perseverança. A indústria, sendo considerada essencialmente fútil, exceto para o suprimento das necessidades básicas e a gratificação de anseios inescapáveis, tornou-se muito simples. O conforto físico foi garantido por uma mecanização urbana de modelo padronizado e de fácil manutenção, e outras necessidades básicas eram providas por uma agricultura científica e pela pecuária. Viagens longas foram abandonadas, e as pessoas voltaram a usar as bestas chifrudas semi-humanas no lugar de manter a profusão de máquinas de transporte feitas de ouro, prata e aço que, uma vez, tinham circulado por terra, água e ar. Zamacona mal podia acreditar que tais coisas existiam fora dos sonhos, mas foi-lhe dito que poderia ver espécimes deles em museus. Ele também podia ver as ruínas de outros vastos aparelhos mágicos viajando numa jornada de um dia para o vale de Do-Hna, para onde a raça se espalhou durante o seu período de maior número. As cidades e templos da planície atual eram de um período muito mais antigo e nunca tinham sido nada além de antigos santuários religiosos durante a supremacia dos homens de Tsath.

Quanto ao sistema de governo, Tsath era uma espécie de estado semianárquico ou comunista: o costume, ao invés da lei, determinava a ordem diária das coisas. Isso foi possível graças à experiência secular e ao enfado paralisante da raça, cujos desejos e necessidades se limitaram aos fundamentos físicos e às novas sensações. Uma tolerância vinda de longas eras, mais que uma reação crescente, tinha abolido todas as ilusões de valores e princípios, e nada, exceto algo parecido com os costumes, era aceito ou esperado. Tudo o que se desejava era evitar que o abuso na busca dos prazeres prejudicasse a vida em comunidade. A organização familiar tinha, há muito, desaparecido e as distinções civis e sociais dos sexos não mais existiam. A vida diária era organizada em padrões cerimoniais, e as principais ocupações eram jogos, embriaguez, tortura de escravos, sonhar acordado, orgias emocionais e gastronômicas, exercícios religiosos, experimentos exóticos, discussões artísticas e filosóficas e coisas semelhantes. A propriedade, principalmente a terra, os escravos e os animais, era considerada empreendimento comum da cidade de Tsath, e os lingotes do metal magnético de Tulu, o antigo padrão monetário universal, eram distribuídos de forma muito complexa, que incluía certa quantidade dividida igualmente entre todos os homens livres. A pobreza era desconhecida, e o trabalho consistia, apenas, de certos deveres administrativos impostos por um sistema intrincado de teste e seleção. Zamacona encontrou dificuldades para descrever condições tão diferentes de tudo o que conhecia, e o texto de seu manuscrito revelou-se incomumente confuso neste ponto.

Arte e intelecto, ao que parecia, haviam alcançado altos níveis em Tsath, mas tinham se tornado apáticos e decadentes. A dominância do maquinário havia destruído o desenvolvimento da estética normal da época, introduzindo uma tradição geométrica inerte, fatal para a expressão sonora. Isto foi, em breve, superado, mas deixou sua marca em todos os esforços pictóricos e decorativos, de modo que, exceto pelos arranjos religiosos convencionais, havia pouca profundidade ou sensibilidade em qualquer obra posterior. As reproduções arcaicas de trabalhos anteriores foram consideradas preferíveis para a satisfação geral. A literatura era muito individual e analítica, de modo a ser completamente incompreensível para Zamacona. A ciência era profunda, precisa e abrangia todos os campos, exceto a astronomia. Nos últimos tempos, no en-

tanto, estava se tornando decadente à medida que as pessoas achavam cada vez mais inútil forçar suas mentes memorizando sua enlouquecedora multiplicidade de detalhes e de ramificações. Considerava-se mais sensato abandonar as especulações mais profundas e confinar a filosofia às formas convencionais. A tecnologia, é claro, poderia continuar como um princípio básico. A história era cada vez mais negligenciada, mas crônicas exatas e abundantes do passado existiam nas bibliotecas. Ainda era um assunto interessante, e havia um grande número de interessados que se regozijavam com o conhecimento novo do mundo exterior trazido por Zamacona. No geral, entretanto, a tendência era sentir ao invés de pensar, de modo que os homens eram mais altamente estimados por inventarem novas diversões do que por preservarem velhos fatos ou forcarem os limites da fronteira do mistério cósmico.

A religião era o interesse primordial em Tsath, a despeito de muito poucas pessoas realmente acreditarem no sobrenatural. O que se desejava era a exaltação estética e emocional criada pelo estado de espírito místico e pelos ritos sensórios que acompanhavam a pitoresca fé ancestral. Os templos do Grande Tulu, um espírito de harmonia universal, antigamente simbolizado como um deus de cabeça de polvo que trouxe todos os homens das estrelas, eram os prédios mais ricamente construídos em toda K'n-yan, enquanto os santuários crípticos de Yig, o princípio da vida, simbolizado como o pai de todas as serpentes, eram quase tão abundantes e excepcionais. Com o tempo, Zamacona aprendeu muito sobre as orgias e sacrifícios ligados a essa religião, mas parecia, devido a sua formação cristã, relutante em descrevê-los em seu manuscrito. Ele próprio nunca participou de nenhum rito, salvo aqueles que confundiu com degenerações de sua própria fé; e nunca perdeu a oportunidade de converter as pessoas à fé da cruz, que os espanhóis esperavam tornar universal.

Proeminente na religião contemporânea de Tsath era a veneração revivida e quase genuína do raro metal sagrado de Tulu, o material escuro, lustroso e magnético que jamais era encontrado na natureza, mas que sempre esteve com os homens na forma de ídolos e instrumentos hieráticos. Desde os tempos mais antigos, qualquer visão dele, na sua forma pura, incitava respeito, e todos os arquivos sagrados e litanias foram mantidos em cilindros forjados de sua mais pura substância. Agora, co-

mo a negligência à ciência e ao intelecto estava entorpecendo o espírito analítico crítico, as pessoas começavam a criar, ao redor do metal, a mesma estrutura de reverente superstição que existia nos tempos primitivos.

Outra função da religião era regularizar o calendário, nascido em um período no qual o tempo e a velocidade eram considerados fetiches primordiais na vida emocional do homem. Os períodos alternados de vigília e sono, prolongados, abreviados e invertidos conforme o humor e a conveniência, e ditados e cronometrados pela batidas da cauda do Grande Yig, a serpente, correspondiam, grosseiramente, aos dias e noites terrestres, embora as sensações de Zamacona lhe dissessem que deveriam ser quase duas vezes mais longos. A unidade do ano, medida pela queda anual da pele de Yig, era igual a cerca de um ano e meio do mundo exterior. Zamacona pensou ter compreendido este calendário muito bem quando escreveu seu manuscrito, por isso a data confiante de 1545. Mas o documento não indicava que sua certeza, nesse ponto, era plenamente justificada.

Enquanto o porta-voz de Tsath dava-lhe as informações, Zamacona sentia crescente repulsa e temor. Não apenas o que era dito, mas a estranha maneira telepática de dizer e a simples inferência de que retornar ao mundo exterior seria impossível fizeram o espanhol desejar que nunca tivesse descido a essa região de magia, anormalidade e decadência. Mas ele sabia que nada além da aquiescência amigável seria boa política, e decidiu cooperar inteiramente com seus visitantes e fornecer as informações que pudessem desejar. De sua parte, eles ficaram fascinados com os dados do mundo exterior que ele conseguiu, de maneira hesitante, transmitir.

Foi, realmente, o primeiro esboço de informações confiáveis da superfície que obtiveram desde que os refugiados se afastaram da Atlântida e da Lemúria^[7] eras antes. Todos os emissários subsequentes, vindos de fora, eram membros de grupos pequenos e locais, sem qualquer conhecimento do mundo em geral: maias, toltecas e astecas, na melhor das hipóteses; e, na maioria, tribos ignorantes das planícies. Zamacona foi o primeiro europeu que haviam visto, e o fato de ser um jovem erudito e inteligente enfatizou ainda mais seu valor como fonte de conhecimento. O grupo visitante mostrou interesse incansável em tudo o que ele conseguia transmitir, e estava claro que sua vinda faria muito para aliviar o

interesse debilitado da aborrecida Tsath em questões de geografia e história.

A única coisa que parecia desagradar os homens de Tsath era o fato de que curiosos e aventureiros de fora estavam começando a vir das muitas partes do mundo superior para onde havia passagens para K'n-yan. Zamacona contou-lhes sobre a fundação da Flórida e da Nova Espanha e deixou claro que grande parte do mundo espanhol, português, francês e inglês estava animada com o deleite da aventura. Mais cedo ou mais tarde, o México e a Flórida devem se unir em um grande império colonial e, então, seria difícil manter os forasteiros longe dos boatos do ouro e da prata do abismo. Búfalo Indomável sabia da viagem de Zamacona para dentro da terra. Ele contaria a Coronado ou, de alguma forma, deixaria um relatório ao vice-rei quando não encontrasse o viajante no lugar combinado para o encontro? A preocupação com a manutenção do segredo e da segurança de K'n-yan manifestava-se no rosto dos visitantes, e Zamacona absorveu, de suas mentes, o fato de que, daquele momento em diante, sentinelas voltariam a ser posicionados em todas as passagens desbloqueadas do mundo exterior de que os homens de Tsath podiam se lembrar.

V.

A longa conversa de Zamacona e seus visitantes teve lugar no crepúsculo verde azulado do bosque, do lado de fora do templo. Alguns dos homens reclinaram-se sobre as ervas daninhas e o musgo ao lado da mal cuidada alameda, enquanto outros, incluindo o espanhol e o porta-voz do grupo Tsath, sentaram-se nos baixos pilares monolíticos que se alinhavam no caminho de acesso ao templo. Quase um dia terrestre inteiro deve ter sido consumido na conversa, pois Zamacona sentiu a necessidade de se alimentar várias vezes, e comeu provisões que trazia em sua mochila bem abastecida, enquanto alguns do grupo Tsath retornaram para buscar provisões na estrada onde deixaram os animais em que haviam cavalgado. Por fim, o líder do grupo encerrou conversa e indicou que era chegada a hora de ir à cidade.

Havia, segundo ele, vários outros animais nos quais Zamacona podia cavalgar. A perspectiva de montar uma daquelas sinistras entidades híbridas, cuja alimentação, segundo as lendas, era tão perturbadora, e dos quais uma única visão bastara para pôr Búfalo Indomável em desesperada fuga, não era de modo algum confortadora para o viajante. Além disso, outro fato o perturbava sobremodo: a inteligência aparentemente sobrenatural de alguns membros da manada que vira no dia anterior e que relataram sua presença aos homens de Tsath, guiando a presente expedição. Mas Zamacona não era covarde e, por esta razão, seguiu os homens pela alameda de ervas daninhas até a estrada onde as criaturas estavam.

No entanto, não pode evitar um grito de terror diante do que viu quando passou pelos grandes pilares cobertos de trepadeiras e chegou à antiga estrada. Ele não se admirou de o curioso wichita ter fugido em pânico, e teve de fechar os olhos por um momento para manter sua sanidade. É lamentável que algum senso de reticência piedosa o tenha impedido de descrever plenamente, em seu manuscrito, a visão inominável com que se defrontou. Dessa forma, apenas insinuou a morbidez chocante das grandes criaturas brancas, com pelo preto nos flancos, um chifre rudimentar no centro da testa e um traço inconfundível de sangue humano ou antropoide em seus rostos de nariz achatado e lábios protuberantes. Eram, declarou mais tarde em seu manuscrito, as mais terríveis entidades que já vira em sua vida, fosse em K'n-yan ou no mundo exterior. E a propriedade específica do terror supremo que elas transmitiam era algo diferente de qualquer característica facilmente reconhecível ou descritível. O principal problema era que eles não eram, completamente, produtos da natureza.

O grupo observou o pavor de Zamacona e apressou-se a tranquilizá-lo tanto quanto possível. As bestas, ou *gyaa-yothn*, eles explicaram, eram, sem dúvida, criaturas curiosas, mas eram realmente inofensivas. A carne que comiam não era a de pessoas inteligentes da raça dominante, mas a de uma classe escrava especial que, em sua maior parte, deixara de ser completamente humana, e que, de fato, era o principal estoque de carne de K'n-yan. Eles, ou seu principal componente ancestral, haviam sido encontrados em estado selvagem, em meio às ruínas ciclópicas do mundo deserto, de luzes avermelhadas, de Yoth, que estava abaixo do mundo de luzes azuis de K'n-yan. O fato de que eram parcialmente hu-

manos afigurava-se bastante evidente, mas os homens da ciência nunca puderam decidir se eram realmente descendentes das entidades que tinham vivido e reinado nas estranhas ruínas. O principal motivo para tal suposição era o fato bem conhecido de que os habitantes desaparecidos de Yoth tinham sido quadrúpedes. Esse conhecimento era transmitido pelos poucos manuscritos e baixos-relevos encontrados nas criptas de Zin, debaixo da maior cidade em ruínas de Yoth. Mas esses manuscritos também mostram que os seres de Yoth dominavam a arte de criar vida sinteticamente, e haviam criado e destruído várias raças de animais usados na indústria e no transporte, e projetados de maneira eficiente ao longo de sua história. Isso sem falar na criação de todos os tipos de formas vivas fantásticas com fins de divertimento e novos prazeres durante o longo período de decadência. Os seres de Yoth, sem dúvida, haviam sido reptilianos por parentesco, e a maioria dos fisiologistas de Tsath concordava que as bestas atuais eram muito inclinadas para o reptilianismo antes de serem cruzadas com a classe de escravos mamíferos de K'n-yan.

Estava bem de acordo com o espírito intrépido dos espanhóis renascentistas que conquistaram metade do mundo desconhecido o fato de Pánfilo de Zamacona y Nuñez ter, realmente, montado um dos animais mórbidos de Tsath ao lado do líder da cavalgada, o homem chamado Gll'-Hthaa-Ynn, que tinha sido o mais ativo na anterior troca de informações. Era uma tarefa repulsiva, mas, no final das contas, o assento era muito confortável, e o andar do desajeitado *gyaa-yoth* era surpreendentemente uniforme e regular. Não havia necessidade de sela, e o animal parecia não precisar de orientação alguma. A comitiva seguiu em frente a passos rápidos, parando apenas em certas cidades e templos abandonados sobre os quais Zamacona estava curioso e que Gll'-Hthaa-Ynn estava obsequiosamente pronto a mostrar e explicar. A maior dessas cidades, B'graa, era um prodígio de ouro elegantemente forjado, e Zamacona estudou a arquitetura curiosamente ornamentada com ávido interesse. Os edifícios tendiam à altura e à leveza das linhas, com telhados irrompendo em meio a pináculos. As ruas eram estreitas, com muitas curvas e onduladas. Mas Gll'-Hthaa-Ynn disse que as cidades posteriores de K'n-yan eram muito mais espaçosas e regulares. Todas estas cidades antigas da planície apresentavam traços de paredes destruídas, lembran-

ças dos dias antigos em que foram sucessivamente conquistadas pelos exércitos agora dispersos de Tsath.

Havia um objeto ao longo da rota que Gll'-Hthaa-Ynn resolveu mostrar por iniciativa própria, apesar de implicar um desvio de cerca de um quilômetro ao longo de um caminho lateral emaranhado de trepadeiras. Era um templo sólido e plano, de blocos de basalto preto, sem um único entalhe, e contendo apenas um pedestal vazio de ônix. O notável era sua história, porque tinha ligação com um mundo fabuloso, infinitamente mais velho que a críptica Yoth. Fora construído imitando certos templos representados nas catacumbas de Zin para abrigar um ídolo com a forma de um horrível sapo preto encontrado no mundo de luzes avermelhadas e chamado Tsathoggua, segundo os manuscritos yóthicos. Tinha sido um deus poderoso e amplamente adorado e, após ser adotado pelo povo de K'n-yan, teve seu nome emprestado à cidade que, mais tarde, se tornou dominante naquela região. A lenda yóthica dizia que ele vinha de um misterioso reino interior abaixo do mundo de luzes avermelhadas. Um reino negro, de seres de sentidos peculiares, que não tinha nenhuma luz, mas que tivera grandes civilizações e deuses poderosos antes mesmo dos quadrúpedes reptilianos de Yoth surgirem. Muitas imagens de Tsathoggua existiam em Yoth, todas supostamente vindas do negro reino interior, e que os arqueólogos de Yothic supunham representar a raça há eras extinta daquele reino. O reino negro, chamado N'kai nos manuscritos yóthicos, fora explorado tanto quanto possível por arqueólogos, e valas ou covas peculiares de pedra haviam provocado especulação infinita.

Quando os homens de K'n-yan descobriram o avermelhado mundo estranho e decifraram os estranhos manuscritos, eles adotaram o culto a Tsathoggua e trouxeram todas as imagens de sapos terríveis até a terra de luz azulada, alojando-as em santuários de basalto Yoth, como o que agora Zamacona via. O culto floresceu até quase rivalizar com os antigos cultos de Yig e Tulu, e uma parte da raça chegou a levá-lo para o mundo exterior, onde a menor das imagens encontrou um santuário em Olathoe, na terra de Lomar, perto do polo norte. Dizia-se que esse culto do mundo exterior sobreviveu mesmo após o grande manto de gelo e os peludos *gnophkehs* destruírem Lomar. Mas muito pouco desses fatos chegou a ser conhecido em K'n-yan. Naquele mundo de luz azul, o cul-

to chegou a um fim abrupto, embora o nome de Tsath tenha permanecido.

O que decretou o fim do culto foi a exploração parcial do reino negro de N'kai abaixo do mundo de luzes vermelhas de Yoth. De acordo com os manuscritos yóthicos, nenhuma vida sobreviveu em N'kai, mas algo deve ter ocorrido nas eras entre os dias de Yoth e a vinda de homens à Terra. Talvez algo não alheio ao fim de Yoth. Pode ter sido um terremoto, abrindo câmaras inferiores no mundo sem luz que tinham sido fechadas para os arqueólogos yóthicos, ou talvez a justaposição, um pouco mais assustadora, de energia e de elétrons, totalmente inconcebível para qualquer tipo de mente vertebrada. De qualquer forma, quando os homens de K'n-yan desceram ao abismo negro de N'kai com seus holofotes atômicos de grande potência descobriram criaturas vivas que corriam ao longo dos canais de pedra e adoravam imagens de ônix e de basalto de Tsathoggua. Mas não eram sapos como o próprio Tsathoggua. Muito pior. Eram protuberâncias amorfas de lodo negro viscoso que tomavam formas temporárias para vários propósitos. Os exploradores de K'n-yan não pararam para observações detalhadas, e aqueles que escaparam vivos selaram a passagem que ia da avermelhada Yoth aos abismos inferiores do horror. Em seguida, todas as imagens de Tsathoggua, na terra de K'n-yan, foram dissolvidas no éter por raios desintegradores e o culto foi abolido para sempre.

Eras mais tarde, quando os temores ingênuos foram superados e suplantados pela curiosidade científica, as antigas lendas de Tsathoggua e N'kai foram recordadas, e um grupo de exploradores adequadamente armado e equipado desceu a Yoth para procurar o portão fechado do abismo negro e ver o que ainda poderia estar abaixo. Mas não conseguiram encontrar o portão, nem qualquer homem pôde fazê-lo em todas as eras que se seguiram. Hoje em dia, havia aqueles que duvidavam de que algum abismo tinha existido, mas os poucos estudiosos que ainda conseguiam decifrar os manuscritos yóthicos acreditavam que a evidência para tal fato era satisfatória, embora os documentos intermediários de K'n-yan, com relatos da espantosa expedição a N'kai, estivessem mais abertos a questionamentos. Mais tarde, alguns dos cultos religiosos tentaram suprimir a lembrança da existência de N'kai, e adotaram penalida-

des severas para sua menção. Mas essas ainda não eram levadas a sério na época em que Zamacona chegou a K'n-yan.

Enquanto a caravana voltava à estrada velha e se aproximava da área baixa das montanhas, Zamacona viu que o rio estava muito perto à esquerda. Um pouco mais tarde, à medida que o terreno se elevava, a correnteza adentrava o desfiladeiro e passava pelas colinas, e a estrada atravessava o fosso em um nível bem mais elevado perto da borda. Foi neste espaço de tempo que chuvas leves vieram. Zamacona notou as gotas e a garoa, e olhou para o ar azul coruscante, mas não houve diminuição da estranha luminosidade. Gll'-Hthaa-Ynn disse que condensações e precipitações de vapor d'água não eram incomuns, e nunca esmaeciam o brilho da abóbada acima. Uma espécie de névoa, de fato, sempre cobria as terras baixas de K'n-yan, e compensava a completa ausência de verdadeiras nuvens.

A pequena elevação da passagem da montanha possibilitava a Zamacona, ao olhar para trás, ter uma visão panorâmica da antiga planície deserta, tal como a vira do outro lado. Aparentemente, ele apreciou sua beleza estranha e lamentou, vagamente, tê-la deixado, pois diz ter sido instado por Gll'-Hthaa-Ynn a conduzir seu animal mais rapidamente. Quando voltou a olhar para frente, viu que o topo da estrada estava muito próximo. O caminho, coberto de ervas daninhas, conduzia para cima e terminava contra um vazio de luz azul. A cena era, sem dúvida, muito impressionante. Um íngreme paredão montanhoso verde à direita, um rio profundo à esquerda, com outra parede da montanha verde além, e, à frente, o mar agitado, de cintilações azuladas, onde o caminho ascendente terminava. Então, chegaram ao topo e ao mundo de Tsath, que se estendia à frente em uma visão estupenda.

Zamacona prendeu a respiração diante da enorme extensão da paisagem povoada, pois era uma colmeia de assentamentos e atividades além de qualquer coisa que ele tinha visto ou sonhado. O declive da ladeira era relativamente pouco coberto com pequenas fazendas e templos ocasionais. Mas, além dela, havia uma enorme planície coberta como um tabuleiro de xadrez com árvores plantadas, irrigada por canais estreitos que vinham do rio e cruzado por vias geometricamente precisas de ouro ou de basalto. Grandes cabos de prata presos no topo de pilares dourados ligavam os prédios baixos, dispersos, e os agrupamentos de constru-

ções que se erguiam aqui e ali. Em alguns lugares, viam-se linhas de pilares parcialmente em ruínas e sem cabos. Objetos em movimento mostraram que os campos eram lavouras e, em alguns casos, Zamacona viu que os homens estavam lavrando com a ajuda dos repulsivos quadrúpedes semi-humanos.

Porém, o mais impressionante de tudo foi a visão desconcertante de torres e pináculos aglomerados que se erguiam ao longe pela planície e brilhavam como flores na espectral e coruscante luz azul. Num primeiro momento, Zamacona pensou que era uma montanha coberta com casas e templos, como uma pitoresca cidade em uma colina na sua Espanha. Mas um segundo olhar mostrou que não era o caso. Era uma cidade da planície, mas formada de torres tão altas que seu contorno era como o de uma montanha. Acima dela, pendia uma curiosa neblina acinzentada através da qual a luz azul brilhava e adquiria nuances do resplendor dos milhões de minaretes dourados. Olhando para Gll'-Hthaa-Ynn, Zamacona sabia que esta era a gigantesca e onipotente cidade de Tsath.

À medida que a estrada descia em direção à planície, Zamacona sentiu uma espécie de apreensão e uma sensação de malignidade. Ele não gostava da besta em que cavalgava nem do mundo que podia produzir tal besta, e não gostava da atmosfera que pairava na distante cidade de Tsath. Quando a cavalgada começou a passar pelas esporádicas fazendas, o espanhol notou as formas que trabalhavam nos campos e não gostou dos seus movimentos e tamanhos, ou das mutilações que viu na maioria delas. Além disso, não gostava da maneira como algumas dessas formas eram mantidas nos currais, ou a forma como pastavam na verdura densa. Gll'-Hthaa-Ynn indicou que aqueles seres eram membros da classe escrava, e que seus atos eram controlados pelo mestre da fazenda, que, de manhã, lhes deu impressões hipnóticas sobre o que deveriam fazer durante o dia. Como máquinas semiconscientes, sua eficiência produtiva era quase perfeita. Aqueles nos currais eram espécies inferiores, classificados meramente como gado.

Até onde se estendia a planície, Zamacona viu as fazendas maiores e percebeu o trabalho quase humano executado pelos repulsivos e chifrudos *gyaa-yothn*. Da mesma forma, observava as formas mais humanoídes que labutavam ao longo dos sulcos, e sentiu asco e um terror curioso em relação a alguns cujos movimentos eram mais mecânicos do que o

dos demais. Aqueles, Gll'-Hthaa-Ynn explicou, eram o que os homens chamavam de *y'm-bhi*, organismos que tinham morrido, mas que foram mecanicamente reanimados para objetivos industriais por meio de energia atômica e poder do pensamento. A classe escrava não compartilhava da imortalidade dos homens livres de Tsath; portanto, com o tempo, o número de *y'm-bhi* tornou-se muito grande. Eles tinham uma fidelidade canina, mas não eram tão receptivos aos comandos mentais como os escravos vivos. Os que mais causavam repulsa a Zamacona eram aqueles cujas mutilações eram maiores, pois alguns foram decapitados, enquanto outros tinham sofrido amputações, distorções, transposições aparentemente excêntricas e enxertos em vários lugares. O espanhol não podia explicar esta condição, mas Gll'-Hthaa-Ynn deixou claro que esses eram escravos que haviam sido usados para a diversão do povo em algumas das vastas arenas, pois os homens de Tsath eram conhecedores de sensações delicadas e exigiam o fornecimento constante de estímulos recentes e novos para os seus embotados impulsos. Zamacona, embora de forma alguma melindroso, não estava favoravelmente impressionado com o que viu e ouviu.

Chegando mais perto, a grande metrópole tornou-se vagamente horrível com sua monstruosa extensão e elevação desumanas. Gll'-Hthaa-Ynn explicou que as partes superiores das grandes torres não eram mais utilizadas, e que muitas foram derrubadas para evitar o incômodo da manutenção. A planície em torno da área urbana original estava coberta por habitações novas e menores, que, em muitos casos, eram preferidas às antigas torres. Da incrível massa de ouro e pedra, vinha o rugido monótono de atividade que se espalhava pela planície, enquanto cavalgadas e fluxos de vagões entravam e saíam pelas grandes estradas pavimentadas de ouro ou de pedra.

Inúmeras vezes, Gll'-Hthaa-Ynn fez pausa para mostrar a Zamacona algo de particular interesse, especialmente os templos de Yig, Tulu, Nug, Yeb e d'Aquele-que-Não-Deve-Ser-Nomeado, que ladeavam a estrada a intervalos desiguais, cada um em meio a seu bosque, de acordo com o costume de K'n-yan. Estes templos, ao contrário daqueles na planície deserta além das montanhas, ainda eram muito frequentados, e grandes grupos de fiéis montados iam e vinham em fluxo constante. Gll'-Hthaa-Ynn mostrou a Zamacona o interior de cada um e o espanhol observou

os refinados rituais orgíacos com fascinação e repulsa. As cerimônias de Nug e Yeb o enojaram especialmente, tanto que se absteve de descrevê-las no manuscrito. Um templo negro de Tsathoggua foi transformado em santuário de Shub-Niggurath, mãe e esposa d'Aquele-que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Essa deidade era uma espécie de Astarte^[8] sofisticada e sua veneração tocou o devoto católico como extremamente desagradável. O que ele menos gostava, acima de tudo, eram os sons emocionais emitidos pelos celebrantes, sons dissonantes de uma raça que havia cessado de usar a voz para propósitos comuns.

Perto do compacto entorno de Tsath, bem à sombra de suas torres assustadoras, Gll'-Hthaa-Ynn apontou uma monstruosa construção circular, onde imensas multidões se alinhavam. Este, ele indicou, era um dos muitos anfiteatros onde esportes curiosos e sensações eram proporcionadas ao entediado povo de K'n-yan. Ele estava prestes a parar e conduzir Zamacona para dentro da vasta fachada curva quando o espanhol, recordando-se das mutiladas formas que vira no campo, recusou-se, terminantemente a entrar. Este foi o primeiro dos conflitos de preferências que convenceriam o povo de Tsath de que seu convidado seguia costumes estranhos e mesquinhos.

Tsath era, ela mesma, uma rede de ruas estranhas e antigas, e, apesar de uma sensação crescente de horror e alienação, Zamacona estava enfeitado pelas suas insinuações de mistério e maravilhas cósmicas. O gigantismo estonteante das imponentes torres, a monstruosa agitação da vida fervilhante pelas avenidas ornamentadas, os singulares baixos-relevos nas portas e janelas, as estranhas vistas panorâmicas das praças cercadas por balaustradas e dos gigantescos terraços e a envolvente neblina cinzenta, que parecia posicionar-se sobre as ruas tal como em desfiladeiros e formando um teto baixo, tudo combinando para produzir uma sensação de expectativa aventureira como ele nunca tinha conhecido antes. Zamacona foi levado, imediatamente, a um conselho de executivos reunidos em um palácio de ouro e cobre situado atrás de um parque ajardinado e cheio de chafarizes, e foi submetido, durante algum tempo, a um rigoroso, mas amigável, interrogatório em um salão abobadado pintado com arabescos vertiginosos. Ele percebeu que muito se esperava dele no sentido de fornecer informações históricas sobre a Terra exterior e, em troca, todos os mistérios de K'n-yan lhe seriam revelados. O gran-

de inconveniente era a lei inexorável segundo a qual ele nunca poderia retornar ao mundo de sol e estrelas, e à Espanha a que pertencia.

Uma programação diária foi apresentada ao visitante, com o tempo judiciosamente dividido entre vários tipos de atividades. Haveria encontros com pessoas de erudição em vários locais e lições em muitas áreas do saber tsáthico. Períodos livres de pesquisa eram permitidos e todas as bibliotecas de K'n-yan, tanto seculares quanto sagradas, estariam à disposição dele tão logo dominasse a linguagem escrita. Poderia comparecer a ritos e a espetáculos, exceto quando a eles se opusesse, e muito tempo seria reservado para a prazerosa busca pelo conhecimento e para a excitação emocional que formavam a meta e o núcleo da vida diária. Uma casa nos subúrbios ou um apartamento na cidade lhe seria designado, e ele seria iniciado em um dos grandes grupos de afeto, que incluíam muitas mulheres nobres da mais extrema e realçada beleza, que, nos últimos dias de K'n-yan, tomaram o lugar de unidades familiares. Diversos *gyaa-yothn* chifrudos seriam providenciados para seu transporte e viagens curtas e dez escravos vivos, de corpos intactos, serviriam para administrar sua propriedade e protegê-lo de ladrões, sádicos e orgiastas religiosos nas vias públicas. Havia muitos dispositivos mecânicos que deveria aprender a usar, mas Gll'-Hthaa-Ynn iria instruí-lo imediatamente sobre o uso dos principais.

Após a escolha de um apartamento, ao invés de uma vila suburbana, Zamacona foi dispensado pelos executivos com grande cortesia e cerimônia e levado por diversas ruas deslumbrantes até uma estrutura entalhada, semelhante a um penhasco, com setenta ou oitenta andares. Os preparativos para sua chegada já estavam concluídos e, numa espaçosa suíte no andar térreo, de quartos abobadados, os escravos estavam ocupados ajustando reposteiros e mobília. Havia tamboretes envernizados, poltronas reclináveis de veludo e seda, almofadas e diversos escaninhos de teca e ébano com cilindros de metal contendo alguns dos manuscritos que logo ele iria ler — era o padrão clássico comum a todos os apartamentos urbanos. Havia, também, mesas com pilhas de pergaminho, e potes de um pigmento verde estavam em todas elas, cada uma com seu conjunto de pincéis e outros estranhos objetos de escritório. Aparelhos mecânicos de escrever estavam num ornamentado tripode dourado, e o conjunto era coberto por uma luz azul brilhante vinda dos globos de

energia no teto. Havia janelas, mas, no escuro nível térreo, eram de pouca valia quanto à luminosidade. Em algumas das peças havia banheiros elaborados, enquanto a cozinha era um labirinto de arranjos técnicos. Zamacona foi informado de que os suprimentos eram trazidos através da rede de passagens subterrâneas que estavam abaixo de Tsath e que, certa vez, haviam abrigado singulares transportes mecânicos. Havia um estábulo naquele nível subterrâneo para as bestas e Zamacona foi instruído sobre como encontrar o passadiço mais próximo da rua. Antes da inspeção acabar, a equipe permanente de escravos chegou e lhe foi apresentada e, logo após, chegaram cerca de meia dúzia de homens livres e de mulheres nobres de seu futuro grupo de afeto, que seriam seus companheiros por vários dias, contribuindo, da forma que pudessem, para sua educação e entretenimento. Após a partida desse grupo, outro assumiria o lugar e assim por diante, em um rodízio que envolveria um grupo de cerca de cinquenta membros.

VI.

Dessa forma, Pánfilo de Zamacona y Nuñez foi absorvido, durante quatro anos, na vida da sinistra cidade de Tsath no azulado mundo subterrâneo de K'n-yan. Tudo o que aprendeu, viu e fez não foi, evidentemente, registrado no manuscrito, pois uma discricção piedosa tomou conta dele quando começou a escrever na sua língua espanhola nativa, e não ousou registrar tudo. Muitas coisas ele, constantemente, via com repulsa; e se negava a ver, fazer ou comer muitas outras. Frequentemente, expiava algumas ações desfiando as contas de seu rosário. Ele explorou o mundo inteiro de K'n-yan, incluindo as desertas cidades-máquinas do período médio na planície coberta de junco de Nith, e fez uma descida ao mundo de luzes vermelhas de Yoth para ver as ruínas ciclópicas. Testemunhou prodígios de destreza e máquinas que o deixaram sem fôlego, e observou metamorfoses humanas, desmaterializações, rematerializações e reanimações que o obrigaram a fazer o sinal da cruz várias vezes. Sua própria capacidade de assombro foi entorpecida pela pletora de novas maravilhas que contemplava todos os dias.

Mas, quanto mais tempo ficava, mais desejava partir, pois a vida interior de K'n-yan se baseava em estímulos inteiramente fora de seu alcance. À medida que progredia em conhecimento histórico, compreendia melhor o mundo que o cercava; mas o entendimento só aumentava seu desgosto. Sentia que o povo de Tsath era uma raça perdida e perigosa, mais perigosa para si própria do que podia imaginar, e que o crescente frenesi para combater a monotonia e buscar novidades levava o povo, rapidamente, rumo a um precipício de desintegração e horror absolutos. Ele estava consciente de que sua chegada tinha aumentado a inquietação do povo, não apenas ao introduzir o medo de uma invasão externa; mas, também, por estimular em muitos o desejo de sair e experimentar o variado mundo externo que ele descreveu. Com o passar do tempo, notou a tendência crescente do povo de recorrer à desmaterialização como entretenimento, de modo que os apartamentos e anfiteatros de Tsath se tornaram verdadeiro sabá das bruxas de transmutações, ajustes de idade, experiências de morte e projeções. Com o aumento do tédio e da inquietação, ele viu que a crueldade, a argúcia e a revolta cresciam rapidamente. Havia mais e mais anormalidades cósmicas, mais e mais sadismo excêntrico, mais e mais ignorância e superstição, e mais e mais desejo de escapar da vida física para um estado semiespectral de dispersão eletrônica.

Todos os seus esforços para partir, no entanto, deram em nada. Persuasão foi inútil, como as repetidas tentativas provaram, embora a clara advertência das classes superiores, quando de sua chegada, o dissuadissem de mostrar, abertamente, o interesse de partir. No ano que calculou como sendo 1543, Zamacona fez uma tentativa de escapar pelo túnel pelo qual havia entrado em K'n-yan. Mas, após uma jornada cansativa pela planície deserta, ele encontrou sentinelas na passagem escura que o desencorajaram de futuras tentativas naquela direção. Como meio de manter a esperança e conservar a imagem de seu lugar de origem na mente, começou a fazer desenhos rústicos no manuscrito relatando suas aventuras, deleitando-se com as amadas palavras espanholas antigas e as familiares letras do alfabeto romano. De alguma forma, imaginava que talvez pudesse levar o manuscrito ao mundo externo e, para torná-lo convincente a seus pares, decidiu fechá-lo em um dos cilindros de metal Tu-

lu usado para arquivos sagrados. Aquela substância alienígena magnética poderia provar a incrível história que ele tinha para contar.

Mas, mesmo enquanto planejava, tinha pouca esperança de estabelecer contato com a superfície do planeta. Ele sabia que todo portão conhecido era vigiado por pessoas ou forças às quais era melhor não se opor. Sua tentativa de fuga não ajudou, pois podia ver, agora, uma hostilidade crescente ao mundo externo que ele representava. Tinha esperanças de que nenhum outro europeu encontrasse a entrada, pois era possível que os recém-chegados não se saíssem tão bem quanto ele, que fora valiosa fonte de informação e, como tal, gozava de status privilegiado. Outros, considerados menos necessários, poderiam receber tratamento bem diferente. Até imaginava o que poderia ocorrer com ele quando os sábios de Tsath o considerassem drenado de fatos novos. Assim, em autopreservação, começou a ser mais parcimonioso nas conversas sobre o conhecimento da Terra, dando, sempre que podia, a impressão de vasto conhecimento mantido em segredo.

Outra coisa que colocava em risco o status de Zamacona em Tsath era a persistente curiosidade no que dizia respeito ao derradeiro abismo de N'kai, além da avermelhada Yoth, cuja existência os cultos religiosos dominantes de K'n-yan estavam cada vez mais dispostos a negar. Quando explorava Yoth, em vão tentou encontrar a entrada bloqueada e, mais tarde, experimentou as artes da desmaterialização e projeção, na esperança de que pudesse ser capaz de lançar sua consciência em direção aos abismos que seus olhos físicos não podiam descobrir. Apesar de nunca tornar-se realmente proficiente nesses processos, conseguiu alcançar uma série de sonhos monstruosos e agourentos que acreditava incluir alguns elementos de verdadeira projeção em N'kai. Esses sonhos chocaram imensamente e perturbaram os líderes de Yig e os adoradores de Tulu quando os relatou, e foi aconselhado por amigos a escondê-los ao invés de explorá-los. Com o tempo, os sonhos tornaram-se frequentes e enlouquecedores, contendo coisas que não ousava registrar no manuscrito, embora houvesse preparado um registro especial para o benefício de certos eruditos em Tsath.

Pode ter sido infortúnio — ou, talvez, tenha sido lance de sorte — o fato de Zamacona ser muito reticente e reservar tantos temas e descrições para manuscritos subsidiários. O documento principal nos revela

muito sobre os modos, costumes, pensamentos, língua e história detalhada de K'n-yan, assim como permite formar imagens adequadas do aspecto visual e da vida cotidiana de Tsath. Fica-se intrigado, também, quanto à verdadeira motivação do povo, sua estranha passividade e o covarde medo do mundo exterior, a despeito de terem poderes atômicos e de desmaterialização, o que os tornaria inconquistáveis se fizessem o esforço de organizar exércitos como no passado. Era evidente que K'n-yan estava adiantada em sua decadência, reagindo com uma mistura de apatia e histeria contra a vida padronizada e cronológica, de monótona regularidade, que a industrialização trouxera durante o período médio. Mesmo os costumes grotescos e repulsivos e os modos de pensamento e de sentimentos podem ser rastreados até sua origem, pois, em sua pesquisa histórica, Zamacona encontrou evidências de eras passadas em que K'n-yan defendia ideias muito parecidas com aquelas do período clássico e renascentista do mundo externo, e tinha uma arte e um caráter nacional cheios do que os europeus chamavam de dignidade, bondade e nobreza.

Quanto mais Zamacona estudava essas coisas, mais apreensivo ficava sobre o futuro, porque via que a onipresente desintegração moral e intelectual era um movimento tremendamente profundo e ominosamente acelerado. Mesmo durante sua estadia, os sinais de decadência multiplicavam-se. O racionalismo degenerava mais e mais em superstição orgiaca e fanática, centrando-se numa excessiva adoração do metal magnético de Tulu; e a tolerância constantemente dissolvia-se em uma série de ódios enlouquecidos, em especial do mundo exterior, sobre o qual os eruditos estavam aprendendo muito com ele. Às vezes, quase temia que as pessoas pudessem, algum dia, perder a apatia de longa data e dirigir-se, como ratos desesperados, às terras desconhecidas acima, varrendo todos diante deles em virtude dos poderes científicos singulares de que ainda se recordavam. Mas, por enquanto, lutavam, de outras formas, contra o tédio e a sensação de vazio, multiplicando suas horríveis vazões emocionais e aumentando a insanidade grotesca e a anormalidade de suas diversões. As arenas de Tsath deviam ser lugares amaldiçoados e impensáveis, Zamacona nunca chegava perto delas. E o que seriam em outro século, ou mesmo em outra década, não ousava pensar. O devoto es-

panhol fazia o sinal da cruz e rezava seu rosário com mais frequência que o habitual naqueles dias.

Em 1545, conforme seus cálculos, Zamacona iniciou o que pode ser considerado as últimas tentativas de deixar K'n-yan. Essa nova oportunidade veio de uma fonte inesperada: uma mulher de seu grupo de afeto que desenvolveu por ele uma curiosa paixão individual baseada em alguma memória hereditária dos dias de casamento monogâmico em Tsath. Sobre esta mulher, uma nobre de alguma beleza e de inteligência mediana chamada T'la-yub, Zamacona teve extraordinária influência, induzindo-a a ajudá-lo numa fuga sob a promessa de que a deixaria acompanhá-lo. A sorte mostrou-se fator relevante no curso dos eventos, pois T'la-yub veio de antiquíssima família de senhores dos portais que guardavam tradições orais sobre uma passagem para o mundo externo que o povo tinha esquecido mesmo na época do grande fechamento: a passagem para uma colina nas planícies niveladas da Terra que, por consequência, nunca foram seladas ou vigiadas. Ela explicou que os primeiros senhores dos portais não eram guardas ou sentinelas, mas meros proprietários rurais e responsáveis por cerimônias em uma sociedade semifeudal e na qual seu status chegava ao baronato, isso em uma era que precedeu a ruptura das relações com a superfície. Sua própria família estava tão reduzida na época do fechamento que o portão foi completamente negligenciado e eles preservaram o conhecimento de sua existência como uma espécie de segredo hereditário, uma fonte de orgulho e uma sensação de poder, para compensar o sentimento de perda da riqueza e da influência, que tão constantemente os irritava.

Zamacona, agora trabalhando febrilmente para terminar o manuscrito caso algo lhe acontecesse, decidiu levar, na jornada para exterior, apenas cinco bestas de carga e ouro puro sob a forma de pequenos lingotes usados para pequenas decorações. O suficiente, calculou, para fazer dele uma personalidade de poder ilimitado em seu próprio mundo. Ele se tornou mais habituado à visão do monstruoso *gyaa-yothn* durante seus quatro anos de residência em Tsath e, por isso, não se assustava por usar as criaturas. Ainda assim, decidiu matá-las e enterrá-las, e esconder o ouro logo que alcançasse o mundo exterior, pois sabia que a simples visão de uma das criaturas levaria um índio à loucura. Mais tarde, organizaria uma expedição para transportar o tesouro para o México. Talvez

permitisse a T'la-yub compartilhar sua fortuna, pois não lhe faltavam atrativos. Todavia, considerava a possibilidade de providenciar para que ela permanecesse entre os índios das planícies, já que não estava nem um pouco interessado em preservar as ligações com o modo de vida em Tsath. Como esposa, é claro, escolheria uma dama da Espanha ou, na pior das hipóteses, uma princesa indígena de descendência normal no mundo exterior, com um passado comum e aprovado. Mas, por enquanto, T'la-yub devia ser usada como guia. Ele mesmo ia levar o manuscrito em um cilindro feito do metal sagrado e magnético de Tulu.

A expedição é descrita em um adendo ao manuscrito de Zamacona e numa caligrafia mostrando sinais de tensão nervosa. Foram tomadas as mais cuidadosas precauções, escolhendo um período de repouso e prosseguindo, tanto quanto possível, pelas passagens fracamente iluminadas abaixo da cidade. Zamacona e T'la-yub, disfarçados em vestimentas de escravos, transportando mochilas de provisão e levando as cinco bestas de carga a pé, eram prontamente tomados como trabalhadores comuns, e se mantiveram, o maior tempo possível, na via subterrânea — usando uma bifurcação longa e pouco frequentada que, anteriormente, conduzia os transportes mecânicos ao hoje arruinado subúrbio de L'thaa. Entre as ruínas de L'thaa, voltaram à superfície e, depois disso, passaram o mais rapidamente possível pelo deserto de luz azul na planície de Nith rumo à extensão de colinas baixas de Grh-yan. Lá, no meio do mato, T'la-yub encontrou a longa estrada abandonada e quase lendária para o túnel esquecido, uma coisa que ela tinha visto uma única vez antes, eras atrás, quando seu pai a tinha levado para mostrar-lhe este monumento ao orgulho de sua família. Foi difícil levar o carregado *gyaa-yothn* por entre as trepadeiras e as sarças que obstruíam a passagem, e um deles exibiu uma rebeldia destinada a ter consequências terríveis, afastando-se do grupo e voltando em direção a Tsath com suas detestáveis patas e levando a carga de ouro e tudo mais.

Foi um trabalho de pesadelo seguir, à luz dos feixes de raios azuis, para cima, para baixo, para a frente e para cima, novamente, através de um túnel úmido e abafado que nenhum pé havia pisado desde eras antes do afundamento de Atlântida. Em um ponto, T'la-yub teve que praticar a temível arte de desmaterialização de si mesma, de Zamacona e dos animais carregados a fim de passar por um ponto totalmente obstruído pe-

lo deslocamento de terra. Era uma experiência terrível para Zamacona pois, apesar de ter frequentemente testemunhado a desmaterialização de outros, e mesmo praticado em si mesmo até a extensão de projeção de sonhos, ele nunca havia sido, antes, sujeito da prática. Mas T'la-yub era versada nas artes de K'n-yan, e realizou a dupla metamorfose em perfeita segurança.

Então, retomaram a horrível caminhada pelos estalactites das criptas de horror, onde baixos-relevos monstruosos olhavam-nos, com malícia, a cada curva. Seguiram, ora acampando, ora avançando, por um período que Zamacona considerou como cerca de três dias, mas que, provavelmente, era menos que isso. Afinal, chegaram a um local muito estreito onde as paredes da caverna davam lugar a paredes de alvenaria artificial, cheias dos terríveis baixos-relevos. Essas paredes, após cerca de quilômetro e meio de subida, terminavam em um par de nichos vastos, um de cada lado, onde imagens monstruosas de Yig e Tulu, incrustadas de salitre, acocoravam-se, encarando-se pela passagem como se haviam encarado ainda nos primeiros dias da juventude do mundo dos homens. Nesse ponto, a passagem abria-se numa câmara abobadada prodigiosa e circular construída por humanos, completamente coberta com horríveis entalhos e revelando, na extremidade, uma passagem arqueada a partir de um lance de degraus. T'la-yub sabia, por contos de família, que aquele ponto deveria estar muito próximo da superfície terrestre, mas não sabia dizer quanto. Aqui, acamparam no que, para eles, significava o último período de descanso no mundo subterrâneo.

Poucas horas mais tarde, o retinir de metal e a batida dos pés dos animais despertaram Zamacona e T'la-yub. Um clarão azulado se espalhava pela passagem estreita entre as imagens de Yig e Tulu e, em um instante, a verdade era óbvia. Um alarme fora dado em Tsath, como mais tarde foi revelado, pelo *gyaa-yoth* que se havia rebelado na entrada do túnel obstruído por arbustos espinhosos, e um veloz grupo de perseguidores apressou-se a capturar os fugitivos. Resistir era claramente inútil, e nenhuma ação nesse sentido foi oferecida. O grupo de doze cavaleiros, montados em bestas, provou ser atenciosamente cortês e o regresso começou quase sem nenhuma palavra ou mensagem de pensamento de nenhum dos lados.

Foi uma jornada deprimente e ominosa, e a provação da desmaterialização e da rematerialização no lugar obstruído era ainda mais terrível por causa da falta de esperança e de expectativa que havia aliviado o impacto do processo na viagem para o exterior. Zamacona ouviu seus captores discutindo a iminente limpeza, com radiações intensas, do lugar obstruído, já que, dali em diante, os sentinelas deveriam ser mantidos no portal externo até então desconhecido. Não bastaria deixar forasteiros chegarem à passagem, pois, em tal caso, qualquer um que pudesse escapar sem o devido tratamento, teria uma ideia da vastidão do mundo subterrâneo e talvez fosse corajoso o suficiente para retornar com maior força. Como nas outras passagens desde a chegada de Zamacona, sentinelas deveriam ser posicionados em tempo integral até o portão mais afastado. Eles foram selecionados dentre todos os escravos, os mortos-vivos *y'm-bhi* e a classe dos depreciados homens livres. Com a invasão das planícies americanas por milhares de europeus, como o espanhol havia previsto, cada passagem era uma fonte potencial de perigo, e devia ser rigorosamente vigiada até que os tecnólogos de Tsath pudessem dispor da energia necessária para preparar o bloqueio definitivo das entradas, como tinham feito em muitas passagens em épocas anteriores e mais rigorosas.

Zamacona e T'la-yub foram julgados diante de três *gn'agn* do tribunal supremo no palácio de ouro e cobre atrás do jardim e do parque, e ao espanhol foi concedida a liberdade por causa das informações vitais sobre o mundo exterior que ainda tinha que fornecer. Foi-lhe dito para retornar a seu apartamento e a seu grupo de afeto, retomando a vida como antes e continuando a se encontrar com delegações de eruditos de acordo com o cronograma que vinha seguindo. Nenhuma restrição seria imposta enquanto permanecesse pacificamente em K'n-yan. Mas ficou subentendido que tal leniência não se repetiria após outra tentativa de fuga. Zamacona percebeu que havia um toque de ironia nas palavras de despedida do chefe *gn'ag* ao garantir-lhe que todos os *seus gyaa-yoth*, incluindo o que havia se rebelado, lhe seriam devolvidos.

O destino de T'la-yub não foi tão favorável. Não havendo objeções quanto a prendê-la, e considerando que sua antiga linhagem tsáthica tornava seu ato uma traição bem mais grave do que a de Zamacona, decidiu-se que ela fosse entregue às excêntricas diversões do anfiteatro e,

em seguida, numa forma um tanto mutilada e semidesmaterializada, cumprir as funções de um *y'm-bhi*, ou cadáver animado, e posicionado entre os sentinelas que vigiavam a passagem cuja existência ela havia revelado. Zamacona logo soube, não sem as dores do remorso que não poderia ter antecipado, que a pobre T'la-yub havia emergido na arena decapitada e com o corpo incompleto e havia sido posicionada como vigia externo sobre a colina cuja passagem ela revelou e que seria bloqueada. Ela era, lhe foi dito, sentinela noturna, cuja obrigação era afugentar todos os visitantes com uma tocha, enviando alertas a uma pequena guarnição de doze escravos mortos *y'm-bhi* e seis homens livres, vivos, mas parte desmaterializados, na câmara abobadada circular, caso alguém se aproximasse e não atendesse seu aviso. E ficou sabendo, também, que ela trabalhava em conjunto com um sentinela diurno. Um homem livre e vivo que preferira aquele posto a outras formas de punição por ofensas contra o estado. Zamacona, é claro, há muito sabia que a maioria dos principais sentinelas do portão eram homens livres desonrados.

Assim, ficou evidente, para ele, embora indiretamente, que a penalidade por outra tentativa de fuga seria o trabalho como sentinela de algum portão, mas na forma de um escravo morto-vivo *y'm-bhi* e após um tratamento no anfiteatro ainda mais pitoresco do que aquele a que, conforme lhe foi relatado, T'la-yub foi submetida. Insinuou-se que ele, ou partes dele, seria reanimado para vigiar alguma seção interna da passagem, dentro do campo de visão de outros, de modo que seu corpo destroçado serviria como um símbolo permanente do preço de uma traição. Mas seus informantes sempre acrescentavam, é claro, que era inconcebível que ele resolvesse, conscientemente, correr tal risco. Enquanto permanecesse, pacificamente, em K'n-yan, continuaria sendo uma pessoa livre importante, privilegiada e respeitada.

Mesmo assim, no final, Pánfilo de Zamacona procurou o destino que lhe foi tão diretamente revelado. De fato, ele não esperava encontrá-lo, mas a nervosa parte final de seu manuscrito deixa claro que estava preparado para encarar esta possibilidade. O que lhe deu esperança de uma fuga bem sucedida de K'n-yan foi seu crescente domínio da arte de desmaterialização. Tendo estudado por anos e aprendido ainda mais nas duas ocasiões em que foi submetido àquele processo, agora sentia-se capaz de usá-lo de forma independente e eficaz. O manuscrito registra vá-

rias experiências notáveis nessa arte, pequenos sucessos realizados em seu apartamento, e reflete a esperança de Zamacona de que poderia, em breve, assumir a forma espectral total, alcançando a completa invisibilidade e preservando essa condição pelo tempo que desejasse.

Uma vez que chegara àquele estágio, pensou, o caminho para o exterior lhe estava aberto. Claro que não poderia carregar ouro, mas a mera fuga era suficiente. Ele iria, no entanto, desmaterializar e levar consigo seu manuscrito no cilindro do metal Tulu, apesar de isso exigir um esforço adicional, pois esse relato e sua prova deveriam alcançar o mundo exterior a todo custo. Ele agora sabia a passagem a seguir e, se pudesse adentrá-la em estado de átomos dispersos, não via como qualquer pessoa ou força poderia detectá-lo e detê-lo. O único problema seria se falhasse em manter sua condição espectral o tempo inteiro. Esse é o perigo sempre presente, como havia aprendido com suas experiências. Mas não se deve sempre arriscar a morte, ou pior, numa vida de aventura? Zamacona era um cavaleiro da antiga Espanha, do sangue que enfrentava o desconhecido e esculpia a civilização do Novo Mundo.

Por muitas noites, após sua decisão final e irrevogável, Zamacona rezou para São Pánfilo e outros santos guardiões e desfiou as contas de seu rosário. A última entrada no manuscrito, que, no final, adquiriu cada vez mais o formato de um diário, era meramente uma única sentença: “*Es más tarde de lo que pensaba — tengo que marcharme*”. “É mais tarde do que pensava, tenho que ir.” Depois disso, apenas silêncio e conjectura, e a evidência do próprio manuscrito e do que ele indica.

VII.

Quando terminei a assombrosa tarefa de ler e de tomar notas, o sol estava alto. A lâmpada elétrica ainda estava acesa, mas tais coisas do mundo real — do moderno mundo exterior — estavam longe de meu cérebro turbilhonante. Eu sabia que estava no meu quarto na casa de Clyde Compton, em Binger, mas que panorama monstruoso encontrei por acaso? Essa coisa era uma fraude ou uma crônica da loucura? Se fosse uma fraude, era uma brincadeira do século XVI ou de hoje? A idade do manuscrito parecia espantosamente genuína para meus olhos não total-

mente inexperientes, e eu não me atrevia a pensar no problema apresentado pelo estranho cilindro de metal.

Ademais, que explicação inquestionavelmente exata foi dada para todos os fenômenos desconcertantes da colina, das ações aparentemente sem sentido e paradoxais dos fantasmas diurnos e noturnos e dos estranhos casos de loucura e desaparecimento! Era, mesmo, uma explicação malditamente *plausível*, malignamente *consistente*, se alguém pudesse aceitar o fantástico. Devia ser uma fraude repugnante inventada por alguém que conhecia todas as histórias da colina. Havia até uma insinuação de sátira social no relato daquele inacreditável mundo subterrâneo de horror e decadência. Certamente, essa era uma falsificação inteligente de algum erudito cínico. Algo como as cruzes de chumbo no Novo México, que um galhofeiro plantou uma vez e fingiu ter descoberto a relíquia de alguma colônia da idade das trevas esquecida da Europa.

Ao descer para o café da manhã, mal sabia o que dizer a Compton e sua mãe, assim como aos curiosos visitantes que começavam a chegar. Ainda aturdido, cortei o nó górdio fazendo alguns comentários com base nas notas que fizera e afirmando minha crença de que a coisa era uma fraude perspicaz e engenhosa feita por algum explorador da colina, uma crença em que todos pareciam concordar quando souberam do conteúdo do manuscrito. Era curioso como todos, no grupo do café da manhã, e todos os outros em Binger, para quem a discussão foi repetida, pareciam sentir um grande alívio com a ideia de que alguém estava pregando uma peça. Durante algum tempo, todos nós esquecemos que a história recente e conhecida da colina apresentava mistérios tão estranhos quanto qualquer outro no manuscrito, e ainda muito longe de uma solução aceitável.

Os temores e as dúvidas começaram a retornar quando pedi voluntários para visitar a colina comigo. Queria um grupo maior de escavação, mas a ideia de ir até aquele lugar desagradável não parecia mais atraente para o povo de Binger do que havia parecido no dia anterior. Eu mesmo senti um horror crescente ao olhar para a colina e vislumbrar a mancha em movimento, que sabia ser a sentinela do dia, pois, apesar de todo meu ceticismo, as morbidades do manuscrito permaneciam em mim e deram a tudo relacionado ao lugar um significado novo e monstruoso. Faltava-me, por completo, a determinação de olhar para a mancha em

movimento com meu binóculo. Ao invés disso, parti com o tipo de bravata que exibimos em pesadelos quando, sabendo que estamos sonhando, mergulhamos desesperadamente em horrores ainda mais sinistros para poder acabar com tudo o quanto antes. Minha picareta e a pá já estavam lá; portanto, tinha apenas minha bolsa de mão com parafernália menores para levar. Nela coloquei o estranho cilindro e seu conteúdo, sentindo, vagamente, que talvez pudesse encontrar algo que valesse a pena conferir em alguma parte do texto em espanhol com letras verdes. Até mesmo uma fraude inteligente poderia ser arquitetada a partir de algum atributo real da colina que um antigo explorador descobrira — e aquele metal magnético era abominavelmente estranho! O talismã críptico de Águia Cinzenta ainda pendia do seu cordão de couro ao redor do meu pescoço.

Não olhei muito atentamente para a colina enquanto caminhava em sua direção. Mas, quando a alcancei, não havia ninguém a vista. Repetindo minha árdua subida do dia anterior, estava perturbado por pensamentos sobre o que *poderia* estar próximo *se*, por algum milagre, qualquer parte do manuscrito tivesse um mínimo que fosse de verdade. Nesse caso, não pude deixar de considerar que o hipotético espanhol Zamacona devia ter chegado ao mundo exterior e foi atingido por algum desastre, talvez uma rematerialização involuntária. Se esse incidente tivesse acontecido, ele teria sido capturado por qualquer sentinela que estivesse de serviço na época — um desonrado homem livre, ou, suprema ironia, a própria T'la-yub que o ajudara no planejamento da primeira tentativa de fuga — e, na luta que se seguiu, o cilindro com o manuscrito poderia ter sido lançado ao cume da colina, para ser esquecido e, gradualmente, enterrado por quase quatro séculos. Mas, eu acrescentava, à medida que subia a colina, que não se deve pensar em coisas extravagantes como essa. Mesmo assim, se havia alguma verdade na história, deve ter sido um destino monstruoso aquele ao qual Zamacona fora arrastado: o anfiteatro, a mutilação, os guardas, um escravo morto-vivo em algum lugar do túnel úmido e salitroso, um cadáver mutilado como sentinela do espaço interior.

Esta mórbida especulação foi um choque muito real em minha cabeça, pois, ao olhar ao redor no cume elíptico, vi, imediatamente, que minha picareta e minha pá tinham sido roubadas. Era uma revelação pro-

vocante, desconcertante e enigmática, tendo em vista a relutância de todo o povo de Binger de visitar a colina. Essa relutância seria algo fingido e estavam os brincalhões da vila rindo da minha chegada ao topo da colina, embora tenham visto, solenemente, minha partida dez minutos antes? Peguei meu binóculo e examinei a multidão boquiaberta na aldeia. Não, eles não pareciam estar aguardando algum clímax cômico! Ainda assim, não seria todo o caso, no fundo, uma piada colossal na qual todo o vilarejo e o povo da reserva estavam envolvidos? Lendas, manuscrito, cilindro, e tudo o mais? Pensei em como tinha visto o sentinela a distância, e como tinha desaparecido inexplicavelmente. Pensei, também, na conduta do velho Águia Cinzenta, no discurso e nas expressões de Compton e de sua mãe e no medo inconfundível da maioria do povo de Binger. Em conjunto, não poderia ser uma piada de toda a vila. O medo e o problema eram, de fato, reais, apesar de, obviamente, haver um ou dois audaciosos em Binger que haviam subido a colina e roubado as ferramentas que eu havia deixado.

Tudo o mais na colina estava como antes: arbustos que cortei com meu machete, uma leve depressão em forma de tigela em direção à extremidade norte e o buraco que fiz com minha faca de trincheira ao desenterrar o cilindro revelado pelo magnetismo. Assim, considere que seria uma concessão muito grande aos brincalhões desconhecidos retornar a Binger para pegar outra picareta e outra pá e, por isso, resolvi executar meu plano o melhor possível com o machete e a faca de trincheira em minha bolsa de mão. Assim, comecei a escavar a depressão em forma de tigela que minha intuição havia escolhido como o local possível de uma entrada antiga da colina. Enquanto prosseguia, tive, novamente, a sensação de um vento súbito soprando contra mim, como havia notado no dia anterior; uma sensação que tornava mais forte a impressão de mãos invisíveis e disformes que me seguravam os pulsos enquanto eu cavava, mais fundo e mais fundo, o solo vermelho, cheio de raízes, e alcançava o exótico limo negro abaixo. O talismã em meu pescoço pareceu se contrair, estranhamente, na brisa — não em uma direção, como quando foi atraído pelo cilindro enterrado, mas vagamente, de uma maneira inexplicável.

Então, sem qualquer aviso, a terra escura, cheia de raízes entrelaçadas, sob meus pés, começou a afundar, enquanto eu ouvia o som fraco

de matéria solta, caindo bem abaixo de mim. O vento, as forças, ou as mãos, agora pareciam estar operando no próprio local do afundamento, e senti que me ajudavam a sair, quando pulei para fora do buraco para evitar ser engolido pelo desmoronamento. Curvando-me sobre a borda e cortando o emaranhado de raízes com o machete, senti que estavam de novo contra mim, mas, em nenhum momento, foram fortes o suficiente para parar meu trabalho. Quanto mais raízes eu cortava, mais ouvia material caindo abaixo. Finalmente, o buraco começou a aprofundar-se em direção ao centro e vi que a terra estava caindo em uma cavidade grande, de modo a deixar uma abertura de bom tamanho quando as raízes foram cortadas. Mais alguns golpes do machete resolveram e, com um desmoronamento parcial e uma lufada de ar estranhamente frio e estranho, a última barreira cedeu. Sob o sol da manhã, escancarava-se uma enorme abertura com, pelo menos, três metros quadrados, e mostrando o topo de um lance de degraus de pedra nos quais a terra solta pelo colapso ainda deslizava. Minha busca resultara em algo finalmente! Com a exaltação de sucesso quase prevalecendo sobre o medo presente, coloquei a faca de trincheira e o machete na minha bolsa, tirei minha potente lanterna e preparei-me para uma invasão triunfante, solitária e completamente precipitada no fabuloso mundo subterrâneo que tinha descoberto.

Foi muito difícil descer os primeiros degraus, tanto por causa da terra caída que os obstruía quanto por um sinistro e forte vento frio vindo de baixo. O talismã no meu pescoço oscilava curiosamente, e comecei a lamentar o desaparecimento da luz retangular do dia sobre mim. A lanterna exibia muros úmidos, manchados de água e incrustados de sal, formados de enormes blocos de basalto, e, de vez em quando, achava que descobrira algum vestígio de escultura sob os depósitos salitrosos. Agarrei minha bolsa com mais força e fiquei feliz com o peso reconfortante do pesado revólver do xerife no bolso direito do casaco. Depois de um tempo, a passagem começou a serpentear de um lado para outro, e a escada ficou livre de obstruções. Os baixos-relevos nas paredes estavam, agora, definitivamente rastreáveis, e estremeci quando vi como as figuras grotescas assemelhavam-se aos monstruosos baixos-relevos no cilindro que havia encontrado. Os ventos e as forças continuavam a agir malevolamente contra mim e, em uma ou duas curvas, imaginei a lanterna

iluminando formas finas e transparentes não muito diferentes da sentinela na colina, como meu binóculo havia mostrado. Quando cheguei a este estágio de caos visual, parei por um momento para me controlar. Não deixaria meus nervos me dominarem no início do que, certamente, seria uma experiência difícil, e o feito arqueológico mais importante da minha carreira.

Mas desejei não ter parado logo naquele lugar, pois minha atenção foi atraída por algo profundamente perturbador. Era apenas um pequeno objeto caído próximo da parede em um dos degraus abaixo, mas esse objeto colocava minha razão sob um teste severo e levava a especulações das mais alarmantes. Que a abertura acima estivesse fechada contra todas as formas materiais durante gerações era absolutamente óbvio pelo crescimento de raízes de arbustos e o acúmulo de terra. Contudo, o objeto diante de mim era, sem sombra de dúvidas, de poucas gerações passadas. Era uma lanterna muito parecida com a que eu carregava — amassada e com marcas de ferrugem devido à umidade do espaço, mas perfeitamente inconfundível. Desci alguns degraus e a peguei, limpando os sedimentos no casaco. Um dos aros de níquel tinha um nome e um endereço gravados, e os reconheci com um sobressalto no momento em que os decifrei. Lia-se “Jas. C. Williams, 17 Trowbridge St., Cambridge, Mass.” Eu sabia que tinha pertencido a um dos dois ousados professores de faculdade que tinham desaparecido em 28 de junho de 1915. Apenas trinta anos antes. E eu tinha acabado de atravessar o córrego dos séculos! Como a coisa havia parado ali? Outra entrada, ou, afinal, havia algo mais nessa ideia insana de desmaterialização e rematerialização?

Dúvida e horror cresciam em mim à medida que descia a escada aparentemente interminável. A coisa nunca terminaria? Os baixos-relevos tornaram-se cada vez mais distintos e adquiriram a qualidade de narração pictórica que me levou próximo ao pânico ao reconhecer muitas correspondências inconfundíveis com a história de K’n-yan, tal qual esboçada no manuscrito agora em minha bolsa. Pela primeira vez, comecei a questionar seriamente a sabedoria de minha descida, e a pensar se não deveria retornar à superfície antes que encontrasse algo que não me deixaria retornar como homem mentalmente são. Mas não hesitei muito, pois, como virginiano, senti o sangue dos lutadores ancestrais e cavalei-

ros que se recusavam a fugir ante qualquer perigo conhecido ou desconhecido.

Minha descida tornou-se mais rápida ao invés de mais lenta, e evitei analisar os terríveis baixos-relevos e entalhes que me deixavam nervoso. De repente, vi uma abertura em arco na minha frente e percebi que a prodigiosa escada finalmente acabara. Mas, com essa compreensão, veio o horror em uma magnitude crescente, pois, diante de mim, abria-se uma vasta cripta abobadada de um contorno muito familiar, um grande espaço circular que correspondia, minuciosamente, à câmara cheia de entalhes descrita no manuscrito de Zamacona.

Era, realmente, o lugar. Não poderia haver engano. E se havia qualquer espaço para dúvida, esse foi abolido pelo que vi na grande cripta. Era uma segunda abertura em arco que dava acesso a uma longa e estreita passagem, tendo, na entrada, dois enormes nichos opostos com imagens repugnantes e titânicas de um padrão chocantemente familiar. Lá, na semiobscuridade, o imundo Yig e o horrendo Tulu acocoravam-se eternamente, encarando um ao outro pela passagem como faziam desde o começo do mundo dos homens.

A partir desse ponto, não peço que acreditem no que digo, no que *penso* que vi. É totalmente antinatural, monstruoso e incrível para ser parte da experiência humana sã ou da realidade objetiva. Minha lanterna, apesar de lançar um poderoso feixe à frente, naturalmente não poderia iluminar todo o espaço da cripta ciclópica. Então, comecei a caminhar ao redor para explorar, aos poucos, as paredes gigantescas. Ao fazê-lo, vi, com horror, que o espaço não estava de modo algum vazio; mas cheio de móveis e utensílios estranhos e montes de pacotes que evidenciavam uma ocupação populosa e recente. Não havia relíquias salitrosas do passado, mas objetos de formas estranhas e suprimentos de uso atual e diário. Porém, à medida que minha lanterna atingia cada artigo ou conjunto de artigos, os contornos começavam a se tornar indistintos até que, no final, eu mal podia dizer se as coisas pertenciam ao reino da matéria ou ao reino do espírito.

Tudo isso enquanto ventos adversos sopravam contra mim com fúria crescente, e as mãos invisíveis me sacudiam malevolamente e agarravam o estranho talismã magnético que eu usava. Ideias loucas surgiram em minha mente. Pensei no manuscrito e no que dizia sobre a guarnição

posicionada nesse lugar. Doze escravos mortos *y'm-bhi* e seis homens vivos, mas parcialmente desmaterializados. Isso em 1545, trezentos e oitenta e três anos atrás. O que tinha ocorrido desde então? Zamacona tinha previsto a transformação... Tênu desintegração... Mais desmaterialização... Mais fracos e mais fracos... Era o talismã de Águia Cinzenta que os mantinha afastados, graças a seu sagrado metal Tulu, e eles estavam, debilmente, tentando arrancá-lo para que pudessem fazer comigo o que tinham feito com aqueles que tinham vindo antes? Ocorreu-me, com uma força que me fez estremecer, que eu estava construindo minhas especulações a partir de uma crença absoluta no manuscrito de Zamacona. Isso não podia acontecer. Eu precisava me controlar.

Mas, maldição! Cada vez que eu tentava me controlar, via nova imagem que despedaçava ainda mais meu equilíbrio. Desta vez, exatamente quando minha força de vontade estava conduzindo a parafernália meio vista para a obscuridade, meu olhar e o feixe de lanterna caíram sobre dois objetos de naturezas muito diferentes. Dois objetos do mundo eminentemente real e são. Mas eles abalaram minha razão frágil mais do que qualquer coisa que havia visto antes, porque eu sabia o que eram, e sabia que, no curso natural das coisas, era absolutamente impossível que estivessem ali. *Eram minha própria picareta e minha pá, desaparecidas, apoiadas, lado a lado, contra a parede blasfema daquela cripta infernal.* Deus do céu! E eu fizera mau juízo dos corajosos atrevidos de Binger!

Essa foi a última gota. Depois disso, o hipnotismo amaldiçoado do manuscrito me dominou e, de fato, vi as formas meio transparentes das criaturas que estavam empurrando e sacudindo, empurrando e sacudindo. Aquelas criaturas leprosas, paleogênicas, com algo de humanidade ainda preso nelas; as formas completas e as formas que eram mórbidas e perversamente incompletas; todas estas e outras entidades hediondas; as blasfêmias de quatro patas com rosto de macaco e chifre proeminente; e um som não tão longe em todo esse inferno salitroso do mundo inferior.

Então *houve* um som — um baque, um ruído de passos, um som sombrio que anunciava, além de dúvidas, um ser tão estruturalmente material como a picareta e a pá. Algo completamente diferente das formas de sombra que me rodeavam, mas igualmente distante de qualquer forma de vida terrestre. Meu cérebro perturbado tentou me preparar para o que estava por vir, mas não conseguiu moldar nenhuma imagem

adequada. Podia apenas dizer, repetidamente, para mim mesmo, “Vem do abismo, mas não está desmaterializado”. O ruído de passos tornou-se mais nítido e, pelo ritmo mecânico do caminhar, eu sabia que era uma criatura morta que espreitava na escuridão. *Então... Deus! Eu o vi no feixe da minha lanterna. Vi-a emoldurada como sentinela na passagem estreita entre os ídolos de pesadelo da serpente Yig e do polvo Tulu.*

Deixem que eu me recupere o suficiente para aludir ao que vi. Para explicar por que soltei a lanterna e a bolsa e fugi de mãos vazias na escuridão absoluta, envolto em uma inconsciência misericordiosa que não desapareceu até que o sol, os berros distantes e os gritos da vila me despertaram, enquanto jazia, ofegante, no topo da colina amaldiçoada. Ainda não sei o que me guiou de volta à superfície da Terra. Apenas sei que os observadores em Binger me viram cambaleando três horas depois de ter desaparecido. Viram-me cair no chão como se tivesse sido atingido por uma bala. Nenhum deles ousou me ajudar. Mas sabiam que eu devia estar em mau estado e, por isso, tentaram me despertar da melhor forma que podiam, gritando em coro e disparando revólveres.

No final, funcionou e, quando recuperei a consciência, quase descii rolando a colina na ânsia de me afastar daquela abertura negra que ainda estava escancarada. Minha lanterna, as ferramentas e a bolsa com o manuscrito ficaram lá embaixo, mas é fácil entender porque nem eu nem ninguém mais foi buscá-las. Quando cambaleei pela planície e entrei na vila, não ousei dizer o que havia visto. Apenas murmurei coisas vagas sobre entalhes e estátuas e serpentes e nervos abalados. E não desmaiei novamente até que alguém me disse que o sentinela fantasma havia reaparecido mais ou menos quando eu estava cambaleando na metade do caminho para a cidade.

Saí de Binger naquela noite e nunca estive lá desde então, embora digam que os fantasmas ainda aparecem na colina como de costume. Mas, enfim, resolvi revelar aqui o que não ousei contar ao povo de Binger naquela terrível tarde de agosto. Não sei, ainda, como abordar o fato e se, no final, você vai achar minha reticência estranha. Apenas, lembre-se de que imaginar tal horror é uma coisa, mas vê-lo é outra. Eu o vi. Acredito que você se lembrará de eu ter citado, anteriormente, um jovem brilhante chamado Heaton que foi àquela colina um dia em 1891 e retornou à noite como o maluco da vila, balbuciando, durante oito anos, hor-

rores e, então, morrendo num ataque epiléptico. O que ele costumava gemer era “*Aquele homem branco. Oh, meu Deus, o que fizeram com ele!*”

Bom, vi o mesmo que o pobre Heaton viu, e vi após ler o manuscrito. Então, sei mais da história do que ele. Isso torna pior, pois conheço todas as implicações, tudo que ainda deve estar ruminando, apodrecendo e aguardando lá embaixo. Eu lhe disse que a criatura fazia um ruído de passos mecânicos em minha direção na passagem estreita, e que estava parada como sentinela na entrada do corredor entre as assustadoras imagens de Yig e de Tulu. Isso era natural e inevitável, porque a criatura era um sentinela. Havia sido transformada em sentinela como punição, e estava bem morta, além de carecer de cabeça, da parte inferior das pernas e de outras partes comuns ao ser humano. Sim, tinha sido um ser muito humano, e mais: tinha sido um homem branco. Obviamente, se o manuscrito fosse tão verdadeiro quanto penso que era, aquele ser tinha sido usado para as *diversões do anfiteatro* antes que lhe tirassem a vida, substituindo-a por impulsos automáticos controlados de fora.

No seu peito branco, e apenas levemente peludo, algumas letras haviam sido talhadas ou marcadas. Eu não tinha parado para investigar. Apenas havia notado que estavam em um espanhol deselegante e desajeitado, uma espécie de uso irônico da língua por um gravador alienígena que não estava familiarizado nem com o idioma e nem com as letras romanas usadas para escrevê-lo. A inscrição dizia: “*Secuestrado a la voluntad de Xinaián en el cuerpo decapitado de Tlayúb*”, “*aprisionado, pela vontade de K’n-yan, no corpo decapitado de T’la-yub.*”



Vindo dos Éons

com Hazel Heald

∴

Out of the Aeons (1933)

Weird Tales (abr. 1935)

Das cinco que Lovecraft atuou como escritor-fantasma para de Hazel Heald, “Vindo dos aeons” é o melhor e ainda se mantém de pé como um dos melhores trabalhos revisados por Lovecraft.



*Manuscrito encontrado entre as
propriedades do falecido Richard H.
Johnson, Ph. D, curador do Museu Cabot
de Arqueologia, Boston, Massachusetts.*

Não é provável que alguém em Boston — ou algum leitor atento em outro lugar — esqueça o estranho caso do Museu Cabot. A publicidade que os jornais deram àquela múmia infernal, os rumores antigos e terríveis vagamente ligados a ela, a mórbida onda de interesse e de atividades de cultos durante 1932 e o assustador destino dos dois invasores no dia

primeiro de dezembro daquele ano, tudo se combinou para formar um desses mistérios clássicos que passam por gerações como folclore e se tornam o núcleo de ciclos de horrível especulação.

Todo mundo parecia perceber, também, que algo muito importante e terrível foi suprimido dos relatos impressos sobre o pavoroso desenlace. As primeiras indicações perturbadoras, como a *condição* de um dos dois corpos, foram rejeitadas e ignoradas muito abruptamente — e nem as *modificações* peculiares na múmia receberam o acompanhamento que seu valor jornalístico normalmente ensejaria. Também espantou muito as pessoas o fato de a múmia não ser recolocada em sua caixa. Nesses tempos em que a taxidermia está bastante avançada, a desculpa de que seu estado de desintegração tornou a exibição impraticável parecia peculiarmente descabida.

Como curador do museu, estou em posição de revelar todos os fatos suprimidos, mas isso não farei durante minha vida. Há coisas sobre o mundo e o universo que é melhor, para a maioria, não tomar conhecimento, e não abandonei a opinião de que todos nós, funcionários do museu, médicos, jornalistas e polícia contribuímos, na época, para criar esse clima de horror. Ao mesmo tempo, parecia apropriado que um assunto de importância histórica e científica tão relevante não deveria ficar sem registro. Por isso, esse relato que preparei para o benefício de estudantes sérios. Eu o colocarei entre vários papéis para ser examinado após a minha morte, deixando seu destino para o juízo de meus testamenteiros. Certas ameaças e eventos incomuns durante as últimas semanas me levaram a acreditar que minha vida — assim como a de outros funcionários do museu — está em perigo devido à inimizade de vários cultos secretos de asiáticos, polinésios e vários devotos místicos. Portanto, é possível que o trabalho dos testamenteiros não seja adiado por muito tempo. [Nota do testamenteiro: Dr. Johnson morreu súbita e um tanto misteriosamente de insuficiência cardíaca em 22 de abril de 1933. Wentworth Moore, taxidermista do museu, desapareceu por volta da metade do mês anterior. No dia 18 de fevereiro do mesmo ano, o Dr. William Minot, que fiscalizou a dissecação ligada ao caso, foi esfaqueado nas costas, morrendo no dia seguinte.]

Suponho que o começo do horror foi em 1879 — muito antes do meu tempo como curador — quando o museu adquiriu aquela sinistra e

inexplicável múmia da Orient Shipping Company. A descoberta em si era monstruosa e ameaçadora, pois veio de uma cripta de origem desconhecida e de incrível antiguidade numa área de terra que emergiu subitamente do fundo do Pacífico.

Em 11 de maio de 1878, o capitão Charles Weatherbee do cargueiro *Eridanus*, que partiu de Wellington, Nova Zelândia, para Valparaíso, Chile, avistou uma ilha não registrada em nenhum mapa e, evidentemente, de origem vulcânica, que se projetou para a superfície na forma de cone truncado. Um grupo de desembarque, sob o comando de Weatherbee, notou evidências de longa submersão na encosta escarpada que escalaram, e, no cume, havia sinais de recente destruição, como se por um terremoto. Entre os escombros dispersos, havia pedras maciças de forma claramente artificial, e um breve exame revelou a presença de alvenarias ciclópicas pré-históricas encontradas em certas ilhas do Pacífico e formando um perpétuo enigma arqueológico.

Finalmente, os marinheiros adentraram a maciça cripta de pedra — julgando ser parte de um edifício muito maior e construído, originalmente, no subterrâneo — num canto da qual a múmia aterrorizante estava acocorada. Após um breve período de quase pânico, causado, parcialmente, por certos baixos-relevos nas paredes, os homens foram induzidos a levar a múmia para o navio, embora a tocassem com medo e repugnância. Próximo ao corpo, como se, certa vez, estivesse em suas roupas, havia um cilindro de metal desconhecido contendo um rolo de fina membrana branco-azulada, de natureza igualmente desconhecida, inscrito com caracteres peculiares num pigmento acinzentado desconhecido. No centro do vasto chão de pedra, havia o que parecia ser um alçapão, mas o grupo carecia de equipamento suficientemente potente para movê-lo,

O Museu Cabot, então recém-fundado, viu os escassos relatórios da descoberta e, de imediato, agiu para adquirir a múmia e o cilindro. O curador Pickman fez uma viagem para Valparaíso e equipou uma escuna para procurar a cripta onde a coisa foi encontrada, mas sem sucesso. Na posição registrada da ilha, nada havia além da extensão contínua do mar, e os exploradores perceberam que as mesmas forças sísmicas que haviam feito a ilha emergir, a tinham levado de novo para escuridão de onde havia espreitado por éons incontáveis. O segredo daquele alçapão nunca

seria solucionado. A múmia e o cilindro, no entanto, permaneceram — e aquela foi colocada em exibição no começo de novembro, 1879, na ala de múmias do museu.

O Museu Cabot de Arqueologia, que se especializou em restos de civilizações antigas e desconhecidas que estão fora do domínio da arte, é uma instituição pequena e de pouca fama, embora de grande reputação no meio científico. Está no ponto central de Beacon Hill, distrito exclusivo de Boston, na rua Monte Vernon, próximo de Joy, alojado em uma antiga mansão particular, com uma ala acrescentada aos fundos, e que era fonte de orgulho de seus austeros vizinhos até que os recentes acontecimentos terríveis trouxeram-lhe uma indesejável notoriedade.

O salão das múmias, no segundo andar, no lado oeste da mansão original (projetada por Bulfinch e construída em 1819), é muito visitado por historiadores e antropólogos por abrigar a maior coleção desse tipo na América. Aqui podem ser encontrados típicos exemplos de embalsamento egípcio dos primeiros espécimes de Saqqara^[1] até as últimas tentativas cópticas do século XVIII, múmias de outras culturas, incluindo espécimes pré-históricos indígenas recentemente encontrados nas Ilhas Aleutas, agonizantes figuras pompeianas moldadas em gesso de vales trágicos nas cinzas sufocantes de ruínas, corpos naturalmente mumificados de minas e de outras escavações em todas as partes da Terra — alguns surpreendidos pelo terrível sepultamento em posturas grotescas causadas por seus últimos espasmos de vida. Em resumo, tudo o que qualquer coleção desse tipo poderia conter. Em 1879, é claro, era muito menos amplo do que é hoje; mesmo então já era notável. Mas aquela coisa chocante, vinda da antiquíssima cripta ciclópica numa efêmera ilha nascida do mar, era sempre a atração principal e o mais impenetrável mistério.

A múmia era de um homem de altura mediana de uma raça desconhecida, e foi colocado numa peculiar posição acocorada. O rosto, metade protegido por mãos semelhantes a garras, tinha a mandíbula muito projetada para frente, enquanto os traços enrugados apresentavam uma expressão de pavor tão horrível que poucos espectadores podiam vê-los impassíveis. Os olhos estavam fechados, com as pálpebras fortemente apertadas sobre globos oculares aparentemente abaulados e proeminentes. Pedacos de cabelos e de barba permaneciam, e a cor, como um todo,

era de uma espécie de cinza fosco. Na textura, a coisa era meio coriácea e meio pétrea, formando um enigma insolúvel para os especialistas que procuravam determinar como foi embalsamado. Em alguns pontos, pedaços de sua substância foram consumidos pelo tempo e pela deterioração. Trapos de um tecido peculiar, com sinais de desenhos desconhecidos, ainda grudavam-se ao corpo.

O que a tornava tão infinitamente horrível e repulsiva, ninguém sabia dizer. Por exemplo, havia uma sensação sutil e indefinível de antiguidade ilimitada, de algo absolutamente alheio a esse mundo, que afetava a pessoa como a visão da borda de um monstruoso abismo de escuridão insondável. Mas era, principalmente, a expressão de medo enlouquecido no semicoberto rosto prógnato e franzido. Tal símbolo de infinito pavor, inumano e cósmico, não poderia deixar de transmitir emoção ao espectador em meio a uma nuvem inquietante de mistério e conjecturas vãs.

Entre os poucos que frequentavam o Museu Cabot, essa relíquia de um mundo muito antigo e esquecido adquiriu, rapidamente, uma fama profana, embora a reservada e discreta política da instituição impediram que ela se tornasse uma sensação popular do tipo “o gigante de Cardiff”^[2]. No último século, a arte do sensacionalismo vulgar ainda não tinha invadido o campo acadêmico como hoje. Naturalmente, os cientistas de várias áreas fizeram o melhor que podiam para classificar o objeto espantoso, embora sempre sem sucesso. Teorias de uma civilização antiga do Pacífico, do qual as imagens da Ilha de Pascoa e a alvenaria megalítica de Ponape e Nan-Madol^[3] são vestígios concebíveis, circulavam livremente entre estudantes, e jornais especializados traziam especulações variadas e, com frequência, conflitantes sobre um possível antigo continente cujos picos sobreviveram como a miríade de ilhas da Melanésia e da Polinésia. A diversidade nas datas relativas à hipotética cultura desaparecida — ou continente — era, ao mesmo tempo, desconcertante e divertida. Ainda assim, algumas alusões surpreendentes e relevantes foram encontradas em certos mitos do Taiti e de outras ilhas.

Enquanto isso, o estranho cilindro e seu pergaminho de hieróglifos desconhecidos, cuidadosamente preservados na biblioteca do museu, recebiam a devida atenção. Nenhuma dúvida poderia existir acerca de sua ligação com a múmia. Consequentemente, todos perceberam que, ao se

desvendar seu mistério, o mistério do horror enrugado seria, provavelmente, desvendado também. O cilindro, com cerca de dez centímetros de comprimento e pouco mais de dois centímetros de diâmetro, era de um metal estranhamente iridescente, desafiando completamente a análise química e, ao que parecia, impermeável a todos os reagentes. Estava bem fechado com uma tampa da mesma substância e exibia figuras gravadas de uma natureza evidentemente decorativa e possivelmente simbólica — desenhos convencionais que pareciam seguir um sistema de geometria peculiarmente estranho, paradoxal e de difícil descrição.

Não menos misterioso era o pergaminho guardado no cilindro: um rolo limpo de uma fina membrana branco-azulada que desafiava qualquer análise, enrolada em torno de uma fina barra de metal igual ao do cilindro e desenrolando-se até uns sessenta centímetros de comprimento. Os hieróglifos, grandes e arrojados, estendendo-se numa linha estreita até o centro do pergaminho e escrito ou pintado com um pigmento cinza que desafia a análise, não se assemelhavam a nada conhecido pelos linguistas e paleógrafos, e não puderam ser decifrados apesar da transmissão de cópias fotográficas para cada especialista na área.

É verdade que alguns estudiosos, incomumente versados no ocultismo e na magia, encontraram vagas semelhanças entre alguns dos hieróglifos e certos símbolos primitivos descritos ou citados em dois ou três textos esotéricos muito antigos e obscuros, como o *Liber Ivonis*, com a fama de originar-se da esquecida Hiperbórea^[4], os fragmentos Pnakóticos, supostamente pré-humanos, e o monstruoso e proibido *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred. Nenhuma dessas semelhanças, no entanto, estava em discussão, e, por causa da má reputação dos estudos Ocultistas, nenhum esforço foi realizado para difundir cópias dos hieróglifos entre especialistas místicos. Se tal divulgação ocorresse antes, o restante do caso poderia ter sido muito diferente. De fato, uma olhada nos hieróglifos por qualquer leitor do terrível *Cultos Inomináveis*, de Von Junzt, estabeleceria uma ligação de inconfundível importância. Nessa época, no entanto, os leitores daquela monstruosa blasfêmia eram pouquíssimos. Cópias eram incrivelmente escassas no intervalo entre a supressão da edição original de Düsseldorf (1839) e a tradução de Bridewell (1845) e a publicação de reimpressão expurgada pela Golden Goblin Press, em 1909. Em termos práticos, nenhum ocultista ou estudante

do conhecimento esotérico do passado primitivo teve a atenção despertada para o estranho pergaminho até a recente explosão do jornalismo sensacionalista, que precipitou o horrível clímax.^[5]

II.

Deste modo, o assunto atravessou meio século após a instalação da aterrizante múmia no museu. O objeto repulsivo era uma celebridade local entre bostonianos refinados, mas nada além disso, enquanto a existência do cilindro e do pergaminho — após uma década de pesquisa infrutífera — foi praticamente esquecida. Tão discreto e conservador era o Museu Cabot que nenhum repórter ou jornalista pensou em invadir suas dependências em busca de material para divertir a turba.

A invasão do sensacionalismo começou na primavera de 1931, quando uma compra de natureza um tanto espetacular — a de estranhos objetos e corpos inexplicavelmente preservados encontrados em criptas abaixo das quase desaparecidas e malignamente famosas ruínas do Château Fausses-flammes, em Averroigne,^[6] na França, levaram o proeminente museu às colunas de notícias. Fiel a essa política de “picaretagem”, o *Boston Pillar* enviou um jornalista para fazer a cobertura do incidente e recheá-la com um relato exagerado da própria instituição. Esse jovem — Stuart Reynolds — viu, na múmia sem nome, uma fonte potencial de comoção que ultrapassaria as recentes aquisições, que constituíam sua tarefa principal. Um conhecimento superficial de erudição teosófica e um gosto pelas especulações de escritores como o Coronel Churchward e Lewis Spence a respeito de continentes e civilizações primitivas esquecidas deixaram Reynolds especialmente alerta para qualquer relíquia remotíssima, como a múmia desconhecida.

No museu, o repórter tornou-se um incômodo devido a seus questionamentos constantes e nem sempre inteligentes, e intermináveis exigências para o deslocamento de objetos encaixotados, de modo a permitir fotografias de ângulos incomuns. Na biblioteca do porão, ele se colocou interminavelmente sob o estranho cilindro de metal e seu pergaminho incomum, fotografando-os de todos os ângulos e garantindo fotos de cada pedaço do bizarro texto hieroglífico. Da mesma forma, ele pe-

diu para ver todos os livros com qualquer semelhança com o tema de culturas primitivas e continentes submersos, sentando-se por três horas e tomando notas, saindo apenas para apressar-se até Cambridge para dar uma olhada (se permissão fosse concedida) no abominável e proibido *Necronomicon*, na Biblioteca Widener.

No dia 5 de abril, o artigo apareceu na edição de domingo do *Pillar*, cheio de fotografias da múmia, do cilindro e do pergaminho hieroglífico, e escrito no estilo bobo e infantil que o *Pillar* assume para benefício de sua clientela vasta e mentalmente imatura. Cheio de imprecisões, exageros e sensacionalismo, foi exatamente o tipo de coisa para atizar o interesse descerebrado e caprichoso da horda. Como resultado, o antes tranquilo museu começou a ser invadido por multidões tagarelas e estúpidas como seus corredores majestosos nunca tinham visto antes.

Havia acadêmicos e visitantes inteligentes também, a despeito da puerilidade do artigo — as imagens falavam por si mesmas — e muitas pessoas de sucesso às vezes liam o *Pillar* por acidente. Lembro-me de uma figura muito estranha que apareceu durante novembro — um homem escuro e barbudo, de turbante, com uma voz rebuscada e inatural, uma curiosa face inexpressiva, mãos canhestras cobertas com absurdas mite-nes brancas, que forneceu um esquelético endereço de West End e chamava a si próprio Swami Chandraputra. Esse cidadão era inacreditavelmente versado no conhecimento ocultista e parecia profunda e solenemente comovido pela semelhança dos hieróglifos no pergaminho com certos símbolos e signos de um esquecido mundo mais antigo sobre o qual ele detinha vasto conhecimento intuitivo.

Por volta de junho, a fama da múmia e do pergaminho foi muito além de Boston, e o museu teve indagações e pedidos de fotografias vindos de ocultistas e de estudantes de mistérios do mundo inteiro. Isso não era agradável para nossa equipe, visto que somos uma instituição científica sem qualquer simpatia por sonhadores fantásticos. Mesmo assim, respondemos a todas as questões de forma civilizada. Um resultado dessas solicitações foi o artigo altamente erudito no *The Occult Review*, pelo famoso místico de Nova Orleans Etienne-Laurent de Marigny, no qual foi afirmada a identidade completa de alguns dos desenhos geométricos bizarros no cilindro iridescente e de diversos dos hieróglifos de significado terrível (transcritos de primitivos monólitos ou de rituais se-

cretos de grupos ocultos de estudantes esotéricos e devotos) reproduzidos no infernal e banido *Livro Negro* ou *Cultos Inomináveis*, de Von Junzt.

De Marigny lembrou a aterrorizante morte de Von Junzt em 1840, um ano após a publicação de seu terrível volume em Düsseldorf, e comentou sobre suas fontes de informações assustadoras e parcialmente suspeitas. Acima de tudo, enfatizou a relevância das histórias que Von Junzt relacionava à maioria dos monstruosos ideogramas que ele reproduzia. Que estas histórias, nas quais o cilindro e o pergaminho eram expressamente mencionados, tinham uma notável relação com as coisas no museu, ninguém podia negar. Mesmo assim, eram de tal extravagância — envolvendo inacreditáveis extensões de tempo e tão fantásticas anomalias de um esquecido mundo mais antigo — que se poderia muito mais facilmente admirá-las do que acreditar nelas.

Admirá-las, o público certamente o fazia, pois cópias na imprensa eram ilimitadas. Artigos ilustrados brotaram em toda a parte, contando ou pretendendo contar as lendas no *Livro Negro*, exagerando sobre o horror da múmia, comparando os desenhos dos cilindros e os hieróglifos do pergaminho às figuras reproduzidas por Von Junzt, e formulando as teorias e as especulações mais insanas, mais sensacionais e mais irracionais. A frequência no museu triplicou, e o interesse crescente foi atestado pelo excesso de correspondência sobre o assunto — a maioria vazia e frívola — recebida pelo museu. Aparentemente, a múmia e sua origem constituíam, para pessoas imaginativas, rival à altura para a depressão como tópico principal de 1931 e 1932. Da minha parte, o principal efeito do furor foi ter me levado a ler o monstruoso volume de Von Junzt na edição da Golden Goblin — uma leitura atenta que me deixou tonto e nauseado. Ainda assim, agradeço a Deus, não ter visto ou lido o blasfemo e infame texto integral.

III.

As antiquíssimas histórias refletidas no *Livro Negro*, que o ligavam a desenhos e símbolos tão semelhantes aos que o pergaminho e o cilindro misterioso carregavam, eram, de fato, de uma natureza enfeitiçada e

muito impressionante. Cobrindo um incrível abismo de tempo — anterior a todas as civilizações, raças e terras que conhecemos — elas giravam em torno de uma nação e de um continente desaparecidos nos dias obscuros do início dos tempos. Aquela nação lendária, denominada Mu, segundo antigas tábuas na primitiva língua naacal^[7], floresceu há cerca de 200 mil anos, quando a Europa abrigava apenas entidades híbridas, e a perdida Hiperbórea conhecia a inominável idolatria ao amorfo e sombrio Tsathoggua.

Havia menção a um reino ou província chamada K'naa numa terra muito antiga onde os primeiros humanos encontraram ruínas monstruosas abandonadas por aqueles que lá viveram, vagas ondas de entidades desconhecidas que vieram das estrelas e viveram seus éons num mundo ignorado e nascente. K'naa era um lugar sagrado e, do seu centro, as sombrias falésias de basalto do monte Yaddith-Gho subiam para o céu, coroadas por uma gigantesca fortaleza de pedras enormes, infinitamente mais velha do que a humanidade e construída pelos habitantes do planeta escuro Yuggoth, que colonizou a Terra antes do nascimento da vida terrestre.

Os habitantes de Yuggoth haviam perecido éons antes, mas deixaram para trás uma monstruosa criatura terrível que nunca poderia morrer: seu infernal deus ou demônio protetor Ghatanothoa, que vivia e meditava eternamente, embora nunca tenha sido visto, nas criptas abaixo da fortaleza em Yaddith-Gho. Nenhum ser humano jamais havia escalado Yaddith-Gho ou visto a blasfema fortaleza, exceto como um esboço distante e geometricamente anormal contra o céu. Mesmo assim, concordavam que Ghatanothoa ainda estava lá, chafurdando em abismos escuros sob paredes megalíticas. Sempre houve aqueles que acreditavam que sacrifícios deviam ser feitos a Ghatanothoa para que ele não abandonasse sua tenebrosa morada e vagasse horivelmente pelo mundo dos homens, como uma vez vagou no antigo mundo de Yuggoth.

As pessoas diziam que se nenhuma vítima fosse oferecida, Ghatanothoa se arrastaria até a luz do dia, vindo de subterrâneos escuros, e desceria os penhascos de basalto de Yaddith-Gho, levando desgraça a tudo o que pudesse encontrar. Nenhuma criatura viva poderia contemplar Ghatanothoa, ou mesmo uma imagem esculpida do deus-demônio, não importa o quão pequena, sem sofrer uma transformação mais horrível

do que a própria morte. Ver o deus, ou sua imagem, como todas as lendas de Yuggoth revelavam, significava paralisia e petrificação de um tipo singularmente chocante: a vítima era transformada em pedra e couro por fora, enquanto o cérebro permanecia perpetuamente vivo, horrivelmente estável e aprisionado através das eras, e insanamente consciente da passagem de intermináveis eras de inércia impotente até que o acaso e o tempo completassem a decadência da casca petrificada e a deixassem exposta para morrer. A maioria dos cérebros, é claro, enlouquecia muito antes que o tempo da libertação chegasse. Nenhum olho humano, é claro, jamais vislumbrou Ghatanothoa, uma vez que o perigo seria tão grande quanto fora para os habitantes de Yuggoth.

Então, havia um culto em K'naa que idolatrava Ghatanothoa e, cada ano, sacrificava doze jovens guerreiros e doze jovens donzelas. Essas vítimas eram oferecidas em altares flamejantes no templo de mármore perto da base da montanha, pois ninguém ousava escalar os penhascos de basalto de Yaddith-Gho ou se aproximar do reduto ciclópico e pré-humano em seu cume. O poder dos sacerdotes de Ghatanothoa era enorme, já que apenas deles dependia a proteção de K'naa e de toda a terra de Mu no caso de uma eventual emergência de Ghatanothoa de seu refúgio desconhecido.

Havia, na terra, cerca de cem sacerdotes do deus sombrio, sujeitos ao sumo sacerdote Imash-Mo, que caminhava diante o rei Thabon na festividade de Nath e permanecia orgulhosamente de pé, enquanto o rei ajoelhava-se no santuário dórico. Cada sacerdote tinha uma casa de mármore, um baú de ouro, duzentos escravos e cem concubinas, além de imunidade da lei civil e o poder de vida e morte sobre todos em K'naa, salvo os sacerdotes do rei. Mesmo assim, a despeito desses defensores, sempre havia medo na terra, um receio de que Ghatanothoa serpenteasse das profundezas e subisse violentamente a montanha para trazer horror e petrificação à humanidade. Nos últimos anos, os sacerdotes proibiram os homens até mesmo de conjecturar ou imaginar qual poderia ser o seu aspecto aterrorizante.

Foi no Ano da Lua Vermelha (estimado em 173.148 a.C. por Von Junzt) que um ser humano ousou, pela primeira vez, desafiar Ghatanothoa e sua ameaça inominável. Esse bravo herético era T'yog, sumo sacerdote de Shub-Niggurath e guardião do templo de cobre do Bode-

com-as-Mil-Crias. T'yog pensou muito sobre os poderes dos diversos deuses e teve sonhos estranhos e revelações a respeito da vida neste mundo e nos mundos anteriores. No final, teve certeza de que os deuses favoráveis ao homem poderiam aliar-se contra os deuses hostis, e acreditava que Shub-Niggurath, Nug e Yeb, assim como Yig, o deus-serpente, estavam prontos para tomar partido do homem contra a tirania e presunção de Ghatanothoa.

Inspirado pela deusa mãe, T'yog escreveu uma fórmula estranha nos caracteres hieráticos da língua naacal, que ele acreditava que manteria o possuidor imune ao poder petrificante do deus sombrio. Com essa proteção, ele refletiu, poderia ser possível para um homem bravo escalar os temíveis penhascos de basalto e ser o primeiro de todos os seres humanos a adentrar a fortaleza ciclópica onde Ghatanothoa supostamente meditava. Face a face com o deus, e com o poder de Shub-Niggurath e seus filhos a seu lado, T'yog acreditava que seria capaz de derrotá-lo e, finalmente, livrar a humanidade de sua ameaça sombria. Com a humanidade livre graças a seus esforços, não haveria limites para as honras que ele poderia reivindicar. Todas as honras dos sacerdotes de Ghatanothoa seriam naturalmente transferidas para ele, e mesmo a realeza ou a divindade estariam, obviamente, ao seu alcance.

Assim, T'yog escreveu sua fórmula protetora num pergaminho de membrana de *pthagon* (de acordo com Von Junzt, a pele interna do extinto lagarto yakith) e o guardou num cilindro feito de metal *lagh* — o metal trazido pelos Anciãos de Yuggoth e inexistente em qualquer mina da Terra. Este encantamento, carregado em seu manto, o tornaria a prova da ameaça de Ghatanothoa e poderia até restaurar as vítimas petrificadas do deus sombrio, se essa entidade monstruosa emergisse e começasse sua devastação. Deste modo, ele se propôs subir a montanha evitada e nunca pisada pelo homem, invadir a cidadela de pedras ciclópicas e confrontar a revoltante entidade maligna em seu covil. O que se seguiria, ele não podia nem mesmo adivinhar, mas a esperança de ser o salvador da humanidade deu força a sua vontade.

Contudo, ele não tinha levado em conta a inveja e os interesses dos sacerdotes mimados de Ghatanothoa. Logo que souberam de seu plano, e temendo as perdas de prestígio e de privilégio, caso o deus-demônio fosse destronado, eles fizeram um clamor frenético contra o suposto sa-

crilégio, sustentando que nenhum homem poderia prevalecer contra Ghatanothoa, e que qualquer esforço nesse sentido iria, meramente, provocar um ataque tão infernal contra a humanidade que nenhum feitiço ou sacerdócio poderia impedir. Com estes clamores, eles tinham esperança de voltar a mente do público contra T'yog. Porém, tão grande era o anseio do povo para libertar-se de Ghatanothoa, e tanta era a confiança na habilidade e no zelo de T'yog, que os protestos deram em nada. Até mesmo o rei, geralmente uma marionete dos sacerdotes, recusou-se proibir a ousada peregrinação de T'yog.

Foi então que os sacerdotes de Ghatanothoa fizeram às escondidas o que não podiam fazer às claras. Uma noite, Imash-Mo, o sumo sacerdote, invadiu sorrateiramente o aposento de T'yog no templo e, enquanto esse dormia, pegou o cilindro de metal, removendo o poderoso pergaminho e colocando no lugar outro pergaminho bastante semelhante, mas suficientemente diferente para não ter poder contra nenhum deus ou demônio. Quando o cilindro foi colocado de volta no manto do adormecido, Imash-Mo estava satisfeito, pois sabia que era pouco provável que T'yog fosse estudar o conteúdo do cilindro novamente. Acreditando estar protegido pelo verdadeiro pergaminho, o herético marcharia para montanha proibida e rumo à Presença Maligna, e Ghatanothoa, não tendo qualquer magia por obstáculo, cuidaria do resto.

Não mais seria necessário aos sacerdotes de Ghatanothoa opor-se contra o que estava para ocorrer. Que T'yog seguisse seu caminho e encontrasse seu fim. E, secretamente, os sacerdotes guardariam o pergaminho roubado — o encantamento verdadeiro e poderoso — passando de um sumo sacerdote a outro para uso em um eventual futuro sombrio, quando talvez fosse necessário opor-se à vontade do deus-demônio. Portanto, no resto da noite, Imash-Mo dormiu em paz, com o verdadeiro pergaminho em um novo cilindro de modo a ser seu porto seguro.

Era o alvorecer do Dia das Chamas Celestes (denominação apresentada por Von Junzt) quando T'yog, entre as preces e cânticos do povo e com a benção do rei Thabon na sua frente, subiu a temida montanha com um bastão de madeira *tlath* na mão direita. Dentro de seu manto estava o cilindro contendo o que pensava ser o verdadeiro encantamento, pois não descobrira o embuste e nem vira ironia nas preces que

Imash-Mo e os outros sacerdotes de Ghatanothoa entoavam para sua segurança e sucesso.

Toda aquela manhã, o povo contemplava a pequena silhueta subindo a encosta de basalto evitada, até então, pelos passos dos homens. E muitos permaneceram observando muito depois dele ter desaparecido por uma passagem perigosa que levava ao lado oculto da montanha. Naquele noite, alguns poucos sonhadores sensitivos pensaram ter ouvido um fraco tremor agitando o odiado cume, apesar da maioria tê-los ridicularizado pela declaração. No dia seguinte, vastas multidões observavam a montanha, rezavam e se perguntavam quão breve T'yog retornaria. E assim foi no outro dia e no dia seguinte. Por semanas, eles alimentaram a esperança e aguardaram; e, então, choraram. E ninguém mais viu T'yog, que queria salvar a humanidade dos horrores do deus sombrio.

Depois disso, os homens tremiam com a presunção de T'yog e tentaram não pensar na punição que ele recebera por sua aventura profana. E os sacerdotes de Ghatanothoa sorriam para aqueles que se ressentiam da vontade do deus ou discutiam seu direito a sacrifícios. Anos depois, a astúcia de Imash-Mo tornou-se conhecida do povo, mas a notícia do feito covarde não mudou o sentimento geral, segundo o qual era melhor deixar Ghatanothoa em paz. Ninguém mais ousou desafiá-lo. Assim, as eras seguiram, e rei sucedeu rei, e sumo sacerdote sucedeu sumo sacerdote, e nações ergueram-se e decaíram, e terras ergueram-se de sob o mar e retornaram para o fundo do mar. E, após muitos milênios, a decadência chegou a K'naa. Então, em um dia terrível de tempestade, de trovões ensurdecedores, de raios que mergulhavam nas águas e ondas da altura de montanhas, toda a terra de Mu submergiu no mar para sempre.

Ainda assim, pelos milhares de anos que seguiram, pequenos focos de segredos antigos e imemoriais começaram a surgir. Nas terras distantes, encontraram-se sobreviventes de face cinzenta que escaparam à fúria demoníaca do mar, e estranhos céus acolheram a fumaça de altares erguidos para deuses e demônios desaparecidos. Apesar de nenhum deles saber em que abismo insondável o cume sagrado e a fortaleza do temível Ghatanothoa afundara, havia aqueles que murmuravam seu nome e ofereciam sacrifícios abomináveis com medo de que ele emergisse das profundezas do oceano e espalhasse sobre a terra o horror e a petrificação.

Dentre os sacerdotes dispersos, cresciam os rudimentos de um culto secreto e sombrio; secreto porque as pessoas das novas terras tinham outros deuses e demônios e só viam perversidade nos deuses antigos e estrangeiros. Assim, naquele culto, muitas coisas hediondas eram feitas e muitos objetos estranhos eram reverenciados. Havia boatos de que certa linhagem de sacerdotes ardilosos ainda possuía o verdadeiro encantamento contra Ghatanothoa que Imash-Mo roubou do adormecido T'yog, apesar de não haver ninguém que pudesse ler ou compreender as sílabas crípticas, ou que pudesse, sequer, imaginar em qual parte do mundo a perdida K'naa, o temível cume de Yaddith-Gho e a fortaleza titânica do deus-demônio jaziam.

Embora tivesse florescido principalmente na região do Pacífico onde Mu estava localizada, havia rumores do culto secreto e odiado de Ghatanothoa na infortunada Atlântida e no planalto detestável de Leng. Von Junzt atestava sua presença no reino subterrâneo mítico de K'n-yan, e deu claras evidências de que havia chegado ao Egito, à Caldeia, à Pérsia, à China, aos impérios semitas esquecidos da África, e ao México e ao Peru no Novo Mundo. Sustentava, ainda que havia forte conexão com as ações de feitiçaria na Europa, contra a qual os documentos e os anátemas dos papas foram em vão. O ocidente, no entanto, nunca foi favorável a seu crescimento, e a indignação pública, exacerbada pelos rituais hediondos e sacrificios inomináveis, aniquilou completamente muitas de suas ramificações. No fim, tornou-se um culto subterrâneo, obscuro e perseguido. Mesmo assim, seu núcleo nunca pôde ser totalmente exterminado e sempre sobreviveu, de alguma forma, principalmente no Oriente distante e nas ilhas do Pacífico, onde seus ensinamentos fundiram-se ao saber esotérico do *Areoi*^[8] polinésio.

Von Junzt fez insinuações sutis e desconcertantes de que teve contato com o culto. Portanto, enquanto lia, estremeci com os rumores sobre sua morte. Ele falava sobre o desenvolvimento de certas ideias a respeito da aparência do deus-demônio — uma criatura que nenhum ser humano (exceto o ousadíssimo T'yog, que nunca retornou) jamais viu — e contrastava o hábito da especulação com o tabu que prevalecia na antiga Mu contra qualquer tentativa de imaginar como seria o horror. Havia um temor peculiar sobre a reverência dos devotos e os fascinantes rumores sobre o assunto — rumores carregados com mórbida curiosidade a res-

peito da natureza exata do que T'yog teria enfrentado naquele aterrorizante palácio pré-humano, agora no fundo do oceano, antes que seu fim (se houve um fim) chegasse. E me senti estranhamente perturbado com as referências oblíquas e insidiosas do estudioso alemão sobre esse tópico.

Não menos perturbadoras eram as conjecturas de Von Junzt sobre o paradeiro do pergaminho de feitiços contra Ghatanothoa e sobre a utilidade que se poderia dar a ele. A despeito de toda minha certeza de que o caso era puramente mítico, não pude deixar de estremecer com a ideia do aparecimento de um deus-monstro nos dias atuais, e com a imagem de uma humanidade subitamente transformada numa raça de estátuas disformes, cada uma envolvendo um cérebro vivo condenado à consciência inerte e impotente por éons incontáveis do futuro. O velho sábio de Düsseldorf tinha um jeito venenoso de insinuar mais do que afirmar, e pude compreender porque seu livro abominável foi proibido em tantos países por ser considerado blasfemo, perigoso e obsceno.

Eu me contorcia de repulsa e, mesmo assim, o texto exercia uma fascinação profana, e eu não poderia deixá-lo de lado até terminar a leitura. As supostas reproduções dos desenhos e ideogramas de Mu eram maravilhosas e surpreendentemente parecidas com as marcas no estranho cilindro e as inscrições no pergaminho, e em todo o relato abundavam detalhes de insinuações vagas e irritantes sobre a semelhança com coisas relacionadas à horrível múmia: O cilindro e o pergaminho; o cenário do Pacífico; a persistente ideia do velho capitão Weatherbee de que a cripta ciclópica onde a múmia foi encontrada jazia sobre uma vasta construção. De alguma forma, eu estava vagamente contente pelo fato de a ilha vulcânica ter submergido antes que a maciça porta que lembrava um alçapão pudesse ser aberta.

IV.

O que li no *Livro Negro* formava uma conveniente preparação demoníaca para as novas notícias de jornais e para os eventos que começaram a me atingir na primavera de 1932. Mal consigo lembrar quando as frequentes notícias da ação policial contra os cultos religiosos bizarros e

estranhos no Oriente e em outras partes começaram a me chamar a atenção. Mas, por volta de maio ou junho, percebi que havia, por todo o mundo, uma eclosão surpreendente e fora do comum de atividades por parte de bizarras e furtivas organizações esotéricas místicas, de caráter clandestino e hermético, em geral quiescentes e das quais raramente se ouvia falar.

É pouco provável que eu fosse ligar essas notícias às insinuações de Von Junzt ou ao furor popular sobre a múmia e sobre o cilindro no museu, não fossem certas expressões significativas e semelhanças persistentes, alimentadas, de forma sensacionalista pela imprensa, com os ritos e falas de diversos celebrantes secretos que chamaram a atenção do público. Naquelas circunstâncias, não poderia deixar de observar, com inquietação, a frequente recorrência do nome — em diversas formas deturpadas — que parecia constituir o ponto focal de toda a adoração do culto, e que era, obviamente, considerada uma mistura singular de reverência e terror. Algumas das formas citadas eram G'tanta, Tanotah, Than-Tha, Gatan, e Ktan-Tah. Eu não precisava das indicações dos meus agora inúmeros correspondentes ocultistas para me fazer ver, nessas variantes, um terrível e sugestivo parentesco com o nome monstruoso traduzido por Von Junzt como Ghatanothoa.

Havia outros aspectos inquietantes. Repetidamente, as notícias citavam vagas referências atemorizantes a um “pergaminho verdadeiro”, ao qual estavam ligadas consequências tenebrosas, e que, segundo se disse, estava sob a custódia de certo “Nagob”, fosse quem ou o que ele fosse. Do mesmo modo, havia a insistente repetição de um nome que soava como Tog, Tiok, Yog, Zob ou Yob, e que eu, cada vez mais nervoso, involuntariamente ligava ao nome do infeliz herético T'yog do *Livro Negro*. Esse nome era, usualmente, proferido associado a frases enigmáticas como “Não é nenhum outro exceto ele”, “Ele olhou a sua face”, “Ele conhece tudo, apesar de não poder ver ou sentir”, “Ele trouxe a memória através dos éons”, “O verdadeiro pergaminho irá libertá-lo”, “Nagob possui o verdadeiro pergaminho”, “Ele pode dizer onde encontrá-lo”.

Sem dúvida, algo muito estranho estava no ar, e não me surpreendi quando meus correspondentes Ocultistas, tal qual os jornais sensacionalistas de domingo, começaram a ligar essas novas atividades anormais às

lendas de Mu, por um lado, e com o sensacionalismo recente da múmia por outro. Os artigos difundidos na primeira onda de publicidade da imprensa, com a insistente ligação da múmia, do cilindro e do pergaminho com a história do *Livro Negro*, e suas insanas especulações fantásticas sobre o tema, podem muito bem ter instigado o fanatismo latente em centenas destes grupos clandestinos de devotos exóticos que abundam em nosso mundo complexo. E os jornais não pararam de jogar lenha na fogueira, pois as histórias sobre as atividades dos cultos eram ainda mais desnorteantes do que as primeiras séries de narrativas duvidosas.

À medida que o verão transcorria, os atendentes notaram um curioso novo elemento entre os visitantes que, após a calmaria que seguiu a primeira explosão de publicidade, foram novamente atraídos para o museu por um segundo furor desencadeado pela imprensa. Cada vez com mais frequência, havia pessoas de aspecto estranho e exótico: asiáticos escuros, cabeludos indefiníveis e homens de barba negra que pareciam não estar acostumados a roupas europeias. Eles, invariavelmente, perguntavam pelo salão das múmias e, pouco depois, eram encontrados encarando o horrível espécime do Pacífico com genuíno êxtase de fascinação. Algumas correntes reservadas e sinistras nessa maré de estrangeiros excêntricos pareciam impressionar os guardas, e eu mesmo não estava tranquilo. Não podia parar de pensar nas atividades dos cultos predominantes entre tipos tão exóticos como esses, e a ligação dessas atividades com mitos próximos demais da aterrorizante múmia e de seu pergaminho.

Às vezes, eu era quase tentado a retirar a múmia da exibição, especialmente quando um atendente me disse que, em inúmeras ocasiões, ele tinha visto, de relance, estranhos fazendo bizarras reverências diante dela, e havia escutado, por acaso, murmúrios cantarolados que soavam como cânticos ou rituais direcionados a ela nos horários em que os visitantes eram escassos. Um dos guardas adquiriu uma desconcertante alucinação nervosa sobre o horror petrificado na solitária caixa de vidro, alegando que podia ver, dia após dia, certas transformações infinitamente pequenas, vagas e sutis na curvatura furiosa das garras ósseas e na expressão, enlouquecida pelo medo, do rosto coriáceo. Ele não podia se li-

vrar da ideia repugnante de que aqueles horríveis olhos bojudos estavam prestes a se abrir subitamente.

Era início de setembro, quando as multidões curiosas diminuíram e o salão das múmias estava, às vezes, vazio, que uma tentativa de se aproximar da múmia, cortando o vidro da caixa, foi realizada. O criminoso, um polinésio escuro, foi visto a tempo por um guarda e foi detido antes que algum estrago ocorresse. A investigação revelou que o sujeito era um havaiano notório por sua atividade em certos cultos religiosos obscuros e que tinha uma considerável ficha policial ligando-o a rituais e sacrifícios anormais e inumanos. Alguns papéis encontrados em seu quarto eram muito intrigantes e perturbadores, incluindo muitas folhas cobertas com hieróglifos semelhantes àqueles do pergaminho no museu e no *Livro Negro* de Von Junzt. Mas, a respeito dessas coisas, ele não pôde ser convencido a falar.

Menos de uma semana depois desse incidente, outra tentativa de se aproximar da múmia — desta vez mexendo com a fechadura da caixa — resultou numa segunda prisão. O criminoso, um cingalês, tinha uma ficha tão longa e desagradável de atividades repugnantes de culto quanto o havaiano, e exibia semelhante relutância em falar com a polícia. O que fez esse caso dupla e tenebrosamente interessante foi que um guarda havia percebido esse homem diversas vezes antes e o ouvira dirigir à múmia um cântico peculiar contendo inconfundíveis repetições da palavra “T’yog”. Como resultado desse caso, dobrei os guardas no salão de múmias e ordenei que nunca deixassem o agora notório espécime sair de sua vista, nem mesmo por um momento.

Como não podia deixar de ser, a imprensa fez muito caso desses dois incidentes, rememorando o falatório sobre a mística e fabulosa Mu, e afirmando, ousadamente, que a horrível múmia era ninguém menos que o bravo herético T’yog, petrificado por algo que tinha visto na cidadela pré-humana que ele invadiu e preservado intacto por 175 mil anos da história turbulenta do nosso planeta. Também enfatizaram, da forma mais sensacionalista possível, que os estranhos devotos praticavam cultos originários de Mu, que eles idolatravam a múmia e que, talvez, estivessem procurando despertá-la com feitiços e encantamentos.

Escritores exploraram a afirmação das antigas lendas de que o *cérebro* das vítimas petrificadas de Ghatanothoa permanecia consciente e

conservado, um ponto que serviu como base para as mais insanas e improváveis especulações. A menção do “pergaminho verdadeiro” também recebeu a devida atenção, e a teoria popular predominante sustentava que o encantamento contra Ghatanothoa, roubado de T’yog, estava em algum lugar, e que os membros do culto tentavam colocar-se em contato com o próprio T’yog com algum propósito desconhecido. O resultado desse sensacionalismo foi que a terceira onda de visitantes boquiabertos começou a inundar o museu e a admirar a múmia infernal, que servia de núcleo para todo o caso estranho e perturbador.

Foi a partir dessa onda de visitantes, entre os quais muitos fizeram repetidas visitas, que o falatório sobre as vagas transformações no aspecto da múmia começou a se espalhar. Eu suponho — a despeito da ideia perturbadora do guarda nervoso alguns meses antes — que os funcionários do museu estavam muito bem acostumados com a constante visão de figuras bizarras para prestar atenção a detalhes. Em todo caso, foram os agitados rumores dos visitantes que, no longo prazo, despertaram os guardas para a sutil mutação que estava, ao que parecia, em progresso. Quase simultaneamente, a imprensa noticiou o fato, com os resultados espalhafatosos que podem ser imaginados.

Naturalmente, dediquei ao caso minha mais cuidadosa observação e, pela metade de outubro, conclui que uma definitiva desintegração da múmia estava ocorrendo. Devido a algumas influências químicas e físicas no ar, as fibras, parte rocha e parte couro, pareciam estar gradualmente relaxando, causando distintas variações nos ângulos dos membros e em certos detalhes da expressão facial, contorcida pelo medo. Após meio século de perfeita preservação, este era um desenvolvimento importante e desconcertante, e pedi que o taxidermista do museu, Dr. Moore, analisasse cuidadosamente o objeto repulsivo inúmeras vezes. Ele relatou relaxamento e amolecimento geral, e aplicou, na coisa, dois ou três borrifos adstringentes, mas não arriscou nada mais drástico por medo de provocar uma súbita desintegração e decadência acelerada.

O efeito de tudo isso nas multidões boquiabertas era curioso. Até então, cada nova sensação causada pela imprensa trazia novas ondas de visitantes que encaravam e sussurravam. Mas, agora, apesar de os jornais tagarelarem sem parar sobre as transformações da múmia, o público parecia ter adquirido um senso de medo definitivo que superava até mes-

mo sua mórbida curiosidade. As pessoas pareciam sentir que uma aura sinistra pairava sobre o museu, e a frequência passou de alta para um nível claramente abaixo do normal. Essa menor frequência deu proeminência adicional ao fluxo de estrangeiros incomuns que continuaram a infestar o lugar, e cujos números pareciam não diminuir de forma alguma.

No dia 18 de novembro, um peruano de sangue indígena sofreu um estranho ataque histérico ou epilético em frente à múmia e, logo depois, gritava de sua cama de hospital, “Ele tentou abrir os olhos! T’yog tentou abrir os olhos e me encarar!” Eu estava, nessa época, a ponto de tirar o objeto da exibição pública, mas minha posição foi derrotada numa reunião dos nossos diretores muito conservadores. Entretanto, podia-se ver que o museu estava começando a adquirir uma reputação profana na vizinhança austera e reservada. Após este incidente, dei instruções para que a ninguém fosse permitido parar diante da relíquia monstruosa do Pacífico por mais de alguns minutos por vez.

Foi no dia 24 de novembro, após o fechamento do museu às cinco horas, que um dos guardas percebeu uma minúscula abertura nos olhos da múmia. O fenômeno era muito sutil — nada além de um fino aumento da córnea, visível em cada olho — mas foi, no entanto, do maior interesse. O Dr. Moore foi convocado apressadamente e estava prestes a estudar as partes expostas do globo ocular com uma lente de aumento quando o manuseio da múmia fez as pálpebras coriáceas se fecharem com força novamente. Todos os esforços brandos para abri-los falharam, e o taxidermista não ousou aplicar medidas drásticas. Quando me notificou o ocorrido pelo telefone, senti uma sensação de pavor crescente, difícil de reconciliar com aquilo a que o aparentemente simples evento dizia respeito. Por um momento, podia partilhar da popular impressão de que alguma influência maligna das profundezas insondáveis do tempo e do espaço pairava, de forma obscura e ameaçadora, sobre o museu.

Duas noites depois, um filipino taciturno estava tentando esconder-se no museu na hora de fechar. Preso e levado para a delegacia, ele se recusou até mesmo a dizer o nome e foi detido como suspeito. Enquanto isso, a vigilância rigorosa da múmia parecia desencorajar as bizarras hordas de estrangeiros a visitá-la com frequência. Ao menos, o número

de visitantes exóticos caiu significativamente após a execução da ordem que impedia parar diante da múmia.

Foi durante as primeiras horas da manhã de terça, dia 1º de dezembro, que um terrível clímax desenrolou-se. Por volta de uma hora da madrugada, gritos horríveis de pavor mortal e agonia foram ouvidos partindo do museu, e uma série de telefonemas frenéticos dos vizinhos trouxe à cena, rapidamente, um esquadrão da polícia e vários funcionários, incluindo eu. Alguns dos policiais cercaram o prédio enquanto outros, com os funcionários, entraram cautelosamente. No corredor principal, encontramos o vigia noturno morto por estrangulamento, e um pedaço de corda do leste da índia ainda estava amarrada em volta do pescoço. Ficou claro, então, que, a despeito de todas as precauções, algum intruso (ou intrusos) maligno conseguira entrar no museu. Agora, entretanto, um silêncio sepulcral envolvia tudo, e nós quase tememos ir ao andar de cima, até a ala fatídica, onde sabíamos que o centro do distúrbio devia espreitar. Sentimo-nos um pouco mais calmos após inundar o prédio com as luzes dos interruptores centrais no corredor, e, por fim, subimos, relutantemente, pela escadaria curva, atravessando uma passagem em arco até o salão das múmias.

V.

Foi desse ponto em diante que os relatos do horrível caso foram censurados, pois concordamos que não haveria nada de bom em tornar públicas as verdades inferidas a partir dos eventos posteriores. Eu disse que inundamos todo o prédio com luz antes de subirmos. Abaixo dos feixes de luz que atingiam as caixas resplandecentes e seu conteúdo repulsivo, vimos um horror cujos detalhes desconcertantes comprovavam fatos totalmente além de nossa compreensão. Havia dois intrusos — que, posteriormente, concordamos que deviam estar escondidos no prédio antes do horário de fechamento — mas que nunca seriam executados pelo assassinato do vigia. Eles já tinham pagado pelo seu crime.

Um era birmanês e o outro das Ilhas Fiji, ambos conhecidos pela polícia por suas participações em atividades em cultos aterrorizantes e repulsivos. Estavam mortos e, quanto mais os examinávamos, mais nos

dávamos conta do modo totalmente monstruoso e inominável como morreram. Em ambos os rostos havia um olhar muito mais inumano de pavor do que o mais experiente dos policiais havia visto antes. Mesmo assim, havia significativas diferenças no estado dos dois cadáveres.

O birmanês jazia caído próximo à caixa da múmia, na qual um quadrado preciso fora cortado no vidro. Na mão direita, havia um pergaminho de membrana azulada coberto com hieróglifos cinzentos, quase uma duplicata do pergaminho no estranho cilindro na biblioteca do andar de baixo, apesar de estudos posteriores apontarem diferenças sutis. Não havia marca de violência no corpo e, tendo em vista a expressão de agonia e desespero na face contorcida, pudemos apenas concluir que o homem morrera de puro pavor.

Mas foi o corpo do fijiano, ao lado, que nos deu o choque mais profundo. Um dos policiais foi o primeiro a notá-lo, e o grito de horror que emitiu adicionou outro arrepio à noite de terror daquela vizinhança. O rosto, que um dia fora negro, estava cinzento e contorcido pelo medo, e as mãos ossudas, uma das quais ainda segurando uma lanterna, nos mostravam que algo estava terrivelmente errado. Ainda assim, cada um de nós estava despreparado para o que a lanterna trêmula do funcionário revelou. Mesmo agora, penso a respeito com um paroxismo de pavor e repulsa. Para ser breve: o infeliz invasor, que menos de uma hora antes fora um robusto melanésio curvado ante de demônios desconhecidos, era, agora, uma rígida figura de petrificação rochosa e coriácea, em cada aspecto idêntico à blasfêmia antiga acocorada na caixa de vidro, então violada.

E isso ainda não era o pior. Coroando todos os outros horrores, o que chamou nossa atenção, já muito abalada, antes que nos voltássemos para os corpos no chão, foi o estado da aterrorizante múmia. As transformações não poderiam mais ser chamadas de vagas e sutis, pois, agora, havia alterações radicais de postura. Estava curvada, um pouco inclinada para frente com uma curiosa perda de rigidez. Suas garras ossudas estavam baixas, não mais cobrindo, nem sequer parcialmente, sua aterrorizada face coriácea e — Deus nos ajude! — *seus infernais olhos salientes estavam completamente abertos e pareciam encarar diretamente os dois intrusos que haviam morrido de medo ou pior.*

Aquele sinistro olhar de peixe morto era horrivelmente hipnótico, e nos assombrou a todos quando estávamos examinando os corpos dos invasores. Seu efeito em nossos nervos foi abominavelmente estranho, pois, de alguma forma, sentimos uma curiosa rigidez sobre nós, dificultando nossos mais simples movimentos, uma rigidez que, mais tarde, desapareceu de forma muito bizarra quando passamos o pergaminho de mão em mão para exame. De vez em quando, sentia meu olhar se virar, irresistivelmente, em direção àqueles horríveis olhos salientes na caixa, e, quando dispus-me a estudá-los, após ver os corpos, pensei ter detectado algo muito peculiar na superfície vítrea das pupilas escuras e fantasticamente bem preservadas. Quanto mais olhava, mais fascinado ficava e, finalmente, fui ao escritório — a despeito do estranho endurecimento nos meus membros — e trouxe uma potente lente de aumento múltipla. Com isto, comecei uma vistoria muito severa e cuidadosa das pupilas suspeitas, enquanto os outros se amontoavam, expectantes, em volta.

Sempre fui muito cético a respeito da teoria de que cenas e objetos são fotografados pela retina em casos de morte ou coma. Mesmo assim, logo que olhei pelas lentes, percebi a presença de algum tipo de imagem, além do reflexo da sala, nos salientes olhos vítreos desse produto inominável dos éons. Com certeza, havia uma cena vagamente delineada na envelhecida superfície da retina, e eu não podia duvidar que era a última coisa que aqueles olhos viram em vida, incontáveis milênios atrás. Parecia estar se desvanecendo de forma constante, e atrapahei-me com a lupa tentando colocar outra lente no lugar. Não obstante, devia estar correta e definida, ainda que infinitamente pequena, quando, em resposta a algum feitiço maligno ou ato ligado à ação dos visitantes, os olhos fixaram-se naqueles intrusos, que foram aterrorizados até a morte. Com as lentes extras, pude identificar muitos detalhes anteriormente invisíveis, e o grupo espantado em minha volta manteve-se firme ante a chuva de palavras com as quais tentei contar o que vi.

Pois aqui, no ano de 1932, um homem na cidade de Boston estava olhando para algo que pertencia a um mundo desconhecido e totalmente alienígena, um mundo que desapareceu da existência e da memória normal muitas eras atrás. Havia uma vasta sala, uma câmara de alvenaria enorme, e eu parecia estar olhando-a de um de seus cantos. Nas paredes,

havia baixos-relevos tão horrendos que, mesmo nessa imagem imperfeita, sua blasfêmia e bestialidade me nausearam. Não podia acreditar que os escultores daquelas coisas eram humanos, ou que já tinham visto seres humanos quando moldaram os contornos aterrorizantes que olhavam, com maldade, para quem os contemplava. No centro da câmara, havia um alçapão colossal de pedra, empurrado para cima para permitir a emersão de algum objeto que estava embaixo. O objeto deveria estar claramente visível. De fato, deveria estar quando os olhos se abriram, pela primeira vez, diante dos intrusos assustados, apesar de, pelas minhas lentes, serem meramente um borrão monstruoso.

Naquele momento, eu estava estudando o olho direito e troquei a lente que usava por uma mais forte, levando a maior ampliação. Um momento depois, desejei que minha busca tivesse terminado naquele ponto. Entretanto, o fervor da descoberta me dominou, e mudei o foco de minhas lentes para o olho esquerdo da múmia, na esperança de descobrir uma imagem menos desbotada naquela retina. Minhas mãos, tremendo de excitação e rígidas de forma não natural por alguma influência obscura, foram lentas ao colocar a lente no foco, mas, um momento depois, percebi que a imagem estava menos desbotada do que no outro olho. Vi, num lampejo mórbido de quase clareza, a criatura abominável que estava subindo pelo extraordinário alçapão naquela imemorável cripta de um mundo a incontáveis eras perdido, e desmaiei com um guincho inarticulado do qual não estou sequer envergonhado.

Quando despertei, não havia nenhuma imagem reconhecível em nenhum dos olhos da múmia monstruosa. O sargento Keefe, da polícia, olhou com minhas lentes, pois eu não podia encarar a entidade anormal novamente. E agradei a todos os poderes do cosmo por não ter olhado mais cedo. Foi necessária toda a minha determinação, e muita insistência de todos para me fazer relatar o que vislumbrei no horrível momento de revelação. De fato, não podia falar até que todos tivéssemos ido ao escritório embaixo, longe da criatura demoníaca que não devia existir. A partir daí, comecei a conceber as noções mais terríveis e fantásticas sobre a múmia e seus vítreos olhos salientes. Eu tinha a impressão de que ela era uma espécie de consciência infernal que viu tudo o que ocorreu antes e tentava, em vão, comunicar alguma aterradora mensagem dos abismos

do tempo. Isso era loucura. Mas, enfim, pensei que talvez fosse melhor se eu dissesse o que parcialmente vi.

Afinal, não era algo demorado de se contar. Emergindo, lentamente, daquele alçapão na cripta ciclópica, vislumbrei uma monstruosidade tão grande e inacreditável que não podia duvidar de seu poder de matar com um simples olhar quem tivesse a desventura de vê-lo. Mesmo agora, não consigo sequer descrevê-lo com quaisquer palavras a minha disposição. Poderia chamá-lo de gigantesco, tentacular, proboscídeo, com olhos de polvo, disforme, parcialmente escamoso e parcialmente rugoso, argh! Mas nada que pudesse dizer poderia sequer refletir o horror repugnante, profano, inumano que emanava daquela coisa extragaláctica, e a indizível e odiosa perversidade daquele ser híbrido de caos profundo e trevas infinitas. À medida que escrevo essas palavras, as imagens mentais me fazem inclinar-me para trás fatigado e nauseado. Enquanto contava aos que me acompanharam ao escritório o que vi, tive que lutar para preservar a consciência que eu tinha recuperado.

Os meus ouvintes também não estavam menos abalados. Nenhum homem falou mais alto do que um sussurro por um quarto de hora, e havia amedrontadas referências, quase furtivas, ao aterrorizante conhecimento do *Livro Negro*, às histórias de jornais sobre atividades de cultos e aos sinistros eventos no museu. Falou-se de Ghatanothoa, cuja menor imagem poderia petrificar alguém, de T'Yog, que nunca voltou; do falso e do verdadeiro pergaminho, que poderia total ou parcialmente desfazer a petrificação. Teria sobrevivido? Os cultos infernais, as frases ouvidas, “Não é ninguém além dele”, “Ele que olhou sua face”, “Ele sabe tudo, apesar de não poder ver ou sentir”, “Ele trouxe a memória pelos éons”, “O verdadeiro pergaminho irá libertá-lo”, “Nagob possui o verdadeiro pergaminho”, “Ele pode dizer onde encontrá-lo”. Apenas as primeiras luzes da alvorada nos trouxeram de volta à sanidade. Uma sanidade que tornou o que vi um assunto dado por encerrado, algo a não ser explicado ou pensado novamente.

Fornecemos apenas relatos parciais à imprensa e, mais tarde, cooperamos com os jornais em realizar algumas outras supressões. Por exemplo, quando a autópsia revelou que o cérebro e diversos outros órgãos internos do fijiano petrificado estavam vivos e não petrificados, apesar de hermeticamente fechados pela petrificação externa do corpo — uma

anomalia a respeito da qual os médicos ainda debatem prudentemente e de forma aturdida — não desejávamos que um furor se iniciasse. Sabíamos muito bem o que a imprensa marrom faria com detalhes dessa natureza ao lembrarmos o que foi dito do cérebro intacto e do estado ainda consciente das vítimas rochosas e coriáceas de Ghatanothoa.

Alguns jornais destacaram que o homem que segurava o pergaminho com os hieróglifos — e que, evidentemente, o empurrou para a múmia através da abertura na caixa — não estava petrificado, enquanto o homem que *não* o segurava estava. Quando exigiram que fizéssemos certos experimentos — colocando o pergaminho tanto sobre o corpo rochoso e coriáceo do fijiano e na múmia propriamente dita — nós nos recusamos imediatamente a apoiar teorias supersticiosas. É claro que a múmia foi removida da exposição e transferida para o laboratório do museu, para aguardar um autêntico exame científico com uma autoridade médica competente. Tendo em vista os eventos passados, a mantivemos sob severa vigilância. Mas, mesmo assim, houve uma tentativa de entrar às 2h25m da madrugada do dia 5 de dezembro. A rápida ação do alarme frustrou a tentativa, embora, infelizmente, o criminoso (ou os criminosos) escapou.

Estou profundamente agradecido por não haver indício de que algo mais tenha chegado ao público. Eu gostaria, de todo coração, que não houvesse mais nada a dizer. Haverá, é claro, vazamento de informações e, se algo acontecer comigo, não sei o que meus testamenteiros farão com esse manuscrito. Mas, pelo menos, o caso não estará dolorosamente vivo na memória da multidão quando a revelação vier à tona. Ademais, ninguém acreditará nos fatos quando forem, finalmente, revelados. Isto é o curioso sobre a turba. Quando a imprensa marrom faz insinuações, estão prontos para engolir qualquer coisa. Mas quando uma revelação surpreendente, verdadeira e fora do comum é realmente feita, riem e a descartam como mentira. Pelo bem da sanidade pública, é, provavelmente, o melhor.

Eu tinha dito que um exame científico da múmia aterrorizante fora planejado. Esse ocorreu no dia 8 de dezembro, exatamente uma semana depois da terrível culminação de acontecimentos, e foi conduzido pelo eminente Dr. William Minot, em conjunto com Wentworth Moore, Doutor em Ciências, taxidermista do museu. O Dr. Minot havia teste-

munhado a autópsia do fijiano estranhamente petrificado na semana anterior. Estavam também presentes os senhores Lawrence Cabot e Dudley Saltonstall, administradores do museu, os Drs. Mason, Wells e Carver, integrantes dos serviços técnicos do museu, dois representantes da imprensa e eu. Durante a semana, a condição do horrível espécime não mudou visivelmente, apesar de um relaxamento de suas fibras ter feito com que a posição dos olhos vítreos, abertos, mudasse sutilmente de tempos em tempos. Todos os funcionários temiam olhar a criatura, pois a insinuação de uma consciência imóvel observando-os tornou-se intolerável, e foi apenas com esforço que pude acompanhar o exame.

O Dr. Minot chegou um pouco depois de uma da tarde e, em poucos minutos, começou sua investigação da múmia. Uma desintegração considerável ocorreu sob suas mãos e, em vista disso, e do que lhe contamos a respeito do gradual relaxamento do espécime desde o primeiro de outubro, ele decidiu que uma dissecação completa deveria ser feita antes que o material fosse mais comprometido. Uma vez que tínhamos o instrumental necessário em nosso laboratório, ele começou de imediato, perplexo ante a bizarra natureza fibrosa do material mumificado.

Mas seu espanto foi infinitamente maior quando ele fez a primeira incisão profunda, pois, daquele corte, escorria, de forma lenta, um espesso líquido vermelho cuja natureza — a despeito das infinitas eras separando a época desta múmia infernal do presente — era totalmente inconfundível. Mais algumas incisões revelaram vários órgãos em surpreendentes graus de preservação, não petrificados. Tudo, de fato, estava intacto exceto onde lesões no exterior petrificado trouxeram malformação ou destruição. A semelhança de sua condição com aquela encontrada no fijiano morto pelo pavor era tão nítida que o eminente médico se engasgou de perplexidade. A perfeição daqueles sinistros olhos salientes era nefasta, e seu exato estado em respeito à petrificação era muito difícil de determinar.

Às três e meia da tarde, o crânio foi aberto e, dez minutos depois, nosso grupo, aturdido, fez um juramento de segredo que apenas documentos protegidos como este manuscrito poderão quebrar. Até mesmo os dois repórteres prometeram guardar absoluto silêncio. *Pois a trepanção revelou um pulsante cérebro vivo.*



O Homem de Pedra

com Hazel Heald

∴

The Man of Stone (1932)

Wonder Stories (out. 1932)

Aparentemente, Lovecraft escreveu essa história com base em uma sinopse fornecida por Hazel Heald. A peça chave para se pensar, ao lê-la, é que a história se encaixa em algumas das fraquezas mais notáveis de Lovecraft como escritor — em particular no diálogo e na tensão romântica; a história realmente envolve um triângulo amoroso, algo que Lovecraft nunca teria introduzido em uma de suas histórias por conta própria. No entanto, com a ajuda de uma história enquadrada por um diário, ele consegue se sair melhor do que o esperado.



Ben Hayden sempre foi um sujeito teimoso e, ao ouvir sobre as estátuas estranhas no alto dos Adirondacks^[1], nada poderia impedi-lo de vê-las. Fui seu conhecido mais próximo por anos, e nossa amizade, à moda Dama e Pítias^[2], nos tornou inseparáveis. Portanto, quando Ben decidiu, firmemente ir... Bem, tive que trotar junto como um fiel collie^[3].

— Jack — ele disse — você conhece Henry Jackson, que estava numa cabana além do Lago Plácido devido àquela doença no pulmão? Bom, ele voltou ontem quase curado, mas tinha muito a dizer sobre certas situações demoníacas e estranhas lá em cima. Ele topou com o assunto por acaso e ainda não podia ter certeza de que havia algo mais do que o caso de uma bizarra escultura. Mas, mesmo assim, ficou com uma impressão incômoda.

Parece que, um dia, ele estava caçando e encontrou uma caverna com o que aparentava ser um cão na entrada. Então, quando estava esperando o cão latir, ele olhou de novo e viu que a criatura não estava viva. Era um cão de pedra. Era uma imagem perfeita até o menor fio do pelo, ao ponto de ele não poder decidir se era uma estátua sobrenaturalmente engenhosa ou um animal petrificado. Estava quase com medo de tocá-lo, quando percebeu que era, certamente, feito de pedra.

Após um tempo, ele criou coragem para entrar na caverna e, lá, teve um choque ainda maior. Pouco além da entrada, havia outra figura de pedra, ou o que parecia uma, mas, desta vez, era um homem. Jazia no chão, de lado, usava roupas e havia um sorriso peculiar na sua face. Desta vez, Henry não parou para tocá-lo, mas correu direto para o povoado, Mountain Top, você sabe. É claro que ele fez perguntas, mas que não trouxeram muitos esclarecimentos. Descobriu que era um assunto delicado, pois os nativos apenas balançavam a cabeça, cruzavam os dedos e murmuravam algo sobre o “Louco Dan”, fosse lá quem fosse.

Era demais para Jackson e, portanto, voltou para casa semanas antes do planejado. Ele me contou tudo porque sabia que sou aficionado por coisas estranhas e, curiosamente, fui capaz de desenterrar uma lembrança que se encaixava muito precisamente em sua história. Você se lembra de Arthur Wheeler, o escultor que era tão realista que as pessoas começaram a chamá-lo de fotógrafo sólido? Eu acho que você o conheceu rapidamente. Bom, na verdade, ele acabou naquela mesma parte dos Adirondacks. Passou muito tempo lá e, então, sumiu. Nunca foi visto novamente. Agora, se estátuas de pedra que parecem homens e cães estão aparecendo por aquelas bandas, parece-me que podem ser obras dele. Não importa o que os camponeses dizem, ou se recusam a dizer, sobre elas. É claro que um camarada com os nervos de Jackson poderia facil-

mente ficar assustado e perturbado com coisas como essas, mas eu teria feito muita investigação antes de fugir.

De fato, Jack, vou para lá agora para ver as coisas, e você pode vir comigo. Significaria muito encontrar Wheeler ou alguma de suas obras. De qualquer forma, o ar da montanha nos revigorará.

Então, menos de uma semana depois, após uma longa viagem de trem e outra sacolejante de ônibus por um cenário primoroso, de tirar o fôlego, chegamos a Mountain Top no pôr do sol dourado de um anoitecer de junho. O povoado consistia apenas de algumas poucas casas, um hotel e a loja de variedades onde o ônibus nos deixou, e sabíamos que essa, provavelmente, seria uma fonte de informações. Como não podia deixar de ser, um grupo de desocupados reunia-se em frente à loja e, quando nos apresentamos como forasteiros em busca de alojamento, eles tiveram muitas indicações para oferecer.

Apesar de não planejarmos nenhuma investigação até o dia seguinte, Ben não podia resistir à oportunidade de fazer, com cautela, algumas perguntas, ao notar a tagarelice senil de um dos desocupados. Ele sentiu, pela experiência prévia de Jackson, que seria inútil começar com referências a estátuas estranhas, mas decidiu mencionar Wheeler como alguém que conhecíamos e cujo destino, conseqüentemente, tínhamos o direito de saber.

A multidão pareceu receosa quando Sam parou de amolar a faca e começou a falar, mas eles tiveram pouco motivo para alarme. Até mesmo esse montanhês, velho e descalço, ficou apreensivo quando ouviu o nome de Wheeler, e apenas com dificuldade Ben pode conseguir algo coerente dele.

— Wheeler? — ele resmungou. — Oh, sim, aquele camarada estava todo o tempo quebrando rochas e transformando em estátuas. Então vocês conheciam ele, hein? Bom, não há muito que falar, e já falei demais. Ele ficou na cabana do Louco Dan nas colinas, mas não por muito tempo. Mas ele não o quis lá... Dan, quero dizer, mandou ele embora. Falava suave e gentil e deu em cima da mulher de Dan até que o velho demônio descobriu. Estava sempre junto dela, imagino. Mas ele pegou o trem de repente e foi embora e nunca mais a gente o viu. Dan deve ter falado para ele alguma coisa. Dan era curto e grosso. Péssimo camarada pra se meter! Melhor ficar longe de lá, rapazes, ele é coisa ruim nessa

parte da colina. O humor do Dan estava ficando cada vez pior e ninguém mais viu ele. E nem sua mulher. Acho que ele trancou ela para que ninguém mais desse em cima dela!

Enquanto Sam terminava de amolar a faca após mais algumas observações, Ben e eu trocamos olhares. Aqui, certamente, havia uma nova pista que merecia investigação intensiva. Decidimos nos hospedar no hotel e nos acomodamos o mais rápido possível, planejando mergulhar na selvagem região montanhosa no dia seguinte.

Ao nascer do sol, começamos nossa expedição, cada um carregando uma mochila pesada com provisões e as ferramentas que, acreditávamos, poderiam ser úteis. O dia anterior tinha um ar quase estimulante de convite, apesar de uma fraca corrente que podia trazer chuva. A estrada da montanha rapidamente tornou-se íngreme e sinuosa, de modo que, em pouco tempo, nossos pés doíam consideravelmente.

Após cerca de três quilômetros, deixamos a estrada, cruzando uma parede de pedra a direita, próximo a um enorme ulmeiro, e avançamos na diagonal rumo a uma inclinação mais íngreme, de acordo com o mapa e as direções que Jackson havia preparado para nós. Foi uma viagem rústica e breve, e sabíamos que a caverna não poderia estar longe. No final, chegamos à abertura repentinamente. Uma fenda negra nos arbustos crescidos onde o chão subia abruptamente e, ao lado, próximo a uma piscina rasa na rocha, uma pequena figura paralisada jazia, rígida, como se rivalizando sua própria petrificação bizarra.

Era um cão cinzento, ou uma estátua de cão, e, conforme nosso sobressalto simultâneo desaparecia, mal sabíamos o que pensar. Jackson não havia exagerado em nada, e não podíamos acreditar que a mão de algum escultor tivera sucesso em produzir tal perfeição. Cada fio do magnífico pelo do animal parecia distinto, e os das costas estavam eriçados, como se alguma coisa desconhecida o tivesse pegado desprevenido. Ben, finalmente, quase tocando de forma gentil a delicada pele pétrea, exclamou, num misto de admiração e espanto.

— Bom Deus, Jack, mas isto não pode ser uma estátua! Olhe, todos os pequenos detalhes, e o jeito que o pelo está! Não há nenhuma técnica de Wheeler aqui! Isso é um cão de verdade, embora apenas os céus saibam como ficou nesse estado. Exatamente como pedra, sinto você mesmo. Você supõe que há algum gás estranho que, às vezes, sai da caverna

e faz isto com a vida animal? Deveríamos averiguar mais nas lendas locais. E se esse é um cão de verdade, ou era um cão de verdade, então o homem dentro deve ser verdadeiro também.

Foi com boa dose de solenidade, quase medo, que rastejamos pela boca da caverna. Ben liderava. A entrada não tinha mais que uns 90 centímetros de largura e, logo, a gruta estendia-se para os lados, formando uma úmida câmara sombria, coberta com pedregulhos e detritos. Por um tempo, não podíamos ver quase nada, mas, conforme nos erguíamos e forçávamos nossos olhos, começamos, lentamente, a discernir uma figura no chão na escuridão à frente. Ben atrapalhou-se com a lanterna e hesitou, por um momento, antes de focá-la na figura prostrada. Tínhamos pouquíssima dúvida de que a coisa rochosa fora uma vez um homem, e algo nesse pensamento nos deixou perplexos e assustados.

Quando Ben, finalmente, lançou o facho de luz, vimos que a coisa jazia de lado, de costas para nós. Era, evidentemente, do mesmo material que o cão lá fora, mas estava vestido com restos apodrecidos e não petrificados de rústicas roupas esportivas. Dominando o medo, nos aproximamos para examinar aquilo. Ben deu a volta para vislumbrar o rosto oculto. Nenhum de nós poderia estar preparado para o que Ben viu quando iluminou a fisionomia rochosa. Seu grito foi totalmente perdoável, e não pude evitar ecoá-lo ao pular para seu lado e compartilhar a visão. Mesmo assim, não era nada horrível ou intrinsecamente apavorante. Foi, meramente, uma questão de reconhecimento, porque, além da menor sombra de dúvida, a fria figura de rocha, com sua expressão, um misto de espanto e amargura, fora, uma vez, nosso conhecido: Arthur Wheeler.

Algum instinto nos mandou, cambaleando e rastejando, para fora da caverna e rumo à ladeira íngreme até um ponto de onde não podíamos ver o sinistro cão de pedra. Não sabíamos o que pensar, pois nossos cérebros estavam agitados com conjecturas e apreensões. Ben, que conhecia Wheeler bem, estava particularmente desconcertado e parecia estar juntando algumas peças que me passaram despercebidas.

De novo e de novo, conforme parávamos no declive verde, ele repetia “pobre Arthur, pobre Arthur!”. Mas só quando ele murmurou o nome “Louco Dan” me lembrei da encrenca em que, de acordo com o velho Sam Poole, Wheeler se meteu antes de desaparecer. O Louco Dan,

Ben inferiu, sem dúvida adoraria ver o que aconteceu. Por um momento, imaginamos que o ciumento anfitrião podia ter sido responsável pela presença do escultor naquela caverna maligna, mas o pensamento se foi tão rapidamente quanto veio.

O que mais nos intrigava era explicar o fenômeno propriamente dito. Que emanção gasosa ou vapor mineral poderia ter provocado tal transformação em um tempo tão relativamente curto estava completamente além de nossa compreensão. A petrificação normal, sabemos, é um lento processo químico de reposição que requer longas eras para se completar. Mesmo assim, aqui estavam duas imagens de pedra que haviam sido seres vivos — ao menos Wheeler havia sido — apenas algumas semanas antes. Conjecturas eram inúteis. Evidentemente, nada restava além de notificar as autoridades e deixá-las adivinhar o que pudessem e, mesmo assim, no fundo da mente de Ben, a ideia sobre o Louco Dan persistia. Deste modo, seguíamos nosso caminho de volta para a estrada. Porém, Ben não retornou ao povoado, mas olhou para cima, na direção em que o velho Sam havia dito que a cabana de Dan ficava. Era a segunda casa do povoado, o velho dissera, e ficava à esquerda, muito longe da estrada, num bosque de carvalho. Antes que eu percebesse, Ben estava me arrastando rumo à estrada arenosa, passando por uma fazenda maltratada e entrando numa região quase selvagem.

Não me ocorreu protestar, mas senti certa sensação de ameaça crescente, conforme os sinais familiares de agricultura e civilização ficavam mais e mais escassos. Finalmente, o começo de um caminho estreito e mal cuidado abriu-se à esquerda, enquanto o telhado pontudo de uma construção miserável, sem pintura, exibia-se além das árvores semimortas. Esta, eu sabia, devia ser a cabana do Louco Dan, e me perguntei se e por que Wheeler teria escolhido lugar tão desprezível para seu quartel-general. Estremeci ao caminhar por aquela trilha pouco convidativa, cheia de ervas daninhas, mas não podia ficar para trás quando Ben avançava determinado e começava a bater com força à porta frágil, cheirando a mofo.

Não houve resposta para a batida, e algo no eco causou-me uma série de calafrios. Ben, no entanto, estava tranquilo e, de imediato, começou a circular a casa em busca de janelas abertas. A terceira que ele forçou, no fundo da sinistra cabana, mostrou-se fácil de ser aberta e, após

um empurrão e um pulo vigoroso, ele estava dentro e me ajudando a entrar.

O quarto por onde entramos estava cheio de calcário e de blocos de granito, ferramentas de esculpir e modelos de barro, e percebemos, de imediato, que tinha sido o estúdio de Wheeler. Até então, não tínhamos encontrado nenhum sinal de vida, mas um odor abominável, empoeirado, agourento, pairava sobre tudo. À esquerda havia uma porta aberta, evidentemente levando a uma cozinha no lado da chaminé da casa. Para lá Ben se encaminhou, procurando qualquer coisa significativa no último *habitat* de seu amigo. Ele atravessou a soleira de porta bem na minha frente, de modo que não pude ver, de imediato, o que o fez parar de repente e deixar escapar um fraco grito de horror.

No instante seguinte, porém, eu vi e repeti seu grito tão instintivamente como na caverna, porque aqui, nessa cabana, longe de quaisquer profundezas subterrâneas que poderiam produzir estranhos gases e criar estranhas mutações, havia duas figuras rochosas que eu logo soube que não eram produtos do cinzel de Arthur Wheeler. Numa rústica poltrona, em frente à lareira, presa numa posição pela longa tira de couro cru de um chicote, estava a forma de um homem desleixado, idoso e com um olhar de terror inefável no maligno rosto petrificado.

No chão, a seu lado, jazia a figura de uma mulher graciosa cuja face indicava considerável juventude e beleza. Sua expressão parecia ser de sardônica satisfação e, perto de sua mão direita, aberta, havia um grande balde de lata, um pouco manchado por dentro, como se por um sedimento escuro. Não fizemos nenhum movimento para nos aproximar daqueles corpos petrificados e não falamos nada, exceto as mais simples conjecturas. Que este fora o Louco Dan e sua esposa, não poderíamos duvidar. Mas como explicar o estado em que estavam era outro assunto. Conforme olhávamos, horrorizados, ao redor, vimos a rapidez com a qual o desfecho devia ter ocorrido, pois, para nós, a despeito de uma pesada camada de poeira, tudo parecia estar de acordo com as atividades domésticas corriqueiras.

A única exceção a essa regra de casualidade era a mesa da cozinha, em cujo centro, limpo, como se para chamar a atenção, via-se um livro fino, mantido no lugar por um funil de lata bem grande. Aproximando-se, Ben viu que era um tipo de diário ou uma relação de datas e de even-

tos escrita por mão com pouca ou nenhuma prática. As primeiras palavras prenderam minha atenção e, antes que dez segundos tivessem passado, ele estava devorando o texto quase sem respirar. Eu também lia, avidamente, olhando sobre seu ombro. Conforme líamos — na atmosfera menos repugnante do cômodo ao lado — muitas coisas obscuras tornaram-se terrivelmente claras para nós, e estremecemos com uma mistura de complexas emoções e de puro horror.

Isto é o que lemos, e o que o legista leu depois. O público viu uma versão altamente distorcida e sensacionalista nos jornais de quinta categoria que não tem mais que uma pequena fração do terror genuíno que o texto original provocou em nós, conforme desvendávamos aquele horror, sozinhos, naquela cabana úmida, entre as colinas selvagens, junto a duas monstruosas anormalidades de pedra espreitando no silêncio fúnebre do outro quarto. Quando terminamos, Ben colocou o livro no bolso com um gesto de repulsa, e suas primeiras palavras foram “vamos dar o fora”.

Em silêncio e tensos, cambaleamos até a frente da casa, destrancamos a porta e começamos a longa caminhada de volta para o povoado. Havia muitas declarações a fazer e questões a responder nos dias que seguiram, e não penso que eu ou Ben, um dia, nos livraremos dos efeitos da experiência atormentadora. E nem algumas das autoridades locais e repórteres da cidade que se envolveram, mesmo tendo queimado certo livro e muitos papéis encontrados nas caixas do sótão, e destruído diversos aparelhos nas mais profundas partes daquela sinistra caverna na encosta. Mas aqui está o texto propriamente dito:

“Novembro, 5. Meu nome é Daniel Morris. Nas redondezas me chamam de ‘Louco Dan’ porque acredito em poderes nos quais ninguém mais acredita hoje em dia. Quando subo ao Thunder Hill para executar o Banquete das Raposas, eles pensam que sou louco, exceto o pessoal do interior, que tem medo de mim. Eles tentaram impedir que eu sacrificasse um Bode Negro no Hallow Eve^[4], e sempre frustraram a minha realização do Grande Rito, que abriria o portal. Eles deveriam agir de outro modo, pois sabem que sou um Van Kauran por parte de mãe, e qualquer um nesse lado do Hudson pode dizer o que os Van Kauran passam de geração em geração. Viemos de Nicholas Van Kau-

ran, o mago, que foi enforcado em Wijtgaart, em 1587, e todos sabem que ele fez uma barganha com o Homem Negro.

Os soldados nunca encontraram o seu *Livro de Eibon* quando queimaram sua casa, e seu neto, William Van Kauran, o trouxe quando veio a Rensselaerwyck e, posteriormente, cruzou o rio para Esopus. Pergunte a qualquer um em Kingston ou Hurley o que a linhagem de William Van Kauran poderia fazer com as pessoas que se metessem no seu caminho. Também pergunte a eles se o meu tio Hendrik não deu um jeito de conseguir o *Livro de Eibon* quando o expulsaram da cidade e ele subiu o rio até este lugar com sua família.

Estou escrevendo isto, e vou continuar escrevendo porque quero que as pessoas saibam a verdade após minha morte. Também tenho medo de ficar realmente louco se não colocar os pingos nos is. Tudo está contra mim, e se continuar desse jeito terei que utilizar os segredos no *Livro* e invocar certos poderes. Três meses atrás, aquele escultor, Arthur Wheeler, veio a Mountain Top, e eles o enviaram a mim porque sou o único homem no lugar que sabe qualquer coisa, exceto lavoura, caça, e extorquir pensionistas de verão. O camarada parecia interessado no que eu tinha a dizer e fez uma oferta para ficar aqui por 13 dólares semanais com refeições. Eu lhe forneci o quarto nos fundos, ao lado da cozinha, para seus pedaços de pedra e suas ferramentas, e arranjei com Nate Williams para providenciar os blocos de rocha de que ele precisava e transportá-los em uma carroça puxada por uma parelha de bois.

Isso foi há três meses. Agora sei por que aquele maldito filho do inferno aceitou tão rápido o lugar. Não foi minha conversa de jeito nenhum, mas a aparência da minha esposa, Rose, a filha mais velha de Osborne Chandler. Ela é dezesseis anos mais jovem que eu e está sempre dando em cima dos camaradas na cidade. Mas sempre demos um jeito de nos darmos bem o suficiente, embora ela evitasse me ajudar com os ritos da Festa da Cruz e dos Santos, até que esse rato sujo apareceu. Posso ver agora que Wheeler está ganhando o seu coração e fazendo-a se afeiçoar tanto a ele que ela mal olha para mim, e suponho que ele tentará fugir com ela cedo ou tarde.

Mas ele é lento como todos os cães ardilosos e refinados, e tenho bastante tempo para pensar no que fazer a respeito. Nenhum deles sabe que suspeito de algo, mas, antes do que esperam, ambos descobrirão

que não compensa destruir a casa de um Van Kauran. Prometo a eles muita criatividade no que farei.

Novembro, 25. Dia de Ação de Graças! Essa é uma piada muito boa! Mas terei algo de que ser grato quando terminar o que comecei. Não há dúvidas de que Wheeler está tentando roubar minha esposa. Por ora, no entanto, vou deixá-lo continuar sendo um pensionista célebre. Peguei o *Livro de Eibon* no velho baú do tio Hendrik no sótão, semana passada, e estou procurando por algo bom que não exigirá sacrifícios que não posso fazer nessas redondezas. Quero algo que acabe com esses dois traidores covardes e, ao mesmo tempo, não me meta em encrencas. Se tivesse os contornos de um drama, melhor ainda. Pensei em invocar a emanção de Yoth, mas isto necessita do sangue de uma criança e devo ter cuidado com os vizinhos. A Decadência Verde parece promissora, mas seria um tanto desagradável para mim tanto quanto para eles. Não gosto de certas visões e odores.

Dezembro, 10. *Eureka!* Descobri a coisa perfeita, finalmente! A vingança é doce, e este é o clímax perfeito! Wheeler, o escultor, isto é bom demais! Sim, de fato, aquele maldito covarde vai produzir uma estátua que venderá mais rápido do que qualquer uma das coisas que ele vem esculpindo nessas últimas semanas! Um realista, é? Bem, não faltará nenhum realismo ao novo estatuário! Descobri a fórmula em um suplemento no manuscrito no verso da página 679 do *Livro*. Pela escrita a mão, julgo que foi inserido por meu tataravô Bareut Picterse Van Kauran, aquele que desapareceu de Nova Paltz em 1893. *Iä! Shub-Niggurath!* O Bode com as Mil Crias!

Para ser sucinto, descobri uma forma de transformar aqueles ratos miseráveis em estátuas de pedra. É absurdamente simples e depende mais de pura química do que de Poderes Externos. Se não posso conseguir a coisa certa, posso fermentar uma bebida que passará por vinho caseiro, e um gole transformará qualquer ser menor que um elefante. O resultado é uma espécie de petrificação infinitamente acelerada. A bebida enche todo o sistema com sais de cálcio e bário e substitui células vivas por matéria mineral tão rápido que nada pode detê-la. Deve ter sido uma daquelas coisas que o tataravô conseguiu no Grande Sabbat no Pão de Açúcar nos Catskills. Coisas estranhas costumavam ocorrer lá. Me parece que ouvi sobre um homem em Nova Paltz, o escudeiro Has-

brouck, transformado em estátua ou algo semelhante em 1834. Ele era um inimigo dos Van Kauran. A primeira coisa que devo fazer é encomendar, de Albany e de Montreal, os cinco produtos químicos de que preciso. Terei muito tempo para fazer experimentos depois. Quando tudo acabar, juntarei todas as estátuas e as venderei como sendo obra de Wheeler para pagar sua diária atrasada! Não seria natural para ele — sempre realista e egoísta — fazer um autorretrato em pedra, e utilizar minha esposa como outro modelo, como, de fato, realmente vem fazendo nos últimos quinze dias? Confio em que o público estúpido não vai perguntar *de que pedreira* a bizarra estátua de pedra veio!

Dezembro, 25. Natal. Paz na Terra, e assim por diante! Esses dois porcos estão se comendo com os olhos como se eu não existisse. Eles devem achar que sou surdo, mudo e cego! Bom, o sulfato de bário e o cloreto de cálcio chegaram de Albany na terça passada, e os ácidos, catalisadores e instrumentos estão para chegar de Montreal a qualquer dia. Os moinhos dos deuses, e tudo mais! Vou fazer o trabalho na caverna de Allen, perto da parte baixa da floresta, e, ao mesmo tempo, vou fazer o vinho, bem às claras, no porão. Deve haver uma desculpa para oferecer uma nova bebida, embora não exija muito planejamento enganar aqueles palermas alucinados. A dificuldade será fazer Rose beber vinho, pois ela finge não gostar. Quaisquer experimentos que eu fizer em animais será na caverna, e ninguém pensa em ir lá no inverno. Cortarei um pouco de madeira para justificar meu tempo fora. Um ou dois pequenos carregamentos vão mantê-los alheios a tudo.

Janeiro, 20. É mais difícil do que imaginava. Depende muito das proporções exatas. O material veio de Montreal, mas tive que mandar trazer medidores melhores e uma lâmpada de acetileno. Está todo mundo curioso no povoado. Gostaria que o posto dos correios não fosse na loja de Steenwyck. Estou tentando várias combinações nos pardais que bebem e se banham na poça em frente à caverna, quando a água derrete. Às vezes, eles morrem; mas, às vezes, eles voam para longe. Obviamente, deixei passar alguma reação importante. Suponho que Rose e aquele oportunista estão aproveitando minha ausência, mas posso me dar o luxo de deixá-los. Não pode haver dúvida quanto ao meu sucesso no final.

Fevereiro, 11. Consegui finalmente! Coloquei uma pequena quantidade, que acabei de produzir, na pequena poça, hoje bem derretida, e o

primeiro pássaro que bebeu tombou como se tivesse levado um tiro. Eu o peguei um segundo depois, e era um perfeito pedaço de pedra, até as menores garras e penas. Nem um músculo mudou desde que foi envenenado. Portanto, deve ter morrido no instante que a substância entrou em seu estômago. Não esperava que a petrificação viesse tão rápido. Mas um pardal não é um teste bom para se ver como a substância agiria num animal maior. Devo conseguir algo maior para testar, pois deve ter a força correta quando eu der para aqueles porcos. Acho que Rex, o cachorro de Rose, servirá. Vou trazê-lo comigo na próxima vez e direi a ela que um lobo cinzento o atacou. Ela o tem em alta consideração, e não devo lamentar por dar-lhe algo para chorar antes do grande acerto de contas. Devo ter cuidado ao guardar esse livro. Rose, às vezes, bisbilhota os lugares mais estranhos.

Fevereiro, 15. Chegando perto! Tentei em Rex e funcionou como um feitiço com apenas o dobro da potência. Preparei a poça de rocha e o fiz beber. Ele parecia saber que algo estranho o havia atingido, pois eriçou os pelos e rosnou, mas era um pedaço de pedra antes que pudesse virar a cabeça. O soluto deveria ser mais forte; e, para um ser humano, deve ser muito mais forte. Acho que estou pegando o jeito agora e estou pronto para aquele frouxo do Wheeler. A substância parece não ter sabor. Mas, para ter certeza, vou misturar no vinho que estou fabricando em casa. Gostaria de ter mais certeza quanto à insipidez para que pudesse dar a Rose com água, sem precisar fazê-la beber vinho. Pegarei os dois separadamente: Wheeler aqui em cima e Rose em casa. Já fiz um soluto forte e tirei da frente da caverna todos os objetos estranhos. Rose choramingou como um cachorrinho quando eu disse a ela que um lobo atacou Rex, e Wheeler derramou muita simpatia.

Março, 1. *Iä R'lyeh!* Salve o Lorde Tsathoggua! Eu peguei o filho do inferno finalmente! Disse a ele que encontrei uma nova saliência de calcário quebradiço e ele trotou atrás de mim como o cão covarde que é! Tinha a substância com sabor de vinho numa garrafa na cintura e ele estava agradecido por um gole quando chegamos. Engoliu sem piscar os olhos e caiu antes que se pudesse contar até três. Mas ele viu que obtive minha vingança, pois fiz uma expressão que ele não poderia deixar de perceber. Vi o olhar de entendimento tomando conta de seu rosto conforme ele caía de joelhos. Em dois minutos, era pedra sólida.

Carreguei-o para dentro da caverna e pus a figura de Rex do lado de fora de novo. Aquela figura eriçada do cão ajudará a espantar as pessoas. Está chegando a época dos caçadores da primavera e, ademais, há um maldito tuberculoso chamado Jackson numa cabana acima da colina que bisbilhota muito na neve. Não quero que meu laboratório e despensa sejam encontrados ainda! Quando cheguei a casa disse a Rose que Wheeler recebeu um telegrama no povoado convocando-o subitamente de volta. Não sei se ela acreditou em mim ou não, mas não importa. Para manter as aparências, empacotei as coisas de Wheeler e as levei para a colina, dizendo a ela que iria enviá-las para ele em seguida. Coloquei-as no poço seco no lugar abandonado de Rapelye. Agora é a vez de Rose!

Março, 3. Não consigo fazer Rose beber vinho. Espero que a substância seja sem sabor o suficiente para passar despercebida na água. Tentei no café e no chá, mas ela forma um precipitado e não pode ser usada dessa forma. Se usá-la na água, terei que diminuir a dose e confiar numa ação mais gradual. O senhor e a senhora Hoog nos visitaram essa tarde, e deu trabalho manter a partida de Wheeler longe da conversa. Não deve se espalhar que falamos que ele foi chamado de volta a Nova Iorque quando todo mundo no povoado sabe que nenhum telegrama veio e que ele não partiu no ônibus. Rose está agindo de modo muito estranho sobre o assunto. Terei que arrumar uma confusão com ela e mantê-la trancada no sótão. O melhor jeito é tentar obrigá-la a beber o vinho adulterado, e, se ela ceder, melhor.

Março, 7. Comecei com Rose. Ela não bebia o vinho. Então, peguei o chicote e a conduzi até o sótão. Ela nunca voltará viva. Eu dou a ela um prato de pão salgado e carne salgada, e um balde de água ligeiramente adulterada, duas vezes por dia. A comida salgada deverá fazê-la beber muito, e não deve levar muito tempo até fazer efeito. Não gosto do jeito que ela grita por Wheeler quando estou na porta. O resto do tempo ela fica em absoluto silêncio.

Março, 9. É muito peculiar como a substância está demorando a fazer efeito em Rose. Terei que fazê-la mais forte. Provavelmente, ela nunca sentirá o sabor com todo o sal que tenho dado a ela. Bom, se não fizer efeito, há muitos outros caminhos a recorrer. Mas eu gostaria de executar este ótimo plano de estátua! Fui à caverna esta manhã e tudo está bem lá. Às vezes, escuto os passos de Rose no teto, e acho que estão

ficando cada vez mais arrastados. A substância está, com certeza, funcionando, mas é muito demorado. Não é forte o suficiente. De agora em diante, aumentarei rapidamente a dose.

Março, 11. É muito estranho. Ela ainda está viva e se movendo. Terça à noite a escutei arranhando uma janela. Então, subi e lhe dei uma surra de chicote. Ela age de forma mais obstinada do que assustada, e seus olhos parecem inchados. Mas ela nunca poderia lançar-se ao chão daquela altura, e não havia em que ela pudesse agarrar-se para descer. Tive sonhos à noite devido a seus passos lentos e arrastados no andar de cima, o que me punha nervoso. Às vezes, acho que ela mexe na fechadura da porta.

Março 15. Ainda viva, a despeito de todo o aumento da dose. Há algo esquisito nisso. Agora, ela rasteja, e não caminha com muita frequência. Mas o som de seu rastejar é horrível. Ela arranha as janelas também e mexe na porta. Deverei matá-la com o chicote se isto continuar. Estou ficando com muito sono. Me pergunto se Rose está ciente da situação de alguma forma. Mas ela deve estar bebendo a substância. Essa sonolência é anormal, acho que o estresse está me atingindo. Estou sonolento...

(Aqui a escrita rígida se transforma num vago rabisco, dando lugar a uma nota, numa escrita mais firme, evidentemente feminina, indicando grande tensão emocional.)

Março 16, 4 a.m. Isto foi adicionado por Rose C. Morris, prestes a morrer. Por favor, notifiquem meu pai, Osborne E. Chandler, Rota 2, Mountain Top, N.Y. Acabei de ler o que o animal escreveu. Eu tinha certeza de que ele tinha assassinado Arthur Wheeler, mas não sabia como até ler este caderno horrível. Agora sei do que escapei. Percebi que a água tinha um gosto estranho, portanto não tomei mais depois do primeiro gole. Joguei tudo pela janela. Aquele pequeno gole me deixou semiparalisada, mas ainda consigo me mover. A sede era terrível, mas comia o mínimo possível da comida salgada, e consegui um pouco de água colocando algumas velhas panelas e pratos que estavam aqui em lugares onde havia goteiras no teto.

Houve duas grandes chuvas. Percebi que ele estava tentando me envenenar, apesar de não saber como era o veneno. O que ele escreveu sobre mim e ele próprio é mentira. Nunca fomos felizes juntos e acho que me casei com ele apenas porque estava sob o efeito de um desses feitiços

que ele é capaz de lançar nas pessoas. Imagino que ele me hipnotizou, tanto quanto meu pai, pois meu pai sempre o odiou, temeu e suspeitava de pactos sombrios com o demônio. Meu pai, uma vez, o chamou de cria do demônio, e ele estava certo.

Ninguém nunca saberá o que eu passei como sua esposa. Não era meramente crueldade comum, apesar de Deus saber que ele era cruel o suficiente, e me batia frequentemente com um chicote de couro. Era mais, mais do que qualquer um nessa época poderá compreender. Ele era uma criatura monstruosa, e praticava todo tipo de cerimônia infernal transmitida pelos parentes de sua mãe. Ele tentou me fazer ajudá-lo nos rituais, e sequer ousou insinuar o que eram. Eu me recusava, então ele me espancava. Seria blasfêmia dizer o que ele tentava me obrigar a fazer. Posso dizer que ele era um assassino mesmo naquela época, pois sei o que ele sacrificou uma noite na Colina do Trovão. Ele, com toda certeza, era a cria do demônio. Tentei fugir quatro vezes, mas ele sempre me capturava e me espancava. Ele também tinha algum tipo de controle sobre minha mente, e até mesmo sobre a mente do meu pai.

Quanto a Arthur Wheeler, não tenho nada do que me envergonhar. Nós nos amávamos, mas de forma honrada. Ele me deu o primeiro tratamento gentil que tive desde que deixei meu pai, e desejava ajudar-me a escapar das garras daquele diabo. Ele conversou inúmeras vezes com o meu pai, e iria me ajudar a ir para o oeste. Após o meu divórcio, iríamos nos casar.

Desde que aquele bruto me trancou no sótão, planejo escapar e matá-lo. Sempre mantive o veneno comigo em caso de conseguir escapar, encontrá-lo adormecido e dar a ele de alguma forma. No início, ele acordava facilmente quando eu mexia na fechadura da porta e testava as condições das janelas. Mas, depois, ele começou a ficar cansado e a dormir mais profundamente. Sempre pude dizer, pelo seu ronco, quando ele estava adormecido.

Essa noite ele adormeceu tão rapidamente que eu forcei a fechadura sem acordá-lo. Foi difícil descer as escadas com minha paralisia parcial, mas consegui. Eu o encontrei aqui com a lâmpada acesa, adormecido na mesa, onde ele estava escrevendo neste livro. No canto, estava o longo chicote de couro com o que me espancava com tanta frequência. Eu o usei para amarrá-lo à cadeira. Dessa forma, não poderia mover um mús-

culo. Eu lacei seu pescoço e, assim, poderia colocar qualquer coisa pela sua garganta sem que resistisse.

Ele acordou exatamente quando eu estava terminando e imagino que percebeu na hora o que estava ocorrendo. Gritou coisas assustadoras e tentou entoar fórmulas místicas, mas o sufoquei com a toalha de pratos da pia. Então, vi esse livro em que estava escrevendo e parei para lê-lo. O choque foi terrível e quase desmaiei quatro ou cinco vezes. Minha mente não estava preparada para tais coisas. Após lê-lo, falei com aquele diabo por duas ou três horas sem parar. Disse tudo o que queria dizer durante todos esses anos em que fui sua escrava, e muitas outras coisas que tinham a ver com o que li naquele livro horrível.

Ele parecia quase roxo quando acabei, e acho que ele estava semide-lirante. Então, peguei um funil do guarda-louça e enfiei na sua boca após retirar a mordação. Ele sabia o que eu estava prestes a fazer, mas estava indefeso. Eu tinha trazido o balde com a água envenenada e, sem receio, derramei uma boa porção no funil.

Deve ter sido uma dose bem forte, pois, quase de imediato, vi aquele bruto começar a enrijecer e se transformar num entorpecido cinza rochoso. Em dez minutos, sabia que ele seria pedra sólida. Não podia suportar tocá-lo, mas o funil de lata tiniu horivelmente quando o puxei de sua boca. Gostaria de poder ter dado àquela cria do demônio uma morte mais dolorosa e prolongada. Mas, de certo modo, esse foi o jeito mais apropriado para ele.

Não há mais nada a dizer. Estou semiparalisada e, com Arthur assassinado, não tenho por que viver. Devo finalizar tudo bebendo o resto do veneno, após colocar esse livro em um lugar onde será encontrado. Em um quarto de hora deverei ser uma estátua de pedra. Meu único desejo é ser enterrada ao lado da estátua que era Arthur, quando for encontrada naquela caverna onde o demônio o deixou. O pobre e fiel Rex deve jazer aos nossos pés. Não me importa o que farão com o demônio de pedra amarrado na cadeira...”



A Árvore na Colina

com Duane W. Rimel

∴

The Tree on the Hill (1934)

Polaris (set. 1940)

Este é um dos primeiros escritos de Duane Rimel, o qual enviou a Lovecraft no início de 1934. Lovecraft respondeu com uma nota graciosa e algumas sugestões substanciais para revisão; mas Rimel não a publicou até 1940, quando foi publicada na revista de fãs *Polaris* (anteriormente conhecida como *Scienti-Snaps*).

A história claramente pretende ser ambientada no país de Snake River, no leste de Washington e no norte de Idaho, embora a referência ao “desfiladeiro do Rio Salmon” seja confusa e não exista uma cidade como Hampden; ele possivelmente estava tentando fazer algo parecido com o que Lovecraft havia feito com Arkham, Massachusetts e o Rio Miskatonic, misturando elementos geográficos reais e ficcionais.



Ao sudeste de Hampden, perto da tortuosa garganta do Rio Salmon, há uma cadeia de morros íngremes e rochosos que desafiaram todos os esforços de fazendeiros tenazes. Os desfiladeiros são profundos demais e as encostas demasiado escarpadas para estimular qualquer coisa além do pastoreio sazonal de rebanhos. Da última vez que visitei Hampden, a região — conhecida como Acres do Inferno — era parte da Reserva Florestal Blue Mountain. Não há estradas que liguem esse local inacessível ao mundo exterior, e o povo dos morros lhe dirá que se trata, na verdade, de um terreno transplantado do quintal de Sua Majestade Satânica. Há uma superstição local de que a área é assombrada — mas pelo quê ou por quem, ninguém parece saber. Os nativos não se aventuram em suas profundezas misteriosas, pois, acreditam nas histórias que lhes foram passadas pelos índios Nez Perce, que evitaram a região por incontáveis gerações, pois, de acordo com eles, é a área de recreação de certos demônios gigantes do Além. Esses contos sugestivos me deixaram muito curioso.

Minha primeira excursão — e também minha última, graças a Deus! — àqueles morros ocorreu quando Constantine Theunis e eu estávamos morando em Hampden, no verão de 1938. Ele estava escrevendo um tratado sobre mitologia egípcia e eu ficava muito tempo sozinho, apesar do fato de compartilharmos uma modesta cabana na Rua Beacon, com vista para a infame Casa Pirata construída por Exer Jones mais de sessenta anos atrás.

A manhã de 23 de junho me encontrou caminhando naqueles morros de formato estranho que, desde as sete da manhã, na verdade, pareceram bem comuns. Eu devia estar a uns onze quilômetros ao sul de Hampden quando notei algo fora do normal. Estava subindo um cume gramado com vista para um desfiladeiro bastante profundo, quando encontrei uma área totalmente desprovida da grama e dos arbustos de sempre. Ela se estendia para o sul por numerosos morros e vales. À primeira vista, pensei que o local havia sido queimado no outono anterior. Mas, ao examinar o gramado, não achei nenhum sinal de queimada. As encostas e ravinas próximas pareciam terrivelmente arrasadas e ressecadas, como se um maçarico gigante as tivesse incendiado e acabado com toda a vegetação. E, ainda assim, não havia evidência de fogo.

Avancei sobre um rico solo negro no qual nenhuma grama brotava. Ao me dirigir para o centro aproximado dessa área desolada, comecei a notar um estranho silêncio. Não havia cotovias nem coelhos e até mesmo os insetos pareciam ter abandonado o lugar. Cheguei ao topo de um montículo elevado e tentei estimar o tamanho daquela região desolada e inexplicável. Então, vi a árvore solitária.

Ela ficava em um morro um tanto mais alto que os vizinhos e atraía os olhos porque era tão completamente inesperada. Eu não havia visto nenhuma árvore por quilômetros: arbustos de espinheiros e de agreiras se aglomeravam nas ravinas mais rasas, mas não havia árvores de porte. Estranho era encontrar uma se elevando na crista do morro.

Atravessei dois desfiladeiros íngremes até chegar a ela; e uma surpresa me aguardava. Não era pinheiro, nem abeto, nem agreira. Eu nunca tinha visto, em toda a minha vida, algo que se comparasse a ela — e nunca vi até o dia de hoje, e por isso sou eternamente grato!

Mais do que tudo, ela parecia um carvalho. Tinha um enorme tronco retorcido de um metro de diâmetro, e os amplos galhos começavam a se espalhar para fora pouco acima de dois metros do solo. As folhas eram redondas e curiosamente semelhantes em tamanho e formato. Poderia ser uma árvore pintada em um quadro, mas juro que era real. Eu sempre saberei que *era* real, apesar do que Theunis diria mais tarde.

Eu me lembro de que olhei para o sol e julguei que deveria ser por volta das dez da manhã, embora não olhasse para o meu relógio. O dia estava ficando quente e me sentei por um tempo na sombra bem-vinda da enorme árvore. Depois, examinei a grama densa que crescia sob ela — outro fenômeno singular, quando me lembrei do terreno desolado pelo qual havia passado. Um labirinto insano de morros, ravinas e ribanceiras me contornava de todos os lados, embora a elevação na qual me sentasse fosse um tanto mais alta que qualquer outra por quilômetros ao redor. Olhei para o leste e me levantei com um pulo, assustado e impressionado.

Bruxuleando através de uma névoa azulada na distância estavam as Montanhas Bitterroot! Não há outra cadeia de picos nevados num raio de quinhentos quilômetros de Hampden, e eu sabia que, naquela altitude, não poderia vê-las. Por vários minutos contemplei a maravilha; depois, fiquei sonolento. Deitei-me na grama densa sob a árvore, desafive-

lei minha câmera, tirei meu chapéu e relaxei, olhando para o céu entre as folhas verdes. Fechei os olhos.

Então, um fenômeno curioso começou a cair sobre mim: um tipo de visão difusa e nebulosa, vislumbres ou sonhos despertos aparentemente sem semelhança com qualquer coisa familiar. Pensei ver um grande templo à beira de um mar de limo onde três sóis brilhavam em um pálido céu vermelho. A vasta tumba, ou templo, era de uma cor estranha, um tom de azul-violeta sem nome. Grandes criaturas voavam no céu nublado e parecia que eu ouvia o bater de suas asas escamosas. Cheguei mais perto do templo de pedra e um portal gigantesco se ergueu diante de mim. Naquele portal havia sombras rodopiantes que pareciam disparar e espreitar e tentavam me raptar para dentro daquela horrível escuridão. Pensei ver três olhos flamejantes no vazio mutante de um portal e gritei com medo indizível. Naquelas profundezas nocivas, eu sabia, espreitava a completa destruição, um inferno vivo pior que a morte. Gritei de novo. A visão se dissipou.

Vi as folhas redondas e a sanidade do céu terrestre. Fiz força para me levantar. Estava tremendo; a transpiração fria me banhava a testa. Tive um impulso louco de fugir; correr daquela árvore sinistra no morro, mas analisei a intuição absurda e me sentei, tentando recuperar os sentidos. Nunca antes eu sonhara com algo tão realista, tão horripilante. O que havia causado a visão? Eu tinha lido vários dos tomos de Theunis sobre o antigo Egito. Enxuguei a testa e decidi que era a hora do almoço. Mas, não sentia vontade de comer.

Foi aí que tive uma inspiração. Eu tiraria algumas fotografias da árvore para o Theunis. Eles poderiam chocá-lo e tirá-lo do seu ar habitual de despreocupação. Talvez eu contasse a ele sobre o sonho. Abrindo minha câmera, eu tirei meia dúzia de fotos da árvore e de cada aspecto da paisagem vista a partir da árvore. Além disso, incluí um dos picos brilhantes cobertos de neve. Eu poderia querer retornar e essas fotos me ajudariam.

Guardei a câmera e retomei a minha almofada de grama fofa. Será que haveria naquele lugar, sob a árvore, certo encantamento alienígena? Eu sabia que estava relutante em deixá-lo.

Olhei para cima, para as curiosas folhas redondas. Fechei os olhos. Uma brisa mexeu os galhos e sua música sussurrada me levou a uma

tranquila inconsciência. E, de repente, vi, de novo, o céu pálido vermelho e os três sóis. A terra das três sombras! E, de novo, o grande templo surgiu a vista. Eu parecia flutuar no ar, um espírito desincorporado explorando as maravilhas de um insano mundo multidimensional! As bordas de ângulos estranhos do templo me amedrontavam, e eu sabia que esse lugar era algo que nenhum homem na terra jamais contemplara, nem mesmo em seus sonhos mais loucos.

Novamente, o vasto portal se escancarou diante de mim e fui sugado para dentro daquela nuvem negra retorcida. Parecia que eu contemplava um espaço ilimitado. Vi um espaço vazio que está além do meu vocabulário descrever. Um abismo escuro, sem fundo, repleto de formas e entidades sem nome, coisas de loucura e delírio, tão tênues como uma névoa de Shambhala.

Minha alma se retraiu. Senti um medo terrível. Gritei e gritei e senti que, logo, acabaria louco. Então, no meu sonho, corri e corri com a febre do mais intenso terror, mas não sabia do que estava correndo. Abandonei aquele templo horrendo e aquele espaço vazio infernal, mas ainda sabia que deveria, exceto se um milagre me impedisse, retornar.

Enfim, meus olhos se abriram. Eu não estava sob a árvore, estava caído em uma encosta rochosa, minhas roupas rasgadas e desarrumadas. Minhas mãos sangravam. Eu me levantei, a dor me apunhalando. Reconheci o lugar: o cume onde vi, pela primeira vez, a área devastada! Devo ter andado por quilômetros, inconsciente! A árvore não estava na minha visão e eu estava contente. Até mesmo os joelhos das minhas calças estavam rasgados, como se eu tivesse rastejado por parte do caminho.

Olhei para o sol. Fim da tarde! *Onde* eu estivera? Peguei meu relógio. Estava parado às 10:34...

II.

— Você tem as fotos aí? — Theunis falou, arrastado.

Confrontei seus olhos claros por cima da mesa do café da manhã. Três dias haviam se passado desde meu retorno dos Acres do Inferno. Eu lhe contara sobre o sonho sob a árvore e ele riu.

— Sim — respondi. — Chegaram na noite passada. Ainda não tive a chance de abri-los. Dê uma boa e cuidadosa estudada neles, se não forem todos falhos. Talvez você mude de ideia.

Theunis sorriu; tomou um gole de café. Eu lhe dei o envelope fechado, ele quebrou o selo e tirou as fotos com rapidez. Ele olhou para a primeira e o sorriso desapareceu do seu rosto leonino. Ele apagou o cigarro.

— Meu Deus, homem! Olhe só isso!

Peguei o retângulo reluzente. Era a primeira foto da árvore, tirada a uma distância de quinze metros, mais ou menos. A causa da emoção de Theunis me escapava. Ali estava ela, elevando-se com ousadia no morro, enquanto, abaixo dela; crescia a selva de capim onde eu havia me deitado. A distância, estavam meus montes nevados!

— Aí está — gritei. — A prova da minha história.

— Olhe só! — Theunis exclamou. — As sombras... há três para cada rocha, arbusto e árvore!

Ele estava certo. Abaixo da árvore, espalhando-se com a incongruente forma de um leque, havia três sombras sobrepostas. De repente, percebi que a foto continha um elemento anormal e inconsistente. As folhas daquela coisa eram viçosas demais para que fossem obra da natureza sã, enquanto o tronco era inchado e retorcido com as mais abomináveis formas. Theunis largou a foto na mesa.

— Há algo errado — murmurei. — A árvore que eu vi não parecia tão repulsiva assim.

— Tem certeza? — Theunis rangeu os dentes. — A verdade é que você pode ter visto muitas coisas que não foram gravadas no filme fotográfico.

— Isso mostra mais do que eu vi!

— Essa é a questão. Há alguma coisa terrivelmente fora de lugar nessa paisagem, alguma coisa que não consigo entender. A árvore parece sugerir um pensamento além do meu alcance. É nebuloso demais, incerto demais, irreal demais para ser natural!

Ele bateu os dedos nervosos na mesa, pegou as fotos restantes e as examinou rapidamente.

Peguei o instantâneo que ele havia largado e senti um toque de incerteza e de estranhamento bizarros enquanto meus olhos absorviam cada

um de seus detalhes. As flores e ervas apontavam para ângulos variados, enquanto parte da grama crescia da maneira mais absurda. A árvore parecia muito velada e nebulosa para ser prontamente distinguida, mas notei os enormes galhos e caules de flores meio curvados que pareciam prontos para cair, e que, ainda assim, não caíam. E as muitas sombras sobrepostas. Eram, em sua totalidade, sombras bastante inquietantes, longas ou curtas demais quando comparadas aos caules abaixo dos quais se projetavam para que causassem qualquer sentimento de confortável normalidade. A paisagem não havia me chocado no dia da minha visita. Havia uma sombria familiaridade e sugestão zombeteira nisso. Algo tangível, mas ainda distante como as estrelas além da galáxia.

Theunis voltou para a Terra.

— Você mencionou *três* sóis no seu sonho estranho?

Eu assenti com franca perplexidade. Então, me ocorreu algo. Meus dedos tremiam levemente quando olhei de novo para a foto. Meu sonho! É claro...!

— As outras são iguais a esta — Theunis disse. — Aquela mesma incerteza. Aquela *sugestão*. Eu deveria ser capaz de captar o humor da coisa, vê-la sob sua luz verdadeira, mas é muito... Talvez mais tarde eu descubra, se olhar para ela por tempo suficiente. Nós nos sentamos, em silêncio, por algum tempo. Um pensamento me ocorreu de repente, impelido por estranha e inexplicável vontade de visitar a árvore de novo.

— Vamos fazer uma excursão. Acho que eu poderia levar você até lá em metade de um dia.

— É melhor ficar longe — respondeu Theunis, pensativo. — Duvido que você consiga encontrar o lugar de novo.

— Bobagem — respondi. — Com certeza, com essas fotos para nos orientar...

— Viu algum ponto de referência familiar nelas?

A observação dele foi perturbadora. Após examinar as fotografias restantes com cuidado, tive de admitir que não vi nenhum.

Theunis murmurou entre os dentes e tragou o cigarro com ansiedade.

— Uma foto perfeitamente, ou quase, normal de um lugar que parece ter saído do nada. Ver montanhas nessa altitude baixa é absurdo... mas espere!

Ele saltou da cadeira como um animal perseguido e correu para fora da sala. Eu consegui ouvi-lo se movendo pela nossa biblioteca improvisada e xingando em voz alta. Em pouco tempo, reapareceu com um velho volume encapado em couro. Theunis o abriu com reverência e olhou para os estranhos caracteres.

— Como se chama isso? — questionei.

— Esta é uma antiga tradução inglesa das *Crônicas de Nath*, escrita por Rudolf Yergler, um místico e alquimista alemão, que baseou parte de suas tradições em Hermes Trismegisto, o antigo feiticeiro egípcio. Hã uma passagem aqui que talvez lhe interesse, talvez faça você entender por que esse negócio todo está ainda mais distante do natural do que você suspeita. Escute.

Foi no ano do Bode Negro que veio para Nath uma sombra que não deveria estar na Terra e que não tinha forma conhecida para os olhos na Terra. E se alimentava das almas dos homens; aqueles que eram devorados eram atraídos e cegados com sonhos até que o horror e a noite infinita caíssem sobre eles. Nem podiam ver o que os devorava, pois a sombra tomava formas falsas que os homens conhecem ou com as quais sonham, e apenas a liberdade parecia esperá-los na Terra dos Três Sóis. Mas foi dito por sacerdotes do Velho Livro que aquele que conseguisse ver a verdadeira forma da sombra e viver após vê-la poderia expulsar sua ameaça e enviá-la de volta para o abismo sem estrelas onde foi gerada. Isso ninguém poderia fazer se não fosse pela Gema. Portanto, Ka-Nefer, o Sumo Sacerdote, guardou aquela gema sagrada no templo. E, quando foi perdida com Phrenes, que enfrentou o horror e nunca mais foi visto, houve choro em Nath. Mesmo assim, a Sombra enfim partiu saciada, e não terá fome outra vez até os ciclos rodarem de volta para o ano do Bode Negro.

Theunis parou, enquanto eu o fitava, perplexo. Finalmente, ele falou.

— Agora, Single, eu suponho que você consegue deduzir como tudo isso se encaixa. Não há por que nos aprofundarmos na tradição primordial por trás desse negócio, mas posso lhe dizer muito bem que, de acordo com as lendas antigas, este é o tal “Ano do Bode Negro”, quando

certos horrores do inefável Além supostamente visitam a Terra e causam sofrimento infinito. Nós não sabemos como vai se manifestar, mas há razão para pensar que miragens e alucinações estranhas são parte disso tudo. Eu não gosto da coisa na qual você esbarrou, nem da história e nem das fotos. Pode piorar muito, e eu lhe aviso para ter cuidado. Mas, primeiro, tenho de tentar fazer o que o velho Yergler diz: ver se consigo vislumbrar o problema como ele é. Felizmente, a velha gema que ele menciona foi redescoberta, e sei onde posso encontrá-la. Nós temos de usá-la nas fotografias e descobrir o que veremos. É mais ou menos como uma lente, ou prisma, embora não se possa tirar fotos com ela. Alguém de sensibilidade peculiar pode olhar por ela e desenhar o que vê. Há certo perigo e o observador pode ter a consciência muito abalada, pois a verdadeira forma da sombra não é agradável e não pertence a esta Terra. Mas seria muito mais perigoso não fazer nada sobre isso. Enquanto isso, se valoriza sua vida e sanidade, fique longe daquele morro e da coisa lá que você pensa que é uma árvore.

Eu estava mais perplexo do que jamais estivera.

— Como pode haver seres organizados do Além em nosso meio? — gritei. — Como sabemos que tais coisas existem?

— Você raciocina em termos desta minúscula Terra — Theunis disse. — Com certeza, você não acha que nosso mundo é uma régua para medir o Universo. Há entidades com as quais nunca sonhamos flutuando bem debaixo dos nossos narizes. A ciência moderna está empurrando para trás as fronteiras do desconhecido e provando que os místicos não estavam tão longe do caminho correto.

De repente, eu soube que não queria olhar para a foto de novo. Eu queria destruí-la. Eu queria fugir dela. Theunis estava sugerindo algo além. Um trêmulo medo cósmico me agarrou e me puxou para longe da horrenda foto, pois eu temia reconhecer algum objeto nela.

Olhei de relance para meu amigo. Ele estava debruçado sobre o antigo livro, uma expressão estranha no rosto. Ele se sentou ereto.

— Vamos deixar isso de lado por hoje. Estou cansado dessa especulação e questionamento sem fim. Tenho de pegar a gema emprestada do museu onde ela está e ainda fazer o que deve ser feito.

— Como quiser — respondi. — Você vai ter de voltar para Croydon?

Ele assentiu.

— Então nós dois vamos para casa — eu disse com convicção.

III.

Não preciso relatar os eventos da quinzena seguinte. Em mim, eles formavam uma luta constante e enervante entre uma vontade louca de retornar à críptica árvore de sonhos e liberdade, e um terror frenético daquela mesma coisa e de tudo conectado a ela. Que eu não retornei é, talvez, menos uma questão da minha própria vontade e mais uma questão de puro acaso. Enquanto isso, eu sabia que Theunis estava desesperadamente ativo em algum tipo de investigação da mais estranha natureza, algo que incluía uma misteriosa viagem de barco a motor e um retorno sob circunstâncias do mais profundo segredo. Por alusões pelo telefone, pude entender que ele havia tomado emprestado, em algum lugar, o objeto obscuro e primordial mencionado no antigo volume como “A Gema”, e que estava ocupado desenvolvendo um meio de aplicá-la às fotografias que eu tinha deixado com ele. Ele falou, de maneira fragmentária, de “refração”, “polarização” e “ângulos desconhecidos de espaço e tempo” e indicou que estava construindo um tipo de caixa ou câmara obscura para o estudo dos curiosos instantâneos com o auxílio da gema.

Foi no décimo sexto dia que recebi a perturbadora mensagem do hospital em Croydon. Theunis estava lá e queria me ver de imediato. Ele sofrera algum tipo estranho de convulsão e fora encontrado de bruços e inconsciente por amigos que chegaram até a casa dele após ouvirem certos gritos de agonia e medo mortais. Embora ainda estivesse fraco e um pouco confuso, ele havia recobrado os sentidos e parecia ansioso para me contar alguma coisa e me fazer realizar certas tarefas importantes. Foi isso que o hospital me informou por telégrafo e, em meia hora, eu estava à cabeceira do meu amigo, espantado com o desgaste que a preocupação e a tensão haviam imposto aos traços dele em um período tão breve. Seu primeiro ato foi dispensar as enfermeiras para falar com a mais intensa convicção.

— Single, eu vi! — sua voz estava tensa e rouca. — Você deve destruir todas elas, aquelas fotos. Eu mandei a coisa de volta ao vê-la, mas é

melhor que as fotos desapareçam. Aquela árvore nunca mais será vista naquela colina de novo, pelo menos assim espero, não até que milhares de éons tragam de volta o Ano do Bode Negro. Você está a salvo agora, a humanidade está a salvo.

Ele parou, respirando com dificuldade, e continuou:

— Tire a gema do aparato que eu construí e ponha no cofre, você sabe a combinação. Ela deve voltar para o lugar de onde veio, pois virá uma época quando talvez seja necessária para salvar o mundo. Eles não vão me deixar sair daqui, mas eu poderia descansar se soubesse que está segura. Não olhe através da caixa como está, ela afetaria você como me afetou. E queime aquelas malditas fotografias, a que está na caixa e as outras.

Theunis estava exausto. As enfermeiras vieram e me afastaram quando ele se reclinou para trás e fechou os olhos.

Mais meia hora e eu estava na casa dele, olhando curiosamente para a longa caixa preta na escrivaninha da biblioteca ao lado da cadeira virada. Papéis avulsos eram remexidos por uma brisa que vinha da janela aberta, e, perto da caixa, reconheci, com uma sensação insólita, o envelope das fotos que eu havia tirado. Precisei de apenas um momento para examinar a caixa e tirar, de um lado, a primeira foto da árvore; e, do outro, um estranho pedaço de cristal cor de âmbar cortado em ângulos anômalos impossíveis de classificar. O tato do fragmento de vidro me pareceu curiosamente quente e elétrico, e eu mal consegui suportar deixá-lo longe da minha vista e dentro do cofre de parede do Theunis. O instantâneo, eu manuseei com uma mistura desconcertante de emoções. Mesmo depois de recolocá-lo no envelope com o resto, tive uma vontade mórbida de tirá-lo e apreciá-lo e de sair e subir correndo o morro até o original.

Peculiares arranjos de linhas saltaram dos seus detalhes para agredir e aturdir minha memória, fotos atrás de fotos, segredos espreitando em formas um tanto familiares. Porém, um instinto contrário e mais são, e que operou ao mesmo tempo, me dotou do vigor e da avidez do medo irrefreável, enquanto eu aticava, com pressa, o fogo na lareira e assistia ao envelope queimar até as cinzas. De algum modo, senti que a Terra havia sido expurgada de um horror em cuja margem eu estremecera, e que não era menos monstruoso por não saber o que era.

Quanto à fonte do choque terrível de Theunis, eu não conseguia formar nenhuma dedução coerente, tampouco ousava examinar a questão com mais detalhes. É algo notável que, em momento nenhum, senti o mínimo impulso de olhar através da caixa antes de remover a gema e a fotografia. O que foi mostrado na foto pelas lentes ou poder de prisma do antigo cristal não era, eu me sentia curiosamente seguro, algo que um cérebro normal deveria ser levado a encarar. O que quer que fosse, eu mesmo já estivera próximo disso, já estivera completamente sob o feitiço de sua tentação, enquanto a coisa se aninhava naquele remoto morro sob a forma de uma árvore e de uma paisagem nada familiar. E eu não queria saber do que eu havia escapado por tão pouco.

Melhor que minha ignorância permanecesse completa! Eu poderia dormir melhor à noite. Aconteceu que meu olhar foi atraído, antes que eu saísse da sala, pela pilha de papéis espalhados na mesa ao lado da caixa preta. Todas as folhas estavam em branco, menos uma, que tinha um tosco desenho a lápis. De repente, ao me lembrar do que Theunis disse uma vez sobre desenhar o horror revelado pela gema, eu lutei para ir embora, mas a curiosidade intensa derrotou meu desejo sã. Ao olhar de novo, de um jeito um tanto furtivo, observei a pressa nervosa dos traços e o contorno incompleto deixado pela convulsão aterrorizada do desenhista. Mas, aí, em um surto de ousadia perversa, olhei direto para o desenho sinistro e proibido, e caí desmaiado.

Nunca descreverei por completo o que vi. Após um tempo, recobrei meus sentidos, lancei a folha no fogo moribundo e cambaleei para fora pelas ruas silenciosas até minha casa. Agradei a Deus por não ter olhado para a fotografia através do cristal e rezei com fervor para poder esquecer a terrível alusão que o desenho fazia do que Theunis havia contemplado. Desde então, nunca mais fui o mesmo. Mesmo as mais belas cenas pareciam guardar alguma sugestão vaga e ambígua das blasfêmias sem nome sob elas, as quais formavam sua essência mascarada e, ainda assim, o desenho era tão ínfimo, tão pouco indicativo de tudo o que Theunis, a julgar pelos seus relatos posteriores, deve ter discernido!

Apenas alguns elementos básicos da paisagem estavam na coisa. Na maior parte, um vapor nebuloso de aparência exótica dominava a vista. Todo objeto que poderia ser familiar era percebido como parte de alguma coisa indistinta e desconhecida e totalmente não terrestre, algo infi-

nitamente mais vasto do que qualquer olho humano poderia vislumbrar, e infinitamente alienígena, monstruoso e horrendo, como deduzido do fragmento examinado. Onde eu tinha visto, na própria paisagem, a árvore retorcida e semiconsciente, ali havia, visível, apenas, uma mão, ou garra, terrível e nodosa, com dedos ou tentáculos distendidos de modo chocante e que, evidentemente, se estendiam até algo no chão ou na direção do espectador. E, logo abaixo dos dedos inchados e contorcidos, pensei ver um contorno na grama onde um homem estivera deitado. Mas o desenho foi feito às pressas, e não pude ter certeza.



Através dos Portais da Chave de Prata

com E. Hoffmann Price

∴

Through the Gates of the Silver Key (1932)

Weird Tales (jul. 1934)

Esta longa noveleta ganhou vida como um conto de 6.000 palavras que E. Hoffmann Price enviou para H.P. Lovecraft após uma visita desse em junho de 1932 a Price em sua casa em Nova Orleans. A história original, intitulada como “The Lord of Illusion”, buscava entender onde o conto de Lovecraft de 1926 “A chave de prata” parou. Com ele, Price incluía uma nota perguntando se Lovecraft estaria disposto a revisar a história e sugerindo que talvez pudesse ser publicada como uma colaboração.

Lovecraft parece ter ficado um pouco relutante quanto isso, mas sem dúvida se sentiu obrigado depois de ter recebido uma excelente hospitalidade de Price em sua visita no ano anterior.

A história resultante parece em parte um pouco confusa, pois o estilo de ação exigente de Price e o contemplativo sombrio de Lovecraft criam uma mistura estranha, mas não ruim. Talvez não surpreendentemente,

Farnsworth Wright, editor do *Weird Tales*, inicialmente se recusou a publicá-la; mas vários meses depois, aparentemente com a pulga atrás da orelha, ele escreveu pedindo que o conto lhe fosse reenviado e assim a aceitou.



Numa vasta sala ornamentada com tapeçarias bizarramente adornadas e revestida com tapetes de Bukhara de notável antiguidade e valor, quatro homens estavam sentados ao redor de uma mesa forrada de documentos. Dos cantos distantes onde curiosos tripés de ferro batido eram ocasionalmente reabastecidos por um negro incrivelmente velho trajando uma sóbria libré, chegavam hipnóticos vapores de incenso, enquanto num profundo nicho em um dos lados batia um estranho relógio em forma de esquiife cujo mostrador exibia desconcertantes hieróglifos e cujos quatro ponteiros não seguiam nenhum sistema de medição do tempo conhecido neste planeta. Era um aposento singular e perturbador, mas perfeitamente adequado ao assunto que estava sendo tratado. Isto porque ali, na morada de Nova Orleans daquele que era o maior místico, matemático e orientalista do continente, estava sendo finalmente acertada a divisão do espólio de um não menos grande místico, estudioso, escritor e sonhador que desaparecera da face da Terra havia quatro anos.

Randolph Carter, que durante toda sua vida tentara escapar do tédio e das imposições da realidade da vigília invocando panoramas de sonhos e fabulosas avenidas de outras dimensões, desaparecera das vistas humanas no sétimo dia de outubro de 1928, com a idade de cinquenta e quatro anos. Sua carreira havia sido estranha e solitária, e houve quem inferisse, de seus curiosos romances, episódios mais bizarros do que quaisquer outros de sua história registrada. Ele havia mantido íntima associação com Harley Warren, o místico da Carolina do Sul cujos estudos sobre a língua primitiva Naacal, dos monges do Himalaia, provocara conclusões tão injuriosas. Com efeito, fora ele que — em certa tenebrosa noite enevoadada num antigo cemitério — havia visto Warren descer por uma cripta úmida e salitrosa para nunca mais voltar. Carter vivia em Boston mas fora das selvagens colinas assombradas por trás da imo-

nente e amaldiçoada Arkham que vieram todos os seus antepassados. E fora no coração daquelas colinas antigas e misteriosamente lúgubres que finalmente desaparecera.

Seu velho criado, Parks — que morrera no início de 1930 —, havia contado algo sobre a caixa de madeira de aroma exótico e entalhes medonhos que Carter havia encontrado num sótão, e dos indecifráveis pergaminhos e da chave de prata excentricamente adornada que a caixa continha: assuntos sobre os quais Carter também escrevera a outros. Carter, disse, havia lhe contado que a chave viera de seus antepassados e o ajudaria a abrir as portas para sua meninice e para estranhas dimensões e reinos fantásticos que até então só visitara em sonhos vagos, breves e fugidios. Um certo dia, Carter pegara a caixa e o que ela continha e partira em seu carro para nunca mais voltar.

Mais tarde, algumas pessoas haviam encontrado o carro ao lado de uma antiga estrada invadida pelo mato nas colinas por trás da arruinada Arkham — colinas onde os ancestrais de Carter um dia habitaram e onde a porta do carcomido porão da herdade dos Carter ainda se escancarava para o céu. Foi num bosque de altos olmos perto dali que um outro Carter desaparecera misteriosamente em 1781, e não muito distante ficava o chalé apodrecido onde Goody Fowler, a bruxa, cozinhou suas ominosas poções ainda antes disso. A região fora colonizada em 1692 por fugitivos da caça às bruxas de Salem e ainda agora ostentava um nome reportando a coisas vagamente aziagas e raramente imaginadas. Edmund Carter escapara por pouco das sombras do Morro dos Enforcados e muitas eram as histórias que se contavam sobre suas feitiçarias. Agora, ao que parece, seu único descendente partira para reunir-se a ele em algum lugar!

No carro, haviam encontrado uma caixa tetricamente lavrada de madeira aromática e o pergaminho que ninguém conseguiu decifrar. A chave de prata se fora — presumivelmente com Carter. Além disso não havia nenhuma pista clara. Investigadores de Boston haviam dito que as madeiras desmoronadas do velho lar dos Carter pareciam ter sido estranhamente revolvidas e alguém havia encontrado um lenço na ladeira sinistramente arborizada e erizada de rochas por trás das ruínas, perto da temível caverna conhecida como Toca da Serpente.

Foi então que as lendas locais sobre a Toca da Serpente ganharam novo alento. Os agricultores murmuravam sobre os usos blasfemos que o velho Edmund Carter, o mago, dera àquela horrível gruta, acrescentando histórias posteriores sobre a afeição que o próprio Randolph Carter lhe votara, quando menino. Na meninice de Carter, o venerável solar com telhado de duas águas ainda estava de pé e era habitado por seu tio-avô Christopher. Ele visitava o lugar frequentemente e contava curiosidades sobre a Toca da Serpente. As pessoas recordavam o que dissera sobre uma profunda fenda e uma desconhecida caverna interior além dela e especulavam sobre a mudança que parecia ter sofrido depois de passar todo um memorável dia naquela caverna, quando tinha nove anos. Isto fora em outubro, também — e depois daquilo ele pareceu revelar uma estranha aptidão para prever acontecimentos futuros.

Havia chovido nas horas avançadas da noite em que Carter desaparecera e ninguém conseguiu rastrear suas pegadas a partir do carro. O interior da Toca da Serpente estava tomado por um informe lodo mole provocado pela copiosa infiltração. Somente os rústicos ignorantes murmuraram sobre as pegadas que pensavam haver encontrado onde os grandes olmos se debruçam sobre a estrada e na sinistra ladeira perto da Toca da Serpente, onde o lenço fora encontrado. Quem daria atenção a rumores que falavam de pequenas pegadas com ponta quadrada como as que teriam deixado as botinas de bico largo de Randolph Carter quando menino? Era uma ideia maluca, assim como aquele outro rumor — o de que as pegadas das peculiares botas sem salto de Benijah Corey encontraram as pequenas pegadas rombudas na estrada. O velho Benijah havia sido empregado dos Carters quando Randolph era jovem; mas ele morrera há trinta anos.

Devem ter sido esses rumores — mais as próprias declarações de Carter a Parks e a outros de que a chave de prata curiosamente ornamentada o ajudaria a abrir as portas para sua perda meninice — que levaram alguns estudiosos místicos a declarar que o homem desaparecido havia efetivamente dado meia-volta no curso do tempo, retornando quarenta e cinco anos até aquele dia de outubro de 1883 em que estivera na Toca da Serpente quando garoto. Ao sair, naquela noite, disseram, ele de algum modo conseguira viajar até 1928 e regressar, pois não ficara então sabendo, dali em diante, as coisas que aconteceriam posteriormen-

te? No entanto, jamais havia falado algo que viesse a acontecer depois de 1928.

Um estudioso — um velho excêntrico de Providence, Rhode Island, que mantivera uma extensa e íntima correspondência com Carter — tinha uma teoria ainda mais elaborada e acreditava que Carter não só retornara a sua meninice mas conseguira uma libertação ainda maior, perambulando livremente pelas paisagens prismáticas de sonhos de sua meninice. Depois de uma estranha visão, esse homem publicou um relato sobre o desaparecimento de Carter onde sugeria que o homem perdido agora reinava soberano no trono de opala de Ilel-Vad, aquela maravilhosa cidade de torreões no alto dos penhascos ocos de vidro voltados para o mar crepuscular onde o barbado e pisciforme Gnorri construiu seus fabulosos labirintos.

Foi esse velho, Ward Phillips, quem se opôs mais obstinadamente à partilha dos bens de Carter entre seus herdeiros — todos primos distantes —, com base em que ele ainda estaria vivo em outra dimensão temporal e poderia perfeitamente retomar algum dia. Contra ele arregimentou-se o talento jurídico de um dos primos, Ernest K. Aspinwall, de Chicago, dez anos mais velho do que Carter, mas ardoroso como um jovem nas batalhas forenses. A furiosa disputa estendeu-se por quatro anos, mas agora chegara a hora da partilha e aquele vasto e misterioso aposento em Nova Orleans seria o cenário dos entendimentos.

Era a casa do executor financeiro e literário de Carter — o eminente estudioso *creole* de mistérios e antiguidades orientais, Etienne-Laurent de Marigny. Carter conhecera De Marigny durante a guerra, quando ambos serviam na Legião Estrangeira francesa, e logo se afeiçoara a ele pela similaridade de seus gostos e perspectivas. Quando, numa memorável licença conjunta, o erudito jovem *creole* levava o melancólico sonhador de Boston a Bayonne, no sul da França, e lhe mostrara alguns segredos terríveis nas soturnas e imemórias criptas que se ocultam por baixo daquela lúgubre e ancestral cidade, a amizade fora selada para sempre. O testamento de Carter nomeara como executor De Marigny e agora aquele estudioso incansável estava presidindo, com relutância, a divisão do espólio. Era-lhe dolorosa a tarefa, pois, como o velho morador de Rhode Island, não acreditava que Carter estivesse morto. Mas que força podem ter os sonhos dos místicos contra a vulgar sabedoria mundana?

Ao redor da mesa daquela estranha casa no velho Bairro Francês estavam sentados os homens que pleiteavam uma participação nos bens. Havia sido feitos os anúncios legais de rotina sobre a reunião em jornais dos lugares onde se supunha haver herdeiros de Carter, mas só quatro pessoas estavam ali sentadas ouvindo a batida anormal daquele relógio em forma de esquite que não indicava um tempo terreno, e o murmurinho da fonte no pátio por trás das claraboias semicortinadas. Com o passar das horas, as faces dos quatro estavam envoltas nas espirais vaporosas que subiam dos tripés que, abastecidos incansavelmente de combustível, pareciam merecer cada vez menos cuidados do velho negro que deslizava silenciosamente pelo local, com crescente nervosismo.

Ali estava o próprio Etienne de Marigny — esbelto, moreno, elegante, de bigodes e ainda jovem. Aspinwall, representando os herdeiros, era corpulento, de cabelos brancos, suíças e rosto apoplético. Phillips, o místico de Providence, era magro, cinzento, bem barbeado e tinha nariz comprido e os ombros encurvados. O quarto homem tinha uma idade indefinida — magro, rosto barbado, tez escura, singularmente imóvel, de contornos muito regulares, enrolado no turbante de um brahmane de alta casta e exibindo olhos negros muito escuros e ardentes, quase sem íris, que pareciam olhar de uma enorme distância por trás de suas feições. Apresentara-se como Swami Chandraputra, um iniciado de Benares com importantes informações a dar, e tanto De Marigny como Phillips — que haviam se correspondido com ele — prontamente reconheceram a autenticidade de suas pretensões místicas. Sua fala tinha um tom metálico, oco, estranhamente forçado, como se o uso do inglês exigisse muito de seu aparelho vocal. Sua linguagem, no entanto, era tão fácil, correta e idiomática quanto a de qualquer anglo-saxão nativo. No vestuário em geral, era o europeu civilizado normal, mas suas roupas frouxas caíam-lhe especialmente mal, enquanto a hirsuta barba negra, o turbante oriental e as grandes mitenes brancas davam-lhe um ar de exótica excentricidade.

De Marigny, manipulando o pergaminho encontrado no carro de Carter, falava.

— Não, não consegui nada com o pergaminho. O Sr. Phillips, aqui, também desistiu. O Coronel Churchward declara que não é Naacal e não se parece nem um pouco com os hieróglifos daquela clava da Ilha da

Páscoa. Os entalhes naquela caixa, porém, estranhamente sugerem imagens da Ilha da Páscoa. A coisa mais próxima que posso associar a esses caracteres do pergaminho — observem como todas as letras parecem penduradas em linhas de escrita horizontais — é a escrita de um livro que pertencia ao pobre Harley Warren. O livro chegou-lhe da Índia quando Carter e eu o visitávamos, em 1929, e ele nunca nos disse nada a seu respeito — disse que seria melhor não sabermos, sugerindo que o livro poderia ter vindo originalmente de algum lugar fora da Terra. Levava-o consigo em dezembro quando desceu naquela cripta, no velho cemitério — mas nem ele nem o livro jamais retornaram à superfície. Faz algum tempo, enviei a nosso amigo aqui — o Swami Chandraputra — um esboço, feito de memória, de algumas daquelas letras e também uma cópia fotostática do pergaminho de Carter. Acredita que pode lançar alguma luz sobre eles após algumas referências e consultas.

— Quanto à chave — Carter enviou-me uma foto dela. Seus curiosos arabescos não eram letras mas parecem ter pertencido à mesma tradição cultural do pergaminho. Carter sempre falava de estar prestes a desvendar o mistério embora nunca entrasse em detalhes. Certa ocasião ele se tornou quase poético sobre o assunto todo. Aquela antiga chave de prata, dizia, abriria as portas sucessivas que impedem nossa livre progressão pelos poderosos corredores do espaço e do tempo para a verdadeira Fronteira que nenhum homem cruzou desde que Shaddad, com seu terrífico gênio, construiu e ocultou, nas areias de Arabia Petraea, os prodigiosos domos e incontáveis minaretes da Irem de mil pilastras. Dervixes quase mortos de inanição — escreveu Carter — e nômades enlouquecidos de sede regressaram para contar sobre aquele monumental portal e sobre a mão esculpida acima da chave de abóbada do arco, mas nenhum homem o cruzou e voltou para dizer que suas pegadas nas areias espargidas de granada de seu interior são testemunho de sua visita. A chave, ele suspeitava, era aquilo que a ciclópica mão esculpida buscava inutilmente agarrar.

— O motivo por que Carter não levou o pergaminho junto com a chave, não sabemos. Talvez o tenha esquecido — ou talvez tenha se absteído de levá-lo com a lembrança de alguém que levava um livro com caracteres semelhantes para uma cripta e jamais regressara. Ou talvez fosse efetivamente secundário para o que pretendia fazer.

Quando De Marigny se calou, o velho Sr. Phillips falou numa voz áspera, esganiçada.

— Só podemos saber das andanças de Randolph Carter através dos sonhos. Estive em lugares muito estranhos, em sonhos, e ouvi falar de muitas coisas formidáveis e significativas em Ulthar, além do rio Skai. Ao que parece, o pergaminho não era necessário, pois evidentemente Carter reentrou no mundo dos sonhos de sua meninice e agora é soberano em Ilek-Vad.

O Sr. Aspinwall foi adquirindo uma aparência duplamente apoplética à medida que cuspiu:

— Será que ninguém vai fechar a boca desse velho tolo? Já tivemos maluquices de sobra. O problema é como dividir os bens e já é tempo de chegarmos a isso.

Pela primeira vez Swami Chandraputra falou com sua voz curiosamente estrangeira.

— Senhores, há mais do que os senhores imaginam neste assunto. O Sr. Aspinwall não faz bem em rir da evidência dos sonhos. O Sr. Phillips adotou um ponto de vista parcial — talvez porque não tenha sonhado o suficiente. Eu mesmo já sonhei um bocado. Nós, indianos, sempre fizemos isto, bem como todos os Carter. O senhor, Sr. Aspinwall, na condição de primo materno, naturalmente não é um Carter. Meus próprios sonhos, e certas outras fontes de informação, contaram-me muitas coisas que o senhor achará obscuras. Por exemplo, Randolph Carter esqueceu aquele pergaminho que não conseguiu decifrar — no entanto, teria sido bom que se houvesse lembrado de levá-lo. Percebe, realmente descobri muito sobre o que aconteceu com Carter depois que saiu de seu carro com a chave de prata no entardecer daquele sete de outubro, há quatro anos.

Aspinwall zombou audivelmente mas os outros permaneceram sentados com o interesse recrudescido. A fumaça dos tripés aumentou e a batida maluca daquele relógio-esquife parecia descer em configurações bizarras como os pontos e traços de alguma alienígena e insolúvel mensagem telegráfica do espaço exterior. O hindu reclinou-se para trás, entreteceu os olhos e prosseguiu naquele seu discurso estranhamente elaborado, conquanto idiomático, enquanto começava a pairar diante de sua audiência uma imagem do que acontecera com Randolph Carter.

II.

As colinas além de Arkham estão impregnadas de um estranho feitiço — algo, talvez, que o velho mago Edmund Carter invocara das estrelas e das criptas do interior da terra quando para ali fugira vindo de Salem, em 1692. Tão logo Randolph Carter voltou a elas, soube que estava perto de um dos portais por onde alguns poucos homens audaciosos, abominados e de alma alienígena irromperam por muralhas titânicas que separam do mundo o exterior absoluto. Aqui, sentiu ele, e neste exato dia do ano, poderia levar a cabo com sucesso a mensagem que havia decifrado meses antes dos arabescos daquela chave de prata deslustrada e incrivelmente antiga. Agora sabia como devia girá-la e segurá-la na direção do sol poente e as sílabas cerimoniais que deviam ser entoadas no vazio à nona e última volta. Num local tão próximo de uma polaridade secreta e um portal induzido como este, ela não poderia falhar em suas funções primordiais. Com certeza ele poderia descansar, naquela noite, na meninice perdida que nunca deixara de lamentar.

Saiu do carro levando a chave no bolso, caminhou colina acima penetrando sempre mais profundamente no coração sombrio daquela região assombrada e lúgubre de estradas sinuosas, muretas de pedra cobertas de trepadeiras, bosques soturnos, abandonados pomares retorcidos, herdades desertas com suas janelas escancaradas e inominável ruína. Ao pôr-do-sol, quando os distantes esbraseados píncaros de Kingsport cintilavam, pegou a chave e deu as voltas e emitiu as entonações necessárias. Somente mais tarde percebeu a rapidez com que o ritual funcionou.

Então, ao escurecer do crepúsculo, ouviu uma voz chegando do passado: o Velho Benijah Corey, empregado de seu tio-avô. O velho Benijah não morreria havia trinta anos? Trinta anos antes de *quando*. O que era o tempo? Onde havia estado? Por que seria estranho que Benijah o estivesse chamando neste sete de outubro de 1883? Então não estivera fora além do horário que a Tia Martha dissera que ficasse? O que significava essa chave no bolso de seu blusão onde sua pequena luneta — que o pai lhe dera em seu nono aniversário, dois meses antes — deveria estar? Ele a teria encontrado no sótão, em sua casa? Será que ela abria a mística torre que seu olhar agudo divisara, em meio às rochas recortadas, no fundo daquela caverna interior por trás da Toca da Serpente, na

colina? Aquele era o lugar que sempre associavam ao velho Edmund Carter, o mago. As pessoas não costumavam frequentar o lugar e ninguém, exceto ele, jamais notara a fenda obstruída por raízes ou se insinuara através dela para aquela grande câmara escura interna com o pilar. Que mãos teriam escavado aquele marco em forma de pilar na rocha viva? O Velho Mago Edmund — ou teriam sido *outros* por ele conjurados e comandados?

Naquela noite, Randolph jantou com Tio Chris e Tia Martha no velho solar com telhado de duas águas.

Na manhã seguinte, levantou cedo, cruzou o pomar de macieiras retorcidas avançando para o mato acima onde a boca da Toca da Serpente espreitava sombria e ameaçadora por entre carvalhos grotescos e monstruosos. Estava tomado de uma expectativa indescritível e nem deu pela perda de seu lenço ao revolver o bolso do blusão para verificar se a fabulosa chave de prata estava segura. Arrastou-se pelo tenebroso orifício com tensa e aventureira confiança, iluminando o caminho com os fósforos tirados da sala de estar. Logo depois esgueirava-se pela fenda obstruída por raízes na extremidade oposta e se encontrava na vasta e desconhecida gruta interior cujo paredão de pedra, ao fundo, parecia um monstruoso pilar artificialmente construído. Diante do paredão úmido e gotejante, parou, intimidado, em silêncio, acendendo um fósforo atrás de outro enquanto observava. Seria aquela saliência rochosa acima da chave de abóbada do imaginado arco realmente uma gigantesca mão esculpida? Estendeu então a chave de prata realizando os movimentos e entonações cuja origem mal conseguia recordar. Teria esquecido alguma coisa? Tudo o que sabia era que desejava cruzar a barreira para a desabrida terra de seus sonhos e os abismos onde todas as dimensões se dissolviam no absoluto.

III.

O que aconteceu então dificilmente poderá ser descrito em palavras. Está cheio daqueles paradoxos, contradições e anomalias que não ocorrem na vida desperta mas enchem nossos mais fantásticos sonhos e são tomados como fato consumado até retomarmos ao mundo estreito, rígido

e objetivo da causalidade limitada e da lógica tridimensional. Prosseguindo em sua narrativa, o hindu encontrava dificuldade em evitar o que parecia — mais que a ideia de alguém transportado através dos anos à sua meninice — um ar de trivial e pueril extravagância. O Sr. Aspinwall, enfasiado, soltou um bufo apoplético e virtualmente parou de escutar.

Isto porque o rito da chave de prata, tal como praticado por Randolph Carter na caverna sombria e assombrada, não se provara inútil. Desde o primeiro gesto e sílaba surgiu um halo de transformação estranho e espantoso — um senso de incalculável perturbação e confusão no tempo e no espaço, sem nenhum indício, porém, daquilo que reconhecemos como movimento e duração. Imperceptivelmente, coisas como idade e localização deixaram de ter qualquer significado. No dia anterior, Randolph Carter saltara, milagrosamente, um abismo de anos. Agora já não havia distinção entre homem e menino. Havia apenas a entidade Randolph Carter com uma certa carga de imagens que haviam perdido qualquer relação com cenas terrestres e as circunstâncias de sua aquisição. Um momento antes, tinha havido uma caverna interior com vagas sugestões de um monstruoso arco e uma gigantesca mão esculpida no paredão final. Agora não havia caverna nem ausência de caverna; nem parede, nem ausência de parede. Havia apenas um fluxo de impressões não tanto visuais como cerebrais, em meio às quais a entidade que era Randolph Carter experimentava percepções ou registros de tudo aquilo que sua mente meditava, embora sem nenhuma consciência nítida da maneira como as recebia.

Quando o rito terminou, Carter percebeu que não estava em nenhuma região cujo local pudesse ser descrito por geógrafos da Terra e em nenhuma idade cuja data a história pudesse determinar; isto porque a natureza do que estava acontecendo não era inteiramente invulgar para ele. Havia indícios dela nos misteriosos fragmentos Pnakóticos, e todo um capítulo no esquecido *Necronomicon* do alucinado árabe Abdul Alhazred adquiriu significado quando decifrou os desenhos gravados na chave de prata. Um portal fora aberto — não, é certo, o Supremo Portal, mas um que levava da Terra e do tempo para aquela extensão da Terra que fica fora do tempo e da qual, por sua vez, o Supremo Portal leva pe-

rigosamente ao Vazio Supremo que fica além de todas as terras, todos os universos e toda a matéria.

Haveria um Guia — e muito terrível; um Guia que fora uma entidade da Terra milhões de anos antes, quando nem se sonhava com o homem e formas esquecidas se locomoviam num planeta envolto em vapores, construindo estranhas cidades entre cujas derradeiras ruínas desmornadas os primeiros mamíferos haveriam de brincar. Carter recordava o que o nefando *Necronomicon* insinuara vaga e desconcertantemente sobre aquele Guia:

“E embora existam os que”, escrevera o alucinado árabe, “ousaram vislumbrar além do Véu e aceitá-LO como guia, eles teriam sido mais prudentes se tivessem evitado esta relação com ELE; pois está escrito no Livro de Thoth quão terrível é o preço de um mero vislumbre. Também aqueles que passarem nunca retornarão, pois na vastidão transcendente de nosso mundo existem formas tenebrosas que agarram e cegam. A Ocorrência que se arrasta na escuridão, o demônio que desafia o Velho Signo, a Horda que vigia o secreto portal que cada túmulo sabidamente possui e que medra nos que medram dos seus inquilinos: — todos esses Seres da Escuridão são inferiores a ELE QUE guarda a Passagem: ELE QUE guiará o temerário além de todos os mundos até o Abismo de devoradores inomináveis. Pois Ele é ’UMR AT-TAWIL, o Mais Antigo, que o escriba apresenta como O PROLONGADO DE VIDA”.

Memória e imaginação construíram obscuras imagens de contornos incertos no meio do revoltoso caos, mas Carter sabia que eram apenas memória e imaginação. Sentia, porém, que não fora o acaso que construía aquelas coisas em sua consciência, e sim alguma vasta realidade, inefável e desmedida, que o rodeava e esforçava-se por traduzir-se nos únicos símbolos que era capaz de apreender. Pois nenhuma mente terrestre poderia apreender as extensões de forma que se entrelaçam nos abismos oblíquos além do tempo e das dimensões que conhecemos.

Flutuava diante de Carter um cortejo nebuloso de formas e cenas que ele relacionava, de alguma forma, com o passado primitivo e imemorial da Terra. Monstruosos seres vivos moviam-se deliberadamente por cenários de fantásticos artefatos que sonho algum jamais contivera e as paisagens apresentavam vegetações, penhascos, montanhas e construções incríveis, sem nenhum padrão humano. Havia cidades submarinas

habitadas por seres alienígenas e torres que se erguiam em imensos desertos onde globos, cilindros e inomináveis entidades aladas se projetavam para o espaço ou se mergulhavam no espaço. Tudo isto Carter captou embora as imagens não guardassem nenhuma relação fixa entre si ou com ele. Ele próprio não tinha forma ou posição estável, apenas sugestões cambiantes de forma e posição conforme sua alucinada fantasia lhe ia fornecendo.

Carter almejava encontrar as regiões encantadas dos sonhos de sua meninice onde galeras navegam pelo rio Oukranos acima para além dos dourados píncaros de Thran, e caravanas de elefantes estrondam pelas selvas perfumadas de Kled, além de palácios esquecidos com colunas de marfim estriado que dormem adoráveis e intactas ao luar. Agora, inebriado por visões mais amplas, mal sabia o que procurava. Ideias de infinita e blasfema presunção galgaram sua mente e soube que enfrentaria impavidamente o temível Guia, perguntando-lhe coisas monstruosas e terríveis.

De repente, o desfile de impressões pareceu alcançar uma vaga espécie de estabilidade. Havia grandes massas verticais de pedra esculpidas com desenhos alienígenas e incompreensíveis, acomodadas segundo as leis de alguma desconhecida geometria invertida. A luz filtrava de um céu sem cor definível em direções enganosas e contraditórias e brincava quase sensitivamente sobre o que parecia ser uma curva com gigantescos pedestais hieroglíficos, quase hexagonais, encimados por imprecisas formas embuçadas.

Havia também uma outra forma que não ocupava nenhum pedestal e parecia deslizar ou flutuar sobre o enevoadado nível inferior, semelhante a um piso. Não tinha um contorno permanente preciso mas continha sugestões de algo remotamente precedente ou paralelo à forma humana, embora tivesse a metade do tamanho de um homem comum. Parecia estar pesadamente encapotada, como as formas nos pedestais, num tecido de cor neutra, e Carter não conseguiu detectar nenhuma abertura por onde ela pudesse olhar. Provavelmente não precisava olhar, pois parecia pertencer a uma ordem de seres muito distante do meramente físico em organização e faculdades.

Um instante depois, Carter percebeu que assim era, pois a Forma havia falado para sua mente sem usar nenhum som ou linguagem. E,

apesar de ter proferido um nome temível e apavorante, Randolph Carter não se sobressaltou. Ele respondeu, também sem nenhum som ou linguagem, prestando aquelas homenagens que o medonho *Necronomicon* lhe ensinara. Pois essa forma era tão somente aquela que mundo todo temera desde que Lomar erguera-se do mar e a Criança da Névoa de Fogo viera à Terra para ensinar a Sabedoria Antiga ao homem. Era efetivamente o assustador Guia e Guardião do Portal — 'UMR AT-TAWIL, o antigo, que o escriba apresentara como o PROLONGADO DE VIDA.

O Guia sabia, pois sabia todas as coisas, da busca e da chegada de Carter, e que esse explorador de sonhos e segredos estava impávido à sua frente. Não havia horror ou malignidade no que irradiava e Carter imaginou, por um momento, se as terríveis insinuações blasfemas do alucinado árabe teriam vindo da inveja e de um abortado desejo de realizar o que agora estava para ser feito. Podia acontecer, também, que o Guia reservasse seu horror e malignidade para aqueles que o temiam. Com o prosseguimento das irradiações, Carter acabou interpretando-as como palavras.

“Sou mesmo o Mais Antigo”, disse o Guia, “de quem soubeste. Nós te esperávamos — os Antigos e eu. És bem-vindo ainda que chegues muito tarde. Tens a chave e abriste o Primeiro Portal. Agora o Supremo Portal está pronto para tua tentativa. Se temeres, não precisas prosseguir. Ainda podes voltar sem danos da mesma forma que chegaste. Mas se escolhes avançar...”

A pausa era ominosa, mas as irradiações continuavam sendo amistosas. Carter não hesitou um segundo, impelido por irreprimível curiosidade.

“Proseguirei”, irradiou de volta, “e aceito-vos como Guia.”

A essa resposta, o Guia pareceu fazer um sinal por certos movimentos de seu manto que podem ou não ter envolvido o levantar de um braço ou algum membro homólogo. Seguiu-se um segundo sinal e, com seu saber bem apreendido, Carter soube que finalmente estava muito perto do Supremo Portal. A luz adquirira agora uma outra cor indefinível e as formas sobre os pedestais quase hexagonais tornaram-se mais nitidamente definidas. Sentados, mais eretos, suas silhuetas se assemelhavam mais a homens, mas Carter sabia que não poderiam ser homens. Sobre as cabeças encapuzadas pareciam descansar altas mitras de cor indefiní-

vel, estranhamente sugestivas daquelas existentes em certas figuras inomináveis cinzeladas pelo desconhecido escultor dos penedos reais de uma alta e esquecida montanha na Tartária, enquanto despontavam de certas dobras de suas vestes longos cetros agarrados cujas cabeças entalhadas corporificavam um grotesco e arcaico mistério.

Carter cismou o que seriam, de onde teriam vindo e a Quem serviriam e imaginou também qual seria o preço de seu serviço. Mas ainda estava contente porque, por um poderoso acaso, estava prestes a aprender tudo. Danação, refletiu, não passa de uma palavra disseminada por aqueles cuja cegueira os leva a condenar todos os que podem ver, mesmo com uma única vista. Meditou sobre o vasto conceito daqueles que haviam tagarelado sobre os *maléficos* Antigos como se Eles pudessem interromper seus sonhos eternos para descarregar seu ódio sobre a humanidade. Da mesma forma, pensou, poderia um mamute deixar de exercer furiosa vingança sobre uma minhoca. Agora, todo o grupo nos pilares vagamente hexagonais o estava saudando com um gesto daqueles cetros curiosamente entalhados e irradiando uma mensagem que ele compreendeu:

“Nós vos saudamos, ó Mais Antigo, e a ti, Randolph Carter, cujo destemor tornou-te um de nós.”

Carter percebeu então que um dos pedestais estava vago e um gesto do Mais Antigo informou-lhe que estava reservado a ele. Viu então outro pedestal, mais alto que os demais, e no centro da curiosa linha curva — nem semicírculo, nem elipse, parábola ou hipérbole — que formavam. Este, imaginou, seria o trono do próprio Guia. Movendo-se para cima de um modo dificilmente definível, Carter tomou seu assento e, ao fazê-lo, percebeu que o próprio Guia se sentara.

Gradual e difusamente foi ficando visível que o Mais Antigo segurava algo — algum objeto agarrado nas dobras projetadas de seu manto como que para a visão, ou o que correspondesse à visão, dos encapuzados Companheiros. Tratava-se de uma grande esfera, ou aparente esfera, de algum metal foscamente iridescente, e quando o Guia a estendeu, começou a aumentar e diminuir uma impressão invasiva e baixa semelhante a um som, com intervalos que pareciam rítmicos sem equivalência com algum ritmo da Terra. Havia uma sugestão de canto — ou de algo que a imaginação poderia interpretar como canto. Neste momento, a luz

da quase-esfera começou a se intensificar e enquanto brilhava com uma luz fria, pulsante, de cor indescritível, Carter percebeu que suas cintilações se harmonizavam com o estranho ritmo do canto. Todas as Formas com mitra e cetro sobre os pedestais começaram então a se embalar num balanço suave e estranho com o mesmo ritmo inexplicável, enquanto auréolas de uma luz indescritível — parecida com a da quase-esfera — brincavam ao redor das cabeças encobertas.

O hindu fez uma pausa em sua narrativa e fitou curiosamente o alto relógio em forma de esquife com os quatro ponteiros e o mostrador hieroglífico, cuja tresloucada batida disparava de qualquer ritmo terrestre.

— Ao senhor, Sr. De Marigny — disse ele, subitamente, para seu erudito hóspede —, não é preciso descrever o ritmo particularmente estranho com que aquelas Formas encapuzadas nos pilares hexagonais entoavam e se embalavam. O senhor é a única outra pessoa — na América — a ter provado a Extensão Exterior. Aquele relógio, imagino que lhe tenha sido enviado pelo iogue sobre o qual o pobre Harley Warren costumava falar, o vidente segundo o qual, de todos os homens vivos, apenas ele havia estado em Yian-Ho, o oculto legado da ancestral Leng, trazendo certos objetos daquela cidade esquecida e assustadora. Fico pensando quantos desses bens sutis o senhor conhece? Se meus sonhos e leituras estão corretos, foi construído por aqueles que sabiam muito sobre o Primeiro Portal. Mas permitam-me prosseguir com minha história.

— Finalmente — continuou o Swami —, o balanço e a sugestão de canto cessaram, as auréolas bruxuleantes ao redor das cabeças agora tombadas e imóveis enfraqueceram, enquanto as formas encapuzadas ficavam curiosamente encurvadas em seus pedestais. A quase-esfera, porém, continuava a pulsar com sua luz inexplicável. Carter sentiu que os Antigos dormiam tal como no momento em que os vira pela primeira vez e ficou imaginando que sonhos cósmicos sua chegada lhes provocara. Lentamente foi se infiltrando em sua mente a verdade de que aquele estranho ritual de canto havia sido uma instrução e que os Companheiros haviam sido conduzidos pelo Mais Antigo para um novo e peculiar tipo de sono para que seus sonhos pudessem abrir o Supremo Portal para o qual a chave de prata servia de passaporte. Carter sabia que nas pro-

fundezas desse sonho estavam contemplando insondáveis vastidões da total e absoluta exterioridade e que deveriam realizar aquilo que sua presença demandara.

O Guia não compartilhava desse sonho mas parecia instruir de alguma forma sutil e silenciosa. Evidentemente estava implantando imagens das coisas que desejava que os Companheiros sonhassem e Carter sabia que, quando cada um dos Antigos figurasse o pensamento prescrito, teria nascido o núcleo de uma manifestação visível a seus olhos terrenos. Quando os sonhos de todas as Formas houvessem atingido a unidade, essa manifestação ocorreria e tudo que quisesse seria materializado através da concentração. Vira coisas semelhantes na Terra — na Índia, onde a vontade combinada projetada por um círculo de iniciados conseguia fazer um pensamento adquirir substância tangível, e na imponente Atlântida, da qual poucos ousam falar.

Exatamente o que seria o Supremo Portal e como deveria ser transposto, Carter não tinha certeza, mas um sentimento de tensa expectativa cresceu em seu íntimo. Estava consciente de ter uma espécie de corpo e de estar segurando a fatídica chave de prata em sua mão. A massa de pedra empilhada do lado oposto ao seu parecia possuir a uniformidade de uma parede para cujo centro seus olhos eram irresistivelmente atraídos. E então sentiu subitamente interromper-se o fluxo das correntes mentais do Mais Antigo.

Pela primeira vez, Carter percebeu quão terrível pode ser o total silêncio físico e mental. Os momentos anteriores nunca deixaram de conter algum ritmo perceptível, pelo menos o frágil, misterioso pulsar da extensão dimensional da Terra, mas agora a quietude do abismo parecia descer sobre todas as coisas. A despeito das sugestões de corpo, não possuía respiração audível e o brilho da quase-esfera de 'Umr at-Tawil tornara-se petreamente fixo e inerte. Uma poderosa auréola, mais brilhante que as que haviam pairado ao redor da cabeça das Formas, fulgurou gelidamente sobre o crânio encapuzado do fabuloso Guia.

Carter foi tomado de uma vertigem e seu senso de perda de orientação multiplicou-se enormemente. As estranhas luzes pareciam ter a qualidade da mais impenetrável escuridão enquanto, nas proximidades dos Antigos, tão perto de seus tronos quase hexagonais, pairava um ar da mais espantosa antiguidade. Sentiu-se então soprado para profundezas

imensuráveis com ondas de um calor fragrante lambendo-lhe as faces. Era como se estivesse flutuando num tórrido mar rosado, um mar de vinho embriagado cujas ondas se quebravam espumantes contra praias de fogo esbraseadas. Um grande pavor o acometeu enquanto observava a vasta extensão do emergente mar lambendo suas distantes praias. Mas o momento de silêncio foi quebrado — as ondulações estavam lhe falando numa língua que não era um som físico, nem palavras articuladas.

“O Homem da Verdade está além do bem e do mal”, entoou uma voz que não era voz. “O Homem da Verdade foi levado para o Tudo-É-Um. O Homem da Verdade aprendeu que a Ilusão é a Única Realidade e que a Substância é a Grande Impostora.”

E, naquela elevação de alvenaria para a qual seus olhos tinham sido tão irresistivelmente atraídos, apareceu, naquele momento, o contorno de um arco titânico semelhante ao que pensara ter vislumbrado havia tanto tempo, naquela caverna dentro de uma caverna, na distante e irreal superfície da Terra tridimensional. Carter percebeu que estivera usando a chave de prata — girando-a de acordo com um ritual instintivo e não aprendido, estritamente similar ao que abria o Portal Interior. Percebeu que o mar rosa-embriagado que lambia suas faces era tão-somente a massa adamantina da sólida parede que se formava diante de suas palavras encantadas e o turbilhão de pensamento com que os Antigos ajudaram naquele sortilégio. Guiado ainda pelo instinto e a cega determinação, flutuou para a frente — através do Supremo Portal.

IV.

O avanço de Randolph Carter através da ciclópica massa de alvenaria foi como uma vertiginosa precipitação através de abismos imensuráveis entre as estrelas. De uma grande distância, sentiu ondas triunfais, divinas, de terrível doçura, e, depois disso, o adejar de grandes asas e impressões de som como os trinados e murmúrios de objetos desconhecidos na Terra ou no sistema solar. Olhando para trás, não viu um só portal isolado mas uma multiplicidade de portais, alguns com Formas vociferantes que tratou de não recordar.

Sentiu então um súbito terror maior do que qualquer forma daquelas poderia produzir — um terror do qual não poderia fugir porque estava nele mesmo. Quando o Primeiro Portal tirara um pouco de sua estabilidade, deixando-o inseguro sobre sua forma corporal e sobre seu relacionamento com os objetos nebulosamente definidos que o cercavam, isto não havia alterado seu senso de unidade. Ainda era Randolph Carter, um ponto fixo no caos dimensional. Agora, além do Supremo Portal, percebeu, num momento de pavor extenuante, que não era uma e sim muitas pessoas.

Estava em muitos lugares ao mesmo tempo. Na Terra, em 7 de outubro de 1883, um menininho chamado Randolph Carter estava saindo da Toca da Serpente sob a silenciosa luz do anoitecer e descendo às carreiras pela encosta rochosa, cruzando o pomar de ramos retorcidos na direção da casa de seu Tio Christopher, nas colinas além de Arkham. No mesmo instante, porém, que se situava também, de algum modo, no ano terreno de 1928, uma vaga sombra não menos Randolph Carter estava sentada num pedestal entre os Antigos na extensão transdimensional da Terra. Havia ali também um terceiro Randolph Carter, no desconhecido e informe abismo cósmico além do Supremo Portal. E num outro lugar, no caos de cenas cuja infinita multiplicidade e monstruosa diversidade o levavam à beira da loucura, havia uma confusão ilimitada de seres que sabia serem ele e sua manifestação local presente além do Supremo Portal.

Havia Carters em cenários pertencentes a cada era conhecida ou suspeitada da história da Terra e a idades mais remotas de entidades terrestres transcendendo ao conhecimento, à suspeita e à credibilidade; Carters de formas humanas e não humanas, vertebradas e invertebradas, conscientes e inconscientes, animais e vegetais. E mais, havia Carters sem nenhuma coisa em comum com a vida terrena que se moviam afrontosamente em cenários de outros planetas, sistemas, galáxias e contínuos cósmicos; esporos de vida eterna deslizando de mundo em mundo, de universo em universo, e ainda assim ele mesmo. Alguns vislumbres lembravam sonhos — vagos e intensos, únicos e persistentes — que sonhara durante os longos anos desde que começara a sonhar; e alguns possuíam uma familiaridade assustadora, fascinante e quase tenebrosa que nenhuma lógica terrena poderia explicar.

Diante dessa percepção, Randolph Carter vacilou sob a pressão de um horror supremo — horror tal que não fora sugerido nem no auge daquela noite odiosa em que dois se haviam aventurado numa antiga e abominável necrópole sob um palescente luar e apenas um regressara. Nenhuma morte, nenhum destino, nenhuma angústia pode provocar o insuperável desespero que emana de uma perda de *identidade*. Fundir-se com o nada é um tranquilo olvido, mas estar consciente da existência e saber que não se é mais um ser definido, distinto de outros seres — de que não se é mais um *eu* — este é o inominável auge da agonia e do pavor.

Sabia que houvera um Randolph Carter de Boston mas não podia ter certeza de que ele — o fragmento ou faceta de uma entidade além do Supremo Portal — havia sido aquele um ou algum outro. Seu *eu* havia sido aniquilado e, no entanto, ele — se, tendo em vista aquela total nulidade da existência individual, poderia haver realmente uma coisa como *ele* — estava igualmente consciente de ser, de alguma maneira inconcebível, uma legião de eus. Era como se o seu corpo houvesse sido abruptamente transformado numa daquelas efígies de muitas cabeças e muitos membros esculpidas em templos indianos e contemplasse o conjunto numa confusa tentativa de discernir qual era o original e quais as adições — se (pensamento supremamente monstruoso!) verdadeiramente *havia* algum original distinto das outras personificações.

Então, em meio a essas devastadoras reflexões, o fragmento de Carter além do portal foi arremessado do que parecera o nadir do horror para abismos tenebrosos e envolventes de um horror ainda mais profundo. Desta vez, era largamente externo — uma força de personalidade que às vezes o confrontava, rodeava e invadia, e que além de sua presença local, parecia também fazer parte dele mesmo e coexistir igualmente com todo o tempo e se limitar com todo o espaço. Não havia uma imagem visual, e sim o senso de entidade e o terrível conceito de localidade, identidade e infinito combinados, emprestando um terror paralisante além de qualquer coisa que qualquer fragmento de Carter julgara, até então, poder existir.

Diante daquela pavorosa maravilha, o quase-Carter esqueceu o horror da individualidade destruída. Era um Tudo-em-Um e Um-em-Tudo de ilimitado ser e eu — não meramente alguma coisa de um contínuo es-

paço-tempo, mas aliado com a derradeira essência animadora do ilimitado impulso de toda a existência —, o último e completo impulso que não tem fronteiras e que supera a fantasia e a matemática. Era, talvez, aquilo que certos cultos secretos da Terra haviam murmurado sobre o *Yog-Sothoth*, e que havia sido uma deidade sob outros nomes; aquilo que os crustáceos de Yuggoth adoram como o Além-do-Um, e que os cérebros vaporosos da nebulosa espiral conhecem por um signo intraduzível — no entanto, num átimo, a faceta-Carter percebeu quão desprezíveis e fragmentadas eram todas essas concepções.

E agora o Ser estava se dirigindo para a faceta-Carter com prodigiosas ondas que golpeavam, queimavam e estrondeavam — uma concentração de energia que atingia seu receptor com uma violência quase insuportável e que se assemelhava, num ritmo não terrestre, à curiosa oscilação dos Antigos e ao piscar das monstruosas luzes, naquela região desnorteante além do Primeiro Portal. Era como se sóis e mundos e universos tivessem convergido para um ponto cuja posição no espaço haviam conspirado para aniquilar com um impacto de fúria irresistível. Mas, em meio ao terror maior, o terror menor enfraqueceu, pois as ondas ardentes pareciam, de alguma forma, isolar o Carter Além-do-Portal de sua infinidade de duplos — restaurar, tal como era, uma certa porção da ilusão de identidade. Passado um instante, o ouvinte começou a traduzir as ondas em formas de discurso dele conhecidas e seu senso de horror e opressão diminuiu. O pavor se transformou em puro medo e o que parecia blasfemamente anormal, parecia agora apenas inefavelmente majestoso.

“Randolph Carter”, parecia dizer, “minhas manifestações na extensão de teu planeta, os Antigos, enviaram-te como alguém que posteriormente teria retornado para pequenos mundos oníricos que perdera, e que, no entanto, com maior liberdade ascendeu para desejos e curiosidades mais nobres. Desejavas vogar pelo dourado Oukranos em busca das esquecidas cidades de marfim na Kled de cor orquídea-escuro e reinar sobre o trono de opala de Ilel-Vlad, cujas fabulosas torres e incontáveis cúpulas se erguem majestosas para uma única estrela vermelha num firmamento estranho ao de tua Terra e a toda a matéria. Agora, transpostos os dois Portais, desejas coisas mais elevadas. Não fugirias como uma criança de uma cena indesejada para um sonho amado, mas mergulhari-

as, como um homem, nos segredos últimos e íntimos que jazem por trás de todas as cenas e sonhos.

“O que desejas, considere bom, e estou pronto a conceder aquilo que concedi apenas onze vezes a seres de teu planeta — cinco vezes apenas àqueles a quem chamas homens ou àqueles que se parecem com eles. Estou pronto a mostrar-te o Mistério Final, cuja visão pode aniquilar um espírito frágil. Porém, antes de fitares esse último e primeiro dos segredos, ainda podes exercer uma livre escolha e retornar, se quiseses, através dos dois Portais com o Véu ainda não erguido diante de teus olhos.”

V.

Um repentino estancamento das ondas deixou Carter envolto num silêncio arrepiante e assustador, carregado do espírito da desolação. Sobre cada mão, comprimia-se a ilimitável vastidão do vazio. No entanto, o explorador sabia que o Ser ainda estava ali. Um instante depois, pensou em palavras cuja substância mental atirou no abismo: “Aceito. Não recuarei”.

As ondas ressurgiram e Carter soube que o Ser havia escutado. Deramou-se então da ilimitada Mente um fluxo de conhecimento e explanação que abriu novas visões ao explorador e o preparou para uma apreensão do cosmos tal que jamais esperara possuir. Foi-lhe ensinado quão infantil e limitada é a noção de um mundo tridimensional e a infinidade de direções existentes além das direções conhecidas: para cima-para baixo, para a frente-para trás, direita-esquerda. Foi-lhe mostrado a pequenez e enganosa vacuidade dos pequenos deuses da Terra, com seus lastimáveis interesses e conexões humanos — seus ódios, furores, amores e vaidades; seus anelos por adoração e sacrifício; e suas exigências de fés contrárias à razão e à natureza.

Embora a maioria das impressões se traduzisse em palavras para Carter, outras havia que eram interpretadas por seus sentidos. Ora com os olhos, ora com a imaginação, percebeu que estava numa região de dimensões além das concebíveis para o olhar e o cérebro do homem. Percebia agora, nas tenebrosas sombras daquilo que fora inicialmente um

turbilhão de força e depois um vazio ilimitado, um impulso de criação que entorpecia seus sentidos. De alguma inconcebível posição elevada, olhou para as formas prodigiosas cujas múltiplas extensões transcendiam qualquer concepção de ser, tamanho e limites que sua mente fora, até então, capaz de apreender, apesar de uma vida inteira dedicada a conhecimentos ocultos. Começou a compreender vagamente por que poderiam existir, ao mesmo tempo, o garoto Randolph Carter na herdade de Arkham, em 1883, a nebulosa forma num pilar vagamente hexagonal além do Primeiro Portal, o fragmento que estava agora diante da Presença no abismo sem fim, e todos os outros Carters que sua imaginação ou percepção divisava.

As ondas aumentaram então de intensidade, tentando ampliar sua compreensão, reconciliando-o com a entidade multiforme da qual seu presente fragmento era uma parte infinitesimal. Elas lhe disseram que cada figura do espaço é tão-somente o resultado da interseção, por um plano, de alguma figura correspondente de uma outra dimensão — assim como um quadrado é cortado de um cubo, ou um círculo, de uma esfera. O cubo e a esfera, de três dimensões, são, pois, cortados de formas correspondentes de quatro dimensões que os homens conhecem através de sonhos e suposições; e essas, por sua vez, são cortadas de formas de cinco dimensões, e assim por diante, até as vertiginosas e inalcançáveis alturas da infinitude arquetípica. O mundo dos homens e dos deuses dos homens é meramente uma fase infinitesimal de uma coisa infinitesimal — a fase tridimensional daquela pequena totalidade alcançada através do Primeiro Portal, onde 'Umr at-Tawil dita sonhos aos Antigos. Embora os homens a saúdem como realidade e enfeixem os pensamentos de seu original pluridimensional como irreabilidade, ela é, na verdade, o oposto. Aquilo a que chamamos substância e realidade é sombra e ilusão e aquilo a que chamamos sombra e ilusão é substância e realidade.

O tempo, prosseguiram as ondas, é imóvel e não tem princípio nem fim. Que ele tenha movimento e seja a causa da mudança, é uma ilusão. Na verdade, ele próprio é uma ilusão, pois exceto para a visão estreita de seres em dimensões limitadas, não existem coisas tais como passado, presente e futuro. Os homens pensam no tempo somente pelo que con-

sideram transformação, no entanto, isto é também uma ilusão. Tudo que era, é, e há de ser, existe simultaneamente.

Essas revelações vieram com uma solenidade divina que deixou Carter incapaz de duvidar. Apesar de estarem além de sua compreensão, sentia que deviam ser verdade à luz daquela realidade cósmica final que desmente todas as perspectivas locais e visões parciais estreitas. E estava suficientemente familiarizado com as especulações profundas para se livrar da servidão das concepções locais e parciais. Toda sua busca não se baseara então numa fé na irreabilidade do local e do parcial?

Após demorada pausa, as ondas prosseguiram comunicando que aquilo que os habitantes de zonas de poucas dimensões chamam transformação é meramente uma função de sua consciência, que vê o mundo externo de diversos ângulos cósmicos. Assim como as formas produzidas pelo corte de um cone parecem variar com os ângulos do corte — sendo círculo, elipse, parábola ou hipérbole conforme aquele ângulo, sem nenhuma transformação do próprio cone — os aspectos locais de uma realidade infinita e imutável parecem mudar com o ângulo cósmico de observação. Dessa variedade de ângulos de consciência, os frágeis seres dos mundos internos são escravos; pois, com raras exceções, não podem aprender a controlá-los. Somente alguns poucos estudiosos de assuntos proibidos adquiriram pressentimentos desse controle e conquistaram assim o tempo e a transformação. Mas as entidades além dos Portais comandam todos os ângulos e percebem as miríades de partes do cosmos em termos da perspectiva da mudança da forma fragmentária ou da imutável totalidade além da perspectiva, de acordo com sua vontade.

Quando as ondas fizeram uma nova pausa, Carter começou a compreender, vaga e aterrorizadamente, o resíduo final daquele crivo de individualidade perdida que inicialmente tanto o horrorizara. Sua intuição reuniu os fragmentos de revelação e levou-o cada vez mais perto de apreender o segredo. Compreendeu que boa parte da assustadora revelação teria chegado a ele — dividindo seu ego em miríades de contrapartes terrestres — no interior do Primeiro Portal, não fosse a magia de 'Umr at-Tawil a ter mantido afastada dele para que pudesse usar a chave de prata corretamente para abrir o Supremo Portal. Ansiando por um conhecimento mais claro, enviou ondas de pensamento, perguntando mais sobre o exato relacionamento entre suas várias facetas — os frag-

mentos agora existentes além do Supremo Portal, o fragmento ainda sobre o pedestal quase hexagonal além do Primeiro Portal, o menino de 1883, o homem de 1928, os diversos seres ancestrais que haviam formado sua herança e o baluarte de seu ego, e os inomináveis habitantes de outras eras e outros mundos que a primeira medonha centelha de percepção final identificara com ele. Lentamente, as ondas do Ser se avolumaram em resposta, tentando esclarecer o que estava quase fora do alcance de uma mente terrena.

Todas as linhas descendentes de seres de dimensões finitas, prosseguiram as ondas, e todos os estágios de desenvolvimento de cada um desses seres, são meras manifestações de um ser arquetípico e eterno nas dimensões exteriores do espaço. Cada ser local — filho, pai, avô e assim por diante —, e cada estágio de ser individual — bebê, criança, menino, homem —, é apenas uma das infinitas fases daquele mesmo ser arquetípico e eterno, provocado por uma variação no ângulo do plano de consciência que o corta. Randolph Carter em todas as idades, Randolph Carter e todos os seus ancestrais, tanto humanos quanto pré-humanos, terrestres e pré-terrestres, todos esses eram apenas fases de um último, eterno “Carter” fora do espaço e do tempo — projeções fantasmais diferenciadas apenas pelo ângulo com que o plano de consciência cortava o arquétipo eterno em cada caso.

Uma leve mudança de ângulo poderia transformar o estudioso de hoje na criança de ontem, poderia tomar Randolph Carter no mago Edmund Carter, que fugira de Salem para as colinas atrás de Arkham, em 1692, ou naquele Pickman Carter, que no ano de 2169 usaria estranhos meios para repelir as hordas mongóis da Austrália, poderia transformar um Carter humano numa daquelas entidades primitivas que haviam habitado na primal Hyperborea e adorado o escuro e plástico Tsathoggua depois de descer de Kythamil, o planeta duplo que outrora girava em tomo de Arcturus, poderia transformar um Carter terrestre num morador do próprio Kythamil, remotamente ancestral e de forma imprecisa, ou numa criatura ainda mais remota da transgaláctica Stronti, ou numa consciência gasosa tetradimensional num contínuo espaço-tempo mais antigo, ou num cérebro vegetal do futuro em algum obscuro cometa radioativo de órbita inconcebível — e assim por diante, num perpétuo ciclo cósmico.

Os arquétipos, pulsaram as ondas, são os moradores do Abismo Final — informes, inefáveis e imaginados, quando muito, por raros sonhadores nos mundos de dimensões inferiores. O principal dentre eles era aquele informe Ser... *que na verdade, era o próprio arquétipo de Carter*. O insaciável ardor de Carter e de todos os seus antepassados por segredos cósmicos ocultos era o resultado natural da derivação do Arquétipo Supremo. Em todos os mundos, todos grandes magos, todos grandes pensadores, todos grandes artistas, todos facetas d'Ele.

Quase aturdido de admiração e com uma espécie de deleite aterrorizante, a consciência de Randolph Carter prestou homenagem à Entidade transcendente da qual havia descendido. A uma nova pausa das ondas, ficou meditando no poderoso silêncio, pensando estranhos tributos, estranhas perguntas e pedidos ainda mais estranhos. Conceitos curiosos fluíam conflitantemente por um cérebro extasiado com visões incomuns e descobertas inesperadas. Ocorreu-lhe que se essas descobertas eram literalmente verdadeiras poderia visitar pessoalmente todas aquelas eras e partes do universo infinitamente distantes que até então haviam sido apenas sonhos, se pudesse controlar a mágica de mudar o ângulo de seu plano de consciência. Não forneceria a chave de prata esta mágica? Não o transformara ela de um homem em 1928 num menino de 1883, e depois em algo inteiramente fora do tempo? Estranhamente, apesar de sua aparente ausência presente de corpo, sabia que a chave ainda estava com ele.

Enquanto durava o silêncio, Randolph Carter irradiou os pensamentos e perguntas que o assediavam. Sabia que neste derradeiro abismo estava equidistante de todas as facetas de seu arquétipo — humano ou não-humano, terrestre ou extraterrestre, galáctico ou transgaláctico — e sua curiosidade com respeito a outras fases de seu ser — especialmente aquelas fases que ficavam mais distantes de um 1928 terreno no espaço e no tempo, ou que mais persistentemente haviam assombrado seus sonhos por toda a vida — estava especialmente espicaçada. Sentia que essa Entidade arquetípica poderia, se o quisesse, enviá-lo corporalmente a qualquer dessas fases de vida passada e distante, modificando seu plano de consciência, e a despeito das maravilhas por que tinha passado, ardia pela maravilha maior de caminhar, em pessoa, através daqueles cenários

grotescos e incríveis que as visões noturnas lhe haviam fragmentariamente trazido.

Sem intenção definida, estava pedindo, à Presença, o acesso a um mundo nebuloso e fantástico cujos cinco sóis multicoloridos, constelações estranhas, rochedos assombrosamente negros, habitantes com garras e focinhos de anta, bizarras torres de metal, inexplicáveis túneis e misteriosos cilindros flutuantes haviam se introduzido muitas vezes em seus sonhos. Aquele mundo, sentia vagamente, era, em todo o cosmos concebível, o que estava mais livremente em contato com os outros, e ansiava por explorar as paisagens cujas origens vislumbrara e embarcar pelo espaço para aqueles mundos ainda mais remotos onde transitavam os habitantes de garras e focinhos. Não havia tempo para medo. Como em todas as crises de sua invulgar existência, a arrebatadora curiosidade cósmica triunfou sobre tudo o mais.

Quando as ondas retomaram sua pavorosa pulsação, Carter soube que seu terrível pedido havia sido concedido. O Ser estava lhe contando sobre os tenebrosos abismos por onde teria que passar, sobre a desconhecida estrela quádrupla numa insuspeita galáxia em torno da qual giravam os mundos alienígenas, e sobre os monstros subterrâneos e cavoucantes contra os quais lutava eternamente a raça de garras e focinho daquele mundo. Contou-lhe também sobre como o ângulo de seu plano de consciência pessoal e o ângulo de seu plano de consciência relativo aos elementos espaço-tempo do mundo procurado teriam que ser inclinados simultaneamente para restaurar, para aquele mundo, a faceta-Carter que ali habitara.

A Presença o preveniu para estar seguro de seus símbolos caso quisesse voltar de algum mundo remoto e alienígena que escolhesse e ele irradiou uma impaciente afirmação em resposta, confiante de que a chave de prata que sentia estar consigo e que sabia ter inclinado tanto os planos do mundo quanto o pessoal ao atirá-lo de volta para 1883 continha aqueles símbolos agora mencionados. O Ser, captando sua impaciência, significou estar pronto para realizar a monstruosa precipitação. As ondas se interromperam bruscamente e sobreveio um momentâneo silêncio, tenso com terríveis e insondáveis expectativas.

Então, sem aviso, houve um forte zumbido e rufar de tambores que cresceu para um ribombar estrondante. Uma vez mais Carter sentiu-se

o ponto focal de uma intensa concentração de energia que feria e martelava e queimava insuportavelmente no ritmo agora familiar do espaço exterior e que não poderia classificar nem como o calor abrasador de uma estrela fulgurante, nem como o petrificante frio do abismo final. Faixas e raios de uma coloração totalmente estranha a qualquer espectro de nosso universo brincavam, compunham-se e entrelaçavam-se à sua frente, e ele percebia uma assustadora velocidade de movimento. Captou um vislumbre fugaz de uma figura *solitária* sentada sobre um trono enevoadado de forma quase hexagonal...

VI.

Interrompendo sua narrativa, o hindu percebeu que De Marigny e Phillips o observavam atentamente. Aspinwall fingia ignorar a história fixando os olhos ostensivamente nos papéis à sua frente. A batida alienígena do relógio em forma de esquite adquiriu um novo e portentoso significado enquanto os vapores dos negligenciados tripés entupidos se enovelavam em formas fantásticas e inexplicáveis formando perturbadoras combinações com as figuras grotescas das tapeçarias. O velho negro que os abastecia havia partido — talvez a crescente tensão o houvesse afugentado da casa. Uma hesitação quase apologética embaraçou o orador quando retomou a narrativa com sua voz curiosamente elaborada, conquanto idiomática.

— Vocês acharam essas coisas sobre o abismo difíceis de acreditar — disse —, mas vão achar as coisas tangíveis e materiais a seguir ainda mais complicadas. É assim que nossa mente funciona. As maravilhas são duplamente incríveis quando trazidas das vagas regiões de sonho possível para três dimensões. Não tentarei contar-lhes muito — isto seria uma outra história muito diferente. Vou lhes contar apenas o que devem absolutamente saber.

Carter, passado aquele turbilhão final de ritmo alienígena e policromático, encontrou-se no que, por um instante, pensou ser seu velho e insistente sonho. Estava, como muitas noites antes, andando em meio a uma multidão de seres providos de garras e focinhos pelas ruas de um labirinto de metal de forma inexplicável sob o brilho de uma luz solar

diferente. Olhando para baixo, percebeu que seu corpo era igual aos outros — rugoso, parcialmente escamado e curiosamente articulado, como o de um inseto, mas com certa semelhança caricatural com o perfil humano. A chave de prata continuava em sua posse, segura agora por uma garra de aparência maligna.

Passado um instante, a sensação de sonho se desfez e ele sentiu-se como alguém que houvesse sido despertado de um sonho. O abismo final — o Ser — a entidade de raça absurdamente remota chamada Randolph Carter num mundo do futuro ainda não existente — algumas dessas coisas eram parte dos persistentes e insistentes sonhos do mago Zkauba do planeta Yaddith. Eram também persistentes — interferiam com seus deveres de preparar encantamentos para manter os terríveis bholes em suas tocas, misturando-se com suas lembranças das miríades de mundos reais que visitara envolto em feixes luminosos. Mas agora haviam adquirido um senso de realidade como nunca antes acontecera. Aquela pesada chave material de prata segura por sua garra superior direita, imagem exata de uma com a qual sonhara, não era bom sinal. Precisava descansar e refletir, procurar conselho nas tabuinhas Nhing. Subindo pela parede de metal de uma travessa que saía do caminho principal, entrou em seu apartamento e aproximou-se da estante de tabuinhas.

Sete frações de dia depois, Zkauba estava acocorado em seu prisma, tomado de pavor e meio desesperado, pois a verdade abrira um novo e conflitante conjunto de lembranças. Não conheceria jamais a paz de uma entidade. Por todo o tempo e todo o espaço, ele era dois: Zkauba, o mago de Yaddith, nauseado com a ideia do repelente mamífero terrestre Carter que viria a ser e havia sido, e Randolph Carter, de Boston, na Terra, estremecendo de pavor com a coisa de garras e focinho que havia sido e se tomara novamente.

— As unidades de tempo gastas em Yaddith — grasnou o Swami, cuja voz elaborada começava a dar mostras de fadiga — constituiriam uma narrativa em si que não poderia ser contada resumidamente. Houve viagens a Stronti, Mthura e Kath, e a outros mundos nas vinte e oito galáxias acessíveis aos casulos de feixes luminosos das criaturas de Yaddith, e viagens para trás e para diante através de muitas eras de tempo com a ajuda da chave de prata e de vários outros símbolos conhecidos dos magos de Yaddith. Houve odiosas lutas com os branquicentos e visco-

sos bholes nos túneis primitivos que minavam o planeta. Houve terríveis sessões em bibliotecas, em meio à sabedoria reunida de dez milhares de mundos vivos e extintos. Houve tensas conferências com outras mentes de Yaddith, inclusive aquela com o arquiancião Buu. Zkauba não contou a ninguém o que havia acontecido com sua personalidade, mas quando a faceta Randolph Carter predominava, estudava furiosamente todos os meios possíveis de retornar à Terra e à forma humana, praticando desesperadamente a fala humana com os órgãos de garganta alienígenas tão impróprios a este fim.

A faceta-Carter logo aprendeu, com horror, que a chave de prata era impotente para permitir seu retomo à forma humana. Era, como deduziu tarde demais das coisas que lembrava, das coisas que sonhara e das coisas que inferira da sabedoria de Yaddith, um produto de Hyperborea, na Terra, com poder apenas sobre os planos de consciência pessoais de seres humanos. Entretanto, poderia mudar o ângulo planetário e enviar o usuário, a seu gosto, através do tempo, num corpo inalterado. Tinha havido um feitiço adicional que lhe dera poderes ilimitados que ela não possuía mas também isto era uma descoberta humana — peculiar a uma região especialmente inatingível e impossível de ser duplicada pelos magos de Yaddith. Isto fora escrito no indecifrável pergaminho colocado na caixa com entalhes medonhos contendo a chave de prata e Carter lamentou amargamente não a ter trazido. O agora inacessível Ser do abismo o advertira para estar seguro de seus símbolos e certamente pensara que não lhe faltava nada.

Com o passar do tempo, esforçava-se cada vez mais na utilização do fabuloso saber de Yaddith para encontrar um meio de voltar ao abismo e à Entidade onipotente. Com este seu novo conhecimento, poderia avançar muito na leitura do misterioso pergaminho, mas esse poder, nas presentes circunstâncias, era pura ironia. Havia momentos, porém, em que a faceta-Zkauba predominava e ele se esforçava para apagar as lembranças-Carter conflitantes que o perturbavam.

Assim se passaram grandes lapsos de tempo — idades mais longas que o cérebro humano poderia captar, pois os seres de Yaddith vivem ciclos prolongados. Depois de muitas centenas de revoluções, a faceta-Carter parecia ganhar da faceta-Zkauba e passava enormes intervalos de tempo calculando a distância de Yaddith, no espaço e no tempo, da Ter-

ra humana que haveria de ser. As cifras eram estarrecedoras — eras de anos-luz —, mas a sabedoria imemorial de Yaddith servia para Carter aprender essas coisas. Cultivou o poder de sonhar-se momentaneamente terrestre e aprendeu muitas coisas sobre nosso planeta que jamais soubera. Mas não conseguia sonhar a necessária fórmula do pergaminho perdido.

Finalmente concebeu um plano desesperado de fuga de Yaddith — que teve início quando descobriu uma droga que mantinha sua faceta-Zkauba em constante dormência sem dissolver o conhecimento e as lembranças de Zkauba. Imaginou que seus cálculos o levariam a realizar uma viagem com um casulo de ondas luminosas como nenhum outro ser de Yaddith jamais realizara — uma viagem *corporal* através de inomináveis eras e cruzando distâncias galácticas incríveis até o sistema solar e a própria Terra. Uma vez na Terra, embora num corpo com garras e focinho, poderia, de alguma forma, descobrir — e acabar decifrando — o pergaminho com os estranhos hieróglifos que deixara no carro, em Arkham, e com a sua ajuda — e a chave — retomar sua aparência terrestre normal.

Não ignorava os perigos da empreitada. Sabia que quando houvesse orientado o ângulo-planeta para a idade certa (algo impossível de fazer enquanto estivesse sendo arremessado pelo espaço), Yaddith seria um mundo morto dominado pelos triunfantes bholes, e que o êxito de sua fuga no casulo de ondas luminosas seria muito incerto. Estava igualmente ciente de como deveria alcançar a animação suspensa, à maneira de um iniciado, para suportar o prolongado voo por abismos incomensuráveis. Sabia, também, que — mesmo que sua viagem fosse bem-sucedida — teria que se imunizar contra as bactérias e outras condições terrestres hostis a um corpo de Yaddith. Mais ainda, teria que obter um meio de simular uma forma humana na Terra até poder recuperar o pergaminho, decifrá-lo e retomar efetivamente aquela forma. Caso contrário seria provavelmente descoberto e destruído por pessoas horrorizadas com algo que não deveria existir. E teria que levar um pouco de ouro — de fácil obtenção em Yaddith, felizmente — para sustentá-lo naquele período de busca.

Lentamente, os planos de Carter avançaram. Conseguiu um casulo de ondas luminosas de excepcional resistência capaz de suportar tanto a

prodigiosa transição temporal, como o voo sem precedente através do espaço. Testou todos os seus cálculos e enviou seus sonhos para o futuro terrestre inúmeras vezes, levando-os o mais perto possível de 1928. Praticou a animação suspensa com fabuloso sucesso. Descobriu o agente bactericida exato de que necessitava e calculou a força gravitacional variável que teria que suportar. Construiu habilmente uma máscara de cera e um roupa frouxa que lhe permitissem passar por algum tipo de ser humano entre os homens e idealizou um encantamento duplamente poderoso para conter os bholes no momento de sua partida da escura e morta Yaddith do futuro inconcebível. Cuidou, também, de juntar um grande suprimento de drogas — impossíveis de obter na Terra — que conservariam sua faceta-Zkauba em suspensão até poder descartar o corpo Yaddith e não se esqueceu de uma pequena provisão de ouro para uso terrestre.

O dia da partida foi um momento de dúvida e apreensão. Carter subiu para sua plataforma-casulo com o pretexto de navegar para a estrela tripla Nython e enfiou-se na cabine de metal cintilante. Dispunha apenas do espaço necessário para realizar o ritual da chave de prata e, ao fazê-lo, começou a levitar lentamente em seu casulo. Houve um aterrorizante agitar e escurecer do dia e uma pavorosa tormenta de dor. O cosmos pareceu oscilar descontroladamente e as constelações dançaram no céu escuro.

De repente, Carter sentiu um novo equilíbrio. O frio dos abismos interestelares mordida o exterior de seu casulo e pôde perceber que flutuava livremente no espaço — o edifício de metal de onde partira ficara em ruínas há muitos anos. Abaixo dele, o solo estava infestado de gigantes bholes e, no momento em que olhava, um deles se ergueu muitas centenas de pés e estendeu um membro alvacento e viscoso em sua direção. Mas seus encantamentos funcionaram e no momento seguinte abandonava Yaddith, incólume.

VII.

Naquela bizarra sala em Nova Orleans de onde o velho criado negro fugira instintivamente, a estranha voz de Swami Chandraputra foi se to-

mando ainda mais rouca.

— Senhores —, prosseguiu ele — não lhes perguntarei se acreditam nessas coisas até lhes mostrar uma prova especial. Queiram aceitar, pois, como a um mito, quando lhes contar sobre os *milhares de anos-luz — milhares de anos de tempo e incontáveis bilhões de milhas* em que Randolph Carter foi arremessado através do espaço como uma entidade alienígena inominável num delgado casulo de metal ativado por elétrons. Ele mediu o tempo desse seu período de animação suspensa com o maior cuidado, planejando fazê-lo terminar alguns anos antes do momento de seu pouso na Terra, em 1928, ou perto.

— Ele jamais esquecerá aquele despertar. Lembrem-se, cavalheiros, que antes daquele sonho de idade ancestral *ele vivera conscientemente, por milhares de anos terrestres, em meio às maravilhas terríveis e alienígenas de Yaddith*. Havia um medonho aperto de frio, uma suspensão de sonhos ameaçadores e um olhar através dos visores do casulo. Estrelas, aglomerados, nebulosas em profusão — *e finalmente sua configuração apresentou alguma semelhança com as constelações da Terra que conhecia*.

— Algum dia sua chegada ao sistema solar poderá ser contada. Ele viu Kynarth e Yuggoth na sua borda, passou perto de Netuno vislumbrando seus infernais pontilhados de fungos brancos, aprendeu um indizível segredo sobre as névoas de Júpiter avistadas de perto vendo o horror em um de seus satélites, e observou as ruínas ciclópicas que se espalham sobre o disco rubro de Marte. Quando a Terra se aproximou, viu-a como um delgado crescente que aumentava alarmantemente de tamanho. Reduziu a velocidade embora seu sentimento de volta ao lar o impelisse a não perder um instante. Não tentarei relatar-lhes essas sensações tal como as soube de Carter.

— Bem, perto do fim, Carter pairou na atmosfera superior da Terra esperando pelo fim do dia no Hemisfério Ocidental. Pretendia pousar no lugar de onde havia partido — perto da Toca da Serpente, nas colinas atrás de Arkham. Se algum dos senhores já ficou longe de casa por muito tempo — e sei que um dos senhores o fez —, sabe perfeitamente como a vista das colinas ondulantes e os grandes olmos e os pomares retorcidos e as antigas muretas de pedra de New England devem tê-lo emocionado.

— Desceu ao amanhecer, na campina abaixo do velho lar dos Carter, grato pelo silêncio e a solidão. Era outono, tal como em sua partida, e o aroma das colinas era um bálsamo para sua alma. Conseguiu arrastar o casulo de metal subindo pelo bosque até a Toca da Serpente, embora não cruzasse a fenda bloqueada de raízes para a caverna interior. Foi ali também que cobriu seu corpo alienígena com roupas humanas e a máscara de cera que seriam necessárias. Conservou o casulo naquele lugar por mais de um ano até certas circunstâncias o obrigarem a escolher um novo esconderijo.

— Caminhou até Arkham — praticando, incidentalmente, o controle de seu corpo em postura humana e na gravidade terrestre — e trocou seu ouro por dinheiro num banco. Fez também algumas pesquisas — apresentando-se como um estrangeiro que não falava bem o inglês — e descobriu que o ano era 1930, dois anos apenas depois da meta que estabelecera.

— Sua situação era certamente terrível. Impedido de revelar sua identidade, forçado a viver em permanente vigilância, com alguma dificuldade com relação a alimentos e precisando conservar a droga alienígena que mantinha sua faceta-Zkauba adormecida, sentia que precisava agir com a maior rapidez. Tendo ido a Boston e alugado um cômodo no decadente West End onde poderia viver econômica e discretamente, imediatamente realizou investigações com respeito ao espólio e aos bens de Randolph Carter. Foi então que ficou sabendo da ansiedade com que o Sr. Aspinwall, aqui presente, queria a divisão do espólio e quão tenazmente o Sr. De Marigny e o Sr. Phillips se esforçavam por mantê-lo intacto.

O hindu se curvou embora nenhuma expressão perpassasse sua face escura, tranquila, coberta pela espessa barba.

— Indiretamente — prosseguiu —, Carter obteve uma boa cópia do pergaminho perdido e começou a trabalhar na sua decifração. Fico contente em dizer que pude ajudá-lo em tudo isso pois ele logo apelou para mim e por meu intermédio entrou em contato com outros místicos mundo afora. Fui viver com ele em Boston, num lugar miserável na rua Chambers. Quanto ao pergaminho — fico feliz em ajudar o Sr. de Marigny em sua perplexidade. A ele, permitam que diga que a língua daqueles hieróglifos não é Naacal e sim R'lyehian, trazida à Terra pela des-

condição de Cthulhu há incontáveis eras. Certamente trata-se de uma tradução — havia um original Hyperboreano milhões de anos antes na primitiva língua de Tsath-yo.

— Havia mais a decifrar do que Carter esperava, mas em nenhum momento ele se desesperou. No princípio deste ano, fez amplos progressos com um livro que importou do Nepal e não há dúvida de que em breve triunfará. Infelizmente, porém, vem surgindo uma dificuldade — o esgotamento da droga alienígena que mantém a faceta-Zkauba adormecida. Isto, porém, não é uma calamidade tão grande quanto temia. A personalidade de Carter está conquistando o corpo e quando Zkauba predomina — por períodos de tempo cada vez mais curtos e agora somente quando invocada por alguma excitação incomum — ele geralmente está entorpecido demais para desfazer qualquer trabalho de Carter. Ele não pode encontrar o invólucro de metal que o levaria de volta a Yaddith, pois embora quase o tenha conseguido em certa ocasião Carter escondeu-o novamente num momento em que a faceta-Zkauba estava inteiramente latente. Todo o mal que tem feito é aterrorizar algumas pessoas e criar certos rumores de pesadelo entre os poloneses e lituanos do West End de Boston. Até agora, nunca prejudicou o cuidadoso disfarce preparado pela faceta-Carter, embora às vezes se livre dele, exigindo que algumas partes sejam refeitas. Já vi o que há por baixo — e não é coisa boa de se ver.

— Há um mês, Carter viu o anúncio desta reunião e percebeu que precisava agir rapidamente para salvar seus bens. Não poderia esperar para decifrar o pergaminho e retomar a forma humana. Consequentemente, delegou poderes para eu agir em seu nome.

— Cavalheiros, digo-lhes que Randolph Carter não está morto; que está temporariamente numa situação anormal mas que dentro de dois ou três meses, no máximo, poderá reaparecer em sua forma apropriada e reivindicar a custódia de seus bens. Estou preparado para oferecer provas, se necessário. Peço-lhes, portanto, que adiem esta reunião por tempo indeterminado.

VIII.

De Marigny e Phillips fitaram o hindu como que hipnotizados enquanto Aspinwall emitia uma série de bufos e rosnares. A insatisfação do velho advogado assumira agora a feição de raiva aberta e ele socava a mesa com o punho crispado. Quando falou, foi com uma espécie de latido.

— Por quanto tempo teremos de aturar essa invencionice. Já escutei esse maluco — esse farsante — por uma hora, e agora ele comete o maldito desaforo de dizer que Randolph Carter está vivo — de nos pedir para adiar a partilha sem nenhum outro bom motivo! Por que não expulsa o patife, De Marigny? Pretende nos transformar em otários de um idiota ou charlatão?

De Marigny ergueu silenciosamente a mão, falando mansamente.

— Vamos pensar com calma e clareza. Esta narrativa está sendo muito singular e há coisas aí que eu, na condição de místico não de todo ignorante, reconheço como longe do impossível. Além do mais, tenho recebido, desde 1930, cartas de um Swami que confirmam esse relato.

Quando silenciou, o velho Sr. Phillips aventurou algumas palavras.

— O Swami Chandraputra falou de provas. Eu também reconheci muita coisa significativa nessa história e tenho recebido muitas cartas estranhamente corroborativas do Swami nos dois últimos anos, mas algumas de suas afirmações são exageradas. Haverá alguma coisa tangível que possa ser mostrada?

Finalmente, o impassível Swami replicou, lenta e roucamente, e tirando um objeto do bolso de seu casaco frouxo, falou.

— Apesar de nenhum de vocês aqui ter *visto* a própria chave de prata, os Srs. De Marigny e Phillips viram fotos dela. *Isto lhes parece familiar?*

Desajeitadamente colocou sobre a mesa, com sua grande mão enluvada, uma pesada chave de prata deslustrada — quase cinco polegadas de comprimento, de artesanato desconhecido e totalmente exótico, coberta, de ponta a ponta, com hieróglifos do mais bizarro feitio. De Marigny e Phillips suspiraram.

— É ela! — gritou De Marigny. — A câmara não mente. Não poderia me enganar!

Mas Aspinwall já lançara uma réplica.

— Tolos! O que é que ela prova? Se esta é realmente a chave que pertencia a meu primo, cabe ao forasteiro — esse negro maldito — ex-

plicar como a obteve! Randolph Carter desapareceu com a chave há quatro anos. Como saberemos se ele não foi roubado ou assassinado? Ele próprio era meio maluco e vivia em contato com gente ainda mais maluca. Olha aqui, seu negro, onde foi que você obteve esta chave? Matando Randolph Carter?

As feições do Swami, anormalmente plácidas, não se alteraram, mas os remotos olhos negros sem íris acenderam-se perigosamente. Ele falou com grande dificuldade.

— Por favor, controle-se, Sr. Aspinwall. Há uma outra forma de provar que *poderia* dar mas seus efeitos sobre todos não seriam agradáveis. Sejam razoáveis. Eis alguns papéis escritos obviamente depois 1930 e no estilo inconfundível de Randolph Carter.

Ele tirou desajeitadamente um longo envelope do interior de seu casaco folgado e o entregou ao vociferante advogado enquanto De Marigny e Phillips observavam a cena com pensamentos caóticos e uma nascente sensação de sublime espanto.

— O manuscrito é certamente quase ilegível — mas lembrem-se que Randolph Carter agora não tem mãos perfeitamente adaptadas para a escrita humana.

Aspinwall observou os papéis apressadamente e estava visivelmente perplexo mas não mudou seu comportamento. O quarto estava tenso de excitação e inominável terror, e o ritmo alienígena do relógio-esquife produzia um som inteiramente diabólico para De Marigny e Phillips, embora o advogado não parecesse nem um pouco afetado.

Aspinwall finalmente se pronunciou.

— Isso parece uma falsificação esperta. Se não for, pode significar que Randolph Carter foi colocado sob o controle de pessoas mal-intencionadas. Só há uma coisa a fazer — prender este enganador. De Marigny, quer telefonar para a polícia?

— Aguardemos — respondeu seu anfitrião. — Não creio que este caso exija a polícia. Tenho uma ideia. Sr. Aspinwall, este cavalheiro é um místico de reconhecida competência. Ele diz que goza da confiança de Randolph Carter. Será satisfatório para o senhor se ele responder a algumas perguntas que só poderiam ser respondidas por alguém que gozasse dessa confiança? Conheço Carter e posso fazer essas perguntas. Permitam-me pegar um livro que, segundo penso, servirá como um bom teste.

Ele encaminhou-se para a porta da biblioteca seguido por Phillips que foi em seu encalço, pasmado, numa ação quase automática. Aspinwall permaneceu onde estava, estudando atentamente o hindu que o encarava com um rosto anormalmente impassivo. De repente, enquanto Chandraputra desajeitadamente recolocava a chave de prata no bolso, o advogado emitiu um som gutural.

— Ei, por Deus, peguei! O canalha está disfarçado. Não acredito que seja indiano coisa nenhuma. Este rosto — não é um rosto, é uma *máscara*! Imagino que foi a sua história que me abriu a cabeça, mas é verdade. Ela nunca se move, e esse turbante e a barba escondem seu perfil. Esse sujeito é um rematado patife! Ele nem mesmo estrangeiro é — venho observado sua linguagem. É algum tipo de ianque. E olhem só essas luvas — ele sabe que suas impressões digitais poderiam ser levantadas. Maldito, vou tirar essa coisa...

— Pare! — A voz rouca curiosamente estrangeira do Swami revelava um tom além de qualquer pavor meramente humano. — Eu lhe disse que havia *uma outra maneira de provar que poderia dar se fosse preciso*, e o adverti para não me obrigar a isso. Esse velho intrometido está certo — não sou realmente um indiano. *Este rosto é uma máscara e o que ela cobre não é humano*. Vocês suspeitaram — senti isso há alguns minutos. Não seria agradável se eu tirasse a máscara — deixa-a em paz, Ernest. Posso perfeitamente lhe dizer que *eu sou Randolph Carter*.

Ninguém se moveu. Aspinwall rosnou e fez alguns movimentos vagos. De Marigny e Phillips, do outro lado da sala, observavam as contrações na face vermelha e estudavam as costas da figura de turbante que estava diante dele. A batida anormal do relógio era odiosa e os vapores dos tripés e as tapeçarias oscilantes dançavam uma dança de morte. O advogado, meio sufocado, quebrou o silêncio.

— Não é não, seu canalha — você não vai me assustar! Você tem lá suas razões para não querer tirar a máscara. Talvez nós ficássemos sabendo quem você é. Fora com ela...

Quando ele se debruçou para a frente, o Swami pegou sua mão com um de seus membros enluvados, provocando um curioso grito, misto de dor e espanto. De Marigny avançou para os dois, mas estacou confuso quando o grito de protesto do pseudo-hindu se transformou num som inteiramente inexplicável de chocalho e zumbido. O rosto vermelho de

Aspinwall estava furioso e com a mão livre fez nova investida sobre a barba cerrada de seu oponente. Desta vez conseguiu agarrá-la e sob seu frenético puxão, todo o rosto de cera soltou-se do turbante e ficou preso no punho crispado do advogado.

Quando isto aconteceu, Aspinwall emitiu um aterrorizado grito gorgolejante e Phillips e De Marigny viram seu rosto convulsionado por um ataque de pânico mais selvagem, profundo e medonho do que jamais haviam visto num semblante humano até então. O pseudo-Swami, entretantes, soltara a outra mão e estava de pé, como que entorpecido, produzindo zumbidos da mais anormal qualidade. Em seguida, a figura de turbante se abaixou numa postura dificilmente humana e empreendeu uma espécie de curiosa caminhada com passos arrastados na direção do relógio em forma de esquife que batia em seu ritmo cósmico e anormal. Seu rosto, agora descoberto, estava virado para o outro lado e De Marigny e Phillips não podiam ver o que o gesto do advogado desvendara. Sua atenção voltou-se então para Aspinwall, que desabava pesadamente no chão. O encanto se quebrara — mas quando alcançaram o velho, ele já estava morto.

Virando-se rapidamente para o trôpego Swami que se afastava, De Marigny viu uma das grandes luvas brancas cair inadvertidamente de um membro pendente. Os vapores do incenso eram densos e tudo que se podia vislumbrar do membro exposto era algo comprido e escuro. Antes do *creole* conseguir alcançar a figura em fuga, o velho Sr. Phillips o reteve com a mão no ombro.

— Não faça isso! — murmurou. — Não sabemos com o que estamos lidando. Essa outra faceta, você sabe — Zkauba, o mago de Yaddith...

A figura de turbante atingira agora o bizarro relógio e os espectadores viram, através dos densos vapores, uma borrada garra preta se atrapalhando com a alta porta forrada de hieróglifos. A atrapalhação provocou um estranho estalido. Depois a figura entrou na caixa em forma de esquife e fechou a porta atrás de si.

De Marigny não pode mais se conter, mas quando alcançou e abriu a porta do relógio, ele estava vazio. A batida anormal prosseguia no ritmo soturno e cósmico subjacente a todas as passagens de portais místicos.

No chão, a grande mitene branca e o homem morto com a máscara barbada segura em sua mão não tinham mais nada a revelar.



Passaram-se vários anos e nada mais se ouviu sobre Randolph Carter. Seu espólio continua parado. O endereço em Boston do qual um “Swami Chandraputra” enviava perguntas a vários místicos em 1930–31–32 era alugado, na verdade, por um estranho hindu, mas ele partira pouco antes da data da conferência de Nova Orleans e nunca mais voltara para lá. Dizia-se que era escuro, impassível e barbado, e seu senhorio acha que a escura máscara — que foi devidamente exibida — é muito parecida com ele. Entretanto, nunca havia suspeitado da existência de alguma conexão entre ele e as aparições tenebrosas sussurradas por escravos locais. As colinas atrás de Arkham foram vasculhadas atrás do “casulo de metal” mas nada do tipo jamais foi encontrado. Entretanto, um funcionário do First National Bank de Arkham recorda de um homem usando um estranho turbante que trocou um lote de pepitas de ouro por dinheiro, em outubro de 1930.

De Marigny e Phillips mal sabem o que fazer do assunto. Afinal, o que ficou provado? Havia uma história. Havia uma chave que poderia ter sido forjada a partir das pinturas que Carter distribuiu amplamente em 1928. Havia papéis — nenhum elucidativo. Havia um estrangeiro mascarado, mas que ser vivente havia visto o que havia por trás da máscara? Em meio à tensão e aos vapores de incenso, aquele ato de desaparecimento no relógio poderia facilmente ter sido uma dupla alucinação. Os hindus sabem muito sobre hipnotismo. A razão aponta o “Swami” como um criminoso com interesse nos bens de Randolph Carter. Mas a autópsia revelou que Aspinwall morreu de choque. Teria sido causado *apenas* pela fúria? E certas coisas naquela história...

Num vasto quarto decorado com tapeçarias curiosamente ornamentadas e envolto em vapores de incenso, Etienne-Laurent de Marigny costuma sentar-se para escutar, tomado de vagas sensações, o ritmo anormal daquele relógio em forma de esquite, coberto de hieróglifos.



A Coisa no Luar

com J. Chapman Miske

∴

The Thing in the Moonlight (1927/1941)

Bizarre (jan. 1941)

“A coisa no luar” é uma das histórias mais curtas desta coleção — com apenas 700 palavras. Foi escrita por J. Chapman Miske em 1941 com base em uma carta que H.P. Lovecraft enviou a Donald Wandrei no final de 1927.

A contribuição de Miske para a história foi, essencialmente, apenas a moldura da história — ou seja, a história do Morgan semi-alfabetizado. Quanto do resto da prosa é de Lovecraft e quanto é de Donald Wandrei, ainda não está claro.



Morgan não é um sujeito literário; na realidade ele não fala inglês com qualquer grau de coerência. Isso é o que me faz pensar sobre as palavras que ele escreveu, apesar de outros terem rido disso.

Ele estava sozinho na noite em que isso aconteceu. De repente um desejo invencível de escrever tomou conta dele, e, pegando uma caneta-tinteiro na mão, escreveu o seguinte:

“Meu nome é Howard Phillips. Moro na College Street, 66, em Providence, no estado de Rhode Island. No dia 24 de novembro de 1947 — pois nem sei em que ano estamos agora —, adormeci e sonhei, e desde então não consigo acordar.

“Meu sonho começou num pântano úmido cheio de juncos que se encontrava sob um céu cinzento de outubro, com um penhasco escarpado de pedra incrustada de líquens que se erguia na direção norte. Impelido por alguma busca obscura, escalei uma fenda ou fissura nesse precipício saliente, observando enquanto subia as entradas escuras de várias tocas temíveis que se estendiam de ambas as paredes até as profundezas do platô rochoso.

“Em vários pontos a passagem ficava coberta pelas partes sufocantes da fissura estreita; esses lugares eram muito escuros, impedindo dessa forma a percepção de tocas que podiam estar ali. Num desses espaços escuros percebi um acesso de pânico, como se uma emanção sutil e sem corpo do abismo estivesse engolindo meu espírito; mas a escuridão era grande demais para que eu percebesse a fonte do meu alarme.

“Por fim emergi sobre um platô rochoso coberto por musgos e com um solo pobre, iluminado pelo luar débil que tomara o lugar da órbita que expirara. Lançando olhares à minha volta, não contemplei nenhum ser vivo; mas senti uma vibração muito singular bem abaixo, em meio aos ruídos sussurrados do charco pestilento que eu deixara há pouco.

“Após caminhar por alguma distância, encontrei os trilhos enferrujados de um bonde e os postes comidos pelos vermes que ainda sustentavam o cabo sem energia e quase caindo. Seguindo esse trilho, logo cheguei num vagão amarelo com um corredor, numerado 1852 e de um tipo simples, com aberturas para os dois lados comum de 1900 a 1910. Ele estava desocupado, mas evidentemente pronto para partir; o bonde estava ligado ao cabo, e o freio a ar vibrava de vez em quando embaixo do assoalho. Subi nele e olhei em vão à minha volta pelo interruptor da luz — observando, ao fazer isso, a ausência da alavanca de controle, o que implicava conseqüentemente na breve ausência do motorneiro. Então sentei num dos assentos de costas para a frente do vagão. Dentro em pouco, ouvi um assobio na

grama esparsa mais à esquerda e vi as formas escuras de dois homens pairando sob o luar. Eles usavam os bonés regulamentares da companhia ferroviária, e eu não poderia duvidar de que eram o condutor e o motorneiro. Então um deles farejou com uma intensidade notável, ergueu o rosto e uivou para a lua. O outro se jogou no chão apoiando-se nos quatro membros e começou a correr na direção do vagão.

“Dei um salto e corri que nem um louco para fora daquele vagão e por milhas sem fim do platô, até que a exaustão me forçou a parar — e fiz isso não porque o condutor tinha partido correndo com os quatro membros, mas porque o rosto do motorneiro era um cone branco simples que se afilava até um tentáculo cor de sangue...

“Eu tinha consciência de que estava somente sonhando, mas a própria consciência disso não era agradável.

“Desde essa noite terrível tenho rezado só para despertar, mas isso ainda não aconteceu!

“Em vez disso me vi um habitante desse mundo dos sonhos horrível! Aquela primeira noite deu lugar ao amanhecer, e perambulei sem destino através dos pântanos solitários. Quando veio a noite, eu ainda perambulava, esperando despertar. Mas de repente abri caminho pelas relvas e vi diante de mim o antigo bonde — e de um lado um ser com um rosto cônico ergueu a cabeça e, sob a luz que emanava do luar, começou a uivar estranhamente!

“Isso tem sido o mesmo a cada dia. A noite sempre me leva para aquele lugar de horrores. Tentei não me mexer com a chegada do anoitecer, mas devo caminhar no meu cochilo, pois sempre me depa-ro com esse ser terrível uivando à minha frente sob o luar pálido, e me viro e saio correndo enlouquecido.

“Meu Deus! Quando vou acordar?”

Foi isso que Morgan escreveu. Eu iria até a College Street, 66, em Providence, mas temo o que possa vir a encontrar por lá.



A Coisa com Focinho

com J. Vernon Shea

∴

The Snouted Thing (1933/1979)

In Search of Lovecraft (1991)

J. Vernon Shea foi um dos membros menos conhecidos do Círculo de Lovecraft, e como muitos outros do Círculo, produziu ficção *weird*, tendo alcançado diferentes graus de sucesso em seus escritos. Este raríssimo conto é baseado em um sonho de Lovecraft, assim como o conto anterior, a diferença é que “A coisa com focinho” é uma ‘colaboração póstuma’. A transcrição do sonho original foi enviada a Robert Bloch em agosto de 1933, e foi apenas em 1979 que Shea transformou o sonho na seguinte história.



Pois além de sonhos relativamente mundanos, às vezes, sonho coisas surpreendentes que dariam um bom material para ficção sobrenatural. Ainda ontem à noite, sonhei que estava com um grupo de pessoas silenciosas e amedrontadas, munidas com algum tipo de dispositivo oculto, semelhante à *ankh* egípcia. Subimos as escadas e os telhados perigosamente envelhecidos de uma cidade podre e incrivelmente antiga em bus-

ca de uma criatura incompreensível, uma criatura imortal e infinitamente vil que afligia os habitantes locais. Um dia, sob um leproso luar minguante, nós vimos... negra, com orelhas enormes, uma criatura agachada no chão, do tamanho de um cachorro grande, e lembrava vagamente uma das gárgulas de Notre Dame. Mas aquilo, em pinotes, deslizou para longe dos nossos olhos, escondendo-se em algum lugar atrás de uma chaminé há muito ociosa.

Nosso líder, Capitão Pickman, um homem de aparência notável, não subiu nos telhados como o resto de nós, mas, montado em seu cavalo, guiou a busca a partir do chão.

“Por ali, depressa!” Gritou. “Fugiu para a igreja”.

O edifício da igreja ficava à nossa direita. Mas saltar em seu telhado era muito arriscado, considerando que nossos medos aumentavam a distância. Parecia ser de um metro ou mais.

“Rápido!” Capitão Pickman gritou impaciente.

Nosso grupo hesitou diante do impasse. Tínhamos medo de não seguir as ordens do nosso capitão e, porém, tínhamos mais medo ainda de ficar pulando de telhado em telhado.

“Eu vou”, ofereci-me, surpreso com minha própria coragem. Como o mais novo do grupo, ágil e musculoso, esperava um dia me tornar tenente; esse incidente não escaparia à atenção do capitão.

E assim andei até onde o telhado instável me permitia, me recompus e, ao alcançar correndo a borda, saltei, fechando involuntariamente os olhos. Foi como se eu voasse como um pássaro — parecia incrivelmente leve; o céu era meu ambiente natural, fiquei surpreso por não ter tentado voar antes. Inclinei meu corpo para frente como um esquiador descendo uma montanha.

Meus olhos se abriram no momento em que pousei. Vi-me, então, sobre o telhado da igreja, inundado por uma luz roxa; percebi que a cobertura podre sob meus pés poderiam desmoronar a qualquer momento e colapsar comigo abaixo. Mas o cheiro forte do mar me fez virar a cabeça involuntariamente. O telhado da igreja tinha uma vista magnífica do porto, sombrio à luz da lua. Os navios não navegavam nele há séculos, pois, estávamos em uma cidade esquecida. No entanto, o porto parecia terrivelmente familiar, eu sabia que tinha estado ali antes, mesmo que em sonho.

Nem uma única gaivota quebrou o silêncio. O porto estava em tal quietude que algo assim só poderia ser encontrada em um sonho ou em tempos antigos. Completamente hipnotizado pelo horizonte que se abriu diante de mim, avancei em busca de uma melhor visão do porto; mas agora as telhas, já soltas devido minha rápida aterrissagem, começaram a deslizar sob meus pés. Não havia nada em que pudesse segurar, e também escorreguei.

“Cuidado, Howard!” O capitão gritou de baixo.

Mas, felizmente, não caí; no último segundo, agarrei uma das gárgulas que se projetavam da beirada do telhado em zombaria sardônica.

A gárgula estava quente ao toque.

A coisa se virou para mim; com sua horrível face em rosnado, reconheci de imediato, era a criatura que estávamos procurando!

Minhas mãos rapidamente se juntaram em prece, e essa ação foi salutar para mim, pois acidentalmente toquei a ankh com os dedos. A cruz estava pendurada no meu peito por um cordão resistente, puxei-a para fora e apontei-a à criatura; a superfície metálica da ankh refletia a moribunda luz da lua.

A criatura se encolheu ao ver o metal cintilante. Suas asas rudimentares se abriram, como um morcego, e avançou sobre nosso líder, cujo cavalo estava batendo com seus cascos naquele momento. Ao olhar para baixo vi a criatura blasfema e terrivelmente deformada se unir à bela imagem do capitão a cavalo, e de repente, a gárgula e Pickman, fundiram-se num só ser... uma criatura híbrida e monstruosa vestida com as roupas finas do nosso capitão, mas, no lugar de uma aparência humana, havia um rosto com focinho e orelhas negras daquele mesmo monstro maligno. A criatura ergueu a cabeça em sorriso — vociferando palavras que eu não conseguia compreender — e partiu, galopando no cavalo do capitão. Nosso grupo estava confuso — caminhávamos por um terreno ligeiramente congelado mas não coberto de neve — foi quando acordei.

II.

Uma semana depois, voltei a ter um sonho extraordinariamente vívido, parecia ser uma continuação do anterior. Eu tinha ido ao movimentado

porto de Innsmouth a negócios — queria comprar à minha tia uma daquelas curiosas e elegantes joias de metal para seu aniversário — fiquei indignado e intrigado com a estranha aparência dos habitantes locais que fingiam ser civilizados apenas quando se tratava de negócios. Mesmo em plena luz do dia, Innsmouth não era um lugar atraente — o cheiro do mar estava por toda parte, emanando até mesmo dos habitantes da cidade; agora o crepúsculo se aproximava.

Como sempre havia nos sonhos, aconteciam estranhas distorções de tempo e espaço. Assim que cheguei em Innsmouth estava quente e vestia apenas um casaco; mas quando saí da loja com a minha compra, flocos de neve começaram a cair do céu, tive que levantar a gola e enfiar os dedos dormentes nos bolsos do casaco.

Então notei que o céu tinha uma cor peculiar, roxa, como hematomas na pele, e assim que olhei ao redor, vi que Innsmouth havia mudado drasticamente. Agora parecia uma cidade incrivelmente antiga, quase deserta, e enquanto passava pela igreja, algumas pessoas sentadas em seus degraus riam em escárnio.

Degraus da igreja? Mas não há nenhuma igreja em Innsmouth; há rumores de que as pessoas de lá negociavam com criaturas estranhas do mar, e adoravam divindades muito distantes da tradição da Nova Inglaterra. Ao olhar para o alto, notei gárgulas guardando o telhado, não mais repugnantes na aparência do que os habitantes de Innsmouth: eu soube imediatamente que havia retornado à atmosfera daquele meu sonho na semana passada. E notei também que agora usava roupas do século passado.

Eu precisava sair da antiga cidade antes que escurecesse, pois minha vida agora corria grande perigo. Eu não tinha ideia para onde ir, mas estava a procura de becos que me levassem para longe do mar, cujo cheiro em minhas narinas agora havia se transformado em fedor. Não vi pessoas nos pátios, e agradei a Deus por isso.

Mas então percebi que era muito cedo para me regozijar pois, no final do beco, algo horrendo me aguardava. Uma terrível criatura de focinho remexia o corpo de uma criança. Virou para mim, sorrindo, sangue fluindo de sua boca suja.

“Ho-o-ward!” A criatura proferiu, imitando blasfemamente a fala humana. “Ho-o-ward! Você quer experimentar, Ho-o-ward?”

III.

Um relâmpago partiu o céu, os deuses acolheram este espetáculo com aplausos. Estou sentado a uma mesa antiga escrevendo isto com uma caneta de pena. Uma vela, de luz bruxuleante, é minha única fonte de luz. Não estou familiarizado com essa mesa e a decoração do meu quarto mudara completamente. Uma grande cama de dossel ocupa o canto mais distante. Um penico se projeta debaixo dela. O quarto é muito mais espaçoso que o meu na 66 College Street, há cortinas pesadas na janela. Ao puxar as cortinas, não vi o familiar pátio da Brown University. Em minha frente, há uma sacada com vista para aquela cidade incrivelmente antiga do meu outro sonho.

Devo estar sonhando, é claro; mas aparentemente não estou dormindo. Quando alguém belisca a pele durante um sonho, não sente dor. Até tentei bater com a bota no chão para acordar minha tia, porém não consegui ouvir som algum dela.

Tentei abrir a porta que dá para a escada, mas a escada não estava lá. Uma noite impenetrável se abre atrás da porta, estrelas flutuam cintilantes. Tenho uma forte suspeita de que se eu observasse através de um telescópio, os céus não seriam o que deveriam ser agora, em 1933, mas veria as estrelas que já estiveram lá, em um passado incrivelmente distante.

Devo estar dormindo novamente, mas a tempestade violenta lá fora parece forte demais para qualquer sonho. Sob minha sacada, a cidade parece tão monstruosa quanto Toledo na famosa pintura El Greco, com muitos dos mesmos efeitos de cor. É uma cidade leprosa onde tudo pode e vai acontecer...

A tempestade deixou a sala terrivelmente fria, usei uma pinça para mexer a lenha fumegante da lareira. Há um entalhe curioso na pinça, lembrando um dragão ou uma serpente marinha... Dagon, talvez?

Até agora, por incrível que pareça, não senti medo — suspeito que essas circunstâncias incomuns despertaram minha curiosidade de escrita a tal ponto que superou qualquer possibilidade de medo. Obviamente, se eu acordasse de repente e estivesse de volta à 66 College Street, teria material novo para histórias que até Wright não hesitaria em aceitar... Eu teria que catalogar todas as coisas dessa sala e todas as minhas rea-

ções com muito cuidado, como um paciente que escreve seus sintomas em um diário para mostrá-los a um médico.

Mais tarde percebo que devo ter adormecido, pois a tempestade havia diminuído. Mas ainda estou naquele quarto estranho. Esse é o sonho mais curioso que já tive, isso se for um sonho... A vela queimou quase até o fim, e suspeito que já passa da meia-noite, mas já não sei dizer as horas. Não há relógios nas paredes, e o do meu pulso sumira. Tive que jogar outro pedaço de madeira na lareira, ela chiou devido a umidade. As gotas de chuva devem ter entrado pela chaminé.

IV.

Muitos dias se passaram desde o meu último registro. Os incidentes que ocorreram nesse período foram tão hediondos que hesito em escrevê-los em papel, tudo para não questionar minha sanidade. Só transcrevo isto porque acredito firmemente que logo acordarei no familiar ambiente da 66 College Street assim que o sol tentar irromper as cortinas fechadas e a Sra. Gamwell me chamar para o café da manhã...

Percebi alguma coisa na sacada. Houve um leve farfalhar, mas eu sabia que isso não era o vento arrastando folhas errantes. Era algo inteligente e vivo, algo que eu sentia que era hostil.

E o curioso é que eu sabia que estaria seguro desde que não abrisse a velha porta; mas por alguma razão eu senti um desejo esmagador de fazê-lo. Minhas pernas se arrastavam em direção à sacada, e me restou apenas força de vontade para impedi-las.

Um miado baixo veio da sacada, semelhante ao que meu gato fazia quando lhe convinha; e ocorreu-me que, graças a alguma estranha combinação de tempo e espaço, meu gato estava comigo nesse sonho, ou, pesadelo; e eu sabia que ele se assustaria nesse ambiente estranho. Abri a porta para deixá-lo entrar.

Algo com asas rudimentares de morcego adentrou voando, circulou a sala e pousou em meio a bugigangas na lareira. A criatura inclinou a cabeça e olhou para mim insolentemente.

Sua face era ainda mais aterradora e inumana do que a de um morcego, parecia consistir principalmente de um focinho, a coisa respirava pe-

sadamente...

Rapidamente peguei a pinça da lareira e mergulhei no fogo; suas pontas aquecidas brilharam vermelhas. A criatura sobre a lareira me observava, suas asas tremularam animadamente, um medo se apossou de mim, medo que voasse em minha direção, mas antes que pudesse saltar, avancei à sua frente e joguei a pinça em sua face. O metal incandescente sibilou, havia um cheiro forte de carne queimada... Então a criatura berrou. A coisa continuava urrando e rugindo, até que, de repente, ocorreu uma transformação: o lugar onde a besta estava envolvida em trevas e formas instáveis, o ar se movimentava, como se algo invisível estivesse lentamente se tornando visível...

O Capitão Pickman apareceu na minha frente.

“Você não deveria ter feito isso, garoto”, disse. Uma marca pálida brilhava em sua testa e ele, com relutância, cobriu-a com um lenço.

“Você não deveria ter feito isso, Howard!”, ele repetiu. “Vai pagar caro por isso”.

Ele deu um passo ameaçador em minha direção e fui forçado a recuar, tive tanto medo que deixei cair a pinça perto da lareira. E agora o capitão estava entre a pinça e eu!

Mas não havia para onde recuar, porque eu sabia — tanto a porta quanto a sacada conduziam apenas ao espaço vazio.

O capitão Pickman avançou em minha direção, coxeando, como se imitasse um morcego de asa avariada, continuei recuando, não queria virar as costas para o capitão, pois a imagem de um morcego pousando em meus ombros e abocanhando o meu pescoço me atormentava com um terror incomensurável.

Logo senti bater em algo sólido e imóvel e percebi que havia alcançado a cama de dossel.

Um sorriso triunfante apareceu em seus lábios, e o capitão rapidamente se aproveitou da situação, avançando e forçando-se contra mim, de modo que fui obrigado a cair na cama como uma donzela seduzida; e por um momento ele se tornou meu amante pois, depois de pressionar seus lábios nos meus, começou a atormentar a minha garganta. Uma dor repentina se irradiou, pude sentir dentes afiados perfurando minha carne, criando hematomas, e tive a sensação de que todo o meu sangue estava fluindo de mim...

Retorci em agonia, tentando empurrar o capitão para longe, e no processo, a pequena ankh egípcia de metal pendurada em meu pescoço deve ter resvalado a bochecha do capitão, pois de repente ele me soltou e começou a gritar terrivelmente.

Ficou estático diante de mim com olhos furiosos e, ao mesmo tempo, aquela estranha metamorfose se repetia — Pickman se transformou em uma criatura monstruosa que começou a voar pela sala, batendo nos móveis, como se estivesse cego, e então disparou para fora através da porta aberta da sacada.

Senti o vento ficar mais forte, o céu esmaecer e, estando sobre a cidade antiga, eu pude ver... anoitecera.

E agora estou sentado à mesa, pensando que tudo foi um sonho, mas posso sentir as marcas em minha garganta, e a vista da cidade decrépita em ruínas ainda se abre da sacada, e me pergunto: estaria eu preso para sempre em outra época e lugar?...



Entre as Paredes de Eryx

com Kenneth Sterling

∴
In the Walls of Eryx (1936)
Weird Tales (out. 1939)

Esta noveleta é a única peça de ficção no cânone de Lovecraft que ocorre no planeta Vênus. Tudo começou como um conto de 6.000 palavras, que Sterling, um fã de ficção científica, finalizou e mostrou a Lovecraft — que, naquele momento, já estava começando a sofrer dos sintomas do câncer intestinal que mais tarde o mataria. Lovecraft, como Sterling se lembra, revisou a história tão minuciosamente que o produto final foi quase inteiramente seu trabalho; mas na verdade não parece uma história de Lovecraft, e é provável que ele tenha se esforçado bastante para garantir que as ideias e o estilo de escrita de Sterling fossem mantidos.



Antes de tentar descansar, registrarei estas notas preliminares para o relato que devo redigir. O que descobri é tão singular e tão contrário a to-

da experiência passada e expectativas que merece uma descrição muito cuidadosa.

Cheguei a base principal de Vênus no dia 18 de março, segundo o calendário terrestre; VI, 9, segundo o calendário do planeta. Uma vez escalado para o principal grupo sob o comando de Miller, recebi meu equipamento, um relógio ajustado para a rotação um pouco mais acelerada de Vênus, e realizei o treinamento usual com máscara. Depois de dois dias, me consideraram apto para o trabalho.

Partindo do posto da Companhia de Cristais em Terra Nova por volta de VI, 12, segui a rota Sul que Anderson tinha mapeado por via aérea. O percurso era péssimo, pois essas florestas são sempre intransitáveis depois da chuva. Deve ser a umidade que dá essa dureza de couro ao emaranhado das trepadeiras e ervas rasteiras; uma dureza tão rígida que leva dez minutos para cortar a faca algumas delas. Ao meio-dia estava mais seco — a vegetação ficou mais macia e borrachenta, de maneira que a faca penetrava mais facilmente —, mas ainda assim não conseguia avançar com mais rapidez. Essas máscaras de oxigênio Carter são demasiadamente pesadas — e metade do seu peso já bastaria para esfalfar um homem comum. A máscara Dubois, com recheio de espuma em vez de tubos, forneceria bom ar do mesmo modo com metade do peso.

O detector de cristal parecia funcionar bem, indicando regularmente a direção atestada no relatório de Anderson. É curioso como funciona esse princípio de afinidade — sem os embustes das velhas “varinhas mágicas” da pátria distante. Deve haver um imenso depósito de cristais com uma extensão de mil milhas, embora eu presuma que aqueles malditos homens-lagartos sempre o vigiem e guardem. Possivelmente, nos considerem uns perfeitos tolos para vir a Vênus em busca dessas coisas, assim como também os consideramos estúpidos por rastejarem na lama toda vez que veem uma peça dessas, ou por celebrarem aquela magnífica peça que conservam num pedestal em seu templo. Desejaria que cultivassem uma nova religião, pois os cristais não têm nenhuma utilidade para eles, exceto a de dedicar-lhes preces. Não fosse a sua religiosidade, nos deixariam extrair quanto quiséssemos — mesmo que aprendessem a utilizar o seu poder, haveria quantidade mais do que suficiente para seu planeta e para a Terra também. Quanto a mim, estou cansado de não aproveitar os depósitos principais e apenas garimpar cristais soltos em

leitos de rios na floresta. Algum dia desses, insistirei que um exército forte e implacável da Terra liquide esses miseráveis escamosos. Umas vinte naves poderiam trazer tropas suficientes e assaltá-los em emboscada. Não se pode qualificar como homens essas criaturas malditas, apesar de todas as suas “cidades” e torres. Não possuem nenhuma habilidade que não seja a da edificação — e uso de espadas e dardos envenenados —, e não acredito que suas proclamadas “cidades” sejam mais que formigueiros ou tocas de castores. Duvido igualmente que tenham um idioma verdadeiro: toda essa tagarelice a respeito de uma comunicação psicológica por meio daqueles tentáculos caídos do peito me parece uma bobagem. O que ilude o povo é a sua postura ereta; isso não passa de uma semelhança casual com o homem terrestre.

Eu gostaria de transitar pelas florestas de Vênus pelo menos uma vez sem precisar ficar atento para me ocultar deles ou escapar de seus malditos dardos. Podem ter sido pacíficos antes de começarmos a explorar os cristais, mas seguramente agora são hostis e representam um grande transtorno — com seus lançamentos de dardos e estragos em nossos condutos de água. Cada vez mais sou levado a acreditar que eles têm uma percepção diferenciada, equivalente a dos nossos detectores de cristal. Nunca se teve notícia de que tivessem incomodado um homem — com exceção dos disparos de longa distância com dardos — que não estivesse carregando cristais consigo.

Por volta de uma hora da tarde, um dardo quase me levou o capacete e, por um segundo, pensei que meus tubos de oxigênio tivessem sido perfurados. Esses demônios furtivos não fizeram nenhum barulho, mas três deles estavam avançando contra mim. Embora sua cor se confundisse com a da floresta, pude percebê-los pelo movimento da vegetação. Rechacei-os todos atirando circularmente com meu lança-chamas. Um deles tinha pelo menos dois metros e meio de altura e um focinho semelhante ao do tapir. Os outros dois tinham em média um pouco mais de dois metros. Tudo que os torna capazes de resistir é seu grande número — mesmo um único regimento de lança-chamas podia liquidá-los. É curioso, entretanto, como chegaram a se constituir na espécie dominante no planeta. Nenhuma outra espécie vivente é superior aos reptóides *akmans* e *skorahs*, ou aos *tukans* alados do outro continente, a não ser, na-

turalmente, que aquelas cavidades do Planalto de Dionae escondam algo.

Perto das duas horas, meu detector virou para a direção oeste, indicando cristais soltos imediatamente à direita. Conferia com Anderson, e mudei a direção de acordo com essa orientação. Era mais penoso seguir, não apenas porque o terreno era íngreme, como também porque a vida animal e as plantas carnívoras eram mais abundantes. Estava sempre cortando *ugrats* e pisando em *skorahs*; os darohs rebentavam e me atingiam de todos os lados, deixando meu jaleco de couro todo salpicado. A luz do sol estava pior em razão da névoa, e de modo algum parecia que a lama ia secar. A todo instante eu afundava os pés treze ou quinze centímetros, e havia um tipo de sucção, pois toda vez que os removia soava um “glup”. Desejava que alguém inventasse um tipo de roupa com material mais forte do que o couro para esse clima. Tecido comum apodreceria, é claro; mas algum tipo de tecido metálico fino que não se rompesse — como a superfície desse rolo de papel que protege os registros contra danos — é necessário que se obtenha.

Comi às 3h30 — se é que mastigar essas horríveis pastilhas alimentícias através de minha máscara pode ser chamado de comer. Logo depois, notei uma mudança decisiva no ambiente — as flores brilhantes de aspecto venenoso mudavam de cor e adquiriam um aspecto fantasmal. O contorno de todas as coisas tremulava ritmicamente, pontos luminosos surgiam e dançavam no mesmo compasso, regular e lento. Em seguida, a temperatura parecia oscilar em uníssono com um ritmo tamborilante peculiar.

O universo inteiro parecia pulsar em vibrações profundas e regulares que preenchiam cada ponto do espaço e fluíam da mesma maneira ao longo do meu corpo e mente. Perdi todo o sentido de equilíbrio, fiquei tonto e atordoado, e nada mudou mesmo quando fechei os olhos e tapei os ouvidos com as mãos. Contudo, minha mente estava ainda clara, e em poucos minutos, percebi o que tinha acontecido.

Tinha avistado então uma daquelas curiosas plantas-miragem sobre as quais tantos dos nossos homens contavam histórias. Anderson tinha me alertado sobre elas e tinha feito uma descrição minuciosa da aparência dessas plantas — talo peludo, folhas espinhosas, flores mosqueadas

cujas exalações gasosas produzem devaneios e penetram em qualquer tipo existente de máscara.

Fiquei tomado de um pânico momentâneo ao lembrar-me do que tinha acontecido a Bailey três anos antes. Passei a correr cambaleante em meio a esse mundo caótico e louco que as exalações das plantas tinham tecido ao meu redor. Logo recuperei o bom senso e percebi que tudo o que eu precisava fazer era fugir dali e das flores perigosas, afastando-me da fonte das pulsações e abrindo caminho cegamente — sem atentar para o que aparecia em torvelinho ao meu redor — até que, fora do raio de ação das plantas, me pusesse em segurança.

Embora tudo girasse de forma perigosa, tentei tomar a direção certa e abrir caminho adiante. Devo ter me afastado muito de minha rota, pois tive a impressão de que muitas horas se passaram até me achar livre da influência poderosa das plantas-miragem. Gradualmente, as luzes dançantes começaram a desaparecer; o cenário perdia as cintilações espectrais e começava a adquirir um aspecto de solidez. Depois que alcancei um estado completamente lúcido, busquei meu relógio e fiquei atônito ao descobrir que eram apenas 4h20. Toda a experiência pôde se completar em pouco mais de meia hora, embora tenha me parecido durar uma eternidade.

Todo atraso, entretanto, era um incômodo, e havia perdido o rumo em minha fuga. Eu agora avançava para o alto na direção indicada pelo detector de cristal, empenhando toda minha energia em avançar com mais rapidez. A selva era ainda cerrada, embora houvesse menos vida animal. Em certa ocasião, uma flor carnívora agarrou meu pé direito e o prendeu tão fortemente que tive de cortá-la com minha faca até reduzi-la a tiras para que me soltasse.

Em menos de uma hora, vi que a selva tornava-se menos espessa e, por volta das 5h, depois de passar por um cinturão de samambaias com escassa vegetação rasteira entre elas, saí em um extenso platô musgoso. Meus passos progrediam mais rápido agora, e notei pela oscilação da agulha do detector que estava relativamente perto do cristal que eu procurava. Era estranho, pois a maior parte dos esferoides em forma de ovo, encontrados dispersos em riachos na selva, era de um tipo que provavelmente não existiria nesse planalto desprovido de árvores.

O terreno elevava-se em aclave e terminava em um cimo definido. Alcancei o topo perto das 5h30 e vi diante de mim uma planície extensa com florestas distantes. Sem dúvida, era o platô que Matsugawa mapeara por via aérea cinquenta anos antes, e que em nossos mapas recebera o nome de “Eryx” ou “Montanhas Erycianas”. Mas o que fez meu coração saltar foi um pequeno detalhe, cuja posição não podia estar longe do centro exato da planície. Era um único ponto de luz que brilhava através da névoa e parecia atrair uma luminescência condensada e intensificada dos raios amarelados do sol, embotados pela bruma. Era com certeza o cristal que eu procurava — algo que, possivelmente, não seria maior que um ovo de galinha e, contudo, encerrava energia suficiente para manter uma cidade aquecida durante um ano. Enquanto contemplava o brilho distante, não pude deixar de me espantar com o fato de que aqueles miseráveis homens-lagartos adorassem esses cristais e não tivessem a menor noção da energia que continham.

Rompendo a correr veloz, tentava alcançar a recompensa inesperada tão logo quanto possível; me aborreci quando o musgo firme deu lugar a uma lama rasa, singularmente detestável, entre tufo ocasionais de matos e plantas rasteiras. Mas avancei patinando descuidadamente — sem pensar sequer em atentar ao redor para quaisquer homens-lagartos ocultos. Naquele espaço aberto, era muito pouco provável sofrer uma emboscada. Enquanto avançava, a luz adiante parecia aumentar em tamanho e luminosidade, e comecei a notar certa peculiaridade em sua disposição. Obviamente, era um cristal da mais refinada qualidade, e minha alegria aumentava a cada passo borrifado de lama.

É agora que preciso começar a ter cuidado com meu relato, uma vez que daqui em diante o que terei de dizer envolve questões sem precedentes, embora felizmente verificáveis. Eu avançava com intensa avidez e estava a noventa metros aproximadamente do cristal — cuja posição em uma espécie de terreno elevado em meio a um limo onipresente parecia muito estranha — quando uma esmagadora força repentina golpeou meu peito e as articulações de meus dedos cerrados, jogando-me para trás no lodo. O som de esguicho da queda foi terrível, nem mesmo a maciez do terreno e a presença de algumas plantas rasteiras salvou minha cabeça de um abalo desnorteante. Por um instante fiquei deitado de costas, completamente abalado para pensar. Então, quase mecanicamen-

te, ergui-me e comecei a raspar quanto possível a lama e os borrifos do meu traje de couro.

Não pude formar a menor ideia daquilo com que deparei. Não tinha visto nada que pudesse ter causado o choque e não via nada depois. Tinha, afinal, apenas escorregado na lama? Meu peito e articulações doloridas excluía essa possibilidade. Ou era essa ocorrência toda uma ilusão produzida por alguma planta-miragem oculta? Parecia-me muito pouco provável, uma vez que eu não apresentava nenhum dos usuais sintomas; também não havia por perto nenhum lugar onde uma planta típica e tão vívida pudesse atacar sorrateiramente. Se eu estivesse na Terra, poderia suspeitar que algum governo tivesse levantado uma barreira de força-N para demarcar uma zona proibida, mas nessa região desprovida de vida humana tal ideia seria absurda.

Por fim, readquiri meu autocontrole e decidi investigar cautelosamente. Empunhei minha faca estendida o mais adiante possível para que fosse a primeira a ser afetada pela estranha força e reiniciei minha marcha na direção do cristal brilhante, predispondo-me a avançar passo a passo com a máxima deliberação. No terceiro passo, fui detido abruptamente pelo impacto da faca contra uma superfície aparentemente sólida — uma superfície sólida onde meus olhos não viam nada.

Depois de um breve recuo, ganhei coragem. Estendi minha mão esquerda, calçada com luva, e constatei a presença de matéria sólida invisível — ou uma ilusão tátil de matéria sólida — diante de mim. Ao mover a mão, notei que a barreira tinha uma grande extensão e possuía uma lisura parecida com a do vidro, mas não havia nenhuma evidência de formar junções de blocos separados. Encorajando-me para mais experimentos, removi uma luva e experimentei tocar a barreira com minha mão nua. Era efetivamente dura e vítrea, possuía também uma frieza curiosa que contrastava com o ar ao redor. Concentrei a vista ao máximo, esforçando-me para vislumbrar algum traço da substância obstrutora, mas não conseguia discernir nada por mais que tentasse. Não havia nem mesmo alguma evidência de potência refratora, como constatei pelo aspecto da paisagem defronte. A falta de uma imagem brilhante do sol em algum ponto provava a inexistência de potência refletora.

Uma curiosidade ardente passou a demover todos os outros sentimentos e ampliei o melhor que pude minhas investigações. Examinando

com as mãos, descobri que a barreira se estendia da base até um nível mais alto do que me era possível alcançar e que se alongava indefinidamente de ambos os lados. Era, portanto, um tipo de muro, embora qualquer suposição a respeito de sua substância e propósito estivesse fora do meu alcance. Pensei novamente nas plantas-miragem e nos sonhos que elas induzem, mas num lance de raciocínio, descartei essa possibilidade.

Tentei, por meio de chutes com minhas pesadas botas e batidas incisivas com o cabo da faca, interpretar os sons que a barreira produzia. Havia algo nas reverberações que sugeria cimento ou concreto, embora, ao tato de minhas mãos, tivesse sentido mais uma superfície vítrea ou metálica. Certamente, estava me defrontando com algo estranho e fora dos limites de todo conhecimento anterior.

O rumo lógico seguinte era obter alguma ideia das dimensões do muro. O problema da altura seria mais trabalhoso, se não insolúvel, mas a questão da extensão e da forma talvez fosse mais rapidamente contornável. Estendendo os braços e mantendo-me colado à barreira, passei a margeá-la gradualmente pela esquerda, tendo o cuidado de marcar a trilha que eu seguia. Depois de muitos passos concluí que o muro não era reto, mas que eu seguia um trecho de algum vasto círculo ou elipse. E nesse momento, minha atenção foi desviada por algo completamente diferente — algo conectado com o cristal, longe ainda do alcance, que tinha constituído o objeto de minha busca.

Já mencionei que mesmo de uma grande distância a posição do objeto brilhante parecia indefinivelmente estranha — situado sobre uma pequena elevação que se erguia da lama. Agora, a aproximadamente noventa metros, podia ver claramente, apesar de engolfado em névoa, o que era exatamente aquela elevação. Ali estava o corpo de um homem deitado de costas, vestido com o traje de couro da Companhia de Cristais, e com sua máscara de oxigênio meio enterrada na lama a alguns centímetros de distância. Na sua mão direita, comprimida convulsivamente contra o peito, estava o cristal que tinha me levado até ali — um esferoide de incrível tamanho, tão grande que os dedos mortos mal podiam contê-lo todo. Mesmo àquela distância podia perceber que a morte ocorrera havia pouco tempo. Notava-se muito pouca decomposição, e refleti que naquele clima isso significava que morrera há não mais de um

dia. Em breve, as moscas farnoth começariam a amontoar-se sobre o corpo. Perguntei-me quem era aquele homem. Seguramente, não era ninguém que eu tivesse visto na viagem. Devia ser um dos veteranos ausentes em uma longa expedição itinerante que tinha vindo a essa região especial, independentemente do mapeamento de Anderson. E ali jazia, findos todos os problemas e com os raios do grande cristal jorrando entre seus dedos enrijados.

Durante cinco minutos inteiros fiquei ali pasmado, cheio de espanto e apreensão. Um medo curioso me assaltou e tive um impulso irracional de fugir. Aquilo não tinha sido obra daqueles furtivos homens-lagartos, pois ele ainda segurava o cristal que tinha encontrado. Existia alguma relação com o muro invisível? Onde ele tinha encontrado o cristal? O instrumento de Anderson tinha indicado um nessa região muito antes de esse homem morrer. Agora eu começava a ver a barreira invisível como algo sinistro e recuei com um estremecimento, embora soubesse que, em face dessa recente tragédia, devia investigar o mistério todo o mais rapidamente possível e de modo conclusivo.

Num átimo — minha mente obrigada a voltar ao problema que eu enfrentava — pensei em um possível meio de examinar a altura do muro, ou pelo menos descobrir se ele se estendia, ou não, indefinidamente para cima. Apanhei um punhado de lama e a deixei secar até obter alguma coesão, e então, lancei-o para o alto na direção da barreira completamente diáfana. A uma altura aproximada de quatro metros, atingiu a superfície invisível com um som ressonante, desintegrando-se imediatamente em lama, descendo em jato e desaparecendo com surpreendente rapidez. Obviamente, o muro era alto. Um segundo punhado, arremessado de um ângulo certamente mais agudo, acertou a superfície a aproximadamente cinco metros, e desapareceu tão rapidamente como o primeiro.

Nesse instante, convoquei toda a minha força e me preparei para lançar um terceiro punhado tão alto quanto possível. Deixei a lama secar e a espremi para drená-la ao máximo; e a lancei num ângulo tão abrupto que receei que não alcançasse sequer a superfície obstrutiva. Alcançou, entretanto, e dessa vez atravessou a barreira, caindo na lama do outro lado com um violento borrito. Finalmente eu tinha uma ideia aproximada

da altura do muro, pois o meu projétil de barro tinha atravessado a barreira claramente a uma altura de seis ou sete metros.

Era completamente impossível subir um muro vertical de seis ou sete metros, liso como vidro. Eu devia então continuar contornando a barreira circular na esperança de encontrar uma entrada, um fim ou algum tipo de interrupção. O obstáculo formava um círculo completo, outra figura geométrica fechada, ou era apenas um arco ou semicírculo? Procedi conforme minha decisão e retomei minha lenta jornada circular pela esquerda, movendo minhas mãos para cima e para baixo sobre a superfície invisível, na expectativa de encontrar alguma janela ou outra pequena abertura. Antes de iniciar a caminhada, tentei deixar minha posição marcada, abrindo com os pés um buraco na lama, mas descobri que o limo era muito ralo para deixar um sinal. Contudo, estimei a localização aproximada por uma cicadácea na floresta distante que parecia estar exatamente alinhada com o cristal reluzente a noventa metros de mim. Se não existisse porta ou abertura, poderia então saber quando tivesse completado a volta do muro.

Não tinha avançado muito quando considerei que a curvatura indicava uma área circular com aproximadamente noventa e um metros de diâmetro — se de fato o contorno fosse regular. Isso implicaria que o homem morto estava perto do muro num ponto quase oposto ao lugar de onde eu tinha partido. Estava o homem dentro ou fora do círculo? É o que averiguaria em breve.

Enquanto eu contornava vagarosamente a barreira sem encontrar nenhuma entrada, janela ou alguma abertura, concluí que o corpo estava no seu interior. Com a proximidade, as feições do morto me pareceram vagamente perturbadoras. Descobri algo inquietante em sua expressão e no modo como os olhos vidrados fitavam. Quando cheguei mais perto, acreditei ter reconhecido Dwight, um veterano com quem nunca me relacionei, mas a quem no ano anterior me haviam apresentado. O cristal que ele segurava era certamente de grande valor — o maior espécime de todos que eu já tinha visto.

Estava tão perto do corpo que poderia, não fosse a barreira, tocá-lo, quando minha inquiridora mão esquerda encontrou um ângulo na superfície invisível. No mesmo instante, percebi que havia uma abertura de noventa centímetros aproximadamente que se estendia da base a uma

altura maior do que eu podia alcançar. Não havia porta nem evidência nenhuma de sinais que indicassem dobradiças de uma porta que tivesse existido ali antes. Sem um único momento de hesitação, entrei por ela com um passo e com mais dois avancei até o corpo prostrado — que jazia em ângulo reto com a passagem por onde eu havia entrado, no que parecia um corredor longitudinal sem porta. Uma nova curiosidade me assaltou ao verificar que o interior dessa vasta área cercada estava dividido em seções.

Curvando-me para examinar o corpo, descobri que não estava ferido. Isso pouco me surpreendeu, uma vez que a presença do cristal afastava uma suspeita contra os nativos pseudorreptilianos. Examinando ao redor em busca de uma possível causa de sua morte, meus olhos deram com a máscara de oxigênio junto aos pés do morto. Nisso, havia efetivamente algo significativo. Sem esse artefato nenhum ser humano podia respirar o ar de Vênus por mais de trinta segundos, e Dwight, se era de fato ele, tinha perdido o seu. Provavelmente, estava descuidadamente afivelado, de modo que o peso dos tubos concorreu para que as correias se soltassem, algo que não aconteceria com as máscaras de espuma Dubois. O meio minuto de tempo foi demasiadamente curto para permitir que ele se abaixasse e recuperasse sua proteção, ou possivelmente, o nível de cianogênio na atmosfera estivesse anormalmente alto na ocasião. Provavelmente, estivesse concentrado admirando o cristal — onde quer que o tivesse encontrado. Tinha, aparentemente, acabado de tirá-lo do bolso de seu casaco, pois este estava desabotoado.

Passei então a soltar o enorme cristal dos dedos do explorador morto, uma tarefa que a rigidez do cadáver tornou muito difícil. O esferoide era maior que o punho de um homem e reluzia como se estivesse vivo aos raios avermelhados do sol poente. Quando toquei a superfície lampejante, estremeci involuntariamente, como se, ao pegar esse precioso objeto, eu tivesse transferido a mim mesmo o destino que tinha surpreendido o seu portador precedente. Contudo, minhas apreensões passaram logo, e cuidadosamente o encerrei no bolso de meu casaco de couro. A superstição nunca foi uma de minhas fraquezas.

Colocando o capacete do homem sobre seu rosto inanimado, me levantei e me encaminhei para a porta invisível que dava entrada ao corredor da grande área cercada. Toda a minha curiosidade a respeito do es-

tranho edifício retornou e espicacei o cérebro com especulações relativas à sua composição material, origem e propósito. Não podia acreditar nem por um momento que mãos humanas o tivessem erigido. Nossa primeira nave alcançou Vênus há apenas setenta e dois anos, e os únicos seres humanos a pisarem no planeta eram os de Terra Nova. Além disso, o conhecimento humano não abrange nenhum sólido perfeitamente transparente e não refrativo como a substância dessa estrutura. As invasões humanas pré-históricas de Vênus podem ser praticamente descartadas e, portanto, pode-se considerar a ideia de uma construção nativa. Teria precedido os homens-lagartos uma raça esquecida de seres superiormente evoluídos que se fizeram senhores de Vênus? Apesar de suas cidades construídas laboriosamente, parece difícil creditar aos pseudorrépteis o mérito de coisas desse gênero. Deve ter existido outra raça eras antes, da qual esta seja talvez a última relíquia. Ou serão encontradas outras ruínas semelhantes por expedições futuras? O propósito dessa estrutura ultrapassa qualquer conjectura, mas seu estranho material, aparentemente nada prático, sugere uma finalidade religiosa.

Constatando minha incapacidade para solucionar esses problemas, concluí que tudo o que eu podia fazer era explorar a estrutura invisível. Aqueles vários salões e corredores se estendiam, aparentemente, sobre uma planície ininterrupta de lama, e disso eu estava convicto; acreditei que conhecer sua ordenação podia levar a algo significativo. Então, refazendo meu caminho de volta pela entrada e passando perto do corpo, comecei a avançar ao longo do corredor na direção das regiões interiores de onde o morto tinha presumivelmente vindo. Depois, eu investigaria o corredor de onde parti.

Tateando como quem não enxerga, apesar da luz enevoadada do sol, movi-me lentamente adiante. O corredor tornou-se logo afunilado e, em curvas continuamente adelgaçadas, dirigia-se em espiral para o centro. Ocasionalmente, meu tato revelava a abertura de uma passagem interseccional e encontrei várias vezes entroncamentos com dois, três e quatro caminhos divergentes. Nestes últimos, eu sempre continuava seguindo a rota mais próxima do centro, que parecia formar uma continuação daquela que eu estava atravessando. Haveria tempo de sobra para examinar as ramificações depois que tivesse alcançado as regiões interiores e retornado delas. Mal posso descrever a estranheza da experiência:

uma busca por caminhos enovelados de uma estrutura invisível erguida por mãos esquecidas sobre um planeta alienígena.

Por fim, ainda titubeando e tateando, percebi que o corredor terminava em um espaço aberto bem grande. Apalpando ao redor, descobri que eu estava numa câmara circular de aproximadamente três metros de diâmetro; pela posição do morto em relação a certos pontos de referência da floresta distante, julguei que essa câmara estava no centro do edifício, ou perto dele. Dela partiam cinco corredores além daquele pelo qual eu tinha entrado, mas mantive o último em mente por meio de uma árvore específica que marquei muito atentamente quando, parado na entrada, visualizei sua posição em relação ao cadáver.

Não havia nada nessa câmara que a distinguisse — era só a mesma lama rala habitual em toda parte. Desejando saber se essa parte da estrutura tinha algum teto, repeti o experimento lançando para o alto um punhado de lama e vi imediatamente que não existia nenhuma cobertura. Se alguma vez existiu, deve ter desmoronado há muito tempo, pois meus pés não tropeçaram em nenhum vestígio de escombros ou restos espalhados. Enquanto refletia, pareceu-me positivamente estranho que essa estrutura aparentemente tão antiga não apresentasse paredes caídas, fendas nas paredes e demais sinais característicos de decadência.

O que era? O que tinha sido? Do que foi feita? Por que não apresentava evidências de blocos distintos nas paredes vítreas desconcertantemente homogêneas? Por que não havia indícios de portas, nem interiores nem exteriores? Sabia apenas que eu estava num edifício circular, desprovido de teto e de portas, construído com alguma matéria rígida, lisa, perfeitamente transparente, não refrativa e não reflexiva, com um diâmetro aproximado de noventa metros, muitos corredores e uma câmara circular no centro. Mais que isso, eu nunca poderia saber mediante uma investigação imediata.

Observei então que o sol se punha muito lentamente no oeste — um disco ouro-rubro que flutuava numa poça escarlate e laranja sobre árvores cobertas de névoa no horizonte. Obviamente, eu teria de me apressar se quisesse escolher um local seco para dormir antes de anoitecer. Já bem antes, eu tinha decidido acampar de noite à margem firme da planície lodosa perto do cimo onde eu tinha visto pela primeira vez o cristal reluzente, confiando à minha boa sorte habitual salvar-me de um ataque

dos homens-lagartos. Tenho sempre sustentado que devíamos andar em grupos de dois ou mais para que alguém possa ficar em guarda durante as horas de sono, mas o número diminuto de ataques noturnos fez a Companhia despreocupar-se com essas considerações. Aqueles malditos escamosos parecem ter dificuldade de enxergar à noite, apesar de suas curiosas tochas incandescentes.

Tendo identificado de novo o corredor por onde eu tinha vindo, tratei de retornar para a entrada da estrutura. Uma investigação adicional podia esperar outro dia. Tateando pelo corredor em espiral o melhor que podia — com apenas um sentido geral, memória e por um vago reconhecimento de alguns tufo de vegetação indefinida como guia na planície —, logo me vi uma vez mais perto do cadáver. Havia então uma ou duas moscas farnoth atacando o rosto coberto pelo capacete, e vi que se iniciava a decomposição. Com uma aversão instintiva, ergui as mãos para repelir esses primeiros carniceiros — quando começou a se manifestar algo estranho e atordoante. Uma parede invisível, detendo o movimento de meus braços, me indicou que, apesar de minha cuidadosa reconstituição do caminho, eu não tinha voltado para o corredor onde o cadáver estava. Em vez disso, eu estava em um corredor paralelo, tendo sem dúvida tomado alguma curva ou bifurcação errada entre os intrincados caminhos deixados para trás.

Esperando encontrar adiante uma passagem para o corredor de saída, continuei a avançar, mas logo cheguei a uma parede que me barrava os passos. Teria, portanto, de retornar à câmara central e recompor minha rota mais uma vez. Não sabia exatamente onde eu tinha me enganado. Procurei no solo pelo milagre de alguma pegada orientadora que tivesse permanecido, mas imediatamente me conscientizei de que a lama rala só deixava marcas momentâneas. Tive pouca dificuldade para encontrar novamente meu caminho até o centro e, uma vez ali, refleti cuidadosamente sobre a rota correta para o exterior. Eu tinha estado muito à direita antes. Dessa vez, precisava tomar uma ramificação mais à esquerda em algum lugar, exatamente onde eu teria de decidir durante o percurso.

Enquanto prosseguia tateando uma segunda vez, me senti inteiramente confiante de que estava certo e virei à esquerda numa confluência de que, estava seguro, me lembrava. A espiral continuava, e fiquei atento

para não me extraviar por alguma passagem interseccional. Contudo, logo constatei, para meu desgosto, que estava passando a uma considerável distância do cadáver. Essa passagem terminava na parede externa muito além do local onde estava o morto. Na esperança de que pudesse existir outra saída numa seção da parede que eu ainda não havia explorado, avancei adiante vários passos, mas no fim alcancei outra vez uma barreira sólida. Estava claro que a configuração do edifício era muito mais complexa do que eu tinha pensado.

Agora, considerava se retornaria para o centro ou se tentaria algum dos corredores laterais que ofereciam caminho até o cadáver. Se eu escolhesse a segunda alternativa, corria o risco de romper o padrão mental que indicava minha localização. Diante disso, seria melhor não tentar fazê-lo, a menos que pudesse conceber alguma forma de deixar uma pista visível atrás de mim. De que modo exatamente deixar uma pista seria um grande problema, e martelei a cabeça buscando uma solução. Aparentemente, não existia nada comigo que pudesse deixar uma marca sobre algo, nem algum material que pudesse espalhar ou dividir em pequenas porções e esparramar.

Minha caneta não produzia nenhuma impressão na parede invisível, e eu não podia traçar uma pista com minhas preciosas pastilhas alimentícias. Mesmo que eu me dispusesse a abster-me das últimas, não haveria sequer o mínimo suficiente — além disso, as pequenas pastilhas afundariam instantaneamente na lama e desapareceriam. Procurei em meus bolsos um caderno de notas velho — com frequência usado extraoficialmente em Vênus, apesar da rápida deterioração na atmosfera do planeta — cujas páginas eu poderia arrancar e espalhar, mas não consegui encontrar nenhum. Era obviamente impossível arrancar o rígido e fino metal do rolo de papel que protege os registros contra danos, e meu traje também não oferecia nenhuma possibilidade. Na atmosfera peculiar de Vênus não poderia me expor ao risco de ficar sem minha resistente roupa de couro; quanto às roupas íntimas, tinham sido dispensadas em virtude do clima.

Tentei marcar com lama as paredes lisas e invisíveis depois de espreme-la e drená-la ao máximo, mas verifiquei que escorriam e sumiam tão rapidamente quanto os punhados que eu tinha lançado antes para examinar a altura das paredes. Por fim, peguei minha faca e tentei traçar

uma linha na fantasmagórica superfície vítrea, algo que eu pudesse reconhecer pelo tato, embora não oferecesse a vantagem de ser uma referência visível de longe. Contudo, foi inútil: a lâmina não deixou a menor impressão no desnorteante material desconhecido.

Frustrado em todas as tentativas de marcar uma trilha, novamente fui em busca da câmara circular servindo-me da memória. Parecia mais fácil retornar à câmara central do que me orientar por uma rota predefinida e definida que me afastasse dela, e tive pouca dificuldade em achá-la novamente. Dessa vez, registrei em meu rolo de papel cada curva que fazia, delineando um tosco diagrama hipotético de minha rota e anotando todos os corredores divergentes. Foi, naturalmente, um trabalho lento de enlouquecer, uma vez que tudo tinha de ser determinado pelo tato, e as possibilidades de erro eram infinitas. Mas acreditei que seria recompensado nessa demorada tarefa.

O longo crepúsculo de Vênus se adensava quando alcancei a câmara central, mas eu tinha esperança de ganhar o exterior antes do anoitecer. Comparando meu recente diagrama com as lembranças anteriores, acreditei que tinha localizado meu erro inicial, e então, mais uma vez, me pus a caminho ao longo dos corredores invisíveis. Segui mais pela esquerda do que nas minhas tentativas anteriores e cuidei de registrar as curvas no meu diário em rolo para o caso de ainda estar em erro. Na obscuridade que avançava podia ver a silhueta vaga do cadáver, agora se- de de uma nuvem repugnante de moscas *farnoth*. Em breve, sem dúvida, os *sifclighs* que vivem no barro viriam gotejantes de lama completar o trabalho hediondo. Aproximando-me do corpo com alguma relutância, me preparava para passar adiante quando um impacto súbito com uma parede me mostrou que novamente eu tinha me desviado.

Agora percebia claramente que estava perdido. A complexidade exorbitante da estrutura impossibilitava uma solução imediata, e eu teria provavelmente de fazer uma análise atenta para que pudesse ter a esperança de sair dali. Todavia, eu estava ansioso para alcançar um terreno seco antes que a escuridão total caísse. Assim, uma vez mais, retornei para o centro e iniciei uma série de buscas ao acaso, mais por tentativa e erro, tomando notas à luz de minha lanterna elétrica. Ao fazer uso desse equipamento notei com interesse que não produzia reflexo, nem mesmo uma débil luminosidade, nas paredes diáfanas ao meu redor. Entretanto,

eu estava preparado para isso, uma vez que o sol em nenhum momento tinha produzido uma imagem luminosa no estranho material.

Estava ainda tateando quando a escuridão ficou completa. Uma névoa densa obscureceu a maioria das estrelas e planetas, mas a Terra estava plenamente visível a sudeste, formando um ponto brilhante verde-azulado. Acabava de subir, e teria proporcionado uma visão gloriosa ao telescópio. Podia também distinguir a lua toda vez que a névoa tornava-se momentaneamente menos densa. Agora era impossível ver o cadáver, meu único ponto de referência. Então, voltei como pude à câmara central depois de algumas voltas erradas. Apesar de todo o esforço, eu teria de abandonar a esperança de dormir em solo seco. Nada poderia ser feito até o nascer do sol, e eu devia tirar o melhor proveito que pudesse da situação. Dormir na lama não seria nada prazeroso, mas minha roupa de couro o permitia. Nas expedições anteriores, tive de dormir até mesmo em piores condições, e agora a completa exaustão me ajudaria a vencer a repugnância.

Assim, eis-me aqui, acorrido na lama da câmara central escrevendo estas notas no meu diário em rolo de papel, à luz de minha lanterna elétrica. Há algo de cômico no meu infortúnio inédito e estranho. Perdido em um edifício que não tem portas — um edifício que não posso ver! Estarei com certeza fora daqui de manhã cedo, e devo estar de volta a Terra Nova com o cristal no final da tarde. Sem dúvida, é uma beleza, tem um esplendor surpreendente mesmo sob a luz débil desta lanterna. Acabo de pegá-lo para examiná-lo. A despeito de minha fadiga, o sono está demorando a chegar, então estou escrevendo há bastante tempo. Devo parar agora. Não existe muito perigo de ser perturbado neste lugar por aqueles malditos nativos. O que menos gosto é do cadáver, mas felizmente minha máscara de oxigênio me protege dos piores efeitos. Estou usando os cubos de cloreto com muita parcimônia. Tomarei um par de pastilhas alimentícias agora e me entregarei ao sono. Uma quantidade adicional mais tarde.

Mais tarde — pelo entardecer, VI, 13

Tenho tido mais problemas do que esperava. Estou ainda no edifício e terei de trabalhar rapidamente e de forma sensata se quiser dormir em solo seco esta noite. Demorei muito para dormir e só acordei perto do meio-dia hoje. Nestas condições, eu teria dormido mais se não fosse a luz do sol através da neblina. O cadáver era uma visão medonha — *sift-clighs* rastejavam sobre ele e uma nuvem de moscas farnoth o rodeava. Algo tinha removido o capacete de seu rosto e era melhor não olhar para isso. Fiquei duplamente satisfeito com minha máscara de oxigênio quando considerei a situação.

Por fim, me sacudi e me limpei da lama, tomei duas pastilhas alimentícias e coloquei um novo cubo de cloreto de potássio no eletrolisador da máscara. Estou usando esses cubos moderadamente, mas gostaria de ter uma provisão maior. Sentia-me bem melhor depois de dormir e esperava sair do edifício imediatamente.

Consultando as anotações e esboços que eu tinha registrado, fiquei impressionado com a complexidade dos corredores e com a possibilidade de ter cometido um erro fundamental. Das seis aberturas que saíam da área central, eu tinha escolhido uma pela qual entrei, servindo-me de referências visuais como guia. Quando me encontrava justamente no interior da entrada, o cadáver situado a quarenta e cinco metros de distância estava alinhado exatamente com um lepidodendro específico da floresta distante. Agora me ocorria que esse marco poderia não ter uma exatidão satisfatória — a distância do cadáver tornava sua diferença de direção, em relação ao horizonte, comparativamente pequena quando visto das passagens próximas daquela por onde ingressei primeiro. Além disso, a árvore não era tão distintamente diferente de outros lepidodendros no horizonte quanto podia fazer supor.

Submetendo a questão à prova, descobri para minha mortificação que eu não podia ter certeza de qual das três passagens era a correta. Eu teria atravessado uma série diferente de curvas a cada tentativa de sair? Dessa vez eu me certificaria. Ocorreu-me que, apesar da impossibilidade de assinalar uma trilha, havia um marco que eu podia utilizar. Embora não pudesse dispensar minha roupa de couro, podia, tendo em vista meus cabelos espessos, usar meu capacete; era grande e leve o bastante para permanecer visível sobre a lama rala. Removi, pois, o equipamento

relativamente hemisférico e o deposei na entrada de um dos corredores, do lado direito de um dos três que eu deveria tentar.

Eu seguiria esse corredor, pressupondo que era o correto, repetindo o que pareciam me lembrar as curvas corretas, constantemente consultando e registrando anotações. Se eu não conseguisse sair, testaria sistematicamente todas as variações possíveis; se estas falhassem, eu prosseguiria percorrendo da mesma maneira as vias que se abrissem da passagem seguinte, continuando até a terceira se fosse necessário. Mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente, alcançaria o caminho certo, que me levaria à saída, mas teria de ter paciência. Mesmo na pior das hipóteses, dificilmente falharia em alcançar a planície aberta a tempo para uma noite de sono seco.

Os resultados imediatos foram um tanto desencorajadores, embora tivessem me ajudado a eliminar a passagem do lado direito em pouco mais de uma hora. Apenas uma sucessão de vias sem saída, cada uma delas terminando em uma grande distância do cadáver, que pareciam ramificar-se desse corredor; logo percebi que de nenhum modo estavam assinaladas nas minhas perambulações da tarde anterior. Como antes, contudo, sempre achava relativamente fácil tatear de volta à câmara central.

Perto da uma da tarde, mudei meu capacete para a passagem seguinte e comecei a explorar os corredores depois dela. No começo, pensei reconhecer as curvas, mas logo me vi numa série de corredores completamente desconhecidos. Não podia chegar perto do cadáver e, dessa vez, parecia cortar também o caminho da câmara central, embora achasse que tivesse registrado cada movimento meu. Parecia haver curvas traiçoeiras e cruzamentos muito engenhosos para que eu pudesse representar em meu tosco diagrama, e comecei a desenvolver algo como um misto de desencorajamento e raiva. Contudo, a paciência venceria naturalmente no fim, e compreendi que minha busca teria de ser minuciosa, incansável e incessante.

Às duas da tarde, ainda me encontrava perambulando inutilmente por corredores estranhos, apalpando constantemente meu caminho, tendo alternadamente em mira meu capacete e o cadáver e anotando os dados em meu diário com confiança decrescente. Amaldiçoei a estupidez e curiosidade vã que me arrastaram para esta rede confusa de paredes invisíveis, ponderando que, se eu não tivesse me intrometido na coisa e se-

guisse meu caminho imediatamente depois de ter apanhado o cristal, eu agora estaria a salvo em Terra Nova.

Ocorreu-me de súbito que eu podia cavar um túnel sob as paredes invisíveis com minha faca e assim fazer um atalho para o exterior, ou para algum corredor que levasse à saída. Não tinha meios de saber qual a profundidade das fundações do edifício, mas a lama onipresente indicava que não havia outro piso senão terra firme. Ficando de frente para o cadáver distante e cada vez mais horrendo, dei andamento a uma escavação febril com minha lâmina larga e afiada.

Havia uns quinze centímetros de barro semilíquido, e depois, a densidade do solo tornava-se cada vez maior. Esse solo inferior parecia ter uma cor diferente, uma argila cinzenta muito semelhante à constituição do solo perto do polo norte venusiano. À medida que seguia cavando junto da parede invisível, as camadas inferiores do solo tornavam-se cada vez mais duras. A lama úmida afluía para a escavação com a mesma rapidez com que eu removia a argila, mas eu penetrava entre ela e continuava trabalhando. Se eu conseguisse abrir uma passagem debaixo da parede, qualquer que fosse, a lama não me impediria de me arrastar por ela e sair.

Entretanto, depois de cavar uns noventa centímetros, a dureza do solo comprometeu seriamente a minha escavação. Sua solidez estava além de qualquer coisa que eu tivesse encontrado antes, mesmo neste planeta, e estava relacionada a uma densidade anormal. Minha faca tinha de romper e cortar a argila rijamente compacta e os fragmentos que eu removia eram como pedras sólidas ou pedaços de metal. Por fim, ficou impossível mesmo romper e cortar a argila e tive de interromper o trabalho sem ter alcançado o limite inferior da parede.

A tentativa demorada foi tão desgastante quanto inútil, pois consumiu grande parte de minhas reservas de energia e me exigiu tomar uma pastilha alimentícia a mais, como também abastecer minha máscara de oxigênio com um cubo adicional de cloreto. Foi necessário também fazer uma pausa em minhas buscas tateantes, pois eu estava excessivamente exausto para caminhar. Depois de limpar a lama das mãos e dos braços tanto quanto pude, sentei-me para escrever estas notas, recostando-me contra uma parede invisível e de costas para o cadáver.

O corpo é agora apenas um amontoado de vermes buliçosos. O cheiro começou a atrair os *akmans* viscosos da floresta distante. Vejo que muitas das plantas *efjeh* da planície estão estendendo os tentáculos necrófagos para a coisa; mas acredito que nenhuma delas os tenha longos o bastante para alcançá-la. Gostaria realmente que alguns organismos carnívoros como os *skorahs* aparecessem, pois eles poderiam sentir meu cheiro e então formariam uma rota através do edifício em minha direção. Criaturas como essas têm um senso estranho de direção. Eu poderia acompanhá-las enquanto avançassem e tomar nota da rota aproximada, caso não formassem uma linha contínua. Certamente, seria uma grande ajuda. Quando me encontrassem, minha pistola acabaria com eles rapidamente.

Mas dificilmente posso esperar por algo assim. Agora que terminei de registrar estas notas descansarei um pouco mais e depois farei mais algumas buscas. Logo que retornar à câmara central, o que deve ser razoavelmente fácil, tentarei a passagem da extrema esquerda. Talvez eu consiga sair perto do anoitecer, afinal.

Noite, VI, 13

Novo problema. Minha fuga será tremendamente difícil, pois existem princípios que eu não tinha suspeitado. Outra noite aqui na lama e uma luta em minhas mãos amanhã. Interrompi meu descanso, me levantei e recomecei a tatear perto das quatro horas. Depois de uns quinze minutos, alcancei a câmara central e mudei meu capacete de posição para assinalar a última das três passagens possíveis. Partindo dessa abertura, tive a impressão de que a via me era mais familiar, mas fui surpreendido em menos de cinco minutos por uma visão que me abalou mais do que posso descrever.

Era um grupo de quatro ou cinco daqueles detestáveis homens-lagartos que surgiram da floresta distante em meio à planície. Não podia vê-los distintamente daquela distância, mas tive a impressão de que se detiveram e se voltaram para as árvores fazendo gesticulações e, em seguida, mais uma dúzia veio se juntar a eles. O grupo agora ampliado começou a avançar diretamente para o edifício invisível e, à medida que se

aproximavam, examinei-os cuidadosamente. Nunca tinha visto essas criaturas de perto fora das sombras enevoadas da floresta.

A semelhança com répteis era perceptível, embora eu soubesse que essa semelhança era apenas aparente, já que essas criaturas não têm nenhum ponto de contato com a vida terrestre. Depois que ficaram mais próximos, pareciam realmente menos reptilianos — apenas a cabeça achatada e a viscosa pele esverdeada, semelhantes às das rãs, motivavam essa noção.

Caminhavam eretos sobre seus tocos grossos e bizarros e suas ventosas faziam sons curiosos na lama. Estes eram espécimes de altura média, perto de dois metros, e com quatro tentáculos peitorais longos e pegajosos. O movimento desses tentáculos — caso as teorias de Fogg, Ekberg e Janat estejam certas, do que eu anteriormente duvidava, mas agora estou mais inclinado a acreditar — indicava que as criaturas estavam em animada conversação.

Puxei minha pistola lança-chamas e me preparei para uma dura luta. As condições não eram favoráveis, mas minha arma me dava alguma vantagem. Se as criaturas conhecessem essa edificação, poderiam entrar por ela em meu encalço, e dessa maneira me dariam a chave para escapar, exatamente como os *skorahs* carnívoros poderiam tê-la dado. Parecia certo que iriam me atacar; pois, mesmo que não pudessem ver o cristal em meu bolso, saberiam de sua presença por aquele sentido especial que possuem.

Contudo, surpreendentemente, não me atacaram. Em vez disso, se esparramaram e formaram um grande círculo ao meu redor — a uma distância que indicava que estavam colados à parede invisível. Permanecendo ali em anel, as criaturas ficaram me fitando silenciosas, inquisitivamente, agitando seus tentáculos e às vezes balançando a cabeça e gesticulando com os membros superiores. Depois de algum tempo, vi outros surgirem da floresta, e estes avançaram e se juntaram à multidão curiosa. Aqueles que estavam próximos do cadáver olharam brevemente para ele, mas não fizeram menção de mexer nele. Era uma visão horrível, mas os homens-lagartos pareciam de todo indiferentes. Ocasionalmente, um deles espantava as moscas farnoth com seus membros e tentáculos, ou esmagava com as ventosas em seus tocos de pernas um *sifcligh* rastejante ou *akman*, ou uma planta *efjeh* que se esticava.

Correspondendo ao olhar desses inesperados e grotescos intrusos, e me perguntando apreensivo por que não me atacaram imediatamente, perdi, nessas circunstâncias, a força de vontade e o vigor anímico que me permitia continuar a busca para escapar dali. Em vez disso, recostei-me atordoado contra a parede invisível da passagem onde eu estava, deixando que meu espanto me absorvesse gradualmente em uma teia de especulações das mais desenfreadas. Uma centena de mistérios, que tinham previamente me aturdido, pareceu assumir subitamente um significado novo e sinistro, e um medo pungente que nunca tinha experimentado antes me fez estremecer.

Acreditava que sabia por que essas criaturas repulsivas estavam me cercando expectantes. Acreditava também que eu tinha finalmente o segredo da estrutura diáfana. O cristal atraente que eu tinha apanhado, o corpo do homem que tinha se apoderado dele antes de mim — todas essas coisas começaram a adquirir um significado sombrio e ameaçador.

Não foi uma sucessão trivial de infortúnios que me fez perder o caminho nesse emaranhado de invisíveis corredores sem teto. Longe disso. Fora de dúvida, o lugar era um verdadeiro emaranhado — um labirinto deliberadamente construído por essas criaturas infernais cuja inteligência e engenhosidade eu tinha tão maldosamente subestimado. Não deveria ter suspeitado disso antes, conhecendo sua estranha habilidade arquitetônica? O propósito era absolutamente evidente. Era uma armadilha — uma armadilha designada para capturar seres humanos, e o cristal esferoide era uma isca. Essas criaturas reptilianas, em sua guerra contra os coletores de cristais, tinham mudado a estratégia e estavam usando nossa própria cobiça contra nós.

Dwight, caso esse cadáver carcomido seja ele mesmo, foi uma vítima. Ele deve ter sido capturado pouco tempo antes e fracassou em encontrar seu caminho de saída. A falta de água, sem dúvida, o havia enlouquecido, e talvez tenha também consumido todos os cubos de cloreto. Provavelmente sua máscara não caíra acidentalmente, afinal de contas. O mais provável é que tenha sido suicídio. Para não enfrentar uma morte lenta, ele resolveu o problema removendo a máscara voluntariamente e deixando a atmosfera fazer de uma vez o trabalho. A horrenda ironia de seu destino revela-se em sua posição: a apenas poucos metros

da saída salvadora que ele fracassou em descobrir. Um minuto a mais de procura e ele teria se salvado.

E agora, eu tinha sido apanhado na armadilha, como ele. Apanhado, com esse bando circundante a me espreitar para zombar da minha penúria. A ideia era enlouquecedora e, quando ela me absorveu, fui invadido por uma súbita explosão de pânico que me fez correr incerto pelos corredores invisíveis. Fiquei substancialmente louco durante alguns minutos — tropeçando, cambaleando, ferindo-me contra as paredes invisíveis e finalmente desabando na lama como um pacote de carne arquejante e lacerada, sangrenta e largada.

A queda me fez retomar um pouco o juízo, de modo que, ao me levantar lentamente e com grande esforço, pude me reorientar e exercer minha razão. Os espectadores circundantes moviam os tentáculos de uma maneira irregular e estranha que insinuava uma gargalhada alienígena de escárnio, e vibrei o punho ferozmente para eles quando me levantei. Meu gesto pareceu acentuar a sua hilaridade medonha — alguns deles me imitaram desajeitadamente com seus membros superiores esverdeados. Humilhado, tentei recobrar minhas faculdades e avaliar a situação.

Afinal de contas, eu não estava numa condição tão ruim como Dwight. Ao contrário dele, eu sabia qual era a situação — e um homem prevenido de antemão está muito mais provido para o combate. Eu tinha provas de que era possível achar a saída e não repetiria seu precipitado e trágico ato de desespero. O corpo, ou esqueleto — o que, de qualquer forma, em breve seria —, estava constantemente diante de mim como guia para me indicar a saída, e uma paciência obstinada, com toda certeza, me levaria a encontrá-la se eu trabalhasse com inteligência e extensamente.

Tinha, contudo, a desvantagem de estar cercado por esses demônios reptilianos. Agora que eu entendia a natureza da armadilha — cuja matéria invisível demonstrava uma ciência e tecnologia acima de qualquer coisa conhecida na Terra —, eu não podia mais menosprezar a inteligência e os recursos de meus inimigos. Mesmo com minha pistola lança-chamas, eu passaria por maus momentos para sair — mas a coragem e a rapidez, sem dúvida, me ajudariam no final das contas.

Mas primeiro eu preciso alcançar o exterior — a não ser que consiga atrair ou provocar algumas dessas criaturas para que marchem em minha direção. Enquanto preparava minha pistola para a ação e conferia minha grande reserva de munição, ocorreu-me experimentar o efeito de sua rajada nas paredes invisíveis. Teria eu negligenciado uma maneira possível de escapar? Não havia nenhuma pista indicativa da composição química da barreira diáfana, e era concebível que fosse algo que uma língua de fogo pudesse cortar como um queijo. Escolhendo uma seção que ficava de frente para o cadáver, descarreguei cuidadosamente a pistola e verifiquei com minha faca onde a rajada tinha atingido. Nada havia mudado. Eu tinha visto a chama espalhar-se quando atingiu a superfície, e agora notava que minhas esperanças tinham sido vãs. Apenas uma busca entediante e longa poderia me levar à saída.

Tomando então outra pastilha alimentícia e colocando outro cubo no eletrolisador da máscara, recomecei a longa busca; rememorei meus passos para a câmara central e rumei novamente para lá. Constantemente consultava minhas anotações e esboços e fazia outros novos, tomando uma curva falsa após outra, mas seguia cambaleante em desespero, até que a luz do entardecer tornou-se muito débil. Enquanto persistia em minha busca, observava de tempos em tempos o círculo silencioso dos espectadores zombeteiros e notei um gradual revezamento em suas fileiras. A cada intervalo de tempo alguns retornavam para a floresta enquanto outros chegavam para ficar em seu lugar. Quanto mais pensava em suas táticas, menos elas me agradavam, pois me indicavam um sinal dos possíveis motivos dessas criaturas. A qualquer momento esses demônios poderiam ter avançado e lutado comigo, mas pareciam preferir espreitar minha labuta para escapar. Não podia inferir que sentissem prazer com o espetáculo, e isso me fazia retrair com redobrada intensidade diante da perspectiva de cair nas mãos deles.

Com a noite cessei minhas buscas e sentei-me na lama para descansar. Agora, estou escrevendo à luz de minha lanterna e tentarei em breve dormir um pouco. Espero que amanhã eu esteja fora daqui; meu cantil está quase no fim, e as pastilhas de lacol são uma substituição fraca para a água. Dificilmente eu ousaria tentar beber essa lama umedecida, pois a água de regiões lamacentas não é potável, a não ser que seja destilada. Essa é a razão por que estendemos aquelas longas linhas de tubulações

até as regiões de argila amarela —, e dependemos da água das chuvas quando esses demônios encontram e rompem nossas tubulações. Também não tenho muitos cubos de cloreto mais e tenho de tentar reduzir meu consumo de oxigênio tanto quanto possível. Minha tentativa de cavar um túnel nas primeiras horas da tarde e depois meu acesso de pânico consumiram uma quantidade perigosa de oxigênio. Amanhã reduzirei meus esforços físicos ao mínimo até que esteja frente a frente com os reptilianos e tenha de lutar com eles. Tenho de ter um bom suprimento de cubos para a jornada de volta à Terra Nova. Meus inimigos ainda estão à vista; posso ver o círculo incandescente de suas débeis tochas ao redor de mim. O terror que essas luzes me causam me manterá acordado.

Noite — VI, 14

Outro dia inteiro de busca e ainda não achei a saída! Começo a ficar preocupado com o problema da água, pois meu cantil se esgotará ao meio-dia. À tarde choveu e voltei à câmara central em busca do capacete que tinha deixado ali como marco — usei-o como tigela para conseguir uns dois copos cheios de água. Bebi a maior parte, mas despejei o pouco que sobrou em meu cantil. As pastilhas de lacol valem pouco para uma sede real, e espero que chova mais à noite. Estou deixando meu capacete virado para cima para apanhar a água que cair. As pastilhas alimentícias não são de modo algum abundantes, embora minha reserva não esteja perigosamente baixa. Diminuirei pela metade minha ração de agora em diante. Os cubos de cloreto são a minha real preocupação, pois, mesmo sem fazer esforços violentos durante o dia, acabei queimando uma quantidade perigosa. Sinto-me fraco diante da minha economia forçada de oxigênio e da minha intensa sede. Quando eu reduzir minha alimentação, presumo que me sentirei ainda mais fraco.

Há algo amaldiçoado, algo sinistro, neste labirinto. Eu podia jurar que tinha eliminado certas curvas com o auxílio de meu mapa e, contudo, cada nova tentativa contraria algum pressuposto que eu supunha definido. Nunca antes havia percebido que sem referências visuais ficamos perdidos. Um homem cego se situaria melhor, mas para a maioria, a vi-

são é o principal sentido. O efeito dessas perambulações infrutíferas é trazer-me um profundo desencorajamento. Posso compreender como o pobre Dwight deve ter se sentido. Seu cadáver é agora apenas um esqueleto; os *sifclighs*, *akmans* e as moscas *farnoth* se foram. As plantas *efjeh* estão reduzindo a retalhos suas roupas de couro, pois são mais longas e crescem mais rápido do que eu suponha. Durante todo o tempo aqueles espreitadores tentaculados permanecem de plantão ao redor da barreira, cheios de triunfo maligno, rindo de mim e degustando minha miséria. Outro dia mais e enlouquecerei, se acaso eu não cair morto de exaustão.

Contudo, não há nada a fazer senão perseverar. Dwight teria encontrado a saída se tivesse persistido um minuto mais. É muito possível que alguém em Terra Nova venha me procurar logo, embora este seja apenas meu terceiro dia de ausência. Meus músculos doem terrivelmente, e parece de fato que não consigo descansar de modo algum deitado nessa lama repugnante. Na última noite, apesar de minha extrema fadiga, só dormi de modo convulso, e esta noite receio que não será melhor. Vivo um eterno pesadelo — acordado ou dormindo, estou sempre alerta, nunca verdadeiramente desperto nem adormecido. Minhas mãos tremem, não consigo escrever mais por ora. Aquele círculo de tochas incandescentes e sua luz débil são horrendos.

Final da tarde — VI, 15

Progresso substancial! Parece certo. Muito fraco e não dormi muito até amanhecer. Então dormitei até o meio-dia, embora sem descansar de todo. Nenhuma chuva, e a sede me deixa muito fraco. Tomei uma pastilha alimentícia a mais para me manter ativo, mas sem água isso não ajudou muito. Ousei experimentar um pouco de lama umedecida apenas uma vez, mas me deixou terrivelmente doente e me fez ficar mais sedento que antes. Tenho de preservar os cubos de cloreto, pois estou perto de me asfixiar por falta de oxigênio. Não consigo caminhar a maior parte do tempo, mas me arrasto arrastando-me na lama. Perto das duas da tarde pensei reconhecer algumas passagens e consegui chegar substancialmente mais perto do cadáver — ou esqueleto — do que tinha conseguido desde as tentativas do primeiro dia. Desviei-me uma vez numa via

sem saída, mas recuperei a trilha principal com a ajuda de meus esboços e anotações. O problema com essas anotações é que existe uma imensidade delas. Devem ocupar quase um metro de meu diário, e tenho de parar por longos períodos para decifrá-las.

A sede, a falta de ar e a exaustão enfraquecem meu cérebro e não posso compreender tudo o que registrei. Aquelas abomináveis criaturas verdes continuam espreitando, riem com seus tentáculos e algumas vezes gesticulam de uma maneira que me faz pensar que compartilham uma terrível brincadeira além da minha percepção.

Eram três horas quando realmente acertei o passo. Havia uma passagem que, de acordo com minhas anotações, não havia atravessado antes; quando a experimentei achei que podia me rastejar circularmente na direção do esqueleto coberto de planta. A rota era um tipo de espiral, muito parecida com aquela por onde eu tinha alcançado a câmara central pela primeira vez. Sempre que eu chegava a uma passagem lateral ou entroncamento eu mantinha a rota que parecia igual àquela primeira original. À medida que eu me aproximava circularmente mais e mais de meu repulsivo ponto de referência, os espectadores do lado de fora intensificavam suas gesticulações enigmáticas e suas sardônicas risadas silenciosas. Evidentemente, viam algo horrendamente divertido em meu avanço — percebiam sem dúvida o completo desamparo em que eu estaria ao confrontar-me com eles. Deixei-os a contento com sua alegria; pois, embora eu sentisse minha extrema debilidade, eu contava com minha pistola lança-chamas e numerosos carregadores a mais para passar pela vil falange reptiliana.

Minha esperança agora voava alto, mas não tentei me pôr de pé. Muito melhor arrastar-me e preservar minhas forças para o encontro próximo com os homens-lagartos. Meu avanço era muito lento e o perigo de me desviar por alguma via sem saída era muito grande, mas, apesar disso, parecia que estava na curva certa que me levava ao meu marco ósseo. A perspectiva me deu novo vigor, e nesse momento, eu parei de me preocupar com a dor, a sede e minha limitada reserva de cubos. As criaturas estavam agora todas concentradas ao redor da entrada, gesticulado, pulando e rindo com seus tentáculos. Em breve, refleti, eu teria de me confrontar com a horda inteira e talvez com os reforços que eles receberiam da floresta.

Estou agora a apenas poucos metros do esqueleto, e faço uma pausa para fazer estas anotações antes de sair e forçar caminho entre esse bando de entidades nocivas. Estou convencido de que com minha última porção de energia posso pôr todos em debandada, apesar de seu grande número, pois o raio de ação desta pistola é tremendo. Depois, um repouso sobre o musgo seco na orla da planície e pela manhã uma cansativa jornada pela floresta até Terra Nova. Ficarei feliz em ver homens vivos e as edificações dos seres humanos novamente. Os dentes do esqueleto brilham e sorriem de modo horrendo.

Durante a noite — VI, 15

Horror e desespero. Iludido de novo! Depois de fazer as anotações anteriores, me aproximei ainda mais do esqueleto, mas encontrei abruptamente uma parede que me obstruía. Eu tinha sido enganado outra vez, e estava aparentemente no mesmo lugar em que estivera três dias antes, quando da minha primeira e vã tentativa de sair do labirinto. Se gritei agudamente, não sei, talvez estivesse muito fraco para articular qualquer som. Apenas fiquei caído na lama em estado de torpor durante longo tempo, e lá fora as criaturas verdes pulavam, riam e gesticulavam.

Passado algum tempo, me tornei mais perfeitamente consciente. Minha sede, debilidade e asfixia estavam rapidamente me vencendo, e com minha última centelha de energia coloquei um novo cubo no eletrolisador, sem me preocupar e sem considerar as minhas necessidades para a jornada de volta a Terra Nova. O oxigênio renovado me reavivou um pouco e me tornou mais alerta para reparar ao redor.

Era como se eu estivesse um pouco mais distante do pobre Dwight do que havia estado em meu primeiro desapontamento, e me perguntava obtusamente se eu poderia estar em algum outro corredor um pouco mais remoto. Com esse raio débil de esperança, me arrastei diligentemente adiante, mas depois de uns poucos metros deparei-me com uma parede como na ocasião anterior.

Era então o fim. Três dias não tinham me levado a lugar nenhum, e minhas forças tinham se esgotado. Logo enlouqueceria de sede e já não poderia contar com cubos suficientes para o retorno. Perguntava-me de-

bilmente por que aquelas criaturas de pesadelo tinham se acumulado ao redor da entrada para escarnecer de mim. Provavelmente, era parte da zombaria: fazer-me acreditar que eu me aproximava da saída que eles sabiam não existir.

Não vou durar muito, mas estou resolvido a não apressar meu fim, como fez Dwight. Sua caveira sorridente acabou de voltar-se para mim, deslocada pelo deslizar de uma das plantas *efjeh*, que estão devorando sua roupa de couro. O olhar fantasmal daquelas órbitas vazias é pior do que o olhar daqueles répteis medonhos. Confere um significado horrendo àquele sorriso morto de dentes brancos.

Vou descansar completamente imóvel na lama e resguardar o quanto possível minhas forças. Essas anotações, que espero, possam chegar àqueles que vierem depois de mim e avisá-los, estarão logo terminadas. Depois de terminá-las, vou parar de escrever e descansarei por muito tempo. Quando estiver muito escuro para essas criaturas horrendas enxergarem, reunirei minhas últimas reservas de energia e tentarei jogar este diário de rolo na planície exterior por cima da parede e do corredor intermediário. Tomarei o cuidado de lançá-lo pela esquerda, onde não bata e caia entre o cerco desse bando saltitante de escarnecedores. Talvez fique perdido para sempre na lama, mas talvez caia em alguma moita de vegetação e, por fim, chegue a mãos humanas.

Se ficar intacto para ser lido, espero que possa fazer mais do que apenas avisar os homens desta armadilha. Espero que possa ensinar nossa raça a deixar esses cristais brilhantes permanecerem onde estão. Pertencem a Vênus apenas. Nosso planeta não tem verdadeiramente necessidade deles, e acredito que, em nossa tentativa de nos apoderarmos desses cristais, violamos alguma lei obscura e misteriosa — alguma lei profundamente sepultada nos arcanos do cosmos. Quem pode dizer que forças obscuras, vastas e potentes impelem essas criaturas reptilianas a proteger seu tesouro de modo tão estranho? Dwight e eu pagamos por isso, e outros pagam e pagarão. Mas pode ser que essas mortes isoladas sejam apenas o prelúdio de grandes horrores que estão por vir. Deixemos a Vênus o que pertence unicamente a Vênus.



A morte se aproxima, e receio que não seja capaz de lançar o diário quando a noite chegar. Se eu não conseguir, creio que os homens-lagartos o apanharão, pois provavelmente perceberão do que se trata. Eles não querem que ninguém seja alertado sobre o labirinto e não sabem que minha mensagem leva um apelo em seu próprio favor. À medida que me aproximo do fim, sinto-me mais bondoso com as criaturas. Na escala das entidades cósmicas, quem pode dizer que espécies estão acima de outras, ou mais perto de se aproximarem da norma orgânica do vasto espaço: a deles ou a minha?

• • •

Acabo de tirar o grande cristal de meu bolso para contemplá-lo em meus últimos momentos. Brilha feroz e ameaçadoramente aos clarões rubros do dia que morre. A horda saltitante o notou e seus gestos mudaram de uma forma que não posso compreender. Pergunto-me por que continuam aglomerados em volta da entrada em vez de se concentrarem em um ponto ainda mais próximo da parede diáfana.

• • •

Estou me sentindo entorpecido e não consigo mais escrever. As coisas giram ao meu redor, mas ainda estou consciente. Consigo arremessar isso por cima da parede? O cristal brilha, mas a noite se faz mais escura.

• • •

Escuro. Muito débil. Eles ainda estão rindo e saltando em volta da entrada, e acenderam aquelas infernais tochas incandescentes.

• • •

Estão indo embora? Achei que ouvi um som... luz no céu.

• • •

**RELATÓRIO DE WESLEY P. MILLER, SUPERINTENDENTE,
GRUPO A, COMPANHIA DE CRISTAL VÊNUS**

(Terra Nova, Vênus, VI, 16)

Nosso operário A-49, Kenton J. Stanfield, Rua Marshall, n. 5.317, Richmond, Virginia, deixou Terra Nova de manhã em VI, 12, para uma curta jor-

nada, registrada pelo detector. Devia estar de volta no dia 13 ou 14. Ao anoitecer do dia 15, não havia retornado. Por essa razão, o avião de patrulhamento FR-58 com cinco homens sob meu comando decolou às oito horas da noite para seguir a rota com detector. A agulha não indicava nenhuma alteração em relação às primeiras leituras.

Seguimos para o Planalto Erciano, conforme a indicação da agulha, acionando os potentes faróis de busca por todo o percurso. Armas lança-chamas de alcance triplo e cilindros de radiação poderiam dispersar qualquer força costumeira de nativos hostis, ou qualquer agrupamento perigoso de *skorahs* carnívoros.

Ao sobrevoar a planície aberta de Eryx, vimos um grupo de luzes em movimento que, já sabíamos, eram as tochas incandescentes dos nativos. Quando nos aproximamos, dispersaram-se na direção da floresta. Provavelmente em número de 75 a 100 indivíduos no total. O detector indicou um cristal no local onde eles estavam. Planando baixo sobre o local, nossas luzes revelaram objetos no chão. Um esqueleto emaranhado em plantas *efjeh* e um corpo intacto a três metros dele. Descemos até mais perto dos corpos e a ponta da asa chocou-se contra um obstáculo invisível.

Ao chegar a pé perto dos corpos, colidimos com uma barreira invisível e lisa que nos intrigou enormemente. Tateando-a perto do esqueleto, encontramos uma abertura. Além dela havia um espaço com outra abertura que conduzia ao esqueleto. Este, embora despojado de suas roupas pelas plantas, tinha a seu lado um capacete numerado da Companhia. Era o operário B-9, Frederick N. Dwight, da Divisão de Koenig, que tinha saído de Terra Nova há dois meses, encarregado de um extenso serviço.

Entre esse esqueleto e o corpo intacto parecia haver outra parede, mas pudemos identificar facilmente Stanfield, o segundo homem. Ele segurava um diário de rolo na mão esquerda e uma caneta na direita, o que denotava que estava escrevendo quando morreu. Não se via nenhum cristal, mas o detector indicava um espécime enorme perto do corpo de Stanfield.

Tivemos grande dificuldade de chegar até Stanfield, mas por fim conseguimos. O corpo estava ainda quente, e ao lado dele havia um grande cristal coberto pela lama pouco profunda. Examinamos imediatamente o

diário que ele detinha em sua mão esquerda e nos preparamos para adotar determinados passos com base em seus dados. O conteúdo do diário forma uma longa narrativa anexada a este relatório; uma narrativa cujos pormenores principais nós examinamos e juntamos como explicação do que encontramos. As partes finais de seu relato indicam uma decadência mental, mas não há razão para duvidar de sua parte principal. Stanfield obviamente morreu de uma combinação de sede, asfixia, tensão cardíaca e depressão psicológica. Estava com sua máscara e esta gerava oxigênio normalmente, apesar de uma reserva de cubos alarmantemente baixa.

Como nosso avião foi danificado, enviamos uma mensagem por rádio, pedindo a presença de Anderson com o avião de manutenção FG-7, uma equipe de demolidores e uma carga de explosivos. O FR-8 estava consertado pela manhã e regressou, sob o comando de Anderson, levando os dois corpos e o cristal. Sepultaremos Dwight e Stanfield no cemitério da Companhia e enviaremos o cristal para Chicago na próxima nave com destino à Terra. Daqui para frente, adotaremos a sugestão de Stanfield — aquela mais lúcida da primeira parte de seu relato — e traremos tropas suficientes para liquidar com todos os nativos. Com o campo livre, é muito pouco provável que haja limites para a quantidade de cristal que podemos obter.

À tarde, examinamos a estrutura invisível ou armadilha com grande cuidado, explorando-a com o auxílio de longas cordas como guia e preparando um mapa completo para nossos arquivos. Ficamos muito impressionados com seu desenho e guardaremos amostras da substância para análise química. Todo esse conhecimento nos será útil quando tomarmos as várias cidades dos nativos. Nossas brocas de diamante tipo C foram eficientes para cortar a matéria invisível, e agora os demolidores estão implantando a dinamite preparatória para a detonação. Nada ficará em pé depois que tudo isso terminar. O edifício constitui uma ameaça real para o tráfego aéreo e outras formas de trânsito.

Considerando a planta do labirinto, pode-se ficar impressionado não apenas com a ironia do destino de Dwight, mas também com a de Stanfield. Ao tentar chegar ao segundo corpo a partir do esqueleto, não conseguimos encontrar passagem pela direita, mas Markheim encontrou uma

abertura no primeiro espaço interior a uns quatro metros e meio de Dwight e a pouco mais de um metro de Stanfield. Dela partia um corredor extenso que só examinamos depois, mas do lado direito desse corredor havia outra abertura que levava diretamente ao corpo. Stanfield poderia ter alcançado a saída a seis ou sete metros se tivesse achado a passagem que ficava diretamente *atrás* dele, uma passagem que ele não percebeu em sua exaustão e desespero.



Sob as Pirâmides

com Harry Houdini

∴

Under the Pyramids (1924)

Weird Tales (mai.–jun. 1924)

“Sob as pirâmides” é uma noveleta forte e contada com competência, quase como um diário de viagem com um toque especial, também, é uma peça de ghostwriting para Harry Houdini. Lovecraft escreveu um pouco antes de Sonia Haft Greene e ele se casarem, e o cheque de US\$ 100 com o qual ele foi prontamente recompensado financiou sua lua de mel; infelizmente, também parece ter arruinado sua noite de núpcias, porque ele perdeu o texto datilografado em uma estação de trem no dia anterior ao casamento e precisou da ajuda de sua noiva para redigitar tudo.

“Quando o manuscrito terminou, estávamos cansados e exaustos demais para fazer lua de mel ou qualquer outra coisa”, recordou Sonia mais tarde.



Mistério atrai mistério. Desde que meu nome passou a ser amplamente divulgado como autor de feitos inexplicáveis, deparei-me com estranhas narrativas e eventos que, em virtude de minha profissão, as pessoas têm ligado aos meus interesses e atividades. Alguns deles eram triviais e irrelevantes, outros profundamente dramáticos e absorventes, alguns eram resultados de experiências bizarras e perigosas, outros envolviam-me em extensas pesquisas científicas e históricas. Sobre grande parte desse material eu já contei e continuarei a contar livremente; mas há um deles de que falo com grande relutância, e que só relato após uma sessão de exaustiva persuasão por parte dos editores desta revista, que ouviram vagos rumores a respeito provenientes de outros membros da minha família.

O assunto do qual eu até agora me abstive diz respeito à minha visita não profissional ao Egito, quatorze anos atrás, e eu o tenho evitado por diversas razões. Em primeiro lugar, reluto em explorar certos fatos inequivocamente reais e condições obviamente desconhecidas da miríade de turistas que se aglomeram em volta das pirâmides e que aparentemente são mantidos em sigilo com grande diligência por parte das autoridades do Cairo, que não podem ignorá-los de todo. Em segundo lugar, desagrada-me narrar um incidente em que minha imaginação fantástica deve ter desempenhado um papel tão importante. O que eu vi — ou pensei ter visto — certamente não ocorreu; deve antes ser considerado resultado de minhas leituras então recentes sobre egiptologia, e das especulações concernentes a esse tema que o meio em que vivo naturalmente acaba por instigar. Esses estímulos imaginativos, ampliados pela excitação de um evento real já por si próprio terrível, sem dúvida deram vazão ao horror culminante daquela noite grotesca, tanto tempo atrás.

Em janeiro de 1910 eu havia encerrado um compromisso profissional na Inglaterra e assinado um contrato para uma turnê nos teatros australianos. Como apresentou-se um tempo livre para a viagem, decidi aproveitá-lo ao máximo com o tipo de excursão que mais me interessa; então, acompanhado de minha esposa, atravessei prazerosamente o continente e embarquei em Marselha no vapor *Malwa*, da linha P&O, com destino a Port Said. A partir daquele local eu propus visitarmos as principais localidades históricas do baixo Egito antes de finalmente partirmos para a Austrália.

A viagem foi agradável, e animada por muitos dos divertidos incidentes que acontecem a um mágico fora do palco. Eu pretendia, para o bem de uma viagem tranquila, manter meu nome em segredo; mas fui incitado a me trair por um colega prestidigitador cuja ansiedade por surpreender os passageiros com truques ordinários tentou-me a reproduzir e exceder seus feitos de um modo bastante destrutivo à minha condição incógnita. Menciono esse fato por causa de seu efeito posterior — um efeito que eu deveria ter previsto antes de me desmascarar para o navio lotado de turistas prestes a se espalharem pelo Vale do Nilo. O que eu fiz foi anunciar minha identidade onde quer que fosse subsequentemente, e privar minha esposa e a mim do plácido anonimato que buscávamos. Viajando em busca de curiosidades, eu era com frequência forçado a me submeter a inspeções como se eu mesmo fosse uma espécie de curiosidade!

Havíamos chegado ao Egito em busca de coisas pitorescas e misticamente impressionantes, mas pouco encontramos quando o navio atracou em Port Said e descarregou seus passageiros em pequenos botes. Dunas baixas de areia, boias balançando em águas rasas e uma monótona cidadezinha europeia sem nenhum atrativo exceto a grande estátua de Lesseps, tudo isso nos deixou ansiosos para chegar a algum lugar que valesse mais a pena. Após alguma discussão decidimos prosseguir imediatamente para o Cairo e as pirâmides, seguindo mais tarde para Alexandria em busca do navio australiano e de toda paisagem greco-romana que aquela antiga metrópole pudesse oferecer.

A viagem de trem foi bastante tolerável e consumiu apenas quatro horas e meia. Vimos grande parte do Canal de Suez, cuja rota seguimos até Ismaília, e mais tarde tivemos uma amostra do Antigo Egito ao darmos uma olhada no canal de água potável restaurado no Médio Império. Por fim, vimos Cairo brilhar ao crepúsculo que avançava; uma constelação cintilante que se tornou fulgor quando paramos na grande Gare Centrale.

Porém, mais uma vez o desapontamento nos aguardava, pois tudo o que vimos era europeu, exceto o vestuário e as multidões. Um prosaico metrô levava a uma praça fervilhante de carruagens, táxis e bondes, deslumbrante com as luzes elétricas que brilhavam em altos edifícios; e o mesmíssimo teatro em que eu havia sido em vão solicitado a atuar, e ao

qual mais tarde compareceria como espectador, fora recentemente renomeado como American Cosmograph. Nós paramos no hotel Shepherd's, tomamos um táxi que correu por ruas largas e elegantemente projetadas; e em meio ao serviço perfeito de seus restaurantes, elevadores e luxos geralmente anglo-americanos, o misterioso Oriente e o passado imemorial pareciam muito distantes.

O dia seguinte, porém, precipitou-nos deliciosamente no coração da atmosfera das *Mil e uma noites*; e nas vielas tortuosas e horizontes exóticos do Cairo, a Bagdá de Harun-al-Rashid pareceu criar vida novamente. Tendo por guia o nosso Baedeker,^[1] seguimos para o leste passando pelos Jardins de Ezbekiyah ao longo do Mouski em busca do bairro nativo, e logo nos vimos nas mãos de um clamoroso cicerone que — não obstante os incidentes posteriores — era certamente um mestre em seu ramo. Foi somente mais tarde que eu me dei conta de que deveria ter solicitado ao hotel um guia licenciado. Este homem, um sujeito bem barbeado, de voz peculiarmente cavernosa e relativamente limpo parecia um faraó e chamava a si próprio de “Abdul Reis el Drogman”. Parecia ter muito poder sobre seus semelhantes, embora posteriormente a polícia tenha declarado não o conhecer e sugerido que *reis* é simplesmente um nome dado a qualquer pessoa em posição de autoridade, enquanto “Drogman” obviamente não passa de uma modificação canhes-tra da palavra que se refere a um líder de grupos turísticos — *dragoman*.

Abdul nos conduziu por maravilhas tais que anteriormente só havíamos lido a respeito e sonhado. A Cairo Antiga é ela própria um livro de histórias e um sonho — labirintos de vielas estreitas e recendentes a aromáticos segredos; sacadas de terraços em estilo árabe quase chegavam a se tocar acima das ruas com pavimentação de pedra; um turbilhão de tráfego oriental com gritos exóticos, estalos de chicotes, sacolejar de carroças, tilintar de dinheiro e zurrar de burros; caleidoscópios de mantos, véus, turbantes e fezes; carregadores de água e dervixes, cães e gatos, artistas e barbeiros; e acima de tudo o queixume de mendigos cegos aco-
corados em seus nichos, e a sonora cantilena dos muezins nos minaretes perfilados delicadamente contra um céu azul profundo e imutável.

Os bazares cobertos, mais tranquilos, não eram menos fascinantes. Especiarias, perfumes, incensos, contas, tapetes, sedas e ornamentos de latão — o velho Mahmud Suleiman sentado de pernas cruzadas no meio

dos seus frascos de goma, enquanto jovens tagarelas pulverizam mostarda no capitel oco de uma antiga coluna clássica em estilo romano-coríntio, talvez da vizinha Heliópolis, onde Augusto estabeleceu uma das suas três legiões egípcias. A antiguidade começa a mesclar-se ao exotismo. E então vieram as mesquitas e o museu — vimos todos eles e tentamos não deixar que o nosso deleite arábico sucumbisse ao encanto mais sombrio do Egito faraônico que os tesouros inestimáveis do museu ofereciam. Esse deveria ser nosso clímax, e naquele momento nos concentramos nas glórias sarracenas medievais dos califas, cujas magníficas tumbas-mesquitas formavam uma refulgente necrópole feérica às bordas do Deserto da Arábia.

Por fim, Abdul nos conduziu pela Sharia Mohammed Ali até a antiga mesquita do sultão Hassan e a Bab-el-Azab com suas torres, além da qual passava a íngreme ladeira murada que subia até a imponente cidadela construída pelo próprio Saladino, com as pedras de pirâmides esquecidas. O sol já estava se pondo quando escalamos aquele rochedo, circundamos a moderna mesquita de Mohammed Ali e olhamos pelo vertiginoso parapeito para a paisagem do Cairo — a cidade mística, toda dourada, com suas cúpulas em relevo, seus minaretes etéreos e seus jardins extravagantes. À distância, sobre a cidade, erguia-se o grande domo romano do novo museu; e além dele — do outro lado do enigmático Nilo, que gerou eras e dinastias — espreitavam as ameaçadoras areias do Deserto da Líbia, ondulantes e iridescentes, impregnadas pelo mal de arcanos mais antigos. O sol vermelho já mergulhava no horizonte, trazendo o frio implacável do crepúsculo egípcio; e quando eu me postei na orla do mundo como aquele antigo deus de Heliópolis — Rá-Harakhti, o Sol no Horizonte — vimos delinear-se contra o holocausto escarlate a silhueta negra das Pirâmides de Gizé — as tumbas paleógenas que já contavam mil anos quando Tutancâmon estabeleceu seu trono dourado na distante Tebas. Então tivemos certeza de já estarmos satisfeitos com o Cairo sarraceno, e de que deveríamos provar do sabor dos mistérios mais profundos do Egito primordial — a negra Khem de Rá e Âmon, Ísis e Osíris.

Na manhã seguinte visitamos as pirâmides, percorremos numa calçada a grande ponte do Nilo com seus leões de bronze, a ilha de Gezira com suas imponentes albízias, e a ponte inglesa, menor, na margem oci-

dental. Nós rodamos pela rua costeira, entre grandes fileiras de albízias, e passamos pelo amplo Jardim Zoológico até o subúrbio de Gizé, onde uma nova ponte para o Cairo propriamente dito havia sido construída. Então, seguindo terra firme adentro pela Sharia-el-Haram, cruzamos uma região de canais vítreos e miseráveis vilas nativas, até que diante de nós se avultaram os objetos que procurávamos, rompendo as brumas do alvorecer e formando réplicas invertidas nas poças à beira da estrada. Quarenta séculos, como dissera Napoleão em sua campanha ali, de fato nos contemplavam do alto deles.

A estrada então subiu abruptamente, até que nós finalmente chegamos ao nosso local de transferência entre a estação de bonde e o hotel Mena House. Abdul Reis, que comprou com competência nossos ingressos para a pirâmide, parecia ter entendimento com a multidão de beduínos ruidosos e ofensivos que habitavam uma esquálida vila de barro a alguma distância dali e assediavam com impertinência todos os viajantes, pois manteve-os muito decentemente ao largo e garantiu um excelente par de camelos para nós, ele próprio montando um burro e entregando a liderança dos nossos animais a um grupo de homens e meninos mais caros do que úteis. A área a ser percorrida era tão pequena que mal havia necessidade de camelos, mas não lamentamos acrescentar à nossa experiência essa problemática forma de navegação no deserto.

As pirâmides se erguiam em um alto platô rochoso, formando um grupamento próximo ao mais setentrional da série de majestosos e aristocráticos cemitérios construídos nas vizinhanças da extinta capital Mênfis, que se erguia no mesmo lado do Nilo, um tanto mais ao sul de Gizé, e que floresceu entre 3400 e 2000 a.C. A maior das pirâmides, que repousa junto à estrada moderna, foi construída pelo rei Quéops, ou Khufu, por volta de 2800 a.C., e tem mais de 135 metros de altura perpendicular. Traçando uma linha para o sul a partir dessa área encontram-se sucessivamente a Segunda Pirâmide, construída uma geração mais tarde pelo rei Quéfren, que embora ligeiramente menor parecia maior por estar assentada em um terreno mais alto, e a radicalmente menor Terceira Pirâmide, do rei Miquerinos, construída por volta de 2700 a.C. Próximo à borda do platô e diretamente a leste da Segunda Pirâmide, com a face provavelmente alterada para formar um colossal retrato de Qué-

fren, seu real restaurador, ergue-se a monstruosa Esfinge — calada, sardônica e de sapiência além da humanidade e da memória.

Pirâmides menores e os vestígios de pequenas pirâmides em ruínas podem ser encontrados em diversos locais, e o platô inteiro é pontilhado por tumbas de dignitários de posição inferior à real. Estas últimas foram originalmente assinaladas por *mastabas*, estruturas de pedra semelhantes a bancos, edificadas em torno das profundas galerias de sepultamento, assim como as encontradas em outros cemitérios de Mênfis e exemplificadas pela tumba de Perneb, no Museu Metropolitano de Nova York. Em Gizé, porém, todas as coisas visíveis foram varridas pelo tempo e as pilhagens; e somente os poços escavados na rocha, preenchidos por areia ou expostos pelos arqueólogos, permanecem como testemunhos de sua antiga existência. Ligada a cada tumba havia uma capela onde sacerdotes e parentes ofereciam alimentos e orações ao *ka*, o princípio vital do falecido, que pairava sobre o local. As tumbas pequenas têm suas capelas contidas nas *mastabas*, ou superestruturas de pedra, mas as capelas mortuárias das pirâmides, onde jaziam os majestosos faraós, eram templos à parte, cada um situado a leste da pirâmide que lhe era correspondente, e ligado por um corredor a um imponente pórtico-santuário, ou propileu, na borda do platô rochoso.

O propileu que conduzia à Segunda Pirâmide, quase sepultado sob as areias errantes, abria-se subterraneamente a sudeste da Esfinge. Uma tradição persistente confere-lhe o título de “Templo da Esfinge”; e talvez a denominação seja correta, caso a Esfinge de fato represente o construtor da Segunda Pirâmide, Quéfren. Há histórias desagradáveis sobre a Esfinge antes de Quéfren — mas fossem quais fossem as feições antigas, o monarca substituiu-as pela sua própria para que os homens pudessem olhar para o colosso sem temor. Foi no grande propileu que a estátua de diorito em tamanho natural de Quéfren, que agora se encontra no Museu do Cairo, foi encontrada; uma estátua diante da qual eu me prostrei em assombro ao contemplá-la. Não sei dizer se a edificação inteira já foi escavada nos dias de hoje, mas em 1910 a maior parte se encontrava sob o solo, e sua entrada era fortemente vedada à noite. Os alemães estavam a cargo do trabalho e a guerra, ou alguma outra coisa, pode tê-los detido. Eu daria tudo, em vista de minha experiência e de certas coisas ditas à boca pequena pelos beduínos e desacreditadas ou des-

conhecidas no Cairo, para saber o que sucedeu em relação a certo poço numa galeria transversal, onde esculturas do faraó foram encontradas em curiosa justaposição com estátuas de babuínos.

A estrada, quando a atravessamos com nossos camelos naquela manhã, fazia uma curva abrupta ao passar pelo edifício de madeira do quartel de polícia, o correio, a farmácia e outras lojas à esquerda, e se lançava para o sul e para o leste numa volta completa que escalava o platô rochoso e nos deixou face a face com o deserto sob o abrigo da Grande Pirâmide. Passamos pela ciclópica parede de alvenaria, contornando a face leste e olhando para um vale de pirâmides menores à nossa frente, além do qual o eterno Nilo cintilava a leste e o eterno deserto reluzia a oeste. As três pirâmides maiores avultavam-se muito próximo dali, a maior delas desprovida de revestimento exterior e exibindo sua massa de grandes pedras, mas as outras conservavam em alguns pontos a fina cobertura que as fizera lisas e bem acabadas em sua época.

Imediatamente descemos em direção à Esfinge, e sentamo-nos em silêncio sob o encanto daqueles terríveis olhos que nada viam. No vasto busto de pedra nós distinguimos a custo o emblema de Rá-Harakhti, por cuja imagem a Esfinge foi tomada numa dinastia posterior; e embora a areia tivesse coberto a tabuleta entre as grandes patas, recordamos do que Tutmósis IV escreveu ali, e do sonho que ele teve quando era um príncipe. Foi então que o sorriso da Esfinge nos causou um vago desagrado, e nos fez pensar sobre as lendas de passagens subterrâneas por baixo da monstruosa criatura, levando cada vez mais para baixo, até profundezas a que ninguém ousaria aludir — profundezas ligadas a mistérios mais antigos que o Egito dinástico que escavamos, as quais teriam uma sinistra relação com a recorrência de anômalos deuses com cabeças de animais do antigo panteão nilótico. Foi então, também, que eu me propus uma pergunta casual cujo horrendo significado só apareceria depois de várias horas.

Outros turistas começaram então a passar por ali, e nós seguimos para o templo coberto de areia da Esfinge, cinquenta metros a sudeste, que mencionei anteriormente como o grande pórtico para o passadiço que conduzia à capela mortuária da Segunda Pirâmide sobre o platô. A maior parte da construção estava ainda sob o solo, e embora tivéssemos desmontado e descido através de uma passagem moderna até seu corre-

dor de alabastro e seu salão sustentado por pilastras, senti que Abdul e os atendentes alemães que trabalhavam no local não nos mostraram tudo o que havia para ver. Depois disso prosseguimos com o circuito convencional do platô das pirâmides, examinando a Segunda Pirâmide e as peculiares ruínas de sua capela mortuária a leste, a Terceira Pirâmide e suas miniaturas satélites ao sul e a capela oriental em ruínas, as tumbas rochosas e as construções alveolares da Quarta e Quinta Dinastias, e a famosa Tumba de Campbell cujo poço envolto em sombras mergulha abruptamente por quinze metros até um sarcófago sinistro, que foi despedido de sua cobertura de areia por um dos nossos condutores de camelos, após uma vertiginosa descida por uma corda.

Então, chegaram-nos gritos vindos da Grande Pirâmide, onde os beduínos assediavam uma comitiva de turistas oferecendo-se como cicero-nes até o topo, ou demonstrações de velocidade na execução de subidas e descidas individuais. Conta-se que o recorde para tais ascensões e descensos é de sete minutos, porém muitos robustos xeiques ou filhos de xeique asseguram-nos que conseguem reduzi-lo a cinco mediante o necessário impulso de um generoso *baksheesh*. Eles não receberam esse impulso, e nós deixamos que Abdul nos conduzisse ao alto, obtendo assim uma visão magnífica e sem precedentes, que incluiu não apenas a remota e reluzente Cairo, coroada por sua cidadela e tendo por pano de fundo as colinas douradas e violáceas, mas também todas as pirâmides do distrito de Mênfis, de Abu Roash, ao norte, a Dashur, ao sul. A pirâmide escalonada de Sakara, que assinala a evolução das *mastabas* baixas para as verdadeiras pirâmides, exibia-se clara e tentadoramente nas areias distantes. Foi perto desse momento de transição que se encontrou a Tumba de Perneb, mais de seiscentos quilômetros ao norte do vale rochoso de Tebas onde Tutancâmon repousa. Novamente eu fui forçado ao silêncio pelo mais puro assombro. A perspectiva de tamanha antiguidade e de segredos aparentemente evocados e contidos em cada um daqueles veneráveis monumentos encheu-me de reverência e de um sentimento de imensidão que mais nada teria me proporcionado.

Fatigados pela escalada e contrariados pelos beduínos importunos, cujas ações pareciam desafiar todas as regras do bom gosto, renunciamos ao árduo pormenor de entrar nas abafadas passagens internas de qualquer uma das pirâmides, embora víssemos vários dos turistas mais

audaciosos preparando-se para o sufocante rastejar através do mais imponente memorial de Quéops. Quando dispensamos e remuneramos nossos guarda-costas locais e nos dirigimos de volta ao Cairo com Abdul Reis sob o sol da tarde, sentimo-nos parcialmente arrependidos pela nossa omissão. Sussurravam-se coisas fascinantes sobre as passagens inferiores das pirâmides, que não estavam nos guias turísticos. Passagens cujas entradas haviam sido bloqueadas e disfarçadas às pressas por certos arqueólogos pouco comunicativos, que as haviam descoberto e começado a explorá-las. Obviamente, esses boatos eram em grande parte desprovidos de fundamentos, à primeira vista, mas era curioso refletir sobre a persistência com que os turistas eram proibidos de entrar nas pirâmides à noite ou de visitar os recessos mais baixos e a cripta da Grande Pirâmide. Talvez, neste último caso, o que se temesse fosse o efeito psicológico — o efeito experimentado pelo visitante ao sentir-se oprimido sob um mundo gigantesco de alvenaria sólida; ligado ao mundo que ele conhecia por uma mera tubulação, pela qual ele conseguia unicamente rastejar, e que qualquer acidente ou propósito malévolo poderia bloquear. Todo esse tema parecia tão insólito e atraente que resolvemos fazer outra visita ao platô das pirâmides na ocasião mais breve possível. Para mim essa oportunidade chegou muito mais cedo do que o esperado.

Naquela noite, os membros do nosso grupo sentiram-se um tanto cansados após a extenuante programação do dia, e eu saí sozinho com Abdul Reis para uma caminhada pelo pitoresco bairro árabe. Embora já o tivesse visto durante o dia, quis examinar os becos e bazares ao amanhecer, quando sugestivas sombras e joviais cintilações luminosas intensificariam seu *glamour* e a ilusão do fantástico. As multidões de nativos estavam escasseando, mas ainda eram muito barulhentas e numerosas quando chegamos a uma aglomeração de beduínos festivos no Suken-Nahhasin, o bazar dos caldeireiros. O homem que aparentemente era o líder deles, um jovem insolente com feições carregadas, usando um fez inclinado de maneira atrevida, notou a nossa presença, e evidentemente reconheceu não muito amistosamente o meu guia competente, mas de disposição assumidamente arrogante e irônica. Pensei que talvez o homem se ressentisse daquela excêntrica reprodução do meio sorriso da Esfinge que eu havia com frequência reparado com divertida irritação;

ou talvez não gostasse da ressonância grave e sepulcral da voz de Abdul. De qualquer forma, a troca de palavras em linguagem ancestralmente infamante tornou-se muito excitada; e não demorou muito para que Ali Ziz, como ouvi o estranho ser chamado quando não o era por um nome pior, começou a puxar com violência o manto de Abdul, uma ação de pronto retribuída, que levou rapidamente a uma exaltada luta corporal em que ambos os combatentes perderam as sagradas coberturas de suas cabeças, e teriam atingido condições ainda mais lamentáveis se eu não tivesse intervindo e os separado à força.

Minha interferência, que inicialmente pareceu mal recebida de ambos os lados, por fim teve sucesso em promover uma trégua. De mau humor, cada um dos beligerantes recompôs sua ira e suas vestes; e assumindo uma dignidade tão profunda quanto súbita, os dois estabeleceram um curioso pacto de honra que logo descobri ser um costume de grande antiguidade no Cairo — um pacto pela resolução de suas diferenças por meio de uma luta noturna no topo da Grande Pirâmide, muito depois da partida dos retardatários que ali ficavam para ver o luar. Cada um dos duelistas deveria reunir um grupo de padrinhos e o embate deveria começar à meia-noite, prosseguindo em assaltos estabelecidos da maneira mais civilizada possível. Todo esse planejamento muito contribuiu para excitar meu interesse. A luta em si prometia ser única e espetacular, ao passo que a ideia de tal cena sobre aquela respeitável pilha de rochas com vista para o platô antediluviano de Gizé sob a pálida lua minguante daquelas altas horas apelava a cada fibra de imaginação que havia em mim. Meu pedido encontrou Abdul extremamente disposto a admitir-me em sua comitiva de padrinhos; de modo que por todo o início da noite eu o acompanhei a vários covis nas mais ilícitas regiões da cidade — a maioria a nordeste de Ezbekiyah — onde ele reuniu a dedo um seletos e formidável bando de malfeitores, todos da mesma laia, para assisti-lo no pugilato.

Pouco depois das nove horas nossa comitiva, montada em burros que tinham nomes de realeza ou remanescentes de turistas célebres, como “Ramsés”, “Mark Twain”, “J. P. Morgan” e “Minnehaha”, avançou através de ruas labirínticas, tanto orientais quanto ocidentais, cruzou o lamacento Nilo com sua floresta de mastros pela ponte dos leões de bronze, e trotou filosoficamente entre as albízias da estrada para Gizé.

Pouco mais de duas horas foram consumidas no trajeto, e perto do final nós passamos pelos últimos turistas que retornavam, saudamos o último bonde para a cidade e seguimos sozinhos com a noite, o passado e a lua espectral.

Então vimos as amplas pirâmides no final da avenida, como fantasmagorias de sombria ameaça atávica que eu aparentemente não havia notado durante o dia. Até mesmo a menor delas continha uma sugestão assustadora — pois não havia sido nela que enterraram com vida a rainha Nitokris, na Sexta Dinastia; a sutil rainha Nitokris, que certa vez convidou todos os seus inimigos a um banquete num templo Nilo abaixo, e afogou-os abrindo as comportas? Recordei-me que os árabes diziam coisas a boca pequena sobre Nitokris, e evitavam a Terceira Pirâmide em certas fases da lua. Deve ter sido sobre ela que Thomas Moore meditava quando escreveu o poema murmurado pelos barqueiros de Mênfis:

*A ninfa subterrânea que reside
Entre gemas sombrias e ocultas—
Gloriosa rainha da pirâmide!*^[2]

Embora chagássemos cedo, Ali Ziz e sua comitiva estavam lá antes de nós, pois vimos seus asnos delineados contra o platô deserto em Kafir-el-Haram; um esqualido assentamento árabe perto da Esfinge, em direção ao qual havíamos virado em vez de seguir a estrada regular para a Casa de Menagem, onde algum dos policiais sonolentos e ineficientes poderia ter-nos observado e detido. Ali, onde beduínos imundos estabulavam camelos e jumentos nas tumbas de rocha das cortes de Quéfren, fomos conduzidos para o alto das rochas e por sobre a areia até a Grande Pirâmide, sobre cujas paredes gastas pelo tempo os árabes apinharam-se com avidez, e Abdul Reis ofereceu-me o auxílio de que não precisei.

Como a maioria dos viajantes sabe, na verdade o ápice daquela estrutura há muito se desgastou, deixando uma plataforma razoavelmente plana de dez metros quadrados. Nesse pináculo sinistro, um círculo irregular se formou, e em alguns momentos a sardônica lua do deserto assistiu com malícia a batalha que, não fosse pelos gritos das bordas do

ringue, poderia muito bem ter ocorrido em algum clube atlético menor da América. Enquanto eu presenciava a contenda, percebi que algumas das nossas instituições menos desejáveis estavam presentes ali; pois cada golpe, finta e defesa falava de deslealdade aos meus olhos nada inexperientes. Acabou rápido, e apesar dos meus escrúpulos quanto aos métodos, senti uma espécie de orgulho de proprietário quando Abdul Reis foi declarado vencedor.

A reconciliação foi fenomenalmente rápida, e em meio aos cantos, confraternizações e bebedeiras que se seguiram, achei que seria difícil perceber que uma querela havia ocorrido. Estranhamente, senti que eu era o centro das atenções mais do que os antagonistas; e com base em meu conhecimento superficial do árabe, julguei que aqueles homens estavam discutindo minhas performances profissionais e minhas escapadas de toda sorte de algemas e confinamentos, de um modo que indicava não apenas um surpreendente conhecimento a meu respeito, mas uma clara hostilidade e ceticismo acerca de meus feitos como escapologista. Aos poucos tornou-se claro para mim que a antiga magia do Egito não havia partido sem deixar vestígios, e que fragmentos de uma estranha doutrina secreta e de práticas rituais haviam sobrevivido sub-repticiamente entre os felás em extensão tal que as

De repente aconteceu algo que em um átimo provou a validade das minhas reflexões e me fez amaldiçoar a estupidez com que eu havia aceitado os eventos daquela noite como algo além da “armação” gratuita e maliciosa que naquele momento revelaram ser. Sem que se esperasse, e certamente em resposta a algum sinal sutil feito por Abdul, o bando inteiro de beduínos se precipitou sobre mim e, tendo providenciado cordas reforçadas, logo me vi amarrado com tanta firmeza quanto jamais estive no decorrer da minha vida, dentro ou fora do palco. Inicialmente eu lutei, mas logo vi que um homem sozinho não poderia conseguir muito contra um bando de mais de vinte bárbaros vigorosos. Minhas mãos foram amarradas atrás das costas, meus joelhos dobrados ao máximo e meus pulsos e tornozelos fortemente unidos com cordas absolutamente firmes. Uma mordaca sufocante foi introduzida à força em minha boca e uma venda bem amarrada sobre os meus olhos. Então, enquanto os árabes me erguiam sobre os ombros e começavam uma sacolejante descida da pirâmide, ouvi o escárnio do meu ex-guia Abdul, que zom-

bava e tripudiava com deleite em sua voz cavernosa, e então assegurou-me que eu estava prestes a ter meus “poderes mágicos” postos a uma prova suprema, que rapidamente desfaria qualquer egotismo que eu pudesse ter adquirido após triunfar sobre todos os testes oferecidos pela América e a Europa. O Egito, ele me recordou, é muito antigo e pleno de mistérios secretos e poderes ancestrais sequer concebíveis aos estudiosos de hoje, cujos recursos haviam falhado de maneira tão uniforme em me aprisionar.

A que distância ou direção fui carregado, não sei dizer; pois as circunstâncias estavam todas contra a emissão de qualquer julgamento acurado. Sei, porém, que não pode ter sido uma grande distância, pois meus carregadores em nenhum momento apressaram o passo, embora me mantivessem erguido por um período surpreendentemente curto. É essa assombrosa brevidade que me faz quase estremecer sempre que penso em Gizé e seu platô — pois é opressivo saber da proximidade das rotas turísticas diárias com o que existia ali e ainda deve existir.

A aberração maligna de que falo inicialmente não se fez manifesta. Pousando-me sobre uma superfície que reconheci como areia e não rocha, meus raptos passaram uma corda em volta do meu peito e me arrastaram alguns metros até uma abertura irregular no chão, na qual eles imediatamente me introduziram, manipulando-me com rudeza. Pelo que pareceu eras eu esbarrei de encontro às paredes salientes de pedra de um poço talhado na rocha, que tomei por um dos numerosos locais de sepultamento do platô, até que sua profundidade prodigiosa, quase inacreditável, tirou-me toda base para conjecturas.

O horror da experiência se tornava mais profundo a cada segundo que passava. A ideia de que qualquer descida através da pura rocha sólida pudesse ser tão extensa sem atingir o coração do próprio planeta, ou de que alguma corda feita por mãos humanas pudesse ser tão longa a ponto de me fazer oscilar naquela profundidade espantosa e aparentemente imensurável sob a terra eram noções tão grotescas que seria mais fácil duvidar dos meus sentidos agitados do que aceitá-las. Mesmo agora eu não tenho certeza, pois sei como a percepção do tempo pode se tornar enganosa quando um ou mais dos nossos sentidos ou condições de vida são removidos ou distorcidos. Mas tenho considerável certeza de que preservei minha consciência lógica até aquele momento; e que ao

menos não acrescentei nenhum daqueles fantasmas gestados pela imaginação a um quadro já suficientemente horrendo em sua realidade, e explicável por algum tipo de ilusão cerebral que muito pouco ficava a dever à alucinação propriamente dita.

Mas não foi tudo isso a causa do meu primeiro desmaio. A chocante provação se revelou de maneira gradual, e o início dos terrores que se seguiram foi um aumento muito perceptível na velocidade da minha descida. Eles estavam estendendo a corda infinita muito rapidamente agora, e eu roçava cruelmente contra os lados grosseiros e constritivos do poço à medida que disparava vertiginosamente para o fundo. Minhas roupas estavam em frangalhos e eu sentia o sangue escorrer por toda parte, mesmo com a crescente e excruciante dor. Minhas narinas também foram assolados por uma ameaça quase indefinível; um sorrateiro odor de umidade e deterioração curiosamente distinto de qualquer coisa que eu já tivesse cheirado antes, com leves tons de especiarias e incenso que acrescentavam um elemento de escárnio.

Então veio o cataclismo mental. Foi horrível — abominável além de qualquer possibilidade de descrição articulada, pois tomava toda a alma, sem nenhum detalhe que se pudesse descrever. Foi um clímax de pesadelo e a soma de toda perversidade, tão súbito quanto um apocalipse demoníaco — em um momento eu estava mergulhando em agonia por aquele poço estreito de um milhão de dentes torturantes, enquanto no momento seguinte era arrojado no fundo negrume das vísceras do inferno; rodopiando em queda livre e precipitando-me por milhas infinitas de espaço úmido e ilimitado; alçando-me vertiginosamente aos pináculos imensuráveis do gélido éter, depois mergulhando no nadir voraginoso e nauseante do vácuo profundo... Agradeço a Deus pela misericórdia que encerrou no oblívio as Fúrias da consciência, que com suas garras afiadas arranharam minha sanidade e, como harpias, dilaceraram meu espírito! Esse único intervalo, breve como foi, deu-me força e lucidez para enfrentar aquelas exaltações ainda maiores de terror cósmico que espreitava e tartamudeava no caminho que estava por vir.

II

Recuperei meus sentidos muito gradualmente após aquele voo arcaico através do espaço estigial. O processo foi infinitamente doloroso e colorido por sonhos fantásticos nos quais a situação em que me encontrava, imobilizado e amordaçado, encontrou uma singular corporificação. A natureza precisa desses sonhos era muito clara enquanto eu os experimentava, mas tornou-se indistinta em minha lembrança quase imediatamente após o despertar, e foi logo reduzida aos mais exíguos contornos pelos terríveis eventos — reais ou imaginários — que se seguiram. Sonhei que era presa de uma grande e horrível garra; uma garra amarelada, peluda, com cinco dedos, que havia saído da terra para me envolver e esmagar. E quando parei para refletir que garra era essa, pareceu-me que era o Egito. Nesse sonho eu revisei os eventos das semanas precedentes e vi-me atraído e emaranhado pouco a pouco, de um modo sutil e insidioso, por algum espírito infernal evocado pela antiga magia do Nilo; um espírito que já se encontrava no Egito muito antes do homem, e que lá estará quando o homem não mais existir.

Vi o horror e a antiguidade perniciosa do Egito e a aliança aterradora que ele sempre teve com os sepulcros e os templos dos mortos. Vi procissões fantasmagóricas de sacerdotes com cabeças de touros, falcões, gatos e íbis; cortejos de espectros marchando interminavelmente através de labirintos e avenidas subterrâneos de propileus titânicos ao lado dos quais o homem não passa de uma mosca, e oferecendo sacrifícios inomináveis a deuses indescritíveis. Colossos de pedra marchavam na noite interminável e conduziam rebanhos de androsfinges pelas margens de ilimitados rios de breu estagnado. E por trás disso tudo via a inefável malignidade da necromancia primordial, negra e amorfa, procurando-me com dedos sôfregos na escuridão para sufocar o espírito que havia ousado dela zombar com sua emulação. No meu cérebro adormecido tomou forma um melodrama sinistro de ódio e perseguição, e eu vi a alma negra do Egito escolher-me e chamar-me com sussurros inaudíveis; chamar-me e seduzir-me, conduzindo-me adiante com o brilho e o deslumbramento de uma superfície sarracena, mas sempre me puxando para o fundo das insanas catacumbas e horrores de seu morto e abismal coração faraônico.

Então as faces de sonho assumiram traços humanos, e eu vi meu guia Abdul Reis em trajes reais, com o sorriso zombeteiro da Esfinge em seu

semblante. Soube de imediato que esse era o semblante de Quéfren, o Grande, que erigiu a Segunda Pirâmide, esculpiu a face da esfinge à sua semelhança, e construiu aquele titânico templo de acesso, cuja miríade de corredores os arqueólogos consideram ter sido escavada da areia enigmática e da rocha muda. Eu olhei para a mão longa, esguia e rígida de Quéfren; a mão longa, esguia e rígida tal qual eu vira na estátua de diorito do Museu do Cairo — a estátua encontrada no terrível templo de acesso — e me perguntei como eu havia conseguido não gritar ao vê-la em Abdul Reis... Aquela mão! Era abominavelmente fria e estava me esmagando; era o frio e a exiguidade do sarcófago... a gelidez e a constrição do imemorável Egito... Era a personificação do Egito noturno, necropolitano... aquela pata amarela... e sussurrava-se tantas coisas de Quéfren...

Mas nesse momento eu comecei a despertar — ou ao menos, assumir uma condição de sonolência menos completa do que a precedente. Recordei-me da luta no alto da pirâmide, dos beduínos traiçoeiros e seu ataque, da minha assustadora descida por cordas através das profundezas intermináveis da rocha, e do meu insano rodopiar e mergulhar em um vórtice gélido recendendo à aromática putrefação. Percebi que naquele momento eu jazia no chão de rocha úmida e que minhas amarras ainda me feriam com força indesatável. O lugar era muito frio, e pareceu-me detectar uma fraca corrente de ar deletério soprando sobre mim. Cortes e esfoladuras que eu havia recebido das paredes irregulares do poço rochoso causavam-me sofrimentos angustiantes, a dor provocada por eles era ampliada até uma agudeza penetrante ou ardente por uma certa pungência daquele vento fraco, e o simples ato de virar-me era suficiente para fazer com que todo meu corpo latejasse numa agonia indescritível. Quando me volvei, senti um puxão vindo de cima, e concluí que a corda por meio da qual eu havia sido baixado até ali ainda estava ligada à superfície. Se os árabes ainda seguravam-na ou não, eu não fazia ideia; nem tinha qualquer noção da profundidade em que me encontrava no interior da terra. Sabia que a escuridão ao meu redor era total ou quase completa, uma vez que nenhum raio de luar penetrava minha venda; mas não confiava o suficiente em meus sentidos para aceitar como evidência de uma profundidade extrema a sensação de duração prolongada que havia caracterizado minha descida.

Sabendo ao menos que me encontrava em um espaço de extensão considerável, ao qual se podia ter acesso da superfície diretamente acima por uma abertura na rocha, teci a conjectura duvidosa de que minha prisão talvez fosse a capela de acesso sepulta do velho Quéfren — o Templo da Esfinge —, talvez algum corredor interno que o guia não me tivesse mostrado durante minha visita matinal, e do qual eu poderia escapar com facilidade se conseguisse encontrar meu caminho até a entrada bloqueada. Seria um percurso labiríntico, mas não pior do que outros dos quais no passado eu havia encontrado a saída. O primeiro passo era me livrar de minhas amarras, mordaca e venda; e isso eu sabia que não seria uma tarefa muito difícil, uma vez que peritos mais habilidosos do que aqueles árabes haviam tentado toda espécie conhecida de grilhões contra mim durante a minha longa e diversificada carreira como um expoente da arte do escapologismo, sem jamais terem sucesso em derrotar meus métodos.

Então ocorreu-me que os árabes poderiam estar preparados para me receber e atacar na entrada e diante de qualquer evidência de uma provável fuga das amarras que me imobilizavam, como a que seria fornecida por qualquer agitação mais decidida da corda que eles provavelmente estavam segurando. Isso, é claro, tomando por certo que meu local de confinamento fosse de fato o Templo da Esfinge de Quéfren. A abertura que dava diretamente para o teto, onde quer que pudesse desembocar, não poderia ser de muito difícil acesso à entrada modernamente utilizada, perto da Esfinge; se é que verdadeiramente houvesse alguma grande distância na superfície, uma vez que a área total conhecida pelos visitantes não pode ser considerada enorme. Eu não havia notado uma abertura daquele tipo na minha peregrinação diurna, mas sabia que essas coisas passam despercebidas com facilidade em meio às areias à deriva. Refletindo sobre essas questões enquanto jazia curvado e amarrado no chão de rocha, eu quase me esqueci dos horrores da descida abismal e oscilante naquele espaço cavernoso, que tão recentemente quase me reduziu ao coma. Meu único pensamento naquele instante era como ludibriar os árabes, e portanto eu estava decidido a me libertar o mais rapidamente possível, evitando qualquer puxão na linha que descia da superfície, que pudesse trair alguma tentativa eficaz, ou mesmo problemática, de libertação.

Isso, no entanto, era mais fácil decidir do que realizar. Algumas tentativas preliminares tornaram claro que pouco poderia ser feito sem um movimento considerável; e eu não me surpreendi quando, após um embate particularmente enérgico, comecei a sentir as voltas da corda em queda, empilhando-se em cima e em volta de mim. Obviamente, pensei, os beduínos haviam sentido minha movimentação e largado sua ponta da corda; sem dúvida dirigindo-se apressadamente à verdadeira entrada do templo para ali se deixarem ficar à minha espera com intenções assassinas. A perspectiva não era agradável — mas eu havia enfrentado piores em meus tempos sem vacilar, e não vacilaria agora. A primeira coisa que deveria fazer era me libertar das amarras, depois contar com minha engenhosidade para escapar do templo ileso. É curioso como implicitamente eu havia passado a me acreditar no velho templo de Quéfren ao lado da Esfinge, a apenas uma curta distância sob o solo.

Essa crença se desfez, e toda a apreensão anterior acerca de profundidades sobrenaturais e mistérios demoníacos foi revivida por uma circunstância que se intensificou em horror e significado, no mesmo instante em que eu formulava o meu plano filosófico. Eu havia dito que a corda em queda estava se amontoando sobre mim e à minha volta. Agora eu via que ela *continuava a se amontoar*, como nenhuma corda de extensão normal poderia fazer. Ela ganhou impulso até tornar-se uma avalanche de cânhamo, acumulando-se no chão como uma montanha e parcialmente me sepultando sob suas espirais que rapidamente se multiplicavam. Logo eu me vi completamente engolido e me senti sufocar à medida que a convolução crescente me submergia e oprimia. Meus sentidos vacilaram novamente, e eu tentei em vão reprimir um desesperado e inelutável sentimento de ameaça. Não se tratava meramente de passar por uma tortura que suplantasse a resistência humana — não era simplesmente o fato de que minha vida e meu alento pareciam estar sendo suprimidos vagarosamente — era a consciência *do que aquela extensão antinatural de corda implicava*, e o conhecimento de que um abismo desconhecido e incalculável no interior da terra devia naquele momento estar me cercando. Minha descida interminável e meu voo oscilante por aquele espaço demoníaco, então, deviam ter sido reais; e naquele momento eu me encontraria indefeso em alguma caverna sem nome que se aprofundava rumo ao coração do planeta. A confirmação tão súbita de

um horror extremo era insuportável, e pela segunda vez eu mergulhei em um misericordioso alheamento.

Quando menciono alheamento, isso não implica que eu estivesse livre de sonhos. Pelo contrário, minha ausência do mundo consciente era marcada por visões do mais indescritível horror. Deus!... Se ao menos eu não tivesse lido tanto sobre egiptologia antes de vir a esta terra que é a fonte de toda a escuridão e terror! Esse segundo desfalecimento novamente preencheu a minha mente adormecida com constatações arrepiantes sobre aquele país e seus segredos arcaicos e, em função de algum lamentável acaso, meus sonhos se voltaram para as antigas concepções sobre os mortos e suas peregrinações em corpo e alma para além daquelas tumbas misteriosas que eram mais residências que sepulturas. Evoquei, sob formas oníricas que é melhor não recordar, a peculiar e elaborada construção dos sepulcros egípcios; e as doutrinas extremamente singulares e terríveis que determinaram essa construção.

A única coisa em que essas pessoas pensavam era na morte e nos mortos. Eles concebiam uma ressurreição literal do corpo e isso os levava a mumificá-lo com desesperada dedicação, e a preservar todos os órgãos vitais em vasos canópicos junto ao cadáver. Além do corpo eles acreditavam na existência de dois outros elementos: a alma, que após ser pesada e aprovada por Osíris reside na terra dos eleitos, e o obscuro e portentoso *ka* ou princípio vital, que vaga horivelmente entre os mundos superior e inferior, exigindo o ocasional acesso ao corpo preservado, consumindo os alimentos ofertados por sacerdotes e parentes devotos na capela mortuária, e às vezes — segundo diziam os homens aos sussurros — tomando seu corpo ou o duplo de madeira que sempre era enterrado ao lado dele para errar perniciosamente pelo mundo em missões peculiarmente repulsivas.

Por milhares de anos aqueles corpos repousaram em suntuosos invólucros e miraram o teto com seus olhos vítreos quando não eram visitados pelo *ka*, à espera do dia em que Osíris deveria reunir *ka* e alma, e convocar as enrijecidas legiões dos mortos das suas profundas casas de sono. Seria um renascimento glorioso — mas nem todas as almas eram aprovadas, nem todas as tumbas permaneciam invioladas, e por esse motivo certos *erros* grotescos e *anormalidades* diabólicas seriam de se esperar. Mesmo nos dias de hoje os árabes murmuram coisas sobre convoca-

ções profanas e cultos perniciosos realizados em fundos abismos esquecidos, que somente os invisíveis *kas* alados e as múmias sem alma podem visitar e retornar ilesos.

Talvez as lendas mais arrepiantes sejam aquelas que relatam certos resultados perversos do sacerdócio decadente — *múmias compostas*, criadas pela combinação artificial de troncos e membros humanos com cabeças de animais, imitando deuses antigos. Em todos os períodos da história os animais sagrados foram modificados, de forma que touros, gatos, íbis, crocodilos e similares poderiam retornar algum dia em sua maior glória. Mas somente a decadência misturou humano e animal na mesma múmia — somente na decadência, quando não se entendem os direitos e prerrogativas do *ka* e da alma. O que aconteceu àquelas múmias compostas não se conta — pelo menos publicamente — e é certo que nenhum egiptólogo jamais encontrou uma delas. Os rumores dos árabes são muito desvairados e não se pode confiar neles. Chegam até mesmo a sugerir que o velho Quéfren — o faraó da Esfinge, da Segunda Pirâmide e do imenso templo de acesso — vive no subterrâneo profundo, tendo como esposa a sinistra rainha Nitokris e reinando sobre múmias que não são humanas nem animais.

Foi com uma dessas histórias — de Quéfren e sua consorte, com seus estranhos exércitos de mortos híbridos — que eu sonhei, e hoje sou grato porque as formas oníricas exatas se apagaram da minha memória. Minha visão mais horrível estava ligada a uma questão casual que eu me propus no dia anterior, enquanto olhava para aquele grande enigma esculpido no deserto e me perguntava a que profundidades desconhecidas aquele templo tão próximo a ele poderia estar ligado. Essa pergunta, tão inocente e excêntrica naquele momento, assumiu no meu sonho o significado de desvairada e histérica loucura... *que imensa e abominável aberração a Esfinge esculpida originalmente representava?*

Meu segundo despertar — se é que foi um despertar — traz à minha memória um horror completo, que nada mais em minha vida — exceto uma coisa que aconteceu depois — pode igualar; e trata-se de uma vida mais plena e aventureira que a da maioria dos homens. Lembrem-se que eu havia perdido a consciência ao ser sepultado sob uma cascata de corda em queda livre, cuja imensidão revelava a profundeza cataclísmica do local onde eu me encontrava. Então, quando minha percepção retornou,

senti que todo o peso se fora; e percebi, ao rolar sobre meu próprio corpo, que embora ainda estivesse atado, amordaçado e vendado, *algum agente removera por completo a sufocante avalanche de cordas que havia me soterrado*. O significado dessa condição, obviamente, ocorreu-me de maneira gradual; mas ainda assim eu creio que ele teria trazido novamente a inconsciência se eu não tivesse àquela altura atingido um estado de tamanha exaustão emocional que nenhum novo horror poderia fazer muita diferença. Eu estava sozinho... com o *quê?*

Antes que eu pudesse me torturar com qualquer nova reflexão ou fazer qualquer esforço revigorado para escapar do meu cativeiro, uma circunstância adicional se tornou manifesta. Dores que eu não sentia anteriormente atormentavam meus braços e pernas, e eu parecia coberto por uma profusão de sangue seco muito além de qualquer coisa que meus cortes e abrasões anteriores pudessem produzir. Meu peito também parecia perfurado por uma centena de feridas, como se algum íbis titânico e maligno o tivesse bicado. Certamente a entidade que havia removido a corda era hostil, e havia começado a infligir ferimentos terríveis em mim quando algo a impeliu a desistir. Porém, na ocasião as minhas sensações foram distintamente contrárias ao que se poderia esperar. Em vez de afundar num poço interminável de desespero, fui tomado de renovada coragem e impelido a agir; pois agora sentia que as forças malignas eram coisas físicas, que um homem destemido poderia enfrentar de igual para igual.

Sob a força desse pensamento eu puxei novamente minhas amarras e recorri à arte de toda uma vida para me libertar, como havia feito tantas vezes sob o clarão dos holofotes e o aplauso de vastas multidões. Os detalhes familiares do meu método de escape começaram a me manter ocupado, e agora que a longa corda se fora eu havia em parte readquirido minha crença de que aqueles horrores supremos eram alucinações, afinal, e de que nunca houvera nenhum poço terrível, abismo desmesurado ou corda interminável. Estaria eu, no final das contas, no templo de acesso de Quéfren, ao lado da Esfinge, e os árabes sorrateiros haviam se introduzido ali para me torturar enquanto eu jazia indefeso? Fosse como fosse, eu tinha de me libertar. Se eu pudesse me levantar sem amarras, sem mordaca e de olhos abertos para captar alguma centelha de

luz que me chegasse de qualquer fonte, na verdade encontraria prazer em um combate contra inimigos maus e traiçoeiros!

Quanto tempo levei para me desfazer dos meus estorvos, não sei dizer. Deve ter demorado mais do que nas minhas performances no palco, pois eu estava ferido, exausto e nervoso por causa das experiências por que havia passado. Quando finalmente me libertei, e inspirei profundas golfadas de um ar gélido, úmido e de odor penetrante, ainda mais horrível sem a proteção da mordaça e das bordas da venda, senti que estava por demais enrijecido e fatigado para me mover de imediato. Fiquei ali, tentando esticar meu corpo curvado e lacerado, por um intervalo indefinido, forçando meus olhos para vislumbrar algum raio de luz que fornecesse um indício da minha posição.

Aos poucos minha força e flexibilidade retornaram, mas meus olhos não viam nada. Enquanto me levantava a custo, perscrutei com diligência em todas as direções mas só encontrei uma escuridão de ébano, tão grande quanto a que vira quando tinha os olhos vendados. Testei minhas pernas, encrostadas de sangue sob as calças esfarrapadas, e senti que conseguia andar, embora não pudesse decidir em que direção. Obviamente, eu não poderia caminhar ao acaso, sob o risco de seguir o caminho diretamente oposto ao da entrada que eu buscava; por isso parei para prestar atenção na direção da corrente de ar fria, fétida e recendendo a natrão, que eu nunca cessava de sentir. Admitindo que o local de onde ela provinha era possivelmente a entrada para o abismo, empenhei-me em manter esse ponto de referência e caminhar com segurança em direção a ele.

Eu levava comigo uma caixa de fósforos e até mesmo uma pequena lanterna a pilha, mas obviamente os bolsos das minhas roupas revolvidas e rasgadas haviam perdido todos os artigos mais pesados. À medida que eu caminhava com cautela na escuridão, a corrente de ar se tornava mais forte e agressiva, até que eu acabei por atribuí-la a nada menos que um tangível fluxo de vapor detestável que vertia de alguma abertura, como a fumaça do gênio que saía da lâmpada do pescador no conto oriental. O Oriente... O Egito... na verdade, esse berço sombrio da civilização sempre foi fonte de horrores e maravilhas indizíveis! Quanto mais eu refletia sobre a natureza daquele vento subterrâneo, mais se intensificava o meu sentimento de inquietude; pois embora, a despeito do

seu odor, eu considerasse sua fonte ao menos como uma pista indireta para o mundo exterior, agora eu percebia claramente que aquela emanação insalubre não podia ter qualquer ligação ou combinação com o ar puro do Deserto da Líbia, mas tinha de ser essencialmente algo vomitado das entranhas sinistras que se encontravam ainda mais abaixo. E se era assim, eu estava caminhando na direção errada!

Após um momento de reflexão, decidi não refazer os meus passos. Além da corrente de ar eu não teria nenhum ponto de referência, pois a rocha grosseiramente nivelada era desprovida de elementos distintivos. Se, por outro lado, eu seguisse a estranha corrente, sem dúvida chegaria a alguma abertura através da qual eu talvez pudesse contornar as paredes para o lado oposto daquele ciclópico e de outra forma intransponível salão. Sabia perfeitamente que poderia falhar. Compreendia que aquilo não fazia parte do templo de acesso de Quéfren que os turistas conheciam, e ocorreu-me que aquele salão em particular poderia ser desconhecido até mesmo dos arqueólogos, encontrado não mais do que por acaso pelos inquisitivos e malignos árabes que me aprisionaram. Se era isso, haveria alguma passagem pela qual eu pudesse escapar para as partes conhecidas ou para o ar exterior?

Que evidência, afinal, eu possuía de que aquele fosse de fato o templo de passagem? Por um momento, todas as minhas mais desenfreadas especulações novamente me tomaram de assalto, e eu pensei naquela vívida miscelânea de impressões — a descida, a suspensão no espaço, a corda, minhas feridas e os sonhos que eram francamente sonhos. Seria aquele o fim da minha vida? Ou na verdade seria uma bênção se aquele momento *fosse* de fato o fim? Não soube responder nenhuma das minhas próprias perguntas, apenas segui em frente até que o Destino pela terceira vez me reduziu ao alheamento. Dessa vez não houve sonhos, pois o incidente foi tão repentino que seu choque me privou de quaisquer pensamentos, conscientes ou subconscientes. Tropeçando em um degrau inesperado em um ponto em que a corrente agressiva se tornou forte o bastante para opor uma resistência literalmente física, precipitei-me de cabeça por um escuro lance de imensos degraus de pedra rumo a um vácuo de horror irremitente.

Se voltei a respirar isso se deve à vitalidade inerente ao organismo humano saudável. Com frequência eu rememoro aquela noite e sinto

um toque de *humor* naqueles repetidos lapsos de consciência; lapsos cuja sucessão na época não me recordou nada além dos toscos melodramas cinematográficos daquele período. Claro que é possível que os lapsos reiterados não tenham ocorrido, e que todos os aspectos daquele pesadelo subterrâneo tenham sido meramente sonhos de um prolongado coma que se iniciou com o choque da minha descida naquele abismo e se encerrou com o bálsamo curativo do ar exterior e do sol nascente que me encontrou estendido sobre as areias de Gizé, diante da face sardônica da Grande Esfinge, banhada pelo alvorecer.

Prefiro apegar-me o mais que puder a esta última explicação, pois senti alívio quando a polícia me contou que a barreira para o templo de passagem de Quéfren fora encontrada incólume e que uma fissura de tamanho razoável até a superfície de fato existia em um dos cantos da parte ainda não desenterrada. Fiquei aliviado também quando os médicos declararam meus ferimentos como apenas o que seria de se esperar em decorrência da minha captura, imobilização, descenso, embate com as cordas, queda de uma certa altura — talvez para dentro de alguma depressão na galeria interna do templo — e do ato de me arrastar até a barreira exterior e escapar por ela, além de outras experiências desse tipo... um diagnóstico muito reconfortante. No entanto, eu sei que deve haver mais do que aparece à superfície. Aquela decida extrema é uma lembrança vívida demais para ser desprezada — e é estranho que ninguém jamais tenha sido capaz de encontrar um homem que correspondesse à descrição do meu guia Abdul Reis el Drogman — o cicerone de voz sepulcral que se parecia e sorria como o rei Quéfren.

Eu me desviei da minha linha narrativa — talvez na vã esperança de esquivar-me a contar aquele incidente final; o incidente que entre todos é mais indubitavelmente uma alucinação. Mas prometi relatá-lo, e não sou homem de quebrar promessas. Quando recobrei os sentidos — ou aparentemente os recobrei — após aquela queda pelos negros degraus de rocha, estava tão sozinho na escuridão quanto antes. O vento malcheiroso, que antes já era ruim, havia agora se tornado infernal; no entanto eu já havia me familiarizado com ele o suficiente àquela altura para suportá-lo com estoicismo. Desnortado, comecei a rastejar na direção oposta ao local de onde o vento pútrido provinha, e com minhas mãos sangrantes eu senti os blocos colossais de um imponente pavimento. Em

dado momento minha cabeça bateu em um objeto duro, e quando o apalpei, compreendi que era a base de uma coluna — uma coluna de imensidade inacreditável — cuja superfície estava coberta de gigantescos hieróglifos em baixo relevo, muito perceptíveis ao meu toque. Ainda rastejando, encontrei outras colunas titânicas, afastadas por distâncias incompreensíveis; mas de repente minha atenção foi atraída pela percepção de algo que devia estar atuando sobre a minha audição subconsciente muito antes que o sentido consciente se desse conta.

De algum precipício ainda mais fundo nas entranhas da terra provinham certos *sons*, compassados e definidos, e distintos de qualquer outro que eu tivesse ouvido antes. O fato de que deviam ser muito antigos e claramente cerimoniais eu senti de maneira quase intuitiva; e minhas muitas leituras sobre egiptologia levaram-me a associá-los com a flauta, a sambuca, o sistro e o tímpano. Em seu rítmico assobiar, zumbir e bater eu senti um elemento de terror que ia além dos terrores conhecidos da terra — um terror peculiarmente dissociado do medo individual, que assumia a forma de alguma espécie de piedade objetiva pelo nosso planeta, que devia conter em suas profundezas horrores tais como os que deviam estar por trás daquelas cacofonias egípcias.^[3] Os sons aumentaram de volume, e eu senti que eles estavam se aproximando. Então — e que os deuses de todos os panteões se unam para poupar meus ouvidos de tornarem a captar algo semelhante — comecei a escutar, tênues e longínquas, *as passadas milenares de criaturas em marcha*.

Era abominável que passos tão *dessemelhantes* pudessem se mover num ritmo tão perfeito. Um treinamento de iníquos milênios devia estar por trás daquela marcha das monstruosidades da terra mais profunda... pateadas, tiques, passadas, rastejos, trotes, andaduras sorradeiras, retumbantes e pesadas... e toda a dissonância odiosa daqueles instrumentos zombeteiros. E então... Que Deus prive a minha mente da memória daquelas lendas árabes! As múmias sem alma... o lugar de encontro dos *kas* errantes... as hordas de quarenta séculos de amaldiçoados mortos faraônicos... as *múmias compostas* lideradas através dos abismos de ônix pelo rei Quéfren e sua sinistra rainha Nitokris...

As passadas retumbantes se tornavam mais próximas — que o céu me proteja do som desses pés, e patas, e cascos, e solas, e garras, que começavam a se distinguir em detalhes! Nas extensões intermináveis do

pavimento privado de sol uma centelha de luz cintilou no vento malcheiroso, e eu me escondi atrás da enorme circunferência de uma coluna ciclópica para escapar ao menos por um instante do horror de um milhão de pés que avançavam em minha direção através daqueles hipostilos gigantescos de antiguidade pavorosa e fóbica, que beirava o inumano. As cintilações aumentaram e o ritmo compassado e dissonante se tornou repugnantemente alto. Na bruxuleante luz alaranjada destacou-se ainda quase indistinto um cenário de assombro tão paralisante que eu sufoquei pelo puro maravilhamento que sobrepujou até mesmo o medo e a repulsa. Bases de colunas cuja altura ia muito além do que a vista humana pode alcançar... simples alicerces de coisas que deviam reduzir a torre Eiffel à insignificância... relevos hieroglíficos esculpidos por mãos impensáveis em cavernas onde a luz do dia não poderia passar de uma lenda longínqua...

Não olhei para as criaturas em marcha. Tomei essa decisão com desespero ao ouvir suas articulações rangentes e seu resfolegar nitroso, que sobressaíam acima da música sem vida e da marcha de pés mortos. Foi um ato de piedade eles não falarem... por Deus! Suas tochas insanas começaram a projetar sombras na superfície daquelas estupendas colunas. Que os céus afastem essa imagem de mim! Hipopótamos não deveriam ter mãos humanas e carregar tochas... homens não deveriam ter cabeças de crocodilo...

Tentei desviar o olhar, mas as sombras, os sons e o fedor estavam por toda parte. Então eu me recordei de algo que costumava fazer nos pesadelos semiconscientes quando era menino, e comecei a repetir para mim mesmo: “Isto é um sonho! Isto é um sonho!” Mas foi inútil, e a única coisa que pude fazer foi fechar meus olhos e rezar... Ao menos, foi o que eu pensei ter feito, pois nunca se pode ter certeza de nada quando se tem visões — eu sei que aquilo não poderia ser nada além de uma visão.

Eu me perguntava se algum dia tornaria a alcançar o mundo da superfície, e por vezes abria furtivamente os meus olhos para ver se conseguia distinguir algum aspecto daquele lugar, além do vento de putrefação pungente, as colunas cujo topo a vista não alcançava e as grotescas sombras taumatópicas de aberrante horror. O clarão bruxuleante das múltiplas tochas agora brilhava ao máximo, e a não ser que aquele lugar demoníaco fosse inteiramente desprovido de paredes, em breve eu não

poderia deixar de ver algum limite ou ponto de referência. Mas tive de fechar meus olhos novamente quando me dei conta de quantas daquelas coisas estavam reunidas ali — e quando vislumbrei um certo objeto que caminhava solenemente e com passos firmes *sem ter um corpo acima da cintura*.

Um demoníaco e ululante gorgolejar cadavérico ou estertor agora partia a própria atmosfera — aquela tóxica atmosfera de sepulcro, com rajadas de nafta e betume — em um coro conjunto das legiões fantasmagóricas de híbridos blasfemos. Meus olhos, perversamente abertos, contemplaram por um instante uma visão que nenhuma criatura humana poderia sequer imaginar sem pânico e exaustão física. As criaturas seguiam em fila cerimonial em um só sentido, a direção do vento insalubre, e as luzes de suas tochas exibiam suas cabeças curvadas... ou as cabeças curvadas dos que tinham cabeças... Eles se posicionavam em adoração diante de uma grande abertura negra exalando fedor que se situava quase fora do alcance da vista, e que eu podia ver que era flanqueada em ângulo reto por duas gigantescas escadarias cujos topos se perdiam nas sombras. Uma delas era sem dúvida a escada pela qual eu havia caído.

As dimensões do orifício eram plenamente proporcionais às das colunas — uma casa comum se perderia dentro dele, e qualquer edifício público mediano poderia facilmente passar por ali. Era uma superfície tão vasta que somente pelo movimento dos olhos era possível abarcar seus limites... tão vasto, tão horrendamente escuro, e tão pungentemente malcheiroso... Diretamente em frente a essa porta escancarada de Polifemo as criaturas atiravam objetos — evidentemente sacrifícios ou oferendas religiosas, a julgar por seus gestos. Quéfren era o líder deles; o sarcástico rei Quéfren ou *o guia Abdul Reis*, coroado por um *pschent* e entoando fórmulas intermináveis com a voz cavernosa dos mortos. Ao seu lado ajoelhava-se a bela rainha Nitokris, a quem eu vi de perfil por um momento, notando que a metade direita do seu rosto havia sido devorada por ratos ou outros carnicheiros. E fechei meus olhos novamente quando vi quais eram os objetos atirados como oferendas para a abertura fétida ou sua possível deidade local.

Ocorreu-me que a julgar pela complexidade desse culto, a divindade encoberta deveria ter considerável importância. Seria Osíris ou Isis, Hórus ou Anúbis, ou algum ignorado Deus dos Mortos ainda mais central

e supremo? Existe uma lenda de que altares terríveis e colossais eram erigidos a uma Divindade Desconhecida, diante dos quais até mesmo os deuses conhecidos se curvavam em adoração...

E então, enquanto me preparava para assistir às extasiadas e sepulcrais adorações daquelas coisas inomináveis, uma ideia de fuga passou por mim. O salão estava em penumbra, e as colunas pesadamente mergulhadas em sombras. Como cada criatura daquela turba de pesadelo estava absorta em seu repulsivo enlevo, talvez houvesse uma chance de eu passar despercebido por eles até a extremidade mais distante de uma das escadarias e subir sem ser visto; confiando no Destino e nas minhas habilidades para chegar aos níveis superiores. Onde eu estava, não sabia nem havia refletido seriamente a respeito — e por um momento me pareceu divertido planejar seriamente uma escapada do que eu sabia ser um sonho. Estaria em algum setor oculto e insuspeitado do templo de acesso de Quéfren — aquele templo que gerações denominaram com persistência de Templo da Esfinge? Não me era possível tecer conjecturas, mas resolvi que ascenderia para a vida e a consciência se a perícia e os músculos conseguissem me transportar até lá.

Rastejando de bruços, comecei a aflita jornada rumo ao pé da escadaria da esquerda, que me pareceu a mais acessível das duas. Não sei descrever os incidentes e sensações desse rastejar, mas pode-se adivinhá-los quando se reflete sobre *o que eu tinha de vigiar constantemente naquela maligna claridade das tochas sopradas pelo vento* para evitar ser detectado. O fim da escadaria ficava, como eu disse, nas sombras mais distantes; e parecia subir sem qualquer curva até o vertiginoso parapeito que ficava acima da abertura titânica. Isso situava os últimos estágios do meu rastejar a alguma distância da ruidosa horda, embora o espetáculo me causasse arrepios mesmo estando bastante afastado, à minha direita.

Finalmente eu consegui alcançar os degraus e comecei a subir, mantendo-me junto à parede, na qual observei elementos decorativos da mais horrenda espécie, e confiei minha segurança ao interesse absorto e extático com que as monstruosidades observavam a abertura com sua brisa poluta e as ímpias iguarias que haviam atirado no piso diante dela. Embora a escadaria fosse imensa e íngreme, construída com amplos blocos de granito pórfiro, como se se destinassem aos pés de um gigante, a ascensão parecia praticamente interminável. O medo de ser descoberto e

a dor que o novo esforço havia trazido às minhas feridas combinaram-se para tornar o rastejar para o alto uma coisa de angustiante memória. Eu pretendia, quando chegasse à plataforma do primeiro lance, subir imediatamente qualquer escada que pudesse partir de lá para o nível superior, sem parar para dar uma última olhada nas abominações macabras que gesticulavam e genufletiam a vinte ou trinta metros abaixo — porém, uma súbita repetição daquele troante coro de gorgolejos cadavéricos e estertores, que ocorreu quando eu estava quase chegando ao alto do primeiro lance e cujo ritmo cerimonial indicava não se tratar de um alarme por eu ter sido descoberto, fez-me parar e espiar com cautela por sobre o parapeito.

As monstruosidades estavam saudando algo que havia se projetado para fora da abertura nauseante para apanhar o tributo infernal que lhe fora oferecido. Era algo de tamanho impressionante, mesmo da altura em que eu o via; algo amarelado e peludo, dotado de uma espécie de movimentação nervosa. Era muito grande, talvez como um hipopótamo de bom tamanho, mas de formato curioso. Parecia não ter pescoço, mas era dotado de cinco cabeças felpudas que brotavam em fila de um tronco grosseiramente cilíndrico; a primeira muito pequena, a segunda de bom tamanho, a terceira e a quarta iguais e maiores do que as outras, e a quinta também pequena, porém nem tanto quanto a primeira. Dessas cabeças partiam curiosos tentáculos rígidos que recolhiam sofregamente aquela quantidade *excessivamente grande* de comida nefanda depositada diante da abertura. De quando em quando a criatura saltava, e ocasionalmente se retirava para o seu covil de um modo muito desajeitado. Sua locomoção era tão inexplicável que eu a contemplei com fascínio, desejando que ela se afastasse mais do antro cavernoso abaixo de mim.

Então, *a coisa* emergiu... a coisa emergiu, e ao vê-la eu dei as costas e fugi para a escuridão dos lances superiores da escada que se erguia atrás de mim; fugi às cegas pelos incríveis degraus e planos inclinados por onde nenhuma visão ou lógica me guiava, lugares que eu deverei sempre relegar ao mundo dos sonhos por carência de qualquer forma de confirmação. Eu devo de fato ter sonhado, ou a aurora jamais me encontraria ainda respirando sobre as areias de Gizé, diante da face sardônica da Grande Esfinge, banhada pelo alvorecer.

A Grande Esfinge! Meu Deus!... Aquela pergunta casual que eu me fiz na manhã abençoada pelo sol do dia anterior... *que imensa e repulsiva aberração a Esfinge esculpida originalmente representava?* Maldita a visão, fosse ela sonho ou não, que me revelou o horror supremo — o Desconhecido Deus dos Mortos, que lambe os beijos colossais no abismo insuspeitado, alimentando-se de horríveis iguarias oferecidas por disparates sem alma que não deveriam existir. O monstro de cinco cabeças que emergiu da cavidade escura... aquele monstro, grande como um hipopótamo... o monstro de cinco cabeças — *ele não passava da mera pata dianteira...*

Mas eu sobrevivi, e sei que foi apenas um sonho.



Poesia e os Deuses

com Anna Helen Crofts

∴

Poetry and the Gods (1920)

The United Amateur (set. 1920)

Diferentemente das colaborações com Winifred Jackson, “Poesia e os deuses” parece ter sido amplamente escrita pelo colaborador, e não por Lovecraft; algumas passagens têm o estilo e a escrita de pós-Lord Dunsany de Lovecraft, mas outras não. Além disso, incomum para Lovecraft, apresentar uma protagonista feminina, uma jovem moderna chamada Marcia; e chega a descrever seu traje (“saia preta apropriada para a noite”), algo que Lovecraft nunca faria.

Vale a pena notar, também, que a história como um todo tem a sensação de uma alegoria religiosa ao estilo *Paraíso Perdido*, dirigida apenas ao cânone da literatura e não a Deus. É *weird fiction* apenas no sentido mais amplo e inclusivo. Isso, e a falta de informações sobre Crofts, tornam essa história um diferencial real na obra de Lovecraft.



Era uma noite úmida e sombria de abril, logo depois do fim da Primeira Guerra Mundial, quando Márcia se viu sozinha com pensamentos e desejos estranhos. Eram aspirações inauditas que deixavam a sala de estar espaçosa do século vinte flutuando para o alto nos abismos do ar e na direção leste para os bosques de oliveiras na distante Arcádia que ela vira somente em sonhos. Ela entrou no aposento para ficar sozinha, apagou os candelabros com sua luz brilhante e recostou-se no divã confortável ao lado da luminária solitária e que jogava sobre a mesa de leitura um brilho esverdeado tão confortante quanto a luz da lua que passava pela folhagem em torno do santuário antigo.

Vestida com simplicidade numa saia preta apropriada para a noite e com um corte baixo nas costas, ela tinha a aparência de um produto típico da civilização moderna; mas nessa noite ela sentia o abismo imensurável que separava a sua alma de todo o ambiente prosaico que a cercava. Será que era devido à estranha casa em que vivia, essa moradia de frieza onde as relações eram sempre tensas e os internos não muito além de estranhos entre si? Era isso, ou era algum extravio maior e menos explicável do tempo e do espaço, em que ela nascera tarde demais, cedo demais, ou longe demais dos refúgios do seu espírito para que ele se conciliasse um dia com as coisas desprovidas de harmonia da realidade contemporânea? Para dispersar o estado de ânimo que a tragava cada vez mais para o fundo a cada momento que passava, ela pegou uma revista da mesa e procurou por um pouco de poesia e seu poder curativo. A poesia sempre aliviara a sua mente confusa melhor do que qualquer outra coisa quando estava com problemas, embora muitos aspectos na poesia que ela vira tirassem um pouco dessa influência. Mesmo nos versos mais sublimes, em algumas partes pairava uma névoa fria de feiúra estéril e repressão, como o pó sobre a vidraça de uma janela através da qual se vê um pôr do sol magnífico.

Virando as páginas indiferentemente, como se buscando um tesouro indefinível, de repente ela encontrou algo que dispersou a sua languidez. Um observador poderia ler seus pensamentos e dizer que ela encontrara alguma imagem ou sonho que a tinham aproximado mais dessa meta não-alcançada até então do que qualquer imagem ou sonho que vivenciara antes. Era apenas um pouco de *vers libre*, aquela concessão lamentável do poeta que passa por cima da prosa, entretanto não consegue che-

gar a ser um poema melódico; mas ele tinha toda a harmonia espontânea de um poeta que vive e sente, que procura às cegas por uma beleza revelada. Destituído de uma formalidade, ele tinha no entanto a harmonia das palavras espontâneas e sublimes, uma harmonia que faltava nos versos formais e presos a convenções que ela conhecera. À medida que o lia, o ambiente à sua volta foi desaparecendo aos poucos, e em seguida só o que havia em seu torno eram as névoas do sonho, as névoas púrpuras e salpicadas de estrelas que estão além do tempo, onde apenas os deuses e os sonhadores caminham.

Lua sobre o Japão
Lua branca e delicada!
Onde os Budas de pálpebras pesadas sonham
Ao som do chamado do cuco...
As asas brancas das borboletas lunares
Cintilam descendo sobre as ruas da cidade,
Calando constrangidos os pavios inúteis das lanternas de som nas mãos
das moças

A lua sobre os trópicos
Um botão branco-curvado
Abrindo as suas pétalas lentamente no calor do céu...
O ar está cheio de fragrâncias
E lânguidos sons cálidos...
Uma flauta toca a sua música de inseto para a noite
Sob a lua-pétala em curva dos céus.

Lua sobre a China,
A lua cansada sobre o rio do céu,
Um facho de luz sobre os salgueiros é como o brilho de mil peixinhos
Através de cardumes escuros;
As lajes em sepulturas e templos em ruínas cintilam como pequenas
ondas,
O céu está salpicado de nuvens como as escamas de um dragão.

Em meio às brumas de sonho, a leitora exclamou para as estrelas ritmadas do seu prazer com a chegada de uma nova era da poesia, um renasci-

mento do Pã. Fechando um pouco os olhos, ela repetiu as palavras cuja harmonia encontrava-se escondida como os cristais do fundo de um regato antes do amanhecer, escondidos apenas para cintilar radiantemente com o nascer do dia.

Lua sobre o Japão
Lua branca e delicada!

A lua sobre os trópicos
Um botão branco-curvado
Abrindo as suas pétalas lentamente no calor do céu...
O ar está cheio de fragrâncias
E lânguidos sons cálidos...

Lua sobre a China,
A lua cansada sobre o rio do céu...

Nesse instante, saindo da névoa brilhou a figura divina de um jovem com um elmo alado e sandálias, segurando um caduceu e de uma beleza nunca vista na terra. Diante do rosto da sonhadora ele agitou três vezes a varinha que Apolo lhe dera em troca de uma lira de nove cordas, e sobre a sua testa colocou uma grinalda de mirto e rosas. Então Hermes falou num tom respeitoso:

— Oh, Ninfa de tez mais branca que as irmãs de cabelos dourados de Siene, ou *que mulheres que habitam o firmamento de Atlântida, amada por Afrodite e abençoada por Palas, vós descobristes realmente o segredo dos Deuses, que encontra-se na beleza e na poesia. Oh, profetiza mais querida que a Sibila de Cuma quando Apolo encontrou-a pela primeira vez, vós falastes verdadeiramente de uma nova era, pois mesmo agora em Mênalos, o Pã suspira e se espreguiça no seu sono, desejando acordar e contemplar à sua volta as faunas pequenas com suas coroas de rosas e os sátiros antigos. Na sua ânsia vós descobristes o que nenhum mortal, salvo apenas uns poucos que são rejeitados pelo mundo, lembre-se: os deuses nunca morreram, estavam apenas dormindo o sono e sonhando os sonhos dos deuses em jardins hespéricos tomados de lótus e que ficam além do pôr do sol dourado.*

“E agora se aproxima o momento do seu despertar, quando a frieza e a feiúra vão perecer, e Zeus vai sentar-se uma vez mais no Olimpo. O mar em torno de Pafos já se agita espumante de uma forma que só os céus antigos testemunharam, e à noite em Hélicon os pastores ouvem murmúrios estranhos e notas meio esquecidas. As matas e os campos ficam trêmulos no crepúsculo com o bruxulear de formas brancas e saltantes, já o oceano imemorial produz visões singulares sob a luz de luas delgadas. Os deuses são pacientes e dormiram bastante, mas nem um homem e nem um gigante poderiam desafiá-los para sempre. No Tártaro os Titãs estão se retorcendo, e, sob o Etna abrasador, os filhos de Urano e Gaia estão padecendo. O dia que o homem terá de responder por séculos de negação está para nascer, mas os deuses tornaram-se mais dóceis no sono e não vão jogá-los no abismo feito para os incrédulos. Em vez disso, sua vingança vai punir a escuridão, a mentira e a feiúra, que viraram a cabeça do homem; e sob a influência desse Saturno com barba, ao sacrificar-se diante dele os mortais vão viver em meio à beleza e ao prazer uma vez mais. Essa noite eles saberão dos privilégios concedidos pelos deuses, e vão contemplar no Parnaso aqueles sonhos que os deuses enviaram através das eras para a terra para mostrar que eles não estão mortos. Pois os poetas são os sonhos dos deuses, e em cada uma e em todas as eras alguém entou sem saber a mensagem e a promessa dos jardins de lótus que ficam além do pôr do sol.”

Então Hermes carregou a donzela sonhadora céu afora nos seus braços. Brisas suaves vindo da torre de Éolo fizeram com que flutuassem bem acima dos mares cálidos e fragrantes, até encontrarem Zeus de repente em plena corte no Parnaso de duas cabeças. Estava em seu trono dourado flanqueado por Apolo e as Musas do seu lado direito, e por Dionísio com sua coroa de heras e Baco com as faces rubras de prazer do seu lado esquerdo. Márcia nunca vira tanto esplendor em sua vida, seja acordada ou em sonhos, mas esse fulgor não lhe fez mal, como o faria o fulgor do Olimpo nas alturas; pois nessa corte menor o Pai dos Deuses havia moderado as suas glórias para a visão dos mortais. Diante da entrada da caverna Corícia ornada por uma coroa de louros sentavam-se numa fileira seis figuras nobres com o aspecto de mortais, mas com os semblantes de deuses. Esses a sonhadora reconheceu das imagens que já havia contemplado, e sabia que eram ninguém mais do que o

divino Meônio, o diabólico Dante, o mais do que mortal Shakespeare, o explorador do caos Milton, o cósmico Goethe e o adorador de musas Keats. Esses eram os mensageiros que os Deuses haviam enviado para dizer aos homens que o Pã não havia desaparecido, mas que estava apenas dormindo; pois é na poesia que os Deuses falam com os homens. Então falou o Júpiter Tonante:

— Oh, Filha, pois, sendo uma da minha infinita linhagem, vós sois de fato minha filha, contemplais sobre tronos de honra em marfim os augustos mensageiros que os deuses enviaram para baixo, para que nas palavras e na escrita dos homens possa ainda haver algum traço da beleza divina. Os homens já coroaram com justiça outros bardos com lúreas duradouras, mas estes foram coroados por Apolo, e estes eu coloquei em locais distantes, enquanto mortais que falaram a língua dos deuses. Há muito que nós sonhamos nos jardins de lótus além do Oeste, e falamos somente por meio dos nossos sonhos; mas a hora chegou para que as nossas vozes não fiquem mais em silêncio. Chegou a hora do despertar e da mudança. Uma vez mais Faetonte dá um rasante, crestando os campos e secando os riachos. Em Gaul as ninfas solitárias e descalçadas choram ao lado das fontes que não existem mais, e os pinheiros junto aos rios ficaram vermelhos com o sangue dos mortais. Ares e o seu trem seguiram adiante com a loucura dos deuses e voltaram Deimos e Phobos empanzinados de prazer. Terra vaga sem destino na sua dor, e os rostos dos homens são os rostos das Fúrias, mesmo quando Astréia voou para os céus, e as ondas da nossa despedida varreram todas as terras salvo esse pico alto solitário. Nesse mesmo instante e em meio a esse caos, preparado para proclamar a sua vinda e ao mesmo tempo esconder a sua chegada, está trabalhando um mensageiro nosso, recém-nascido, em cujos sonhos estão todas as imagens que os outros mensageiros sonharam antes dele. Ele foi o escolhido para misturar toda a beleza que o mundo já conheceu num todo glorioso e escrever as palavras que vão ecoar toda a sabedoria e a graça do passado. Ele é quem vai proclamar a nossa volta e cantar sobre os dias que virão quando os faunos e as dríades vão infestar seus bosques habituais com a sua beleza. A nossa escolha foi guiada por aqueles que se sentam diante da gruta corícea sobre os tronos de marfim e em cujas melodias você vai ouvir os tons de grandiosidade por meio dos quais vós reconhecereis daqui a alguns anos o men-

sageiro maior quando este vier. Preste atenção nas suas vozes quando um a um eles cantarem para vós. Cada nota ouvireis novamente na poesia que está por vir, a poesia que trará a paz e o prazer para a vossa alma, apesar de que procurareis por ela através de anos de escuridão. Prestai atenção com cuidado, pois cada corda que vibra e desaparece vai tornar a aparecer-vos após o vosso retorno à terra, como Alfeu, submergindo suas águas na alma da Hélade, aparece como cristal Aretusa na remota Sicília.

Então Homero pôs-se de pé, o mais antigo entre os bardos, pegou a lira e entoou seu hino para Afrodite. Márcia não sabia uma palavra em grego, entretanto a mensagem não caiu em vão sobre os seus ouvidos, pois no ritmo enigmático estava aquilo que falava para todos os mortais e os deuses, e não era preciso um intérprete.

Da mesma forma ocorreu com versos de Dante e Goethe, cujas palavras desconhecidas fenderam o espaço celeste com melodias fáceis de se ler e venerar. Mas por fim sotaques conhecidos ressoaram diante da ouvinte. Era o Poeta de Avon, certa feita um deus em meio aos homens, e ainda um deus em meio aos deuses:

Escreva, escreva para que do curso sangrento da guerra,
Meu queridíssimo mestre, seu filho querido possa se afastar;
Abençoe-o no lar em paz, enquanto eu, de longe,
Santifico seu nome com zelo fervoroso.

Sotaques ainda mais familiares foram ouvidos quando Milton, que deixara de ser cego, declamou os seus versos imortais:

Ou deixe que a tua lamparina à hora da meia-noite
Seja vista em alguma torre alta e solitária,
Onde eu pudesse ficar além do ocaso da Ursa Maior
Com o triplamente grande Hermes, ou trazer das esferas
O espírito de Platão, para descobrir
Que mundos ou que vastas regiões mantêm
A mente imortal, que renunciou
À sua mansão nesse recanto carnal.



Alguma vez deixe a tragédia esplêndida
Na patena com um cetro passar arrebatadora,
Apresentando Tebas, ou a linhagem de Pelopo
Ou a história da divina troia.

Por fim ouviu-se a voz jovem de Keats, o mais próximo de todos os mensageiros do belo povo dos faunos:

Melodias ouvidas são doces, mas as não ouvidas
São mais doces; portanto, flautas ainda doces, sigam tocando...



Quando a idade avançada essa geração descartar,
Vós ficareis, em meio a outros infortúnios
Do que os nossos, um amigo para o homem, a quem vós dizeis
“Beleza é verdade — verdade beleza” — isso é tudo
Que vós sabeis na terra, e tudo que necessita saber.

Quando o declamador parou, ouviu-se um ruído no vento que vinha do distante Egito, onde Aurora pranteia à noite na beira do Nilo pelo seu Menão assassinado. Aos pés do Júpiter Tonante voou a deusa com seus dedos róseos e ajoelhando-se, exclamou:

— Mestre, é chegada a hora de eu destrancar os Portões do Leste.

Assim Febo, passando a lira para Calíope e com sua noiva entre as Musas, preparou-se para partir na direção do Palácio do Sol adornado com suas joas e colunas, pois os corcéis já se impacientavam atrelados à

carruagem do Dia. Então Zeus desceu do trono entalhado e colocou a mão sobre a cabeça de Márcia e disse:

— Filha, o amanhecer se aproxima, e é bom que retornéis antes do despertar dos mortais para a sua casa. Não choreis com a escuridão da vossa vida, pois a sombra das crenças falsas logo deixará de existir e os deuses caminharão de novo em meio aos homens. Procurai então incessantemente pelo nosso mensageiro, pois nele encontrareis a paz e o bem-estar. Com suas palavras vossos passos serão guiados para a felicidade, e nesses sonhos de beleza vosso espírito encontrará o que ansiava.

Quando Zeus terminou, o jovem Hermes pegou a donzela delicadamente nos braços e a carregou na direção das estrelas que se apagavam, para o alto e na direção oeste sobre os mares invisíveis.



Muitos anos se passaram desde que Márcia sonhou com os Deuses e com o seu conclave no Parnaso. Hoje à noite ela está sentada na mesma sala de estar espaçosa, mas não está sozinha. O velho espírito de insatisfação é passado, pois ao seu lado está um cujo nome cintila com sua celebridade: o jovem poeta dos poetas que tem o mundo inteiro aos seus pés. Ele está lendo de um manuscrito palavras que ninguém ouviu antes, mas quando forem ouvidas vão levar aos homens os sonhos e as fantasias que eles perderam tantos séculos atrás, quando Pã deitou-se para cochilar em Arcádia, e os grandes Deuses retiraram-se para dormir nos jardins de lótus além das terras dos hespéricos. Nas cadências sutis e nas melodias escondidas do bardo o espírito da donzela encontrara finalmente descanso, pois lá ecoavam as notas mais divinas do Orfeu Trácio, as notas que comoveram as próprias rochas e as árvores à margem do Hebrus. O declamador pára e pede ansioso uma opinião, mas o que Márcia pode dizer além de que seu estilo é “talhado para os deuses?”.

E quando ela falou sobrevieram novamente uma visão do Parnaso e o som distante de uma voz poderosa dizendo: “Com suas palavras seus passos serão guiados para a felicidade, e nesses sonhos de beleza seu espírito encontrará o que ansiava”.



A Feitiçaria de Aphlar

com Duane W. Rimel

∴

The Sorcery of Aphlar (1934)

The Fantasy Fan (dez 1934)

O tamanho da participação de Lovecraft nesta história, entretanto, ainda é assunto de muito debate. Segundo um manuscrito de Robert H. Barlow, Rimel teria escrito a história e Lovecraft apenas revisado; uma carta do próprio Lovecraft a Rimel, nos mesmos moldes da que enviou após revisar “A árvore na colina”, porém, dá a entender que sua participação tenha sido maior: nela, ele felicita o autor pela história, diz que lendo-a se lembrou de seu ídolo Lord Dunsany, e menciona ter feito algumas modificações que, em sua opinião, ajudariam na criação do clima, como a mudança do nome do protagonista, originalmente Alfred, para Aphlar. O fato de o clima de “A feitiçaria de Aphlar” ser bem parecido com o do Ciclo dos Sonhos de Lovecraft também parece ser um indicativo de que Lovecraft mexeu na história.



O Conselho dos Doze, sentado no estrado celestial cravejado de estrelas, ordenou que Aphlar fosse expulso dos portões de Bel-haz-en. Ele se sentava solitário com frequência, decretaram eles, remoendo quando a dor seria sua sorte. E as suas obscuras e ocultas investigações, levaram-no a ler, com demasiada frequência, aqueles papiros de éons distantes, que repousavam no santuário gótico e que deviam apenas ser consultados para raros e especiais propósitos.

O conhecimento tinha se perdido na cidade crepuscular de Bel-haz-en. Não mais havia filósofos sentados nas esquinas oferecendo ao povo suas palavras sábias, pois a ignorância reinava agora entre os muros imemorialmente antigos, e em ruínas. Onde antes abundava a sabedoria das estrelas, hoje apenas a fraqueza e a desolação se espalham como uma ferrugem monstruosa, sugando nutrientes imundos dos estúpidos habitantes. E das águas do rio Oll, que serpenteavam das montanhas de Azlakka para adentrar à cidade envelhecida, muitas vezes surgiam grandes nuvens de pestilência que castigavam cruelmente a população, deixando-os pálidos e moribundos. A tudo isso sua perda de sabedoria trouxe. E agora o Conselho expulsara seu último e maior sábio.

Aphlar vagou pelas montanhas bem acima da cidade e se instalou numa caverna para se proteger do calor do verão e do frio do inverno. Lá, em silêncio, ele leu seus pergaminhos e recitou sua infinita sabedoria às andorinhas que voavam, e aos ventos que corriam os penhascos. Durante o dia todo, ele permanecia sentado, observando o que acontecia abaixo ou desenhando símbolos estranhos em pedacinhos de pedra para as quais cantava, pois sabia que um dia os homens procurariam a caverna e o matariam. A astúcia dos Doze não o desviou de seu caminho. Não se ouviu, duas luas antes, os uivos do último sábio exilado rasgando a noite, quando todos pensavam que ele tinha ido para um lugar seguro? Não teria, com seus próprios olhos, visto o corpo do padre, morto por um golpe de espada, flutuando sobre as águas envenenadas? Ele sabia que, ao contrário do que o conselho disse, nenhum leão poderia ter matado o velho Azik. Será que um leão atacaria com uma espada e abandonaria a sua presa sem a devorar?

Por muitas estações, Aphlar se sentou na montanha, olhando para o Oll lamacento, que se perdia de vista na névoa da terra onde ninguém jamais se aventurou. Ele dirigiu as suas sábias palavras aos caracóis que

rastejavam no chão aos seus pés. Eles pareciam compreender, e acenavam seus tentáculos antes de se afundarem novamente no chão. Nas noites enluaradas, ele subia a colina acima de sua caverna e fazia estranhas oferendas ao deus da lua, Ale; quando os pássaros noturnos o ouviam, aproximavam-se para escutar os sussurros de sua voz. E quando as estranhas formas aladas atravessaram o céu escuro e cortaram confusamente o luar, Aphlar se sentiu feliz. Aqueles a quem ele tinha acabado de acenar tinham-no reconhecido. Os seus pensamentos estavam sempre longe, e suas orações eram sempre oferecidas às pálidas fantasias do crepúsculo.

Então um dia, pouco depois do meio-dia, Aphlar se levantou e desceu a encosta da montanha. Sua atenção não se recaía sobre a cidade corrupta, rodeada com seus muros de pedra, seus olhos permaneciam fixos no rio. Quando chegou à margem lamacenta, ele parou e olhou para o seio do córrego. Um pequeno objeto flutuava perto dos juncos, e Aphlar o resgatou com carinho e curioso cuidado. Então, envolvendo-a nas dobras de sua túnica, ele retornou ao seu refúgio cavernoso nas colinas. Durante todo o dia, ficou absorto em contemplação ao objeto; consultando de vez em quando as suas crônicas empoeiradas e murmurando sílabas terríveis enquanto desenhava vagas figuras num pedaço de pergaminho.

Naquela noite, a lua gibosa subiu no céu, mas Aphlar se absteve de subir acima do seu refúgio. Estranhas aves noturnas voavam pela entrada da caverna, gorjeando assustadoramente, para logo em seguida desaparecer nas sombras.



Passaram-se muitos dias antes que o conselho enviasse seus assassinos, mas finalmente a hora chegou; sete criaturas obscuras rastejaram para as colinas. Porém, ao adentrar à caverna, aqueles sete sombrios não viram o Sábio Aphlar. Em vez disso, pequenas folhas de relva cresciam onde habitualmente o Sábio se sentava. Todos os papiros estavam enegrecidos e embolorados, com vagos glifos sobre eles.

Os sete tremeram e se puseram a fugir imediatamente, mas quando o último se retirava, avistou alguma coisa redonda e estranha no chão. Ele a pegou e seus companheiros se aproximaram curiosos. Viram desenha-

dos nela apenas símbolos estranhos que não podiam ler, mas que eram suficientes para que estremecessem, sem saberem o motivo. Então o descobridor apressadamente jogou a coisa sobre a borda íngreme da rocha ao seu lado, mas sem algum saiu das profundezas, sobre a qual deveria ter caído. O atirador tremia, temendo muitas outras coisas que não são conhecidas, mas apenas sussurradas. Depois, quando ele explicou aos demais que a esfera em sua mão não tinha peso, e que parecia flutuar no ar como cardo ao vento, todos eles fugiram, jurando que o lugar era amaldiçoado.

Logo que saíram, um caracol rastejou de uma fenda arenosa e deslizou lentamente em direção às folhas de relva crescente. E, ao chegar no local, dois viscosos olhos tentaculares se esticaram e curvaram estranhamente para baixo, como se estivessem ansiosos em contemplar eternamente o rio sinuoso.



A Batalha que Encerrou o Século

com Robert H. Barlow

∴

The Battle that Ended the Century (1934)

The Battle That Ended the Century (1934)

Esta paródia começou como um plano de Barlow de escrever algo bobo que iria incluir cada pessoa que ele pudesse lembrar do grupo de escritores que veio a ser conhecido hoje como o *Círculo de Lovecraft*. Inicialmente ele usou seus nomes diretamente; mas quando leu o projeto, Lovecraft sugeriu que eles deveriam ser disfarçados de forma punitiva para tornar as coisas mais divertidas. Ele mesmo, portanto, tornou-se “Horse Power Hateart”; Miles J. Breuer tornou-se “Gim Destilaria”; Seabury Quinn tornou-se “Chazadas de Marmelo”; e Hugh Rankin tornou-se “Sr. Vais-Passado”.

Lovecraft entrou de cabeça no projeto, e acabou por adicionar o nome de dezenas de colegas. Algumas dessas referências são um tanto obscuras e difíceis de serem percebidas até hoje, mais de 85 anos depois.



(Manuscrito encontrado numa máquina do tempo)

Na véspera do ano de 2001, uma vasta multidão de ávidos espectadores se encontrava presente entre as ruínas românticas da Garagem do Cohen, no local onde Nova Iorque existiu, para presenciarem um encontro pugilístico entre dois campeões de renome no firmamento das histórias estranhas: o Bob Duas-Pistolas^[1], o Terror das Planícies, e Knockout Bernie, o Lobo Mau de Shokan Oeste^[2]. Antes da batalha, os augúrios haviam sido determinados pelo venerável Lama tibetano Bill Lum Li^[3], que evocara o antigo deus-serpente de Valúsia e encontrara sinais inegáveis de vitória para as duas partes. Wladislaw Brenryk^[4] vendia por lá bolos de creme como se não quisesse nada, e os participantes estavam acompanhados por dois cirurgiões oficiais, os doutores D. H. Mata-dor^[5] e Gim Destilaria^[6].

O gongo soou na trigésima nona hora. Depois disso, o ar ficou vermelho com o presságio do combate, organizado com todos os detalhes pelo poderoso carniceiro do Texas. Não demorou muito até que ocorresse os primeiros danos, tais como a perda de alguns dentes por parte de ambos os participantes. Um deles, saído da boca do Lobo após um murro casual do Duas-Pistolas, descreveu uma parábola até ao Iucatã, sendo depois recuperado por uma expedição feita à pressa pelos senhores Barril Raptado^[7] e G. A. Escócia^[8]. Esse incidente foi usado, pelo eminente sociólogo Frank Dorme Pouco, Jr.^[9], como base para uma balada de propaganda proletária com três versos de métrica irregular postos de propósito. Entretanto, um potentado de um reino vizinho, o Effjay de Akkamin^[10] (que também se assumia como crítico amador), expressou a sua enervada repulsa em relação à técnica dos combatentes, enquanto tentava impingir fotografias de ambos (consigo ao fundo) por cinco centavos cada.

No segundo *round*, a direita robusta de Shokan penetrou nas costelas do texano e ficou enredada numa variedade de vísceras, o que permitiu ao Duas-Pistolas disparar murros poderosos no queixo desprotegido do seu oponente. Bob ficou muito aborrecido com os pruridos efeminados que alguns espectadores revelavam, à medida que músculos, glândulas, sangue e pedaços de carne iam se espalhando pelo ringue. Durante esse *round*, a eminente especialista anatômica de capa de revista, a Sr.^a

M. Blunderage^[11] descreveu esses combatentes como dois nus espirituosos atrás de um fino véu de convencionais espirais de fumaça de tabaco, enquanto o falecido Sr. C. Meio-Centavo^[12] nos forneceu um esboço de três chineses com chapéus de seda e galochas — sendo esta a sua concepção original dessa batalha. Entre os esboços amadores feitos, havia um, da autoria do Sr. Vais-Passado^[13], que veio a ganhar grande fama na exposição anual de Cubismo, exibido como “uma interpretação abstrata do pudim erradicado”.

No terceiro *round*, esse combate se tornou ainda mais feroz, sendo várias orelhas e outros apêndices parcialmente arrancados do combatente da fronteira texana pelo chocante homem de Shokan. Um pouco irritado, o Duas-Pistolas respondeu com dois golpes precisos, desprendendo muitos fragmentos de seu agressor, que continuou a lutar com os membros que ainda lhe restavam.

Todo esse assunto foi alvo de uma reportagem por parte do Sr. Lablanche Talcum^[14], tendo o texto sido revisto pelo Sr. Horse Power Heart^[15]. Através desse grande acontecimento, o Sr. conde d’Erlette^[16] tirou algumas notas para um romance que seria publicado em 200 volumes à lá Proust, e que se intitularia *Manhã em Setembro*, e seria ilustrado pela Sr.^a Blunderage. O Sr. César Furúnculos^[17], por várias vezes, entrevistou ambos combatentes e os espectadores mais importantes; obtendo como recordação (depois de uma animada luta com Effjay) uma costela autografada do Duas-Pistolas, em excelente estado de conservação, bem como três unhas do Lobo Mau. Os efeitos de luzes ficaram a cargo do Laboratório para Testes Elétricos sob a supervisão de H. Quebra-Bengalas^[18]. O quarto *round* foi prolongado por cerca de oito horas a pedido do artista oficial, o Sr. H. Tá-nas-Nuven^[19], que desejava pôr alguns tons fantásticos na sua representação da fisionomia exaurida de Lobo, o que incluía vários detalhes supranumerários fornecidos pela imaginação.

O clímax finalmente veio no quinto *round*, quando a mão esquerda do Arrancador do Texas entrou cara adentro de Bernie Batalhador, atirando-o no chão. Isso foi considerado como finalização pelo árbitro — Robertieff Essovitch Karovsky^[20], o embaixador moscovita — que, diante do estado chocante do lutador de Shokan, declarou que o mesmo estava essencialmente liquidado de acordo com a ideologia marxista. O

Lobo Mau recorreu a um protesto oficial, que foi logo rejeitado com base no fato de que todos os pontos necessários para uma morte técnica estavam teoricamente presentes.

Os que empunhavam estandartes de guerra fizeram troar uma fanfarra de triunfo em homenagem ao vencedor, enquanto que o tecnicamente vencido foi entregue nas mãos do coveiro oficial, o Sr. Chazadas de Marmelo^[21]. Durante as cerimônias, o teórico cadáver pôs-se a andar em buscar um pouco de mortadela, mas foi logo encontrado um cenotáfio de bom-gosto para funcionar como o foco dos rituais. A procissão funerária era encabeçada por uma carroça alegremente enfeitada, conduzida por Malik Taus, o *Sultão Empavonado*^[22], que se sentava no assento do cocheiro usando seu uniforme de West Point, com um turbante, e dirigiu por um admirável percurso através de formidáveis sebes e muros de pedra. A meio caminho do cemitério, o cadáver se juntou ao cortejo e se sentou ao lado do sultão Malik, no assento do cocheiro, para acabar de comer o seu sanduíche de mortadela, tornando o seu tamanho físico impossível de caber nesse cenotáfio escolhido às pressas. Uma melodia fúnebre, muito a propósito, foi então executada pelo Maestro Sing Lee Bawledout^[23] no seu pífaro. A famosa composição dos senhores Silva, Brown e Henderson, “Nunca Mate uma Mosca”, da velha cantata *Imagina Só*, acabou sendo escolhida para a ocasião. O único detalhe omitido desse funeral foi o enterro que acabou sendo interrompido pelas notícias desconcertantes de que o guarda-portão oficial — o famoso financeiro e editor, o Comendador Ivar K. Roedor^[24] — tinha ido embora, levando o dinheiro que lhe fora pago.

A reportagem do Sr. Talcum sobre o assunto, ilustrada pelo artista de renome Klarkash-Ton^[25] (que esotericamente representou os combatentes como fungos invertebrados), foi publicada — após várias rejeições do editor de gosto requintado da *Windy City Grab-Bag*^[26] — num cartaz, por W. Peter Chef^[27]. Essa publicação, devido aos esforços de Otis Adelbert Kline, foi finalmente posta à venda na livraria Come & Chora^[28], sendo três exemplares e meio vendidos, através das sugestivas descrições que constavam no catálogo fornecido pelo Comendador Samuelus Philanthropos^[29].

Em resposta à grande procura, o texto foi finalmente reimpresso pelo Sr. Mérito^[30] nas páginas policromas do *Weakly Americana*^[31] sob o

título “Será que a Ciência saiu de Moda?”, ou “Os Moleiros na Garagem”. No entanto, já não existem exemplares em circulação, dado que os que não foram logo agarrados pelos bibliófilos fanáticos foram apreendidos pela polícia por conexão com um processo de calúnia movido pelo Lobo Mau, que acabou por ser, após vários recursos no Tribunal Mundial, julgado não apenas vivo, mas o inconfundível vencedor desse combate.



O Oceano Noturno

com Robert H. Barlow

∴

The Night Ocean (1936)

The Californian (inverno 1936)

Esta noveleta é uma peça notável de escrita e mostra definitivamente que Robert H. Barlow — que ainda tinha apenas 18 anos quando escreveu — estava a caminho de se tornar um escritor verdadeiramente excepcional. É uma história que queima lentamente na atmosfera, na qual muito pouco acontece fisicamente — mas o que acontece é impregnado de horror nas entrelinhas.



Fui para a praia de Ellston Beach não apenas pelos prazeres do sol e do oceano, mas, também, para descansar a mente fatigada. Como não conhecia ninguém na pequena cidade, que só prosperava graças a pessoas passando as férias de verão, e ficava a maior parte do ano com janelas vazias, não me parecia provável que pudessem me perturbar lá. Isso me agradava, pois não desejava ver nada além das ondas e da praia se estendendo diante do meu lar temporário!

Meu longo trabalho do verão estava, finalmente, terminado quando deixei a cidade e o grande desenho mural que eu havia produzido entrou na competição. Gastei a maior parte do ano para terminar a pintura, e, quando o último pincel foi lavado, eu não mais relutava em atender o chamado da minha saúde debilitada em busca de descanso e reclusão por um tempo. Na verdade, depois de passar uma semana na praia, eu só conseguia me lembrar, ocasionalmente, do trabalho cujo sucesso parecera tão importante em tempos recentes. Não tinha mais a velha preocupação com centenas de complexidades de cor e de ornamento. Não tinha mais medo e insegurança quanto a minha capacidade de tornar realidade um estado mental e fazer, com minhas próprias habilidades, a ideia, de forma indefinida, virar o esboço cuidadoso de um desenho. E, ainda assim, aquilo que veio a me afetar no litoral isolado poderia muito bem ter brotado das condições mentais por trás de tais preocupações, medos e inseguranças. Pois sempre fui alguém que busca, um sonhador e um contemplador nas buscas e sonhos. E quem poderia afirmar que tal natureza não abre os olhos latentes e sensíveis a mundos e estados de ser indetectáveis pelos homens?

Agora que tento contar o que vi, estou ciente de milhares de limitações enlouquecedoras. Coisas vistas pela visão interior, como aquelas visões repentinas que aparecem quando afundamos na escuridão dos sonhos e são mais vívidas e significativas para nós na forma original e não quando tentamos colá-las a uma realidade tangível. Desenhe um sonho a caneta, e a cor se esvai dele. A tinta com a qual se escreve parece se diluir com algo que carrega muita realidade, e descobrimos que, por fim, não conseguimos delinear nossa incrível memória. É como se o nosso eu interior, libertado das restrições do dia e da objetividade, jorrasse com emoções aprisionadas que são imediatamente abafadas quando as traduzimos. Nos sonhos e visões estão as maiores criações dos homens, pois é lá que não há nem sequer um resquício de delineamento nem de limitação. Cenas esquecidas e terras mais obscuras que o mundo dourado da infância brotam na mente adormecida para reinarem até que o despertar as dissipe. Entre elas, poderíamos atingir um pouco da glória e do contentamento com os quais ansiamos; certo vislumbre de belezas encantadoras suspeitadas, porém nunca antes reveladas, que seriam, para nós, como o Santo Graal para os espíritos santos do mundo medieval. Mol-

dar tais coisas na roda da arte em busca de trazer um troféu desgastado daquele reino intangível de sombras e teias requer habilidade e memória em igual medida. Pois, embora os sonhos estejam em todos nós, poucas mãos conseguem agarrar essas asas de borboleta sem rasgá-las.

Tal habilidade não existe nesta narrativa. Se pudesse, eu lhe revelaria os eventos vislumbrados que percebi fracamente, como alguém que contempla um território mal iluminado e vê formas cujo movimento é vago e indistinto. No desenho do meu mural, que estava, então, com uma multidão de outros no edifício que lhes fora designado, eu havia me esforçado para, da mesma maneira, capturar um traço desse enganador mundo de sombras, talvez com um sucesso maior do que alcanço agora. Minha estadia em Ellston era para aguardar o julgamento da minha obra. E, quando os desconhecidos dias de lazer me deram alguma perspectiva, descobri — apesar daquelas fraquezas que um criador sempre detecta com mais clareza — que eu, de fato, havia conseguido reter em linhas e cores alguns fragmentos apreendidos do mundo sem fim da imaginação. As dificuldades do processo e o estresse que se sobrepôs a todas as minhas forças minaram minha saúde e me levaram até a praia durante esse período de espera.

Como eu queria ficar totalmente só, aluguei (para a alegria do incrédulo dono) uma pequena casa a certa distância do vilarejo de Ellston — que, por causa do fim da estação, estava animado por um burburinho moribundo de turistas uniformemente desinteressantes para mim. A casa, de paredes escurecida pelos ventos marinhos, embora não tivesse sido pintada, não ficava próxima do vilarejo, e era um enclave na encosta, como um pêndulo sob um relógio parado, bastante isolada sobre uma colina de areia tomada pelo mato. Como um animal solitário, ela como que se agachava de frente para o mar, e suas inescrutáveis janelas sujas encaravam um reino solitário de terra, céu e um mar enorme. Não seria necessário usar muita imaginação ao narrar esses fatos, pois, mesmo se esses pudessem ser aprimorados e colocados em um mosaico, já seriam estranhos por si mesmos. Porém, achei a pequena casa muito solitária quando a vi, e que, assim como eu, ela estava ciente de sua existência insignificante diante do grande mar.

Cheguei ao lugar no final de agosto, um dia antes do esperado, e encontrei uma van e dois homens descarregando a mobília fornecida pelo

proprietário do lugar. Naquele momento, eu ainda não sabia por quanto tempo ficaria, e, quando o veículo que trouxe os objetos partiu, arrumei minha pequena bagagem e tranquei a porta (sentindo-me muito satisfeito em ter uma casa após meses de um quarto alugado) para descer a colina cheia de mato até a praia. Como a casa tinha apenas um cômodo, ela dispensava exploração. Duas janelas de cada lado forneciam uma grande quantidade de luz e, de algum modo, uma porta foi espremida, como se fruto de uma resolução tardia, na parede virada para o oceano. O lugar tinha sido construído cerca de dez anos antes, mas, devido à distância do vilarejo de Ellston, era difícil alugar mesmo durante a agitada temporada de verão. Sem lareira, o lugar ficava vazio e solitário de outubro até meados da primavera. Embora a casa ficasse a menos de uma milha ao sul de Ellston, parecia estar muito mais distante, pois uma curvatura na costa fazia com que a pessoa só visse dunas cobertas de grama na direção do vilarejo.

Metade do primeiro dia já se esvaíra quando me instalei, e passei o tempo aproveitando o sol e a água calma — coisas cuja majestade faziam o desenho de murais parecer distante e tedioso. Porém, esta era a reação esperada após uma preocupação que durou tanto tempo carregada de hábitos e atividades. Eu tinha terminado meu trabalho e, agora, as férias começavam. Esse fato, embora enganador naquele momento, ficava evidente em tudo o que me cercava na tarde da minha chegada, e na mudança brusca de cenário. Havia um efeito belo e estranho quando o sol brilhava sobre as ondas do mar revolto, cujas ondas, impelidas por meios misteriosos, pareciam ficar salpicadas de diamantes. Talvez uma aquarela conseguisse capturar as massas sólidas de luz que jaziam sobre a praia, onde o mar se misturava à areia. Embora o oceano carregasse seu próprio matiz, ele era dominado por inteiro pelo intenso e inacreditável reflexo da luz. Não havia ninguém perto de mim, e aproveitei o espetáculo sem o incômodo de algum objeto intruso no palco a minha frente. Cada um dos meus sentidos era tocado de um jeito diferente, mas, às vezes, me parecia que o rugido do mar era semelhante àquele brilho maciço, ou como se as ondas fossem a fonte da luz ao invés do sol. Cada sensação era tão vigorosa e insistente que as impressões que vinham delas se misturavam. Era curioso o fato de que eu não via ninguém se banhando perto da minha pequena casa quadrada durante

aquela tarde ou nas que se sucederam, embora a curvatura do litoral incluísse uma praia ainda mais convidativa que a do vilarejo, onde o quebrar das ondas era pontilhado de figuras humanas. Eu supunha que era por causa da distância e porque nunca houve casas ao sul da cidade. Por que essa extensão sem construções existia, eu não conseguia imaginar, pois muitas casas se espalhavam ao longo da costa norte, viradas para o mar com olhos vazios.

Nadei até o entardecer e, mais tarde, após descansar, fui andando para a cidade. A escuridão mantinha o mar oculto de mim quando cheguei, e encontrei, nas luzes fracas das ruas, os sinais de uma vida que não tinha a menor consciência da enorme presença sombria tão próxima. Havia mulheres maquiadas, com adornos de lantejoulas, e homens entediados que não eram mais jovens — uma multidão de marionetes tolas à beira do abismo do oceano, sem a capacidade de ver o que havia acima e ao redor deles, na rutilante grandeza das estrelas e nas léguas do oceano noturno. Eu andei pelo contorno daquele mar tenebroso na volta para a casinha simples, enviando feixes de luz da minha lanterna contra a escuridão nua e impenetrável. Na ausência da lua, essa luz criava uma barra sólida contra as muralhas da maré agitada. Eu sentia uma emoção indescritível que nascia do barulho das águas e da percepção da minha própria, inconcebível, pequenez, conforme eu lançava aquele minúsculo raio de luz sobre um domínio que era imenso por si só. mas que não passava de uma fronteira negra das profundezas da Terra. Aquela profundidade noturna, sobre a qual navios se moviam, solitários, nas trevas onde eu não podia vê-los, produzia o murmúrio de uma distante multidão ensandecida.

Quando cheguei a minha residência, eu sabia que não tinha passado por ninguém durante a caminhada de uma milha desde o vilarejo, mas, mesmo assim, permanecia a impressão de que eu estivera, o tempo todo, acompanhado pelo espírito do mar solitário. Ele estava, pensei, personificado em uma forma que não se revelou a mim, porém se movia em silêncio nos arredores do limite da minha compreensão. Era como um desses atores que se escondem atrás do cenário escuro, prontos para as falas que, em breve, os chamarão para diante de nossos olhos para se moverem e falarem sob a repentina revelação dos holofotes. Por fim,

deixei de lado essa fantasia e procurei a chave da casa, cujas paredes nuas me deram uma súbita sensação de segurança.

Minha cabana era completamente isolada do vilarejo, como se ela tivesse perambulado pela costa e fosse incapaz de retornar. Lá, eu não ouvia nada do incômodo clamor quando voltava à noite após a ceia. Eu, em geral, ficava apenas por um curto período nas ruas de Ellston, embora, às vezes, fosse até o local apenas pela caminhada que me oferecia. Lá ficavam as muitas lojinhas curiosas e fachadas de teatro falsamente aristocráticas que abarrotam cidades de turismo de férias, mas eu nunca frequentava tais recintos. O lugar parecia útil apenas pelos seus restaurantes. Era incrível o número de coisas inúteis que as pessoas encontravam para fazer.

No início, houve uma sucessão de dias ensolarados. Eu me levantava cedo e contemplava o céu cinzento iluminado pela promessa da aurora. Tal profecia se cumpria enquanto eu servia de testemunha. Essas auroras eram frias e suas cores eram fracas em comparação com o brilho uniforme do dia, que dá, a todas as horas, a qualidade luminosa do meio-dia. Aquela luz intensa, tão aparente no primeiro dia, fez os dias que se sucederam virarem páginas amareladas no livro do tempo. Notei que muitos dos frequentadores da praia se incomodavam com o sol inclemente, enquanto eu o buscava. Após meses cinzentos de labuta, a letargia induzida por uma existência física em uma região governada pelas coisas simples — o vento, a luz e a água — teve um efeito imediato sobre mim, e, como estava ansioso para continuar esse processo de cura, passei todo o meu tempo ao ar livre sob a luz do sol. Isso resultou num estado de ânimo ao mesmo tempo tranquilo e relaxado, e me deu um sentimento de segurança contra a noite voraz. Assim como a escuridão é semelhante à morte, a luz é semelhante à vitalidade. Graças à herança de um milhão de anos atrás, quando os homens eram mais próximos da mãe-oceano, e quando as criaturas das quais nascemos jaziam lânguidas nas águas rasas penetradas pelo sol, nós ainda buscamos as coisas primordiais quando estamos cansados, cercando-nos com a segurança reconfortante que elas proporcionam, como aqueles primitivos quase-mamíferos que ainda não haviam se aventurado pelas terras lamacentas.

A monotonia das ondas era repousante, e eu não tinha nenhuma outra ocupação além de testemunhar o variado humor do oceano. Hã uma

mudança incessante nas águas — cores e sombras passam sobre elas como as expressões insubstanciais de um rosto bem conhecido e a nós reveladas de uma só vez por sentidos que quase não reconhecíamos como humanos. Quando o mar está irrequieto, lembrando antigos navios que já desceram para seus abismos, emerge em silêncio, em nossos corações, o desejo por um horizonte desaparecido. Mas, quando ele se acalma, nós também nos acalmamos. Embora o conheçamos por uma vida toda, ele sempre mantém um ar estranho, como se algo vasto demais para ter uma forma estivesse espreitando no universo e o mar fosse uma porta. O oceano matinal, resplandecente com a névoa refletida por nuvens azul-esbranquiçadas e espuma cheia de diamantes, tem os olhos de alguém que contempla coisas estranhas, e suas intrincadas teias, pelas quais se lançam uma miríade de peixes coloridos, carregam a atmosfera de algum grande ser inconsciente que se levantará dos abismos imemoriais para vagar pela terra.

Fiquei contente por muitos dias e feliz por ter escolhido a casa solitária que se assentava como uma pequena fera sobre os penhascos arredondados de areia. Entre as diversões agradáveis e aleatórias geradas por este modo de vida, eu passei a acompanhar a linha da arrebentação (onde as ondas deixam uma forma molhada irregular contornada pela espuma evanescente) por longas distâncias. Às vezes, eu encontrava estranhos pedaços de conchas no entulho ocasional do mar. Havia uma variedade estonteante de detritos na costa curvada para o interior e que minha casinha simples contemplava, e eu julgava que correntes, cujos rumos divergiam da praia do vilarejo, deviam alcançar aquele lugar. De qualquer modo, meus bolsos — quando os tinha — eram vastos depósitos de bugigangas, a maior parte das quais eu jogava fora uma ou duas horas após tê-las recolhido, e questionando-me por que o teria feito. Certa vez, no entanto, achei um pequeno osso cuja natureza não pude identificar, exceto pela certeza de que não era de um peixe, e o guardei, junto de uma grande conta de metal cujo desenho, minuciosamente entalhado, era bastante incomum. Ele representava um tipo de peixe contra um fundo padronizado de algas marinhas, em vez dos padrões florais ou geométricos mais comuns, e ainda era visível, embora desgastado, apesar dos anos que ficou jogado nas águas. Como nunca tinha visto nada assim antes, julguei que representava alguma moda, agora esqueci-

da, de anos anteriores em Ellston, onde modas semelhantes eram comuns.

Eu estava lá há, talvez, uma semana quando o tempo começou a sofrer uma mudança gradual. Cada estágio desse escurecimento progressivo era seguido de outro sutilmente intensificado de modo que, ao final, toda a atmosfera que me cercava tinha mudado de dia para noite. Isso ficou mais óbvio para mim em uma série de impressões mentais que não que cheguei de fato a observar, pois a pequena casa ficava solitária sob os céus acinzentados e, às vezes, um vento intenso vinha do mar carregado de umidade. O sol foi substituído por longos intervalos de nuvens — camadas de névoa cinzenta que mantinham o sol isolado além de suas profundezas desconhecidas. Embora ele ainda pudesse irradiar sua luz com a mesma intensidade de outrora acima daquele véu enorme, não conseguia penetrá-lo. A praia era aprisionada em um domo descolorido por várias horas a fio, como se algum aspecto da noite estivesse vazando para outros horários.

Enquanto o vento ganhava força e o oceano se agitava em espirais rodopiantes provocadas pela agitação errante das ondas, a água ficou tão fria que eu não podia mais permanecer nela por tanto tempo quanto antes. Assim, desenvolvi o hábito de longas caminhadas que — quando não podia nadar — proporcionavam o exercício que eu era tão cuidadoso em obter. Essas caminhadas cobriam uma área maior de beira-mar que minhas andanças anteriores, e como a praia se estendia por milhas além do vilarejo, eu, com frequência, acabava totalmente isolado em uma área infinita de areia conforme a noite se aproximava. Quando isso acontecia, eu apertava o passo ao longo da borda sussurrante do mar, seguindo seu contorno para não desviar os passos para o interior e me perder. Por vezes, quando essas caminhadas duravam até tarde (como durariam cada vez mais) eu encontrava a casa, quase por instinto, como um posto avançado do vilarejo. Insegura sobre o penhasco batido pelos ventos, uma mancha negra sob as cores mórbidas do pôr do sol no oceano, a casa ficava ainda mais solitária que quando estava sob a luz plena de um dos astros. E a minha imaginação parecia um rosto mudo e suspeito virado para mim como se estivesse na expectativa de alguma ação específica. Que o lugar era isolado, eu já disse, e, de início, isso me agradava. Porém, naquela breve hora noturna em que o sol deixava um ras-

tro declinante de sangue e as trevas espreitavam como uma mancha disforme em expansão, havia uma presença alienígena no local: um espírito, uma sensação, um presságio que vinha do vento ululante, do céu gigantesco e do mar, que derramava ondas negras sobre uma praia que, de súbito, parecia estranha. Naquele momento, senti uma perturbação que não tinha causa definida, embora minha natureza solitária tivesse me deixado há muito acostumado ao silêncio e à antiga voz da natureza. Essas sensações enganosas, às quais eu não podia dar nomes precisos, não me afetaram por muito tempo. Porém, ainda assim, eu sabia que, ao longo de todo esse tempo, uma consciência gradual da solidão imensa do oceano me encobria, uma solidão que se tornou ainda mais horrível por insinuações — que nunca chegaram a ser mais que isso — de alguma entidade animada ou senciente que me impedia de ficar plenamente sozinho.

As barulhentas ruas amareladas da cidade, com suas curiosas atividades irreais, estavam muito distantes, e quando fui lá para minha refeição da tarde (por não confiar em uma dieta da minha própria culinária ambígua) tomei o cuidado, bastante exagerado, de retornar a minha morada antes da escuridão total, embora eu, com frequência, ficasse fora até as dez ou mais.

Você vai dizer que tal ação é irracional, que se eu temia a escuridão de modo tão infantil, eu a teria evitado completamente. Vai me perguntar por que não abandonei o lugar, já que o isolamento estava me deprimindo. Para tudo isso, não tenho resposta, exceto que qualquer inquietude que eu sentia, qualquer perturbação, ainda que remota, que se originasse nos breves aspectos do sol escurecido ou no irrequieto vento salgado ou nos modos do mar tenebroso, que parecia uma enorme mancha escura agachada, bem próxima de mim, era alguma coisa que tinha metade de sua origem no meu próprio coração, algo que se mostrava apenas em momentos fugazes, e que não tinha nenhum efeito prolongado sobre mim. Nos dias que se seguiam, de luz de diamante e o mar estendendo, na areia, ondas adornadas com bordas de espuma, a memória de sensações sombrias parecia-me inacreditável. Contudo, apenas uma ou duas horas depois, eu experimentava de novo essas sensações e descia a uma lúgubre região de desespero.

Talvez essas emoções fossem apenas reflexos do humor do mar. pois, embora metade do que vemos seja colorido pela interpretação imposta pela nossa mente, muitos de nossos sentimentos são moldados de forma bem distinta por coisas físicas externas. O mar pode nos prender a seus muitos sentimentos, sussurrando com a sugestão sutil de uma sombra ou de um brilho sobre as ondas, e expressando, assim, seu lamento ou seu júbilo. Ele está, sempre, se recordando de coisas antigas, e essas memórias, embora não possamos apontá-las, são impostas sobre nós, para que possamos compartilhar alegria ou remorso. Como não estava trabalhando, nem vendo alguém que conhecia, talvez eu tenha ficado mais suscetível às sombras de significado críptico que seriam ignoradas por outra pessoa. O oceano governou minha vida durante todo o tempo daquele fim de verão, uma retribuição exigida pela cura que o mar havia me proporcionado.

Houve afogamentos na praia durante aquele ano e, embora eu só ouvisse falar disso casualmente (tal é nossa indiferença à morte que não nos diz respeito e que não testemunhamos), eu sabia que os detalhes eram nauseantes. As pessoas que morreram — algumas delas nadadoras de habilidade bem acima do comum — às vezes não eram encontradas até que muitos dias se passassem e que a hedionda vingança das profundezas já tivesse desfigurado seus corpos putrefatos. Era como se o mar os houvesse arrastado até um covil nos abismos e os houvesse mutilado na escuridão até que, satisfeito por não terem mais nenhuma utilidade, ele os tivesse deixado flutuar até a praia em um estado macabro. Ninguém parecia saber o que causou tais mortes. Sua frequência gerou alarme entre os mais assustadiços, uma vez que a correnteza em Ellston não era forte e não havia tubarões nas imediações. Se os corpos mostravam sinais de ataque, eu não fiquei sabendo; mas o horror de uma morte que se move entre as ondas e avança sobre pessoas solitárias vindo de um lugar onde não há luz ou movimento é um temor que os homens conhecem e de que não gostam. Eles precisavam encontrar logo uma razão para tais mortes, mesmo sem tubarões. E como os tubarões eram apenas uma suspeita e, que eu saiba, ninguém a confirmou, os nadadores que permaneceram durante o resto da estação ficaram em guarda contra as marés traiçoeiras, em vez de tomarem cuidado contra quaisquer animais marinhos.

O outono, de fato, não estava muito longe e algumas pessoas usaram isso como uma desculpa para sair do mar, onde os homens eram surpreendidos pela morte, e partiram para a segurança dos campos, onde não se pode sequer ouvir o oceano. Assim, agosto terminou e eu já estava na praia há muitos dias.

Houve ameaça de tempestade desde o quarto dia do novo mês e, no sexto dia, quando saí para andar sob o vento úmido, via-se uma massa disforme de nuvens descoloridas e opressivas acima do revolto mar plúmbeo. O soprar do vento, dirigido a nenhum lugar específico, porém agitado de modo inquieto, causava uma sensação de animação iminente — um sinal de vida nos elementos que seriam a tempestade há muito esperada. Almocei em Ellston e, embora os céus parecessem a tampa de um grande caixão, eu me aventurei para longe, ao longo da praia e distante tanto da cidade como da casa, que eu não mais conseguia ver. Quando o cinza universal ficou pontilhado por um roxo de carniça — curiosamente brilhante apesar do seu tom sombrio — eu me descobri vários quilômetros distante de qualquer abrigo possível. Isso, entretanto, não me pareceu muito importante, pois mesmo com o céu escuro e com seu brilho adicional de presságio desconhecido, eu estava em um curioso estado de distanciamento, que era paralelo àquele mesmo brilho — uma sensação que invadia um corpo que ficou subitamente alerta e sensível ao contorno de formas e significados que antes eram difusos. De modo obscuro, uma memória veio até mim, sugerida pela semelhança que a cena partilhava com uma que imaginei quando lera uma história para mim na minha infância. Aquele conto — do qual eu não lembrei por muitos anos — dizia respeito a uma mulher que era amada pelo rei de barbas negras de um reino submerso de penhascos acidentados onde criaturas-peixes viviam e que foi separada de seu jovem noivo, de cabelos ruivos, por um ser sombrio, coroadado com uma mitra quase papal e com os traços de um velho símio. O que permaneceu nos recantos da minha fantasia era a imagem de penhascos sob as águas, contrastando com o crepúsculo do falso céu aquoso de tal reino. E isso, embora eu tivesse esquecido a maior parte da história, foi lembrado de modo bastante inesperado pelo mesmo padrão dos penhascos e do céu que eu então contemplava. A visão era semelhante à que imaginei em um ano agora perdido exceto por impressões aleatórias e incompletas. Sugestões

dessa história podem ter permanecido por trás de certas memórias incompletas e de certos valores que eram sugeridos aos meus sentidos por cenas cujo valor verdadeiro era assombrosamente pequeno. Com frequência, em lampejos de percepção momentânea (as condições sendo mais significativas que o objeto em questão), nós sentimos que certas cenas e arranjos isolados — uma paisagem nebulosa, o vestido de uma mulher na curva de uma estrada à tarde, ou a solidão de uma árvore centenária contra o pálido céu da manhã — guardam algo precioso, alguma virtude dourada que devemos agarrar. Porém, quando a mesma cena ou o mesmo arranjo são vistos mais tarde, ou de outro ponto de vista, descobrimos que perdeu seu valor e seu sentido para nós. Talvez seja porque aquilo que vemos não mantenha essa qualidade elusiva, mas apenas sugira a nossa mente algo muito diferente que permanece sem ser lembrada. A mente atordoada, sem sentir por completo a causa de seu lampejo repentino de apreciação, agarra-se ao objeto que a perturba e fica surpresa quando não há nada de valor lá. Assim foi quando contemplei as nuvens purpúreas. Elas se resguardavam com a imponente e o mistério de antigas torres de monastério no crepúsculo, porém seu aspecto também era o dos penhascos no velho conto de fadas. Ao ser lembrado, de repente, dessa imagem perdida, quase esperei ver, na espuma suja e entre as ondas que pareciam ter sido derramadas de frascos negros, rachados, a figura horrenda daquela criatura de rosto simiesco, usando uma mitra velha, coberta de mofo, avançando do seu reino em algum golfo perdido onde essas ondas eram o céu.

Não vi uma criatura assim no reino da imaginação, mas, quando o vento gelado soprou, cortando os céus como uma faca ligeira, ali havia, nas sombras da fusão de nuvem e água, apenas um objeto cinzento, como um pedaço flutuante de madeira, revirando obscuramente na espuma. Estava a uma distância considerável e, como desapareceu pouco depois, poderia não ser madeira, mas uma toninha saindo na agitada superfície.

Logo percebi que fiquei por tempo demais contemplando o nascer da tempestade e criando elos entre minhas fantasias antigas e a grandiosidade da tormenta, pois uma chuva enregelante começou a despencar, trazendo uma escuridão mais uniforme sobre uma cena já tenebrosa demais para aquela hora do dia. Correndo pela areia cinzenta, senti o im-

pacto de gotas geladas nas costas e, em poucos momentos, minhas roupas estavam totalmente encharcadas. No começo, corri, fugindo das gotas incolores cujo padrão pendia em longos filamentos de um céu oculto. Mas, quando vi que qualquer refúgio sob qualquer coisa que estivesse seca estava distante demais para ser alcançado, relaxei meus passos e retornei para casa como se estivesse sob céu límpido. Não havia muita razão para me apressar, embora eu não me demorasse como em ocasiões anteriores. As roupas molhadas, grudando-se a meu corpo, estavam frias demais e, com a escuridão e o vento que soprava sem parar do oceano, não pude reprimir um calafrio. Ainda assim, havia, além do desconforto da chuva, um êxtase latente nas revoltosas massas arroxeadas das nuvens e nas reações estimuladas no meu corpo. Com uma sensação que era metade prazer exultante por resistir à chuva (que escorria de mim agora e enchia meus sapatos e bolsos) e metade estranha apreciação daqueles mórbidos céus dominantes que pairavam com asas negras acima do eterno mar revolto, percorri o corredor cinzento da praia de Ellston. Mais rápido do que eu esperava, a casa se revelou no meio da chuva oblíqua e fustigante, e todas as moitas da colina de areia se contorciam acompanhando o vento frenético, como se fossem se arrancar pelas próprias raízes para se juntarem ao elemento que se deslocava tão velozmente. O mar e o céu não se alteraram, e a cena era a mesma que me acompanhara antes, exceto que, agora, havia sobre ela o telhado curvo que parecia afundar sob o ataque da chuva. Subi correndo os degraus inseguros e entrei em um cômodo seco onde, inconscientemente surpreso por estar livre do incômodo vento, fiquei por um momento parado com água escorrendo de cada centímetro do meu corpo.

Há duas janelas na fachada da casa, uma de cada lado, que estão viradas quase que direto para o oceano, que, agora, eu via parcialmente obscurecido pelos véus combinados da chuva e da noite iminente. Eu olhava pelas janelas enquanto me vestia com roupas secas tiradas de um cabideiro e de uma cadeira dura demais para sentar. Eu estava cercado por uma penumbra aumentada de modo antinatural que se infiltrou, em alguma hora indefinida, sob a cobertura da tempestade. Por quanto tempo fiquei na extensão de areias cinzentas molhadas, ou qual era a hora exata, eu não sabia dizer, mas, após uma busca rápida, encontrei meu relógio — que, felizmente, ficou em casa e, assim, evitou a água que enchar-

cava minhas roupas. Eu, praticamente, adivinhei a hora marcada pelos ponteiros que mal conseguia ver, apenas um pouco menos indecifráveis que os números ao redor. Em outro momento, minha visão penetrou a penumbra (que era maior na casa que além da janela) e vi que eram 6:45.

Não havia ninguém na praia quando eu entrei e, naturalmente, não esperava ver mais nadadores naquela noite. Porém, quando olhei de novo pela janela, parecia haver, com toda certeza, figuras difusas contra o fundo de trevas daquela noite de chuva. contei três, que se moviam de maneira incompreensível e, perto da casa, mais uma — que poderia não ser uma pessoa, mas apenas um tronco jogado pelas ondas, pois a rebencação batia com força. Eu me assustei e não foi por pouco, e me indaguei por quais propósitos aquelas pessoas estavam sob tal tempestade. E, então, pensei que, talvez, assim como eu, elas foram surpreendidas pelo mau tempo e se renderam à chuva torrencial. Após breve instante, levado por uma hospitalidade civilizada que superava meu amor pela solidão, fui até a porta e saí por um momento na pequena varanda (ao custo de me molhar de novo, pois a chuva caiu sobre mim com fúria exultante), gesticulando para as pessoas. Mas, ou por não me verem ou não me entenderem, elas não deram nenhum sinal de terem entendido. Ofuscadas pela noite, elas permaneceram como se parcialmente surpreendidas ou como se esperassem alguma outra ação minha. Havia, na postura delas, algo daquela críptica falta de reação que poderia significar qualquer coisa ou nada, tal como a impressão de vazio que a casa transmitia quando vista no mórbido pôr do sol. De repente, me veio o sentimento de que uma qualidade sinistra emanava daquelas figuras imóveis que escolhiam permanecer na noite de chuva em uma praia abandonada por todas as outras pessoas. Fechei a porta como se tomado por uma repentina irritação que tentava, em vão, disfarçar a emoção mais profunda do medo; um medo avassalador que transbordava das sombras da minha consciência. Um instante mais tarde, quando fui até a janela, não parecia haver nada lá fora além da noite portentosa. Um pouco intrigado e ainda mais um pouco assustado — como alguém que não viu nada alarmante, mas se sente apreensivo pelo que poderia encontrar na rua escura que ele logo será obrigado a atravessar — decidi que era possível que eu não tivesse visto ninguém, e que a espessa cortina de chuva tinha me enganado.

A aura de isolamento do lugar aumentou naquela noite, embora, fora do meu campo de visão, na praia ao norte, centenas de casas se erguessem na escuridão chuvosa, sua luz borrada e amarelada refletindo-se sobre ruas de vidro polido, como olhos de duendes refletidos em uma poça turva na floresta. Mas, como não podia vê-las e nem alcançá-las com o tempo ruim — uma vez que eu não tinha carro nem qualquer modo de deixar a casa minúscula exceto andando nas trevas assombradas pelas figuras — percebi, de repente, que eu estava, em todos os sentidos, sozinho com o mar temível que se levantava e recuava, sem ser visto nem notado, na névoa. E a voz do mar se tornara um grunhido rouco, como de alguma coisa ferida que se contorce antes de tentar se levantar.

Lutando contra a escuridão dominante com uma lamparina molhada — pois as trevas rastejavam até minhas janelas e se sentavam para me encarar furtivamente dos cantos como um animal paciente — e preparei minha comida, pois não tinha intenção de ir até o vilarejo. As horas pareciam avançar incrivelmente ligeiras, embora ainda não fosse nove horas quando fui dormir. A escuridão veio cedo e furtiva e, por todo o restante da minha estadia, permaneceu sobre cada cena e ação que eu contemplava. Alguma coisa havia saído da noite — algo para sempre indefinido, mas que agitava uma sensação latente dentro de mim, como se eu fosse uma fera aguardando o surgir repentino de um inimigo.

Houve horas de vento, e camadas de chuva torrencial batiam, sem parar, nas frágeis paredes que serviam de barreira para mim. Houve intervalos de calma nos quais eu ouvia o rugido do mar e deduzi que grandes ondas se jogavam umas contra as outras sob o silvo melancólico dos ventos, arremessando, sobre a praia, borrifos amargos com sal. Mesmo em meio à monotonia dos elementos furiosos, descobri uma nota letárgica, um som que me levou, depois de um tempo, a um sono cinzento e sem cores como a noite. O mar continuou seu louco monólogo e o vento continuou sua insistente canção, mas foram silenciados pelas muralhas da inconsciência e, por um tempo, o oceano noturno foi banido da mente adormecida.

A manhã trouxe um sol enfraquecido — um sol como o que os homens verão quando a Terra for velha, se ainda houver homens: um sol mais cansado do que o céu moribundo, amortalhado. Quando acordei,

Febo, fraco eco de sua antiga imagem, lutava para perfurar as ambíguas nuvens esgarçadas e, em alguns momentos, lançando uma enxurrada de ouro pálido reluzente através do lado noroeste da minha casa; outras horas, diminuindo até se tornar apenas uma bola luminosa, como algum brinquedo incrível esquecido no gramado celestial. Após um tempo, a chuva que caía — que devia ter continuado durante toda a noite — teve sucesso em levar para longe esses vestígios de nuvens roxas que pareciam penhascos sob o oceano como em um antigo conto de fadas. Igualmente roubado do nascer e do pôr do sol, aquele dia se fundiu ao dia anterior, como se a tempestade não tivesse trazido uma longa escuridão sobre o mundo, mas crescido e se estendido em uma longa tarde. Com mais energia, o furtivo sol usou todas as suas forças para dissipar a velha neblina, dispersa, agora, como as manchas em uma janela suja, e bani-la de seu reino. O oco dia azul avançou conforme os densos fiapos de neblina escura se retiravam, e a solidão que antes me cercava se retirou para um ponto distante de vigília, de onde não mais avançou, mas se encolheu e esperou.

O antigo esplendor havia retornado ao sol, e o velho brilho se manifestou uma vez mais sobre as ondas, suas brincalhonas formas azuis que já se jogavam sobre a costa desde antes de o homem nascer e se regozijariam, sem serem observadas, quando ele, esquecido, jazer no sepulcro do tempo. Influenciado por essas frágeis certezas, como quem acredita no sorriso amigável no rosto de um inimigo, abri a porta e, quando ela se lançou para fora, uma mancha negra no fluxo de luz que entrava, vi a praia limpa de quaisquer traços, como se nenhum par de pés antes dos meus jamais tivessem pisado naquela areia suave. Com o ânimo fortalecido tal como se segue a um período desconfortável de depressão, senti — de modo simples e sem nenhum esforço de vontade — que minha mente ficou limpa de toda desconfiança e suspeita e do medo doentio de uma vida inteira, tal como a sujeira à beira da água sucumbe a uma maré muito alta e é carregada para longe da vista.

Havia um cheiro de grama molhada, como as páginas mofadas de um livro, misturado com o odor adocicado que nascia da luz solar quente sobre prados do interior, e ambos entravam em mim como uma bebida estimulante, escorrendo e fazendo cócegas em minhas veias como se fossem transmitir um pouco de sua própria natureza impalpável e

me fazer flutuar languidamente na brisa sem rumo. E, conspirando com tudo isso, o sol continuava a me banhar, como a chuva de ontem, com uma saraivada incessante de lanças luminosas, como se também quisesse esconder aquela presença suspeita que se movia além da minha vista e era traída apenas por um movimento descuidado nas fronteiras da minha consciência ou por figuras indistintas me encarando de um abismo oceânico.

Aquele sol, uma bola incandescente e solitária no turbilhão do infinito, era como uma horda de mariposas douradas contra o meu rosto virado para o alto. Graal branco e borbulhante de fogo divino e incompreensível, ele guardava, longe de mim, milhares de miragens prometidas para cada uma que me concedia. Pois o sol parecia mesmo indicar lugares seguros e fantásticos para onde eu poderia ir nessa curiosa exultação se eu apenas soubesse o caminho. Tais coisas saem da nossa própria natureza, pois a vida nunca cede por um momento seus segredos, e é apenas na nossa interpretação das imagens que eles projetam que podemos encontrar êxtase ou estase, de acordo com o estado de espírito deliberadamente induzido. Ainda assim, por vezes, temos de sucumbir às suas ilusões, ao acreditarmos, por um momento, que, desta vez, poderemos encontrar a alegria da qual somos privados. E, assim, o frescor do vento em uma manhã, após as trevas assustadoras (cujas insinuações malignas haviam me causado uma perturbação maior que qualquer ameaça a meu corpo), sussurrou-me sobre mistérios antigos apenas parcialmente ligados à Terra, e prazeres que eram intensos porque eu sentia que só poderia experimentar parte deles. O sol e o vento e aquele cheiro que se erguia sobre eles me falaram de festejos de deuses cujos sentidos são um milhão de vezes mais aguçados que os dos homens; e seus prazeres, um milhão de vezes mais sutis e prolongados. Essas coisas — eles me diziam — poderiam ser minhas se eu me entregasse com toda a plenitude a seu brilhante poder de sugestão. E o sol, um deus desnudo e celestial, uma fornalha desconhecida e poderosa demais que os olhos nem sequer podem contemplar, parecia quase sagrado no brilho de minhas emoções recém-aguçadas. A etérea luz trovejante que dele irradiava era algo a ser adorado, com assombro, por todas as coisas. O leopardo retraído em sua floresta de abismo verde deve ter parado brevemente para considerar seus raios espalhados pelas folhas, e todas as coisas nutridas por ele

devem ter celebrado sua mensagem brilhante em tal dia. Pois, quando ele estiver ausente nos confins distantes da eternidade, a Terra estará perdida e enegrecida contra um vácuo ilimitado. Naquela manhã, em que compartilhei do fogo da vida, com seu breve momento de prazer assegurado contra os anos destruidores, agitaram-se os primeiros sinais de coisas estranhas cujos nomes enganosos jamais podem ser escritos.

Ao caminhar na direção do vilarejo, imaginando como estaria após um banho muito necessário de chuva intensa, eu vi, envolto num reflexo de umidade iluminada pelo sol, que se derramava sobre ele como um vinho amarelado, um pequeno objeto semelhante a uma mão uns seis metros na minha frente e tocado pela espuma inquieta. O choque e o nojo que brotaram na minha mente assustada quando vi que era mesmo um pedaço de carne podre dominou meu contentamento e gerou uma suspeita chocante de que poderia se tratar de uma mão. Era certo que nenhum peixe, nem mesmo a parte de um, poderia ter aquela aparência, e tive a impressão de ver dedos moles entrelaçados na podridão. Virei aquilo com o pé, pois não desejava tocar em coisa tão repulsiva, e ela grudou com viscosidade no sapato de couro, como se o agarrasse com as garras da putrefação. Aquilo, cuja forma estava quase perdida, parecia-se demais com o que eu temia que fosse. Eu a chutei na direção de uma onda que se aproximava e que a tirou da minha vista com uma alacridade que não se vê com frequência nas margens revoltas do mar.

Talvez eu devesse ter relatado minha descoberta, porém sua natureza era ambígua demais para tornar a ação natural. Como havia sido parcialmente *comido* por alguma monstruosidade dos oceanos, eu não achei que era identificável o suficiente para formar evidência de uma tragédia desconhecida, porém possível. Os afogamentos numerosos, é claro, vieram a minha mente — assim como algumas coisas que não tinham forma definida, algumas das quais permaneceram apenas como possibilidades. O que quer que aquele fragmento deslocado pela tempestade pudesse ser, fosse peixe ou algum outro animal próximo ao homem, nunca falei dele até agora. Afinal, não havia prova de que seu formato não era apenas uma distorção causada pela putrefação.

Cheguei mais perto da cidade, enojado pela aparição de tal coisa no meio de tanta beleza na praia limpa, embora fosse horivelmente típico da indiferença da morte em uma natureza que mistura a podridão com

beleza, e que talvez ame a primeira muito mais. Em Ellston, eu não ouvi nada sobre um afogamento recente ou qualquer acidente marinho, e não encontrei referências a isso nas colunas do jornal local — o único que li durante minha estadia.

É difícil descrever o estado mental em que me encontrei nos dias que sucederam. Sempre susceptível a emoções mórbidas, cuja angústia negra pode ser induzida por coisas fora de mim, ou que possa brotar dos abismos do meu próprio espírito, fui dominado por um sentimento que não era nem medo nem desespero, nem qualquer coisa do tipo, mas, sim, de uma percepção da breve forma hedionda e da imundície subjacente à vida — um sentimento que era, em parte, reflexo da minha natureza íntima e, em parte, resultado de indagações induzidas por aquele objeto mastigado e putrefato que talvez fosse uma mão. Naqueles dias, minha mente era um lugar de penhascos sombrios e figuras obscuras em movimento, como o antigo domínio insuspeito que o conto de fadas me lembrava. Eu sentia, em breves agonias de desilusão, a escuridão gigantesca desse universo sufocante no qual meus dias e os dias da minha raça eram um nada ante as incontáveis estrelas. Um universo no qual cada ação é vã e até mesmo a emoção da tristeza é um desperdício. As horas que, de início, passei, com algo que parecia saúde renovada, contentamento e bem-estar físico foram substituídas (como se aqueles dias da semana anterior tivessem chegado ao fim definitivo) por uma indolência igual à de um homem que não se importa mais em viver.

Fui engolfado por um pífio medo letárgico de alguma danação inelutável que seria como, assim eu sentia, o ódio realizado das estrelas vigilantes e das enormes ondas negras que esperavam cobrir meus ossos — a vingança de toda a horrenda e indiferente majestade do oceano noturno.

Parte da escuridão e da inquietude do mar havia penetrado no meu coração, de modo que eu vivia em um tormento irracional e imperceptível, um tormento que não era menos agudo por causa da sutileza de sua origem e da estranha qualidade sem motivação de sua existência vampírica. Diante de meus olhos, jazia a fantasmagórica cena das nuvens arroxeadas, o estranho objeto prateado, a espuma estagnada recorrente, a solidão daquela casa de olhos vazios e a zombaria da cidade de marionetes. Eu não ia mais ao vilarejo, pois parecia apenas uma imitação barata da vida. Como minha própria alma, ele se erguia diante de um mar escuro e

envolvente — um mar que, aos poucos, me parecia odioso. E, entre essas imagens, corruptas e purulentas, habitava aquele objeto cujos contornos humanos reduziam cada vez mais a dúvida do que aquilo já fora antes.

Estas palavras rabiscadas nunca poderão contar a solidão hedionda (algo que eu nem mesmo queria suavizar de tão arraigada que estava em meu coração) que havia se insinuado em mim, murmurando coisas terríveis e desconhecidas que se esgueiravam furtivamente em círculos a meu redor. Não era loucura. Era a percepção clara e crua demais da escuridão além desta frágil existência, iluminada por um sol momentâneo não mais seguro do que nós mesmos; a percepção da futilidade que poucos podem experimentar e voltar a sentir a vida ao redor deles; o conhecimento de que, por mais que eu tente ignorar, por mais que eu possa lutar com todo o poder que resta ao meu espírito, não poderia ganhar nem sequer um centímetro de chão contra o universo hostil, nem segurar, por um só momento, a vida que me foi confiada. Temendo tanto a morte como a vida, sobrecarregado com um terror sem nome e mesmo sem vontade de abandonar as cenas que o evocam, eu esperava por qualquer que fosse o horror consumado que se movia na imensa região além dos muros da consciência.

Foi assim que o outono me encontrou, e o que eu tinha ganhado do mar se perdeu de volta nele. O outono nas praias — um período horrível que não era indicado por nenhuma folha escarlate, nem por qualquer outro sinal costumeiro. Um mar medonho que nunca muda, embora o homem mude. Havia apenas um resfriamento das águas, nas quais eu não mais queria entrar — um escurecimento mais profundo do céu de mortalha, como se eternidades de neve estivessem esperando para descer sobre as ondas fantasmagóricas. Uma vez que essa descida começasse, ela nunca acabaria, mas continuaria debaixo do sol branco e amarelo e rubro, e abaixo daquele pequeno rubi sem igual que cederá apenas às futilidades da noite. As ondas, outrora amigáveis, borbulhavam de forma significativa para mim e me olhavam de modo estranho. Ainda assim, fossem as trevas da cena um reflexo das minhas preocupações melancólicas, ou se a penumbra em mim era causada pelo que havia no exterior, eu não podia distinguir. Sobre a praia e sobre mim havia, de igual modo, uma sombra, como a de um pássaro que sobrevoa em silêncio — um

pássaro de olhos vigilantes que não achamos suspeito até que a imagem no chão repita a imagem no céu, quando, então, olhamos para cima, de repente, e descobrimos algo que nos rondava de cima e que era, até então, desconhecido.

O dia foi no final de setembro, e a cidade havia fechado os resorts onde a louca frivolidade governava vidas vazias assombradas pelo medo, e onde marionetes hipócritas realizavam suas excentricidades de verão. As marionetes foram jogadas de lado, manchadas com os sorrisos e cenhos franzidos pintados que por último assumiram, e não havia mais do que cem pessoas na cidade. De novo, os recintos com fachadas de estuque enfileirados na praia tiveram a licença para se desmancharem, sem perturbação, ao fustigar do vento. Conforme o mês avançou até o dia a que me refiro, cresceu em mim a luz cinzenta de um amanhecer infernal, no qual senti que alguma coisa sombria estava para acontecer. Como eu temia essa coisa menos do que a continuação das minhas horrendas suspeitas — menos do que as sugestões enganosas demais de algo monstruoso espreitando por trás do grande palco — foi mais com especulação que com medo real que esperei, infinitamente, pelo dia de horror que parecia estar chegando mais perto. O dia, repito, foi no final de setembro, embora eu não me lembre se foi no dia 22 ou 23. Tais detalhes se apagaram diante da lembrança daqueles eventos incompletos — episódios que nunca atormentariam uma existência em ordem por causa das sugestões malditas (e apenas sugestões) que continham. Eu soube a hora por uma inquietude intuitiva do espírito — um reconhecimento profundo demais para eu explicar. Através de todas aquelas horas do dia, esperei a noite; talvez impaciente para que a luz do sol passasse como um reflexo mal avistado em águas ondulantes — um dia com eventos dos quais não me recordo.

Foi muito tempo depois de aquela tempestade agourenta lançar uma sombra sobre a praia, e de que eu tinha decidido, após hesitações que não eram causadas por algo tangível, que partiria de Ellston, uma vez que o ano estava esfriando e não haveria como voltar à minha antiga felicidade. Quando um telegrama chegou às minhas mãos (depois de ficar por dois dias na sede da Western Union até que eu fosse localizado, tão pouco conhecido era o meu nome) dizendo que minha obra fora aceita — vencendo as outras na competição — escolhi a data para partir. Essa

notícia, que mais cedo no ano teria tido um forte efeito sobre mim, eu agora a recebia com curiosa apatia. Parecia não se relacionar com a irre-
alidade a meu redor, tampouco me parecia pertinente, como se fosse di-
recionada a outra pessoa que eu não conhecia e cuja mensagem chegou
até mim por acidente. Mesmo assim, foi o que me levou a completar
meus planos e deixar a cabana a beira-mar.

Só restavam quatro noites da minha estadia quando ocorreu o últi-
mo dos eventos cujo significado jazia mais na impressão obscura e sinis-
tra que o cercava do que em qualquer ameaça óbvia. A noite havia che-
gado em Ellston e no litoral, e uma pilha de pratos sujos atestava tanto
minha refeição recente quanto a indisposição para qualquer esforço. As
trevas chegaram quando eu estava sentado com um cigarro diante da ja-
nela voltada para o mar, e era como um líquido que preenchia gradual-
mente o céu, levando a uma lua flutuante que se elevava de forma mons-
truosa. O mar beirando a areia resplandecente, a total ausência de árvo-
res ou figuras ou vida de qualquer tipo, e a presença daquela lua alta tor-
naram a vastidão dos meus arredores abruptamente claros. Havia apenas
umas poucas estrelas brilhando através das trevas, como se para acentu-
ar com sua pequenez a majestade do orbe lunar e do agitado mar revol-
to.

Eu fiquei o dia todo em casa, temendo, de alguma maneira, caminhar
diante do mar numa noite de sombras disformes, mas ouvi segredos de
uma tradição inacreditável que me eram murmurados. Carregada até
mim, por um vento saído de lugar nenhum, estava a respiração de algu-
ma vida estranha e palpitante — a encarnação de tudo o que eu sentia e
de tudo que eu suspeitava — agitando-se, agora, nos abismos do céu ou
sob as mudas ondas.

Em qual lugar, esse mistério se revirava em um antigo sono horren-
do, eu não podia dizer. Mas, como alguém que está diante de uma figura
perdida no sono, e sabendo que ela despertará a qualquer momento, eu
me agachei perto das janelas, segurando um cigarro quase apagado e en-
carei a lua no alto do céu. Gradualmente, um brilho intensificado pela
resplandecência acima passou por aquela paisagem imóvel, e parecia que
eu ficava, cada vez mais, sob a compulsão de vigiar o que quer que acon-
tecesse. As sombras estavam se afastando da praia, e senti que levavam
consigo tudo o que poderia servir para ancorar maus pensamentos

quando a coisa iminente aparecesse. Onde algumas delas permaneceram, eram ébano e brancas: ainda manchas de escuridão se espalhando sob os cruéis raios brilhantes. A beleza infinita da lua — morta agora, qualquer que fosse seu passado, e fria como os sepulcros inumanos sob a poeira de séculos mais velhos que os homens — e o mar — agitado, talvez, com alguma vida irreconhecível, alguma senciência proibida — confrontavam-me com uma vivacidade horrível.

Eu me levantei e fechei a janela, em parte por um impulso íntimo, porém, em grande parte, eu acho, como uma desculpa para interromper, momentaneamente, a corrente de pensamentos. Nenhum som veio até mim agora que estava diante dos painéis fechados. Minutos ou eternidades eram iguais. Eu estava esperando, como meu próprio coração temeroso e a cena sem movimento além, pelo sinal de alguma vida inefável. Eu havia posto a lamparina sobre uma caixa no canto oeste da sala, mas a luz da lua estava mais brilhante, e seus raios azulados invadiam lugares onde a luz da lamparina era mais fraca. O brilho antigo do silencioso orbe redondo se deitava sobre a praia como havia se deitado por eras, e esperei, em um tormento de expectativa que ficou duplamente agudo, pela demora em se realizar, e pela incerteza da estranha realização que estava por vir.

Fora da cabana encarapitada na colina, uma iluminação branca sugeria vagas formas espectrais cujos movimentos irreais e fantasmagóricos pareciam zombar da minha cegueira, assim como as vozes inaudíveis zombavam da minha audição. Por incontáveis momentos, fiquei parado, como se o Tempo e o toque do seu grande sino fossem silenciados até não serem nada. Mesmo assim, não havia nada para eu temer: as sombras esculpidas pela lua eram antinaturais em seu contorno vazio e não escondiam nada dos meus olhos. A noite estava silenciosa — eu sabia disso apesar da minha janela fechada — e todas as estrelas estavam fixadas em um céu de uma grandiosidade escura. Nenhum movimento, nenhuma palavra poderia revelar meu suplício, nem falar do cérebro atormentado pelo medo e aprisionado na carne que não ousava quebrar o silêncio, apesar de toda a tortura que isso trazia. Como se estivesse na expectativa da morte, e seguro de que nada poderia banir o perigo que eu confrontava, eu me agachei com um cigarro esquecido em minha mão. Um mundo silencioso resplandecia além das janelas malfeitas e sujas e,

em um canto da sala, um par de remos sujos colocados ali antes de minha chegada partilhavam da vigília do meu espírito. A lamparina queimava sem fim, lançando uma luz doentia como a carne de um cadáver. Olhando para ela de vez em quando, pela distração desesperada que me dava, vi que muitas bolhas se levantavam e desapareciam, incontáveis, na base cheia de querosene. De maneira curiosa, não havia calor no pavier. E, de repente, fiquei ciente de que a noite não estava quente e nem fria, mas estranhamente neutra — como se todas as forças físicas estivessem suspensas, e quebradas todas as leis de uma existência tranquila.

Então, com uma inaudível pancada na água, que enviou, das águas prateadas até a praia, ondulações ecoadas pelo medo no meu coração, uma coisa que nadava emergiu além da arrebentação. A figura poderia ser a de um cão, um humano ou algo mais estranho. Poderia nem saber que eu observava — talvez não se importasse — mas, como um peixe deformado, ela nadou entre as estrelas espelhadas e mergulhou sob a superfície. Após um momento, emergiu de novo e, desta vez, por estar mais perto, eu vi que estava carregando alguma coisa sobre os ombros. Eu soube, então, que não poderia ser um animal, e que era um homem ou algo parecido que veio na direção da terra desde o oceano escuro. E nadava com uma facilidade terrível.

Enquanto eu olhava, cheio de horror e de impotência, com o olhar fixo de alguém que espera a morte de outrem e sabe que não pode evitá-la, o nadador aproximou-se da praia — embora longe demais na direção sul para que eu pudesse discernir sua silhueta ou traços. Avançando obscuramente, com lampejos de espuma iluminada pelo luar e espalhada pelo seu passo rápido, a coisa emergiu e se perdeu entre as dunas da terra firme.

Eu estava possuído de uma recorrência repentina do medo que havia desaparecido apenas alguns momentos antes. Senti um calafrio gelado em todo o corpo — embora o quarto, cuja janela eu não ousava abrir, estivesse abafado. Achei que seria bem horrível se algo entrasse por uma janela que não estivesse fechada.

Agora que eu não podia mais ver a figura, senti que ela se mantinha em algum lugar nas sombras próximas, ou espiava de modo horrendo na minha direção de alguma janela que eu não vigiava. Então, virei meu olhar, de modo ansioso e frenético, para cada painel, temendo que pu-

desse, de fato, contemplar uma face de olhar intrusivo, porém incapaz de me manter longe de fazer essa inspeção. Muito embora eu vigiasse por horas, não havia mais nada na praia.

Assim a noite passou, e, com ela, aquela estranheza começou a desvanecer — uma estranheza que havia emergido como uma poção maligna de um caldeirão, chegou até a borda e ao momento de prender o fôlego, parou incerta por lá e recolheu-se, levando consigo qualquer que fosse a mensagem desconhecida que portava. Como as estrelas que prometem a revelação de memórias terríveis e gloriosas, levando-nos à adoração por este engano e, depois, nada revelam. Eu havia chegado assustadoramente próximo da captura de um antigo segredo que se aventurava perto das assombrações do homem e que espreitava cautelosamente logo além das bordas do conhecimento. Mas, no fim, ainda não tinha nada, pois tive apenas um breve vislumbre da coisa furtiva, um relance obscurecido pelos véus da ignorância. Não posso nem mesmo conceber o que se mostraria se eu tivesse chegado perto demais daquele nadador que foi na direção da terra firme ao invés do oceano. Não sei o que poderia advir se a poção passasse da borda do caldeirão e se derramasse em uma cascata ligeira de revelações. O oceano noturno resguardava o que havia nutrido. Não saberei de mais nada.

Mesmo agora, não sei por que o oceano exerce tal fascínio sobre mim. Mas, talvez, nenhum de nós consiga resolver essas coisas — elas existem na contramão de qualquer explicação. Há homens que, sábios como são, não gostam do mar, nem de sua arrebentação sobre praias amarelas, e consideram estranhos nós que amamos o mistério das profundezas infinitas e antigas. Para mim, há um glamour assombroso e inescrutável em todos os humores do oceano. Está na melancólica espuma prateada sob o cadáver de cera da lua; paira sobre as ondas silenciosas e eternas que batem em litorais nus; está lá, quando nada tem vida, exceto pelas formas desconhecidas que deslizam por profundezas sombrias. E quando contemplo as ondas inacreditáveis que se lançam com infinita força, vem sobre mim um êxtase semelhante ao medo, de modo que tenho que me recolher diante de seu poder, para que não passe a odiar as densas águas e sua beleza arrebatadora.

Vasto e solitário é o oceano, e, como todas as coisas de lá vieram, para lá elas retornarão. Nas profundezas ocultas do tempo, ninguém reina-

rá sobre a terra, nem haverá qualquer movimento, exceto nas águas eternas. E essas baterão em praias escuras com espumas trovejantes, embora não reste ninguém naquele mundo agonizante para contemplar a luz fria da lua enfraquecida brincando nas marés revoltas e nas areias de ásperos grãos. Nas margens das profundezas, restará apenas uma espuma estagnada, que se reunirá ao redor das conchas e dos ossos de criaturas mortas que outrora habitaram nas águas.

Coisas silenciosas e flácidas serão jogadas e vão rolar ao longo de praias vazias, sua vida, enfim, extinta. Então, tudo ficará escuro, pois, no fim, até mesmo a branca lua nas ondas distantes vai se apagar. Nada vai sobrar, nem acima nem abaixo das águas sombrias. E até aquele derradeiro milênio, como depois dele, o mar continuará a trovejar e se agitar por toda a noite sombria.



Os Mortos Amados

com C. M. Eddy, Jr.

∴

The Loved Dead (1923)

Weird Tales (mai.–jun. 1924)

Escrita em meados de 1923, esta foi a primeira de quatro histórias que Lovecraft escreveria em parceria com C.M. Eddy Jr. Curiosamente, até hoje, a imensa maioria das publicações credita todas as quatro apenas a Eddy, não fazendo qualquer menção a Lovecraft, como se ele não tivesse tido qualquer participação.

Assim como Lovecraft, Eddy, nascido Clifford Martin Eddy Jr., era natural de Providence, Rhode Island. O primeiro contato entre ambos se daria em 1918, através de correspondências, já que ambos escreviam para a mesma revista, a *Weird Tales*. Ambos se tornariam amigos e teceriam comentários sobre as histórias do outro, até decidirem se encontrar e escrever juntos uma mesma história — apesar de morarem na mesma cidade, Lovecraft e Eddy só se conheceriam pessoalmente em 1923, quando Eddy o convidaria para uma tarde em sua casa.



É meia-noite. E antes de amanhecer irão me encontrar e me levar para o negro cárcere onde ficarei indefinidamente, enquanto desejos insaciáveis me roem as entranhas e me abafam o coração, até que por fim me torne num dos mortos que amo.

O lugar onde estou consiste no buraco fétido de uma velha sepultura, a minha mesa é o fundo de uma lápide caída e desgastada pelos séculos devastadores, a minha única luz é a das estrelas e a de uma lua minguante; no entanto, consigo ver com a mesma clareza como se fosse meio-dia. À minha volta, por todos os lados, sentinelas sepulcrais guardam sepulturas desgrenhadas, com lápides inclinadas e decrépitas asfixiadas pela grande quantidade de vegetação nauseante e putrescente. Por cima do que resta, em contraluz diante de um céu lívido, um augusto monumento ergue o seu pináculo como o chefe espectral de uma horda lemuriana. O ar está pesado com os odores nocivos dos fungos e o cheiro da terra úmida e bolorenta, mas para mim é como se fosse o aroma dos Campos Elísios. Tudo está imóvel — terrivelmente imóvel — com um silêncio cuja própria profundidade evidencia a solenidade e o hediondo. Se pudesse escolher a minha residência, seria no coração de uma dessas cidades de carne putrefata e de ossos esfacelados, pois a sua proximidade transmite embevecidos impulsos pela minha alma, fazendo com que o sangue estagnado me corra nas veias e o coração entorpecido bata com um êxtase delirante — pois a presença da morte é para mim a vida.

A minha tenra infância foi de uma longa, prosaica e monótona apatia. Estritamente ascético, fraco, pálido, enfezado e sujeito a prolongados ataques de mórbida morosidade, era ostracizado pelos jovens normais e saudáveis da minha idade. Alcinharam-me de “estraga-prazeres” e de “velhinha” porque não revelava interesse pelos jogos rudes e infantis a que se dedicavam, nem tinha qualquer espécie de energia para participar deles, mesmo que o desejasse.

Tal como todas as aldeias rurais, Fenham estava com sua cota de línguas peçonhentas cheia. As suas imaginações bisbilhoteiras denegriram o meu temperamento letárgico, como se tratasse de uma repugnante anomalia. Comparavam-me com os meus pais e abanavam a cabeça, cheios de terríveis dúvidas perante a pronunciada diferença. Alguns dos mais supersticiosos achavam que eu era uma criança que fora trocada no

berço, enquanto outros, que sabiam alguma coisa sobre meus antepassados, chamavam a atenção para os vagos e misteriosos boatos sobre o meu tio-trisavô que fora queimado na fogueira como necromante.

Se tivesse vivido numa cidade maior, com mais oportunidades para um convívio agradável, talvez pudesse ter ultrapassado essa tendência inicial de me tornar um recluso. Ao entrar na adolescência, tornei-me ainda mais taciturno, mórbido e indiferente. A minha vida não tinha qualquer motivação. Era como se estivesse possuído por algo que enfraquecia os meus sentidos, me atrofiava o desenvolvimento, me retardava as ações e me deixava inexplicavelmente insatisfeito.

Tinha dezesseis anos quando assisti pela primeira vez a um funeral. Um enterro em Fenham era um acontecimento social importante, pois o nosso povoado era conhecido pela longevidade de seus habitantes. Quando, além do mais, o funeral era de alguém tão conhecido como meu avô, seria seguro assumir que toda a gente iria assistir em massa, homenageando assim a sua memória. E, contudo, não encarava essa cerimônia, que em breve aconteceria, sequer com um interesse latente. Tudo o que tendesse a me arrancar de minha inércia habitual tinha para mim apenas a promessa de uma inquietude física e mental. Em deferência às importunações dos meus pais, principalmente para procurar um certo alívio das condenações cáusticas com que decidiram qualificar a minha atitude pouco filial, concordei em acompanhá-los.

Não havia nada fora do comum no funeral do meu avô além de uma volumosa série de tributos florais, mas tudo isso, é bom lembrá-lo, consistia na minha iniciação nos rituais solenes de uma cerimônia semelhante. Algo sobre o salão escuro, do caixão oblongo com os seus negros drapeados, do lençol fragrante de flores, da dolorosa manifestação dos habitantes reunidos, me arrancou da minha normal falta de interesse. Ao ser despertado do meu momentâneo devaneio devido à cotovelada que a minha mãe me deu, eu a segui através do salão até ao caixão onde se encontrava o cadáver do meu avô.

Pela primeira vez, encarava a Morte. Olhei para o rosto plácido e calmo, com as suas múltiplas rugas, e não vi nada que pudesse causar tanto desgosto. Em vez disso, parecia-me que o meu avô estava imensamente contente e maliciosamente satisfeito. Senti-me arrastado por um estranho e discordante sentido de júbilo. Tinha-me invadido tão lenta e

furtivamente, que eu mal podia definir o seu aparecimento. Ao rever mentalmente essa hora incomum, creio que essa impressão deveria ter tido origem na minha visão dessa cena funerária, tornando-se cada vez mais forte, através de uma sorrateira sutileza. Uma influência maligna e sinistra, que parecia emanar do próprio cadáver, apoderava-se de mim com uma magnética fascinação. Todo o meu ser parecia estar carregado de uma força estática e eletrificante, e me senti empertigar, sem que isso tivesse sido provocado por uma vontade consciente. Os meus olhos estavam ardendo por baixo das pálpebras fechadas desse homem morto, a fim de poderem ler alguma mensagem secreta que eles pudessem albergar. Senti um baque de alegria profana no coração que batia contra as minhas costelas, com uma força demoníaca, como se tentasse se libertar dos limites confinantes da minha constituição frágil. Estava dominado por uma sensualidade louca e despreocupada que satisfazia a minha alma. Uma vez mais, a cotovelada vigorosa da minha mãe me chamou à realidade. Tinha me encontrado a caminho até esse caixão lúgubre, a passos lentos, mas me afastara dele com uma animação recentemente descoberta.

Acompanhei o cortejo até ao cemitério, sentindo todo o meu ser permeado por essa influência vivificante e mística. Era como se tivesse bebido avidamente um elixir exótico, uma bebida abominável fermentada de acordo com fórmulas blasfemas nos arquivos de Belial.

As pessoas da cidade estavam tão concentradas nessa cerimônia que a mudança radical no meu comportamento passou despercebida a todos, exceto ao meu pai e à minha mãe. Contudo, nas duas semanas que se seguiram, os intrometidos desse lugar encontraram assunto para as suas línguas vitriólicas no meu comportamento alterado. Ao fim das duas semanas, porém, a força desse estímulo começou a perder a sua eficácia. Após mais um dia ou dois, já tinha voltado ao meu velho abatimento, embora não à insipidez completa e dominante do passado. Antes, houvera uma total ausência de desejo para emergir dessa prostração; agora estava sendo perturbado por uma vaga e indefinível inquietude. Por fora, tinha voltado a ser o mesmo, e as pessoas ávidas de escândalos já tinham descoberto assuntos mais absorventes. Se eles tivessem sequer sonhado sobre a verdadeira causa da minha satisfação, teriam me expulsado, como se eu fosse alguém imundo e leproso. Se eu tivesse encarado o

execrável poder, por trás do meu breve período de exaltação, teriam me isolado do resto do mundo e passado os anos que ainda me restassem numa solidão penitente.

A tragédia ocorre por vezes em trilógias, assim, apesar da proverbial longevidade das pessoas do nosso povoado, os cinco anos seguintes trouxeram a morte dos meus pais. A minha mãe foi a primeira, num acidente de um gênero bastante inesperado, e o meu desgosto foi tão genuíno que fiquei verdadeiramente surpreendido ao ver que a sua pungência era ridicularizada e contradita pelo sentimento quase esquecido de êxtase supremo e diabólico. Uma vez mais, o meu coração saltou selvagememente dentro de mim; uma vez mais começou a bater com a força de um martelo de forja, fazendo com que o sangue quente corresse pelas minhas veias com um fervor meteórico. Sacudi dos ombros o manto assediador da estagnação, apenas para a substituir pelo fardo bem mais pesado de um desejo repugnante e ímpio. Comecei a andar em volta da câmara funerária onde o corpo da minha mãe se encontrava exposto, com a alma sequiosa do néctar diabólico que parecia saturar o ar dessa escura divisão. Cada respiração me dava uma força redobrada, elevando-me a alturas de seráfica satisfação. Sabia agora que se tratava de uma espécie de delírio, semelhante ao provocado pelas drogas, que em breve iria passar e deixar-me correspondentemente mais fraco, devido ao seu poder maligno. Não obstante, já não poderia controlar a minha ansiedade de poder desatar os nós górdios na meada já confusa do meu destino.

Também tinha conhecimento de que, através de uma estranha praga satânica, a minha vida dependia dos mortos para a sua força motriz, que havia uma singularidade na minha maneira de ser que correspondia apenas à horrível presença de um pedaço de barro sem vida. Alguns dias depois, desvairado pela intoxicação depravada da qual dependia a minha existência, fui falar com o único coveiro de Fenham para que ele me contratasse, de certo modo, como seu aprendiz.

O choque provocado pelo falecimento da minha mãe afetara visivelmente o meu pai. Penso que se tivesse abordado a ideia de um emprego tão extravagante em outra ocasião, ele teria sido enfático na sua recusa. Porém, acabou por acenar com a cabeça, em jeito de consentimento, após um instante de reflexão. Nesse momento, nem sequer sonhava que ele seria o objeto na minha primeira lição prática!

Ele também morreu de repente, desenvolvendo alguma aflição cardíaca até então insuspeita. O meu empregador octogenário tentou o seu melhor para me dissuadir da tarefa impensável de embalsamar o seu corpo, e nem sequer detectou o meu arrebatador brilho nos olhos logo que o convenci a concordar com o meu amaldiçoado ponto de vista. Não espero poder expressar alguma vez os pensamentos repreensíveis e indizíveis que invadiram, com ondas tumultuosas de paixão, o meu coração acelerado, enquanto trabalhava sobre aquele barro sem vida. Amor insuperável era o tema central destes conceitos, um amor maior — muito maior — do que eu alguma vez tivera por ele enquanto ainda era vivo.

O meu pai não era rico, mas alcançara valores materiais suficientes para atingir uma posição confortável e independente. Sendo o seu único herdeiro, vi-me numa posição bastante paradoxal. A minha tenra infância falhara completamente no que dizia respeito a proporcionar-me algum contato com o mundo moderno; no entanto, o início da vida em Fenham, com o seu grande isolamento, tornara-se menos atrativa. Na verdade, a longevidade dos seus habitantes parecia derrotar o meu único motivo ao arranjar esse contrato como aprendiz.

Após ter vendido todos os meus bens, senti que se tornou bem mais fácil me libertar. Dirigi-me assim a Bayboro, uma cidade a cerca de cem quilômetros. Aí, o meu ano de aprendizagem manteve-me numa boa posição. Não tive quaisquer problemas em estabelecer ligações favoráveis, como assistente, com a Sociedade Gresham, que controlava todas as casas funerárias da cidade. Cheguei mesmo a convencê-los de que me deixassem dormir nos estabelecimentos, pois a proximidade com os mortos já começava a se tornar uma obsessão.

Dediquei-me ao trabalho com um extraordinário zelo. Nenhum caso era horrível demais para os meus ímpios sentimentos, e em breve me tornei mestre na vocação que escolhera. Cada cadáver fresco que entrava no estabelecimento significava uma promessa cumprida de revoltante júbilo, de irreverência gratificante, um regresso desse tumulto arrebatador nas artérias, que transformava a minha macabra tarefa numa apaixonada devoção — e contudo, cada momento carnal exigia o seu preço. Comecei a temer os dias que não me traziam mortos para minha satisfação, e rezava a todos os deuses obscenos dos abismos mais profundos

para imediatamente causarem inevitáveis mortes aos residentes da cidade.

Foi quando chegou uma noite em que um indivíduo estranho começou a percorrer sub-repticiamente as ruas dos subúrbios; noite escura em que a lua da meia-noite ficava obscurecida por pesadas nuvens baixas. Tratava-se de uma figura furtiva que não destoava das árvores e que olhava repetidamente por cima do ombro, uma pessoa empenhada numa missão maligna. Após um desses passeios exploratórios, os jornais matutinos gritavam, para os seus leitores desejosos de notícias sensacionalistas, os detalhes de algum assassinato pesadelar, coluna após coluna de lúrido regozijo sobre atrocidades abomináveis, parágrafo após parágrafo de soluções impossíveis e de suspeitas extravagantes e conflituosas. Através de tudo isso, sentia uma grande segurança, pois quem poderia por suspeitar que um empregado de uma casa funerária, em que a Morte era um assunto diário, procurava um alívio para os seus inomináveis impulsos, através de uma matança a sangue-frio dos seus semelhantes? Planejava cada crime com maníaca destreza, variando o método dos meus assassinatos para que ninguém sequer sonhasse que tudo fosse obra de um par de mãos manchadas de sangue. O resultado de cada incursão noturna era uma estática hora de prazer, pernicioso e completa, um prazer sempre aumentado pela hipótese de que a sua fonte deliciosa pudesse mais tarde ser entregue às minhas ansiadas tarefas profissionais. Às vezes, esse prazer duplo e sem par ocorria — oh, rara e deliciosa memória!

Uma manhã, o Sr. Gresham chegou mais cedo do que era habitual e me encontrou estendido numa fria mesa de mármore, em um sono profundo que se esperaria de um devorador de cadáveres, com os braços em volta de um corpo rígido, nu e fétido! Acordou-me dos meus sonhos obscenos, com um olhar misturado com repulsa e compaixão. De um modo gentil, mas firme, disse que eu teria de ir embora, que eu estava com os nervos soltos, que precisava de um longo período de descanso das tarefas repelentes que a minha profissão exigia, que a minha juventude impressionável estava afetada demais pela atmosfera lúgubre que me rodeava. Quão pouco ele sabia dos desejos demoníacos que me impeliam nas minhas repulsivas debilidades...! Fui suficientemente esperto para dar força à crença na minha loucura potencial — seria melhor ir

embora do que abrir caminho para a descoberta do motivo que presidia às minhas ações.

Depois disso, não me atrevia a ficar muito tempo no mesmo lugar, por medo de que uma ação clara da minha parte revelasse o meu segredo a um mundo insensível. Vaguei de cidade em cidade, de vila em vila. Trabalhei em necrotérios perto de cemitérios, uma vez até num crematório — não importava, desde que o local me desse uma oportunidade para estar junto aos mortos que eu tanto desejava.

Depois veio a Guerra Mundial. Fui um dos primeiros a ir e um dos últimos a retornar. Quatro anos de carnificina sangrenta, um inferno... lama doentia e trincheiras apodrecidas pela chuva... projéteis histéricos e ensurdecadores... o zumbir monótono de balas sardônicas... frenesins enfumacados de fontes de Flagetonte... fumaças sufocantes de gases mortais... restos grotescos de corpos esmagados e despedaçados... quatro anos de satisfação transcendental.

Em cada viajante errante há um desejo latente de retornar às cenas de sua infância. Alguns meses mais tarde já estava passeando pelos caminhos familiares de Fenham. Casas vazias e delapidadas alinhadas às margens das estradas adjacentes, enquanto os anos haviam trazido igual retrocesso para a própria cidade. Um punhado de casas ainda estavam ocupadas, mas entre elas estava a que eu havia chamado de lar. O caminho que conduzia à porta da frente estava cheio de um emaranhado de ervas daninhas, as vidraças partidas, a extensão de terreno abandonado que se estendiam nos fundos, confirmava em silêncio as histórias que as investigações secretas haviam revelado — que agora abrigava um bêbado dissoluto que tirava uma existência escassa das tarefas que seus poucos vizinhos lhe davam por simpatia à esposa maltratada e à criança subnutrida que compartilhava sua sorte. Em resumo, o glamour que rodeava meu ambiente da juventude foi totalmente dissipado, assim, despertado por um pensamento errante e imprudente, acabei por retornar a Bayboro.

Onde também houvera mudanças, mas de forma contrária. A pequena cidade da qual eu me lembrava quase aumentara duas vezes de tamanho, apesar da sua despovoação durante a guerra. Instintivamente, fui à procura do meu antigo emprego, encontrando-o ainda no mesmo lugar, mas com um nome pouco familiar por cima da porta, onde se acrescen-

tava: “Sucessor de...”, pois a epidemia de gripe tinha levado o Sr. Gresham, enquanto os soldados ainda se encontravam na Europa. Um desejo fatídico me impulsionou a pedir trabalho. Referi-me à minha aprendizagem sob a tutela do Sr. Gresham, com certo receio, apesar de infundado. O meu falecido patrão levava para a cova o segredo da minha conduta antiética. Uma vaga oportuna garantiu minha reinstalação imediata.

Depois vieram memórias assombradas e vagabundas de noites escarlates de ímpias peregrinações, e uma ânsia incontrolada de renovar essas alegrias ilícitas. Abandonei a prudência e lancei-me numa outra série de amaldiçoados deboches. Uma vez mais, os lençóis amarelados se tornaram um material bem-vindo nos detalhes diabólicos dos meus crimes, comparando-os com as semanas vermelhas de horror que tinham assolado a cidade anos antes. De novo, a polícia iniciou suas investigações em torno dessas violentas estranhezas sem solução — nada!

A minha sede pelo néctar nocivo dos mortos se tornou um fogo que me consumia, tendo começado assim a diminuir os intervalos entre as minhas odiosas explorações. Percebi que estava pisando em terreno perigoso, mas esse desejo demoníaco apoderava-se de mim com os seus torturantes tentáculos, impelindo-me a prosseguir.

Durante todo esse tempo, a minha mente estava se tornando cada vez mais adormecida a qualquer influência que não fosse a saciedade dos meus loucos desejos. Os pequenos detalhes, tão importantes para outros, eram colocados de lado em minhas incursões. De algum modo, em algum lugar, deixei um vago rastro atrás de mim — não suficiente para levar à minha detenção, mas o bastante para se voltar sobre mim marés de suspeitas. Senti essa espionagem. Contudo, era incapaz de controlar a minha desesperada procura por mais mortos capazes de satisfazerem a minha alma enfraquecida.

Veio então a noite em que os apitos estridentes da polícia me despertaram do meu diabólico regozijo sobre o corpo da minha última vítima, ainda com uma navalha de barbear na mão. Com um movimento destro, fechei a lâmina e a coloquei no bolso do casaco que estava usando. Cassetetes tamborilaram avidamente na minha porta. Consegui quebrar a janela com uma cadeira, agradecendo ao destino o fato de ter escolhido um dos bairros mais pobres para morar. Dei então um salto para um be-

co sujo, enquanto indivíduos de casacos azuis entravam pela porta arrombada. Pulando por cima de cercas instáveis, percorrendo quintais imundos e miseráveis casas em ruínas, acabei por fugir por estreitas ruas mal iluminadas. Pensei imediatamente nos pântanos arborizados que estavam além da cidade e se estendiam por meia centena de quilômetros até os arredores de Fenham. Se conseguisse chegar lá, ficaria temporariamente em segurança. Antes do nascer do dia, já estava desbravando essa região, tropeçando nas raízes podres de árvores mortas, cujos ramos nus se estendiam como braços grotescos que tentavam dificultar o meu caminho com abraços jocosos.

Osimps dos deuses nefastos a quem oferecia as minhas preces idólatras deveriam me ter guiado os passos através desse pântano ameaçador. Uma semana mais tarde, abatido, desgrenhado, encontrava-me nos bosques a pouca distância de Fenham. Até então conseguira escapar aos meus perseguidores; porém, não me atrevia a aparecer, pois sabia que notícias desse fato se espalhariam sem demora. Esperava apenas que eles tivessem perdido o meu rastro. Após a primeira noite frenética, não ouvira mais o som de vozes estranhas, nem passos de corpos pesados pelo mato. Talvez tivessem concluído que o meu corpo deveria estar submerso num charco de água estagnada, desaparecido para sempre nesse tenaz lamaçal.

A fome me roía as entranhas com dores pungentes e a sede deixara a minha garganta áspera e seca. Não obstante, bem pior era a fome insuportável da minha alma sedenta, ansiando pelo estímulo que apenas conseguia encontrar junto aos mortos. As minhas narinas tremiam, quando me recordava. Já não podia me iludir com o pensamento de que esse desejo era um mero capricho da minha febril imaginação. Sabia agora que se tratava de uma parte inerente à minha vida, que sem isso eu arderia até me apagar como uma vela sem pavio. Recorri a toda energia que ainda me restava, a fim de poder satisfazer o meu apetite amaldiçoado. Apesar de todos os perigos a que estava me expondo, decidi começar a fazer incursões de reconhecimento, rodeando as sombras escondidas como um obscuro espectro. Mais uma vez, tive a estranha impressão de estar sendo conduzido por um satélite invisível do Satã. No entanto, mesmo a minha alma, repleta de pecado, sentiu se revoltar por instantes,

quando me encontrei diante da casa onde nascera, do cenário do meu eremitério de infância.

Foi quando as memórias inquietantes se extinguiram. O seu lugar fora ocupado por um desejo sensual. Para lá das paredes apodrecidas dessa velha casa estavam as minhas presas. Momentos mais tarde, levantei a vidraça partida de uma das janelas e subi no parapeito. Pus-me a escutar por instantes, com todos os sentidos alerta e com cada músculo preparado para a ação. O silêncio me tranquilizou. Com passos de felino, comecei a percorrer os cômodos familiares, até que um ressonar estertoroso tivesse me indicado o lugar onde iria me deparar com o alívio para os meus sofrimentos. Eu me permiti um suspiro de êxtase antecipado ao empurrar a porta do quarto. Como uma pantera, dirigi-me à forma deitada num quase coma alcoólico. Os meus dedos cravaram-se então com força na sua garganta...

Horas depois, era de novo um fugitivo, mas uma força roubada recém-descoberta era agora minha. Três pessoas dormiam silenciosamente para não mais acordar. Foi apenas quando a luz do dia penetrou no meu esconderijo, que comecei a visualizar as consequências de meu alívio precipitadamente adquirido. A essa altura, os corpos já deveriam ter sido descobertos. Mesmo o mais obtuso de todos os guardas rurais deveria, sem dúvida, ter relacionado essa tragédia com a minha fuga da cidade próxima. Além disso, pela primeira vez, não tive cuidado suficiente para não deixar alguma prova tangível da minha identidade — as minhas impressões digitais nas gargantas das vítimas recém-assassinadas. Tremi de apreensão nervosa durante o dia todo. O mero estalo de um ramo seco, por baixo dos pés, despertava-me imagens mentais assustadoras. Nessa noite, protegido pela escuridão, rodeei Fenham e me dirigi para os bosques que existiam por trás desse povoado. Antes que o dia nascesse, ouvi o primeiro sinal de perseguição, o distante uivo dos cães farejadores.

Continuei andando pela longa noite, mas, pela manhã, já percebia que as forças começavam a me abandonar. O meio-dia voltou a me trazer o apelo insistente dessa praga contaminante, e eu sabia que não iria aguentar se não pudesse voltar a passar pela experiência dessa exótica intoxicação que eu apenas obtinha na proximidade dos mortos amados. Fugira, descrevendo um enorme semicírculo. Se continuasse, à meia-

noite estaria no cemitério onde sepultara os meus pais há vários anos. A minha única esperança, tinha certeza, era conseguir alcançar esse lugar antes de tombar de exaustão. Com uma oração silenciosa aos demônios que dominavam o meu destino, continuei, a passos lentos, em direção ao meu último reduto.

Deus! Será que já tinham se passado escassas doze horas desde que comecei a caminhar ao meu fantasmagórico santuário? Vivi uma eternidade em cada hora pesada, mas cheguei a uma rica recompensa. Os odores nocivos deste lugar abandonado são como o incenso para a minha alma sofredora!

As primeiras rajadas da manhã começam a acinzentar o horizonte. Eles estão vindo. Os meus sensíveis ouvidos conseguem sentir o uivar longínquo dos cães! Será uma questão de minutos até eles me encontrarem e me aprisionarem para sempre, para que passe os dias em anseios devastadores até que, por fim, me junte aos mortos que amo!

Eles não me levarão! Sei de uma forma de escapar! Talvez seja apenas a escolha de um covarde, mas será melhor — bem melhor — do que meses infindáveis num sofrimento sem nome. Deixarei este registo para que alguém possa compreender a motivo de eu fazer essa escolha.

A navalha! Aninhada e esquecida no meu bolso, desde a minha fuga de Bayboro. A sua lâmina ensanguentada brilha estranhamente à luz evanescente da lua. Um corte no meu pulso esquerdo e terei a minha libertação assegurada...

Sangue fresco e quente começa a espalhar padrões grotescos sobre sujas e decrepitas pedras tumulares... hordas de fantasmas flutuam sobre as sepulturas apodrecidas... dedos espectrais me acenam... fragmentos etéreos de melodias não escritas sobem em crescente celestial... estrelas distantes dançam ébrias num demoníaco acompanhamento... mil martelos minúsculos batem hediondas dissonâncias em bigornas, no interior do meu cérebro caótico... fantasmas cinzentos de espíritos assassinados marcham num silêncio irônico diante de mim... línguas escaldantes de chama invisível marcam o nome do inferno na minha alma doente... Já... não... consigo... escrever... mais...



O Diário de Alonzo Typer

com William Lumley

∴

The Diary of Alonzo Typer (1935)
Weird Tales (fev. 1938)

Esta conto é uma das histórias mais divertidas de se ler do cânone de Lovecraft. Quase tudo é inteiramente obra dele; o rascunho da história que Lumley lhe forneceu foi, para ser franco, terrível.

Lovecraft pegou o rascunho e o reescreveu, tentando preservar o estilo de prosa de Lumley, tanto quanto possível, enquanto infundia nele algum horror real. O resultado — bem, certamente não é o melhor trabalho de Lovecraft, mas é incomumente divertido.



NOTA DO EDITOR: Alonzo Hasbrouch Typer, de Quensintão, Nova Iorque, foi visto por último e reconhecido em 17 de abril de 1908, ao redor de meio-dia, no hotel Richmond em Batávia. Era o único sobrevivente duma antiga linhagem rural de Úlster e tinha 53 anos na hora da desapareição.

Senhor Typer foi educado em particular e nas universidades Colúmbia e Raidelberga. Toda sua vida se passou como estudante. Seu campo de pesquisa incluía muitas obscuras e, geralmente, temidas regiões fronteiriças do conhecimento humano. Seus documentos sobre vampirismo, ghouls e fenômenos de poltergaiste foram impressos por conta própria após rejeição de muitos editores. Se desligou da Sociedade pra Pesquisa Física em 1900 após uma série de controvérsia peculiarmente amarga.

Em muitas ocasiões viajou extensivamente e, às vezes, se ausentava durante longos períodos. É conhecido por ter visitado regiões obscuras no Nepal, Índia, Tibete, e Indochina, e passou a maior parte do ano 1899 na misteriosa ilha de Páscoa. A procura extensiva ao senhor Typer depois de sua desapareição não deu resultado e sua propriedade foi dividida entre primas distantes da cidade de Nova Iorque.

O diário narrando isto foi, supostamente, achado na ruína dum casarão rural perto de Ática, Nova Iorque, que mantinha uma reputação particularmente sinistra durante gerações antes do colapso. O edifício era, realmente, muito velho, anterior à colonização branca da região, e fora residência duma estranha e reservada família chamada van der Heyl que tinha migrado de Álbani em 1746 envolta em suspeita de bruxaria. A estrutura provavelmente datava de 1760.

Da história dos van der Heyl muito pouco é conhecido. Permaneceram completamente indiferentes a seus vizinhos normais, empregavam criados negros trazidos diretamente da África, falavam pouco inglês e educavam as crianças particularmente e em faculdades europeias. Esses que foram mundo afora logo foram perdidos de vista, entretanto não antes de ganharem má reputação associados a instituições populares negras e cultos de significado ainda mais obscuro.

Ao redor da temida casa uma aldeia dispersa surgiu, povoada por índios e depois por renegados da região circunvizinha, que mantinha o duvidoso nome de Corazim. Das singulares tensões hereditárias que, posteriormente, apareceram aos confusos aldeãos de Corazim várias monografias foram escritas por etnólogos. Bem

atrás da aldeia e diante da casa van der Heyl está uma colina íngreme coroadada com um anel peculiar de antigas pedras eretas com as quais os iroqueses sempre olharam com medo e repugnância. A origem do diário de Alonzo Typer e a natureza das pedras cuja datação que, de acordo com provas arqueológicas e climatológicas, deve ser fabulosamente antiga, ainda é um problema não solucionado.

De 1795 a diante as lendas dos pioneiros e colonos mais recentes têm muito a dizer sobre gritos estranhos e cantos que procedem a certa estação de Corazim, do casarão e da colina de pedras eretas. Entretanto há razão pra supor que os ruídos cessaram em 1872, quando toda a casa van der Heyl, os criados e tudo, desapareceu de repente.

Desde então a casa permaneceu abandonada. Outros eventos desastrosos, incluindo três mortes inexplicadas, cinco desaparecimentos e quatro casos de loucura súbita, aconteceram quando os donos mais recentes e visitas interessadas tentaram nela permanecer. A casa, aldeia, e extensas áreas rurais, em toda parte, foram revertidas ao estado e leiloadas na ausência de herdeiros conhecidos dos van der Heyl. Desde 1890 os donos (sucessivamente o recente Charles A. Shields e seu filho Oscar S. Shields, de Búfalo) deixaram toda a propriedade em estado de absoluta negligência e advertiram todos os curiosos a não visitar a região.

Dos que se sabe terem se aproximado da casa durante os últimos quarenta anos a maioria era estudante de ocultismo, oficial de polícia, jornalista e outras personagens estranhas em circulação. Um dos seguintes era um eurasiático misterioso, provavelmente da Cochinchina, cuja mais recente exibição com a mente em branco e bizarras mutilações chamou a atenção da grande imprensa em 1903.

O diário de senhor Typer, um livro de, aproximadamente, 15 × 9 cm, com papel resistente e uma estranha e durável liga metálica de folha fina, foi descoberto em posse dum dos decadentes aldeãos de Corazim, em 16 de novembro de 1935, por um policial estatal enviado pra investigar o propalado colapso da abandonada mansão van der Heyl. A casa realmente tinha ruído, obviamente de idade avançada e decrepitude, com o vento forte de 12 de novembro. A desin-

tegração estava peculiarmente completa e nenhuma busca completa da ruína poderia ser feita nalgumas semanas. John Eagle, o moreno, cara de macaco, bugre aldeão que tinha o diário, disse ter achado o livro bem perto da superfície do escombros, no que deveria ter sido um quarto dianteiro superior.

Muito pouco do conteúdo da casa poderia ser identificado, entretanto uma enorme abóbada de tijolo incrivelmente sólida no porão (cuja antiga porta de ferro teve que ser dinamitada por causa da estranha forma de obstinada e tenaz fechadura) permaneceu intata e apresentou várias características enigmáticas. Em primeiro lugar as paredes foram cobertas asperamente com hieróglifos de ainda indecifrado traço na obra de alvenaria. Outra peculiaridade era uma abertura circular enorme no fundo da abóbada, bloqueada por uma gruta, evidentemente por causa da queda da casa.

Mas o mais estranho de tudo, o aparentemente *recente* depósito dalguma substância fedorenta, enlodada, negra como azeviche, estava no chão lajeado e que estendia num quintal uma linha irregular que termina numa abertura circular bloqueada. Os que primeiro abriram a abóbada declararam que o lugar cheirava como um serpântario num jardim zoológico.

O diário, que foi feito, aparentemente, só pra fazer uma investigação na temida casa van der Heyl pelo desaparecido senhor Typer, foi demonstrado, por peritos grafotécnicos, ser genuíno. A escritura mostra sinais de aumentar a tensão nervosa quando avança ao fim, e há lugares onde fica quase ilegível. Aldeões de Corazim, cuja estupidez e taciturnidade confundem todos os estudantes da região e seus segredos, não tiveram lembrança de senhor Typer como um dos ilustres visitantes da temida casa.

O texto do diário é literalmente textual e sem comentário. Como interpretar e, diferente da loucura do escritor, deduzir? Que o leitor decida por si. Só o futuro pode dizer se seu esforço pode resolver um mistério de antigas gerações. Pode ser dito que esses genealogistas confirmam a memória relatada por senhor Typer no assunto de *Adriaen Sleght*.

O DIÁRIO

17 de abril, 1908

Cheguei aqui aproximadamente às 18h. Tive de percorrer todo o caminho de Ática a pé ante uma tempestade iminente, pois ninguém me alugaria um cavalo ou equipamento, e não posso andar de automóvel. Este lugar é ainda pior do que eu esperava, e eu temia o porvir, embora queira, ao mesmo tempo, desvendar o segredo. Bem cedo anoitecia, o velho horror do sabá de Valpúrgis, e após aquela temporada em Gales sei o quê procurar. Doravante não vacilarei. Picado por algum desejo insondável dei minha vida inteira à indagação de mistérios profanos. Vim aqui só pra isso e não tripudiarei com destino.

Estava muito escuro quando cheguei aqui, entretanto o sol não aparecia. As nuvens tempestuosas eram as mais densas que já vira e eu não achava o caminho por causa dos relâmpagos. A aldeia é um detestável pequeno remanso e seus poucos habitantes eram nada mais que simplórios. Um deles me saudou dum modo estranho, como se me conhecesse. Eu podia ver muito pouco da paisagem, um vale pantanoso de estranho matagal marrom e fungos venenosos cercado por mirradas árvores maliciosamente torcidas com ramos nus. Atrás da aldeia uma tristonha colina em cujo ápice está um círculo de grandes pedras com uma pedra ao centro. Essa, sem comentário, é a coisa vil primordial que V... me disse sobre o N... inquestionável.

O casarão contrastava no meio dum enorme parque repleto de exóticas roseiras bravas. Mal o pude transpor e, quando quase o fiz, a velhice e decrepitude do edifício me detiveram. O lugar parecia imundo e doentio e quis saber como um edifício tão ruinoso podia se manter ereto. É de madeira e, entretanto, suas linhas originais estão escondidas por um desnorteante emaranhado de alas sobrepostas a várias datas. Creio que foi construído primeiro no antiquado estilo colonial da Nova Inglaterra. Provavelmente isso era mais fácil construir que uma casa de pedra holandesa. Também lembro da esposa de Dirck van der Heyl, que veio de Salém, filha do não mencionável Abaddon Corey. Havia uma pequena varanda de pilares e me abriguei sob ela quando se desencadeou a tempestade. Foi uma tempestade diabólica, negra como a meia-noite, com

chuva cerrada, trovão e raio como no dia do juízo final e um vento fustigante.

Destranquei a porta, peguei minha lanterna e entrei. A poeira estava grossa, polegadas cobrindo o chão e a mobília. O lugar tinha cheiro de bolor de tumba. Havia um corredor que atravessava todo o percurso e um escadaria encaracolada à direita.

Trilhei meu caminho escada acima e escolhi o quarto da frente pra me hospedar. Todo o lugar parece bem mobiliado, entretanto a maior parte da mobília está se desintegrando. Isso foi escrito às 8h, depois de uma comida fria de minha mochila. Depois disso as aldeãos trarão material pra mim. Mas não concordarão em chegar mais perto que a ruína do portão do parque.

Eu queria me libertar dum sentimento desagradável de familiaridade com este lugar.

Depois

Estou consciente de várias presenças nesta casa. A pessoa me é francamente hostil. Uma vontade malévola que tenta me destruir e me superar. Não devo ter vislumbrado seu semblante um instante mas devo me esforçar ao máximo pra resistir. É horripilantemente malévola e, definitivamente, inumana. Creio que se alia a poderes de fora da Terra. Poderes no espaço aquém e além do universo. Sobressai como um colosso e confirma o que consta nos escritos de Aklo. Há tal sentimento de imensidão associado a ela que quero saber como estas câmaras podem conter seu volume, ainda que não tenha dimensão aparente. Sua idade deve ser inconcebivelmente remota, terrivelmente indescritível.

18 de abril

Dormi muito pouco ontem na noite. Às 3h da manhã um estranho vento rasteiro começou a penetrar na região inteira, sempre subindo até a casa, oscilando como um tufão. Quando descí na escadaria pra ver a porta dianteira sacudindo a escuridão criou formas semi-visíveis em minha imaginação. Só sob a aterrissagem fui empurrado violentamente por trás. Pelo vento, suponho. Entretanto poderia ter jurado ter visto traços

etéreos duma gigantesca garra negra quando me virei depressa. Não perdi o juízo mas, certamente, terminei a descida e tirei a pesada tranca da porta que tremia perigosamente.

Não pretendia explorar a casa antes do amanhecer. Contudo, agora, impossibilitado de dormir novamente, e excitado com terror misturado a curiosidade, me sentia relutante em adiar minha procura. Com minha poderosa lanterna caminhei no pó à grande sala de estar sul onde sabia que os retratos estariam. Lá estavam, da mesma maneira que V... tinha dito, e como eu parecia saber muito bem dalguma fonte obscura. Alguns estavam muito enegrecidos e manchados pra que eu pudesse identificar mas dos traços que pude discernir reconheci que realmente eram da odiosa linhagem van der Heyl. Algumas das pinturas pareciam sugerir faces que eu conhecia, mas exatamente *quais* faces não pude lembrar.

O esboço daquele terrível Joris híbrido, parido em 1773 pela filha mais jovem de Dirck, era o mais óbvio de tudo. Eu podia localizar os olhos verdes e o olhar de serpente em sua face. Toda vez que eu apagava a lanterna a face parecia brilhar na escuridão até que eu meio que imaginei que brilhava com uma fosforescência esverdeada própria. Quanto mais eu olhava pior me parecia. Me virei pra evitar ver mudança de expressão.

Mas o ao qual me virei era ainda pior. A face longa, severa, pequena, olhos, próximos, fixos e de feição suína característica o identificam imediatamente, embora o artista tivesse se esforçado pra fazer o focinho parecer tão humano quanto possível. Era isso que V... tinha sussurrado. Quando o fitei, horrorizado, pensei que os olhos assumiram um brilho avermelhado e, num momento, o fundo parecia substituído por uma cena estranha e, aparentemente, irrelevante: Um solitário, deserto terreno de caça sob um céu amarelo borrado, onde cultivavam um maltratado arbusto de espinheira negra. Temendo por minha sanidade apressei a saída daquela galeria amaldiçoada ao canto espanado escada acima onde tenho meu acampamento.

Depois

Decidi explorar um pouco mais os cantos labirínticos da casa à luz diurna. Não posso estar perdido, minhas pegadas estão visíveis no pó e pos-

so traçar outras marcas de identificação quando necessário. É curioso como facilmente aprendo a complexa sinuosidade dos corredores. Segui um longo corredor, um puxado que dava ao exterior na extremidade boreal, e surgiu uma porta trancada que forcei. Além havia um quarto muito pequeno bastante atulhado de mobília e com o revestimento de painéis carcomido. Na parede exterior espiei um vão escuro atrás do madeirame apodrecido e descobri uma estreita passagem secreta que conduz a negra profundidade desconhecida. Era uma rampa íngreme ou túnel sem degrau ou alçapão. Eu queria saber pra quê teria servido.

Sobre a lareira estava uma pintura bolorenta que achei no final da inspeção como sendo duma mulher jovem à moda do século 18. A face é de beleza clássica, contudo, com a expressão mais diabolicamente má que eu alguma vez vira o semblante humano ostentar. Não somente desumanidade, cobiça, e crueldade mas um pouco de hediondez além da compreensão humana parece se sentar nessas características finamente esculpidas. E me pareceu que o artista, ou o lento processo de bolor e decadência, tinha dado àquela aparência pálida um doentio matiz esverdeado e sugeria uma quase imperceptível textura escamosa. Depois ascendi ao sótão onde achei vários volumes de livros estranhos, muitos de aspecto totalmente estranho tanto nas letras como na aparência física. Um continha variantes do formulário de Aklo que eu não sabia que existia. Mas ainda não examinei os livros nas estantes empoeiradas do andar de baixo.

19 de abril

Com certeza, há presenças não vistas aqui, embora o pó não apresente pegada além das minhas. Tomei um atalho pelo jardim de roseira brava ao portão do parque onde meu material permanece mas nesta manhã o achei fechado. Muito estranho: Desde então os arbustos estão se revigorando com seiva primaveral. Logo tive aquele sentimento dalgo próximo tão colossal que é espantoso as câmaras a conterem. Dessa vez senti que uma das presenças é de grande envergadura. E sei agora que o terceiro ritual de Aklo, que achei ontem naquele livro no sótão, faria tal presença ficar sólida e visível. Não sei se ousarei tentar essa materialização. Os perigos são grandes.

Ontem na noite comecei a ver fugazmente sombrios rostos evanescentes e formas nos cantos escuros dos corredores e câmaras. Faces e forma tão horrorosas e repugnantes que não ousou descrever. Pareciam aliados em substância àquela garra titânica que tentou me empurrar escadaria abaixo na noite anterior. Deve ser, obviamente, fantasmagoria de minha imaginação transtornada. O que estou buscando não seria algo bem assim. Vi a garra novamente, às vezes só e, às vezes, com sua companheira mas decidi ignorar todo o fenômeno.

No começo desta tarde explorei o porão em primeira vez e desci numa escada de mão encontrada num alojamento cujos degraus de madeira tinham apodrecido. O lugar todo é uma massa de incrustação nitrosa com montículos amorfos que marcam as manchas onde vários objetos se desintegraram. No extremo mais distante tem uma passagem estreita que parece se estender sob o puxado boreal onde achei o quarto meio fechado e no término uma espessa parede de tijolo tem uma porta férrea trancada. Pertencendo aparentemente a uma abóbada dalgum tipo, essa parede tem evidências de batente de porta artesanal do século 18 e deve ser contemporânea às adições mais antigas à casa, claramente pré-revolucionária. Na fechadura que é, obviamente, mais velha que o resto do ferragem ornamental estão gravados certos símbolos que não pude decifrar.

V... não me tinha falado sobre essa abóbada. Me dá mais inquietação que qualquer outra coisa que já vi. Toda vez que me aproximo tenho um impulso quase irresistível de escutar algo. Até agora nenhum som desfavorável marcou minha permanência neste lugar maligno. Quando saí do porão desejei ardentemente que as pegadas ainda estivessem lá. Minha subida na escada de mão parecia assustadoramente lenta. Não quero descer até lá novamente. E ainda algum gênio mau me instiga a tentar isso *na noite* se eu quiser aprender a lição.

20 de abril

Perscrutei a profundidade de horror mas só senti o silêncio abissal. Ontem na noite a tentação era muito forte e, nos breves intervalos de escuridão, desci mais uma vez àquele infernal porão nitroso com minha lanterna e andei nas pontas dos pés entre os amontoados amorfos àquela

terrível parede de tijolo e porta trancada. Não fiz ruído e me absteve de sussurrar qualquer encantamento que eu conhecia mas escutei com furiosa obstinação.

Afinal senti os sons de além dessa barreira de chapa de ferro dentro da qual gigantescas coisas noturnas ameaçavam e murmuravam. Havia também um detestável serpenteio, como duma gigantesca serpente ou monstro marinho que arrasta seus monstruosos coleios sobre um chão pavimentado. Quase paralisado de espanto dei uma olhadela à enorme fechadura mofada e aos estranhos hieróglifos secretos entalhados nela. Tinham sinais que não reconheci e algo em sua técnica vagamente mongólica remetia a uma antiguidade blasfema e indescritível. Às vezes imaginei que poderia os ver brilhar com uma luz esverdeada.

Me virei pra fugir mas vi aquelas garras gigantescas atrás de mim, as grandes garras que pareciam inchar e ficar mais tangíveis quando as contemplava. Fora da maligna escuridão do porão, com sombrios meneios de pulsos escamosos atrás delas e com uma traiçoeira e maligna vontade que guia seu horrível tatear. Então ouvi atrás, dentro daquela abominável abóbada, um estouro fresco de reverberações amortizadas que pareciam ecoar de horizontes longínquos como um distante trovão. Impelido por esse pavor avancei em direção às garras sombrias com minha lanterna e as vi desaparecer diante da plenitude da luz elétrica. Então corri pra subir na escada de mão com a lanterna entre dentes e não descansaria enquanto não chegasse a meu acampamento do andar superior.

Qual será fim não ousou imaginar. Vim como investigador mas agora sei que algo está me procurando. Não pude ir embora quando queria. Nesta manhã tentei ir ao portão com meu equipamento mas encontrei as roseiras bravas tenazmente retorcidas em meu caminho. Era o mesmo em toda direção: Atrás e em todos os lados da casa. Nalguns lugares os cipós farpados marrons se espiralavam a alturas surpreendentes e formavam um tapume pra barrar meu egresso. Os aldeãos estão relacionados a tudo isso. Quando cheguei ao recinto coberto encontrei meu equipamento no grande corredor dianteiro. Não tenho pista de como foram parar lá. Me arrependi de ter varrido o pó. Eu deveria espalhar um pouco mais e ver quais impressões permanecem.

Nesta tarde li alguns dos livros na grande biblioteca sombria no fundo do andar térreo, e tive certas suspeitas que não resisto mencionar. Eu

nunca tinha visto o texto dos Manuscritos pncóticos ou dos Fragmentos de Eltdown e não teria vindo aqui se soubesse o conteúdo. Agora acredito que é muito recente, pois o terrível sabá será, apenas, daqui a dez dias. Porque aquela noite de horror será minha salvação.

21 de abril

Estudei os retratos novamente. Alguns têm nomes anexos. Notei um, duma mulher mal-encarada, pintado há uns dois séculos, que me confundiu. Tinha o nome de Trintje van der Heyl Sleght e tive a distinta impressão de ter conhecido o nome Sleght antes, nalguma relação significativa. Então não era horrível mas ficou. Tenho de matutar pra achar uma pista.

Os olhos dos quadros me assombram. É possível que alguns deles estejam se exumando mais perceptivelmente da mortalha de pó, decomposição e mofo? As fisionomias ofídicas e bruxos de feição suína me encaram horrivelmente de suas molduras enegrecidas e um grupo doutros rostos híbridos começa a perscrutar o lado de cá da sombria profundidade. Há um horripilante semblante de familiaridade neles todos, e o que é humano é mais horrível que o inumano. Queria que me lembrassem menos outros rostos, rostos que eu conhecia. Era uma linhagem amaldiçoada e Cornelis de Leydon era o pior deles. Era quem, sem dinheiro, descia a barreira depois que seu pai achou a outra chave. Estou seguro que V... sabe só um fragmento da horrenda verdade, de forma que estou realmente desprevenido e indefeso. Qual linhagem antes da velha-guarda? O que fez em 1591 nunca poderia ter sido acabado sem gerações de herança maligna ou algum vínculo com o exterior. E que descendência essa linhagem monstruosa gerou? Estão espalhados no mundo. Tudo o que esperam é sua comum herança de horror? Preciso lembrar o lugar específico onde vi o nome Sleght.

Queria ter certeza de que esses quadros sempre ficam na moldura. Agora, durante várias horas, vi presenças momentâneas como aquelas garras e a face sombria e formas duplicando alguns dos antigos retratos próximos. De certo modo nunca vislumbrei uma presença e o retrato ao mesmo tempo. A luz sempre está errada num ou noutro ou a presença e o retrato estão em aposentos diferentes.

Talvez, como esperava, as presenças são mero produto da imaginação mas não tenho certeza. Alguns são femininos e da mesma beleza infernal do quadro no pequeno aposento trancado. Vi que alguns estão sem moldura, examinei suas feições desconhecidas pintadas, escondidas sob o molde de fuligem de telas que não pude decifrar. Alguns, temo desesperadamente, se aproximaram da materialização sólida ou semissólida e alguns têm uma espantosa e inexplicada familiaridade.

Há uma mulher que, com tanta beleza e encanto, superou todo o resto. Seu charme e veneno são como a flor adocicada que cresce na beira do Inferno. Quando a olho de perto desaparece, só reaparecendo depois. Sua face tem um matiz esverdeado e, de vez em quando, imagino poder espiar uma suspeita escama em sua lisa textura. Quem é ela? É aquele ser que morou no pequeno quarto trancado mais dum século atrás?

Meu equipamento novamente ficou no corredor dianteiro, como de hábito. Salpiquei pó pra colher pegadas mas nesta manhã todo o corredor foi varrido por algum agente desconhecido.

22 de abril

Foi um dia de horrível descoberta. Explorei novamente o sótão infestado de teia de aranha e achei uma arca talhada tombada, claramente holandesa, cheia de livros blasfemos e papelada mais velha que qualquer outra até então encontrada aqui. Havia um *Necronomicão* grego, um *Livre d'Eibon*, de Norman-French e uma primeira edição antiga de *De vermibus mysteriis*, de Ludvig Prinn. Mas o antigo manuscrito encadernado era o pior. Estava em baixo latim, o mais estranho, na garatuja de Claes van der Heyl, sendo, evidentemente, o diário ou caderno mantido por ele entre 1560 e 1580. Quando desprendi o gancho prateado enegrecido e abri as folhas amareladas um desenho colorido caiu. A imagem duma monstruosa criatura que não se assemelha a algo mais que um calamar bicudo e tentacular, com grandes olhos amarelos e abominável semelhança com a forma humana em sua silhueta.

Nunca vira antes uma forma tão repugnante e de pesadelo. Nas patas, pés, e cabeça tentacular havia garras curiosas me fazendo lembrar as etéreas formas colossais que Tateavam tão horrivelmente no escuro em

meu caminho, enquanto a entidade se sentou como um todo num grande trono tipo pedestal inscrito com hieroglifos desconhecidos de cunho vagamente chinês. Sobre a escritura e a imagem pairava um ar de sinistra malignidade tão profundo e penetrante que não pude pensar ser isso o produto dalgum lugar ou época. Antes devia aquela monstruosa forma concentrar todo o mal num espaço ilimitado, ao longo das eras passadas e futuras. Esses sinistros símbolos são ícones de vil significado dotados duma mórbida vida própria pronta a saltar do pergaminho pra destruir o leitor. Pro significado daquele monstro e desses hieroglifos não encontrei pista mas soube que fora localizado com precisão infernal e sem propósito mencionável. Quando estudei os maliciosos caracteres a afinidade com os símbolos naquela ominosa fechadura no porão ficou cada vez mais evidente. Deixei o quadro no sótão, pois jamais poderia dormir perto de tal coisa.

Passei toda a tarde lendo o velho livro manuscrito de Claes van der Heyl. O que li confundirá e deixará horrorizado qualquer um que viva depois de mim. A gênese do mundo e de mundos anteriores se desdobrou ante meus olhos. Aprendi que a cidade Chambala, construída pelos lemurianos 50 milhões de anos atrás ainda se mantém inviolada atrás de sua parede de força psíquica no exílio oriental. Aprendi do Livro de Dziã, cujos primeiro seis capítulos pré-datam a Terra, e que já era antigo quando os senhores de Vênus cruzaram o espaço em suas naves pra civilizar nosso planeta. E vi registrado por escrito, em primeira vez, aquele nome que outros me disseram sussurrando e sobre o qual eu soubera dum modo mais reservado e mais horrível: O temido e terrível nome de Yian-Ho.

Em muitos lugares eu precisava subir a passagens que requerem uma chave. Finalmente, após várias alusões, concluí que o velho Claes não tinha ousado registrar todo seu conhecimento num livro mas deixara certos pontos pra outro. Nenhum volume é completamente inteligível sem seu companheiro. Consequentemente me dispus a achar o segundo volume nalgum lugar dentro desta casa amaldiçoada. Embora claramente prisioneiro não perdi meu eterno amor ao desconhecido. E estou determinado a sondar o cosmo tão profundamente quanto possível antes do juízo final.

23 de abril

Procurei, durante toda a manhã, o segundo diário, e o encontrei no meio-dia numa escrivaninha no pequeno aposento trancado. Como o primeiro, redigido no bárbaro latim de Claes van der Heyl, parece consistir em notas esparsas que se referem a várias seções do outro. Folheando vi, imediatamente, o abominado nome de Yian-Ho, aquela cidade perdida e oculta na qual se aninhavam segredos ancestrais e da qual as mais obscuras recordações, mais antigas que o corpo espreitam no âmago da mente de todos os homens. Isso foi repetido muitas vezes e o texto ao redor estava claramente pontilhado com toscos hieroglifos claramente similares àqueles do pedestal cujo desenho infernal eu tinha visto. Aqui, obviamente, estava a chave daquela monstruosa forma tentacular e sua mensagem proibida. Com esse conhecimento ascendi os degraus rangendo ao sótão de teias de aranha e horror.

Quando tentei abrir, a porta do sótão não aderiu como antes. Várias vezes resistiu a todo esforço pra abrir. Quando, afinal, consegui tive uma clara sensação de que alguma colossal forma não vista a tinha soltado de repente. Uma forma que planava ao longe, imaterial mas com audível bater de asas. Quando achei o horrível desenho percebi que não era exatamente onde o tinha deixado. Aplicando a chave ao outro livro logo vi que o seguinte não era um guia imediato ao segredo. Só uma pista a um obscuro segredo que foi muito bem guardado. Levaria horas, talvez dias, pra extrair a terrível mensagem.

Viverei o suficiente pra desvendar o segredo? Os assombrados braços negros e garras agora assombram cada vez mais minha vista. Parece até mais titânico que no princípio. Nunca quis libertar essas vagas presenças inumanas cujo tamanho nebuloso parece muito grande pra ser contido nas câmaras. E de vez em quando as grotescas faces, as formas evanescentes e as molduras zombeteiras se reúnem em minha frente numa desnorteante confusão.

Realmente, é um terrível arcano primevo da Terra que é melhor ser deixado em paz e esquecido. Segredos terríveis que nada têm a ver com o homem, homem esse que só pode aprender em troca de paz e sanidade. Verdades secretas que fazem do sábio um eternamente estranho entre os seus e o faz caminhar solitário na Terra. Igualmente, há sobrevi-

vências terríveis de coisas mais antigas e mais potentes que o homem. Coisas blasfemas que perambulavam em idades remotas nunca suspeitadas. Monstruosas entidades eternamente adormecidas em incríveis criptas e remotas cavernas, fora das leis de causa e efeito. Estará pronto pra ser despertado por tais blasfemadores quem souber seus obscuros sinais proibidos e contra-senhas furtivas.

24 de abril

Estudei o quadro e a chave o dia todo no sótão. No crepúsculo ouvi sons estranhos, dum tipo não encontrado antes e parecendo vir de longe. Escutando, percebi que têm que fluir daquela estranha colina abrupta com o círculo de pedras eretas que contrasta atrás da aldeia a alguma distância ao norte da casa. Ouvi dizer que aquele era um atalho levando da casa ao topo daquela colina rumo ao primitivo Cromeleque. Tendo suscitado disso, em certas ocasiões, van der Heyl teve muita oportunidade de experimentar mas todo o assunto ficara, até agora, oculto em minha consciência. Os sons consistiam num soar estridente misturado a um tipo peculiar e horroroso de assobio ou silvo e um bizarro tipo de música como nunca descrito nos anais terrenos. Era muito lânguido e logo enfraquecia mas o argumento era conhecido, pensei. Está para a colina tal qual a puxada nortista com a calha secreta e a abóbada de tijolo fechada estendida embaixo. Pode haver alguma conexão que de longe me passou despercebida?

25 de abril

Fiz uma peculiar e perturbadora descoberta sobre a natureza de minha encarceragem. Atraído à colina por um sinistro fascínio encontrei as roseiras bravas postadas atrás de mim, mas só naquele lado. Há um portão arruinado e, sob os arbustos, os vestígios dum antigo caminho que, indubitavelmente, existe. As roseiras bravas se expandem a cima e ao redor da colina. Entretanto, no ápice, com os montes de pedras eretas, só um estranho crescimento de musgo e grama raquítica. Escalei a colina. Passei muitas horas ali e notei um estranho vento que sempre parece so-

prar ao redor dos interditos monolitos e que, às vezes, parece sussurrar numa articulação estranha e misteriosamente enigmática.

Essas pedras, tanto em cor quanto em textura, não se assemelham a algo que eu tenha visto noutro lugar. Não são marrons nem acinzentadas mas dum matiz amarelo bem pálido fundido num verde maligno sugerindo o mimetismo dum camaleão. Sua textura é extravagante como a duma serpente escamada e é, inexplicavelmente, sensível ao toque, sendo fria e úmida como a pele dum sapo ou outro réptil. Próximo ao menir central tem um buraco de singular borda rochosa que não posso explicar mas que pode ser a entrada dum afilado túnel. Quando tentei descer a colina até a extremidade da casa, ao longe, encontrei as roseiras bravas que me interceptaram como antes. Entretanto o caminho até a casa era facilmente relocalizável.

26 de abril

Galguei a colina, novamente, hoje na noite, e senti aquele vento sussurrante muito mais intenso. Os murmúrios quase irados se aproximaram da linguagem atual, dum tipo vago, sibilante, e me fizeram lembrar do sereno canto estranho que eu tinha ouvido a distância. Depois do crepúsculo veio um estranho relâmpago de prematuro verão iluminando o horizonte norte, seguido, quase imediatamente, dum estrepitoso trovão no céu oscilante. Algo nesse fenômeno me perturbou muito e não pude evitar a impressão de que o ruído culminou num tipo inumano de linguagem sibilante resultante duma gutural gargalhada cósmica. Minha mente está vacilando, afinal, ou minha injustificada curiosidade evocou inauditos horrores dos espaços crepusculares? O sabá agora está a alcance da mão. Qual será o fim?

27 de abril

Até que enfim meu sonho será realizado! Seja ou não reivindicada minha vida, espírito ou corpo, entrarei no portal! O progresso em decifrar esses cruciais hieroglifos na pintura estava lento mas nesta tarde encontrei a pista final. Perto do crepúsculo descobri o significado, que pode ser aplicado duma só maneira às coisas que encontrei nesta casa.

Há, sob esta casa, sepultado não sei onde, um Antigo que me mostrará o portal no qual eu entraria e me dará os sinais perdidos e palavras das quais precisarei. Quanto tempo estive enterrado aqui, esquecido, exceto por aqueles que criaram a pedra na colina e por aqueles que depois procuraram este lugar e construíram esta casa, não posso conjecturar. Procurando essa Coisa inquestionável, Hendrik van der Heyl veio a Nova Holanda em 1638. Os homens desta Terra não a conhecem, exceto nos sussurros secretos do arrepio algum que achou ou herdou a chave. Nenhum olho humano a fitou, ainda que brevemente, a menos que, quem sabe, os desaparecidos magos desta casa investigaram além do que se pensa.

Com o conhecimento dos símbolos veio um domínio dos Sete Sinais Perdidos de Terror e, igualmente, um reconhecimento tácito das palavras horríveis e indescritíveis de pavor. Tudo aquilo que me falta realizar é o Canto que transfigurará Aquele Que Foi Esquecido que é Guardião do Antigo Portal. Me maravilhei muito com o Canto. É composto de estranhas e repelentes guturais e perturbantes sibilos que não se assemelham a algum idioma que alguma vez encontrei, nem mesmo nos mais negros capítulos do *Livre d'Eibon*. Quando visitei a colina no crepúsculo tentei ler isso em voz alta mas ecoou em resposta só um vago e sinistro estrondo no horizonte distante e uma tênue nuvem de pó elementar que se contorceu e girou como alguma coisa viva maligna. Talvez eu não tenha pronunciado corretamente as sílabas estrangeiras ou talvez só no sabá, aquele sabá infernal ao qual os poderes nesta casa não podem me proteger, que a grande transfiguração pode acontecer.

Tive um curioso turno de espanto nesta manhã. Pensei, num momento, ter lembrado onde vi aquele frustrante nome Sleght antes e o cenário de realização me encheu de horror indescritível.

28 de abril

Hoje escuras nuvens ominosas pairaram com intermitência em cima do círculo nesta colina. Notei tal névoa várias vezes antes mas agora os contornos e arranjos têm um instigante significado. São serpentinos e fantásticos e, curiosamente, como as assombrações malignas que vi na casa. Flutuam num círculo ao redor do Cromeleque primitivo e revol-

vem repetidamente como se dotados duma vida e propósito sinistros. Eu poderia jurar que dão um sussurro irado adiante. Depois duns quinze minutos pairam lentamente ao longe, sempre a leste, como as unidades dum batalhão disperso. Realmente, são aquelas entidades terríveis que Salomão conheceu na velhice, aqueles seres negros gigantes cujo número é legião e cujo passo faz tremer a terra?

Ensaiei o Canto que transfigurarà a Coisa anônima. Contudo temores estranhos me assaltam até mesmo quando articulo as sílabas resfolegando. Perscrutando todo o conjunto de evidência descobri que o único modo é atravessar a abóbada do porão cerrado. Aquela gruta foi construída com um propósito infernal e deve cobrir o esconderijo que conduz ao covil imemorial. Quais guardiões vivem eternamente ali e desabrocham de século em século com alimento desconhecido, só um alienado pode conjecturar. Só os bruxos desta casa que os convocaram da Terra interior os conheceram muito bem, como os chocantes retratos e recordações do lugar revelam.

O que mais me aborrece é a natureza limitada do Canto. Evoca o Inominado, contudo não provê método pro controle do que é evocado. Há, claro, os sinais gerais e gestos mas se demonstrarem eficácia pruma coisa pode, ainda, omitir algo. Ainda, a recompensa é grande o bastante pra justificar qualquer perigo. E não poderia me retirar se quisesse, pois uma força desconhecida francamente me instiga.

Descobri mais um obstáculo. Considerando que preciso atravessar a abóbada do porão fechado tenho de achar a chave. A fechadura está muito alto e é muito resistente pra arrombar. Não tenho dúvida de que a chave está nalgum lugar aqui mas falta pouco tempo pro sabá. Tenho de procurar com afinco. Terei coragem de destrancar a porta de ferro e encarar os horrores aprisionados espreitando de dentro?

Depois

Evitei o porão nos último dois dias. Mas nesta tarde descí novamente a esses recintos interditos.

No princípio tudo estava silencioso mas dentro de cinco minutos os murmúrios ameaçadores do miolo começaram mais uma vez a sair da porta férrea. Nessa vez era alto e mais terrificante que nas ocasiões ante-

riores. Reconheci aquele conhecido deslizar dalgum monstruoso monstro marinho, agora mais rápido e frenético, como se a coisa estivesse se esforçando pra chegar ao portal onde eu estava.

As passadas ficaram mais altas, mais inquietas e mais sinistras. Começou a bater nela essas reverberações infernais e mais enigmáticas que as que eu tinha ouvido em minha segunda visita ao porão. Reverberações amortizadas que pareciam ecoar de horizontes longínquos como um trovão distante. Mas agora o volume aumentou umas cem vezes e o timbre adquiriu novas e terríficas implicações. Posso comparar o som com algo mais adequadamente que o urro dalgum terrível monstro da desaparecida era dos sáurios, quando horrores primitivos vagavam na Terra e os homens-serpente de Valúsia plantaram a pedra fundamental de magia malévola. Tal urro, se expandindo a alturas ensurdecedoras, jamais alcançado por alguma garganta orgânica conhecida era análogo a este estrepitoso som. Ousarei destrancar a porta e enfrentar a violenta investida do além?

29 de abril

Achei a chave da abóbada. No meio-dia a encontrei no pequeno aposento fechado, sob o entulho numa gaveta da antiga escrivaninha, como se nalgum esforço para esconder. Estava embrulhada num jornal se deteriorando datado de 31 de outubro de 1872 mas havia uma envoltura interna de pele seca, evidentemente o couro dalgum réptil desconhecido, que ostentava uma mensagem em baixo latim na mesma garatuja escrita nos cadernos que encontrei. Como eu tinha pensado, a fechadura e a chave eram imensamente mais velhas que a abóbada. Não pude calcular essa diferença de idade. O velho Claes van der Heyl as tinha prontas pra algo que ele, ou seus descendentes, pretendia fazer. Decifrando a mensagem latina tremi num novo acesso de angustioso terror e indefinível espanto.

Os segredos da monstruosa Unidade primeva. Folheei o ilegível texto cujas palavras secretas relacionam as coisas ocultas que existiam antes do homem. Coisas que ninguém da Terra deveria aprender, pra não ter seu sossego perdido pra sempre. Isso jamais me deveria ter sido revelado. Pra Yian-Ho, aquela perdida e proibida cidade de eras incontáveis,

cuja localização não pode ser revelada. Recebi a autêntico cerne desse conjunto como nenhum outro em vida. Ali tenho de me estabelecer e, assim, adquirir aquela sabedoria que eu queria, alegremente, perder. Mas não posso. Aprendi a atravessar um buraco que não deveria ser atravessado e tenho de invocar da Terra o que não deveria ser despertado nem chamado. E o que foi enviado pra me acompanhar não descansará até que eu ou os seguintes façam o que deve ser feito.

Daquilo que despertei e trago comigo não posso me separar. Assim está escrito no Livro das Coisas Ocultas. O que trago estará entrelaçado de forma terrível a meu redor e, se eu não viver pra cumprir sua ordem, essas crianças ao redor, nascidas e a nascer, virão depois de mim até a ordem ter sido cumprida. Estranha pode ser sua junção, e terrível a ajuda podem convocar até o fim ser alcançado. Em terras desconhecidas e ignotas se deve procurar e uma casa deve ser construída pros guardiões exteriores.

Esta é a chave daquela fechadura que me foi dada na cidade terrível, ancestral e proibida de Yian-Ho. A fechadura que eu ou os meus têm que colocar na entrada do que for encontrado. E poderão os senhores de Yaddith me socorrer, ou a ele, que tem que fixar aquela fechadura no lugar e chavear.

Tal era a mensagem que, uma vez que a tinha lido, parecia ter conhecido antes. Agora, escrevendo estas palavras, a chave está atrás de mim. A contemplei com medo e fascínio, sem ter palavra pra descrever seu aspecto. É do mesmo refinado metal desconhecido esverdeado fosco como a fechadura. Metal melhor comparado a bronze manchado com verdigris^[1]. Seu formato é estranho e fantástico e as pontas em formato de ataúde do maciço volume de lâminas não deixa dúvida de que a fechadura foi bem ajustada. A maçaneta forma grotescamente uma estranha imagem inumana cujo exato traçado e identidade não pude descobrir ainda. Ao a segurar, seja qual for o intervalo de tempo, sinto uma estranha e anômala agitação no metal frio. Um estímulo ou pulsação muito tênue pra reconhecimento ordinário.

Sob a aparição esculpida está uma baça legenda, usual nesses blasfemos hieroglifos siniformes^[2] que eu conhecia tão bem. Só pude entender o começo, as palavras: Minha vingança espreita... O início do texto estava desbotado a ponto de ficar confuso. Há alguma fatalidade no

oportuno achado da chave, *pois amanhã na noite será o sabá infernal*. Mas, por incrível que pareça, em toda essa horrorosa expectativa, a questão do nome Sleght me aborrece cada vez mais. Por que eu deveria temer ver nisso uma conexão com os van der Heyls?

Véspera de Valpúrgis, 30 de abril

Chegou a hora. Despertei ontem na noite e vi a chave brilhando com um esplendor esverdeado lúrido, aquele mesmo verde mórbido que vi nos olhos e pele de certos retratos aqui, na fechadura chocante e na chave, no menir monstruoso da colina e em mil outros intervalos de minha consciência. Havia sussurros estridentes no ar, cochichos sibilantes como os do vento ao redor daquele Cromeleque terrível. Algo falou a mim do gélido éter de lugar, dizendo Chegou a hora. É um presságio, e rio de meus próprios medos. Eu não tinha as palavras terríveis e os Sete Sinais Perdidos de Terror, o poder coercitivo dalgum Morador no cosmo ou no espaço ignoto? Não hesitarei mais.

O céu está muito escuro, como se uma formidável tempestade estivesse chegando. Uma tempestade até maior que a da noite em que cheguei aqui, uns quinze dias atrás. Da aldeia, menos que uma milha adiante, ouvi um balbucio estranho e desacostumado. Era, como pensei, aqueles idiotas, pobres degenerados, que compartilham o segredo e mantém o terrível sabá na colina.

Aqui na casa as sombras se juntam densamente. Na escuridão o céu diante de mim quase brilhou com uma luz esverdeada própria. Entretanto não fui ao porão. É melhor esperar, pra evitar que o ruído daqueles murmúrios e resfolegares, essas fugidias e abafadas reverberações, me enervem antes que eu possa destrancar a porta fatal.

O que encontrarei e o que farei só tenho uma vaga ideia. Encontrarei minha missão na própria abóbada ou terei de escavar mais profundamente no coração noturno de nosso planeta? Há coisas que ainda não entendo ou, pelo menos, prefiro não entender, apesar duma sensação terrível, crescente e inexplicada de antiga familiaridade com esta casa medonha. Por exemplo, aquela calha que conduz a baixo do pequeno quarto fechado. Mas creio que a ala com a abóbada se estende até a colina.

6h da tarde

Olhando as janelas norte posso ver um grupo de aldeãos na colina. Parecem desavisados do céu ameaçador e estão cavando perto do grande menir central. Me ocorreu que estão trabalhando naquela pedra obtusa escavando naquele lugar o que parece ser a entrada dum afilado túnel. O que acontecerá? Quanto dos antigos ritos de sabá retiveram essas pessoas? Aquela chave brilha horivelmente, não é imaginação. A usarei como deve ser usada? Outro assunto me perturbou muito. Folheando nervosamente um livro na biblioteca descobri uma mais ampla forma do nome que arreliou minha memória tão penosamente: Trintje, esposa de Adriaen Sleght. *Adriaen* me conduz ao mais remoto da memória.

Meia-noite

O horror está solto mas não devo desanimar. A tempestade desabou furiosa num pandemônio e raios atingiram a colina três vezes. Contudo, os híbridos e disformes aldeãos se ajuntaram dentro do cromeleque. Os posso ver nos relâmpagos quase constantes. As grandes pedras eretas surgem lamentavelmente com uma luminosidade verde fosco que os revela até mesmo sem raio. Os repiques de trovão são ensurdecedores e todos parecem responder horivelmente a algum comando desconhecido. Enquanto eu escrevia as criaturas na colina começaram a cantar, uivar e gritar numa degenerada e simiesca versão do ritual antigo. O aguaceiro caía como uma inundação, contudo eles saltavam e emitiam sons num tipo de êxtase diabólico.

“Iä Shub-Niggurath! O Bode com mil filhotes!”

Mas o pior está dentro da casa. Mesmo agora comecei ouvir sons do porão. *São os o ruído daqueles murmúrios e resfolegares, as fugidias e abafadas reverberações dentro da abóbada.*

Recordação vem e vai. O nome de Adriaen Sleght bate estranhamente em minha consciência. O genro de Dirck van der Heyl... Sua criança neta do velho Dirck e bisneto de Abaddon Corey...

Depois

Deus misericordioso! *Ao menos lembrei onde vi aquele nome.* Sei, e estou cravejado de horror. Todos estão perdidos...

A chave começou a aquecer quando minha mão esquerda nervosamente a empunhava. Às vezes aquele acelerar vago ou pulsar são tão distintos que posso sentir quase o movimento de metal vivo. Veio de Yi-an-Ho prum propósito terrível e, pra mim, o qual todos também souberam tarde demais, que na coisa fluía o sangue de van der Heyl, que respinga nos Sleght em minha própria linhagem. Veio a horrível tarefa de cumprir aquele propósito...

Minha coragem e curiosidade minguaram. Sei o horror que existe além que porta férrea. Se Claes van der Heyl era meu antepassado é preciso que eu expie seu pecado inominável? *Não irei. Juro que não!...*

(a escrita aqui começa a ficar inteligível)

Tarde demais. Não posso me ajudar. A garra negra se materializou. Fui arrastado ao porão...



A Morte do Monstro

com Robert H. Barlow

∴

The Slaying of the Monster (1933)

The Hoard of the Wizard-Beast and One Other (1994)

Este pequeno esboço ou é um conto muito curto ou uma brincadeira longa e irônica. É a primeira história que Barlow enviou a Lovecraft, e este imediatamente viu o potencial desse jovem de 15 anos. Ele respondeu com uma carta de encorajamento junto a uma revisão, e encorajou Barlow a publicá-la numa das revistas de imprensa amadora — o que ele nunca fez. S.T. Joshi, que examinou mais da escrita de Lovecraft do que, provavelmente, qualquer outra pessoa viva hoje, estima que a proporção de escrita de Lovecraft seja de 30%.

“A morte do monstro” foi publicado apenas após a morte de Barlow; foi incluído em *The Hoard of the Wizard-Beast and One Other*, um livro publicado pela Necronomicon Press em 1994.



Grande foi o clamor em Laen; pois havia sido espiada fumaça nas colinas do Dragão. Isto certamente significava as agitações do Monstro — o monstro que cuspiam lava e fazia a terra tremer ao roncar em suas profundezas. E quando os homens de Laen se juntaram, juraram matar o Monstro e impedir que seu hálito ardente queimasse sua cidade cheia de minaretes e derrubasse suas cúpulas de alabastro.

Foi assim que, sob a luz de tochas, reuniram-se uma centena de pequenas pessoas, preparadas para combater o Maligno em seu esconderijo. Ao cair da noite marcharam em formação irregular para as colinas sob os fulgentes raios lunares. À frente, uma nuvem de fogo brilhava através do crepúsculo roxo, um guia ao seu destino.

Em nome da verdade, deve ser mencionado que a coragem os deixou muito antes de verem o inimigo, e quando a lua desvaneceu e as nuvens despreocupadas anunciaram o crepúsculo, eles mais que nunca desejaram estar em casa, havendo ou não dragão. Mas, quando o sol nasceu, recuperaram o ânimo e, balançando as lanças, caminharam com afínco a distância que restava.

Nuvens de fumaça sulfurosas pairavam como uma mortalha sobre o mundo, escurecendo até o sol nascente, sempre reabastecidas por bafo-radas malignas da boca do Monstro. Diminutas e famintas línguas de fogo fizeram os Laenianos caminharem mais rápido sobre as pedras quentes. “Mas *onde* está o dragão?” sussurrou alguém — temeroso e esperando que a besta não aceitasse a pergunta como um convite. Olharam à sua volta em vão — não havia nada sólido o suficiente para matar.

Então, carregando suas armas, eles cansadamente retornaram para suas casas e montaram uma tábua de pedra esculpida contando tal feito

—

“ATRIBULADOS POR UM MONSTRO FERROZ, OS BRAVOS CIDADÃOS DE LAEN AVANÇARAM E O DERROTARAM EM SEU ARDENTE COVIL, SALVANDO A TERRA DE UMA TERRÍVEL PERDIÇÃO.”

Essas palavras foram difíceis de decifrar assim que escavamos aquela pedra das mais antigas e profundas camadas de lava incrustante.



Quatro Horas

com Sonia H. Greene

∴

Four O’Clock (1922)

Something About Cats and Other Pieces (1949)

“Quatro Horas” tem autoria atribuída apenas a Sonia Greene, e, segundo ela em uma carta a Winfield Townley Scott, não houve qualquer envolvimento de Lovecraft além da sugestão da história — talvez por isso, essa tenha sido a única história que aparece na primeira edição de *The Horror in the Museum and Other Revisions* mas não na segunda, já que praticamente nenhum dos estudiosos da obra de Lovecraft a inclui em seu cânone. Alguns fãs, entretanto, contestam a autoria, dizendo que, se for verdade, ‘Greene deve ter incorporado o estilo literário de Lovecraft por osmose’, já que nenhum outro autor teria conseguido capturar tão bem a atmosfera lovecraftiana em uma obra sem o envolvimento de Lovecraft. Pesa também o fato de Greene jamais ter retornado ao estilo, sendo esta sua única história lovecraftiana — e, de fato, sua última obra de ficção, após “O horror em Martin’s Beach” e dois poemas.

Também pesam contra Greene a similaridade que “Quatro Horas” tem com a obra de Poe — sabidamente uma das maiores influências de Love-

craft — e o fato de que, alguns anos mais tarde, Lovecraft escreveria o poema “O mensageiro”, com a mesma temática e bastante parecido com “Quatro Horas”. Como não há menção nas correspondências e anotações deixadas por Lovecraft a esta história, o debate sobre a autoria parece longe de chegar a um fim.



Eu soube, por volta das duas da manhã, que a hora estava chegando. Isto me foi dito pelo silêncio escuro e profundo da noite. Um grilo horrendo, cricrilando com uma persistência hedionda demais para ser uma coincidência, foi minha confirmação. É às quatro horas — às quatro crepuscular antes do amanhecer, como ele disse que seria. Eu não tinha acreditado de verdade antes, porque as profecias de loucos vingativos raramente são tomadas com seriedade. Além disso, eu não devia ser culpado pelo que lhe acontecera às quatro horas daquela outra manhã; naquela manhã terrível cuja memória nunca se apagará. E quando, finalmente, ele morreu e foi enterrado no antigo cemitério do outro lado da estrada, logo após minhas janelas do leste, tive certeza de que a sua maldição não me prejudicaria. Não teria eu visto com os meus próprios olhos que enormes pás de terra cobriram seguramente seu corpo sem vida? Não teria eu a certeza de que seus ossos arruinados seriam impotentes para me trazer a desgraça a um dia e uma hora tão precisamente declarados? Esses, de fato, foram meus pensamentos até esta chocante noite; nesta noite de caos inacreditável, de certezas despedaçadas e de preságios inominados.

Eu havia me retirado cedo, esperando ansiosamente dormir algumas horas a despeito da profecia que me assombrava. Agora que o tempo anunciado estava tão próximo, ficava cada vez mais difícil para mim descartar os medos vagos que sempre estiveram por baixo de meus pensamentos conscientes. Enquanto os lençóis refrescantes acalmavam meu corpo febril, não consegui encontrar nada que acalmasse minha mente ainda mais agoniada; estava agitado e inquieto, tentando primeiro uma posição e depois outra, me esforçando desesperadamente para banir

com sonolência essa noção condenadora e insistente — de que ocorrerá às quatro horas.

Será que essa assustadora inquietação que me rodeia se deve fadidamente ao local no qual estive morando todos esses anos? Por que, me pergunto amargamente, eu permiti que as circunstâncias me colocassem justamente na noite das noites, nesta bem lembrada casa e neste bem lembrado quarto cujas janelas do leste têm vista para a solitária estrada e para o cemitério rural mais além? Em minha mente, cada detalhe daquela desprestigiada necrópole se ergue diante de mim — sua cerca branca, suas hastes de granito fantasmagóricas e as auras flutuantes daqueles sobre os quais os vermes se alimentaram. E enfim, a força da concepção levou visão a profundidades mais remotas e proibidas, e eu vi sob a grama esquecida as formas silenciosas das coisas das quais as auras saíram — os calmos adormecidos, os apodrecidos, aquelas que tinham se retorcidos freneticamente em seus caixões antes do sono chegar, e os ossos pacíficos em estágios de putrefação, desde o completo e coerente esqueleto ao punhado de poeira amontoada. Mais que nunca invejei a poeira.

Então fui novamente assaltado pelo terror quando minha mente encontrou seu túmulo. Não ousei desviar o pensamento daquele sepulcro, e eu teria gritado se algo não houvesse impedido aquele poder maligno de raptar minha visão mental. Esse algo foi uma súbita rajada de vento, surgida do nada bem no meio da noite calma, abrindo o obturador da janela mais próxima, e o batendo de volta com um estrondo monstruoso e descobrindo ao meu olhar de vigília o antigo cemitério, brotando em minha visão como um espectro sob o luar na madrugada.

Mencionei esta rajada de vento como uma espécie de perturbação misericordiosa, mas agora sei que foi apenas uma interrupção fugaz e zombeteira. Pois mal tinha o meu olhar apanhado a cena iluminada pela lua quando reparei num novo mau presságio que emanava das lápides cintilantes do outro lado da estrada. Desta vez era tão claro que não podia descartar isto como uma fantasia. Depois de ter olhado instintivamente para o local onde o seu corpo estava em decomposição — a moldura da janela impediu-me de o ver claramente — vi, tremendo de medo, que algo ameaçador e indescritível estava flutuando nessa mesma direção. Era uma massa nebulosa, sem forma, de substância cinzenta-branca, isso se tivesse alguma substância. Até então era algo vago e len-

to, mas de segundo em segundo ia aumentando de tamanho em uma potencialidade impressionante e devastadora. Por mais que eu tentasse descartá-lo como um fenômeno meteorológico natural, o medo e o horror cresceram em mim face a esse presságio de desastre e apreensão; de modo que nunca estaria preparado para o clímax malévolos a que tudo isto se encaminhava.

Esse clímax, tão simples quanto ameaçador, prefigurou o fim de uma forma simbólica e hedionda. A cada momento o nevoeiro se tornava mais espesso e acumulado, assumindo finalmente um aspecto meio tangível. Ao mesmo tempo, a superfície, em minha visão, gradualmente assumia uma forma circular e claramente côncava. Pouco a pouco o nevoeiro cessou e permaneceu como um espectro no fim da estrada. E, parado ali, no ar úmido da noite à luz da lua morbidamente pálida, reparei que se assemelhava ao mostrador enorme e pálido de um relógio distorcido.

O que se seguiu foram aparições demoníacas horríveis. No lado inferior direito do mostrador ligeiramente desfocado, uma criatura assustadora negra tomou forma, mas não tinha contornos firmes e não podia ser vista com clareza. No entanto, reparei em quatro garras salientes cheias de fatalidade nociva que gananciosamente me estendiam a mão. Seus contornos e posição, que se delineavam no mostrador da morte, lembraram-me da desgraça que pairava sobre mim, pois inequivocadamente formaram traços exatos do número IV.

Imediatamente a seguir, o monstro saiu ou se contorceu da superfície côncava do mostrador e começou a se aproximar de mim com movimentos que eu não conseguia compreender. Notei que as quatro longas e finas garras se transformaram em tentáculos repugnantes, semelhantes a fios, que pareciam ter sua própria inteligência vil. Eles tateavam incessantemente, primeiro lentamente, depois cada vez mais rápido, até que a própria visão dos seus movimentos vertiginosos quase me enlouqueceram. E, em horror crescente, nesta noite anormalmente quieta, comecei a ouvir os ruídos sutis e enigmáticos que perfuravam o intenso silêncio noturno; mil vezes ampliadas como uma só voz, lembrando-me a temida quatro horas. Em vão, tentei abafar o som apertando o cobertor sobre minha cabeça; em vão tentei afogá-lo com meus gritos. Fiquei mudo e paralisado. E, no entanto, nesse silêncio devastador, banhado pela mal-

dita luz da lua, eu estava agonizantemente consciente de toda visão e som não natural. Só uma vez consegui enfiar a cabeça debaixo do cobertor — isso foi quando o barulho do grilo daquela frase horrível, quatro horas, ameaçou explodir o meu crânio — mas isso só piorou as coisas, porque agora os rugidos daquela detestável criatura me atingiam como golpes de uma marreta titânica.

Quando finalmente tirei o meu crânio martirizado da proteção inútil, mais demônios assediavam os meus olhos: inúmeras criaturas negras, cinzentas e brancas movimentavam zombeteiramente sobre as paredes recém pintadas do meu quarto como se o monstro com os tentáculos os tivesse chamado para fora dos seus túmulos. Só a visão dos condenados por Deus é suficiente para imaginar esses seres. Alguns eram infinitesimalmente pequenos; outros cobriam vastas áreas. Mas apesar dos seus grotescos e horríveis tamanhos variados, todos eles pareciam ter saído do mesmo pesadelo. Mais uma vez — de forma tão fútil como antes — tentei ignorar essas criaturas infernais da noite. Algumas vezes as criaturas dançantes cresciam, às vezes encolhiam, se aproximavam, sumiam enquanto cediam ao seu ritmo mórbido e agressivo. E o aspecto de cada uma se assemelhava a um mostrador demoníaco cujas mãos mostravam sempre a mesma hora: o temido e nefasto número IV.

Como cada tentativa de apagar as cenas de um pesadelo que me assediavam constantemente falhou, voltei mais uma vez o olhar para a janela com os obturadores abertos e vi novamente o monstro que havia saído da cova. Tendo sido uma visão hedionda antes, agora se tornara indescritível. A criatura, anteriormente de substância indeterminada, era agora formada de fogo vermelho e maligno. Acenou repulsivamente suas quatro garras-tentáculos — com línguas indescritíveis de chama viva. Ele me olhava da escuridão; como que se quisesse zombar de mim. Por vezes avançou, outras vezes recuou ligeiramente. Então, no silêncio tenebroso, aquelas quatro garras de fogo contorcentes acenavam convidativamente para as coisas demoníacas das paredes, que ainda pareciam estar em seu ritmo de dança diabólica. E me pareceu que as línguas de chamas se moviam em conjunto com as criaturas. O mundo inteiro girou à minha volta como um vórtice horripilante de giros, solavancos, voltas, provocações e ao mesmo tempo ameaçando com imagens de *quatro horas*.

De algum lugar ouvi o primeiro sussurro do vento da madrugada — inicialmente era apenas fraco e longe. Mas, pouco a pouco, começou a avançar, soprando sobre o mar insondável e sobre os pântanos febris, e o murmúrio se tornou cada vez mais alto até que a partir do rugido incessante numa cacofonia barulhenta, uma mensagem mórbida pôde ser claramente distinguida e milhares de vezes repetida: *quatro horas, quatro horas, QUATRO HORAS*. Pouco a pouco o sussurro do vento tinha crescido para algo ensurdecedor que se assemelhava ao rugido de uma gigantesca cachoeira. Mas depois de ter atingido seu auge, foi diminuindo gradualmente. E quando sumiu ao longe, uma vibração permaneceu nos meus ouvidos, como só um trem rápido e carregado que acaba de passar poderia causar. Além disso, porém, o vento também me causou temor — e esse foi tão avassalador que ressoou nele a tranquilidade da rendição ao destino.

O fim está próximo. Tudo o que vi e ouvi se fundiu num vasto e barulhento vórtice de ameaça mortal. Nele, todas as imagens horripilantes e demoníacas das quatro horas que existiram desde os tempos imemoriais e aquelas que um dia existirão se uniram. O monstro flamejante está agora avançando, se aproximando de mim. Seus tentáculos, que outrora rastejaram da sepultura já me tocam o rosto, suas garras gananciosamente estendidas percorrem o caminho até minha garganta. Finalmente posso ver seu rosto através da névoa fosforescente e agitada do ar do cemitério. E com tormento agonizante percebo que é, em *essência*, uma horrível e colossal caricatura de seu rosto, lembrando a face grotesca de uma gárgula. — É o rosto daquele que saiu da sepultura, de onde não encontrou descanso. Agora sei que a minha desgraça está de fato selada; que as ameaças selvagens do louco eram, na verdade, as maldições demoníacas de um inimigo poderoso, e que minha inocência não dará nenhuma proteção contra a vontade maligna que anseia por vingança infundada. Determinado a me fazer pagar, com juro, o que ele sofreu naquela hora espectral; determinado a me arrastar para fora deste mundo, a me forçar a reinos conhecidos apenas pelos loucos e pelos possuídos pelo demônio.

E em meio à vertigem das garras incandescentes alcançando minha garganta, em meio a chamas quentes do inferno fervente e do tumulto dos condenados, eu ouço sobre da lareira o suave som de um relógio;

dizendo que está prestes a atingir a hora que um monstro erguido da sepultura está coaxando sorrateiramente em minha memória. A sua garganta cavernosa — a garganta de um corpo podre — anuncia constantemente a hora maldita, a hora infernal, *quatro horas*.



O Horror em Martin's Beach

com Sonia H. Greene

∴

The Horror at Martin's Beach (1922)

Weird Tales (nov. 1923)

Esta é a história pela qual Sonia Haft Greene é mais conhecida, na qual colaborou consideravelmente com H.P. Lovecraft.

“O horror em Martin's Beach” inclui partes muito bem escritas, embora sofra uma falha significativa na trama que dificulta ao leitor suspender completamente a descrença.

A história é mais interessante pelo seu papel no namoro de Lovecraft e a mulher que logo se casaria com ele. A história, como Green conta, é que ela e Lovecraft estavam acordados a noite toda discutindo a história, e quando ele inventou uma frase perfeita, ela ficou tão empolgada que abraçou-o e o beijou pela primeira vez.



Eu nunca ouvi uma explicação mesmo aproximadamente adequada sobre o horror na Martin's Beach. Apesar do grande número de testemu-

nhas, nenhum dos relatos coincide; e os depoimentos colhidos pelas autoridades locais contêm as mais impressionantes discrepâncias.

Talvez esta falta de clareza seja natural em vista da característica até então jamais vista do próprio horror, o quase paralítico terror de todos que o vimos, e os esforços feitos pelo elegante Wavecrest Inn para abafá-lo após a publicidade criada pelo artigo do Prof. Ahon “São os Poderes Hipnóticos Restritos à Humanidade Conhecida?”

Contra todos esses obstáculos estou lutando para apresentar uma versão coerente; pois eu testemunhei a repulsiva ocorrência e acredito que ela deva ser conhecida tendo em vista as revoltantes possibilidades que sugere. A Martin’s Beach é novamente popular como local de banho, mas tremo ao pensar nisso. De fato, não posso de forma alguma olhar para o oceano sem tremer.

Destino nem sempre é desprovido do sentido de drama e clímax, por isso o terrível acontecimento de 8 de agosto de 1922 se seguiu rapidamente a um período de agradável excitação de menor proporção cheio de positiva surpresa na Martin’s Beach. Em 17 de maio a tripulação do barco de pesca Alma de Gloucester, sob o Cap. James P. Orne, matou, após uma batalha de quase quarenta horas, um monstro marinho cujo tamanho e aspecto produziram a maior agitação possível nos círculos científicos e fez certos naturalistas de Boston tomar todas as precauções para sua preservação taxidérmica.

O alvo tinha cerca de 15 metros de comprimento, de formato aproximadamente cilíndrico, e cerca de 3 metros de diâmetro. Era sem sombra de dúvida um peixe branquiado de uma das grandes subdivisões; mas com certas modificações curiosas tais como pernas dianteiras rudimentares e pés com seis dedos no lugar das nadadeiras peitorais, os quais provocaram as mais amplas especulações. Sua boca extraordinária, sua pele grossa e escamosa, e seu olho único e profundo eram assombros apenas pouco menos singulares do que suas dimensões colossais; e quando os naturalistas o definiram como um organismo infante, que não poderia ter sido chocado há mais do que uns poucos dias, o interesse público se elevou a níveis extraordinários.

Cap. Orne, com típica astúcia Ianque, obteve um barco grande o suficiente para conter o objeto em seu casco, e organizou uma exibição de seu prêmio. Com cuidadosa carpintaria ele preparou o equivalente de

um excelente museu marinho, e, navegando para o sul para a rica região de recreação da Martin's Beach, ancorou no píer do hotel e colheu uma safra de entradas.

A intrínseca fantasticidade do objeto, e a importância que ele claramente possuía na opinião de muitos visitantes científicos de perto e de longe, se combinaram para torná-lo a sensação da temporada. Que era absolutamente único — único a um grau cientificamente revolucionário — era bem compreendido. Os naturalistas haviam mostrado claramente que era radicalmente diferente dos similarmente imensos peixes capturados na costa da Flórida; que, mesmo obviamente sendo um habitante das mais incríveis profundezas, talvez centenas de metros, seu cérebro e principais órgãos indicavam um desenvolvimento surpreendentemente vasto, e fora de proporção com qualquer coisa até então associada com o grupo dos peixes.

Na manhã de 20 de julho a sensação foi ampliada pela perda do navio e seu estranho tesouro. Na tempestade da noite anterior ele partiu suas amarras e sumiu para sempre da vista do homem, carregando consigo o vigia que havia dormido a bordo apesar do tempo ameaçador. Cap. Orne, apoiado por amplos interesses científicos e auxiliado por um grande número de barcos de pesca de Gloucester, fez uma extensa e exaustiva busca, mas sem resultados além de incitar interesse e discussão. Em 7 de agosto a esperança foi abandonada e o Cap. Orne retornou para Wavecrest Inn para finalizar seus negócios na Martin's Beach e deliberar com certos cientistas que ali permaneceram. O horror chegou em 8 de agosto.

Era crepúsculo, quando gaivotas cinzentas dardejavam baixo sobre a praia e uma lua nascente começou a fazer um caminho brilhante nas águas. É importante lembrar a cena, pois cada impressão conta. Na praia estavam várias pessoas caminhando e alguns banhistas tardios; grupos da distante colônia de chalés que se erguia modestamente em uma colina verdejante ao norte, ou do adjacente Inn situado no topo do penhasco cujas imponentes torres proclamavam sua dedicação à riqueza e à suntuosidade.

Confortavelmente dentro do limite visual estava outro grupo de espectadores, os frequentadores da varanda com teto alto e iluminada por lanterna do Inn, que pareciam estar aproveitando a música dançante do

suntuoso salão interno de danças. Estes espectadores, que incluíam o Cap. Orne e seu grupo de conferencistas científicos, se uniram ao grupo da praia antes do horror ter progredido muito; assim como muitos outros do Inn. Certamente não havia falta de testemunhas, apesar de suas histórias serem confusas devido ao medo e à dúvida quanto ao que viram.

Não há registro exato do momento onde a coisa começou, embora a maioria diga que a lua completamente redonda estava “cerca de um pé” acima dos vapores baixios do horizonte. Eles mencionam a lua porque o que eles viram pareceu sutilmente conectado com ela — uma espécie de dissimulada, deliberada e ameaçadora ondulação que partiu do horizonte distante junto com a luminosa trilha de raios da lua refletidos, mas que pareceu arreferecer antes de alcançar a praia.

Muito não notaram esta ondulação até serem lembrados por eventos posteriores; mas ela parece ter sido bastante destacada, diferindo em altura e movimento das ondas normais ao redor dela. Algumas a chamaram de enganadora e calculada. E quando ela se desfez habilmente nos recifes negros ao longe, repentinamente veio jorrando das brilhantes linhas da água do mar um grito de morte; um rugido de angústia e desespero que provocaram comiseração mesmo quando apenas imitado.

Os primeiros a responder ao grito foram os dois salva-vidas que estavam em serviço; uns tipos vigorosos em trajes de banho brancos, com suas ocupações escritas em grandes letras vermelhas cruzando o peito. Mesmo acostumados como eram ao trabalho de resgate e aos gritos dos que se afogavam, eles não identificaram nada de familiar no sobrenatural lamento; mesmo assim devido ao senso de dever treinado eles ignoraram a estranheza e continuaram a seguir seu procedimento usual.

Rapidamente pegando uma boia inflável, a qual com seu rolo de corda estava sempre à mão, um deles correu rapidamente pela praia até a cena onde a multidão se acumulava; então, após girá-la para ganhar momento, ele lançou o disco oco longe na direção da qual o som havia vindo. Enquanto a boia desaparecia nas ondas, a multidão aguardava com curiosidade um sinal do desafortunado ser cujo sofrimento havia sido tão grande; ávidos por ver o resgate feito pela massiva corda.

Mas logo se percebeu que o resgate não seria um assunto rápido ou fácil; pois, puxando a corda o quanto podiam, os dois musculosos salva-

vidas não podiam mover o objeto no outro lado. Ao contrário, eles se depararam com o objeto puxando com força igual ou mesmo maior no sentido exatamente oposto, até que em poucos segundos eles foram arrastados para dentro da água pelo estranho poder que havia se apossado do ofertado flutuador.

Um deles, se recuperando, imediatamente pediu ajuda para a multidão na praia, para quem atirou o restante do rolo de corda; e rapidamente os salva-vidas estavam auxiliados por todos os homens mais vigorosos, dentre os quais o Cap. Orne era o primeiro. Mais de uma dúzia de fortes mãos estavam então puxando vigorosamente a sólida linha, mas ainda sem qualquer resultado.

Quanto mais vigorosamente puxavam a estranha força na outra ponta puxava com ainda mais vigor; e uma vez que nenhum dos lados relaxava por nenhum instante, a corda se tornou rígido como aço com a enorme tensão. Os empenhados participantes, assim como os espectadores, estavam a este tempo consumidos pela curiosidade sobre a força no mar. A ideia de que era um homem se afogando há muito havia sido descartada; e sugestões de baleias, submarinos, monstros e demônios agora circulavam livremente. Onde inicialmente a compaixão havia levado os resgatantes, agora o assombro os mantinha na tarefa; e eles puxavam com feroz determinação para descobrir o mistério.

Tendo finalmente sido decidido que uma baleia devia ter engolido a bóia inflável, Cap. Orne, sendo um líder natural, gritou para aqueles na praia que um barco deveria ser obtido para a aproximação, arpoar e trazer à terra o invisível leviatã. Vários homens imediatamente se prepararam para se dispersaram em busca de uma embarcação apropriada, enquanto outros foram substituir o capitão na corda tensionada, uma vez que o lugar do mesmo logicamente era com qualquer tripulação que pudesse vir a ser formada. A ideia do capitão da situação era bastante ampla e de forma alguma limitada a baleias, uma vez que ele teve que lidar com um monstro muito mais estranho. Ele se perguntava quais seriam os atos e manifestações de um adulto da espécie da qual a criatura de quinze metros tinha sido o menor dos infantes.

E então se passou com chocante rapidez o fato crucial que mudou toda a cena de assombro para horror e paralisou de terror o grupo reunido de esforçados puxadores e observadores. Cap. Orne, se preparan-

do para abandonar seu posto na corda, descobriu suas mãos presas no lugar por uma força inexplicável; e rapidamente ele percebeu que estava incapaz de largar a corda. Sua desafortunada situação foi instantaneamente percebida e assim que cada um de seus companheiros testou sua própria situação a mesma condição foi encontrada. O fato não podia ser negado — cada um dos puxadores estava irresistivelmente preso em algum misteriosa subjeção à linha fibrosa que estava lentamente, repulsivamente e implacavelmente os puxando para o mar.

Um horror silencioso se seguiu; um horror no qual os espectadores estavam petrificados à completa inação e caos mental. Suas completas desmoralizações estão refletidas nos relatos conflitantes que eles dão, e nas embaraçadas desculpas que dão para suas aparentemente insensíveis inércias. Eu era um deles, e sei.

Mesmo os puxadores, após alguns poucos gritos frenéticos e gemidos fúteis, sucumbiram à paralisante influência e se mantiveram silenciosos e fatalistas em face aos poderes desconhecidos. Lá permaneceram sob o pálido luar, cegamente puxando contra um terrível destino espectral e sacudindo monotonamente para frente e para trás enquanto a água subia inicialmente para seus joelhos e depois para seus quadris. A lua se ocultou parcialmente atrás de uma nuvem, e na meia luz a linha de homens sacudindo lembrava uma centopeia sinistra e gigantesca, se contorcendo nas garras de uma morte terrível e rastejante.

Mais e mais tensa a corda se tornou, enquanto a puxada em ambas as direções aumentava, e os filamentos inchavam empapados nas ondas crescentes. Lentamente a maré avançou até que as areias até pouco popladas por crianças rindo e amantes sussurrantes estivessem engolidas pelo fluxo inexorável. O bando de observadores em pânico se movia abruptamente para trás quando a água subia acima de seus pés, enquanto a terrível linha de puxadores repulsivamente continuava a sacudir, meio submersa, e agora a uma distância substancial de sua audiência. Silêncio era completo.

O público, tendo-se amontoado em um local além do alcance da maré, observava em muda fascinação; sem oferecer uma palavra de conselho ou encorajamento, ou tentar qualquer tipo de assistência. Havia no ar um medo pesadélico medo de males iminentes tais como o mundo nunca antes tomara conhecimento.

Minutos pareciam se alongar em horas, e aquela cobra humana de torsos se agitando ritmicamente continuava a ser vista acima da maré que aumentava rapidamente. Ritmicamente ondulava; lentamente, horivelmente, com a marca da fatalidade sobre ela. Nuvens mais densas agora passavam em frente á lua ascendente, e o caminho brilhante nas águas quase desapareceu.

Bastante indistintamente se contorcia a linha serpentina de cabeças ondulantes, e de quando em quando a lívida face de umas das vítimas olhando para trás brilhando pálida na escuridão. Mais e mais rápido se acumulava as nuvens, até que eventualmente suas raivosas fissuras lançaram abaixo línguas afiadas de uma chama febril. Trovões ressoaram, suavemente de início, mas logo aumentando para uma intensidade ensurdecedora, enlouquecedora. Então veio um estrondo culminante — um choque cujas reverberações pareceram estremecer tanto terra quanto mar — e em seu encalço uma tempestade cuja encharcante violência sobrepunha o mundo escurecido como se o próprio céu se tivesse aberto para verter uma torrente vingativa.

Os espectadores, agindo instintivamente apesar da ausência de um pensamento consciente e coerente, agora recuavam pelos degraus do penhasco subindo para a varanda do hotel. Rumores haviam chegado dentro aos hóspedes, de forma que os refugiados encontraram um estado de terror quase igual ao deles mesmos. Eu acho que umas poucas palavras aterrorizadas foram proferidas, mas não estou certo.

Alguns, que já estavam hospedados no Inn, se retiraram aterrorizados para seus quartos; enquanto outros permaneciam para observar as vítimas rapidamente se afogando enquanto as cabeças flutuantes apareciam por sobre as ondas ascendentes durante os irregulares clarões dos raios. Eu lembro pensar sobre essas cabeças, e os protuberantes olhos que deveriam conter; olhos que bem poderiam refletir todo o terror, pânico e delírio de um universo maligno — toda tristeza, pecado e miséria, as abomináveis esperanças e desejos irrealizados, medo, repugnância e angústia das eras desde o começo dos tempos; olhos iluminados com dor capaz romper-almas originada de infernos eternamente em chamas.

E quando eu olhei além das cabeças, minha imaginação conjurou ainda outro olho; um olho único, igualmente iluminado, mas com um propósito tão revoltante para meu cérebro que a visão logo passou. Pre-

sa nas garras de um torno mecânico invisível, a linha dos condenados se arrastava; seus gritos silenciosos e orações não ditas ouvidos apenas pelos demônios das ondas negras e o vento noturno.

Então irrompeu do céu enfurecido tal cataclismo louco de sons satânicos que mesmo o estrondo precedente pareceu diminuído. Em meio a um brilho cegante de fogo descendente a voz do céu ressoou com as blasfêmias do inferno, e a agonia unida de todos os condenados do inferno reverberou em um apocalíptico, carrilhão rompe-mundo de Cíclopico alarido. Foi o fim da tempestade, pois com impressionante rapidez a chuva cessou e a lua mais uma vez lançou seus raios pálidos em um mar estranhamente silenciado.

Não havia mais uma linha de cabeças flutuantes. As águas estavam calmas e vazias, e agitadas apenas pelas mitigantes ondulações do que parecia ter sido um rodamoinho distante no caminho da luz do luar de onde o estranho grito veio pela primeira vez. Mas enquanto eu olhava ao longo da traiçoeira via de brilho prateado, com a imaginação em frenesi e sentidos super excitados, então gotejou em meus ouvidos provindo de alguma vastidão abismal submersa os débeis e sinistros ecos de uma gargalhada.



O Último Teste

com Adolphe de Castro

∴

The Last Test (1927)
Weird Tales (nov. 1928)

“O último teste” começou como um dos contos da coleção que Adolphe de Castro trouxe para Lovecraft para o projeto Bierce. Quando lhe foi apresentado, era pouco mais que uma sinopse, desenhada de forma irregular na habitual prosa enrijecida de Castro; e não era de modo algum um “conto weird”: um cientista, trabalhando obsessivamente para encontrar uma cura para uma febre terrível, ficou sem pacientes porque desenvolveu uma má reputação; desesperado por um espécime, ele tenta convencer sua própria irmã a se sacrificar pela “ciência”.

Lovecraft assumiu o que a noveleta de tamanho médio era monótona e parecia se arrastar bastante. Então, adicionou um pouco de ação sobrenatural e trouxe alguns outros personagens, ele a expandiu para pouco menos de 20.000 palavras, enquanto apertava o enredo para que nenhum elemento fosse desperdiçado.



Poucas pessoas conhecem o caso Clarendon por dentro, e nem mesmo sabem que há um lado de dentro que não foi alcançado pelos jornais. Foi uma sensação em São Francisco, antes do incêndio, tanto por causa do pânico e da ameaça que o acompanhavam como por causa dos seus elos estreitos e da proximidade com o governador do estado. O governador Dalton, devem se lembrar, era o melhor amigo de Clarendon, e veio mais tarde a se casar com a irmã desse. Nem Dalton nem a Sra. Dalton chegariam a discutir o caso doloroso, mas, de algum modo, os fatos acabaram vazando em um círculo limitado. Porém, apesar disso, e dos anos que deram certa nebulosidade e impessoalidade aos atuantes, ainda hesitaríamos antes de sondar segredos que eram guardados de maneira tão estrita naquela época.

A nomeação do Dr. Alfred Clarendon para o cargo de diretor-médico da Penitenciária de San Quentin, em 189—, foi recebida com o mais intenso entusiasmo por toda a Califórnia. São Francisco, enfim, recebera a honoraria de abrigar um dos maiores biólogos e médicos da época, e esperava-se que eminentes peritos em patologia do mundo todo se reuniram ali para estudar seus métodos, beneficiar-se de seus conselhos e pesquisas e aprender a lidar com seus próprios problemas locais. A Califórnia, quase da noite para o dia, se tornaria um centro de estudos médicos de influência e reputação mundiais.

O governador Dalton, ansioso para divulgar a notícia em toda sua significância, certificou-se de que a imprensa publicaria relatos extensos e dignificados do seu novo nomeado. Retratos do Dr. Clarendon e do seu novo lar, perto da velha Goat Hill, resumos de carreira, honrarias múltiplas e relatos populares de suas importantes descobertas científicas foram apresentados nos principais jornais diários da Califórnia. Isso levaria a que o público sentisse orgulho no homem cujos estudos da *pie-mia*^[1], na índia, da peste, na China, e de todos os tipos de males afins logo enriqueceriam o mundo da medicina com uma antitoxina de importância revolucionária que combateria o princípio febril diretamente em suas raízes, garantindo a conquista integral e extirpação da febre em todas as suas mais diversas formas.

Por trás da nomeação, havia uma história extensa e não pouco romântica de antiga amizade, longa separação e contato renovado de modo dramático. James Dalton e a família Clarendon foram amigos ínti-

mos em Nova Iorque dez anos antes — mais que amigos, pois a única irmã do médico, Georgina, fora o amor de juventude de Dalton, enquanto o médico fora seu associado mais próximo e quase um protegido nos tempos da escola e da faculdade. O pai de Alfred e Georgina, um pirata de Wall Street de linhagem antiga e inescrupulosa, conhecera o pai de Dalton muito bem; tão bem, na verdade, que acabou por arrancar dele todas as posses em uma memorável tarde de luta na Bolsa de Valores. O Dalton Sênior, sem qualquer esperança de recuperação e desejando dar ao único e adorado filho o benefício de seu seguro, estourou de imediato os próprios miolos. Mas James não quis saber de retaliação. Era tudo, na visão dele, parte do jogo; e ele não desejava nenhum mal ao pai da garota com quem ele queria se casar e do jovem cientista em desenvolvimento de quem ele fora admirador e protetor durante seus anos de companheirismo e estudos. Em vez disso, ele se voltou para o direito, estabeleceu-se de modo discreto e, no momento oportuno, pediu ao “velho Clarendon” a mão de Georgina.

O velho Clarendon recusou com firmeza e gritos, esbravejando que nenhum advogado paupérrimo e principiante estaria em condições de ser seu genro, e uma cena de considerável violência ocorreu. James, enfim, acabou dizendo ao velho e enrugado bucaneiro o que deveria ter dito muito tempo antes, saiu da casa e da cidade com um péssimo humor e, em um mês, embarcou na vida californiana, que o levaria ao posto de governador após muitas lutas com grupos e com políticos. Suas despedidas de Alfred e de Georgina foram breves, e ele nunca soube o desfecho daquela cena na biblioteca Clarendon. Por apenas um dia, ele perdeu a notícia da morte do velho Clarendon por apoplexia, e perdê-la mudou o curso de toda a sua carreira. Ele ficou sem escrever para Georgina por toda a década seguinte; pois sabia da lealdade dela pelo pai, e esperou até que sua própria fortuna e posição removessem todos os obstáculos ao casamento. Tampouco enviou qualquer palavra a Alfred, cuja calma indiferença diante da afeição e adoração heroica sempre pareceram um desígnio consciente e um gênio autossuficiente. Seguro nos laços de uma constância que era rara mesmo então, ele trabalhou na sua ascensão com pensamentos voltados apenas para o futuro. Ainda era solteiro e tinha a perfeita fé intuitiva de que Georgina também estava esperando.

Nessa fé, Dalton não estava enganado. Talvez por imaginar a causa de nenhuma mensagem chegar, Georgina não encontrou nenhum romance, exceto em seus sonhos e expectativas; e, com o tempo, ocupou-se com as novas responsabilidades trazidas pela ascensão do irmão à grandeza. O crescimento de Alfred não traiu a promessa da sua juventude, e o garoto magrelo subiu discretamente os degraus da ciência com uma velocidade e permanência quase atordoantes de se contemplar. Magro e ascético, com um pincenê de aro de aço e uma barba castanha pontuda, o Dr. Alfred Clarendon era uma autoridade aos vinte e cinco anos e uma figura internacional aos trinta. Indiferente às questões mundanas, com a negligência típica de um gênio, ele dependia profundamente dos cuidados e da gerência da irmã, e era secretamente grato pelas lembranças que ela tinha de James a manterem longe de outras alianças mais tangíveis.

Georgina conduzia os negócios e o lar do grande bacteriologista e se orgulhava de seus passos em direção à conquista da febre. Ela suportava com paciência suas excentricidades, acalmava seus surtos ocasionais de fanatismo e curava as feridas com seus amigos, as quais, de vez em quando, resultavam de seu desprezo mal disfarçado por qualquer coisa menor que uma devoção monomaníaca à pura verdade e seu progresso.

Às vezes, Clarendon era inegavelmente irritante para o povo comum, pois ele nunca se cansava de depreciar o serviço do indivíduo em contraste com o serviço da humanidade e censurava os homens de erudição que misturavam a vida doméstica ou interesses externos com a perseguição da ciência abstrata. Seus inimigos o chamavam de chato, mas seus admiradores, que hesitavam diante do calor branco do êxtase no qual ele se enfurnava, ficavam quase envergonhados por terem quaisquer padrões ou aspirações fora da única esfera divina do conhecimento inadulterado.

As viagens do doutor eram extensas e Georgina, em geral, o acompanhava nas mais curtas. Três vezes, no entanto, ele realizou longas jornadas solitárias para lugares estranhos e distantes em seus estudos de febres exóticas e pragas semifabulosas, pois ele sabia que é nas terras desconhecidas da críptica e imemorial Ásia que brotam a maioria das doenças da Terra. Em cada uma dessas ocasiões, trouxe curiosas lembranças que aumentaram a excentricidade de seu lar, entre elas o grupo desne-

cessariamente grande de serviçais tibetanos que ele pegou em algum lugar de U-tsang durante uma epidemia da qual o mundo nunca ouviu, mas no meio da qual Clarendon descobriu e isolou o germe da febre negra. Aqueles homens, mais altos que a maioria dos tibetanos e claramente pertencendo a uma linhagem pouquíssimo estudada pelo mundo exterior, tinham um alongamento esquelético que faria qualquer um questionar se o doutor buscara simbolizar neles os modelos anatômicos dos seus anos na faculdade. O aspecto deles, em seus largos trajes de seda preta de sacerdotes Bonpa que ele resolvera lhes dar, era grotesco no mais alto grau, e havia um silêncio infeliz e rigidez em seus movimentos que realçavam o ar de fantasia e davam a Georgina uma sensação insólita e impressionante de ter tropeçado nas páginas de *Vathek* ou das *Mil e Uma Noites*.

Mas o mais insólito de todos era o factótum, ou assistente geral, a quem Clarendon chamava de Surama e que ele trouxera consigo após uma longa estadia no norte da África, durante a qual havia estudado certas estranhas febres intermitentes entre os misteriosos tuaregues do Saara, cuja descendência da raça primordial da Atlântida perdida é um velho rumor arqueológico. Surama, um homem de grande inteligência e de erudição aparentemente inexaurível, era tão morbidamente magrelo como os serviçais tibetanos. Sua pele baça, semelhante a pergaminho, era tão apertada sobre sua cabeça careca e sem barba que cada linha da caveira se destacava com medonha Proeminência. Tal efeito mórbido de caveira era intensificado por olhos negros incandescentes, sem brilho, encovados a uma profundidade que deixava para a visão comum apenas um par de órbitas escuras e vazias. Diferente do subordinado ideal, ele não parecia, apesar de seus traços impassíveis, desperdiçar esforço em ocultar as emoções que tinha. Em vez disso, ele portava um ar insidioso de ironia ou zombaria, acompanhado, em certos momentos, por uma profunda risada gutural como a de uma tartaruga gigante que acabou de estraçalhar algum animal peludo e agora se arrasta para o mar. Parecia ser de raça caucasiana, mas não podia ser classificado com mais exatidão do que isso. Alguns dos colegas de Clarendon achavam que ele se parecia com um hindu de casta alta, apesar da fala sem sotaque, enquanto outros concordavam com Georgina — que não gostava dele — quando ela expressou a opinião de que a múmia de um faraó, se trazida de volta

à vida por um milagre, seria um gêmeo muito apropriado para esse esqueleto sardônico.

Dalton, absorto em suas batalhas políticas de ascensão e isolado de interesses orientais pela peculiar autossuficiência do velho ocidente, não havia seguido a ascensão meteórica de seu antigo camarada. Clarendon, na verdade, não ouvira nada sobre alguém tão distante e fora do seu mundo escolhido de ciência como o governador. Por terem meios independentes e até mesmo abundantes, os Clarendon permaneceram por muitos anos na mesma velha mansão de Manhattan, na Rua 19 Este, onde os fantasmas devem ter olhado com severa desaprovação para o espetáculo bizarro de Surama e os tibetanos. Foi então que, pelo desejo do médico de transferir sua base de observação, a grande mudança chegou subitamente e eles atravessaram o continente para começar uma vida reclusa em São Francisco. Compraram o sinistro e velho imóvel Bannister, perto de Goat Hill, com vista para a baía, e estabeleceram seu estranho lar em uma relíquia bagunçada de telhados franceses e de projeto do meio da Era Vitoriana e, com o estilo típico de novo rico da corrida do ouro, localizada entre terrenos de muros altos em uma região que ainda era meio suburbana.

O Dr. Clarendon, embora mais satisfeito do que quando estava em Nova Iorque, ainda se sentia constrangido pela falta de oportunidades para aplicar e testar suas teorias patológicas. Por mais indiferente que fosse ao mundo, ele nunca pensou em usar sua reputação como influência para ganhar um cargo público, embora percebesse, cada vez mais, que apenas a posição de diretor-médico de um governo ou instituição de caridade — uma prisão, asilo ou hospital — lhe daria um campo de amplitude suficiente para completar suas pesquisas e tornar suas descobertas da mais alta utilidade para a humanidade e para a ciência.

Foi então que ele encontrou James Dalton, por mero acidente, em uma tarde na Rua Market, quando o governador estava saindo do Hotel Royal. Georgina estava com ele e um reconhecimento quase instantâneo elevou o drama do reencontro. A ignorância mútua do progresso do outro gerou uma longa explicação e histórias, e Clarendon ficou feliz por descobrir que tinha um político tão importante como amigo. Dalton e Georgina trocaram muitos olhares e sentiram muito mais do que um traço de seu carinho juvenil, e uma amizade foi ali, então, reavivada, o

que levou a conversas frequentes e a uma troca mais profunda de confidências.

James Dalton descobriu que seu antigo protegido precisava de um cargo político e buscou, fiel a seu antigo papel protetor dos tempos da escola e da faculdade, bolar algum meio de dar ao “Pequeno Alf” a posição e o espaço necessários. Ele tinha, é verdade, amplos poderes para nomear; mas os ataques e cercos constantes da legislatura o forçavam a exercê-los com a máxima discrição. Afinal, mal se passaram três meses após a súbita reunião e o principal posto médico institucional no estado ficou vago. Pesando todos os elementos com cuidado, e consciente de que as conquistas e a reputação do seu amigo justificariam as mais substanciais recompensas, o governador sentiu que seria, enfim, capaz de agir. As formalidades foram poucas, e no dia oito de novembro de 189 —, o Dr. Alfred Schuyler Clarendon tornou-se o diretor-médico da Penitenciária Estadual de San Quentin.

II.

Mal se passou um mês e as esperanças dos admiradores do Dr. Clarendon foram amplamente realizadas. Mudanças arrebatadoras nos métodos trouxeram à rotina médica da prisão uma eficiência nunca antes sonhada. E, embora os subordinados tivessem naturalmente certo ciúme, eles foram obrigados a admitir os resultados mágicos da superintendência de um homem realmente grandioso. Então, chegou um momento em que a mera apreciação pôde muito bem se transformar em agradecimentos devotos por uma conjunção tão providencial de tempo, lugar e homem. Certa manhã, o Dr. Jones veio até seu novo chefe com uma expressão grave para anunciar sua descoberta de um caso que ele não pôde deixar de identificar como a mesmíssima febre negra cujo germe Clarendon havia encontrado e classificado.

O Dr. Clarendon não demonstrou nenhuma surpresa, mas continuou com a escrita diante dele.

— Eu sei — ele disse, — encontrei esse mesmo caso ontem. Estou feliz que você o reconheceu. Coloque o homem em uma ala separada, embora eu não creia que essa febre seja contagiosa.

O Dr. Jones, que tinha sua própria opinião sobre se a doença era contagiosa, ficou feliz por sua deferência à precaução e agiu o mais rápido possível para executar a ordem. Ao vê-lo retornar, Clarendon se levantou para sair, declarando que ele mesmo cuidaria do caso sozinho.

Desapontado em seu desejo de estudar os métodos e a técnica do grande homem, o clínico auxiliar assistiu a seu chefe caminhar em direção à ala solitária onde havia colocado o paciente, embora ele, agora, estivesse mais crítico do novo regime do que em qualquer outro momento desde que a admiração deslocara seus espasmos iniciais de ciúmes.

Ao chegar à ala, Clarendon entrou com pressa, olhando para o leito e se afastando para ver até que ponto a óbvia curiosidade do Dr. Jones poderia tê-lo levado. Depois, ao ver que o corredor ainda estava vazio, ele fechou a porta e se virou para examinar o enfermo. O homem era um presidiário de um tipo especialmente repulsivo e parecia estar sendo torturado pelas mais intensas convulsões de agonia. Seus traços estavam contorcidos de forma medonha, e os joelhos repuxados para cima, com o desespero mudo dos aflitos. Clarendon o estudou atentamente, levantou as pálpebras fechadas e apertadas, mediu o pulso e a temperatura e, por fim, dissolveu um comprimido em água e forçou a solução entre os lábios do doente. Em pouco tempo, o pico do ataque se abateu, o que foi demonstrado pelo corpo relaxando e pelo retorno da normalidade da expressão, e o paciente começou a respirar com maior facilidade. Então, ao esfregar as orelhas com suavidade, o médico fez o homem abrir os olhos. Havia vida neles, pois se moviam de um lado a outro, embora lhes faltasse o fogo refinado que tendemos a considerar como a imagem da alma. Clarendon sorriu ao notar a paz que seu cuidado havia trazido, sentindo, por trás de si, o poder de uma ciência capaz de qualquer coisa. Ele há muito sabia desse caso e resgatou a vítima da morte com um instante de trabalho. Mais uma hora e o homem ter-se-ia ido. Ainda assim, Jones havia visto os sintomas por dias antes de descobri-los e, ao descobri-los, não sabia o que fazer.

A conquista do homem sobre as doenças, entretanto, não pode ser perfeita. Clarendon assegurou aos enfermeiros incrédulos que a febre não era contagiosa, fez com que o paciente fosse banhado, lavado com álcool com uma esponja e colocado para dormir. Porém, foi informado, na manhã seguinte, que o caso foi perdido. O homem morreu após a

meia-noite na mais intensa agonia e com gritos e contorções faciais tão intensos que os enfermeiros quase entraram em pânico. O médico recebeu a notícia com sua calma habitual, quaisquer que fossem seus sentimentos científicos, e ordenou o enterro do paciente em cal viva. Em seguida, com um dar de ombros filosófico, ele fez sua turnê habitual pela penitenciária.

Dois dias mais tarde, a prisão foi atingida de novo. Dessa vez, três homens sucumbiram ao mesmo tempo, e não havia como ocultar o fato de que uma epidemia de febre negra estava a caminho. Clarendon, tendo reiterado com tanta firmeza a sua teoria de não contágio, sofreu visível perda de prestígio, agravada pela recusa dos enfermeiros em atender os pacientes. Eles não tinham devoção altruísta daqueles que se sacrificam pela ciência e pela humanidade. Eram presidiários que serviam apenas por causa dos privilégios que, de outro modo, não poderiam obter. E, quando o preço era caro demais, preferiam renunciar aos privilégios.

Mas o médico ainda era o mestre da situação. Ao consultar o carcereiro e enviar mensagens urgentes a seu amigo, o governador, ele se certificou de que recompensas especiais em dinheiro e em sentenças reduzidas foram oferecidas aos presidiários pelo perigoso serviço de enfermagem e, com esse método, foi bem-sucedido em conseguir uma cota bastante justa de voluntários. Agora, ele estava resoluto em suas ações e nada poderia abalar sua posição e determinação. Casos adicionais traziam apenas breve aceno e ele parecia ser estranho à fadiga enquanto corria de leito em leito por todo o vasto lar de pedra da tristeza e da maldade. Mais de quarenta casos se desenvolveram em mais uma semana e mais enfermeiros tiveram que ser trazidos da cidade. Clarendon ia para casa muito pouco nesse período. Com frequência, dormia em uma cama de campanha nos aposentos do carcereiro, e sempre se entregava, com típico abandono, ao serviço da medicina e da humanidade.

Então, vieram os primeiros murmúrios da tempestade que logo convulsionaria São Francisco. Notícias circularam, e a ameaça da febre negra se espalhou pela cidade como um nevoeiro vindo da baía. Repórteres treinados na doutrina do “sensacionalismo primeiro” usaram a imaginação sem restrição e deram glórias quando, por fim, foram capazes de produzir um caso no bairro mexicano, que um clínico local — talvez

mais afeito ao dinheiro do que à verdade ou ao bem-estar cívico — diagnosticou como febre negra.

Essa foi a gota d'água. Frenéticas diante do pensamento de uma morte sorrateira tão próxima de si, a população de São Francisco enlouqueceu em massa e embarcou naquele êxodo histórico do qual todo o país logo ouviria por linhas de telégrafo muito ocupadas. Balsas e barcos a remo, barcos a vapor de excursão e barcaças, ferrovias e bondes, bicicletas e carruagens, vans móveis e carrinhos de trabalho, todos foram destinados a um serviço frenético e imediato. Sausalito e Tamalpais, por ficarem na direção de San Quentin, compartilharam a fuga, enquanto o espaço para moradias em Oakland, Berkeley e Alameda subiu a preços fabulosos. Colônias de tendas surgiram e vilarejos improvisados nasceram ao lado das rodovias congestionadas para o sul, de Millbrae a San José. Muitos procuraram refúgio com amigos em Sacramento, enquanto o restante, abalado pelo medo e forçado por várias causas a ficar para trás, podia fazer pouco mais do que manter as necessidades básicas de uma cidade quase morta.

Os negócios, exceto para médicos charlatães, com “curas asseguradas”, e “preventivos” para uso contra a febre, diminuíram com rapidez, ao ponto de desaparecerem. De início, os salões de bebidas ofereciam “bebidas curativas”. Mas, logo, descobriram que a população preferia ser enganada por charlatães de aspecto mais profissional. Em ruas estranhamente silenciosas, as pessoas examinavam o rosto umas das outras na tentativa de vislumbrar possíveis sintomas da febre, e os lojistas começaram, cada vez mais, a se recusarem a atender seus clientes, cada freqüente parecendo-lhes uma nova ameaça da febre. A estrutura legal e judicial começou a se desintegrar, conforme advogados e secretários sucumbiam, um a um, ao impulso de fugir. Até mesmo os médicos desertaram em grande número, muitos deles alegando necessitar de férias nas montanhas e lagos na parte setentrional do estado. Escolas e colégios, teatros e cafés, restaurantes e salões de bebidas, todos, gradualmente, fecharam suas portas e, em apenas uma semana, São Francisco jazia prostrada e inerte. Até mesmo os serviços de luz, força e água foram reduzidos à metade, com jornais em forma esquelética e uma paródia degradada do transporte mantida pelos bondes e carros a cavalo.

Esse foi o ponto mais baixo. Não poderia durar muito, pois a coragem e a observação não estão totalmente mortas na humanidade. Mais cedo ou mais tarde, a inexistência de qualquer surto epidêmico de ampla disseminação de febre negra fora de San Quentin tornou-se um fato óbvio demais para ser negado, apesar dos vários casos verdadeiros e da inegável disseminação da tifoide em insalubres colônias de tendas suburbanas.

Os líderes e editores da comunidade confabularam e partiram para a ação, alistando em seu serviço os mesmos repórteres cujas energias haviam feito tanto para causar a confusão, mas que, agora, transferiam sua avidez por “sensacionalismo primeiro” para canais mais construtivos. Editoriais e entrevistas fictícias apareceram, relatando o controle completo do Dr. Clarendon sobre a epidemia, e a absoluta impossibilidade de sua difusão além dos muros da prisão.

A reiteração e a circulação lentamente fizeram seu trabalho, e um ínfimo retorno de urbanitas gradualmente tornou-se um vigoroso fluxo refruente. Um dos primeiros sintomas de saúde foi o início de uma controvérsia quanto ao tipo aprovado de azedume nos jornais, que tentavam botar a culpa pelo pânico em qualquer lugar que os participantes pensavam que merecia. Os médicos, de retorno, invejosamente fortalecidos pelas suas férias, começaram a se lançar contra Clarendon, assegurando ao público que eles, assim como ele, poderiam manter a febre sob controle, e censurando-o por não fazer ainda mais para controlar o surto dentro de San Quentin.

Clarendon havia, eles averiguaram, permitido muito mais mortes do que seria necessário. O mais novo dos novatos na medicina saberia controlar o contágio da febre. E se esse renomado prodígio não o fez, era claro que foi porque ele escolheu, por razões científicas, estudar os efeitos finais da doença, ao invés de medicar da maneira apropriada e salvar as vítimas. Tal política, eles insinuavam, poderia ser bastante apropriada entre assassinos condenados em uma instituição penal, mas não seria boa o suficiente em São Francisco, onde a vida ainda era preciosa e sagrada. Assim, eles falavam sem parar, e os jornais se alegravam em publicar tudo o que escreviam, já que a intensidade da campanha, à qual o Dr. Clarendon, sem dúvida, se juntaria, ajudaria a acabar com a confusão e a restaurar a confiança entre as pessoas.

Mas Clarendon não respondeu. Ele apenas sorria, enquanto seu estranho assistente, Surama, divertia-se com muitas gargalhadas profundas e sinistras. Agora, ele passava mais tempo em casa, de modo que os repórteres começaram a cercar os portões do grande muro que o médico construía ao redor de sua casa, em vez de incomodarem o escritório do carcereiro de San Quentin.

Os resultados, contudo, foram ínfimos, pois Surama formou uma barreira impenetrável entre o médico e o mundo exterior — mesmo após os repórteres terem entrado na área. Os homens dos jornais que entraram no salão da frente tiveram vislumbres da singular comitiva de Clarendon e fizeram o melhor que puderam em um “sumário” de Surama e dos insólitos tibetanos de aparência esquelética. Exageros, é claro, ocorreram em todos os novos artigos, e o efeito cumulativo da publicidade foi distintamente adverso ao grande clínico. A maioria das pessoas odeia o incomum, e centenas que poderiam ter desculpado a indiferença ou a incompetência prepararam-se para condenar o gosto grotesco manifesto no atendente que gargalhava e nos oito orientais de trajes negros.

No início de janeiro, um rapaz bastante persistente do *Observer* escalou o muro de três metros e meio, com fosso, na parte de trás do imóvel Clarendon e começou a vasculhar as variadas aparências da área aberta que as árvores escondiam da calçada. Com cérebro ligeiro e alerta, ele observou tudo — o roseiral, os aviários, as gaiolas de animais nas quais todos os tipos de mamíferos, de macacos a cobaias, podiam ser vistos e ouvidos, a robusta construção de madeira da clínica, com barras nas janelas na parte noroeste do quintal — e lançou olhares investigativos por toda a privacidade intramural de trezentos metros quadrados. Um grande artigo estava fermentando, e ele teria escapado incólume não fosse pelos latidos de Dick, o gigantesco e amado São Bernardo de Georgina Clarendon. Surama, instantâneo em sua reação, pegou o jovem pelo colarinho, antes que qualquer protesto pudesse ser proferido, e, sacudindo-o como um *terrier* sacode um rato, arrastou-o pelas árvores até o pátio e os portões.

Explicações ofegantes e pedidos gaguejados para ver o Dr. Clarendon foram inúteis. Surama apenas gargalhou e continuou a arrastar sua vítima. De repente, um medo intenso se apossou do elegante escriba, e ele começou a desejar, desesperadamente, que essa criatura extraterrena

falasse, nem que fosse para provar que era realmente um ser de carne e sangue de verdade pertencente a este planeta. Ele ficou mortalmente enojado e lutou para não olhar nos olhos que, ele sabia, deviam estar no fundo daquelas órbitas negras escancaradas. Logo, ouviu o portão se abrir e sentiu-se atirado com violência através dele. No momento seguinte, foi despertado, com rudeza, para as coisas da terra ao aterrissar, molhado e enlameado, no fosso que Clarendon mandou cavar ao longo do perímetro do muro. O susto deu lugar à raiva ao ouvir os portões maciços se fecharem com estrondo, e ele se levantou, pingando, para balançar o punho contra o portão proibitivo. Foi então que, enquanto se virava para ir embora, um som suave se arrastou atrás dele e, por uma pequena fenda no portão, ele sentiu os olhos encovados de Surama e ouviu os ecos de uma gargalhada profunda que era capaz de gelar o sangue.

O jovem, sentindo, talvez com razão, que seu trato foi mais brutal do que merecido, resolveu vingar-se do domicílio responsável pelo tratamento. Para tanto, ele preparou uma entrevista fictícia com o Dr. Clarendon, feita, supostamente, no local da clínica, e durante a qual ele foi cuidadoso em descrever as agonias de uma dúzia de pacientes de febre negra, os quais a imaginação dele arrumou em filas ordeiras de assentos. Seu toque de mestre foi o retrato de um doente particularmente patético, desesperado por água, enquanto o doutor mantinha um copo do fluido cristalino fora de seu alcance, em uma tentativa científica de determinar os efeitos de uma emoção esmagadora no progresso da doença. Essa invenção foi seguida de parágrafos de comentários insinuantes tão respeitosa na superfície que carregavam um veneno duplo. O Dr. Clarendon era, alegava o artigo, sem dúvida o maior e mais conceituado cientista no mundo. Mas a ciência não é amiga do bem-estar individual, e ninguém quer ter seus mais graves sofrimentos arrastados e agravados apenas para satisfazer um investigador envolvido em algum aspecto de uma verdade abstrata. A vida é curta demais para isso.

De modo geral, o artigo era diabolicamente hábil, e foi um sucesso ao horrorizar nove de cada dez leitores e indispor-los contra o Dr. Clarendon e seus supostos métodos. Outros jornais foram ligeiros em copiar e exagerar sua substância ao tomarem a deixa oferecida e iniciarem uma série de entrevistas “fingidas” que cobriam amplamente o espectro de fantasias derogatórias. Em nenhum caso, entretanto, o médico con-

descendeu em oferecer uma refutação. Ele não tinha tempo a perder com tolos e mentirosos e preocupava-se pouco com a estima de uma turba ignorante que ele desprezava. Quando James Dalton telegrafou suas condolências e ofereceu auxílio, Clarendon respondeu com uma brevidade quase grosseira. Ele não prestava atenção aos latidos de cães e não se incomodava em amordaçá-los. Tampouco agradeceria alguém por se incomodar com um problema tão abaixo de seu grau. Em silêncio, e com desprezo, ele continuou seus deveres absolutamente tranquilo.

Mas a fagulha do jovem repórter fez seu trabalho. São Francisco voltou a ficar insegura e, dessa vez, com tanta raiva quanto medo. O julgamento sóbrio tornou-se uma arte perdida e, embora um segundo êxodo não tenha ocorrido, sobreveio um reinado de vício e imprudência nascidos do desespero e que sugeria fenômenos paralelos em tempos medievais de pestilência. O ódio fluíu desenfreado contra o homem que havia descoberto a doença e que lutava para controlá-la, e o público inconsequente se esqueceu dos grandes serviços prestados por ele ao conhecimento no esforço de atizar as chamas do ressentimento. Eles pareciam, em sua cegueira, odiá-lo pessoalmente, em vez de odiarem a praga que viera a sua cidade, que, geralmente, era mantida limpa e saudável pela brisa.

Então, o jovem repórter, tocando no incêndio digno de Nero que ele havia atizado, adicionou um detalhe especial com seu toque pessoal. Lembrando-se das indignidades que sofrera nas mãos do cadavérico assistente, ele preparou um artigo magistral sobre o lar e o ambiente do Dr. Clarendon, dando Proeminência especial para Surama, cujo aspecto pessoal ele declarou ser suficiente para assustar até mesmo alguém em perfeita saúde a ponto de ter febre. Ele tentou fazer o ser descarnado que gargalhava parecer igualmente ridículo e terrível. E obteve mais sucesso, talvez, na segunda parte de sua intenção, uma vez que uma maré de horror sempre subia toda vez que pensava na sua breve aproximação com a criatura. Ele recolheu todos os boatos contemporâneos sobre o homem, elaborou sobre a profundidade profana de sua suposta erudição e fez sugestões sinistras de que não havia sido em uma região abençoada da secreta e antiquíssima África que o Dr. Clarendon o encontrou.

Georgina, que acompanhava os jornais de perto, sentiu-se oprimida e magoada por esses ataques contra o irmão, mas James Dalton, que

aparecia com frequência na casa, fez o melhor que pôde para confortá-la. Em tais tentativas, ele era caloroso e sincero, pois desejava não apenas consolar a mulher que amava, mas expressar parte da reverência que sempre sentira pelo gênio rumo às estrelas, que sempre foi seu companheiro mais próximo na juventude. Ele contou para Georgina que a grandeza nunca consegue permanecer isenta dos ataques da inveja, e citou a longa e triste lista de cérebros esplêndidos esmagados sob calcanhares vulgares. Os ataques, ele apontou, formavam a mais verdadeira de todas as provas da sólida eminência de Alfred.

— Mas eles me magoam mesmo assim — ela retorquiu — e mais ainda porque sei que Al sofre de verdade com eles, não importa o quão indiferente ele tente parecer.

Dalton beijou-lhe a mão de uma maneira que ainda não era obsoleta entre os bem-nascidos.

— E me magoa mil vezes mais por saber que também magoam você e Alfred.

— Mas não se preocupe, Georgie, nós vamos superar tudo isso juntos!

Desse modo, Georgina passou a depender cada vez mais da força do governador, que era firme como aço e de queixo quadrado, e que havia sido sua paixão de juventude. Assim, passou a confessar, cada vez mais, as coisas que ela temia.

Os ataques da imprensa e a epidemia não eram tudo. Havia aspectos da casa dos quais ela não gostava. Surama, cruel em igual medida contra homens e feras, enchia-a com a mais inominável repulsa, e ela não podia deixar de suspeitar que ele intencionava algum mal indefinido e indistinto contra Alfred. Ela tampouco gostava dos tibetanos e achava muito peculiar que Surama fosse capaz de falar com eles. Alfred não contava a ela quem ou o que Surama era, mas, uma vez, lhe explicara, de modo um tanto brusco, que ele era um homem muito mais velho do que normalmente se pensaria factível, e havia dominado segredos e passado por experiências calculadas para torná-lo um colega de valor fenomenal para qualquer cientista que buscasse os mistérios ocultos da natureza.

Impulsionado pelo mal-estar dela, Dalton tornou-se um visitante ainda mais frequente na casa dos Clarendon, embora visse que sua presença trazia profundo ressentimento a Surama. O ossudo assistente cri-

ou o hábito de fitá-lo com peculiaridade por aquelas órbitas espectrais quando o recebia, e, com frequência, após fechar o portão quando ele saía, gargalhava monotonamente de um jeito que fazia a pele se arrepiar.

Enquanto isso, o Dr. Clarendon parecia indiferente a tudo que não fosse seu trabalho em San Quentin, para onde se dirigia todos os dias em sua lancha, sozinho, exceto por Surama, que manobrava o timão enquanto o médico lia ou revisava suas anotações. Dalton dava boas-vindas a essas ausências regulares, pois lhe davam oportunidades constantes de renovar sua pretensão pela mão de Georgina.

Quando ele passava à noite e encontrava Alfred, os cumprimentos desse eram sempre amigáveis, apesar de seus modos habitualmente reservados. Com o tempo, o noivado de James e Georgina virou um compromisso definitivo, e os dois aguardavam apenas por uma oportunidade favorável para falar com Alfred.

O governador, entregando-se de corpo e alma a todas as coisas e firme em sua lealdade protetora, não se poupou nenhum sofrimento na disseminação de propaganda positiva em nome do seu velho amigo. Tanto a imprensa como os meios oficiais sentiram sua influência, e ele conseguiu até mesmo influenciar cientistas no leste, muitos dos quais vieram à Califórnia para estudar a praga e investigar o bacilo antifebre que Clarendon estava isolando e aperfeiçoando com tanta rapidez. Contudo, esses médicos e biólogos não obtiveram a informação que desejavam, de modo que vários deles partiram com impressões bastante desabonadoras. Não foram poucos os que prepararam artigos hostis contra Clarendon, acusando-o de uma atitude anticientífica de quem busca fama, e sugerindo que ele ocultava seus métodos por trás de um desejo bem pouco profissional de elevados ganhos pessoais.

Havia outros, felizmente, que eram mais liberais em seus julgamentos e escreviam com entusiasmo sobre Clarendon e seu trabalho. Eles viram os pacientes e podiam apreciar a maneira milagrosa com a qual ele mantinha a doença sob controle. O segredo sob o qual ele mantinha a antitoxina era considerado bem justificado, uma vez que a difusão pública em uma forma menos aperfeiçoada poderia ser muito mais prejudicial que benéfica. O próprio Clarendon, que muitos dentre eles haviam encontrado antes, impressionou-os de maneira mais profunda do que antes, e não houve hesitação em compará-lo com Jenner, Lister, Koch,

Pasteur, Metchnikoff e o resto daqueles cujas vidas inteiras haviam servido à patologia e à humanidade. Dalton teve o cuidado de guardar para Alfred todas as revistas que falavam bem dele, e de trazê-las em pessoa como uma desculpa para ver Georgina. Contudo, as revistas não produziram muito efeito, apenas um sorriso de desprezo, e Clarendon, em geral, jogava-as para Surama, cuja gargalhada profunda e perturbadora ao lê-las formava um paralelo próximo ao próprio divertimento irônico do médico.

Numa noite de segunda-feira, no começo de fevereiro, Dalton apareceu com a intensão definitiva de pedir a Clarendon a mão de sua irmã. A própria Georgina o admitiu na propriedade e, enquanto andavam na direção da casa, ele parou para fazer carinho no grande cão que correu até ele e colocou as amigáveis patas dianteiras no seu peito. Era Dick, o adorado São Bernardo de Georgina, e Dalton estava feliz por sentir que tinha a afeição de uma criatura que era tão importante para ela.

Dick estava agitado e alegre e quase derrubou o governador com sua vigorosa pressão ao soltar um suave, breve, latido e correr entre as árvores até a clínica. Contudo, ele não sumiu, mas parou por um instante e olhou para trás, soltando latidos suaves de novo, como se quisesse que Dalton o seguisse. Georgina, afeita a obedecer aos caprichos brincalhões de seu enorme animal de estimação, gesticulou para que James fosse ver o que ele queria. Então, ambos o seguiram, devagar, para os fundos do quintal, onde o topo da construção da clínica se destacava em silhueta contra as estrelas acima do grande muro de alvenaria.

O brilho das luzes lá dentro aparecia entre as frestas das escuras cortinas nas janelas, de modo que sabiam que Alfred e Surama estavam trabalhando. Subitamente, veio do interior um som agudo e abafado como o choro de uma criança, um chamado claro por “Mamãe!”, ao que Dick latiu, enquanto James e Georgina se olharam com perplexidade.

Georgina, então, sorriu, lembrando-se dos papagaios que Clarendon sempre mantinha para uso experimental e acariciou a cabeça de Dick, ou para perdoá-lo por ter enganado a ela e Dalton ou para consolá-lo por haver ele próprio se enganado.

Ao se virarem lentamente na direção da casa, Dalton mencionou sua convicção de falar com Alfred, naquela noite, sobre o noivado, e Georgina não fez nenhuma objeção. Ela sabia que o irmão não gostaria de

perder uma fiel gerente e companheira, mas acreditava que a afeição dele não seria uma barreira no caminho dela rumo à felicidade.

Mais tarde, naquela noite, Clarendon chegou a casa com passos vivazes e um aspecto menos melancólico que o habitual. Dalton, vendo um bom sinal nessa leveza, empolgou-se quando o médico apertou-lhe a mão com um jovial “ah, Jimmy, como vai a política este ano?” Ele olhou de relance para Georgina, e ela se retirou em silêncio, enquanto os dois homens se sentaram para conversar sobre assuntos gerais. Pouco a pouco, entre muitas recordações dos velhos tempos de sua juventude, Dalton dirigiu a conversa rumo a seu objetivo até que, finalmente, ele fez a pergunta crucial.

— Alf, quero me casar com Georgina. Posso ter sua bênção?

Olhando atentamente para seu velho amigo, Dalton viu uma sombra encobrir seu rosto. Os olhos escuros brilharam por um momento e, então, se obscureceram quando a placidez desejada retornou. Então, a ciência ou o egoísmo estavam funcionando afinal!

— Está pedindo o impossível, James. Georgina não é mais a borboleta sem rumo de anos atrás. Ela tem agora um lugar no serviço da humanidade e da verdade, e esse lugar é aqui. Ela decidiu dedicar a vida dela ao meu trabalho, ao lar que torna o meu trabalho possível, e não há espaço para desertar nem para exercer caprichos pessoais.

Dalton esperou para ver se ele havia terminado. O mesmo velho fanatismo — a humanidade versus o indivíduo — e o médico deixaria que isso estragasse a vida da irmã! Ele tentou responder.

— Mas, veja bem Alf, você está dizendo que Georgina, especificamente, é tão necessária para o seu trabalho que você deve transformá-la em uma escrava e uma mártir? Use seu senso de proporção, homem! Se fosse uma questão envolvendo Surama ou alguém no meio dos seus experimentos poderia ser diferente. Mas, afinal, Georgina é apenas uma governanta para você, em última análise. Ela prometeu ser minha esposa e diz que me ama. Que direito tem de separá-la da vida que pertence a ela? Tem por acaso o direito...

— Já chega, James! — O rosto de Clarendon estava severo e pálido.

— Se tenho ou não o direito de governar minha própria família não é da conta de um estranho.

— Estranho! Como pode dizer isso para um homem que...

Dalton quase engasgou quando a voz de aço do doutor o interrompeu de novo.

— Um estranho na minha família e, de agora em diante, um estranho no meu lar. Dalton, sua presunção vai um pouco longe demais! Boa noite, governador!

E Clarendon saiu a passos largos da sala sem estender a mão.

Dalton hesitou por um momento, quase sem saber o que fazer, quando Georgina entrou de repente. O rosto demonstrava que falara com o irmão, e Dalton segurou as mãos dela impetuosamente.

— Bem, Georgie, o que me diz? Temo que seja uma escolha entre Alf e eu. Você sabe como me sinto, você sabe como eu me senti antes, quando era o seu pai que eu enfrentava. Qual é a sua resposta desta vez?

Ele parou enquanto ela respondia devagar.

— James, querido, acredita que eu te amo?

Ele assentiu e apertou as mãos dela em expectativa.

— Sendo assim, se me amas, esperarás mais um pouco. Não pense na grosseria do Al. Ele merece nossa pena. Não posso contar tudo agora, mas sabe como estou preocupada com o estresse do trabalho dele, as críticas e os olhares e risadas daquela criatura horrível, Surama! Temo que ele vá ter um colapso. Ele demonstra a pressão mais do que qualquer um de fora da família poderia discernir. Eu consigo ver, pois o observei por toda a minha vida. Ele está mudando, curvando-se lentamente sob seus fardos, e usa essa grosseria extra para esconder isso. Você consegue ver isso, não consegue, querido?

Ela parou. Dalton assentiu de novo e colocou uma das mãos dela no próprio peito. Ela, então, concluiu.

— Então me prometa, querido, que será paciente. Tenho de ficar ao lado dele, tenho mesmo! Tenho muito!

Dalton não falou por algum tempo, mas a cabeça se inclinou no que era quase um gesto de reverência. Havia mais de Cristo nessa mulher devotada do que ele achava que havia em qualquer outro humano. E, diante de tal amor e lealdade, ele não podia exigir pressa.

As palavras de tristeza e despedida foram breves, e James, cujos olhos azuis estavam aguados, mal notaram o raquítico assistente quando o portão da rua afinal se abriu para ele. Mas, quando o portão bateu atrás dele e ele ouviu aquela gargalhada de gelar o sangue que aprendera

a reconhecer tão bem, então soube que Surama estava lá, Surama, a quem Georgina chamara de gênio maligno do irmão. Ao andar com passo firme, Dalton resolveu ficar atento e reagir ao menor sinal de problemas.

III.

Enquanto isso, São Francisco, com a epidemia ainda nos lábios de todos, fervilhava com sentimentos anti-Clarendon. Na realidade, os casos fora da penitenciária eram muito poucos, e quase inteiramente confinados aos mexicanos pobres, cuja falta de saneamento era um convite permanente a todo tipo de doença. Mas os políticos e as pessoas não precisavam de mais do que isso para confirmar os ataques realizados pelos inimigos do médico. Vendo que Dalton permanecia irremovível em sua defesa de Clarendon, os descontentes, dogmatistas médicos e cabos eleitorais voltaram sua atenção à legislatura estadual. Assim, reuniram os anticlarendonistas e os velhos inimigos do governador e prepararam a aprovação de uma lei, com uma maioria à prova de veto, que transferiria a competência do chefe do executivo para nomeações menores aos vários conselhos ou comissões interessados.

Para alavancar tal medida, não havia lobista mais ativo que o assistente-chefe de Clarendon, o Dr. Jones. Com inveja do seu superior desde o início, ele agora via uma oportunidade de mudar a situação a favor de seus próprios interesses, e agradecia ao destino pelas circunstâncias — responsáveis, é verdade, pela sua posição presente — da sua relação com o presidente do conselho carcerário.

A nova lei, se aprovada, certamente causaria a remoção de Clarendon e a nomeação dele mesmo, Jones, em seu lugar. Estando, assim, ciente de seus próprios interesses, ele trabalharia duro para isso. Jones era tudo o que Clarendon não era: um político natural e sicofanta oportunista, que servia ao ganho próprio primeiro e à ciência apenas incidentalmente. Ele era pobre e ávido por uma posição bem remunerada, em forte contraste ao gênio rico e independente que ele buscava derrubar. Foi assim, com a esperteza de um rato e com persistência, que ele trabalhou para minar o grande biólogo acima dele e, um dia, viu-se recom-

pensado com a notícia de que a nova lei foi aprovada. Dali em diante, o governador não teria mais poderes para fazer nomeações em instituições estatais, e a direção de San Quentin ficaria à disposição do conselho carcerário.

Todo esse tumulto legislativo era inteiramente ignorado por Clarendon. Envolvido totalmente em questões de administração e pesquisa, ele estava cego para a traição “daquele jumento Jones”, que trabalhava a seu lado, e surdo para toda a fofoca do gabinete do carcereiro. Ele nunca na vida lera os jornais, e o banimento de Dalton da sua casa cortou seu último elo real com o mundo dos eventos exteriores. Com a ingenuidade de um recluso, ele, em momento algum, pensava na sua posição como insegura. Em vista da lealdade de Dalton, e do seu perdão até das maiores ofensas, como foi demonstrado pela maneira com que lidou com o ancião Clarendon, que esmagou seu pai até a morte na Bolsa de Valores, a possibilidade de ser exonerado pelo governador estava, é claro, fora de questão. Nem podia a ignorância política do doutor vislumbrar uma mudança brusca de poder que poderia colocar a questão da permanência ou exoneração em mãos muito diferentes. Portanto, ele apenas sorriu com satisfação quando Dalton partiu para Sacramento, convencido de que seu lugar em San Quentin e o de sua irmã em sua casa estavam igualmente seguros de quaisquer perturbações. Ele estava acostumado a ter o que queria, e fantasiava que sua sorte ainda se mantinha firme.

Na primeira semana de março, pouco mais de um dia após a promulgação da lei, o presidente do conselho carcerário apareceu em San Quentin. Clarendon não estava, mas o Dr. Jones ficou feliz em acompanhar o augusto visitante — seu próprio tio, incidentalmente — pela vasta enfermaria, incluindo a ala da febre que se tornara tão famosa por causa da imprensa e do pânico. Agora convertido, contra sua vontade, à crença de Clarendon de que a febre não era contagiosa, Jones assegurou ao tio, com um sorriso, que não havia nada a temer. Assim, encorajou-o a inspecionar os pacientes detalhadamente, em especial um esqueleto espectral, outrora um gigante de porte vigoroso, que estava, ele insinuou, morrendo de modo lento e doloroso porque Clarendon não administrava o remédio apropriado.

— Está querendo dizer — gritou o presidente — que o Dr. Clarendon se recusa a dar ao homem o que necessita, mesmo sabendo que a vi-

da dele poderia ser salva?

— Isso mesmo — retrucou o Dr. Jones, parando quando a porta se abriu para admitir ninguém menos que o próprio Clarendon, que acenou com frieza para Jones e examinou o visitante, que ele não conhecia, com desaprovação.

— Dr. Jones, achei que o senhor sabia que este caso não deveria ser perturbado de modo algum. E eu não disse que visitantes não devem ser recebidos, exceto com permissão especial? Mas o presidente o interrompeu antes que seu sobrinho pudesse apresentá-lo.

— Perdoe-me, Dr. Clarendon, mas devo entender que se recusa a dar a este homem o remédio que poderia salvá-lo?

Clarendon o encarou com frieza, e respondeu com aço na voz.

— Essa é uma pergunta impertinente, senhor. Eu tenho autoridade aqui, e visitantes não são permitidos. Por favor, saia do recinto imediatamente.

O presidente, com seu senso de drama despertado, respondeu com uma pompa e uma altivez maiores do que o necessário.

— Está engando, senhor! Eu, e não o senhor, sou o mestre aqui. Está falando com o diretor do conselho carcerário. Devo dizer, ademais, que considero sua atividade como uma ameaça ao bem-estar dos prisioneiros e devo exigir sua renúncia. De agora em diante, o Dr. Jones será o encarregado, e se deseja permanecer até o fim de seu expediente, obedecerá às ordens dele.

Esse foi o grande momento de Wilfred Jones. A vida nunca lhe deu outro clímax como aquele, e não devemos ter rancor dele por isso. Afinal, ele era um homem mesquinho e não maldoso, e havia apenas obedecido ao código de um homem mesquinho, que consistia em favorecer a si mesmo a todo custo. Clarendon ficou parado, encarando o diretor, como se o considerasse louco, até que, após um segundo, o olhar de triunfo no rosto do Dr. Jones o convenceu de que algo importante estava ocorrendo. Ele foi friamente cortês ao responder.

— Sem dúvida o senhor é quem diz ser. Mas, felizmente, minha nomeação veio do próprio governador do estado e, portanto, só pode ser revogada por ele.

O presidente e seu sobrinho se olharam com perplexidade, pois não haviam percebido a qual profundidade a ignorância pode ir. Então, o

homem mais velho, tomando o controle da situação, explicou em mais detalhes.

— Houvesse eu descoberto que os relatórios atuais lhe cometeram uma injustiça — ele concluiu — eu teria deferido a ação. Mas o caso deste pobre homem e sua própria maneira arrogante não me deixam escolher. Assim sendo...

Mas o Dr. Clarendon o interrompeu com um novo corte de lâmina na voz.

— Assim sendo, eu sou o diretor encarregado no momento, e peço que deixe este recinto de imediato.

O presidente ficou vermelho e explodiu.

— Olhe aqui, senhor, com quem você acha que está falando? Vou fazer te arrancarem daqui... maldita essa sua impertinência!

Mas ele só teve tempo de terminar a sentença. Transformado pelo insulto em um dínamo repentino de ódio, o cientista magrelo lançou os dois punhos em um surto de força sobrenatural da qual ninguém o acharia capaz. E se a força dele era sobrenatural, a precisão de sua mira também o era, pois nem mesmo um campeão do ringue poderia ter realizado um ato mais preciso. Ambos os homens — o presidente e o Dr. Jones — foram atingidos em cheio: um na cara, o outro na ponta do queixo, caindo como árvores cortadas. Eles ficaram imóveis e inconscientes no chão; enquanto Clarendon, agora aliviado e mestre absoluto de si, pegou seu chapéu e bengala e saiu para se juntar a Surama na lancha. Somente quando estava sentado no barco em movimento foi que ele, enfim, deu expressão audível à terrível fúria que o consumia. Então, com o rosto contorcido, ele proferiu imprecações vindas das estrelas e dos abismos além das estrelas, de modo que até mesmo Surama se arrepiou, fez um sinal ancestral que nenhum livro de história registrou e se esqueceu de gargalhar.

IV.

Georgina suavizou a mágoa do irmão da melhor maneira que pôde. Ele voltou para casa mental e fisicamente exausto e se jogou na biblioteca. E, naquela sala sombria, pouco a pouco, a fiel irmã recebeu a notícia

quase inacreditável. A consolação dela foi instantânea e cheia de ternura, e ela o fez perceber que homenagem grandiosa, embora inconsciente, a sua grandeza eram todos os ataques, as perseguições e a exoneração. Ele tentou cultivar a indiferença que ela pregava, e poderia ter conseguido se apenas a dignidade pessoal estivesse envolvida. Mas a perda da oportunidade científica era mais do que ele podia suportar com calma, e suspirou várias vezes enquanto repetia que mais três meses de estudo na prisão poderiam ter lhe dado, enfim, o bacilo há muito procurado, que faria todas as febres serem coisa do passado.

Então, Georgina tentou outro modo de alegrá-lo, e disse-lhe que, com certeza, o conselho carcerário o chamaria de volta se a febre não regredisse, ou se houvesse um surto mais forte. Mas mesmo isso foi ineficaz, e Clarendon respondeu apenas com uma corrente de curtas sentenças amargas, irônicas e sem muito sentido, cujo tom demonstrava, com toda a clareza, o quão profundamente o desespero e o ressentimento o atingiram.

— Regredir? Mais um surto? Oh, vai regredir sim! Pelo menos, eles vão achar que regrediu. Eles acharão qualquer coisa, não importa o que aconteça! Olhos ignorantes não veem nada, e ladrões nunca são descobridores. A ciência nunca mostra a face a essa laia. E eles se chamam de médicos! Melhor ainda, imagine aquele jumento do Jones no comando!

Calando-se, e com um rápido sorriso de escárnio, ele riu de um modo tão demoníaco que Georgina teve calafrios.

Os dias seguintes foram realmente funestos na mansão Clarendon. A depressão, ativa e insuperável, tomou conta da mente normalmente incansável do doutor, e ele teria até recusado comida se Georgina não o obrigasse a comer. Seu grande caderno de observações jazia sem ser aberto na mesa da biblioteca, e a pequena seringa de ouro de soro antifebre — um engenhoso dispositivo de invenção própria, com uma reserva autossustentável ligada a um largo anel de ouro e uma ativação de pressão bastante peculiar — descansava em uma pequena maleta de couro ao lado da mesa. O vigor, a ambição e o desejo pelo estudo e pela observação pareciam ter morrido dentro dele, e ele não fez nenhum questionamento sobre a clínica, onde centenas de culturas de germes estavam contidas em frascos bem organizados, esperando sua atenção.

Os incontáveis animais mantidos para experimentos brincavam, animados e bem alimentados, à luz do sol do começo da primavera. E quando Georgina passava pelo roseiral, sentia um senso estranhamente incongruente de felicidade a seu redor. Ela sabia, no entanto, o quão tragicamente transiente essa felicidade era, já que o começo de novos trabalhos logo tornaria todas essas pequenas criaturas mártires involuntários da ciência. Sabendo disso, ela conseguiu vislumbrar um tipo de elemento compensador na inação do irmão, e o encorajou a continuar o descanso do qual ele tão desesperadamente precisava. Os oito serviçais tibetanos moviam-se por todos os lados com muita agitação, cada um impecavelmente eficaz como sempre, e Georgina se assegurou de que a ordem do lar não sofreria por causa do relaxamento do mestre.

Com os estudos e a ambição colossal deixados de lado por uma indiferença de pantufas e pijamas, Clarendon se contentava em deixar que Georgina o tratasse como um bebê. Ele ia ao encontro de seu rebuliço maternal com um lento e triste sorriso, e sempre obedecia às dezenas de ordens e de preceitos dela. Um tipo de felicidade fraca e melancólica recobriu o lânguido domicílio, no qual a única nota destoante era fornecida por Surama. Ele estava, de fato, miserável, e, muitas vezes, olhava com olhos carrancudos e ressentidos para a serenidade ensolarada na face de Georgina. Sua única alegria era o tormento dos experimentos, e ele sentia falta da rotina de agarrar os animais malfadados, levá-los até a clínica com garras de manipulação e assisti-los com um olhar incandescente e concentrado enquanto eles, lentamente, entravam no coma final com olhos esbugalhados e marejados de vermelho, a língua inchada se esticando para fora da boca cheia de espuma.

Agora, ele parecia ter sido levado ao desespero pela visão das criaturas despreocupadas em suas gaiolas, e, com frequência, ia perguntar a Clarendon quais seriam suas ordens. Ao encontrar o médico apático e indisposto para iniciar o trabalho, ele ia embora resmungando entredentes e lançando olhares de maldição sobre todas as coisas. Então, esgueirava-se com passos de felino até seu alojamento no porão, onde sua voz, por vezes, se elevava em ritmos graves e abafados de estranheza blasfema e sugestão desconfortavelmente ritualística.

Tudo isso afetava os nervos de Georgina, mas nem de longe havia algo que a preocupasse tanto quanto a contínua estafa do irmão. A dura-

ção do estado em que ele se encontrava deixava-a alarmada e, aos poucos, ela perdeu o ar de alegria que tanto provocava o assistente. Sendo ela própria habilidosa em medicina, achava a condição do médico extremamente insatisfatória do ponto de vista de um alienista; e agora temia tanto a ausência de interesse dele quanto outrora havia temido seu zelo fanático e excesso de estudos. Será que a melancolia duradoura estava prestes a transformar o homem de intelecto antes brilhante em um imbecil inócuo?

Então, mais para o final de maio, veio a mudança repentina. Georgina sempre se lembraria dos menores detalhes conectados a ela, detalhes tão triviais como a caixa entregue para Surama, no dia anterior, carimbada em Argel, e que emitia um odor bastante desagradável; e a tempestade intensa e repentina, rara ao extremo na Califórnia, que surgiu naquela noite, enquanto Surama entoava seus rituais por trás da porta trancada do porão com uma voz reverberante que lhe saía do peito mais alta e intensa que o comum.

Era um dia ensolarado, que ela passou no jardim colhendo flores para a sala de jantar. Ao reentrar na casa, ela viu, de relance, o irmão na biblioteca, vestido, arrumado e sentado à mesa, alternando-se entre consultar as anotações no seu grosso caderno de observações e a fazer anotações novas com bruscos gestos certos com a caneta. Ele estava alerta e revitalizado, e havia uma convicção satisfatória em seus movimentos conforme ele virava as páginas de vez em quando ou se esticava para pegar um livro na outra ponta da grande mesa. Encantada e satisfeita, Georgina se apressou a depositar as flores na sala de jantar e retornar. Mas, quando chegou à biblioteca, descobriu que o irmão não estava mais lá.

Ela sabia, é claro, que ele devia estar na clínica a trabalho, e alegrou-se em pensar que sua mente e propósito anteriores tinham voltado ao devido lugar. Ao perceber que não haveria nenhuma utilidade em atrasar o almoço por causa dele, ela comeu sozinha e guardou algumas sobras que seriam mantidas quentes para o caso de ele voltar a qualquer momento. Mas ele não voltou. Ele estava compensando o tempo perdido, e ainda estava na ampla clínica, de tábuas resistentes, quando ela saiu para passear pelo roseiral.

Enquanto andava entre os fragrantos botões de flores, ela viu Surama capturando animais para os testes. Ela desejava poder vê-lo menos, pois

ele sempre a fizera estremecer, mas seu próprio medo fazia-a aguçar os olhos e ouvidos quando ele estava por perto. Ele sempre passava sem chapéu pelo quintal, e a total ausência de cabelos na cabeça realçava seu aspecto de esqueleto de modo horrível. Agora, ela ouvia uma gargalhada distante enquanto ele tirava um pequeno macaco da gaiola encostada na parede e o levava até a clínica. Seus longos dedos ossudos apertavam com tanta crueldade os flancos peludos que o macaco gritava de angústia e de medo. A visão lhe causava mal-estar, e resultou no fim de sua caminhada. O recanto mais profundo de seu ser se rebelava contra a ascendência que a criatura havia conquistado sobre seu irmão, e ela refletiu amargamente que os dois quase chegavam a trocar de lugar como mestre e serviçal.

A noite chegou sem o retomo de Clarendon a casa, e Georgina concluiu que ele estava absorto em uma de suas sessões mais longas, o que significava um completo desprezo pela passagem do tempo. Ela odiou ter de se recolher sem uma conversa com ele sobre a recuperação repentina. Mas, enfim, ao sentir que seria inútil esperar mais, ela escreveu um bilhete animador, colocou-o sobre a mesa da biblioteca e foi, resoluta, para o quarto.

Ela ainda não havia adormecido quando ouviu a porta da frente se abrir e fechar. Então ele não ficou trabalhando a noite inteira, no fim das contas! Determinada a garantir que o irmão comeria antes de se recolher, ela se levantou, vestiu um roupão e desceu à biblioteca, parando apenas quando ouviu vozes por trás da porta entreaberta. Clarendon e Surama estavam conversando, e ela esperou até que o assistente se fosse.

Surama, entretanto, não demonstrava a menor inclinação de ir embora e, de fato, todo o teor intenso do discurso parecia indicar importância e prometia se alongar. Georgina, embora não quisesse escutar, não pôde deixar de captar uma frase aqui e ali, e logo ficou ciente de um sinistro projeto oculto que a assustou muito, embora não lhe parecesse nada claro. A voz do irmão, nervosa e incisiva, tomava-lhe a atenção com inquietante persistência.

— Mas, de qualquer modo — ele dizia — não temos animais suficientes para mais um dia, e você sabe como é difícil conseguir um suprimento decente em um prazo tão curto. Parece tolice desperdiçar tantos

esforços com o que se compara a lixo quando espécimes humanos poderiam ser obtidos com apenas um pouquinho mais de cuidado.

Georgina sentiu náuseas diante da possível implicação e foi para o salão se recuperar. Surama estava respondendo naquele tom profundo e reverberante que parecia ecoar com a maldade de mil eras e de mil planetas.

— Calma, calma! Mas que criança você é com sua pressa e impaciência! Você atropela tudo desse jeito! Quando tiver vivido tanto quanto eu, de modo que uma vida inteira parecerá apenas uma hora, não se afoará por causa de um dia ou de uma semana ou de um mês! Você trabalha rápido demais. Temos muitos espécimes nas jaulas para uma semana inteira se seguirmos um ritmo sensato. Você poderia até começar com o material mais antigo se tivesse certeza de que não quer exagerar.

— Não se incomode com a minha pressa! — a resposta foi jogada bruscamente. — Tenho meus próprios métodos. Não quero usar material nosso se puder, pois os prefiro como são. E é bom que você tenha cuidado com eles mesmo assim, já sabe das facas que esses cães traiçoeiros carregam.

A gargalhada profunda de Surama soou.

— Não se preocupe com isso. Os brutos comem, não comem? Bem, eu posso lhe conseguir um a qualquer momento que precisar. Mas vá com calma. Com o menino que se foi há somente oito, e agora que você perdeu San Quentin será difícil conseguir novos à vontade. Eu lhe aconselho a começar com Tsanpo, ele é o que vale menos para você do jeito que está e...

Mas isso foi tudo o que Georgina ouviu. Transfixada pelo terror horrendo que essa conversa estimulava, ela quase desmaiou e mal foi capaz de se arrastar escada acima e entrar no próprio quarto.

O que o monstro maléfico, Surama, estava planejando? Para onde ele estava levando seu irmão? Quais circunstâncias monstruosas jaziam por trás dessas crípticas sentenças? Mil espectros de trevas e hostilidade dançavam diante de seus olhos, e ela se lançou sobre a cama, sem qualquer esperança de sono. Um pensamento acima dos outros se destacava com hostil proeminência, e ela quase gritou em voz alta, enquanto ele batia mais fundo em seu cérebro com força renovada. Então, a natureza, mais gentil do que ela esperava, finalmente interveio. Após fechar os

olhos em um desmaio pesado, ela não despertou, tampouco algum pesadelo novo veio se juntar ao pesadelo mais recente, que as palavras entreouvidas haviam trazido.

Com a luz da aurora veio o abatimento da tensão. O que ocorre à noite, quando se está cansado, muitas vezes atinge a consciência em formas distorcidas, e Georgina conseguia ver que seu cérebro dera cores estranhas a restos de conversas médicas comuns. Supor que o irmão — único filho homem do gentil Frances Schuyler Clarendon — fosse culpado de sacrifícios brutais em nome da ciência seria cometer uma injustiça contra o seu sangue, e ela decidiu omitir qualquer menção da sua ida ao andar de baixo, temendo que Alfred ridicularizasse suas noções fantasiosas.

Quando chegou à mesa do café da manhã, ela descobriu que Clarendon já havia partido, e lamentou que nem mesmo essa segunda manhã lhe dera uma oportunidade de parabenizá-lo pelo recomeço das atividades. Tomando em silêncio o café da manhã servido por Margarita, a cozinheira mexicana surda como pedra, ela leu o jornal matinal e se sentou com um trabalho de costura à janela da sala de estar, com vista para o grande quintal. Estava tudo em silêncio lá fora, e ela pôde ver que as últimas jaulas de animais tinham sido esvaziadas. A ciência foi feita, e o fosso de cal guardava os restos de outrora belas e vivazes criaturinhas. Essa matança sempre a chateara, mas ela nunca reclamou antes por saber que seria para o bem da humanidade. Ser irmã de um cientista, ela costumava dizer a si mesma, era como ser a irmã de um soldado que mata para salvar seus compatriotas de seus inimigos.

Após o almoço, Georgina continuou em seu posto à janela, e estava ocupada, costurando há algum tempo, quando o som de um disparo de pistola no quintal a fez olhar, alarmada. Lá, não muito longe da clínica, ela viu a forma cadavérica de Surama, um revólver na mão, o rosto de caveira contorcido em uma estranha expressão enquanto gargalhava diante de uma figura encolhida trajada de seda preta e portando uma longa faca tibetana. Era o serviçal Tsanpo. E, ao reconhecer a face enrugada, Georgina recordou, com horror, o que ouviu na noite anterior. O sol brilhou na lâmina polida e, de repente, o revólver de Surama disparou de novo. Dessa vez, a faca voou da mão do tibetano e Surama encarou, ávido, sua presa, que estremecia em choque.

Então, Tsanpo, olhando rápido para sua própria mão intacta e para a faca caída, saltou com ligeireza para longe do assistente, que se aproximava furtivo, e disparou para a casa. Surama, no entanto, foi ligeiro demais para ele e o pegou com um único salto, ao lhe agarrar o ombro e quase esmagá-lo. Por um momento, o tibetano tentou lutar, mas Surama o levantou como um animal pela dobra do pescoço e o carregou na direção da clínica. Georgina o ouviu gargalhando e provocando o homem em sua própria língua, e viu a face da vítima se contorcer e estremecer de medo. Ao perceber, de repente, contra a própria vontade, o que estava ocorrendo, um grande terror a dominou e ela desmaiou pela segunda vez em vinte e quatro horas.

Quando a consciência retornou, a luz dourada do fim da tarde enchia o quarto. Georgina, pegando sua cesta de trabalho caída e materiais espalhados, perdeu-se numa névoa de dúvidas. Mas, enfim, convenceu-se de que a cena que a derrubou devia ter sido tragicamente real. Seus piores medos, então, eram verdades horríveis. O que fazer em relação a isso? Não havia nada que sua experiência pudesse dizer, e ela estava levemente grata por seu irmão não ter aparecido. Ela tinha de falar com ele, mas não agora. E ela não podia falar com ninguém agora. Pensando, com calafrios, no monstruoso acontecimento por atrás das janelas com barras da clínica, ela se arrastou para a cama para uma longa noite de angustiada insônia.

Ao levantar-se em frangalhos no dia seguinte, Georgina viu o médico pela primeira vez desde a recuperação dele. Clarendon estava perambulando, cheio de preocupação, entre a casa e a clínica, e prestando pouca atenção a qualquer coisa além do trabalho. Não havia chance para a temida entrevista, e ele nem notou o aspecto desgastado da irmã e o titubeio dos seus modos.

À noite, ela o ouviu na biblioteca, falando sozinho de uma maneira muito incomum para ele, e sentiu que ele estava sob uma profunda pressão que poderia culminar em um retorno da apatia. Ao entrar no cômodo, ela tentou acalmá-lo sem se referir a nenhum assunto provocador, e o forçou a consumir uma caneca revigorante de caldo *bouillon*.^[2] Ela, então, perguntou com gentileza o que o irritava, e esperou com ansiedade pela resposta, desejando ouvir que o tratamento que Surama deu ao pobre tibetano o horrorizou e ultrajou.

Havia uma nota de irritabilidade na voz quando ele respondeu.

— O que está me irritando? Meu Deus, Georgina, o que *não está*? Olhe para as jaulas e veja se terá de me perguntar de novo! Esgotados, secos até a última gota, não sobrou um único maldito espécime, e uma fileira das culturas bacterianas mais importantes incubando em seus tubos sem a menor chance de servirem para qualquer coisa! O trabalho do dia desperdiçado, toda a programação atrasada. É de deixar qualquer um maluco! Como vou chegar a algum lugar se não consigo arranjar algumas cobaias decentes?

Georgina tocou a testa dele.

— Acho que você deveria descansar um pouco, Al, querido.

Ele se afastou.

— Descansar? Ora, essa! Mas que coisa! O que mais andei fazendo além de descansar e vegetar e fitar sem expressão o espaço pelos últimos cinquenta ou cem ou mil anos? Assim que consigo afastar as nuvens, acabo ficando sem material. E, aí, me dizem para voltar a babar de estupefação! Deus! E, enquanto isso, um ladrão furtivo provavelmente está trabalhando com meus dados e se preparando para disparar a minha frente com o crédito pelo meu trabalho. Vou perder por uma cabeça. Algum tolo com os espécimes apropriados receberá o prêmio, quando uma semana com instalações pouco adequadas já me faria ganhar por uma milha!

Sua voz se elevou queixosamente, e havia uma nota de tensão mental da qual Georgina não gostou. Ela respondeu com suavidade, mas não tão suave a ponto de sugerir que tentava acalmar um caso de psicopatia.

— Mas você está se matando com toda essa preocupação e tensão, e se estiver morto, como poderá trabalhar?

Ele deu um sorriso que era quase sardônico.

— Acho que uma semana ou um mês, todo o tempo de que preciso, não me mataria, e não importa muito o que acontece comigo ou com qualquer outro indivíduo no final. A ciência deve ser feita: a ciência, a austera causa do conhecimento humano. Eu sou como os macacos e aves e porquinhos-da-índia que uso: só uma engrenagem na máquina a ser usada para o benefício do todo. Eles tinham de morrer, talvez eu tenha. E daí? A causa à qual servimos não valeria isso e muito mais?

Georgina suspirou. Por um momento, ela imaginou se, afinal, esse massacre contínuo valeria a pena.

— Mas tem certeza de que sua descoberta trará à humanidade um benefício suficiente para merecer todos esses sacrifícios?

Os olhos de Clarendon brilharam de um jeito perigoso.

— Humanidade! Que miséria é a humanidade? Ciência! Tolos! Apenas indivíduos de novo e de novo! A humanidade é feita para líderes religiosos, para os quais os tolos crédulos são importantes. A humanidade é feita para predadores ricos, para os quais ela é representada por dólares e centavos. A humanidade é feita para políticos, para os quais ela significa poder a ser usado em vantagem própria. O que é a humanidade? Nada! Graças a Deus que essa tosca ilusão não dura muito! O que um homem adulto cultua é a verdade, o conhecimento a ciência, a luz, o ato de rasgar o véu e empurrar para trás as sombras. Conhecimento, o colosso! Há morte no nosso próprio ritual. Nós temos de matar, dissecar, destruir, e tudo em nome da descoberta: a adoração da luz inefável. A Deusa Ciência exige isso. Nós testamos um veneno potencial matando. De que outro jeito? Não há lugar para pensar em si, apenas conhecimento. O efeito deve ser conhecido.

Sua voz evanesceu em um tipo de exaustão temporária, e Georgina se arrepiou um pouco.

— Mas isso é horrível, Al! Você não deveria pensar assim!

Clarendon gargalhou sardonicamente, de uma maneira que trouxe associações estranhas e repugnantes à mente da irmã.

— Horrível? Acha que o que eu digo é horrível? Deveria ouvir Surama! Eu lhe digo, coisas que foram conhecidas pelos sacerdotes de Atlântida fariam você cair morta de terror se ouvisse apenas um pouco delas. Conhecimento era conhecimento cem mil anos atrás, quando nossos predecessores especiais se arrastavam pela Ásia como semiprimatas sem fala! Eles sabem um pouco disso na região de Hoggar, há rumores nas terras altas mais remotas do Tibete e, certa vez, ouvi um ancião na China invocar Yog-Sothoth...

Ele ficou pálido e fez um sinal curioso no ar com o indicador estendido. Georgina ficou genuinamente alarmada, mas se acalmou um pouco quando a fala dele tomou uma forma menos fantástica.

— Sim, pode ser horrível, mas também é glorioso. A busca do conhecimento, digo. Certamente, não há nenhum sentimento meloso conectado a ela. Por acaso a Natureza não mata, constantemente e sem remorso, e há alguém além dos tolos que se horroriza com a luta? Matanças são necessárias. São pela glória da ciência. Nós aprendemos algo com elas, e não podemos sacrificar o aprendizado aos sentimentos. Ouça os sentimentalistas bradarem contra a vacinação! Eles temem que possa matar a criança. Bem, e se matar? De que outro modo poderíamos descobrir as leis da doença em questão? Como irmã de um cientista, deveria saber melhor do que exprimir sentimento. Você deveria ajudar o meu trabalho ao invés de atrapalhar!

— Mas, Al — protestou Georgina — não tenho a menor intenção de atrapalhar seu trabalho. Eu não tentei sempre ajudar o máximo que pude? Sou ignorante, suponho, e não posso ajudar muito ativamente. Mas, ao menos, tenho orgulho de você, orgulho por mim e pela família, e sempre tentei facilitar a jornada. Você me deu créditos por isso muitas vezes.

Clarendon olhou para ela com intensidade.

— Sim — ele disse, bruscamente, ao se levantar e sair andando do cômodo. — Está certa. Sempre tentou me ajudar do melhor jeito que pôde. Pode ser que tenha uma chance de me ajudar ainda mais.

Georgina, vendo-o desaparecer pela porta da frente, seguiu-o até o quintal. A alguma distância, uma lanterna brilhava entre as árvores e, ao se aproximarem, eles viram Surama curvando-se sobre um grande objeto esticado no chão. Clarendon, ao avançar, soltou um grunhido brusco. Mas quando Georgina viu o que era, soltou um grito: era Dick, o grande São Bernardo, que estava caído e imóvel, com olhos vermelhos e a língua protuberante.

— Ele está doente, Al! — ela gritou. — Faça algo por ele, rápido!

O médico olhou para Surama, que pronunciou algo em uma língua que Georgina desconhecia.

— Leve-o para a clínica — ele ordenou. — Temo que Dick tenha pegado a febre.

Surama pegou o cachorro do mesmo jeito que pegara o pobre Tsanpo, no dia anterior, e o carregou em silêncio até a construção perto do muro. Ele não gargalhou desta vez, mas olhou de relance para Claren-

don com o que parecia ser um genuíno nervosismo. Quase pareceu para Georgina que Surama estava pedindo para o médico salvar o animal de estimação dela.

Clarendon, entretanto, não fez nenhum movimento para segui-lo, mas ficou parado por um momento e, depois, caminhou lentamente na direção da casa. Georgina, espantada com tal indiferença, manteve um sucessão contínua de súplicas em nome de Dick, mas foi inútil. Sem prestar a mínima atenção a seus apelos, ele foi direto para a biblioteca e começou a ler um grande livro antigo que estava na mesa. Ela colocou a mão no ombro dele enquanto ele permanecia sentado ali, mas ele não falou nem virou o rosto para encará-la, apenas continuou lendo e Georgina, olhando de relance com curiosidade por cima do ombro dele, perguntou-se em qual alfabeto estranho esse tomo adornado com latão estava escrito.

Na cavernosa sala de recepção do outro lado do salão, sentada sozinha no escuro um quarto de hora depois, Georgina tomou uma decisão. Algo estava gravemente errado. O que era e até que ponto, ela mal ousava formular para si mesma. E já era hora de chamar uma força maior para ajudá-la. É claro, teria de ser James. Ele era poderoso e capaz, e sua simpatia e afeição o guiariam na direção correta. Ele sempre conheceu Al, e entenderia. Àquela hora já estava um pouco tarde, mas Georgina resolvera agir. Do outro lado do salão, a luz ainda brilhava vindo da biblioteca, e ela olhou com melancolia para a porta ao colocar um chapéu, em silêncio, e sair da casa. Do lado de fora da mansão sombria e do terreno ameaçador, era apenas uma curta caminhada até a Rua Jackson, onde, por pura sorte, encontrou uma carruagem para levá-la até a sede do telégrafo da Western Union. Lá, ela escreveu com calma uma mensagem para James Dalton em Sacramento, pedindo-lhe que viesse o mais rápido para São Francisco por uma causa que tinha a máxima importância para todos eles.

V.

Dalton ficou francamente perplexo com a mensagem repentina de Georgina. Ele não havia recebido uma palavra dos Clarendon desde aquela

tempestuosa noite de fevereiro, quando Alfred o declarou um estranho em sua casa e ele, por sua vez, havia evitado se comunicar, mesmo quando sentiu vontade de expressar simpatia após a sumária remoção do médico do seu posto. Ele havia lutado com todas as forças para frustrar os políticos e para manter os poderes de nomeação, e ficou amargurado e triste ao ver a exoneração de um homem que, apesar de desavenças recentes, ainda representava, para ele, o maior de todos os ideais de competência científica.

Agora, com a convocação obviamente perturbada diante de si, ele não podia imaginar o que havia ocorrido. Sabia, contudo, que Georgina não era do tipo que perderia a cabeça ou mandaria uma nota de alarme desnecessária. Portanto, ele não perdeu tempo e pegou a diligência Overland, que partia de Sacramento naquela hora, e foi até seu clube mandar uma mensagem para Georgina, por mensageiro, de que ele estava na cidade e a serviço dela. Enquanto isso, as coisas andavam quietas na mansão Clarendon, apesar da contínua taciturnidade do médico e de sua absoluta recusa em divulgar as condições do cachorro. Sombras do mal pareciam onipresentes e mais espessas, mas, no momento, havia uma calmaria.

Georgina ficou aliviada ao receber a mensagem de Dalton e ao descobrir que ele estava a seu dispor, e alertou-o de que ela o chamaria quando surgisse a necessidade. Em meio a toda a tensão que se adensava, um frágil elemento de compensação parecia se manifestar, e Georgina finalmente percebeu que era a ausência dos delgados tibetanos, cujos modos furtivos e sinuosos, e o perturbador aspecto exótico sempre a irritaram. Eles haviam desaparecido todos de uma vez, e a velha Margarita, a única serviçal que sobrava na casa, dissera-lhe que eles estavam ajudando o mestre e Surama na clínica.

A manhã seguinte, o dia vinte e oito de maio, que seria lembrado por muito tempo, estava escura e pesada, e Georgina sentia a calmaria precária se dissipar. Ela nem chegou a ver o irmão, mas sabia que ele estava na clínica trabalhando duro em algo, apesar da falta de espécimes que ele havia lamentado. Ela se perguntava como o pobre Tsanpo estaria agora, e se ele realmente foi submetido a alguma inoculação séria, mas deve-se deixar claro que ela se perguntava muito mais acerca de Dick. Ela ansiava por saber se Surama fez algo pelo fiel cão em meio à estranha e dura

indiferença do seu mestre. A aparente solicitude de Surama na noite da convulsão de Dick a impressionara profundamente, dando-lhe, talvez, o sentimento mais gentil que ela já tivera pelo detestável assistente. Agora, conforme o dia avançava, ela estava pensando cada vez mais sobre Dick até que, enfim, seus nervos carcomidos, que encontravam, nesse único detalhe, um tipo de resumo simbólico do horror que jazia sobre o lar, não puderam mais aguentar o suspense.

Até aquele momento, ela sempre havia respeitado o desejo imperioso de Alfred de que ela nunca se aproximasse nem perturbasse a clínica. Mas, conforme essa tarde fatídica avançava, sua convicção de romper a barreira apenas cresceu mais e mais forte. Finalmente, ela saiu com uma expressão determinada, atravessou o quintal e entrou no vestíbulo destrancado da estrutura proibida com a intenção firme de descobrir como o cachorro estava ou de saber a razão que fazia o irmão guardar segredo.

A porta de dentro, como sempre, estava trancada e, por trás dela, ouviu vozes em uma conversa acalorada. Quando suas batidas não obtiveram resposta, ela sacudiu a maçaneta o mais alto que pôde, mas as vozes continuaram a discutir sem prestar atenção. Pertenciam, é claro, a Surama e ao irmão e, enquanto ela ficou ali tentando atrair a atenção, não pôde se conter sem ouvir parte do que falavam. O destino fez dela, pela segunda vez, uma bisbilhoteira, e uma vez mais, o que ela ouviu, parecia provável, levaria sua estabilidade mental e a resistência dos seus nervos até o limite máximo. Alfred e Surama estavam brigando abertamente, com violência cada vez maior, e o teor da discussão deles era o suficiente para despertar os medos mais insanos e confirmar as piores suspeitas. Georgina se arrepiou quando a voz do irmão subiu estridente a alturas perigosas de tensão fanática.

— Você, seu maldito, não está em posição de me falar de derrota e moderação! De qualquer modo, quem começou tudo isso? Por acaso *eu* tinha alguma ideia dos seus malditos deuses demoníacos e mundo ancestral? Em algum momento da minha vida *eu* cheguei a pensar nos seus espaços amaldiçoados além das estrelas e no seu Caos Rastejante, Nyarlathotep? Eu era um homem normal da ciência, note-se, até ser tolo o bastante para arrastar você para fora das câmaras com seus segredos demoníacos de Atlântida. Você me incitou e, agora, quer me abandonar! Você fica vadiando por aí sem fazer nada e me diz para ir mais devagar,

quando você poderia muito bem sair para buscar mais material. Você sabe muito bem que não sei como abordar tais coisas, enquanto você já devia ter experiência nisso antes de a Terra ser feita. É bem do seu feitio, seu maldito cadáver ambulante, começar algo que não quer ou não pode terminar!

A maligna gargalhada de Surama soou.

— Está louco, Clarendon! É a única razão para eu lhe deixar reclamar assim quando poderia lhe mandar para o inferno em três minutos. Agora já chega! Você, com certeza, teve material suficiente para qualquer novição no seu estágio. Teve tudo o que lhe dei, de qualquer modo! Mas você é somente um maníaco nesse assunto. Que coisa barata e louca de se fazer! Sacrificar até mesmo o pobre cão de estimação da sua irmã, quando poderia muito bem tê-lo poupado! Não pode olhar para nenhuma coisa viva agora sem querer enfiar aquela seringa dourada nela. Não, tinha de ir para onde o menino mexicano foi. Aonde Tsanpo e os outros sete serviçais foram. Para onde todos os animais foram! Que aprendiz! Você não é mais divertido, já perdeu a cabeça. Você queria controlar as coisas, e elas controlam você agora. Já terminei com você, Clarendon. Achei que você tinha o que é necessário, mas não tem. É hora de eu ir procurar outra pessoa. Temo que você terá de partir!

Na resposta que o médico gritou havia tanto medo como fúria.

— Cuidado, seu...! Há poderes contra seus poderes. Não fui até a China à toa, pois há coisas no *Azif*, de Alhazred, que não eram conhecidas em Atlântida! Nós dois nos metemos em coisas perigosas, mas não deve pensar que conhece todos os meus recursos. E a Nênese da Chama? Falei no Iêmen com um ancião que voltou vivo do Deserto Rubro. Ele viu Irem, a Cidade dos Pilares, e prestou culto nos santuários subterrâneos de Nug e Yeb. Iä! Shub-Niggurath!

O falsete estridente de Clarendon foi cortado pela gargalhada profunda do assistente.

— Cale-se, seu tolo! Acha que suas bobagens grotescas têm algum poder sobre mim? Palavras e fórmulas, palavras e fórmulas, o que elas significam para alguém que tem a substância por trás delas? Estamos em uma esfera material agora, e sujeitos a leis materiais. Você tem sua febre; eu tenho o meu revólver. Não terá mais espécimes, e eu não terei febre enquanto tiver você na minha frente, com essa arma entre nós!

Isso foi tudo o que Georgina conseguiu ouvir. Ela sentiu seus sentidos entrarem em um turbilhão e cambaleou para fora do vestibulo para uma lufada refrescante do ar de fora. Ela viu que a crise havia, enfim, chegado, e que a ajuda deveria vir logo se o irmão dela tivesse que ser salvo dos abismos desconhecidos de loucura e de mistério. Invocando toda a sua energia de reserva, ela conseguiu alcançar a casa e ir até a biblioteca, onde rabiscou um bilhete breve para Margarita levar até James Dalton.

Após a partida da velha, Georgina teve forças suficientes apenas para ir até o divã e se afundar fracamente em um tipo de semitorpor. Lá ela permaneceu pelo que pareceram anos, consciente apenas do avanço fantástico do crepúsculo a partir dos cantos inferiores da grande sala mergulhada na crescente escuridão, e atormentada por milhares de formas sombrias que se alastravam com pompa fantasmagórica e indistinta pelo seu cérebro torturado e sufocado. O entardecer se aprofundou em trevas e o feitiço ainda se manteve.

Então, passos firmes ressoaram no salão, e ela ouviu alguém entrar no cômodo e remexer no cofre de fósforos. Seu coração quase parou de bater conforme os jatos de gás do candelabro se acenderam um a um. Mas, então, ela viu que o recém-chegado era seu irmão. Acalmada até o fundo do coração por saber que ele estava vivo, ela deixou escapar um suspiro involuntário, profundo, arrastado e trêmulo, e recaiu afinal na gentil dormência.

Ao som daquele suspiro, Clarendon se virou alarmado na direção do divã, e ficou completamente chocado ao ver a forma pálida e inconsciente de sua irmã. O rosto dela tinha uma qualidade mortíça que o assustou até as profundezas do seu espírito, e se jogou de joelhos ao lado dela, bem consciente do que o falecimento dela significaria para ele. Há muito desacostumado à prática particular em meio à sua busca incessante pela verdade, ele havia perdido o instinto do médico-clínico pelos primeiros socorros, e só conseguia gritar o nome dela e apertar seus pulsos mecanicamente com o medo e o luto a dominá-lo. Ele pensou em água e correu para a sala de jantar para pegar um jarro. Cambaleando na escuridão, que parecia abrigar terrores indistintos, levou algum tempo para encontrar o que buscava. Mas, no fim, ele o pegou com a mão trêmula e correu de volta para jogar o líquido gelado no rosto de Georgina. O

método foi brusco, porém eficaz. Ela se remexeu, suspirou uma segunda vez e, enfim, abriu os olhos.

— Você está viva! — ele gritou, e colou sua bochecha na dela, enquanto ela acariciava a cabeça dele de modo maternal. Ela quase ficou feliz por desmaiar, pois a circunstância parecia ter dissipado o Alfred estranho e trazido seu irmão verdadeiro para junto dela. Ela se sentou lentamente e tentou acalmá-lo.

— Estou bem, Al. Só preciso de um copo de água. É um pecado desperdiçá-la assim, para não dizer nada de estragar minha cinta! É assim que você se comporta toda vez que sua irmã vai cochilar? Não deveria pensar que vou ficar doente, pois não tenho tempo para essas bobagens!

Os olhos de Alfred mostraram que o discurso comedido e de senso comum teve efeito. O pânico do irmão se dissolveu em um instante e, em seu lugar, veio-lhe à face uma vaga expressão calculista, como se alguma possibilidade maravilhosa tivesse acabado de lhe ocorrer. Enquanto ela observava ondas sutis de astúcia e de avaliação passarem, de súbito, pela face dele, ela se sentia cada vez menos segura de que seu modo de acalmá-lo fosse o mais adequado e, antes de ele falar, ela se viu estremeando diante de algo que não podia definir. Um aguçado instinto médico quase lhe disse que o momento de sanidade havia passado e que ele voltara a ser o fanático descontrolado da pesquisa científica. Havia algo mórbido na voz e na contração dos seus olhos diante da menção casual de sua boa saúde. O que ele estava pensando? Até quais extremos anti-naturais a sua paixão por experimentos seria empurrada? Onde estaria o significado especial do sangue puro e do impecável estado orgânico dela? Nenhuma dessas suspeitas, entretanto, incomodou Georgina por mais de um segundo, e ela agiu de modo bem natural e insuspeito ao sentir os dedos firmes do irmão no seu pulso.

— Você está um pouco febril, Georgie — ele disse, com uma voz precisa e bem comedida ao olhar com profissionalismo nos olhos dela.

— Ora, que bobagem, eu estou bem — ela respondeu. — Alguém poderia pensar que você está em busca de pacientes com febre só para poder exhibir sua descoberta! *Seria* poético, contudo, se você pudesse realizar sua prova e sua demonstração finais curando a própria irmã! Clarendon se assustou com violência e culpa. Será que ela suspeitava do desejo dele? Será que ele havia dito algo em voz alta? Ele olhou-a mais de

perto e viu que ela não tinha noção da verdade. Ela sorriu com doçura para ele e acariciou sua mão enquanto ele ficava ao lado do divã. Então, ele tirou um longo estojo oblongo de couro do bolso do colete e sacou uma pequena seringa de ouro, depois começou a dedilhá-la pensativamente, empurrando o pistão de maneira especulativa para dentro e para fora da câmara vazia.

— Eu me questiono — ele começou, suavemente — se você estaria mesmo disposta a ajudar a ciência de alguma maneira similar caso a necessidade surgisse? Se você teria a devoção de se oferecer à causa da medicina como um tipo de filha de Jefté se soubesse que isso traria a perfeição e plenitude absolutas do meu trabalho?

Georgina, captando o estranho e inconfundível brilho nos olhos do irmão, soube, afinal, que seus piores medos eram verdadeiros. Não havia mais o que fazer além de mantê-lo calmo, custasse o que custasse, e rezar para que Margarita conseguisse encontrar James Dalton no clube.

— Você me parece cansado, meu caro Al — ela disse com gentileza. — Por que não toma um pouco de morfina e tenta dormir um pouco, já que precisa tanto de um bom sono?

Ele respondeu com um tipo de deliberação ardilosa.

— Sim, está certa. Estou acabado, e você também. Ambos precisamos de um bom sono. A morfina é a coisa certa. Espere até eu encher a seringa e nós dois tomaremos uma dose apropriada.

Ainda dedilhando a seringa vazia, ele saiu do cômodo com passos suaves. Georgina olhou ao redor com a falta de foco do desespero, ouvidos em alerta por qualquer sinal de socorro possível. Ela pensou ouvir Margarita de novo na cozinha do porão e se levantou para tocar o sino, num esforço para descobrir o destino da mensagem. A velha serviçal respondeu a seu chamado de imediato e declarou que entregou a mensagem no clube horas antes. O governador Dalton estava fora, mas o atendente prometeu entregar o bilhete no momento em que ele chegasse.

Margarita desceu mancando as escadas de novo, mas Clarendon não reapareceu. O que ele estaria fazendo? O que estaria planejando? Ela ouviu a porta de fora bater, então soube que ele devia estar na clínica. Será que ele esqueceu a intenção original com a mente vacilante da loucura? O suspense se tornou quase insuportável, e Georgina teve que manter os dentes firmemente cerrados para não gritar.

Foi a campainha do portão, que tocava simultaneamente na casa e na clínica, que enfim dissipou a tensão. Ela ouviu os passos de gato de Surama no caminho ao deixar a clínica para atender e, então, com um suspiro quase histérico de alívio, ela captou o sotaque firme e familiar de Dalton conversando com o sinistro assistente. Levantando-se, ela quase tropeçou ao encontrá-lo quando ele apareceu na entrada da biblioteca e, por um momento, nenhuma palavra foi trocada quando ele lhe beijou a mão à sua maneira cortês e antiquada. Então, Georgina disparou uma torrente de explicações afobadas, contando tudo o que havia acontecido, e tudo o que tinha visto e ouvido, e tudo o que temia e suspeitava.

Dalton ouviu com gravidade e compreensão, sua perplexidade original gradualmente cedendo lugar ao assombro, simpatia e convicção. A mensagem, guardada por um recepcionista descuidado, acabou se atrasando um pouco, e o encontrou de modo bem apropriado no meio de uma discussão acalorada sobre Clarendon na sala de espera. Outro membro, o Dr. MacNeil, trouxera consigo um periódico de medicina com um artigo bem calculado para perturbar o devoto cientista, e Dalton havia acabado de pedir o periódico para futuras referências quando a mensagem finalmente foi-lhe entregue. Abandonando seu plano prematuro de tomar o Dr. MacNeil como seu confidente em relação a Alfred, ele pediu de imediato seu chapéu e sua bengala, e não perdeu mais um momento sequer para pegar um táxi até a mansão Clarendon.

Surama, ele pensou, parecia quase alarmado ao reconhecê-lo, embora ele houvesse gargalhado como sempre quando caminhou de volta para a clínica. Dalton sempre se recordaria dos passos e da gargalhada de Surama naquela noite agourenta, pois ele nunca mais veria a criatura extraterrena de novo. Quando o gargalhador entrou no vestíbulo da clínica, seus gorgolejos profundos e guturais pareceram se misturar com alguns murmúrios baixos de trovões que perturbavam o horizonte distante.

Quando Dalton terminou de ouvir o que Georgina tinha a dizer, e descobriu que o retorno de Alfred era esperado a qualquer momento com uma dose de morfina, ele decidiu que seria melhor falar com o médico a sós. Aconselhando Georgina a se retirar para seu quarto e esperar pelo desfecho, ele andou pela biblioteca sombria, vasculhando as prateleiras e tentando escutar a passada nervosa de Clarendon no caminho da

clínica lá fora. Os cantos do vasto cômodo eram escuros, apesar do candelabro, e quanto mais Dalton examinava os livros do amigo, menos gostava do que via. Não se tratava da coleção equilibrada de um médico, biólogo ou homem de cultura geral normal. Havia volumes demais sobre temas periféricos duvidosos, especulações obscuras e rituais proibidos da Idade Média e estranhos mistérios exóticos em alfabetos alienígenas conhecidos e desconhecidos.

O grande caderno de observações na mesa também era inquietante. A caligrafia tinha um tipo neurótico, e o espírito das anotações estava bem distante de ser tranquilizador. Longas passagens estavam inscritas em caracteres gregos intrincados e, conforme Dalton buscava sua memória linguística para traduzi-los, assustou-se de repente e desejou que suas dificuldades na faculdade com Xenofonte e Homero tivessem sido mais conscienciosas. Havia algo errado, algo horrendamente errado, ali, e o governador afundou-se na cadeira ao lado da mesa enquanto especulava, cada vez mais intensamente, sobre os barbarismos gregos do médico. Então, veio um som, muito perto, e ele saltou com nervosismo quando uma mão pousou bruscamente no seu ombro.

— Qual, se posso perguntar, é a causa dessa intrusão? Você poderia ter declarado por que veio para Surama.

Clarendon estava parado, friamente, ao lado da cadeira, a pequena seringa dourada em uma das mãos. Ele parecia muito calmo e racional, e Dalton fantasiou por um momento que Georgina devia ter exagerado a condição dele. Como, afinal, poderia um estudioso enferrujado ter certeza absoluta sobre essas anotações em grego? O governador decidiu ser bastante cuidadoso ao entrevistá-lo, e agradeceu pela sorte e pela oportunidade que haviam colocado um pretexto espúrio no bolso do casaco. Ele estava bem calmo e seguro quando se levantou para responder.

— Eu achei que você não gostaria de ter a questão exposta diante de um subordinado, mas penso que deveria ver esse artigo de imediato.

Ele sacou a revista que lhe foi dada pelo Dr. MacNeil e a entregou para Clarendon.

— Na página 542 você vê a manchete, “Febre Negra Conquistada por Novo Soro do Dr. Miller da Filadélfia”. Ele acha que está à frente de você e da sua cura. Eles estavam discutindo sobre isso no clube e o MacNeil achou a exposição bem convincente. Eu, como um leigo, não

poderia fingir julgar. Mas, de todo modo, achei que você não deveria perder a oportunidade de digerir a coisa enquanto ainda está fresca. Se estiver ocupado, é claro, não lhe perturbarei...

Clarendon o cortou bruscamente.

— Vou aplicar uma hipodérmica na minha irmã. Ela não está muito bem, mas vou dar uma olhada no que o charlatão tem a dizer quando eu voltar. Eu conheço o Miller, um maldito sorrateiro e incompetente, e eu não acredito que ele tenha os miolos para roubar meu método a partir do pouco que viu deles.

Dalton sentiu, de repente, uma onda de intuição lhe avisar que Georgina não deveria receber a dose intencional. Havia alguma coisa sinistra naquilo. Pelo que ela dissera, Alfred demorou um tempo anormalmente longo para prepará-la, muito mais do que era necessário para dissolver um comprimido de morfina. Ele decidiu segurar o anfitrião o máximo possível, enquanto testava sua atitude de um modo mais ou menos sutil.

— Sinto muito saber que Georgina não está bem. Tem certeza de que a injeção lhe fará bem? Que não lhe trará nenhum mal?

O susto espasmódico de Clarendon mostrou que algo o atingira em cheio

— Fazer-lhe mal? — ele gritou. — Não diga absurdos! Você sabe que Georgina precisa estar com a melhor saúde, a melhor possível, eu digo, para poder servir à ciência como um membro da família Clarendon deve servi-la. Ela, ao menos, aprecia o fato de que é minha irmã. Não considera nenhum sacrifício grande demais a meu serviço. Ela é uma sacerdotisa da verdade e da descoberta, como eu sou um sacerdote. Ele parou no meio da divagação estridente, de olhos arregalados, e um tanto sem fôlego. Dalton podia ver que a atenção dele havia mudado momentaneamente

— Mas me deixe ver o que esse cretino charlatão tem a dizer — ele continuou. — Se ele acha que essa retórica pseudomedicinal pode enganar um médico de verdade, ele é mais simplório de que eu pensava!

Clarendon encontrou, com nervosismo, a página certa e começou a ler. enquanto permanecia ali, agarrado à seringa. Dalton questionou-se quanto à veracidade dos fatos. MacNeil lhe assegurou de que o autor era um patologista do mais alto grau e que, apesar de quaisquer erros que o

artigo pudesse ter, a mente por trás era ponderada, erudita e absolutamente honrada e sincera.

Enquanto assistia ao médico lendo, Dalton viu sua face magra e barbeada ficar pálida. Os grandes olhos fumegantes, as páginas estalando sob a pressão mais tensa dos longos dedos delgados. A transpiração surgiu na testa alta e branca como marfim, onde o cabelo já escasseava, e o leitor afundou, ofegante, na cadeira que o visitante ocupava enquanto continuava a devorar o texto. Então, houve um grito selvagem, como se viesse de uma fera atormentada, e Clarendon se projetou para frente na mesa, seus braços abertos, varrendo livros e papel diante de si conforme a consciência se obscurecia como uma chama de vela que é apagada pelo vento.

Dalton, lançando-se para ajudar o amigo afligido, ergueu a forma esguia e a reclinou de novo na cadeira. Vendo o jarro no chão perto do divã, ele jogou um pouco de água no rosto contorcido e foi recompensado ao ver os grandes olhos se abrirem lentamente. Agora, eram olhos sãos, profundos, tristes e inconfundivelmente sãos. E Dalton ficou espantado diante da presença de uma tragédia cuja profundidade máxima ele nunca poderia esperar nem mesmo ousaria explorar.

A seringa hipodérmica dourada ainda estava presa na esguia mão esquerda e, quando Clarendon deixou escapar um suspiro profundo e dolorido, abriu os dedos e estudou o objeto brilhante que rolava pela sua palma. Então ele falou, lentamente e com a tristeza inefável do mais completo e absoluto desespero.

— Obrigado, Jimmy, eu estou bem. Mas há muito a ser feito. Você me perguntou há alguns instantes se essa injeção de morfina faria algum mal a Georgie. Estou em posição agora de lhe dizer que não fará.

Ele virou um pequeno parafuso na seringa e colocou um dedo no pistão, ao mesmo tempo em que puxava com a mão esquerda a pele do próprio pescoço. Dalton gritou alarmado quando um movimento da mão direita, rápido como um relâmpago, injetou os conteúdos do cilindro na dobra distendida de carne.

— Meu bom Senhor! Al, o que você fez?

Clarendon sorriu com gentileza, um sorriso quase de paz e resignação, diferente, de fato, do esgar sardônico das semanas passadas.

— Deveria saber, Jimmy, se ainda tem o julgamento que lhe fez governador. Deve ter juntado o suficiente a partir das minhas anotações para perceber que não há nada mais a ser feito. Com suas notas em grego, na Faculdade de Colúmbia, eu acho que você não deve ter perdido muita coisa. Tudo o que posso dizer é que é verdade. James, eu não gosto de distribuir a culpa, mas é apenas a coisa certa lhe contar como Surama me envolveu nisso. Não posso lhe contar quem ou o quê ele é, pois eu mesmo não sei de tudo, e o que faço agora é coisa que nenhuma pessoa sã deveria saber. Mas lhe direi que não o considero um humano no sentido pleno, e que não tenho certeza se ele está vivo ou não do modo como conhecemos a vida. Acha que estou falando bobagem? Queria mesmo estar, mas toda a confusão hedionda é danosamente real. Eu comecei nesta vida de mente e propósito limpos. Queria livrar o mundo da febre. Tentei e fracasei. E desejo, por Deus, que tivesse sido sincero a ponto de dizer que fracasei. Não deixe minha velha conversa de ciência lhe enganar, James. *Não encontrei nenhuma antitoxina e não cheguei nem na metade do caminho de uma!*

— Não fique tão abalado, companheiro! Um combatente político veterano como você deve ter visto muitos desmascaramentos antes. Eu lhe digo, não tive nem mesmo o começo de uma cura para a febre. Mas meus estudos me levaram a lugares insólitos, e foi apenas minha maldita sorte escutar as histórias de pessoas ainda mais insólitas. James, se chegar a desejar o bem de algum homem, diga-lhe para ficar longe dos antigos lugares ocultos da Terra. Velhos lugares ermos são perigosos. Lá, coisas que não fazem nenhum bem a pessoas íntegras são passadas adiante. Falei muito com antigos sacerdotes e místicos e cheguei a esperar poder alcançar coisas de maneiras obscuras que não poderia alcançar de maneiras legítimas. Não lhe direi exatamente o que quero dizer, pois, se dissesse, seria tão mau quanto os antigos sacerdotes que trouxeram minha ruína. Tudo o que preciso dizer é que, depois do que aprendi, me arrepio ao pensar no mundo e pelo que ele já passou. O mundo tem uma maldição antiga, James, e já existiram capítulos inteiros que foram vividos e fechados antes da aurora da nossa vida orgânica e das eras geológicas conectadas a ela. É um pensamento horrível, ciclos inteiros de evolução esquecidos com seres e raças e sabedoria e doenças, tudo vivi-

do e encerrado antes que a primeira ameba se remexesse nos mares tropicais acerca dos quais a geologia nos conta.

— Eu disse encerrado, mas não quis dizer bem isso. Teria sido melhor assim, mas não foi exatamente assim. Em alguns lugares, tradições continuaram, não posso lhe dizer como, e certas formas de vida arcaicas conseguiram sobreviver precariamente ao longo das eras em locais escondidos. Havia seitas, sabe, bandos de sacerdotes maus em terras agora enterradas sob o mar. Atlântida era o centro fervilhante. Aquele era um lugar terrível. Se os céus são piedosos, ninguém nunca arrastará o horror de volta das profundezas. Contudo, havia uma colônia que não afundou, e quando você confia demais com um dos sacerdotes tuaregues na África, é provável que ele lhe conte histórias loucas sobre isso, contos que se relacionam com sussurros que você pode ouvir entre os lamas loucos e manejadores de iaque desconfiados nos platôs secretos da Ásia. Eu já tinha ouvido todos os contos comuns e sussurros quando encontrei o maior. O que era, você nunca saberá, mas se relacionava a alguém ou alguma coisa que descera há um tempo blasfemo de tão remoto, e que poderia ser trazida de volta à vida, ao menos em aparência, por meio de certos processos que não estavam muito claros para o homem que me contou sobre isso.

— Agora, James, apesar da minha confissão sobre a febre, sabe que não sou um médico tão ruim. Entranhei-me a fundo na medicina e absorvi tanto quanto qualquer um, talvez um pouco mais, pois, lá, na região de Hoggar, fiz algo que nenhum sacerdote fora capaz de fazer. Eles me levaram de olhos vendados até um lugar que estava selado há gerações e voltei com Surama. Acalme-se, James! Sei o que quer dizer. Como ele sabe tudo o que sabe? Por que ele fala inglês, ou qualquer outra língua, sem nenhum sotaque? Por que ele veio comigo? E todo o resto. Não posso lhe dizer tudo, mas posso dizer que ele absorve ideias, imagens e impressões com algo além do cérebro e dos sentidos. Ele tinha uma utilidade para mim e para a minha ciência. Ele me contou coisas e abriu novas vistas. Ele me ensinou a adorar deuses antigos, primordiais e profanos, e mapeou um caminho para uma meta terrível que não posso nem sequer lhe sugerir. Não me pressione, James, é pela preservação da sua sanidade e da do mundo! A criatura está além de todos os limites. Ele está em conluio com as estrelas e todas as forças da Natureza. Não

penso que ainda estou maluco, James. Eu juro que não estou! Tive vislumbres demais para duvidar. Ele me deu novos prazeres que eram formas da sua adoração paleogênica, e a maior de todas foi a febre negra.

— Deus, James! Ainda não consegue ver por trás da coisa toda neste ponto? Ainda acredita que a febre negra veio do Tibete e que lá eu aprendi sobre ela? Use seus miolos, homem! Olhe o artigo do Miller aqui! Ele descobriu uma antitoxina básica que vai acabar com todas as febres em meio século, quando outros homens aprenderem a modificá-la para as diferentes formas. Ele cortou a base da minha juventude bem debaixo dos meus pés. Realizou o que eu teria dado minha vida para realizar. Tirou o vento de todas as velas sinceras que já estendi à brisa da ciência! Está se perguntando do motivo de esse artigo me causar um tremendo impacto? Está se perguntando por que ele me tira da minha loucura de volta para os velhos sonhos da minha juventude? Tarde demais! Mas não para salvar os outros!

— Acho que estou divagando um pouco, meu velho. Sabe, a seringa hipodérmica. Eu perguntei por que não foi direto aos fatos acerca da febre negra. Entretanto, como poderia? Miller não diz ter curado sete casos com o soro dele? Uma questão de diagnóstico, James. Ele apenas acha que é febre negra. Eu posso ler nas entrelinhas dele. Aqui, campeão, na página 551, está a chave de tudo isso. Leia de novo. Está vendo, não está? Os casos de febre da Costa do Pacífico não responderam ao soro dele. Eles o deixaram confuso. Nem mesmo se pareciam com qualquer febre verdadeira que ele conhecia. Bem, aqueles eram *meus* casos! Aqueles eram os casos *reais* de febre negra! E nunca haverá uma antitoxina na Terra que pode curar a febre negra! Como eu sei? *É porque a febre negra não é desta Terra!* Ela veio de *outro lugar*, James, e só Surama sabe de onde, pois ele a trouxe para cá. Ele *a trouxe e eu a propaguei!* Este é o segredo, James! Foi só por isso que eu quis a nomeação. Foi tudo o que eu fiz: *apenas espalhei a febre que eu carregava nesta seringa de ouro e na ainda mais mortal seringa de bomba do anel que você vê no meu indicador!* Ciência? Um véu! Eu queria matar, e matar, e matar, e matar! Uma simples pressão no meu dedo e a febre negra era inoculada. Eu queria ver coisas vivas se contorcerem e retorcerem, gritarem e espumarem pela boca. Um simples aperto na seringa de bomba e eu podia vê-las morrerem, e eu não conseguia viver nem pensar sem que tivesse

muitas para assistir. É por isso que eu espetava tudo a minha vista com a maldita agulha oca. Animais, criminosos, crianças, serviçais, e a próxima poderia ter sido...

A voz de Clarendon falhou, e ele se encolheu visivelmente na cadeira.

— Essa... essa, James... era... minha vida. Surama a fez assim... ele me ensinou, e me manteve nisso até eu não conseguir mais parar. Então... então piorou muito *até mesmo para ele*. Ele tentou me regular. Imagine! *Ele* tentando regular qualquer pessoa naquele caminho! Mas, agora, tenho meu último espécime. Este é o último teste. Uma boa co-baia, James. Sou saudável, diabolicamente saudável. Tão irônico... Entretanto, a loucura passou agora, e não haverá mais diversão em assistir à agonia! Não pode ser... não pode ser...

Um tremor violento de febre sacudiu o médico, e Dalton lamentou, em seu horror e estupefação, que não podia sentir luto. O quanto da história de Alfred era pura bobagem, e o quanto era um pesadelo de verdade, isso ele não podia dizer. Mas, de qualquer modo, ele sentiu que o homem era uma vítima em vez de um criminoso, e, acima de tudo, era um companheiro de infância e o irmão da Georgina. Pensamentos dos velhos dias voltaram de maneira caleidoscópica. O “Pequeno Alf”, o quintal em Phillips Exeter. o quadrângulo em Columbia, a briga com Tom Cortland quando ele salvou Alf de levar uma surra...

Ele ajudou Clarendon a se deitar no divã e perguntou, com gentileza, o que deveria fazer. Não havia nada. Alfred só conseguia sussurrar agora, mas pediu perdão por todos os seus crimes e transferiu a irmã aos cuidados do amigo.

— Você... você vai... deixá-la feliz — ele ofegava. — Ela merece. Mártir... de... um mito! Faça o melhor por ela, James. Não... deixe... que ela... saiba... mais... do que ela deve saber!

A voz dele se perdeu em um murmúrio e ele caiu em um estado de semiconsciência. Dalton tocou o sino, mas Margarita já tinha ido dormir. Então, ele subiu as escadas para chamar Georgina. Ela tinha passos firmes, mas estava muito pálida. O grito de Alfred a afetara dolorosamente, mas ela confiou em James, e continuou a confiar quando ele lhe mostrou a forma inconsciente no divã e pediu que ela voltasse a seu quarto e descansasse, não importava que sons ouvisse. Ele não queria

que ela testemunhasse o terrível espetáculo de delírio que certamente viria, mas pediu que desse um beijo de despedida no irmão enquanto ele jazia, calmo e imóvel, muito parecido com o menino delicado que fora antes. Assim, ela o deixou, o gênio estranho, lunático, leitor de estrelas de quem ela cuidou como uma mãe por tanto tempo. E a imagem que ela carregou foi muito misericordiosa.

Dalton terá de levar para o túmulo uma imagem muito mais severa. Seu medo do delírio não foi em vão e, por todas as horas negras após a meia-noite, sua força gigantesca conteve as contorções frenéticas do sofredor enlouquecido. O que ouviu dos lábios negros e inchados, ele nunca repetirá. Desde então, ele nunca mais foi exatamente o mesmo homem, e sabe que ninguém que ouve tais coisas pode ser o mesmo que antes. Assim, pelo bem do mundo, ele não ousa falar, e agradece a Deus que sua ignorância de leigo de certos assuntos torne muitas das revelações crípticas e sem significado para ele.

Perto do amanhecer, Clarendon acordou de repente, com a consciência sã, e começou a falar com voz firme.

— James, eu não lhe contei o que deve ser feito acerca de tudo isso. Apague as anotações em grego e mande meu caderno para o Dr. Miller. E, também, todas as minhas outras anotações, que você pode encontrar nos arquivos. Ele é a grande autoridade hoje em dia, o artigo comprova isso. Seu amigo no clube estava certo. Mas tudo que está na clínica deve partir. *Tudo sem exceção, morto ou vivo ou o que for.* Todas as pragas do inferno estão nos frascos nas prateleiras. Queime-os, queime tudo. Se alguma coisa escapar, Surama vai espalhar a morte negra por todo o mundo. *E, acima de tudo, queime Surama!* Aquela... aquela coisa não deve respirar o ar puro dos céus. Você sabe agora o que eu lhe disse, você sabe por que tal entidade não pode ser permitida na Terra. Não será assassinato, Surama não é humano. Se é tão devoto quanto costumava ser, James, não preciso lhe apressar. Lembre-se do antigo texto: “Não permitiras que a bruxa viva”, ou alguma coisa assim.^[3]

— *Queime-o*, James! Não o deixe gargalhar de novo das torturas da carne mortal! Eu digo, *queime-o*. A Nênese das Chamas é a única coisa que pode feri-lo, James, a não ser que você possa pegá-lo dormindo e enfiar uma estaca no coração. *Mate-o, extirpe-o, purifique o universo de-*

cente da sua mácula primordial, a mácula que eu recuperei do seu sono de muitas eras.

O médico se ergueu sobre o cotovelo e sua voz se tornou um grito perfurante perto do final. Entretanto, o esforço foi demais e ele desabou, bem rápido, em um sono profundo e tranquilo. Dalton, ele próprio sem medo da febre, já que sabia que o temível germe não era contagioso, arrumou os braços e pernas de Alfred no divã e cobriu, com uma manta leve, a forma frágil. Afinal, não poderia muito de seu horror ser exagero e delírio? Não poderia o velho Dr. MacNeil tirá-lo dessa profunda enrascada? O governador lutou para se manter acordado e andou de um lado a outro do cômodo. Mas suas energias já haviam chegado ao limite máximo. O descanso de um segundo na cadeira perto da mesa tirou a questão de suas mãos, e ele não tardou a adormecer profundamente, apesar das suas melhores intenções.

Dalton se assustou quando uma luz forte brilhou em seus olhos e, por um momento, pensou que a aurora havia chegado. Mas não era a aurora. Ao esfregar as pálpebras pesadas, viu que era o clarão da clínica queimando no quintal, as tábuas robustas flamejavam e rugiam e estalavam para o céu no mais estupendo holocausto que ele já havia visto antes. Era de fato a “Nênese das Chamas”^[4], que Clarendon havia pedido, e Dalton sentiu que alguns combustíveis estranhos deveriam estar envolvidos em um fogo muito mais violento que a lenha normal de pinheiro ou da sequoia-vermelha poderiam gerar. Ele olhou alarmado para o divã, mas Alfred não estava lá. Correndo, foi chamar Georgina, mas a encontrou no salão, despertada como ele pela montanha de fogo.

— A clínica está queimando! — ela gritou. — Como Al está agora?

— Ele desapareceu. Desapareceu enquanto eu estava dormindo! — respondeu Dalton, estendendo um braço em direção à forma cuja silhueta começara a oscilar.

Levando-a com gentileza escada acima na direção do quarto, ele prometeu procurar Alfred imediatamente. Mas Georgina meneou a cabeça quando as chamas lançaram um brilho esquisito pela janela no pátio da escada.

— Ele deve estar morto, James. Ele nunca conseguiria viver são, sabendo o que fez. Eu o ouvi brigando com Surama, e sei que coisas hor-

ríveis estavam acontecendo. Ele é meu irmão, mas... é melhor deixar assim.

A voz dela tornou-se um sussurro.

De repente, veio, pela janela aberta, o som de uma gargalhada profunda e horrenda, e as chamas da clínica queimando tomaram contornos novos até parecerem, parcialmente, criaturas ciclópicas, inomináveis, vindas de um pesadelo. James e Georgina pararam, hesitantes, e olharam, quase sem respirar, pela janela. Então, veio do céu um estrondo trovejante, e um raio bifurcado caiu com terrível precisão bem no meio da ruína em chamas. A gargalhada profunda cessou e, em seu lugar, ouviu-se um gemido desesperado e horrível de mil demônios e lobisomens atormentados. O som morreu com longos ecos reverberantes e as chamas lentamente voltaram à forma normal.

Os espectadores não se moveram, mas esperaram até o pilar de fogo ter se tornado um brilho fumegante. Eles ficaram felizes por uma rusticidade parcial ter impedido a ação dos bombeiros, e pelo muro que excluiu os curiosos. O que havia acontecido não era para olhos comuns, pois envolveu muitos dos segredos internos do universo.

Na pálida aurora, James falou com suavidade para Georgina, que não pôde fazer mais do que colocar a cabeça no peito dele e chorar.

— Querida, acho que ele se redimiou. Ele deve ter colocado o fogo, sabe, enquanto eu dormia. Ele me disse que tudo deveria ser queimado: a clínica e tudo que houvesse dentro dela, e Surama também. Era o único jeito de salvar o mundo dos horrores desconhecidos que ele havia libertado. Ele sabia, e fez o melhor que pôde. Ele foi um grande homem, Georgie. Nunca devemos nos esquecer disso. Nós devemos, sempre, ter orgulho dele, pois, no princípio, ele quis ajudar a humanidade, e foi titânico até mesmo em seus pecados. Vou lhe contar mais em algum momento. O que ele fazia, fosse bom ou mau, era o que nenhum homem jamais fez antes. Ele foi o primeiro e o último a afastar certos véus, e mesmo Apolônio de Tiana^[5] fica em segundo lugar perto dele. Mas não devemos falar sobre isso. Devemos nos lembrar dele apenas como o Pequeno Alf que conhecemos, como o menino que queria dominar a medicina e conquistar a febre.

À tarde, os bombeiros vasculharam, vagorosamente, as ruínas e encontraram dois esqueletos com pedaços de carne carbonizada aderindo

aos ossos, apenas dois, graças aos poços de cal não perturbados. Um era um homem; o outro ainda é assunto de debates entre os biólogos da costa. Não era, exatamente, o esqueleto de um primata ou de um sáurio, mas tinha sugestões perturbadoras de linhas de evolução das quais a paleontologia não revelou nenhum traço. O crânio chamuscado, por mais estranho, era bastante humano e fazia as pessoas lembrarem-se de Surama. Mas o resto dos ossos estava além de qualquer conjectura. Apenas trajes bem adaptados poderiam ter feito tal corpo parecer o de um homem. Mas os ossos humanos eram de Clarendon. Ninguém discordava, e o mundo em geral ainda lamenta a morte prematura do maior dos médicos de sua era, o bacteriologista cujo soro universal da febre teria eclipsado a antitoxina semelhante do Dr. Miller, se tivesse vivido o suficiente para aperfeiçoá-lo. Muito do sucesso tardio de Miller, de fato, deve crédito às anotações que lhe foram passadas pela infeliz vítima das chamas. Da velha rivalidade e ódio quase nada sobreviveu, e até mesmo o Dr. Wilfred Jones às vezes se gabava de sua associação com o líder falecido. James Dalton e sua esposa Georgina sempre mantiveram uma reticência que a modéstia e o luto da família poderiam justificar muito bem. Eles publicaram certas anotações como um tributo à memória do grande homem, mas nunca confirmaram nem refutaram seja a estima popular ou as raras alegações de maravilhas que, acredita-se, apenas muitos poucos pensadores argutos chegaram a sussurrar. Foi de modo bem sutil, e lentamente, que os fatos foram filtrados. Dalton, provavelmente, deu ao Dr. MacNeil uma sugestão da verdade, e essa boa alma não mantinha muitos segredos longe do filho.

Os Dalton levaram, de modo geral, uma vida muito feliz; pois sua nuvem de terror ficou muito distante no passado, e um forte amor mútuo manteve o mundo vivaz para eles. Mas há coisas que os perturbam estranhamente, coisas pequenas, das quais dificilmente alguém pensaria reclamar. Eles não podem suportar pessoas que são magras e têm vozes profundas além de certos limites, e Georgina empalidece ao som de qualquer gargalhada gutural. O senador Dalton tem um horror que mistura ocultismo, viagem, agulhas hipodérmicas e alfabetos estranhos, coisa que a maioria acha difícil unificar. E há, ainda, aqueles que o culpam pela perda da maior parte da biblioteca do médico, que ele destruiu por completo.

MacNeil, contudo, pareceu notar. Ele era um homem simples, e fez uma oração quando o último dos estranhos livros de Alfred Clarendon se desmanchou em cinzas. E ninguém que tivesse visto, Compreensivelmente, páginas daqueles livros desejaria que alguma palavra daquela oração fosse pronunciada.



Cinzas

com C. M. Eddy, Jr.

∴

Ashes (1923)
Weird Tales (mar. 1924)

“Cinzas” foi mais uma das quatro histórias que Lovecraft e Eddy escreveram juntos, quando Eddy o convidou para uma tarde em sua casa em 1923.

Ela ficaria fora da primeira edição de *The Horror in the Museum and Other Revisions*, porém, porque apenas em meados da década de 1970 é que seriam descobertas cartas de Lovecraft a seus amigos nas quais ele diz que trabalhou com Eddy na história. Se o próprio Lovecraft não tivesse dito, talvez ninguém tivesse acreditado, pois, apesar de ser uma história de horror, possui elementos de romance totalmente estranhos às obras lovecraftianas.



“Olá, Bruce, há muito tempo que não o vejo. Entre.”

Abri a porta e ele me seguiu até à sala. A sua figura magra e esquelética se sentou desajeitadamente na poltrona que indiquei, e então começou a rodar nervosamente a aba do chapéu nas mãos. Os seus olhos fundos tinham uma expressão preocupada e receosa, e olhavam furtivamente pela sala como se estivessem à espera de qualquer coisa escondida que, de repente, pudesse dar um salto e o atacar. Via em seu rosto marcas de fadiga e um tom muito pálido, os cantos da boca tremiam espasmodicamente.

“O que houve, meu caro? Parece que viu um fantasma. Ânimo!” Fui até o buffet e peguei uma garrafa para encher um pequeno copo de vinho. “Beba!”

Ele bebeu em um só gole e começou novamente a rodar o chapéu nas mãos.

“Obrigado, Prague... não me sinto nada bem esta noite.”

“Estou vendo que não. O que há de errado?”

Malcolm Bruce se ajeitou nervosamente na poltrona.

Olhei-o por uns instantes em silêncio, perguntando-me o que poderia afetar tão fortemente esse homem. Eu conhecia Bruce como alguém de nervos firmes e vontade de ferro. Encontrá-lo assim tão alterado era bastante incomum. Eu o estendi uma caixa de charutos e ele escolheu um de modo automático.

Foi só ao acender o segundo charuto que Bruce rompeu o silêncio. Já não estava nervoso. E finalmente, voltou a ser aquele homem estável e autoconfiante que eu conhecia.

“Prague”, começou ele, “acabo de passar pela mais pavorosa e diabólica experiência que alguém alguma vez poderia passar. Não sei se tenho coragem de contar, pois receio que pense que enlouqueci... e olha que não te julgaria por isso. Mas é verdadeira, é tudo verdade!”

Interrompeu dramaticamente o que estava dizendo, e bafou alguns anéis de fumaça no ar.

Sorri. Já tinha ouvido muitos relatos estranhos nesse mesmo lugar. Deveria existir alguma coisa na minha personalidade que inspirava confiança, pois haviam me contado histórias que alguns homens levariam anos de confiança para ouvir. E mesmo assim, apesar do meu amor pelo estranho e pelo perigoso e da minha vontade de explorar áreas remotas e

terras desconhecidas, fui condenado a uma vida pacata e sem acontecimentos dignos de nota.

“Alguma vez já ouviu falar do professor Van Allister?”, perguntou Bruce.

“Está se referindo a Arthur Van Allister?”

“Esse mesmo. Vejo que *conhece* ele...”

“Sim. Conheço-o há anos. Desde que abandonou o cargo de professor de Química na Universidade para ter mais tempo com suas experiências. Ora, eu cheguei até mesmo a ajudá-lo a desenhar os projetos para um laboratório com isolamento acústico no último andar de sua casa. Depois, ele ficou tão ocupado com suas experiências confusas que já não tinha mais tempo para reunir com os amigos.”

“Você deve se lembrar que, quando estávamos juntos na Universidade, eu costumava me dedicar bastante à Química.”

Confirmei com a cabeça e Bruce continuou:

“Há cerca de quatro meses fiquei sem trabalho. Van Allister estava à procura de um assistente e resolvi me candidatar. Ele ainda se lembrava de mim dos tempos da Universidade e consegui convencê-lo de que sabia Química suficiente para que pudesse me contratar.

“Havia uma moça que trabalhava para ele como secretária, a Srta. Marjorie Purdy. Era uma dessas pessoas inteiramente dedicadas à sua profissão e tão bela quanto eficiente. Ela ajudava um pouco Van Allister no seu laboratório e logo descobri que se interessava genuinamente em fazer experiências por conta própria. Na verdade, passava quase todo o seu tempo livre conosco no laboratório.

“Era de se esperar que tal companhia acabasse resultando numa estreita amizade, e não demorou muito até que eu comesse a depender dela para me ajudar em experiências mais complexas sempre que o professor se encontrava ocupado. Nunca a vi falhar. Ela se sentia tão à vontade com a Química como qualquer especialista.

“Há pelo menos dois meses Van Allister decidiu dividir o laboratório, fazendo uma oficina de trabalho só para ele. Ele nos disse que iria se dedicar a uma série de experiências que, no caso de bem-sucedidas, levariam a uma grande fama. No entanto, recusou-se a nos envolver nelas não importava da forma que fosse.

“Daí em diante, a Srta. Purdy e eu ficamos cada vez mais sozinhos. Já que o professor se retirava por dias inteiros para sua misteriosa oficina, chegando a ponto de nem sequer aparecer para as refeições.

“Isso também quis dizer que tínhamos mais tempo livre. A nossa amizade amadureceu à medida que eu ia sentindo uma admiração crescente por essa jovem e elegante mulher, que sempre parecia perfeitamente satisfeita de estar em meio a frascos malcheirosos e substâncias pegajosas, e de se vestir de branco da cabeça aos pés, incluindo as luvas.

“Anteontem, Van Allister nos chamou para sua oficina.

“‘Finalmente fui bem-sucedido’, anunciou ele, enquanto nos mostrava um pequeno frasco que continha um líquido transparente. ‘Tenho aqui o que será considerado a maior descoberta química já feita. Vou provar sua eficácia bem diante de seus olhos. Bruce, pode me trazer um dos coelhos, se não se importa?’

“Fui até a outra sala e lhe trouxe um dos coelhos que tínhamos, juntamente com alguns porcos-da-índia para as nossas experiências.

“Allister pôs o pequeno animal numa caixa de vidro de dimensões apropriadas para um coelho e fechou a tampa. Depois, colocou um funil de vidro no pequeno orifício da tampa, e nós nos aproximamos para observar a experiência.

“Eu o vi abrir e segurar o frasco acima da caixa onde estava o coelho.

“‘Agora me cabe provar se as semanas de esforço resultaram em sucesso ou se foram em vão.’

“Devagar e metodicamente despejou o conteúdo do frasco no funil, e pudemos observar o líquido caindo dentro da caixa, onde estava o animal amedrontado.

“Srta. Purdy deu um grito reprimido e eu esfreguei os olhos para me certificar de que o que estava vendo era real, pois, nessa caixa, onde momentos antes estava um coelho vivo e aterrorizado, *agora não havia mais nada além de um pequeno amontoado de cinzas brancas.*

“O professor Allister se voltou para nós com um ar de suprema satisfação. Seu rosto irradiava um brilho monstruoso e seus olhos cintilavam com um fulgor esquisito e insano. Quando falou, sua voz ganhou um tom professoral:

“‘Bruce — e você também, Srta. Purdy — tiveram a oportunidade de assistir à primeira tentativa bem-sucedida de uma preparação que irá

revolucionar o mundo. Irá reduzir instantaneamente a cinza fina qualquer coisa com que entre em contato, exceto o vidro! Pensem nas implicações de tudo isso! Um exército munido de bombas de vidro, cheias deste meu composto, poderá aniquilar o mundo! Madeira, metal, pedra, tijolos — *tudo* — serão dissolvidos num piscar de olhos; não deixando nenhum vestígio além dos restos do coelho em que experimentei, apenas um punhado de cinza branca!’

“Olhei para Srta. Purdy cujo rosto estava tão pálido quanto a roupa.

“Observamos Van Allister enquanto ele transferia tudo o que restou do coelho para um pequeno frasco que ele etiquetou. Devo admitir que suei frio quando ele se despediu de nós, ficando sozinho atrás da porta fechada de sua oficina de trabalho.

“Uma vez em segurança do exterior, os nervos de Srta. Purdy acabaram sucumbindo. Quase perdeu o fôlego e teria caído se eu não a tivesse amparado em meus braços.

“Sentir o seu corpo macio e sem forças contra o meu foi a gota d’água. Ignorei qualquer tipo de prudência e a apertei em meus braços, com beijos após beijos em seus lábios vermelhos e volumosos, até que os seus olhos se abriram e eu percebi que ela também me amava.

“Depois de uma maravilhosa eternidade, voltamos à Terra, a tempo suficiente para darmos conta de que o laboratório não era lugar para demonstrações ardentes. A qualquer momento Van Allister poderia sair de sua oficina e, se descobrisse as nossas atitudes amorosas, tendo em conta o seu estado de espírito, não saberíamos o que poderia acontecer.

“Durante o resto do dia eu era como um homem vivendo um sonho. Até parece estranho que conseguisse continuar trabalhando. O meu corpo era simplesmente um autômato, uma máquina bem treinada cumprindo sua rotina, enquanto a minha mente se elevava até zonas distantes de prazer e devaneio.

“Marjorie se manteve ocupada com o seu trabalho de secretária durante o resto do dia, e não voltei a procurá-la até ter completado todas as tarefas no laboratório.

“Naquela noite cedemos às alegrias da nossa recém-descoberta felicidade. Prague, vou me lembrar dessa noite pelo resto da minha vida. O momento mais feliz que já vivenciei foi quando Marjorie Purdy prometeu ser minha esposa.

“Ontem foi outro dia de felicidade completa. Durante todo o dia, a minha noiva e eu trabalhamos lado a lado. Depois, seguiu-se outra noite de amor. Se você nunca esteve apaixonado pela moça mais linda do mundo, Prague, nunca poderá entender a alegria delirante que sentimos só de pensar na pessoa amada. E Marjorie retribuía por completo todos os meus sentimentos. Ela se entregava completamente a mim.

“Hoje, por volta do meio-dia, precisei de um certo ingrediente para terminar minha experiência e então saí para buscar na farmácia.

“Quando voltei, senti falta da Marjorie. Procurei o chapéu e o casaco dela, mas não encontrei. O professor não voltou a aparecer desde a experiência com o coelho e continuava trancado em seu laboratório.

“Até perguntei aos ajudantes, mas nenhum deles a viu sair e ela também não me deixou qualquer recado.

“Comecei a ficar nervoso à medida que a tarde ia avançando, pois não via qualquer sinal de minha querida noiva.

“Já não conseguia sequer trabalhar, e comecei a andar de um lado para o outro como um leão enjaulado. Cada toque do telefone ou da campainha da porta me dava esperança e me fazia pensar que ouviria a sua voz, mas, depois de todas as vezes, acabei me conformando com minha frustração. Cada minuto parecia uma hora; cada hora, uma eternidade!

“Meu Deus, Prague, não imagina como sofri. Das alturas do amor sublime, vi-me subitamente mergulhado na escuridão mais profunda do desespero. Assaltavam-me visões de todo o tipo de desgraça que teria acontecido. Ainda assim, não tive nenhuma pista dela...

“Era como se tivesse passado uma vida inteira, mas o meu relógio registrava apenas sete e meia quando o mordomo veio me dizer que Allister estava à minha espera no laboratório.

“Não estava com disposição para experiências, mas, enquanto trabalhasse em seu laboratório, ele era o meu patrão e eu tinha de obedecer.

“Ele estava no laboratório, com a porta entreaberta. Disse-me para fechar depois de entrar.

“Devido ao meu estado de espírito, o meu cérebro fotografou cada pequeno detalhe da cena que os meus olhos presenciaram. No centro do espaço, em cima do tampo de mármore de uma mesa grande, havia um recipiente de vidro mais ou menos com a forma e as medidas de um cai-

xão. Estava quase cheio com o mesmo líquido transparente que eu vira no frasco, dois dias antes.

“À esquerda, numa mesinha, também com tampo de vidro, estava um frasco com uma etiqueta recente. Mal pude reprimir um arrepio súbito logo que percebi que estava cheio de cinzas brancas e macias. Então, vi uma coisa que quase parou o meu coração.

“Numa cadeira, em um canto mais afastado do laboratório, estava o chapéu e o casaco da moça que prometera se casar comigo, a moça que eu jurara amor e proteção pelo resto da minha vida.

“Era como se tivessem me anestesiado, enquanto a minha alma se enchia de horror, ao me dar conta do que estava se passando. Só poderia haver uma explicação. *As cinzas nesse frasco eram as cinzas da Marjorie Purdy.*

“O mundo parou e então fiquei louco, completamente louco.

“A única coisa de que me lembro foi de estar lutando com o professor. Apesar de ele ser muito mais velho, tinha uma força muito próxima da minha, com a vantagem de não estar cego de raiva.

“Pouco a pouco ele ia me empurrando para a beirada do caixão de vidro. Mais alguns instantes e minhas cinzas se juntariam às da minha amada. Tropecei contra a mesinha e meus dedos se fecharam em recipiente com cinzas. E num último esforço sobre-humano, eu levantei o frasco bem acima da minha cabeça e acertei, com uma força esmagadora, o crânio do meu antagonista. Os seus braços ficaram moles e ele caiu desacordado.

“Ainda agindo por impulso, levantei a forma silenciosa do professor e, com todo o cuidado, para não derramar o líquido chão, coloquei seu corpo no caixão da morte.

“Num piscar de olhos, tudo tinha acabado. O professor e o líquido tinham desaparecido, e no seu lugar havia um monte de brancas e macias cinzas.

“Ao olhar para o que tinha feito, a tempestade na minha mente logo passou e fiquei cara a cara com a dura e fria verdade de que acabara de matar um semelhante. Uma calma sobrenatural me possuía. Sabia que não havia quaisquer provas contra mim, a não ser que eu fora a última pessoa a estar com o professor. Não restava nada além de cinzas.

“Coloquei o chapéu e o casaco, disse ao mordomo que o professor tinha deixado recado para que ninguém o perturbasse e que eu iria sair. Uma vez na rua, todo o meu autocontrole desapareceu. Estava com os nervos arrasados. Não sabia para onde ir, só sei vaguei sem destino até me encontrar à porta do seu apartamento há pouco tempo atrás.

“Eu senti, Prague, necessidade de desabafar com alguém para aliviar a minha mente torturada. Sabia que podia confiar em você, meu velho amigo, por isso te contei a história toda. Aqui estou eu, faça o que quiser de mim. Já não sinto qualquer vontade de viver... agora que a Marjorie desapareceu.”

A voz de Bruce tremeu de emoção e se alterou, assim que mencionou o nome da moça amada.

Inclinei-me sobre a mesa, e olhei nos olhos da figura miserável que se curvava desajeitadamente sobre a poltrona. Então me levantei, pus o chapéu e o casaco, aproximei-me de Bruce, que estava com o rosto mergulhado nas mãos, soluçando em silêncio.

“Bruce.”

Malcolm levantou os olhos.

“Bruce, escute. Tem certeza de que Marjorie Purdy está morta?”

“Se tenho certeza...” Abriu completamente os olhos e se empertigou na poltrona.

“Isso mesmo”, continuei. “Tem certeza de que as cinzas naquele frasco eram de Marjorie Purdy?”

“Bem... quero dizer... o que está insinuando?”

“Então *não* tem certeza. Você viu o chapéu e o casaco da moça em cima de uma cadeira e, naquela agitação, concluiu que essas cinzas pertenciam a ela... que o professor a teria assassinado, etc... Ora vejamos, será que Van Allister te disse alguma coisa?”

“Sei lá o que ele disse... Já te contei que fiquei louco, completamente descontrolado...”

“Então você vem comigo. Se ela não estiver morta, deve estar em algum lugar naquela casa, e se ela estiver, nós vamos encontrá-la.”

Uma vez na rua, pegamos um táxi até lá e pouco tempo depois o mordomo de Van Allister nos recebeu. Bruce abriu a porta do laboratório com sua chave, a da oficina ainda estava entreaberta.

Os meus olhos varreram o lugar extensivamente. À esquerda, perto da janela, via-se uma porta fechada. Fui até lá e tentei abri-la, mas sem sucesso.

“Para onde essa porta leva?”

“Para uma antessala onde o professor guardava seus equipamentos.”

“Não importa. Temos de abri-la”, retruquei, com voz de poucos amigos. Recuei um ou dois passos, e então acertei um chute bem colocado na porta. Outro e mais outro, até a madeira ao redor da fechadura começar a estalar.

Bruce, com um súbito grito, correu pela sala até uma enorme arca de mogno. Escolheu uma das chaves no chaveiro, inseriu-a na fechadura, e abriu a tampa, com as mãos trêmulas.

“Ela está aqui, Prague... depressa... vamos levá-la para um local arejado!”

Juntos, levamos a figura inanimada para o laboratório. Bruce formulou apressadamente uma mistura e forçou-a entre os lábios dela. No segundo gole, os olhos da moça se abriram.

O seu olhar assustado percorreu a sala, descansando por fim em Bruce e logo uma expressão de felicidade tomou forma em seus olhos. Então, após os primeiros momentos do reencontro, a moça nos contou sua história:

“Depois de Malcolm ter saído, o professor me pediu que viesse até sua oficina. Como ele costumava pedir para levar recados, não desconfiei de nada e, para poupar tempo, levei comigo o chapéu e o casaco. Ele fechou a porta da pequena sala e, sem avisar, me atacou pelas costas. Ele me dominou, amarrou minhas mãos e meus pés. Era desnecessário me amordaçar. Como vocês sabem, o laboratório é absolutamente à prova de som.

“Em seguida, mostrou-me um enorme cão *Terra-Nova* que ele tinha arranjado, e o reduziu a cinzas bem diante dos meus olhos, por fim pôs os restos no frasco que vocês viram, em cima de uma mesinha.

“Foi até à antessala e, da arca, retirou o caixão de vidro. Ao menos, para os meus olhos aterrorizados, parecia um caixão! Não tardou a enchê-lo com aquele líquido horrível, quase até às bordas.

“Depois me disse que só faltava uma coisa, realizar a experiência em um humano!” Ela tremeu ao se lembrar. “Ele começou então a discursar

sobre o privilégio que alguém poderia ter ao sacrificar a vida dessa forma, por uma causa tão nobre. E me disse que tinha selecionado você para a experiência, e que me caberia o papel de testemunha! Foi quando desmaiei.”

“O professor deve ter temido algum tipo de intrusão, pois, a única coisa que me lembro, a seguir, é acordar dentro da arca onde você me descobriu. Estava quase asfixiando, pois a cada momento ia se tornando mais e mais difícil respirar. Pensei em você, Malcolm, pensei nos momentos maravilhosos que passamos juntos nesses últimos dias. Pensei no que faria sem você! Cheguei a rezar para que ele me matasse antes! Fiquei com a garganta completamente seca e perdi os sentidos.

“Em seguida, quando abri os olhos, já estava aqui ao seu lado, Malcolm...” A sua voz se afundou em um sussurro rouco e nervoso. “Onde... onde está o professor?”

Bruce a levou em silêncio até ao laboratório. Ela sentiu um arrepio ao olhar para o caixão de vidro. Ainda em silêncio, ele se dirigiu até o caixão e, erguendo uma mão cheia de cinzas, deixou que elas escorressem lentamente por entre os dedos.



A Armadilha

com Henry S. Whitehead

∴

The Trap (1931)

Strange Tales of Mystery and Terror (mar. 1932)

Esta é a noveleta curta em que Lovecraft provavelmente trabalhou com Whitehead enquanto estava o visitando em sua casa em Dunedin, Flórida. Joshi sugere que a colaboração provavelmente tomou forma após 1/3 ou mais ter sido escrito por Whitehead, e Lovecraft assumindo a partir daí. Ele provavelmente está certo, há uma distinta mudança no tom da história naquele ponto.



Foi numa certa quinta-feira matinal de dezembro que tudo começou, com aquele movimento errático que pensei ter visto em meu antigo espelho de Copenhague. Algo me pareceu se mexer e refletir no vidro. Entretanto eu estava só em meu quarto. Parei e olhei atentamente. Mas, achando que o efeito seria pura ilusão, continuei penteando o cabelo.

Descobri o antigo espelho coberto de pó e teia de aranha num anexo dum edifício da assembleia legislativa estadual abandonado no território

nortista escassamente povoado de Santa Cruz e o trouxera de Ilhas Virgens a Estados Unidos. O admirável vidro estava escurecido por duzentos anos de exposição a um clima tropical e o gracioso ornamento, ao longo do topo da armação dourada, estava rachado. Destaquei os pedaços fixados atrás na armação antes de os guardar com meus outros pertences.

Agora, vários anos depois, eu passava metade do tempo como convidado e metade como tutor na escola particular de meu velho amigo Browne, numa ventosa encosta de Coneticute. Tinha a minha disposição uma das alas abandonadas, que era utilizada como dormitório. Meus aposentos consistiam em dois quartos e um pequeno vestíbulo. O velho espelho, alojado com cuidado entre colchões, foi o primeiro de meus pertences a ser desempacotado quando cheguei. O coloquei em lugar de honra, em cima dum velho painel de pau-rosa que pertencera a minha bisavó.

A porta de meu quarto era exatamente oposta à da sala de estar, separadas por um vestíbulo. Percebi que olhando em meu espelho da cômoda eu podia ver o espelho maior através das duas entradas, onde se refletia um assintótico corredor. Nessa manhã de quinta-feira tive a curiosa impressão dum movimento embaixo do corredor normalmente vazio, mas, como eu disse, logo descartei tal impressão.

Quando cheguei à sala de jantar achei todo mundo reclamando de resfriado e soube que o sistema de aquecimento da escola estava temporariamente desligado. Sendo especialmente sensível a baixa temperatura, isso me causava um sofrimento agudo. Decidi não encarar a gélida sala de aula nesse dia. Consequentemente convidei minha classe a ir até minha sala de estar pruma sessão informal em minha lareira. Sugestão recebida entusiasticamente.

Depois da sessão um dos meninos, Roberto Grandison, perguntou se poderia permanecer se não tivesse compromisso pro segundo período matutino. Eu lhe disse que ficasse, e bem-vindo. Se sentou numa cadeira confortável diante da lareira e começou a estudar.

Não muito depois Roberto passou a uma cadeira um pouco mais distante da chama recém ateadada. Essa mudança o deixou diretamente oposto ao velho espelho. De minha própria cadeira, noutra parte do quarto, notei como começou a olhar fixamente o vidro escuro, embaça-

do e, desejando saber o que tanto o interessava, me lembrei de minha própria experiência naquela manhã. Ao passar muito tempo contemplando um franzir de cenho marcou sua fronte.

Afinal lhe perguntei, tranquilamente, o que chamara sua atenção. Lentamente, e ainda ostentando a pasma carranca, pensou e respondeu cautelosamente:

— É a ondulação no vidro ou tudo o que isso representa, senhor Canevin. Notei que tudo parece vir dum certo ponto. Olhes: Te mostrarei o que quero dizer.

O menino saltou a cima, foi ao espelho e colocou seu dedo num ponto próximo ao canto inferior esquerdo.

— É bem aqui, senhor. — Explicou. Virou pra me olhar e manteve o dedo no local escolhido.

O ato de se virar a mim pode ter feito apertar mais seu dedo contra o vidro. De repente retirou a mão como se com algum esforço e soltou um débil murmúrio de asco: Ai! Então olhou o vidro com evidente mistificação.

— O que aconteceu? — Perguntei me levantando e me aproximando.

— Porque... isto... — Parecia embaraçado. — Isto... eu... senti... Realmente, como algo puxando meu dedo. Parece... hummm... perfeitamente tolo, senhor, mas era uma sensação muito peculiar.

Roberto tinha um vocabulário incomum pra seus quinze anos.

Me aproximei e mandei me mostrar o local exato que apontara.

— Pensarás que eu sou muito tolo, senhor — disse corando —, mas daqui não pude ter certeza. Da cadeira parecia bem claro.

Agora, muito interessado, me sentei na cadeira que Roberto ocupara e olhado o local que selecionou no espelho. Imediatamente algo saltou ante meus olhos. Percebi que daquele exato ângulo todas as ondulações no antigo espelho pareciam convergir como um feixe de cabos estendidos em rede e colhido no meio por uma mão.

Se levantando e cruzando o olhar ao espelho já não pude ver a curiosa mancha. Só de certos ângulos era visível. Olhado diretamente aquela porção do espelho nem mesmo tinha reflexo normal: Não pude ver minha face nele. Obviamente eu tinha um quebra-cabeça secundário nas mãos.

Então o gongo escolar soou e o fascinado Roberto Grandison saiu apressadamente, me deixando só com meu pequeno e estranho problema ótico. Abri as cortinas das janelas, andei no corredor e procurei a mancha no reflexo do espelho da cômoda. A localizei prontamente. Olhei atentamente e pensei ter descoberto novamente algo do movimento. Estirei o pescoço e, afinal, num certo ângulo de visão, a coisa novamente saltou ante meus olhos.

O vago movimento era agora positivo e definido. Parecia um movimento torcional ou giratório. Como um efêmero mas intenso ciclone ou tromba d'água ou uma precipitação de folhas de outono rodopiando num remoinho de vento ao longo dum gramado nivelado. Era, como o da terra, um movimento duplo, rotação e translação, como se as ondulações se vertessem eternamente a algum ponto dentro do vidro. Fascinado e ainda percebendo que a coisa deveria ser uma ilusão ótica, tive uma inequívoca sensação de sucção e pensei na tímida explicação de Roberto:

— Eu sentia como se a coisa sugasse meu dedo.

Repentinamente um leve arrepio percorreu minha coluna vertebral de cima a baixo. Tudo isso valia a pena investigar. E quando me veio a ideia de investigar me lembrei da expressão de frustração de Roberto Grandison quando o gongo o chamou de volta à classe. Me lembrei como olhara atrás sobre o ombro ao sair obedientemente do corredor e decidi que deveria ser incluído em qualquer análise que eu fizesse desse pequeno mistério.

Mas eventos inesperados relacionados ao mesmo Roberto me fizeram logo esquecer o espelho durante algum tempo. Passei toda aquela tarde fora e não voltei à escola até as 5:15, hora duma assembleia geral na qual a presença dos meninos era compulsória. Faltei a esse compromisso com a ideia de levar Roberto a uma sessão com o espelho e fiquei surpreso e aflito ao ver que estava ausente, algo muito incomum e irresponsável em seu caso. Naquela noite Browne me disse que o menino desaparecera de fato. Uma procura em seu quarto, no ginásio, e em todos os lugares habituais foi infrutífera. Entretanto todo seu pertence, inclusive sua roupa de sair, estavam no lugar costumeiro.

Não fora encontrado no gelo ou com qualquer grupo excursionista que saíra naquela tarde. Todas as chamadas telefônicas aos fornecedores da escola na vizinhança foram vãs. Realmente: Não fora visto desde a

última aula, às 2:15, quando subiu a escada rumo a seu quarto no alojamento número 3.

Então foi dado como desaparecido, o que abalou todo o colégio. Browne, como diretor, teve de suportar todo o peso. E tal ocorrência inédita em sua séria e muito organizada instituição o deixou bem confuso. Estava ciente de que Roberto não voltara à casa dele, na Pensilvânia ocidental, e nenhuma equipe de busca de meninos e mestres achou algum rastro dele na zona rural nevada ao redor da escola. Portanto longe demais pra ser visto. Simplesmente tinha desaparecido.

Os pais de Roberto chegaram na tarde do segundo dia depois do desaparecimento. Suportaram a dor com discrição, mas é claro que estavam abalados com esse desastre inesperado. Browne parecia dez anos mais velho por isso, mas absolutamente nada se poderia fazer. No quarto dia o caso ficou, na opinião da escola, como um mistério insolúvel. Senhor e senhora Grandison regressaram relutantemente e na manhã seguinte começaram os dez dias de férias natalinas.

Os meninos e mestres partiram com qualquer coisa menos o habitual espírito de feriado. Browne e sua esposa permaneceram, junto com os criados, como meus únicos co-habitantes no grande lugar que sem os mestres e meninos, realmente, parecia uma concha oca.

Naquela tarde me sentei diante de minha lareira pensando na desapareição de Roberto e desenvolvi todo tipo de teoria fantástica pra solucionar o caso. No crepúsculo tive uma enxaqueca e, conseqüentemente, jantei frugalmente. Então, após um animado passeio na vizinhança da concentração de prédios, voltei a minha sala de visita ficando novamente pensativo.

Um pouco depois das dez despertei em minha poltrona, duro e frio, dum cochilo durante o qual eu tinha sido jogado fora. Estava fisicamente abatido, contudo mentalmente desperto por uma sensação peculiar de expectativa e possível esperança. É claro que tinha a ver com o problema que estava me desafiando. Porque eu tinha caído no cochilo distraidamente com uma ideia curiosa e persistente: A estranha ideia de que um vago e dificilmente reconhecível Roberto Grandison tentava, desesperadamente, se comunicar comigo. Fui à cama com uma intuitiva e forte convicção: Dalguma maneira eu estava seguro de que o jovem Roberto Grandison ainda estava vivo.

Que eu seja receptivo a tais coisas não parecerá estranho a quem conhece minha longa estada em Índias Ocidentais e meu íntimo contato ali com eventos inexplicados. Não se estranhará que eu tenha dormido com um desejo urgente de estabelecer algum tipo de comunicação mental com o menino desaparecido. Até mesmo os cientistas mais prosaicos, como Freud, Jung e Adler, afirmam que a mente subconsciente está aberta a impressões externas durante o sono. Entretanto tais impressões raramente são levadas em conta no estado desperto.

Indo um passo a diante e concebendo a existência de forças telepáticas, então tais forças têm forte poder sobre a mente dormente. Portanto, se eu quisesse receber uma mensagem explícita de Roberto seria durante um estágio de sono profundo. Claro que eu poderia perder a mensagem ao despertar mas minha aptidão em reter tais coisas foi refinada por variados tipos de disciplina mental recolhidos em ignotos recantos do globo.

Devo ter caído em sono instantaneamente. Da vivacidade de meus sonhos e ausência de intervalo alerta julgo que meu sono era muito profundo. Eram 6:45 quando despertei e ainda retive certas impressões que sabia terem vindo do mundo de psiquismo onírico. Estranhamente minha mente se encheu com a visão de Roberto Grandison transformado num menino dum escuro azul citrino. Roberto, desesperadamente, tentava se comunicar comigo por meio da fala com uma dificuldade quase insuperável. Uma curiosa parede de isolamento espacial parecia se levantar entre ele e mim, uma parede misteriosa, invisível que nos confundiu completamente.

Eu tinha visto Roberto como se a pouca distância. Mas, estranhamente, parecia estar bem a meu lado ao mesmo tempo. Era maior e menor que na vida real. Seu tamanho, aparente, variando diretamente, em vez de inversamente, à distância quando chegou e se retirou no curso de conversação. Quer dizer, cresceu em vez de diminuir em relação a minha vista quando avançava ou retrocedia, e vice-versa. Como se tivessem sido completamente invertidas as leis de perspectiva em seu caso. Seu aspecto estava embaçado e incerto, como se faltasse silhueta bem definida ou permanente e a anomalia de sua coloração e de sua vestimenta me confundiram totalmente no princípio.

Nalgum ponto em meu sonho o esforço vocal de Roberto finalmente se cristalizou em fala audível, embora uma fala de espessura anormal e estagnada. Durante um instante não pude entender algo que disse. Até mesmo no atormentado sonho meu cérebro procurava uma pista donde ele estava, o que quis contar e por que sua expressão vocal era tão desajeitada e ininteligível. Então, pouco a pouco, comecei a distinguir palavras e frases. As primeiras já bastaram pra lançar meu estado onírico na excitação mais selvagem e estabelecer certa conexão mental que eu não deixara adquirir forma consciente por causa da absoluta inverossimilhança do que previamente implicava.

Não sei quanto tempo escutei essas palavras no intervalo de meu sono profundo mas horas devem ter passado enquanto, estranhamente, o remoto narrador lidava com sua história. De lá foi me revelado uma tal circunstância como não posso querer que outros acreditem sem uma evidência mais cabal. Contudo eu estava bem preparado a aceitar isso como verdade, tanto no sonho como após o despertar, por causa de meus contatos anteriores com coisas misteriosas. Obviamente o menino estava me olhando no rosto, se movendo num sono receptivo, quando logo sufocou. Durante algum tempo o pude compreender, então iluminou sua expressão e deu sinais de gratidão e esperança.

Toda tentativa de entender a mensagem de Roberto, como essa que martelava em meus ouvidos após um súbito despertar no frio, conduziu esta narrativa a um ponto onde tenho de escolher minhas palavras com o maior cuidado. Tudo em questão é tão difícil de gravar que tendemos a nos debater sem solução. Eu disse que a revelação estabeleceu em minha mente certa conexão que a razão não me deixou formular conscientemente antes. Essa conexão, já não hesito afirmar, tem a ver com o velho espelho de Copenhague cuja impressão de movimento tinha me impressionado tanto na manhã da desapareição, e de cujos contornos ondulatórios e sucção aparente exerceram uma inquietante fascinação em mim e Roberto.

Entretanto, minha consciência exterior tinha rejeitado o que minha intuição gostaria de ter implicado antes. Não poderia rejeitar aquela espantosa concepção durante mais tempo. O que era agora fantasia no conto de Alice^[1] me veio como uma realidade séria e imediata. Aquele olhar vítreo possuía uma sucção maligna, realmente anormal. E o locu-

tor lutando em meu sonho esclarecendo até que ponto violou todos os anteriores conhecimentos de experiência humana e todas as leis ancestrais de nossas três dimensões normais. Era mais que um espelho, era um portão, uma armadilha, um vínculo com intervalos espaciais não significativos aos habitantes de nosso universo visível, e só realizável em termos da mais complexa matemática não-euclidiana. E, de modo um pouco ultrajante, Roberto Grandison tinha se escamoteado de nosso conhecimento no vidro e ficara lá emparedado, esperando ser libertado.

É significativo que ao despertar não abriguei dúvida genuína da realidade da revelação. O que realmente captei da conversação com um Roberto transdimensional, em lugar de evocar o episódio inteiro de minha meditação sobre sua desapareição e sobre as velhas ilusões do espelho, era quase certo pra minha natureza mais íntima como qualquer certeza instintiva reconhecida como válida.

A história que assim me foi descortinada tinha caráter inacreditavelmente estranho. Como ficara bem claro na manhã de sua desapareição, Roberto ficou intensamente fascinado pelo antigo espelho. Durante todo o período letivo tinha em mente voltar a minha sala de visita e examinar o objeto. Quando chegou, no fim do dia letivo, um pouco depois de 2:20, eu estava na cidade. Percebendo minha ausência e sabendo que eu não notaria, entrou em minha sala de visita e foi direto ao espelho, se postando diante dele e estudando o lugar onde, como notáramos, as ondulações pareciam convergir.

Repentinamente foi tomado por um desejo de colocar a mão nesse centro ondulatório.

Quase relutando, contra seu bom-senso, agiu assim. Ao estabelecer contato sentira a estranha sucção, quase dolorosa, que o desconcertara naquela manhã. Imediatamente, sem aviso mas com um violento puxão que parecia torcer e rasgar todo osso e músculo e inchar, espremer e cortar todo nervo, foi abruptamente sugado.

Chegando ali a torturante tensão nervosa em todo seu organismo se manifestou de repente. Sentia, disse, como se há pouco tivesse nascido. Um sentimento que se tornava evidente toda vez que tentava fazer algo: Caminhar, se inclinar, virar a cabeça ou falar. Todo seu corpo parecia desajustado.

Essas sensações desapareceram depois dum longo tempo e o corpo de Roberto se tornou um todo organizado em vez de várias partes conflitantes. De todas as formas de expressão, falar continuou sendo a mais difícil. Certamente porque é complexa e usa vários órgãos, músculos e tendões. Por outro lado, os pés de Roberto foram os primeiros elementos a se ajustar à nova condição dentro do vidro.

Na manhã matutei o quebra-cabeça. Relacionando tudo que vi e ouvi rejeitei o ceticismo natural dum homem de bom-senso e concebi planos pra resgatar Roberto de sua incrível prisão. Quando fiz isso vários pontos então desconcertantes ficaram claros ou, pelo menos, mais lúcidos pra mim.

Havia, por exemplo, a questão da coloração de Roberto. Sua face e mãos, como indiquei, eram dum tipo de azul escuro esverdeado esmaecido. E posso acrescentar que sua comum jaqueta Norfolk azul tinha passado a um amarelo-limão pálido enquanto sua calça comprida permaneceu cinza neutro como antes. Pensando nisso, depois de acordar, aproveitei a circunstância de encerramento aliada à inversão de perspectiva que fez Roberto parecer maior se afastando e menor se aproximando. Aqui também havia uma reversão física: Pra todo detalhe de sua coloração na dimensão desconhecida o exato oposto ou complemento cromático correspondia ao que era em vida normal. Em física as cores complementares básicas são azul e amarelo, vermelho e verde. Esses pares são opostos e, quando misturados, resultam em cinza. A cor natural de Roberto era uma pele meio rosada, cujo oposto é o azul citrino que vi. Seu casaco azul tinha ficado amarelo enquanto a calça comprida cinza permaneceu cinza. Esse ponto posterior me confundiu até que me lembrei que aquele cinza é uma mistura de opostos. Não há oposto ao cinza, ou melhor, é seu próprio oposto.

Outro ponto claro era o pertinente à voz estranhamente grossa e abafada de Roberto, bem como ao geral mau jeito e sensação de desajuste físico das partes das quais se queixava. Isso, no início, realmente era um quebra-cabeça. Entretanto, depois de pensar bastante, encontrei a pista. Eis, novamente, a mesma inversão de perspectiva e coloração. Qualquer um na quarta dimensão, necessariamente, seria invertido somente desse modo: Mãos e pés, como também cores e perspectivas, sofrendo mutação simétrica. Seria o mesmo com todos os outros órgãos

duplos como narinas, orelhas e olhos. Assim Roberto teria falado com uma língua invertida, dentes, cordas vocais e órgãos vocais semelhantes. De forma que sua dificuldade em expressão vocal me deixou um pouco admirado.

No despontar da manhã meu senso de ampla realidade e louca urgência da situação de revelação onírica aumentou em vez de diminuir. Cada vez mais eu sentia que algo devia ser feito. Contudo percebi que eu não poderia buscar conselho ou ajuda. Numa história como a minha uma convicção baseada no mero sonhar nada poderia me trazer de verossímil, apenas zombar ou suspeitar de meu estado mental. Realmente, o que eu poderia fazer, amparado ou desamparado, com os poucos dados operacionais que minha impressão noturna fornecera? Devo, reconheci finalmente, obter mais informação antes de pensar num plano pra resgatar Roberto. O que só poderia se passar na condição receptiva de sono e que me encorajou a refletir sobre isso. Como era altamente provável, meu contato telepático foi retomado no momento em que novamente caí em sono profundo.

Passei dormindo aquela tarde, depois dum almoço no meio-dia a qual, por rígido autocontrole, consegui esconder de Browne e sua esposa os tumultuosos pensamentos que me chocaram. Com dificuldade mantive meus olhos fechados quando uma turva imagem telepática começou a aparecer. E logo percebi, em minha infinita excitação, que era idêntica à que vira antes. Mais que isso: Era mais distinto. Quando começou a falar me senti capaz de captar mais palavras.

Durante esse sono confirmei a maioria das deduções matinais. Entretanto a entrevista fora misteriosamente suprimida antes de meu despertar. Roberto parecera apreensivo logo antes da comunicação cessar, mas já tinha me dito que em sua estranha prisão tetradimensional as cores e as propriedades espaciais realmente estavam invertidas: Preto virar branco, distância que aumenta a dimensão aparente, e assim a diante.

Também informara que, mesmo em plena posse da aparência física e sentidos, as mais vitais propriedades humanas pareciam estranhamente suspensas. A nutrição, por exemplo, era desnecessária. Fenômeno realmente mais singular que a onipresente inversão de objetos e propriedades. Subsequentemente era um racional e matematicamente específico estado de coisas. Outra parte significativa da informação era que a única

saída do vidro ao mundo era o a via de entrada, mantida permanentemente barrada e hermeticamente fechada, tão remota quanto o egresso temia que estivesse.

Naquela noite recebi outra visita de Roberto. Nem deu tais impressões, recebidas a intervalos ímpares enquanto eu dormia sugestionado, interrompidas durante todo o período de seu encarceramento. Seu esforço pra se comunicar era desesperado e, frequentemente, lamentável. Às vezes o contato telepático se debilitava, enquanto noutras vezes fadiga, excitação ou medo de interrupção dificultava e engrossava sua voz. Posso narrar muito bem uma sequência contínua de tudo aquilo que Roberto me disse ao longo de toda a série de efêmeros contatos mentais, talvez suprimindo certos pontos com fatos diretamente relacionados após sua libertação. A informação telepática era fragmentária e, frequentemente, quase inarticulada, mas a estudei repetidas vezes durante os intervalos despertos de três intensos dias. Classificando e ponderando, com diligência febril, passei a questionar se o rapaz seria devolvido a nosso mundo.

A região tetradimensional na qual Roberto estava não era, como num romance de ficção científica, um reino desconhecido e infinito de visões estranhas e habitantes fantásticos mas tinha muito duma projeção de certas partes limitadas de nossa própria esfera terrena dentro duma estranha e, geralmente, inacessível faceta ou vetor espacial. Era um mundo curiosamente fragmentário, intangível, e heterogêneo. Uma série de cenas aparentemente dissociadas onde se fundem indistintamente uma na outra. Seus detalhes constituintes tinham uma natureza obviamente diferente dos dum objeto sugado pelo antigo espelho quando Roberto fora sugado. Essas cenas eram como sonhos panorâmicos ou imagens caleidoscópicas, miragens das quais o menino realmente não era uma parte, mas que formavam um tipo de fundo panorâmico ou ambiente etéreo contra o qual ou entre o qual se movia.

Não pôde tocar alguma das partes dessas cenas: Paredes, árvores, mobília, e similares. Se era assim porque eram verdadeiramente imateriais ou porque sempre retrocediam a sua aproximação estava singularmente impossibilitado de determinar. Tudo parecia fluido, mutável e irreal. Quando caminhava parecia estar em qualquer superfície mais baixa a cena visível que poderia ter chão, caminho, gramado verde, ou tal.

Mas, em última análise, sempre achava que o contato era ilusão. Nunca havia diferença na força resistente encontrada por seus pés e mãos quando se inclinava experimentalmente. Não importa o que poderia estar envolvido na aparente mudança da superfície. Não pôde descrever esse alicerce ou plano limite no qual andava como algo mais definido que uma pressão virtualmente abstrata equilibrando seu centro gravidade. De precisa sensibilidade tátil nada tinha mas, em compensação, parecia haver um tipo de força levitacional restrita que propiciava transferência de altitude. De fato nunca poderia escalar degrau, contudo podia caminhar subindo gradualmente.

A passagem duma cena definida a outra envolvia um tipo de voo livre numa região sombreada ou mancha borrada onde os detalhes de cada cena se encaixam curiosamente. Toda perspectiva era distinguida pela ausência de objetos passageiros e o aparecimento indefinido ou ambíguo de objetos semi passageiros como mobília ou detalhes de vegetação. A iluminação de toda a cena era difusa e desconcertante e, claro, o esquema de cores invertido: Grama vermelha luminosa, céu amarelo com confusas formas de nuvens negras e cinzas, troncos de árvore brancos e paredes de tijolo verdes, dava a tudo um aspecto incrivelmente grotesco. Havia uma alternância entre dia e noite que se manifestava como uma inversão das horas normais de luz e escuridão em qualquer ponto na Terra onde o espelho estivesse pendurando.

Essa diversidade, aparentemente irrelevante, das cenas confundiu Roberto até que percebeu que incluíam apenas os lugares continuamente refletidos durante longos períodos no antigo vidro. Isso também explicava a estranha ausência de objetos passageiros, os limites geralmente arbitrários de visão e o fato de que todo o exterior foi emoldurado pelos esboços de portas ou janelas. O vidro, parece, pode ter servido pra acumular essas cenas intangíveis por longa exposição. Entretanto nunca poderia absorver qualquer coisa corpórea, como aconteceu a Roberto, exceto por um processo muito diferente e particular.

Ao menos pra mim, o aspecto mais incrível do bizarro fenômeno era a escabrosa subversão de nossas costumeiras leis espaciais envolvidas na relação de várias cenas ilusórias às atuais regiões terrenas representadas. Falei do vidro como acumulando as imagens dessas regiões mas essa, realmente, é uma definição inexata. Na verdade cada uma das cenas espe-

culares formava uma verdadeira e quase permanente projeção tetradiimensional da região mundana correspondente, de modo que sempre que Roberto ia a alguma parte de certa cena, como quando ia à imagem de meu quarto enviando suas mensagens telepáticas, estava de fato naquele lugar, isto é, em terra, entretanto sob condições espaciais que cortavam toda comunicação sensorial, em qualquer direção, entre ele e o aspecto tridimensional vigente no local.

Hipoteticamente falando, o prisioneiro no vidro podia, nalguns momentos, ir a qualquer lugar em nosso mundo. Qualquer lugar que alguma vez tenha sido refletido na superfície do espelho. Isso, provavelmente, aplicado até mesmo a lugares onde o espelho nunca fora pendurado seria o bastante pra produzir uma nítida cena ilusória. A região terrena era representada, então, por uma zona de sombra mais informe. Fora das cenas bem definidas havia um desgaste aparentemente ilimitado de sombra cinza neutra sobre o qual Roberto nunca poderia ter certeza e no qual nunca ousou vaguear além pra não ficar desesperadamente perdido nos reais e especulares mundos similares.

Entre os apressados pormenores que Roberto deu havia o fato de não estar solitário na prisão. Vários outros, todos em traje antigo, estavam lá com ele: Um corpulento cavaleiro de meia-idade com trança amarrada e calção aveludado que falava inglês fluente com forte sotaque escandinavo, uma menina pequena, muito bonita, com cabelo muito louro na forma dum lustroso azul escuro, dois negros aparentemente mudos cujas características contrastavam grotescamente com a palidez de sua pele cromaticamente invertida, três homens jovens, uma mulher jovem, uma criança muito pequena, quase um bebê e um esquelético ancião dinamarquês de aspecto extremamente distinto e com uma espécie de intelectualidade meio maligna no semblante.

Esse último indivíduo se chamava Axel Holm, trajando calção justo^[2] de cetim, casaco de borda brilhante e volumosa e bem assentada peruca cuja idade remonta a mais de dois séculos. Era ilustre na pequena região como sendo o responsável pela presença deles todos. Era que, versado tanto nas artes de magia quanto de vidraçaria, tinha formado essa prisão estranha dimensional há muito tempo, na qual ele, seus escravos e esses a quem escolheu convidar ou atrair até lá eram permanentemente emparedados enquanto o espelho pudesse suportar.

Holm nasceu no começo do século 17 e teve muita competência e sucesso no comércio de soprador e moldador de vidro em Copenhague. Seu vidro, especialmente na forma de grande espelho de sala de visita, sempre estava em destaque. Mas a mesma mente pujante que fez dele o primeiro vidraceiro de Europa serviu pra direcionar seu interesse e ambição além da esfera de mera habilidade material. Estudara o mundo ao redor e se aborreceu com a limitação de capacidade e conhecimento humanos. Eventualmente procurou modos obscuros de superar essa limitação e ganhou mais sucesso que o apropriado a qualquer mortal. Aspirara desfrutar algo como a eternidade, e o espelho era sua ferramenta pra alcançar esse fim. O sério estudo da quarta dimensão estava longe de começar com Einstein em nossa era e Holm, mais que erudito em todos os métodos de sua época, sabia que uma entrada pessoal naquela faixa espacial escondida lhe impediria de morrer na sensação física ordinária. Uma investigação lhe mostrou que a teoria da reflexão indubitavelmente modela a entrada principal a todas as dimensões além da nossa familiar tri e a sorte lhe colocou nas mãos um pequeno vidro muito antigo cujas propriedades secretas acreditava que pudesse virar o jogo. Uma vez dentro do espelho, de acordo com o método que idealizara, sentiria aquela vida na sensação de forma e consciência virtualmente pra sempre, contanto que o espelho fosse preservado indefinidamente de rompimento ou deterioração.

Holm fez um espelho magnífico que seria valorizado e cuidadosamente preservado. E nisso agilmente fundiu a estranha relíquia de forma espiralada que adquirira. Tendo preparado seu refúgio e armadilha assim, começou a planejar seu modo de entrada e condição de aluguel. Teria consigo serventes e companheiros. E como estreia experimental enviou antes de si ao vidro dois escravos negros de confiança trazidos de Índias Ocidentais. Que sensação teve ao ver essa primeira demonstração concreta de sua teoria só a imaginação pode conceber.

Indubitavelmente um homem com sua sabedoria percebe a ausência do mundo exterior, embora transferido além do simples transcorrer de vida dos de dentro, deve significar instantânea dissolução na primeira tentativa de voltar àquele mundo. Mas, salvo aquele contratempo ou uma ruptura accidental, os internos sempre permaneceriam como eram

na hora de entrada. Nunca ficariam velhos nem precisariam de comida e bebida.

Pra fazer sua prisão mais tolerável enviou à frente certos livros e materiais de escritório, uma cadeira e mesa artesanais mais robustas e outros acessórios. Soube que as imagens que o vidro refletiria ou absorveria seriam intangíveis, mas somente se estenderia a seu redor como um fundo onírico. Sua própria transição, em 1687, foi uma dura experiência e há de ter sentido um misto de triunfo e pavor. Se qualquer coisa tivesse saído errado havia a horrível possibilidade de se perder na escuridão de inconcebíveis dimensões múltiplas.

Durante mais de cinquenta anos estivera impossibilitado de fazer qualquer acréscimo à pequena empresa de si mesmo e escravos, mas, mais tarde, aperfeiçoara seu método telepático de visualizar pequenas seções do mundo externo perto do vidro e atraindo certos indivíduos nessas áreas pela estranha entrada do espelho. Assim Roberto, querendo forçar a porta, fora atraído adentro. Tais visualizações dependiam completamente de telepatia. Ninguém dentro do espelho poderia ver o exterior, o mundo dos homens.

Era, na verdade, uma vida estranha a que Holm e sua companhia tinham dentro do vidro. Desde então o espelho ficara completamente abandonado, durante um século, com sua face voltada à empoeirada parede de pedra do abrigo onde o achei. Roberto foi o primeiro ser a entrar nesse limbo após esse intervalo. Sua chegada foi um evento de gala porque trouxe notícia do mundo exterior, o que deve ter causado grande espanto ao mais pensativo dos de dentro. Ele, na volta, jovem como era, inevitavelmente sentiu a fantasmagoria de se reunir e falar com pessoas que estavam vivas nos séculos 17 e 18.

A mórbida monotonia da vida dos prisioneiros só pode ser vagamente conjecturada. Como mencionei, sua variedade de extensão espacial era limitada a lugares que tinham sido refletidos no espelho durante longos períodos. E muitos desses locais se escureceram e ficaram estranhos quando o clima tropical atacou a superfície. Certos locais eram luminosos e bonitos e nesses a companhia costumava se juntar. Mas nenhuma cena poderia agradar totalmente, pois todos os objetos visíveis eram irreais e intangíveis e, frequentemente, de esboço desconcertantemente indefinido. Quando os tediosos períodos de escuridão chegavam o costu-

me geral era se deliciar em recordação, reflexão ou conversação. Cada elemento daquele estranho e patético grupo retivera sua personalidade inalterada e inalterável, já que fica imune aos efeitos temporais do espaço exterior.

O número de objetos inanimados dentro do vidro, aparte a roupa dos prisioneiros, era muito pequeno, sendo limitados, em grande parte, aos acessórios que Holm provera pra si. Os demais igualmente sem móvel, desde que sono e fadiga desapareceram junto com outros atributos vitais. Tais coisas inorgânicas ali presentes pareciam isentas da decadência, assim como os seres vivos. As mais inferiores formas de vida animal estavam ausentes.

Roberto deve a maioria da informação a Herr Thiele, o cavalheiro que falava inglês com sotaque escandinavo. Esse digno dinamarquês me incitava a imaginação e falava muito. Os outros também o receberam com cortesia e benevolência. O próprio Holm parecia bem-disposto e tinha lhe falado sobre vários assuntos, inclusive a porta da armadilha.

O menino, como me disse depois, era sensato o bastante pra nunca tentar comunicação comigo quando Holm estava perto. Duas vezes, fazendo isso, vira Holm aparecer e se interrompeu imediatamente. Em nenhum momento pude ver o mundo atrás da superfície do espelho. A imagem de Roberto, que incluía sua forma corporal e o respectivo vestuário era, como a imagem auricular de sua voz sufocada e como me via, um caso de transmissão puramente telepática. Não envolvia verdadeira visão interdimensional. Porém, Roberto era um telepata treinado como Holm e poderia ter transmitido imagens consistentes separadas de sua pessoa adjacente.

Ao longo desse período de revelação eu tentava, desesperadamente, achar um jeito de libertar Roberto. No quarto dia, nono depois da desapareição, achei uma solução. Afinal de conta meu plano não era tão complexo. Mas não pude antecipar como agiria enquanto temesse a possibilidade dum deslize desastroso. Esse processo dependia, basicamente, do fato de não haver saída possível de dentro do vidro. Se Holm e seus prisioneiros estivessem permanentemente encerrados hermeticamente, então a libertação teria que vir toda de fora. Outras considerações incluíram a disposição dos outros prisioneiros, se algum sobrevivesse e, especialmente, de Axel Holm. O que Roberto me contou sobre ele era tudo

menos tranquilizador. Certamente eu não o queria solto em meu apartamento, livre pra fazer suas maldades no mundo mais uma vez. As mensagens telepáticas não esclareciam direito o efeito da libertação nos que estavam no vidro há tanto tempo.

Entretanto havia um último, porém menor, problema no caso de sucesso: O de Roberto voltar à rotina escolar sem ter explicado o inacreditável. No caso de fracasso seria desaconselhável ter testemunha da missão de libertação e, fora isso, eu não podia me referir aos verdadeiros fatos, mesmo se tivesse êxito. Até mesmo pra mim a realidade parecia uma loucura sempre que eu ponderava os fatos tão coercitivamente expostos naquela série onírica.

Quando refleti sobre esses problemas até onde era possível, peguei uma grande lupa no laboratório escolar e estudei minuciosamente cada milímetro quadrado daquela espiral central que, presumivelmente, marcava a dimensão do antigo espelho original usado por Holm. Até mesmo com essa ajuda não pude localizar com precisão o limite exato entre a antiga área e a superfície adicionada pelo mago dinamarquês, mas, depois, um exaustivo estudo definiu um limite oval conjectural que esbocei com precisão com um lápis azul de ponta macia. Então fiz uma viagem a Estanforde, onde arranjei uma pesada ferramenta corta-vidros. Minha ideia inicial era remover o antigo e magicamente potente espelho de sua mais recente posição.

O próximo passo era achar a melhor hora do dia pra realizar a experiência crucial. Finalmente escolhi 2:30 da manhã, tanto por ser um bom momento pra trabalho ininterrupto quanto ser o oposto de 2:30 da tarde, provável momento da entrada de Roberto ao espelho. Essa forma de oposição pode não ter sido pertinente mas eu sabia, pelo menos, que a hora escolhida era tão boa quanto qualquer outra, talvez melhor que a maioria.

Finalmente decidi trabalhar no amanhecer do décimo primeiro dia após a desapareição, tendo desenhado todos os tons de minha sala de visita e fechado a porta do corredor. Continuando com ofegante cautela a linha elíptica localizei, tracei ao redor da seção espiral com minha ferramenta cortante de aço giratória. O antigo vidro, com meia polegada de espessura, crepitou quebradiço sob a firme e uniforme pressão. Ao

completar o giro cortei ao redor novamente e raspei o cilindro mais profundamente no vidro.

Então, cuidadosamente, ergui o pesado espelho pelo pedestal e o apoiei com a face interna contra a parede, forçando duas das tábuas finas e estreitas pregadas na traseira. Com igual precaução dava violentas estocadas no espaço ao redor com a pesada manivela de madeira do corta-vidros.

Na primeira pancadinha o pedaço de vidro contendo a espiral caiu no tapete de Bokhara. Eu não sabia o que aconteceria, mas alguma coisa foi me animando e me deixou numa involuntária respiração ofegante. Então me ajoelhei por comodidade. Minha face bem perto da abertura recentemente feita. Ao tomar fôlego minhas narinas inalaram um forte odor de poeira. Um cheiro incomparável, que nunca senti antes. Então tudo a meu alcance de visão se converteu, de repente, num cinza fosco antes de minha vista falhar enquanto me sentia dominado por uma força invisível que me roubou a vitalidade muscular.

Me lembro de pegar debilmente e sem êxito a extremidade da mais próxima cortina de janela e a senti rasgando e soltando da parede. Então afundi lentamente no chão com a escuridão do olvido passando encima de mim.

Quando recuperei a consciência estava estirado no tapete de Bokhara com as pernas misteriosamente apoiadas no ar. O quarto estava cheio daquele horrendo e inexplicado cheiro de poeira. Como meus olhos começaram a captar imagens definidas vi que Roberto Grandison estava em minha frente. Era ele, totalmente de carne e com coloração normal, que segurava minhas pernas no alto pra devolver o sangue a minha cabeça como o curso de pronto-socorro da escola lhe tinha ensinado a fazer com pessoa desfalecida. Num instante emudeci pelo odor sufocante e por uma confusão que logo se fundiu numa sensação de triunfo. Então me senti capaz de me mover e falar calmamente.

Tentei elevar uma mão e acenar cumprimentando Roberto.

— Certo, meu velho. — Murmurei — Podes abaixar minhas pernas agora. Muito obrigado. Acertei novamente, acho. Era o cheiro, imagino. Isso me pegou. Abras aquela janela mais distante, por favor, a larga, do fundo. Isso é tudo. Obrigado. Não. Deixes a sombra embaixo, do jeito que estava.

Lutei com meus pés, minha circulação transtornada se ajustando em ondas, e permaneci verticalmente suspenso na traseira duma cadeira grande. Eu ainda estava grogue, mas uma lufada de ar fresco dolorosamente frio da janela me reavivou rapidamente. Me sentei na cadeira grande e vi Roberto caminhando até mim. Eu disse apressadamente.

— Primeiro me digas, Roberto: Esses outros... Holm. O que aconteceu a eles quando abri a saída?

Roberto interrompeu sua caminhada no quarto e me olhou com gravidade. Então disse solenemente.

— Os vi diminuir no vazio, senhor Canevin E, com eles, tudo. Nada mais há dentro, senhor. Agradeço a Deus e a ti, senhor!

E o jovem Roberto, se rendendo, afinal, à tensão contínua que tinha aguentado durante esses onze terríveis dias, repentinamente se abaixou como uma criancinha e começou a se lamentar histericamente em grandes, sufocados e secos soluços.

O amparei e o recostei suavemente em meu divã, lhe coloquei um poncho^[3], me sentei a seu lado, o acalmei passando a mão na testa e lhe disse ternamente:

— Leves isso, meu velho.

A súbita e muito natural histeria do menino passou, tão depressa quanto viera, quando lhe reiterei meus planos pra sua tranquila volta à escola. O interesse na situação e a necessidade de esconder a incrível verdade sob uma explicação racional extinguiu sua agitação como eu esperava. Então se levantou impacientemente, contou os detalhes de sua libertação e ouviu as instruções que eu planejava. Parece que estivera na área projetada de meu quarto quando abri a saída e emergi naquele verdadeiro quarto, quase não percebendo que estava fora. Ao ouvir uma queda na sala de estar se precipitou até lá e me encontrou no tapete num desmaio encantado.

Devo mencionar apenas brevemente meu método de restabelecer Roberto dum modo aparentemente normal. Como o escamoteei janela a fora com um chapéu velho e suéter meus, o levei até a estrada partindo silenciosamente em meu carro, o ensaiei cuidadosamente numa estória que inventei e voltei pra despertar Browne com as notícias da descoberta de Roberto. Estava, expliquei, caminhando solitário na tarde da desapareição. Dois homens jovens que, gracejando e ante os protestos de que

não poderia ir a lugar mais distante que Estanforde e voltar, levaram-no de volta à cidade. Saltou do carro durante uma parada de tráfego com a intenção de voltar a pé enquanto o incitavam a voltar e foi atropelado por outro carro no instante em que o tráfego foi liberado, despertando dez dias depois em Greenwich, na casa das pessoas que o atropelaram. Ao saber a data, acrescentei, telefonei à escola imediatamente. Sendo eu o único que estava acordado, respondi à chamada e corri pra o buscar em meu carro, sem parar pra avisar alguém.

Browne, que imediatamente telefonou aos pais de Roberto, aceitou minha história sem questionar e evitou interrogar o menino por causa do óbvio esgotamento subsequente. Ficou combinado que deveria permanecer na escola pra descansar, sob o hábil cuidado da senhora Browne, experiente enfermeira formada. Claro que o vi durante o restante das férias de Natal e pude preencher certas lacunas em sua fragmentária história onírica.

De vez em quando quase duvidávamos da realidade do que acontecera. Querendo saber se ambos compartilhamos uma monstruosa ilusão nascida do reluzente hipnotismo do espelho e se o conto do passeio e acidente não são, afinal de conta, a realidade. Mas sempre que fizemos assim recuperaremos a convicção nalguma formidável e assombrosa memória. Comigo da forma onírica de Roberto e sua voz grossa e cores invertidas. Com ele de todo o esplendor fantástico de pessoas antigas e cenas funéreas que testemunhara. E então havia analogia com a lembrança daquele detestável odor poeirento. Sabíamos o que significava: A dissolução imediata dos que entraram a uma dimensão alienígena há mais de um século.

Além do mais há duas linhas de evidência, pelo menos, bem mais positivas. Uma das quais vem de minhas pesquisas nos anais dinamarqueses sobre o feiticeiro Axel Holm. Como indivíduo, realmente, deixou muitos traços no folclore e registros escritos. E diligentes pesquisas em bibliotecas e conferências com dinamarqueses instruídos derramaram muito mais luz em sua má fama. No momento só preciso dizer que o soprador de vidro de Copenhague, nascido em 1612, era um luciferino notório cujas perseguições e final desaparecimento foram assunto de espantoso debate há mais de dois séculos. Tinha ardente desejo de saber todas as coisas e dominar todo limite do gênero humano. Pra tal finalidade in-

vestigara profundamente campos ocultos e proibidos desde que era criança.

Era habitualmente adepto duma confraria da temida bruxaria e a vasta tradição da antiga mitologia escandinava com o astuto Loki e o amaldiçoado lobo Fenris, era, pra ele, um livro aberto. Tinha estranhos interesses e objetivos, poucos dos quais eram definitivamente conhecidos mas alguns dos quais foram reconhecidos como intoleravelmente maus. Consta que seus dois ajudantes negros, originalmente escravos de Índias Ocidentais Dinamarquesas, ficaram mudos após serem adquiridos por ele e que os desaparecidos não queriam mais que sua própria desapareição do alcance de vista da humanidade.

Chegando o fim duma já longa vida a ideia dum vidro da imortalidade deve ter lhe ocorrido. Que adquirira um espelho encantado de inconcebível antiguidade era um assunto de cochicho popular. Supôs-se que o furtara dum colega feiticeiro que lho confiara pra polir.

Esse espelho, segundo contos populares um troféu tão potente a seu modo como a notória égide de Minerva ou o martelo de Tor, era um pequeno objeto oval chamado vidro de Loki, feito dalgum mineral polido fundível e tendo propriedades mágicas que incluíam a adivinhação do futuro imediato e o poder de revelar os inimigos do dono. Que tinha propriedades potenciais mais profundas realizáveis nas mãos dum mago erudito nenhuma pessoa comum duvidava. Até mesmo as pessoas educadas davam uma terrível importância aos boatos de que Holm o tentava incorporar a um vidro maior de imortalidade. Então ocorreu a desapareição do mago, em 1687, e a venda final e dispersão de seu bem entrou numa crescente névoa de lendário fantástico. Era tudo apenas um conto ridículo se não se possuísse alguma chave específica. Contudo, me lembrando dessas mensagens oníricas e tendo a corroboração de Roberto Grandison antes de mim, confirmei todas as desnorteantes maravilhas que se desdobraram.

Mas como eu disse, há outra linha de evidência bem positiva, de caráter muito diferente, a minha disposição. Dois dias depois de sua libertação, à medida que Roberto melhorava muito em força e aparência, estava colocando lenha em meu fogo da sala de estar, notei certo desajeitamento em seu movimento e fui acometido por uma ideia persistente. O chamei até minha escrivania e lhe pedi, de repente, que apanhasse um

tinteiro. Me surpreendi ao notar que, apesar da destreza vitalícia, obedeceu inconscientemente com a mão esquerda. Sem o alarmar pedi, então, que desabotoasse o casaco e me deixasse ouvir o batimento cardíaco. O que achei ao auscultar o tórax, e o que não lhe contei depois, durante algum tempo, era que seu coração batia no lado direito.

Entrara ao vidro destro e com cada órgão na posição normal. Agora era canhoto e com os órgãos invertidos e continuaria, indubitavelmente, assim ao resto da vida. Obviamente, a transição dimensional não foi ilusão. Essa mudança física era tangível e inconfundível. Tinha lá uma saída natural do vidro. Provavelmente Roberto sofreu uma re-reversão completa e teria emergido em normalidade perfeita, como realmente o padrão cromático de seu corpo e vestuário emergiram. Mas na natureza forçada de sua libertação, indubitavelmente, algo saiu errado. De modo que a dimensão já não tinha chance de se corrigir como as ondas cromáticas.

Eu não tinha aberto apenas a armadilha de Holm. A tinha destruído. E na fase particular de destruição marcada pela fuga de Roberto algumas propriedades reversas tinham se deteriorado. É significativo que na fuga Roberto não sentira dor comparável à que experimentara entrando. Se a destruição ainda tivesse sido mais súbita, eu tremia só de pensar nas aberrações cromáticas que o menino fora forçado a suportar. Posso acrescentar que depois de descobrir a inversão de Roberto examinei o amarrotado e descartado vestuário que usara no vidro, e achei, como esperava, uma reversão completa de bolso, botão e todos os outros detalhes correspondentes.

Neste momento o vidro de Loki, exatamente como caiu em meu tapete de Bokhara do agora consertado e inofensivo espelho, pesa sobre um maço de papel em minha escrivaninha aqui em São Tomás, venerável capital de Índias Ocidentais Dinamarquesas, agora Ilhas Virgens americanas. Vários colecionadores do antigo vidro de Sanduíche^[4] o confundiram com uma curiosa peça daquele primitivo produto ianque mas imagino que meu peso de papel é uma antiguidade de extrema sutileza e da mais paleogênea^[5] arte. Até agora não desiludi esses entusiastas.



Cosmos em Colapso

com Robert H. Barlow

∴

Collapsing Cosmoses (1935)

Leaves (1938)

Essa história é apenas um fragmento. O intuito de Lovecraft e Barlow era criar uma sátira às space operas, histórias que retratavam guerras e interações entre civilizações alienígenas, escritas por Edward Hamilton, E.E. Smith e outros, e que começavam a se tornar bastante populares na época. A ideia era que os dois autores se alternassem, cada um escrevendo um parágrafo, mas Lovecraft não se dedicou tanto quanto poderia ao projeto, talvez por já se encontrar doente, e o resultado foi que quase toda a história é de Barlow, com apenas algumas frases tendo sido criadas por Lovecraft. Após a morte de Lovecraft, Barlow optaria por não finalizá-la.



[Nota: As contribuições de Barlow estão entre parênteses.]

Dam Bor colou cada um de seus seis olhos às lentes do cosmoscópio. O medo fez com que os seus tentáculos nasais se tornassem cor-de-laranja,

e as suas antenas zumbirem com um ruído rouco enquanto ditava o seu relatório ao operador atrás dele. “É isso!” gritou ele. “Esta mancha no éter só pode ser uma frota espacial de fora do nosso continuum espaço-tempo. Nunca tinha acontecido algo desse tipo. Só pode ser um inimigo. Soe o alarme da Câmara de Comércio Inter-Cósmica. Não há tempo a perder — nesse ritmo, eles estarão aqui em menos de seis séculos. Hak Ni deve colocar imediatamente a frota em alerta.”

[Olhei para cima, além de *Windy City Grab-Bag*^[1] que até agora me tinha permitido enganar o tédio durante os períodos de inatividade da Patrulha Extra-Galáctica. O belo e jovem vegetal, com quem havia compartilhado a minha tigela de creme de lagarta desde a minha tenra infância, e com quem tinha sido expulso de todos os bares da cidade intradimensional de Kastor-Ya], parecia verdadeiramente preocupado, a julgar pela cor lavanda em seu rosto. Depois de soar o alarme, montamos nossas motos de éter e corremos para o planeta exterior onde a Câmara de Comércio realizava suas sessões.

[Na Câmara do Grande Conselho, que media pouco menos de três metros quadrados (com uma abóboda muita alta), estavam delegados das trinta e sete galáxias do nosso imediato universo. Oll Stof, presidente da Câmara e representante do Milliner Soviet, ergueu o focinho sem olhos com dignidade] e se preparou para encarar a multidão reunida. Era um organismo protozoário altamente desenvolvido da Nov-Kas e falava através da emissão de ondas alternadas de calor e frio.

[“Senhores”, irradiou ele, “tenho de chamar a vossa atenção para o terrível perigo que nos ameaça.”

Todos aplaudiram freneticamente, enquanto uma onda de excitação percorria a multidão multiforme; aqueles que não tinham mãos acenaram com os seus tentáculos.

Ele continuou: “Hak Ni, suba ao palco!”

Houve um silêncio ensurdecedor, durante o qual se ouviu uma leve incitação] do cume vertiginoso da plataforma. [Hak Ni, cujas inúmeras proezas lhe tinham valido o título de nosso líder, subiu ao cume interminável, a poucos centímetros acima do solo.

“Meus amigos” começou ele, eloquentemente raspando os seus membros posteriores, “essas queridas paredes e pilares não chorarão

por mim...” (Um dos seus muitos parentes aplaudiu...) “Não me lembro quando...”

Oll Stof o interrompeu.] “Você antecipou meus pensamentos e ordens. Vá, e triunfe pela nossa amada Inter-Cósmica.”

[Dois parágrafos depois nos encontramos voando para além de inúmeras estrelas, na direção de onde um leve borrão de meio milhão de anos-luz marcou a presença do odiado inimigo, que ainda não tínhamos visto. Não sabíamos que monstros grotescamente deformados se aglomeravam entre as luas do infinito, mas havia uma ameaça maligna no brilho que aumentava constantemente até abranger todo o céu. Em pouco tempo, conseguimos identificar os objetos. Diante de minha horrorizada visão havia infinitas fileiras de foguetes em forma de tesoura totalmente desconhecidos para mim

Então, na direção do inimigo, veio um som aterrorizante, que logo reconheci como uma saudação e desafio. Em resposta, um arrepio me atravessou ao receber a promessa de uma batalha com aqueles que, vindos de profundidades desconhecidas, estavam a irromper no nosso pacífico universo de uma forma tão monstruosa.]

O ruído [lembrava, ainda mais horivelmente, uma máquina de costura enferrujada.] Ao ouvi-lo, Hak Ni levantou o focinho em desafio, e irradiou uma ordem para os capitães da nossa frota. Instantaneamente, as enormes naves espaciais entraram em formação de batalha, com apenas uma ou duas centenas delas muitos anos-luz fora de linha.



A Exumação

com Duane W. Rimel

∴

The Disinterment (1935)
Weird Tales (jan. 1937)

Quando Duane Rimel enviou essa história, no início de 1935, a Lovecraft, pedindo sua opinião, a reação deve ter sido muito gratificante; Lovecraft deve ter ficado bastante entusiasmado, pois, a história em si é magnífica. É um trabalho tão sólido que muitos estudiosos de Lovecraft especularam sobre a possibilidade de que foi Rimel que manteve firme e fortemente atado ao enredo e que Lovecraft contribuiu apenas com pequenas revisões e algumas críticas — mas pode ser mentira e este conto ser apenas outro fruto de Lovecraft atuando como ghost-writer.



Acordei abruptamente de um sonho horrível e olhei, frenético, ao meu redor. Quando vi o teto alto, abobadado, e as janelas estreitas, de vitrais coloridos, do quarto do meu amigo, uma enchente de revelações perturbadoras tomou conta de mim. Eu soube, então, que todas as esperanças de Andrew haviam se realizado. Eu jazia inerte em uma grande cama

cujos postes se elevavam para os céus em uma perspectiva atordoante. Em vastas prateleiras pela câmara, estavam os livros familiares e as antiguidades que eu me acostumei a ver naquele recanto recluso da antiga e ruínosa mansão que era nosso lar há muitos anos. Sobre uma mesa encostada na parede, erguia-se um enorme candelabro de artesanato e desenhos antiquados, e as leves cortinas de janela haviam sido substituídas por tecidos de uma cor preta, sombria, que assumiam um difuso ar fantasmagórico na luz moribunda.

Eu me forcei a relembrar os eventos que precederam meu confinamento e reclusão nesta impressionante fortaleza medieval. Não foram eventos agradáveis, e estremeci de novo quando me lembrei do leito que me abrigou antes de eu ocupar o leito atual — o leito que todos achavam que seria o meu último. Minhas memórias arderam com vigor renovado acerca das circunstâncias hediondas que me forçaram a escolher entre uma morte genuína e uma hipotética — com uma reanimação posterior via métodos terapêuticos conhecidos apenas pelo meu companheiro, Marshall Andrews.

Tudo começou quando retornei do Oriente, um ano antes, e descobri, para meu mais completo horror, que havia contraído lepra enquanto estava no exterior. Eu sabia que tinha corrido sérios riscos ao cuidar do meu irmão doente nas Filipinas, mas nenhum sinal da minha enfermidade apareceu até que retornei a minha terra nativa. O próprio Andrews fez a descoberta e a guardou em segredo pelo máximo de tempo que pôde. Mas nossa proximidade logo revelou a terrível verdade.

Fui imediatamente internado na nossa antiquíssima residência acima dos penhascos que se erguiam sobre a vista da ruínosa Hampden, de onde eu nunca poderia sair, cercado como estava por salões bolorentos e excêntricos portais arqueados. Era uma existência terrível, com a sombra amarelada pendendo constantemente acima de mim. Ainda assim, meu amigo nunca recuou em sua fé, tomando cuidado para não contrair o temível flagelo, mas esforçando-se para tornar minha estadia tão agradável e confortável quanto possível. Sua enorme fama, porém um tanto sinistra, como cirurgião impedia qualquer autoridade de descobrir minha sina e de me retirar daqui.

Foi após quase um ano de reclusão — no fim de agosto — que Andrews decidiu viajar para as Índias Ocidentais para estudar métodos me-

dicinais “nativos”, ele disse. Fiquei sob os cuidados do venerável Simes, o auxiliar geral do domicílio. Até então, nenhum sinal externo da doença se desenvolvera, e eu tinha uma existência agradável, embora quase completamente privada durante a ausência do meu colega. Foi durante esse período que li muitos dos tomos que Andrews adquiriu no curso de seus vinte anos de carreira como cirurgião, e descobri por qual motivo sua reputação, embora fosse das melhores localmente, era um tanto suspeita. Os volumes incluíam certo número de assuntos fantasiosos que dificilmente se relacionavam com o conhecimento médico moderno: tratados e artigos de autoridade questionável sobre experimentos monstruosos em cirurgias; relatos dos efeitos bizarros do transplante e do rejuvenescimento glandular em homens e animais; panfletos sobre tentativas de transplante de cérebro e uma miríade de outras especulações fantasiosas sem nenhum apoio dos médicos ortodoxos. Parecia, também, que Andrews era uma autoridade sobre medicamentos obscuros. Alguns dos poucos livros que folheei revelaram que ele passou muito tempo estudando química na busca de novas drogas que poderiam auxiliar em cirurgias. Olhando para tais estudos agora, sob a luz do presente, eu os considero sugestões infernais das coisas que mais tarde se associariam a seus experimentos.

Andrews se ausentou por muito mais tempo do que eu esperava e retornou no início de novembro, quase quatro meses mais tarde. Quando ele, finalmente, chegou, fiquei muito ansioso para vê-lo, uma vez que minha condição já estava à beira de se tornar visível. Eu tinha chegado a um ponto no qual deveria buscar a mais absoluta privacidade para que não fosse descoberto. Contudo, minha ansiedade era leve se comparada à exuberância dele acerca de um novo plano que havia delineado quando ainda estava nas índias — um plano que deveria ser executado com o auxílio de uma droga muito curiosa que ele aprendeu a fazer com um “médico” nativo no Haiti. Quando ele me contou que sua ideia dizia respeito a mim, fiquei um pouco alarmado, embora, na minha situação na época, poucas coisas poderiam aumentar meu sofrimento. Já considerara, mais de uma vez, o vazio instantâneo que poderia vir de um revólver ou de um salto do telhado até as rochas escarpadas lá em baixo.

No dia seguinte a sua chegada, na reclusão do estúdio mal iluminado, ele expôs todo o esquema macabro. Ele encontrou, no Haiti, uma

droga, cuja fórmula ele poderia desenvolver depois, que induzia um estado de sono profundo em qualquer um que a tomasse. Um transe tão profundo que quase poderia se passar por morte genuína — com todos os reflexos musculares, até mesmo a respiração e os batimentos cardíacos, completamente paralisados por um tempo. Andrews me disse que chegou a vê-la ser demonstrada, muitas vezes, em nativos. Alguns permaneciam inconscientes por vários dias, completamente imóveis e tão mortos quanto a própria morte. Essa animação suspensa, ele me explicou, passaria até mesmo pelo exame de um profissional médico. Ele próprio, de acordo com todas as leis conhecidas, teria de declarar morto um homem sob a influência de tal droga. E afirmou, também, que o corpo da pessoa adquiria a aparência precisa de um cadáver, a ponto de um leve *rigor mortis* se desenvolver nos casos mais prolongados.

Por algum tempo, o propósito dele não me pareceu totalmente claro. Mas, quando o impacto certo de suas palavras se tornou aparente, eu me senti fraco e nauseado. Porém, de certo modo, fiquei aliviado, pois isso significava, ao menos, uma escapada parcial da minha maldição, um escape do banimento e da vergonha de uma morte vulgar causada pela temível lepra. Em resumo, seu plano consistia em administrar uma forte dose da droga em mim e chamar as autoridades, que imediatamente me pronunciariam morto, e cuidariam para que fosse enterrado em um tempo muito curto. Ele se sentia seguro de que, com o exame descuidado, eles não notariam meus sintomas de lepra, que, em verdade, mal chegavam a aparecer. Apenas pouco mais de quinze meses havia se passado desde que contraí a doença, enquanto que a degeneração demora cerca de sete anos para seguir todo o seu percurso.

Mais tarde, ele disse, viria a ressurreição. Após meu enterro no cemitério da família — ao lado do meu domicílio secular e a menos de meio quilômetro da antiga mansão da família dele — os passos apropriados seriam tomados. Finalmente, quando meu estado se firmasse e minha doença se tornasse amplamente conhecida, ele abriria o túmulo em segredo e me traria, de novo, para sua própria moradia, ainda vivo e sem nenhuma sequela dessa aventura. Esse plano me pareceu ousado e mórbido, porém ainda me oferecia a única esperança de ter, ao menos, uma liberdade parcial. Então, aceitei a proposta, mas não sem uma miríade de suspeitas. E se o efeito da droga passasse enquanto eu ainda estivesse no

túmulo? E se o médico-legista descobrisse o terrível truque e não quisesse me enterrar? Essas eram algumas das dúvidas hediondas que me assaltaram antes do experimento. Embora a morte fosse a libertação da minha aflição, eu a temia ainda mais que o flagelo amarelo. Eu a temia mesmo quando ainda podia ver suas asas negras pairando constantemente sobre mim.

Felizmente, fui poupado do horror de ver meu próprio funeral e ritos fúnebres. Mas tudo, provavelmente, ocorreu como Andrews havia planejado até o subsequente desenterro, pois, após a dose inicial do veneno do Haiti, entrei em um lapso de estado semiparalítico e passei daí para um profundo sono, negro como a noite. A droga foi administrada no meu quarto, e Andrews me contou, antes de dá-la, que recomendaria ao médico-legista um diagnóstico de infarto devido a uma crise nervosa. É claro, não houve embalsamento — Andrews se certificou disso — e o procedimento todo até meu transporte secreto do cemitério para a mansão dele, que caía em pedaços, durou três dias. Fui enterrado no final da tarde do terceiro dia, e meu corpo foi resgatado por Andrews naquela mesma noite. Ele recolocou a terra fresca bem onde estava quando os coveiros foram embora. O velho Simes, que havia jurado segredo, tinha ajudado Andrews em sua lúgubre tarefa.

Mais tarde, acabei confinado por mais de uma semana na minha velha e familiar cama. Devido a algum efeito inesperado da droga, todo meu corpo ficou totalmente paralisado, de modo que eu só podia mover a cabeça, e apenas muito de leve. Todos os meus sentidos, no entanto, estavam alertas e, após mais uma semana, eu era capaz de consumir alimentos em boa quantidade. Andrews explicou que meu corpo recuperaria seus sentidos prévios de modo gradual, muito embora, devido à presença da lepra, isso pudesse levar um tempo considerável. Ele parecia estar muito interessado em analisar meus sintomas diários e sempre me perguntava se havia algum sentido presente no meu corpo.

Muitos dias se passaram antes que eu fosse capaz de controlar qualquer parte da minha anatomia, e muitos mais antes que a paralisia saísse dos meus frágeis membros para que eu pudesse sentir as reações normais do corpo. Ficar deitado e fitar minha forma dormente era como tê-la injetado um anestésico perpétuo. Havia um alheamento total que eu

não conseguia entender, considerando que minha cabeça e meu pescoço estavam bem vivos e em boa saúde.

Andrews me explicou que ele conseguiu reviver a parte superior do meu corpo e não conseguia entender por que o restante ainda estava paralisado, muito embora minha condição não parecesse incomodá-lo nem um pouco, considerando o interesse profano e intenso que nutria sobre minhas reações e estímulos desde o princípio. Muitas vezes, durante pausas em nossas conversas, eu captava um estranho fulgor em seus olhos quando ele me fitava em meu leito — um lampejo de exultação vitoriosa que, de maneira sórdida, nunca expressava em voz alta, embora parecesse bem alegre que eu tivesse percorrido o caminho da morte e saído de lá vivo. Ainda assim, havia o horror que eu encontraria menos de seis anos depois, que se somou à minha desolação e melancolia durante os dias tediosos em que esperei o retorno das funções fisiológicas normais do meu corpo. Mas eu ficaria são e salvo, ele me assegurou, em pouco tempo, aproveitando uma existência que poucos homens já tiveram. As palavras, entretanto, não me impressionaram com seu verdadeiro e horrendo significado até muitos dias depois.

Durante aquele terrível período acamado, Andrews e eu nos afastamos um pouco. Ele não mais me tratava como um amigo, mas, sim, como um implemento em seus dedos habilidosos e gananciosos. Eu vi, nele, traços inesperados, pequenos exemplos de baixeza e crueldade, aparentes até mesmo para o enrijecido Simes, os quais me perturbaram de uma maneira muito incomum. Com frequência, ele exibia crueldade extraordinária para com os espécimes vivos em seu laboratório, pois realizava constantemente vários projetos ocultos sobre transplantes glandulares e musculares em cobaias e coelhos. Ele também utilizava sua poção do sono, recém-descoberta, em curiosos experimentos com animação suspensa. Mas dessas coisas ele não me contou quase nada, embora o velho Simes, muitas vezes, deixasse escapar comentários ocasionais que jogavam alguma luz sobre os procedimentos. Eu não tinha certeza do quanto o velho empregado sabia, mas ele, sem dúvida, aprendeu coisas consideráveis, sendo um companheiro constante para mim e para Andrews.

Com o passar do tempo, um sentimento lento, porém consistente, começou a se infiltrar no meu corpo inutilizado. E, com os sintomas re-

avivados, Andrews desenvolveu um interesse alucinado pelo meu caso. Ele ainda parecia mais frio e analítico do que condoído com o meu caso, e tomava meu pulso e batimentos cardíacos com mais zelo que o habitual. Ocasionalmente, em seus exames ensandecidos, eu vi as mãos dele tremerem levemente — uma visão rara em um cirurgião tão habilidoso — porém ele não pareceu notar meu escrutínio. Nunca me foi permitido nem mesmo um vislumbre momentâneo do meu corpo inteiro, mas com o frágil retorno da minha sensação tátil, eu senti um volume e pesos que, de início, me pareceram estranhos e esquisitos.

Gradualmente, recuperei o uso de minhas mãos e braços e, com o término da paralisia, veio uma nova e terrível sensação de estranhamento físico. Meus membros tinham dificuldade para seguir os comandos da minha mente, e cada movimento era brusco e irregular. Tão desajeitadas eram minhas mãos, que tive de me acostumar com elas de novo. Pensei, isso deve ser por causa da minha doença e do avanço do contágio no meu sistema. Sem estar consciente de como os sintomas primários afetavam as vítimas (os do meu irmão eram mais avançados), eu não tinha meios de julgar. E como Andrews se desviava do assunto, eu considerei que seria melhor ficar em silêncio.

Certo dia, perguntei a Andrews — eu não mais o considerava amigo — se poderia tentar me erguer e sentar na cama. De início, ele fez objeções muito severas. Porém, mais tarde, após me avisar para que mantivesse os lençóis levantados até o queixo para que não sentisse frio, ele deu sua permissão. Isso me pareceu muito estranho, dada a temperatura confortável. Agora que o outono estava lentamente se tornando inverno, o cômodo estava sempre bem aquecido. Um frio mais intenso à noite e vislumbres ocasionais de um céu plúmbeo pela janela me contaram da mudança de estação, pois nenhum calendário jamais era visto nessas paredes encardidas. Com a gentil ajuda de Simes, fui colocado em posição sentada, Andrews assistindo a tudo da porta do laboratório. Diante do meu sucesso, um lento sorriso se abriu em suas feições debochadas e ele se virou para desaparecer na entrada escura. Seu humor não fez nada para melhorar minha condição. O velho Simes, em geral tão regular e consistente, agora, se atrasava, com frequência, em seus deveres, chegando a me deixar sozinho por várias horas seguidas.

A terrível sensação de alheamento foi aguçada pela minha nova posição. Parecia-me que as pernas e os braços dentro da minha camisola dificilmente conseguiam seguir as ordens da minha mente, e tornou-se mentalmente exaustivo continuar a me mover por qualquer período de tempo. Meus dedos, desajeitados a um grau desastroso, estavam completamente alheios à minha sensação interior de tato, e eu imaginei, vagamente, se seria amaldiçoado pelo resto dos meus dias com uma inabilidade induzida pela minha terrível moléstia.

Foi na noite seguinte a minha recuperação parcial que os sonhos começaram. Eu era atormentado não só durante a noite, mas, também, durante o dia. Acordava gritando de modo horrível de algum pesadelo assustador sobre o qual não ousava pensar fora do reino dos sonhos. Esses sonhos consistiam, principalmente, de coisas fantasmagóricas: cemitérios à noite, cadáveres à espreita e almas perdidas entre um caos cegante de luzes e sombras. A terrível *realidade* das visões me perturbou mais do que todo o resto. Parecia-me que alguma influência de *dentro* estava induzindo as visões sinistras de lápides iluminadas pelo luar e catacumbas infinitas de mortos inquietos. Eu não conseguia traçar sua origem e, após uma semana, entrei em um frenesi com pensamentos abomináveis que pareciam invadir na minha consciência sem serem bem-vindos.

Naquele período, um plano lento estava se formando para que eu pudesse escapar do inferno em vida para dentro do qual eu tinha sido empurrado. Andrews se importava cada vez menos comigo, parecendo se importar apenas com o meu progresso e crescimento e recuperação das reações musculares normais. A cada dia, eu ficava mais convencido de que ações nefastas estavam se realizando no laboratório atrás daquela porta — os gritos dos animais eram chocantes e se abalavam, de maneira horrenda, meus nervos sobrecarregados. E, aos poucos, eu estava começando a pensar que Andrews não me salvara da deportação apenas para meu próprio benefício, mas por alguma razão maldita que só ele conhecia. A atenção de Simes estava, lentamente, se tornando mais e mais inconsequente, e eu estava convencido de que o velho criado tinha uma mão nas diabruras que se passavam em outro lugar. Andrews não mais me olhava como um amigo, mas sim como um objeto de experimentação. Eu não gostava da maneira como ele passava os dedos pelo bisturi quando ficava na porta estreita e me encarava com astúcia. Nunca antes

eu tinha visto tal transformação em um homem. Suas feições, normalmente belas, agora estavam emaciadas e barbadas e seus olhos brilhavam como se um demônio infernal olhasse através deles. Seu olhar frio e calculista me fez estremecer de um jeito horrível e aumentou minha determinação de me livrar desta prisão o mais breve possível.

Eu tinha perdido a noção do tempo durante meu frenesi de sonhos e não tinha como saber a velocidade com que os dias passavam. As cortinas, com frequência, ficavam fechadas durante o dia; o cômodo, iluminado por cilindros de cera no grande candelabro. Era um pesadelo de horror vivo e de irreabilidade, embora eu estivesse, gradualmente, ficando mais forte. Eu sempre dava respostas cuidadosas às perguntas de Andrews sobre o retorno do meu controle físico, e, ao mesmo tempo, escondia o fato de que uma nova vida estava vibrando em mim a cada dia — um tipo deveras estranho de força, mas com o qual eu contava para me servir durante a crise que estava por vir.

Por fim, em uma noite fria, quando as velas se apagaram e um raio pálido de luar passou entre as cortinas escuras e chegou até minha cama, tomei a decisão de me levantar e realizar meu plano de ação. Não houve nenhum movimento da parte dos meus captores por várias horas, e eu estava confiante de que ambos estavam dormindo nos cômodos adjacentes. Deslocando meu peso com cuidado, me ergui até ficar sentado e me arrastei com cuidado para fora da cama até o chão. Uma vertigem me invadiu de repente, e uma onda de fraqueza inundou todo meu corpo. Entretanto, minha força voltou e, ao agarrar um dos suportes da cama, fui capaz de ficar de pé pela primeira vez em muitos meses. Aos poucos, nova força percorreu meu corpo e vesti o traje escuro que vi pendurado em uma cadeira próxima. Era bem comprido, mas serviria como um manto sobre meu pijama. De novo, veio aquele sentimento horrível de inabilidade que havia experimentado na cama, aquela sensação de alheamento e a dificuldade de fazer meus membros agirem como deveriam. Mas havia a necessidade de me apressar antes que minhas poucas forças fossem embora. Como última precaução ao me vestir, calcei um par de sapatos velhos e, embora pudesse jurar que eram meus, pareceram anormalmente largos. Então, presumi que deviam pertencer ao velho Simes.

Como não vi nenhum outro objeto pesado no cômodo, peguei o candelabro enorme na mesa. A lua brilhou sobre ele com uma luz pálida, e prossegui em silêncio na direção da porta do laboratório.

Meus primeiros passos foram forçados e vieram com muita dificuldade, e, na semiescuridão, eu era incapaz de avançar com muita rapidez. Quando cheguei no limiar, um vislumbre do interior revelou meu antigo amigo sentado em uma grande poltrona estofada e, ao lado dele, havia um suporte com várias garrafas e um copo. Ele estava meio reclinado sob um raio de luar que entrava pela janela e suas feições distorcidas em um esgar de embriaguez. Um livro aberto jazia no seu colo, um dos tomos hediondos da sua biblioteca particular.

Por um longo momento, contemplei a perspectiva diante de mim e, então, avançando de repente, baixei a arma com toda força na cabeça desprotegida. O som da fratura foi seguido por um jorro de sangue e o maldito desabou no chão, a cabeça aberta ao meio. Não senti nenhum mal-estar por acabar, de tal maneira, com a vida de um homem. Nos horrendos espécimes de sua bruxaria cirúrgica, que estavam parcialmente visíveis em vários estágios de completude e preservação, havia evidência suficiente para arrancar-lhe a alma sem minha ajuda. Andrews se deixara ir longe demais em suas práticas para que continuasse vivo, e, como um de seus espécimes monstruosos — disso eu estava terrivelmente seguro — era meu dever exterminá-lo.

Simes, eu percebi, não seria tão fácil. Na verdade, apenas uma sorte muito incomum me levou a encontrar Andrews dormindo. Quando, finalmente, caminhei até a porta do quarto do serviçal, fraco devido à exaustão, eu soube que seria necessário usar toda a minha força remanescente para completar meu plano.

O quarto do velho estava imerso na mais completa escuridão por ficar no lado norte da mansão, mas ele devia ter visto minha silhueta na entrada quando avancei. Ele soltou um grito rouco, e eu mirei o candelabro na direção dele desde a soleira da porta. Atingi alguma coisa mole, que fez um som úmido na escuridão. Porém, os gritos continuaram. A partir daquele momento, os eventos ficaram nebulosos e confusos, mas me lembro de agarrar o homem pelo pescoço e arrancar-lhe a vida pouco a pouco. Ele balbuciou uma miríade de xingamentos horríveis antes que eu pudesse botar as mãos nele, e chorou e implorou por misericór-

dia entre meus dedos de ferro. Mal percebi minha própria força naquele momento louco e que deixou o auxiliar de Andrews na mesma condição que ele.

Ao recuar do cômodo escuro, cambaleei até a porta da escada, passei por ela e, de alguma maneira, cheguei até o patamar abaixo. Não havia lamparinas acesas e minha única fonte de luz eram nesgas de luar que entravam pelas estreitas janelas no saguão. Mesmo assim, percorri, aos trancos, meu caminho sobre as lajotas de pedra, frias e úmidas, atordoado pela terrível fraqueza que resultou do meu esforço extremo, e cheguei até a porta da frente após eras longuíssimas de tropeçar e rastejar nas trevas.

Memórias difusas e espectros assombrosos vieram me atormentar naquele corredor antigo. Sombras outrora amigáveis e compreensíveis agora se tornaram estranhas e irreconhecíveis, de modo que eu corri, aos trancos e barrancos, pelos degraus desgastados impelido por algo muito pior que o simples medo. Por um momento, permaneci na sombra da gigantesca mansão de pedra, vendo a trilha iluminada pelo luar que eu deveria percorrer para chegar ao lar dos meus ancestrais, a apenas cerca de meio quilômetro de distância. No entanto, o caminho me pareceu longo e, por um tempo, me desesperei ante a perspectiva de ter que percorrê-lo por completo.

Por fim, peguei um pedaço de madeira para servir de bengala e segui a trilha serpenteante. À frente, ao que parecia ser apenas alguns metros de distância, sob o luar, erguia-se a venerável mansão onde meus ancestrais viveram e morreram. Seus torreões se erguiam qual espectros sob o brilho do luar, e a sombra projetada na colina adjacente parecia se contorcer e estremecer, como se pertencesse a um castelo insubstancial. Lá estava o monumento de meio século. Um jazigo para os velhos e jovens da minha família, a qual eu deserudara muitos anos atrás para morar com o fanático Andrews. Ela estava vazia naquela noite fatídica, e espero que permaneça sempre assim.

De algum modo, consegui chegar à velha mansão, embora não me lembre da última metade da minha jornada. Era suficiente estar perto do cemitério da família, onde buscaria o esquecimento que tanto desejava entre as lápides quebradiças cobertas de musgo. Ao me aproximar do local iluminado pelo luar, a velha familiaridade — tão ausente durante

minha existência anormal — retornou para me invadir de um modo totalmente inesperado. Eu me aproximei da minha própria lápide, e a sensação de retornar ao lar se tornou mais forte. Com isso, adveio uma onda nova e recente daquela terrível sensação de estranheza e desincorporação que eu conhecia tão bem. Fiquei satisfeito pelo fim estar mais próximo, e nem sequer parei para analisar as emoções até pouco tempo depois, quando o horror total da minha posição tomou conta de mim.

De modo intuitivo, eu sabia qual era a minha lápide, pois a grama mal começara a crescer entre os torrões de turfa. Com uma pressa febril, comecei a arranhar o montículo e a raspar a terra molhada do buraco deixado pela remoção da grama e das raízes. Por quanto tempo trabalhei no solo nitroso antes de meus dedos baterem na tampa do caixão, eu jamais poderei dizer, mas o suor se derramava de mim e minhas unhas estavam reduzidas a inúteis restos ensanguentados.

Por fim removi o último pedaço de terra solta e, com os dedos tremendo, puxei a tampa pesada. Cedeu quase nada. Quando me preparei para levantá-la de uma vez, um odor fétido e nauseabundo agrediu minhas narinas. Fiquei paralisado de horror. Teria algum idiota colocado minha lápide no túmulo errado, fazendo com que eu desenterrasse o cadáver de alguém? Pois, com toda certeza, não havia como confundir aquele fedor horroroso. Uma incerteza hedionda gradualmente me dominou e saí afoito da cova. Um vislumbre para a lápide nova em folha foi o suficiente. Era mesmo meu próprio túmulo... mas quem foi o tolo que lá enterrou outro corpo? De repente, uma parte da verdade inenarrável atingiu o meu cérebro com toda força. O odor, apesar de toda a sua putrescência, parecia de alguma forma familiar — horrivelmente *familiar*. Ainda assim, não pude dar crédito a meus sentidos com tal ideia. Revirei-me e xinguei em voz alta, até cair de novo na cavidade escura e, com o auxílio de um fósforo aceso às pressas, levantei a longa tampa por completo. Então a luz se apagou, como se pelo feito de uma mão maldosa, e eu rastejei para fora da cova maldita, gritando em um frenesi de medo e repulsa.

Quando recuperei a consciência, eu estava diante da porta da minha antiga mansão, para onde, provavelmente, me arrastei após aquele encontro terrível no cemitério da família. Percebi que o amanhecer estava próximo e me levantei, apesar da fraqueza, abri o portal desgastado pelo

tempo diante de mim e entrei no lugar que não conheceu passos por mais de uma década. Uma febre estava a devastar meu corpo enfraquecido, de modo que mal conseguia me manter de pé, mas caminhei lentamente pelos cômodos mofados e mal iluminados e entrei cambaleando no meu próprio estúdio — o mesmo que eu havia abandonado tantos anos antes.

Quando o sol se levantar, vou até o antigo poço sob o velho salgueiro perto do cemitério e jogarei meu *ser* deformado lá. Nenhum outro homem jamais verá essa blasfêmia que sobreviveu por mais tempo do que deveria. Não sei o que as pessoas dirão quando virem meu túmulo violado, mas isso não me incomodará, se puder encontrar o esquecimento eterno daquilo que contemplei entre as lápides cheias de musgos e rachaduras daquele lugar horrendo.

Agora sei por que Andrews manteve tanto segredo de suas ações, regozijando-se, tão maldito, de suas atitudes comigo após minha morte artificial. Ele queria me fazer de cobaia o tempo todo, uma cobaia do seu maior feito como cirurgião, sua obra-prima de bruxaria imunda... um exemplo pervertido de sua mestria e que apenas ele poderia ver. Onde Andrews arranjou o *outro*, com o qual eu compartilhava aquela cama amaldiçoada na mansão apodrecida, provavelmente nunca saberei. Mas temo que ele foi trazido do Haiti com seu remédio diabólico, pois esses longos braços peludos e horríveis pernas curtas me são estranhos... estranhos para todas as leis sãs e naturais da humanidade. O pensamento de que serei torturado com esse *outro* durante o restante da minha breve existência é outro inferno.

Agora, só posso desejar o que já foi meu. Aquilo que todos os homens abençoados por Deus devem ter no momento da morte, aquilo que vi naquele terrível momento no velho cemitério quando levantei a tampa do caixão: meu próprio corpo ressecado, putrefato e sem cabeça.



A Morte Alada

com Hazel Heald

∴

Winged Death (1933)

Weird Tales (mar. 1934)

Esta noveleta não merece prêmios por sua sutileza ou plausibilidade cósmica, mas é uma leitura notavelmente satisfatória. É, como “O homem de pedra”, uma espécie de narrativa epistolar apresentada no ponto de vista do vilão — isso sendo realizado com o uso da insignificante história de quatro homens lendo seu diário.



O Orange Hotel fica na High Street, próximo à estação ferroviária, em Bloemfontein, na África do Sul. Num domingo, a 24 de janeiro de 1932, quatro homens estremeciam de terror num dos quartos em seu terceiro piso. Um deles era George C. Titteridge, proprietário do hotel; outro era o guarda de polícia Ian De Witt, da Delegacia Central; o terceiro era Johannes Bogaert, o juiz investigador local; o quarto, e aparentemente o menos perturbado do grupo, era o doutor Cornelius Van Keulen, o médico legal.

Sobre o piso, incomodamente evidente em meio ao intenso calor do verão, jazia o corpo de um homem morto; mas não era disso que os quatro tinham medo. Seus olhares vagavam da mesa, sobre a qual havia uma curiosa mixórdia de coisas, para o teto logo acima, ao longo de cuja suave brancura uma série de caracteres grandes e hesitantes tinham de algum modo sido garranchados a tinta; e vez ou outra o doutor Van Keulen olhava furtivamente para um surrado livro encapado em couro, para as palavras rabiscadas no teto e para uma mosca morta de aspecto peculiar que flutuava numa garrafa de amônia sobre a mesa. Também sobre a mesa estavam um tinteiro aberto, uma caneta e uma almofada para escrita, uma valise de médico, uma garrafa de ácido clorídrico e um copo contendo um quarto de óxido de manganês preto.

O livro encapado em couro era o diário do morto e deixava claro que o nome Frederick N. Mason, da Mining Properties, Toronto, Canadá, assinado no registro do hotel, era falso. Havia outras coisas, coisas terríveis, que a partir dele se tornavam claras também; e ainda outras que ele apenas sugeria de modo horrível, sem as deixar claras ou sequer torná-las inteiramente críveis. Era a meia suspeita dos quatro homens, fecundada por vidas inteiras que passaram junto aos segredos sombrios da África nativa, que os fazia tremer tão violentamente, a despeito do calor causticante de janeiro.

Tratava-se de um caderno pequeno, e todas as entradas apareciam numa caligrafia bonita, a qual, entretanto, se tornava descuidada e nervosa à medida que se aproximava do fim. Consistia de uma série de apontamentos soltos, irregularmente espaçados no princípio, mas que finalmente se tornavam cotidianos. Chamá-lo de diário não seria inteiramente correto, pois recobria a crônica de apenas um setor das atividades do autor. O doutor Van Keulen reconheceu o nome do morto no momento em que virou a capa, pois se tratava de um eminente membro de sua própria profissão que tinha estado amplamente ligado aos assuntos africanos. Num outro momento, ficou horrorizado ao descobrir seu nome ligado a um crime covarde não solucionado oficialmente, que tinha frequentado os jornais há uns quatro meses. E quanto mais lia mais se aprofundavam seu horror, seu pasmo, sua aversão e seu pânico.

Aqui, em essência, está o texto que o doutor leu em voz alta naquele quarto sinistro e perturbador, enquanto os três homens à sua volta per-

diam o fôlego, se remexiam em suas cadeiras e disparavam olhadelas medrosas para o teto, para a mesa, para as coisas que estavam no chão, bem como entre si mesmos:

DIÁRIO DE THOMAS SLAUENWITE — MÉDICO

Comovente punição de Henry Sargent Moore, Ph.D., do Brooklyn, Nova Iorque, professor de Biologia dos Invertebrados na Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, N.Y. Preparada para ser lida após minha morte, pela satisfação de tornar pública a realização de minha vingança, a qual, de outro modo, poderá nunca vir a ser creditada a mim, caso obtenha sucesso.

5 de janeiro de 1929 — Estou agora plenamente resolvido a matar o doutor Henry Moore, e um incidente recente me mostrou como o farei. Doravante, seguirei uma linha de ação consistente; daí o começo deste diário.

Não há muita necessidade de repetir as circunstâncias que me levaram em tal direção, pois a parte informada do público está familiarizada com todos os fatos relevantes. Nasci em Trenton, Nova Jérsei, em 12 de abril de 1885, e sou filho do doutor Paul Slauenwite, que antes esteve em Pretoria, no Transvaal, na África do Sul. Estudando medicina em consonância com uma tradição familiar, fui conduzido por meu pai (que morreu em 1916, enquanto eu servia na França num regimento sul-africano) a me especializar em febres africanas; e, após me formar pela Colúmbia, dediquei bastante tempo a pesquisas que me levaram de Durban, em Natal, até o próprio equador.

Em Mombaça, trabalhei em minha teoria sobre a transmissão e o desenvolvimento da febre remitente, ajudado apenas em parte pelas anotações do último médico do governo, Sir Norman Sloane, as quais encontrei na casa em que vivi. Quando publiquei minhas conclusões, tornei-me de súbito uma autoridade famosa. Falaram-me acerca da probabilidade de uma posição quase suprema no serviço de saúde sul-africano e até mesmo de uma comenda, na eventualidade de que eu me tornasse cidadão naturalizado, e em função disso dei alguns passos indispensáveis.

Então sobreveio o incidente pelo qual estou prestes a matar Henry Moore. Esse homem, meu colega de estudos e amigo durante anos na

América e na África, deliberou minar minhas pretensões quanto à teoria, alegando que Sir Norman Sloane me antecipara em todos os detalhes essenciais e dando a entender que eu teria encontrado mais papéis dele do que declarara em meus escritos. Para corroborar essa acusação absurda, ele trouxe à luz certas cartas pessoais de Sir Norman que de fato mostravam que o velho já teria percorrido meu caminho e que publicaria seus resultados, não fosse pela sua morte repentina. Tudo isso eu poderia admitir com alguma mágoa. O que não podia desculpar era a suspeita invejosa de que havia roubado a teoria dos papéis de Sir Norman. O governo inglês, sensível demais, ignorou essas difamações, mas retirou a prometida indicação e a comenda, sob justificativa de que minha teoria, embora original em parte, não era de fato nova.

Percebi que minha carreira na África fora bruscamente interrompida, não obstante tivesse apostado todas as minhas esperanças nela, ao ponto mesmo de desistir da cidadania americana. Uma frieza tocante em relação à minha pessoa se manifestou no governo de Mombaça, principalmente entre os que tinham conhecido Sir Norman. Foi então que resolvi acertar contas com Moore, mais cedo ou mais tarde, conquanto não fizesse ideia de como. Ele invejara minha prematura celebridade e tirara partido de sua antiga correspondência com Sir Norman para me arruinar. Tudo isso vindo de um amigo em quem eu mesmo suscitara o interesse pela África, a quem orientara e inspirara, até que adquirisse sua fama atual como autoridade em entomologia africana. Mesmo agora, decerto, não vou negar que suas conquistas tenham sido profundas. Eu o ajudei, e em troca ele me arruinou. Agora, algum dia, o destruirei.

Quando vi que perdia espaço em Mombaça, solicitei uma transferência para o interior, para M'gonga, onde permaneço atualmente, apenas a cinquenta milhas da fronteira com Uganda. Trata-se de um entreposto para comércio de algodão e marfim, com somente oito homens brancos, além de mim. Um lugar bestial, quase na linha do equador, cheio de todo tipo de febres que a humanidade já conheceu. Serpentes venenosas e insetos por toda parte, e negros portadores de doenças de que ninguém ouviu falar fora do ambiente médico. No entanto meu trabalho não é difícil, e tenho tempo de sobra para pensar no que fazer com Henry Moore. Diverte-me dar aos seus *Dípteros da África Central e Meridional* um lugar proeminente em minha estante. Suponho que seja realmente um

manual padrão, usado em Colúmbia, em Harvard e em Winsconsin, porém minhas próprias sugestões é que são de fato responsáveis por metade de seus pontos fortes.

Na semana passada encontrei aquilo que me decidiu sobre o modo de acabar com Moore. Um grupo enviado de Uganda trouxe um negro acometido por uma doença que ainda não posso diagnosticar. O homem parecia letárgico, com uma temperatura muito baixa, e se contorcia de um modo peculiar. A maioria dos outros tinha medo dele, dizendo que estava sob algum tipo de feitiçaria; no entanto Gobo, o intérprete, disse que ele fora picado por um inseto. Qual fosse, não posso imaginar, pois há apenas uma ligeira ferroadinha no braço. É de um vermelho brilhante, porém com uma auréola arroxeada ao redor. De aparência espectral, não me espanto de que os rapazes a atribuam à magia negra. Parecem ter visto casos semelhantes em outros tempos e dizem que, com efeito, não há nada a fazer.

O velho N'Kora, um dos nativos de Oromo a trabalhar no posto, sugere que possa ser a mordida de uma mosca-diabo, que faz com que suas vítimas se esgotem e morram, para então tomar posse de sua alma e de sua personalidade, se esta ainda estiver viva, voando por aí com todos os seus gostos, aversões e com sua consciência. Uma curiosa lenda, e não sei de inseto mortal o suficiente com o qual relacioná-la. Dei a esse negro doente (cujo nome é Mevana) uma boa dose de quinino e extraí uma amostra de seu sangue para exame, mas não obtive progresso. Existirá, certamente, algum germe estranho envolvido, mas não posso identificá-lo sequer remotamente. A coisa mais próxima é o bacilo que se encontra em bois, cavalos e cachorros picados pela tsé-tsé; porém moscas tsé-tsé não infectam seres humanos, e estamos muito ao norte para encontrá-las por aqui.

Entretanto o importante é que me decidi sobre como matar Moore. Se esta região interior tem insetos tão venenosos como os nativos afirmam, providenciarei para que receba um suprimento deles de uma fonte insuspeita, e com muitas garantias de que são inofensivos. Certo de que ele negligenciará toda cautela quanto ao estudo de uma espécie desconhecida, e então veremos como a natureza segue seu curso! Não será difícil achar um inseto que tanto amedronta os negros. Primeiro, observar

o que acontece ao pobre Mevana, e então encontrar meus próprios emissários mortais.

7 de janeiro — Mevana não melhorou, embora eu lhe tenha aplicado todas as antitoxinas que conheço. Tem acessos de tremor, nos quais o ouvimos arengar medrosamente sobre o modo como sua alma passará, quando ele morrer, para o inseto que o picou; mas entre os acessos permanece numa espécie de semiestupor. Pulsação cardíaca ainda forte, de modo que poderei ajudá-lo. Tentarei, pois ele provavelmente pode me guiar melhor do que qualquer outro até a região onde foi picado.

Enquanto isso, escreverei ao doutor Lincoln, meu antecessor por aqui, pois Allen, o administrador chefe, diz que ele tinha um profundo conhecimento das doenças locais. Ele deverá saber sobre a mosca-diabo, se é que algum branco sabe. Está em Nairóbi atualmente, e um mensageiro negro deverá me trazer uma resposta dentro de uma semana, usando a ferrovia para a metade do trajeto.

10 de janeiro — Paciente estável, mas encontrei o que queria! Foi num antigo volume dos registros locais de saúde que eu tinha estado a percorrer com diligência enquanto esperava por notícias de Lincoln. Trinta anos atrás teria ocorrido uma epidemia que matou milhares de nativos em Uganda, e fora definitivamente atribuída a uma rara mosca chamada *Glossina palpalis*, um tipo de primo da *Glossina morsitans* ou tsé-tsé. Vive nos arbustos às margens de lagos e rios e se alimenta do sangue de crocodilos, antílopes e grandes mamíferos. Quando esses animais portam o germe da tripanossomíase, ou doença-do-sono, ela o adquire, desenvolvendo agudo poder de infecção num período de trinta e um dias. Então, durante setenta e cinco dias, passa a representar morte certa para qualquer um ou qualquer coisa que venha a picar.

Sem dúvida, essa deve ser a mosca-diabo de que falam os negros. Agora sei o que estou buscando. Espero que Mevana se levante. Devo receber notícias de Lincoln em quatro ou cinco dias; é grande a sua reputação em lidar com coisas desse tipo. Meu problema maior será passar as moscas a Moore sem que ele as reconheça. Com sua maldita aplicação acadêmica, não seria difícil que ele já as conhecesse desde que houvesse registros a respeito.

II.

15 de janeiro — Acabo de receber notícias de Lincoln, que confirma tudo o que os registros dizem acerca da *Glossina palpalis*. Ele dispõe de um remédio para a doença-do-sono que obteve sucesso num grande número de casos, desde que ministrado em tempo. Injeções intramusculares contra a infecção. Uma vez que Mevana foi picado há dois meses, não sei que efeito terá; mas Lincoln diz que sabe de casos que se arrastaram por dezoito meses, de modo que eu talvez não esteja tão atrasado. Lincoln enviou um pouco do material, e me apressei a dar a Mevana uma dose reforçada. Em estupor agora. Trouxeram da aldeia a sua primeira esposa, mas ele sequer a reconhece. Caso se recupere, certamente poderá mostrar-me o lugar onde estão as moscas. É um grande caçador de crocodilos, segundo informações, e conhece Uganda com a palma da mão. Vou lhe dar outra injeção amanhã.

16 de janeiro — Mevana parece hoje um pouco mais vívido, mas sua pulsação tem se atrasado um pouco. Mantereí as injeções, mas evitarei sobrecargas.

17 de Janeiro — Melhoras realmente notáveis, hoje. Mevana abriu os olhos e mostrou sinais de efetiva consciência, embora ofuscada, após a injeção. Espero que Moore nada saiba sobre a triparsamida. Há boas chances de que não saiba, desde que nunca se dedicou à medicina. A língua de Mevana parece paralisada, mas creio que isso se corrigirá se eu ao menos conseguir despertá-lo. Até que apreciaria um bom sono eu mesmo, mas não dessa natureza!

25 de janeiro — Mevana quase curado! Com mais uma semana, e poderei fazer com que me leve até a selva. Estava amedrontado quando chegou, com medo de que a mosca tomasse sua personalidade depois da morte; mas finalmente se animou, quando lhe contei que ficaria bom. Sua esposa, Ugowe, cuida bem dele agora, de modo que posso descansar um pouco. Então, aos enviados da morte!

3 de fevereiro — Mevana está bem agora, e conversei com ele a respeito de caçar moscas. Ele teme aproximar-se do lugar onde elas o picaram, mas estou jogando com sua gratidão. No mais, ele supõe que posso tanto afastar doenças quanto curá-las. Sua coragem envergonharia um homem branco; não há dúvida de que ele irá. Posso me ausentar, dicen-

do ao administrador chefe que será uma viagem a serviço dos interesses sanitários.

12 de março — Em Uganda, finalmente! Tenho cinco rapazes, além de Mevana, mas são todos de Oromo. Não houve como contratar os negros locais, nem convencê-los a se aproximarem da região, depois do que aconteceu com Mevana. Esta selva é um lugar pestilento, fumegante de vapores miasmáticos. Todos os lagos parecem estagnados. Em certo ponto, descobrimos traços de ruínas ciclópicas que fizeram mesmo os oromenses recuar num círculo aberto. Dizem que esses megálitos são mais antigos que o próprio homem e que costumavam servir como abrigo ou posto avançado dos “Pescadores de Fora” — o que quer que isso signifique — e dos deuses malignos Tsathoggwa e Cthulhu. Hoje em dia, diz-se que tenham uma influência malévola e que, de algum modo, estejam conectados com as moscas-diabo.

15 de março — Atingimos o lago Mlolo nesta manhã, onde Mevana foi picado. Uma coisa diabólica, coberta por uma crosta verde e repleta de crocodilos. Mevana armou uma pequena arapuca para moscas, feita de arame, usando carne de crocodilo como isca. Possui uma abertura estreita, e uma vez que algum aventureiro penetre não terá condições de sair. São tão estúpidas quanto mortais, e loucas por carne fresca ou uma tigela de sangue. Espero que obtenhamos um bom suprimento. Decidi que preciso fazer experiências com elas, encontrando um modo de alterar sua aparência a um extremo que Moore não as reconheça. Possivelmente poderei cruzá-las com outras espécies, obtendo um híbrido estranho cuja capacidade de infecção não será diminuída. Veremos. Preciso esperar, mas agora não tenho pressa. Quando estiver pronto, farei com que Mevana me traga um pouco de carne infectada para alimentar meus enviados da morte. E, então, ao correio. Não deve haver problemas em captar a infecção, pois este país é um verdadeiro ninho de pestes.

16 de março — Sorte. Duas gaiolas cheias. Cinco vigorosos espécimes com asas que cintilam como diamantes. Mevana os está guardando num grande pote com uma tampa segura, e penso que os apanhamos a tempo. Poderemos levá-los a M’gonga sem dificuldades. Estocando carne de crocodilo suficiente para alimentá-los. Sem dúvida, toda ela ou a maior parte se acha infectada.

20 de abril — De volta a M'gonga e a trabalhar no laboratório. Solicitei ao doutor Joost, em Pretória, algumas tsé-tsés para experimentos de hibridização. Tal cruzamento, se funcionar, deverá produzir qualquer coisa bem difícil de reconhecer e, ao mesmo tempo, tão mortal quanto as *palpalis*. Se não der certo, tentarei com outros dípteros do interior, e já mandei pedir ao doutor Vandervelde, em Nyangwe, alguns tipos do Congo. Não terei que mandar Mevana em busca de mais carne corrompida, pois creio que posso manter, por tempo indefinido, culturas em tubo do germe *Trypanosoma gambiense*, retirado da carne que conseguimos no mês passado. Quando chegar a hora, corrompereí alguma carne fresca e alimentarei meus arautos alados com uma boa dose. Então, *bon voyage* para eles!

18 de junho — Minhas tsé-tsés enviadas por Joost chegaram hoje. Gaiolas para criação já estavam prontas há muito, e agora estou fazendo seleções. Pretendo usar raios ultravioletas para acelerar o ciclo vital. Por sorte, disponho do aparato necessário no meu equipamento regular. Naturalmente, não digo a ninguém o que estou fazendo. A ignorância dos poucos homens daqui torna fácil esconder minhas intenções e fingir que estudo espécies existentes com propósitos científicos.

29 de junho — O cruzamento é fértil! Grandes depósitos de ovos na última quarta-feira, e agora tenho larvas excelentes. Se os insetos maduros parecem tão estranhos quanto elas, nada mais preciso fazer. Preparando gaiolas separadas e numeradas para os diferentes espécimes.

7 de julho — Novos híbridos se formaram! O disfarce é excelente quanto à forma, mas o lustro das asas sugere a *palpalis*. O tórax possui ligeiras sugestões das listras da tsé-tsé. Discretas variações entre os indivíduos. Tenho-as alimentado com carne corrompida de crocodilo, e depois que a infecciosidade se desenvolver vamos testá-las em alguns dos negros, com ares, é claro, de acidente. Há tantas moscas moderadamente venenosas por aqui que se pode fazer isso com facilidade e sem despertar suspeitas. Libertarei um inseto em minha sala de jantar hermeticamente protegida, quando Batta, meu camareiro, trouxer o café da manhã, mantendo-me em guarda eu mesmo. Quando ela fizer seu trabalho, vou capturá-la ou esmagá-la — uma tarefa simples, devido à conhecida estupidez — ou asfixiá-la enchendo o cômodo de gás clorídrico. Se não der certo da primeira vez, tentarei de novo até que dê. Decerto, terei à

mão a triparsamida, para o caso de ser picado — mas tomarei cuidado para não o ser, pois nenhum remédio é garantido.

10 de agosto — Infecciosidade amadurecida, e providenciei para que Batta fosse picado de jeito. Apanhei a mosca sobre sua pele, devolvendo-a à gaiola. Amenizei a dor com iodo, e o pobre diabo ainda ficou grato pelo serviço. Esses serão os únicos testes que ousarei fazer por aqui. No entanto, se precisar de outros, levarei alguns espécimes até Ukala e obterei dados adicionais.

11 de agosto — Falhei com Gamba, mas recapturei a mosca viva. Batta ainda parece bem, como de costume, e não sente dor nas costas onde foi picado. Esperarei, antes de tentar em Gamba outra vez.

14 de agosto — Remessa de insetos por Vandervelde, finalmente. Sete espécies claramente distintas, algumas mais ou menos venenosas. Mantenho-as bem alimentadas para o caso de o cruzamento com a tsé-tsé não funcionar. Algumas delas parecem bem diferentes da *palpalis*, mas o problema é que podem não produzir um cruzamento fértil com ela.

17 de agosto — Atingi Gamba hoje, mas tive de matar a mosca que pousou sobre ele. Ela o mordeu no ombro esquerdo. Tratei a picada, e Gamba ficou tão agradecido quanto Batta. Nenhuma alteração em Batta.

20 de agosto — Gamba ainda inalterado, e Batta também. Tenho experimentado com uma nova forma de disfarce para suplementar a hibridização — um tipo de tintura para mudar o brilho denunciador das asas da *palpalis*. Um matiz azulado seria bom, algo que eu pudesse borrifar sobre todo um enxame de insetos. Iniciarei investigando coisas como o azul-da-prússia e o azul-marinho, sais de ferro e cianogênio.

25 de agosto — Batta se queixou de uma dor nas costas hoje. As coisas podem estar em andamento.

3 de setembro — Obtive razoável progresso em meus experimentos. Batta exhibe sinais de letargia e diz que suas costas doem o tempo todo. Gamba começa a sentir desconforto no ombro mordido.

24 de setembro — Batta piorando mais e mais e começando a se amedrontar por causa da picada. Acha que pode ser uma mosca-diabo e me implorou que a matasse, pois me viu colocá-la na gaiola, até que aleguei que ela já tinha morrido há muito. Disse-me que não pretendia que

sua alma passasse para ela após sua morte. Dou-lhe injeções de água pura com uma seringa para manter seu moral. Evidentemente a mosca conserva todas as propriedades da *palpalis*. Gamba abatido também, e repetindo todos os sintomas de Batta. Posso decidir-me e lhe dar uma chance com a triparsamida, para o caso de a mosca provar sua eficiência. No entanto deixarei que Batta prossiga, pois quero ter uma ideia aproximada de quanto tempo um caso leva para terminar.

Experimentos com tintura revelando-se profícuos. Uma forma isomérica de ferro-ciano pode ser dissolvida em álcool e borrifada sobre os insetos com um efeito esplêndido. Ela mancha de azul as asas sem afetar muito o tórax escuro e não se apaga quando abluo os espécimes com água. Com esse disfarce, penso que poderei usar os híbridos atuais da tsé-tsé, sem me incomodar com outros experimentos. Por mais sagaz, Moore não poderia reconhecer uma mosca de asas azuladas com um meio tórax de tsé-tsé. Naturalmente, mantenho todo esse assunto de tingimento sob segredo. Mais tarde, nada deverá me ligar às moscas azuis.

9 de outubro — Batta caiu em letargia e se recolheu ao leito. Tenho ministrado triparsamida em Gamba por duas semanas e suponho que se recobrará.

25 de outubro — Batta muito por baixo, mas Gamba praticamente bem.

18 de novembro — Batta morreu ontem, e uma coisinha aconteceu que me deu um grande estremecimento, em vista das lendas nativas e dos receios do próprio Batta. Quando retornei ao laboratório depois de sua morte, ouvi um zumbido e um bulício singulares na gaiola 12, onde estava a mosca que picara Batta. A criatura parecia frenética, mas se aquietou quando apareci, brilhando sobre a grade de arame e olhando para mim de um modo estranhíssimo. Lançava as patas sobre os olhos, como se estivesse desnorreada. Quando voltei, após ter jantado com Allen, a coisa estava morta. Evidentemente teria enlouquecido e morrido de tanto se chocar contra a gaiola.

Certamente é peculiar que isso tenha ocorrido logo que Batta morreu. Se algum negro o tivesse visto, teria creditado o fato à absorção da alma do pobre diabo. Dentro de pouco tempo colocarei meus híbridos azulados a caminho. O poder de morte dos híbridos parece um pouco

maior do que o da *palpalis* pura, suponho. Batta morreu três meses e oito dias após a infecção — mas, naturalmente, há sempre uma larga margem de incerteza. Quase desejaria ter deixado o caso de Gamba prosseguir.

5 de dezembro — Ocupado em planejar o modo como enviarei meus arautos a Moore. Preciso fazer com que pareça terem vindo de algum entomologista desinteressado, o qual teria lido os seus *Dípteros da África Central e Meridional* e acreditaria que ele se interessasse em estudar esta “espécie nova e não identificada”. Deverá haver também amplas garantias de que a mosca de asas azuis seja inofensiva, como o prova a longa experiência dos nativos. Moore baixará a guarda, e uma das moscas certamente o pegará mais cedo ou mais tarde, embora não se possa dizer quando.

Terei de confiar nas cartas de amigos de Nova Iorque (ainda falam de Moore, de tempos em tempos) para me manter informado acerca dos últimos resultados, embora eu ouse dizer que os jornais anunciarão sua morte. Sobretudo, preciso mostrar agora interesse em seu caso. Enviarei as moscas durante uma viagem, mas não devo ser reconhecido quando o fizer. O melhor plano será tirar umas longas férias no interior, deixar a barba crescer, postar a encomenda em Ukala, passando por lá como um entomologista visitante, e retornar para aqui depois de raspar a barba.

12 de abril de 1930 — De volta a M’gonga depois de minha longa viagem. Tudo correu da melhor maneira, com precisão de relógio. Enviei as moscas a Moore sem deixar rastros. Tirei férias natalinas, em 15 de dezembro, e parti de imediato com o material preparado. Providenciei uma excelente embalagem para correio, com espaço bastante para incluir alguma carne de crocodilo contaminada, para a alimentação dos enviados. Até o fim de fevereiro, já tinha barba bastante para me passar por um perfeito Van Dyke.

Apareci em Ukala, a 19 de março, e datilografei uma carta para Moore na máquina do entreposto comercial. Assinei como “Nevil Wayland-Hall”, suposto entomologista de Londres. Penso ter conseguido o tom certo: interesse de parceiro cientista e tudo o mais. Fui artisticamente casual ao enfatizar a “total ausência de periculosidade” dos espécimes. Ninguém suspeitou de nada. Barbee-me assim que cheguei ao mato, de modo que não se notasse nenhuma irregularidade quando esti-

vesse de volta. Prescindi de carregadores nativos, exceto num pequeno trecho pantanoso. Sou capaz de prodígios com uma simples mochila, e meu senso de direção é bom. Por sorte, estou acostumado a tais viagens. Expliquei minha ausência prolongada, alegando uma ponta de febre e alguns erros de direção enquanto atravessava o mato.

Mas agora vem, psicologicamente, a pior parte — esperar notícias de Moore sem demonstrar ansiedade. Naturalmente, ele pode muito bem escapar às picadas até que o veneno se esgote; mas com o seu estoufamento as chances são de uma para cem contra ele. Não me arrependo de nada. Depois do que me fez, ele merece isso e muito mais.

30 de junho de 1930 — Ufa! O primeiro passo foi dado! Acabo de ouvir casualmente de Dyson, da Columbia, que Moore recebeu da África algumas moscas novas, de asas azuis, e que está absolutamente intrigado com elas! Nenhuma palavra sobre picadas; mas, se conheço o jeito relaxado de Moore, como penso conhecer, não tardará a acontecer alguma coisa.

27 de agosto de 1930 — Carta de Morton, de Cambridge. Diz que Moore escreveu sobre sentir-se abatido e fala de uma picada de inseto na parte de trás do pescoço — de um curioso espécime novo que recebeu por meados de junho. Terei tido sucesso? Aparentemente Moore não conecta a mordida com sua fraqueza. Se a coisa for de verdade, então Moore foi picado bem dentro do período de infecciosidade dos insetos.

12 de setembro de 1930 — Vitória! Outra linha de Dyson diz que Moore se acha num estado alarmante. Ele agora relaciona sua doença com a picada, que recebeu no entardecer de 19 de junho, e está completamente confuso quanto à identidade do inseto. Tem tentado obter contato com o tal “Nevil Wayland-Hall”, que lhe mandou a encomenda. Das cem que lhe enviei, cerca de vinte e cinco parecem ter chegado vivas. Algumas escaparam ao prazo para a mordida, mas várias larvas surgiram de ovos colocados desde o dia da postagem. Ele está, Dyson diz, encubando cuidadosamente essas larvas. Quando amadurecerem, supenho que identificará a hibridização da tsé-tsé *palpalis*, mas isso de pouco lhe servirá. No entanto se perguntará por que as asas azuis não se transmitem por hereditariedade!

8 de novembro de 1930 — Cartas de meia dúzia de amigos falam da séria enfermidade de Moore. A de Dyson chegou hoje. Diz que Moore

está absolutamente desorientado sobre os híbridos que surgiram das larvas e começou a pensar que os pais obtiveram suas asas azuis por algum processo artificial. Passa a maior parte do tempo na cama agora. Nenhuma menção ao uso de triparsamida.

13 de fevereiro de 1931 — Contratempos! Moore afunda e parece não conhecer nenhum remédio, mas creio que suspeita de um. Recebi uma carta bastante animada de Morton, no mês passado, que não mencionava Moore; e agora Dyson escreve, algo constrangido, que Moore está elaborando teorias sobre o assunto. Tem procurado “Wayland-Hall”, por meio do telégrafo, em Londres, Ukala, Nairóbi, Mombaça e outros lugares; e, naturalmente, nada encontra. Julgo que terá aventado com Dyson acerca do suspeito, mas que Dyson ainda não acredita. Temmo que Morton acredite.

Vejo que o melhor é traçar planos para fugir daqui e camuflar minha identidade. Que fim para uma carreira que se iniciou tão bem! Mais um trabalho de Moore; mas agora está pagando por ele adiantado! Creio que retornarei à África do Sul. E, enquanto isso, tratarei discretamente de depositar algum fundo lá a crédito de meu novo eu, “Frederick Nasmyth Mason, de Toronto, Canadá, agente de minerações”. Estabelecerei uma nova assinatura, para identificação. Se nunca tiver de dar esse passo, poderei facilmente transferir de volta os fundos para minha identidade atual.

15 de agosto de 1931 — Meio ano já, e ainda o suspense. Dyson e Morton, bem como vários outros amigos, parecem ter parado de me escrever. O doutor James, de São Francisco, recebe vez por outra notícias dos amigos de Moore e diz que Moore se acha num quase contínuo estado de coma. Não tem podido andar desde maio. Enquanto conseguia falar, queixava-se de frio. Agora não consegue falar, embora se pense que ainda tenha relances de consciência. Sua respiração é rápida e curta e pode ser ouvida à distância. Nenhuma questão além do *Trypanosoma gambiense* lhe interessa agora; mas ele resiste melhor do que os negros por aqui. Três meses e oito dias acabaram com Batta, e aqui está Moore, vivo, mais de um ano após ter sido picado. Ouvi rumores, no mês passado, sobre uma intensa busca por “Wayland-Hall” nos arredores de Ukala. No entanto não acho que haja necessidade de me preocupar, pois não existe absolutamente nada que me ligue a esse negócio.

7 de outubro de 1931 — Acabou-se, finalmente! Notícias na *Mombasa Gazette*. Moore morreu a 20 de setembro, depois de vários acessos de tremor e com uma temperatura largamente abaixo do normal. E foi tudo! Eu disse que o pegaria, e o fiz! O jornal traz um relato de três colunas acerca de sua doença e morte, e sobre a improfícua busca por “Wayland-Hall”. Obviamente, Moore era na África um personagem maior do que pensei. O inseto que o picou foi agora identificado adequadamente, a partir dos espécimes sobreviventes e das larvas desenvolvidas, e a tintura das asas também foi detectada. Notou-se, de modo geral, que as moscas teriam sido preparadas e enviadas com o intuito de matar. Moore, ao que parece, comunicou certas suspeitas a Dyson, mas este último, junto com a polícia, tem mantido segredo, devido à ausência de provas. Todos os inimigos de Moore têm sido observados, e a Associated Press aventa que “uma investigação, possivelmente envolvendo um médico eminente que se acha exterior, se seguirá”.

Uma coisa bem no finalzinho da notícia (sem dúvida a invenção romanesca de algum jornalista menor) me trouxe um curioso estremecimento, em vista das lendas dos negros e do modo como as moscas se tornaram indóceis quando Batta morreu. Parece que um incidente estranho teve lugar na noite em que Moore morreu. Dyson foi despertado pelo zunido de uma mosca de asas azuis, a qual imediatamente voou pela janela, logo antes de a enfermeira telefonar dando notícias da casa de Moore, milhas distante, no Brooklyn.

Mas o que mais me diz respeito é o final africano do caso. Pessoas em Ukala se lembram do estrangeiro barbado que datilografou a carta e mandou o pacote, e os investigadores estão varrendo o país em busca de quaisquer negros que o tenham ajudado. Não empreguei muitos, mas se os oficiais questionarem os nativos que me conduziram através do cinturão da selva N’Kini, terei de explicar mais do que pretendo. Ao que parece, chegou a hora de desaparecer. Portanto, amanhã creio que pedirei demissão e me prepararei para viajar a algum lugar desconhecido.

9 de novembro de 1931 — Trabalho duro para manejar minha demissão, mas a liberação veio hoje. Não quis agravar suspeitas arribando imediatamente. Na semana passada ouvi de James alguma coisa sobre a morte de Moore, mas não mais do que viera nos jornais. As pessoas de seu círculo em Nova York se mostram bastante reticentes quanto aos

detalhes, embora todos falem de uma investigação. Nenhuma palavra de meus amigos do Leste. Moore deve ter semeado suspeitas perigosas ao seu redor antes de perder a consciência, mas não existe a menor prova que ele pudesse ter aduzido.

Mesmo assim, não quero correr riscos. Na quinta-feira partirei para Mombaça e uma vez lá tomarei um vapor até Durban, descendo pela costa. Depois disso sumirei de vista. Porém logo em seguida o agente de minerações Frederick Nasmyth Mason, de Toronto, aparecerá em Johannesburg.

Seja este o final de meu diário. Se no fim eu não estiver sob suspeita, servirá ao seu propósito original, após minha morte, e revelará o que de outro modo não seria conhecido. Se, por outro lado, tais suspeitas se materializarem e persistirem, confirmará e clarificará as acusações vagas, preenchendo importantes e desconcertantes lacunas. Naturalmente, se o perigo me ameaçar, terei de destruí-lo.

Bem, Moore está morto, como muito bem merecia estar. Agora o doutor Thomas Slauenwite está morto também. E quando o corpo que pertenceu a Thomas Slauenwite estiver morto, o público poderá conhecer este relato.

III.

15 de Janeiro de 1932 — Um novo ano, e uma relutante reabertura deste diário. Desta vez estou escrevendo unicamente para aliviar meu espírito, pois seria absurdo imaginar que o caso não esteja definitivamente encerrado. Instalei-me no Hotel Vaal, em Johannesburg, sob meu novo nome, e ninguém até agora duvidou de minha identidade. Tive algumas conversas inconclusivas sobre negócios, para reforçar meu papel como agente de mineração, e creio que possa até entrar nesse ramo. Mais tarde irei a Toronto e sementeirei algumas evidências acerca de meu passado fictício.

Mas o que me preocupa foi um inseto que invadiu meu quarto por volta do meio-dia de hoje. Por certo tenho tido toda sorte de pesadelos com moscas azuis ultimamente, mas esses eram previsíveis em vista de minha permanente tensão nervosa. Esta coisa, porém, era uma verdade

da vigília, e estou completamente desorientado a seu respeito. Zumbiu em torno de minha estante por um bom quarto de hora e se esquivou a qualquer tentativa de capturá-la ou de matá-la. A coisa mais inusitada era a sua cor e o seu aspecto, pois tinha asas azuis e era, sob todos os títulos, uma duplicata de meus enviados híbridos da morte. Se poderia ser de fato um deles não tenho a menor ideia. Tive controle sobre todos os híbridos — manchados e não manchados — que não enviei a Moore, e não posso me lembrar de nenhuma evasão.

Seria isso uma completa alucinação? Ou algum dos espécimes que escaparam no Brooklyn quando Moore foi picado poderia ter achado seu caminho de volta para a África? Houve aquela história absurda da mosca que despertou Dyson quando Moore morreu. Mas, afinal, a sobrevivência e o retorno de alguns dos bichos não são de todo impossíveis. É perfeitamente possível que o azul tenha aderido às asas, pois o pigmento que apliquei era tão permanente quanto a tatuagem. Por eliminação, essa pareceria ser a única explicação racional para a coisa, conquanto seja bastante curioso que o bicho tenha chegado a tal extremidade no sul. Possivelmente se tratará de algum instinto inerente ao ramo das tsé-tsés. Afinal, essa parte do grupo pertence à África do Sul.

Preciso me precaver contra picadas. Naturalmente o veneno original (se esta for realmente uma das moscas que escaparam de Moore) se esvaiu eras atrás; mas o exemplar deve ter se alimentado quando retornou da América e pode muito bem ter vindo através da África Central, readquirindo a infecciosidade. Com efeito, é mais provável do que improvável. Para a *palpalis* metade de sua hereditariedade a levaria de volta a Uganda e a todos os germes da tripanossomíase. Ainda tenho um pouco de triparsamida — não suportaria destruir minha caixa de remédios, por mais incriminadora que seja — mas, desde que comecei a ler sobre o assunto, já não estou mais tão seguro da ação da droga quanto estive no começo. A mesma concede ao indivíduo uma oportunidade de lutar, e certamente salvou Gamba, mas sempre resta uma imensa probabilidade de fracasso.

É diabolicamente estranho que essa mosca tenha entrado bem em meu quarto, de todos os lugares da imensa extensão africana! Parece conduzir ao extremo uma coincidência. Suponho que, se retornar, eu certamente a matarei. Estou surpreso de que me tenha escapado hoje,

pois ordinariamente esses tipos são bastante estúpidos e fáceis de apanhar. Seria uma pura ilusão, afinal de contas? Certamente o calor está me afetando nestes últimos tempos, como nunca o fez antes, mesmo lá em Uganda.

16 de janeiro — Estarei enlouquecendo? A mosca retornou nesta tarde e agiu de um modo anormal, que me pareceu sem pés nem cabeça. Somente uma ilusão de minha parte poderia explicar o que aquela peste zunidora parecia estar fazendo. Surgiu de lugar nenhum e foi direto para minha estante, fazendo círculos e círculos diante de uma cópia dos *Dípteros da África Central e Meridional*, de Moore. De vez em quando, coruscava em cima ou atrás do volume, mas no final dardejava em direção a mim e se retirava antes que eu pudesse atingi-la com algum papel dobrado. Nunca se ouviu falar de semelhante esperteza com relação aos dípteros notoriamente estúpidos da África. Por quase meia hora tentei acertar a maldita, mas por fim ela disparou janela a fora, através de um buraco no mosquitoireiro que eu não havia notado. Por vezes imaginei que estivesse a zombar de mim, entrando no alcance de minha arma e então, com muita destreza, se esquivando quando eu a atacava. Preciso ter mais controle sobre minha consciência.

17 de Janeiro — Ou eu estou louco ou o mundo foi vítima de uma súbita suspensão das leis da probabilidade, conforme as conhecemos. A mosca infame surgiu de algum lugar logo antes do meio-dia e começou a zumbir em torno da cópia dos *Dípteros* de Moore que está em minha estante. Outra vez tentei apanhá-la, e outra vez a experiência de ontem se repetiu. Finalmente a peste disparou em direção a um tinteiro sobre minha mesa e enfiou nele as patas e o tórax, mantendo limpas as asas. Então voou até o teto e pousou, começando a rastejar e deixando um rastro de tinta. Após algum tempo estremeceu um pouco e fez uma única mancha de tinta, desconectada do rastro. Por último desceu direto até meu rosto e, finalmente, zumbindo, sumiu de vista antes que eu pudesse pegá-la.

Alguma coisa em tudo isso me soou sinistramente monstruosa e anormal, e muito mais do que eu poderia explicar a mim mesmo. Olhando sob diferentes ângulos, o rastro de tinta no teto pareceu-me cada vez mais familiar, e de repente me ocorreu que formava um ponto de interrogação absolutamente perfeito. Que maligno truque poderia ser mais

apropriado? Espanto-me de não ter desmaiado. No entanto os ajudantes do hotel não o notaram. Não viram a mosca nesta tarde e neste anoitecer, mas estou mantendo meu tinteiro bem fechado. Penso que o extermínio de Moore esteja me perseguindo e me proporcionando mórbidas alucinações. Talvez não haja mosca nenhuma.

18 de janeiro — Em que estranho inferno de pesadelo vivo estarei mergulhado? O que ocorreu hoje é algo que não poderia acontecer normalmente; e, no entanto, um empregado do hotel viu as marcas no teto e admite sua realidade. Por volta das onze da manhã, quando eu trabalhava num manuscrito, alguma coisa se atirou para dentro do tinteiro pela fração de um segundo e relampejou para o alto outra vez, antes que eu pudesse ver o que era. Erguendo os olhos, vi no teto aquela mosca infernal, como tinha visto antes, a rastejar e a traçar uma nova trilha de curvas e volteios. Não havia nada que eu pudesse fazer, mas enrolei um jornal na expectativa de atingir a criatura caso ela se aproximasse o bastante. Depois de ter feito várias voltas no teto, voou para um canto escuro e desapareceu. E quando olhei de novo para o emboço desfigurado notei que a nova trilha de tinta compunha a enorme e inequívoca imagem do algarismo 5.

Por um tempo fiquei quase inconsciente diante de uma onda de inominável ameaça da qual não me dava conta totalmente. Então convoquei toda a minha resolução e tomei uma atitude. Fui até uma loja de materiais químicos e comprei resina e outras coisas necessárias à preparação de uma armadilha pegajosa, e também um tinteiro similar. Retornando ao quarto, enchi o tinteiro com a mistura viscosa e o coloquei aberto no ponto onde estivera o original. Em seguida tentei me concentrar em alguma leitura. Por volta das três horas ouvi de novo o maldito inseto e o vi circulando em torno do tinteiro. Desceu até a superfície viscosa, mas não a tocou; e logo após avançou em minha direção, recuando antes que eu o atingisse. Então foi até à estante e circulou em torno do tratado de Moore. Há alguma coisa de profunda e diabólica no modo como o intruso esvoaça perto desse livro.

A pior parte foi a última. Abandonando o livro de Moore, o inseto voou em direção à janela e começou a se chocar ritmadamente contra a tela de arame. Ouvia-se uma série de batidas e então uma série de igual extensão e depois uma pausa e assim por diante. Alguma coisa nessa

performance me manteve paralisado por alguns instantes, mas logo em seguida disparei para a janela e tentei matar aquele bicho nocivo. Como sempre, nenhum resultado. Ele simplesmente voou através do cômodo em direção a uma lâmpada e começou a bater no mesmo ritmo contra o quebra-luz de cartão. Senti um vago desespero e tratei de fechar todas as portas, bem como a janela em cuja tela havia o buraco imperceptível. Pareceu-me bastante necessário matar essa criatura persistente, cujo assédio em breve teria perturbado minha cabeça. Então, contando inconscientemente, comecei a notar que cada série de batidas continha exatos cinco toques.

Cinco — o mesmo número que a coisa tinha traçado a tinta no teto pela manhã! Podia-se conceber alguma conexão? A ideia era maníaca, pois fazia supor um intelecto humano e um conhecimento de escrita por parte da mosca híbrida. Um intelecto humano — não se estaria com isso recuando às mais primitivas lendas dos negros ugandenses? E ainda havia aquela esperteza infernal em ludibriar-me, que contrastava com a estupidez normal da espécie. Quando pus de parte meu jornal dobrado e me sentei, tomado de crescente horror, o inseto esvoaçou zumbindo e desapareceu através de um buraco do teto, por onde o cano do aquecimento subia para o quarto de cima.

A partida não me acalmou, pois minha mente havia disparado numa cadeia de reflexões frenéticas e terríveis. Se essa mosca tivesse uma inteligência humana, de onde viera tal inteligência? Haveria alguma verdade na concepção nativa de que essas criaturas adquiriam a personalidade de suas vítimas após a morte destas últimas? Em caso afirmativo, qual personalidade essa mosca incorporara? Imaginei que fosse uma das que tinham escapado a Moore na época em que fora picado. *Seria este o enviado da morte que picara Moore? Se o era, o que queria comigo? O que queria comigo, afinal de contas?* Suando frio, lembrei-me das ações da mosca que tinha picado Batta quando Batta morreu. Teria sido sua personalidade substituída por aquela de sua vítima morta? Então havia também aquele relato sensacional da mosca que despertou Dyson quando Moore morreu. Quanto à mosca que me assediava, poderia ocorrer que uma personalidade humana vingativa a estivesse guiando? Como esvoaçava em torno do livro de Moore! Recusei-me a pensar mais além disso. Subitamente comecei a ter certeza de que a criatura estava de fato

infectada e do modo mais virulento. Com deliberação maligna, bastante evidente em cada ato seu, teria certamente se carregado de propósito com os bacilos mais mortais de toda a África. Minha mente, completamente abalada, estava agora levando em conta as qualidades humanas da criatura.

Telefonei de imediato para o gerente e pedi que um homem viesse fechar a abertura do cano do radiador e outras possíveis fendas do meu quarto. Falei de estar sendo atormentado por moscas, ao que ele me pareceu inteiramente solícito. Quando o homem veio, mostrei-lhe as marcas de tinta no teto, que ele reconheceu sem dificuldade. Então são reais! A semelhança com um ponto de interrogação e um número cinco o intrigaram e o fascinaram. Por fim, ele bloqueou todos os buracos que conseguiu encontrar e remendou o mosquiteiro da janela. Evidentemente me julgou um tanto excêntrico, até porque nenhum inseto apareceu enquanto ele esteve aqui. Mas estou longe de me incomodar com isso. Até agora a mosca não apareceu por esta noite. Só Deus sabe o que ela é, o que ela quer, e o que será de mim!

19 de janeiro — Estou completamente engolfado no horror. *A coisa me tocou*. Qualquer coisa de monstruosa e demoníaca está em andamento à minha volta, e eu não sou senão uma vítima indefesa. Pela manhã, quando voltei do desjejum, aquele demônio alado do inferno se precipitou para dentro do quarto, voando sobre minha cabeça, e começou a martelar contra a proteção da janela, tal como o fizera ontem. Desta vez, porém cada série de batidas continha apenas quatro pancadas. Corri à janela e tentei capturá-la, mas ela me escapou, como de costume, e voou para o tratado de Moore, sobre o qual esvoaçou com escárnio. Seu aparelhamento vocal é limitado, mas notei que seus zumbidos se produziam em grupos de quatro.

Mas desta vez eu estava louco, com certeza, pois gritei: “Moore, Moore, pelo amor de Deus, o que você quer?” Quando o fiz, a criatura parou subitamente de circular, voou em minha direção e fez um profundo, gracioso mergulho no ar, semelhante a um aceno sugestivo. Pelo menos, pareceu-me ter visto isso, conquanto eu já não confie mais em meus sentidos.

E então o pior aconteceu. Eu deixara minha porta aberta, na esperança de que o monstro saísse, se eu não o pegasse, mas por volta das

11h30 a fechei, concluindo que ele se fora. Então me acomodei para ler. Logo ao meio-dia senti um prurido em minha nuca, mas quando levei a mão não havia nada. Num instante senti cócegas outra vez e, antes que pudesse me mover, aquele fruto inominável do inferno apareceu em meu campo de visão, executou outro daqueles mergulhos zombeteiros e graciosos no ar, e fugiu através do buraco da fechadura, que eu nunca imaginei fosse largo o bastante para a sua passagem.

De que a coisa tinha me tocado eu não podia duvidar. Tocara-me sem me injuriar. E, então, lembrei-me com um súbito arrepio gelado de que Moore tinha sido picado *na parte de trás do pescoço, ao meio-dia*. Nenhuma invasão desde então, mas já tratei de vedar com papel todos os buracos das fechaduras e mantereí um maço de papel enrolado pronto para uso a qualquer momento em que saia ou que entre.

20 de janeiro — Não posso ainda crer inteiramente no sobrenatural, entretanto não sinto menos que estou perdido. A questão é demais para mim. Pouco antes do meio-dia de hoje aquele demônio apareceu *do lado de fora* da janela e repetiu sua operação de bater, mas desta vez em séries de *três*. Quando fui à janela, ele desapareceu. Ainda tenho resolução bastante para tomar uma última medida defensiva. Removendo ambos os mosquiteiros, lambuzei-os com meu preparado de visgo, o mesmo que usei no tinteiro, por dentro e por fora, e os recoloquei no lugar. Se aquela criatura tentar bater de novo, há de ser pela última vez!

O resto do dia em paz. Posso resistir a esta experiência sem me tornar um maníaco?

21 de janeiro — A bordo do trem para Bloemfontein.

Estou destroçado. A coisa me vence. Possui uma inteligência diabólica contra a qual todos os meus recursos são inoperantes. Apareceu do lado de fora da janela nesta manhã, *mas não tocou na tela visguenta*. Antes, passou rente, sem a tocar, e se pôs a zumbir em círculos — *dois por vez*, seguidos de uma parada no ar. Depois de várias dessas operações, sumiu de vista por sobre os telhados da cidade. Meus nervos estão a ponto de se partir, pois essas *sugestões de números* são passíveis de uma horrenda interpretação. Na segunda-feira, a coisa se demorou na imagem do *cinco*; na terça foi o *quatro*; na quarta foi o *três*; e agora, hoje, é o *dois*. *Cinco, quatro, três, dois* — que mais pode ser senão uma monstruosa e inconcebível *contagem de dias*? E com que propósito apenas os

poderes malignos do universo poderão dizer! Passei toda a tarde embalando e arrumando meus pertences, e agora tomei o expresso noturno para Bloemfontein. A fuga pode ser inútil, mas o que mais se pode fazer?

22 de janeiro — Hospedado no Orange Hotel, em Bloemfontein, um lugar confortável e excelente, mas o horror me seguiu. Fechei todas as portas e as janelas, entupi todos os buracos de fechaduras, investiguei cada pequena frincha, e corri todas as venezianas; mas, pouco antes do meio-dia, ouvi um estalido curto contra um dos mosquiteiros. Esperei — e, depois de uma longa pausa, outro estalido ocorreu. Uma segunda pausa, e mais um estalido. Erguendo a veneziana, avistei a maldita mosca, conforme esperara. Ela descreveu um círculo aberto e lento no ar, e então desapareceu de vista. Senti-me exaurido como um farrapo e tive de me apoiar no sofá. *Um!* Esse era claramente o conteúdo da verdadeira mensagem do monstro. *Uma* batida, *um* círculo. Significaria para mim mais *um* único dia, antes de algum destino impensável? Eu deveria escapar de novo ou me entrincheirar aqui, fechando hermeticamente todo o quarto?

Depois de uma hora de repouso, senti-me capaz de agir e mandei que me trouxessem um grande provimento de comida enlatada e embalada, e também roupas de mesa e de banho. Amanhã não abrirei, em qualquer circunstância, nenhuma fenda de janela ou de porta. Quando trouxe as toalhas e os lençóis, o negro olhou-me com estranheza, mas não me importa parecer excêntrico agora ou sequer insano. Tenho sido perseguido por forças muito piores que os ridículos dos homens. Ao receber as encomendas, vasculhei cada milímetro quadrado das paredes e vedei mesmo cada abertura microscópica que pude encontrar. Por fim, senti-me em condições de dormir um pouco.

(A caligrafia aqui se torna irregular, nervosa e muito difícil de decifrar.)

23 de janeiro — Já é quase meio-dia, e sinto que alguma coisa horrível está para acontecer. Não dormi tanto quanto esperava, mesmo não tendo dormido nada no trem na noite anterior. Levantei-me cedo, com dificuldades de me concentrar no que quer que fosse, seja a leitura ou a escrita. Essa contagem lenta e deliberada dos dias é demais para mim.

Não sei qual delas enlouqueceu, se a natureza ou se minha cabeça. Até por volta das onze nada fiz senão andar pelo quarto.

Então ouvi um rumor por entre os fardos de alimentos trazidos ontem, e aquela mosca demoníaca se arrastou para fora diante de meus olhos. Agarrei qualquer coisa plana e tentei atingir a coisa, a despeito de meu pânico, mas com o mesmo resultado de sempre. Enquanto eu avançava, aquele horror de asas azuis se retirou, como de costume, para a mesa onde eu empilhara meus livros, e dardejou por um minuto sobre os *Dípteros da África Central e Meridional*. Então, como eu insistisse, voou em direção ao relógio da cornija e pousou sobre o número 12. Antes que eu pensasse em qualquer movimento, começou a girar sobre o mostrador com lentidão deliberada, seguindo na direção dos ponteiros. Passou sob o ponteiro dos minutos, abaixou-se, ergueu-se, passou sob o ponteiro das horas, e finalmente parou bem em cima do 12. Enquanto permaneceu aí, agitou as asas com um forte zumbido.

Será algum portento desconhecido? Estou ficando tão supersticioso quanto os negros. São agora pouco mais de onze horas. Às doze horas será o fim? Restou-me um último recurso, que me veio à mente em meio ao mais extremo desespero. Lembrando-me de que minha valise de medicamentos contém ambas as substâncias necessárias para produzir gás clorídrico, tomei a decisão de encher o quarto com esse vapor letal, asfixiando a mosca, enquanto me protejo com um lenço embebido em amônia, que amarrarei sobre o rosto. Por sorte, tenho uma boa reserva de amônia. Essa máscara improvisada provavelmente neutralizará as emanções do ácido clorídrico até que o inseto esteja morto ou, pelo menos, indefeso o bastante para ser esmagado. Mas preciso ser rápido. Como posso ter certeza de que o bicho não disparará contra mim antes que eu termine os preparativos? Eu nem deveria me interromper para escrever este diário.

Mais tarde — Ambas as substâncias — ácido clorídrico e dióxido de manganês — sobre a mesa, prontas para misturar. Amarrei o lenço sobre o nariz e a boca e tenho uma garrafa de amônia para mantê-lo encharcado até que o gás clorídrico se dissipe. Fechei ambas as janelas. Mas não me agradam as ações do demônio híbrido. Permanece no relógio, mas se arrasta lentamente do número 12 em direção ao ponteiro dos minutos, que não pára.

Será esta minha última anotação no diário? Seria inútil tentar negar minhas suspeitas. Frequentemente um grão de verdade bruxuleia por trás das lendas mais fantásticas e selvagens. Trata-se da personalidade de Henry Moore, que tenta me pegar por meio desse demônio de asas azuis? É esta a mosca que o picou e que, em consequência, lhe absorveu a personalidade quando ele morreu? Se o for, e se ela me picar, minha própria personalidade substituirá a de Moore, entrando naquele corpo zunidor quando eu mesmo morrer picado em seguida? Talvez, contudo, eu não morra necessariamente se ela me pegar. Sempre existe uma chance com a triparsamida. E eu não me arrependo de nada. Moore tinha de morrer, quaisquer que fossem as consequências.

(Pouco mais tarde)

A mosca parou sobre o mostrador do relógio próximo à marca dos 45 minutos. São agora 11h30. Estou saturando o lenço com amônia que apliquei sobre o rosto e mantenho a garrafa à mão para novas aplicações. Esta será a última anotação antes que eu misture o ácido e o manganês para liberar o gás clorídrico. Eu não deveria estar perdendo tempo, mas me aflige a necessidade de colocar tudo no papel. Mas, quanto a este relato, eu já terei perdido minha razão há muito tempo. A mosca parece estar se tornando impaciente, e o ponteiro de minutos se aproxima dela. Agora, ao gás clorídrico...

(Fim do diário)

No domingo, dia 24 de janeiro de 1932, após repetidas pancadas na porta do excêntrico ocupante do quarto 203 do Orange Hotel, que não obtiveram resposta, o camareiro negro entrou, usando a chave de reserva, e logo disparou aos gritos pela escada abaixo, a fim de informar o funcionário sobre o que tinha encontrado. O funcionário, após notificar a polícia, chamou o gerente, e este último acompanhou o guarda De Witt, o juiz Bogaert e o doutor Van Keulen até o quarto fatídico.

O ocupante jazia morto sobre o soaço, de face para cima, envolta num lenço que cheirava a amônia. Sobre essa proteção, suas feições exibiam uma expressão de medo extremado, que se transmitiu aos observadores. No dorso do pescoço o doutor Van Keulen descobriu a mordida de algum inseto virulento (vermelha escura, com uma auréola roxa ao

redor), que sugeria a tsé-tsé ou qualquer coisa menos inócua. Um exame indicou que a morte deveria ter sido causada mais por parada cardíaca, resultante de pânico, do que pela mordida, conquanto uma autópsia posterior mostrou que o germe da tripanossomíase fora introduzido no organismo.

Sobre a mesa havia diversos objetos: um velho caderno de notas encapado em couro, contendo o diário, conforme descrito, uma caneta, um bloco de anotações, um tinteiro aberto, uma valise de medicamentos com as iniciais *T. S.* gravadas em ouro, frascos de amônia e de ácido clorídrico, e um copo contendo mais ou menos um quarto de dióxido de manganês escuro. A garrafa de amônia exigiu uma segunda olhada, pois que parecia haver nela alguma coisa a mais além do fluido. Examinando de perto, o investigador Bogaert percebeu que o estranho ocupante era uma mosca.

Parecia tratar-se de algum híbrido com vagas filiações da tsé-tsé, mas as asas, exibindo um pálido azul, a despeito da ação forte da amônia, eram completamente intrigantes. Alguma coisa nela trouxe ao doutor Van Keulen a vaga recordação de uma notícia lida em jornal, recordação que o diário logo confirmaria. Suas partes inferiores pareciam ter sido manchadas com tinta, tão intensamente que nem a amônia as empalidecera. Provavelmente teria caído no tinteiro alguma vez, embora as asas parecessem intactas. Mas como teria penetrado através do gargalo estreito da garrafa de amônia? Era como se a criatura tivesse entrado deliberadamente para cometer suicídio!

Mas o mais estranho foi o que o guarda De Witt descobriu no forro do teto, enquanto seus olhos vagueavam pelo cômodo com curiosidade. Ao seu grito, os outros três seguiram seu olhar, até mesmo o doutor Van Keulen, que permanecera por um instante a tamborilar os dedos na capa de couro do livro, com uma expressão que misturava horror, fascínio e incredulidade. O que havia no teto era uma série de trêmulos e errados traços feitos a tinta, tais como se produzidos pelo arrastar-se de algum inseto encharcado. Imediatamente todos pensaram nas manchas da mosca que estava na garrafa de amônia.

Mas esses não eram traços ordinários. Mesmo num primeiro relance se percebia neles alguma coisa de assombrosamente familiar, e uma inspeção mais atenta fez os quatro observadores engasgarem de espanto. O

juiz Bogaert instintivamente procurou no quarto por algum instrumento ou empilhamento de mobília que indicassem terem sido aquelas manchas hesitantes produzidas por um agente humano. Nada encontrando, retornou seu olhar espantado e aterrorizado para o alto.

Fora de qualquer dúvida, aquelas manchas de tinta formavam letras específicas do alfabeto, letras coerentemente arranjadas na forma de palavras em inglês. O médico foi o primeiro a distingui-las com clareza, e os outros perderam o fôlego ouvindo-o recitar a mensagem de teor insano que fora, de modo tão incrível, rabiscada num lugar onde nenhuma mão humana alcançaria:

“VEJAM MEU DIÁRIO — *ELA* ME PEGOU PRIMEIRO — MORRI — ENTÃO PERCEBI QUE ESTAVA *NELA* — OS NEGROS ESTÃO CERTOS — ESTRANHAS FORÇAS NA NATUREZA — AGORA AFOGAREI O QUE SOBROU”

Logo em seguida, em meio ao silêncio de perplexidade que sobreveio, o doutor Van Keulen começou a ler em voz alta o diário de capa surrada.



O Devorador de Fantasma

com C. M. Eddy, Jr.

∴

The Ghost-Eater (1923)

Weird Tales (abr. 1924)

Esta é outra das histórias escritas em conjunto por C.M. Eddy Jr., e neste caso é bastante curioso, pois várias fontes, inclusive cartas escritas por Lovecraft para a esposa de Eddy, Muriel, sugerem que: ou Lovecraft teria escrito toda a história, a pedido de Eddy, ou Eddy teria escrito apenas um rascunho inicial, a partir do qual Lovecraft teria desenvolvido a história e, mais tarde, revisado. Estudiosos também apontam que a história possui várias semelhanças com “As tranças da Medusa”, outra que Lovecraft teria escrito como ghostwriter.



Loucura provocada pela Lua? Um toque de febre? Quem me dera poder pensar assim! Mas quando fico sozinho depois do anoitecer nos lugares perdidos até onde as minhas divagações me levam, eu ouço, através de vazios infinitos, os ecos demoníacos daqueles gritos e rosnados, e

aquele odioso estalar de ossos, estremeço de medo perante à memória daquela noite sinistra.

Sabia pouco sobre os bosques naqueles dias, embora a natureza selvagem me motivasse com a mesma intensidade com que o faz agora. Até aquela noite, fora cauteloso e sempre contratara um guia, mas agora as circunstâncias me forçavam a pôr à prova o meu próprio potencial. Estávamos no meio do Verão no Maine e, apesar de a minha urgência em ir de Mayfair até Glendale até o meio do outro dia, não pude arranjar quem pudesse me servir de guia. A não ser que tomasse o caminho mais longo através de Potowisset, o que não me permitiria chegar na hora desejada, teria que penetrar em florestas muito densas; porém, sempre que perguntava por um guia, deparava-me sempre com recusas e evasivas.

Apesar de eu ser um forasteiro, parecia-me estranho que toda a gente me desse desculpas tão esfarrapadas. Havia sempre muitos “assuntos importantes” para um lugar tão pequeno e eu sabia que os residentes estavam mentindo. Mas todos eles tinham “tarefas inadiáveis”, ou pelo menos me disseram que as tinham, e não faziam mais nada senão me assegurarem de que o caminho pelos bosques era muito simples, sempre em direção ao Norte, o que não seria nada difícil para um indivíduo tão vigoroso como eu. Desse modo, garantiram-me que se eu comesse o meu percurso bem cedo de manhã, poderia chegar a Glendale antes do pôr do Sol e evitar uma noite no relento. Mesmo assim, não suspeitei de nada. A ideia me parecia boa, resolvi ir sozinho e deixar esses residentes preguiçosos entregues às suas ocupações. Talvez teria tentado mesmo que tivesse tido suspeitas, pois os jovens tendem a ser teimosos, e desde criança que eu sempre rira de superstições e de lendas.

Assim, antes que o Sol tivesse se elevado no céu, comecei a caminhar por entre as árvores em um ritmo enérgico, farnel na mão, bússola no bolso e com o cinto cheio de notas novas de alto valor. Segundo a distância que me tinham indicado e com base no meu modo de andar, acreditei que poderia chegar a Glendale um pouco depois do entardecer, mas sabia que, mesmo que tivesse de passar a noite ao ar livre devido a um erro de cálculo, possuía uma grande experiência relacionada com o campismo. Além disso, a minha presença e o meu destino não eram realmente necessários senão no meio-dia seguinte.

O tempo, no entanto, estragou meus planos. Quando o Sol se tornou mais alto começou a queimar, mesmo através da folhagem mais densa, e a me drenar as forças a cada passo. Quando chegou o meio-dia, já tinha as roupas completamente encharcadas e comecei a vacilar, apesar da minha tenacidade. Ao me afundar cada vez mais nesses bosques, vi que o caminho ia se cobrindo de mato e que, em certos pontos, mal o conseguia ver. Teriam se passado semanas, talvez meses, desde que alguém passara por esse lugar e eu comecei a pensar se conseguiria, apesar de tudo, fazer o meu percurso no tempo previsto.

Por fim, como já estava embriagado de fome, procurei a sombra mais escura que consegui encontrar e comecei a comer o almoço que o hotel me preparara. Tratava-se de sanduíche sem grande interesse, de uma fatia de torta velha e de uma pequena garrafa de vinho fraco. Não seria nenhum banquete, mas era algo bem-vindo dado o meu estado de cansaço e de calor.

Estava muito quente para que o ato de fumar se tornasse um prazer, de modo que não recorri ao meu cachimbo. Em vez disso, deitei-me sob as árvores logo que acabei o almoço, com a ideia de descansar um pouco antes de retornar à parte final de minha jornada. Creio que foi desavisado de minha parte ter bebido vinho, pois, embora fosse de baixa graduação, foi o suficiente para fazer com que a viagem que me propus a fazer, nesse dia de calor abafado, tivesse terminado. O meu plano incluía poucos momentos de descanso; no entanto, após um bocejo que deveria ter me preocupado, acabei adormecendo profundamente.

II.

Quando abri os olhos, o Sol já estava se pondo. Uma brisa soprava meu rosto, reanimando-me e me trazendo rapidamente à realidade. Assim, levantei os olhos para o céu e vi, não sem uma certa apreensão, que nuvens negras apressadas se amontoavam numa sólida muralha de escuridão, profetizando uma trovoadas violenta. Sabia agora que não poderia chegar a Glendale antes do nascer do dia, mas a hipótese de uma noite nos bosques — a minha primeira noite de acampamento solitário na floresta — tornava-se revoltante sob essas condições extremas. Rapida-

mente, decidi continuar, pelo menos durante algum tempo, na esperança de encontrar abrigo, antes que a tempestade caísse sobre mim.

A escuridão se espalhou pelos bosques como um pesado e espesso cobertor. As nuvens baixas se tornaram cada vez mais ameaçadoras e o vento foi crescendo até se tornar uma verdadeira tempestade. O brilho de um relâmpago distante iluminou o céu, seguido de um trovoar ameaçador que parecia insinuar propósitos malignos. Em seguida, senti uma gota de chuva na minha mão estendida e, ainda que continuasse ainda a andar mecanicamente, rendi-me ao inevitável. Momentos mais tarde, vi uma luz numa janela através das árvores escuras. Ansioso por um abrigo, apertei os passos nessa direção. Quem me dera ter dado meia volta e fugido desse lugar.

Havia uma espécie de clareira irregular, em cuja extremidade mais distante, negra contra essa antiga arborização, se erguia um imóvel. Estava esperando encontrar um barraco ou uma cabana feita de troncos de madeira, mas fiquei surpreendido quando vislumbrei uma casinha elegante com dois pisos, onde se revelava um certo bom gosto. De acordo com a arquitetura, parecia ter sido construída há setenta anos, revelando, porém, um estado de conservação resultante da mais atenta e civilizada atenção. Através das vidraças de uma das janelas inferiores brilhava uma luz intensa e foi nessa direção — estimulado pelas pancadas da chuva grossa — que me apressei pela clareira, batendo com força à porta assim que subi os degraus.

Rapidamente, respondeu-me uma voz profunda e agradável que proferiu duas únicas sílabas: “Entre!”

Ao empurrar a porta destrancada, entrei num salão sombrio iluminado apenas pela luz que jorrava de uma porta aberta à direita, para além da qual se viam paredes cobertas de estantes com livros e uma janela iluminada. Ao fechar a porta de entrada, não pude deixar de reparar no odor peculiar que se espalhava pela casa. Tratava-se de um cheiro suave, elusivo, quase indefinível que, de algum modo, sugeria a presença de animais. O meu anfitrião, supus, deveria ser um caçador ou conduzir negócios afins nesse local.

O homem que falara estava sentado numa espaçosa cadeira ao lado de uma mesa com um tampo de mármore, com um roupão cinzento envolvendo sua magra figura. A luz da poderosa lâmpada de Argand lhe

conferia proeminência às feições e, enquanto ele me observava com curiosidade, comecei a estudá-lo com o mesmo detalhe. Era de boa aparência, com um rosto fino e magro, cabelo comprido, brilhante e liso, muito bem penteado, sobrancelhas regulares que se encontravam num ângulo oblíquo por cima do nariz, orelhas bem desenhadas bem junto ao crânio e enormes e expressivos olhos cinzentos quase luminosos e bem vivos. Quando sorriu para me dar as boas-vindas, reparei nos seus dentes firmes e brancos e, ao estender o braço para me indicar onde me deveria sentar, surpreendeu-me a finura das suas mãos magras, com dedos longos e afilados cujas unhas amendoadas, com tons rosados, eram ligeiramente curvas e se encontravam requintadamente arranjadas. Não pude deixar de pensar por qual motivo um homem com uma presença tão cativante teria escolhido uma vida tão reclusa.

“Desculpe ter vindo incomodá-lo”, arrisquei, “mas desisti de chegar a Glendale antes do nascer do dia e uma tempestade se aproxima, o que me fez procurar abrigo.” E, como se para corroborar as minhas palavras, surgiu um vivo clarão, um estrondoso ribombar e o início de uma chuvada torrencial cujas cordas de água começaram a chicotear as janelas.

O meu anfitrião parecia alheio a esse fato e me dirigiu outro sorriso quando respondeu. A sua voz era reconfortante e bem modulada, e o olhar tinha uma calma quase hipnótica.

“Você é bem-vindo a qualquer hospitalidade que eu possa oferecer, mas temo que não será muita. Tenho uma perna aleijada, de modo que terá de fazer a maior parte por si mesmo. Se sentir fome, encontrará comida suficiente na cozinha, muita comida, e não faça cerimônia!” Pareceu-me um vago sotaque estrangeiro na sua voz, embora falasse de modo correto e apropriado.

Levantando-se e mostrando assim a sua altura impressionante, foi até à porta com passos largos, porém mancando, e me dei conta dos enormes braços cabeludos que lhe pendiam dos lados, num contraste curioso com as suas mãos delicadas.

“Venha”, sugeriu ele. “Traga o candeeiro consigo. Posso me sentar na cozinha tal como aqui.”

Eu o segui pelo corredor até o cômodo ao lado e, acatando às suas ordens, esquadrinhei a lenha empilhada e o armário na parede. Alguns

momentos depois, quando o fogo já estava bem aceso, perguntei-lhe se eu não poderia preparar comida nós dois, algo que ele recusou, delicadamente.

“Está muito quente para comer”, disse-me ele. “Além disso, já tinha mordido alguma coisa antes de você chegar.”

Depois de ter lavado a louça da minha refeição solitária, sentei-me por uns instantes para fumar o meu cachimbo com muito agrado. O meu anfitrião me fez algumas perguntas sobre o povoado nas proximidades, mas ficou muito taciturno logo que percebeu que eu era um forasteiro. Enquanto permanecia calado e pensativo, não pude deixar de sentir que havia algo de estranho nele, alguma coisa muito sutil que não me parecia humana e que eu não conseguia saber muito bem o que era. Para começar, tinha certeza de que ele me tolerava mais devido a esse intenso temporal do que por uma questão de hospitalidade genuína.

Quanto à tempestade, parecia ter passado. Lá fora já começara a ficar mais claro — pois havia uma lua cheia por trás das nuvens — e a chuva se transformara em um simples e leve chuvisco. Talvez, pensei então, pudesse retomar a minha jornada apesar de tudo, uma ideia que logo sugeri ao meu anfitrião.

“É melhor que espere até amanhã”, observou ele. “Você me disse que tinha vindo a pé e ainda serão umas boas três horas até Glendale... Tenho dois quartos no andar de cima, e não me importaria se ficasse em um deles, se assim lhe convier.”

Havia uma sinceridade nesse seu convite que pôs de lado quaisquer dúvidas que pudessem ter me assaltado sobre o seu acolhimento, tendo então concluído que os seus silêncios talvez se devessem ao longo isolamento a que estava sujeito. Depois de já ter fumado três cachimbos, sem dizer uma palavra, comecei finalmente a bocejar.

“Foi um dia muito cansativo”, admiti, “e creio que devo me deitar. Não sei se sabe, mas quero me levantar ao nascer do Sol para seguir o meu caminho.”

O meu anfitrião fez um gesto em direção à porta, onde eu podia ver o corredor e as escadas.

“Leve o candeeiro consigo”, sugeriu ele. “É o único que tenho, mas não me importo de ficar no escuro, acredite. Na maior parte das vezes, quando estou sozinho, nem sequer o acendo. É muito difícil encontrar

petróleo para lâmpadas por aqui, e raras são as vezes que vou ao povoado. O seu quarto é o que fica à direita, logo acima das escadas.”

Assim que peguei no candeeiro, entrei no corredor e lhe dei boa-noite, podia observar os seus olhos brilharem quase como uma fosforescência, na sala sem luz de onde acabara de sair. Imediatamente, lembrei-me de momentos na selva, e dos olhos que às vezes se veem brilhando além do círculo de luz da fogueira do acampamento. Depois me apressei a subir.

Logo que cheguei ao segundo piso, ouvi o meu anfitrião mancando pelo corredor até o outro cômodo no andar de baixo, e percebi que ele se movia com a facilidade de uma coruja apesar de a escuridão. De fato, ele não precisava do candeeiro. A tempestade já passara e, ao entrar no quarto que me fora destinado, vi tudo bem iluminado pelos raios lunares que se projetavam sobre a cama, vindos de uma janela a sul com as cortinas abertas. Ao apagar o candeeiro e ao deixar esse lugar às escuras, apesar da luz da lua, senti um cheiro forte que se impunha ao do quero-sene, o odor quase animal que eu notara ao entrar nessa casa. Fui até a janela e a abri de um lado e de outro, respirando o ar puro e refrescante da noite.

Quando comecei a me despir, parei quase instantaneamente, lembrando-me do cinto cheio de dinheiro que eu ainda tinha na cintura. Possivelmente, pensei, seria bom que eu não me precipitasse tanto e tivesse mais cuidado, pois ouvira falar em pessoas que se aproveitavam de oportunidades semelhantes para roubar, ou até assassinar, o indivíduo que se encontrasse em seus domínios. Então, arranjando a roupa da cama de maneira que parecesse que havia alguém dormindo nela, sentei-me em uma cadeira no canto mais escuro desse quarto, tendo enchido e acendido o meu cachimbo mais uma vez enquanto descansava, mas atento ao que pudesse vir a acontecer.

III.

Não fiquei sentado lá por muito tempo pois os meus ouvidos sensíveis perceberam um som de passos subindo as escadas. Todos os relatos tradicionais de senhorios ladrões me passaram de novo pela cabeça, e de-

pressa me dei conta de que esses passos eram claros, bem audíveis e descuidados, sem qualquer pretensão de discrição, enquanto o meu anfitrião caminhava até o topo das escadas, com um andar calmo de alguém que coxeava. Sacudindo as cinzas do meu cachimbo, coloquei-o no bolso. Em seguida, pegando e empunhando a minha pistola, levantei-me da cadeira, atravessei o quarto nos bicos dos pés e me acocorei num local que a porta aberta ocultaria.

Essa se abriu e, à luz do luar, vi entrar um homem que nunca vira antes. Alto, de ombros largos e distinto, com o rosto meio escondido por uma barba bem aparada e o pescoço protegido por uma gola alta e dura de um padrão há muito obsoleto na América. Tratava-se, sem dúvida, de um estrangeiro. Como teria ele entrado nessa casa, sem que eu percebesse, era algo que eu não conseguia entender. Nem sequer podia acreditar que ele poderia ter estado escondido em um dos dois pisos, ou no corredor do andar de baixo. Ao olhar deliberadamente para ele, sob os insidiosos raios de luar, podia claramente ver a forma corpulenta, mas talvez tudo não passasse de uma ilusão provocada pelo meu choque de surpresa.

Percebendo a cama desarrumada, mas falhando em perceber que já estava ocupada, esse homem murmurou algo para si mesmo numa língua estrangeira e começou a se despir. Depois de atirar a roupa na cadeira que eu deixara vazia, deitou-se na cama, puxou as cobertas e não demorou até que eu ouvisse a respiração regular de alguém que estava dormindo profundamente.

O primeiro pensamento que tive foi o de ir à procura do meu anfitrião para que ele me explicasse o que estava se passando, mas, logo em seguida, pensei que seria melhor me certificar de que todo esse incidente não seria uma mera ilusão provocada por esse vinho drogado que eu bebera nos bosques. Ainda me sentia fraco e vagamente tonto e, apesar do recente jantar, estava com tanta fome como se não tivesse comido o que quer que fosse desde o almoço do meio-dia.

Fui até à cama, estendi a mão e tentei agarrar o ombro do homem adormecido. Em seguida, mal disfarçando um grito de genuíno medo e de verdadeiro espanto, desviei-me, com a coração batendo descompassadamente e os olhos arregalados. *Pois, os dedos com os quais tentei*

agarrar, tinham passado através da forma adormecida e tocado apenas o lençol.

Uma análise completa das minhas sensações agitadas e confusas seria inútil. Esse homem era intangível e, contudo, eu ainda o conseguia ver no mesmo lugar, ouvir a sua respiração regular e lhe observar o corpo, quando ele se voltou sob as cobertas. Então, quando já tinha quase certeza sobre minha loucura e hipnose, ouvi outros passos nos degraus, macias, abafadas, semelhantes às de um cão, subindo, subindo... E, uma vez mais, o odor pungente de animal, dessa vez com uma intensidade redobrada. Atordoado e pensando estar sonhando, encolhi-me mais uma vez atrás da protetora porta aberta, tremendo de medo, mas já resignado a qualquer destino conhecido ou inominável.

Em seguida, sob a luz do luar que penetrava, reparei na forma magra de um lobo cinzento. Mancava, devo acrescentar, pois uma das patas traseiras estava levantada, como se tivesse sido atingida por um tiro perdido. O animal voltou a cabeça na minha direção e, ao fazê-lo, a pistola caiu dos meus dedos trêmulos para tombar despercebida no chão. A crescente sucessão de horrores começou rapidamente a paralisar minha vontade e minha consciência, *pois esses olhos que olhavam agora para mim nessa cabeça diabólica eram os olhos cinzentos e fosforescentes do meu anfitrião, tal como me tinham observado desde a escuridão da cozinha.*

Não sei exatamente se estavam me fitando. Esses olhos se desviaram da minha direção para a cama, para cobiçarem avidamente a forma espectral que lá se encontrava dormindo. Depois, a cabeça se inclinou um pouco para trás e, da garganta dessa infernal criatura, ouvi o uivo mais amedrontador que alguma vez ouvira, um grosso e nauseante uivo de lobo que gelou o meu coração. A forma deitada se mexeu, abriu os olhos e se encolheu perante o que viu. O animal se sentou tremendo, e então — no instante em que essa figura etérea proferiu um grito de mortal angústia humana e de terror, que nenhum fantasma lendário poderia imitar — deu um súbito salto em direção à garganta da sua vítima, com os seus dentes brancos e muito firmes brilhando ao luar, cravando-se na jugular do fantasma que gritava. Esse grito terminou num gorgolejar de sangue, e aqueles olhos humanos e assustados começaram a vidrar.

Esse mesmo grito me impelira para a ação e, num segundo, peguei na minha pistola para despejar todas as balas nesse lobo monstruoso diante de mim. *Mas ouvi o ruído surdo de todas as balas que, sem obstruções, se cravaram na parede oposta.*

Os meus nervos começaram a ceder. Um medo cego me atirou com toda a força para a porta e esse mesmo medo acabou me fazendo dar uma última olhada para trás, onde eu vi que o lobo tinha afundado seus dentes no corpo de sua vítima. Em seguida, veio-me a impressão sensorial de que tudo parecia atingir seu auge, tal como o pensamento devastador a que dera origem. Esse era o mesmo corpo em que eu “mergulhara” a minha mão alguns momentos antes... e contudo, ao descer desabaladamente por essas escadas de pesadelo, *consequia ouvir um estalar de ossos.*

IV.

De como consegui encontrar e percorrer o caminho até Glendale é algo que eu talvez nunca venha a saber. Sei apenas que o nascer do Sol me encontrou numa colina na margem dos bosques, com a aldeia íngreme espalhada diante de mim, e a linha azul do rio Cataqua brilhando ao longe. Sem chapéu, sem casaco, com o rosto cinzento e tão encharcado de suor como se estivesse estado toda a noite nessa tempestade, hesitei em entrar nesse lugar até ter recobrado, pelo menos, um pouco de compostura. Enfim, comecei a descer a colina e a adentrar as ruelas, com calçadas de pedra e portas coloniais, até chegar a Lafayette House, cujo proprietário me olhou de soslaio.

“De onde vem tão cedo, meu rapaz, e qual o motivo desse ar alvoroçado?”

“Vim a pé pelos bosques desde Mayfair.”

“Veio... pelos... Bosques do Diabo... *à noite... e... sozinho?*” O idoso olhou para mim com um ar que alternava entre o horror e a incredulidade.

“Porque não?”, repliquei. “Não conseguiria ter chegado aqui a tempo através de Potowisset, e tinha de estar aqui no mais tardar ao meio-dia.”

“E noite passada foi *lua cheia*...! Meu Deus!” Olhou para mim, cheio de curiosidade. “Será que viu Vasili Ukranikov ou o conde?”

“Diga-me... acha que sou tolo? O que está tentando fazer? ... caçar de mim?”

Mas o tom tinha a gravidade da voz de um padre quando ele me respondeu: “Você deve ser novo por estas partes, meu rapaz. Se não fosse, já saberia tudo sobre o Bosque do Diabo e sobre a lua cheia, e também sobre Vasili e todo o resto.”

Não me senti nada irreverente, no entanto sabia que não deveria parecer muito sério depois dessas últimas observações. “Vá em frente... sei que está doido para me contar... Sou todo ouvidos.”

Foi quando ele me contou a lenda de um modo seco, despindo-a de toda a vitalidade e de aspectos convincentes, através de uma ausência de cor, detalhe e atmosfera. Porém, para mim, não necessitava de qualquer vitalidade ou do lado convincente que qualquer poeta poderia ter dado. Lembrem-se apenas do que eu tinha testemunhado e do fato de eu nunca ter ouvido esse conto senão *depois* de todo esse acontecimento, e de ter fugido com toda a pressa do terror daqueles ossos fantasmagóricos estalando.

“Costumava haver alguns russos espalhados entre estas bandas e em Mayfair... Tinham vindo após uma das muitas questões niilistas na Rússia. Vasili Ukranikov era um deles... um homem alto, magro, de boa aparência com cabelo louro brilhante e de bons modos. No entanto, diziam que ele era uma cria do demônio... um lobisomem que devorava pessoas.

“Construiu uma casa nos bosques a uma terça parte do caminho entre esta terra e Mayfair, e vivia lá sozinho. Ocasionalmente, um viajante saía dos bosques com uma história muito esquisita sobre ter sido perseguido por um grande lobo com olhos humanamente brilhantes... como os do Ukranikov. Uma noite, alguém deu um tiro ao acaso nesse lobo e, na vez seguinte que o russo veio até Glendale, estava coxeando. Isso acabou resolvendo o assunto. Já não eram meras suspeitas, mas fatos concretos.

“Mais tarde, pediu que o conde o viesse visitar vindo de Mayfair. O nome dele era Feodor Tchernevsky e comprara a velha casa de telhado amansardado no alto da State Street. Todos avisaram o conde, pois ele

era um indivíduo muito simpático e um ótimo vizinho, mas ele acabou por afirmar que poderia muito bem cuidar de si. Era uma noite de luar. O conde era um homem destemido como ninguém, e a única coisa que ele fez foi avisar alguns homens que trabalhavam para ele para irem até casa de Vasili, se ele não aparecesse em tempo decente. Foi o que eles fizeram... E agora, meu rapaz, está me dizendo que atravessou os bosques à noite?”

“Claro que atravessei.” Tentei não parecer fraco. “Não sou nenhum conde, mas estou aqui...! Mas... o que foi que os homens encontraram na casa de Ukranikov?”

“Encontraram o corpo do conde mutilado, meu rapaz, e um lobo magro e cinzento pairando sobre o cadáver com a mandíbula ainda pingando sangue. Você pode adivinhar quem era o lobo... E agora as pessoas dizem que, nas noites de lua cheia... Mas, meu rapaz, será que não viu nem ouviu nada?”

“Nada mesmo, meu senhor! Mas diga-me, que aconteceu ao lobo... ou ao Vasili Ukranikov?”

“Ora, acabaram por matá-lo, cravaram-no de balas, enterraram-no na casa e, em seguida, queimaram tudo... não sei se você sabe, mas tudo isso que te contei se passou há sessenta anos quando eu ainda era uma criança; porém, ainda me lembro como se fosse ontem.”

Virei as costas com um dar de ombros. Era tudo muito pitoresco e idiota, para não dizer artificial em plena luz do dia. Porém, às vezes, quando estou sozinho depois de escurecer em alguns lugares desertos, eu ouço os ecos demoníacos desses gritos, o rosnar e aquele horrível estalar de ossos, tremo só de lembrar daquela noite assombrada.



O Tesouro da Besta-Mágica

com Robert H. Barlow

∴

The Hoard of the Wizard-beast (1933)

The Hoard of the Wizard-Beast and One Other (1994)

Esta história foi uma espécie de sequência da *Annals of the Jinns* de Barlow, uma série de pequenos contos que ele havia escrito para publicação na revista *The Fantasy Fan*.

A reação de Lovecraft quando Barlow lhe enviou a história foi positiva e encorajadora. Apontou várias questões estruturais, e fez algumas sugestões de mudanças. Estas sugestões e modificações foram se somando; S.T. Joshi estima que esta história é cerca de 60% trabalho de Lovecraft.



Na populosa cidade de Zeth, com suas inúmeras torres, um daqueles incidentes propensos a acontecer mais cedo ou mais tarde em todas as capitais de todos os mundos havia acontecido. E embora Zeth se localize em um planeta com animais estranhos e vegetação ainda mais estranha, o incidente não foi muito diferente de um que poderia ter ocorrido em Londres ou Paris ou em qualquer das outras grandes cidades que conhe-

ceiros. Através da desonestidade habilmente escondida de um antigo, mas astuto, funcionário, a câmara do tesouro tinha sido saqueada. Não há mais *phruldars* brilhantes, como nos velhos tempos, amontoados no alto da sala forte; e sobre os cofres vazios, as sarcásticas aranhas tecem suas teias em escárnio. Quando, finalmente, o *giphath* Yalden entrou no obscuro cofre e notou os roubos, avistou apenas ratos fleumáticos, que o encaravam como um estranho intruso com olhos penetrantes.

Desde que Kishan, o velho guardião, havia morrido há muitas luas, nenhuma contagem havia sido feita. A consternação de Yalden foi grande quando encontrou o vazio no lugar da riqueza esperada. Não conseguiu fazer suas a indiferença das pequenas criaturas nas fendas entre os blocos de pedra. Esse foi um assunto extremamente grave ao qual teve que reagir de forma imediata e séria. E obviamente não havia outra escolha a não ser consultar Oorn, mas esse era um ser altamente portentoso.

Oorn, apesar de ser uma criatura de natureza altamente duvidosa, era de fato o governante de Zeth. Veio claramente do abismo do espaço, mas uma noite chegou em Zeth e foi capturado pelos sacerdotes *shamith*. A coincidência de seu aspecto excessivamente bizarro e do seu domínio de mimetismo impressionaram os santos irmãos como uma possibilidade muito promissora, tanto que no fim fizeram dele um deus e um oráculo, o que os levou a fundar uma nova irmandade para o servir — e no processo, escreveram as palavras que ele deveria dizer e as respostas que deveria dar. Tal como Delphi e Dodona de um mundo posterior, Oorn se tornou famoso como juiz e solucionador de enigmas; não era muito diferente deles em sua essência, exceto que viveu num tempo infinitamente anterior e num mundo mais antigo onde todas as coisas poderiam acontecer. E agora Yalden, que permaneceu ligado à boa fé do seu tempo e do seu planeta, estava a caminho do salão estritamente guardado e magnificamente decorado onde Oorn meditava e imitava os modos dos padres.

Quando Yalden avistou o salão com sua torre de tijolos azuis, vestiu de comportamento adequadamente religioso e entrou na edificação de maneira humilde, o que, claro, atrasava e muito o seu progresso. Como de costume, os guardiões da divindade reconheceram sua humildade e oferta pecuniária, e se retiraram atrás de cortinas pesadas para acender

os turíbulos. Quando tudo estava pronto, Yalden murmurou uma oração convencional e se curvou longamente perante uma plataforma estranhamente vazia decorada com joias exóticas. Por um momento ele permaneceu nesta posição agachado, como o ritual exigia; quando ele se levantou de novo, o pedestal já não estava vazio. Uma criatura grande e gorda, toda coberta de pele cinzenta mas difícil de descrever, ficou ali, mastigando despreocupadamente algo que os padres lhe tinham dado. Apenas os padres conseguiriam dizer de onde tinha surgido em tão pouco tempo, mas o peticionário sabia que era Oorn.

Hesitantemente, Yalden declarou sua infeliz missão e pediu conselhos; tecendo em seu discurso o tipo de bajulação que lhe pareceu mais apropriado. Então, com ansiedade, ele esperou pela resposta do Oráculo. Tendo terminado de abocanhar sua comida, Oorn levantou três pequenos olhos avermelhados para Yalden e proferiu algumas palavras num tom de vasta determinação: “*Gumay ere hfotuol lebeht teg.*” E de repente desapareceu numa nuvem de fumaça rosa que parecia ter vindo de trás da cortina onde os acólitos estavam. Os acólitos então saíram de seu esconderijo e falaram com Yalden, dizendo: “Uma vez que agradou à divindade com sua declaração concisa de uma situação muito deplorável, temos agora a honra de interpretar os seus conselho. O aforismo que foi trazido à vossa atenção significa nada menos do que a frase igualmente enigmática ‘Vá para o seu destino’ ou, mais genericamente, ‘mate o monstro feiticeiro Anathas e reabasteça de novo seu tesouro com espólios lendários.’”

Com isso, Yalden foi dispensado do templo. Não se pode dizer com veracidade que ele era destemido, pois na verdade o seu medo do monstro Anathas era óbvio, e isto era verdade para todos os habitantes de Ul-lathia e das terras circundantes. Mesmo aqueles que duvidaram da sua existência sequer ousavam viver nas imediações da Caverna dos Três Ventos, onde se dizia que a fera vivia.

Mas o assunto não algo desprovido de um certo fascínio romântico, e Yalden era jovem e conseqüentemente imprudente. Entre outras coisas, sabia que sempre havia esperança de salvar alguma donzela vítima do famoso e surpreendentemente erótico gosto da besta. Ninguém tinha certeza da verdadeira aparência de Anathas; por todos os lados eram contadas histórias contraditórias. Muitos juraram que era vista de longe

sob a forma de uma enorme sombra negra, peculiarmente repulsiva ao gosto humano, enquanto outros insistiram que era um monte feito de substância gelatinosa que escorria horrorosamente com carne putrescente com feridas apodrecidas. Outros ainda afirmaram ter visto um inseto monstruoso com uma variedade espantosa de membros. Mas todos concordavam em uma coisa: era aconselhável evitar ao máximo possível um encontro com Anathas.

Com as devidas súplicas aos seus deuses e ao seu enviado Oorn, Yalden partiu para a Caverna dos Três Ventos. Dentro de si, havia um senso de dever inato misturado com uma emoção de expectativa aventureira em relação aos mistérios desconhecidos que enfrentava. Ele não tinha esquecido os preparativos que qualquer homem sensato poderia fazer, e um velho mago de boa reputação tinha lhe fornecido certos acessórios singulares. Por exemplo, ele tinha um feitiço que impedia sua sede e fome, logo tornando quaisquer provisões completamente desnecessárias. Possuía também uma capa brilhante, que servia para neutralizar as emanções malignas de um mineral que se encontrava espalhado pelo solo rochoso de seu percurso. Outros avisos e acessórios de proteção tratavam de certos crustáceos terrestres, e das névoas mortais adocicadas que permaneciam em certos lugares até que fossem dispersas pela luz do sol.

Assim, protegido, Yalden vagueou sem incidentes até chegar à toca do Verme Branco. Aqui a necessidade de descansar o forçou a fazer uma pausa enquanto ele se preparava para encarar o resto do caminho. Com paciência e atenção, apanhou o pequeno verme sem cor e ao seu redor desenhou um estranho símbolo com tinta verde. As profecias diziam que o Senhor dos Vermes, cujo nome era Sarall, fez certas promessas em troca da sua liberdade. Então Yalden o libertou, e ele rastejou para longe depois de lhe ter mostrado o caminho que deveria seguir.

A árida terra de rara vegetação pela qual ele vagueava agora era completamente desabitada. Nem mesmo os mais fortes dos animais eram vistos além daquela última elevação que o separava de seu objetivo. Longe de tudo, em meio a neblinas arroxeadas, subiu as montanhas onde habitava Anathas. Apesar da região solitária, o Monstro não vivia sozinho, pois animais estranhos residiam consigo — alguns lendários seres antigos e outras criaturas únicas e temíveis.

Diz a lenda que no coração da caverna Anathas escondeu um enorme tesouro de pedras preciosas, ouro e outras coisas de valor imensurável. O motivo de que um ser tão poderoso se incomodaria com tais coisas ou se alegraria em contar dinheiro não estava claro, mas muito se falou sobre a verdade destas histórias. Um grande número de pessoas mais destemidas e sagazes do que Yalden morreram de bizarras formas em suas buscas ao tesouro da besta-mágica; seus ossos foram colocados em um estranho padrão na entrada da caverna — como um aviso para os outros.

Quando Yalden finalmente viu a Gruta dos Ventos em meio às pedras cintilantes à sua frente, soube enfim que os testemunhos sobre a longínqua localização do covil de Anathas eram verdadeiros. A boca da caverna estava bem escondida, um silêncio agourento pairava no lugar. Não havia vestígio de povoado algum, exceto, é claro, a ornamentação ossuária. Yalden pôs a mão no cabo da espada que havia sido santificada por um sacerdote de Oorn e caminhou trêmulo. Ao chegar na abertura do covil, não hesitou mais, pois lhe era evidente que o monstro não estava lá.

Para Yalden, isso pareceu ser a mais favorável de todas as oportunidades para colocar o seu plano em ação, por isso mergulhou de uma vez caverna adentro. O interior era muito mais apertado e extremamente sujo, mas no teto, cintilavam uma enorme variedade de luzes coloridas, cuja fonte não podia ser vista. Na parte de trás havia outra abertura natural ou artificial; Yalden avançou para esta passagem baixa e negra, rastejando com suas mãos e joelhos no chão. Pouco tempo depois, uma pálida luz azul brilhou no fim, e finalmente o aventureiro chegou a um lugar mais amplo. Ao se endireitar, tomou consciência de uma mudança mais singular naquele ambiente. Esta segunda caverna era alta e em forma de cúpula, como se tivesse sido formada por forças sobrenaturais; a luz suave e azul prateada infundia na escuridão. Anathas, pensou Yalden, vivia verdadeiro conforto; pois esse lugar era mais nobre do que qualquer coisa no palácio de Zeth, ou mesmo no templo de Oorn, onde havia sido esbanjado riquezas inimagináveis. Yalden estava maravilhado, mas não por muito tempo, pois mais do que qualquer um, ele desejava encontrar o objeto de sua busca e partir antes que Anathas voltasse de onde quer que estivesse. Pois vontade alguma tinha Yalden de conhecer

o monstro feiticeiro, sobre o qual tantas histórias foram contadas, pessoalmente. Por isso, deixou esta segunda caverna através de uma fenda estreita e seguiu um caminho tortuoso e escuro muito abaixo da rocha sólida do planalto. Esse caminho, ele sentiu, iria levá-lo a uma terceira e última caverna onde o objeto de sua busca estava. À medida que ele progredia, ele vislumbrava à sua frente um brilho curioso, e, sem aviso, as paredes se abriram, revelando um vasto espaço aberto pavimentado de ponta a ponta com brasas brilhantes sobre as quais estranho bando de pássaros com cabeça de dragão se agitavam e berravam. Monstruosas salamandras verdes deslizavam sobre a superfície ardente, observando o intruso absortos em especulações malignas. Do outro lado, uma escadaria levava a uma plataforma elevada de metal incrustado de joias onde se amontoavam objetos preciosos; o tesouro da besta-mágica.

À vista destas riquezas inalcançáveis, Yalden foi quase vencido pelo seu zelo; amaldiçoou a sua impotência e procurou fervorosamente no mar das chamas uma maneira de atravessar. Contudo, rapidamente descobriu que não seria fácil de encontrar; pois em toda aquela cripta brilhante havia apenas uma estreita faixa de chão em forma de lua crescente sobre a qual um homem mortal poderia caminhar. Yalden foi tomado por desespero; e assim ele finalmente decidiu arriscar tudo e tentar o terreno ardente. É melhor morrer tentando do que voltar de mãos vazias. Com os dentes cerrados, aproximou-se do mar de chamas e não pensou no que estava por vir.

A surpresa ardeu quase tão quente dentro dele quanto se esperaria das chamas — pois à medida que avançava, o solo brilhante se separou e formou uma estreita faixa de terra fria e segura que conduziu diretamente ao trono dourado. Meio atordado e sem pensar no que esta feliz circunstância poderia ter significado, Yalden desembainhou a sua espada e caminhou corajosamente entre as muralhas de chamas abrasadoras que ardiam a partir do caminho dividido. O calor não lhe fez mal nenhum, os pássaros recuaram e voltaram a berrar, e não o incomodaram.

O tesouro agora brilhava ao seu alcance, e Yalden já se perguntava como voltaria a Zeth carregado de riquezas fabulosas e como seria reverenciado pelas massas como um herói. Em meio a alegria, ele não pensou em como Anathas tomara medidas de segurança tão frouxas para o seu tesouro; nem o comportamento bem intencionado do chão ardente

lhe pareceu de modo algum estranho. Mesmo o enorme arco de abertura, tão estranhamente invisível do outro lado da caverna, não o preocupava mais. Foi apenas quando subiu a escadaria larga até à plataforma e ficou até os tornozelos em meio às relíquias douradas bizarras de outras eras e mundos, joias encantadoras e cintilantes de origem desconhecida das minas desconhecidas, que Yalden começou a perceber que algo estava errado.

Mas agora ele viu que o milagroso caminho através do chão ardente estava novamente fechando lentamente, deixando Yalden abandonado na ampla plataforma com o tesouro cintilante que tanto procurava. Quando o caminho havia completamente desaparecido e Yalden procurou em vão uma maneira de escapar, a sombra disforme e gelatinosa que se elevava colossal e malcheirosamente atrás do grande arco da plataforma não conseguiu acalmá-lo. Foi-lhe negada a misericórdia de uma síncope, vendo a monstruosa sombra que era infinitamente mais hedionda do que qualquer coisa sugerida por lenda popular, e aqueles olhos brilhantes que contemplavam Yalden com uma expressão de plácida perversão.

Depois, a besta-mágica Anathas, poderosa em seu horror podre, deslizou pelo arco zombando do pequeno e apavorado aventureiro, antes que o monstro fizesse o bando de salamandras verdes escravizadas e extremamente famintas contemplar sua lenta, calma e expectante subida pelas escadas até à plataforma.



O Executor Elétrico

com Adolphe de Castro

∴

The Electric Executioner (1929)

Weird Tales (aug. 1930)

Esta noveleta foi outra das histórias que Adolphe de Castro pediu a H.P. Lovecraft para revisar para ele. Nesse caso, de Castro pagou o valor integral antecipadamente — talvez ele estivesse ciente do ressentimento causado pela falta de pagamento que “O último teste” havia gerado.

Lovecraft lidou com essa história da mesma forma que a outra, mas ficou mais próximo dos pontos da trama e não permitiu que ela crescesse como a outra. Ele também aproveitou a oportunidade para inserir algumas referências a Cthulhu e Yog-Sothoth, modificando muito inteligentemente a ortografia para fazê-las parecer variantes astecas das mesmas entidades cósmicas.



Para alguém que nunca encarou o perigo de uma execução legal, tenho um muito peculiar horror quando o assunto é a cadeira elétrica. Com

feito, creio que o tópico me faz estremecer mais do que a certos homens que já foram a julgamento com o risco de suas vidas. A razão está em que associo a coisa a um incidente de quarenta anos atrás — um incidente bastante estranho que me levou à borda do abismo negro e desconhecido.

Em 1889 eu era auditor e investigador ligado à Companhia Mineradora Tlaxcala de São Francisco, que comandava diversas pequenas extrações de cobre e de prata nas Montanhas San Mateo, no México. Ocorrera algum problema na mina número 3, onde atuava um taciturno e furtivo superintendente auxiliar chamado Arthur Feldon; e em 6 de agosto a Companhia recebeu um telegrama informando que Feldon tinha arribado, levando consigo todas as anotações de estoque, notas fiscais e outros papéis e deixando a situação funcional e financeira numa verdadeira polvorosa.

Esse acontecimento foi um golpe severo para a Companhia, e ao entardecer o presidente McComb me chamou ao seu escritório para me dar ordens de que recuperasse os papéis a qualquer preço. Haviam ocorrido, ele sabia, graves prejuízos. Eu nunca tinha visto Feldon e dispunha apenas de algumas fotografias inexpressivas para minha orientação. Além disso, meu próprio casamento estava marcado para quinta-feira da semana seguinte — apenas nove dias à frente —, de modo que eu não me achava nem um pouco ansioso para ser enviado ao México numa caçada humana cuja duração seria imprevista. A necessidade, no entanto, era tamanha que McComb teve motivo para me pedir que partisse imediatamente. De minha parte, concluí que isso talvez valesse a pena, pois poderia fazer que meu *status* na companhia subisse alguns pontos.

Minha partida fora marcada para aquela noite; eu iria no carro do presidente até a Cidade do México, após o que tomaria uma pequena estrada de ferro em direção às minas. Jackson, o superintendente da mina número 3, me daria todos os detalhes e todas as indicações possíveis assim que eu chegasse; e então a busca começaria de imediato — através das montanhas, descendo pela costa, ou pelos arredores da Cidade do México, conforme fosse o caso. Estabeleci, com firme determinação, que concluiria o assunto — e com sucesso — o mais rápido possível e temperei meu descontentamento com antevisões de um retorno breve com

os papéis e o culpado e também de um casamento que seria quase uma cerimônia triunfal.

Tendo informado minha família, minha noiva e meus principais amigos, e feitos os preparativos apressados para a viagem, encontrei o presidente McComb às oito da noite no depósito da Southern Pacific, recebi dele algumas instruções escritas e um talão de cheques e parti em seu carro a fim de tomar o trem transcontinental das oito e quinze com destino à fronteira. A jornada seguinte parecia fadada à monotonia; depois de uma boa noite de sono desfrutei do conforto de um vagão especialmente reservado, a ler minhas instruções com cuidado e a formular planos para a captura de Feldon e para a recuperação dos documentos. Eu conhecia a região de Tlaxcala bastante bem — provavelmente melhor do que o fugitivo — e assim teria uma certa vantagem na busca, a não ser que ele já tivesse também utilizado a ferrovia.

De acordo com as instruções, Feldon tinha sido durante algum tempo motivo de preocupação para o superintendente Jackson, agindo secretamente e trabalhando irregularmente no laboratório da companhia nas horas mais esquisitas. Havia fortes suspeitas de que ele estivesse implicado junto com um chefe mexicano e vários peões em alguns roubos de minério; no entanto, embora os nativos tivessem sido despedidos, não havia suficiente evidência para garantir qualquer prova contra o sutil oficial. Na verdade, apesar de sua dissimulação, parecia haver mais desafio do que culpa no comportamento do homem. Ele era orgulhoso e falava como se a companhia o estivesse enganando, em vez de ele à companhia. A óbvia vigilância de seus colegas, Jackson escreveu, parecia irritá-lo ainda mais, e agora ele tinha fugido com tudo o que havia de importante no escritório. Acerca de seu paradeiro nenhuma conjectura era feita, conquanto o último telegrama de Jackson sugerisse as escarpas selvagens de Sierra de Malinche, aquele alto pico rodeado de mitos e com a silhueta em forma de cadáver, de cujas vizinhanças dizia-se que os nativos ladrões tinham vindo.

Em El Paso, que alcançamos às três da manhã do dia seguinte, meu vagão particular foi desconectado do trem transcontinental e engatado a uma locomotiva especialmente encomendada, por telegrama, para conduzi-lo em direção ao sul até a Cidade do México. Continuei a preguiçar até o amanhecer e durante o dia seguinte inteiro me vi exposto ao té-

dio da paisagem deserta e plana de Chilhauhau. A tripulação informou-me que estava previsto chegarmos à Cidade do México por volta do meio-dia de sexta-feira, mas eu logo vi que incontáveis demoras nos fariam perder horas preciosas. Houve esperas em paradas durante todo o percurso, e aqui e ali um superaquecimento dos eixos ou outra dificuldade viria para atrapalhar ainda mais as previsões.

Chegamos a Torreon com seis horas de atraso, e eram quase oito da noite de sexta-feira — portanto um atraso de doze horas — quando o condutor consentiu em andar mais depressa para ganhar tempo. Meus nervos estavam no limite, e eu não podia fazer nada além de perambular em desespero pelo carro. No fim concluí que a velocidade fora comprada a um preço alto, pois dentro de meia hora os sintomas de um superaquecimento se mostraram também em meu carro; de forma que, depois que uma espera enlouquecedora, a tripulação decidiu que todos os pertences teriam que ser despejados, após uma coxeadura a um quarto da velocidade, na próxima estação com depósitos — a cidade industrial de Queretaro. Foi a gota d'água, e eu quase esperneeí como uma criança. De fato, às vezes me surpreendia a empurrar a poltrona, como se tentando fazer o trem avançar mais depressa.

Já eram quase dez da noite quando entramos em Queretaro, e eu passei uma hora de agrura na plataforma da estação enquanto meu vagão era puxado para um canto e vasculhado por uma dúzia de mecânicos nativos. Por fim me disseram que o problema era demais para eles, desde que o eixo dianteiro precisaria de umas partes novas que não poderiam ser arrançadas a não ser na Cidade do México. Tudo parecia, de fato, estar contra mim; senti mesmo meus dentes rilharem à ideia de que Feldon estaria se afastando mais e mais — talvez em direção a algum refúgio em Vera Cruz, que dispunha de navios, ou na Cidade do México, com sua variada oferta de trens — ao passo que novos contratemplos me mantinham ali inerte e impotente. Decerto, Jackson já teria notificado a polícia em todas as cidades da redondeza, mas eu não tinha ilusões quanto à eficiência dessa polícia.

O máximo que podia fazer, logo percebi, era tomar o expresso noturno regular para a Cidade do México, que saía de Aguas Calientes e fazia uma parada de cinco minutos em Queretaro. Ele passaria por volta de uma da madrugada, se não estivesse atrasado, e chegaria à Cidade do

México por volta das cinco da manhã de sábado. Quando adquiri minha passagem, soube que o trem seria composto de carruagens-compartimentos em estilo europeu, em vez dos longos vagões americanos com fileiras de duplos assentos. Esse tipo de carros tinha sido bastante usado nos primórdios da ferrovia mexicana, devendo-se aos interesses da construção europeia nas primeiras linhas; e em 1889 a Central Mexicana dispunha de um bom número deles para pequenas viagens. Geralmente tenho preferência pelo tipo americano, desde que detesto ver as pessoas olhando para mim, mas nessa ocasião me alegrei com as carruagens estrangeiras. A essa hora da noite havia boa possibilidade de conseguir um compartimento exclusivo, e no meu cansado e nervosamente hipersensível estado saudaria de bom grado a solidão — bem como o confortável interior com poltronas e travesseiros, estendidos ao longo de todo o veículo. Comprei um bilhete de primeira classe, requisitei minha valise no vagão imobilizado, telegrafei para o presidente McComb e para Jackson informando o que tinha acontecido e me sentei na estação para esperar pelo expresso noturno tão pacientemente quanto meus nervos desgastados o permitiriam.

Espantosamente, o trem estava apenas meia hora atrasado; mesmo assim, a solitária vigília na estação tinha quase esgotado minha resistência. O condutor, introduzindo-me num compartimento, disse-me que esperava compensar o atraso e alcançar a capital ainda a tempo; e eu me estendi confortavelmente no banco que faceava com a dianteira do vagão, na expectativa de uma plácida corrida de três horas e meia. A luz da lâmpada sobre minha cabeça jorrava suavemente baça; e eu me perguntava se conseguiria dormir um pouco, a despeito de minha ansiedade e da tensão nervosa. Pareceu-me, enquanto o trem disparava adiante, que estivesse só, e me alegrei bastante com isso. Meus pensamentos saltavam à frente na perquirição, enquanto eu cabeceava ao ritmo cada vez mais célere da comprida linha de vagões.

Então percebi subitamente que não estava de todo só. No canto oposto a mim, encolhido de modo que sua face não pudesse ser vista, sentava-se um homem rudemente vestido, de tamanho inusual, o qual a débil luz não revelara antes. Ao seu lado havia uma enorme valise, surrada e algo repleta, e firmemente segura mesmo em seu sono por mãos incongruentemente delgadas. Quando a locomotiva apitou numa curva

ou cruzamento, o adormecido pareceu despertar nervosamente para uma espécie de vigília semidesperta, levantando a cabeça e expondo agradáveis feições anglo-saxônicas, de barbas e olhos negros e brilhantes. Ao me ver, como que sua vigília se tornou completa, e pude perceber o modo hostil e selvagem de seu olhar. Sem dúvida, pensei, ele se ressentiria de minha presença quando teria esperado desfrutar do compartimento só para si, tal como eu também me desapontei ao encontrar uma companhia estranha na meia-luz do vagão. O melhor que podíamos fazer, no entanto, era aceitar a situação de modo educado; assim me pus a pedir desculpas ao homem pela minha presença. Como parecesse tratar-se de um confrade americano, talvez nos sentíssemos mais à vontade após algumas cortesias. Então poderíamos deixar-nos um ao outro em paz para aguentar as sacudidelas da viagem.

Para minha surpresa, o estranho não emitiu sequer uma palavra em resposta aos meus cumprimentos. Em vez disso, continuou olhando para mim de um modo feroz e quase avaliatório e afastou para o lado minha embaraçada oferta de cigarros com um movimento da mão desocupada. Sua outra mão permaneceu agarrada à grande e sovada valise, e toda a sua pessoa dava mostras de exalar uma obscura malignidade. Após algum tempo, ele voltou abruptamente o rosto em direção à janela, embora não houvesse nada para ver na densa escuridão exterior. Estranhamente, pareceu-me estar olhando alguma coisa de um modo tão atento como se houvesse realmente alguma coisa para olhar. Decidi abandoná-lo aos seus modos curiosos e às suas meditações, sem o incomodar mais; assim, me recostei ao assento, puxei a aba do chapéu sobre meu rosto e fechei os olhos num esforço para reatar aquele princípio de sono que há pouco vinha me tomando.

Não devo ter cochilado por muito tempo ou muito profundamente, quando meus olhos se abriram como se em resposta a alguma força externa. Fechando-os outra vez com determinação, renovei minha demanda pelo sono, entretanto inutilmente. Uma incógnita influência parecia manter-me desperto; levantando a cabeça, corri os olhos pelo compartimento mal iluminado para ver se alguma coisa estava errada. Tudo parecia normal, mas notei que o estranho do canto oposto olhava para mim muito atentamente — atentamente, sem a camaradagem ou a amabilidade que pudessem indicar uma mudança em sua atitude anterior. Desta

vez não tentei iniciar conversa, mas permaneci recostado no assento, com os olhos entrefechados, como se ainda cochilasse, e no entanto a observá-lo furtivamente por baixo da aba do chapéu.

Enquanto o trem rumorejava através da noite, observei que uma sutil e gradual metamorfose baixara sobre as feições atentas do homem. Evidentemente satisfeito de que eu estivesse dormindo, ele deixou aflo-
rar em seu rosto uma curiosa mistura de emoções, a natureza das quais seria tudo menos confiável. Ódio, medo, triunfo e fanatismo bruxulea-
ram confusamente na linha de seus lábios e nos cantos de seus olhos, en-
quanto seu olhar se tornou um facho alarmante de raiva e ferocidade. De repente me ocorreu que esse homem poderia ser um louco assaz pe-
rigoso.

Seria mentira dizer que não fiquei bastante e profundamente ame-
drontado quando me dei conta do estado de coisas. Um suor frio come-
çou a me inundar, e só com muito esforço eu pude manter minha atitude
de relaxamento e sonolência. A vida ainda me parecia repleta de atrati-
vos, e a ideia de ter de lidar com um maníaco homicida — provavelmen-
te armado e capaz num grau inimaginável — era desalentadora e terrifi-
cante. Minha impotência em qualquer tipo de luta era enorme, e o ho-
mem parecia um verdadeiro gigante, possivelmente na sua melhor forma
atlética, enquanto eu sempre fora frágil e me encontrava exausto devido
à ansiedade, à ausência de sono e à tensão nervosa. Foi, inegavelmente,
um péssimo momento; e me senti bem perto de uma morte horrível ao
observar o furor de loucura que havia nos olhos desse estranho. Acon-
tecimentos do passado retornaram à minha consciência como se para
um adeus — tal como se diz que um homem prestes a se afogar vê toda
a sua vida passar diante de seus olhos num único momento.

Decerto eu tinha ainda meu revólver no bolso do colete, mas qual-
quer esforço que fizesse para sacá-lo seria instantaneamente percebido.
Além disso, se o apanhasse, não havia como predizer que efeito esse ges-
to teria sobre o maníaco. Mesmo que eu o alvejasse uma ou duas vezes,
ele ainda teria força suficiente para arrebatá-la e acabar comigo à
sua própria maneira, ou se ele próprio estivesse armado poderia atirar
em mim ou me esfaquear sem sequer tentar me desarmar. Pode-se tentar
dominar um insano ameaçando-o com uma pistola, mas a completa in-
diferença de um insano às consequências de seus atos lhe dá força e au-

dácia quase sobre-humanas. Mesmo naqueles dias pré-freudianos, eu tinha uma percepção, provinda do senso comum, da perigosa força de que dispõem as pessoas que não têm inibições normais. E de que o estranho no canto estava mesmo em vias de esboçar alguma ação assassina, seu olhar flamejante e suas feições retorcidas não me permitiam duvidar.

Subitamente senti que sua respiração se tornara ofegante e vi seu peito inflar em gradual excitação. Com pouco tempo para uma providência, comecei a pensar desesperadamente no que fazer. Sem deixar de fingir que estivesse dormindo, minha mão deslizou lenta e discretamente em direção ao bolso contendo a pistola, ao mesmo tempo em que eu vigiava fixamente o homem para ver se ele detectaria o movimento. Infelizmente ele o fez — um segundo antes de o registrar em sua expressão. Com um salto incrivelmente ágil e abrupto para um homem de seu tamanho, ele se lançou sobre mim antes mesmo que eu compreendesse o que tinha ocorrido, assomando e avançando como um ogro gigante das lendas e imobilizando-me com mão poderosa enquanto com a outra me impedia de alcançar o revólver. Arrancando-o de meu bolso e depositando-o no seu, ele me largou com desdém, certo de que seu enorme físico me manteria à sua mercê. Então se pôs inteiramente de pé — sua cabeça quase tocando o teto do vagão — e mirou-me com olhos cuja fúria tinha rapidamente se convertido num ríctus de desprezo e vulturino cálculo.

Não me movi, e depois de um instante o homem retomou seu assento original, sorrindo sombriamente enquanto abria sua enorme valise e extraía dela um artefato de muito peculiar aparência — uma gaiola grande de arame semiflexível, trançado mais ou menos à maneira de uma máscara de beisebol, mas modelado no formato de um capacete para escafandro. Seu topo estava conectado a um cordão cuja outra extremidade permanecia na valise. Esse engenho ele o tratava com óbvia afeição, aninhando-o em seu colo enquanto olhava para mim novamente e lambia os pelos em torno de seus lábios com um movimento felino da língua. Então, pela primeira vez, ele falou — numa voz moderada e doce, de uma suavidade e de uma ponderação calculada que contrastavam com suas vestimentas rústicas e seu aspecto desalinhado.

“Você é um afortunado, *sir*. Vou usá-lo antes de todos os outros. Você entrará para a história como o primeiro fruto de uma notável inven-

ção. Vastas consequências sociológicas — minha luz há de brilhar, como convém. Tenho brilhado o tempo todo, mas ninguém sabe disso. Agora você saberá. Cobaia inteligente. Gatos e burros — funcionou até com um burro...”

Fez uma pausa, enquanto suas feições peludas esboçaram um movimento convulsivo, em sincronia com um vigoroso estremecimento giratório de toda a cabeça. Era como se ele estivesse se livrando de alguma nebulosa substância que o incomodasse, pois o gesto foi seguido por uma clarificação ou sutileza de expressão que escondia a mais evidente insanidade numa aparência de suave compostura, através da qual a malignidade transparecia apenas imperfeitamente. Percebi de imediato a diferença e avengei uma palavra para ver se poderia reconduzir sua mente a menos perigosos canais.

“Parece que você tem em mãos um instrumento maravilhoso e sutil, se sou capaz de julgar. Não me diria como veio a inventá-lo?”

Anuiu com a cabeça.

“Mera reflexão lógica, meu caro senhor. Estudei as necessidades da época e agi em concordância com elas. Outros poderiam ter feito o mesmo, tivessem disposto de uma mente tão poderosa — isto mesmo, tão capaz de concentração prolongada — quanto a minha. Eu tinha a convicção — o indispensável poder de vontade —, e eis tudo. Concluí, como ninguém antes teria concluído, que era imperativo remover todos os homens da face da terra antes que Quetzalcoatl retornasse, e concluí também que isso devia ser feito elegantemente. Detesto carnificina de qualquer tipo, e o enforcamento é barbaramente grosseiro. Você sabe que no ano passado o legislativo de Nova Iorque votou pelo emprego da execução elétrica para condenados — mas todo o aparato que eles têm em mente é tão primitivo quanto o ‘foguet’ de Stephenson ou a primeira engenhoca elétrica de Devenport. Eu conhecia um meio mais apropriado, e lhes disse isso, mas eles não me deram atenção. Por Deus, os idiotas! Como se eu não soubesse tudo o que se deve saber sobre homens e morte e eletricidade — estudante, homem e menino — tecnólogo e engenheiro — mercenário...”

Ele se reclinou e estreitou as pálpebras.

“Estive no exército de Maximiliano há mais de vinte anos. Iam fazer de mim um nobre. Então esses esfarrapados o mataram, e eu tive de vol-

tar para casa. Mas eu vim — vim e voltei, vim e voltei. Vivo em Rochester, Nova Iorque...”

Seus olhos se tornaram mais malignos, e ele pendeu para a frente, tocando-me o joelho com os dedos de uma mão paradoxalmente delicada.

“Eu voltei, é o que fiz, e fui mais fundo do que qualquer um deles. Odeio esses esfarrapados, mas gosto dos mexicanos! Um quebra-cabeça? Ouça-me, meu jovem — você não crê que o México seja realmente espanhol, crê? Por Deus, se você tivesse conhecido as tribos que eu conheço! Nas montanhas — nas montanhas — Anahuac — Tenochtitlan — os antigos...”

Sua voz se tornou um uivo cantante, algo melodioso.

“Iä! Huitzilopotchili!... Hahuatlacatl! Sete, sete, sete... Xochimilca, Chalca, Tepaneca, Acolhua, Tlahuica, Tlascalteca, Azteca!... Iä! Iä! Estive nas Sete Cavernas de Chicomoztoc, mas ninguém nunca saberá! Eu lhe conto, *porque você nunca irá repeti-lo...*”

Recompôs-se e retomou o tom de conversa.

“Você se surpreenderia se soubesse das coisas que são contadas nas montanhas. Huitzilopotchli está para voltar... Sobre isso não há nenhuma dúvida. Qualquer peão ao sul da Cidade do México pode lhe falar sobre isso. Mas eu não queria fazer nada a respeito. Voltei para casa, como lhe digo, de novo e de novo, e estava prestes a beneficiar a sociedade com meu executor elétrico quando aquela amaldiçoada lei de Albany adotou o outro método. Uma piada, *sir*, uma piada! Cadeira do vovô — próximo à lareira — Hawthorne...”

O homem parecia vibrar numa mórbida paródia de bonomia.

“Ora, *sir*, eu gostaria de ser o primeiro homem a sentar em sua maldita cadeira e a sentir a corrente de sua ridícula bateria! Sequer faria uma perna de sapo dançar! E esperam liquidar assassinos com ela — recompensa do mérito — tudo! Mas então, meu jovem, eu vi a inutilidade — a desapontadora falta de lógica em se matar uns poucos apenas. Todos são assassinos — eles assassinam ideias — roubam invenções — roubaram a minha espreitando, espreitando, espreitando...”

O homem sufocou e parou, e eu disse, apaziguador:

“Estou certo de que sua invenção era a melhor e de que eles provavelmente a usarão no final.”

“Certo, você diz? Bela, modesta, conservadora certeza! Ao diabo sua preocupação — *mas você logo conhecerá!* Ora, para o inferno, todo o benefício que aquela cadeira elétrica trará terá sido roubado de mim. O fantasma de Nezahualpilli me disse isso na montanha sagrada. Eles observaram, observaram, observaram...”

Engasgou novamente e então fez de novo um daqueles gestos com que agitava tanto a cabeça quanto a expressão facial. Isso pareceu contê-lo por um instante.

“O que minha invenção necessita é de teste. É isso — aqui. O capuz de arame ou aparato para cabeça é flexível e desliza com facilidade. Uma coleira o prende, sem sufocar. Eletrodos tocam a fronte e a base do cerebelo — tudo o que é preciso. Pare a cabeça, e o que mais funciona? Os idiotas lá de Albany, com aquela espreguiçadeira de carvalho, acham que têm de fazê-lo da cabeça aos pés. Estúpidos! — não sabem que não é preciso atirar num homem depois que você lhe destruiu o cérebro? Vi homens morrer em batalhas — conheço melhor. E então o seu tolo circuito de alta potência — dínamos — tudo o mais. Por que não viram o que eu tinha feito com a pilha voltaica? Nenhuma audiência — ninguém sabe — eu somente tenho o segredo — eu e eles, se eu resolvo permitir a eles... Mas preciso fazer experimentos — pacientes — *você sabe quem escolhi para começar?*”

Tentei parecer jovial, entrando rapidamente numa amável seriedade, como um sedativo. Pensamento rápido e hábeis palavras poderiam salvar-me ainda.

“Bem, há um monte de pacientes entre os políticos de São Francisco, de onde venho! Precisam de seu tratamento, e eu gostaria de ajudar você a ministrá-lo. Mas, realmente, penso que poderei ajudá-lo, com toda verdade. Tenho alguma influência em Sacramento, e se você retornar comigo para os Estados Unidos depois que eu tiver concluído meus negócios no México, farei com que você consiga uma audiência.”

Ele respondeu com sobriedade e bons modos.

“Não, não posso retornar. Fiz esse juramento quando aqueles bandidos de Albany desdenharam minha invenção e colocaram espiões para me seguir e me roubar. Mas eu preciso ter pacientes americanos. Estes esfarrapados estão sob maldição, e seria fácil demais; os indígenas de puro sangue — os reais filhos da serpente emplumada — são sagrados e in-

violáveis exceto como vítimas sacrificiais... e mesmo esses precisam ser abatidos de acordo com o cerimonial. Eu preciso ter americanos sem retornar — e o primeiro que eu escolho será dignamente honrado. Você sabe quem é?”

Tergiversei desesperadamente.

“Oh, se esse é o problema, conseguirei para você uma dúzia de espécimes ianques de primeira linha, tão logo cheguemos ao México! Sei onde existem montes de pequenos mineradores cuja falta não seria notada durante dias...”

Mas ele me interrompeu bruscamente com um novo e repentino ar de autoridade que teria um toque de real dignidade.

“Chega! Já nos distraímos o bastante. Levante-se e permaneça de pé como um homem. Você é o paciente que escolhi e há de me agradecer por essa honra no outro mundo, tal como a vítima sacrificial agradece ao sacerdote por transferi-la para a glória eterna. Um novo princípio — nenhum homem vivo sonhou com semelhante bateria, e ela nunca seria descoberta outra vez mesmo que se passassem mil anos. Sabe que os átomos não são o que aparentam? Tolos! Um século depois algum imbecil estaria conjecturando se eu deixaria o mundo viver!”

Ergui-me ao seu comando, e ele puxou da valise alguns palmos adicionais de fio, colocando-se de pé ao meu lado, o capacete de arame suspenso pelas duas mãos e uma expressão de real exaltação em seu rosto peludo e bronzeado. Por um momento, sua aparência lembrou a de um radiante mistagogo ou hierofante helênico.

“Aqui, ó Jovem — uma libação! Vinho do cosmos — néctar dos espaços estelares — Linos — Iacchus — Ialemus — Zagreus — Dioniso — Átis — Hylas — nascido de Apolo e dilacerado pelos cães de Argos — rebento de Psamathe — filho do sol — Evoë! Evoë!”

Estava cantando outra vez, e agora sua mente parecia imergir por entre as clássicas memórias de sua época de catecismo. Em minha postura ereta, notei a proximidade do fio que se ligava ao capacete e cogitei se não poderia alcançá-lo por meio de algum gesto de resposta ostensiva ao seu espírito cerimonial. Valia a pena tentar; portanto, com um brado antifônico de “*Evoë!*”, estirei meus braços em direção a ele, numa atitude ritualística, na expectativa de dar um arranco no cordão antes que ele o notasse. Mas foi em vão. Ele percebeu meu propósito e pousou uma

mão sobre o bolso direito do casaco onde meu revólver jazia. Palavras eram dispensáveis, e nos imobilizamos por um momento, como figuras entalhadas. Por fim ele disse em voz baixa: “Apressse-se!”

Outra vez minha mente se pôs a procurar freneticamente por possibilidades de fuga. As portas, eu sabia, não eram trancadas nos trens mexicanos; mas meu acompanhante poderia facilmente barrar minha passagem se eu tentasse escancarar uma delas e saltar para fora. Além do mais, nossa velocidade era tão grande que provavelmente o sucesso nesse sentido seria tão fatal quanto o fracasso. A única coisa a fazer era ganhar tempo. Das três horas e meia de viagem uma boa parte já se tinha escoado, e quando chegássemos à Cidade do México os guardas e a polícia da estação garantiriam imediata segurança.

Haveria, pensei, duas ocasiões distintas para rodeios diplomáticos. Se eu pudesse fazê-lo protelar a colocação do capuz, um bom tempo seria ganho. Certamente não me passava pela cabeça que a coisa pudesse ser mortal, mas eu tinha suficiente conhecimento de loucos para imaginar o que aconteceria quando ela falhasse. Ao seu desapontamento se somaria uma louca presunção de minha responsabilidade no fracasso, a qual dominaria sua atenção e o conduziria a mais ou menos extensas perquirições por influxos corretivos. Perguntava-me até que ponto iria sua credulidade ou se eu poderia preparar, com antecipação, alguma profecia do fracasso que faria o fracasso em si mesmo transfigurar-me diante de seus olhos num visionário ou num iniciado ou quem sabe num deus. Meus rudimentos de mitologia mexicana eram bastantes para me incentivar a essa alternativa, embora eu pretendesse tentar outras influências proteladoras antes e deixar que a profecia caísse como uma súbita revelação. Iria ele me poupar no final, caso eu conseguisse fazê-lo crer que eu era um profeta ou uma divindade? Podia eu “dar uma de” Quetzalcoatl ou Huitzilopotchli? Qualquer coisa para arrastar a questão até as cinco horas, quando estava previsto chegarmos à Cidade do México.

Mas a minha primeira evasiva foi o veterano artifício da “última vontade”. Enquanto o maníaco repetia que eu me apressasse, falei-lhe de minha família e de meu casamento marcado e solicitei o privilégio de deixar uma mensagem e dispor de meu dinheiro e heranças. Se ele fizesse a gentileza, eu disse, de me arranjar algum papel e colocar no correio

o que eu iria escrever, minha morte seria mais pacífica e mais agradecida. Após alguma cogitação, ele anuiu e procurou em sua valise um bloco de folhas, o qual estendeu para mim com solenidade enquanto eu retomava meu assento. Arranjei um lápis, quebrando habilmente a ponta e produzindo mais alguma demora na medida em que ele se pôs a procurar por outro. Quando o encontrou, tomou o que eu tinha quebrado e tratou de apontá-lo com uma grande faca em forma de chifre que estivera presa ao seu cinto por sob o casaco. Evidentemente uma segunda quebra não seria de muito proveito para mim.

Do que escrevi mal posso me lembrar hoje em dia. Era vastamente sem sentido e foi composto em largos rabiscos de uma literatura que eu extraía da memória quando não podia pensar em nada melhor para escrever. Procurei fazer uma caligrafia o menos legível possível, evitando apenas destruir sua natureza de escrito, pois era provável que ele desejasse lê-lo antes de começar seu experimento, e eu temia o modo como pudesse agir à visão de um evidente *nonsense*. A situação se assomava terrível, e eu sofria cada segundo que a lentidão do trem propiciava. No passado eu costumava assobiar uma rápida melodia ao saltitante “tique-taque” das rodas sobre os trilhos, mas agora o andamento parecia o de uma marcha fúnebre — o da minha marcha fúnebre, refleti duramente.

Meu truque funcionou até que cobri quatro páginas, seis por nove, ao fim do que o homem sacou do relógio e me disse que eu teria apenas mais cinco minutos. O que fazer em seguida? Pensava rapidamente num modo de concluir o testamento, quando uma nova ideia me ocorreu. Terminando com um floreado e estendendo a ele as folhas, que ele meteu descuidadamente no bolso esquerdo de seu casaco, falei-lhe de meus amigos influentes em Sacramento, que ficariam grandemente interessados em sua invenção.

“Não deveria dar a você uma carta de apresentação?” perguntei. “Não deveria fazer um esboço assinado e uma descrição de seu executor, de modo que eles lhe concedam uma audiência amigável? Podem fazê-lo famoso, você sabe — e não há nenhuma dúvida de que adotarão o seu método no estado da Califórnia, caso sejam informados por alguém como eu, que eles conhecem e em quem confiam.”

Escolhi esse caminho na eventualidade de que seus próprios pensamentos como inventor frustrado o fizessem esquecer, por algum tempo,

o lado asteca-religioso de sua mania. Quando ele se voltasse para esse último aspecto, refleti, eu dispararia a “revelação” e a “profecia”. Tal plano funcionou, pois seus olhos refletiram um brilho ambicioso, embora ele exigisse rispidamente que eu me apressasse. Em seguida esvaziou a valise, retirando dela um inusitado aparato feito de tubos de vidro e bobinas ao qual o cordão do capacete estava conectado e despejando sobre mim uma torrente de comentários técnicos demais para serem compreendidos, que no entanto não deixavam de ter alguma plausibilidade. Fingi tomar nota de tudo o que ele dizia, no fundo me perguntando se aquilo não seria de fato uma bateria elétrica. Seria leve o choque proporcionado pela geringonça? O homem realmente falava como um genuíno eletricitista. Descrever sua invenção era claramente uma tarefa congênita para ele, e logo vi que não estava mais tão impaciente como antes. Enquanto ele se preparava, o auspicioso cinza da madrugada já brilhava lá fora, e calculei que finalmente minha chance de escapar se tornara tangível.

Mas ele também percebeu a aurora, o que fez ressurgir o brilho selvagem em seus olhos. Ele sabia que o horário de chegada à Cidade do México era às cinco e certamente forçaria uma ação mais rápida, a menos que eu pudesse suplantá-las com argumentos mais convincentes. Quando ele se ergueu, com um ar determinado, acomodando a bateria sobre o assento ao lado da valise, lembrei-lhe que eu ainda não tinha feito o indispensável esboço e pedi que segurasse o capacete de modo que eu pudesse desenhá-lo junto da bateria. Ele se queixou e retomou seu assento, com muitas admoestações para que eu me apressasse. Após outro momento, fiz uma pausa para pedir certa informação, perguntando a ele de que modo a vítima era preparada para a execução e como suas presumíveis resistências teriam de ser vencidas.

“Ora”, ele replicou “o criminoso é firmemente amarrado a um poste. Não importa o quanto ele movimente a cabeça, pois o capacete se ajusta perfeitamente e se torna mais firme quando a corrente entra em ação. Acionamos o interruptor gradualmente — como você vê aqui, uma ligação cuidadosamente preparada, com um reostato.”

Uma nova ideia para protelação me ocorreu quando os campos cultivados e o casario cada vez mais frequente começaram a dizer que finalmente nos aproximávamos da capital.

“Contudo”, formulei “preciso desenhar o capacete numa cabeça humana tanto quanto junto da bateria. Você poderia vesti-lo por um instante, de modo que eu possa esboçá-lo? Os jornais e certamente os oficiais solicitarão esses detalhes, pois costumam ser exigentes em tais coisas.”

Meu tiro chegara, por acaso, mais próximo do alvo do que eu planejava, pois à menção da imprensa os olhos do louco brilharam vivamente.

“Os jornais? Sim! Para o diabo, você pode fazer até os jornais me darem ouvidos! Riram de mim e não imprimiriam uma palavra. Aqui, apresse-se! Não há um segundo a perder.”

Ele colocou o capacete e observou meu lápis deslizar avidamente. O capuz de arame lhe dava um ar grotesco e cômico enquanto ele se sentava ali com as mãos nervosamente contraídas.

“Agora, malditos sejam, imprimirão as imagens! Revisarei o seu esboço se você cometer algum engano — há de ser minucioso a todo custo. A polícia encontrará você mais tarde — dirão como funciona. Associated Press idem — reproduzirão sua carta — fama imortal... Rápido, rápido — é o que digo, diabos o levem!”

O trem se aproximava da pobre estrada perto da cidade, e, como nos balançássemos desconcertadamente numa ou noutra ocasião, aproveitei essa desculpa para quebrar o lápis mais uma vez; mas evidentemente o maníaco me devolveu de imediato o meu próprio lápis, que ele havia apontado. Minha primeira carga de pretextos se esgotara, e senti que acabaria tendo de me submeter ao capacete. Estávamos ainda a um bom quarto de hora do terminal, e já era tempo de apelar para o lado religioso de meu acompanhante e disparar a profecia.

Revolvendo meus rudimentos de mitologia Nahuan-Asteca, atirei num ímpeto lápis e papel ao chão e comecei a cantar.

“Iä! Iä! Tloquenahuaque, Tu que estás inteiro em Ti mesmo! Tu, também, Ipalnemoan, por Quem nós vivemos! Eu ouço, eu ouço! Eu vejo, eu vejo! Águia que suspende a serpente, salve! Uma mensagem! Uma mensagem! Huitzilopotchli, em minha alma ecoa o teu trovão!”

Ouvindo minha entoação, o maníaco olhou embasbacado através de sua máscara grotesca, sua bela face repleta de surpresa e incredulidade que rapidamente se converteram em alarme. Sua mente pareceu esvazi-

ar-se num instante e então cristalizar-se num novo estado. Levantando bem alto as mãos, ele cantou, como se num sonho.

“Mictlanteuctli, grande Senhor, um sinal! Um sinal que provenha de tua negra caverna! Iä! Tonotiu-Metztl! Cthulhu! Ordena, que eu servirei!”

Agora, em meio a toda essa algaraviada, uma palavra tangeu estranha corda em minha memória. Estranha, porque ela nunca ocorre em nenhum relato escrito sobre a mitologia mexicana e no entanto havia sido ouvida por mim mais de uma vez, como um terrificante sussurro, entre os peões das minas de minha própria firma em Tlaxcala. Parecia fazer parte de um ritual extremamente antigo e secreto, pois havia jaculatórias características que eu ouvira aqui e ali e que eram tão desconhecidas quanto o ritual para o saber acadêmico. Esse maníaco devia ter passado um bom tempo entre os peões e os indígenas, tal como tinha dito, pois certamente esse conhecimento não registrado não poderia ter vindo de estudos livrescos. Percebendo a importância que teria para ele esse jargão duvidosamente esotérico, tomei a decisão de ferir o seu ponto mais vulnerável e dar a ele um pouco da algaraviada que os nativos empregavam.

“Ya-R’lyeh! Ya-R’lyeh!” bradei. “Cthulhu fhtaghn! Nigurat-Yig! Yog-Sototl!...”

Mas jamais cheguei a terminar. Galvanizado numa epilepsia religiosa pela exata resposta que o seu subconsciente não teria provavelmente esperado, o louco lançou-se ao chão de joelhos, elevando e baixando várias vezes a cabeça coberta pelo capacete e virando-a para a direita e para a esquerda enquanto fazia isso. A cada nova ocasião sua reverência se tornava mais profunda, e eu podia ouvir seus lábios espumantes repetindo “mate, mate, mate”, num ritmo acelerado e monótono. Ocorreu-me então que eu tivesse passado da conta, pois minha jaculatória libertara nele um crescente frenesi que provavelmente o conduziria à compulsão de matar antes que o trem chegasse à estação.

À medida que seus giros se alargavam, a folga do fio proveniente do capacete era mais e mais consumida. A essa altura, num arrebatado delírio de êxtase, ele começou a dar voltas maiores, que se fechavam em círculos, ao ponto que aquele se enrolou em seu pescoço e passou a exercer pressão sobre a extremidade conectada à bateria sobre o assento. Per-

guntei-me pelo que ele faria quando o inevitável acontecesse e a bateria fosse arrastada para uma presumível destruição contra o piso.

Então ocorreu o inesperado cataclismo. A bateria, arrancada de sua posição pelo último gesto orgiástico do maníaco em frenesi, acabou caindo de fato; mas não pareceu danificar-se na queda. Ao contrário, como pude ver num lampejo, o impacto fora absorvido pelo reostato, de um modo que fez com que o interruptor fosse instantaneamente ligado em máxima corrente. E o mais impressionante é que havia, de fato, corrente. A invenção não era apenas um sonho gerado pela insanidade.

Assisti a uma coruscação azul e cegante, ouvi um ulular agudo e mais horrendo do que todos os gritos anteriores daquela louca e terrificante jornada e senti um cheiro nauseante de carne queimada. Foi tudo o que minha consciência sobrecarregada pôde suportar, porque num instante perdi os sentidos.

Quando o guarda de trens na Cidade do México me reavivou, encontrei uma multidão que se apinhava em torno à porta de meu compartimento. Ao meu choro involuntário, as faces que se apertavam ali tornaram-se curiosas e incrédulas, e fiquei feliz quando o guarda expulsou todos exceto um alinhado doutor que avançou aos empurrões até mim. Meu choro era uma coisa perfeitamente natural, mas tinha sido estimulado por algo mais do que a visão chocante que eu esperara descobrir sobre o piso do vagão. Ou, devo dizer, por algo *menos*, porque na verdade não havia nada no piso.

Nem, como disse o guarda, tinha havido, quando ele abriu a porta e me encontrou inconsciente. Minha passagem tinha sido a única vendida para aquele compartimento, e eu fora a única pessoa achada ali dentro. Somente eu e minha valise, e nada mais. Eu estivera sozinho durante todo o trajeto desde Queretaro. Guarda, médico e espectadores tocaram suas testas de um modo significativo, enquanto ouviam minhas insistentes e frenéticas indagações.

Teria sido tudo um sonho, ou estaria eu realmente louco? Rememorei minha ansiedade e a exaustão de meus nervos, e dei de ombros. Agradecendo ao guarda e ao médico e me livrando da multidão curiosa, arrastei-me até um táxi e fui conduzido para o Fonda National, onde, depois de telegrafar a Jackson na mina, dormi até o entardecer, num esforço para me recompor e reentrar na posse de mim mesmo. Instruí pa-

ra que me chamassem à uma hora, em tempo de tomar a bitola estreita rumo à mineração, mas, quando acordei, encontrei um telegrama debaixo da porta. Era de Jackson e dizia que Feldon fora encontrado morto nas montanhas naquela manhã, chegando a notícia à mina por volta das dez horas. Os papéis estavam salvos, e o escritório de São Francisco tinha sido devidamente notificado. Assim a viagem toda, com sua afobação e seu desgaste mental, não tinha servido para nada.

Sabendo que McComb aguardava um relatório pessoal, a despeito do curso dos eventos, encaminhei uma resposta e tomei a bitola estreita afinal. Quatro horas depois, entre solavancos, eu desembarcava na estação da mina número 3, onde Jackson estava à minha espera para me dar as boas vindas. Ele estava tão ocupado com os acontecimentos na mina, que mal se deu conta de minha aparência sovada e devastada.

A história do superintendente era breve, e ele a contou enquanto me conduzia através das instalações em direção à encosta perto do *arrastra*, onde o corpo de Feldon ainda jazia. Feldon, ele disse, sempre tinha sido uma figura estranha e taciturna, desde o tempo em que fora empregado, no ano anterior; trabalhava nalgum tipo de aparelho mecânico e reclamava de constante espionagem, além de ser desagradavelmente familiar com os trabalhadores nativos. Mas ele certamente conhecia o trabalho, o país e o povo. Costumava fazer longas viagens às colinas onde os peões habitavam e, mesmo, tomava parte em algumas de suas cerimônias ancestrais e pagãs. Mencionava insuspeitados segredos e estranhos poderes tão frequentemente quanto se gabava de suas habilidades mecânicas. Nos últimos tempos ele decaíra rapidamente, tornando-se morbidamente suspeito acerca de seus colegas e sem dúvida coligando-se com seus amigos nativos no roubo de minério, quando o dinheiro minguou. Ele precisava de um absurdo volume de capital para uma coisa ou outra — estava sempre recebendo caixas provenientes de laboratórios e lojas de máquinas da Cidade do México ou dos Estados Unidos.

Quanto ao sequestro dos papéis, teria sido apenas um ato maluco de vingança contra o que ele chamava de “espionagem”. Estava bem louco, certamente, até porque tinha se enfurnado no país em busca de uma caverna escondida nas alturas de Sierra de Malinche, onde nenhum branco vivia, e lá fizera as coisas mais estapafúrdias. A caverna, que não fosse pela derradeira tragédia nunca teria sido encontrada, estava repleta de

altares ultrajantes e ídolos astecas, os altares cobertos de ossos chamuscados de oferendas recentes cuja natureza era obscura. Os nativos nada diziam — na verdade juraram nada saber —, mas era fácil perceber que a caverna era um local de encontro para eles e que Feldon tinha compartilhado amplamente de suas práticas.

Os homens da busca tinham encontrado o lugar somente por causa da cantoria e do grito final. Teria sido próximo às cinco daquela manhã, e após uma noite de acampamento o grupo começara a arrumar suas coisas para um retorno de mãos vazias às minas. Então alguém ouviu uns vagos rumores na distância e compreendeu que um daqueles velhos rituais blasfemos estava em andamento nalgum socalco solitário da montanha em forma de cadáver. Ouviram os mesmos velhos nomes — Mictlanteuctli, Tonatiuh, Cthulhu, Ya-R'lyeh e todo o resto —, mas o mais extravagante era que algumas palavras inglesas se misturavam a eles. Efetivo inglês de homem branco e não algaraviada de caboclo. Guiados pelo som, eles correram para aquele recanto selvagem da montanha, e então, depois de um silêncio agourento, o grito explodiu sobre eles. Foi uma coisa horrível — a pior coisa que qualquer deles tinha ouvido em toda a sua vida. Parecia haver fumaça também e um cheiro mórbido e acre.

Meteram-se na caverna, a entrada protegida por algarobeiras, mas agora exalando nuvens de fumaça fétida. Havia luz lá dentro, o indescritível altar e as imagens dubiamente reveladas pelo brilho das velas que devem ter sido repostas menos de meia hora antes; e sobre o piso nu jazia o horror que fez com que todos recuassem. Era Feldon, a cabeça queimada ao ponto de carvão por algum estranho aparelho que a envolvia — uma espécie de gaiola de arame conectada a uma bateria mais ou menos escangalhada que decerto teria caído de um dos altares vizinhos. Quando os homens a viram, trocaram olhares entre si, lembrando-se do “executor elétrico” sobre o qual Feldon bravateara tantas vezes — a coisa que todos rejeitaram mas que tinham tentado roubar e copiar. Os papéis estavam a salvo no baú de Feldon logo ao lado, que jazia aberto; e uma hora depois a coluna de buscadores retornava à número 3 carregando seu pavoroso fardo sobre uma liteira improvisada.

Isso era tudo, mas era o bastante para me fazer empalidecer e tropeçar enquanto Jackson me conduzia do *arrastra* de volta ao barracão on-

de me disse que o corpo jazia. Desde que eu não era destituído de imaginação, sabia bastante bem em que tipo de pesadelo infernal essa tragédia sobrenaturalmente se encaixava. Eu sabia o que ia encontrar por trás daquela abertura em torno à qual os mineiros curiosos se aglomeravam e não recuei quando meus olhos caíram sobre o enorme corpo, as vestes emporcalhadas, as mãos incrivelmente delicadas, os tufo de barba chamuscada, e a máquina infernal — a bateria algo avariada e o elmo escurecido pela chamuscadura do que havia dentro. O enorme baú não me surpreendeu; apenas estremeci diante de duas coisas — as folhas de papel dobrado que despontavam do bolso direito do casado. Num momento em que ninguém estava olhando, agarrei as folhas tão familiares, amassando-as entre meus dedos sem ousar examinar a caligrafia. Ressinto-me hoje de que um tipo de pânico me tenha feito queimá-las naquela mesma noite, sem coragem de olhar para elas. Poderiam servir como prova, ou contraprova, de alguma coisa — mas quanto a isso eu também poderia ter obtido provas pedindo para ver o revólver que o investigador retirara do bolso esquerdo do casaco. Nunca tive coragem de perguntar a respeito — porque meu próprio revólver desaparecera após a noite no trem. Meu lápis de bolso, também, exibia sinais de uma aparição grosseira e apressada, em vez da cuidadosa ponta que eu lhe tinha feito sexta-feira, usando o aparelho do vagão particular do presidente McComb.

Assim, no final, retornei para casa intrigado — miseravelmente intrigado, talvez. O vagão particular tinha sido reparado, quando retornei a Queretaro, mas o meu alívio maior foi cruzar o Rio Grande rumo a El Paso e aos Estados Unidos. Antes da próxima sexta-feira, já estava de novo em São Francisco; e o adiado casamento finalmente ocorreu na semana seguinte.

Sobre o que realmente teria acontecido naquela noite, conforme disse, simplesmente não ousei especular. O tal de Feldon estaria insano, para começar, e por cima de sua insanidade ainda amontoara toda aquela feitiçaria asteca pré-histórica, que a ninguém caberia o direito de conhecer. Era realmente um gênio inventivo, e aquela bateria teria sido uma aquisição genuína. Ouvi depois coisas a respeito do modo como fora menosprezado pela imprensa, pelo público e pelas autoridades em geral. Tantos desapontamentos não fazem bem a certos tipos de homens. De

qualquer modo, funcionou aí uma combinação maléfica de influências. A propósito, ele realmente tinha sido um soldado de Maximiliano.

Quando conto minha história, muita gente me acusa de mentiroso. Outros a atribuem a uma psicologia anormal — e Deus sabe o quanto eu estava combalido —, enquanto outros falam ainda de “projeção astral” e quejandos. Minha ânsia de alcançar Feldon certamente orientou meus pensamentos em direção a ele, e por efeito de toda a sua magia indígena ele teria sido o primeiro a captá-los e a reconhecê-los. Teria ele estado naquele vagão de estrada de ferro, ou eu é que estive na montanha em forma de cadáver? Que teria sido de mim, se não o tivesse “embrulhado” como fiz? Confesso que não sei e não estou certo de desejar saber. Nunca mais retornei ao México desde então — e, como disse no começo, não gosto de falar sobre execuções elétricas.



O Horror no Cemitério

com Hazel Heald

∴

The Horror in the Burying-Ground (1933)

Weird Tales (mai. 1937)

Este conto apresenta alguns dos melhores textos cômicos de todos os tempos vindo da caneta de Lovecraft. Como seria de se esperar, é espirituoso, sutil e facilmente confundido com incompetência sincera por algum crítico descuidado ou iniciante.



Quando a estrada para Rutland está fechada, os viajantes são forçados a pegar a estrada Stillwater passando por Swamp Hollow. O cenário é soberbo em alguns trechos. Mesmo assim, de alguma forma, a estrada ficou impopular há anos. Há algo depressivo nela, em especial próximo a Stillwater. Motoristas sentem-se, subitamente, desconfortáveis em relação à fazenda abandonada no outeiro, logo ao norte do povoado, e, também, por causa do débil mental de barba branca que assombra o cemitério no sul, aparentemente falando com os ocupantes de alguns dos túmulos.

Não restou muito de Stillwater hoje em dia. O solo foi exaurido e a maioria da população migrou para as cidades do outro lado do rio, ou para a cidade além das colinas distantes. O campanário da velha igreja branca desabou, e metade das vinte casas esparsas estão vazias e em vários estágios de decadência. A vida normal é encontrada apenas em volta do armazém e do posto de gasolina, e é aqui que os curiosos param de vez em quando para perguntar sobre a casa fechada e o idiota que resmungava para os mortos.

A maioria dos questionadores vai embora com uma sensação de repugnância e de inquietação. Eles acham os desocupados estranhamente desagradáveis e cheios de insinuações ao falar de acontecimentos há muito passados. Há uma característica ameaçadora nos tons que eles usam para descrever eventos muito comuns, uma tendência aparentemente injustificável de assumir um furtivo ar confidencial e misterioso, e em cair em apavorantes sussurros em certos pontos, o que, insidiosamente, perturba o ouvinte. Velhos ianques com frequência falam desse jeito. Mas, nesse caso, o aspecto melancólico do povoado quase em ruínas e a natureza lúgubre da história revelada dão a esses sombrios maneirismos reticentes um significado extra. Sente-se, profundamente, o horror fundamental que espreita atrás do isolado puritano e suas estranhas repressões, e deseja-se escapar, precipitadamente, para o ar livre.

Os desocupados revelam, aos sussurros, que a casa fechada é da velha senhorita Sprague, Sophie Sprague, cujo irmão, Tom, foi enterrado em dezessete de junho, em 1886. Sophie nunca mais foi a mesma após o funeral — isso e a outra coisa que aconteceu no mesmo dia — e, no fim, ela optou por ficar dentro de casa o tempo todo. Atualmente, não é sequer vista, mas deixa notas debaixo do tapete da porta dos fundos e suas coisas são trazidas do armazém pelo garoto do Ned Peck. Ela estava com medo de alguma coisa, do velho cemitério de Swamp Hollow acima de tudo. Nunca pôde ser persuadida a chegar perto de lá desde que seu irmão e o outro foram enterrados. Não é, pois, de espantar o jeito como o louco Johnny Dow fala, quase discursando. Ele passa o dia todo perambulando pelo cemitério e, às vezes, à noite, e alega que fala com Tom e com o outro. Então, ele passa pela casa de Sophie e grita coisas para ela. Foi esse o porquê de ela começar a manter as venezianas fechadas. Ele diz que coisas estão vindo de algum lugar para pegá-la algum

dia. Devia-se dar um basta, mas não se pode agir com violência com o pobre Johnny. Ademais, Steve Barbour sempre teve suas opiniões.

Johnny fala com dois túmulos. Um deles é o de Tom Sprague. O outro, no extremo oposto do cemitério, é o de Henry Thorndike, que foi enterrado no mesmo dia. Henry era agente funerário, o único em quilômetros, e nunca gostou das redondezas de Stillwater. Natural de Rutland, frequentou a faculdade e é cheio de conhecimento erudito. Lia coisas bizarras das quais ninguém ouvira falar, e misturava produtos químicos sem boas intenções. Estava sempre tentando inventar algo novo, algum fluido novo de embalsamamento ou um tipo de remédio inútil. Algumas pessoas dizem que ele tentou ser médico, mas fracassou nos estudos e optou pela segunda melhor profissão. É claro que não havia muito serviço funerário num lugar como Stillwater, mas Henry também era fazendeiro.

Mesquinho, inclinado para a morbidez e alcoólatra às escondidas, a julgar pelas garrafas vazias em seu amontoado de lixo, não é nenhuma surpresa que Tom Sprague o odiava e votava contra o ingresso dele na loja maçônica, e o fez desistir quando ele tentou se aproximar de Sophie. A forma como ele fazia experimentos nos animais era contra a natureza e as escrituras. Quem poderia esquecer o estado em que aquele cão collie foi encontrado, ou o que aconteceu com o gato da velha senhora Akeley? Também houve o caso do bezerro de diácono Leavitt, quando Tom liderou um grupo de rapazes do povoado para exigir satisfações. O curioso foi que o bezerro voltou vivo no final das contas, a despeito de Tom tê-lo encontrado rígido como um pau. Alguns diziam que fora uma pegadinha para Tom, mas Thorndike, provavelmente, pensava diferente, já que ele trocou socos com seu inimigo antes que o engano fosse desfeito.

Tom, claro, naquela hora estava meio bêbado. Ele era, no mínimo, um bruto depravado e mantinha sua pobre irmã intimidada sob ameaças. Talvez por isso ela seja uma criatura tão angustiada pelo medo. Eram apenas os dois, e Tom nunca a deixaria ir embora porque isso significava dividir a propriedade. A maioria dos camaradas tinha muito medo dele e não se aventuravam a paquerar Sophie — ele tinha quase dois metros de altura — mas Henry Thorndike era um cão safado que sabia como fazer as coisas pelas costas das pessoas. Henry não era um

boa pinta, mas Sophie nunca o desencorajou. Ele era mesquinho e feio, mas ela ficaria feliz se alguém pudesse libertá-la de seu irmão. É provável que ela não tenha parado para pensar em como se livraria dele depois que ele a livrasse de Tom.

Bom, essa era a situação em junho de 1886. Até esse ponto, os sussurros dos desocupados na loja de Peck não são tão insuportavelmente agourentos, mas, à medida que continuam, o elemento de tensão silenciosa e maligna cresce. Tom Sprague, ao que parece, costumava ir a Rutland para farras periódicas, e suas ausências eram as grandes oportunidades de Henry Thorndike. Ele sempre estava em muito mal estado quando voltava, e o velho Dr. Pratt, embora fosse surdo e quase cego, costumava alertá-lo sobre seu coração e o perigo do *delirium tremens*. O povo sempre sabia, pela gritaria e pelos palavrões, quando ele havia retornado.

Foi na quarta-feira nove de junho, um dia após o jovem Joshua Goodenough terminar de construir seu novo silo, que Tom começou sua última e mais longa bebedeira. Ele retornou na terça seguinte, de manhã, e o povo na loja o viu dando chibatadas no cavalo do jeito que fazia quando o uísque tomava conta dele. Então vieram berros, gritos e xingamentos da casa de Sprague, e a primeira coisa que se soube foi que Sophie estava correndo, a toda velocidade, até a casa do velho Dr. Pratt.

Ao chegar à casa de Sprague, o médico já encontrou Thorndike, e Tom estava na cama em seu quarto, com olhos fixos e espuma em volta da boca. O velho Pratt o apalpou e fez os testes de rotina. Então, balançou a cabeça solenemente e disse a Sophie que ela tinha sofrido uma grande perda, que seu parente mais próximo e mais querido havia passado pelos portões do céu para um mundo melhor, tal como todo mundo sabia que ele iria se não abandonasse a bebida.

Sophie meio que fungou, mas não aparentou ter se abalado. Thorndike não fez nada, exceto sorrir, talvez pelo fato irônico de que ele, sempre um inimigo, agora era a única pessoa que poderia ser de alguma utilidade para Thomas Sprague. Ele gritou algo no ouvido quase bom do velho Dr. Pratt sobre a necessidade de se fazer o funeral antecipadamente devido à condição de Tom. Bêbados como ele eram sempre um caso problemático, e qualquer atraso extra — com equipamentos meramente rurais — teria consequências, visuais e outras dificilmente aceitáveis pe-

los parentes e amigos que pranteavam o falecido. O doutor murmurou que a carreira de alcoólatra de Tom devia tê-lo embalsamado muito bem, mas Thorndike garantiu o contrário, ao mesmo tempo exaltando suas habilidades e os métodos superiores que havia criado em seus experimentos.

É aqui que os cochichos dos ociosos ficam intensamente perturbadores. Até esse ponto, a história é, em geral, contada por Ezra Davenport, ou Luther Fry, se Ezra estiver acamado devido a frieiras, o que lhe é comum no inverno. Mas daí, em diante, o velho Calvin Wheeler pega o fio da meada, e sua voz tem um jeito terrivelmente insidioso de sugerir horror oculto. Se por acaso Johnny Dow estiver passando há sempre uma pausa, pois Stillwater não gosta que Johnny fale muito com estranhos.

Calvin aproxima-se do viajante e, às vezes, segura-o pela lapela do casaco com a mão deformada e manchada, enquanto encara o outro com olhos azul-pálidos semicerrados.

“Bem, senhor”, ele sussurra, “Henry foi lá na casa e ajeitou seu trabalho de papa-defunto. O louco Johnny Dow ajudou, ficando com a parte mais pesada, pois ele sempre está fazendo tarefas para Henry, que dizia como Doc Pratt e Johnny deviam ajudar a preparar o corpo. O doutor sempre dizia que Henry falava pelos cotovelos, e que se gabava de ser muito bom no ofício dele, e que era muita sorte Stillwater ter um agente funerário fixo ao invés de coveiros como fazem lá em Whitby.

“‘Suponha’, diz Henry ‘que algum camarada era levado para a cova com uma dessas câimbras que paralisam a gente, dessas que a gente lê por aí. Como uma pessoa reage quando eles a enterram e começam a jogar terra em cima? Como reage quando está sufocando lá embaixo da lápide arranhando e fazendo força, tentando sair, mas o tempo todo sabendo que é inútil? Não, senhor! Eu lhe digo que é uma bênção que Stillwater tenha um médico inteligente que sabe quando um homem está morto e quando não está, e um agente funerário treinado que pode preparar um cadáver para que possa descansar sem problemas.’

“E Henry continuou falando, mais como se estivesse falando com os restos do pobre Tom e com o velho Doutor Pratt, que não gostou do que pôde ouvir, embora Henry o chamasse de médico inteligente. O louco Johnny ficou observando o corpo e não era muito agradável o

modo como ele falava baboseira do tipo “ele não tá frio, dotô”, ou “eu vi as pálpebras dele se mexendo”, ou “tem um buraco no braço dele igual como os que eu tinha quando Henry me enfiou uma seringa cheia daquilo que me deixou numa boa”. Thorndike mandou-o calar-se, apesar de todos sabermos que ele vinha dando drogas ao pobre Johnny. É um milagre que o pobre sujeito tenha se livrado do hábito.

“Mas o pior, de acordo com o doutor, foi o modo como o corpo se sacudia quando Henry começou a injetar o fluido embalsamador. Ele vinha se gabando dos efeitos que a nova fórmula produzia em gatos e cachorros quando, de repente, o cadáver de Tom começou a se curvar como se estivesse vivo e pronto para se defender. Meu Deus do céu, e o doutor disse que ficou com medo, apesar de saber como os cadáveres reagem quando os músculos começam a enrijecer. Bem, senhor, o resumo da história é isto: o cadáver se sentou e agarrou a seringa de Thorndike de tal modo que ela acabou espetada no corpo de Henry e deu a ele uma dose do seu próprio fluido de embalsamento. Isso deixou Henry muito assustado, apesar de ter conseguido tirar a agulha e pôr o corpo deitado de novo e injetar o fluido. Ele continuou injetando mais do fluido, como se quisesse ter certeza de que aplicaria a quantidade suficiente e assegurar-se de que não tinha recebido, ele mesmo, uma porção significativa. Mas o louco Johnny começou a falar: “é isso que você merece porque deu para o cachorro de Lige Hopkins, que ficou morto e duro e depois acordou de novo. Agora você vai ficar morto e duro que nem Tom Sprague! Lembra que não começa a funcionar até muito tempo se você não tomou muito”.

“Sophie estava lá embaixo com alguns vizinhos. Minha esposa Matildy, que morreu há trinta anos, era um deles. Eles estavam tentando descobrir se Thorndike estava lá quando Tom voltou para casa, e encontrá-lo lá foi fatal para Tom. Pode-se dizer que alguns indivíduos achavam engraçado o fato de Sophie não mostrar sentimento ante a morte do irmão, para não falar da maneira como Thorndike havia sorrido. Não que alguém estivesse insinuando que Henry ajudara Tom a ir embora com os estranhos fluidos que inventara, ou que Sophie ficaria calada se soubesse disso. Todos nós conhecíamos o ódio quase insano de Thorndike por Tom, e não sem razão. E Emily Barbour disse a minha Matildy que Henry tinha a sorte de ter o velho Doutor Pratt à disposi-

ção para elaborar um atestado de óbito e não deixar margem para dúvidas.”

Quando o velho Calvin chega nesse ponto, ele geralmente começa a balbuciar qualquer coisa ininteligível em sua barba branca, esparsa e suja. Muitos ouvintes tentam se afastar dele, e ele raramente aparenta prestar atenção ao gesto. É, geralmente, Fred Peck, que era um menino muito pequeno na época dos acontecimentos, quem continua a história.

O funeral de Thomas Sprague foi numa terça, 17 de junho, apenas dois dias após sua morte. Tanta pressa era considerada quase indecente na remota e inacessível Stillwater, onde longas distâncias tinham que ser percorridas por aqueles que vinham para o funeral. Mas Thorndike havia insistido que a condição peculiar do falecido assim exigia. O agente funerário aparentava estar um tanto nervoso desde que preparou o corpo e podia ser visto, frequentemente, sentindo o pulso. O velho Dr. Pratt considerou que ele devia estar preocupado quanto à dose accidental do fluido embalsamador. Naturalmente, a história do embalsamamento espalhou-se, de modo que um duplo deleite animou os que estavam de luto e que se reuniram para satisfazer a curiosidade e o interesse mórbidos.

Thorndike, embora estivesse obviamente transtornado, parecia decidido a cumprir seus deveres profissionais de forma magnífica. Sophie e outros que viram o corpo ficaram perplexos com a perfeita aparência de vida; e o virtuoso agente funerário buscou certificar-se, duplamente, de seu trabalho ao aplicar repetidas doses a intervalos regulares. Ele quase arrancava a força uma espécie de admiração relutante do pessoal da cidade e dos visitantes, apesar da tendência a estragar essa impressão com sua conversa arrogante e de mau gosto. Sempre que administrava a injeção em seu silencioso paciente, ele repetia aquela divagação sobre a boa sorte de se ter um agente funerário de primeira classe. E se, ele dizia como se estivesse falando diretamente com o corpo, Tom ficasse nas mãos de um desses sujeitos descuidados que enterram as pessoas vivas? O modo como ele insistia nos horrores do enterro prematuro era realmente bárbaro e doentio.

O velório teve lugar na sala principal, e a mais abafada, aberta pela primeira vez desde que a senhora Sprague morreu. O pequeno órgão desafinado gemia, desconsolado, e o caixão, apoiado em cavaletes próxi-

mos à porta do corredor, estava coberto de flores com cheiro doentio. Era óbvio que uma multidão que quebrava recordes tinha vindo de longe e de perto e, em seu benefício, Sophie esforçava-se para parecer devidamente enlutada. Em alguns momentos descuidados, ela parecia, ao mesmo tempo, intrigada e inquieta, dividindo seu olhar entre o laborioso agente funerário e corpo do irmão, que parecia vivo. Uma lenta repugnância a Thorndike parecia estar se formando dentro dela, e os vizinhos murmuravam abertamente que ela, em breve, se livraria dele, agora que Tom estava fora do caminho. Isto é, se ela fosse capaz disso, pois, com um indivíduo tão esperto, é, às vezes, difícil de lidar. Mas, com seu dinheiro e o que restava de sua beleza, ela poderia conseguir outro sujeito, e esse, provavelmente, saberia cuidar de Henry.

Enquanto o órgão tocava *Beautiful Isle of Somewhere*, o coro da igreja metodista acrescentava suas vozes lúgubres à grotesca cacofonia, e todo mundo olhava, piamente, para o diácono Leavitt. Todo mundo, exceto o louco Johnny Dow, que manteve seus olhos grudados na forma imóvel sob o vidro do caixão. Ele murmurava alguma coisa para si próprio.

Stephen Barbour, da fazenda vizinha, foi o único que notou Johnny. Ele tremeu quando viu que o idiota falava diretamente para o cadáver e fazia sinais tolos com os dedos como se para atormentar o adormecido sob a placa de vidro. Tom, ele refletiu, havia agredido o pobre Johnny mais de uma ocasião, apesar de, provavelmente, não ter sido sem provocação. Alguma coisa naquele evento estava pondo Stephen nervoso. Havia uma tensão reprimida e uma anormalidade mórbida no ar que ele não podia explicar. Não deveriam ter permitido o acesso de Johnny à casa, e era curioso o enorme esforço que Thorndike parecia estar fazendo para não olhar para o corpo. De vez em quando, o agente funerário sentia o pulso com uma atitude estranha.

O reverendo Silas Atwood falou, num monótono tom lamentoso, sobre o falecido, sobre o golpe da espada da morte na pequena família, rompendo o laço terreno entre os amados irmão e irmã. Muitos dos vizinhos olhavam furtivamente uns para os outros sob as pálpebras semicerradas quando Sophie começou a soluçar nervosamente. Thorndike aproximou-se e tentou reconfortá-la, mas, curiosamente, ela parecia afastar-se dele. Os movimentos de Henry Thorndike eram distintamen-

te inquietos, e ele parecia sentir, de forma acentuada, a tensão anormal que dominava o ambiente. Afinal, ciente de seu dever como mestre de cerimônias, ele se levantou e anunciou, numa voz sepulcral, que o corpo podia ser visto pela última vez.

Lentamente os amigos e vizinhos passaram ante o féretro, de onde Thorndike, rudemente, arrastou o doido Johnny colocando-o distante. Tom parecia descansar em paz. Aquele demônio fora muito bonito nos seus dias. Alguns soluços genuínos — e muitos fingidos — foram ouvidos, apesar da maioria da multidão se contentar em olhar o corpo e murmurar depois. Steve Barbour demorou-se muito olhando a face imóvel e se afastou sacudindo a cabeça. Sua esposa, Emily, que vinha atrás dele, murmurou que seria melhor que Henry Thorndike não se gabasse tanto do seu trabalho, pois os olhos de Tom se abriram. Eles estavam fechados quando a cerimônia começou, pois ela estava de pé e viu. Mas, com certeza, pareciam naturais, não do modo que se esperaria após dois dias.

Quando Fred Peck chega a esse ponto da narrativa, ele geralmente para como se não desejasse continuar. Também o ouvinte tende a sentir que algo desagradável está por vir. Mas Peck tranquiliza a audiência declarando que o que ocorreu não é tão ruim quanto o povo gosta de insinuar. Também Steve não disse uma palavra do que poderia ter pensado, e o Johnny doido, é claro, não pode ser levado em consideração.

Foi Luella Morse, a solteirona nervosa que cantava no coral, quem, aparentemente, deu início ao caos. Ela estava passando pelo caixão, como todo mundo, mas parou para olhar mais de perto que os outros, exceto os Barbours. E, então, sem aviso, ela deu um grito agudo e caiu desmaiada.

Naturalmente, a sala, de imediato, virou um pandemônio. O velho Dr. Pratt abriu caminho a cotoveladas até Luella e pediu um pouco de água para jogar em seu rosto, outros correram para olhar para ela e para o caixão. Johnny Dow começou a resmungar para si mesmo: “ele sabe, ele sabe, ele pode ouvir tudo que vocês estão dizendo e fazendo, eles vão enterrar ele desse jeito”. Mas ninguém parou para decifrar seus murmúrios, exceto Steve Barbour.

Em pouquíssimos momentos, Luella começou a sair do desmaio e não pôde dizer exatamente o que a assustou. Tudo o que ela pôde sus-

surrar era “o jeito como ele olhou, o jeito como ele olhou.” Mas, para os outros olhos, o corpo parecia exatamente o mesmo. Era uma visão repulsiva, no entanto, com os olhos abertos e o rosto ruborizado. Então, a multidão, aturdida, notou algo que, por um momento, desviou-lhe a atenção tanto de Luella quanto do corpo. Era Thorndike, em quem a repentina agitação e os encontrões da multidão pareciam ter um curioso efeito ruim. Ele fora derrubado, em meio ao alvoroço, e estava no chão tentando se levantar e sentar-se. A expressão no seu rosto era aterrorizante ao extremo e seus olhos começavam a ter uma expressão vítrea. Ele mal podia falar alto, mas o vociferar rouco de sua garganta mostrava um desespero inefável que era óbvio para todos.

“Levem-me para casa, rápido, e me deixem só. Aquele fluido que injetei no meu braço por engano... efeito no coração... esta maldita agitação... foi demais... esperem... esperem... não pensem que eu estou morto se pareço estar... foi apenas o fluido, apenas me levem para casa e esperem... voltarei mais tarde, não sei quanto demorarei... o tempo inteiro estarei consciente e saberei o que está ocorrendo... não se deixem enganar...”

À medida que suas palavras desapareciam, o velho Dr. Pratt o alcançou e sentiu-lhe o pulso, observando-o por um longo tempo e, finalmente, balançou a cabeça. “Não podemos fazer nada, ele morreu. O coração não está bom e o fluido que foi injetado em seu braço deve ser coisa ruim. Não sei o que é.”

Uma espécie de letargia pareceu descer sobre todos os presentes. Outra morte na câmara da morte! Apenas Steve Barbour pensou em citar as últimas palavras abafadas de Thorndike. Ele estava, com certeza, morto, quando ele próprio havia dito que poderia apenas aparentar estar? Não seria melhor esperar um pouco e ver o que poderia acontecer? Além do mais, que mal faria se o doutor Pratt desse outra olhada em Tom Sprague antes do enterro?

O doido Johnny estava se lamentando e jogou-se sobre o corpo de Thorndike como um cão fiel. “Não enterra ele, não enterra ele! Ele não está morto, que nem o cachorro de Lige Hopkins ou o bezerro do diácono Leavitt quando ele injetou neles. Ele tem algum negócio que ele injeta que faz parecer que estão mortos quando não estão! Eles parecem mortos, mas sabem tudo que está acontecendo e, no dia seguinte, estão

bem como sempre. Não enterra ele! Ele vai acordar debaixo da terra e não pode cavar com as unhas! Ele é bom homem, não é como Tom Sprague. Rezo para Deus que Tom cave com as unhas e sufoque por horas e horas...”

Mas ninguém, exceto Barbour, estava prestando atenção no pobre Johnny. De fato, o que o próprio Steve havia dito foi, evidentemente, ignorado. A incerteza estava por toda a parte. O velho Doutor Pratt estava fazendo testes finais e murmurando algo sobre atestados de óbito em branco, e o untuoso Irmão Atwood estava sugerindo que algo devia ser feito sobre um duplo sepultamento. Com a morte de Thorndike, não havia nenhum agente funerário nessa parte de Rutland, e seria um gasto enorme trazer um de lá. E se Thorndike não fosse embalsamado naquele tempo quente de junho... bom, ninguém poderia dizer. E não havia nenhum parente ou amigo para decidir, exceto Sophie, se ela assim quisesse. Mas Sophie estava do outro lado da sala, encarando, silenciosa, fixa e quase morbidamente, o caixão de seu irmão.

O diácono Leavitt tentou restaurar uma aparência de decoro e fez com que o pobre Thorndike fosse carregado pelo salão até a sala de estar, enquanto enviava Zenas Wells e Walter Perkins até a casa do agente funerário para buscar um caixão de seu tamanho. A chave estava nos bolsos das calças de Henry. Johnny continuou a choramingar e tocar o corpo, e o Irmão Atwood ocupou-se perguntando sobre a religião de Thorndike, pois Henry não costumava ir às missas. Quando foi decidido que seus parentes em Rutland, todos falecidos, eram da igreja batista, o reverendo Silas decidiu que era melhor que o diácono Leavitt fizesse uma breve oração.

Foi um dia de gala para os aficionados em funerais de Stillwater e adjacências. Até mesmo Luella havia se recuperado o suficiente para acompanhar os féretros. Fofocas, murmúrios e sussurros zuniam ativamente enquanto alguns toques eram dados à rígida forma fria de Thorndike. Johnny foi expulso da casa, e a maioria concordou que ele deveria ter sido posto para fora há muito tempo, mas seus uivos distantes, horríveis, de vez em quando, faziam-se ouvir.

Quando o corpo foi colocado no caixão, ao lado do de Thomas Sprague, o silencioso olhar, quase assustador, de Sophie fitava-o atentamente, da mesma forma como fitava seu irmão. Ela não disse uma pala-

vra por um tempo perigosamente longo, e a expressão confusa em sua face estava além de descrição ou interpretação. Quando os outros se afastaram para deixá-la a sós com os mortos, ela conseguiu forças para falar, mas ninguém conseguiu compreender, e ela parecia estar falando primeiro com um corpo e depois com o outro.

E agora, o que pareceria a um observador externo o clímax de uma comédia de péssimo gosto, toda a insensatez do velório à tarde foi repetida. Mais uma vez, o órgão bufou; mais uma vez, o coro guinchou e deu vexame; mais uma vez um feitiço ergueu-se e, mais uma vez, os espectadores, mórbidos e curiosos, passaram pelo objeto macabro, desta vez um duplo arranjo mortuário. Algumas das pessoas mais sensíveis tiveram calafrios em todo o procedimento; e, mais uma vez, Stephen Barbour sentiu uma nota subjacente de horror sobrenatural e anormalidade demoníaca. Deus, como ambos os cadáveres pareciam estar vivos... e com que determinação o pobre Thorndike não queria ser considerado morto... e como ele odiava Tom Sprague... mas o que se poderia fazer diante do senso comum: um homem morto era um homem morto, e havia o velho doutor Pratt com seus anos de experiência. Se ele não se incomodava com isso, por que alguém mais deveria? Seja lá o que Tom recebeu, ele provavelmente mereceu... e se Henry fez algo a ele, estavam quites agora... bem, Sophie estava livre finalmente...

À medida que a procissão avançava em direção à sala de estar e saía da casa, Sophie ficava a sós com os mortos mais uma vez. O Irmão Atwood estava lá fora, na estrada, conversando com o condutor do coche fúnebre de aluguel do estábulo de Lee, enquanto o diácono Leavitt providenciava um duplo contingente de carregadores de caixões. Por sorte, o coche fúnebre aguentaria dois caixões. Sem pressa, Ed Plummer e Ethan Stone estavam indo na frente com pás para cavar a segunda cova. Haveria três carruagens alugadas e muitas carroças particulares na procissão. Era inútil tentar manter a multidão distante das sepulturas.

Então, veio o grito frenético da sala onde estavam Sophie e os corpos. O choque quase paralisou a multidão e trouxe de volta a mesma sensação de quando Luella gritou e desmaiou. Steve Barbour e o diácono Leavitt correram para a casa, mas, antes que conseguissem entrar, Sophie estava saindo, arquejando e falando “aquele rosto na janela!... aquele rosto na janela!...”

Ao mesmo tempo, uma figura de olhos selvagens rondava o canto da casa, pondo fim ao mistério do grito dramático de Sophie. Era, obviamente, o dono da cara: o pobre Johnny doido, que começou a pular, apontando para Sophie e berrando. “Ela sabe! Ela sabe! Eu vi no rosto dela quando ela olhou para eles e falou com eles! Ela sabe, e ela está deixando eles irem para debaixo da terra para que fiquem lutando por ar... Mas eles vão falar com ela e ela pode ouvir. Eles vão falar com ela, e aparecer para ela... e algum dia eles vão voltar e pegar ela!”

Zenas Wells arrastou o débil mental para uma cabana atrás da casa e o amarrou o melhor que pôde. Seus gritos e pancadas podiam ser ouvidos ao longe, mas ninguém deu mais atenção. A procissão foi realizada e, com Sophie na primeira carruagem, percorreu a curta distância entre a vila e o cemitério Swamp Hollow.

O Irmão Atwood conduziu o ofício apropriado enquanto Thomas Sprague era colocado na sepultura e, quando ele terminou, Ed e Ethan tinham terminado a cova de Thorndike, no outro lado no cemitério, para onde a multidão imediatamente deslocou-se. O diácono Leavitt fez as orações rituais e o processo de baixar o caixão foi repetido. As pessoas começaram a afastar-se em grupos, e o estrépito dos cavalos e das carruagens abafava qualquer ruído quando as pás começaram a ser erguidas de novo. Enquanto a terra batia nas tampas dos caixões, primeiro o de Thorndike, Steve Barbour notou a expressão estranha que tomava o rosto de Sophie Sprague. Ele não podia compreender todos os leves trejeitos do rosto, mas pôde perceber uma espécie de olhar perverso, sarcástico, um tanto reprimido, de vago triunfo. Ele sacudiu a cabeça.

Zenas retornou e deixou Johnny doido sair da cabana antes que Sophie chegasse a casa, e o pobre sujeito correu, imediatamente, para o cemitério. Ele chegou antes que os coveiros tivessem acabado e enquanto muitos dos curiosos ainda lá estavam. O que ele gritou ao lado da sepultura parcialmente preenchida de Tom Sprague, e como remexia a terra solta na cova do recém-enterrado Thorndike ecoou pelo cemitério. Os espectadores ainda vivos até hoje estremecem ao recordar. Jotham Blake, o policial, teve que levá-lo de volta à cidade a força, e seus gritos despertaram ecos terríveis.

É nesse ponto que Fred Peck, geralmente, para de contar a história. O que mais, ele pergunta, há para dizer? Foi uma tragédia sombria, e

não é de surpreender que Sophie tornou-se estranha após isso. Isso é tudo o que se ouve, se é tarde da noite e o velho Calvin Wheeler já cambaleou para casa. Mas, se ele ainda estiver por perto, volta a falar com aquele maldito suspiro lúgubre e insidioso. As vezes, aqueles que o escutam receiam passar pela casa de janelas fechadas ou pelo cemitério, especialmente depois de anoitecer.

“Heh, heh... Fred era apenas um garoto pequeno naquele tempo e só lembra a metade do que estava acontecendo! Você quer saber por que Sophie mantém sua casa com as janelas fechadas, e por que o Johnny doido ainda continua falando com os mortos e gritando para as janelas de Sophie? Bem, senhor, não sei se sei tudo que há para saber, mas eu escuto o que escuto.”

Nesse ponto, o velho cospe o tabaco que mascava e aproxima o rosto do ouvinte.

“Foi naquela mesma noite, veja só, ainda de madrugada e só oito horas após os enterros, quando ouvimos o primeiro grito vindo da casa de Sophie. Acordou todos nós. Steve, Emily Barbour, eu e Matildy fomos voando, todos de pijamas, e encontramos Sophie vestida e desmaiada no chão da sala de estar. Por sorte, ela não tinha trancado a porta. Quando chegamos, ela estava tremendo como uma folha, e não dizia sequer uma palavra sobre o que tinha acontecido. Matildy e Emily fizeram o que puderam para acalmá-la, mas Steve sussurrava-me coisas que me deixavam apreensivo. Passou-se cerca de uma hora e, quando pensamos que íamos voltar para casa, Sophie começou a inclinar a cabeça para um lado como se estivesse ouvindo algo. Então, de repente, ela gritou de novo e desmaiou outra vez.

“Bem, senhor, estou contando o que estou contando, e não vou dar nenhum palpite sobre o que Steve Barbour faria se ele ousasse. Ele sempre foi o melhor para insinuar as coisas... Morreu dez anos atrás de pneumonia...”

“O que mal ouvimos foi apenas o pobre Johnny doido, é claro. Ele estava a mais de um quilômetro e meio do cemitério e deve ter saído pela janela de onde o trancaram na cidade, mesmo que o policial Blake diga que ele não saiu naquela noite. Desde aquele dia até hoje, ele vaga pelos túmulos, falando com ambos, amaldiçoando e pisando o túmulo de Tom e colocando ramalhetes de flores e presentes no de Henry. E quan-

do ele não está fazendo isso, está rondando as janelas fechadas de Sophie, uivando sobre o que vai pegá-la em breve.

“Ela nunca se aproximava do cemitério e, agora, nunca sai da casa ou vê alguém. Ela diz que tem uma maldição em Stillwater, e não duvido que ela tenha alguma razão, do jeito que as coisas estão hoje em dia. Certamente, havia algo estranho em Sophie o tempo todo. Uma vez, quando Sally Hopkins estava visitando-a, acho que em 97 ou 98, houve uma agitação horrível nas janelas, mas Johnny estava trancafiado naquela hora. Ao menos, foi o que o policial Dodge jurou de pés juntos. Mas não estou ridicularizando as histórias sobre ruídos a cada dia dezessete de junho, ou sobre figuras lânguidas brilhando na porta de Sophie e janelas abertas todas as madrugadas escuras por volta das duas horas.

“Veja, foi por volta das duas da madrugada que Sophie ouviu os sons e caiu duas vezes naquela primeira noite depois do enterro. Steve e eu, e Matildy e Emily, ouvimos na segunda vez, um som fraco, exatamente como eu disse. E eu estou dizendo mais uma vez que devia ser o Johnny doido no cemitério, Jotham Blake que diga o que quiser. Não havia como dizer se era a voz do homem tão ao longe, e, como nossas cabeças estavam cheias de bobagem, não era nenhuma surpresa a gente pensar que eram duas vozes, e vozes que não deviam estar falando.

“Steve disse ter ouvido mais do que eu. Eu realmente acredito que ele repensou sua crença sobre fantasmas. Matildy e Emily estavam tão assustadas que não se lembram do que foi que ouviram. E, curiosamente, ninguém mais na cidade, se é que alguém estava acordado naquela hora profana, nunca disse nada sobre ter ouvido sons.

“O que quer que fosse era tão fraco que poderia ter sido o vento se não fosse pelas palavras. Eu decifrei algumas, mas não vou endossar o que Steve disse ter ouvido.

“Mulher diabólica, o tempo inteiro, Henry... e vivo era bem claro... e assim como você sabe... Disse que você ficaria por perto. Livre-se dele e me enterre... num tipo de voz diferente. Então veio aquele horrível voltando um dia, em um grito cadavérico... Mas não me diga que Johnny não poderia ter feito aqueles sons...”

“Ei, você! Por que está partindo com tanta pressa? Talvez eu possa contar mais, se eu me lembrar...”



Tarbis do Lago

com E. Hoffmann Price

∴
Tarbis of the Lake (1932)
Weird Tales (fev. 1934)

No dia em que H.P. Lovecraft chegou a Nova Orleães, e E. Hoffman Price se encontrou com ele na entrada do seu hotel na St. Charles Street, os dois autores ficaram acordados até tarde da noite conversando e comparando notas enquanto Lovecraft bebia xícaras após xícaras de café superdoce. Grande parte desse tempo foi gasto falando sobre esta história.

“Tarbis do lago” foi uma das primeiras histórias de Price escritas especificamente para um público profissional — ele publicava regularmente nas revistas da imprensa amadora, e estava a ponto de levar o seu trabalho para o próximo nível.



“Meu filho,” disse o padre Peytral de cabelos brancos, a seu visitante, cujos olhos acinzentados pareciam muito mais velhos que seus traços ásperos e bronzeados, “vamos supor que você esqueça essa sua amiga

hipotética e me conte o que o está preocupando. Não ligue para o que eu possa pensar. Apenas se expresse.”

John Rankin começou. Seu rosto escureceu por um instante; mas ao ver a expressão gentil nos olhos do velho padre, ele sorriu.

“Eu já deveria saber que o senhor veria através deles, Padre Peytral. Mas antes de prosseguir, diga-me, quem... o que... bem, já houve uma mulher chamada Tarbis? Quero dizer, além da...”

Rankin parou abruptamente, pensativo, olhou para o chão e para os pés da multidão interminável de peregrinos que caminhavam pela esplanada.

O escrutínio do Padre Peytral sobre Rankin tornou-se mais aguçado com a menção de Tarbis.

“Como assim?” indagou ele. “Tarbis.” O padre franziu a testa enquanto buscava as palavras que por um momento o estavam escapando, depois retomou: “Há uma velha tradição que diz que Tarbis, Rainha da Etiópia...”

“Etiópia?” interrompeu Rankin. “Ela... ela é tão branca quanto eu?”

As sobrancelhas do Padre Peytral arquearam. E, em vez de fazer a pergunta que estava em seus lábios, ele explicou: “A Etiópia naqueles dias era o reino do Alto Egito. Uma rainha daquele país não era menos negra do que Ramsés, o Grande.

“E Tarbis,” continuou ele, “ofereceu sua mão e coroa a Moisés, que as recusou. O orgulho da rainha, e mulher, gravemente ferido, levou-a a abandonar o trono e partir, e vagou, até chegar à França. Ela fundou não apenas a cidade de Tarbes, que até hoje leva seu nome, mas também a vizinha Lapurdum — nossa atual Lourdes, que Deus tão significativamente honrou ao a escolher como local para a aparição da Santa Virgem.

“Dizem que o local da Lapurdum original ficava a três quilômetros daqui. Seus habitantes praticavam magia negra. O lugar se tornou um antro de necromantes, uma afronta a Deus, ao homem e à natureza. Mas, em vez de seguir o precedente das Escrituras e destruir Lapurdum com fogo, o Todo-Poderoso fez com que um dilúvio caísse na terra e invadissem a cidade, onde é o lago nos dias de hoje, não muito longe da periferia da moderna cidade de Lourdes.

“Tudo isso,” concluiu o padre Peytral, “pode ser encontrado nos arquivos de Lourdes”.

“Santo Deus!” murmurou Rankin. “É muito pior! O senhor acabou de confirmar tudo o que me assombrava... tudo que tentei negar...”

Rankin de repente se endireitou. Suas bronzeadas bochechas empalideceram. Seus olhos ardiam com uma luz não natural, seu semblante estava vago e abatido ao olhar o padre por um momento, e então continuou: “Essa rainha nunca morreu. Ela mora em Lourdes, na rua que leva ao castelo. Eu sabia... eu senti... e agora o senhor confirmou!”

O padre Peytral de reconhecida e experiente voz solene falou.

“Meu filho,” seu tom era baixo e uniforme, “o alcance da vida eterna pela carne é negada tanto pela Igreja quanto pela ciência. Qualquer que seja a fonte de sua obsessão, você deve esquecer esses pensamentos fantasiosos!”

“Esquecê-los?” exclamou Rankin. “Eu tentei por anos. O senhor sempre disse para eu me abrir. Eu evitei as perguntas, mas meu medo finalmente tomou conta de mim. Primeiro, era uma fantasia de uma amante, a ideia de que Tarbis Dulac havia descoberto no passado obscuro o segredo da juventude eterna. Isso não me assustava. Era apenas um conceito ridículo, uma fantasia extravagante sobre uma jovem que eu pensava muito. Mas no fim descobri que estava dizendo para mim mesmo que não acreditava em nada disso.”

“O que,” disse o padre, “garantiu que você acreditasse exatamente nisso, e isso o assustou.”

Rankin assentiu.

“Por isso, deixei Lourdes. Eu percorri a Ásia inteira, tentando esquecer. E quando finalmente consegui tirar seu sorriso antigo da minha memória consciente, e com ela a ideia de que ela era alguém que viveu por muito tempo, ela voltou e me assombrou em sonhos apavorantes. Ela fazia gestos esculturais, como... o senhor os viu, esculpidos...”

“*Mais oui,*” concordou o padre Peytral. “No Louvre, por exemplo.”

“Ela usava um alto e peculiar toucado. Ela murmurava palavras que eu não consegui entender, exceto em flashes momentâneos. E o que eu entendia me incomodava mais do que qualquer coisa. Tenho medo de Tarbis, e... estou apaixonado por ela.”

Ele ergueu os olhos e fez um gesto desesperado com a mão, depois deixou a cabeça cair cansada. Padre Peytral murmurou algo para si mes-

mo enquanto contemplava a expressão irremediavelmente confusa dos traços ásperos de Rankin.

“E agora o senhor me conta a lenda de uma Tarbis que era rainha, Deus sabe quantos séculos atrás,” murmurou Rankin. “E do lago — como o próprio nome dela hoje, Dulac... *du Lac*...” Então, pondo-se ereto: “O que me diz? Estou totalmente louco?”

“Não,” respondeu o padre enquanto segurava Rankin pelo ombro. “Pelo contrário, suas dúvidas provam sua sanidade. Uma pessoa insana tem certeza de que todos, menos a si próprio, estão desequilibrados. Você negar essa ilusão é sua melhor garantia.”

“Então o que eu devo fazer?” indagou Rankin, exasperado. “Eu não posso suportar estar perto de uma mulher que eu sei que é uma criatura inexplicável que deveria ter morrido há séculos. E também não posso ficar longe dela. Eu tentei as duas coisas!”

Por um momento nenhum dos dois falou. Então, a expressão perplexa do padre Peytral foi substituída por um sorriso de tranquilidade.

“Você, sem querer, seguiu o caminho certo,” disse ele, “ao falar seu pensamento em voz alta, em vez de deixar que ele fosse um murmúrio em seu interior que envenenaria sua mente. Veja essa Tarbis Dulac, olhe nos olhos dela, fale com ela e diga a ela o que pensa. Não importa o que ela vá achar da sua sanidade. Encare-a com firmeza e se expresse. Pergunte seriamente quem e o que ela é e diga a ela por que você pergunta. Se ela se importa com você, não será severa em seu julgamento.”

“Padre Peytral, eu não posso fazer isso!” protestou Rankin. “Ela vai pensar...” Ele olhou para o padre com indignado espanto.

“O senhor parece esquecer que...”

O padre Peytral balançou a cabeça cinzenta. Seu sorriso era uma história de tristeza suavizada pelo tempo.

“Meu filho,” ele disse com uma voz que não deixava de ser autoritária por ser baixa, “eu não esqueço. Eu sei. Se ela se importa com você, ela não o julgará severamente. E uma vez que você tenha enunciado esse pensamento ultrajante, você a conquistará. Seu medo e suas negativas furtivas fomentaram essa obsessão, assim como sua corajosa fala a queimará.”

Rankin pensou por um momento. Ele se levantou do banco de pedra e ficou ereto. Seus olhos eram menos abatidos e seu rosto tenso relaxou.

“Obrigado, Padre.” disse. “Eu a verei esta noite e seguirei seu conselho.”

Rankin levantou o chapéu e reverenciou. Então, para si mesmo, enquanto caminhava pela rua: “Bom velhinho... nem um sinal de sermão... parece perfeitamente natural chamá-lo de pai^[1]...”

Como os peregrinos que se dirigem para Lourdes, Rankin atravessou a terra e o mar para o bem de sua alma, mesmo que não tivesse vindo rezar ou beber a água da nascente que milagrosamente brotava da gruta da grande e negra rocha de Massabielle. Mas, embora a garantia do Padre Peytral tenha dado a Rankin um novo controle sobre si mesmo, e uma arma para combater sua obsessão, as palavras do padre haviam ao mesmo tempo fortalecido o sentimento sempre presente de que Rankin estava lidando com alguém cujo nome estava escrito nas primeiras páginas dos arquivos daquela cidade que nem sempre havia sido um lugar santo, comparável a Roma, Jerusalém ou Meca.



Naquela noite, Rankin se acomodou mais uma vez na sala de recepção luxuosamente mobiliada de uma casa de exterior desagradável que estava firmada na encosta íngreme de uma colina cuja fortaleza de muros altos e masmorra quadrangular, que haviam sido construídos por antigos conquistadores muçulmanos, dominavam o vale do Gave.

“É bom vê-lo de novo, *mon ami*,” disse ela, olhando para Rankin com os ardentes olhos e longos cílios. “Seu nômade incurável, tentou esquecer Tarbis, não foi?”

“Mas eu não consegui,” admitiu Rankin sombriamente. Diante da beleza de Tarbis Dulac, a firmeza que ele obtivera do padre Peytral estava derretendo lentamente. “E agora sei que nunca poderia. Você tem me assombrado. Sua memória me perseguiu e fez dos meus sonhos loucura. Então eu voltei.”

“Eu sabia que você iria, um dia,” murmurou a jovem. “Eu estava esperando você.”

Ela sorriu aquele lento e arcaico sorriso que tanto havia assombrado Rankin; e seus olhos eram dolorosos e incrivelmente antigos. Eles contradiziam o frescor juvenil de sua pele e os contornos graciosos de sua

garganta e ombros. Tarbis era incomumente adorável, e qualquer pessoa, além de Rankin, a aceitaria sem admirações e fantasias indevidas.

Então Rankin se encheu de coragem para o ataque.

“Voltei para resolver o enigma,” disse Rankin. “Você fugiu e zombou de mim com seu sorriso de esfinge e seus olhos riram de mim. Eu há muito tempo me pergunto quem e o que você é. Então, voltei para descobrir, de uma vez por todas,” concluiu.

As sobancelhas da garota se ergueram em arcos mouros e ela fez um gesto fugaz com a mão esbelta. Aquele maldito e assustador gesto! Aquela sugestão insidiosa de dedos esculpidos no granito de templos desertos e tumbas abaladas!

“Você é insaciável, não é?” ela repreendeu. “O que mais você poderia querer? O que eu jamais te neguei?”

Tarbis tinha razão. Qualquer homem não deveria estar contente. No entanto, havia a mesma evasão que sempre deixara Rankin perplexo. Rankin sabia que havia se encolhido com o ataque; que ele falhou solenemente em exigir quem e o que ela era.

“Tarbis, quantos anos você tem?” ele perguntou desesperado.

“Essa pergunta, *mon ami!*” Seu sorriso era delicado. Ela se recusou a levá-lo a sério. Então ela respondeu: “Sou muito mais velha do que você suspeita, John. Mas eu seria mais agradável se você pudesse me catalogar como uma peça de mobiliário antigo, uma obra de jade, um tapete persa?”

Rankin teve que admitir que Tarbis estava certa. E considerá-la uma mulher normal era a coisa sã e lógica; no entanto, não haveria paz até que ela tivesse respondido à solene admoestação que ele deveria fazer.

“Eu me pergunto,” ela continuou, “se você tem certeza de que quer saber. Você já parou para pensar que poderia ter longos arrependimentos?”

Pior e ainda pior! Ela estava sugerindo o próprio pensamento que ele tentara negar.

“Sabe,” disse Tarbis após uma longa pausa durante a qual seus lábios estavam alternadamente sorridentes e sérios, “Eu poderia muito bem questioná-lo, e me perguntar por que você me deixou várias vezes, nunca com uma briga ou qualquer necessidade aparente. E eu sei que você sempre se importou comigo. Não há nada que impeça você de ficar em

Lourdes. Você sabe que eu não procuraria reivindicar você. No entanto, você sempre foi embora.”

“Sim, e eu sempre voltei!” ele respondeu, atormentado pela lembrança de suas determinações para esquecê-la e sua inevitável recaída. “Mas desta vez eu vou conseguir a resposta. Você é muito mais do que aparenta ser. Você não é uma mulher, mas um mundo de mulheres em uma só, e está retendo cem vezes mais do que jamais revelaria.”

“Essa versatilidade deve ser agradável,” sugeriu Tarbis com uma leveza que desmentia seus olhos sérios.

Rankin decidiu que ela não estava zombando dele, mas ele não aceitaria mais qualquer evasão. Ele se levantou abruptamente e a agarrou pelo pulso.

“Sem mais rodeios! Só porque não encontrei palavras certas para me expressar...”

Rankin parou. Ele encontrou as palavras, mas não se atreveu a usá-las.

“Então me diga o que está pensando, John,” disse Tarbis. “Talvez eu entenda.”

Dessa vez falou seriamente. Sua voz era grave e seus olhos eram sérios e antiquíssimos. Rankin soltou seu pulso e olhou fixamente para a tonalidade dourada que rastejava de volta para apagar a impressão branca de seu aperto. Ela o olhou atentamente por um longo momento, depois falou novamente.

“Você não pode esquecer essa curiosidade mórbida?” ela pediu. “Você não pode me aceitar pelo que sou sem questionamentos? Beije-me e me ame pelo bem da noite e por mim mesma. E se você se importa o bastante para sentir ciúmes, fique aqui em Lourdes, para sempre, e me observe tão de perto quanto um qualquer turco alguma vez guardou o seu harém.”

Rankin viu o brilho das lágrimas em seus grandes olhos brilhantes. Ele sabia que estava prestes a fraquejar como fizera antes. Nesse momento, os pensamentos dele pareciam ultrajantes e insanos além de qualquer expressão. E então ele pensou na obsessão que o dominava e afrontava todos os vestígios da razão. Não importava o que ela pensasse de sua sanidade, ele tinha que falar. Seria melhor que ela pensasse que

ele estava completamente louco do que se tornar um de fato. Ele tomou coragem e se jogou em um mergulho final.

“Tarbis, você sabe que na maioria das vezes tenho resistido ao pensamento de que você não é uma mulher, mas alguma coisa...”

“Você precisa saber tudo sobre mim?” ela interrompeu, recuando da implicação de sua última palavra, e ansiosa para impedir que ele expressasse aquilo que ela sentia que iria seguir. “John, você não pode tomar nada como certo? Alguma vez eu...”

“Não, não posso,” declarou Rankin, evitando sua tentativa de mudar de assunto. “Cheguei à beira da loucura, dizendo a mim mesmo, discutindo comigo mesmo para provar que você não é mais velha do que qualquer mulher poderia ser. Na minha cabeça, neguei lufadas de rumores que nenhuma pessoa racional se daria ao trabalho de negar.”

“Oh, esses malditos padres e aldeões intrometidos!” Tarbis exclamou com uma amargura desesperada e impessoal. “Eles não podem viver e deixar viver? Eles não podem se contentar em seguir seus plácidos e ordenados caminhos e me deixar em paz?”

“Mas eles não conversaram sobre você,” protestou Rankin.

“Não, mas eles falaram dela,” rebateu Tarbis. “John, você não pode esquecer isso tudo? Você se importa comigo, não é? Ou sou apenas mais um enigma que sua mente insaciável deve resolver para que não pereça de vaidade insatisfeita? Você precisa saber tudo?”

“Não tudo. Tarbis. Mas uma coisa, sim; para o bem da minha alma e minha sanidade. Quem é o que é você?” ele desesperadamente exigiu, preparando-se para resistir ao apelo que ele leu nos olhos dela.

Ela estava prestes a ceder. E agora ele não poderia se render.

“Já que você insiste, eu vou te contar,” ela finalmente concordou. “Não, eu vou mostrar a você e deixar que tire suas próprias conclusões. Vou deixar você conhecer minha rival cara a cara.”

“Sua rival?” ofegou Rankin, atônito com aquela reviravolta. “Você quer dizer meu rival, não é?”

“Não, quero dizer o que eu exatamente disse: minha rival,” afirmou Tarbis. “Minha rival e minha condenação. Ela te levará embora. Ela destruirá para sempre a felicidade que eu roubei... nós roubamos. Mas como deve ser...”

Ela pegou Rankin pela mão e se virou para a escadaria sinuosa. Então ela parou e pegou seu cálice de vinho.

“Um brinde, John,” ela propôs, com o ar de quem bebia galantemente até a destruição iminente. “À minha rival e à sua condenação!”

Rankin secou o seu cálice. Tarbis mal umedeceu os lábios e colocou o cálice de volta no velho tapete de renda que cruzava a mesa. Então ela liderou o caminho para cima.

Quando Rankin passou pelo corrimão esculpido e a acompanhou através da luz fraca, parecia que ele estava marchando em direção a um perigoso encontro. Por um momento, ele quis dar a volta, agarrá-la e levá-la ao calor e à luz daquela sala de estar tão familiar, para combater aquelas martelantes fantasias no chão nivelado da sanidade. Mas Rankin lembrou-se de sua determinação e sufocou a tristeza que se misturava com sua sensação de perigo.

Tarbis parou no topo da escadaria. Seu cabelo preto azulado brilhava sob a luz de uma lâmpada de óleo sombreada. Enganadora, como a sua luxuosa casa deveria ser obsoleta em alguns detalhes. A esmeralda de corte quadrado em seu dedo era fosforescente como os olhos de uma besta perigosa. Rankin sabia porque observava e fazia comentários mentais sobre tais irrelevâncias... uma vez, ao atravessar um pátio para enfrentar um pelotão de fuzilamento, ele tinha notado o padrão das telhas e tinha observado que o esquema de cores não combinava ...

“Ela está esperando por nós,” ele ouviu Tarbis dizer. “Aqui, no meu próprio quarto.”

Rankin lutou contra o furioso impulso de recuar e deixar aquele assunto em paz. Ele a seguiu até a penumbra daquele quarto familiar com sua cama de cobertura e sua penteadeira. Um espelho de mão estava, como sempre, com a face voltada para baixo, as serpentes douradas de seu cabo cintilavam na luz fraca. Rankin se perguntou, novamente, por que aquele espelho nunca estivera voltado para cima.

Então, em um nicho na alvenaria do muro, ele viu um sarcófago cujas feições douradas o encaravam vagamente.

“Ela está aqui,” disse Tarbis. “Vou deixá-lo com ela. Suas últimas palavras foram ditas muito atrás na primeira juventude do tempo. Os lábios dela estão em silêncio, mas ela falará com você. Assim que tiver sua

resposta, você pode voltar para a sala de estar. Eu provavelmente vou estar dormindo no divã.”

Ela fez uma pausa e o considerou atentamente por um momento, então ela continuou: “Talvez, quando ela lhe disser quem eu sou, e quantos anos eu tenho, você expirará calmamente, sem ao menos uma palavra de despedida. Mas, talvez... as memórias que compartilhamos... eu espero...”

Ela se virou, sem expressar sua esperança. A porta se fechou atrás dela, deixando Rankin com sua estranha companhia. A solidão da sala o oprimiu. A partida de Tarbis fez o lugar aterrorizador como uma tumba.

Ele procurou no bolso do colete alguns cigarros, mas não encontrou. Bem, não importa; embora a fumaça seria sua companhia enquanto ele se sentava lá, buscando olhar para a mesa que ela tinha organizado. Então ele viu uma caixa de prata entre os pentes e frascos de perfume e caixas de pó. Estava pela metade com cigarros longos e finos. Ele acendeu um. Estava pouco perfumado e tinha um aroma curioso, mas não desagradável. Esse exótico fumo combinava com Tarbis. Rankin tampou o isqueiro e se recostou na cadeira para contemplar as feições douradas da urna de sicômoro e suas fileiras de hieróglifos pintados.

Em meio às baforadas de fumaça cinzentas ele observou a máscara dourada, a princípio despreocupadamente, depois com uma intencionalidade que ele procurou negar a si mesmo. Algo novo estava se remexendo inquietantemente em sua mente. Ele se forçou a pensar em Tarbis cujo comprimento esguio estava agora estendido no tapete Shemaka que cobria o divã. Tarbis du Lac... *Tarbis do Lago*... dormindo ou acordada, ela estaria sorrindo em zombaria caprichosa de seu último amante.

Embora ela nunca tivesse insinuado que ele já teve afeições anteriores, Rankin sabia que Tarbis deve ter tido muitos amantes antes dele. Ele sabia que ela deve ter aprendido há tanto tempo que a ilusão é mais sedutora do que a franqueza.

E esse pensamento lentamente trouxe sua consciência de volta ao rosto dourado diante dele. As convicções que o assombraram por tanto tempo se tornaram mais fortes do que nunca. Se a ocupante daquela urna estivesse viva até hoje, ela também teria aprendido com a experiência que nenhum amante se importa com a candura de seus antecessores. Se ela tivesse vivido...

Então Rankin se rendeu a uma nova loucura que era ainda mais perturbada do que aquela que ele tinha procurado sanar naquela noite. Era aterrorizante. Ele tremia e se sentou ereto em sua cadeira. O veneno perfumado do cigarro se enrolava em torno de seus dedos, manchando-os.

Se o escultor tivesse dado vida e animação àqueles longos olhos em forma de amêndoa, eles seriam os olhos de Tarbis. O fogo do cigarro o queimou seus dedos e momentaneamente quebrou o feitiço. Ele aterrou a bituca no tapete sob seus pés e acendeu um outro. Mas a distração não foi suficiente para deter a onda de suposições que havia tomado forma. Aquele sorriso curvo e antigo em dourado era a própria Tarbis olhando para ele, zombando das convenções de esculturas egípcias sem alma e forçando através da lâmina de outro um retrato fiel.

Ele sabia agora o que Tarbis tinha a intenção de o convencer. Ele havia sido assombrado pela ideia estranha de que Tarbis, há muito tempo, tinha descoberto o segredo da juventude eterna. Rankin havia considerado um ultraje tão extravagante, e qualquer mulher que inspirasse algo assim, seria no mínimo, assombroso. Mas agora...

Tarbis havia se tornado algo infinitamente mais aterrorizante: ela não era uma pessoa que havia descoberto, séculos atrás, o segredo da juventude eterna, mas sim o produto de uma magia egípcia que havia permitido a Tarbis morta se materializar e apresentar a aparência de uma mulher física.

Rankin agarrou os braços de sua cadeira. Toda memória de Tarbis e seus braços amorosos negavam a convicção carregada por aquele sorriso dourado; contudo, enquanto olhava fixamente, Rankin começou a se lembrar de coisas que desejava nunca ter aprendido. Para se distrair da fantasia de que Tarbis era antiga, ele tinha ouvido os adeptos da Alta Ásia, que murmuravam a lenda tibetana, e a magia perdida do Egito, nunca suspeitando que ele estava adquirindo um conhecimento que no final seria mais horrível do que o capricho que ele procurava esquecer.

Ele se perguntou quando ela emergiu da urna pintada com seus hieróglifos. Ele se perguntou o que ela tinha feito com seus intermináveis metros de ataduras de linho, e como ela tinha escapado de sua firmeza. Então, pouco a pouco, retornaram a Rankin as palavras daquele adepto de olhos inclinados que ele havia feito amizade.

“Existem nove elementos que, quando unidos, formam o que seus olhos veem como um único corpo humano: o corpo físico, carne e sangue; a sombra; a contraparte, ou chama da vida chamada ka; a alma, ou ba; o coração; o espírito chamado khu; a força vital; um nome; e um nono componente, que é uma força motivadora ... e lembre-se, todos esses são usados no sentido místico ou esotérico. No entanto, esse conhecimento, se realmente interpretado e corretamente utilizado, pode servir para fazer todas as maravilhas da magia egípcia oculta que foi codificada por Thoth...”

O corpo físico embalsamado de Tarbis estava na urna diante de Rankin; e o que lhe parecera ser uma mulher viva era apenas uma agregação de elementos unidos ao ka, que se mantém perto do corpo físico até que esse se desintegre completamente.

Todos os discursos cheios de caprichos e maneirismos de Tarbis retornavam para confirmar a convicção desoladora de Rankin. Sua mente estalou ao lembrar como ela evitava a luz do dia.

“Meu querido,” ela havia murmurado uma noite, “você se deita nas horas mais incomuns para fazer amor comigo — oh, sempre tão encantador! — e fica maravilhado que eu prefira não passar o dia seguinte passeando pela esplanada, ou subindo no Pic de Jer. E é um costume meu, você sabe, gosto de ser vista no meu melhor, à noite, pela minha própria luz...”

Tudo estava claro, agora. A antiga necromancia não tinha sido capaz de restaurar a sombra que faltava, assim Tarbis não podia aparecer à luz do sol. O nome, a chama da vida, o ka ... talvez todos, exceto aquele elemento insubstituível, estavam presentes.

Então sua sanidade se revoltou. Ele lutou contra o desejo de arrancar a tampa da caixa do sarcófago. Ele não ousou ceder à vontade de descobrir o que estava por trás daquela máscara sorridente e dourada. Se de fato estivesse vazia, significaria que aquela coisa morta, com bandagens, emergiu de sua urna para oferecer a ele a aparência profana de uma mulher viva.

Rankin tremia como se um abismo congelante houvesse soprado em suas veias e esfriasse seu sangue.

“Não pode estar vazio!” gritou sua mente. “Bom Deus, se estiver vazia...”

Ele não se atreveu a terminar. Ele se recusou a pensar nos braços finos e esbeltos de Tarbis e em seu sorriso curvo de carmim.

“Mas se estiver lá, então ela é uma ilusão... uma sombra da tumba. Isso é tão ruim ou pior?”

Rankin forçou seu cérebro a cessar aquele surto insistente que terminaria rachando seu crânio. As veias em suas têmporas estourariam a qualquer momento como uma mangueira de incêndio apodrecida.

Então as batidas do sino da catedral interromperam misericordiosamente o pavor que ele não podia aceitar nem negar. E durante esse momento de trégua que lhe foi concedido, ele percebeu, pela primeira vez, o possível significado do aroma peculiar dos cigarros que Tarbis tinha deixado na caixa de prata. Parecia algo que eles fumavam na Pérsia e no Hindustão.

Ele sorriu para a máscara dourada. A última rica nota do sino da catedral lembrou que Lourdes era uma cidade santa. Ele invejava os calmos padres e os piedosos peregrinos, e estava feliz por eles estarem lá, não muito longe do sopé da colina.

“Tarbis, seu demônio, e seus cigarros!” ele exultou, atribuindo com gratidão suas terríveis fantasias à influência de charras, ou qualquer outra droga que eles possam ter contido para perturbar sua mente. Ele suspirou com alívio e cansaço. “Mas talvez eu mereça.”

Ele se levantou e descobriu que ainda tremia violentamente. Suas pernas mal suportavam seu peso; mas seu cérebro não mais tremia ou estremecia com o clamor do outro lado do abismo.

Tarbis estaria esperando por ele na sala de estar. Ela veria a marca de terror ainda marcando seu semblante. Mas ele a perdoou pela horrível piada. Ele podia ser generoso agora, já que havia conquistado sua obsessão expressando-a em palavras. Ele havia perguntado, e ela havia respondido lhe mostrando de forma oblíqua que havia fantasias infinitamente mais perturbadoras do que a de sua juventude eterna. Somente Tarbis poderia ter elaborado tal resposta: Tarbis esbelta e sedutora enrolada sobre o tapete Shemaka.

Mas quando ele chegou à porta, um resquício oculto do horror da noite voltou para lembrá-lo de que sua conquista não havia sido completa. Ele sabia que, no final, começaria a se perguntar novamente se essa urna estava ou não vazia, e se Tarbis era uma fantasma presa durante

o dia, mas livre à noite para fasciná-lo com seu sorriso arcaico e egípcio. E as terríveis suposições de Rankin voltaram mais mais uma vez ao ciclo cujo começo foi aquele olhar de triunfo prematuro daquela máscara dourada. Aquele sorriso sutil e dourado! Essa insinuação de escárnio dissimulado!

Ele retraiu em seus passos. Com um esforço, ele agarrou a tampa. E então ele lentamente retirou as mãos. Ele sabia que deveria se abster ir em frente nessa questão para manter sua sanidade. Mas, quando ele estava prestes a dar um passo atrás, ele soube o que seria da razão recém-recuperada se ele não soubesse, de uma vez por todas, o que havia naquela urna, cujos nomes e títulos foram retratados em hieróglifos pintados sobre aquele sicômoro esculpido.

Rankin empurrou a tampa de lado. E então ele rasgou as bandagens de linho que enfaixavam o corpo morto. De repente parou de pensar; estava fixado demais na tarefa e não podia parar. Sua mente estava morta, mas seus dedos viviam. Eles rasgaram outra camada de ataduras, e mais outra.

Algo o forçou a olhar para aquele rosto. Um instinto cego e um terror convincente o instigaram a revelar a verdade, seja lá qual seja. A poeira de séculos se misturava com a poeira de linho despedaçado e especiarias pungentes o sufocando. Então recuou e fitou as terríveis e enrugadas feições quase vivas. A máscara dourada tinha sido apenas um retrato; mas agora ele encarava a própria Tarbis!

Ele se engasgou sufocante. Ele procurou negar seus olhos, refutar a evidência de seus sentidos, provar que ele não tinha sentido o calor ardente daqueles lábios enrugados. Esse foi o horror supremo, o pior repúdio.

Rankin finalmente forçou seus olhos a deixar aquela escarniante beleza de Tarbis. Ele viu o que era pior: o elo final nas evidências que ligavam Tarbis àquilo que tinha vivido e morrido, séculos atrás. No seio agora exposto da múmia, ele podia ver uma cicatriz de faca: aquela mesma cicatriz que manchava a perfeição da Tarbis viva — ou aquela que ele pensava que estava viva.

Rankin foi desprovido de toda a sensação, exceto por um zumbido terrível em seus ouvidos e marteladas em sua têmpora. Ele saltou para trás e abriu a porta da sala. Por um momento, ele pensou em fugir —

para qualquer direção que fosse. Então ele sabia que nunca poderia escapar daquilo que tinha visto cara a cara, nunca fugiria da lembrança de uma magia egípcia baseada na junção dos nove elementos dispersos de um cadáver. Rankin havia penetrado o véu; ele havia espreitado, e soltou sobre si mesmo uma maldição. Ele pensou por um instante no dia que conheceu Tarbis, uma mulher viva e adorável. Cada movimento que ele havia feito o havia levado mais longe da mulher que amava; no entanto, o conhecimento de que não havia fuga para aquilo que o olhava, o levou a seu último recurso desesperado!

Rankin pegou a lâmpada de óleo de seu suporte e desaparafusou sua cabeça. Então ele despejou todo o conteúdo sobre a múmia. Ele tocou o pavio ainda em chamas nas ataduras de linho. Isso resolveria, de uma vez por todas: decidir agora e para sempre quem e o que estava esperando por ele naquela sala de estar, um andar abaixo, e a séculos de distância.

Enquanto as chamas envolviam o corpo enfaixado, ele ouviu os sons de Tarbis gritando em angústia frente às faixas que se desintegravam, que uma vez uniam as essências espirituais ao corpo mumificado. Ele ouviu aquele grito terrível da sala de estar e sabia que aquele fascinante simulacro estava em agonia de uma segunda e última separação de seu corpo. E o asco de ter amado uma sombra da tumba afogou-se em um horror ainda maior por haver causado a extinção eterna de alguém que amara tão bem a vida que retornou dos mortos.

Ele não se atreveu a passar por aquela sala no andar de baixo para escapar. Mas ele devia fugir! Agora ou nunca; para ver a amada Tarbis — embora ela fosse apenas o khu, o ka, o nome e a força reunidos para um necromante esquecido — para vê-la sendo consumida pela contraparte astral que envolviam o corpo em faixas...

Rankin irrompeu pela janela do topo da escadaria. Ao saltar, ele ouviu por cima do tintilar de cacos de vidro um grito de miséria mortal e desespero mais agudo do que qualquer chama poderia arrancar de seus lábios. Ele a ouviu muito claramente pronunciar seu nome.

Ela sabia. O que restava dela sabia que poder nenhum poderia restaurá-la; que Rankin a havia destruído.

Rankin fugiu às pressas, fugindo cegamente, sem pensar nem sentir, enlouquecido com aquele último grito de agonia. Em sua descida pela

encosta íngreme do caminho que levava da colina até a cidade em baixo, tropeçou e bateu a cabeça num muro.

O impacto entorpeceu seus sentidos e, por um momento, entorpeceu a miséria em sua mente. Em seguida, a voz de um homem pronunciou seu nome, e uma mão firme o ajudou a se levantar.

À luz da lua, ele reconheceu o Padre Peytral. Os traços normalmente plácidos do velho padre estavam tensos, como um terror refletido que ele leu nos olhos fixos de Rankin.

“Meu filho,” disse Padre Peytral em voz baixa e trêmula, “eu estava observando do outro lado da rua. Eu ouvi, e vi as chamas... Você libertou aquela alma condenada... Não, não tente explicar... O pouco que sei é demais. Mas ela está livre de uma abominação.

“Eu... entendo sua dor,” continuou o velho, enquanto pegava o braço de Rankin. “Vamos orar pela alma dela, e pela cura da sua.”

“Tarde demais,” murmurou Rankin com uma voz tensa e rouca. A indescritível dor de Tarbis latejou novamente em sua memória. “Minha alma está condenada, e nem a redenção do tempo ou de suas orações podem salvá-la.”

Rankin reverenciou; e o padre não procurou detê-lo enquanto ele se virava e descia a encosta.



As Duas Garrafas Negras

com Wilfred Blanch Talman

∴

Two Black Bottles (1926)

Weird Tales (ago. 1927)

“As duas garrafas negras” é uma das colaborações mais divertidas de Lovecraft. Talman trouxe a Lovecraft no verão de 1926. Pode não ter sido a primeira história weird de Talman, mas certamente foi uma das primeiras; o jovem escritor tinha apenas 22 anos e provavelmente se sentiu um pouco constrangido ao publicar seu trabalho no mundo. Lovecraft pegou a história nas mãos, fez várias revisões e ajudou Talman a enviá-la para *Weird Tales*, onde foi rapidamente adquirida.

Talman reclamou um pouco, nos últimos anos, sobre algumas das mudanças que Lovecraft fez na história. Suas adições e subtrações no enredo foram aparentemente sólidas e bem-vindas, mas ele também aprimorou o diálogo de maneiras que não o tornavam fiel às antigas raízes holandesas de Nova York.



Nem todos os habitantes dos poucos que sobraram em Daalbergen, aquela aldeia sombria e pequena nas montanhas Ramapo, acreditam que meu tio, o velho Dominie Vanderhoof, está realmente morto.^[1] Alguns deles acreditam que ele está preso em algum lugar entre o céu e o inferno por causa da maldição do velho sacristão. Se não fosse por aquele velho bruxo, ele ainda estaria pregando na pequena igreja do outro lado do pântano.

Depois do que me aconteceu em Daalbergen, eu quase compartilho da opinião dos aldeões. Não tenho certeza de que meu tio esteja morto, mas estou muito certo de que ele não vive nesta terra. Não há dúvida de que o velho sacristão o enterrou uma vez, mas ele não está em sua sepultura agora. Eu quase posso senti-lo atrás de mim enquanto escrevo, impelindo-me a contar a verdade sobre aqueles estranhos acontecimentos em Daalbergen tantos anos atrás.

Era o quarto dia de outubro quando cheguei a Daalbergen em resposta a um chamado. A carta era de um ex-membro da congregação de meu tio, que escreveu que o velho homem tinha morrido e que havia uma pequena herança a que eu, como seu único parente vivo, tinha direito. Tendo alcançado a aldeia remota após uma cansativa série de mudanças de ramais da ferrovia, encontrei o caminho para o armazém de Mark Haines, autor da carta, e ele, levando-me até um cômodo abafado nos fundos, contou-me uma estranha história a respeito da morte de Dominie Vanderhoof.

— Você precisa tomar cuidado, Hoffman, disse-me Haines. — quando você encontrar aquele véio sacristão, Abel Foster. Ele tem pacto com o demônio, você pode apostar sua vida nisso. Faz nem duas semanas Sam Pryor passava pelo véio cemitério e ouviu ele resmungando pros mortos. Não dava pra entender muito o que ele falava, e Sam jurou que ouviu uma voz respondendo, um tipo de voz meio abafada, como se viesse de debaixo da terra. Tem outros, também, que podem te falar que viram ele de pé de frente do túmulo do véio Dominie Slott, aquele perto do muro da igreja, e tava retorcendo as mão e falando com o musgo daquela lápide como se fosse o próprio véio Dominie.

O velho Foster, Haines disse, tinha vindo para Daalbergen cerca de dez anos antes e, imediatamente, foi contratado por Vanderhoof para tomar conta da igreja de pedra que era adorada pela maioria dos aldeões.

Ninguém senão Vanderhoof parecia gostar dele, porque sua presença era quase inusitada. Ele ficava algumas vezes parado ao lado da porta quando as pessoas vinham à igreja, e os homens friamente retribuía seu servil cumprimento enquanto as mulheres passavam apressadamente segurando suas saias de lado para evitar tocá-lo. Ele poderia ser visto nos dias da semana cortando a grama no cemitério e arrumando as flores próximas aos túmulos, de vez em quando cantarolando e resmungando para si mesmo. Alguns poucos deixaram de perceber a atenção especial que ele dedicava ao túmulo do reverendo Guiliam Slott, primeiro pastor da igreja em 1701.

Não demorou muito tempo, após Foster ter se estabelecido como aldeão, para que o desastre começasse a ser notado. Primeiramente, veio a falência da mina da montanha onde a maioria dos homens trabalhava. O veio de ferro havia desaparecido e muitas pessoas se mudaram para localidades melhores, enquanto aqueles que possuíam grandes propriedades nas redondezas começaram a cultivar suas terras e levaram uma vida difícil nas encostas rochosas. Então, vieram os distúrbios na igreja. Comentava-se que o reverendo Johannes Vanderhoof havia compactuado com o demônio, e que para ele dirigia suas palavras de preces em plena casa de Deus. Seus sermões se tornaram estranhos e grotescos, sugestivos e com insinuações sinistras que o povo simplório de Daalbergen não conseguia entender. Ele os transportava de volta aos anos de medo e superstição de regiões de espíritos hediondos e nunca vistos, e povoava sua imaginação com espíritos antigos que assombram a noite. Um a um, a congregação diminuiu, enquanto os presbíteros e diáconos em vão pediram a Vanderhoof para mudar o tema de seus sermões. Embora o velho sempre promettesse que assim faria, ele parecia fascinado por algum poder superior que o forçava a realizar sua vontade.

Gigante em estatura, Johannes Vanderhoof era conhecido por ser fraco e tímido, mas, mesmo assim, embora ameaçado com expulsão ele continuou com seus sermões atemorizantes até quase ninguém comparecer para ouvi-lo no domingo de manhã. Por causa da frágil situação financeira, era impossível convidar um novo pastor, e não demorou até que nenhum dos aldeões ousasse se aventurar nas proximidades da igreja ou da residência paroquial, próxima à igreja. Em todo lugar, havia

medo daqueles espíritos com os quais Vanderhoof estava aparentemente ligado.

Meu tio, Mark Haines me disse, tinha continuado a viver na casa paroquial porque não havia ninguém com coragem suficiente para mandá-lo sair de lá. Ninguém sequer chegou a vê-lo novamente, mas as luzes eram visíveis na casa paroquial durante a noite, e eram até mesmo vistas na igreja de tempos em tempos. Ouviam-se boatos na cidade de que Vanderhoof pregava regularmente na igreja todos os domingos de manhã, ainda que sua congregação não mais estivesse presente para ouvi-lo. Ele tinha apenas o velho sacristão, que vivia no porão da igreja, para cuidar dele, e Foster fazia uma visita semanal ao que sobrou do comércio da aldeia para comprar provisões. Ele não mais cumprimentava servilmente todos que encontrava, mas, ao invés disso, parecia dotado de um ódio demoníaco e doentio. Não falava com ninguém, exceto quando necessário para fazer suas compras, e olhava de relance da direita para a esquerda, com olhos cheios de maldade, enquanto caminhava na rua com sua bengala batendo os pavimentos irregulares. Dobrado e enrugado devido à idade avançada, sua presença, de fato, poderia ser sentida por qualquer um próximo dele, tão poderosa era aquela personalidade que, diziam as pessoas da cidade, tinha feito Vanderhoof aceitar o demônio como seu mestre. Ninguém em Daalbergen duvidava que Abel Foster era a causa de todo o mal da cidade, mas não ousavam sequer levantar um dedo contra ele, nem mesmo se aproximar dele sem um frêmito de pavor. Seu nome, como o de Vanderhoof, nunca era mencionado em voz alta. Sempre que o assunto da igreja além do pântano era discutido, era através de sussurros; e se houvesse chance da conversa se estender até a noite, sussurravam olhando por sobre os ombros para se certificar de que nada disforme ou sinistro estivesse surgindo da escuridão para testemunhar suas palavras.

O jardim da igreja continuou a ser mantido tão verde e belo como quando a igreja estava em uso e as flores próximas aos túmulos no cemitério foram tratadas com tanto cuidado quanto nos tempos passados. O velho sacristão podia ser visto ocasionalmente trabalhando lá como se ainda fosse pago por seus serviços, e aqueles que ousavam se aventurar próximo de lá diziam que ele mantinha uma conversa contínua com o

demônio e com aqueles espíritos que espreitavam dentro dos muros do cemitério.

Uma manhã, Haines continuou a dizer, Foster foi visto cavando uma cova sobre a qual o campanário da igreja jogava a sombra durante a tarde, antes do sol se pôr atrás da montanha e a semiobscuridade do crepúsculo cobrir a aldeia. Mais tarde, o sino da igreja, silente por meses, badalou solenemente por meia hora. E, ao pôr do sol, aqueles que estavam assistindo à distância viram Foster trazer um caixão da casa paroquial em um carrinho de mão, despejá-lo no interior da cova com lenta cerimônia e cobri-lo de terra.

O sacristão veio à aldeia na manhã seguinte, prosseguindo com seu costume semanal, e em muito melhor espírito do que o usual. Ele parecia disposto a falar, comentando que Vanderhoof tinha morrido no dia anterior e que ele enterrara o corpo ao lado do túmulo de Dominie Slott, próximo ao muro da igreja. Sorria de vez em quando e esfregava as mãos em uma alegria inoportuna e inexplicável. Era aparente que ele sentia um perverso e diabólico deleite com a morte de Vanderhoof. Os aldeões perceberam uma estranheza adicional em sua presença e o evitaram o máximo que podiam. Com a ausência de Vanderhoof, eles se sentiram mais inseguros do que antes, pois o velho sacristão estava agora livre para lançar, diretamente da igreja do outro lado do pântano, seus piores sortilégios sobre a cidade. Balbuciando algumas palavras em uma língua indecifrável, Foster retornou caminhando ao longo da estrada sobre o pântano.

Foi então que, aparentemente, Mark Haines se lembrou ter ouvido Dominie Vanderhoof falar de mim como seu sobrinho e decidiu escrever para mim, na esperança de que eu pudesse saber algo que esclarecesse o mistério dos últimos anos de meu tio. Assegurei, no entanto, que não sabia nada sobre meu tio ou seu passado, exceto que minha mãe tinha afirmado que ele era um homem de físico gigantesco, mas com pouca coragem ou força de vontade.

Tendo ouvido tudo isso que Haines me dissera, reclinei-me na cadeira e olhei meu relógio. Era final de tarde.

— Qual a distância até a igreja? perguntei. — Consigo chegar lá antes do pôr do sol?

— Claro, mais ocê não devia ir lá de noite. Não naquele lugar! — Todos os membros do velho homem tremiam e, erguendo-se de sua cadeira, estendia uma mão magra para me deter. — Isso é uma grande tolice! — exclamou.

Eu ri, por dentro, de seu pavor e informei a ele que, fosse o que fosse, eu estava determinado a ver o velho sacristão naquela noite e entender tudo o mais rápido possível. Eu não quis levar em conta as superstições daquele povo humilde, pois estava convencido de que tudo o que eu tinha acabado de ouvir era meramente uma cadeia de eventos que o povo imaginativo de Daalbergen havia ligado a sua própria falta de prosperidade. Não senti temor de maneira alguma.

Vendo que eu estava determinado a chegar à casa de meu tio antes do escurecer, Haines me conduziu para fora de seu escritório e, relutante, me deu as poucas orientações necessárias para garantir minha chegada ao destino, implorando, de quando em vez, para que eu mudasse de opinião. Ele apertou minha mão quando saí, como se esperasse nunca mais me ver novamente.

— Toma cuidado pra aquele diabo, Foster, não te pegar! — ele me aconselhava repetidamente. — Eu que não chego perto daquele homem de jeito nenhum, não senhor! — E retornou a sua loja sacudindo a cabeça solenemente, enquanto eu me punha ao longo de uma estrada para os arredores da cidade.

Eu mal tinha caminhado dois minutos e já vislumbrava o pântano do qual Haines havia falado. A estrada, flanqueada por cercas brancas, passava sobre o grande pântano, cheio de arbustos submersos, limo e lodo úmidos e escorregadios. Um odor de morte e de podridão enchia o ar e, mesmo na ensolarada tarde, algumas nuvens de vapor poderiam ser vistas saindo daquele local insalubre.

No lado oposto do pântano, virei à esquerda, como tinha sido orientado, tomando uma ramificação da estrada principal. Pude perceber que havia diversas casas no local. Casas que, na verdade, eram quase cabanas, refletindo a pobreza extrema de seus proprietários. A estrada aqui passava sob os ramos caídos de enormes salgueiros que encobriam a luz do sol quase completamente. O odor fétido do pântano ainda estava em minhas narinas, e o ar era úmido e frio. Apressei meus passos para sair daquele túnel sombrio o mais rápido possível.

Novamente, me encontrei sob a luz do sol que, pendurado como uma bola vermelha sobre a crista da montanha, estava começando a mergulhar no horizonte. E lá, a alguma distância de onde eu estava, banhada em uma iridescência cor de sangue, estava a igreja solitária. Comecei a sentir a estranheza que Haines havia mencionado, aquele sentimento de pavor que fazia com que toda Daalbergen evitasse o lugar. A atarracada cúpula de pedra da igreja, com seu campanário sem ponta, parecia um ídolo para o qual as lápides ao redor curvavam-se em adoração, cada uma com um topo arqueado como os ombros de uma pessoa ajoelhada, enquanto, ao fundo, a sombria e cinzenta casa paroquial pairava como uma aparição.

Diminuí um pouco os passos enquanto observava aquela imagem. O sol estava desaparecendo atrás da montanha muito rapidamente e o ar do pântano me congelava. Levantei a gola do casaco até o pescoço e me afastei. Algo chamou minha atenção quando olhei para cima novamente. Na sombra do muro da igreja, estava alguma coisa branca — uma coisa que aparentava não ter forma definida. Apertando os olhos enquanto me aproximava, vi que era uma cruz de madeira sobre um monte de terra recentemente amontoadada. A descoberta me fez sentir, de novo, um frio cortante. Percebi que poderia ser o túmulo do meu tio, mas algo me disse que aquele não era como os outros túmulos próximos. Não parecia com o túmulo de uma pessoa morta. De um modo intangível, parecia estar vivo, se é que se pode dizer que um túmulo pode viver. Muito próximo a ele, vi, enquanto me aproximava mais, que havia outro túmulo: um velho monte de terra com uma pedra desgastada pelo tempo sobre ele. O túmulo de Dominie Slott, pensei, recordando a história de Haines.

Não havia sinal de vida em qualquer lugar naquele local. No crepúsculo, subi a pequena colina sobre a qual a casa paroquial estava e bati à porta. Não houve resposta. Contornei a casa e espiei pelas janelas. Parecia completamente deserta.

As montanhas baixas tinham feito a noite cair com alarmante rapidez no minuto em que o sol foi totalmente encoberto. Percebi que mal podia ver mais que poucos metros a minha frente. Buscando, cuidadosamente, o caminho à frente, avancei até dobrar mais uma esquina ao redor da casa e parei, pensando no que fazer a seguir.

Tudo estava quieto. Não havia um sopro de brisa, nem mesmo os usuais ruídos feitos por animais em suas deambulações noturnas. Todo o pavor havia sido esquecido por um tempo. Mas, na presença daquela calma sepulcral, minhas apreensões retornaram. Imaginei o ar povoado de espíritos medonhos a meu redor, fazendo-o quase irrespirável. Indaguei-me, pela centésima vez, onde o velho sacristão poderia estar.

Permaneci ali, como se esperasse algum demônio sinistro surgir das sombras, quando percebi duas janelas iluminadas no campanário da igreja. Então, me lembrei do que Haines tinha dito sobre a habitação de Foster no porão. Avançando cautelosamente através da escuridão, encontrei um lado da porta da igreja entreaberta.

O interior tinha um odor azedo de mofo. Tudo o que eu toquei era coberto por uma umidade fria e pegajosa. Acendi um fósforo e comecei a explorar, para descobrir, se pudesse, como chegar ao campanário. Repentinamente, parei.

Um trecho de música, alto e obscuro, produzido por uma voz gutural e grossa de embriaguez, fez-se ouvir. O fósforo queimou meus dedos, e eu o soltei. Dois pontos de luz perfuravam a escuridão na parede mais distante da igreja e, abaixo deles, ao lado, pude ver uma porta delineada pela luz que saía por seus vãos. A canção parou tão abruptamente como havia iniciado, e houve absoluto silêncio. Meu coração batia como se fosse arrebentar-me o peito e meu sangue corria para minhas têmporas. Não estivesse petrificado de medo e teria fugido imediatamente.

Não me preocupei com acender outro fósforo e caminhei entre os bancos até parar defronte à porta. Tão profunda era a sensação de abatimento que veio sobre mim, que pensei estar em um sonho. Minhas ações eram quase involuntárias.

A porta estava trancada, foi o que pensei quando virei a maçaneta. Bati por algum tempo, mas não houve resposta. O silêncio era tão absoluto quanto antes. Tateando as bordas da porta, achei as dobradiças, removi os pinos e deixei a porta cair sobre mim. A luz fraca inundou um íngreme lance de escadas. Havia um odor doentio de uísque. Agora, eu podia ouvir alguém se mexendo no quarto do campanário, acima. Aventureando-me a emitir um baixo “olá”, pensei ter ouvido um grunhido em resposta e, cautelosamente, subi as escadas.

O primeiro vislumbre daquele amaldiçoado lugar surpreendeu-me de fato. Espalhados no pequeno quarto havia velhos e empoeirados livros e manuscritos — objetos estranhos que aparentavam uma idade quase inacreditável. Em fileiras de prateleiras que alcançavam o teto, havia horríveis objetos em jarros de vidro e em garrafas — cobras, lagartos e morcegos. Poeira, lodo e teias incrustavam tudo ali. No centro, ao lado de uma mesa sobre a qual havia uma vela acesa, uma garrafa de uísque quase vazia e um copo, estava uma figura imóvel, com uma face fina, enrugada, envelhecida e com olhos selvagens e vazios que me fitavam fixamente. Reconheci Abel Foster, o velho sacristão, em um instante. Ele não se moveu ou falou enquanto eu caminhava devagar e temerosamente até ele.

— Senhor Foster? — perguntei, com um tremor e um medo inexplicáveis quando ouvi o eco de minha voz nos confins do cômodo. Não houve resposta, e nenhum movimento da figura à mesa. Pensei que ele estava bêbado a ponto de não sentir nada e, então, contornei a mesa para sacudi-lo.

Ao mero toque de minha mão em seu ombro, o velho e estranho homem saltou da cadeira como se estivesse aterrorizado. Seus olhos, ainda vazios, continuaram fixos em mim. Sacudindo os braços como se fossem armas mortais, ele se afastou.

— Não! — exclamava. — Não me toque! Vá embora! Vá embora!

Vi que estava tanto embriagado quanto paralisado por algum tipo de horror indescritível. Com um tom de voz calmo, eu lhe disse quem era e porque tinha vindo. Ele pareceu entender vagamente e afundou novamente na cadeira, vacilante e imóvel.

— Pensei que fosse ele — murmurou. — Pensei que fosse ele voltando. Ele tá tentando sair, tá tentando sair desde quando pus ele ali. — O tom de sua voz voltou a crescer até tornar-se um grito e ele agarrou os cabelos. — Talvez ele já tenha saído agora! Talvez ele esteja fora!

Olhei ao redor, esperando alguma figura espectral subir as escadas.

— Quem talvez esteja fora? — perguntei.

— Vanderhoof! — ele gritou — A cruz da sepultura dele tá caindo toda noite! Toda manhã a terra tá solta e tá difícil colocar de volta! Ele vai sair de lá e eu não vou conseguir fazer nada!

Forçando-o a sentar-se na cadeira novamente, eu me sentei em uma caixa próxima a ele. Ele estava tremendo, com um terror mortal, a saliva escorrendo nos cantos da boca. Às vezes, eu sentia a sensação de terror que Haines havia descrito quando me falou sobre o velho sacristão. Na verdade, havia algo estranho naquele homem. Sua cabeça estava, agora, caída sobre o peito, e ele parecia mais calmo, murmurando para si mesmo.

Em silêncio, me levantei e abri uma janela para deixar sair o odor de uísque e o odor fétido de coisas mortas. A luz de uma lua obscura fez as coisas no cemitério lá em baixo levemente visíveis. Pude ver o túmulo de Dominie Vanderhoof de minha posição no campanário e piscava os olhos enquanto olhava para aquilo. A cruz estava *realmente* inclinada! Lembrei-me que estava exatamente na vertical uma hora atrás. De novo, o medo tomou posse de mim. Rapidamente, me virei. Foster, sentado em sua cadeira, me olhava. Sua feição era mais sã do que antes.

— Então ocê é o sobrinho de Vanderhoof — ele murmurou com seu tom nasal. — Bom, ocê precisa saber de tudo muito bem. Ele vai estar comigo aqui de novo, ah, ele vai. Assim que ele sair daquele túmulo. Ocê precisa saber da história toda agora.

Seu terror pareceu abandoná-lo. Ele parecia resignado a algum destino horrível que a qualquer minuto esperava ocorrer. A cabeça caiu sobre o peito novamente, e ele continuou balbuciando naquele monótono tom nasal.

— Ocê vê todos aqueles livros e papéis? Bom, eles já pertenceram a Dominie Slott. Dominie Slott! Que esteve por aqui anos atrás. Todas as suas coisas são para fazer magia. Magia negra que o veio Dominie sabia antes de vir para estas bandas. Eles queimavam e ferviam gente em óleo assim por aqui, fique sabendo. Mas o veio Slott soube disso, e ele não contou pra ninguém. Não senhor, o veio Slott rezava aqui gerações atrás, e ele vinha aqui em cima estudar esses livros e usar essas coisas mortas dos vidros dizendo feitiços malditos e coisas desse tipo, mas ele não deixava ninguém saber disso. Não, ninguém sabia disso, mas Dominie Slott e eu, sim.

— Você? — interrompi, me inclinando sobre a mesa.

— Isso mesmo! Eu, no final, aprendi tudo. — Quando me respondeu, seu rosto mudou estranhamente. — Achei todas essas coisas aqui

quando cheguei para ser sacristão dessa igreja e eu costumava ler quando não estava trabalhando. E logo passei a saber tudo.

O velho falava e eu escutava, fascinado. Ele falou sobre ter aprendido a difícil fórmula da demonologia e que, por meio de encantamentos, ele poderia lançar maldições sobre as pessoas. Ele tinha realizado horríveis rituais ocultos em sua crença infernal, invocando anátemas sobre a cidade e seus habitantes. Enlouquecido por seus desejos, ele tentou submeter a igreja a seus feitiços, mas o poder de Deus era muito forte. Percebendo que Johannes Vanderhoof era muito fraco em sua fé, ele o enfeitiçou para que ele pregasse sermões estranhos e místicos, os quais trariam medo aos corações da população simples da cidade. De sua posição no cômodo do campanário, por detrás de uma pintura da tentação de Cristo que adornava uma parede dos fundos da igreja, ele disse que espiava Vanderhoof, enquanto esse rezava, através de furos feitos no lugar dos olhos do demônio da pintura. Aterrorizada pelas coisas estranhas que estavam ocorrendo, a congregação abandonou a igreja um a um, e Foster pôde fazer o que quisesse com a igreja e com Vanderhoof.

— Mas o que você fez com ele? — perguntei, com uma voz oca quando o velho sacristão interrompeu sua confissão. Ele irrompeu em gargalhadas lançando para trás a cabeça em um êxtase alcoólico.

— Eu tomei a alma dele! — Uivou em um tom que me fez estremecer. — Tomei a alma dele e coloquei em uma garrafa, em uma pequena garrafa negra! E a enterrei! Mas ele não salvou sua alma, ele não pode ir para o céu e nem para o inferno! Agora, ele fica tentando sair do túmulo. Eu consigo ouvir ele se empurrando pra fora do túmulo, ele é bem forte pra conseguir fazer isso.

O velho continuou a contar sua história de forma tal que fui ficando mais e mais convencido de que ele estava realmente me dizendo a verdade e não apenas tagarelando por causa da embriaguez. Cada detalhe condizia com o que Haines tinha me contado. O medo estava crescendo em mim cada vez mais com o velho feiticeiro lançando gargalhadas demoníacas. Fiquei tentado a descer as escadas e abandonar aquela vizinhança amaldiçoada. Para me acalmar, me levantei e, novamente, olhei através da janela. Meus olhos quase saltaram das órbitas quando vi que a cruz sobre o túmulo de Vanderhoof havia se inclinado perceptivelmente

desde que eu a olhei pela última vez. Estava formando, agora, um ângulo de quarenta e cinco graus!

— Não podemos desenterrar Vanderhoof e restaurar sua alma? — perguntei, quase sem respirar, sentindo que algo poderia ser feito rapidamente. O velho levantou-se da cadeira horrorizado.

— Não, não, não! — gritou. — Ele ia me matar! Esqueci a fórmula e ele, se sair, vai viver, mas não teria uma alma. Ele mataria nós dois!

— Onde está a garrafa que contém a alma dele? — Perguntei, avançando traiçoeiramente em sua direção. Senti que algo horrível estava para acontecer, algo que eu deveria evitar a qualquer custo.

— Não vou te dizer, filhote! — rosnou. Senti, ao invés de ver, uma luz esquisita em seus olhos quando ele se meteu em um canto. — E não me toque ou ocê vai se arrepender!

Dei um passo à frente notando que, em uma banquetta atrás dele, havia duas garrafas negras. Foster balbuciou algumas palavras estranhas cantarolando em voz baixa. Tudo começou a se tornar cinza diante de meus olhos e algo dentro de mim pareceu ser arrastado para fora, tentando sair por minha boca. Senti meus joelhos ficarem fracos.

Cambaleei para frente, agarrando o velho sacristão pela garganta, e, com meu braço livre, tentei alcançar as garrafas na banquetta. Mas o velho caiu para trás, atingindo a banquetta com os pés, e uma das garrafas caiu no chão, enquanto eu peguei a outra. Houve um clarão de chamas azuis, e um cheiro sulfuroso encheu a sala. Do pequeno monte de cacos de vidro, um vapor branco se elevou e seguiu em uma corrente de ar para fora através da janela.

— Maldito seja! Seu desgraçado! — Disse, com uma voz que parecia fraca e distante.

Foster, que eu tinha soltado quando a garrafa quebrou, estava agachado contra a parede, parecendo menor e mais enrugado do que antes. Sua face estava se tornando, lentamente, verde-escura.

— Maldito seja! — Disse de novo com aquela voz estranha, soando com dificuldade como se não viesse de seus próprios lábios. — Estou perdido! A alma que estava ali dentro era a minha! *Dominie Slott a tomou dois séculos atrás!*

Deslizou em direção ao chão, me olhando com olhos cheios de ódio que diminuía rapidamente. Sua carne mudou de clara para escura e,

então, para amarelo. Vi, com horror, que seu corpo parecia desmoronar e suas roupas caíam em dobras.

A garrafa em minha mão começou a esquentar. Olhei para ela cheio de pavor. Ela brilhou com uma fosforescência débil. Paralisado de medo, coloquei a garrafa sobre a mesa, mas não pude tirar meus olhos dela. Seguiu-se um instante sinistro de silêncio, conforme seu brilho tornava-se mais forte e, então, tornou-se claro para meus ouvidos o som de terra deslizando. Tomando fôlego, olhei pela janela. A lua estava bem acima, no céu, e, graças a sua luz, pude ver que a cruz recentemente colocada sobre o túmulo de Vanderhoof tinha caído no chão. Mais uma vez, pude ouvir o som de deslizamento de terra e não pude me controlar mais. Desci tropeçadamente as escadas e encontrei o caminho para fora. Quando alcancei o pé da colina, na entrada daquele túnel melancólico abaixo dos salgueiros, ouvi um terrível urro atrás de mim. Ao me virar, olhei em direção da igreja. Suas paredes refletiam a luz da lua e, sob sua silhueta, estava uma gigantesca e repugnante sombra negra saindo de dentro do túmulo de meu tio e, debatendo-se horivelmente, seguia em direção à igreja.

Contei minha história a um grupo de aldeões na loja de Haines na manhã seguinte. Percebi que eles se entreolhavam com pequenos sorrisos durante minha narrativa, mas quando eu sugeri que me acompanhassem até o lugar, deram várias desculpas para não ir. Embora houvesse um limite para sua credulidade, eles se preocupavam com os riscos. Informei a eles que eu iria sozinho, embora confesse que o projeto não me atraía.

Quando deixei a loja, um homem velho, com uma barba longa e branca, apressou-se em me alcançar e tomou meu braço.

— Vou com ocê, rapaz — ele disse. — Isso parece coisa do velho Dominie Slott. Uma vez meu avô me disse como ele era. Um velho estranho, ele dizia que era, mas Vanderhoof me pareceu pior.

O túmulo de Dominie Vanderhoof estava aberto e vazio quando chegamos. Claro que poderia ter sido algum ladrão de túmulo, nós dois concordamos, mas então... No campanário, a garrafa que eu tinha deixado na mesa tinha desaparecido, embora os fragmentos da que havia se quebrado estivessem ainda no chão. E, sobre o monte de pó amarelo e

roupas jogadas ao chão que antes tinham sido de Abel Foster, encontramos pegadas imensas.

Após olhar alguns dos livros e papéis espalhados pelo cômodo do campanário, os carregamos para baixo e os queimamos, como algo sujo e amaldiçoado. Com uma pá que encontramos no porão da igreja, enchemos o túmulo de Johannes Vanderhoof e, depois, jogamos a cruz sobre as chamas.

Agora, as velhas da aldeia dizem que quando a lua está cheia, uma figura gigantesca e desnorteada caminha pelo cemitério da igreja segurando uma garrafa e perseguindo alguma meta esquecida.



Surdo, Mudo e Cego

com C. M. Eddy, Jr.

∴

Deaf, Dumb, and Blind (1924)

Weird Tales (abr. 1925)

“Surdo, Mudo e Cego” foi a última história escrita em conjunto com C.M. Eddy Jr., mas que atualmente é atribuída apenas a Eddy. Em uma carta a Derleth, Eddy diz que Lovecraft não teria gostado do último parágrafo, e, após muitas tentativas de Eddy e muitas discussões sobre o assunto, teria concordado em reescrevê-lo. Esse depoimento faz com que alguns estudiosos imaginem que todo o texto é de Eddy, exceto o último parágrafo, enquanto outros alegam que Lovecraft teria revisado toda a história, e reescrito totalmente o último parágrafo. Estudiosos de Lovecraft apontam semelhanças entre o final dessa história e o de “O Depoimento de Randolph Carter”, bem como semelhanças entre uma de suas passagens e “O Horror de Dunwich”.



Um pouco depois do meio-dia, em 28 de Junho de 1924, o Dr. Morehouse parou o carro diante da mansão dos Tanner, e quatro homens saíram. O edifício de pedra, em perfeito estado de conservação, erguia-se junto à estrada e, à exceção do pântano nos fundos, não havia qualquer aspecto capaz de invocar sugestões soturnas. A porta da frente, impecavelmente branca, era visível a uma certa distância da estrada ao fundo do relvado bem aparado e, quando o grupo que vinha com o médico se aproximou, podia se ver que o pesado portão se encontrava escancarado. Apenas a porta com a rede mosquiteira se encontrava fechada. A proximidade dessa casa impusera uma espécie de silêncio nervoso aos quatro homens, pois o que se encontrava lá dentro só poderia ser imaginado com um vago terror. Este acabou por diminuir claramente, quando os exploradores começaram o ouvir o som da máquina de escrever de Richard Blake.

Menos de uma hora antes, um homem adulto fugira dessa casa, sem chapéu, sem casaco, gritando, para cair na soleira da porta do vizinho mais próximo, a cerca de um quilômetro, balbuciando incoerentemente sobre “casa”, “escuridão”, “pântano”, “escritório”. O Dr. Morehouse não precisou de mais incentivos para tomar uma ação rápida, quando lhe disseram que um homem enlouquecido havia irrompido da velha casa dos Tanner pela margem do pântano. Ele sabia que algo iria acontecer depois que os dois homens tinham decidido alugar a amaldiçoada casa de pedra — o homem que fugira e o seu patrão, Richard Blake, o poeta de Boston, o gênio que fora para a guerra com os nervos e sentidos alerta e viera como estava agora, ainda jovem, embora meio paralítico, ainda dando passos melódicos entre as paisagens e os sons da fantasia viva, embora isolado para sempre do mundo físico, pois se encontrava cego, surdo e mudo!

Blake se deliciara com as inusitadas tradições e temerosos avisos sobre a casa e os seus antigos inquilinos. Essas tradições de natureza sobrenatural eram um deleite para uma imaginação cujo prazer o seu estado físico não poderia privar. Sorrira quando confrontado com os prognósticos dos supersticiosos habitantes locais. Agora, com o seu único companheiro fugindo num louco êxtase de medo e pânico, e abandonado sem qualquer tipo de ajuda com o que quer que fosse que tivesse causado esse pânico, Blake poderia ter menos oportunidades para a di-

versão e para sorrir! Essa, pelo menos, era a opinião do Dr. Morehouse ao encarar o problema do fugitivo. O médico fora visitar o intrigado vizinho para saber o que se passara. Os Morehouse eram uma velha família de Fenham, e o avô tinha sido um daqueles que queimara o corpo do eremita Simeon Tanner, em 1819. Nem mesmo a essa distância o médico experiente poderia escapar de um arrepio na espinha sobre o que se registrara dessa incineração, diante das ingênuas inferências de ignorantes camponeses perante as pequenas características sem sentido do falecido. Ele sabia que esse arrepio era uma loucura, pois pequenas protuberâncias ósseas na parte da frente do crânio não eram significativas e podiam se observar muitas vezes em homens calvos.

Entre os quatro homens que voltavam os rostos resolutos para a abominável casa a partir do automóvel do médico, ocorrera uma troca amedrontada de lendas vagas e excertos meio furtivos de intrigas passadas, através de avós curiosas — lendas e insinuações repetidas poucas vezes e quase nunca comparadas sistematicamente entre si. Essas remetiam a 1692, quando Tanner perecera na Gallows Hill em Salem, após um julgamento por feitiçaria, mas não se tornaram conhecidas até à época em que a casa foi construída, ou seja, 1747, embora a construção em forma de L fosse mais recente. Nem naquele tempo essas histórias foram muito numerosas, pois, ainda que os Tanner fossem pessoas muito estranhas, foi apenas o último, o velho Simeon, que as pessoas realmente temiam. Ele acrescentou ao que havia herdado — de um modo horrível, segundo o que todos diziam — e fechara as janelas com tijolos nas salas voltadas ao sul, cuja parede do lado leste dava para o pântano. Essa sala era o seu escritório e biblioteca e tinha uma porta muito grossa com barras de ferro. Essa fora destruída com machados, numa terrível noite de Inverno em 1819, quando uma fumaça malcheirosa começou a emanar da chaminé, e então eles encontraram o cadáver de Tanner — com aquela expressão no rosto. Fora por causa dessa mesma expressão — não devido às duas protuberâncias ósseas sob o cabelo desgrenhado — que eles tinham queimado o corpo, bem como os manuscritos e os livros que lá se encontravam. Contudo, a curta distância até a casa dos Tanner fora percorrida, antes que questões de natureza histórica muito mais importantes pudessem ter sido correlacionadas.

Quando o médico, à frente do grupo, abriu a porta de rede e entrou no saguão abobadado, todos se deram conta de que o som da máquina de escrever tinha parado de repente. Nesse momento, dois dos homens também pensaram sentir uma leve corrente de ar, o que era estranho, dado o calor do dia, embora mais tarde se tenham recusado a afirmar. Tudo na entrada estava em ordem, bem como as várias salas que tinham inspecionado em busca do escritório onde presumivelmente deveriam encontrar Blake. O autor mobilara a casa num estilo requintadamente colonial e, embora não tivesse mais ajuda, senão aquele único criado, conseguiu mantê-la em um estado de limpeza digno de ser louvado.

O Dr. Morehouse conduziu os seus homens pela casa, através de enormes portas abertas e passagens em arco, até finalmente encontrarem a biblioteca e o escritório que tanto procurava — uma bela sala no lado sul, anexa à qual há tempos fora o temido escritório de Simeon Tanner — repleto de livros que o criado marcara, através de um engenhoso abecedário destinado ao tato, e dos volumosos tomos em Braille que o próprio autor lia com as sensíveis pontas dos dedos. Richard Blake, é claro, encontrava-se na sala, sentado, como era de costume, em frente à sua máquina de escrever, com uma resma de folhas de rascunho, recentemente escritas, espalhadas pela mesa e pelo chão, e uma ainda na máquina. Havia parado de trabalhar subitamente, como parecia, talvez devido a um vento frio que o fez levantar a gola do roupão. Além disso, tinha a cabeça voltada para a porta da sala anexa ensolarada, de uma forma que não se esperaria de uma pessoa cega e surda, quase completamente isolada do mundo.

Ao se aproximar a ponto de conseguir ver o rosto do autor, o Dr. Morehouse empalideceu e fez um gesto para que os outros parassem e se ficassem onde estavam. Precisava de tempo para se acalmar e para afastar todas as hipóteses de uma hedionda ilusão. Já não precisava no motivo de terem queimado o cadáver de Simeon Tanner naquela noite de Inverno devido à *expressão* que tinha, pois aqui estava algo com que apenas uma mente bem disciplinada poderia confrontar. O falecido Richard Blake, cuja máquina de escrever cessou os convencionais ruídos apenas quando os homens tinham entrado na casa, vira alguma coisa, a despeito de sua cegueira, e tinha sido afetado por isso. Não existia nada de humano na expressão do seu rosto, ou na mórbida expressão vidrada

impressa nos seus olhos azuis, enormes e avermelhados fechados às imagens deste mundo há pelo menos seis anos. Esses olhos estavam fixos, com um êxtase de horror claramente perceptível, na porta que conduzia ao velho escritório de Simeon Tanner, onde o sol incidia em paredes outrora cobertas por escuridão, devido às janelas muradas. O Dr. Arlo Morehouse cambaleou tonto, ao ver que, apesar de toda a deslumbrante luz do dia, as pupilas tórridas daqueles olhos estavam dilatadas tão cavernosamente como as dos olhos de um gato no escuro.

O médico fechou os fixos e cegos olhos antes de permitir que os outros olhassem para o rosto do cadáver. Então, começou a examinar a forma sem vida com uma diligência febril, usando um escrupuloso cuidado técnico, apesar dos nervos exaltados e das mãos trêmulas. Alguns dos resultados eram ditos periodicamente ao espantado e inquisitivo trio ao redor; a outras observações se limitava a ocultar sensatamente, para que as mesmas não conduzissem a especulações mais inquietantes do que deveria ser. Não foi devido a qualquer palavra da sua parte, mas a uma sagaz observação independente, que um dos homens comentou, balbuciante, sobre o cabelo preto despenteado do cadáver e do modo como as folhas de papel estavam espalhadas. Esse homem disse que era como se uma forte brisa tivesse soprado através da porta aberta, para a qual Blake estava voltado, enquanto — embora as janelas há tempos tapadas com tijolos estivessem na verdade completamente abertas para o ar quente de Junho — não tinha havido praticamente nenhum sopro de vento durante todo o dia.

Quando um dos homens começou a juntar as folhas do manuscrito recentemente datilografado, que estavam dispersas pelo chão e sobre a mesa, o Dr. Morehouse ordenou que parasse com um gesto de alarme. Ele tinha visto a folha que ficou na máquina, e apressadamente a retirou e a embolsou depois de uma ou duas frases lhe trouxera de novo ao rosto uma intensa palidez. Isso fez com que ele comesse a apanhar todas as folhas de papel e a enfiá-los em grandes quantidades apressadamente em um bolso no interior do casaco sem se dar ao trabalho de as colocar por ordem. E nem mesmo o que havia lido o aterrorizara tanto como o que ele agora percebia — a sutil diferença no toque e no peso que distinguia as folhas que ele apanhou daquela que retirara da máquina. Não conseguia deixar de pensar na sombria impressão de outra circunstância

horrível que ele tão zelosamente estava tentando esconder dos homens que tinham ouvido a máquina funcionando nem há dez minutos, a circunstância que ele estava a tentar excluir da sua própria mente até que pudesse ficar só, descansando entre os benignos braços de sua cadeira *Morris*. Podemos avaliar o medo que sentiu diante desse fato ao considerarmos o modo como ele teve a coragem de o manter oculto. Em mais de trinta anos de prática profissional, ele nunca havia considerado um médico legista como alguém a quem um fato pudesse ser negado; contudo, através de todas as formalidades que então se seguiram, ninguém percebeu que quando ele observou o corpo rígido, de olhar fixo e cego, havia logo percebido que *a morte deveria ter ocorrido pelo menos meia hora antes de eles terem descoberto o corpo*.

O Dr. Morehouse fechou então a porta e conduziu os seus acompanhantes através de cada recanto da antiga casa, procurando quaisquer provas que pudessem esclarecer a tragédia. Nunca um resultado fora tão completamente negativo. Ele sabia que o alçapão do velho Simeon Tanner fora removido, logo após os livros e o cadáver do recluso tinham sido queimados, e que a caverna e o túnel sinuoso por baixo do pântano tinham sido soterrados quando alguém os descobrira, quase trinta e cinco anos mais tarde. Ele via agora que nenhuma outra anormalidade o tinha vindo substituir, e que o local todo exibia apenas os traços normais de uma restauração moderna e de cuidado de bom gosto.

Ao telefonar para o xerife em Fenham e para o médico legista do distrito, em Bayboro, estava à espera da chegada do primeiro, que, depois de aparecer, decidiu nomear dois dos homens como delegados, até que o legista chegasse. O Dr. Morehouse, conhecendo bem a futilidade e a mistificação com que se confrontavam os funcionários, não podia deixar de sorrir ironicamente ao sair na companhia do aldeão, cuja casa ainda abrigava o homem que fugira.

Encontraram o paciente muito fraco, mas consciente e com uma certa compostura. Depois de terem prometido ao xerife recolherem e transmitirem toda e qualquer possível informação sobre do fugitivo, o Dr. Morehouse iniciou, com muito tato, um calmo interrogatório, recebido de um modo complacente e racional e apenas prejudicado por lacunas na memória. Muita da calma do homem deveria vir de sua incapacidade de se lembrar, pois todos indícios apontavam que tinha estado no

mesmo escritório com o patrão e que reparara que a sala anexa escurecera repentinamente, a mesma sala onde o sol substituíra, durante mais de cem anos, a escuridão causada pelas janelas fechadas com tijolos. Mesmo essa recordação, da qual parecia duvidar um pouco, perturbava fortemente os nervos frouxos do paciente, e foi com toda circunspeção e um cuidado redobrado que o Dr. Morehouse lhe comunicou que o seu patrão tinha morrido — uma vítima natural de fraqueza cardíaca que os terríveis ferimentos de guerra lhe tinham causado. O homem se encheu de tristeza, pois era muito dedicado ao autor deficiente; mas prometeu encontrar coragem para entregar o corpo à família, em Boston, assim que o inquérito formal do médico legista estivesse concluído.

O médico, depois de satisfazer o mais vagamente possível a curiosidade do dono da casa e de sua esposa, e de os incitar a abrigar o paciente e mantê-lo longe da casa de Tanner até sua partida com o corpo, dirigiu-se para casa num tremor crescente de excitação.

Pelo menos, agora podia ler o manuscrito datilografado do falecido e ter, pelo menos, uma noção sobre a coisa diabólica que desafiara os sentidos de visão e audição inexistentes, para penetrar tão desastrosamente na inteligência delicada que meditava em um contínuo silêncio e na mais completa escuridão. Sabia que se tratava de uma grotesca e terrível leitura e não estava interessado em começar. Em vez disso, estacionou o carro na garagem, vestiu à vontade um roupão casual, e colocou uma série de sedativos e de remédios estimulantes numa mesinha ao lado da cadeira que iria ocupar. Mesmo após esse óbvio tempo perdido, começou a pôr em ordem as folhas numeradas, evitando cuidadosamente quaisquer leituras acidentais do texto.

O que esse manuscrito acabou fazendo ao Dr. Morehouse é algo que todos sabemos. Nunca teria sido lido por outra pessoa se a mulher dele não o tivesse guardado, depois de tê-lo visto inerte em sua cadeira uma hora mais tarde, respirando pesadamente e não reagindo a tapas, que teriam sido suficientemente violentos o bastante para acordar um faraó mumificado. Por mais terrível que o documento seja, particularmente no que diz respeito à *mudança de estilo* perto do fim, não podemos evitar a crença de que, para o médico que acreditava em antigas tradições, o mesmo apresentava um *acrescido e supremo terror* a que mais ninguém poderia ter a infelicidade de receber. Certamente, é a opinião generaliza-

da de Fenham que a ampla familiaridade do médico com os murmúrios dos velhos, e com os contos que ele quando criança ouvira do avô, lhe davam uma informação específica, perante a qual a hedionda crônica de Richard Blake adquiria um significado novo, claro e devastador, quase insuportável para uma mente humana normal. Isso explicaria a lentidão de sua recuperação naquela noite de junho, a relutância com que permitiu à mulher e ao filho lerem o manuscrito, os modos desagradáveis com que cedeu à determinação deles para que não queimassem um documento tão sombriamente notável e, acima de tudo, à precipitação peculiar, por parte dele, para adquirir a propriedade dos Tanner, destruir a casa com dinamite e cortar as árvores do pântano até a uma distância considerável da estrada. Sobre todo esse assunto, mantinha então uma reticência inflexível, e é certo que morrerá com ele o conhecimento sem o qual o mundo ficará muito melhor.

O manuscrito que aqui se transcreve foi copiado devido à cortesia do Comendador Floyd Morehouse, filho do médico. Algumas omissões, indicadas com asteriscos, foram feitas no interesse de preservação da paz de espírito do público; outras ainda se devem a passagens indefinidas, onde a datilografia quase automática do pobre autor se apresenta muita ambígua ou incoerente. Em três partes, onde as lacunas são razoavelmente elucidadas pelo contexto, houve uma tentativa de revisão. Quanto à *mudança de estilo* perto do fim, é melhor acrescentar nada. Sem dúvida, é plausível atribuir o fenômeno, tanto o conteúdo quanto o aspecto físico da datilografia, à mente atormentada e instável de uma vítima cujas prévias deficiências eram nada quando comparadas com o que ele enfrentou antes de morrer. Mentes mais ousadas poderão se dar ao trabalho de chegarem às suas próprias conclusões.

Aqui começa o documento, escrito numa casa amaldiçoada por um cérebro fechado para as visões e aos sons deste mundo, um cérebro deixado sozinho e sem avisos à mercê dos poderes e das zombarias que um homem cego e surdo alguma vez teve de enfrentar. Contraditória a tudo o que sabemos do universo através da física, da química e da biologia, uma mente lógica pode classificá-lo como um produto singular da demência — uma demência comunicada, de um modo até certo ponto complacente, ao homem que saiu correndo da casa ainda a tempo. E as-

sim, de fato, continuará sendo encarado desde que o Dr. Arlo Morehouse continue a manter o silêncio.

O manuscrito

Os vagos pressentimentos do último quarto de hora agora estão se tornando receios definitivos. Para começar, estou plenamente convencido de que algo deve ter acontecido a Dobbs. Pela primeira vez, desde que está ao meu serviço, não deu qualquer importância às minhas ordens. Quando toquei repetidamente, e ele não me respondeu, julguei que a campainha deveria estar quebrada, no entanto, cheguei até mesmo a dar murros na mesa, com força o suficiente de provocar uma queixa de Caronte. A princípio, pensei que ele tivesse se ausentado de casa por pouco tempo para tomar ar, pois as tardes têm estado quentes e úmidas depois do meio-dia, mas não é o estilo do Dobbs se ausentar por tantas horas, antes de vir certificar de que eu não preciso de nada. Contudo, é a ocorrência incomum dos últimos minutos que confirma que a ausência de Dobbs é algo além de seu controle. E é esse mesmo acontecimento que me impele a pôr no papel as minhas impressões e conjecturas, na esperança de que o simples fato de as registrar possa aliviar a insinuação sinistra de uma iminente tragédia. Por mais que me esforce, não consigo libertar a minha mente das lendas que se relacionam com esta velha casa — meras superstições triviais para entreter cérebros entediados, e sobre as quais nem me daria ao trabalho de pensar, se Dobbs estivesse aqui.

Ao longo dos anos em que estive fechado para o mundo que eu costumava conhecer, meu criado tem sido sempre o meu sexto sentido. Agora, pela primeira vez desde minha incapacidade, percebo a extensão total da minha impotência. Foi Dobbs que me compensou a cegueira, os meus ouvidos inúteis, a minha garganta sem voz e as minhas pernas aleijadas. Há um copo de água em cima da mesa

onde tenho a máquina de escrever. Sem o Dobbs para o encher, sempre que ficasse vazio, a minha situação seria semelhante à de Tântalo. Poucos bateram à porta desta casa desde que viemos morar aqui — existe, efetivamente, muito pouco em comum entre camponeses tagarelas e um paralítico que não consegue ver, ouvir, ou falar com eles — e poderão passar muitos dias até que alguém apareça aqui. Sozinho... fico apenas com os meus pensamentos de companhia... pensamentos inquietantes que não foram facilmente amenizados pelas sensações dos últimos minutos. Também não gosto nada de tais sensações, pois, cada vez mais, parecem estar convertendo meros mexericos de vilarejo em imagens fantásticas que afetam meu lado emocional de modo muito peculiar e sem precedentes.

Parece-me que já se passaram horas desde que comecei a escrever, mas só poderiam ter sido alguns minutos, pois há pouco pus uma página na máquina. A ação mecânica de mudar as páginas, embora breve, fez com que ganhasse autocontrole. Talvez consiga afastar, por tempo suficiente, este pressentimento de perigo iminente, para poder contar o que já aconteceu.

A princípio não era nada mais do que um vago tremor, semelhante ao de um prédio mal construído quando um caminhão pesado passa na calçada, mas a estrutura em que me encontro não foi construída desse modo. Talvez eu seja hipersensível a esse tipo de coisa e, quem sabe, eu esteja permitindo que a minha imaginação me engane, mas me parece que essa perturbação ocorreu com mais intensidade diretamente na minha frente, e a minha cadeira fica de frente para a ala sudeste; longe da estrada, alinhada com o pântano, na parte dos fundos da casa! Sendo ou não uma ilusão, não há como negar o que aconteceu. Lembrei-me das vezes em que senti a terra tremendo por baixo dos pés como se enormes bombas subterâneas estivessem explodindo, dias em que vi navios serem atirados de um lado para o outro como simples pedaço de palha pela fúria

de um tufão. A casa tremia como cinza de Dweurgar nas peneiras de Niflheim^[1]. Cada viga que sustenta o chão, por baixo dos meus pés, estremecia, como se estivesse sofrendo. Minha máquina de escrever tremeu tanto que eu até imaginei que as teclas estremeciam de medo.

De repente, tudo terminou. Tudo ficou calmo como antes. Calmo demais...! Parece impossível que uma coisa dessas possa acontecer e deixar tudo como estava. Não, não exatamente. Estou plenamente convencido de que alguma coisa aconteceu a Dobbs! É essa convicção, junto a toda essa calma inatural, que acentua o medo premonitório que insiste em me assaltar.

Medo? Sim. Embora eu esteja tentando raciocinar devidamente comigo mesmo que não existe nada que eu deva temer. Os críticos elogiaram e condenaram a minha poesia devido ao que eles designaram de imaginação exacerbada. Neste preciso momento, consigo concordar com todos aqueles que afirmaram “exacerbada”, e não deverei estar totalmente errado ou...

Fumaça! Apenas um vago odor sulfuroso que as minhas narinas sensíveis não puderam deixar de detectar. Tão tênue, de fato, que é impossível determinar se vem de alguma parte da casa ou se entrou pela janela da sala anexa, que abre para o pântano. A impressão está se tornando rapidamente mais bem definida. Tenho certeza agora de que não vem de fora. Vagantes visões do passado, cenas sombrias de outros dias, surgem diante dos meus olhos numa sucessão estereoscópica. Uma fábrica em chamas... gritos histéricos de mulheres aterrorizadas, cercadas por muralhas de fogo; uma escola ardendo... gritos de cortar o coração de crianças indefesas após o colapso das escadas, um incêndio teatral... uma babel frenética de pessoas em pânico tentando alcançar a liberdade através de assoalhos crepitantes e, sobre tudo isso, nuvens impenetráveis de fumaça negra, venenosa, cheia de astúcia, poluindo a paz dos céus. O ar deste escritório está saturado de ondas espessas, pesadas, asfixiantes... a

qualquer momento sentirei as línguas de fogo labareando as minhas pernas inúteis... os meus olhos começam a despertar, os meus ouvidos latejam... tusso e fico sem fôlego tentando livrar meus pulmões do fedor de Ocypete^[2]... É uma fumaça que apenas se associa a grandes catástrofes... ácida, pestilenta, uma emanção mefítica permeada pelo odor angustiante de carne queimada ***

Mais uma vez me encontro sozinho com essa calma fascinante. A brisa bem-vinda que me refresca o rosto restaura rapidamente a minha coragem antes ausente. É óbvio que a casa não está queimando, pois quaisquer sinais de fumaça torturante desapareceram. Não consigo detectar um único vestígio, embora tenha tentado cheirar como um cão farejador. Começo a pensar que teria enlouquecido, que os anos de solidão alteraram a minha mente, mas o fenômeno foi definido demais para ser classificado como uma simples alucinação. Estando são ou louco, não consigo conceber essas coisas senão como reais e, logo assim que as pondero, só posso chegar a uma conclusão lógica. A inferência por si só é suficiente para perturbar a estabilidade mental de qualquer pessoa. Admitir isso, é atribuir como verdadeiros os rumores supersticiosos que Dobbs compilou junto dos aldeãos e transcreveu para que eu pudesse ler com as pontas dos dedos, boatos sem substância que a minha mente materialista instintivamente condena como idiotices!

Quisera eu que este latejar nos ouvidos parasse! É como se músicos loucos e espectrais estivessem tocando um dueto nos meus tímpanos. Suponho que seja apenas uma reação às sufocantes sensações que acabei de ter. Mais algumas inspirações profundas deste ar refrescante...

Há alguma coisa... há alguém aqui neste escritório! Tenho certeza de que não estou sozinho, como se pudesse ver a presença e sentir a sua infalibilidade. É uma impressão muito semelhante a uma que tive enquanto abria caminho através da multidão pela rua, sensação definitiva de que olhos me observavam no meio da multi-

dão restante, com um olhar suficientemente intenso para provocar a minha atenção semiconsciente, a mesma sensação só que aumentada mil vezes. Quem... o que... pode ser? Apesar disso, os meus medos podem ser infundados, talvez queiram apenas me dizer que Dobbs voltou. Como eu previ, o latejar nos ouvidos parou, e um sussurro baixo começou a me chamar a atenção... o significado esmagador da coisa acabou de se registrar em meu cérebro confuso... *posso ouvir!*

Não é apenas uma única voz que murmura, mas várias! *** O zumbido lascivo de moscas bestiais... um som satânico de abelhas libidinosas... o assobio sibilante de répteis obscenos... um coro sussurrado que nenhuma garganta humana poderia entoar! Está aumentando o volume... toda a sala ressoa em cânticos demoníacos, sem melodia, sem tom, e grotescamente sombrios... um coro diabólico ensaiando litanias profanas... hinos de miséria mefistofélica postos em música por almas lamentantes... um hediondo crescendo de pandemônio pagão ***

As vozes ao meu redor estão se aproximando da minha cadeira. A entoação teve um fim abrupto e os sussurros se tornaram ininteligíveis. Eu forço meus ouvidos a distinguir as palavras. Perto... e ainda mais perto. Estão claros agora... muito claros! Melhor meus ouvidos ficassem surdos para sempre do que ser forçados a ouvir essas vozes infernais ***

Revelações ímpias de almas em busca de Saturnálias^[3] *** concepções hediondas de depravações devastadoras *** subornos profanos de orgias cabirianas *** ameaças malevolentes de castigos inimagináveis ***

Está frio. Um frio inteiramente fora de estação! Como se inspirado pelas presenças cacodemoníacas que me incomodam, a brisa, que há poucos minutos era tão amigável, uiva furiosamente em torno dos meus ouvidos, um vendaval frígido vindo do pântano que me gela até os ossos.

Se Dobbs me deixou só, não poderei julgá-lo. Não suporto covardia ou medo, mas há algumas coisas *** apenas espero que o seu destino não seja pior do que a decisão de ter fugido a tempo!

Minha última dúvida foi varrida. Sinto-me duplamente feliz por ter mantido a minha decisão de escrever as minhas impressões... Embora não espere que alguém as encontre... ou acreditar nelas... têm sido um alívio de uma tensão enlouquecedora, da espera ociosa por cada manifestação de anormalidade psíquica. A meu ver, há apenas três caminhos que podem ser seguidos: fugir deste lugar amaldiçoado e passar os anos restantes de tortura tentando esquecer; porém, *não consigo* fugir; ceder a uma aliança abominável com forças tão malignas que o Tártaro não passaria de uma alcova do Paraíso, mas eu *não me vou me entregar a tal*; morrer, pois preferiria ter o corpo despedaçado parte por parte do que contaminar a minha alma em bárbaras trocas com os emissários de Belial.

Tive de fazer uma pausa para aquecer os dedos com o meu hálito. Este lugar está gelado com a frigidez fétida de uma sepultura... um entorpecimento sereno começa a se apossar de mim... tenho que lutar contra esta lassitude; está sabotando a minha determinação em morrer em vez de me entregar ao que me importuna insidiosamente... juro, uma vez mais, resistir até ao fim... o fim que eu sei que não está muito distante ***

O vento está mais frio do que nunca, se é que é possível... um vento carregado de fedor de coisas mortas *** Ó Deus misericordioso que levara a minha visão *** um vento tão frio que queima onde deveria congelar... uma espécie de siroco que causa feridas ***

Dedos invisíveis me tocam... dedos espectrais que não têm a força física para me desviarem da máquina de escrever... dedos gélidos que me forçam a um vil remoinho de depravação... dedos diabólicos que me arrastam para a fossa da iniquidade eterna... dedos de morte que me cortam a respiração e fazem com que os meus

olhos cegos sintam que vão rebentar em dor *** toques frígidos colam-se às minhas têmporas *** rígidos, com pontas ossudas, semelhantes a chifres *** Um hálito boreal, de alguma coisa morta há muito, beija-me os lábios febris e me queima a garganta com uma chama gelada ***

Está escuro *** não a escuridão que fez parte dos meus anos de cegueira *** a escuridão impenetrável de uma noite mergulhada em pecado *** a escuridão de um negror do Purgatório ***

Enxergo *** *spes mea Christus!*^[4] *** é o fim ***

* * * *

Não é para a mente mortal qualquer resistência a uma força além da imaginação humana. Não é para o espírito imortal qualquer conquista daquilo que penetrou nas profundidades e fez da imortalidade um momento passageiro. O fim? Não! É apenas o abençoado começo...



As Tranças da Medusa

com Zealia Bishop

∴

Medusa's Coil (1930)

Weird Tales (jan. 1939)

Diferente de um dos melhores trabalhos de revisão de Lovecraft (“A colina”) para ao que é, hoje, amplamente considerado como um dos seus piores — ou, pelo menos, um dos seus mais drasticamente falhos. “As tranças da Medusa”, embora visto na maioria das vezes como bem construído e escrito com uma bela atmosfera de horror, é tão profundamente defeituoso em alguns pontos que não é difícil pensar se não foi uma sabotagem proposital.

A primeira coisa sobre “As tranças da Medusa” que deve ser reconhecida é o racismo. É inquestionavelmente a história mais racista do cânone de Lovecraft. Parte disso é intrínseco ao cenário — uma antiga plantação no estilo sulista de Antebellum, ao sul do Missouri, com uma pequena colônia de escravos povoada por negros felizes que tocam banjo e falam como Mammie de “Gone with the Wind”. Há também uma série de insultos raciais altamente ofensivos.

De forma geral, o “As tranças da Medusa” parece inacabado, como se fosse um segundo rascunho de uma história com grande potencial, mas que

ainda não funciona. Alguns dos desenvolvimentos da trama, se analisados com muita atenção, quebram completamente a plausibilidade da história; e a reviravolta final na trama, aparentemente com o objetivo de suprir o horror no fim da história, fará com que a maioria dos leitores modernos caia na gargalhada irônica.

Dito isto, é uma história convincente e pode ser lida com prazer se alguém estiver preparado para não torcer o nariz ocasionalmente enquanto lê.

Esta história parece ter sido um trabalho mais da própria Zealia Bishop se comparado com “A colina”. Nas anotações de Lovecraft há referências à “história original” em detalhes, incluindo a notória reviravolta no final da trama. No entanto, as anotações de Bishop não sobreviveram, e nos resta apenas especular o quanto é creditado a Lovecraft e quanto à sua cliente.

Vale ressaltar, no entanto, que, no momento em que Lovecraft terminou esta história — a última de suas revisões para Bishop —, ela lhe devia uma boa quantia de dinheiro. O conhecimento de que ele provavelmente não receberia pagamento pelo trabalho que estava realizando pode ter causado algum impacto, consciente ou inconscientemente, na qualidade da contribuição de Lovecraft para essa história.



A viagem até Cape Girardeau passou por uma região desconhecida e, quando a luz do final da tarde ficou dourada e quase parecendo um sonho, percebi que precisaria de indicações, se esperava chegar à cidade antes do anoitecer. Eu me preocupava em vagar por estas desoladas terras baixas do sul do Missouri após o cair da noite, pois as estradas eram ruins e o frio de novembro era formidável em um veículo esportivo aberto. Havia, também, nuvens negras se aglomerando no horizonte. Então, olhei ao redor, entre as longas sombras cinzentas e azuladas que marcavam os campos planos e pardacentos, na esperança de vislumbrar alguma casa onde poderia obter as informações de que precisava.

Era uma região solitária e deserta, mas, enfim, avistei um telhado entre um aglomerado de árvores perto do pequeno rio a minha direita; tal-

vez a uns 800 metros da estrada e, provavelmente, onde eu poderia chegar por algum caminho ou acesso que, de repente, encontrasse. Na ausência de qualquer habitação mais próxima, resolvi testar minha sorte lá, e fiquei feliz quando os arbustos que ladeavam a estrada revelaram as ruínas de um portão de pedra entalhada, coberto de vinhas secas e mortas e sufocado pelo mato, o que explicava por que não fui capaz de acompanhar o caminho pelos campos ao vê-los, de longe, pela primeira vez. Vi que não poderia entrar com o carro. Então, estacionei com muito cuidado perto do portão, onde um espesso arbusto perene o protegeria em caso de chuva, e saí para a longa caminhada até a casa.

Enquanto percorria o caminho coberto de mato no crepúsculo, fiquei consciente de uma distante sensação agourenta, provavelmente induzida pelo ar sinistro de degradação que pairava acima do portão e do antigo acesso de veículos. Pelos entalhes nos velhos pilares de pedra, inferi que o lugar fora, outrora, uma propriedade de dignidade senhorial, e eu podia ver, com clareza, que o caminho era, originalmente, flanqueado por fileiras de tílias, algumas das quais estavam mortas, enquanto outras haviam perdido a identidade especial entre os arbustos da mata selvagem da região.

Enquanto forçava meu avanço, carrapichos e folhas secas grudavam nas minhas roupas e comecei a me questionar se, afinal, o lugar seria habitado. Será que eu estava percorrendo um beco sem saída? Por um momento, estive tentado a voltar e chegar a alguma fazenda mais adiante na estrada quando a vista da casa à frente atizou minha curiosidade e estimulou meu espírito aventureiro.

Havia algo fascinante, de um modo provocativo, na construção decrepita e cercada de árvores diante de mim, pois ela falava das graças e dos espaços abertos de uma era passada e de um ambiente muito mais sulista. Era uma típica casa de madeira, padrão do início do século XIX, de dois andares e meio e com um grande pórtico jônico cujos pilares chegavam até o ático e apoiavam um frontão triangular. O estado de degradação era extremo e óbvio; uma das vastas colunas havia apodrecido e caído no chão, enquanto a varanda, ou sacada superior, pendia perigosamente baixa. Outras construções, eu julguei, existiram outrora perto dessa.

Ao subir os amplos degraus de pedra até o alpendre baixo e a entrada entalhada, me senti bastante nervoso, e comecei a acender um cigarro, do qual desisti ao ver o quão seco e inflamável era tudo a meu redor. Embora já convencido de que a casa estava deserta, mesmo assim hesitei em violar sua dignidade sem bater. Então, puxei a aldrava enferrujada até que se movesse e, finalmente, consegui uma batida cautelosa que pareceu fazer o lugar inteiro balançar e chacoalhar. Não houve resposta e, uma vez mais, puxei o objeto emperrado que rangia, tanto para afastar a sensação de silêncio profano e de solidão como para despertar qualquer possível ocupante daquela ruína.

Em algum lugar perto do rio, ouvi a nota melancólica de uma pomba e pareceu que até a água corrente podia ser ouvida. Quase como se em um sonho, peguei a antiga aldrava e, finalmente, dei na porta, de seis painéis, uma batida vigorosa. Estava destrancada, como pude ver em um momento, e, embora emperrasse e rangesse nas dobradiças, abri-a e entrei em um vasto salão sombrio.

Porém, no momento em que dei aquele passo, me arrependi. Não que uma legião de espectros me confrontasse naquele salão escuro e poeirento, cheio de mobília fantasmagórica. Mas porque eu soube, então, que o lugar não estava nem um pouco deserto. Houve rangidos na grande escada em curva, e o som de passos inseguros descendo lentamente. Então, vi uma figura alta e recurvada projetada, por um instante, contra a grande janela paladiana do patamar.

Meu primeiro instante de terror logo acabou e, quando a figura desceu os últimos degraus, estava pronto para saudar o proprietário, cuja privacidade eu havia acabado de invadir. Na meia escuridão, pude vê-lo explorar o bolso em busca de um fósforo. Houve um clarão quando ele acendeu uma pequena lamparina de querosene sobre uma precária mesinha de canto perto do pé da escada. Na luz fraca, revelou-se a figura curvada de um velho emaciado e muito alto, desgrehado nas vestimentas e de barba mal feita, porém, ainda assim, com o porte e a expressão de um cavalheiro.

Não esperei que falasse e, de imediato, comecei a explicar minha presença.

— Perdoe-me por entrar assim, mas, quando minhas batidas não trouxeram resposta, concluí que ninguém morava aqui. O que eu queria

era saber o caminho certo até Cape Girardeau, quer dizer, o caminho mais curto. Eu queria chegar antes que anoitecesse, mas agora, é claro...

Quando parei, o homem falou, exatamente no tom cultivado que eu esperava, e com um sotaque tão inconfundivelmente sulista quanto a casa que habitava.

— O senhor é que deveria me perdoar por não responder às suas batidas mais prontamente. Vivo de maneira muito reclusa e, geralmente, não espero receber visitas. No início, pensei que fosse apenas um curioso. Então, quando o senhor bateu de novo, dispus-me a responder, mas não estou bem e tenho de me mover muito devagar. Neurite ciática, um caso muito complicado. Mas, quanto a chegar à cidade antes do anoitecer, é óbvio que não tem como. A estrada na qual está, pois eu suponho que veio pelo portão, não é a melhor nem a mais curta. O que o senhor deve fazer é entrar na primeira à esquerda após sair pelo portão, isto é, a primeira estrada de verdade a sua esquerda. Há três ou quatro caminhos de carroça que pode ignorar, mas não pode confundir com a estrada verdadeira por causa do salgueiro extragrande à direita no lado oposto. Depois de virar, passe pelas duas estradas e vire na terceira. Depois disso...

Perplexo com essas instruções elaboradas, coisas realmente confusas para um completo desconhecido, não pude evitar interrompê-lo.

— Por favor, espere um momento! Como posso seguir todas essas instruções em completa escuridão, sem nunca ter nem sequer passado perto daqui antes e com apenas um par indiferente de faróis para me dizer o que é e o que não é uma estrada? Além disso, acho que vai cair uma tempestade daqui a pouco e meu carro é aberto. Parece que estou em uma enrascada se quiser chegar a Cape Girardeau nesta noite. O fato é que eu acho que é melhor nem tentar. Não gosto de me impor nem nada assim, mas tendo em vista as circunstâncias, o senhor poderia me deixar passar a noite aqui? Eu não vou dar nenhum trabalho, nada de refeições nem nada disso. Só me dê um canto para dormir até o raiar do dia e tudo bem. Eu posso deixar o carro na estrada, bem onde está. Uma chuvinha não vai fazer mal nenhum, se o tempo piorar.

Ao fazer meu pedido repentino, pude ver o rosto do velho perder a expressão original de resignação silenciosa e tomar uma expressão estranha de surpresa.

— Dormir, *aqui*?

Ele pareceu tão espantado com o meu pedido, que eu o repeti.

— Sim, por que não? Eu lhe asseguro que não vou incomodar. O que mais *posso* fazer? Sou um estranho por aqui, essas estradas são um labirinto no escuro e aposto que estará chovendo torrencialmente em menos de uma hora

Desta vez, foi o meu anfitrião que me interrompeu e, quando ele o fez, pude sentir uma qualidade peculiar na sua profunda voz musical.

— Um estranho, é claro que deve ser, caso contrário não pensaria em dormir aqui, nem sequer chegaria a pensar em vir aqui. As pessoas não vêm aqui hoje em dia.

Ele parou, e meu desejo de ficar aumentou mil vezes pelo senso de mistério que seu tom lacônico parecia evocar. Havia algo, com toda certeza, sinistro, embora atraente, naquele lugar, e o penetrante cheiro de mofo parecia ocultar mil segredos. De novo, notei a decrepitude extrema de tudo ao redor de mim, manifestada até mesmo nos fracos raios de luz da pequena lamparina solitária. Eu me senti gelado de um jeito miserável, e vi, com uma ponta de angústia, que não havia nenhum aquecimento. Mesmo assim, minha curiosidade era tão grande que eu ainda desejava, com todo o ardor, ficar e descobrir algo sobre o recluso e seu lúgubre lar.

— Seja como for — respondi — não posso fazer nada quanto às outras pessoas. Mas eu gostaria muito de ter um lugar para descansar até o dia chegar. Se as pessoas não gostam daqui, não seria porque está em tão mau estado? É claro, suponho que seria necessária uma fortuna para manter tal propriedade em boas condições, mas se o fardo é tão grande, por que não procurar um alojamento menor? Para que ficar aqui desse jeito, com todas as dificuldades e desconfortos?

O homem não pareceu ofendido, mas me respondeu com toda a seriedade.

— É claro que pode ficar, se quiser mesmo. *Você* não sofreria nenhum mal, pelo que sei. Mas outros afirmam que há certas influências peculiarmente indesejáveis aqui. Quanto a mim, permaneço aqui porque tenho de fazê-lo. Há algo que sinto que é meu dever resguardar, algo que me prende. Queria ter o dinheiro, a saúde e a ambição para cuidar de maneira decente da casa e da propriedade.

Com minha curiosidade ainda mais atizada, me preparei para confiar nas palavras do meu anfitrião e o segui, lentamente, escada acima, quando sinalizou que eu deveria segui-lo. Estava muito escuro agora, e batidas abafadas do lado de fora me diziam que a chuva, que antes ameaçava, agora, finalmente, havia chegado. Eu teria ficado grato com qualquer abrigo, mas esse foi duplamente bem-vindo por causa das sugestões de mistério sobre o lugar e seu dono. Para um incurável amante do grotesco, nenhum santuário mais adequado poderia ter sido fornecido.

II.

Havia um quartinho no segundo andar, em condições menos precárias do que o restante da casa, e para lá meu anfitrião me levou. Deixou de lado a pequena lamparina e acendeu outra bem maior. Pela limpeza e conteúdo do aposento, e pelos livros nas estantes, pude ver que não estava errado ao considerar o homem um cavalheiro de bom gosto e de boa estirpe. Ele era um eremita e excêntrico, sem dúvida, mas ainda tinha padrões e interesses intelectuais. Ao gesticular para que eu ocupasse um assento, comecei uma conversa sobre assuntos gerais e fiquei satisfeito ao descobri-lo não tão taciturno quanto supus. Mais que qualquer coisa, ele parecia feliz por ter alguém com quem conversar, e nem tentou desviar o diálogo de assuntos pessoais.

Ele era, apreendi, Antoine de Russy, de uma linhagem antiga, poderosa e culta de senhores de engenho da Louisiana. Mais de um século atrás, seu avô, sendo filho mais novo, imigrou para o sul do Missouri e fundou uma nova propriedade, seguindo a exuberante maneira ancestral. Ele construiu essa mansão com pilares e cercou-a com todos os acessórios de um grande engenho. Já houve, de uma vez só, até 200 negros nas cabanas que ficavam no terreno plano nos fundos, terreno que o rio agora invadia, e ouvi-os cantando, rindo e tocando o banjo à noite, era conhecer o mais intenso encanto de uma civilização e ordem social agora lamentavelmente extintas. Em frente à casa, onde os grandes carvalhos e salgueiros guardiões ficavam, houve outrora um gramado como um amplo tapete verde, sempre regado e cortado e com caminhos guarnecidos de pedras e de flores a percorrê-lo. Riverside, assim o lugar

era chamado, fora uma adorável e idílica propriedade rural em dias passados, e meu anfitrião podia lembrar-se de quanto dos muitos traços do seu melhor período ainda permaneciam.

Estava chovendo muito agora, com densas camadas de água batendo no telhado, paredes e janelas capengas e gotas se infiltrando por milhares de ranhuras e fendas. A umidade escorria, de lugares insuspeitos, até o chão, e o vento crescente sacudia as guardas das janelas, apodrecidas e com dobradiças soltas. Porém, nada disso me incomodou, nem pensei no meu carro lá fora debaixo das árvores, pois vi que uma história estava a caminho. Incitado à reminiscência, meu anfitrião fez um gesto para me mostrar os quartos de dormir, mas continuou a relembrar os dias melhores de outrora. Logo percebi que receberia uma sugestão do porquê de ele morar sozinho naquele lugar antigo, e o porquê de seus vizinhos considerarem o local cheio de influências indesejáveis. Sua voz era muito musical enquanto falava, e sua história logo teve uma reviravolta que não me deixou ficar com sono.

— Sim, Riverside foi construída em 1816, e meu pai nasceu aqui em 1828. Ele teria mais de um século de idade, se ainda estivesse vivo, mas morreu jovem, tão jovem que mal consigo me lembrar dele. Foi em 1864, ele foi morto na guerra, Sétima Infantaria da Louisiana, C.S.A., pois ele voltou ao antigo lar para se alistar. Meu avô estava velho demais para lutar, mas viveu até os noventa e cinco, e ajudou minha mãe a me criar. Uma boa criação, eu lhes dou crédito. Nós sempre tivemos tradições fortes, altas noções de honra, e meu avô se certificou de que eu cresceria da maneira como os De Russy sempre cresceram, geração após geração, desde as Cruzadas. Nós ainda não estávamos esgotados financeiramente, mas conseguíamos nos virar com conforto após a guerra. Frequentei uma boa escola na Louisiana e, depois, fui para Princeton. Mais tarde, fui capaz de gerir a plantação de maneira bastante rentável, embora você veja agora como tudo acabou.

Minha mãe morreu quando eu tinha vinte, e meu avô, dois anos depois. Fiquei muito sozinho depois disso e, em 1885, me casei com uma prima distante em Nova Orleans. As coisas poderiam ter sido diferentes se ela tivesse vivido, mas morreu quando meu filho, Denis, nasceu. Então, eu tive apenas Denis. Não tentei me casar de novo, mas dediquei todo meu tempo ao menino. Ele era como eu, como todos os De Russy:

moreno, alto, magro e com um temperamento dos diabos. Eu o treinei como meu avô me treinou, mas ele não precisava de muito treinamento quando se tratava de questões de honra. Já estava nele, eu acho. Nunca vi alguém tão determinado. Tudo que pude fazer foi impedir que ele fugisse para a Guerra Espanhola aos onze anos! Jovem romântico também, cheio de noções elevadas, você as chamaria de vitorianas agora. Não foi nem um pouco difícil fazer com que deixasse as negras em paz. Eu o mandei para a mesma escola que frequentei e para Princeton também. Ele foi da classe de 1909.

No fim, ele decidiu que queria ser médico e foi, por um ano, para a Faculdade de Medicina de Harvard. Então, teve a ideia de manter a velha tradição francesa da família e me convenceu a mandá-lo para a Sorbonne. Fiz isso com orgulho, embora soubesse o quão solitário eu ficaria com ele tão longe. Por Deus, queria eu não ter feito isso! Achei que ele era do tipo que ficaria seguro em Paris. Ele tinha um quarto na Rue St. Jacques, perto da Universidade, no Bairro Latino, mas, de acordo com as cartas e com os amigos, ele não se dava nem um pouco bem com o povo mais alegre. O pessoal que ele conhecia era, em sua maioria, jovens de casa, estudantes e artistas sérios que pensavam mais no trabalho do que em atitudes chocantes e em pintar a cidade de vermelho.

Mas, claro, muitos colegas estavam em um tipo de linha divisória entre os estudos sérios e o diabo. Os estetas, os decadentes, você sabe. Experimentadores na vida e nas sensações, sujeitos do tipo Baudelaire. Naturalmente, Denis encontrou muitos desses e viu uma boa parte da vida deles. Eles tinham todo tipo de círculos e seitas malucas: imitação de adoração do diabo, falsas missas negras e coisas do tipo. De modo geral, duvido que isso lhes fizesse muito mal. Provavelmente, a maioria deles se esquecia disso tudo em um ano ou dois. Um dos mais aprofundados nessas coisas insólitas era um sujeito que Denis conhecera na escola, e cujo pai eu mesmo conhecera em pessoa: Frank Marsh, de Nova Orleans. Discípulo de Lafcadio Hearn e de Gauguin e de Van Gogh, epítome comum da década de 1890. Pobre diabo! Apesar de tudo, ele tinha as marcas de um grande artista.

Marsh era o amigo mais antigo que Denis tinha em Paris. Então, é claro que eles se viam muito para falar sobre os velhos tempos na Academia St. Clair e tudo mais. O garoto me escreveu muito sobre ele, e eu

não vi nenhum problema em particular quando falou do grupo de místicos com os quais Marsh andava. Parece que havia algum tipo de seita de magia egípcia e cartaginesa pré-histórica que era o fervor dos elementos boêmios na margem esquerda,^[1] um negócio sem sentido que fingia se estender no passado até fontes esquecidas da verdade ocultas em civilizações africanas perdidas: o grande Zimbábue, as cidades mortas de Atlântida na região de Hoggar, no Saara, e, com um monte de lero-lero, conectadas a serpentes e cabelo humano. Ao menos, eu chamava de lero-lero na época. Denis costumava citar Marsh como tendo dito coisas esquisitas sobre os fatos velados por trás da lenda das mechas de serpente da Medusa, e por trás do mito ptolomaico mais recente de Berenice, que ofereceu o próprio cabelo para salvar seu marido-irmão e acabou colocando o mesmo cabelo no céu na constelação Cabeleira de Berenice.

Não acho que esse negócio impressionou muito Denis até que veio a noite do sinistro ritual nos aposentos do Marsh, quando encontrou a sacerdotisa. A maioria dos devotados ao culto era composta de jovens rapazes, mas o líder era uma jovem mulher que chamava a si mesma de “Tanit-Isis”. O verdadeiro nome dela, seu nome na presente encarnação, como dizia, era Marceline Bedard. Afirmava ser filha bastarda do Marquês de Chameaux, e parece ter sido tanto uma pequena artista como uma modelo de arte antes de adotar esse nome mágico, mais lucrativo. Alguém disse que ela morou por um tempo nas índias Ocidentais, Martinica, eu acho, mas era muito reticente quando se tratava dela mesma. Parte da pose dela era uma grande demonstração de austeridade e santidade, mas não acho que os estudantes mais experientes levavam isso muito a sério.

Denis, entretanto, estava longe de ser experiente, e me escreveu dez páginas cheias de drama meloso sobre a deusa que havia descoberto. Se tivesse percebido sua simplicidade, eu poderia ter feito algo quanto a isso, mas nunca pensei que uma obsessão juvenil como essa poderia significar muita coisa. Senti-me absurdamente seguro de que a sensível honra pessoal de Denis e seu orgulho de família sempre o manteriam fora das complicações mais sérias.

Conforme o tempo passava, entretanto, suas cartas começaram a me deixar nervoso. Ele mencionava essa Marceline cada vez mais; e os amigos, cada vez menos. E começou a falar sobre o “jeito cruel e tolo” com

o qual eles se recusavam a apresentá-la a suas mães e irmãs. Ele não parecia ter-lhe perguntado qualquer coisa sobre ela mesma, e não duvido que ela o enchesse de lendas românticas quanto à própria origem e revelações divinas e o jeito como as pessoas a ofendiam. De longe, eu podia ver que Denis estava se separando dos outros e passando a maior parte do tempo com sua atraente sacerdotisa. Por um pedido especial dela, ele nunca contou aos velhos amigos dos contínuos encontros com ela e, assim, ninguém tentou acabar com o caso.

Suponho que ela achou que ele era fabulosamente rico, pois ele tinha o ar de um patrício e as pessoas de certa classe acham que todos os americanos aristocráticos são ricos. De qualquer modo, é provável que ela achasse que essa era uma rara oportunidade de criar uma aliança legítima e genuína com um jovem consideravelmente elegível. Quando meu nervosismo se tornou aconselhamento explícito, já era tarde. O rapaz havia se casado legalmente com ela e escreveu que largaria os estudos e que traria a mulher consigo até Riverside. Ele disse que ela fizera um grande sacrifício e renunciara à liderança da seita de magia, e que, dali em diante, seria apenas uma cidadã ligada à família: a futura senhora de Riverside e mãe dos De Russy por vir.

Bem, senhor, eu aceitei isso da melhor maneira que pude. Sabia que os continentais sofisticados têm padrões diferentes dos nossos velhos padrões americanos e, de qualquer modo, não via nenhum motivo para ser contra a mulher. Uma charlatã, talvez, mas por que seria, necessariamente, pior do que isso? Acho que tentei me manter o mais ignorante possível sobre essas coisas naqueles dias, pelo bem do rapaz. Estava claro que não havia nada que um homem de bom senso pudesse fazer além de deixar Denis em paz, desde que sua nova esposa se conformasse com o jeito De Russy de ser e que tivesse uma chance de se provar digna. Talvez ela não fosse prejudicar a família tanto quanto alguns poderiam temer. Então, não fiz nenhuma objeção nem pedi nenhuma penitência. Tudo estava feito, e eu estava pronto para receber o rapaz de volta, não importava o que trouxesse consigo.

Eles chegaram três semanas após o telegrama informando o casamento. Marceline era linda — não havia como negar — e eu podia ver como o rapaz se atrapalhava perto dela. Marceline tinha um ar de estirpe, e acho, até hoje, que devia ter algumas partes de sangue nobre. Não

aparentava ter muito mais que vinte anos, de altura média, bem magra e tão graciosa quanto uma tigresa na postura e nos gestos. Sua pele era de um moreno profundo — como marfim antigo — e seus olhos eram grandes e muito escuros. Tinha traços pequenos, classicamente regulares, embora não fossem refinados o bastante para satisfazer meu gosto, e a mais singular cabeleira negra como breu que eu já vira.

Não me admirei por ela ter misturado a questão dos cabelos na sua seita de magia, pois, com aquela densa profusão de cabelos, a ideia devia ter-lhe ocorrido naturalmente. Encaracolado, fazia-a parecer uma princesa oriental em um desenho de Aubrey Beardsley. Descia pelas costas, chegando até abaixo dos joelhos e reluzia na claridade como se tivesse sua própria e profana vitalidade. Eu quase teria pensado na Medusa ou na própria Berenice — sem que tais coisas me fossem sugeridas — ao ver e examinar aqueles cabelos.

Às vezes, eu tinha a impressão de que os cabelos se moviam de leve, por conta própria, e tendiam a se arranjar em tranças ou mechas distintas, mas pode ter sido pura ilusão. Ela o escovava incessantemente e parecia usar algum tipo de preparado nele. Eu tive a noção uma vez, uma noção curiosa e meio louca, de que os cabelos eram uma coisa viva que ela precisava alimentar de algum modo estranho. Tudo bobagem, mas aumentou meu sentimento de desconforto em relação a ela e a seus cabelos.

A verdade é que não posso negar que não conseguia gostar muito dela, não importa o quanto eu tentasse. Não conseguia dizer o que havia de errado, mas estava ali. Alguma coisa nela me repelia muito sutilmente, e eu não podia deixar de tecer associações mórbidas e macabras com todas as coisas conectadas a ela. O jeito dela conjurava pensamentos sobre a Babilônia, Atlântida, Lemúria e sobre os terríveis domínios esquecidos de um mundo antigo. Seus olhos me pareciam, às vezes, com os olhos de alguma criatura profana da floresta ou deusa-animal antiga demais para ser totalmente humana. E os cabelos — aquele crescimento denso, exótico, supernutrido de negro reluzente — deixava-me arrepiado do mesmo modo que uma grande píton negra teria me deixado. Não havia dúvida de que ela notava minha involuntária repulsa, embora eu tentasse escondê-la, e ela tentasse esconder o fato de que notava isso.

E a paixão do rapaz continuava. Ele a adulava o tempo todo, e exagerava todas as pequenas cortesias da vida diária a um grau doentio. Ela parecia retribuir o sentimento, embora eu pudesse ver que exigia um esforço consciente para fazê-la duplicar seus entusiasmos e extravagâncias. Um exemplo: ela ficou irritada ao descobrir que não éramos tão ricos quanto ela esperava.

Levando tudo em conta, era uma situação ruim. Eu podia ver que tristes correntes subjacentes estavam se levantando. Denis estava quase hipnotizado pelo amor juvenil e começou a se afastar de mim ao sentir que eu evitava sua mulher. Esse tipo de coisa continuou por vários meses, e eu vi que estava perdendo meu único filho, o garoto que formara o centro de todos os meus pensamentos e atos pelo último quarto de século. Admito que me senti amargurado com isso: que pai não se sentiria? E, mesmo assim, não pude fazer nada.

Naqueles primeiros meses, Marceline parecia ser uma esposa suficientemente boa, e nossos amigos a receberam sem nenhuma implicância nem questionamento. Porém, sempre fiquei nervoso, imaginando o que alguns dos jovens companheiros em Paris escreveriam para casa para informar os parentes após a notícia do casamento se espalhar. Apesar do amor que a mulher tinha por manter segredo, ela não poderia ficar escondida para sempre. Na verdade, Denis escreveu para alguns dos seus amigos mais próximos, sob estrita confidencialidade, assim que tinha se acomodado com ela em Riverside.

Passei a ficar cada vez mais tempo sozinho no meu quarto, com minha saúde frágil como desculpa. Foi nessa época que minha neurite ciática começou a se desenvolver, o que fez a desculpa ser muito boa. Denis não pareceu notar o problema, nem teve qualquer interesse em mim ou nos meus hábitos e modos de proceder, e me magoou muito ver o quão indiferente ele estava ficando. Comecei a ter insônia e, muitas vezes, forçava meu cérebro à noite para tentar descobrir o que realmente ocorria; o que tornava minha nova nora tão repulsiva e, mesmo, ligeiramente horrível para mim. Com certeza, não era sua velha ladainha mística, pois ela havia deixado todo o seu passado para trás e nunca o mencionou ao menos uma vez. Ela nem sequer chegava a pintar, embora eu soubesse que já praticara, antes, a arte da pintura.

Estranhamente, os únicos que pareciam compartilhar minha inquietação eram os serviçais. Os negros da casa pareciam muito taciturnos quando tinham que se dirigir a ela e, em algumas semanas, todos, exceto os poucos que tinham laços estreitos com nossa família, tinham partido. Esses poucos — o velho Scipio e sua esposa Sarah, a cozinheira Delilah e Mary, a filha de Scipio — eram o mais educados possível, mas revelavam, plenamente, que sua nova senhora comandava seus deveres e não ganhava suas afeições. Eles ficavam em sua própria parte remota da casa o máximo possível. McCabe, nosso chofer branco, mostrava uma admiração mais insolente do que hostil. E outra exceção era uma mulher zulu, muito velha, que diziam que viera da África mais de cem anos antes, e que tinha sido algum tipo de líder em sua pequena cabana, como uma espécie de pensionista da família. A velha Sophonisba sempre demonstrava reverência toda vez que Marceline chegava perto dela e, uma vez, eu a vi beijar o chão onde sua senhora andou. Negros são seres supersticiosos, e eu me questioneei se Marceline andou falando de algumas das suas ladainhas místicas para nossos criados para superar sua evidente repulsa.

III.

— Bem, as coisas ficaram neste pé por quase metade de um ano. Então, no verão de 1916, as coisas começaram a acontecer. Por volta da metade de junho, Denis recebeu um bilhete do seu velho amigo Frank Marsh mencionando uma espécie de crise de nervos que o fez querer descansar por um tempo no campo. Estava com o carimbo de Nova Orleans, pois Marsh tinha voltado para casa e saído de Paris quando sentiu que o colapso estava próximo, e pareceu um pedido bem claro, embora educado, para um convite nosso. Marsh, é claro, sabia que Marceline estava aqui e perguntou, com muita cortesia, sobre ela. Denis sentiu muito os problemas dele e lhe disse que viesse logo e permanecesse quanto tempo quisesse.

Marsh veio, e fiquei chocado ao notar o quanto ele havia mudado desde a última vez que o vi no começo da juventude. Ele era um rapaz pequeno e magrelo, de olhos azuis e queixo indefinido. E, agora, eu po-

dia ver os efeitos da bebida e não sei o que mais nas pálpebras inchadas, poros alargados no nariz e linhas escuras ao redor da boca. Acho que ele levou a pose de decadente muito a sério e tentou ser o mais parecido que pudesse com Rimbaud, Baudelaire ou Lautréamont. E, ainda assim, era um grande prazer conversar com ele, pois, como todos os decadentes, ele era especialmente sensível às cores, à atmosfera e aos nomes das coisas de modo admirável. Era totalmente vivo e com registros completos de experiência consciente em áreas obscuras e sombrias da vida e das emoções que a maioria de nós passa por cima sem saber que existem. Pobre diabo! Se ao menos seu pai tivesse vivido mais tempo e cuidado dele! Havia grandes talentos no rapaz!

Fiquei feliz pela visita, pois senti que ajudaria a criar, de novo, uma atmosfera de normalidade na casa. E foi isso mesmo que a presença dele pareceu fazer no início, pois, como eu disse, era um prazer ter Marsh por companhia. Ele era um artista sincero e profundo como nunca vi em minha vida, e, com toda certeza, acredito que nada na Terra importava para ele exceto a percepção e a expressão da beleza. Quando via ou estava criando algo belo, seus olhos se dilatavam até as íris claras quase sumirem de vista, deixando dois místicos poços negros naquela fraca e delicada face cor de giz; poços negros se abrindo para mundos estranhos sobre os quais nenhum de nós poderia ao menos imaginar.

Ao chegar aqui, no entanto, ele não teve muitas oportunidades de mostrar essa competência, pois estava, como contou a Denis, muito desgastado. Parece que ele tivera muito sucesso como artista de um tipo bizarro — como Fuseli ou Goya ou Sime ou Clark Ashton Smith — mas havia se esgotado de repente. O mundo das coisas comuns ao redor dele havia cessado de conter qualquer coisa que ele reconhecesse como beleza — beleza, isto é, de força e sentimento suficientes para excitar suas faculdades criativas. Ele tinha ficado assim muitas vezes antes, todos os decadentes ficam, mas, dessa vez, ele não conseguia inventar nenhuma sensação ou experiência nova, estranha ou ultrajante, que pudesse fornecer a ilusão necessária da beleza inédita, nem da estimulante expectativa aventureira. Ele estava como um Durtal ou um Des Esseintes no ponto mais desgastado de sua curiosa órbita.

Marceline não estava quando Marsh chegou. Ela não estava entusiasmada com a vinda dele e se negou a recusar o convite de alguns dos nos-

sos amigos em Saint Louis para que ela e Denis fossem visitá-los. Denis, é claro, ficou para receber seu convidado, e Marceline partiu sozinha. Era a primeira vez que eles ficariam separados, e eu esperava que o intervalo ajudasse a dissipar o tipo de torpor que deixava o rapaz tão tolo. Marceline não demonstrou nenhuma pressa em voltar, e me pareceu que ela prolongava sua ausência o máximo possível. Denis suportou isso da melhor maneira que alguém poderia esperar de um marido tão apaixonado, e pareceu mais com o seu antigo eu quando falava sobre seus dias passados com Marsh e tentava animar o apático esteta.

Era Marsh que parecia mais impaciente para ver a mulher. Talvez porque achasse que a estranha beleza dela, ou alguma fase do misticismo que fora parte da seita outrora mágica dela, pudesse ajudar a reacender seu interesse nas coisas e dar-lhe outro impulso na direção da criação artística. De que não houvesse outra razão mais baixa, eu estava absolutamente seguro por causa do que sabia sobre o caráter de Marsh. Apesar de todas as suas fraquezas, ele era um cavalheiro, e eu fiquei, de fato, tranquilizado quando descobri, pela primeira vez, que ele queria vir para cá porque sua disposição em aceitar a hospitalidade de Denis provou que não havia razão para que ele não o fizesse.

Quando Marceline, enfim, retornou, vi que Marsh foi afetado de maneira tremendamente intensa. Ele não tentou fazê-la falar da coisa bizarra que ela abandonou de maneira tão definitiva, mas foi incapaz de esconder uma poderosa admiração que mantinha seus olhos, agora dilatados daquele jeito curioso na primeira vez durante sua visita, fixos nela nos momentos em que ela estava no aposento. Ela, entretanto, parecia incomodada ao invés de satisfeita com esse firme escrutínio. Isto é, assim ela pareceu no início, embora esse sentimento viesse a desaparecer aos poucos em alguns dias e acabasse por deixar os dois numa base da mais cordial e volúvel harmonia. Eu podia ver Marsh estudá-la constantemente quando ele achava que ninguém estava vendo. E fiquei a pensar por quanto tempo apenas o artista, e não o homem primitivo, seria estimulado pelas misteriosas graças dela.

Denis, naturalmente, sentiu certa irritação com esse desfecho dos eventos. Todavia, sabia que seu convidado era um homem de honra e que, como místicos e estetas semelhantes, Marceline e Marsh teriam naturalmente coisas e interesses a discutir, e nos quais uma pessoa mais ou

menos convencional não teria parte. Ele não tinha nada contra ninguém, mas apenas se arrependia de que sua imaginação fosse limitada e tradicional demais para que pudesse falar com Marceline tal como Marsh falava. Nesse estágio das coisas, comecei a ver meu rapaz mais vezes. Com a esposa de outro modo ocupada, ele tinha tempo para se lembrar de que tinha um pai, e um pai que estava pronto para ajudá-lo em caso de qualquer dificuldade.

Nós nos sentávamos, com frequência, na varanda e assistíamos a Marsh e Marceline enquanto subiam e desciam, a cavalo, pelo caminho, ou jogavam tênis na quadra que ficava ao sul da casa. Eles falavam mais em francês, que Marsh, embora não tivesse mais que um quarto de sangue francês, usava mais prontamente do que Denis ou eu conseguíamos falar. O inglês de Marceline, sempre academicamente correto, estava melhorando rapidamente no sotaque, mas era claro que ela gostava de usar a língua-mãe. Enquanto olhávamos para o casal harmônico que eles formavam, eu podia ver os músculos da face e da garganta do rapaz se contraírem, embora ele não fosse um anfitrião menos ideal para Marsh, nem um marido menos considerado para Marceline.

Tudo isso, geralmente, se passava à tarde, pois Marceline nunca acordava cedo, tomava o café da manhã na cama e gastava um tempo imenso se preparando para descer. Nunca conheci ninguém tão envolvido em cosméticos, exercícios de beleza, óleos para cabelo e todas essas coisas. Era nas horas matinais que Denis e Marsh aproveitavam a presença um do outro e trocavam as confidências que mantinham sua amizade de pé, apesar da tensão que o ciúme impunha.

Bem, foi em uma dessas conversas matinais na varanda que Marsh fez a proposta que levou ao fim. Eu estava deitado com um pouco de neurite, mas consegui descer as escadas e me esticar no sofá do salão, perto do janelão. Denis e Marsh estavam bem do lado de fora, então não pude deixar de ouvir tudo o que disseram. Eles estavam falando sobre arte e sobre os curiosos e caprichosos elementos ambientais necessários para impelir um artista a produzir uma obra-prima quando Marsh, de repente, se desviou das abstrações para a aplicação pessoal que ele tinha em mente desde o começo.

— Eu suponho — ele estava dizendo — que ninguém pode afirmar com exatidão o que há em certas cenas ou objetos que os tornam estí-

mulos estéticos para certos indivíduos. Basicamente, é claro, deve haver alguma referência ao histórico de associações mentais armazenadas em cada homem, pois não há duas pessoas que tenham a mesma escala de sensibilidade e de respostas. Nós, decadentes, somos artistas para quem todas as coisas comuns deixaram de ter qualquer significância emocional ou imaginativa, mas nenhum de nós responde da mesma maneira à mesma coisa extraordinária. Agora, considere-me como exemplo...

Ele parou e continuou.

— Eu sei, Denny, que posso dizer essas coisas para você porque você tem uma mente tão sobrenaturalmente imaculada, limpa, refinada, objetiva e tudo o mais. Você não vai me entender errado, como um homem supervolátil e calejado pelo mundo entenderia.

Ele parou uma vez mais.

— O fato é: acho que sei do que preciso para colocar minha imaginação para funcionar de novo. Tenho uma ideia geral do que seria desde que estávamos em Paris, mas agora tenho certeza. É Marceline, meu carro, aquele rosto e aqueles cabelos, e o rastro de imagens sombrias que eles invocam. Não apenas beleza visível, embora Deus saiba que há o suficiente disso, mas algo peculiar e individualizado, que não pode ser explicado com exatidão. Você sabe, nos últimos dias, senti a existência de tal estímulo tão agudamente que penso, sinceramente, que poderia me superar de vez, entrar na verdadeira classe das obras-primas se pudesse pegar a tinta e a tela no momento preciso em que o rosto e os cabelos dela atissem minha imaginação e a fizessem trabalhar. Há algo estranho e de outro mundo nisso, algo ligado à coisa antiga e obscura que Marceline representa. Eu não sei o quanto ela lhe contou sobre esse lado dela, mas posso lhe assegurar que há muito disso. Ela tem alguns laços maravilhosos com o além...

Alguma mudança na expressão de Denis deve ter segurado o locutor, pois houve um período considerável de silêncio antes que as palavras continuassem. Fui totalmente surpreendido, pois não esperava um desenrolar tão intenso assim, e imaginei o que meu filho poderia estar pensando. Meu coração começou a bater violentamente e eu forcei meus ouvidos na mais franca bisbilhotice intencional. Então, Marsh continuou.

— É claro que está com ciúmes, eu sei como um discurso como o meu deve soar, mas eu juro a você que não precisa ficar assim.

Denis não respondeu, e Marsh continuou.

— Para dizer a verdade, eu nunca poderia me apaixonar por Marceline, eu não poderia nem mesmo ser um amigo cordial dela no sentido mais caloroso. Ora, que se dane tudo, senti-me como um hipócrita conversando com ela todos esses dias como andei fazendo. O caso, simplesmente, é que uma fase dela me hipnotiza de certo modo... de um modo muito estranho, fantástico e obscuramente terrível, assim como outra fase hipnotiza você de um jeito muito mais normal. Eu vejo algo nela, ou, para ser psicologicamente exato, algo através ou além dela, que você não vê nem um pouco. Alguma coisa que traz um vasto aparato de formas de abismos esquecidos, e que me faz querer pintar coisas incríveis cujos contornos desaparecem no instante em que tento visualizá-las com clareza. Não se engane, Denny, sua mulher é um ser magnífico, um foco esplêndido de forças cósmicas que tem o direito de ser chamado de divino, se qualquer coisa na Terra tem!

Eu senti um clareamento da situação nesse ponto, pois a estranheza abstrata da declaração expressa de Marsh mais a lisonja que ele agora estava jogando sobre Marceline não poderiam falhar em desarmar e amolecer alguém tão ternamente orgulhoso de sua consorte como Denis sempre foi. Marsh, é evidente, captou a mudança por conta própria, pois havia mais confiança no seu tom quando ele continuou.

— Tenho de pintá-la, Denny, tenho de pintar aqueles cabelos, e você não se arrependerá. Há algo mais do que mortal naqueles cabelos, algo mais do que belo...

Ele parou e eu me perguntei o que Denis poderia estar pensando. Eu me perguntei, na verdade, o que *eu* estava, realmente, pensando. Será que o interesse de Marsh era, mesmo, apenas o do artista, ou ele estava apaixonado como Denis estivera? Eu me lembrei que, nos tempos da escola, ele invejava meu garoto, e eu sentia um pouco que poderia ser isso mesmo agora. Por outro lado, alguma coisa naquela fala sobre estímulo artístico havia soado incrivelmente verdadeira, de modo que quanto mais eu ponderava, mais estava inclinado a aceitar aquilo tudo. Denis pareceu fazer isso também, pois, embora eu não pudesse entender sua

resposta em voz baixa, pude distinguir, pelo efeito produzido, que devia ter sido afirmativa.

Houve o som de alguém batendo nas costas de outra pessoa e, depois, um discurso de gratidão de Marsh que não vou esquecer.

— Isso é ótimo, Denny. E, como eu disse, você nunca vai se arrepender. De certo modo, estou meio que fazendo isso por você. Será um homem diferente quando vê-la. Vou lhe colocar onde você costumava ficar, eu lhe darei um despertar e um tipo de salvação, mas ainda não pode ver o que quero dizer. Apenas se lembre da velha amizade e não pense que não sou o mesmo velho pássaro!

Eu me levantei, perplexo, ao ver os dois caminharem juntos pelo gramado, de braços dados e fumando. O que Marsh quis dizer com sua reafirmação estranha e quase agourenta? Quanto mais meus medos eram aquietados numa direção, mais eram atçados em outra. Mesmo olhando por qualquer ângulo que pudesse, parecia-me ser, sem dúvida, mau negócio.

Mas as ações progrediram do mesmo jeito. Denis arrumou um cômodo no sótão com claraboias, e Marsh enviou pedidos para todo tipo de equipamento de pintura. Todo mundo estava bastante empolgado com o novo empreendimento, e eu estava, ao menos, feliz por ver que alguma coisa estava sendo preparada para quebrar a tensão acumulada. Em breve, começaram as sessões, e todos nós as levávamos muito a sério, pois podíamos ver que Marsh as considerava eventos artísticos importantes. Denny e eu nos acostumamos a andar em silêncio pela casa como se algum ritual sagrado estivesse em curso, e sabíamos que era mesmo sagrado no que se referia a Marsh.

Com Marceline, entretanto, era tudo diferente, como comecei a ver logo de início. Quaisquer que fossem as reações de Marsh às sessões, as dela eram dolorosamente óbvias. De todas as maneiras possíveis, ela traía uma obsessão franca e vulgar pelo artista, e repelia os gestos de afeição feitos por Denis quando ela tinha a ousadia de fazê-lo. De maneira estranha, notei isso mais vividamente do que o próprio Denis, e tentei bolar um plano para manter a mente do rapaz tranquila até que a questão pudesse ser resolvida. Não havia por que deixá-lo emotivo, se eu pudesse evitar.

No fim, decidi que seria bom para Denis se afastar enquanto a situação desagradável persistisse. Eu poderia representar os interesses dele bem o bastante para esse fim e, cedo ou tarde, Marsh terminaria o retrato e partiria. Minha visão da honra de Marsh era tal que não procurei possíveis desenvolvimentos piores. Quando o problema tivesse se dissipado e Marceline tivesse esquecido sua nova obsessão, seria a hora de ter Denis por perto de novo.

Então, escrevi uma longa carta para meu agente de publicidade e finanças em Nova Iorque e inventei um plano para que o rapaz fosse chamado até lá por um tempo indefinido. Pedi ao agente que escrevesse para ele que nossos negócios exigiam, em absoluto, que um de nós fosse para o leste, e, obviamente, minha doença deixou claro que não poderia ser eu. Foi planejado que, quando Denis chegasse a Nova Iorque, ele encontraria problemas plausíveis o suficiente para mantê-lo ocupado pelo tempo que eu achasse que ele deveria ficar afastado.

O plano funcionou com perfeição, e Denis partiu para Nova Iorque sem a menor suspeita. Marceline e Marsh foram com ele no carro até Cape Girardeau, onde ele pegou o trem da noite para Saint Louis. Eles voltaram após o anoitecer e, enquanto McCabe conduzia o carro de volta para os estábulos, pude ouvi-los conversando na varanda, nas mesmas cadeiras perto da janela do salão onde Marsh e Denis se sentaram quando eu os ouvi conversando sobre o retrato. Desta vez, escolhi escutá-los intencionalmente e, então, desci em silêncio até o salão da frente e me deitei no sofá perto da janela.

No começo, não consegui ouvir nada. Mas, em pouco tempo, veio um som como o de uma cadeira sendo movida, seguida de um suspiro curto e agudo e um tipo de exclamação inarticulada de dor de Marceline. Então, ouvi Marsh falar com voz forçada, quase formal.

— Eu gostaria de trabalhar esta noite, se não estiver cansada demais.

A resposta de Marceline foi no mesmo tom doloroso que marcou sua exclamação. Ela usou o inglês como ele fez.

— Oh, Frank, é só com isso que você se importa? Esqueça o trabalho! Não podemos apenas ficar sentados neste glorioso luar?

Ele respondeu com impaciência, sua voz demonstrando certo desprezo por baixo da qualidade dominante do entusiasmo artístico.

— Luar! Meu Deus, que sentimentalismo barato! Para uma pessoa supostamente sofisticada, você, com certeza, se apegou a algumas das mais atrozes bobagens que já escaparam dos romances baratos! Com a arte nos seus cotovelos, você pensa na lua, barato como um chamariz entre as variedades! Ou talvez faça você pensar na dança de Roodmas entre os pilares de pedra em Auteuil. Diabos, como você fazia aqueles bobalhões de olhos esbugalhados encararem fixamente! Mas, não! Suponho que deixou tudo isso de lado agora. Não há mais magia de Atlântida nem rituais de cabelo de cobra para madame De Russy! Sou o único que se lembra das coisas antigas, as coisas que chegaram pelos templos de Tanit e ecoaram nos baluartes do Zimbábue. Mas não serei traído por essa lembrança. Tudo isso está se entretecendo na coisa na minha tela, a coisa que vai capturar a admiração e cristalizar os segredos de 75 mil anos...

Marceline interrompeu-o com uma voz que era uma mistura de emoções.

— Você é que está sendo sentimental e barato agora! Você sabe muito bem que as coisas antigas devem ser deixadas em paz. Todos vocês terão que se cuidar se eu chegar a entoar os antigos ritos ou tentar invocar o que jaz oculto em Yuggoth, Zimbábue e R'lyeh. Achei que você tinha mais bom senso! Você não tem lógica. Quer que eu me interesse nessa preciosa pintura sua, mas não me deixa ver o que está fazendo. Sempre tem aquele pano preto por cima! É minha... Acho que não teria problema se eu pudesse ver...

Marsh interrompeu-a. Desta vez, a voz curiosamente dura e forçada.

— Não! Não agora! Você verá no momento oportuno. Diz que é sua... Sim, é isso, porém é mais. Se soubesse, não ficaria tão impaciente. Pobre Denis! Meu Deus, é uma vergonha!

Minha garganta ficou seca de repente quando as palavras se elevaram a um tom quase febril. O que Marsh queria dizer? De repente, vi que ele havia parado e estava entrando na casa, sozinho. Ouvi a porta da frente bater e escutei seus passos subirem as escadas. Do lado de fora, na varanda, eu ainda podia ouvir a respiração pesada e furiosa de Marceline. Eu me afastei, com o coração apertado, sentindo que havia coisas sérias para investigar antes que pudesse deixar Denis voltar em segurança.

Após aquela noite, a tensão ficou ainda pior do que antes. Marceline sempre viveu cercada de elogios e admiração, e o choque daquelas poucas palavras brutais de Marsh foi demais para o temperamento dela. Não havia como viver na casa com ela, pois, sem o pobre Denis, ela descontava sua raiva em todo mundo. Quando não achava alguém dentro de casa para implicar, ela ia até a cabana de Sophonisba e passava horas conversando com a estranha velha zulu. Tia Sophy era a única pessoa que a admirava de maneira abjeta, o suficiente para satisfazê-la. Quando tentei, uma vez, ouvir a conversa das duas, descobri Marceline sussurrando sobre “segredos ancestrais” e sobre “a desconhecida Kadath”, enquanto a negra balançava-se para frente e para trás na cadeira, fazendo sons inarticulados de reverência e admiração a intervalos regulares.

Mas nada poderia quebrar sua paixão canina por Marsh. Ela falava com amargura e destempero para ele, mas estava ficando cada vez mais obediente aos desejos dele. Era muito conveniente para ele, já que, agora, era capaz de fazê-la posar para a pintura toda vez que sentia vontade de pintar. Ele tentou demonstrar gratidão por essa boa disposição, mas acho que eu conseguia detectar um tipo de desprezo ou mesmo de ódio por baixo da cuidadosa educação dele. De minha parte, eu, francamente, odiava Marceline! Não havia razão nenhuma para chamar minha atitude de algo tão ameno como mero desgosto naqueles tempos. Com certeza, eu estava feliz por Denis estar longe. Suas cartas, não tão frequentes quanto eu gostaria, mostravam sinais de tensão e de preocupação.

Quando a metade de agosto passou, eu deduzi, dos comentários de Marsh, que o retrato estava quase pronto. Seu humor parecia cada vez mais sardônico, embora o temperamento de Marceline melhorasse um pouco conforme a perspectiva de ver a coisa aticava sua vaidade. Eu ainda me lembro do dia quando Marsh disse que terminaria tudo em uma semana. Marceline se animou de maneira perceptível, embora não sem um olhar peçonhento para mim. Parecia-me que o cabelo encaracolado dela se apertou visivelmente ao redor da cabeça.

— Eu verei primeiro! — ela disparou. Então, sorrindo para Marsh, ela disse: — E se não gostar, vou rasgar tudo em pedaços!

O rosto de Marsh tomou a expressão mais curiosa que já vi nele quando respondeu.

— Não posso atestar pelo seu gosto, Marceline, mas juro que será magnífico! Não que eu queira ganhar muito crédito, a arte cria a si mesma, e essa coisa tinha de ser feita. Espere só!

Durante os poucos dias seguintes, senti uma insólita sensação de premonição, como se a finalização da pintura significasse algum tipo de catástrofe em vez de um alívio. Denis, além disso, não havia escrito nada para mim, e meu agente em Nova Iorque disse que ele estava planejando uma viagem ao interior. Eu imaginei qual poderia ser o resultado dessa coisa toda. Que estranha mistura de elementos: Marsh e Marceline, Denis e eu! Como todos eles reagiriam um com o outro no final? Quando meus medos se tornaram grandes demais, eu tentei responsabilizar minha enfermidade por todos eles, mas essa explicação nunca me pareceu muito satisfatória.

IV.

Bem, a coisa explodiu na terça-feira, dia vinte e seis de agosto. Eu me levantei no meu horário normal e tomei o café da manhã, mas não estava muito bem por causa da dor na minha coluna. Estava me incomodando muito nos últimos dias e me forçava a tomar opioides quando ficava insuportável demais. Não havia ninguém mais no andar de baixo, exceto os empregados, embora eu pudesse ouvir Marceline se movendo no quarto. Marsh dormia no sótão, ao lado do estúdio, e começou a ficar acordado até tão tarde que dificilmente levantava antes do meio-dia. Por volta das dez horas, a dor me pegou de jeito. Então, tomei uma dose dupla dos meus opiatos e me deitei no sofá do salão. O último som que ouvi foram as passadas de Marceline lá em cima. Pobre criatura! Se eu tivesse sabido! Ela devia estar andando diante do espelho e se admirando. Era bem típico dela. Vaidosa do início ao fim. Regozijando-se com a própria beleza, como se comprazia com os pequenos luxos que Denis era capaz de lhe dar.

Não acordei até perto do pôr do sol, e soube, num instante, por quanto tempo tinha dormido por causa da luz dourada e das sombras do lado de fora da janela. Não havia ninguém por perto, e um tipo de quietude antinatural parecia pairar sobre tudo. De longe, entretanto,

pensei ter ouvido um fraco uivo, selvagem e intermitente, cuja qualidade tinha uma ínfima, porém incerta, familiaridade em torno de si. Não me importo muito com premonições psíquicas, mas fiquei perturbado e amedrontado desde o começo. Houve sonhos, piores até que os que eu andei sonhando nas semanas anteriores, e, desta vez, eles pareciam ligados, de maneira horrenda, a alguma realidade negra e purulenta. O lugar todo tinha uma atmosfera venenosa. Depois disso, refleti que certos sons deviam ter se infiltrado em meu cérebro inconsciente durante aquelas horas de sono induzido por drogas. Minha dor, entretanto, estava muito suavizada, e me levantei e andei sem dificuldade.

Logo comecei a ver que havia algo errado. Marsh e Marceline poderiam estar cavalgando, mas alguém deveria estar fazendo o jantar na cozinha. Em vez disso, havia apenas silêncio, exceto por aquele fraco uivo ou lamento distante. E ninguém respondeu quando puxei o antiquado cordão do sino para chamar o velho Scipio. Então, ao olhar, por acaso, para cima, vi a mancha que se espalhava no teto, a vívida mancha vermelha, que devia ter se filtrado pelo chão do quarto de Marceline.

Em um instante, esqueci as minhas costas doloridas e corri escada acima para descobrir o pior. Tudo o que há sob o sol passou correndo pela minha mente enquanto eu lutava com a porta, distorcida pela umidade, daquela câmara silenciosa, e o mais horrendo de tudo era uma sensação terrível de maligna realização e de expectativa fatal. Eu soube, ocorreu-me, o tempo todo, que horrores sem nome estavam se concentrando, que algo profundo e cosmicamente mau havia conseguido se enraizar sob meu teto, e que apenas sangue e tragédia poderiam resultar disso.

A porta, finalmente, cedeu, e eu cambaleei para dentro do amplo cômodo, muito mal iluminado por causa dos galhos das grandes árvores do lado de fora das janelas. Por um momento, não pude fazer nada além de estremecer ante o odor maléfico que, imediatamente, atingiu minhas narinas. Então, ao ligar a luz elétrica e olhar ao redor, eu vislumbrei uma blasfêmia sem nome no carpete amarelo e azul.

Estava de rosto para baixo em uma grande poça de sangue escuro e grosso, e tinha a marca sangrenta de um pé humano, calçado, no meio das costas nuas. Sangue estava espalhado em tudo: nas paredes, nos móveis e no chão. Meus joelhos cederam ante a visão, de modo que tive que

me encostar em uma cadeira e me sentar. A coisa, óbvio, era um ser humano, embora sua identidade não fosse fácil de estabelecer de início, pois estava sem roupas e teve a maior parte do cabelo cortado e arrancado do escalpo de maneira muito brutal. Tinha uma cor profunda de marfim escurecido, e eu soube que devia ser Marceline. A marca da pegada nas costas fazia a coisa parecer ainda mais infernal. Eu não conseguia, ao menos, imaginar a estranha e medonha tragédia que, provavelmente, aconteceu enquanto eu dormia no cômodo embaixo. Quando levantei a mão para enxugar minha testa, que suava, vi que meus dedos estavam grudentos com sangue. Fiquei arrepiado, depois percebi que devia ter vindo da maçaneta da porta, que o assassino desconhecido havia fechado atrás de si ao ir embora. Aparentemente, ele levava a arma do crime consigo, pois nenhum instrumento de morte estava visível ali.

Ao observar o chão, vi um rastro de pegadas pegajosas como a que estava no corpo e que iam do horror até a porta. Também havia outro rastro de sangue, e de um tipo menos fácil de explicar: um linha larga e contínua, como se marcasse a passagem de uma cobra enorme. No início, concluí que tinha a ver com algo que o assassino arrastou atrás de si. Então, ao notar o jeito como algumas das pegadas pareciam se sobrepor ao rastro, fui forçado a acreditar que já estava ali quando o assassino se foi. Mas que entidade rastejante poderia ter estado naquele quarto com a vítima e seu assassino e saído antes do assassino após a consumação do crime? Ao me fazer essa pergunta, pensei ter ouvido, de novo, aquele fraco lamento distante.

Finalmente, superando a letargia do horror, levantei-me e comecei a seguir as pegadas. Quem seria o assassino, eu não podia sequer adivinhar, e nem conseguia explicar a ausência dos empregados. Sentia, de modo vago, que deveria ir até os aposentos de Marsh no sótão. Mas, antes que eu tivesse formulado a ideia por completo, vi que a trilha sangrenta estava me levando até lá. Será que ele era mesmo o assassino? Teria ele enlouquecido sob a pressão da situação mórbida e surtado de repente?

No corredor do sótão, a trilha tomou-se fraca, as pegadas quase cessando ao se fundirem com o carpete escuro. Eu ainda conseguia, entretanto, discernir a estranha trilha única da entidade que havia saído primeiro, e ela levava direto para a porta fechada do estúdio de Marsh, de-

saparecendo sob ela em um ponto quase na metade da largura da porta. Era evidente que alguma coisa entrou quando ela estava escancarada.

De coração pesado, tentei a maçaneta e descobri que a porta estava destrancada. Ao abri-la, parei sob a luz evanescente do norte para ver que pesadelo novo em folha poderia estar me aguardando. Era certo que havia algo humano no chão, e eu alcancei o interruptor para ligar o candelabro.

Mas, quando a luz se acendeu, meu olhar deixou o chão e seu horror, aquele era Marsh, pobre diabo, para se fixar, de modo frenético e incrédulo, sobre a coisa viva que se encolhia e olhava, fixamente, a porta aberta que levava ao quarto de Marsh. Era uma coisa desgrenhada, de olhos esbugalhados, coberta de sangue seco e carregando na mão um fação que fora, até então, um dos ornamentos da parede do estúdio. Ainda assim, mesmo naquele momento horrível, eu a reconheci como alguém que eu pensava que estava a mais de mil milhas de distância. Era o meu garoto, Denis, ou o maltrapilho enlouquecido que, um dia, fora Denis.

A visão da minha pessoa pareceu trazer um traço de sanidade, ou, ao menos, de memória, ao pobre rapaz. Ele se ajeitou e começou a balançar a cabeça para os lados, como se tentasse se livrar de alguma influência sufocante. Eu não conseguia proferir palavra, mas movi meus lábios em um esforço para conseguir trazer minha voz de volta. Meus olhos vagaram por um momento até a figura no chão, em frente ao cavalete embrulhado com um pano grosso. A figura em cuja direção a estranha trilha de sangue levava e que parecia estar emaranhada nos fios de algum objeto escuro e filamentoso. A mudança do meu olhar aparentemente produziu certa impressão no cérebro distorcido do rapaz, pois, de repente, ele começou a murmurar, um sussurro rouco cujo significado eu fui logo capaz de captar.

— Eu tive de exterminá-la... ela era o diabo... o ápice e a sumo-sacerdotisa de todo o mal... a cria do abismo ... Marsh sabia e tentou me avisar. O bom e velho Frank... eu não o matei, embora estivesse pronto para isso antes de eu perceber. Mas fui lá embaixo e a matei... Então, aquele cabelo maldito...

Eu escutei com horror quando Denis engasgou, parou e começou de novo.

— Você não sabia... As cartas dela ficaram esquisitas e eu soube que ela estava apaixonada por Marsh. Então, ela quase parou de escrever. Ele nunca a mencionou... Eu senti que algo estava errado e achei que deveria voltar e descobrir o que era. Não podia lhe contar... Seus maneirismos teriam exposto tudo. Queria surpreendê-los. Cheguei por volta do meio-dia de hoje. Vim de táxi e mandei todos os empregados da casa saírem. Deixei os trabalhadores do campo em paz, pois as cabanas deles estão fora do campo de audição. Disse para McCabe pegar umas coisas pra mim em Cape Girardeau e não se incomodar em voltar até amanhã. Fiz todos os negros pegarem o carro velho e deixarem Mary levá-los até Bend Village de folga. Disse-lhes que estávamos saindo em uma viagem e que não precisaríamos de ajuda; disse que seria melhor se eles passassem a noite com o primo do Tio Scip, que cuida daquela pensão de negros.

Denis estava ficando bastante incoerente e eu forcei meus ouvidos para captar cada palavra. De novo, pensei ouvir aquele choro distante e selvagem, mas, naquele momento, a história vinha em primeiro lugar.

— Vi você dormindo no sofá do salão e me arrisquei a apostar que não acordaria. Depois subi as escadas em silêncio para espreitar Marsh e... aquela mulher!

O garoto estremeceu ao evitar pronunciar o nome de Marceline. Ao mesmo tempo, vi os olhos dele se dilatarem simultaneamente com uma explosão de gritos distantes, cuja vaga familiaridade se tornara agora muito grande.

— Ela não estava no quarto, então subi até o estúdio. A porta estava fechada, e eu pude ouvir vozes lá dentro. Não bati, apenas entrei com violência e a encontrei posando para o quadro. Nua, mas com aquele cabelo infernal todo enrolado nela. E fazendo todo tipo de cara dengosa para Marsh. Ele estava com o cavalete virado de lado, longe da porta, então eu não consegui ver o retrato. Ambos ficaram bem assustados quando eu apareci, e Marsh deixou o pincel cair. Eu estava furioso e disse que ele teria de me mostrar o retrato, mas ele ficou mais calmo a cada minuto. Disse-me que ainda não estava pronto, mas que estaria em um ou dois dias, disse que, então, eu poderia ver. Ela ainda não tinha visto. Mas isso não me bastou. Eu avancei, e ele jogou uma cortina de veludo em cima da coisa antes que eu pudesse vê-la. Ele estava pronto para lu-

tar antes de me deixar vê-la, mas aquela... aquela... ela... avançou e ficou do meu lado. Disse que deveríamos vê-la. Frank ficou horripilantemente nervoso e me deu um soco quando tentei puxar a cortina. Eu dei outro soco e pareceu que foi um nocaute. Então, eu mesmo quase fui derribado pelo grito que aquela... aquela criatura... deu. Ela havia puxado a cortina por conta própria e deu uma olhada no que Marsh estava pintando. Eu me virei e a vi correndo como louca para fora do cômodo. *Então eu vi o retrato.*

A loucura se acendeu, de novo, nos olhos do rapaz quando ele chegou a este ponto, e pensei, por um minuto, que ele avançaria para cima de mim com o facão. Mas, após uma pausa, ele retomou um pouco do equilíbrio.

— Oh, Deus... aquela coisa! Não olhe nunca para ela! Queime-a com a tapeçaria por cima e jogue as cinzas no rio! Marsh sabia, e estava me avisando. Ele sabia o que era aquilo... o que aquela mulher... aquela leoparda, ou górgona ou lâmia ou o que quer que fosse, realmente representava. Ele tinha tentado sugerir para mim desde que eu a conheci no estúdio dele em Paris, mas não podia ser dito em palavras. Eu achava que todos a ofendiam quando sussurravam horrores sobre ela. Ela me deixou hipnotizado, de modo que eu não pudesse acreditar nos fatos óbvios. Mas esse retrato captou todo o segredo, todo o monstruoso cenário! Deus, mas Frank é um artista! Aquela coisa é a maior obra de arte que qualquer alma viva produziu desde Rembrandt! É um crime queimá-la, mas seria um crime ainda maior permitir que existisse, assim como teria sido um pecado abominável deixar aquela maldita monstruosidade existir por mais tempo. No minuto em que a vi, eu entendi o que ela era, e que parte ela tinha no medonho segredo que veio dos longínquos dias de Cthulhu e dos Antigos, o segredo que foi quase eliminado quando Atlântida afundou, mas que se manteve quase vivo em tradições ocultas, em mitos alegóricos e em furtivas práticas de culto à meia-noite. Pois você sabe que ela era verdadeira. Não era nenhuma fraude. Eu teria sido misericordioso se fosse uma fraude. Era a velha sombra horrenda que os filósofos jamais ousaram mencionar, a coisa apontada pelo *Necronomicon* e simbolizada pelos colossos da Ilha de Páscoa. Ela achou que não conseguíamos ver através dela, que a fachada falsa se manteria até que tivéssemos barganhado nossas almas imortais. E ela estava quase

certa. Ela teria me pegado no final. Ela estava apenas esperando. Mas Frank, o bom e velho Frank, foi demais para mim. *Ele sabia o que tudo isso significava e pintou tudo.* Não me espanto por ela ter gritado e corrido quando viu a coisa. Ainda não estava terminada, mas Deus sabe *que havia o bastante lá.* Então, eu soube que teria de matá-la. Matá-la, e tudo conectado a ela. Era uma mácula que sangue humano íntegro não poderia suportar. Havia outra coisa também, mas você nunca saberá o que se queimar o quadro sem olhar. Eu cambaleei até o quarto dela com este facão que tirei da parede daqui, deixando Frank ainda desmaiado. Ele ainda respirava. Eu sabia disso e agradecia aos céus por não o ter matado. Eu a encontrei de frente para o espelho, trançando aquele maldito cabelo. Ela se virou para mim como uma fera selvagem e começou a cuspir todo seu ódio por Marsh. O fato de que estava apaixonada por ele, e eu sabia que estava, apenas piorou tudo. Por um minuto, não pude me mover, e ela quase conseguiu me hipnotizar completamente. Então, eu pensei no retrato, e o feitiço foi quebrado. Ela viu a quebra nos meus olhos e deve ter notado o facão também. Eu nunca vi nada lançar um olhar tão intenso de besta selvagem como ela lançou. Ela avançou sobre mim com as garras para fora, como as de um leopardo, mas fui mais rápido: levantei o facão, e tudo acabou.

Denis teve de parar de novo, e eu vi o suor escorrendo pela testa, misturado ao sangue seco. Mas, em um momento, ele continuou, a voz rouca.

— Eu disse que estava tudo acabado. Mas, Deus! Aquilo tinha apenas começado! Eu senti que lutava contra as legiões de Satã e coloquei meu pé nas costas da coisa que havia aniquilado. *Então vi aquela trança blasfema de cabelo preto desgrenhado começar a se retorcer e se mexer sozinha.* Eu devia ter sabido. Estava tudo nos antigos contos. Aquele cabelo maldito tinha vida própria e não podia ser exterminado ao se matar a criatura. Eu sabia que teria de queimá-lo e, então, comecei a retalhá-lo com o facão. Deus, mas foi um trabalho dos diabos! Duro como fios de ferro, mas consegui terminar. E foi horroroso ver como a grande trança se contorcia e lutava nos meus punhos. Quando já havia cortado ou puxado fora a última mecha, ouvi aquele choro abominável vindo de trás da casa. Sabe, ainda está lá: chora e para. Não sei o que é, mas deve ser alguma coisa que brota desse negócio infernal. Parece alguma coisa que

eu deveria conhecer, mas não consigo localizar. Abalou meus nervos na primeira vez que ouvi, me assustei e larguei a trança cortada. Então, levei um susto ainda maior, pois, no segundo seguinte, a trança se voltou contra mim e começou a me atacar violentamente com uma das pontas, que havia se enrolado como um tipo de cabeça grotesca. Eu a golpeei com o facão, e ela se afastou. Então, quando recobrei o fôlego, vi que a coisa monstruosa estava rastejando pelo chão por conta própria como uma grande cobra preta. Não consegui fazer nada por um tempo. Mas, quando ela desapareceu pela porta, consegui me recuperar e ir atrás dela. Consegui seguir o largo rastro sangrento e vi que subia as escadas. Ela me trouxe aqui, e que os céus me amaldiçoem se não a vi, pela porta, atacando o pobre Marsh, atordoado, como uma cascavel enlouquecida, tal como havia me atacado, e se enrolando nele como uma píton faria. Ele estava começando a se aprumar, mas aquela abominável coisa serpenteante o pegou antes que se levantasse. Eu sabia que todo o ódio daquela mulher estava por trás disso, mas não tive o poder de retirá-la. Eu tentei, mas foi demais para mim. Nem mesmo o facão adiantou. Não podia golpear livremente ou acabaria cortando Frank em pedaços. Então, vi aquelas tranças monstruosas se apertarem, vi o pobre Frank esmagado até a morte diante dos meus olhos, e o tempo todo aquele horrendo uivo fraco vindo de algum lugar além dos campos. Isso é tudo. Eu cobri o retrato com a cortina de veludo e espero que nunca seja descoberto. A coisa deve ser queimada. Não consegui arrancar as tranças do pobre cadáver do Frank. Elas se agarram a ele como uma sanguessuga, e parecem ter perdido a capacidade de locomoção por completo. É como se essa corda serpenteante de cabelo tivesse um tipo de atração perversa pelo homem que matou, Está agarrada a ele, abraçando-o. Você terá de queimar o pobre Frank do jeito que está. Mas, pelo amor de Deus, não se esqueça de deixar só cinzas. Aquela coisa e o retrato. Ambos devem ser destruídos. A segurança do mundo precisa que ambos sumam.

“Denis poderia ter sussurrado mais, mas um novo surto do choro distante nos interrompeu. Pela primeira vez, sabíamos o que era, pois uma rajada de vento vindo do oeste trouxe, finalmente, palavras articuladas. Nós deveríamos ter sabido antes, já que sons muito semelhantes com frequência vinham da mesma fonte. Era a enrugada Sophonisba, a antiga bruxa zulu que havia adorado Marceline, carpindo de sua cabana

de uma maneira que coroava os horrores dessa tragédia de pesadelo. Nós dois podíamos ouvir algumas das coisas que ela uivava, e sabíamos quais laços secretos e primordiais ligavam essa feiticeira selvagem àquela outra herdeira de segredos antigos que havia acabado de ser extirpada. Algumas das palavras que ela usava traíam sua proximidade com tradições demoníacas e paleogênicas.

“Iä! Iä! Shub-Niggurath! Ya-R’lyeh! N’gagi r’bulu bwana n’lolo! Ya, yo, pobrinha da sinhá Tanit, pobrinha sinhá Ísis! Sinhô Clooloo, sai d’água e pega tua fia. Ela tá morta! Tá morta! O cabelo num tem mais sinhá não, sinhô Clooloo. A véia Sophiazinha, ela sabe! A véia Sophiazinha tirô a pedra negra do Grande Zimbábue na véia África! A véia Sophiazinhaa dançô no luar invorta da pedra-crocodilo antes dos N’bangus pegá ela e vendê ela pro povo dos barcos! Num tem mais Tanit! Num tem mais Ísis! Num tem mais muié-bruxa pra mantê o fogo aceso no grande lugar de pedra! Ya, yo! N’gagi n’bulu bwana n’lolo! Iä! Shub-Niggurath! Ela tá morta! A véia Sophiazinha sabe!”

“Esse não foi o fim da choradeira, mas foi tudo em que consegui prestar atenção. A expressão no rosto do meu garoto mostrava que isso o fez se lembrar de algo assustador, e o aperto da mão no facão não pareceu ser coisa boa. Eu sabia que ele estava desesperado e avancei para desarmá-lo, se possível, antes que ele pudesse fazer mais alguma besteira.

“Mas era tarde demais. Um velho com a coluna vertebral doente não vale muita coisa, fisicamente. Houve uma luta terrível, mas ele se matou antes que se passassem muitos segundos. Ainda não tenho certeza, mas acho que tentou me matar também. Suas últimas palavras, ofegantes, eram alguma coisa sobre a necessidade de apagar tudo que fosse conectado a Marceline, seja por sangue ou por matrimônio.”

V.

Não consigo imaginar porque não enlouqueci de vez naquele instante ou nos momentos e horas subsequentes. Na minha frente jazia o corpo abatido do meu garoto, o único humano que eu tinha para amar. A três metros de distância, na frente daquele cavalete coberto, estava o corpo

do melhor amigo, com um rolo de um horror sem nome enroscado nele. Abaixo, o corpo escalpelado daquela monstrega, sobre quem eu estava disposto a acreditar em qualquer coisa. Eu estava atordoado demais para avaliar a autenticidade da história do cabelo, e, mesmo que não estivesse, aquele uivo aterrador vindo da cabana da Tia Sophy teria sido o suficiente para aquietar minhas dúvidas para sempre.

Se tivesse sido mais sábio, teria feito o que o pobre Denis me disse: queimado o retrato e o cabelo enrolado no cadáver direto e sem nenhuma curiosidade. Mas fiquei abalado demais para ser sensato. Suponho que murmurei sandices sobre o corpo do meu garoto e, então, me lembrei de que a noite estava passando e que os empregados estariam de volta pela manhã. Estava claro que um problema como aquele nunca poderia ser explicado, e eu sabia que deveria encobrir tudo e inventar uma história.

Aquela trança de cabelo ao redor de Marsh era uma coisa monstruosa. Ao cutucá-la com uma espada que tirei da parede, quase a senti apertar-se com mais força ao redor do morto. Não ousei tocá-la, e quanto mais a contemplava, mais coisas horríveis eu notava nela. Uma coisa me deu um susto. Não vou mencioná-la, mas explicava, em parte, a necessidade de alimentar o cabelo com óleos estranhos como Marceline sempre fizera.

Por fim, decidi enterrar os três corpos na adega, com cal viva, que eu sabia que havia no armazém. Foi uma noite de trabalho infernal. Eu cavei três covas: a do meu garoto longe dos outros dois, pois não queria que ele ficasse perto do corpo da mulher, nem do cabelo. Senti muito por não conseguir arrancar a trança ao redor do pobre Marsh. Foi um trabalho terrível levar os três até a adega. Usei lençóis para carregar a mulher e o pobre diabo com a trança ao redor dele. Então, tive de tirar dois barris de cal do armazém. Deus deve ter me dado forças, pois não só os movi, mas preenchi todas as três covas.

Parte da cal eu transformei em caiação. Tive que pegar uma escada de mão e pintar o teto do salão por cima do sangue que vazou. E queimei quase tudo no quarto de Marceline, esfregando as paredes, o chão e a mobília pesada. Também lavei o estúdio no sótão, e o rastro e as pegadas que iam até lá. E o tempo todo eu podia ouvir a lamúria da velha Sophy na distância. O diabo devia estar naquela criatura para que a voz

dela continuasse daquele jeito. Mas ela sempre estava uivando coisas esquisitas. É por isso que os negros do campo não se assustaram nem ficaram curiosos naquela noite. Eu tranquei a porta do estúdio e levei a chave para o meu quarto. Depois queimei todas as minhas roupas manchadas na lareira. De manhã, um olhar comum poderia perceber que a casa toda parecia bastante normal. Não ousei tocar no cavalete coberto, mas queria cuidar disso mais tarde.

Bem, os empregados voltaram no dia seguinte, e eu lhes disse que os jovens tinham ido para Saint Louis. Nenhum dos trabalhadores do campo pareceu ter visto nem ouvido coisa alguma, e o choro da velha Sophonisba parou no instante em que o sol nasceu. Ela ficou como uma esfinge depois disso, e nunca soltou sequer uma palavra do que se passou no seu tristonho cérebro de bruxa no dia e noite anteriores.

Mais tarde, eu fingi que Denis, Marsh e Marceline tinham ido para Paris e fiz uma certa agência discreta me mandar cartas de lá, cartas que eu arranjei com escrita forjada. Foi preciso muita enganação e reticência para explicar coisas para vários amigos, e sei que as pessoas suspeitaram, em segredo, que eu estava escondendo alguma coisa. Tive as mortes de Marsh e de Denis relatadas durante a guerra, e, mais tarde, disse que Marceline entrara para um convento. Felizmente, Marsh era um órfão cujos modos excêntricos o afastaram de seus parentes na Louisiana. As coisas poderiam ter sido bem melhores para mim se eu tivesse a sensatez de queimar o retrato, vender a fazenda e desistido de cuidar das coisas com uma mente abalada tal como estava. Você consegue ver para onde minha tolice me trouxe. Colheitas fracassadas, trabalhadores dispensados um a um, lugar caindo em ruínas e eu mesmo um ermitão e alvo de dúzias de histórias esquisitas espalhadas pela região. Hoje em dia, ninguém vem aqui após o escurecer, ou em qualquer outro horário se puderem evitar. É por isso que sei que você deve ser um estranho.

E por que permaneço aqui? Não posso lhe dizer exatamente o porquê. A razão está muito ligada a coisas que estão no limite da sanidade. Não teria sido assim, talvez, se eu não tivesse olhado para a pintura. Deveria ter feito o que o pobre Denis me disse. Queria sinceramente queimá-la quando fui àquele estúdio, que ainda estava trancado, uma semana após o horror. Mas olhei primeiro, e isso mudou tudo.

Não! Não há razão para contar o que vi. Você pode, de certo modo, ver por conta própria, neste momento, embora o tempo e a umidade tenham feito seu trabalho. Não acho que possa lhe fazer mal, se quiser dar uma olhada. Mas foi diferente comigo. Eu sabia demais o que tudo aquilo significava.

Denis estava certo: foi o maior triunfo da arte humana desde Rembrandt, muito embora não esteja terminado. Eu compreendi isso na hora, e soube que o pobre Marsh havia justificado sua filosofia decadente. Ele era, para a pintura, o que Baudelaire foi para a poesia, e Marceline era a chave que havia destrancado seu mais profundo recôndito de gênio.

A coisa quase me atordoou quando removi a tapeçaria. Atordoou-me antes mesmo que pudesse saber o que a coisa inteira era. Você sabe, é apenas parcialmente um retrato. Marsh foi bem literal quando sugeriu que não estava pintando apenas Marceline, mas o que ele via através dela e além dela.

É claro que ela estava lá, era a chave de tudo, em certo sentido. Mas a figura dela formava somente um ponto numa vasta composição. Ela estava nua, exceto por aquela teia horrenda de cabelo torcido ao redor dela, e estava meio sentada, meio reclinada em um tipo de banco ou divã esculpido em padrões diferentes de qualquer tradição decorativa conhecida. Havia um cálice de formato monstruoso em uma das mãos, que derramava um fluído cuja cor não sou capaz de localizar nem de classificar até hoje. Não sei nem onde Marsh conseguiu os pigmentos.

A figura e o divã estavam do lado esquerdo do primeiro plano de um dos tipos mais estranhos de cena que já vi em minha vida. Acho que havia uma leve sugestão de que tudo era uma emanção do cérebro da mulher. Ainda assim, havia uma sugestão diretamente oposta, como se ela fosse apenas uma imagem ou alucinação conjurada pela própria cena.

Não posso lhe dizer agora se era um exterior ou um interior, se aqueles ciclóticos domos infernais eram vistos de fora ou de dentro ou mesmo se eram de fato pedras entalhadas e não apenas uma mórbida arborescência fúngica. A geometria da coisa toda é insana: os ângulos agudos e obtusos estão todos misturados.

E, por Deus! As formas de pesadelo que flutuam por aquele perpétuo crepúsculo demoníaco! As blasfêmias que espreitam e encaram e re-

alizam um sabá das bruxas com aquela mulher como sumo sacerdotisa! As esgarçadas entidades negras que não são exatamente cabras, a besta de cabeça de crocodilo de três pernas e uma fileira dorsal de tentáculos, e os sátiros, de nariz achatado, dançando de um modo que os sacerdotes egípcios conheciam e chamavam de amaldiçoado!

Mas a cena não era o Egito, estava *por trás* do Egito; atrás até da Atlântida; atrás do fabuloso Mu e da Lemúria sussurrada em mitos. Era a fonte máxima de todos os horrores nesta terra, e o simbolismo mostrava com a maior clareza o quanto Marceline era parte integral de tudo aquilo. Acho que se tratava da indefectível R'lyeh, que não foi construída por nenhuma criatura deste planeta, a coisa sobre a qual Marsh e Denis costumavam conversar nas sombras com vozes sussurradas. No retrato, parece que a cena toda se passa bem fundo, sob a água, embora todos pareçam respirar livremente.

Bem, eu não podia fazer nada além de olhar e estremecer, e, por fim vi que Marceline estava me vigiando ardilosamente com aqueles olhos monstruosos e dilatados na tela. Não era mera superstição. Marsh tinha mesmo captado parte da horrível vitalidade dela em suas sinfonias de linhas e de cor, de modo que ela ainda meditava e fitava e odiava, como se a maior parte dela não estivesse na adega sob cal viva. *E foi ainda pior quando algumas daquelas mechas serpenteantes de cabelo parido por Hécate começaram a se levantar da superfície e a tatear pelo cômodo na minha direção.*

Foi então que eu soube, afinal, qual era o ápice do horror, e percebi que eu era um guardião e um prisioneiro para sempre. Ela era a coisa da qual as primeiras lendas esboçadas da Medusa e das Górgonas haviam brotado, e alguma coisa na minha vontade abalada foi, por fim, capturada e transformada em pedra. Nunca mais eu estaria a salvo daquelas mechas serpenteantes enroladas, as mechas na pintura e as que jaziam se remoendo sob a cal perto dos barris de vinho. Tarde demais eu me lembrei dos contos da virtual indestrutibilidade, mesmo após séculos de enterro, do cabelo dos mortos.

Minha vida, desde então, tem sido nada mais que horror e escravidão. Sempre estava ali, à espreita, o medo do que jaz lá na adega. Em menos de um mês, os negros começaram a sussurrar sobre a grande cobra preta que rastejava perto dos barris de vinho após o escurecer, e so-

bre o jeito curioso como seu rastro levava para outro lugar a dois metros de distância. No fim, tive de mudar tudo para outra parte da adega, pois nenhum negro poderia ser induzido a se aproximar do lugar onde a cobra foi avistada.

Depois, os trabalhadores do campo começaram a falar sobre a cobra preta que visitava a cabana da velha Sophonisba todas as noites após a meia-noite. Um deles me mostrou seu rastro. E, não muito tempo depois, descobri que a própria Tia Sophy começou a fazer estranhas visitas à adega da casa grande, demorando-se e murmurando por horas no mesmo lugar, do qual nenhum dos outros negros chegava perto. Deus, como fiquei feliz quando aquela bruxa velha morreu! Creio, sinceramente, que ela foi sacerdotisa de alguma tradição antiga e terrível lá na África. Ela deve ter vivido quase até os cento e cinquenta anos.

Às vezes, acho que ouço alguma coisa rastejando pela casa à noite. Há uma voz esquisita na escadaria, onde as tábuas estão soltas, e a maçaneta do meu quarto chacoalha, como se houvesse uma pressão interna. Sempre mantenho minha porta trancada, é claro. Então, há certas manhãs em que pareço sentir um odor mofado, doentio, nos corredores, e noto um fraco rastro de cordas no pó do chão. Eu sei que devo vigiar o cabelo no retrato pois, se alguma coisa acontecer a ele, há entidades nesta casa que se vingariam de modo certo e terrível. Não ousa nem mesmo morrer, pois a vida e a morte são uma coisa só para aqueles nas garras do que saiu de R'lyeh. Algo estaria de prontidão para punir minha negligência. A trança da Medusa me pegou, e sempre será a mesma coisa. Nunca se envolva com o horror secreto e intenso, meu jovem, se valoriza sua alma imortal.

VI.

Quando o velho terminou a história, vi que a lamparina pequena havia há muito queimado até secar, e que a grande estava quase vazia. Devia, eu sabia, estar perto do amanhecer, e meus ouvidos me disseram que a tempestade havia acabado. O conto me mantivera em algo como um torpor, e eu quase temia olhar para a porta com medo de que ela revelasse uma pressão interna de alguma fonte não nomeada. Seria difícil dizer

o que tinha o maior controle sobre mim: o horror bruto, a incredulidade ou um tipo de curiosidade fantástica mórbida. Eu estava totalmente além da fala, e tive de esperar até que meu estranho anfitrião falasse para quebrar o feitiço.

— Você quer ver... a coisa?

A voz estava muito baixa e hesitante, e eu vi que ele estava tremendamente ansioso. Das minhas várias emoções, a curiosidade ganhou o jogo e eu acenei em silêncio. Ele se levantou, acendeu uma vela sobre uma mesa próxima e a ergueu no alto diante de si ao abrir a porta.

— Venha comigo, pela escada.

Eu detestaria ter de desbravar aqueles corredores bolorentos de novo, mas a fascinação derrubou todas as minhas objeções. As tábuas rangeram sob nossos pés e eu tremi quando pensei que vi uma fraca linha deixada por cordas traçadas no pó perto da escadaria.

Os degraus do sótão eram barulhentos e bambos, com vários dos apoios faltando. Eu estava feliz pela necessidade de olhar com atenção para meus passos, pois isso me dava uma desculpa para não olhar ao redor. O corredor do sótão estava escuro feito breu, cheio de teias de aranha e com várias polegadas de pó, exceto onde uma trilha levava até uma porta à esquerda, no ponto mais distante. Ao notar os restos apodrecidos de um grosso carpete, pensei nos outros pés que o pressionaram em décadas passadas. Neles, e na coisa que não tinha pés.

O velho me levou direto para a porta no final da trilha e remexeu, por um segundo, na maçaneta enferrujada. Eu estava arrepiado de medo agora que sabia que a pintura estava tão perto, e ainda assim não ousava me retirar naquela ocasião. Em outro momento, meu hospedeiro estava gesticulando para que eu entrasse no estúdio deserto.

A luz da vela estava muito fraca, porém ainda servia para mostrar a maior parte das principais características. Eu notei o teto baixo e inclinado, a enorme trapeira alargada, as curiosidades e os troféus pendurados nas paredes e, acima de tudo, o grande cavalete coberto no centro do chão. De Russy andava agora até o cavalete, removendo a empoeirada tapeçaria de veludo no lado que estava virado para longe de mim e fazendo um gesto silencioso para que eu me aproximasse. Foi preciso uma boa dose de coragem para que eu obedecesse, principalmente quando vi como os olhos do meu guia se dilataram na trêmula luz de velas ao olhar

para o cavalete desvelado. Mas, de novo, minha curiosidade conquistou todo o resto, e eu andei até onde De Russy estava. Então, vi a coisa amaldiçoada.

Eu não desmaiei, embora nenhum leitor possa compreender o esforço que precisei fazer para me impedir de sucumbir. Eu gritei, mas parei de súbito quando vi o olhar de medo no rosto do velho. Como já esperava, a tela estava distorcida, embolorada e escabrosa por causa da umidade e da negligência. Mas, apesar de tudo, pude traçar os esboços monstruosos da maligna alienação cósmica que espreitava por todo o conteúdo mórbido e pela geometria pervertida da cena.

Era como o velho havia dito: um inferno em domo de colunas de missas negras misturadas a sabás de bruxas, e que plenitude perfeita poderia ser adicionada a isso estava além dos meus poderes adivinhar. A degradação havia apenas aumentado a intensidade do horror com seu simbolismo perverso e sugestões doentias, pois as partes mais afetadas pelo tempo eram apenas aquelas partes da pintura que na natureza, ou naquele reino extracósmico que zombava da natureza, seria propensa à degradação ou à desintegração.

O maior de todos os horrores, é claro, era Marceline. E ao ver a carne inchada e descolorida, formei a estranha fantasia de que talvez a figura na tela tivesse alguma ligação oculta e obscura com a figura que jazia em cal viva debaixo do chão da adega. Talvez a cal houvesse preservado o cadáver em vez de destruí-lo. Mas será que poderia ter preservado aqueles olhos negros e malignos que me fitavam e zombavam de mim de dentro de seu inferno pintado?

E havia mais uma coisa na criatura que não pude deixar de notar, algo que De Russy não tinha sido capaz de colocar em palavras e, talvez, tivesse alguma coisa a ver com o desejo de Denis de matar todos do seu sangue que viviam sob o mesmo telhado que ela. Se Marsh sabia, ou se o gênio nele pintou isso sem que percebesse, ninguém poderia dizer. Mas Denis e seu pai não poderiam ter sabido até que vissem a pintura.

Ultrapassando tudo o mais em horror estava a torrente de cabelos negros que cobria o cadáver putrefato, *mas que não estava, por si só, nem um pouco degradada*. Tudo o que ouvi sobre isso estava amplamente comprovado. Não era humana, essa enchente de cordas sinuosas de serpente da escuridão, metade lustrosas e metade ressecadas. Vida in-

dependente e vil se apresentava em cada torcida e convolução antinatural, e a sugestão de inumeráveis *cabeças reptilianas* nas pontas retorcidas estava clara demais para ser ilusória ou accidental.

A coisa blasfema me mantinha cativo como um ímã. Eu estava indefeso, e não duvidei do mito do olhar da Górgona que transformava quem a contemplava em pedra. Então, pensei ver uma mudança tomar a coisa. Os traços de olhar de deboche moveram-se perceptivelmente, de modo que a mandíbula apodrecida baixou, permitindo que os grossos lábios de fera exibissem uma fileira de pontudas presas amareladas. As pupilas dos olhos de fel se dilataram, e os próprios olhos pareceram se esbugalhar para fora. E o cabelo — aquele cabelo amaldiçoado! — *começou a se remexer e a ondular de modo perceptível, todas as cabeças de cobra se virando na direção de De Russy e vibrando como se para atacar!*

A razão me abandonou por completo e, antes que soubesse o que estava fazendo, saquei minha automática e mandei uma leva de doze balas revestidas de aço através da tela chocante. A coisa toda se partiu em pedaços de uma vez só, até mesmo a moldura desabou do cavalete e bateu com barulho no chão coberto de pó. Porém, embora esse horror estivesse destruído, outro se ergueu diante de mim na forma do próprio De Russy com gritos enlouquecidos que, ao ver a pintura desaparecer, eram quase tão terríveis quanto o próprio retrato tinha sido.

Com um grito pouco articulado de “Deus, olha o que você fez!”, o velho quase louco me agarrou violentamente pelo braço e começou a me arrastar para fora do cômodo e escada bamba abaixo. Em pânico, ele derrubou a vela; mas a aurora estava próxima e uma fraca luz cinzenta se infiltrava pelas janelas cobertas de pó. Eu tropecei e deslizei repetidamente, mas nunca, nem por um só momento, meu guia diminuiu seus passos.

— Corra! — ele gritou. — Corra por sua vida! Você não sabe o que fez! Não lhe contei tudo por inteiro! Havia coisas que eu tinha de fazer: *a pintura falava comigo e me contava*. Eu tinha de guardá-la e mantê-la. Agora, o pior vai acontecer! *Ela e aquele cabelo sairão de suas covas para só Deus sabe qual propósito!*

— Depressa, homem! Pelo amor de Deus! Vamos sair daqui enquanto ainda há tempo. Se tiver um carro, leve-me para Cape Girardeau com

você. Talvez me pegue no final de qualquer jeito, mas farei com que tenha de correr muito. Fora daqui! Rápido!

Quando chegamos ao térreo, ouvi uma batida curiosa vinda da parte de trás da casa, seguida do som de uma porta se fechando. De Russy não ouviu a batida, mas o outro barulho chegou a seus ouvidos e o fez soltar o grito mais terrível que já soou em uma garganta humana.

— *Oh, Deus! Grande Deus! Foi a porta da adega, ela está vindo...*

Nessa hora, eu estava lutando desesperadamente com a maçaneta enferrujada e com as dobradiças tortas da grande porta da frente, quase tão frenético quanto meu anfitrião que, agora, ouvia as lentas passadas que se aproximavam vindo dos aposentos dos fundos da mansão amaldiçoada. A chuva noturna havia entortado as tábuas de carvalho, e a porta pesada ficou presa e resistiu com ainda mais força do que quando eu forcei minha entrada na noite anterior.

Em algum lugar, uma tábua rangeu sob o pé do que quer que estivesse andando, e o som pareceu romper o último cordão de sanidade no pobre velho. Com um rugido igual ao de um touro ensandecido, ele me largou e se lançou para a direita, pela porta aberta de um cômodo que eu julguei ser um salão. Um segundo mais tarde, assim que consegui abrir a porta da frente e estava fazendo minha própria escapada, ouvi o barulho do estilhaço de vidro quebrado e soube que ele pulou de uma janela. E, ao me lançar para longe da sacada inclinada para iniciar minha corrida louca pelo longo caminho coberto de ervas daninhas, pensei ouvir o baque de passos mortos e implacáveis que não me seguiam, mas continuavam avançando penosamente pela porta do salão cheio de teias.

Olhei para trás apenas duas vezes ao me lançar, sem direção, pelo caminho abandonado, passando pelas tílias e grotescos carvalhos baixos, na palidez cinzenta de uma aurora nublada de novembro. A primeira vez foi quando senti um cheiro acre e pensei na vela que De Russy derubou no estúdio do sótão. Nesse ponto, eu estava a uma distância confortável perto da estrada, no ponto alto de onde o telhado da casa estava claramente visível acima das árvores que a cercavam. E justo como eu esperava, grossas nuvens de fumaça estavam espiralando para fora das trapeiras do sótão e se retorcendo para cima sob o céu plúmbeo. Agradei aos poderes da criação pelo fato de uma maldição imemorial estar prestes a ser expurgada pelo fogo e apagada da terra.

Mas, no instante seguinte, veio o segundo olhar para trás e eu vislumbrei duas outras coisas que puseram fim à maior parte da minha satisfação e me deram um choque intenso do qual nunca vou me recuperar. Eu disse que estava em uma parte alta do caminho, de onde a maior parte do terreno atrás de mim estava visível. Essa vista incluía não apenas a casa e as árvores, mas, também, parte da área plana, abandonada e parcialmente inundada ao lado do rio, e várias curvas do caminho, sufocado por ervas daninhas, que eu percorria com tanta pressa. Nestes dois últimos lugares, eu contemplava visões, ou suspeitas de visões, que desejo com devoção que pudesse negar.

Foi um grito fraco e distante que fez com que me virasse de novo e, ao fazê-lo, percebi um ligeiro movimento na planície pantanosa, cinzenta e fosca atrás da casa. Naquela distância, figuras humanas ficam muito pequenas, mas, ainda assim, pensei que o movimento se formou devido a duas delas: perseguidor e perseguido. Pensei até mesmo ver a figura que ia à frente, de roupas escuras, ser superada e agarrada pela figura careca e nua que vinha atrás, superada, agarrada e arrastada com violência na direção da casa que agora queimava.

Mas não pude ver o resultado, pois, de imediato, uma visão mais próxima me obstruiu, uma sugestão de movimento na vegetação rasteira em um ponto a alguma distância atrás de mim, ao longo do caminho deserto. *De modo inconfundível, as ervas daninhas, os arbustos e o mato estavam balançando de um jeito que nenhum vento poderia provocar; balançando como se uma serpente grande e veloz estivesse se deslocando em perseguição a mim.*

Isso foi tudo o que consegui suportar. Eu corri como louco até o portão, sem ligar para minhas roupas rasgadas e para arranhões sangrentos, e pulei no carro estacionado sob a árvore. A visão não era das melhores, pois estava encharcado pela chuva. Mas tudo estava intacto e não tive dificuldade para dar partida. Dirigi cegamente na direção que o carro apontava. Nada estava em minha mente além de fugir daquela região medonha de pesadelos e de demônios, fugir o mais rápido e para o mais longe possível que a gasolina pudesse me levar.

Cerca de cinco ou seis quilômetros adiante, um fazendeiro fez um gesto para mim, um sujeito gentil e atraente, de meia idade e considerável inteligência. Fiquei feliz por desacelerar e pedir direções, embora

soubesse que eu apresentava um aspecto muito estranho. O homem me disse prontamente qual o caminho até Cape Girardeau e perguntou de onde eu vinha em tal estado e em um horário tão cedo. Pensando que seria melhor dizer pouco, eu apenas mencionei que fui pego na chuva durante a noite e que havia me abrigado em uma casa de fazenda. Depois me perdi no mato enquanto tentava achar meu carro.

— Numa fazenda, é? Queria saber de quem é. Tem nada aqui desse lado só a de Jim Ferris, do outro lado de Barker's Crick. Só tem essa em trinta quilômetros de estrada.

Levei um susto e fiquei pensando que novo mistério isso anunciava. Então perguntei a meu informante se ele havia ignorado a casa grande de engenho em ruínas cujo antigo portão beirava a estrada não muito longe lá atrás.

— Engraçado que se lembra disso, estranho! Tava aqui um tempo atrás. Mas aquela casa não tá mais lá agora. Queimou cinco ou seis anos atrás, e contavam umas histórias muito esquisitas sobre isso.

Eu me arrepiei.

— Tá falando de Riverside, a propriedade do velho De Russy. Teve umas coisas esquisitas por lá quinze ou vinte anos atrás. O filho do velho se casou com uma moça do estrangeiro, e um pessoal achava que ela era muito estranha. Não gostavam do jeito dela. Aí, ela e o rapaz partiram de repente e, mais tarde, o velho disse que ele foi morto na guerra. Mas alguns dos negros falaram de coisas esquisitas. Acabou escapando que o próprio velho se apaixonou pela moça e matou ela e o rapaz. Aquele lugar era, com toda a certeza, assombrado por uma cobra negra, o que quer que isso queira dizer. Daí, cinco ou seis anos atrás, o velho desapareceu e a casa pegou fogo. Há quem diga que ele foi queimado nela. Era de manhã após uma noite chuvosa igual a esta, quando muita gente ouviu gritos horríveis do outro lado dos campos na voz do velho De Russy. Quando foram ver, viram a casa virar fumaça num piscar. O lugar era tudo lenha, afinal, com ou sem chuva. Ninguém nunca mais viu o velho, mas, às vezes, falam do fantasma daquela grande cobra negra se arrastando por aí. O que você acha disso, então? Parece que conheceu o lugar. Nunca ouviu falar dos De Russy? O que acha que havia de errado com aquela moça que casou com o jovem Denis? Ela meio

que deixava todo mundo arrepiado e com ódio, embora não se saiba por quê.

Eu estava tentando pensar, mas, agora, o processo estava quase além do meu alcance. A casa foi queimada anos atrás? Então, onde, e sob quais condições, eu passei a noite? E por que ele sabia o que sabia sobre essas coisas? Mesmo enquanto ponderava isso, vi um fio de cabelo na manga do meu casaco, o cabelo curto e branco de um velho.

No fim, continuei dirigindo sem contar nada. Mas deixei a sugestão de que fofocar era cometer uma injustiça com o velho senhor de engenho que sofreu tanto. Deixei claro, como se fosse de relatos antigos, porém autênticos trocados entre amigos, que se havia alguém que fosse culpado pelos problemas em Riverside, era a mulher, Marceline. Ela não se encaixava no estilo do Missouri, eu disse, e era uma pena que Denis se casou com ela.

Mais do que isso, eu não falei, pois senti que os De Russy, com sua honra orgulhosamente celebrada e espíritos elevados e sensíveis, não iriam querer que eu dissesse mais. Eles sofreram o suficiente, Deus sabe, sem o povo do interior saber, que tipo de demônio do abismo, que górgona de blasfêmias antigas, viera manchar seu nome antigo e imaculado.

Nem seria certo que os vizinhos soubessem daquele outro horror que meu anfitrião da noite não pôde se obrigar a me dizer, aquele horror que ele deve ter descoberto, como eu descobri, em detalhes na obra-prima perdida do pobre Frank Marsh.

Seria horrendo demais se eles soubessem que aquela que já foi herdeira de Riverside, a amaldiçoada górgona ou lâmia cuja odiosa trança reluzente de cabelos-serpentes deve, até agora, estar se remoendo e contorcendo vampiricamente em volta do esqueleto de um artista em uma cova cheia de cal sob alicerces carbonizados, era, de modo distante e sutil, aos olhos do gênio, a inconfundível herdeira dos habitantes mais primordiais do Zimbábue. Não é de estranhar que tivesse um elo com aquela velha bruxa, Sophonisba, pois, embora em proporção enganosamente menor, Marceline era uma negra.



O Prado Verde

com Winifred V. Jackson

∴

The Green Meadow (1919)

The Vagrant (primavera 1927)

“O prado verde” foi escrito no início de 1919 — depois de “Polaris”, de Lovecraft, e provavelmente antes de “Além da muralha do sono” — mas não foi publicado até a primavera de 1927. Era a primeira história de *weird fiction* colaborativa de Lovecraft, e foi escrita logo depois que ele retornou ao ofício após uma década ou mais como escritor de não-ficção e poesia.

A história em si é baseada em um sonho que Jackson teve no final de 1918; e com seu remanescente e contemplativo tom, seu estilo é fiel à sua origem. As contribuições de Jackson para a escrita real da história foram provavelmente muito escassas; a prosa é principalmente, se não completamente, de Lovecraft.



Traduzido por Elizabeth Neville Berkeley e Lewis Theobald, Jr.

NOTA DE INTRODUÇÃO: a seguinte narrativa, muito peculiar, ou registro de pensamentos foi descoberta sob circunstâncias tão extraordinárias que merecem uma descrição meticulosa. Na noite de quarta-feira, 27 de agosto de 1913, cerca de 8:30 horas, a população da pequena vila litorânea de Potowonket, Maine, E.U.A, foi despertada por um estrondo trovejante acompanhado de um clarão cegante, e pessoas próximas à costa viram uma gigantesca bola de fogo vinda dos céus rumo ao mar a certa distância, erguendo uma prodigiosa coluna de água. No domingo seguinte, um grupo de pescadores composto de John Richmond, Peter B. Carr e Simon Canfield pegaram com a rede e arrastaram até a costa uma massa de rocha metálica pesando 163 quilos e parecendo (como o senhor Canfield descreveu) um pedaço de lava. A maioria dos habitantes concordou que esse corpo pesado não era outro senão a bola de fogo que caiu no céu quatro dias antes, e o Dr. Richmond M. Jones, a autoridade científica local, concordou que deveria ser uma rocha aerolita ou meteórica. Ao retirar espécimes para envio a um analista em Boston, o Dr. Jones descobriu, incrustado na massa semimetálica, um estranho livro, que ainda está em sua posse, contendo a história que segue.

Na forma, a descoberta assemelha-se a um simples caderno, cerca de 12,7cm × 7,62cm, e contendo 30 folhas. O material, no entanto, apresenta acentuadas particularidades. A capa é, aparentemente, de alguma substância rochosa, escura, desconhecida pelos geólogos, e inquebrável por qualquer meio mecânico. Nenhum reagente químico aparenta ter efeito sobre ela. Praticamente, o mesmo ocorre com as folhas, salvo que as cores são mais claras e tão infinitamente finas a ponto de serem bem flexíveis. O conjunto é unido por algum meio não muito evidente para aqueles que o observaram, algo envolvendo a aderência da substância das folhas à da capa. Essas substâncias não podem ser separadas, e nem as folhas podem ser rasgadas pelo uso de qualquer quantidade de força. A escrita é em *grego da mais pura qualidade clássica*, e diversos estudantes de paleografia declararam que os caracteres são em letra cursiva utilizada por volta do século II a.C. Há pouco no texto para determinar a data. O jeito mecânico da escrita não pode ser deduzido além do fato de que deve se assemelhar àquele do moderno lápis de ardósia. Ao longo dos esforços de análises e de estudo realizados pelo falecido Prof. Chambers, de Harvard, várias páginas, a maioria na conclusão da narra-

tiva, ficaram borradas a ponto do completo apagamento antes de serem lidas, uma circunstância que resulta numa perda quase irreparável. O que permanece do conteúdo foi transformado em letras gregas modernas pelo paleógrafo Rutherford e, dessa forma, submetido aos tradutores.

O Prof. Mayfield, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que examinou amostras da estranha rocha, declarou que é um meteoro de verdade, uma opinião com a qual o Dr. Von Winterfeldt, de Heidelberg (internado em 1918 como um perigoso inimigo estrangeiro), não concorda. O Prof. Bradley, da Faculdade de Columbia, adota uma postura menos dogmática, observando que certos componentes totalmente desconhecidos estão presentes em grandes quantidades, e avisando que nenhuma classificação ainda é possível. A aparição, natureza e mensagem do estranho livro formam um problema tão importante que não se pode arriscar nenhuma explicação. O texto, na medida em que foi preservado, é apresentado aqui tão literalmente quanto nosso idioma permite, na esperança de que algum leitor possa, eventualmente, propor uma interpretação e solucione um dos maiores mistérios científicos dos tempos recentes.

— E.N.B. & L.T., Jr.

(A HISTÓRIA)

Era um lugar estreito e eu estava sozinho. Em um lado, além da margem do vívido verde ondulante, estava o mar azul, brilhante e revoltado, e enviando exalações vaporosas que me inebriavam. Tão profusas, de fato, eram essas exalações, que me deram a curiosa impressão de uma coalescência de mar e céu, pois os céus eram igualmente brilhantes e azuis. Do outro lado, estava a floresta, antiga quase tanto quanto o próprio mar, e estendendo-se infinitamente para dentro. Era muito escuro, pois as árvores eram grotescamente grandes e luxuriantes, e incrivelmente numerosas. Seus troncos gigantes eram de um horrível verde que se misturava bizarramente com a estreita área verde onde me encontrava. A certa distância, de qualquer um dos meus lados, a estranha floresta estendia-se pela beira da água, obliterando a linha da praia e margeando completa-

mente a área estreita. Algumas das árvores, eu observei, estavam na própria água, como se impacientes com qualquer barreira a seu progresso.

Não vi nenhum ser vivo, ou sinal de que qualquer ser vivo, salvo eu, tenha existido. O mar, o céu e a floresta me cercavam, e alcançavam regiões além da minha imaginação. Também não havia nenhum som, salvo do vento na folhagem das árvores da arrebentação do mar.

Enquanto estava nesse lugar silencioso, de repente comecei a tremer, pois, apesar de não saber como cheguei aqui, e mal podia lembrar quais teriam sido meu nome e posto, senti que enlouqueceria se não compreendesse o que me espreitava. Lembrei-me de coisas que aprendi, coisas com que sonhei, coisas que imaginei e desejava em alguma outra vida distante. Pensei nas longas noites quando havia contemplado as estrelas no céu e amaldiçoado os deuses por minha alma livre não poder cruzar o vasto abismo que era inacessível a meu corpo. Invoquei antigas blasfêmias, e terríveis buscas nos papiros de Demócrito. Mas, conforme as memórias apareciam, um medo mais profundo me invadia, porque sabia que estava sozinho, horivelmente sozinho. Sozinho, embora perto de impulsos conscientes, vastos e ambíguos, que eu rezei para nunca compreender nem encontrar. Na voz dos galhos verdes que balançavam, imaginei que podia detectar uma espécie de ódio maligno ou triunfo demoníaco. Às vezes, me davam a impressão de que estavam num horrível colóquio com criaturas sinistras e impensáveis que os escamosos corpos verdes das árvores semicultavam, ocultavam da vista, mas não da consciência. A mais opressora de minhas sensações era um sentimento sinistro de alienação. Apesar de ver diante de mim objetos que podia identificar, árvores, grama, mar e o céu, sentia que sua relação comigo não era a mesma que aquelas das árvores, grama, mar e céu que conheci em outra vida vagamente lembrada. A essência da diferença não podia dizer, mesmo assim estremeci de um pavor total à medida que me afetava.

E, então, num ponto onde antes tinha discernido nada além do mar enevoadado, vi o Prado Verde, separado de mim por uma vasta expansão de água azul ondulante, com ondas coroadas pelo sol e estranhamente perto. Com frequência, espiava com medo, sobre o meu ombro direito, as árvores. Mas preferia olhar para o Prado Verde, que me afetava curiosamente.

Foi enquanto meus olhos estavam fixos nessa área peculiar que senti, pela primeira vez, o chão se mover abaixo de mim. Iniciou com uma espécie de agitação palpitante que tinha uma demoníaca insinuação de ação consciente. O pedaço de margem onde eu estava separou-se da costa encoberta de grama e começou a flutuar para longe, transportado lentamente como se por alguma irresistível corrente de força. Não me movi, atônito e assustado pelo fenômeno sem precedentes, mas permaneci firme até que uma grande coluna de água elevou-se entre mim e as árvores. Então, senti numa espécie de torpor e, de novo, olhei para as ondas coroadas de sol e para o Prado Verde.

Atrás de mim, as árvores e as criaturas podiam estar escondidas, parecendo emitir ameaça infinita. Isto eu sabia sem me virar para vê-las, pois, à medida que me acostumava cada vez mais à cena, me tornei menos e menos dependente dos cinco sentidos que, uma vez, foram minha única confiança. Sabia que a floresta, verde, escamosa, me odiava. Mesmo assim, agora estava a salvo, pois meu pedaço de margem tinha flutuado para muito longe da costa.

Mas, embora tivesse deixado um perigo para trás, outro surgira a minha frente. Pedacos de terra estavam, constantemente, soltando-se da ilha flutuante onde eu estava e, portanto, a morte não poderia estar longe. Nesse instante, entretanto, senti que a morte não seria, naquela hora, meu fim, pois me virei de novo para ver o Prado Verde imbuído de curioso sentimento de segurança, em contraste estranho com o meu horror total.

Então ouvi, a uma distância imensurável, o som da queda de água. Não era como qualquer cascata comum tal como conhecia, mas aquela que podia ser ouvida nas distantes terras dos citas^[1] se todo o Mediterrâneo se derramasse em um abismo insondável. Foi em direção a esse som que minha ilha, que diminuía, flutuava, e mesmo assim eu estava satisfeito.

Longe, na retaguarda, havia acontecimentos bizarros e criaturas terríveis, criaturas que me virei para ver e que me provocaram calafrios ao contemplar. Pois, no céu sombrio, formas vaporosas pairavam, fantásticas, espreitando sobre as árvores, aparentando responder ao desafio dos ondulantes galhos verdes. Logo, um nevoeiro espesso ergueu-se do mar para se juntar às formas no céu, e a costa desapareceu de minha vista.

Embora o sol — qual sol eu não sabia — brilhasse na água a minha volta, a terra que abandonei parecia envolta em uma tempestade demoníaca em meio a qual entravam em confronto a vontade das árvores infernais e o que elas escondiam, contra o céu e o mar. E, quando o nevoeiro desapareceu, vi apenas o céu e o mar azul, não mais havia a terra e as árvores.

Foi nesse ponto que minha atenção foi capturada pelo *canto* no Prado Verde. Até aqui, como já disse, não encontrei nenhum sinal de vida humana. Mas, agora, chegava a meus ouvidos um cântico lento cuja origem e natureza eram, aparentemente, inconfundíveis. Embora as palavras fossem totalmente incompreensíveis, o cântico despertou em mim um conjunto peculiar de associações, e me lembrou algumas linhas vagamente inquietantes que eu tinha traduzido de um livro egípcio e que foram tiradas de um papiro do antigo Méroe^[2]. Pelo meu cérebro, corriam linhas que temia repetir, linhas falando de coisas muito antigas e formas de vida nos dias em que nossa Terra era demasiada jovem. De coisas que pensavam e se moviam e estavam vivas, embora os deuses e os homens não as considerassem vivas. Era um livro estranho.

Enquanto ouvia, tornei-me gradualmente consciente de uma circunstância que antes havia me intrigado apenas subconscientemente. Em nenhum momento, minha vista distinguiu qualquer objeto definitivo no Prado Verde. O vívido e homogêneo verdor era tudo o que eu podia perceber. Agora, entretanto, vi que a corrente ia levar minha ilha ao longo da costa, mas a uma curta distância, de modo que poderia apreender mais alguma coisa sobre a terra e o cântico. Minha curiosidade para ver os cantores era enorme, embora a ela se misturasse alguma apreensão.

Pedaços do terreno gramado continuavam a se separar da pequena área que me carregava, mas eu não prestava atenção à perda, pois sentia que não iria morrer com o corpo (ou a aparência de um corpo) que aparentava possuir. Impressionava-me a quase certeza de que tudo a meu redor, inclusive a vida e a morte, era ilusório; que eu havia ultrapassado as fronteiras da mortalidade e da entidade corpórea, tornando-me uma substância livre, desligada de tudo. Sobre minha localização, nada sabia, salvo que podia sentir que não podia estar no planeta Terra que me era tão familiar. Minhas sensações, à parte uma espécie de terror obsessivo, era aquela de um viajante recém-embarcado em uma interminável via-

gem de descobrimento. Por um momento, pensei nas terras e nas pessoas que deixara, e das formas estranhas por meio das quais poderia, algum dia, contar-lhes as minhas aventuras, mesmo que, talvez, nunca retornasse.

Agora, flutuava muito próximo ao Prado Verde, de modo que as vozes eram claras e distintas. Mas, embora conhecesse muitas línguas, não conseguia entender as palavras do cântico. Elas eram familiares para mim, mas eu tinha apenas uma vaga sensação de assustadora lembrança. A extraordinária qualidade das vozes — uma qualidade que não consigo descrever — ao mesmo tempo me fascinava e me aterrorizava.

Agora, meus olhos podiam discernir inúmeras coisas em meio à vegetação onipresente: rochas cobertas de musgo verde brilhante, arbustos de altura considerável e formas menos definidas de grande tamanho que pareciam mover-se ou vibrar entre os arbustos de maneira peculiar. O cântico, cujos autores estava tão ansioso para vislumbrar, parecia mais alto nos pontos onde essas formas eram mais numerosas e movimentando-se com mais vigor.

E, então, enquanto minha ilha flutuava mais próxima e o som da distante cachoeira ficava mais alto, vi claramente a *fonte* do cântico e, num instante horrível, me lembrei de tudo. De tais coisas não posso, não ousar falar, porque nelas foi revelada a hedionda solução de tudo que me intrigava, e essa solução os levaria à loucura, como quase me levou... Sabia, agora, a transformação pela qual eu tinha passado, do mesmo modo que outros, que uma vez foram homens! E sabia o ciclo interminável do futuro, do qual ninguém como eu poderia escapar... Viverei para sempre, serei consciente para sempre, embora minha alma grite para os deuses pela bênção da morte e do esquecimento... Tudo está diante de mim: além da corrente ensurdecidora há a terra de Stethelos, onde homens jovens são infinitamente velhos... O Prado Verde... Mandarei a mensagem pelo horrível abismo imensurável...

[Nesse ponto o texto se torna ilegível.]



Até os Mares

com Robert H. Barlow

∴

“Till A’ the Seas” (1935)

The Californian (verão 1935)

Este conto é uma história sombria e contemplativa do “último homem vivo após o fim mundo”, ambientada no futuro depois que os mares evaporaram e todos no mundo, exceto um homem, morreram de sede. É uma história sombria e se revela desoladora; na morte do mundo, não pode haver espaço para “felizes para sempre”.

Lovecraft forneceu um ajuste aqui e uma mudança de palavra ali, ajudando Barlow — que naquele momento estava começando a ficar muito bom; até forneceu o parágrafo final, após o fim inevitável e irônico, colocando toda a raça humana no contexto de um universo frio e insensível.



Sobre um penhasco erodido, muito além do vale, um homem descansava. Uma enorme extensão árida abria-se ante seus olhos, e nela não havia movimento visível. Nada agitava a planície empoeirada. A areia co-

bria os longos leitos secos, onde, uma vez, correram os rios transbordantes dos primórdios da Terra. Havia pouca vegetação nesse mundo derradeiro, estágio final da longa presença da humanidade sobre o planeta. Por eras incontáveis, a aridez e as tempestades de areia devastaram todas as terras. As árvores e os bosques deram lugar a pequenos arbustos retorcidos que resistiam muito pela tenacidade. Mas esses, por sua vez, pereciam diante do massacre do capim rústico e filamentosos, vegetação robusta de evolução estranha.

O calor sempre presente, à medida que a Terra se aproximava do sol, secava e matava com raios impiedosos. Não aconteceu de uma única vez, muitas eras passaram antes que alguém pudesse sentir a mudança. E, por todas essas primeiras eras, a forma adaptável do homem seguiu a lenta mudança e se modificara para se adequar ao ar cada vez mais tórrido. Então, veio o dia em que o homem mal podia suportar o calor das cidades, e uma gradual retirada começou, lenta, mas deliberada. As cidades e povoados mais próximos do equador foram os primeiros, é claro, mas depois foram os outros. O homem, enfraquecido e exausto, não podia mais enfrentar o calor, crescente e cruel, que o queimava, e a evolução era lenta demais para moldar nele novas resistências.

Mesmo assim, não foi de imediato que as grandes cidades foram deixadas para as aranhas e os escorpiões. Nos primeiros anos, houve muitos que nelas permaneceram, inventando curiosos escudos e armaduras contra o calor e a seca mortal. Essas almas destemidas, blindando determinadas construções contra o sol que avançava, criaram mundos em miniatura nos refúgios onde nenhuma armadura protetora era necessária. Eles inventaram engenhos maravilhosos. Então, por um tempo, os homens persistiram nas torres enferrujadas, esperando, dessa forma, a volta das terras antigas quando a aridez terminasse, pois muitos não acreditavam no que os astrônomos diziam, e aguardavam o retorno do velho e aprazível mundo. Mas, um dia, os homens de Dath, da nova cidade de Niyara, mandaram sinais a Yuanario, sua imemorial capital antiga, e não obtiveram resposta dos poucos que lá permaneceram. E, quando os exploradores alcançaram aquela cidade milenar, de torres conectadas por pontes, encontraram apenas silêncio. Não havia sequer o horror da putrefação, pois os lagartos carnívoros foram rápidos.

Apenas neste momento as pessoas perceberam que essas cidades estavam condenadas e souberam que deveriam abandoná-las para a natureza inclemente. Outros colonizadores nas terras quentes fugiram de seus postos, e um completo silêncio reinou entre as altas paredes de basalto de centenas de cidades vazias. Das densas multidões e numerosas atividades do passado, nada restou. Agora, elevavam-se nos desertos sem chuva apenas as torres transparentes de casas, fábricas e estruturas vazias de todo tipo, refletindo o brilho ofuscante do sol e ressecando sob um calor cada vez mais intolerável.

Muitas terras, no entanto, ainda estavam livres do calor escaldante, de forma que os refugiados foram rapidamente absorvidos pela vida em outras regiões. Durante séculos estranhamente prósperos, as antiquíssimas cidades desertas do equador ficaram quase esquecidas e envoltas em lendas fantásticas. Poucos pensavam nas torres espectrais se deteriorando naquele amontoado de paredes desgastadas e ruas cobertas de cactos, silenciosas e abandonadas.

Guerras vieram, mortíferas e prolongadas, mas os tempos de paz foram mais longos. Porém, o brilho do sol aumentava à medida que a Terra se aproximava de seu pai ardente. Era como se o planeta desejasse retornar à fonte de onde foi arrancado, eras atrás, pelos acidentes do desenvolvimento cósmico.

Após um tempo, a aridez afastou-se da faixa central. Yarat, ao sul, queimava como um deserto desabitado, e o mesmo ocorreu no norte. Em Perath e Baling, cidades antigas de muitos e sombrios séculos, moviam-se, apenas, as formas escamosas da serpente e da salamandra; e, finalmente, Loton, onde o único som vinha da espasmódica queda de pináculos cambaleantes e de domos desmoronando.

Constante, universal e inexorável era a expulsão do homem dos reinos que ele sempre conhecera. Nenhuma terra, dentro da ampla região atingida, foi poupada; nenhum povo escapou. Foi uma tragédia épica, titânica, cuja trama não foi revelada aos atores: o abandono total das cidades dos homens. Não levou anos ou séculos, mas milênios de transformações implacáveis, cuja marcha continuou obstinada, inevitável, barbaramente devastadora.

A agricultura tornou-se inviável, o mundo rapidamente ficou muito árido para plantio e colheitas. Isso foi remediado por substitutos artifi-

ciais, logo usados universalmente. E, à medida que os lugares antigos, palco de grandes criações dos humanos, eram abandonados, a pilhagem levada a efeito pelos fugitivos era cada vez menor. Objetos de enorme valor e importância foram deixados nos museus vazios, perdidos entre os séculos; e, no final, a herança do passado imemorial foi abandonada. Uma degeneração, tanto física quanto cultural, estabeleceu-se com o calor insidioso, pois o homem viveu por tanto tempo cercado de conforto que lhe foi difícil o êxodo dos cenários do passado. E nem esses eventos foram recebidos com serenidade, uma vez que sua lentidão era aterrorizante. Degradação e devassidão rapidamente tornaram-se comuns, o governo estava desorganizado e a civilização, sem rumo, regrediu à barbárie.

Quando, após quarenta e nove séculos de aridez vinda da faixa do equador, todo o hemisfério ocidental ficou despovoado, o caos estava completo. Não havia nenhum sinal de ordem ou decência nas cenas finais desta titânica migração, desenfreada, impressionante. Loucura e frenesi espalhavam-se silenciosamente entre as pessoas, e fanáticos anunciavam, aos gritos, um Armageddon prestes a acontecer.

A humanidade, agora, era o resto deplorável de raças muito antigas, fugitivas não só das condições dominantes, mas de sua própria degeneração. Rumo às terras do norte e da Antártica foram aqueles que podiam, o resto protelou a retirada por anos, em uma incrível imobilidade, duvidando, ainda que receosos, dos desastres iminentes. Na cidade de Borligo, a atuação indiscriminada de novos profetas tomou conta após meses de expectativas frustradas. Pensavam que a migração para a terra do norte era desnecessária e não mais aguardavam o fim ameaçador.

Deve ter sido, de fato, terrível o modo como eles pereceram, criaturas vãs, tolas, que pensavam que podiam desafiar o universo. Mas as cidades enegrecidas, quase queimadas, estão mudas...

Esses eventos, no entanto, não devem ser registrados pois há assuntos mais relevantes a considerar do que a complexa e lenta queda de uma civilização perdida. Durante um longo período, o moral estava no ponto mais baixo entre os poucos corajosos que se estabeleceram nas praias estranhas do Ártico e da Antártica, agora tão brandas quanto aquelas da Yarat, ao sul, no longínquo passado morto. Mas, aqui, havia alívio. O solo era fértil, e as artes pastoris, esquecidas, eram postas em prática

mais uma vez. Houve, por muito tempo, uma epítome satisfatória, embora pequena, das terras perdidas, apesar de não haver vastas multidões ou grandes construções. Apenas um esparso resto da humanidade sobreviveu às eras de transformação e povoou as aldeias dispersas do mundo de então.

Por quantos milênios isto continuou, não se sabe. O sol invadia lentamente esse último refúgio e, conforme as eras transcorriam, lá se desenvolveu uma raça sadia, forte, que não tinha lembranças das antigas terras perdidas nem das lendas que as povoavam. Pouca navegação era praticada por esse povo, e a máquina voadora foi totalmente esquecida. Suas invenções eram do tipo mais simples, e sua cultura era elementar e primitiva. Mesmo assim, eles estavam satisfeitos e aceitavam o clima quente como algo absolutamente natural.

Todavia, ignorados por esse simples povo campestre, mais rigores da natureza estavam se formando lentamente. À medida que as gerações passavam, as águas do vasto e insondável oceano, pouco a pouco, evaporavam, enriquecendo o ar e o solo ressecado, mas perdendo volume a cada século. A arrebentação formidável ainda reluzia, brilhante, nas praias; e os redemoinhos ainda estavam lá, mas o espectro da aridez pairava sobre toda a extensão líquida. Entretanto, a redução não poderia ser detectada exceto por instrumentos mais sensíveis do que qualquer um conhecido pelo povo. E mesmo que tivessem percebido a redução do volume do oceano, não é provável que um alarme ou grande distúrbio tenha ocorrido, porque as perdas eram tão pequenas, e os mares tão grandes... Apenas alguns centímetros durante muitos séculos, mas aumentando ao longo dos séculos.



Então, finalmente, os oceanos se foram, e a água tornou-se raridade num globo árido, queimado pelo sol. O homem, aos poucos, espalhou-se por todas as terras do Ártico e da Antártica. As cidades equatoriais e muitas outras, espalhadas por todas as regiões, foram esquecidas até pelas lendas.

E, mais uma vez, a paz foi perturbada, pois, a água era escassa e encontrada, apenas, em cavernas profundas. Mesmo nesses lugares ela era insuficiente, e muitos homens morreram de sede vagando por lugares

distantes procurando água. As mudanças eram lentas e fatais, e cada nova geração relutava em acreditar no que ouvia de seus pais. Ninguém acreditava que o calor já fora menor ou que a água era mais abundante nos dias passados; ou foram alertados de que dias extremamente quentes e secos estavam por vir. Assim foi até o fim, quando apenas poucas centenas de criaturas humanas ofegavam sob o sol cruel, um punhado lamentável dos inúmeros bilhões que, uma vez, habitaram o planeta agora condenado.

E as centenas tornaram-se menores até que o homem passou a ser contado apenas em dezenas. Essas dezenas agarravam-se à umidade, cada vez menor, das cavernas, e sabiam, sem dúvida, que o fim estava próximo. Tão limitado era o espaço que conheciam que ninguém chegou a ver os minúsculos e lendários pontos de gelo próximos dos polos do planeta — se, de fato, existiam. E mesmo que existissem e fossem conhecidos pelo homem, ninguém poderia tê-los alcançado atravessando os formidáveis desertos sem trilhas. E, assim, os últimos poucos humanos definhavam.

Essa incrível cadeia de eventos que despovoou a terra inteira não pode ser descrita. Sua amplitude é muito extraordinária para qualquer descrição ou compreensão. Entre as pessoas das eras afortunadas da Terra, bilhões de anos antes, apenas poucos profetas e loucos poderiam ter concebido aquilo que estava por vir, poderiam ter tido visões das silenciosas terras mortas e dos leitos vazios dos mares. Os demais teriam duvidado ... duvidado tanto da sombra da mudança sobre o planeta como da sombra da perdição sobre a humanidade, porque o homem sempre se considerou o mestre imortal das coisas naturais.

II.

Após aliviar as dores da velha moribunda, Ull vagava, com um misto de torpor e receio, rumo às areias ofuscantes. Ela fora uma criatura medonha, enrugada e tão seca como folha murcha. Seu rosto tinha a cor da relva amarela que se agitava ao vento quente, e ela era repugnantemente velha.

Mas tinha sido uma companheira para quem ele podia contar seus medos ou falar daqueles tempos incríveis; uma companheira para compartilhar as esperanças por auxílio vindo das colônias silenciosas além das montanhas. Ele não podia acreditar que ninguém vivia em outras partes, pois Ull era jovem e não tão consciente da realidade quanto os mais velhos.

Por muitos anos, ele não conhecera ninguém exceto a velha, cujo nome era Mladdna. Ela apareceu no dia do seu décimo primeiro ano, quando todos os caçadores saíram para procurar comida e não retornaram. Ull não tinha uma mãe de quem se lembrasse, e havia poucas mulheres no minúsculo grupo. Quando os homens desapareceram, as três mulheres, a jovem e duas velhas, gritaram horivelmente e gemeram muito. Então, a jovem enlouqueceu e se matou com uma estaca afiada. As velhas a enterraram num buraco raso, cavado com as unhas. Portanto, Ull estivera, desde então, sozinho até Mladdna, ainda mais velha, aparecer.

Ela caminhava com a ajuda de uma vara nodosa, relíquia das antigas florestas, rígida e brilhante com anos de uso. E não disse de onde veio, mas encontrou, por acaso, a cabana enquanto a jovem suicida estava sendo enterrada. Ela esperou até que as duas outras retornassem, e elas, simplesmente, a acolheram.

Assim foi por muitas semanas até que as duas adoeceram, e Mladdna não pôde curá-las. Parecia estranho que as duas, mais jovens, tivessem adoecido, enquanto ela, debilitada, seguia vivendo. Mladdna cuidou delas por muitos dias, mas, finalmente, morreram, de modo que Ull foi deixado apenas com a estranha. Ele gritou toda a noite até que ela perdeu a paciência e ameaçou morrer também. Ciente do peso da ameaça, ele calou-se de imediato, pois não desejava a completa solidão. Desde então, ele viveu com Mladdna e colhiam raízes para comer.

Os dentes podres de Mladdna não se prestavam para o alimento que colhiam, mas eles davam um jeito de picá-lo até que ela pudesse engolir. Essa cansativa rotina de procurar o que comer foi a infância de Ull.

Agora ele era forte, em seu décimo nono ano, e a velha estava morta. Não tinha porque ficar. Portanto, decidiu, de imediato, procurar as cabanas além das montanhas e viver com as pessoas de lá. Nada havia para levar na jornada. Ull fechou a porta da cabana, o motivo não saberia di-

zer, pois nenhum animal aparecera por muitos anos, e dentro deixou a mulher morta. Um pouco assustado, e com medo de sua própria audácia, caminhou longas horas na grama seca e, finalmente, chegou ao primeiro dos contrafortes. A tarde veio. Ele subiu até se cansar e, então, deitou-se na grama; e, deitado, pensou em muitas coisas, nos tempos estranhos em que vivia e na colônia perdida além das montanhas, que, ansiosamente, buscava encontrar. E, enfim, adormeceu.

Ao despertar, as luzes das estrelas iluminavam seu rosto e ele se sentiu revigorado. Agora que o sol se fora por um tempo, viajou mais rapidamente, comendo pouco e determinado a apressar-se antes que a falta de água se tornasse difícil de suportar. Ele não levava nem um pouco consigo, pois as últimas pessoas, habitando um único lugar e sem a necessidade de se afastar levando sua preciosa água, não fabricaram recipientes de nenhum tipo. Ull esperava alcançar sua meta dentro de um dia e, desse modo, escapar da sede. Portanto, apressou-se sob as estrelas brilhantes, correndo, às vezes, no ar quente; e, em outros momentos, caminhando a passos rápidos.

E assim foi até o sol nascer, mas ainda estava entre as colinas pequenas, com três grandes cumes elevando-se à frente. Nas suas sombras, descansou de novo. Depois, começou a escalar um dos cumes, o que lhe custou toda a manhã. Ao meio-dia, venceu o primeiro cume e parou para repousar por um tempo, examinando o espaço que ainda tinha que percorrer.

Sobre um penhasco erodido, muito além do vale, um homem descansava. Uma enorme extensão árida abria-se ante seus olhos, e nela não havia movimento visível.

A segunda noite veio e encontrou Ull entre os outros cumes. O vale e o lugar onde havia descansado ficaram para trás. Ele estava quase no fim do segundo trecho de sua jornada e ainda se apressava. A sede o atingiu naquele dia, e ele se arrependeu de sua insensatez. Mas sabia que não podia ter permanecido sozinho na pradaria com o cadáver. E procurou convencer a si mesmo da necessidade de sua busca, esforçando-se ao máximo para chegar a seu destino.

Apenas alguns passos depois, a barreira do penhasco se dividiu e permitiu a vista da terra além. Ull tropeçava, exausto, descendo o caminho rochoso, caindo e contundindo-se. A terra onde se dizia que ho-

mens habitavam, essa terra da qual tinha ouvido histórias em sua juventude, estava quase diante dele. O caminho era longo, mas o objetivo era inestimável. Um pedregulho de enorme circunferência bloqueava sua vista. Ele o escalou, ansioso. Agora, finalmente, podia contemplar, à luz do sol poente, o destino há muito procurado, e a sede e os músculos doloridos foram esquecidos à medida que, alegre, via um pequeno amontoado de construções na base do penhasco mais distante.

Ull não descansava e, incentivado pelo que via, corria, cambaleava e rastejava ao longo do quilômetro que restava. Imaginava perceber silhuetas entre as rústicas cabanas. O sol estava quase se pondo, o odioso sol devastador que havia massacrado a humanidade. Não tinha certeza dos detalhes, mas, em breve, as cabanas estariam próximas.

Elas eram muito antigas, pois blocos de barro duravam na aridez do mundo agonizante. Pouco, de fato, mudara, exceto as criaturas vivas, os gramados e os últimos homens.

Diante dele, uma porta aberta balançava presa por pinos rústicos. Sob a luz do crepúsculo, Ull entrou na cabana, exausto até a morte, buscando, dolorosamente, os rostos tão esperados.

Então, ele caiu no chão e chorou, pois, na mesa, estava um esqueleto antigo.



Após algum tempo, ele se levantou, enlouquecido pela sede. O corpo doía-lhe insuportavelmente. Ull sofrera o maior desapontamento que qualquer mortal poderia suportar. Ele era, então, o último ser vivo sobre o globo. Sua herança da Terra... todas as terras, e todas igualmente inúteis. Ele cambaleava e, ignorando o frio brilho do luar, saiu porta afora. Perambulou pelo povoado abandonado procurando água e, ao mesmo tempo, inspecionando o lugar há muito vazio e, tão fantasmagoricamente preservado pelo ar seco, imutável. Havia um lugar rústico onde as coisas eram feitas, mas os vasos de barro continham apenas poeira, e nenhum líquido para matar sua sede ardente.

Então, no centro da pequena cidade, Ull viu o parapeito de um poço. Ele sabia o que era, pois ouvira as histórias de Mladdna sobre tais coisas. Alegre, correu e encostou-se na beirada. Ali, finalmente, estava o

fim de sua busca: água, enlameada, estagnada e rasa, mas água, diante de seus olhos.

Ull gritou, era a voz de um animal torturado, enquanto tentava alcançar a corrente e pelo balde. Sua mão escorregou na beirada viscosa, e ele caiu, batendo o peito no lado interno da borda. Por um momento, ele jazeu ali. Então, silenciosamente, seu corpo mergulhou no negror do poço.

Houve um leve som na tenebrosa profundidade quando ele bateu em alguma pedra há muito submersa, desalojada da imensa moldura das paredes internas muitas eras atrás. A água, perturbada, acalmou-se até a completa quietude.

E, agora, finalmente, a Terra estava morta. O último sobrevivente havia perecido. Todos os abundantes bilhões, as lentas eras, os impérios e as civilizações da humanidade foram resumidos a esta pobre forma retorcida, e como tudo foi enormemente sem sentido! Agora, de fato, veio o fim de todos os esforços da humanidade. Que clímax monstruoso e incrível aos olhos daqueles pobres tolos dos dias prósperos! Nunca o planeta conheceria, novamente, os passos pesados de milhões de humanos, ou mesmo o rastejar de lagartos e o zumbido de insetos, pois eles também se foram. Agora, chegava o reino dos ramos secos e campos infinitos de grama robusta. A Terra, como sua fria lua imperturbável, foi entregue ao silêncio e ao negrume para sempre.

As estrelas brilhavam no vazio do espaço, todo o universo, indiferente, continuaria por infinitos desconhecidos. O fim trivial de um insignificante episódio não importava à distante nébula ou aos sóis recém-nascidos. A raça do homem, muito débil e passageira para ter uma verdadeira função ou propósito foi como se nunca tivesse existido. Foi a essa conclusão que as eras, ao longo desta penosa evolução, levaram.

E quando os primeiros raios mortais do sol dardejavam pelo vale, a luz encontrou o caminho até o rosto exangue de uma figura despedaçada que jazia na lama.

JUVENÍLIA





A Pequena Garrafa de Vidro

∴

The Little Glass Bottle (1897)

The Shuttered Room and Other Pieces (1959)

Este conto raro foi escrito quando Lovecraft tinha apenas sete anos, esta é sua história mais antiga a sobreviver até os dias de hoje.

De certa forma, “A pequena garrafa de vidro” é justamente o que se espera de uma história escrita por uma criança de sete anos. Sua característica mais curiosa está no fato de que o mapa leva o navio até os arredores da Austrália, local onde Lovecraft, bem mais tarde, afundaria sua cidade de R’lyeh.



— Manobrar o navio, há algo flutuando a sotavento. — Quem falava era um homem baixo e corpulento, cujo nome era William Jones. Era o capitão de um pequeno veleiro onde eu e um grupo de homens navegávamos no momento em que a história se inicia.

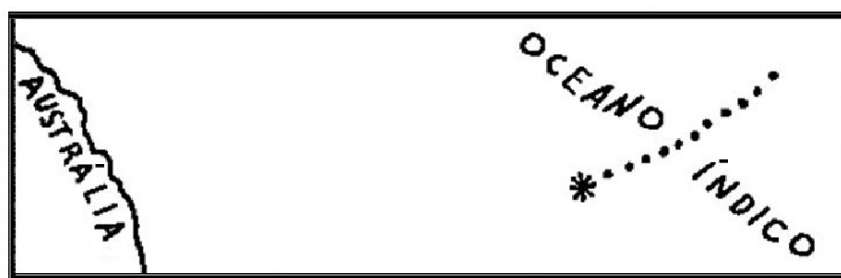
— Sim, senhor — respondeu John Towers, e o navio foi imediatamente ancorado. O Capitão Jones estendeu sua mão para apanhar o objeto, que agora reconhecia ser uma garrafa de vidro.

— Não passa de um frasco de rum que os homens a bordo de algum navio de passagem atiraram pela amurada — disse ele, mas em um impulso de curiosidade apanhou o recipiente. Era uma garrafa de rum e ele estava prestes a jogá-la fora quando notou que havia um pedaço de papel dentro dela. O capitão retirou-o e leu o seguinte:

“1º de janeiro de 1864.

Quem escreve esta carta é John Jones. Meu navio afunda rapidamente com um tesouro a bordo. Estou no local marcado com um * no mapa anexo.”

O capitão Jones virou a folha de papel e viu que o verso continha um mapa:



Na margem da carta náutica estavam escritas estas palavras:

“As linhas pontilhadas representam o curso que nós seguimos.”

— Towers — disse o Capitão Jones com excitação —, leia isto.
Towers fez o que lhe era ordenado.

— Creio que valeria a pena ir até lá — disse o Capitão Jones —, você não acha?

— Como quiser, senhor — respondeu Towers.

— Vamos fretar uma escuna hoje mesmo — disse o excitado capitão.

— Está bem — disse Towers. Então eles alugaram um barco e zarparam. Orientando-se pelas linhas pontilhadas da carta náutica, chegaram em quatro semanas ao local indicado. Os mergulhadores desceram até o fundo e voltaram com uma garrafa de ferro, dentro da qual encontraram um pedaço de papel castanho contendo as seguintes linhas:

“3 de dezembro de 1880.

Caro caçador de tesouros, perdoe-me pela piada de mau gosto, mas você bem merece não ter encontrado nada depois de um ato

tão estúpido...”

— Só me faltava essa — disse o capitão Jones. — Prossiga.

“No entanto, eu pretendo reembolsar suas despesas da viagem desde o lugar onde você encontrou a garrafa até aqui. Creio que 25 dólares bastarão. Essa soma você encontrará numa caixa de ferro. Sei onde você encontrou a primeira garrafa porque depois de colocar esta aqui, juntamente com a caixa de ferro, encontrei um bom lugar para deixar a segunda garrafa. Na esperança de que o dinheiro deixado reembolse as suas despesas, despeço-me.

Anônimo.”

— Eu gostaria mesmo era de arrancar a cabeça dele a chutes — disse o Capitão Jones. — Mergulhem lá e tragam os 25 dólares.

Num minuto o mergulhador voltou trazendo uma caixa de ferro, dentro da qual havia 25 dólares. O dinheiro ressarcia as despesas, mas duvido que eles algum dia tornem a ir a algum lugar desconhecido seguindo as orientações de uma garrafa misteriosa.



O Mistério do Cemitério

ou “A vingança de um homem morto”

Uma história de detetive

∴

The Mystery of the Grave-Yard (1898)

The Shuttered Room and Other Pieces (1959)

Alguns elementos fazem de “O mistério do cemitério” o mais interessante dos contos da juvenília de Lovecraft. A peça não só traz um subtítulo que a aproxima de futuros interesses do escritor (trata-se da vingança de um morto, em que se lêia algo do mistério sobrenatural), mas um subtítulo (“uma história de detetive”) cujo teor metanarrativo nos permite observar a variedade dos interesses literários do menino. No caso, poder-se-ia pensar em Poe e histórias como “Os assassinatos da rua Morgue”; porém a verdadeira influência literária de “O mistério do cemitério”, com seu histrionismo, detalhes e viradas surpreendentes (sem falar no nome de seu protagonista), é a dime novel (“histórias de 10 centavos”, o correspondente americano aos penny dreadful dos ingleses), gênero que prendia a atenção de Lovecraft tanto quanto os clássicos gregos e latinos.



Capítulo I: A tumba de Burns

Era quase meio-dia no vilarejo de Mainville e um grupo de pessoas enlutadas postava-se ao redor da tumba dos Burns. Joseph Burns estava morto. (Ao morrer, ele havia dado as estranhas ordens que se seguem: “Antes de depositar meu corpo na sepultura, largue esta bola no chão, em um ponto marcado com a letra ‘A’.” Então ele entregou uma pequena bola de ouro ao reitor.) As pessoas lamentaram muito a sua morte. Depois que o serviço fúnebre terminou, o senhor Dobson (o reitor) disse:

— Meus amigos, eu agora cumprirei a última vontade do falecido.

Dizendo isso, ele desceu até a tumba (para depositar a bola no ponto marcado com um “A”). Logo o cortejo fúnebre começou a ficar impaciente e após algum tempo o senhor Cha’s Greene (o advogado) desceu também para verificar o que havia acontecido. Não demorou até que ele retornasse com uma expressão assustada e dissesse:

— O senhor Dobson *não está lá!*

Capítulo II: O misterioso sr. Bell

Eram quase 3h10 da tarde quando a sineta da porta da mansão Dobson soou fortemente e o criado que foi atender encontrou um homem idoso, de cabelos pretos e suíças. Ele pediu para ver a senhorita Dobson. Quando chegou à presença dela, o homem disse:

— Srta. Dobson, sei onde seu pai está, e por 10 mil libras eu o restituirei. Meu nome é sr. Bell.

— Sr. Bell — disse a srta. Dobson —, você me daria licença para sair da sala por um momento?

— Certamente — respondeu o sr. Bell.

Pouco tempo depois ela retornou e disse:

— Sr. Bell, eu sei o que você pretende. Você sequestrou o meu pai e o está mantendo como prisioneiro para obter um resgate.

Capítulo III: Na chefatura de polícia

Eram 3h20 da tarde quando o telefone da chefatura de polícia de North End tocou furiosamente e Gibson (o telefonista) perguntou de que se tratava.

— Descobri algo sobre o desaparecimento de papai! — disse uma voz feminina. — Sou a senhorita Dobson, e papai foi sequestrado. Mandem King John até aqui!

King John era o famoso detetive do oeste. Mas foi nesse momento que um homem entrou correndo e gritou:

— Ah! É terrível! Venham até o cemitério!

Capítulo IV: A janela oeste

Agora voltemos à mansão Dobson. O sr. Bell foi tomado de surpresa pela fala sem rodeios da senhorita Dobson, mas quando recuperou a fala, ele disse:

— Não coloque as coisas nesses termos, srta. Dobson, pois eu...

Ele foi interrompido pela entrada de King John, que com um revólver em cada mão bloqueava totalmente a passagem pela porta. Porém, mais rápido que o pensamento, Bell disparou para a janela oeste... e saltou.

Capítulo V: O segredo da sepultura

Agora retornemos à sede da chefatura. Depois que o excitado visitante se acalmou um pouco, pôde contar sua história de maneira mais linear. Ele tinha visto três homens no cemitério, gritando: “Bell! Bell! Onde você está, velhote?!”, e agindo de maneira muito suspeita. Então seguiu-os e viu que entraram *na tumba de Burns*! Continuou seguindo-os até que eles tocaram uma mola em um ponto marcado com um “A” e desapareceram.

— Gostaria que King John estivesse aqui — disse Gibson. — Qual é o seu nome?

— John Spratt — respondeu o visitante.

Capítulo VI: À procura de Bell

Agora vamos retornar novamente à mansão Dobson: King John ficou totalmente desorientado pelo movimento súbito de Bell, mas quando se recuperou da surpresa, a primeira coisa em que pensou foi persegui-lo. Imediatamente, saiu à caça do sequestrador. Seguiu-o até a estação ferroviária e descobriu, com desalento, que o homem havia tomado o trem para Kent, uma grande cidade ao sul, e que não havia telégrafo ou telefone ligando Mainville àquele lugar. O trem havia acabado de partir!

Capítulo VII: O cocheiro negro

O trem para Kent partiu às 10h35, e por volta das 10h36 um homem nervoso, empoeirado e cansado^[1] entrou correndo no escritório da agência de carruagens de Mainville e disse a um cocheiro negro que estava parado junto à porta:

— Se você conseguir me levar até Kent em 15 minutos eu lhe darei um dólar.

— Num sei como eu podia levá ocê lá — disse o negro. — Num tenho uma parelha que preste, e tenho que...

— Dois dólares! — gritou o viajante.

— Tá bem — disse o cocheiro.

Capítulo VIII: Uma surpresa para Bell

Eram 11h em Kent e todas as lojas estavam fechadas exceto uma, certa lojinha sombria e suja, no lado oeste. Ficava entre o porto de Kent e a estação da ferrovia Kent-Mainville. Na sala da frente, uma pessoa maltrapilha e de idade dúbia conversava com uma mulher grisalha de meia-idade.

— Eu aceitei o serviço, Lindy — disse ele. — Bell chegará às 11h30 e a carruagem já está preparada para levá-lo ao cais, de onde o navio para a África zarpa esta noite.

— Mas, e se King John vier atrás dele? — indagou Lindy.

— Então seremos apanhados e Bell será enforcado — respondeu o homem.

Nesse momento ouviu-se uma batida na porta.

— É você, Bell? — perguntou Lindy.

— Sim — foi a resposta. — Eu peguei o trem das 10h35 e deixei King John para trás, portanto estamos todos bem.

Às 11h40 o grupo chegou ao cais e viu um navio avultar na escuridão. Os dizeres “O Quediva da África” estavam pintados no casco, e no momento em que eles pisaram a bordo, um homem saiu das sombras e disse:

— John Bell, você está preso em nome da rainha!

Era King John.

Capítulo IX: O julgamento

Chegou o dia do julgamento e uma multidão havia se reunido em volta do pequeno bosque (que servia de tribunal durante o verão) para assistir o julgamento de John Bell sob a acusação de sequestro.

— Sr. Bell — disse o juiz —, qual é o segredo da tumba de Burns?

— Só lhe direi uma coisa — declarou Bell. — Se for até a tumba e tocar certo ponto marcado com um “A”, você descobrirá.

— E onde está o sr. Dobson? — inquiriu o juiz.

— Aqui! — disse uma voz atrás deles, e a imagem do sr. Dobson em pessoa assomou no umbral da porta.

— Como você chegou aqui? — todos perguntaram em coro.

— Essa é uma longa história — disse Dobson.

Capítulo X: A história de Dobson

— Quando desci pela tumba — disse Dobson —, tudo estava escuro, eu não conseguia ver nada. Mas finalmente distingui a letra “A” pintada em branco no piso de ônix, larguei a bola sobre a letra e imediatamente um alçapão se abriu e um homem saltou de dentro dele. O homem era este (ao dizer isso ele apontou para Bell, que tremia no banco dos réus), e ele me puxou para dentro de um apartamento fortemente iluminado e com dimensões dignas de um palácio, onde estive residindo até hoje. Certo dia um jovem entrou correndo e exclamou: “O segredo foi descober-

to!”, e depois partiu. Ele não me viu. Uma vez Bell esqueceu sua chave e eu obtive um molde dela em cera. O dia seguinte eu passei experimentando chaves que servissem na fechadura. Mais um dia e minha chave se encaixou. E no dia seguinte (que é o de hoje) eu escapei.

Capítulo XI: O mistério revelado

— Por que o falecido J. Burns pediu-lhe que pusesse a bola ali? (no ponto “A”?) — interrogou o juiz.

— Para me atingir — respondeu Dobson. — Ele e Francis Burns (seu irmão) tramaram durante anos, sem que eu soubesse, um modo de me fazer mal.

— Prendam Francis Burns! — gritou o juiz.

Capítulo XII: Conclusão

Francis Burns e John Bell foram mandados para a prisão para o resto de suas vidas. O sr. Dobson foi calorosamente recebido por sua filha, que nesse meio tempo havia se tornado a sra. King John. Lindy e seu parceiro foram mandados para Newgate por trinta dias como cúmplices de uma fuga criminosa.

FIM

*Preço 25¢



A Caverna Secreta

ou a Aventura de John Lee

∴
The Secret Cave, or John Lee's Adventure (1898)
The Shuttered Room and Other Pieces (1959)

Escrito quando o autor tinha por volta dos 9 anos de idade, “A caverna secreta” trata com brevidade de uma misteriosa tragédia no porão da casa do jovem John Lee. O jovem aspirante a escritor demonstra consciência das relações de causa e consequência necessárias à concatenação dos elementos do suspense (embora não as realize com precisão). Nota-se a influência de uma cultura bastante romanesca de narrativa, sobretudo na caracterização do herói.



Agora, sejam bons meninos — disse a sra. Lee. — Enquanto eu estiver fora, não se metam em traquinagens. O sr. e a sra. Lee iriam ficar fora o dia inteiro e deixar sozinhas as duas crianças, John, de 10 anos, e Alice, de 2.

— Sim, senhora — respondeu John.

Tão logo os mais velhos se ausentaram, as crianças Lee desceram até o porão e começaram a remexer os trastes. A pequena Alice encostou-se na parede e ficou observando John. Enquanto seu irmão fazia um barco de aduelas, a menininha deu um grito agudo, pois os tijolos atrás dela cederam. John correu até ela e ajudou-a a erguer-se aos berros. Assim que seus gritos se acalmaram, ela disse: “a parede caiu”. John foi olhar e viu que havia uma passagem.

— Vamos ver o que é isso — ele disse à garotinha.

— Sim — ela respondeu.

Os dois entraram naquele lugar e viram que conseguiam ficar de pé ali dentro e que a passagem ia além do que a vista alcançava. John subiu até a cozinha e pegou duas velas e alguns fósforos na gaveta e então eles voltaram para a passagem no porão. Os dois entraram ali mais uma vez. Tinha gesso nas paredes, no teto e no chão. Não dava para ver nada além de uma caixa, que só servia para sentar, pois eles a examinaram e viram que não continha nada. Eles seguiram em frente e logo o gesso acabou e eles se encontraram numa caverna. A pequena Alice ficou assustada no começo, mas como seu irmão garantiu que estava “tudo bem”, o medo dela diminuiu. Logo eles deram com uma pequena caixa, que John apanhou e levou consigo, e em seguida encontraram uma canoa com dois remos, que ele tentou arrastar com dificuldade, mas logo descobriram que a passagem se interrompia de repente. Ele removeu o obstáculo, mas para seu desespero a água jorrou numa enxurrada. John era um bom nadador e podia prender a respiração por muito tempo. Ele antes havia respirado fundo, por isso tentou subir à tona, mas com a caixa e sua irmã isso era quase impossível, mas então ele avistou o barco subindo à superfície e o agarrou...

A próxima coisa de que teve consciência foi que estava na superfície, segurando com firmeza o corpo de sua irmã e a misteriosa caixa. John não conseguia imaginar como a água havia entrado na caverna, mas agora um novo perigo os ameaçava, pois se ela continuasse a subir, logo alcançaria o teto. Mas de repente, ele teve uma ideia. Poderia deter a água se fizesse isso rápido. Erguendo o corpo agora sem vida de sua irmã para o barco, ele também subiu na embarcação e remou pela passagem horrível e sinistra, absolutamente escura, pois sua vela havia sido apagada pela inundação; e ele não ousava olhar para o cadáver ao seu lado.

Mas continuou remando para salvar sua vida e, quando viu que havia navegado até o seu porão, subiu correndo as escadas com o corpo da sua irmã e viu que seus pais haviam voltado para casa. Então contou-lhes a história toda.



O funeral de Alice levou tanto tempo que John quase se esqueceu da caixa — mas quando eles a abriram, descobriram que continha uma barra de ouro maciço que valia cerca de \$10 mil dólares, o suficiente para compensar qualquer coisa, menos a morte de sua irmã.

FIM



O Navio Misterioso

(versão curta)

∴

The Mysterious Ship (1902)
The Shuttered Room and Other Pieces (1959)

Este breve conto foi escrito quando o autor tinha apenas 8 anos (fato mencionado em uma carta escrita por Lovecraft em 1931).

Em 1902, aos 12 anos, Lovecraft publicou a história em um pequeno livro feito à mão, sendo posteriormente publicado pela Arkham House no livro *The Shuttered Room and Other Pieces*, em 1959. De acordo com S.T. Joshi, biógrafo do autor, essa é uma das suas mais decepcionantes histórias.

O conto traz o desaparecimento de três pessoas após um estranho navio atracar em diferentes partes do mundo. Sua geografia é bem confusa, incluindo menção ao Polo Norte. De acordo com Joshi, na biografia *I Am Providence: The Life and Times of H. P. Lovecraft* (2010), não se sabe se Lovecraft quis dar um embasamento científico para sua história, ou se ele realmente acreditava no local que menciona no conto. Vale lembrar que, apesar de precoce, ele era apenas uma criança quando o escreveu.

Existem duas versões, uma versão curta e, uma mais longa, esta é a versão curta.



Capítulo 1

Na primavera de 1847, o vilarejo de Ruralville foi lançado em um estado de excitação pela chegada ao porto de um estranho brigue. Não trazia nenhuma bandeira e tudo nele era tal que despertava suspeitas. Não tinha nome. Seu capitão chamava-se Manuel Ruello. A excitação cresceu, porém, quando John Griggs desapareceu de seu lar. Isso aconteceu no dia 4 de outubro. No dia 5, o brigue se fora.

Capítulo 2

O brigue, ao partir, foi abordado por uma fragata dos EUA e um árduo combate se seguiu. Quando acabou, eles^[1] deram pela falta de um homem chamado Henry Johns.

Capítulo 3

O brigue continuou seu curso em direção a Madagascar. Quando chegou, os nativos fugiram em todas as direções. Quando se juntaram do outro lado da ilha, um deles estava faltando. Seu nome era Dahabea.

Capítulo 4

Por fim, decidiu-se que algo deveria ser feito. Uma recompensa de cinco mil libras foi oferecida pela captura de Manuel Ruello. Chegou, então, a surpreendente notícia de que um brigue sem nome havia naufragado nos recifes da Flórida.

Capítulo 5

Um navio foi enviado à Flórida e o mistério foi resolvido. Na excitação do combate eles lançavam um submarino e tomavam o que queriam. O navio encontrava-se balançando tranquilamente sobre as águas do

Atlântico, quando alguém gritou: “John Brown desapareceu.” E de fato John Brown se fora.

Capítulo 6

A descoberta do submarino e o desaparecimento de John Brown causaram renovada excitação do povo, mas então uma nova descoberta se fez. Para transcrever esta descoberta é necessário relatar um fato geográfico. No Polo Norte existe um vasto continente composto de solo vulcânico, que apresenta uma porção ainda aberta aos exploradores. Chama-se “Terra de Ninguém”.

Capítulo 7

No extremo sul da Terra de Ninguém foi descoberta uma cabana e vários outros sinais de habitação humana. Os exploradores entraram prontamente ali e, acorrentados ao chão, encontraram Griggs, Johns & Dahabea. Após chegarem a Londres, os três se separaram: Griggs foi para Ruralville, Johns para a fragata e Dahabea para Madagascar.

Capítulo 8

Mas o mistério de John Brown ainda estava sem solução, por isso manteve-se rígida vigilância sobre o porto da Terra de Ninguém, e quando o submarino chegou e os piratas, um a um, liderados por Manoel Ruello, deixaram a embarcação, foram prontamente recebidos a bala. Depois do combate, Brown foi resgatado.

Capítulo 9

Griggs foi regimento recebido em Ruralville e um jantar foi servido em homenagem a Henry Johns. Dahabea tornou-se rei de Madagascar. E Brown foi nomeado capitão de seu navio.

FIM



O Navio Misterioso

(versão longa)

∴

The Mysterious Ship (1898 ?)

Essa é a versão longa e provavelmente revisada, que foi coletada por August Derleth. Há controvérsias quanto a esta, pois foi apresentada como sendo de 1898, porém é bem mais longa que a de 1902.



1

Na primavera de 1847, o vilarejo de Ruralville foi lançado em um estado de excitação pela chegada ao porto de um estranho brigue. Não trazia nenhuma bandeira e não havia nome algum pintado em seu casco, e tudo nele era tal que despertava suspeitas. Era proveniente de Trípoli, na África, e o capitão chamava-se Manuel Ruello. A excitação aumentou, porém, quando John Griggs (o magnata do vilarejo) repentinamente desapareceu de sua casa. Isso aconteceu na noite de quatro de outubro — a cinco de outubro, o brigue partiu.

Capítulo II

Eram oito horas na fragata U.S. *Constitution* quando o comandante Farragut avistou um estranho brigue a oeste. Não trazia bandeira e não havia nenhum nome pintado em seu casco, e tudo nele era tal que despertava suspeitas. Quando abordado, ele hasteou a bandeira pirata. Farragut ordenou um disparo e tão logo a fragata abriu fogo, o navio pirata respondeu com uma salva de canhões. Quando o combate acabou, o comandante Farragut deu pela falta de um homem chamado Henry F. Johns.

Capítulo III

Era verão na ilha de Madagascar. Os nativos colhiam cereais quando um deles gritou: “Companheiros! Eu avistei um navio! Não tem bandeira e nem nome pintado no casco e tudo nele é tal que desperta suspeitas!” E os nativos fugiram em todas as direções. Quando se reuniram do outro lado da ilha, um deles estava faltando. Seu nome era Dahabea.

Capítulo IV

Por fim, decidiu-se que algo deveria ser feito. Todas as anotações foram comparadas. Concluiu-se que três raptos haviam sido praticados; os desaparecimentos de John Griggs, Henry John e Dahabea foram postos em cena. Finalmente, publicaram-se anúncios oferecendo uma recompensa de cinco mil libras pela captura de Manuel Ruello, seu navio, prisioneiros e tripulação. Mas então, notícias excitantes chegaram a Londres! Um brigue desconhecido e sem nome havia naufragado nos recifes da Flórida, na América!

Capítulo V

As pessoas dirigiram-se imediatamente à Flórida e observaram _____. Um objeto em forma de fuso jazia placidamente sob a água ao lado dos destroços naufragados do brigue. “Um submarino!”, gritou um deles. “Sim!”, gritou outro. “O mistério está resolvido”, disse um homem de

aspecto sábio. “Na excitação da batalha eles lançavam o submarino e capturavam quantos quisessem, sem ser vistos. E _____.”

“John Brown desapareceu!”, gritou uma voz do tombadilho. De fato, John Brown se fora!

Capítulo VI

As descobertas do submarino e do desaparecimento de John Brown causaram comoção renovada em meio ao povo e um novo achado se fez. Em relação a este descobrimento é necessário relatar um fato geográfico: — no Polo Norte supõe-se existir um vasto continente composto de solo vulcânico, parte dele está aberta a viajantes e exploradores, mas é estéril e improdutiva, e além disso absolutamente intransponível. É conhecida como “Terra de Ninguém”.

Capítulo VII

No extremo sul da Terra de Ninguém descobriu-se um molhe e uma cabana, com todos os sinais de que se tratava de uma antiga habitação humana. Havia uma placa enferrujada pregada à porta da habitação, com a inscrição em inglês antigo: “M. Ruello”. Aquele, então, era o lar de Michael Ruello. Na casa foi encontrado um livro de anotações pertencente a John Griggs e o diário de bordo da *Constitution*, roubado de Henry Johns, além da segadeira de Madagascar pertencente a Dahabea.

Capítulo VIII

Quando já estavam para partir, eles observaram uma mola ao lado da casa. Pressionaram-na. — Apareceu um orifício na parede lateral da cabana, que eles prontamente adentraram. Viram-se numa caverna subterrânea, que corria sob a praia até a beira de um mar escuro e lodoso. Nesse mar jazia um objeto oblongo e escuro — a saber, outro submarino, no qual eles entraram. Amarrados no chão da cabine estavam Griggs, Johns e Dahabea, todos vivos e sãos. Quando chegaram a Londres, eles se se-

pararam: Griggs foi para Ruralville, Johns para a *Constitution* e Dahabea para Madagascar.

Capítulo IX

Mas o mistério de John Brown ainda estava por resolver. Por isso eles mantiveram estreita vigilância sobre o porto da Terra de Ninguém, na esperança de que o submarino chegasse. Finalmente, porém, ele chegou trazendo consigo John Brown. Eles estabeleceram a data de cinco de outubro para o ataque. Distribuíram-se ao longo da praia e formaram destacamentos. Finalmente, um a um, liderados por Manuel Ruello, os piratas deixaram a embarcação. Foram (para sua perplexidade) imediatamente recebidos a bala.

Capítulo X CONCLUSÃO

Os piratas foram totalmente derrotados e fez-se uma busca por Brown. Por fim, ele (o mencionado Brown) foi encontrado. John Gregg foi regiamamente recebido em Ruralville e um jantar foi ____.

Dahabea tornou-se rei de Madagascar e Manuel Ruello foi executado na prisão de Newgate.

FIM



A Fera na Caverna

∴

The Beast in the Cave (1905)

The Vagrant (jun. 1918)

Este conto é possivelmente a peça mais impressionante da juvenília de Lovecraft ainda existente hoje; ele escreveu o primeiro rascunho quando tinha 14 anos. É um trabalho surpreendentemente competente para um calouro do ensino médio.



A horrível conclusão que aos poucos se impusera à minha mente confusa e relutante era agora uma certeza terrível. Eu estava perdido, completamente, desesperadoramente perdido nos vastos e labirínticos recessos da Caverna de Mammoth. Por mais voltas que eu desse, por mais que minha visão se esforçasse, em direção alguma me era possível distinguir qualquer objeto que servisse como ponto de referência para me pôr no caminho de saída. Quanto ao fato de que eu nunca mais poderia contemplar a abençoada luz do dia, ou fazer com que meus olhos percorressem as aprazíveis colinas e várzeas do lindo mundo exterior, minha razão já não podia nutrir a mais leve dúvida. A esperança se fora. No

entanto, doutrinado que era por uma vida de estudos filosóficos, a satisfação que eu obtinha de minha postura desapaixonada não era exígua; pois, embora eu tivesse lido com frequência sobre os violentos tresvarios em que eram lançadas as vítimas de situações semelhantes, não experimentei nada disso, mas mantive-me calmo tão logo constatei sem sombra de dúvida que havia me perdido.

Nem mesmo o pensamento de que eu provavelmente vagara para além dos limites extremos a que uma exploração comum poderia chegar fez com que eu abandonasse minha compostura sequer por um momento. Se deveria morrer, refleti, então aquela caverna terrível, porém majestosa, era uma sepultura tão bem-vinda quanto a que qualquer campo santo poderia me oferecer; uma constatação que trouxe consigo mais tranquilidade que desespero.

A fome acabaria sendo meu destino último; disso eu tinha certeza. Alguns, eu sabia, haviam enlouquecido em circunstâncias como aquela, mas eu sentia que não seria esse o meu fim. Meu desastre não resultava de nenhuma culpa a não ser a minha própria, pois eu havia me separado do grupo regular de excursionistas sem o conhecimento do guia; e, vagando a esmo por mais de uma hora por entre vias proibidas da caverna, vira-me incapaz de retrair os sinuosos desvios por onde havia seguido depois de abandonar meus companheiros.

A minha tocha já havia começado a expirar; logo eu seria envolvido pela total e quase palpável escuridão das vísceras da terra. Quando parei sob a luz bruxuleante e instável, meditei ao acaso sobre as circunstâncias exatas da minha ida até ali. Lembrei-me das narrativas que ouvira sobre a colônia de tuberculosos que, tomando residência naquela gigantesca gruta para encontrar a cura proporcionada pelo ar aparentemente salubre do mundo subterrâneo, com sua temperatura constante e uniforme, seu ar puro e sua pacífica quietude, encontrara em vez disso a morte de uma forma estranha e repulsiva. Eu tinha visto os tristes despojos dos seus chalés malfeitos quando passei por eles com a comitiva, e me perguntei então que influência uma estadia prolongada naquela imensa e silenciosa caverna poderia exercer sobre alguém saudável e vigoroso como eu. Agora, disse com severidade a mim mesmo, minha oportunidade de esclarecer essa questão havia chegado, a não ser que a necessidade de comida me proporcionasse uma partida muito rápida desta vida.

Quando os últimos raios espasmódicos de luz da minha tocha morreram deixando apenas escuridão, resolvi não deixar nenhuma pedra no lugar, nenhum possível meio de escape negligenciado; assim, reunindo todas as forças de que dispunham os meus pulmões, emiti uma série de altos gritos, com a vã esperança de atrair a atenção do guia com o meu clamor. Porém, enquanto gritava, sabia em meu coração que meus brados não tinham propósito, e que minha voz, ampliada e refletida pelas inumeráveis muralhas do labirinto negro à minha volta, não chegariam a ouvido algum além dos meus. De repente, porém, tive um sobressalto e minha atenção despertou, pois imaginei ter ouvido o som de passos que se aproximavam suavemente pelo chão rochoso da caverna. Meu resgate estaria prestes a se consumir tão cedo? Teriam, então, todas as minhas horríveis apreensões sido em vão, e o guia, tendo notado minha ausência injustificada da comitiva, havia seguido em meu encalço e empreendido minha busca naquele labirinto calcário? Enquanto essas interrogações repletas de júbilo brotavam no meu cérebro, eu estava a ponto de reiniciar meus gritos, para que meu resgate pudesse chegar o mais cedo possível, mas de um instante para o outro a minha exultação se tornou horror quando eu ouvi com mais atenção; pois minha audição sempre acurada, agora aguçada em grau ainda maior pelo completo silêncio da caverna, trouxe ao meu entendimento entorpecido a inesperada e pavorosa compreensão de que aqueles passos *não se assemelhavam aos de nenhum homem mortal*. Na quietude sobrenatural daquela região subterrânea, o andar das botas do guia teria soado como uma série de agudos e incisivos golpes. Aqueles impactos, por sua vez, eram leves e furtivos, como as patas almofadadas de algum felino. Além disso, *a intervalos*, quando eu ouvia com mais cautela, parecia-me identificar o som de *quatro*, em vez de *dois* pés.

Eu agora estava convencido de que, com meus gritos, havia despertado e atraído alguma fera selvagem, possivelmente um puma perdido por acidente no interior da caverna. Talvez, eu refleti, o Todo-Poderoso tivesse escolhido para mim uma morte mais rápida e clemente do que a fome. Porém, o instinto de autopreservação, nunca inteiramente adormecido, se revolia no meu peito, e embora a fuga do perigo iminente pudesse me poupar unicamente para ter um final mais rigoroso e prolongado, decidi ainda assim que só me separaria da minha vida ao mais

alto preço que estivesse ao meu alcance. Por estranho que possa parecer, minha mente não admitia qualquer intento por parte do visitante, exceto o da hostilidade. Assim sendo, fiquei muito quieto, na esperança de que a fera desconhecida, na ausência de um som que a guiasse, perdesse o rumo como eu havia perdido, e assim passasse por mim. Mas essa esperança não estava destinada a se concretizar, pois os estranhos passos avançavam com constância; o animal obviamente havia farejado o meu cheiro, que numa atmosfera tão absolutamente livre de toda distração, como aquela da caverna, poderia sem dúvida ser seguido por grande distância.

Vendo, portanto, que era melhor eu estar armado para me defender de um ataque sinistro e imprevisível na escuridão, agrupei à minha volta os maiores fragmentos de rocha que estavam espalhados por toda a vizinhança no chão da caverna, e, agarrando um em cada mão para uso imediato, esperei com resignação pelo desfecho inevitável. Enquanto isso, o horrendo patear de garras se aproximava. Por certo, a conduta da criatura era excepcionalmente estranha. Na maior parte do tempo, os passos pareciam ser de um quadrúpede, caminhando com uma singular *ausência de sincronia* entre as patas traseiras e dianteiras, embora a intervalos breves e pouco frequentes eu imaginasse que apenas dois pés estivessem engajados no processo de locomoção. Perguntei-me que espécie de animal eu estava para confrontar; devia, pensei, ser alguma fera desafortunada que tivesse pago por sua curiosidade em investigar uma das entradas da temível gruta com uma vida de confinamento naqueles recessos intermináveis. Sem dúvida ela obtinha seu alimento dos peixes cegos, morcegos e ratos da caverna, assim como de alguns peixes comuns que eram carregados para lá a cada inundação do Green River, que se comunicava de algum modo oculto com as águas da caverna. Ocupei minha vigília terrível com grotescas conjecturas sobre que alterações a vida na caverna poderia ter forjado na estrutura física do animal, recordando as aparências horrendas que a tradição local atribuía aos tuberculosos que haviam morrido após uma longa residência na gruta. Então lembrei-me com um sobressalto que, ainda que tivesse sucesso em matar meu antagonista, *jamaís contemplaria sua forma*, pois minha tocha havia se extinguido há muito tempo, e eu estava inteiramente desprovido de fósforos. A tensão no meu cérebro então se tornara assustadora. Minha fantasia

desordenada conjurava hediondas e temíveis formas da escuridão sinistra que me circundava, e que parecia realmente exercer *pressão* sobre o meu corpo. Mais perto, mais perto, os passos ameaçadores se acercavam. Pareceu-me que deveria dar vazão a um grito pungente, mas além de me sentir indeciso demais para tentar tal coisa, minha voz dificilmente teria respondido. Eu estava petrificado, enraizado no lugar. Duvidei que meu braço direito me permitiria lançar seu projétil contra a coisa que se aproximava, quando chegasse o momento crucial. Agora o constante *pate-pate* dos passos estava quase ao alcance da mão; em seguida, *muito* perto. Eu podia ouvir a respiração pesada do animal e, aterrorizado como estava, concluí que ele deveria ter vindo de uma distância considerável, e portanto estava fatigado. De repente, o encanto se quebrou. Minha mão direita, guiada por meu senso auditivo sempre confiável, atirou com toda força o pedaço pontiagudo de calcário que segurava em direção àquele ponto na escuridão de onde emanava a respiração e o patear e, maravilho-me ao relatar isso, quase atingiu o alvo, pois eu ouvi a coisa saltar, pousando a alguma distância, onde pareceu aguardar.

Depois de reajustar minha mira, disparei meu segundo projétil, dessa vez mais certo, pois com uma torrente de júbilo eu ouvi a criatura cair no que pareceu um colapso completo, e evidentemente permanecer emborcada e imóvel. Quase dominado pelo grande alívio que me percorreu, cambaleei de costas de encontro à parede. A respiração continuou, em pesadas e sufocadas inalações e exalações, de onde eu concluí que havia causado não mais que um ferimento na criatura. E então todo desejo de examinar a *criatura* havia cessado. Finalmente, algo similar a um medo infundado e supersticioso penetrou no meu cérebro, e eu não consegui me aproximar do corpo, nem lançar outras pedras para completar a extinção daquela vida. Em vez disso, corri a toda velocidade no que me pareceu, até onde eu podia estimar no desvario da minha condição, a direção de onde viera. De repente, ouvi um som, ou antes uma sucessão regular de sons. No instante seguinte, eles se distinguiram numa série de estalos agudos e metálicos. Dessa vez não havia dúvida. *Era o guia*. E então eu gritei, bradei, berrei, até mesmo guinchei de alegria ao avistar os arcos abobadados acima da tênue e cintilante resplandecência que eu sabia ser o reflexo da luz de uma tocha que se aproximava. Corri ao encontro do clarão, e antes que pudesse compreender inteiramente o

que havia acontecido, estava deitado no chão aos pés do guia, abraçando suas botas, e tagarelado, apesar da minha alardeada reserva, do modo mais incoerente e idiota, despejando minha terrível história, e ao mesmo tempo cobrindo meu ouvinte com protestos de gratidão. Por fim, eu despertei para algo que se assemelhava à minha consciência normal. O guia havia notado a minha ausência com a chegada da comitiva na entrada da caverna e, com seu próprio senso intuitivo de direção, empreendera um escrutínio completo das passagens secundárias logo à frente de onde ele havia falado comigo pela última vez, localizando meu paradeiro após uma busca de cerca de quatro horas.

Depois que ele me relatou isso, encorajado por sua tocha e sua companhia, comecei a refletir sobre a estranha fera que eu havia ferido a não mais do que uma curta distância dali, na escuridão, e sugeri que verificássemos, com o auxílio do archote, que tipo de criatura havia sido a minha vítima. Então refiz os meus passos, dessa vez com a coragem nascida da companhia, até o cenário daquela terrível experiência. Logo distinguimos um objeto branco no chão, um objeto mais alvo até mesmo que o próprio calcário reluzente. Avançando com cautela, emitimos uma simultânea exclamação de assombro, pois de todos os monstros inaturais que qualquer um de nós tivesse contemplado em nossas vidas inteiras, aquele era em um grau extremo o mais estranho. Parecia um símio antropeide de grandes proporções, fugido, talvez, de algum zoológico itinerante. Seus pelos eram alvos como a neve, algo que sem dúvida se devia à ação descorante de uma longa existência no negrume dos confins daquela caverna, mas também eram surpreendentemente ralos, chegando a ser quase totalmente ausentes, exceto na cabeça, onde atingiam tamanho comprimento e abundância que caíam sobre os ombros em considerável profusão. O rosto estava virado para o lado oposto a nós, pois a criatura jazia quase diretamente sobre ele. A inclinação dos membros era muito singular, o que explicava, porém, a alternância no uso deles que eu havia notado anteriormente, de forma que a criatura empregava às vezes todos os quatro, e em outras ocasiões apenas dois deles para o seu avanço. Das pontas dos dedos das mãos e dos pés, longas garras semelhantes a unhas se estendiam. As mãos e pés não eram preênses, um fato que atribuí à longa residência na caverna que, como eu mencionei antes, parecia evidente pela *brancura* generalizada e quase sobrena-

tural que caracterizava sua anatomia como um todo. Nenhuma cauda parecia estar presente.

A respiração havia agora se tornado muito débil, e o guia sacou sua pistola com a evidente intenção de liquidar a criatura, quando um *som* subitamente emitido por ela fez com que a arma caísse antes de ser usada. O som era de uma natureza difícil de descrever. Não era como as notas normalmente produzidas por qualquer espécie conhecida de sí-mio, e eu me perguntei se esse atributo inatural não resultaria de um continuado e completo silêncio, rompido pelas sensações produzidas pelo advento da luminosidade, algo que a besta não poderia ter visto desde sua primeira entrada na caverna. O som, que eu a custo poderia tentar classificar como uma espécie de algaravia em tom grave, era contínuo e indistinto. De repente, um fugaz espasmo de energia pareceu atravessar o corpo da besta. As garras se lançaram em um movimento convulso e os membros se contraíram. Com um safanão, o corpo alvo rolou, de modo que seu rosto virou-se para nós. Por um momento, fui tão tomado de horror ao ver os olhos que se revelaram que não notei mais nada. Eram negros, aqueles olhos, de um negror profundo como o aze-viche, em um abominável contraste com os pelos e a carne brancos como neve. Como os de outros habitantes de cavernas, eram muito fundos em suas órbitas, e inteiramente destituídos de íris. Quando olhei com mais atenção, vi que estavam dispostos numa face menos prognata que a da média dos monos, e infinitamente mais peluda. O nariz era bastante proeminente.

Enquanto contemplávamos a insólita visão que se apresentava a nós, os grossos lábios se abriram, e vários *sons* brotaram deles, depois do que a *coisa* se entregou à morte.

O guia agarrou a manga do meu casaco e tremeu tão violentamente que a luz se agitou de um modo espasmódico, lançando estranhas sombras móveis nas paredes acima de nós.

Não esbocei qualquer movimento, mas permaneci numa imobilidade rígida, com meus olhos horrorizados fixos no chão à minha frente.

Então o medo me deixou, e a admiração, o assombro, a compaixão e a reverência sucederam-se em seu lugar, pois os *sons* pronunciados por aquela figura abatida que jazia estendida no calcário revelou-nos a ater-

radora verdade. A criatura que eu havia matado, a estranha fera da caverna insondável era, ou algum dia havia sido, um HOMEM!!!



O Alquimista

∴

The Alchemist (1908)

The United Amateur (nov. 1916)

Essa história amplia um pouco os limites do termo “juvenilia”, como foi escrita pouco antes de Lovecraft completar 18 anos. Foi a última peça séria de *weird fiction* que Lovecraft escreveu antes de cair no colapso nervoso que encerraria seus dias no ensino médio.



Na altura, coroando o pico relvoso de um morro elevado cujas encostas, perto da base, são revestidas pela vegetação de troncos nodosos da floresta primordial, ergue-se o velho castelo dos meus ancestrais. Durante séculos as suas altivas ameias contemplaram de cenho fechado os campos agrestes e escarpados ao seu redor, e serviram de lar e fortaleza para a orgulhosa casa cuja linhagem honrada é mais antiga até mesmo que as muralhas cobertas de musgo do castelo. Esses torreões ancestrais, manchados por tempestades que fustigaram gerações e desagregando-se sob a lenta porém poderosa pressão do tempo, compunham, em eras feudais, uma das mais temidas e formidáveis fortalezas de toda a França. De

seus parapeitos com balestreiros e ameias imponentes, barões, condes e até mesmo reis haviam sido desafiados, embora seus espaçosos salões jamais tenham ecoado passadas de invasores.

Mas desde aqueles anos gloriosos, tudo mudou. Uma pobreza que por pouco não chegava ao nível da miséria desesperadora, juntamente com um orgulho familiar que impedia que ela fosse mitigada pelas atividades da vida comercial, impossibilitaram que os rebentos da nossa linhagem conservassem as propriedades em seu prístino esplendor; e as pedras que se soltavam dos muros, o mato que proliferava nos parques, o fosso seco e poeirento, os pátios mal pavimentados e as torres em ruínas do lado de fora, assim como os assoalhos vergados, os lambris carcomidos de cupins e as tapeçarias desbotadas do lado de dentro, tudo contava uma história lúgubre de grandeza decaída. Com o passar das eras, primeiro um, depois outro dos quatro grandes torreões foram abandonados às ruínas, até que por fim apenas uma solitária torre passou a abrigar a descendência tristemente reduzida dos outrora poderosos senhores das terras.

Foi numa das amplas e obscuras câmaras desta torre remanescente que eu, Antoine, último dos infelizes e malditos Condes de C..., vi pela primeira vez a luz do dia, noventa longos anos atrás. Entre essas paredes, e em meio às escuras e fantasmagóricas florestas, passaram-se os primeiros anos da minha vida intranquila. Meus genitores, nunca conheci. Meu pai foi morto com a idade de 32 anos, um mês antes de eu nascer, pela queda de uma pedra deslocada por algum motivo de um dos parapeitos desertos do castelo; e como minha mãe morreu durante o meu nascimento, minha criação e educação ficou a cargo unicamente de um criado que continuou na casa, um homem velho e confiável, de inteligência considerável, cujo nome eu me recordo ter sido Pierre. Eu era filho único, e a ausência de companhia a que este fato me obrigava ampliava-se pelo estranho cuidado exercido pelo meu idoso guardião, que me excluía da companhia das crianças camponesas cujos domicílios se espalhavam aqui e ali pelas planícies que circundavam o sopé da colina. Na época, Pierre afirmou que essa restrição me era imposta porque meu nascimento nobre colocava-me acima de associações com uma companhia tão plebeia. Hoje eu sei que seu real propósito era proteger meus ouvidos contra os falatórios sobre a temível maldição que supostamente

havia sobre a nossa linhagem; histórias que se contavam à noite e eram ampliadas pelos arrendatários humildes, quando conversavam em tons sussurrantes sob a claridade das lareiras de seus chalés.

Isolado de tal forma, e obrigado a contar apenas com os meus próprios recursos, passei as horas da minha infância estudando os antigos tomos enfileirados na biblioteca habitada por sombras do castelo, ou vagando sem destino ou propósito pela perpétua penumbra da floresta espectral que reveste a encosta da colina perto do sopé. Foi, talvez, por efeito de tais circunstâncias que minha mente logo adquiriu seus tons melancólicos. Aqueles estudos e ocupações, relacionados ao que há de tenebroso e oculto na natureza, atraíam fortemente a minha atenção.

Sobre minha própria linhagem era-me permitido aprender singularmente pouco, e o escasso conhecimento que eu conseguia obter parecia deprimir-me muito. Talvez no início tenha sido apenas a manifesta relutância do meu velho preceptor em discutir minha ancestralidade paterna que motivou o terror que sempre senti à menção da minha grande casa familiar; porém, à medida que deixava a infância, fui capaz de juntar fragmentos desconexos de discurso, que se deixavam escapar involuntariamente da língua que havia começado a vacilar com a aproximação da senilidade, os quais tinham alguma relação com certa circunstância que sempre havia me causado estranhamento, mas que a partir de então tornou-se vagamente aterrorizante. A circunstância a que aludo é a idade precoce com que todos os Condes da minha linhagem encontraram seu fim. Embora eu tivesse até então considerado aquilo não mais que um atributo natural de uma família de homens de vida curta, passei a ponderar longamente sobre essas mortes prematuras, e comecei a relacioná-las aos devaneios do velho, que com frequência falava de uma maldição que durante séculos havia impedido que as vidas dos possuidores do meu título excedessem muito a marca dos trinta e dois anos. No meu vigésimo primeiro aniversário, o vetusto Pierre entregou-me um documento familiar que afirmou ter sido passado de pai para filho por muitas gerações, e mantido em poder de cada possuidor. Seu conteúdo era da mais alarmante natureza, e sua leitura atenta confirmou minhas mais graves apreensões. Nessa época, minha crença no sobrenatural estava firme e profundamente assentada, não fosse assim eu teria refutado com desprezo a incrível narrativa que se descortinou aos meus olhos.

O texto me transportou de volta aos dias do século XIII, quando o velho castelo em que eu me encontrava era uma fortaleza temida e inexpugnável. Ele contava de um certo homem do passado que um dia habitara nossas terras, uma pessoa de realizações nada desprezíveis, embora pouco passasse da condição de plebeu. Tinha por nome Michel, mas era geralmente designado pelo apelido de Mauvais, o Malvado, por conta de sua reputação sinistra. Ele havia estudado além do que era o costume de seus pares, investigando coisas como a Pedra Filosofal ou o Elixir da Vida Eterna, e era tido como versado nos terríveis segredos da Magia Negra e da Alquimia. Michel Mauvais tinha um filho, chamado Charles, um jovem tão proficiente quanto ele próprio nas artes ocultas, e que por isso era chamado Le Sorcier, ou o Bruxo. Essa dupla, temida por todas as pessoas honestas, era suspeita das mais horrendas práticas. Do velho Michel, dizia-se que havia queimado sua esposa viva em sacrifício ao Demônio, e os incontáveis desaparecimentos de muitas criancinhas camponesas eram postos nas temidas costas dos dois. No entanto, por trás das naturezas sombrias de pai e filho brilhava um redentor raio de humanidade; o velho maligno amava seu rebento com brutal intensidade, enquanto o jovem sentia por seu pai uma afeição mais do que filial.

Certa noite o castelo na colina foi mergulhado na mais desenfreada confusão pelo desaparecimento do jovem Godfrey, filho de Henri, o Conde. Uma comitiva de busca, liderada pelo pai transtornado, invadiu o chalé dos feiticeiros e caiu sobre o velho Michel Mauvais, que se encontrava ocupado com um imenso caldeirão que fervia violentamente. Sem justa causa, na loucura desgobernada do furor e do desespero, o Conde pôs suas mãos sobre o idoso feiticeiro, e antes que afrouxasse o punho assassino, sua vítima já não mais existia. Enquanto isso acontecia, criados em júbilo anunciavam a descoberta do jovem Godfrey numa distante e pouco usada Câmara do grande edifício, contando-lhe tarde demais que o pobre Michel havia sido morto em vão. Enquanto o Conde e seus acompanhantes se afastavam da humilde moradia dos alquimistas, o vulto de Charles Le Sorcier apareceu entre as árvores. O falatório excitado da criadagem que se deixou ficar nas imediações informou-o do que havia ocorrido, porém ele pareceu inicialmente impassível diante do destino de seu pai. Depois, avançando lentamente ao en-

contro do Conde, pronunciou em tons morosos porém terríveis a maldição que para sempre dali em diante assombraria a casa dos C...

*Que nenhum nobre varão, teu descendente,
Sobreviva tua idade, assassino impenitente!*

disse ele, e então, saltando repentinamente para o meio da floresta negra às suas costas, tirou de sua túnica um frasco que continha um líquido incolor, que atirou na face do executor de seu pai, enquanto desaparecia por trás da cortina retinta da noite. O Conde morreu sem dizer uma palavra e foi enterrado no dia seguinte, quando pouco mais do que trinta e dois anos haviam se passado desde a hora de seu nascimento. Nenhum vestígio do assassino pôde ser encontrado, por mais que os grupos incansáveis de camponeses percorressem as florestas vizinhas e os campos em torno da colina.

Depois, o tempo e a falta de algo que fizesse recordá-la desbotaram a lembrança da maldição nas mentes dos familiares do falecido Conde, de modo que quando Godfrey, a inocente causa de toda a tragédia e agora portador do título, foi morto por uma flecha enquanto caçava, com a idade de trinta e dois anos, não houve qualquer outro pensamento excepto aqueles decorrentes da dor pela sua perda. Mas quando, anos depois, o próximo jovem Conde, de nome Robert, foi encontrado morto em um campo próximo sem qualquer causa aparente, os camponeses começaram a sussurrar que seu senhor havia acabado de completar seu trigésimo segundo aniversário quando foi surpreendido pela morte precoce. Louis, filho de Robert, foi descoberto afogado no fosso com a mesma idade fatídica, e assim, através dos séculos, prosseguiu a ominosa crônica; Henris, Roberts, Antoinés e Armands arrebatados de vidas felizes e virtuosas quando tinham pouco menos do que a idade de seu desafortunado antecessor quando foi assassinado.

Que me restavam no máximo cerca de onze anos de existência por viver se tornou uma certeza para mim, a julgar pelas palavras que li. Minha vida, anteriormente tida em pouco valor, passou a tornar-se mais cara para mim a cada dia, e enquanto isso eu pesquisava cada vez mais a fundo os mistérios do mundo oculto da magia negra. Isolado como estava, a ciência moderna não havia produzido qualquer impressão sobre

mim, e eu trabalhava como na Idade Média, tão envolvido quanto haviam sido o velho Michel e o jovem Charles na aquisição de conhecimento demonológico e alquímico. No entanto, por mais que lesse, de maneira alguma conseguia explicar a estranha maldição que pesava sobre a minha linhagem. Em pouco frequentes momentos de racionalidade, eu chegava a buscar uma explicação natural, atribuindo as mortes precoces de meus ancestrais ao sinistro Charles Le Sorcier e seus herdeiros; porém, tendo descoberto após cuidadosa investigação que não havia descendentes conhecidos do alquimista, recaí nos estudos do oculto, e mais uma vez me empenhei em descobrir um feitiço que libertasse minha genealogia de seu terrível fardo. De uma coisa eu estava absolutamente resoluto. Jamais me casaria, pois se nenhuma outra ramificação da minha família viesse a existir, eu poderia assim encerrar a maldição em mim mesmo.

Quando me aproximei da idade de trinta anos, o velho Pierre foi chamado para as terras do além. Sozinho, eu o enterrei sob as pedras do pátio no qual ele havia adorado caminhar em vida. Assim, restou-me ponderar sobre o fato de ser a única criatura humana dentro da grande fortaleza, e na completa solidão em que me encontrei, minha mente começou a abandonar seu vão protesto contra a condenação iminente, a quase reconciliar-se com o destino que tantos dos meus ancestrais haviam encontrado. Grande parte do meu tempo destinava-se agora à exploração dos salões e torres abandonados e em ruínas do velho castelo, que na minha juventude assustadiça haviam sido causa de repúdio, e algumas das quais, o velho Pierre um dia me disse, não eram pisadas por pés humanos havia mais de quatro séculos. Estranhos e assombrosos eram muitos dos objetos que encontrei. Meus olhos se depararam com móveis cobertos pela poeira das eras, esfarelado-se pela podridão decorrente da umidade prolongada. Teias de aranha numa profusão jamais vista por mim haviam sido tecidas por toda parte, imensos morcegos batiam suas asas esqueléticas e sinistras por todo lado naquela penumbra, à exceção deles, completamente desabitada.

De minha idade exata, chegando mesmo a dias e horas, eu mantinha o mais cuidadoso registro, pois cada movimento do pêndulo do imponente relógio na biblioteca desenganava ainda mais minha existência condenada. Por fim, aproximei-me daquele período que há tanto tempo

vira com apreensão. Já que a maioria dos meus ancestrais fora ceifada pouco tempo antes de alcançar a idade exata do Conde Henri ao morrer, a cada momento eu consultava o relógio à espera da chegada da morte desconhecida. De que estranha forma a maldição iria me levar, eu não sabia; mas estava decidido a que, ao menos, ela não me encontrasse como uma vítima covarde ou passiva. Com vigor renovado, apliquei-me então ao meu exame do velho castelo e seu conteúdo.

Foi numa das mais longas entre todas as minhas excursões de descobrimento nas alas desertas do castelo, a menos de uma semana daquela hora fatal que eu sentia que assinalaria o limite extremo da minha estadia na terra, além do qual eu não poderia ter a mais leve esperança de continuar respirando, que cheguei ao evento culminante de toda a minha vida. Eu havia passado a maior parte da manhã subindo e descendo as escadarias parcialmente em ruínas de um dos mais dilapidados daqueles torreões antigos. À medida que a tarde progredia, busquei os níveis mais baixos, descendo até o que parecia um lugar medieval de confinamento, ou um depósito de pólvora de escavação mais recente. À medida que eu lentamente atravessava o corredor incrustado de salitre, o pavimento se tornava muito úmido, e logo eu vi, sob a luz bruxuleante da minha tocha, que uma parede nua e manchada pela água impedia minha jornada. Ao dar a meia-volta para refazer meus passos, meu olhar caiu sobre um pequeno alçapão dotado de argola, que se encontrava diretamente sob meus pés. Depois de uma breve pausa, consegui erguê-lo com dificuldade, e então revelou-se uma passagem escura, exalando vapores insalubres que fizeram minha tocha crepitar, e exposto pela clareza vacilante, o topo de um lance de degraus de pedra. Tão logo o archote, que mergulhei naquelas profundezas repulsivas, passou a arder de um modo mais livre e estável, comecei minha descida. Os degraus eram muitos, e levavam a uma passagem estreita pavimentada com lajes de pedra, que eu sabia que devia situar-se muito abaixo do solo. A passagem revelou-se muito extensa, e terminou numa imponente porta de carvalho, gotejante pela umidade daquele lugar, que resistiu com solidez a todas as minhas tentativas de abri-la.

Interrompendo, após algum tempo, meus esforços nesse sentido, eu havia retornado por alguma distância em direção aos degraus, quando subitamente experimentei um dos mais profundos e enlouquecedores

choques que a mente humana poderia receber. Inesperadamente, *ouvi a pesada porta atrás de mim abrir-se vagarosamente com um rangido de suas dobradiças enferrujadas*. Minhas sensações imediatas são impossíveis de analisar. Ser confrontado, em um lugar tão inteiramente deserto como eu havia julgado ser o velho castelo, com uma evidência da presença de homem ou espírito, produziu no meu cérebro um horror da mais aguda espécie. Quando por fim me virei e confrontei a origem do som, meus olhos devem ter saltado das órbitas diante da visão que contemplaram. Ali, no antigo umbral gótico, encontrava-se uma figura humana. Era um homem vestindo um casquete e uma longa túnica medieval de cor escura. Seus longos cabelos e sua barba esparramada eram de um terrível e intenso tom negro, e de uma profusão incrível. Sua testa, de uma altura que superava as dimensões comuns; suas faces, profundamente encovadas e fortemente marcadas por rugas; e suas mãos, longas, nodosas e semelhantes a garras, eram de uma brancura tão cadavérica e marmórea como jamais vi em um homem em qualquer outro lugar. Sua silhueta, esguia até as proporções de um esqueleto, era estranhamente curvada e quase perdida nas volumosas dobras de sua peculiar vestimenta. Porém, o mais estranho de tudo eram os seus olhos; cavernas geminadas de abismal escuridão, profundos em sua expressão de entendimento, porém desumanos em seu grau de perversidade. E eram tais olhos que agora me fixavam, perfurando minha alma com seu ódio e fazendo com que meus pés se enraizassem no ponto onde eu me encontrava. Por fim, a figura falou numa voz tonitruante que me congelou por inteiro com seu tom monocórdio e cavernoso e com sua malevolência latente. A linguagem em que o discurso foi proferido era aquela forma degradada de latim em uso entre os homens mais instruídos da Idade Média, e que se tornara familiar para mim por conta das minhas prolongadas pesquisas sobre as obras dos velhos alquimistas e demonólogos. A aparição me falou sobre a maldição que pairava sobre a minha casa, contou-me sobre o meu fim próximo, demorou-se na injustiça perpetrada por meu ancestral contra o velho Michel Mauvais, e se regozijou com a vingança de Charles Le Sorcier. Contou que o jovem Charles havia escapado noite adentro, retornando em anos posteriores para matar Godfrey, o herdeiro, com uma flecha, exatamente quando ele se aproximava da idade que seu pai tinha quando foi assassinado; que ele havia retorna-

do em segredo para a propriedade e se estabelecido, sem que se soubesse, na câmara subterrânea já então deserta, cuja entrada agora emoldurava o abominável narrador; que ele havia capturado Robert, filho de Godfrey, em um campo, forçando-o a ingerir veneno, e deixado-o para morrer com a idade de trinta e dois anos, cumprindo assim o vaticínio espúrio da sua maldição vingativa. Nesse ponto, coube a mim imaginar a solução do maior mistério de todos: como a maldição havia continuado a se cumprir desde aquele tempo, uma vez que Charles Le Sorcier, seguindo o curso da natureza, devia ter morrido, pois o homem divagou numa descrição dos profundos estudos alquímicos dos dois feiticeiros, pai e filho, falando mais detidamente sobre as pesquisas de Charles Le Sorcier acerca do elixir que proporcionaria àquele que dele sorvesse vida e juventude eternas.

Seu entusiasmo pareceu remover momentaneamente de seus olhos terríveis o ódio que os havia inicialmente assombrado, mas subitamente a mirada demoníaca retornou, e com um som assustador como o silvo de uma serpente, o estranho ergueu um frasco de vidro com a evidente intenção de encerrar minha vida como Charles Le Sorcier, seiscentos anos antes, encerrara a de meu antepassado. Movido por algum instinto de autopreservação, rompi o encanto que até então me mantivera imóvel, e atirei minha tocha agora em extinção contra a criatura que ameaçava a minha existência. Ouvi o frasco se quebrar inofensivamente contra as pedras do corredor, enquanto a túnica do homem desconhecido se incendiava e iluminava a cena horrível com uma radiância fantasmagórica. O grito de medo e malignidade impotente emitido por aquele aspirante a assassino demonstrou-se demasiado para os meus nervos já abalados, e eu caí de bruços sobre o chão coberto de limo em um desmaio completo.

Quando por fim os meus sentidos retornaram, tudo estava assustadoramente escuro, e minha mente recordou-se do que havia acontecido, retraindo-se à ideia de testemunhar ainda mais; porém a curiosidade predominou. Quem, eu me perguntei, era aquele homem maligno, e como ele penetrou as paredes do castelo? Por que buscava vingar a morte do pobre Michel Mauvais, e como a maldição havia se perpetuado através de todos os longos séculos desde a época de Charles Le Sorcier? O temor de anos fora tirado de cima dos meus ombros, pois eu sabia que

aquele que havia perecido era a fonte de todos os perigos inerentes à minha maldição; e agora que estava livre, ardia de desejo de aprender mais sobre as coisas sinistras que haviam assombrado minha estirpe durante séculos e feito da minha juventude um contínuo e prolongado pesadelo.

Determinado a explorar mais, apalpei meus bolsos em busca de aço e pederneira e acendi o archote ainda sem uso que carregava comigo. Antes de mais nada, a luz recém-acesa revelou a forma distorcida e enegrecida do misterioso estranho. Os olhos hediondos agora estavam fechados. Sentindo repulsa pela visão, virei-me e entrei na câmara atrás da porta gótica. Ali encontrei o que se parecia muito com um laboratório de alquimista. Em um canto havia uma imensa pilha de um metal amarelado que reluziu de maneira deslumbrante à luz do archote. Talvez fosse ouro, mas eu não parei para examiná-lo, pois sentia-me estranhamente afetado pelo que havia passado. No canto mais afastado daquele aposento havia uma abertura que dava para uma das muitas ravinas agrestes da escura floresta na encosta da colina. Tomado de maravilhamento, porém agora percebendo como o homem havia obtido acesso ao castelo, iniciei meu retorno. Pretendia passar pelos restos mortais do estranho com a face virada, mas quando me aproximei do corpo, pareceu-me escutar um tênue som emanando dele, como se a vida ainda não estivesse inteiramente extinta. Horrorizado, virei-me para examinar a figura carbonizada e retorcida no chão. Então, em um átimo, os horríveis olhos, ainda mais escuros que a face queimada em que estavam postos, abriram-se totalmente com uma expressão que não fui capaz de interpretar. Os lábios entreabertos tentaram articular palavras que não pude entender bem. Em dado momento distingui o nome de Charles Le Sorcier, e de novo pensei ter ouvido as palavras “anos” e “maldição” pronunciadas pela boca deformada. Ainda assim, não consegui desvendar o significado da sua fala desconexa. Diante da minha evidente ignorância sobre o que ele pretendia dizer, os olhos píceos mais uma vez chispavam com malevolência contra mim, até que, por mais que visse a impotência do meu oponente, tremi enquanto o observava.

De repente, o canalha, animado por sua última explosão de força, ergueu sua cabeça horrível do pavimento úmido e alagadiço. Então, como eu me deixei ficar, paralisado de medo, ele recuperou sua voz e, com o

último alento, gritou estas palavras que para sempre depois disso assombraram meus dias e minhas noites.

— Tolo — ele guinchou —, você não consegue adivinhar o meu segredo? Não tem miolos para reconhecer a vontade que através de seis longos séculos consumou a temível maldição sobre a sua família? Eu não lhe falei sobre o grande elixir da vida eterna? Você não sabe que o segredo da Alquimia foi resolvido? Eu lhe digo, fui eu! Eu! Eu, que vivi por seiscentos anos para sustentar a minha vingança, POIS SOU CHARLES *LE SORCIER*!

The book cover features a solid green background. In the center is a large white oval with a double-line border. Inside this oval, the word "POESIAS" is written in a bold, green, serif font. The corners of the cover are decorated with white, stylized wavy patterns that resemble smoke or clouds. Additionally, there are four circular geometric symbols, one in each corner. These symbols consist of a circle containing a complex network of intersecting lines, forming a star-like pattern, with small dots at the intersections and vertices.

POESIAS



Os Fungos de Yuggoth

(Tradução de Nicolau Saião)

∴

Fungi from Yuggoth (1929–1930)

H.P. Lovecraft escreveu essa notável sequência de sonetos de uma só vez durante uma semana altamente produtiva: 27 de dezembro de 1929 a 4 de janeiro de 1930. Eles geralmente são tratados como um ciclo de sonetos, embora nem todos se encaixem como uma história ou tema.

Embora os sonetos individuais de “Os fungos de Yuggoth” tenham sido publicados aqui e ali em vários jornais amadores e na *Weird Tales*, o conjunto completo não foi publicado até August Derleth coletar todos eles em *Beyond the Wall of Sleep*, e publicar pela Arkham House em 1943.



I. O livro

O lugar era escuro e poeirento, meio perdido
Num labirinto de vielas junto aos molhes,
Cheirando a coisas raras trazidas de outros mares,
Envolto em estranhas névoas agitadas p’lo vento.

Uns vidros em losango, que a geada e o fumo velavam
Deixavam entrever pilhas de livros, como torcidas árvores
Desde o sobrado ao tecto — putrefacto amontoado
De sapiência antiga a baixo preço. Enfeitiçado

Entrei, e dum montão cheio de teias
Um cartapácio tirei e ao acaso o folheei,
Estremecendo ao ler palavras raras que pareciam
Esconder de olhares humanos um prodigioso segredo.

E então, quando o vendedor astuto em volta quis achar
Apenas um eco de gargalhadas pude encontrar.

II. A perseguição

Guardei o livro debaixo do casaco, preocupado por furtar
Tal objecto aos olhares em semelhante sítio.
Enquanto apressava o andar ao longo das velhas ruas
Do porto, virava a cada instante receoso a cabeça.

Opacas e furtivas nas vacilantes casas de tijolo
As estranhas janelas espreitavam os meus rápidos passos
E, intuindo o que almejavam custodiar, ansiava
P'lo clarão redentor de um puro azul de céu.

Ninguém me vira furtá-lo... e no entanto
Ainda tinha na cabeça uma oca risada,
E percebi que mundos de nocturna maldade
Enchiam o volume que havia cobiçado.

O caminho tornava-se cada vez mais estranho. Os muros
Demenciais assemelhavam-se. E atrás de mim,
Ao longe, uns passos invisíveis ressoavam.

III. A chave

Não sei que deambulações pelas desertas
E estranhas ruas do porto me levaram

Até ao lar. No vestíbulo comecei a tremer
Lívido com a pressa de entrar e de me achar
Trancado a ferrolho por trás da pesada porta.

Tinha o livro que indicava a via oculta
Que atravessa o vazio e as suspensas telas espaciais
Que sustentam em suas raías os mundos sem dimensão
E guardam a eternidade no domínio que lhe é próprio.

Por fim era minha a chave daquelas vagas visões
Espirais ao sol poente bosques crepusculares
Gerando o opaco nos abismos além dos limites da terra
Ocultando-se como memórias de infinidade.

Era minha a chave, mas enquanto ali estava
Sentado e balbuciando
No sótão uma leve pressão fez abanar a janela.

IV. Reconhecimento

Voltara o dia em que eu ainda criança
Vi — uma vez apenas — aquela fundura coberta
De velhos carvalhos
Acinzentados pela bruma que ao subir do chão
Envolve e afoga
As formas abortadas que a loucura profanou.

Via-a de novo: a erva cerrada e inculta
Cobrindo um altar cujos signos gravados invocam,
Em idades sem fim,
O Inominado ao qual mil fumos tocam
Emanados de altas torres impuras.

Olhei o corpo estendido naquela pedra húmida,
Sabendo que as coisas celebrantes nada tinham de humanas;
E que aquele mundo cinzento não era o meu,
Mas sim Yuggoth, o de além dos vazios constelados—
E então o corpo lançou-me um guincho de agonia

E tarde demais soube que aquilo era eu.

V. Regresso a casa

O demónio me disse que a casa me levaria
À vagamente recordada terra lívida e sombria
Como um alto lugar
Com terraços e escadas, rodeado de balaustradas
De mármore p'los ventos do céu a floradas
Enquanto milhas abaixo
Um labirinto de torres e de cúpulas sobrepostas
Se estende à beira-mar.
Uma vez mais, disse ele, ficaria eu subjugado
Frente às velhas colinas
E ouviria da espuma o abafado
Longínquo rumorejar.

Tudo isto me prometeu,
E p'las portas do sol-pôr
Me arrastou,
Por ondulantes lagos de chamas a passar me obrigou
E por tronos de ouro vermelho de deuses inominados
Que ante o destino iminente gritam desvairados.
E na noite ante um abismo negro me fui achar
Com o ruído das ondas a rebentar.

«Era aqui a tua casa», mofou ele «quando visão
Tinhas então!»

VI. A lâmpada

Encontrámos a lâmpada num buraco
De um daqueles íngremes rochedos
Cujos signos cinzelados nenhum sacerdote de Tebas
Saberia decifrar.
E os assustadores hieroglifos aí inscritos
Eram um aviso para toda a criatura viva de origem humana.

Nada mais ali havia — a não ser aquela lâmpada de bronze
Com restos de um estranho óleo no seu bojo,
Adornada com obscuros desenhos em volutas
E símbolos que vagamente sugeriam desconhecidos pecados.

Os temores de quarenta séculos muito pouco significaram
Para nós quando carregámos o nosso diminuto espólio
E minuciosamente o examinámos no escuro da tenda
Com um fósforo aceso para experimentar o velho óleo.

E ele ardeu — santo Deus!... Mas as formas gigantescas
Que divisámos naquela enlouquecida fumarada
De respeitoso temor p'ra sempre nos deixaram a alma abrasada.

VII. A Colina de Zamán

A grande colina erguia-se perto da velha cidade,
Um penhasco contra o fundo da rua mais povoada;
Verdejante e cheia de bosques, cá de baixo parecia escura
E dominava com a sua altura
O campanário junto à curva da estrada.

Há duzentos anos que se ouviam rumores
Sobre o que ocorria nessa ladeira que o homem devia evitar...
Histórias de veados e de pássaros estranhamente mutilados
Ou de garotos perdidos cujos pais tinham cessado de esperar.

Certo dia o carteiro não achou o povoado no seu lugar
E ninguém voltou a ver os habitantes ou as casas;
As pessoas vinham de Aylesbury e ficavam-se a olhar...

No entanto, todos diziam ao carteiro que era um ingénuo
Ou estava louco por dizer que conseguira descortinar
Os olhos carnívoros das altas colinas e as bocarras
Abertas de par em par.

VIII. O porto

A dez milhas de Arkham descobrira um carreiro
Ao longo da falésia alcantilada de Boyton Beach
E aguardava o momento em que o ocaso coroa
A crista que assoma por sobre o vale de Innsmouth.

Ao longe, no mar alto, uma vela vogava
Branqueada por árduos anos de velhos ventos,
Carregada com o mal de algum facto inexplicável.
E não ergui, assim, mão ou voz para saudá-la.

Veleiros de Innsmouth! Ecos de idas memórias
De tempos já longínquos; a noite ia caindo,
Bem cerrada, quando cheguei ao topo
De onde era meu hábito olhar a povoação.

Além estão os campanários e os telhados... Mas, olhai!
As trevas
Propagam-se nas ruas, tenebrosas como tumbas!

IX. O pátio

Aquela era a cidade que em tempos conhecera
A cidade leprosa e antiga onde multidões mestiças
Cantam a estranhos deuses, golpeando ímpios gongos
Em criptas sob infectas velas junto às praias.

As casas carcomidas com olhos de peixe
Miravam-me de soslaio
Inclinando-se meio ébrias e não muito animadas
Quando evitando as imundícies passava até franquear
A porta do pátio negro onde um homem devia estar.

As paredes sombrias cerraram-se sobre mim
E comecei a blasfemar
Em alta voz por naquele antro ter caído em entrar,
Quando de repente vinte janelas rebentaram
Numa luz selvagem e se encheram de homens que dançavam:
Loucas, mudas piruetas de morte os arrastavam

Pois que nenhum cadáver tinha mãos ou cabeça!

X. As pombas mensageiras

Levaram-me aos bairros pobres, onde um viscoso mal
Desalinhava as descarnadas paredes de tijolo
E as caras contorcidas da hedionda multidão
Dava sinal p'los de fora a estranhos deuses e diabos.

Um milhão de fogueiras pelas ruas ardia,
E dos terraços seres furtivos arremessavam
Para o céu bocejante pássaros sujos de lama
Enquanto tambores ocultos num ritmo lento rufavam.

Aqueles fogos sabia que coisas monstruosas anunciavam,
E que as aves do espaço no *Exterior* haviam estado...
Adivinhava que criptas de escuros planetas tinham sobrevoado,
E o que de Thog traziam sob as asas.

E os outros riam — até que de repente emudeceram
Ao vislumbrar o que um dos pássaros no bico maldito levava.

XI. O poço

Seth Arnold o lavrador mais de oitenta ia contar
Quando o poço junto à porta tentou aprofundar
Tendo só por ajuda o Eb para cavar e perfurar.

Mofámos, pensando que em breve seu juízo ia voltar,
Mas, p'lo contrário, também o Eb começou a dementar
A tal ponto que da quinta o tiveram de levar.

Seth a boca do poço se deu então a entaipar
E as veias do nodoso braço esquerdo acabou por cortar.

Depois dos funerais algo nos fez encaminhar
Até ao poço p'ra todos os tijolos arrancar,
Mas no buraco escuro, perdidas até grande fundura

Só umas pegas de ferro conseguímos divisar.

Então os tijolos tornámos a pôr no seu lugar
Pois o covão nos pareceu profundo em demasia
Para que alguma sonda o pudesse devassar.

XII. O uivador

Tinham-me dito pr'a não passar pelo carreiro de Brigg's Hill,
Que em tempos tinha sido a estrada até Zoar,
Uma vez que Goody Watkins, enforcado em mil setecentos e quatro,
Deixara por ali certo vestígio monstruoso.

Mas quando desobedeci e tive à vista
A casa envolta em hera ao pé da grande escarpa,
Não pensei nem em olmos nem em cordas de cânhamo,
Antes me perguntei porque parecia ela inda tão nova.

Parara um pouco a contemplar o declinar do dia
E ouvia uns débeis uivos vindos de um quarto no alto,
Quando através das vidraças cobertas de trepadeiras
Um raio do pôr do sol colheu de surpresa o uivador.

Vislumbrei-o e freneticamente fugi daquele lugar
— e da coisa a quatro patas com uma face de homem.

XIII. Hesperia

Ao entardecer, o sol de Inverno refulgindo atrás das torres
E das chaminés meio desprendidas desta esfera sombria,
Franqueia os grandes portões a algum ano esquecido
De antigos esplendores e desejos divinos.

Nessas chamas imensas ardem maravilhas futuras
Que o medo não aflora, carregadas de aventuras;
E uma fila de esfinges um caminho nos abre
Por entre trémulos muros e torreões
Até longínquas liras.

É a terra onde o sentido da beleza floresce,
Onde toda a inexplicada memória tem sua origem,
Onde o grande rio do Tempo inicia o seu curso
Descendo p'lo vasto vazio em sonhos recamados de estrelas.

Os sonhos aproximam-nos — mas uma doutrina antiga
Insiste em que o pé humano jamais pisou estas ruas.

XIV. Ventos estelares

Sobretudo no Outono, a essa hora
Em que tombam as sombras do entardecer
Os ventos estelares derramam-se
Pelas ruas mais altas e desertas
Onde assoma a luz fagueira de algum cálido aposento.

As folhas secas agitam-se em estranhos redemoinhos,
O fumo das chaminés enrola-se com etérea graça
Atento às geometrias do espaço exterior
Enquanto Fomalhout palpita entre as brumas do Sul.

É a hora em que o poetas lunáticos conhecem
Que fungos brotam em Yuggoth, que perfumes
E matizes de flores enchem os campos de Nithon,
Que nenhum jardim terrestre pode ter.

Mas, por cada sonho que esses ventos ofertam
Doze dos nossos nos roubam!

XV. Antarktos

No fundo do meu sonho a ave enorme sussurrava estranhas coisas
Acerca dum cone negro no meio das imensidões polares;
Lúgubre e solitário se levanta na superfície gelada
Açoitado pelos eternos remoinhos de loucas tempestades.

Ali nenhuma forma de vida tem o seu rumo natural
E somente pálidas auroras e sóis indistintos

Luzem por sobre esse sinal de pedra, cuja origem primitiva
Obscuramente os Antigos procuram adivinhar.

Se os homens o vislumbrassem, simplesmente perguntariam
Que capricho raro da Natureza era aquele que ali viam;
No entanto, o pássaro falou-me de regiões mais vastas
Que aguardam, acoradas e ocultas sob a mortalha de gelo.

Deus ajude o sonhador cujas loucas visões lhe mostrem
Esses olhos mortos engastados em abismos de cristal!

XVI. A janela

Era uma casa velha, com estranhas alas tão emaranhadas
Que ninguém podia dizer que lhes conhecia bem a disposição,
E num quarto pequeno algures nas suas traseiras
Havia uma singular janela entaipada com pedra antiga.

A esse lugar, numa infância atormentada pelos sonhos,
Costumava ir sózinho, quando reinava a noite negra e vaga.
E destroçava as teias-de-aranha sem qualquer ponta de medo
Sentindo-me, p'lo contrário, cada vez mais maravilhado.

Mais tarde num certo dia levei até lá uns pedreiros
P'ra descobrir que paisagem os meus antepassados
Haviam tentado encobrir,
Mas quando perfuraram a pedra, impetuosamente entrou
Uma lufada de ar soprada p'lo ignoto vazio do outro lado.

Fugiram a sete-pés... Eu assomei-me — e encontrei um por um
Todos os mundos selvagens que os sonhos me haviam mostrado.

XVII. Uma recordação

Era um lugar de grandes estepes e mesetas rochosas
Que se estendiam sem limites sob a noite estrelada,
Com fogos de acampamento que iluminavam debilmente
Manadas de bestas hirsutas cujos chocalhos tilintavam.

Ao sul, na distancia, a planície alargava-se e descia
Até uma escura muralha correndo em ziguezague
Como uma imensa jibóia das idades primevas
Que o tempo infinito gelara e petrificara.

Eu tiritava estranhamente no ar frio e rarefeito,
Perguntando-me aonde estava e como havia ali chegado,
Quando uma figura embuçada, na contraluz da fogueira
Se levantou e se acercou, tratando-me p'lo meu nome.

E ao mirar aquela face morta debaixo do capuz,
Perdi toda a esperança — pois tinha compreendido.

XVIII. Os jardins de Yin

Do outro lado da muralha de alvenaria antiga
Que quase tocava o céu com suas torres musgosas
Devia haver jardins em terraços, esplendendo
Com miríades de flores, palpitando
Com os volteios dos pássaros, das borboletas, das abelhas.

Devia haver passeios e pontes erguendo os seus arcos
Sobre lagos de água tépida repletos de flores de lótus
Onde se reflectiam beirais de templos,
E cerejeiras cujos delicados ramos e folhas contrastavam
Com um céu cor-de-rosa aonde as garças pairavam.

Tudo ali devia estar — pois não haviam meus sonhos
Antigos franqueado a porta daquele labirinto
De lanternas de pedra onde os sonolentos regatos
Traçavam seus sinuosos caminhos
Guiados por verdes parras pendendo das latadas?

Apressei-me a subir... mas mal cheguei à grande muralha sombria
Descobri que afinal nela já nenhuma porta existia.

XIX. Os sinos

Ano após ano ouvi, sumido e ao longe
O som grave dos sinos
Que o vento negro da meia-noite transportava.
Dobres que de nenhum campanário pareciam vir
Uns estranhos repiques — eram só o que achava.

Através dum enorme vazio tinham voado.
Em sonhos e lembranças uma pista busquei,
Nos carrilhões que minhas visões albergam eu pensei;
Os da plácida Innsmouth, onde as gaivotas brancas se demoram
Planando em volta da velha torre duma igreja
Que em tempos bem frequentei.

Perplexo, aquelas notas longínquas eu ouvia tombar,
Mas numa noite de Março a fria chuva que pingava
As portas da memória me fez de novo franquear
Até às velhas torres onde um louco badalar soava.

Como dobrava... Desde as sombrias correntes que através
Dos vales profundos manam e se derramam
No leito morto do mar.

XX. Bestiagas nocturnas

De que cripta saem arrastando-se, não o sei dizer
Mas todas as noites vejo essas criaturas viscosas,
Negras, cornudas, descarnadas, de asas membranosas
E caudas que ostentam do Inferno a bífida barbada.

Chegam em legiões trazidas p'lo sopro da nortada
Com obscenas garras que me pungem e arranham
E me agarram e me levam em monstruosas viagens
Até mundos pardacentos escondidos em profundos
Poços de pesadelo.

Passam por sobre os picos denteados de Thok
Sem fazer caso dos gritos que aos arrancos dou
E descem p'los abismos do fundo

Onde os obesos shoggoths
Chafurdam num duvidoso sonho nesse lago imundo.

Mas ai! Se ao menos algum som pudessem soltar
Ou uma cara tivessem onde ela costuma estar!

XXI. Nyarlathotep

Do interior do Egipto eis que por fim chegou
O estranho Obscuro ante quem os felás se inclinavam;
Silencioso e descarnado, de enigmática altivez
Ia envolto em panos vermelhos como as chamas do sol-pôr.

À sua volta juntavam-se multidões ansiosas p'lo seu ditame
Mas ao deixarem-no não sabiam contar que coisas tinham ouvido;
Entretanto, pelas nações se difundia a pavorosa notícia
De que, lambendo-lhe as mãos, o seguiam bestas selvagens.

Cedo começou no mar um daninho nascimento;
Em terras esquecidas cúspides douradas cobriam-se de ervas ruins;
O chão abriu-se e auroras dementes abateram-se
Sobre as tremebundas cidadelas dos homens.

Então, esmagando o que por pirraça ele moldou
O Caos insensato o pó da Terra assoprou.

XXII. Azathoth

P'lo dementado vazio o demónio me arrastou
P'ra lá dos ninhos de luz nos limites do espaço me levou
Até que nem tempo nem matéria ante mim puderam estar
Que ali era só o Caos, sem forma nem lugar.

Ali o Senhor do Tudo na escuridão murmurava
Coisas que não entendia, mesmo quando sonhava
Enquanto perto dele esvoaçavam morcegos
Em vórtices idiotas atravessados por clarões.

Bailavam como loucos, ao compasso gemente
De uma flauta quebrada presa em monstruosa garra
Donde brotava aquela onda sem sentido coerente
Que ao mesclar-se ao destino eterna lei lhe narra.

“Eu sou seu Mensageiro”, o Demónio declarou
E zás! a cabeça do Amo com desprezo esmurrou.

XXIII. A miragem

Não sei se existiu alguma vez
Esse mundo perdido e obscuro que flutua no rio do Tempo—
Mas amiúde o vi, envolto numa bruma violeta,
Brilhando debilmente no fundo de um sonho indistinto.

Havia estranhas torres e rios correndo em caprichosos meandros,
Labirintos de maravilha, abóbadas plenas de luz,
E céus chamejantes, cruzados por ramagens de árvores
Como as que ansiosamente estremecem
Momentos antes da chegada duma noite de Inverno.

Atravessavam-se vastos terrenos pantanosos que levavam
A costas desertas espreado-se, pejudas de juncais
Onde aves enormes revolteavam, enquanto numa ventosa colina
Havia um povoado antigo, com um campanário branco
Cujos repiques vespertinos inda me ressoam nos ouvidos.

Não sei que terra era — e a perguntar não me atrevo
Sobre quando, ou porquê, estive ou estarei ali.

XXIV. O canal

Algures num sonho há um lugar amaldiçoado
Onde altos edifícios desertos se apinham ao longo
Dum canal sombrio, profundo e estreito, exalando
Um cheiro pestilento a coisas horrendas arrastadas
Por oleosas correntes de água.

Vielas entre velhos muros que no alto quase se tocam
Em ruas que podem ou não conhecer-se desembocam
E um pálido luar derrama o seu brilho espectral
Sobre longas filas de janelas d'escuridão mortal.

Não se ouvem sons de passos, aquele débil ruído
É o da água oleosa deslizando
Sob as pontes de pedra, ao longo das margens
Do profundo canal, até aos confins
de algum oceano perdido.

E não há ninguém vivo para contar quando levou
Do mundo argiloso a região do vago sonho que sonhou.

XXV. São Sapalhão

“Cuidado com o carrilhão
de São Sapalhão!”, ouvi-o eu gritar
Enquanto me internava naquelas
demenciais vielas
Que serpenteiam em labirintos
sombrios e indistintos
A sul do rio onde os séculos antigos vão sonhar.
Era uma figura furtiva, andrajosa, a torcer-se
Que num repente cambaleando vi desvanecer-se.
Continuei, assim, na noite a mergulhar
Até onde surgiam filas de telhados
malignos e denteados.

Nenhum livro nos guia
sobre o que ali se escondia...
E a outro velho ouvi de pronto guinchar :
“Cuidado com o carrilhão
de São Sapalhão!”.
E quando, sentindo-me desmaiar
Parei, ouvi um terceiro velho
de medo grasnar:

“Cuidado com o carrilhão de São Sapalhão!”

Espantado, fugi. E de repente

Eis que vi

Aparecer o negro campanário na minha frente!

XXVI. Os familiares

John Whateley morava a uma milha da cidade,

Lá no alto onde as colinas começavam a apinhar-se;

Ter muito juízo era coisa que não podia pensar-se

Vendo a forma como deixava arruinar a herdade.

Gastava o seu tempo a ler durante todo o santo dia

Uns livros que num recanto do sótão da casa encontrara

Até que rugas esquisitas se lhe marcaram na cara

E péssimo aspecto lhe deram, como toda a gente via.

Decidimos, quando de noite ele começou a uivar

Que seria bem melhor trancá-lo a cadeados.

Então, do hospício de Aylesbury vieram três empregados

Que o foram lá procurar.

Voltaram sós e espantados:

Pilharam-no conversando com dois seres acorados

Que mal ouviram seus passos bem marcados

Com enormes asas negras esvoaçaram p’lo ar.

XXVII. O farol do ancião

De Leng, onde se erguem cumes sombrios e desnudos

Sob frias estrelas obscuras para os olhares humanos,

Quando anoitece um facho de luz propaga-se

E seus distantes raios azuis os pastores fazem gemer e orar.

Dizem eles (apesar de ninguém

Ter lá estado)

Que provém

De um farol numa torre de pedra alojado,
Onde o último Ancião vive sózinho
E fala com o Caos fazendo tambores rufar.

A Coisa, sussurram eles, usa uma máscara de seda
Amarela, cujas estranhas pregas parecem ocultar
Uma face que desta terra não é, ainda que jamais
Alguém se tenha atrevido a inquirir
Que traços são aqueles que por baixo se vêem avultar.

Muitos na juventude esse farol buscaram
Mas nunca ninguém saberá o que foi que encontraram.

XXVIII. Expectativa

Certas coisas erguem em mim, porquê não o sei dizer
Uma sensação de inexploradas maravilhas a acontecer
Ou um rasgão no muro do horizonte
Que se abre para mundos onde só os deuses podem viver.
É uma esperança vaga, sem alento
Como de grandes pompas antigas o que em parte acalento,
Ou aventuras selvagens, incorpóreas
Plenas de êxtase e livres ainda que ilusórias.

Encontro-a em crepúsculos, campanários de povoados
Em lugares muito antigos, bosque enevoados
Ventos do sul, no mar, colinas de cidades iluminadas
Velhos jardins, fogos da lua, canções meio escutadas

E mesmo que só por esse engano tenha valido a pena existir
Ninguém conseguirá adivinhar o que ele tentou sugerir.

XXIX. Nostalgia

No anelante resplendor outonal, ano após ano
As aves retomam o vôo sobre o deserto oceano
Gorjeando e tagarelando, na alegria apressada

De chegarem à terra que na memória íntima têm guardada.
Enormes jardins em terraços onde botões de flor
Rebentam em vivos tons, e filas de mangueiras com frutos
De delicioso sabor
E alamedas
De ramos entrelaçados em abóbada
Como num templo sobre amenas veredas —
Tudo isto seu vago sonho lhes mostra.

Esquadrinham o mar buscando sinal da antiga linha de costa
— E a alta cidade branca de torres acasteladas —
Mas apenas o vazio das águas é por elas divisado,
E assim uma vez mais voltam p'ra trás desencantadas

Entretanto, submersas num abismo por estranhos pólipos infestado
As velhas torres lamentam seu cântico perdido e lembrado.

XXX. Paisagem de fundo

Nunca pude ligar-me cruamente a coisas novas,
Pois vi a luz pela primeira vez numa cidade antiga
Na qual telhados em confusão desciam desde a minha janela
Até um singular porto de abrigo, rico em visões.
Ruas com portas-de-entrada entalhadas
Cujas velhas bandeiras
E pequenas vidraças os raios do sol-poente banhavam
E campanários georgianos encimados por agulhas douradas —
Eram essas as paisagens que meus sonhos de criança modelavam.

Tais tesouros, deixados por um tempo não corrompido
Não podem senão fazer-nos desdenhar das quimeras sem sentido
Cuja presença de confusa fé se esgueira por mutáveis vias
Entre os muros que à terra e ao céu enchem os dias.

Cortam as amarras do momento e deixam-me em liberdade
Para ficar só e de pé diante da eternidade.

XXXI. O habitante

Era já bem velho nos tempos em que Babilónia
inda era nova;
Sabe-se lá há quantos anos dormia sob aquele montículo
Quando ao fim da demanda as nossas pás encontraram
Seus blocos de granito e de novo os desenterraram.

Havia vastos pavimentos e vestígios de muralhas,
E lajes afeiçoadas e estátuas esculpidas de maneira
a representar
Fantásticos seres oriundos daqueles tempos de antanho,
Muito além da memória que os humanos podem conservar.

E foi então que vimos os degraus de pedra que desciam
Por uma porta obstruída de dolomita coberta de inscrições
Até um refúgio, negro de uma noite sempiterna
Donde signos antigos e segredos primitivos nos ameaçavam.

Abrímos uma senda — mas fugímos em louca correria
Ao ouvirmos um andar pesado que lá de baixo subia.

XXXII. Alienação

Em carne e osso nunca para o além pudera passar
Pois cada aurora o achava sempre no sítio habitual,
Mas o seu espírito todas as noites gostava de vaguear
Por abismos e por mundos distantes do dia usual.
Tinha visto Yaddith e conservara o juízo normal
E voltara da zona de Ghooric sem ter sido tocado
Até que numa tranquila noite o espaço foi cruzado
Por sibilante apelo vindo do vazio sideral.

Nessa manhã acordou feito num ancião,
E desde aí nada tornou a parecer-lhe igual.
Ao seu redor os objectos pairam nebulosos e sem feição —
Dum plano mais vasto executores de aparência fantasmal.

Família e amigos agora uma gente estranha são
À qual ele se esforça por pertencer em vão.

XXXIII. Sereias portuárias

Por cima dos velhos telhados e das agulhas de torres arruinadas
Durante toda a noite as sereias portuárias cantam;
Gargantas vindas de portos estranhos, de brancas praias longínquas
E de oceanos fabulosos, em coros desirmanados se concertam.
Umas a outras alheias, entre si se desconhecem,
Mas todas, por alguma força obscuramente concentrada
Desde inúmeros abismos além da rota do Zodíaco
Num misterioso zumbido cósmico se fundem.

Por entre sonhos sombrios organizam um desfile
De formas, sugestões e visões mais sombrias ainda;
Ecos de vácuos exteriores, de subtis indicações
Para coisas que nem mesmo elas conseguem definir.

E em tal coro sempre captamos, tenuemente misturadas
Certas notas que nenhum barco desta Terra se deu a emitir.

XXXIV. Recaptura

O caminho descia
Por uma charneca pouco arborizada e sombria
Onde rochas pardas, em corcovas
Do chão se elevavam e umas esquisitas gotas
Inquietantes, geladas me salpicavam,
Vindas de invisíveis arroios que a meus pés serpenteavam.
Nem o vento soprava nem o mais débil ruído me chegava
Do emaranhado dos arbustos e das estranhas formas das árvores,
E nada mais se via em frente — até que no meio do caminho
Um monstruoso monte tumular divisei de repente.

Os seus flancos escarpados contra o céu se projectavam
Cobertos de pedra musgosa

Escadas em ruínas feitas de lava que até altura pavorosa
Seus degraus lançavam
Tão grandes que pés humanos os não pisavam.

Agudo grito soltei — e *soube* que estrela e que ano primaciais
Me haviam de novo levado da breve esfera de sonhos terrenosais.

XXXV. Estrela Vespertina

Dum lugar ermo e silencioso a contemplei
Lá onde o velho bosque em parte oculta a planície.
Brilhava no meio dum glorioso crepúsculo — debilmente
A princípio, depois a pouco e pouco com mais força.

E a noite veio, e o farol ambarino e solitário
Feriu meus olhos como nunca havia feito;
Um astro vespertino, mas mil vezes
Mais spectral nesses silêncio e solidão.

Traçou estranhas figuras no ar tremeluzente—
Meias recordações que sempre em mim tinham estado—
Vastas torres e jardins, curiosos céus e mares
De alguma obscura vida — nunca eu soube de aonde.

E agora compreendo que lá na abóbada celeste
Esses raios me chamavam do lar incerto e remoto.

XXXVI. Continuidade

Há em certas coisas antigas um vestígio
De nebulosa essência, além do peso e forma;
Um éter subtil, indefinido
Ligado às leis do tempo e do espaço.

Um débil, velado signo de sequências
Que os olhos de fora descobrir não conseguem;
Suas cerradas dimensões — onde os anos idos se acoitam
Só por secretas chaves se devassam.

Comovo-me quando os raios do sol ao entardecer
Alumiam as velhas casas da quinta frente ao monte
Colorindo de vida as formas que perduram
De séculos mais reais que este que conhecemos.

E nessa estranha luz sinto que não estou longe
Dessa massa imutável em que as faces são as épocas.

27 de Dezembro de 1929 – 4 de Janeiro de 1930



Uma Elegia ao Dr. Franklin Chase Clark

∴
An Elegy on Franklin Chase Clark (1915)



(Falecido em 26 de abril de 1915)

Pode o erudito Clark ter deixado esta vida,
Como o diz da Razão a voz amarga e fria?
E pode, argila vil, entre os mortos perdida
Estar a mente audaz, que a terra não prendia?

Mas ontem mesmo sua intensa claridade
A fraca escuridão varria e dissipava:
Frente ao seu brilho a insensatez da humanidade
Tal como a sombra ao meio-dia recuava.

Instável e convulso, a seu redor fervia
Um mundo sem ideal, que os puros desdenhava;
Mas de um saber imaculado se nutria
Sua alma, que o envolvia enquanto ele durava.

O elogio fugaz e a fama passageira—

Oh! quanto os desprezou e, nobre, escarneceu!
Só do Saber profundo a trilha verdadeira
Buscou sempre e por sua mão embeleceu.

Enquanto em tolo frenesi o povo ansiava
Pelo ouro reluzente ou honras senhoriais,
Ele, com discrição e afã, se devotava,
Contente de servir, e sem pensar em mais.

Que o homem indigno exiba a fronte laureada
E homenagens implore ao mundo terrenal.
No silêncio hoje o mestre achou sua morada,
Ainda que a láurea seja a coroa funeral.

Não me digam que além dos portais do morrer
O grande e o reles hão de se tomar iguais.
Com a essência da mente igualdade há de ter
A poeira vil, que em vida é só um pouco mais?

Calou-se sua voz, seu corpo agora é frio.
Mas pode do pensar a onda ser apagada,
E a energia sutil, e a força de seu brio
Como resto mortal na tumba ser guardada?

Não vem tal onda do intelecto inigualado,
Para perpétua, infinda estrada percorrer
Num fluir indefinido e vivo, não notado,
E sem jamais, como este corpo, perecer?

Quem me dirá que essa incorpórea reflexão,
Pelos sábios enviada em tempos milenares,
Em novos corpos não terá continuação,
Tornada o bem das outras eras e lugares?

Não venham, pois, dizer-me que ele se ausentou,
Cuja forma final respostas já não dá.
Dorme seu corpo, que da dor se libertou;
Porém ela — a alma guia — imortal viverá!



Num Cemitério Retirado Onde Poe Caminhava Outrora

∴

In a Sequester'd Providence Churchyard Where Once Poe Walk'd (1936)



Eternas sombras nestas solidões se aninham,
Dos séculos a fuga imortal meditando.
Graves, os olmos entre os túmulos se alinham,
Antigos mundos num abraço circundando.
Resvala da memória a luz por toda a cena;
Ao tempo que passou cada folha ainda acena,
Lendas, visões e sons perdidos relembrando.

Lúgubre e solitário, um espectro vigia
As aleias por onde andou numa outra era.
Nada lhe é familiar, mas seu canto verbera
Pelos tempos sem fim, como ignota magia.
Oh, só quem o mistério e o oculto perscrutou
Entre as tumbas enxerga a silhueta de Poe!



Fungos de Yuggoth

(Tradução de Carlos Orsi)

∴
Fungi from Yuggoth (1929–1930)



I. O Livro

Era escuro, poeirento e meio perdido entre os lugares
Perto das docas, em labirintos de becos emaranhados
Fedendo às coisas alheias trazidas pelos mares,
E com arabescos de névoa, pelo vento desenhados.
Pequenos vidros em losango, obscurecidos pela fumaça e congelados,
Mal mostravam os livros, amontoados em retorcidos pilares,
Apodrecendo do chão ao teto — andares
De antigo saber ao preço de poucos trocados.

Entrei, encantado, e de uma pilha coberta por teias de aranha
Tomei o tomo mais próximo e o folheei por inteiro,
Trêmulo diante de palavras cheias de artimanha
Que pareciam guardar algum segredo, monstruoso.
Então, procurando por um vendedor velho e experiente,
Nada encontrei, exceto um riso demente.

II. Perseguição

Guardei o livro sob o casaco, esforçando-me
Para mantê-lo escondido, por prudência;
Apressando-me pelas alamedas do porto íngreme,
Olhando para trás e caminhado com impaciência.
Janelas opacas em prédios de tijolo desgastado
Observavam-me enquanto eu me dirigia para o sul,
E, pensando no que elas escondiam, senti-me enjoado,
Ansiando por um vislumbre de céu azul.

Ninguém me viu sair com a coisa — mas ainda assim
Um riso vazio ecoou em minha cabeça que delirava,
E imaginei que mundos de noite sem fim
Espreitavam no volume que eu cobiçava.
O caminho tornou-se estranho — as paredes confundindo, enlouque-
cendo —
E, ao longe, atrás de mim, pés misteriosos correndo.

III. A Chave

Não sei que descaminhos na vastidão
Daquelas vielas à beira-mar levaram-me de volta à casa,
Mas em meu umbral tremi, lívido com apreensão
Para entrar e na porta passar a trava.
Tinha o livro que trazia o caminho oculto,
Cruzando o vácuo e através das muralhas de espaço
Que mantêm afastados mundos sem dimensão
E aprisionam as épocas perdidas em seu regaço.

Afinal, era minha a chave para as vagas visões
De torres ao crepúsculo e bosques de pôr-do-sol
Que meditam nos abismos além das precisões
Desta terra, espreitando como memórias de infinito.
A chave era minha, mas enquanto eu esperava, murmurando
A janela do sótão balançou levemente, chacoalhando.

IV. Reconhecimento

O dia chegara novamente, quando enquanto criança
Vi — apenas uma vez — aquela clareira entre velhos carvalhos,
Cinzenta com a névoa do chão que envolve e sufoca,
A forma rastejante que na loucura dança.
Era a mesma coisa — uma erva selvagem e rançosa,
Que se agarra a um altar cujos signos entalhados invocavam
O Inominado, para quem mil chaminés fumegavam
Erguendo-se, em eras passadas, de altura poderosa.

Vi o corpo sobre a pedra úmida esticado,
E soube que as coisas que ali se alimentavam não eram humanas;
Eu soube que este mundo estranho, cinzento, não era o que estava acos-
tumado,
E sim Yuggoth, além dos vazios estrelados — e então,
O corpo gritou comigo na voz de alguém que já morreu
E, tarde demais, soube que aquele era eu!

V. Volta ao lar

O espírito disse que me levava para a moradia,
Para a terra pálida e sombria de que eu quase me lembrava,
Um lugar de terraço elevado, escadas e muralha alva
Com balaustrada que o vento repartia;
Enquanto milhas abaixo, um labirinto de cúpulas sobre rompantes
E de torres sobre torres junto ao mar se lançava, espalhado.
Uma vez mais, disse-me ele, eu ficaria maravilhado
Naquelas antigas alturas e ouviria as espumas distantes.

Tudo isso prometeu ele, e pelo portão do poente
Arrebatou-me, além dos lagos de chama,
E dos tronos de ouro vermelho que ninguém clama,
Mas que gritam com medo de um destino decadente.
E então um golfo negro de sons do mar na escuridão:
“Aqui era o seu lar”, zombou ele, “quando você tinha visão!”

VI. A Lâmpada

Encontramos a lâmpada dentro daqueles morros esvaziados
Cujo signo entalhado mistificava até mesmo de Tebas os mestres,
E contra cujas cavernas hieróglifos assustados
Precaviam todas as criaturas terrestres.
Nada mais havia lá — apenas o vasilhame dourado
Com vestígios de um curioso óleo em seu interior;
Por entalhes de um obscuro padrão era marcado,
E símbolos sugerindo vagamente um estranho pecado.

Os medos de quarenta séculos pouco portento
Tinham para nós quando saímos com nosso espólio,
E quando o estudamos em nosso escuro acampamento
Acendemos um fósforo para testar o óleo.
Ele refulgia — grande Deus! ... As formas vastas que vimos, entretanto,
Naquele lampejo louco escorcharam nossas vidas com espanto.

VII. Monte Zaman

O grande monte ficava perto da velha cidade,
Um precipício de encontro ao fim da rua mais importante;
Verde, alto, olhando para baixo com grande idade
Para a torre onde a estrada fazia uma curva antes de seguir adiante.
Por duzentos anos, em sussurros boatos foram espalhados
Sobre o que acontecida na encosta evitada pelos viventes,
Contos de cervos ou pássaros estranhamente mutilados
Ou de crianças perdidas, sem esperança para os parentes.

Um dia, o carteiro não encontrou cidade no lugar,
E nem o povo ou as casas foram vistos outra vez.
Pessoas vinham de Aylesbury para olhar —
E, no entanto, todos disseram ao carteiro que, sem talvez,
Era claro que ele estava louco ao dar o alerta
De que vira os olhos famintos do monte e a mandíbula aberta.

VIII. O Porto

A dez milhas de Arkham encontrei o acesso
Que sobre a Praia Boynton o penhasco margeia
E esperei conseguir chegar antes da lua cheia
À ponta da onde se vê Innsmouth no vale.
No mar ao longe, uma vela sumia, lento progresso,
Branca, descorada por duros anos de ventos anciãos,
Mas maligna com algum portento além da compreensão,
E por isso não acenei para desejar-lhe sucesso.

Velas que partem de Innsmouth! Ecoando antiga glória
De tempos mortos há muito. Mas agora, aproxima-se o desfecho
Do dia, a noite vem rápida e, nas alturas, atingi o trecho
Da onde com frequência observo a cidade de longa história.
As torres e telhados estão lá — mas veja! A penumbra
Afunda em vielas escuras, tão sem luz quanto uma tumba!

IX. O Pátio

Era a cidade que eu conhecera antes;
A velha vila leprosa, onde depravadas multidões
Tocam gongos profanos e a deuses estranhos lançam orações
Em criptas sob becos imundos — do mar, nada distantes.
A rua, Da onde se inclinavam as moradas, a mim sorria,
Com casas de janelas vazias, bêbadas e meio vivas na solidão,
Enquanto, passando pela imundície, cruzei o portão
Para o pátio escuro onde o homem estaria.

Os muros escuros fecharam-se e, em gritos fesceninos,
Amaldiçoei um dia ter vindo a tal covil,
Quando de repente uma vintena de janelas explodiu
Em luz selvagem e encheram-se todas de dançarinos:
Deleite louco e mudo, festa dos mortos e da doença—
E nenhum cadáver tinha sequer mãos ou cabeça!

X. Os criadores de pombos

Eles me levaram aos cortiços, onde paredes pouco maciças
Incham-se com o acúmulo de viscosas maldades,
E faces retorcidas, juntado-se, numerosas e morrediças
Piscam mensagens a estranhos demônios e divindades.
Nas ruas, um milhão de fogueiras ardia,
E dos terraços alguns poucos alçavam voo, sem lamento
Pássaros coxos no amplo firmamento
Enquanto, em tambores ocultos, um ritmo comedido batia.

Eu sabia que nas fogueiras coisas monstruosas se faziam,
E que aqueles pássaros do espaço tinham estado *Lá fora* —
Adivinhei para as criptas de qual planeta escuro se dirigiam
E o que trariam de Thog sob suas asas quando chegasse a hora.
Os outros riam — até que sobre eles caiu uma mudez
Causada pelo que viram no bico maligno do pássaro naquela vez.

XI. O Poço

O fazendeiro Seth Atwood tinha mais de oitenta anos
Quando tentou abrir um poço profundo junto à porta,
Tendo apenas Eb para ajudá-lo escavar a terra morta.
Rimos, esperando que logo abandonasse seus planos insanos.
Mas, em vez disso, o jovem Eb também ficou alucinado
E tiveram de mandá-lo para um asilo distante.
Seth fechou a boca do poço e deixou tudo cimentado —
Depois rasgou, no braço esquerdo, uma artéria pulsante.

Sentimos a obrigação, depois do funeral
De ir até o poço e arrancar os tijolos dali,
Mas só o que achamos foram degraus de metal
Descendo no buraco negro mais fundo que já vi.
E pusemos os tijolos de volta — pois viemos a notar
Que o buraco era mais fundo do que podíamos sondar.

XII. O Uivador

A trilha da Colina Briggs, avisaram-me que não a usasse mais,
A que tinha sido a estrada principal de Zoar antigamente,
Porque Goody Warkins, em setenta e quatro enforcado, inclemente,
Uma monstruosa presença deixara para trás.
Ainda assim, quando desobedeci, e já avistava, numa cova,
A cabana coberta de trepadeiras junto à encosta rochosa,
Não pude pensar nos olmos ou em árvore frondosa,
Mas me perguntei por que a casa ainda parecia tão nova.

Parando um pouco para assistir ao fim do dia,
Ouvi fracos uivos, como se vindos de um quarto no corredor,
Quando, por entre as janelas, cobertas de erva macia,
Um raio de sol penetrou e surpreendeu o uivador.
Vislumbrei — e corri, frenético, para longe da cabana
E de uma coisa de quatro patas e face humana.

XIII. Hespéria

O vento do inverno, ardendo além das torres
E chaminés, quase desconectadas deste plano desfalecido,
Abrem grandes portões para um ano esquecido
De divinos desejos e antigos esplendores.
Maravilhas prenhes ardem no fogo voluptuoso
Pleno de aventura e até mesmo um pouco temeroso;
Uma fileira de esfinges marca a trilha que leva, adiante
Aos muros e torres que vibram ao som de liras distantes.

Esta é a terra onde floresce o significado da beleza;
Onde cada memória perdida encontra sua fonte;
Onde o grande Rio Tempo lança sua correnteza
Pelo amplo vácuo das horas estreladas da noite.
Nós nos aproximamos em sonho — mas antigas runas
Repetem que jamais pegada humana marcou estas ruas.

XIV. Vento das Estrelas

É numa certa hora de penumbra crepuscular,
No outono, quando o vento das estrelas se derrama
Descendo das montanhas, pelas ruas vazias a soprar,
Revelando velas acesas cedo demais junto à cama.
As folhas mortas correm em fantásticos redemoinhos,
E com graça espectral a fumaça se eleva em torvelinhos,
Prenunciando geometrias do espaço profundo
Da onde Fomalhaut, em meio à névoa, espia este mundo.

Esta é a hora em que os poetas lunáticos conhecem
Os fungos que brotam em Yuggoth, e sabem de quais
Matizes e perfumes as flores enchem as terras continentais
De Nithon — flores que em nenhum jardim terrestre florescem.
Mas para cada sonho que tais ventos trazem agora,
Uma dúzia de outros eles levam embora!

XV. Antarktos

Dentro de meu sonho o grande pássaro sussurrava estranhamente
A respeito do cone negro em meio à vastidão polar,
Projetando-se solitário acima do gelo, terrivelmente,
Por milênios de loucas tempestades, espancado até se deformar.
Nenhum caminho leva até ali criatura terrestre desgarrada,
E apenas auroras pálidas e sóis de brilhos mortiços
Lançam sua luz sobre a rocha esburacada,
Cuja origem desconhecem até mesmo os Antigos.

Se homens o vissem, apenas especulariam
Que curioso monte criado pela Natureza observavam;
Mas o pássaro me falou de partes vastas, que se esconderiam
Sob a mortalha de gelo, e que a grande profundidade meditavam
Esperando o tempo passar. E que Deus ajude o sonhador
Cujas visões mostrem os olhos mortos incrustados no abismo inferior!

XVI. A Janela

A casa era velha, projetando alas emaranhadas,
Das quais ninguém poderia manter um traçado,
E num pequeno quarto, da frente afastado,
Havia uma estranha janela, com rocha lacrada.
Ali, numa infância infestada de sonhos e isolada
Eu costumava ir, partindo as teias de aranha
Na escuridão com uma falta de medo que era estranha
E com um assombro cada vez mais açodado.

Anos mais tarde, até lá levei pedreiros
Para descobrir o que meus distantes ancestrais
Haviam isolado; mas da pedra perfurada saíram ventos ligeiros
Soprados do além onde se abrem os vácuos abissais.
Eles fugiram — mas eu olhei para dentro e vi, desenrolados,
Todos os mundos delirantes que meus sonhos tinham narrado.

XVII. Uma Memória

Havia grandes estepes, e planaltos rochosos
Abrindo-se quase sem limite na noite estrelada
Que por estranhas fogueiras era fracamente iluminada,
Revelando feras em bandos, com sinos melodiosos.
Longe, ao sul, a planície inclinava-se e descia
Até o ziguezague escuro de uma muralha que jazia
Como um enorme píton de um dia passado
Que o tempo infinito tivesse petrificado.

Tremi estranhamente na atmosfera rarefeita e gelada,
E me perguntei como vim aqui, e onde estou,
Quando uma forma, pela fogueira iluminada
Levantou-se, aproximando-se, e meu nome chamou.
Olhando, sob o capuz, para a face morta que havia ali
Parei de ter esperança — porque então, entendi.

XVIII. Os Jardins de Yin

Além daquela muralha, cuja antiga estrutura,
Coberta de musgo, quase tocava o céu com suas torres,
Haveria jardins em terraços, repletos de flores,
Com borboletas, pássaros e mel em fartura.
Haveria passeios, e pontes que com graça
Passam sobre lagos de loto refletindo beirais de igrejas,
E as folhas delicadas de árvores carregadas de cerejas
De encontro ao céu róseo onde flutuam as garças.

Tudo estaria lá, pois não haviam os velhos sonhos escancarado
Os portões daquele labirinto, de pedra revestido,
Onde riachos sonolentos criam um delicado tecido,
Por árvores retorcidas e verdes trepadeiras decorado?
Corri — mas quando a muralha vi, sinistra em sua imensidão
Descobri que não havia mais portão.

XIX. Os Sinos

Ano após ano ouvi o badalar fraco e distante
De sinos graves no vento escuro da meia-noite;
Toque alheio a todo e qualquer carrilhão
Conhecido, mas que parecia cruzar ampla vastidão.
Perscrutei meus sonhos em busca de uma pista
E pensei em todos os címbalos que meus delírios mostravam;
Na silenciosa Innsmouth, onde gaivotas revoavam
Ao redor de uma velha torre, antigamente vista.

Perplexo, eu ouvia a nota distante, ilusória
Até que numa noite de março, a chuva, batendo gelada
Levou-me a cruzar novamente os portões da memória
Rumo a torres anciãs de onde partia a louca toada.
Das marés que se derramam escuras partia o toque arcano,
Dos vales profundos do leito morto do oceano.

XX. Espreitadores noturnos

De que cripta surgem, está além de minha compreensão,
Mas toda noite vejo as coisas ominosas,
Escuras, de chifre, e magras, com asas mambranosas,
E caudas que trazem do inferno o bífido ferrão.
Elas vêm no vento norte, uma legião,
E ferem e excitam ao me agarrar com mãos odiosas,
Levando-me para realizar viagens monstruosas
Por mundos cinzentos de pesadelo e escuridão.

Sobre os picos quebrados de Thok elas se lançam,
Ignorando todos os meus brados
E descem às profundezas do fétido lago
Onde, inquietos, os shoggots inchados descansam.
Mas, oh! Se elas pudessem ao menos um som produzir,
Ou usar um rosto onde rostos deveriam existir!

XXI. Nyarlathotep

E finalmente da terra do Egito veio o Obscuro
Forasteiro diante de quem se curvam as gentes;
Silente e delgado e cheio de críptico orgulho,
Envolto em tecido rubro com o fogo de inúmeros poentes.
Multidões aguardam fanaticamente pelo sermão,
Mas ao partir não sabem dizer o que tinham escutado;
Enquanto pelas nações espalha-se, e com espanto é narrado,
Que feras selvagens o acompanham e lambem suas mãos.

Logo, no mar tem início um tóxico renascer;
Terras esquecidas com torres douradas, de algas cobertas;
O chão se parte, e loucas auroras se veem libertas
Sobre as humanas cidades, que não param de tremer.
Então, esmigalhando o que havia moldado ao brincar,
Com um sopro o Caos idiota fez o que restava da Terra voar.

XXII. Azathoth

Para dentro do vácuo irracional o demônio levou a mim,
Além dos aglomerados brilhantes do espaço dimensional,
Até que nem tempo ou matéria houvesse diante de mim,
Mas apenas Caos, sem forma ou local.

Aqui, o vasto Senhor de Tudo na escuridão balbuciava
Coisas que havia sonhado, mas que não tinham senso,
E ao redor um bando de morcegos disformes revoava
Excitado por raios de luz, num vórtice intenso.

Elas dançavam loucamente ao som do lamento, agudo, perplexo
De uma flauta rachada agarrada por abominável tentáculo,
Da onde fluíam as ondas cuja combinação, sem nexo
Dá a cada frágil cosmo sua lei eterna e sustentáculo.
Disse o demônio, “Mensageiro Dele sou”,
E, com desprezo, a cabeça de seu Amo golpeou.

XXIII. Miragem

Não sei se um dia existiu realmente —
Aquele mundo perdido que na corrente do tempo flutuava —
Mas mesmo assim, entre a névoa roxa, vejo-o frequentemente,
E bruxuleando ao fundo de algo com que sonhava.
Havia torres estranhas e rios curiosos,
Labirintos de espanto, espaços iluminados minúsculos,
E ares cortados por galhos nodosos,
Céus repletos do mesmo fogo que treme nos crepúsculos.

Grandes charcos conduziam a uma praia deserta,
Onde enormes pássaros dançavam numa colina varrida pelo vento
Então havia um vilarejo de torres brancas e idade incerta,
Com carrilhões noturnos por cujo lamento
Ainda anseio. Não sei que terra é aquela — e nem ousa
Perguntar quando ou como lá tive, ou terei, meu repouso.

XXIV. O Canal

Em alguma parte do sonho há um maligno lugar
Onde sombrios prédios altos e abandonados se amontoam em torno
De um canal estreito, negro, que exala o cheiro medonho
De coisas assustadoras que nas águas oleosas se lançam a nadar.
Alamedas com muros velhos que no alto quase se tocam
Vão dar em lugares talvez desconhecidos, ruas tortas,
E o débil luar projeta um brilho fantasmagórico
Nas longas fileiras escuras de janelas mortas.

Não há o som de passos; ruído, só existe um,
É o das águas oleosas enquanto escorrem
Sob pontes de pedra e pelas margens percorrem
O caminho de seu leito profundo rumo a mar algum.
Ninguém há mais para contar quando foi que a corrente
Arrastou sua terra sonâmbula para fora do mundo vivente.

XXV. Igreja de St. Toad

“Cuidado com os sinos rachados da igreja de St. Toad!” ouvi-o gritar
Enquanto me lançava nas alamedas insanas de círculos infinitos
Que desembocam em obscuros e indefinidos labirintos
Ao sul do rio onde os antigos séculos se põem a delirar.
Ele era uma figura furtiva, maltrapilha, de costas curvadas,
E num piscar de olhos havia me deixado sozinho,
Então pela noite insisti em meu caminho
Rumo ao lugar onde mais torres se erguiam, malignas e quebradas.

Nenhum mapa mostrava o que haveria neste setor
Da cidade, mas agora eu ouvia outro velho gritar:
“Cuidado com os sinos rachados da igreja de St. Toad!”, e senti-me fra-
quejar,
Parando, quando um terceiro ancião bradou, com terror:
“Cuidado com os sinos rachados da igreja de St. Toad!”. Enojado, fugi
Até que aquela torre negra, diante de mim e sem aviso, vi.

XXVI. Os Familiares

John Whateley vivia a uma milha da cidade,
Lá onde as colinas se aglomeram bem de perto;
Nunca imaginamos que fosse muito esperto,
Vendo que sua fazenda era uma calamidade.
Em livros esquisitos desperdiçava sua paciência,
Livros que havia achado no sótão de seu lar
Até que, estranhamente, seu rosto começou a enrugar
E o pessoal disse que não gostava mais de sua aparência.

Quando ele começou a uivar à noite obtivemos atestados
De que para seu próprio bem era melhor interná-lo.
Então três homens de Aylesbury vieram pegá-lo
Mas voltaram sozinhos e assustados.
Tinham-no visto, agachado, a conversar
Com duas coisas que abriram asas negras e saíram a voar.

XXVII. O Antigo Farol

De Leng, onde picos rochosos erguem-se nus e escarpados,
Sob estrelas frias que o olho humano é incapaz de ver,
Parte um único jato de luz, sempre ao anoitecer
Cujos distantes raios azuis lançam os pastores em oração.
Dizem que ele vem, embora ninguém lá tenha estado,
De um farol numa torre de pedra onde, segundo seus temores,
O último dos Antigos vive na solidão,
Falando com o Caos por meio de tambores.

A Coisa, eles sussurram, usa uma máscara amarela
De seda, cujas dobras bizarras parecem ocultar
Um rosto não desta Terra, embora ninguém ouse perguntar
Exatamente que face seria aquela.
Muitos, na infância da humanidade, a luz do farol buscaram,
Mas ninguém jamais saberá o que lá encontraram.

XXVIII. Expectativa

Não sei dizer por que algumas coisas em mim suscitam
Um senso de maravilhas insondáveis em monte
Ou de uma brecha na muralha do horizonte
Abrindo-se para mundos onde apenas deuses habitam.
Há uma expectativa vaga que me deixa sem ar,
De vastas pompas antigas, quase imemoriais,
De aventuras selvagens, imateriais,
Cheias êxtase, como um livre delirar.

É nos crepúsculos e em estranhas torres urbanas,
Velhos vilarejos e bosques, várzeas com neblina,
Ventos do sul, o mar, cidades iluminadas, colinas,
Velhos jardins, canções entreouvidas, lunares flamas.
Mas embora essa sedução seja tudo o que faz valer a pena viver,
Ninguém recebe ou adivinha o que ela insinua oferecer.

XXIX. Nostalgia

Uma vez a cada ano, no outono de luz melancólica,
Os pássaros sobrevoam uma vastidão do mar,
Gritam e cantam, apressando-se para alcançar
Uma terra que sua memória íntima evoca.
Grandes jardins suspensos onde balançam flores em botão,
E fileiras de mangas luxuriantes ao paladar,
E pomares de templos, com os ramos entrelaçados no ar
Sobre caminhos frescos — tudo isso seus vagos sonhos mostram.

Eles vasculham o mar por sinais do litoral antigo —
Por uma cidade de torres altas, branca e imponente —
Mas apenas as águas vazias encontram à frente,
E então, por fim, desistem de buscar o abrigo.
Mas nas profundezas, onde crescem pólipos estranhos,
As velhas torres têm saudade das canções perdidas de antanho.

XXX. Pano de fundo

Nunca poderei me apegar a coisas novas, selvagens,
Pois vi a luz pela primeira vez numa velha cidade,
Onde de minha janela desciam telhados de grande idade,
Rumo a um porto delicado e rico em paisagens.
Ruas onde os raios do poente atingiam antigos umbrais
Entalhados, inundando janelas em arco e pequenos vitrais,
E torres georgianas encimadas com dourados cata-ventos—
Essas visões moldaram, de minha infância, os sonhos e os momentos.

Tesouros assim, deixados de tempos de cuidadoso fermento,
Não podem evitar vencer o apelo das aparições inconstantes
Que dançam, com crenças turvadas e modos mutantes,
Diante das muralhas fixas da Terra e do Firmamento.
Eles cortam as amarras do agora e dão-me a liberdade
De me manter, só, diante da eternidade.

XXXI. O Habitante

Já era velho quando Babilônia era recente
Ninguém sabe por quanto tempo esteve sob a terra,
Até que, por fim, nossa escavação encontrou
Seus blocos de granito e o trouxe para o presente.
Havia amplos pavimentos, alicerces e fulcros,
Grandes pedras e estátuas, sepulcros
Mostrando seres fantásticos de muito tempo atrás,
De uma época de que o mundo não se lembra mais.

E então vimos os degraus de pedra conduzindo para baixo,
Por um portão estreito de dolomita entalhada
A um refúgio negro onde a noite segue inacabada,
Onde ocultam-se antigos símbolos e segredos imortais.
Abrimos caminho — mas fugimos em louca retirada
Quando ouvimos, claudicantes, aqueles passos ancestrais.

XXXII. Alienação

Em carne e osso nunca estive longe,
Pois a alvorada sempre o achava em seu lugar,
Mas toda noite seu espírito adorava voar
Por espaços e mundos distantes dos dias de hoje.
Viu Yaddith e não perdeu a mente, este sonhador,
E voltou em segurança da zona Ghoórica,
Onde a curvatura do espaço lançou, numa noite histórica,
O som apaixonante das flautas do vácuo interior.

Pela manhã, acordou um homem velho,
E desde então nada mais lhe pareceu mesmo.
Os objetos ao redor eram vagos e flutuavam a esmo—
Falsidades, sombras irrelevantes de algo espetacular.
Parentes e amigos agora são uma multidão estranha
À qual ele tenta, em vão, se integrar.

XXXIII. Apitos do porto

Por sobre velhos terraços e torres decadentes,
Após o entardecer os apitos do porto cantam nas trevas;
Vozes de longínquas terras, de alvas praias diferentes,
E de fabulosos oceanos, dão forma a um coral sem regras.
Cada uma, estranha e desconhecida para as demais,
Mas todas, focalizadas por meio de obscuros sinais
Vindos dos espaços além da trajetória do Zodíaco,
Fundidas em um cósmico murmúrio demoníaco.

Através de sonhos tenebrosos elas fazem marchar
Formas ainda mais tenebrosas, indícios e visões;
Ecos de vácuos externos, suaves impressões
De coisas que nem as vozes podem explicar.
E sempre em meio ao coro, de forma sutil
Captamos notas que nenhum navio jamais emitiu.

XXXIV. Recaptura

O caminho levava a uma clareira na folhagem
Onde pedras cinzentas com musgo se erguiam
E respingos, gelados e incômodos, choviam
Vindos de correntezas ocultas no fundo da voragem.
Não havia vento, nenhum rumor impreciso
Em planta inquietante ou árvore estranha,
Até que, no meio de meu caminho, sem aviso
Vi uma monstruosa montanha.

Até cobrir metade do céu erguiam-se os planos soberanos,
Manchados de grama e atulhados por escadarias de lava
Em ruínas, que subiam a alturas onde o medo dominava,
Em degraus vastos demais para acomodar passos humanos.
Gritei — e *soube* qual a estrela e qual o ano, primordiais,
Que me haviam arrancado do efêmero mundo dos mortais!

XXXV. Estrela Vésper

Eu a vi a partir do lugar quieto e recôndito
Onde a clareira quase se fecha no bosque circundante.
Sua luz atravessava toda a glória do ocaso,
Tênue a princípio, mas cada vez mais abundante.
Aquele farol solitário, da cor do âmbar, na escuridão
Atingiu como nunca antes minha visão;
A Estrela Vésper — mil vezes mais assombrosa,
Em meio à solidão silenciosa.

Ela traçava estranhas figuras no ar que vibrava —
Quase-lembranças que sempre enchiam meus pensamentos —
Vastas torres e jardins; curiosos mares e firmamentos
De uma vida difusa — nunca soube onde ficava.
Mas agora eu sabia que de além da cúpula do céu
Os raios me chamavam para o lar perdido meu.

XXXVI. Continuidade

Há em algumas coisas antigas um traço
De uma essência difusa — mais que forma ou matéria,
Algo tênue, e indeterminado, uma substância etérea
Mas ligada a todas as leis do tempo e do espaço.
Um sinal velado e débil de continuidades
Que os olhos externos não podem desmentir de vez;
De dimensões trancadas, contendo eras sepultas
E fora de alcance, exceto por chaves ocultas.

Fico comovido quando os raios inclinados do Sol brilham
Sobre velhas casas de fazenda ao pé de uma serra,
E tingem de vida as formas que ainda ensinam
Sobre séculos mais reais que este aqui na Terra.
Nessa luz estranha sinto que não estou longe
Da massa imóvel que é emparedada pelas eras.

27 de Dezembro de 1929 – 4 de Janeiro de 1930



Tigrezinho

∴
To Felis (1920)



A Felis (o gato de Frank Belknap Long)

Tigrezinho, chama pura
De uma luz blakeana, obscura,
Que visões podem morar
No teu metálico olhar?
Crianças vão, por traquinagem,
Bloqueando a tua passagem:
Que saber negro, ignorado,
Se mistura ao teu miado?



Nathicana

∴

Nathicana (sem data)



Foi no pálido jardim de Zaïs;
Os nevoentos jardins de Zaïs
Onde enflora o argênteo nephalotë
Que fragrante a meia-noite anuncia.
Ali dormem cristalinos lagos
E regatos que escorrem silentes
Doces riachos das grutas de Kathos
Do crepúsculo, o berço sereno.
E cruzando por lagos, regatos,
Ficam pontes de puro alabastro,
Branças pontes gentis cinzeladas
Como figuras de fadas e duendes.
Brilham ali sóis estranhos, planetas
E estanha é a crescente Banapis
Que se põe nas colinas relvosas
Onde adensa, na tarde, o crepúsculo.
Ali baixam os vapores do Yabon;
Alvos, lassos vapores do Yabon;

Foi ali, na voragem das névoas
Que avistei a divinal Nathicana;
De grinalda, virginal Nathicana;
Negras mechas, esguia Nathicana;
Olhos negros, gentil Nathicana;
Lábios rubros, querida Nathicana;
Voz argêntea da doce Nathicana;
Vestes alvas da amada Nathicana.
E minha amada ficou para sempre,
Desde o tempo em que tempo não havia
Desde o tempo em que estrelas não havia
E que nada existia salvo o Yabon.
E vivemos em paz pelos tempos,
Inocentes crianças de Zaïs,
Percorrendo cainhos e arcadas
Coroadas com a alva nephilotë.
Quanta vez ao crepúsculo vogamos
Sobre pastos, colinas floridas
Alvejadas pela humilde astalthon;
A humilde e graciosa astalthon,
E sonhamos num mundo de sonhos
Belos sonhos, mais belos que o Éden;
Sonhos puros, mais reais que a razão!
E por eras sonhamos, nos amamos,
Até a horrenda estação de Dzannin;
Remaldita estação de Dzannin;
Onde rubros eram os sóis, os planetas,
Onde ardia a crescente Banapis,
Rubros vinham os vapores do Yabon.
Encarnavam-se as flores, os regatos
Sob as pontes, os lagos serenos,
E até mesmo o suave alabastro
Refletia escarlates sinistros
Tal que as fadas e duendes entalhados
Espreitavam encarnados das sombras.
Vermelhou-se-me agora a visão.

E pela densa cortina espreitando
Louco vi a etérea Nathicana;
A inocente, sempre alva Nathicana
Adorada, intocada Nathicana.
Mas cumuladas vertigens de insânia
Enevoaram-me a difícil visão;
A maldita, avermelhante, visão
Refazendo o mundo em meu ver;
Novo mundo escarlate e sombrio,
Um horrendo estupor, o viver.
Mergulhado no estupor do viver
Vejo claros fantasmas da beleza
Ocos, falsos fantasmas da beleza
Mascarando as maldades de Dzannin
Eu os vejo com infinita saudade,
Tal qual minha amada os vê:
Mas seu mal brilha em seus olhos turvos;
Seu pungente, impiedoso mal
Mal maior que o de Thaphron ou Latgoz
Mais cruel pois que oculto no belo.
E somente no sono da meia-noite
Vejo a dama perdida, Nathicana,
Vejo a pálida, pura Nathicana,
Desfazendo-se ao olhar sonhador.
E incansável procuro por ela;
E procuro entre goles de Plathotis
Fermentando no vinho de Astarte
Engrossados por lágrimas incessantes.
Eu anseio pelos jardins de Zaïs;
Jardins belos, perdidos, de Zaïs
Onde o alvo nephalotë floresce.
Da meia-noite o arauto fragrante.
O fatal sorvo final vou urdindo;
Sorvo tal que deleite os demônios;
Sorvo tal que a vermilhão encerre;
O horrível estupor que é o viver.

Muito em breve se a mistura for certa
Vermelhão e insânia se irão,
E apodrecerão no negror verminoso
Vis cadeias que me escravizavam.
E os jardins de Zaïs novamente
Serão alvos em minha magoada visão
E ali, entre os vapores do Yabon,
Estará a divinal Nathicana;
Restaurada a imortal Nathicana,
Outra igual, entre os vivos, não há.



Festival

∴
Festival (1925)



A neve cobre todo o chão,
E cada vale está gelado.
Da noite funda a escuridão
Se assenta sobre o descampado.
Mas as luzes sobre as colinas
Falam de antigas festas, saturninas.

Paira a morte sobre o cenário,
E de medo a noite se encolhe,
Pois os mortos no seu sudário
Saúdam o sol que se recolhe,
Cantando lá, no mato umbroso,
Em tomo a um branco altar yule, fungoso.

Brisa alguma da terra, ou vento,
Na floresta passeia ou joga,
Onde o abraço angustioso e lento
Dos cipós cada galho afoga;
Que o poder ali libertado

Vem das tumbas dos druidas do passado.

Oh, possas tu de coisas tais
Ser um padre ou ser um abade,
Cantando fomes canibais
Na silvestre festividade
E expondo ao incrédulo mundo
Da besta o sinal negro, abstruso e fundo.



Astrophobos

∴
Astrophobos (1917)



No céu da meia-noite a se incendiar,
através da profunda imensidão,
vi certa vez, com sôfrega emoção,
o brilho de uma estrela singular,
que a cada novo ocaso retornava
e junto ao Carro do Ártico brilhava.

Ao seu fulgor belíssimo, dourado,
ondas de pura graça se mesclavam,
enquanto sonhos de êxtase baixavam
em mírrea névoa elísia misturados;
e aos acordes das liras, maviosos,
cantares lídios soavam, harmoniosos.

E — pensei — são cenários de deleite
onde moram os livres e os benditos,
e há nas horas tesouros infinitos,
que o feitiço do lótus mais enfeite;
e onde, líquido e doce como o mel,

flui o som do alaúde de Israfel.

Mundos de uma ignorada beatitude
ali — tal eu supunha — se acendiam,
onde a paz e a inocência se acolhiam,
junto ao trono supremo da Virtude,
e onde na luz bruniam homens justos
seus pensamentos límpidos e augustos.

E eu devaneava assim, quando à visão
sobreveio vermelha, atroz mudança,
em derrisão tornando-se a esperança,
e a beleza em desgosto e distorção,
as cordas em estranhas colisões,
e um caos imenso de espectrais visões.

Tornou-se rubra a estrela da loucura,
enquanto eu perscrutava o seu fulgor;
e o que foi alegria era amargor,
a Verdade expulsando à visão pura;
e espiavam mil demônios de olhos maus
por entre o brilho e a febre desse caos.

Agora sei que fábula encantada
essa áurea refulgência me contou,
e evito o que ontem vi e me enlevou
nessa longínqua treva constelada.
Mas eis que o horror, imóvel e inclemente,
ficará na minha alma eternamente.



O Mensageiro

∴

The messenger (1929)



Às três da noite — disse — a coisa subiria
Da velha igreja ao pé daquele morro. Ouvi-o,
Sentado junto ao fogo acolhedor, sadio,
E tentei me dizer que aquilo não havia.

Gracejos só, pensei, dos mais inconsequentes,
Aventados por quem entende pouco ou nada
Da Antiga Senha, há tanto tempo revelada,
Que liberta da sombra as formas repelentes.

Não, não sabe o que diz! Porém fui acendendo
Outra lâmpada quando o ástreo Leão subiu
Desde Seekonk, e um campanário percutiu
Três — e a luz da fogueira aos poucos foi morrendo.

Na porta um chocalhar surgiu discretamente,
E qual chama engoliu-me a verdade demente.



A Cidade

∴
The City (1919)



A Cidade era como uma visão
 Esplêndida e dourada
 Suspensa na amplidão
 Da noite indevassada,
Com seus marmóreos templos, cujo alvor
A tudo dava glória e resplendor.

Da época me recordo em que primeiro
 Nela pus meu olhar—
 Tempos de desespero,
 Dias de delirar,
Quando o Inverno, terrível e alvacento,
Avançando nos traz mágoa e tormento.

Mais adorável do que Sião, brilhava
 Sobre noturnos céus,
 Onde o raio turvava
 De Órion os olhos meus,
Gerando sonhos que a lembrança enchia

Do passado, já obscura e já vazia.

Eram suas mansões bem adornadas
Por mil relevos finos,
Dominando, altanadas,
Terraços peregrinos,
E dos jardins floridos, que encantavam,
Milagrosos perfumes emanavam.

Sobre avenidas que me seduziam
Com sublimes visões,
Os arcos me diziam
Que em outras estações
Por ali caminhei, embevecido,
Do ardente clima de Halcyon aquecido.

Nas grandes praças viam-se, formando
Escultural cordão —
Longas barbas de mando —
Velhos homens de ação.
Mas um deles de todos destoava,
Que, além da barba, a face lhe faltava.

Na cidade fulgente, à luz do dia,
Nenhum mortal achei;
Porém a fantasia,
De que a memória é lei,
Mirava dessas formas longamente
Cada detalhe, com espanto ingente.

Fazendo em minha mente fumegar
Carvões quase apagados,
Lutei por relembrar
Imemoriais passados,
Por cruzar livremente um infinito
E visitar esse tempo interdito.

Então o aviso horrível na minha alma

Feito manhã cresceu
Que ominosa se espalma
Sobre vermelho céu.
E fugi de entender, apavorado,
Algum terror velhíssimo e olvidado.



Fato e Fantasia

∴
Fact and Fancy (1917)



Que enfadonho o infeliz cuja racional mente
Escarnece o prazer da fantasia ardente;
Cujo pensar prosaico exclui toda a alegria
E os consolos que o humor poético propicia!
Zenão, o jovem, do estoicismo praticante,
Do coração rejeita a linguagem brilhante;
Num punhado de leis dissolve a Natureza,
E os efeitos condena, e a causa apenas preza;
Congela Ovídio entre mil críticas geladas,
Tomando-lhe as visões por falsas e inventadas!
Sai o bravo zelote em busca da Verdade,
E sabe mais se mais acha a infelicidade!
Ó sofista, alto lá, ó vândalo atazanado,
Cujo saber devasta as lendas do passado;
Cuja língua censura a página que sonha
E repreende o prazer de uma época tristonha:
Do raminho vital cada folha arrancaras,
Para aos homens dar só lições sábias e amaras?

Feliz aquele cujo olhar fresco, intocado,
Discerne um Panteão no céu lantejoulado,
Sílfides e dríades nos ramos enxergando
E nas brisas do sul Noto suave passando;
Por quem o riacho canta uma canção incauta,
Enquanto a fonte ecoa em músicas de flauta;
Para quem a onda entoa um canto de nereida
Que uma amical presença à corrente conceda.
Feliz quem, falho da tristeza sabedora,
Da Natureza viva o corpo etéreo adora:
Do sábio que me diz ser tudo insensatez
Num sonho bem solar deploro a sisudez.



Sobre a Vaidade da Ambição Humana

∴

On the Vanity of Human Ambition (1902)



Apolo, ao perseguir Dafne, um troféu buscou,
Que ante os seus olhos num arbusto se mudou!
O amante mais moderno outros prêmios cobiça
E luta sem cessar por aquilo que o atíça;
Mas eis que experimenta o que ocorreu a Apolo:
Que, alcançado, até mesmo o ouro mais puro é um dolo.
Tudo o que o homem persegue é indigno da peleja,
E ele assim mesmo o busca e sem pausa o deseja.
Satisfação — parece — o homem acha somente
Em ter vida virtuosa e em cultivar a mente.



Unda; ou a Noiva do Mar

∴
Unda; or, The Bride of the Sea (1915)



Respeitosamente dedicado, com permissão, a Maurice Winter Moe.

Um duro, difícil, datílico delírio em dezesseis estrofes doidas, doentias e desassisadas.^[1]

“Ego, canus, lunam cano.”

— Maeвиuѕ Bavianuѕ.

Altas, as negras falésias se elevam atrás de mim,
E a vasta areia em que piso é só um negror distendido:
Mal se vislumbra as trilhas e as rochas que me recordam
Dolorosamente os anos de um nunca-mais já perdido.

Batendo suavemente nas pedras, a onda produz
Um som que ainda é para mim tao doce e familiar;
Aqui — com sua cabeça pendida sobre meu ombro —
Passeávamos, lado a lado, eu e Unda, a Noiva do Mar.

No amanhecer refulgente da juventude, encontrei-a,

Doce qual vento a soprar sobre o mar frio e salgado.
Bem cedo o Amor enleou-nos com seus mais fortes grilhões:
Ela feliz por ser minha, e eu por estar ao seu lado.

Pergunta jamais lhe fiz acerca de seu passado,
E ela jamais indagou de minha origem e andanças:
Sem pensamentos e ideias, felizes só desses dons
Do largo oceano e da terra, éramos como crianças.

Certa vez, quando brincava suave o luar sobre as ondas,
Ficamos a olhar as águas lá do alto, sobre o rochedo,
Seus cabelos adornados por uma trança de flores
Colhidas junto a uma fonte do mavioso arvoredor.

Estranhamente ela olhava o mar inquieto a seus pés,
Como dos sons absorvida ou da luz arrebatada;
Então as ondas lhe deram o aspecto estranho, selvagem,
De um oceano bravio ou de uma noite encantada.

Friamente, ela afastou-se, muito atordoadas, a chorar,
Sozinha, em meio às legiões que ela porém bendizia,
E a descer, sempre a descer, a escorregar, quase caindo,
Em direção ao oceano minha doce Unda fugia.

O mar então se acalmou e, de um raivar tumultuoso,
Passou a um leve marulho, enquanto Unda, divinal,
Caminhou sobre as areias com gestos de gratidão,
E, acenando-me em convite, sumiu sem deixar sinal.

Perscrutei por longo tempo o lugar onde sumira.
Subiu a lua no céu e após baixou. E o fulgor
Da manhã cresceu, cinzento, banindo a noite tristonha,
Mas minha alma ainda sofria a sua infinita dor.

Percorri o mundo inteiro em busca da que eu amei,
Andei por vastos desertos e naveguei pelos mares.
Certa vez, por sobre as ondas, no tumulto da procela,
Entrevi um belo rosto que acalmou os meus pesares.

Desde então tenho avançado, sem achar paz ou sossego,
Às cegas, aos tropeções, de mim mesmo mal consciente.
Até que chego ao lugar onde reboam as águas,
De volta à cena daquele ontem perdido e dolente.

Deus! a lua avermelhada sobe das névoas do mar,
Crescendo ominosamente à vista; estranho é o seu rosto
Ao meu olhar torturado que, através das vastidões
De rutilâncias e azuis, mira o longe com desgosto.

Da lua desce uma ponte feita de ondas e de raios
Que toda brilhante chega à praia onde estou, tristonho.
Quão frágil parece, e entanto que tentação não me vem
De atravessá-la e subir ao orbe de um doce sonho!

Que face é aquela que vejo em meio aos raios do luar?
Enfim terei encontrado a donzela fugitiva?
Cruzando a ponte de raios, os meus passos se aproximam
Daquela cujo convite tão meigo me apressa e aviva.

Envolvem-me correntezas, e num vogar indolente
Por essa estrada de luar procuro o seu rosto amado.
Ansiosamente me apresso, entre preces, ofegante,
Num esforço de alcançar aquele vulto abençoado.

As águas, murmurejando, se fecham ao meu redor;
Suave, a doce visão para mim põe-se a avançar.
Findou a minha procura: meu coração finalmente,
A salvo, repousa ao lado de Unda, a Noiva do Mar.

Epílogo

Como um desvairado tolo, presa das artes de Unda,
Só ao coração ardente prestando um culto servil,
Tal é nossa juventude, que o belo tenta e incendeia,
De razão desguarnecida e do conselho viril.
Que triste ver a elegância masculina de Estrefon
Em profunda confusão diante de Cloé se mudando,

E até Pelides, sublime perante os olhos dos gregos,
A perda, infeliz, do prêmio adorado lamentando.
Irmãos, ouvi-me: se acaso procurais sossego e nexo,
Vós os tereis resistindo contra o destrutivo sexo!



A Pã

∴
To Pan (1902)



Num vale, junto a um regato,
Estive um dia sentado;
E, em pensamento perdido,
Fui a um sonho transportado.

Do bosque um vulto surgiu —
Homem-bode, meio a meio,
Com cascos em vez de artelhos
E um rosto barbudo e feio.

Num arranjo de caniços
Tocou docemente ali.
E esqueci todo cuidado,
Pois era Pã — logo vi.

Ninfas e sátiros vinham
E com os sons se entretinham.

Logo, desperto, ao cuidado
Humano voltei gemente.

Mas um dia em rural vale
Hei de ouvir Pã novamente.



Revelação

∴
Revelation (1919)



Num vale claro e risonho, que um sol gentil alumiava,
onde cada anseio ou sonho logo se realizava,
onde um pássaro cantor murmurava docemente,
minha alma, sem pranto ou dor, vitoriosa sobre a mágoa
(foi ontem mesmo, eu me lembro!), vagueava ativa e ridente.

O vale era verde e estreito, de verdes sombras coberto,
e ressoava satisfeito o som dos riachos por perto;
e a noite resplandecia de astros toda iluminada,
e Astarte no alto fulgia, lançando rios de luz
por entre as frescas ramagens, como num conto de fada.

Ali, entre luzes, cores, entre odores inebriantes
de gramas, avencas, flores, e entre os ramos circundantes,
grato aos dons da Natureza, devaneando, eu me deitava,
e então, notando a grandeza — que entre as nuvens se entrevia
a fulgir intensamente — do céu, por mais suspirava.

Ansioso, o verde afastando, abri um espaço no alto,

e um olho audaz releanceando, vi o céu despir-se no alto;
agora ignotas funduras brilhavam em frente a mim;
e, esplendendo nas alturas, para além das mais distantes
estrelas me conduziram asas de um sonho sem fim.

Esforçando-me, ofegando, nos espaços devassados,
e desejando, e aspirando, vi em vão os orbes dourados
soltos no céu luminoso. Por uma escada de luar
o abismo vertiginoso — louco, e cada vez mais sábio
e triste, a cada fracasso — do céu tentei escalar

Então, na improfícua guerra já farta de se bater,
minha alma tornou à terra, contente ao menos de ter
ainda um lar neste mundo. E agradáveis pensamentos
de amanhã, como o fecundo pensar dos tempos passados,
benditos e venturosos, ninaram os meus tormentos.

Mas, baixando, o meu olhar recuou diante do que viu;
prados, montes a queimar em negro horror descobriu;
terror nas ondas do rio; pois a clareira, despida
do seu abrigo sombrio por minha mão violadora,
sob o céu — maldita — ardia como uma terra perdida.



O Lago do Pesadelo

∴
The Nightmare Lake (1919)



Em Zan distante existe um lago arcano,
Além de todo paradeiro humano,
Onde se incubava só, no hediondo estado,
Um espírito morto e desolado;
Um espírito impuro, de sombria,
Pesada e imemorial melancolia,
Que dessas águas densas e estagnadas
Ergue névoas de peste, amaldiçoadas.
Num pântano de lama à sua volta
Rondam coisas de náusea e de revolta;
E os pássaros curiosos que ali vêm
Não são vistos de novo por ninguém.
Aqui o sol do dia arde impiedoso
Sobre um vítreo deserto, misterioso;
E à noite o luar, com raios hesitantes,
Paixa sobre ravinas bocejantes.
Somente os pesadelos descortinam
As cenas que esses raios iluminam;

As cenas ancestrais, inusitadas
Que ali jazem, na noite mergulhadas;
Pois nesses ermos só vagueia, odiosa,
Uma raça sombria e silenciosa.
Por meia-noite de maldade plena
O lago vi em solidão serena,
Enquanto sobre o obscuro céu flutuava
Redonda a lua, que lá fulgurava.
De horrores mil estava recoberta
A longa margem, pútrida e deserta:
Lagartos mortos, cobras se torcendo,
Corvos, vampiros se putrefazendo,
Tudo isso; e sobre os mortos esvoaçavam
Narcófagos^[1] que deles se fartavam.
E, enquanto o luar terrível ascendeu,
Afugentando os astros do alto céu,
Vi do lago a água quieta refulgir
E do fundo umas coisas emergir.
Vi brilhar, a infernal profundidade,
As torres ancestrais de uma cidade—
Negros domos, musgosos torreões,
Algas tomando espiras e salões;
Ermos templos, horríficas arcadas
E ruas de ouro intactas, olvidadas.
Tudo isso vi, e ao lado a multidão
De sombras em disforme agitação:
Horda maldita que, segundo eu cria,
Em pavorosa dança se movia
Ao redor de sepulcros enodoados
Que vigiavam caminhos não trilhados.
Dessas tumbas um hausto se elevou
Que o repouso das águas perturbou,
Enquanto letais sombras no alto, uivando,
Lançaram contra a lua um grito infando.
Então o lago aos poucos foi descendo,
Como se o fundo o estivesse bebendo,

E enfim a terra exposta, repugnante,
Pariu fumos de odor agro, nauseante.
E por toda a cidade desnudada
Pairou sombria a dança, alucinada,
Até que — ó Deus! — com ruídos abissais
Se abriram dos sepulcros os portais!
Língua alguma ou razão jamais dirá
Que horror inominável houve lá.
Vejo as águas — e vejo o luar aziago —,
Vejo a cidade e as coisas que ela encerra.
Desperto, e rezo. Que outra vez o lago
De pesadelo não o engula a terra!



Desespero

∴
Despair (1919)



Sobre os charcos noturnos ululando,
entre os negros ciprestes suspirando,
nos vendavais da noite remoinhando,
demoníacas formas noturnais;
contra os galhos desnudos se ferindo,
junto aos poços estanques estrugindo,
nas penhas, sobre o mar, repercutindo,
do desespero as sombras infernais.

Certa vez (ainda o vejo em pensamento),
antes que se estendesse um céu cinzento
sobre o meu juvenil atrevimento,
houve tal coisa como ser feliz;
o céu que agora é negro refulgia,
límpido e safirino resplendia,
mas logo vi que em sonhos é que eu via
tudo isso — no fatal torpor de Dis^[1].

Mas o rio do tempo, a transcorrer,

traz o tormento do desconhecer,
sempre fugindo, em seu cego correr
em direção àquele prado arcano;
enquanto o viajante enxerga aflito
do fogo-fátuo o fulgor esquisito
e do petrel maligno escuta o grito,
a vogar impotente para o oceano.

Asas malignas pelo éter batendo,
abutres que o espírito vão roendo,
vultos negros que passam, percorrendo
eternamente um céu de escuridão;
contornos espectrais de ida ventura,
cruéis demônios da aflição futura
se mesclam numa nuvem de loucura
e fazem da alma a sua habitação.

Assim os vivos, sós e soluçantes,
nos amplexos da angústia palpitantes,
são vítimas das fúrias repugnantes,
que à noite e ao dia vêm a paz roubar;
mas para além da dor e do lamento,
de uma vida de tédio e de tormento,
há de coroar o doce Esquecimento
tantos anos de inútil procurar.



O Conscrito

∴
The Conscript (1918 ?)



Sou um trabalhador e vivo em paz,
Nem mais sábio ou mais forte que ninguém.
Labor, repouso e canto, e todo o plano
Da Natureza me convêm.

Porém um dia os homens que nos regem
Que eu devia morrer determinaram,
Para que a liberdade e o orgulho não
Perdessem o lustro — explicaram.

Disseram que eu devia apor meu nome
Num rol da morte, de maneira tal
Que, após o suspiro último, eu me erguesse
Para ter fama, no final.

Não sei, pois, o que fiz por merecer
Ser de uma tal maneira destinado
A esperar por torturas incontáveis
E ser anônimo enterrado.

Não odeio ninguém, porém me dizem
Que devo combater e até matar;
Que devo suportar dia após dia,
Para algum senhor agradar.

Minha consciência costumava ser
Livre, e atordoada agora eles a querem.
Sem que eu ao menos possa protestar,
E como um número me aferem.

Falam-me de trincheiras longas, fundas,
Cheias de restos vis e destroçados
Falam, até que o sono me abandona,
E os miolos giram atordoados.

Falam de lama e sangue e desespero,
De coisas que não posso nem supor,
De coisas que, juntando medo e mágoa,
Causam em mim profundo horror.

Não sei o que farei, e me pergunto
Se não é injusta a lei que eles invocam.
Não posso, pois, fazer o que me pedem;
No entanto devo — me convocam.

Do desastre me acerco a cada dia
Que me prepara o Estado prepotente;
Sinto às vezes que alguma coisa espreita,
Me olhando fixa, fixamente.

Já não posso dormir. Minha cabeça
Vai girando de um modo incontrolado.
Que tal se eu escolhesse um dia desses
Estar bem morto e sossegado?

Ouçã — uma fibra se estendeu demais.
É o vinho de que estive a me encharcar.
Tudo parece estranho. Que fazer

Senão rir, rir, e gargalhar?



O Jardim

∴
A Garden (1917)



Existe um jardim antigo com o qual às vezes sonho,
sobre o qual o sol de maio despeja um brilho tristonho;
onde as flores mais vistosas perderam a cor, secaram;
e as paredes e as colunas são ideias que passaram.
Crescem heras de entre as fendas, e o matagal desgrenhado
sufoca a pérgula, e o tanque foi pelo musgo tomado.
Pelas áleas silenciosas vê-se a erva esparsa brotar,
e o odor mofado de coisas mortas se derrama no ar.

Não há nenhuma criatura viva no espaço ao redor,
e entre a quietude das cercas não se ouve qualquer rumor.
E, enquanto ando, observo, escuto, uma ânsia às vezes me invade
de saber quando é que vi tal jardim numa outra idade.
A visão de dias idos em mim ressurgiu e demora,
quando olho as cenas cinzentas que sinto ter visto outrora.
E, de tristeza, estremeço ao ver que essas flores são
minhas esperanças murchas — e o jardim, meu coração.



Ao Receber um Quadro com Cisnes

∴

On Receiving a Picture of Swans (1915)



Com graça pensativa, um Cisne, todo mágoa,
Chora sobre o infeliz sepulcro de Faetonte,
Enquanto os choupos estremecem no horizonte,
Guardando ternamente esse túmulo de água.
Pudesse eu — me cabendo alguma celestial
Paternidade pretender ou fama igual
À dos deuses, e tendo às alturas me alçado,
E depois para o fundo a pique despencado —
Por prêmio merecer de um Cisne o amargo pranto!
Desse pássaro fiel, cuja arte única é o nado,
Mais fundo é o suspirar, porque lhe falta o canto.



Os Gatos

∴
The Cats (1925)



Babéis de blocos que se elevam para os céus,
futilidade a arder em chamas junto ao chão;
sobre cada tijolo ou pedra um fungo mau;
lâmpadas a oscilar e luz na escuridão.

Por sobre rios de óleo hediondas pontes negras,
cabos que em profusão de redes se entretecem;
profundezas de caos cuja desordem mana
fluxos que, à luz do sol, fétidos apodrecem.

Esplendor e matiz, doenças e decadência,
uivos, gritos, clamor e um rastejar insano;
exóticas ralés orando a estranhos deuses;
misturadas de odor que à mente causam dano.

Legiões de gatos que das vielas noturnais,
furtivos, a gemer para o clarão da lua,
plangendo dos jardins de Pluto a cantilena,
exprimem o futuro em gritos infernais.

Compridas torres e pirâmides ruinosas,
voos de morcegos sobre ruas que a erva esconde,
pontes nuas de Arkham erguidas sobre rios
que fluem em silêncio enquanto essa horda ronde.

Campanários que mal se sustentam ao luar,
bocarras de antros pelo musgo recobertas;
e, para responder ao vento e à água, só os gatos
que vagueiam, a miar, tais paragens desertas.



Natal Egípcio

∴
Egyptian Christmas (1920)



Altiva Esfinge, de olhos ambarinos
Do céu guardando enigmas safrinos,
Enquanto ondulas, grácil, e ronronas
Ao redor da lareira e das poltronas
Com um desdém na face de patrício —
Não te ergas, nem a garra experimentes
Contra estas duas mãos benevolentes:
Pois só boa vontade impera agora
Nas linhas deste tempo natalício.



Nêmesis

∴
Nemesis (1917)



Através dos portões assombrados do sono
para além do noturno abismo, tenebroso,
tenho vivido minhas vidas incontáveis
e sondado com a vista a multidão das coisas;
e me debato e grito antes do amanhecer,
enlouquecido pelo medo.

Rodopiei com a terra em seu alvorecer,
quando o céu era só uma poeira de fogo;
e vi o bocejar do sombrio universo,
por onde giram sem propósito os planetas,
por onde giram num terror que ninguém ouve,
sem consciência, brilho ou nome.

Tenho vogado sobre mares infinitos,
sob uns sinistros céus que as nuvens enegrecem;
que fende, a serpentear, o raio coruscante,
e que ressoam com os histéricos lamentos,
com os gemidos de demônios invisíveis

que se elevam das águas verdes.

Como um cervo, atirei-me através das arcadas
do bosque primordial, vetusto e esbranquiçado,
onde o carvalho sente a presença que marcha,
pisando um solo onde ninguém ousou pisar;
e fujo de uma coisa estranha que me envolve
e olha, lá do alto, de entre os galhos.

Perambulei pelas montanhas cavernosas
que se erguem da planície, estéreis e desertas.
Bebi das fontes cujo odor era o do sapo,
que fluem lentamente até o pântano e o oceano;
e em lagos quentes e malditos vi as coisas
que nunca mais quero rever.

Vasculhei o palácio encoberto pela hera,
atravessei o seu vestíbulo deserto,
onde a lua que sobe e avança sobre os vales
exibe as formas dos tapetes das paredes,
estranhas formas, que o delírio entreteceu,
as quais não lembro sem tremer.

Espiei através das folhas das janelas
para as florestas decadentes de ao redor,
para essa aldeia cujos tetos numerosos
sofrem a maldição de um solo tumular;
e de entre o mármore entalhado das colunas
escuto, à espreita de algum som.

As tumbas frequentei das eras incontáveis.
Nas asas do pavor, voei às regiões
onde arrotava fumaça o Érebo, e ao longe surgem
montes que a neve encobre, enevoados e lúgubres;
e aos reinos onde o sol do deserto consome
o que jamais há de alegrar.

Eu era velho quando os faraós ocupavam

seu opulento trono às margens do amplo Nilo;
eu era velho já nessas prístinas eras,
quando eu, e somente eu, fui vil; e o Homem ainda,
em bem-aventurança, imáculo, habitava
a ilha do Ártico longínquo.

Oh, grande foi de meu espírito o pecado,
e de sua sentença o alcance imorredouro;
não pode redimi-lo a clemência do Céu,
nem sua falta ser aplacada no túmulo:
vêm batendo através dos éons infinitos
as asas da impiedosa treva.

Através dos portões assombrados do sono
para além do noturno abismo, tenebroso,
tenho vivido minhas vidas incontáveis
e sondado com a vista a multidão das coisas;
e me debato e grito antes que o dia nasça,
enlouquecido pelo medo



A Klarkash-Ton, Senhor de Averoigne

∴
To Klarkash-Ton, Lord of Averoigne (1936)



Dentre farrapos de nuvens negra torre se destaca;
Ao redor, um imaculado e opressivo bosque.
Sombras que pairam e o silêncio, mofo e putrefacção
E uma mortalha cinzenta sobre velhas lápides
Há muito tempo desmoronadas.
Nenhum pé fez restolhar, nenhum pio de ave quebrou
A mortal solidão desta alongada noite
Mas às vezes o ar freme com um breve estremecer
Quando na torre brilha um mortiço luzeiro.

Aqui, na solidão, mora aquele cujas mãos
Traçaram estranhas obras por que o Mundo se amedronta
E que em indecifráveis hieróglifos revelou
O que palpita além dos mundos estelares.

Sombrio Senhor de Averoigne, tuas janelas abrem-se
A visões de sonho que outros não podem acolher.



Lembro-me

∴

I Remember (sem data)



Lembro-me agora
De um céu resplendente.
Minha mãe na cozinha
Entoava cantigas,
E o sol brilhava fora;
E o cheiro ainda me vem
Da grama recém-cortada.
Como eu gostava de mirar o céu
E desenhar figuras com o meu
Olhar inocente.
Era um menino — mais nada.

Lembro-me bem
De ter ouvido tiros
Cujo som vinha
Lá da cozinha:
E minha mãe gritava,
E o seu grito lacerava

O meu ouvido imbele,
Criando um oceano de receio
E subindo por minha pele,
Quando ela veio
Lá da cozinha:
Nunca vi tanto sangue jorrar.
Enorme multidão
De nuvens cinzentas em revoada
Começou a povoar
O céu resplendente,
Com o seu sol sorridente.
Era um menino — mais nada.



Época de Natal

∴
Christmas (1920)



Os raios de luz na lareira da cabana aquecem-se e brilham,
As velas incandescem alegremente;
As estrelas emitem uma luz generosa
Sobre a neve amontoadada.

Abaixo do céu um feitiço rouba
A agradável passagem do ano,
Assim como os campanários cantam com joviais repiques,
Por aqui é Época de Natal!



Ao Pequeno Sam Perkins

∴
Little Sam Perkins^[1] (1934)



No velho jardim nocturno
Uma profunda pena vai caindo
Como se o peso do silêncio e da sombra
No ar voassem.

Com uma oculta dor se inclina a erva
Incapaz de esquecer o dia de ontem
Em que leves patinhas a tocavam
E já são só lembrança.



Providence

∴
Providence (1924)



Onde a baía e o rio se misturam tranquilos
Subindo as frondosas encostas
os pináculos de Providência ascendem
contra o céu ancestral
E nos estreitos caminhos sinuosos
que levam a outras encostas e picos
a magia de dias esquecidos
pode encontrar a quietude pra descansar
Uma clarão da claraboia, um sopro do batente
Um vislumbre de tijolo jorgiano
As visões e sons de há muito tempo
Onde a fantasia se acumula e se adensa
Uma fuga caminhando na ferrovia,
Um campanário assomando no alto,
Uma torre de igreja esculpida e desbotada,
Uma parede de jardim infestada de musgo
O desabamento duma cripta escondida
comprova a mortalidade humana

Um cais em ruína onde telhados de gambrel^[1] vigiavam o mar.
Praça e passeio dos quais as paredes sobressaíam
Completando quinze décadas
nos paralelepípedos das alamedas encaramanchadas
e desprezadas pela multidão.
Pontes de pedra atravessando riachuelos
Casas empoleiradas na colina
e namoros onde mistérios e sonhos
deixam o espírito cheio de meditação
Vielas íngremes ao lado de videiras escondidas
onde vidraças brilham nas janelas
No crepúsculo nalgum momento no campo
Tudo passou Minha Providência!
Que etéreos anfitriões
Ainda giram teus dourados cataventos
quais fôlegos de elfo que, com fantasmas cinzentos,
povoam tuas antigas veredas!
Os carrilhões vespertinos como antigamente
soam sobre teus vales
Enquanto teus austeros pais limpam o bolor
abençoam tua terra sagrada.



À Dona Sofia Simple, Rainha do Cinema

∴
To Mistress Sophia Simple, Queen of the Cinema (1917)



Esse mutável rosto, em frente ao nosso olhar
De alegrias e tristezas nos desvenda um amor,
E o trejeito risonho assombra-nos deveras.
Mas duma vez por todas, aprende a actuar!

Teus olhos brilham mais do que as estrelas
E a tua boca é com o arco de Cupido.
Bem rosadas e firmes tens as maçãs do rosto.
Então porque serás tão docemente estúpida?

O herói só de ver-te fica mais do que rendido
E já só quer apod'rar-se da tua mãozinha bela.
Ah! O pobre palerma, que lástima nos causa,
Esta vítima mais do teu riso de tola!

E sendo assim, porque choramos nós
Ao ver o trágico destino que te cabe?

No fundo é natural — por um mísero tostão
Alguma maravilha queríamos ver então?!!



[Tragam aqui, meus rapazes...]

∴
[Come hither, my lads...] (1917)



Retirado de “A tumba”

Tragam aqui, meus rapazes, seus canecos de cerveja
E bebam ao dia de hoje, antes que já não mais seja.
Encham seus pratos de bifés, empilhando-os em montanha,
Pois só beber e comer é o que da vida se ganha.

Encham cada taça,
Pois a vida passa,
E depois ao rei e à amada não há quem um brinde faça.

O nariz de Anacreonte era vermelho, se diz;
Mas o que é um nariz vermelho quando se é alegre e feliz?
Melhor ser vermelho agora — Deus me castigue! — que estar
Branco como um lírio ou morto antes de o ano acabar!

Venha, Betty, em festa,
Beije-me na testa;
Filha de estalajadeiro no inferno não há como esta!

Que o jovem Harry ainda esteja de pé nos causa surpresa,

Logo há de perder a linha e entrar debaixo da mesa;
Mas encham bem suas taças, passem-nas de mão em mão,
Melhor embaixo da mesa do que debaixo do chão!

Que reine o festim,

Que bebam por mim:

Sob sete palmos de terra não se ri tão bem assim!

Que o diabo me carregue, se mal me aguento de pé
e, com todos os demônios, se de mim ainda dou fé!

Aqui, patrão, mande Betty chamar um carro, que eu vou
correr para casa, enquanto minha esposa não chegou!

Alguém me sustente,

Antes que eu me sente:

Que enquanto em cima da terra estou feliz e contente.



A um Sonhador

∴
To a Dreamer (1920)



Observo o teu rosto pálido e tranquilo
Junto à luz solitária de uma vela;
A borda escura das pálpebras, sob a qual
O olho dorme, alheio a este mundo.

E, olhando-te, quisera conhecer
As veredas por onde o sonho te conduz.
As fantasmais regiões que com olhos velados
Nem tu nem eu, de aqui, podemos ver

Pois também eu, dormindo, contemplei
Coisas que agora só a memória guarda;
Nesta semiconsciência anseio olhar de novo
Os cenários que a ti apenas se desvendam.

Também eu conheci os altos cimos de Thock;
E os vales de Pnath, de oníricas formas cheios;
E as catacumbas de Zinn... Por isso entendo bem
Porque desejas tu que a vela fique acesa.

Mas...que coisa é essa que subtilmente corre
Sobre o teu rosto e os teus barbados lábios?
Que medo te perturba o coração e a mente
Que até a tua fronte já de suores se perla?

Velhas visões despertam... E os teus olhos abertos
Brilham, negros de nuvens de outros firmamentos;
E como se o fizera por demoníaca mirada
Vejo-me a esvoaçar através da noite encantada.



Læta; um Lamento

∴
Laeta; a Lament (1918)



Tombam tristes os salgueiros junto à margem do Zulal,
Por onde com minha amada de negras tranças vaguei:
Cada flor que se abre, cada lírio desse litoral
Se verga tristonho desde que de Laeta me afastei!

Benditos dias da infância em que eu, ainda esperançoso,
Com minha Laeta galgava cada outeiro florescente,
Colhendo fetos e flores junto ao regato calmoso,
Sorrindo para os reflexos e os lampejos da corrente.

Flor nenhuma, por mais bela, da campina competia
Com os encantos inocentes da linda face de Laeta;
Nem tordo, no bosque, um canto tao excelente emitia
Quanto os acentos da sua voz suavíssima e seleta.

Por superá-la em beleza, embalde se digladiavam
Tímidas ninfas da mata, da fonte ou da pradaria;
Mas, por mais vão o combate, mesmo assim não a invejavam,
Porque Laeta era tão pura que amá-la, só, competia!

Quando, momo, sobre as flores soprava Austro suavemente
E Zéfiro, qual menino, vinha entre os ramos brincar,
Era como se as aragens parassem à sua frente,
Temendo, do êxtase presas, seu cabelo embaraçar.

Que ardentes os nossos sonhos quando alguma vez enfiávamos
No templo coberto de hera, junto à floresta sombria;
Quando nesse lugar santo as nossas juras selávamos,
E eu via que para sempre Laeta me pertenceria.

Que pensamentos de gozo quando, árdego, o outono vinha
E de ouro e púrpura as matas pareciam se incender;
E quão pesado o meu peito quando pressenti que minha
Laeta graciosa com o ano havia de fenecer.

As pastagens se secaram, e o céu cinzento encontrei,
Quando, afinal, para sempre de Laeta me vi privado;
E o deus rio teve pena quando, em pranto, ali vaguei,
Mornas lágrimas mesclando com o seu deserto gelado.

Agora as flores tomaram, mas sem o meigo esplendor
De quando se abriam junto aos pés de Laeta amorosos;
E os salgueiros se lamentam às colinas ao redor,
E os tordos, outrora alegres, hoje estão silenciosos.

Os campos verdes e os bosques definham na solidão,
E as dríades já não cantam os seus doces madrigais;
Alegre um dia, hoje passa molemente a viração,
Sobre o local suspirando onde Laeta amada jaz.

E eu vagueio pensativo por este ermo litoral
Onde andávamos, amantes, naquela época passada;
E anseio por um outono em que a onda azul do Zulal
Cantará sobre o meu túmulo junto ao de Laeta — adorada.



St. John

∴
St. John (sem data)



St. John, cuja arte brilha sublimemente
Em odes líquidos e em linhas de fusão,
Deixou Theobald sua consideração expressa
Em versos de poucas linhas de encanto.
Como agora aparece em estado de magnificência
As horas festivas de satisfação no natal,
Meu desejo mais forte é esse, que você
Sinta cada oração do dia!



A Casa

∴
The House (1919)



É casa que o verde oprime,
Junto ao pé de uma colina,
Onde cada ramo exprime
Estranha lenda, maligna.
Feita de tábuas já velhas,
Um ar de morte recende;
E heras lhe cobrem as telhas,
De algo mais se alimentando
Que saber algum apreende—
E que vão do úmido solo ao seu redor retirando.

Nos jardins veem-se flores,
Que, altas, crescem sem parar.
Exalam tristes olores
Que sobem, enchendo o ar.
Mas o lusco do sol-pôr,
Com o seu brilho avermelhado,
Torna mais baço o arredor

Para o olho desconfortável.
E sente-se, no ar parado,
Pois mais forte que o perfume é o odor do tempo incontável.

O mato inculto, que avança,
Invade o pátio e a sacada,
Trazendo a escura lembrança
De uma era há muito passada.
E há incrustações de umidade
Nas calçadas ao redor,
Que estranho espírito invade,
Vindo ali perambular
A cada rubro sol-pôr.
E a alma se enche de visões que preferira olvidar.

Foi no mês de junho ardente
Que observei os arredores,
Quando o meio-dia quente
Esturricava os verdores.
Porém de frio tremi,
Buscando por luz, à tola,
Frente à imagem que entrevi—
Pois meus olhos, hesitantes
Viram, entre eras sem conta,
Qual raio na noite escura, o tempo em que lá estive antes!



A Clark Ashton Smith

∴
To Clark Ashton Smith, Esq., (1936)



Sobre suas histórias fantásticas, versos, pinturas e esculturas

Velha torre a se erguer contra céus turbulentos,
Tendo ao pé matagais espessos e interditos.
Silêncio, sombra e musgo a recobrir, cinzentos,
Lajes que outrora foram hirtos monolitos.
Passo nenhum ou voz de pássaro desperta
Da noite sempiterna os caminhos dormentes.
Só, às vezes, um ruflar de asas bole na incerta
Sombra, quando há na torre uns fulgores trementes.
Aqui mora, apartado, alguém que já lavrou
Magas imagens de que o mundo tem horror;
Cuja runa, em fatais acentos, ensinou
O que jaz para além do cósmico negror. —
De Averroigne é senhor, cujas rótulas fitam
Abismos de sonhar que olhos temem e evitam!



Pôr do Sol

∴
Sunset (1917)



Límpido, o dia é tão mais rico ao se acabar;
Um dourado esplendor baixa sobre a campina.
Convidando ao repouso a paisagem e o mar,
Esquivamente o brilho arrefece e declina.

E nessa luz gentil, beatífica e adorável,
A alma busca um prazer mais ameno e mais nobre.
Liberta do clarão da tarde, a vista, afável,
Sob o céu e no mar novas graças descobre.

Mas antes que o fulgor puro coroe a altiva
Vegetação, e a luz, suave, invada o verdor,
O ocaso enfim se adensa; e a cena fugitiva
Deixa só uma lembrança abençoada do amor.



Dia das Bruxas num Subúrbio

∴
Hallowe'en in a suburb (1926)



As torres são brancas sob o doido luar,
E os ramos têm um brilho prateado;
E as chaminés veem sobre si passar
Harpas e vampiros, cruzando ar
Com um olhar e um riso alucinado.

Sob o luar se estende essa aldeota inculta,
Sem ter visto jamais a luz do dia:
Vinda de funduras que o tempo sepulta,
Onde um rio de louca fantasia
Desce a golfos de onírica agonia.

Corre um vento frio entre as pilhas de grãos,
Sobre campos de um pálido fulgor,
E vem entre as lousas dar giros malsãos;
E abominações no átrio gemem por
Colheitas fantasmais, de fundo horror.

Um sopro sequer dos deuses da mudança,

Que romperam os liames do passado,
Apressa a hora, em que espectral poder avança,
Adormecendo o céu vasto e calado
E libertando as sombras do ignorado.

Então, novamente, surge o vale e o plaino
Que luars ancestrais alumiam,
E dançam os mortos sob o brilho arcano,
Ressurgindo das tumbas que os tragaram,
Para espantar o mundo que deixaram.

Tudo quanto o dia há de ter esquecido —
O horror e a pestilência das fileiras

De tijolo e pedras — se terá jungido
Ao resto pelas eras derradeiras,
Habitando entre as sombras agoureiras.

Ladrem loucos, pois, os lêmures no escuro
E ao céu ascendam miasmas leprosados,
Que hão de unir-se o novo e o velho no futuro,
Aos terrores da morte condenados,
Para serem do Tempo devorados.



Psychopompos; uma História em Versos

∴
Psychopompos: A Tale in Rhyme (1917–1918)



*Sou o que uiva na noite,
Sou o que geme entre as neves,
O que nunca viu a luz
E vem lá das profundezas.*

*Meu carro é o carro da Morte,
Venho nas asas do horror,
Meu sopro é o vento boreal,
Minhas presas são os mortos.*

Na antiga Auvergne, quando escolas não havia
E o camponês sonhava o que mal compreendia,
E era entre os nobres desdenhado o trono real,
Havia um homem cuja estância senhorial
Sobre a floresta escura e espessa se elevava.
Seu nome era De Blois, cuja estirpe evocava
De um honroso passado a memória bravia;

Porém um boato, entre sussurros, lá corria
De que o *sieur* De Blois era homem misterioso:
Cabelo bem penteado, e esbelto, e silencioso,
Os dentes alvos que exibia com frequência,
O olho aguçado, o olhar de arcana inteligência,
E a língua a pronunciar um francês bem entoado,
O *sieur* — bem pouco visto e menos ainda amado —
De seu reduto quase nunca se afastava.
Discreta e escassa, uma criadagem lá contava
De vez em quando alguma história de ocasião;
Mas era velha e já não saía da mansão
Onde habitaram gerações dos ancestrais.
Assim, crescia o boato — e o boato cresce mais
Quando o mistério excita o prazer malicioso,
E a reclusão toma o cochicho venenoso,
E o escândalo prospera onde escasseia o fato.
Dizia-se que o *sieur* fora visto (era o boato),
Vagando só, à meia-noite, junto ao rio
Com um aspecto estranho e um olhar tão sombrio
Que os aldeões, observando-o, até se persignavam.
Mas o que era isso e por que assim se amedrontavam,
Se perguntados, não sabiam explicar.
De Blois — era o rumor — não ousava rezar,
Nem, aos domingos, ir à igreja da mansão
(E não havia padre, ou monge, ou capelão
Ali). Mas, se o senhor já tinha fama odiosa,
Em dobro era temida e detestada a esposa,
Tão sombria quanto ele e de feição marcada,
Entre o orgulho e a loucura. E, além disso, dotada
De sobrenatural donaire, a dama altiva
Desdenhava do povo a veia inquisitiva,
Que tentava sondar — em vão — a sua origem.
Nas velhas seu olhar causava uma vertigem,
E ante o seu riso estremecia a molecada.
Richard, o anão (cuja palavra pesa nada),
Jurava ser o de uma cobra o seu andar,

Enquanto o idoso Pierre (e anciões podem errar)
Dizia provir dela o enigma do marido.
E, por dar mais assunto ao abelhudo ouvido,
Também havia este sussurro — absurdo à beça —,
Boato talvez que o povo tira da cabeça
E conta à meia voz, ou cordão de lorotas
Sem autor, que se impõe à crença das velhotas,
De segunda ou terceira ou quinta mão ouvido:
Corria o dito, pois, incerto e mal urdido,
De que a dama De Blois um olho mau portava;
Ou mais: ao pé do ouvido, o povinho insinuava
Que da feitiçaria uma chispa invulgar
Ardia no seu peito. E a velha Mère Allard
(Meio bruxa também) jurava de pés juntos
Que o olhar daquela dama influía nos defuntos.
E assim vivia o par, como tantos que vão
Esquivando-se ao povo e à pública opinião,
Sem dar ouvidos ao constante leva-e-traz,
E isto pedindo só: que o deixassem em paz!
Foi no inverno — a estação de todas mais severa,
Com o outono já morto e longe a primavera —,
Que o jovem Jean, do comissário filho e herdeiro,
Caiu doente e o doutor lançou em desespero.
Ninguém supunha, pois, que uma criança tão forte
Corresse risco de tão cedo entrar na morte.
Por ignota razão, lá estava, branca e pura,
E era inútil sondar a Natureza dura.
Mas nem a dor profunda alcançou derrotar
Da velha a dedução e o rico imaginar.
Disse, discreta, ter ouvido que a senhora
De Blois tinha passado ainda ontem ali fora;
E tinha (ouvira) com o seu olho delirante
Junto ao portão parado, a olhar o agonizante.
E juravam ter visto um sorriso traçar
Linhas novas e más em sua face alvar.
Assim falavam, quando a mãe, num grito agudo,

O desfecho anunciou da alminha, ao fim de tudo.
Com uma dor genuína a guardiã bondosa
Chorou, ao ver partir sua cria preciosa.
O padre do lugar entoou uma oração,
E o bom Michel fechou com pregos o caixão.
Ao redor do corpinho as velas se acenderam,
E em tomo ao par lutuoso as lágrimas correram.
Depois, foram buscar da cama o bom conforto,
Deixando a pobre mãe sozinha com o seu morto.
Tarde da noite, sobre o vale, à feridade,
Um vento desatou de forte tempestade;
Tombou neve também; e entanto, estranhamente,
Entre os flocos o raio explodiu doidamente.
Ao redor se insinuou um presságio malsão,
E o terror se espalhou com o rugir do trovão.
Dentro da casa, em luto, a vela bruxuleava,
Enquanto sobre o morto a boa mãe chorava,
Seus olhos já mais que exauridos pelo pranto
E incapazes de ver e de dormir, no entanto.
Deram três horas, e entre o chuveiro incessante
Algo veio bulir junto ao corpo do infante —
Sombra escamosa e fugitiva que subia
Para cima da mesa onde o caixão jazia.
Com movimentos ondulantes procurava
O frio barro que da morte ali restava.
Súbito, sonolenta, a mãe desperta, ouvindo,
Tonta ainda, mas consciente, e o bulício sentindo.
Vê a coisa nojenta e frustra prontamente
A macabra intenção dessa espiral movente:
Com um golpe de machado a testa lhe rachou,
Enquanto, como em triunfo, um grande urro soltou.
A serpe, a sibilar, se retirou, ferida,
Indo esconder na noite a carcaça cindida.

As semanas se vão, e o boato segue em frente,
Dizendo que De Blois é um homem diferente.

Cruza, de modo estranho e com frequência, a rua
Assestando na gente um olhar de gazua.
Mas, enquanto se expõe como nunca o fez antes,
Sumiu a dama dos olhares delirantes.
E, com o passar do tempo, até o espanto esfria
De que ele agora desse ouvido à boataria;
Nem despertou rumor entre a gente curiosa
Quando ele visitou o comissário e a esposa:
Sua história de dor, com o final imprevisto,
Pelos amigos foi contada, em tom sinistro.
Depois de tudo ouvir, curvo, afastou-se o *sieur*,
E por uns dias não voltou a aparecer.

Quando na primavera o sol se reanimou
E o zéfiro jovial as neves dissipou,
Um novo horror surgiu à gente amedrontada,
Sob a folhagem da campina ainda molhada.
Lá estava (conservada entre a neve inclemente)
A senhora De Blois, morta precocemente —
Pelo golpe de algum assassino abatida,
A fina e bela fronte em duas dividida.
Mãos relutantes conduziram esse fardo
Ao portal do marido, em pedra emoldurado,
Onde em silêncio o receberam, com horror,
Os velhos criados, com menos susto que dor.
O senhor observou a esposa, com tristeza,
E de raiva tremeu, mais do que de surpresa.
(Ao menos foi o que os campônios afirmaram
Quando às esposas tal história relataram.)
E De Blois — foi o que mais a vila espantou —
Não comentou o caso e a esposa não pranteou.
Nem faltou língua afiada a insinuar que o senhor
Esquivo era de tudo o culpado maior.
Porém só o boato não bastava a resolver
Um crime tão obscuro; e, do tempo ao correr,
Se somou essa história às lendas do lugar,

Com mais surpresa e mais espanto que pesar.

Foi-se o sol novamente, e o inverno retomou,
E em sua álgida garra o campo arrebatou.
Dezembro veio e trouxe o Natal outra vez
E saudou o Ano Novo o grato camponês.
Porém, junto à lareira, o frio já avançando,
Falavam do passado os velhos, murmurando.
Ninguém, quase, esquecera a diabólica história
Que no inverno anterior se passara, notória;
E as velhas, sem cessar, o casebre vigiavam
Onde o oficial e sua esposa ainda moravam.
Até que veio o dia em que o céu se tingiu
De agourentos sinais e em negro se vestiu;
Ventos sopraram nos pomares ao redor,
Como a espalhar por toda parte um negro horror.
A boa gente, sem saber por que, fugia,
Se afastando da casa onde o oficial vivia.
Dentro, em luto, chorava o casal a recente
Perda do filho, que dormia eternamente.
Lúgubre, em volta a enorme sombra se agitava,
Suspensa no furor do caos que se anunciava.
Seco, o vento portava um murmúrio selvagem,
E o rio se encorpava, a fustigar a margem.
Trazendo a noite, o deus da tempestade uivava,
Com um grito a cujo tom o sangue se gelava.
Árvores foram arrancadas, como arbustos,
Enquanto por seu lar rezavam os matutos.
Um vagido gradual entre os ventos cresceu
E a corrente furiosa um pouco se abateu.
Lá do rio que corta a floresta adjacente
Veio um novo gemido, entoado estranhamente.
O grupo se encolheu, com um ricto de pavor,
E se aglomerou mais sob o espectral negror:
E era bem familiar tal som a cada ouvido
Pois do lobo é que vem uivo assim tao temido!

Pararam os aldeões, ouvindo; e, de carreira,
Da margem avançou uma alcateia inteira,
Surgindo da água como uma corrente uivante
Que invadiu o ar e se espalhou no campo adiante:
E em órbitas de fogo as criaturas voaram
E com voz infernal sua fome cantaram!
Do grupo se destaca um monstro inatural,
Com passo ousado, impondo uma ordem marcial:
E o bando todo às suas notas arremete,
Formando filas para o horror que se promete:
Não atacaram os aldeões, mas, se calando,
Sobre o solo gelado estacaram, olhando.
Percorrem, pois, em fila a rua da cidade,
Com incomum vigor e atroz celeridade.
Pelas frestas o povo espia, tremebundo,
E pálido, e refém do medo mais profundo.
Alcançando o seu alvo, a alcateia enfuriada
Uiva, estraçalhando o ar com rude algazarrada.
Os aldeões, com pavor, veem juntar-se o bando
E ouvem, junto ao casebre, o líder se anunciando:
E logo corre a voz, sob o medo mortal,
De que a casa infeliz é aquela do oficial!
Os demônios, em ronda, a cercam, ululando,
Enquanto o líder a parede vai galgando
Coberta de hera; e o vento, louco, se alvorota
E uiva dobrado, atravessando o teixo pobre.
Dentro da frágil casa o oficial, calmo e nobre,
Espera a horda e confia ao destino a sua hora.
Mas, pálida, com um ricto, a esposa rememora
Um outro monstro e uma outra cena mais remota.
Sob o vento que abala a parede, crescente,
Recorda-lhe a mulher a história da serpente.
Então um medo fundo entranha a alma dos dois,
Quando o líder, mostrando a mandíbula atroz,
Pela janela, arrebetando a gelosia,
Numa fúria assassina a sala já invadia.

Salta e contra a mulher indefesa se atíça,
Com má tenção a arrasta, enquanto ela esganiça,
Até o lugar onde o caixão tinha ficado.
O vento, num furor, ruge desatrelado,
Os morros percorrendo e o vale fustigando.
Precária, a casa treme, e lá por fora o bando
Perfaz, com nova fúria, uma ronda infernal.
Rápido, num piscar, se levanta o oficial
E avança contra o lobo, uma arma em sua mão —
O machado que foi, na anterior estação,
Usado e hoje outra vez faria uma investida.
A criatura tombou com a cabeça partida
Inerte, para o chão, num silêncio deserto.
A esposa, agora salva, ao lembrar-se do aperto,
Desmaia de terror nos braços do marido;
Mas, mal ele a amparou, a casa, num rangido,
Inerme ante o furor do vento, estremeceu,
E a toda brida a tempestade prorrompeu:
Ruíram paredes e, ao redor dos dois sitiados,
Saltaram os revéis das chuvas e tomados.
Avançam, numa dança insana e pavorosa,
Fome e morte estampada em cada face irosa.
Porém, na noite atroz, quando já estão a um passo,
Um relâmpago explode, iluminando o espaço:
Aos olhos se desnuda a cena, e ante o clarão
Treme o casal, com indizível apreensão.
Sobre a ruína se eleva a chaminé, poupada,
Entre os relâmpagos surgindo, recortada.
Enquanto da lareira, intacta, em relicário
Pende a imagem da Cruz com o Senhor do Calvário!
Em tomo a esse recanto um fulgor estremece
E protege o casal contra a ira do refece:
Cada inimigo encara a esplendência sem par,
E cai, desfalecido, e se desmancha no ar!
O casal de aldeões adora, miserando,
as contas com fervor passando e repassando.

Então a luz se vai e do raio o clarão,
Findando desse modo a horrível situação.
Brancos, feridos, do casebre destelhado
Com a esposa o oficial aparece, escoriado.
Bondosas mãos vão atendê-los, e uma vasta
E doce paz, enfim, sobre a aldeia se alastra.
No sono, o medo e o espanto aos poucos arrefece,
Como em nubloso céu o luar, quando aparece.

Fez aqui uma pausa a velha, algo indecisa,
Confusa já da idade e da história imprecisa.
O ouvinte, aborrecendo essa e as outras paradas.
Temeu que a história fossem duas, entramadas;
Quis entender o que com o viúvo se passara,
De cuja esquisitice há pouco se falara.
E receou que o omitisse a velha, sibilina,
Para só digredir sobre a noite lupina.
Inquirida, a anciã luta para ser clara
E, balançando a fronte, as ideias aclara.
Mas se demora, obscuramente, nos eventos
Do lobo e do oficial, do milagre e dos ventos.
Quando (ela recomeça) a aurora iluminou
O cenário malsão onde o pavor reinou,
O povo que lá foi ver o sítio arrasado
Novo espanto encontrou no lugar malsinado.
Um rastro rubro de entre as trilhas emergira,
Como do lobo que o machado malferira;
E pingava, através do bosque, no caminho,
Até perder-se sobre um pântano vizinho:
E, com pasmo inaudito, a conclusão se colhe,
Pois não retoma mais o que o pântano engole.

Mais uma vez a anciã, com um olhar que sabia,
Parou para observar um gavião que lá ia.
Debalde o ouvinte lhe implorou, inquisitivo,
Por uma pista ou dito mais informativo.

Ouvindo o seu pedido, a velhota, indulgente,
Alguma coisa murmurou, estranhamente.
O *sieur*? Ah, sim — em vão, por todo aquele dia
Em meio à neve a criadagem buscaria.
Mas não o vira ninguém, desde que, silencioso,
Na véspera sumiu do evento proceloso.
Seu cavalo, em cujo olho o terror se imprimiu,
À noite, andando ao léu, da margem ressurgiu.
E o seu cão, que um pesar profundo lacerava,
Próximo ao pântano, sem pausa lamentava.
Depois de especular, o povo se calou,
E dos servos a busca em nada terminou,
Pois que o *sieur* De Blois (disse, definitiva)
Não foi visto outra vez por nenhuma alma viva.



Nota

Esta seção é composta por 18 narrativas (contos, noveletas, romances e novelas) de autores cujas obras a) se passam no mesmo universo ficcional compartilhado de Lovecraft; b) serviram de inspiração ou influenciaram Lovecraft em suas criações; c) possuem ligação direta com alguma narrativa escrita por Lovecraft; d) foram diretamente inspiradas pela ficção de Lovecraft.

Os autores incluídos aqui são: Robert E. Howard, Robert Bloch, Clark Ashton Smith, Thomas Owen, August Derleth, Jorge Luis Borges, Frank Belknap Long, Ambrose Bierce, Algernon Blackwood e Edgar Allan Poe. Algumas dessas peças são raras e outras inéditas em português.



A Pedra Negra

Robert E. Howard

∴

The Black Stone (1931)

Weird Tales (nov. 1931)

Robert E. Howard (1906–1936) nasceu e viveu em Texas. Começou a escrever desde muito cedo, percorreu praticamente todos os gêneros de história de aventuras, embora se destacasse especialmente na “fantasia heroica”, criando personagens famosos como Conan e Rei Kull. Transtornado pela morte de sua mãe, suicidou-se aos trinta anos.

Na presente coleção, incluímos cinco contos de Robert E. Howard que fazem uso do universo ficcional de Lovecraft. Aqui, na primeira narrativa, a inclinação de Robert às narrativas históricas e os ambientes bárbaros se unem à prosa lovecraftiana dando lugar a um conto estremecedor e inquietante.



*“Dizem que criaturas sórdidas de Tempos Antigos ainda espreitam
Em sombrios cantos esquecidos do mundo. E Portões ainda se abrem*

para libertar, em certas noites. Formas confinadas no Inferno.”

“O Povo do Monólito”, por Justin Geoffrey

Eu li isso pela primeira vez no estranho livro de Von Junzt, o alemão excêntrico que viveu tão curiosamente e morreu de forma tão horrenda e misteriosa. Foi sorte minha ter acesso ao seu “Cultos Inomináveis” na edição original, o chamado Livro Negro, publicado em Dusseldorf em 1839, pouco antes de que a ruína que o espreitava tomasse conta do autor. Colecionadores de literatura rara estavam familiarizados com “Cultos Inomináveis”, principalmente devido à tradução barata e deficiente que foi pirateada em Londres por Bridewall em 1845, e a edição cuidadosamente expurgada, publicada pela Editora Golden Goblin de Nova York, em 1909. Mas, o volume no qual tropecei foi uma das cópias alemãs não expurgadas, com capa pesada de couro negro e fechos enferrujados de metal. Duvido que, atualmente, existisse mais do que meia dúzia de tais volumes no mundo, pois a quantidade publicada não foi grande, e quando o boato de como fora a morte do autor se espalhou, muitos proprietários do livro queimaram seus volumes em pânico.

Von Junzt passou a vida inteira (1795–1840) se aprofundando em assuntos proibidos; viajou por todas as partes do mundo, fez parte de inúmeras sociedades secretas e leu incontáveis originais de livros e manuscritos esotéricos pouco conhecidos; e nos capítulos do Livro Negro, que variam de surpreendente clareza de exposição à obscura ambiguidade, há afirmações e insinuações que congelam o sangue do homem pensativo. Ler o que Von Junzt ousou publicar, levanta especulações inquietantes quanto ao que ele não ousou contar. Quais questões obscuras, por exemplo, estavam contidas naquelas páginas cuidadosamente escritas que constituíam o manuscrito não publicado, no qual ele trabalhou incansavelmente por meses antes de sua morte, e o qual estava rasgado e espalhado por todo o chão da câmara fechada e trancada, onde Von Junzt foi encontrado morto com as marcas de garras em sua garganta? Nunca se saberá, pois o amigo mais próximo do autor, o francês Alexis Ladeau, depois de passar a noite inteira reunindo os pedaços e lendo o que estava escrito, os queimou e cortou a própria garganta com uma navalha.

Mas o conteúdo do material publicado é perturbador o suficiente, mesmo se for aceita a visão geral de que ele apenas representa os delírios de um louco. Ali, entre muitas coisas estranhas, encontrei menção à Pedra Negra, aquele monólito curioso e sinistro que se eleva entre as montanhas da Hungria, e sobre a qual tantas lendas sombrias se aglomeram. Von Junzt não devotou muito espaço a ela, a maior parte de seu trabalho sombrio diz respeito a cultos e objetos de veneração sinistra, os quais ele afirmava que existiam em sua época, e parecia que a Pedra Negra representa alguma ordem ou ser perdido e esquecido há séculos. Mas ele falou sobre isso como uma das chaves, uma frase usada muitas vezes por ele, em várias narrativas, constituindo uma das obscuridades de seu trabalho. E ele brevemente mencionou aparições curiosas perto do monólito na Noite de Solstício de Verão^[1]. Mencionou a teoria de Otto Dostmann, que diz que o monólito era um remanescente da invasão dos hunos e fora erigido para comemorar a vitória de Átila sobre os godos. Von Junzt contradisse esta declaração sem fornecer fato refutatório algum, apenas observando que atribuir a origem da Pedra Negra aos hunos era tão lógico quanto assumir que Guilherme O Conquistador construía Stonehenge.

Esta implicação de importante antiguidade despertou imensamente meu interesse e, após algumas dificuldades, consegui localizar uma cópia mofada e devorada por ratos do “Remanescentes de Impérios Perdidos”, de Dostmann (Berlin, 1809, Editora “Der Drachenhaus”). Fiquei desapontado ao saber que Dostmann referiu-se à Pedra Negra ainda mais brevemente do que Von Junzt, dispensando a ela poucas linhas, como um artefato comparativamente moderno em contraste com as ruínas greco-romanas da Ásia Menor, as quais eram seu tema favorito. Ele admitiu sua inabilidade para entender os caracteres desfigurados no monólito, mas os declarou indiscutivelmente mongoloides. Entretanto, pelo pouco que sei sobre Dostmann, ele mencionou o nome da vila adjacente à Pedra Negra, Stregoicavar, um nome nefasto, que significava algo como Cidade da Bruxa.

Um exame minucioso em guias e artigos sobre viagem não me forneceu maiores informações. Stregoicavar, que não pude encontrar em mapa algum, encontra-se em uma região selvagem e pouco frequentada, fora da rota de turistas casuais. Mas encontrei assunto para pensar no

“Folclore Magiar”, de Dornly. Em seu capítulo sobre Mitos de Sonhos, ele menciona a Pedra Negra e relata algumas superstições curiosas relacionadas a ela, especialmente a crença de que se qualquer pessoa dormir perto do monólito, será eternamente assombrada por pesadelos monstruosos; e citou contos dos camponeses a respeito de pessoas muito curiosas que se aventuraram a visitar a Pedra na Noite de Solstício de Verão e morreram loucas devido a algo que viram ali.

Isto foi tudo que pude vislumbrar de Dornly, mas meu interesse foi até mais intensamente despertado quando senti uma aura distintamente sinistra sobre a Pedra.

A insinuação de antiguidade sombria e a alusão repetitiva a eventos sobrenaturais durante a Noite de Solstício de Verão tocaram algum instinto adormecido em meu ser, da mesma maneira que se sente, mais do que se escuta, o fluir de algum rio subterrâneo sombrio dentro da noite.

E, repentinamente, vi uma conexão entre esta Pedra e certo poema estranho e fantástico, escrito pelo poeta louco, Justin Geoffrey: O Povo do Monólito. Investigações levaram à informação de que Geoffrey realmente escrevera aquele poema enquanto viajava pela Hungria, e não duvidei de que a Pedra Negra fosse exatamente o monólito ao qual ele se referia em seu estranho verso. Lendo suas estrofes novamente, senti mais uma vez as estranhas agitações sombrias de induções subconscientes que percebera quando pela primeira vez li sobre a Pedra.

Eu andara procurando por um local para passar umas férias breves, e me decidi; fui para Stregoicavar. Um trem antiquado me levou de Temesvar até uma distância ainda notável de meu objetivo, e uma viagem de três dias em um coche que sacudia me trouxe até o pequeno vilarejo que repousa em um vale fértil, nas montanhas cobertas de pinheiros. A viagem em si foi tranquila, mas, durante o primeiro dia, passamos pelo velho campo de batalha de Schomvaal, onde o bravo cavaleiro polaco-húngaro, o Conde Boris Vladinoff, fez sua corajosa e infrutífera resistência contra os exércitos vitoriosos de Solimão, o Magnífico, quando o Grande Turco varreu a Europa Oriental em 1526.

O cocheiro me mostrou uma grande pilha de pedras despedaçadas sobre uma colina próxima, debaixo da qual, ele disse, descansam os ossos do bravo Conde. Lembro-me de uma passagem de “Guerras Turcas”, de Larson. “Após o conflito” (no qual o Conde, com seu pequeno

exército, repelira a guarda turca que se encontrava na dianteira) “o Conde permanecia em pé debaixo das paredes semidestruídas do velho castelo na colina, dando ordens quanto à disposição de suas tropas, quando um assistente lhe trouxe um pequeno estojo laqueado que foi tomado do corpo do famoso escriba e historiador turco, Selim Bahadur, que tombara na luta. O Conde pegou dali um rolo de pergaminho e começou a ler, mas logo ficou muito pálido devido ao conteúdo e, sem dizer uma palavra, retornou o pergaminho ao estojo e o enfiou em seu capote. Neste instante exato, repentinamente uma bateria turca abriu fogo, as balas atingiam o velho castelo, e os húngaros ficaram horrorizados ao ver as paredes desmoronarem em ruínas, cobrindo completamente o bravo Conde. Sem um líder, o pequeno exército corajoso foi feito em pedaços e, durante a guerra avassaladora dos anos seguintes, os ossos dos nobres homens nunca foram recuperados. Atualmente, os nativos apontam para uma pilha enorme e deteriorada de ruínas próxima a Schomvaal sob a qual, eles dizem, ainda repousa tudo o que os séculos deixaram do Conde Boris Vladinoff.”

Achei o vilarejo de Stregoicavar lírico e sonolento, que aparentemente contradizia seu cognome sinistro, um redemoinho do passado desprezado pelo Progresso. As casas estranhas, e as vestimentas e condutas ainda mais estranhas da população, pertenciam a algum século anterior. Eles eram amigáveis, ligeiramente curiosos, mas não inquisitivos, embora visitantes do mundo externo fossem extremamente raros.

“Dez anos atrás outro americano veio para cá e ficou poucos dias no vilarejo” disse o proprietário da taverna onde eu me hospedara, “um indivíduo jovem e esquisito — murmurou para si mesmo — um poeta, eu acho.”

Entendi que ele deveria estar se referindo a Justin Geoffrey.

“Sim, ele era poeta”, respondi, “e escreveu um poema sobre um pouco da paisagem próxima a este exato vilarejo.”

“É mesmo?” O interesse de meu anfitrião foi aguçado. “Então, uma vez que todos os grandes poetas são estranhos em seus discursos e atitudes, ele deve ter alcançado grande fama, pois suas ações e conversas eram as mais estranhas que já vi.”

“Como é normal com artistas”, respondi, “a maior parte de seu reconhecimento veio com a sua morte.”

“Ele está morto, então?”

“Ele morreu gritando em um hospício cinco anos atrás.”

“Que pena, que pena”, suspirou meu anfitrião com simpatia. “Pobre rapaz, ele olhou por tempo demais para a Pedra Negra.”

Meu coração deu um salto, mas disfarcei meu interesse ardente e disse casualmente. “Escutei algo sobre esta Pedra Negra; está em algum lugar próximo a este vilarejo, não é?”

“Mais próximo do que os cristãos gostariam”, respondeu. “Olhe!” Ele me puxou para uma janela de treliça e apontou para as encostas cobertas de pinheiros das contemplativas montanhas azuis. “Lá, além de onde você enxerga a face nua daquele penhasco saliente está a Pedra amaldiçoada. Pudessem ser moída até o pó e o pó arremessado ao Danúbio para ser levado ao oceano mais profundo! Certa vez tentaram destruí-la, mas cada homem que usou martelo ou marreta contra ela teve um final miserável. Portanto, agora todos a evitam.”

“O que existe de tão maligno sobre ela?”, perguntei com curiosidade.

“É algo assombrado pelo demônio”, ele respondeu inquieto e com o indício de um tremor. “Em minha infância, soube de um homem jovem que veio de terras baixas e riu de nossas tradições. Em sua imprudência, ele foi até a Pedra em uma Noite de Solstício de Verão e, ao amanhecer, cambaleou de volta ao vilarejo, mudo e louco. Algo estraçalhara seu cérebro e selara seus lábios, pois até o dia de sua morte, que chegou logo após, falou apenas para proferir blasfêmias terríveis ou babar bobagens sem nexo.”

“Meu próprio sobrinho, quando era muito pequeno, se perdeu nas montanhas e dormiu na mata, próximo à Pedra e agora, em sua vida adulta, é torturado por sonhos imundos; a noite se torna horrenda devido a seus gritos, e ele acorda ensopado em suor frio”.

“Mas, vamos falar de outra coisa, Herr; não é bom insistir nesse assunto.”

Comentei a respeito da idade evidente da taverna e ele respondeu com orgulho. “As fundações têm mais de 400 anos; a casa original foi a única no vilarejo que não se destruiu pelo fogo quando o demônio de Solimão varreu as montanhas. Aqui, na casa que permaneceu nessas

mesmas fundações, é dito que o escriba Selim Bahadur estabeleceu seu quartel-general enquanto assolava a região.”

Soube, então, que os atuais habitantes de Stregoicavar não eram descendentes do povo que residia ali antes da invasão turca de 1526. Os muçulmanos vitoriosos não deixaram um único ser vivo nas cercanias por onde passaram; homens, mulheres e crianças foram varridos em um holocausto rubro de assassinato, deixando uma vasta extensão do país em silêncio e completamente deserta. Os moradores atuais de Stregoicavar são descendentes de fortes colonos vindos dos vales mais baixos, que vieram para o vilarejo arruinado depois que os turcos foram repelidos.

Meu anfitrião não falou sobre o extermínio dos moradores originais com qualquer ressentimento, e percebi que seus antepassados das terras mais baixas olhavam para os montanheses com até mais ódio e aversão do que olhavam para os turcos. Ele foi um tanto vago com relação às causas desta rixa, mas disse que os habitantes originais de Stregoicavar possuíam o hábito de fazer ataques furtivos às planícies e roubar garotas e crianças. Além disso, falou que eles não eram exatamente do mesmo sangue de seu próprio povo; a vigorosa linhagem eslava-magiar se misturou e miscigenou com uma raça aborígene degradada, até que as raças se fundissem, produzindo uma combinação repulsiva. Ele não tinha a menor ideia de quem eram esses aborígenes, mas afirmava que eram “pagãos” e haviam residido nas montanhas desde tempos imemoriais, antes da chegada dos povos conquistadores.

Dei pouca importância a esta história; enxerguei nela um mero paralelo com a fusão das tribos celtas com os aborígenes do Mediterrâneo nas colinas Galloway; com a raça miscigenada resultante que, como os pictos, possui ampla participação em lendas escocesas. O tempo tem um curioso efeito de perspectiva sobre o folclore, e, como as histórias dos pictos se entrelaçaram com lendas de uma raça mongoloide mais antiga, logo a eles foi atribuída a aparência repulsiva dos primitivos atarracados, cuja individualidade se fundiu em narração à lendas pictas, sendo depois esquecida; portanto, pensei, os supostos atributos inumanos dos primeiros aldeões de Stregoicavar poderiam ser atribuídos a mitos obsoletos mais antigos dos invasores hunos e mongóis.

Na manhã seguinte à minha chegada, recebi instruções de meu anfitrião, que as deu com preocupação, e parti para encontrar a Pedra Negra. Uma caminhada de poucas horas nas encostas cobertas de pinheiros me levou até a face do penhasco de pedra sólida e irregular que se projetava de maneira abrupta da montanha. Uma trilha estreita serpenteava para cima e, subindo por ela enxerguei do alto o vale tranquilo de Stregoicavar que parecia cochilar, protegido em ambos os lados pelas grandes montanhas azuis. Choupana alguma ou qualquer sinal de moradia humana existia entre o penhasco onde eu estava e o vilarejo. Vi fazendas espalhadas pelo vale, mas todas estavam do outro lado de Stregoicavar, que parecia se encolher diante das encostas contemplativas que escondiam a Pedra Negra.

O pico dos penhascos provou ser um tipo de planalto densamente arborizado. Depois de uma curta caminhada por meio da densa vegetação, cheguei a uma vasta clareira; ao centro, erguia-se uma figura solitária de pedra negra.

Possuía formato octogonal, com aproximadamente cinco metros de altura e pouco menos de meio metro de espessura. Evidentemente, já fora extremamente polida no passado, mas agora a superfície estava densamente marcada, como se esforços selvagens tivessem sido feitos para destruí-la; mas os martelos haviam feito um pouco mais do que desca-mar pequenos pedaços da pedra e mutilar os caracteres que um dia evidentemente subiam em uma linha espiral ao redor do objeto, até o topo. A aproximadamente 3 metros da base, estes caracteres estavam quase completamente apagados, sendo muito difícil traçar sua direção. Mais acima estavam mais aparentes, e consegui me contorcer parte do caminho coluna acima e examiná-los de perto. Todos estavam mais ou menos apagados, mas eu tinha certeza de que não simbolizavam linguagem alguma existente hoje na face da Terra. Estou familiarizado com todos os hieróglifos conhecidos por pesquisadores e filologistas e posso dizer, com certeza, que todos os caracteres não se pareciam com coisa alguma que eu já lera ou ouvira em minha vida. A maior semelhança a eles que eu já vira foram alguns rabiscos rudes em uma pedra gigante e estranhamente simétrica em um vale perdido de Iucatã. Lembro-me de que quando apontei para essas marcas, o arqueólogo que estava em minha companhia afirmou que elas representavam desgaste natural ou o arra-

nhar ocioso de algum indígena. Para a minha teoria de que a pedra era, na verdade, a base de uma coluna desaparecida há muito, ele apenas riu, chamando minha atenção para as suas dimensões, as quais sugeriam que, se ela tivesse sido construída com qualquer regra normal de simetria arquitetônica, seria uma coluna de mais de 300 metros de altura. Mas, eu não estava convencido.

Não direi que os caracteres na Pedra Negra fossem similares àqueles na pedra colossal em Iucatã; mas uma pedra sugeria a outra. Quanto à substância do monólito, de novo eu estava perplexo. A pedra da qual era composto era de um negro de brilho débil, cuja superfície, que não estava golpeada ou áspera, criava uma ilusão curiosa de semitransparência.

Passei a maior parte da manhã ali e voltei confuso. Conexão alguma da Pedra com qualquer outro artefato no mundo me era insinuada. Era como se o monólito tivesse sido construído por mãos desconhecidas, em uma era distante e à parte do conhecimento humano.

Retornei ao vilarejo com meu interesse em nada diminuído. Agora, que eu vira o curioso objeto, meu desejo estava ainda mais intensamente aguçado para investigar o assunto e procurar saber quais mãos desconhecidas e por qual estranho propósito a Pedra Negra fora construída há tanto tempo.

Procurei pelo sobrinho do taverneiro e o questionei em relação a seus sonhos, mas ele foi vago, apesar das minhas tentativas. Ele não se importou em discuti-los, mas foi incapaz de descrevê-los com qualquer clareza. Embora ele tivesse os mesmos sonhos repetidamente, e apesar de serem terrivelmente vividos no momento, não deixavam qualquer impressão distinta em sua mente desperta. Ele se lembrava deles apenas como pesadelos caóticos pelos quais enormes chamas rodopiantes atiravam línguas horripilantes de fogo e um tambor negro rugia incessantemente. Apenas de uma coisa ele se recordava claramente, em um sonho, ele vira a Pedra Negra, não em uma encosta da montanha, mas como um pináculo em um castelo negro colossal.

Quanto ao resto dos aldeões, encontrei-os não inclinados a falar sobre a Pedra, com a exceção do professor da escola, um homem de educação surpreendente, que passou muito mais tempo no mundo afora do que o restante.

Ele estava muito interessado no que lhe contei sobre as observações de Von Junzt a respeito da Pedra, e concordou calorosamente com o autor alemão com relação à idade alegada do monólito. Ele acreditava que certa vez existira um coven^[2] nas vizinhanças, e que possivelmente todos os aldeões originais tinham sido membros daquele culto de fertilidade que ameaçou arruinar a civilização europeia e originou os contos de bruxaria. Citou o nome exato do vilarejo para provar sua conclusão; não havia sido originalmente chamado Stregoicavar, ele disse. De acordo com lendas, os construtores o haviam chamado de Xuthltan, que era o nome aborígene do local no qual o vilarejo fora construído séculos atrás.

Este fato despertou novamente em mim uma indescritível sensação de mal-estar. O nome bárbaro não sugeria conexões com qualquer raça cita, eslava ou mongol, à qual um povo aborígene destas montanhas, sob circunstâncias normais, teria pertencido.

Era evidente que os magiães e eslavos dos vales mais baixos acreditavam que os habitantes originais do vilarejo eram membros do culto de bruxaria, disse o professor, devido ao nome que lhe deram; nome que continuou a ser usado mesmo depois que os antigos colonos foram massacrados pelos turcos e o vilarejo reconstruído por uma raça mais pura e saudável.

Ele não acreditava que os membros do culto tenham erigido o monólito, mas supunha que o usavam como centro de suas atividades, e, repetindo lendas vagas que haviam sido transmitidas antes da invasão turca, desenvolveu a teoria de que os aldeões degenerados o haviam usado com um tipo de altar no qual ofereciam sacrifícios humanos, usando como vítimas as garotas e os bebês roubados de seus próprios antepassados dos vales.

Ele não levou em consideração os mitos de estranhos eventos durante a Noite de Solstício de Verão, nem a lenda curiosa de uma estranha deidade, a qual se dizia que era invocada pelas bruxas de Xuthltan com cânticos e rituais selvagens de flagelação e matança.

Nunca visitara a Pedra na Noite de Solstício de Verão, ele disse, mas não teria medo de fazê-lo; seja o que for que existira ou tenha acontecido ali no passado, há muito fora envolto nas brumas do tempo e do es-

quecimento. A Pedra Negra perdera seu significado, exceto como ligação para um passado morto e empoeirado.

Foi enquanto eu retornava de uma visita a este professor, em uma noite aproximadamente uma semana após minha chegada a Stregoicavar, que uma lembrança repentina me atingiu, era Noite de Solstício de Verão! O momento exato em que as lendas se conectavam com terríveis implicações à Pedra Negra. Afastei-me da taverna e caminhei rapidamente pelo vilarejo. Stregoicavar permanecia em silêncio; os aldeões se retiravam cedo. Não vi pessoa alguma à medida que caminhei rapidamente para fora do vilarejo e subi em direção aos pinheiros que mascaravam as encostas com escuridão sussurrante. Uma lua prateada flutuava sobre o vale, inundando penhascos e encostas com uma luz estranha e delineando as sombras escuras. Vento algum soprava entre os pinheiros, mas misteriosos murmúrios e sussurros intangíveis existiam fora dali. Certamente em tais noites de séculos passados, minha lunática imaginação me disse, bruxas nuas, montadas em vassouras mágicas, voavam sobre o vale, perseguidas por demônios zombeteiros.

Fui até os penhascos e foi um pouco inquietante notar que a luz ilusória da lua os deixava com uma aparência misteriosa que eu não notara antes à luz fantástica, eles pareciam menos como penhascos naturais e mais como as ruínas de muralhas construídas por ciclopes e titãs, projetando-se das encostas das montanhas.

Livrando-me desta alucinação com dificuldade, fui até o platô e hesitei por um momento antes de mergulhar na escuridão desencorajante da mata. Uma espécie de tensão ofegante pairava sobre as sombras, como um monstro invisível prendendo a respiração para não assustar sua presa.

Livre-me da sensação que era natural, considerando a lugubridade do lugar e sua reputação maligna e caminhei pela mata, experimentando o sentimento desagradável de estar sendo seguido, e me detive uma vez, com a certeza de que algo na escuridão, pegajoso e oscilante, roçara contra meu rosto.

Cheguei à clareira e vi o alto monólito elevando sua altura sombria acima do gramado. No limite da mata, no lado voltado para os penhascos, existia uma pedra que formava uma espécie de assento natural. Sentei-me, refletindo que era provável que, enquanto estava ali, o poeta lou-

co, Justin Geoffrey, escrevera seu fantástico “O Povo do Monólito”. Meu anfitrião pensou que fora a Pedra que causara a insanidade de Geoffrey, mas as sementes de loucura haviam sido semeadas na mente do poeta muito antes de sua vinda a Stregoicavar.

Uma espiada em meu relógio me mostrou que era quase meia-noite. Recostei-me, esperando qualquer demonstração fantasmagórica que pudesse aparecer. Um vento noturno fraco começou a soprar entre os ramos dos pinheiros, com uma sugestão inquietante de débeis flautas invisíveis sussurrando uma melodia sinistra e malévola. A monotonia do som e meu olhar petrificado para o monólito produziram uma espécie de auto-hipnose; me senti sonolento. Lutei contra este sentimento, mas a dormência se apoderou de mim contra minha vontade; o monólito parecia oscilar e dançar, estranhamente distorcido a meu olhar e, então, adormeci.

Abri meus olhos e tentei me levantar, mas continuava deitado, como se uma mão gelada me agarrasse sem que eu, impotente, pudesse reagir. Um gélido terror se apoderou de mim. A clareira não estava mais deserta. Eu estava em meio a uma multidão silenciosa de pessoas estranhas, e meus olhos arregalados notaram detalhes bárbaros esquisitos nas vestimentas, as quais minha razão me disse que eram antigas e esquecidas, mesmo nessa terra atrasada. Com certeza, pensei, estes eram aldeões que vieram até ali para realizar alguma fantástica assembléia, mas outra espiada me disse que aqueles não eram o povo de Stregoicavar. Eles eram uma raça mais baixa e atarracada, cuja fronte era mais baixa, e cujos rostos eram mais largos e estúpidos. Alguns tinham características eslavas e magiares, mas elas eram degradadas por uma mistura de alguma linhagem estrangeira e mais baixa que eu não conseguia classificar. Muitos vestiam peles de animais selvagens, e toda a sua aparência, tanto de homens como de mulheres, possuía uma brutalidade sensual. Eles me apavoraram e repeliram, mas não me deram atenção. Formaram um vasto meio círculo em frente ao monólito e iniciaram um tipo de cântico, arremessando seus braços em uníssono e balançando seus corpos ritmicamente da cintura para cima. Todos os olhos estavam fixos no topo da Pedra, que parecia invocada por eles. Mas o mais estranho de tudo foi a falta de clareza de suas vozes; a menos de 45 metros de mim centenas de homens e mulheres estavam, sem equívoco algum, levantando suas vo-

zes em um cântico selvagem, e, ainda assim, suas vozes chegavam até mim como um fraco murmúrio indistinguível, como se atravessasse várias léguas de Espaço ou tempo.

Diante do monólito havia uma espécie de braseiro, do qual subia uma fumaça amarela repulsiva, enrolando-se curiosamente em uma espiral que balançava ao redor da coluna negra, como uma grande cobra que serpenteava.

Em um dos lados do braseiro, estavam duas figuras: uma garota jovem, totalmente nua, com mãos e pés amarrados; e uma criança que aparenta ter apenas alguns meses de vida. No outro lado do braseiro, uma velha bruxa estava agachada, com um tipo de tambor negro em seu colo; ela tocava o tambor com leves golpes lentos das palmas abertas, mas eu não conseguia ouvir o som.

O ritmo dos corpos oscilantes foi acelerado e, no espaço entre as pessoas e o monólito, surgiu uma jovem garota nua, os olhos ardentes, os longos cabelos negros voando soltos. Girando vertiginosamente em seus calcanhares, ela rodopiou pelo espaço aberto e caiu prostrada diante da Pedra, onde permaneceu imóvel. Logo após, uma figura fantástica a seguiu; um homem de cuja cintura pendia uma pele de cabra, e cujo rosto estava completamente escondido por uma espécie de máscara feita com uma enorme cabeça de lobo, de modo que parecia um ser monstruoso de pesadelo, horrivelmente composto de elementos tanto humanos quanto bestiais. Segurava um maço de longos gravetos de pinheiro, unidos pelas extremidades maiores, e o luar brilhava em uma corrente pesada de ouro em seu pescoço. Uma corrente menor presa a ela insinuava algum tipo de pingente que não estava aparente.

As pessoas agitavam seus braços violentamente e pareciam redobrar seus gritos para esta criatura grotesca, que galopava pelo espaço aberto com muitas cambalhotas e fantásticos saltos. Vindo até a mulher que permanecia diante do monólito, começou a açoitá-la com os gravetos que carregava, e ela pulou e girou para os labirintos selvagens da dança mais incrível que eu já vira. Seu algoz dançava com ela, mantendo o ritmo selvagem, igualando cada giro e salto, enquanto espalhava incessantemente golpes cruéis em seu corpo nu. E a cada golpe ele gritava uma única palavra, de novo e de novo, e todos a gritavam em resposta. Eu conseguia ver o movimento de seus lábios, e, então, o murmúrio fraco e

longínquo de suas vozes se fundiu e misturou com outro som distante, repetido de novo e de novo com êxtase salivante. Mas qual era a palavra, não pude entender.

Em giros cambaleantes rodopiavam os dançarinos selvagens, enquanto os espectadores, ainda em suas trilhas, acompanhavam o ritmo de sua dança com o oscilar de corpos e braços. A loucura crescia nos olhos da devota cambaleante, e era refletida nos olhos dos espectadores. Mais selvagem e extravagante se tornou o frenesi rodopiante daquela dança louca, se tornou algo bestial e obsceno, enquanto a bruxa velha uivava e tocava o tambor como uma louca, e os gravetos estalavam uma melodia do demônio.

Sangue escorria dos membros da dançarina, mas ela parecia não sentir o açoitamento, exceto como um estímulo para mais perversidades de movimento ultrajante; limitada dentro da bruma da fumaça amarela, que agora espalhava tênues tentáculos para abraçar as duas figuras flutuantes, ela parecia se fundir com aquela bruma nociva e se cobrir com ela. Então, surgindo para a clara visão, seguida de perto pela besta que a açoitava, se atirou em uma indescritível explosão de loucos movimentos dinâmicos, e na crista dessa onda louca, repentinamente caiu no grama-do, tremendo e ofegante, como se completamente superada por seus esforços frenéticos. O açoitamento continuou com violência e intensidade não reduzidas, e ela começou a se contorcer de bruços em direção ao monólito. O padre ou como eu iria chamá-lo a seguiu e enquanto ela se contorcia, açoitava com toda a força seu corpo desprotegido, que deixava um rastro pesado de sangue na terra pisada. Ela alcançou o monólito, e arfando ofegante, arremessou os braços sobre ele, cobrindo a pedra fria com beijos quentes selvagens, como em adoração frenética e profana.

O padre fantástico dava saltos altos, atirando para longe os gravetos mergulhados em sangue, e os adoradores, uivando e espumando, se atiraram uns aos outros com unhas e dentes, rasgando suas vestimentas e sua carne simultaneamente, em uma paixão cega de bestialidade. O padre arrebatou a criança com o longo braço, e, gritando de novo aquele Nome, girou no ar o bebê que lamentava e arremessou seu crânio contra o monólito, deixando uma mancha medonha na superfície negra. Petrificado de horror, eu o vi rasgar o pequeno corpo com seus próprios de-

dos brutais e arremessar punhados de sangue no obelisco; depois, atirar a forma vermelha e despedaçada no braseiro, apagando as chamas e a fumaça em uma chuva carmesim, enquanto os brutos enlouquecidos atrás dele uivavam o Nome, de novo e de novo. Então, repentinamente, todos caíram prostrados, contorcendo-se como cobras, enquanto o padre lançava suas mãos ensanguentadas em um amplo movimento, como se em triunfo. Abri minha boca para gritar meu horror e repugnância, mas apenas um ruído seco soou; uma figura enorme, que parecia um sapo monstruoso, estava agachada no topo do monólito.

Vi seu contorno inchado, repulsivo e oscilante contra o luar, e, posicionados no que deveria ter sido o rosto de uma criatura normal, seus olhos enormes piscavam, refletindo toda a luxúria, a ganância abismal, a obscena crueldade e o mal monstruoso que têm perseguido os filhos dos homens desde que seus antepassados se moviam cegos e sem pelos pelas copas das árvores. Naqueles olhos terríveis estavam espelhadas todas as coisas profanas e os segredos vis que dormiam nas cidades embaixo do mar e se escondiam da luz do dia na escuridão das cavernas primitivas. E, desse modo, aquela coisa medonha, a qual o ritual profano de crueldade, sadismo e sangue evocou do silêncio das colinas, olhou maliciosamente e piscou para seus adoradores bestiais, que rastejavam em detestável humilhação diante dele.

Então, o padre com máscara de besta levantou, com suas mãos brutas, a garota amarrada que se contorcia debilmente, e a segurou em direção àquele horror no monólito. E, à medida que aquela monstruosidade salivante sorveu sua respiração com luxúria, algo estalou em meu cérebro e caí em misericordioso desmaio.

Abri meus olhos em um ainda pálido amanhecer. Todos os acontecimentos da noite correram de volta para mim e me levantei de um salto, olhando ao meu redor com espanto. O monólito pairava sombrio e silencioso sobre o gramado, que balançava verde e intacto na brisa da manhã. Uns poucos passos rápidos me levaram através da clareira; aqui, os dançarinos haviam pulado e saltado até que o chão ficasse sem grama, e aqui a devota contorceu seu caminho doloroso até a Pedra, jorrando sangue na terra. Mas, gota alguma de carmim existia no gramado intacto. Olhei, tremendo, para o lado do monólito contra o qual o padre bes-

tial despedaçara o crânio do bebê roubado, mas mancha escura nem coágulo macabro alguns apareciam ali.

Um sonho! Eu tivera um pesadelo selvagem ou então encolhi meus ombros. Que vívida clareza para um sonho!

Retornei calmamente ao vilarejo e entrei na hospedaria sem ser visto. E lá me sentei, meditando sobre os estranhos acontecimentos da noite. Mais e mais estava propenso a descartar a teoria do sonho. Aquilo que eu vira era uma ilusão e sem substância material, isso era evidente. Mas eu acreditava que olhara para a sombra refletida de uma ação perpetrada em uma realidade medonha no passado. Mas, como eu soubera? Quais as provas para mostrar que minha visão fora um encontro de sórdidos espectros ao invés de um pesadelo originado em minha mente?

Como se para uma resposta, um nome brilhou em minha mente — Selim Bahadur! De acordo com a lenda, este homem, que fora soldado e também escriba, comandara a parte do exército de Solimão que devastara Stregoicavar; parecia lógico o suficiente; e se fosse assim, ele fora diretamente do interior devastado até o sangrento campo de batalha de Schomvaal, bem como para sua ruína. Levantei-me de um salto com um grito repentino, aquele manuscrito que fora tomado do corpo do turco, e devido ao qual o Conde Boris estremeceu, poderia não conter qualquer narração do que os conquistadores turcos encontraram em Stregoi-vacar? O que mais poderia ter estremecido os nervos de aço do aventureiro polonês? E, uma vez que os ossos do conde nunca foram recuperados, o que era mais certo do que o estojo laqueado, com seu misterioso conteúdo, ainda continuar escondido embaixo das ruínas que cobriam Boris Vladinoff? Comecei a fazer minha mala com pressa feroz.

Três dias mais tarde me encontrei abrigado em um pequeno vilarejo a poucos quilômetros do antigo campo de batalha, e, quando a lua surgiu, estava trabalhando com intensidade selvagem na grande pilha de pedras em ruínas que coroava a colina. O trabalho árduo foi exaustivo. Agora, olhando para trás, eu não consigo ver como o realizei, embora trabalhasse sem uma pausa, do anoitecer até o amanhecer. No momento em que o sol nascia, coloquei de lado o último emaranhado de pedras e olhei para tudo aquilo que era mortal do Conde Boris Vladinoff, apenas alguns míseros fragmentos de ossos despedaçados, e entre eles havia um

estojo esmagado, cuja superfície laqueada o havia mantido longe da completa decadência através dos séculos.

Agarrei o estojo com ânsia frenética, e, colocando algumas pedras sobre os ossos, parti apressado, pois não queria ser descoberto por camponeses desconfiados em um ato de aparente profanação.

De volta à minha câmara na taverna, abri o estojo e encontrei o pergaminho relativamente intacto; e havia algo mais ali, num pequeno objeto achatado, envolto em seda. Eu estava ansioso para sondar os segredos daquelas páginas amareladas, mas o cansaço me proibiu. Desde que deixei Stregoivacar eu mal havia dormido, e os esforços terríveis da noite anterior me superaram. Involuntariamente, fui forçado a me esticar em minha cama, e não acordei até o anoitecer.

Fiz uma rápida refeição, e, em seguida, à luz de uma vela bruxuleante, me sentei para ler os organizados caracteres turcos que cobriam o pergaminho. Foi um trabalho difícil, pois não sou profundamente versado na língua, e o estilo antigo da narrativa me confundia. Mas, à medida que trabalhava nele, uma palavra ou frase aqui e ali saltava em minha direção e um crescente terror indistinto me apertou em suas garras. Dobrei ferozmente minhas energias para a tarefa, e, como o conto se tornou mais claro e assumiu uma forma mais tangível, meu sangue gelou nas veias, meus cabelos arrepiaram e minha língua aderiu à minha boca. Todas as coisas externas participavam da loucura apavorante daquele manuscrito infernal; até os sons noturnos de insetos e criaturas na mata tomaram a forma de murmúrios medonhos e passos furtivos de horrores macabros, e o suspiro do vento noturno se transformava em riso de obscena exultação maligna sobre as almas dos homens.

Finalmente, quando o amanhecer cinzento se esgueirava pela janela de treliças, guardei o manuscrito e desembulhei o objeto que estava no pedaço de seda. Olhando fixamente para ele com olhos fatigados, soube que a verdade do assunto estava decidida, mesmo que tenha sido possível duvidar da veracidade daquele terrível manuscrito.

Substituí os dois objetos obscenos no estojo e não descansei, dormi ou comi até que ele tivesse sido preenchido com pedras e arremessado na corrente mais profunda do Danúbio, a qual, Deus queira, o tenha levado de volta ao Inferno de onde veio.

Não foi um sonho que tive na Noite de Solstício de Verão, nas colinas sobre Stregoicavar. Bom para Justin Geoffrey que ele tenha permanecido ali apenas durante o dia e seguido seu caminho, pois tivesse ele contemplado a assembleia medonha, sua mente louca teria desabado diante disso. Como minha própria razão suportou, eu não sei.

Não, não foi um sonho; eu contemplei uma reunião repugnante de devotos há muito mortos, vindos do Inferno para adorar como antigamente; fantasmas que se curvavam diante de um fantasma, pois o Inferno há muito reivindicara seu deus horrendo. Ele habitou as colinas há muito, um vestígio perturbador de uma era ultrapassada, mas suas garras obscenas não mais buscam por almas de seres vivos; seu reino está morto, habitado apenas pelos fantasmas daqueles que o serviam em vida.

Por meio de qual alquimia medonha ou feitiçaria ateia os Portões do Inferno são abertos naquela noite horripilante eu não sei, mas vi com meus próprios olhos. E olhei para criaturas não viventes naquela noite, pois o manuscrito escrito pela cuidadosa mão de Selim Bahadur narrou detalhadamente o que ele e seus cavaleiros encontraram no vale de Stregoicavar; e eu li, em detalhes, as obscenidades blasfemas que a tortura arranca dos lábios de adoradores que gritam; e eu li, também, sobre a negra caverna sombria perdida nas colinas, onde os turcos horrorizados cercaram um ser monstruoso, inchado e chafurdante com aparência de sapo, e o mataram com fogo e aço antigo abençoado em tempos antigos por Muhammad, e com encantamentos que eram velhos quando a Arábia era jovem. E, mesmo firme, a velha mão de Selim tremeu quando ele registrou os cataclísmicos e estremecedores uivos de morte da monstruosidade, a qual não morreu sozinha; dez de seus assassinos pereceram com ele, de uma forma que Selim não quis ou não pode descrever.

E aquele ídolo achatado, esculpido em ouro e envolto em seda, era uma imagem dele, e Selim o arrancou da corrente de ouro do pescoço do sumo sacerdote mascarado assassinado.

Bom que os turcos varreram o vale sórdido com tochas e aço puro! Tais visões, as quais aquelas montanhas contemplativas haviam observado, pertenciam à escuridão e aos abismos de eras perdidas. Não, não é o medo do ser em forma de sapo que me faz estremecer à noite. Ele está preso no Inferno com sua horda nauseante, livre apenas por uma hora

durante a noite mais estranha do ano, como eu vi. E de seus adoradores, nenhum permanece.

Mas é a constatação de tais coisas, que uma vez se agacharam como bestas sobre as almas dos homens, que me traz o suor frio à frente; e eu temo espiar novamente as folhas da abominação de Von Junzt. Por ora, entendo sua frase repetida de “chaves”! Sim! Chaves para Portas Externas, conexões com um passado repugnante e, quem sabe, de repugnantes esferas do presente. E entendo que os penhascos se pareçam com muralhas ao luar e porque o sobrinho do taverneiro, assombrado por pesadelos, viu em seu sonho a Pedra Negra como um pináculo em um castelo negro ciclópico. Caso os homens algum dia tenham escavado entre aquelas montanhas, eles podem ter encontrado coisas incríveis abaixo daquelas encostas mascarantes. Pois, a caverna onde os turcos prenderam “a coisa” não era verdadeiramente uma caverna, e eu estremei ao pensar sobre o gigantesco golfo de eras que devem se estender entre esta época e o tempo em a terra estremeceu e erigiu, como uma onda, aquelas montanhas azuis que, surgindo, envolveram coisas inimagináveis. Possa homem algum tentar arrancar aquele pináculo medonho que os homens chamam de Pedra Negra!

Uma Chave! Sim, é uma Chave, símbolo de um terror esquecido. Aquele terror desapareceu no limbo do qual viera rastejando de maneira asquerosa, na aurora negra da terra. Mas, e quanto às outras possibilidades demoníacas, sugeridas por Von Junzt e quanto à monstruosa mão que sufocou sua vida? Desde que li o que Selim Bahadur escreveu, não posso mais duvidar de coisa alguma no Livro Negro. O homem não foi sempre o mestre da terra? E ele é agora?

E o pensamento retorna a mim, se uma entidade monstruosa como o Senhor do Monólito sobreviveu, de alguma maneira, à sua própria e distante época, quais as formas inomináveis que podem agora mesmo espreitar nos lugares escuros do mundo?



O Errante das Estrelas

Robert Bloch

∴

The Shambler from the Stars (1935)

Weird Tales (set. 1935)

Aqui está um dos mais conhecidos contos de Robert Bloch que fazem uso da mitologia criada por H.P. Lovecraft, é uma peça seminal que apresentou os tenebrosos Vampiros Espaciais. “O errante das estrelas” foi também a narrativa que iniciou o pacto lúdico entre Bloch e Lovecraft, que renderia três contos, iniciando por este.



Eu sou o que professo ser — um escritor de ficção insólita. Desde a mais tenra infância, fui escravizado pela enigmática fascinação do desconhecido e do indecifrável. Os medos sem nome, os sonhos grotescos, os caprichos mórbidos e quase intuitivos que assombram nossas mentes, sempre causaram em mim um prazer potente e inexplicável.

Na literatura, tenho caminhado pelas trilhas da meia-noite com Poe, ou furtivamente andado pelas sombras com Machen; esquadrinhado os reinos das estrelas horrendas com Baudelaire, ou imerso na loucura in-

terna da terra, entre as histórias da sabedoria antiga. Um talento medíocre em esboços e trabalho com crayon levou-me a tentar rudes pinturas envolvendo os habitantes alienígenas de meus pensamentos noturnos. O mesmo tipo soturno de intelecto que atraiu-me na arte interessava-me nos obscuros reinos da composição musical; as melodias sinfônicas da Suíte dos Planetas e coisas do gênero eram as minhas favoritas. Minha vida interna logo tornou-se um banquete macabro de horrores sobrenaturais e irresistíveis.

Minha existência mundana era comparativamente morna. Conforme passava o tempo, encontrei-me caindo cada vez mais na vida de um recluso pobretão; uma existência tranquila e filosófica entre um mundo de livros e sonhos.

Mas um homem tem de viver. Por natureza constitucional e espiritualmente averso ao trabalho manual, a princípio fiquei confuso diante da escolha de uma vocação adequada. A depressão complicou as coisas a um grau quase intolerável, e por um certo tempo, estive perto do total desastre econômico. Foi então que decidi escrever.

Procurei uma máquina de escrever gasta, uma resma de papel barato, e alguns papéis carbono. Que melhor campo, se não os reinos infinitos da imaginação colorida? Poderia escrever sobre horror, medo, e sobre o enigma que é a Morte. Pelo menos, na insensibilidade de minha falta de sofisticação, era isto que eu tencionava.

Minhas primeiras tentativas logo convenceram-me de quão completamente eu havia falhado. Triste e miseravelmente, não havia atingido minha meta aspirada. Meus vívidos sonhos, no papel, tornavam-se amontoados sem sentido de adjetivos ponderosos, e não encontrei palavras comuns para expressar o terror maravilhado do desconhecido. Meus primeiros manuscritos eram documentos miseráveis e fúteis; as poucas revistas que utilizaram tais materiais foram unânimes em sua rejeição.

Mas eu tinha de viver. De forma lenta, mas constante, comecei a ajustar meu estilo às minhas ideias. Laboriosamente, experimentei com palavras, frases, estruturas de sentenças. Era um trabalho, e um trabalho duro. Logo aprendi a me esforçar. Todavia finalmente uma de minhas histórias foi bem recebida; e então uma segunda, uma terceira e uma quarta. Logo, tive de começar a dominar os truques mais óbvios da área,

e o futuro enfim parecia mais brilhante. Foi com a mente menos carregada que voltei à minha vida de sonhos e a meus amados livros. Minhas histórias rendiam-me um viver um tanto apertado, e o por um tempo isto foi suficiente. Mas não por muito tempo. A ambição, essa ilusão eterna, foi a causa de minha ruína.

Almejava escrever uma história real; não do tipo estereotipado e efêmero que aparecia nas revistas, mas uma obra de arte real. A criação de uma obra-prima assim tornou-se meu ideal. Eu não era um bom escritor, mas isto não se devia totalmente a meus erros no estilo mecânico. Na verdade, a falha estava no meu assunto abordado. Vampiros, lobisomens, carniçais, monstros mitológicos — estas coisas constituíam material de parco mérito. Imagética de lugar-comum, tratamento adjetival corriqueiro, e um ponto de vista prosaicamente antropocêntrico eram os principais detrimentos na produção de uma boa história insólita.

Devo buscar novos assuntos, material de tramas verdadeiramente incomum. Se pelo menos pudesse conceber algo que fosse teratologicamente inacreditável!

Ansiava aprender as canções que os demônios cantam quando rodopiam entre as estrelas, ou ouvir as vozes dos deuses mais antigos quando sussurram seus segredos ao vazio ecoante. Almejava conhecer os terrores do túmulo; o beijo das larvas em minha língua, a fria carícia de uma mortalha apodrecida sobre meu corpo. Tinha sede do conhecimento encontrado nos poços de olhos mumificados, e queimava pela sabedoria conhecida apenas pelo verme. E então poderia de fato escrever, e ter minhas esperanças genuinamente realizadas.

Busquei uma forma. Quietamente, comecei a trocar correspondências com pensadores e sonhadores isolados, de todo o país. Havia um eremita nas colinas a oeste, um sábio nas florestas ao norte, um sonhador místico na Nova Inglaterra. Foi deste último que aprendi sobre os antigos livros que detêm estranha sabedoria. Ele citava reservadamente o lendário *Necronomicon*, e falava timidamente de um certo *Livro de Eibon*, que tinha a reputação de superar o primeiro no caráter totalmente selvagem de suas blasfêmias. O místico em si havia sido estudante desses volumes de temor primordial, mas não gostava da ideia de me ver pesquisando longe demais. Ele ouvira muitas coisas estranhas quando garoto na cidade de Arkham, assombrada pelas bruxas, onde as antigas

sombras ainda espreitam e caminham furtivas, e desde então havia sabiamente evitado o conhecimento mais sombrio e proibido.

Após muita pressão de minha parte, ele relutantemente consentiu em prover-me os nomes de certas pessoas que considerava aptas a ajudar em minha busca. Ele era escritor de notável brilhantismo e ampla reputação entre os poucos relevantes, e eu sabia que ele estava avidamente interessado no resultado da demanda em si.

Tão logo sua preciosa lista chegou em minhas mãos, comecei uma ampla campanha postal para obter acesso aos volumes desejados. Minhas cartas atingiram universidades, bibliotecas privadas, videntes famosos e os líderes de cultos cuidadosamente ocultos e obscuramente designados. Mas estava fadado ao desapontamento.

As réplicas que recebia eram definitivamente inamistosas, quase hostis. Ficava evidente que os falados possuidores de tais conhecimentos ficaram irritados com a ideia de seus segredos assim revelados por um espião estranho. Fui subsequentemente alvo de várias ameaças por carta, e pelo menos uma chamada telefônica alarmante. Isto não me incomodou mais que a percepção desapontadora de que minhas empreitadas haviam falhado. Negativas, evasões, recusas, ameaças — estas coisas não me ajudariam. Deveria buscar em outra parte.

Livrarias! Talvez em alguma prateleira embolorada e esquecida pudesse descobrir o que buscava.

Comecei então uma interminável cruzada. Aprendi a suportar meus numerosos desapontamentos com uma calma inabalável. Ninguém no tipo comum de livraria parecia jamais ter ouvido falar do temível *Necronomicon*, no maligno *Livro de Eibon*, ou no inquietante *Cultes des Goules*.

A persistência traz resultados. Numa pequena e velha livraria da South Dearborn Street, entre prateleiras empoeiradas aparentemente esquecidas pelo tempo, cheguei ao fim de minha busca. Ali, seguramente encaixado entre duas edições de Shakespeare datadas de dois séculos, estava um grande volume negro, com adornos protetores de ferro. Sobre ele, em letra manuscrita, estava a inscrição *De Vermis Mysteriis*, ou, “Os Mistérios do Verme.”

O proprietário não sabia dizer como foi que aquele livro havia chegado a sua posse. Anos antes, talvez, tenha sido incluído em algum lote

variado, de segunda mão. Obviamente não estava ciente de sua natureza, já que eu o comprei por apenas um dólar. Ele embalou para mim a ponderosa coisa, bastante satisfeito com a venda inesperada, e me deu um satisfeito bom-dia.

Saí apressadamente, meu preciso prêmio sob o braço. Que descoberta! Havia ouvido falar antes deste livro. Ludvig Prinn era seu autor, que havia perecido na fogueira inquisitorial em Bruxelas, quando os julgamentos das bruxas estavam em seu auge. Um estranho personagem — alquimista, necromante, reputadamente um mago — gabava-se de ter chegado a uma idade miraculosa, quando finalmente sofreu a imolação flamejante nas mãos do braço secular. Dizia ele ser o único sobrevivente da malfadada Nona Cruzada, exibindo como prova certos documentos embolorados que o atestavam. É verdade que um certo Ludvig Prinn estava entre os cavaleiros vassalos de Montserrat, nas mais antigas crônicas, mas os incrédulos rotularam Ludvig como um impostor insano, embora talvez um descendente direto do guerreiro original.

Ludvig atribuía seu aprendizado feiticeiro aos anos que passara cativo entre os magos e taumaturgos da Síria, e falava longamente dos encontros com os gênios e efreetts da mitologia do Oriente Médio. Sabe-se que ele passou algum tempo no Egito, e existem lendas entre os dervixes líbios falando dos feitos do velho vidente em Alexandria.

De qualquer forma, seus dias de declínio foram passados no país flamingo das terras baixas, onde havia nascido e onde residia, apropriadamente, nas ruínas de uma tumba pré-romana erguida na floresta próxima a Bruxelas. Ludvig tinha a reputação de habitar ali entre um enxame de familiares e conjurações temerariamente invocadas. Os manuscritos ainda existentes falam dele de maneira reservada, como sendo atendido por “companheiros invisíveis” e “servos vindos das estrelas.” Os camponeses evitavam a floresta à noite, pois não gostavam de certos ruídos que ressoavam sob a lua, e muito certamente não estavam ansiosos de ver o que andava venerando nos velhos altares pagãos que erodiam em certos bosques mais soturnos.

Qualquer que seja a verdade, essas criaturas que ele comandava jamais foram vistas após a captura de Prinn pelos lacaios inquisitoriais. Os soldados perseguidores encontraram a tumba totalmente deserta, muito embora tenha sido saqueada nos mínimos detalhes, antes de sua

destruição. As entidades sobrenaturais, os instrumentos e componentes incomuns — todos haviam curiosamente desaparecido. Uma busca nas florestas proibidas e um exame temeroso dos estranhos altares não adicionou informação alguma. Haviam manchas frescas de sangue nos altares, e também na roda de tortura, antes do fim das sessões de questionamento de Prinn. Uma série de torturas particularmente atrozes falharam em suscitar quaisquer revelações adicionais do mago silencioso, e depois de muito os exaustos interrogadores cessaram de tentar e lançaram o envelhecido feiticeiro numa masmorra.

Foi na prisão, enquanto aguardava o julgamento, que escreveu as linhas mórbidas e pressagiosas de horror do *De Vermis Mysteriis*, conhecido hoje como Mistérios do Verme. Como ele fora contrabandeado para além dos guardas atentos foi em si um mistério, mas um ano após sua morte ele foi impresso em Cologne. Foi imediatamente suprimido, mas umas poucas cópias já haviam sido distribuídas em privado. Estas por sua vez foram transcritas e embora houvesse uma impressão posterior, censurada e deletada, apenas o original em latim é aceito como genuíno. No decorrer dos séculos apenas uns poucos eleitos houveram lido e ponderado sobre seus conhecimentos. Os segredos do velho arquimago são conhecidos hoje apenas pelos iniciados, e estes desencorajam quaisquer tentativas de espalhar sua fama, movidos por certas razões bastante definidas.

Era isto, em resumo, o que eu sabia da história do volume, na época em que ele me caiu nas mãos. Como item de colecionador, apenas, o livro era uma descoberta fenomenal, mas quanto a seus conteúdos, não poderia fazer avaliação. Estava em latim. Já que posso falar ou traduzir apenas umas poucas palavras desse idioma erudito, fui confrontado por uma barreira, tão logo abri as páginas emboloradas. Era enlouquecedor ter tal cofre do tesouro de conhecimento obscuro ao meu dispor e ainda assim carecer da chave que o abriria.

Por um momento entrei em desespero, pois estava indisposto a abordar algum erudito clássico ou entendido em latim, portando livro tão horroroso e blasfemo. Veio então a inspiração. Por que não ir a leste buscar a ajuda de meu amigo? Ele era estudante dos clássicos e estaria menos propenso a ficar chocado com os horrores das revelações nocivas de Prinn. Portanto enderecei a ele uma carta ansiosa, e logo após recebi

minha resposta. Ele teria prazer em ajudar-me — eu devia apressar-me em ter com ele.

II.

Providence é uma cidade adorável. A casa de meu amigo era antiga e esquisitamente georgiana. O primeiro piso era uma joia da atmosfera colonial. O segundo sob antigos telhados de duas águas que sombreavam a imensa janela, serviam como escritório para meu anfitrião.

Foi ali que ponderamos naquela noite lúgubre e fatídica de fim de abril; ali sob a janela aberta que contemplava o mar azul. Era uma noite sem lua; opressiva e melancólica com sua bruma que enchia a escuridão de sombras quirópteras. Em minha mente posso ainda vê-lo — o minúsculo aposento iluminado por lampião, com uma grande mesa e as cadeiras de espaldar alto; prateleiras delimitando as paredes; manuscritos estocados em arquivos especiais.

Eu e meu amigo sentamos na mesa, com o misterioso volume diante de nós. Seu perfil magro jogava uma perturbadora sombra na parede, e seu rosto de cera era furtivo à luz pálida. Havia um inexplicável ar de portentosa revelação, bastante perturbador em sua potência; eu pressentia a presença de segredos querendo ser revelados.

Meu companheiro também o detectara. Longos anos de experiência ocultista haviam aguçado sua intuição a um espantoso grau. Não fora o frio que o fizera tremer ao sentar na cadeira; não foi a febre que fez seus olhos flamejarem como fogos incrustados como joias. Ele sabia, mesmo antes de abrir o amaldiçoado tomo, que este era malévolo. O cheiro embolorado que sabia daquelas páginas antigas carregava consigo os miasmas da tumba. As folhas estavam mordidas de traças nas bordas, e os ratos haviam roído o couro da capa; ratos que talvez tivessem uma comida mais sórdida como sua ração comum.

Havia contado a meu amigo a história do volume naquela tarde, e desembrulhado o tomo em sua presença. Senti então que ele estava ávido e disposto a uma tradução imediata. Mas agora, punha dificuldades e objeções.

Não seria sábio, insistia ele. Aquele era um conhecimento maligno — quem poderia dizer que segredos temidos até pelo demônio continham aquelas páginas, ou que males poderiam cair sobre o ignorante que buscasse brincar com seu conteúdo? Seria bom não aprender tanto, e homens já haviam morrido por exercer a sabedoria pútrida que aquelas folhas continham. Meu amigo implorou-me para abandonar a busca, enquanto o livro ainda permanecia sem ser aberto, pedindo-me que buscasse minha inspiração em coisas menos insalubres.

Fui um tolo. Desfiz suas objeções com palavras rápidas, vãs e vazias. Eu não tinha medo. Que pelo menos contemplássemos os conteúdos de nosso prêmio. Comecei a virar as páginas. O resultado foi desabonador. Era, afinal de contas, um volume de aparência comum — folhas amareladas e apodrecidas cheias de textos em latim, escritos com letras negras. Isto era tudo; sem ilustrações nem desenhos alarmantes.

Meu amigo não conseguiu resistir mais ao fascínio de tal guloseima bibliófila. Num momento estava olhando por cima de meu ombro, com atenção, ocasionalmente murmurando trechos de frases em latim. O entusiasmo o dominou, finalmente. Agarrando o precioso tomo com ambas as mãos, sentou-se próximo à janela e começou a ler alguns parágrafos aleatórios, de vez em quando traduzindo-os para o inglês.

Seus olhos cintilavam com uma luz feral; seu perfil cadavérico ficou mais tenso, conforme esquadrinhava aquelas runas mofadas. As sentenças trovejavam numa temível litania, e então decaíam em tons abaixo de um sussurro, conforme sua voz ficava tão suave quanto o sibilar de uma víbora. Compreendi apenas algumas frases aqui e ali, pois em sua introspecção, ele parecia haver esquecido de mim. Estava lendo algo sobre feitiços e encantamentos. Lembro de alusões a certos deuses da adivinhação como o Pai Yig, o sombrio Han, e Byatis de barba de serpentes. Senti calafrios, pois já conhecia esses nomes antigos, mas sentiria ainda mais calafrios se ao menos soubesse o que estava para acontecer.

A coisa aconteceu rápido. Subitamente ele voltou-se para mim com grande agitação, sua voz empolgada num tom estridente. Perguntou-me se eu lembrava das lendas da feitiçaria de Prinn, e das histórias dos servos invisíveis que ele ordenava que descessem das estrelas. Assenti, pouco compreendendo a causa de seu súbito frenesi.

Ele contou-me então a razão. Ali, num capítulo sobre familiares, encontrara uma oração ou feitiço, talvez o mesmo usado por Prinn para convocar seus servos invisíveis de além das estrelas! Deixe-me ouvir o que ele lia.

Sentei ali parvamente, feito um tolo ignorante e estúpido. Por que eu não gritava, tentava escapar, ou arrancava aquele monstruoso manuscrito de suas mãos? Em vez disso sentei ali — sentei enquanto meu amigo, numa voz rebentando de empolgação antinatural, lia em latim uma longa e sonorosamente sinistra invocação.

“Tibi, Magnum Innominandum, signa stellarum nigrarum et bufo-niformis Sadoquae sigillum...”

O ritual grasnante prosseguiu, e então alçou voo nas asas de um horror medonho e noturno. As palavras pareciam contorcer-se, como chamas no ar, queimando meu cérebro. Os tons trovejantes soavam ecos no infinito, além da mais distante das estrelas. Pareciam passar por entre portais primevos e adimensionais, buscando um ouvinte para convocá-lo à terra. Seria tudo aquilo uma ilusão? Não parei para pensar em nada.

Pois a convocação involuntária foi respondida. Mal a voz de meu companheiro se calara, naquele pequeno aposento, veio o terror. O aposento ficou frio. Um súbito vento gritou pela janela aberta; um vento que não era da terra. Trazia um mal que bafia de longe, e com esse som, a face de meu amigo tornou-se uma pálida máscara branca de horror recém-desperto. Então houve um rachar nas paredes, e o peitoril da janela ruiu diante de meus olhos arregalados. Daquele nada além da abertura veio uma súbita explosão de gargalhada lúbrica — uma risadaria histérica, nascida da loucura completa e avassaladora. Subiu até a mais casqueante quintessência de todo horror, horror sem uma boca que o proferisse.

O resto aconteceu com apavorante rapidez. Num átimo, meu amigo começou a gritar, perto da janela; gritar e agitar selvagememente as mãos no ar vazio. À luz do lampião, vi suas feições contorcerem-se num esgar de agonia insana. Um momento depois, seu corpo ergueu-se do chão, sem que nada o estivesse segurando, e começou a torcer-se para trás, num ângulo capaz de quebrar-lhe as costas. Um segundo mais tarde, veio o nauseante som de ossos quebrados. Sua forma agora pairava no

próprio ar, olhos vidrados e mãos apertando convulsivamente algo que parecia invisível. Mais uma vez atroou o som de escárnio maníaco, mas daquela vez dentro do quarto!

As estrelas moviam-se numa angústia vermelha; o vento frio matraqueava em meus ouvidos. Aninhei-me em minha cadeira, olhos pregados naquela espantosa cena. Meu amigo agora estava guinchando; seus gritos misturavam-se à exultante e atroz gargalhada que vinha do ar vazio. Seu corpo pendurado, pendulando no espaço, mais uma vez contorceu-se e brotou sangue de seu pescoço rasgado, esguichando como se de uma fonte de rubis.

Esse sangue jamais alcançou o chão. Parou em meio ao ar, e a gargalhada cessou, substituída por um nojento ruído de sucção. Imerso num novo e acelerado horror, percebi que o sangue estava sendo drenado para alimentar a invisível entidade do além! Que criatura do espaço havia sido tão súbita e involuntariamente invocada? O que era aquela monstruosidade vampírica que eu não conseguia enxergar?

Naquele momento uma horrível metamorfose começou a acontecer. O corpo de meu companheiro ficou murcho, emaciado, sem vida. Finalmente foi jogado ao chão e ficou lá, repugnantemente imóvel. Mas no próprio ar, outra mudança, ainda mais macabra, começou a ocorrer.

Um brilho avermelhado encheu o canto da janela — um brilho sangrento. Lenta, mas constantemente, os contornos vagos de uma Presença começaram a se exhibir; os contornos sujos de sangue daquele invisível e desengonçado errante das estrelas. Era vermelho e gotejante; uma imensidade de geleia pulsante se movia; uma bolha escarlata e suas miríades de trombas tentaculares, que se mexiam, e se mexiam... Havia ventosas nas pontas dos apêndices, e estes abriam e fechavam numa voracidade carniceira... A coisa era inchada e obscena; uma massa sem cabeça, nem rosto, nem olhos, de mandíbula voraz e as garras titânicas de um monstro nascido nas estrelas. O sangue humano do qual havia se alimentado revelava os contornos até então invisíveis da coisa que se banqueteara. Não era uma visão própria para olhos de gente sã.

Felizmente para meu estado mental, a criatura não se demorou. Abandonando a coisa morta, cadavérica e mole no chão, com decisão voltou-se para a abertura. Nela desapareceu, e ouvi sua risada zombetei-

ra à distância, flutuando nas asas do vento, enquanto ele reentrava nos abismos de onde havia vindo.

Isto foi tudo. Fui deixado sozinho no aposento, com aquele corpo mole e sem vida a meus pés. O livro havia desaparecido; mas haviam impressões sangrentas na parede, poças de sangue no chão, e o rosto de meu pobre amigo era uma massa sangrenta, que morta fitava as estrelas.

Por um longo período de tempo, sentei sozinho, em silêncio, antes que atesse fogo ao aposento e a tudo que ele continha. Depois disso, saí correndo, rindo, pois eu sabia que as chamas erradicariam todo traço do que permanecia ali. Havia chegado pouco antes, naquela tarde, e ninguém me conhecia, e ninguém havia me visto, e parti antes que as chamas brilhantes me denunciassem. Tropecei por horas por entre as ruas tortuosas, e rebentava numa gargalhada contínua e idiota toda vez que olhava para as estrelas sempre vigilantes, sempre ardentes, que observavam-me furtivamente através dos rolos de névoa assombrada.

Depois de muito tempo acalmei-me e tomei um trem. Permaneci calmo durante toda a longa jornada para casa, e calmo permaneci enquanto escrevi este relato. Até mesmo permaneci calmo quando li sobre a curiosa morte accidental de meu amigo, no fogo que destruíra sua morada. É somente nas noites em que as estrelas brilham, que os sonhos devolvem-me a um gigantesco labirinto de medos frenéticos. E então me afundo nas drogas, numa vã tentativa de banir essas memórias insistentes de meus sonhos. Mas na verdade não me importo, pois sei que não permanecerei aqui por muito tempo.

Tenho uma curiosa desconfiança de que verei novamente o errante das estrelas. Penso que ele retornará logo, mesmo sem ser convocado de novo, e sei que quando ele vier, me perseguirá e me carregará para a escuridão que abriga meu amigo. Às vezes eu quase anseio pelo advento desse dia, pois nele desvendarei de uma vez por todas os Mistérios do Verme.



A Prole Inominável

Clark Ashton Smith

∴

The Nameless Offspring (1932)

The Magazine of Horror (1932)

O universo criado por Lovecraft é muito amplo, e muitos grandes escritores já colocaram os dedos dos pés nela. Clark Ashton Smith mergulhou, nadou alguns metros e declarou a piscina como sua. Ele tinha a mesma capacidade na linguagem e, muito controle.



Muitos e multiformes são os horrores ocultos da Terra, a infestar seus caminhos desde os primórdios. Eles dormem debaixo da rocha imperturbada; erguem-se com a árvore desde suas raízes; movem-se sob o mar e em lugares subterrâneos; habitam os mais secretos áditos; emergem às vezes dos sepulcros cerrados de bronze soberbo e da tumba humilde selada com argila. Alguns são conhecidos do homem desde há muito e outros incógnitos ainda esperam o terrível dia de sua revelação. Os mais temíveis e nojentos felizmente estão ainda por nomear, mas entre aqueles que se revelaram no passado e se ma-

nifestaram com sua presença real, há um que não deve ser mencionado abertamente por sua torpeza extrema. Trata-se da prole que o habitante oculto das criptas concebeu na carne mortal.

— Do “Necronomicon”, de Abdul Alhazred.

Creio ser algo de certo modo afortunado que a história que passo a relatar seja tão relegada a sombras indeterminadas, sugestões malformadas e inferências proibidas. De outra maneira, não poderia ser escrita pela mão ou lida pelo olho humano. Minha parte mínima no drama horrendo se limitou ao seu ato derradeiro e para mim as cenas anteriores foram meramente uma lenda distante e pavorosa. Mas, mesmo que assim seja, o reflexo partido de seus horrores anormais recuou em perspectiva, os eventos normais da vida os fizeram parecer pouco mais que frágeis teias de aranha tecidas no escuro e ventoso precipício de um abismo aberto, um carneiro profundo e violado, onde as mais profundas corrupções da Terra pululam e proliferam. A lenda de que falo me era familiar desde a infância, tema de murmurações da família e acenos de cabeça, pois Sir John Tremoth tinha sido um colega de escola de meu pai. Mas eu nunca encontrara a Sir John, nem nunca visitara Tremoth Hall, até o momento desses acontecimentos que formaram a tragédia final. Meu pai me levava da Inglaterra ao Canadá quando eu ainda era uma criança pequena, prosperara em Manitoba como um apicultor e depois de sua morte o seu rancho de abelhas me mantivera ocupado por anos sem que eu pudesse levar a efeito um sonho muito acalentado de visitar a minha terra natal e explorar suas trilhas rurais.

Quando eu finalmente saí em viagem, a história estava quase apagada de minha lembrança e Tremoth Hall não era uma parte deliberada de meu itinerário quando eu comecei um giro pelos condados ingleses em uma motocicleta. Em qualquer caso, eu nunca teria sido atraído pela vizinhança por uma curiosidade mórbida, do tipo que o relato apavorante poderia evocar em outros. Minha visita, tal como se deu, foi puramente acidental. Eu até esquecera da localização exata do lugar e nem sonhava que estava nas cercanias. Se eu soubesse, acho que eu deveria ter me afastado, apesar das circunstâncias que me impeliam a buscar abrigo, em vez de intrometer-me na desgraça quase demoníaca de seu proprietário.

Quando cheguei a Tremoth Hall, em um começo de outono, eu viajara o dia inteiro vagarosamente por campos ondulados, cortados por trilhas e passagens tortuosas. O dia fora bonito, com céus de azul pálido acima de bosques já tingidos com os primeiros tons de âmbar e carmesim do ano. Mas a partir do meio da tarde uma neblina subira do oceano oculto além das colinas e me cercara com seu círculo de fantasmas deslizantes. Naquele nevoeiro enganoso eu me vi perdido e de alguma maneira deixei de perceber o poste de sinalização que me daria a direção da cidade onde eu planejava passar a noite que caía.

Ainda prossegui um pouco, sem rumo, pensando que poderia logo encontrar outra encruzilhada. O caminho que eu segui era pouco mais que uma trilha áspera e estava singularmente deserto. O nevoeiro escurecera e se adensara, obliterando todos os horizontes, mas pelo que eu podia ver aquela era uma região de rochedos e urzes, sem qualquer sinal de cultivo. Cheguei à borda de uma depressão e comecei a descer uma encosta monótona, enquanto a neblina continuava a se adensar com o crepúsculo. Pensei seguir na direção oeste, mas diante de mim, no ocaso baço, não havia sequer o mínimo brilho ou luz ou cor que desse conta do sol afogado. Senti um odor úmido que sabia a sal, como cheiro dos pântanos litorâneos.

A estrada fez uma curva fechada e eu tive a impressão de passar entre baixios e brejos. A noite se acercava com uma quietude quase inatural, como se tivesse pressa de me alcançar, e comecei a sentir uma espécie de preocupação vaga e um receio, como se tivesse me extraviado em regiões mais duvidosas que os campos ingleses. O nevoeiro e o crepúsculo pareciam ocultar uma paisagem silenciosa de mistério frígido, mortífero e inquietante.

Então, à esquerda de minha estrada e logo adiante de mim, vi uma luz que me sugeriu um olho enlutado e lacrimoso. Ela brilhava entre massas fugidias e borradas que eram como as árvores da floresta dos fantasmas. Uma massa mais próxima, quando me aproximei, se revelou uma pequena guarita, tal como a que guardaria a entrada de uma propriedade. Estava escura e parecia desocupada. Fazendo uma pausa para examinar o lugar, vi as formas de um portão de ferro laminado em uma cerca de teixo mal cortado.

Tudo tinha um ar de proibido e de desolação e senti em meus ossos aquele frio inquietante que viera dos pântanos ocultos por aquele nevoeiro lúgubre que me envolvia sempre. Mas a luz prometia proximidade humana naquelas terras solitárias e eu poderia obter abrigo por uma noite ou, pelo menos, alguém que poderia me orientar o caminho até uma cidade ou hospedaria.

Para minha relativa surpresa, o portão estava destrancado e girou para dentro com um rangido enferrujado, como se no tivesse sido aberto desde há muito tempo. Empurrando a minha motocicleta comigo, segui um caminho coberto de ervas em direção à luz. A massa incoerente de uma enorme residência rural se revelou entre as árvores e moitas cujas formas artificiais, tal como a da cerca de teixos rústicos, estavam assumindo um ar mais fortemente grotesco do que o recebido das mãos do jardineiro.

O nevoeiro se transformara em um chuveiro gélido. Quase a tatear pelas trevas eu encontrei uma porta escura, a uma certa distância da janela que deitava a luz solitária. Em resposta às minhas três batidas eu finalmente ouvi o som abafado de passos lentos e arrastados. A porta foi aberta com tamanho cálculo que parecia indicar cuidado ou relutância e vi diante de mim um velho com um candeia acesa em sua mão. Seus dedos tremiam de paralisia ou decrepitude e sombras monstruosas oscilavam no hall escuro às suas costas, tocando suas feições enrugadas como a carícia de asas agourentas de morcego.

— O que deseja, senhor? — ele perguntou.

Embora hesitante e trêmula, a voz não era nem de longe rude e não sugeria uma atitude de suspeita ou de evidente inospitalidade que eu percebera. Senti, porém, uma espécie de irresolução ou dúvida e percebi, enquanto o velho ouvia o meu relato das circunstâncias que me haviam levado a bater à sua porta solitária, que ele me examinava com uma atenção que negava minha impressão inicial de senilidade.

— Sabia que você era um estrangeiro nessas terras, — comentou quando terminei — mas posso lhe indagar o seu nome, senhor?

— Sou Henry Chaldane.

— Não é o filho do Sr. Arthur Chaldane?

Bastante espantado, admiti a paternidade que ele me atribuíra.

— Você se parece com seu pai, cavalheiro. O Sr. Chaldane e John Tremoth foram grandes amigos antes de seu pai emigrar para o Canadá. Não quer entrar, cavalheiro? Este é Tremoth Hall. Sir John não está habituado a receber visitas desde há muito tempo; mas eu vou lhe dizer que está aqui e pode ser que ele queira vê-lo.

Assustado e não de todo agradado pela descoberta de meu paradeiro eu segui o velho até um escritório atulhado de livros cujas encadernações traziam evidências de luxo e de descuido. Lá ele acendeu uma lâmpada de óleo que parecia muito antiga e cujo quebra-luz pintado estava muito encardido, ali ele me deixou só, com os volumes empoeirados e os móveis.

Senti um curioso embaraço, a sensação de ser mesmo um intruso enquanto eu esperava à luz baça e amarelada. Retornaram-me à lembrança os detalhes de uma história estranha, horrorosa e quase esquecida que eu escutara de meu pai nos dias de infância.

Lady Agatha Tremoth, a esposa de Sir John, no primeiro ano de seu casamento caíra vítima de ataques catalépticos. O terceiro ataque aparentemente resultara em sua morte, pois ela não reviveu depois do tempo costumeiro e exibia todos os sinais familiares do *rigor mortis*. O corpo de Lady Agatha fora posto nas criptas da família, que eram de uma antiguidade e extensão quase fabulosas e haviam sido escavadas na colina além da casa. No dia seguinte ao enterro, Sir John, perturbado por uma dúvida insistente e indevida quanto à precisão do veredito médico, reentrara nas criptas a tempo de ouvir um grito e encontrara Lady Agatha sentada em seu caixão. A tampa antes pregada jazia ao chão de pedra e parecia impossível que pudesse ter sido removida pela luta de uma frágil mulher. Porém não havia outra explicação plausível, apesar de que a própria Lady Agatha não tinha mais a esclarecer sobre as circunstâncias de sua estranha ressurreição.

Algo em choque e quase delirante, em um estado de terror extremo que era fácil de entender, ela contou uma história incoerente sobre a sua experiência. Ela não se lembrava de lutar para se libertar do caixão, mas se perturbava principalmente pela lembrança de uma face pálida, horrenda e inumana que vira nas trevas ao despertar-se de seu sono prolongado de quase morte. Fora a visão daquela face, inclinada sobre seu corpo deitado no caixão aberto que lhe fizera gritar com tamanha estridên-

cia. A coisa desaparecera antes de Sir John chegar, fugindo depressa para as criptas inferiores, e ela só pudera formar uma vaga ideia de sua aparência física. Pensava, porém, que era branca e enorme, e corria como um animal quadrúpede, apesar de seus membros terem aparência humana.

Esse relato foi tido como uma espécie de sonho, é claro, ou uma criação do delírio induzido pelo choque apavorante de sua experiência, que apagara toda a lembrança de seu verdadeiro terror. Mas a memória da face horrível e da figura parecia obcecá-la o tempo todo e estava claramente carregada de associações de medos incontrolláveis. Ela não se recuperou de sua doença, mas viveu em um estado de confusão mental e corporal, vindo a morrer nove meses depois, depois de dar à luz seu primeiro filho.

Sua morte foi uma coisa misericordiosa, pois a criança, ao que parece, era uma dessas monstruosidades espantosas que aparecem, às vezes, nas famílias humanas. A exata natureza de sua anormalidade não era conhecida, embora rumores apavorantes e diversos tenham emanado do médico, das enfermeiras e dos serviçais que a haviam visto. Alguns destes abandonaram Tremoth Hall e se recusaram a voltar, depois de uma breve visão do monstro.

Depois da morte de Lady Agatha Sir John se retirou da sociedade e pouco ou nada se divulgara de seus feitos ou do fado da horrível criança. Dizia-se, no entanto, que esta era mantida em uma sala trancada e com janelas guarnecidas de barras de ferro, aonde ninguém senão Sir John entrava. A tragédia fizera toda a sua vida murchar-se e ele se tornara um recluso, que vivia sozinho com um ou dois serviçais fiéis, permitindo que sua propriedade decaísse atrozmente pelo descuido. Julguei que aquele velho que me deixara entrar era sem dúvida um dos serviçais remanescentes. Ainda estava a me lembrar da terrível lenda, ainda tentando relembrar certos pormenores que me haviam quase fugido da memória, quando ouvi o som de passos que, por sua lentidão e fragilidade, pensei que eram do serviçal que retornava.

Porém eu me enganara, pois a pessoa que entrou foi mesmo Sir John Tremoth. A figura alta e um tanto curvada, a face vincada pelo que bem poderia ter sido o escorrer de um ácido, ele era marcado por uma dignidade que parecia triunfar sobre o duplo ataque da tristeza e da doença.

De alguma maneira — embora eu pudesse ter calculado a sua idade real — eu esperara por um velho; mas ele estava pouco além da meia idade. Sua palidez cadavérica e o seu caminhar cambaleante e frágil eram de alguém abatido por uma enfermidade fatal. Suas maneiras, quando se dirigiu a mim, foram impecavelmente corteses e até graciosas. Mas a voz era de alguém para quem as relações e ações ordinárias da vida haviam há muito se tornado sem sentido e superficiais.

— Harper me disse que você é o filho de meu velho colega de escola, Arthur Chaldane. — ele disse — Dou-lhe boas vindas à pobre hospitalidade que eu sou capaz de oferecer. Não recebo visitas há muitos anos e temo que achará a Casa algo tediosa e desagradável e pensará que eu sou um anfitrião indiferente. Mesmo assim deve permanecer, pelo menos por esta noite. Harper foi preparar-nos um jantar.

— O Senhor é muito gentil, — respondi — porém receio que esteja a me intrometer. Se...

— De maneira alguma, — ele negou com firmeza — você será meu hóspede. São milhas e milhas até a hospedaria mais perto e o nevoeiro se tornou uma chuva pesada. Na verdade eu me sinto feliz por tê-lo aqui. Conte-me tudo sobre seu pai e sobre si durante o jantar. Enquanto isso tentarei lhe encontrar um quarto, se puder me acompanhar.

Ele me guiou até o segundo andar da casa e através de um salão alongado com vigas e painéis de carvalho antigo. Passamos por diversas portas que certamente eram de quartos de dormir. Todas estavam fechadas e uma delas estava reforçada com barras de ferro pesadas e sinistras como as de um calabouço. Concluí inevitavelmente que aquele era o quarto em que a criança monstruosa fora confinada e também me perguntei se a anomalia ainda vivia, depois do que deveriam ter sido trinta anos. Quão abismal, quão repelente tinha de ser a sua divergência do tipo humano para que precisasse ser removida imediatamente da vista de outros! E que outras características de seu posterior desenvolvimento poderiam ter tornado necessárias as barras massivas sobre uma porta de carvalho que, por si mesma, já era bastante forte para resistir ao ataque de qualquer homem ou fera comum?

Sem mesmo olhar para a porta o meu anfitrião prosseguiu, carregando uma candeia que quase não tremia em seus dedos finos. Minhas reflexões curiosas enquanto o seguia foram interrompidas de maneira sú-

bita e enervante por um berro alto que parecia vir da porta reforçada. O som era uma ululação prolongada e crescente, que partiu de um tom baixo como a voz sufocada por um demônio em sua tumba, e subiu até abomináveis oitavas transformando-se em uma fúria aguda e rapace, como se o demônio emergisse através de uma série de escadas até sair ao ar. Não era nem humano e nem bestial, era todo preternatural, infernal, macabro; estremeci de um insuportável receio que persistiu mesmo depois que a voz do demônio, tendo chegado à sua culminação, retornara através de degraus inversos ao profundo e sepulcral silêncio.

Sir John não parecera atentar para o som horrendo, em vez disso seguiu em frente, sofrendo apenas de sua fragilidade habitual. Chegando ao fim daquele salão ele pausou ante a segunda porta após aquela que ficava selada.

— Permitirei que fique com esse quarto. — Ele disse — Fica logo adiante daquele que eu ocupo.

Ele não voltou sua face em direção a mim enquanto falava e a sua voz era atonal e contida de um jeito anormal. Compreendi com outro tremor que aquele quarto que indicara como o seu ficava adjacente àquele de onde parecera sair a apavorante ululação.

O quarto ao qual ele me admitira claramente não fora usado por muitos anos. O ar estava gélido, estagnado e insalubre, com um cheiro embolorado prevalente. A velha mobília acumulara o incremento inevitável de pó e teias de aranha. Sir John entrou a desculpar-se.

— Eu não me dei conta das condições do quarto, — ele disse — mas vou pedir a Harper, depois do jantar, que dê uma espanada e uma varrida, e que ponha lençóis limpos na cama.

Insisti sem muita convicção que não havia motivo para se desculpar. A solidão inumana e a decadência da velha casa, seus lustros e décadas de abandono e a correspondente desolação de seu proprietário então me impressionaram mais dolorosamente que antes. Não ousei especular muito a respeito do segredo terrível da câmara trancada e do uivar infernal que ainda ecoava em meus nervos abalados. Lamentava o singular acaso que me levara àquele lugar de malignidade e sombras que proliferavam. Tive uma vontade urgente de ir embora e continuar a minha jornada a enfrentar a fria chuva outonal e a escuridão batida de ventos. Mas

eu não consegui imaginar nenhuma desculpa bastante aceitável e válida. Evidentemente não havia nada a fazer senão ficar.

Nosso jantar foi servido em uma sala sombria, mas elegante, pelo velho a que Sir John se referia por Harper. A refeição foi simples, mas satisfatória e bem preparada, e o serviço foi impecável. Comecei a pensar que Harper era o único serviçal — uma combinação de valete, mordomo, caseiro e cozinheiro.

Apesar de minha fome e dos esforços de meu anfitrião para me tranquilizar, a refeição foi uma cerimônia solene e algo funeral. Não podia esquecer da história de meu pai e ainda menos conseguia esquecer a porta selada e aquela ululação funesta. O que quer que fosse, a monstruosidade ainda vivia e senti uma mescla complexa de admiração pena e horror ao contemplar a esguia e elegante face de Sir John Tremoth, refletindo sobre o inferno de vida a que fora condenado e a fortaleza aparente com que enfrentara seu inimaginável ordálio. Uma garrafa de xerez excelente nos foi trazida depois. Em torno dela nós nos sentamos por uma hora ou mais. Sir John finalmente falou um pouco sobre meu pai, de cuja morte ele ainda não soubera, e me fez falar-lhe sobre minhas ocupações com a destreza de um homem mundano e bem-educado. Falou pouco de si e nem por indiretas ou entrelinhas se referiu à trágica história que anteriormente esbocei.

Como sou quase um abstêmio e não esvaziei o meu copo com muita frequência, a maior parte daquele vinho pesado foi consumida por meu anfitrião. Por fim ele lhe tocou uma veia de curiosa confiança e ele falou pela primeira vez sobre a doença que era patente em sua aparência. Soube que sofria da mais dolorosa forma de doença cardíaca, angina pectoris, e recentemente se restabelecera de um ataque de incomum severidade.

— O próximo dará cabo de mim, — ele disse — e pode ser a qualquer momento, talvez até esta noite.

Ele fez o comentário com muita simplicidade, como se mencionasse uma previsão do tempo. Então, depois de uma breve pausa, continuou, com mais ênfase e pesando mais o tom:

— Talvez você me ache um esquisitão, mas eu tenho um firme preconceito contra o enterramento ou o sepultamento em um mausoléu. Quero que os meus restos mortais sejam completamente cremados e

deixei instruções cuidadosas para que assim seja. Harper providenciará para que sejam cumpridas. O fogo é o mais limpo e o mais puro dos elementos, ele interrompe todo processo maldito entre a morte e o término da decomposição. Não posso suportar a ideia de uma tumba mofada e infestada de vermes.

Ele continuou a discursar sobre o mesmo assunto ainda um pouco, com uma singular elaboração e tensão na maneira como demonstrava familiaridade com tema de sua preocupação, praticamente uma obsessão. Ele parecia possuído de uma fascinação mórbida por isso; havia uma luz dolorida em seus olhos vazios e assombrados e um toque de histeria rigidamente contida em sua voz enquanto falava. Relembrei o enterro de Lady Agatha e sua trágica ressurreição, então os vagos e delirantes horrores das criptas que formavam uma parte inexplicável e algo perturbadora de sua história. Não era difícil compreender a aversão de Sir John ao sepultamento, mas eu mal podia supor todo o terror e o espanto em que se fundava a sua repugnância.

Harper nos deixara depois de trazer o xerez e eu supusera que lhe haviam sido dadas ordens para renovar meu quarto. Esvaziáramos então nossos últimos copos e o meu anfitrião concluíra a sua peroração. O vento, que lhe animara brevemente, começava a silenciar e ele pareceu mais adoentado e macilento que antes. Alegando a minha própria fadiga, expressei-lhe meu desejo de me retirar e ele, com sua cordialidade invariável, insistiu em levar-me ao quarto, para ter a certeza de meu conforto, antes de se dirigir à sua própria cama.

No salão superior encontramos Harper, que mal descera de um lance de escadas que decerto levava a um sótão ou terceiro andar. Ele trazia uma pesada panela de ferro, dentro da qual alguns pedaços de carne restavam, e senti proveniente desta um odor pronunciado e desagradável, quase de putrescência, quando ele passou. Perguntei-me se ele não estivesse alimentando a monstruosidade desconhecida e se talvez a sua comida não era entregue através de um alçapão no teto do quarto. O raciocínio era bastante razoável, mas o cheiro dos restos de carne, por via de uma associação literária remota, passara a sugerir-me outros raciocínios que, pelo que parecia, estavam além do reino das possibilidades e da razão. Certas evidências evasivas e incoerentes pareceram apontar de maneira repentina para um todo atroz e repulsivo. Com sucesso incomple-

to eu me certifiquei de que a coisa que imaginara era inacreditável diante da ciência, uma mera criação da demonologia supersticiosa. Não, não poderia ser... lá na Inglaterra, dentro todos os lugares... aquele demônio devorador de cadáveres saído dos mitos e lendas orientais... o *ghoul*.

Contrariando meus receios, não houve repetição do uivar feroz quando passamos diante do quarto secreto. Mas eu pensei ter ouvido um estalar definido, como o que produziria um grande animal ao devorar sua caça.

Meu quarto, embora ainda estivesse bem sombrio e desagradável, fora aliviado em parte da poeira acumulada e teias de aranha. Após uma inspeção pessoal, Sir John me deixou e se retirou para o seu próprio quarto. Comoveu-me a sua palidez de morte e a sua fraqueza quando ele me deu boa-noite, e senti-me apreensivo e culpado pois talvez o esforço de receber e entreter um hóspede tivesse agravado a terrível doença de que sofria. Pareceu-me detectar verdadeira dor e tormento abaixo de sua cuidadosa armadura de urbanidade, e me preocupou que a urbanidade tivesse se mantido a um custo excessivo.

A fadiga de minha jornada de um dia inteiro, adicionada do vinho pesado que eu tomara, deveria ter feito com que eu dormisse cedo. Porém, embora eu me deitasse com as pálpebras bem fechadas e no escuro, não podia me livrar das malignas sombras, aquelas larvas carnívoras e negras que se reuniam ao meu redor naquela casa antiga. Coisas insuportáveis e proibidas me assediavam com garras imundas, roçavam-me com madeixas ruidosas enquanto eu me agitava através de horas eternas e permanecia deitado a encarar o quadro cinzento da janela encardida pela tempestade. O gotejar da chuva, o sussurro e o lamento do vento, tudo se resolvia em uma algaravia de vozes semiarticuladas que planejavam contra a minha paz e murmuravam nojentamente segredos inomináveis em uma linguagem de demônios.

Por fim, depois do que pareceu o transcurso de séculos noturnos, a tempestade amainou e eu não ouvi mais as vozes equívocas. A janela acendeu-se um pouco na parede negra e os terrores de minha insônia de toda a noite pareceram recuar um pouco, mas sem me trazer o alívio de uma soneca. Percebi um silêncio total e então, dentro do silêncio, um

som inquietante, esquisito e débil, cuja causa e localização me confundiram por muitos minutos.

O som vinha, às vezes, amortecido e distante, então parecia aproximar-se até o quarto ao lado. Comecei a identificar algo como um arranhar, tal como o das garras de um animal sobre madeira sólida. Sentado na cama a ouvir atentamente eu compreendi com um novo sobressalto de horror que provinha da direção do quarto selado com barras de ferro. Ele adquiriu uma estranha ressonância, então se tornou quase inaudível, e repentinamente cessou por um instante. Nesse momento eu ouvi um gemido como o de um homem em grande agonia ou terror. Não pude me enganar sobre a origem do gemido, pois viera do quarto de Sir John Tremoth; tampouco tive dúvidas sobre a causa do arranhar.

O gemido não se repetiu, mas o maldito som de garras a arranhar começou e continuou até o amanhecer. Então, como se a criatura que o causava tivesse hábitos totalmente noturnos, o raspar vibrante cessou e não retornou. Em um estado de torpeza e apreensão, grogue pelo cansaço e pela privação de sono, eu o ouvira com ouvidos intoleravelmente aguçados. Com a sua cessação, na madrugada descolorida e pálida, eu me rendi a um sono profundo, do qual os espectros amorfos e abafados da velha Casa não puderam me afastar mais.

Fui despertado por um bater forte em minha porta — um bater que eu até mesmo em meus sentidos confusos de sono pude reconhecer como imperativo e urgente. Deve ter sido já quase ao meio-dia e eu, sentindo-me culpado por dormir tão exageradamente além da conta, corri até a porta e a abri. O velho serviçal, Harper, estava do lado de fora, e as suas maneiras trêmulas e abatidas me contaram antes de sua voz que algo de grande importância ocorrera.

— Lamento informar-lhe, Sr. Chaldane, — ele estremeceu — que Sir John está morto. Não respondeu ao meu chamado usual, então ousei entrar em seu quarto. Ele deve ter morrido hoje pela manhã.

Inexprimivelmente chocado pelo anúncio, lembrei do gemido único que ouvira ao romper cinzento da manhã. Meu anfitrião talvez estivesse morrendo naquele exato momento. Lembrei, também, o pesadelo detestável do arranhar. Inevitavelmente eu me perguntei se o gemido não fora causado pelo medo tanto quanto pela dor física. Teria sido o esforço e a tensão de ouvir aquele som horrendo que causara o paroxismo final da

doença de Sir John? Não pude mais ter certeza, mas a minha mente fervia de pavorosas e nojentas conjecturas.

Com as fúteis formalidades que se emprega em tais ocasiões eu tentei prestar condolências ao idoso serviçal e lhe oferecia a assistência que eu poderia dar nos necessários preparativos para a disposição dos restos mortais de seu senhor. Como não havia telefone na casa, voluntariei-me para encontrar um médico que examinaria o corpo e assinaria a certidão de óbito. O velho pareceu sentir alívio e gratidão singulares.

— Agradecido, senhor, — ele disse com sinceridade. Então, como se quisesse se explicar — Eu não queria abandonar Sir John. Prometi-lhe que vigiaria o seu corpo.

Então ele passou a falar sobre o desejo de Sir John ser cremado. Parecia que o baronete deixara instruções explícitas para a preparação de uma pira de gravetos sobre a colina além da Casa, a incineração de seus restos em tal pira e o espargimento de suas cinzas sobre os campos da propriedade. Estas instruções ele compartilhara com o serviçal e lhe dera poder para que fossem executadas o mais brevemente possível após a morte. Ninguém deveria estar presente à cerimônia, exceto Harper e os agentes funerários contratados. Os parentes de Sir John — nenhum dos quais vivia nas redondezas — não deveriam ser informados de seu passamento até que tudo estivesse terminado.

Recusei a oferta de Harper para preparar o meu desjejum dizendo-lhe que conseguiria uma refeição na cidadezinha próxima. Havia uma estranha inquietação em suas maneiras e eu percebi, através de pensamentos e emoções que não devem ser especificados nessa narração, que estava ansioso para começar o seu prometido velório ao lado do corpo de Sir John.

Seria tedioso e desnecessário detalhar a tarde funérea que se seguiu. O pesado nevoeiro marítimo retornara e eu parecia tatear o caminho através de um mundo encharcado, mas irreal, enquanto procurava a cidade mais próxima. Tive sucesso em localizar um médico e também em contratar vários homens para a construção da pira e para servirem de carregadores do féretro. Fui recebido em todo lugar de modo curiosamente taciturno e ninguém pareceu inclinado a comentar sobre a morte de Sir John ou falar sobre as lendas obscuras que eram associadas a Tremoth Hall.

Harper, para meu espanto, propusera que a cremação ocorresse logo. Mas isto se provou impraticável. Quando todas as formalidades e preparações foram completadas o nevoeiro se tornou um aguaceiro firme e duradouro, que impossibilitou acender a pira, e fui obrigado a adiar a cerimônia. Prometera a Harper que eu permaneceria na Casa até que tudo estivesse terminado, então tive de passar uma segunda noite sob aquele teto amaldiçoado e os seus segredos abomináveis.

A escuridão sobreveio prematuramente. Depois de uma visita à cidadezinha, onde obtive alguns sanduíches para Harper e eu comermos em vez de um jantar, voltei à solitária Casa. Fui recebido por Harper junto às escadas e subi até a câmara funerária. Havia uma crescente agitação em seu comportamento, como se algo tivesse acontecido que o assustara.

— Pergunto-lhe se não me faria companhia esta noite, Sr. Chaldane, — ele disse — é uma vigília medonha que lhe peço que compartilhe, também pode ser uma bem perigosa. Mas Sir John lhe agradeceria, tenho certeza. Se tiver uma arma de algum tipo consigo, seria bom trazê-la.

Era impossível recusar seu pedido e eu concordei de imediato. Estando desarmado, Harper insistiu em me equipar com um antigo revólver, cujo par ele mesmo passou a portar.

— Veja cá, Harper, — eu disse com aspereza, enquanto nos dirigíamos até o quarto de Sir John — de que é que tem medo?

Ele estremeceu visivelmente diante da pergunta e pareceu não querer responder. Então, depois de um momento, pareceu compreender que era necessário franqueza.

— É da coisa no quarto fortificado, — ele explicou — da qual já deve ter ouvido falar, senhor. Temos cuidado dela, Sir John e eu, desde há vinte e oito anos, e sempre tememos que escaparia. Nunca nos deu muito trabalho conquanto a mantivéssemos bem alimentada. Mas nas últimas três noites estive arranhando a espessa parede de carvalho do quarto de Sir John, algo que nunca fizera antes. Sir John acreditava que ela sabia que ele estava por morrer e que desejava chegar ao seu corpo, faminta por uma comida diferente da que lhe vínhamos dando. Eis porque devemos guardar seu corpo durante a noite, Sr. Chaldane. Rogo a Deus que a parede resista, mas aquela coisa continua raspando e raspan-

do, como um demônio, e eu não gosto do som oco que tenho ouvido, como se a parede estivesse agora bastante fina.

Espantado por esta confirmação de minhas conclusões mais repugnantes, não pude responder, pois todo comentário teria sido fútil. Com a concordância explícita de Harper a anomalia adquiria um ar mais sombrio e mais opressivo, de ameaça mais potente e tirânica. Desejei que me tivesse recusado a participar da prometida vigília, mas isto, claro, era algo impossível.

Aquele arranhar bestial e diabólico, mais alto e frenético do que antes, assaltou os meus ouvidos quando passamos pelo quarto reforçado. Facilmente eu compreendi o medo inominável que impelira o velho a solicitar minha companhia. O som estava inexprimivelmente alarmante e irritava os nervos com a sua macabra e sombria persistência, intimado por uma fome monstruosa. Ele se tornou ainda mais claro, com uma vibração horrível e lancinante quando adentramos o quarto do morto.

Por todo o transcorrer daquele dia funeral eu evitara visitar aquele quarto, pois me falta a mórbida curiosidade que impele muitos a contemplar os mortos. Foi só então que eu vi o meu anfitrião pela segunda e última vez. Todo vestido e preparado para a pira, ele estava deitado na fria cama de lençóis brancos, cujas cortinas pesadamente decoradas, haviam sido puxadas para trás. O quarto estava iluminado por diversas velas, arrançadas sobre uma mesinha em curiosos candelabros de bronze, azinhavrados pela antiguidade, mas a luz parecia dar apenas um brilho incerto e doloroso às sombras espaçadas e tristes.

Algo a contragosto eu contemplei as feições do falecido e desviei os meus olhos bem depressa. Eu estava preparado para a palidez petrificada e o rigor, mas não para a transparência completa daquela aversão horrível, aquele terror inumano que corroera o coração daquele homem por tantos anos infernais e que, graças a um autocontrole quase sobre-humano, ele conseguira esconder de quem o visse casualmente em vida. A revelação foi dolorosa demais e não pude olhar de novo para ele. De certa forma ele parecia não estar morto, que ainda ouvia com atenção agonizante os sons horrendos que certamente haviam servido para precipitar o ataque derradeiro de sua enfermidade.

Havia ali várias cadeiras que, tal como a própria cama, datavam do século dezessete, segundo creio. Harper e eu nos sentamos junto à mesi-

nha, entre a cama e a parede de painéis de madeira negra de onde o incessante som de arranhões parecia vir. Em silêncio obsequioso, com revólveres à mão e engatilhados, começamos o velório terrível.

Enquanto ali sentados a esperar, fui levado a imaginar a monstruosidade sem nome e então imagens amorfas ou deformadas de pesadelos carnívoros se sucederam em caótica perseguição em minha mente. Uma curiosidade atroz, à qual eu normalmente seria um estranho, me impelia a indagar Harper; mas eu me continha por uma inibição ainda mais poderosa. De sua parte, o velho não se voluntariou a dar qualquer informação ou fazer qualquer comentário, apenas vigiou a parede com olhos brilhantes de medo que nunca pareciam vacilar apesar de sua cabeça trêmula de senilidade.

Teria sido impossível conjurar toda a tensão inatural, o suspense macabro e a lúgubre expectativa das horas seguintes. A marcenaria certamente era de grande espessura e dureza, tal que desafiava os ataques de qualquer criatura equipada somente de garras ou presas, mas apesar de argumentos óbvios como esse, eu pensei por um momento que ela desmoronaria. O som de arranhar continuava eternamente e parecia crescer a cada instante em minha fantasia febril. A intervalos recorrentes eu parecia ouvir um lamento baixo, aflito e canino, tal como o que produziria um animal faminto que se aproximava do objetivo de suas escavações.

Nenhum de nós falara sobre o que fazer caso o monstro conseguisse o seu objetivo, mas parecia haver um acordo tácito entre nós. Porém, de uma forma supersticiosa de que antes não me cria capaz, comecei a duvidar se o monstro era dotado de humanidade suficiente em sua composição para ser vulnerável a meras balas de revólver. Até que ponto ele exibiria os sinais de sua desconhecida e fabulosa paternidade? Tentei me convencer de que tais questionamentos e dúvidas eram patentemente absurdos, mas fui atraído de volta a eles vezes sem conta, como que seduzido por um abismo proibido.

A noite transcorreu como o fluir de uma torrente escura e preguiçosa e as velas funerárias arderam até menos que uma polegada de seus soquetes comidos de azeitona. Esta foi uma circunstância que, sozinha, deu-me a ideia da passagem do tempo, pois eu mesmo me sentia afogado em uma eternidade preta, imóvel sob horrores rastejantes e fervilhantes. Acostumara-me tanto ao som de raspagem na madeira e este

continuara por tanto tempo que comecei a considerar a sua crescente agudeza e cavidade uma mera alucinação, desta maneira foi que o final de nossa vigília chegou ao fim sem aparente aviso.

Repentinamente, enquanto olhava para a parede e escutava com a atenção congelada, ouvi um som áspero e rascante e vi que uma estreita faixa se partira e pendia do painel. Então, antes de poder me recompor ou recobrar a capacidade plena de meus sentidos, um grande pedaço semicircular da parede colapsou em muitas lascas sob o impacto de um corpo pesadíssimo.

Talvez eu seja afortunado por nunca ter podido perceber distintamente a coisa infernal que saiu do painel. O choque visual, pelo seu próprio excesso de horror, apagou quase todos os detalhes de minha lembrança. Mantenho, ainda, no entanto, a impressão borrada de um corpo enorme, branquicento, pelado e algo quadrúpede, com dentes caninos em uma face meio humana e longas unhas de hiena em membros anteriores que eram tanto braços como pernas. Um fedor putrefacto saía da aparição, como o ar da toca de um animal carniceiro, e então, com um só pulo de pesadelo, a coisa estava sobre nós.

Ouvi o estalido rápido do revólver de Harper, agudo e vingativo naquele quarto fechado, mas somente um clique enferrujado de minha arma. Talvez o cartucho estivesse muito velho. De qualquer maneira, mascou. Antes que pudesse puxar o gatilho outra vez, fui atirado ao chão com terrível violência, batendo a cabeça contra a base pesada da mesinha. Uma cortina preta, salpicada de incontáveis fogos, pareceu cair sobre mim e apagar a visão do quarto. Então todos os fogos se apagaram e permaneceu somente a escuridão.

Devagar eu retomei de novo a consciência de chama e sombras, porém a chama era brilhante e rápida, parecendo crescer em brilho cada vez mais. Então os meus sentidos amortecidos e inconfiáveis reviveram com agudeza e clareza pelo cheiro acre de tecido queimado. As formas do quarto voltaram-me à visão e vi que estava deitado encolhido contra a mesa derrubada, voltado para a cama do morto. As velas gotejantes tinham sido arremessadas ao chão e uma delas queimava um lento círculo de fogo no tapete ao meu lado, outra, atirada mais longe, incendiara as cortinas da cama, que cintilavam depressa em direção ao grande dossel. Enquanto eu ainda estava deitado a observar, imensos e rubros

farrapos do tecido caíram sobre a cama em dúzias de lugares e o corpo de Sir John Tremoth foi cercado de chamas.

Pus-me de pé cambaleante, ainda tonto e confuso pela queda que me atirara no esquecimento. O quarto estava vazio, exceto pelo velho serviçal, que estava junto à porta, gemendo indistintamente. A porta mesmo estava aberta, como se alguém — ou alguma coisa — tivesse saído através dela durante meu período de inconsciência. Voltei-me para a cama com a intenção instintiva de tentar apagar o incêndio. As chamas se espalhavam rápido, saltavam cada vez mais alto, mas não eram bastante rápidas para ocultar de meus olhos enfermiços as mãos e as feições — se ainda podiam ser assim chamadas — daquele que fora Sir John Tremoth. Sobre o derradeiro horror que lhe sobreviera eu devo evitar mencionar explicitamente e desejaria que também pudesse evitar a sua lembrança. Tarde demais fora o monstro afugentado pelo fogo...

Não há muito mais a contar. Olhando para trás mais uma vez, enquanto me arrastava para fora do quarto tomado pela fumaça, com Harper em meus braços, vi que a cama e seu dossel haviam se tornado uma massa de chamas crescentes. O infeliz baronete encontra em seu próprio quarto a pira funerária por que tanto ansiara.

Era quase aurora quando emergimos da casa condenada. A chuva cessara, deixando o firmamento carregado de nuvens altas e cinzentas. O ar frio pareceu reviver o idoso serviçal e ele se pôs de pé fragilmente diante de mim, sem dizer palavra, enquanto contemplávamos a crescente espiral de chamas que saíam do teto sombrio de Tremoth Hall e começava a deitar um brilho melancólico sobre as cercas malcuidadas.

À luz combinada da aurora apagada e da conflagração avermelhada ambos vimos aos nossos pés as pegadas monstruosas e semi-humanas, com a marca de longas unhas caninas, que haviam pisado há pouco no solo encharcado pela chuva. Elas vinham da direção da casa e seguiam em direção à colina coberta de urzes que se erguia além dela.

Ainda sem nada dizer, seguimos os passos. Quase sem interrupção eles nos levaram à entrada das antigas criptas familiares, à pesada porta de ferro na face da colina, que estivera trancada por toda uma geração por ordens de Sir John Tremoth. A porta propriamente dita estava arreganhada e vimos que as correntes e cadeados enferrujados haviam sido arrebatados por uma força maior que a de qualquer homem ou fera.

Então, olhando para dentro, vimos as marcas enlameadas das pegadas que seguiam sem retorno pela escuridão dos mausoléus abaixo, através das escadarias.

Estávamos ambos desarmados, deixáramos os nossos revólveres para trás na câmara ardente, mas não hesitamos por muito tempo. Harper trazia consigo um estoque generoso de fósforos e eu, olhando ao redor, achei um galho pesado de madeira úmida que poderia servir de clava. Em silêncio sério e mudos de determinação, alheios ao perigo, demos uma busca pelas criptas quase intermináveis, riscando fósforo após fósforo a percorrer as sombras mofadas.

As pegadas monstruosas apagaram-se conforme as seguimos até escuros recônditos e nada encontramos em lugar algum senão uma asquerosa umidade e teias de aranha imperturbadas entre os incontáveis caixões dos mortos. A coisa que procurávamos desaparecera completamente, como se tivesse sido engolida pelas paredes subterrâneas.

Por fim retornamos à entrada. Ali ficamos a piscar contra a luz do dia pleno, empalidecidos e descompostos, Harper então falou pela primeira vez, em sua voz lenta e trêmula:

— Há muitos anos; logo depois da morte de Lady Agatha; Sir John e eu exploramos as criptas de ponta a ponta, mas não encontramos nenhum sinal do que suspeitávamos. Agora, tal como então, é inútil procurar. Há mistérios que, se Deus ajudar, não serão jamais compreendidos. Sabemos apenas que a prole das criptas retornou às criptas. Que ali permaneça.

Silenciosamente, em meu coração abalado, ecoei suas últimas palavras e o seu desejo.



Os Filhos da Noite

Robert E. Howard

∴

The Children of the Night (1931)

Weird Tales (abr.-mai. 1931)

No seguinte conto, a segunda peça de cinco nesta coleção, R.E. Howard aprofunda a ligação entre os Povos pequenos e a ficção de Lovecraft, relacionando as criaturas com seu próprio tomo de conhecimento profano, *Cultos Inomináveis*. “Os filhos da noite” é considerada uma das melhores histórias de horror do autor.



Lembro que havia seis de nós no estranho apartamento de Conrad, com suas relíquias excêntricas de todas as partes do mundo e suas longas fileiras de livros, que abrangiam desde a edição Mandrake Press, de Boccaccio, até um *Missale Romanum*, encadernado em tábuas afiveladas de carvalho e impresso em Veneza, em 1740. Clemants e o professor Kirovan haviam acabado de se envolver num debate antropológico um tanto impaciente: Clemants defendendo a teoria de uma raça alpina separada e distinta, enquanto o professor sustentava que a pretensa raça

era simplesmente um desvio de uma linhagem original ariana — possivelmente o resultado de uma mistura entre as raças meridionais, ou mediterrâneas, e o povo nórdico.

— E como — perguntou Clemants — você explica a braquicefalia deles? Os mediterrâneos tinham crânios tão longos quanto os arianos; qual mistura entre estes povos dolicocefalos produziria um tipo intermediário de crânio largo?

— Condições especiais poderiam causar uma mudança numa raça originalmente de crânio longo. — retrucou bruscamente Kirowan — Boaz já demonstrou, por exemplo, que no caso dos imigrantes na América, as estruturas cranianas muitas vezes mudam em uma só geração. E Flinders Petrie já provou que os lombardos mudaram, de uma raça de crânio alongado para uma de crânio redondo, em poucos séculos.

— Mas o que causou tais mudanças?

— Muita coisa ainda é desconhecida pela ciência — respondeu Kirowan —, e não precisamos ser dogmáticos. Ninguém sabe, até agora, por que as pessoas de ancestralidade britânica e irlandesa tendem a ficar extraordinariamente altas no distrito Darling da Austrália... Talos de Trigo, como são chamados... ou por que pessoas de tal descendência têm a estrutura da mandíbula mais delgada, após umas poucas gerações na Nova Inglaterra. O universo é cheio de coisas inexplicáveis.

— E, por isso, pouco interessante, de acordo com Machen. — riu Taverel.

Conrad sacudiu a cabeça:

— Devo discordar. Para mim, o desconhecido é mais extraordinariamente fascinante.

— O que explica, sem dúvida, todas as obras de bruxaria e demonologia que vejo em suas estantes. — disse Ketrick, acenando com a mão em direção às fileiras de livros.

E, deixem-me falar de Ketrick. Cada um de nós seis eram da mesma raça... ou seja, bretão ou americano de ascendência britânica. Por bretão, incluo todos os habitantes naturais das Ilhas Britânicas. Representávamos várias linhagens de sangue inglês e celta, mas basicamente estas linhagens são a mesma, apesar de tudo. Exceto Ketrick: esse homem sempre me pareceu estranhamente diferente. Era em seus olhos que esta diferença aparecia externamente. Eram uma espécie de âmbar, quase ama-

relos e levemente oblíquos. Às vezes, quando alguém lhe olhava o rosto de certos ângulos, eles pareciam rasgados como os de um chinês.

Outros, além de mim, haviam notado esta característica, tão inco-mum num homem de pura descendência anglo-saxônica. Os mitos usu-ais, que atribuíam seus olhos oblíquos a alguma influência pré-natal, fo-ram debatidos, e lembro que o professor Hendrick Brooler uma vez co-mentou que Ketrick era indubitavelmente um atavismo, representando uma reversão de tipo a algum ancestral obscuro e distante, de sangue mongol... uma espécie de reversão anormal, já que ninguém de sua fa-mília apresentava tais traços.

Mas Ketrick vem do ramo galês dos Cetrics de Sussex, e sua linha-gem está registrada no *Livro dos Pares*. Lá, você pode ler a linhagem de seus antepassados, a qual se estende contínua até os dias de Canuto. Nem o mais leve traço de miscigenação mongol aparece na genealogia, e como poderia haver tal mistura na velha Inglaterra saxã? Pois Ketrick é a forma moderna e, embora aquele ramo tenha fugido para Gales antes da invasão dos dinamarqueses, seus herdeiros do sexo masculino se ca-saram constantemente com famílias inglesas das fronteiras, e continua sendo uma linhagem pura dos poderosos Cedrics de Sussex... quase sa-xão puro. Quanto ao próprio homem, este defeito em seus olhos — se puder ser chamado de defeito — é sua única anormalidade, exceto por um leve e ocasional balbuciar na fala. Ele tem um intelecto elevado e é um bom companheiro, exceto por uma leve tendência ao afastamento e uma indiferença um tanto profunda, a qual pode servir para disfarçar uma natureza extremamente sensível.

Referindo-me ao seu comentário, eu disse com uma risada:

— Conrad persegue o obscuro e o místico, assim como alguns ho-mens perseguem o romantismo; suas estantes estão apinhadas com deli-ciosos pesadelos de toda variedade.

Nosso anfitrião assentiu com a cabeça:

— Lá, você encontrará um grande número de pratos deliciosos... Machen, Poe, Blackwood, Maturin... veja, lá está um raro banquete: *Mistérios Horrendos*, do Marquês de Grosse... a edição autêntica do sé-culo XVIII.

Taverel examinou atentamente as estantes.

— A ficção fora do comum parece competir com obras sobre feitiçaria, vodu e magia negra.

Verdade. Historiadores e crônicas são frequentemente enfadonhos; mas nunca os contadores de histórias... os mestres, quero dizer. Um sacrifício vodu pode ser descrito de uma forma tão enfadonha, a ponto de lhe tirar toda a autêntica fantasia e deixá-lo como meramente um sórdido assassinato. Admito que poucos escritores de ficção alcançam as verdadeiras alturas do horror — muito de seu material é concreto demais, possuindo formas e dimensões muito terrestres. Mas, em contos como *A Queda da Casa de Usher*, de Poe; *O Selo Negro*, de Machen, e *O Chamado de Cthulhu*, de Lovecraft — os três maiores gênios de contos de horror, na minha opinião —, o leitor é levado para reinos obscuros e externos de imaginação.

— Mas olhe ali... — ele continuou — Ali, encaixado entre aquele pesadelo de Huysman e *O Castelo de Otranto*, de Walpole... *Cultos Inomináveis*, de Von Junzt. Eis um livro para lhe manter acordado à noite.

— Já o li — disse Taverel —, e estou convencido de que aquele homem é louco. Sua obra parece a conversa de um maníaco... discorre com surpreendente clareza por algum tempo, e em seguida imerge em imprecisão e divagações desconexas.

Conrad sacudiu a cabeça:

— Já pensou alguma vez que talvez seja a própria sanidade dele que o faça escrever daquela forma? E se ele não ousa colocar no papel tudo o que sabe? E se as vagas suposições dele forem sugestões obscuras e misteriosas, chaves de um quebra-cabeça para aqueles que sabem?

— Tolice! — disse Kirowan — Está insinuando que algum dos cultos de pesadelo, mencionados por Von Junzt sobrevive até os dias atuais... se é que alguma vez existiram, exceto no cérebro preocupado de um poeta e filósofo lunático?

— Ele não era o único que usava significados ocultos. — respondeu Conrad — Se você examinar várias obras de certos grandes poetas, pode encontrar duplos sentidos. Homens já toparam com segredos cósmicos no passado, e deram indícios deles ao mundo em palavras enigmáticas. Lembra das alusões de Von Juntz a uma “cidade em meio à desolação”? O que acha da linha de Flecker? “*Não passe por baixo! Dizem os ho-*

mens que uma rosa ainda floresce em desertos pedregosos. Mas sem o escarlata na pétala... e de cujo coração nenhum perfume flui". Homens já toparam com coisas secretas, mas Von Juntz mergulhou fundo em mistérios proibidos. Ele foi um dos poucos homens, por exemplo, que pôde ler o *Necronomicon* na tradução grega original.

Taverel encolheu os ombros, e o professor Kirowan, embora puxando e assoprando furiosamente o cachimbo, não respondeu diretamente; pois ele, assim como Conrad, havia pesquisado a versão latina do livro, e encontrado ali coisas que nem sequer um cientista de sangue frio poderia responder ou refutar.

— Bem — ele disse dentro em pouco —, suponha que admitamos a antiga existência de cultos girando em torno de tais deuses e entidades sem nome e medonhos, como Cthulhu, Yog-Sothoth, Tsathoggua, Golgoth e outros parecidos... não consigo achar lugar na minha mente para acreditar que sobreviventes de tais cultos se escondam hoje nos cantos obscuros do mundo.

Para nossa surpresa, Clemants respondeu. Era um homem alto, magro e silencioso — quase taciturno —, e sua feroz luta contra a pobreza lhe havia enrugado o rosto além de sua idade. Como muitos outros artistas, ele tinha uma vida claramente dupla, com suas novelas de espada-chins lhe fornecendo um dinheiro generoso, e sua posição editorial em *O Casco Fendido* lhe proporcionando total expressão artística. *O Casco Fendido* era uma revista de poesia, cujo conteúdo extravagante havia frequentemente despertado o interesse scandalizado dos críticos conservadores.

— Lembrem-se que Von Junzt menciona um chamado culto de Bran. — disse Clemants, abarrotando o bojo de seu cachimbo com uma marca particularmente ignóbil de tabaco — Acho que uma vez vi você e Taverel discutindo-o.

— Como eu acumulo de suas insinuações — retrucou Kirowan —, Von Junzt inclui este culto particular entre aqueles que ainda existem. Absurdo.

Clemants novamente sacudiu a cabeça:

— Quando eu era um garoto, abrindo caminho para certa universidade, tinha por colega de quarto um rapaz tão pobre e ambicioso quanto eu. Se eu lhe dissesse o nome dele, você se surpreenderia. Embora vi-

esse de uma velha linhagem escocesa de Galloway, ele era obviamente de um tipo não-ariano.

“Isto é extremamente confidente, entendeu? Mas meu colega falava enquanto dormia. Comecei a escutar, e reuni seus murmúrios dispersos. E, em seus murmúrios, ouvi pela primeira vez sobre o culto aludido por Von Junzt: do rei que governa o Império Escuro, o qual era a renovação de um império mais velho e obscuro que remontava à Idade da Pedra; e da grande caverna sem nome, onde fica o Homem Escuro... a imagem de Bran Mak Morn, esculpida à sua semelhança pela mão de um mestre enquanto o grande rei ainda vivia, e para a qual cada adorador de Bran faz uma peregrinação uma vez na vida. Sim, aquele culto vive hoje nos descendentes do povo de Bran... uma corrente silenciosa e desconhecida que flui no grande oceano da vida, esperando que a imagem de pedra do grande Bran respire e se mova com vida repentina, e saia da grande caverna para reconstruir o império perdido deles”.

— Pictos — respondeu Taverel —; indubitavelmente o povo conhecido mais tarde como os pictos selvagens de Galloway era predominantemente celta... uma mistura de elementos gaélicos, címricos, aborígenes e possivelmente teutônicos. Se tomaram este nome da raça mais antiga, ou emprestaram o próprio nome a esta raça, é uma questão ainda a ser decidida. Mas, quando Von Junzt fala de pictos, ele se refere especificamente aos povos pequenos, de pele morena e comedores de alho, de sangue mediterrâneo, que trouxeram a cultura neolítica à Britânia. Os primeiros moradores de fato daquela região, os quais deram origem aos contos de espíritos da terra e duendes.

— Não posso concordar com a última afirmação. — disse Conrad — Estas lendas atribuem uma deformidade e inumanidade de aparências a estes personagens. Não havia nada nos pictos para incitar tal horror e repulsa nos povos arianos. Eu acredito que os mediterrâneos foram precedidos por um tipo mongoloide, muito baixo na escala evolutiva, de onde tais histórias...

— Certíssimo — interrompeu Kirowan —, mas me custa pensar que eles precederam os pictos, como você os chama, na Inglaterra. Encontramos lendas de trolls e anões por todo o continente, e estou inclinado a achar que, tanto os povos arianos quanto os mediterrâneos, trouxeram

estas histórias do continente com eles. Aqueles primeiros mongoloides deviam ser de um aspecto extremamente inumano.

— Ao menos — disse Conrad —, há aqui uma marreta de pedra, que um mineiro achou nas colinas de Gales e me entregou, e que nunca foi totalmente explicada. Obviamente não é de feitio neolítico ordinário. Veja como é pequena, comparada à maioria dos utensílios daquela era; é quase como um brinquedo de criança; contudo, é surpreendentemente pesada e, sem dúvida, um golpe mortífero poderia ser dado com ela. Eu mesmo fiz o cabo, e você ficaria surpreso em saber como foi difícil entalhá-lo com a forma e equilíbrio correspondentes à cabeça.

Olhamos para o objeto. Era bem feito, polido de uma forma como os outros remanescentes do Neolítico que já vi, embora, como dizia Conrad, fosse estranhamente diferente. Seu pequeno tamanho era singularmente inquietante, pois não tinha de modo algum a aparência de um brinquedo. Sugería algo tão sinistro quanto uma adaga de sacrifício asteca. Conrad havia feito o cabo com rara habilidade e, ao talhá-lo para encaixar a cabeça, havia conseguido dar a ele a mesma aparência não-natural da própria marreta. Havia até copiado a feitura de tempos primordiais, fixando a cabeça na fenda do cabo com tiras de couro cru.

— Céus! — Taverel deu um golpe desajeitado num antagonista imaginário, e quase despedaçou um caro vaso Shang — O equilíbrio desta coisa é todo descentralizado; eu teria que reajustar toda a minha mecânica de estabilidade e equilíbrio para manuseá-la.

— Deixe-me vê-la. — Ketrick pegou o objeto e o mexeu desajeitadamente, tentando arrancar o segredo de seu manuseio adequado. Por fim, um tanto irritado, ele o balançou para cima e deu um pesado golpe num escudo que pendia na parede próxima. Eu estava perto do mesmo, e vi a marreta infernal se retorcer em sua mão como uma serpente viva e seu braço se desviar do caminho; ouvi um grito alarmado de aviso... e a escuridão caiu sobre mim com o impacto da marreta sobre minha cabeça.



Voltei lentamente à consciência. Primeiro, foi uma sensação fosca de cegueira e de total falta de conhecimento sobre onde eu estava ou quem eu era; logo, uma vaga percepção de vida e ser, e algo duro comprimindo

minhas costelas. Logo, as brumas clarearam e voltei completamente a mim.

Eu jazia de costas sob algum arbusto, e minha cabeça palpitava ferozmente. Meu cabelo estava empastado e coagulado de sangue, pois o couro cabeludo havia sido aberto. Mas meus olhos percorreram meu corpo e membros, vestidos apenas com uma tanga de pele de cervo e sandálias do mesmo material, e não acharam outro ferimento. O que pressionava tão inconfortavelmente as minhas costelas era meu machado, sobre o qual eu havia caído.

Agora, um odioso balbucio alcançou meus ouvidos e me devolveu imediatamente a clara consciência. O ruído parecia vagamente uma linguagem, mas não uma linguagem à qual os homens estão acostumados. Soava mais como sibilar de muitas serpentes grandes.

Olhei fixamente. Estava estendido numa floresta grande e sombria. A clareira estava obscurecida pelas árvores, de modo que, mesmo de dia, era muito escuro. Sim... aquela floresta era escura, fria, silenciosa, gigante e totalmente medonha. E olhei para a clareira.

Vi uma carnificina. Cinco homens jaziam ali... ao menos, o que havia sido cinco homens. Quando percebi as odiosas mutilações, senti minha alma adoecer. E, ao redor, se aglomeravam as... Coisas. De certa forma, eram humanas, embora não as considerasse assim. Eram baixas e fortes, com cabeças largas e muito grandes para seus corpos. Seus cabelos eram sinuosos e lisos; seus rostos, largos e quadrados, com narizes chatos, olhos horivelmente oblíquos, um fino talho como boca e orelhas pontudas. Vestiam peles de animais, como eu, mas estas peles estavam rudemente alinhadas. Levavam pequenos arcos, e flechas com pontas de sílex, facas de sílex e porretes. E conversavam numa linguagem tão horrível quanto eles: uma sibilante fala reptiliana que me encheu de terror e repugnância.

Ah, eu os odiei enquanto estava lá, estendido; meu cérebro ardia em fúria incandescente. E eu lembrei. Tínhamos ido caçar, seis jovens do Povo da Espada, e nos aventuramos para bem dentro da floresta sombria, a qual nosso povo normalmente evitava. Cansados da caça, havíamos parado para descansar; me foi dado o primeiro turno de guarda, pois naqueles dias não havia sono sem sentinela. Agora, a vergonha e a revolta sacudiam todo o meu ser. Dormi... havia traído meus camara-

das. E agora jaziam cortados e mutilados... assassinados, enquanto dormiam, por criaturas nocivas que nunca haviam se atrevido a enfrentá-los em igualdade de condições. Eu, Aryara, havia lhes traído a confiança.

Sim... me lembrei. Havia dormido em meio a um sonho de caça; fogo e fagulhas haviam explodido em minha cabeça, e eu submergira numa escuridão mais profunda, onde não havia sonhos. E agora, a punição. Eles, que haviam se movido furtivamente pela floresta e me golpeado, não pararam para me mutilar. Dando-me como morto, se apressaram em sua pavorosa tarefa. Talvez agora tenham me esquecido por um tempo. Eu havia me sentado um pouco distante dos outros e, ao ser golpeado, havia caído sob algumas moitas. Mas logo se lembrariam de mim. Eu não voltaria mais a caçar, nem a dançar as danças de caça, amor e guerra, nem a ver as cabanas de vime trançado do Povo da Espada.

Mas eu não desejava fugir de volta ao meu povo. Deveria eu voltar às escondidas com meu relato de infâmia e desgraça? Deveria escutar as palavras de desprezo que minha tribo me lançaria; ver as garotas apontarem seus dedos desdenhosos para o jovem que dormiu e traiu seus camaradas para as facas de criaturas nocivas?

Lágrimas ardiam em meus olhos, e um ódio lento crescia em meu peito e cérebro. Eu nunca levaria a espada que caracterizava o guerreiro. Eu jamais triunfaria sobre inimigos dignos, nem morreria gloriosamente sob as flechas dos pictos ou os machados do Povo do Lobo, ou do Povo do Rio. Eu desceria para morrer sob uma ralé nojenta, à qual os pictos haviam expulsado, há muito tempo, para dentro de esconderijos nas florestas, como ratos.

E uma fúria louca tomou conta de mim, e secou minhas lágrimas, deixando em seu lugar uma labareda *berserk* de fúria. Se tais répteis causariam minha queda, eu faria dela uma queda a ser lembrada por muito tempo — se tais animais tivessem memórias.

Movendo-me cautelosamente, me deslizei até que minha mão estivesse no cabo de meu machado; então, invoquei Il-marinen e saltei como um tigre. E, como um tigre que salta, fiquei entre meus inimigos e esmaguei um crânio achatado, como um homem que esmaga a cabeça de uma serpente. Um súbito clamor selvagem de medo irrompeu de minhas vítimas e, por um instante, me cercaram, cortando e apunhalando. Uma faca cortou meu peito, mas não dei atenção. Uma bruma vermelha

ondulava diante de meus olhos, e meu corpo e membros se moviam em perfeito acordo com meu cérebro de lutador. Rosnando, retalhando e ferindo, eu era um tigre entre répteis. Por um instante, se afastaram e fugiram, me deixando sobre meia dúzia de corpos. Mas eu não estava satisfeito.

Eu estava nos calcanhares do mais alto, cuja cabeça chegava talvez ao meu ombro, e que parecia ser o chefe deles. Ele fugia por uma espécie de carreiro, soltando gritos agudos feito um lagarto monstruoso, e quando me aproximei de sua espádua, ele mergulhou feito uma cobra entre os arbustos. Mas eu era rápido demais para ele; arrastei-o para fora e o trucidiei da forma mais sangrenta.

E, através dos arbustos, vi o caminho que ele se esforçava para alcançar — uma trilha que serpenteava para dentro e para fora das árvores, quase estreita demais para permitir o percurso de um homem de tamanho normal. Cortei a cabeça horrenda de minha vítima e, levando-a em minha mão esquerda, segui aquele caminho de serpentes, com meu machado vermelho na mão direita.

Enquanto eu caminhava rapidamente ao longo da trilha e o sangue me salpicava os pés a cada passo, brotando da jugular cortada de meu inimigo, pensei naqueles aos quais caçava. Sim... nós os tínhamos em pouca estima, e caçávamos de dia na floresta onde moravam. Nunca soubemos como chamavam a si mesmos, pois ninguém de nossa tribo aprendeu os malditos sibilos que eles usavam como fala; mas nós os chamávamos Filhos da Noite. E de fato eram criaturas da noite, pois se escondiam nas profundezas das florestas escuras e em moradias subterrâneas, se aventurando nas colinas apenas quando seus conquistadores dormiam. Era à noite que praticavam seus atos sujos — o rápido voo de uma flecha com ponta de pedra, para matar gado, ou talvez a um humano que perambulasse, ou o roubo de uma criança que havia se afastado da aldeia.

Mas era por outro motivo que lhes demos este nome; eram, na verdade, um povo da noite, das trevas e das antigas sombras cheias de horror de eras passadas. Pois estas criaturas eram muito antigas e representavam uma era desgastada. Eles outrora haviam invadido e dominado esta terra, e foram expulsos para esconderijos e escuridão pelos more-

nos, ferozes e pequenos pictos, com os quais lutávamos agora, e que os odiavam e abominavam tão selvagememente quanto nós.

Os pictos eram diferentes de nós na aparência geral, sendo de estatura menor e tendo cabelos, olhos e pele escuros, enquanto nós éramos altos e fortes, com cabelos amarelos e olhos claros. Mas éramos feitos no mesmo molde, apesar disso. Estes Filhos da Noite não nos pareciam humanos, com seus disformes corpos de anões, pele amarela e rostos hediondos. Sim... eram répteis... animais nojentos.

E meu cérebro estava a ponto de explodir de fúria, ao pensar que era com estes animais nojentos que eu deveria saciar meu machado e morrer. Bah! Não há glória em matar cobras ou morrer com suas picadas. Toda esta fúria e feroz decepção se voltaram contra os objetos de meu ódio, e com a velha névoa vermelha ondulando diante de mim, jurei, por todos os deuses que conhecia, fazer uma devastação tão sangrenta antes de morrer, a ponto de deixar uma lembrança terrível nas mentes dos sobreviventes.

Meu povo não iria me honrar, tal era o desprezo que sentiam pelos Filhos. Mas aqueles Filhos que deixei vivo iam se lembrar de mim e estremecer. Assim jurei, agarrando selvagememente meu machado, que era de bronze, encaixado numa fenda do cabo de carvalho e firmemente amarrado com tiras de couro cru.

Ouvi adiante um murmúrio sibilante e detestável, e um fedor nojento se filtrou até mim através das árvores — humano, e contudo menos que humano. Mais alguns momentos, e emergi das sombras profundas para um amplo espaço aberto. Nunca tinha visto antes uma aldeia dos Filhos. Lá havia um agrupamento de cúpulas de barro, com portas baixas afundadas no chão; moradias esquálidas, metade acima e metade abaixo da terra. E eu sabia, através da conversa da conversa dos velhos guerreiros, que tais moradias eram conectadas por corredores subterrâneos, de modo que toda a aldeia era como um formigueiro, ou um sistema de buracos de cobra. E me perguntei se outros túneis não se afastavam sob o chão e emergiam a longas distâncias das aldeias.

Diante das cúpulas se aglomerava um vasto grupo das criaturas, sibilando e tagarelando a uma grande velocidade.

Eu havia apressado o passo e, ao sair do esconderijo, corria com a rapidez de minha raça. Um clamor selvagem se ergueu da turba, quando

viram o vingador — alto, manchado de sangue e com os olhos resplandecentes — saltar da floresta; gritei ferozmente, lançando a cabeça gotejante entre eles, e pulei como um tigre ferido no meio deles.

Ah, agora não havia escapatória para eles! Mesmo que fossem para seus túneis, eu os seguiria até as entranhas do Inferno! Eles sabiam que poderiam me matar, e me cercaram, com deles, para fazê-lo.

Não havia nenhuma chama selvagem de glória em meu cérebro, como poderia haver contra inimigos dignos. Mas a velha loucura *berserk* de minha raça estava em meu sangue, e o cheiro de sangue e destruição em minhas narinas.

Não sei quantos matei. Só sei que se aglomeraram ao meu redor, numa massa contorcida e cortante, como serpentes em volta de um lobo, e golpeei até o fio do machado ficar cego e se torcer, e o machado não ser mais do que um porrete; e esmaguei crânios, parti cabeças, estilhacei ossos, espalhei sangue e miolos num sacrifício vermelho a Il-marinen, deus do Povo da Espada.

Sangrando de meia centena de ferimentos e cego por um talho através dos olhos, senti uma faca de pedra penetrar fundo em minha virilha e, ao mesmo tempo, um porrete me arrancou o couro cabeludo. Caí de joelhos, mas me ergui de novo, cambaleante, e vi, numa espessa névoa vermelha, um anel de rostos furtivos, com olhos oblíquos. Golpeei como um tigre moribundo, e os rostos se romperam numa ruína vermelha.

E, enquanto eu vergava, desequilibrado pela fúria de meus golpes, uma mão com garras apertou minha garganta, e uma lâmina de sílex foi enfiada em minhas costelas e torcida malignamente. Sob uma chuva de golpes, caí novamente, mas o homem com a faca estava debaixo de mim e, com minha mão esquerda, eu o encontrei e lhe quebrei o pescoço antes que ele pudesse se arrastar dali.

A vida ia embora rapidamente; através do sibilar e uivar dos Filhos, eu podia ouvir a voz de Il-marinen. Contudo, eu mais uma vez me levantei teimosamente, através de um verdadeiro redemoinho de porretes e lanças. Não conseguia mais ver meus inimigos, nem sequer numa névoa vermelha. Mas podia sentir seus golpes e sabia que se lançavam contra mim. Firmei os pés, agarrei o cabo escorregadio de meu machado com ambas as mãos e, invocando mais uma vez Il-marinen, ergui meu machado e dei um último e terrível golpe. Devo ter morrido de pé, pois

não houve sensação de queda; mesmo enquanto sabia, com uma última vibração de selvageria, que matava; mesmo enquanto sentia o estilhar de crânios sob meu machado, a escuridão veio com o esquecimento.



Voltei subitamente à consciência. Estava meio deitado numa grande poltrona, e Conrad derramava água sobre mim. Minha cabeça doía, e um fio de sangue havia meio secado em meu rosto. Kirowan, Taverel e Clemants se inclinavam ao meu redor, ansiosamente, enquanto Ketrick estava bem à minha frente, ainda segurando a marreta, seu rosto expressando uma cortês inquietude que seus olhos não mostravam. E, diante da visão daqueles olhos malditos, uma loucura sangrenta se ergueu dentro de mim.

— Ali — dizia Conrad —; eu lhes disse que ele ia voltar a si num instante; só um arranhão. Ele já suportou coisas piores. Agora tudo bem, não é, O'Donnel?

Em resposta, eu os empurrei para os lados e, com um único rosnado baixo de ódio, me lancei sobre Ketrick. Pego totalmente de surpresa, não teve oportunidade de se defender. Minhas mãos se fecharam em sua garganta, e nos espatifamos juntos sobre as ruínas de um divã. Os outros gritaram de espanto e horror, e pularam para nos separar — ou melhor, para me separar de minha vítima, pois os olhos oblíquos de Ketrick já começavam a lhe saltar das órbitas.

— Pelo amor de Deus, O'Donnel! — exclamou Conrad, tentando soltar minha mão que apertava — O que aconteceu com você? Ketrick não pretendia lhe golpear... solte, seu idiota!

Uma ira feroz quase me dominou diante daqueles homens que eram meus amigos, homens de minha própria tribo, e lhes amaldiçoei por sua cegueira, quando finalmente conseguiram tirar meus dedos estranguladores da garganta de Ketrick. Ele se ergueu, sentando-se, sufocado, e examinou as marcas azuis que meus dedos haviam deixado, enquanto eu esbravejava e amaldiçoava, quase vencendo os esforços combinados dos quatro que me seguravam.

— Seus idiotas! — gritei — Deixem-me ir! Deixem-me cumprir meu dever como homem da tribo! Pouco me importa o golpe insignificante que ele me deu... ele e os seus me deram golpes mais fortes que aquele

contra mim, em eras passadas. Imbecis, ele está marcado com o sinal da besta... o réptil... os animais nocivos que exterminamos há séculos! Devo esmagá-lo, pisá-lo, livrar a terra de sua maldita poluição!

Assim delirei e me debati, e Conrad arfou para Ketrick por cima do ombro:

— Saia depressa! Ele está fora de si! Sua mente está desequilibrada! Afaste-se dele.

Agora examino as altas pastagens, as colinas e florestas sonhadoras além, e reflito. De alguma forma, o golpe daquela velha e maldita marreta me lançou de volta a outra era e outra vida. Quando eu era Aryara, não tinha conhecimento de nenhuma outra vida. Não era um sonho; era um pedaço perdido de realidade, onde eu, John O'Donnel, outrora vivi e morri, e ao qual fui arrebatado de volta através dos vazios do tempo e do espaço por um golpe dado ao acaso. O tempo e as épocas são apenas engrenagens não-encaixadas, que rangem esquecidas umas das outras. Ocasionalmente — ah, muito raramente! — as engrenagens se encaixam; as peças do jogo se unem momentaneamente com um ruído e dão aos homens leves vislumbres, além do véu desta cegueira cotidiana à qual chamamos realidade.

Sou John O'Donnel e fui Aryara, o qual teve sonhos de glória guerreira, de caça e de festa, e que morreu numa pilha vermelha de suas vítimas em alguma era perdida. Mas em qual era e onde?

Posso lhes responder a última pergunta. Montanhas e rios mudam de contorno; as paisagens se alteram; mas as altas pastagens são as que menos mudam. Eu as examino e me lembro delas, não com os olhos de John O'Donnel, mas com os de Aryara. Mudaram muito pouco. Somente a grande floresta diminuiu e minguou, e, em muitos lugares, desapareceu completamente. Mas aqui, nestas mesmas pastagens altas, Aryara viveu, lutou e amou e, na floresta lá longe, ele morreu. Kirowan estava errado. Os pequenos e ferozes pictos morenos não foram os primeiros homens das Ilhas. Houve outros seres antes deles — sim, os Filhos da Noite. Lendas... ora, os Filhos não nos eram desconhecidos quando chegamos ao que hoje é a ilha da Britânia. Havíamos encontrado-os antes, eras antes. Já tínhamos nossos mitos sobre eles. Mas os encontramos na Britânia. Nem os pictos os haviam exterminado totalmente.

Nem haviam os pictos, como muitos acreditam, nos precedido por tantos séculos. Nós os empurrámos para a frente quando viemos, naquela longa migração desde o Leste. Eu, Aryara, conheci velhos que haviam marchado naquela jornada de um século de duração; haviam sido carregados nos braços de mulheres de cabelos amarelos sobre incontáveis milhas de floresta e planície; e, quando jovens, haviam caminhado na vanguarda dos invasores.

Quanto à era... isso eu não sei dizer. Mas eu, Aryara, era com certeza um ariano, e meu povo também era... membros de uma das mil migrações desconhecidas e esquecidas, que espalharam tribos de cabelos amarelos e olhos azuis por todo o mundo. Os celtas não foram os primeiros a adentrarem a Europa ocidental. Eu, Aryara, era do mesmo sangue e aparência dos homens que saquearam Roma, mas minha linhagem era mais antiga. Da linguagem falada, nenhum eco permanece na mente consciente de John O'Donnel, mas eu sei que a língua de Aryara era, para o celta antigo, o que o celta antigo é para o gaélico moderno.

Il-marinen! Lembro do deus que invoquei... o deus muito antigo que trabalhava os metais — o bronze, na época. Pois Il-marinen foi um dos deuses básicos dos arianos, do qual muitos deuses cresceram; ele foi Wieland e Vulcano nas idades do ferro. Mas, para Aryara, era Il-marinen.

E Aryara... era um de muitas tribos e muitas migrações. Não foi apenas o Povo da Espada que chegou ou habitou a Britânia. O Povo do Rio chegou antes de nós, e o Povo do Lobo veio depois. Mas eram arianos como nós, de olhos claros, altos e loiros. Lutamos contra eles, pois as várias migrações de arianos sempre lutavam umas contra as outras, do mesmo modo que os aqueus lutaram contra os dórios, assim como os celtas e germanos cortavam as gargantas uns dos outros; sim, do mesmo modo que os helenos e persas, que foram outrora um só povo e da mesma migração, se dividiram em dois caminhos diferentes na longa jornada e, séculos depois, se encontraram e inundaram Grécia e Ásia Menor com sangue.

Agora entendam, tudo isto eu não sabia como Aryara. Eu, Aryara, nada sabia de todas estas migrações em escala mundial de minha raça. Só sabia que meu povo era de conquistadores; que, um século antes, meus ancestrais haviam morado em grandes planícies bem distantes a leste —

planícies cheias de pessoas ferozes, de cabelos amarelos e olhos claros, como eu —; que meus ancestrais haviam chegado ao oeste numa grande migração; e que, naquela migração, quando os homens de minha tribo encontravam tribos de outras raças, eles o esmagavam e matavam, e quando encontravam outro povo de cabelos amarelos e olhos claros, lutavam selvagememente e sem piedade, de acordo com o velho e ilógico costume do povo ariano. Aryara sabia disto, e quando eu, John O'Donnel, que conheço muito mais e muito menos do que eu, Aryara, sabia, combinei o conhecimento destes eus separados, cheguei a conclusões que assustariam a muitos cientistas e historiadores famosos.

Todavia, este fato é bem conhecido: os arianos se deterioraram rapidamente em vidas sedentárias e pacíficas. Sua existência adequada é a nômade; quando se estabelecem numa existência agrícola, preparam o caminho para sua ruína; e, quando encerram a si mesmos com os muros da cidade, selam sua condenação. Como eu, Aryara, lembro das histórias dos velhos... como os Filhos da Espada, naquela longa migração, encontraram aldeias de pessoas de pele branca e cabelo amarelo, que haviam migrado oeste adentro séculos antes, e haviam abandonado a vida nômade para viverem entre o povo moreno e comedor de alho, e ganhar seu sustento do solo. E os velhos contavam o quão moles e fracos eles eram, e quão facilmente caíram diante das lâminas de bronze do Povo da Espada.

Vejam... acaso a história inteira dos Filhos de Arya não está naquelas linhas? Vejam... quão rapidamente o persa seguiu o medo; o grego ao persa; o romano ao grego, e o germano ao romano. Sim, e o nórdico seguiu as tribos germânicas quando elas enfraqueceram depois de mais ou menos um século de paz e indolência, e lhes saquearam os espólios que haviam tomado nas terras do sul.

Mas deixem-me falar de Ketrick. Ah... os cabelos curtos atrás do meu pescoço se eriçam diante da simples menção de seu nome. Uma reversão de tipo... mas não ao tipo de algum chinês ou mongol limpo de épocas recentes. Os dinamarqueses expulsaram seus ancestrais para as colinas de Gales; e lá, em qual século medieval, e de qual modo repugnante aquela maldita mancha aborígene deslizou para dentro do limpo sangue saxão da linhagem celta, para fazer tanto tempo adormecido? O celta galês nunca se acasalou com os Filhos mais do que os pictos fize-

ram. Mas deve ter havido sobreviventes... animais nocivos à espreita naquelas colinas sombrias, que sobreviveram a seu tempo e era. Nos dias de Aryara, eram dificilmente humanos. O que mil anos de retrocesso devem ter feito com a raça?

Que forma repugnante entrou furtivamente no castelo Ketrick, em alguma noite esquecida, ou se ergueu do escuro para agarrar alguma mulher da linhagem, perdida nas colinas?

A mente se esquivava de tal imagem. Mas isto eu sei: deve ter havido sobreviventes daquela abominável época reptiliana, quando os Ketricks adentraram Gales. Talvez ainda haja. Mas esta criança trocada, este pária da escuridão, este horror que usa o nome de Ketrick... a marca da serpente está sobre ele; e até que seja destruído, não haverá descanso para mim. Agora que eu o conheço pelo que ele é, ele polui o ar limpo e deixa o sorriso da serpente sobre a terra verde. O som de sua balbuciente voz sibilante me enche de arrepiante terror, e a visão de seus olhos oblíquos me inspira à loucura.

Pois venho de uma raça real, e um ser como ele é um insulto contínuo e uma ameaça, como uma serpente sob o pé. A minha raça é régia, embora agora tenha se degradado e caia em decadência pela mistura contínua com raças conquistadas. As ondas de sangue estrangeiro deixaram meu cabelo preto e minha pele, morena, mas ainda tenho a estatura nobre e os olhos azuis de um ariano régio.

E, como meus ancestrais... como eu, Aryara, destruí a ralé que se contorcia sob nossos calcanhares, assim eu, John O'Donnel, exterminarei a coisa reptiliana, o monstro nascido da mancha de serpente, que por tanto tempo dormiu sem ser notada em limpas veias saxãs, o vestígio que as coisas-serpente deixaram para manchar os Filhos de Aryan. Dizem que o golpe recebido afetou minha mente; sei que ele só fez me abrir os olhos. Meu antigo inimigo frequentemente caminha só pelas charnecas, atraído, ainda que talvez não o saiba, por impulsos ancestrais. E, numa dessas caminhadas solitárias, eu o encontrarei; e, quando encontrá-lo, quebrarei seu pescoço sórdido com minhas mãos, da mesma forma que eu, Aryara, quebrei os pescoços daquelas abomináveis coisas noturnas há muito, muito tempo.

Então, podem me levar e quebrar meu pescoço numa forca, se quiserem. Não estou cego, se meus amigos o estão. E, aos olhos do velho

deus ariano, se não aos olhos cegados dos homens, terei mantido a fidelidade à minha tribo.



A Sombra do Campanário

Robert Bloch

∴

The Shadow From the Steeple (1950)

Weird Tales (set. 1950)

Este conto escrito por Bloch em 1950, é a conclusão da “trilogia” iniciado por Bloch com “O errante das estrelas” e seguido por “O visitante das trevas”, de Lovecraft.

A história se baseia na premissa de que os fatos narrados em “O visitante das trevas” são verdadeiros, Robert Blake, o protagonista aspirante a escritor, visita as ruínas de uma Igreja, que antigamente abrigava fanáticos de um culto sangrento e faz as horríveis descobertas que são narradas por Lovecraft. Meses depois, Edmund Fiske, amigo de Blake, parte para Providence para investigar o que realmente aconteceu.

“A sombra do campanário” é um conto claustrofóbico, Bloch acerta no clima de horror ao colocar o próprio Lovecraft como um personagem real de sua história, uma espécie de profeta dos Grandes Antigos, e causa uma grande impressão no leitor.



William Hurley nasceu na Irlanda e, além disso, cresceu fadado a ser na vida um motorista profissional. Diante de tais circunstâncias, portanto, seria supérfluo dizer que o moço era um grande tagarela.

Naquela noite abafada de verão, em Providence, no instante em que um freguês tomou o seu carro, ele começou a falar. O passageiro, alto e magro, de aproximadamente trinta anos, embarcou rápido e sentou segurando uma pasta preta de couro. Deu o endereço na Benefit Street, e Hurley pôs logo em movimento, simultaneamente, o motor do carro e a própria eloquência.

O irlandês iniciou então o que seria um monólogo, com frases convencionais sobre o tempo que estava fazendo no momento, o que havia feito na véspera e o que iria fazer no dia seguinte. Como não conseguisse desta maneira provocar o diálogo, resolveu mencionar um fenômeno local: a notícia, amplamente divulgada naquela manhã, da fuga de duas panteras negras (ou leopardos) das jaulas do circo Langer Brothers, recentemente chegado àquela cidade. Em resposta à pergunta direta que Hurley lhe desfechou, sobre seu conhecimento do fato, o máximo que o lacônico passageiro concedeu foi um leve aceno negativo com a cabeça.

Então, o motorista passou a fazer diversos comentários pouco lisonjeiros a respeito da polícia local e da incapacidade da mesma para recapturar as feras. Com expressão irônica de suposta seriedade, afirmou que determinado destacamento de oficiais da força policial da cidade, ainda que ficasse encerrado um ano inteiro dentro de um refrigerador, não conseguiria pegar nem resfriado. Seu recurso humorístico não provocou a menor reação no freguês e, antes que Hurley continuasse monologando, chegaram ao endereço indicado em Benefit Street. O passageiro desembarcou com sua pasta escura, depois que a quantia de oitenta e cinco *cents*, preço da corrida, passou das suas para as mãos do motorista que se afastou em seu carro.

Naquele momento, o irlandês não sabia, nem poderia imaginar, mas a partir de então passou a ser o único homem que poderia ou iria testemunhar ter visto aquele passageiro com vida.

Fora disso, tudo mais é hipotético e talvez seja melhor assim. Certamente não será difícil chegar a certas conclusões com relação ao que possa ter acontecido naquela noite na velha casa de Benefit Street, po-

rém a força estranha dos elementos que levam a tais conclusões não será aceita com a mesma facilidade.

Uma das facetas misteriosas de menor importância no caso poderá ser imediatamente esclarecida: o silêncio impressionante e o total alheamento do passageiro do táxi de William Hurley. Esse passageiro, Edmund Fiske, de Chicago, Illinois, meditava o tempo todo acerca do desenrolar de quinze anos de pesquisas e indagações; aquela corrida de táxi significava a última etapa de sua longa jornada e, enquanto atravessava a cidade no veículo, procurou rememorar as circunstâncias em que tudo havia transcorrido.

As investigações de Edmund Fiske tiveram início no dia 8 de agosto de 1935, com a morte repentina de seu amigo íntimo Robert Harrison Blake, de Milwaukee.

Assim como o próprio Fiske, Blake fora um adolescente precoce, muito interessado em literatura fantástica e, como tal, veio também a tornar-se membro da Associação Lovecraft, um grupo de escritores que mantinham intercâmbio por correspondência recíproca com Howard Phillips Lovecraft, de Providence.

Foi através de tal correspondência que as relações de amizade entre Fiske e Blake tiveram início; os rapazes passaram a visitar-se mutuamente, de Milwaukee a Chicago, e a afinidade entre ambos assim como o interesse com que debatiam literatura no campo do sobrenatural e do fantástico serviram para alicerçar uma amizade sólida, que existia na ocasião da morte súbita e inexplicável de Blake.

A maioria dos fatos e certas conjecturas ligadas à trágica ocorrência estão contidos na história escrita por Lovecraft, que foi publicada sob o título *O visitante das trevas*, pouco mais de um ano depois do desaparecimento do jovem escritor.

Howard Lovecraft tivera excelentes oportunidades para acompanhar de perto a ocorrência, pois foi por sugestão sua que Robert Blake viajou para Providence, no começo do ano de 1935 e, ali, passou a residir em College Street, nos alojamentos arranjados pelo próprio Lovecraft. E foi como amigo e vizinho que o veterano escritor de enredos fantásticos elaborou a narrativa da história singular dos últimos meses de vida de Robert Harrison Blake.

Nessa narração, descreve os esforços do rapaz para começar uma novela sobre um sobrevivente de Nova Inglaterra dado a bruxarias, mas modestamente omite sua participação como colaborador para que o amigo conseguisse matéria para obra. As aparências indicam que Blake começou a trabalhar com afinco em seu projeto e acabou dominado por uma atmosfera de pavor muito maior do que qualquer outra que sua imaginação pudesse criar ou fomentar.

Isso porque Blake fora levado a investigar um montão de ruínas em Federal Hill — os quase escombros de uma igreja abandonada e deserta que em outros tempos abrigara os adeptos fanáticos de um culto esotérico. No começo da primavera, o rapaz visitara as estruturas do templo abandonado e então chegara a descobertas e conclusões que (na opinião de Lovecraft) tornaram inevitável sua morte.



Em resumo: Blake entrou na velha Igreja da Vontade Livre (Free Will Church) fechada de tábuas, e foi logo tropeçando no esqueleto de um repórter do *Providence Telegram*, um certo Edwin M. Lillibridge que, ao que tudo indica, teria igualmente tentado fazer investigações semelhantes em 1893. O fato de não ter havido uma explicação para aquela morte já era bastante assustador, porém ainda mais estranha e alarmante era a evidência de que ninguém tivera coragem suficiente para penetrar no velho templo desde então, pois, se o fizesse, teria descoberto o corpo do jornalista.

Blake encontrou o livrinho de anotações do repórter nos restos de tecido puído de seus bolsos e o que havia ali escrito passou a constituir uma revelação parcial sobre o assunto.

Um certo professor Bowen, de Providence, havia feito várias excursões pelo Egito e, em 1843, durante pesquisas arqueológicas nas criptas de Nephren-Ka, chegara a um estranho achado.

Nephren-Ka foi o “faraó proscrito”, cujo nome fora amaldiçoado pelos sacerdotes e banido para sempre dos arquivos oficiais das dinastias. O jovem escritor estava familiarizado com tal personagem através da obra de um outro escritor de Milwaukee, que incluía o lendário soberano em sua novela *O Santuário do Faraó Negro*. Mesmo assim, a descoberta feita por Bowen na cripta fora inteiramente inesperada.

O caderno de apontamentos do repórter pouco dizia sobre a verdadeira natureza da descoberta, porém assinalava acontecimentos subsequentes de um modo cronológico e preciso. Imediatamente depois de desenterrar o misterioso achado nas catacumbas egípcias, o Professor Bowen abandonou as pesquisas e retornou a Providence, onde comprou a Igreja da Vontade Livre, em 1844, e ali fundou a sede da seita que tomou a denominação de “Sabedoria Estrelada”.

Os membros desse culto religioso, evidentemente recrutados por Bowen, praticavam a adoração a uma entidade que chamavam de “O visitante das trevas”. Pela contemplação de um cristal luminescente, evocavam a presença de sua divindade e a ela prestavam homenagens com imolações e sacrifícios sangrentos.

Pelo menos, era esta a história fantástica que corria por Providence naquela ocasião e, então, a igreja passou a ser um local temido e evitado pelos demais. O espírito supersticioso do lugar fez com que certa agitação concernente ao assunto viesse a provocar uma ação direta por parte das autoridades. Assim é que, em maio de 1877, a seita foi compulsoriamente extinta ou dissolvida devido à pressão do público e muitos membros da mesma abandonaram imediatamente a cidade.

As portas do templo foram cerradas e pregadas com tábuas e, aparentemente, a curiosidade individual não conseguiu superar o medo propalado e, como consequência disso, a igreja permaneceu inexplorada e deserta até que o repórter Lillibridge decidiu intentar a sua malograda investigação, em 1893.

Em linhas gerais, era esta a síntese do caso que estava anotada no caderno de apontamentos do repórter. Blake leu, mas não esmoreceu em sua intenção de prosseguir investigando o ambiente empoeirado do templo. Casualmente, chegou ao ponto onde se encontrava o estranho objeto que o Professor Bowen havia descoberto na cripta egípcia — o achado que dera origem ao culto da “Sabedoria Estrelada” — uma caixa de metal de forma assimétrica, tendo uma tampa ou opérculo de articulação esquisita e que não era fechada desde muitos anos ou séculos. Blake espiou para o interior da estranha urna e viu lá dentro um poliedro de coloração escura, de um vermelho quase negro, medindo quatro polegadas e sustentado numa determinada posição, por sete suportes metálicos. O rapaz não olhou apenas para o poliedro, mas dentro do

mesmo, tal como haviam feito intencionalmente os fanáticos adeptos da seita e com o mesmo resultado, a mesma reação. Blake foi dominado por uma sensação inusitada, uma perturbação psíquica invulgar. Teve a súbita impressão de visualizar regiões fantásticas, topografias irreais, terras e golfos situados além das galáxias conhecidas, exatamente como as narrativas dos supersticiosos haviam afirmado.

Foi então que Robert Harrison Blake cometeu o maior erro de sua vida: fechou a tampa da estranha urna!

Fechara a urna — ainda uma vez de acordo com as anotações supersticiosas de Lillibridge — era o gesto fatal, o ato que significava a evocação imediata da própria entidade, O visitante das trevas, criatura advinda da escuridão e incapaz de sobreviver à luz, e que, no negror emparelhado da igreja em ruínas, costumava manifestar-se e emergir dentro da noite.

Blake saiu do velho templo correndo, apavorado..., mas o mal estava feito. Numa noite em meados de julho, um violento temporal desabou sobre a cidade, provocando o colapso de energia em toda Providence, durante uma hora; a colônia italiana que morava nos arredores da velha igreja ouviu ruídos estranhos, batidas profundas e pesadas, vindos das ensombradas estruturas arruinadas do campanário.

Multidões empunhando velas acorreram sob a chuva, acendendo círios por toda parte, tentando formar uma barreira de luz como proteção contra uma possível aparição do temido soberano das trevas.

Ao que parece, o fato circulou imediatamente pelas redondezas, provocando conjecturas e agitação. Assim que o temporal acalmou, os jornais locais manifestaram grande interesse em explorar o sensacionalismo da situação e, em 17 de julho, dois repórteres acompanhados por um policial penetraram no velho templo. Nada de definitivo foi esclarecido, ainda que fossem encontradas manchas estranhas e inexplicáveis nos degraus e nos bancos de madeira da igreja.

Pouco menos de um mês depois, às 2h35 da madrugada do dia 8 de agosto, para ser exato, Robert Harrison Blake encontrou a morte, durante uma tempestade com raios e trovões, quando escrevia, só, diante da janela de seu quarto em College Street.

Durante o violento temporal e antes que a morte o fulminasse, Blake estivera escrevendo freneticamente em seu diário, revelando progressi-

vamente suas obsessões e desapontamentos com relação ao visitante das trevas. Blake estava firmemente convencido de que, ao olhar dentro do estranho poliedro de cristal guardado na urna centenária, estabelecera involuntariamente um elo de ligação com a temida entidade sobrenatural. Acreditava ainda que, com seu gesto impensado de fechar a caixa, evocara definitivamente a criatura extraterrena para habitar o interior umbroso do campanário da velha igreja e que, de algum modo, seu próprio destino estava agora irremediavelmente ligado àquele monstruoso poder.

Tudo isso revelou nas últimas anotações que escreveu nervosamente, enquanto observava lá fora o temporal que dominava a cidade com descargas elétricas, raios e trovões.

Entrementes, diante da igreja fatídica em Federal Hill, uma multidão agitada se congregava para acender e iluminar as estruturas enegrecidas pelo tempo e vedadas com tábuas e pregos. Ruídos estranhos e apavorantes pareciam vir do interior do velho templo, coisa que ninguém podia negar; pelo menos duas testemunhas idôneas atestaram o fato. Uma delas, o padre Merluzzo, da igreja do Espírito Santo, que viera ao local para dar apoio aos seus fiéis paroquianos. O outro, o patrulheiro (depois promovido a sargento) William J. Monahan, da Estação Central, que tentou como pôde manter uma certa ordem e evitar a tendência crescente da multidão para entrar em pânico. Quando o último relâmpago iluminou o local por frações de segundo, o próprio Monahan viu uma *névoa* ofuscante que parecia emanar do campanário da velha igreja, quase como uma fumaça densa.

Raio, meteoro, corisco ou nebulosa — não importa que nome ou classificação seja dada —, algo aterrador explodiu sobre Providence num faiscar assustador e esfuziante, talvez no momento exato em que Robert Harrison Blake, no outro lado da cidade, escrevia nervosamente em seu caderno: “Não será isso o avatar, a encarnação de Nyarlathotep, que na antiga e escura Khem assumia, por vezes, até mesmo a forma humana?”

Momentos depois de escrever esta frase ele estava morto, fulminado. O legista registrou em seu atestado de óbito a morte como causada por *eletrocussão*, fulminado por um raio, embora a vidraça da janela diante da qual Blake escrevia continuasse fechada e intata. Um outro médico,

amigo de Lovecraft, discordou por isso, particularmente daquele laudo, e acabou por se envolver com o caso. No dia seguinte, sem permissão legal, penetrou na igreja maldita, subiu até o campanário sem janelas e ali encontrou a estranha urna assimétrica — seria de ouro? — contendo a pedra fatídica. O seu primeiro impulso foi de abrir a tampa emperrada e expor à luz o cristal poliédrico. Porém, o que realmente fez, ao que se conseguiu apurar, foi tomar cuidadosamente a caixa singular com seu conteúdo misterioso e sair sem ser visto. Alugou um barco e, ao atingir o canal mais profundo da Narragansett Bay, deixou cair e afundar sua carga enigmática.

Neste ponto, termina a narrativa considerada fictícia, escrita por H.P. Lovecraft, sobre a morte de Robert Blake. E aqui começaram as investigações pessoais de Edmund Fiske e que iriam se prolongar por quinze anos.

Obviamente, Fiske já conhecia alguns dos fatos narrados por Lovecraft. Quando Blake partiu para Providence, na primavera, Fiske prometera ao amigo ir ao seu encontro no outono próximo. No começo, os dois mantiveram contato por meio de uma correspondência regular, mas quando o verão começou, Blake parou de escrever.

Naquela ocasião, Fiske não tinha informações sobre as explorações que o amigo estava fazendo na igreja em ruínas. Preocupado com a ausência de notícias de Blake, escreveu então a Lovecraft, pedindo que explicasse, se possível, o motivo do silêncio do companheiro.

Mas Lovecraft pouco tinha a dizer. O jovem Blake, escreveu ele, visitara-o com frequência, durante as primeiras semanas de sua permanência em Providence; consultava-o sempre sobre o seu trabalho literário e chegara mesmo a acompanhá-lo em diversas excursões noturnas pela cidade.

Durante o verão, porém, a convivência com Blake cessou. Não era característica da natureza de Lovecraft impor sua presença aos outros e, por isso, também não procurou o rapaz durante várias semanas.

Quando resolveu fazer uma visita ao jovem escritor, ouviu dele o relato nervoso das experiências que tivera na igreja maldita e proibida de Federal Hill. Lovecraft teve palavras de advertência para Blake e lhe deu muitos conselhos. Mas já era tarde demais. Dez dias depois desta visita, ocorreu o desfecho trágico e chocante.

Fiske recebeu a notícia por intermédio de Lovecraft, no dia imediato. E foi encarregado de transmitir a dolorosa informação à família do amigo. Num impulso, teve vontade de partir imediatamente para Providence, mas a falta de meios financeiros e alguns compromissos pessoais não permitiram que partisse logo. O corpo de Robert Blake veio para sua cidade e Fiske foi até lá para assistir às cerimônias fúnebres de cremação.

Então, Lovecraft começou suas próprias investigações; buscas estas que redundaram na publicação de mais um livro, e tudo poderia ter parado neste ponto.

Fiske, porém, não estava satisfeito.

Para ele não bastava. Seu melhor amigo morrera em circunstâncias que, mesmo a pessoa mais céptica terá de admitir, foram misteriosas. As autoridades locais haviam dado uma explicação esquiva, sumária e inadequada a respeito.

Edmund Fiske resolveu descobrir a verdade.



É preciso ter em mente um detalhe: os três personagens mencionados, Lovecraft, Blake e Fiske, tinham em comum o fato de serem escritores profissionais e grandes estudiosos do sobrenatural e do paranormal. Igualmente os três tinham acesso às fontes de matéria escrita sobre antigas lendas e superstições. Por ironia, os relatos dos conhecimentos assim adquiridos eram trazidos a público com o rótulo de “ficção e fantasia”, ainda que nenhum deles, à luz de suas experiências individuais, pudesse concordar em partilhar do tom de zombaria e incredulidade com que seus leitores julgavam os mitos acerca do que escreviam.

Exatamente como Fiske escreveu para Lovecraft: “O termo ‘mito’, como nós sabemos, não é mais do que um eufemismo empregado por polidez, por civilidade. Mas a morte de Blake não foi um mito e sim uma hedionda realidade. Imploro a você que investigue profundamente e procure chegar a uma conclusão lógica sobre o fato, pois, se o diário de Blake contiver uma parcela mínima de verdade, ainda que destorcida, ninguém poderá imaginar a extensão da monstruosidade que está solta pelo mundo”.

Lovecraft apelou para colaboração, descobriu o paradeiro da urna de metal e de seu conteúdo e envidou todos os esforços no sentido de conseguir um encontro com o Dr. Ambrose Dexter, de Benefit Street. A julgar pelas aparências, o médico havia deixado a cidade, logo após seu dramático e ousado gesto de furtar e dar sumiço ao “Trapezoedro Resplandecente”, como Lovecraft passou a denominar o curioso cristal.

O veterano escritor conseguiu então entrevistar-se com o Padre Merluzzo e com o patrulheiro Monahan, mergulhou com atenção nos arquivos do Bulletin e não poupou recursos e forças para reconstruir a história da seita da “Sabedoria Estrelada”, assim como da enigmática entidade ali venerada.

Está claro que conseguiu descobrir muito mais do que teria coragem para publicar em sua revista de histórias de ficção científica. Nas suas cartas para Edmund Fiske, nos fins do outono e no começo da primavera de 1936, no entanto, há referências e comentários sobre “ameaças vindas do além”. Apesar disso, Lovecraft parecia ansioso por convencer Fiske de que se alguma ameaça houve, num sentido mais realista que sobrenatural, o perigo agora estava definitivamente afastado, desde que o Dr. Ambrose Dexter fizera sumir o Trapezoedro Resplandecente que tinha o valor de um talismã evocativo. Esta foi, em resumo, a finalidade de suas investigações e, durante algum tempo, a história parou neste ponto.

Em 1937, Fiske fez várias tentativas para encontrar-se com Lovecraft na casa deste, com a ideia de prosseguir, por sua conta, com as investigações sobre a morte de Blake. E, ainda uma vez, circunstâncias diversas se interpuseram à realização de suas intenções e, em março daquele ano, Lovecraft faleceu. Mais esta notícia trágica e inesperada abalou profundamente o jovem escritor que caiu em um estado depressivo do qual muito custou a sair e recuperar-se. Na verdade, somente um ano mais tarde, o jovem Fiske pôde visitar a cidade de Providence e o local que fora cenário de trágicos incidentes e da morte de seu amigo Robert Blake.

De qualquer forma, pairava sempre na atmosfera uma corrente obscura de suspeitas. O médico legista fora superficial, Lovecraft demonstrara tato, a imprensa e o povo em geral acabaram por aceitar passiva-

mente o assunto. No entanto, Blake estava morto e uma certa entidade havia divagado livremente dentro da noite.

Fiske estava seguro de que, se conseguisse visitar pessoalmente o templo amaldiçoado, se pudesse falar pessoalmente com o Dr. Dexter, e descobrir o que fizera com que ele viesse a ter participação no caso, se interrogasse os jornalistas e seguisse pistas diversas... tinha esperanças de chegar a revelações importantes e, pelo menos, esclarecer a morte do amigo e limpar o nome deste da mancha de suspeita de desequilíbrio mental.



Seguindo o que premeditara, Fiske, depois de chegar a Providence e de registrar-se no hotel, deu os primeiros passos no sentido de dar suas buscas e partiu imediatamente para Federal Hill, a fim de visitar o templo em ruínas.

Essa primeira etapa de suas pesquisas estava condenada a um desapontamento irremediável e imediato. Não havia mais igreja alguma. Fora inteiramente demolida no outono anterior e seus escombros removidos pelas autoridades que desapropriaram o terreno. A sombra maligna e escura do campanário das trevas não mais se projetaria, longa e ameaçadora, sobre Federal Hill.

Fiske passou imediatamente para outra etapa de seu esquema e começou por procurar o Padre Merluzzo, na paróquia do Espírito Santo, algumas quadras distante dali. Então foi informado por um paciente e atencioso zelador de que o pároco Merluzzo falecera em 1936, um ano depois da morte do jovem Blake.

Um tanto desestimulado, mas sem desanimar, prosseguiu e seu passo imediato foi procurar o Dr. Dexter, mas a velha casa de Benefit Street estava sublocada a outras pessoas. Recorreu ao Departamento de Serviços Médicos, onde colheu apenas a informação lacônica de que o Dr. Ambrose Dexter tinha deixado a cidade por tempo indeterminado.

A visita feita por Fiske ao editor do Bulletin não trouxe resultados mais positivos, embora permitissem que ele tivesse acesso ao arquivo do jornal. O que leu ali foi um relatório sucinto e impessoal sobre a morte de um jovem escritor de Milwaukee, chamado Robert Harrison Blake. Quanto aos dois jornalistas que ousaram penetrar no recinto amaldiçoa-

do do templo de Federal Hill para fazer a reportagem, ambos tinham partido para outras cidades ignoradas por todos.

Evidentemente, havia outras pistas, e, durante as semanas posteriores, Edmund Fiske seguiu-as minuciosamente. Conseguiu uma cópia do informativo “Quem é quem”, mas que nada de significativo veio acrescentar ao retrato mental que tentava fazer do Dr. Dexter: era um médico, natural de Providence (onde sempre residira), tinha quarenta anos de idade e era solteiro, exercia a Medicina, sem nenhuma indicação sobre *hobbies* ou coleções, esporte ou qualquer outro ponto de interesse que pudesse servir de partida ou pista para justificar a sua participação no caso.

O Sargento William J. Monahan, da Polícia Central, foi então procurado por Fiske que, pela primeira vez envolvido naquele caso, conseguiu entrar em contato, como também dialogar, com uma pessoa real, viva, palpável, que admitiu ter, na verdade, participado pessoalmente dos acontecimentos que levaram Blake à morte. Contudo, Monahan, embora gentil e atencioso, foi excessivamente cauteloso e lacônico em suas declarações, e a conversa foi praticamente improdutiva.

Por mais que Fiske empregasse seus recursos verbais para chegar a provocar a revelação de alguns dados esclarecedores, nada conseguiu, pois o policial permaneceu discreto e reticente.

“Não há mais nada que eu possa contar”, disse ele. “É verdade, como disse o Sr. Lovecraft no conto que escreveu, que eu estive na igreja naquela noite, pois havia uma multidão agitada do lado de fora e a gente nunca sabe o que pode acontecer, quando o povo entra em pânico. Tal como está na história, exatamente como foi publicado, aquela igreja velha era amaldiçoada, e eu acho que Sheeley é que poderia contar ao senhor coisas curiosas a respeito.”

“Sheeley...?” perguntou Fiske interessado.

“É, Bert Sheeley; era o setor dele e não meu, sabe? Mas como ele estava com pneumonia na ocasião, eu o substituí durante duas semanas. Então quando ele morreu...”

Fiske balançou a cabeça desanimado. Mais uma provável fonte de informações estava perdida para sempre, fora do seu alcance. Blake estava morto, Lovecraft estava morto, o Padre Merluzzo estava morto, e agora

Sheeley. Os jornalistas tinham desaparecido. O rapaz deu um suspiro, mas resolveu insistir.

“Naquela noite, quando você viu uma ‘névoa’ escura emanando do campanário, Sargento, notou alguma coisa, algum detalhe que me pudesse contar?” perguntou. “OuvIU algum ruído diferente? Alguma pessoa disse algo marcante, na multidão? Procure lembrar... qualquer coisa que me disser poderá ser de grande ajuda para mim...”

Monahan inclinou a cabeça indeciso e falou: “Sim... ouvi ruídos, muitos ruídos... Mas também, pudera! Com aquele temporal, trovoadas retumbando e tudo mais... raios caindo. Como poderia alguém distinguir se vinha algum barulho estranho lá de dentro, da igreja como está publicado naquela história? Além disso, com tantas mulheres gritando e homens berrando na multidão alvoroçada, tudo misturado com o uivar do vento e o estourar dos trovões ... o máximo que eu conseguia era ouvir muito mal a minha própria voz, tentando ser atendido e acalmar o público em pânico. Nem eu mesmo sei bem o que dizia!”

“E quanto à tal névoa escura...?” insistiu Fiske.

“Era uma névoa estranha, sim. Só isso. Se era fumaça, nuvem ou apenas uma sombra que se projetou entre dois relâmpagos... não sei dizer e nem vou dizer também que vi demônios ou coisa parecida, como o Sr. Lovecraft teria insinuado naquelas histórias malucas que escrevia.”

E o Sargento Monahan, aprumando o porte, pegou o telefone em sua mesa para fazer uma chamada, obviamente estava considerando a entrevista como terminada.

E, por enquanto, foi até onde chegaram as investigações de Fiske. Ele, no entanto, ainda não perdera as esperanças. Resolveu passar o dia seguinte em seu quarto do hotel, sentado diante do telefone, procurando falar com todos os Dexter constantes da lista de assinantes, num esforço para localizar algum parente do médico desaparecido. Não obteve resultado algum. O dia imediato foi dedicado a navegar num pequeno barco pela Narragansett Bay, numa tarefa penosa e paciente para situar o “canal mais profundo” citado por Lovecraft em sua história.

Finalmente, ao terminar uma semana inteira de buscas e investigações inúteis e infrutíferas em Providence, Edmund Fiske teve de admitir que estava derrotado. Voltou para Chicago, a seu trabalho de rotina e suas atividades normais. Pouco a pouco, o assunto foi sendo relegado a

um plano mais remoto de sua consciência, embora, de forma alguma, tenha sido esquecido completamente ou seu enigma tenha sido esclarecido — se havia algo a esclarecer.



Em 1941, durante uma licença de três dias concedida pela Base de Treinamento, o soldado de primeira categoria Edmund Fiske passou por Providence, quando se dirigia para a cidade de Nova York e, mais uma vez, fez tentativas de localizar o Dr. Ambrose Dexter, sem o conseguir.

Então, durante os anos de 1942 e 1943, o sargento Edmund Fiske escreveu com insistência, lá de sua base militar, para o Dr. Ambrose Dexter, aos cuidados da Agência Postal de Providence. Nunca teve o mínimo sinal de que suas cartas tenham chegado ao destinatário, mas também não foram devolvidas ao remetente.

Em 1945, estando em Honolulu, na biblioteca da Organização dos Estados Unidos, lendo um jornal sobre astrofísica, Fiske deparou de repente com uma notícia que — entre outras coisas — mencionava uma reunião na Universidade de Princetown, em que o conferencista, Dr. Ambrose Dexter, tinha feito uma palestra a respeito de “A Aplicação Prática da Tecnologia Militar”.

Edmund Fiske não pôde retornar aos Estados Unidos, antes do fim do ano de 1946. Durante o ano seguinte, teve de dedicar-se à reorganização de suas atividades civis. Somente em 1948, veio a deparar, mais uma vez casualmente, com o nome do Dr. Dexter, desta feita incluído numa lista de “Pesquisadores do Campo da Física Nuclear” citada numa publicação semanal. Escreveu imediatamente aos editores do semanário pedindo informações, mas não recebeu qualquer notícia. Outra carta que enviou a Providence ficou igualmente sem resposta.

Foi então nos fins do ano de 1949 que o nome do Dr. Dexter voltou a chamar a atenção de Edmund Fiske, incluído num noticiário comum — desta vez em relação a um debate sobre elaboração da Bomba H.

Fosse por curiosidade, medo ou interesse, a verdade é que Fiske de novo se sentiu irresistivelmente impelido a agir de imediato. Então tomou a decisão de entrar em contato com um certo Ogden Purvis, detetive particular da cidade de Providence, e o contratou para encontrar o Dr. Ambrose Dexter. Tudo o que o rapaz pedia era que o médico fosse

localizado e entrasse em contato com ele. Para isso, Fiske remunerou generosamente o investigador e este aceitou o encargo.

O detetive passou a remeter dali relatórios diversos ao cliente em Chicago que, no começo, não eram muito encorajadores. A casa de Dexter estava desocupada. O médico, segundo informações colhidas em fontes governamentais, cumpria no momento uma missão especial fora de Providence. A partir dali, Ogden Purvis passou a achar que se havia tornado um profissional acima de qualquer crítica, já que estava incluindo no âmbito dos assuntos confidenciais de defesa.

A reação de Fiske foi de quase pânico.

Decidiu aumentar os honorários do detetive e insistiu para que ele continuasse fazendo todo o possível para descobrir e localizar o esquivo e enigmático doutor.

Chegou o inverno de 1950 e também mais um relatório: o detetive seguira meticulosamente todas as pistas sugeridas pelo cliente e uma delas o conduziu, por acaso, a um certo Tom Jones.

Esse Tom Jones era o proprietário de uma pequena embarcação que fora fretada pelo Dr. Dexter, numa noite de verão, em 1935; era o mesmo barqueiro que conduziu o médico ao *canal mais profundo* de Narragansett Bay.

O velho pescador parara para descansar, no momento em que o Dr. Ambrose Dexter jogou para fora do barco a estranha e assimétrica urna metálica com sua tampa aberta, que deixava à vista o Trapezoedro Resplandecente.

Tom Jones falara livremente ao detetive, e suas palavras foram transmitidas a Fiske, por meio de um detalhado relatório confidencial.

“Muito estranho”, dissera o velho barqueiro “o doutor me ofereceu uma boa bolada de dinheiro, para que eu o levasse no meu barco, à meia-noite, ao ponto mais profundo da baía, onde deixou cair nas águas aquela coisa esquisita, uma espécie de caixa de metal. Ele disse que não havia mal algum no que estava fazendo; tratava-se de um velho cofre, do qual queria se desfazer. Mas o tempo todo do trajeto olhou fixamente para uma espécie de pedra brilhante que estava presa dentro da tal caixa e murmurava palavras numa língua que não conheço, uma língua diferente... Acho que não era francês... nem alemão, nem italiano. Não sei, talvez fosse polonês... não sei. Não entendi uma palavra sequer. Ele pa-

recia meio bêbedor... Mas não pense que estou falando mal do doutor. Compreenda que não; ele pertence a uma das melhores famílias daqui, e mesmo que tenha partido, desde então nunca mais ouvi falar nele. Na minha opinião... ele estava sob a ação de alguma coisa, talvez estivesse *atuado*. Do contrário não teria pago uma quantia tão grande para fazer uma travessia tão pequena.”

O relatório confidencial sobre as declarações do velho Tom Jones ainda se prolongava um pouco, mas o resto do monólogo do homem do mar pouco ou nada continha de substancial ou de esclarecedor. Ele comentara:

“O Dr. Dexter me pareceu muito aliviado e satisfeito por ter conseguido se livrar do tal cofre... Na volta, me pediu que guardasse segredo sobre o assunto, mas não vejo inconveniente em relatar o que estou relatando agora, depois de tanto tempo. Mesmo porque eu não sou de esconder coisa alguma das autoridades.”

Evidentemente, Ogden Purvis se fizera passar por agente federal, usando um truque fora de ética, para induzir o pescador a falar livremente.

Isso não preocupou nem um pouco o cliente lá em Chicago. Para ele bastava saber que havia atingido, finalmente, uma pista concreta tangível. E foi o bastante para que enviasse a Purvis uma nova importância e instruções para que continuasse à procura do Dr. Dexter. E vários meses se passaram depois disso; meses de espera e apreensão.

Somente nos fins da primavera, então, vieram notícias de Ogden Purvis. As que Fiske tanto esperava: Dr. Ambrose Dexter estava de volta a Providence. As portas da casa em Benefit Street tinham sido abertas e os caminhões de bagagens e móveis descarregavam a mudança. Um mordomo surgiu para atender à porta e receber recados telefônicos.

Mas o Dr. Dexter não estava em casa para o investigador, nem para pessoa alguma. Não atendia ninguém. Ao que se soube, estava convalescendo de uma enfermidade grave que contraíra durante as viagens feitas em missão especial do governo. O empregado tomara o cartão de Ogden Purvis e prometera transmitir o recado, mas todos os telefonemas e tentativas de comunicação ficaram sem resposta.

O detetive, que passara a vigiar atenta e constantemente a casa, também não conseguiu pôr os olhos sobre a figura do médico, nem encon-

trou na cidade uma pessoa sequer que tivesse visto nas ruas ou no jardim da frente o doutor convalescente.

Mantimentos eram entregues normalmente na porta de serviço; a correspondência era depositada na caixa da entrada com regularidade e, na casa de Benefit Street, eram notadas luzes ofuscantes a iluminá-la, até altas horas da noite.

Na verdade, essa foi a única informação substancial que Purvis pôde fazer sobre possíveis irregularidades no modo de vida do médico: ele conservava as lâmpadas sempre acesas na casa, dia e noite.



Fiske, logo que recebeu esse relatório sobre a volta de Dexter, escreveu e enviou-lhe uma carta, e depois outra. Desta vez, ainda não lhe chegara às mãos resposta alguma nem a certeza de que sua correspondência tivesse chegado ou não ao destinatário. Depois de receber vários outros relatórios do investigador Purvis, e todos sem importância, Edmund Fiske tomou uma decisão firme e muito importante: iria pessoalmente a Providence e avistar-se-ia com Dexter a qualquer preço.

Talvez estivesse inteiramente enganado em suas deduções e suspeitas; talvez seu raciocínio de que o Dr. Ambrose Dexter era a única pessoa que restava para ajudá-lo a esclarecer o enigma e limpar o nome do amigo morto fosse errado; podia ser mesmo que sua convicção de que havia uma relação entre o médico e as misteriosas circunstâncias da morte de Blake não fossem válidas, mas durante quinze anos, Edmund Fiske vinha meditando e ruminando a questão, juntando pedaços do quebra-cabeça, pensando e deduzindo, e agora era o momento de acabar definitivamente com aquele conflito íntimo e torturante.

Assim é que, nos fins do verão daquele ano, mandou um telegrama a Ogden Purvis, revelando sua intenção firme de ir a Providence e dando instruções para que o detetive aguardasse sua chegada no hotel.

E foi esta a última vez que Edmund Fiske viajou para Providence; no dia em que os Giants de Nova York perderam o jogo, em que as duas panteras negras do circo Langer Brothers fugiram de suas jaulas e em que o motorista de táxi William Hurley, irlandês, estava mais tagarela do que nunca.

O detetive Purvis não estava no hotel à espera do cliente, quando Fiske chegou para registrar-se e sua inquietação era tão grande e tão intensa a sua impaciência, que resolveu começar a agir imediatamente, sem a colaboração do investigador, seguindo de táxi para Benefit Street, naquela mesma noite, como sabemos.

Depois que o carro se afastou deixando-o no endereço do Dr. Dexter, Fiske examinou a porta trabalhada e, através das janelas, reparou nas luzes esfuziantes que iluminavam feericamente o interior da casa estilo georgiano. Na porta principal, rebrilhava uma placa de metal dourado em que, com a claridade reinante, ficavam facilmente legíveis as palavras AMBROSE DEXTER — MÉDICO.

Embora tão insignificante, para Fiske este detalhe representava o sinal de algo concreto, tangível e encorajador. O doutor não estava dissimulando ao mundo exterior sua presença ali, embora pessoalmente muito se esquivasse. Contudo, as luzes brilhantes, a placa com o seu nome na porta, pareceram a Fiske bons indícios.

O escritor respirou fundo e tocou a campainha.

A porta foi aberta quase que imediatamente. Um homenzinho triqueiro e levemente curvado apareceu e indagou simplesmente: “Sim...?”

“Quero falar com o Dr. Dexter”, respondeu Fiske excitado.

“O doutor não pode atender. Está doente.”

“Pode então levar-lhe um recado?”

“Perfeitamente.” Respondeu o criado com um sorriso formal.

“Faça o favor de dizer-lhe que Edmund Fiske, de Chicago, deseja vê-lo, assim que ele puder. Viajei de Chicago até aqui para isso, e o assunto que venho tratar não tomará mais do que alguns minutos de sua atenção.”

“Queira esperar, por obséquio.”

E a porta foi fechada. Fiske permaneceu à sombra do pórtico e passou a valise de uma das mãos para a outra, enquanto esperava impaciente.

De repente, a porta foi novamente aberta e o empregado olhou para ele.

“Sr. Fiske... O senhor é o cavalheiro que escreveu as cartas? — indagou sorrindo de leve.”

“Cartas...? Sim, sim. Sou eu mesmo. Não sabia se o doutor as tinha recebido.”

O mordomo acenou com a cabeça dizendo: “Não sei informar... Mas o Dr. Dexter disse que se o senhor fosse a pessoa que escreveu as cartas... eu poderia levá-lo a sua presença.”

Fiske deu um suspiro de alívio, enquanto subia os degraus da entrada. Levava quinze anos para conseguir chegar àquele ponto e finalmente... ali estava.

“Faça o favor de passar ao andar superior. Encontrará o Dr. Dexter esperando pelo senhor, no estúdio, logo em frente ao hall.”



Edmund Fiske subiu a escada emocionado, deu uns passos em direção a uma porta aberta e penetrou no estúdio, onde a luz era tão intensa que quase se tornava palpável.

Finalmente ali, numa poltrona ao lado da lareira, estava o Dr. Ambrose Dexter.

Fiske se encontrou diante de um homem alto, magro, impecavelmente trajado, que deveria ter uns cinquenta anos, porém que não aparentava ter mais de trinta e cinco; um homem cuja distinção, naturalidade e elegância de gestos anulavam a discrepância do seu tipo, a tonalidade muito escura da pele.

“Então o senhor é Edmund Fiske!” saudou ele.

A voz do médico era agradável, bem modulada e com o inconfundível sotaque da Nova Inglaterra, e seu aperto de mão foi firme e quente. O sorriso do Dr. Dexter era franco e acolhedor e os dentes muito brancos contrastavam fortemente com o tom escuro das feições.

“Quer sentar-se, por favor?” Convidou amavelmente, indicando uma cadeira e fazendo um gesto cortês. Fiske olhava para ele completamente aturdido e achando que nos gestos, no comportamento e no aspecto do médico não havia o menor indício que evidenciasse uma enfermidade grave atual ou recente. Quando Dexter sentou novamente em sua poltrona e Fiske voltou o rosto para fitá-lo, reparou nas prateleiras cheias de livros no outro lado da sala. O tamanho e feitio de alguns volumes prenderam imediatamente sua atenção e curiosidade — tanto que

ele hesitou, antes de sentar-se na cadeira que o anfitrião indicava e enquanto isto leu rapidamente os nomes dos tomos encadernados.

Pela primeira vez em sua vida, Edmund Fiske se via diante do semi-lendário *De Vermis Mysteriis*, o *Liber Ivonis* e a versão latina, quase mística, do *Necronomicon*. Sem pedir ou esperar pela permissão do dono da casa, retirou da estante o volume desta última obra e folheou com atenção as páginas amareladas da versão espanhola feita em 1622.

Só então, voltou a fitar novamente o Dr. Dexter, e sua fisionomia, que até aí se esforçara em manter sob absoluto controle, revelou certa agitação. “Então foi o senhor quem encontrou esses livros lá na igreja!” Falou. “Exatamente por trás da sacristia, ao lado do oratório. Lovecraft mencionou isso em sua novela e eu sempre tive grande curiosidade em saber onde teriam ido parar, em que mãos estariam!”

O médico concordou com a cabeça, num gesto grave: “Sim, eu os encontrei e não achei justo que tais obras fossem parar nas mãos das autoridades. O senhor sabe tanto quanto eu o que eles contêm e também o que aconteceria, se tais conhecimentos fossem difundidos e tivessem aplicação inadequada.”

Um tanto relutante, Fiske recolocou o volume na estante e veio sentar diante do médico, perto da lareira. Segurava ainda, fortemente, a sua pasta de couro e brincava com o fecho da mesma com dedos nervosos.

“Fique à vontade”, disse o Dr. Dexter com um sorriso amável. “Vamos conversar amistosamente. O senhor está aqui, sem dúvida, para descobrir qual foi o meu papel, qual a minha participação no caso ligado à morte do seu amigo, não é verdade?”

“Sim... e gostaria de fazer algumas perguntas.”

“Estou a seu dispor”, respondeu Dexter erguendo a mão escura e magra. “Não gozo de boa saúde no momento, mas lhe posso conceder alguns minutos de atenção. Permita que me antecipe às suas perguntas e relate o pouco que sei.”

“Como preferir”, concordou Fiske fitando o semblante bronzeado do outro e tentando adivinhar o que se passaria de real por trás daquela pose perfeita de sobriedade e controle.

“Encontrei o seu amigo Robert Harrison Blake, apenas uma vez”, começou o Dr. Dexter. “Foi numa noite do mês de julho de 1935. Fui procurado por ele, que queria ser meu paciente.”

“Nunca soube disso!” Exclamou Fiske curvando-se para a frente interessado.

“Não havia, em verdade, motivo para que alguém viesse a saber disso, meu caro”, respondeu o médico calmamente. “Ele seria apenas mais um de meus clientes. Queixou-se de constantes crises de insônia. Examinei-o e receitei sedativos e, entre perguntas de rotina, indaguei se ele teria passado por algum esforço mental extraordinário ou se teria sofrido algum trauma. E foi então que Blake relatou a mim toda a história de sua visita à igreja de Federal Hill e do achado que lá fizera. Devo confessar que tomei o cuidado de não considerar sua narrativa como simples produto de uma imaginação histérica, doentia. Como descendente de uma das mais antigas famílias desta cidade, eu estava perfeitamente a par das lendas que envolviam a seita da ‘Sabedoria Estrelada’, assim como da entidade chamada ‘Assombro das trevas’.

“O jovem Blake me revelou alguns dos seus temores com relação ao Trapezoedro Resplandecente, afirmando mesmo que o considerava como o ponto de concentração de todos os males. Ele chegou a confessar o seu temor de estar, daí por diante, irremediavelmente ligado, de algum modo, ao fado maldito do velho templo.

“É claro que eu não estava preparado para aceitar esta última asserção como lógica e racional e tentei dissuadi-lo aconselhando-o a sair de Providence e esquecer tudo. Assim agi obedecendo aos mais justos impulsos de boa-fé... Mais tarde, em agosto, vim a saber de sua morte súbita.”

“E então foi até a igreja...” Começou Fiske.

“E o senhor não teria feito o mesmo?” Perguntou Dexter tranquilamente. “Se Blake viesse ao senhor com a mesma história, revelasse os seus temores ... A morte dele não o teria induzido a entrar em ação? Posso garantir que fiz o que achei justo e conveniente, em lugar de provocar escândalo, de espalhar o temor inútil e o pânico no povo em geral e, também, para evitar a mais leve possibilidade de algum fundamento sobre a existência real de ameaças ou perigos. Fui até a igreja, peguei os livros e tirei o Trapezoedro Resplandecente praticamente debaixo do nariz das autoridades. Então, fretei um barco e deixei cair a pedra amaldiçoada no fundo da Narragansett Bay, onde nunca mais poderia ameaçar nem prejudicar quem quer que fosse. A tampa da urna estava aberta,

quando a joguei na água e, como o senhor sabe, só as trevas podem evocar o Assombro... deixei que o Trapezoedro ficasse para sempre exposto à luz.”

E Dexter terminou dizendo simplesmente: “E isso é tudo o que posso contar sobre o assunto. Lamento que as minhas atividades, ultimamente, não me tenham permitido entrar em comunicação com o senhor até este momento, e aprecio muito seu interesse pelo caso. Espero que minhas palavras, de alguma forma, possam ajudá-lo a esclarecer suas dúvidas, ainda que numa retribuição mínima, e faço votos para que o seu aturdimento tenha diminuído. No que se refere ao jovem Blake, se for de seu agrado, e dentro da minha especialidade de médico, posso dar um atestado por escrito de minha convicção sobre a perfeita sanidade mental dele, por ocasião de sua morte. Farei isso amanhã e, depois de devidamente autenticado e reconhecido, enviarei a seu hotel, se me der o endereço. Não lhe parece bastante justo?”

E o doutor se levantou indicando que a entrevista estava terminada, mas Fiske permaneceu sentado em sua cadeira, sempre segurando a pasta com mãos nervosas.

“E agora, se me permite.” Insinuou o médico.

“Só um minuto. Ainda restam algumas perguntas que eu gostaria de fazer e agradeceria se me respondesse.”

“Claro!” Respondeu o Dr. Dexter, controlando os primeiros sinais de irritação.

“O senhor teve ocasião de ver o Sr. Lovecraft, antes ou durante a enfermidade dele?”

“Não. Eu não era seu médico. Na verdade, devo dizer que nunca o vi pessoalmente, embora ouvisse falar em seu nome e em seu trabalho.”

“E o que o levou a deixar Providence bruscamente, após a morte de Blake?”

“Meu interesse pela física sempre supera o que sinto pela medicina. Como o senhor talvez saiba... ou talvez não, durante a última década ou mais, tenho dedicado todo meu tempo e minha atenção aos problemas relativos a questões de energia atômica e desintegração nuclear. Na verdade, amanhã mesmo sairei de Providence, uma vez mais, para fazer uma série de palestras em faculdades e universidades e para certos grupos governamentais.”

“Isto me parece muito interessante. E por falar no assunto, o senhor teve ocasião de conhecer Einstein?”

“Na verdade, sim. Há alguns anos atrás, trabalhei com ele num... Bem, não importa. Agora devo lhe pedir que me desculpe, mas em outra ocasião discutiremos o assunto.”

Agora sua impaciência era indisfarçável. Fiske se levantou, segurando a maleta com uma das mãos e estendendo a outra para apagar um abajur que estava na mesinha ao lado.

Com incrível agilidade o Dr. Dexter correu e novamente acendeu a lâmpada.

“Mas o senhor tem medo do escuro, doutor?” Perguntou Fiske lentamente.

“Não tenho medo...”

Pela primeira vez, o médico parecia prestes a perder a compostura. “Por que acha que tenho?” Perguntou em voz baixa.

“Por causa do Trapezoedro Resplandecente, não é?” Insistiu Fiske. “Quando o deixou cair na baía, o senhor foi um tanto apressado. Não lembrou na ocasião que, mesmo deixando a tampa da urna aberta, a pedra estaria envolta na escuridão do fundo das águas do canal. Talvez o Assombro tenha feito propositadamente com que esquecesse. O senhor olhou dentro da pedra, tal como Blake fizera, e experimentou a mesma implicação psíquica que ele. Atirando a coisa na água, permitiu que a pedra gozasse de permanente escuridão, onde o Assombro teria seu poder alimentado, incrementado.

“Foi por isso que o senhor deixou Providence imediatamente, temendo que o visitante das trevas o viesse buscar como aconteceu com Blake. Porque sabia que ficaria lá fora na Narragansett Bay, para sempre.”

O Dr. Dexter caminhou em direção à porta dizendo energicamente: “Devo pedir que se retire imediatamente. E se está insinuando que mantenho as luzes de minha casa acesas por medo de que o visitante das trevas me venha buscar, como aconteceu com Blake... está enganado!”

Fiske sorriu ironicamente e respondeu: “Não, absolutamente não é isso. Sei que não teme tal coisa, porque já é tarde demais. O Assombro deve ter vindo a sua procura, há muito tempo atrás. Talvez um ou dois dias depois que o senhor libertou suas forças, atirando o Trapezoedro

nas profundezas da Narragansett Bay. Sim, ele veio procurá-lo, mas não o matou como aconteceu com meu amigo Blake.

“Ele o usou. É por isso que o senhor teme as trevas. E teme com a mesma intensidade com que o Assombro teme ser descoberto. Acredito que na escuridão o senhor assume um aspecto *diferente*... ou seja: mais semelhante a sua aparência original. Isto porque, quando o visitante das trevas veio procurá-lo não o matou mas, em vez disso, *encarnou-se* em sua pessoa. *Você é o visitante das trevas!*”

“Sr. Fiske, francamente...”

“Não há nenhum Dr. Dexter! Há muitos anos que essa pessoa já não existe. Resta apenas sua aparência exterior... habitada por uma entidade mais velha que o próprio mundo. Uma entidade que está se movendo rapidamente, com o objetivo de destruir toda a humanidade. Foi você quem influenciou os cientistas e se insinuou no meio deles, ajudando e forçando as soluções, estimulando as ‘descobertas’ no campo da física nuclear e dos meios de destruição. Quando a primeira bomba atômica foi detonada, como você deve ter rido de nós!” E frisou: “Agora você deu a eles o segredo da bomba de hidrogênio e certamente está imaginando outros engenhos infernais, outros meios de chegarem à autodestruição.”

Fiske olhou para o homem escuro que estava na sua frente e continuou: “Levei vários anos raciocinando, para chegar à dedução e descoberta das pistas, para encontrar a chave dos chamados mitos alucinantes citados por Lovecraft em seus escritos. Mas ele se referia a isso por meio de parábolas e alegorias, embora estivesse mencionando verdades. Ele mostrou a verdade, o preto no branco, várias vezes... Escreveu a profecia de sua vinda à Terra. Blake também soube; percebeu isso e finalmente identificou o visitante das trevas, chamando-o pelo verdadeiro nome.”

“E que nome era esse?” Perguntou o doutor com ironia.

“Nyarlathotep!”

O rosto bronzeado de Dexter se contraiu numa careta de sarcasmo, num riso zombeteiro, e replicou: “Temo que o senhor seja mais uma vítima de alucinações, mais um criador de fantasias, como foram o pobre Blake e seu amigo Lovecraft. Todo mundo sabe que Nyarlathotep é um personagem fictício, é invenção; parte dos mitos do escritor Lovecraft.”

“Eu também pensava assim até descobrir a pista num dos seus poemas. Foi então que tudo começou a se encaixar; o visitante das trevas, o seu desaparecimento e o súbito interesse em pesquisas científicas. As palavras de Lovecraft então assumiram um novo significado.”

E muito excitado e nervoso Fiske começou a recitar:

*“Do interior do Egito eis que por fim chegou
O estranho Obscuro ante quem os felás se inclinavam”.*

Enquanto repetia as palavras do poema de Lovecraft, Fiske olhava fixamente para o rosto escuro do médico. Dexter se apressou em explicar: “Absurdo! Para esclarecê-lo, devo informar que esta coloração escura de minha epiderme é resultante da exposição a radiações em Los Alamos.”

Sem tomar conhecimento da interrupção, Fiske continuou recitando com veemência:

*“... De que, lambendo-lhe as mãos, o seguiam bestas selvagens.
Cedo começou no mar um daninho nascimento;
Em terras esquecidas cúspides douradas cobriam-se de ervas ruins;
O chão abriu-se e auroras dementes abateram-se
Sobre as tremebundas cidadelas dos homens.
Então, esmagando o que por pirraça ele moldou
O Caos insensato o pó da Terra assoprou”.*

O Dr. Dexter balançando a cabeça com ar zombeteiro protestou: “Jamais ouvi algo mais ridículo! Mesmo no estado... ahn... digamos, não muito normal, em que o senhor se encontra, deve compreender. O poema não tem significado literal! Onde estão as feras negras lambendo minhas mãos? O que é que está imperando e surgindo das águas? ... Onde estão as auroras sinistras? Os terremotos, fendas na Terra? O senhor está dominado pelo que chamamos ‘temores atômicos’... agora percebo. Está preocupado, aliás como a grande maioria das pessoas atualmente, com a tola obsessão de que, de algum modo, nosso trabalho no campo da desintegração nuclear resultará na destruição do mundo. Toda esta linha de raciocínio não é mais do que produto de imaginações exaltadas.”

Fiske, segurando com mais firmeza ainda a sua pasta de couro, respondeu: “Eu disse que a profecia de Lovecraft era uma parábola. E só Deus sabe o que ele *sabia* e o que ele *temia*! Mas, fosse o que fosse, bastou para que sentisse a precisão de se externar, de se expressar de algum modo. E, mesmo assim, *eles* o pegaram, porque sabia demais.”

“*Eles?*”

“Sim, eles, do além. Aqueles a quem você serve. Você, Nyarlathotep! É o mensageiro deles! Você veio em ligação com o Trapezoedro, lá das profundezas do Egito, como diz o poema. E o séquito de homens de Providence que se converteram à seita da Sabedoria Estrelada reverenciou o estranho ser escuro e o venerava, como sendo o visitante das trevas.

“O Trapezoedro foi atirado na baía, e logo surgiu das águas o poder maligno, o nascimento nocivo, ou seja, sua encarnação no corpo do Dr. Ambrose Dexter. E você ensinou, aos homens, novos meios de destruição. Destruição com bombas atômicas, onde o solo se fendia e auroras sinistras incendiavam o inundo dos homens e sua obra. Sim, Lovecraft sabia o que estava dizendo em seus escritos, e Blake também o reconheceu. E ambos morreram. Agora sei que tentará me matar, portanto pode ir começando logo. Você continuará fazendo suas palestras maléficas, nos laboratórios, ensinando aos homens as fórmulas mais eficazes de destruição. Finalmente transformará a Terra em pó e nada mais.”

“Por favor!” Pediu o Dr. Dexter estendendo as mãos. “Controle-se. Permita que lhe ofereça qualquer coisa para acalmá-lo. Não vê que tudo isso é absurdo?”

Fiske caminhou para o Dr. Dexter, sempre agarrado a sua pasta de couro. Em dado momento, abriu nervosamente o fecho da mesma e procurou algo lá dentro; quando retirou a mão, empunhava um revólver, e apontou-o diretamente para o peito do médico.

“Sim, eu sei que é absurdo. Ninguém mais acreditava na Seita da Sabedoria Estrelada, a não ser uns poucos fanáticos e alguns estrangeiros ignorantes e de boa-fé. Também ninguém levou a sério as histórias de Blake, de Lovecraft ou as minhas, como algo mais do que uma modalidade mórbida de divertimento.

“Pelos mesmos motivos, ninguém jamais acreditará que há algo extraordinário com você ou com as chamadas pesquisas científicas sobre

energia atômica, desintegração nuclear, ou outros horrores que você planeja lançar à solta pelo universo, para realizar a condenação total. É por tudo isso que agora vou matar você!”

“Largue essa arma!” Gritou Dexter.

De repente, Fiske começou a tremer. Seu corpo todo foi dominado por um violento tremor espasmódico. Dexter percebeu e se aproximou. Os olhos do rapaz estavam arregalados e o médico chegou ainda mais perto.

“Não se aproxime!” Balbuciou Fiske com dificuldade, e suas palavras eram destorcidas, convulsionadas pelo tremor incontrollável de suas mandíbulas. “Era isso que eu queria saber. Como você está habitando um corpo humano, poderá ser destruído por uma arma comum. Por isso, vou destruí-lo, Nyarlathotep!”

Seus dedos se contraíram e o mesmo fizeram os do Dr. Dexter que, levando uma das mãos para trás, conseguiu alcançar o interruptor da luz. Ouviu-se um clique e a sala ficou em completa escuridão.

Não exatamente em *completa* escuridão, porque podia-se ver uma aura luminosa; o rosto e as mãos do Dr. Ambrose Dexter rebrilhavam numa estranha fosforescência, dentro da escuridão reinante.

Existem, ao que se sabe, formas de intoxicação pelo rádio que podem provocar esse efeito, e o Dr. Dexter, sem sombra de dúvida, teria explicado assim o fenômeno ao jovem Edmund Fiske, se tivesse tido oportunidade para isso.

Mas não houve esta oportunidade. Fiske ouviu o clique, viu as mãos fosforescentes e a fisionomia estranhamente luminosa e tombou de encontro à porta.

O Dr. Dexter acendeu novamente a luz e caminhou lentamente para junto do visitante caído; ajoelhou e tomou-lhe o pulso por um longo tempo, mas procurou a pulsação em vão.

Edmund Fiske estava morto.

O médico deu um suspiro, levantou-se novamente e saiu da sala. Lá embaixo, no saguão da escada, chamou o empregado e disse:

“Houve um incidente muito desagradável lá, no estúdio. Aquele jovem que me veio visitar, um neurótico, sofreu um ataque cardíaco. É melhor você avisar a polícia, imediatamente. Depois, continue a preparar a bagagem. Devemos partir amanhã para a série de conferências.”

“Mas a polícia pode querer detê-lo!”

O Dr. Dexter sacudiu a cabeça calmamente: “Acho que não. É um caso muito banal. Mas se for preciso, eu explicarei. Quando as autoridades chegarem, pode me chamar. Estarei no jardim.”

E o doutor desceu pela escada de trás até o jardim. A vista deslumbrante do belo jardim da casa de Benefit Street, resplandecente ao luar, inteiramente escondida do mundo exterior e protegida por altos muros, estava completamente deserta. O homem trigueiro ficou de pé à luz da lua que se fundiu com a aura fosforescente de suas mãos e rosto.

Nesse momento, duas silhuetas, dois vultos negros e sedosos, surgiram das sombras e saltaram dos altos muros para dentro do jardim. Esgueirando-se lentamente com a brisa fresca da noite, foram se aproximando do Dr. Dexter. Suas patas faziam sons abafados na grama.

À luz do luar, o doutor reconheceu as duas panteras negras e, imóvel, aguardou que se aproximassem passo a passo, olhos brilhando, mandíbulas abertas.

O Dr. Dexter então levantou a cabeça e sua fisionomia, erguida para fitar a lua, ostentava uma expressão zombeteira, pois, à medida que caminhava, lentamente as duas feras o acompanhavam lambendo-lhe as mãos.



Depoimento

Thomas Owen

∴

Témoignage (1984)

Cahiers de l'Herne, No. 12 (1984)

Thomas Owen (1910–2002) é o nome regularmente citado junto a Jean Ray como pilares da ficção fantástica belga. “Depoimento” foi publicado em uma edição especial de *Cahiers de l'Herne*, edição dedicada a Lovecraft, este conto é um ponto original e culminante no Ciclo Onírico de Randolph Carter, e esta breve peça foi acrescentada aqui como extra por estar inteiramente ligada ao ciclo.



O que mais me desagrada em Lovecraft é o seu amor pelos gatos... O que mais me confunde é a sua capacidade de sonhar, de imaginar, de inventar, de ver o invisível, de sentir o infinito do universo, e o seu sentimento de angústia, de terror, de pânico perante o insondável — desconhecido, adivinhado, procurado, vislumbrado — que está sempre presente nos limites da percepção humana, mas que, quando esta última tenta agarrá-lo, evita-o como algo gelatinoso, sem forma, aterrador...

O que me espanta é o lado mágico de seu delírio verbal, rico em palavras inteiramente esculpidas pela beleza da sua consonância e pelo poder conjurador da sua arquitetura sonora: *Nyarlathept*, *Inquanok*, *Kadath*... Eles evocam à Babilônia e, ao mesmo tempo, aos índios Chickasha e ao espaço intersideral.

O que me diverte é ter conhecido pessoalmente Randolph Carter na cidade de Oklahoma. Viajei com ele até Nova Orleans. E esse Randolph Carter parecia não ser mais que um daqueles cérebros vegetais, futuros habitantes dos cometas radioativos, embora sua aparência fosse a de um camponês bem vestido que coçava sem pudor o traseiro, e cujo principal desejo era poder contemplar no parque ao lado do Mississippi, os enormes seios de Rita Alexander, vulgo “Garota *Champagne*”, vulgo “Srta. Goldfinger”...

“Você tem um nome famoso”, eu disse ao homem simples e comum cuja esposa escreveu receitas para o *Arcadia Post*.

“Eu sou aquele homem famoso”, disse ele, mastigando um palito de dente. “Sou descendente de Edmund Carter, o feiticeiro, de Salem, claro,” ele acrescentou com um sorriso “e antepassado de Pickman Carter, que em duzentos anos irá repelir as hordas mongóis da Austrália...”

Eu estremeci de espanto com as palavras bastante vulgares vindos da boca do meu interlocutor.

“Lovecraft?” Perguntei, preso na mais intensa emoção. “Este nome significa algo para você?”

O indivíduo baixou os olhos, pareceu meditar por um momento e depois falou com uma voz enfadonha:

“Escute com atenção”. Ele (ou Ward Phillips Warren, ou talvez ambos sejam o mesmo) me disse estas palavras: “*Carter! Pelo amor de Deus, ponha a laje de volta e fuja disto se puder! Rápido!... Deixe todo o resto e saia daí... é a sua única chance! Faça o que eu digo, e não me peça para explicar!*”.

Isso me fez lembrar de algo; meu interlocutor sabia disso e brincou com minha inquietação e confusão. No Brennan, onde comemos um “Papa Brûlot” flambado com o melhor rum de St. John the Baptist, ele se inclinou sobre a mesa e me disse muito claramente, separando bem as sílabas quando achou que era necessário:

“Inquisitive! Unreasonable writer! Por que tentar entender? Por que tentar manter o que apenas transcorreu? Howard Phillips morreu por ter se aproximado do centro da infinitude onde Azathoth, sultão-demônio, grunhe furiosamente nas trevas.”

Ele fez um gesto de impaciência e desespero, virando inadvertidamente um copo de água cheio de cubos de gelo que acabara de ser colocado na sua frente.

“TOLO!” ele então gritou *“WARREN ESTÁ MORTO!”*

Ele se levantou e saiu cambaleando da sala, provocando estupor e tristeza em seu rastro.

Fiquei em meu lugar, imobilizado em minha impassível dignidade.

Um garçom negro trouxe outro copo de água gelada.



O Pescador do Cabo do Falcão

August Derleth

∴

The Fisherman of Falcon Point (1959)

The Shuttered Room And Other Pieces (1959)

August Derleth foi um dos integrantes do Círculo de Lovecraft, é também para quem muitos fãs torcem o nariz ao ouvir seu nome, uma vez que ele introduziu elementos maniqueístas como o bem contra o mal no universo criado por H.P.

Porém, ele foi crucial para que conhecêssemos a ficção de Lovecraft, pois, em 1939, após a morte de Lovecraft, Derleth criou a Arkham House, editora que popularizou as obras do autor.

Ao longo de sua carreira, Derleth publicou vários textos em ‘parceria’ com Lovecraft. Textos onde Derleth apanhou rascunhos, protótipos, ideias abandonadas e versões alternativas de contos de Lovecraft e os publicou sob o nome dos dois, mas com as palavras do primeiro, que infelizmente não são tão boas quanto as do segundo.

“O pescador do Cabo do Falcão” é uma dessas histórias, é baseada inteiramente nesta anotação de Lovecraft: *Fisherman casts his net into the sea by moonlight — what he finds.*^[1]

A história principal, detalhes, diálogos, caracterização e outros elementos são inteiramente de Derleth. Assim, não podem ser pensadas como um trabalho de Lovecraft.



Pela costa de Massachusetts murmuram muitas coisas sobre Enoch Conger. Algumas delas só se comentam em voz muito baixa e com muita cautela. Tão estranhos rumores circulam ao longo de toda a costa, espalhados por pescadores do porto de Innsmouth, seus vizinhos, já que ele vivia a umas poucas milhas ao sul, no Cabo do Falcão. Esse nome se deve ao fato de que ali, em épocas migratórias, são vistos falcões peregrinos, gaviões e também outras aves de rapina naquele estreito pedaço de terra que entra no mar. Ali vivia Enoch Conger, até que ninguém mais o viu, contudo ninguém podia afirmar que ele estivesse morto.

Era forte, de peito e ombros largos, com longos e musculosos braços. Apesar de não ser um homem velho, tinha barba, e sua cabeça era coroada por uma longa cabeleira. Seus olhos azuis se afundavam num rosto quadrado. Quando levava sua capa de pescador, com o chapéu sobre a cabeça, parecia um marinheiro desembarcado de um velho navio de séculos atrás. Era um homem taciturno. Vivia sozinho na casa de pedra e madeira que ele mesmo havia construído, de onde podia sentir o vento soprar e ouvir o som das gaivotas, das andorinhas, do ar e do mar, e de onde podia admirar o voo das grandes aves migratórias em suas viagens até terras distantes. Diziam que ele as entendia e que falava com as gaivotas e as andorinhas, com o vento e com o ruidoso mar, e ainda com outros seres invisíveis que, dizem, emitiam uns tons estranhos, algo parecido com os calmos sons de certas bestas batráquias e desconhecidas dos pântanos e lodaçais da terra.

Conger vivia da pesca, que apesar de escassa, lhe era suficiente. De dia e de noite lançava suas redes ao mar; o que pescava ele levava a Innsmouth, Kingsport ou mais além, para vender. Porém uma noite o viram chegar sozinho a Innsmouth; não trazia nenhum peixe e permanecia com os olhos muito abertos, atônitos, como se tivesse olhado por muito tempo o pôr do sol e tivesse ficado cego. Nos arredores da cidade, en-

trou numa taberna em que costumava ir, se sentou numa cadeira, sozinho, e se pôs a tomar uma cerveja. Alguns curiosos que estavam acostumados a vê-lo, se aproximaram de sua mesa para beber com ele, até que, sob os efeitos do álcool, começou a balbuciar. Porém falava como se o fizesse para si mesmo, e seus olhos não pareciam ver nada.

Dizia que havia visto algo maravilhoso naquela noite. Havia levado seu barco até o Recife do Diabo, situado a mais de uma milha de Innsmouth, e ali havia estendido sua rede. Sim, havia conseguido muitos peixes; porém em sua rede havia algo mais; algo que era uma mulher e que, ao mesmo tempo, não era; algo que lhe falava como um ser humano, porém com o tom gutural de uma rã e com o acompanhamento de uma música aflautada como a que nos meses de primavera, se escuta nos pântanos; algo que tinha um talho, profundo e extenso, no lugar de uma boca, porém uma ínfima doçura em seus olhos; algo que levava debaixo dos cabelos que caíam sobre sua cabeça o que pareciam ser fendas branquiais; algo que lhe suplicava para que lhe deixasse voltar às profundezas do mar; algo que lhe prometeu, em troca, sua própria vida se alguma vez necessitasse.

— Uma sereia! — disse alguém, com uma risada.

— Não era uma sereia — disse Enoch Conger —, pois tinha pernas, porém os dedos de seus pés eram como os dos palmípedes, e tinha mãos, porém os dedos de suas mãos eram como os dedos de seus pés, e a pele de seu rosto era como a minha, porém seu corpo tinha a cor do mar.

Riram dele, porém ele não ligou. Somente um deles não riu, porque havia ouvido os velhos homens e mulheres de Innsmouth contar umas histórias muito estranhas, que remontam aos tempos dos navios antigos e do comércio com as índias Orientais. Segundo esses anciões, naqueles tempos haviam celebrados alguns casamentos entre homens de Innsmouth e mulheres das ilhas do Pacífico Sul; falavam de estranhos acontecimentos ocorridos no mar, perto de Innsmouth. Esse homem não riu, simplesmente escutou calado e logo se foi, sem se juntar com as piadas e risos de seus companheiros. Porém Enoch Conger não reparou nele, tampouco se deu conta das risadas que havia provocado. Continuou seu relato; explicou como havia retirado a criatura das redes em seus braços, descrevendo a sensação que lhe havia produzido o contato com a sua

pele fria e a textura de seu corpo; contou como a havia soltado, como a viu nadar e submergir-se entre as rochas do Recife do Diabo, como a viu aparecer de novo, levantando seus braços uma última vez num aceno, e desaparecendo para sempre.

Depois daquela noite, Enoch Conger voltou poucas vezes à taverna. Quando vinha, sentava-se sozinho e não respondia a quantos lhe perguntassem por sua “sereia”, querendo saber se ele havia feito alguma proposta antes de deixá-la livre. Voltou a mostrar-se taciturno, falava pouco, bebia sua cerveja e se ia. A única coisa que se sabia era que já não pescava perto do Recife do Diabo, que lançava suas redes em algum outro lugar próximo ao Cabo do Falcão. Embora se falasse que ele tinha voltado a ver aquela coisa estranha que havia pescado aquela noite em suas redes, Conger era visto com frequência na ponta do estreito pedaço de terra que avançava mar adentro, olhando as águas como se esperasse ver surgir uma embarcação no horizonte ou a manhã que sempre ronda e nunca chega para os buscadores do futuro e outros homens, fosse o que fosse o que esperavam e pediam à vida.

Enoch Conder foi se tornando cada vez mais introvertido, e ele, que havia sido um assíduo cliente da taberna de Innsmouth, acabou por não aparecer mais ali. Limitava-se a trazer o pescado ao mercado e voltava apressadamente à sua casa com as provisões que necessitava. Entretanto, a história de sua sereia se espalhou ao longo de toda a costa e terra adentro até Arkham e Dunwich, pelo Miskatonic, e também mais além, nas negras e compactas colinas onde viviam pessoas mais inclinadas a levar na brincadeira essas coisas.

Passou um ano, e outro, e uma noite chegou a notícia de que Enoch Conger havia sido gravemente ferido durante uma de suas solitárias pescarias. Dois pescadores o haviam visto ao passarem perto de seu barco e lhe haviam prestado socorro. Como sua casa do Cabo do Falcão era o único lugar aonde queria ir, levaram-no até lá, antes de irem rapidamente buscar o doutor Gilman de Innsmouth. Quando voltaram à casa de Enoch Conger, acompanhados do médico, o velho pescador havia desaparecido.

O doutor Gilman se absteve de dar sua opinião, porém os dois pescadores que o haviam trazido murmuraram e contaram a quem quisesse ouvir o singular relato. Falaram de uma grande umidade que reinava na

casa, das inumeráveis gotas de água que escorriam pelas paredes, que pendiam da maçaneta da porta e que encharcavam a cama onde haviam deixado Enoch Conger, antes de saírem em busca do doutor. Falaram das pegadas molhadas deixadas no solo por uns pés palmípedes. Aquelas pegadas eram muito fundas ao longo de todo o caminho, desde a casa até o mar, como seu um grande peso, tão grande como o de Enoch Conger, e pensaram que talvez ele houvesse sido levado pelo donos desses pés, que foram obrigados a afundar no solo a cada passo, até deixar a nítida marca de sua passagem.

Rapidamente todos se inteiraram do que havia acontecido. Porém algumas pessoas se riam dos pescadores, pois não havia mais que uma só linha de pegadas, e Enoch Conger era um homem muito pesado para que alguém pudesse carregar com toda pressa. O doutor Gilman não havia feito o menor comentário, exceto que havia visto pés palmípedes em alguns habitantes de Innsmouth, porém que os dedos de Enoch Conger, que havia examinado em certa ocasião, eram normais e não palmípedes. Alguns curiosos foram até a casa do cabo do falcão para ver se podiam descobrir algo novo. Porém voltaram desiludidos. Não viram nada, e se juntaram aos que se riam dos dois infelizes pescadores. Ao cabo de algum tempo, aqueles dois pobres homens foram reduzidos ao silêncio, e não faltou quem deixasse cair a suspeita de que havia sido eles os responsáveis pelo sumiço de Enoch Conger, inventando aquela história para encobrir seus atos. Esse rumor se estendeu também a outros lugares.

Para onde quer que tivesse ido, Enoch Conger não voltou a sua casa no Cabo do Falcão. O vento e o tempo a destruíram: arrancaram uma tábua aqui e outra ali, desgastaram os ladrilhos da chaminé, romperam as janelas e afundaram o telhado. As gaivotas, as andorinhas e os falcões que sobrevoavam a casa, não voltaram mais a serem vistas e ouvidas. Pouco a pouco, ao longo da costa, os rumores que circulavam em torno do assassinato se aplacaram, se descartando qualquer possibilidade de homicídio, porém surgiram certos sinais escuros que induziam a pensar em algum fenômeno muito mais aterrador e inexplicável.

Um dia em que o venerável Jediah Harper, patriarca dos pescadores da costa, desceu à terra com seus homens, jurou haver visto perto do Recife do Diabo um estranho grupo de criaturas que nadavam. Tais se-

res, segundo dizia, não eram humanos por completo, nem batráquios tampouco; eram criaturas anfíbias que cruzavam pela água, metade humanos e metade rãs; formavam um grupo de mais de quarenta, e eram machos e fêmeas. Haviam passado perto de seu barco, e brilhavam a luz da lua, como uns seres espectrais surgidos das profundezas do atlântico. Pareciam estar cantando a Dagon um canto de louvor. E entre eles, formando parte do mesmo grupo, havia visto Enoch Conger, nadando com os demais, desnudo como eles, e unindo sua voz à deles no cântico de louvor. Atônito, ele tinha chamado Enoch que tinha se voltado para ele, de modo que vira seu rosto. Logo, como Enoch Conger, todos submergiram debaixo das ondas e ele não voltou a vê-los mais.

Dizem que, depois de ter falado tanto, o velho homem foi silenciado pelos membros dos clãs Marsh e Martin, que, segundo se dizia, estavam relacionados com alguns habitantes do mar. O barco de Harper não voltou a sair ao mar, o velho não tinha mais como ganhar a vida, nem ele e nem os homens que haviam formado sua tripulação.

Demorou muito tempo até que, um dia, um jovem, que havia passado sua infância em Innsmouth e se lembrava de Enoch Conger, regressou ao porto dessa cidade e contou como ele, em companhia de seu filho pequeno, havia saído a remar a luz do luar. Já haviam passado o Cabo do Falcão quando, de repente, bem atrás de seu barco, e tão perto que podiam tocar com o remo, surgiu o torso desnudo de um homem entre as ondas. Mantinha-se na água tal como se outros, a quem não podiam ver, estivessem o suspendendo por baixo. O rosto de Enoch Conger se voltava até o Cabo do Falcão e parecia olhar com saudade a casa que continuava ali, em ruínas. A água pingava de seus longos cabelos, de sua barba, e escorria sobre seu corpo escuro; sua pele debaixo das orelhas tinha algo como duas grandes guelras. E logo, tão estranha e repentinamente como havia surgido, desapareceu, submergindo no mar.

Ao longo da costa de Massachusetts, perto de Innsmouth, contam-se muitas coisas a respeito de Enoch Conger, e outras se contam em voz baixa...



Ubbo-Sathla

Clark Ashton Smith

∴
Ubbo-Sathla (1933)
Weird Tales (1933)

Aqui, Clark Ashton Smith entra totalmente na mitologia Lovecraftiana para desenvolver um de seus conceitos básicos: a existência, em eras muito remotas, de civilizações terrestres pré-humanas e a concepção do tempo como uma dimensão que pode ser percorrida por forças ou entidades inconcebíveis.



Pois Ubbo-Sathla é a fonte e o produto final. Antes de Zhothaquah, ou Yok-Zothoth, ou Kthulhut descerem das estrelas, Ubbo-Sathla já habitava os pântanos escaldantes da Terra recém-criada: uma massa sem cabeça ou membros, gerando as salamandras amorfas da época primordial e os pavorosos protótipos da vida terrena... E toda a vida terráquea, assim é dito, deverá retornar por fim, através do grande círculo do tempo, a Ubbo-Sathla.

O Livro de Eibon

Paul Tregardis encontrou o cristal leitoso numa pilha de restos de muitas terras e eras.

Havia entrado na loja do vendedor de curiosidades, seguindo um impulso sem objetivo, sem qualquer objetivo específico em mente que não a distração ociosa de olhar e tocar uma miscelânea de coisas reunidas de muitos locais distantes. Passando os olhos pelo material, sem método algum, sua atenção foi atraída por um brilho embotado em uma das mesas; e extraiu a esquisita pedra em formato de orbe de sua posição sombria e atulhada entre um pequeno e feio ídolo asteca, o ovo fossilizado de uma moa, e um obsceno fetiche nigeriano, feito de madeira negra.

A coisa tinha mais ou menos o tamanho de uma pequena laranja, e era levemente aplanada nas extremidades, como um planeta em seus polos. Aquilo intrigava Tregardis, pois não era um cristal comum, sendo nebuloso e mutável, com um brilho intermitente em seu âmago, como se fosse alternadamente iluminado e escurecido a partir de dentro. Segurando-o à luz da janela cheia de neve, estudou-o um pouco, sem conseguir determinar o segredo daquela singular e regular alternância. Sua confusão logo foi complicada por uma sensação cada vez maior de vaga e irreconhecível familiaridade, como se houvesse visto a coisa antes, em circunstâncias agora totalmente esquecidas.

Chamou o vendedor de curiosidades, um hebreu diminuto de ar de antiguidade empoeirada, que dava a impressão de estar perdido em considerações comerciais, em alguma rede de devaneios cabalísticos.

— Pode dizer-me alguma coisa sobre isto?

O vendedor contraiu de maneira indescritível e simultânea os ombros e as sobrancelhas.

— É bastante antigo — paleogênico, poder-se-ia dizer. Não posso dizer muito, pois sabe-se pouco. Um geólogo encontrou-o na Groenlândia, sob o gelo glacial, em terreno mioceno. Quem sabe? Pode ter pertencido a algum feiticeiro da Thule primeva. A Groenlândia era uma região quente e fértil sob o sol da época miocena. Sem dúvida é um cristal mágico; e pode-se ter estranhas visões em seu âmago, caso seja observado por tempo suficiente.

Tregardis ficou bastante surpreso; pois a sugestão aparentemente fantástica do vendedor trouxe à mente suas próprias sondagens de um

ramo da sabedoria obscura; em particular lembrava-se do Livro de Eibon, aquele volume esquecido e oculto tão estranho e raro, que diz-se ter sido passado adiante através de uma série de múltiplas traduções, a partir de um original pré-histórico escrito no idioma perdido da Hiperbórea. Tregardis, com bastante dificuldade, obtera a versão francesa — cópia que estivera em posse de muitas gerações de feiticeiros e satanistas — mas nunca conseguira encontrar o manuscrito grego a partir do qual aquela versão fora derivada.

O original remoto e fabuloso era tido como a obra do grande mago hiperbóreo que lhe dava o título. Era uma coleção de mitos sombrios e ominosos, de liturgias, rituais e encantamentos tão malignos quanto esotéricos. Não sem sentir calafrios, no decorrer dos estudos que uma pessoa comum acharia mais que singular, Tregardis havia feito comparações do volume francês com o temível Necronomicon, do árabe louco Abdul Alhazred. Encontrara muitas correspondências de significância bastante sombria e aterradora, junto com vários dados proibidos que eram desconhecidos do árabe ou omitidos por ele... ou por seus tradutores.

Seria isso o que estava tentando relembrar, pensou Tregardis? — a referência breve e casual no Livro de Eibon a um cristal nebuloso que fora propriedade do mago Zon Mezzamalech, em Mhu Thulan? É claro, era tudo fantástico demais, hipotético demais, incrível demais — porém Mhu Thulan, a porção norte da antiga Hiperbórea, supostamente correspondia mais ou menos à Groenlândia moderna, que antes seria uma península do continente principal. Será que a pedra em suas mãos, por um acaso fabuloso, seria o cristal de Zon Mezzamelech?

Tregardis sorriu consigo mesmo, diante da ironia que era sequer conceber essa noção absurda. Tais coisas não aconteceriam — pelo menos não na Londres contemporânea; e de qualquer forma, muito provavelmente o Livro de Eibon não passava de fantasia supersticiosa. Mesmo assim, havia algo no cristal, que continuava a tentá-lo e persuadi-lo. Terminou por comprar o cristal, por um preço razoavelmente moderado. A soma foi declarada pelo vendedor e paga pelo comprador, sem qualquer barganha.

Com o cristal no bolso, Paul Tregardis apressou-se em voltar a seu alojamento, ao invés de continuar o passeio de lazer. Instalou o globo

leitoso em sua mesa de trabalho, onde ficou firme sobre uma de suas extremidades oblatas. E então, ainda sorrindo com o próprio absurdo, pegou o manuscrito em papel de pergaminho amarelado, o Livro de Eibon, de seu lugar numa coleção um tanto abrangente de literatura incomum. Abriu a capa de couro vermiculado, de fechos de aço manchado, e leu para si mesmo, traduzindo a partir do francês arcaico, o parágrafo que referia-se a Zon Mezzamelech: “Este mago, bastante poderoso entre os feiticeiros, encontrara uma pedra nebulosa, semelhante a um orbe, um tanto achatada nas extremidades, na qual podia contemplar muitas visões do passado terreno, e até mesmo dos começos da Terra, quando Ubbo-Sathla, a fonte incriada, repousa vasta e inchada e fermentescente em meio à geleia vaporosa... Mas daquilo que chegou a contemplar, Zon Mezzamalech deixou poucos registros; e as pessoas dizem que ele desapareceu de maneira desconhecida; e depois disso o cristal nebuloso se perdera.”

Paul Tregardis colocou o manuscrito de lado. Mais uma vez, havia algo que o tentava e seduzia, como um sonho perdido ou uma memória condenada ao esquecimento.

Impelido por uma sensação que não ponderou ou questionou, sentou-se diante da mesa e começou a fitar resolutamente as profundezas da orbe gelada e nebulosa. Sentia uma expectativa que, de alguma forma, era tão familiar, uma parte de sua consciência tão permeante, que nem chegou a dar-lhe um nome.



Minuto após minuto, ficou ali sentado, observando o reluzir e apagar alternados da misteriosa luz no âmago do cristal. Quase que imperceptivelmente, foi abatendo-se sobre ele uma sensação de dualidade onírica quanto à sua pessoa e seu ambiente. Ele ainda era Paul Tregardis — mas também era outro alguém: o aposento era o do seu apartamento em Londres — mas também uma câmara em algum lugar estrangeiro, embora bastante conhecido. E em ambos os lugares, ele fitava com resolução o mesmo cristal.

Após um ínterim, sem surpresa da parte de Tregardis, o processo de reidentificação tornou-se completo. Ele sabia que era Zon Mezzamalech, feiticeiro de Mhu Thulan, estudante de toda a sabedoria anterior à

sua própria época. Sábio em segredos terríveis não conhecidos por Paul Tregardis, que era um amador em antropologia e ciências ocultas na Londres dos dias recentes, buscou através do cristal leitoso uma maneira de conseguir conhecimentos ainda mais antigos e terríveis.

Ele havia adquirido a pedra de maneira duvidosa, vinda de fonte mais que sinistra. Era singular e incomparável, em todas as terras ou tempos. Em suas profundezas, todos os anos anteriores, todas as coisas que já haviam acontecido, supostamente eram espelhadas e revelar-se-iam ao visionário paciente. E através do cristal, Zon Mezzamalech sonhava recuperar a sabedoria dos deuses que morreram antes que a Terra houvesse nascido. Haviam passado para além do vácuo sem luz, deixando sua sabedoria inscrita em tabuletas de pedra ultraestelar; tabuletas guardadas no lodaçal primordial pelo demiurgo amorfo e idiota, Ubbo-Sathla. Apenas através do cristal conseguiria encontrar e ler as tabuletas.

Pela primeira vez, estava testando as virtudes propaladas do globo. Em volta de si, uma câmara enfeitada de marfim, cheia de livros e parafernália mágicas, estava lentamente esvaindo de sua consciência. Diante dele, numa mesa de alguma madeira negra hiperbórea, gravada com cifras grotescas, o cristal parecia inchar e aprofundar-se, e em suas profundezas translúcidas contemplou um rápido e desconexo turbilhão de cenas vagas, transitórias como as bolhas na calha de um moinho. Era como se estivesse testemunhando o mundo real, com suas cidades, florestas, montanhas, mares e prados fluindo abaixo dele, iluminando-se e escurecendo-se como se a passagem dos dias e noites fosse bizarramente acelerada no fluxo do tempo.

Zon Mezzamalech esquecera Paul Tregardis — perdera a lembrança de sua própria existência e dos arredores em Mhu Thulan. Momento a momento, a visão fluente no cristal ficava mais definida e distinta, e a própria orbe aprofundava-se até causar vertigens, como se estivesse de uma altura insegura, espreitando um abismo jamais antes sondado. Ele sabia que o tempo retrocedia no cristal, desenrolando diante dele o cortejo de todos os dias já passados; mas um estranho alarmismo o arrebatou, e temeu continuar observando. Como alguém que quase caiu de um precipício, forçou-se para fora do transe da orbe, com um arranco violento.

Mais uma vez, diante de seu olhar, o enorme mundo rodopiante que havia espreitado não passava de um pequeno e nebuloso cristal, na sua mesa rúnica em Mhu Thulan. E então, pouco a pouco, pareceu que o grande aposento de painéis esculpidos de marfim de mamute estava estreitando-se para formar outro lugar, mais escuro; e Zon Mezzamalech, perdendo sua sabedoria sobrenatural e poder feiticeiro, retornou, em uma estranha regressão, a ser Paul Tregardis.

Porém, aconteceu que não conseguiu retornar completamente. Tregardis, tonto e cogitabundo, encontrava-se diante da mesa de trabalho onde havia posto a esfera oblata. Sentiu a confusão daquele que sonha e ainda assim não despertou totalmente do sonho. O aposento o confundia de maneira vaga, como se algo estivesse errado com seu tamanho e mobília; e sua lembrança da compra do cristal das mãos de um vendedor de curiosidades misturava-se esquisita e discrepantemente com a impressão de que havia adquirido o objeto de maneira bastante diversa.

Sentia que algo muito estranho havia acontecido com ele, ao espreitar o cristal; mas exatamente o quê, não conseguia lembrar. A experiência havia deixado aquele tipo de turvação que advém de uma orgia de haxixe. Assegurou-se de que era Paul Tregardis, que vivia em tal e tal rua em Londres, que o ano era 1932; mas tais verdades e lugares-comum tinham de certa forma perdido seu significado e validade; e tudo ao seu redor parecia fantasmagórico e insubstancial. As próprias paredes pareciam evanescer como fumaça; as pessoas nas ruas eram espectros de espectros; e ele mesmo não passava de uma sombra perdida, um eco vago de algo há muito esquecido.

Resolveu não repetir o experimento de cristalomancia. Os efeitos eram demasiado desagradáveis e duvidosos. Mas no mesmo dia seguinte, seguindo um impulso irracional ao qual sucumbiu quase que mecanicamente e sem relutância, encontrou-se sentado diante do orbe nebuloso. Mais uma vez tornou-se o feiticeiro Zon Mezzamelech, em Mhu Thulan; mais uma vez sonhou para recuperar a sabedoria dos deuses pré-mundanos; mais uma vez fugiu do cristal aprofundante, com o terror daqueles que temem cair; e mais uma vez — embora de forma tênue e duvidosa — ele se tornava Paul Tregardis.



Três vezes Tregardis repetiu a experiência, em dias sucessivos; e a cada vez, sua própria pessoa e o mundo ao seu redor tornavam-se mais tênues e confusos. Suas sensações eram as de um sonhador prestes a despertar; e a própria Londres era tão irreal quanto as terras que somem diante do sonhador, desaparecendo numa bruma viscosa, numa luz nebulosa. Era como se a fantasmagoria do tempo e do espaço dissolvesse ao seu redor, revelando alguma realidade mais crível — ou outro sonho de espaço e tempo.

Veio então, por fim, o dia em que ele sentou-se diante do cristal — e não mais retornou como Paul Tregardis. Foi em dia em que Zon Mezzamalech, impetuosamente desconsiderando certos alertas malignos e portentosos, resolveu superar seu curioso medo de cair corporalmente no mundo visionário que contemplava — medo que até então o impedia de seguir muito o fluxo inverso do tempo. Ele deveria, repetia a si mesmo, conquistar esse medo, se quisesse ver e ler as tabuletas perdidas dos deuses.

Havia contemplado apenas pouco mais que alguns fragmentos dos anos de Mhu Thulan imediatamente posteriores aos anos contemporâneos de sua própria vida; e haviam ciclos inestimáveis entre esses anos e o Princípio.

Mais uma vez, diante de seu olhar, o cristal aprofundou-se imensuravelmente, mostrando cenas e acontecimentos que fluíam de maneira retrógrada. Mais uma vez as cifras mágicas da mesa escura saíram de seu campo de percepção, e as paredes feiticeiramente inscritas de sua câmara desfizeram-se como algo menos que um sonho.

Mais uma vez ficou tonto de uma enorme vertigem, ao curvar-se diante do turbilhão e sorvedouro dos terríveis abismos de tempo naquele orbe que parecia um planeta.

Sentindo medo, apesar de sua resolução, quase acabou por afastar-se; mas observara e espreitara por tempo demais. Houve uma sensação de queda abissal, uma sucção como se de ventos inelutáveis, de redemoínhos que o esmagou através de visões instáveis e efêmeras de sua própria vida passada, até chegar a anos e dimensões pré-natais. Parecia suportar a agonia da dissolução invertida; e que não era mais Zon Mezzamalech, o sábio e erudito observador do cristal, mas uma parte real do

fluxo esquisitamente rápido que corria em reverso para reatingir o Princípio.

Pareceu viver inúmeras vidas, morrer miríades de mortes, esquecendo a cada vez a morte e a vida que aconteciam antes. Lutou como guerreiro em batalhas semilendárias; foi uma criança brincando nas ruínas de alguma antiga cidade de Mhu Thulan; foi um rei que reinava quando a cidade estava em seu ápice, o profeta que prevera sua construção e seu fim. Como uma mulher, chorou pelos mortos há muito falecidos, em necrópoles há muito em ruínas; como um antigo mago, murmurou os feitiços rudimentares das primeiras feitiçarias; como sacerdote de algum deus pré-humano, empunhou a adaga sacrificial em templos-cavernas de pilares de basalto. Vida por vida, era por era, retrçou os longos e trôpegos ciclos através dos quais a Hiperbórea ascendera da selvageria para a alta civilização.

Tornou-se um bárbaro de alguma tribo troglodita, fugindo do gelo lento e torreado de uma prévia era glacial, invadindo terras iluminadas pelo fulgor rubicundo dos vulcões perpétuos. E então, após incomputáveis anos, não era mais um homem, mas uma fera similar a homem, vagando em florestas de samambaias e calamitas gigantes, ou construindo um ninho improvisado nos galhos de poderosas cicadáceas.

Através de éons de sensação anterior, de luxúria e fome básicas, de terror e loucura aborígenes, havia alguém — ou algo — que retrocedia no tempo. A morte tornou-se nascimento e o nascimento era a morte. Numa lenta visão de mudança reversa, a terra pareceu derreter, e desfez-se das colinas e montanhas de seus estratos posteriores. O sol ficava sempre maior e mais quente sobre os pântanos fumegantes, que pululavam de vida grosseira, em meio a uma vegetação mais exuberante. E a coisa que havia sido Paul Tregardis, que havia sido Zon Mezzamalech, era parte de toda essa monstruosa involução. Voou com as asas de garras de um pterodáctilo, nadou em mares tépidos com o volume vasto e comprido de um ictiossauro, urrou grosseiro com a garganta armadurada de algum behemote esquecido, urrando para a enorme lua que queimava em meio a névoas primordiais.

Com o passar do tempo, após éons de brutalidade imemorial, tornou-se um dos homens-serpente perdidos, que preparavam suas cidades de gneisse negra e lutavam suas guerras venenosas no primeiro conti-

nente do mundo. Caminhou onduladamente em ruas pré-humanas, em estranhas criptas curvas; espreitou as estrelas primevas do topo de torres altas e babélicas; ajoelhou-se nas litanias sibilantes dos grandes ídolos serpentinos. Com o passar de anos e épocas da era ofídica, ele voltou a ser uma coisa que rastejava no limo, uma coisa que não havia ainda aprendido a pensar e sonhar e construir. E veio o tempo em que não havia mais continente, mas apenas um charco vasto e caótico, um mar de limo, sem limites ou horizontes, sem costas ou elevações, fervilhando no contorcer cego dos vapores amorfos.

E então, no princípio cinzento da Terra, a massa disforme que era Ubbo-Sathla repousava por entre o limo e os vapores. Sem cabeça, sem órgãos, sem membros, expelia de suas laterais lodosas, numa onda lenta e incessante, as formas ameboides que constituíam os arquétipos da vida terrena. Era algo horrível, se fosse possível apreender o horror; algo repugnante, se houvesse alguém ali capaz de sentir repugnância. Perto dele, largadas ou lançadas na lama, estavam as poderosas tábulas de pedra minerada nas estrelas, onde estava escrita a inconcebível sabedoria dos deuses pré-mundanos.

E para ali, para o objetivo de uma busca esquecida, foi atraída a coisa que havia sido — ou que algum dia haveria de tornar-se Paul Tregardis e Zon Mezzamalech.

Transformado numa salamandra amorfa do começo dos tempos, a coisa rastejava preguiçosa e indiferente sobre as decaídas tábulas dos deuses, e lutava e devorava cegamente outras crias de Ubbo-Sathla.



Quanto a Zon Mezzamalech e seu desaparecimento, não há menção em parte alguma, exceto naquele breve trecho do Livro de Eibon. Quanto a Paul Tregardis, que também desaparecera, houve uma breve notícia em vários dos jornais londrinos. Ninguém parecia saber nada sobre o caso: ele desaparecera como se jamais houvesse existido; e o cristal, presume-se, também desaparecera. Ou pelo menos, ninguém o encontrou.



There are More Things

Jorge Luis Borges

∴

There are more things (1975)

El Libro de Arena (1975)

“There are more things” fala do encontro do narrador com uma entidade monstruosa que habita uma casa igualmente monstruosa. A narrativa figura muitos paralelos com os textos de Lovecraft, já que emprega dispositivos de enredo similares. Já o título, alude às linhas de Hamlet: “There are more things in heaven and earth, Horatio, Than are dreamt of in your philosophy”^[1]. Jorge Luis Borges que, em suas palavras, sempre julgou Lovecraft como um parodista involuntário de Poe, acabou por ceder à admiração, o que se traduziu na perpetração deste “póstumo conto de Lovecraft” dedicado à memória de HPL.



à memória de Howard P. Lovecraft

Às vésperas de prestar o último exame na Universidade do Texas, em Austin, soube que meu tio Edwin Arnett morrera de um aneurisma, nos

confins remotos do continente. Senti o que sentimos quando alguém morre: a angústia, já inútil, de que nada nos teria custado ter sido melhores. O homem se esquece de que é um morto que conversa com mortos. A matéria que eu cursava era filosofia; lembrei que meu tio, sem invocar um único nome próprio, tinha me revelado suas belas perplexidades, lá na Casa Colorada, perto de Lomas. Uma das laranjas da sobre-mesa foi seu instrumento para me iniciar no idealismo de Berkeley; o tabuleiro de xadrez bastou-lhe para os paradoxos eleáticos. Anos mais tarde me emprestaria os tratados de Hinton, que busca demonstrar a realidade de uma quarta dimensão do espaço, a qual o leitor consegue intuir mediante complicados exercícios com cubos coloridos. Não me esquecerei dos prismas e pirâmides que construímos no piso do escritório.

Meu tio era engenheiro. Antes de se aposentar de seu cargo na Ferrovia, decidiu se estabelecer em Turdera, que lhe oferecia as vantagens de uma solidão quase agreste e da proximidade de Buenos Aires. Nada mais previsível que o arquiteto escolhido fosse seu amigo íntimo Alexander Muir. Esse homem rígido professava a rígida doutrina de Knox; meu tio, à maneira de quase todos os senhores de sua época, era livre-pensador, ou melhor, agnóstico, mas lhe interessava a teologia, assim como lhe interessavam os cubos enganosos de Hinton ou os pesadelos bem tramados do jovem Wells. Gostava de cães; tinha um grande ovelheiro que apelidara de Samuel Johnson em memória de Lichfield, sua distante cidade natal.

A Casa Colorada ficava num alto, cercada na direção do poente por terrenos alagadiços. Do outro lado da grade, as araucárias não atenuavam seu ar pesado. Em lugar de terraços havia telhados de ardósia de duas águas e uma torre quadrada com um relógio, que pareciam oprimir as paredes e as poucas janelas. Quando menino, eu aceitava aquelas feiuras como se aceitam essas coisas incompatíveis que só pela razão de coexistirem levam o nome de universo.

Regressei à pátria em 1921. Para evitar litígios, tinham leiloado a casa; adquiriu-a um forasteiro, Max Preetorius, que pagou o dobro da soma oferecida pelo melhor licitador. Assinada a escritura, ele chegou ao entardecer com dois ajudantes e atiraram numa vala, não longe do Camino de las Tropas, todos os móveis, todos os livros e todos os utensílios da casa. (Recordei com tristeza os diagramas dos volumes de Hin-

ton e a grande esfera terráquea.) No outro dia, foi conversar com Muir e lhe propôs certas reformas, que este recusou com indignação. Posteriormente, uma empresa da capital encarregou-se da obra. Os marceneiros da localidade negaram-se a mobiliar de novo a casa; um tal Mariani, de Glew, aceitou afinal as condições que lhe impôs Preetorius. Durante uma quinzena, teve de trabalhar de noite, a portas fechadas. Foi também à noite que se instalou na Casa Colorada o novo habitante. As janelas já não ficavam abertas, mas no escuro se divisavam frestas de luz. Uma manhã o leiteiro deu com o ovelheiro morto na calçada, decapitado e mutilado. No inverno cortaram as araucárias. Ninguém voltou a ver Preetorius, que, segundo parece, não tardou a deixar o país.

Tais notícias, como é de supor, inquietaram-me. Sei que meu traço mais notório é a curiosidade que me levou certa vez à união com uma mulher completamente alheia a mim, só para saber quem era e como era, a praticar (sem resultado apreciável) o uso do láudano, a explorar os números transfinitos e a empreender a atroz aventura que vou relatar. Fatalmente decidi investigar o assunto.

Minha primeira medida foi ver Alexander Muir. Lembrava-me dele empertigado e moreno, de uma magreza que não excluía a força; agora os anos o tinham encurvado e a barba retinta ficara grisalha. Recebeu-me em sua casa de Temperley, que previsivelmente parecia com a de meu tio, já que ambas correspondiam às sólidas normas do bom poeta e mau construtor William Morris.

O diálogo foi parco; não em vão o símbolo da Escócia é o cardo. Intuí, no entanto, que o chá forte do Ceilão e a equitativa travessa de *scones* (que meu hospedeiro partia e amanteigava como se eu fosse ainda um menino) eram, realmente, um frugal festim calvinista, dedicado ao sobrinho do amigo dele. Suas controvérsias teológicas com meu tio foram um longo xadrez, que exigia de cada jogador a colaboração do adversário.

Passava o tempo e eu não me aproximava de meu tema. Houve um silêncio incômodo e Muir falou.

— Meu jovem (*Young man*) — disse —, você não se deu o trabalho de vir até aqui para falarmos de Edwin ou dos Estados Unidos, país que pouco me interessa. O que lhe tira o sono é a venda da Casa Colorada e

aquele curioso comprador. A mim, também. Francamente, a história me desagradava, mas lhe direi o que puder. Não será muito.

Daí a pouco, prosseguiu sem pressa:

— Antes de Edwin morrer, o intendente me chamou ao escritório dele. Estava com o padre da paróquia. Propuseram-me que traçasse os planos para uma capela católica. Remunerariam bem meu trabalho. Respondi-lhes imediatamente que não. Sou um servidor do Senhor e não posso cometer a abominação de construir altares para ídolos.

Aqui se deteve.

— Isso é tudo? — atrevi-me a perguntar.

— Não. Aquele judeu do Preetorius queria que eu destruísse minha obra e que em seu lugar fabricasse uma coisa monstruosa. A abominação tem muitas formas.

Pronunciou essas palavras com gravidade e se pôs de pé.



Quando dobrei a esquina, Daniel Iberra aproximou-se de mim. Conhecíamos-nos como as pessoas se conhecem nos povoados. Propôs que voltássemos caminhando. Nunca me interessaram os bandidos e previ uma feira de causos de armazém mais ou menos apócrifos e brutais, mas me resignei e aceitei. Era quase de noite. Ao divisar de umas quadras a Casa Colorada no alto, Iberra se desviou. Perguntei-lhe por quê. Sua resposta não foi a que eu esperava.

— Sou o braço direito de dom Felipe. Nunca ninguém me chamou de frouxo. Você se lembrará daquele moço, Urgoiti, que se deu o trabalho de vir de Merlo para me provocar e do que aconteceu com ele. Olhe: noites atrás, eu vinha de uma farra; a uns cem metros da chácara, vi alguma coisa. O tobiano se espantou e, se eu não o segurasse, fazendo-o seguir pelo beco, talvez não contasse esta história. O que vi não era para menos.

Muito zangado, acrescentou um palavrão.

Aquela noite não dormi. Por volta do amanhecer, sonhei com uma gravura à maneira de Piranesi, que eu nunca vira, ou vi e esqueci, e que representava um labirinto. Era um anfiteatro de pedra, cercado de ciprestes e mais alto que a copa dos ciprestes. Não havia nem portas nem janelas, mas uma fileira infinita de frestas verticais e estreitas. Com uma

lente de aumento eu procurava ver o Minotauro. Afinal o percebi. Era o monstro de um monstro; tinha menos de touro que de bisão e, estendido na terra o corpo humano, parecia dormir e sonhar. Sonhar com quê, ou com quem?

Aquela tarde passei em frente à casa. O portão da grade estava fechado e umas barras retorcidas. O que antes fora jardim era mato. À direita havia uma sanga de pouca fundura e as bordas estavam pisoteadas.

Restava-me uma jogada, que fui retardando durante dias, não só para senti-la de todo inútil, mas porque me arrastaria à inevitável, à última.

Sem maiores esperanças, fui até Glew. Mariani, o marceneiro, era um italiano obeso e rosado, já idoso, extremamente vulgar e cordial. Bastou-me vê-lo para descartar os estratagemas que eu urdira na véspera. Entreguei-lhe meu cartão, que soletrou pomposamente em voz alta, com algum tropeço reverente ao chegar a *doutor*. Disse-lhe que me interessava a mobília fabricada por ele para a propriedade que fora de meu tio, em Turdera. O homem falou e falou. Não vou tentar transcrever suas muitas palavras e a gesticulação, mas me declarou que seu lema era satisfazer todas as exigências do cliente, por mais estafalárias que fossem, e que ele executara o trabalho ao pé da letra. Depois de remexer em várias gavetas, mostrou-me alguns papéis que não entendi, assinados pelo esquivo Preetorius. (Sem dúvida me tomou por um advogado.) Ao nos despedirmos, confiou-me que nem por todo o ouro do mundo voltaria a pôr os pés em Turdera e muito menos na casa. Acrescentou que o cliente é sagrado, mas que, em sua humilde opinião, o senhor Preetorius estava louco. Em seguida se calou, arrependido. Nada mais consegui arrancar dele.

Eu previra aquele fracasso, mas uma coisa é prever algo, e outra, que venha a acontecer.

Disse a mim mesmo repetidas vezes que não existe outro enigma senão o tempo, essa infinita urdidura do ontem, do hoje, do futuro, do sempre e do nunca. Essas profundas reflexões acabaram sendo inúteis; depois de dedicar a tarde ao estudo de Schopenhauer ou de Royce, eu rondava, noite após noite, pelos caminhos de terra que cercam a Casa Colorada. Algumas vezes divisei em cima uma luz muito branca; outras acreditei ouvir um gemido. Assim, até 19 de janeiro.

Foi um daqueles dias de Buenos Aires em que o homem se sente não só maltratado e ultrajado pelo verão, mas até envilecido. Seriam onze da noite quando despençou o temporal. Primeiro o vento sul e depois a água em torrentes. Vaguei procurando uma árvore. À brusca luz de um relâmpago me vi a alguns passos da grade. Não sei se com temor ou com esperança experimentei o portão. Inesperadamente, cedeu. Avancei empurrado pelo aguaceiro. O céu e a terra ameaçavam-me. Também a porta da casa estava meio aberta. Uma rajada de chuva açoitou meu rosto e entrei.

Dentro haviam tirado as lajotas e pisei num capim desgrenhado. Um cheiro doce e nauseabundo penetrava na casa. À esquerda ou à direita, não sei muito bem, tropecei numa rampa de pedra. Subi apressadamente. Quase sem refletir, fiz girar a chave da luz.

A sala de jantar e a biblioteca de minhas lembranças eram agora, derubada a parede divisória, um único grande cômodo desguarnecido, com um ou outro móvel. Não tentarei descrevê-las, porque não estou seguro de tê-las visto, apesar da impiedosa luz branca. Vou me explicar. Para ver uma coisa, é preciso compreendê-la. A poltrona pressupõe o corpo humano, suas articulações e partes; as tesouras, o ato de cortar. Que dizer de uma lâmpada ou de um veículo? O selvagem não pode perceber a Bíblia do missionário; o passageiro não vê o mesmo cordame que os homens de bordo. Se víssemos realmente o universo, talvez o entendêssemos.

Nenhuma das formas insensatas que aquela noite me deparou correspondia à figura humana ou a algum uso concebível. Senti repulsa e terror. Num dos cantos descobri uma escada vertical, que dava para outro andar. Entre os largos lanços de ferro, que não passariam de dez, havia vãos irregulares. Aquela escada, que postulava mãos e pés, era compreensível e de algum modo me aliviou. Apaguei a luz e aguardei algum tempo no escuro. Não ouvi o menor som, mas a presença das coisas incompreensíveis perturbava-me. Afinal me decidi.

Já em cima minha mão temerosa fez girar pela segunda vez a chave da luz. O pesadelo que o andar inferior prefigurava, debatia-se e desabrochava no último. Havia muitos objetos ou alguns poucos objetos entrelaçados. Recupero agora uma espécie de longa mesa operatória, muito alta, em forma de U, com cavidades circulares nas extremidades. Pen-

sei que podia ser o leito do habitante, cuja monstruosa anatomia se revelava assim, obliquamente, como a de um animal ou um deus, por sua sombra. De alguma página de Lucano, lida havia anos e esquecida, veio à minha boca a palavra *anfisbena*, que sugeria mas por certo não esgotava o que depois meus olhos veriam. Também me lembro de um V de espelhos que se perdia na treva superior.

Como seria o habitante? Que podia buscar neste planeta, não menos atroz para ele do que ele para nós? De que secretas regiões da astronomia ou do tempo, de que antigo e agora incalculável crepúsculo, teria chegado a este arrabalde sul-americano e a esta precisa noite?

Senti-me um intruso no caos. Fora, a chuva tinha cessado. Olhei o relógio e vi com assombro que eram quase duas. Deixei a luz acesa e empreendi cautelosamente a descida. Descer por onde havia subido não era impossível. Descer antes que o habitante voltasse. Conjecturei que não fechara as duas portas porque não soubera fazê-lo.

Meus pés tocavam o penúltimo lanço da escada quando algo ascendia pela rampa, opressivo e lento e plural. A curiosidade pôde mais que o medo, e não fechei os olhos.



A Coisa no Telhado

Robert E. Howard

∴

The Thing on the Roof (1932)

Weird Tales (fev. 1932)

Com referências ao “Livro Negro” e ao “Necronomicon” vemos aqui um personagem obcecado por assuntos misteriosos e mórbidos e que realiza uma viagem ao Yucatan em busca de certos segredos. Mas ao retirar de lá uma joia... sem querer ele libertou um dos tais seres hediondos de seu selo. As consequências são terrificantes...



*Eles se movem pesadamente pela noite,
Com seus passos elefantinos;
Eu estremeço de medo,
Enquanto me encolho em minha cama.
Eles erguem asas colossais
Nos altos telhados de duas águas,
Os quais tremem sob as pisadas
De suas patas mastodônticas.*

*—Fora da Terra Antiga,
Justin Geoffrey*

Deixem-me começar dizendo que fiquei surpreso quando Tussmann me visitou. Nunca fomos amigos próximos; os instintos mercenários do homem me desagradavam; e, desde nossa amarga discussão de três anos antes, quando ele tentou desacreditar meu *Evidências da Cultura Naua em Iucatã*, o qual fora o resultado de anos de cuidadosa pesquisa, nossa relação tem sido tudo, menos cordial. Entretanto, eu o recebi e achei seus modos ásperos e abruptos, mas um tanto distraídos, como se sua antipatia por mim tivesse sido posta de lado por alguma paixão arrebatadora que tomara conta dele.

Seu recado foi rapidamente exposto. Ele queria minha ajuda para obter um volume da primeira edição de *Cultos Inomináveis*, de Von Junzt — a edição conhecida como O Livro Negro, não por sua cor, mas por causa de seu conteúdo obscuro. Ele quase poderia também ter me perguntado pela tradução grega original do Necromicon. Embora, desde meu retorno de Iucatã, eu tenha devotado praticamente todo o meu tempo com o passatempo de colecionar livros, eu nunca havia me depa-
rado com qualquer insinuação de que o livro na edição de Dusseldorf ainda existisse.

Uma palavra no tocante a este raro trabalho: sua extrema ambiguidade em lugares, juntamente com seu assunto incrivelmente exposto, fez com que, por um longo tempo, fosse considerado como os delírios de um louco e o autor foi condenado com o estigma da insanidade. Mas permanece o fato de que muitas das suas afirmações eram irrefutáveis, e que ele passou todos os 45 anos de sua vida espionando lugares estranhos e descobrindo coisas secretas e abismais. Não foram impressos

muitos volumes na primeira edição, e muitos destes foram queimados por seus assustados donos, quando Von Junzt foi encontrado estrangulado de forma misteriosa, em sua câmara trancada numa noite em 1840, seis meses após ele ter retornado de uma jornada misteriosa até a Mongólia.

Cinco anos depois, um tipógrafo de Londres chamado Bridewall pirateou o trabalho, e lançou uma tradução ordinária com intenções sensacionalistas, cheia de xilogravuras grotescas e crivada de erros de escrita, traduções mal feitas e os erros usuais de uma impressão barata e não-erudita. Isto desacreditou ainda mais o trabalho original, e editoras e público esqueceram o livro até 1909, quando a Golden Goblin Press de Nova Iorque publicou uma edição.

A produção deles foi tão cuidadosamente corrigida, que um quarto do assunto original foi cortado fora; o livro foi belamente encadernado e decorado com as requintadas e bizarramente imaginativas de Diego Vasquez. Aquela edição visava o consumo popular, mas o instinto artístico dos editores frustrou essa intenção, vez que o custo para publicar o livro era tão grande, que foram forçados a citá-lo a um preço proibitório.

Eu estava explicando tudo isto para Tussmann, quando ele interrompeu bruscamente para dizer que não era totalmente ignorante em tais assuntos. Um dos livros da Golden Goblin ornamentava sua livraria, ele disse, e foi lá que ele achou determinada linha, a qual lhe despertou o interesse. Se eu pudesse procurar para ele uma cópia da edição original de 1839, ele honraria meu tempo; sabendo, ele acrescentou, que seria inútil me oferecer dinheiro, ele, ao invés disso, em retribuição, faria uma total retratação de suas acusações com relação às minhas pesquisas em Iucatã, e apresentaria um completo pedido de desculpas em *The Scientific News*.

Admito que fiquei estupefato diante disto, e percebi que, se o assunto significava tanto para Tussmann a ponto dele fazer tais concessões, deveria ser mesmo de máxima importância. Eu o respondi que havia refutado suficientemente suas acusações aos olhos do mundo, e não tinha desejo de colocá-lo numa posição humilhante; mas, que eu faria os maiores esforços para procurar o que ele queria.

Ele me agradeceu abruptamente e se despediu, dizendo um tanto vagamente que esperava encontrar uma exposição completa de algo no Livro Negro, que fora evidentemente menosprezado na edição anterior. Eu me pus a trabalhar, escrevendo cartas aos meus amigos, colegas e comerciantes de livros do mundo todo, e logo descobri que eu havia assumido uma tarefa de magnitude nada pequena. Três meses se passaram, antes que meus esforços fossem coroados com sucesso, mas, finalmente, através da ajuda do Professor James Clement, de Richmond, Virginia, fui capaz de obter o que eu desejava.

Notifiquei Tussmann, e ele veio a Londres no trem mais próximo. Seus olhos ardiam avidamente enquanto ele mirava o volume grosso e poeirento, com suas pesadas capas de couro e oxidadas trancas de ferro, e seus dedos tremiam de ânsia enquanto ele manuseava as páginas amareladas pelo tempo.

E, quando gritou ferozmente e bateu seu punho fechado sobre a mesa, percebi que ele havia achado o que procurava.

— Ouça! — ele ordenou, e leu para mim uma passagem que falava de um templo muito antigo, numa selva de Honduras, onde um estranho deus era adorado por uma tribo antiga, a qual havia sido extinta antes da chegada dos espanhóis. E Tussmann leu em voz alta sobre a múmia que havia sido, em vida, o último sumo sacerdote daquele povo desaparecido e que agora jazia numa câmara entalhada na rocha sólida do penhasco, contra o qual o templo estava construído. Ao redor do pescoço definhado daquela múmia, havia uma corrente de cobre e, naquela corrente, uma grande joia vermelha entalhada na forma de um sapo. Esta joia era uma chave, Von Junzt prosseguiu, para o tesouro do templo, o qual ficava escondido numa cripta subterrânea, bem abaixo do altar do templo.

Os olhos de Tussmann arderam:

— Eu já vi esse templo! Já estive diante do altar. Já vi a entrada selada da câmara na qual, dizem os nativos, jaz a múmia do sacerdote. É um templo bastante curioso, que não se parece com as ruínas dos índios pré-históricos mais do que estas com as construções dos latino-americanos modernos. Os índios daqueles arredores renegam qualquer conexão com o local. Dizem que o povo que construiu aquele templo era de uma raça diferente da deles, e estava lá quando seus próprios ancestrais aden-

traram aquela região. Creio que sejam remanescentes de alguma civilização há muito desaparecida, a qual começou a decair milhares de anos antes dos espanhóis chegarem.

“Eu gostaria de ter adentrado a câmara trancada, mas não tive tempo nem ferramentas para aquela tarefa. Eu estava correndo para a costa, ferido por um tiro acidental no pé, e me deparei com o local puramente por acaso.

“Eu havia planejado vê-la novamente, mas as circunstâncias me impediram — agora, não pretendo deixar nada em meu caminho! Por acaso, eu me deparei com uma passagem da edição *Golden Goblin* deste livro, descrevendo o templo. Mas aquilo era tudo: a múmia foi mencionada apenas brevemente. Interessado, obtive uma das traduções de Bridewall, mas me deparei com um obstáculo de disparates frustrantes. Por algum infortúnio irritante, o tradutor havia até errado a localização do Templo do Sapo, como Von Junzt o chama, e o colocou na Guatemala ao invés de Honduras. A descrição geral é imperfeita, e a joia é mencionada junto com o fato de que ela é uma ‘chave’. Mas uma chave para que, o livro de Bridewall não relata. Agora percebi que estava no rastro de uma verdadeira descoberta, a não ser que Von Junzt fosse, como muitos afirmam, um louco. Mas que o homem esteve realmente em Honduras uma vez, está bem provado, e ninguém poderia descrever tão nitidamente o templo — como ele faz no *Livro Negro* —, a não que o tenha pessoalmente. Como ele tomou conhecimento da joia, eu não sei. Os índios que me falaram da múmia nada disseram sobre qualquer joia. Só posso dizer que Von Junzt, de alguma forma, encontrou seu caminho para dentro da cripta — aquele homem tinha meios misteriosos de aprender coisas ocultas.

“Até onde sei, apenas outro homem branco já viu o Templo do Sapo, além de Von Junzt e eu mesmo: o viajante espanhol Juan Gonzáles, que fez uma exploração parcial daquela região em 1793. Ele mencionou brevemente um curioso templo, o qual diferia de muitas ruínas indígenas, e falou ceticamente sobre uma lenda comum entre os nativos, segundo a qual havia ‘algo incomum’ escondido sob o templo. Estou certo de que ele estava se referindo ao Templo do Sapo.

“Amanhã viajarei para a América Central. Fique com o livro; não preciso mais dele. Neste momento, estou me preparando e pretendo en-

contrar o que está oculto naquele templo, mesmo que eu tenha de demolir-lo. Deve ser nada menos que um grande depósito de ouro! Os espanhóis, de alguma forma, não o acharam. Quando chegaram à América Central, o Templo do Sapo estava abandonado; eles estavam procurando por índios vivos, de cujas torturas pudessem extorquir ouro, e não por múmias de povos perdidos. Mas pretendo ter aquele tesouro”.

E assim dizendo, Tussmann saiu. Sentei-me e abri o livro, no lugar onde ele havia parado de ler, e fiquei até a meia-noite, envolvido nos comentários curiosos, desvairados e às vezes totalmente cegos de Von Junzt. E encontrei, relativas ao Templo do Sapo, certas coisas que me inquietaram tanto, que na manhã seguinte tentei entrar em contato com Tussmann, somente para descobrir que ele já havia navegado.

Vários meses se passaram, e então recebi uma carta de Tussmann, pedindo-me para ir e passar alguns dias com ele em sua propriedade, em Sussex; ele também me pediu para trazer o Livro Negro comigo.

Cheguei até a propriedade um tanto afastada de Tussmann, logo após o cair da noite. Ele vivia em situação quase feudal, sua grande casa incrementada por hera e gramados vastos cercados por muros altos de pedra. Quando subi o caminho cercado do portão até a casa, notei que o local não havia sido bem cuidado na ausência do dono. Ervas daninhas cresciam em abundância entre as árvores, quase obstruindo o capim. Entre algumas moitas não-cuidadas sobre o muro externo, ouvi o que parecia ser um cavalo ou um boi andando às cegas e pesadamente ao redor. Ouvi distintamente o tinir de seu casco sobre uma pedra.

Um servo, que me olhava com suspeita, me recebeu e encontrei Tussmann andando de um lado a outro, como um leão enjaulado. Sua estrutura gigante estava mais magra e dura que da última vez em que eu o vira; seu rosto estava bronzeado por um sol tropical. Havia mais linhas — e mais ásperas — em seu rosto forte, e seus olhos ardiam mais intensamente do que nunca. Uma ira latente e frustrada parecia lhe inspirar os modos.

— Pois bem, Tussmann — eu o saudei —; o que houve? Encontrou o ouro?

— Não achei sequer uma onça de ouro. — ele resmungou — Era tudo um embuste... bem, nem tudo. Adentrei a câmara trancada e encontrei a múmia...

— E a joia? — exclamei.

Ele puxou algo de seu bolso e me entregou.

Olhei curioso para a coisa que eu segurava. Era uma grande joia, clara e transparente como cristal, mas de um vermelho sinistro, esculpida, como Von Junzt havia declarado, na forma de um sapo. Estremeci involuntariamente; a imagem era particularmente repulsiva. Voltei minha atenção para a pesada e curiosamente lavrada corrente de cobre que a segurava.

— O que são estes caracteres entalhados na corrente? — perguntei curioso.

— Não sei dizer. — Tussmann respondeu — Tenho ideias que talvez você conheça. Achei uma leve semelhança entre eles e certos hieróglifos, parcialmente desfigurados, num monólito conhecido como A Pedra Negra, nas montanhas da Hungria. Fui incapaz de decifrá-los.

— Fale-me de sua viagem — insisti e, sobre nosso uísque com soda, ele começou, como se em estranha relutância:

— Encontrei novamente o templo, sem grande dificuldade, apesar dele ficar numa região solitária e pouco frequentada. O templo é construído contra um penhasco perpendicular de pedra, num vale abandonado, desconhecido em mapas e por exploradores. Não tentarei fazer estimativa de sua antiguidade, mas é feito de algum tipo de basalto incomumente duro, como nunca vi em qualquer outro lugar, e seu extremo desgaste sugere uma idade incrível.

“A maioria das colunas que formam sua fachada estão em ruínas, empurrando para o alto tocos despedaçados desde bases desgastadas, como os dentes dispersos e quebrados de alguma bruxa sorridente. As paredes externas estão em ruínas, mas as paredes internas e colunas que sustentam o teto continuam intactas, e parecem boas para mais mil anos, assim como as paredes da câmara interna.

“A câmara principal é uma coisa vasta e circular, composta por grandes quadrados de pedra. O altar fica no centro — meramente um enorme bloco redondo, e curiosamente entalhado, do mesmo material. Logo atrás do altar, no rochoso penhasco sólido que forma a parede de trás da câmara, está a câmara lacrada e esculpida, na qual jaz a múmia do último sacerdote do templo.

“Adentrei a cripta com pouca dificuldade, e achei a múmia exatamente como é narrado no Livro Negro. Embora estivesse num estado notável de conservação, fui incapaz de classificá-la. As feições murchas e o contorno geral do crânio sugeriam certos povos degradados e mestiços do Baixo Egito, e tenho certeza de que o sacerdote era membro de uma raça mais parecida com a caucasiana que com a indígena. Além disso, não consigo fazer nenhuma declaração categórica.

“Mas a joia estava lá, a corrente amarrada ao redor do pescoço ressequido”.

A partir deste ponto, a narrativa de Tussmann ficou tão vaga, que tive certa dificuldade em acompanhá-lo, e me perguntei se o sol tropical havia afetado sua mente. Ele havia aberto uma porta oculta no altar, de alguma forma, com a joia — como, ele francamente não disse, e me ocorreu que ele próprio não entendia claramente a ação da joia-chave. Mas a abertura da porta secreta havia tido um efeito negativo sobre os mais audaciosos velhacos em suas ocupações. Eles se recusaram categoricamente a segui-lo através daquela abertura negra, a qual aparecera tão misteriosamente quando a gema tocou o altar.

Tussmann entrou sozinho com sua pistola e lanterna, encontrando uma estreita escada de pedra que serpenteava para baixo, aparentemente dentro das entranhas da terra. Ele a desceu, e logo adentrou um corredor largo, em cuja escuridão seu fino raio de luz foi quase engolido. Enquanto contava isto, ele falava, com estranho aborrecimento, de um sapo que saltava à sua frente, logo além do círculo de luz, toda vez em que ele estava sob o chão.

Avançando ao longo de túneis úmidos e escadarias, que eram poços de sólida escuridão, ele finalmente chegou a uma porta compacta e fantasticamente esculpida, a qual ele sentiu que deveria ser a cripta na qual estava guardado o ouro dos antigos adoradores. Ele pressionou a joia-sapo contra ela várias vezes, e finalmente a porta se escancarou.

— E o tesouro? — interrompi ansioso.

Ele riu em selvagem autozombaria:

— Não havia ouro ali, nem pedras preciosas... nada... — ele hesitou — Nada que eu pudesse levar.

Mais uma vez, a história dele caiu na imprecisão. Concluí que ele havia deixado o templo um tanto depressa, sem procurar mais pelo supos-

to tesouro. Ele pretendia trazer a múmia consigo, disse, para apresentar a algum museu; mas, quando ele saiu das covas, ela não pôde ser achada e ele acreditou que seus homens, em aversão supersticiosa de ter tal companhia em seu caminho até a costa, a tivessem lançado dentro de algum poço ou caverna.

— E assim — ele concluiu —, estou de novo na Inglaterra, nem um pouco mais rico do que quando parti.

— Você tem a joia. — eu o lembrei — Certamente, ela é valiosa.

Ele a olhou sem estima, mas com uma espécie de avidez quase obsessiva.

— Você diria que é um rubi? — ele perguntou.

Sacudi minha cabeça:

— Sou incapaz de classificá-la.

— Eu também. Mas me deixe ver o livro.

Ele virou lentamente as páginas pesadas, seus lábios se movendo enquanto lia. Às vezes, ele sacudia a cabeça, como se perplexo, e eu notei que ele demorava muito sobre determinada linha.

— Este homem mergulhou muito fundo em coisas proibidas. — ele disse — Não me admira que seu destino tenha sido tão estranho e misterioso. Ele deve ter tido algum pressentimento de seu fim... aqui, ele avisa os homens para não perturbarem coisas adormecidas.

Tusmann parecia perdido em seus pensamentos por alguns momentos.

— Sim, coisas adormecidas — ele murmurou — que parecem mortas, mas ficam apenas esperando por algum idiota cego que as desperte... eu deveria ter lido mais o Livro Negro... e deveria ter fechado a porta, quando deixei a cripta... mas eu tenho a chave, e vou guardá-la apesar do Inferno.

Ele despertou de seus devaneios e estava prestes a falar, quando parou bruscamente. De algum lugar do andar superior, havia vindo um som estranho.

— O que foi isso? — ele me olhou ferozmente. Balancei minha cabeça, e ele correu até a porta e gritou por um empregado. O homem entrou alguns momentos depois, e estava bastante pálido.

— Você estava no andar superior? — resmungou Tusmann.

— Sim, senhor.

— Você ouviu algo? — perguntou Tussmann asperamente, e de uma maneira quase ameaçadora e acusadora.

— Ouvi, senhor. — o homem respondeu com um olhar perplexo no rosto.

— O que você ouviu? — A pergunta foi totalmente rosnada.

— Bem, senhor — o homem sorriu para se desculpar —; você diria que estou errado, eu temo, mas, para lhe dizer a verdade, senhor, aquilo soou como um cavalo dando voltas sobre o teto!

Um brilho de absoluta loucura apareceu subitamente nos olhos de Tussmann.

— Seu idiota! — ele gritou — Saia daqui!

O homem recuou espantado, e Tussmann ergueu a brilhante joia esculpida em forma de sapo.

— Fui um tolo! — ele rugiu — Não li o suficiente... e eu deveria ter fechado a porta... mas, pelo céu, a chave é minha e eu a guardarei, independente de homem ou demônio.

E, com estas estranhas palavras, ele girou e correu para o andar superior. Um momento depois, sua porta bateu com um estrondo e um empregado, batendo timidamente, recebeu apenas uma ordem blasfematória para se retirar e uma ameaça medonha de tiros em qualquer um que tentasse entrar na sala.

Se não fosse tão tarde, eu teria abandonado a casa, pois eu tinha certeza de que Tussmann estava completamente louco. Apesar disso, eu me retirei para o quarto que um empregado assustado me mostrou, mas não fui para a cama. Abri as páginas do Livro Negro, no lugar onde Tussmann havia lido.

Isso era evidente, a menos que o homem fosse totalmente insano: ele havia se deparado com algo inesperado no Templo do Sapo. Algo não-natural a respeito da abertura da porta do altar havia assustado seus homens, e na cripta subterrânea, Tussmann havia encontrado *algo* que ele não havia imaginado encontrar. E acreditei que ele houvesse sido seguido desde a América Central, e que o motivo para sua perseguição fosse a joia chamada A Chave.

Procurando por alguma pista no volume de Von Junzt, li novamente sobre o Templo do Sapo, sobre o estranho povo que prestava culto lá, e

sobre o monstro enorme, risonho, com tentáculos e cascos, ao qual cultuavam.

Tussmann dissera não ter lido o bastante, quando vira o livro pela primeira vez. Procurando a resposta para sua frase enigmática, cheguei à linha que ele lera atentamente — marcada pela unha de seu polegar. Parecia-me ser mais outra das muitas ambiguidades de Von Junzt, pois ela meramente afirmava que o deus de um templo era o tesouro de um templo. Então, a implicação obscura da insinuação me veio à mente e o suor frio me brotou na testa.

A Chave para o Tesouro! E o tesouro do templo era o deus do templo! E Coisas adormecidas podem acordar na abertura da porta de sua prisão! Ergui-me de um pulo, enervado pela intolerável sugestão, e, naquele momento, algo fez estrondo no silêncio e o grito de morte de um ser humano irrompeu em meus ouvidos.

Num instante, eu estava fora do quarto e, enquanto eu subia apressadamente as escadas, ouvi sons que me fizeram duvidar da minha sanidade desde então. Parei diante da porta de Tussmann, tentando, com a mão trêmula, girar a maçaneta. A porta estava trancada e, enquanto hesitava, ouvi de lá de dentro uma hedionda risada alta, e em seguida o nojento som esmagador, como se um grande volume gelatinoso estivesse sendo forçado através da janela. O som parou, e eu poderia jurar ter ouvido um fraco zunir de asas gigantescas. Logo, o silêncio.

Concentrando meus nervos abalados, arrombei a porta. Um fedor repugnante e dominador se encapelava para o alto, como uma bruma amarela. Arfando de náusea, eu entrei. A sala estava em ruínas, mas nada havia desaparecido, exceto aquela joia escarlate, esculpida em forma de sapo, à qual Tussmann chamava de A Chave, e que nunca foi achada. Um limo repugnante e execrável lambuzava o parapeito da janela; e, no centro da sala, jazia Tussmann, sua cabeça esmagada e achatada; e, naquela ruína vermelha de crânio e rosto, a marca evidente de um enorme casco.



O Retorno de Hastur

August Derleth

∴

The Return of Hastur (1939)

Weird Tales (mar. 1939)

Nesta história, Derleth liga completamente Hastur aos Mitos de Cthulhu como um Grande Antigo e introduz a controversa Teoria Elementar dos Antigos. A história pressupõe que os escritos de H.P. Lovecraft e de Robert W. Chambers existem no mundo em que a história se passa. Implica uma conexão entre Hastur e Shub-Niggurath. A história se passa em Arkham.



Na verdade, começou há muito tempo: há quanto tempo, não ousaria dizer, mas no que diz respeito à minha conexão com o caso que arruinou minha carreira e trouxe dúvidas aos médicos quanto à minha sanidade, começou com a morte de Amos Tuttle. Foi numa noite de fins de inverno, com o vento sul soprando a vinda da primavera. Estava eu na antiga Arkham, assombrada pelas lendas, naquele dia; ele soube da minha presença pelo dr. Ephraim Sprague, que o atendia, e fez com que o médico chamasse a Lewiston House e trouxesse-me àquela propriedade

lúgubre na Estrada Aylesbury, próxima a Innsmouth Turnpike. Não seria um lugar onde eu gostaria de estar, mas o velho pagava-me o suficiente para que eu tolerasse seu jeito tristonho e sua excentricidade, e Sprague havia deixado claro que ele estava moribundo: suas horas estavam contadas.

E de fato era o caso. O velho mal teve forças para fazer com que Sprague saísse do aposento e então falar comigo, embora sua voz estivesse clara o suficiente, saindo com pouca dificuldade.

“Você conhece minha vontade testamentária,” disse ele. “Cumpra-a ao pé da letra.”

Essa havia sido uma questão polêmica entre nós, devido a seu desejo de que, antes que seu herdeiro e único sobrinho sobrevivente, Paul Tuttle, pudesse clamar a propriedade, a casa devesse ser destruída — não derrubada, mas destruída, junto com certos livros designados pelo número de prateleira, em suas instruções finais. Seu leito de morte não era lugar para debater novamente aquela ideia de destruição gratuita; assenti, e aceitei a ordem. Teria sido melhor sorte se eu tivesse obedecido sem questionar!

“Veja só,” continuou, “há um livro lá embaixo, que você deve devolver à biblioteca da Universidade Miskatonic”

Falou-me do título. Naquele momento não significava nada para mim; mas a partir daí tornou-se para mim, mais do que eu possa descrever — símbolo de um horror ancilário, de coisas enlouquecedoras além do véu da vida cotidiana e prosaica — a tradução latina do abominável *Necronomicon*, de autoria do árabe louco Abdul Alhazred.

Encontrei o livro com facilidade. Pelas últimas décadas de sua vida, Amos Tuttle havia vivido em reclusão cada vez maior, entre livros coletados em toda parte do globo; textos antigos, roídos pelas traças, com títulos que apavorariam um homem menos rijo — o sinistro *De Vermis Mysteriis*, de Ludwig Prinn, o terrível *Culte de Ghoules* do Comte d’Erlette, o condenável *Unaussprechlichen Kulten* de von Juntz. Não sabia então o quão raros eram esses livros, nem compreendia a raridade sem preço de certas peças fragmentárias: o aterrorizante Livro de Eibon, os Manuscritos Pnakóticos, cheios de passagens horrorosas, e o temível Texto de R’lyeh; pois estes, descobrir ao examinar os balancetes, depois da morte de Amos, haviam sido comprados por somas fabulosas. Mas

em parte alguma eu encontraria um número tão alto quanto aquele pago pelo Texto de R'lyeh, que havia chegado a ele de alguma parte do interior sombrio da Ásia; de acordo com os arquivos, ele havia pago não menos que cem mil dólares pelo livro; mas além disso, no registro do manuscrito amarelado, havia uma notação que me confundiu na época, mas que me dá ânsia pressagiosa em lembrar — depois da menção da soma, Amos Tuttle havia escrito, com sua caligrafia de teia de aranha: além do cumprimento da promessa.

Estes fatos não aconteceram até que Paul Tuttle tomasse posse, mas antes disso, várias ocorrências estranhas aconteceram, coisas que deveriam ter levantado minhas suspeitas quanto às lendas interioranas que falam de poderosas influências sobrenaturais ligadas à casa antiga. A primeira dessas ocorrências foi de pouca consequência, comparada às outras; aconteceu apenas que, ao devolver o Necronomicon à biblioteca da Universidade Miskatonic, em Arkham, encontrei-me levado por uma bibliotecária de lábios franzidos, direto ao escritório do diretor, Dr. Llanfer, que pediu-me diretamente para que eu explicasse a razão pela qual o livro estava em minhas mãos. Sem hesitação em responder, descobri que o raro volume jamais recebera permissão para sair da biblioteca e que, na verdade, Amos Tuttle o havia subtraído em uma de suas raras visitas, após ter falhado em persuadir o Doutor Llanfer a emprestá-lo. E Amos havia sido astuto o suficiente ao preparar de antemão uma imitação maravilhosamente razoável do livro, com a encadernação quase idêntica, e a reprodução do título e de suas páginas iniciais reproduzidas de memória; na ocasião de seu furto do livro do árabe louco, Amos havia substituído a imitação pelo original e saído com uma das duas únicas cópias disponíveis desta obra temida no continente norte-americano e uma das cinco conhecidas no mundo.

A segunda das ocorrências foi um pouco mais alarmante, embora tenha a aparência de sair das histórias mais convencionais de casas assombradas. Tanto Paul Tuttle quanto eu ouvimos na casa, em momentos estranhos da noite, particularmente enquanto o cadáver de seu tio estava ainda lá, o som de passos acolchoados, mas com algo esquisito neles: não era como se os passos fossem dentro da casa, mas passos de alguma criatura de tamanho quase além da concepção do homem, andando uma boa distância nos subterrâneos, de modo que o som na verdade vibrava

na casa, a partir das profundezas da terra abaixo desta. E quando faço referência a passos, é apenas por falta de uma melhor palavra para descrever os sons, pois não eram passos limpos mas sons esponjosos, gelatinosos, chapinhantes, feitos com a força de tanto peso, que o consequente tremor de terra naquele lugar não era mais que isso. Mas agora o barulho se foi, coincidentemente logo após termos despachado o cadáver de Amos Tuttle, 48 horas antes do planejado. Os sons, classificamos como apenas os assentamentos da terra ao longo da costa distante, não só porque não demos muito importância a eles, mas devido à coisa final que aconteceu antes de Paul Tuttle tomar posse oficial da velha casa na Estrada Aylesbury.

A última coisa foi a mais chocante de todas, e dos três que a presenciaram, apenas eu permaneço vivo hoje, já que o doutor Sprague faz um mês de morto hoje, mas na época fora ele que observou e disse, “Enterre-o logo!” E assim o fizemos, pois as mudanças no corpo de Amos Tuttle eram macabras além da compreensão, especialmente horríveis no que sugeriam, e assim porque o corpo não estava caindo em decadência visível, mas mudando sutilmente para outra coisa, infundindo-se de uma iridescência esquisita, que escurecia até o ponto de parecer quase ébano, e a aparência da carne de suas mãos inchadas e de seu rosto mostrava o crescimento de pequenas escamas. Da mesma forma haviam mudanças no formato de sua cabeça; parecia alongar-se, assumir uma forma curiosa e pisciana, acompanhada de uma leve emanção de cheiro de peixe, saindo do caixão; e o fato dessas mudanças não serem mera imaginação foi chocantemente comprovado quando o corpo foi depois encontrado no lugar para onde seu maligno sucessor havia levado, e lá, finalmente apodrecendo, outros viram comigo as terríveis e sugestivas mudanças que haviam ocorrido, embora devam dar graças que não tenham conhecimento do que aconteceu antes. Mas no período em que Amos Tuttle estava na casa velha, não haviam pistas do que estava para acontecer, e fomos rápidos em fechar o caixão e mais rápidos ainda em levá-lo até o mausoléu dos Tuttle, coberto de hera, no cemitério de Arkham.

Naquela época, Paul Tuttle estava no final da casa dos quarenta anos, mas como muitos homens de sua geração, tinha o rosto e a constituição de um jovem de vinte. De fato, a única pista de sua idade estava nos leves toques de cinza no cabelo de seu bigode e têmperas. Ele era um ho-

mem alto e de cabelos escuros, um tanto acima do peso, com olhos azuis e francos, que anos de pesquisa erudita não haviam reduzido à necessidade de óculos. Ele não ignorava os termos da lei, pois rapidamente nos fez saber que se eu, como executor testamentário de seu tio, não estivesse disposto a ignorar a cláusula que ordenava a destruição da casa na Estrada Aylesbury, contestaria em juízo com base na insanidade de Amos Tuttle. Apontei a ele que ele estaria sozinho contra mim e o dr. Sprague, mas ao mesmo tempo não estava cego ao fato de que a irrazoabilidade da ordem poderia muito bem nos trazer uma derrota jurídica; e além disso, eu mesmo considerava a cláusula, nesse sentido, esquisitamente gratuita e sem sentido nesse apelo à destruição, e não estava preparado para lutar no tribunal por uma questão tão menor. Ainda assim, se tivesse previsto o que viria depois, teria atendido ao último pedido de Amos Tuttle, não importando qualquer decisão da corte. Contudo, tal capacidade de previsão não me ocorreu.

Eu e Tuttle fomos ver o juiz Wilton, e expomos o caso a ele. O juiz concordou conosco que a destruição da casa parecia desnecessária, e mais de uma vez fez sutil menção de concordar com a crença de Paul Tuttle na insanidade de seu falecido tio.

“O velho parecia alienado, sempre o conheci assim,” disse secamente. “Quanto a você, Haddon, poderia levantar-se no tribunal e jurar que ele era absolutamente são?”

Lembrando, com certo desconforto, o roubo do Necronomicon na Universidade Miskatonic, tive de confessar que não poderia fazê-lo.

De modo que Paul Tuttle tomou posse da propriedade na Estrada Aylesbury, e eu retornei a meu escritório advocatício em Boston, não exatamente descontente com a resolução das coisas, mas ainda assim sentindo um desconforto oculto, difícil de ser definido, uma sensação insidiosa de tragédia iminente, com certeza também alimentada por minha memória do que havia visto no caixão de Amos Tuttle, antes que este fosse selado e trancado no secular mausoléu do cemitério de Arkham.

II.

Não muito tempo depois, mais uma vez fui ter com os telhados de duas águas e balaustradas georgianas da cidade de Arkham, amaldiçoada pelas bruxas, e estava então lá a serviço de um cliente que desejava assegurar que sua propriedade na antiga Innsmouth fosse protegida dos agentes governamentais e policiais que haviam tomado posse dessa temida e assombrada aldeia, embora não houvesse passado apenas alguns meses desde a misteriosa dinamitação dos blocos de prédios da orla, e de parte daquele terror — o Recife do Diabo, erguido no mar logo além — mistério que fora cuidadosamente guardado e oculto desde então, embora eu houvesse lido um artigo que se propunha a revelar os verdadeiros fatos do horror de Innsmouth, um manuscrito publicado privadamente, escrito por um autor de Providence. Seria impossível, naquele momento, ir até Innsmouth, porque o Serviço Secreto havia fechado todas as estradas que levavam até lá; contudo, redigi representações para as pessoas apropriadas e recebi uma confirmação de que a propriedade de meu cliente seria totalmente protegida, já que estava longe da orla; de modo que procedi a lidar com outras pequenas questões em Arkham.

Fui almoçar, naquele dia, num pequeno restaurante próximo à Universidade Miskatonic, e enquanto ali, fui abordado por uma voz familiar. Olhei e vi o dr. Llanfer, diretor da biblioteca da universidade. Ele parecia um tanto irritado, e suas feições traíam claramente seu estado. Convidei-o a partilhar de minha mesa, mas ele recusou; contudo, sentou-se, por assim dizer, na ponta da cadeira.

“Você tem visto Paul Tuttle?” perguntou abruptamente.

“Pensei em visitá-lo esta tarde,” repliquei. “Aconteceu algo errado?”

Ele ruborizou, com um ar um tanto culpado. “Não posso dizer com certeza,” respondeu firme. “Mas correm alguns rumores medonhos em Arkham. E o Necronomicon sumiu novamente.

“Bom Deus! Certamente não está acusando Paul Tuttle de tê-lo roubado?” Exclamei, numa mescla de surpresa e incômodo. “Não consigo imaginar que uso ele poderia dar a esse livro.”

“Ainda assim — está nas mãos dele,” persistiu o dr. Llanfer. “Mas não penso que ele o roubou, e gostaria que não pense que eu disse isso. É da minha opinião que um de nossos atendentes passou o livro para ele, e agora está relutante em confessar a enormidade de seu erro. Mas

qualquer que seja a verdade, o livro ainda não reapareceu, e temo que teremos de ir atrás dele.”

“Eu poderia perguntar a Paul sobre o livro,” disse.

“Se fizer isso, ficarei grato,” respondeu o dr. Llanfer, com uma certa avidez. “Imagino que não ouviu nada dos rumores que andam por aqui?”

Balancei a cabeça negativamente.

“Muito provavelmente, apenas o resultado de alguma mente imaginativa,” continuou, mas seu ar sugeria que ele não estava disposto ou apto a aceitar uma explicação tão prosaica. “Parece que os passantes da Estrada Aylesbury ouvem estranhos ruídos à noite avançada, todos aparentemente emanando da casa Tuttle.”

“Que ruídos?” Perguntei, e não sem uma apreensão imediata.

“Aparentemente, ruídos de passadas; ainda assim, sei que ninguém pôde precisar a natureza desses ruídos, salvo um jovem que os caracterizou como esponjosos, e que disse que soaram como se fossem de algo grande, andando no lodo e água próximos.”

Os estranhos ruídos que Paul Tuttle e eu ouvimos na noite seguinte à morte de Amos Tuttle passaram em minha mente, mas nesta menção de passadas, feita pelo dr. Llanfer, a memória de tudo que havia ouvido voltou. Temi ter demonstrado isso de alguma forma, pois o dr. Llanfer percebeu meu súbito interesse; felizmente ele escolheu interpretá-lo como evidência de que eu havia escutado alguma coisa dos tais rumores, mesmo que eu tivesse dito o contrário. Prefери não corrigi-lo nesse sentido, e ao mesmo tempo experimentei um repentino desejo de não ouvir mais nada sobre o assunto; de modo que não pressionei-o em busca de detalhes adicionais, e quando ele levantou para retornar a seus deveres, deixou-me com a promessa de perguntar a Paul Tuttle sobre o livro perdido.

Sua história, por mais rasa que fosse, ainda assim soava uma nota de alarme dentro de mim; não consegui evitar lembrar as várias coisinhas que mantinha na memória — os passos que ouvimos, a estranha cláusula do testamento de Amos Tuttle, a horrenda metamorfose de seu cadáver. Já havia uma leve suspeita em minha mente, de que alguma sinistra cadeia de eventos estava manifestando-se ali; minha curiosidade natural atiçou-me, não sem uma certa sensação de desagrado, desejo consciente

de evitar o caso, e a recorrência daquela estranha e insidiosa convicção de tragédia iminente. Mas estava determinado a ver Paul Tuttle o mais cedo possível.

Meu trabalho em Arkham consumiu toda a tarde, e somente no crepúsculo consegui estar diante da massiva porta de carvalho da velha casa Tuttle, na Estrada Aylesbury. Minha batida um tanto hesitante foi atendida pelo próprio Paul, que veio espreitar a noite crescente com sua lâmpada em mãos.

“Haddon!”, exclamou, abrindo mais a porta. “Pode entrar!”

Estava genuinamente grato em ver-me, disso não podia duvidar, pois a nota de entusiasmo em sua voz excluía quaisquer outras suposições. A afabilidade de suas boas-vindas também serviram-me para confirmar minha intenção de não falar dos rumores que ouvira, e proceder as perguntas sobre o Necronomicon no seu devido tempo. Lembrei que logo antes da morte de seu tio, Tuttle estava trabalhando num tratado filosófico ligado ao desenvolvimento do idioma indígena Sac, e passei a perguntar sobre o artigo, como se não houvesse nada mais importante.

“Já jantou, imagino,” disse Tuttle, levando-me pelo corredor para a biblioteca.

Respondi que já havia comido em Arkham.

Ele colocou a lâmpada sobre uma mesa cheia de livros, empurrando alguns papéis para o lado, ao fazê-lo. Convidando-me a sentar, ele voltou à cadeira que ele havia evidentemente deixado para atender à porta. Percebi nesse momento que ele estava um tanto desganhado, e que havia permitido que sua barba crescesse. Também havia engordado um pouco, sem dúvida consequência de seus estudos reforçados, que traziam confinamento à casa e falta de exercícios físicos.

“E quanto ao tratado Sac?” Perguntei.

“Coloquei-o de lado,” respondeu rápido. “Pode ser que o retome mais tarde. Mas agora, estou preso a algo bem mais importante — o quão importante, ainda não posso precisar.”

Vi então que os livros nas mesas não era os mesmos tomos eruditos que havia visto em sua mesa de Ipswich, mas com alguma apreensão, notei que eram os mesmos livros condenados pelas explícitas instruções do tio de Tuttle, e uma olhadela na direção dos espaços vazios nas prateleiras proscritas veio a confirmar o fato.

Tuttle voltou-se para mim com avidez e abaixou a voz, como se com medo de ser ouvido. “Na verdade, Haddon, é algo colossal — um gigantesco feito da imaginação, se não fosse por isso: não tenho mais certeza de que é algo imaginado, de fato, não tenho mais certeza. Fiquei imaginando qual seria a razão por trás da cláusula do testamento de meu tio; não podia compreender a razão pela qual a casa deveria ser destruída, e imaginei que a razão deveria estar nas páginas dos livros que ele tão cuidadosamente condenou. E estava certo.” Ele gesticulou em direção ao incunábulo à sua frente. “De modo que os examinei e posso dizer que descobri coisas de tal incrível estranheza, de tal horror bizarro, que às vezes hesito em aprofundar-me no mistério. Francamente, Haddon, a coisa que descobri é tão alienígena, e devo dizer que envolveu considerável pesquisa da minha parte, além de ler os livros coletados pelo Tio Amos.”

“Certo,” disse secamente. “E ousou dizer que você viajou bastante para tal?”

Abanou a cabeça negativamente. “De forma alguma, exceto uma viagem à Biblioteca da Universidade Miskatonic. O fato é que descobri poder conseguir o que queria através de carta. Lembra-se dos documentos de meu tio? Bem, descobri entre eles que Tio Amos pagou cem mil por um certo manuscrito encadernado — encadernado em pele humana, aliás — junto a uma linha enigmática: além do cumprimento da promessa. Comecei a perguntar-me que promessa Tio Amos poderia ter feito e a quem; se ao homem ou mulher que o vendera o Texto de R’lyeh, ou outra pessoa. Procedi portanto procurando o nome do homem que a ele vendera o livro, e cheguei a seu endereço: é um certo sacerdote chinês, do Tibete interior, e escrevi para ele. Sua resposta chegou há cerca de uma semana.”

Curvou-se e remexeu rapidamente nos papéis da mesa, até que encontrou o que buscava e passou-me.

“Escrevi em nome de meu tio, não confiando totalmente na transação, e mais ainda, escrevi como se tivesse esquecido ou tivesse esperança de evitar a promessa,” ele continuou. “Sua resposta é tão enigmática quanto a notação de meu tio.

De fato assim era, pois o papel amarrotado que me foi passado exibía, numa estranha caligrafia forçada, uma única linha, sem assinatura

nem data: Oferecer um refúgio Àquele que Não Deve Ser Nomeado.

Ouso dizer que fitei Tuttle com uma estupefação que era espelhada claramente nos olhos dele, já que sorriu antes de responder.

“Não significa nada para você, certo? Nem significava nada para mim, quando li pela primeira vez. Mas não por muito tempo. Para compreender o que se segue, deve conhecer pelo menos um breve esboço da mitologia — se de fato trata-se de mitologia — na qual o mistério se enraíza. Meu Tio Amos aparentemente sabia dela e nela acreditava, pois as várias notas espalhadas nas margens dos livros proscritos aludem a um conhecimento muito além do meu. Aparentemente, a mitologia advém de uma fonte em comum de nossa Gênese lendária, mas com apenas umas poucas similaridades; às vezes sou tentado a dizer que esta mitologia é mais antiga que qualquer outra — certamente em suas implicações vai muito além das outras, sendo cósmica e imemorial, pois seus seres são de duas naturezas distintas: os Antigos, ou Deuses Anciões, simbolizando o bem cósmico, e aquelas entidades de mal cósmico, exibindo muitos nomes e categorizando-se em diferentes grupos, como se associados com os elementos e ao mesmo tempo transcendendo-os: pois existem os Seres da Água, ocultos nas profundezas; aqueles do Ar, que são os espreitadores primais de além do tempo; aqueles da Terra, horríveis sobreviventes animados de eras distantes. Há muito e muito tempo, os Anciões baniram dos lugares cósmicos os Malignos, aprisionando-os em muitos locais; mas com o tempo esses Malignos geraram lacaios infernais, que começaram a prepará-los para seu retorno à grandeza. Os Anciões não têm nomes, mas seu poder e vontade aparentemente sempre será maior, o suficiente para deter o poder dos outros.

“Agora, entre os Malignos aparentemente muitas vezes há conflito, bem como entre os seres inferiores. Os Seres da Água opõem-se aos do Ar; os Seres do Fogo opõem-se aos Seres da Terra, porém mesmo assim juntos odeiam e temem os Deuses Anciões e esperam sempre derrotá-los em algum tempo futuro. Entre os papéis de meu Tio Amos, aparecem muitos nomes temíveis, escritos em sua caligrafia difícil: Grande Cthulhu, Lago de Hali, Tsathoggua, Yog-Sothoth, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur o Indizível, Yuggoth, Aldones, Thale, Aldebaran, as Híades, Carcosa, e outros nomes; e é possível dividir alguns desses nomes em classes vagamente sugestivas, a partir dessas notas que são a mim in-

teligíveis — embora muitas apresentem mistérios insolúveis, que não posso esperar penetrar algum dia; e muitas estão também escritas em idioma que não conheço, junto a símbolos e sinais enigmáticos e estranhamente assustadores. Mas através do que aprendi, é possível saber que o Grande Cthulhu é um dos Seres da Água, enquanto Hastur é um dos Seres que espreitam os espaços estelares; e é possível inferir, a partir dessas pistas vagas nesses livros proibidos, onde estão alguns desses seres. De modo que posso crer que, nesta mitologia, o Grande Cthulhu foi banido para um lugar sob os mares da Terra, enquanto Hastur foi lançado ao espaço exterior, aquele lugar onde as estrelas negras encontram-se, indicado como Aldebarã da Híades, que é o lugar mencionado por Chambers, que estava por sua vez repetindo a Carcosa de Bierce.

“À luz dessas coisas, da comunicação do sacerdote tibetano, posso certamente tornar claro um fato: Haddon, certamente, além de qualquer sombra de dúvida, Aquele Que Não Deve Ser Nomeado não pode ser outro senão Hastur, o Indizível!”

O súbito cessar de sua voz perturbou-me; havia algo hipnótico em seus ávidos sussurros, e algo que também me enchia de uma convicção muito além do poder das palavras de Paul Tuttle. Em algum lugar lá no fundo, nos recessos de minha mente, uma corda havia sido tangida, uma conexão mnemônica que não conseguia descartar, e que deixou-me com uma sensação de antiguidade ilimitada, uma ponte cósmica para outro lugar e outro tempo.

“Parece lógico,” Disse por fim, com cautela.

“Lógico, Haddon, é decerto lógico; deve ser lógico!” exclamou ele.

“Considerando que seja isso mesmo,” Eu disse, “Que deduz daí?”

“Veja só, considerando que seja isso mesmo,” ele prosseguiu com ânsia, “sabemos que meu Tio Amos prometeu oferecer um refúgio em preparo para o retorno de Hastur, vindo de qualquer seja a região do espaço exterior que agora o aprisiona. Onde seja isto, ou que tipo de lugar seja, até então não me preocupei em saber, embora possa talvez cogitar. Este não é tempo de cogitações, e ainda assim parece, a partir de certas outras evidências à mão, que podem haver outras deduções permissíveis a serem feitas. A primeira e mais importante delas é de natureza dupla — *ergo*, algo imprevisto impediu o retorno de Hastur, durante a vida de meu tio, e ainda assim, algum outro ser tornou-se manifesto.” Neste

ponto ele fitou-me com franqueza incomum e não pouco nervoso. “Quanto à evidência desta manifestação, seria de bom alvitre não falar dela agora. É suficiente dizer que acredito ter tal evidência ao alcance. Retornemos então à minha premissa original.

“Entre as poucas anotações marginais feitas por meu tio, existem duas ou três especificamente notáveis no Texto de R’lyeh; de fato, à luz do que é conhecido, ou que pode justificadamente ser inferido, são notas sinistras e agourentas.”

Assim falando, abriu o antigo manuscrito e passou para um ponto bem próximo ao começo da narrativa.

“E agora preste atenção, Haddon,” disse ele, e eu levantei e curvei-me sobre ele para observar a caligrafia aracnídea e quase ilegível que eu sabia ser de Amos Tuttle. “Observe a linha de texto que está sublinhada: Ph’nglui mglw’nafh Cthulhu R’lyeh wgah’ nagl fhtagn, e o que se segue foi escrito, sem qualquer dúvida, pela mão de meu tio: Seus lacaios preparando sua vinda, e ele não mais está sonhando? (WT: 2/28) e numa data mais recente, a julgar pela mão trêmula que aqui escreveu, uma única abreviação: Inns! Fica óbvio que isto não significa nada, sem uma tradução do texto. Sem isso, quando vi pela primeira vez a nota, voltei minha atenção à notação em parênteses, e em pouco tempo resolvi seu significado como sendo uma referência a uma revista popular, a *Weird Tales*, exemplar de fevereiro de 1928. Aqui a tem.”

Ele abriu a revista junto ao texto sem sentido, ocultando parcialmente as linhas que começaram a assumir uma inaudita atmosfera de idade sobrenatural perante meus olhos, e logo abaixo da mão de Paul Tuttle estava a primeira página de uma história que obviamente pertencia a essa inacreditável mitologia diante da qual eu não conseguia reprimir um começo de atordoamento. O título, apenas parcialmente coberto pela mão dele, era O Chamado de Cthulhu, de H.P. Lovecraft. Mas Tuttle não se deteve na primeira página; foi bem ao cerna da história, antes de pausar e apresentar a meus olhos a linha, idêntica e ilegível, que estava abaixo da escrita difícil de Amos Tuttle, no incrivelmente raro Texto de R’lyeh, sobre o qual repousava a revista. E ali, apenas um parágrafo abaixo, aparecia o que se passava por uma tradução de um idioma totalmente desconhecido do Texto: em sua casa de R’lyeh, o morto Cthulhu espera sonhando.

“E aqui está,” continuou Tuttle com certa satisfação, “Cthulhu também aguarda pelo tempo de seu ressurgimento — quantas eras, ninguém saberá dizer; mas meu tio questionou se Cthulhu ainda continuava sonhando, e seguindo isto, escreveu e sublinhou duas vezes uma abreviação que só pode significar Innsmouth! Isto, junto com as coisas macabras mal descritas nesta história reveladora, que passa por obra de ficção, abre uma visão de um horror jamais sonhado, um horror maléfico e ancilário”

“Bom Deus!” Exclamei involuntariamente. “Certamente você não acha que esta fantasia ganhou vida?”

Tuttle voltou-se e me ofereceu um olhar estranhamente distante. “O que eu acho, não importa, Haddon,” replicou de maneira grave. “Mas há uma coisa que eu gostaria bastante que você soubesse — o que aconteceu em Innsmouth? O que aconteceu ali, por décadas, que fez as pessoas evitarem o lugarejo? Por qual razão este antes próspero porto caiu no esquecimento, com metade de suas casas vazias, suas propriedades praticamente sem valor? E por qual razão foi necessário que homens do governo explodissem rua após rua de armazéns e residências de sua orla? E por fim, por qual razão, diacho, enviaram um submarino para torpedear os espaços marinhos além do Recife do Diabo, ali perto de Innsmouth?”

“Não sei nada sobre isso,” repliquei. Mas ele não prestou atenção; levantou a voz um pouco, incerta e trêmula, dizendo, “Posso dizer a razão, Haddon. É como meu Tio Amos escreveu: o Grande Cthulhu despertou novamente!”

Por um momento senti um tremor; e então disse, “Mas é Hastur que ele estava esperando.”

“Precisamente,” concordou Tuttle numa voz direta e profissional. “Então gostaria de saber quem, ou o quê, caminha pela terra, nas horas sombrias em que Fomalhaut ascende e as Híades estão no leste!”

III.

Com isto, mudou abruptamente de assunto; começou a perguntar-me coisas sobre mim e meu escritório, e quando eu levantei, pediu-me para

passar a noite ali. Isto finalmente consenti, e com alguma relutância, após o que ele saiu para preparar um aposento para mim. Tomei a oportunidade que se revelou para examinar sua mesa com mais vagar, buscando o Necronomicon que havia sumido da Universidade Miskatonic. Não estava em sua mesa, mas, passando às prateleiras, encontrei-o. Havia justamente tomado do livro para examiná-lo para ter certeza de sua identidade, quando Tuttle reentrou no aposento. Seus olhos rápidos voltaram-se para o livro em minhas mãos, e ele fez um sorriso de canto de boca.

“Gostaria que você devolvesse isso ao dr. Llanfer, quando sair amanhã de manhã, Haddon,” falou casualmente. “Agora que copiei o texto, não tenho mais uso para ele.”

“Farei com gosto,” disse, aliviado que a questão havia se resolvido com tamanha facilidade.

Logo após, retirei-me para o aposento no segundo andar, que ele havia preparado para mim. Paul acompanhou-me até a porta e então fez uma pausa rápida, incerto com alguma coisa na ponta da língua, que não permitia passar pelos lábios; pois virou-se uma ou duas vezes, deu-me boa-noite antes de falar aquilo que pesava em sua mente: “Por sinal — se ouvir alguma coisa de noite, não fique alarmado, Haddon. O que quer que seja, é inofensivo — ainda.”

Não foi senão até ele ter saído e eu ter ficado sozinho em meu quarto, que o significado do que ele falou, e a forma como ele o falara, ficaram claros. Veio-me a ideia de que esta era a confirmação dos rumores terríveis que haviam enchido Arkham, e que Tuttle comentara o assunto com uma ponta de medo. Despi-me vagarosa e pensativamente, sem desviar um só instante da preocupação com a estranha mitologia dos livros antigos de Amos Tuttle, que enchiam minha cabeça. Nunca fui de fazer julgamentos precipitados e certamente não os faria naquele momento; apesar do aparente absurdo da estrutura, era ainda assim suficientemente bem formulada, de modo a merecer mais que um escrutínio casual. E ficara claro para mim que Tuttle estava mais que meio convencido de sua verdade. Isto, por si só, me fez pensar, pois Paul Tuttle havia distinguido-se inúmeras vezes pela cabalidade de suas pesquisas, e seus artigos publicados não foram desafiados nem sequer nos menores detalhes. Como resultado de pesar estes fatos, estava preparado para admitir

que pelo menos haveria alguma base para a estrutura mitológica que Tuttle me delineara, mas quanto à sua verdade ou falsidade, estava claro que, naquele momento eu estava em posição de comprometer-me, mesmo que guardasse isso apenas para mim; pois uma vez que um homem aceita ou condena algo em sua mente, é duplamente, não, triplamente difícil livrar-se de sua própria conclusão, por mais infeliz que ela subsequentemente prove ser.

Pensando nisso, fui para a cama, e nela deitei esperando o sono. A noite se aprofundou e escureceu, embora eu pudesse enxergar, através da tênue cortina na janela, que as estrelas estavam visíveis, Andrômeda alta no leste, e as constelações do outono começando a tomar o céu.

Estava no limiar do sono, quando fui desperto violentamente por um som que já estava audível há algum tempo, mas que só então chegara ao ponto de assolar-me com toda sua significância: o passo levemente trêmulo de alguma criatura gigantesca, vibrando por toda a casa, embora o som não viesse de dentro da casa, mas do leste, e por um momento confuso pensei em algo levantando-se do mar, e andando pela praia, sobre a areia molhada.

Mas esta ilusão passou quando ergui-me pelos cotovelos e ouvi com mais atenção. Por um momento, não ouvi som algum; e então veio novamente, irregular, quebrado — um passo, uma pausa, dois passos em rápida sucessão, um estranho ruído de sucção. Perturbado, levantei de vez e fui à janela aberta. A noite estava quente, e o ar parado, quase opressivo; bem longe, ao nordeste, um raio cortava um arco sobre o céu, e do norte distante vinha o zumbido leve de um avião noturno. Já passava da meia-noite; baixas no leste, brilhavam a vermelha Aldebarã e as Plêiades, mas naquele momento, ao contrário de depois, não conectei os distúrbios que ouvi com a aparição da Híades sobre o horizonte.

Enquanto isso os estranhos sons continuavam sem cessar, e ocorreu-me que, naquele momento, estavam de fato se aproximando da casa, embora com progresso lento. E vinham da direção do mar, sem dúvida, pois naquele local não haviam configurações de terra que pudessem desviar o foco direcional dos sons. Comecei a pensar novamente naqueles sons parecidos, que ouvi quando o corpo de Amos Tuttle estava na casa, embora não lembrasse então que, muito embora as Híades fossem visíveis agora no leste, naquela época pousavam no oeste. Se havia qualquer

diferença na maneira de aproximação, não conseguia discernir, a não ser o fato de que os distúrbios pareciam de certa forma mais próximos, mas era menos uma proximidade física que uma proximidade psíquica. Esta convicção era tão forte, que comecei a sentir um crescente desconforto, sem dúvida misturado ao medo; comecei a experimentar uma inquietude selvagem, um desejo por companhia; e corri rapidamente para a porta de meu quarto, abri-a e passei logo para o corredor, buscando meu anfitrião.

Mas agora, uma nova descoberta se revelava. Enquanto estava no meu quarto, os sons que ouvira pareciam inquestionavelmente vir do leste, não obstante os leves e quase intangíveis tremores parecerem sacudir por toda a casa velha; mas ali, na escuridão do corredor, onde havia parado sem qualquer tipo de luz, fiquei ciente de que os sons e tremores emanavam de alguma parte abaixo — não de qualquer lugar na casa, mas abaixo dela — ascendendo como que de lugares subterrâneos. Minha tensão nervosa aumentou, e fiquei ali incerto, tentando perceber o que acontecia no escuro, quando percebi, na direção da escada, uma tênue radiância, vinda de baixo. Fui em sua direção, sem fazer ruídos, e ao olhar por sobre o corrimão, vi que a luz vinha de um lampião elétrico na mão de Paul Tuttle. Ele estava em pé, no corredor inferior, vestido de roupão, embora ficasse claro, mesmo de onde eu estava, que ele não havia removido suas roupas anteriores. A luz que caía sobre seu rosto revelava a intensidade de sua atenção; sua cabeça se voltava um pouco para o lado, em atitude de audição, e ele ficou ali imóvel, enquanto eu o observava de cima.

“Paul!” Chamei num sussurro rouco.

Ele olhou para cima e instantaneamente viu meu rosto, sem dúvida pego pela luz de seu lampião. “Consegue ouvir?” ele perguntou.

“Sim — o que, em nome de Deus, é isso?”

“Já ouvi isso antes,” respondeu. “Desça.”

Fui até o corredor inferior, onde por um momento fiquei sob seu olhar penetrante e questionador.

“Não está com medo, Haddon?”

Balancei minha cabeça negativamente.

“Então venha comigo.”

Virou-se e foi pelo caminho que levava aos fundos da casa, onde desceu até os porões. Durante esse tempo, os sons aumentaram de volume; era como se estivessem chegando perto da casa, de fato, quase como se estivessem diretamente abaixo, e agora havia um tremor óbvio e definitivo no prédio, não apenas nas paredes e suportes, mas no tremelique e calafrio da própria terra ao redor; era como se algum distúrbio das profundezas subterrâneas houvesse escolhido aquele ponto na superfície da terra para manifestar-se. Mas Tuttle não parecia abalado com aquilo, pois sem dúvida havia passado pelo fenômeno anteriormente. Passou direto pelo primeiro e segundo porões, chegando a um terceiro, colocado um tanto abaixo dos outros, e aparentemente uma construção recente, mas como os outros dois, construído a partir de blocos de calcário em cimento.

No centro deste subporão, fez uma pausa e ficou quieto, escutando. Os sons, naquele momento, haviam chegado a uma tal intensidade que parecia que a casa fora pega num vórtice de atividade vulcânica, mas sem sofrer de fato a destruição dos suportes; pois o tremor e os movimentos, o estalido e arrastar das vigas sobre nós deu-nos evidência da tremenda pressão exercida dentro da terra abaixo de nós, e mesmo o chão de pedra do porão parecia vivo sob meus pés descalços. Mas neste momento os sons pareceram voltar a um pano de fundo, embora na verdade não tenham de fato diminuído, e apenas ilusoriamente pareceram assim devido à nossa crescente familiaridade com eles, e porque nossos ouvidos estavam prestando uma atenção a outros sons, ressoando em claves maiores, estes também ascendendo do subterrâneo, como se vindos de grande distância, mas carregando consigo um caráter infernal insidioso nas implicações que cresciam ao nosso redor.

Pois os sons de assobio que ouvíamos não eram claros o suficiente para justificar qualquer inferência de suas origens, e foi somente ao passar algum tempo escutando que ocorreu-me que os sons que passavam por um bizarro assobio ou lamúria derivavam de algo vivo, algum ser consciente, pois podiam ser compreendidos como murmúrios chocantes e grosseiros, indistintos e ininteligíveis, mesmo quando eram claramente audíveis. Nesta vez, Tuttle pôs o lampião no chão e ajoelhou-se, pondo o ouvido próximo da pedra.

Imitando seus movimentos, descobri que os sons vindos de abaixo eram reconhecíveis como sílabas, embora não menos sem sentido. Pois primeiramente não ouvi nada que não ululações incoerentes e aparentemente desconexas, então interpoladas com sons de cantoria, que seriam mais tarde identificadas por mim como o seguinte: Iä! Iä!... Shub-Niggurath... Ugh! Cthulhu fhthag! Iä! Iä! Cthulhu!

Mas logo percebi que havia errado quanto a pelo menos um desses sons. A palavra Cthulhu era bastante audível, apesar da fúria dos sons que nos cercavam; mas a palavra que a seguia era um tanto mais longa que fhthag; era como se uma sílaba extra fosse adicionada, e ainda assim não podia ter certeza de que não fora cantada sempre assim, pois acabou soando mais clara, e Tuttle tirou de seu bolso um caderno e um lápis e escreveu:

“Estão dizendo, Cthulhu naflfhthag.”

A julgar pela expressão de seus olhos, levemente dilatados, isto evidentemente lhe revelava algo, mas para mim, não queria dizer nada, além de minha habilidade de reconhecer uma porção como idêntica às palavras que apareciam no abominado Texto de R'lyeh, e subseqüentemente mais uma vez na história da revista, onde sua tradução parecia indicar que as palavras significavam: Cthulhu espera sonhando. Minha óbvia e vazia ignorância de seu significado aparentemente lembrou meu anfitrião de que sua erudição filológica era muito maior que a minha, pois sorriu de modo macabro e sussurrou, “Não passa de uma construção negativa.”

Mesmo neste ponto não compreendi que ele tentava explicar que as vozes subterrâneas não estavam dizendo o que eu pensava, mas isto: Cthulhu não está mais dormindo! Agora não havia mais como questionar a crença, pois as coisas que estavam ocorrendo não eram de origem humana, e não admitiam outra solução do que alguma que não fosse, mesmo que remotamente, relacionada à incrível mitologia que Tuttle havia há pouco me exposto. E agora, como se esta evidência de sentimento e audição não fosse suficiente, manifestou-se um estranho e fétido odor, misturado a um cheiro nauseabundo e forte de peixe, aparentemente escapando pela porosa pedra calcária.

Tuttle percebeu isto quase simultaneamente a mim, e fiquei alarmado ao observar em suas feições traços de apreensão que antes não havia

notado. Por um momento ele ficou quieto; depois levantou-se furtivamente, tomou do lampião e saiu do porão, levando-me a segui-lo.

Só então, quando estávamos mais uma vez no andar de cima, ele aventurou-se a falar. “Estão mais próximos do que eu pensava,” disse ele, pensativo.

“Seria Hastur?” Perguntei nervosamente.

Mas ele balançou a cabeça. “Não pode ser, porque a passagem abaixo leva apenas ao mar, e sem dúvida está parcialmente alagada. Portanto pode ser apenas um dos Seres da Água — aquelees que refugiaram-se por aqui quando os torpedos destruíram o Recife do Diabo, além da temida Innsmouth — Cthulhu, ou aqueles que o servem, como os Mi-Go o servem nos espaços gélidos, e o povo Tcho-Tcho o servem nos ocultos platôs da Ásia.”

Já que era impossível dormir, sentamos por um tempo na biblioteca, enquanto Tuttle falava quase cantando sobre as estranhas coisas que havia descoberto nos velhos livros que haviam sido de seu tio: esperamos sentados pela aurora enquanto ele falava do temido Platô de Leng, do Bode Negro das Florestas e suas Mil Crias, de Azathoth e Nyarlathotep, Poderoso Mensageiro que andava pelos espaços estelares exibindo o semblante de homem; do horrível e diabólico Símbolo Amarelo, das torres fabulosas e assombradas da misteriosa Carcosa; dos terríveis Lloigor e do odiado Zhar; de Ithaqua, a Coisa da Neve, de Chaugnar Faugn e N’gha-Kthun, da desconhecida Kadath e dos Fungos de Yuggoth — de modo que ele falou por horas, enquanto os sons abaixo continuavam e eu sentado ouvia, imerso num medo beirando o terror. E mesmo assim esse medo era desnecessário, pois na aurora, as estrelas empalideceram e o tumulto abaixo morreu de súbito, afastando-se para o leste e para as profundezas do oceano, fazendo com que eu fosse para meu quarto com ansiedade, para vestir-me em preparo de minha saída.

IV.

Em pouco mais de um mês, mais uma vez estava eu na propriedade Tuttle, vindo de Arkham, respondendo a um chamado urgente de Paul, em cujo cartão ele havia rabiscado, com o punho trêmulo, uma única pala-

vra: Venha! Mesmo que não houvesse escrito isto, eu já estava considerando ser meu dever retornar à velha casa da Estrada Aylesbury, apesar de meu desagrado pela pesquisa de Tuttle, que abalava minha alma, e do meu agora ativo medo, que não podia mais evitar. Ainda assim, vinha procrastinando, desde que tomara a decisão de tentar dissuadir Tuttle a afastar-se das pesquisas, até a manhã do dia em que seu cartão chegou. Naquela manhã eu vi no jornal Transcript uma reportagem confusa de Arkham: não haveria notado nada, se não fosse pela pequena manchete, que me capturou o olhar: Ultraje no Cemitério de Arkham, e logo abaixo: Cripta dos Tuttle Violada. A reportagem era breve, e revelava muito pouco além da informação já transmitida pelas manchetes: Descobriu-se cedo nesta manhã que vândalos invadiram e destruíram parcialmente a cripta dos Tuttle, no cemitério de Arkham. Uma das paredes foi esmagada de maneira quase irreparável, e os caixões foram perturbados. Foi reportado que o caixão do falecido Amos Tuttle está desaparecido, mas havia confirmação do fato quando da impressão deste número.

De imediato, ao ler o vago boletim, foi assaltado pela mais forte das apreensões, vinda não se sabe de que lugar; ainda assim eu sentia que o ultraje perpetrado contra a cripta não era um crime comum, e não conseguia deixar de conectá-lo, em minha cabeça, com as ocorrências na velha casa dos Tuttle. Resolvi portanto ir até Arkham e assim ver Paul Tuttle, antes da chegada de seu cartão; sua breve mensagem alarmou-me mais ainda, se é que isso é possível, e ao mesmo tempo convenceu-me do que temia — que alguma revoltante conexão existia entre o ultraje no cemitério e as coisas que andavam na terra sob a casa da Estrada Aylesbury. Mas, ao mesmo tempo, sentia uma profunda relutância em deixar Boston, obcecado por um medo intangível do perigo invisível que viria de uma fonte desconhecida. Ainda assim, o dever compelia minhas viagens, e por mais forte que fosse a sensação eu deveria pô-la de lado e ir até Arkham.

Cheguei na cidade no começo da tarde e fui logo ao cemitério, na capacidade de procurador, avaliar a extensão dos danos. Uma guarda policial fora estabelecida, mas recebi permissão de examinar o local, tão logo minha identidade fora averiguada. O registro do jornal, logo descobri, havia sido chocantemente inadequado, pois a ruína da cripta Tuttle fora virtualmente completa, seus caixões expostos ao calor do sol, alguns de-

les quebrados, revelando ossos há muito mortos. Embora fosse verdade que o caixão de Amos Tuttle havia desaparecido na noite, fora encontrado, ao meio-dia, num campo aberto a cerca de três quilômetros a leste de Arkham, longe demais da estrada para ter sido carregado até ali; e o mistério de estar ali tornou-se então, mais profundo do quando encontraram o caixão; pois uma investigação descobriu certos sulcos profundos na terra, postos a amplos intervalos, alguns deles de mais de um metro de diâmetro! Era como se alguma monstruosa criatura houvesse andado ali, embora eu confesse que este pensamento ocorreu apenas em minha cabeça; as impressões na terra permaneceram um mistério sobre o qual nenhuma luz foi lançada, mesmo pelas suspeitas mais imaginativa quanto à sua fonte. Isto pode ter sido em parte devido ao fato mais aterrador que ficou claro tão logo após a descoberta do caixão: o corpo de Amos Tuttle havia sumido, e uma busca nas cercanias falhou em encontrá-lo. Descobri isso tudo do custódio do cemitério, antes de pôr-me a caminho da Estrada Aylesbury, recusando-me a pensar mais sobre essas incríveis informações, até que houvesse falado com Paul Tuttle.

Desta vez, minha chamada na porta não foi atendida de imediato, e comecei a imaginar, com alguma apreensão, se algo havia acontecido com ele, quando detectei um leve som de arrastar por trás da porta, e quase que imediatamente depois ouvi a voz abafada de Tuttle.

“Quem é?”

“Haddon,” respondi, e ouvi o que parecia ser um engasgo de alívio.

A porta se abriu, e até que ela se fechasse novamente não consegui perceber a escuridão noturna do corredor, vendo depois que a janela no outro extremo estava fortemente fechada, e que nenhuma luz caía sobre o longo corredor, vinda de algum dos aposentos para os quais o corredor dava. Proibi-me de perguntar a questão que estava na ponta da língua e ao invés disso voltei-me para Tuttle. Levou algum tempo para que meus olhos dominassem a escuridão antinatural o suficiente para percebê-lo, e somente então fui abalado por uma sensação distinta de choque: pois Tuttle havia mudado de um homem alto e ereto, na flor de seus anos, para um homem curvado e pesado, de aparência descuidada e levemente repulsiva, traindo uma idade que na verdade ultrapassava a sua. E suas primeiras palavras encheram-me de um grande alarme.

“Rápido, rápido, Haddon,” disse ele. “Não há muito tempo.”

“O que foi? Alguma coisa errada, Paul?” Perguntei.

Sem responder, levou-me até a biblioteca, onde um lampião elétrico queimava tênue. “Fiz um pacote de alguns dos livros mais valiosos de meu tio — o Texto de R’lyeh, o Livro de Eibon, os Manuscritos Pnakóticos — e mais alguns outros. Estes devem ser entregues à biblioteca da Universidade Miskatonic, por suas mãos, hoje, a todo custo. Devem portanto ser considerados propriedade da biblioteca. E aqui está um envelope contendo certas instruções para você, em caso de eu não conseguir entrar em contato, seja pessoalmente ou por telefone — que já instalei aqui desde sua última visita — às dez da noite de hoje. Você vai ficar, eu presumo, na Lewiston House. Agora preste bastante atenção: se eu não ligar para você antes das dez da noite de hoje, deve seguir as instruções contidas aqui, sem hesitação. Aconselho que aja imediatamente e, caso as ache muito incomuns e isso o impeça de agir com presteza, já telefonei ao Juiz Wilton e expliquei que deixei algumas instruções estranhas, porém cruciais, com você, e que as quero cumpridas ao pé da letra.”

“O que foi que aconteceu, Paul?” Perguntei.

Por um momento parecia que ele falaria livremente, mas apenas balançou a cabeça e disse, “Por enquanto, não sei de tudo. Mas isto posso adiantar: nós dois, eu e meu tio, cometemos um terrível engano. E temo que seja tarde demais para corrigi-lo. Você soube do desaparecimento do corpo de Tio Amos?”

Assenti, confirmando.

“Pois ele já apareceu.”

Fiquei impressionado, pois acabara de vir de Arkham, e nenhuma informação do tipo me havia sido passada. “Impossível!” Exclamei. “Ainda estão procurando por ele.”

“Ah, não importa,” ele disse de maneira esquisita. “Não está por lá. Está aqui — aos pés do jardim, onde foi abandonado, uma vez que o julgaram inútil.”

Neste ponto, de súbito sacudiu a cabeça para cima, e ouvimos arrastares e roncoss, vindos de alguma parte da casa. Mas rapidamente pararam, e Paul voltou-se para mim.

“O refúgio,” murmurou, dando então uma risada doentia. “O túnel foi construído pelo Tio Amos, tenho certeza. Mas não era o refúgio que

Hastur desejasse — embora sirva aos lacaios de seu meio-irmão, o Grande Cthulhu.”

Era quase impossível perceber que o sol brilhava lá fora, pois a escuridão no aposento e a atmosfera de terror iminente posta sobre mim combinaram-se para dar à cena uma irreabilidade bastante distante do mundo de onde eu acabara de vir, apesar do horror daquela cripta violada. Percebi também em Tuttle um ar de expectativa quase febril, unido a uma pressa nervosa; seus olhos brilhavam de maneira esquisita e pareciam mais proeminentes que antes, seus lábios pareciam ter ficado ásperos e grosseiros, e sua barba estava emaranhada a um ponto que eu não julgaria antes possível. Ele ouviu por apenas um momento antes de voltar-se novamente para mim.

“Eu preciso ficar aqui; não terminei de minar o lugar, e isto deve ser feito,” voltou a falar de modo errático, continuando antes que a pergunta que me incomodava pudesse ser pronunciada. “Descobri que a casa jaz sobre algum alicerce artificial natural, e creio que estas cavernas em parte estão inundadas — e talvez sejam habitadas,” adicionou como um posfácio sinistro. “Mas isto, claro, agora é de pouca importância. Não tenho medo imediato do que se encontra abaixo, mas daquilo que está por vir.”

Mais uma vez ele pausou para ouvir, e mais uma vez sons vagos e distantes chegaram a meus ouvidos. Ouvi com atenção, percebendo apalpadelas ominosas, como se alguma criatura estivesse testando uma porta, e tentei descobrir ou adivinhar de onde vinha o som. Pensei a princípio que o som emanava de algum lugar da casa, e quase que instintivamente me veio a ideia do sótão; pois parecia vir de cima, mas num momento fiquei certo de que o som não derivava de lugar algum dentro da casa, nem de qualquer porção da casa do lado de fora, mas crescia de um lugar além, de um ponto no espaço além das paredes da casa — um ruído de apalpadelas e puxões que não conseguia se associar, em minha consciência, a qualquer som material reconhecível, mas a uma invasão extraterrena. Observei Tuttle, e vi que sua atenção também estava voltada para o exterior, pois sua cabeça estava de certa forma levantada e seus olhos buscavam além das paredes circundantes, exibindo uma expressão curiosamente extasiada, embora não despida de medo, e não despida de um estranho ar de espera fatalista.

“É o símbolo de Hastur,” disse numa voz sussurrante. “Quando ascenderem as Híades e Aldebarã espreitar o céu noturno, Ele virá. O Outro também estará aqui, com Seu povo aquático, das raças escamosas primevas.”

E então começou subitamente a rir, sem fazer sons, apenas balançando, e num olhar arisco e meio insano, adicionou, “E Cthulhu e Hastur lutarão aqui pelo refúgio, enquanto o Grande Órion passa pelo horizonte, lá onde está Betelgeuse dos Deuses Anciões, somente eles podem impedir os planos malignos dessas crias do inferno!”

Meu espanto diante de suas palavras sem dúvida ficou patente em meu rosto, e por sua vez fê-lo compreender o tamanho da hesitação chocada e da dúvida que eu sentia, pois alterou sua expressão de maneira abrupta, suavizando os olhos, torcendo e destorcendo as mãos, e tornando a voz um tanto mais natural.

“Mas talvez isto o canse, Haddon,” disse. “Não falarei mais, pois o tempo é curto, o crepúsculo se aproxima, e pouco depois a noite. Imploro que não discuta quanto a seguir as instruções que delineei para você nesta breve nota. Minhas ordens devem ser seguidas cegamente. Se for como eu temo, pode ser que nem mesmo elas sirvam para alguma coisa; e se for o caso eu o contatarei a tempo.”

Com isto pegou o pacote de livros, colocou-o em minhas mãos, e levou-me até a porta, para onde segui sem protestos, pois estava atônito e certamente desarmado pela estranheza das ações de Paul, pela atmosfera sinistra de horror crescente que se acumulava naquela antiga e ameaçadora casa.

Na soleira da porta, fez uma breve pausa e segurou com leveza meu braço. “Adeus, Haddon,” disse com intensidade amigável.

Vi-me então na varanda, sob os raios do sol que baixava, tão luminoso que cheguei a fechar os olhos, até que pudesse mais uma vez acostumar-me ao seu brilho, enquanto o riso alegre de um pássaro azul, sozinho na cerca da estrada, soava prazerosamente em meus ouvidos, como se para me ajudar a deixar para trás aquela atmosfera de medo sombrio e horror sobrenatural.

Chego agora àquela porção de minha narrativa que temo iniciar, não apenas devido à credibilidade do que devo escrever, como porque, na melhor das hipóteses, será um registro vago e incerto, repleto de inferências e evidências notáveis, embora desconexas, de um mal ancilário e pleno de horror, vindo de além do tempo, de coisas primais vagando logo após os limites da vida comum que conhecemos, de sobrevivências animadas terríveis nos lugares ocultos da Terra. O quanto disto Tuttle aprendeu daqueles textos infernais que confiou-me para que eu os enviasse às prateleiras proibidas da Biblioteca da Universidade Miskatonic, não sei. Certo é que ele deduziu muitas coisas que não sabia até que fosse muito tarde; de outras teve pistas, embora haja dúvida que ele tenha compreendido totalmente a magnitude da tarefa a qual tão descuidadamente se propusera, quando buscou descobrir a razão por trás da ordem de deliberada destruição dos livros e da casa de Amos Tuttle.

Logo após meu retorno às antigas ruas de Arkham, os eventos sucederam com indesejada rapidez. Depositei o pacote de livros na biblioteca com o dr. Llanfer, e imediatamente parti para a casa do Juiz Wilton, onde fui feliz em encontrá-lo. Ele estava para começar a jantar, e convidou-me para juntar-me a ele, o que aceitei, embora não tivesse apetite algum; de fato toda comida parecia-me repugnante. Naquele momento todos os medos e dúvidas intangíveis que havia guardado conflitavam dentro de mim, e Wilton percebeu logo que eu estava sob grave e incomum estresse nervoso.

“Coisa curiosa o incidente da cripta Tuttle, não é mesmo?” comentou com destreza, adivinhando a razão de minha presença em Arkham.

“Sim, mas não mais curiosa que as circunstâncias da reposição do corpo de Amos Tuttle aos pés de seu jardim,” respondi.

“De fato,” disse ele sem sinais visíveis de interesse, sua calma servindo para restaurar algum senso de tranquilidade em mim. “Ouso dizer que você veio de lá e sabe exatamente do que está falando.”

Neste ponto, relatei o mais brevemente possível a história que havia vindo contar, omitindo apenas uns detalhes mais improváveis, mas não tendo sucesso total em afastar suas dúvidas, embora ele fosse educado demais para permitir que essas dúvidas fossem forçadas sobre mim. Ele sentou um pouco, num silêncio pensativo, depois que terminei, fitando uma ou duas vezes o relógio, que mostrava que a hora já havia passado

das sete. Interrompeu então seu devaneio para sugerir que eu telefonasse à Lewiston House e arranjasse para que qualquer chamada para mim fosse transferida para a casa do juiz Wilton. Fiz isto de imediato, um tanto aliviado com o fato dele ter consentido em levar o problema a sério o suficiente para devotar sua noite a ele.

“Quanto à mitologia,” disse ele, logo após eu retornar à sala, “pode ser descartada como uma criação de uma mente louca, a do árabe Abdul Alhazred. Eu havia aconselhado sobre isso, mas à luz das coisas que aconteceram em Innsmouth, talvez fosse melhor que não apostar em nada. Contudo, eu não estava presente na sessão. A preocupação imediata é o próprio Paul Tuttle; proponho que examinemos suas instruções de antemão.”

Mostrei o envelope e o abri. Continha apenas uma folha de papel, com as seguintes linhas enigmáticas e agourentas:

“Minei a casa e o terreno. Vá imediatamente, sem demora, ao portão do pasto, a oeste da casa, onde, no arbusto do lado direito da pista próxima a Arkham, escondi o detonador. Meu Tio Amos estava certo — isto deveria ter sido feito desde o começo. Se você me falhar, Haddon, então, diante de Deus, terá solto na terra um tal flagelo como o homem jamais conheceu e jamais verá novamente — se de fato o homem sobreviver a ele!”

Uma amostra daquela verdade cataclísmica deve ter, naquele momento, começado a penetrar minha mente, pois quando o juiz Wilton acabou de ler o trecho, fitou-me embaraçado e perguntou, “O que irá fazer?” Respondi sem hesitar: “Vou seguir estas instruções ao pé da letra!”

Ele observou-me por um momento, sem comentar; e então aceitou o inevitável e afastou-se. “Devemos então esperar as dez da noite, juntos,” disse gravemente.

O ato final do incrível horror que teve seu ponto focal da casa Tuttle ocorreu pouco antes das dez, caindo sobre nós, em seu início, de maneira tão desconcertantemente prosaica, que o horror total, quando veio, foi sem dúvida chocante e profundo. Pois às cinco para as dez, o telefone tocou. O juiz Wilton pegou do aparelho e mesmo de onde eu estava sentado consegui ouvir a voz em agonia de Paul Tuttle, chamando meu nome.

Tomei o telefone da mão do juiz Wilton.

“É Haddon,” disse numa calma que não sentia. “Que foi, Paul?”

“Faça-o!” gritou. “Oh, Deus, Haddon — faça-o agora — antes... tarde demais. Oh, Deus — o refúgio! O refúgio!... Você conhece o lugar... portão do pasto. Oh, Deus, seja rápido!...” E então aconteceu aquilo que jamais esquecerei; a súbita e terrível transformação de sua voz, de modo que foi como se ela entrasse em colapso e degenerasse em balbucios abismais; pois os sons que vieram pelo fio eram bestiais e grosseiros, sons brutais e salivantes, dentre os quais alguns se repetiam e se repetiam, e eu ouvia num horror cada vez maior aquele matraquear triunfante, antes que ele se fosse:

“Iä! Iä! Hastur! Ugh! Ugh! Iä Hastur cf’ayak ’vulgtmm, vugtlagln vulgtmm! Ai! Shub-Niggurath!... Hastur — Hastur cf’tagn! Iä! Iä! Hastur!...”

E então, abruptamente, todo som se calou, e voltei-me para presenciar as feições aterrorizadas do juiz Wilton. E ainda assim não o havia visto, nem havia visto qualquer coisa que, em minha compreensão, devesse ser feita; pois abruptamente, com efeito cataclísmico, compreendi o que Tuttle havia falhado em descobrir, até que fosse tarde demais. E num ímpeto, desliguei o telefone; saí correndo da casa para a rua, sem chapéu nem casaco, com o som do juiz Wilton chamando a polícia pelo telefone, ainda ecoando na noite atrás de mim. Corri numa velocidade antinatural das ruas sombrias e assombradas da cidade de Arkham, amaldiçoada pelas bruxas, para noite de outubro da Estrada Aylesbury, direto pela pista e pelo portão do pasto, onde por um breve instante, ouvi as sirenes soarem por trás de mim, e vi a casa Tuttle através do jardim, delineada num infernal brilho púrpura, bela, mas ainda assim, alienígena e tangivelmente maligna.

Empurrei então o detonador, e com um tremendo rugido, a velha casa explodiu em pedaços, e as chamas saltaram de onde a casa um dia havia estado. Por uns poucos momentos atônitos fiquei ali, subitamente ciente da chegada da polícia pela estrada ao sul da casa, antes de começar a mover-me na direção deles, e ver assim que a explosão havia conseguido o que Paul Tuttle havia imaginado: o colapso das cavernas subterrâneas sob a casa; pois a própria terra estava se assentando, deslocando-se

para baixo, e as chamas que subiam chiavam e ferviam na água que irrompia ali embaixo.

Foi então que aconteceu outra coisa — o último horror alienígena, que misericordiosamente bloqueou o que eu vi nas ruínas que se juntavam sobre as águas em inundação — a grande massa protoplásmica saída do centro do lago formado onde estava antes a casa Tuttle, e a coisa que veio gritando contra nós pelo jardim, antes que encarasse a outra e começasse uma batalha titânica pelo domínio, interrompida apenas pela brilhante explosão de luz que pareceu emanar do céu a leste, como um feixe de relâmpago incrivelmente poderoso; uma tremenda descarga de energia em forma de luz, de modo que por um horrendo momento tudo se revelou — antes que apêndices relampejantes caíssem como se do coração do próprio pilar de luz, um abarcando a massa nas águas, e jogando-a para longe no mar, o outro agarrando aquela segunda coisa no jardim e lançando-a ao céu, numa mancha negra que diminuía, onde desapareceu entre as estrelas eternas! E então veio aquele silêncio cósmico e absoluto, e onde um momento antes, este milagre de luz acontecera, estava apenas a escuridão e a linha de árvores contra o céu, e baixo no leste, o olho brilhante de Betelgeuse, em Órion ascendia na noite de outono.

Por um instante, não sabia o que era pior — o caos do momento anterior, ou o silêncio completo e sombrio do momento presente; mas os pequenos gritos dos homens horrorizados fizeram-me recuperar a vontade, e notei então que, pelo menos eles não compreenderam o horror secreto, a coisa final que cauteriza e enlouquece, a coisa que ascende nas horas negras para espreitar as profundezas sem fundo da mente. Eles podem ter ouvido, como eu ouvi, aquele som agudo e distante de assobio, aquela ululação enlouquecedora vinda do golfo imensurável e profundo do espaço cósmico, a lamúria que desceu com o vento, e as sílabas que flutuaram pelas correntes de ar: Tekeli-li, tekeli-li, tekeli-li... E certamente viram a coisa que veio gritando conosco, vinda das ruínas que afundavam lá embaixo, a caricatura distorcida de um ser humano, com seus olhos caídos na invisibilidade, em massas grosseiras de carne escamosa, a coisa que balançava seus braços sem ossos contra nós, como os apêndices de um polvo, a coisa que berrava e matraqueava com a voz de Paul Tuttle!

Mas eles não podiam saber o segredo que só eu sabia, o segredo que Amos Tuttle deve ter imaginado nas sombras de suas últimas horas, a coisa que Paul Tuttle demorou demais para descobrir: que o refúgio buscado por Hastur, o Inominável, o refúgio prometido Àquele Que Não Deve Ser Nomeado, não era o túnel, nem era a casa, mas o corpo e a alma de Amos Tuttle em pessoa, e caso estes não estivessem dispostos, a carne viva e a alma imortal daquele que vivesse naquela casa amaldiçoada na Estrada Aylesbury!



Cães de Tíndalos

Frank Belknap Long

∴

The Hounds of Tindalos (1929)

Weird Tales (mar. 1929)

Os Cães de Tindalos foram criados por Frank Belknap Long e mais tarde incorporados no cânone dos Mitos de Cthulhu através de August Derleth. Apareceram pela primeira vez neste conto, publicado pela primeira em março de 1929 na revista *Weird Tales*. Lovecraft menciona as criaturas no seu conto “O sussurro nas trevas” em 1931.



“Eu estou contente que você tenha vindo,” Chalmers disse. Estava sentado próximo à janela, muito pálido. Próximo a um dos braços dele queimavam duas velas quase derretidas que projetavam uma luz cor de âmbar fraca no longo nariz e em seu pequeno queixo. No apartamento de Chalmers não havia nada absolutamente moderno. O dono do apartamento tinha a alma medieval e preferia os manuscritos iluminados aos automóveis, e as gárgulas de pedra que os aparatos de rádio e as máquinas de calcular.

Removeu os livros e documentos que se amontoavam em um sofá e, ao atravessar a sala para me sentar me surpreendi ao ver na mesa dele algumas fórmulas matemáticas de um físico contemporâneo célebre junto com algumas estranhas figuras geométricas que Chalmers tinha copiado em alguns finos papéis amarelos.

“Surpreende-me esta coexistência de Einstein com John Dee,” disse ao desviar o olhar das equações matemáticas e descobrir os volumes estranhos que constituíam a pequena biblioteca de meu amigo. Nas prateleiras de ébano conviviam Plotino, Emmanuel, Mascópoulos, São Tomás de Aquino e Frenicle de Bessy. As poltronas, a mesa, a escrivaninha estavam cobertas com livros e folhetos sobre feitiçaria medieval e magia negra, bem como também de textos sobre todas as coisas bonitas e audaciosas que nosso mundo moderno rejeita.

Chalmers me ofereceu sorrindo, um cigarro russo e disse:

“Nós estamos chegando à conclusão agora que os velhos alquimistas e bruxos tinham razão em setenta cinco por cento, e os biólogos e o materialistas modernos estão enganados em noventa por cento.”

“Você sempre fez pouco da ciência de hoje em dia,” disse, com uma expressão clara de impaciência.

“Não,” respondeu “eu apenas tiro um sarro com o dogmatismo dela. Eu sempre fui um rebelde, um campeão da originalidade e das causas perdidas. Não se sinta estranho por ter decidido rejeitar as conclusões dos biólogos contemporâneos.”

“E o que me diz de Einstein?,” eu perguntei.

“Sacerdote da matemática transcendental!” murmurou com respeito. “Um místico profundo, um explorador de reinos imensos dos quais a existência só agora se começa a suspeitar.”

“Então você não rejeita a ciência completamente.”

“Claro que não! O que não me inspira confiança é o positivismo destes últimos cinquenta anos, tampouco as ideias de Haeckel, as de Darwin e as de Bertrand Russell. Eu acredito que a biologia falhou lamentavelmente quando tentou explicar a origem e o destino do homem.”

“Dê a eles uma margem de tempo.”

Os olhos de Chalmers faiscaram:

“Meu amigo,” murmurou, “Você acaba de fazer um jogo verdadeiramente sublime de palavras. Dê a eles uma margem de tempo. Eu daria encantado, porém precisamente quando se fala de tempo, os modernos biólogos se lançam a rir. Eles possuem a chave, mas se recusam a usá-la. O que sabemos nós sobre o tempo? Einstein considera-o relativo e acredita que se pode interpretar em função do espaço, de um espaço curvo. Mas não é necessário ficar preso ali. Quando as matemáticas param para nos ajudar, por acaso você não pode seguir em frente com ajuda da... intuição?”

“Esse é um terreno escorregadio. O verdadeiro investigador sempre evita cair nessa armadilha. Por isso que a ciência moderna avança tão lentamente. Só admite o que pode ser demonstrado. Mas você...”

“Eu, sabe o que faria? Tomaria haxixe, ópio, todas as drogas. Eu imitaria os sábios orientais se por acaso assim eu conseguisse...”

“Conseguisse o quê?”

“Conhecer a quarta dimensão.”

“Isso é puro teosofia, uma estupidez!”

“Talvez, mas eu sou acredito que as drogas podem aumentar o alcance da consciência humana. William James concorda com isso. Além disso, descobriram uma nova.”

“Uma droga nova?”

“Foi utilizada durante séculos pelos alquimistas chineses, porém, apenas se conhece no ocidente. Possui certas propriedades ocultas surpreendentemente assombrosas. Graças a esta droga e a meu conhecimento matemático, acredito que eu posso remontar o curso do tempo.”

“Não entendo o que você quer dizer.”

“O tempo não é nada mais que nossa imperfeita percepção de uma nova dimensão espacial. O tempo e o movimento são outras ilusões. Tudo o que existiu desde a origem do universo existe agora também. O que aconteceu durante milênios, continua acontecendo em outra dimensão do espaço. O que acontecerá dentro de milênios, acontece agora lá. Se não percebemos, é porque tampouco podemos penetrar na dimensão espacial onde elas acontecem. Os seres humanos, tal como os conhecemos, não são apenas partes infinitesimais de um todo imenso. Cada um de nós está unido a toda a vida que já existiu no planeta. Todos os nos-

sos antepassados formam parte de nós. Deles, somente o tempo nos separa, e o tempo é uma ilusão.”

“Creio que começo a compreender,” murmurei.

“Basta que tenha uma vaga ideia do assunto para que possa me ajudar. O que quero é arrancar de meus olhos o véu da ilusão que os cobre e ver o princípio e o fim.”

“E você acredita que esta droga nova serviria para algo?”

“Estou convencido disto. E desejo que me ajude. Eu quero tomá-la imediatamente. Eu não posso esperar. Eu tenho que ver,” seus olhos lançaram vislumbres estranhos. “Eu viajarei pelo tempo. Eu voltarei no tempo.”

Chalmers se levantou e pegou de cima da chaminé uma caixa quadrada.

“Aqui eu tenho cinco grânulos da droga Liao. Era usado pelo filósofo chinês Lao-Tse e, e Tao. Tao é a força mais misteriosa no mundo. Cerca e penetra todas as coisas e contém dentro sim a totalidade do universo visível e tudo aquilo nós denominamos realidade. O que pode contemplar o mistério do Tao saberá que tudo aquilo era e tudo aquilo será.”

“Fantasias,” comentei.

“Tao é como um enorme animal reclinado e imóvel que contém em si todos os mundos, o passado, o presente e o futuro. Através de uma fissura que chamamos de tempo, percebemos setores desse monstro terrível. Com a ajuda dessa droga vou aumentar essa fissura. Desse modo, contemplarei a verdadeira face da vida; verei a besta inteira, imensa e escondida.”

“E qual será a minha missão?”

“Escutar, meu amigo. Escutar e anotar o que irá escutar. E se eu ficar tempo demais no passado, você deve me sacudir violentamente, para trazer-me de volta a realidade. Se notar que estou sofrendo danos físicos intensos, deve fazer-me regressar imediatamente.”

“Chalmers,” disse “Não estou gostando disso. Você vai correr um risco terrível. Não acho que exista uma quarta dimensão, muito menos o Tao. Tampouco aprovo o uso de drogas desconhecidas.”

“Para mim não é desconhecida,” afirmou. “Conheço seu efeito sobre o homem e também seus perigos. A droga em si não é perigosa. Meu

único medo é perder-me no abismo do tempo, porque você deve saber que é minha intenção colaborar ativamente com a droga. Antes de tomá-la, me concentrarei nos símbolos geométricos e algébricos que estão desenhados neste papel,” me mostrou o diagrama que tinha sobre os joelhos “E assim prepararei meu espírito para a viagem transtemporal. Primeiro me aproximarei o máximo possível da quarta dimensão apenas com a força de meu próprio ego, e então tomarei a droga que me dará o poder oculto da percepção. Antes de penetrar no mundo onírico do misticismo oriental terei toda a ajuda matemática que a ciência pode me oferecer. A droga abrirá as portas da percepção e as matemáticas me permitirão compreender intelectualmente o que estiver atrás de tais portas. Meus conhecimentos matemáticos e minha aproximação consciente com a quarta dimensão completarão a ação da droga. Em meus sonhos já consegui muitas vezes captar a quarta dimensão na forma intuitiva e emocional, mas em estado de vigília eu nunca era capaz de me recordar do esplendor oculto que me era revelado momentaneamente em sonhos. Eu acredito, porém, que com sua ajuda, desta vez eu poderei. Você anotarà tudo o que eu disser enquanto estiver em transe, por mais estranho e incoerente que lhe pareça. Ao regressar, espero poder elucidar-lhe tudo que você não tenha entendido. Não estou seguro de que terei êxito, mas, se eu tiver,” um brilho estranho apareceu em seus olhos “O tempo não mais existirá para mim.”

Então, sentou.

“Vou fazer o experimento agora mesmo. Sente, por favor, junto da janela, e não deixe de me vigiar. Tem pena?”

Concordei secamente e peguei minha pena Waterman verde claro do bolso superior de minha jaqueta.

“E trouxe algo onde possa escrever, Frank?”

De má vontade, peguei uma agenda.

“Continuo energicamente não aprovando esse experimento,” grunhi. “Vai correr um risco terrível.”

“Não seja criança!” balançou o dedo para mim. “Estou decidido a fazê-lo apesar de tudo o que você disse, e a fazê-lo agora mesmo. Por favor, faça silêncio enquanto medito sobre esses diagramas.”

Pôs os desenhos a sua frente e se concentrou intensamente neles. Em silêncio, ouvia como o relógio avançando segundo a segundo. Uma an-

gústia indefinida comprimia meu peito.

De repente, o relógio parou. Nesse momento, Chalmers colocou a droga na boca e a tragou.

Rapidamente me aproximei dele, mas com o olhar me advertiu para que não o interrompesse.

“O relógio parou,” murmurou. “As forças que o governam aprovam meu experimento. O tempo parou e eu tomei a droga. Meu Deus, faça com que eu não me perca!”

Fechou os olhos e se ajeitou no sofá. Seu rosto estava pálido e respirava com dificuldade. Era evidente que a droga estava atuando extraordinariamente depressa.

“Começam as trevas,” murmurou. “Anote. Tudo está ficando escuro e estão sumindo os objetos familiares do apartamento. Ainda os vejo, porém borrados. E estão sumindo rapidamente.”

Sacudi a pluma, pois a tinta falhava, e segui tomando nota velozmente.

“Abandono o apartamento. As paredes se dissolvem como névoa. Não vejo nenhum objeto, mas posso ver sua cara. Suponho que esteja escrevendo. Creio que estou a ponto de dar um grande salto através do espaço, e talvez do tempo. Tudo é confuso, incerto.”

Permaneceu em silêncio algum tempo, com o queixo apoiado no peito. De repente, ficou rígido e abriu os olhos.

“Meu Deus!” exclamou. “Vejo.”

Achava-se todo contraído, tenso, mirando firmemente a parede que havia a sua frente. Porém eu sabia que seu olhar atravessava-a e que os objetos do apartamento não existiam para ele.

“Chalmers! Chalmers! Acordo-o?”

“De modo algum!” uivou. “Vejo tudo! Ante mim vejo os bilhões de anos que me precederam neste planeta. Vejo homens de todas as épocas, de todas as raças, de todas as cores. Lutam, se matam, constroem, dança, cantam. Sentam-se em torno da fogueira primitiva, em desertos frios, e tencionam elevar-se no ar a bordo de aviões. Cruzam os mares em toscos barcos de troncos e enormes barcos a vapor. Pintam bisões e elefantes nas paredes de grutas lúgubres e cobrem tecidos enormes com formas e cores do futuro. Vejo os emigrantes procedentes de Atlântida e Lemúria. Vejo as raças ancestrais: os anões negros que invadem a Ásia e

os homens de Neanderthal, de cabeça inclinada e pernas tortas, que se espalham pela Europa. Vejo os áqueos colonizando as ilhas gregas e contemplo as primeiras noções da nascente cultura helênica. Estou em Atenas e Péricles é jovem. Encontro-me em terra italiana. Participo do rapto das sabinas. Caminho com as legiões imperiais. Tremo de respeito e de pavor quando brilham os gigantescos estandartes e o solo trepida sob o passo dos vitoriosos. Conduzo uma litera de ouro e marfim arrastada por negros touros de Tebas, e ante mim ajoelham-se mil escravos e as mulheres, cobertas de flores, exclamam: *Ave César!*. Eu sorrio para eles e saúdo a multidão. Sou escravo numa galera. Vejo como, pedra por pedra, se levanta uma catedral. Contemplo durante meses, durante anos, como vão colocando em seu sítio cada uma de suas capelas. Estou crucificado, cabeça para baixo, nos perfumados jardins de Nero, e vejo, com ironia e desprezo, como funcionam as câmaras de tortura e da Inquisição. É um espetáculo divertido!

“Penetro nos mais sagrados santuários. Entro no Templo de Vênus. Ajoelho-me, em adoração, ante a Magna Mater e arremesso moedas ao seio das prostitutas sagradas que, com o rosto oculto, esperam nos Jardins da Babilônia. Penetro em um teatro inglês da época isabelina e, no meio de uma multidão fedorenta, aplaudo O Mercador de Veneza. Passeio com Dante pelas estreitas ruelas de Florença. Enquanto admiro, extasiado, à jovem Beatriz, seu vestido roça em minhas sandálias. Sou sacerdote de Ísis e meus poderes mágicos assombram o mundo. Aos meus pés se ajoelha Simon Mago, implorando minha ajuda, e o Faraó treme ante minha presença. Na Índia, falo com os Maestros e fico horrorizado, pois suas revelações são como sal em uma ferida sangrando. Percebo tudo simultaneamente. Percebo tudo de uma vez e a partir de todos os ângulos possíveis. Tomo parte de todas as bilhões de vida que me precederam. Existo em todos os seres humanos e todos os seres humanos existem em mim. Em um instante, vejo toda a história do homem, o passado e o presente.

“Mediante um pequeno esforço, sou capaz de contemplar passados cada vez mais longínquos. Agora me remonto em direção da própria origem, através de curvas e ângulos estranhos. Ao meu redor se multiplicam os ângulos e curvas. Há grandes setores de tempo que percebo através de curvas. Existe um tempo curvo e um tempo angular. Os mo-

radores do tempo curvo não podem penetrar no tempo angular. Tudo é muito estranho.

“Sigo retrocedendo cada vez mais. Da Terra, os homens já desapareceram. Vejo répteis gigantescos escondidos sob enormes palmeiras e nadando em pútridas águas negras. Os répteis desapareceram. Não há mais animais na terra, porém vejo perfeitamente sob as águas formas sombrias que se movem lentamente entre as algas.

“As formas que vejo são cada vez mais simples. Agora os únicos seres vivos são células. Ao meu redor, há cada vez mais ângulos, ângulos totalmente alheios à geometria humana. Tenho um medo horrível. Na criação existem abismos nos quais o homem nunca penetrou.”

Segui sem perdê-lo de vista. Chalmers havia se levantado e gesticulava como se pedisse ajuda. Então falou:

“Atravesso ângulos alheios ao espaço terrestre. Aproximo-me do horror supremo.”

“Chalmers!” exclamei. “Quer que eu intervenha?”

Ele levou a mão ao rosto, como que para não ver uma visão incrivelmente espantosa. Porém, disse com dificuldade:

“De forma alguma! Quero seguir adiante... Quero ver... o que há... ainda mais além...”

Sua testa estava coberta de suor frio e movia os ombros de modo espasmódico. Seu rosto aterrorizado estava cinza.

“Além da vida existem coisas que não consigo distinguir. Porém se movem lentamente através de ângulos alucinantes.”

Nesse momento, percebi pela primeira vez no apartamento um odor bestial e indescritível, nauseabundo, insuportável. Fui até a janela e a abri completamente. Quando voltei para o lado de Chalmers e vi sua expressão, estive a ponto de desmaiar.

“Farejaram-me!” soltou um gemido “Lentamente dão a volta em minha direção.”

Todo o seu corpo tremia horivelmente. Durante um momento agitou os braços no ar, como se buscando um algo para se proteger, e logo suas pernas cederam. Caiu no chão, onde permaneceu de bruços, soluçando e gemendo.

Em silêncio, contemplei como se arrastava no chão. Naqueles momentos, meu amigo não era um ser humano. Rangia os dentes e nos can-

tos da boca, formou-se uma espuma branca.

“Chalmers!” gritei. “Chalmers! Basta! Basta, ouviu?”

Como que em resposta à minha chamada, começou a emitir uns sons roucos e convulsivos, semelhantes a latidos, a caminhar em círculo de quatro pelo chão. Inclinei-me e agarrei-o pelos ombros. Sacudi-o violentamente, desesperadamente, e ele tentou morder-me o pulso. Sentia-me horrorizado, mas não soltei-o, pois temia que destruísse a si mesmo em um acesso de raiva.

“Chalmers!” murmurei. “Basta. Está em seu apartamento. Nada de mal pode acometê-lo. Compreende?”

Sacudi-lo e falar com ele surtiu efeito, e a expressão de loucura foi desaparecendo de seu rosto. Tremendo e convulsionando, desabou como um grotesco monte de carne no centro do tapete chinês.

Ajudei-o a caminhar até o sofá e a deitar-se nele. Seu rosto estava contraído de dor e me dei conta de que seguia lutando contra recordações espantosas.

“Whisky,” murmurou. “Está ali, na estante junto à janela, na gaveta superior da esquerda.”

Quando dei-lhe a garrafa, segurou-a com tanta força que seus dedos ficaram brancos.

“Quase me agarram,” disse entrecortadamente.

Bebia à grandes tragos irregulares e pouco a pouco sua face foi deixando a brancura.

“Essa droga,” eu disse, “é o diabo em pessoa.”

“Não era a droga,” gemeu.

Seu semblante não era de louco. Agora dava a impressão de um profundo desalento.

“Farejaram-me através do tempo,” sussurrou.

“Como eram?,” perguntei para mantê-lo falando.

Inclinou-se em minha direção e agarrou-me o braço com força. Outra vez foi dominado por horríveis tremores.

“Não há palavras para descrevê-los,” murmurou asperamente. “Foram vagamente simbolizados no Mito da Queda e de certa forma obscena que às vezes aparece gravada em algumas tabuletas arcaicas. Os gregos davam-lhes um nome que ocultava a impureza essencial desses seres. A maçã, a árvore e a serpente são símbolos do mistério mais atroz.”

Aos poucos, sua voz tornou-se um uivo:

“Frank! Frank! No começo consumou-se um ato terrível e imencionável! Antes do tempo, o ato, e depois do ato...”

Começou a andar histericamente pelo apartamento.

“As consequências do ato se movem através dos ângulos nas obscuras voltas do tempo. Têm fome e sede!”

“Chalmers,” tentei racionalizar, “estamos na terceira década do século XX!”

Porém, ele seguiu gritando:

“Têm fome e sede! *Os Cães de Tíndalos!*”

“Chalmers, quer que eu chame um médico?”

“Nenhum médico pode me ajudar. São horrores da alma e, contudo,” ocultou a cara entre as mãos, “são reais, Frank. Vi-os durante um momento horrível. Durante um instante cheguei a estar do outro lado. Encontrei-me em uma ribeira lividez, além do tempo e do espaço. Havia uma espantosa luz que não era luz e um silêncio cheio de uivos, e ali eu os vi. Em seus corpos débeis e famintos se concentra todo o mal do universo. Na realidade, não estou seguro de que tiveram corpo: só os vi por um instante. Porém, ouviram-me respirar. Durante um momento indescritível senti seu alento em minha cara. Viraram-se em minha direção e fugi gritando. Em um único instante fugi através de milhões de séculos.”

Porém me farejaram. Os homens despertam neles uma fome cósmica. Fazemo-os escaparem momentaneamente da aura impura que os rodeia. Tem sede de tudo o que há de puro em nós, de tudo o que emergiu imaculado naquele ato. Em nós há elementos que não participaram do ato e eles os aborrecem. Porém não imagine que são literalmente maus. No plano onde habitam não existe o bem e o mal como nós os concebemos. São o que, no princípio permaneceram desprovidos de pureza para sempre. Ao cometer o ato, se converteram em corpos de more, um receptáculo de toda impureza. Porém não são maus no sentido que nós damos a esta palavra, porque nas esferas em que se movem não existe pensamento, nem moral, nem bom, nem mau. Ali só existe o puro e o impuro. O impuro se expressa em ângulos; o puro em curvas. O homem, ou melhor dizendo, o que há de puro nele, procede do curvo. Não ria. Falo completamente sério.

Levantei-me para ir embora. Enquanto ia para a porta, disse:

“Você me dá muita pena, Chalmers. Porém não estou disposto a ouvi-lo delirar. Enviarei-o ao meu médico. É um homem de idade, muito compreensivo, e não se ofenderá a menos que você o mande para o diabo. Porém confio que seguirá as indicações que ele lhe der. Se você passar uma semana descansando em um sanatório, verá que vai se sentir bem melhor.”

Enquanto descia as escadas, ainda pude ouvir-lhe. Era uma risada tão desprovida de alegria que me fez chorar.

II.

Quando Chalmers me telefonou na manhã seguinte, meu primeiro impulso foi o de desligar imediatamente. Pedia-me para fazer algo tão insólito, e tão anormalmente alterada estava sua voz que duvidaria de meu próprio bom-senso se continuasse esse assunto. Mas não pude deixar de perceber a sinceridade de sua angústia, e quando sua voz falhou e ele começou a chorar, eu decidi atender a seu pedido.

“De acordo,” disse eu “vou agora mesmo e levo o gesso. A caminho da casa de Chalmers, eu parei numa loja de materiais comprei dez quilos de gesso. Ao entrar no quarto de meu amigo, eu o vi escondido junto à janela, olhando de frente para a parede, com os olhos enfebrecidos de terror. Quando me viu entrar, se levantou e agarrou o pacote de gesso com uma avidez que me deixou assustado. Tinha tirado toda a mobília do apartamento, que agora apresentava um aspecto absolutamente desolado.”

“Nós ainda podemos nos salvar!” ele exclamou. “Mas temos que agir depressa, Frank, há uma escada no vestíbulo, traga-a imediatamente. E traga também um balde d’água.”

“Por qual razão?” murmurei atônito. Ele virou-se vivamente para mim, e pude ver um raio de ira em seus olhos.

“Por qual razão você acha, tolo? Fazer a massa com o gesso!” ele gritou, fora de si. “Para fazer a massa que salvará nosso corpo e nossa alma de uma contaminação indizível. Para fazer a massa que salvará o mundo de um perigo... Frank, *temos que fechar as portas!*”

“Para quem?” eu perguntei.

“Para os Cães de Tíndalos!” ele exclamou. “Eles só podem chegar até nós através dos ângulos. Eliminemos todos os ângulos do apartamento! Eu porei gesso em todos os ângulos, em todos os cantos, em todas as fissuras. Ficará como o interior de uma esfera!”

Teria sido inútil discutir com ele. Eu levei-lhe a escada, Chalmers misturou o gesso com a água e trabalhamos durante três horas. Nós cobrimos os quatro cantos da parede, e também as interseções dela com o chão e o teto. Finalmente, nós arredondamos os ângulos duros da janela.

“Agora, ficarei aqui até eles irem embora.” disse Chalmers quando terminamos a tarefa. Ao perceber que o cheiro que seguem força-os a cruzar curvas, eles irão embora. Irão embora famintos, frustrados, insatisfeitos ao plano de impureza de onde vieram, anterior ao tempo e além do espaço.

Sorriu afavelmente e acendeu um cigarro.

“Agradeço-lhe muito por ter vindo.”

“Ainda não quer ir a um médico?” perguntei.

“Talvez amanhã,” respondeu. “Agora tenho que vigiar e esperar.”

“Esperar o quê?” indaguei.

Chalmers sorriu debilmente.

“Você acredita que estou louco,” disse, “compreendo perfeitamente. És inteligente, porém, também, és muito prosaico e não pode conceber a existência de nenhuma entidade independente de toda energia e de toda matéria. Porém, meu querido amigo, já lhe ocorreu pensar alguma vez que a energia e a matéria são as barreiras que o tempo e o espaço impõem a nossa percepção? Sabendo, como eu sei, que o tempo e o espaço são o mesmo e que são enganosos porque ambos não passam de manifestações imperfeitas de uma realidade superior, não tem sentido buscar no mundo visível nenhuma explicação do mistério e do terror do ser.

Levantei-me e fui em direção da porta.

“Perdoe-me,” exclamou. “Não quis ofendê-lo. Tens uma grande inteligência, mas não tem uma inteligência sobre-humana. É natural que você seja consciente de suas limitações.”

“Telefone-me se precisar,” disse e desci a escada de dois em dois. “Agora sim que o mando a meu médico,” disse a mim mesmo. “Está to-

talmente louco e sabe Deus o que pode acontecer se ninguém ocupar-se dele.”

III.

Resumo de dois artigos publicados na Gazeta de Patridgeville de 3 1928 de julho:

TREMOR DE TERRA NO CENTRO DA CIDADE

As duas da madrugada de hoje, um terremoto violento fez tremer os bairros centrais da cidade, quebrando várias janelas em Central Square e causando danos sérios na rede elétrica e nas instalações do metrô. Nos bairros periféricos, o terremoto também foi sentido, resultando na completa destruição do campanário do batista de igreja de Angell Hill que tinha sido projetada por Christopher Wren em 1717. Os bombeiros lutam para apagar o fogo que foi deflagrado nos navios da fábrica de pneus. O prefeito prometeu abrir uma investigação para determinar responsabilidades se existirem.

ESCRITOR OCULTISTA ASSASSINADO POR VISITANTE DESCONHECIDO

Crime horrível em Central Square

Um mistério impenetrável envolve a morte de Halpin Chalmers
Às nove horas do dia de hoje foi achado o corpo sem vida de Halpin Chalmers, escritor e periodicista, em um apartamento vazio em cima da joalheria Smithwich & Isaacs, no número 24 de Central Square. A investigação judicial mostrou que esse apartamento havia sido alugado pelo Sr.Chalmers no último dia 1 de maio e que ele próprio havia trazido a mobília, há quinze dias. O senhor Chalmers escreveu diversos livros sobre ocultismo. Era membro da Associação Bibliográfica e anteriormente havia residido no Brooklyn, em Nova York.

Às sete horas da manhã, o senhor L. E. Hancock, inquilino do apartamento situado na frente do de Chalmers no edifício de Smithwich &

Isaacs, sentiu um odor estranho ao abrir a porta para deixar seu gato entrar e pegar sua edição matinal da Gazeta de Patridgeville. O odor, segundo afirma, era extremamente pungente e enjoativo, e tão intenso perto da porta de Chalmers que teve que tapar o nariz quando se aproximou dela.

Estava a ponto de regressar ao seu apartamento quando lhe ocorreu que o cheiro poderia significar que Chalmers podia ter esquecido de fechar o gás em sua cozinha. Alarmado com essa possibilidade, decidiu investigar o que tinha acontecido, e, como ninguém respondia aos seus chamados de dentro do apartamento, ele chamou o zelador do edifício. Este último abriu a porta com uma chave mestra, e ambos adentraram no apartamento de Chalmers. A habitação estava totalmente desprovida de mobiliário, e Hancock assegurou que, ao ver o que havia no chão, sentiu-se enjoado, de modo que ele e o zelador ficaram um tempo na janela, sem olhar para trás.

Chalmers jazia deitado de barriga para cima no centro do apartamento. Estava completamente nu e tinha o peito e os braços cobertos com uma substância gelatinosa azulada. A cabeça, que tinha sido separada do corpo, repousava sobre o peito e suas feições estavam horrivelmente retorcidas e mutiladas. Não havia sinal de sangue.

O apartamento apresentava um aspecto insólito. Todas as arestas haviam sido cobertas com gesso, que em algumas partes havia se rachado, e em outras, desprendido. Os fragmentos de gesso caídos haviam sido agrupados juntos do cadáver, formando um triângulo perfeito. Junto do corpo encontravam-se várias folhas de papel amarelo quase inteiramente consumidas pelo fogo. Neles estavam desenhados vários símbolos fantásticos e estranhas figuras geométricas e podia-se ler diversas frases escritas apressadamente. Essas frases contudo, são tão absurdas que não proporcionaram a menor pista sobre o possível autor do crime. Aqui estão algumas das frases: “Vigio e espero. Estou sentado junto da janela e vigio as paredes e o teto. Não creio que cheguem até aqui, mas devo ter cuidado com os Doels, que talvez os ajudem a passar. Também os ajudariam os sátiros e eles podem avançar pelos círculos roxos. Os gregos sabiam como impedi-los. É lamentável que tenhamos esquecido tantas coisas...”

Em outro papel, no mais queimado dos sete ou oito fragmentos recolhidos pelo Sargento Detetive Douglas (da Polícia de Patridgeville), estava rabiscado o seguinte: “O gesso está caindo! Houve uma vibração terrível. Um terremoto, parece! Não podia prevê-lo. A luz vai acabar. Telefonar pra Frank. Ele chegará a tempo? Devo tentar. Recitarei a fórmula de Einstein. Estão passando! Conseguiram atravessar! Da fumaça nos cantos das paredes saem suas *línguas*.”

Na opinião do Sargento Detetive Douglas, Chalmers morreu envenenado por algum produto químico desconhecido. A polícia enviou amostras da estranha substância gelatinosa azul que cobria o corpo de Chalmers para o Laboratório Químico de Patridgeville e confia que o relatório dos cientistas jogará alguma luz sobre este crime, o mais misterioso dos últimos anos. Sabe-se que Chalmers teve uma visita na noite anterior ao terremoto, pois seu vizinho ouviu, ao passar pela porta de Chalmers, inconfundível barulho de conversação. O principal suspeito é esse visitante desconhecido, cuja identidade a polícia se esforça para descobrir.

IV.

Informe do doutor James Morton, químico e bacteriologista:

“Senhor juiz: a substância semilíquida que o senhor me mandou para estudos é a mais estranha que eu já vi na vida. Apresenta certas analogias com protoplasma, porém não se encontra nela nenhum indício de enzimas. As enzimas são catalisadores das reações químicas que ocorrem dentro da célula viva. Quando as células morrem, as enzimas as desintegram mediante hidrólise. Sem enzimas, o protoplasma possuiria uma vitalidade praticamente infinita, ou seja, seria imortal. As enzimas, por assim dizer, são os elementos negativos do organismo unicelular, que constitui a base da vida, e, na opinião dos biólogos, sem elas não pode existir matéria viva. E, entretanto, tais corpos indispensáveis se fazem ausentes da sustância gelatinosa que o senhor me enviou. O senhor compreende o significado que essa descoberta pode ter para a ciência?”

V.

Fragmento de um manuscrito intitulado “Os que velam em silêncio”, original do falecido Halpin Chalmers:

“E se existisse outra forma de vida, paralela a que conhecemos, mas sem os elementos que destroem a *nossa*? E se em outra dimensão existe uma força *diferente* da que gera nossa vida? E se essa força emite uma energia, que, procedente de sua dimensão desconhecida, consegue alcançar nosso espaço-tempo e criar uma nova forma de vida celular? Decerto que não se pode demonstrar que tal forma nova de vida existia em nosso universo, mas eu vi suas manifestações e falei com elas. De noite, em meu apartamento, falei com os Doels. E em meus sonhos, eu contemplei seu criador. Eu vi isto em regiões distantes, além do tempo e da matéria. Move-se através de curvas estranhas e ângulos alucinantes. Algum dia viajarei no tempo e ficarei cara a cara com ele.”



O Fogo de Assurbanipal

Robert E. Howard

∴

The Fire of Assurbanipal (1936)

Weird Tales (dez. 1936)

“O fogo de Assurbanipal” foi publicado pela primeira vez na *Weird Tales* em dezembro de 1936, quase meio ano depois da morte de R.E. Howard. É uma de três peças completas que o pai de Robert, Isaac Howard, enviou à *Weird Tales* depois da morte de seu filho (isso de acordo com uma carta que ele enviou para seu agente, Otis Adelbert Kline). É também a penúltima peça de Robert E. Howard nesta coleção.



Yar Ali deslizou cuidadosamente seu olhar pelo cano azul de sua Lee-Enfield, rezou para Alá com devoção e atravessou, com uma bala, o cérebro de um ágil cavaleiro.

— *Allaho akbar!* — o enorme afegão gritou de alegria, agitando sua arma acima da cabeça. — Deus é grande! Por Alá, *sahib*, acabo de mandar outro daqueles cães para o Inferno!

Seu companheiro espiou cautelosamente por cima da beirada do buraco que haviam escavado na areia com as próprias mãos. Era um americano magro e forte, chamado Steve Clarney.

— Bom trabalho, velho cavalo. — disse este último — Restam quatro. Veja... estão se retirando.

Os cavaleiros de roupas brancas estavam, de fato, cavalgando para longe, juntando-se para longe do alcance preciso do rifle, como se estivessem numa reunião. Eram sete, quando atacaram os dois camaradas pela primeira vez, mas o fogo dos rifles no buraco de areia havia sido mortal.

— Veja, *sahib*: eles abandonaram a luta!

Yar Ali se ergueu destemidamente e gritou zombarias para os cavaleiros em retirada; um deles girou e disparou uma bala que levantou areia a menos de 10 metros do buraco.

— Eles atiram como filhos de cães — disse Yar Ali, em complacente autoestima. — Por Alá, você viu como aquele velhaco pulou da sela quando minha bala o atingiu? Levante-se, *sahib*; vamos segui-los e acabar com eles!

Sem prestar atenção a esta proposta escandalosa — pois sabia que era uma das reações próprias da natureza afegã —, Steve se levantou, sacudiu o pó de suas calças e, olhando para os cavaleiros — agora pequenos pontos brancos no horizonte do deserto —, disse pensativo:

— Aqueles sujeitos cavalgam como se tivessem algum propósito em mente... não parecem nem um pouco com homens que fogem de uma derrota.

— Sim — concordou Yar Ali imediatamente, e sem ver nenhuma inconsistência entre sua atitude de agora e a recente sugestão sedenta de sangue —; eles cavalgam atrás de outros da raça deles... eles são falcões que não desistem facilmente de sua presa. Faríamos bem em sairmos logo daqui, *sahib* Steve. Eles voltarão... talvez dentro de poucas horas, talvez dentro de poucos dias... tudo depende da distância onde se encontra o oásis de sua tribo. Mas voltarão. Temos armas e vidas... eles querem ambas. E veja!

O afegão sacou a cápsula vazia e introduziu um único cartucho na culatra de seu rifle.

— Minha última bala, *sahib*.

Steve assentiu:

— Restam-me três.

Os incursores que haviam sido derrubados das selas foram saqueados pelos próprios companheiros. Não adiantaria revistar os corpos, que jaziam na areia, em busca de munição. Steve ergueu seu cantil e o sacudiu. Não restava muita água. Sabia que Yar Ali tinha apenas um pouco mais do que ele, embora o grande afridi, criado numa terra árida, estivesse acostumado e precisasse de menos água que o americano; entretanto o outro, julgado pelos padrões de um homem branco, era duro e resistente como um lobo. Enquanto Steve abria o cantil e bebia muito economicamente, ele recapitulava mentalmente a cadeia de eventos que os havia levado à presente situação.

Errantes, soldados da fortuna, unidos pelo acaso e atraídos um ao outro por admiração mútua, ele e Yar Ali haviam perambulado da Índia até o Turquestão e Pérsia — uma dupla estranha, mas altamente competente. Guiados pelo anseio incansável de inato desejo de aventuras, seu propósito confesso — para o qual haviam jurado e, às vezes, eles mesmos acreditavam — era o acúmulo de algum tesouro vago e não-descoberto, algum pote de ouro ao pé de algum arco-íris ainda não-nascido.

Então, na antiga Xiraz, eles haviam ouvido falar no Fogo de Assurbanipal. Dos lábios de um velho mercador persa, o qual só acreditava na metade do que repetia para eles, ouviram a história que ele, por sua vez, havia escutado dos lábios balbuciantes do delírio, em sua distante juventude. Ele havia sido membro de uma caravana, 50 anos antes, a qual, perambulando pela costa sul do Golfo Pérsico em comércio por pérolas, seguira a história de uma pérola rara que estava longe, dentro do deserto.

A pérola, segundo rumores encontrada por um mergulhador e roubada por um sheik do interior, eles não acharam, mas encontraram um turco que morria de fome, sede e um ferimento de bala na coxa. Enquanto morria delirando, ele balbuciou uma história desvairada, sobre uma silenciosa cidade morta, feita de pedra negra e situada entre as areias do deserto na direção oeste, e de uma gema flamejante agarrada pelos dedos de um esqueleto num antigo trono.

Ele não ousara trazê-la consigo, por causa de um esmagador horror pensativo que assombrava o local, e a sede o havia levado de volta ao de-

serto, onde beduínos o haviam perseguido e ferido. Mas conseguira escapar, cavalgando duramente até seu cavalo cair sob ele. Morrera sem dizer como havia alcançado a cidade mística, mas o velho mercador achava que ele deveria ter vindo do noroeste — um desertor do exército turco, fazendo uma tentativa desesperada de alcançar o Golfo.

Os homens da caravana não haviam tentado mergulhar mais fundo no deserto, em busca da cidade; pois, disse o velho mercador, eles acreditavam que ela fosse a antiga, muito antiga, Cidade do Mal, mencionada no Necromicon do louco árabe Alhazred — a cidade dos mortos, na qual repousava uma antiga maldição. Lendas a nomeavam vagamente: os árabes a chamavam Beled-el-Djinn, a Cidade dos Demônios; e os turcos, de Kara-Shehr, a Cidade Negra. E a gema era aquela antiga e amaldiçoada joia, que pertencera a um rei há muito tempo; um rei a quem os gregos chamavam Sardanapalus, e a quem os povos semitas chamavam Assurbanipal.

Steve fora fascinado pela história. Embora admitindo para si mesmo que era, sem dúvida, um dos dez mil mitos fantasiosos criados no Oriente, ainda havia uma possibilidade de que ele e Yar Ali se deparassem com um rastro daquele pote de ouro de arco-íris, ao qual procuravam. E Yar Ali tinha antes ouvido alusões sobre uma cidade silenciosa nas areias; histórias que haviam seguido as caravanas pelas terras altas da Pérsia e através das areias do Turquestão, dentro da região montanhosa e além... histórias vagas; sussurros sobre uma cidade negra dos djinns, nas profundezas das névoas de um deserto assombrado.

Então, seguindo a trilha daquela lenda, os companheiros haviam chegado, de Xiraz a um povoado na costa árabe do Golfo Pérsico, e lá eles ouviram mais, de um velho que havia sido pescador de pérolas em sua juventude. Ele tinha a tagarelice da idade, e contava histórias repetidas a ele por viajantes de outras tribos, os quais, por sua vez, as ouviram dos nômades selvagens das terras profundas do interior; e novamente Steve e Yar Ali ouviram sobre a quieta cidade negra, com bestas gigantes esculpidas em pedra, e o esqueleto do sultão que agarrava a gema resplendorosa.

E assim, xingando a si mesmo de idiota, Steve mergulhou naquilo de cabeça; e Yar Ali, convencido de que o conhecimento de todas as coisas repousa no colo de Alá, foi com ele. Seu escasso suprimento de dinheiro

lhes fora suficiente apenas para fornecer camelos e comida, para uma ousada e rápida invasão ao desconhecido. Seu único mapa havia sido os vagos rumores sobre a suposta localização de Kara-Shehr.

Foram dias de viagem árdua, forçando os animais e racionando água e comida. Então, nas profundezas que invadiram, eles haviam encontrado uma cegante tempestade de areia, na qual haviam perdido os camelos. Depois daquilo, vieram longas milhas cambaleando através das areias, expostos a um sol escaldante, sobrevivendo da água cada vez mais escassa de seus cantis e da comida que Yar Ali tinha numa bolsa. Agora já nem pensavam em encontrar a cidade mítica. Continuaram às cegas, na esperança de se depararem com uma fonte; sabiam que, atrás deles, não havia oásis numa distância que pudessem alcançar a pé. Era uma opção desesperada, mas a única que tinham.

Então, guerreiros vestidos de branco os atacaram, vindos da neblina do horizonte, e, de uma rasa trincheira cavada às pressas, os aventureiros haviam trocado tiros com os ferozes cavaleiros que os cercaram rapidamente. As balas dos beduínos haviam saltado através de sua fortificação improvisada, lançando-lhes areia nos olhos e lhes raspando partes das roupas, mas, por sorte, nenhuma delas os atingiu.

Seu único pedaço de sorte, refletiu Clarney, enquanto xingava a si mesmo de idiota. Que aventura louca, afinal! Pensar que dois homens poderiam desafiar assim o deserto e sobreviver, e ainda por cima lhe arrancar do seio abismal os segredos das eras! E aquela história louca da mão de um esqueleto agarrando uma joia flamejante numa cidade morta... asneira! Tolice total! Ele devia estar louco para acreditar nisso, decidiu o americano com a visão clara que o sofrimento e perigo trazem.

— Bem, velho cavalo — disse Steve, erguendo seu rifle —; vamos. É um jogo de azar ver se morreremos de sede, ou se seremos decepados pelos irmãos do deserto. De qualquer forma, não estamos bem, ficando aqui.

— Deus proverá. — Yar Ali concordou alegremente — O sol afunda no oeste. Logo, o frio da noite estará sobre nós. Talvez ainda encontremos água, *sahib*. Veja; o terreno muda ao sul.

Clarney ensombreceu seus olhos, protegendo-os do sol moribundo. Além da plana vastidão árida de muitas milhas de largura, a terra ficava

realmente mais acidentada; colinas desiguais se evidenciavam. O americano lançou o rifle sobre o braço e suspirou:

— Vamos adiante; somos comida para os abutres, de qualquer forma.

O sol afundou e a lua se ergueu, inundando o deserto com uma fantástica luz prateada. Areia levada pelo vento reluzia em ondas, como se um mar houvesse sido subitamente congelado. Steve, ressequido por uma sede que ele não ousara saciar totalmente, praguejava em voz baixa. O deserto era bonito sob a lua, com a beleza de uma fria Lorelei^[1], para atrair homens para a destruição. “Que busca louca!”, seu cérebro cansado repetia; o Fogo de Assurbanipal se refugiava dentro dos labirintos de irrealdade a cada passo arrastado. O deserto se tornou, não meramente um ermo material, mas as brumas cinzentas de éons perdidos, em cujas profundezas sonhavam coisas submersas.

Clarney cambaleava e praguejava; estaria ele já desfalecendo? Yar Ali se balançava ritmicamente, com as passadas fáceis e incansáveis de um montanhês, e Steve apertava seus dentes, encorajando-se para esforços maiores. Estavam finalmente entrando na região acidentada, e o caminho ficava mais difícil. Barrancos rasos e ravinas estreitas cortavam a terra com desenhos hesitantes. A maioria deles estava quase cheia de areia, e não havia sinal de água.

— Esta região um dia foi um oásis. — comentou Yar Ali — Só Alá sabe há quantos séculos a areia a tomou, como fez com muitas cidades do Turquestão.

Eles seguiram cambaleando, como mortos numa terra cinza de morte.

A lua ficou vermelha e sinistra ao se pôr, e a escuridão se assentou sobre o deserto, antes que alcançassem um ponto no qual pudessem ver o que ficava além daquela zona acidentada. Até mesmo os pés do enorme afegão começaram a se arrastar, e Steve se mantinha ereto apenas por uma selvagem força de vontade. Por fim, subiram, com grande esforço, uma espécie de aresta, em cujo lado sul a terra descia.

— Vamos descansar. — disse Steve — Não há água nesta região infernal. É inútil caminhar o tempo todo. Minhas pernas estão rígidas como canos de armas. Sou incapaz de dar outro passo para salvar meu pescoço. Aqui há uma espécie de penhasco raquítico, quase tão alto quanto

o ombro de um homem, voltado para o sul. Vamos dormir no sotavento dele.

— E não montaremos guarda, *sahib* Steve?

— Não. — respondeu Steve — Se os árabes cortarem nossas gargantas enquanto dormirmos, melhor. Estamos morrendo, de qualquer forma.

Com tal observação otimista, Clarney caiu rígido na areia. Mas Yar Ali ficou de pé, inclinando-se para a frente e forçando os olhos contra a escuridão enganosa, que transformava os horizontes estrelados em poços escuros de sombras.

— Há algo no horizonte, na direção sul. — ele murmurou inquieto — Uma colina? Não sei dizer e nem sequer tenho certeza de que vi alguma coisa.

— Você está vendo miragens. — disse Steve, irritado — Deite-se e durma.

Dizendo isso, Steve dormiu.

O sol em seus olhos o acordou. Ele se sentou, bocejou e sua primeira sensação foi de sede. Ergueu o cantil e molhou os lábios. Só restava um gole. Yar Ali ainda dormia. Os olhos de Steve perambularam sobre o horizonte sul, e ele se sobressaltou e chutou o afegão deitado.

— Ei, acorde, Ali. Acho que você não estava vendo coisas. Lá está sua colina... e algo estranho, também.

O *afridi* acordou como uma coisa selvagem: instantânea e completamente, com sua mão saltando para sua longa faca, enquanto olhava ferozmente ao redor, em busca de inimigos. Seu olhar seguiu os dedos de Steve a apontarem, e seus olhos se arregalaram.

— Por Alá e por Alá! — ele praguejou — Nós estamos numa terra de *djinns*! Aquilo não é uma colina... é uma cidade de pedra em meio às areias!

Steve se ergueu de um pulo, como uma mola de aço. Enquanto fitava com a respiração presa, um grito feroz lhe escapava dos lábios. Aos seus pés, a inclinação da aresta descia para uma larga e plana vastidão de areia, a qual se estendia para o sul. E, lá longe, através daquelas areias, aos seus olhos concentrados, a “colina” tomava forma lentamente, como uma miragem crescendo desde as areias ondulantes.

Ele viu grandes muros irregulares, enormes ameias; todo o redor se arrastava pelas areias, como uma coisa viva, amontoada no alto dos muros, suavizando os contornos ásperos. Não era de se espantar que, à primeira vista, tudo aquilo se parecesse com uma colina.

— Kara-Shehr! — Clarney exclamou ferozmente — Beled-el-Djinn! A cidade dos mortos! Não era uma alucinação, afinal! Nós a encontramos... céus, nós a encontramos! Venha! Vamos!

Yar Ali sacudiu a cabeça incerto e murmurou algo sobre *djinns* malignos, mas seguiu adiante. A visão das ruínas havia feito Steve se esquecer da sede, fome e do cansaço que poucas horas de sono não haviam reparado totalmente. Caminhava penosa, mas rapidamente, esquecendo-se do calor que aumentava, seus olhos brilhando com o desejo de explorar. Não era apenas a cobiça pela gema fabulosa o que havia induzido Steve Clarney a arriscar a vida naquele ermo sombrio; lá no fundo de sua alma, se escondia a velha herança do homem branco, o impulso de buscar lugares ocultos pelo mundo; e aquele ímpeto havia sido despertado das profundezas por aquelas antigas histórias.

Agora, enquanto cruzavam a planície erma que separava a terra irregular da cidade, eles viram que os muros despedaçados tomavam uma forma mais clara, como se crescesse no céu da manhã. A cidade parecia ser feita de enormes blocos de pedra negra, mas não havia como saber a altura verdadeira dos muros, por causa da areia que se amontoava alta, desde a base; em muitos lugares, eles haviam caído, e a areia ocultava completamente os pedaços.

O sol ficou a pino e a sede importunava, apesar do entusiasmo; mas Steve controlou ferozmente seu sofrimento. Seus lábios estavam ressecados e inchados, mas ele não beberia seu último gole, enquanto não alcançasse a cidade em ruínas. Yar Ali molhou seus lábios com seu próprio cantil, e tentou dividir o restante com seu amigo. Steve negou com a cabeça e continuou a caminhar penosamente.

No calor feroz da tarde no deserto, eles alcançaram as ruínas e, atravessando um buraco largo na muralha desmoronada, contemplaram a cidade morta. A areia obstruía as ruas antigas e dava uma forma fantástica às enormes colunas caídas e meio escondidas. Estava tudo tão decaído e coberto da areia, que os exploradores mal conseguiam identificar o traçado original da cidade; agora ela era apenas uma imensidão de mon-

tes de areia e pedras caídas, sobre as quais pairava, como uma nuvem invisível, uma aura de antiguidade inexprimível.

Mas, logo à frente deles, corria uma larga avenida, cujo contorno nem mesmo as devastadores areias e ventos foram capazes de apagar. Em ambos os lados do amplo caminho, havia enormes colunas enfileiradas; não eram especialmente altas, principalmente tendo em conta a areia que escondia suas bases, mas incrivelmente largas. No topo de cada coluna, havia uma figura esculpida em pedra sólida — imagens grandes e sombrias, meio humanas, meio bestiais, participando da brutalidade que pairava em toda a cidade. Steve gritou assombrado:

— Os touros alados de Nínive. Os touros com cabeças de homens! Pelos santos, Ali, as velhas histórias são verdadeiras! Os assírios realmente construíram esta cidade! Toda a história é verdadeira! Devem ter vindo para cá, quando os babilônios destruíram a Assíria; ora, este cenário é idêntico às imagens que vi... reconstrói cenas da velha Nínive! E veja!

Ele apontou para a grande construção que estava na outra extremidade da rua larga — um edifício colossal, cujas colunas e paredes, de sólidos blocos negros de pedra, desafiavam os ventos e areias do tempo. Aquele ondulante e destruidor mar de areia se arrastava ao redor de seus alicerces, inundando suas portadas, mas seriam necessários mil anos para inundar toda a estrutura.

— Uma moradia de demônios! — murmurou Yar Ali, inquieto.

— O templo de Baal! — exclamou Steve — Vamos! Eu temia encontrar todos os palácios e templos escondidos pela areia, e ter de cavar em busca da gema.

— Isso nos fará pouco bem. — murmurou Yar Ali — Morreremos aqui.

— Conto com isso. — Steve desatarraxou a tampa de seu cantil — Vamos tomar nosso último gole. De qualquer forma, estamos a salvo dos árabes. Eles jamais ousarão vir para cá, por causa de suas superstições. Beberemos e morreremos aqui, eu calculo, mas primeiro encontraremos a joia. Quando eu morrer, quero tê-la em minha mão. Talvez, daqui a alguns séculos, algum bastardo sortudo encontre nossos esqueletos... e a gema. Aqui está para ele, quem quer que seja!

Com essa brincadeira sombria, Clarney esvaziou seu cantil e Yar Ali fez o mesmo. Haviam jogado sua última carta; o resto repousava no colo de Alá.

Atravessavam a larga avenida a passos largos, e Yar Ali, totalmente destemido diante de um humano, olhava nervosamente à direita e esquerda, como se esperando ver um rosto fantástico e com chifres lhes olhando atravessado de trás de uma coluna. Steve sentiu a sombria antiguidade do local, e quase se pegou temendo um ataque de carruagens de bronze, vindo das ruas esquecidas, ou ouvindo o súbito e ameaçador clangor de trombetas de bronze. O silêncio em cidades mortas era muito mais intenso, ele refletia, do que aquele do deserto aberto.

Chegaram aos portais do grande templo. Fileiras de imensas colunas flanqueavam a ampla entrada, a qual afundava na areia até os joelhos e da qual pendiam maciças estruturas de bronze, as quais outrora haviam sustentado enormes portas, cuja polida madeira havia apodrecido há séculos. Entraram num grande salão de penumbra nebulosa, cujo sombreado teto de pedra era sustentado por colunas que pareciam os troncos das árvores de uma floresta. Todo o efeito da estrutura era de uma magnitude terrível, e de um esplendor sombrio e de tirar o fôlego, como um templo construído por gigantes lúgubres para abrigar os deuses obscuros.

Yar Ali caminhava temeroso, como se na expectativa de acordar deuses adormecidos, e Steve, mesmo sem as superstições do *afridi*, sentia a melancólica imponência do local lhe colocar mãos sombrias na alma.

Não havia um único resto de pegada na poeira espessa sobre o chão; meio século havia se passado desde que o assustado turco, atormentado por demônios, fugira daqueles salões silenciosos. Quanto aos beduínos, era fácil ver por que aqueles supersticiosos filhos do deserto evitavam essa cidade assombrada — e era realmente assombrada, não por fantasmas de verdade, talvez, mas pelas sombras de esplendores perdidos.

Enquanto caminhavam pelas areias do salão, as quais pareciam não ter fim, Steve considerou muitas perguntas: Como aqueles fugitivos da ira de rebeldes enlouquecidos construíram aquela cidade? Como atravessaram o país de seus inimigos (pois a Babilônia fica entre a Assíria e o deserto árabe)? Mas já não tinham outro local para irem; a oeste, fica a Síria e o mar; a o norte e leste estavam apinhados pelos “perigosos me-

dos^[2]”, aqueles ferozes arianos, cuja ajuda havia fortalecido o braço da Babilônia para pulverizar seus inimigos.

Possivelmente, pensou Steve, Kara-Shehr — ou qualquer que fosse seu nome naqueles dias obscuros — havia sido construída como um posto-avançado fronteiriço, antes da queda do império assírio, para o qual fugiram sobreviventes daquela destruição. De qualquer forma, era possível que Kara-Shehr houvesse sobrevivido a Nínive por alguns séculos — uma cidade estranha e solitária, isolada do resto do mundo.

Certamente, como disse Yar Ali, esta foi outrora uma região fértil, regada por oásis; e, sem dúvida, na região acidentada pela qual passaram na noite anterior, existiram pedreiras que forneceram a pedra para a construção da cidade.

Então, o que causou a ruína dela? A invasão das areias e o preenchimento dos mananciais por elas fizeram o povo abandoná-la, ou Kara-Shehr era uma cidade silenciosa antes das areias pularem as muralhas? A decadência veio de dentro ou de fora? Foi uma guerra civil que aniquilou os habitantes, ou eles foram massacrados por algum poderoso inimigo vindo do deserto? Clarney sacudiu a cabeça em frustrada humilhação. As respostas para essas perguntas estavam perdidas no labirinto de eras esquecidas.

— *Allaho akbar!*

Haviam atravessando o salão sombreado e, em sua extremidade mais afastada, se depararam com um horrível altar de pedra negra, atrás do qual avultava um antigo deus, bestial e aterrador. Steve encolheu os ombros, ao reconhecer o aspecto monstruoso da imagem: sim, aquele era Baal, em cujo altar negro, em outras eras, muitas vítimas gritando, se retorcendo e desnudas haviam oferecido suas almas nuas. O ídolo incorporava, em sua total, abismal e sombria bestialidade, toda a alma dessa cidade demoníaca. Certamente, pensou Steve, os construtores de Nínive e Kara-Shehr foram feitos num molde diferente das pessoas de hoje. Sua arte e cultura eram muito maciças e muito sombriamente desprovidas dos aspectos mais suaves da humanidade, para serem totalmente humanas, como o homem moderno entende a humanidade.

Sua arquitetura era desagradável; de alto nível técnico, mas muito maciça, sombria e bruta, a ponto de estar quase além do alcance das pessoas modernas.

Os aventureiros atravessaram uma porta estreita, que se abria ao final do salão, próxima ao ídolo, e adentraram uma série de câmaras amplas, obscuras e empoeiradas, ligadas umas às outras por corredores flanqueados de colunas. Avançaram a passos largos por eles, na cinzenta luz fantasmagórica, e finalmente chegaram a uma escada larga, cujos enormes degraus subiam e desapareciam na escuridão. Yar Ali parou lá.

— Já nos atrevemos demais, *sahib*. — ele murmurou — É sensato nos arriscarmos mais?

Steve, embora trêmulo de impaciência, entendeu a intenção do afegão:

— Você quer dizer que não deveríamos subir esses degraus?

— Eles têm uma aparência maligna. Para quais câmaras de silêncio e horror eles podem levar? Quando os *djinns* assombram construções abandonadas, eles espreitam nas câmaras mais altas. A qualquer momento, um demônio pode arrancar nossas cabeças.

— Seja como for, já somos homens mortos. — grunhiu Steve — Mas você pode voltar pelo salão e vigiar se os árabes vêm, enquanto subo as escadas.

— É como aguardar por um vento no horizonte. — respondeu melancolicamente o afegão, erguendo o rifle e desembainhando sua longa faca — Nenhum beduíno vem para cá. Vamos, *sahib*. Tu estás louco, como todos os francos... mas eu não te deixaria enfrentar um *djinn* sozinho.

Assim, os companheiros subiram os enormes degraus, seus pés afundando, a cada passo, na poeira acumulada pelos séculos. Foram subindo e subindo, a uma altura inacreditável, até o chão lá embaixo se perder numa vaga escuridão.

— Estamos caminhando cegamente para nossa condenação, *sahib*. — murmurou Yar Ali — *Allah il allah...* e Maomé é seu Profeta! No entanto, sinto a presença do Mal adormecido, e nunca mais voltarei a ouvir o vento soprar no Passo Khyber.

Steve não respondeu. Ele não gostava do silêncio morto que pairava sobre o antigo templo, nem da horrível luz cinza que se infiltrava de algum lugar oculto.

Agora, acima deles, a escuridão clareava um pouco e eles entraram numa enorme câmara circular, iluminada tristemente pela luz que se in-

filtrava através do teto alto e perfurado. Mas outro brilho colaborava para a iluminação. Um grito escapou dos lábios de Steve, ecoado por Yar Ali.

De pé no último degrau da larga escada de pedra, eles olhavam diretamente através daquela ampla câmara, com seu maciço chão de ladrilhos coberto de pó e suas desnudas paredes de pedra negra. Do centro da câmara, enormes degraus subiam até um estrado de pedra; e, sobre este estrado, se erguia um trono de mármore. Ao redor deste trono, brilhava e tremeluzia uma luz misteriosa, e os aterrados aventureiros ofegaram ao ver sua fonte. Sobre o trono, jazia um esqueleto humano, uma massa quase disforme de ossos se esfarelado. Uma mão sem carne pendia estirada sobre o largo braço marmóreo do trono e, em seu horrível aperto, pulsava e palpitava como uma coisa viva, uma grande pedra rubra.

O Fogo de Assurbanipal! Mesmo após terem achado a cidade, Steve não havia realmente se permitido acreditar que encontrariam a gema, ou que ela sequer realmente existisse. Mas ele não podia duvidar da evidência em seus olhos, deslumbrados por aquela incandescência maligna e incrível. Com um grito feroz, ele saltou pela câmara e pelos degraus. Yar Ali estava logo atrás dele, mas, quando Steve ia agarrar a gema, o afegão lhe pegou o braço.

— Espere! — exclamou o enorme maometano — Não a toque ainda, *sahib*! Há uma maldição sobre coisas antigas... e esta certamente é uma coisa três vezes maldita! Por que mais ela permaneceria aqui intacta, numa região de ladrões, por tantos séculos? Não é bom perturbar as poses dos mortos.

— Tolice! — bufou o americano — Superstições! Os beduínos estavam assustados pelas histórias contadas a eles por seus ancestrais. Sendo moradores do deserto, temem qualquer cidade, e não duvido que esta tivesse uma má reputação quando era habitada. E ninguém, exceto os beduínos, havia visto este local antes, exceto aquele turco, que provavelmente estava meio louco por causa do sofrimento.

“Estes ossos podem ser os do rei mencionado na lenda — o ar seco do deserto conserva tais coisas indefinidamente —, mas eu duvido. Talvez assírios — mais provavelmente árabes —, ou de algum mendigo que pegou a gema e morreu no trono por algum motivo ou outro”.

O afegão mal o ouvia. Ele olhava para a grande pedra com amedrontada fascinação, como um pássaro hipnotizado que mira o olho de uma serpente.

— Veja, *sahib*! Ele sussurrou — O que é isso? Nenhuma gema como esta foi talhada por mãos mortais! Veja como ela palpita e pulsa, como o coração de uma cobra!

Steve olhava, e percebeu uma estranha e indefinida sensação de desconforto. Perfeito conhecedor de pedras preciosas, ele nunca tinha visto uma como esta. À primeira vista, ele havia suposto que fosse um rubi monstruoso, como dito nas lendas. Agora ele não tinha certeza, e tinha uma nervosa sensação de que Yar Ali estava certo, de que isto não era uma gema natural e normal. Ele não conseguia classificar o estilo no qual ela era talhada, e o poder de seu brilho era tal, que ele achou difícil olhá-la de perto por muito tempo. Todo o local não era adequado para acalmar nervos inquietos. A grande quantidade de pó no chão sugeria uma antiguidade nociva; a luz cinza evocava uma sensação de irrealidade, e as maciças paredes negras se erguiam sombriamente, sugerindo coisas escondidas.

— Vamos pegar a pedra e partir! — murmurou Steve, com um pânico incomum se erguendo no peito.

— Espere! — Os olhos de Yar Ali ardiam, e ele olhava, não para a gema, mas para as sombrias paredes de pedra — Somos moscas na teia da aranha! *Sahib*, tão certo quanto Alá existe, é mais do que fantasmas de velhos medos que espreitam sobre esta cidade de horror! Sinto a presença do perigo, como já senti antes... como senti numa caverna na selva, onde uma píton espreitava na escuridão, sem ser vista... como senti no templo dos thugs^[3], onde os estranguladores ocultos de Shiva se agachavam para saltar sobre nós... como sinto agora, só que dez vezes mais intenso!

O cabelo de Steve formigou. Ele sabia que Yar Ali era um veterano implacável, e que não estava reprimido por medo tolo ou pânico sem sentido; ele se lembrava muito bem dos incidentes mencionados pelo afegão, bem como de outras ocasiões, nas quais o instinto telepático de Yar Ali o havia advertido do perigo, antes que o mesmo pudesse ser visto ou ouvido.

— O que é isto, Yar Ali? — ele sussurrou.

O afegão sacudiu sua cabeça, com os olhos preenchidos por uma estranha luz misteriosa, enquanto ouvia as memórias obscuras e ocultas de seu subconsciente.

— Não sei; sei que está perto de nós, e que é muito antigo e muito maligno. Eu acho... — Súbito, ele parou e girou, o brilho lúgubre lhe desaparecendo dos olhos, para ser substituído por um olhar de medo e suspeita lupinos.

— Ouça, *sahib*! — ele falou bruscamente — Fantasmas ou mortos sobem a escada!

Steve se enrijeceu, quando o bater furtivo de sandálias macias lhe chegou aos ouvidos.

— Por Judas, Ali! — ele disse abruptamente — Há algo lá fora...

As paredes antigas ressoaram com um coro de gritos selvagens, quando uma horda de figuras ferozes inundou a câmara. Por um instante aturdido e insano, Steve acreditou realmente que estavam sendo atacados por guerreiros reencarnados de uma era desaparecida; logo, o estalar rancoroso de uma bala passando perto de sua orelha, e o odor acre de pólvora lhe indicaram que seus inimigos eram suficientemente materiais. Clarney praguejou; em sua segurança imaginária, foram pegos como ratos numa armadilha, pelos perseguidores árabes.

Enquanto o americano puxava seu rifle, Yar Ali atirou mortalmente a queima-roupa, com o rifle apoiado no quadril; lançou o rifle vazio na horda e desceu os degraus como um furacão, sua faca khaibar de mais de 90 centímetros lhe brilhando na mão peluda. Em seu gosto por batalha, entrava alívio autêntico por seus inimigos serem humanos. Uma bala arrancou o turbante de sua cabeça, mas um árabe caiu com o crânio rachado sob o primeiro golpe cortante do montanhês.

Um beduíno alto apoiou o cano de sua arma no lado do afegão, mas antes que pudesse puxar o gatilho, a bala de Clarney lhe estourou os miolos. A própria quantidade de agressores lhes estorvava o ataque ao *afridi*, cuja rapidez de tigre fazia os tiros serem tão perigosos para ele quanto para eles próprios. A maioria o cercava, atacando com cimitarras e rifles, enquanto outros atacavam escada acima atrás de Steve. Naquele alcance, não havia como errar; o americano simplesmente mirava o cano de seu rifle num rosto barbudo e disparava, transformando-o em ruínas medonhas. Os outros avançavam, rugindo como panteras.

E agora, enquanto se preparava para gastar seu último cartucho, Clarney viu duas coisas num breve instante: um guerreiro feroz, com saliva na barba e uma pesada cimitarra erguida, estava quase sobre ele; e outro, que se ajoelhava no chão, apontando cuidadosamente seu rifle para Yar Ali, o qual pulava. Steve fez uma escolha instantânea e disparou sobre o ombro do espadachim que atacava, matando o homem do rifle... e voluntariamente oferecendo a própria vida para salvar a do amigo, pois a cimitarra se dirigia à sua própria cabeça. Mas, mesmo enquanto o árabe balançava, grunhindo com a força de seu golpe, sua sandália escorregou nos degraus de mármore e a lâmina curva, desviando-se erráticamente do seu arco, se espatifou no cano do rifle de Steve. Num instante, o americano ergueu o rifle e, quando o beduíno recuperou o equilíbrio e reergueu a cimitarra, Clarney golpeou com toda a sua força, e coroa e crânio se despedaçaram juntos.

Então, uma bala pesada lhe estalou ombro adentro, nauseando-o com o impacto.

Enquanto ele cambaleava aturdido, um beduíno laçou-lhe os pés com um turbante e puxou cruelmente. Clarney caiu de ponta-cabeça pelos degraus e colidiu com força assombrosa. Uma coroa de arma, numa mão marrom, saiu para lhe arrebentar os miolos, mas um comando imperioso deteve o golpe:

— Não o matem, mas amarrem suas mãos e pés.

Enquanto Steve se debatia atordoado contra muitas mãos que o agarravam, ele teve a impressão de já ter ouvido antes aquela voz imperiosa, em algum lugar.

A queda do americano ocorreu em questão de segundos. Mesmo quando o segundo tiro de Steve fora disparado, Yar Ali havia meio decapado o braço de um atacante, e ele próprio recebido um golpe entorpecedor de coroa de rifle em seu ombro esquerdo. Sua jaqueta de pele de carneiro, vestida apesar do calor do deserto, lhe salvou a pele de meia-dúzia de facas retalhadoras. Um rifle foi disparado tão perto de seu rosto, que a pólvora o queimou ferozmente, arrancando um grito sedento de sangue do enlouquecido afegão. Quando Yar Ali ergueu sua lâmina gotejante, o atirador assustado ergueu o rifle acima da cabeça com ambas as mãos, para deter o golpe descendente, mas o *afridi*, com um ganido de exultação feroz, saltou como um gato selvagem no ataque

e mergulhou seu longo punhal na barriga do árabe. Mas, naquele instante, a coronha de um rifle, girada com toda a força e maldade de seu portador, se espatifou contra a cabeça do gigante, abrindo-lhe o escalpo e fazendo-o cair de joelhos.

Com a ferocidade teimosa e silenciosa de sua raça, Yar Ali se levantou novamente, cambaleando às cegas e golpeando os inimigos aos quais mal conseguia ver, mas uma chuva de golpes o derrubou novamente, e seus atacantes não pararam de lhe bater, enquanto ele não ficasse imóvel no chão. Eles o teriam matado em pouco tempo, se não fosse por outra ordem imperiosa de seu chefe; depois, o amarraram inconsciente e o lançaram para baixo, ao lado de Steve, que estava totalmente consciente e sabedor do selvagem ferimento de bala em seu ombro.

Ele olhou ferozmente o árabe alto que descia os olhos em sua direção.

— Bem, *sahib* — disse este, e Steve viu que ele não era beduíno —; lembra-se de mim?

Steve franziu a testa — um ferimento a bala não ajuda na concentração.

— Você parece familiar... por Judas! Você é Nureddin El Mekru!

— Estou honrado! O *sahib* se lembra! — Nureddin o saudou zombeteiramente ao estilo árabe — E você se lembra, sem dúvida, da ocasião em que me deu *este* presente!

Os olhos escuros se ensombreceram de ameaça amarga, e o sheik indicou uma fina cicatriz branca na mandíbula.

— Eu me lembro. — rosnou Clarney, a quem a dor e ira não tendiam a tornar dócil — Foi na Somália, anos atrás. Você era um traficante de escravos na época. Um pobre negro fugiu de você e se refugiou comigo. Você veio ao meu acampamento numa noite, com seus modos despóticos, iniciou um tumulto e, na briga resultante, levou um talho de cutelo no rosto. Eu gostaria de ter cortado seu pescoço nojentos!

— Você teve sua chance. — respondeu o árabe — Agora virei a mesa.

— Pensei que seu raio de ação ficasse a oeste. — rosnou Clarney — Iêmen e Somália.

— Abandonei o tráfico de escravos há muito tempo. — respondeu o sheik — É um jogo antiquado. Liderei um bando de ladrões no Iêmen

por um tempo; logo, fui novamente forçado a mudar de local. Vim para cá com uns poucos seguidores fiéis e, por Alá, esses selvagens quase me cortaram o pescoço quando nos encontramos pela primeira vez. Mas venci suas desconfianças, e agora lidero mais homens do que os que me seguiram durante anos.

“Aqueles contra quem você lutou ontem eram meus homens — batedores aos quais eu mandara à frente. Meu oásis fica bem a oeste. Cavalgamos por muitos dias, pois eu estava a caminho desta cidade. Quando meus batedores voltaram e me contaram sobre dois aventureiros, não mudei meu curso, pois eu tinha negócios em Beled-el-Djinn. Cavalgamos cidade adentro pelo oeste e vimos suas pegadas na areia. Nós os seguimos, e vocês pareciam búfalos cegos que não ouviram nossa chegada”.

Steve rosnou:

— Você não nos pegaria tão facilmente; apenas achamos que nenhum beduíno ousaria entrar em Kara-Shehr.

Nureddin balançou afirmativamente a cabeça:

— Mas não sou beduíno. Viajei para muito longe, vi muitas terras e raças, e li muitos livros. Sei que o medo é como fumaça, que os mortos estão mortos e que *djinns*, fantasmas e maldições são brumas que se vão com o vento. Foi por causa dos contos sobre a pedra vermelha que adentrei este deserto abandonado. Mas demorei meses para persuadir meus homens a cavalgarem comigo até aqui.

“Mas... aqui estou! E sua presença é uma deliciosa surpresa. Sem dúvida, você se pergunta por que lhe capturei com vida; planejei um entretenimento mais elaborado para você e esse suíno *pachtun*. Agora... pegarei o Fogo de Assurbanipal e partiremos”.

Ele se dirigiu para o estrado, e um de seus homens, um gigante barbudo e caolho, exclamou:

— Pare, meu senhor! Um antigo mal reinou aqui, antes dos dias de Maomé! Os *djinns* uivam por estes salões quando o vento sopra, e homens têm visto fantasmas dançando nas muralhas sob o luar. Nenhum homem mortal ousou desafiar esta cidade negra por mil anos... exceto um, há meio século, que fugiu guinchando.

“Você veio desde o Iêmen; você não conhece a antiga maldição sobre esta cidade repugnante e esta pedra maligna, a qual pulsa como o cora-

ção negro de Satã! Nós o seguimos até aqui contra nosso bom-senso, porque você tem demonstrado ser um homem forte e disse ter um encanto contra todas as coisas malignas. Você disse que só desejava olhar para esta gema preciosa, mas agora vejo que sua intenção é pegá-la para si. Não ofenda os *djinns*!”.

— Não, Nureddin, não ofenda os *djinns*! — repetiram outros beduínos em coro. Os próprios bandidos endurecidos do sheik, num grupo compacto afastado dos beduínos, nada diziam; fortalecidos para crimes e atos de impiedade, eles eram menos afetados pelas superstições dos homens do deserto, para os quais a terrível história da cidade amaldiçoada fora repetida durante séculos. Steve, mesmo odiando Nureddin com rancor concentrado, percebia o poder magnético do homem, a capacidade inata de liderança que o capacitara a subjugar daquele modo os medos e tradições das eras.

— A maldição recai sobre os infiéis que invadem a cidade — respondeu Nureddin —, não sobre os Fiéis. Vejam: nesta câmara, nós derrotamos nossos inimigos kafaes!

Um falcão do deserto de barba branca sacudiu a cabeça:

— A maldição é mais antiga que Maomé, e não escolhe raça nem crença. Homens maus construíram esta cidade negra, na aurora do Começo dos Dias. Eles oprimiram nossos ancestrais das tendas negras e guerrearam entre eles; sim, as muralhas negras desta cidade repugnante foram manchadas de sangue, e ressoaram com os gritos de festejos profanos e os sussurros de intrigas obscuras.

“Assim chegou a pedra à cidade: havia um bruxo na corte de Assurbanipal, e a sabedoria negra das eras não lhe foi negada. Para ganhar honra e poder para si mesmo, ele desafiou os horrores de uma vasta caverna sem nome numa terra obscura e desconhecida, e, daquelas profundezas assombradas por demônios, ele trouxe essa gema brilhante, a qual é entalhada das chamas congeladas do Inferno! Graças aos seus terríveis poderes em magia negra, ele enfeitiçou o demônio que guardava a antiga gema, e assim roubou a pedra. E o demônio ficou dormindo naquela caverna desconhecida.

“Assim, este mago — de nome Xuthltan — morou na corte do sultão Assurbanipal, e fez magia e previsões esquadrinhando as profundezas vermelhas da pedra, dentro das quais somente os olhos dele podiam

mirar sem ficarem cegos. E os homens chamaram a pedra de O Fogo de Assurbanipal, em honra ao rei.

“Mas o mal chegou ao reino, e homens gritaram que era a maldição dos *djinns*; e o sultão, sentindo muito medo, ordenou a Xuthltan que pegasse a gema e a lançasse dentro da caverna da qual ele a pegara, antes que acontecessem males ainda piores com eles.

“Mas o mago não tinha a intenção de se desfazer da gema, na qual ele lera estranhos segredos da época pré-adâmica, e fugiu para a cidade rebelde de Kara-Shehr, onde logo estourou uma guerra civil e os homens lutaram uns contra os outros pela posse da gema. Então, o rei que governava a cidade cobiçou a gema, capturou o mago e o torturou até a morte. E, nesta própria câmara, ele assistiu à sua morte; com a gema na mão, o rei se sentou no trono... como ele já havia se sentado antes... como ficou sentado através dos séculos... como está sentado agora!”.

O dedo do árabe apontou para os ossos esfarelados sobre o trono de mármore, e os ferozes homens do deserto recuaram; até os próprios patifes de Nureddin recuaram, prendendo a respiração, mas o sheik não mostrou sinal de perturbação.

— Enquanto Xuthltan morria — continuou o velho beduíno —, ele amaldiçoou a pedra cuja magia não o salvara, e guinchou em voz alta as terríveis palavras que desfaziam o feitiço, o qual ele colocara sobre o demônio na caverna, e libertou o monstro. E, invocando aos gritos os deuses esquecidos... Cthulhu, Koth, Yog-Sothoth e todos os moradores pré-adâmicos das cidades negras sob o mar e das cavernas da terra... ele os chamou para tomarem de volta o que era deles e, com seu último suspiro, amaldiçoou o falso rei, e aquela maldição era a de que o rei permaneceria sentado em seu trono, segurando em sua mão o Fogo de Assurbanipal até o trovejar do Juízo Final.

“Por isso, a grande pedra gritou como se estivesse viva, e o rei e seus soldados viram uma nuvem negra se erguer em círculos desde o chão, e da nuvem soprou um vento fétido; e, deste vento, saiu uma forma medonha, a qual estendeu patas espantosas para a frente e as colocou sobre o rei, o qual murchou e morreu ao toque delas. Os soldados fugiram aos gritos, e todo o povo da cidade correu aos prantos para o deserto, onde morreram ou atravessaram o ermo até alcançarem as distantes cidades do oásis. Kara-Shehr ficou silenciosa e abandonada, um antro de lagar-

tos e chacais. E, quando algumas pessoas do deserto se aventuraram dentro da cidade, encontraram o rei morto em seu trono, agarrando a gema ardente, mas não se atreveram a tocá-la, pois sabiam que o demônio espreitava próximo para guardá-la através das eras, como ele o faz da mesma forma, enquanto estamos aqui”.

Os guerreiros estremeceram involuntariamente e olharam ao redor; e Nureddin disse:

— Por que ele não apareceu quando os francos adentraram a câmara? Ele está surdo, para que o ruído do combate não o tenha despertado?

— Nós não tocamos na gema — respondeu o velho beduíno —, nem os francos a molestaram. Os homens olharam para ela e viveram; mas nenhum mortal pode tocá-la e sobreviver.

Nureddin começou a falar, olhou para aqueles rostos teimosos e inquietos, e percebeu a futilidade de seus argumentos. Sua atitude mudou abruptamente.

— Quem manda aqui sou eu. — ele retrucou, descendo a mão até seu coldre — Não suei nem sangrei por esta gema, para agora ser impedido por medos sem fundamento! Todos para trás! Se algum homem cruzar meu caminho, pagará com a cabeça!

Ele os encarou com os olhos ardendo, e eles recuaram, intimidados pela força de sua personalidade impiedosa. Ele subiu destemidamente os degraus de mármore, e os árabes prenderam o fôlego, recuando em direção à porta; Yar Ali, finalmente desperto, gemeu sombriamente. “Deus!”, pensou Steve, “Que cena estranha!”. Cativos amarrados no chão empoeirado, guerreiros selvagens agrupados ao redor, segurando suas armas, o cru cheiro ácido de sangue e pólvora queimada, ainda empestando o ar; corpos espalhados, numa horrenda mistura de sangue, miolos e entranhas... e, sobre o estrado, o sheik de rosto aquilino, esquecido de tudo, exceto do maligno brilho escarlate nos dedos esqueléticos que descansavam sobre o trono de mármore.

Um silêncio tenso se apoderou de todos, quando Nureddin estendeu lentamente a mão, como se hipnotizado pela pulsante luz escarlate. E, no subconsciente de Steve, estremecia um eco fraco, como de algo vasto e repugnante, acordando subitamente de um sono de eras. Os olhos do americano se moveram instintivamente em direção às sombrias paredes

ciclópicas. O brilho da joia foi estranhamente alterado: agora era de um ardor vermelho mais intenso e profundo — irado e ameaçador.

— Coração de todo o mal — murmurou o sheik —, quantos príncipes morreram por ti, no Início dos Acontecimentos? Certamente, o sangue dos reis pulsa dentro de ti. Os sultões, princesas e generais que te usaram viraram pó e foram esquecidos, mas tu brilhas com majestade não-obscurecida, fogo do mundo...

Nureddin pegou a pedra. Um gemido estremecedor irrompeu dos árabes, cortado por um agudo grito inumano. A Steve parecia, horrivelmente, que a grande joia havia gritado como uma coisa viva! A pedra escorregou da mão do sheik. Nureddin talvez a tivesse soltado; para Steve, parecia que ela pulou convulsivamente, como o faria uma coisa viva. Ela rolou do estrado, pulando de degrau em degrau, com Nureddin saltando atrás dela, praguejando enquanto sua mão tentava agarrá-la sem conseguir. A pedra bateu no chão, mudou brutalmente de direção e, apesar da espessa camada de pó, rolou como uma bola giratória de fogo em direção à parede de trás. Nureddin estava bem próximo dela... a pedra bateu na parede... e a mão do sheik se esticou para pegá-la.

Um grito de medo mortal rompeu o tenso silêncio. Sem aviso, a parede sólida havia se aberto. E, da abertura, saiu um tentáculo que agarrou violentamente o corpo do sheik, como um píton que envolve sua vítima, e o puxou impetuosamente para dentro da escuridão. Então, a parede ficou novamente lisa e sólida; o único som que se ouvia de dentro era um grito medonho, agudo e abafado, que gelou o sangue de quem ouvia. Uivando sem palavras, os árabes correram e se aglomeraram numa massa alvoroçada na portada, atravessando-a e descendo loucamente os largos degraus.

Steve e Ali, deitados e indefesos, ouviram o clamor frenético da fuga diminuir à distância, e miravam em horror mudo àquela parede sombria. Os guinchos desapareceram, dando lugar a um silêncio ainda mais horripilante. Prendendo o fôlego, eles ouviram subitamente um som que lhes congelou o sangue nas veias: o suave deslizar de metal ou pedra numa ranhura. Ao mesmo tempo, a porta oculta começou a se abrir, e Steve viu um brilho na escuridão, o qual poderia ser o cintilar de olhos monstruosos. Ele fechou os próprios olhos; não ousava olhar para qualquer que fosse o horror que escapulisse daquele hediondo buraco negro.

Ele sabia que há tensões às quais o cérebro humano não consegue resistir, e cada instinto primitivo de sua alma lhe gritava que essa coisa era pesadelo e loucura. Sentiu que Yar Ali também fechava, e os dois ficaram deitados, como se estivessem mortos.

Clarney não ouviu mais nada, mas sentiu a presença de um mal aterrador, horrível demais para a compreensão humana — de um Invasor vindo de Golfos Exteriores e de distantes extensões negras de seres cósmicos. Um frio mortal invadiu aquela sala, e Steve sentiu a mirada de olhos inumanos lhe queimar as pálpebras fechadas e congelar sua consciência. Se olhasse, se abrisse os olhos, ele sabia que uma loucura completamente negra seria sua sina.

Sentiu um bafo repugnante, de sacudir a alma, contra seu rosto, e percebeu que o monstro estava se curvando acima dele; mas ficou imóvel, como um homem congelado num pesadelo. Ele se apegava a um pensamento: nem ele nem Yar Ali haviam tocado a joia à qual este horror guardava.

Logo, ele não sentia mais aquele odor imundo, o frio no ar ficava apreciavelmente menor, e ele ouvia novamente a porta secreta se fechar. O demônio estava retornando ao seu esconderijo. Nem mesmo todas as legiões do Inferno conseguiram evitar que os olhos de Steve se abrissem um pouquinho. Ele só teve um vislumbre, enquanto a porta oculta se fechava — e aquele mero vislumbre foi o bastante para lhe tirar toda a consciência do cérebro. Steve Clarney, aventureiro de nervos de ferro, desmaiou pela única vez em sua vida nada monótona.

Por quanto tempo ficou inconsciente, Steve nunca soube, mas não deve ter sido muito, pois foi despertado pelo sussurro de Yar Ali:

— Fique quieto, *sahib*; movendo um pouco o meu corpo, posso alcançar tuas cordas com meus dentes.

Steve sentiu os dentes fortes do afegão trabalharem em suas amarras e, enquanto permanecia com o rosto contra a poeira espessa e seu ombro ferido começava a latejar dolorosamente — ele havia se esquecido disso até então —, ele começou a reunir os fios dispersos de sua consciência, e esta retornou totalmente a ele. Quantos, ele se perguntava atordoado, haviam sido os pesadelos de delírio, nascidos do sofrimento e da sede que lhe endurecia a garganta? A luta com os árabes havia sido real — as ataduras e ferimentos mostravam isso —, mas o destino medo-

nho do sheik... a coisa que se arrastava para fora da abertura negra na parede... certamente, aquilo fora uma invenção do delírio. Nureddin devia ter caído num poço, ou em algum tipo de buraco... Steve sentiu que suas mãos estavam livres, e ele se levantou, sentando-se e procurando às cegas por alguma navalha esquecida pelos árabes. Ele não olhou para cima, nem ao redor da câmara, enquanto cortava as cordas que lhe amarravam os tornozelos, e logo soltou Yar Ali, trabalhando desajeitadamente, porque seu braço esquerdo estava rígido e inútil.

— Onde estão os beduínos? — ele perguntou, enquanto o afegão se levantava, erguendo-o.

— Por Alá, *sahib* — sussurrou Yar Ali —, está louco? Acaso esqueceu? Vamos sair logo, antes que o *djinn* retorne!

— Foi um pesadelo. — murmurou Steve — Veja... a joia está de volta ao trono...

Sua voz se apagou. Aquele brilho vermelho pulsava novamente no antigo trono, refletindo-se na caveira embolorada. Mais uma vez, nos estirados dedos de osso, pulsava o Fogo de Assurbanipal. Mas, aos pés do trono, jazia outro objeto que não havia estado lá antes... a cabeça decepada de Nureddin el Mekru olhava cegamente para o alto, em direção à luz cinza que se infiltrava pelo teto de pedra. Os lábios sem sangue estavam contraídos num sorriso pavoroso, e os olhos arregalados refletiam um horror insuportável. Na espessa poeira do chão, havia três rastros: um do sheik, quando este seguira a joia vermelha enquanto esta rolava até a parede, e, acima dele, dois outros grupos de rastros, vindos do trono e retornando à parede — rastros amplos e sem forma, como se fossem de pés achatados, gigantescos e com garras — nem humanos nem animais.

— Meu Deus! — disse Steve, se engasgando — Foi verdade... e a Coisa... a Coisa que eu vi...

Steve se lembrou da fuga daquela câmara como um pesadelo impetuoso, no qual ele e seu companheiro se lançaram impetuosamente por uma escada sem fim, a qual era um buraco cinzento de medo; correram cegamente através de empoeiradas câmaras silenciosas e passaram pelo ídolo de olhar furioso no enorme salão, até chegarem à luz ardente do sol do deserto, onde caíram extenuados, tentando recuperar o fôlego.

Mais uma vez, Steve foi incitado pela voz do *afridi*:

— *Sahib, sahib*; em nome de Alá, o Compassivo, nossa sorte mudou!

Steve olhou para seu companheiro, com o olhar de um homem em transe: as roupas do enorme afegão estavam esfarrapadas e encharcadas de sangue, e sua voz parecia um grasnido. Mas seus olhos estavam acesos com esperança, e ele apontou com um dedo trêmulo.

— Na sombra daquele muro em ruínas! — ele resmungou, esforçando-se para umedecer os lábios enegrecidos — *Allah il allah!* Os cavalos dos homens que matamos! Com cantis e bolsas de comida nas selas! Os cães fugiram sem parar para pegarem os cavalos de seus camaradas!

Uma vida nova surgiu dentro do peito de Steve, e ele se ergueu cambaleante.

— Vamos embora daqui. — ele murmurou — Vamos, rápido!

Como moribundos, eles cambalearam até os cavalos, soltaram-nos e subiram com dificuldade até as selas.

— Vamos guiar as montarias poupadas. — resmungou Steve, e Yar Ali assentiu em enfática concordância:

— Provavelmente precisaremos delas antes de avistarmos a costa.

Embora seus nervos torturados gritassem pela água que balançava nos cantis pendurados nas selas, eles viraram suas montarias para o lado e, balançando-se nas selas, cavalgaram como cadáveres voadores pela longa rua arenosa de Kara-Shehr, entre os palácios em ruínas e as colunas desagregadas; cruzaram a muralha caída e se dirigiram ao deserto. Em nenhum momento, eles olharam para trás, em direção àquela pilha negra de horror antigo, nem sequer falaram, até as ruínas desaparecerem à distância. Foi então, e só então, que eles pararam e aliviaram a sede.

— *Allah il allah!* — disse Yar Ali devotamente — Aqueles cães me golpearam até eu achar que cada osso do meu corpo estivesse quebrado. Desmonte, eu lhe peço, *sahib*, e me deixe examinar essa maldita bala e enfaixar seu ombro da melhor forma que minha habilidade limitada permitir.

Enquanto o fazia, Yar Ali falou, evitando o olhar de seu amigo:

— Você disse, *sahib*; disse algo sobre... sobre ver? O que viste, em nome de Alá?

Um forte estremecimento sacudiu a estrutura de aço do americano:

— Você não olhava quando... quando a... a Coisa pôs a joia de volta à mão do esqueleto, e deixou a cabeça de Nureddin no estrado?

— Por Alá, não! — jurou Yar Ali — Meus olhos estavam tão fechados quanto se tivessem sido soldados pelos ferros derretidos de Satã!

Steve não respondeu, até terem saltado novamente para as selas e iniciado sua longa jornada em direção à costa, a qual, com cavalos descansados, comida, água e armas, eles tinham uma boa chance de alcançar.

— Eu olhei. — o americano disse sombriamente — Gostaria de não tê-lo feito; sei que sonharei com isso pelo resto de minha vida. Tive apenas um vislumbre; eu não conseguiria descrevê-lo como um homem descreve uma coisa terrena. Deus me ajude, não era uma coisa terrena nem normal. A humanidade não é a primeira dona da terra; havia outros Seres aqui, antes da sua chegada... e agora, sobreviventes de épocas horivelmente antigas. Talvez esferas de dimensões desconhecidas permaneçam invisíveis neste universo material hoje. Sacerdotes evocavam demônios adormecidos, no passado, e os controlavam com magia. Não é absurdo supor que um feiticeiro assírio pudesse invocar um demônio elemental até a terra, para vingá-lo e guardar algo que deve ter vindo do Inferno, em primeiro lugar.

“Tentarei lhe dizer o que vislumbrei; depois, não voltaremos mais a falar nisso. Era gigantesco, negro e sombrio; era uma monstruosidade enorme, a qual andava ereta como um homem, mas também parecia um sapo, e tinha asas e tentáculos. Eu só a vi de costas; se eu a visse de frente — se eu tivesse visto seu rosto —, eu sem dúvida ficaria louco. O velho árabe estava certo; Deus nos socorra, era o monstro que Xuthltan evocou das escuras e ocultas cavernas da terra, para vigiar o Fogo de Asurbanipal!”.



Haïta, o Pastor

Ambrose Bierce

∴

Haïta The Shepherd (1891)

Wave (jan. 1891)

Hastur (*O Impronunciável, Aquele Que Não Deve Ser Nomeado, Assatur, Xastur, H'aaztre* ou *Kaiwân*), é uma deidade integrante dos Mitos de Cthulhu. Sua primeira aparição foi neste conto de Ambrose Bierce, publicado na revista *Wave* em janeiro de 1891. Sua figura era de um deus benevolente, protetor dos pastores. Este conto também fez parte das antologias “Can Such Things Be?” e “Tales of Soldiers and Civilians” do autor (ambos sem publicação em português).



No coração de Haïta as ilusões da juventude não foram suplantadas por aquelas da idade e da experiência. Seus pensamentos eram puros e agradáveis, pois sua vida era simples e sua alma desprovida de ambição. Ele levantava com o sol e saía para orar no santuário de Hastur, o deus dos pastores, que ouvia e ficava satisfeito. Depois do cumprimento deste rito religioso, Haïta abria o portão do curral e com animada disposição

guiava seu rebanho para o campo, comendo sua refeição matinal de coa-lhada e bolo de aveia enquanto caminhava, ocasionalmente parando para pegar algumas frutas, frias com o orvalho, ou para beber das águas que vinham das colinas para se juntar ao rio no meio do vale e serem levadas adiante com ele, para onde ele não sabia.

Durante o longo dia de verão, enquanto suas ovelhas aparavam a boa grama que os deuses haviam feito crescer para elas, ou quando permaneciam ruminando com suas pernas dianteiras dobradas sob seus peitos, Haïta, reclinado à sombra de uma árvore ou sentado sobre uma pedra, tocava tão doce a música em sua flauta pastoril que, às vezes, do canto de sua visão, ele tinha relances acidentais de divindades silvestres secundárias, que se inclinavam do matagal para ouvir; mas se ele as olhasse diretamente, elas desapareciam. Disto — pois ele deveria estar pensando se não se tornaria uma de suas próprias ovelhas —, ele esboçou a solene conclusão de que a felicidade pode vir se não for buscada, mas se procurada, nunca será vista; pois, depois de adorar Hastur, que nunca se revelava, o que Haïta mais valorizava era o interesse amigável de seus vizinhos, os imortais tímidos das matas e dos rios. Ao anoitecer, ele guiava seu rebanho de volta ao curral, verificava se o portão estava seguro e se retirava para sua caverna para uma refeição leve e para os sonhos.

Assim passava sua vida, um dia como o outro, exceto quando as tempestades expressavam a ira de um deus ofendido. Então Haïta se escondia em sua caverna, sua face escondida em suas mãos, e rezava para que apenas ele pudesse ser punido por seus pecados e para que o mundo fosse salvo da destruição. Às vezes, quando havia chuva intensa e o rio transbordava, obrigando-o a impelir seu rebanho aterrorizado para o planalto, ele intercedia pelas pessoas nas cidades que, como lhe disseram, habitavam no prado, além das duas planícies azuis que formavam a passagem de seu vale.

“É gentil de tua parte, ó Hastur”, assim ele orou, “me dar montanhas tão próximas à minha moradia e ao meu curral que eu e minhas ovelhas possamos escapar dos temporais ameaçadores; mas o resto do mundo, tu mesmo debes resgatar de alguma maneira que desconheço, ou eu não mais o idolatrarei”.

E Hastur, sabendo que Haïta era um jovem que mantinha sua palavra, poupou as cidades e desviou as águas para o mar.

Deste modo ele viveu desde quando podia recordar. Ele não poderia conceber corretamente qualquer outro modo de existência. O eremita santo que residia no topo do vale, a uma hora de distância, de quem ele ouvira as histórias das grandes cidades onde residiam pessoas — pobres almas! — que não tinham ovelhas, não lhe informou sobre aquele tempo antigo, quando, assim raciocinou, ele deveria ser jovem e indefeso como um cordeiro.

Foi pensando nesses mistérios e maravilhas, e naquela mudança horrível para o silêncio e a decadência que ele tinha certeza que algum dia deveria vir até ele, como ele vira chegar a tantos de seu rebanho — como vinha a todas as coisas vivas, exceto aos pássaros — que Haïta, pela primeira vez, se tornou consciente de como miserável e sem esperança era seu destino.

“É necessário”, ele disse, “que eu saiba de onde e como eu vim; pois como pode alguém cumprir suas obrigações a menos que seja capaz de julgar o que elas são pela maneira na qual estava incumbido delas? E qual contentamento eu posso ter quando não sei quanto tempo isso vai durar? Talvez antes de outro sol eu possa estar mudado, e então o que será de minhas ovelhas? O que, de fato, será de mim?”.

Ponderando sobre essas coisas, Haïta se tornou melancólico e taciturno. Ele não falava mais alegremente com seu rebanho, nem seguia com entusiasmo para o santuário de Hastur. Em cada brisa ele ouvia sussurros de divindades malignas cuja existência, pela primeira vez, ele observava. Cada nuvem era um presságio significando desastre, e a escuridão era cheia de pavores. Sua flauta, quando aplicada a seus lábios, não oferecia melodia, mas uma lamentação sombria; as deidades silvestres e ribeirinhas não mais se aglomeravam no matagal para ouvir, mas fugiam do som, o que ele percebia pelas folhas mexidas e flores curvadas. Ele relaxou sua vigilância e muitas de suas ovelhas fugiram para as colinas e se perderam. Aquelas que permaneceram tornaram-se magras e doentes pela falta de boa pastagem, pois ele não mais a procurava para elas, mas as conduzia dia após dia para o mesmo local, por meio de simples abstração, enquanto se intrigava com a vida e a morte — já que sobre a imortalidade ele nada sabia.

Um dia, enquanto cedia às mais sombrias reflexões, ele de repente saltou da pedra onde estava sentado e com um gesto determinado da

mão direita exclamou: “Não serei mais um suplicante pelo conhecimento detido pelos deuses. Deixe-os tomar conta disso que não me fazem mal. Farei meu dever da melhor maneira possível e, se eu falhar, de acordo com suas próprias cabeças, que assim seja!”.

De repente, enquanto ele falava, um grande brilho caiu sobre ele, fazendo-o olhar para cima, pensando que o sol irrompera através de uma fenda nas nuvens; mas não havia nuvens. Não mais do que à distância de um braço estava uma bela donzela. Tão bela ela era que as flores próximas a seus pés dobraram suas pétalas em resignação e curvaram suas cabeças em sinal de submissão; tão doce era seu olhar que os beija-flores se aglomeravam em seus olhos, projetando seus bicos sedentos quase para dentro deles, e as abelhas selvagens estavam próximas a seus lábios. E tal era seu brilho que as sombras de todos os objetos permaneciam divergentes de seus pés, girando enquanto ela se movia.

Haïta estava extasiado. Levantando-se, ajoelhou-se diante dela em adoração, e ela colocou sua mão sobre sua cabeça.

“Venha”, ela disse com uma voz que possuía a música de todos os sinos de seu rebanho — “venha, tu não deves adorar a mim, pois não sou deusa, mas se fores verdadeiro e obediente, eu estarei contigo”.

Haïta agarrou sua mão, e balbuciando sua alegria e gratidão, levantou-se, e de mãos dadas permaneceram e sorriram um para o outro. Ele a fitou com reverência e êxtase. Ele disse: “Suplico a ti, adorável donzela, me diga teu nome e de onde e por que vieste”.

A isto, ela colocou um dedo de advertência sobre seu lábio e começou a se retirar. Sua beleza passou por uma alteração visível que o fez tremer, sem saber por que, pois ela ainda estava bonita. A paisagem estava escurecida por uma sombra gigante que deslizava através do vale com a velocidade de um predador. Na obscuridade, a figura da donzela se tornou escura e indistinta e sua voz parecia distante, enquanto ela dizia, em um tom de triste reprimenda: “Presunçoso e ingrato jovem! Devo, então, deixar-te tão cedo? Nada faria, mas tu precisas rapidamente quebrar o pacto eterno?”.

Inexpressivamente aflito, Haïta caiu de joelhos e implorou a ela que ficasse — levantou-se e buscou-a na escuridão mais profunda — correu em círculos, chamando-a alto, mas tudo em vão. Ela não estava mais visível, mas fora da escuridão ele ouvia sua voz dizendo: “Não, tu não me

terás se procurar. Vá para tua obrigação, incrédulo pastor, ou nunca mais nos encontraremos”.

A noite caíra; os lobos uivavam nas colinas e as ovelhas aterrorizadas aglomeravam-se aos pés de Haïta. Com as ocupações da hora, ele esqueceu seu desapontamento, guiou suas ovelhas ao curral e, dirigindo-se ao lugar de adoração, despejou seu coração em gratidão a Hastur por permiti-lo salvar seu rebanho; então retirou-se para sua caverna e dormiu.

Quando Haïta acordou, o sol estava alto e brilhava dentro da caverna, iluminando-a com grande glória. E lá, ao seu lado, estava a donzela. Ela sorriu para ele com um sorriso que parecia ser música de sua flauta. Ele não ousou falar, temendo ofendê-la como antes, pois não sabia o que poderia se aventurar a dizer.

“Porque”, ela disse, “tu fizeste tua obrigação pelo rebanho, e não te esqueceste de agradecer a Hastur por satisfazer os lobos da noite, venho a ti de novo. Tu me aceitarás como companhia?”.

“Quem não te aceitaria para sempre?”, respondeu Haïta. “Oh! Nunca me deixes de novo até — até eu mudar e me tornar silencioso e imóvel”.

Haïta não conhecia uma palavra para a morte.

“Eu gostaria, de fato”, ele continuou, “que tu fosses do meu próprio sexo, que nós pudéssemos lutar e disputar corridas, e assim nunca nos cansarmos de estar juntos”.

A essas palavras, a donzela levantou-se e saiu da caverna, e Haïta, saltando de seu leito de ramos perfumados para ultrapassá-la e detê-la, observou, para seu espanto, que a chuva caía e o rio no meio do vale transbordava. As ovelhas baliavam em horror, pois as águas em ascensão haviam invadido seu curral. E havia perigo para as cidades desconhecidas do prado distante.

Passaram-se muitos dias até que Haïta visse a donzela novamente. Um dia ele retornava do topo do vale, para onde levava leite de ovelha e bolo de aveia e frutas para o eremita santo, que era velho e fraco demais para prover a si mesmo com comida.

“Pobre velho!”, ele disse com voz alta, enquanto se arrastava ao longo do caminho para casa. “Retornarei amanhã e o carregarei em minhas costas para minha própria residência, onde posso cuidar dele. Sem dúvi-

da foi por isso que Hastur cuidou de mim por todos esses muitos anos, e me dá saúde e força”.

À medida que ele falava, a donzela, vestida em vestuários brilhantes, o encontrou no caminho com um sorriso que tirou seu fôlego.

“Eu vim novamente”, ela disse, “para morar contigo se tu queres agora me ter, pois ninguém mais terá. Tu podes ter adquirido sabedoria e queres me ter como eu sou e não te importas em saber”.

Haïta jogou-se a seus pés. “Belo ser”, ele gritou, “se tu apenas condescenderes a aceitar toda a devoção do meu coração e alma — depois de Hastur ser servido —, ela será tua para sempre. Mas, ai de mim! Tu és caprichosa e voluntariosa. Antes do sol de amanhã posso perder-te novamente. Prometas, eu te imploro, que por mais que em minha ignorância eu possa ofender, tu me perdoarás e permanecerás sempre comigo”.

Mal ele havia terminado de falar e um bando de ursos surgiu das colinas, correndo em direção a ele com bocas sanguinárias e olhos ardentes. A donzela novamente desapareceu, e ele virou-se e fugiu por sua vida. Ele não parou até estar na cabana do eremita santo, para onde partira. Barrando rapidamente a porta contra os ursos, ele se lançou ao chão e chorou.

“Meu filho”, disse o eremita de seu leito de palha recentemente colhida àquela manhã pelas mãos de Haïta, “não parece que tu choras por causa de ursos — conte-me qual o pesar que te sobreveio, que a idade avançada pode cuidar das dores da juventude com tantos bálsamos quanto possui de sua sabedoria”.

Haïta contou tudo a ele: como por três vezes ele encontrara a donzela radiante e por três vezes ela o deixara miserável.

Ele relatou minuciosamente tudo que se passara entre eles, não omitindo palavra do que havia sido dito.

Quando ele terminou, o eremita santo fez silêncio por um momento e então disse: “Meu filho, escutei tua história, e conheço a donzela. Eu mesmo a vi, como muitos. Saiba, então, que o nome dela, que ela nunca te permitirá perguntar, é Felicidade. Tu disseste a verdade a ela, que ela é caprichosa, pois impõe condições que o homem não pode satisfazer, e o delito é punido com deserção. Ela vem apenas quando não procurada, e não será questionada. Uma manifestação de curiosidade, um sinal de dú-

vida, uma expressão de apreensão, e ela vai embora! Por quanto tempo a tiveste em qualquer momento antes que ela fugisse?”.

“Apenas um único instante”, respondeu Haïta, corando com vergonha à confissão. “Toda vez eu a afasto em um instante”.

“Jovem infeliz!”, disse o eremita santo, “se não fosse tua indiscrição, tu poderias tê-la tido por dois”.



Um Habitante de Carcosa

Ambrose Bierce

∴

An Inhabitant of Carcosa (1886)

San Francisco Newsletter of December (1886)

“Um habitante de Carcosa” é uma das melhores histórias de horror de Ambrose Bierce, é uma história de um sonho lúcido.

O nome Carcosa foi usada por Robert W. Chambers em “O Rei Amarelo” de 1895, como local onde teria sido forjada o sinal amarelo. O mesmo se aplica a H.P. Lovecraft, que emprestou o nome de Carcosa (e Hali, Hastur e Aldebaran), por várias histórias do mito de Cthulhu.



Pois há diversos tipos de morte — alguns nos quais o corpo permanece; e em alguns, o corpo desaparece com o espírito. Isso geralmente ocorre apenas quando em solidão (tal é a vontade de Deus) e, ninguém vendo o fim, é dito que o homem está perdido, ou foi em uma longa jornada — a qual ele faz de fato; mas às vezes isso acontece à vista de muitos, como mostram abundantes testemunhos. Em um tipo de morte, o espírito também morre, e isso se sabe acontecer en-

quanto ainda o corpo esteve em vigor por muitos anos. Às vezes, como é veridicamente atestado, o espírito morre com o corpo, mas depois de um tempo se levanta novamente no mesmo lugar onde o corpo se decompôs.

Ponderando essas palavras de Hali (que Deus o tenha!) e questionando seu amplo sentido como alguém que, tendo um sinal, ainda duvida se não há sentido diferente do que discerniu, não notei para onde eu havia me desviado até que um vento frio, atingindo meu rosto, reviveu em mim um senso dos arredores. Observei com assombro que tudo parecia desconhecido. De ambos os lados se estendia uma sombria e desolada vastidão de planície, coberta com alta grama seca, que farfalhava e assobiava ao vento de outono, com sabe o céu quais sinais, misteriosos e alarmantes. Projetadas a longos intervalos, estavam pedras sombrias de formato estranho. Umas poucas árvores apodrecidas aqui e ali pareciam líderes em sua conspiração malévola de expectativa silenciosa.

O dia, pensei, deve estar bem avançado, embora o sol estivesse invisível; e embora ciente de que o ar estivesse úmido e frio, minha consciência desse fato era antes mental do que física — não sentia desconforto. Acima de toda a paisagem sombria, uma cobertura de nuvens baixas cor de chumbo pairava como uma maldição visível. Em tudo isso havia uma ameaça e um presságio — um prenúncio do mal, uma insinuação da ruína. Pássaro, fera, ou inseto não havia nenhum. O vento suspirava nos galhos desnudos das árvores mortas e a grama cinza se curvava para sussurrar seu segredo de terror para a terra; mas nenhum outro som ou movimento quebrava o repouso medonho daquele lugar sombrio.

Observei na pastagem um número de pedras gastas pelo tempo, evidentemente moldadas com ferramentas. Elas estavam quebradas, cobertas com musgo e meio enterradas no solo. Algumas permaneciam prostradas, algumas inclinadas em vários ângulos, mas nenhuma estava em posição vertical. Obviamente elas eram lápides de tumbas, embora as próprias tumbas não mais existissem, fossem como montículos ou depressões; os anos as haviam nivelado. Espalhadas aqui e ali, blocos mais maciços se mostravam onde alguma sepultura pomposa ou monumento ambicioso uma vez lançara sua débil oposição ao esquecimento. Tão antigas pareciam essas relíquias, esses vestígios de vaidade e memoriais de

afeição e piedade, tão arrebatadas, gastas e manchadas — tão negligenciado, deserto e esquecido o lugar, que eu não podia evitar imaginar a mim mesmo como o descobridor do cemitério de uma raça pré-histórica de homens cujo nome estava há tempos extinto.

Ocupado com essas reflexões, estive por algum tempo desatento da sequência de minhas próprias experiências, mas logo pensei: “Como vim até aqui?”. Uma reflexão de momento pareceu tornar tudo claro e ao mesmo tempo explicar, embora de uma maneira inquietante, o personagem singular no qual minha imaginação investira tudo o que eu vi ou ouvi. Eu estava doente. Recordei-me que estivera prostrado por uma febre repentina, e que minha família me dissera que em meus períodos de delírio eu constantemente gritara por liberdade e ar, e fora mantido preso na cama para evitar minha fuga. Agora, eu me esquivara da vigilância dos meus acompanhantes e vagara até aqui — até onde? Eu não poderia imaginar. Claramente eu estava a uma considerável distância da cidade onde eu residia — a antiga e afamada cidade de Carcosa.

Nenhum sinal de vida humana era visível ou audível em lugar algum — nenhuma fumaça em ascensão, nenhum latido de cão de guarda, nenhum mugido de gado nem sons de crianças brincando — nada exceto aquele lugar sombrio de sepultamento, com seu ar de mistério e temor devido a meu próprio cérebro desordenado. Estava eu me tornando delirante novamente, ali, além da ajuda humana? Não era TUDO de fato ilusão de minha loucura? Chamei com voz alta os nomes das minhas esposas e filhos, estendi minhas mãos em busca deles, mesmo enquanto eu caminhava entre as pedras despedaçadas na grama que murchava.

Um barulho atrás de mim me fez virar. Um animal selvagem — um lince — se aproximava. O pensamento veio até mim: se eu sucumbir aqui no deserto — se a febre retornar e eu sucumbir, essa fera estará em minha garganta. Pulei em sua direção, gritando. Ela trotou tranquilamente à distância de um palmo de mim e desapareceu atrás de uma rocha.

Um momento depois, a cabeça de um homem pareceu se elevar do solo a uma pequena distância. Ele subia o declive mais distante de uma colina baixa cujo cume era difícil de distinguir do nível geral. Sua figura inteira logo apareceu contra o fundo de nuvem cinzento. Ele estava metade nu, metade vestido em peles. Seus cabelos desgrenhados, sua barba

longa e desigual. Em uma mão ele portava arco e flecha; a outra mão levava uma tocha em chamas com um longo rastro de fumaça negra. Ele andava vagarosamente e com cuidado, como se temesse cair em alguma sepultura escondida pela grama alta. Esta aparição estranha surpreendeu, mas não causou alarme, e tomando um curso para interceptá-lo, o encontrei frente a frente, me aproximando com a saudação familiar: “Deus o guarde”.

Ele não deu atenção nem diminuiu seu passo.

“Bom estranho”, continuei, “estou doente e perdido. Leve-me, eu lhe suplico, a Carcosa.”

O homem iniciou um cântico bárbaro em uma língua desconhecida e prosseguiu, se afastando.

Uma coruja no galho de uma árvore apodrecida piou de modo sombrio e foi respondida por outra a distância. Olhando para cima, vi Aldebaran e as Híades através de uma brecha repentina nas nuvens! Em tudo isso havia indícios da noite — o lince, o homem com a tocha, a coruja. Contudo, eu enxergava — eu enxergava mesmo as estrelas não importando a escuridão. Eu enxergava, mas aparentemente não era visto nem ouvido. Sob qual horrível feitiço eu existia?

Sentei-me às raízes de uma grande árvore, considerando seriamente o que era melhor a ser feito. Que eu estava louco eu não mais duvidava, mesmo reconhecendo um fundo de dúvida na convicção. De febre não havia sinal. Eu possuía, contudo, uma sensação de ânimo e vigor unidos que era desconhecida por mim — um sentimento de exaltação física e mental. Meus sentidos pareciam estar todos em alerta; podia sentir o ar como uma substância pesada; podia escutar o silêncio.

Uma grande raiz da árvore gigante em cujo tronco eu me encostara mantinha envolvida em seu domínio uma laje de pedra, e uma parte dela se projetava para dentro de uma reentrância formada por outra raiz. A pedra estava parcialmente protegida do clima, embora muito decomposta. Suas beiradas estavam gastas e arredondadas, seus cantos corroídos, sua superfície profundamente sulcada e descascada. Partículas brilhantes de mica eram visíveis na terra sobre ela — vestígios de sua decomposição. Esta pedra aparentemente marcara a sepultura da qual a árvore emergira anos atrás. As raízes exigentes da árvore roubaram a sepultura e tornaram a pedra prisioneira.

Um vento repentino empurrou algumas folhas secas e ramos da parte mais elevada da pedra; vi as letras em baixo-relevo de uma inscrição e me curvei para lê-la. Deus do céu! MEU nome completo! — a data do MEU nascimento — a data da MINHA morte!

Um feixe uniforme de luz iluminou o lado inteiro da árvore enquanto eu me levantava em horror. O sol estava se pondo no oriente rosado. Eu permanecia entre a árvore e seu vasto disco vermelho — nenhuma sombra escurecia o tronco!

Um coro de lobos uivantes saudou o amanhecer. Eu os vi sentados, sozinhos e em grupo, nos cumes de colinas irregulares e sepulturas preenchendo metade de minha paisagem deserta e se estendendo ao horizonte. E então eu soube que eram ruínas da antiga e famosa cidade de Carcosa.

Tais são os fatos transmitidos ao médium Bayrolles pelo espírito de Hoseib Alar Robardin.



Não Cavem Meu Túmulo

Robert E. Howard

∴

Dig Me No Grave (1937)

Weird Tales (fev. 1937)

Esta é a última peça de ficção de Robert E. Howard nesta coleção, o conto é narrado por Kirowan, uma abordagem que ele abandonou nas histórias posteriores, nas quais ele manteve a perspectiva de primeira pessoa, mas com um narrador sem nome. Este conto foi um dos três contos, junto com “O fogo de Assurbanipal” e “The Black Hound of Death”, que o pai de Robert E. Howard enviou à *Weird Tales*.



O troar da minha aldraba antiga, a ecoar assustadoramente pela casa, despertou-me de um sono inquieto e povoado de pesadelos. Espreitei pela janela. À luz dos últimos raios de luar, o rosto alvo do meu amigo John Conrad voltou-se para mim.

— Kirowan, posso subir? — perguntou, com voz trêmula e tensa.

— Com certeza! — Saltei da cama e vesti um roupão de banho, ao mesmo tempo em que o ouvia entrar pela porta da frente e subir as esca-

das.

Pouco depois, ele estava à minha frente e, à luz que eu tinha acendido, vi que as mãos lhe tremiam e reparei na invulgar palidez do seu rosto.

— O velho John Grimlan morreu há uma hora — disse ele abruptamente.

— Deveras? Eu não sabia que ele estava doente.

— Foi de repente, um ataque fulminante, uma espécie de convulsão parecida com a epilepsia. Como você sabe, de uns anos para cá ele sofria desses ataques.

Eu assenti. Sabia alguma coisa sobre o velho eremita que vivia na sua grande casa escura da colina. De fato, uma vez eu tinha presenciado um dos seus estranhos ataques, e ficara apavorado com as convulsões, os uivos e os gritos daquele pobre coitado, que rastejara pelo chão como uma cobra ferida, balbuciando terríveis maldições e tenebrosas blasfêmias, até a sua voz se tornar um grito sem palavras que lhe salpicava os lábios de espuma. Ao ver aquilo, percebi por que motivo as pessoas antigamente consideravam que essas vítimas estavam possuídas por demônios.

— ... uma qualquer doença hereditária — dizia Conrad. — O velho John, sem dúvida, foi vítima de uma crescente debilidade provocada por uma doença nefasta, a qual teria talvez herdado de um antepassado remoto. Estas coisas às vezes acontecem. Ou então... bem, você sabe que o velho John, durante a sua juventude, esquadrinhou partes misteriosas da terra e vagou por todo o Oriente. É muito possível que tenha sido infectado por uma misteriosa malária durante as suas viagens. Ainda existem muitas doenças desconhecidas na África e no Oriente.

— Mas — eu retorqui — você ainda não disse a razão desta sua súbita visita a horas tão tardias — pois eu tinha reparado que já passava da meia-noite.

O meu amigo pareceu algo confuso.

— Bem, na verdade John Grimlan morreu sozinho, exceto pela minha presença. Ele recusou-se a receber qualquer tipo de ajuda médica e, nos últimos instantes, quando se tornou evidente que estava a morrer... eu já estava preparado para ir buscar ajuda de qualquer espécie, mesmo contra sua vontade... desatou numa gritaria tamanha que eu não podia

recusar as suas súplicas inflamadas, nas quais ele dizia que não devia morrer sozinho.

“Eu já vira homens morrendo — acrescentou Conrad, limpando a transpiração da sua pálida fronte —, mas a morte de John Grimlan foi a mais assustadora que já presenciei”.

— Sofreu muito?

— Aparentava estar em grande agonia física, mas isso era largamente ultrapassado por um monstruoso sofrimento mental ou psíquico. O medo, refletido nos seus olhos esbugalhados, e os seus gritos, transcendiam qualquer concebível terror terreno. Deixe-me que eu lhe diga, Kirowan: o medo de Grimlan era maior e mais profundo do que o habitual medo do Além demonstrado pelo comum pecador.

Eu me mexi irrequieto. As tenebrosas implicações do que ele acabava de afirmar provocaram-me um arrepio de desconhecida apreensão que percorreu a minha espinha.

— Eu sei que as pessoas do campo diziam que, na juventude, ele tinha vendido a alma ao Diabo, e que os seus súbitos ataques epilépticos eram apenas um sinal visível do poder que o Demônio tinha sobre ele; mas tais afirmações eram, obviamente, tolices e pertenciam à Era das Trevas. Todos nós sabemos que a vida de John Grimlan era particularmente perversa e depravada, mesmo já perto do fim. Havia motivos muito bons para ele ser universalmente detestado e temido, pois eu nunca ouvi dizer que tivesse feito uma única boa ação. Você era o único amigo dele.

— E o nosso relacionamento era estranho — observou Conrad. — Eu me sentia atraído pelos seus invulgares poderes, pois, apesar da sua natureza grosseira, John Grimlan era um homem muito instruído e extremamente culto. Ele tinha-se embrenhado profundamente em estudos do Oculto, e foi assim que o conheci, dado que, como você sabe, eu mesmo sempre demonstrei um forte interesse por essa linha de investigação.

“Mas também aqui, como em todas as outras coisas, Grimlan era diabólico e perverso. Ignorou o lado branco do Ocultismo e mergulhou no lado negro, nas suas facetas mais terríveis, na adoração do diabo, no Vodú e no Xintoísmo. O seu conhecimento sobre estas infames artes e ciências era enorme, além de terrível. E ouvi-lo falar sobre as suas pes-

quisas e experiências causava tanto terror e repulsa como os que um réptil venenoso poderia inspirar. Pois não havia nada que não tivesse experimentado, e sobre algumas dessas coisas, até mesmo a mim, falou de forma muito breve. Uma coisa eu posso lhe dizer, Kirowan, é fácil rirmos de histórias sobre o mundo do oculto quando estamos bem acompanhados e sob a brilhante luz do sol, mas, se você tivesse se sentado a horas impróprias na silenciosa e bizarra biblioteca de John Grimlan, olhasse para os antigos e bolorentos livros e ouvisse os seus relatos medonhos, tal como eu ouvi, a sua língua enrolar-se-ia de puro terror como me aconteceu, e o sobrenatural lhe pareceria extremamente real e extremamente próximo, como pareceu a mim”.

— Mas, pelo amor de Deus, homem! — exclamei, visto a tensão estar se tornando insuportável. — Diz lá o que você quer de mim.

— Quero que me acompanhe à casa de John Grimlan e me ajude a cumprir as estranhas instruções que ele deixou, quanto ao que se devia fazer com o seu corpo.

Esta aventura não me agradava nada, mas vesti-me apressadamente, sentindo um ocasional arrepio premonitório a me agitar. Depois de me vestir, saí de casa com Conrad e subimos a estrada deserta que levava à casa de John Grimlan. A estrada serpenteava colina acima e, durante todo o caminho, olhando para o alto e para diante, eu podia ver que aquela casa grande e assustadora, empoleirada como um pássaro diabólico no cume da colina, era uma enorme sombra negra e austera recortada contra a luz das estrelas. A oeste, por detrás das baixas colinas negras onde a jovem lua se escondera dos olhares, aparecia uma difusa luz avermelhada. A noite parecia estar repleta de um mal crescente, e o constante zumbido provocado pelas asas dos morcegos, algures por cima da minha cabeça, fizera com que ficasse com os nervos em franja. Para acalmar o bater descompassado do meu próprio coração, eu disse:

— É da mesma opinião de muitos outros, que afirmavam que John Grimlan era louco?

Caminhamos durante alguns instantes antes de Conrad responder, aparentemente com uma estranha relutância.

— Se não fosse por causa de um certo incidente, eu diria que não havia homem mais lúcido. Mas, uma noite no seu estúdio, me pareceu que ele tinha subitamente abandonado todos os limites da razão.

“Ele tinha discursado durante horas sobre o seu tema favorito, a magia negra, quando de repente começou a gritar, ao mesmo tempo em que a sua face se iluminava com um estranho brilho diabólico: ‘Porque é que eu hei de ficar aqui sentado, tagarelando sobre estas criancices com você? Os rituais de vodu, os sacrifícios xintoístas, as serpentes emplumadas, as cabras sem cornos, os cultos à pantera, ora!... Sujidade e poeira que o vento afasta! Partículas do verdadeiro Oculto, dos mistérios mais profundos! Meros ecos do Abismo!...’.

“ ‘Podia contar-lhe coisas que destruiriam o seu cérebro torpe! Poderia sussurrar-lhe ao ouvido nomes que te aniquilariam como se fosses uma semente ressequida! Que sabe você de Yog-Sothoth, de Cthulhu e das cidades submersas? Nenhum destes nomes faz sequer parte das suas mitologias. Nem mesmo nos seus sonhos vocês vislumbraram as ciclópicas muralhas de Koth, nem se encolheram perante os terríveis ventos que sopram de Yuggoth^[1]!’.

“ ‘Mas eu não vou lhe deixar mortificado com a minha sabedoria negra! Não posso esperar que o seu cérebro infantil abranja tudo aquilo que o meu guarda. Se fosses tão velho quanto eu, se tivesses visto o que eu vi — reinos a se desmoronarem e gerações que passam —, se tivesses recolhido como grãos maduros os tenebrosos segredos dos séculos...’.

“Nessa altura, ele delirava: a sua face selvaticamente iluminada tinha uma aparência pouco humana e, subitamente, reparando no meu evidente espanto, irrompeu numa horrível gargalhada.

“ ‘Meu Deus!’, exclamou ele num tom de voz e com um sotaque que me pareceram estranhos. ‘Parece-me que lhe assustei, e certamente não é para admirar, afinal de contas nada mais pareço do que um selvagem desnudo nas artes da vida. Você pensa que eu sou velho, não é? Ora, você ficaria boquiaberto e cairia de espanto, se eu revelasse as gerações de homens que conheci’.

“Nesse momento, fui tomado de tal horror que fugi dele como se fugisse de uma víbora, e o clímax do seu diabólico riso seguiu-me até ao exterior da casa sombria. Alguns dias mais tarde, recebi uma carta onde ele me pedia desculpa pelos seus modos, atribuindo-os candidamente, demasiado candidamente, às drogas. Eu não acreditei, mas retomei o nosso relacionamento depois de alguma hesitação”.

— Parece-me pura loucura — murmurei.

— Sim — anuiu Conrad hesitante. — Mas, Kirowan, alguma vez você conheceu alguém que tivesse conhecido John Grimlan na sua juventude?

Eu abanei a cabeça.

— Empenhei-me em fazer uma discreta investigação sobre ele — disse Conrad. — Esse homem viveu aqui, há exceção de algumas ausências misteriosas, muitas vezes de meses seguidos, durante vinte anos. Os aldeões mais velhos lembram-se perfeitamente de quando ele chegou e ocupou aquela velha casa na colina, e todos dizem que, nos anos que se seguiram, ele não pareceu envelhecer perceptivelmente. Quando chegou, a sua aparência era exatamente a mesma que tem agora, ou tinha, até ao momento da sua morte: a aparência de um homem com cerca de cinquenta anos.

“Eu encontrei o velho Von Boehnk em Viena, e ele me disse que tinha conhecido Grimlan quando era muito jovem e estudava em Berlim, há já cinquenta anos, e ficou bastante surpreendido com o fato desse idoso ainda estar vivo, pois me disse que, na época, Grimlan parecia ter cerca de cinquenta anos”.

Soltei uma exclamação incrédula, ao alcançar o sentido que a conversa ia tomando.

— Que disparate! O Professor Von Boehnk já tem mais de oitenta anos, e incorre nos erros característicos de uma idade avançada. Ele confundiu esse homem com outro. — No entanto, à medida que falava, o meu corpo retesou-se e os cabelos na minha nuca eriçaram-se.

— Bom — disse Conrad encolhendo os ombros —, já chegamos à casa.

O enorme edifício erguia-se ameaçadoramente diante de nós e, quando nos aproximávamos da porta da frente, um vento errante gemeu nas árvores ali próximas e eu sobressaltei-me tolamente quando ouvi de novo o fantasmagórico bater das asas dos morcegos. Conrad girou uma enorme chave na fechadura antiga e, logo que entramos, uma aragem fria passou por nós como um sopro vindo de uma sepultura, bafiento e frio. Estremeci.

Tateamos o nosso caminho através de um escuro corredor, até entrarmos no escritório e, uma vez lá, Conrad acendeu uma vela, pois naquela casa não havia candeeiros a óleo nem luz elétrica. Olhei à minha

volta, receando o que a luz poderia revelar, porém essa sala, exageradamente coberta de tapeçarias e mobiliada de forma bizarra, estava vazia, exceto pela presença de nós dois.

— Onde... onde é que está... *aquilo*? — eu perguntei num sussurro rouco, vindo da minha garganta seca.

— Lá em cima — respondeu Conrad em voz baixa, mostrando que o silêncio e mistério da casa também o tinham enfeitiçado. — Lá em cima, na biblioteca, que foi onde ele morreu.

Olhei para cima involuntariamente. Algures sobre as nossas cabeças, o único proprietário dessa tenebrosa casa jazia no seu último sono, silencioso, o seu rosto branco tolhido numa máscara mortuária. O pânico tomou conta de mim e eu me esforcei para recuperar o controle. Afinal de contas, era apenas o corpo de um velho malvado, que já não poderia fazer mal a ninguém. Esse argumento ecoava-me futilmente no cérebro como as palavras de uma criança assustada que tentava se acalmar.

Virei-me para Conrad. Ele tinha tirado do bolso um envelope amarelado pelo tempo.

— Isto — disse ele, retirando do envelope várias páginas, de pergaminho amarelado pelo tempo, cobertas por uma escrita miudinha — é na verdade a última vontade de John Grimlan, embora só Deus saiba há quanto tempo foi escrita. Ele me deu este envelope há dez anos, logo após ter voltado da Mongólia. Foi pouco depois que teve o seu primeiro ataque.

“Ele me entregou este envelope selado e me fez jurar que eu o esconderia cuidadosamente, e que não o abriria até que ele morresse, altura em que eu deveria ler o seu conteúdo e seguir rigorosamente as suas instruções. E mais, ele me fez jurar que, independente do que ele me dissesse ou fizesse depois de me dar o envelope, eu deveria cumprir o que ele me dissesse em primeiro lugar. ‘Pois’, observou com um sorriso assustador, ‘a carne é fraca, mas eu sou um homem de palavra, e apesar de, num momento de fraqueza, poder querer voltar atrás, já é tarde, agora já é tarde demais. Podes nunca vir a perceber o porquê, mas debes fazer exatamente como eu te disse’ ”.

— E então?

— Então — Conrad limpou novamente a fronte —, esta noite, quando se contorcia nos seus estertores, os seus uivos misturavam-se com

admoestações frenéticas de que eu deveria ir buscar o envelope e destruí-lo à sua frente! Enquanto bramava esses avisos, ergueu-se nos cotovelos, com os olhos esbugalhados, o cabelo espetado, e gritou comigo de uma forma capaz de gelar o sangue. E ele urrava para que eu destruísse o envelope, para que não o abrisse; e numa ocasião, uivou, no seu delírio, que eu devia decepar o seu corpo e espalhar os pedaços aos quatro ventos do céu!

Uma incontável exclamação de horror escapou-me dos lábios secos.

— Por fim — continuou Conrad —, acabei por ceder. Recordando-me das suas advertências de há dez anos, mantive-me firme; mas por fim, à medida que os seus gritos iam se tornando insuportavelmente desesperados, virei-me para ir buscá-lo, mesmo que isso significasse deixá-lo sozinho. No entanto, quando me virei, vi que, com uma última e horrível convulsão, a qual fez com que uma espuma ensanguentada lhe escapasse dos lábios contorcidos, a vida lhe abandonara com uma única e grande sacudidela.

Ele remexeu no pergaminho.

— Vou cumprir a minha promessa. As instruções que aqui constam parecem-me irreais e podem ser os caprichos de uma mente perturbada; não obstante, dei a minha palavra. Resumidamente, são para que coloque o seu corpo na grande mesa de ébano preto que se encontra na biblioteca, e disponha à sua volta sete velas negras acesas. As portas e as janelas devem estar bem fechadas e trancadas. Em seguida, durante a escuridão que antecede a alvorada, eu devo ler a fórmula, o encantamento ou feitiço que se encontra dentro do envelope selado menor, que está no interior do primeiro, e o qual eu ainda não abri.

— Mas é só isso?! — exclamei. — Não há indicações quanto à sua fortuna, a sua propriedade ou o que fazer com o corpo?

— Nada. No seu testamento, que eu vi noutro lado, ele deixa a sua fortuna e a sua propriedade a um certo senhor oriental, apelidado no documento de Malik Tous!

— O quê? — perguntei cheio de espanto, abalado até ao âmago da minha alma — Conrad, isto é loucura atrás de loucura! Malik Tous... Oh, meu Deus! Nunca nenhum homem se chamou assim! Esse é o nome do infame deus adorado pelos misteriosos Yazidis^[2], que habitam o

Monte Alamut^[3], O Amaldiçoado, cujas Oito Torres de Bronze se erguem nos misteriosos desertos da Ásia profunda. O seu símbolo de idolatria é o pavão de bronze. E os muçulmanos que odeiam esses devotos adoradores do demônio, dizem que ele é a essência do mal de todo o universo, o Príncipe das Trevas, Arimã, a velha serpente, o verdadeiro Satanás! E você diz que Grimlan faz referência a este demônio mítico no seu testamento?

— É verdade! — A garganta de Conrad estava seca. — E repare, ele rabiscou uma estranha frase no canto do seu pergaminho: “Não cavem meu túmulo, pois eu não precisarei dela.”

Um arrepio percorreu-me novamente a espinha.

— Pelo amor de Deus — exclamei numa espécie de frenesi —, vamos despachar de vez este estranho assunto!

— Uma bebida pode ajudar — respondeu Conrad, umedecendo os seus lábios. — Parece-me que vi Grimlan ir buscar vinho neste armário. — Curvou-se na direção da porta de um armário de mogno com ornamentos esculpidos, e conseguiu abri-la com alguma dificuldade.

— Aqui não há vinho — disse desalentadamente. — E, se alguma vez senti necessidade de um estimulante... O que é isto?

Ele então retirou um rolo de pergaminho poeirento, amarelado, e meio coberto por teias de aranha. Tudo naquela casa sombria parecia, aos meus nervos excitados, carregado de um significado misterioso e de um determinado propósito, e eu me inclinei sobre o seu ombro enquanto ele o desenrolava.

— Trata-se de um assentamento nobiliárquico — disse Conrad. — De um registro de nascimentos, mortes e assim por diante, como o que as famílias mais antigas costumavam fazer, no século XVI e anteriormente.

— Qual é nome? — perguntei-lhe.

Ele franziu a sobrancelha enquanto olhava para os tênues rabiscos, tentando decifrar a desbotada escrita arcaica.

— G-r-y-m... já sei... Grymlann, claro. É o registro da família do velho John, os Grymlann da Mansão da Charneca dos Sapos, em Suffolk. Que nome tão estranho para uma propriedade! Repare na última entrada.

Juntos lemos: John Grymlann, nascido a 10 de março de 1630. E então gritamos ao mesmo tempo. Por baixo desta entrada, estava algo escrito recentemente, numa estranha caligrafia: Falecido a 10 de março de 1930. Por baixo desta, estava um selo de lacre preto, com um estranho desenho, algo parecido com um pavão com a cauda aberta.

Conrad fitou-me sem palavras, todas as cores lhe tinham fugido do rosto. Eu tremia de uma raiva provocada pelo medo.

— É uma partida de mau gosto de um louco! — gritei. — O palco foi preparado com tal cuidado, que os atores excederam a si próprios. Quem quer que eles sejam, prepararam tantos efeitos incríveis como se os quisessem anular. É tudo muito estúpido, um drama ilusório muito aborrecido.

Enquanto falava, um suor gelado cobriu-me o corpo e eu tremi como se estivesse com febre. Com um movimento silencioso, Conrad virou-se na direção das escadas, levando consigo uma grande vela que estava em cima da mesa de mogno.

— Estava subentendido, suponho — murmurou, — que eu deveria executar sozinho esta horripilante tarefa, mas não tive coragem para tal, e ainda bem que não tive.

Um terror tranquilo pairava na casa silenciosa, à medida que subíamos as escadas. Uma brisa suave soprou, vinda de algures e fez com que os pesados cortinados de veludo roçassem, e eu visualizei dedos furtivos, parecidos com garras, a afastarem as tapeçarias e fixarem em nós uns malignos olhos vermelhos. A certa altura, pensei ter ouvido o indistinto bater de pés monstruosos, algures por cima de nós, mas deveria tratar-se do pulsar desenfreado do meu próprio coração.

As escadas desembocavam num largo corredor sombrio, no qual a nossa vela lançava um brilho tênue que não iluminava nada mais que os nossos rostos, e que fazia com que as sombras parecessem mais escuras. Paramos em frente a uma porta pesada, e eu ouvi Conrad inspirar profundamente, tal como faz um homem que quer acalmar-se tanto física como mentalmente. Fechei involuntariamente as mãos até cravar as unhas nas palmas; então Conrad escancarou a porta.

Um grito agudo lhe escapou dos lábios. A vela caiu dos seus dedos nervosos e apagou-se. A biblioteca de John Grimlan estava inundada de luz, apesar de, quando nós entramos, o resto da casa estar às escuras.

Esta luz provinha de sete velas negras colocadas em intervalos regulares à volta da grande mesa de ébano. Em cima da mesa, por entre as velas... eu tinha tentado manter-me afastado dessa visão. Agora, tendo em conta a misteriosa forma de luz e a visão do que estava em cima da mesa, quase voltei atrás na minha resolução. Em vida, John Grimlan não era bonito, mas morto era hediondo. Sim, era hediondo, apesar de o seu rosto estar misericordiosamente coberto com o mesmo estranho manto de seda, o qual tinha bordado um fantástico padrão que se assemelhava a aves, e que cobria todo o seu corpo, exceto as mãos deformadas que pareciam garras e os pés brancos que estavam descalços.

Um som estrangulado saiu da boca de Conrad:

— Meu Deus! — murmurou — O que é isto? — Eu deitei o corpo dele em cima da mesa e coloquei as velas à sua volta, mas não as acendi nem o tapei com o manto! E, quando o deixei, ele tinha chinelos calçados.

Conrad calou-se subitamente. Nós não estávamos sozinhos na biblioteca do falecido.

Quando entramos não o tínhamos visto, pois essa pessoa estava sentada na grande poltrona no canto mais afastado, tão quieta que parecia fazer parte das sombras projetadas pelas pesadas tapeçarias. Quando os meus olhos pousaram nele, fui abalado por um violento estremecimento e um sentimento semelhante a uma náusea me apertou o estômago. A minha primeira impressão foi vívida: uns olhos amarelos e oblíquos que olhavam para nós sem pestanejarem. Então o homem levantou-se e fez uma grande vênia. Reparamos que era um oriental. Hoje em dia, quando tento evocar na minha mente uma nítida imagem sua, não o consigo fazer. A única coisa da qual me recordo são aqueles olhos penetrantes e o fantástico manto amarelo que usava.

Retribuímos o seu cumprimento mecanicamente e ele falou numa voz baixa e refinada: — Senhores, peço-vos que me perdoem! Eu tomei a liberdade de acender as velas. Vamos então continuar com o assunto referente ao nosso amigo mútuo?

Fez um gesto ligeiro em direção ao corpo imóvel em cima da mesa. Conrad acenou com a cabeça em concordância, obviamente incapaz de falar. O pensamento brotou nas nossas mentes ao mesmo tempo, que esse homem também recebera um envelope... Mas como é que ele tinha

chegado tão depressa à casa de Grimlan? John Grimlan morrera há pouco menos de duas horas e, que nós soubéssemos, mais ninguém sabia o que quer que fosse acerca da sua morte. Como é que esse chinês entrara numa casa que estava fechada e trancada?

Tudo aquilo era demasiado grotesco e irreal. Nós não nos apresentamos nem perguntamos o nome àquele estranho. Na verdade ele tomou o controle da situação, e nós estávamos tão enfeitiçados pelo horror e pela ilusão, que nos movíamos entorpecidamente, obedecendo de forma involuntária às suas sugestões, que nos eram dadas num tom de voz baixo e respeitoso.

Dei comigo parado no lado esquerdo da mesa, olhando para Conrad por cima da coisa medonha que se encontrava sobre a mesma. O oriental postara-se à cabeceira da mesa de braços cruzados e cabeça inclinada; nem me pareceu estranho que fosse ele que ali estivesse em vez de Conrad, que deveria ler o que Grimlan tinha escrito. A minha atenção foi atraída para a figura trabalhada no peito do manto do estranho. Uma figura peculiar, em seda preta, que tanto se assemelhava a um pavão, quanto a um morcego ou a um dragão alado. Reparei subitamente que era o mesmo padrão do manto que cobria o corpo.

As portas tinham sido fechadas, e as janelas trancadas. Com a mão trêmula, Conrad abriu o envelope menor e agitou as folhas de pergaminho, que lá estavam dentro, para que se abrissem. Estas folhas pareciam mais antigas que aquelas do envelope maior que continham as instruções de Conrad. Este começou a ler num tom de voz monótono, o qual teve um efeito hipnótico nos ouvintes. Assim, por vezes, as velas turvavam-se sob o meu olhar, e a sala, e os seus ocupantes flutuavam estranhos e monstruosos, indistintos e distorcidos como numa alucinação. A maior parte do que ele leu era algaraviada, não significava nada; no entanto, a sua sonoridade e o seu estilo arcaico me enchiam de um intolérável terror.

“De acordo com o contrato registrado em outro local, eu, John Grimlan, juro, por Honra do Inominável, cumpri-lo com boa fé. Razão pela qual agora escrevo com sangue estas palavras que me foram proferidas nesta terrível e silenciosa câmara nas desaparecidas cidades de Koth, onde nenhum mortal chegou a não ser eu. Estas mesmas palavras agora escritas por mim devem ser lidas sobre o meu cadáver, na altura

certa, para que se cumpra a minha parte do acordo, no qual entrei de livre e espontânea vontade e em plena posse das minhas faculdades mentais, aos cinquenta anos de idade, no ano de 1680 D.C. Aqui começa o encantamento:

“Antes do homem existir, já os Anciãos existiam, apesar de o seu senhor viver nas sombras, as quais podiam fazer um homem perder o rumo caso se atrevesse a entrar nelas”.

As palavras fundiam-se numa algaraviada bárbara, à medida que Conrad esbarrava numa linguagem desconhecida, uma linguagem que sugeria vagamente o fenício, mas que estremecia com o toque de uma antiguidade hedionda para além de qualquer recordada língua terrestre. Uma das velas tremeluziu e apagou-se. Fiz um movimento para acendê-la novamente, mas um gesto do silencioso oriental impediu-me. Os seus olhos ardentes estavam fixos nos meus, e dirigiram-se então para a forma imóvel em cima da mesa.

As palavras do manuscrito tinham voltado ao inglês arcaico.

“... E o mortal que alcançou as negras fortalezas de Koth e que fala com o Senhor das Trevas cujo rosto está oculto, por um preço poderá realizar todos os seus desejos, alcançar riquezas e conhecimento incommensuráveis e uma vida para além da expectativa de vida de qualquer mortal, podendo chegar mesmo aos duzentos e cinquenta anos.”

A voz de Conrad hesitou novamente ao proferir sons guturais desconhecidos. Apagou-se outra vela.

“Não deixem que um mortal se acovarde conforme se aproxima a altura de pagar, e os fogos do Inferno se agarram aos seus órgãos vitais como sinal de mercê. Pois o Príncipe das Trevas toma o que lhe é devido, e ele não deve ser ludibriado. O prometido é devido. *Augantha ne shuba...*”.

Ao ouvir aquele dialeto bárbaro, uma fria mão de terror envolveu a minha garganta. Os meus olhos frenéticos viraram-se para as velas, e não fiquei surpreso ao ver outra tremeluzir. No entanto, não havia vestígios de nenhuma corrente de ar que abanasse as pesadas tapeçarias negras. A voz de Conrad estremeceu; passou a mão pela garganta, calando-se por momentos. Os olhos do oriental nunca se alteravam.

“... Por entre os filhos dos homens, deslizam sombras estranhas para toda a eternidade. Os homens veem as marcas das garras, mas não os

pés que as fizeram. Por cima das almas dos homens, abrem-se grandes asas. Existe apenas um Senhor do Mal, apesar de os homens lhe chamarem Satanás, Belzebu, Satã, Arimã e Malik Tous”.

Névoas de horror me rodeavam. Eu estava vagamente consciente da monocórdica voz de Conrad, tanto em Inglês quanto nas outras apavorantes línguas cujo horripilante significado eu mal me atrevia a adivinhar. E, com um medo absoluto apertando-me o coração, vi as velas se apagarem uma a uma. E, com cada tremeluzir, à medida que as crescentes sombras escureciam à nossa volta, o meu horror crescia. Eu não podia falar, não conseguia me mexer; os meus olhos esbugalhados fixavam-se com uma intensidade agonizante na vela que restava. O oriental silencioso, na cabeceira daquela horripilante mesa, fazia parte do meu medo. Ele não tinha se mexido nem falado, mas, por baixo das suas pálpebras semicerradas, seus olhos brilhavam de triunfo diabólico; eu sabia que, por baixo do seu inescrutável exterior, ele rejubilava cruelmente. Mas por que, por quê?

Eu *sabia* que, no momento em que a última vela se extinguísse e a sala mergulhasse na mais completa escuridão, algo abominável e inominável iria acontecer. Conrad aproximava-se do fim. A sua voz atingia o clímax num crescendo que aumentava:

“Aproxima-se agora o momento da retribuição. Os corvos voam. Os morcegos levantam voo em direção ao céu. Há caveiras nas constelações. O corpo e a alma foram prometidos e serão entregues. Não novamente ao pó, nem aos elementos dos quais a vida brota”.

A vela tremeluziu ligeiramente. Eu tentei gritar, mas a minha boca abriu-se num grito silencioso. Tentei fugir, mas permaneci imóvel, incapaz até mesmo de fechar os olhos.

“O abismo boceja e a dívida é para ser paga. A luz falta, as sombras se avolumam. Não existe o bem, mas sim o mal; não existe luz, mas sim escuridão; não existe esperança, mas sim perdição”.

Um gemido profundo ressoou pela sala. *Parecia vir da coisa que estava em cima da mesa, tapada pelo manto.* Aquele manto agitou-se convulsivamente.

Eu tremi violentamente; ouviu-se um vago roçar nas sombras que se agigantavam. Seriam as escuras tapeçarias que ondulavam? Parecia um ruído de asas gigantes.

“Oh, olhos vermelhos nas trevas! O que é prometido, o que é escrito em sangue, é devido! A luz é engolida pela escuridão! Ya... Koth!”.

A última vela apagou-se subitamente e um horripilante grito inumano, que não saiu dos meus lábios nem dos de Conrad, ressoou insuportavelmente. O horror cobriu-me como se fosse uma negra onda gelada; no meio da mais completa escuridão, ouvi-me a gritar assustadoramente. Súbito, algo redemoinhou com rapidez através da sala, levantando as tapeçarias e arremessando para o chão cadeiras e mesas. Por momentos, um odor insuportável queimou nossas narinas e um riso baixinho escarnecia de nós na escuridão; o silêncio nos cobriu como uma mortalha.

De alguma forma, Conrad conseguiu encontrar uma vela e acendeu-a. A luz tênue nos mostrou a terrível desordem que havia na sala; mostrou-nos os nossos medonhos rostos e o fato da mesa de negro ébano estar vazia! As portas e as janelas continuavam fechadas, mas o oriental tinha desaparecido, bem como o corpo de John Grimlan.

Gritando como homens amaldiçoados, arrombamos a porta e fugimos desvairadamente pelas escadas abaixo, onde a escuridão parecia agarrar-se a nós com negros dedos pegajosos. Quando aterramos no andar inferior, um brilho lúgubre rompeu a escuridão e o cheiro de madeira queimada nos encheu as narinas.

A porta da rua resistiu momentaneamente às nossas investidas frenéticas; por fim cedeu e nós nos apressamos a sair ao encontro da luz das estrelas. Atrás de nós, as chamas agigantavam-se com um rugido crepitante, enquanto nós corríamos colina abaixo. Conrad olhou por cima do ombro, parou subitamente, rodopiou, levantou os braços como um louco, e gritou:

— Há duzentos e cinquenta anos, ele vendeu a Malik Tous, que é Satanás, a sua alma e o seu corpo! Esta era a noite da retribuição, e... oh, meu Deus... olhe! *Olhe!* O Demônio reclamou o que era seu!

Eu olhei, gelado de horror. As chamas tinham envolvido a casa com espantosa rapidez, e agora o grande edifício estava desenhado contra o céu sombrio. Tratava-se de um inferno carmesim. E, por cima daquele holocausto pairava uma gigantesca sombra negra, como se fosse um morcego monstruoso, e nas suas negras garras estava pendurada uma pequena coisa branca, parecida com o corpo de um homem, balouçando ligeiramente. Súbito, enquanto nós gritávamos de horror, ela desapare-

ceu, e o nosso olhar esgazeado contemplou apenas as paredes periclitantes e o telhado flamejante, que desabaram por entre as chamas, com um rugido que fez estremecer a terra.



Os Salgueiros

Algernon Blackwood

∴

The Willows (1907)

The Listener and Other Stories (jan. 1907)

Segundo o dicionário – “*salgueiro: nome comum a várias plantas ornamentais, entre as quais o chorão*”. Esta é a definição que nos dá o dicionário a respeito desta planta ornamental, geralmente utilizada em jardins e na construção da topiaria destes locais. Mas está não parece ser a definição que deu a ela o inglês Algernon Blackwood no ano de 1907 quando concluíra a que foi considerada sua obra prima, “The Willows”. Uma obra que carrega um clima de tensão como poucas e que vai gradualmente fazendo o leitor mergulhar em sua leitura, sempre deixando-o confuso e pensativo a respeito dos fatos narrados, pois o escritor nunca, ou poucas vezes, nos dá uma resposta, sempre deixando as coisas “no ar”. Tanto que H.P. Lovecraft comentou a respeito do conto em 1933 na sua autobiografia *Some Notes on a Nonentity*: “o melhor conto fantástico jamais escrito é provavelmente ‘Os Salgueiros’ de Algernon Blackwood”

Apesar de escrita antes de Lovecraft finalizar “O chamado de Cthulhu” e William Hope Hodgson publicar “A Casa no Limiar” [The House on the

Borderland], “Os salgueiros” expressou os principais requisitos da *weird fiction* lovecraftiana: um universo maligno, indiferente à humanidade; um sobrenaturalismo que desafia as crenças, expectativas ou ideais humanos; uma filosofia que destaca a insignificância humana; um universo onde a lógica se torna inútil e onde o medo é primordial e vestigial.

“The Willows” era a estória favorita de Lovecraft.



1

Depois de passar por Viena, mas muito antes de chegar a Budapeste, o Danúbio percorre uma região especialmente desolada e solitária, onde suas águas se espalham em todas as direções, saindo do leito principal e formando um gigantesco pântano que, por muitos quilômetros, é inteiramente recoberto de salgueiros. Nos mapas, essa área desértica costuma ser representada por um azul desmaiado, que se torna ainda mais claro a partir das margens, tendo sobre a região, impressa em letras grandes e espaçadas, a palavra *Sümpfe*, que quer dizer fronteira.

Quando há cheia, essa enorme área composta de areia, cascalho e de pequenas ilhas cobertas por salgueiros é quase totalmente tomada pela água. Mas no resto do ano as copas dos salgueiros, debruçadas e batidas pelo vento, sussurram, exibindo ao sol folhas cor de prata, num movimento incessante de rara beleza. Esses salgueiros não têm a dignidade das outras árvores pois, sem tronco rígido, tornam-se arbustos humildes, de copa arredondada e fluida, balançando-se em suas hastes frágeis diante da mínima brisa. São dóceis como um gramado e seu ondear contínuo dá a impressão de que o prado inteiro se move — como se estivesse *vivo*. Isto porque o vento provoca ondas que sobem e descem na superfície, ondas de folhas e não de mar, vagas verdes como as marinhas, até os galhos se contorcem, erguendo-se, e o prateado da parte interna das folhas é exposto ao sol.

Feliz por transpor o limite de suas garras, o Danúbio ali se espraia à vontade, numa intrincada trama de canais que ligam as ilhas por toda parte. A água corre borbulhante em largos leitos, formando rodamo-

nhos, correntes e espuma, chocando-se contra as margens, carregando terra e folhagens para formar novas ilhotas, inúmeras, que a cada dia mudam de formato e tamanho, com sua vida efêmera, já que são as correntes d'água que determinam sua existência.

Para ser exato, essa parte fascinante do rio começa logo depois de Pressburg e nós, em nossa canoa canadense, levando a bordo barraca e frigideira, chegamos lá durante uma cheia, em meados de julho. Naquela manhã, com o céu ainda avermelhado pela aurora, havíamos deixado Viena, cidade adormecida, que logo se reduziria a uma coluna de fumaça sobre as colinas azuis do Wienerwald^[1], estampadas no horizonte. Tomamos café abaixo de Fischeramend, junto a um bosque de bétulas mexidas pelo vento. Depois, entramos na corrente e passamos por Orth, Hainburg, Petronell (a Carnuntum da Roma Antiga de Marco Aurélio), seguindo junto às colinas sombrias de Theben num dos paredões dos montes Carpáticos, onde a fronteira se insinua, à esquerda, e onde se cruza a divisa entre a Áustria e a Hungria.

Remando a doze quilômetros por hora, logo estávamos em território húngaro, onde as águas lamacentas — sinal inequívoco de cheia — nos jogaram várias vezes contra o cascalho das margens, girando a canoa em rodamosinhos como se fosse uma rolha, até avistarmos as torres de Pressburg (em húngaro, Poszóny) contra o céu. Nesse ponto, a canoa, empinando como um cavalo bravo, disparou junto às muralhas cinzentas, atravessou em segurança as ondas provocadas pelo *ferry* de Fliegende Brücke, fez uma súbita curva à esquerda e mergulhou na espuma amarela, em direção às ilhas desertas, aos bancos de areia, ao pântano — à terra dos salgueiros.

A mudança foi instantânea, como quando estamos projetando fotos de uma cidade e o cenário muda sem aviso para um lago ou uma floresta. Num instante estávamos em território desolado e em menos de meia hora já não se avistava barco, cabana de pesca, telhado vermelho ou qualquer outro sinal de civilização ou de presença humana. A sensação de estar longe da humanidade, o isolamento máximo, o fascínio exercido por esse mundo de salgueiros, águas e ventos tiveram sobre nós um poder imediato. Tanto que nós dissemos, rindo, que deveríamos ter apresentado alguma espécie de passaporte, em vez de, audaciosamente, ter penetrado naquele pequeno reino de magia e sonho — um reino reser-

vado aos que tinham permissão para estar ali, cheio de avisos implícitos para os forasteiros com imaginação para percebê-los.

Embora a tarde apenas começasse, o vento que já chicoteava com violência nos deixou cansados e logo começamos a procurar um lugar adequado para acampar e passar a noite. Mas a região, por suas características, nos desorientava e não conseguíamos encostar a canoa. Os rodamoinhos nos jogavam em direção à margem e depois nos devolviam à corrente, os ramos dos salgueiros feriam nossas mãos quando tentávamos segurá-los para parar o barco e percorrermos um bom trecho de água junto aos bancos de areia até que uma forte lufada de vento lateral nos empurrou para um recanto e conseguimos afinal atracar, erguendo uma nuvem de água com a proa. Rindo muito e ofegantes com tamanho esforço, caímos ali na areia quente, ao abrigo do vento, sob um sol escaldante e um céu do mais absoluto azul, enquanto à nossa volta, cercandonos por todos os lados, um imenso exército de salgueiros dançava e gemia, as folhas cor de prata cintilando em agitação, como se fossem milhares de mãozinhas aplaudindo nossa proeza.

— Que rio! — disse para meu companheiro, pensando em todo o percurso que havíamos feito desde a Floresta Negra e em como, no começo de junho, muitas vezes fôramos obrigados a empurrar o barco para vencer os bancos de areia.

— Ele não vai nos pregar nenhuma peça, vai? — disse meu amigo, puxando o barco um pouco mais para cima, onde estaria seguro, e em seguida se ajeitando para descansar.

Deitei-me de lado na areia e, sentindo com prazer a força dos elementos — água, vento, areia, o forte calor do sol —, pensei na longa jornada já feita, no rio imenso que se estendia à nossa frente até o mar Negro e em como era um homem de sorte por ter um companheiro de viagem como meu amigo, o Sueco.

Já fizéramos juntos outras jornadas como aquela, mas o Danúbio, mais do que qualquer outro rio que conhecíamos, nos impressionara desde o início porque, acima de tudo, parecia estar *vivo*. Desde sua tímida e borbulhante entrada no mundo, por entre os jardins de pinheiros de Donaueschingen, até esse trecho em que começava a se transformar um grande rio, brincando de se espalhar pelos pântanos, solitário e sem limites, ele sempre no fizera sentir como se seguissemos os rastros de

uma criatura viva. Sonolento, a princípio, mas depois repleto de loucos desejos, à medida que tomava consciência de alma profunda, ele rolava, com um ser imenso e fluido, através dos países que percorríamos, sustentando em seus ombros nosso pequeno barco, brincando conosco, às vezes com rudeza, mas sempre amistoso, até que findamos por encará-lo, inevitavelmente, como o Grande Personagem.

Como poderia ser diferente com o tanto que ele nos contara sobre sua vida secreta? À noite, quando nos deitávamos em nossa tenda, o ouvíamos cantar ao luar, proferindo para si mesmo a nota singular e sibilante provocada pelo arrastar dos seixos em seu leito, tal a velocidade das águas. Conhecíamos, também, os sons gorgolejantes de seus rodamosinhos, brotando de repente na superfície da outrora calma; o troar da água nos bancos de areia, o som das corredeiras caudalosas; seu ruído constante sobrepondo-se a todos os outros sons; o roçar incessante de suas águas geladas nas margens. Como parecia erguer-se e gritar quando a chuva caía sobre a superfície! E como seu riso ecoava enquanto o vento batia contra a corrente, ameaçando contê-lo! Conhecíamos já todos aqueles sons e vozes, suas cascatas e espumas, o bater inútil contra as pontes, o diálogo consciente quando havia colinas por perto; a dignidade afetada de seu discurso quando atravessava as cidades, circunspecto diante de sua importância, e conhecíamos, também, todos aqueles sussurros suaves, doces, que dele se desprendiam quando o sol incidia sobre suas águas numa curva, despejando-se sobre ele e fazendo surgir as brumas.

Era cheio de truques, jovem ainda, quando o mundo pouco conhecia. Havia trechos junto à nascente, perto das florestas Suábias, onde nem seus primeiros sussurros eram ouvidos, trechos em que o rio se escondia em fendas no solo para reaparecer mais adiante, brotando das rochas de calcário e recomeçando seu curso com um outro nome; trechos onde o rio deixava tão pouca água sobre o leito que tínhamos de caminhar montanha acima ou chapinhar nas águas empurrando a canoa por quilômetros e quilômetros e bancos de areia.

Um prazer especial tinha ele, naqueles dias de juventude irresponsável, em colar-se ao leito antes que os afluentes turbulentos vindos dos Alpes o encontrassem, recusando-se a recebê-los, ignorando-os, correndo lado a lado com as águas estranhas por quilômetros, a linha divisória

bem marcada, muitas vezes mantendo mesmo níveis diferentes, recusando-se a aceitar as águas forasteiras. Mas logo abaixo de Passau abria mão desse truque, porque ali as águas novas chegavam com força irreprimível, impossível de ignorar, empurrando e incomodando o rio principal, deixando pouco espaço para ambos no leito estreito e sinuoso. Ali, o Danúbio era atirado para lá e para cá contra os rochedos, forçado a correr em grandes ondas, acoitado contra as margens de um lado e outro como se dissesse precisasse para chegar a tempo ao seu destino. Nessa luta, nossa canoa era arremessada dos ombros para o seio do rio e enfrentava a emoção maior das águas revoltas. Mas as águas forasteiras ensinavam ao velho rio uma lição e, para além de Passau, ele já não fingiria ignorar os jovens afluentes.

Tudo isso, é claro, fora muitos dias antes e, desde então, tínhamos entrado em contato com outros aspectos da grande criatura, como ao cruzar os trigais de Straubing, na Bavária, onde o rio corria tão manso sob o sol de junho que chegávamos a imaginar que apenas sua superfície era feita de água, quando logo abaixo, movendo-se como se encoberto por um manto de seda, corria um exército inteiro de Ondinas, descendo em silêncio e em segredo na direção do mar, brincando, inofensivas — desde que não fossem descobertas.

Tudo perdoávamos ao rio por causa de sua doçura para com os animais e pássaros que infestavam as margens. Os cormorões se alinhavam junto ao leito em fileiras, como pequenas estacas negras; gralhas cinzentas se aglomeravam no chão de cascalho; cegonhas pescavam junto aos bancos de areia que se formavam entre as ilhas, enquanto falcões, cisnes e outros pássaros do pantanal enchiam o ar com suas asas cintilantes e seu canto agressivo. Era impossível aborrecer-se com os caprichos do rio, depois de ver uma corça saltar na água ao raiar do dia e nadar junto à canoa. Os cervos nos observavam por entre os arbustos e às vezes, ao desembocar a toda numa curva do rio, dávamos com os olhos castanhos de um veado nos mirando fixamente. Havia também raposas, saltando graciosamente por entre os troncos levados pelas águas e desaparecendo como que por encanto.

Mas agora, depois de passar por Pressburg, houvera uma mudança e o Danúbio se tornara mais sério. Deixara de brincar. O rio estava a meio caminho do mar Negro, numa altura em que eles já podiam sentir os

aromas um do outro e, naquelas terras estranhas, truques não seriam permitidos nem compreendidos. Subitamente, ele se tornara adulto, exigindo de nós respeito e até temor. Acabara de partir-se em três cursos d'água, que só voltariam a se encontrar centenas de quilômetros abaixo, e para uma canoa não havia qualquer sinalização dizendo qual dos caminhos seguir.

— Se vocês pegarem um dos canais laterais e as águas baixarem de repente — dissera a oficial húngara que encontráramos no armazém em Pressburg —, podem acabar isolados, sem nada em torno num raio de dezenas de quilômetros, num planalto seco onde podem até morrer de fome. Não há gente, nem fazendas, nem pescadores. Estou avisando vocês: parem por aqui. Além disso, o rio está subindo e o vendaval vai piorar.

A cheia não nos assustava em nada, mas a ideia de ficar isolados num planalto desértico por uma súbita baixa das águas nos parecia algo sério e, por isso, compramos um estoque extra de provisões. No mais, as profecias da húngara se concretizaram e o vento, vindo de um céu perfeitamente azul, soprou sem dar trégua, até ganhar a dignidade de um vendaval.

Era mais cedo do que de costume quando decidimos montar acampamento. O sol ainda devia estar a uma ou duas horas do horizonte quando, deixando meu amigo ainda adormecido na areia quente, comecei a inspecionar o terreno que nos abrigaria. A ilha, logo descobri, tinha menos de meio hectare de extensão, era apenas um banco de areia, cerca de meio metro acima do nível das águas. A ponta, que ficava na direção do horizonte, estava coberta pelo vapor d'água, tal a força com que o vento batia na crista das ondas. A ilhota tinha formato triangular, com o vértice superior apontado contra a corrente.

Ali fiquei por alguns minutos, olhando a correnteza impetuosa e avermelhada descer com um troar tremendo, saltando em ondas contra as margens como se fosse arrancá-las para depois se dividir em dois cursos espumantes, de ambos os lados da ilha. O solo parecia tremer com o choque das águas, enquanto os salgueiros, batidos pela ventania, aumentavam a curiosa ilusão de que toda a ilha se movia. Acima, por dois ou três quilômetros, via o rio, despejando-se em minha direção: era como

olhar a parede íngreme de uma montanha a partir de seu sopé, branca como espuma, batendo-se em toda parte como a se exhibir para o sol.

No mais, a ilha era inteiramente coberta por salgueiros o que dificultava a caminhada, mas dei uma volta por ali assim mesmo. No ponto mais abaixo, a luz, é claro, se modificava, fazendo o rio parecer escuro e feroz. Apenas a parte posterior das ondas era visível, ondas esvoaçantes, repletas de espuma e empurradas com força pelo vento que batia de trás em lufadas furiosas. Por pouco mais de um quilômetro o rio era visível, serpenteando por entre as ilhas para em seguida desaparecer, tragado por um mar de salgueiros que sobre ele se debruçava, como se fossem monstros pré-diluvianos curvando-se para beber água. Eles me lembravam gigantescas esponjas que do rio se embebessem, absorvendo-o. O rio desaparecia de vista. E a partir de um certo ponto havia apenas salgueiros, numerosos, onipresentes.

O conjunto formava uma cena impressionante, de absoluta solidão e sugestões bizarras. À medida que olhava em volta, demorada e curiosamente, foi surgindo em algum ponto dentro de mim uma emoção singular. Embora tivesse prazer em olhar aquela paisagem bela e selvagem, sentia crepitar, inexplicado e inesperado, um estranho sentimento de inquietação, quase que de alarme.

Um rio, na cheia, talvez seja sempre algo assustador: daquelas ilhas que via, muitas provavelmente já teriam desaparecido quando o dia amanhecesse; a força irresistível da torrente d'água infundia certa dose de medo. Contudo, percebia que minha inquietação vinha de uma região ainda mais profunda, habitada por sentimentos maiores do que o simples temor ou a incerteza. Não era isso que sentia. Tampouco tinha a ver com a força do vento, aquele vendaval que parecia capaz de arrancar os salgueiros pelas raízes e espalhá-los como se fossem pedaços de palha. O vento parecia mesmo ter um toque de alegria, pois nada havia na região que o detivesse, e eu dividia com ele toda aquela excitação e prazer. Por isso tinha certeza de que a estranha emoção não possuía qualquer ligação com o vento. Na verdade, era algo tão vago que me era impossível precisar sua fonte para aprender a lidar com ela. Sabia apenas que estava relacionada com uma sensação de pequenez de nossa parte diante da força dos elementos. O rio crescente tinha algo a ver com aquilo, também — com a sensação desagradável de que desafiáramos os

poderes ali presentes e que agora estávamos à sua mercê. Porque ali todos os elementos se juntavam como para brincar e a visão de tal cenário atiçava a imaginação.

Mas logo percebi que a sensação tinha algo a ver com os salgueiros. Quilômetros e quilômetros de arbustos juntos numa só massa, enchendo a paisagem até onde a vista podia alcançar, pressionando o rio como a sufocá-lo, aglomerados como um exército sob o céu, observando, esperando, ouvindo. E, à parte a força dos elementos, percebi que os salgueiros se conectavam diretamente com minha inquietação, atacando a mente através de seu poder coletivo, representando, em meu imaginário, uma nova força, que nada tinha de amistosa.

As grandes revelações da natureza sempre impressionam e eu não estava de todo desacostumado a ter aquele tipo de sensação. As montanhas oprimem, os oceanos aterrorizam, o mistério das grandes florestas tem um efeito peculiar sobre cada um de nós. Mas todos esses sentimentos estão ligados, de uma forma ou de outra, à experiência humana, à própria vida. São emoções que, embora assustadoras, podem ser entendidas. E acabam desaparecendo.

Com a multidão de salgueiros, porém, eu sentia uma coisa diversa. Deles emanava uma essência que fazia meu coração sentir-se sitiado. Uma sensação de temor real, sim, mas um temor com matizes de terror. Eles cerravam fileiras, crescendo por toda parte, formando sombras cada vez mais escuras à medida que a noite caía, movendo-se ao vento com suavidade e fúria, reforçando em mim a impressão de que havíamos trespassado as fronteiras de um mundo alienígena, um mundo onde éramos intrusos, onde não éramos bem-vindos, onde não deveríamos ficar — e onde talvez corrêssemos perigo.

Contudo, aquela sensação, ainda que misteriosa a ponto de me ser impossível analisá-la, não chegou a alarmar-me então. É verdade, porém, que tampouco deixei de senti-la, mesmo durante o trabalho de tentar montar a barraca em meio à ventania infernal ou acender o fogo para cozinhar. A sensação permaneceu, apenas um pequeno ponto incomodando e confundindo, tirando um pouco de minha capacidade para apreciar a beleza do lugar. Nada comentei com meu amigo, pois ele não era dado a imaginações. Em primeiro lugar, eu jamais teria sabido expli-

car-lhe o que estava sentido. Em segundo, tinha certeza de que, se o fizesse, ele riria de mim.

Havia, bem no meio da ilha, uma pequena depressão e foi ali que montamos a barraca. Os salgueiros, em volta, barravam um pouco a passagem do vento.

— Não está grande coisa — disse o Sueco, imperturbável, quando afinal conseguimos pôr a barraca em pé. — Não há pedras, nem lenha para o fogo. O melhor que temos a fazer é ir embora amanhã cedo. Esta ilhota não vai resistir por muito tempo.

Já tínhamos passado pela experiência de uma barraca desabando no meio da noite e, por isso, tentamos fazer com que nosso abrigo fosse o mais seguro possível. Em seguida, saímos em busca de lenha que durasse ao menos até a hora de dormir. Os salgueiros não possuem galhos e as toras de madeiras trazidas pela corrente eram nossa única fonte de lenha. Fizemos uma cuidadosa busca pelas bordas da ilha. Por toda parte, as margens se desfaziam diante da força das águas, levadas em grandes nacos correntes abaixo, em meio a ruídos gorgolejantes.

— A ilha já está menor do que quando chegamos — disse o Sueco, observador. — Se continuar assim, não vai durar muito. Melhor amarrarmos a canoa bem perto da barraca e ficar alerta para levantar acampamento a qualquer hora. Eu vou dormir de roupa.

Enquanto falava, estava alguns metros à minha frente, mas eu podia ouvir sua risada alegre.

— Nossa! — gritou de repente.

Virei-me para ver o que provocara a exclamação. Mas ele estava oculto pelos salgueiros e, por um instante, eu o perdera de vista.

— O que é isso?!! — gritou de novo, a voz séria.

Corri em sua direção e fui encontrá-lo junto à margem. Ele olhava para o rio, apontando para a água.

— Meu Deus, é o corpo de um homem!! — disse, alterado. — Olhe!

Alguma coisa escura, sendo revirada em meio à espuma, passava depressa, levada pela correnteza. Às vezes desaparecendo para novamente vir à tona. Devia estar a uns sete metros da margem e, no momento em que passava bem diante de onde estávamos, desemborcou e ficou de frente para nós. Vimos seus olhos refletindo a luz do sol, olhos amarelos

e estranhos, que faiscavam quando o corpo se virou. Em seguida aquilo estremeceu e, num segundo, mergulhou, nadando para longe dali.

— É uma lontra!! — gritamos juntos, caindo na risada.

Era *mesmo* uma lontra, viva, aparentemente caçando. Mas, curiosamente, parecera por um momento o corpo de um homem afogado, revirando ao sabor da corrente. Muito além ela voltou a emergir e vimos seu pelo escuro, molhado, brilhando ao sol.

Pouco depois, quando já voltávamos ao acampamento, os braços carregados de lenha, outra coisa nos chamou a atenção no rio. Dessa vez, era mesmo um homem, um homem dentro de um barco. Uma canoa pequena no Danúbio era uma visão comum em qualquer época, mais ainda naquela região desértica, em dias de cheia. Sua presença ali era tão inesperada que parecia irreal. Ficamos de pé, olhando.

Fosse por causa do sol oblíquo ou pelos reflexos da água esplendidamente iluminada àquela hora, o fato é que, não sei bem, mas me foi impossível focalizar com exatidão aquela aparição etérea. Parecia mesmo ser um homem, de pé sobre uma canoa de fundo chato, com um longo remo nas mãos, sendo levado pela corrente a toda velocidade, junto ao outro lado do rio. Dava a impressão de estar olhando em nossa direção, mas a distância era grande e a luz muito incerta para que pudéssemos observá-lo melhor. Pareceu-me que gesticulava, como se sinalizasse para nós. Ele gritava alguma coisa, mas a ventania era tamanha que sua voz chegava entrecortada, sendo impossível discernir uma palavra do que dizia. Havia nele qualquer coisa singular — a figura, o barco, os sinais, a voz —, que me causou uma impressão profunda, desproporcional.

— Ele está se benzendo! — gritei. — Olhe. Ele está fazendo o sinal-da-cruz!

— É verdade — disse o Sueco, protegendo os olhos da claridade e tentando observar o homem que se afastava.

Num instante ele desapareceu, tragado pelo mar de salgueiros que, banhados pelo sol na curva do rio, formavam uma belíssima muralha cor de carmim, enquanto a bruma começava a apagar a paisagem.

— Que diabo estará fazendo aqui, já quase de noite e com esta cheia? — indaguei, como se pensasse alto. — Aonde será que vai a uma hora dessas e por que estaria fazendo todos aqueles sinais? Será que queria nos avisar de alguma coisa?

— Ele viu nossas silhuetas e com certeza pensou que fôssemos espíritos — disse meu amigo, rindo — Esses húngaros acreditam em tudo. Lembra-se da mulher na loja de Pressburg dizendo que ninguém para aqui nestas ilhas porque pertencem a seres de outro mundo? Eles acreditam em duendes, fadas e até em demônios. Aquele camponês no barco viu gente nas ilhas pela primeira vez na vida — continuou, depois de uma pausa. — E ficou apavorado, é isso! O tom de voz do Sueco não era convincente e notei qualquer coisa diferente no jeito dele, embora não soubesse dizer o quê.

— Se tivessem mesmo imaginação — disse, rindo alto (lembro-me de tentar fazer o máximo de barulho possível) —, povoariam este lugar com os deuses da Antiguidade. Os romanos devem ter invadido esta região com seus santuários, seus altares sagrados e suas divindades primitivas.

O assunto mudou e voltamos para perto do fogo, pois meu amigo não era muito chegado a conversas fantasiosas. Na verdade, lembro-me de, naquele momento, ter pensado em como era bom ele ser assim. Seu jeito impassível e sua natureza prática de repente me transmitiram uma sensação reconfortante. Era de fato um temperamento extraordinário o dele: numa canoa, era capaz de dominar as corredeiras como um índio, de enfrentar os rodamosinhos e as pontes perigosas melhor do que qualquer homem branco. Era um grande companheiro de viagens e aventuras, sempre forte diante das adversidades. Observando seu rosto sério, o cabelo louro e encaracolado, enquanto carregava com esforço uma pilha de lenha (o dobro do tamanho da minha!), fui tomado por um sentimento de alívio. Sim, eu me sentia particularmente feliz com a presença do Sueco — ele que, com seu jeito de ser, só dizia aquilo que de fato queria dizer, sem segundas intenções.

— O rio continuava subindo — informou, como se adivinhasse meus pensamentos, enquanto deitava no chão seu machado de lenha. — Esta ilha vai estar submersa em dois dias se a cheia não passar.

— Eu gostaria é que o *vento* parasse — comentei. — Não me importo nem um pouco com o rio.

A cheia, na verdade, não era uma ameaça para nós. Podíamos levantar acampamento em dez minutos e, além disso, quanto mais água tivés-

semos, melhor. Assim teríamos correnteza mais forte e menos risco de encalhar no leito de cascalho, sempre uma ameaça ao casco da canoa.

Ao contrário de nossas expectativas, o vento não diminuiu com o pôr do sol. Pareceu mesmo aumentar à medida que escurecia, uivando sobre nossas cabeças e sacudindo os salgueiros como se fossem fio de palha. As lufadas provocavam sons estranhos, às vezes estrondos fortes como um tiro, que desabavam sobre as águas e sobre a ilha em golpes de uma enorme força. Faziam-me pensar no troar que um planeta deve fazer ao cruzar o espaço, se nos fosse dado ouvi-lo. Mas o céu continuava limpo de nuvens e logo depois do jantar surgiu do leste a lua cheia, cobrindo o rio e a planície de salgueiros uivantes com uma luz clara como o dia.

Ficamos deitados em nosso pedaço de areia junto à fogueira, fumando, ouvindo os ruídos da noite que nos cercava e conversando animados sobre aventuras passadas ou sobre planos futuros. O mapa da jornada estava aberto e pregado na porta da barraca, mas o vento forte tornava difícil examiná-lo e acabamos por baixar a cortina e apagar a lanterna. Restou-nos a chama da fogueira — suficiente para acender os cigarros e iluminar nossos rostos —, cujas chispas dançavam enlouquecidas, como se fossem fogos de artifício. A alguns metros dali, o rio gorgolejava e sibilava. De tempos em tempos, um ruído mais forte anunciava que outro pedaço de margem se desprendera. Nossa conversa, notei, versava sobre cenários e acontecimentos distantes, como nossas primeiras noites na Floresta Negra ou qualquer outro assunto que nada tivesse a ver com o momento presente, do qual só falávamos o mínimo necessário — quase como se tivéssemos feito um acordo tácito para evitá-lo. Nem mesmo os episódios da lontra e do homem no barco foram citados, quando normalmente teriam sido o principal assunto da noite. Num lugar como aquele, eram temas proibidos.

Como havia pouca lenha, não era fácil manter a fogueira acesa e ainda por cima o vento soprava em nossos rostos a fumaça, que tragávamos a contragosto. Por isso, combinamos que nos alternaríamos, saindo cada um de uma vez para procurar madeira na escuridão. As quantidades que o Sueco trazia me davam a impressão de que estava passando tempo demais em sua busca. Mas o fato é que não me importava nem um pouco em ficar sozinho e só lamentava quando chegava de novo minha vez de

sair caminhando por entre os arbustos ou pelas margens, sob a lua, atrás de lenha. A luta diurna contra a água e o vento — e que água e que vento! — nos tinha deixado a ambos esgotados e logo ficou claro que devíamos ir dormir cedo. Ainda assim, nenhum dos dois se movia em direção à barraca. Continuávamos por ali, remexendo o fogo, conversando fiado, perscrutando os salgueiros e ouvindo os barulhos do rio e do vento. A solidão daquele lugar parecia ter penetrado em nossos olhos e o silêncio caiu sobre nós naturalmente, pois depois de algum tempo o som de nossas vozes começou a parecer um pouco irreal, forçado. Sussurrar teria sido a melhor forma de comunicação, pensei, porque a voz humana, absurda em meio ao som dos elementos, tinha um toque de ilegitimidade. Era como se falássemos alto no interior de um templo ou em local proibido, ou mesmo num lugar onde ser ouvido significasse *perigo*.

Aquela ilha solitária e lúgubre, plantada em meio a milhões de salgueiros, varrida por um furacão, cercada por águas profundas e ferozes, havia mexido conosco. Inexplorada, quase desconhecida do homem, ali estava sob a lua, longe da influência humana, como se na fronteira de um outro mundo, um mundo alienígena, comandado apenas por salgueiros — pelas almas dos salgueiros. E, em nossa impetuosidade, tínhamos ousado invadir, até mesmo usar, aquele território. Alguma coisa além do simples poder do mistério penetrou em mim enquanto me deixava ficar, deitado na areia, os pés junto ao fogo, olhando as estrelas através das folhagens. Pela última vez, ergui-me e saí em busca de lenha.

— Quando a lenha acabar — disse —, vou entrar.

Meu companheiro limitou-se a me olhar, preguiçosamente, enquanto eu desaparecia nas sombras.

Para um homem de espírito fraco, o Sueco me parecia naquela noite estranhamente receptivo, aberto a sugestões que não são apenas as sensoriais. Ele, também, parecia tocado pela solidão do lugar. Foi com inquietação que percebi essa mudança em meu amigo e, em vez de ir logo catar lenha, decidi ir até a ponta da ilha, de onde poderia avistar melhor o rio e a planície banhados pela luz da lua. A necessidade de estar só me invadira de repente. E o mesmo temor de antes. Uma sensação inexplicável que precisava encarar e provar até o fim.

Quando cheguei à porta de areia entre as ondas, a magia do lugar se fez sentir de forma direta, como um choque. Um simples cenário que

não teria sido capaz de tal efeito. Havia ali alguma coisa além, algo que dava medo.

Olhei para as águas, em turbilhão. E para os salgueiros, que murmuravam. Percebi o barulho incessante do vento. Todos aqueles sons, cada um a seu modo, provocaram em mim a mesma sensação de estranha angústia. Especialmente *os salgueiros*. Ali estavam, sempre sussurrando, como se falassem entre si, como se rissem, por vezes como se chorassem um pranto agudo, ou ainda como se suspirassem. Mas fosse o que fosse, a verdade é que aqueles murmúrios pertenciam à vida secreta da planície por eles habitada. Um lugar completamente alheio ao mundo que eu conhecia, alheio mesmo aos elementos que, embora ferozes, eram amistosos. Os salgueiros, ao contrário, me faziam pensar em seres vindos de um outro plano de vida, de uma outra evolução, talvez, discutindo entre si mistérios que só eles conheciam. Observei-os juntos, sacudindo as cabeças, em meio ao tilintar daquela miríade de folhas, mesmo que não houvesse vento. Eles se moviam por força própria, como se estivessem vivos. E eram capazes de tocar dentro de mim, por um método incalculável, o cerne de um sentimento chamado *terror*.

Lá estavam, sob o luar, como um vasto exército cercando nosso acampamento, balançando desafiadoramente milhares de lanças, prontos para o ataque.

A psicologia dos lugares, pelo menos para algumas imaginações, é muito vívida. Para o viajante, especialmente, cada acampamento tem seu “tom”, que pode significar boas-vindas ou rejeição. É algo que nem sempre se nota de imediato, quando se está ocupado na preparação da tenda ou do jantar, mas assim que tudo se acalma — geralmente depois da comida —, ele se apresenta. E o tom desse acampamento cercado de salgueiros agora já não deixava dúvidas: éramos intrusos, invasores. Não éramos bem-vindos. A sensação de rejeição crescia à medida que eu continuava ali, observando. Havíamos tocado a fronteira de uma região que se ressentia de nossa presença. Por uma noite talvez pudéssemos ser tolerados. Mas se tentássemos ficar mais tempo e descobrir coisas — não! Por todos os deuses das florestas e dos descampados, não! Éramos a primeira influência humana a conspurcar aquela ilha, e não nos queriam ali. *Os salgueiros estavam contra nós*.

Esses estranhos pensamentos, tais fantasias loucas, nascidas não sabia de onde, tomavam minha mente enquanto permanecia parado, à escuta. O que acontecia, pensava, se afinal os salgueiros mostrassem que estavam mesmo vivos? E caso subitamente se erguessem, como uma multidão de criaturas, e marchassem em nome dos deuses cujo território havíamos invadido, e nos cercassem vindos de toda a vastidão do pântano, bramindo sobre nós em meio à noite até nos alcançar? Enquanto olhava, já começava a imaginar que de fato se moviam, que chegavam mais perto, para em seguida recuar um pouco, voltando a reunir-se em uma enorme massa hostil, esperando o grande vendaval que por fim iria dar a ordem para que se pusessem em marcha. Eu poderia jurar que o aspecto deles se modificava um pouco, que as fileiras se tinham tornado mais densas e que se fechavam sobre mim.

O canto estridente e melancólico de um pássaro noturno soou em cima de minha cabeça e por um momento quase perdi o equilíbrio quando o banco de areia sobre o qual me encontrava fendeu-se e, com estrondo, desabou no rio, levado pela correnteza. Dei um passo atrás no instante exato e segui caminho, em busca de lenha, já quase rindo das fantasias tolas que tinham povoado minha mente, impressionando-me. Lembrei do que o Sueco dissera sobre ir embora no dia seguinte e estava justamente pensando em como concordava com isso quando me virei e dei com ele, objeto de meu pensamento, parado à minha frente. Estava bem próximo. Mas o ruído dos elementos havia encoberto sua aproximação.

— Você demorou tanto — gritou, tentando sobrepujar o vento — que pensei que tivesse acontecido alguma coisa!

Mas havia algo em seu tom de voz, e também na expressão de seu rosto, que ia além daquelas palavras. E num segundo compreendi a verdadeira razão por que viera me procurar. A magia do lugar penetrara sua alma, também, e ele não queria ficar sozinho.

— O rio não para de subir — continuou, apontando a correnteza, sob a lua. — E o vento está terrível.

Ele sempre dizia as mesmas coisas mas, daquela vez, a necessidade de companhia importava mais do que as palavras.

— Ainda bem — gritei de volta — que nossa barraca está num rebaixado. Acho que vai aguentar bem.

Para explicar minha ausência prolongada, comentei alguma coisa sobre a dificuldade de encontrar lenha, mas o vento levou minhas palavras para longe e ele não pôde ouvi-las, fazendo apenas um gesto com a cabeça que queria dizer sim.

— Vai ser uma sorte se conseguirmos sair daqui sem uma desgraça — gritou em seguida.

Isso ou alguma coisa parecida. Lembro-me de ter sentido raiva por ele ter posto em palavras aqueles pensamentos porque era exatamente o que eu sentia. Havia uma desgraça pairando no ar e pressentimento ruim parecia colocar-se à minha pele.

Voltamos para junto da fogueira e avivamos o fogo mais uma vez, juntando as brasas com os pés. Demos uma última olhada em torno. Se não fosse pelo vento, estaria fazendo calor demais. Disse isso ao Sueco e sua resposta me chamou atenção: ele falou que teria preferido o calor, o clima normal de julho em vez daquele “vento diabólico”.

Estava tudo arrumado para o pernoite: a canoa, emborcada ao lado da barraca, com os dois remos amarelos embaixo dela: o saco de provisões pendurado num dos salgueiros e os pratos, lavados, secando a uma distância segura do fogo, tudo pronto para a refeição da manhã.

Abafamos as brasas com areia e entramos. A janela da barraca estava levantada e, através dela, eu via as folhagens, as estrelas e o luar. Os salgueiros inquietos e as pesadas lufadas de vento contra nossa pequena tenda são as últimas coisas que me lembro antes que o sono descesse sobre mim, tudo cobrindo com sua bruma de esquecimento, suave e deliciosa.

2

De repente, lá estava, desperto, deitado em meu colchão sujo de areia, espiando através da janela da barraca. Olhei o relógio espetado na lona e vi, com a ajuda do luar, que passava um pouco da meia-noite — o começo de um novo dia — e que, portanto, dormira cerca de duas horas. A meu lado, o Sueco, imóvel, continuava adormecido. O vento uivava como antes. E em meu coração havia um peso — eu estava com medo. Alguma coisa perturbadora estava acontecendo ali.

Ergui-me e olhei para fora. As árvores balançavam com violência, batidas pelas lufadas, mas nosso pedacinho de lona verde, armado na areia côncava, estava seguro. O vento passava por ele sem obter resistência e, com isso, não se tornava hostil. Mas o sentimento de inquietação continuou e, devagar, engatinhei para fora da tenda a fim de ver se nossos pertences estavam no lugar. Movi-me lentamente para não acordar meu amigo. Estava tomado por uma estranha excitação.

Já estava com parte do corpo do lado de fora, ainda de quatro, quando meus olhos se fixaram no topo dos arbustos bem à minha frente e perceberam que, com o movimento do trançado das folhas, eles formavam figuras recortadas contra o céu. Sentei-me e observei melhor. Era incrível, mas ali, diante dos olhos, acima de minha cabeça, via formarem-se estranhas figuras por entre as folhagens dos salgueiros e, à medida que os galhos eram mexidos pelo vendaval, elas pareciam agrupar-se, traçando perfis monstruosos que no segundo seguinte desapareciam sob o luar. As figuras se delineavam a menos de quinze metros de onde eu estava.

Meu primeiro impulso foi o de acordar meu amigo, para que ele também pudesse ver o que eu via, mas algo me fez hesitar — talvez a constatação de que a cumplicidade naquele caso não seria bem-vinda. Nesse meio-tempo, permaneci sentado, os olhos bem abertos, enquanto observava o fenômeno, hipnotizado. Estava completamente desperto. Lembro-me de ter dito a mim mesmo que *não estava* sonhando.

Primeiro as estranhas figuras se tornaram bem visíveis, no alto das copas dos salgueiros — imensas, cor de bronze, movendo-se de forma totalmente independente do balanço dos galhos. Eu as via perfeitamente e notei, agora que as examinava com mais calma, que eram muito maiores do que um homem, havendo em sua aparência alguma coisa a não deixar dúvida de que eram *sobrenaturais*. Com toda certeza não eram resultado do balanço das folhagens sob a luz da lua. Tinham vida própria. Subiam num fluxo contínuo em direção ao céu, desaparecendo assim que tocavam o firmamento escuro. Entrelaçadas, formavam uma coluna e eu podia ver seus membros e corpos gigantescos fundindo-se uns nos outros, criando uma linha que serpenteava, curvava-se, retorcia em espiral, junto com as contorções das árvores batidas pelo vento. Eram formas nuas, fluidas, que passavam pelos arbustos, que *através* das fo-

lhas, uma torre viva que subia rumo ao infinito. Não pude ver seus semblantes. Derramavam-se no céu sem cessar, oscilando em grandes curvas, a pele de seus corpos recoberta por sutis matizes de bronze.

Eu continuava observando, obrigando cada átomo de meus olhos a fixar-se na visão extraordinária. Por muito tempo pensei que a qualquer momento desapareceriam, fundindo-se no movimento dos galhos e provando que tudo não passara de ilusão de ótica. Por toda parte buscava provas de que aquilo era verdadeiro, mas logo compreendi que os parâmetros de realidade se tinham modificado. Pois, quanto mais se olhava, mais certo ficava de que aquelas criaturas eram reais e vivas, embora talvez impossíveis de serem captadas por uma câmera ou pelo instrumento de um cientista.

Longe de ter medo, eu estava possuído por uma sensação de enlevo e respeito, como jamais sentira antes. Era como se olhasse para a personificação das forças elementares que assombravam aquele lugar primitivo. Nossa presença havia desencadeado a movimentação daqueles poderes. Nós éramos o elemento perturbador. E meu cérebro parecia prestes a explodir, repleto de histórias e lendas de espíritos e divindades adoradas pelo homem em todas as eras da história da humanidade. Mas, antes que pudesse encontrar uma explicação para o que acontecia, alguma coisa me fez ir em frente e, rastejando na areia, ergui-me. Senti o calor do chão sob os pés descalços; o vento açoitava meu rosto, meus cabelos; e o barulho ensurdecador do rio me atingiu de chofre. Tais coisas, sabia, eram reais e provavam que meus sentidos reagiam normalmente. E contudo as figuras continuavam subindo ao céu, silentes, majestosas, numa imensa espiral de força e graça que por fim despertava em mim uma sensação de pequenez, um sentimento de verdadeira adoração. Senti vontade de ajoelhar-me e adorá-las — adorá-las, mais nada.

Mais um minuto que se passasse e provavelmente teria feito isso, não fosse por uma rajada de vento que me atingiu com tal força que me empurrou para o lado, quase me derrubando. Foi como se eu voltasse a mim. Alguma coisa se modificou em meu ponto de vista. As figuras ainda estavam lá, subindo ao infinito através do coração da noite, mas minha razão voltava a firmar-se. Aquilo só podia ser uma experiência subjetiva — não menos real por causa disso, mas ainda assim subjetiva. A combinação da luz da lua e dos galhos havia desenhado aquelas sombras

no espelho de minha imaginação, de alguma forma projetando-as para o exterior, fazendo com que parecessem objetivas. Era isso, só podia ser isso. Eu fora vítima de uma curiosa, de uma vívida alucinação. Tomei coragem e comecei a mover-me pelo caminho de areia. Meu Deus, pensava, seria tudo uma alucinação? Algo meramente subjetivo? Ou estaria minha razão apenas argumentando inutilmente, fincada nos estreitos padrões do conhecimento?

Eu só sabia que a coluna de figuras sombrias se erguia ao céu, por um tempo que me parecia muito longo, e com tal nitidez que qualquer um a teria considerado real. E então, subitamente, desapareceu!

E assim que se esvaneceu, com ela cessando num átimo toda a atmosfera onírica de sua presença, o medo me tomou por inteiro, num jato gelado. O sentido oculto daquela região solitária e assombrada penetrou de repente em mim, fazendo-me estremecer de pavor. Olhei em torno — um olhar de horror, quase em pânico —, tentando imaginar como fugir dali; e então, vendo que não teria como fazê-lo, arrastei-me silenciosamente de volta à barraca e deitei-me em meu colchão, baixando a cortina para não mais ver os salgueiros e a lua, e enterrando o rosto nas cobertas para amortecer o som do vento que me aterrorizava.

3

Talvez para me convencer de que não havia sonhado, lembro-me de que demorei muito até finalmente mergulhar num sono inquieto e agitado. E, mesmo então, era um sono superficial, como se parte de mim permanesse alerta, prestando atenção ao passar das horas.

Mas, da segunda vez que acordei, dei um pulo, movido pelo mais absoluto terror. Não fora o vento ou o rio que me haviam despertado e sim a lenta aproximação de algo que fora corroendo aos poucos a porção de sono em que estava mergulhado até que ela desaparecesse por completo e eu me encontrasse erguido — e à escuta.

Ouvi nitidamente, vindo lá de fora, uma infinidade de pequenos ruídos. Eu sabia que aquele murmúrio vinha num crescendo há algum tempo e que, mesmo enquanto dormia, já o escutava. Sentei-me, nervoso, como se não tivesse dormido nada. Respirava com dificuldade, sentindo

um peso sobre mim. Apesar da noite quente, meu corpo estava coberto de suor frio e tremia. Alguma coisa parecia pressionar as laterais e ao alto de nossa barraca. Seria o corpo do vento? Ou o murmúrio da chuva caindo das folhas? Ou mesmo os jatos d'água erguidos pelo choque do vento com o rio, formando gotas gigantescas? Num segundo, pensei em várias possibilidades.

De repente, a explicação surgiu em minha mente: um galho do álamo, única árvore grande que havia na ilha, tinha sido arrancado pelo vento. Seguro apenas pelos outros galhos da árvore, cairia com a primeira lufada mais forte e nos esmagaria. Eram suas folhas que farfalhavam e se agitavam acima da lona esticada da barraca. Ergui a porta da tenda e corri para fora, chamando o Sueco para que me seguisse.

Mas assim que me vi de pé do lado de fora percebi que nada ameaçava a barraca. Não havia qualquer galho pendurado. Nem chuva, nem jatos d'água. Não havia nada se fechando sobre nós.

Uma luz fria, acinzentada, deixava-se filtrar pelos arbustos e banhava a areia clara. As estrelas continuavam no céu e o vento uivava ainda, mas a fogueira se apagara de todo e vi, por entre as folhas, que a leste o céu começava a tingir-se de vermelho. Muitas horas se tinham passado desde que eu estivera ali olhando as estranhas figuras e a lembrança daquelas visões voltou em todo seu horror, como um sonho maldito. Sentia-me imensamente cansado com aquele vendaval que não cessava. E, contudo, apesar da lassitude de uma noite mal dormida, meus nervos vibraram em permanente apreensão e a ideia de repouso nem passava por minha cabeça. O rio, notei, havia subido ainda mais. Seu troar enchia o ar e os vapores borrifavam minha camisa.

Mas não se via em volta qualquer sinal de alarme. A profunda e incessante inquietação que sentia continuava inexplicável para mim.

Meu amigo não havia acordado quando eu o chamara e não havia necessidade de perturbá-lo agora. Olhei em torno, cuidadosamente: lá estava a canoa emborcada; os remos amarelos — todos os dois, tenho certeza; o saco de provisões e a lanterna extra pendurados na árvore; e, por toda parte, envolvendo tudo, os salgueiros, a infindável multidão de salgueiros batidos pelo vento. Um pássaro soltou seu canto matinal e um bando de patos passou voando e grasnando na penumbra. A areia,

agitada pelo vendaval, subia em rodamosinhos, seca, picando-me as pernas e os pés descalços.

Dei uma volta em torno da barraca e penetrei por entre os arbustos para olhar a paisagem que se descortinava para além do rio, mas tive a mesma sensação de angústia indefinível ao olhar o mar de salgueiros que se estendia até o horizonte, fantasmagóricos e irreais na luz pálida do amanhecer. Caminhei pé ante pé em várias direções, ainda tentando identificar o estranho murmúrio cuja pressão sobre nossa barraca me acordara. *Era* o vento, com certeza, pensei, o vento levantando a areia quente, cujos grãos chicoteavam a lona, o vento batendo incessantemente contra nosso abrigo frágil.

Mas meu nervosismo e meu desconforto continuavam crescendo.

Segui até a margem mais distante e vi como a geografia do lugar fora alterada durante a noite, massas de areia tendo sido carregadas pela enchente. Mergulhei as mãos e os pés na água fria e molhei o rosto. Os primeiros raios de sol já se insinuavam no céu e com eles a extraordinária limpidez do dia que nascia. Na volta, passei de propósito junto aos mesmos salgueiros onde vira as colunas de figuras subindo ao céu e, em meio à mata, fui assaltado por um poderoso senso de terror. Saído das sombras, tive a impressão de ver passar um gigantesco espectro. Sim, algo passara por mim, como faria uma criatura humana...

Uma lufada mais forte de vento como que me empurrou para a frente e, quando me vi novamente em espaço aberto, o terror que sentia diminuiu. O vento soprava em todas as direções, lembro de ter dito a mim mesmo, e os ventos se movem como grandes presenças quando atravessam as árvores. Além disso, o medo que sentia era tamanho e de tal natureza, um temor tão diverso de tudo o que jamais experimentara, que despertava em mim um sentimento de respeito, de adoração — e isso contrabalanceava seus piores efeitos. Quando cheguei a um ponto mais alto no centro da ilha, de onde se descortinava o rio tingido com o vermelho do amanhecer, a beleza mágica do lugar, de tão poderosa, fez nascer em mim uma força selvagem e tive vontade de gritar.

Mas o grito morreu em minha garganta, porque no instante seguinte meus olhos, percorrendo a planície e a ilha à minha volta e vendo a pequena mancha de nossa barraca em meio aos salgueiros, constataram al-

go terrível, uma descoberta comparada com a qual meu terror recente, com os espectros do vento, era nada.

Houvera uma mudança na paisagem. Não que dali de cima eu tivesse um diferente ponto de vista, mas sim uma alteração que afetara a relação entre nossa barraca e os salgueiros que a cercavam. Com toda a certeza, os arbustos agora estavam mais próximos — inexplicavelmente, ameaçadoramente próximos. *Eles estavam fechando o cerco.*

Caminhando devagar pelas areias mutantes, aproximando-se de forma imperceptível, com movimentos silenciosos e lentos, os salgueiros tinha chegado mais perto durante a noite. Teria sido o vento a movê-los ou teriam as árvores caminhado sozinhas? Lembrei-me do murmúrio crescente que pressionara a barraca e também meu coração, fazendo-me acordar apavorado. Por um momento, oscilei ao vento como uma árvore, mal podendo equilibrar-me no alto do monte de areia onde estava. Tinha diante de mim uma evidência de ação pensada, de deliberada intenção, de agressiva hostilidade, e aquilo me aterrorizava a ponto de não conseguir mover um músculo.

Mas logo veio a reação, rápida. A ideia era tão improvável, tão absurda, que quase explodi numa gargalhada. Mas a gargalhada poderia ser um grito, pois saber que minha mente estava tão receptiva àquelas perigosas fantasias trouxe-me a terrível constatação de que seria através da mente, e não do corpo físico, que se daria, que se dava, o ataque.

O vento soprou à minha volta e o sol, com grande rapidez, surgiu no horizonte, pois deveriam ser mais de quatro horas e lá estava eu, há mais tempo do que imaginava no alto daquele monte, com medo de descer e atravessar os salgueiros. Voltei pé ante pé para a barraca, dando antes de mais nada uma cuidadosa olhada a minha volta — sim, confesso — para fazer algumas medições. Com passadas na areia, marquei a distância entre os salgueiros e a tenda, prestando atenção em qual era o ponto de maior proximidade.

Em seguida me enfiar sob as cobertas, quieto. Meu amigo, ao que parecia, dormia profundamente e fiquei aliviado em constatar isso. Se não houvesse testemunhas para minhas experiências, talvez encontrasse força para negá-las. Com o dia claro, poderia convencer a mim mesmo de que tudo não passara de alucinação, uma fantasia da noite, projeções de minha imaginação excitada.

Nada mais aconteceu que me perturbasse e caí no sono quase que instantaneamente, exausto, embora ainda com medo de ouvir os murmúrios noturnos ou a pressão no coração que quase me sufocara.

4

O sol ia alto no céu quando meu amigo me acordou de um sono profundo, anunciando que o mingau estava pronto e que era hora do banho matinal. Um cheiro delicioso de bacon frito chegou até a barraca.

— O rio continua subindo — disse ele — e várias ilhas desapareceram. Nossa ilha diminuiu muito.

— Sobrou lenha? — perguntei, sonolento.

— A lenha e a ilha vão acabar juntas, amanhã — respondeu o Sueco, rindo. — Mas o que resta é suficiente para nos sustentar até lá.

Mergulhei da ponta da ilha, que de fato havia mudado em tamanho e formato ao longo da noite, e num instante fui levado pela corrente até o ponto em que atracáramos, em frente à barraca. A água estava gelada e as margens passavam por mim como as imagens através da janela de um trem. Mergulhar assim era divertido e logo o terror da noite desaparecera por completo, evaporando-se de meu cérebro. O sol estava quente; não havia uma só nuvem no céu; mas o vento continuava soprando com a mesma força de antes.

De repente, dei-me conta do significado implícito das palavras do Sueco, mostrando que ele não pretendia partir imediatamente, que mudara de ideia. “Suficiente para durar até amanhã” queria dizer que, para ele, passaríamos mais uma noite na ilha. Achei aquilo estranho. Na noite anterior estava decidido a ir embora logo. Por que a mudança?

Enquanto tomávamos café, vários pedaços das margens eram arrastados, levantando nuvens d’água que, com o vento, borrifavam nossa frigideira, ao mesmo tempo que meu amigo falava sem parar na dificuldade que os navios da rota de Viena até Budapeste deviam ter para encontrar o leito do canal com uma cheia daquelas. Mas o estado de espírito dele me interessava mais do que as condições do rio e as dificuldades dos navios. Ele mudara em relação à noite anterior. Seu jeito estava diferente — um pouco eufórico, um pouco retraído, havendo em seu tom

de voz e em seus gestos qualquer coisa que indicava desconfiança. Não sei bem como descrevê-lo agora, a sangue-frio, mas naquele momento lembro-me de ter tido uma certeza: ele estava com medo. Comeu pouco no café da manhã e, pela primeira vez, não fumou seu cachimbo. Abriu o mapa diante de si e começou a estudá-lo.

— Acho bom sairmos daqui a uma hora — disse eu, tentando abrir caminho para que ele afinal dissesse o que sentia.

E a resposta me intrigou:

— Claro! Se eles deixarem.

— Eles, quem? Os elementos? — perguntei, rápido, fingindo desconfiança.

— Os poderes deste lugar horrendo, sejam eles quem forem — respondeu o Sueco, sem tirar os olhos do mapa. — Os deuses estão aqui, se é que estão em algum lugar do mundo.

— Os elementos são sempre os verdadeiros imortais — respondi, rindo da forma mais natural possível, mas sabendo muito bem que meu rosto refletia o que de fato sentia.

Foi quando o Sueco me olhou com gravidade e, através da fumaça, disse:

— Só com muita sorte vamos conseguir sair daqui sem enfrentar mais desgraça.

Era o que eu temia, sabendo que já não poderia evitar uma pergunta direta. Era como dar permissão ao dentista para que me arrancasse um dente. A hora chegara e o resto era tudo fingimento.

— Mais desgraça! Por quê? O que aconteceu?

— É simples: o remo-guia desapareceu — respondeu o Sueco, com voz mansa.

— O remo-guia desapareceu? — repeti, apavorado, por que aquele remo era nosso leme e navegar o Danúbio naquela cheia sem um leme era suicídio. — Mas o que...

— E tem um rombo no casco do barco — continuou o Sueco, com um tremor na voz.

Fiquei ali olhando para ele, repetindo suas palavras como se fosse um tolo. Ali, sob o calor do céu, sobre a areia quente, senti uma atmosfera gelado nos envolver. Ergui-me e o segui, porque ele apenas assentira e caminhava em direção à barraca, em frente à fogueira. A canoa esta-

va lá, no mesmo lugar em que a vira de noite, com o casco virado para cima e os remos, ou melhor, *um* remo, ao lado dela, na areia.

— Só restou um — disse o Sueco, abaixando-se para apanhá-lo. — E aqui está a brecha no fundo do barco.

Estive a ponto de dizer a ele que, com toda certeza, vira *os dois* remos poucas horas antes, mas um segundo impulso me fez pensar melhor e fiquei calado. Cheguei mais perto para olhar.

Havia uma longa fenda no fundo do barco, de onde uma tira de madeira havia sido nitidamente retirada; era como se uma pedra pontiaguda ou um galho submerso tivesse arrancado a tira de fora a fora. Examinando melhor, vimos que o rombo rompera o fundo. Se tivéssemos partido sem observá-lo, na certa teríamos afundado. No início, a madeira incharia, fechando a fenda, mas assim que estivéssemos em plena correnteza a água começaria a penetrar no barco e este, com menos de 30 cm acima da linha-d'água, afundaria rapidamente.

— Aí está, uma tentativa de preparar uma vítima para o sacrifício — disse o Sueco, mais para si mesmo do que para mim. — As vítimas, aliás... — acrescentou, enquanto, agachado, passava a mão pela fenda.

Comecei a assobiar — coisa que sempre faço quando estou meio confuso —, sem prestar muita atenção ao que ele dizia. Estava decidido a encarar aquelas palavras como uma tolice.

— Não estava aqui ontem à noite — disse ele sem me olhar, levantando-se depois de examinar o barco.

— Com certeza foi na hora que atracamos — retruquei, parando de assobiar. — As pedras são muito pontiagudas...

Parei de súbito, pois ele acabava de virar-se e me encarar. Sabia tão bem quanto ele que minha expedição era implausível. Para começar, não havia pedras.

— E há uma coisa para ser explicada — continuou ele, me entregando o remo e apontando a ponta da pá.

Uma nova e estranha emoção tomou conta de mim, gelando-me os ossos, enquanto a examinava. A lâmina da pá estava gasta, perfeitamente gasta, como se alguém, como se alguém a tivesse lixado com cuidado, tornando-a tão fina que ao primeiro movimento mais vigoroso o remo se teria partido pelo cabo.

— Um de nós andou durante o sono e fez isto — disse eu, a voz trêmula —, ou então... ou então foi o açoite constante da areia e do vento, talvez.

— É — disse o Sueco, virando-se e rindo —, você tem explicação para tudo.

— Foi o vento, também, que carregou o remo até junto à margem e, dali, ele foi levado pela correnteza junto com um naco de terra que se desprende — continuei, gritando enquanto ele se afastava, decidido que estava a encontrar uma explicação para tudo.

— Sei — gritou de volta, virando-se para me olhar antes de desaparecer em meio aos salgueiros.

Assim me vi sozinho, diante daqueles indícios incríveis de ação deliberada, meu primeiro pensamento foi: “Um de nós dois fez isto e com certeza não fui eu.” Mas meu segundo pensamento foi o de que era impossível acreditar, sob qualquer circunstância, que um de nós fosse o responsável. Não podia crer, nem por um segundo, que meu amigo, em que confiava, companheiro de mais de dez expedições como aquela, pudesse conscientemente ter feito aquilo. Igualmente absurda era a hipótese de que ele, com sua natureza imperturbável e sem imaginação, tivesse de repente perdido a razão e se ocupasse com tais propósitos insanos.

Contudo, o que mais me perturbava, mantendo vivo o frio do medo mesmo sob o esplendor de todo aquele sol, era a certeza de que uma estranha mudança se operara na *mente* do Sueco: ele estava nervoso, quieto, desconfiado, consciente de coisas sobre as quais nada dizia, observando uma série de eventos secretos, que até então não mencionara — numa palavra, aguardando um desfecho que se daria, e se daria em breve. Essa impressão cresceu dentro de mim de forma intuitiva, sem que eu soubesse explicar como.

Observei a barraca e seus arredores, mas as medidas que fizera à noite eram as mesmas. Grandes buracos se tinham formado na areia — notei naquele momento pela primeira vez — semelhante a bacias, de tamanhos e profundidades diversos, variando da dimensão de uma xícara para a de uma tigela grande. O vento, sem dúvida, era o responsável por essas pequenas crateras, assim como o fora pelo sumiço do remo, jogado n'água. O rombo na canoa era a única coisa inexplicável; mas, afinal, era possível que qualquer coisa pontiaguda tivesse *mesmo* atingido o casco

quando atracávamos. Examinei bem a margem e não encontrei nada que comprovasse essa teoria, mas continuei me agarrando a ela com a porção cada vez menor de minha consciência à qual chamava “razão”. Eu precisava de uma explicação qualquer, assim como é preciso buscar um sentido para o universo — por mais absurdo —, para tornar felizes aqueles que encaram a labuta diária e os problemas da vida. A comparação me pareceu perfeita naquele momento.

Imediatamente, botei o piche para derreter e logo o Sueco veio me ajudar, embora estivesse claro que, mesmo na melhor das hipóteses, o barco só estaria em condições de navegar no dia seguinte. Mostrei-lhes as crateras na areia.

— É — disse ele. Eu sei. A ilha está coberta delas. Mas na certa *você* tem uma explicação para isso também!

— O vento, claro — respondi, sem hesitar. — Você nunca reparou nos rodamosinhos que o vento faz nas ruas, carregando tudo numa espiral? A areia aqui é bastante seca e solta. É isso.

Ele não respondeu e continuou trabalhando, quieto. Todo o tempo, eu o espiava com o canto do olho, tendo a sensação de que ele me observava também. Dava a impressão de estar sempre ouvindo alguma coisa que eu não conseguia escutar ou parecia à espera de algum ruído, pois virara a cabeça e olhava em torno, perscrutando os arbustos, depois o céu e em seguida o rio, nos trechos em que este era visível através dos salgueiros. Às vezes chegava mesmo a pôr a mão em concha em torno do ouvido, mantendo-se ali por vários minutos. Mas não comentava nada comigo, nem eu fazia perguntas. E, enquanto o observava consertando o barco, com a destreza e a habilidade de um velho índio, sentia-me bem em vê-lo tão absorto no trabalho, pois temia que ele viesse a falar na modificação observada nos salgueiros. Se tivesse notado *aquilo* , minha imaginação já não poderia sustentar uma explicação para o que acontecia.

Até que, depois de um longo silêncio, ele começou:

— Coisa estranha... — disse, falando rápido, como se quisesse dizer logo alguma coisa e se livrar da ideia. — Coisa estranha aquela lontra que vimos ontem.

Eu esperava um comentário tão diferente que a frase me pegou de surpresa e olhei, sério.

— É uma prova da solidão deste lugar. As lontras geralmente se escondem e...

— Não foi isso que quis dizer — interrompeu o Sueco. — O que quis dizer é que, você acha... você acha *mesmo* que era um lontra?

— O que mais poderia ser, pelo amor de Deus?

— Você sabe, eu vi primeiro e no início parecia *tão maior* do que uma lontra.

— Como olhávamos rio acima, a luz do sol deve tê-la ampliado ou algo assim.

Ele me fitou com um olhar vago, como se sua mente estivesse ocupada com outros pensamentos.

— Tinha aqueles incríveis olhos amarelos — continuou, como para si mesmo.

— Foi o sol, também — respondi, dando uma risada. — Aposto que agora você vai começar a pensar ser aquele homem do barco...

Decidi não continuar a frase. O Sueco estava parado outra vez, à escuta, olhando na direção do vento, e alguma coisa em sua expressão me fez calar. O assunto morreu e ele continuou a consertar o rombo do barco. Pensei que sequer tivesse ouvido o que eu dissera. Mas, cinco minutos depois, ele me olhou, o rosto grave, enquanto segurava o piche fumegante.

— Para ser sincero, *pensei mesmo* — disse, devagar — no que seria aquela coisa no barco. Lembro que na hora achei que não podia ser um homem. Ele pareceu surgir de repente, como se emergisse da água.

Caí na risada, mas desta vez não sentia apenas impaciência e sim uma pontada de raiva.

— Escuta aqui! — gritei. — Este lugar já é estranho o suficiente sem que precisemos ficar imaginado coisas! É claro que aquele barco era um barco comum e que o homem que estava dentro era apenas um homem, e que ambos estavam descendo rio abaixo a toda velocidade. E a lontra era uma lontra, sim, por isso vamos parar de bancar os idiotas!

E me olhou sem piscar, com a mesma expressão grave de antes. Não parecia contrariado. Seu silêncio me encorajou.

— E, por favor — continuei —, pare de fingir que está ouvindo coisas porque isso me dá nos nervos, e não há nada para se ouvir além do rio e do maldito barulho do vento!

— Seu idiota! — ele reagiu afinal, a voz entrecortada. — Seu grande idiota! É exatamente assim que todas as vítimas falam. Como se não soubesse tão bem quanto eu! — Havia desdém em sua voz, mas também um toque de resignação: — A melhor coisa a fazer é você calar a boca e tentar manter a mente firme. Essa tentativa de ficar se enganando só vai tornar a verdade ainda mais dura quando chegar a hora de encará-la.

Entreguei os pontos e não falei mais nada, porque sabia muito bem que ele estava certo — e que idiota era eu, não ele. De certa forma ele estava à minha frente e acho mesmo que eu me aborrecia com minha própria ignorância, como se fosse menos sensível diante dos acontecimentos extraordinários que nos cercavam e não pudesse entender bem o que se passava. O fato é que não conseguia compreender o que ele dizia sobre a necessidade de haver uma vítima e sobre nós dois sermos os candidatos a preencher o papel. E, daquele momento em diante, parei de fingir, o que só fez aumentar ainda mais o medo que sentia.

— Mas você está certo num ponto — disse ainda o Sueco. — É melhor não falar no assunto, nem mesmo pensar nele. Porque, aquilo que pensamos, acabamos dizendo. E o que dizemos, acontece.

Enquanto o casco do barco secava e endurecia, passamos a tarde tentando pescar, testando o remendo, apanhando lenha e observando a cheia avassaladora. Toras de madeira desciam com a enxurrada e tentávamos fisgá-las com galhos mais longos de salgueiros. Nossa ilha diminuía de tamanho a olhos vistos, à medida que as margens eram carregadas pela força do rio, com grande estrondo. O tempo continuou claro até as quatro da tarde quando, pela primeira vez em três dias, o vento deu os primeiros sinais de que ia diminuir. Nuvens começaram a formar-se a sudoeste, dali espalhando-se lentamente por todo o céu.

O abrandar do vento trouxe uma sensação de enorme alívio, já que o ruído incessante, o troar, os baques e estrondos, nos davam nos nervos. Mas o silêncio que desceu sobre nós lá pelas cinco da tarde foi, devo admitir; de certa forma opressivo. Os barulhos do rio eram muito peculiares: enchiam o ar de murmúrios profundos, mais musicais que o ruído do vento, só que infinitamente mais monótonos. O vento trabalhava com múltiplos tons, subindo e descendo, produzindo uma espécie de melodia; enquanto o rio se mantinha entre três notas a maior parte do tempo — notas de pedal, abafadas, graves, de uma tonalidade lúgubre

que inexistia no vento e que a mim pareceram, para meus nervos tensos, a música do Juízo Final.

Foi extraordinário notar, também, como a luz do dia, ao partir, levou consigo toda a alegria do lugar. E, tendo a região já apresentado antes a sugestão de lago sinistro, a mudança, é claro, foi ainda mais visível e maléfica. Para mim, o escurecer foi um sinal de alarme e logo flagrei-me calculando quantas horas depois do pôr do sol a lua surgiria no horizonte, a leste, e se o céu nublado impediria que o luar iluminasse a ilha.

Com o vento reduzido a um murmúrio — embora, às vezes, soprasse em breves espasmos —, o rio tornou-se aos meus olhos ainda mais negro, enquanto os salgueiros se adensavam. Estes últimos pareciam mover-se independentemente do vento, agitando-se quando não havia qualquer lufada, estremecendo das raízes para cima. Quando objetos do cotidiano são marcados por uma sugestão de horror, estimulam a imaginação mais do que os objetos de aparência estranha. E ali, os arbustos, cercando-nos, assumiam, à medida que escurecia, a aparência grotesca de criaturas vivas. Sua banalidade, eu sentia, mascarava as forças malignas e hostis que se voltariam contra nós. As forças do lugar aproximando-se cada vez mais com o cair da noite, concentrando-se em nossa ilha, em nós. Pois era assim, em termos de imaginação, que se apresentavam minhas sensações naquele lugar extraordinário.

Dormira bastante no início da tarde, recuperando-me da exaustão provocada pela noite inquieta, mas isso só servia para me deixar ainda mais suscetível à magia obsessiva daquela região assombrada. Tentava evitá-la, rindo de meus sentimentos e encarando-os como criancice sem sentido, apresentando explicações óbvias e físicas para tudo e, no entanto, a sensação crescia dentro de mim, fazendo com que temesse a chegada da noite como um menino perdido na floresta.

De dia, a canoa fora cuidadosamente coberta com um impermeável e o remo que restava fora amarrado pelo Sueco na base de uma árvore, para que o vento não o carregasse como fizera com o outro. A partir das cinco da tarde, ocupei-me com a panela e os preparativos para o jantar, já que naquela noite era minha vez de cozinhar. Tínhamos batatas, cebolas, pedaços de bacon que usávamos para dar mais sabor à comida e um resíduo indefinido dos cozidos anteriores que ficara no fundo da panela; adicionando pedaços de pão preto, o resultado era muito bom, seguido

de um doce de ameixa e de uma beberagem composta de chá bem forte e leite desidratado. Havia uma boa pilha de lenha à mão e, sem vento, meu trabalho tornava-se fácil. Meu amigo observava tudo preguiçosamente, dividindo sua atenção entre limpar o cachimbo e ficar dando palpite — privilégio concedido àqueles que estão de folga. Ele estivera calado por toda a tarde, ocupado em consertar a canoa, em reforçar as cordas da barraca e em pescar toras de madeira, enquanto eu dormia. Não voltáramos a conversar sobre assuntos desagradáveis e acho que seu único comentário havia sido sobre a destruição gradual da ilha, que segundo ele já estava com um terço do tamanho de quando chegáramos.

O cozido começava a borbulhar quando ouvi sua voz me chamando da margem, para onde tinha ido sem que eu notasse. Corri até lá.

— Venha ouvir — disse ele — e vamos ver o que você me diz disso. — Tinha a mão em concha ao redor do ouvido, como fizera outras vezes.

— *Agora* você está ouvindo? — perguntou, olhando-me com curiosidade.

Ficamos ali por um instante, escutando com atenção. Primeiro ouvi apenas a nota grave das águas e os salvos que se erguiam da superfície turbulenta. Os salgueiros, pela primeira vez, pareciam imóveis e silenciosos. Até que um som, fraco, chegou a meus ouvidos. Um som peculiar — semelhante ao ruído de um gongo distante. Parecia vir em nossa direção através da escuridão de pântanos e salgueiros da margem oposta. Repetia-se a intervalos regulares, mas com toda a certeza não era nem um sino nem o apito de um navio distante. Não saberia compará-lo a nada a não ser ao som de um gigantesco gongo, suspenso no céu muito longe dali, repetindo incessantemente sua nota metálica e abafada, suave e musical, à medida que era batido. Meu coração acelerou-se.

— Eu ouvi o dia inteiro — disse meu amigo. — Enquanto você dormia, hoje à tarde, a ilha foi tomada por ele. Tentei descobrir de onde vinha, mas não conseguia chegar perto, nem precisar sua localização. Às vezes parecia estar em cima de minha cabeça, poderia jurar que o som não acontecia do lado de fora e sim *dentro de mim*, como um som quadridimensional.

Eu estava intrigado demais para prestar atenção nas palavras do Sueco. Ouvi atentamente, lutando para associar o barulho a algum som fa-

miliar, mas sem sucesso. Mudava de direção, também, chegando mais perto para em seguida desaparecer quase que completamente na distância. Não diria que parecesse agourento, porque para mim era nitidamente musical, mas devo admitir que aos poucos provocou o crescimento de uma angústia, que logo me fez desejar nunca tê-lo escutado.

— Talvez seja o vento batendo naqueles funis de areia — arrisquei, decidido a encontrar uma explicação —, ou a fricção das folhas, passado o vendaval.

— Vem de todo o pântano — disse meu amigo. — Vem de toda parte ao mesmo tempo. — Ele ignorava minhas explicações. — Vem dos salgueiros, de certa forma...

— Mas agora o vento parou — aleguei. — Os salgueiros não podem fazer ruídos por si próprios, podem?

A resposta dele me deu medo, primeiro porque a temia e segundo porque sabia, intuitivamente, que ele estava certo.

— É *justamente* porque o vento parou que podemos ouvir o som. Antes, estava sufocado. Acho que é o grito...

Corri para junto do fogo, alertado por um ruído de borbulhas, na certeza de que o jantar corria perigo, mas na verdade o que queria mesmo era fugir daquela conversa. Estava, decidido, se possível, a evitar qualquer troca de pontos de vista. Temia, também, que ele fosse recommear com a conversa sobre os deuses, as forças primitivas ou qualquer outro assunto inquietante, pois sabia que precisava manter-me firme para enfrentar os acontecimentos futuros. Tínhamos uma noite pela frente antes de poder sair daquele lugar horrível e não sabíamos o que ela nos reservava.

— Venha cortar o pão para pôr no cozido — pedi ao Sueco, enquanto mexia a mistura. A panela e seu conteúdo nos transmitiam uma sensação de normalidade e esse pensamento me fez rir.

Meu amigo se aproximou devagar e tirou o saco de provisões que estava pendurado na árvore, primeiro remexendo em seu interior e finalmente depositando-o no chão e esvaziando-o completamente.

— Vamos logo — gritei —, está fervendo!

Mas o Sueco explodiu num riso descontraído, que me espantou. Era um riso forçado, não de todo artificial, mas melancólico.

— Não tem nada aqui! — gritou, as mãos na cintura.

— É pão que estou pedindo.

— Sumiu. Não há mais pão. Eles levaram!

Larguei a colher comprida e corri. O conteúdo do saco fora todo despejado no chão e não havia um só pedaço de pão.

O peso de um terror crescente desceu sobre mim com um choque. E caí na gargalhada também. Era a única coisa a fazer: o som de meu próprio riso me fez compreender isso. A pressão física a que estávamos submetidos é que causara a explosão, aquele riso forçado, em nós dois; era a liberação de forças que lutavam para sair; uma temporária válvula de escape. E, de repente, o riso cessou.

— Que estupidez a minha! — gritei, afinal, numa última tentativa de buscar uma explicação. — Devo ter esquecido de comprar o pão em Pressburg. Aquela mulher que falava sem parar me esvaziou o cérebro e devo ter deixado o pão no balcão ou então...

— A aveia também está sumindo. Tem menos do que tinha de manhã — interrompeu o Sueco.

Por que diabo ele precisava dizer aquilo? Pensei, com raiva.

— Ainda dá para amanhã — retruquei, voltando a mexer o cozido —, e podemos comprar mais em Komorn ou em Gran. Em 24 horas, estaremos a quilômetros de distância daqui.

— Espero que sim. Juro por Deus que espero — resmungou ele, re-colocando as provisões no saco. E, rindo, acrescentou: — A não ser que antes disso sejamos escolhidos como vítimas do sacrifício.

Em seguida, por segurança, acho, carregou o saco de provisões para dentro da barraca, enquanto continuava falando baixinho, tão baixo que decidi ignorar suas palavras.

Nosso jantar foi sombrio e quase não conversamos, evitando mesmo o olhar um do outro e mantendo o fogo bem vivo. Depois, lavamos a louça e começamos os preparativos para a noite mas, assim que nos sentamos para fumar, quando já não havia nada a fazer, desceu sobre mim de forma aguda o mesmo temor que sentira ao longo de todo o dia. Ainda não era um medo ativo, mas algo vago cuja origem me angustiava ainda mais. O som estranho que associara ao bater de um gongo tornara-se quase incessante, preenchendo a quietude da noite com um bater fraco porém contínuo e não apenas com uma série de notas distintas. Às vezes estava atrás de nós, às vezes à frente. Ora parecia sair da mata de

salgueiros à esquerda, depois vinha da imensidão de arbustos do outro lado. Mas na maioria das vezes parecia mesmo pairar sobre nossas cabeças, como o roçar de asas. Estava de fato em toda parte ao mesmo tempo, atrás, na frente, dos lados e acima, envolvendo-nos completamente. Era um som difícil de descrever. Mas nada que eu ouvira se parecia com aquele martelar crescente e abafado que vinha da vastidão de pântanos e salgueiros.

Sentados, fumamos em silêncio, a tensão crescendo a cada minuto. O pior de tudo, para mim, é que não sabíamos o que esperar, sendo impossível portanto fazer qualquer preparativo de defesa. Não se podia antecipar nada. Minhas explicações, feitas durante o dia, agora me assustavam por sua inconsistência, ficando cada vez mais claro para mim que teria de enfrentar uma conversa com meu amigo. Afinal, teríamos de passar a noite juntos, dormir lado a lado na mesma barraca. Eu via que não poderia suportar por mais tempo sem contar com seu apoio racional e, para isso, conversar era imperativo. Mas adiava o começo do assunto o mais que podia, tentando sorrir e ignorar as frases que ele murmurava de quando em quando.

Algumas dessas frases, porém, inquietavam-me como uma maldição, já que coincidiam com temores que eu próprio sentia: coincidências que — tornado tudo mais real — se manifestavam por um diferente ponto de vista. Ele dizia frases estranhas, expressando-as de forma desconexa, dando a impressão de que ele próprio desconhecia seu verdadeiro significado e soltava fragmentos que não conseguia digerir. Livrava-se de alguns pensamentos, pondo-os para fora, como um vômito. Falar aliviava-o.

— Há em nós alguma coisa que leva à desordem, à desintegração, à destruição, à autodestruição — disse, num dado momento, diante da fogueira que ardia. — Em algum ponto, nós cruzamos a linha de segurança.

Num outro instante, quando o som do gongo se tornara mais forte do que nunca, acima de nossas cabeças, ele pareceu falar sozinho:

— Um fonógrafo não poderia reproduzir esse som. Ele não parece penetrar pelos ouvidos. As vibrações me alcançam de outra forma, parecem estar dentro de mim, como um som quadridimensional.

Eu nada respondia e continuava ali, sentado junto ao fogo, olhando a escuridão em torno. As nuvens densas no céu e não havia sinal de lua. Tudo estava muito quieto e somente o rio e os sapos faziam seus ruídos.

— É isso — continuou ele — que o torna extraordinário. É *desconhecido*. Só há uma forma de descrevê-lo: não é um som humano. Não pertence à raça humana.

Tendo posto para fora essa porção indigesta, ficou quieto por um tempo; mas expressava de forma tão admirável o que eu próprio sentia que foi um alívio ouvir aquilo, ter aquele pensamento confinado em palavras em vez de vê-lo vagar perigosamente dentro de mim.

A solidão daquele acampamento no Danúbio, como poderei um dia esquecer-la? A sensação de estar absolutamente só num planeta vazio! Meus pensamentos voavam em direção às cidades, com suas assombrações tão humanas. Teria dado minha alma, como se diz, pelo calor das cidades da Bavária que atravessáramos; pelos lugares humanos, comuns: camponeses bebendo cerveja, mesas por entre as árvores, sol a pino e um velho castelo na colina, para além da igreja, com seu telhado vermelho. Até mesmo os turistas teriam sido bem-vindos.

E, contudo, o medo que sentia não era um simples medo de fantasmas. Era infinitamente maior e mais estranho, parecendo surgir de um senso de terror ancestral, muito mais perturbador do que qualquer outro temor que jamais tivera, mesmo em sonhos. Havíamos feito um “desvio”, como o Sueco dissera, e caímos numa região de enormes riscos, embora desconhecidos; uma região onde as fronteiras de um mundo misterioso estavam muito próximas. Um ponto dominado por habitantes do espaço, uma espécie de visor por onde eles espionavam a terra, às escondidas, um ponto em que era tênue a linha divisória entre os dois mundos. Se ficássemos por muito tempo mais, seríamos arrastados através da fronteira e privados daquilo que chamamos “nossa vida”, ainda que por um processo mental e não-físico. Nesse sentido, seríamos, como ele dizia, as vítimas de nossa aventura — as vítimas do sacrifício.

Aquilo nos atingia de forma diversa, cada um segundo a medida de sua própria sensibilidade ou poder de resistência. Eu o traduzia vagamente na personificação da fúria dos elementos, investindo-os com o horror de um propósito maléfico e deliberado, como se eles se ressentissem de nossa audaciosa intromissão. Já meu amigo tudo vira, num pri-

meiro momento, com a invasão de uma espécie de santuário, um lugar ainda povoado pelos deuses da Antiguidade, onde a força daqueles que os adoravam permanecia. E a porção ancestral que havia nele curvava-se ante a magia pagã.

De qualquer forma, aquele era um lugar intocado pelo homem, varrido por ventos que o mantinham virgem da influência humana, num local onde as forças espirituais estavam visíveis e agressivas. Nunca, antes ou depois, eu seria tomado por tamanha sensação de estar numa “região alienígena”, onde prevalecia outro tipo de vida, outra evolução, sem paralelo com a raça humana. E, por fim, nossas mentes sucumbiram sob o peso daquela magia terrível e seríamos tragados através da fronteira para o *outro mundo*.

Pequenos detalhes contribuíam para reforçar essa curiosa influência do lugar e agora, no silêncio em torno do fogo, se faziam notar ainda com mais clareza. A própria atmosfera mostrara-se capaz de ampliar as coisas, distorcendo a realidade: a lontra rolando na correnteza, o homem no barco fazendo sinais, os salgueiros mutantes, todos tinham sido roubados de seu caráter natural, deles revelando-se uma outra face — como se existissem do outro lado, para além da fronteira. E esses aspectos eram algo novo não apenas para mim, mas para toda a raça. Toda a experiência cujo vértice tocáramos era desconhecida da humanidade. Era uma experiência única, onde cabia, mais do que nunca, a palavra *alienígena*.

— O propósito, a maneira deliberada, é o que mais apavora — disse o Sueco de repente, como se seguisse meus pensamentos. — Caso contrário, poderíamos atribuir à imaginação. Mas foi tudo, o remo, a canoa, a comida desaparecendo...

— Mas já não consegui explicar tudo? — insisti, por puro hábito.

— Explicou — respondeu ele, seco. — Explicou, com certeza.

Ainda fez outros comentários sobre o que chamou de “determinação em encontrar uma vítima”; mas eu, tendo organizado melhor meus pensamentos, percebi que era apenas o grito de alguém que estava com medo, sabendo-se atacado numa parte vital, temendo ser levado ou destruído. A situação exigia uma coragem e uma calma racional que nenhum de nós parecia ter. Eu nunca antes tive tão claramente a consciên-

cia de estar dividido em dois — uma parte tinha explicações para tudo, enquanto a outra, embora em pânico, ria das soluções tolas.

Enquanto isso, no negror da noite, o fogo morria lentamente e a pilha de lenha ia diminuindo. Nenhum de nós se movia para ir buscar madeira e a escuridão se fechava mais e mais sobre nós. A poucos metros do círculo iluminado pela fogueira, o escuro era total. De quando em quando, uma lufada de vento remexia os salgueiros, que murmuravam, mas, fora esse som, nada agradável, reinava um silêncio profundo e triste, quebrado apenas pelo gorgolejar do rio e pelo troar do gongo distante.

Nós dois sentíamos falta do canto feroz do vento.

A uma certa hora, quando uma lufada mais forte fez pensar que a ventania iria recomeçar, cheguei ao ponto de saturação, o ponto em que era absolutamente necessário buscar alívio na palavra, do contrário me trairia com alguma extravagância histérica cujo efeito seria ainda pior. Chutei a fogueira, fazendo subir as chispas, e virei-me para o Sueco, que me olhou espantado.

— Chega de fingir — disse. — Não gosto deste lugar, desta escuridão, dos ruídos e dos sentimentos estranhos que eles provocam. Tem alguma coisa aqui capaz de me abalar profundamente. Estou apavorado, essa é que é a verdade. Se na outra margem fosse... diferente, juro que nadaria até lá!

O rosto do Sueco empalideceu, apesar do bronzeado obtido com tanto sol e tanto vento. Ele me olhou fixamente e respondeu baixinho, embora sua voz traísse uma excitação camuflada por aquela calma artificial. Por enquanto, de qualquer forma, ele era o mais forte de nós dois. Era o mais fleumático, pelo menos.

— Não é uma questão meramente física, algo do qual possamos escapar correndo — disse, com o tom de um médico dando o diagnóstico a uma doença grave. — Precisamos é ficar quietos e esperar. Aqui perto há forças capazes de matar um bando de elefantes num segundo, com a mesma facilidade com que mataríamos uma mosca. A única chance que temos é ficar bem quietos. Nossa insignificância talvez possa nos salvar.

Dezenas de perguntas formaram-se em minha expressão, mas não encontrei palavras. Era exatamente como ouvir um diagnóstico preciso sobre sintomas que eu vinha sentindo.

— O que quero dizer é que até agora, embora estejam conscientes de nossa presença intrusa, eles ainda não nos *encontraram*. Não nos localizaram, como diriam os americanos — disse ele. — Estão farejando por toda parte, como homens buscando um vazamento de gás. O remo, a canoa e as provisões provam isto. Eles *sentem* nossa presença, mas não nos podem ver. Por isso, devemos manter nossas mentes quietas. Porque é nossa mente que eles sentem. Devemos controlar nossos pensamentos ou estaremos perdidos.

— Mortos, você quer dizer? — balbuciei, sentindo um sopro gelado me percorrer.

— Pior. Muito pior — respondeu ele. — A morte, dependendo da crença de cada um, significa aniquilamento ou libertação dos limites do corpo físico, mas não significa a mudança do eu. Você não se modifica porque seu corpo deixou de existir. Estou falando de uma alteração radical, uma mudança completa, uma horrível perda de si próprio e sua substituição... o que é muito pior do que a morte ou o aniquilamento. Acampamos em um lugar onde a terra deles toca a nossa, um ponto em que é tênue a linha divisória entre os dois mundos — (horror dos horrores!, ele usava minhas próprias palavras, a mesma frase!) —, e, por isso, eles sabem que estamos por perto. — Mas *quem* são eles? — perguntei.

Esqueci de tudo, do tremor dos salgueiros na noite sem vento, do som acima de nossas cabeças, de tudo, apenas à espera de uma resposta, que temia mais do que jamais conseguiria explicar.

O Sueco baixou a voz, curvando-se sobre o fogo. Seu rosto tinha uma expressão tão estranha que baixei os olhos, sem poder encará-lo.

— Por toda minha vida — disse ele — sempre tive consciência, de forma estranha e vívida, da existência de um outro mundo. Não muito distante do nosso, embora totalmente diverso, onde grandes acontecimentos têm lugar, onde personalidades imensas e terríveis se movimentam, centradas em vastos propósitos comparados com os quais nossas preocupações, a ascensão e a queda das nações, o destino dos impérios, o fim dos exércitos e dos continentes, tudo é apenas um grão de poeira. Vastos propósitos, quero dizer, que lidam diretamente com a alma, não indiretamente com meras expressões da alma...

— Eu sugiro que... — comecei, tentando fazê-lo se calar, sentindo-me como se estivesse diante de um louco.

Mas ele me sobrepujou com a torrente de palavras que precisava ser despejada.

— Você pensa — disse — que são os espíritos dos elementos e eu cheguei a pensar que fossem deuses da Antiguidade. Mas ouça: não é uma coisa nem outra. Se fossem, seriam entidades reconhecíveis, relacionadas com o homem, dele dependendo para a adoração ou o sacrifício, quando, ao contrário, esses seres que estão atrás de nós não têm qualquer relação com a raça humana, sendo por mero acaso que, aqui neste lugar, o mundo deles toca o nosso.

A simples concepção daquelas palavras, ditas de forma que as tornava tão convincentes, enquanto eu as ouvia na solidão daquela ilha perdida, me fez estremecer. Já não conseguia controlar meus próprios movimentos.

— E o que você propõe? — perguntei.

— Um sacrifício, uma vítima, talvez possa distraí-los enquanto escapamos — continuou o Sueco —, assim como os lobos que, devorando os cães, dão uma chance ao caçador em seu trenó.

Mas... o problema é que não há nenhuma outra vítima por perto.

Eu o olhava, pasmo. O brilho em seu olhar era aterrador. Ele prosseguiu:

— São os salgueiros, tenho certeza. Os salgueiros *mascam* os outros, mas os outros começam a nos farejar. Se deixarmos que nossa mente denuncie o medo que sentimos, estaremos perdidos, completamente perdidos.

Ele me olhava com uma expressão tão calma, tão determinada e sincera, que eu já não podia pôr em dúvida sua sanidade. Ele estava mais lúcido do que qualquer homem em qualquer época.

— Se pudermos aguentar por uma noite — continuou, talvez, com o dia claro, possamos fugir sem sermos notados, ou melhor, sem sermos *descobertos*.

— Mas você acha mesmo que um sacrifício poderia...

O gongo soou forte acima de nossas cabeças, mas foi a expressão de medo no rosto de meu amigo que me fez calar.

— Psiu! — sussurrou, a mão erguida. — Não fale neles, a não ser que seja inevitável. Não se refira a eles pelo *nome*. Nomear é revelar: é a

pista fatal e nossa única esperança está em tentarmos ignorá-los, para que nos ignorem também.

— Mesmo em pensamento?

Ele estava muito agitado:

— Principalmente em pensamento. Nossos pensamentos formam espirais no mundo deles. Se pudermos, devemos mantê-los *fora de nossas mentes* a todo custo.

Avivei o fogo para evitar que a escuridão aumentasse. Jamais em toda a vida ansiaria tanto pela luz do sol quanto ao negror daquela noite de verão.

— Você estava acordado na noite passada? — Indagou o Sueco de repente.

— Dormi um pouco quando anoiteceu, mas muito mal — respondi, de forma evasiva, pesando nas recomendações de meu amigo, que, intuitivamente, estavam certas —, por causa, claro, da ventania...

— Eu sei. Mas nem todos os ruídos vinham do vento.

— Então você também ouviu?

— Aquele som múltiplo, com uma infinidade de pequenos passos, ouvi — disse ele, acrescentando, depois de um segundo de hesitação: — E também aquele outro som...

— Aquele acima da barraca, cuja pressão tinha algo de tremendo, de gigantesco?

Ele assentiu.

— Senti como se estivesse começando a sufocar — falei.

— De certa forma, sim. Pareceu-me que o peso da atmosfera havia sido alterado, havia crescido enormemente e que iria nos esmagar.

— E *isso*? — perguntei, decidido a ir até o fim e apontando para cima, de onde vinha o barulho do imenso gongo, aumentando e diminuindo como se fosse o vento. — O que você me diz disso?

— É o som *deles* — sussurrou o Sueco, o rosto grave. — É o som do mundo deles, o murmúrio dessa região desconhecida. Aqui, a linha divisória é tão fina que o som a trespassa. Mas se ouvir com atenção verá que não vem só de cima, o som nos envolve. Ele vem dos salgueiros. São os salgueiros que sussurram, porque aqui, neste lugar, os salgueiros se tornaram os símbolos das forças que estão contra nós.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas de alguma forma sabia que concordava. Eu percebia o que ele percebia, apenas talvez com um menor poder de análise. Estava a ponto de contar-lhe sobre minha alucinação noturna e as figuras cor de bronze, quando de repente ele aproximou o rosto do meu, acima do fogo, e começou a falar baixinho, mas com muita determinação. Eu o admirava por sua calma e segurança, por seu aparente controle da situação. Aquele homem que, durante anos, julgara impassível, incapaz de devaneios!

— Agora, ouça — disse. — A única coisa que podemos fazer é agir como se nada houvesse, ir em frente com as atividades habituais, ir para a cama e tudo o mais; fingir que não estamos sentindo nada, notando nada. É puramente uma questão de controle mental e, quando menos pensarmos no assunto, mais chances teremos de escapar. Acima de tudo *não pense*, porque o que você pensa, acontece!

— Está bem — consegui responder, sentindo o ar me faltar ante a estranheza daquelas palavras —, está bem, vou tentar. Mas diga-me só mais uma coisa: como explica aqueles buracos na areia?

— Não! — gritou ele, deixando o sussurro de lado, tamanha era sua agitação. — Eu não ousa, simplesmente não ousa, transformar esses pensamentos em palavras. Se você ainda não adivinhou, melhor. Não tente fazê-lo. Foram *eles* que colocaram a explicação em minha mente; tente evitar que façam o mesmo com você.

Sua voz voltou a ser um sussurro antes mesmo que terminasse a frase e não tentei forçá-lo a dar mais explicações. Já tínhamos horror demais com que lidar. A conversa acabou ali e fumamos nossos cachimbos mergulhados em silêncio.

Até que algo aconteceu, algo aparentemente sem importância, como acontece quando estamos em estado de grande tensão nervosa, mas que me deu um ponto de vista totalmente diferente da situação. Por acaso olhei para meus sapatos — próprios de navegação — e, ao mirar um buraco no lugar do dedo maior, de repente me lembrei da loja onde o comprara, em Londres, e de como o vendedor tivera dificuldade em encontrar um que coubesse em mim, assim como de outros detalhes daquela operação prática e sem o menor interesse. No mesmo instante, por associação de ideias, comecei a pensar no mundo moderno e cético ao qual estava acostumado em minha cidade. Pensei em rosbife e cerveja, em au-

tomóveis, policiais, em orquestras e em dezenas de outras coisas simples e úteis da vida. E o efeito que aquilo teve sobre mim foi imediato e surpreendente. Psicologicamente, acho, era uma reação rápida e violenta aos acontecimentos que vinha vivendo, àquela atmosfera que para a consciência comum seria impossível e incrível. Mas, fosse o que fosse, o fato é que, por um momento, pensar em coisas corriqueiras aliviou meu coração, deixando, pelo curto espaço de um minuto, minha mente inteiramente livre e sem medo. Olhei para meu amigo.

— Seu velho pagão! — gritei, rindo alto, na cara dele. — Sonhador idiota! Supersticioso! Seu...

Mas parei no meio da frase, novamente tomado pelo antigo pavor. Tentei sufocar o som de minha própria voz, que me pareceu sacrilégio. O Sueco, é claro, também ouvira aquele estranho grito que rompera a escuridão — um súbito deslocamento de ar, como se alguma coisa tivesse chegado mais perto.

Seu rosto ficara da cor das cinzas. Erguera-se de um salto diante da fogueira e, muito ereto, me olhava.

— Depois disso — falou, com um tom urgente e desesperançado —, temos que sair daqui! Não podemos ficar mais! Vamos até a barca pegar nossas coisas e descer o rio!

Falava sem pensar, as palavras sendo ditadas pelo mais abjeto terror — o terror ao qual eu próprio vinha resistindo havia tanto tempo e que agora o tomava por completo.

— No escuro? — exclamei, sentindo um tremor histérico sacudir todo meu corpo, mas ainda tentando controlar a situação. — Isso é loucura! O rio está em cheia e só temos um remo. Além disso, só estaríamos entrando ainda mais na terra deles. Não há nada pela frente a não ser quilômetros e quilômetros de salgueiros, salgueiros e salgueiros!!

Ele voltou a sentar-se, parecendo à beira de um colapso. Por uma daquelas transformações típicas da natureza, as posições se tinham invertido e o controle passara às minhas mãos. Sua mente afinal começava a fraquejar.

— Que diabo deu em você para fazer uma coisa daquelas? — perguntou baixinho, o rosto e a voz marcados pelo mais genuíno pânico.

Dei a volta na fogueira e fui até junto dele. Segurei-lhe as mãos, ajoelhando-me a seu lado e olhando-o nos olhos.

— Vamos avivar o fogo mais uma vez — disse, com firmeza. — Depois, vamos entrar e dormir. Assim que o sol nascer, saímos para Kormorn. Agora, controle-se e lembre-se do seu próprio conselho sobre *não pensar no medo!*

Ele não disse nada e vi que concordava e obedeceria. De certa forma, foi um alívio levantar e enfrentar a escuridão em busca de mais lenha. Ficamos juntos todo o tempo, quase roçando um no outro, tateando no escuro por entre os arbustos e junto à margem do rio. O soar do gongo acima de nós não cessava nunca, parecendo mesmo aumentar de intensidade à medida que nos embrenhávamos na mata, distanciando-nos do fogo. Era uma tarefa de arrepiar os cabelos!

Estávamos dentro de uma moita mais fechada de salgueiros, apanhando toras de madeira que se tinham emaranhado dos galhos, remanescentes de uma enchente anterior, quando senti no braço um aperto tão forte que quase fui ao chão. Era o Sueco. Ele caíra em cima de mim e se agarrava a meu braço em busca de apoio. Ouvi sua respiração entrecortada.

— Olhe!! Pela minha alma, olhe! — sibilou.

E pela primeira vez em toda minha vida soube o que era uma voz transformada no som do terror. Ele apontava para a fogueira, a uns quinze metros dali. Segui a direção de seu dedo e juro que meu coração parou de bater.

Ali, banhado pela luz do fogo que morria, *um espectro se movia.*

Eu o via com olhos turvos, como se toldados por aquelas cortinas finas de gaze que no teatro cobrem o fundo dos palcos — em meio à penumbra. Não era humano, nem animal. Deu-me a estranha impressão de ser do tamanho de vários animais juntos, como cavalos, dois ou três, movendo-se lentamente. O Sueco também pareceu achar o mesmo, embora expressasse isso de maneira diferente, porque a ele lhe pareceu ter a forma e o tamanho de uma moita de salgueiros, arredondada no alto, de superfície trêmula, “subindo ao céu em espiral, como fumaça”, como diria depois.

— Vi quando surgiu de dentro da mata — soluçou, entre dentes. — Olhe, pelo amor de Deus! Está vindo na nossa direção!!

E num grito agudo como um silvo, completou:

— *Eles nos encontraram!*

Olhei aterrorizado e mal pude ver que o espectro oscilante se aproximara de nós, pois caí para trás, em meio aos galhos. Eles, com certeza, não tinham suportado meu peso e, com o Sueco agarrado a mim, desabamos os dois na areia. Eu mal podia compreender o que estava acontecendo. Lembro-me apenas da sensação que me tomou, como se meus nervos expostos fossem retorcidos, batidos e depois reimplantados, tiritando. Meus olhos estavam bem fechados; alguma coisa estrangulava minha garganta; e havia a sensação de que minha consciência expandia, mergulhando no espaço, até que aos poucos senti que ela se enfraquecia — e começava a morrer.

Mas um espasmo de dor aguda me trespassava e eu estava consciente de que era o Sueco que me agarrava com força indescritível, machucando-me. Era a maneira como ele se segurara em mim quando caímos.

Mas foi essa dor, ele diria depois, que me salvou: ela me fez esquecer *deles*, desviou meu pensamento no instante exato em que iam me pegar. A dor manteve minha mente distante no momento da descoberta, justamente a tempo de evitar que me levassem. Ele próprio, o Sueco, desmaiou naquele instante e foi também o que o salvou. Sei apenas que mais tarde, se pouco ou muito tempo depois não poderia dizer, dei por mim tentando escapar aos galhos dos salgueiros, enquanto meu amigo, à minha frente, estendia a mão para me ajudar. Olhei-o, confuso, esfregando o braço que ele agarrara. E nada disse.

— Acho que desmaiei — ouvi-o dizer. — Isso me salvou. Porque parei de pensar.

— Você quase quebrou meu braço — falei, pois era a única coisa que me passava pela cabeça. Estava completamente zozzo.

— Foi isso que salvou *você*! — disse ele. — Cá entre nós, conseguimos despistá-los. O barulho parou. Foram embora. Pelo menos por enquanto.

Uma onda de riso histérico voltou a tomar conta de mim, dessa vez estendendo-se a meu amigo também. Caímos os dois num riso descontrolado, que nos trouxe enorme sensação de alívio. Voltamos para junto do fogo e o avivamos com a lenha que havíamos catado. Só então vimos que a barraca tinha desabado e que a lona era um emaranhado no chão.

Começamos a rearmá-la e, enquanto o fazíamos, tropeçamos várias vezes.

— São os buracos na areia — disse o Sueco, assim que a barraca estava de novo no lugar e a fogueira renovada iluminava vários metros a nossa volta. — Olhe só o tamanho deles agora!

Em torno da tenda e perto do fogo, onde tínhamos visto o espectro, havia grandes crateras em formas de funil, semelhantes às que víamos antes pela ilha, mas muito maiores e mais profundas, e, em alguns casos, grandes o suficiente para engolir nosso pé e nossa perna.

Nenhum de nós dois falou mais nada. Sabíamos que dormir era a coisa mais segura a fazer e, assim, logo fomos para a cama, depois de apagar o fogo com areia e de levar para a barraca o saco de provisões e o remo. A canoa também foi arrastada por nós até junto à tenda e colocada a nossos pés, de forma que ao menor movimento dela seríamos acordados.

Por via das dúvidas, dormimos de roupa, prontos para sair correndo ante qualquer sinal de alarme.

5

Eu estava decidido a permanecer acordado o resto da noite, vigiando, mas a exaustão de meus nervos e de todo meu corpo era tamanha que, quando a tensão diminuiu, o sono foi aos poucos me tomando com o tecido suave do esquecimento. O fato de meu amigo ter adormecido contribuiu para isso. A princípio, ele estava inquieto e a todo momento se sentava, perguntando se eu ouvira esse ou aquele ruído. Revolveria-se em seu colchão de cortiça e dizia que a barraca estava se movendo ou que o rio estava cobrindo a ilha; mas a cada vez eu saía para dar uma olhada e voltava dizendo que estava tudo bem, até que ele foi ficando mais calmo e acabou aquietando-se. Algum tempo depois, sua respiração tornou-se regular e ouvi com simpatia que roncava — acho que foi a primeira e única vez na vida que o som de um ronco me fez bem.

Essa foi a última coisa que passou por minha cabeça antes que adormecesse.

Acordei sentindo a respiração difícil e logo percebi que a colcha estava cobrindo meu rosto. Mas havia algo pressionando-me além daquela coberta e meu primeiro pensamento foi o de que talvez o Sueco tivesse

rolado dormindo para cima de mim. Eu o chamei, sentando-me. No mesmo instante, senti que nossa barraca estava *cercada*. Aquele mesmo som, semelhante a milhões de pequenos passos se aproximando, estava de volta, enchendo a noite com seu horror.

Voltei a chamar pelo Sueco, dessa vez mais alto. Ele não respondeu, mas não ouvi mais seu ronco e, ao mesmo tempo, percebi que a porta da barraca estava entreaberta. Era o pecado imperdoável. Arrastei-me para fora, no escuro, para prender novamente a porta e só então me dei conta que o Sueco não estava mais ali. Ele se fora.

Saí correndo feito um louco, na maior agitação, e no instante em que me vi do lado de fora, fui atingido em cheio por uma torrente de sons que me circundavam, parecendo sair de todos os cantos do universo. Era o mesmo murmúrio de antes, só que enlouquecido! Como se um enxame de abelhas gigantes enchesse o ar à minha volta. O som parecia adensar a atmosfera, a ponto de eu sentir que o ar faltava em meus pulmões.

Mas meu amigo estava em perigo e eu não podia hesitar um só instante.

O dia começava a nascer e uma luz esbranquiçada se espalhava sobre as nuvens a partir de uma linha clara no horizonte. Não havia vento. Eu mal podia divisar os salgueiros e o rio mais além, assim como a mancha pálida dos caminhos de areia. Saí correndo pela ilha em frenesi, chamando o Sueco pelo nome, gritando as primeiras palavras que me vinham à mente. Mas os salgueiros e o ruído no ar abafavam minha voz, o som morria a poucos metros de mim. Mergulhei por entre os arbustos, abrindo caminho com o corpo, tropeçando nas raízes, arranhando o rosto nos galhos que ia encontrando pela frente.

Até que, quase sem perceber, fui parar na ponta da ilha e, recortada entre o céu e a água, vi uma silhueta escura. Era o Sueco. Estava a ponto de se jogar no rio! Um minuto mais e teria mergulhado.

Atirei-me contra ele, atracando-me em sua cintura e puxando-o para longe da beirada com todas as minhas forças. Ele lutava com fúria, emitindo um som que me pareceu semelhante ao maldito ruído que nos cercava, e soltando frases desconexas sobre “ir ao encontro deles” ou “pegar o caminho da água e do vento”, frases que depois eu tentaria desesperadamente recordar, mas que naquele instante só me enchiam de estu-

pefação e de horror. Mas afinal consegui dominá-lo e arrastá-lo para dentro da barraca, onde o mantive, ofegante e praguejando, até que a crise passasse.

A rapidez com que tudo se passou e como ele se acalmou de repente, coincidindo com o abrupto silêncio que desceu sobre toda a ilha, foi, talvez, a coisa mais estranha de tudo o que nos aconteceu. Porque ele simplesmente abriu os olhos e virou para mim seu rosto cansado e pálido, banhado pela luz do amanhecer que penetrava pela porta, dizendo, como se fosse um menino assustado:

— Minha vida, meu amigo. Devo minha vida a você. Mas agora tudo passou. Eles encontraram uma vítima, que tomou nosso lugar.

E se confinou sob as cobertas, dormindo instantaneamente. Desmaiou, começando a roncar em seguida como se nada tivesse acontecido e não tivesse tentado afogar-se, oferecendo-se em sacrifício. E, quando a luz do sol o acordou, três horas mais tarde — horas de vigília incessante para mim —, ficou tão claro que não se lembrava de nada do que tentara fazer que achei melhor ficar quieto e evitar perguntas perigosas.

O Sueco acordou bem-disposto, quando o sol estava alto no céu sem vento, e começou os preparativos para o café da manhã. Eu o segui, ainda ansioso, até a beira do rio para o banho, mas ele não quis pular, apenas molhando a cabeça e fazendo um comentário sobre a água estar fria demais.

— Finalmente, o rio está baixando — disse. — Fico contente com isso.

— Os ruídos também cessaram — acrescentei.

Ele me olhou mansamente, com a expressão de sempre. Com certeza, lembrava-se de tudo, exceto de sua tentativa de suicídio.

— Tudo cessou — disse ele — porque...

Hesitou. Mas eu sabia que ele tinha em mente a mesma frase que dissera antes de desmaiar.

E eu queria saber tudo.

— Porque “eles encontraram uma vítima”? — perguntei, com um risinho forçado.

— Exatamente — Respondeu o Sueco. — Exatamente! Posso senti-lo, como se... como se... O que quero dizer é que me sinto outra vez em segurança — acrescentou.

Olhou-me com curiosidade. O sol derramava-se sobre os caminhos de areia. Não havia uma brisa. Os salgueiros estavam quietos. Devagar, ele se levantou.

— Venha — disse. — Se procurarmos, vamos achar.

E saiu em disparada, enquanto eu o seguia. Manteve-se junto às margens, fincando um vara que carregava em cada poça d'água, cada recuo ou pequena baía que encontrava no caminho. Eu ia atrás.

— Ah! — exclamou de repente.

Alguma coisa em sua voz me fez reviver num segundo todo o horror das últimas 24 horas e me aproximei correndo. Com a vara, ele apontava para um objeto escuro na beira d'água, parcialmente submerso. Aparentemente fora envolvido por raízes de salgueiros, que o impediam de rolar correnteza abaixo. Poucas horas antes, aquele trecho da margem devia estar sob a água.

— Veja — disse o Sueco, baixinho. — A vítima que nos permitiu escapar.

E, quando espiei por sobre seu ombro, vi que a ponta da vara tocava o corpo de um homem. O Sueco tentou movê-lo. Era nitidamente o corpo de um camponês, cujo rosto estava enterrado na areia. Pelo aspecto, afogara-se havia poucas horas e com certeza o corpo fora carregado pelas águas até ir dar ali na ilha, quando o dia amanhecia — *no instante, talvez, em que o rumor cessara.*

— Precisamos enterrá-lo.

— Acho que sim — respondi.

Mas estremeci, porque havia alguma coisa na aparência daquele pobre homem afogado que me gelava a espinha.

O Sueco olhou para mim, com uma expressão indecifrável no rosto, e se preparou para descer a escarpa de areia. Fui atrás dele, porém andando mais devagar. A correnteza, reparei, havia arrancado parte da roupa do homem, cujo pescoço e as costas nuas emergiam de dentro d'água.

Quando estávamos em meio à descida, meu amigo estancou, erguendo a mão em sinal de alarme; não sei se meu pé escorregou, ou se eu estava curioso demais para parar assim de repente, mas o fato é que esbarrei nele, empurrando-o sem querer. Rolamos os dois pela escarpa até ir dar na areia dura, onde nossos pés afundaram n'água. E, antes que nos

déssemos conta do que acontecia, colidimos com força no corpo do afogado.

O Sueco soltou um grito agudo. E eu dei um pulo para trás como se tivesse levado um tiro.

No momento em que tocamos o corpo, dele se desprende o abominável sussurro que tanto ouvíamos — apenas infinitamente multiplicado —, e algo passou sobre nossas cabeças como um bando de criaturas aladas, que desapareceu no céu, ressoando cada vez menos até cessar de todo. Era como se tivéssemos interrompido um bando de criaturas invíveis que, atiradas sobre o cadáver, faziam seu barulho.

O Sueco agarrou meu braço com toda força e eu me segurei nele, mas antes que pudéssemos recuperar-nos do choque, notamos que o movimento do rio estava virando o corpo, que as poucas se libertava das raízes dos salgueiros. Um momento depois já se tinha virado por completo e o rosto morto, voltado para cima, mirava o céu. Estava a ponto de ser levado pela correnteza. Mais um pouco e o rio o carregaria.

O Sueco ainda correu e tentou agarrá-lo, gritando alguma coisa sobre “um enterro digno” — mas de repente caiu de joelhos na areia, tapando o rosto com as mãos. Eu o alcancei.

E vi o que ele vira.

Porque, mexido pela correnteza, o cadáver tinha agora o rosto e o peito nu inteiramente expostos, exibindo na pele e na carne dezenas de pequenas crateras incrustadas, bem-feitas, e em tudo similares aos funis que se tinham formado na areia por toda a ilha.

— É uma marca deles — ouvi meu companheiro murmurar, baixinho. — A marca maldita.

E quando tornei a olhar na direção do rio, vi que a correnteza já fizera seu trabalho e que o corpo era levado pelas águas, fora de nosso alcance, já quase desaparecendo, rolando e rolando rio abaixo em meio às ondas, como se fosse uma lontra.



A Narrativa de Arthur Gordon Pym

Edgar Allan Poe

∴

The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket (1838)

The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket (1838)

Este é o único romance escrito por Poe, e relata as aventuras e desventuras do jovem Arthur Gordon Pym após se esconder a bordo de um navio baleeiro. Foi escrito em meio à dificuldade de emplacar sucesso literário no início de sua curta carreira como escritor de contos, e levou Poe a escrever uma obra mais longa. Poe encontrou o germe da história em 1836, em um relato de jornal sobre o naufrágio e o subsequente resgate dos dois homens a bordo. Foi publicado em julho de 1838, em dois volumes.

Gordon Pym tornou-se uma obra influente, imediatamente para Herman Melville e Júlio Verne, e mais tarde para Lovecraft, que em 1936 escreveria *Nas montanhas da loucura*, a qual segue uma direção temática semelhante e toma emprestado o grito *tekeli-li* ou *takkeli* de Poe.



Prefácio

Quando regressei aos Estados Unidos, faz alguns meses, depois de extraordinária série de aventuras nos mares do sul e outros lugares, do que se dá um relato nas páginas seguintes, introduziu-me o acaso na companhia de vários cavalheiros de Richmond (Virgínia), que se sentiram profundamente interessados por todos os assuntos relativos às regiões que visitei e constantemente me instavam a publicar minha narrativa, dizendo ser um dever. Numerosas razões tinha eu, contudo, para declinar de fazê-lo, muitas das quais eram de natureza inteiramente particular e só a mim diziam respeito; outras, não tanto. Uma das considerações que me dissuadiam era a de que não havendo feito anotação durante a maior parte do tempo em que estive ausente, temia não ser capaz de escrever, valendo-me só da memória, uma narração bastante minuciosa e concatenada como para ter a *aparência* daquela verdade que realmente possuía, excetuados apenas os naturais e inevitáveis exageros a que todos nos inclinamos quando pormenorizamos acontecimentos cuja poderosa influência excita as faculdades imaginativas. Outra razão estava em que os incidentes a narrar eram de natureza tão positivamente maravilhosa que minhas asserções, sem o apoio que deviam necessariamente ter (a não ser o testemunho de um só indivíduo, e esse mesmo mestiço de índio), só me davam direito a esperar crédito entre minha família e aqueles meus amigos que, através da vida, haviam tido motivo para confiar em minha veracidade. O mais provável era que o público, em geral, encarasse o que eu lhe expusesse como tão só impudente e engenhosa ficção. Na desconfiança de minhas próprias habilidades como escritor residia, além disso, uma das principais causas que me impediam de aceder às sugestões de meus conselheiros.

Entre esses cavalheiros, em Virgínia, que expressaram o maior interesse pela minha narrativa, mais particularmente com referência à parte que se relacionava com o oceano Antártico, achava-se o Sr. Poe, ultimamente diretor do *Southern Literary Messenger*, magazine mensal publicado pelo Sr. Tomas W. White, na cidade de Richmond. Ele vivamente me aconselhou, entre outras coisas, a preparar logo um relato completo do que vira e experimentara, confiando na sagacidade e no bom senso comum do público. E insistia, com grande plausibilidade, em que, por

mais toscamente que, no referente a simples autoria, meu livro devesse estar adornado, sua verdadeira singularidade, caso a houvesse, dar-lhe-ia a melhor oportunidade de ser recebido como verídico.

Não obstante tal explicação, não me encorajei a fazer o que me sugeria. Mais tarde, ele me propôs (achando que eu não trataria do assunto) que lhe fosse permitido extrair uma narrativa, com suas próprias palavras, da primeira parte de minhas aventuras, com fatos que eu mesmo forneceria, a fim de publicá-la no *Southern Messenger* “sob o aspecto de ficção”. Não tendo que objetar, consenti, estipulando apenas que meu nome real se mantivesse oculto. Em consequência, dois capítulos da suposta ficção apareceram no *Messenger* — janeiro e fevereiro de 1837 —, e, para que pudessem ser sem dúvida, encarados como ficção, o nome do Sr. Poe acompanhava esses artigos no índice do magazine.

A maneira pela qual o artifício foi recebido induziu-me, por fim, a empreender uma compilação regular das aventuras referidas, publicandoo-a; pois achei que, a despeito do aspecto de fábula que tão engenhosamente cercava a parte de minha narrativa, estampada no *Messenger* (sem alterar ou torcer um só fato), o público, em absoluto, não se achava disposto a recebê-la como fábula, e muitas cartas foram endereçadas ao Sr. Poe expressando precisamente a convicção do contrário. Concluí, assim, que os fatos de minha narração eram de molde a levar consigo suficiente evidência de sua própria autenticidade; por conseguinte, pouco havia a temer com respeito à incredulidade popular.

Isto exposto, ver-se-á logo que reivindico muito do que se segue como de minha própria autoria; e verificar-se-á também que nenhum fato foi falseado nas poucas primeiras páginas escritas pelo Sr. Poe. Mesmo para aqueles leitores que não viram o *Messenger* será desnecessário apontar onde termina a parte feita por ele, e onde a minha começa; a diferença de estilo será percebida prontamente.

A. G. Pym
Nova York,
Julho de 1838

Meu nome é Arthur Gordon Pym. Meu pai era um respeitado comerciante dum dos armazéns da marinha em Nantucket, onde nasci. Meu avô materno era advogado de muita prática. Tinha sorte em tudo e especulava, com grandes resultados, em ações do Edgarton New Bank, como o chamavam outrora. Por esses e outros meios conseguira juntar ponderável soma de dinheiro. Gostava mais de mim do que de qualquer outra pessoa no mundo, creio que eu esperava herdar a maior parte do que ele possuía, por sua morte. Mandou-me, com seis anos de idade, à escola do velho Sr. Ricketts, cavalheiro que só tinha um braço, e de modos excêntricos. É muito conhecido de quase todas as pessoas que já visitaram Nova Bedford. Permaneci em sua escola até completar dezesseis anos, quando passei para a academia do Sr. E. Ronald, na colina. Ali, fiz intimidade com o filho do Sr. Barnard, capitão que geralmente viajava nos navios de Lloyd & Vredenburg. O Sr. Barnard é também muito conhecido em Nova Bedford e tem muitos parentes, tenho certeza, em Edgarton. Seu filho chamava-se Augusto e era cerca de dois anos mais velho do que eu. Estivera numa viagem de pesca de baleia com seu pai no *John Donaldson*, e sempre me falava de suas aventuras no sul do oceano Pacífico. Acostumei-me a ir frequentemente com ele à sua casa e lá passar todo o dia, por vezes toda a noite. Ocupávamos a mesma cama e ele queria ter a certeza de que eu ficaria acordado até quase clarear, ouvindo-lhe as histórias dos nativos da ilha de Tinian e outros lugares que visitara em suas viagens. Por fim, não pude deixar de interessar-me pelo que ele dizia e, gradualmente, senti o maior desejo de fazer-me ao mar. Eu possuía um barco a vela denominado *Ariel*, que valia cerca de sessenta e cinco dólares. Tinha uma meia ponte ou camarote de proa e era armado em chalupa. Esqueci-lhe a tonelagem, mas poderia conduzir dez pessoas sem muito aperto. Nesse barco tínhamos o costume de atirar-nos em extravagâncias das mais loucas deste mundo; e quando agora penso nelas, parece-me que o estar vivo hoje se deve a um milhar de prodígios.

Relatarei uma dessas aventuras como meio de introdução a uma maior e mais momentosa narrativa. Certa noite havia uma festa em casa do Sr. Barnard e tanto Augusto como eu estávamos não pouco embriagados lá para o fim dela. Como de costume em casos tais, partilhei de sua cama em lugar de ir para casa. Ele adormeceu, como pensei, muito calmamente (era quase uma hora quando a festa terminou) e sem dizer uma

palavra acerca de seu assunto favorito. Podia haver decorrido meia hora desde que nos deitáramos e eu estava justamente a cochilar quando ele, de súbito, se ergueu e jurou, com terrível praga, que não iria dormir por causa de qualquer Arthur Pym que houvesse na Cristandade quando havia tão magnífica brisa de sudoeste. Nunca eu estivera tão atônito em minha vida, sem saber que pretendia ele, a pensar que os vinhos e licores que ingerira o haviam posto inteiramente fora de si. Ele continuou a falar muito serenamente, contudo, dizendo saber que eu o supunha embriagado, mas que nunca estivera tão lúcido em sua existência. Estava apenas aborrecido, acrescentou, por ficar na cama como um cão, em noite tão bela e decidira-se a levantar-se e vestir-se para sair com o barco a divertir-se. Não posso dizer bem o que me dominou, mas mal acabara ele de falar tais coisas senti-me estremecer, na maior excitação e prazer, e considereei sua louca ideia como a mais deleitosa e razoável coisa do mundo. Ventava quase em tempestade e o tempo estava muito frio, achando-se já outubro adiantado. Saltei da cama, entretanto, numa espécie de êxtase e disse-lhe que era tão corajoso quanto ele, estando igualmente aborrecido por ficar na cama, como um cão, e inteiramente pronto para qualquer diversão ou maluquice como qualquer Augusto Barnard de Nantucket.

Não perdemos tempo em vestir as roupas e precipitamo-nos para o barco. Este repousava no velho ancoradouro fora de uso, junto ao estaleiro de construção Pankey & Co., e quase batia de lado contra os ásperos barrote. Augusto entrou no barco e esvaziou-o, pois se achava pouco cheio de água. Isto feito, alçamos a bujarrona e a vela-mestra, que logo se fizeram pandas, e partimos audaciosamente mar afora.

O vento como já disse, soprava fresco do sudoeste. A noite era muito clara e fria. Augusto tomara o leme e eu fiquei junto ao mastro, no tombadilho do castelo de proa. Corríamos em grande velocidade e nenhum de nós dissera uma palavra desde que tínhamos deixado o ancoradouro. Perguntei então a meu companheiro que rumo pretendia tomar e em quanto tempo achava provável que estaríamos de regresso. Ele assobiou, durante alguns minutos, e depois disse, com impertinência: “Eu vou mar afora. *Você* pode ir para casa, se achar melhor.” Voltando os olhos para ele, percebi logo a despeito de sua propositada *nonchalance*, que estava altamente agitado. Podia vê-lo distintamente à luz da lua. Sua

face estava mais pálida que mármore e sua mão estremecia tanto que mais podia manter firme o timão. Achei que algo não ia bem e fiquei seriamente alarmado. Naquele tempo eu pouco sabia acerca da direção de um barco e dependia inteiramente da habilidade náutica de meu amigo. O vento, também, subitamente aumentara de força, e estávamos quase perdendo a terra de vista. Eu ainda me envergonhava de demonstrar qualquer temor e, durante cerca de meia hora, mantive resolutos silêncio. Não podia, contudo, conservá-lo mais tempo e falei a Augusto acerca da conveniência de voltar. Como da vez anterior, ele levou perto de um minuto para responder ou dar a entender que ouvira minha sugestão. “Não há pressa pressa — respondeu por fim. — Há tempo de sobra. Não há pressa de ir para casa.” Eu esperava resposta, mas havia algo no tom dessas palavras que me encheu de indescritível sensação de medo. De novo olhei para o interlocutor, com atenção, seus lábios estavam inteiramente lívidos e seus joelhos se agitavam tão violentamente que mal pareciam capazes de sustentar-se. “Deus do céu, Augusto! — gritei, já completamente apavorado. — Que é que *está* fazendo? O quê você tem? Está sentindo alguma coisa?” “Sentindo? — gaguejou ele, na mais aparente das surpresas caindo para a frente no fundo do barco. — Sentindo? Ora, não sinto nada... estou indo... para casa... você... não... não... não... não vê?” A verdade completa então me siderou. Corri para ele e levantei-o. Estava embriagado, bestialmente embriagado, não podia mais pôr-se de pé, falar ou mesmo ver. Tinha os olhos completamente embaçados; e como eu o soltasse, no auge de meu desespero rolou como um simples cepo na água do fundo de onde eu o erguera. Era evidente que, durante a noite, havia bebido mais do que eu suspeitara e sua conduta, na cama, tinha sido a consequência de um estado altamente concentrado de embriaguez — um estado que, como a loucura, frequentemente habilita sua vítima a imitar os modos exteriores de alguém, na posse perfeita dos sentidos. A frialdade do ar noturno, entretanto, exercera seu efeito habitual. A energia mental começara a ceder sob sua influência, e a confusa percepção que ele, sem dúvida, então tivera de sua perigosa situação contribuíra para apressar a catástrofe. Ele agora estava inteiramente insensível e não havia probabilidade de que recuperasse os sentidos durante muitas horas.

É pouco possível conceber a intensidade de meu terror. A tontura do vinho recentemente ingerido se evaporara, deixando-me duplamente tímido e irresoluto. Sabia que era inteiramente incapaz de dirigir o barco e que a violência do vento e a força dos vagalhões nos arrastavam à destruição. Era evidente que se armava uma tempestade por trás de nós. Não tínhamos bússola nem provisões. E tornava-se claro que, se mantivéssemos o rumo que levávamos, perderíamos a terra de vista, antes do amanhecer. Tais pensamentos, com uma multidão de outros igualmente atemorizantes, relampejavam-me na mente com selvagem rapidez, e por momentos me impediram qualquer possibilidade de esforço. O barco varara a água de modo terrível, velas infladas de vento — sem rizes a mestra e a bujarrona —, correndo com a proa completamente coberta pela espuma. Era mil vezes um milagre que ele não estivesse fazendo água. Augusto soltara o timão, como já disse, e eu estava agitado demais para pensar em segurá-lo. Felizmente, contudo, o barco manteve-se firme e pouco a pouco a pouco recobrei algum grau de presença de espírito. Ainda o vento se avolumava amedrontadoramente; e quando nos erguíamos de um mergulho à frente, o mar caía por trás rolando as ondas sobre nossa amurada e inundando-nos. Eu me achava tão extremamente entorpecido, em todos os membros, que quase não tinha consciência das sensações. Afinal, encorajei-me, numa resolução desesperada, e, correndo à vela-mestra, virei-a contra o vento. Como se podia esperar, ela voou sobre a proa e, ensopando-se de água, arrastou o mastro curto para fora de bordo. Só este último acidente me salvou de uma instantânea destruição. Tendo apenas a bujarrona, eu agora seguia violentamente, com vento de popa, navegando às vezes por ondas pesadas, mas liberto do terror da morte imediata. Segurei o leme e respirei mais livremente achando que ainda nos restava uma última oportunidade de salvação. Augusto ainda jazia insensível no fundo do barco; e como era iminente o perigo de que se afogasse (pois já havia água da altura de trinta centímetros precisamente no lugar onde ele caíra), esforcei-me para levantá-lo parcialmente, colocando-o em posição de sentar-se e passando-lhe em torno da cintura um cabo que numa cavilha de argola no tombadilho da escuna. Tendo assim, arranjado tudo o melhor que podia em minha agitada e perturbada situação, recomendei-me a Deus e elevei o espírito, para enfrentar o que viesse a suceder com a possível fortaleza de ânimo.

Difícilmente chegara a esta resolução, e eis que, de súbito, alto e longo, um grito ou berro, como saído das gargantas de mil demônios pareceu invadir toda a atmosfera em volta e acima do barco. Jamais enquanto viver, esquecerei a intensa agonia de terror que experimentei naquele momento. Meus cabelos se puseram de pé, senti que o sangue se congelava nas veias, meu coração quase cessou de bater e, sem erguer sequer os olhos para conhecer a fonte do meu alarme, mergulhei, com a cabeça entre as mãos, paralisado corpo caído de meu companheiro.

Encontrei-me, voltando à vida, no camarote de um grande navio (*O Penguin*) sendo levado para Nantucket. Diversas pessoas se achavam junto de mim, e Augusto, mais pálido do que a morte se atarefava vivamente em esfregar-me as mãos. Ao ver-me abrir os olhos, suas exclamações de gratidão e alegria provocaram risos e lágrimas alternados nas pessoas de aspecto rude que ali se achavam. O mistério de nossa volta à existência foi explicado. Estivéramos correndo em direção ao navio baleeiro que se achava rizado abrindo caminho para Nantucket, com as poucas velas que se podia arriscar a soltar e, conseqüentemente, correndo quase em ângulo reto para nosso próprio rumo. Vários homens se encontravam na vigia de frente, mas só perceberam nosso barco quando era impossível evitar o abalroamento. Seus gritos de advertência, depois que nos viram, eis o que tão terrivelmente me alarmara. O enorme navio, contaram-me, passou imediatamente sobre nós, com facilidade igual à com que nosso barquinho passaria sobre uma pena e sem o menor empecilho perceptível à sua marcha. Nem um grito se levantou do tombadilho do barco vitimado; foi ouvido um som débil e áspero, misturado ao rugido do vento e das águas quando o frágil barco que se abismava roçou a quilha de seu destruidor. Mas foi tudo. Julgando que nosso barco (que se achava desmastreado, como lembrei) fosse penas algum casco, deixado a flutuar como inútil, o capitão (Capitão E. T. V. Block, de Nova Londres) decidiu prosseguir a viagem sem mais se incomodar com o assunto. Felizmente, houve dois dos vigilantes que juraram positivamente ter visto algumas pessoas em nosso leme e figuraram ainda salvá-las. Seguiu-se uma discussão em que rizou e, depois de algum tempo, declarou que “não lhe competia ficar eternamente cuidando de cascas de ovo; que o navio não podia ser obrigado a tais tolices; e que se havia algum homem no mar, a culpa era dele e de mais ninguém; podia afogar-se

e ir para o inferno”, ou linguagem semelhante. Henderson, o primeiro-piloto tomou a questão a seu cargo, justamente indignado, como aliás toda a tripulação, por essas palavras, evidenciadoras de tal grau de atrocidade, sem coração. Falou simplesmente, vendo-se apoiado pelos marinheiros, e disse ao capitão que o considerava um sujeito digno da força e que desobedeceria a suas ordens, ainda que por isso fosse enforcado quando pusesse pé em terra. Dirigiu-se para trás a passos largos, empurrando Block (que ficou palidíssimo e não deu qualquer resposta) para um lado e, tomando o leme, deu a ordem com voz firme: “Depressa a sota-vento!” Os homens voaram para seus postos e o navio, destramente, virou de bordo. Em tudo isso se gastaram mais ou menos cinco minutos e supunha-se dificilmente nos limites do possível que alguma pessoa pudesse ser salva, caso houvesse alguma a bordo do barco. Porém, como o leitor viu, Augusto e eu fomos ambos salvos: e nossa salvação parecia ter-se consumado graças a duas dessas inconcebíveis manifestações de boa sorte que os sábios e piedosos atribuem a uma interferência especial da Providência.

Enquanto o navio ainda se achava com os estais largados, o piloto fez descer o escaler e embarcou nele com os mesmos dois homens creio, que haviam dito ter-me visto ao leme. Mal acabavam eles de abandonar o sota-vento do barco (a lua ainda cintilava brilhante), quando este deu longa e pesada guinada na direção do vento e Henderson, no mesmo instante, pulando de seu barco, gritou para a tripulação que recuasse. Nada mais dizia, repetindo impacientemente seu grito de “recuar!”. Os marinheiros retrocederam tão rapidamente quanto possível; a esse tempo, o navio fizera uma reviravolta e se lançara inteiramente fora de alcance, embora todos os homens a bordo fizessem grandes tentativas para colher as velas. A despeito do perigo da tentativa, o piloto agarrou-se às correntes de escota logo que as pôde atingir. Outro grande desvio fez com que o navio se levantasse da água, nitidamente, a ponto de mostrar a quilha, quando a causa da ansiedade de Henderson bastante óbvia. O corpo de um homem foi visto agarrado do modo mais singular ao fundo brilhante e polido (o *Penguin* era coberto e cavilhado de cobre), chocando-se violentamente contra ele a cada movimento do casco. Depois de diversos esforços inócuos, feitos durante as elevações do navio, e com iminente risco de se afundar o bote, fui finalmente tirado de minha

perigosa situação e levado a bordo — pois aquele corpo era o meu. Parece que uma das cavilhas de madeira se deslocara e abriu uma passagem através do cobre, detendo-me quando eu passava sob o navio e prendendo-me de modo tão extraordinário a seu fundo. A ponta da cavilha se introduzira entre a gola da jaqueta de baeta verde que eu vestia e a parte posterior de meu pescoço, comprimindo-se entre tendões, até mesmo debaixo da orelha direita. Fui imediatamente colocado numa cama, embora a vida, em mim, parecesse completamente extinta. Não havia médico a bordo. O capitão, contudo, tratou-me com todas as atenções, para desculpar-se, presumo, aos olhos da tripulação, pelo seu atroz comportamento na parte primeira desta aventura.

Por esse tempo, Henderson de novo deixara o navio, embora o vento soprasse então quase como um furacão. Não fazia muito que saíra, quando deu com vários fragmentos de nosso barco e logo depois um dos marinheiros que se achavam com ele assegurou que pudera distinguir gritos de socorro, a intervalos, em meio ao rugir da tempestade. Isto induziu os persistentes marinheiros a preservarem na busca por mais meia hora, embora o Capitão Block lhes fizesse repetidos sinais para voltarem e apesar de que cada momento passado no mar, em tão frágil escaler, fosse para eles repleto do mais iminente e mortal perigo. Na verdade, é quase impossível conceber como o barquinho em que se achavam pôde escapar um só instante à destruição. Fora construído, contudo, para serviço baleeiro e se achava provido, como tive razões para crer, com caixas de ar, à maneira de alguns barcos salva-vidas usados na costa de Gales.

Depois de procurar em vão durante o período supramencionado, determinaram regressar ao navio. Mal o haviam resolvido, porém, um fraco grito se se ergueu de um escuro objeto que flutuava rapidamente nas proximidades. Eles prosseguiram e logo o descobriram. Era o tombadilho inteiro do *Ariel*. Augusto se debatia junto dele aparentemente na última das agonias. Depois de recolhê-lo, viram que ele se achava ligado por uma corda às tábuas flutuantes. Essa corda, como se lembrarão, fora eu quem a atara em volta de sua cintura, prendendo-a a uma argola, a fim de conservá-lo numa erguida, e parece que, ao fazer isso, ultimara eu o meio de lhe preservar a vida. O *Ariel* era de fraca construção e, ao afundar, sua estrutura naturalmente se despedaçou. O tomba-

dilho da escuna, como se podia esperar, foi inteiramente libertado das vigas pela força da água que se arremessava contra ele e flutuou (com outros fragmentos, sem dúvida) na superfície. Augusto o teve como boia e assim escapou a uma terrível morte.

Mais de uma hora se passou desde que fora levado a bordo do *Penguim*, até que ele pudesse fazer um relato ou dar a entender a natureza do acidente em que sucumbira nosso barco, afinal ele se tornou completamente senhor de si e falou muito de suas sensações enquanto se achava dentro da água. Depois de haver algum grau de consciência, achara-se sob a superfície, revolteando e regirando com inconcebível rapidez e com uma corda enrolada apertadamente, em três ou quatro laços, em volta de seu pescoço. Um instante depois, sentiu-se rapidamente levado para o alto até que, batendo com violência a cabeça contra uma substância dura de novo recaiu na insensibilidade. Revivendo uma vez mais achou-se na mais completa posse do raciocínio; este se achava, contudo, confuso e nublado. Então, viu que se dera um acidente achava dentro da água, embora sua boca se encontrasse à superfície e pudesse respirar com certa liberdade. Possivelmente nesse período o tombadilho era impelido com velocidade pelo vento e arrastava-o em posse de si, a flutuar de costas. Naturalmente, enquanto pudesse manter tal posição, seria quase impossível que se afogasse. Depois uma onda o atirou, diretamente, de través no tombadilho e essa posição tentou manter gritando a intervalos por socorro. Justamente antes que fosse descoberto pelo Sr. Henderson fora obrigado a relaxar os músculos com que se agarrava, pela exaustão, e caindo ao mar, dera-se por perdido. Durante todo o período de que se debatera, não tivera a menor lembrança do *Ariel* ou de qualquer assunto correlato com a origem do desastre. Um vago sentimento de terror e desespero tomara inteira posse de todas as suas faculdades. Quando, afinal, foi recolhido, falhou todo o poder do espírito. E, como disse antes, foi necessária quase uma hora, depois que o levaram para bordo do *Penguim*, para que ele ficasse consciente de sua situação. Em relação a mim, eu ressuscitara de um estado limítrofe da morte (e depois que todos os outros meios que haviam sido tentados em vão, durante três e meia horas), graças a vigorosas fricções com flanelas banhadas em azeite quente, processo sugerido por Augusto. O aperto em meu

pescoço, apesar de sua feia aparência não tivera consequências reais e eu logo me recobrei de seus efeitos.

O *Penguin* entrou no porto, cerca das nove horas da manhã, depois de haver encontrado uma das mais severas tempestades já experimentadas ao largo de Nantucket. Tanto Augusto como eu nos esforçamos para aparecer ao Sr. Barnard a tempo para o almoço, que felizmente foi algo tarde, em vista da festa da véspera suponho que todos à mesa se achavam por demais fatigados para notar nossa aparência maltratada; sem dúvida, não nos teria sido poupada uma inquirição muito severa. Os estudantes, contudo, podem realizar maravilhas de dissimulação e acredito piamente que nenhum de nossos amigos de Nantucket teve a mais leve suspeita de que a terrível estória narrada por alguns marinheiros que se achavam na cidade de que haviam passado sobre um barco no mar e afogado alguns trinta ou quarenta pobres-diabos tivesse relação com o *Ariel*, meu companheiro ou mesmo comigo. Ambos, depois disso, falamos frequentes vezes do assunto, mas nunca sem um estremecimento de horror. Numa de nossas conversações, Augusto francamente confessou-me que, em toda a sua vida, jamais experimentara tão cruciante sensação de desmaio como quando, a bordo de nosso pequeno barco, descobriu, pela primeira vez, a extensão de sua embriaguez e se sentiu abismar-se sob sua influência.

II

Em nenhuma questão de simples preconceito *pró* ou *contra*, deduziremos inferências com inteira certeza, ainda que dos mais simples dados. Poder-se-ia supor que uma catástrofe tal como a que acabo de relatar efetivamente esfriasse a minha incipiente paixão pelo mar. Pelo contrário; nunca experimentei mais ardentes anseios pelas ásperas aventuras que se prendem à vida dos navegantes do que uma semana depois de nossa miraculosa salvação. Esse curto período mostrou-se bastante prolongado para apagar de minha memória as sombras e fazer surgirem, a uma luz viva, todos os pontos de cor agradavelmente excitantes, todo o pitoresco do último e perigoso acidente. Minhas conversações com Augusto cada dia se tornavam mais frequentes e mais intensamente cheias

de interesse. Ele tinha um modo de relatar suas histórias do oceano (mais de metade das quais suspeito agora terem sido puras invenções), bem adaptado a equilibrar-se com meu entusiástico temperamento, bastante sombrio, apesar do brilho da imaginação. É estranho que ele mais fortemente me aliciava os sentimentos em favor da vida de marujo quando me descrevia seus mais terríveis momentos de sofrimento e desespero. Pelo fato fulgurante da pintura eu tinha limitada simpatia. Minhas visões eram de naufrágio e fome, de morte ou cativeiro entre hordas bárbaras, de uma vida arrastada entre lágrimas e tristezas sobre qualquer rocha cinzenta e desolada, num oceano inatingível e incógnito. Tais visões ou desejos — pois se acumulavam em desejos — são comuns, como estou certo, a toda a numerosa linhagem dos melancólicos, e, no tempo de que falo, eu as encarava como proféticas perspectivas de um destino que me sentia de algum modo impelido a realizar. Augusto penetrava inteiramente em meu estado de espírito. É deveras provável que a nossa íntima comunhão tenha resultado em parcial câmbio de caráter.

Dezoito meses após a ocasião do desastre do *Ariel*, a firma Lloyd & Vredenburg (casa ligada de algum modo, creio, com os Srs. Enderby, de Liverpool) se encarregou de reparar e preparar o brigue *Grampus* para uma viagem de pesca de baleia. Era um velho batelão que mal podia navegar, embora se lhe fizesse tudo quanto podia ser feito. Mal sei por que foi escolhido, de preferência a outros bons barcos, que pertenciam aos mesmos donos — mas o fato é que foi. O Sr. Barnard foi indicado para comandá-lo e Augusto iria com ele. Enquanto se aprontava o brigue, ele frequentemente instava comigo acerca da excelente oportunidade que se oferecia para satisfazer meu desejo de viajar. De modo algum achou em mim um ouvinte de má-vontade, embora o negócio não pudesse ser tão facilmente arranjado. Meu pai não fez oposição; mas minha mãe dava chiliques à mera menção de tal intento; e mais do que tudo, meu avô, de quem eu muito esperava, ameaçou deixar-me sem um vintém se eu lhe expusesse de novo o assunto. Essas dificuldades, contudo, em vez de me abaterem o desejo, só acrescentavam combustível à chama. Decidi partir, apesar dos pesares; e, tendo feito Augusto conhecedor de minha intenção, conviemos em forjar um plano graças ao qual ela se pudesse realizar. Entrementes, evitei falar a qualquer dos meus parentes acerca da viagem e, como me ocupasse ostensivamente com os estudos

usuais, supôs-se que eu abandonara o desígnio. Mui frequentemente examinei minha conduta nessa ocasião com sentimentos de desgosto, bem como de surpresa. A intensa hipocrisia de que usei para apoiar meu projeto — uma hipocrisia que preenchia todas as palavras e ações de minha vida, em tão longo período de tempo só me poderia ter sido tolerável em vista da ardente e selvagem expectativa com que olhava para a futura concretização de minhas longamente acariciadas visões de viagens.

Na prossecução de meus planos dissimulatórios, era eu obrigado necessariamente a deixar muito dos arranjos a Augusto, que se atarefava a maior parte do dia a bordo do *Grampus*, preparando as acomodações de seu pai no camarote e arrumando o porão. À noite, contudo, era certo que tivéssemos uma conferência e falássemos sobre nossas esperanças. Depois que cerca de um mês decorrera desse modo, sem acertar com qualquer plano que julgássemos capaz de ter êxito, ele me falou, afinal, que tinha decidido tudo quanto era necessário. Eu tinha um parente que morava em Nova Bedford, um tal Sr. Ross, em cuja casa me acostumara a passar, ocasionalmente, três ou quatro semanas. O brigue deveria partir pelos meados de junho (junho de 1827) e fora combinado que, um dia ou dois antes de seu lançamento ao mar, meu pai receberia uma carta, como de costume, do Sr. Ross, convidando-me para passar uma quinzena com Roberto e Emmet (filhos dele) Augusto encarregou-se de escrever essa carta e enviá-la. Ora, tendo eu viajado, por suposto, para Nova Bedford, tinha então de apresentar-me a meu companheiro, que me obteria um esconderijo no *Grampus*. Esse esconderijo — assegurou-me ele — seria preparado de forma bastante confortável, para uma estada de vários dias, durante os quais eu não devia aparecer. Quando o brigue se encontrasse já tão longe, em sua viagem, que qualquer retrocesso se tornasse fora de discussão, eu poderia ser então, disse ele, solenemente, com todo o conforto, instalado num camarote; e, quanto a seu pai, ele apenas riria, de bom grado, com a peça. Bastantes navios poderiam ser encontrados e por eles mandaria uma carta explicando a aventura a meus pais.

Os meados de junho, afinal, chegaram e tudo tinha sido maduramente feito. A carta fora escrita e entregue e, numa manhã de domingo deixei minha casa, seguindo, como se supunha, para a embarcação de Nova Bedford. Contudo, fui ter com Augusto diretamente, ele me espe-

rava, numa esquina. Nosso plano original consistia em que eu ficasse fora até o escurecer, introduzindo-me então no brigue mas, como houvesse então a nosso favor espessa névoa, concordamos em não perder tempo para esconder-me. Augusto caminhou para o cais e eu o segui, a curta distância, envolto numa grossa capa de marinheiro que ele trouxera consigo, de modo a que minha pessoa não pudesse ser facilmente reconhecida. Justamente havíamos virado a segunda esquina, depois de passar pelo chafariz do Sr. Edmundo, apareceu, olhando-me cara a cara, parado à minha frente, ninguém menos do que o velho Sr. Peterson, meu avô. “Ora, valha-me Deus, Gordon! — disse ele, depois de longa pausa — ora, ora, *de quem* é essa capa suja com que você está?”. “Senhor — respondi, assumindo o melhor que podia na exigência do momento um aspecto de ofendida surpresa e falando no mais grosseiro dos tons imagináveis. — Senhor, está muito enganado! Minha nome, em primeira lugar, não ser absolutamente como Goddin, e espero que olhe melhor, sua cega, antes de chamar de suja, minha capote nova!” Palavra que eu mal podia refrear as gargalhadas ao ver a maneira estranha pela qual o velho recebeu essa hábil repulsa. Recuou dois ou três passos, ficou primeiramente pálido e depois excessivamente vermelho, levantou os óculos, tornou a baixá-los, correu para mim, com o guarda-chuva erguido. Parou logo, contudo, na carreira, como ferido por súbita lembrança; e voltando-se, desceu a rua mancando, a sacudir-se todo de raiva e a murmurar entre dentes: “Veja só... óculos novos... pensar que fosse Gordon... diabos afoguem a porcaria do Long Tom.”

Depois de escapar por um triz, prosseguimos com maior cuidado e chegamos a nosso ponto de destino a salvo. Só um ou dois dos marinheiros se achavam a bordo e mesmos esses ocupados adiante, fazendo qualquer coisa, no teto do castelo de proa. O Capitão Barnard como bem sabíamos, se achava na firma Lloyd & Vredenburg e lá ficaria pelo menos até o amanhecer, de modo que pouco tínhamos a temer da parte dele. Augusto subiu primeiro, pelo lado do navio, e eu logo o segui, sem ser notado pelos homens que trabalhavam. Dirigimo-nos imediatamente para o camarote e não encontramos ninguém lá. Estava mobiliado no mais confortável estilo, coisa sobremodo rara em navios baleeiros. Havia quatro muito excelentes cabines, com leitos vastos e confortáveis. Havia também uma grande estufa, como notei, e um tapete notavelmen-

te espesso e valioso que cobria o soalho, tanto do camarote como das cabines. O forro se achava a dois metros e dez centímetros de altura e, em suma, tudo parecia de um aspecto mais caseiro e agradável do que eu havia previsto. Augusto, contudo, apenas me concedeu pouco tempo para observações, insistindo sobre a necessidade de ocultar-me tão depressa quanto possível. Entrou em seu próprio camarote, que se achava do lado de estibordo do brigue, próximo dos tabiques. Depois de entrar, fechou a porta a chave. Julguei nunca haver visto um quarto mais lindo do que aquele em que então me achava. Tinha um comprimento de mais ou menos três metros e só uma cama, que, como disse antes, era confortável. Na parte do aposento mais perto dos tabique havia um espaço de um metro e vinte centímetros quadrados, contendo uma mesa, uma cadeira e um grupo de estantes penduradas, cheias de livros, principalmente livros de excursões e viagens. Havia muitas outras coisas confortáveis no quarto, entre as quais não devo esquecer uma espécie de guarda-comida ou refrigerador, pelo qual Augusto me apareceu como um anfitrião, de lauta mesa, no que toca a escolha de alimentos e bebidas.

Ele depois, com os nós dos dedos, fez pressão sobre do tapete, num canto do espaço acima mencionado, deixando-me ver que uma parte do soalho, cerca de dezesseis polegadas, tinha sido nitidamente cortada e ajustada de novo. Sob sua pressão, essa parte levantou-se a um ponto suficiente para permitir passagem de seu dedo por baixo. Desse modo levantou ele a tampa do alçapão, ao qual o tapete ainda se achava pregado por tachas, e vi que ele levava ao porão de popa. Augusto então acendeu uma velinha com um pau de fósforo e, colocando a luz numa escura lanterna, desceu com ela pela abertura, ordenando-me que o seguisse. Assim o fiz, e ele então colocou a tampa por meio de um prego enfiado no lado inferior. O tapete naturalmente, voltou à sua posição natural no soalho do camarote e todos os traços da abertura ficaram ocultos.

A vela fornecia um raio de luz tão fraco que foi com a maior dificuldade que pude apalpar caminho através das massas de trastes entre as quais então me encontrava. Gradualmente, contudo, meus olhos se foram acostumando à luz e prossegui com menos incômodo, agarrando-me às abas do paletó de meu amigo. Ele me conduziu, afinal, depois de serpear e arrastar-se por numerosos corredores apertados, a um caixote

com ferros, como estes usados para conter finas louças. Tinha o caixote cerca de um metro e vinte centímetros de altura e um metro e oitenta de comprimento, mas era muito estreito. Dois garrafões vazios estavam no alto e, sobre eles, novamente, vasta quantidade de esteiras de palha empilhadas até o teto da cabine. Em todas as outras direções em torno, amontoava-se, tão apertadamente quanto possível, às vezes mesmo até o teto, um verdadeiro caos de todas as espécies de coisas de navio, bem como uma mistura heterogênea de cestos, canastras, barris e fardos, de modo simplesmente miraculoso o termos afinal descoberto qualquer passagem para o caixote. Achei depois que Augusto, propositadamente arranjava o depósito naquele porão, de modo a permitir-me um esconderijo perfeito, tendo apenas a auxiliá-lo no serviço, um homem que não viajava no brigue.

Meu companheiro mostrou-me depois que um dos lados do caixote podia ser removido à vontade. Fê-lo correr para um lado e exibiu o interior, o que muito me agradou. Um colchão de uma das camas da cabine cobria por inteiro o fundo do caixote em que se continham quase todos os artigos de simples conforto que puderam ser amontoados em tão pequeno recinto, fornecendo-me, ao mesmo tempo, espaço suficiente para acomodar-me, tanto sentado como deitado de comprimento. Entre outras coisas, havia alguns livros, penas, tinta, papel, três cobertores, uma grande bilha cheia de água, um barrilzinho de biscoitos de água e sal, três ou quatro imensas salsichas bolonhesas, um enorme presunto, um pernil frio de carneiro assado, e meia dúzia de garrafas de licores e remédios. Imediatamente tomei posse de meu pequeno apartamento, com tais sentimentos de satisfação que, acredito, nenhum monarca experimentou maiores ao entrar num palácio novo. Augusto então ensinou-me a maneira de afastar o lado aberto do caixote e depois, levando a vela até perto do forro, mostrou-me um pedaço de corda trançada e escura estendendo-se nele. Ela — disse — prolongava-se do meu esconderijo através de todas as necessárias voltas por entre os trastes até um prego cravado no forro do porão, mesmo por baixo do alçapão que levava ao camarote dele. Por meio dessa eu poderia facilmente sair dali, sem que ele me guiasse, no que qualquer inesperado acidente tornasse tal passo necessário. Despediu-se, em seguida, deixando-me a lanterna, bem como suficiente

provisão de velas e fósforos, e prometendo visitar-me logo que o pudessem fazer sem ser observado. Era o dia 17 de junho.

Três dias e três noites (como podia aproximadamente conjecturar) permaneci em meu esconderijo, sem absolutamente sair dele, a não ser duas vezes, com o fim de espichar os membros, ficando de pé, entre dois cestos, mesmo do lado oposto à abertura. Durante todo esse tempo nada soube de Augusto; isso, porém, pouco incômodo me causava, pois eu sabia que o brigue devia fazer-se ao largo a qualquer momento e, na consequente confusão, ele não encontraria facilmente oportunidades para descer, a fim de ver-me. Afinal, ouvi o alçapão abrir-se e fechar-se, depois ele chamou em voz baixa, se tudo ia bem e se eu desejava alguma coisa. “Nada —, respondi. — Estou tão confortavelmente como é possível; quando o brigue começará a navegar?” “Levantaremos ferros dentro de meia hora — responde ele. — Vim para dizer-lhe isso e para que você não ficasse incomodado com a minha ausência. Não terei ocasião de descer de novo por algum tempo — talvez por três ou quatro dias mais. Lá em cima vai tudo bem. Depois que eu subir e fechar o alçapão, arraste-se, junto à corda, até onde está enterrado o prego. Achará lá meu relógio. Pode ser-lhe útil, pois você não tem luz do dia para calcular o tempo. Suponho que não sabe dizer quanto tempo esteve escondido aí. Foram três dias. Hoje é 20. Eu ia levar o relógio ao seu caixote, mas tive medo de perder-me.” Dito isto, subiu.

Cerca de uma hora depois que ele saíra senti distintamente o movimento do brigue, e congratulei-me comigo mesmo por ter afinal começado belamente uma viagem. Satisfeito com essa ideia, decidi animar-me quanto possível e esperar o decurso dos acontecimentos até que me fosse permitido trocar o caixote por mais espaçosa, embora dificilmente mais confortáveis, acomodações. Meu primeiro cuidado foi apanhar o relógio. Deixando a vela acesa, rastejei pela escuridão, seguindo a corda, entre inumeráveis volteios em alguns dos quais descobri que, depois de palmilhar longa distância, voltara para cerca de trinta ou sessenta centímetros do primitivo ponto de partida. Afinal, alcancei o prego e, segurando o objetivo dessa excursão, com ele regressei a salvo. Procurei os livros de que tão providentemente fora provido e escolhi o da expedição de Lewis e Clark à foz do Columbia. Com ele me diverti por algum

tempo e por fim, tornando-me sonolento, apaguei a luz com grande cuidado e logo caí num sono profundo.

Depois de despertar, senti-me estranhamente confuso de espírito e decorreu até que me pudesse recordar de todas as várias circunstâncias de minha situação. Gradualmente, porém, lembrei-me de tudo. Riscando um fósforo, olhei para o relógio; ele, contudo, estava sem corda e conseqüentemente não havia meio de determinar quanto tempo eu dormira. Meus membros estavam muito dormentes e eu era forçado a aliviá-los ficando de pé entre os cestos. Senti, depois um apetite quase canino e pensei no pernil frio de que comera um pedaço antes de dormir, achando-o excelente. Qual não foi meu espanto ao descobrir que ele se achava em estado de putrefação! Esse fato provocou-me grande inquietude, pois, relacionando-o com a confusão de espírito que experimentara depois de acordar, comecei a supor que devia ter dormido um tempo insolitamente longo. A atmosfera fechada do porão devia ter algo a ver com isso e podia, afinal de contas, causar os mais desastrosos resultados. Minha cabeça doía excessivamente. Imaginei que respirava com crescente dificuldade. Em suma, fiquei deprimido por uma multidão de melancólicas ideias. Não podia, ainda aventurar-me a causar qualquer perturbação, abrindo o alçapão ou fazendo qualquer outra coisa, e assim, tendo dado corda no relógio, resignei-me como era possível.

Durante todas as tediosas vinte e quatro horas seguinte ninguém apareceu para me aliviar e eu não podia deixar de acusar Augusto da maior desatenção. O que principalmente me alarmava era que a água de minha bilha estava reduzida a cerca de meio quartilho e eu sofria muita sede, pois comera à vontade as salsichas depois de haver perdido o carneiro. Tornei-me muito aflito, não podendo mais interessar-me, de qualquer modo, pelos livros. Dominava-me ainda, o desejo de dormir, mas eu tremia ao pensar em submeter-me a ele, temendo a existência de qualquer influência perniciosa como a do carvão de madeira queimado na limitada atmosfera do porão. Entrementes, o jogar do navio me dizia que estávamos longe, no mar alto, e um denso som sussurrante que me vinha aos ouvidos, imensa distância, convenceu-me de que estava soprando uma borrasca fora do comum. Não podia imaginar um motivo para a ausência de Augusto. Por certo havíamos avançado, em nossa viagem mais do que o bastante para permitir-me subir. Devia ter sucedido

algun acidente a ele, mas eu nada podia imaginar que explicasse o deixar-me Augusto tanto tempo como um prisioneiro, a menos, na verdade, que ele houvesse morrido subitamente, ou caído no mar, mas eu não podia demorar nesta ideia sem a maior impaciência. Era possível que tivéssemos sido desviados por ventos pela proa e que ainda estivéssemos nas proximidades de Nantucket. Era forçado, contudo, a abandonar esta hipótese; pois, se fosse neste caso, o brigue teria frequentemente virado de bordo; e eu verificava perfeitamente, por sua contínua inclinação para bombordo que ele navegava a velas pandas, com uma firme brisa do estibordo. Contudo, admitindo que ainda nos achássemos nas vizinhanças da ilha, por que não viera Augusto visitar-me e informar-me dessa circunstância? Refletindo desse modo sobre as dificuldades de minha situação solitária e melancólica, resolvi esperar, ainda outras vinte e quatro horas; então, se nenhum auxílio obtivesse iria até o alçapão e tentaria ter uma palestra com meu amigo ou, pelo menos, arejar o porão através da abertura e obter no camarote outro suprimento de água. Entretanto, enquanto me ocupava com esse pensamento, caí, a despeito de todos os esforços em contrário, num estado de profundo sono, ou melhor, de sopor. Meus sonhos foram dos mais terríficos. Todas as espécies de calamidade e horror me sobrevinham. Entre outras misérias, era eu sufocado até a morte, entre enormes travesseiros, por demônios do mais espantoso e feroz aspecto. Imensas serpentes me comprimiam com abraço e me olhavam fixamente no rosto com seus olhos terrivelmente brilhantes. Depois desertos ilimitados e da mais erma e aterrorizante configuração estendiam-se diante de mim. Troncos de árvores, imensamente altos, desfolhados e cinzentos, erguiam-se em sucessão infundável até onde o olhar podia alcançar. Suas raízes se ocultavam em vastos pantanais, cujas águas sombrias dormiam intensamente negras, silenciosas e contudo terríveis. E as estranhas árvores pareciam dotadas de humana vitalidade e ondulavam, para lá e para cá, seus braços esqueléticos, clamando misericórdia às águas silentes, em lastimosos e pungentes acentos da mais aguda agonia e desespero. A cena mudou: agora eu me encontrava, despido e só, entre as ardentes planícies arenosas do Saara. Agachava-se aos meus pés um feroz leão dos trópicos. Subitamente, seus olhos se abriram e caíram sobre mim. Com um salto convulsivo, espichou-se nos pés e exibiu os horríveis dentes. Em um instante irrompeu de sua garganta

vermelha um rugido semelhante aos trovões do firmamento, e eu caí impetuosamente por terra. Sufocado em paroxismo de terror, achei-me por fim semidesperto. Então meu sonho não era absolutamente um sonho... Estava, pelo menos na posse dos meus sentidos. E as patas de algum monstro enorme e autêntico pesadamente comprimiam meu peito. Seu hálito quente me tocava o ouvido. E suas garras brancas e espantosas cintilavam sobre mim através da penumbra.

Ainda que mil vidas dependessem do movimento de um membro ou da pronúncia de uma sílaba, eu não podia mexer-me. O animal, fosse o que fosse, conservava-se em sua posição sem tentar qualquer imediata violência, enquanto eu permanecia no extremo desespero e, assim julgava, a morrer por baixo dele. Meu cérebro teve uma vertigem, senti-me mortalmente enfermo, falhou-me a vista, mesmo as cintilantes pupilas da fera sobre mim se obscureceram. Fazendo um último e convulsivo gemi afinal uma fraca jaculatória a Deus e resignei-me a morrer. O som de minha voz como que despertou toda a fúria latente do animal que lançou todo seu peso sobre meu corpo. Qual não foi porém meu espanto, quando, com prolongado e baixo queixume começou a lambe-me a face e as mãos, dando as mais extravagantes demonstrações de afeição e alegria! Eu estava atônito, extremamente perdido de espanto, mas não podia esquecer o queixume peculiar de meu cão terra-nova, Tigre, nem o jeito estranho de suas carícias, a que estava acostumado. Era ele. Experimentei um súbito afluxo de sangue às têmporas; um vertiginoso e dominante sentimento de liberdade e reanimação. Ergui-me apressadamente do colchão sobre que estava e, atirando-me ao seguidor e amigo, aliviei a longa opressão de meu peito numa onda das mais apaixonadas lágrimas.

Como na ocasião precedente, meus pensamentos eram grandemente indistintos e confusos logo ao deixar o colchão durante longo tempo, achei quase impossível coordenar ideias. Mas em graus muito lentos, minhas faculdades de raciocínio voltaram e de novo recordei os diversos incidentes de minha situação. Tentei em vão explicar a presença de Tigre. E depois de perder-me em mil conjecturas diferentes a seu respeito, fui forçado a contentar-me com o fato de que ele se achava comigo para partilhar minha sombria solidão e dar-me conforto com seus carinhos. Muita gente gosta de seus cães, mas por Tigre tinha eu uma afeição mais

ardente do que o comum; e nunca, por certo, criatura alguma o mereceu mais. Durante sete anos fora meu companheiro inseparável e numa multidão de oportunidades dera provas de todas as nobres qualidades pelas quais avaliamos um animal. Eu o libertara, quando filhote, das garras de um malvado vilãozinho de Nantucket, que o levava para a água com uma corda amarrada ao pescoço e o cão crescendo, retribuiu o favor, cerca de três anos mais tarde, salvando-me das cacetadas de um ladrão de rua.

Apanhando, então, o relógio, descobri, depois de levá-lo ao ouvido, que de novo se acabara a corda; isto, porém, não me surpreendeu de modo algum, pois eu me convencera, pelo estado particular de meus sentimentos, de que dormira, como antes, período prolongado de tempo; quanto, era sem dúvida, impossível dizer. Eu ardia em febre e minha sede era quase intolerável. Tateei o caixote em busca de meu pequeno suprimento de água, pois não tinha luz, em vista de se haver queimado a vela até o pé do castiçal e de não achar à mão a caixa de fósforos. Depois de ir a bilha, contudo, descobri que estava vazia. Sem dúvida, Tigre tentara beber, assim como devorara o resto do carneiro cujo osso se achava bem limpo junto à abertura do caixote. Eu bem podia passar sem o alimento estragado, mas meu coração se oprimia ao pensar na água. Sentia-me extremamente fraco, tanto que estremecia todo, ao mais fraco movimento ou esforço, como com febre. Para aumento de minhas aflições, o brigue jogava e oscilava, com violência, e os barris de óleo que se encontravam sobre o estavam em momentâneo perigo de cair, bloqueando-me o caminho de ingresso ou saída. Eu sofria também terrivelmente de enjoo. Tais considerações me levaram a abrir caminho, de qualquer maneira, até o alçapão e obter imediato socorro, antes que ficasse completamente incapaz de fazê-lo. Tendo assim decidido, procurei de novo, tateando, os fósforos e as velas. Com alguma dificuldade achei os primeiros; mas, não descobrindo as velas tão depressa quanto esperava (pois me lembrava de estar muito próximo o local onde as colocara), abandonei por então a busca e mandando Tigre ficar quieto, comecei logo a caminhada para o alçapão.

Nessa tentativa, minha grande fraqueza tornou-se mais do que aparente. Era com a maior dificuldade que eu, afinal, me arrastar para diante, e mui frequentemente meus membros se vergavam de súbito por bai-

xo de mim; então, caindo prostrado sobre o rosto, permanecia por alguns minutos num estado que tangenciava o da insensibilidade. Forcejava, contudo, para diante, em lentas etapas temendo a cada momento poder desfalecer em meio às estreitas e intrincadas voltas do caminho entre os trastes, caso em que o resultado seria simplesmente a morte. Afinal, depois de dar um impulso para a frente, com toda a energia que pude reunir, bati com a testa violentamente contra o ângulo agudo de uma caixa fechada com ferro. O acidente só me atordoou por poucos momentos, mas verifiquei, para meu indizível pesar, que o veloz e violento oscilar do navio atirara a caixa, completamente, em meio a meu caminho, bloqueando de modo efetivo a passagem. Nem com os máximos esforços poderia eu movê-la uma só polegada de sua posição, pois se achava apertadamente comprimida entre os caixões circundantes e os trastes do navio. Tornava-se necessário, contudo que, enfraquecido como estava, eu deixasse a corda que me guiava e procurasse outra passagem, ou trepasse pelo obstáculo e recomeçasse o caminho do outro lado. A primeira alternativa apresentava excessivas dificuldades e perigos para que pudesse encará-la sem estremecer. No meu presente estado de fraqueza, tanto de corpo de espírito, infalivelmente perderia o caminho se o tentasse e pereceria miseravelmente entre os terríveis e desagradáveis labirintos do porão. Continuei, em consequência, sem hesitar, a reunir as minhas forças e energias restantes para tentar, o melhor que pudesse, escalar a caixa.

Depois de erguer-me, com esse alvo em vista, achei a empresa uma tarefa ainda mais séria do que meus temores me haviam levado a imaginar. De cada lado da estreita passagem erguia-se uma muralha inteira de objetos de variado peso, que o menor engano de minha parte poderia fazer cair sobre minha cabeça; ou, se tal acidente não ocorresse, o caminho poderia de fato ser bloqueado, impedindo minha volta pelas massas que desciam, como se via em frente, junto àquele obstáculo. A própria caixa era comprida e pesada e sobre ela nenhum apoio o pé podia obter. Em vão tentei, por todos os meios em meu poder, alcançar-lhe o alto, com a esperança de assim galgá-la. Tivesse eu obtido êxito em tal tentativa e é certo que minhas forças se teriam demonstrado completamente inadequadas para a tarefa de prosseguir; foi, pois, melhor em todos os sentidos o ter falhado. Por fim, num desesperado esforço para empurrar

a caixa de seu lugar, senti forte vibração no lado próximo de mim. Introduzi avidamente a mão na beira das tábuas e verifiquei que uma muito grande, se soltara. Com o canivete de bolso, que felizmente estava comigo, consegui, depois de grande trabalho, retirá-la inteiramente, e enfiando-me pela abertura, descobri, com imensa alegria que não havia tábuas do outro lado. Noutras palavras: faltava o alto, e fora pelo fundo que eu abrira caminho. Daí por diante não deparei dificuldades importantes para prosseguir pela corda até finalmente encontrar o prego. Com o coração a bater fiquei de pé e, com um leve toque, fiz pressão contra a tampa do alçapão. Ela não se ergueu depressa, como eu esperava, e fiz pressão mais resolutamente, embora temendo que pessoa diversa de Augusto pudesse estar no seu camarote. Contudo, a porta permaneceu firme com espanto meu, e tornei-me algo aflito, pois sabia que apenas pouco ou nenhum esforço fora preciso para removê-la. Empurrei-a com força; não obstante, ficou firme. Com toda a minha força; e ainda assim não deu passagem. Com raiva, com fúria, com desespero; e ela desafiou meus extremos esforços. Era evidente, dada a natureza invencível da resistência, que, ou o buraco tinha sido descoberto e a tampa completamente pregada, ou tinha sido colocado sobre ele algum imenso peso, que era inútil pensar em remover.

Minhas sensações foram as de extremo horror e desânimo. Em vão tentei raciocinar sobre a provável causa de estar assim sepulto. Não podia provocar qualquer encadeamento conexo de reflexão e, caindo ao solo, dei razão, irresistivelmente, às mais melancólicas imaginações, entre as quais as pavorosas mortes por sede, fome, asfixia e enterramento prematuro se acumulavam sobre os principais desastres a encarar. Afinal, voltou-me certa porção de presença de espírito. Ergui-me e tentei com os dedos, das frinchas ou sinais da abertura. Encontrando-os, examinei-o bem de perto para verificar se emitiam alguma luz vinda do camarote, mas nenhuma era visível. Forcei entre eles a lâmina de meu canivete, até que encontrei certo obstáculo duro. Raspando nela, verifiquei que era uma sólida massa de ferro, concluindo que se tratava de uma corrente, pela peculiar ondulação sentida ao passar a lâmina. O único recurso que me restava era refazer o caminho até o caixote e ali submeter-me a meu triste destino, ou tranquilizar o espírito, ao ponto de admitir que pudesse organizar algum plano de fuga. Imediatamente, come-

cei a fazê-lo e, de inúmeras dificuldades, consegui regressar. Ao cair, completamente exausto, sobre o colchão, Tigre estendeu-se de comprimento, parecendo desejoso de, por seus agrados, consolar-me em minhas aflições e insistir para que eu as suportasse com fortaleza.

A singularidade de sua conduta atraiu por fim, forçadamente, minha atenção. Depois de me lamber a face e as mãos, examinei-as uma, não achando todavia sinais de qualquer ferimento. Imaginei então que se achasse faminto e dei-lhe um enorme pedaço de presunto, que ele devorou com avidez. Repetiu depois, entre suas estranhas manobras. Julguei a seguir que ele se achasse sofrendo como eu, os tormentos da sede e quase adotava esta conclusão como única verdadeira, quando me ocorreu a ideia de me havia examinado as patas e possivelmente haveria um ferimento em qualquer parte de sua cabeça ou de seu corpo. Tateei aquela, cuidadosamente, porém nada encontrei. Ao passar, contudo, a mão sobre suas costas, percebi uma leve ereção do pelo, que as cruzava completamente. Apalpando aquilo com os dedos descobri um cordel e, acompanhando-o pelo tato, verifiquei que rodeava todo o corpo. Com um exame mais acurado, cheguei até um pequeno pedaço de algo que dava a sensação de papel de cartas, através do qual o cordel fora amarrado de modo a mantê-lo, precisamente por baixo da espádua esquerda do animal.

III

Ocorreu-me instantaneamente o pensamento de que o papel era um bilhete de Augusto, e que algum inexplicável acidente sobreviera impedindo-o de libertar-me de minha prisão. Ele então adotara aquele método de informar-me do verdadeiro estado das coisas. Tremendo de impaciência, dei então início a outra busca, a dos fósforos e velas. Tinha uma confusa lembrança de havê-los colocado cuidadosamente, de lado, antes de cair adormecido; e, na verdade antes de minha última caminhada até o alçapão fora capaz de recordar o lugar exato onde os depositara. Naquele instante, porém, em vão tentava despertar a memória e levei toda uma hora em infrutífera e incômoda procura dos objetos perdidos; nunca, certamente, houve mais tantalizante estado de ansiedade e incerteza.

Por fim, quando apalpava em redor, com a cabeça junto do lastro, perto da abertura do caixote, do lado de fora dele, notei a cintilação de luz, na direção da antecâmara. Grandemente surpreendido, tentei caminhar para lá, pois me parecia estar a poucos pés do meu lugar. Mal me movera com essa intenção, quando perdi o brilho de vista, completamente, e antes que pudesse lobrigá-lo de novo, tive de ir Tateando, junto à caixa até que, voltei exatamente à posição original. Então, movendo a cabeça com precaução para um lado e para outro, descobri que se andasse vagarosamente, com grande cuidado, em direção àquela pela qual partira a princípio, seria capaz de chegar perto da luz, conservando-a em vista. Assim fui diretamente para ela, (tendo aberto caminho através de inúmeros volteios estreitos) verifiquei que procedia de alguns fragmentos de meus fósforos que se achavam sobre um barril vazio, virado de lado. Admirava-me como haviam chegado a tal lugar, quando minha mão caiu sobre dois ou três pedaços de cera de vela que evidentemente tinham sido mastigados pelo cão. Concluí logo que ele devorara todo o meu suprimento de velas e fiquei sem esperança de jamais ser capaz de ler o bilhete de Augusto. Os pequenos restos de tão amassados entre outros refugos no barril que desisti de servir-me deles para qualquer coisa e deixei-os como se achavam. Os fósforos, de que só havia um palito ou dois, reuni-os e voltei com eles, após muita dificuldade, ao meu caixote, onde Tigre ficara o tempo todo.

Que fazer em seguida, não podia eu dizer. Era tão intensamente escuro o porão que eu não podia ver minha mão, embora a encostasse junto à face. O pedaço branco de papel mal podia ser distinguido, nem mesmo quando olhava diretamente para ele, voltando para o papel a parte exterior da retina, isto é, ligeiramente de esguelha, notei que se tornava de algum modo perceptível. Assim, a tristeza de minha prisão pode ser imaginada e o bilhete de meu amigo — se em verdade era um bilhete dele — somente parecia arrojar-me a maiores inquietações, afligindo sem qualquer resultado meu já fraco e agitado espírito. Em vão resolvi no cérebro uma multidão de absurdos expedientes para obter luz. Expedientes tais, precisamente, como um homem, no perturbado sono ocasionado pelo ópio, escolheria como os melhores para empreender semelhante tentativa, todos e cada um deles apareciam ao sonhador, alternadamente, como a mais razoável e a mais absurda das concepções,

quando, alternadamente, lampejavam uma sobre outra, as faculdades imaginativas ou as do raciocínio. Finalmente ocorreu-me uma ideia que me pareceu racional e me deu motivo para admirar-me de não a haver tentado antes. Coloquei o pedaço de papel nas costas de um livro e, coligindo os fragmentos dos palitos de fósforos que trouxera do barril, coloquei-o junto sobre o papel. Então, com a palma da mão, esfreguei o conjunto rapidamente e com força. Uma clara luz se expandiu, imediatamente por toda a superfície. E se houvesse sobre ela algum escrito, estou certo de que não teria experimentado a menor dificuldade em lê-lo. Nem uma sílaba, contudo, lá se achava. Nada além de um terrível e insatisfatório espaço em branco. A iluminação morreu em poucos segundos, e meu coração desmaiou dentro de mim, quando ela se foi.

Já antes expus, mais de uma vez, que meu intelecto, durante certo período anterior a este, estivera em situação muito próxima da idiotia. Havia certamente, momentâneos intervalos de perfeita sanidade e mesmo de energia, de vez em quando; estes eram poucos. Deve-se recordar que certamente por muitos dias estivera respirando a atmosfera quase pestilencial de um porão, fechado num navio baleeiro, e por largo tempo mal fora suprido de água. Durante as últimas catorze ou quinze horas não tivera nenhuma...nem dormia durante esse tempo. Provisões salgadas, da mais excitante espécie, tinham sido minhas principais, e na verdade desde a perda do carneiro, minhas únicas reservas de alimento, com exceção dos biscoitos de água e sal, e estes últimos eram completamente inúteis, por estarem muito secos e duros para ser engolidos nas condições de inchamento e secura de minha garganta. Achava-me, então, com febre elevada e, em todos os sentidos, extremamente doente. Isso serve de explicação para o fato de que muitas horas miseráveis de desânimo decorreram, depois de minha última aventura com os fósforos, antes que me ocorresse o pensamento que só havia examinado um lado do papel. Não tentarei descrever meus sentimentos de cólera (embora creia que era mais amarga do que qualquer outra coisa), quando o imenso erro que eu cometera relampejou subitamente em minha consciência. O equívoco em si não teria sido de maior importância se eu, em minha insânia e impetuosidade, não o tivesse piorado. Em meu desaponto, por não haver encontrado palavra alguma no pedaço de papel,

infantilmente o rasguei em pedaços e atirei-o fora, sendo impossível dizer onde.

Da pior parte desse problema fui aliviado pela sagacidade de Tigre. Tendo apanhado, depois de longa procura, um pequeno pedaço do bilhete, coloquei-o no nariz do cão e tentei fazê-lo compreender que deveria trazer-me o resto dele. Para meu espanto, pois não lhe ensinara nenhuma das habilidades costumeiras pelas quais sua raça é famosa, pareceu ele entender logo meu pensamento e farejando em torno, por alguns instantes, logo encontrou outra considerável parte. Trazendo-me isso, fez uma pausa momentânea e esfregando o nariz em minha mão, como que esperou minha aprovação pelo que fizera. Dei-lhe uma pancadinha na cabeça e ele imediatamente saiu de novo. Passaram-se alguns minutos antes que voltasse e quando, porém, regressou, trouxe consigo um grande, que demonstrava ser todo o papel perdido. Parece que fora rasgado só em três partes. Felizmente não tive dificuldade em encontrar os poucos fragmentos de fósforos que tinham sido deixados de lado, sendo guiado pela luminosidade indistinta que uma ou duas das partículas ainda emitia. Minhas atribulações me haviam ensinado a necessidade de precaução e assim levei tempo a refletir sobre o que ia fazer. Era muito provável, pensei, que algumas palavras estivessem escritas sobre o lado do papel que não tinha sido examinado, mas qual era ele? Ajustar os pedaços de papel não era solução para isso, embora me assegurasse que as palavras (se houvesse algumas) seriam todas encontradas de um lado só e ligadas de maneira própria, como na escrita. Havia a maior necessidade de determinar o ponto em questão, fora de qualquer dúvida pois os fósforos restantes seriam inteiramente insuficientes para uma terceira tentativa, caso eu falhasse na que estava prestes a realizar. Coloquei o papel sobre um livro, como antes, e sentei-me por alguns minutos pensativamente, revolvendo o assunto no pensamento. Afinal, pensei ser meramente possível que o lado escrito tivesse na sua superfície alguma saliência, que um delicado sentido do tato me capacitaria a notar. Resolvi fazer a experiência e passei os dedos, muito cuidadosamente, sobre o lado que primeiro se apresentou. Nada, contudo, era perceptível, e virei o papel, ajustando-o ao livro. De novo, então deslizei por ele o indicador, cautelosamente, e notei um tenuíssimo porém ainda perceptível calor que acompanhava o dedo. Compreendi que esse calor devia vir de

umas miúdas partículas de fósforos, com que eu cobrira o papel na tentativa precedente. O outro lado, ou o inverso, assim, era o que trazia o escrito, se afinal se revelasse existir algum. De novo virei o bilhete e comecei a agir, como da primeira vez. Tendo esfregado os fósforos, seguiu-se um clarão como antes; desta vez várias linhas manuscritas, em grandes caracteres e, ao que parece em tinta vermelha, tornaram-se distintamente visíveis. A luz contudo, embora suficientemente brilhante, foi apenas momentânea. Se, todavia, eu não estivesse altamente excitado, teria havido tempo bastante amplo, para que examinasse todas as três sentenças a minha frente, pois vi que eram três. Na ansiedade, de ler tudo imediatamente, só consegui ler as sete últimas palavras que eram assim: *sangue... sua vida depende de ficar encerrado.*

Tivesse eu sido capaz de apreender o inteiro conteúdo a completa significação da advertência que meu amigo assim tentara enviar, e tal advertência, ainda mesmo que revelasse a história do mais indizível desastre, não poderia, estou firmemente convencido, ter-me imbuído o espírito de um décimo de dilacerante e todavia indefinível horror que me inspirou o fragmento assim recebido. E aquela palavra das palavras, *sangue*, tão comumente ligada sempre ao mistério, ao sofrimento e ao terror como também me aparecia agora triplicadamente cheia de importância como caíam gélida e pesadamente suas vagas sílabas como se achava, de qualquer vocábulo acompanhante, para torná-la distinta ou explicá-la), em meio à profunda tristeza de minha prisão nos mais recônditos recessos de minha alma!

Augusto, sem dúvida, tivera boas razões, para desejar que eu permanesse escondido e formei mil hipóteses sobre as quais deveriam ser elas; mas em nada podia pensar que conduzisse a uma solução satisfatória do mistério. Precisamente depois de voltar de minha derradeira caminhada ao alçapão e antes que minha atenção tivesse sido dirigida para outro lado, pela singular conduta de Tigre, chegara à resolução de fazer-me ouvido, a qualquer preço, pelos que se encontravam a bordo, ou, se não obtivesse êxito nesse sentido, em tentar romper caminho através do tombadilho da ponte do porão. A semicerteza que sentia de ser capaz de cumprir uma das duas empresas, na última emergência, dera-me coragem (que de outra forma eu não teria) para suportar as desgraças de minha situação. Entretanto, as poucas palavras que eu fora capaz de ler me

havam arrebatado esses recursos finais. Então, pela primeira vez, senti toda a miséria de meu destino. Num paroxismo de desespero, atirei-me de novo sobre o colchão, onde fiquei por cerca de um dia e uma noite, numa espécie de estupor, só aliviado por instantâneos intervalos de raciocínio e recordação.

Afinal, ergui-me uma vez mais e fiquei a refletir sobre os horrores que me sitiavam. Só remotamente era possível que eu pudesse viver sem água outras vinte e quatro horas, pois não podia suportar mais muito tempo. Durante a primeira parte de minha prisão fizera uso livre das bebidas de que Augusto me supria, mas elas só serviram para excitar a febre, sem me aliviar a sede no mínimo grau. Só me restava agora um quarto de quartilho e assim mesmo era uma espécie de forte licor de pêssago que me nauseava o estômago. As salsichas tinham sido consumidas inteiramente. Do presunto nada mais restava, além de um pedacinho de pele. E todos os biscoitos, exceto poucos farelos de um, tinham sido comidos por Tigre. Para aumento de minhas aflições, verifiquei que minha dor de cabeça se intensificava momentaneamente e, com ela, a espécie de delírio que me perturbava, mais ou menos, desde que caíra a dormir pela primeira vez. Nas últimas horas, tinha sido com a maior dificuldade que eu conseguia respirar um pouco e agora cada tentativa de fazê-lo provocava a mais depressiva ação espasmódica do peito. Mas havia ainda outra e muito diferente fonte de inquietação uma, na verdade, cujos devastadores terrores tinham sido o meio principal de me levantar com esforço de meu torpor, no colchão. Vinha ela da conduta do cão.

Observei primeiramente uma alteração em seu proceder, enquanto esfregava os fósforos no papel, em minha última tentativa. Ao esfregar ele erguera o nariz contra minha mão, com um leve grunhido. Mas eu estava muito excitado. naquela ocasião, para dar maior atenção a esta circunstância. Logo depois, como se hão de recordar, atirei-me no colchão e caí numa espécie de letargia. Agora tornava-me ciente de um singular som silvante junto de meus ouvidos e descobri que ele procedia de Tigre, que arquejava e ofegava no estado da mais aparente excitação, com as pupilas flamejando ferozmente, através da treva. Falei-lhe, ao que ele replicou com um rosnido baixo, ficando quieto depois. Recai em seguida no meu estupor, de que fui despertado, de novo, por forma semelhante. Isto se repetiu três ou quatro vezes, até que por fim sua con-

duta me inspirou tão grande medo que fiquei completamente de pé. Ele agora estava encostado à entrada do caixote, rosando temerosamente, embora numa espécie de subtom, e rangendo os dentes como em forte convulsão. Não duvidava mais de que a falta de água ou a confinada atmosfera do porão o haviam tornado doido, e me achava perplexo com o caminho a seguir. Não podia suportar o pensamento de matá-lo, embora isso parecesse absolutamente necessário para minha própria salvação. Distintamente podia lhe perceber os olhos fixos em mim com uma expressão da animosidade e esperava, a cada instante, que ele me atacasse. Afinal, não pude aturar mais minha terrível situação e decidi sair do caixote a todo custo e matá-lo, se sua oposição tornasse necessária que eu o fizesse. Para sair tinha de passar diretamente sobre o corpo dele e já o cão parecia antecipar-se a meu desígnio, erguendo-se sobre as patas dianteiras (como notei pela posição modificada de seus olhos) e arreganhando o conjunto de suas presas brancas, que eram facilmente discerníveis. Apanhei o resto da pele do presunto e a garrafa que continha o licor, e segurei-as junto de mim, bem como um grande facão que Augusto me deixara, e depois, segurando minha capa em volta de mim tão apertadamente quanto possível, fiz um movimento para a entrada do caixote. Mal o fiz, o cão atirou-se, com um alto rugido, para a minha garganta. Todo o peso de seu corpo bateu-me no ombro direito e cai violentamente para a esquerda, enquanto o animal raivoso passava completamente sobre mim. Eu caí sobre os joelhos, com a cabeça mergulhada entre os cobertores e isso me protegeu de um segundo e furioso ataque, durante o qual senti os agudos dentes fazendo vigorosa pressão sobre o pano de lá que me envolvia sem contudo, felizmente, ser capaz de penetrar-lhe todas as dobras. Achava-me, então, por baixo do cão e, em poucos momentos ficaria completamente em seu poder. O desespero me deu forças e eu levantei-me ousadamente, sacudindo-o de mim, com toda a força e arrastando comigo os cobertores do colchão. Atirei-os depois sobre ele e, antes que se pudesse desvencilhar, saí eu pela porta fechando-a completamente, impedindo-o de prosseguir. Nessa luta porém fora obrigado a deixar cair o pedaço de pele de presunto e minha inteira reserva de provisões achou-se reduzida a um quartilho de licor. Quando um tal pensamento me cruzou o espírito senti-me dominado por um daqueles acessos de perversidade que bem se pode imaginar in-

fluenciarem um menino privado de tudo em semelhantes circunstâncias e, erguendo a garrafa aos lábios, sorvi até a última gota e atirei-a furiosamente de encontro ao soalho.

Mal se extinguiu o eco de seu espatifamento, ouvi meu nome pronunciado por uma voz ávida, mas abafada, que saía da direção da antecâmara de proa. Tão inesperada era qualquer coisa dessa espécie e tão intensa foi a emoção que o som me provocou que em vão tentei responder. Minha capacidade de falar falhou totalmente e, numa agonia de terror, temendo que meu amigo me pudesse considerar morto e voltasse, sem tentar procurar-me, ergui-me entre os cestos, junto da porta, tremendo convulsivamente, ofegando e lutando por uma palavra. Dependessem mil vocábulos de uma sílaba e eu não teria podido enunciar-lá. Havia um fraco movimento, agora audível, entre a trastaria um tanto adiante de minha posição. O som tornou-se depois menos distinto, e de novo menos, e menos ainda. Poderei jamais esquecer o que senti naquele momento? Ele se ia embora, meu amigo, meu companheiro, de quem eu tinha o direito de esperar tanto, ele se ia embora, abandonava-me, já se fora! Deixar-me-ia perecer miseravelmente, no mais horrível e desgraçado dos cativeiros. E uma palavra, uma simples sílaba me teria salvo! Contudo, eu não podia proferir essa simples sílaba! Estou certo de que senti, mais de dez mil vezes, as agonias da própria morte. Meu cérebro desmaiou e caí, mortalmente exausto, dentro do caixote.

Ao cair, o facão foi sacudido para fora do cinto de minhas calças e tombou no soalho, com um som estridente. Jamais qualquer sonoridade de mais rica melodia tão docemente me veio aos ouvidos! Pus-me à escuta, com a mais intensa ansiedade, para verificar o efeito no ruído sobre Augusto, pois eu sabia que a pessoa que me chamara só podia ser ele. Tudo ficou silente por alguns instantes. Afinal, ouvi de novo a palavra “Arthur”, repetida em tom baixo, cheio de hesitação. Minha capacidade de falar felizmente reviveu logo da perda e eu berrei, no ápice da voz: “Augusto! Augusto!” “Psiu! Pelo amor de Deus, fique calado! — repetiu ele numa voz trêmula de agitação. — Estarei com você imediatamente... logo que possa abrir caminho pelo porão.” Durante longo tempo ouvi-o a mover-se por entre a trastaria e cada momento me parecia um século. Afinal, senti-lhe a mão sobre ombro e ele me fez chegar aos lábios, no mesmo instante, uma botija de água. Só aqueles que subitamen-

te foram salvos das fauces do tumulto ou que conheceram os insuportáveis tormentos da sede em circunstâncias tão agravadas como as que me assediaram em minha pavorosa prisão podem formar qualquer ideia dos indizíveis transportes de alegria que produziu aquele longo trago da mais estupenda de todas as satisfações físicas.

Depois que, de algum modo, satisfiz minha sede, Augusto tirou do bolso três ou quatro batatas cozidas que devorei com a maior avidez. Ele trouxera consigo uma vela, numa lanterna surda, e os agradáveis raios não me deram menor conforto do que o alimento e a bebida. Mas eu estava impaciente por saber a causa de sua prolongada ausência e ele passou a narrar o que sucedera a bordo durante o meu encarceramento.

IV

O navio fez-se ao mar, como eu havia suposto, cerca de uma hora depois que ele me deixara o relógio. Isto fora a vinte de junho. Devem lembrar-se que eu estive então no porão, durante três dias; e no decorrer desse lapso, foi tão constante o trabalho a bordo e eram as correrias para um lado e para outro, especialmente nas cabines e nos camarotes, que ele não tivera oportunidade de visitar-me, sem que se descobrisse o segredo do alçapão. Quando veio, por fim, eu lhe assegurara que estava passando tão bem quanto possível e, por conseguinte, nos dois dias subsequentes, ele pouco incômodo sentiu a meu respeito, embora, contudo, vigiasse uma oportunidade de descer. *Até o quarto dia*, não achou nenhuma. Várias vezes, durante esse intervalo, ele preparara o espírito para falar a seu pai acerca de nossa aventura e fazer-me subir imediatamente; ainda nos achávamos, porém, a pequena distância de Nantucket e dadas algumas expressões escapadas ao Capitão Barnard era de duvidar se ele não regressaria imediatamente, caso descobrisse minha estada a bordo. Além disso, depois de refletir mais sobre o caso, Augusto — assim mo disse — não podia imaginar que me faltasse algo ou que eu hesitasse, se isso se desse, em fazer-me ouvir no alçapão. Então, tendo pesado bem as coisas, decidiu deixar-me ficar até que pudesse encontrar uma oportunidade de visitar-me sem ser observado. Isto, como já disse, não ocorreu antes do quarto dia, depois que ele me trouxera o relógio, o sétimo des-

de que eu entrara, pela primeira vez, no porão. Ele desceu, então, sem trazer consigo água nem quaisquer provisões, pretendendo sim em primeiro lugar, chamar-me a atenção e levar-me do caixote ao alçapão. Dali subiria ao camarote e então me passaria um suprimento. Quando desceu para esse fim, descobriu que eu dormia, pois parece que eu ressonava muito alto. Segundo todos os cálculos que posso fazer a respeito, esse deve ter sido o sono em que caí logo depois de voltar do alçapão com o relógio e que, conseqüentemente, deve ter-se prolongado *por mais de três dias e noites inteiros* em toda sua extensão. Ultimamente, eu tivera razão, tanto por minha própria experiência como pelas afirmativas de outros para concluir dos fortes efeitos soporíferos do fétido que se exala do óleo de peixe velho quando num aposento pequeno; e quando penso nas condições do porão em que estivera encerrado e no longo período em que o brigue fora usado como navio baleeiro, sou mais inclinado a me admirar por haver afinal acordado depois de uma vez ter caído adormecido do que de haver dormido interruptamente durante o tempo acima especificado.

Augusto chamara-me primeiramente em voz baixa, sem fechar o alçapão, mas eu não lhe dera resposta. Fechou então o alçapão e falou-me, em tom mais alto, e, por fim, num tom elevadíssimo continuei, porém, ressonando. Ele ficou, então, sem saber o que fazer. Levaria algum tempo a caminhar, por entre a trataria até o meu caixote e, entrementes, sua ausência seria notada pelo Capitão Barnard, que necessitava de seus serviços a cada minuto para arranjar e copiar papéis relacionados com os negócios da viagem. Resolveu, por conseguinte, depois de refletir, subir e esperar outra oportunidade para me visitar. Foi muito facilmente induzido a tal resolução, pois meu sono parecia ser de natureza tranquilíssima e ele não podia supor que eu sofresse qualquer inconveniente derivado de meu encerramento. Mal tivera pensado tais coisas quando a sua atenção foi atraída por um tumulto anormal, cujo ruído vinha aparentemente da cabine. Enfiou-se pelo alçapão tão depressa quanto possível, fechou-o e abriu a porta de seu camarote. Nem bem pusera o pé no limiar e uma pistola relampejou-lhe no rosto, enquanto ele era abatido, no mesmo instante, por uma pancada de espedaço.

Uma forte mão o arrastou pelo solo da cabine, com o punho sobre sua garganta; contudo, ele era capaz de ver o que se passava a seu redor.

Seu pai estava amarrado de pés e mãos e jazia sobre os degraus da escada do tombadilho, com a cabeça tombada e um profundo ferimento na testa, de onde fluía sangue em jorro contínuo. Não pronunciava uma palavra e aparentemente estava à morte. Acima dele, em pé, achava-se o primeiro-piloto, olhando-o com expressão de escarnecedora inimizade, e dando-lhe uma resoluta busca nos bolsos, de onde depois extraiu uma grande bolsa e um cronômetro. Sete homens da equipagem (entre os quais o cozinheiro, um negro) revolviam os camarotes a bombordo em procura de armas e logo se armaram de mosquetes e munição. Além de Augusto e do Capitão Barnard havia nove homens ainda na cabine, entre os piores brutos da equipagem do brigue. Os rufiões então, subiram ao tombadilho, levando consigo meu amigo, depois de lhe haverem amarrado os braços atrás das costas. Dirigiram-se logo para o castelo da proa, que se encontrava embaixo. Dois dos amotinados estavam junto dele, com machados, e outros dois se achavam na principal coberta da escotilha. O piloto gritou em alta voz: “Estão ouvindo aí embaixo? De-em o fora, um a um, agora atenção! E nada de resmungos!” Passaram-se alguns minutos antes que qualquer aparecesse. Por fim, um inglês, que como aprendiz, subiu, chorando lastimosamente e suplicando ao piloto, com os modos mais humildes, que lhe poupasse a vida. A única resposta foi uma pancada na testa, com o machado. O pobre sujeito espichou-se no tombadilho, sem um gemido, e o cozinheiro negro ergueu-o nos braços, como se fosse uma criança e atirou-o cuidadosamente ao mar. Ao ouvir o golpe e o mergulho do corpo, os homens lá embaixo não podiam mais ser induzidos a aventurar-se no tombadilho, nem por promessas, nem por ameaças, foi feita a proposta de asfixiá-los com fumaça. Seguiu-se, uma correria geral e por um momento pareceu possível que se pudesse retomar o navio. Os amotinados, contudo, conseguiram por fim, fechar completamente o castelo de proa, antes que mais de seis de seus adversários pudessem subir. Estes seis, achando-se tão grandemente dominados pelo número e sem armas, submeteram-se depois de breve luta. O piloto dirigiu-lhes então belas palavras sem dúvida com o alvo de induzir os de baixo a render-se, pois eles não tinham dificuldades em ouvir tudo o que se dizia no tombadilho. O resultado foi uma prova de sua sagacidade, não menos de sua diabólica vilania. Todos no castelo de proa, então, manifestaram sua intenção de entregar-se e, subindo um a

um, foram amarrados com os braços por trás das costas, juntamente com os seis primeiros. Havia, entre todos os da equipagem que não estavam implicados no motim, vinte e sete.

Seguiu-se então uma cena de horribilíssima carnificina. Os marinheiros amarrados foram arrastados ao passadiço. Ali se achava o cozinheiro, com um machado, ferindo cada vítima na medida em que eram cada uma empurrada contra a amurada pelos outros amotinados. Desse modo pereceram vinte e dois. Augusto dava-se por perdido, esperando a cada instante sua própria vez de ser a próxima vítima. Mas parece que os vilões se acharam depois cansados, ou de algum modo enojados com sua tarefa sanguinolenta pois os quatro prisioneiros restantes, bem como o meu amigo haviam sido arrastados ao tombadilho com os outros, foram poupados. Em seguida, o piloto mandou buscar rum embaixo e toda a quadrilha assassina entregou-se a uma orgia de bebidas que durou até o pôr do sol. Começaram após a discutir sobre o destino dos sobreviventes, que se achavam a apenas quatro passos e podiam distinguir todas as palavras que eram ditas. Em alguns dos amotinados, a bebida como que produzira um efeito abrandante, pois várias vozes se ouviram em favor da completa libertação dos cativos, com a condição de que se juntassem ao motim e partilhassem de seus proveitos. O cozinheiro preto, entretanto (que sob todos os aspectos era um perfeito demônio e parecia exercer tanta influência como o próprio piloto, senão mais), não queria ouvir qualquer proposta dessa espécie e levantou-se repetidamente para o fim de reassumir sua tarefa no passadiço. Afortunadamente estava tão dominado pela bebedeira que foi facilmente impedido pelos menos sanguissedentos da quadrilha, entre os quais um comissário que atendia pelo nome de Dirk Peters. Esse homem um filho de uma índia da tribo dos Upsarokas que habita entre os fortes da Colinas Negras, perto da fonte do Missouri. Seu pai era um negociante de peles, creio eu, ou pelo menos tinha quaisquer ligações com os postos de comércio dos índios no rio Lewis. O próprio Peters era um dos homens de aspecto mais feroz que já vi. De baixa estatura, não mais do que um metro e quarenta tinha os membros de formato hercúleo. As mãos, eram tão enormemente largas e grossas que mal possuíam a aparência de humanas. Os braços, assim como as pernas, se *arqueavam* do modo mais singular, parecendo não possuir qualquer flexibilidade. Tinha a cabeça igualmente deforma-

da, de imenso volume com uma ondulação na parte mais alta (como a de muitos negros) e inteiramente calva. Para ocultar essa última deficiência que provinha da idade avançada, ele usava habitualmente uma peruca de qualquer material semelhante a cabelo que se lhe apresentasse, ocasionalmente a pele de um cão espanhol ou de um urso cinzento da América. No tempo a que nos referimos, tinha ele uma porção dessas peles de urso. E isso trazia não pequeno acréscimo à natural ferocidade de seu semblante, que refletia os caracteres dos Upsarokas. A boca estendia-se quase de uma orelha a outra; os lábios eram estreitos e pareciam, como outras partes de sua figura, ser privados da natural plasticidade, de modo que sua expressão normal nunca variava sob a influência de qualquer espécie de emoção. Essa expressão normal pode ser concebida quando se considera que os dentes eram excessivamente compridos e projetados para a frente e jamais cobertos, sequer parcialmente, pelos lábios. Ao dar a esse homem uma olhadela casual, alguém poderia imaginar que ele estava convulsionado de risos; mas um segundo olhar induziria a um arrepiante reconhecimento de que, se tal expressão era indicativa de alegria, tal alegria só devia ser a de um demônio. Sobre esse singular sujeito muitas anedotas corriam entre os marujos de Nantucket. Tais anedotas discorriam sobre sua prodigiosa força, quando provocado, e algumas delas tinham dado motivos a que se duvidasse de sua sanidade mental. Mas a bordo do *Grampus*, parece, era ele considerado, ao tempo do motim, com sentimentos mais de escárnio do que de qualquer outra coisa. Fui tão pormenorizado, ao falar de Dirk Peters, porque, por mais feroz que parecesse, foi ele o principal instrumento para a preservação de Augusto e porque terei frequentes ocasiões de mencioná-lo daqui por diante, no decorrer de minha narrativa, narrativa esta, deixem-me dizê-lo logo, que, em suas últimas partes, será levada a incluir incidentes de natureza tão inteiramente fora da ordem da experiência humana e, por esse motivo, tão além dos limites da credibilidade humana que prossigo na mais extrema desesperança de obter crédito para tudo quanto irei dizer, embora confidentemente creia no tempo e nos progressos da ciência para verificar algumas das mais importantes e mais improváveis de minhas narrativas.

Depois de muita indecisão e de duas ou três violentas disputas, foi determinado afinal que todos os prisioneiros (com exceção de Augusto,

que Peters insistia em conservar, de modo muito jovial, como seu secretário), seriam lançados a flutuar num dos menores botes do baleeiros. O piloto desceu à cabine para ver se o Capitão Barnard ainda estava vivo, pois, como se recordam, ele fora deixado em baixo quando os amotinados subiram. Depois, ambos apareceram, o capitão pálido como a morte, mas algo recobrado dos efeitos de seu ferimento. Falou aos homens numa voz dificilmente articulada. Advertiu-os a não o porem no bote, mas a voltarem a seus deveres, prometendo desembarcá-los onde escolhessem e não dar qualquer passos para entregá-los à justiça. Do mesmo modo podia ele falar ao vento. Dois dos malvados o agarraram pelos braços e o atiraram pela amurada do navio para dentro do bote havia sido baixado enquanto o piloto descera. Os quatro homens que jaziam no tombadilho foram também desamarrados e ordenaram-lhes que seguissem o capitão, o que fizeram sem qualquer resistência. Augusto, contudo, foi deixado na sua posição dolorosa — embora lutasse e suplicasse que lhe dessem, ao menos, a pequena satisfação de ser-lhe permitido dar adeus a seu pai. Um cesto de biscoitos de água e sal e uma bilha de água foram depois descidos; mas não foram dados mastro, vela, remos nem bússola. O bote foi sirgado à ré por alguns instantes, durante os quais os quais os amotinados se consultaram novamente. Afinal, cortaram-lhe as amarras, deixando-o a flutuar. Entrementes, a noite descera. Não se viam estrelas nem a lua. Um mar feio e picado ondulava embora não houvesse muito vento. Instantaneamente, o bote foi perdido de vista e pouca esperança se podia ter pelas infortunadas vítimas que nele estavam. Esse fato sucedeu, contudo, aos 35 graus e 30 minutos norte e 61 graus e 20 minutos de longitude oeste; conseqüentemente, a não muito grande distância das ilhas Bermudas. Augusto, assim tentava consolar-se com a ideia de que ou o bote poderia alcançar terra ou chegar suficientemente perto para ser descoberto por navios ao largo da costa.

Todas as velas foram, após, largadas no brigue, e ele continuou o caminho primitivo para o sudoeste, pois os amotinados, estavam dispostos a empreender alguma expedição de pirataria. Segundo o que fora possível depreender, devia ser interceptado um navio, em sua rota das ilhas de Cabo Verde a Porto Rico. Nenhuma atenção se deu a Augusto, que foi desamarrado, permitindo-se-lhe que fosse para qualquer lugar, além da cabine do passadiço, Dirk Peters tratava-o com algum grau de bondade

e salvara-o uma vez da brutalidade do cozinheiro. Sua situação era ainda das mais precárias, pois os marinheiros estavam continuamente embriagados e não se podia confiar em seu permanente bom-humor ou desdém com relação a ele. Sua ansiedade a meu respeito era contudo para ele o mais angustioso resultado de sua situação; e, na verdade, eu nunca tive razão de duvidar da sinceridade de sua amizade, mas de uma vez se resolvera a dar a conhecer aos amotinados o segredo de minha estada a bordo, mas era impedido de fazê-lo em parte pela lembrança das atrocidades a que já assistira e em parte pela esperança de ser capaz de levar-me socorro. Vivia constantemente à espera de conseguir este último objetivo, mas, a despeito da mais constante vigilância, três dias decorreram depois que o bote fora posto a flutuar, sem que qualquer oportunidade surgisse. Afinal, na noite do terceiro dia, veio do leste uma pesada borrasca e todos os marujos foram chamados a ocupar-se nas manobras de navegação. Durante a confusão que se seguiu, ele saiu, sem ser observado, e penetrou no camarote. Qual não foi seu pesar, ao descobrir que o aposento tinha sido convertido num depósito de provisões e de material do navio e que diversas braças de uma velha corrente de ferro, que se estendia por baixo, da escada do tombadilho, foram conduzidas para ali a fim de dar lugar a um cofre e agora se achavam mesmo em cima do alçapão. Removê-las sem ser descoberto era impossível, e ele voltou ao tombadilho tão depressa quanto pôde. Ao subir, o piloto o agarrou pela garganta e perguntou-lhe o que estivera fazendo no camarote, estava a ponto de arremessá-lo pelo baluarte de bombordo, quando sua vida foi de novo salva pela intervenção de Dirk Peters. Augusto foi então posto em algemas (de que havia a bordo vários pares) e seus pés foram amarrados juntos, apertadamente. Foi então levado à antecâmara de proa e enfiado num beliche inferior, perto do tabique do castelo de proa, com a afirmativa de que não poria mais os pés no tombadilho “enquanto o brigue fosse um brigue”. Essa fora a expressão do cozinheiro que o atirara ao beliche. Dificilmente será possível dizer qual o sentido preciso que dava a tal frase. Todo caso, contudo, redundou nos meios finais de socorrer-me, como agora se verá.

Por alguns minutos depois que o cozinheiro deixara o castelo de proa, Augusto abandonou-se ao desespero, não crendo que jamais pudesse sair com vida do beliche. Tomou após a resolução de informar o primeiro homem que ali descesse de minha situação, pensando que seria melhor deixar-me ter uma oportunidade com os amotinados do que perecer de sede no porão — pois já havia dez dias desde que eu fora encerrado, e minha bilha de água não comportava um suprimento que bastasse mesmo para quatro dias. Enquanto pensava sobre o assunto, veio-lhe de súbito a ideia de que seria possível comunicar-se comigo pela escotilha do porão. Em outras circunstâncias, a dificuldade e os riscos do empreendimento o teriam impedido de tentá-lo; agora, porém, tinha pouca esperança de vida, de qualquer forma, e, por conseguinte, pouca coisa a perder. Decidiu-se, portanto, a realizar a empresa.

Nas suas algemas estava o primeiro problema. A princípio, não via meios de removê-las e temia por isso falhar logo no começo. Mas depois de mais acurado exame, descobriu que os ferros podiam escorregar para fora à vontade, com pequeníssimo esforço e incômodo, bastando forçar as mãos por entre eles. Essa espécie de algemas era de fato ineficaz para prender pessoas jovens, em quem os ossos menores prontamente cediam à pressão. Desamarrou depois os pés e, deixando a corda de modo a poder ser facilmente recolocada, no caso de que qualquer pessoa descesse ali, passou a examinar o tabique a que se achava pregado o beliche. A parede era ali de macias tábuas de pinho, de uma polegada de espessura, e ele notou que pouquíssimo trabalho teria em cortar nelas um caminho. Ouviu-se depois uma voz na escada do castelo de proa, teve tempo de enfiar a mão direita na algaema (a esquerda não tinha sido retirada) e conseguir amarrar um nó corrediço em volta do tornozelo. Dirk Peters desceu, seguido por Tigre, que imediatamente pulou no beliche e deitou-se. O cão tinha sido trazido do por Augusto, que sabia de minha afeição pelo animal, e pensava que me daria prazer tê-lo comigo durante a viagem. Fora buscá-lo em nossa casa imediatamente depois que pela primeira me introduzira no porão, mas não pensara em mencionar o fato quando ali fora levar o relógio. Depois do motim, Augusto não o vira até seu aparecimento com Dirk Peters, e dera-o como perdido, supondo que havia sido lançado ao mar por algum dos malvados bandidos que integravam a quadrilha do piloto. Parece, contudo, que ele se insinuara

num buraco, por baixo de um bote baleeiro, e não se pôde desvencilhar por falta de espaço para voltar-se. Peters por fim o libertara e, com uma espécie de bom sentimento que meu amigo bem sabia como apreciar, o trouxera para servir-lhe de companhia no castelo de proa, levando-lhe tempo algumas conservas salgadas e batatas, bem como caneca de água. Voltou então ao tombadilho, prometendo regressar no dia seguinte com algo mais para comer.

Quando ele se foi, Augusto libertou ambas as mãos das algemas e desamarrou os pés. Levantou a seguir o colchão em deitado e, com o canivete (pois os rufiões não o haviam considerado útil enquanto o revisitavam), começou a cortar vigorosamente através de uma das tábuas do beliche, tão junto quanto possível do soalho. Escolheu para cortar aquela parte porque, se subitamente interrompido, seria possível esconder o que fizera simplesmente deixando o colchão erguido cair em sua antiga posição durante o resto do dia, contudo, nenhuma perturbação surgiu e à noite, tinha ele cortado completamente a prancha. Deve-se observar por aqui que ninguém da tripulação ocupava o castelo da proa como dormitório, vivendo todos no camarote, desde o motim, bebendo os vinhos, banquetecendo-se com as provisões do Capitão Barnard, e não tomando preocupações maiores do que as estritamente necessárias à navegação do brigue. Tais circunstâncias foram afortunadas, para mim como para Augusto; porque, se as coisas corressem diversamente, ter-lhe-ia sido impossível me procurar. Assim sendo, prosseguiu ele com confiança em seu desígnio. Já era contudo, quase o alvorecer do dia quando completou o segundo corte na tábua (cerca de trinta centímetros acima do primeiro), fazendo assim uma abertura bastante larga para permitir-lhe passar por ela até a principal ponte do porão. Chegado ali, abriu caminho, quase sem dificuldades, até a escotilha maior em baixo, embora ao fazê-lo tivesse de trepar sobre fileira de barris de óleo empilhados quase até à altura do forro, mal lhe deixando espaço suficiente para o corpo. Depois de alcançar a escotilha descobriu que Tigre o seguira ali, insinuando-se por entre duas fileiras de barris. Era já, contudo, tarde demais para tentar alcançar-me antes que o dia rompesse, pois a principal dificuldade residia em passar pelo atulhado armazém para o porão inferior. Resolveu, portanto, voltar e esperar até a noite seguinte. Com essa intenção passou a alargar a escotilha, a fim de ter o mínimo de obstáculo

possível quando pudesse vir de novo. Nem bem a alargara quando Tigre saltou ansiosamente para a pequena abertura farejou por um instante e soltou depois um longo gemido, ao mesmo tempo como se ávido de remover a cobertura com as patas. Não podia haver dúvida, dada sua conduta, de que se cientificara de minha presença no porão e Augusto julgou possível que o cão fosse capaz de me encontrar, se ele o fizesse descer. Pensou então o expediente de enviar-me o bilhete, pois era particularmente desejável que eu não fizesse qualquer tentativa de forçar caminho para sair, pelo menos sob as circunstâncias vigentes, e ele não podia ter certeza de encontrar-se comigo no dia seguinte, como pretendia. Os fatos subsequentes demonstraram quão feliz fora a ideia que lhe ocorresse, porque, não fosse a recepção do bilhete, sem dúvida, teria eu empreendido qualquer plano, embora desesperado, para chamar a atenção da tripulação, e, em consequência, ambas as nossas vidas teriam sido sacrificadas.

Tendo-se decidido a escrever, a dificuldade residia agora em encontrar material para fazê-lo. Um palito velho foi logo transformado em pena, e isto somente pelo tato, pois o espaço entre os pavimentos estava escuro como breu. Bastante papel foi obtido desde uma carta, uma duplicata da carta que forjáramos, atribuindo-a ao Sr. Ross. Fora o rascunho original; mas a caligrafia não parecera suficientemente bem imitada e Augusto escrevera outra, colocando a primeira, por boa fortuna, no bolso do paletó, onde agora, era oportunissimamente descoberta. Assim, apenas a tinta faltava e um substituto foi logo encontrado por meio de uma leve incisão com o canivete na ponta de um dedo, mesmo por cima da unha. Seguiu-se copioso jorro de sangue, como sucede nos ferimentos em tal região. Foi então escrito o bilhete, o melhor que podia ser, na escuridão e em tais circunstâncias. Resumidamente, explicava-se nele que irrompera um motim; que, o Capitão Barnard tinha sido abandonado num bote, em pleno mar, e que eu podia esperar imediato auxílio, tão logo se obtivessem as provisões, mas não devia aventurar-me a provocar qualquer alarme. O bilhete concluía com estas palavras: “*escrevi isto com sangue; sua vida depende de ficar encerrado*”.

O pedaço de papel fora amarrado sobre o cão, introduzido pela escotilha e Augusto tratou de regressar às pressas para o castelo de proa, onde não achou motivos para crer que qualquer pessoa da tripulação ti-

vesse estado em sua ausência. Para esconder o buraco no tabique, fincou o canivete bem por cima dele e ali pendurou uma jaqueta que encontrara no beliche. Recolocou depois as algemas, bem como a corda, em volta dos tornozelos.

Mal tais arranjos tinham sido terminados, Dirk Peters desceu, muito embriagado, mas de excelente humor, trazendo consigo a ração de provisões do dia para meu amigo. Consistia ela de doze grandes batatas irlandesas assadas e um cântaro de água. Sentou-se, por algum tempo, numa arca junto do beliche e falou livremente acerca do piloto e dos assuntos do brigue em geral. Sua conduta era demasiado esquisita e mesmo grotesca. A princípio, Augusto ficou muito alarmado com esse estranho procedimento. Por fim, contudo, ele subiu ao tombadilho, resmoneando a promessa de trazer a seu prisioneiro um bom jantar, no dia seguinte. Durante o dia dois homens da tripulação (arpoadores) desceram, acompanhados pelo cozinheiro, todos três quase no mais elevado grau de bebedeira. Como Peters, não tiveram escrúpulos em falar sem reservas sobre seus planos. Parece que estavam muito divididos entre si por causa de sua rota ulterior, não concordando em ponto algum, a não ser no ataque ao navio que vinha das ilhas de Cabo Verde e que esperavam encontrar a todo instante. Tanto quanto se podia depreender, o motim não rebentara somente por causa do saque; uma desavença particular entre o primeiro-piloto e o Capitão Barnard tinha sido o motivo principal. Agora parecia haver duas facções principais entre a tripulação: uma chefiada pelo piloto e a outra pelo cozinheiro. O primeiro partido opinava pelo apresamento do primeiro navio conveniente que se apresentasse, equipando-o em alguma ilha das Índias Ocidentais para um cruzeiro de pirataria. A outra parte, contudo, que era a mais forte, e incluía Dick Peters entre seus partidários, inclinava-se pelo prosseguimento da rota originariamente traçada para o navio até o Pacífico Sul, e uma vez ali, pescar-se-iam baleias ou far-se-ia qualquer outra coisa que as circunstâncias pudessem sugerir. Os argumentos de Peters que frequentemente visitara aquelas regiões, tinham grande peso na aparência, entre os amotinados, dado o fato de oscilarem entre semi-concebidas noções de lucro e de diversão. Ele insistia de aventura e prazer que se encontraria entre as ilhas do Pacífico, no gozo de perfeita segurança e liberdade sem quer restrição e, mais particularmente, na delícia do clima, nos

abundantes meios de viver à farta e na voluptuosa beleza das mulheres. Nada fora ainda decidido, contudo; mas as descrições do híbrido comissário tornavam força nas ardentes imaginações dos marujos e havia todas as probabilidades de que suas intenções fossem finalmente levadas a efeito.

Os três homens subiram, cerca de uma hora depois e ninguém mais entrou no castelo de proa o dia inteiro. Augusto ficou quieto até à noite. Libertou-se então das cordas e dos ferros e preparou-se para sua tentativa. Em um dos beliches encontrou uma bilha que encheu com água do cântaro deixado por Peters, provendo os bolsos, ao mesmo tempo, de batatas frias. Com grande alegria conseguiu também encontrar uma lanterna com um pedacinho de vela de sebo. Poderia acendê-la a qualquer momento, pois possuía uma caixa de fósforos. Quando ficou completamente escuro enfiou-se pelo buraco do tabique, tendo tomado a precaução de arrumar as roupas de cama no beliche, de modo a darem a impressão de pessoa coberta. Atravessada a abertura, pendurou como antes a jaqueta no canivete, para esconder o buraco. Isso foi facilmente feito pois ele não tinha de reajustar o pedaço de madeira cortado enquanto não voltasse. Estava então na escotilha da ponte do porão e passou a caminhar, como antes, entre o ferro e os barris de óleo para a escotilha principal. Tendo-a alcançado, acendeu o pedaço de vela e desceu, escorregando, com extrema dificuldade entre a compacta trastaria do porão. Em poucos momentos ficou alarmado em face do insuportável mau cheiro e do abafamento da atmosfera. Não podia considerar possível que eu tivesse sobrevivido ao meu encerramento por período tão longo, respirando um ar tão opressivo. Chamou-me pelo nome repetidamente, mas não lhe dei resposta e suas apreensões pareceram assim ser confirmadas. O brigue jogava violentamente e, em consequência, havia muito barulho, o que tornava inútil tentar ouvir qualquer som fraco, como os de respirar ou ressonar. Abriu a lanterna e conservou-a tão alta quanto possível, a fim de que, em qualquer oportunidade, eu pudesse, se ainda vivo, pela observação da luz, saber que o socorro se aproximava. Nada, entretanto, ouviu de mim e a suposição de minha morte passou a assumir o caráter de certeza. Decidiu-se, não obstante a forçar a passagem até o caixote, se possível, e pelo menos certificar-se, sem sombra de dúvida, da verdade de suas hipóteses. Esforçou-se para diante por algum

tempo, no mais lastimável estado de ansiedade, até que por fim encontrou o caminho completamente bloqueado, não havendo mais possibilidade de prosseguir mais para a frente pelo caminho em que se enfiara. Subjugado por seus sentimentos, atirou-se então, desesperado, entre a trastaria, chorando como uma criança. Foi nessa ocasião que ouviu o ruído ocasionado pela garrafa que eu atirara fora. Afortunado em verdade foi esse incidente, pois dele, por mais trivial que pareça; dependeu o fio de meu destino. Muitos anos, todavia, defluíram sem que eu soubesse de tal fato. Uma natural vergonha e o pesar por sua fraqueza e indecisão impediram Augusto de me confidenciar, naquele tempo, o que só depois a intimidade profunda e sem reservas o induziu a revelar-me. Depois de verificar que seus futuros avanços pelo porão eram impedidos por obstáculos que não podia superar, resolveu abandonar sua tentativa de procurar-me e voltar logo para o castelo de proa. Antes de condená-lo completamente por essa resolução, as angustiosas circunstâncias que o enredavam devem ser consideradas. A noite se ia escoando e sua ausência do castelo de proa podia ser descoberta; e, na verdade, tal coisa sucederia fatalmente se ele deixasse de regressar ao beliche antes do raiar do dia. Sua vela morria no castiçal, e só com a maior dificuldade poderia reencontrar o caminho nas trevas. Deve-se também convir em que ele tinha todas as melhores razões para me considerar morto; caso em que nenhum benefício lhe adviria de procurar-me no caixote e um mundo de perigos haveria para ele, sem nenhuma vantagem. Chamara repetidamente e eu não respondera. Fazia agora onze dias e onze noites não possuía mais água do que a contida na bilha que ele me deixara, suprimento que não era, em absoluto, provável haver poupado ao início de meu encerramento, visto como tinha todas as razões para esperar rápida libertação. A atmosfera do porão devia ter-lhe aparecido, pois vinha do ar de certo modo livre da antecâmara, de natureza completamente venenosa e muito mais intolerável do que me parecera ao tomar pela primeira vez lugar no caixote pois naquele tempo e durante os meses anteriores a escotilha tinha sido mantida constantemente aberta. Ajuntem-se a estas considerações as cenas de sangueira e terror tão recentemente testemunhadas por meu amigo; seu aprisionamento, suas privações, suas escapadas da morte por um triz, bem como a frágil e equívoca possibilidade de vida, circunstâncias estas todas muito bem calculadas para prostrarem

todas as energias do espírito, e o leitor será facilmente levado, como eu, a considerar sua aparente falta de amizade e de lealdade antes com sentimentos de tristeza e de cólera.

O espatifar-se da garrafa fora distintamente ouvida; Augusto porém, não estava certo de que procedesse do porão. Só a dúvida entretanto, era suficiente estímulo para que perseverasse. Trepou até perto do soalho da ponte no porão, valendo-se da trastaria, e depois, aguardando uma pausa nos pinchos do barco, chamou-me no tom mais alto que lhe foi possível, sem, na ocasião, cuidar de que o ouvissem os da equipagem. Recorde-se que nessa ocasião a voz dele chegou a mim, mas estava tão completamente subjugado por violenta excitação que fui incapaz de responder. Crendo agora que suas piores apreensões eram bem fundamentadas, ele desceu a fim de regressar ao castelo de proa, sem perda de tempo, na pressa, caíram algumas caixinhas, barulho que eu ouvi como se recordam. Já avançara ele muito, no seu regresso, quando a queda do facão de novo o levou a hesitar. Voltou sobre seus passos imediatamente e, trepando pela trastaria pela segunda vez, pelo nome, alto como dantes, depois de esperar por uma pausa. Desta vez, encontrei voz para responder. No auge do contentamento por descobrir-me ainda com vida, resolveu então afrontar todas as dificuldades e perigos para procurar-me. Desvencilhando-se rapidamente como foi possível do labirinto de trastes que o cercava, deu afinal com uma abertura que lhe pareceu melhor, e finalmente, depois de uma série de lutas, chegou ao caixote num estado de extrema exaustão.

VI

Os principais pormenores dessa narrativa foram os que Augusto me comunicou, enquanto permanecíamos perto do caixote. Só mais tarde entrou ele completamente em todos os detalhes. Estava apreensivo, temendo perder-se, e eu ardia de impaciência por deixar o detestado lugar de minha prisão. Resolvemos seguir imediatamente até o buraco no tabique, perto do qual eu ficaria por enquanto, saindo ele para fazer um reconhecimento. Deixar Tigre no caixote era coisa em que nenhum dos dois podia sequer pensar, contudo a questão estava em como retirá-lo

sem perigo. Ele parecia estar perfeitamente calmo, e nem mesmo pudemos perceber o som de sua respiração ao aplicar os ouvidos bem junto do caixote. Eu me convencera de que ele estava morto e resolvi abrir a porta. Encontramo-lo deitado de comprido, aparentemente em profundo torpor, mas vivo ainda. Não havia tempo a perder, embora não me resignasse a abandonar um animal que, por duas vezes tinha sido o instrumento de salvação de minha vida, sem qualquer tentativa de salvá-lo. Por conseguinte, arrastamo-lo conosco o melhor que pudemos, apesar de imensas dificuldades e fadigas. Durante parte do tempo, Augusto foi forçado a subir sobre os obstáculos de nosso caminho, com o enorme cão nos braços, façanha para a qual me tornava totalmente inadequado a fragilidade de meu estado. Afinal conseguimos alcançar a abertura; Augusto introduziu-se nela e Tigre foi depois empurrado por ali. Tudo se completara a salvo e não nos esquecemos de render sinceras graças a Deus pela nossa libertação do iminente perigo de que havíamos escapado. Provisoriamente, concordamos em que eu deveria permanecer perto da abertura através da qual meu companheiro facilmente me podia suprir com uma parte de sua provisão diária e onde eu poderia ter a vantagem de respirar uma atmosfera relativamente pura.

Na explanação de algumas partes desta narrativa, tenho falado da trastaria armazenada no brigue, o que pode parecer ambíguo a muitos de meus leitores que poderiam imaginar uma armazenagem bem feita ou regular. Devo frisar aqui que a maneira pela qual esse importantíssimo dever se efetuara a bordo do *Grampus* deu mostras da mais vergonhosa negligência por parte do Capitão Barnard que de modo algum era marinheiro tão cuidadoso ou experimentado a como necessariamente o requeria a perigosa natureza do serviço em que se empregava. Uma armazenagem bem feita não podia ser efetuada de modo descuidado, e muitos dos desastrosos acidentes, mesmo dentro dos limites de minha própria existência, se originam da negligência ou da ignorância nesse particular. Navios costeiros, na frequente confusão e correria, à espera de carga e de descarga, são os mais expostos a desastres pela falta da atenção requerida pela armazenagem. O ponto principal consiste em não dar à carga ou lastro qualquer possibilidade de mudar de posição, mesmo com as mais violentas oscilações do navio. Para esse fim, deve-se prestar a maior atenção não só à massa dos volumes recebidos, mas à natureza

desses volumes, de ser a carga total ou somente parcial. Em muitas espécies de frete o armazenamento se efetua por meio de compressão. Assim num carregamento de fumo ou farinha de trigo, tudo se comprime tão apertadamente no porão do barco que os fardos e tonéis depois da descarga, se acham completamente achatados e levam tempo a recuperar a forma original. Essa compressão, contudo destina-se principalmente a obter mais espaço no porão, porque uma carga *completa* de quaisquer produtos, como farinha de trigo ou fumo, não pode haver perigo de mudança de lugar ou, pelo menos de que inconvenientes resultem daí. Têm havido oportunidades, todavia, em que esse método de compressão redundou nas mais lamentáveis consequências, originadas de causa completamente diversas do perigo que reside na alteração da posição da carga. Um carregamento de algodão, por exemplo, apertadamente comprimido, pode em certas condições, como se sabe, pela expansão de seu volume, por um barco a pique. Não pode haver dúvida de que também o mesmo resultado se obteria, no caso do fumo, sob seu processo usual de fermentação, caso não houvesse os interstícios consequentes da rotundidade dos tonéis.

É quando se toma um carregamento parcial que o perigo de alteração de posição se torna maior e todas as providências se devem tomar para evitar semelhante infortúnio. Só os que encontram uma violenta borrasca de vento ou os que já experimentaram a oscilação de um navio na súbita calma após a tempestade podem formar ideia da tremenda força com que o barco joga e do ímpeto terrível consequentemente dado a todos os objetos que nele se encontram. É então que a necessidade de um armazenamento cuidadoso, quando a carga é parcial, se torna óbvia. Quanto à vela (especialmente com uma pequena vela de proa) um navio que não seja modelado com propriedade na proa é frequentemente arremessado sobre a popa; isso ocorre mesmo de quinze a vinte minutos depois de uma avaria, embora sem que daí resultem sérias consequências, *desde que haja uma armazenagem bem feita*. Se, contudo, não se cuidou da mesma estritamente, no primeiro desses fortes pinchos toda a carga tomba sobre o lado do brigue que se acha mergulhado e, impedido assim de recobrar seu equilíbrio como deveria necessariamente fazer, o barco faz água, por certo, em poucos instantes e soçobra. Não é demais dizer que pelo em metade das vezes em que se afundaram navios em

fortes tempestades no mar pode a causa ser atribuída à mudança de lugar da carga ou do lastro.

Quando uma carga parcial de qualquer espécie se toma à bordo, o conjunto, depois de armazenado o mais compactamente possível, deve ser coberto com uma camada de grossas tábuas corrediças, estendendo-se completamente através do navio. Sobre estas tábuas, fortes pontaletes provisórios devem ser levantados, de modo a alcançarem os vigamentos ao alto, mantendo assim todo o seu lugar. Nas cargas que consistem de grãos, ou de outro material semelhante, precauções adicionais são requeridas. Um porão completamente cheio de grãos ao deixar o porto estará apenas cheio em três quartas partes de sua capacidade ao alcançar o porto de destino; e isso embora o carregamento, quando medido quartilho a quartilho pelo consignatário, ultrapasse grandemente (dado o entumescimento dos grãos) a quantidade consignada. Esse resultado decorre do *assentamento* verificado durante a viagem e mais se torna perceptível em relação à maior aspereza do tempo encontrado. Se, pois, o grão posto solto num navio não for segurado por pranchas e pontaletes, certamente corre perigo de mudar tanto de posição, numa longa travessia, que produzirá as mais terríveis calamidades. A fim de evitá-lo, todos os métodos de *assentar* a carga o máximo possível devem ser empregados antes de sair do porto, e para isso há muitos processos, entre os quais pode ser mencionado o de introduzir cunhas entre o grão. Mesmo depois que tudo isso se fez e cuidados inusitados se tomaram assegurar as pranchas, nenhum marinheiro que entenda do riscado se sentirá completamente seguro com uma carga de grão a bordo, e menos ainda, com uma carga parcial. Há, contudo, centenas de nossos navios de cabotagem e, semelhantemente, muitos mais de linha transatlântica, que todos os dias viajam com cargas parciais, mesmo das mais perigosas espécies, sem qualquer precaução especial. É de admirar que não ocorram mais acidentes do que os de costume. Uma lamentável prova dessa negligência ocorreu, como sei, do Capitão Joel Rice, da escuna *Firefly*, que viajava de Richmond na Virgínia, para a Madeira, com uma carga de cereais no ano de 1825. O capitão fizera diversas viagens sem sérios acidentes embora não tivesse o hábito de dar a menor atenção ao armazenamento, além de segurá-lo como de costume. Nunca navegara antes com uma carga de grão e nessa ocasião tomara os cereais soltos a bordo, não en-

chendo mais que metade da capacidade do navio. Na primeira parte de sua viagem encontrou apenas leves brisas; mas, quando estava a um dia de viagem da Madeira, veio-lhe de norte-nordeste forte tormenta que o forçou a soltar uma vela só. Atirou a escuna contra o vento, com apenas uma vela do raquete em duplos rizes, correndo ela tão bem como se poderia esperar de qualquer navio, sem receber uma só gota de água. Para a noite a tormenta se abrandou um pouco e a escuna jogou com mais insegurança do que antes, mas ainda se portou muito bem, um forte pincho a atirou sobre a popa, a estibordo. Ouviu-se então que os cereais mudavam completamente de posição, e a força do movimento arreben-tou a escotilha maior, abrindo-a. O navio afundou-se com a rapidez de um relâmpago. Isso aconteceu à vista de uma pequena chalupa da Ma-deira, que recolheu um dos da tripulação (o único que se salvou) e que saiu da tempestade em perfeita segurança, como até um escaler poderia ter feito, se perfeitamente dirigido.

A armazenagem a bordo do *Grampus* fora feita à matroca, se é que se pode chamar armazenagem ao que pouco mais era do que uma promíscua mistura de barris de óleo^[1] e trastaria de bordo. Já falei das condições da mercadoria no porão. Na ponte do porão havia espaço suficiente para meu corpo (como já disse) entre os barris de óleo e o forro; deixara-se um espaço vago em torno da escotilha principal; e diversos outros espaços se encontravam entre o armazenamento. Perto da abertura feita por Augusto no tabique, havia lugar suficiente para um tonel inteiro e nesse espaço achei-me confortavelmente instalado por então.

Nesse tempo, meu amigo se introduzira a salvo no beliche e recolocara as algemas e a corda; já alvorecera o dia. Escapáramos, na verdade, por um triz, pois mal se havia ele arrumado desceu o piloto, com Dirk Peters e o cozinheiro. Falaram por algum tempo acerca do navio que vinha de Cabo Verde, mostrando-se ansiosos por seu aparecimento. Afinal, o cozinheiro foi até o beliche em que Augusto estava deitado e sentou-se nele, junto à cabeceira. De meu esconderijo eu podia ver e ouvir tudo, pois o pedaço cortado não fora recolocado e a cada momento eu esperava que o negro caísse sobre a jaqueta que pendia encobrendo a abertura; nesse caso, tudo teria sido descoberto e nossas vidas, sem dúvida, seriam imediatamente sacrificadas. Prevaleceu, contudo, nossa boa estrela; e embora ele frequentemente tocasse a jaqueta enquanto o navio

jogava, não chegou a fazer contra ela pressão suficiente para levá-lo a uma descoberta. O forro da jaqueta tinha sido cuidadosamente espichado sobre o tabique, de modo que o buraco não podia ser visto quando ela balançava para um lado. Durante esse tempo Tigre permanecia deitado aos pés do beliche e parecia de algum modo recuperado suas faculdades, pois pude vê-lo, às vezes, abrir os olhos e exalar um sopro prolongado.

Poucos minutos depois o piloto e o cozinheiro subiram, deixando embaixo Dirk Peters, que, logo à saída deles, sentou-se no lugar que até então o piloto ocupara. Começou a falar muito cordialmente com Augusto e pudemos então verificar que a maior parte de sua embriaguez, patente enquanto os outros estavam com ele, era fingida. Respondeu, com inteira liberdade, a todas as perguntas de meu companheiro; falou-me que não havia dúvida de que seu pai tinha sido salvo, pois nada menos de cinco navios estavam à vista, mesmo antes do findar do dia em que ele fora posto a flutuar num bote; e usou outras palavras de índole consoladora que me causaram não menos surpresa do que prazer. Na verdade comecei a entreter a esperança de que poderíamos, por meio de Peters chegar a retomar posse do brigue. Mencionei essa ideia a Augusto, logo que encontrei uma oportunidade. Ele achou a coisa possível, mas insistiu sobre a necessidade da máxima cautela ao fazermos tal tentativa, pois a conduta do mestiço parecia ser apenas instigada pelo mais arbitrário dos caprichos; e, em realidade, era difícil dizer-se, em algum momento, se ele se achava bom da cabeça. Peters subiu ao tombadilho uma hora depois e só voltou ao meio-dia, quando trouxe a Augusto um suprimento de carne-seca e pudim. Partilhei deles, com todo o coração quando ficamos sós, sem voltar pelo buraco. Ninguém mais desceu ao castelo de proa durante o dia, e à noite enfiei-me no beliche de Augusto, onde dormi profunda e docemente até quase aurora, quando ele me despertou, por ouvir ruído sobre o tombadilho, e regressei a meu esconderijo o mais depressa possível. Quando o dia já avançava, verificamos que Tigre já recuperava inteiramente suas forças e não dava sinais de hidrofobia, bebendo com evidente avidez um pouco de água que lhe oferecemos. Durante o decurso do dia recuperou seu antigo vigor e apetite. Sua estranha conduta se originara, sem dúvida, do ar deletério que se respirava no porão e não tinha relações com a raiva canina. Eu não podia ale-

grar-me quanto bastasse por tê-lo trazido comigo do caixote. Estávamos no dia 30 de junho, o décimo-terceiro desde que o *Grampus* zarpara de Nantucket.

A 2 de julho o piloto desceu, bêbedo como de costume e excessivamente bem-humorado. Foi ao beliche de Augusto e perguntou-lhe dando-lhe uma tapinha nas costas, se pensava que se podia comportar, caso o deixassem solto, e se prometia não ir a cabine de novo. Naturalmente, meu amigo respondeu a isso pela afirmativa, e então, o rufião o pôs em liberdade, depois de fazer com que bebesse de um frasco de rum que tirou do bolso do paletó. Ambos foram, então, ao tombadilho e não vi Augusto durante três horas. Depois, ele desceu, com a boa-nova de que lhe fora dada permissão de para andar por onde quisesse pelo brigue, do mastro principal para a frente, e que lhe mandaram que dormisse, como de costume, no castelo de proa. Trouxe-me, também, um bom jantar e um suprimento completo de água. O brigue ainda cruzava à procura do navio vindo de Cabo Verde e havia à vista uma vela se julgava ser o barco. Como os acontecimentos dos seguintes oito dias foram de pequena importância e não influíram diretamente sobre os principais incidentes de minha narrativa, narrá-los-ei aqui em forma de diário, pois não desejo omiti-los completamente.

Julho, 3. Augusto forneceu-me três cobertores, com os quais armei uma cama confortável em meu esconderijo. Ninguém desceu, exceto meu companheiro, durante o dia. Tigre colocou-se junto ao beliche, mesmo ao lado da abertura, e dormiu pesadamente, como se ainda não se tivesse recobrado de todos os efeitos de sua enfermidade. Para a noite, um pé-de-vento bateu contra o navio, antes que pudessem capar as velas, e quase que o fez soçobrar. A rajada contudo, morreu imediatamente e não causou prejuízo maior do que despedaçar a mezena de proa. Dirk Peters tratou Augusto, durante todo esse dia, com grande bondade, e entreteve longa conversa com ele a respeito do oceano Pacífico e das ilhas que visitara naquela região. Perguntou-lhe se não gostaria de seguir os amotinados numa espécie de viagem de exploração e recreio por aqueles recantos, e disse que os marinheiros se iam gradualmente se convertendo às ideias do piloto. Augusto julgou melhor responder a isso que se sentiria satisfeito em participar de tal aventura des-

de que não se podia fazer coisa melhor, e que tudo era preferível a uma vida de pirataria.

Julho, 4. Verificou-se que o navio à vista era um pequeno brigue vindo de Liverpool e deixaram-no passar sem ser molestado. Augusto passou a maior parte do tempo no tombadilho, a fim de obter todas as informações possíveis acerca das intenções dos amotinados. Tinham frequentes e violentas brigas entre si, em uma das quais um arpoador, Jim Bonner, fora atirado ao mar. O partido do piloto ganhava terreno. Jim Bonner pertencia ao grupo do cozinheiro de que Peters era partidário.

Julho, 5. Ao amanhecer, uma brisa forte veio do oeste, intensificando-se ao meio-dia numa tormenta, de modo que o brigue apenas podia levar as velas de baixel e de traquete. Ao colher o topete do traquete, Simms, um dos marujos que também pertencia ao grupo do cozinheiro, caiu ao mar, pois estava muito embriagado, e afogou-se, sem que se fizesse qualquer tentativa para salvá-lo. O número total das pessoas a bordo era agora de treze, a saber: Dick Peters, Seymour (o cozinheiro negro), Jones, Greely, Hartman Rogers e William Allen, todos do bando do cozinheiro; o piloto, — cujo nome nunca soube —, Absalão Hicks, Wilson, João Hunt, e Ricardo Parker, do partido do piloto, além de Augusto, e de mim.

Julho, 6. A tormenta durou todo este dia, soprando em pesados pés-de-vento acompanhados de chuva. O brigue tomou boa quantidade de água por entre as suturas e uma das bombas foi conservada continuamente em serviço, sendo Augusto forçado a fazer seu turno. No crepúsculo, um grande navio passou perto de nós, só tendo sido descoberto quando já dentro de alcance. Supõe-se que o navio fosse aquele que os amotinados esperavam. O piloto falou-lhe, mas a resposta se afogou no rugir da tempestade. Às onze horas, bateu de encontro ao meio do navio uma onda que arrancou a maior parte da amurada de bombordo e produziu outras pequenas avarias. Para o amanhecer, o tempo moderou-se, e ao nascer do sol havia pouco vento.

Julho, 7. Singrando enormes ondas, durante todo o dia, o brigue, muito leve, jogava excessivamente, e muitos artigos soltos, se despedaçaram no porão, como eu podia claramente ouvir de meu esconderijo. Sofri bastante de enjoo. Peters teve uma longa conversa com Augusto e falou-lhe que dois do bando, tinham-se virado para o do piloto e resolvi-

do tornar-se piratas. Fez diversas perguntas a Augusto, que este, no momento, não compreendeu perfeitamente. Durante uma parte da tarde aumentou o rombo no navio; pouco se podia fazer para remediá-lo, pois fora ocasionado pelos esforços do brigue e pela água introduzida através das suturas. Desfiou-se uma vela, que foi colocada sob a proa, o que nos ajudou de algum modo, pois então começamos a vencer o rombo.

Julho, 8. Uma leve brisa ergueu-se, ao nascer do sol do leste, e o piloto dirigiu o brigue para sudoeste, com a intenção de atingir alguma ilha das Índias Ocidentais para efetuar seus desígnios de pirataria. Nenhuma oposição foi feita por Peters ou pelo cozinheiro, pelo menos nenhuma que chegasse aos ouvidos de Augusto. Toda ideia de assaltar o navio vindo de Cabo Verde fora abandonada. O rombo era agora facilmente dominado com o serviço de uma bomba trabalhando de três em três quartos de hora, retirou-se a vela de sob a proa. Falamos durante o dia a duas pequenas escunas.

Julho, 9. Belo tempo. Todos os homens empregados em reparar as amuradas. Peters teve, de novo, longa conversação com Augusto e falou mais explicitamente do que havia feito até então. Disse que nada poderia induzi-lo a aderir à opinião do piloto e demonstrou mesmo a intenção de arrancar-lhe o brigue das mãos e perguntou a meu amigo se podia contar com sua ajuda em tal caso, ao que Augusto, sem hesitar, respondeu afirmativamente. Peters disse então que iria sondar os outros de seu bando sobre o assunto, e subiu. Durante o resto do dia, Augusto não teve oportunidade de falar-lhe em particular.

VII

Dez de julho. Falamos a um brigue que vinha do Rio com rumo a Norfolk. Tempo nebuloso, com leve brisa soprando do leste. Hoje, Hartman Rogers morreu, pois desde o dia oito vinha sendo vítima de espasmos, depois de beber um copo de aguardente. Era ele do partido do cozinheiro e um dos que mereciam a principal confiança de Peters. Este disse a Augusto que acreditava ter sido o homem envenenado pelo piloto, acreditando que, se não ficasse de sobreaviso, a sua vez chegaria depressa. Só ele agora, Jones e o cozinheiro pertenciam ao grupo deste; do

outro lado, eram cinco. Peters falara a Jones acerca de arrebatrar o comando do piloto; mas, como o projeto fora muito friamente recebido, ele evitou levar o assunto longe, bem como dizer qualquer coisa ao cozinheiro. E, de fato, andou bem em mostrar-se tão prudente, pois, na tarde seguinte o cozinheiro expressou sua resolução de bandear-se para o piloto, ingressando efetivamente no partido daquele; de outro lado, aproveitou uma oportunidade de brigar com Peters e ameaçou fazer o piloto ciente do plano em elaboração. Não havia mais, evidentemente, tempo a perder. Peters manifestou sua decisão de tentar tomar o navio, custasse o que custasse, contanto que Augusto fosse em sua ajuda. Meu amigo imediatamente garantiu-lhe sua resolução de participar de qualquer plano para esse fim e, julgando a oportunidade favorável, revelou-lhe o fato de estar eu a bordo. Com isso, o mestiço ficou tão surpreendido como deleitado, pois não tinha qualquer confiança em Jones, que já considerava como pertencendo ao partido do piloto. Desceram imediatamente e Augusto chamou-me pelo nome e logo travamos conhecimento, eu e Peters. Combinamos que tentaríamos tomar o navio na primeira oportunidade, deixando Jones completamente fora de nossas confabulações. Em caso de vencermos, conduziríamos o brigue ao primeiro porto que aparecesse e o deixaríamos. A deserção dos de seu partido frustrara os desejos de Peters de ir ao Pacífico, aventura que não podia ser realizada sem tripulação. Ele confiava em ser libertado num processo, sob alegação de insanidade mental (a qual afirmou solenemente tê-lo levado a auxiliar o motim), ou em ser perdoado, se o considerassem culpado, em vista das representações em seu favor feitas por mim e Augusto. Nossas deliberações foram então interrompidas pelos gritos de “Todos ferrem as velas”, e Peters e Augusto subiram ao tombadilho.

Como de hábito, quase toda a tripulação estava embriagada; e, antes que as velas pudessem ser convenientemente ferradas, violento vagalhão levantou o brigue de popa. Conservando-se para a frente porém, o barco, reergueu-se, tendo feito boa quantidade de água. Mal fora arranjado, outro vagalhão arrebatou o navio, e outro, sem danos, porém. Havia todas as aparências de uma tempestade de vento, que, na verdade, caiu rapidamente, com enorme fúria, vinda do norte e do oeste. Tudo foi acomodado como possível, e ferramos as velas como de costume, ficamos apenas com uma vela traquete inteiramente nos rizes. À medida que a

noite avançava incrementava-se a violência do vento e o mar se tornava notavelmente agitado. Peters desceu depois com Augusto, ao castelo de proa e recomeçamos as deliberações.

Concordamos em que nenhuma oportunidade poderia ser mais favorável do que aquela para levar a efeito nosso desígnio, pois uma tentativa em momento tal nunca poderia ser prevista. Como o brigue estava seguramente com as velas ferradas, não havia necessidade de manobrá-lo até que voltasse o bom tempo, ocasião em que, se bem sucedidos em nosso projeto, poderíamos libertar um ou mesmo dois homens para ajudar-nos a conduzi-lo a um porto. A principal dificuldade estava na grande desproporção de nossas forças. Éramos apenas três e na cabine havia nove. Todas as armas a bordo também estavam em poder deles, com exceção de duas pequenas pistolas que Peters escondera consigo e a grande faca de marinheiro que ele sempre usava no cinturão de suas calças. Igualmente, e por certas indicações (como, por exemplo, a de não se encontrar nos lugares do costume nenhum machado ou espreque), começamos a temer que o piloto tivesse suas suspeitas, pelo menos em relação a Peters, e que não deixaria passar oportunidade de desembaraçar-se dele. Era claro, de fato, que não poderia ser feito tarde demais o que havíamos decidido fazer. Com tudo, a disparidade era muito contra nós e não nos permitia agir sem a maior cautela.

Peters propôs que subiria ao tombadilho e entraria em conversação com Allen, o vigia, até que fosse capaz de sem distúrbio e sem qualquer trabalho, aproveitando-se duma boa ocasião, Augusto e eu deveríamos então subir e tentar armar-nos no tombadilho com qualquer espécie de coisas que pudesse servir de armas; depois faríamos juntos uma sortida para o passadiço a fim de dominá-lo antes que se pudesse oferecer oposição. Declarei-me contra isso, pois não podia crer que o piloto (que era um sujeito astuto em tudo quanto não se relacionasse com seus preconceitos supersticiosos) se deixasse cair em tão fácil armadilha. O próprio fato de haver um vigia no tombadilho era prova suficiente de que ele estava alerta, pois não era costume, a não ser em navios onde a disciplina se mantém rigidamente, vigia no tombadilho quando o barco está de velas ferradas numa tempestade de vento. Como me dirijo, principalmente, senão inteiramente, a pessoas que nunca viram o mar, julgo de bom aviso definir a exata situação de um navio em tais circunstâncias. Ferrar

as velas é uma medida adotada para vários fins e efetuada de diversas maneiras. Em tempo moderado, é ela tomada frequentemente com finalidade de apenas levar o navio a uma parada, para esperar por outro barco ou qualquer motivo similar. Se o navio que ferra as velas está com as mesmas soltas, a manobra se realiza habitualmente colhendo certa porção das velas, de modo a que o vento as tome por detrás, fazendo então o navio estacionar. Falamos porém, de ferrar as velas numa tempestade. Isto se faz quando o vento está pela frente e é demasiado violento para permitir colher as velas sem perigo de naufragar e, às vezes, mesmo quando o vento é bom mas o mar está tão agitado que o navio não poderá afrontá-lo. Se um navio corre de vento em popa num mar muito agitado, muitos danos usualmente ocorrem pelo recebimento de água sobre a proa e, muitas vezes, pelos violentos mergulhos que dá para diante. Em tais casos, raramente se recorre àquela manobra, a não ser em caso de necessidade. Quando o navio está com um rombo, é muitas vezes posto a correr com o vento, ainda que o mar esteja agitadíssimo, pois, ferrando as velas, é quase certo que o rombo seja ampliado grandemente pelo seu violento esforço, o que não acontece tanto com vento pela popa. Muitas vezes também torna-se necessário correr com o vento ou quando a rajada é tão furiosa que despedaçaria um navio se a enfren-tasse, ou quando, pela defeituosa modelação da estrutura ou qualquer outra coisa, aquela simples manobra não pode ser efetuada.

Numa tempestade de vento, os navios têm velas ferradas de diferentes maneiras, de acordo com sua construção peculiar. Alguns ferram as velas ficando com a do traquete, que é, creio eu, a mais comumente empregada para tal fim. Os aparelhados com velas duplas têm velas para esse expresso fim, chamadas velas de estai de tormentas. Mas, ocasionalmente, se emprega a bujarrona, por vezes a de bujarrona e a de traquete, ou uma vela de traquete em duplos rizes, e não raro também se usam as velas de popa. As velas do topete do traquete muitas vezes servem melhor a esse propósito do que quaisquer outras. O *Grampus*, ao ferrar as velas, mantinha sempre uma vela de traquete inteiramente nos rizes.

Quando o navio ferra as velas, sua proa é levada contra o vento até quase encher a vela com que se mantém, tornando-a para trás, isso é, trazida diagonalmente através do navio. Feito isto, a proa aponta numa direção de poucos graus dentro da de onde o vento sopra e o lado de

barlavento recebe naturalmente o choque das vagas. Nessa situação, um bom navio se sairá de uma pesada tempestade sem receber uma gota de água e sem que se necessite maior atenção por parte da tripulação. O leme é costumeiramente amarrado, mas isto é quase desnecessário (a não ser por causa do barulho que ele faz quando solto), pois não tem efeito quando o navio está com as velas ferradas. Na verdade, é preferível deixá-lo solto a amarrá-lo frouxamente, pois o leme pode ser despedaçado por mares agitados, se não houver espaço para o movimento do timão. Enquanto a vela suportar, um barco bem modelado manterá sua situação, atravessará qualquer mar, como se dotado de instinto, vida, e razão. Se, contudo, a violência da rajada puder despedaçar a vela, (fato que para efetivar-se, em circunstâncias ordinárias, requer nada menos do que um furacão), há então perigo iminente. O navio se desvia do vento e, dando o costado ao mar, fica inteiramente à sua mercê; o único recurso, neste caso, é colocá-lo calmamente a favor do vento, deixando-o correr de vento em popa, até que outra vela possa ser levantada. Alguns navios ferram todas as velas, mas não podem ser de confiança no mar.

Regressemos, porém, dessa digressão. Nunca fora costume do piloto ter vigia algum no tombadilho quando com as velas ferradas e o fato de que então houvesse um, acrescentado à circunstância do desaparecimento de machados e espeques, plenamente nos convenceu de que a tripulação estava demasiado alerta para ser tomada de surpresa da maneira sugerida por Peters. Algo, contudo devia ser feito, e com o mínimo atraso possível, pois não havia dúvidas de que, levantada uma vez a suspeita contra Peters, ele seria sacrificado na ocasião mais próxima, e uma certamente se encontraria ou forjaria, depois de amainada a tempestade.

Augusto sugeriu que se Peters conseguisse remover, sobre qualquer pretexto, o pedaço de corrente que estava sobre o alçapão no camarote, poderíamos possivelmente cair sobre eles, sem que o percebessem, através do porão. Mas uma pequena reflexão convenceu-nos de que o navio jogava e oscilava violentamente para permitir qualquer tentativa dessa natureza.

Por boa sorte, afinal, cheguei à ideia de explorar os temores supersticiosos e a consciência criminosa do piloto. Devem-se lembrar que um dos da tripulação, Hartman Rogers, morrera pela manhã depois de haver sofrido de espasmos durante dois dias após haver tomado alguma

bebida alcoólica e água. Peters manifestara-nos sua opinião de que aquele homem tinha sido envenenado pelo piloto e tinha, para crê-lo, razões que disse inquestionáveis, mas que não nos quis explicar, recusa estranha só relacionada com outros pontos de seu caráter singular. Mas tivesse ele ou não melhores motivos do que nós para suspeitar do piloto, facilmente concordamos com sua suspeita e decidimos agir de acordo com ele.

Rogers morrera cerca das onze da manhã, entre violentas convulsões, e o cadáver apresentava, poucos minutos depois do falecimento, um dos mais horríveis e pavorosos espetáculos que jamais vi, ao que me lembro. Seu estômago inchara imensamente como o de um homem que, afogando-se, tivesse permanecido na água por várias semanas. As mãos estavam na mesma situação ao passo que a face estava cavada, enrugada, de brancura de cal menos onde se levantaram duas ou três intumescências vermelhas, como as causadas pela erisipela. Uma dessa intumescências estendia-se diagonalmente pela face, cobrindo um dos olhos como se fosse uma faixa de veludo vermelho. Nessa repelente aparência, o corpo, ao meio-dia, fora trazido da cabine para ser atirado ao mar, quando, dando-lhe uma olhadela, o piloto, (que só então o via pela primeira vez), perturbado pelo remorso de seu crime, ou tomado de terror ante tão horrível espetáculo ordenou que os homens costurassem o corpo num saco e efetuasse os ritos costumeiros dos funerais marítimos. Depois de dar essas ordens desceu, como para evitar qualquer ulterior olhar à sua quanto se faziam os preparativos para obedecer a essas determinações, caiu a tempestade, com grande fúria, e foi, por enquanto, abandonada a decisão de efetivá-las. Deixado a si mesmo, o cadáver fora arrastado pela água até as vazadouras de bombordo, onde ainda permanecia na ocasião de que falo, flutuando de um lado para outro, impelido pelo jogar violento do brigue.

Tendo combinado nosso plano, decidimos pô-lo em execução o mais rapidamente possível. Peters subiu ao tombadilho e, como previra foi imediatamente abordado por Allen, que parecia ter sido destacado mais para vigiar o castelo de proa do que para outra coisa. O destino desse vilão, porém, foi veloz e silenciosamente decidido, pois Peters, aproximando-se dele, descuidosamente, como se dirigir-lhe a palavra, agarrou-o pela garganta, e, antes que o homem pudesse emitir um só grito, ati-

rou-o pelas amuradas ao mar. Chamou-nos depois, e subimos. Nossa primeira preocupação foi procurar em volta, alguma coisa com que pudessemos armar-nos e, ao fazê-lo, devíamos proceder com o máximo cuidado, pois era impossível ficar de pé no tombadilho sem agarrar-nos a qualquer coisa, visto como violentas ondas batiam de encontro ao navio, a cada impulso que ele dava para a frente. Era indispensável também que fôssemos rápidos em nosso empreendimento, pois a cada minuto esperávamos que o piloto chamasse os homens para as bombas, que era evidente estar o brigue fazendo muita água. Depois de pesquisar em volta, por algum tempo, nada achamos de mais próprio para nosso intento do que duas bombas de mão, ficando Augusto com uma e eu com a outra. Depois de nos apossarmos delas despimos o cadáver, e atiramos o corpo ao mar. Peters e eu descemos em seguida, deixando Augusto de vigia no tombadilho, onde ele se colocou, no mesmo lugar que Allen ocupara, de costas a escada do camarote, de modo que se alguém da quadrilha do piloto subisse supusesse que se tratava do vigia primitivo.

Logo que descí, comecei a disfarçar-me, de modo a representar o cadáver de Rogers. A roupa que tiráramos do corpo ajudou-nos muito, pois era de formato e aparência singular, facilmente reconhecível: uma espécie de camisola que o defunto usava sobre suas roupas. Era um camisolão azul, com grandes listras brancas de través. Tendo-o vestido, passei a prover-me de falsa barriga, à imitação da horrível deformidade do cadáver intumescido. Isso logo se fez com um enchimento de roupas de cama. Dei após a mesma aparência às minhas mãos, calçando um par de luvas sem dedos, brancas de lã, que enchi de toda espécie de farrapos que encontrei. Peters, depois arranjou-me o rosto, esfregando nele bastante cal e manchando-o depois com sangue; que extraiu de um corte no seu dedo. A listra atravessando um dos olhos não foi esquecida e apresentava a mais terrífica aparência.

VIII

Ao contemplar-me num fragmento de espelho que se pendurava no camarote, e à fosca luz de uma espécie de lanterna de combate, fiquei tão dominado por um sentimento de vago espanto ante meu aspecto e a re-

cordação da terrífica realidade, assim que fui tomado de violento tremor e mal podia decidir-me a continuar com o meu papel. Era, contudo, necessário agir com decisão e subi com Peters ao tombadilho.

Lá verificamos que ia tudo bem e, conservando-nos junto das amuradas, arrastamo-nos os três para a escada da cabine. Esta estava parcialmente fechada, apenas, e achas de lenha haviam sido colocadas no degrau superior de modo a impedir que fossem subitamente puxada de fora, precaução tomada contra qualquer ação exterior. Não tivemos dificuldade em ver perfeitamente o interior da cabine através das frestas dos gonzos. Provava-se agora que muito felizes fôramos, em não os termos atacado de surpresa, pois evidentemente estavam alertas. Só um dormia, e estava deitado bem ao pé da escada do tombadilho com um mosquete ao lado. Os demais estavam sentados em diversos colchões que haviam sido tirados dos beliches e estendidos no soalho. Travavam animada conversação e embora tivessem andado bebendo, como transparecia da presença de duas botijas vazias e alguns cálices de estanho que se espalhavam aqui e ali, não estavam tão embriagados como de costume, todos tinham facas, um ou dois pistolas, e muitos fuzis estavam num beliche, bem à mão.

Ouvimos sua conversação por algum tempo antes que pudéssemos planejar o modo de sair, pois nada havíamos decidido ainda de determinado, a não ser o tentar paralisar sua resistência, quando os atacássemos, com a aparição do fantasma de Rogers. Discutiam seus planos de pirataria e tudo quanto pudemos ouvir distintamente foi que se uniriam com a tripulação da escuna *Hornet* e se possível, tomariam a própria escuna, como preliminar para uma tentativa de maior escala, cujos pormenores nenhum de nos conseguiu perceber.

Um dos homens falou de Peters e o piloto lhe replicou com a voz baixa, sem que pudéssemos ouvir. Depois acrescentou mais audivelmente, “que não podia compreender o que Peters tinha a fazer tantas vezes no castelo de proa com o fedelho do capitão e que pensava que, quanto mais cedo fossem ambos lançados ao mar, tanto melhor”. Nenhuma resposta foi dada a isto, mas a sugestão foi muito bem recebida por todo o grupo, e mais particularmente por Jones. Neste momento, fiquei excessivamente agitado, tanto mais quanto podia ver que nem Peters nem

Augusto sabiam o que fazer. Resolvi-me, contudo, a vender a vida o mais caro possível e a não me deixar dominar por qualquer temor.

O tremendo ruído feito pelo mugido do vento no velame e pelas ondas que varriam o tombadilho impediu-nos de ouvir o que se dizia, exceto durante calmas momentâneas. Numa delas distintamente, percebemos o piloto dizer a um dos homens “para subir e mandar que os malditos cães fossem para a cabine onde ele poderia tê-los de olho, pois não queria que houvesse segredos a bordo do brigue”. Foi magnífico para nós o fato de que o navio jogasse tão violentamente nesse momento que impedisse a ordem de ter imediata execução. O cozinheiro levantou-se do seu colchão para ir à nossa procura quando um golpe tremendo da vaga, que pensei fosse arrastar os mastros, atirou-o, de cabeça, contra uma das portas dos camarotes de bombordo, abrindo-a e criando bastante confusão. Felizmente, ninguém de nosso grupo fora arrancado de seu lugar, e tivemos tempo de bater em precipitada retirada para o castelo de proa e arquitetar um apressado plano de ação antes que o mensageiro aparecesse, ou melhor, antes que pusesse a cabeça coberta do tombadilho, pois ele não chegou a subir até ali. Daquela posição não pôde observar a falta de Allen e, conseqüentemente, julgando-o lá, berrou-lhe, em repetição, as ordens do piloto. Peters respondeu com voz disfarçada: “Sim! Sim!”, e o cozinheiro desceu imediatamente, sem abrigar a suspeita de que nem tudo ia bem.

Meus companheiros, então, se dirigiram ousadamente para a frente e desceram ao camarote, tendo Peters fechado a porta, ao mesmo modo por que a encontrara. O piloto recebeu-os com cordialidade e disse a Augusto que, visto como ele se havia conduzido tão bem ultimamente, poderia tomar alojamento na cabine e ser um deles, dali por diante. Encheu-lhe então pela de rum, um copo, fazendo-o beber. Vi e ouvi tudo isto, pois segui meus amigos à cabine, logo que a porta se fechou, e retomei meu posto de observação anterior. Trouxera comigo as duas manivelas de bomba, uma das quais colocara junto da escada, para estar pronto a usá-la quando necessário.

Depois aguicei os sentidos, tanto quanto possível, para nada perder do que se passava embaixo, ao mesmo tempo que me esforçava por enrijecer a vontade e a coragem para descer até os amotinados quando Peters me fizesse o sinal combinado previamente. Ele estava tentando des-

viar a conversa para os sangrentos assassinios do motim e gradualmente levou os marujos a falarem de mil superstições, universalmente existentes entre os homens do mar. Eu não podia perceber tudo quanto era dito, mas perfeitamente via os efeitos da palestra sobre os rostos dos presentes. O piloto estava evidentemente muito agitado e logo, quando alguém mencionou o terrível aspecto do cadáver de Rogers, pensei que ele estivesse a ponto de desmaiar. Peters perguntou-lhe então se ele não achava melhor lançar ao mar, pois, disse, era coisa demasiado terrível vê-lo debater-se assim a flutuar, entre os vazadouros. A tais palavras, o bandido arquejou pesadamente e voltou os olhos com vagar para cada um dos companheiros, como a pedir que algum subisse e realizasse a tarefa. Nenhum, contudo, se mexeu, e era bem evidente que todo o grupo atingira o mais alto grau de excitação nervosa. Peters, então, fez-me o sinal combinado. Abri imediatamente a porta da escada do tome, descendo, sem uma palavra, pus-me de pé, ereto, em meio do bando.

O intenso efeito produzido por esta súbita aparição não é de todo para admirar quando se consideram as diversas circunstâncias. Geralmente, em casos de semelhante natureza, resta no espírito dos espectadores algum resquício de dúvida acerca da realidade ante seus olhos; um grau de esperança, embora fraco, de que estão sendo vítimas de uma burla e de que a aparição não é um visitante vindo do velho mundo das sombras. Pode ser o suficiente dizer que esses remanescentes de dúvida estão sempre juntos de todas essas aparições, e que o horror enregelante que elas às vezes produzem deve ser atribuído, mesmo nos casos mais expressivos e em que mais sofrimentos se experimentaram, antes a uma espécie de terror antecipado de que a visão *pudesse possivelmente ser* real do que mesmo a uma crença firme em sua realidade. Mas, no caso presente, ver-se-á imediatamente que nos espíritos dos amotinados não havia sequer a sombra de uma base sobre a qual dúvida de que a aparição de Rogers não fosse a ressurreição do cadáver nauseante, ou pelo menos de sua imagem espiritual. A situação isolada do brigue, que era inteiramente inacessível por causa da tempestade, limitava os meios possíveis de engano a tão estreitos e nítidos confins que eles se deviam ter considerado capazes de abrangê-los com um só olhar. Ora, eles haviam estado no mar vinte e quatro dias, sem manter mais do que uma comunicação verbal com outros barcos. A tripulação inteira — pelo menos

toda a que eles tinham a mais remota razão para suspeitar achar-se bordo — estava reunida no camarote, exceto Allen, o vigia, e a gigantesca estatura deste (tinha mais de dois metros de altura) demasiado familiar a seus olhos para permitir a ideia de que fosse ele a aparição lhes viesse por um momento à mente. Ajunte-se a estas considerações a natureza inspiradora de terror da tempestade, bem como a da conversação provocada por Peters, pense-se na profunda impressão que a repulsividade do cadáver produzira pela manhã, nas imaginações dos homens; na excelência da imitação que eu fizera e na luz incerta e vacilante sob que eles me contemplavam, pois o clarão da lanterna do camarote, que se balançava com violência para lá e para cá, caía duvidosa e tremulamente sobre mim, e ninguém terá motivo para admirar-se de que a mistificação produzisse efeito muito mais amplo do que havíamos previsto. O piloto ergueu-se de um salto do colchão, onde estava deitado e, sem pronunciar uma sílaba, caiu de costas, como uma pedra, sobre o chão do camarote, e foi atirado para o fundo numa jogada mais violenta do navio. Dos sete que restavam, apenas três tiveram a princípio certo grau de presença de espírito. Os outros quatro sentaram-se por algum tempo, como se pregados ao soalho, os mais lastimáveis objetos de horror e de extremo desespero que meus olhos já encontraram. A única oposição que encontrei foi de cozinheiro, João Hunt, e de Ricardo Parker; mas fizeram apenas fraca e irresoluta defesa. Os dois primeiros foram instantaneamente mortos a tiros por Peters e eu feri Parker na cabeça com um golpe da alça de bomba que trouxera comigo. Entrementes, Augusto apoderou-se de um dos fuzis que se achavam no chão e alvejou outro amotinado (Wilson) no peito. Só três agora restavam; mas a esse tempo, haviam despertado de sua letargia e talvez comesçassem a compreender que haviam sido vítimas de um logro, pois lutaram com grande resolução e fúria; não fosse a imensa força muscular de Peters, teriam a melhor sobre nós. Esses três homens eram Jones, Greely, e Absalão Hicks. Jones atirara Augusto ao solo e ferira-o em diversas partes do braço direito, e o teria, sem dúvida, liquidado (pois tanto Peters como eu não pudéramos ainda livrar-nos logo de nossos adversários) se não viesse a oportuna ajuda de um amigo, cuja assistência, sem dúvida, não havíamos esperado. Esse amigo era simplesmente Tigre. Com um surdo rosnado saltou do camarote, no momento mais crítico para Augusto, e, atirando-se sobre Jones,

pregou-o ao chão num instante. Meu amigo, porém, achava-se então muito ferido para poder nos prestar mais qualquer ajuda e eu me achava tão ocupado, com a minha luta, que pouco podia fazer. O cão não deixaria de segurar a garganta de Jones. O Peters, não obstante, era um adversário muito sério para os dois que restavam e já teria acabado com eles antes se não fosse o pequeno espaço em que se podia mover, além do jogo tremendo do navio. Agora, conseguira apanhar um pesado escabelo dos vários que se achavam pelo chão. Com ele, arrebentou a cabeça de Greely, que estava a ponto de descarregar o fuzil contra mim, e imediatamente depois que um pincho do navio o pôs em contato com Hicks agarrou-o pela garganta e, graças à sua enorme força, estrangulou-o num segundo. Assim, em tempo muito menor do que levei para narrá-lo, encontramos-nos senhores do brigue.

A única pessoa dentre os nossos quatro adversários que foi deixada viva era Ricardo Parker. Fora esse, lembrem-se, o homem que eu ferira com o braço de bomba no início do ataque. Ele agora jazia imóvel, junto à porta do camarote em desordem. Mas, como Peters o tocasse com o pé, recuperou a fala e pediu misericórdia. Sua cabeça só estava cortada de leve e ele não havia recebido ferimentos, tendo ficado apenas tonto com o golpe. Levantou-se então, e, provisoriamente, amarramos-lhe as mãos por trás das costas. O cão ainda rosnava por cima de Jones, mas, depois de um exame, verificamos que este último estava inteiramente morto, escorrendo o seu sangue de uma profunda ferida na garganta, causada sem dúvida, pelos agudos dentes do animal.

Era cerca de uma hora da madrugada e o vento ainda soprava terrivelmente. O navio lutava muito mais do que de costume e tornava-se absolutamente necessário que fizéssemos alguma coisa a fim de aliviá-lo de certo modo. Quase a cada pincho, na direção do vento, a onda varria, caindo bastante água no camarote, durante nossa luta, pois eu deixara aberta a escotilha quando descera. Uma fileira inteira de amuradas a bombordo fora arrancada, assim como a cozinha e o escaler da popa. Os rangidos e vibrações do mastro principal, além disso, indicavam que ele estava prestes a partir-se. A fim de dar mais espaço para a armazenagem no porão da frente, o pé desse mastro fora fincado entre tombadilhos (processo digno de censura a que às vezes recorrem armadores ignorantes), de modo que ele corria grande risco de sair da base. Mas, para cú-

mulo de nossas dificuldades, sondamos a arca de bomba e encontramos nada menos de dois metros e sessenta centímetros de água. Deixando os cadáveres no camarote, começamos imediatamente a trabalhar nas bombas. Parker, naturalmente, foi posto em liberdade para auxiliar-nos nesse trabalho. Fizemos, o melhor que foi possível, uma atadura para o braço de Augusto e o pobre rapaz trabalhou como pôde, isto é, quase nada. Entretanto, descobrimos que podíamos conseguir impedir que a brecha aumentasse se mantivéssemos sempre em funcionamento uma bomba. Como apenas fôssemos quatro, era um trabalho exaustivo; mas tentamos animar-nos e esperamos ansiosamente o alvorecer, julgando que então aliviaríamos o brigue, derrubando o mastro principal.

Dessa maneira passamos uma noite de terrível ansiedade e fadiga e, quando afinal o dia rompeu, a tempestade não se abatera em nada, nem havia o menor sinal de que se abrandasse. Arrastamos então os cadáveres para o tombadilho e atiramo-los ao mar. Nosso cuidado seguinte foi livrar-nos do mastro. Feitos os necessários preparativos, Peters cortou-o, pois achara machados nos camarotes enquanto os demais ficávamos juntos aos estais e aos cabos. Como o brigue desse um terrível salto, sob o sopro do vento, foi dado o sinal para cortar os cabos e, feito isso, a enorme massa de madeira e velame afundou-se no mar, livrando o brigue, sem causar prejuízo material. Verificamos então que o barco já não lutava tanto quanto antes, mas nossa situação era ainda imensamente precária, e a despeito dos mais enérgicos esforços, não podíamos dominar as brechas, sem o auxílio das duas bombas. A pequena assistência que Augusto nos podia prestar não era, em realidade, da menor importância. E, para mais angústia nossa, uma onda pesada ferindo o brigue do lado do vento, atirou-o vários pontos fora da direção do sopro e, antes que pudesse recuperar a direção, outra vaga, quebrou-se completamente sobre ele e o virou todo de lado. A carga então deslizou em massa para sota-vento (pois o armazenamento desde algum tempo estivera saltando inteiramente solto) e, durante alguns momentos, julgamos que nada nos salvaria de naufragar. Pelo momento, porém, aprumamos parcialmente; mas a carga ainda mantinha seu lugar a bombordo e ficamos tão inclinados que era inútil pensar em trabalhar nas bombas; e, na verdade não poderíamos fazer muito, pois nossas mãos estavam inteiramente ulcera-

das pelo excessivo trabalho a que estivéramos sujeitos e sangravam do modo mais horrível.

Contra o conselho de Parker, passamos a cortar o mastro de proa e afinal conseguimos-lo, com enorme dificuldade, devido a posição em que estávamos. Caindo ao mar, o mastro cortado carregou consigo o gurutópés, deixando-nos apenas o casco.

Tivéramos oportunidade, até então, de regozijar-nos por ter podido conservar nossa chalupa, que não fora danificada por nenhum desses enormes vagalhões. Não tivemos, porém, muito tempo para felicitar-nos, porque o mastro de mezena e a mezena, que mantinham um tanto o brigue, partiram-se ao mesmo tempo e cada vaga vinha então romper-se inteiramente sobre nós; em cinco minutos e o nosso tombadilho foi varrido de um extremo a outro, e o escaler e a amurada de estibordo arrancados, e até o próprio cabrestante se fez em pedaços. Na verdade, era quase impossível que ficássemos reduzidos à mais lastimável condição.

Ao meio-dia tivemos certa esperança de ver a tempestade abrandar mas ficamos cruelmente desiludidos porque ela só se acalmou por alguns instantes, para depois soprar com fúria maior. Às quatro da tarde tomara tal intensidade que nos era impossível ficar de pé. E chegada a noite, eu já não conservava sequer a sombra esperança. Não acreditava que o navio se pudesse sustentar até o amanhecer.

À meia-noite a água subira consideravelmente; chegara até a contracoberta. Pouco tempo antes partira-se o leme e o vagalhão que o arrastara levantou para fora da água toda a parte da popa, de modo que, ao cair, o brigue saltou dando uma sacudidela igual a um navio que encalha. Todos havíamos calculado que o leme se sustentaria até o fim, porque era particularmente forte e instado de um modo como até então nunca vira e como nunca mais vi depois igual. Ao longo de sua peça principal se estendia uma série de fortes ganchos de ferro, havendo outra série idêntica ao longo do cadaste. Através desses ganchos passava uma barra de ferro forjado muito espessa, ficando assim o leme ligado ao cadaste movendo-se em liberdade sobre a haste. A força terrível da onda que o arrancara pode ser avaliada pelo fato de que os ganchos do cadaste os quais se estendiam, como disse, de um extremo a outro, e eram firmados do lado oposto, foram completamente arrancados da prancha de madeira, sem exceção de um só.

Mal tivemos tempo de respirar depois dessa violenta sacudidela, quando um dos mais espantosos vagalhões que eu já vi veio quebrar-se a prumo, sobre o tombadilho, carregando a escada da coberta, arrombando as escotilhas e inundando o navio com um autêntico dilúvio.

IX

Felicidade, pouco antes do anoitecer, estávamos todos solidamente agarrados aos destroços do leme, e assim nos deitamos sobre a coberta, tão estendidos no chão quanto possível. Essa precaução foi o que nos salvou da morte. Por enquanto, todos nos achávamos mais ou menos tontos, em vista do imenso peso de água que nos esmagara e quando, afinal, a onda se escoou, quase nos sentimos aniquilados. Logo que me foi possível respirar, chamei por meus companheiros, em voz alta. Somente Augusto me respondeu: “Que há de ser de nós? Deus tenha piedade de nossas almas!” ao fim de alguns instantes, os dois outros conseguiram falar e nos incitaram a ter coragem, dizendo que ainda havia alguma esperança, que era impossível que o brigue afundasse em vista de sua carga e que lá pelo amanhecer a tempestade se dissiparia. Essas palavras me restituíram à vida; porque, por mais estranho que isso possa parecer, e embora fosse evidente que um navio carregado de barris vazios não pode soçobrar, eu até então andara com o perturbado que tal consideração me havia escapado por completo e era precisamente o perigo de naufragar que eu desde algum tempo considerava como o mais iminente. Sentindo que a esperança renascia em mim, aproveitei todas as oportunidades de reforçar as amarras que me ligavam aos destroços do leme e logo descobri que meus companheiros, tendo a mesma ideia, faziam outro tanto. Estava a noite tão escura quanto possível e é inútil tentar descrever o rumor estonteante e o caos que nos cercavam. Nosso tombadilho estava ao nível do mar, ou antes, víamo-nos rodeados de uma crista de uma muralha de espuma, uma parte da qual, a cada passava sobre nós. Não é exagero dizer que nossas cabeças só ficavam fora da água um segundo em cada três. Embora estivéssemos deitados pertinho uns dos outros, não nos podíamos ver e igualmente não avistávamos a menor parte do brigue sobre que tão terrivelmente éramos sacudidos. De vez

em quando, chamávamo-nos uns aos outros, esforçando-nos assim para reavivar a esperança e dar um pouco de consolação e de coragem àquele de nós que mais pudesse necessitar disso. O estado de fraqueza de Augusto, fazia dele um motivo de inquietação para os outros; e, como tendo o braço direito partido, lhe era impossível apertar suas amarras bastante solidamente, a cada instante imaginávamos que ele ia ser carregado pelas águas; quanto a prestar-lhe socorro, era coisa completamente impossível. Seu lugar, felizmente, era mais seguro do que o de qualquer de nós, pois, estando a parte superior de seu corpo abrigada, precisamente, por um pedaço do timão quebrado achava-se enormemente amortecida a violência dos vagalões que caíam sobre ele. Em qualquer outra posição diversa daquela (que ele não havia escolhido, tendo sido ali lançado por acaso, depois de se haver prendido a um lugar perigosíssimo), infalivelmente teria perecido antes do amanhecer. O brigue, como já disse, adernava muito e devido a isso, estávamos menos expostos a ser varridos do que se o caso fosse diferente. O lado por onde o navio adernava era, como assinalei, o de bombordo, e metade do tombadilho mais ou menos, estava constantemente debaixo da água. Em consequência as ondas que se quebravam em nós, a estibordo, eram em parte amainadas pela banda do navio e, estendidos no soalho para baixo, só recebíamos fortes salpicos; quanto às vagas que nos vinham de bombordo, atacavam-nos pelas costas e, dada a nossa posição, não tinham bastante violência para arrancar-nos de nossas amarras.

Permanecemos deitados, nessa terrível situação, até que o dia mais claramente nos veio mostrar os horrores que nos rodeavam. O brigue não era mais do que um pedaço de madeira, rolando para lá e para cá, à mercê de cada vaga; a tempestade intensificava-se sempre. Se jamais houve furacão perfeito, era aquele. E não vimos nenhuma perspectiva natural de libertação. Durante algumas horas, conservamo-nos em silêncio, tremendo, a cada instante, no tremor de que nossas amarras cedessem, de que os destroços do leme caíssem ao mar ou de que um dos enormes vagalhões, que rugiam em torno de nós, ao alto, em todos os sentidos, afundasse tanto a frente da carcaça na água que nos afogássemos antes que ela pudesse voltar à superfície. A misericórdia de Deus, porém, preservou-nos desses perigos iminentes e, por volta do meio-dia, favorecidos com a luz abençoada do sol. Pouco tempo depois verifi-

camos sensível diminuição na força do vento e, pela primeira vez, desde a noite anterior, Augusto falou e perguntou a Peters, que estava deitado bem do lado oposto, se acreditava que houvesse qualquer probabilidade de salvação. Não tendo o mestiço dado qualquer resposta a esta pergunta, concluímos todos que ele havia sido afogado ali mesmo; mas logo, para grande alegria nossa, ele falou, com voz fraquíssima, dizendo que sofria muito, que estava quase cortado pelas amarras que lhe apertavam estreitamente o estômago e que era mister achar um meio de afrouxá-las, senão morreria, pois não poderia suportar por muito mais tempo tal tortura. Isso produziu-nos grande desgosto, pois nem se podia pensar em socorrê-lo enquanto as ondas continuassem a varrer-nos como o estavam fazendo. Exortamo-lo a suportar os sofrimentos com coragem e prometemos-lhe aproveitar a primeira ocasião que se oferecesse para aliviá-lo. Respondeu que, em breve, seria tarde demais; que seria um homem acabado antes que pudéssemos ir em seu socorro. E a seguir, depois de haver gemido durante alguns minutos, recaiu em seu mutismo e deduzimos daí que estava morto.

Ao aproximar-se a noite, o mar caiu de modo considerável; raramente no espaço de cinco minutos, mais de uma onda vinha de barlavento quebrar-se sobre o casco. O vento também se acalmara, muito embora ainda soprasse com bastante força. Fazia várias horas que não ouvia qualquer de meus companheiros falar; chamei então Augusto. Ele me respondeu, mas tão fracamente que não pude distinguir o que dizia. Falei então a Peters e a Parker, mas nenhum deles me deu resposta.

Pouco tempo depois, caí num estado de semi-insensibilidade, durante o qual as mais encantadoras imagens flutuaram em meu cérebro; imagens de árvores verdejantes, prados magníficos onde o trigo maduro ondulava, de fileiras de jovens, dançarinas, de tropas imponentes de cavalaria e outras coisas fantásticas. Recordo-me agora de que em tudo quanto desfilava perante o olhar de meu espírito a ideia predominante era a de movimento. Assim, eu não sonhava nunca com um objeto imóvel, tal como uma casa, uma montanha, ou qualquer outro da mesma espécie; mas moinhos de vento, navios, grandes aves, balões, homens a cavalo, carruagens fugindo em velocidade furiosa e outros objetos movimentados é que se apresentavam a mim sucedendo-se interminavelmente. Quando sai desse singular estado de espírito, já fazia uma hora que o sol

se erguera, tanto quanto posso presumir. Experimentei a maior dificuldade em lembrar-me das diferentes circunstâncias que se relacionavam com a minha situação e, durante algum tempo, permaneci firmemente convencido de que estava ainda no porão do brigue perto do meu caixote, e tomava o corpo de Parker pelo de Tigre.

Quando, afinal, recuperei completamente os sentidos, verifiquei que o vento não era mais do que uma brisa muito moderada e que o mar estava comparativamente calmo, de modo que só lavava o brigue de través. Meu braço esquerdo romperá suas amarras e se achava gravemente ferido no cotovelo; o direito estava paralisado e a mão e o punho inchados, de maneira extraordinária devido à pressão dos laços que apertavam da espádua até em baixo. Fazia-me sofrer também outra corda em volta do corpo, apertada a um ponto intolerável. Olhando para os meus companheiros em redor vi que Peters ainda vivia, embora tivesse em volta dos rins, uma corda apertada tão cruelmente que estava com o aspecto de quase cortado em dois. Logo que me mexi, fez-me ele um fraco gesto com a mão, apontando a corda. Augusto não dava qualquer sintoma de vida e estava quase dobrado em dois, de través, numa lasca do leme. Parker falou-me, quando me viu agitar-me e perguntou-me se eu ainda tinha forças bastantes para livrá-lo da sua posição, dizendo-me que, se eu reunisse todas as energias e se conseguisse desamarrá-lo, ainda poderíamos salvar nossas vidas; mas, do contrário, pereceríamos todos. Falando para ter coragem, pois trataria de libertá-lo. Tateando no bolso de minhas calças, apanhei o canivete e, depois de vários ensaios infrutíferos consegui abri-lo. Logrei depois, com a mão esquerda desembaraçar meu braço direito de suas amarras e cortei, em seguida as cordas que me prendiam. Mas, ao tentar mudar lugar percebi que as minhas pernas não me obedeciam absolutamente e que não me podia levantar; era-me igualmente impossível mover meu braço direito em qualquer sentido. Chamei a atenção de Parker e ele me aconselhou a ficar quieto, durante alguns segundos, segurando-me ao leme com a mão esquerda, para dar ao sangue tempo de circular. Com efeito, logo começou a dormência a desaparecer de modo que pude, primeiramente, mexer uma perna e outra; e em pouco recuperei em parte o uso de meu braço direito. Deslizei então para o lado de Parker, com a maior precaução e sem me erguer sobre as pernas cortei todos os laços que o rodea-

vam. Ao fim de algum tempo, como se dera comigo, ele recuperou o uso de todos os seus membros em parte. Apressamo-nos, em desamarrar as cordas de Peters. Elas haviam feito um profundo corte através da cintura de suas calças de lã, bem como de duas camisas penetrando profundamente na virilha, donde o sangue jorrou abundantemente quando retiramos a amarra. Mal, porém, tínhamos terminado, Peters começou a falar e pareceu experimentar um alívio imediato; foi mesmo capaz de mover-se muito mais fácil do que eu e Parker, o que, sem dúvida, foi causado por essa involuntária sangria.

Augusto não dava qualquer sinal de vida e pouca esperança tínhamos de o ver voltar a si; mas, ao aproximar-nos dele, vimos que simplesmente desmaiara em consequência da perda de sangue, pois as faixas com que havíamos enrolado seu braço ferido tinham sido arrancadas pela água; nenhuma das cordas que o prendiam ao leme estava suficientemente apertada para ocasionar sua morte. Tendo-o libertado das amarras e desprendido do pedaço de madeira, colocamo-lo a barlavento, num lugar seco, com a cabeça mais baixa do que o corpo, e pusemo-nos todos três a esfregar-lhe os membros. Dentro de meia hora, mais ou menos, voltou ele a si; só, porém, manhã seguinte deixou ver que reconhecia cada um de nós e encontrou força para falar. Enquanto nos empregáramos em desembaraçar-nos de todas as nossas amarras, a noite sobreviera e o céu começou a cobrir-se de nuvens, de modo que experimentamos medo terrível de que o vento recomeçasse com violência caso em que nada nos poderia salvar da morte, esgotados como nos achávamos. Felizmente, o tempo se manteve muito sossegado durante a noite e, como o mar cada vez mais se acalmava, concebemos afinal a esperança de salvar-nos. Uma brisa suave soprava sempre do noroeste, mas o tempo não era absolutamente frio. Estando fraco em demasia para sustentar-se por si mesmo, Augusto foi, cuidadosamente, ligado ao leme, para evitar que o jogo do navio o fizesse cair ao mar. Quanto a nós, não tínhamos necessidade de precauções semelhantes. Sentamo-nos, apertando-nos e apoiando-nos uns contra os outros e, com o auxílio de cordas, cortadas do leme, ficamos a conversar sobre os meios de sair de nossa horrível situação. Tomamos a precaução muito oportuna de tirar as roupas e torcemo-las, para extrair delas a água. Quando, em seguida, tornamos a vesti-las, pareceram-nos singularmente quentes e agradáveis e foram de

não pequeno valor para restituir-nos a energia. Libertamos Augusto das suas e torcemo-las para ele, que experimentou o mesmo bem-estar.

Nossos principais sofrimentos eram agora a fome e a sede e, quando pensamos nos meios futuros de aliviar-nos nesse sentido, sentimos o coração desfalecer e chegamos mesmo a lastimar ter escapado aos perigos menos horríveis do oceano. Esforçamo-nos, contudo, para consolar-nos com a esperança de ser em breve recolhidos por algum navio e encorajamo-nos mutuamente a suportar com resignação todos os males, que ainda nos podiam estar reservados.

Enfim, surgiu a aurora do dia 14 e o tempo se manteve claro e suave com uma brisa constante, porém muito leve, vinda de noroeste. O mar agora estava completamente calmo e como o brigue, por motivo que não conseguimos adivinhar, não mais adernava, o tombadilho estava relativamente seco e podíamos ir e vir por ele, com toda a liberdade. Fazia então mais de três dias e três noites que nada havíamos comido nem bebido e tornava-se absolutamente necessário fazer alguma tentativa, para obter qualquer coisa lá em baixo. Como o brigue se achava inteiramente cheio de água, entregamo-nos à tarefa, com tristeza e sem grande esperança de conseguir qualquer coisa. Fizemos uma espécie de rede pregando alguns pregos, que arrancáramos aos destroços da escada em dois pedaços de madeira. Amarramo-los em cruz e prendendo-os à ponta de uma corda, atiramo-los ao camarote, para lá e para cá, com a fraca esperança de agarrar algum objeto que pudesse servir para nossa alimentação ou, pelo menos para auxiliar a obtê-la. Passamos a maior parte da manhã sem resultado, e só pescamos algumas cobertas que os pregos prenderam sem dificuldade. Nossa invenção era, na verdade tão grosseira que quase não podíamos contar com melhor êxito.

Recomeçamos a experiência no castelo de proa, porém sem maior resultado. E já nos entregávamos ao desespero, quando Peters imaginou amarrar uma corda em volta de sua cintura e tentar apanhar alguma coisa, mergulhando no camarote. Saudamos a proposta com toda a alegria que a esperança renascente pode inspirar. Imediatamente, ele começou a despojar-se de suas roupas, com exceção das calças; e uma forte corda foi, cuidadosamente, amarrada, de sua cintura, dando uma volta por suas espáduas para impedi-la de deslizar. O empreendimento era cheio de dificuldades e perigos porque, visto como não esperávamos encontra

grande coisa no camarote, se é que ainda havia ali qualquer provisão, seria preciso que o mergulhador, depois de o havermos descido, desse uma volta para a direita e andasse uma distância de três ou três metros e meio, aproximadamente por baixo da água, através de uma passagem estreita, até a despensa, para voltar, finalmente, sem poder respirar. Estando tudo pronto, Peters desceu na cabine, acompanhando a escada até que a água lhe deu pelo queixo. Mergulhou, então de cabeça, voltou à direita depois de haver mergulhado, e esforçou-se para penetrar na despensa; mas a primeira tentativa fracassou completamente. Não havia meio minuto que ele desaparecera quando sentimos a corda violentamente sacudida; era o sinal convencionado para retirá-lo da água quando ele desejasse. Puxamo-lo imediatamente, mas com tão poucas precauções que o atiramos de modo cruel, de encontro à escada. Ele nada trouxe consigo e fora-lhe impossível ir além de um pequeníssimo espaço através do corredor, por causa dos esforços constantes que precisava fazer para não subir e flutuar de encontro ao tombadilho. Quando saiu do camarote, estava esgotadíssimo e teve de repousar, durante uns bons quinze minutos, antes de se arriscar a descer de novo.

A segunda tentativa foi ainda mais infeliz, pois ele ficou tanto tempo por baixo da água sem dar o sinal que nos sentimos bastante inquietos por sua causa e puxamo-lo, sem esperar mais; verificou-se que ele estava a ponto de ser asfixiado. O pobre já tinha sacudido a corda mais de uma vez e nós não o havíamos sentido. Isso, sem dúvida, se devia a que uma parte da corda se prendera na balaustrada, ao pé da escada. Essa balaustrada era um obstáculo tal que resolvemos retirá-la antes de empreender nova tentativa. Como não possuíamos qualquer meio de retirá-la a não ser à força dos braços, descemos todos quatro à água, tão longe quanto foi possível e dando uma boa sacudidela, com todas as nossas forças reunidas, conseguimos jogá-la abaixo.

A terceira tentativa não obteve maior êxito do que as duas primeiras e tornou-se evidente que nada poderíamos obter por esse meio sem o auxílio de algum peso que servisse para manter o mergulhador e firmá-lo sobre o soalho do camarote, enquanto ele fizesse suas pesquisas. Procuramos, por muito tempo, em volta de nós, de encontrar alguma coisa capaz de servir para isso; mas, finalmente, descobrimos, com grande alegria nossa, uma das correntes do traquete de barlavento, o qual estava já

tão fortemente abalado que não tivemos nenhuma dificuldade em arrancá-la de todo. Tendo-a prendido com solidez a um dos tornozelos, procedeu Peters então, à sua quarta descida ao camarote e desta vez conseguiu romper caminho até a porta da despensa. Mas, com indizível pesar achou-a fechada e foi obrigado a voltar, sem ter podido entrar porque, fazendo os maiores esforços, o máximo que podia por baixo da água era um minuto. Nossa situação, decididamente tomava um caráter sinistro e eu e Augusto não nos pudemos impedir de desfazer-nos em pranto ao pensar nessa multidão de dificuldades que nos assediavam e na oportunidade tão improvável de nosso salvamento. Essa fraqueza, porém, não foi de longa duração. Ajoelhamo-nos e rogamos a Deus que nos assistisse nos numerosos perigos que nos assaltavam; e depois, com esperança e energia rejuvenescidas, erguemo-nos, prontos a procurar uma vez a empregar todos os meios humanos de libertação.

X

Pouco tempo depois ocorreu um incidente que, a princípio pleno de excessiva alegria e, a seguir, de imenso horror, pareceu-me, por isso mesmo, mais emocionante e mais terrível do que quaisquer fatos acidentais que posteriormente observei no decurso de nove prolongados anos repletos de acontecimentos da mais surpreendente, da mais inaudita, e da mais inimaginável natureza. Estávamos deitados sobre o tombadilho, perto da escada de bordo e discutíamos ainda sobre a possibilidade de penetrar na despensa, quando, voltando a vista para Augusto, que estava à frente, percebi que ele fora imediatamente tomado de mortal palidez e que seus lábios tremiam de modo singular e incompreensível. Fortemente alarmado, falei-lhe, mas não me respondeu, e comecei a crer que fora vítima de mal súbito, quando prestei atenção olhos, singularmente brilhantes e fixos sobre alguma coisa atrás de mim. Virei a cabeça e jamais esquecerei a alegria extática que penetrou todas as partes de meu ser, ao perceber que vinha, ao nosso rumo, um grande brigue, o qual não estava a mais de duas milhas ao largo. Dei um salto, como se uma bala de mosquete me tivesse ferido repentinamente no coração e, estendendo os braços para a direção do navio, fiquei de pé, imóvel, incapaz

de proferir uma sílaba. Peters e Parker estavam igualmente comovidos, embora de modo diverso. O primeiro dançava sobre o tombadilho como um maluco, proferindo as mais monstruosas extravagâncias, entremeadas de grunhidos e imprecações, enquanto o segundo se desfazia em lágrimas, não cessando, durante ainda alguns minutos, de chorar como uma criança.

O navio à vista era um grande brigue armado em escuna, construído à maneira holandesa, pintado de preto, com um beque vistoso e dourado. Evidentemente, experimentara regular mau tempo e supusemos que muito sofrera com a tempestade que fora a causa do nosso desastre, pois perdera o mastro da gávea da mezena, assim como uma parte da amurada de estibordo. Quando o vimos pela primeira vez, estava, como já disse, a cerca de duas milhas a barlavento e vinha em nosso rumo. A brisa era muito fraca e o que mais nos espantou foi que ele não soltara outras velas, além da mezena e da maior, com uma veleta. Assim, só andava muito lentamente e nossa impaciência subia até quase ao frenesi. Também a maneira desajeitada pela qual ele se governava foi notada nós, por todos nós apesar de nossa grande emoção. Dava tais guinadas que uma ou duas vezes, acreditamos que não fôramos vistos, ou que tendo sido descoberto nosso navio, mas não se tendo percebido ninguém a bordo, iam virar de proa e retomar outro rumo. A cada uma dessas vezes, soltávamos gritos e berros, com toda a força dos pulmões, e o navio desconhecido parecia mudar de intenções e punha de novo a proa em nossa direção. Essa manobra singular se repetiu duas ou três vezes, de modo que por fim não achamos outra maneira para explicá-la senão supondo que o timoneiro estivesse bêbedo.

Não percebemos ninguém a bordo até que o barco chegou a um quarto de milha de distância. Então, avistamos três marinheiros que, pelas suas roupas, tomamos por holandeses. Dois dentre eles estavam deitados sobre velhas velas, perto do castelo de proa, enquanto o terceiro, que parecia olhar-nos com grande curiosidade estava adiante, a estibordo, perto do gurupés. Este último era um homem alto e corpulento, de pele muito morena. Parecia, com seus gestos, encorajar-nos a ter paciência, saudando-nos alegremente com a cabeça, embora de um modo que não deixava de ser esquisito e sorrindo constantemente, como para exibir uma fileira de dentes brancos brilhantíssimos. Como o navio se

aproximasse, vimos o chapéu de lã vermelha cair de sua cabeça na água, mas ele não se importou, continuando sempre com seus sorrisos e gestos estapafúrdios. Relato minuciosamente essas coisas e essas circunstâncias, e as relato, deve compreender-se, precisamente tais como elas nos *apareceram*.

O brigue marchava para nós lentamente, com mais precisão na sua manobra e (não posso falar com sangue-frio dessa aventura) nossos corações saltavam doidos nos peitos, e expandíamos toda a nossa alma em gritos de alegria e em ações de graças a Deus pela salvação completa, magnífica e inesperada que tão palpavelmente tínhamos ao alcance. De súbito, do misterioso navio, que agora estava bem próximo de nós, chegou-nos, através do oceano, um odor, um mau cheiro tal que não há no mundo palavras para exprimi-lo: infernal, mais do que sufocante, intolerável, inconcebível! Abri a boca para respirar e, voltando-me para meus camaradas, percebi que eles estavam mais pálidos do que o mármore. Mas não tínhamos tempo para discutir ou raciocinar. O brigue estava a quatro metros e parecia ter a intenção de encostar-se a nós pela popa, a fim de que pudéssemos abordá-lo, sem forçá-lo a lançar um escaler ao mar. Precipitamo-nos para trás, quando, imediatamente, uma forte guinada o lançou cinco ou seis pontos fora da rota que mantínhamos e quando passou por nossa ré, a uma distância de cerca seis metros, vimos todo o seu tombadilho. Esquecerei jamais o tríplice horror daquele espetáculo? Vinte e cinco ou trinta corpos humanos, entre os quais algumas mulheres, jaziam, disseminados aqui e ali entre a popa e a cozinha, no derradeiro e mais repulsivo estágio de putrefação! Vimos, claramente, que não havia uma criatura viva naquele navio maldito! Entretanto, não podíamos impedir-nos de apelar por socorro àqueles mortos! Sim, na agonia do momento, prolongada e fortemente, rogamos àquelas silenciosas e repelentes imagens que se detivessem por nossa causa, que não nos deixassem tornar-nos semelhantes a elas e que lhes aproovesse receber-nos em sua bondosa companhia! O horror e o desespero nos faziam delirar. A angústia e a decepção nos haviam tornado completamente loucos.

Quando soltamos nosso primeiro grito de terror, respondeu-lhe alguma coisa que vinha do lado do gurupés do navio desconhecido e que tão perfeitamente se assemelhava ao grito de uma garganta humana que

o ouvido mais fino teria estremecido tomando-o como tal. Nesse momento, outra súbita guinada reconduziu, por alguns minutos, o castelo de proa para sob nossos olhos e, no mesmo instante percebemos a causa do ruído. Vimos a alta e robusta figura, sempre apoiada sobre a amurada, oscilando ainda com a cabeça para um lado e para o outro, mas com o rosto voltado, de modo que já não o podíamos perceber. Seus braços estavam estendidos sobre a cinta do navio e as mãos caíam para fora. Seus joelhos repousavam sobre uma grande enxárcia, estendida rigidamente, e que ia do pé do gurupés a um dos aparelhos da âncora. Sobre as costas, onde uma parte da camisa fora arrancada, deixando ver o dorso nu, pousava enorme gaivota que deglutia ativamente o horrível manjar com o bico e as garras profundamente enterradas no corpo e a branca plumagem toda manchada de sangue. Como o brigue continuasse a voltear, como para ver-nos de mais perto, a ave retirou penosamente, da cavidade, a cabeça ensanguentada e, depois de ter-nos contemplado um momento, estupefata, soltou-se, com indolência, do corpo sobre o qual se deliciava, voando por cima de nosso tombadilho, e planando algum tempo no ar, com um pedaço de substância coagulada e quase viva no bico. Por fim, o horrível pedaço caiu, com sinistro ruído, bem aos pés de Parker. Deus queira perdoar-me! Mas então, no primeiro momento, atravessou uma ideia — uma que não confessarei — e senti-me a dar um passo maquinal para o lugar ensanguentado. Ergui os olhos e encontrei o olhar de Augusto, carregado de uma censura tão intensa e tão enérgica que isso me fez imediatamente dominar-me. Atirei vivamente e, com intenso calafrio, lancei a horrenda coisa no mar.

O corpo de que fora arrancado aquele pedaço, repousando assim sobre aquela enxárcia, oscilava facilmente com os esforços da ave carnívora e fora esse movimento o que a princípio nos fizera crer num ser vivo. Quando a gaivota o desembarçou de seu peso, cambaleou, girou e caiu a meio, de modo que pudemos ver-lhe todo o rosto. Não, nunca houve espetáculo mais cheio de espanto! Os olhos não existiam mais e todas as carnes da boca, roídas, mostravam os dentes, inteiramente a nu. Tal fora, pois, o sorriso que encorajara nossa esperança! Tal fora... Mas, detenho-me! O brigue, como disse, passou a nossa ré e continuou seu roteiro lenta e regularmente, levado pelo vento. Com ele e com sua terrível equipagem se desvaneceram todas as nossas felizes visões de alegria e li-

bertação. Como ele levou algum tempo a passar por trás de nós, teríamos talvez achado meios de abordá-lo, se nossa terrível decepção e a natureza espantosa de nossa descoberta não tivesse aniquilado todas as nossas faculdades físicas e mentais. Víramos e sentíramos, mas ai!, só pudéramos pensar e agir tarde demais. Poder-se-á julgar por este simples fato quanto aquele incidente enfraquecera nossas inteligências: quando o navio estava afastado, a ponto de não percebermos mais do que a metade de seu casco, debatemos seriamente a proposta de tentar alcançá-lo a nado!

Desde aquela ocasião, tenho feito todos os esforços para esclarecer a imprecisão horrível que envolvia o destino do navio desconhecido. Sua forma e sua fisionomia geral nos levavam a pensar como já o disse, que era um vaso de comércio holandês e as vestes de sua equipagem nos confirmaram nessa opinião. Poderíamos facilmente ter lido seu nome na popa, bem como também fazer outras observações que nos teriam servido para determinar seu caráter, mas a intensa excitação do momento cegou-nos para qualquer coisa dessa espécie. Pela tonalidade de açafrão de alguns dos cadáveres que não se achavam inteiramente decompostos, concluímos que todo o grupo havia perecido de febre-amarela ou de qualquer outra enfermidade virulenta da mesma horrenda qualidade. Se tal fosse o caso (e não sei que outra coisa imaginar), a morte, a julgar pelas posições dos corpos, deveria ter-lhes sobrevindo de modo horrivelmente súbito e esmagador, um modo totalmente distinto do que caracteriza em geral as pestilências mais mortais que a humanidade conhece. É possível ainda que veneno, introduzido por acaso nos seus suprimentos de víveres, tenha produzido a catástrofe ou que isso se tenha originado de comer alguma espécie venenosa de peixe, ou outro animal marinho ou ave oceânica. Mas é extremamente inútil formar conjecturas quando tudo está envolvido e, sem dúvida, assim ficará para sempre no mais espantoso e insondável mistério.

XI

Passamos o resto do dia num estado de letárgico estupor, a contemplar o barco que se sumia até que as trevas, escondendo-o de nossas vistas,

nos fizeram de algum modo recobrar a consciência. As angústias da sede e da fome voltaram então e absorveram todos os outros cuidados e preocupações. Nada, porém, podia ser feito até que amanhecesse e, prendendo-nos o melhor possível, tentamos saborear um pequeno repouso. Consegui-o além de minha expectativa, dormindo até que meus companheiros, que não haviam sido tão felizes me levantaram, ao romper do dia, para renovar nossas tentativas de retirar provisões da despensa.

Fazia então calma, com o mar parado como jamais o vira; o tempo, quente e agradável. O brigue estava fora de vista. Começamos nossas operações arrancando, com algum trabalho, outra das correntes de proa e, tendo amarrado as duas aos pés de Peters, de novo ele fez uma tentativa para alcançar a porta da despensa julgando possível que fosse capaz de forçá-la, desde que chegasse até ela em tempo suficiente, o que esperava fazer, pois a carcaça estava muito mais firme do que dantes.

Rapidamente conseguiu alcançar a porta e então, soltando de seu tornozelo, uma das correntes, fez todos os esforços para abrir com ela uma passagem, mas em vão, pois o madeirame do aposento era muito mais rijo de que se previra. Ele ficou inteiramente extenuado com a prolongada demora sob a água e tornou-se necessário que algum de nós tomasse seu lugar. Parker ofereceu-se logo para o serviço; mas, depois de fazer três esforços ineficazes, verificou-se que ele nem mesmo conseguira chegar perto da porta. O estado do braço ferido de Augusto impossibilitava-o de tentar descer, pois seria incapaz de arrombar a porta, caso a alcançasse; conseqüentemente, coube-me esforçar-me por nossa salvação comum.

Peters deixara uma das cadeias no corredor e notei, ao mergulhar, que não tinha equilíbrio suficiente para conservar-me firme embaixo. Decidi, pois, em meu primeiro esforço, tentar apenas recuperar a outra corrente. Arrastando-me pelo soalho do corredor, para esse fim, senti um objeto duro, que depressa agarrei, sem ter tempo de verificar o que era, pois voltei e ascendi imediatamente a tona. A presa era uma garrafa e bem se pode imaginar nossa alegria quando digo que estava cheia de vinho do Porto. Dando graças a Deus por esse oportuno e encorajador auxílio, arrancamos imediatamente a rolha com o meu canivete e, tomando cada um gole moderado, extraímos o mais indescritível conforto e estímulo de seu calor, força e energia. Voltamos a arrolhar depois a

garrafa, cuidadosamente, e penduramo-la de modo a não haver possibilidade de quebrar-se.

Tendo repousado um instante após essa afortunada descoberta, desci de novo e apanhei a corrente com a qual num instante subi. Amarrei-a a mim, então, e desci pela terceira vez. Fiquei aí completamente convencido de que nenhum esforço, naquelas circunstâncias me capacitaria a abrir a porta da despensa. Voltei, portanto desesperado.

Parecia, então, não haver mais lugar para a esperança e pude notar, nas fisionomias de meus companheiros, que eles se resignavam à ideia de morrer. O vinho, evidentemente, produzira neles uma espécie de delírio, de que eu, talvez, me livrara pelo mergulho que dera logo após havê-lo ingerido. Falavam incoerentemente sobre assuntos que em nada se relacionavam com a nossa situação. Peters, repetidas vezes, fazia-me perguntas acerca de Nantucket. Também Augusto, recordo-me, aproximou-se de mim com um ar muito sério e pediu-me que lhe emprestasse um pente de bolso, pois seu cabelo estava cheio de escamas de peixe e desejava tirá-las antes de desembarcar. Parker parecia um tanto menos afetado e instava para que eu mergulhasse no camarote, ao acaso, e trouxesse qualquer coisa de que pudesse lançar mão. Consenti nisso e na primeira tentativa, depois de mergulhar um minuto inteiro trouxe para cima uma pequena mala de couro pertencente ao Capitão Barnard. Abrimo-la no mesmo instante, com a fraca esperança de que pudesse conter algo que se comesse ou bebesse. Nada achamos porém, a não ser um estojo de navalha e duas camisas de linho. Desci de novo e regressei, sem resultado. Ao apontar minha cabeça à tona, ouvi um estralejar no tombadilho e, subitamente vi que meus companheiros se haviam aproveitado, ingratamente de minha ausência para beber o resto do vinho, deixando a garrafa cair ao tentarem substituir o líquido antes que eu os visse. Censurei-os pela crueldade de tal conduta, e Augusto rompeu em pranto, os outros dois tentaram transformar o caso em brincadeira, mas espero nunca mais ouvir risos daquela espécie: as contorções de suas fisionomias eram aterradoras. De fato, evidenciava-se que o estímulo alcoólico dado o estado vazio de seus estômagos, tivera um efeito violento e instantâneo e que todos eles estavam excessivamente embriagados. Com grande dificuldade consegui fazê-los deitar-se e logo caíram num sono profundo, acompanhado de respiração alta e estertorosa.

Achei-me, assim, sozinho no brigue, e minhas reflexões certamente eram do gênero mais terrível e sombrio. Nenhuma perspectiva se apresentava a meus olhos, além da de morrer de fome ou na melhor hipótese, de ser carregado na primeira tempestade que sobreviesse, pois, em nosso estado de exaustão, não podíamos esperar sobreviver a outra.

A fome angustiada que então experimentei era quase insuportável e senti-me capaz de ir aos extremos para aplacá-la. Com a faca cortei uma pequena porção da mala de couro e tentei devorá-la, mas achei que era de todo impossível engolir um só pedaço, embora imaginasse que algum leve alívio de meu sofrimento era obtido mastigando fragmentos do couro e cuspingo-os fora. Ao anoitecer meus companheiros despertaram, um a um, cada qual num estado indescritível de fraqueza e de horror produzido pelo vinho, cujos vapores se haviam esvaído. Tremiam como se com violenta febre e imploravam água com os gritos mais lastimáveis. Seu estado impressionou-me no mais elevado grau e, ao mesmo tempo levou-me a regozijar-me pelo afortunado conjunto de circunstâncias que me havia impedido de ser tentado pelo vinho, poupado-me assim, à partilha de suas sensações melancólicas e lancinantes. Sua conduta, porém, causava-me grande ansiedade e alarme, pois era evidente que, se não se verificasse qualquer mudança favorável, eles não me auxiliariam a lutar pela nossa salvação comum. Eu ainda não abandonara toda ideia de ser possível trazer alguma coisa de baixo; mas não podia reiniciar a tentativa enquanto algum deles não ficasse suficientemente senhor de si para ajudar-me, segurando a ponta da corda enquanto eu descia. Parker parecia estar menos embriagado do que os outros e tentei erguê-lo, por todos os meios possíveis. Julgando que um mergulho na água poderia ter efeito benéfico consegui amarrar-lhe, em volta do corpo, a ponta de uma corda, e depois, levando-o pela escadinha (enquanto ele permanecia todo o tempo inteiramente passivo), atirei-o ao mar e puxei-o em seguida, para fora. Tive bons motivos para congratular-me comigo mesmo por haver feito tal tentativa, pois ele me pareceu muito revigorado e bem disposto e, depois de retirado, perguntou-me, de modo razoável, por que assim o tratara. Tendo-lhe explicado o meu objetivo, manifestou-se grato e disse que se sentia imensamente melhor depois do mergulho, passando a conversar com sensatez sobre nossa situação. Resolvemos, então, submeter Augusto e Peters ao mesmo trata-

mento, o que logo fizemos, tirando eles grande benefício do choque. Essa ideia da súbita imersão fora-me sugerida pela leitura de certa obra médica sobre o bom efeito de ducha em casos em que o paciente sofresse de *mania a potu*.

Verificando que, então, podia confiar em meus companheiros para segurar a ponta da corda, dei de novo três ou quatro mergulhos na cabine, embora estivesse completamente escuro e ondas vagarosas, mas extensas, vindas do noroeste, tirassem um tanto a firmeza da carcaça. No decurso dessas tentativas, consegui trazer duas facas de mesa, uma botija de três galões — vazia — e um lençol; nada porém, que nos servisse de alimento. Prossegui nos meus esforços, depois de haver encontrado esses objetos, até ficar inteiramente exausto, mas nada mais pude apanhar. Durante a noite, por turnos, Peters e Parker ocuparam-se do mesmo modo; mas, nada lhes vinha às mãos, desesperamos dessas tentativas, concluindo que estávamos a esgotar-nos em vão.

Passamos o resto da noite num estado da mais intensa angústia mental e corporal que se possa imaginar. Raiou, por fim, a manhã do dia 16 e avidamente lançamos os olhos pelo horizonte à busca de um socorro, mas tudo inútil. O mar ainda estava calmo, com apenas alongadas ondulações do norte, como na véspera. Fazia então, seis dias que não provávamos comida ou bebida, a não ser a garrafa de vinho, e era claro que não nos poderíamos aguentar muito mais, a menos que se pudesse obter alguma coisa. Nunca vi antes, nem desejo ver de novo, seres humanos tão extremamente descarnados como Peters e Augusto. Tivesse-os encontrado em terra, sua situação atual, eu não alimentaria a mais leve suspeita de havê-los visto antes. Suas fisionomias tinham mudado completamente de aspecto, de modo que eu não poderia ser levado a crer que eram na realidade os mesmos indivíduos em cuja companhia eu estivera apenas poucos dias antes. Parker, embora desfigurado e tão enfraquecido que nem podia erguer a cabeça sobre o peito, não sofrera tanto quanto os outros dois. Suportava tudo com grande paciência, sem queixar-se e tentando animar-nos de esperanças, por todas as maneiras que podia inventar. Quanto a mim, embora no começo dessa viagem estivesse de má saúde e sempre houvesse sido de fraca compleição, estava muito menos emagrecido e conservava minhas faculdades mentais num grau se surpreendente atividade, enquanto os demais estavam completamente

abúlicos e aparentavam ter caído numa espécie de segunda infância, com expressões geralmente tolas, com sorrisos idiotas, e falando as vulgaridades mais absurdas. A intervalos, porém pareciam reviver de súbito, como se estimulados abruptamente pela consciência de sua situação, e então saltavam de pé, num relâmpago momentâneo de força, e falavam, por curto período, de nossa posição, de maneira completamente sensata, embora repleta do mais intenso desespero. É possível, porém, que meus companheiros tenham mantido sobre seu estado a mesma opinião sobre o meu e que eu tenha, involuntariamente, sido culpado das mesmas extravagâncias e imbecilidades em que eles caíram. Esta é uma questão que não pode ser verificada.

Por volta do meio-dia, Parker declarou que via terra bombordo e foi com a maior dificuldade que o impedi de mergulhar no mar a fim de alcançá-la a nado. Peters e Augusto pouca importância deram ao que ele dizia, estando aparentemente envoltos em taciturna meditação. Depois de olhar para a posição apontada não pude perceber a mais fraca semelhança de costa. Na verdade, eu sabia muito bem quanto estávamos longe de qualquer terra para ceder a uma esperança dessa natureza. Muito tardou, porém para que conseguisse convencer Parker de seu engano. Ele então irrompeu num copioso pranto, chorando como uma criança com altos gritos e soluços, durante duas ou três horas; depois, extenuado, caiu a dormir.

Peters e Augusto fizeram, após, diversos esforços inúteis para engolir pedaços de couro. Aconselhei-os a mascar e a cuspir fora, mas eles estavam excessivamente debilitados para serem capazes de seguir meu conselho. Continuei a mascar pedaços de couro de vez em quando, e achei nisso algum alívio; minha principal angústia vinha da falta de água e só me contive de tomar um trago da água do mar pela lembrança das horríveis consequências que disso resultam para outros em semelhante situação.

Passou o dia dessa forma quando, subitamente, descobri uma vela a leste, no lado de bombordo da proa. Parecia ser de um grande navio e vinha quase que em nossa direção, achando-se provavelmente a doze ou quinze milhas de distância. Nenhum de meus companheiros ainda a descobrira e evitei falar-lhes disso por enquanto temendo que de novo fôssemos desiludidos de socorro. Afinal, quando o navio chegou mais

perto, vi distintamente que rumava mesmo em nossa direção, com as velas leves pandas. Não pude então conter-me mais e aponte-i-o a meus companheiros de sofrimento. Imediatamente, eles saltaram de pé, entregando-se de novo às mais extravagantes demonstrações de alegria, chorando, rindo de maneira idiota, saltando, cabriolando no tombadilho, arrancando os cabelos, rezando e praguejando alternadamente. Fiquei tão impressionado com sua conduta, bem como pelo que agora podia considerar perspectiva certa de salvamento, que não me pude impedir de juntar-me à sua loucura e dar expansão aos impulsos de minha alegria e minha felicidade, deitando-me e rolando no tombadilho, batendo palmas, gritando e fazendo outros atos similares, até que voltei a dominar-me de súbito, atirando-me de novo aos extremos da miséria e do desespero humanos, ao verificar que o navio nos apresentava agora, em cheio, a popa, e navegava numa direção completamente oposta àquela em que eu a princípio o avistara.

Passou-se algum tempo até que eu pudesse levar meus pobres companheiros a crerem que esse triste transtorno de nossas expectativas se verificara realmente. Replicavam eles a todas as minhas asserções, com olhares fixos e gestos significativos, de que não se deixavam enganar por semelhantes embustes. Mais sensivelmente me impressionou a conduta de Augusto. A despeito de tudo quanto eu pudesse fazer ou dizer em sentido contrário, ele persistia em dizer que o navio rapidamente se aproximava de nós e preparava-se para ir para bordo dele. Afirmava que algumas plantas marinhas, que flutuavam perto do brigue, eram os escalerres do outro navio e tentava atirar-se sobre elas, urrando e berrando de maneira a cortar o coração, quando eu o impedia, pela força, de assim lançar-se ao mar.

Acalmando-nos um pouco, continuamos a espiar o navio até que finalmente o perdemos de vista. O tempo se tornara nevoento e uma leve brisa soprava. Logo que o barco desapareceu inteiramente, Parker voltou-se, de súbito, para mim, com uma expressão fisionômica que me fez estremecer. Estava com um aspecto de domínio sobre si mesmo que até então eu não lhe notara e antes que abrisse os lábios meu coração me contou o que ele iria dizer. Propôs, em palavras, que um de nós devia morrer para preservar a vida dos outros.

XII

Algun tempo antes, eu já havia passado a refletir sobre a perspectiva de sermos reduzidos a essa última extremidade e tomara secretamente, a resolução de suportar a morte, de qualquer forma ou sob quaisquer circunstâncias, de preferência a adotar semelhante recurso. E tal resolução não era, no menor grau, enfraquecida pela intensidade da fome que me devorava. Nem Peters, nem Augusto haviam escutado a proposta. Portanto, chamei Parker de lado, e rogando mentalmente a Deus forças para dissuadi-lo do horrível objetivo que entretinha, discuti com ele prolongadamente da maneira mais suplicante, pedindo-lhe por tudo quanto é sagrado e instando-o, por meio de toda espécie de argumentos que o caso extremo sugeria, para abandonar a ideia e não mencioná-la a nenhum dos outros dois.

Ele ouviu tudo o que eu disse, sem tentar responder a qualquer dos meus argumentos e eu começava a esperar que o tivesse convencido, tal como desejava. Mas quando terminei de falar, replicou-me que sabia muito bem ser verdade tudo quanto eu dissera; lançar mão de tal recurso era, de fato, a mais horrível alternativa que podia apresentar-se ao cérebro humano; mas ele havia suportado tudo até o ponto em que a natureza humana se podia sustentar; era desnecessário que todos perecessem desde que, pela morte de um, era possível e mesmo provável que os restantes fossem finalmente salvos. Acrescentou que eu poderia evitar-me de tentar desviá-lo dessa intenção, pois estava completamente decidido a isso, antes mesmo do aparecimento do navio, e só o fato de haver aquele surgido à vista o impedira de mencionar antes, esse propósito.

Roguei-lhe então que, se não podia ser convencido a abandonar tal desígnio, pelo menos o adiasse, pois algum barco ainda podia vir em nosso socorro; reiterei, de novo, todos os argumentos que pude encontrar e que julguei capazes de influenciar uma pessoa daquela natureza bruta. Ele, em resposta, disse que só falara no último momento possível, que não podia resistir mais tempo sem sustento de qualquer espécie e que, portanto, sua sugestão seria tarde em outro dia, pelo menos com relação à sua pessoa.

Verificando que nada do que eu lhe pudesse dizer em tom humilde, o demoveria, assumi então procedimento diferente. Falei-lhe que ele

bem devia saber que eu sofrera menos que os outros em consequência de nosso desastre e, portanto, minha saúde e minha força, naquele momento, eram bem maiores do que as dele, Peters ou Augusto; em suma, estava em condição de impor a minha opinião, pela força, se necessário, e se ele tentasse, de qualquer modo, comunicar aos outros sua ideia sanguinolenta e canibalesca, eu não hesitaria em atirá-lo ao mar. A isso, ele imediatamente me agarrou pela garganta e, puxando de uma faca, fez diversas tentativas, inúteis, para ferir-me no estômago, crime que só a exaustiva debilidade o impediu de consumir. Entrementes, levado a um acesso de cólera, arrastei-o para a amurada do navio, com a plena intenção de atirá-lo à água. Ele foi salvo desse destino, porém, pela interferência de Peters, que, aproximando-se, separou-nos e perguntou a causa da briga. Parker contou-lhe, antes que eu pudesse encontrar qualquer meio de evitá-lo.

O efeito de suas palavras foi mesmo mais terrível do que eu previra. Tanto Augusto como Peters, que, parece, de há muito entretinham, secretamente, a mesma horrível ideia que Parker fora apenas o primeiro a expressar, apoiaram-no e insistiram para que seu desígnio fosse imediatamente levado a efeito. Eu calculara que um dos dois últimos possuísse ainda bastante força de vontade para aliar-se comigo na resistência a qualquer tentativa de realizar tão medonho propósito; e, com a ajuda de qualquer deles eu não temia ser incapaz de impedir sua consumação. Desiludido nessa expectativa, tornou-se absolutamente necessário que eu atendesse à minha própria salvação, pois uma resistência mais prolongada de minha parte poderia ser considerada, por homens naquela terrível situação, como escusa suficiente para recusar-me agir à vontade, na tragédia que rapidamente, eu o sabia, iria iniciar-se.

Falei-lhes então que estava disposto a apoiar a proposta, pedindo apenas o adiamento de uma hora, a fim de que o nevoeiro que nos cercava tivesse ocasião de dissipar-se, pois era possível que o navio que havíamos visto surgisse de novo. Depois de muita dificuldade, arranquei deles a promessa de esperar esse tempo; e, como eu previra (sobrevindo rápida brisa), o nevoeiro levantou-se antes que expirasse a hora. Nenhum barco apareceu à vista e preparamo-nos para deitar as sortes.

É com extrema relutância que me demoro sobre a cena medonha que então se seguiu; cena que, em seus mínimos pormenores, nenhum acon-

tecimento posterior foi capaz de apagar, no menor grau, de minha memória, e cuja recordação cruel envenenará todos os momentos vindouros de minha existência. Permiti-me passar sobre parte de minha narrativa com a rapidez que a natureza dos fatos a serem narrados permitir. O único método que podíamos adotar para o terrível sorteio e que daria a cada um uma oportunidade, era a de puxar palhinhas. Prepararam-se, para esse fim, pequenos gravetos e combinou-se que eu os seguraria. Retirei-me para uma extremidade do casco, enquanto meus pobres companheiros, silenciosamente, se colocaram na outra, com as costas voltadas para mim. A mais amarga ansiedade que sofri, durante todo o decorrer do horrível drama, sobreveio no momento em que me ocupava com o arranjo das sortes. Poucas situações há em que um homem, provavelmente se possa encontrar e nas quais não sinta profundo interesse pela preservação de sua vida, interesse que, momento a momento se amplia, à medida do enfraquecimento dos laços que conservam a existência. Mas, então, a natureza silente, definida e cruel da ocupação a que eu me entregava (tão diversa dos tumultuosos perigos da tempestade ou dos horrores gradualmente crescentes da fome) permitiu-me refletir nas poucas oportunidades que eu tinha de escapar à mais medonha das mortes, à morte para o mais medonho dos fins. E todas as partículas daquela energia tanto me sustentava fugiram como penas ao vento, presa desesperada do mais abjeto e lastimável dos terrores. Não pude, a princípio, nem mesmo reunir suficientes forças para cortar e afeiçoar os pedacinhos de pau, pois meus dedos se recusavam a esse trabalho, completamente, e meus joelhos batiam com violência um contra o outro. Passaram-me, velozmente, pelo pensamento milhares de absurdos projetos para evitar tornar-me um cúmplice do pavoroso negócio. Pensei em cair de joelhos, aos pés de meus companheiros, suplicando-lhes que me permitissem escapar a essa necessidade; em lançar-me de súbito sobre eles e, matando um, tornar a decisão pela sorte desnecessária; em suma, pensei em tudo, menos em prosseguir com a tarefa que tinha em mãos. Afinal, depois de perder prolongado tempo nessa conduta imbecil, fui chamado à realidade pela voz de Peters, que me instava a aliviá-los, imediatamente, da terrível ansiedade que estavam sofrendo. Mesmo então não pude arranjar logo os cavacos sem pensar em todas as maneiras de trapaça pelas quais poderia levar algum de meus companheiros de sofrimento a puxar a pa-

lhinha curta, pois fora combinado que quem puxasse a mais curta de quatro taliscas em minha mão devia morrer para salvação dos restantes. Antes que alguém me condene por essa aparente falta de coração, que se coloque em posição precisamente igual à minha.

Afinal não era possível retardar mais e com o coração a saltar-me do peito, avancei para o lado do castelo de proa e meus companheiros me esperavam. Estendi a mão com as taliscas e Peters imediatamente puxou uma. Estava livre... *A dele* pelo menos, não era a mais curta; e aí fugia outra oportunidade de que eu escapasse. Concentrei todas as energias e passei as sortes a Augusto. Também ele puxou imediatamente e também ele ficou livre; e então as possibilidades de vida ou de morte eram precisamente iguais. Nesse momento, toda a ferocidade me dominou o peito e senti, para com o meu pobre Parker, o mais intenso e diabólico dos ódios. Mas esse sentimento não se prolongou; e, afinal, com tremor convulsivo, fechando os olhos estendi as duas taliscas restantes para ele. Cinco minutos decorreram, antes que ele tivesse tomado coragem nesse período, de coração angustiado, nem uma só vez abri os olhos. Afinal, uma das duas sortes foi puxada rapidamente de minha mão e ninguém falou e, contudo, não ousei convencer-me, olhando para a talisca que estava em minha mão. A decisão fora tomada e eu não sabia se era a meu favor ou contra. Peters, por fim, tomou-me pela mão e forcei-me a levantar os olhos; vi, imediatamente a fisionomia de Parker, que eu estava salvo e fora ele o condenado. Ofegando, sem ar, caí desmaiado no tombadilho.

Recobrei-me do desmaio, a tempo de contemplar a consumação da tragédia, com a morte daquele que fora o principal instrumento de sua realização. Ele não fez qualquer resistência e foi esfaqueado nas costas por Peters, caindo instantaneamente morto. Não me demorarei sobre o pavoroso repasto que se seguiu. Tais coisas podem ser imaginadas, mas as palavras não têm poder para dar à mente a impressão do estranhíssimo horror de sua realidade. Baste-nos dizer que, tendo apaziguado de algum modo a sede destruidora que nos consumia, graças ao sangue da vítima, e tendo, de comum acordo, lançado fora as mãos, os pés e a cabeça, atirando-as com as entranhas ao mar, devoramos o resto do cadáver, pedaço a pedaço durante os quatro memoráveis dias 17, 18, 19 e 20 daquele mês.

No dia 19, caindo uma chuvinha leve, que durou vinte ou quinze minutos, conseguimos apanhar um pouco de água, por meio de um pedaço de pano que fora pescado da cabine, em nossas pesquisas, logo após a tempestade. A quantidade total que recolhemos não foi mais do que a metade de um galão; mas mesmo esta escassa provisão nos encheu de relativa energia e esperança.

No dia 21, estávamos de novo reduzidos à derradeira necessidade. O tempo permanecia ainda quente e agradável, com nevoeiros ocasionais e brisas ligeiras, mais usualmente de norte para oeste.

No dia 22, como estivéssemos sentados bem juntos uns dos outros, refletindo sombriamente em nossa lamentável condição, atravessou-me, num fulgor, o espírito uma ideia, que me inundou de esplendente clarão de esperança. Lembrei-me de que, quando o mastro de mezena tinha sido cortado, Peters, que estava nas correntes de barlavento, passou-me às mãos um dos machados, pedindo-me para colocá-lo, se possível, num lugar seguro, e de que, poucos minutos antes de se haver o derradeiro golpe pesado de mar descarregado sobre o navio, inundando-o, eu pusera o machado no castelo de proa, e deixara-o num dos beliches de bom-bordo. Pensei então ser possível que, apoderando-nos desse machado, abríssemos o convés sobre o paiol de mantimentos, e assim prontamente nos supríssemos de provisões.

Quando comuniquei este projeto a meus companheiros, emitiram o grito de alegria e todos seguimos para o castelo de proa. A dificuldade de descer ali era maior do que a de baixar à cabine, sendo a entrada muito menor, pois não se devem esquecer que todo o cavername em torno da escotilha da escada da cabine tinha sido removido, ao passo que a passagem para o castelo de proa, sendo uma simples escotilha de apenas noventa centímetros quadrados, permanecera intata. Não hesitei, contudo, em tentar descer; e tendo sido amarrada uma corda em torno de meu corpo, como antes, mergulhei ousadamente, os pés em primeiro lugar, abri caminho essas para o beliche e, à primeira tentativa, alcancei o machado. Fui saudado com a alegria e o triunfo mais extáticos e a facilidade com que aquilo foi alcançado era olhada como um presságio de nossa salvação definitiva.

Começamos então a atacar o convés, com toda a energia duma esperança reacesa. Peters e eu fazendo uso do machado por turnos, pois o

braço ferido de Augusto não lhe permitia que nos prestasse auxílio de qualquer espécie. Como estivéssemos tão fracos a ponto de mal poder-mos ficar de pé sem apoio, e só pudéssemos consequentemente, trabalhar um minuto ou dois, sem descansar, logo se tornou evidente que seriam necessárias muitas horas para levar a cabo nossa tarefa, isto é, abrir uma abertura suficientemente larga para permitir livre acesso ao paiol de mantimentos. Esta consideração, contudo, não nos desencorajou; e, trabalhando a noite inteira, à luz da lua, conseguimos levar a efeito nosso ao raiar do dia 23.

Peters se ofereceu então para descer e, tendo feito todos os preparativos como antes, desceu e logo voltou trazendo consigo um pequeno jarro, que, para grande alegria nossa, se achava azeitonas. Tendo-as distribuído entre nós e devorado com a maior gulodice, tratamos de fazer Peters descer de novo. Desta vez, alcançou ele êxito muito além de nossas maiores expectativas, voltando logo com um grande presunto e uma garrafa de vinho da Madeira. Deste, cada um de nós bebeu apenas um moderado gole tendo aprendido, por experiência própria, as perniciosas consequências de beber demasiado sem medida. O presunto, exceto cerca de duas libras perto do osso, não estava em condições de ser comido tendo ficado inteiramente estragado pela água salgada. A parte sã foi dividida entre nós. Não tendo sido capazes de conter seu apetite Peters e Augusto comeram sua parte, no mesmo instante, mas eu fui mais cauteloso e comi apenas pequena porção da minha, temendo a sede que, eu sabia, haveria de seguir-se. Descansamos pouco do nosso labor, que havia sido intoleravelmente rude.

Pelo meio-dia, sentindo-nos um tanto revigorados e repousados, renovamos nossa tentativa de recolher provisões, descendo alternativamente, eu e Peters, e sempre com mais ou menos êxito até o pôr do sol. Durante este tempo, tivemos a boa sorte de trazer ao todo, mais quatro pequenas botijas de azeitonas, outro presunto, um garrafão contendo quase três galões de excelente vinho do cabo da Madeira e, o que nos deu ainda maior satisfação, uma pequena tartaruga da espécie Galápagos, muitas das quais haviam sido postas a bordo pelo Capitão Barnard, quando o *Grampus* estava deixando o porto, tendo-as recebido da escuna *Mary Pitts* que acabava de chegar duma viagem ao Pacífico, de pesca.

Em parte subsequente desta narrativa terei frequentes ocasiões de mencionar esta espécie de tartaruga. Encontra-se, principalmente como a maior parte de meus leitores pode saber, no grupo de ilhas chamadas Galápagos, que, realmente, derivam seu nome do animal, significando a palavra “galápagos” uma espécie de tartaruga de água-doce. Por causa de sua forma característica e de sua maneira de agir, têm-na muitas vezes chamado de tartaruga-elefante. Encontram-se algumas de enorme tamanho. Eu mesmo tenho visto muitas que pesariam de mil e duzentas a mil e quinhentas libras, embora não me recorde que algum navegante conte que as tenha visto pesando mais de oitocentas libras. Seu aspecto é singular e mesmo repelente. Seus passos são muito lentos, medidos e pesados, elevando-se seu corpo a cerca de trinta centímetros acima do solo. Seu pescoço é comprido e excessivamente fino; de quarenta e cinco a sessenta centímetros e um comprimento bem comum, e eu matei uma cuja distância do ombro à extremidade da cabeça não era de menos de um metro e quinze centímetros. A cabeça tem uma semelhança chocante com a de uma serpente. Podem viver sem comida por um período de tempo quase inacreditável, conhecendo-se exemplos em que têm sido lançadas no porão de um navio, ali ficando dois anos sem nutrição de qualquer espécie, tão gordas, a todos os efeitos, e em tão bom estado, ao terminar o prazo, como quando ali foram postas a princípio. Neste particular, esses extraordinários animais se assemelham ao dromedário ou camelo do deserto. Numa bolsa, na raiz do pescoço, carregam elas constante provisão de água. Em alguns delas, matando-as depois de terem estado todo um ano privadas de qualquer nutrição, têm sido encontradas nessas bolsas cerca duns três galões de água perfeitamente doce e fresca. Seus alimentos são principalmente salsa selvagem e aipo, com beldroega, barrilha e cacto, havendo grande abundância deste último, de que elas se aproveitam maravilhosamente nas encostas, perto da praia, onde o animal é encontrado. São um alimento excelente e altamente nutritivo, e têm servido, sem dúvida, de meio de conservação das vidas de milhares de marinheiros empregados na pesca da baleia e outras ocupações no Pacífico.

A que tivéramos a boa sorte de trazer do paiol de mantimentos não era lá muito grande, pesando provavelmente sessenta e cinco ou setenta libras. Era fêmea, em ótimas condições, extremamente gorda e tendo

mais de um quarto de galão de água doce e clara no seu saco. Isto era na verdade um tesouro e, caindo de joelhos, todos de duma vez, demos fervorosas graças a Deus por tão oportuno alívio.

Tivemos grande dificuldade em fazer passar o animal pela abertura pois ele se debatia com furor e sua força era prodigiosa, a ponto de escapar das mãos de Peters e mergulhar de novo, quando Augusto, lançando uma corda, com um nó corrediço em torno de seu pescoço, manteve-a desta forma, até que eu tivesse pulado para o buraco ao lado de Peters e o auxiliasse a empurrá-la para fora.

Transvasamos cuidadosamente a água do saco para o jarro, que, não de lembrar-se, havíamos trazido antes da cabine. Feito isto, quebramos o gargalo duma garrafa, de modo a formar com a rolha uma espécie de copo que não chegava a conter vinte e cinco centilitros. Cada um de nós bebeu então um desses copos cheios, e resolvemos limitar-nos a essa quantidade por dia, tanto tempo quanto pudesse durar a provisão.

Durante os dois ou três últimos dias, tendo o tempo ficado seco e agradável, as cobertas que havíamos trazido da cabine, bem como nossas roupas, haviam secado inteiramente, de modo que passamos essa noite (a do dia 23) em relativo conforto, gozando um tranquilo repouso depois de havermos ceado lautamente azeitonas e presunto, com um pequeno gole de vinho. Receosos de ver de nossas provisões arrebatadas pelo mar durante a noite, no caso de levantar-se uma brisa forte, amarramo-las da melhor forma com as cordas, aos fragmentos do molinete. Nossa tartaruga, que tínhamos o maior interesse em conservar viva, tanto tempo quanto pudéssemos, viramo-la de costas e, além disso, prendemo-la cuidadosamente.

XIII

Julho, 24. Esta manhã nos encontrou maravilhosamente restabelecidos de coragem e força física. Não obstante a situação perigosa em que ainda nos achávamos colocados, ignorando nossas posições embora certamente a grande distância de terra, sem mais alimento do que o necessário para uma quinzena, mesmo racionado, quase inteiramente sem água e flutuando para cá e para lá, à mercê de todos os ventos e ondas, sobre

o destroço mais miserável do mundo, contudo, as angústias e perigos infinitamente mais terríveis que tínhamos sido tão recente e providencialmente libertados levavam-nos a olhar aquilo que agora suportávamos como um mal apenas um pouco maior do que o costumeiro — tão estreitamente relativos são o bem e o mal.

Ao raiar do sol estávamo-nos preparando para renovar nossas tentativas de arranjar alguma coisa do paiol de mantimentos quando, tendo sobrevindo uma forte chuvada, com alguns relâmpagos voltamos nossa atenção para a coleta de água, por meio que tínhamos usado antes para esse fim. Não tínhamos outros meios de recolher a chuva, além do de manter o pano com uma das chapas dos porta-ovéns no meio. A água assim conduzida para o centro era drenada para o nosso jarro. Já o havíamos quase enchido dessa maneira, quando uma forte rajada vinda do norte obrigou-nos a desistir, pois o casco começou mais uma vez a jogar tão violentamente que não nos podíamos conservar pé. Corremos então para a proa e, amarrando-nos, solidamente aos restos do molinete, como antes, aguardamos os acontecimentos com muito mais calma do que teríamos previsto, ou de que nos teríamos imaginado capazes em tais circunstâncias. Ao meio-dia o vento se havia avivado, mudando-se numa brisa de colher duplos rizes e, à noite, transformara-se numa borrasca violenta, acompanhada de mar tremendamente grosso. Tendo-nos ensinado, porém a experiência o melhor método de arranjar nossas amarras, suportamos essa noite terrível com tolerável segurança, embora inteiramente inundados quase a cada instante pelo mar e em perpétuo perigo de sermos tragados. Felizmente, o tempo estava tão quente que tornava a água mais agradável do que mesmo outra coisa.

Julho, 25. Esta manhã a borrasca diminuía, tanto que não era mais do que uma brisa de dez nós e o mar tinha baixado tão consideravelmente que podíamos conservar-nos a seco sobre o convés. Com grande tristeza, porém, descobrimos que dois potes de nossas azeitonas bem como todo o nosso presunto tinham sido tragados pelo mar, a despeito da cuidadosa maneira por que tinham sido amarrados. Resolvemos não matar ainda a tartaruga e contentar-nos, no momento, com um almoço de umas poucas azeitonas e um copo de água, cada um à qual misturamos, em porções iguais, um de vinho. Causou-nos grande alívio e reconforto a mistura, sem a desagradável embriaguez que se segue quando

se, bebe vinho do Porto. O mar estava ainda demasiado crespo para que recomeçássemos nossos esforços de recolher provisão do paiol. Muitos artigos sem importância para nós, em nossa presente situação, flutuaram através da abertura, durante o dia, e eram imediatamente tragados pelo oceano. Nós também observamos que o casco se ia inclinando, cada vez mais, de modo que não podíamos ficar de pé, um instante, sem nos amarrar. Por causa disto, passamos um dia sombrio e desagradável. Ao meio-dia, o sol parecia quase vertical sobre nós e não tivemos dúvida de haver sido levados pela longa sucessão dos ventos do norte e do noroeste quase para as proximidades do equador. Lá pela tarde vimos vários tubarões e ficamos um tanto quanto alarmados pela audaciosa maneira com que um enormemente grande se aproximou de nós. Em certo instante, como uma guinada houvesse lançado o casco muito abaixo da água, o monstro ficou realmente a nadar acima de nós, debatendo-se por momentos bem sobre a escotilha da passagem, e batendo violentamente com a cauda em Peters. Uma pesada onda, afinal, jogou-o para o outro lado, com grande alívio nosso. Em tempo moderado teríamos podido capturá-lo facilmente.

Julho, 26. Esta manhã, tendo o vento grandemente tombado e não estando o mar muito crespo, resolvemos renovar nossos esforços no paiol. Depois de um trabalho bastante árduo, durante o dia inteiro descobrimos que nada mais tínhamos a esperar naquele setor, os tabiques do compartimento tinham sido rebentados, durante a noite, rolando as provisões para dentro do porão. Esta descoberta, como é de supor-se, encheu-nos de desespero.

Julho, 27. Mar quase manso, com uma leve brisa, sempre de norte para oeste. Tendo-se o sol tornado bastante quente à tarde, ocupamos-nos em secar nossas roupas. Fomos muito aliviados da sede e também muito reconfortados por nos termos banhado no mar. Neste banho, porém, fomos forçados a usar de grande cautela, receosos dos tubarões, muitos dos quais foram vistos nadando em torno do brigue durante o dia.

Julho, 28. Bom tempo ainda. O brigue começou agora a inclinar-se tão alarmantemente que receamos que ele se virasse de todo, de fundo para cima. Preparam-nos o melhor que podíamos para essa emergência, amarrando nossa tartaruga, nosso jarro de água e os dois restantes potes

de azeitonas, tão distantes quanto possível, a barlavento, colocando-os por fora do casco, abaixo dos grandes porta-ovéns. O mar, muito manso o dia todo, com pouco ou nenhum vento.

Julho, 29. Continuação do mesmo tempo. O braço de Augusto começou a mostrar sintomas de gangrena. Queixa de entorpecimento e de sede excessiva, mas não de dores agudas. Nada podíamos fazer para aliviá-lo, a não ser esfregar suas feridas com um pouco do azeite das azeitonas, sem que disso parecesse resultar grande benefício. Fizemos tudo quanto estava a nosso alcance para aliviá-lo e triplicamos sua ração de água.

Julho, 30. Dia excessivamente quente, sem vento. Um enorme tubarão conservou-se junto ao casco durante toda a manhã. Fizemos várias tentativas infrutíferas para capturá-lo, por meio de um nó corrediço. Augusto muito pior e evidentemente enfraquecendo-se cada vez mais, tanto por falta de alimentação conveniente como por efeito de seus ferimentos. Suplicava a cada instante que o livrássemos de seu sofrimento, nada mais desejando senão a morte. Esta tarde, comemos nossas derradeiras azeitonas e encontramos a água, na nossa tina, tão pútrida que não podíamos engoli-la absolutamente, sem que lhe misturássemos vinho. Resolvemos matar nossa tartaruga na manhã seguinte.

Julho, 31. Depois de uma noite de excessiva ansiedade e fadiga, devido à posição do casco, pusemo-nos a matar e a cortar em pedaços nossa tartaruga. Verificou-se que ela era muito menor do que tínhamos suposto, embora de boa qualidade. Não atingia toda a carne que dela retiramos a mais de dez libras. Tendo em vista reservar uma parte, o maior tempo possível, cortamo-la em pedaços finos e os colocamos nos nossos três potes restantes de azeitonas e na garrafa de vinho (que havíamos preciosamente conservado derramando por cima o azeite das azeitonas. Desta maneira guardamos cerca de três libras da tartaruga, não tencionando tocar-lhe até termos consumido o restante. Resolvemos limitar-nos mais ou menos a cem gramas de comida por dia; dessa forma todo o alimento poderia durar uns treze dias. uma chuvarada acompanhada de fortes trovões e relâmpagos, caiu ao anoitecer mas durou tão pouco tempo que só conseguimos recolher vinte e cinco centilitros de água. Toda ela, por comum acordo foi dada a Augusto, que parecia encontrar-se agora na derradeira extremidade. Bebia a água do pano, à proporção

que a recolhíamos (pois mantínhamos o pano sobre ele de modo a deixá-la correr para sua boca), porque nada tínhamos agora que pudesse guardar a água, a não ser que resolvêssemos esvaziar nosso vinho do garrafão ou jogar fora a água podre do jarro. Qualquer desses expedientes teria sido tomado se a chuva durasse.

O doente pareceu tirar apenas pouco alívio da bebida. Seu braço estava completamente negro do punho até ao ombro, e tinha os pés gelados. Esperávamos a cada momento vê-lo dar o último suspiro. Estava horrivelmente emagrecido, tanto que, embora pesasse cento e vinte e sete libras ao deixar Nantucket, não tinha agora mais do que quarenta ou cinquenta, no máximo. Tinha os olhos encovados, visíveis apenas, e a pele de suas bochechas pendia tão frouxa que o impedia de mastigar qualquer alimento, ou mesmo de engolir qualquer líquido, sem grande dificuldade.

Agosto, 1. Continuação do mesmo tempo calmo, com um sol opressivamente quente. Excessiva tortura da sede, estando a água jarro absolutamente podre e fervilhante de bichos. Conseguimos, não obstante, engolir certa porção dela misturando-a com vinho. Nossa sede, porém, apenas se acalmou um pouco. Encontramos alívio banhando-nos no mar, mas não podíamos valer-nos expediente a não ser a longos intervalos, por causa da contínua presença de tubarões. Víamos agora, claramente, que Augusto não podia ser salvo; estava evidentemente morrendo. Nada podíamos fazer para aliviar seus sofrimentos, que pareciam ser enormes. Cerca de doze horas ele expirou, entre fortes convulsões, e sem ter falado durante horas. Sua morte encheu-nos dos mais sombrios pressentimentos e tamanho efeito teve sobre nossos espíritos que ficamos sentados, imóveis, junto ao cadáver, durante o dia inteiro, sem que jamais nos dirigíssemos um ao outro a não ser em voz baixa. Foi somente algum tempo depois do escurecer que tomamos coragem de levantar-nos e lançar o corpo pela borda. Estava então inexprimivelmente pesado e tão apodrecido que, no tentar Peters levantá-lo, uma perna inteira ficou-lhe na mão. Quando aquela massa putrefata deslizou sobre o lado do navio, para dentro da água de luz fosfórica de que já estava cercada plenamente nos mostrou sete ou oito grandes tubarões cujo matraquear horrível dos dentes, quando sua presa foi dilacerada por eles, podia ter

sido ouvido à distância de uma milha. Ouvindo esse ruído, fomos penetrados de horror, até o mais íntimo de nosso ser.

Agosto, 2. A mesma calma terrível, o mesmo calor excessivo. A madrugada encontrou-nos num estado de lastimável abatimento e de completo esgotamento físico. A água do jarro era agora completamente inutilizável, não passando de espessa massa gelatinosa, nada mais do que vermes de horrível aspecto misturados com limo. Atiramo-la fora e lavamos o jarro no mar, depois de haver derramado nele algumas gotas do azeite de nossas botijas de tartaruga picada. Mal podíamos agora suportar a sede e, em vão, tentávamos com o vinho, que só parecia ajuntar combustível às chamas nos excitava a um alto grau de embriaguez. Tentamos depois aliviar nossos sofrimentos misturando o vinho com água do mar; isso, instantaneamente, provocou em nós as mais violentas náuseas de modo que não mais o experimentamos. Durante todo o dia ansiosamente, buscamos uma oportunidade para banhar-nos, mas foi inútil, pois o casco estava agora inteiramente sitiado por os lados pelos tubarões, sem dúvida os mesmos monstros que tinham devorado nosso pobre companheiro na noite anterior e que se achavam em contínua expectativa de outro festim semelhante. Esta circunstância causou-nos a saudade mais amarga e encheu-nos dos mais deprimentes e melancólicos presságios. Havíamos experimentado indescritível alívio banhando-nos e estava além de nossas forças suportar o ficar privados desse recurso de maneira tão terrível. Aliás, não estávamos inteiramente livres do temor do imediato perigo, pois o mais leve deslize ou falso movimento poderia lançar-nos, imediatamente, ao alcance daqueles vorazes peixes que frequentemente se atiravam sobre nós nadando para sota-vento. Nem gritos nem esforços de nossa parte pareciam alarmá-los, mesmo quando um dos maiores foi atingido por Peters, com uma machadada e gravemente ferido, persistiu em suas tentativas de atirar-se aonde estávamos. Uma nuvem apareceu ao escurecer, mas para nossa extrema angústia, passou sobre nós sem desfazer-se. É inteiramente impossível conceber nossas torturas de sede nessa ocasião. Passamos uma noite em claro, quer por causa disso, quer por medo dos tubarões.

Agosto, 3. Nenhuma perspectiva de alívio e o brigue inclinava-se ainda mais e mais, de modo que agora não podíamos dar um passo sequer sobre o convés. Ocupamo-nos em pôr a salvo o nosso vinho e a carne

da tartaruga a fim de não os perder caso o navio revirasse. Arrancamos dois fortes pregos dos porta-ovéns e por meio do machado, pregamos no casco de barlavento, a uns dois pés da água, o que não ficava muito distante da quilha, pois estávamos quase de lado. A estes pregos amarramos nossas provisões que assim pareciam estar mais a salvo do que na sua antiga posição por baixo das correntes. Torturados grandemente pela sede durante o dia inteiro nenhuma oportunidade de banharmos por causa dos tubarões que não nos abandonavam um momento sequer. Impossível dormir.

Agosto, 4. Um pouco antes do raiar do dia percebemos que navio estava girando e tratamos de evitar ser lançados ao mar por esse movimento. A princípio, a rotação era lenta e gradativa, e conseguimos muito bem grimpar para barlavento, tendo tomado a precaução de deixar cordas pendentes dos pregos que havíamos fincado para as provisões. Mas não tínhamos calculado suficientemente a aceleração da força impulsiva, pois agora o movimento se tornava tão violento que não nos permitia caminhar de par com ele; e, antes que qualquer um de nós percebesse o que ia acontecer, vimo-nos jogados furiosamente no mar, debatendo-nos a muitas braças abaixo da superfície e com o enorme casco justamente sobre nós.

Ao mergulhar na água fora obrigado a largar a corda e descobrindo que me achava completamente por baixo do navio e com as minhas forças quase exaustas, fiz apenas leve esforço para salvar a vida e resignei-me, em poucos segundos, a morrer. Mas, aqui, de novo eu me enganara, não tendo levado em conta a reviravolta natural do casco para barlavento. O redemoinho da água que subia, ocasionado por esse giro parcial do navio, me trouxe à superfície ainda mais violentamente do que eu tinha sido submergido. Subindo à tona, achei-me a cerca de vinte jardas do casco tanto quanto pude julgar. Estava de quilha para cima, rolando furiosamente, de um lado para outro, enquanto o mar em todas as direções se mostrava bastante agitado e cheio de violentos torvelinhos. Não podia avistar Peters. Uma barrica de óleo flutuava, a pouca distância de mim, e vários outros artigos do brigue estavam disseminados em torno.

Meu principal terror era agora causado pelos tubarões que sabia estarem na vizinhança. A fim de evitar, se possível, que eles se aproximassem de mim, bati vigorosamente a água com os pés e mãos, enquanto

nadava para o casco, formando uma grande massa de espuma. Não tenho dúvida de que, a esse expediente tão simples como era, devo a minha salvação; pois o mar em redor do brigue, justamente antes que este revirasse, estava tão coalhado desses monstros que eu devia ter estado, e realmente estive, em verdadeiro contato com alguns deles durante o meu trajeto. Graças a uma imensa boa sorte, porém, alcancei o costado do navio a salvo, embora tão extremamente enfraquecido pelo violento esforço que empregara que jamais teria sido capaz de subir para ele, não fosse o oportuno auxílio de Peters, que, então, para minha grande alegria, apareceu (tendo trepado para a quilha pelo lado oposto do casco) e lançou-me a ponta de uma corda — uma das quais eu tinha amarrado aos pregos.

Mal tínhamos escapado a esse perigo, nossa atenção foi desviada para a terrível iminência de outro: o da completa inanição. Todo o nosso sortimento de provisões tinha sido lançado ao mar, a despeito de todo o nosso cuidado em amarrá-lo; e, não vendo sequer remota possibilidade de obter mais algum, demos largas ao nosso desespero chorando alto como crianças, e sem que nenhum de nós oferecer consolo ao outro. Mal se pode conceber tal fraqueza e, àqueles que nunca se encontraram em tal situação, não parecerá ela coisa natural; mas deve ser lembrado que nossas inteligências se achavam tão inteiramente desordenadas pelo longo período de privações e terror a que havíamos estado sujeitos que não podíamos ser justamente considerados, naquela ocasião, como seres racionais. Em perigos subsequentes, quase tão grandes, senão maiores, suportei com fortaleza todos os males de minha situação, e Peters como se verá, revelou uma filosofia estoica, quase tão incrível como a sua real e infantil indiferença e imbecilidade; a diferença estava na situação mental.

A reviravolta do brigue, mesmo com a resultante perda do vinho e da tartaruga, não teria, de fato, tornado nossa situação mais deplorável do que antes, não fosse a desapareição das roupas de cama por meio das quais até então tínhamos podido recolher a água da chuva e do jarro no qual nós a conservávamos quando apanhada, pois encontramos toda a carena, a partir de sessenta ou noventa centímetros da precinta até a quilha, e toda a própria quilha *cobertas de espessa camada de grandes moluscos que nos proporcionaram alimento excelente e altamente nutritivo.*

Dessa forma, sob dois importantes aspectos, o acidente que nos atemorizara tanto demonstrou ser mais benéfico do que prejudicial. Abrira para nós um suprimento de provisão que não poderíamos esgotar, usando-o embora imoderadamente, nem mesmo em um mês, e contribuíra grandemente para aliviar nossa posição, pois estávamos muito mais à vontade correndo infinitamente menos perigo do que antes.

A dificuldade, porém, de obter agora água fazia com fechássemos os olhos a todos os benefícios da mudança de nossa posição. Para que pudessemos estar prontos a aproveitar, o melhor possível qualquer aguaceiro que sobreviesse, tiramos as camisas, usá-las como havíamos anteriormente feito com os lençóis não esperando, sem dúvida, obter desse modo, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, mais do que um oitavo de vinte e cinco centilitros de cada vez. Nenhum sinal de nuvens apareceu durante o dia e as torturas de nossa sede eram quase intoleráveis. À noite Peters conseguiu dormir, descansado cerca de uma hora, mas meus intensos sofrimentos não me permitiram pregar olhos um só instante.

Agosto, 5. Hoje uma brisa ligeira se ergueu levando-nos através de vasta quantidade de algas, entre as quais tivemos a sorte de encontrar onze pequenos caranguejos, que nos proporcionaram várias refeições deliciosas; sendo suas cascas completamente moles, comemo-los inteiros, e descobrimos que eles provocavam bem menos nossa sede do que os moluscos. Não vendo sinais de tubarões entre as algas, aventuramos-nos também a tomar banho e permanecemos na água durante quatro ou cinco horas, nas quais experimentamos diminuição bastante sensível de nossa sede. Refrescamos-nos bastante e passamos a noite um tanto mais confortáveis que antes, tendo ambos conseguido dormir um pouco.

Agosto, 6. Fomos favorecidos hoje por uma chuva contínua que durou do meio-dia até depois do escurecer. Deploramos, então, amargamente, a perda de nosso jarro e de nosso garrafão pois, a despeito dos poucos meios que tínhamos de apanhar a água, poderíamos ter enchido um, senão mesmo os dois. Seja como for conseguimos aplacar os ardores da sede deixando que nossas camisas se encharcassem e depois torcendo-as, até que o líquido salutar se vertesse em nossa boca. Nesta ocupação passamos o dia inteiro.

Agosto, 7. Justamente ao raiar do dia descobrimos ambos ao mesmo tempo, uma vela a leste, e que *evidentemente se dirigia para nosso lado!* Saudamos a gloriosa aparição com um fraco, grito de êxtase; e começamos, no mesmo a fazer todos os sinais que podíamos, agitando as camisas no alto, pulando tão alto quanto nossa fraqueza nos podia permitir, e mesmo gritando, com toda a força de nossos pulmões, embora o navio estivesse a uma distância de quinze milhas pelo menos. No entanto continuava ele a aproximar-se sempre de nosso casco e compreendemos que, se ele persistisse na mesma direção, deveria com todas as probabilidades, chegar tão perto que nos avistaria. Cerca de hora depois de o havermos visto pela primeira vez, pudemos claramente avistar as pessoas no convés. Era uma escuna comprida, baixa, com uma vela de mezena um tanto inclinada e uma bola preta no velacho, tendo, ao que parecia, grande tripulação. Experimentamos então grande angústia, pois não podíamos imaginar que não nos visse e receávamos que quisesse deixar-nos perecer daquela forma — ato de diabólica barbaria, que, por mais incrível que pudesse parecer, tem sido repetidamente perpetrado no mar, em circunstâncias bem semelhantes e por seres olhados como pertencentes a espécie humana.^[2] Desta vez, porém, graças a Deus, estávamos destinados a enganar-nos, felizmente, pois, de súbito, percebemos uma repentina agitação no convés do navio estrangeiro, o qual, logo sem demora, içou uma bandeira inglesa e, orçando o vento, aprofundou diretamente sobre nós. Meia hora mais tarde achávamo-nos na sua cabine. O navio era o *Jane Guy*, de Liverpool, comandado pelo capitão Guido, em viagem de pesca de focas e de comércio pelos mares do sul e no Pacífico.

XIV

A *Jane Guy* era uma escuna veleira de cento e oitenta toneladas de carga. Com a proa desusadamente aguçada, tendo vento e em tempo moderado, era o mais veloz barco que já vi. Suas qualidades, porém, para navegar em mar agitado não eram tão boas, e sua tiragem de água era excessiva para o uso a que se destinava. Em caso tal, um navio maior e de tiragem proporcionalmente mais leve seria preferível; digamos, um navio de trezentas a trezentas e cinquenta toneladas. Ela deveria ser arma-

da à capa e, em outros aspectos ter construção diversa da dos navios comuns dos mares do sul. Era absolutamente necessário que tivesse bom armamento. Deveria possuir de dez a doze canhões de doze libras e dois ou três de doze, mais compridos, com bacamartes de bronze e caixões impermeáveis para cada cesto da gávea. Suas âncoras e cabos deveriam ser de maior resistência do que a requerida para outras espécies de comércio, e, acima de tudo, sua tripulação tinha de ser numerosa e eficiente: nada menos, para um vaso tal como o que descrevi, de cinquenta ou sessenta homens capazes e fortes. A *Jane Guy* tinha uma tripulação de 35 homens, todos hábeis marinheiro, além do capitão e do imediato, mas não estava completamente bem armada nem equipada, de outra parte, como teria desejado um navegador conhecedor das dificuldades e perigos de seu ramo.

O Capitão Guido era um cavalheiro de trato urbaníssimo e de considerável experiência do tráfico do sul, a que devotara grande parte de sua vida. Era deficiente, contudo, em energia e em consequência, nesse espírito de iniciativa que ali tão amplamente se requer. Era em parte proprietário do navio em que viajava e se achava investido de poderes discricionários para cruzar os mares do sul em busca de qualquer carga que lhe pudesse facilmente vir às mãos. Tinha a bordo, como de hábito em tais viagens, colares, espelhos, isqueiros, machados, machadinhas, serrotes, enxós, plainas, cinzéis, escopros, verrumas, limas, cepilhos, limatões, martelos, pregos, facas, tesouras, navalhas, agulhas, linha, louça, panos de algodão, berloques e outros artigos similares.

A escuna navegara de Liverpool a 10 de julho, atravessara o trópico de câncer a 25, na longitude de vinte graus oeste e alcançara Sal, uma das ilhas de Cabo Verde, a 29. Ali embarcou sal e outras coisas necessárias à viagem. A 3 de agosto deixou as ilhas de Cabo Verde e rumou para sudoeste, dirigindo-se para a costa do Brasil, de modo a cruzar o equador, entre os meridianos de vinte e oito e trinta graus longitude oeste. Esse é o curso usualmente adotado pelos navios que vêm da Europa para o cabo da Boa Esperança, ou pela rota das Índias Orientais. Assim fazendo evitam eles as calmarias e as fortes correntes contrárias que continuamente predominam na costa da Guiné, ao mesmo tempo que no fim de contas, esse é o caminho mais curto, pois nunca faltam ventos de oeste para quem quer atingir o cabo. Era intenção do Capitão Guido fazer sua

primeira parada na Terra de Kerguelen — mal posso imaginar por qual motivo. No dia em que fomos recolhidos a escuna estava ao largo do cabo de São Roque, na longitude de trinta e um graus oeste; assim, quando encontrados havíamos derivado provavelmente, de norte a sul, *não menos de vinte e cinco graus!*

A bordo da *Jane Guy* fomos tratados com toda a bondade que exigia nossa angustiosa situação. Em cerca de uma quinzena durante a qual continuamos rumando para sudeste com belo tempo, Peters e eu recobramo-nos inteiramente de dos efeitos de nossas recentes privações e terríveis sofrimentos, e começamos a recordar o que se passara mais como um pesadelo de que havíamos felizmente despertado do que como acontecimentos, de fato, que tivesse ocorrido na realidade nua e crua. Desde então notei que essa espécie de olvido parcial é usualmente produzida pelas transições súbitas seja da alegria para a tristeza, seja da tristeza para a alegria, sendo o grau de esquecimento proporcional ao grau de diferença na mudança. Assim, no meu caso pessoal, sentia então ser impossível apreender a extensão completa das misérias que suportara durante os dias passados no casco. Recordam-se os incidentes, mas não os sentimentos que tais incidentes produziram no tempo de sua ocorrência. Só sei que quando ocorreram, supus *então* que agonia maior a natureza humana não poderia suportar.

Continuamos nossa viagem por algumas semanas sem incidentes de maior porte que o encontro ocasional de navios baleeiros, e, mais frequentemente, com a baleia preta, assim chamada para distingui-la do cachalote. Estes, porém, eram encontrados, principalmente ao sul do paralelo vinte e cinco. A 16 de setembro, estando nas cercanias do cabo da Boa Esperança, a escuna encontrou sua primeira borrasca de alguma violência desde a partida de Liverpool. Nessas proximidades, porém, mais frequentemente a sul e a leste do promontório (estávamos a oeste), os navegantes têm sempre de enfrentar tormentas vindas do norte que se desencadeiam furiosamente. Com elas o mar se torna sempre agitadíssimo e um de mais perigosos aspectos é o redemoinhar do vento, o que é quase certo ocorrer em meio à maior força da tempestade. Estará soprando um furacão autêntico do norte ou do nordeste, a dado momento, e no momento seguinte, nem um sopro de vento se sentirá daquela direção, enquanto do sudoeste a rajada virá, imediatamente, com violên-

cia quase inconcebível. Uma nesga de céu limpo no sul é o sinal da mudança e os navios podem assim tomar as precauções convenientes.

Foi por volta das seis da manhã que o furacão se desencadeou com uma chuvarada que nuvem alguma deixara prever, vindo, como de costume, do norte. Às oito, aumentara muito e tínhamos sob nós um dos mares mais tremendos que já vi. Tudo fora acomodado o melhor possível, mas a escuna lutava com dificuldade e dava mostras de suas más qualidades como navio de alto-mar, inclinando o castelo de proa a cada vaga e debatendo-se, com o maior esforço, para sair de uma onda antes de despenhar-se em outra. Justamente antes do sol se pôr, a nesga de céu limpo pela qual estivéramos esperando apareceu a sudoeste e uma hora depois percebemos a vela pequena de frente que tínhamos, açoitando, solta, o mastro. Dois minutos após, a despeito de todos os preparativos, fomos lançados de lado, como por mágica, e uma vastidão imensa de espuma veio quebrar-se sobre nós. O furacão do sudoeste, porém, não passou felizmente de uma rajada, e tivemos a sorte de endireitar o navio sem a perda de uma verga. Poucas horas depois disso, um mar grosso e picado dava-nos o maior trabalho. Mas, ao amanhecer encontramos em situação quase tão boa como antes da tormenta. O Capitão Guido achou que escapáramos pouco menos que por milagre.

A 13 de outubro, chegamos à vista da ilha do Príncipe Eduardo, na latitude de 46 graus 53 minutos S. e longitude de 37 graus 46 minutos L. Dois dias depois encontram-nos perto da ilha da Possessão, e depois passamos pelas lhas de Crozet, na latitude de 42 graus 59 minutos S. e na longitude de 48 graus L. No dia dezoito chegamos à ilha de Kerguelen, ou da Desolação no oceano Índico meridional, e ancoramos em Porto Natal, com quatro braças de água.

Essa ilha, ou antes, esse grupo de ilhas, fica a sudeste do cabo da Boa Esperança e dista dele cerca de oitocentas léguas. Foi descoberta, primeiramente, em 1772, pelo Barão de Kergulen ou Kerguelen, um francês que, achando que aquela terra formava parte de um extenso continente austral, levou à sua pátria tal informação que na época produziu sensação enorme. O governo, interessando-se pelo caso, enviou o barão, no ano seguinte, para fazer um exame cuidadoso de sua nova descoberta, dando-se então pelo engano. Em 1777, o Capitão Cook veio a dar com o mesmo grupo e veio a dar à ilha principal o nome de ilha da De-

solação, título que ela certamente merece. Ao aproximar-se da terra, porém, o navegante pode ser induzido a supor o contrário, pois as encostas de muitas das colinas, de setembro a março, revestem-se de brilhante verdura. Essa enganosa aparência é causada por uma pequena planta que se assemelha às saxífragas e que é abundante, crescendo em vastos lençóis sobre uma espécie de musgo de pedra. Além dessa planta, raros são os sinais de vegetação na ilha, se excetuarmos alguma relva dura e selvagem, nas proximidades do porto, alguns líquens, e uma planta que se assemelhava a uma couve passada e que tinha um gosto acre e amargo.

O aspecto da região é acidentado, embora nenhuma de suas colinas possa ser considerada elevada. Seus cimos estão perpetuamente cobertos de neve. Há diversos ancoradouros, mas Porto Natal é o mais conveniente. É o primeiro que se encontra do lado nordeste da ilha, depois de passado o cabo François, que forma a praia do norte e, por sua forma especial, serve para assinalar o porto. Sua ponta terminal finda numa rocha elevada através da qual existe grande cavidade, formando um arco natural. A entrada está na latitude 48 graus 40 minutos S., e longitude 69 graus e 6 minutos L. Passando por ali pode-se encontrar boa ancoragem entre diversas ilhotas disseminadas que formam proteção suficiente para os ventos de leste. Passando a oriente desse ancoradouro chega-se à baía Wasp, na entrada do porto. É uma angra completamente fechada por terra na qual se pode entrar com quatro braças e encontrar ancoragem de dez a três, sendo o fundo de argila dura. Um navio pode ficar ali com a melhor âncora guardada o ano inteiro, sem correr risco. A oeste na entrada da baía Wasp, há um riacho de excelente água, facilmente encontrado.

Certas focas das espécies lisa e peluda são ainda achadas na ilha de Kerguelen e os elefantes-marinheiros são abundantes. Grande é o número das espécies de penas. Há inúmeros pinguins, de quatro tipos diferentes. O pinguim-real, assim chamado por seu tamanho e bela plumagem, é o maior. A parte superior de seu corpo é habitualmente cinzenta e às vezes de uma tonalidade arroxeada; a parte inferior é da mais pura alvura imaginável. A cabeça é de um negro polido e brilhantíssimo, bem como os pés. A principal beleza da plumagem, porém, consiste em duas largas faixas de cor dourada que correm da cabeça até o peito. O bico é longo e cor-de-rosa ou escarlate-vivo. Essas aves andam eretas, com imponente

majestade. Trazem as cabeças levantadas, com as asas caindo, como dois braços e, como a cauda se projeta de seu corpo em linha reta com as pernas, a semelhança com uma figura humana é impressionante e seria capaz de enganar o espectador, a um relancear de olhos casual, ou no lusco-fusco. Os pinguins-reais que encontramos na ilha de Kerguelen eram bem maiores que um ganso. As outras espécies são o pinguim “macarrão”, o pinguim “abobalhado” e o pinguim “gralhador”. São eles muito menores em tamanho, menos belos na plumagem e diferentes sob outros aspectos.

Além dos pinguins, muitas outras aves ali se acham, entre as quais corvos-marinhos, procelárias azuis, cercetas, patos, galinhas de Port Egmont, corvos verdes, pombos-do-cabo, gaivotas-polares, andorinhas-do-mar, esternas, gaivotas comuns, o pequeno petrel, chamado *Mother Carrey's chicken*, o grande petrel, chamado *Mother Carrey's goose*^[3], e, por fim, o albatroz.

O grande petrel é do tamanho do albatroz comum e é carnívoro. Frequentemente o chamam quebra-ossos ou águia-marinha. Não é absolutamente medroso e, quando devidamente cozido, é saboroso alimento. Ao voar, paira, às vezes, muito perto da superfície da água, com as asas estendidas, sem parecer movê-las no mínimo, sem fazer qualquer esforço com elas.

O albatroz é uma das maiores e das mais ferozes aves dos mares. É da espécie das gaivotas e nunca vem à terra, a não ser para fins de procriação, apanhando sua presa nos ares. Entre essa ave e o pinguim existe a mais singular das amizades. Seus ninhos são construídos com grande uniformidade, de acordo com um plano concertado entre as duas espécies, ficando o do albatroz no centro de um pequeno quadrado, formado pelos ninhos de quatro pinguins. Os navegadores combinaram em chamar uma reunião de tais acampamentos de *cortiço*. Esses cortiços têm sido muitas vezes descritos, mas como meus leitores podem não ter visto tais descrições e como eu terei, mais adiante, ocasião de falar do pinguim e do albatroz, não será ocioso dizer aqui alguma coisa sobre seu modo de nidificar e viver.

Quando chega a época da incubação, as aves se reúnem em vastos grupos e, durante alguns dias, parecem estar confabulando sobre o caminho mais próprio a tomar. Afinal, passam à ação. Escolhe-se um tre-

cho de terreno plano, de extensão conveniente, usualmente compreendendo três ou quatro acres, e situado tão perto do mar quanto possível, mas fora do alcance das ondas. O lugar é escolhido tendo em vista a igualdade da superfície, preferindo-se o menos pedregoso. Feito isso, os pássaros passam, de comum acordo, e dirigidos aparentemente por uma só cabeça, a traçar com correção matemática, ou um quadrado ou outro paralelograma, tal como mais convenha à natureza do solo, e de tamanho suficientemente justo para acomodar, com facilidade, todas as aves do grupo e não mais; nesse particular, parecendo querer evitar o acesso de futuros vagabundos que não participaram dos trabalhos de construção. Um lado do lugar assim demarcado corre paralelamente com a orla da água e é deixado aberto para entrada e saída.

Tendo definido os limites do cortiço, a colônia começa então a limpá-lo de toda espécie de calhaus, retirando pedra por pedra e carregando-as para fora das lindes, mas junto a elas, de modo a formar uma muralha, nos três lados de terra. Precisamente dentro dessa parede formam um passeio perfeitamente plano de um metro e oitenta centímetros e dois metros e quarenta centímetros de largura, que se estende em torno do acampamento servindo assim para os fins de passear.

O processo seguinte é a repartição da área, em pequenos quadrados, exatamente iguais no tamanho. Faz-se isso formando estreitos caminhos, bem lisos, que se cruzam em ângulos reto por toda a extensão do cortiço. Em cada interseção desses caminhos se constrói o ninho de um albatroz, ficando o ninho de um pinguim no centro de cada quadrado. Assim, cada pinguim é rodeado por quatro albatrozes e cada albatroz por um número idêntico de pinguins. O ninho dos pinguins consiste de um buraco no chão, tendo apenas a profundidade suficiente para impedir que seu único ovo role. O albatroz é um tanto menos simples em seus arranjos construindo um montículo de cerca de trinta centímetros de altura e noventa de diâmetro. Esse montículo é feito de terra, algas e conchas. No seu cimo o albatroz constrói seu ninho.

As aves têm cuidado especial em não deixar seus ninhos desocupados, um só instante, durante o período de incubação ou de fato, até que a jovem progênie seja bastante forte para cuidar de si mesma. Quando o macho está ausente no mar, à busca de alimentos, a fêmea permanece de guarda, e é só depois da volta de seu companheiro que ela se aventura a

sair. Os ovos de modo algum são deixados descobertos. Enquanto uma das aves sai do ninho, a outra se aninha, por seu lado, nele. Essa preocupação torna-se necessária, em vista das propensões de roubo, dominantes no cortiço, não tendo cada habitante escrúpulo em furtar os ovos dos outros, a cada boa oportunidade.

Embora haja alguns cortiços nos quais o pinguim e o albatroz sejam os únicos habitantes, na maioria deles, porém, ampla variedade de aves oceânicas é admitida, gozando de todos os privilégios de cidadania e espalhando seus ninhos aqui e ali, onde puderem achar espaço, sem interferir, porém, com a localização das espécies maiores. A aparência de tais acampamentos, quando vistos de longe, é extremamente singular. Toda a atmosfera, bem por cima do estabelecimento, se enegrece com o número imenso de albatrozes (misturados com as tribos menores) que continuamente pairam sobre ele, indo para o oceano ou regressando para casa. Ao mesmo tempo uma multidão de pinguins se observa, alguns passando para lá e para cá pelas aleias estreitas, alguns marchando, com o jeito militar que lhes é próprio, em volta do campo de passeio comum que circunda o cortiço. Em suma, de qualquer modo que o encaremos nada pode ser mais admirável do que o senso de reflexão revelado por esses entes alados e nada certamente pode ser mais bem destinado a provocar a meditação em todo o intelecto humano que raciocine.

Na manhã seguinte à nossa chegada a Porto Natal, o imediato, Sr. Patterson, tomou os botes e, embora a estação estivesse começando apenas, saiu à busca de focas, deixando o capitão e um jovem parente deste numa ponta de terra nua a oeste, pois tinham alguma coisa a realizar no interior da ilha que não pude saber o que fosse. O Capitão Guido levou consigo uma garrafa, na qual estava uma carta selada, e caminhou da ponta em que se achava na praia, para um dos mais altos picos do local. E provável que sua intenção fosse a de deixar a carta naquela altura, para algum navio que esperava viesse depois dele. Logo que o perdemos de vista passamos (Peters e eu estávamos no bote do imediato) a percorrer a costa a procura de focas. Ocupando-nos três semanas nesse negócio, examinando com grande cuidado cada recesso e cada recanto da Terra de Kerguelen, além das diversas pequenas ilhas nas vizinhanças. Nossos trabalhos, porém, não foram coroados de qualquer êxito importante. Vimos grande quantidade de focas de peles de valor, mas eram excessi-

vamente ariscas e, com os maiores esforços pudemos apenas arranjar trezentas e cinquenta peles ao todo. Elefantes-marinheiros eram abundantes, especialmente no lado ocidental da ilha principal, mas só matamos vinte deles, assim mesmo com a maior dificuldade. Nas ilhas menores, descobrimos muitas focas peludas, mas não as molestamos. Voltamos à escuna no dia onze e lá o Capitão Guido e seu sobrinho, que fizeram uma descrição muito ruim do interior, apresentando-o como uma das regiões mais lúgubres e extremamente estéreis do mundo. Tinham permanecido duas noites na ilha, devido a algum desentendimento, por parte do segundo piloto, relativamente ao envio de um escaler da escuna para buscá-los.

XV

No dia doze navegamos de Porto Natal, refazendo nossa rota para oeste e deixando a bombordo a ilha de Marion, uma do grupo de Crozet. Passamos depois pela ilha do Príncipe Eduardo, deixando-a também à nossa esquerda. Depois, rumando mais para o norte alcançamos, em quinze dias, as ilhas de Tristão da Cunha, a 37 graus e 8 minutos de latitude S. e 12 graus e 8 minutos longitude oeste.

Esse grupo, agora tão bem conhecido e que consiste de três ilhas circulares, foi primeiramente descoberto pelos portugueses e visitado depois pelos holandeses, em 1643, e pelos franceses, em 1767. As três ilhas juntas formam um triângulo e distam entre si dez milhas cada uma, mais ou menos. O terreno é em todas elas muito elevado, especialmente na propriamente chamada Tristão da Cunha. Esta é a maior do grupo, tendo quinze milhas de circunferência e sendo tão alta que pode ser vista, em tempo claro, de uma distância de oitenta ou noventa milhas. Uma parte do terreno para o norte ergue-se, perpendicularmente, a mais de trezentos metros do mar. Um planalto estende-se nessa elevação até quase o centro da ilha e desse planalto se levanta um cone alto como o de Tenerife. A metade inferior desse cone é revestida de árvores de bom tamanho, mas a região superior é de rocha estéril, habitualmente oculta entre as nuvens e coberta de neve durante a maior parte do ano. Não há bancos de areia nem outros perigos em torno da ilha, as praias são nota-

velmente seguras e as águas profundas. Na costa do noroeste há uma baía, com uma praia de areia preta onde um desembarque com botes pode ser facilmente efetuado contanto que haja vento do sul. Água excelente e abundante pode ser ali prontamente encontrada; também bacalhaus e outros peixes podem ser apanhados com linha ou arpão.

A ilha que se segue em tamanho, a mais ocidental do grupo é a chamada Inacessível. Está situada precisamente a 37 graus e 17 minutos latitude sul e a 12 graus e 24 minutos de longitude oeste. Tem sete ou oito milhas de circunferência e apresenta, por todos os lados, um aspecto proibitivo de despenhadeiros. Seu cume é perfeitamente chato e toda a região é estéril, nada crescendo ali à exceção de poucos arbustos definhados.

A ilha do Rouxinol, a menor e a mais meridional, está a 37 graus e 26 minutos de latitude sul e a 12 graus e 12 minutos de longitude oeste. Para extremidade meridional há um alta cadeia de ilhotas rochosas também algumas de aparência semelhante são vistas para nordeste. O terreno é irregular e estéril, parcialmente separado por um vale profundo.

As praias dessas ilhas abundam, na estação propícia de leões marinhos, elefantes-marinhos, focas nuas e peludas, bem como grande variedade de pássaros oceânicos. Também baleias são abundantes em suas vizinhanças. Graças à facilidade com que tão variados animais ali eram antigamente encontrados, o grupo foi muito visitado desde sua descoberta. Holandeses e franceses frequentaram-no no primeiro período. Em 1790, o Capitão Patten, do navio *Industry*, de Filadélfia, foi a Tristão da Cunha, onde permaneceu sete meses (de agosto de 1790 a abril de 1791) a fim de reunir peles de focas. Nesse tempo juntou nada menos de cinco mil e seiscentas e disse que não teria dificuldade em carregar de peles um grande navio em três semanas. Depois de sua chegada não encontrou quadrúpedes a não serem poucas cabras selvagens; na ilha, agora, abundam todos os nossos mais valiosos animais domésticos, que ali foram introduzidos pelos navegantes subsequentes.

Creio não ter sido muito depois da visita do Capitão Patten que o Capitão Colquhoun, do brigue americano *Betsey*, tocou na maior das ilhas para fim de descanso. Plantou cebolas, batatas, couves e muitos outros vegetais, que agora se encontram em grande quantidade.

Em 1811, um tal Capitão Haywood, no *Nereus*, visitou Tristão. Encontrou lá três americanos que residiam na ilha para preparar pele de foca e óleo. Um desses homens chamava-se Jonathan Lambert e proclamava-se o soberano da região. Lavrara e cultivara cerca de sessenta jeiras de terra e devotava sua atenção à lavoura de café e cana-de-açúcar, de que recebera mudas pelo ministro americano no Rio de Janeiro. Esse estabelecimento, contudo, foi abandonado e, em 1817, o governo britânico tomou posse tendo enviado para esse fim um destacamento do cabo da Boa Esperança. Não foram contudo retidas muito tempo; mas, depois da evacuação das ilhas como possessão britânica, duas ou três famílias inglesas fixaram ali residência, independentemente do Governo. A 25 de março de 1824, o *Berwick*, comandado pelo capitão Jeffrey, indo de Londres à Terra de Van Diemen, chegou ao local onde encontrou um inglês de nome Glass, outrora cabo da artilharia britânica. Ele pretendia ser o governador supremo das ilhas e tinha sob seu controle vinte e um homens e três mulheres. Falou muito favoravelmente sobre a salubridade do clima e a uberdade do solo. A população se ocupava principalmente em reunir peles de foca e óleo de elefante-marinho que negociava com o cabo da Boa Esperança, pois Glass possuía uma pequena escuna. No período de nossa chegada, o governador era ainda esse residente mas sua pequena comunidade se multiplicara, havendo cinquenta e seis pessoas em Tristão, além de um estabelecimento menor, de sete pessoas na ilha do Rouxinol. Não tivemos dificuldade em encontrar quase todas as espécies de reabastecimentos de que necessitávamos: carneiros, porcos, bezerros, coelhos, aves, cabras, peixes em grande variedade e vegetais eram abundantes. Tendo lançado âncora junto à ilha maior, com dezoito braças de profundidade tomamos a bordo tudo o de que precisávamos, muito convenientemente. O Capitão Guido também adquiriu de Glass quinhentas peles de foca e algum marfim. Permanecemos ali uma semana, durante a qual os ventos dominantes eram de norte e oeste e o tempo estava algo nebuloso. A quinze de novembro, navegamos para o sul e para oeste, com a intenção de realizar completa pesquisa sobre um grupo de ilhas chamadas Auroras, a respeito de cuja existência havia grande diversidade de opiniões.

Dizia-se que essas ilhas foram descobertas, primitivamente, em 1762, pelo comandante do navio *Aurora*. Em 1790, o Capitão Manuel de

Oyarvido, no navio *Princesa*, que pertencia à Real Companhia Filipina, navegou, como asseverou, diretamente entre elas. Em 1794, a corveta espanhola *Atrevida* saiu com a determinação de averiguar sua situação precisa e, num documento publicado pela Real Sociedade Hidrográfica de Madri, no ano de 1809, usa-se a seguinte linguagem, com respeito a essa expedição: “A corveta *Atrevida* efetuou, em sua imediata vizinhança, de 21 a 27 de janeiro, todas as necessárias investigações e mediu, com o uso do cronômetros, a diferença de longitude entre essas ilhas e o porto de Soledade, Manilha. As ilhas são três; estão muito aproximadamente no mesmo meridiano; a central é mais baixa e as outras duas podem ser vistas a nove léguas de distância.” As observações feitas a bordo da *Atrevida* davam os seguintes resultados, como a precisa situação de cada ilha: a mais setentrional estava a 52 graus 37 minutos e 24 segundos de latitude sul e 47 graus 43 minutos 15 segundos de longitude oeste; a do meio, 53 graus 2 minutos 40 segundos de latitude sul e 47 graus 55 minutos 15 segundos de longitude oeste; e a mais ao sul, a 53 graus 15 minutos 22 segundos de latitude, 47 graus 57 minutos 15 segundos de longitude oeste.

A 27 de janeiro de 1820, o Capitão James Weddel, da marinha inglesa, partiu da Terra de Staten, também em busca das Auroras. Narra que tendo feito as mais diligentes pesquisas e passado não só mesmo sobre os pontos indicados pelo comandante da *Atrevida*, como em todas as direções, por toda a vizinhança desse não pôde descobrir o menor sinal de terra. Esses informes divergentes induziram outros navegantes a procurar essas ilhas, e é estranho dizer, enquanto alguns cruzaram todas as polegadas do mar, no local onde se supunha que elas existissem, sem encontrá-la, não poucos foram os que positivamente declararam havê-las visto e mesmo haver estado junto de suas praias. Era intento do capitão Guido fazer todos os esforços a seu alcance para decidir uma questão tão estranhamente disputada.^[4]

Conservamos nosso roteiro entre o sul e o oeste, com tempo variável, até o dia vinte do mês, quando nos encontramos na região discutida; estávamos a 53 graus 15 minutos de latitude sul e 47 graus e 58 minutos de longitude oeste, isto é, muito próximos do ponto indicado como a situação da mais meridional do grupo. Não percebendo qualquer sinal de terra, continuamos para o ocidente, no paralelo 53 graus sul, até o meridiano de 50 graus oeste. Voltamos então para até o paralelo de 52 graus

sul, quando nos viramos para leste e conferimos nosso paralelo por duplas altitudes, de manhã e pelas altitudes meridianas dos planetas e da lua. Tendo para leste, até o meridiano da costa ocidental da Geórgia conservamos aquele meridiano até estarmos na latitude de que tínhamos saído. Tomamos após rumos diagonais, em todas as direções, na inteira extensão do mar circunscrito, conservando um vigia constantemente no mastro principal e repetindo nosso exame com o maior cuidado, pelo período de três semanas, durante o qual o tempo foi notavelmente agradável e belo, sem névoa de espécie alguma. Naturalmente ficamos inteiramente cientes de que, se ilhas pudessem haver existido, naquelas proximidades, em qualquer período anterior, nenhum vestígio delas restava nos dias atuais. Depois de minha volta ao lar soube que o mesmo local fora percorrido em 1822, com igual cuidado, pelo Capitão Johnson, da escuna americana, *Henry*, e pelo Capitão Morrell, da escuna americana *Wasp*. Em ambos os casos, o resultado foi o mesmo que obtivemos.

XVI

Fora intenção original do Capitão Guido, depois de satisfazer-se das Auroras, prosseguir pelo estreito de Magalhães e subir ao longo da costa ocidental da Patagônia; mas uma informação em Tristão da Cunha induziu-o a rumar para o sul, na esperança de dar com algumas ilhotas que se dizia encontrarem-se nas vizinhanças do paralelo de 60 graus sul, longitude 41 graus 20 minutos oeste. No caso de não descobrir essas ilhas, resolveu, caso a estação se mostrasse favorável, atirar-se na direção do polo. Em consequência a doze de dezembro, navegamos naquela direção. A dezoito encontramos-nos perto do ponto indicado por Glass, e cruzamos por três dias naquelas cercanias, sem encontrar quaisquer sinais das ilhas que ele mencionara. A vinte e um, tornou-se o tempo anormalmente agradável, e de novo navegamos para o sul com a resolução de avançar, por aquela rota, tão longe quanto possível. Antes de entrar nesta parte de minha narrativa pareceria bem, para informação daqueles leitores que pouca atenção têm prestado aos das descobertas nessa região, dar um breve relato das pouquíssimas tentativas até então feitas para alcançar o polo sul.

O Capitão Cook é o primeiro de quem temos qualquer narrativa precisa. Em 1772 navegou ele para o sul, no *Resolution*, acompanhado do Tenente Fourneaux no *Adventure*. Em dezembro encontrou-se nas distâncias do paralelo 58 graus de latitude sul e a 26 graus e 57 minutos de longitude leste. Aí, encontrou estreitos campos de gelo, de cerca de oito ou dez polegadas de espessura, que corriam nas direções norte-sudeste. Esse gelo repartia-se em grandes pedaços e, normalmente se acumulavam eles tão estreitamente que o navio tinha a maior dificuldade para forçar uma passagem. Nessa ocasião, o Capitão Cook supunha, dado o vasto número de pássaros que se viam e conforme outras indicações, que se achava muito próximo de terra. Conservou o rumo ao sul, estando o tempo excessivamente frio, até que alcançou o paralelo de 64 graus, na longitude de 38 graus e 14 minutos leste. Ali o tempo era moderado, com brisas suaves, e durante cinco dias o termômetro marcou trinta e seis graus. Em janeiro de 1773, os navios cruzaram o círculo antártico, mas não conseguiram adiantar-se muito mais, porque, depois de alcançar a latitude de 67 graus e 15 minutos verificaram que todos os progressos para a frente eram impedidos por uma massa imensa de gelo que se estendia por todo o horizonte meridional até onde o olho pudessem alcançar. Era esse um gelo de extrema variedade e muitas pontas dele, por milhas de extensão, formavam uma compacta massa, que se alteava a cinco ou seis metros sobre a água. Estando a estação adiantada e não havendo quaisquer esperanças de contornar esses obstáculos, o Capitão Cook, embora a contragosto, rumou para o norte.

No seguinte novembro renovou sua pesquisa pelo Antártico. Na latitude 59 graus e 40 minutos encontrou-se com uma forte corrente dirigida para o sul. Em dezembro, quando os navios estavam na latitude de 67 graus e 31 minutos e na longitude de 142 graus e 54 minutos oeste, o frio era excessivo e com fortes tempestades e nevoeiro. Também aí os pássaros abundavam; o albatroz, o pinguim e o petrel, especialmente. Na latitude de 70 graus 23 minutos várias grandes ilhas de gelo foram encontradas e pouco depois as nuvens observadas ao sul revelaram ser de brancura de neve, indicando a vizinhança do campo de gelo. Na latitude de 71 graus 10 minutos e longitude de 106 graus e 54 minutos oeste, os exploradores foram detidos, como anteriormente, por uma imensa extensão gelada que enchia toda a área de horizonte meridional. A orla

norte desta extensão era anfractuosa e quebrada, tão firmemente cheia por inteiro de frinças como para tornar-se completamente intransponível e estendia-se a cerca de uma milha para o sul. Por trás dela a superfície gelada era comparativamente não acidentada por alguma distância, terminando depois no plano extremo por gigantescas fileiras de montanhas de gelo, umas sobrepujando as outras. O Capitão Cook concluiu que aquele vasto campo ia até o polo ou se ligava a um continente. O Sr. J. N. Reynolds, cujos grande esforços e perseverança, afinal, conseguiram pôr em ponto de partida uma expedição nacional, parcialmente com o intento de explorar tais regiões, assim falou sobre a tentativa do *Resolution*: “Não nos surpreendemos de que o Capitão Cook tenha sido incapaz de ir além dos 71 graus e 10 minutos, mas muito nos espanta que não tenha atingido o meridiano de 106 graus 54 minutos de longitude oeste. A Terra de Palmer fica ao sul das Shetland, a 64 graus de latitude, e dirige-se para o sul e para oeste mais do que qualquer navegador já penetrou. Cook estava nas proximidades dessa região quando seu avanço foi impedido pelo gelo; o que deduzimos, deve sempre ocorrer naquele ponto, sendo incipiente a estação, como a seis de janeiro. E não nos surpreenderia que uma parte das montanhas de gelo descritas fosse ligada ao corpo principal da Terra de Palmer ou a qualquer outras porções de terra situadas mais ao sul e a Oeste.”

Em 1803, os Capitães Kreutzenstern e Lisiausky foram enviados por Alexandre da Rússia para o fim de circunavegarem o globo. Tentando alcançar o sul, não foram além dos 59 graus de latitude, na longitude de 70 graus e 15 minutos oeste. Ali se encontraram com fortes correntes dirigidas para leste. As baleias eram abundantes, mas eles não viram gelo. Em relação à sua viagem, o Sr. Reynolds observava que se Kreutzenstern tivesse chegado onde chegou em estação menos adiantada, devia ter encontrado gelo. Corria o mês de março quando encontraram a latitude especificada. Os ventos dominantes que provinham do sul e do oeste haviam carregado as pontas de gelo, ajudados pelas correntes, para aquela região limitada ao norte pela Georgia, ao leste pela Terra de Sandwich e pelas Órcadas do Sul, e a oeste pelas ilhas Shetland do Sul.

Em 1822, o Capitão James Weddel, da marinha britânica, com navios muito pequenos, penetrou no sul mais avançadamente que qualquer navegador anterior, e também, sem encontrar extraordinária dificuldades.

Narra ele que, embora frequentemente fosse circundado pelo gelo *antes* de alcançar o paralelo 72, nenhuma partícula de gelo descobriu, entretanto, depois de atingi-lo; e, depois de chegar à latitude de 74 graus e 15 minutos, nenhum campo e só três ilhas de gelo foram visíveis. É algo notável que, embora vastos bandos de pássaros se vissem, bem como outras costumeiras indicações de terra e embora costas desconhecidas tivessem sido observadas do mastro e de vigia, ao sul das Shetland, estendendo-se para o sul, Weddel não apoie a ideia de existir terra nas regiões polares do sul.

A 11 de janeiro de 1823, o Capitão Benjamim Morrell, da escuna americana *Wasp*, zarpou da Terra de Kerguelen com o objetivo de penetrar o mais possível no sul. A primeiro de fevereiro encontrou-se na latitude de 64 graus e 52 minutos sul, longitude de 118 graus e 27 minutos leste. A seguinte passagem é extraída de seu diário daquela data: “O vento logo refrescou numa brisa de onze nós, e aproveitamos essa oportunidade para fazer-nos a oeste; contudo, convencidos de que quanto mais avançássemos para o sul, além da latitude de 64 graus, menos gelo seria encontrado, rumamos um pouco para a sul, até cruzar o círculo antártico, e chegamos à latitude de 69 graus 15 minutos. Nessa latitude *não havia campos de gelo* e muito poucas ilhas de gelo se viam.”

Sob a data de quatorze de março, também achei esta anotação: “O mar estava agora inteiramente livre de campos de gelo e não se avistavam mais de doze ilhas de gelo. Ao mesmo tempo a temperatura do ar e da água era pelo menos treze graus mais alta (mais tépida) do que jamais a encontráramos entre os paralelos de 60 e 62 graus sul. Achávamo-nos então na latitude 70 graus 14 minutos sul e a temperatura do ar era de quarenta e sete e a da água era de quarenta e quatro graus. Nessa situação verifiquei que a variação era de 14 graus 27 minutos para o leste, por azimute. Várias vezes atravessei o círculo antártico, em diferentes meridianos, e uniformemente verifiquei que a temperatura, tanto do ar como da água, se tornava mais e mais tépida à medida que avançávamos para além de 65 graus. E que a variação decrescia na mesma proporção. Enquanto ao norte dessa latitude, quero dizer, entre 60 e 65 graus sul, frequentemente tínhamos grandes dificuldades em conseguir passagem para o navio entre as imensas e quase incontáveis ilhas de gelo, algumas das

quais tinham de uma a duas milhas de circunferência e mais de cento e cinquenta metros de altura sobre a superfície da água.”

Achando-se quase privado de combustível e de água e sem instrumentos adequados e como já ia adiantada a estação, o Capitão Morell foi então obrigado a regressar sem tentar maiores avanços para o oeste, embora um mar inteiramente livre se estendesse à sua frente. Expressa ele a opinião de que, não fossem aquelas considerações predominantes que o obrigaram a retirar-se, poderia ter penetrado, senão até o próprio polo, pelo menos até o paralelo de 85 graus. Explanei suas ideias a respeito do assunto um tanto longamente, para que o leitor possa ter uma oportunidade de verificar como foram ultrapassados por minha experiência subsequente.

Em 1831, o Capitão Briscoe, contratado pelos Srs. Enderby, de Londres, proprietários de navios baleeiros, zarparam para os mares do sul no brigue *Lively*, acompanhados pelo cúter *Tula*. A vinte e oito de fevereiro, estando na latitude de 66 graus 30 minutos sul, e na longitude de 47 graus e 13 minutos leste, descreveu ele ter visto terra e “descoberto claramente através da neve os picos negros de uma cadeia de montanhas que corria na direção leste-sudeste”. Permaneceu naquelas cercanias durante todo o mês seguinte, mas não foi capaz de aproximar-se mais de dez léguas da costa, devido ao estado tempestuoso do tempo. Achando impossível fazer maior descoberta nesta estação, voltou para o norte a fim de passar o inverno na Terra de Van Diemen.

No princípio de 1832 seguiu de novo para o sul, e a quatro de fevereiro foi vista terra ao sudoeste, na latitude de 67 graus e 15 minutos, e longitude de 69 graus e 29 minutos oeste. Logo se verificou tratar-se de uma ilha perto de um cabo, da região que ele primeiro descobrira. A vinte e um desse mês conseguiu ele desembarcar na última e tomou posse dela no nome de Guilherme IV, chamando-a ilha Adelaide em honra da rainha inglesa. Conhecidos tais detalhes pela Real Sociedade Geográfica de Londres, aquele instituto chegou à conclusão de que “existe uma extensão continua de terra que se estende de 47 graus e 30 minutos leste a 69 graus e 29 minutos oeste de longitude, correndo entre os paralelos de 66 a 67 graus de latitude sul”. A respeito dessa conclusão o Sr. Reynolds observa: “Não apoiamos de modo algum a correção disso; mas as descobertas de Briscoe asseguram tal inferência. Foi dentro desses limi-

tes que Weddel seguiu para o sul, sobre meridiano a leste de Geórgia, Terra de Sandwich, Órcadas do Sul, e ilhas Shetland. Minha própria experiência servirá para testificar, mais diretamente, a falsidade da conclusão a que chegou a Sociedade.”

Tais são as principais tentativas que se fizeram para penetrar em mais alta latitude meridional e ver-se-á agora que restavam antes da viagem da *Jane*, cerca de trezentos graus de longitude nos quais absolutamente não havia sido atravessado o círculo antártico. Naturalmente, um vasto campo para descobertas estava à nossa frente e foi com os sentimentos do maior interesse que ouvi Capitão Guido expressar sua resolução de lançar-se ousadamente em direção ao sul.

XVII

Mantivemos nosso rumo para o sul durante quatro dias depois de desistir da busca das ilhas de Glass, sem encontrar absolutamente qualquer espécie de gelo. Ao meio-dia de vinte e seis, estávamos na latitude de 63 graus e 23 minutos sul e na longitude de 41 graus e 25 minutos oeste. Vimos, então diversas e grandes ilhas de gelo e uma ponta ou campo de gelo não contudo de grande extensão. Os ventos sopravam geralmente de sudeste ou do nordeste, mas muito fracos. Quando tínhamos um vento de oeste, o que as vezes sucedia, acompanhava-o invariavelmente um aguaceiro. Todos os dias tínhamos mais ou menos neve. O termômetro, no dia vinte e sete, permaneceu nos dois graus.

Janeiro, 1, 1828. Neste dia encontramos-nos completamente cercados de gelo e nossas esperanças parecem na verdade melancólicas. Caiu forte tempestade durante toda a tarde, vinda de nordeste e conduzindo grandes massas de gelo flutuante contra o leme e o mostrador, com violência tal que todos tememos as consequências. Mais para a tarde, a tempestade ainda soprava com fúria; separou-se em frente um grande campo e fomos capazes, largando uma porção de velas, de forçar uma passagem, entre os blocos menores, para alguma água livre além deles. Ao nos aproximarmos desse espaço ferramos gradualmente as velas e, tendo afinal tido êxito, paramos apenas com uma vela de traquete nos rizes.

Janeiro, 2. Temos agora um tempo toleravelmente aprazível. Ao meio dia achamo-nos na latitude de 69 graus 10 minutos sul e na longitude de 42 graus e 20 minutos oeste, tendo atravessado o círculo antártico. Pouquíssimo gelo se vê para o sul, embora enormes campos gelados se estendam de nós. Neste dia aparelhamos várias sondas, usando um grande pote de ferro capaz de conter vinte galões e uma linha de duzentas braças. Encontramos a corrente dirigindo-se para o norte, a cerca de um quarto de milha por hora. A temperatura do ar era então de cerca de um grau. Verificamos ser a variação de 14 graus e 28 minutos ao oriente, por azimuth.

Janeiro, 5. Continuamos ainda para o sul, sem quaisquer maiores impedimentos. Nesta manhã, contudo, estando na latitude de 73 graus e 15 minutos sul, longitude de 42 graus e 10 minutos oeste, fomos de novo obrigados a deter-nos por uma imensa extensão de gelo firme. Vimos, não obstante, muita água livre para o sul e não tivemos dúvida de ser capaz de alcançá-la eventualmente. Contornando para o leste, ao longo da margem do campo, chegamos a uma passagem de cerca de uma milha de largura, através da qual forçamos caminho, ao por do sol. O mar em que depois nos achamos estava espessamente coberto de ilhas de gelo, mas não tinha campos de gelo e atiramo-nos para a frente, ousadamente, como antes. O frio não parece aumentar, embora muito frequentemente tenhamos neve e de vez em quando aguaceiros de grande violência. Imensos bandos de albatrozes voam hoje sobre a escuna, indo do sudeste para o noroeste.

Janeiro, 7. O mar ainda aparece belamente livre, de modo que não temos dificuldade em prosseguir em nosso curso. Para o ocidente vimos alguns *icebergs* de incrível tamanho, e pela manhã passou muito perto um deles cujo cume não podia estar a menos de quatrocentas braças da superfície do oceano. Sua circunferência era provavelmente, na base, de três quartos de légua e diversas correntes de água desciam pelas fendas nos seus lados. Permanecemos à vista dessa ilha dois dias e só a perdemos, então, num nevoeiro.

Janeiro, 10. Nesta manhã cedo tivemos a desgraça de perder um homem a bordo. Era um americano chamado Peters Vredenburg, natural de Nova York, e um dos mais valiosos homens a bordo da escuna. Indo sobre a proa, seu pé deslizou e ele caiu entre dois blocos de gelo, não

mais se erguendo. Ao meio-dia de hoje estávamos a 78 graus e 30 minutos de latitude e a 40 graus e 15 minutos longitude oeste. O frio agora era excessivo e tivemos aguaceiros contínuos vindos do norte e do leste. Nessa direção, vimos também diversos *icebergs* e todo o horizonte para o leste parecia estar bloqueado de campos de gelo, elevando-se em fileiras, massa sobre massa. Troncos de árvores flutuaram ao entardecer e grande número de aves voou sobre nós, entre elas gaivotas polares, petréis, albatrozes, e um grande pássaro de brilhante plumagem azul. A variação aqui, por azimuth, foi menor do que a previamente tomada em nossa travessia do círculo antártico.

Janeiro, 12. Nossa passagem para o sul de novo parece duvidosa, visto que nada mais se vê na direção do polo além de um campo de gelo, aparentemente ilimitado, terminado por enormes montanhas alcantiladas de gelo, os precipícios de cada uma elevando-se carrancudamente sobre os da outra. Mantivemo-nos para o oeste até o dia quatorze, na esperança de encontrar entrada.

Janeiro, 14. Nesta manhã alcançamos a extremidade ocidental do campo que nos servia de obstáculo e, transpondo-a, chegamos a mar livre, sem uma partícula de gelo. Depois de lançar uma sonda de duzentas braças, encontramos uma corrente dirigida para o sul, à razão de meia milha por hora. A temperatura do ar era de oito graus centígrados; a da água, um grau. Velejamos, então, para o sul, sem encontrar qualquer interrupção de momento até o dia dezesseis, quando, ao meio-dia, chegamos à 81 graus e 21 minutos e à longitude de 42 graus oeste. Lançamos a sonda aqui novamente e encontramos a corrente dirigida ainda para o sul à razão de três quartos de milha por hora. A variação por azimuth diminuíra e a temperatura do ar era mais tépida e agradável elevando-se o termômetro a cinquenta e um graus. Nesse período, nem uma partícula de gelo fora descoberta. Todos a bordo sentiam-se certos de atingir o polo.

Janeiro, 17. Foi este um dia cheio de incidentes. Inúmeros bandos de pássaros voaram sobre nós, vindos do sul, e do tombadilho atiramos em diversos. Um deles, uma espécie de pelicano demonstrou ser ótimo acepipe. Perto do meio-dia, um pequeno gelo foi visto do mastro de vigia, ao largo da proa, a estibordo e sobre ele parecia estar algum enorme animal. Como o tempo estivesse bom e quase calmo, o Capitão Guido or-

denou que fossem ver o que era. Dirk Peters e eu acompanhamos o piloto no bote maior. Depois de alcançar o campo de gelo verificamos que seu dono era uma criatura gigantesca da raça dos ursos árticos, porém excedendo de muito, em tamanho, o maior desses animais. Estando bem armados, não tivemos escrúpulos em atacá-lo imediatamente diversos tiros foram dados, em rápida sucessão, a maioria dos quais, aparentemente, atingiu a cabeça e o corpo. Nada temeroso contudo, o monstro atirou-se do gelo e nadou, com as mandíbulas abertas, para o bote em que eu e Peters nos achávamos. Devido a confusão que se seguiu entre nós, a essa inesperada reviravolta da aventura, ninguém se apressou imediatamente a dar segundo tiro e o urso conseguiu efetivamente lançar metade de seu corpanzil sobre nossa amurada, apanhando um dos homens pelo costado antes que fossem empregados quaisquer meios eficientes para repeli-lo. Nessa extrema situação, apenas a rapidez e a agilidade de Peters nos salvaram da destruição. Saltando sobre as da enorme fera, ele mergulhou a lâmina de uma faca atrás do pescoço do animal, alcançando-lhe a medula espinhal num golpe. O bruto afundou-se sem vida no mar, sem um estremeção, rolando sobre Peters que caiu. Este logo se recobrou e foi-lhe lançada uma corda, à qual amarrou a carcaça, antes de regressar ao bote. Voltamos então à escuna em triunfo, arrastando nosso troféu. Feita uma medição verificou-se que esse urso tinha quatro metros e meio em todo seu comprimento. O pelo era completamente branco e muito grosso, encarapinhado. Os olhos eram de um vermelho sanguíneo e maiores que os do urso ártico; também era mais redondo o focinho, mas se assemelhando ao focinho de um buldogue. A carne era tenra mas sabendo excessivamente a ranço e a peixe, embora os marinheiros a devorassem com avidez, declarando-a um excelente manjar.

Mal tínhamos posto de lado nossa presa, o homem no mastro deu o grito alegre de *terra a estibordo!* Todos se puseram então alerta e, soprando muito oportunamente uma brisa do norte e do leste, logo demos com a costa. Era uma ilhota baixa e rochosa de cerca de uma légua de circunferência e completamente destituída de vegetação se excetuarmos uma espécie de pereira espinhosa. Próximo dela para o norte, via-se um singular recife que se projetava para o mar e fortemente se assemelhava a fardos amarrados de algodão. Em redor desse recife, para o oeste, havia

uma pequena baía em cujo fundo nossos botes efetuaram um desembarque conveniente.

Não nos tomou muito tempo a exploração de todas as partes da ilha, mas com uma só exceção, nada achamos digno de ser observado. Na extremidade sul recolhemos perto da praia e semi-sepulto numa pilha de pedras soltas, um pedaço de madeira que parecia ter formado a proa de uma canoa. Haviam, evidentemente, feito tentativas de esculpir nele, e o Capitão Guido imaginou que ali se esboçava a figura de uma tartaruga, mas a semelhança não se impôs fortemente. Além dessa proa, se é que o era, nenhum outro sinal encontramos de que qualquer criatura viva ali antes tivesse estado. Em torno da costa descobrimos diversos e ocasionais campinhos de gelo, porém muito poucos. A exata situação dessa ilhota (a que o Capitão Guido deu o nome de ilha de Bennet, em honra de seu sócio na propriedade da escuna) é: 82 graus e 50 minutos latitude sul e 42 graus e 20 minutos longitude oeste.

Avançáramos, portanto, para o sul mais de oito graus além de qualquer outro navegante anterior e o mar ainda estava perfeitamente aberto ante nós. Verificamos ainda que a variação decrescia uniformemente enquanto prosseguíamos e o que ainda surpreendia mais é que a temperatura tanto do ar quanto da água se ia tornando mais tépida. O tempo podia mesmo ser chamado agradável e tínhamos uma brisa constante, mas muito leve, vinda sempre de algum ponto ao norte da bússola. O céu era habitualmente claro, com fracos aparecimentos, de vez em quando, de leves vapores no horizonte sul; isso, contudo, era invariavelmente de curta duração. Só duas dificuldades se apresentavam a nosso projeto: Estávamos ficando com pouco combustível e entre diversos homens da tripulação se haviam manifestado sintomas de escorbuto. Tais considerações começaram a impressionar o Capitão Guido com a necessidade de regressar, e ele falava disso constantemente. De minha parte, confiante como estava de que em breve chegaríamos a alguma terra de certa importância, no curso em que prosseguiríamos e tendo todos os motivos para crer, dadas as aparências presentes que não a encontraríamos de solo estéril como as encontradas nas latitudes árticas, firmemente insisti com ele sobre a conveniência de perseverar, ao menos por mais uns poucos dias, na direção que agora mantínhamos. Tão tentadora oportunidade de resolver o grande problema relacionado com um continente antár-

tico jamais fora concedida ao homem e confesso que me sentia arder de indignação às tímidas e importunas sugestões de nosso comandante. Creio em verdade, que o que eu não me podia conter em dizer-lhe a esse respeito tinha o efeito de induzi-lo a avançar. E, conquanto eu só possa lastimar os mais infortunados e sangrentos acontecimentos que imediatamente se derivaram de meu conselho, é-me contudo permitido sentir certo grau de consolo por ter sido um instrumento, embora remotamente, para abrir os olhos da ciência a um dos segredos mais intensamente excitantes que jamais atraíram sua atenção.

XVIII

Janeiro, 18. Nesta manhã^[5] continuamos para o sul, com o mesmo tempo agradável de antes. O mar estava inteiramente manso, o ar toleravelmente quente, com vento do nordeste, e a temperatura da água era de 12°C. Lançamos de novo nossa sonda, convenientemente, e com cento e cinquenta braças de linha verificamos que a corrente se dirigia para o polo à razão de uma milha por hora. Essa constante tendência para o sul, tanto do vento como da corrente, causou algum grau de meditação, e mesmo de alarme, em diversos meios da escuna e vi distintamente que produzira impressão não pequena no cérebro do Capitão Guido. Ele, contudo, era excessivamente sensível ao ridículo e, finalmente, consegui fazê-lo rir de suas apreensões. A variação era agora muito trivial. No decurso do dia vimos diversas e grandes baleias, de legítima espécie, e inúmeros bandos de albatrozes passaram sobre o navio. Também recolhemos um galho, coberto de cerejas vermelhas, como as do espinheiro e a carcaça de um animal terrestre de singular aspecto. Tinha noventa centímetros de comprimento e apenas quinze de altura, com quatro pernas curtíssimas, os pés armados de longas garras de um rubro brilhante, parecendo-se, na substância, com o coral. O corpo era coberto de pelo corrido e sedoso, perfeitamente branco. O rabo terminava em ponta, como o de um rato, e tinha cerca de uns quarenta e cinco centímetros de comprimento. A cabeça se assemelhava à de um gato, com exceção das orelhas, que eram dobradas como as de um cão. Os *dentes* eram de um escarlate tão brilhante como o das garras.

Janeiro, 19. Hoje, estando na latitude de 83 graus 20 minutos e na longitude 43 graus e 5 minutos oeste (o mar estava de cor extraordinariamente escura), vimos de novo terra do mastro de vigia e, depois de mais demorado exame, verificamos que se tratava de um grupo de ilhas muito grandes. A praia era anfractuosa e o interior parecia ser bem coberto de árvores, circunstância que nos causou grande alegria. Cerca de quatro horas depois de nossa primeira vista da terra, lançamos âncora com dez braças, em fundo arenoso, a uma légua da costa, visto como uma alta ressaca, com fortes encapelamentos aqui e ali, tornava de duvidosa conveniência maior aproximação. Foram aprestados os dois maiores botes e um grupo, bem armado (que Peters e eu integrávamos), seguiu em procura de uma abertura no recife que parecia circundar a ilha. Depois de pesquisar em volta dele, por algum tempo, descobrimos uma entrada, pela qual penetramos. Vimos então quatro enormes canoas saírem da praia cheias de homens muito bem armados. Esperamos que chegassem e como se movessem com grande rapidez, logo estiveram ao alcance da voz. O Capitão Guido amarrou então um lenço branco no remo e os estranhos detiveram-se completamente e começaram a tagarelar em voz alta, todos a um tempo, entremeando-se ocasionais, entre os quais podíamos distinguir as palavras *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!* Continuaram assim pelo menos por meia hora, durante a qual tivemos boa oportunidade de observar-lhes a aparência.

Nas quatro canoas, que podiam ter quinze metros de comprimento e um metro e meio de largura, havia cento e dez selvagens ao todo. Eram mais ou menos da estatura normal dos europeus, mas de compleição mais musculosa e carnuda. Sua cor era de um negro de azeviche, com espesso e longo cabelo lanoso. Vestiam-se com peles de um desconhecido animal negro, felpudo e sedoso e tentavam arrumar o corpo com certa habilidade, pondo o pelo para dentro, exceto onde se virava, perto do pescoço, dos punhos, e dos tornozelos. Suas armas consistiam principalmente de cajados de madeira escura e aparentemente muito pesada. Algumas lanças contudo, eram observadas entre eles, com pontas de pedra, bem como algumas fundas. O fundo das canoas estava cheio de pedras pretas do aproximado do tamanho de um ovo grande.

Quando eles concluíram sua arenga (pois era claro que julgavam ser isso sua tagarelagem), um deles, que parecia ser o chefe, ficou de pé na

proa de sua canoa e fez-nos sinal para que levássemos nossos botes ao lado do dele. Fingimos não entender pensando ser plano mais sábio manter, se possível, a distância entre nós, pois o número deles era mais de quatro vezes maior que o nosso. Achando que nisso estivesse a questão, o chefe ordenou que três outras canoas regressassem, enquanto avançava para nós com a sua. Logo que nos alcançou, pulou a bordo do maior botes e sentou-se ao lado do Capitão Guido, apontando ao mesmo tempo para a escuna e repetindo as palavras *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!*. Regressamos então para o navio com as quatro canoas a nós seguirem, a curta distância.

Ao chegar perto do barco, o chefe manifestou sintoma de extrema surpresa e deleite, batendo as mãos, dando palmadas na coxas e no peito e rindo estrepitosamente. Seus acompanhantes juntaram-se a ele, em sua alegria e, durante alguns minutos o barulho foi tanto que quase ficamos surdos. Restabelecida por fim a calma, o Capitão Guido ordenou que os botes fossem içados, como precaução necessária, e deu a entender ao chefe (cujo nome logo descobrimos ser Too-wit) que não podia admitir mais de vinte de seus homens a bordo de uma vez. Com esse arranjo plenamente satisfeito ele deu algumas ordens às canoas, algumas das quais se aproximaram, permanecendo o resto a cerca de cinquenta jardas de distância. Vinte dos selvagens subiram então começaram a escarafunchar todas as partes do tombadilho trepando entre a mastreagem, como se estivessem em sua casa e examinando todos os objetos com grande curiosidade.

Era inteiramente evidente que jamais haviam visto qualquer pessoa de raça branca, de cuja cor, na verdade, pareciam fugir. Acreditavam que a *Jane* era uma criatura viva e como temiam feri-la com as pontas de suas lanças, que voltavam cuidadosamente para cima. Nossa tripulação divertiu-se muito, em dado instante com a conduta de Too-wit. O cozinheiro estava rachando lenha, perto da galé e, por acaso, bateu com o machado no tombadilho, fazendo um buraco de considerável profundidade. O chefe imediatamente ali e, empurrando para um lado o cozinheiro com aspereza, começou um semigemido, semigrunhido, fortemente indicativo da simpatia com que considerava os sofrimentos da escuna, dando pancadinhas na fenda, afagando-a com a mão e lavando-a com um balde de água do mar que se achava perto. Era este um grau de

que não nos achávamos preparados a encontrar e, de minha parte, não pude deixar de considerá-lo afetado.

Quando os visitantes satisfizeram, o mais que puderam, sua curiosidade em olhar todos os objetos ao alto, foram introduzidos embaixo, onde seu prazer excedeu todos os limites. Seu espanto pareceu, então, ser muito profundo, para expandir-se em palavras, pois observaram tudo em silêncio, perturbado apenas por interjeições em baixo tom. As armas proporcionaram-lhes grande motivo para meditação e foi-lhes permitido segurá-las e examiná-las à vontade. Não creio que tivessem a menor suspeita de seu uso real, mas antes as tomaram por ídolos, vendo o cuidado que com elas tínhamos e a atenção com que vigiávamos seus movimentos, enquanto as seguravam. Com os grandes canhões, seu espanto foi dobrado. Aproximaram-se deles, com todos os sinais de profunda reverência e temor mas não quiseram examiná-los pormenorizadamente. Havia dois grandes espelhos no camarote e ali seu espanto atingiu ao auge. Too-wit foi o primeiro a aproximar-se deles e colocou-se no meio do camarote, com a face para um e as costas para o outro, antes que os percebesse claramente. Ao levantar os olhos e ver-se refletido no espelho, pensei que o selvagem tivesse enlouquecido; depois de dar meia volta, para fazer uma retirada, encontrou-se, desta vez, na direção oposta; julguei que expirasse naquele instante. Nenhuma persuasão teve valor para levá-lo a dar outra olhada. Antes, atirando-se sobre o soalho, com o rosto mergulhado nas mãos, ali permaneceu até que fomos obrigados a arrastá-lo para o tombadilho.

Todos os selvagens foram admitidos a bordo desse modo, vinte de cada vez, permitindo-se que Too-wit permanecesse, durante todo o tempo. Não vimos entre eles propensões para o roubo, nem perdemos um só objeto depois que partiram. Por todo o decorrer de sua visita demonstraram as maneiras mais amigáveis. Havia, contudo, certos pontos em sua conduta que achamos impossível compreender. Por exemplo, não podíamos levá-los a aproximar-se de objetos inteiramente inofensivos da escuna, como as velas, um ovo, um livro aberto, uma vasilha com farinha de trigo. Tentávamos averiguar se possuíam consigo alguns artigos que pudessem ser considerados como capazes de tráfico, mas encontramos grande dificuldade em ser compreendidos. Verificamos, não obstante, com grande espanto que abundavam naquelas ilhas as grandes

tartarugas das Galápagos uma das quais eu vira na canoa de Too-wit. Vimos também, um biche de mer nas mãos de um dos selvagens, que a devorava avidamente em estado natural. Tais anomalias — pois eram assim consideradas em relação à latitude — induziram o Capitão Guido a desejar fazer completa investigação sobre a região na esperança de explorar proveitosamente sua descoberta. De minha parte, ansioso como estava para conhecer algo mais a cerca daquelas ilhas, mais encarniçadamente me inclinava a prosseguir a viagem para o sul, sem demora. Tínhamos então um belo tempo mas não poderíamos dizer quanto tempo ele se conservaria e estando já no paralelo oitenta e quatro, com mar livre, à nossa frente, uma corrente dirigindo-se, fortemente, para o sul e um magnífico vento, eu não podia ouvir, sem impaciência, a proposta de determo-nos mais tempo do que o absolutamente necessário para a saúde da tripulação e para tomar a bordo um suprimento adequado de combustível e de provisões frescas. Fiz ver ao capitão que facilmente podíamos atingir aquele arquipélago, caso estivéssemos bloqueados pelo gelo. Ele afinal tornou-se de minha opinião (pois de algum modo, que dificilmente eu podia compreender, adquirira grande influência sobre ele) e resolveu que, mesmo no caso de encontrar biches de mer só ficaríamos ali uma semana para refazer as forças e depois avançaríamos para o sul, quanto pudéssemos. De acordo com isso, executamos todos os preparativos necessários e levamos a salvo a *Jane* por entre os recifes, sob a orientação de Too-wit, ancorando a cerca de uma milha da praia, numa baía excelente, completamente resguardada do vento pelas terras, na costa sudeste da ilha principal com dez braças de água, fundo de areia preta. Na ponta dessa baía havia três belas fontes (disseram-nos) de boa água e vimos abundantes matas nas vizinhanças. As quatro canoas seguiram-nos, conservando-se contudo a respeitosa distância. O próprio Too-wit permaneceu a bordo e, depois de lançarmos âncora, convidou-nos a acompanhá-lo à praia e a visitar sua aldeia no interior, o capitão acedeu e tendo sido deixados dez selvagens a bordo, como reféns, um grupo nosso, de doze ao todo, aprontou-se para seguir o chefe. Tomamos o cuidado de ir bem armados, embora sem temor ou desconfiança. A escuna tinha os canhões apontados redes de abordagem suspensas e todas as outras precauções convenientes foram tomadas para resguardá-la de surpresas. Deixaram-se ordens com o piloto-chefe para não admitir nin-

guém a bordo durante nossa ausência e, no caso de não aparecermos dentro de dez horas, enviar o cúter com um canhonete à nossa procura.

A cada passo que dávamos em terra reforçava-se nossa convicção de nos acharmos numa região essencialmente diferente de qualquer outra até então visitada por homens civilizados. Nada víamos do que nos fora outrora familiar. As árvores não se assemelhavam no crescimento, a qualquer das zonas tórrida, temperadas ou frígida do norte e eram inteiramente diversas das mais baixas latitudes meridionais que já havíamos atravessado. As próprias rochas eram diferentes na massa, nas cores, na estratificação, e mesmo as torrentes, por mais inacreditável que isso pareça, tinham tão pouco de comum com as de outros climas, que tivemos escrúpulos de provar-lhes a água e, na verdade, tínhamos dificuldade em chegar a crer que suas qualidades fossem puramente as da natureza. Num pequeno ribeiro que cruzava nosso caminho (o primeiro que encontramos), Too-wit e seus companheiros pararam para beber. Dado o singular aspecto da água, recusamo-nos a prová-la, supondo-a poluída; e só algum tempo depois nos convencemos de que tal era a aparência dos rios em todo aquele grupo de ilhas. Embarça-me dar uma ideia distinta da natureza desse líquido e não o posso fazer sem muitas palavras. Embora corresse, com rapidez em todos os declives, como o faz a água comum, nunca, contudo, a não ser quando caía numa cascata, tinha a habitual aparência de *limpidez*. Era, não obstante, de fato, tão perfeitamente límpida como qualquer água de pedra calcária, só existindo diferença na aparência. À primeira vista, e especialmente nos casos em que o declive encontrado era pouco, ela parecia, no que se refere à consistência, uma espessa infusão de goma-arábica em água comum. Mas esta era só a menos notável de suas qualidades extraordinárias. *Não* era incolor, nem de qualquer cor uniforme, apresentando ao olhar, enquanto fluía, todos os possíveis matizes da púrpura, como nas cores de uma seda mutável. Essa variação de matiz produzia-se de um modo que provocava tão profundo espanto no espírito dos de nosso grupo como o fizera o espelho no caso de Too-wit. Depois de colher uma bacia de água, permitindo que esta sentasse completamente, verificamos que a massa inteira do líquido era feita de certo número de veios distintos, e cada qual de matiz diverso, esses veios não se misturavam; e sua coesão era perfeita em relação às próprias partículas entre si, e imperfeita em relação aos

veios vizinhos. Ao passar a lâmina de uma faca pelo meio dos veios a água fechava-se sobre ela imediatamente, e retirando-a todos os traços da passagem da lâmina ficavam imediatamente obliterados. Se, contudo, a lâmina era acuradamente passada por baixo, entre dois veios efetuava-se perfeita separação, que o poder de coesão não podia retificar imediatamente. O fenômeno dessa água formou o primeiro elo definido da cadeia imensa de aparentes milagres em que eu estava por fim destinado a ser envolvido.

XIX

Levamos quase três horas no caminho da aldeia, que ficava a mais de nove milhas no interior, pois a estrada atravessava uma região acidentada. Enquanto a percorríamos, o grupo de Too-wit (todos os cento e dez selvagens das canoas) foi sendo, de instante a instante, reforçado por pequenos destacamentos de dois a seis ou sete homens, que se juntavam a nós, como por acaso, em diferentes voltas da vereda. Parecia haver muito de premeditado nisto e, não podendo deixar de desconfiar, falei ao Capitão Guido sobre minhas apreensões. Agora, porém, era tarde demais para retroceder e concluímos que nossa maior segurança estava em demonstrar perfeita confiança na boa-fé de Too-wit. Em consequência, continuamos, conservando olho vivo sobre as manobras dos selvagens sem permitir-lhes que nos separassem em grupos, infiltrando-se em nosso meio. Deste modo, após passar através de uma ravina de precipícios, afinal alcançamos o que nos haviam dito ser a única reunião de habitantes da ilha. Ao chegarmos a avistá-la, o chefe deu um grito e, frequentemente, repetiu o vocábulo *Kloc-kloc*, que supusemos ser o nome da aldeia, ou o nome genérico para aldeias.

As habitações eram da mais miserável condição imaginável ao contrário mesmo das pertencentes às mais baixas raças selvagens que a humanidade conhece, não tinham qualquer plano uniforme. Algumas delas (e verificamos que estas pertenciam aos *Wampos* ou *Yampor*, os grandes homens da terra) consistia de uma árvore, abatida a cerca de um metro e vinte centímetros da raiz, com uma grande pele preta atravessada sobre ela, caída em dobras, sobre o solo. Sob essa pele, os selvagens se abriga-

vam. As outras eram formadas apenas por ásperos galhos de árvores com folhagem seca por cima, reclinados, num ângulo de cinco graus, contra um banco de argila, amontoado sem formato regular, a uma altura de um metro e meio a um metro e oitenta centímetros. Outras, ainda, eram meros buracos cavados ridiculamente na terra e cobertos de ramos semelhantes, que eram removidos quando o dono estava para entrar e colocados de novo depois que ele tinha entrado. Poucas eram construídas entre forquilhas das árvores, onde ficavam, pois os galhos superiores tinham sido cortados de modo a inclinarem-se sobre os mais baixos, formando, desse modo, um abrigo mais espesso contra a água. O maior número, contudo, consistia de pequenas cavernas baixas, aparentemente rasgadas na face de uma penha vertiginosa, de pedra preta que parecia greda de pisoeiro, e com a qual três lados da aldeia se limitavam. À porta de cada uma dessas primitivas cavernas havia uma pequena laje, que o dono cuidadosamente colocava em frente da entrada, depois de deixar sua residência, não posso assegurar para que fim, pois essa pedra nunca era de tamanho suficiente para fechar mais do que a terça parte da abertura.

Esta aldeia, se lhe pode dar tal nome, jazia em um vale de alguma profundidade e só podia ser alcançada pelo lado do sul já falado do íngreme penhasco que impedia todo acesso outra direção. Pelo meio do vale corria uma torrente tumultuada da mesma água de aparência mágica que já foi descrita. Vimos diversos animais estranhos junto das habitações, parecendo todos inteiramente domesticados. A maior daquelas criaturas assemelhava-se ao nosso porco comum na estrutura do corpo e do focinho; o rabo, porém, era empenachado e as pernas delgadas de antílope. Seus movimentos eram excessivamente canhestros e indecisos e nunca os vimos tentar correr. Observamos também animais, bem semelhantes na aparência, mas de um tamanho estranho, maior e cobertos de uma lã negra. Havia grande variedade de aves domésticas correndo em redor e que pareciam constituir o principal alimento dos nativos. Para espanto nosso, vimos albatrozes negros entre aquelas aves, num estado de inteira domesticação, indo periodicamente ao mar em busca de alimento, mas voltando sempre para a aldeia como se fosse um lar, e utilizando-se da praia meridional na vizinhança como lugar de incubação. Ali eram alcançados pelos seus amigos, os pelicanos, como de costume,

mas estes últimos nunca os acompanhavam às habitações dos selvagens. Entre as outras espécies de aves domésticas havia patos, diferindo muito pouco do pato preto do nosso próprio país; sulas negros e uma grande ave não diferente do bítio na aparência, mas não carnívoro. De peixe parecia haver grande abundância. Vimos, durante nossa visita, grande quantidade de salmão seco, bacalhaus, golfinhos azuis, cavalas, salmão preto, arraías, congros, enguias, peixe-elefante, mугens, solhas, peixe-papagaio, jaquetas-de-couro, triglas, merlúcios, linguado, paracutas, e inúmeras outras variedades. Verificamos também que a maior parte deles era semelhante aos peixes existentes no grupo das ilhas de Lord Auckland, numa latitude abaixo de 51 graus, ao sul. Em grande quantidade havia também tartarugas de Galápagos. Vimos poucos animais selvagens e nenhum de grande tamanho ou de alguma espécie que nos fosse familiar. Uma ou duas serpentes de formidável aspecto cruzaram nosso caminho, mas os nativos lhes davam pouca atenção e concluímos que elas não eram venenosas.

Ao nos aproximarmos da aldeia, com Too-wit e seu grupo, enorme multidão de gente correu ao nosso encontro, com altos brados, entre os quais podíamos distinguir apenas os eternos *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!*. Ficamos bastante surpresos ao perceber que, com uma ou duas exceções, esses recém-vindos estavam inteiramente nus, sendo as peles usadas somente pelos homens das canoas. Todas as armas do país pareciam também estar de posse destes últimos, pois não se via qualquer delas entre os habitantes da aldeia. Havia muitas mulheres e crianças, não faltando inteiramente às primeiras o que se podia chamar beleza pessoal. Eram esbeltas, altas e bem formadas, com uma graça e liberdade de maneiras não encontráveis, na sociedade civilizada. Seus lábios, porém, como os dos homens, eram grossos e mal conformados, de modo que, mesmo quando riam os dentes nunca apareciam. Seu cabelo era mais fino que o dos homens. Entre aqueles aldeões nus haveria talvez uns dez ou doze que vestiam como o grupo de Too-wit roupas de pele preta e estavam armados de lanças e pesadas clavas. Pareciam ter grande influência entre os demais e eram sempre tratados pelo nome de *Wampoo*. Eram eles também os proprietários dos palácios de couro preto. O de Too-wit estava situado no centro da aldeia, e era muito maior e um tanto mais bem construído do que os outros da mesma distância. A árvore

que formava seu suporte fora cortada a uma distância de três metros e sessenta centímetros pouco mais ou menos da raiz, e numerosos ramos foram deixados justamente abaixo do corte, servindo para suportar a coberta e, dessa forma, evitando que ela se abatesse em redor do tronco. A coberta, também, que consistia de quatro peles bastante largas amarradas com espetos de esteva presa nas extremidades com estacas fincadas no chão, o qual estava coberto de grande quantidade de folhas secas à moda de tapete.

Para essa cabana fomos conduzidos, com grande solenidade e amontoaram-se nela, atrás de nós, tantos nativos quanto possível. Too-wit sentou-se sobre as folhas e nos fez sinais para que lhe seguíssemos o exemplo. Assim o fizemos e logo nos encontramos numa posição caracteristicamente incômoda, senão crítica. Achávamo-nos no chão, em número de doze, com os selvagens somando quase quarenta, acorados tão perto em redor de nós que se qualquer distúrbio se suscitasse ter-nos-ia sido impossível o uso de nossas armas ou mesmo nos levantarmos. O aperto não era somente dentro da tenda mas do lado de fora, onde provavelmente se encontravam todos os indivíduos que povoavam a ilha sendo a multidão impedida de nos calcar, até morrermos, graças às incessantes ordens e vociferações de Too-wit. Nossa principal segurança jazia, porém, na presença do próprio Too-wit entre nós e resolvemos manter-nos bem juntos dele, como a melhor possibilidade de livrar-nos do dilema, sacrificando-o imediatamente à primeira amostra de intenção hostil.

Depois de alguma agitação, certo grau de tranquilidade estabeleceu-se, quando o chefe se dirigiu a nós, num discurso de grande extensão, e quase semelhante ao que foi proferido nas canoas a exceção de que os *Anamoo-moos!* eram agora um tanto mais vigorosamente repetidos do que os *Lama-Lamas!*. Escutamos em profundo silêncio, até a conclusão dessa arenga, quando Guido respondeu, assegurando ao chefe sua eterna camaradagem e boa-vontade e concluindo o que tinha a dizer com uma oferta de muitos rosários de contas azuis e uma faca. Diante dos primeiros o monarca, com grande surpresa nossa, torceu o nariz, expressão de desprezo; mas a faca proporcionou-lhe a mais ilimitada satisfação e, imediatamente, ordenou que se servisse o jantar. Este foi trazido para a tenda, sobre as cabeças dos criados e consistia de tripas palpitantes du-

ma espécie de animal desconhecido e provavelmente um dos porcos de pernas finas que tinham observado ao nos aproximar da aldeia. Vendo que não sabíamos o que fazer, começou ele, à guisa de exemplo, a devorar jarda após jarda da tentadora comida, até que não pudemos positivamente conter-nos por mais tempo e mostramos tão manifestos sintomas de rebelião de estômago que encheram sua majestade de um grau de espanto, somente inferior ao causado pelos espelhos. Declinamos de partilhar das iguanas à nossa frente e tentamos fazer compreender que não tínhamos apetite de espécie alguma, tendo justamente acabado um opíparo almoço.

Quando o monarca terminou a sua refeição, começamos uma série de indagações, por todas as maneiras engenhosas que podíamos inventar, tendo em vista descobrir quais eram as produções do país e se qualquer delas podia ser transformado em lucro. Por fim ele pareceu perceber alguma ideia do que dizíamos e se ofereceu para acompanhar-nos a uma parte da costa onde nos assegurou que a biche de mer (apontando para um espécime daquele animal) seria encontrada em grande abundância. Ficamos alegres com esta rápida oportunidade de escapar da opressão da multidão e demos a entender nosso desejo veemente de nos por-mos a caminho. Deixamos, então, a tenda e, acompanhados por toda a população da aldeia, seguimos o chefe até a extremidade sudeste da ilha, não longe da baía onde nosso navio estava ancorado. Esperamos ali cerca de uma hora, até que as quatro canoas foram trazidas por alguns dos selvagens, até onde nos achávamos. Tendo todo o nosso grupo entrado em uma delas, fomos remando ao longo da orla de recifes antes mencionada e de outros ainda distantes, onde vimos uma bem maior quantidade de biches de mer do que jamais viram os velhos marinheiros que nos acompanhavam naqueles grupos de ilhas das mais baixas latitudes, mais afamados por este artigo de comércio. Permanecemos perto daqueles recifes somente o tempo bastante para verificar que podíamos facilmente carregar uma dúzia de navios com o animal, se necessário. Depois abordamos a escuna e nos despedimos de Too-wit, após obter dele a promessa de que nos traria, dentro de vinte e quatro horas, tantos patos pretos e tartarugas das Galápagos quantas canoas pudessem carregar. No correr de toda esta aventura nada vimos na conduta dos nativos que causas-

se suspeita, exceto a maneira sistemática pela qual seu grupo se foi reforçando durante nossa caminhada da escuna até a aldeia.

XX

O chefe cumpriu fielmente sua palavra e, em breve, nos achamos plenamente supridos de provisões frescas. Achamos as tartarugas tão deliciosas como jamais víamos, e os patos ultrapassavam nossas melhores espécies de aves selvagens, sendo excessivamente mais tenros, suculentos e saborosos. Além destes, os selvagens nos trouxeram depois que lhes fizemos compreender nosso desejo, grande quantidade de aipo castanho e mostarda, com uma canoa cheia de peixe fresco e algum seco. O aipo foi um regalo, na verdade, e a mostarda mostrou-se de incalculável benefício em restabelecer aqueles dos nossos homens que tinham apresentado sintomas de doença. Em muito pouco tempo não tínhamos uma única pessoa na lista de doentes. Recebemos também grande quantidade de outras espécie de provisões frescas, entre as quais pode ser mencionada uma espécie de mariscos semelhantes na forma ao mexilhão, mas com o gosto de ostra. Camarões também e lagostins eram abundantes, assim como ovos de albatrozes e outros pássaros, com cascas pretas. Recolhemos também grande sortimento de carne dos porcos que já mencionei. A maior parte dos homens achou-a de excelente paladar, mas eu achei-lhe um gosto de peixe, aliás desagradável. Em troca dessas boas coisas presenteamos os nativos com contas azuis, verde bronze, pregos, facas e peças de pano vermelho, ficando eles plenamente satisfeitos com a troca. Estabelecemos um regular mercado na praia, justamente sobre as peças da escuna, onde barganhas eram realizadas com toda a aparência de boa-fé e com um grau de ordem que a conduta deles na aldeia de Klock-Klock não nos levava a esperar dos selvagens.

As coisas prosseguiram dessa forma bem amigável durante vários dias, nos quais grupos de nativos estavam frequentemente a bordo da escuna e grupos de nossos homens frequentemente na praia fazendo longas excursões ao interior, sem serem de modo algum molestados. Verificando a facilidade com que o navio carregado de biches de mer, graças à disposição cordial dos ilhéus e a prontidão com que eles nos prestavam

auxílio em apanhá-las o Capitão Guido resolveu entrar em negociações com Too-wit para a construção de casas apropriadas para secar o artigo e para os serviços dele próprio e da tribo de reunir tantas quantas possíveis, enquanto aproveitar-se-ia ele do bom tempo para continuar sua viagem para o sul. Ao mencionar esse projeto ao chefe, pareceu ele bastante desejoso de entrar em acordo. Uma barganha foi em consequência, concluída, perfeitamente satisfatória para ambas as partes, por meio da qual ficou combinado que, depois de fazer os necessários preparativos, tais como aplinar o terreno e erguer uma porção dos prédios e fazer algum outro trabalho em que toda a nossa tripulação seria utilizada, a escuna prosseguiria em sua derrota, deixando três de seus homens na ilha, para superintender a execução do projeto e instruir os nativos no secamento dos biches de mer. Quanto às obrigações, dependeriam elas dos esforços dos selvagens em nossa ausência. Deveriam receber uma quantidade estipulada de contas azuis, facas, pano vermelho e assim por diante, para cada certo número de arrobas de biche de mer que estivessem prontas à nossa volta.

Uma descrição da natureza deste importante artigo de comércio, e o método de prepará-lo talvez sejam de interesse para meus leitores e não posso encontrar lugar mais adequado do introduzir uma descrição dele. A seguinte e resumida notícia a respeito é tirada de uma moderna história de uma viagem do sul:

“É aquele molusco dos mares índicos, conhecido no comércio pelo nome francês de *bêche de mer* (um delicioso manjar do mar). Se não estou muito enganado, o famoso Cuvier chama-o *Gasteropoda pulmonífera*. Encontra-se em grande abundância nas costas das ilhas do Pacífico e é apanhado para os mercados chineses, onde alcança grande preço, talvez tão alto quanto o de seus muito falados ninhos de pássaros como propriamente formados da matéria gelatinosa recolhida por uma espécie de andorinha do corpo daqueles moluscos. Elas não têm concha, nem pernas, nem qualquer parte proeminente, exceto órgãos opostos de *absorção* e *excreção*; mas, por meio de suas membranas elásticas, como lagartas ou vermes, elas se arrastam em águas pouco profundas nas quais podem ser vistas por uma espécie de andorinha cujo agudo bico inserido no animal mole, extrai uma substância gomosa e filamentosa, a qual, ao

secar pode entrar na composição das sólidas paredes de seus ninhos. Daí o nome de *Gasteropoda pulmonífera*.

“Esse molusco é oblongo e de diferentes tamanhos, de três a oito polegadas de comprimento. Já vi alguns que tinham nada menos de sessenta centímetros de comprimento. Eram quase redondos, um pouco chatos do lado que jaz perto do fundo do mar. Têm de dois a vinte centímetros de espessura. Arrastam-se em água pouco profunda, em épocas particulares do ano, provavelmente no propósito de procriar, pois muitas vezes os encontramos aos pares. E quando o sol mais castiga a água, tornando-a tépida, que eles se aproximam da praia. E muitas vezes vão a lugares tão baixos que, quando a maré ficam em seco, ficam expostos ao calor do sol. Mas não se reproduzem em águas pouco profundas, pois nunca vimos qualquer de seus filhotes, e os adultos são sempre observados saindo de águas fundas. Alimentam-se principalmente daquela espécie de zoófitos que produz o coral.

“O biche de mer é geralmente apanhada dentro de metro ou metro e meio de água, depois disso, é levada para a praia e aberta numa extremidade com uma faca, sendo a incisão de dois ou mais centímetros, de acordo com o tamanho do molusco. Por essa abertura as entranhas são espremidas por pressão e se parecem muito com as de qualquer outro habitante das profundezas. O artigo é então lavado e depois fervido até certo grau, que não deve ser muito alto nem muito baixo. É depois enterrada na areia durante quatro horas e em seguida fervida de novo durante curto tempo, depois do quê, é secada, quer pelo fogo, quer pelo sol. As curtidas pelo sol são mais apreciadas — mas onde uma arroba pode ser curada dessa forma eu posso curar trinta arrobas com fogo. Quando afinal devidamente curadas, podem ser conservadas em um lugar seco durante dois ou três anos, sem qualquer risco; mas teriam de ser examinadas uma vez dentro de poucos meses, digamos, quatro vezes por ano, para verificar se qualquer umidade está a ponto de estragá-las.

“Os chineses, como antes afirmei, consideram a biche de mer um grandíssimo luxo, acreditando que ela revigora maravilhosamente, nutre e renova o organismo exausto pela volúpia imoderada. A de melhor qualidade alcança alto preço em Cantão, custando noventa dólares quatro arrobas; a de segunda qualidade setenta e cinco dólares; a de terceira qualidade, cinquenta dólares; a de quarta, trinta dólares; a de quinta,

vinte dólares; a de sexta, doze dólares, a de sétima, oito dólares, e a de oitava, quatro dólares. Cargas pequenas alcançarão maior preço, muitas vezes, em Manilla, Singapura e Batávia.”

Tendo entrado assim em acordo, passamos imediatamente a desembarcar tudo quanto fosse necessário para preparar as construções e limpar o terreno. Um vasto espaço plano, perto da praia oriental da baía, foi escolhido, pois nele havia grande quantidade de madeira e de água, e dentro de conveniente distância dos principais recifes sobre os quais a biche de mer tinha de ser procurada. Logo nos pusemos a trabalhar, seriamente, e dentro em pouco, com grande espanto dos selvagens, tínhamos derrubado suficiente número de árvores, para o fim que tínhamos em vista, transportando depressa para a armação das casas, as quais em dois ou três dias estavam já tão adiantadas que podíamos francamente confiar o resto do trabalho aos três homens que tencionávamos deixar ali. Eram eles João Carson, Alfredo Harris e um certo Peterson (todos naturais de Londres, creio eu), que se propuseram voluntariamente para isso.

Pelo fim do mês tínhamos tudo pronto para a partida. Tínhamos combinado, porém, fazer uma visita formal de despedida à aldeia, e Too-wit insistiu tão pertinazmente em que mantivéssemos a promessa que não achamos prudente correr o risco de ofendê-lo com uma recusa final. Acredito que nenhum de nós tínhamos naquela ocasião, a menor suspeita da boa-fé dos selvagens. Tínhamos uniformemente procedido com a maior decência, ajudando-nos com satisfação no nosso trabalho, oferecendo-nos suas mercadorias frequentemente sem preço, e nunca, em momento algum, subtraindo um único artigo, embora fosse evidente o alto valor que emprestavam às mercadorias que tínhamos conosco, pelas extravagante demonstrações de alegria que sempre manifestavam quando lhes fazíamos um presente. As mulheres, especialmente, eram mais gratas a todos os respeitos e, acima de tudo, teríamos sido as criaturas mais suspeitosas do mundo se houvéssemos entretido um único pensamento de perfídia da parte de um povo que nos tratava tão bem. Bem curto espaço de tempo bastou para provar que essa aparente bondade de disposição era apenas o resultado dum plano profundamente estabelecido de nossa destruição, e que os ilhéus, por quem mantínhamos tão imoderados sentimentos de estima, contavam-se entre os mise-

ráveis mais bárbaros, mais sutis e mais sanguissedentos que jamais contaminaram a face do globo.

Foi no dia 1º. de fevereiro que descemos à praia no propósito de visitar a aldeia. Embora, como disse antes, não entretivéssemos a menor suspeita, nenhuma precaução adequada foi esquecida. Os homens foram deixados na escuna com instruções para não permitir que qualquer selvagem se aproximasse do navio durante a nossa ausência, sob qualquer pretexto, e para permanecer constantemente no tombadilho. As redes da coberta estavam erguidas, as peças duplamente carregadas de metralha e granada, e os morteiros de metralha de balas de mosquete. Jazia, com sua âncora a pique a cerca de uma milha da praia e nenhuma canoa podia aproximar-se em qualquer direção, sem ser distintamente vista e exposta ao pleno fogo, imediatamente, de nossos morteiros.

Deixados os seis homens a bordo, nosso grupo de desembarque consistia de trinta e duas pessoas ao todo. Estávamos armados até os dentes, tendo conosco mosquetes, pistolas e cutelos. Além disso, cada um tinha uma espécie de comprida faca um tanto semelhante à faca de mato, agora tão usada por toda a nossa região ocidental e meridional. Uma centena de guerreiros negros veio ao nosso encontro, quando descemos em terra, a fim de acompanhar-nos pelo caminho. Notamos, porém, com alguma surpresa, que eles estavam agora inteiramente sem armas e tendo perguntado a Too-wit o que significava aquela circunstância, respondeu-nos simplesmente que *Mattee non we pa pa si* — querendo dizer que não havia necessidade de armas onde todos eram irmãos. Tomamos isto de boa parte e continuamos.

Tínhamos passado a fonte e o riacho de que falei antes e estivéramos agora entrando numa estreita garganta que atravessava a cadeia de colinas de greda entre as quais estava situada a aldeia. Essa garganta era muito rochosa e desigual, tanto que não pequena dificuldade tivemos em trepar por ela em nossa primeira visita a Clock-clock. Toda a extensão da ravina seria de uma milha e meia, ou provavelmente duas milhas. Ela serpeava em todas as direções possíveis entre as colinas (tendo, ao que parecia, formado, em algum período remoto, o leito duma torrente), em nenhum momento se estendendo mais de vinte jardas sem uma curva brusca. Os lados desse pequeno fosso orçariam, estou certo, por uns vinte e um ou vinte quatro metros de altitude perpendicular em toda a

sua extensão e em algumas partes se erguiam a uma altura espantosa, sombreando tão completamente a passagem que muito pouco da luz do dia podia ali penetrar. A largura geral era de cerca de doze metros e por vezes diminuía tanto que não permitia a passagem de cinco pessoas, ou seis, de frente. Em resumo, não poderia haver no mundo lugar algum mais bem adaptado para a consumação de uma emboscada e não foi mais do que natural que tivéssemos olhado cuidadosamente para nossas armas quando ali penetramos. Quando agora penso na nossa insigne loucura, o principal motivo do espanto parece ser que nós houvésssemos, alguma vez, aventurado sob quaisquer circunstâncias, tão completamente em mãos de selvagens desconhecidos a ponto de permitir que eles marchassem tanto na frente como atrás de nós, no nosso caminho pela ravina. Contudo, tal era a disposição em que cegamente seguimos, confiando loucamente na força de nosso grupo, na situação de desarmamento de Too-wit e de seus homens, na segura eficácia de nossas armas de fogo (cujo efeito era ainda um segredo para os nativos) mais do que tudo, na longamente sustentada atitude de camaradagem para conosco mantida por aqueles infames bandidos. Cinco ou seis deles iam à frente, como se abrindo o caminho, ocupando-se ostensivamente em remover as pedras maiores e limpar a ravina. Em seguida, vinha o nosso próprio grupo. Caminhávamos bem unidos, tomando apenas cuidado em evitar separar-nos. Acompanhava-nos o grupo principal de selvagens, observando ordem e correção insólitas.

Dick Peters, um homem chamado Wilson Allen e eu estávamos à direita de nossos companheiros examinando, enquanto prosseguíamos a singular estratificação do precipício que se alteava sobre nós. Uma fenda do rochedo polido atraiu nossa atenção. Era larga quase o bastante para uma pessoa entrar sem se espremer e se ampliava para dentro da colina uns cinco metros e quarenta centímetros ou seis metros em linha reta, dobrando, depois, para a esquerda. A altura da abertura, pelo que pudemos dela ver, da principal garganta era, talvez de dezoito ou vinte e um metros. Havia um ou dois arbustos enfezados, brotando dentre as fendas, ostentando uma espécie de avelã que senti curiosidade em examinar e, intrometendo-me rapidamente com este fim, recolhi cinco ou seis nozes, dum golpe, retirando-me depois, apressadamente. Ao voltar, vi que Peters e Allen me haviam acompanhado. Desejei que eles voltassem,

pois não havia espaço para duas pessoas passarem, dizendo que lhes daria algumas de minhas nozes. Concordaram em voltar e foram subindo de regresso, estando Allen já perto da boca quando tive a súbita percepção dum choque completamente diverso de qualquer coisa que jamais sentira antes, e que me causou a vaga impressão, se realmente então pensei em alguma coisa, de que todos os fundamentos do globo sólido se houvessem subitamente partido em bocados, e de que o dia da dissolução universal havia chegado.

XXI

Logo que pude dominar meus sentidos abalados, senti-me sufocado e rastejando entre uma quantidade enorme de terra desprendida, que também caía sobre mim, pesadamente, em todas as direções, ameaçando sepultar-me de todo. Horridamente alarmado a esta ideia, esforcei-me por levantar-me e por fim consegui-o. Então fiquei imóvel por alguns instantes, tentando conceber o que me havia acontecido e onde me encontrava. Ouvi, no mesmo instante um profundo gemido junto ao meu ouvido e, depois, a voz sufocada de Peters, pedindo-me socorro, em nome de Deus. Fui trepando um ou dois passos para diante, quando caí diretamente na cabeça e os ombros de meu companheiro, que, logo descobri estava enterrado até a cintura numa massa de terra solta, e lutando desesperadamente para libertar-se da pressão. Fui afastando de redor dele toda aquela terra, com o máximo de energia que podia empregar, e por fim consegui retirá-lo.

Tão logo nos recobramos de nosso susto de surpresa para podermos conversar sensatamente, chegamos ambos à conclusão de que as paredes da abertura em que nos havíamos aventurado tinha em virtude de alguma convulsão na natureza, ou provavelmente por seu próprio peso, desmoronado e que estávamos, conseqüentemente perdidos para sempre, achando-nos assim enterrados vivo muito tempo entregamo-nos inativamente à mais intensa angústia e desespero, que não pode ser devidamente imaginado pelos se acharam em situação semelhante. Acredito, firmemente que nenhum incidente jamais ocorrido no curso dos acontecimentos nos seja mais apto a inspirar o paroxismo da angústia mental

física do que um caso, como o nosso, de enterramento em vida. A espedidão da treva que envolve as vítimas, a terrífica opressão dos pulmões, a sufocante exalação da terra úmida uniam-se às assombrantes considerações de que nos achávamos para além dos mais remotos confins da esperança, e que tal é a sorte concedida *aos mortos* capaz de introduzir no coração humano um grau de medo e de espanto e de horror que não se podia tolerar e nem mesmo conceber.

Por fim, Peters propôs que tentássemos certificar-nos precisamente, da extensão de nossa calamidade e foi andando às apalpadelas pela nossa prisão; era simplesmente possível, que alguma abertura pudesse ainda haver, para nos dar saída. Agarrei-me avidamente a esta esperança e, envidando eu mesmo tentei abrir caminho através da terra solta. Com grande trabalho havia eu avançado um passo, quando um raio de luz se tornou perceptível o bastante para convencer-me de que, de qualquer forma não morreríamos imediatamente por falta de ar. Sentimo-nos então, um pouco mais confortados e nos encorajamos, mutuamente a espera de coisa melhor. Tendo galgado um montão de entulho que barrava nosso avanço na direção da luz, achamos menos dificuldade em avançar e sentimos, também, algum alívio da excessiva opressão dos pulmões que nos tinha atormentado. Agora, podíamos enxergar os objetos em redor e descobrimos que nos achávamos perto da extremidade da parte reta da abertura, onde ela fazia uma curva para a esquerda. Poucos esforços mais e atingimos a esquina, onde, com inexprimível alegria, encontramos uma longa rachadura ou fenda que se alongava para cima, a grande distância, geralmente a um ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, embora mas vezes mais íngreme. Não podíamos ver através de toda a extensão dessa abertura, mas, como descia por ela suficiente quantidade luz, pouca dúvida tivemos de encontrar no alto (se por modo pudéssemos chegar até lá) uma passagem suficiente para o ar livre.

Lembrei-me então de que éramos três os que havíamos entrado na brecha, vindo da garganta principal, e que nosso companheiro, Allen, estava ainda desaparecido; decidimos imediatamente voltar e procurá-lo. Depois de longa pesquisa e muito perigo, derivado de adiantar-nos pela massa de terra pendente sobre nós, Peters, a afinal gritou que havia agarrado o pé de nosso companheiro e todo o seu corpo estava tão profundamente sepultado, sob os ombros, que era impossível retirá-lo. Verifi-

quei logo que o que dizia era a completa verdade e que, sem dúvida, nosso companheiro estava morto havia muito. Portanto, com os corações contristados, deixamos o cadáver entregue a seu destino e de novo voltamos para a abertura.

A largura da frincha mal bastava para nos conter e, depois de um ou dois esforços inúteis para subir, começamos uma vez mais a desesperar. Já disse que a cadeia de colinas através das quais corria a garganta principal era composta de uma espécie de rocha mole parecida com a pedrasabão. Os lados da abertura sobre que estávamos então tentando subir eram do mesmo material e tão excessivamente escorregadios, pois estavam úmidos, que mal podíamos firmar o pé neles, ainda mesmo nas partes menos abruptas. Em alguns lugares em que a ascensão era quase perpendicular, a dificuldade, sem dúvida, se agravava muito; e, de fato, durante algum tempo, a consideramos intransponível. Tomamos coragem, porém, do desespero; e assim, cortando degraus na pedra mole, com nossas facas de mato e pendurando-nos, com risco de vida, a pequenos pontos salientes da espécie mais dura de rocha xistosa, que aqui e ali se projetavam da massa geral, afinal alcançamos um plataforma natural, da qual se percebia uma nesga de céu azul, na extremidade de uma ravina espessamente coberta de árvores. Olhando então para baixo, com alívio bem maior, para a passagem através da qual tínhamos chegado até ali, deduzimos claramente de sua aparência que era de formação recente e concluímos que a explosão, fosse qual fosse, que tão inesperadamente nos sepultara também, e no mesmo momento, abrira aquele caminho de fuga. Estando inteiramente exaustos, por causa dos esforços feitos, na realidade tão fracos que mal podíamos ficar de pé ou falar, Peters propôs então que deveríamos tentar chamar nossos companheiros em socorro, disparando as pistolas que ainda permaneciam nas nossas cintas, pois os mosquetes, assim como os cutelos, tinham sido perdidos entre a terra solta, no fundo do sorvedouro. Acontecimentos subsequentes provaram que, se tivéssemos feito fogo ter-nos-íamos tristemente arrependido; mas, felizmente, ergueu-se nesse momento em seu espírito certa suspeita de traição e evitamos fazer com que os selvagens soubessem onde estávamos.

Depois de haver repousado cerca de uma hora, subimos rapidamente pela ravina e não nos adiantáramos muito, quando ouvimos uma série

de tremendos berros. Afinal, alcançamos o que poderia ser chamado a superfície do solo, pois nosso caminho até então desde que saíramos da plataforma, ficara sob uma arcada de folhagens e rochas elevadas, alteando-se a grande distância. Com cuidado, rastejamos por uma estreita abertura, donde poderíamos ter uma nítida visão da região circunvizinha; e aí todo o terrível segredo da explosão se revelou, de um só relance e num único instante.

O lugar de onde olhávamos não ficava longe do cimo do mais alto pico, na fileira de colinas de pedra-sabão. A garganta, em que o nosso grupo penetrara, corria a uns quinze metros para a nossa esquerda. Mas, pelo menos numa extensão de cem jardas o canal ou leito dessa garganta estava inteiramente repleto de ruínas caóticas, de mais de um milhão de toneladas de terra e pedra atiradas dentro dele propositadamente. Os meios pelos quais essas vastas massas de terra haviam sido precipitadas não eram mais simples do que evidentes, pois traços seguros da obra assassina ainda permaneciam. Em diversos pontos, ao longo do cimo do lado oriental da garganta (estávamos então no ocidental), podiam-se ver estacas de madeira fincadas no chão. Nesses pontos a terra não cedera mas, por toda a extensão da face do precipício, da qual a massa de terra caíra, era claro, pelas marcas deixadas no solo e semelhantes às feitas por uma broca, que estacas semelhantes às que lhe víamos fincadas haviam sido inseridas, separando-se, a cerca de três metros, para trás da borda do abismo. Fortes cordas de cipós de videira tinham sido também ligadas, de uma estaca a outra. Já falei da singular estratificação dessas colinas de pedra sabão e a ideia que acabo de dar da estreita e profunda frincha, efetuamos nossa fuga do sepultamento, permitirá avaliar melhor essa natureza. Assim é que quase toda convulsão natural certamente fenderia o solo em camadas paralelas e perpendiculares; e bastaria pequeno esforço humano para produzir o mesmo resultado. Dessa estratificação serviram-se os selvagens para realizar seus traiçoeiros fins. Não pode haver dúvida de que, pela contínua linha de estacas uma ruptura parcial do solo foi produzida, provavelmente até a profundidade de trinta ou sessenta centímetros, quando então, por de um violento puxão, nas pontas de cada uma das cordas (que estavam ligadas às extremidades das estacas, no alto, e se estendiam da borda do precipício para trás), obtinha-se enorme força de alavanca, capaz de precipitar toda a frente da colina,

a um sinal dado no seio do abismo, lá embaixo. Não mais foi motivo de incerteza o destino de nossos pobres companheiros. Apenas nós havíamos escapado à catástrofe daquela destruição esmagadora. Éramos únicos homens brancos vivos naquela ilha.

XXII

Nossa situação, como então nos aparecia, era pouco menos terrível do que quando nos havíamos julgado sepultados para sempre. Não víamos diante de nós perspectiva outra que não a de sermos assassinados pelos selvagens, ou arrastar entre eles uma vida miserável de cativo. Podíamos, é certo, esconder-nos, durante certo tempo, de sua observação, nos recantos das colinas e, como recurso final, no abismo de onde acabáramos de sair; mas ou deveríamos perecer no longo inverno polar, de fome e frio, ou ser por fim descobertos, em nossos esforços de salvar-nos.

Toda a região em torno de nós parecia formigar de selvagens, multidões dos quais, como percebíamos agora, tinham vindo das ilhas do sul, em barcos chatos, sem dúvida a fim de prestar ajuda na captura e saque da *Jane*. O barco ainda se achava calmamente ancorado na baía, estando os homens a bordo, ao que parece, inteiramente inconscientes de que qualquer perigo os aguardasse. Quanto ansiamos, naquele instante, por estar com eles, quer para ajudá-los a realizar sua fuga, quer a perecer com eles na tentativa duma defesa. Não víamos oportunidade de avisá-los do perigo, que corriam sem atrair imediata destruição sobre nossas próprias cabeças, com uma muito remota esperança de beneficiá-los. Um tiro de pistola seria bastante para fazer-lhes saber que ocorrera algum desastre mas este aviso não poderia provavelmente informá-los de que sua única perspectiva de salvação se encontrava em abandonar a baía imediatamente — nem dizer-lhes que princípio algum de honra agora os obrigava a permanecer, uma vez que seus amigos não se contavam mais entre os vivos. Ouvindo a descarga, não poderiam estar mais preparados para enfrentar o inimigo, agora pronto para o ataque, do que já estavam e do que sempre estiveram. Nenhuma vantagem portanto, e infinito dano resultaria de nosso tiro e, depois de madura deliberação, pusemos a ideia de parte.

Outra ideia que nos salteou foi a de tentar correr para o navio, agarrar uma das quatro canoas amarradas à entrada da baía, e tentar forçar uma passagem para bordo. Mas a absoluta impossibilidade de obter êxito, nesta desesperada tentativa, logo se tornou evidente. A região, como já disse antes, formigava literalmente de nativos, de tocaia por trás das moitas e dos esconderijos das colinas, para não serem vistos da escuna. De modo especial bem perto de nós e bloqueando a única passagem, pela qual podíamos atingir a praia, no ponto conveniente, estacionava todo o grupo dos guerreiros negros, com Too-wit à sua frente, e parecendo apenas algum reforço, para começar a abordagem da *Jane*. As canoas, também, à entrada da baía, estavam tripuladas por selvagens desarmados, é verdade, mas que, sem dúvida, tinham armas a seu alcance. Fomos portanto forçados, embora a contragosto a ficar no nosso esconderijo, como simples espectadores do conflito, que não tardou a começar.

Cerca de meia hora depois, vimos umas sessenta ou setenta jangadas, ou botes chatos, com flutuadores, cheias de selvagens e vindo costeando a ponta sul do porto. Pareciam não ter outra armas exceto pequenas clavas e pedras, que jaziam no fundo das jangadas. Imediatamente depois, outro destacamento, ainda mais considerável apareceu numa direção oposta e com idênticas armas. As quatro canoas também se encheram rapidamente de nativos, que saltaram das moitas à entrada da baía e se puseram vivamente ao largo para alcançar os outros grupos. Assim, em menos tempo do que levei a contá-lo e como que por mágica, a *Jane* viu-se cercada por uma multidão imensa de energúmenos, evidentemente resolvidos a apoderar-se dela a todo custo.

Que pudessem ser bem sucedidos nisso, não cabia dúvida um só instante. Os seis homens deixados no navio, por mais resolutamente que se pusessem a defender-se, eram inteiramente insuficientes para o manejo devido das peças ou para sustentar de qualquer modo um combate tão desigual. Mal podia imaginar que eles fizessem qualquer resistência, mas nisto me enganei, pois logo os vi manobrar para colocar o navio de costado a estibordo, a carregar sobre as canoas, que a esse tempo estavam à distância de um tiro de pistola, ficando as jangadas quase a um quarto de milha a barlavento. Devido a alguma causa desconhecida, mas mais provavelmente à agitação de nossos pobres amigos, por se verem em tão desesperada situação, a descarga foi um completo fracasso. Nem uma ca-

noa sequer foi atingida ou um único selvagem ferido, pois os tiros caíram antes do alvo ou ricocheteando sobre as cabeças deles. O único efeito produzido sobre eles foi o de um grande espanto, diante do inesperado estampido e da fumaça, tão excessivo que, durante alguns instantes, quase pensei que eles abandonassem por completo sua intenção e voltassem para a praia. E isso eles teriam provavelmente feito se nossos homens tivessem continuado seu ataque, com uma descarga de pequenas peças, no que como estivessem as canoas agora bem ao alcance, não poderiam deixar de fazer certa devastação, suficiente para evitar, pelo menos que aquele grupo se adiantasse mais, até poderem dar uma descarga também contra as jangadas. Mas, em lugar disto, deixaram o grupo das canoas recobrar-se de seu pânico e, olhando em redor, de se verificar que nenhum dano haviam sofrido, enquanto viravam para bombordo, a fim de enfrentar as jangadas.

A descarga de bombordo produziu o mais terrível efeito. A metralha e os tiros de palanqueta das grandes peças cortaram completamente, em pedaços, sete ou oito das jangadas, e mataram, talvez, trinta ou quarenta selvagens, enquanto uma centena deles, pelo menos eram lançados à água, a maior parte mortalmente feridos. Os restantes, fora de si de pavor, começaram imediatamente uma precipitada retirada sem mesmo esperar para pescar seus companheiros mutilados, que nadavam confusamente em todas as direções — gritando e urrando por socorro. Este grande êxito, porém, veio demasiado tarde para salvar nossos devotados companheiros. O grupo das canoas já estava a bordo da escuna, em número de mais de cento e cinquenta, tendo a maior parte conseguido grimpar correntes e por cima das redes de paveses, mesmo antes que as mechas fossem aplicadas aos canhões de bombordo. Nada agora podia conter a raiva daqueles brutos. Nossos homens foram imediatamente derrubados, abatidos, espezinhados e feitos totalmente em pedaços num instante.

Vendo isto, os selvagens das jangadas refizeram-se de seu terror, e acorreram em chusma para o saque. Em cinco minutos, a *Jane* foi a cena deplorável de indescritível estrago e tumultuosa violência. Os tombadilhos foram fendidos e rebentados; o cordame, as velas e tudo quanto era manobrável no tombadilho destruídos como por mágica; enquanto que, à força de puxar para trás, rebocando com as canoas e sirgando aos la-

dos, aquela multidão de miseráveis, que nadavam aos milhares em torno do navio, conseguiu afinal dar com ele na praia (tendo o cabo sido largado) e entregou-o aos bons cuidados de Too-wit, que, durante todo o embate, como um hábil general, havia permanecido no seu posto de segurança e reconhecimento, entre as colinas, mas, agora que a vitória se completara, para satisfação sua, condescendeu em correr com seus guerreiros de pele preta e tornar-se participante dos despojos.

A descida de Too-wit deixou-nos em liberdade de abandonar nosso esconderijo e de fazer um reconhecimento da colina, na vizinhança da abertura. A cerca de cinquenta jardas dali vimos um pequeno salto de água, no qual saciamos a sede abrasadora que nos consumia. Não longe da fonte descobrimos várias das moitas de aveleiras que mencionei antes. Provando as nozes, achamo-las apetecíveis e quase semelhantes, no sabor, à avelã comum inglesa. Enchemos imediatamente nossos chapéus, cujo conteúdo derramamos dentro da ravina, voltando a procurar mais. Enquanto nos ocupávamos ativamente em recolhê-las, um ruído nas moitas alarmou-nos e estávamos a ponto de retirar-nos, furtivamente, para nosso esconderijo quando um grande pássaro negro, da espécie do alcaravão, se levantou lenta e pesadamente, dentre os arbustos. Fiquei tão surpreso que não podia fazer nada, mas Peters teve suficiente presença de espírito para correr-lhe no encalço e agarrá-lo pelo pescoço antes que pudesse escapar-se. Seus esperneios e gritos eram tremendos e estávamos com ideia de largá-lo, com receio de que o barulho alarmasse alguns dos selvagens que ainda estivessem de tocaia na vizinhança. Um bom golpe de faca do mato por fim derrubou-o e o arrastamos para a ravina, congratulando-nos por haveremos, em todo caso, obtido assim provisão bastante para uma semana.

Sáímos de novo para um reconhecimento e aventuramo-nos a considerável distância, na ladeira do lado sul do morro, mas não encontramos coisa alguma mais que nos pudesse servir de alimento. Por consequência, reunimos grande quantidade de pau seco e voltamos, vendo um ou dois grandes grupos de nativos a caminho da aldeia, carregados com o saque do navio e que, estávamos apreensivos, podiam descobrir-nos, ao passar por baixo do morro.

Nosso imediato cuidado foi tornar nosso esconderijo tão seguro quanto possível e, com este objetivo, arranjamos alguma sarça sobre a

abertura (de que falei antes, aquela através da qual havíamos visto a nesga de céu azul, quando, ao sair do interior do buracão, atingimos a plataforma). Deixamos apenas uma pequenina abertura, suficientemente larga para permitir que víssemos a baía sem o risco de sermos descobertos lá de baixo. Tendo assim feito congratulamo-nos pela segurança da posição, pois estávamos agora a salvo de qualquer observação, enquanto preferíssemos ficar dentro da própria ravina sem nos aventurar até o alto da colina. Não cobríamos traço algum de que os selvagens já houvessem estado alguma vez, dentro daquele buraco, mas, realmente, quando chegamos a refletir na possibilidade de que a fenda, através da qual havíamos ali chegado, fora justamente ocasionada pela queda do penhasco oposto e que nenhum outro caminho para atingi-lo podia ser percebido, não fomos muito levados a regozijar-nos com a ideia de estar a salvo de perseguição, no receio de que não houvesse meio algum para nós de descer. Resolvemos explorar o cume da colina completamente, quando se oferecesse uma boa oportunidade. Entrementes, observávamos os movimentos dos selvagens através de nossa seteira.

Já haviam devastado completamente o navio e estavam se preparando agora para atear-lhe fogo. Dentro em pouco, vimos subindo a fumaça em imensos rolos, de sua principal escotilha, e, pouco depois, uma densa massa de labaredas irrompeu do castelo de proa. O cordame, os mastros e o que restava das velas pegam fogo imediatamente e o fogo espalhou-se sem demora por todos os tombadilhos. Grande número de selvagens permanecia ainda em suas posições, em torno do navio, martelando com grandes pedras, machados e balas de canhão todos os parafusos e outros objetos de cobre e de ferro. Na praia, nas canoas e jangadas havia não menos ao todo, na imediata vizinhança da escuna, de dez mil nativos além das chusmas dos que, carregados de pilhagem, voltavam para o interior ou para as ilhas vizinhas. Prevíamos agora uma catástrofe e não fomos desiludidos. Antes de tudo sobreveio um vivo choque (que sentimos tão distintamente no lugar onde estávamos, tivéssemos sido ligeiramente galvanizados), mas que não foi seguido por quaisquer sinais visíveis de explosão. Os selvagens ficaram evidentemente surpresos e pararam por um instante seu trabalho e seus gritos. Estavam a ponto de recomeçar, quando subitamente uma massa de fumo irrompeu dos conveses, semelhante a uma negra e pesada nuvem carregada de eletricidade;

depois, como que brotando-lhe das entranhas, elevou-se uma longa torrente de vívido fogo a uma altura aparentemente de um quarto de milha; em seguida houve uma súbita expansão circular de labaredas; toda a atmosfera viu-se magicamente tomada, num único instante, dum espantoso caos de madeira, metal e membros humanos e, finalmente produziu-se o abalo em sua plena fúria, que nos atirou violentamente no chão, enquanto as colinas ecoavam e reecoavam o estrondo e uma densa chuva de minúsculos fragmentos dos destroços se abatia, precipitadamente, em todas as direções em torno de nós.

O estrago entre os selvagens excedeu de muito nossas extremas expectativas. Tinham eles realmente recolhido os plenos e perfeitos frutos de sua traição. Talvez uns mil pereceram com a explosão, enquanto um número igual pelo menos se achava desesperadamente mutilado. Toda a superfície da baía ficou literalmente juncada daqueles miseráveis, que se debatiam e se afogavam e, na praia, as coisas talvez fossem mesmo piores. Pareciam inteiramente terrificados pela subitaneidade e totalidade de sua derrota, e não faziam para se auxiliarem uns aos outros. Por fim, notamos total mudança na conduta deles. Pareceram de repente passar do estupor ao mais alto grau de excitação e se precipitavam velozmente indo e voltando de certo ponto da praia, com as mais estranhas expressões de raiva, de horror e de intensa curiosidade misturadas, pintadas em suas fisionomias, e gritando esgoeladamente: *Tekeli-li! Tekeli-li!*

Logo vimos um grande grupo retirar-se para as colinas e de lá voltar, dentro em pouco, carregando estacas de madeira. Carregaram-na para o lugar onde a multidão era mais densa, a qual se foi abrindo de modo a permitir-nos avistar o motivo de toda aquela excitação. Percebemos algo de branco, deitado no chão, mas não podemos distinguir imediatamente o que fosse. Por fim, vimos que a carcaça do estranho animal de dentes e garras vermelhas que a escuna tinha retirado do mar a dezoito de janeiro. O Capitão Guido tinha feito conservar o corpo com o fim de empa-lhar a pele e levá-lo para a Inglaterra. Lembro-me de que dera algumas ordens a respeito, justamente antes de tocar na ilha, e de que o haviam levado para o camarote e metido dentro de um dos caixões. A explosão havia-o atirado à praia, mas por que causara tão grande agitação entre os selvagens, ia além de nossa compreensão. Embora se amontoassem em torno da carcaça a pequena distância, um deles se mostrava desejoso de

aproximar-se completamente. Pouco a pouco, os homens que traziam as estacas as fincaram em círculo em torno dela e logo que isso ficou pronto toda a enorme multidão se precipitou para o interior da ilha, aos altos brados de *Tekeli-li! Tekeli-li!*

XXIII

Durante os seis ou sete dias que se seguiram permanecemos em nosso esconderijo na colina, saindo apenas ocasionalmente e sempre com as maiores precauções, para buscar água e avelãs. Havíamos construído sobre a plataforma uma espécie de alpendre dotando-o duma cama de folhas secas e de três grandes pedras chatas que nos serviam ao mesmo tempo de fogão e de mesa. Acendemos o fogo sem dificuldade, esfregando dois pedaços de pau mais mole, e o outro mais duro. O pássaro que havíamos apanhado tão a propósito, revelou-se excelente manjar, embora um tanto coriáceo. Não era uma ave-marinha, mas uma espécie de alcaravão com uma plumagem dum negro de azeviche, com manchas grisalhas, e asas pequenas em relação a seu tamanho. Vimos depois três da mesma espécie na vizinhança da ravina, parecendo andar à procura daquele que havíamos capturado; mas, como nunca pousassem, não tínhamos oportunidade de agarrá-los.

Enquanto aquela ave durou, nada sofremos em nossa situação mas estava agora inteiramente consumida e tornou-se absolutamente necessário que tratássemos de arranjar comida. As avelãs não podiam satisfazer as exigências da fome e nos causavam dolorosas cólicas intestinais e, quando comidas em quantidade, violenta dor de cabeça. Tínhamos visto muitas tartarugas grandes perto da praia, a leste da colina, e verificamos que elas poderiam ser facilmente apanhadas, se pudéssemos chegar até elas sem sermos vistos pelos nativos. Resolvemos, portanto, fazer uma tentativa de descer até lá.

Começamos por descer a ladeira do sul, que parecia oferecer menores dificuldades; mas mal havíamos caminhado uma centena de jardas, nossa marcha (como tínhamos previsto pela aparência do alto da colina) foi inteiramente detida por uma ramificação da garganta na qual nossos amigos tinham perecido. Fomos acompanhando a borda dessa ravina

durante um quarto de milha, quando novamente nos deteve um precipício de imensa profundidade sendo possível encontrar caminho ao longo de sua margem vimo-nos forçados a retroceder pela ravina principal. Metemo-nos então na direção de leste, mas sem precisamente melhor sorte. Depois de rastejar uma hora, com risco de quebrar o pescoço, descobrimos que tínhamos apenas descido para um vasto abismo de granito negro, cujo fundo estava recoberto de e donde a única saída era pelo caminho íngreme que ali nos levara. Subimos de novo, penosamente, por essa vereda e tentamos seguir a crista do norte da colina. Ai fomos obrigados a usar da maior precaução possível nos nossos movimentos, pois a prudência nos exoria a ser descobertos pelos selvagens da aldeia. Portanto, fomos rastejando sobre as mãos e os joelhos e muitas vezes, mesmo forçados a estender-nos a fio comprido, arrastando nossos corpos por meio dos arbustos. Com esta cuidadosa maneira havíamos avançado um pouquinho quando chegamos a um abismo mais profundo que qualquer outro já visto antes e que conduzia diretamente para a garganta principal. De modo que nossos temores estavam plenamente confirmados e verificamos que estavam inteiramente impedidos de qualquer acesso ao mundo lá de baixo. Totalmente esgotados por tantos esforços, tratamos de voltar o melhor que podíamos para a plataforma e lançando-nos sobre a cama de folhas dormimos, mansa e profundamente, durante algumas horas.

Por muitos dias, depois dessa infrutífera procura, ocupamo-nos em explorar todas as partes do cume da colina, a fim de verificar os seus recursos verdadeiros. Descobrimos que não nos poderia fornecer alimento, com exceção das prejudiciais avelãs e de uma espécie de agrião fétido que crescia numa pequena extensão de mais de quatro varas quadradas e que logo estaria esgotada. No dia quinze de fevereiro, tanto quanto me posso lembrar, não havia mais uma folha de sobra e as nozes estavam-se tornando raras, e nossa situação, portanto, não podia ser mais lamentável.^[6] No dia dezesseis rodeamos de novo as paredes de nossa prisão, na esperança de descobrir algum caminho para escapar, mas inutilmente, descemos também o abismo no qual tínhamos sido tragados, na expectativa de descobrir através daquele corredor alguma abertura para a ravina principal. Aí também ficamos desapontados, embora tivéssemos descoberto e carregado conosco um mosquete.

No dia dezessete saímos com a determinação de examinar mais atentamente o abismo de granito negro aonde fôramos dar na nossa primeira busca. Lembramo-nos de que uma das fendas laterais daquele abismo tinha sido imperfeitamente observada por nós e estávamos ansiosos por explorá-la, embora sem esperança de descobrir ali qualquer abertura.

Não achamos grande dificuldade em atingir o fundo do buraco antes; e estávamos então suficientemente calmos para examiná-lo com alguma atenção. Era, realmente, um dos lugares de mais singular aparência imagináveis e mal podíamos ser levados a crer que ele fosse inteiramente obra da natureza. O abismo media em sua extremidade leste à extremidade oeste, cerca de quinhentas jardas de comprimento, supondo todas as suas sinuosidades estendidas a fio. A distância de leste a oeste, em linha reta (creio eu, não tendo meios de observação exata), não ia além de quarenta ou cinquenta jardas. No começo de nossa descida, isto é durante uns cem passos, a partir do cume da colina, as paredes do abismo assemelhavam-se muito pouco umas às outras, e não pareciam ter estado unidas em tempo algum, sendo uma das superfícies de pedra-sabão e a outra de greda, granulada de certa substância metálica. A largura média ou intervalo entre os dois penhascos era, provavelmente, de cerca de dezoito metros, mas parecia não haver qualquer regularidade de formação. Descendo mais, todavia, além do limite indicado, o intervalo rapidamente se encurtava e os lados começavam a correr paralelos, embora, por alguma distância mais, fossem ainda desiguais na matéria e na forma da superfície. Chegando a quinze metros do fundo começava uma perfeita regularidade. Os lados eram agora inteiramente uniformes em substância, em cor, sendo o material, em direção lateral, de um granito bastante negro e brilhante, e a distância entre os dois lados fronteiros um ao outro, em todos os pontos, exatamente de vinte jardas. A forma precisa do abismo será mais bem compreendida por meio de um esboço que fiz no local, pois felizmente tinha um lápis e um caderno de notas que conservei com longo cuidado através de longa série de aventuras subsequentes, e no qual sou devedor de uma multidão de notas de toda espécie que de outra forma teriam sido varridas de minha memória.

Esta figura (abaixo) dá o contorno geral do abismo, sem as cavidades menores dos lados, numerosas, aliás, tendo cada cavidade uma correspondente protuberância oposta. O fundo do precipício estava coberto,

até cinco ou dez centímetros de profundidade de um pó quase impalpável, por baixo do qual encontramos um prolongamento do granito negro.



À direita, na extremidade mais baixa notar-se-á uma espécie de pequena abertura; esta é a fenda que acima aludi e cujo exame mais minucioso fora o objeto de nossa segunda visita. Metemo-nos por ela adentro com vigor, cortando uma quantidade enorme de sarças que nos obstruíam, e afastando vasto monte de calhaus agudos cuja forma se assemelhava um tanto à das pontas de flecha. Fomos encorajados a prosseguir, porém, ao notar uma débil luz que provinha da outra extremidade. Por fim, rasgamos nosso caminho durante nove metros e descobrimos que a abertura era uma arcada baixa e de forma regular, tendo um fundo da mesma poeira impalpável que cobria o abismo principal. Uma luz fortíssima irrompeu, então, sobre nós e, dobrando um curto cotovelo, achamo-nos em outra galeria elevada semelhante à que tínhamos deixado em todos os pontos menos na forma longitudinal. Sua figura geral vai aqui reproduzida.

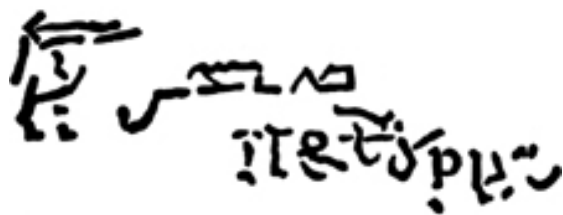


A extensão total desse abismo, começando na abertura *a* e dobrando a curva *b* até a extremidade *d*, era de quinhentas e cinquenta jardas. Em *c* descobrimos uma pequena abertura semelhante àquela através da qual tínhamos saído do outro abismo e esta estava semelhantemente, entulhada de sarças e de grande quantidade dos calhaus brancos em forma de seta. Abrimos caminho por ela, descobrindo que a cerca de doze metros de distância ela se abria para um terceiro abismo. Este, também, era pre-

cisamente igual ao primeiro, exceto na sua forma longitudinal, que era a seguinte.



Verificamos que toda a extensão do terceiro abismo era de trezentas e vinte jardas. No ponto *a* havia uma abertura de cerca de um metro e oitenta centímetros de largura que avançava quinze metros dentro da rocha, terminando em um leito de greda e não havendo outro abismo além, como tínhamos esperado. Estávamos a ponto de deixar esta fenda, na qual muito pouca luz penetrava, quando Peters chamou minha atenção para uma fileira de entalhe de aparência estranha, na superfície da greda que formava o beco sem saída. Com levíssimo esforço de imaginação, o entalhe à esquerda, ou o mais ao norte, podia ter sido tomado como a representação intencional, embora grosseira, de uma figura humana de pé, com o braço estendido. Os restantes entalhes apresentavam certa pequena semelhança com caracteres alfabéticos, e Peters estava ansioso por adotar, fosse como fosse, essa tola opinião de que o eram realmente. Convenci-o de seu erro, finalmente, dirigindo sua atenção para o chão da abertura, onde, entre a poeira apanhamos, pedaço a pedaço, diversos grandes fragmentos da greda que tinha sido evidentemente partida por alguma convulsão da superfície, onde se achavam os entalhes, fragmentos que tinham pontos salientes, exatamente adaptáveis aos entalhes; provava-se terem sido estes obra da natureza. A figura abaixo apresenta uma cópia fiel do conjunto.



Depois de nos termos bem convencido de que aquelas cavernas não nos proporcionavam meios de escapar de nossa prisão voltamos para trás, abatidos e desesperados, para o cume da colina. Nada digno de menção ocorreu durante as vinte e quatro horas seguintes, exceto que, ao examinar o chão do terceiro abismo de leste, encontramos dois bura-

cos triangulares, de grande profundidade, e também com paredes de granito negro. Achamos que não valia a pena descer dentro daqueles buracos, pois tinham a aparência de simples poços naturais, sem saída. Tinha cada um cerca de vinte jardas de circunferência, e sua forma bem como sua posição em relação ao terceiro abismo podem ser vistas mais acima.

XXIV

A vinte do mês, achando inteiramente impossível subsistir por mais tempo comendo avelãs, cujo uso nos causava as mais horríveis dores, resolvemos fazer uma tentativa desesperada de descer a ladeira meridional da colina. A parede do precipício era, ali, da espécie mais branda de pedra-sabão, embora quase perpendicular em cerca de toda a sua extensão (uma profundidade de quarenta e cinco metros, pelo menos); em muitos lugares chegava, mesmo, a ser arqueada. Depois de longa pesquisa descobrimos uma estreita saliência a cerca de seis metros abaixo da borda do precipício; Peters conseguiu descer até ela, com o auxílio que lhe pude prestar, amarrando os nossos lenços. Com dificuldade um tanto maior, também eu consegui descer. E vimos, então, a possibilidade de descer até embaixo pelo processo por que havíamos escalado o abismo, ali estivéramos enterrados com a queda da colina, isto é, cavando degraus na superfície da pedra-sabão com nossas facas. Mal se pode conceber até que ponto essa tentativa era aventureira; como não havia outro recurso, decidimos levá-la a efeito.

Na saliência onde estávamos colocados cresciam algumas moitas de aveléiras e a uma destas amarramos, firmemente, uma extremidade de nossa corda de lenços. Tendo amarrado a outra extremidade em torno da cintura de Peters, descí-o sobre a borda do precipício até que os lenços ficassem esticados. Ele, então, passou a um profundo buraco na pedra-sabão (de uns vinte e cinco centímetros), talhando obliquamente a rocha acima, até a altura de trinta centímetros, pouco mais ou menos, de modo a permitir que se, fincasse com a coronha de uma pistola, uma cavilha suficientemente na fôrte na superfície plana. Eu o icei, então, cerca de um e vinte centímetros, e aí ele fez um buraco semelhante ao de bai-

xo, fincando uma outra cavilha e tendo, assim, um lugar de descanso para os pés e para as mãos. Desamarrei, após, os lenços da moita, atirando-lhe a ponta, que ele amarrou à cavilha, no buraco superior, deixando-se cair vagarosamente para uma posição de noventa centímetros mais baixa do que a em que estivera antes isto é, o comprimento total dos lenços. Lá, cavou ele outro buraco e fincou outra cavilha. Em seguida, içou a si próprio, com o intuito de pousar os pés no buraco que acabava de cavar, agarrando-se com as mãos à cavilha do buraco de cima. Era, agora, necessário desatar os lenços da cavilha superior, com o fim de amarrá-los à segunda; e aí descobriu Peters que um erro havia cometido, ao cavar os buracos a distância tão separada uns dos outros; contudo, depois de uma ou duas tentativas, perigosas e sem êxito, de alcançar o nó (tendo de agarrar-se com sua mão esquerda enquanto que a direita trabalhava em desmanchar o nó), ele, afinal, cortou a corda, deixando quinze centímetros dela fixos à cavilha. Amarrando então os lenços à segunda cavilha desceu para uma posição da terceira, tomando cuidado em não descer muito. Por esses meios (meios que eu jamais teria concebido e que devíamos, inteiramente, à habilidade e resolução de Peters) meu companheiro finalmente conseguiu, com a ajuda ocasional de saliências na rocha, atingir o sopé sem acidentes.

Só depois de algum tempo foi que pude dar-me a coragem suficiente para acompanhá-lo; mas, por fim, pus-me a fazê-lo. Peters tinha tirado a camisa, antes de descer, e esta, com a minha própria, formaram a corda necessária para a aventura. Depois de jogar em baixo o mosquete, encontrado no abismo, amarrei essa corda às moitas e deixei-me cair rapidamente, esforçando-me pelo vigor de meus movimentos, por banir o tremor que, doutra forma não teria conseguido dominar. Este meio foi o bastante para os primeiros quatro ou cinco degraus, mas logo comecei a sentir minha imaginação terrivelmente excitada ao pensar nas vastas profundezas a serem ainda descidas e na precária natureza das cavilha e buracos de pedra-sabão que eram meu único suporte. Foi em vão que tentei banir essas reflexões e conservar os olhos fixos sob a muralha lisa do penhasco à minha frente. Quanto mais vivamente se lutava para *não pensar*, tanto mais intensamente vivos se tornavam meus pensamentos e mais horivelmente distintos. Por fim sobreveio aquela crise de imaginação, tão temível em todos os casos dessa espécie, crise em que começa-

mos a antecipar as sensações que nos fazem fatalmente *cair*, a descrever-nos o enjoo, a vertigem a derradeira luta, o semidesmaio e o horror final da queda pendicular e precipitosa. Eu via, então, que aquelas fantasias se transformavam em realidades e todos os horrores imaginados se precipitavam de fato sobre mim. Senti os joelhos entrechocarem-se violentamente, enquanto meus dedos iam, gradual mas constantemente, relaxando seu apego à corda. Senti um tumultuar de sinos nos ouvidos e disse comigo: “Isto é o meu dobre a finados!” e então senti-me tomado do desejo irresistível de olhar para baixo. Não podia mais! Não queria mais confinar meus olhares ao penhasco! E, com uma emoção violenta e indefinível, metade de horror e metade de opressão aliviada, mergulhei a minha vista bem no fundo do abismo. Durante um instante, meus dedos mantiveram-se convulsivamente agarrados, enquanto, com o movimento a mais tênue ideia possível de salvação extrema errava, como uma sombra, pela minha mente. No instante seguinte, toda a minha alma foi invadida pelo *desejo imenso de cair*; um desejo, uma atração, uma paixão absolutamente incontroláveis. Larguei de repente a cavilha e, dando uma meia volta contra a rocha, permaneci por um instante, oscilando sobre sua superfície lisa. Senti então a cabeça girar. Dentro de meus ouvidos, uma voz imaginária e estridente gritava; logo abaixo de mim se levantava uma figura diabólica, nevoenta. E, suspirando, com o coração presto cambaleei e caí entre seus braços.

Eu desmaiara e Peters me agarrara ao cair. Observara de seu lugar, à beira do penhasco, todos os meus gestos e, percebendo o perigo iminente em que me encontrava, tentara inspirar-me coragem por todos os meios que pudera inventar; contudo, minha confusão de espírito tinha sido tão grande que me impediu de ouvir o que ele dizia ou de ter mesmo consciência de que ele me houvesse chegado a falar. Por fim, vendo-me cambaleiar, apressou-se em subir em meu auxílio e chegou, justamente, a tempo de me salvar. Se eu tivesse caído, com todo o meu peso, a corda de camisas ter-se-ia inevitavelmente rompido e eu teria sido precipitado no abismo; como tal não se deu, ele conseguiu fazer-me descer devagar de modo a ficar suspenso sem perigo até que recobrasse os sentidos, o que ocorreu uns quinze minutos depois. Ao despertar, meu tremor tinha desaparecido por completo; senti-me um novo ser e com um

pouco mais de auxílio de meu companheiro, cheguei também ao sopé, a salvamento.

Encontramo-nos, então, não longe da ravina que havia sido o túmulo de nossos amigos e ao sul do lugar onde a colina se tinha desmoronado. O lugar era de uma estranha desolação e seu aspecto trazia-me a lembrança as descrições feitas pelos viajantes daquelas regiões que marcavam o sítio da arruinada Babilônia. Para não falar das ruínas do penhasco desmoronado que formavam uma barreira caótica, na perspectiva do norte, a superfície do solo, em todas as outras direções, estava semeada de imensos montículos que pareciam os destroços de algumas gigantescas construções de arte embora, em detalhe, nenhum aspecto artístico pudéssemos descobrir. As escórias eram abundantes e enormes blocos informes de granito negro entremeavam-se com outros de greda^[7], ambos granulados de metal. Não havia traços de vegetação de espécie alguma por toda a área deserta à vista. Viam-se numerosos escorpiões imensos e vários répteis que não se encontravam, aliás, em elevadas latitudes. Como o nosso mais imediato objetivo fosse o alimento, resolvemos encaminhar-nos para a praia, que não distava mais do que meia milha, pensando em agarrar tartarugas, muitas das quais tínhamos observado do nosso esconderijo na colina. Havíamos andado umas cem jardas, deslizando, cautelosamente, entre os imensos rochedos e montículos, quando, ao dobrar uma esquina, cinco selvagens pularam sobre nós, de uma pequena caverna, derrubando Peters com um golpe de clava. Quando ele caiu, todos se precipitaram para agarrar sua vítima, dando-me tempo para recobrar-me do espanto. Tinha ainda o mosquete, mas o cano tinha ficado tão estragado ao ser lançado do precipício que o larguei para um lado, como inútil, preferindo confiar em minhas pistolas, que tinha cuidadosamente conservado e se achavam em bom estado. Com elas contra os assaltantes, disparando-as, uma após outra, em sucessão. Dois selvagens caíram, e um terceiro, que estava de atravessar Peters com uma lança, saltou sem executar seu desígnio. Estando assim libertado meu companheiro, não tive mais dificuldade. Ele também tinha suas pistolas, mas, prudentemente, evitou fazer uso delas, confiando em sua grande força que excedia extremamente a de qualquer outra pessoa que jamais conheci. Agarrando uma clava de um dos selvagens que havia caído arrebentou o crânio dos três restantes, matando a todos ins-

tantaneamente, com um simples golpe da arma e deixando-nos completamente senhores do campo.

Tão rapidamente ocorreram esses fatos que mal podíamos acreditar na sua realidade, e ficamos a olhar os cadáveres, numa espécie de contemplação estupefata, quando fomos chamados à realidade por gritos que ecoavam ao longe. Era evidente que os selvagens tinham sido alarmados pelos tiros e que tínhamos muito pouca probabilidade de evitar que fôssemos descobertos. Para voltar ao penhasco seria necessário dirigir-nos rumo aos gritos e mesmo se conseguíssemos chegar à sua base nunca seríamos capazes de sem ser vistos. Nossa situação era do maior perigo e estávamos hesitantes sobre qual a direção em que iniciariamos a corrida quando um dos selvagens em quem eu tinha atirado e que tinha por morto levantou-se, rapidamente, e tentou escapulir. Agarrei-o porém, antes que ele tivesse dado alguns passos e estávamos a ponto de liquidá-lo, quando Peters sugeriu que poderíamos retirar algum benefício, forçando-o a acompanhar-nos na nossa tentativa de fuga. Por conseguinte, arrastamo-lo conosco, fazendo entender que lhe atirariamos de novo se oferecesse resistência e em poucos minutos, achava-se perfeitamente submisso e corria a nosso lado quando nos adiantamos por entre as rochas, encaminhando-nos para a praia.

Até então, as irregularidades do terreno que estivéramos a atravessar ocultavam o mar a nossas vistas, exceto a intervalos, e quando o avistamos, pela primeira vez, completamente, achava-se talvez a umas duzentas jardas de distância. Ao sairmos para o escampado da praia, vimos com grande consternação imensa multidão de nativos saindo da aldeia e de todos os pontos visíveis da aldeia dirigindo-se para nós, com gestos de extrema fúria e urrando como animais selvagens. Estávamos a ponto de arrepiar caminho e tentar garantir-nos uma retirada, nos abrigos do terreno mais acidentado quando descobri as proas de duas canoas projetando-se atrás de um largo rochedo que se prolongava mar a dentro. Paramos, então, a toda pressa e, ao alcançá-las, vimos desguarnecidas e sem qualquer outro carregamento, a não ser três das grandes tartarugas de Galápagos e a habitual provisão para sessenta remadores. Imediatamente tomamos posse de uma delas e, obrigando nosso cativo a embarcar, fizemo-nos ao largo com toda a força de que podíamos dispor.

Mal havíamos feito porém, umas cinquenta jardas, quando ficamos suficientemente calmos para perceber a grande imprudência de que fomos deixando a outra canoa em poder dos selvagens. Que, a esse tempo distavam da praia apenas o dobro de nossa distância e avançavam rapidamente, em nossa perseguição. Não havia agora tempo a perder. Nossa esperança era, quando muito, um recurso desesperado mas não havia outro. Era bastante duvidoso que, mesmo fazendo os maiores esforços, pudéssemos chegar a tempo de nos apoderar da canoa antes deles; havia, entretanto, uma possibilidade de fazê-lo. Poderíamos salvar-nos, se o conseguíssemos, mas, se nada fizéssemos, teríamos de resignar-nos a uma morte inevitável.

A canoa estava construída de tal maneira que a proa e popa eram iguais e em lugar de fazê-la girar mudamos, simplesmente o movimento dos remos. Tão logo os selvagens perceberam isso redobram seus berros, bem como sua carreira, e se aproximaram com inconcebível rapidez. Remávamos, porém, com toda a energia do desespero e chegamos ao lugar disputado antes que mais de um nativos o atingissem. Esse homem pagou caro a sua agilidade pois, ao se aproximar da praia, Peters atingiu-o na cabeça com um tiro de sua pistola. Os mais avançados do restante de seu grupo estavam provavelmente a uns vinte ou trinta passos distante, no momento em que nos apoderamos da canoa. Tentamos a princípio arrastá-la para a água mais funda, fora do alcance dos selvagens mas encontrando-a por demais agarrada ao solo e não havendo tempo a perder, Peters, com dois pesados golpes, com a coronha do mosquete, conseguiu arrombar um grande pedaço da proa e de um lado. Então, arrastamo-la para o largo. A este tempo, dois dos nativos já se tinham apoderado de nosso bote, recusando obstinadamente a largá-lo, até que nos vimos forçados a livrar-nos deles com nossas facas. Assim desembaraçados, avançamos grandemente mar em fora. O grupo principal dos selvagens, ao içar a canoa partida, lançou o mais tremendo berro de raiva e desaponto concebível. Na verdade, de tudo quanto eu observara entre aqueles miseráveis, pareciam eles a raça de homens mais sórdida, hipócrita, vingativa, sanguinária e totalmente diabólica que existia na superfície da terra. É claro que não teríamos misericórdia alguma a esperar, se houvéssemos caído em suas mãos. Fizeram uma tentativa insensata de perseguir-nos na canoa furada, mas, verificando que era inú-

til, deram de novo vazão à sua raiva numa série de hediondas vociferações e saíram a correr para as suas colinas.

Estávamos, pois, livres de qualquer perigo imediato, mas nossa situação era ainda suficientemente sombria. Sabíamos que quatro canoas iguais à que tínhamos tinham estado de posse dos selvagens, em certo momento, e ignorávamos ainda (fato que depois foi afirmado pelo nosso prisioneiro) que dois desses barcos tinham sido reduzidos a pedaços pela explosão da *Jane Guy*. Calculamos, portanto que seríamos ainda perseguidos, tão logo nossos inimigos pudessem dar a volta até a baía, distante cerca de três milhas, onde os botes eram usualmente amarrados. Temendo isso, fizemos todos esforços para deixar a ilha atrás de nós e avançamos, rapidamente, mar em fora, forçando o prisioneiro a pegar um remo. Cerca de meia hora depois, quando já havíamos feito, provavelmente umas cinco ou seis milhas para o sul, vimos vasta frota de canoas de fundo chato, ou jangadas, sair da baía, com o propósito evidente de perseguir-nos. Mas logo voltaram atrás, desesperando alcançar-nos.

XXV

Encontramo-nos então, no imenso e deserto oceano Antártico, numa latitude de mais de 84 graus e numa frágil canoa, sem outra provisão a não ser as três tartarugas. Além disso, devíamos considerar que o longo inverno polar não estava muito distante e se tornava necessário que refletíssemos atentamente no caminho a seguir. Havia seis ou sete ilhas à vista, pertencentes ao mesmo grupo e distantes umas das outras cerca de cinco ou seis léguas. Mas não tínhamos intenção de aventurar-nos em nenhuma delas. Ao vir do norte, na *Jane Guy*, havíamos deixado gradualmente as regiões mais rigorosamente geladas. Isso, porém, por pouco que estivesse em acordo com as noções geralmente aceitas a respeito do Antártico, era um fato experimental que não admitia negação. Tentar, portanto, voltar seria loucura, especialmente em período tão avançado da estação. Apenas um caminho parecia ainda aberto à esperança. Decidimos, pois, rumar ousadamente para o sul onde havia pelo menos uma probabilidade de descobrir terras e mais de uma probabilidade de descobrir um clima ainda mais suave.

Até aqui tínhamos encontrado o oceano Antártico como o oceano Ártico, caracteristicamente livre de violentas tempestades ou de águas demasiado agitadas; mas nossa canoa era, na melhor das hipóteses, de frágil estrutura, embora grande, e nos pusemos afanosamente a trabalhar para torná-la tão segura quanto no-la permitiam os meios limitados de que dispúnhamos. O material do bote não passava de uma cortiça — cortiça de uma árvore desconhecida. O cavername era de um junco forte, bem adequado ao uso em questão. Tínhamos, de popa a proa, um espaço de quinze metros, um metro e vinte centímetros a um metro e oitenta centímetros de largura, com uma profundidade geral de um metro e trinta e cinco centímetros. Esses barcos diferiam, assim, grandemente, na forma dos de quaisquer outros habitantes do oceano Austral que as nações civilizadas conhecem. Nunca acreditaríamos que fossem obra dos ilhéus ignorantes que os possuíam; e alguns dias depois vimos, interrogando nosso prisioneiro, que eles eram feitos na verdade, pelos nativos de um grupo a sudoeste da região, em que os encontramos, tendo caído, acidentalmente, nas mãos dos nossos bárbaros. O que podíamos fazer pela segurança de nosso barco era verdadeiramente, muito pouca coisa. Descobrimos algumas largas fendas, perto de ambas as extremidades, e vimo-nos forçados a tapá-las com pedaços de nossas jaquetas de lã. Com o auxílio de remos supérfluos, de que havia grande quantidade, levantamos uma espécie de latada, por cima da proa, a fim de quebrar a força de quaisquer ondas que pudessem ameaçar alagar-nos por aquele lado. Levantamos também duas pás de remo, como mastros, colocando-as em frente uma da outra, cada qual numa amurada, poupando-nos assim a necessidade de uma verga. A esses mastros amarramos uma vela feita de nossas camisas, fazendo-o com alguma dificuldade pois não podíamos contar com auxílio algum de nosso prisioneiro embora se mostrasse bastante desejoso de trabalhar em outras operações. A vista das camisas pareceu afetá-lo de maneira bastante singular. Não houve meios de decidi-lo a tocá-las ou mesmo aproximar-se delas. Punha-se a tremer quando tentávamos obrigá-lo a isso e berrava fortemente: *Tekeli-li!*

Completados todos os nossos arranjos relativamente à segurança da canoa, pusemo-nos a navegar para o sul-sudeste, tendo em vista dobrar a ilha mais meridional do grupo em vista. Feito isto, voltamos a proa francamente para o sul. O tempo não podia ser considerado de modo al-

gum desagradável. Tínhamos uma brisa bastante suave e contínua do norte, um mar manso e permanente luz diurna. Nenhum gelo se via em qualquer parte; *nem mesmo víamos jamais qualquer partícula dele, depois de deixar o paralelo da ilhota de Bennet*. Na verdade, a temperatura da água era aqui bastante quente para permitir a existência de qualquer quantidade de gelo. Tendo matado a maior de nossas tartarugas e obtido dela não somente comida, mas uma copiosa provisão de água, continuamos o nosso curso, sem qualquer incidente de importância, durante talvez sete ou oito dias, período em que devemos ter avançado para o sul uma vasta distância, pois o vento soprava constantemente a nosso favor e uma corrente bastante forte nos impelia continuamente, na direção que seguíamos.

Março, 1^[8]. Vários fenômenos insólitos nos indicaram, então, que estávamos penetrando numa região cheia de espantosas novidades. Alta barreira de vapor acinzentado e leve aparecia, constantemente, no horizonte meridional, onde luziam por vezes elevadas estrias, ora correndo de leste para oeste, ora de oeste para leste, e de novo apresentando um cume nivelado e uniforme; em suma, tendo todas as violentas variações da aurora boreal. A altura média desse vapor tal como o víamos de nossa posição, era de cerca de 25 graus. A temperatura do mar parecia aumentar a cada instante e havia na sua cor uma alteração bastante perceptível.

Março, 2. Hoje, à força de repetidas perguntas ao nosso prisioneiro viemos a conhecer alguns pormenores a respeito da ilha do massacre e seus habitantes e costumes; mas por que iria *agora* demorar com eles o leitor? Posso dizer, porém, que soubemos haver oito ilhas no grupo; que eram elas governadas por um rei comum chamado *Tsalemon* ou *Psalemon*, que residia numa das menores ilhotas que as peles pretas que formavam as vestes dos guerreiros vinham de um animal de enorme tamanho, encontrado somente no vale perto da corte do rei; que os habitantes do grupo não fabricavam outros barcos além das jangadas de fundo chato e que as quatro canoas eram as únicas dessa espécie que eles possuíam, haviam sido obtidas por mero acaso, de uma grande ilha, situada a sudeste e; que o nome dele era Nu-Nu; que nada sabia da ilhota de Bennet e que o nome da ilha que acabávamos de deixar era *Tsalal*. O começo das palavras *Tsalemon* e *Tsalal* era dado com um prolongado som

sibilante, que achamos impossível imitar, mesmo depois de repetidas tentativas, e que era precisamente o mesmo do alcaravão negro que tínhamos comido no cume da colina.

Março, 3. O calor da água era agora verdadeiramente extraordinário e sua cor ia experimentando uma alteração rápida não sendo mais transparente, mas de uma consistência e opacidade leitosas. Na nossa imediata vizinhança era habitualmente calma, nunca tão agitada a ponto de fazer perigar a canoa; mas, frequentemente éramos surpreendidos percebendo, à nossa direita e a nossa esquerda, a diferentes distâncias, súbitas e extensas agitações da superfície, sempre precedidas, como por fim notamos, por violentas oscilações, na região do vapor, para o sul.

Março, 4. Hoje, com o fim de alargar nossa vela, estando a brisa de norte decaindo sensivelmente, tirei do bolso de meu paletó um lenço branco. Estando Nu-Nu sentado a meu lado e tendo o pano acidentalmente roçado sua face, foi ele tomado de violentas convulsões seguidas de prostração, de estupor e de baixos murmúrios de *Tekeli-li! Tekeli-li!*

Março, 5. O vento tinha cessado inteiramente, mas era inegável que estávamos ainda correndo para o sul, impulsioneados por uma poderosa corrente. E agora, de fato, parecia razoável que experimentássemos algum alarme diante do rumo que estavam tomando os acontecimentos — mas nada sentimos. A fisionomia de Peters nada de alarme apresentava, embora mostrasse, por vezes uma expressão cujo sentido eu não podia penetrar. Era indubitável que o inverno polar se aproximava: mas se aproximava sem seu séquito de horrores. Eu sentia um *entorpecimento* de corpo e de espírito, uma sensação de sonho, mas era tudo.

Março, 6. O vapor cinzento tinha-se agora elevado muito mais graus acima do horizonte e estava perdendo gradualmente seu tom cinzento. O calor da água era extremo; até mesmo desagradável ao toque. E sua tonalidade leitosa mais evidente do que nunca. Hoje ocorreu violenta agitação da água, bem perto da canoa. Foi como de costume, seguida de um violento clarão do vapor no seu cume e de uma momentânea divisão em sua base. Fina poeira branca, semelhante a cinzas, mas que não o era, certamente caiu sobre a canoa e sobre larga superfície da água, à medida que o clarão se extinguia entre o vapor, e a agitação se acalmava no mar. Nu-Nu então lançou-se de bruços, no fundo do barco e foi impossível persuadi-lo a levantar-se.

Março, 7. Interrogamos hoje Nu-Nu dos motivos que levaram seus conterrâneos a matar nossos companheiros, mas ele parecia estar por demais dominado pelo terror para nos dar qualquer resposta razoável. Jazia ainda obstinadamente no fundo do bote e repetidas as perguntas a respeito do motivo do morticínio fez apenas gestos idiotas, tais como levantar com o indicador o lábio superior e exhibir os dentes. Eram negros. Nunca víamos antes os dentes de um habitante de Tsalal.

Março, 8. Hoje, passou ao lado de nós um daqueles animais brancos cuja aparição na baía de Tsalal ocasionara tão violenta comoção entre os selvagens. Tive vontade de fisgá-lo mas sobreveio-me uma súbita indiferença e esqueci-me disso. O calor da água aumentava ainda e a mão já não podia ficar muito tempo dentro dela. Peters falava pouco e eu não sabia o que pensar de sua apatia. Nu-Nu suspirava e nada mais.

Março, 9. A substância cineriforme caía agora, continuamente, em torno de nós e em vastas quantidades. A barreira de vapor para o sul tinha-se elevado prodigiosamente no horizonte e começava a assumir forma mais distinta. Posso compará-la apenas a uma catarata sem limites, rolando, silenciosamente, dentro do mar, de alguma imensa e bem distante muralha no céu. A gigantesca cortina pendia ao longo de toda a extensão do horizonte meridional, mas não emitia som algum.

Março, 21. Uma espessa escuridão pairava agora sobre nós. Mas, das leitosas profundezas do oceano, erguia-se um luminoso clarão que deslizava ao longo dos costados do barco. Estávamos quase sufocados por aquela chuva branca de cinzas que se amontoavam sobre nós e sobre a canoa, mas que se misturavam na água ao cair. O cume da catarata perdia-se inteiramente na obscuridade e na distância. No entanto, nós nos aproximávamos evidentemente dela, com uma horrível velocidade. A intervalos, avistavam-se nela vastas, porém momentâneas, aberturas hiantes, e dessas aberturas, em seio havia um caos de imagens flutuantes e indistintas, se precipitavam ventos velozes e potentes, mas silenciosos, despedaçando na sua carreira o oceano inflamado.

Março 22. As trevas haviam sensivelmente aumentado, aliviadas somente pelo clarão da água refletindo da branca cortina diante de nós. Numerosas aves gigantescas e dum branco lívido voavam continuamente agora por trás do véu, e o seu grito era o sempiterno *Tekeli-li!*, ao se afastarem de nossa visão. De súbito, Nu-Nu agitou-se no fundo do bo-

te, mas, ao tocá-lo, percebemos que a sua alma se havia evocado. E agora nós nos precipitávamos para o seio da catarata, onde se escancarava um abismo para receber-nos. Mas ergueu-se, então, em nosso caminho, uma figura humana amortalhada bem maior de proporções que qualquer habitante da terra. E a cor da pele desse vulto tinha a perfeita brancura da neve.

Nota

As circunstâncias relacionadas com a recente morte tão súbita e lamentável do Sr. Pym são já bem conhecidas do público através das notícias da imprensa diária. É de recear que os poucos capítulos restantes que deveriam completar esta narrativa e que ficaram em poder dele, para revisão, enquanto os aqui publicados se achavam no prelo, estejam irremediavelmente perdidos em consequência do acidente que lhe causou a morte. Pode ser também que esse não seja o caso, e se, por fim, os artigos forem encontrados serão dados a lume.

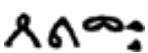
Todos os meios foram tentados para remediar essa falha. O cavalheiro cujo nome se menciona no prefácio e que, pelo que ali se diz, poderia ser julgado capaz de preencher a lacuna declinou de fazê-lo; e isso pela razão compreensível que se relaciona com a inexatidão geral dos detalhes que lhe foram fornecidos e com sua descrença no que tange à inteira verdade das últimas partes da narrativa. Peters, de quem se poderia esperar alguma informação, vive ainda, residindo no Illinois, mas não pôde ser encontrado até agora. Pode ser achado ainda, porém, e sem dúvida fornecerá material para uma conclusão do relato do Sr. Pym.

A perda dos dois ou três capítulos finais (porque eram apenas dois ou três) é ainda mais profundamente lastimável quanto, como não se pode duvidar continham eles assunto relativo ao próprio polo, ou pelo menos na sua imediata vizinhança; e porque, ainda, as afirmativas do autor com referência a essas regiões poderiam ser em breve ratificadas ou contraditadas pela expedição que o governo agora prepara ao oceano Antártico.

Sobre um ponto da narrativa, algumas observações devem ser aduzidas e grande satisfação teria o autor deste apêndice se o que ele aqui

anota contribuísse para dar algum crédito às estranhíssimas páginas agora publicadas. Aludimos aos abismos encontrados na ilha de Tsalal e ao conjunto das ilustrações que figuram naquelas páginas.

O Sr. Pym apresentou as ilustrações dos abismos, sem comentários e falou claramente de *entalhes* encontrados na extremidade do mais oriental desses abismos, achando-os de semelhança, apenas hipotética, com caracteres alfabéticos e, em suma, como *não sendo* tais, positivamente. Essa asserção é feita de modo tão simples e sustentada por uma espécie de demonstração tão conclusiva (p. ex., a adaptação das pontas dos fragmentos encontrados entre a areia aos entalhes na muralha) que somos forçados a julgar o autor de boa-fé; e nenhum leitor que pense julgaria de forma diversa. Mas como os fatos com relação a *todos* os desenhos são dos mais singulares (especialmente quando encarados em relação a afirmativas feitas no decurso da narrativa) ficaria bem dizer uma ou duas palavras referentemente a todos eles também porque, os fatos em apreço, como está fora de dúvida, escaparam à atenção do Sr. Poe.

A figura 1 e, em seguida, a figura 2, a figura 3 e a figura 5, quando enfileiradas na ordem precisa em que os abismos se apresentavam, cortando-se os pequenos ramos laterais ou arcadas (que, devem lembrar-se, apenas serviam como meio de comunicação entre as galerias principais e eram de caráter totalmente diverso), formam uma raiz verbal etíope —  — a raiz que significa “ser tenebroso”. Daí todas as inflexões de sombra ou escuridão. Com referência ao entalhe “esquerdo, ou mais ao norte” dos apresentados na figura 4, é mais do que provável que a opinião de Peters era correta e que a aparência hieroglífica fosse realmente obra da mão do homem pretendendo dar a forma de um vulto humano. O desenho está aos olhos do leitor e ele poderá, ou não, perceber a semelhança sugerida; mas o restante dos entalhes oferece forte confirmação à ideia de Peters. A fileira superior é, evidentemente, o radical árabe  — que significa “ser branco”, e daí todas as inflexões de brilho e alvura. A fileira inferior é tão evidentemente compreensível. Os caracteres estão algo quebrados e desconjuntados, não obstante, não pode haver dúvida de que, em seu perfeito estado, eles formassem a palavra egípcia completa **ⲡⲁϣϣⲣⲏⲥ**. — “a região do sul”. De-

ve-se observar que essas interpretações confirmam a opinião de Peters em relação à figura “mais ao norte”. O braço está estendido para o sul.

Conclusões como estas abrem vasto campo à especulação e a conjecturas excitantes. Deveriam ser encaradas, talvez, em correlação com incidentes mais fracamente pormenorizados da narrativa, embora a série de conexões não seja completa de qualquer modo evidente. *Tekeli-li* era o grito dos nativos aterrorizados de Tsalal ao descobrirem a carcaça do animal *branco* retirado do mar. Foi essa, também, a exclamação temerosa do cativo tsalaliano ao dar com os objetos *brancos* de posse do Sr. Pym. Esse foi também o grito dos gigantescos pássaros *brancos*, de voo rápido, que saíam da cortina *branca* de vapores do sul. Nada de *branco* se encontrava em Tsalal, e nada que o não fosse na viagem subsequente para as regiões além da ilha. Não é impossível que Tsalal, o nome da ilha dos abismos, venha a trair, após minucioso exame filológico, qualquer parentesco com os próprios abismos ou qualquer relação com os caracteres etíopes tão misteriosamente configurados por suas sinuosidades.

“*Gravei isso nas colinas e, minha vingança, na areia dentro da rocha.*”

BESTIÁRIO



Hastur



“Eu me vi diante de nomes e termos que já tinha ouvido antes nos contextos mais hediondos — Yuggoth, Grande Cthulhu, Tsathoggua, Yog-Sothoth, R’lyeh, Nyarlathotep, Azathoth, Hastur, Yian, Leng, o Lago de Hali, Bethmoora, o Sinal Amarelo, L’mur-Kathulos, Bran e o Magnum Innominandum — e fui atraído de volta através de éons inomináveis e dimensões inconcebíveis para os mundos da entidade antiga e extraterrena à qual o ensandecido autor do *Necronomicon* meramente aludia do modo mais vago. [...] Há todo um culto secreto de homens malignos (um homem com a sua erudição mística há de me compreender quando os associo com Hastur e o Sinal Amarelo) dedicados ao propósito de localizá-las e prejudicá-las em nome de poderes monstruosos de outras dimensões.”

O sussurro nas trevas

Essas são as únicas passagens, em toda a ficção de Lovecraft, onde é mencionado Hastur. Lovecraft pegou emprestado o termo “Hastur” de Robert W. Chambers, que, por sua vez, o emprestou de Ambrose Bierce. No “Haïta the Shepherd” (Haïta, o Pastor) de Bierce, Hastur é “o deus dos pastores”. Chambers pegou emprestado o termo e o usou como a cidade natal de Cassilda e Camilla, mas também nomeou um jardineiro em “A Demoiselle d’Ys”.





A
l
c
a
t
r
h
a



Pinguins de Leng

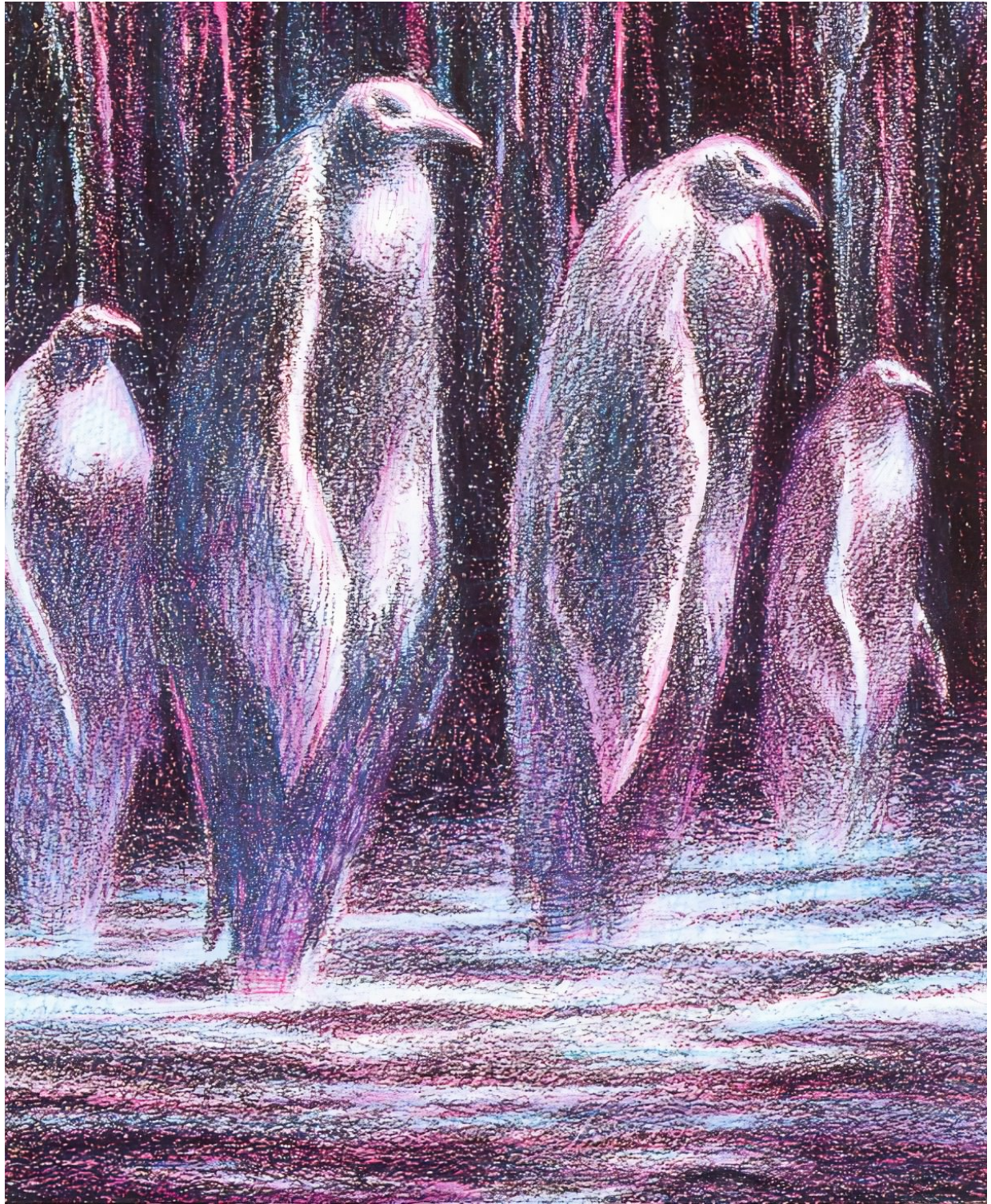


“Fomos mesmo tomados por um instante por um medo primitivo quase mais intenso do que o pior dos nossos medos racionais em relação aos outros. Mas houve um momento de anticlímax quando a forma branca passou por um arco lateral à nossa esquerda para se juntar a dois outros do mesmo tipo que o tinham convocado em tons agitados. Pois era só um pinguim — embora de uma espécie enorme e desconhecida, maior do que o maior dos reis pinguins conhecidos e monstruoso na combinação de albinismo e cegueira.

Quando seguimos a coisa até o arco e apontamos as duas lanternas para o grupo indiferente e distraído de três, vimos que eram todos albinos sem olhos da mesma espécie desconhecida e gigantesca. O tamanho nos lembrava alguns dos pinguins arcaicos representados nas esculturas dos Antigos e não demoramos para concluir que eram descendentes da mesma espécie — sem dúvida sobreviventes por terem se escondido em uma região mais quente cuja escuridão total destruiu sua pigmentação e atrofiou seus olhos até virarem meras fendas inúteis.”

Nas montanhas da loucura





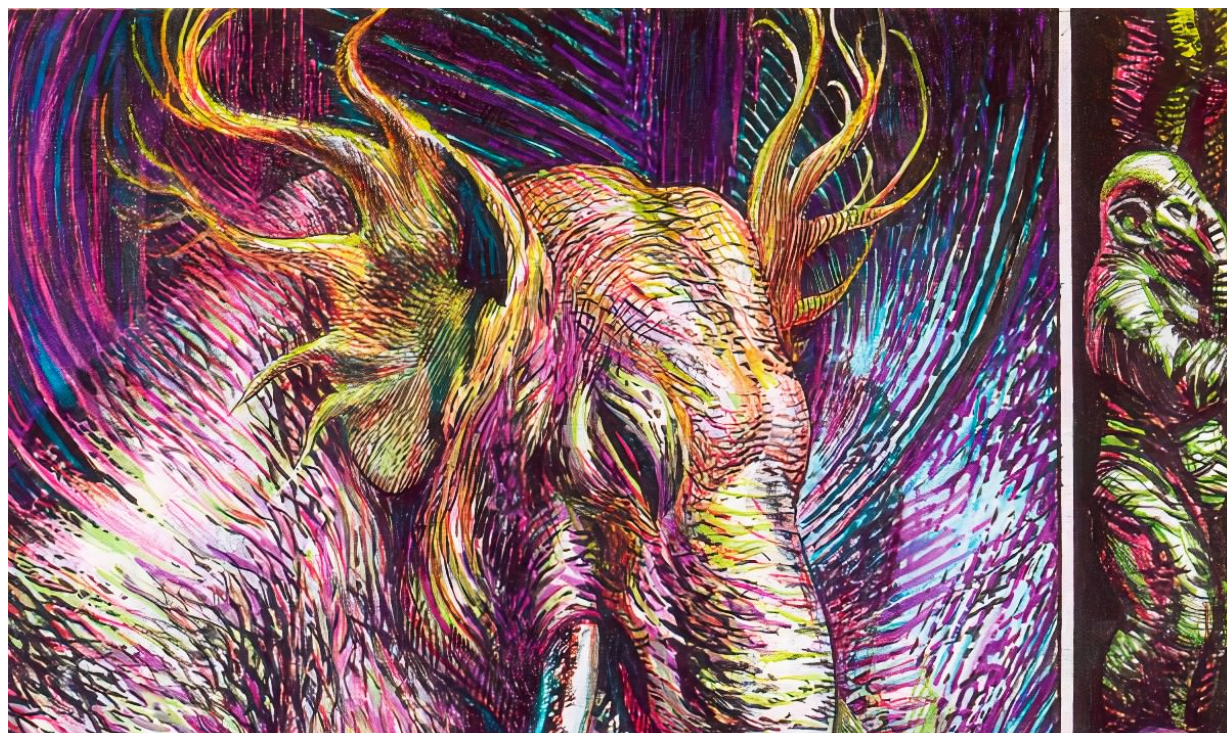
Chaugnar Faugn

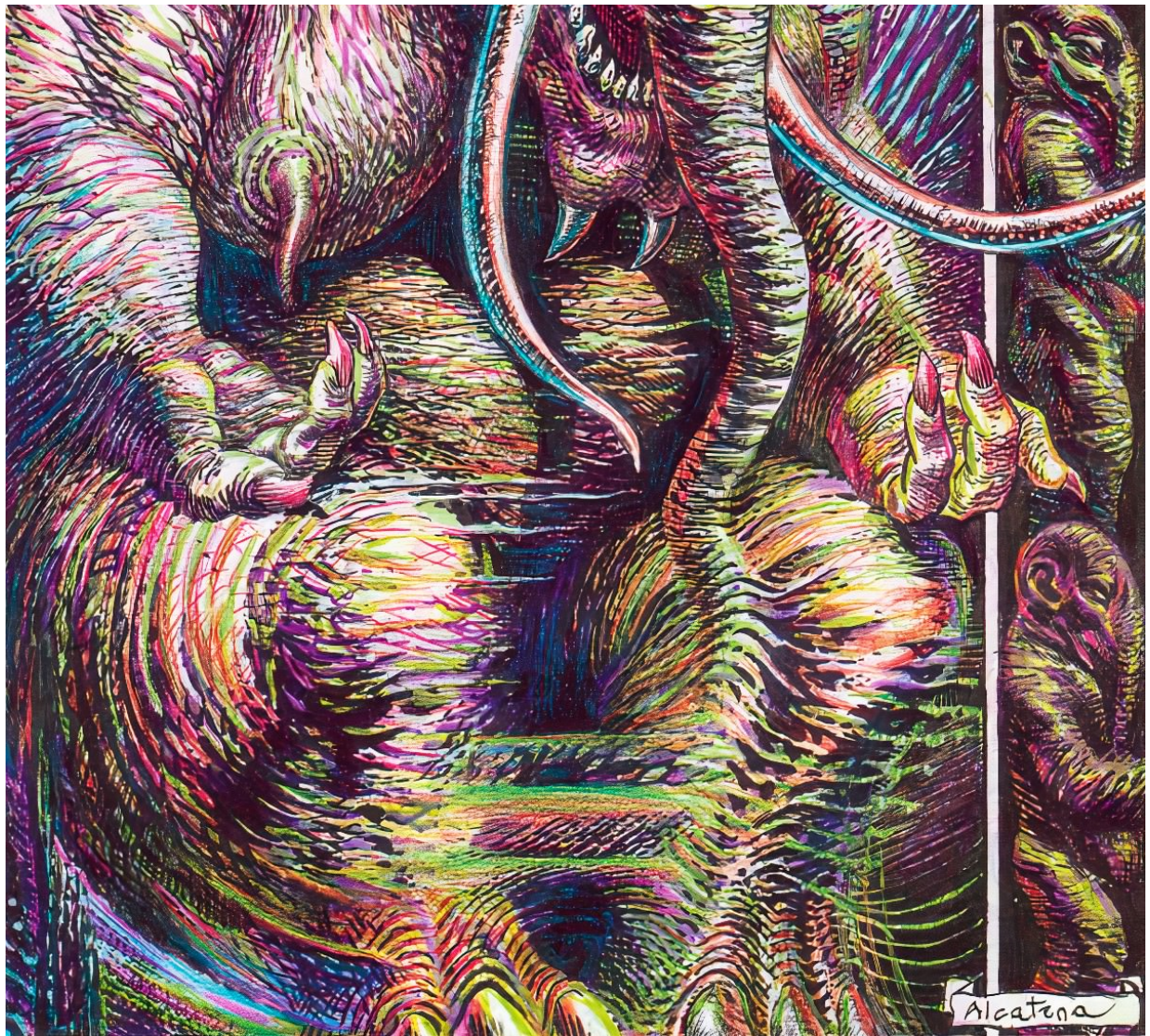


“Algumas eram figuras mitológicas famosas: górgonas, quimeras, dragões, cíclopes e congêneres. Outras provinham de mais obscuros e insólitos ciclos de lendas sinistras, como o disforme Tsathoggua, o tentacular Cthulhu, o tenebroso Chaugnar Faugn e várias outras personagens blasfemas de livros proibidos como o *Necronomicon*, o *Livro de Eibon*, ou *Cultos Inomináveis*, de Von Junzt.”

O Horror no Museu

Chaugnar Faugn é criação de Frank Belknap Long.





Tsathoggua



“Era um templo sólido e plano, de blocos de basalto preto, sem um único entalhe, e contendo apenas um pedestal vazio de ônix. O notável era sua história, porque tinha ligação com um mundo fabuloso, infinitamente mais velho que a críptica Yoth. Fora construído imitando certos templos representados nas catacumbas de Zin para abrigar um ídolo com a forma de um horrível sapo preto encontrado no mundo de luzes avermelhadas e chamado Tsathoggua, segundo os manuscritos yóthicos. Tinha sido um deus poderoso e amplamente adorado e, após ser adotado pelo povo de K’n-yan, teve seu nome emprestado à cidade que, mais tarde, se tornou dominante naquela região. A lenda yóthica dizia que ele vinha de um misterioso reino interior abaixo do mundo de luzes avermelhadas. Um reino negro, de seres de sentidos peculiares, que não tinha nenhuma luz, mas que tivera grandes civilizações e deuses poderosos antes mesmo dos quadrúpedes reptilianos de Yoth surgirem.”

A colina

“Eles também estiveram dentro da Terra... há aberturas desconhecidas dos seres humanos, algumas delas nestas mesmas montanhas de Vermont, e grandes mundos de vida desconhecida lá embaixo: K’n-yan, iluminada de azul, Yoth, iluminada de vermelho, e N’kai, preta e sem luz. É de N’kai que vem o assustador Tsathoggua... o senhor sabe, o deus-criatura amorfo e semelhante a um sapo mencionado nos Manuscritos Pnakóticos, no *Necronomicon* e no ciclo de

mitos de Commorim preservados pelo sumo sacerdote atlante Klarkash-Ton.”

O sussurro nas trevas

“A sombria Tsathoggua pareceu saltar a sua frente, exibindo primeiro sua carranca de sapo e depois uma fila de centenas de pés rudimentares...”

O Horror no Museu

Tsathoggua é criação de Clark Ashton Smith.





Ghouls



“As figuras raramente eram humanas, porém muitas vezes apresentavam traços humanoides. Os corpos, apesar de bípedes, em sua maioria eram curvados para a frente e tinham uma constituição vagamente canina. A textura parecia algo borrachuda e era um tanto desagradável.”

O modelo de Pickman

“Era uma blasfêmia colossal, inominável, com olhos em brasa, e trazia nas garras ossudas algo que podia ser um homem ao mesmo tempo que lhe roía a cabeça como uma criança mordisca um doce. A criatura estava meio agachada, e dava a impressão de que a qualquer momento poderia largar a presa em busca de uma refeição mais succulenta. Mas para o inferno com tudo, não era o tema demoníaco o que fazia daquela pintura uma fonte imortal de pavor — nem sequer o rosto canino com orelhas pontudas, olhos injetados, nariz achatado e lábios salivantes. Não eram as garras escamosas nem o corpo recoberto de mofo nem os cascos — não, mesmo que alguns desses elementos pudessem ter levado um homem impressionável à loucura.”

O modelo de Pickman





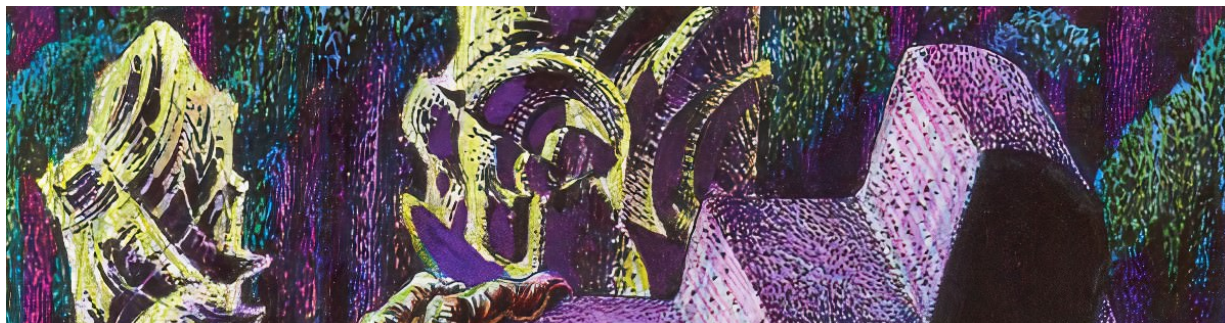
Gugs



Naquele momento começou uma subida interminável em meio a trevas absolutas; uma jornada quase impossível devido à altura dos degraus, feitos para os *gugs* e portanto medindo quase um metro de altura. Quanto ao número de degraus Carter não pôde ter sequer a mais remota noção, pois logo se exauriu a tal ponto que os *ghouls* viram-se obrigados a oferecer auxílio. Durante toda a interminável subida o perigo de detecção e caçada esteve à espreita [...]

Os *gugs* têm ouvidos tão apurados que até mesmo os pés descalços dos exploradores poderia ser prontamente ouvido assim que a cidade acordasse; e sem dúvida seria necessário pouquíssimo tempo para que os gigantes de passadas largas, acostumados a ver no escuro em função das caçadas aos *ghasts* nas catacumbas de Zin, alcançassem as vítimas menores e mais vagarosas naqueles degraus ciclóticos. Era desanimador ao extremo pensar que os silenciosos *gugs* nem ao menos seriam ouvidos, mas surgiriam de repente no escuro para investir contra os exploradores.

A busca onírica por Kadath





Dagon



“Vasto, polifêmico e odioso, ele saltou como um estupendo monstro de pesadelos até o monólito, sobre o qual estendeu seus gigantesco braços escamosos, instante em que abaixou sua cabeça hedionda e deu vazão a determinados sons expressivos. [...] Um dia procurei um famoso etnólogo, e ele achou graça das perguntas peculiares que fiz sobre a antiga lenda dos filisteus a respeito de Dagon, o Deus-Peixe; mas logo que percebi que ele era irrecuperavelmente convencional, não insisti com minha investigação.”

Dagon

“Pobre Matt, ele sempre foi contra. Tentou trazer as pessoas para o seu lado e teve longas conversas com os pastores, mas não adiantou. Expulsaram o pastor congregacional da cidade e o metodista foi embora, nunca mais vi Resolved Babcock, o pastor batista, Fúria de Jeová. Eu era criança na época, mas ouvi o que ouvi e vi o que vi, Dagon e Astarte... Belial e Belzebu... Bezerro de Ouro e os ídolos de Canaã e dos filisteus... abominações babilônicas... *Mene, mene, tekel, upharsin* [...] Todos do grupo dos fiéis... Ordem de Dagon... e as crianças nunca morreriam, mas voltariam para a Mãe Hidra e para o Pai Dagon, dos quais tínhamos vindo...”

A sombra em Innsmouth

Dagon é mencionado na Bíblia em várias ocasiões: Juízes 16:23, 1 Samuel 5: 2–7 e 1 Crônicas 10:10.





Yog-Sothoth



“Noute passada deparei-me com as Pallavras que invocão YOGGE-SOTHOTHE, e então vi pela primeyra Vez o Semblante mencionado por Ibn Schacabao no _____.”

O caso de Charles Dexter Ward

“Invoquei Yog-Sothoth por tres Vezes e no Dia seguinte minha Supplica foi attendida.

O caso de Charles Dexter Ward

*“Logo antipatizaram com ele, ainda mais do que com a mãe e o avô, e todas as conjecturas a seu respeito eram temperadas com referências à magia pretérita do velho Whateley, e como as encostas tremeram no dia em que ele berrou o pavoroso nome de *Yog-Sothoth* no meio de um círculo de pedras com um grande livro aberto nos braços à sua frente.”*

O horror de Dunwich

*“Yog-Sothoth conhece o portal. *Yog-Sothoth* é o portal. *Yog-Sothoth* é a chave e o guardião do portal. Passado, presente, futuro, todos são um em *Yog-Sothoth*. Ele sabe onde os Grandes Antigos atravessaram antigamente, e onde Eles atravessarão outra vez. Ele sabe onde Eles trilham os campos da terra, e onde Eles ainda os estão trilhando, e por que ninguém é capaz de vê-los enquanto trilham.”*

O horror de Dunwich

“A imaginação evocou as chocantes formas do fabuloso Yog-Sothoth, que era apenas um amontoado de globos fosforescentes, mas mesmo assim tremendo, em sua malévola capacidade sugestiva.”

O Horror no Museu

“Era um Tudo-em-Um e Um-em-Tudo de ilimitado ser e eu — não meramente alguma coisa de um contínuo espaço-tempo, mas aliado com a derradeira essência animadora do ilimitado impulso de toda a existência —, o último e completo impulso que não tem fronteiras e que supera a fantasia e a matemática. Era, talvez, aquilo que certos cultos secretos da Terra haviam murmurado sobre o *Yog-Sothoth*, e que havia sido uma deidade sob outros nomes; aquilo que os crustáceos de Yuggoth adoram como o Além-do-Um, e que os cérebros vaporosos da nebulosa espiral conhecem por um signo intraduzível...”

Através dos portais da chave de prata





Shoggoths



Passam por sobre os picos denteados de Thok
Sem fazer caso dos gritos que aos arrancos dou
E descem p'los abismos do fundo
Onde os obesos shoggoths
Chafurdam num duvidoso sonho nesse lago imundo.

Soneto XX, 'Bestiagas nocturnas' de Os fungos de Yuggoth

“Estávamos nos trilhos à frente enquanto a coluna plástica de pesadelo feita de iridescência preta fétida escorria firmemente para a frente pela fístula de quase cinco metros; ganhando velocidade irre-al e empurrando à sua frente uma nuvem grossa em espiral do pálido vapor do abismo. Era uma coisa terrível e indescritível maior do que qualquer trem de metrô — um conglomerado amorfo de bolhas protoplásmicas, levemente luminoso e com miríades de olhos temporários se formando e sumindo como pústulas de luz esverdeada por todo o túnel, vindo na nossa direção, esmagando os frenéticos pinguins e deslizando pelo piso brilhante que ele e sua espécie tinham livrado tão malignamente de todo o lixo.”

Nas montanhas da loucura

“Foi nesse sonho que vi um *shoggoth* pela primeira vez, e a imagem me fez acordar em um frenesi de gritaria.”

A sombra em Innsmouth

“Eu vi um shoggoth, ele mudou de forma...”

A coisa na soleira da porta





Noctétricos



“... eram criaturas negras horripilantes e grosseiras com superfícies lisas, untuosas e cetáceas, repelentes chifres que se curvavam para dentro, um em direção ao outro, asas de morcego cujo ruflar não produzia nenhum som, feias garras preênsais e caudas serrilhadas que açoitavam sem necessidade e sem dar trégua. O mais terrível, no entanto, era que jamais falavam ou gargalhavam e jamais sorriam, pois não tinham rostos com que pudessem sorrir, mas apenas um vazio sugestivo onde devia haver um rosto. Só o que faziam era voar e agarrar e fazer cócegas; eis os modos dos noctétricos.”

A busca onírica por Kadath

De que cripta saem arrastando-se, não o sei dizer
Mas todas as noites vejo essas criaturas viscosas,
Negras, cornudas, descarnadas, de asas membranosas
E caudas que ostentam do Inferno a bífida barbada.

Chegam em legiões trazidas p’lo sopro da nortada
Com obscenas garras que me pungem e arranham
E me agarram e me levam em monstruosas viagens
Até mundos pardacentos escondidos em profundos
Poços de pesadelo.

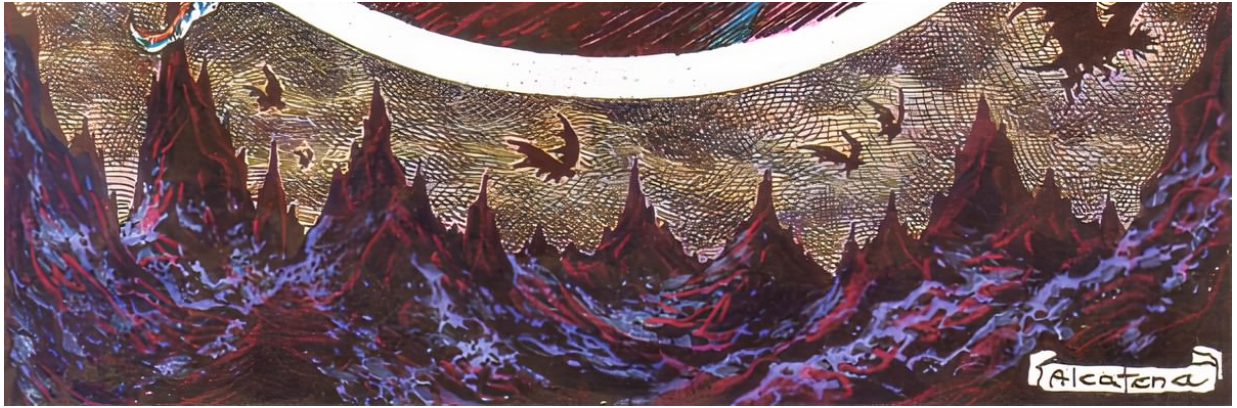
Passam por sobre os picos denteados de Thok
Sem fazer caso dos gritos que aos arrancos dou
E descem p’los abismos do fundo

Onde os obesos shoggoths
Chafurdam num duvidoso sonho nesse lago imundo.

Mas ai! Se ao menos algum som pudessem soltar
Ou uma cara tivessem onde ela costuma estar!

Soneto XX, 'Bestiagas nocturnas' de Os fungos de Yuggoth



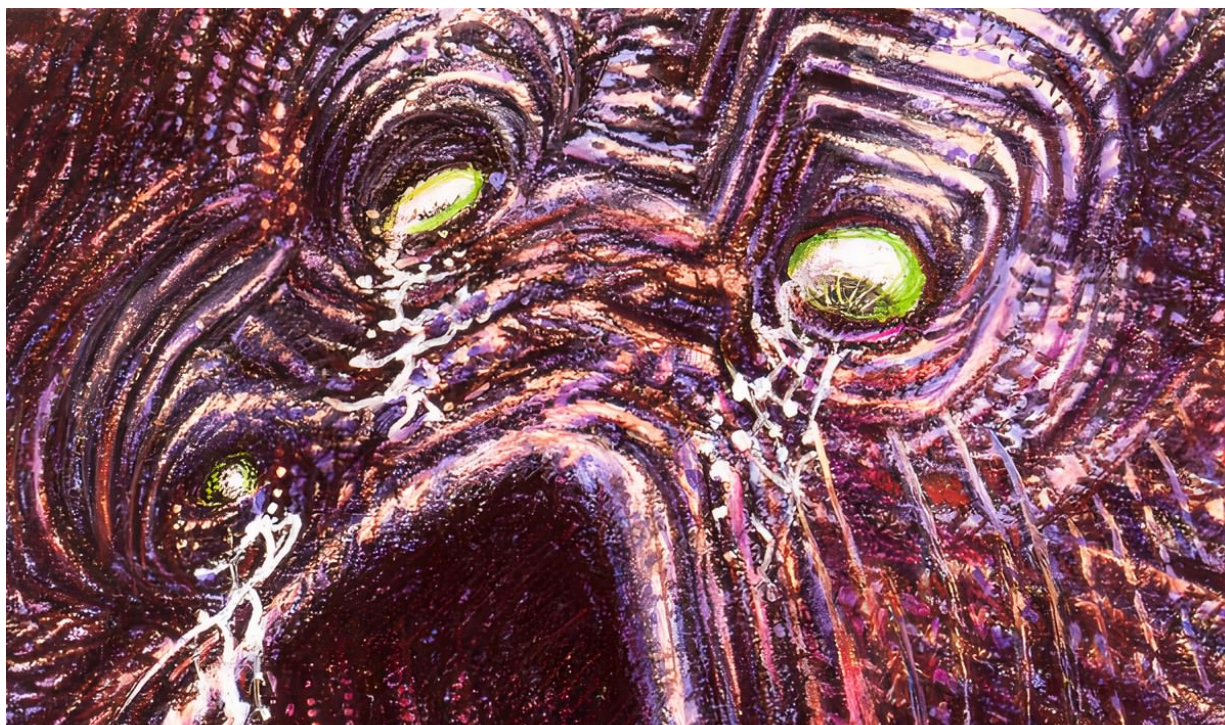


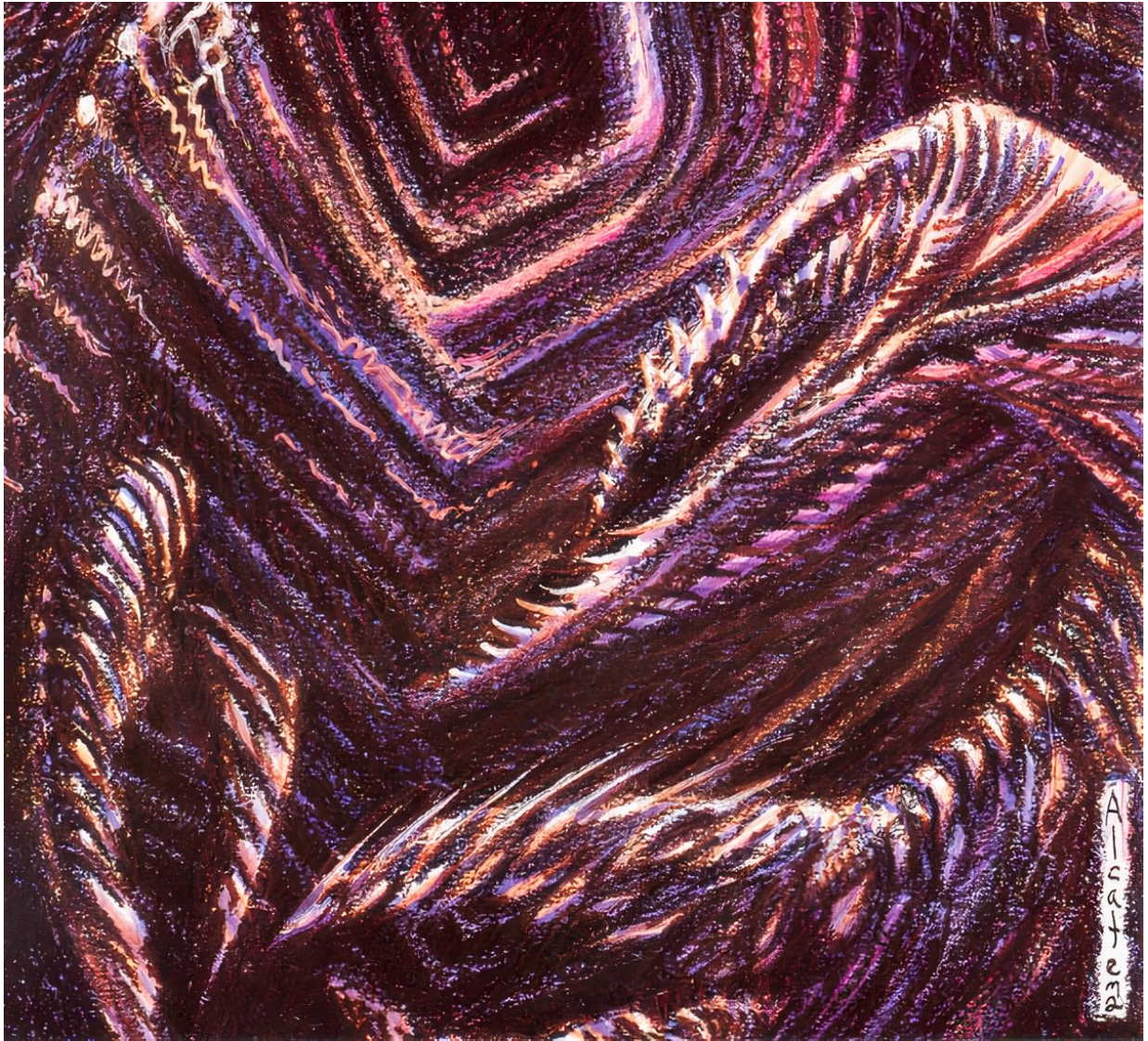
Rhan Tegoth



“*Iä! Iä!* — ela rosnava. — Estou indo, ó Rhan Tegoth, indo com teu alimento. Esperaste muito e mal alimentado, mas agora terás o que te foi prometido. Isso e mais, pois, em vez de Orabona, agora é alguém de mais alto grau que duvidou de ti. Deves esmagá-lo e drená-lo, com todas as suas dúvidas, para te fortaleceres. Que ele seja entre os homens um monumento à tua glória! Rhan Tegoth, infinito e invencível, sou teu escravo e sumo sacerdote. Tens fome e eu te sacio. Vi teu sinal e conduzi-o a ti. Vou te alimentar com sangue e tu me alimentarás com poder.”

O Horror no Museu





Antigos



“Descoberta importante. Orrendorf e Watkins, trabalhando no subterrâneo às 21h45 com luzes, encontraram fóssil monstruoso em forma de barril de natureza totalmente desconhecida; provavelmente um vegetal, ou então um espécime enorme de radiata marinha desconhecida. Tecido evidentemente preservado por sais minerais. Duro como couro, mas uma flexibilidade impressionante restante em alguns pontos. Marcas de partes quebradas nas pontas e nas laterais. Um metro e oitenta de uma ponta a outra, um metro de diâmetro central, afunilando para trinta centímetros em cada ponta. Como um barril com cinco espinhaços volumosos no lugar de ripas de madeira. Quebras laterais, como talos mais finos, circundam o fóssil no meio, perpendicular aos espinhaços. Nos vãos entre os espinhaços há formações curiosas. Cristas ou asas que se dobram e se abrem como leques. Todos muito danificados, exceto um, que tem envergadura de mais de dois metros. A disposição me lembra a de certos monstros de mitos primitivos, principalmente os famosos Antigos do *Necronomicon*. Essas asas parecem ser feitas de membranas, esticadas numa estrutura de tubulação glandular. Há orifícios mínimos aparentes nessa estrutura, nas pontas das asas. As extremidades do corpo são murchas, não deixam pista do interior e nem do que foi quebrado ali.”

Nas montanhas da loucura

Nessa história, um pouco mais adiante, Lovecraft passa várias páginas descrevendo os Antigos.





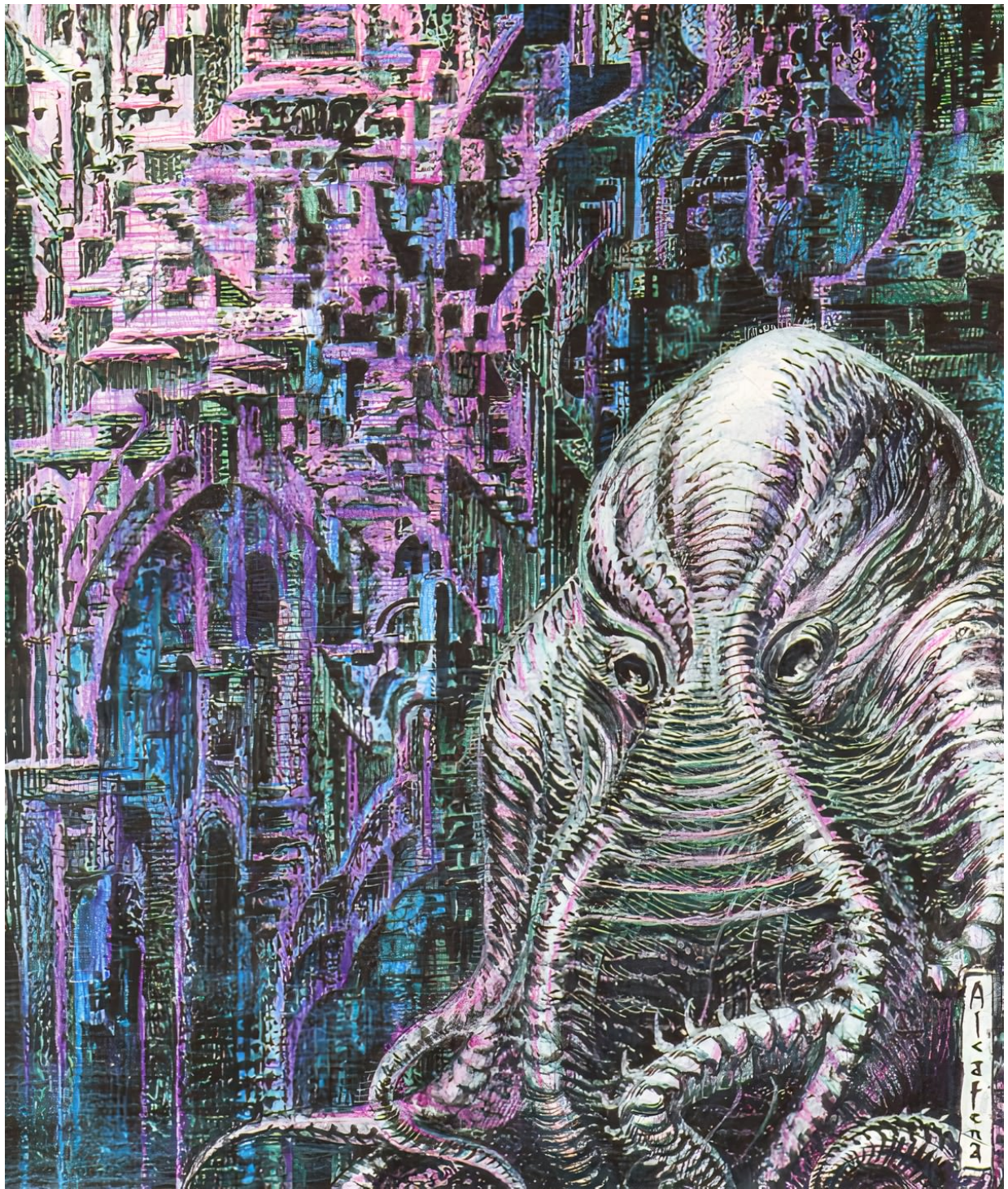
Prole de Cthulhu



“Com o surgimento de terras novas no Pacífico Sul, tremendos eventos começaram. Algumas das cidades marinhas foram irreversivelmente destruídas, mas esse não foi o pior infortúnio. Outra espécie — uma espécie terrestre de seres com formato de polvos e provavelmente correspondente à fabulosa prole pré-humana de Cthulhu — logo começou a chegar do infinito cósmico e precipitou uma guerra monstruosa que por um tempo fez os Antigos voltarem completamente para o mar — um golpe colossal em vista das crescentes colônias em terra. Mais tarde, houve paz, e novas terras foram dadas à prole de Cthulhu enquanto os Antigos ficaram com o mar e as terras mais antigas. Novas cidades terrestres foram fundadas — a maior delas na Antártida, pois a região da primeira chegada era sagrada. Dali em diante, como antes, a Antártida permaneceu sendo o centro da civilização dos Antigos e todas as cidades descobertas construídas lá pela prole de Cthulhu foram obliteradas.”

Nas montanhas da loucura





Grande Raça



“Pareciam enormes cones iridescentes, com cerca de três metros de altura e três metros de largura na base, feitos de um material estriado, semielástico e escamoso. Dos ápices saíam quatro membros cilíndricos flexíveis, cada um com trinta centímetros de espessura e composto de uma substância estriada como a que compunha os cones. Esses membros ora se contraíam quase até desaparecer, ora se estendiam a uma distância de cerca de três metros. Dois deles terminavam em enormes garras ou pinças. Na extremidade de um terceiro havia quatro apêndices vermelhos em forma de trompete. O quarto terminava em um globo amarelado e irregular com cerca de sessenta centímetros de diâmetro e dotado de três grandes olhos dispostos ao longo da circunferência central. Acima da cabeça havia quatro ramificações cinzentas e delgadas que sustentavam apêndices similares a flores, enquanto da parte inferior pendiam oito antenas ou tentáculos esverdeados. A grande base do cone central era rematada por uma substância cinza e borrachenta que deslocava toda a entidade por meio de expansão e contração.”

A sombra vinda do tempo





Profundos



“As coisas disseram para os canacos que, se eles misturassem o sangue, haveria crianças que pareceriam humanas no começo, mas depois ficariam mais e mais parecidas com as criaturas, até que finalmente iriam para a água e se juntariam à população morando lá no fundo. E essa é a parte importante, meu jovem: os que virassem coisas-peixe e fossem para a água *não morreriam*. Aquelas coisas não morriam se não fosse por meio de violência.”

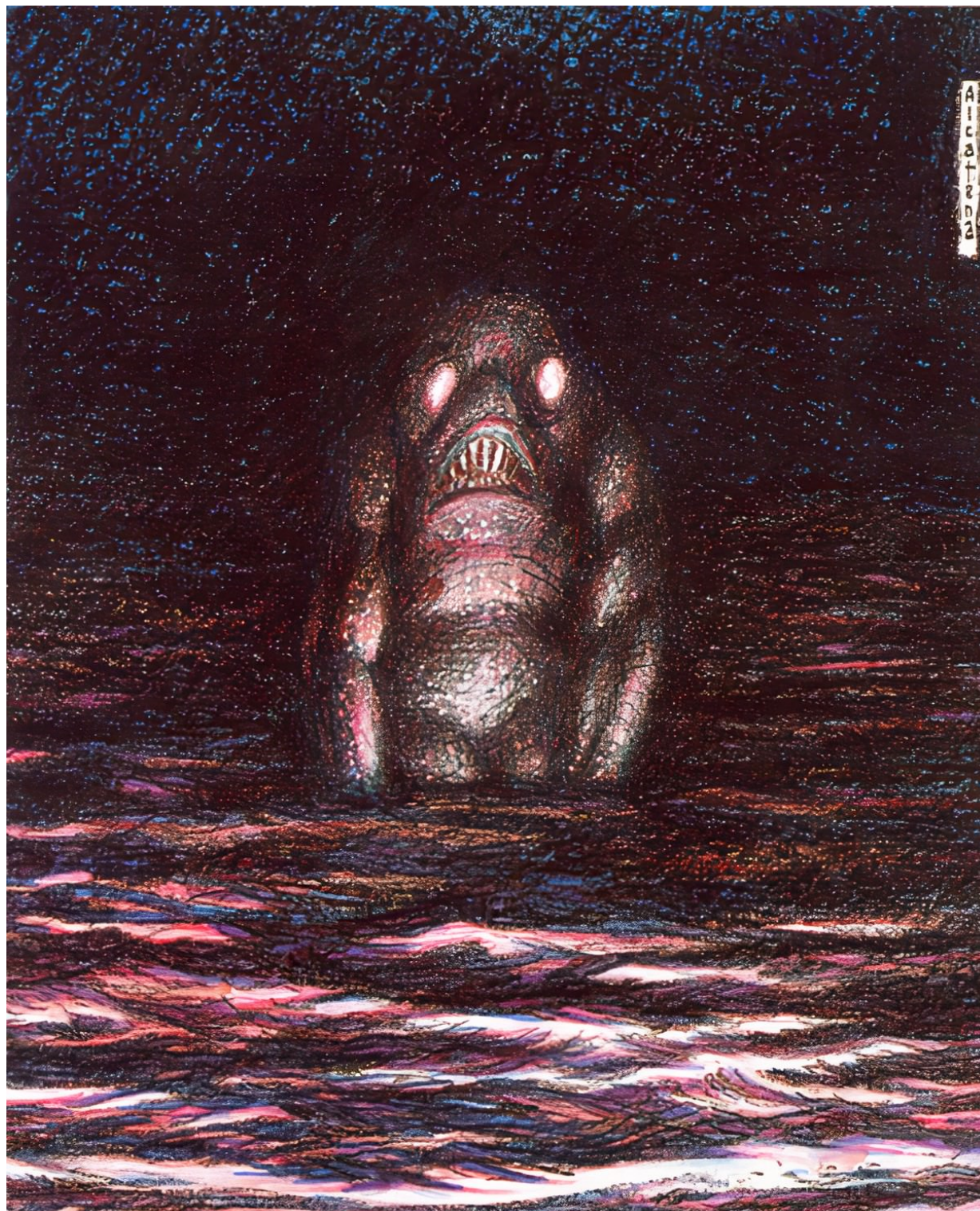
A sombra em Innsmouth

“Acho que a cor predominante era verde-acinzentada, embora eles tivessem barrigas brancas. Eram brilhosos e escorregadios, mas as cristas nas costas tinham escamas. As formas eram vagamente antropoides, com cabeça de peixe e olhos saltados prodigiosos que nunca piscavam. Nas laterais do pescoço havia brânquias palpitan-tes, e as longas patas tinham membranas. Eles saltitavam de forma irregular, às vezes sobre duas pernas e às vezes sobre quatro. Fiquei um tanto feliz de não terem mais de quatro membros. As vozes co-axantes e uivantes, claramente usadas para discurso articulado, car-regavam todos os tons sombrios de expressão que as caras pasma-das não tinham.”

A sombra em Innsmouth

“Vamos nadar até aquele recife no mar e mergulhar pelos abismos escuros até a ciclópica e colunada Y’ha-nthlei, e nesse lar dos Profundos vamos viver entre maravilha e glória para sempre.”

A sombra em Innsmouth



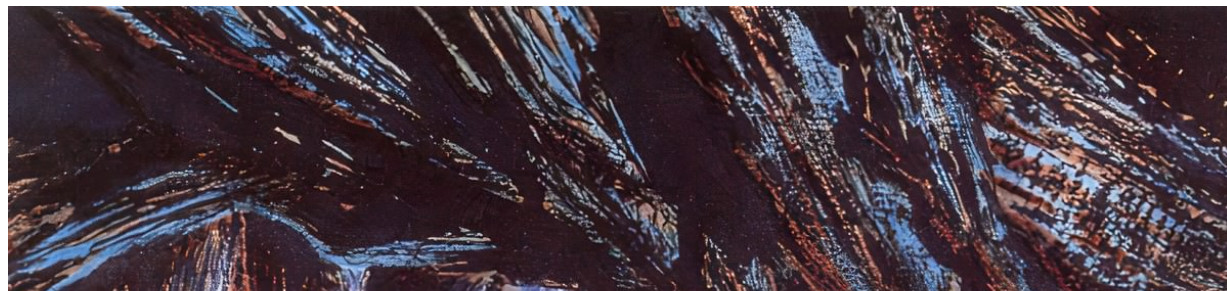


Mi-Go, os Fungos de Yuggoth



“Eram coisas rosadas de um metro e meio de comprimento, com corpos de crustáceos, trazendo vastos pares de barbatanas dorsais ou asas membranosas e conjuntos numerosos de membros articulados, e com uma espécie de elipsoide convoluta, coberta com miríades de antenas muito curtas, onde normalmente ficaria uma cabeça. [...] Na prática, quase todos os rumores tinham vários pontos em comum, atestando que as criaturas eram uma espécie de caranguejo imenso, vermelho-claro, com muitos pares de patas e duas grandes asas como de morcego no meio das costas. Às vezes andavam em todas as patas, e às vezes apenas no par traseiro, usando as outras para transportar grandes objetos de natureza indeterminada. Numa ocasião, foram avistados em número considerável, um destacamento deles vadeando um riacho raso no meio da floresta, em fileiras de três, em formação evidentemente disciplinada. Certa vez, um espécime fora visto voando — lançando-se do topo de uma montanha desmatada, erma, à noite, e sumindo no céu depois de suas grandes asas terem sido avistadas em silhueta por um instante contra a lua cheia.”

O sussurro nas trevas





Alcatena

Nyarlathotep



“E foi então que Nyarlathotep saiu do Egito. Quem era ele, ninguém sabia dizer, mas tinha o velho sangue nativo e parecia um faraó. Os felás ajoelhavam-se ao vê-lo, mesmo sem saber por quê. Ele disse que tinha se levantado das trevas de 27 séculos, e que tinha ouvido mensagens de lugares que não ficavam neste planeta. Nas terras da civilização, chegou Nyarlathotep, moreno, magro e macabro, sempre comprando estranhos instrumentos de vidro e metal e os combinando em instrumentos ainda mais estranhos. Ele falava muito das ciências — da eletricidade e da psicologia — e dava demonstrações de poder que deixavam seus espectadores sem fala, e que, no entanto, ampliavam sua fama a uma magnitude extraordinária. Os homens aconselhavam uns aos outros que fossem ver Nyarlathotep, e estremeciam. E aonde Nyarlathotep ia, o sossego acabava, pois a madrugada era rasgada por gritos de pesadelo.”

Nyarlathotep

“Não tinha a menor ideia de que destino o levaria; mas sentia que estava sendo retido para a chegada do terrível espírito e mensageiro dos Outros Deuses da infinitude, o caos rastejante Nyarlathotep.”

A busca onírica por Kadath

“Havia a figura imemorial do agente ou mensageiro de poderes terríveis e escondidos — o “Homem Negro” do culto das bruxas e o

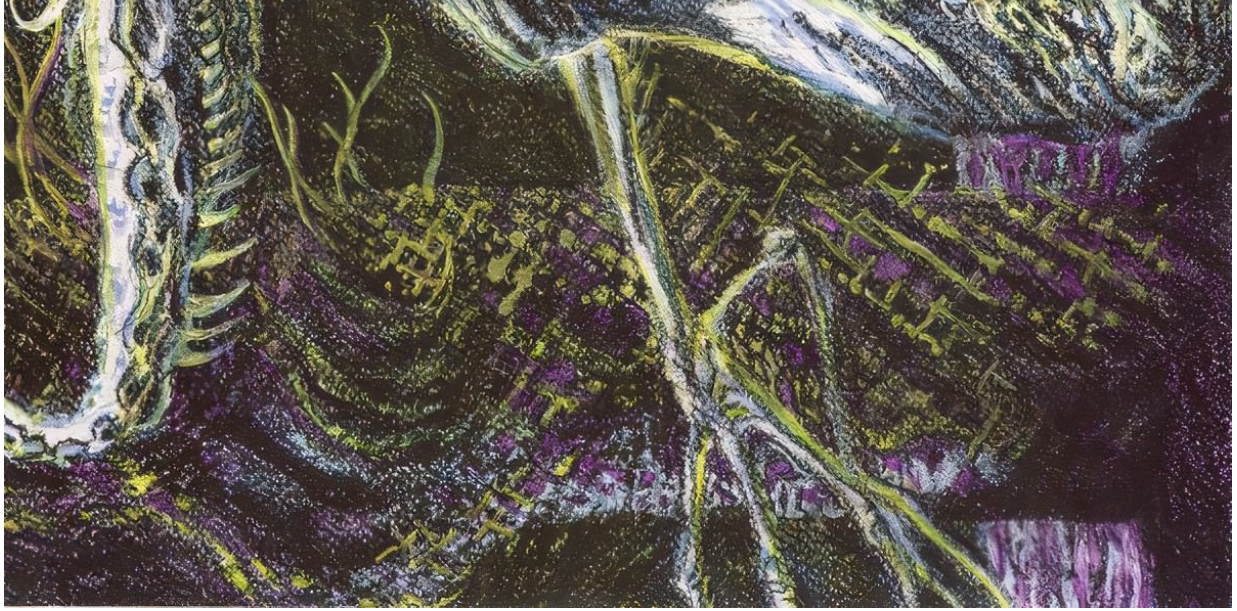
“Nyarlathotep” do *Necronomicon*.”

Os sonhos na casa da bruxa

“Há referências a um Assombro das trevas que desperta quando alguém olha para o Trapezoedro Resplandecente, além de conjecturas insanas acerca dos negros abismos de caos de onde fora invocado. Esse ser caracteriza-se por deter todo o conhecimento e exigir sacrifícios monstruosos.”

O visitante das trevas





Azathoth



“... o derradeiro malogro amorfo da mais profunda confusão que blasfema e borbulha no centro da infinitude — o ilimitado sultão-demônio Azathoth, cujo nome não existem lábios que se atrevam a pronunciar em voz alta, e que rói faminto em câmaras inconcebíveis e escuras para além do tempo em meio ao ritmo abafado e enlouquecedor de vis tambores e ao gemido estridente e monótono de flautas amaldiçoadas, em cujo ritmo abominável dançam de maneira lenta, desajeitada e absurda os gigantescos deuses supremos — os cegos, mudos, tenebrosos e irracionais Outros Deuses cujo espírito e mensageiro é o caos rastejante Nyarlathotep.”

A busca onírica por Kadath





Shub-Niggurath



“Iä! Shub-Niggurath!”

O último teste, O horror de Dunwich, A colina, As tranças da Medusa, O Horror no Museu, A coisa na soleira da porta, e O diário de Alonzo Typer

“Um templo negro de Tsathoggua foi transformado em santuário de Shub-Niggurath, mãe e esposa d’Aquele-que-Não-Deve-Ser-Nomeado. Essa deidade era uma espécie de Astarte sofisticada e sua veneração tocou o devoto católico como extremamente desagradável.”

A colina

“Iä! Shub-Niggurath! O Bode de Mil Crias!”

O sussurro nas trevas





Bestas lunares



“Ao redor de uma horrenda fogueira alimentada pelos talos de fungos lunares, um fétido círculo de bestas lunares batráquias reunia-se na companhia de escravos humanoides. Alguns escravos aqueciam estranhas lanças nas chamas dardejantes, e de tempos em tempos aplicavam as pontas incandescentes a três prisioneiros fortemente amarrados que se contorciam diante dos líderes do grupo. Observando a movimentação dos tentáculos, Carter viu que as criaturas lunares de focinho chato acompanhavam o espetáculo com enorme satisfação e foi tomado por um profundo horror quando reconheceu o gasganeio frenético e percebeu que os *ghouls* torturados eram o valoroso trio que o havia conduzido em segurança desde o abismo para depois sair do bosque encantado e encontrar Sarkomand e a passagem de acesso às profundezas onde viviam.

O número das malcheirosas bestas lunares ao redor do fogo esverdeado era muito grande, e Carter soube que nada poderia fazer naquele instante para salvar os antigos aliados.”

A busca onírica por Kadath





Pólipos



“Os integrantes da Grande Raça jamais faziam qualquer menção ao tema, e tudo o que se podia descobrir vinha apenas das mentes cativas mais observadoras.

Segundo esses fragmentos de informação, na origem do temor estava uma terrível raça ancestral de semipólipos — entidades alienígenas que haviam chegado através do espaço vindas de universos infinitamente longínquos para dominar a Terra e três outros planetas solares cerca de seiscentos milhões de anos atrás. Eram compostos apenas em parte de matéria — ao menos segundo a nossa concepção de matéria — e tinham consciência e percepção completamente distintas de todos os outros organismos terrestres. Para dar um exemplo, os sentidos dessas criaturas não incluíam a visão; viviam em um mundo mental de estranhas impressões não visuais. Mesmo assim, eram materiais o suficiente para usar implementos de matéria quando a encontravam em outras zonas cósmicas; e precisavam de habitações — habitações um tanto peculiares. Embora os *sentidos* das criaturas conseguissem atravessar qualquer tipo de barreira material, a *substância* de que eram compostos não conseguia; e certas formas de atividade elétrica podiam destruí-las por completo. Eram capazes de se locomover pelo ar, embora não fossem dotadas de asas ou de qualquer outro meio visível de levitação. As mentes dessas criaturas eram talhadas de maneira a tornar impossível qualquer tipo de contato com a Grande Raça.

Quando chegaram à Terra, construíram opulentas cidades basálticas repletas de torres sem janelas e tornaram-se predadores fe-

rozes dos seres que aqui encontraram. Assim era quando as mentes da Grande Raça atravessaram o vácuo desde o obscuro mundo transgaláctico conhecido nos perturbadores e duvidosos Fragmentos de Eltdown pelo nome de Yith. Graças aos instrumentos que criaram, os recém-chegados não tiveram dificuldades para subjugar as entidades predadoras e fazê-las recuar para as cavernas no interior da Terra que haviam incorporado à morada em nosso planeta e começado a habitar.”

A sombra vinda do tempo





Cthulhu

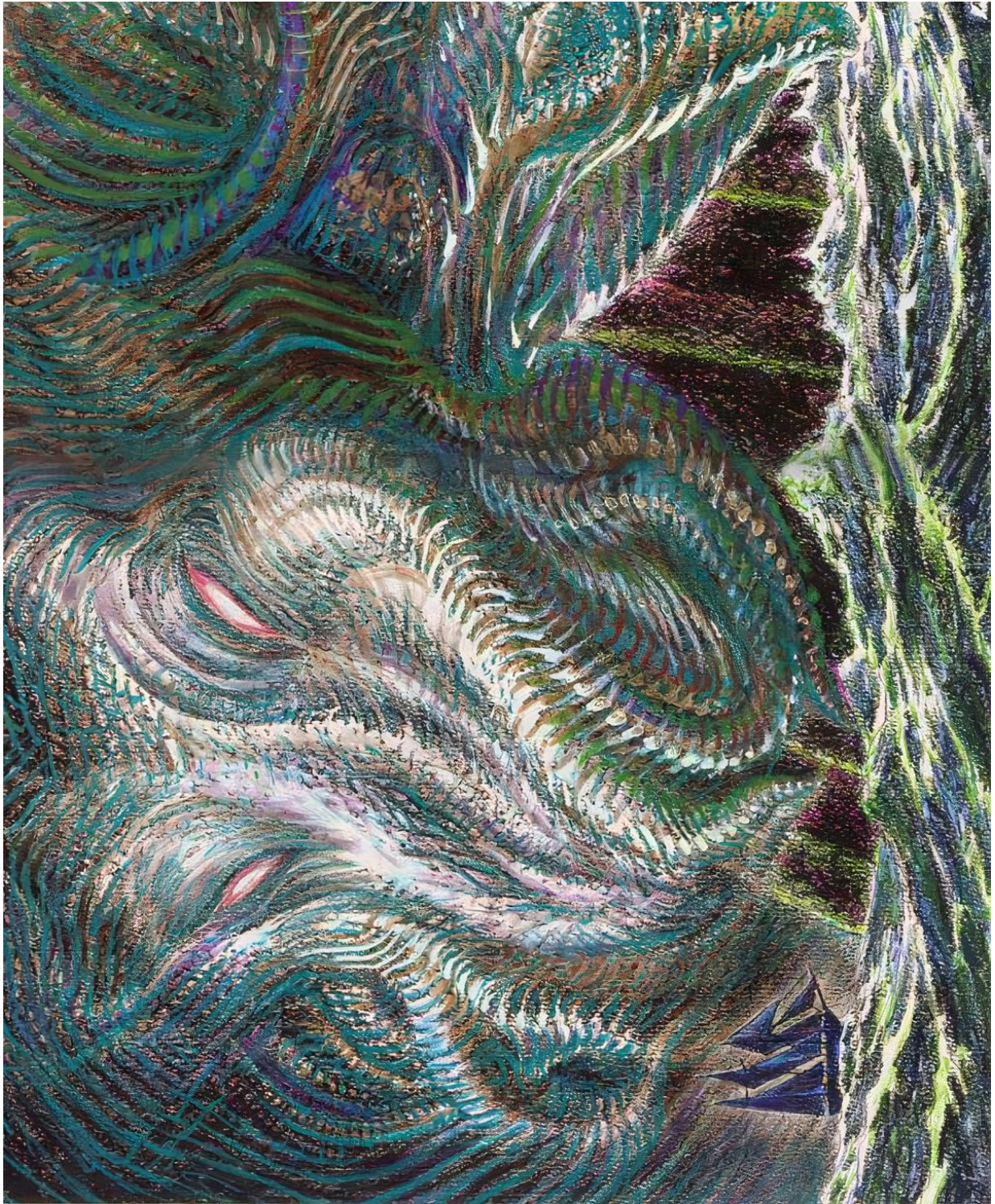


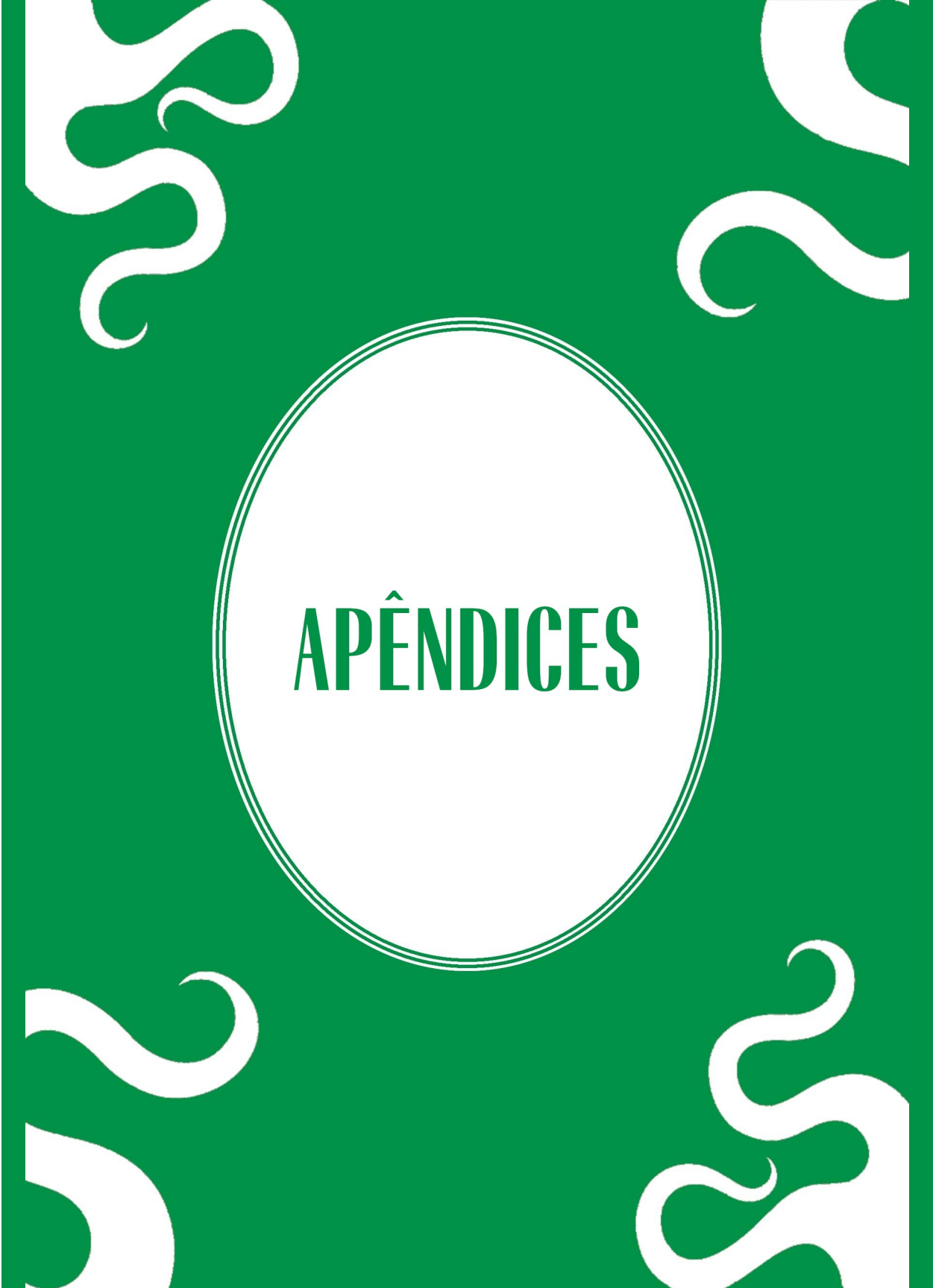
“Se eu disser que minha fantasia extravagante conjurava ao mesmo tempo as imagens de um polvo, de um dragão e de uma caricatura humana, não incorro em nenhum tipo de infidelidade ao espírito da coisa. Uma cabeça polpuda, com tentáculos, colmava um corpo grotesco e escamoso com asas rudimentares [...] Representava um monstro de traços vagamente antropoides, mas com uma cabeça de polvo cujo rosto era um amontoado de tentáculos, um corpo escamoso, prodigiosas garras nas patas dianteiras e traseiras e longas asas estreitas nas costas. A coisa, que transpirava uma terrível malevolência sobrenatural, tinha um aspecto inchado...”

O chamado de Cthulhu

Há quem acredite que Lovecraft pegou emprestado o nome “Cthulhu” da mitologia suméria. Porém, essa é uma farsa perpetrada pela farsante edição de “Simon” do Necronomicon, que combina elementos da mitologia suméria e os mitos de Lovecraft. O nome “Cthulhu” foi puramente uma invenção de Lovecraft.







APÊNDICES



Rascunho descartado de ‘A Sombra em Innsmouth’



[pp. 1–6:]

Foi no verão de 1927 que interrompi, subitamente, minha viagem turística pela Nova Inglaterra e voltei para Cleveland sob uma crise de nervos. Eu quase nunca mencionei as particularidades dessa viagem, e dificilmente sei por que o faço agora, exceto que um recorte de jornal, de algum modo, liberou a tensão que existia anteriormente. Um incêndio avassalador varreu a maioria das antigas casas vazias ao longo da beira-mar abandonada de Innsmouth e, também, certo número de construções pela terra firme adentro; enquanto uma explosão singularmente simultânea, que foi ouvida por muitos quilômetros de distância, destruiu, até uma vasta profundidade, o grande recife negro a dois quilômetros e meio da praia, onde o fundo do mar cai de maneira abrupta para formar um abismo incalculável. Por certas razões, essas ocorrências causam-me grande satisfação. Até mesmo a primeira delas me parece uma bênção ao invés de um desastre. Estou especialmente satisfeito que a velha fábrica, de alvenaria, de joias e o salão de pilastras da Ordem de Dagon se foram com o resto. Há conversa de incêndio criminoso, e suponho que o velho Padre Iwanicki poderia contar muito se quisesse. Mas o que sei dá um ângulo muito incomum a minha opinião.

Nunca ouvi falar de Innsmouth antes do dia em que a vi pela primeira e última vez. Não parece ser mencionada em nenhum mapa moderno, e eu estava planejando ir direto de Newburyport até Arkham, e de lá até

Gloucester, se pudesse encontrar algum transporte. Não tinha carro, mas estava viajando de coche motorizado, trem e bonde, sempre em busca da rota mais barata. Em Newburyport, disseram-me que o trem a vapor era a melhor coisa até Arkham. E foi apenas na bilheteria, quando fiz objeções ao preço exorbitante, que ouvi falar sobre Innsmouth. O agente, cuja fala indicava não se tratar de um habitante local, pareceu simpático aos meus esforços para economizar e fez uma sugestão que nenhum outro dos meus informantes oferecera.

— O senhor poderia pegar o velho ônibus, suponho — ele disse, com certa hesitação. — Mas ninguém pensa muito nisso por aqui. Passa por Innsmouth, deve ter ouvido a respeito, e as pessoas daqui não gostam disso. É conduzido por um homem de Innsmouth, Joe Sargent, mas nunca pega nenhum passageiro daqui, nem de Arkham, eu acho. Fico pensando como ele consegue trabalhar assim. Acho que deve ser bem barato, mas nunca vejo mais de duas ou três pessoas nele, ninguém além do pessoal de Innsmouth. Sai da Praça, em frente à Drogaria Hammond, às 10 da manhã e às 7 da noite, a não ser que tenham mudado recentemente. Parece ser um calhambeque terrível, nunca entrei nele.

Foi a primeira vez que ouvi falar sobre Innsmouth. Qualquer referência a uma cidade não listada nos guias teria me interessado, e o jeito estranho como o agente fazia alusões despertou algo próximo da curiosidade genuína. Uma cidade capaz de inspirar tal desgosto em seus vizinhos, pensei, deveria ser, ao menos, bastante esquisita e digna da atenção de um turista. Se passasse antes de Arkham, eu pararia lá. Assim, pedi ao agente que me contasse algo sobre ela.

Ele foi bastante cauteloso, e falou com um ar de quem se sentia um tanto superior ao que descrevia.

— Innsmouth? Bem, é um tipo esquisito de cidade na foz do rio Manuxet. Costumava ser quase uma cidade e tanto: um baita porto marítimo antes da Guerra de 1812. Mas o lugar se desfez em pedaços nos últimos cem anos. Não há ferrovia, a B&M nunca passou por lá, e a via secundária de Rowley foi abandonada anos atrás. Há mais casas vazias que pessoas, eu acho, e nenhum negócio que valha mencionar. Todo mundo comercializa aqui ou em Arkham ou Ipswich. Tempos atrás, havia muitos moinhos por lá, mas não sobrou nada além de uma fábrica de joias. Contudo, é um empreendimento bem produtivo. Todos os vende-

dores ambulantes parecem conhecê-la. Faz um tipo especial de joia chique de uma liga secreta que ninguém consegue analisar muito bem. Dizem que é platina, prata e ouro, mas esse povo vende por tão pouco que mal dá para acreditar nisso. Acho que eles têm uma vantagem nesse tipo de comércio. O velho Marsh, que é o dono do negócio, deve ser mais rico que Creso.^[1] Entretanto, é um velhote esquisito e fica sempre muito perto da cidade. É neto do capitão Obed Marsh, que fundou o negócio. A mãe dele era uma estrangeira, dizem que era nativa do Pacífico Sul. Então, todo mundo fez um furdunço quando ele se casou com uma moça de Ipswich cinquenta anos atrás. Sempre fazem isso quando se trata de gente de Innsmouth. Mas os filhos e netos dele se parecem com gente comum pelo que vi. Já me apontaram quem são por aí. Nunca vi o velho.

E por que todo mundo tem tanto desprezo por Innsmouth? Bem, não leve muito a sério o que dizem aqui. É difícil fazê-los falar, mas, depois que começam, nunca param. Vivem dizendo coisas sobre Innsmouth, sussurrando, na maior parte, pelos últimos cem anos, eu acho, e entendendo que estão com mais medo que qualquer outra coisa. Algumas das histórias fariam você rir: sobre o velho capitão Marsh fazer barganhas com o diabo e trazer demônios do inferno para habitarem em Innsmouth, ou sobre algum tipo de adoração ao demônio e sacrifícios terríveis em algum lugar perto do cais que as pessoas encontraram, por acaso, por volta de 1850, ou algo assim. Mas eu sou de Panton, em Vermont, e esse tipo de história não me impressiona.

O que há de verdade por trás de tudo isso é simples preconceito racial, e não digo que culpo quem o tem. Também odeio esse povo de Innsmouth, e não tenho interesse em ir para a cidade deles. Suponho que você saiba — embora você seja do oeste, pelo jeito como fala — com quem nossos navios da Nova Inglaterra costumavam se encontrar em portos estranhos na Ásia, na África, nos mares do sul e por toda parte, e que tipo esquisito de pessoas eles, às vezes, traziam na volta. Você provavelmente já ouviu falar do homem de Salem, que voltou com uma esposa chinesa, e talvez saiba que ainda há uma colônia de ilhéus de Fiji em algum lugar perto de Cape God.

Bem, deve haver algo do tipo com o povo de Innsmouth. O lugar sempre esteve muito mal ligado ao resto do país por causa dos manges

salgados e braços de mar, e não há como ter certeza dos detalhes do problema, mas é bem claro que o velho capitão Marsh deve ter trazido para casa alguns espécimes estranhos quando estava com os três navios dele em comissão, lá pelas décadas de 1830 e 1840. É certeza de que há uma linhagem de um tipo esquisito no pessoal de Innsmouth hoje em dia. Não sei como expressá-lo, mas me dá arrepio. Vai notar um pouco disso em Joe Sargent, se pegar o ônibus. Alguns deles têm narizes achatados, bocas grandes, queixos fracos retraídos e um tipo estranho de pele grossa, cinzenta. As laterais do pescoço são enrugadas ou encrespadas, e ficam carecas muito jovens. Ninguém por aqui, nem em Arkham, quer ter qualquer envolvimento com eles, e eles próprios agem de um jeito muito arisco quando vêm à cidade. Eles costumavam viajar pela ferrovia, andando e pegando o trem em Rowley ou Ipswich, mas agora usam o ônibus.

Sim, há um hotel em Innsmouth, chama-se Casa Gilman, mas não creio que seja muita coisa. Não aconselho a ficar lá. É melhor ficar aqui e pegar o ônibus das dez horas amanhã de manhã. De lá, você pode pegar um ônibus noturno até Arkham às 8 horas. Um inspetor de fábricas que ficou no Gilman alguns anos atrás teve muitos vislumbres desagradáveis sobre o lugar. Parece ter um povo muito estranho por lá, pois esse sujeito ouvia vozes nos outros cômodos que lhe deram arrepios. Era uma conversa estrangeira, mas ele disse que o pior de tudo era o tipo de voz que, às vezes, falava. Parecia tão antinatural, tão gutural que ele não ousava ir dormir. Ficou vestido e com a luz acesa até de madrugada. A conversa continuou noite adentro.

Esse homem, Casey era o nome, teve muito a dizer sobre a velha fábrica Marsh, e o que ele disse se encaixava muito bem com algumas das histórias mais malucas. Os livros de registro não estavam nem um pouco preservados, e as máquinas pareciam velhas e quase abandonadas, como se não fossem ligadas há muito tempo. O lugar ainda usava energia hidráulica das cachoeiras do Manuxet. Só havia alguns funcionários, e eles não pareciam fazer muita coisa. Isso me fez pensar, quando ele me contou, sobre os boatos locais de que Marsh não faz as coisas que vende. Muita gente diz que ele não recebe suprimentos suficientes para, realmente, fazer a coisa funcionar, e que ele deve importar esses ornamentos estranhos de algum lugar, Deus sabe de onde. Não acredito nisso,

não. Os Marsh vendem esses anéis e braceletes exóticos e tiaras e essas coisas já faz quase cem anos, e se houvesse algum outro lugar de onde as recebesse, a essa altura o público em geral já teria descoberto onde fica. Além disso, não há transporte nem caminhões indo e vindo por Innsmouth para explicar tais importações. O que é importado é o tipo mais esquisito de trecos de vidro e borracha. Faz você pensar no que eles costumavam comprar nos tempos antigos para negociar com selvagens. Mas é um fato óbvio que todos os inspetores encontram coisas esquisitas na fábrica. Uns vinte e poucos anos atrás, um deles desapareceu em Innsmouth. Nunca mais ouviram falar dele. E eu mesmo conheci George Cole, que enlouqueceu lá uma noite e teve de ser arrastado para fora por dois homens do manicômio Danvers, onde ele está agora. Ele fala de algum tipo de som e grita coisas sobre diabos-d'água com escamas.

E isso me faz pensar em outra das velhas histórias sobre o recife negro na costa. O Recife do Diabo, eles o chamam. Fica quase acima da água na maior parte do tempo. Mas, mesmo assim, mal se poderia chamar de ilha de verdade. A história é que há toda uma legião de demônios que, às vezes, são avistados naquele recife, espalhados por aí ou entrando e saindo de algum tipo de caverna perto do topo. É um negócio escarpado e irregular, a mais de um quilômetro e meio, e os navegadores costumavam fazer grandes desvios só para evitá-lo. Uma das coisas que eles tinham contra o capitão Marsh era que ele costumava desembarcar lá quando estava bem mais seco. É provável que tivesse algum interesse na formação rochosa, mas havia conversa de que ele tratava com demônios. Isso foi antes da grande epidemia de 1846, quando mais de metade das pessoas em Innsmouth foram levadas. Eles nunca chegaram realmente a entender o que se passou, mas, provavelmente, foi algum tipo estranho de doença trazida da China ou de algum outro lugar pelos navios.

Talvez aquela praga tenha acabado com o melhor sangue de Innsmouth. De qualquer modo, são pessoas bem questionáveis agora, e não há muito mais que 500 ou 600 deles. Os ricos Marsh são tão ruins quanto o resto. Acho que são, todos, o que o povo chama de 'lixo branco' lá no sul: sem lei e traiçoeiros, cheios de tramas secretas. Pescadores de lagosta, a maioria, exportam por caminhão. Ninguém consegue dar conta deles, e funcionários das escolas estatais e do censo têm uma dificuldade

dos infernos com eles. É por isso que eu não iria à noite, se fosse você. Nunca fui lá e não quero ir, mas acho que uma viagem de dia não seria tão ruim assim, embora as pessoas lhe digam para não fazer isso. Se está, apenas, visitando, Innsmouth será um lugar e tanto para você.

E, assim, passei aquela noite na Biblioteca Pública de Newburyport procurando dados sobre Innsmouth. Quando tentei questionar pessoas do local nas lojas, restaurantes e na brigada de incêndio, descobri que era ainda mais difícil fazê-las falar do que o agente da bilheteria tinha previsto, e percebi que não podia perder tempo tentando superar a reticência inicial que lhes vinha por instinto. Tinham um tipo obscuro de suspeita. Na YMCA,^[2] o atendente apenas desencorajou minha ida a um lugar tão depressivo e decadente, e as pessoas na biblioteca demonstraram a mesma atitude, considerando Innsmouth apenas um caso exagerado de degeneração cívica.

Os registros históricos do Condado de Essex tinham pouco a dizer, exceto que a cidade, fundada em 1643, era notável pela construção naval antes da Revolução, um centro de grande prosperidade marítima no início do século dezanove e, mais tarde, um centro menor de manufatura que usava a força hidráulica do rio Manuxet. Referências ao declínio eram muito poucas, embora a significativa redução dos registros posteriores fosse inconfundível. Após a Guerra Civil, toda a vida industrial ficou centrada na Companhia de Refinaria Marsh, nas Lower Falls, e a venda dos produtos formava o único resquício remanescente de comércio em larga escala. Havia muito poucos estrangeiros, na maioria poloneses e portugueses, nos recantos do sul da cidade. As finanças locais iam muito mal e, se não fosse pela fábrica Marsh, o lugar estaria falido.

Vi uma boa quantidade de folhetos e catálogos e calendários de propaganda da Companhia Marsh no departamento comercial da biblioteca e comecei a perceber quão impactante era aquela indústria singular. As joias e ornamentos que vendiam eram do mais refinado requinte artístico possível e da mais extrema originalidade, e trabalhados de modo tão delicado que não se poderia duvidar do trabalho artesanal, nem que fosse nos estágios finais da produção. Algumas das imagens de meio-tom dos artefatos me interessaram profundamente, pois a estranheza e a beleza das formas. Pareciam, a meus olhos, indicativas de um gênio profundo e exótico, um gênio tão espetacular e bizarro que era inevitável

imaginar de onde a inspiração poderia ter vindo. Era fácil dar crédito às palavras de um dos folhetos, segundo o qual essa joalheria era a favorita das pessoas de gosto sofisticado, e que vários exemplares eram exibidos em museus de artesanato moderno.

Peças grandes predominavam: braceletes, tiaras e pingentes elaborados: mas anéis e itens menores eram numerosos. Os desenhos, em alto e baixo relevo, em parte convencionais e em parte com um estranho motivo marinho, eram trabalhados em um estilo de extrema distinção e completa dissemelhança com as tradições artísticas de qualquer raça ou época que eu conhecia. Esse caráter de outro mundo era enfatizado pela estranheza da liga preciosa, cujo efeito geral era sugerido em várias paletas coloridas. Algo nas coisas ilustradas me fascinava intensamente, de um modo quase desproporcional, e decidi ver o maior número possível de exemplares originais tanto em Innsmouth como em lojas e museus em outros lugares. Ainda assim, havia um elemento distinto de repulsa misturado ao fascínio, procedente, talvez, das velhas lendas maldosas e tolas que o agente da bilheteria me contou sobre o fundador do negócio.

[p. 17:]

A porta do escritório de vendas Marsh estava aberta, e entrei, com considerável expectativa. O interior era muito mal cuidado e com iluminação deficiente, mas continha um grande número de mostruários de trabalhos de boa qualidade. Um homem ainda jovem veio me receber e, ao observar seu rosto, nova onda de repulsa me invadiu. Ele não era desagradável, mas havia algo sutilmente bizarro e aberrante nas suas feições e no timbre vocal. Não pude conter uma aguda aversão repentina e fui tomado pela inexplicável relutância de parecer qualquer coisa que fosse próxima a um investigador curioso. Antes que percebesse, me vi dizer ao sujeito que eu era comprador de joias para uma firma de Cleveland, e me preparei para mostrar um interesse profissional no que veria.

Foi difícil, no entanto, continuar nessa linha de ação. O atendente ligou mais luzes e começou a me levar de mostruário a mostruário. Mas, quando contemplava as maravilhas cintilantes diante de mim, mal conseguia andar com firmeza ou falar com coerência. Não era preciso nenhuma sensibilidade excessiva à beleza para, literalmente, perder o fôle-

go diante da estranha graciosidade alienígena dos objetos opulentos e, ao contemplá-los com fascínio, vi quão pouca justiça lhes faziam mesmo as imagens coloridas nos folhetos. Ainda agora, mal posso descrever o que vi; embora aqueles que possuem tais peças ou viram-nas em lojas e museus possam fornecer os dados que faltam. O efeito cumulativo de tantos exemplares elaborados foi o que produziu meu sentimento especial de assombro e inquietação. Pois, de uma maneira ou outra, as formas grotescas e os arabescos singulares não pareciam ser produto de nenhuma mão terrena, menos ainda de uma fábrica a pouca distância de onde eu estava. Os padrões e os traços sugeriam espaços remotos e abismos inimagináveis, e a natureza aquática dos ocasionais itens pictóricos aumentava a sensação de origem extraterrena. Alguns dos monstros fabulosos me enchiam com uma sensação desconfortável de pseudomemória sombria que eu tentava (...)

[p. 21:]

(...) a mácula e a blasfêmia da furtiva Innsmouth. Ele, como eu, era um ser normal fora da mortalha da degradação e normalmente aterrorizado por isso. Mas, por estar tão inextricavelmente perto da coisa, foi abalado de uma forma que ainda não me atingira.

Desvencilhando-se das mãos dos bombeiros que tentavam detê-lo, o ancião ficou de pé e me saudou como se eu fosse um conhecido. O rapaz da mercearia me contara onde a maior parte da bebida do tio Zadok era obtida e, sem uma palavra, comecei a levá-lo naquela direção, pela praça e até a Rua Elliot. Seus passos eram bruscos, de um modo assombroso para alguém da sua idade e que tinha bebido bastante, e fiquei maravilhado, imaginando sua força física. Minha pressa em deixar Innsmouth desapareceu naquele momento e senti, em seu lugar, uma curiosidade insólita de explorar o acervo caótico de mitos extravagantes desse patriarca delirante.

Depois de comprarmos um quarto de uísque nos fundos de uma sombria loja de variedades, levei o tio Zadok pela Rua Sul até a parte completamente abandonada da orla, e mais para o sul, até um ponto onde nem mesmo os pescadores, no distante quebra-mar, poderiam nos ver; onde eu sabia que poderíamos falar sem sermos perturbados. Por

uma razão ou outra, ele não pareceu gostar desse arranjo, lançando olhares nervosos para o mar na direção do Recife do Diabo. Mas a atração do uísque foi forte demais para que ele pudesse resistir. Após acharmos um assento na beira de um cais apodrecido, deixei-o tomar um gole da garrafa e esperei até que fizesse efeito. É claro, graduei as doses com muito cuidado, pois não queria transformar a loquacidade do velho no torpor da embriaguez. Conforme ele amolecia, comecei a arriscar alguns comentários e inquirições sobre Innsmouth, e me espantei com o tom terrível e a expressão sincera de sua voz baixa. Ele não parecia tão louco quanto seus contos malucos indicavam, e me vi estremecer mesmo quando não pude acreditar em suas invenções fantásticas. Eu mal conseguiria, agora, questionar a ingênua credulidade do supersticioso Padre Iwanicki.



A Torre Cilíndrica

(fragmento de ideia de uma
história, data desconhecida)



“S. de Arkham é uma torre cilíndrica de pedra com telhado cônico — talvez 3,6 metros de largura e 6 metros de altura. Há uma grande abertura arqueada (... para cima?), mas está selada com alvenaria. A coisa surge do fundo de uma ravina densamente arborizada que já foi o leito de um tributário extinto de Miskatonic. A região inteira é temida e evitada pelos rústicos. Histórias do destino de pessoas que subiram a torre antes da abertura ser selada. As lendas indígenas dizem que ela existe desde tempos imemoriais — supostamente mais antigo que a humanidade. A lenda diz que foi construída pelos Antigos (anfíbios sem forma e gigantescos) e que já esteve debaixo d’água. O revestimento de pedra em alvenaria denota uma técnica estranha e desconhecida. Desenhos geométricos em uma grande pedra acima da abertura selada totalmente desconcertantes. Supostamente para abrigar um tesouro ou algo que os Antigos valorizam muito. Possivelmente nada de interesse para os seres humanos. Rumores de que se conecta com cavernas escondidas onde ainda existe água. Talvez os mais velhos ainda estejam vivos. A base parece se estender indefinidamente para baixo — o nível do solo subiu um pouco. Não é vista há muito tempo, já que todo mundo evita a ravina.”



Carta a Clark Ashton Smith



27 de Novem.^[1]

Caro C.A.S.:

Recebi a sua carta e a *Overland* com grande satisfação. Ainda não sei se devo ou não devolver essa última — mas, em caso afirmativo, esteja certo de que o exemplar está bem guardado à espera de instruções. Sterling demonstrou mais uma vez o valor & a fascinação que inspira graças à multitude de homenagens que continua a prestar — quase todas graciosas, embora na minha opinião a sua pareça especialmente justa & distinta. No ano passado eu disse que os seus temores em relação a isso eram totalmente desprovidos de sentido. O retrato de Sterling sem dúvida tem uma forte atmosfera de autenticidade — são poucos os poetas agraciados com uma fisionomia tão clássica & apropriada.

Fiquei encantado com o frescor, a graça & a delicadeza da sua tradução de Verlaine, & espero que você dê continuidade a essa empresa com mais poemas da mesma fonte. Não conheço nenhuma boa tradução de Verlaine para o inglês — e isso, somado a um Baudelaire inglês, seria uma tarefa digna dos seus momentos ociosos. Os versos franceses, na versão emendada, sem dúvida hão de satisfazer todos as exigências galpinianas de precisão — pretendo mostrá-los a Galpin na próxima vez em que nos falarmos, & até lá eu gostaria de ver os outros. Nesses últimos tempos entrei em contato com um francês legítimo através das minhas correspondências — um jovem e brilhante nativo do sul da França chamado Jean Reçois, que mora em Nova York & tem aspirações de tornar-se um autor de ficção fantástica em inglês. Em breve pretendo

mostrar a ele suas poesias francesas — & enquanto isso você talvez seja contatado por ele, uma vez que lhe dei o seu endereço.

Com certeza você deve ter um novo volume a essa altura, & não posso deixar de mencionar que você devia entrar em contato com W. *Paul Cook* a esse respeito. Esse é justamente o tipo de material que ele está procurando agora — pequenos volumes de mérito extraordinário e distinções únicas — & tenho certeza de que ele assumiria o risco financeiro, como fez com o “Hermaphrodite” de Loveman. Cook é uma pessoa muito razoável em relação a esse detalhe — se o autor puder assumir o risco, ótimo; se não, ele mesmo o assume. Só assim poderá um dia publicar minha “Casa abominada”, como vive ameaçando. Mande a ele uma correspondência a respeito do assunto — estou ansioso por ver um de seus escritos publicado de maneira condizente com os méritos do autor, o que até agora só aconteceu com “Star Trader” e “Odes & Sonnets”. Cook sabe fazer um trabalho excelente quando quer — & eu mesmo me disponho a ajudar com a revisão. Você deve saber que ele vai publicar um livro para Wandrei — um livro cujas provas espero ver muito em breve.

Dwyer demonstrou o mesmo entusiasmo de todos os outros em relação às suas obras, como ele mesmo já deve ter lhe dito. Assim como eu, Dwyer lamenta amargamente a impossibilidade financeira de investir em alguns delas — em especial nas ilustrações em preto e branco da série “Dreamland”, que também exerceram uma poderosa influência imaginativa sobre mim. As obras foram enviadas para Long & para o restante da turma em N.Y., & acredito que Loveman vá tomar as providências necessárias para que sejam vistas por De Casseres. Talvez você queira escrever pedindo que não se esqueça de De C. nem da sra. Turner que você mencionou — ou então eu mesmo posso fazer isso, a fim de poupar tempo. A propósito, minha curiosidade foi aguçada por aquela folha em branco presa à sua mesa de trabalho. Espero poder vê-la em breve, transformada em algo blasfemo pelas visões de um gênio demoníaco!

Imaginei que você fosse gostar da *The Recluse*, & espero que as futuras edições mantenham o mesmo nível de qualidade. O seu poema em prosa, na condição de primeira contribuição a ser aceita, é com certeza um bom augúrio. A propósito — um correspondente disse-me que uma

nova revista profissional dedicada à literatura fantástica acaba de ser lançada — *Tales of Magic and Mystery*, editada por Walter Gibson, 931 Drexel Bldg., Filadélfia Pa. — & eu já mandei uma batelada do material recusado por Wright. Você pode tentar mandar alguns poemas ou esboços — ou então “The Abominations of Yondo” — & ver o que acontece; mas admito que não sei nada a respeito da revista, nem mesmo se as contribuições enviadas vão ser publicadas em seguida ou apenas no futuro.

Não me surpreende saber que você está descobrindo a sua dívida para com as paisagens de Auburn, pois mais cedo ou mais tarde todos nós aprendemos que os nossos pensamentos & impressões são basicamente reflexos do que absorvemos através do olhar & de longas associações em uma época ou outra. Enfatizei essa ideia na conclusão de uma daquelas noveletas escritas no inverno passado & provavelmente fadadas a permanecer para todo o sempre na minha gaveta. Viajar é bom, mas sempre precisamos voltar às velhas cenas familiares! Para mim, a vida mansa & arcaica de Providence, com o panorama de telhados antigos & coruchéus georgianos, será mais do que suficiente o fim dos meus dias. Este é o molde em que fui criado — & o espaço em que naturalmente me encaixo. Nosso outono, ao contrário do seu, trouxe um calor extraordinário & muito agradável, que me possibilitou fazer várias excursões rurais. As partes ao norte & ao oeste do estado sofreram um pouco em decorrência das enchentes que atingiram a Nova Inglaterra no início do mês, mas Providence não foi afetada.

Não tive nenhuma chance de produzir material novo nesse outono, mas estou preparando apontamentos & sinopses para escrever contos monstruosos mais tarde. Em especial, reuni alguns dados a respeito do célebre e nefando *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred! Segundo consta, essa blasfêmia estarrecedora foi produzida por um nativo de Sanaá, no Iêmen, que viveu por volta de 700 d.C. & fez várias peregrinações misteriosas às ruínas da Babilônia, às catacumbas de Mênfis & ao deserto inexplorado e assombrado por demônios no sul da Arábia — o Rub’ al-Khali, onde afirmou ter encontrado registros de coisas mais antigas do que a humanidade & aprendido o culto a Yog-Sothoth & Cthulhu. O livro foi escrito na velhice de Abdul, passada em Damasco, sob o título original de *Al azif* — sendo *azif* (v. as notas de Henley

para *Vathek*) o nome dado pelos árabes aos estranhos ruídos noturnos (feitos por insetos) associados ao uivo de demônios. Alhazred morreu — ou desapareceu — em circunstâncias terríveis no ano 738. Em 950 o *Al azif* foi traduzido para o grego pelo bizantino Teodoro Filetas sob o título *Necronomicon*, & um século mais tarde o livro foi queimado por ordem do Patriarca Miguel de Constantinopla. Foi traduzido para o Latim por Olaus em 1228 e incluído no “Index Expurgatorius” pelo Papa Gregório IX em 1232. O original árabe foi perdido antes da tradução de Olaus, & o último exemplar grego *de que se tinha notícia* foi destruído em Salém no ano de 1692. O livro foi impresso nos séculos XV, XVI e XVII, mas poucos exemplares sobreviveram. Onde quer que estejam, são sempre muito bem guardados a fim de assegurar a ordem & a sanidade do mundo. Certa vez um homem leu o exemplar guardado na biblioteca da Universidade do Miskatonic em Arkham — leu-o até o fim & saiu correndo com o olhar desvairado em direção às colinas... mas essa é outra história!

Com os melhores votos de todos os *ifrits* & gênios locais.

Saudações cordiais do seu

H.P.L.

P.S. Na última segunda-feira assisti a uma palestra de *sir* Rennell Rodd sobre a persistência dos mitos clássicos no folclore grego moderno. Fiquei um tanto impressionado — parece que a crença em sátiros, ninfas, nas Moiras, em Caronte &c. permanece viva, & que muitos dos antigos deuses continuam a ser venerados sob o fino disfarce de santos. Boa parte do folclore sobre os sátiros é bizarra ao extremo — e lembra as “pessoinhas” de Machen.



Carta a Robert E. Howard



14 de agosto de 1930.^[1]

No que diz respeito ao ciclo mítico de Cthulhu, Yog-Sothoth, R'lyeh, Nyarlathotep, Nub, Shub-Niggurath etc., sempre citado com ares solenes — permita-me confessar que tudo não passa de uma invenção sintética da minha imaginação, como o populoso e variado panteão criado por Dunsany em “Pegãna”. O motivo para os ecos dessa mitologia na obra do sr. De Castro é que esse cavalheiro é um dos meus clientes de revisão — em cujas histórias plantei essas fugazes referências por simples divertimento. Se outros dos meus clientes tiverem obras publicadas na *W.T.*, talvez você encontre ainda mais exemplos do culto a Azathoth, a Cthulhu e aos Grandes Anciões! Da mesma forma, o *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred também precisaria ser escrito para ter uma existência objetiva. Abdul é um dos meus personagens sonhados favoritos — a bem dizer, era assim que eu costumava chamar a mim mesmo aos cinco anos de idade, quando eu era um devoto da versão de Andrew Lang para as *Mil e uma noites*. Há alguns anos eu preparei uma sinopse pseudoerudita da vida de Abdul e das vicissitudes e traduções póstumas do abominável e nefando livro *Al azif* (chamado *Νεκρονομικόν* pelo monge bizantino Teodoro Filetas, que o traduziu para o grego em 900 d.C.!) — uma sinopse que pretendo seguir em futuras referências a essa coisa obscura e maldita. Long fez alusões ao *Necronomicon* em alguns escritos — na verdade, acho que é um divertimento e tanto conferir um certo ar de verossimilitude a essa mitologia

artificial por meio de citações variadas. Mesmo assim, preciso escrever para o sr. O’Neil e dissuadi-lo da ideia de que possa haver um enorme ponto cego em sua erudição mitológica! Clark Ashton Smith está lançando uma outra pseudomitologia centrada no negro e hirsuto deus-sapo Tsathoggua, cujo nome tinha formas variadas entre os habitantes de Atlântida, os lemurianos e os hiperbóreos que passaram a venerá-lo depois que emergiu do interior da Terra (aonde chegou vindo do Espaço Sideral, depois de uma parada em Saturno). Estou usando Tsathoggua em várias histórias minhas e dos meus clientes de revisão — embora Wright tenha rejeitado a história de Smith com a aparição original da entidade. Seria divertido identificar o seu Kathulos com o meu Cthulhu — na verdade, pode ser que eu o adote em uma alusão futura.



Carta a R. Michæl



Quanto a mim e às condições em que escrevo — temo serem assuntos um tanto insignificantes, uma vez que, a despeito de meus gostos excêntricos, em verdade sou um indivíduo deveras medíocre e desinteressante que mal produziu qualquer coisa que se possa chamar de literatura. Contudo — eis aqui alguns dados.

Sou uma criatura prosaica de meia-idade prestes a fazer 39 anos no dia 20 do mês próximo — natural de Providence, de uma antiga família de Rhode Island por parte de mãe e um pouco mais inglês por parte de pai. Nasci na parte leste do antigo distrito colonial, de modo que eu podia olhar para o Oeste em direção a ruas pavimentadas e para o Leste em direção a prados verdejantes e bosques e vales. Por força de minha herança campestre, eu olhava a Leste com maior frequência do que a Oeste; de modo que até hoje sou três-quartos rústico.

Neste instante, encontro-me sentado às margens verdejantes do rio cintilante que meus primeiros olhares conheceram e amaram. Esta parte do mundo de minha infância permanece imutável porque faz parte do sistema de parques local — louvados sejam os deuses por manterem imaculadas as cenas que a minha tenra fantasia povoou com faunos e sátiros e dríades!

Meu gosto por coisas estranhas começou muito cedo, pois sempre tive uma imaginação absolutamente descontrolada. Eu sentia medo do escuro até o meu avô curar-me ao fazer com que eu caminhasse por cômodos e corredores vazios à noite, e tinha uma tendência natural a urdir fantasias em torno de tudo o que via. Muito cedo, também, surgiu o

gosto por coisas *antigas* que é uma parte tão característica de minha personalidade atual.

Providence é uma cidade antiga e pitoresca, inicialmente construída em uma encosta íngreme pela qual ainda enveredam as vielas da época colonial com vãos de entrada entalhados, providos de claraboias, lances duplos de escada com corrimãos de ferro e afilados coruchéus georgianos. Este ancestral precipício vertiginoso situa-se entre a área residencial e o distrito financeiro, e os relances que dele tive na meninice instilaram-me uma profunda reverência pelo passado — a época das perucas e tricornes e livros encadernados em couro com ss longos.

Meu gosto por estes últimos viu-se fomentado pela existência dos inúmeros exemplares na biblioteca de minha família — a maioria deles em um quartinho sem janelas, no sótão, onde eu tinha um pouco de medo de entrar sozinho, embora o terror potencial na verdade aumentasse os encantos dos vetustos tomos que lá encontrei e li.

Coisas estranhas sempre me cativaram mais do que quaisquer outras — desde o princípio. De todas as histórias que nos contam durante a infância, as fábulas e lendas de bruxas e fantasmas deixaram as impressões mais profundas. Comecei a ler ainda pequeno — aos quatro anos — e as fábulas dos irmãos Grimm foram minha primeira leitura contínua. Aos cinco anos li *As mil e uma noites* e fiquei absolutamente deslumbrado. Minha mãe preparou um canto árabe em meu quarto — com tapeçarias, lamparinas e objetos de arte comprados no “Damascus Bazaar” da vizinhança — e assumi a identidade fictícia de *Abdul Alhazred*; um nome que desde então celebro em minha fantasia, e que em tempos recentes usei para designar o autor do lendário *Al Azif* ou *Necronomicon*.

Por volta dos seis anos interessei-me pela mitologia greco-romana, à qual aos poucos fui levado pelo *Wonder Book* e pelos *Tanglewood Tales* de Nathaniel Hawthorne, bem como por um exemplar perdido da *Odisseia* na Half-Hour Series da Harper. Desmontei incontinentemente o meu cantinho de Bagdá e tornei-me um romano — voltando-me à *Idade da fábula* de Bulfinch e aos assombrosos museus de belas-artes aqui e em Boston. Foi por esta época que comecei minhas grosseiras tentativas no gênero literário. Aprendi a escrever no papel — em letra de forma — assim que aprendi a ler; mas não tentei nenhuma composição original até a época de meu sexto aniversário, quando, a muito custo, do-

minei a arte de escrever em letras cursivas. Curiosamente, a primeira coisa que escrevi foi em *verso*; uma vez que sempre tive um bom ouvido para o ritmo e ainda pequeno houvesse estudado um livro antigo sobre “Composição, rhetorica e syllabas poeticas” impresso em 1797 e usado pelo meu trisavô na East Greenwich Academy em idos de 1805.

Os primeiros versos infantis dos quais me recordo são “The Adventures of Ulysses”; ou, “The New Odyssey”, escritos quando eu tinha sete anos. Este começava:

Na noite escura, vê a bravura do campeão da guerra
Que voga ao lar, co’a glória a ecoar, e a esposa aguarda em terra.
No embate vil, o muro ruiu, e Troia está acabada.
Mas no caminho o deus marinho engendra-lhe ciladas.^[1]

Na época a mitologia era o meu alimento, e eu chegava quase a *acreditar* nos deuses gregos e romanos — imaginava vislumbrar faunos e sátiros e dríades ao crepúsculo nos bosques de carvalho onde agora mesmo estou sentado. Quando eu tinha cerca de 7 anos, por obra de meus devaneios mitológicos eu queria ser — não apenas *ver* — um fauno ou um sátiro. Em geral imaginava que a parte superior das minhas orelhas começava a afilar-se e que sinais de chifres incipientes começavam a surgir em minha fronte — e deplorava o fato de que meus pés levassem tanto tempo para transformar-se em cascos! De todos os jovens pagãos, eu era o mais obstinado. A catequese — que comecei a frequentar aos cinco anos — não me impressionou em nada (embora eu amasse a antiga graça georgiana da igreja hereditária de que minha mãe era adepta, a imponente First Baptist, construída em 1775); e eu chocava a todos com minhas inclinações pagãs — a princípio declarei-me muçulmano e, mais tarde, romano pagão. Cheguei de fato a construir altares em honra de Pã, Jove, Minerva e Apolo, e sacrifiquei pequenos objetos em meio ao odor de incenso. Quando, um pouco mais tarde, a ciência obrigou-me a descartar este paganismo infantil, tornei-me um ateu materialista radical. Desde então dedico-me um bocado à filosofia e não vejo nenhuma razão que justifique crenças em qualquer forma de mundo espiritual ou sobrenatural.

Tudo indica que o cosmo seja uma eterna massa de forças em constante mudança e interação; que o atual universo visível, nossa minúscula Terra e nossa raça de seres orgânicos inferiores formem apenas um incidente transitório e desprezível. Assim, minha concepção séria da realidade é dinamicamente oposta à posição fantástica que assumo como esteta. Em estética, nada me atrai mais do que a ideia de estranhas suspensões das leis naturais — vislumbres bizarros de mundos de horror ancestral e dimensões anômalas, e insinuações de longínquos abismos desconhecidos nos limites do cosmo desconhecido. Creio que esse tipo de coisa fascina-me ainda mais porque não lhe dou o menor crédito!

Bem — comecei a escrever contos fantásticos aos 7 ou 8 anos, quando tive o primeiro contato com meu ídolo Poe. Mas o material era demasiado ruim, e foi em boa parte destruído; porém ainda tenho dois exemplares ridículos que escrevi aos 8 anos — “The Secret of the Grave” e “The Mysterious Ship”. Não escrevi nenhum conto aceitável antes dos 14 anos. Entre os 8 e 9 anos, meus interesses sofreram uma grande reviravolta, e tomei-me de entusiasmo pelas ciências — em particular, pela química. Eu tinha um laboratório no porão e gastava toda a minha mesada em instrumentos e livros científicos. Nesta fantasia eu contava com o incentivo de minha mãe e de meu avô (meu pai já falecera), uma vez que eu era muito doente — quase um inválido por conta de meus nervos.

Aos 7 anos comecei a estudar violino, mas aborreci-me com o instrumento 2 anos mais tarde e desde então tenho um gosto musical duvidoso. Muitas vezes eu não podia frequentar a escola, mas recebi educação em casa, da minha mãe, das minhas tias e do meu avô, e mais tarde tive um tutor. Vez por outra tive breves relances da escola, e consegui frequentar o ginásio por quatro anos — mesmo que o esforço tenha provocado uma crise nervosa tão aguda que não pude entrar para a universidade. De fato, minha saúde só melhorou oito ou nove anos atrás — embora agora, por mais estranho que seja, eu pareça estar me transformando em um velho pássaro robusto e magro!

O período da juventude que dediquei à ciência mostrou-se longo; embora ao mesmo tempo eu me dedicasse à literatura e também brincasse como outra criança qualquer. Eu não tinha nenhum interesse por jogos ou esportes, que hoje tampouco me interessam — mas gostava de

brincadeiras que incluíssem algum elemento de interpretação dramática; guerra, polícia, fora-da-lei, estradas de ferro etc. Aos poucos, da química passei à geografia e por fim à *astronomia*, que me fascinaria e influenciaria o meu modo de pensar mais do que qualquer outra coisa em qualquer outra época. Obtive um pequeno telescópio — que ainda guardo — e comecei a escrever com grande entusiasmo sobre as esferas celestes. Ainda tenho alguns de meus velhos manuscritos e uma cópia mimeografada do meu periódico juvenil “The Rhode Island Journal of Astronomy”. Ao mesmo tempo minhas inclinações ao antiquariato faziam-se notar cada vez mais.

Vivendo em uma cidade antiga em meio a livros antigos, tomei Addison, Hope e o dr. Johnson por modelos na prosa e no verso; eu literalmente vivia naquele mundo emperucado, ignorando o mundo presente. Quando eu tinha 14 anos meu avô faleceu; e no caos financeiro que sobreveio, a casa onde nasci precisou ser vendida. A dupla perda tisonou-me com uma melancolia que custou a passar; pois tenho afinidades geográficas demasiado fortes, e venerava cada centímetro da casa, do pátio, que mais parecia um parque, das estranhas fundações e do estábulo à sombra onde eu passara a minha juventude. Por muito tempo sonhei em recomprar a casa “quando eu enriquecesse” — mas, passados alguns anos, percebi que eu não tinha o menor instinto aquisitivo nem as habilidades necessárias ao sucesso financeiro.

Eu e o comercialismo não temos quase nada em comum, e desde aquele triste ano de 1904 levo uma vida de limitações e penúria cada vez maiores.

Antes da morte da minha mãe, tínhamos um apartamento próximo à antiga casa. Logo vieram malfadadas excursões a outros lugares, incluindo dois anos em Nova York, cidade que aprendi a detestar como se fosse veneno. Agora tenho um quarto em um silencioso recanto vitoriano no pico do velho morro de Providence — em uma tranquila vizinhança antiga que tem a aparência exata da área residencial de um vilarejo adormecido.

Minha tia mais velha — com a saúde frágil e incapaz de cuidar da casa — ocupa um quarto na mesma residência; e uma vez que tanto ela como eu guardamos o máximo possível dos antigos móveis, fotografias e

livros (os quartos são muito amplos), ainda temos muito da antiga atmosfera familiar por aqui.

Sabendo que jamais serei rico, dar-me-ei por satisfeito se puder ficar aqui até o fim dos meus dias — em um lugar tranquilo como as minhas mais tenras lembranças, de onde posso ir a pé aos bosques, aos campos e à beira dos rios onde passei a minha infância. Minha principal ocupação remunerada é a revisão profissional de prosa e verso para outros escritores — uma tarefa odiosa, porém mais garantida do que os riscos da escrita original para os que não produzem obras populares e comerciais.

Escrevo meus próprios contos quando tenho oportunidade, o que não ocorre com a frequência que eu gostaria. Sempre que possível, carrego meus aprestos em uma pasta de couro preto a fim de escrever ao ar livre — ora nas margens verdejantes do rio que tanto amo, ora no cenário mais selvagem ao norte de Providence. Meu único passatempo puramente recreativo são viagens históricas — visitar outras cidades antigas e estudar espécimes de arquitetura colonial. O parco conteúdo de minha carteira torna as viagens um tanto limitadas, mas de qualquer modo consegui percorrer um pequeno trajeto histórico de Vermont à Virgínia nos últimos anos.

As primeiras coisas que publiquei foram uma série mensal de artigos sobre astronomia em um jornal de Providence. Eu tinha 16 anos na época e sem dúvida senti-me importante. Neste mesmo período, comecei a duvidar de meu talento ficcional e dediquei-me à versificação. Aos 18 anos resolvi que eu não sabia escrever narrativas e queimei todos os meus contos salvo alguns grotescos experimentos infantis e duas peças mais recentes — “The Beast in the Cave” e “The Alchemist”. Não me arrependo em nada, pois o material era imaturo ao ponto de causar irritação. Mas o que mais faz com que eu me sinta ridículo é o modo solene com que eu encarava meus versos — pois a bem dizer eu nunca fui nem jamais serei poeta!

Minhas ilusões persistiram porque na época eu era um semi-invalído e praticamente um recluso, de modo que não recebi muitas críticas salutaras. Então — aos 24 anos — juntei-me a uma associação literária amadora cujas atividades eram conduzidas por correspondência; e assim obtive grandes incentivos e muitas sugestões críticas. Quisera eu que hoje a organização ainda fosse tão ativa quanto naquela época — mas infeliz-

mente ela encontra-se às portas da morte, sem nenhuma chance de melhora. Neste ponto as minhas ambições, que desviaram-se da ciência para a literatura quando ficou claro que a saúde frágil não me facultaria empenhar os esforços necessários às pesquisas astronômicas ou químicas, tornaram-se mais claras; e pouco a pouco vi que a prosa, e não o verso, era o meu ambiente natural. Ao mesmo tempo, as mais patentes excentricidades do século XVIII começaram a afastar-se do meu estilo.

Em 1916, permiti que um dos editores amadores no meu círculo literário publicasse um dos dois contos que eu salvara do desastre em 1908; e logo a seguir um amigo disse-me que a ficção fantástica era o meu único forte — o único ponto em que eu teria chances de chegar efetivamente ao nível da legítima criação artística.

A princípio fiquei um tanto incrédulo, pois eu desconfiava do valor de meus contos; mas fui persuadido a fazer mais uma tentativa após meu silêncio ficcional de 9 anos. Os resultados foram “A tumba” e “Dagon”, escritos respectivamente em junho e julho de 1917. Eu receava que a falta de prática recente no gênero narrativo resultasse em fracasso, mas logo me asseguraram que ambos eram muito superiores aos dois contos remanescentes de minha juventude.

Então comecei a trabalhar a sério, produzindo um número considerável de novas histórias das quais aproveitei cerca de 7/8. Eu não tinha nenhuma ideia a respeito do mercado profissional até a fundação da *Weird Tales* — e ainda duvido de que outra publicação fosse aceitar contribuições regulares de minha autoria.

Elas não parecem más ao lado do lixo indescritível que constitui grande parte do conteúdo da *W. T.*, mas temo que eu não fosse me sair tão bem como escritor literário — ao lado da grande literatura de Poe, Machen, Blackwood, James, Bierce, Dunsany, De la Mare e assim por diante. A maior honra que recebi até agora foi uma menção com três estrelas e uma nota biográfica no volume “Best Short Stories of 1928” editado por O’Brien — por conta de meu “A cor que caiu do espaço”.

Bem — acho que é tudo a meu respeito! Pouca coisa, mas você pode ver como um velho envaidecido pode tornar-se prolixo quando alguém o incita a falar sobre si!

Sou um sujeito assim — um cético materialista com gostos clássicos e tradicionais; afeito ao passado e a suas relíquias e tradições, convicto

de que a única busca de sentido digna de um homem neste universo caótico é a busca dos prazeres requintados e inteligentes que se obtêm mediante uma vívida existência mental e imaginativa. Uma vez que não creio em valores absolutos, aceito os valores estéticos do passado como os únicos pontos de referência disponíveis — os únicos valores relativos trabalháveis — em um universo de outro modo conturbado e insatisfatório.

Assim, sou ultraconservador em termos sociais, artísticos e políticos e, ao mesmo tempo, apesar dos meus 39 anos, um modernista radical em todos os assuntos científicos e filosóficos. Como amante da liberdade ilusória do mito e do sonho, entrego-me à literatura escapista; da mesma forma, como amante do passado, pinto minhas ideias com a paleta do antiquário.

Meu período moderno favorito é o século XVIII; meu período antigo favorito, o intocado mundo viril da Roma republicana. Não consigo interessar-me pela Idade Média — até a mágica e os mitos daquela época desolada parecem-me demasiado ingênuos para soarem convincentes.

Voltando ao meu amor por abandonar o mundo real em direção a um mundo imaginário, prefiro o dia à noite quando não estou no campo aberto. Da mesma forma, minhas horas são terríveis e maravilhosas em casa — em geral, de pé ao pôr do sol e na cama pela manhã.

É raro eu estar na rua tarde — mas raro estar de pé cedo! No inverno eu literalmente hiberno, pois tenho uma sensibilidade extrema ao frio. A menor friagem me derruba! Por outro lado, não sei o que é passar calor. O aperto só começa quando faz 35 à sombra!

No geral, sou quase um eremita, como fui em minha juventude. A maioria dos meus contatos literários — um “time” bastante agradável com nomes que você reconhecerá dos sumários da *W. T.* (Frank Belknap Long Jr., Donald Wandrei, Clark Ashton Smith, H. Warner Munn, Wilfred B. Talman, August W. Derleth etc., etc.) — moram em outras localidades, e estou ficando velho demais para apreciar conversas que fujam aos meus assuntos favoritos.

A velhice levou-me cedo. Meu temperamento é o mesmo de 20 anos atrás, e também será o mesmo daqui a 20 anos, caso eu viva até lá. Quanto à escrita — em geral sei o que pretendo dizer antes de iniciar um conto, porém muitas vezes altero o enredo no meio do caminho se a

pena sugere-me novas ideias. Escrevo sempre em letra cursiva — não consigo sequer pensar com uma maldita máquina à minha frente — e faço correções minuciosas.

A grande rapidez com que escrevo material não destinado a publicação dá lugar a uma cautela muito vagarosa quando enceto um novo texto sério em prosa. Dedico muita atenção aos detalhes, inclusive ao ritmo e às sutilezas do tom; embora meu grande objetivo seja alcançar a máxima simplicidade — a arte que esconde a arte. Em geral, dedico três dias a um conto de extensão média — em sessões de duração variável. Não gosto de interromper meus pensamentos, então não admito que nenhuma outra tarefa me distraia.

Escrevo apenas quando o clamor íntimo pela expressão torna-se irresistível. Nada me inspira maior desprezo do que a escrita forçada ou mecânica ou comercial. A não ser que se tenha algo a dizer, deve-se permanecer calado! Tenho uma agenda onde anoto ideias estranhas e enredos rudimentares para uso posterior, e também um arquivo de notícias estranhas de jornal que uso como possível fonte de inspiração. Uns poucos contos foram baseados em sonhos — os meus são muito estranhos e fantásticos. Na juventude eu tinha mais pesadelos do que tenho agora — aos seis anos encontrava com bastante frequência terríveis demônios dos sonhos que chamei de “noctétricos”. Usei-os em uma das minhas histórias. Tenho as melhores ideias entre as duas da madrugada e o amanhecer.

O que mais temo é datilografar os meus manuscritos, pois abomino a visão e o som das máquinas. Não tenho como delegar o serviço a outros, pois ninguém é capaz de ler meus originais cheios de rabiscos, entrelinhas e inúmeras correções. Às vezes nem eu mesmo consigo decifrá-los!

Mas creio que agora não resta muito a dizer sobre o suposto autor ou suas efusões!

Por fim, devo pedir desculpas por este arroubo de prolixidade senil! É assim que a velhice manifesta-se ante uma oportunidade de recordar épocas passadas — em especial quando o cenário relembra o passado de maneira tão intensa como as margens deste rio.

Mas o ocidente fulgura com o sol que parte, e acima das copas ancestrais a alongada foice prateada da jovem lua perturba. Preciso ir para ca-

sa...

20 de julho de 1929



Carta a Robert E. Howard



*66 College St., Providence R. I.
27 e 28 de junho de 1934*

— Prezado R. E. H:

Como você pôde notar pelo meu cartão postal, cheguei a casa pontualmente outra vez e encontrei a aranha em excelente condição. Esse monstro agora adorna a prateleira de meu museu, fazendo companhia à cobra da Flórida e outras peças exóticas — incluindo as cascavéis, as quais me colocam em dívida com você. Por certo prefiro vê-la ali a salvo, numa garrafa, que se arrastando em meus aposentos!

A minha viagem, não preciso dizer, foi profundamente aprazível. Uma vez que provavelmente descreví St. Augustine em detalhes em 1931, não preciso ver o território novamente — exceto para ressaltar o quão potente é o feitiço imaginativo que jaz em torno daquelas casas antigas e daquele secular e melancólico forte. Aqui há um lugar que já passava dos 50 anos de idade quando o primeiro peregrino chegou a Plymouth. Nessa ocasião, vi uma atração adicional de grande interesse — um velho cemitério indígena recentemente afluído na localidade do primitivo vilarejo nativo ao norte da cidade. Os esqueletos jazem lado a lado, com os pés apontando a leste, sendo permanentemente preservados em suas posições originais. O trabalho de escavação foi muito cuidadoso — cada esqueleto e a terra em volta são protegidos por uma murada de cimento. Oportunamente um grande museu será erigido na área afluída. A aparência dessa descoberta — que foi feita apenas poucas semanas antes que eu a visse — é, de fato, muito esquisita. Pela postura

dos corpos, fica claro que estes foram sepultados sob os auspícios dos padres franciscanos — por volta do ano de 1600.



Quanto a meus ideais de governo, você certamente me entendeu errado. Você diz que não odeia o desenvolvimento humano, e ainda assim escarnece do ideal simplório de um governo restrito a homens que são propriamente treinados para desempenhar suas tarefas, sabendo o que fazem. Além disso, você diz que, se meu ideal de governo fosse o da força, eu iria — ou poderia — queimar-te na fogueira por causa de teus gostos e interesses. Isso é precisamente o oposto de qualquer coisa que o meu tipo de governo desempenharia, desejaria ou permitiria que fosse feito! O primeiro e absoluto requisito de qualquer civilização madura ou genuína é a completa liberdade artística e intelectual; de forma que qualquer restrição existente não seria arrolada sobre algum tipo de pensamento ou desejo individual. Uma opinião modificada a força não foi modificada realmente. Nenhuma civilização verdadeira deseja modificar a opinião de qualquer um, a não ser por meio de argumentos racionais criados para fazer com que os detentores do erro consigam enxergar o erro naquilo que sustentavam. Não julgue essa espécie de fascismo advogada por mim por intermédio de qualquer forma existente hoje. Cada civilização necessita de formas diferentes adaptadas a seu próprio temperamento; e as formas italianas, turcas e alemãs representadas por Mussolini, Mustapha Kemal e Hitler não são apropriadas a nós. Eu seria o último a endossar qualquer um desses restritivos sistemas enquanto aplicados aos anglo-saxões.

..... O objeto de todos os meus argumentos não é fazer com que qualquer opinião minha pré-concebida pareça certa, mas meramente descobrir e estabelecer a verdade, seja qual for...

Não acho que alguma parte da América tenha alcançado um grau de civilização equiparável ao da Europa Ocidental, e nem mesmo cedo à minha região o primeiro lugar em comparação com outros tipos de civilização americana. Em vez disso, pelas evidências que recebi e assimilei, eu tenderia a conceder essa distinção a Charleston e à parte baixa da Carolina do Sul. Não favoreço ou me oponho a alguma região enquanto região. Meramente reconheço e respeito certas qualidades na vida, rego-

zizando-me quando as encontro em algum lugar. Ê com frequência que a mesma região combina as qualidades que respeito com aquelas que detesto, da forma mais paradoxal. O que admiro é o desenvolvimento humano que se distanciou do estágio unicelular — desenvolvimento de todos os poderes latentes no homem e estímulo de tais condições, dando a elas plena oportunidade de expansão. O que detesto é a degradação ou retardamento humano em qualquer forma — violência, feiura, ignorância, lascívia, brutalidade, crueldade, anormalidade, vileza, grosseria, rapinagem, egoísmo, usurpação, violações da integridade física ou espiritual, e tudo o que combina com a aquiescência embotada dos padrões animais da parte inferior da criação. Qualquer civilização ou estilo de vida que encoraje o que eu respeito e combata o que eu detesto ganha meu endosso, em qualquer parte em que esteja no mundo; e vice-versa. E posso também adicionar que tentei encontrar meus iguais e desiguais de acordo com evidência cósmica real e não por mero capricho. Sei o quão difícil é falar sobre padrões externos quando se trata de preferências humanas, e eu dificilmente me importaria em chamar meus critérios de infalíveis. Por outro lado, penso que as longas explicações biológicas, psicológicas e filosóficas desses padrões adjacentes ou pseudo-absolutos, os quais elaborei em cartas anteriores, possam convencê-lo de que não são superficiais, peças de preconceito e conjectura adotadas caprichosamente. Você pode considerá-las erradas, mas dificilmente pode considerá-las como sustentadas leviana ou arbitrariamente. Isto é, quando digo que acredito que esse conjunto de padrões seja profundamente mais válido do que algum outro conjunto, não é meramente uma questão de humor e gosto. Eu pensei sobre os outros conjuntos e tentei ver que relação eles têm com qualquer fase da existência e diferenciação humana e, em alguns casos, tentei acreditar neles. Minha razão para ver as coisas como vejo é que toda evidência que consigo apreender parece, para minha mente, apontar nesse sentido.

A visita de Price deve, certamente, ter sido um evento. Ele é o camarada mais versátil que já encontrei — e poderia ter equiparado aquela palestra sobre esgrima com uma sobre árabe, matemática, tapeçaria oriental e o que mais não... cada uma tão ampla e erudita quanto as demais. As notas dele sobre Savate devem ter sido interessantes. Eu ouvi falar sobre essa arte marcial — que, na França, parece ser uma ciência

um tanto diferente da brutalidade tacanha dos lenhadores do Maine e Michigan. Price, a propósito, está visitando Clark Ashton Smith novamente, se ele seguiu o plano mencionado em sua última carta. Ele forma um notável elo de conexão no grupo — sendo, acredito, o único escritor de fantasia (externo) conhecido tanto por você quanto por Senescal de Averroigne. Agrada-me que você tenha gostado da sequência de *Silver Key* [A Chave de Prata] que, de alguma forma, decepcionou-me na edição. As colaborações tendem a manter minha imaginação em cheque e, portanto, aleijam minha inventividade de forma extensa. Necessito de uma mão absolutamente livre para a composição.

Terminei de escrever recentemente um artigo sobre ficção interplanetária a pedido de Crawford — da *Marvel Tales* — embora tenha demorado tanto para sair que tenho dúvidas se ele irá querer editá-lo, depois de tudo. Eu tento esboçar — toscamente — as coisas que poderiam ser feitas para apartar esse tipo de história da rotina pavorosa da banalidade e convencionalidade — e, casualmente, arrisco algumas notas sobre ficção fantástica em geral.

Muito cordialmente, H.P.L



Carta de Lovecraft a Zealia Bishop



10 Barnes Street
Providence, R.I.
5 de junho, 1927

Minha querida senhorita Reed:^[1]

Há muitos motivos para a criação literária, mas, para mim, apenas um — e este é o menos admissível para pessoas de mentalidade comercial — é de validade suficiente para garantir que uma pessoa siga em frente com a escrita sistemática. Podemos, então, descartar, de uma vez, as pessoas que meramente desejam uma fonte de renda. Estas podem ser bem-sucedidas se tiverem um imenso dom natural para a proficiência técnica, mas sempre serão essencialmente mecânicos. Nunca produzirão nada que — para fazer uso de suas próprias palavras — “valha a pena” ou “tem alguma profundidade”, e, provavelmente, poderiam alcançar suas ambições mais cedo e de forma mais agradável em algum outro campo de empreendimento. Podemos, da mesma forma, descartar aquelas almas inquietas que escrevem apenas como uma forma de alívio do tédio ou de condições de vida insatisfatórias. Essas pessoas simplesmente querem algo que não têm, e pensam que o caminho mais fácil de conseguir é inventando um jogo de palavras no papel, no qual elas, na figura de seus heróis, podem desfrutar de todas as coisas que a vida real não proporciona. Elas não dão a mínima para literatura ou habilidade por si sós, e nem o mundo tem, para elas, alguma maravilha áurea ou fascina-

ção que sintam que devam registrar. Seus pensamentos são um limitado lugar-comum e distorcidos para a direção da sua própria fonte particular de descontentamento, e há pouca probabilidade de que sua escrita possa ter qualquer energia verdadeira, beleza, graça ou simbolismo universal e apelo. Seria muito melhor se pudessem encontrar outra coisa que as interessasse ou as satisfizesse — como frequentemente fazem quando a profissão de autor começa a entediá-las. Uma terceira classe a ser eliminada é o escriba de passatempo — o lânguido e sem originalidade em busca de um lazer em que encontre divertimento e gratificação vaidosa com imitações mais ou menos elaboradas de livros ou histórias que leu e admirou. Ele obtém um prazer infantil ao alcançar certa semelhança com seus ídolos — ou efetuando certo reflexo de seus mundos simples e falsos (ou seus mundos verdadeiros e complexos, no caso raro que seus gostos sejam clássicos) — que pode ser comparado ao prazer de resolver as palavras-cruzadas de 1925, ou a alcançar a pontuação máxima em um questionário. Esse tipo de pessoa pode, de vez em quando, atingir um nível que não é tão ruim — mas não há nenhuma força motivadora essencial por trás de seu trabalho e, eventualmente, se desviará para outra coisa. O que a literatura é para ele hoje, baseball ou política ou missões estrangeiras podem ser no ano que vem. Outro grupo improvável é a legião sisuda e vociferante de pessoas com um propósito. Esses bons camaradas escrevem porque querem fazer os outros agirem ou acreditarem em algo em que eles acreditam e, é claro, seu principal propósito é propaganda e persuasão — e não aquele reflexo da vida real ou exaltação de pura beleza que é a autêntica literatura. É claro, se essas pessoas são, por acaso, dotadas de cultura e eloquência naturais — como eram, por exemplo, Platão, Lucrécio e Ralph Waldo Emerson — podem, realmente, produzir literatura por puro acidente, mas essa mistura não é um fenômeno comum, e podemos, muito bem, aconselhar o bando acalorado de idealistas e pensadores sérios a confinar sua escrita a ensaios e folhetos sobre seus respectivos temas. Eles não irão a lugar nenhum em qualquer outro campo literário — pois a principal e ótima razão é que não estão particularmente interessados!

Bem, o significado de tudo isso é que todo iniciante que relacionar a força que o motiva com qualquer um dos tipos acima citados deveria pensar duas vezes antes de desperdiçar tempo e energia em literatura.

Agora, qual é o verdadeiro ímpeto estético que *justifica* uma árdua e devotada dedicação às letras — o ímpeto que todo autor sério deveria descobrir nele mesmo? É monstruosamente difícil de definir, pois sua própria essência é vaga, alusiva, intangível, mas penso que tem marcas suficientes para torná-la distintamente *reconhecível*, mesmo que seja precisamente descritível ou nitidamente classificável no eficiente fichário da psicologia moderna.

O ímpeto que justifica a escrita — a qualidade que traz dignidade e razoabilidade ao insaciável desejo de um ser humano de lançar a si próprio no papel — *é uma espécie de visão realçada que empresta estranhos tons ao universo e que investe o espetáculo da vida com uma fascinação mística e um significado velado tão pungente e potente que nenhum olho pode contemplar sem o desejo irresistível de capturar e preservar sua essência, e mantê-la para momentos futuros, e partilhá-la com aqueles que podem ser levados a vê-la com perspectiva semelhante*. Nenhuma pessoa sem esse tenso sentimento de maravilha e de pompa, conectado com o mundo da realidade ou com o mundo dos sonhos, pode ter esperança de criar verdadeira literatura. Se os eventos da vida — ou as fantasias do pensamento — aparecem sem tons místicos, se permanecem meros efeitos terrenos e ilusões sem sugestões extáticas e inclassificáveis de vastos padrões cósmicos e abismos ilimitados de mistérios de tirar o fôlego, então você pode muito bem se voltar para algo mais satisfatório, normal e prático do que cobrir de garranchos resmas baratas de papel. Você pode testar a si mesmo no final da tarde, quando a oblíqua luz do sol lança estranhos mantos de encantamento dourado nos telhados e pináculos, bosques e jardins, campos e terraços, gramados e ondulações de lagoas ornadas com lírios. Se tal cena não produzir um rápido aperto na garganta — uma indômita certeza de que alguma estranheza reside logo além do fulgor do oeste, ou um entoo seguro de que alguma maravilha adorável e incrível está para florescer — então você não deve se sentir obrigado a escrever tais pensamentos e impressões que podem por acaso habitar seu crânio. Todas as coisas comuns, desadornadas, já foram pensadas e ditas e repetidas milhares de vezes. O mundo enfadonho, prosaico dos sentimentos e eventos comuns foi tão bem “descrito” que nada vital restou para ser acrescentado. A hora de começar a escrever é quando os eventos do mundo parecem sugerir coisas maiores do que o mun-

do — estranhamentos e padrões e cadências e unicidades de combinações que ninguém nunca viu ou ouviu antes, mas que são tão vastas e maravilhosas e belas que absolutamente exigem proclamação com uma fanfarra de trompetes de prata. Tempo e espaço tornaram-se vitalizados com significado literário quando começaram a nos deixar saudosos por algo vindo do tempo, vindo do espaço. Não há verdadeiro autor que não permaneça em estupefação e expectativa diante de algum fragmento de cena terrestre — alguma lacuna em uma colina silenciosa ao amanhecer, algum pedaço da calçada da cidade reluzindo com a chuva e refletindo lâmpadas noturnas e janelas iluminadas, alguns horizontes de telhados distantes ou terraços de jardins balaustrados — cujos contornos glorificados trazem, com adocicada, pungente loucura, um assombroso, inelutável senso de memória cósmica, de ter conhecido aquela cena e outras semelhantes em outras vidas, outros mundos e outras terras dos sonhos. *Encontrar essas outras vidas, outros mundos e outras terras dos sonhos é a tarefa do verdadeiro autor.* Isso é o que é literatura, e se qualquer parte da escrita é motivada por qualquer coisa fora a busca mística e inacabada, é um suporte e uma imitação injustificada.

Bem, chega de falar em motivo. Motivo, por si só, nunca fará um autor, pois milhares de almas inquietas partilham esses sonhos e desejos místicos sem nunca serem capaz de comunicá-los. O segundo essencial — o elemento que, reunido à visão apropriada, torna a competência literária uma *certeza* — é *um senso afiado de beleza aplicado à linguagem*. Um autor nato pensa em mundos somente nas suas relações estéticas — em sua capacidade de capturar delicada e primorosamente cada uma de suas tonalidades de sentido e emoção, e expressar seus sonhos em harmonia de beleza transcendente. Para ele, a língua não é um acaso, uma coisa utilitária, mas o mármore e o cinzel do escultor, com os quais coisas perfeitas podem ganhar forma outra vez numa beleza perfeita. Ninguém precisa tentar escrever, a menos que se sinta capaz e inclinado a tratar a linguagem como uma arte refinada — como uma coisa de leis complexas e delicadas, de sentidos ocultos, e de centenas de potentes sutilezas de som, cadência, força, vividez, tons e ideais associativos. Ele deve estar disposto e ansioso para comprometer-se em um longo e penoso aprendizado com os deuses do discurso — e nunca deve ser impaciente ou rebelde. Ele deve amar tanto a linguagem que ela quase será

um fim em si mesma — deve amar até que o mero trato de palavras belas e cadências tornem-se um primoroso prazer.

Sinceramente seu,
H. P. Lovecraft



Carta de Lovecraft a Wilfred B. Talman



25 de Outubro de 1931

A Wilfred Blanch Talman^[1]

Jonckheer Arminius

Eu adoraria ver esse exemplar da Argosy — Voodoo Express^[2], se você encontrar uma cópia convenientemente transmissível, embora eu não tenha ideia se esse poderia se tomar um mercado para mim. Você está certo, é claro, em acreditar que as histórias de “ação” agradam ampla parcela do chamado grande público, e que, portanto, é o tipo financeiramente mais lucrativo para o fabricante de ficção não-literária cultivar. É correto, também, reconhecer que é extremamente difícil produzi-las, como atesta a vasta horda de produtores voltados para os negócios que se esforçam, em vão, para produzi-las em grande quantidade e comercializar esse tipo de mercadoria. Eu não concordo contigo, no entanto, que os contos de “ação” têm qualquer arte genuína neles — exceto nos poucos casos em que o assunto pode exigir uma rápida sucessão de eventos. Não se deve supor que a dificuldade de produção é equivalente à expressão estética real. É muito difícil fazer um relógio ou calcular as tensões na construção de pontes, mas o resultado não é arte. É, em vez disso, aplicação da ciência, apenas, com ficção barata. É diabolicamente difícil estudar as emoções mais duras e simples (mente é uma palavra caridosa demais) e elaborar uma invenção artificial de imagem que a esti-

mule precisamente de uma determinada maneira — mas ninguém poderia dizer que uma mistura tão espúria e de sangue frio tenha qualquer semelhança com a expressão sincera que é a arte. É ciência aplicada — e ciência aplicada inteligentemente — mas não tem nada a ver com estética. A razão pela qual uma história de “ação” dificilmente pode ser real é que a vida, raramente, é composta de uma ação concentrada. Mesmo no breve tempo-compasso de um conto, a vida nunca permite, sequer, uma aproximação dos incidentes físicos exigidos pelo mercado de ficção barata. Quando, portanto, um leitor mentalmente adulto vê um “herói” em perigo muitas vezes, ele perde de imediato o sentimento da realidade ligada à história. As palavras tornam-se, apenas, palavras e nada mais — uma vez que a coisa se tornou muito pouco convincente para construir parte de nossa impressão total a partir da palavra externa. O que “acontece” é bastante microscópico em comparação com o que simplesmente “é”. Qualquer conto com tentativas de recriar uma seção de experiência em proporções efetivas deve dedicar total atenção à estática dos fatores cinéticos envolvidos. Isto é ainda mais verdadeiro nas ficções “estranhas” do que seria em qualquer outra; já que a fantasia não é, diretamente, um quadro de eventos objetivos, mas apenas o delineamento de um certo tipo de ânimo humano. O que uma história “estranha” conta é algo que nunca acontece; o retrato real é inteiramente do sentimento que, muitas vezes, dá origem à ilusão de tais acontecimentos. Os incidentes evidentes são apenas manifestações súbitas e subsidiárias do ânimo dominante. A atmosfera é a única essencial neste campo, porque a atmosfera é o único meio pela qual qualquer coisa tão evasiva e intangível como o ânimo pode ser quase recriado. Ter o leitor em mente é absolutamente fatal para a expressão artística sincera. A arte exige que se escreva o que está dentro de alguém, e nada a mais ou a menos. É por isso que a ficção popular é quase totalmente desprovida de arte, e por que, inversamente, apenas uma pequena parte do material produzido artisticamente acontece dentro do círculo de aceitabilidade comercial.

Agora, eu não tenho restrições à fabricação de ficção não artística. É uma profissão tão difícil e digna quanto a de encanador — e eu ficaria feliz se fosse praticável e lucrativa. A única coisa é que eu não posso fazer isso. O processo de justapor palavras a sangue-frio e sem senso artístico, frases cadenciadas para outros fins que não o da autoexpressão,

provoca, dentro de mim, certas repugnâncias que me impedem de replicar tais padrões requeridos na ficção quase original. Posso revisar, mas não posso inventar coisas novas no domínio do barato e do espúrio. E eu não digo isso com orgulho, porque implica apenas uma falta de inteligência afiada e versátil. O jovem Derleth^[3], por exemplo, pode lançar um hokum^[4] atroz e proveitoso (cf. qualquer publicação de W. T.) com a mão esquerda, enquanto que, com a direita, cria coisas delicadas como as pessoas e a noite na primavera que dificilmente se poderia imaginar serem da mesma pessoa. Mas eu não sou Derleth — e estou velho demais para me transformar em um. Não se pode ter sucesso em um campo para o qual se tem apenas desprezo e aversão. Então, há cerca de cinco anos, parei de tentar adequar-me a mercados de má qualidade e decidi trabalhar com sinceridade. Não tenho a menor ambição de trabalhar em qualquer campo que não seja o genuíno — o de Machen. Blackwood ou Poe^[5] — embora compreenda que nunca serei mais do que uma figura microscópica (se é que seja) naquela área honrosa e ferozmente contestada. Eu preferia falhar como um Blackwood inferior a ter sucesso como um Quinn ou Kline^[6] glorificado — embora, como eu disse antes, eu estaria perfeitamente disposto a trabalhar com o grupo de Quinn e Kline se pudesse fazer isso sem prejudicar minha capacidade de escrita sincera. Mas não posso — e então é isso. Devem vir de áreas principalmente revisionais qualquer remuneração que eu deva obter — dessas, ou de outras totalmente dissociados da escrita.

Apenas agora toda a minha escrita está em suspenso, pois uma sucessão de pequenos trechos de revisão culminou no grande trabalho de um livro sobre o qual fui a Hartford para ver Orton^[7]. Acho que mencionei que houve uma revisão e uma releitura (auxiliada por sua carta de símbolos) de uma longa história do Dartmouth College — e posso acrescentar que ela me manteve amarrado por uma quinzena com uma concentração que pode ou não ter sido responsável pelas dores de cabeça e indigestões das quais estou apenas agora melhorando. Eu terminei a maldita revisão na última terça-feira, e enviei por encomenda postal sexta-feira. É possível que eu tenha que visitar Brattleboro brevemente antes que seja impressa, embora eu prefira não ir, tendo em vista esta época do ano. Se esse trabalho servir, posso conseguir um bom fluxo de trabalho da Stephen Daye Press, através de Orton.

Olla Huula Huula Hei!
Vovô Theobald^[8]



Notas sobre a escritura de contos fantásticos



Publicado postumamente em junho de 1937 na *Amateur Correspondent*.

O que me leva a escrever contos é a satisfação de visualizar com maior clareza, detalhe e estabilidade as impressões vagas, efêmeras e fragmentárias de assombro, beleza e expectativa aventureira que me são comunicadas por visões (cênicas, arquitetônicas, atmosféricas etc.), ideias, acontecimentos e imagens presentes na arte e na literatura. Escolhi os contos fantásticos porque melhor se adaptam à minha inclinação — um dos meus desejos mais ardentes e perenes é criar, por alguns instantes, a ilusão de uma estranha suspensão ou violação dos irritantes limites impostos pelo tempo, pelo espaço e pelas leis naturais que eternamente nos aprisionam e frustram nossa curiosidade relativa aos espaços cósmicos infinitos além do alcance de nossa visão e de nossa análise. Esses contos muitas vezes enfatizam o elemento de horror porque o medo é nossa emoção mais profunda e mais intensa, e também a que mais se presta à criação de ilusões que desafiem a Natureza. O horror e o desconhecido, ou o estranho, mantêm sempre uma relação muito estreita, de modo que é difícil pintar um retrato convincente do esfacelamento das leis naturais ou da estranheza ou singularidade cósmica sem destacar a emoção do medo. O tempo assume um papel importante em muitas das minhas histórias porque é o elemento que assoma na minha imaginação como sen-

do aquele que evoca os dramas mais profundos e os terrores mais sinistros do universo. A batalha contra o tempo parece-me ser o tema mais poderoso e mais fértil de toda a expressão humana.

Embora a forma que escolhi para as minhas histórias seja sem dúvida especial e talvez limitada, não deixa de ser um modo persistente e permanente de expressão, tão antigo quanto a própria literatura. Sempre haverá um número diminuto de pessoas que sentem uma curiosidade ardente a respeito do espaço sideral desconhecido e um desejo ardente de escapar da prisão do conhecido e do real rumo às terras encantadas de incríveis aventuras e possibilidades infinitas aonde os sonhos nos transportam, e que os bosques densos, as fantásticas torres urbanas e os pôres do sol chamejantes sugerem-nos por breves instantes. Essas pessoas incluem grandes autores e também amadores insignificantes como eu — sendo Dunsany, Poe, Arthur Machen, M.R. James, Algernon Blackwood e Walter de la Mare os mestres do gênero.

Em relação ao modo como escrevo um conto — não existe um método único. Cada um dos meus contos tem uma história diferente. Por uma ou duas vezes fiz o relato literal de um sonho; mas, em geral, começo com uma ambientação ou uma ideia ou uma imagem que desejo expressar e então trabalho-a na minha imaginação até que me ocorra uma forma plausível de materializá-la em uma cadeia de acontecimentos dramáticos passível de ser registrada em termos concretos. Costumo fazer uma lista mental das condições básicas ou das situações que mais se prestam à ambientação ou à ideia ou à imagem e então começo a especular sobre as explicações lógicas e racionais para a ambientação ou ideia ou imagem, tendo em vista a condição básica ou a situação escolhida.

O processo de escritura, claro, é tão variado quanto a escolha do tema e da ideia inicial; mas se as histórias de todos os meus contos fossem analisadas, é possível que as seguintes regras pudessem ser abstraídas a partir do procedimento padrão:

1. Prepare uma sinopse ou um cenário para os acontecimentos na ordem em que ocorreram — não na ordem da narrativa. Descreva com riqueza suficiente para contemplar todos os pontos vitais e motivar todos os incidentes planejados. Detalhes, comentários e es-

timativas das consequências às vezes são desejáveis nessa estrutura temporária.

2. Prepare uma segunda sinopse ou cenário para os acontecimentos — agora na ordem da narrativa (não na ordem de ocorrência), com grande riqueza de detalhes e notas relativas a mudanças de perspectiva, ênfases e clímax. Faça as alterações necessárias na sinopse original caso essa mudança aumente o impacto dramático ou a eficácia geral do conto. Interpole ou exclua incidentes à vontade — não se prenda jamais à ideia original, mesmo que o resultado seja um conto absolutamente diferente do planejado. Faça acréscimos e alterações na medida em que ocorrerem durante o processo de formulação.
3. Escreva todo o conto — depressa, com fluência e sem tecer muitas críticas — de acordo com a segunda sinopse, na ordem da narrativa. Altere os incidentes e o enredo sempre que o andamento do processo sugerir alterações, sem jamais se ater a qualquer esquema prévio. Se em algum ponto o desenvolvimento revelar novas oportunidades de efeito dramático ou de narração vívida, faça os acréscimos necessários — depois volte atrás e reconcilie as partes preexistentes com o novo plano. Acrescente e exclua seções inteiras de acordo com o necessário ou com o desejado, tentando diferentes inícios e fins até encontrar o melhor arranjo. Certifique-se de que todas as referências ao longo da história estejam completamente adaptadas ao esquema final. Remova todas as excrescências possíveis — palavras, frases, parágrafos ou mesmo episódios e elementos inteiros —, tomando as precauções habituais em relação a conciliar todas as referências.
4. Revise todo o texto, com especial atenção ao vocabulário, à sintaxe, ao ritmo da prosa, à proporcionalidade das partes, às sutilezas do tom, à graça e ao poder persuasivo das transições (de uma cena a outra, da ação lenta e detalhada à ação rápida e superficial e vice-versa... etc., etc., etc.), à eficácia do início, do fim, dos clímaxes etc., ao suspense e ao interesse dramático, à plausibilidade, à atmosfera e a vários outros elementos.
5. Prepare uma cópia datilografada — acrescentando revisões finais conforme o necessário.

O primeiro estágio muitas vezes é puramente mental — trabalho com um conjunto de variáveis e acontecimentos na minha imaginação e não escrevo nenhuma palavra até que me sinta capaz de preparar uma sinopse detalhada dos acontecimentos na ordem da narrativa. Mas é verdade que às vezes começo a escrever antes mesmo de saber como desenvolver a ideia — assim, este começo constitui um problema a ser motivado e explorado.

Creio que existem quatro tipos distintos de conto fantástico; um que expressa uma ambientação ou uma impressão, outro que expressa uma composição pictórica, um terceiro que expressa uma situação, condição, lenda ou composição intelectual, e um quarto que explica um quadro determinado ou uma situação dramática ou clímax específico. De outro modo, os contos fantásticos podem ser agrupados em duas categorias amplas — aqueles em que o portento ou o horror refere-se a alguma condição ou fenômeno e aqueles em que se refere a uma ação humana relacionada a uma condição ou fenômeno bizarro.

Os contos fantásticos — em particular os de horror — parecem depender de cinco elementos bem definidos: **(a)** um horror ou uma anormalidade subjacente — uma condição, entidade etc., **(b)** os efeitos gerais e consequências do horror, **(c)** a forma da manifestação — o objeto que corporifica o horror e os fenômenos observados, **(d)** as reações de medo que pertencem ao domínio do horror e **(e)** os efeitos específicos do horror em relação ao conjunto de condições dadas.

Ao escrever um conto fantástico, sempre empenho o maior cuidado para obter a ambientação e a atmosfera desejadas e enfatizar os pontos críticos da história. É impossível, salvo no charlatanismo ficcional mais imaturo, apresentar o relato de fenômenos impossíveis, improváveis ou inconcebíveis como uma narrativa ordinária de ações objetivas e emoções convencionais. Acontecimentos e condições inconcebíveis apresentam-se como um obstáculo a ser transposto, o que só pode ser feito por meio da manutenção de um realismo minucioso em todas as partes da história, exceto naquela em que se aborda o prodígio em questão. O portento deve receber um tratamento deliberado e impressionante — com uma atenta preparação emocional — sob pena de soar banal e pouco convincente. Sendo o principal elemento da história, sua mera existência deve obscurecer todos os demais personagens e acontecimentos.

Mas os personagens e acontecimentos devem ser consistentes e naturais, exceto quando deparam-se com o singular portento. Em relação a este prodígio central, os personagens devem manifestar as mesmas emoções incontrolláveis que personagens semelhantes manifestariam diante de tal prodígio na vida real. Um prodígio não pode jamais ser tratado com indiferença. Mesmo quando os personagens têm alguma familiaridade com o prodígio, tento comunicar um espanto e uma grandeza análogos aos que o leitor deve sentir. Um estilo casual arruína qualquer fantasia com pretensões sérias.

A atmosfera, e não a ação, é o grande *desideratum* da ficção fantástica. Em verdade, tudo o que um conto maravilhoso almeja é pintar o retrato convincente de um determinado sentimento humano. No momento em que tenta fazer qualquer outra coisa, o conto torna-se barato, pueril e irrelevante. Deve-se dar ênfase à insinuação sutil — pistas e pinceladas discretas relativas a detalhes associativos que expressem diferentes tonalidades de sentimento e componham a vaga ilusão da estranha realidade do elemento irreal. Evite listas inócuas de acontecimentos fantásticos sem nenhuma substância ou relevância senão como nuvens de cor e simbolismo.

Eis as regras e padrões que sigo — de forma consciente ou inconsciente — desde que me propus a escrever contos fantásticos. O sucesso de minhas obras pode muito bem ser disputado — mas estou certo de que, houvesse eu ignorado as considerações feitas nos parágrafos precedentes, seriam muito inferiores ao que são.



O horror sobrenatural em literatura

por *H.P. Lovecraft*



I. Introdução

O medo é a emoção mais forte e mais antiga do ser humano, e o medo do desconhecido é o mais antigo e mais forte dos medos. Poucos psicólogos contestarão esse fato, e essa verdade admitida por eles consolida de forma permanente a dignidade e a originalidade das narrativas sobrenaturais de terror como forma literária. Contra essa noção, levanta-se toda uma avalanche de artifícios materialistas, sustentados frequentemente em fatos externos e sentimentais e em um idealismo ingenuamente insípido que desconsidera as motivações estéticas e reivindica uma literatura didática que eleve o leitor a um nível conveniente de otimismo burlesco. Contudo, apesar de toda essa oposição, o conto de mistério sobreviveu, desenvolveu-se e tem alcançado graus notáveis de perfeição; fundado que está em um princípio profundo e elementar, cujo poder de atração, se nem sempre é universal, é necessariamente intenso e permanente para espíritos detentores da sensibilidade requerida.

A atração pelo macabro espectral é em geral restrita, porque demanda do leitor certo grau de imaginação e capacidade de afastar-se da vida cotidiana. Poucos são relativamente livres o bastante do apelo da rotina diária para se tornarem receptivos a chamados de outras esferas, e as narrativas sobre fatos e sentimentos comuns, ou de distorções piegas desses sentimentos ou fatos, assumirão sempre a preferência no gosto da maioria; justificável, possivelmente, no fato de que, de ordinário, esses

temas habituais fazem parte de grande parte da experiência humana. Mas os perceptivos estão sempre conosco, e algumas vezes um *flash* curioso de fantasia invade o lado obscuro das mentes mais resistentes; de modo que nenhuma racionalização, reforma ou análise freudiana podem extinguir completamente o assombro que murmura ao pé da lareira ou no bosque solitário. Inclui-se nesse caso um modelo psicológico, ou tradição, real e profundamente enraizado na experiência mental tanto quanto qualquer outro padrão ou tradição da humanidade; coevos com os sentimentos religiosos e intimamente relacionados a muitos de seus aspectos, como também, em grande medida, com nossa herança biológica mais profunda, de modo que não se perde como potência vívida na importantíssima, embora numericamente pequena, minoria de nossa espécie.

Os primeiros instintos e emoções no ser humano formam o modo como ele responde ao ambiente no qual se encontra. Os sentimentos decisivos alicerçados no prazer e na dor desenvolviam-se em torno de fenômenos cujas causas e efeitos o ser humano entendia, ao passo que em torno daqueles que ele não entendia — e estes eram abundantes nos tempos primitivos — criavam-se essas personificações, representações maravilhosas, assim como sensações de horror e medo que golpeavam uma humanidade com poucas e simples ideias e experiência limitada. O desconhecido, sendo ao mesmo tempo o imprevisível, tornou-se para nossos irmãos primitivos uma fonte terrível e onipotente de atividades e calamidades que visitavam o ser humano por causas misteriosas e inteiramente extraterrenas e, portanto, pertenciam claramente a esferas de existência que não conhecíamos em absoluto e de que não participávamos. O fenômeno do sonho, da mesma forma, contribuiu para que emergisse a noção de um mundo irreal, ou espiritual; em geral, todas as condições da vida primitiva selvagem levaram muito fortemente ao sentimento do sobrenatural, de modo que não deve nos surpreender o fato de que a natureza puramente hereditária da humanidade se tornou indelivelmente impregnada de religião e superstição. Essa impregnação, como fato científico óbvio, deve ser considerada permanente, em potencial, tanto quanto a mente subconsciente e os instintos profundos o são, pois, embora o âmbito do desconhecido tenha se contraído invariavelmente por milhares de anos, um infinito reservatório de mistérios ainda

se acha em grande parte imerso no cosmo exterior, ao mesmo tempo que um vasto resíduo de vigorosas associações herdadas aferra-se em torno de todos os objetos e processos que eram misteriosos no passado, não obstante sejam atualmente explicados. E mais que isso, mesmo que a mente consciente fosse purgada de todas as fontes originais relativas ao maravilhoso, há uma fixação psicológica dos instintos antigos em nossos tecidos nervosos que os tornam obscuramente operantes.

Em razão de nos lembrarmos da dor e da ameaça da morte mais vividamente que do prazer, e porque nossos sentimentos a respeito dos aspectos benéficos do desconhecido foram percebidos e formalizados primeiro pelos rituais religiosos convencionais, atribuiu-se a ele em grande parte o lado mais escuro e mais maléfico do mistério cósmico, representado principalmente em nosso folclore sobrenatural. Essa tendência está também arraigada na ideia de que a incerteza e o perigo estão sempre intimamente associados; portanto, o desconhecido, qualquer que seja, será sempre um mundo de perigo e possibilidades malévolas. Quando, a essa sensação de medo e do mal, somam-se a curiosidade e o fascínio inevitável do maravilhoso, emerge um corpo composto de emoções vívidas e estímulo imaginativo cuja vitalidade se deve a uma necessidade tão permanente quanto o próprio ser humano. As crianças sempre terão medo do escuro e homens com espírito sensível a impulsos hereditários estremecerão sempre ao pensamento de mundos ocultos e insondáveis que podem pulsar repletos de vida desconhecida nos abismos além das estrelas, e arrastar de modo aterrador nosso planeta a dimensões maléficas que só os mortos e os loucos podem contemplar.

Com esses fundamentos, ninguém deve se espantar diante da existência de uma literatura que retrate o medo cósmico. Sempre existiu e sempre existirá; e como maior evidência de seu vigor tenaz pode-se mencionar o impulso em toda parte que leva os escritores de tendências totalmente opostas a experimentar o tema em contos isolados, como se quisessem libertar suas mentes de certas formas assombrosas que, de outra forma, os perseguiriam. Assim Dickens escreveu muitas narrativas de mistério; Browning, o poema aterrador “Childe Roland”; Henry James, *A volta do parafuso*; dr. Holmes, o engenhoso romance *Elsie Venner*; F. Marion Crawford, “The Upper Berth” e tantos outros; a sra. Charlotte Perkins Gilman, socióloga, *O papel de parede amarelo*; e o

humorista W. W. Jacobs produziu aquela competente peça melodramática chamada *A pata do macaco*.

Essa literatura não deve ser confundida com aquele tipo de literatura de terror aparentemente similar, mas psicologicamente muito distinta: aquela literatura que produz um medo puramente físico e mundanamente repulsivo. Essa escrita, certamente, tem seu lugar, assim como as narrativas de fantasmas convencionais ou extravagantes, ou mesmo histórias humorísticas de fantasmas em que o formalismo ou uma apressada deliberação do autor retira o sentido verdadeiro do que se apresenta morbidamente anormal; mas essas coisas não pertencem a uma literatura do medo cósmico em seu sentido genuíno. O verdadeiro conto sobrenatural traz algo mais do que um assassinato misterioso, ossos cobertos de sangue ou uma aparição amortalhada que faz retinir correntes segundo regras estabelecidas. Precisa estar presente certa atmosfera sufocante e um terror inexplicável de forças desconhecidas e exteriores; assim como precisa haver uma sugestão, apresentada com uma seriedade e prodígio inseridos em seu tema, da mais terrível concepção gerada pelo cérebro humano — uma suspensão ou anulação de caráter maligno e singular das leis fixas da Natureza que representam nossa única proteção contra o assalto do caos e demônios do espaço insondável.

Naturalmente, não podemos esperar que todos os contos de terror se ajustem inteiramente a um modelo teórico. As mentes criativas são múltiplas, e a melhor das obras tem seus pontos fracos. Além disso, grande parte do que há de excepcional numa obra de horror é inconsciente, aparecendo em fragmentos memoráveis dispersos na contextura, cujo efeito no todo pode ser de molde muito diferente. A atmosfera é o elemento mais importante, já que o critério de autenticidade último não é o encadeamento da trama, mas a criação de uma sensação específica. Podemos dizer, em geral, que uma trama de mistério cuja intenção seja apresentar ou produzir um efeito social, ou outra em que o terror seja finalmente elucidado e se dissipe mediante recursos de feição natural, não é um conto genuíno que expressa o medo cósmico; porém, permanece o fato de que tais narrativas trazem com frequência, em seções isoladas, traços de uma atmosfera que preenche todas as condições da verdadeira literatura de horror sobrenatural. Portanto, não devemos julgar um conto de mistério com base na intenção do autor, ou nos meros me-

canismos do enredo, mas no nível emocional obtido em sua faceta menos comum. Se a sensação apropriada é desencadeada, esse “ponto principal” deve ser-lhe atribuído como mérito próprio na literatura de mistério, não importa se obtido em uma forma prosaicamente construída. O único teste para verificar se realmente é uma narrativa sobrenatural é apenas isto: se despertou, ou não, no leitor um sentimento profundo de terror e contato com as esferas e forças desconhecidas; uma atitude sutil de alerta apavorante, como se pressentisse o bater de asas negras ou o roçar de formas e entidades remotas no limite extremo do universo conhecido. E, naturalmente, uma narrativa que transmite mais perfeitamente e uniformemente essa atmosfera tanto melhor será como obra de arte no gênero abordado.

II. A origem do conto de horror

Obviamente, como se pode esperar de uma forma tão intimamente relacionada com uma emoção primordial, o conto de horror é tão antigo como o pensamento e a linguagem verbal humanos.

O terror cósmico surge como um ingrediente do primitivo folclore em todos os grupos humanos e está cristalizado nas baladas mais arcaicas, crônicas e escritos sagrados. Foi, de fato, um traço proeminente na magia cerimonial elaborada com seus rituais de evocação de demônios e fantasmas, que floresceu nos tempos pré-históricos e alcançou seu mais alto desenvolvimento no Egito e nas nações semíticas. Fragmentos como *O Livro de Enoque* e *Claviculae*, de Salomão, ilustram perfeitamente o poder do sobrenatural no espírito do Oriente antigo, e tais fatos baseavam-se em sistemas duradouros cujos ecos se prolongam de modo obscuro até o presente. Os vestígios desse medo transcendental se apresentam na literatura clássica, e há evidências de sua força ainda maior numa literatura sob a forma de balada paralela à corrente clássica, porém desaparecida por falta de um sistema de escrita. A Idade Média, mergulhada em fantasiosas trevas, deu um enorme impulso na direção da sua expressão; o Oriente e o Ocidente, da mesma forma, ocuparam-se em preservar e ampliar a herança misteriosa, tanto do folclore perdido como da magia e da cabala, sistematizados academicamente, que lhes fo-

ram transmitidos. A feiticeira, o lobisomem, o vampiro, o *ghoul*^[1] animaram ominosamente os lábios dos bardos e da vovó, e foi preciso somente um pequeno encorajamento para seguirem os passos decisivos e ir além das fronteiras que dividem a narrativa cantada, ou canção, da composição literária formal. No Oriente, o conto sobrenatural preferiu assumir uma cor e vivacidade suntuosas que o transmutaram quase em uma fantasia diáfana. No Ocidente, onde o teutão místico tinha descido de suas florestas boreais hostis e o celta rememorava os misteriosos sacrifícios nos bosque druidas, a narrativa assumiu uma intensidade extrema e seriedade de atmosfera convincente que multiplicou o vigor de seus terrores, parcialmente explícitos, parcialmente sugeridos.

Muito do vigor da tradição das narrativas de horror no Ocidente deveu-se à secreta, porém contínua presença de um culto horrendo praticado em rituais de adoração noturnos, cujos costumes estranhos originaram-se de épocas pré-arianas e pré-agrárias quando uma tribo de mongóis atarracados perambulou pela Europa com seus homens e rebanhos — implantaram ritos de fertilidade de antiguidade imemorial dos mais extravagantes. Essa religião secreta, transmitida clandestinamente entre os camponeses durante milhares de anos, embora separada dos domínios druídicos, greco-romanos e da fé cristã nas regiões ocupadas, era marcada pelo selvagem “Sabá das Feiticeiras” nas florestas solitárias e no topo das colinas distantes nas Noites de Walpurgis e Halloween, a tradicional estação de procriação de cabras, ovelhas e bovinos; tornou-se a fonte de numerosas e ricas lendas de magia, além de motivar a extensa execução por feitiçaria, cujo principal exemplo americano é o caso de Salem. Semelhante a este em essência, e talvez relacionado com ele de fato, era a organização oculta assustadora de uma teologia inversa de adoração a Satanás, que produziu tamanhos horrores, como a famosa “Missa Negra”; ao passo que, operando com o mesmo fim, podemos apontar as atividades daqueles cujos objetivos eram de alguma forma mais científicos ou filosóficos — os astrólogos, cabalistas e alquimistas, da categoria de Alberto Magno ou Raymond Lully, abundantes em semelhantes épocas invariavelmente obscuras. O predomínio e a profundidade do espírito de horror na Europa medieval, intensificado pelo desespero tremendo que a onda de pestes trouxe, podem ser muito adequadamente mensurados nas esculturas grotescas furtivamente introduzidas em mui-

tas das mais admiráveis obras clericais do último período gótico; as gárgulas demoníacas de Notre-Dame e Monte St. Michel estão entre os mais famosos exemplos. E durante todo o período, é preciso lembrar, existiu do mesmo modo entre os letrados e iletrados uma fé rigorosamente incondicional no sobrenatural, qualquer que fosse sua forma: fosse na mais suave das doutrinas cristãs, fosse na mais monstruosa morbidez da feitiçaria e da magia negra. Não foi de um passado vazio que os mágicos da Renascença e alquimistas surgiram: Nostradamus, Trithemius, dr. John Dee, Robert Fludd e outros.

Nesse solo fértil foram gerados personagens e formas de mitos e lendas sombrias que persistem na literatura sobrenatural até nossos dias, mais ou menos dissimulados ou alterados pela arte atual. Muitos deles foram absorvidos das primeiras fontes orais e constituem parte da herança permanente da humanidade. Os fantasmas que aparecem e exigem o sepultamento de seus ossos, os amantes demoníacos que aparecem para levar sua noiva ainda viva, o anjo da morte ou procissão sobrenatural cavalgando ao vento da noite, o lobisomem, o quarto selado, o mágico imortal — todos esses elementos podem ser encontrados naquele conjunto curioso de tradição medieval que o sr. Baring-Gould tão eficazmente reuniu em livro. Em qualquer parte a herança mística setentrional foi muito vigorosa, a atmosfera dos contos populares tornou-se mais intensa, embora na civilização latina exista um traço de racionalidade básica que nega até mesmo suas superstições mais notáveis, muitas com nuances exuberantes tão características de nossos sussurros nativos de natureza própria, como também os absorvidos de fora.

Como toda ficção foi primeiro corporificada de modo amplo pela poesia, é nesse gênero que encontramos primeiro a porta de entrada permanente para o sobrenatural na literatura oficializada. Muitos dos exemplos antigos, por incrível que possa parecer, são em prosa; como a ocorrência do lobisomem em Petrônio; as passagens repulsivas de Apuleio; a breve, porém celebrada carta de Plínio, o jovem, a Sura; a estranha compilação *On Wonderful Events*, de Flégon, o liberto grego do imperador Adriano. É em Flégon que primeiro encontramos aquele conto terrível da noiva-cadáver, “Philinnion and Machates”, mais tarde relatado por Proclo, e que nos tempos modernos influenciou Goethe, em “A Noiva de Corinto”, assim como Washington Irving, em seu

“German Student”. Mas na ocasião os mitos nórdicos adquiriram forma literária e, em épocas posteriores, quando o sobrenatural aparece como fenômeno estabelecido na literatura presente, o encontramos na maioria das vezes em roupagem metrificada; como de fato assim o encontramos na maior parte dos escritos rigorosamente imaginativos da Idade Média e da Renascença. Nos Edas e nas Sagas escandinavas ribomba o horror cósmico e o medo assolador diante de Ymir e sua prole disforme faz estremecer; ao passo que nosso anglo-saxão *Beowulf* e os subsequentes contos de Nibelungos do Continente estão repletos do sobrenatural antigo. Dante é um pioneiro na construção clássica da atmosfera macabra e, nas estâncias surpreendentes de Spenser, observamos alguns traços de terror fantástico no ambiente, incidente e personagem. A literatura em prosa nos oferece a *Morte d’Arthur*, de Malory, em que se apresentam muitas situações fantasmagóricas tomadas das fontes primeiras da antiga balada: o roubo da espada e dos trajes de seda do cadáver por Lancelot, o fantasma de Sir Gawain, o demônio do túmulo entrevisto por Sir Galaad — ao passo que outras amostras mais cruas surgem, sem dúvida, nos sensacionais “livros de contos” baratos que circulam e são devorados pelo inculto. No drama elisabetano, com seu *Dr. Fausto*, as bruxas em *Macbeth*, o fantasma em *Hamlet*, a repugnância aterrorizante de Webster, em todas essas amostras podemos facilmente discernir a força poderosa do demoníaco no espírito humano; uma força intensificada pelo medo real de uma magia viva, cujos terrores, a princípio mais amplos no Continente, começam a ecoar incisivamente nos ouvidos ingleses, quando as cruzadas de caça a bruxas de James I avançam. Acrescenta-se a essa prosa de busca mística da época uma longa produção de tratados sobre bruxaria e demonologia que excitam e favorecem a imaginação dos leitores.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII presenciamos um crescente número de lendas e baladas passageiras de matiz sombrio; entretanto, ainda mantidas à margem da literatura culta e reconhecida. Os livros de contos de horror e temas sobrenaturais se multiplicavam, e entrevemos o interesse ávido das pessoas por fragmentos como “A aparição da sra. Veal”, de Defoe, um conto simples que versa sobre o fantasma de uma mulher que visita um amigo distante, escrito para promover dissimuladamente um tratado teológico sobre a morte, de baixa venda. As altas

classes da sociedade tinham então perdido a fé no sobrenatural, induzidas a um período de racionalismo clássico. Depois, iniciando-se com a tradução dos contos orientais no reinado da rainha Anne e assumindo forma definitiva por volta da metade do século, ressurgiu o sentimento romântico: a era da nova exaltação da Natureza, esplendor dos tempos passados, paisagens singulares, atos audazes e maravilhas inacreditáveis. Percebemos esse estado de espírito primeiro nos poetas cuja expressão adquire características novas de espanto, estranheza e temores. E, finalmente, depois do aparecimento tímido de algumas formas sobrenaturais nos romances contemporâneos — tais como *Adventures of Ferdinand*, *Count Fathom*, de Smollett —, os instintos libertos irrompem no nascimento de uma nova escola literária: a escola “gótica” de ficção em prosa fantástica e de horror, longa e curta, cuja posteridade literária está destinada a tornar-se numerosa, e em muitos casos com méritos artísticos brilhantes. Quando se reflete sobre a questão, é realmente digno de nota que a narrativa sobrenatural, como forma literária reconhecida e fixada academicamente, tivesse seu nascimento definitivo tão tardiamente. O seu impulso e sua atmosfera característica são tão antigos quanto a humanidade, mas o conto sobrenatural típico como literatura reconhecida é uma criança do século XVIII.

III. Os primeiros romances góticos

O ambiente assombrado de “Ossian”, as visões caóticas de William Blake, as danças grotescas de bruxas em “Tam O’Shanter”, de Burns, o demonismo sinistro de Coleridge, em *Christabel* e *A balada do velho marinheiro*, o fascínio fantasmagórico de James Hogg, em “Kilmeny”, e a tematização mais contida do horror cósmico em *Lamia* e em muitos outros poemas de Keats são exemplos britânicos típicos que revelam o advento do sobrenatural na literatura formal. Nossos primos teutônicos do Continente foram igualmente receptivos a esse fluxo crescente: “Wild Huntsman”, de Bürger, e a balada do noivo-demônio “Lenore”, ainda mais famosa — ambos imitados em inglês por Scott, cujo respeito pelo sobrenatural foi sempre notável —, representam apenas uma amostra da pujança do mistério que a poesia alemã começou a oferecer. Tho-

mas Moore adaptou dessas fontes a lenda da noiva-estátua *ghoul* (mais tarde usada por Prosper Mérimée em “A Vênus de Ille”, cuja origem remonta a grande antiguidade) que ecoa tão vividamente em sua balada “The Ring”; e *Fausto*, a obra-prima imortal de Goethe, tragédia cósmica eterna que, transpondo a balada simples para a forma clássica, pode ser considerada o auge supremo que o impulso poético alemão alcançou.

Mas coube a um inglês genuinamente mundano e animado — ninguém mais que o próprio Horace Walpole — dar o impulso crescente a uma forma definitiva e tornar-se o verdadeiro fundador das narrativas literárias de horror como forma permanente. Afeiçoado às narrativas medievais e ao mistério como uma diversão de diletante, e com um castelo gótico reproduzido fantasticamente para sua residência em Strawberry Hill, Walpole em 1764 publicou *O Castelo de Otranto*; um conto sobrenatural que, embora no todo medíocre e nada convincente, destinou-se a exercer uma influência quase sem paralelo na literatura sobrenatural. Inicialmente, experimentando apresentá-lo simplesmente como uma tradução do italiano, de certo “William Marshal”, de um suposto “Onuphrio Muralto”, mais tarde o autor confessou a autoria, obteve satisfação com sua popularidade instantânea e ampla — uma popularidade que se prolongou em muitas edições, primeira dramatização, e grande quantidade de exemplares vendidos tanto na Inglaterra quanto na Alemanha.

A narrativa — entediante, artificial e melodramática — se debilita mais ainda por um estilo prosaico e movimentado cuja vivacidade polida em nada permite a criação de uma verdadeira atmosfera sobrenatural. Fala de Manfred, um príncipe inescrupuloso e usurpador determinado a fundar uma linhagem e, depois da misteriosa morte repentina de seu filho único, Conrad, na manhã de suas núpcias, procura descartar sua esposa Hippolita e casar-se com a dama destinada ao infortunado jovem — o rapaz, a propósito, tinha sido esmagado pela queda sobrenatural de um elmo gigante no pátio do castelo. Isabella, a noiva viúva, foge desse estratagemas; encontra nas criptas subterrâneas do castelo um jovem nobre protetor, Theodore, que parece ser um camponês, embora se assemelhe estranhamente com o velho lorde Alfonso que governou aqueles domínios antes da época de Manfred. Imediatamente, em seguida, fenômenos sobrenaturais de naturezas diversas abatem-se sobre o castelo;

descobrem-se fragmentos de armaduras gigantes por toda parte, um retrato sai de sua moldura, rajadas de raios destroem o edifício e o espectro colossal armado de Alfonso ergue-se das ruínas e sobe para o seio de São Nicolau entre as nuvens que se afastam para recebê-lo. Descobre-se que Theodore — que cortejara Matilda, a filha de Manfred e a perdera pela morte, pois o pai dela a mata por engano — é o filho de Alfonso e o herdeiro legítimo da propriedade. Ele conclui a narrativa com o casamento de Isabella, destinados a viverem felizes para sempre, enquanto Manfred, cuja usurpação fora a causa da morte sobrenatural de seu filho e dos próprios tormentos sobrenaturais, retira-se penitente para um monastério; amargurada, sua esposa procura asilo em um convento próximo.

Tal é o conto; superficial, afetado e, no todo, destituído do verdadeiro horror cósmico que marca a literatura sobrenatural. Contudo, nesse molde se nutria essa época sedenta dos traços de estranheza e antiguidade espectral que o conto reflete, recepcionado com seriedade pelos mais ávidos leitores e, apesar de sua inépcia, subiu ao pedestal da fama e ganhou grande importância na história literária. O que fez, acima de tudo, foi criar um gênero de narrativa com ambiente, personagens e incidentes vulgares, que, conduzido com melhor êxito por escritores naturalmente dotados para criações sobrenaturais, estimulou o desenvolvimento de uma escola gótica imitadora que, por sua vez, inspirou os artífices verdadeiros do terror cósmico — cuja corrente de artistas genuínos começa com Poe. Essa parafernália dramática no romance consistia, principalmente, de um castelo gótico e sua antiguidade impressionante, divagações e enormes distâncias, corredores úmidos, catacumbas insalubres ocultas e uma galáxia de fantasmas e lendas aterradoras, base do suspense e do pavor demoníaco. Além disso, incluiu como vilões os nobres tirânicos e perversos. A heroína casta, longamente perseguida e geralmente insípida, é que suporta os maiores terrores e funciona como um ponto de vista e ponto de convergência para atrair a simpatia dos leitores; o herói valoroso e imaculado, sempre de origem nobre, mas sempre disfarçado em pessoa humilde; o uso de nomes estrangeiros altissonantes para as personagens, italianos na maioria; a roupagem infinda de acessórios teatrais que incluem luzes estranhas, alçapões úmidos, lâmpadas que se apagam, manuscritos ocultos embolorados, portas rangentes, ta-

peçarias que tremulam, e assim por diante. Toda essa parafernália reaparece com a mesma insipidez, embora algumas vezes obtenha grande efeito, por toda a história do romance gótico; e de nenhuma forma está extinta mesmo em nossos dias, ainda que as técnicas mais sutis forcem atualmente que se assuma uma forma menos ingênua e óbvia. Tinha sido encontrado um ambiente harmonioso para a nova escola e os escritores não se fizeram lentos em agarrar a oportunidade.

O romance alemão respondeu à influência de Walpole e logo se tornou um exemplo proverbial para a narrativa sobrenatural e espectral. Na Inglaterra um dos primeiros imitadores foi a celebrada sra. Barbauld, então srta. Aikin, que em 1773 publicou um fragmento incompleto, intitulado “Sir Bertrand”, no qual a narrativa genuína de terror foi alcançada não com mão canhestra. Um nobre em um pântano desolado e escuro, atraído pelo badalar de um sino e uma luz distante, entra em um castelo com torres cujas portas se abrem e se fecham e cujos fogos-fátuos azulados levam, por misteriosas escadarias, a inevitáveis estátuas negras animadas. Um esquife com uma mulher morta, a quem Sir Bertrand beija, é finalmente alcançado; depois do beijo a cena se dissolve para dar lugar a um aposento esplêndido onde a mulher, restituída à vida, preside um banquete em honra de seu salvador. Walpole apreciou esse conto, embora conferisse menos apreço a outro com resultado mais notável que o seu *Otranto: The Old English Baron*, de Clara Reeve, publicado em 1777. Na verdade, falta a esse conto a vibração real na nota de escuridão exterior e mistério que distinguem os fragmentos da sra. Barbauld; embora menos incipiente que as narrativas de Walpole, e artisticamente mais parcimonioso em horror com apenas uma figura espectral; todavia, é do mesmo modo decisivamente insípido. Aqui novamente temos o herdeiro virtuoso do castelo disfarçado de camponês e sua herança restaurada pelo fantasma de seu pai; e aqui novamente temos um caso de ampla popularidade que levou a muitas edições, dramatização e principalmente tradução para o francês. A srta. Reeve escreveu outro romance sobrenatural, infelizmente não publicado e perdido.

O romance gótico firmava-se então como forma literária, e os exemplos se multiplicam desordenadamente quando o século XVIII caminha para seu final. *The Recess*, da sra. Sophia Lee, escrito em 1785, traz componentes históricos e move-se em torno das filhas gêmeas de Mary, rai-

nha da Escócia, e, embora destituído do elemento sobrenatural, utiliza o ambiente e os mecanismos de Walpole com grande habilidade. Cinco anos depois, todos os lumes existentes estão empalidecidos pelo surgimento de um luminar novo de natureza completamente superior: a sra. Ann Radcliffe (1764–1823), cujos romances famosos tornaram o terror e suspense uma moda, foi quem definiu critérios novos e mais relevantes no domínio do macabro e atmosfera carregada de terror, apesar da prática exasperante de destruir seus próprios fantasmas no fecho de suas explicações, construídas de modo inteiramente mecânico. Às costumeiras ciladas góticas de seus predecessores, a sra. Radcliffe acrescentou um sentido sobrenatural genuíno na ação e incidentes que se aproximam da genialidade; cada elemento da trama e ação contribui artisticamente para produzir o sentimento de pavor ilimitado que ela deseja imprimir. Alguns detalhes sinistros como uma trilha de sangue nas escadas do castelo, um gemido procedente de uma cripta distante, uma canção sobrenatural em uma floresta noturna conseguem evocar as imagens mais potentes de horror iminente; ultrapassa de longe as criações extravagantes e laboriosas de outros. Nem essas imagens são em si mesmas menos potentes pelas explicações levadas a efeito antes do final do romance. A imaginação visual da sra. Radcliffe era muito marcante e se evidencia tanto em seus deliciosos matizes da paisagem — sempre em contornos panorâmicos encantadoramente pictóricos, nunca em descrições minuciosas — quanto em suas fantasias sobrenaturais. Seus pontos fracos principais, exceto o hábito de uma revelação trivial, estão em sua tendência para uma geografia e história equivocadas e uma preferência desastrosa por preencher seus romances com pequenos poemas insípidos, atribuídos a uma ou outra personagem.

A sra. Radcliffe escreveu seis romances: *The Castles of Athlin and Dunbayne* (1789); *A Sicilian Romance* (1790); *The Romance of the Forest* (1791); *The Mysteries of Udolpho* (1794); *The Italian* (1797); e *Gaston de Blondville*, escrito em 1802 e publicado postumamente em 1826. *Udolpho* é de longe o mais famoso e pode-se considerá-lo um dos melhores entre os primeiros contos góticos. É uma crônica de Emily, uma jovem francesa que se muda para um castelo portentoso e antigo nos Montes Apeninos em virtude da morte de seus pais e casamento de sua tia com o senhor do castelo — o conspirador e nobre Montoni. Sons

misteriosos, portas abertas, lendas assustadoras e um horror inominável em um nicho atrás de um véu negro, tudo acontece em rápida sucessão para enervar a heroína e Annete, sua criada fiel; mas, finalmente, depois da morte de sua tia, ela foge com a ajuda de um prisioneiro, de sua mesma condição, que ela encontra. A caminho de casa ela para em um castelo repleto de novos horrores — a ala deserta onde a falecida castelã morreu e o leito de morte com o pálido negro —, mas readquire finalmente a segurança e a felicidade com seu amado Valancourt, depois de decifrado um segredo que parecia envolver seu nascimento em mistério. Seguramente, é apenas um material familiar retrabalhado; mas tão bem rearticulado que *Udolpho* sempre permanecerá um clássico. As personagens da sra. Radcliffe são fantoches, mas muito menos destacadamente que seus precursores. E, pela atmosfera criada, ela situa-se em posição eminente entre os de seu tempo.

Entre os incontáveis imitadores da sra. Radcliffe, o romancista americano Charles Brockden Brown se aproxima mais de seu espírito e método. Ele igualmente prejudica suas obras com explicações naturais; mas possui igualmente o vigor de construir uma atmosfera sobrenatural que empresta a seus terrores, na medida em que permanecem inexplicados, uma vitalidade assustadora. Ele se diferencia dela ao rejeitar desdenhosamente a parafernália gótica superficial, assim como as características e escolhas para seus mistérios de cenários americanos da época; mas seu repúdio não se estende ao espírito gótico e natureza dos incidentes. Os romances de Brown envolvem em certo grau ambientes assustadores memoráveis e ele supera a sra. Radcliffe nas descrições dos processos da mente perturbada. *Edgar Huntly* inicia-se com um sonâmbulo cavando um túmulo, mas depois se enfraquece pelos traços de didatismo ao estilo de Godwin. *Ormond* envolve um membro de uma sinistra irmandade secreta. *Arthur Nervyn* descreve a epidemia de febre amarela que o autor testemunhou na Filadélfia e em Nova York. Porém, o livro mais famoso de Brown é *Wieland*; ou, *The Transformation* (1798), no qual um alemão da Pensilvânia, dominado por um impulso de fanatismo religioso, ouve vozes e mata sua esposa e seus filhos em sacrifício. Sua irmã, Clara, que conta a história, foge com dificuldade. O ambiente, estabelecido na propriedade florestal de Mittingen, nos limites remotos de Schuykill, é descrito com nitidez excessiva; e os terrores de Clara, pinta-

dos com matizes espectrais, repletos de pavor e dos sons de passos estranhos na casa solitária, são na totalidade caracterizados com verdadeiro vigor artístico. No final, a explicação pouco convincente de um ventríloquo é apresentada, mas a atmosfera é genuína enquanto persiste no entrecho da obra. Carwin, o ventríloquo maligno, é um vilão típico do estilo Manfred ou Montoni.

IV. O ápice do romance gótico

O horror em literatura alcança um novo tom de malignidade na obra de Matthew Gregory Lewis (1775–1818), cujo romance *O monge* (1796) conquistou admirável popularidade e lhe rendeu o apelido de “Monge” Lewis. Esse jovem escritor, educado na Alemanha e impregnado de um *corpus* de tradição teutônica, desconhecido da sra. Radcliffe, revestiu o terror em roupagens mais violentas, em cujas formas seus brandos predecessores jamais haviam ousado pensar; produziu como resultado uma obra-prima de horror vigoroso cujo matiz gótico habitual torna-se apimentado mediante uma galeria adicional de fantasmas. A narrativa traz um monge espanhol, Ambrosio, cuja virtude excessivamente ativa é induzida à mais extrema maldade por um demônio que se apresenta na figura da jovem Matilda; finalmente, quando espera morrer nos braços da inquisição, é persuadido a obter sua salvação ao preço de sua alma vendida ao demônio, porque ele acredita que tanto seu corpo como sua alma já estão perdidos. Em seguida, o demônio escarnecedor o arrebatava e o leva a um lugar deserto, revela que ele vendera sua alma em vão, uma vez que tanto o perdão quanto a oportunidade de salvação estavam próximos no momento em que ele fez a horrenda troca, completa a sardônica traição ao censurá-lo por seus crimes abomináveis, lança seu corpo em um precipício e, ao mesmo tempo, sua alma é levada à danação eterna. O romance contém algumas descrições aterrorizantes, como o sortilégio nas criptas sob o cemitério do convento, o incêndio do edifício e a morte do maligno abade. No enredo secundário, em que o marquês de Las Cisternas encontra o espectro de sua ancestral culpada, a Freira Amaldiçoada, ocorrem muitas e grandes peripécias; notavelmente, o aparecimento do cadáver animado ao lado do leito do marquês, assim

como o ritual cabalístico em que o judeu errante o ajuda a exorcizar seu torturador morto. Contudo, *O monge* arrasta-se morosamente no seu todo. É muito longo e difuso, e muito de seu vigor se enfraquece pela loquacidade e por uma reação desagradavelmente excessiva contra os cânones de decoro que Lewis principalmente desprezava por considerá-los afetados. Um traço favorável pode-se destacar no autor: ele jamais empobreceu suas visões fantásticas com explicações naturais. Ele obteve êxito ao romper com a tradição radcliffiana, expandindo a esfera do romance gótico. Lewis escreveu outras obras, além de *O monge*. O drama *The Castle Spectre* foi produzido em 1798, e mais tarde encontrou tempo para escrever outras ficções em forma de balada — *Tales of Terror* (1799), *Tales of Wonder* (1801), como também traduções sucessivas do alemão.

Os romances góticos, tanto ingleses quanto alemães, aparecem então medíocres e em profusão. Muitos deles eram simplesmente ridículos à luz do gosto maduro, e a famosa sátira da srta. Austen, *A Abadia de Northanger*, não foi, de modo algum, uma censura desmerecida dirigida a uma escola que tinha mergulhado fundo nas águas do absurdo. Essa escola específica entrou em declínio, mas antes de sua final derrocada emergiu seu último e maior expoente na pessoa de Charles Robert Maturin (1782–1824), um clérigo irlandês obscuro e excêntrico. Excetando um vasto *corpus* de obras heterogêneas, em que se inclui uma imitação radcliffiana irregular intitulada *Fatal Revenge*, ou *The Family of Montorio* (1807), Maturin desenvolveu por fim a obra-prima de horror vigorosa *Melmoth the Wanderer* (1820), na qual o conto gótico ganhou altitudes de pavor espiritual absoluto nunca conhecidas antes.

Melmoth trata de um gentil-homem irlandês que, no século XVII, consegue de modo sobrenatural prolongar a vida ao preço de sua alma vendida ao demônio. Ele poderá se salvar, se conseguir persuadir outro a retirar a barganha de suas costas e assumir seu encargo existencial; porém, ele não consegue jamais realizar essa condição, por mais que busque com assiduidade aqueles a quem o desespero tenha tornado enlouquecidos e estouvados. O enredo é muito irregular; estende-se monótono, envolve episódios digressivos, narrativas dentro de narrativas, encaixes e coincidências forçadas, mas em vários pormenores entre a circunstância infundável sente-se vibrar um vigor nunca encontrado nas obras

anteriores desse gênero — uma similitude com a verdade essencial da natureza humana, uma compreensão das mais profundas fontes do terror cósmico verdadeiro e um ardor evidente de solidariedade nos trechos da obra, o que torna o livro uma peça verdadeira de expressão estética própria muito mais que a mera articulação de truques engenhosos. Nenhum leitor imparcial pode duvidar que *Melmoth* representa um enorme avanço na evolução do conto de terror. O pavor se liberta do domínio convencional e se eleva à horrenda opacidade que paira sobre o real destino da humanidade. Os terrores de Maturin, obra de alguém capaz de sentir terror, são de uma natureza convincente. A sra. Radcliffe e Lewis passam por imitadores e se tornam alvo de troça, mas seria difícil encontrar uma nota falsa na ação febrilmente intensa e atmosfera de tensão extrema desse irlandês, cujas emoções e tensões menos artificiais do misticismo celta deram-lhe o instrumento natural da mais rica potencialidade para seu trabalho. Sem dúvida, Maturin é um autêntico gênio, reconhecido como tal por Balzac, que considerou *Melmoth*, ao lado de *Don Juan*, de Molière, *Fausto*, de Goethe, e *Manfred*, de Byron, personagem alegórica máxima da literatura europeia moderna e escreveu uma peça cômica intitulada *Melmoth reconciliado*, na qual o errante obtém êxito em repassar sua barganha diabólica a um estelionatário parisiense, que rapidamente faz aumentar a série de vítimas até que um jogador devasso morre com a barganha em suas mãos e, mediante sua condenação, a maldição chega ao fim. Scott, Rosseti, Thackeray e Baudelaire são outros gigantes que deram a Maturin uma irrestrita admiração, e é muito significativo o fato de que Oscar Wilde, depois de seu infortúnio e exílio, tenha se decidido em seus últimos dias em Paris a assumir o nome de “Sebastian Melmoth”.

Melmoth contém episódios que, mesmo atualmente, não perderam o vigor de evocar o terror. Inicia-se em um leito de morte: um velho usuário está morrendo de pavor extremo por algo que ele viu associado a um manuscrito que leu e a um retrato familiar fixado em um quarto sombrio de sua casa centenária no Condado de Wicklow. Ele manda buscar no Trinity College, em Dublin, seu sobrinho John; depois de sua chegada, John presencia várias ocorrências estranhas. Os olhos do retrato brilham de modo horrível, e uma figura estranhamente semelhante ao retrato aparece momentaneamente duas vezes à porta. Paira o terror so-

bre a casa dos Melmoths, em que um de seus ancestrais, “J. Melmoth, 1646”, o retrato representa. O usurário moribundo declara que esse homem — em uma data pouco antes de 1800 — está vivo. Finalmente, o usurário morre e no testamento o sobrinho é instruído a destruir tanto o retrato quanto um manuscrito a ser encontrado em certa gaveta. Ao ler o documento, escrito no fim do século XVII por um inglês chamado Stanton, o jovem John descobre um acontecimento terrível que se passou na Espanha em 1677, quando o autor do manuscrito encontrou um compatriota horrendo e foi informado que este matou com o olhar um sacerdote que tentou denunciá-lo como uma pessoa culpada de um pecado terrível. Mais tarde, depois de reencontrar o homem em Londres, Stanton é jogado em um asilo de loucos e visitado pelo estranho, cuja aproximação é antecédida de música espectral e cujos olhos possuem um brilho mais que mortífero. Melmoth, o errante, pois este é o visitante maligno, oferece a liberdade ao cativo se ele assumir para si a sua barganha com o demônio; mas, como os demais a quem Melmoth abordou, Stanton é submetido à prova de tentação. A descrição de Melmoth sobre os horrores da vida em um asilo de loucos, utilizada para persuadir Stanton, é uma das mais potentes passagens da obra. Stanton é finalmente libertado e passa o resto de sua vida no encalço de Melmoth, cuja habitação familiar e ancestral ele descobre. Deixa com a família o manuscrito, que, na época do jovem John, está muito deteriorado e incompleto. John destrói o retrato e o manuscrito, mas é visitado em sonho por seu horrível ancestral, que deixa um sinal azul e negro em seu punho.

O jovem John, posteriormente, recebe a visita de um naufrago espanhol, Alonzo de Monçada, que fugiu de uma vida monástica compulsória e dos perigos da inquisição. Ele sofreu terrivelmente — a descrição de seus padecimentos sob tortura e das galerias subterrâneas por onde ele experimentou uma vez escapar são clássicas —, mas teve a força de resistir a Melmoth, o errante, quando se aproximava da sua hora mais negra na prisão. Na casa de um judeu que o abrigara depois de sua fuga, ele descobre um volumoso manuscrito que relata outras façanhas de Melmoth, incluindo a corte que fez a uma jovem insular indiana, Immalee, que depois obtém seu patrimônio hereditário na Espanha e é conhecida como Donna Isidora; e seu horrível casamento com ela ao lado do cadáver de um anacoreta, à meia-noite, na capela arruinada de um mo-

nastério afastado e abominável. A narrativa de Monçada ao jovem John ocupa a maior parte de seu livro em quatro volumes. Essa desproporção é considerada um dos principais deslizos técnicos da composição.

Por fim, interrompe-se o colóquio de John e Monçada pela entrada de Melmoth, o próprio errante; seus olhos penetrantes estão agora apagados e a decrepitude vem se apossando dele rapidamente. O tempo de sua barganha aproxima-se do fim, e ele volta para casa depois de um século e meio para encontrar seu destino. Adverte a todos que quaisquer que sejam os sons que possam ouvir à noite, ele vai esperar o fim sozinho. O jovem John e Monçada ouvem gemidos assustadores, mas não entram ali até que o silêncio sobrevém com a manhã. Encontram então o quarto vazio. Rastros barrentos conduzem a uma porta dos fundos que dá para um despenhadeiro sobre o mar, e perto da borda do precipício há sinais indicando que um corpo fora violentamente arrastado. O lenço do errante é encontrado no penhasco um pouco abaixo da borda, mas nada mais se encontrou e se ouviu a seu respeito.

Tal é a narrativa, e ninguém pode deixar de notar a diferença entre esse horror caracterizado, sugestivo e artisticamente moldado e — nas palavras do professor George Saintsbury — “o engenhoso, porém bastante insípido, racionalismo da sra. Radcliffe e a extravagância muitas vezes extremamente pueril, o mau gosto e o estilo ocasionalmente descuidado de Lewis”. O estilo de Maturin merece por si mesmo um elogio particular, pois sua simplicidade e vitalidade marcantes o elevam no geral acima das artificialidades pomposas em que seus predecessores pecam. A professora Edith Birkhead, em sua história do romance gótico, observa com propriedade que, apesar de suas imperfeições, Maturin foi o maior e também o último dos góticos. *Melmoth* foi amplamente lido e posteriormente dramatizado, mas sua tardia datação na evolução da narrativa gótica o priva da popularidade turbulenta de *Udolpho* e *O Monge*.

V. A safra posterior da ficção gótica

Nesse ínterim, outras mãos não ficaram ociosas e, acima da profusão monótona de bobagens, tais como *Horrid Mysteries*, 1796, do marquês

Von Grosse, *Children of the Abbey*, 1796, da sra. Roche, *Zofloya or The Moor*, 1806, da sra. Dacre, e as efusões de colegial do poeta Shelley, em *Zastrozzi*, 1810, e *Saint Irvine*, 1811 (ambos imitações de *Zofloya*), apareceram muitas obras notáveis de horror sobrenatural em inglês e alemão. Clássica em seu valor, e marcadamente distinta das suas similares em virtude de seus fundamentos alicerçados mais no conto oriental que no romance gótico walpolesco, é a famosa *História do Califa Vathek*, do abastado e diletante William Beckford, escrito originalmente em francês, mas a sua tradução inglesa apareceu publicada antes do original francês.

O conto oriental, introduzido na literatura europeia no início do século XVIII pela tradução francesa de Galland das exuberantes e infundáveis *Noites árabes*, tornou-se a moda reinante, prestando-se tanto à alegoria como ao divertimento. O humor malicioso, que somente o espírito oriental sabe integrar ao sobrenatural, havia fascinado uma geração sofisticada, a ponto de Bagdá e Damasco tornarem-se nomes difundidos amplamente na literatura popular, como em breve também viriam a sê-lo os atraentes nomes espanhóis e italianos. Beckford, bastante versado em obras orientais, absorveu com extraordinária receptividade a sua atmosfera; e refletiu com vigor em seu livro fantástico a exuberância ostentosa, a artimanha dissimulada, a crueldade mitigada, a deslealdade cortês, o horror espectral e soturno do espírito sarraceno. O tempero do ridículo raramente desfigura o vigor de seu tema sinistro, e a narrativa avança com uma pompa fantasmagórica em que o riso é o de esqueletos a banquetear-se sob domos ornamentados com arabescos.

Vathek é a história do neto do califa Harum, que, atormentado pela ambição de alcançar poder, prazer e conhecimento extraterrenos que impulsionam o vilão gótico comum ou o herói byroniano (essencialmente tipos aparentados), é incitado por um gênio malvado a ir em busca do trono subterrâneo dos poderosos e fabulosos sultões pré-adâmicos nos salões flamejantes de Eblis, o demônio maometano. A descrição dos palácios e divertimentos de Vathek, de sua mãe, a maquiavélica bruxa Carathis, e sua torre encantada com suas cinquenta negras de um olho só, da sua peregrinação às ruínas assombradas de Istakhar (Persépolis), de Nouronihar, a noiva travessa que ele traiçoeiramente adquire no caminho, das torres e terraços primordiais de Istakhar sob o luar íg-

neo do deserto, dos salões ciclólicos de Eblis onde, atraídas por promessas esplendorosas, as vítimas são forçadas a vagar em sofrimento eterno, a mão direita sobre o coração abrasado em fogo que arde eternamente, são triunfos de colorido sobrenatural que conferem à obra um lugar permanente nas letras inglesas. Não menos notáveis são os três *Episódios de Vathek*, compostos com a intenção de inseri-los na história como narrativas de companheiros de desventura de Vathek nos salões infernais de Eblis; porém, permaneceram inéditos durante a vida do autor e recentemente, em 1909, foram descobertos pelo erudito Lewis Melville quando reunia material para o seu *Life and Letters de William Beckford*. Entretanto, falta a Beckford o misticismo essencial que distingue a conformação mais intensa da narrativa sobrenatural, de modo que suas narrativas carregam certa rigidez e clareza latinas intencionais que impedem a configuração plena do medo aterrorizante.

Mas Beckford ficou sozinho em sua devoção ao Oriente. Outros escritores, mais familiarizados com a tradição gótica e com a vida europeia em geral, contentaram-se em seguir mais fielmente o modelo de Walpole. Entre os inúmeros criadores de literatura de terror dessa época, pode-se mencionar o economista utópico William Godwin, que, depois do seu famoso, mas não sobrenatural, *Caleb Williams* (1794), produziu o pretensamente sobrenatural *St. Leon* (1799), em que o tema do elixir da longa vida, criado pela ordem secreta imaginária dos “rosa-cruzes”, é tratado com habilidade, mas com atmosfera pouco convincente. Esse elemento rosa-cruz, alimentado por uma onda de interesse popular pela magia, exemplificada no prestígio do charlatão Cagliostro e na publicação de *The Magus* (1801), de Francis Barrett, um curioso manual de princípios e ritos de ocultismo, ainda reeditado em 1896, figura em Bulwer-Lytton e em vários romances góticos mais recentes, especialmente na posteridade remota e enfraquecida que se estendeu esporadicamente por grande parte do século XIX e foi representada por *Fausto e o Demônio* e *Wagner, o Lobisomem*, de George W. M. Reynolds. *Caleb Williams*, embora não apresente atmosfera sobrenatural, traz vários traços de autêntico terror. É a história de um criado perseguido pelo amor que ele sabe culpado de um crime; demonstra uma inventividade e habilidade que de certo modo o mantêm vivo até os dias de hoje. Foi dramatizado com o título de *A arca de ferro*, e nessa forma foi quase igual-

mente festejado. Godwin, porém, era um professor por demais consciencioso e um pensador por demais prosaico para criar uma autêntica obra-prima de horror.

Sua filha, a esposa de Shelley, obteve maior êxito; seu inimitável *Frankenstein ou o Prometeu moderno* (1818) é um dos clássicos do horror de todos os tempos. Escrito numa disputa com seu marido, com Lorde Byron e dr. John William Polidori, a título de prova de superioridade em criação de terror, o *Frankenstein* da sra. Shelley foi a única narrativa entre os desafiadores que apresentou um resultado bem trabalhado; a crítica não conseguiu provar que as melhores partes eram devidas mais a Shelley do que a ela. O romance — um pouco marcado, mas não desfigurado pelo didatismo moral — fala de um ser humano artificial criado com partes de cadáveres por Victor Frankenstein, um jovem estudante de medicina suíço. Concebido por seu criador “num orgulho louco de intelectualismo”, o monstro possui inteligência perfeita, mas sua forma é terrivelmente asquerosa. Rejeitado pela humanidade, torna-se amargurado, e por fim começa a matar sucessivamente todos aqueles a quem o jovem Frankenstein mais ama, família e amigos. Ele exige que Frankenstein crie uma esposa para ele. Quando o estudante decisivamente se recusa, horrorizado, para que o mundo não seja povoado por semelhantes monstros, a criatura parte com a horrível ameaça de “estar com ele em sua noite de núpcias”. Nessa noite, a noiva é estrangulada, e desse dia em diante Frankenstein persegue o monstro até os desertos do Ártico. No fim, quando busca refúgio no navio do personagem-narrador da história, Frankenstein é morto pelo horrendo objeto de sua busca e criação de seu presunçoso orgulho. Algumas passagens de *Frankenstein* são inesquecíveis, como aquela em que o monstro recém-animado entra no quarto do seu criador, afasta as cortinas de seu leito e o fita à luz amarelada da lua com olhos baços — “se é que podem ser chamados de olhos”. A sra. Shelley escreveu outros romances, incluindo o excelente *O último homem*; mas nunca repetiu o êxito do seu primeiro trabalho. Este último contém traços genuínos de terror cósmico, pouco importa o andamento retardado da ação. O dr. Polidori desenvolveu sua ideia para o desafio com o conto “O vampiro”, no qual presenciamos um vilão cortês de tipo gótico genuíno, ou byroniano, e encontramos

excelentes passagens de completo horror, incluindo uma terrível experiência noturna em um bosque grego que ninguém ousa frequentar.

No mesmo período, Sir Walter Scott interessou-se de modo constante pelo sobrenatural, intercalando-o em muitos de seus romances e poemas, e algumas vezes produziu pequenas narrativas independentes, como “The Tapestry Chamber” e “Wandering Willie’s Tale”, incluída em *Redgauntlet*. Nesta última, a força do espectral e do diabólico é intensificada pela rusticidade grotesca da linguagem e da atmosfera. Em 1830, Scott publicou suas *Letters on Demonology and Witchcraft*, que representam ainda um de nossos melhores compêndios da tradição mágica europeia. Washington Irving é outra personalidade famosa que não ficou indiferente ao sobrenatural; ainda que muitos de seus fantasmas sejam muito extravagantes e cômicos para formarem uma literatura genuinamente espectral, nota-se uma tendência evidente nessa direção em muitas de suas produções. “The German Student”, em *Tales of a Traveller*, 1824, uma representação vigorosa e astuciosamente concisa da antiga lenda da noiva morta, construída com a tessitura cômica de “The Money-Diggers”, do mesmo volume, é mais do que uma alusão a aparições de piratas nos reinos que o Capitão Kidd uma vez percorreu. Thomas Moore também se junta às fileiras dos artistas macabros no poema *Alciphron*, que depois ele transformou em prosa no romance *The Epicurean* (1827). Embora, sejam simplesmente relatos das aventuras de um jovem ateniense enganado pelos truques de astutos sacerdotes egípcios, Moore consegue infundir horror genuíno em seu relato de terrores e espantos subterrâneos sob os templos ancestrais de Mênfis. De Quincey compraz-se com os terrores grotescos e arabescos, embora de modo inconstante e com uma pompa erudita que o priva de pertencer à galeria dos especialistas.

Essa época viu surgir também William Harrison Ainsworth, cujos romances românticos estão repletos de mistério e horror. O Capitão Marryat, além de escrever contos como “The Werewolf”, contribuiu memoravelmente com *The Phantom Ship* (1839), baseado na lenda do Holandês Voador, cujo navio espectral e amaldiçoado navega eternamente nas imediações do Cabo da Boa Esperança. Dickens então aparece com peças sobrenaturais ocasionais como “The Signalman”, um conto de predição fantasmagórica em conformidade com o modelo muito

comum e alinhavado com uma verossimilhança que o liga tanto à escola psicológica que estava para vir quanto à escola gótica que se exauria. Nessa época vicejava um movimento de interesse pelo charlatanismo espírita, mediunidade, teosofia hinduísta e semelhantes, muito parecido com o dos dias atuais, de modo que a quantidade de contos sobrenaturais com base psíquica ou pseudocientífica tornou-se considerável. O responsável por uma boa quantidade deles foi o prolífico e popular Lord Edward Bulwer-Lytton; e, a despeito de uma exagerada dose de retórica prolixa e romantismo vazio em suas obras, não se pode negar seu êxito em criar certo tipo de fascínio bizarro.

“The House and the Brain”, carregado de alusões ao rosa-crucianismo e a uma figura maligna e imortal talvez sugerida pelo cortesão misterioso de Luís XV, Saint Germain, ainda sobrevive como um dos melhores contos de casa assombrada já escritos. O romanesco *Zanoni* (1842) apresenta elementos similares criados de forma muito mais elaborada e introduz uma vasta e desconhecida esfera de existência que oprime nosso mundo, vigiada por um horrível “Habitante do Portal”, que assombra aqueles que tentam ali penetrar e fracassam. Temos aqui uma irmandade benigna que se mantém viva por séculos seguidos até ficar reduzida a apenas um membro, e como herói temos um antigo feiticeiro caldeu que sobrevive no prístino vigor da juventude para morrer na guilhotina da Revolução Francesa. Embora impregnado do espírito convencional do romance, prejudicado por uma teia enfadonha de significados didáticos e simbólicos pouco convincentes por lhe faltar uma perfeita consubstanciação da atmosfera em circunstâncias necessariamente vinculadas a um mundo espectral, *Zanoni* realmente alcança perfeito êxito como narrativa romanesca. Pode ser lido com interesse genuíno hoje por leitores pouco sofisticados. É divertido notar que, ao descrever uma iniciação realizada em uma antiga irmandade, o autor não escapa do repisado castelo gótico de herança walpoliana.

Em *A Strange Story* (1862), Bulwer-Lytton apresenta um notável aperfeiçoamento na criação de imagens e efeitos sobrenaturais. A obra, apesar de sua enorme extensão, enredo extremamente artificial, sustentado por coincidências convenientes, e uma atmosfera de falsa ciência homilética destinada a agradar o leitor vitoriano comum e tendencioso, é muitíssimo eficaz como narrativa. Desperta um interesse instantâneo e

cativante e proporciona um quadro e clímax muito impactantes, embora um tanto melodramáticos. Temos novamente o misterioso usuário do elixir da longa vida na pessoa de Margrave, o mágico cruel, cujo oportunismo perverso se destaca com expressividade dramática ante um pano de fundo moderno de uma cidade inglesa serena e do agreste australiano; novamente temos também alusões sombrias de um vasto mundo espectral desconhecido pairando ao nosso redor — dessa vez manejado com maior força e vigor que em *Zanoni*. Um dos dois excelentes episódios de encantamento, em que o herói é induzido por um espírito maligno luminoso a levantar-se dormindo à noite, pegar uma estranha varinha mágica egípcia e evocar presenças inomináveis no pavilhão assombrado defronte ao mausoléu de um famoso alquimista da Renascença, está efetivamente entre as grandes imagens de terror da literatura. O importante é apenas sugerido e apenas o essencial é dito. Duas vezes o sonâmbulo é induzido a pronunciar palavras misteriosas e enquanto ele as repete o chão treme e todos os cães da redondeza começam a latir para sombras amorfas que pairam à luz da lua. Quando lhe induzem uma terceira série de palavras desconhecidas, o espírito do sonâmbulo subitamente se recusa a pronunciá-las, como se a alma tivesse percebido os horrores extremos e abissais ocultos na mente. E por fim a aparição de uma namorada e de um anjo bom rompe o encantamento maligno. Essa passagem ilustra bem até que ponto Lorde Lytton foi capaz de suplantiar suas narrativas pomposas e triviais costumeiras, alcançando a essência cristalina do terror artístico que pertence ao domínio da poesia. Lytton, na descrição de determinados detalhes de encantamentos, deve muito a seus estudos sérios de ocultismo, no decurso dos quais ele chegou a travar contato com aquele erudito e cabalista excêntrico francês, Alphonse-Louis Constant (“Eliphas Lévi”), que declarou possuir os segredos da antiga magia, como também afirmou ter evocado o espectro do mago grego, Apolônio de Tiana, que viveu na época de Nero.

A tradição romântica semigótica e pseudomoral aqui representada foi levada adiante no século XIX por autores como Joseph Sheridan LeFanu, Thomas Preskett Prest, com seu famoso *Varney, the Vampyre* (1847), Wilkie Collins, Sir H. Rider Haggard, recentemente falecido (cuja obra *She* é de fato notavelmente boa), Sir A. Conan Doyle, H. G. Wells, e Robert Louis Stevenson — este, a despeito da tendência detes-

tável a um maneirismo garboso, criou clássicos permanentes, como “Markheim”, “The Body-Snatcher” e *O médico e o monstro*. Na verdade, podemos dizer que essa escola ainda sobrevive, já que nela nossos contos de horror contemporâneos têm seguramente seu lugar, na medida em que se concentram mais na peripécia do que na imaginação impressionista, cultivam mais um glamour luminoso que uma tensão maligna ou uma verossimilhança psicológica e adotam uma decisiva posição de simpatia pela humanidade e seu bem-estar. Sua força é inegável e, em virtude de seu “componente humano”, detém uma receptividade mais ampla que o horror artístico refinado. Se não é tão potente quanto este último, é porque um composto diluído nunca pode alcançar a intensidade de uma essência condensada.

Único não apenas como romance, mas também como peça de literatura macabra, permanece o famoso *Morro dos Ventos Uivantes* (1847), de Emily Brontë, com seu panorama delirante das charnecas de Yorkshire, desoladas e açoitadas pelos ventos, e vidas violentas e tortuosas que elas alimentam. Ainda que fundamentalmente seja uma narrativa de vida e de paixões humanas em angústia e conflito, sua ambientação epicamente cósmica abre espaço para um estilo de horror mais espiritual. Heathcliff, um herói-vilão byroniano modificado, é um desvalido sombrio encontrado nas ruas quando criança e fala apenas em uma linguagem desarticulada até ser adotado pela família que ele levará à ruína. Mais de uma vez sugere-se que ele é na verdade mais um espírito diabólico que um ser humano. E a atmosfera irreal mais se acentua na impressão do visitante quando ele divisa o fantasma de uma criança tristonha na janela mais alta açoitada pelos galhos de uma árvore. Entre Heathcliff e Catherine Earnshaw existe um laço mais profundo e mais terrível que o amor humano. Depois que ela morre, ele viola seu túmulo duas vezes e é perseguido por uma presença impalpável que não é mais que o espírito de Catherine. O espírito invade sua vida cada vez mais e por fim ele se convence de que em breve sucederá um reencontro místico. Ele diz que pressente uma estranha transformação a aproximar-se e deixa de se alimentar. À noite ele vagueia pela charneca ou abre a janela perto de sua cama. Quando ele morre, as folhas da janela aberta ainda batem ante uma chuva copiosa, e um sorriso estranho perpassa seu rosto enrijecido. Ele é sepultado em um túmulo junto à colina onde ele vagou durante

dezoito anos, e um menino pastor conta que ele ainda passeia com sua Catherine no cemitério da igreja e na charneca quando chove. O rosto de ambos algumas vezes também aparece nas noites chuvosas atrás da alta janela da casa do morro. O terror lúgubre da srta. Brontë não é uma simples imitação gótica, mas uma expressão tensa do pavor humano diante do desconhecido. Nesse aspecto, *O Morro dos Ventos Uivantes* representa o símbolo de uma transição literária e marca o desenvolvimento de uma escola mais profunda.

VI. A literatura espectral no continente

O horror literário avançou satisfatoriamente no Continente. Os celebrados contos e romances de Ernst Theodor Wilhelm Hoffmann (1776–1822) representam um exemplo de maturidade em fundamentação e forma, embora inclinem-se a uma volubilidade e extravagância, assim como a uma falta de momentos intensos de terror absoluto e ofegante que um escritor menos sofisticado poderia ter alcançado. Em geral, conduzem mais ao grotesco que ao horrendo. O conto de horror mais artístico do Continente é o clássico alemão *Undine* (1811), de Friedrich Heinrich Karl, barão de la Motte Fouqué. Nessa narrativa de um espírito aquático que se casa com um mortal e ganha uma alma humana há uma engenhosidade de refinada beleza que a torna notável em qualquer campo da literatura, assim como uma naturalidade espontânea que a aproxima do mito popular genuíno. Em verdade, originou-se de um conto narrado pelo médico e alquimista renascentista, Paracelso, em seu *Treatise on Elemental Sprites*.

Undine, filha de um poderoso príncipe aquático, foi trocada por seu pai quando criança pela filha de um pescador para que, casando-se com um ser humano, pudesse adquirir uma alma. Na cabana de seu pai adotivo, situada à orla de uma floresta assombrada perto do mar, ela encontra o jovem aristocrata Huldbrand e logo se casa com ele, seguindo-o para seu castelo ancestral de Ringstetten. Huldbrand, contudo, se aborrece depois com a origem sobrenatural de sua esposa e, especialmente, com as aparições do tio de Undine, o malévolo espírito das cascatas do bosque, Kühleborn; aborrecimento intensificado em vista de sua afeição

crescente por Bertalda, que não é outra pessoa senão a filha do pescador por quem Undine foi trocada. Por fim, em uma viagem pelo Danúbio, um ato inocente de sua devotada esposa o induz a proferir as palavras coléricas que a levam de volta ao seu elemento sobrenatural, de onde ela pode retornar, conforme as leis de sua espécie, apenas uma vez — para matá-lo, querendo ou não, caso ele alguma vez manifeste infidelidade à sua memória. Depois, quando Huldbrand está para se casar com Bertalda, Undine volta para cumprir seu triste dever e o mata chorando. Quando ele é sepultado entre seus pais no cemitério da aldeia, uma figura feminina velada, branca como a neve, aparece entre o cortejo fúnebre, mas depois da prece sacramental não mais é vista. Em seu lugar aparece um pequeno arroio prateado, que murmura sua dor tomando seu curso por quase todo o entorno do novo sepulcro e desaguando em um lago da redondeza. Os aldeões o mostram até os dias atuais e dizem que Undine e seu Huldbrand estão assim unidos na morte. Muitas passagens e traços da atmosfera nesse conto demonstram que Fouqué é um artista completo no campo do macabro, especialmente nas descrições do bosque assombrado com seu homem gigantesco, branco como a neve, e uma série de terrores inomináveis que ocorrem no início da narrativa.

Menos conhecido que *Undine*, mas notável pelo realismo convincente e autonomia em relação aos artificialismos góticos habituais, é *A bruxa âmbar*, de Wilhelm Meinhold, outra realização do gênio fantástico alemão no período inicial do século XIX. O conto, situado no tempo da Guerra dos Trinta Anos, simula representar o manuscrito de um clérigo, encontrado numa antiga igreja em Coserow, e traz como figura central a filha do narrador, Maria Schweidler, injustamente acusada de bruxaria. Ela descobriu um depósito de âmbar que mantém secreto por diversas razões; a riqueza inexplicavelmente obtida configura os indícios para a acusação; acusação fomentada pela maldade de um aristocrata caçador de lobos, Wittich Appelmann, que a assediou com intenções ignóbeis sem alcançar êxito. Os atos da verdadeira bruxa, que posteriormente encontra na prisão um fim sobrenatural horrível, são imputados à infeliz Maria mediante uma retórica hipócrita; depois de um julgamento típico de bruxaria, com confissões impingidas sob tortura, ela é salva no último momento pelo seu amado, um jovem aristocrata de um distrito vizinho, quando estava prestes a ser queimada na fogueira. A grande

força de Meinhold está na sua atmosfera de verossimilhança casual e realista, que intensifica o suspense e o sentimento do desconhecido e quase nos faz acreditar que os eventos ameaçadores devem constituir de alguma forma a verdade ou estar muito perto da verdade. Efetivamente, o realismo é tão perfeito que uma revista popular publicou numa ocasião os pontos principais de *A bruxa âmbar* como um fato verídico ocorrido no século XVII!

Na geração contemporânea a ficção alemã de horror é notavelmente representada por Hanns Heinz Ewers, que sustenta suas concepções tenebrosas num conhecimento efetivo da psicologia moderna. Romances como *The Sorcerer's Apprentice* e *Alraune*, e contos como "The Spider" trazem qualidades distintivas que os elevam a um nível clássico.

Mas a França, assim como a Alemanha, tem se mostrado produtiva no reino do sobrenatural. Victor Hugo em narrativas como *Hans of Iceland*, e Balzac, em *A pele de onagro*, *Seráfita* e *Louis Lambert*, servem-se do sobrenatural em maior ou menor medida, embora em geral apenas como expediente para um fim mais humano e sem a intensidade demoníaca e franca que caracteriza o artista nato para criar narrativas de horror. É em Théophile Gautier que pela primeira vez nos parece entrever a genuína percepção francesa do mundo fantástico, apresentado com um domínio do espectral em que, embora não seja continuamente empregado, identificamos imediatamente algo autêntico, tanto quanto profundo. Contos como "Avatar", "O pé da múmia" e "Clarimonde" exibem relampejos de aparições interditas que fascinam, intimidam e por vezes horrorizam; ao passo que as imagens egípcias evocadas em "Uma noite de Cleópatra" são de uma força das mais penetrantes e expressivas. Gautier capturou a alma profunda do Egito ultramilenar com sua vida misteriosa e arquitetura ciclópica, expressando de forma definitiva todo o horror eterno de seu mundo subterrâneo de catacumbas, onde até o fim dos tempos milhões de cadáveres embalsamados contemplarão a escuridão com olhos vidrados, esperando alguma aterrorizante e indescritível convocação. Gustave Flaubert continuou habilmente a tradição de Gautier em orgias de imaginação como *A tentação de Santo Antônio*, mas, não fosse sua tendência realística acentuada, poderia ter sido o arquitecelão de uma tapeçaria de horrores. Posteriormente, presenciamos um divisor de águas, gerando uma corrente de fantasiadores e poetas ex-

travagantes das escolas Simbolista e Decadentista cujo interesse pelo misterioso se concentra mais nas anomalias do pensamento e instinto humanos que no verdadeiro sobrenatural, e de habilidosos contadores de história cujo mote excitante origina-se muito diretamente de fontes tenebrosas de fantasia cósmica. Entre os da primeira categoria de “artistas do pecado”, o ilustre poeta Baudelaire, influenciado enormemente por Poe, é o representante supremo; ao passo que o romancista psicológico Joris-Karl Huysmans, um verdadeiro filho da década de 1890, é ao mesmo tempo a suma e o termo. A última categoria, puramente narrativa, é levada adiante por Prosper Mérimée, cuja obra “Vênus de Ille” apresenta uma prosa concisa e convincente do mesmo e antigo tema da noiva-estátua que Thomas Moore desenvolveu em forma de balada em “O Anel”.

Os contos de horror do vigoroso e cínico Guy de Maupassant, escritos ao tempo em que a loucura definitiva gradualmente o dominou, apresentam características próprias; sendo mais efusões mórbidas de um intelecto realista em estado patológico do que a sadia realização imaginativa de uma visão naturalmente predisposta à fantasia e sensível às ilusões habituais do invisível. Não obstante, são de marcado interesse e pungência, sugerindo com força admirável a iminência de terrores inomináveis e a perseguição inexorável a um malfadado indivíduo, empreendida por agentes horrendos e ameaçadores das trevas exteriores. Entre suas narrativas, “O horla” é geralmente considerada a sua obra-prima. Relata o advento na França de um ser invisível que se alimenta de água e leite, controla a mente das pessoas e parece a vanguarda de uma horda de organismos extraterrestres que chegam à Terra para subjugar e oprimir a humanidade. Essa narrativa tensa é possivelmente sem igual em seu campo particular; contudo, deve a um conto do autor americano Fitz-James O’Brien a descrição minuciosa da presença efetiva de um monstro invisível. Outras criações vigorosamente lúgubres de Maupassant estão em “Quem sabe?”, “O espectro”, “Ele?”, “O diário de um louco”, “O lobo branco”, “À margem do rio” e os terríveis versos intitulados “Terror”.

A dupla Erckmann-Chatrian enriqueceu a literatura francesa com um imaginário espectral variado, como *The Man-Wolf*, em que uma maldição se propaga e tem seu termo ambientado em um castelo gótico

tradicional. Tinham um poder extraordinário de criar uma atmosfera estremecedora de meia-noite, apesar de uma disposição para explicações naturais e maravilhas científicas; e poucos contos apresentam um horror maior que “The Invisible Eye”, em que uma bruxa malvada trama magias hipnóticas noturnas que induzem sucessivos moradores de um certo aposento de estalagem a enforcar-se numa viga. “The Owl’s Ear” e “The Waters of Death” estão repletos de trevas e mistérios mortificantes, com esta última corporificando o tema familiar da aranha gigante, tão frequentemente utilizado pelos ficcionistas de terror. Da mesma forma, Villiers de L’Isle Adam seguiu a escola macabra; seu “A tortura pela esperança”, história de um prisioneiro condenado à fogueira a quem deixam fugir para sentir a angústia da recaptura, é considerado por alguns o conto mais aflitivo da literatura. Todavia, pertence mais a uma categoria própria que a uma tradição sobrenatural — o denominado *conte cruel*, em que a violência das emoções é desencadeada por tormentos tantálicos dramáticos, expectativas frustradas e pavores físicos terríveis. Quase inteiramente devotado a essa forma é o escritor vivo Maurice Level, cujos episódios brevíssimos têm servido tão facilmente à adaptação teatral nas “peças de suspense” do Grand Guignol. De fato, o gênio francês adapta-se mais naturalmente a esse realismo terrível que à sugestão do imperceptível; uma vez que este último processo exige, para um desdobramento envolvente em sua máxima amplitude, o misticismo inerente ao espírito setentrional.

Um ramo florescente da literatura sobrenatural, embora até recentemente bastante desconhecido, é o dos judeus, que se manteve ignorado e se nutriu da herança sombria da magia oriental antiga, da literatura apocalíptica e da cabala. O espírito semita, como o celta e o teutônico, parece possuir vocações místicas distintas; a riqueza de uma tradição de horror oculto sobrevive nos guetos e nas sinagogas e deve ser muito mais volumosa do que em geral se imagina. A cabala, tão proeminente na Idade Média, é um sistema de filosofia que concebe o universo como emanções da Divindade, envolve a existência de reinos espirituais desconhecidos e de seres separados do mundo visível, dos quais relampejos esmaecidos podem ser alcançados mediante determinados ritos secretos de magia. Seu ritual se vincula estritamente a interpretações místicas do Velho Testamento e atribui um significado esotérico a cada letra do alfa-

beto hebraico: uma circunstância que deu às letras desse alfabeto um tipo de poder e encanto espectral na literatura popular de magia. O folclore judaico preservou muito do terror e mistério do passado e, quando for estudado de modo mais completo, é possível que exerça considerável influência na ficção sobrenatural. Os melhores exemplos do seu uso literário até o presente apresentam-se no romance alemão *O Golem*, de Gustav Mayrink, e o drama *The Dybbuk*, de um autor judeu que usa o pseudônimo “Ansky”. O primeiro, com alusões a fantasmas maravilhosos, horrores definitivamente insondáveis e ambientado em Praga, descreve com singular maestria aquele antigo gueto da cidade com seus coruchéus pontiagudos e espectrais. Golem é um fabuloso gigante artificial supostamente criado e vivificado por rabinos medievais mediante uma fórmula secreta. O *Dybbuk*, traduzido e encenado nos Estados Unidos em 1925 e mais recentemente representado em forma de ópera, descreve com força extraordinária a possessão de um indivíduo pela alma maligna de um morto. Tanto os golens quanto os dybbuks são tipos fixos e funcionam frequentemente como elementos da tradição judaica recente.

VII. Edgar Allan Poe

Na década de 1830 despontou uma aurora literária que influenciou imediatamente não só a história da narrativa sobrenatural, como também da ficção curta como um todo, e indiretamente modelou os rumos e a fortuna de uma grande escola estética europeia. É para nós, americanos, uma felicidade poder reivindicar como nossa essa aurora, já que ela surgiu na pessoa de nosso ilustre e desafortunado compatriota Edgar Allan Poe. A fama de Poe tem ficado ao sabor de uma curiosa flutuação, e agora é corrente entre a “*intelligentsia* progressista” subestimar sua importância tanto como artista quanto como influência; mas seria muito difícil para qualquer crítico maduro e reflexivo negar o valor excepcional de sua obra e o poder penetrante de seu intelecto como precursor de novas perspectivas artísticas. É verdade que seu tipo de perspectiva pode ter tido antecessores; mas ele foi o primeiro que percebeu suas possibilidades e lhe deu uma forma superior e expressão sistemática. É verdade

também que escritores subsequentes podem ter criado narrativas isoladas mais notáveis que as dele; porém, mais uma vez, temos de perceber que foi ele que lhes ensinou pelo exemplo e preceitos a arte que eles, tendo em mãos o caminho elucidado e um guia explícito, foram talvez capazes de levar mais longe. Quaisquer que fossem suas limitações, Poe fez o que ninguém jamais poderia ter feito; a ele devemos a feição cabal e perfeita da narrativa de terror moderna.

Antes de Poe o montante dos escritores de terror tinha trabalhado amplamente no escuro; sem a compreensão dos fundamentos psicológicos do fascínio exercido pelo terror e, atados, mais ou menos, por uma conformidade a determinadas convenções literárias vazias, como as de um final feliz, virtude recompensada e, em geral, um didatismo moral vago, aceitação de padrões e valores populares, empenho do autor em introduzir suas próprias emoções na narrativa e aderir-se aos partidários das ideias artificiais da maioria. Poe, ao contrário, percebeu a impessoalidade essencial do artista autêntico; sabia que a função da ficção criativa é apenas expressar e interpretar eventos e sensações tais como são, desconsiderando o que representam e o que provam — bons ou maus, atraentes ou repulsivos, entusiasmantes ou deprimentes —, com o autor sempre atuando como cronista ativo e isento, não como um professor, simpatizante ou vendedor de opiniões. Percebia claramente que todos os aspectos da vida e do pensamento são para o artista igualmente pertinentes como matéria para um tema e, inclinado por temperamento à estranheza e ao obscuro, decidiu ser o intérprete daqueles sentimentos vigorosos e ocorrências frequentes que geram dor mais que prazer, decadência mais que desenvolvimento, terror mais que tranquilidade, ocorrências fundamentalmente contrárias e indiferentes à satisfação e aos sentimentos tradicionais extrínsecos da humanidade, à saúde, sanidade mental e ao bem-estar geral da espécie.

Os espectros de Poe adquiriram assim uma malignidade convincente que nenhum de seus predecessores possuía, assim como fundaram um novo molde de realismo nos anais da literatura de horror. Além disso, o plano artístico e impessoal foi favorecido por uma atitude científica poucas vezes encontrada antes; Poe estudou a mente humana mais que os moldes usuais da ficção gótica e trabalhou com um conhecimento analítico das verdadeiras fontes do terror, o que duplicou o vigor de su-

as narrativas e o emancipou de todos os absurdos inerentes à modelagem do terror meramente convencional. Fundado esse modelo, escritores subsequentes foram naturalmente forçados a conformar-se a ele para competirem nas mesmas condições; de modo que uma mudança decisiva começou dessa forma a sacudir a corrente principal da literatura macabra. Poe fundou também uma forma de arte consumada; e, embora nos dias atuais algumas de suas obras nos pareçam um tanto melodramáticas e imperfeitas, podemos constatar invariavelmente sua influência nos referidos aspectos pela uniformidade pontual de uma impressão única e alcance de um único efeito no conto, como também uma rigorosa redução de incidentes, de modo a obter um enredo que conduza a trama a representar direta e proeminentemente o clímax. Efetivamente, pode-se dizer que Poe inventou o conto em sua forma atual. A elevação da perturbação, perversidade e decadência ao nível de temas artisticamente exprimíveis foi, da mesma forma, de alcance infinitamente amplo em efeito; pois avidamente absorvida, patrocinada e exaltada por seu admirador, o eminente Charles Pierre Baudelaire, tornou-se o núcleo dos principais movimentos estéticos na França, fazendo de Poe, em certa medida, o pai dos decadentes e dos simbolistas.

Poeta e crítico por natureza e supremo mérito, lógico e filósofo por gosto e estilo, Poe de maneira nenhuma era isento de defeitos e afetação. Sua aspiração a uma erudição profunda e enigmática, sua incursão precipitada em um pseudo-humor empolado e afetado, suas frequentes explosões cáusticas de virulência crítica devem ser reconsideradas e perdoadas. São de menor significância; acima desses pormenores, está a imagem de um mestre do terror que espreita ao redor e dentro de nós, assim como o verme que se retorce e baba no abismo horrendamente próximo. Descortinando cada horror supurado do arremedo jocosamente colorido a que chamam existência, e do mascaramento solene chamado pensamento e sentimentos humanos, essa percepção alcançou o poder de projetar-se em cristalizações e transmutações de magia negra até vicejar na América estéril dos anos trinta e quarenta essa espécie de jardim com suntuosos cogumelos venenosos nutrido pela lua, de que nem mesmo a inclinação menor de Saturno poderia se vangloriar. Poesia e contos sustentam igualmente a carga de terror cósmico. O corvo cujo bico fétido perfura o coração, os *ghouls* que tocam sinos de ferro em campaná-

rios pestilentos, a cripta mortuária de Ulalume na noite negra de outubro, as torres e cúpulas impactantes sob o mar, “a região selvagem que se descortina sublime, fora do Espaço — fora do tempo” — todas essas coisas e outras mais nos fitam de soslaio em meio a ruídos de guizos loucos no eletrizante pesadelo do poema. E na prosa escancara-se para nós a mandíbula do abismo — anomalias inimagináveis arditamente sugeridas, forjando uma compreensão espantosamente incompleta por meio de palavras que dificilmente nos soariam nocivas, até que a tensão exacerbada da voz cavernosa de quem fala nos impõe o terror de suas implicações inomináveis; configurações demoníacas e presenças que esmorecem deletariamente até que, despertadas por um instante fóbico, caem numa histeria reveladora que explode em gargalhadas de súbita demência ou em ecos cataclísmicos e inesquecíveis. Um Sabá de horror despojado de roupagens decorosas lampeja diante de nós — um panorama dos mais monstruosos pela engenhosidade científica com que cada pormenor é disposto e conduzido a uma evidente relação com o conhecido horror da vida material.

Os contos de Poe, evidentemente, são de natureza variada; alguns retratam a pura essência do horror espiritual mais que outros. Os contos de lógica e raciocínio, precursores das narrativas de detetive modernas, não se incluem definitivamente na literatura de horror; ao passo que outros, possivelmente influenciados de forma considerável por Hoffmann, apresentam uma extravagância que os situa à margem do grotesco. Ainda um terceiro grupo apresenta uma monomania e psicologia anormal, de modo que expressam o terror, mas não o sobrenatural. Um grupo substancial, contudo, representa a literatura de horror sobrenatural em sua forma aguda; e confere ao seu autor um lugar permanente e incontestável como deidade e fonte de toda a moderna ficção diabólica. Quem pode esquecer o terrível navio adernado e suspenso sobre a borda de um vagalhão, em “Manuscrito encontrado em uma garrafa”: a alusão sombria à sua idade profana e origem monstruosa, sua tripulação sinistra de anciões cegos de longas barbas encanecidas, seu avanço veloz a todo pano através do gelo da noite antártica, sugado por alguma corrente demoníaca irresistível na direção de um vórtice de lume sobrenatural que terminará em aniquilamento? O indescritível “O caso do Sr. Valdemar”, mantido intacto por hipnotismo durante sete meses depois de sua

morte, os sons delirantes emitidos apenas um momento antes de romper-se o transe hipnótico e ele se “desfazer em uma massa quase líquida de horrenda, de abominável putrefação”. Em *A narrativa de A. Gordon Pym*, os viajantes alcançam primeiro a estranha região do Polo Sul de selvagens assassinos em que nada é branco, e ravinas rochosas imensas em forma de letras gigantescas egípcias representam terríveis arcanos primevos da Terra; na sequência, a um reino ainda mais misterioso onde tudo é brancura, e onde gigantes amortalhados e pássaros de plumas brancas como neve guardam uma cascata críptica de névoas que descem das alturas celestiais incomensuráveis para um tórrido mar leitoso. O horror em “Metzengerstein” com sua alusão maligna a uma metempsicose monstruosa — o aristocrata louco que incendeia o estábulo do seu inimigo hereditário; o colossal cavalo desconhecido que emerge da casa em chamas depois que seu dono morre nelas; o fragmento desaparecido da tapeçaria ancestral onde aparecia o cavalo gigante do antepassado da vítima nas Cruzadas; o louco a cavalgar incessantemente sobre o enorme cavalo, seu medo e ódio do animal; as profecias enigmáticas que pairam obscuramente sobre as casas rivais; finalmente, o incêndio do palácio e a morte de seu proprietário louco, levado indefeso para as chamas e pelas imensas escadarias, montado no animal que ele cavalga tão misteriosamente. Em seguida, a fumaça que se eleva das ruínas adquire a forma de um cavalo gigante. “O homem da multidão”, narrando sobre alguém que vaga dia e noite para misturar-se à massa de pessoas como se tivesse medo da solidão, apresenta efeitos mais comedidos, mas não por isso encerra menos pavor cósmico. O espírito de Poe nunca se afastou do terror e da dissolução, e presenciamos em cada conto, poema e diálogo filosófico uma aguda avidez de sondar as imperscrutáveis profundidades do desconhecido, penetrar o véu da morte e dominar o reino do imaginário como senhor dos mistérios assombrosos do tempo e do espaço.

Determinados contos de Poe possuem uma perfeição quase absoluta de forma artística que os torna luminares genuínos no gênero contístico. Poe podia, quando desejava, conferir à sua prosa um matiz magnificamente poético, empregando aquele estilo arcaico e orientalizado de frases adornadas, repetições ao estilo bíblico, adágios recorrentes utilizados de forma bem-sucedida por escritores subsequentes como Oscar

Wilde e Lorde Dunsany; nos casos em que ele empregou essa forma, temos como efeito uma fantasia lírica quase narcótica em essência — uma ambiência onírica entorpecente em linguagem onírica, com cada matiz de natureza incomum e imagem grotesca retratados numa sinfonia de sons correspondentes. “A máscara da morte rubra”, “Silêncio — Uma fábula” e “Sombra — Uma parábola” são seguramente poemas em todos os sentidos da palavra, salvo no aspecto métrico, e muito de sua força se deve à cadência sonora emprestada à imagem visual. Mas é em dois de seus contos menos notoriamente poéticos, “Ligeia” e “A queda da casa de Usher”, especialmente neste último, que encontramos o auge artístico que levou Poe a ocupar seu lugar na cabeceira dos miniaturistas ficcionais. Simples e incisivamente diretos na trama, esses dois contos devem sua magia suprema ao desenvolvimento engenhoso que se evidencia na seleção e ordenação de cada incidente mínimo. “Ligeia” fala de uma primeira esposa de origem ilustre e misteriosa, que retorna depois da morte por meio de uma força de vontade sobrenatural para se apossar do corpo de uma segunda esposa, sobrepondo sua aparência física no cadáver temporariamente reanimado de sua vítima no último momento. Apesar de se lhe imputar um pouco de prolixidade e irregularidade, a narrativa alcança seu clímax aterrorizante com força implacável. “Usher”, cuja superioridade em pormenores e proporção é notável, alude de modo arrepiante a uma vida obscura em coisas inorgânicas, apresenta uma tríade de entidades anormalmente envolvidas no declínio de uma longa e isolada história familiar: um irmão, sua irmã gêmea e sua inacreditável casa antiga, todos partilhando uma única alma e encontrando um fim comum no mesmo momento.

Essas concepções bizarras, tão complicadas em mãos inábeis, tornam-se na linguagem de Poe um retrato de terrores convincentes e vívidos a assombrar nossas noites. E, porque o autor entendia tão perfeitamente os mecanismos e a fisiologia própria do medo e do mistério — os pormenores essenciais a destacar, as incongruências precisas e fantasias a selecionar como preliminares ao terror e a ele concomitantes, os incidentes e alusões exigidos a antecipar inocentemente no curso da trama como símbolos ou prefigurações de cada passo significativo na direção do desfecho espantoso que se seguirá, as junções perfeitas das forças cumulativas e da precisão certa na articulação entre as partes que tecem

uma unidade impecável do começo ao fim e efetivo impacto no momento do clímax, as nuances delicadas de valor cênico e panorâmico a selecionar no sentido de criar, sustentar o clima e acentuar a ilusão desejada —, princípios desse naipe e dezenas de outros mais vagos são muito esquivos para um comentador comum descrever ou mesmo entender completamente. Pode ser que haja melodrama e afetação — sabemos de um francês exigente que não conseguia ler Poe a não ser numa tradução de Baudelaire, polida e galicamente modulada —, mas todos esses aspectos ficam completamente apagados por uma percepção inata e potente do espectral, do mórbido e do horrendo que jorrava de cada célula da mente criativa do artista e imprimia em sua obra macabra a marca indelével do gênio perfeito. Os contos de horror de Poe estão *vivos* de um modo tal que poucos podem esperar que o mesmo lhes ocorra.

Como a maioria dos visionários, Poe se distingue mais pelos incidentes e efeitos narrativos amplos que na caracterização de personagens. Seu protagonista típico em geral é um indivíduo de família antiga e condição opulenta, soturno, elegante, orgulhoso, melancólico, intelectual, extremamente sensível, caprichoso, introspectivo, solitário e por vezes um pouco louco; em geral, profundamente versado em disciplinas estranhas, e obscuramente ambiciona penetrar os segredos proibidos do universo. Com exceção dos nomes pomposos, essas personagens em nada se originam dos primeiros romances góticos; pois não são nem o herói insípido nem o vilão diabólico da narrativa radcliffiana ou ludoviciana. Contudo, indiretamente, possuem certo vínculo genealógico, já que suas propriedades melancólicas, ambiciosas e antissociais caracterizam fortemente o típico herói byroniano, que, por sua vez, descende definitivamente dos Manfredos, Montonis e Ambrósios góticos. Atributos mais específicos parecem originar-se da própria psicologia de Poe, que indubitavelmente era acometido de muito da depressão, sensibilidade, aspiração exaltada, solidão e excentricidade exacerbada que ele atribui às suas orgulhosas e solitárias vítimas do Destino.

VIII. A tradição da ficção sobrenatural nos Estados Unidos

O público para o qual Poe escreveu, embora incapaz de apreciar sua arte de modo integral, não era de modo algum desabitado aos terrores que ele retratava. Os Estados Unidos, além de herdar o folclore misterioso europeu, tinham um acervo adicional de coletâneas sobrenaturais de que podia lançar mão. Portanto, as lendas espectrais já tinham sido reconhecidas como um tema literário fértil. Charles Brockden Brown alcançara fama extraordinária com seus romances radcliffianos, e o tratamento mais leve de temas sinistros levado a cabo por Washington Irving tornara-se rapidamente clássico. Esse acervo adicional originou-se, como salientou Paul Elmer More, dos interesses espirituais e teológicos acentuados dos primeiros colonos, somados ao caráter estranho e impenetrável da paisagem na qual eles tinham sido lançados. As florestas virgens vastas e sombrias em cuja penumbra permanente todos os terrores podiam estar à espreita; as hordas de índios de pele acobreada cujas feições estranhas, soturnas e costumes violentos lembravam fortemente traços de origem infernal; a liberdade concedida sob a influência da teocracia puritana a todo tipo de preceito referente à relação do homem com o inflexível e vingativo Deus dos calvinistas, e o Adversário sulfuroso daquele Deus, a respeito do qual se invectivava nos púlpitos todos os domingos; a introspecção mórbida desenvolvida por uma vida em terras remotas, privada das distrações normais e animações recreativas, atormentada por exigências de introspecção teológica, confinada pela repressão emocional forçada e, sobretudo, moldada pela luta austera por sobrevivência — tudo isso conspirava para criar um ambiente em que os sussurros agourentos das vovós mais sinistras eram ouvidos além da lareira doméstica e em que contos de bruxaria e monstrosidades secretas inacreditáveis se prolongassem por muito tempo depois dos dias aterrorizantes do pesadelo de Salem.

Poe representa o mais novo, mais desiludido e tecnicamente mais completo das escolas de ficção sobrenatural que emergiu desse ambiente propício. Outra escola — a tradição de valores morais, restrição moderada e imaginação, em maior ou menor grau, arrastadamente matizada com tons extravagantes — representada por outra personalidade famosa, solitária e incompreendida na literatura americana: o tímido e sensível Nathaniel Hawthorne, filho da velha Salem e bisneto de um dos mais sanguinários e velhos sentenciadores de bruxas. Em Hawthorne

não presenciamos em nenhum aspecto a violência, a audácia, o colorido marcante, o sentido dramático intenso, a malignidade cósmica, a arte integral e impessoal de Poe. Aqui, em vez disso, temos uma alma branda refreada pelo puritanismo da Nova Inglaterra primitiva: soturna, circunspecta e angustiada diante de um universo amoral que em toda parte transcende os modelos convencionais concebidos por nossos antepassados para representar a lei divina e imutável. O mal, uma força real para Hawthorne, manifesta-se em toda parte como um inimigo insidioso e vencedor; o mundo visível torna-se em sua imaginação um teatro de tragédia e aflição sem fim, sob influências invisíveis que pairam sobre ele e o penetram, lutando pela supremacia e moldando os destinos dos infelizes mortais que constituem seus habitantes presunçosos e iludidos. A herança da ficção sobrenatural americana foi sua em grau máximo, e ele via uma vastidão lúgubre de espectros indefinidos atrás dos fenômenos comuns da vida; mas não era desprendido suficientemente para valorizar as impressões, sensações e beleza da narrativa em si mesma. Necessitou embalar sua imaginação com uma tessitura serenamente melancólica de viés didático e alegórico, em que seu cinismo submissamente resignado podia apresentar, mediante uma avaliação moral ingênua, a perfídia do ser humano que ele não podia deixar de apreciar e lamentar, a despeito da consciência de sua hipocrisia. O terror sobrenatural, assim, não é nunca o tema principal em Hawthorne, embora seus impulsos estejam implantados tão profundamente em sua personalidade que ele não pode deixar de aludir-se a eles com a força do gênio ao invocar o mundo irreal para ilustrar o reflexivo sermão que deseja pregar.

As alusões ao sobrenatural, em Hawthorne, sempre brandas, evasivas e refreadas, podem ser rastreadas em toda a sua obra. O estado de ânimo em que ele as criou encontrou uma aprazível expressão nos recantos alemães de mitos clássicos para crianças contidos em *Wonder Book* e *Tanglewood Tales* e noutras ocasiões se exercitou em imprimir certa estranheza e bruxaria ou malevolência intangíveis sobre eventos que não pretendiam ser verdadeiramente sobrenaturais, como o romance macabro póstumo *Dr. Grimshawe's Secret*, que envolve um tipo peculiar de aversão a uma casa que existe até os dias de hoje em Salem, vizinha ao antigo cemitério da rua Charter. Em *O fauno de mármore*, cujo enredo se passa em uma mansão italiana considerada assombrada, um pano de

fundo tremendo de imaginação genuína e mistérios que pulsam para além da percepção comum do leitor; pinceladas de sangue lendário em veias mortais são aludidas no curso da narrativa, que não deixa de ser interessante apesar da persistente incubação de alegorias morais, propaganda anticatólica e pudor puritano que motivaram D. H. Lawrence a externar um desejo de tratar o autor de modo extremamente indigno. *Septimius Felton*, um romance póstumo cuja ideia era para ter sido aperfeiçoada e incorporada ao inacabado *Dolliver Romance*, que se referia ao Elixir da Longa Vida em uma forma mais ou menos competente; ao passo que as anotações para um conto nunca escrito a ser intitulado “The Ancestral Footstep” mostrava o que Hawthorne poderia ter feito com um tratamento intensivo de uma antiga superstição inglesa — a de uma antiga e amaldiçoada linhagem cujos membros deixavam rastros de sangue ao caminhar — que aparece incidentalmente em *Septimius Felton* e em *Dr. Grimshawe’s Secret*.

Muitos dos contos de Hawthorne apresentam o sobrenatural, tanto na atmosfera quanto no incidental, em grau notável. “Edward Randolph’s Portrait”, em *Legends of the Province House*, apresenta seus momentos diabólicos. “The Minister’s Black Veil”, baseado num episódio real, e “The Ambitious Guest” encerram muito mais do que exprimem, ao passo que “Ethan Brand” — fragmento de um trabalho mais longo nunca concluído — alcança alturas genuínas de medo cósmico com sua vinheta de colinas selvagens, desolados fornos de cal acesos e seu delineamento do imperdoável pecador byroniano, cuja vida turbulenta termina com o ribombar de uma gargalhada horrenda na noite quando ele procura repouso entre as chamas da fornalha. Algumas das anotações de Hawthorne falam de contos sobrenaturais que ele teria escrito se tivesse vivido mais tempo — uma trama especialmente vívida que se refere a um desconcertante desconhecido que aparece ocasionalmente em assembleias públicas e que por fim é seguido e se constata que é um túmulo muito antigo o lugar de onde vem e para onde vai.

Mas, como unidade artística acabada entre todo o material sobrenatural do nosso autor, a obra mais notável é o famoso e primorosamente elaborado romance *A casa das sete torres*, em que o inexorável cumprimento de uma maldição ancestral é desenvolvido com surpreendente força contra o pano de fundo sinistro de uma casa muito antiga de Sa-

lem — uma daquelas com o traçado gótico típico que modelou as primeiras edificações habituais das cidades litorâneas da Nova Inglaterra e deu lugar aos estilos mais familiares de telhado com água-furtada ou georgiano clássico depois do século XVII, atualmente identificados como estilo “colonial”. Dessas velhas casas góticas, apenas uma dúzia pode ser vista hoje em sua feição original em todos os Estados Unidos, mas uma delas, bem conhecida de Hawthorne, ainda existe na rua Turner, em Salem, e é considerada, com questionável autoridade, o ambiente e inspiração do romance. Uma casa como essa, com seus vértices espectrais, cheia de chaminés, segundo piso proeminente, mísulas grotescas e suas janelas com gelosias losangulares, é efetivamente um quadro muito engenhoso para despertar ideias sombrias, caracterizando o perfil da tenebrosa época puritana de horror encoberto e rumores de bruxaria que antecedeu a beleza, racionalidade e abertura do século XVIII. Hawthorne viu muitas delas em sua juventude e conhecia histórias tenebrosas relacionadas a algumas. Ouviu também muitos rumores de uma maldição lançada sobre a própria família como resultado da severidade do seu bisavô como sentenciador de bruxas em 1692.

Desse ambiente originou-se a narrativa imortal — a maior contribuição da Nova Inglaterra à literatura sobrenatural — e podemos perceber de imediato a autenticidade da atmosfera. Horror misterioso e morbidez espreitam do interior das paredes enegrecidas, cobertas de musgo e sombreadas por olmos da morada antiga tão nitidamente retratada, e nós penetramos na soturna malignidade do lugar quando lemos que o seu construtor — o velho coronel Pyncheon — roubou a terra com atroz impiedade de seu proprietário original, Matthew Maule, a quem ele condenou à forca como feiticeiro no ano do terror. Maule morreu amaldiçoando o velho Pyncheon — “Deus lhe dará sangue para beber” — e as águas do velho poço na terra roubada tornam-se amargas. O filho de Maule, carpinteiro, concorda em construir a grande casa para o vitorioso inimigo triunfante do seu pai, mas o velho coronel morre estranhamente no dia da solenidade de inauguração. Sucedem-se as gerações com suas vicissitudes malfadadas, cercadas de mexericos bizarros sobre os poderes malignos dos Maules, e de mortes terríveis e incomuns que periodicamente sobrevêm aos Pyncheons.

A malevolência sufocante da velha casa — quase tão vívida quanto a casa de Usher, de Poe, embora de maneira mais sutil — permeia a narrativa como um tema recorrente permeia uma tragédia lírica; e, quando avança para a peripécia principal, notamos os Pyncheons modernos numa lastimável condição de decadência. A pobre velha Hepzibah, excêntrica dama degradada; o infantil e desventurado Clifford, recém-libertado de uma prisão injusta; o ardiloso e traiçoeiro juiz Pyncheon, que é inteiramente o velho coronel renovado — todas essas personagens são símbolos espantosos e semelhantes à vegetação raquítica e às galinhas anêmicas do quintal. É de se lastimar que o desfecho avance para um final feliz, mediante a união da vivaz Phoebe, prima e última descendente dos Pyncheons, com o atraente jovem que se revela o último dos Maules. Presumivelmente, essa união põe fim à maldição. Hawthorne evita toda violência de linguagem ou de movimentação e mantém seus requisitos de terror satisfatoriamente em segundo plano; mas ocasionais relampejos ajudam plenamente a sustentar a atmosfera e resgatar a obra de uma pura aridez alegórica. Incidentes como o encantamento de Alice Pyncheon no início do século XVIII e a música espectral da sua espinetta^[2] que antecede uma morte na família — esta uma variante de um tipo imemorial de mito ariano — vinculam a ação diretamente ao sobrenatural; ao passo que o velório noturno do velho juiz Pyncheon na antiga sala de estar, com o tique-taque assustador do relógio, é de um horror completo do tipo mais pungente e genuíno. O modo como a morte do juiz é prenunciada pelos movimentos e chios de um estranho gato do lado de fora da janela, bem antes que o leitor ou qualquer um dos personagens suspeite do fato, é um achado de gênio que Poe não teria suplantado. Posteriormente o estranho gato vigia atentamente do lado de fora da mesma janela durante a noite e no dia seguinte, como a perceber... algo. O animal é claramente o psicopompo do mito primitivo ajustado e adaptado com monumental habilidade para o ambiente contemporâneo.

Mas Hawthorne não deixou uma posteridade literária bem definida. Sua atmosfera e atitude pertencem a uma época que se encerra com ele; é o espírito de Poe — que entendeu de maneira clara e realista o fundamento natural da atração pelo terror e os corretos mecanismos para efetivá-lo — que sobreviveu e floresceu. Entre os primeiros discípulos de Poe pode-se considerar o jovem e brilhante irlandês Fitz-James O'Brien

(1828–1862), que se naturalizou americano e morreu honrosamente na Guerra Civil. Foi ele que nos deu “What Was it?”, o primeiro conto bem elaborado de um ser tangível, mas invisível, e o protótipo de “O horla”, de Maupassant; também foi ele que criou o inimitável “A lente de diamante”, no qual um jovem microscopista se apaixona por uma jovem de um mundo infinitesimal que ele descobriu em uma gota de água. O’Brien morreu cedo, privando-nos indubitavelmente de muitos contos magistrais de terror e estranheza, embora seu gênio não fosse, propriamente falando, da mesma qualidade titânica que caracterizou Poe e Hawthorne.

Mais próximo da real grandeza estava o excêntrico e saturnino jornalista Ambrose Bierce, nascido em 1842, que serviu igualmente na Guerra Civil, mas sobreviveu para escrever alguns contos imortais e desaparecer em 1913 em uma nuvem de mistério tão grande como a que ele sempre evocou em sua imaginação tenebrosa. Bierce era um satírico e panfletista reputado, mas a magnitude de sua reputação artística se deve em maior medida a seus contos bárbaros e sombrios; um grande número deles trata da Guerra Civil e representa a expressão mais vívida e realista que aquele conflito já recebeu na ficção. Virtualmente todos os contos de Bierce são narrativas de horror; e, embora muitos deles tratem apenas dos horrores psicológicos e físicos inerentes à Natureza, uma proporção substancial comporta o sobrenatural de feição maligna e compõe uma parcela norteadora no conjunto da literatura fantástica norte-americana. O sr. Samuel Loveman, um poeta e crítico ativo que conhecia pessoalmente Bierce, resume assim o gênio do grande criador sobrenatural no prefácio de suas cartas:

Em Bierce, a evocação do horror assume pela primeira vez, não tanto o preceito ou a perversão de Poe e Maupassant, mas uma atmosfera definida e sinistramente precisa. As palavras, tão simples que nos poderiam predispor a atribuí-las às limitações de um literato medíocre, assumem um terror malévolo, uma transfiguração nova e insuspeitável. Em Poe presenciamos um *tour de force*, em Maupassant a engrenagem nervosa do clímax torturante. Para Bierce, de maneira simples e franca, o diabolismo reunia em sua profundidade supliciante expedientes legítimos e determinantes até o

fecho. Mas, em todos os casos, uma conformação implícita com a Natureza apresenta-se de modo persistente.

Em “The Death of Halpin Frayser”, flores, plantas, galhos e folhas de árvores estão dispostos como folhetas contrastantes com a malignidade sobrenatural. Não o mundo dourado habitual, mas um mundo permeado do mistério e da tenacidade ofegante dos sonhos. Todavia, curiosamente, a desumanidade não está em geral ausente.

A “desumanidade” mencionada por Loveman encontra expansão num estilo invulgar de comédia sarcástica e humor negro, e numa espécie de prazer com imagens de crueldade e frustração tantálica. O primeiro traço fica bem patente em alguns dos subtítulos das suas narrativas mais macabras, por exemplo, em “One does not always eat what is on the table” [Nem sempre se come o que está na mesa], na qual se descreve um cadáver vestido para um inquérito policial, e em “A man though naked may be in rags” [Mesmo despido um homem pode estar em farrapos], que apresenta um morto terrivelmente mutilado.

A obra de Bierce é em geral um tanto desigual. Muitas de suas histórias são manifestamente mecânicas e frustrantes em razão de um estilo polido e banalmente artificial, originado de modelos jornalísticos; mas a repugnante malevolência subjacente em todas elas é indiscutível, e várias se distinguem como obra de valor permanente na literatura de horror americana. “The Death of Halpin Frayser”, considerada por Frederic Taber Cooper a narrativa de horror mais diabólica da literatura anglo-saxônica, fala de um corpo sem alma que se oculta à noite numa floresta horrenda e horrivelmente tingida de sangue, e de um homem assaltado por memórias ancestrais que encontra a morte nas garras daquela que fora a sua mãe fervorosamente amada. “The Damned Thing”, que comparece frequentemente em antologias populares, narra as horrendas devastações de uma entidade invisível que anda bamboleante e patinhante nas colinas, morros e nos campos de trigo noite e dia. “The Suitable Surroundings” evoca com singular sutileza, mas com simplicidade aparente, o penetrante sentido de terror que pode residir na palavra escrita. Na história, um escritor de histórias sobrenaturais, Colston, diz ao seu amigo Marsh: “Você é suficientemente corajoso para ler-me em um bonde, mas, em uma casa deserta, sozinho, na floresta, à noite! Ah! Eu te-

nho um manuscrito em meu bolso que mataria você!”. Marsh lê o manuscrito no “ambiente adequado” — e o manuscrito o mata. “The Middle Toe of the Right Foot” é fracamente desenvolvido, mas contém um clímax poderoso. Um homem chamado Manton mata de modo horrível seus dois filhos e a esposa, a esta última falta o dedo médio do pé direito. Dez anos depois ele retorna muito transformado para os arredores; e, reconhecido secretamente, é desafiado a um duelo no escuro com um facão de caça, a ser realizado na casa onde cometeu o crime, então abandonada. Ao chegar o momento do duelo uma armadilha é preparada para ele; ele é deixado só, sem um antagonista, trancado em um quarto escuro da casa, considerada assombrada, cheia de poeira de uma década em toda parte. Nenhuma faca é sacada contra ele, apenas se pretende causar um pânico generalizado; mas no dia seguinte ele é encontrado agachado em um canto com o rosto deformado, morto por um medo absoluto daquilo que ele presenciou. A única pista palpável para os investigadores tem uma terrível implicação: “no pó acumulado durante anos sobre o piso — desde a porta por onde eles entraram, que leva diretamente ao quarto até a área onde o cadáver curvado de Manton está — havia rastros em três linhas paralelas — leves, mas definidos, de pés descalços: os externos eram de crianças pequenas, os de dentro eram de mulher. Desse ponto onde desapareciam as marcas não havia retorno; identificaram apenas uma marca”. Naturalmente, os rastros da mulher indicavam a falta do dedo médio do pé direito. “The Spook House”, narrada mediante traços de verossimilhança jornalística severamente familiar, apresenta alusões terríveis a um mistério impactante. Em 1858 todos os componentes de uma família de sete pessoas desapareceram repentinamente e de forma inexplicável de uma casa rural no leste de Kentucky, deixando todas as suas posses intocadas: móveis, roupas, mantimentos, cavalos, gado e escravos. Cerca de um ano depois dois homens de alta posição foram forçados diante de uma tempestade a abrigarem-se na casa desabitada; ao fazê-lo, depararam com um aposento subterrâneo estranho, iluminado por uma inexplicável luz esverdeada e uma porta de ferro que não podia ser aberta pelo lado de dentro. Nesse aposento estavam os corpos em decomposição de toda a família desaparecida; quando um deles avança para abraçar um corpo que ele julga conhecer, o outro é afetado de tal modo por um fedor estranho que ele tranca accidentalmen-

te seu companheiro na cripta e perde a consciência. Recobrando os sentidos seis semanas depois, o sobrevivente foi incapaz de encontrar o aposento oculto; a casa incendeia-se durante a Guerra Civil. O homem aprisionado nunca mais foi visto nem se ouviu falar dele novamente.

Bierce raramente concretiza as potencialidades atmosféricas de seus temas tão vividamente quanto Poe, e muitas de suas obras contêm algum traço de ingenuidade, rugosidade prosaica ou provincianismo da América primitiva que contrastam em certo grau com as realizações dos mestres do horror posteriores. Todavia, a autenticidade e engenhosidade de suas insinuações ao sombrio são sempre indiscutíveis, de modo que sua grandeza não corre o risco de eclipsar-se. Depois de reunidas definitivamente suas obras, os contos fantásticos de Bierce ocupam principalmente dois volumes, *Can Such Things Be?* e *In the Midst of Life*. O primeiro deles é, por certo, quase inteiramente concedido ao sobrenatural.

Grande parte das melhores obras de horror americanas veio de escritores não essencialmente devotados ao meio literário. O histórico *Elsie Venner*, de Oliver Wendell Holmes, sugere com admirável contenção um componente ofídico não natural em uma jovem por influência pré-natal e sustenta a atmosfera com traços ambientais perfeitamente delineados. Em *A volta do parafuso*, Henry James triunfa sobre sua inevitável pompa e prolixidade suficientemente bem para criar de fato um clima forte de ameaça sinistra, descrevendo a influência horrenda de dois criados malignos e letais, Peter Quint e a governanta srta. Jessel, sobre um menino e uma menina que estavam aos seus cuidados. James talvez seja muito difuso, muito melifluamente afável e muito afeiçoado a sutilezas de linguagem para efetivar completamente todo o horror devastador e cruel de suas situações decisivas; mas, apesar de tudo, há uma torrente rara e intensa de horror que culmina com a morte do menino e que concede à narrativa um lugar permanente em seu gênero específico.

F. Marion Crawford produziu muitos contos de horror com nível variado de qualidade, atualmente reunidos em um volume intitulado *Wandering Ghosts*. “For the Blood is the Life” trata vigorosamente de um caso de vampirismo por maldição lunar próximo de uma torre antiga sobre os rochedos desertos da costa marítima ao Sul da Itália. “The Dead Smile” trata dos horrores de uma família em uma casa velha e em uma cripta ancestral na Irlanda, e introduz a *banshee*^[3] com força consi-

derável. “The Upper Berth”, contudo, é a obra-prima de mistério de Crawford e uma das histórias mais tremendas de horror de toda a literatura. Nesse conto, em que um camarote de navio é assombrado por um suicida, tem lugar episódios encaminhados com incomparável maestria, como a espectral aquosidade marinha, a estranha portinhola aberta e o pesadelo da luta com objetos inomináveis.

Muito genuíno, embora não estejam ausentes o maneirismo e a extravagância típicos da década de 1890, é a tensão do horror na primeira obra de Robert W. Chambers, desde então reconhecido pelas realizações de alto nível muito diferenciadas. *O rei de amarelo*, uma série de contos vagamente relacionados entre si, apresentando como pano de fundo um livro monstruoso e proibido que traz pavor, loucura e tragédia espectral ao seu leitor, alcança efetivamente picos notáveis de medo cósmico, apesar de uma ação desigual e do cultivo um tanto afetado e trivial da atmosfera de um estúdio gaélico popularizado por Du Maurier. O mais incisivo de seus contos talvez seja “O símbolo amarelo”, no qual se introduz um vigilante de cemitério silencioso e terrível com um rosto parecido a um verme balofo de sepultura. Um menino, ao descrever uma briga que tinha travado com essa criatura, fica enojado e treme quando relata um detalhe específico. “Sim, senhor, por Deus, quando dei nele, ele me agarrou nos pulsos, senhor, e quando eu agarrei sua mão, era tão mole que um dos dedos saiu na minha”. Um artista, que depois de tê-lo visto narra a outro um sonho estranho sobre um funeral noturno, treme ao ouvir a voz do vigilante quando este o aborda. O sujeito emite um som murmurante que penetra na cabeça como a fumaça espessa e gordurosa de um barril cheio de gordura ou um odor fétido de putrefação. Ele apenas resmunga: “Você encontrou o Emblema Amarelo?”.

Um talismã de ônix com hieróglifos sobrenaturais, achado na rua pelo ouvinte de seu sonho, é logo dado ao artista; e depois que se depara, de modo estranho, com o infernal e proibido livro de horrores, ambos descobrem, entre outros horrores que nenhum mortal sensato deveria conhecer, que o talismã é na verdade o inominável Emblema Amarelo, transmitido pelo culto maldito de Hastur — procedente da Carcosa primitiva, sobre a qual o livro trata, e de certa memória de pesadelo que parece espreitar latente e ominoso no reverso de todas as mentes humanas. Logo eles ouvem o ribombar do carro funerário emplumado de ne-

gro conduzido pelo vigia de rosto cadavérico e balofo. Ele entra na casa sob densa noite em busca do Emblema Amarelo, todos os ferrolhos e trancas apodrecem com o toque. Quando as pessoas invadem a casa, atraídas por um grito que nenhuma garganta humana poderia pronunciar, encontram três figuras no chão; duas estão morta, e moribunda a outra. Uma das figuras mortas está em estado avançado de decomposição. É o vigilante do cemitério, e o médico exclama: “Aquele homem deve ter morrido há meses”. Importa notar que o autor derivou dos contos de Ambrose Bierce muitos dos nomes e alusões associados a essa terra antiga de memória primal. Outras obras iniciais do sr. Chambers que apresentam o elemento bizarro e macabro são *The Maker of Moons* e *Search of the Unknown*. É de se lastimar que ele não tenha levado mais longe um talento que poderia facilmente torná-lo um mestre reconhecido.

Matéria de horror com autêntico vigor pode se encontrar na obra da realista Mary E. Wilkins, da Nova Inglaterra, cujo volume de contos, *The Wind in the Rose-Bush*, contém várias peças notáveis. Em “The Shadows on the Wall”, ela apresenta com talento consumado a reação de uma família pacata da Nova Inglaterra a uma tragédia assombrosa; e a sombra impalpável de um irmão envenenado nos prepara apropriadamente para o momento culminante em que a sombra do assassino misterioso, que se matou em uma cidade vizinha, repentinamente aparece ao lado daquela. Charlotte Perkins Gilman, em “The Yellow Wall Paper”, eleva-se a um nível clássico ao retratar sutilmente a loucura que arrebatou uma mulher que habita um quarto horrendamente forrado com papel onde uma louca fora confinada.

Em “The Dead Valley”, o eminente arquiteto e medievalista Ralph Adams Cram alcança um nível memoravelmente potente de horror regional vago por meio de sutilezas de atmosfera e descrição.

Levando ainda mais longe nossa tradição espectral, temos o versátil e talentoso humorista Irvin S. Cobb, cuja obra tanto inicial quanto recente contém algumas amostras admiráveis de horror. “Fishhead”, um de seus primeiros trabalhos, é tremendamente eficaz na descrição das relações anormais entre um idiota mestiço e o estranho peixe de um lago isolado, que no fim vinga o assassinato de seu parente bípede. Os últimos trabalhos do sr. Cobb introduzem um elemento de possível ciência,

como no conto de memória hereditária em que um descendente de origem negroide, atropelado por um trem sob circunstâncias visuais e auditivas, pronuncia palavras de uma língua selvagem africana evocando a mutilação de seu antepassado negro por um rinoceronte um século antes.

Extremamente soberbo em estatura artística é o romance *The Dark Chamber*, de 1927, do falecido Leonard Cline. Trata-se da narrativa de um homem que — com a ambição característica do herói-vilão gótico ou byroniano — procura desafiar a Natureza e recobrar cada momento de sua vida passada pelo estímulo incomum da memória. Para esse objetivo, ele usa anotações intermináveis, registros, objetos mnemônicos e retratos — e finalmente odores, música e drogas exóticas. Por fim, sua ambição vai além de sua vida pessoal e move-se na direção dos negros abismos da memória *hereditária* — mesmo aos dias pré-humanos entre os pântanos enevoados da época carbonífera, e às profundezas ainda mais inimagináveis do tempo e existência primordiais. Ele evoca as músicas mais loucas e toma drogas mais fortes, e finalmente seu grande cão desenvolve um medo ímpar dele. Um fedor insalubre de animal o cerca e ele adquire uma feição vazia e subumana. No fim, ele envereda pelas florestas, uivando na noite debaixo das janelas. É encontrado finalmente em um matagal seu cadáver dilacerado. Ao lado dele está o cadáver mutilado de seu cão. Mataram-se um ao outro. A atmosfera desse romance é malevolamente vigorosa, apresentando um tratamento cuidadoso do ambiente doméstico sinistro da figura central.

Menos sutil e bem equilibrado, mas, apesar disso, uma criação sumamente eficaz, é o romance de Herbert S. Gorman, *The Place Called Dagon*, que relata a história sombria de Massachusetts no afastado oeste onde os descendentes de refugiados da bruxaria de Salem ainda mantêm vivos os horrores mórbidos e degenerados do Sabá Negro.

Sinister House, de Leland Hall, apresenta traços de magnífica atmosfera, mas peca por um romantismo algo medíocre.

Muito notáveis em sua peculiaridade são algumas das concepções de horror do romancista e contista Edward Lucas White, em que muitos dos seus temas originam-se de sonhos reais. “The Song of the Sirens” apresenta uma estranheza pungente, ao passo que outras peças, como “Lukundoo” e “The Snout”, despertam temores mais sombrios. O sr.

White empresta uma qualidade muito peculiar a seus contos — um estilo oblíquo de encantamento que traz sua marca distintiva própria.

Dos americanos mais jovens, ninguém atinge a marca de terror cósmico tão bem quanto o poeta, artista plástico e ficcionista californiano Clark Ashton Smith, cujos escritos bizarros, pinturas e narrativas são um deleite para alguns poucos sensíveis. O sr. Smith tem como seu pano de fundo um universo de terror remoto e paralisante — selvas de flores iridescentes e venenosas nas luas de Saturno, templos grotescos e malignos em Atlântida, Lemúria e mundos esquecidos mais antigos, pântanos abafadiços cheios de cogumelos mortais em regiões espectrais além dos limites da Terra. Seu poema mais longo e ambicioso, *The Hashish-Eater*, composto em versos pentâmetros brancos, descerra um panorama inacreditável e caótico de pesadelos caleidoscópicos no espaço cósmico entre as estrelas. Com uma estranheza demoníaca completa e fertilidade de concepção, talvez o sr. Smith seja insuperável por qualquer outro escritor vivo ou morto. Quem mais presenciou as visões deslumbrantes, luxuriantes e febrilmente distorcidas das esferas infinitas e as múltiplas dimensões e viveu para contá-las? Seus contos tratam de modo vigoroso de outras galáxias, mundos e dimensões, assim como de estranhas regiões e eras da Terra. Ele fala de Hiperbóreos primitivos e seu deus amorfo Tsathoggua; do continente perdido Zothique e da fabulosa terra de Averougne assolada por vampiros na França medieval. Alguns dos melhores trabalhos do sr. Smith podem ser encontrados no volume intitulado *The Double Shadow e Other Fantasies*, de 1933.

IX. A tradição do sobrenatural nas Ilhas Britânicas

A literatura britânica recente, além de incluir três ou quatro de nossos maiores fantasistas contemporâneos, tem sido gratificamente fértil no gênero sobrenatural. Rudyard Kipling ocupa-se do gênero com frequência; a despeito de seu onipresente maneirismo, ele o domina com indubitável maestria em contos como “The Phantom Rickshaw”, “The Finest Story in the World”, “The Recrudescence of Imray” e “The Mark of the Beast”. Este último é de uma pungência singular: as descrições sobre o sacerdote leproso nu que mia como uma lontra, as manchas

que aparecem no peito do homem que o sacerdote amaldiçoou, o crescente carnivorismo da vítima, o medo que os cavalos começam a ter dele e, finalmente, a transformação parcial da vítima em leopardo são imagens que o leitor provavelmente nunca esquecerá. A derrota final do encantamento maligno não diminui a força do conto nem a validade de seu mistério.

Lafcadio Hearn, estranho, errante e exótico, afasta-se ainda mais do reino do real; e com a suprema perícia do poeta sensível cria um imaginário impossível para um autor de sólido cunho cotidiano. Seu *Fantastics*, escrito nos Estados Unidos, contém algumas das imagens funestas mais impressionantes de toda a literatura; o seu *Kwaidan*, escrito no Japão, cristaliza com incomparável perícia e sutileza a tradição sobrenatural e as lendas sussurradas daquela cultura ricamente variada. A magia encantadora da linguagem de Hearn se evidencia ainda mais em algumas de suas traduções do francês, especialmente de Gautier e Flaubert. Sua versão de *Temptation of St. Anthony*, de Flaubert, é um clássico de imaginação exuberante e exaltada revestida de uma linguagem melodiosa e mágica.

A Oscar Wilde, da mesma forma, deve-se conceder um lugar entre os escritores de linhagem sobrenatural, tanto por alguns de seus excelentes contos de fada como também por seu fulgurante *O retrato de Dorian Grey*, em que um retrato maravilhoso toma para si o encargo do envelhecimento e degenerescência no lugar de seu original, que então mergulha em todo excesso de vícios e crime sem perder sua aparência de juventude, beleza e frescor. Ocorre um repentino e vigoroso clímax quando Dorian Grey, ao tornar-se por fim um assassino, procura destruir a pintura cujas mudanças testemunham sua degradação moral. Ele a golpeia com uma faca, ouve-se um grito horrendo e o estampido de uma queda; mas quando os criados entram encontram o retrato em sua primitiva beleza. “Deitado no chão havia um homem morto em trajes de gala com uma faca cravada no coração. Trazia a feição ressequida, o semblante encarquilhado e repulsivo. Só identificaram o morto depois que examinaram o anel.”

Matthew Phipps Shiel, autor de muitos romances e contos aventurosos, grotescos e sobrenaturais, alcança ocasionalmente um alto nível de horror mágico. “Xélucha” é um fragmento tremendamente horren-

do, mas é superado pela indubitável obra-prima do sr. Shiel “The House of Sounds”, obra floreada escrita na década “dourada dos noventa” e remodelada com mais comedimento artístico no início do século XX. Essa narrativa, em sua forma final, merece um lugar entre as mais notáveis peças do gênero. Fala de um horror e ameaça arrepiantes que se estendem por séculos na ilha subártica ao longo da costa da Noruega, onde, em meio a rajadas de ventos demoníacos, estrondos incessantes de ondas infernais e aguaceiros, um morto vingativo ergue uma fortaleza de terror construída em bronze. Assemelha-se vagamente, mas de modo infinitamente desigual, a “A queda da casa de Usher”, de Poe. No romance *The Purple Cloud*, o sr. Shiel descreve com vigor extraordinário uma praga vinda do Ártico para destruir a humanidade; durante algum tempo parece ter deixado em nosso planeta apenas um habitante. As sensações desse sobrevivente solitário, quando ele vagueia pelas cidades do mundo entre a profusão de cadáveres e copiosos tesouros e percebe sua condição de absoluto senhor de tudo, são descritas com tanta habilidade e arte que pouco falta à obra para alcançar uma magnificência efetiva. Infelizmente a segunda metade da obra, com seus elementos românticos convencionais, converte-se em uma incisiva “frustração”.

Mais conhecido que Shiel é o engenhoso Bram Stoker, que criou muitas concepções espantosamente horrendas numa série de romances cuja pobreza técnica enfraquece lamentavelmente sua teia de efeitos. O *covil do verme branco* trata de uma gigantesca entidade primitiva que espreita de uma cripta sob um castelo antigo, uma ideia magnífica completamente arruinada por desenvolvimento perto do infantil. *The Jewel of Seven Stars*, que trata de uma estranha ressurreição egípcia, obtém uma escrita menos incipiente. Mas, de todas, a melhor obra é o famoso *Drácula*, que se tornou na atualidade quase um modelo na utilização do pavoroso mito do vampiro. O conde Drácula, um vampiro, reside num horrendo castelo nos Cárpatos, mas posteriormente emigra para a Inglaterra com o desígnio de povoar o país de vampiros iguais a ele. As desventuras de um cidadão inglês na fortaleza de terrores de Drácula e a forma como o plano de dominar a diabólica criatura finalmente fracassa são elementos que se enlaçam para criar uma narrativa à qual hoje assinalam merecidamente um lugar permanente na literatura inglesa. *Drácula* inspirou muitos romances similares de horror sobrenatural, entre os

quais os melhores são *The Beetle*, de Richard Marsh, *Brood of the Witch-Queen*, de “Sax Rohmer” (Arthur Sarsfield Ward), e *The Door of the Unreal*, de Gerald Biss. Este último maneja com muita habilidade a superstição modelar do lobisomem. Muito mais sutil e muito mais artístico, narrado com engenhosidade singular ao longo das narrativas justaposta dos diversos personagens, é o romance *Cold Harbour*, de Francis Brett Young, no qual uma casa antiga com estranha malignidade é retratada vigorosamente. O zombeteiro e maligno quase onipotente Humphrey Furnival traz ecos de Manfred-Montoni do precoce “vilão” gótico, mas livra-se da trivialidade com muitas originalidades engenhosas. Apenas uma ligeira prolixidade explicativa no desfecho e o uso da adivinhação como elemento do enredo, em certa medida muito livre, privam essa narrativa de aproximar-se da perfeição absoluta.

No romance *Witch Wood*, John Buchan descreve com vigor extraordinário a sobrevivência do demoníaco Sabá numa região isolada da Escócia. A descrição da floresta sombria com a pedra maligna e dos terríveis prenúncios cósmicos quando o horror é por fim exterminado recompensam o andamento extremamente lento do enredo e a superabundância de linguagem dialetal escocesa. Alguns dos contos de Buchan são também extremamente vívidos em suas sugestões espectrais; “The Green Wildebeest”, um conto de bruxaria africana, “The Wind in the Portico”, em seu ressurgimento dos horrores britânico-romanos adormecidos, e “Skule Skerry”, com traços de horror subártico, são particularmente notáveis.

Clemence Housman, na novela “The Were-wolf”, obtém um alto nível de tensão macabra e alcança em certa medida uma atmosfera de autêntico folclore. Em *The Elixir of Life*, Arthur Ransome alcança alguns efeitos apavorantes, apesar da simplicidade genérica do enredo, ao passo que *The Shadowy Thing*, de H. B. Drake, estimula visões estranhas e terríveis. *Lillith*, de George Macdonald, traz uma bizarria arrebatadora própria; a primeira e mais simples das duas versões talvez seja a mais vigorosa.

Digno de grande atenção como artífice vigoroso, para quem um mundo místico invisível é sempre uma realidade próxima e vital, é o poeta Walter de la Mare, cuja poesia impressiva e prosa apurada exibem traços consistentes de uma visão estranha que atravessa profundamente

as esferas veladas da beleza e as dimensões proibidas e terríveis da existência. No romance *The Return* presenciamos a alma de um morto que se ergue do túmulo depois de duzentos anos e se enlaça ao corpo dos vivos, de modo que até o rosto da vítima adquire a forma daquele que há muito retornou ao pó. Dos seus vários volumes de contos existentes, muitos são inesquecíveis pelo alcance com que domina as mais sombrias ramificações do medo e da bruxaria; notavelmente, “Seaton’s Aunt” traz um pano de fundo pernicioso de vampirismo maligno e ameaçador; “The Tree” fala de um horrendo e incomum crescimento vegetal no quintal de um artista que passa fome; deixamos para o leitor imaginar o que, em “Out of the Deep”, atenderá ao chamado de um mandrião moribundo numa casa escura e solitária quando ele puxa a corda de um sino da câmara de um sótão sempre temido em sua infância atormentada de terrores; “A Recluse” sugere o que fez um hóspede eventual fugir de uma casa na alta noite; “Mr. Kempe” apresenta um eremita clerical louco em busca da alma humana e que vive num medonho penhasco marítimo ao lado de uma antiga capela abandonada; e “All-Hallows”, um relampejo de forças demoníacas que assediam uma igreja medieval solitária e milagrosamente restaura a alvenaria arruinada. De la Mare não faz do medo o elemento único ou mesmo predominante da maioria das suas narrativas, manifestando aparentemente mais interesse pelas sutilezas de temperamento envolvidas. Ocasionalmente, declina para uma imaginação totalmente extravagante à maneira de Barrie. Contudo, está entre os bem poucos para quem o fictício é uma presença efetiva e vívida; e como tal, é capaz de expressar em suas perquirições eventuais do terror uma força penetrante que apenas um raro mestre pode alcançar. Seu poema “The Listeners” recupera no verso moderno o terror gótico.

O conto sobrenatural tem nos últimos tempos alcançado bom êxito; uma contribuição importante é a do versátil E. F. Benson, cujo “The Man Who Went too Far” segreda a meia-voz sobre uma casa à orla de um bosque sombrio e as marcas do casco de Pan sobre o peito de um morto. O livro do sr. Benson, *Visible and Invisible*, encerra várias histórias de extraordinária força narrativa; notavelmente “Negotium Perambulans”, cujo desenvolvimento revela um monstro anômalo, que sai de um antigo painel clerical e realiza um ato de vingança miraculosa em uma aldeia isolada na costa da Cornualha; “The Horror-Horn” apresen-

ta um terrível sobrevivente semi-humano que perambula pelos picos alpinos, aonde criatura nenhuma chega. “The Face”, que compõe outra coletânea, é mortalmente possante em sua atmosfera implacável de maldição. H. R. Wakefield, em sua coletânea *They Return at Evening and Others Who Return*, logra alcançar alternadamente grande nível de terror, apesar de uma afetada sofisticação. As narrativas mais notáveis são “The Red Lodge”, com sua maligna aquosidade viscosa, “He Cometh and He Passeth By”, “And He Shall Sing...”, “The Cairn”, “Look Up There!”, “Blind Man’s Buff” e a peça de misterioso horror milenar “The Seventeenth Hole at Duncaster”. Já se fez referência ao trabalho de terror de H. G. Wells e A. Conan Doyle. O primeiro, em “The Ghost of Fear”, alcança um alto nível, ao passo que o todo de *Thirty Strange Stories* apresenta forte envolvimento fantástico. Doyle atingiu alternadamente um tom poderosamente espectral, como em “The Captain of the ‘Pole-Star’”, um conto espectral ártico, e “Lot n. 249”, em que o tema da múmia reanimada é utilizado com habilidade incomum. Hugh Walpole, da mesma família do fundador da ficção gótica, tratou algumas vezes do bizarro com muito êxito; seu conto “Mrs. Lunt” expressa um terror pungente. John Metcalfe, na coletânea publicada com o título *The Smoking Leg*, obtém alternadamente uma força de nível raro; o conto intitulado “The Bad Lands” contém gradações de horror em que transparece o traço do gênio. Mais extravagante e inclinado à imaginação afável e inofensiva de Sir J. M. Barrie são os contos de E. M. Forster, agrupados com o título *The Celestial Omnibus*. Apenas de um deles, que comporta um vislumbre de Pan e sua aura de medo, pode-se dizer que sustenta o verdadeiro componente do horror cósmico. A sra. H. D. Everett, embora aderida a modelos convencionais muito antiquados, ocasionalmente alcança níveis singulares de terror espiritual em sua coletânea de contos. L. P. Hartley é notável por seu conto incisivo e sumamente espectral, “A Visitor from Down Under”. *Uncanny Stories*, de May Sinclair, contém mais do ocultismo tradicional que um tratamento criativo do terror que assinala a maestria no gênero, e suas narrativas se inclinam mais a fixar-se na tensão das emoções humanas e sondagens psicológicas que no fenômeno cabal de uma irreabilidade inteiramente cósmica. Deve-se observar aqui que aqueles que acreditam no oculto são provavelmente menos eficazes que os materialistas para delinear o

espectral e o fantástico, uma vez que para eles o mundo espectral é uma realidade tão rotineira que tendem a referir-se a ele com menos terror, distanciamento e impressionabilidade que aqueles que veem nele uma violação absoluta e estupenda da ordem natural.

De qualidade estilística mais desigual, porém ocasionalmente com uma grande força sugestiva de mundos e seres que espreitam no reverso da superfície comum da vida, é a obra de William Hope Hodgson, conhecido hoje muito menos do que merece. Apesar da tendência a concepções convencionalmente sentimentais do universo, e da relação do homem com ele e com seus semelhantes, o sr. Hodgson talvez fique atrás apenas de Algernon Blackwood em seu tratamento sério da irrealidade. Poucos podem igualar-se a ele na prefiguração da proximidade de forças inomináveis e entidades monstruosas que assediam por meio de alusões eventuais e detalhes insignificantes, ou em transmitir sentimentos sobre o espectral e o incomum em relação a regiões ou edifícios.

Em *The Boats of the "Glen Carrig"*, de 1907, nos apresenta uma diversidade de prodígios malignos e terras desconhecidas e amaldiçoadas encontradas por sobreviventes de um navio naufragado. A soturna ameaça nas primeiras partes do livro é impossível de superar, embora ocorra um declínio no sentido do romance e aventura habituais à medida que caminha para o desfecho. Uma tentativa descuidada e pseudorromântica de reproduzir a prosa do século XVIII prejudica o efeito geral, mas a erudição náutica realmente profunda manifestada no todo é um elemento compensador.

The House on the Borderland, de 1908 — talvez a melhor de todas as obras do sr. Hodgson — fala de uma casa tida como desolada e malfazeja na Irlanda que se torna um centro de forças terríveis do outro mundo e assediada por anomalias híbridas blasfemas provenientes de um abismo oculto situado debaixo dela. As perambulações do espírito do narrador pelos ilimitados anos-luz do espaço cósmico e *kalpas*^[4] de eternidade em que ele testemunha a aniquilação final do sistema solar constituem algo praticamente único na literatura oficial. E em toda parte manifesta-se a capacidade do autor de sugerir horrores indefinidos à espreita no ambiente natural. Não fosse por alguns traços de sentimentalismo banal, esse livro seria um clássico de excelente qualidade.

The Ghost Pirate, de 1909, considerado pelo sr. Hodgson constituinte de uma trilogia junto das duas obras mencionadas anteriormente, é uma narrativa poderosa sobre um navio assombrado e condenado em sua última viagem e demônios marinhos terríveis (de aspecto semi-humano, talvez espíritos de piratas antigos) que cercam o navio e finalmente o arrastam a um destino desconhecido. Com seu domínio do conhecimento naval e sua hábil escolha de incidentes sugestivos e alusões aos horrores latentes na Natureza, esse livro alcança por vezes um nível de vigor invejável.

The Night Land (1912) é uma obra extensa (583 páginas) sobre um futuro infinitamente distante — bilhões e bilhões de anos depois da morte do sol. É narrado de um modo mais canhestro, em forma de sonhos de um homem do século XVII, cuja mente funde-se com sua encarnação futura; é uma narrativa seriamente prejudicada por uma verbosidade fastidiosa, repetições exaustivas e uma sentimentalidade enfadonhamente romântica e artificial, junto a uma tentativa de linguagem arcaica ainda mais grotesca e absurda que a de “Glen Carrig”.

Descontadas todas as suas imperfeições, ainda é uma das mais potentes peças de imaginação macabra já escritas. O retrato de um planeta morto coberto em noite permanente, com uma população humana sobrevivente concentrada em uma pirâmide de metal gigantesca e assediada por forças monstruosas, híbridas e completamente desconhecidas, é algo que nenhum leitor pode jamais esquecer. Formas e entidades em sua totalidade inumanas e de aspecto inconcebível — que no exterior da pirâmide vagueiam num mundo negro, desamparado e desconhecido — são *sugeridas e até certo ponto* descritas com vigor inexprimível; ao passo que a paisagem envolvida em trevas, com seus abismos, escarpas e vulcões extintos, adquire na mão do autor um horror que se pode sentir quase como uma realidade.

Na metade do livro a personagem central aventura-se a sair da pirâmide em investigação através de reinos acossados de morte não pisados por humanos há milhões de anos — e em seu lento progresso dia após dia, descrito minuciosamente, por distâncias inimagináveis de trevas imemoriais há um significado de exílio cósmico, mistério ofegante e expectativa terrível sem igual em todo o conjunto da literatura. O último

quarto do livro arrasta-se penosamente, mas não chega a arruinar o tremendo vigor que perpassa o todo.

O último volume do sr. Hodgson, *Camacki, the Ghost-Finder*, consiste de variados contos publicados muitos anos antes em revistas. Em termos de qualidade, apresenta-se manifestamente bem abaixo do nível de outros livros. Encontramos aqui, mais ou menos, uma gama de figuras convencionais do “detetive infalível” típico — a progênie de M. Dupin e Sherlock Holmes e uma semelhança próxima a *John Silence*, de Algernon Blackwood — que se move ao longo de episódios e eventos danosamente prejudicados por uma atmosfera de ocultismo profissional. Alguns poucos episódios, contudo, são de força inegável e proporcionam relampejos de traços da genialidade peculiar do autor.

Evidentemente, é impossível em um apanhado breve assinalar todas as aplicações modernas clássicas dos elementos que configuram o terror. Necessariamente, o componente deve entrar em toda obra, em prosa ou em verso, que trate amplamente da vida; e não nos surpreende, portanto, encontrar uma cota dele em escritores como o poeta Browning, cujo “Childe Roland to the Dark Tower Came” se acha penetrado de uma terrível ameaça, ou o romancista Joseph Conrad, que reiteradamente escreveu sobre os mistérios sombrios do mar e sobre o poder motriz demoníaco do Destino como influência na vida de homens solitários e doentamente determinados. Sua trilha é única, com infinitas ramificações; mas devemos nos limitar aqui ao seu aspecto em estado relativamente privado de mescla, em que delimita e determina a obra de arte que o acomoda.

De algum modo separado da corrente inglesa principal é a tendência do gênero sobrenatural na literatura irlandesa que veio à tona no Renascimento Celta no fim do século XIX e início do XX. A tradição de fantasmas e fadas sempre foi proeminente na Irlanda e durante mais de um século foi registrada por uma linhagem de tradutores e copistas fiéis como William Carleton, T. Crofton Croker, Lady Wilde (mãe de Oscar Wilde), Douglas Hyde e W. B. Yeats. Trazida ao conhecimento público pelo movimento moderno, esse *corpus* de mitos foi cuidadosamente coletado e estudado; e seus traços característicos notáveis reproduzidos na obra de personalidades como Yeats, J. M. Synge, “A. E.”, Lady Gregory, Padraic Colum, James Stephens e seus pares.

No conjunto, mais excentricamente fantástico que terrível, esse folclore e seus correlatos conscientemente artísticos contêm muito daquela torrente verdadeiramente relacionada com a esfera do horror cósmico. Narrativas de sepultamentos em igrejas submersas em lagos assombrados, histórias de *banshees* anunciadoras da morte e de trocas sinistras de crianças realizadas por fadas, baladas sobre espectros e “criaturas pagãs das fortalezas pré-históricas” — tudo isso contém seus calafrios patentes e lancinantes e marca um constituinte forte e distintivo na literatura sobrenatural. Apesar da rusticidade grotesca e ingenuidade absoluta, há um terror genuíno num tipo de narrativa representada na história de Teig O’Kane que, como punição por sua vida indômita, era torturado a noite toda por um cadáver horrendo que exigia sepultura e o conduzia de cemitério em cemitério, mas em todos os mortos se erguiam pavorosamente e se recusavam a dar ao novo morador um repouso. Yeats, indubitavelmente a maior personalidade do reflorescimento irlandês, se não o maior de todos os poetas vivos, realizou coisas notáveis tanto em obras originais quanto na codificação de lendas antigas.

X. Os mestres modernos

Os melhores contos de horror da atualidade, beneficiados pela longa evolução do gênero, possuem naturalidade, poder convincente, lisura artística e uma intensidade talentosa de seduzir que estão muito além da comparação com qualquer obra gótica de um século atrás ou mais. Técnica, arte, perícia e conhecimento psicológico evoluíram extraordinariamente com o passar dos anos, de tal modo que as obras mais antigas parecem ingênuas e artificiais; redimidas, quando realmente o são, apenas por um gênio que supera graves limitações. O tom do romance inflado e pomposo, repleto de motivação falsa, de todo incidente imaginável investido de um significado forjado e de um fascínio descuidadamente inserido, restringe-se agora a estágios de composição sobrenatural mais leve e despojada. Narrativas de horror sérias ou se constroem realisticamente intensas pela conformidade rigorosa e perfeita consonância com a Natureza, exceto em um sentido sobrenatural a que o autor se permite, ou então são criadas inteiramente no reino da fantasia, mediante uma at-

mosfera habilmente ajustada para a apreciação de um mundo imaginário sutilmente incomum situado fora do tempo e do espaço, no qual quase tudo pode acontecer, contanto que ocorra de acordo com certos tipos de imaginação e ilusão condizentes com o cérebro humano sensitivo. Esta é, pelo menos, a tendência dominante; embora, naturalmente, muitos dos grandes escritores contemporâneos caíam ocasionalmente em algumas poses frívolas de romanticismo imaturo ou em minúcias igualmente vazias e jargões absurdos do “ocultismo” de falso cientificismo, atualmente conforme os fluxos periódicos da maré.

Dos criadores de medo cósmico vivo elevado ao ponto alto artístico, poucos, se algum, podem esperar igualar-se ao versátil Arthur Machen; autor de uma dezena de contos, curtos e longos, nos quais os elementos de horror misterioso e medo ofegante atingem uma substância e intensidade realistas quase incomparáveis. O sr. Machen, um homem eminentemente de letras e dono de um estilo primorosamente lírico e expressivo, talvez tenha dedicado mais esforço consciente em sua picaresca *Chronicle of Clemendy*, em seus ensaios revigorantes, seus volumes autobiográficos, suas traduções robustas e vívidas e, acima de tudo, sua epopeia memorável de um sensível espírito estético, A colina do sonho, na qual o jovem herói se harmoniza com a magia daquele antigo ambiente galês, que é o do próprio autor, e vive uma existência de sonho numa cidade romana de Isca Silurum, atualmente reduzida à aldeia de Caerleon-on-Usk, coberta de relíquia. Mas o fato decisivo é que essa matéria de potente horror dos anos noventa e início do século XX é única no gênero e assinala uma época eminente na história dessa forma literária.

O sr. Machen, com uma herança céltica impressionável, ligada a vivas memórias juvenis das colinas agrestes e abauladas, florestas arcaicas e ruínas romanas misteriosas da região campestre de Gwent, desenvolveu uma vida imaginativa de rara beleza, intensidade e de fundo histórico. Absorvido no mistério medieval dos bosques penumbrosos e costumes antigos, é em tudo um campeão da Idade Média — inclusive da fé católica. Rendeu-se igualmente ao fascínio da vida britânico-romana que no passado agitou sua região nativa; e encontra magias misteriosas nos bivaques fortificados, nos pisos de mosaicos, fragmentos de estátuas e coisas análogas que falam da época quando o classicismo reinava e o latim era a língua do país. Um jovem poeta americano, Frank Belknap

Long, resumiu bem os dotes valiosos desse sonhador e sua magia expressiva no soneto “On Reading Arthur Machen”:

There is a glory in the autumn wood;
The ancient lanes of England wind and climb
Past wizard oaks and gorse and tangled thyme
To where a fort of mighty empire stood:
There is a glamour in the autumn sky;
The reddened clouds are writhing in the glow
Of some great fire, and there are glints below
Of tawny yellow where the embers die.

I wait, for he will show me, clear and cold,
High-raised in splendour, sharp against the North,
The Roman eagles, and thro' mists of gold
The marching legions as they issue forth:
I wait, for I would share with him again
The ancient wisdom, and the ancient pain.

(Há um quê de esplendor no bosque outonal;
As velhas vias da Inglaterra serpenteiam e sobem
Ante mágicos carvalhos e tojos e tomilhos enlaçados
Para lá onde uma fortaleza de potente império se erguia:
Há um quê de encanto no céu outonal;
As nuvens rubras se agitam no fulgor
De um grande lume, e debaixo há clarões
De alourado fulvo onde as brasas se extinguem

Espero, pois ele me mostrará, nítidas e impassíveis,
Erguidas em pompa, enérgicas contra o Norte,
As águias romanas, e entre névoas de ouro

Legiões a caminho avançando:
Espero, quero partilhar com ele de novo
A antiga sabedoria e a antiga dor.)

O mais famoso entre os contos de horror do sr. Machen é, talvez, “O grande deus Pan”, de 1894. Fala de um experimento singular e terrí-

vel e suas consequências. Uma jovem, por meio de uma cirurgia de células cerebrais, é induzida a ver a monstruosa e incomensurável deidade da Natureza; como consequência, é acometida de idiotia, morrendo menos de um ano depois. Anos mais tarde, uma criança estranha, ominosa e de aparência estrangeira, chamada Helen Vaughan, é colocada sob o abrigo de uma família da região campestre do País de Gales e assombra os bosques de forma inexplicável. Um menino fica transtornado ao ver algo ou alguém junto dela e uma juvenzinha é levada a um terrível fim de modo semelhante. Todo esse mistério está relacionado estranhamente com as divindades romanas campestres do lugar, representadas em esculturas e fragmentos antigos. Depois de outro intervalo de anos, uma mulher de beleza estranhamente exótica aparece em sociedade, conduz seu marido ao horror e à morte, induz um artista a criar pinturas inconcebíveis de Sabás de Bruxas, cria uma epidemia de suicídio entre os homens que ela conhece, e finalmente descobre-se que é uma frequentadora dos mais baixos antros do vício de Londres, onde até mesmo os degenerados mais insensíveis ficam abalados com suas monstruosidades. Mediante uma criteriosa comparação entre as declarações daqueles que tiveram contato com ela nas várias etapas de sua carreira, descobre-se que essa mulher é a jovem Helen Vaughan; filha — de pai imortal — da jovem em quem se fez o experimento cerebral. Ela é filha do terrível Pan e, por fim, é levada à morte em meio a horríveis mutações que envolvem mudanças de sexo e uma degradação que a rebaixa às manifestações mais primárias do princípio da vida.

Mas o encanto da história está no modo como é narrada. Não se consegue descrever o crescente suspense e horror extremo que percorre cada parágrafo sem acompanhar inteiramente uma ordenação precisa na qual o sr. Machen desenrola gradativamente suas alusões e revelações. O melodrama está inegavelmente presente e coincidências aparecem ao longo da narrativa, o que, em uma análise, parece absurdo; mas na bruxaria maligna do conto como um todo essas insignificâncias são esquecidas, e o leitor sensível chega ao fim com um puro arrepio de admiração e tende a repetir as palavras de uma das personagens: “É extremamente inacreditável, extremamente monstruoso; essas coisas não podem jamais suceder nesse mundo tranquilo... Amigo, se tais coisas fossem possíveis, nosso planeta seria um pesadelo”.

Menos famoso e com uma trama menos complexa que “O grande deus Pan”, mas decisivamente com uma atmosfera e valor artístico mais refinados, é a curiosa crônica indefinidamente inquietante intitulada “O povo branco”, cuja parte central vem encaminhada em forma de diário ou notas de uma menina cuja pajem a inicia em algumas tradições de magia secreta e cultos malditos de bruxaria maligna — o culto foi secretamente transmitido ao longo do tempo por camponeses em toda a Europa Ocidental, cujos membros saíam furtivamente à noite, um a um, para encontrar nos bosques escuros e lugares solitários as repulsivas orgias do Sabá das Bruxas. A narrativa do sr. Machen, um triunfo de comedimento e seleção habilidosa, acumula enorme força à medida que a narrativa flui em um encadeamento de inocente conversa infantil; introduz alusões a estranhas “ninfas”, “Dols”, “voolas”, “Cerimônias Brancas, Verdes e Escarlates”, “letras Aklo”, “língua Chian”, “jogos Mao” e assemelhados. Os ritos que a pajem aprende de sua avó bruxa são transmitidos para a menina quando ela atinge a idade de três anos, e os relatos espontâneos das revelações de segredos perigosos carregam um terror assediante ricamente mesclado ao *pathos*. Bem conhecidos dos antropólogos, os feitiços malignos são descritos com ingenuidade juvenil, e finalmente numa tarde de inverno acontece uma jornada aos velhos montes galeses descrita com magia imaginativa, conferindo à paisagem selvagem efeitos adicionais de estranheza, sobrenaturalidade e sugestões impressionantes do grotesco. Os pormenores dessa jornada são de uma admirável vivacidade e constituem para o crítico agudo uma obra-prima de literatura fantástica com um poder quase ilimitado de sugestões de vigoroso terror e aberração cósmica. Por fim a menina — então com a idade de treze anos — presencia algo enigmático e nocivamente belo no meio de uma floresta sombria e inacessível. Ela foge aterrorizada, mas fica permanentemente transformada e visita repetidamente a floresta. No fim o horror se apossa dela de um modo primorosamente pressentido em uma passagem do prólogo, mas ela se envenena a tempo. Como a mãe de Helen Vaughan, em “O grande deus Pan”, ela vê a temível divindade. É achada morta na sombria floresta ao lado do ser enigmático que ela encontrou; e aquela coisa — uma estátua alvamente luminosa da arte romana, sobre a qual pululavam rumores medievais horrendos — é exasperadamente destruída a marteladas até o pó pelo grupo de busca.

No episódico romance *The Three Impostors*, uma obra cujo valor como um todo fica de algum modo limitado pela imitação do estilo pomposo de Stevenson, há determinadas narrativas que representam talvez o auge do talento de Machen como tecelão do horror. Aqui encontramos em sua forma mais artística uma concepção do sobrenatural preferida do autor. A ideia de que sob os cerros e rochas das selváticas colinas galesas habita em seus subterrâneos aquela raça primitiva de anões cujos vestígios deram origem às nossas lendas populares de fadas, elfos e da “gente miúda” a cujos feitos até hoje são imputados certos desaparecimentos inexplicáveis e trocas ocasionais de crianças normais por outras monstruosamente deformadas. O tema recebe seu mais refinado tratamento no episódio intitulado “The Novel of the Black Seal” [O romance do selo negro], no qual um professor, ao descobrir uma identidade singular entre alguns caracteres gravados em rochas calcárias de Gales e aqueles de um selo sombrio pré-histórico da Babilônia, delineia um percurso de descoberta que o leva a coisas terríveis e desconhecidas. Uma desconcertante passagem do geógrafo antigo Solinus, uma série de desaparecimentos misteriosos nos recantos isolados de Gales, um filho mentecapto nascido de uma mãe camponesa depois de levar um susto que a deixou com as faculdades mentais abaladas; todos esses eventos sugerem ao professor uma cadeia de horrores e uma situação repulsiva para qualquer um que ama e respeita a humanidade. Ele contrata o jovem mentecapto que fala de modo estranho e desarticulado com uma voz repulsivamente sibilante e que sofre crises ocasionais de epilepsia. Certa ocasião, depois de um surto desses à noite, durante os estudos do professor, notam-se odores inquietantes e evidências de presenças sobrenaturais; logo depois o professor deixa um espesso volume de documentos e vai para as colinas misteriosas com exaltada expectativa e um sentimento de terror incomum. Nunca mais retorna, mas, ao lado de uma pedra fantástica na selvática região, encontram-se seu relógio, dinheiro e anel, costurados com tripa de carneiro num pergaminho que traz estampado os mesmos caracteres terríveis do selo negro babilônico e da pedra nas montanhas galesas.

O volumoso documento esclarece o suficiente para trazer à tona um panorama horrendo. O professor Gregg, mediante a reunião de evidências presentes nos desaparecimentos galeses, a inscrição na rocha, os re-

latos dos geógrafos antigos e o selo negro, concluiu que uma raça apavorante de medonhos seres primitivos de antiguidade imemorial, profusamente numerosa no passado, ainda habita nos subterrâneos das colinas ermas do País de Gales. Pesquisas posteriores revelaram a mensagem do selo negro e comprovaram que o menino mentecapto, filho de um pai mais diabólico que humano, era o herdeiro de memórias e poderes monstruosos. Naquela estranha noite no estúdio, o professor invocou “a terrível transmutação das colinas” com o auxílio do selo negro e fez emergir no mentecapto híbrido os horrores de sua espantosa paternidade. Ele “viu seu corpo avolumar-se e dilatar-se como um balão, ao mesmo tempo que seu rosto enegrecia...”. Depois os efeitos exorbitantes da invocação se manifestaram e o professor Gregg conheceu o frenesi arrebatador do pânico cósmico em sua mais negra forma. Sabia que tinha desencadeado a abissal voragem dos horrores e seguiu para as colinas selváticas preparado e resignado. Ele se confrontaria com a inimaginável “Gente Miúda” — e seu documento termina com uma observação racional: “Se eu, infelizmente, não voltar de minha jornada, desnecessário será invocar a imagem do meu aterrorizante destino”.

Também temos em *The Three Impostors* o “Novel of the White Powder”, que se aproxima do absoluto clímax do medo repulsivo. Francis Leicester, um jovem estudante de direito, acometido de esgotamento nervoso pela reclusão e excesso de estudo, recebe uma prescrição de um velho farmacêutico nada cuidadoso com a condição de seus medicamentos. A substância, como mais adiante se revela, é um sal incomum que o tempo e a variação de temperatura o alteram imprevisivelmente e o transformam em algo muito estranho e terrível; em suma, nada menos que o *Vinum Sabbati* consumido nas horrendas orgias do Sabá das Bruxas; causa transformações espantosas e — se usado imprudentemente — consequências indescritíveis. Inocente o bastante, o jovem ingere regularmente o pó em um copo com água depois das refeições; à primeira vista, parece realmente benéfico. Gradualmente, todavia, seu vigor restabelecido adquire um aspecto de devassidão; ele fica longas horas fora de casa e parece sofrer uma mudança psicológica repulsiva. Certo dia, aparece em sua mão direita uma estranha marca arroxeadada, e na sequência ele volta à sua reclusão; finalmente, mantém-se trancado em seu quarto e não admite a entrada de ninguém da família. O médico é chamado e se

retira entorpecido de terror, dizendo que não pode fazer mais nada naquela casa. Duas semanas depois a irmã do paciente, caminhando do lado de fora, vê uma coisa monstruosa à janela do doente; e os criados informam que a comida deixada à porta não é mais tocada. Ao chamarem-no à porta, ouvem apenas um som de passos arrastados e uma ordem enunciada com uma voz gorgolejante e espessa pedindo que o deixem sozinho. Por fim, um terrível acontecimento é relatado por uma criada apavorada. O teto no quarto abaixo de Leicester está impregnado de um horrível fluido negro, e formou-se uma poça de abominável viscosidade na cama abaixo. Dr. Haberdent, então persuadido a retornar à casa, arromba a porta do quarto e golpeia repetidamente com uma barra de ferro a coisa blasfema semiviva que encontra ali. É “uma massa negra e pútrida fervilhante de decomposição e repulsiva putrefação, nem líquida nem sólida, mas derretida e mutante”. Pontos esbraseados como olhos brilham no meio dela e, antes de sucumbir, a coisa tenta erguer o que poderia ter sido um braço. Logo depois, o médico, incapaz de suportar a lembrança do que presenciou, morre no mar a caminho da América em busca de uma nova vida.

O sr. Machen retorna ao demoníaco “Gente miúda” em “The Red Hand” e “The Shining Pyramid”; e em O terror, uma narrativa dos tempos de guerra, trata com vívido mistério os efeitos da atual rejeição pelo homem da espiritualidade dos animais que, em consequência, são levados a questionar sua supremacia e a se unir para exterminá-lo. *The Great Return*, de extrema delicadeza e passando do mero horror ao autêntico misticismo, é uma narrativa sobre o Graal, também criação do período da guerra. Muito conhecido para precisar de descrição aqui é o conto “The Bowmen”, que, considerado uma história real, deu origem à difundida lenda dos “Anjos de Mons” — fantasmas de arqueiros antigos da Inglaterra que lutaram nas Batalhas de Crécy e Agincourt em 1314 ao lado das fileiras acossadas da gloriosa Força Expedicionária Inglesa (Old Contemptibles).

Menos intenso que o sr. Machen em delinear os extremos do medo avassalador, embora infinitamente mais ligado à ideia de um mundo irreal a assediar constantemente o nosso, é o prolífico e inspirado Algernon Blackwood, em cuja obra volumosa e desigual podemos encontrar algumas das mais refinadas obras de ficção espectral da época atual ou

de qualquer outra. A respeito do valor da genialidade de Blackwood não pode haver nenhuma controvérsia; já que não há quem tenha nem mesmo se aproximado de seu talento, seriedade e precisão minuciosa com que ele registra as nuances de estranheza existente nas coisas e experiências ordinárias, ou da percepção clara do sobrenatural com que ele articula, detalhe por detalhe, as sensações e percepções integrais que levam da realidade à vida ou vidência paranormal. Carente de um domínio notável do encanto poético da linguagem simples, ele é um dos mestres absolutos e inquestionáveis da atmosfera sobrenatural; e pode despertar em um simples fragmento de descrição psicológica monótona o que quase equivale a toda uma história. Acima de todos os demais, ele compreende quão integralmente algumas mentes sensitivas habitam o tempo todo nas regiões fronteiriças do sonho e como é relativamente débil a distinção entre as imagens criadas de objetos reais e aquelas excitadas pelo jogo da imaginação.

A obra menor de Blackwood se empobrece por variados defeitos, tais como didatismo ético, uma ocasional subjetividade insípida, frouxidão do sobrenatural benigno e uso descomedido do jargão intercambiante do “ocultismo” moderno. Um deslize em seus mais sérios esforços é a prolixidade enfadonha que resulta da busca empenhada de uma elaboração excessiva, prejudicada pelo estilo um tanto insípido e jornalístico despido de magia intrínseca, colorido e vitalidade para representar sensações precisas e nuances de sugestões do mistério. Não obstante tudo isso, as criações maiores do sr. Blackwood alcançam um nível genuinamente clássico e evocam como nenhuma outra obra de ficção um sentimento aterrorizante e convincente da imanência de esferas espirituais e entidades desconhecidas.

O montante quase infindável da ficção do sr. Blackwood inclui romances e contos; estes às vezes independentes e às vezes em série. De primeira ordem entre todos, deve-se considerar “The Willows”, no qual presenças obscuras numa ilha desolada do Danúbio são terrivelmente pressentidas e reconhecidas por uma dupla de viajantes ociosos. Aqui a arte e o comedimento narrativo alcançam o mais alto nível de desenvolvimento e cria-se uma impressão pungente duradoura sem uma única passagem forçada ou nota falsa. Outro conto surpreendentemente potente, embora artisticamente menos acabado, é “The Wendigo”, em que

defrontamos evidências terríveis de um demônio imensurável da floresta sobre o qual os lenhadores de North Woods conversam à meia-voz durante a noite. O modo como alguns rastros indicam certas coisas extraordinárias mostra realmente uma habilidade triunfante. Em “An Episode in a Lodging House” notamos presenças apavorantes convocadas do espaço tenebroso por um feiticeiro, e “The Listener” fala de um resíduo psíquico medonho que se arrasta para lá e para cá em uma casa velha onde um leproso morreu. No volume intitulado *Incredible Adventures* encontramos alguns dos contos mais primorosos que o autor criou, conduzindo a imaginação a ritos selvagens realizados de noite nas colinas, a facetas secretas e terríveis que espreitam no reverso de paisagens serenas, a câmaras subterrâneas de mistérios inimagináveis sob as areias e pirâmides do Egito; tudo isso com uma sutileza e delicadeza sérias que convencem onde um tratamento mais trivial e cru apenas faria divertir. Algumas dessas narrações não podem exatamente ser qualificadas como histórias; são antes estudos de impressões simuladas e fragmentos de sonhos imperfeitamente lembrados. O enredo não é relevante no todo, o que impera em primeiro plano é a atmosfera.

John Silence — Physician Extraordinary é um livro que traz cinco contos relacionados entre si, nos quais uma única personagem percorre sua rota triunfante. Prejudicados apenas por traços de uma atmosfera detetivesca popular e convencional — já que o dr. Silence representa uma daquelas índoles benevolentes que usam seus notáveis poderes para ajudar indivíduos dignos em dificuldade —, essas narrativas trazem alguns dos melhores trabalhos do autor; criam uma ilusão imediatamente enfática e duradoura. O conto de abertura, “A Psychological Invasion”, relata o que sucedeu a um escritor sensível numa casa que foi outrora o cenário de ocorrências tenebrosas e a forma como uma legião de demônios foi exorcizada. “Ancient Sorceries” talvez seja o melhor conto do livro, oferece uma narrativa de vividez quase hipnótica de uma cidade francesa antiga onde certa vez um sabá sacrílego foi celebrado por toda a população convertida em gatos. Em “The Nemesis of Fire”, um ser elemental é invocado mediante sangue recém-derramado, e “Secret Worship” fala de uma escola germânica onde o satanismo predominava, e uma aura diabólica perdurou por longo tempo depois. “The Camp of

the Dog” é um conto sobre lobisomem, prejudicado pelo “ocultismo” profissional e moralizante.

Muito sutil, talvez, para uma classificação no gênero de contos de terror, ainda que possivelmente mais verdadeiramente artísticas em um sentido absoluto, são as fantasias delicadas como *Jimbo* ou *The Centaur*. O sr. Blackwood consegue nesses romances transmitir, de forma palpitante e acentuada, a substância íntima do sonho, de modo a fazer desabar admiravelmente as barreiras convencionais entre a realidade e a imaginação.

Excepcional na magia de uma prosa musical e cristalina e superior na criação de um mundo deslumbrante e langoroso de visão iridescente e exótica é Edward John Moreton Drax Plunkett, o décimo oitavo barão Dunsany, cujos contos e peças curtas formam um *corpus* quase único em nossa literatura. Inventor de uma nova mitologia e criador de um folclore surpreendente, Lorde Dunsany dedica-se a um mundo estranho de beleza fantástica e empenhou-se em um combate eterno contra a aspereza e fealdade da realidade cotidiana. Sua perspectiva é a mais genuinamente cósmica de qualquer outra sustentada na literatura de qualquer período. Tão sensível quanto Poe para os valores dramáticos e o significado das palavras e detalhes isolados, muito mais bem equipado com uma retórica num estilo lírico simples baseada na prosa da Bíblia do rei James, esse autor retrata com enorme vigor quase todo o *corpus* de mitos e lendas pertencentes à esfera da cultura europeia, criando um ciclo composto e eclético do reino imaginário em que o colorido oriental, a forma helênica, a taciturnidade teutônica e a aspiração céltica se mesclam de modo soberbo e cada um sustenta e acrescenta os demais sem sacrificar a congruência e homogeneidade perfeitas. Na maioria de suas criações, os países são fabulosos — “Além do Oriente”, “Nos confins do mundo”. Seu sistema de antropônimos e topônimos originais de raízes clássicas, orientais e de outras fontes é um prodígio de inventividade versátil e perspicácia poética; podemos percebê-lo em composições como “Argimenes”, “Bethmoora”, “Poltarness”, “Comorak”, “Illuriel” ou “Sardathrion”.

Mais que o terror, a beleza é o tom fundamental da obra de Dunsany. Ele aprecia o verde vívido do jade, os domos cobreados e o esplendor delicado do crepúsculo sobre os minaretes de marfim de impos-

síveis cidades imaginárias. Humor e ironia estão também sempre presentes para comunicar um brando cinismo e alterar o que poderia, de outro modo, conter uma intensidade ingênua. Contudo, como é inevitável em um mestre de triunfante imaginação, ocorrem pinceladas ocasionais de horror cósmico que alcançam perfeitamente a tradição autêntica do gênero. Dunsany adora sugerir engenhosamente e de modo ardiloso fenômenos monstruosos e danações fantásticas como as que se insinuam nos contos de fadas. Em *The Book of Wonder*, lemos sobre Hlo-Hlo, o gigantesco ídolo-aranha que nem sempre fica em casa; sobre o que a Esfinge tinha pavor na floresta; sobre Slith, o ladrão que salta sobre a borda do mundo depois de ver certa luz acender e conhecer *quem* a acendeu; sobre o antropófago Gibbelins, que habita e guarda um tesouro numa torre malfazeja; sobre os Gnoles que vivem em uma floresta e aos quais não é conveniente roubar; sobre a Cidade do Nunca e os olhos que ficam de sentinela nos abismos inferiores, e outros pavores semelhantes. *A Dreamer's Tales* fala do mistério que faz todos os homens de Bethmoora fugirem para o deserto; do imenso portão de Perdóndaris, entalhado em uma única peça de marfim; da viagem do velho e infeliz Bill, cujo capitão amaldiçoava a tripulação e exigia que ancorassem em uma ilha de aspecto apavorante, com cabanas colmadas e medonhas janelas escuras.

Muitas peças curtas de Dunsany estão repletas de horror spectral. Em *The Gods of the Mountain*, sete mendigos se disfarçam dos sete ídolos verdes de uma colina distante e desfrutam do sossego e honra em uma cidade que cultua aqueles ídolos, até que eles descobrem que os ídolos reais não estão em *seus postos de costume*. São informados de que ao crepúsculo ocorrerá uma aparição esdrúxula — “pedras não devem caminhar à noite” — e, por fim, enquanto esperam a chegada de um grupo de bailarinos, percebem que os passos que se aproximam são mais pesados que os daqueles que deveriam ser os dançarinos genuínos. Ocorrem várias peripécias na sequência e no fim os presunçosos blasfemos são transformados em estátuas de jade verde pelas mesmas estátuas andantes cuja santidade ultrajaram. Mas o enredo simples é o menor dos méritos dessa peça maravilhosamente realizada. Os incidentes e desdobramentos revelam um mestre supremo, de modo que o todo configura uma das mais importantes contribuições da época atual não apenas para

o drama, mas também para a literatura em geral. *A Night at an Inn* fala de quatro ladrões que roubam o olho de esmeralda de Klesh, um deus monstruoso hindu. Eles atraem a seus aposentos os três sacerdotes vingadores que estão em seu encalço e conseguem matá-los, mas, durante a noite, Klesh vem sorrateiramente em busca de seu olho e parte ao recuperá-lo, obrigando cada um dos espoliadores a sair em meio à escuridão para puni-los de forma abominável. *The Laughter of the Gods* apresenta uma cidade amaldiçoada à beira de uma selva, e um tocador de alaúde spectral é ouvido apenas por aqueles que estão à beira da morte (cf. a espineta de Alice em *A casa das sete torres*); *The Queen's Enemies* reconta o episódio de Heródoto no qual uma princesa vingativa convida seus inimigos para um banquete subterrâneo e deixa entrar as águas do Nilo para afogá-los.

Mas um apanhado de descrições apenas não pode comunicar mais do que uma fração da magia penetrante de Lorde Dunsany. Suas cidades prismáticas e ritos inauditos são pintados com uma segurança que apenas a maestria pode engendrar, e estremecemos com um sentimento de participação real em seus mistérios secretos. Para quem é verdadeiramente imaginativo, ele é um talismã e uma chave que abre as portas a um tesouro de sonho e estilhaços de memórias, de modo que podemos considerá-lo não apenas um poeta, mas alguém que faz também de cada leitor um poeta.

No polo oposto do gênio de Lorde Dunsany e dotado de um poder quase diabólico para invocar de modo harmoniosamente progressivo o horror do cotidiano banal da vida, temos o erudito Montague Rhodes James, dirigente do Eton College, antiquário reputado e autoridade reconhecida em manuscritos medievais e história das catedrais. Dr. James, afeiçoado por longo tempo a contar histórias espectrais na época do Natal, torna-se gradativamente um ficcionista literário do gênero sobrenatural de primeira ordem e desenvolveu um estilo e método distintos, apropriados para servir como modelo a uma duradoura linhagem de discípulos.

A arte do dr. James não é de modo algum accidental; no prefácio de uma de suas coleções formulou três regras muito sensatas para a composição do macabro. Uma história de fantasma, ele acredita, deve conter um ambiente familiar da época moderna para assemelhar-se estritamente

à esfera de vivência do leitor. Os fenômenos espectrais, além disso, devem ser malévolos mais que benignos, uma vez que o *medo* é a emoção primária a ser estimulada. Finalmente, o jargão técnico do “ocultismo” ou o cientificismo falso devem ser meticulosamente evitados para que a magia da verossimilhança contingente não seja abafada por um pedantismo que não convence.

Dr. James, praticando o que prega, desenvolve seus temas num estilo simples e geralmente coloquial. Ao criar a ilusão de fatos cotidianos, ele introduz seus fenômenos paranormais cautelosamente e de forma gradual; cada momento abrandado por detalhes de feição prosaica e comum, às vezes temperado com um fragmento ou dois de erudição antiga. Consciente de uma relação íntima entre o sobrenatural da atualidade e o da tradição acumulada, fornece antecedentes históricos remotos para seus episódios; dessa forma, mostra-se capaz de utilizar muito competentemente seus amplos conhecimentos do passado, assim como seu convincente e pronto domínio da linguagem e colorido arcaicos. Um ambiente favorito de James em suas narrativas é uma catedral centenária que o autor pode descrever com a minudência familiar de um especialista nesse campo.

Nas narrativas do dr. James frequentemente encontramos vinhetas humorísticas ardilosas e *flashes* de imagens e caracterizações que retratam o real, que em suas mãos hábeis cumprem a função de alargar o efeito geral, não de desvirtuá-lo como poderia ocorrer com um artífice menor que se utilizasse desses mesmos expedientes. Ao inventar um novo tipo de fantasma, ele se afasta consideravelmente da tradição gótica convencional; pois onde os fantasmas de linhagem mais antiga eram pálidos e pomposos, percebidos sobretudo pelo sentido da visão, o fantasma de James é geralmente franzino, acanhado e cabeludo — uma abominação notívaga, indolente, diabólica, a meio caminho entre o homem e a besta —, habitualmente tangível, embora invisível. Às vezes o espectro apresenta um composto ainda mais extravagante; uma ondulação de flanela com olhos aranhosos ou uma entidade invisível que se molda em camadas e mostra *um rosto de lençol amarrotado*. Dr. James possui, evidentemente, um conhecimento inteligente e científico dos nervos e sentimentos humanos; e sabe exatamente como demarcar a expressão, a imagem e as sugestões sutis para garantir os melhores resultados com

seus leitores. Ele é um artista do incidente e da coordenação mais que da atmosfera e alcança a emoção mais frequentemente pelo intelecto que de modo direto. Seu método, naturalmente, com ausências ocasionais de clímax acentuado, tem suas fraquezas tanto quanto suas vantagens, e muitos sentirão a falta da perfeita atmosfera tensa que escritores como Machen constroem de modo meticuloso com palavras e ambientação. Apenas uma minoria de contos está sujeita a uma censura por sua frouxidão. No geral, o desenvolvimento lacônico dos eventos paranormais numa sequência engenhosa é plenamente suficiente para criar o efeito desejado de horror crescente.

Os contos do dr. James estão reunidos em quatro pequenos volumes, intitulados respectivamente *Ghost Stories of an Antiquary*, *More Ghost Stories of an Antiquary*, *A Thin Ghost and Others* e *A Warning to the Curious*. Há ainda uma encantadora ficção juvenil, intitulada *The Five Jars*, que traz suas sugestões espectrais. Entre essa riqueza de obras é difícil escolher um conto favorito especialmente característico, embora cada leitor tenha certamente suas preferências, determinadas por seu temperamento.

“Count Magnus” é seguramente um das melhores, formando um verdadeiro baú de tesouros de suspense e sugestão. O sr. Wraxall é um viajante inglês da metade do século XIX de passagem pela Suécia com o objetivo de coletar material para um livro. Envolvido por interesse com a antiga família De la Gardie, perto da aldeia de Råbäck, ele estuda seus registros e, tomado de um fascínio peculiar pelo construtor da mansão remanescente, um certo conde Magnus, de quem se fala à meia-voz coisas estranhas e terríveis. O conde, que alcançou notoriedade no início do século XVII, era um austero senhor de terras e famoso por sua severidade com intrusos caçadores e arrendatários delinquentes. Suas punições cruéis eram proverbiais e havia rumores obscuros de influências que ainda sobreviveram ao seu sepultamento no suntuoso mausoléu que ele construiu perto da igreja — como o caso de dois camponeses que caçavam em sua propriedade certa noite, um século depois de sua morte. Ouviam-se gritos pavorosos nos bosques, junto ao túmulo do conde Magnus brilhava uma luz sobrenatural, e uma grande porta rangia. Na manhã seguinte, o sacerdote encontrou os dois homens; louco um e morto o outro, com o rosto descarnado até os ossos.

O sr. Wraxall ouviu todas essas narrativas e deparou casualmente com outras referências a uma Peregrinação Negra, certa vez empreendida pelo conde, uma peregrinação a Corazim, na Palestina, uma das cidades censuradas por Nosso Senhor nas Escrituras, onde, dizem os velhos sacerdotes, nascerá o Anticristo. Ninguém ousa aludir ao que foi exatamente aquela peregrinação ou que criatura ou coisa estranha o conde trouxe em sua companhia. Entrementes, o sr. Wraxall fica cada vez mais ansioso para explorar o mausoléu do conde Magnus; finalmente, obtém permissão para fazê-lo na companhia de um diácono. Ele encontra muitos monumentos e três sarcófagos de bronze, um dos quais é o do conde. Ao redor da superfície desse último existem cenas esculpidas, incluindo uma cena horrenda de perseguição — perseguição a um homem desvairado através de uma floresta, empreendida por uma figura atarracada e embuçada com um tentáculo de diabo-marinho, dirigida por um homem alto e encapotado sobre uma colina. O sarcófago tem três cadeados maciços de aço, um dos quais está aberto, caído ao chão, lembrando ao viajante — que alimenta o desejo vão de conseguir ver o conde Magnus — o rangido metálico que ouviu no dia anterior quando passava pelo mausoléu.

O seu fascínio aumenta e, com a chave acessível, o sr. Wraxall faz uma segunda visita ao mausoléu, dessa vez sozinho, e encontra outro cadeado aberto. No dia seguinte, o último que permanecerá em Råbäck, ele volta de novo sozinho para se despedir do conde há muito tempo morto. Uma vez mais, bizarramente impelido a pronunciar o desejo extravagante de encontrar-se com o nobre sepulto, percebe então para sua inquietação que apenas um cadeado permanece no suntuoso sarcófago. No mesmo momento, esse último cadeado cai rumorosamente ao chão e ouve-se um som rangente de dobradiças que se movem. A tampa monstruosa parece erguer-se lentamente, e o sr. Wraxall foge em pânico sem trancar a porta do mausoléu.

Durante o retorno para a Inglaterra, o viajante sente uma curiosa inquietação ligada a seus companheiros na barcaça que ele usa para a primeira etapa da viagem. Figuras encapuçadas o deixam nervoso, e ele tem a impressão de estar sendo observado e seguido. Das vinte e oito pessoas que ele conta, apenas vinte e seis aparecem às refeições; as duas que faltam são sempre um homem alto e encapuçado e uma figura embuçada

mais baixa. Completando sua viagem por água até Harwich, o sr. Wra-xall se põe claramente em fuga em uma carruagem fechada, mas vê duas figuras encapuçadas numa encruzilhada. Finalmente, ele se hospeda em numa pequena casa na aldeia e passa o tempo escrevendo frenéticas anotações. Na segunda manhã ele é encontrado morto, e durante o inquérito sete jurados desfalecem ao ver o corpo. A casa onde ele se hospedou nunca mais é habitada e, quando da sua demolição, meio século depois, seu manuscrito é descoberto em um armário esquecido.

Em “The Treasure of Abbot Thomas”, um antiquário britânico desvenda um criptograma em janelas com pinturas renascentistas, e por isso descobre um tesouro secular de ouro num nicho na metade da altura de um poço, no pátio de uma abadia alemã. Mas o astucioso depositante colocara um guardião do tesouro, e alguma coisa no poço escuro agarra com os braços o pescoço do pesquisador de tal modo que a busca é abandonada e um clérigo é chamado. Nas noites seguintes o descobridor sente uma presença furtiva e detecta um odor de mofo do lado de fora da porta de seu quarto de hotel, até que finalmente o clérigo recoloca, em plena claridade do dia, a pedra na abertura do poço e seu resguardado tesouro — do qual algo saiu do seu escuro para vingar a afronta ao ouro do velho abade Thomas. Depois de completar seu trabalho, o clérigo nota um curioso entalhe em forma de sapo no velho manancial com o lema latino *Depositum custodi* — “cuida do que a ti foi confiado”.

Outros contos notáveis de James são “The Stalls of Barchester Cathedral”, em que uma escultura grotesca ganha curiosamente vida para vingar o assassinato secreto e insidioso de um velho deão por seu ambicioso sucessor; “Oh, Whistle, and I’ll Come to You, My Lad” fala do horror evocado por um estranho apito de metal encontrado na ruína de uma igreja medieval; em “An Episode of Cathedral History”, a desmontagem de um púlpito revela um túmulo arcaico cujo demônio insidioso espalha o pânico e a peste. Dr. James, com seu traço todo leve, evoca o pavor e o horrendo em suas formas mais impactantes, e certamente permanece como um dos mestres realmente criativos no seu âmbito de criação do sombrio.

Para aqueles que apreciam especular a respeito do futuro, o conto de horror sobrenatural proporciona um campo interessante. Combatido por uma onda progressiva de realismo laborioso, desilusão afetada e ta-

garelice cínica, é, contudo, encorajado por uma corrente paralela de misticismo crescente, desenvolvido tanto pela reação exaustiva de “ocultistas” e fundamentalistas religiosos contra descobertas materialistas quanto pelo estímulo ao maravilhoso e à fantasia proveniente dessas visões ampliadas e barreiras rompidas pela ciência moderna com sua química intra-atômica, astrofísica avançada, as doutrinas da relatividade e avanços da biologia e do pensamento humano. No momento presente as forças favoráveis parecem possuir certa vantagem, uma vez que mostra inquestionavelmente mais cordialidade com a literatura sobrenatural que trinta anos atrás, quando o melhor das obras de Arthur Machen caiu sobre o terreno petrificado dos presunçosos e sentenciosos dos anos noventa. Ambrose Bierce, praticamente desconhecido em seu tempo, agora alcançou certo reconhecimento geral.

Todavia, não devemos esperar mudanças surpreendentes nessa ou noutra direção. Em qualquer caso, continuará a existir um equilíbrio aproximado de tendências; embora possamos perfeitamente esperar um maior requinte de técnica, não temos motivos para pensar que a posição ocupada pelo espectral na literatura se modifique. É restrito, embora seja uma linha essencial da expressão humana, e, principalmente, será sempre apreciado por um público com uma sensibilidade peculiarmente sutil. A aceitação de qualquer obra-prima com temática sobrenatural ou de terror universal possivelmente criada no futuro deverá ser creditada mais à sua arte superior do que à empatia pelo tema. Mesmo assim, quem pode assegurar que a temática centrada no tenebroso constitua de fato uma desvantagem? Radiante de beleza, a Taça dos Ptolomaicos era entalhada em ônix.



A última carta de HPL

(fragmento)



“No correr destes últimos tempos, muitos dos meus correspondentes nesta zona pestífera têm-me escrito dando-me conta da Exposição de pinturas fantásticas e surrealistas que tem estado patente no Museu de Arte Moderna. Espero que na sua digressão seja incluída a velha Providence.

O acervo de manifestações de outrora — fantasistas pictóricos tão antigos como El Greco e o Bosch do fogo do Inferno — decerto me iria fascinar... Receio, contudo, que estes lugares não seja incluídos no seu rescaldo migratório.

No geral, não sou todavia um entusiasta por aí além do surrealismo, visto pensar que os praticantes dessa escola dão as suas impressões subconscientes através dum automatismo um pouco leve. Não que as impressões a que aludo não sejam potencialmente valiosas, mas a meu ver tendem para se tornar triviais e com um significado restrito, excepto nos casos em que são adequadamente guiadas por um conceito imaginativo eficaz. Uma obra de Dali, com o apelido humorístico de *Os relógios moles* tende a transformar-se numa redução por absurdo do princípio fantástico e a exemplificar a decadência estética manifestada em diversas fases da nossa era moribunda e, socialmente, de transição.

Compreendo, no entanto, que esta forma de expressão seja bem aceite pelos conhecedores, já que muitas das suas produções possuem indubitavelmente uma poderosa frescura e um marcado alcance imagi-

nativo; tal com o Movimento no seu todo poderá de facto contribuir com obras importantes e revivificadoras para a corrente da Arte.

Não pode traçar-se uma barreira entre a chamada fantasia que vem da linha tradicional e a que se reclama do denominado surrealismo; nenhuma dúvida tenho de que as paisagens de pesadelo de alguns dos seus cultores correspondem, como o fazem tantas outras criações actuais, aos horrores iconográficos atribuídos por diversos escritores de ficção a artistas alucinados ou perseguidos pelos seus demônios. Se fossem reais um Richard Upton Pickman o um Félix Ebbonly^[1] estou certo de que teriam criado grande número de inquietantes e blasfemas telas a óleo para a recente Exposição (...)



A Howard Phillips Lovecraft

por Clark Ashton Smith^[1]

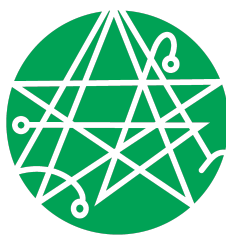


Tu, que de montes, campos e cidades
ancestrais foste amante,
como vieste parar assim tão longe
de Providence, às portas do levante?
Vens acaso buscar
mais antigos destinos —
alguma Arkham das mágicas primevas;
ou, com os teus felinos,
algum bosque secreto e novo exploras,
para além da muralha dos sentidos,
onde o sol-pôr e a primavera encantam
os caminhos que ligam, eternos,
este Planeta ao éter
por dimensões obscuras, nemorais?
Ou a Chave de Prata
te escancarou, exata,
sonhos e espantos de algum mundo posterior?
Ou retornaste ao teu lar em Ulthar ou Pnath?
Ou o altíssimo rei da distante Kadath
de volta convocou seu sábio embaixador?
Ou o negro Cthulhu deu o sinal
que te converte agora em conselheiro

daquela fortaleza inaudita, abissal,
onde os Antigos dormem longamente,
até que algum tremor venha, brutal,
do sono despertar seu continente?

Ó Deus! Tão poucos dias,
e já andaste tão longe,
seguindo aquelas fabulosas vias
onde os míticos mortos perambulam!
E resta-nos a dor, e este mistério...
E entretanto de todo não partiste,
nem no sonho e na poeira te sumiste:
porquanto, ainda neste monte ocíduo
de Averroigne que jamais
visitou o teu corpo material,
encontro algum resíduo
de ti, sensível, justo —
algum gracioso indício, imorredouro e augusto.
Para ti mais brilhante o gramado vernal,
mais mágico e sombrio o rochedo do Druida;
e em minha mente, como em mágico cristal,
te vejo para sempre despontar —
e no livro do espírito
tuas runas jamais haverão de passar.





De Azathoth a Yog-Sothoth:

um bestiário conciso de horrores lovecraftianos
por *Guilherme da Silva Braga*



Uma das grandes contribuições de H.P. Lovecraft para a literatura fantástica foi o pano de fundo mitológico que criou para os escritos que legou à posteridade. Esse panteão de divindades siderais e aberrações extraterrenas foi adotado por toda uma constelação de escritores, dando assim origem a um número infindável de homenagens, obras derivadas e expansões de temas presentes originariamente em narrativas saídas da pena do autor. Em mais de uma ocasião, Lovecraft declarou não haver criado uma mitologia que se pretendesse coesa, mas assim mesmo as referências crípticas e fragmentárias à pletora de criaturas de anatomia grotesca com nomes quase impronunciáveis que povoam muitos de seus contos e novelas fazem deste universo um terreno bastante traiçoeiro para os não iniciados. Este bestiário conciso tem por objetivo justamente oferecer aos incautos um vislumbre dos principais horrores criados por Lovecraft, acompanhados por sugestões de leitura^[1] que possam mostrá-los em seu *habitat* natural: a obra de um dos grandes mestres do horror do século XX.

Azathoth

No panteão de entidades criadas por Lovecraft, Azathoth é a divindade suprema. Borbulhando e blasfemando em meio a abismos de caos profa-

no, o Sultão-Demônio manifesta-se como uma força cósmica cega e irracional que ocupa um trono negro situado no centro da infinitude.

SUGESTÕES DE LEITURA: “Azathoth”, *A busca onírica por Kadath*, *O sussurro nas trevas*, “Os sonhos na casa da bruxa”, “O visitante das trevas”, “A coisa na soleira da porta”.

Cthulhu

O mais célebre legado de Lovecraft para a posteridade foi sem dúvida Cthulhu. Essa deidade monstruosa com aspecto de cefalópode e asas membranosas encontra-se adormecida na cidade submersa de R’lyeh, mas acabará por despertar quando as estrelas estiverem alinhadas.

SUGESTÕES DE LEITURA: “Dagon”, “O chamado de Cthulhu”, *O horror de Dunwich*, *O sussurro nas trevas*, *Nas montanhas da loucura*.

Criaturas Abissais

As Criaturas Abissais (*Deep Ones*) são uma raça de aberrações humanoides com traços ictícos e batráquios surgida no vilarejo de Innsmouth, em Massachusetts. A gênese dessa horrenda linhagem que mistura sangue humano à sânie de criaturas marinhas ignotas remonta ao ciclópico território submarino de Y’ha-nthlei e à criatura conhecida pelo nome de Pth’thya-l’yi.

SUGESTÕES DE LEITURA: *A Sombra em Innsmouth*, “A coisa na soleira da porta”, “Dagon”.

Coisas Ancestrais

Em guerras travadas durante épocas remotas, as Coisas Ancestrais (*Elder Things*) enfrentaram a prole de Cthulhu, os Mi-Go e a Grande Raça de Yith. No entanto, foi depois de instaurar uma civilização impressionante ainda nos primórdios do planeta Terra que essas criaturas de cabeça em forma de estrela e anatomia similar à dos equinodermos tiveram de enfrentar a fúria dos Shoggoths — os protoplasmas amorfos criados

artificialmente e dominados através da hipnose para cumprir o papel de escravos nessa sociedade primordial.

SUGESTÃO DE LEITURA: *Nas montanhas da loucura*.

Dagon

Esse Deus-Peixe chamado pelo nome de uma antiga divindade suméria recebe os sacrifícios das Criaturas Abissais e a reverência dos iniciados na Ordem Esotérica de Dagon. Apesar dos monolitos erguidos em cidades submarinas ancestrais em sua honra, as descrições a respeito dessa enigmática divindade marinha são escassas ou mesmo inexistentes. Não se pode nem ao menos ter certeza de que faça uma aparição em qualquer um dos contos escritos por Lovecraft, e especula-se até mesmo que Dagon pudesse ser apenas outro nome atribuído ao Grande Cthulhu.

SUGESTÕES DE LEITURA: “Dagon”, *A Sombra em Innsmouth*, “O chamado de Cthulhu”.

Grande Raça de Yith

A enorme anatomia cônica e rugosa da Grande Raça de Yith (*The Great Race of Yith*) esconde criaturas de faculdades mentais desenvolvidas ao extremo. Os integrantes da Grande Raça aperfeiçoaram e dominaram completamente os métodos necessários para a realização de viagens no tempo e metempsicoses profanas e valem-se desses artifícios para obter uma compreensão cada vez mais perfeita sobre os mais variados temas. Os conhecimentos adquiridos permanecem armazenados em enormes volumes guardados em estojos feitos de metal desconhecido e trancados nos arquivos de cantaria megalítica usados pela Grande Raça como enormes bibliotecas.

SUGESTÃO DE LEITURA: *A sombra vinda do tempo*.

Mi-Go

Os Mi-Go são crustáceos fungoides de cabeça elíptica com cerca de um metro e meio de altura e capazes de atravessar o éter do espaço sideral impelidos por asas de morcego. Originários do longínquo planeta Yuggoth, reverenciam Nyarlathotep e Shub-Niggurath, e em tempos imemoriais travaram uma guerra contra as Coisas Ancestrais. A presença dessas criaturas na Terra foi descoberta no ano de 1927, durante as enchentes históricas que assolaram o estado de Vermont.

SUGESTÃO DE LEITURA: *O sussurro nas trevas*.

Noctétricos

Os horripilantes noctétricos (*night-gaunts*) habitaram os sonhos de Lovecraft desde que o autor tinha seis anos de idade. Apesar das asas membranosas, das garras preênses e da cauda serrilhada, essas criaturas são desprovidas de rosto e voam no mais absoluto silêncio. Guardam a montanha Ngranek, situada nas Terras Oníricas.

SUGESTÕES DE LEITURA: *A busca onírica por Kadath*, “soneto XX do ciclo *Fungos de Yuggoth*”, “A estranha casa na neblina”.

Nyarlathotep

Descrito em diferentes ocasiões como um faraó egípcio, um avatar negro do próprio Demônio, um deus louco sem rosto e um olho abrasador de três lóbulos, Nyarlathotep — também conhecido pelo epíteto de Caos Rastejante — é uma das entidades malignas com maior variação de aspectos em toda a mitologia criada por Lovecraft.

SUGESTÕES DE LEITURA: “Nyarlathotep”, *A busca onírica por Kadath*, “Os sonhos na casa da bruxa”, “Ratos nas paredes”, “O visitante das trevas”.

Shoggoths

Os protoplasmas negros e amorfos criados e escravizados hipnoticamente pelas Coisas Ancestrais são chamados de “Shoggoths” no *Necro-*

nomicon do árabe louco Abdul Alhazred. Sem uma anatomia predefinida e capazes de assumir as mais variadas formas, essas atrocidades monstruosas apresentam-se em geral como uma viscosidade fétida dotada de uma miríade de olhos temporários. O levante dos Shoggoths contra seus mestres e criadores foi a mais temível batalha enfrentada pelas Coisas Ancestrais.

SUGESTÕES DE LEITURA: *Nas montanhas da loucura*, “Antarktos” (soneto do ciclo *Fungos de Yuggoth*), *A Sombra em Innsmouth*, “A coisa na soleira da porta”.

Shub-Niggurath

Pouca coisa pode ser dita a respeito de Shub-Niggurath, pois essa divindade maligna permanece envolta em trevas no universo criado por Lovecraft. Não existem descrições de Shub-Niggurath nos contos escritos pelo autor e na maioria das vezes as referências a esse nome limitam-se ao epíteto de “O Bode Negro com a Prole de Mil Filhotes” e à invocação “Iä! Shub-Niggurath!”.

SUGESTÕES DE LEITURA: *O sussurro nas trevas*, *O horror de Dunwich*, “Os sonhos na casa da bruxa”, “A coisa na soleira da porta”.

Yog-Sothoth

Descrito no *Necronomicon* do árabe louco Abdul Alhazred como sendo a passagem, a chave e o guardião da passagem através da qual as esferas se encontram, Yog-Sothoth preside o passado, o presente e o futuro. Graças a esses atributos, é — ao lado de Azathoth — uma das mais altas divindades nefastas do universo criado por Lovecraft. Em pelo menos uma ocasião, manteve relações sexuais com uma mortal, dando assim origem à prole monstruosa que aterrorizou o vilarejo de Dunwich.

SUGESTÕES DE LEITURA: *O horror de Dunwich*, *O caso de Charles Dexter Ward*.



Uma vida de histórias e obsessões

por *Marcello Simão Branco*



Um dos escritores mais influentes do horror, H.P. Lovecraft (1890–1937) pode ser considerado herdeiro da tradição gótica e romântica, estabelecida no século XIX em termos literários por E.T.A. Hoffmann (1776–1822), W.B. Yeats (1865–1939) e principalmente Edgar Allan Poe (1809–1849), uma de suas maiores inspirações.

Em certa medida Lovecraft viveu na primeira metade do século XX como se fosse um cidadão da América do século XVIII, baseado nos costumes e valores dos colonizadores britânicos. Isso ajuda a explicar em boa parte alguns aspectos de sua personalidade tida como misteriosa, conservadora e cercada de mal-entendidos. Além disso, de forma mais importante, inspirou a construção de sua peculiar literatura de horror que, a despeito de seguir certa tradição gótica, dela se desvencilhou a certa altura para construir o mundo do chamado horror cósmico, responsável por uma grande renovação de temas do gênero no século XX.

Afinal, como um escritor aparentemente recluso de uma pequena cidade no norte dos Estados Unidos, e com uma vida miserável, tornou-se ao longo dos anos um dos mais cultuados — ainda que pouco compreendido — não só em seu país de origem, mas de todos os que amam a literatura de horror?

É verdade que tal condição só foi alcançada nas últimas décadas e o autor quase caiu no esquecimento após a sua morte — ele havia publicado apenas um livro, e jamais havia conseguido se sustentar com o que

escrevia. Como veremos, parte de sua popularização deveu-se a um fiel grupo de escritores e fãs, mas mesmo isto aconteceu por causa da forma incomum de suas narrativas, criativas em termos temáticos e singulares do ponto de vista do estilo a ponto de terem sido originais no panorama literário do horror, da ficção científica e mesmo da literatura *mainstream*.

Uma criança singular

Howard Phillips Lovecraft nasceu às nove horas da manhã do dia 20 de agosto de 1890, na residência de sua família na cidade de Providence, estado de Rhode Island — na época da colonização chamada de Nova Inglaterra. Sua mãe era Sarah Susan Phillips, possivelmente descendente do imigrante pioneiro George Phillips, que chegou à América em 1630. Seu pai era Winfield Scott Lovecraft, um vendedor de joias itinerante. Recém-casados e em dificuldades financeiras, seus pais vieram a ter o filho em Providence, por causa da riqueza do pai da mãe, Whipple van Buren Phillips, industrial maçom com vários negócios, que em 1881 construiu uma imensa mansão de arquitetura vitoriana, vivendo com sua esposa e suas três filhas, entre elas, Sarah.

Desde a tenra infância Lovecraft teria relacionamentos complicados com seus pais. Em 1893 seu pai foi internado no Butler Hospital, de Providence, após uma crise nervosa com alucinações. Ficou cinco anos hospitalizado até falecer em decorrência de sífilis. Sua mãe queria uma menina e havia comprado só roupas femininas para o bebê. Lovecraft usou saias até os quatro anos e só teve os cabelos longos de menina cortados aos seis anos.

Depois da morte do pai quem passou a criar o menino foi seu avô, ao lado de sua mãe e outros membros da família. Apesar das esquisitices da mãe, Lovecraft teve uma infância muito rica em termos intelectuais. Precoce, aos dois anos recitava poemas e lia aos três. Seu avô foi o principal responsável por este interesse, colocando o neto em contato com diversos livros, entre eles as fábulas dos irmãos Grimm, versões infantis da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero, além da primeira paixão de Lovecraft, *As mil e uma noites* que ele conheceu aos cinco anos. Chegou a

criar um pseudônimo para o autor da obra, Abdul Alhazred, que depois viria a ser o autor do mítico *Necronomicon*, livro de evocação de poderes sobrenaturais muito presente em sua obra. O menino ficou tão empolgado com estas narrativas que teve o seu quarto decorado com tapetes e outros objetos de origem árabe. Contudo, seus interesses mudavam e logo enveredou para as mitologias grega e romana.

Em 1897 escreveu seu primeiro trabalho literário, “The Poem of Ulysses”, uma paráfrase da *Odisseia* com 88 linhas de versos rimados. Mas Lovecraft logo descobriu o fascínio das histórias sobrenaturais — apesar dos protestos da mãe. Seu avô lia histórias de terror para o neto e o colocou para ler também. Tal interesse se refletiu em sua primeira história escrita “The Noble Eavesdropper” (1897), não existente.

Aos oito anos Lovecraft tomou contato com a obra de Edgar Allan Poe, que viria a ser uma de suas grandes influências literárias. Nele inspirado, escreveu alguns contos como “A caverna secreta” (“The Secret Cave”, 1898), “O mistério do cemitério” (“The Mystery of the Grave-Yard”, 1898) e “John the Detective” (1898/1902) — não existente. Seu segundo conto escrito e o primeiro existente, “A pequena garrafa de vidro” (“The Little Glass Bottle”, 1897), também se encontra nesta edição, na parte dedicada à sua juvenília, que reúne as obras compostas durante a juventude do autor.

Em paralelo às suas primeiras tentativas literárias, desenvolveu grande interesse por ciências. Primeiro com química — chegou a ter um pequeno laboratório infantil no porão da mansão —, geografia e principalmente astronomia, ramo do conhecimento que se tornou permanente em sua vida. Chegou a editar seus primeiros fanzines *The Scientific Gazette* (1899–1907) — comentários e relatos de seus experimentos químicos — e *The Rhode Island Journal of Astronomy* (1903–1907), com distribuição para seus amigos. O primeiro texto publicado de Lovecraft apareceu em 1906, quando ele escreveu uma carta sobre assuntos astronômicos para o *The Providence Sunday Journal*. Logo a seguir escrevia colunas mensais para pequenos jornais da região, como *The Providence Tribune* (1906–1908), *The Providence Evening News* (1914–1918) e *The Asheville (N.C.) Gazette News* (1915).

Apesar de tanto interesse por letras e ciências, Lovecraft não teve um bom desempenho escolar, em parte por causa de seus problemas de saú-

de. Difícil afirmar com certeza, mas é possível que alguns tivessem causas psicológicas por causa do ambiente conturbado de sua família. Por sua precocidade intelectual, seus gostos algo excêntricos para um menino de sua idade e suas ausências escolares, começam a ganhar força os mitos sobre sua história de vida. Há uma controvérsia sobre se ele era um menino arredio e solitário, mas ele passeava muito de bicicleta com turmas de amigos, como qualquer garoto de sua idade. Entre 1904 e 1908, na adolescência, passou a frequentar mais a escola, quando foi incentivado por seus colegas e professores, produzindo pequenos jornais sobre literatura e ciências.

Em 1904 morreu o seu avô, deixando-o muito abalado dada a sua afinidade com ele. Para piorar, sua mãe e tias não souberam administrar os negócios e a herança, levando-o a vender a mansão e comprar uma casa mais modesta, onde viveu só com sua mãe. Lovecraft ficou deprimido, tendo pensamentos suicidas em seus passeios de bicicleta. Neste período, o ambiente escolar foi importante para mantê-lo ativo em seus interesses intelectuais. No ano de sua formatura dos estudos equivalentes ao ensino médio, possivelmente por sua dificuldade com a matemática, sofreu uma crise nervosa e não concluiu sua graduação. Ficou muito frustrado porque queria entrar para a universidade e estudar astronomia. De fato, ainda tentou ingressar na Brown University, mas o insucesso só aumentou sua decepção pessoal.

Há dúvidas se Lovecraft foi ou não uma pessoa reclusa em sua vida, mas podemos afirmar que nesta fase de fato ele se isolou. Entre 1908 e 1913 viveu quase como um ermitão, dedicando seu tempo a leituras de astronomia e a escrever poesia. Sua relação com a mãe tornou-se ainda mais difícil, pois ela sofria com a morte do marido e a diminuição de seu patrimônio. Vivia uma relação de amor e ódio.

Reconhecimento inesperado

Lovecraft saiu de sua solidão de forma surpreendente. Nessa época começou a ler os primeiros *pulp magazines*, e escreveu uma carta criticando um conto publicado na *Argosy*, em 1913. A publicação desencadeou muita polêmica por parte dos fãs de Fred Jackson, o autor criticado por

escrever histórias de amor. A discussão seguiu por algumas edições e chamou a atenção de Edward F. Daas (1899–1962), presidente da United Amateur Press Association (UAPA), uma associação de escritores fãs que escreviam e publicavam em seus próprios fanzines, se ajudando mutuamente.

Convidado por Daas, Lovecraft ingressou em 1914 e tornou-se um dos membros mais ativos, ao publicar seu fanzine *The Conservative*, por trinta edições, entre 1915 e 1923. Além disso colaborou com poemas e ensaios para outros fanzines da associação. Sua presença era tal, que o levou a presidir a UAPA, além de também outra associação semelhante, a National Amateur Press Association (NAPA). De acordo com Joshi (1996), esta experiência talvez tenha sido decisiva para Lovecraft resgatar seu interesse pela vida, tirando-o da solidão depressiva.

O mais importante do ponto de vista literário é que ele voltou a escrever ficção. Sua última história escrita havia sido “O alquimista” (“The Alchemist”), de 1908. Fãs como W. Paul Cook e outros já conheciam suas histórias e o incentivaram a voltar a escrever. Surgiu daí narrativas como “A tumba” (“The Tomb”) e “Dagon” (“Dagon”), ambas de 1917. Dada a boa recepção, Lovecraft se tornara uma pessoa popular no restrito ambiente social em que vivia, e passava a maior parte de seu tempo a escrever longas cartas, com pouco espaço para a criação literária. Lovecraft se tornaria mesmo um dos maiores missivistas literários do século XX com alguma coisa em torno de 100 mil cartas escritas. Entre seus principais correspondentes alguns escritores de horror e ficção científica de sua época como August Derleth (1909–1971), Donald Wandrei (1908–1987), Clark Ashton Smith (1893–1961), Robert E. Howard (1906–1936), Robert Bloch (1917–1994) e Frank Belknap Long (1901–1994).

Numa vida de altos e baixos, é a vez de sua mãe ficar gravemente doente, a partir de 1919. Sofrendo de alucinações e crises nervosas, é internada no mesmo hospital em que ficara seu marido. Dois anos depois, por causa de um erro médico numa cirurgia da vesícula, ela morre. Mesmo passando a viver com duas tias a partir da doença da mãe, novamente Lovecraft ficou muito triste, com pensamentos suicidas.

Mas seu luto não foi longo, pois ainda em 1921 compareceu a uma convenção de fãs e escritores de horror em Boston, onde seu amigo Rei-

Rhinehart Kleiner (1892–1949) lhe apresentou Sonia Haft Greene (1883–1972), uma judia de origem ucraniana. Ela também era fã e membro da UAPA, e tinha outros conhecidos em comum com Lovecraft. Sonia e Lovecraft tinham uma personalidade parecida, além das afinidades literárias, tendo inclusive escrito a quatro mãos o conto “O horror em Martin’s Beach” (“The Horror at Martin’s Beach”), em 1922.

Após um namoro de cerca de dois anos, principalmente por meio de longas correspondências, eles se casaram secretamente em 1924, o que não causou surpresa a seus amigos, mas às suas tias Lilian D. Clark e Annie E. Phillips, que souberam depois. Lovecraft não contou a elas por temer uma reação negativa, pelo fato de Sonia ser além de judia e mais velha, viúva e com uma filha. De fato, elas não aprovaram, mas Lovecraft foi residir com sua esposa longe de Providence pela primeira vez na vida, se aventurando em Nova York.

Foram morar no apartamento dela no Brooklin, com um início que parecia promissor para o casal: Lovecraft vendeu algumas histórias para a recém-criada *Weird Tales*, em 1923, a primeira revista *pulp* dedicada inteiramente ao horror e fantasia. Já Sonia, com experiência no ramo comercial, abriu uma loja de chapéus na Quinta Avenida. Não demorou, porém, para surgirem dificuldades para ambos. Os custos de manutenção da loja a levaram à falência, deixando muitas dívidas, e Lovecraft perdeu ótima oportunidade de tornar-se editor-assistente de *Weird Tales*, pois a revista mudara seu endereço para Chicago. Para complicar Sonia adoeceu com gastrite, e os custos de internação consumiram quase todas as economias do casal. Lovecraft chegou a procurar uma agência de empregos, mas sem experiência prática além de revisão e elaboração de textos, nada conseguiu. Em 1925 ela arruma um emprego em Cleveland e Lovecraft aluga um pequeno apartamento no bairro suburbano de Red Hook.

Apesar de tudo, a vida numa metrópole como Nova York foi marcante para Lovecraft em muitos sentidos. Pôde conviver mais com amigos com quem antes só se comunicava por cartas e um ou outro encontro ocasional. Gente de letras como Frank Belknap Long, Rhinehart Kleiner, Samuel Loveman (1887–1976), entre outros. Também tomou contato com a vida de uma metrópole moderna e em constante transformação, o oposto do que estava acostumado em sua pacata Providence.

De certa forma, reforçou nele uma ojeriza por tudo o que não fosse branco e anglo-saxão, com indisfarçável mal-estar diante da convivência com imigrantes europeus latinos, negros e asiáticos. Influenciado por esse ambiente escreveu histórias de teor nostálgico como “A casa temida” (“The Shunned House”, 1924) e reacionários como “O horror em Red Hook” (“The Horror at Red Hook”, 1924) e “Ele” (“He”, 1924).

Em 1926 Lovecraft retorna ao convívio de suas tias em Providence, que recusaram a chance de Sonia ir morar com ele na cidade por não aceitarem a possibilidade de ela sustentá-lo com um novo empreendimento comercial. Depois disso, eles acabaram por se afastar, com ela pedindo um divórcio que, sem ela saber, ele nunca assinou, em 1929. No fundo Lovecraft nunca deixou de gostar dela, mas além dos problemas financeiros e de saúde, e da inadaptação numa cidade grande, pesou contra o matrimônio o fato de Lovecraft se interessar pouco por sexo, uma reclamação que vinha desde pelo menos a noite de núpcias, quando Lovecraft teria preferido passar a noite concluindo um trabalho de revisão.

Maturidade literária e morte precoce

Ainda antes, mas principalmente após o casamento, Lovecraft deu impulso à sua carreira de escritor. Depois do seu feliz encontro com os fãs da UAPA, em termos literários encontrou na revista *Weird Tales* um lugar onde pôde começar a publicar ficção de forma regular, o que lhe deu incentivo a prosseguir e desenvolver sua literatura.

Antes dos anos 1920 sua ficção de horror esteve mais voltada a certa nostalgia romântica que por vezes resvalava em morbidez e sentimentos autodestrutivos. Exemplos podem ser encontrados em contos como, por exemplo, “O velho terrível” (“The Terrible Old Man”, 1920) e “A gravura na velha casa” (“The Picture in the House”, 1920). Em todo caso, observa-se também o surgimento ainda latente de características que o distinguiriam de meados dos anos 1920 em diante, transformando-o no mais celebrado e imitado autor de horror por mudar o panorama do gênero e, em certa medida, também da ficção científica. Contos que vislumbram esse momento podem ser vistos em “O depoimento de Ran-

dolph Carter” (“The Statement of Randolph Carter”, 1919) e “Dagon” (“Dagon”, 1917).

Várias de suas narrativas foram diretamente inspiradas por sonhos e pesadelos, o que contribuiu para a criação de uma obra marcada por aspectos do subconsciente e de simbolismos. Os autores que mais o influenciaram foram Edgar Allan Poe e Lord Dunsany (1878–1957), cujas belíssimas histórias da mais pura fantasia — reunidas nos volumes *The Book of Wonder* (1912) e *The Last Book of Wonder* (1916) — o inspiraram num conjunto de contos classificados como “Ciclo dos Sonhos”. Aqui Lovecraft continua na seara dos acontecimentos sobrenaturais, mas se permite uma imaginação um pouco mais livre de temas estritamente assustadores. “A maldição de Sarnath” (“The Doom That Came to Sarnath”, 1919), “Celephaïs” (“Celephaïs”, 1920) e “A busca onírica por Kadath” (“The Dream-Quest of Unknown Kadath”, 1926–1927) são exemplos notáveis dessa veia narrativa.

Se Poe foi reconhecido por Lovecraft como uma de suas maiores influências, talvez tenha sido do ponto de vista temático e de uma visão de mundo pessimista e algo niilista. Pois se Poe era mais voltado ao tema da morte em si, Lovecraft abordava de forma obsessiva os efeitos assustadores e existencialmente desestabilizadores do horror em si. O horror como uma espécie de entidade oculta, à espreita e que se revela de forma terrível a quem descobre os seus desígnios de domínio sobre uma raça humana irrelevante dentro de um contexto cósmico.

As entidades que representam esse horror pertencem a raças alienígenas muito poderosas, tão antigas quanto a aurora do universo, e que teriam dominado a Terra por milênios. Estariam no espaço ou no interior da Terra à espera de uma oportunidade para voltar à posse do planeta, trazendo um destino final de sofrimento e destruição para os seres humanos.

Essa concepção resume aquilo que ficou conhecido como o *horror cósmico*, certamente a maior contribuição de H.P. Lovecraft em termos temáticos para os gêneros do horror e da ficção científica. Em certa medida podemos compreender essa aproximação entre dois gêneros aparentemente distantes no interior do gênero fantástico pelo fato de Lovecraft ter sido sempre um entusiasta do conhecimento científico, em es-

pecial da astronomia. Como observa Guilherme da Silva Braga, na introdução de *O chamado de Cthulhu e outros contos*:

Um de seus méritos foi justamente o de combinar a antiga tradição de horror com os avanços da ciência, o que resultou em um tratamento literário e filosófico dos preceitos científicos de então. (BRAGA, 2009, p. 10).

Lovecraft começa a dar corpo ao que depois o escritor August Derleth chamou de “O Ciclo de Cthulhu” já com a história precursora “Dagon”, mas desenvolve plenamente esse universo ficcional a partir da publicação do hoje clássico “O chamado de Cthulhu” (“The Call of Cthulhu”, 1926).

Cthulhu, o mais poderoso dos Grandes Anciãos (as divindades mais antigas e poderosas), inaugura o panteão de seres inomináveis e assustadores, tanto para os infortunados personagens que com eles se deparam, como para os leitores, principalmente aqueles que leem as histórias pela primeira vez.

Seguem-se outras histórias clássicas desse ciclo como *O caso de Charles Dexter Ward* (*The Case of Charles Dexter Ward*, 1927), “A cor que caiu do espaço” (“The Colour Out of Space”, 1927), “O horror de Dunwich” (*The Dunwich Horror*, 1928), “O sussurro nas trevas” (“The Whisperer in Darkness”, 1930), “Nas montanhas da loucura” (“At the Mountains of Madness”, 1931), “A sombra em Innsmouth” (“The Shadow Over Innsmouth”, 1931) — sua única publicação em livro, com tiragem de apenas duzentos exemplares —, *A sombra vinda do tempo* (“The Shadow Out of Time”, 1934–1935). Esse conjunto de noveletas, novelas e romances breves é, juntamente com as narrativas curtas reunidas nesta edição, o *tour de force* de Lovecraft, a essência de sua visão de mundo e força criativa, de extrema influência posterior.

Mas o fato é que Lovecraft teve muita dificuldade em publicar essas histórias, pois elas eram longas e lentas demais para os padrões das *pulp magazines* da época, em especial da principal revista de horror, a *Weird Tales*. Para sobreviver ele continuou atuando como revisor de vários autores e como *ghostwriter* de outros, o mais célebre deles o ilusionista Houdini (1874–1926), no conto “Sob as pirâmides” (“Under the Pyra-

mids”, 1924). Além de contos, Lovecraft também escrevia poemas e ensaios sob pseudônimos.

Se de meados dos anos 1920 em diante a literatura de Lovecraft deslanchou em termos de qualidade, as dificuldades de sua vida pessoal prosseguiram. Em 1932, por exemplo, sua tia Lilian Clark morreu e ele passou a viver num pequeno cômodo apenas com seu parente remanescente, a tia Annie Gamwell. Em 1936, o suicídio surpreendente de um de seus maiores amigos, o escritor Robert E. Howard — criador do personagem *Conan, o Bárbaro* —, muito o abalou, e ele também começou a sentir fortes dores na região abdominal.

Lovecraft não procurou ajuda médica, talvez por falta de confiança e medo, já que sua mãe morrera devido a um erro médico em uma cirurgia. Isso agravou seu estado de saúde, e apenas quando suas dores se tornaram insuportáveis é que ele foi hospitalizado. Mas o câncer de intestino já era terminal, e ele faleceu cinco dias depois, em 15 de março de 1937, aos 46 anos de idade em uma vida feita de muita imaginação, decepções e sofrimento.

Triunfo póstumo

A morte repentina de Lovecraft causou grande consternação em seu grupo de fãs, leitores e escritores com quem ele se correspondia. Dois deles, August Derleth e Donald Wandrei reuniram boa parte de suas histórias e enviaram para algumas editoras na tentativa de publicá-las. Receberam seguidas rejeições, e então tiveram a ousada decisão de criar uma editora para publicar os textos de Lovecraft. Nascia, assim, a Arkham House, que já em 1939 publicava a coletânea *The Outsider and Others*. A esse volume inicial seguiram-se vários outros, tendo sido lançada praticamente toda a sua obra em prosa, verso, ensaios e parte de sua volumosa correspondência; trabalho inestimável que certamente salvou Lovecraft do esquecimento, já que ele só começou a ser apreciado por um público mais amplo de leitores e críticos depois que seus escritos foram organizados e editados pela Arkham House.

Essa editora também publicou muitos livros com histórias de outros autores que continuaram o universo ficcional de Lovecraft, em especial

o dos mitos de Cthulhu. Algumas tiveram algum brilhantismo como, por exemplo, dois livros de August Derleth, a novela *The Lurker at the Threshold* (1945) — a partir de fragmentos de histórias deixados por Lovecraft — e as coletâneas *The Mask of Cthulhu* (1958), e *The Hounds of Tindalos* (1946), de Frank Belknap Long. Fora da Arkham House, mas igualmente de interesse é o romance *Parasitas da mente* (*Minds Parasite*, 1966), do inglês Colin Wilson (1931–2013). Em seu conjunto, no entanto, a maior parte dessas histórias não passou de tentativas de imitação, que frequentemente redundaram no pastiche.

Lovecraft se tornou quase que um objeto de culto por parte de seus muitos admiradores mundo afora. É um autor que não tem ficado fora de catálogo, ainda mais depois que suas histórias entraram em domínio público, em 2007. Mesmo com alguma controvérsia entre os críticos literários, ele teve publicado seu volume de contos *Tales*, em 2005, na prestigiosa série da Library of America, consagrada a reconhecer a importância literária de um autor para as letras norte-americanas.

Colin Wilson, na introdução de *Parasitas da Mente*, argumenta que

o que torna Lovecraft duplamente bom e mau é o fato de ter sido um escritor obcecado. Esta razão pode também justificar por que apenas poucos dos livros que seguiram a tradição de Lovecraft atingiram o mesmo nível de força imaginativa [...] Ele criou os mitos de Cthulhu por uma necessidade interior. (WILSON, 1977, pp. 8–9.)

Esta obsessão e necessidade interior estão voltadas, na verdade, ao passado ancestral, e pode ser em parte explicada por dois aspectos. Um relacionado ao seu estilo narrativo e outro ao conteúdo temático de suas histórias. Pois talvez até antes do efeito do horror o que chama a atenção em Lovecraft é a maneira como ele conta uma história.

Suas histórias se caracterizam por narração na primeira pessoa, e com muita adjetivação dos acontecimentos, às vezes excessiva, mas que reforçam um clima penetrante e de angústia, que faz do leitor um cúmplice quase participante dos horrores vividos pelos personagens. Desse modo, suas histórias ecoam na mente do leitor, que se descobre devorando o texto até o final, com o enredo reverberando não raro por dias em sua mente.

O próprio Lovecraft, em seu ensaio clássico *O horror sobrenatural na literatura* (*Supernatural Horror in Literature*, 1926), afirma que “o mais importante de tudo é a atmosfera, pois o critério final de autenticidade não é o recorte de uma trama e sim a criação de uma determinada sensação” (Apud FERNANDES, 1991, p. 2).

Mas apesar do culto em torno de sua *persona* e suas histórias de caráter único, há quem não goste de seu estilo, visto como obsoleto, suas narrativas semelhantes e repetitivas, além de personagens muito parecidos, difíceis de serem distinguidos. Além do seu indisfarçável e incômodo racismo.

Contudo, mesmo seus críticos e detratores reconhecem que a atualidade e a longevidade da obra de Lovecraft, que já adentra o século XXI, é a sua *visão de mundo*.

Como defende o crítico e editor americano Gardner Dozois,

Lovecraft foi um dos primeiros autores a quebrar a visão dominante do século XIX de que o mundo girava em torno de conceitos como o bem e o mal, pecado e redenção, anjos e demônios, e nos mostrou um universo vasto, impessoal, com forças implacáveis com que os humanos não poderiam lidar nem compreender. (DOZOIS, 2012, p. 66.)

Pois no cosmos lovecraftiano o Bem e o Mal estão fora da equação de uma compreensão da realidade. A qualquer momento um evento cósmico pode destruir a Terra e a civilização humana, frustrando nossas crenças, valores e objetivos. Não há qualquer salvação para nós no caso de algum evento catastrófico repentino porque para o assim chamado “grande plano cósmico” a humanidade é irrelevante. O universo é indiferente às nossas crenças e motivações.

Lovecraft apresenta essa visão radical com as tintas do horror fatalista, e o que leva seus personagens ao desespero e à insanidade é a descoberta de que somos insignificantes, manipulados por um panteão de deuses antigos e poderosos que, em certa medida, representam uma metáfora do próprio universo e suas leis incognoscíveis e seus eventos fortuitos, inesperados.

Neste século XXI a visão que se tem do universo é, de fato, muito mais complexa e multifacetada do que se imaginava nos idos de 1930. Is-

so torna claro que nós podemos estar vivendo num *cosmos lovecraftiano*, onde a Terra pode ser aniquilada, ou ao menos a vida humana, a qualquer momento pela colisão de um asteroide, emissões de raios gama, explosão de supernova, aumento da energia do Sol, entre outras possibilidades. E Deus, em suas diferentes manifestações místicas e religiosas, não virá nos salvar.

Certamente tal cosmovisão exposta em termos de forte fatalismo nas histórias de Lovecraft explica em boa medida porque ele permanece como um autor influente e relevante, como mostram as várias antologias de contos que reúnem autores dos mais diferentes matizes para se exercitar dentro dessa concepção desencantada e resignada sobre a condição humana em relação às forças da natureza.

Duas destas antologias recentemente lançadas nos Estados Unidos são *The Book of Cthulhu*, editada por Ross E. Lockhart, e *New Cthulhu: The Recent Weird*, editada por Paula Guran, ambas de 2012. Reúnem os mais expressivos autores contemporâneos que continuam o seu legado. Mas não só por lá, mas aqui mesmo no Brasil, na influência que Lovecraft exerce em alguns escritores brasileiros e na pujante onda de lançamentos (e novas traduções) de sua obra nestes anos 2000, como atesta o seminal *Contos reunidos do mestre do horror cósmico*, que contém a totalidade de suas narrativas curtas uniautorais, bem como esta que o leitor tem em mãos. Uma celebração do fascínio que o mestre do inefável continua a exercer.

Bibliografia

BRAGA, Guilherme da Silva. “Introdução”. *O chamado de Cthulhu e outros contos*. São Paulo: Hedra, 2009.

CAMP, L. Sprague de. *Lovecraft: A Biography*. New York: Ballantine Books, 1976.

DOZOIS, Gardner. “Gardnerspace: A Short Fiction Column”. *Locus — The Magazine of Science Fiction and Fantasy*, fevereiro de 2012.

FERNANDES, Fábio. “Prefácio”, *A Tumba e outras Histórias*, H.P. Lovecraft. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.

JOSHI, S.T. “A Vida de um Cavaleiro de Providence”, *Megalon*, ano 8, número 42, novembro de 1996.

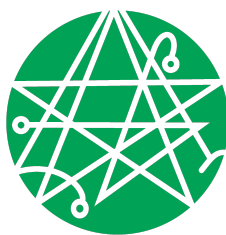
JOSHI, S.T. *H.P. Lovecraft: A Life*. West Warwick, RI: Necronomicon Press, 2004.

RICCI, Denilson Earhart (org.) *O Mundo Fantástico de H.P. Lovecraft* Jundiaí: Editora Clock Tower, 2013.

STABLEFORD, Brian. “Lovecraft, H(oward) P(hillips)”. *The Encyclopedia of Science Fiction*, John Clute e Peter Nicholls, eds. New York: St. Martin Press, 1993.

WILSON, Colin. “Prefácio”, *Parasitas da Mente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

WILSON, Colin e LANGFORD, David. “Lovecraft, H(oward) P(hillips)”. *The Encyclopedia of Fantasy*, John Clute e John Grant, eds. New York: St. Martin Press, 1997.



A estética da literatura de horror

por *Silvio Alexandre*



As histórias fantásticas podem ser agrupadas em duas grandes categorias: aquelas em que o maravilhoso ou o horrível tem relação com alguma condição ou fenômeno; e aquelas em que se trata de alguma ação de pessoas em conexão com alguma condição bizarra ou algum fenômeno.

*“Notas sobre a escritura de contos fantásticos”
— H.P. Lovecraft*

Um dos primeiros escritores a buscar uma teoria para a literatura fantástica foi Howard Phillips Lovecraft (1890–1937). Seu estudo histórico-crítico “O horror sobrenatural na literatura” faz um levantamento dos principais escritores ocidentais que escreveram sobre o assunto e tenta encontrar o motivo da proliferação de histórias de horror, fenômeno que começou no século XVIII e teve um dos momentos mais prolíficos no século XIX.

No ensaio, Lovecraft considera apenas a literatura que, a princípio, inspira horror. Porém, suas ideias são válidas se pensarmos numa evolução teórica. Uma de suas primeiras constatações foi a da dificuldade de criar uma teoria que satisfaça as inúmeras histórias sobrenaturais, frutos da criação de vários autores: “Como é natural, não podemos esperar que todos os relatos sobrenaturais se ajustem a um modelo teórico”, ele argumenta.

Apesar de ter começado a escrevê-lo em 1924, depois que W. Paul Cook, um dos muitos amigos com quem trocava cartas, pediu que ele escrevesse um ensaio histórico sobre a literatura de horror sobrenatural, este só foi publicado, após passar por diversas revisões, em 1927 na *The Recluse*, uma revista amadora editada por Cook. A primeira edição em livro foi publicado em sua versão definitiva no volume *The Outsider and Others*, em 1939, dois anos após sua morte.

Ao escrever uma história do gênero, Lovecraft acaba defendendo uma estética da literatura de horror. Para ele, o fantástico está ligado ao mais primitivo sentimento do ser humano: o medo, principalmente daquilo que é desconhecido. Isso fica bem claro no início do seu ensaio com a enunciação que se tornou célebre na tradição crítica da narrativa de horror:

A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão esses fatos e sua reconhecida verdade deve estabelecer, para todos os tempos, a autenticidade e dignidade da ficção fantástica de horror como forma literária.

Assim, a literatura assume o papel de manifestação cultural ao também expressar histórias que envolvam fenômenos sobrenaturais ou qualquer outro tipo de assunto que provoque o medo. Dessa forma, Lovecraft associa a produção de histórias sobrenaturais e obras de arte a uma tendência do ser humano de expressar o seu medo do desconhecido. Sendo a dor e a ameaça da morte, mais do que do prazer, as emoções mais lembradas. Podemos encontrar esse sentimento primordial no folclore, a forma mais elementar de cultura, através das figuras macabras e demoníacas que habitam o imaginário do homem, o lado “negro e mal-fazejo do mistério cósmico”.

O horror é suscitado não apenas pela violência de sacrifícios secretos, ossos ensanguentados e formas amortalhadas fazendo tinir correntes, como ressalta muito bem o professor Adolfo de Souza Frota, da Universidade Estadual de Goiás. Antes de qualquer violência e horror físico, é preciso conceber a criação de um ambiente de terror sufocante e inexplicável. Aliada à concepção dessa atmosfera está a criação de determinada sensação. Nesse caso, a sensação que o leitor deve ter é a do me-

do. Entretanto, o medo tem que ser do contato com as forças desconhecidas, daquelas que a ciência não pode explicar. Caso a história tenha uma explicação dos seus fenômenos através dos meios naturais, ela não se constitui como fantástica.

Para Lovecraft, a quebra nos padrões realistas pode funcionar como estopim do horror: cenas misteriosas e cenários medonhos trazem sempre uma alusão ao inexplicável e ao imprevisível, que geram a hesitação do fantástico. Como dispositivo responsável pela falha na expectativa, o fantástico convoca o desconhecido e faz do estranhamento personagem-chave. Uma história fantástica é normalmente a dramatização de uma probabilidade frustrada, e a sensação, nesse caso, pode ser de espanto ou de apavoramento.

O que define uma história fantástica, segundo ele, não são apenas enredos ou cenas fantasiosas, mas a construção de determinada sensação. O nível emocional que o texto pode atingir é seu melhor juízo de valor:

o único teste para o verdadeiro horror é apenas este: se ele provoca ou não no leitor um profundo senso de pavor, e de contato com esferas diferentes e forças desconhecidas.

Ou seja, uma característica de importância fundamental dessa estética da literatura de horror está na criação da atmosfera. O fantástico não se estabelece exatamente na estrutura da obra, mas na atmosfera criada no ato da leitura, na impressão específica forjada no leitor diante do texto.

De acordo com o professor Lainister de Oliveira Esteves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o fantástico para Lovecraft opera graças a um bem-sucedido esforço realista; atua fraturando a apreensão da realidade para oferecer outra possibilidade de formatação narrativa. O solo estável da realidade nunca é completamente dispensado, pois é sobre ele que surge o espectro da fantasia. Nesse sentido não existiria divergência completa entre as formas realistas e fantásticas, pois somente da familiaridade pode surgir a quebra. Assim, o fantástico não se estabelece exatamente na estrutura da obra, mas na atmosfera criada no ato da leitura, na impressão específica forjada no leitor diante do texto.

Diversas explicações do horror literário usam premissas estéticas propostas a partir do século XVIII. Algumas técnicas de produção de efeito de horror são embasadas no conceito de sublime: trata-se da colocação de pares de oposição, que se fundem e mantêm sua integridade, como o belo e feio; o atrativo e o repulsivo. A eficácia da narrativa e da recepção passa a depender da reação do leitor, pois a intenção de gerar ou simular o medo permanece visível.

Quando comparamos escritores como Horace Walpole e Edgar Allan Poe, por exemplo, podemos perceber que eles partem do pressuposto de que reproduzir o horror é simular uma condição natural. O primeiro diz seguir as regras da natureza enquanto o segundo diz extrair o horror do coração. Essa percepção de naturalidade, observada pelo professor Esteves, está em grande medida ligada à experiência do sublime cuja acepção moderna ganha maior repercussão com a publicação de *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*, de Edmund Burke (1757).

Nessa obra, o filósofo irlandês analisa as relações entre a beleza e o sublime. A beleza é definida como o conjunto de qualidades positivas dos corpos que agem de forma mecânica sobre o espírito, mediante a intervenção dos sentidos. O sublime é a mais forte emoção que o espírito humano é capaz de suportar, pois monopoliza e concentra o conjunto das energias individuais. Seu efeito característico é o terror e as reações dele derivadas, tais como o medo, a reverência e o respeito. Suas fontes são a obscuridade, a escuridão, a incerteza, a confusão, a grandiosidade e a infinitude.

Se a beleza é um elemento crucial no desenrolar da história do gosto, o sublime é justamente o que rompe com a lógica da experiência remetida à tradição. É o que instaura a liberdade por causar desordem aos sentidos. Essa desorganização sensorial teria origem no aspecto obscuro do sublime, pois seus traços misteriosos seriam responsáveis pela produção de efeito. O que Burke entende por paixões refere-se a um repertório amplo de sentimentos: amor, medo, alegria, prazer, dor, raiva, terror, estupefação, enfim, modalidades de sensações. Assim, o sublime socializa o indivíduo pelo terror da solidão, enquanto a beleza torna a vida social algo mais que uma necessidade ao gerar amor e afeto entre os seres humanos.

Burke apresenta o sublime como uma modalidade da experiência estética mais ampla, encontrada não apenas na literatura. Segundo sua definição, a natureza do sublime relaciona-se ao infinito e, sobretudo, ao sentimento do terror. Para Burke:

tudo aquilo que serve para, de algum modo, excitar as ideias de dor e perigo... ou versa sobre objetos terríveis, ou opera de maneira análoga ao terror, é origem do sublime; ou seja, é causador da mais forte emoção que a mente é capaz de sentir.

Uma das primeiras obras a enfatizar o poder de sugestão como elemento fundamental para a imaginação — “as imagens escuras, confusas e incertas, mais do que aquelas claras e determinadas, têm sobre a fantasia um poder maior de formar as grandes paixões” —, o tratado de Burke sinaliza um distanciamento em relação às ideias clássicas e racionalistas do início do século XVIII, anunciando preocupações que viriam a ser exploradas pelo romantismo. O impacto das ideias de Burke na Alemanha se faz sentir por intermédio do filósofo Immanuel Kant, principalmente em suas *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764) e na *Crítica do juízo* (1790), em que define o “sublime como aquilo que é absolutamente grande”.

Segundo Burke, sublime é tudo o que exalta a alma, espanta os sentidos, tudo o que é grandioso. Tal deleite sensorial pode ser obtido com a beleza extrema e com as luzes, mas também com a feiura e as trevas. O horror também pode ser extraordinário. Ele afirma, inclusive, que o terror é causador da mais forte emoção que a mente é capaz de sentir. Ao se notar que este terror é fictício, experimenta-se o deleite.

Para o pensador irlandês:

tudo que seja de algum modo capaz de incitar as ideias de dor e de perigo, isto é, tudo que seja de alguma maneira terrível ou relacionado ao terror, constitui uma fonte do sublime; isto é, produz a mais forte sensação, porque estou convencido de que as ideias de dor são muito mais poderosas do que aquelas que provêm do prazer.

Dessa forma, o medo é uma categoria muito importante para Burke em suas articulações com perigo, dor e morte e, mesmo que gerado por

uma imitação, ou seja, se nos depararmos com uma representação de uma situação amedrontadora, é bem provável que pressintamos a dor e a morte, pois ele, o medo, atua de maneira semelhante a uma situação real. A relação do sublime com elementos carregados de feiura não é para Burke uma relação necessária, mas sim compatível e complementar na medida em que o feio auxilia a despertar o terror, fato que não impede que o sublime seja despertado por objetos belos, de formas perfeitas, proporções harmônicas e agradáveis aos sentidos.

Com propriedade e uma análise bem fundamentada, o professor Júlio França, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, demonstrou a influência exercida pela obra de Edmund Burke sobre o consagrado ensaio de Lovecraft. E a consequente importância da teoria do sublime como fundamento da reflexão crítica contemporânea sobre a narrativa ficcional de horror.

Muito embora não faça nenhuma menção explícita a Edmund Burke ao longo do texto, nos alerta França, a estética da ficção do horror que Lovecraft defende está assentada nas premissas burkeanas. Porém, parece explícita a dependência do seu pensamento a premissas das teorias do sublime, tais como a influência das sensações de prazer e dor na recepção das obras; o caráter pré-racional de nossas paixões; a potência do sentimento do medo; e, sobretudo, as semelhanças entre “horror cósmico” e “horror sublime”.

Outras relações poderiam ser encontradas nas fontes do sublime elencadas por Burke. Entre elas, algumas estão intimamente relacionadas com as temáticas e os enredos da narrativa de horror: a obscuridade; o pavor de algo desconhecido; a ameaça física da dor, do ferimento ou da aniquilação; a privação; a solidão; o silêncio ou a vacuidade; a percepção da imensidão ou da infinitude, entre outras. Em comum, todas essas percepções seriam capazes de produzir dor, medo ou terror e, consequentemente, o deleite.

Sobretudo a *obscuridade*, como ressalta ainda França, merece ser aqui mencionada, por sua proximidade com as noções lovecraftianas de *desconhecido*. A complexa ideia de obscuridade, que pode se referir a objetos que são ausentes de luz, de clareza ou mesmo de inteligibilidade, é indispensável na produção ideal do medo ou do horror. O conheci-

mento do perigo em toda a sua extensão faria desaparecer parte da apreensão por ele provocada.

Nas palavras esclarecedoras de Edmund Burke:

qualquer pessoa poderá perceber isso, se refletir o quão intensamente a noite contribui para o nosso temor em todos os casos de perigo e o quanto as crenças em fantasmas e duendes, dos quais ninguém pode formar ideias precisas, afetam os espíritos que dão crédito aos contos populares sobre tais espécies de seres.

E, para concluir, o professor França afirma que em relação às artes da representação, Burke entendia que a sugestão era capaz de produzir efeitos de horror muito mais eficazes do que a explicitação. Tal pensamento, claramente endossado por Lovecraft, influenciou muito mais do que sua reflexão crítica sobre a narrativa sobrenatural, tendo se convertido na diretriz essencial da prosa de ficção lovecraftiana.

Bibliografia

ARAÚJO, Valdei Lopes de Araujo. *O sublime, o belo e a Revolução: história e narrativização em Burke e Hegel*. In: Revista Intellectus, ano 03, v. I. pp.1–15. Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.

BEZARIAS, Caio Alexandre. *Funções do mito na obra de Howard Phillips Lovecraft*. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. Campinas: Papirus: Editora da Unicamp, 1993.

CARROLL, Noël. *A filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Campinas: Papirus, 1999.

ESTEVES, Lainister de Oliveira. *Literatura nas sombras: usos do horror na ficção brasileira do século XIX*. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2014.

FRANÇA, Julio. “Fundamentos estéticos da literatura de horror: A influência de Edmund Burke em H. P. Lovecraft”. In *Caderno Seminal Digital*. No. 14., jul./dez. 2010. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010.

FROTA, Adolfo José de Souza Frota. “A criação do fantástico, do estranho e do maravilhoso em três contos norte-americanos”. In *Via Litterae Revista de Linguística e Teoria Literária* v. 4, n. 1, pp. 123–144, jan./jun. Universidade Estadual de Goiás: Anápolis, 2012.

GIL, José Carlos Guerreiro. *H.P. Lovecraft — Um ícone da cultura ocidental contemporânea*. Dissertação (Mestrado) Universidade de Évora: Portugal, 2009.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural na literatura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MORAES, Marcelo Rodrigues. “Estética e horror: o monstro, o estranho e o abjeto”. In *Revista Literatura e Autoritarismo*. Dossiê “Escritas da Violência”. Francisco Foot Hardman, Jaime Ginzburg e Márcio Seligmann-Silva (orgs.). Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria (RS), 2008.



O Necronomicon: Bíblia da literatura gótica contemporânea

por *Nathalia Sorgon Scotuzzi*



*That is not dead which can eternal lie,
And with strange aeons even death may die*
H. P. Lovecraft
(“*The Call of Cthulhu*”)

H.P. Lovecraft

Howard Phillips Lovecraft, ou apenas H.P. Lovecraft, foi um escritor do início do século XX que abriu novas portas à narrativa gótica, enriquecendo as temáticas, aprofundando os temores e deixando um legado ainda mais amplo para a cultura contemporânea do horror.

Assim como Edgar Allan Poe fora um dos principais nomes da literatura gótica do século XIX, Lovecraft teve seu espaço no século subsequente, mesmo não recebendo grande reconhecimento de suas obras em vida, o que se deve, em boa parte, ao fato de que seus textos foram publicados em periódicos *pulp* como a revista *Weird Tales*, fundada na década de 1920. Apenas um de seus contos, “A sombra em Innsmouth”, fora publicado propriamente em formato de livro durante sua vida, mas este sofrera alterações e recortes que desagradaram profundamente o autor. Seu maior reconhecimento veio anos depois e se propaga até os

dias de hoje com rapidez, ganhando adeptos e visibilidade em diferentes meios culturais e plataformas ficcionais.

Lovecraft concebia a literatura gótica de uma maneira diferenciada, compreendendo-a pelas lentes do que ele mesmo denominou horror cósmico. Trabalhando com temáticas que envolvem a manifestação de criaturas alienígenas e entidades que colocam em xeque as leis físicas, temporais e intelectuais do mundo humano conhecido, o autor fez surgir um novo tipo de medo, qual seja o medo do que é desconhecido por completo, daquilo que não se tem controle algum e que não se sabe como lidar. Disso surgem criaturas monstruosas e ameaçadoras, porém divinas dentro de seus próprios contextos existenciais; seres demoníacos de outros planetas e com diferentes intenções frente à singela e frágil condição humana.

As temáticas trabalhadas pelo autor, além do horror cósmico, envolvem elementos clássicos do gótico, como a bruxaria, o demoníaco, os sonhos e os pesadelos. Lovecraft tem a habilidade de trabalhar esses temas individualmente em uma obra ou outra e de entrelaçá-los entre si, conferindo sentidos novos e ligações inéditas à literatura de horror. De certa forma, a articulação desses entrelaçamentos em particular conflui, refluí ou gravita em torno de um grimório fictício que parece conter todos os conhecimentos ocultos mais assombrosos que chegaram ao conhecimento humano: trata-se do *Necronomicon*.

O Necronomicon

Criado pelo próprio Lovecraft em seu universo ficcional, o *Necronomicon*, apesar de fictício, possui uma “história”, uma “origem”, que é contada no conto “História do *Necronomicon*” (1927), escrito com a intenção de dar maior verossimilhança ao grimório. De acordo com esse conto, o compêndio fora criado por um “árabe louco” chamado Abdul Alhazred, que o escrevera no ano de 730 d.C. após vivenciar experiências inomináveis nas ruínas da Babilônia, nos desertos do sul da Arábia e em outros lugares obscuros. O título original da obra era *Al Azif*, que é o termo designado pelos árabes para o som noturno produzido por insetos, som que se acreditava ser o uivo do demônio. A obra recebera o

nome *Necronomicon* após ser traduzida para o grego. Com o passar dos anos, o texto fora traduzido para outros idiomas, banido, escondido e algumas versões foram perdidas.

Como inspiração para a criação do livro, Lovecraft utilizou elementos já presentes em sua vida e conhecimentos provenientes de seus estudos. Quando criança, o autor lera *As mil e uma noites* na tradução de Galland e apaixonara-se pelo mundo árabe e sua magia. Assim, adotou para si o pseudônimo Abdul Alhazred, que mais tarde usara para denominar o criador do grimório maldito. O termo *Necronomicon*, que pode ser traduzido como “Livro dos Nomes dos Mortos” (entre outras traduções), também não fora inventado por ele, pois civilizações antigas como Egito e Mesopotâmia produziram livros contendo detalhes de suas práticas funerárias, magias e assuntos relacionados aos mortos e seus deuses. Esses livros eram chamados pelos gregos de *Necronomicon*, e foi muito provavelmente dessa tradição grega que Lovecraft emprestou o nome para seu grimório imaginário, apesar de afirmar que a nomenclatura lhe ocorrera em um sonho.

Lovecraft também criou toda uma mística em torno do compêndio, de modo a envolvê-lo com a aura de que talvez a obra não seja realmente ficcional. O autor cita dados e informações reais, que fazem com que a história do livro se encaixe na História do mundo. Por exemplo, em “A história do *Necronomicon*” o autor diz que existem cópias do grimório guardadas no British Museum em Londres, na Bibliothèque Nationale de Paris, na Widener Library em Harvard, na biblioteca da *Miskatonic University* em Arkham (ambas, a cidade e a universidade, criadas pelo autor), e possivelmente na biblioteca da Universidad de Buenos Aires. Além disso, a obra foi explorada por outros autores, que a utilizaram como referência em seus textos, dando a ela mais abrangência e reconhecimento. Porém, quando questionado diretamente, Lovecraft afirmava ser o seu *Necronomicon* puramente ficcional. Curiosamente, existem versões dessa obra que podem ser encontradas à venda, mas que não guardam ligação direta com a lenda criada pelo autor.

A obra é mencionada nos textos de Lovecraft pela primeira vez no conto “O sabujo” (1922). Esse conto narra as aventuras de dois amigos que, por diversão, se tornam ladrões de cemitério. O problema começa quando os rapazes profanam uma tumba na Holanda e dentro dela

acham os ossos castigados de uma criatura estranha com dentes longos e assustadores. Junto aos ossos encontram um amuleto exótico e um livro, que os personagens reconhecem como sendo o *Necronomicon*. Encontram na obra explicações acerca do amuleto, informações sobre suas propriedades e relações que almas têm com determinados objetos. Essa é a única menção ao *Necronomicon* nesse conto, e é dessa forma que ele é citado na grande maioria dos textos de Lovecraft: sempre ao acaso, porém sempre contendo informações valiosas. No conto em questão, o livro apresenta informações sobre amuletos e objetos obscuros, assim como almas e fantasmas. É válido acrescentar que, ao encontrar a obra, o narrador-personagem cita Abdul Alhazred como alguém popular em determinados círculos ocultistas. Isso acontecerá em grande parte das menções ao *Necronomicon*: o nome de seu autor quase sempre é citado e temido.

No conto “O festival” (1923) é mencionada mais uma cópia do grimoário. O texto narra a história de um jovem que visita um vilarejo para participar de uma festividade tradicional representando sua família, porém desacompanhado. Ao chegar na casa a qual fora enviado, um velho o atende e pede para que espere em determinada sala onde há alguns livros. Um desses livros é, evidentemente, o *Necronomicon*. Um fato curioso é que, nas muitas vezes em que Lovecraft menciona a obra em seus contos, ele a inclui junto ou próxima de outras obras fictícias e reais, todas com temáticas parecidas, sobre demônios, bruxaria e o desconhecido. Uma dessas obras “coadjuvantes”, por assim dizer, ao *Necronomicon* é o famoso (e verídico) tratado *Saducismus triumphatus* (1681), de Joseph Glanvill, livro de bruxaria publicado no século XVII. A reação das personagens ao se deparar com o *Necronomicon* é, na maioria das vezes, de medo e receio. O narrador de “O festival”, ao encontrar a obra, diz nunca ter se deparado com um volume daqueles antes, porém afirma ter ouvido coisas monstruosas a seu respeito.

No decorrer do desenvolvimento do enredo do conto referido, o narrador e o velho seguem ao lugar da festividade e o tal livro é levado com eles. Os personagens adentram uma espécie de caverna subterrânea, com um lago fétido e muitas pessoas que veneram uma coluna flamejante que surge da terra e sobe até o teto de pedra. Os rituais se prosseguem, e a situação fica sempre mais estranha. O livro é usado, e criaturas

desconhecidas aparecem e levam, servindo como montaria, as pessoas que ali estavam para um outro lugar. O narrador se recusa a prosseguir, mas o velho tenta convencê-lo afirmando que era seu ancestral e que deveria confiar nele. Ainda não convencido, o narrador presencia um acidente no qual uma dessas criaturas terríveis esbarra no velho ancestral, derrubando sua máscara mortuária e denunciando que o velho já estava há muito morto. Totalmente estupefato, o rapaz se joga naquelas águas putrefatas e perde a consciência. No dia seguinte, acorda em um hospital, onde lhe contam uma história que não condiz com o que presenciara a respeito de seu acidente, e assim consegue que busquem para ele a cópia do *Necronomicon* presente na *Miskatonic University*. Ao ler o livro, descobre um capítulo no qual são narradas as coisas que havia presenciado.

“As cavernas mais profundas”, escreveu o árabe louco, “não se destinam à sondagem de olhos que veem; pois suas maravilhas são estranhas e aterrorizantes. Maldito o terreno onde pensamentos mortos são revividos e insolitamente corporificados, e pérfida é a mente que nenhuma cabeça contém. Sábias foram as palavras de Ibn Schacabao, de que feliz é a tumba onde nenhum feiticeiro se deitou, e tranquila a noite da cidade cujos feiticeiros foram reduzidos a cinzas. Pois é um rumor antigo o que diz que as almas corrompidas pelo demônio não se desligam da argila do sepulcro, mas prosperam e adestram *o próprio verme que a róí*; até que da decomposição uma horrída vida desperta, e os obtusos carneiros da terra se multiplicam com astúcia para atormentá-la e avolumam-se de maneira monstruosa para infestá-la. Grandes covas são cavadas em segredo onde os poros da terra bastariam, e criaturas que se destinam a ras-tejar aprendem então a caminhar. (LOVECRAFT, 2017, p. 394.)

Pode-se observar que o *Necronomicon* está ligado a rituais muito antigos de bruxaria, lugares secretos na terra, males inomináveis, poderes incontrolláveis e a morte sob perspectivas diversas. É também um guia para esses rituais e por vezes um auxiliar na revelação do oculto e do maligno.

Outra história onde o *Necronomicon* tem um papel importante é “O horror de Dunwich” (1928). A trama se passa num pequeno distrito fic-

cional chamado Dunwich, localizado próximo a Arkham. Uma moradora desse local, descrita como “albina e desfigurada”, vinda de uma família mal falada e de “feiticeiros”, dá à luz a um garoto extremamente peculiar. Wilbur Whateley é descrito como negro, semelhante a um bo-de, com proporções bizarras e pelos por todo o corpo. O personagem se desenvolve com uma rapidez anormal, e com menos de quinze anos já é um adulto formado. Sobre seu pai, nada se sabe. Em certo momento, direcionado por seu avô, também mal falado e evitado, Wilbur se dirige à *Miskatonic University* para ter acesso à cópia do *Necronomicon* ali existente. O interesse do jovem está em uma passagem a respeito de Yog-Sothoth, entidade alienígena que pertence à mitologia e ao panteão criados por H. P. Lovecraft. No decorrer da história, descobre-se que o objetivo da família Whateley é a invocação dessa entidade. Um trecho do que Wilbur lê na passagem que procurava diz:

“Não se deve pensar”, dizia o texto enquanto Armitage traduzia-o mentalmente, “que o homem seja o mais antigo ou o último dos mestres da Terra nem que as formas vulgares da vida e da substância andem desacompanhadas. Os Anciões foram, os Anciões são e os Anciões serão. [...]. O Homem reina hoje como Eles reinaram outrora; mas logo Eles hão de reinar tal como o Homem reina hoje. Depois do verão vem o inverno, e depois do inverno, o verão. Os Anciões esperam, pacientes e poderosos, pois é aqui que Eles hão de reinar outra vez.” (LOVECRAFT, 2017, p. 524.)

Wilbur ainda tenta levar o volume para casa, mas seu pedido é negado. Em um momento futuro, tenta roubá-lo da biblioteca, onde é atacado e morto pelo cachorro que guarda o campus da universidade. Seu corpo então é revelado, e não é nem próximo a um corpo humano comum, pois possui características bizarras e desconhecidas, e apenas seu rosto conseguia fazê-lo passar despercebido. Após sua morte, porém, o horror não termina, e uma nova entidade é descoberta no distrito, invisível e aterrorizante, que destrói casas e mata pessoas e animais. Após grande trabalho de alguns membros da *Miskatonic University*, a criatura é destruída, assim como a tentativa de trazer Yog-Sothoth para a Terra novamente.

Como se pode notar, o caráter profético do *Necronomicon* é novamente enfatizado, bem como a mediocridade do ser humano frente à grandiosidade dos deuses e entidades de outros mundos e dimensões. É importante observar que, para Lovecraft, muitas vezes a feitiçaria e a demonologia são diretamente ligadas a esses seres extraterrenos, de modo que as informações contidas no *Necronomicon* fazem sentido seja qual for o tema tratado em determinado texto. Assim, em “O horror de Dunwich” a passagem lida pelo personagem cita Cthulhu, entidade mais conhecida do autor, e Kadath, cidade do mundo dos sonhos que já conheceu a presença de Yog-Sothoth. Ambas as citações têm suas próprias histórias, mas, como se observa aqui, para tudo que Lovecraft cria há uma interligação, a qual é evidenciada através do livro de Alhazred.

As temáticas e textos de Lovecraft, dessa forma, trouxeram grande contribuição e inovação à literatura gótica, particularmente no que concerne ao horror cósmico. O universo criado pelo autor ganhou seu espaço e se enraizou nessa cultura, sendo impossível tratar o gótico sem citá-lo, e um ponto crucial nessa história é o *Necronomicon*. Entrelaçando obras do autor, e ainda obras de outros escritores, esse livro fictício ganhou um caráter assustadoramente verossímil a ponto de confundir-se com a realidade, de modo que se pode considerá-lo, sem exageros, a Bíblia do gótico e do *Unheimlich*. Ele é a fonte, a nascente, a “origem” do sobrenatural na ficção, e é impossível o mero humano entendê-lo, ficando seus segredos pavorosos restritos aos iniciados e aos seres já alterados ou, como ocorre em muitas obras de Lovecraft, aos loucos.

Como se pode observar, o *Necronomicon* trata de todos os males e poderes universais, os quais extrapolam todos os limites de tempo, espaço, dimensões e limites do conhecido. Os temas tratados pelo *Necronomicon* não têm barreiras nem fronteiras, pois transcendem o que é compreensível pelo ser humano. É uma fonte inesgotável de feitiços, teorias, profecias, explicações e descrições de seres extraterrestres e de outras dimensões; e, na sua condição de “fictício”, pode conter o que o escritor que o citar bem desejar, sendo bastante abrangente, desde que trate de temas abomináveis e sobrenaturais. Lovecraft fez questão de que assim fosse, dando mais veracidade à obra e azo para que ela continue assombrando os sonhos de seres humanos, até quando o gótico e o insólito existirem.

Disseminação

O *Necronomicon*, apesar de nunca ter sido realmente escrito, pode ser encontrado em diversos fragmentos em meio aos textos de Lovecraft, e de acordo com o próprio autor, em carta a Robert E. Howard (1932), seria um grande desafio escrevê-lo, considerando a quantidade de citações e passagens distribuídas por sua obra. Como dito anteriormente, os textos de Lovecraft eram rotineiramente publicados na revista *Weird Tales*. Assim como ele, outros escritores (muitos deles seus amigos) produziram trabalhos de temáticas parecidas, sendo comum que adotassem referências ao *Necronomicon* (entre outras criações de Lovecraft), de modo que, desde as décadas de 1920 e 1930, as invenções do autor já transcendiam sua própria obra, o que veio a crescer muito com o passar das décadas.

Foi criado, assim, por August Derleth, escritor e amigo de Lovecraft, o termo *Cthulhu Mythos* (Mitos de Cthulhu) para designar o mundo ficcional iniciado pelo autor. Dividido em dois estágios, o primeiro representando a obra do próprio Lovecraft e o segundo as obras de outros escritores que abarcam as mesmas temáticas (entre eles o próprio Derleth), esse universo foi, e ainda é, ricamente trabalhado por diversos autores.

Na década de 1980, o *Necronomicon*, assim como outras diversas referências lovecraftianas, ganharam um espaço maior na cultura pop. Filmes de terror como as franquias *Friday the 13th* (1980) e *The Evil Dead* (1981) utilizam a obra em suas tramas, sendo o criador da última (Sam Raimi) um estudioso de Lovecraft. Além de filmes, também jogos, seriados e letras de música apresentam temáticas relacionadas ao *Necronomicon* e a elementos criados pelo autor em geral, o que fez com que, da década de 1980 até os dias de hoje, H. P. Lovecraft ganhasse fama e reconhecimento como nunca tivera em vida. Escritores reconhecidos, como Neil Gaiman e Stephen King, apresentam em suas bibliografias obras relacionadas aos *Mythos*, do mesmo modo que bandas como Metallica e Cradle of Filth possuem músicas e álbuns inteiros inspirados nesse universo. Na capa de um dos discos da banda inglesa Iron Maiden aparece escrita em uma lápide uma famosa citação retirada do *Necronomicon*. “That is not dead which can eternal lie / And with strange aeons even

death may die”. Também não se pode esquecer a grande influência lovecraftiana na franquia *Batman*, da editora DC Comics (no asilo Arkham, por exemplo, famoso sanatório da ficção em quadrinhos que carrega o nome da cidade criada por Lovecraft em seu universo ficcional).

É fundamental a participação e importância de H. P. Lovecraft e seu *Necronomicon* na literatura e cultura gótica contemporâneas. Além de criar uma nova vertente do medo com seu horror cósmico, o autor enriqueceu as temáticas, as possibilidades, a profundidade do medo na literatura e em outras formas de arte. Não apenas deu vida à entidades e novos males, como as libertou de sua assinatura, permitindo-lhes embarcar em outras plataformas ficcionais e mídias. Além disso, deu uma fonte para todos esses males, criando a Bíblia do horror, esse livro tão perigoso e misterioso, que pode levar o mero humano à loucura.

Bibliografia

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. “O sabujo”. In COSTA, B. (org.). *Contos reunidos do mestre do horror cósmico*. Tradução de Francisco Innocêncio. São Paulo: Ex Machina, 2017.

_____. Carta para Robert E. Howard [7 de maio de 1932]. In: Quotes Regarding the Necronomicon from Lovecraft’s Letters. *The H. P. Lovecraft Archive* Disponível em: <http://www.hplovecraft.com/creation/necron/letters.aspx> Acesso em: 13 fev. 2014.

_____. “A história do Necronomicon”. In COSTA, B. (org.). *Contos reunidos do mestre do horror cósmico* Tradução de Francisco Innocêncio. São Paulo: Ex Machina, 2017.

_____. “O festival”. In COSTA, B. (org.). *Contos reunidos do mestre do horror cósmico*. Tradução de Francisco Innocêncio. São Paulo: Ex Machina, 2017.

_____. *O horror de Dunwich*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2012.



Cosmicismo, fascismo e eugenia: o pensamento filosófico e social de HPL

por *Edgar Indalecio Smaniotto*



H.P. Lovecraft (1890–1937) é reconhecido pela crítica literária por sua contribuição ao gênero do terror, ao criar e desenvolver uma nova abordagem temática no interior deste gênero já então consolidado: o Horror Cósmico. Lovecraft participou ativamente do movimento de jornalismo amador e foi um incansável missivista, tendo escrito milhares de cartas. Foi nos artigos e cartas que Lovecraft nos apresentou de forma mais sistemática seu pensamento político e filosófico. Mas, sua obra literária não está isenta de reflexões políticas, filosóficas e sociais. Neste texto, exploraremos algumas ideias de Lovecraft sobre sistema de governo, raça e cosmovisão.

O cosmicismo lovecraftiano

O crítico literário e biógrafo S.T. Joshi (2014) considera que, filosoficamente, Lovecraft é um adepto do cosmicismo, por defender “perspectivas cósmicas pessimistas” bem como uma postura “materialista mecanicista”. Pensar em Lovecraft como materialista e ateu pode parecer estranho devido ao conteúdo e temática de suas obras narrativas, geralmente mais conhecidas que sua extensa obra não ficcional: ensaios e cartas.

O nome de Lovecraft é geralmente associado ao ocultismo, devido a uma de suas maiores criações literárias: o livro de magia negra *Necronomicon*. Essa obra é, muitas vezes, tomada como um livro real de práticas mágicas, o que não é verdade. Tal confusão se dá porque Lovecraft foi um homem extremamente culto que, ao escrever seus contos, fazia referências a livros e personagens reais do ocultismo; mas misturava essas referências a outras saídas exclusivamente de sua imaginação — como é o caso do *Necronomicon*.

Dos textos imaginados por Lovecraft, nenhum é tão citado e conhecido como o *Necronomicon*, que foi inclusive “reescrito” por alguns magos, como o ocultista canadense Donald Tyson em seu *Necronomicon — As peregrinações de Alhazred* (Madras, 2007). Nesse livro, Tyson busca reconstituir, através de leituras da obra de Lovecraft e de seus conhecimentos de magia, qual seria o conteúdo do *Necronomicon*. Por sua vez, os artistas Hans Radionoff, Enrique Breccia e Keith Giffen publicaram a história em quadrinhos *Lovecraft* (Devir, 2006), que consiste em uma biografia fantástica de H.P. Lovecraft, em que o autor não cria seus personagens, mas, ao contrário, tem visões místicas dessa realidade, imperceptível para a maioria de nós, e as traduz em histórias, como uma espécie de médium. Na história, Lovecraft também teria tido acesso ao *Necronomicon*, que é tratado como um livro real.

Apesar do interessante resultado artístico desse tipo de obra, Lovecraft não foi um ocultista. Desde pequeno, dedicou-se à ciência, astronomia e química, principalmente; estudou profundamente Darwin e Einstein; e, no campo da filosofia, foi leitor de Nietzsche, um ateu (JOSHI, 2014). Entretanto, não é incomum encontrar referências a Lovecraft como um ocultista ou um escritor que, mesmo sem consciência, revelava “conhecimentos secretos”. Nesse caso, a imaginação se encontra com a realidade e deixa — por que não? — esta mais fascinante.

Quanto a sua perspectiva cósmica pessimista, Lovecraft apresenta o ser humano como incapaz de apreender o universo, e a sua insignificância como ser diante da realidade cósmica. Para Lovecraft, não havia um propósito, uma finalidade, uma teleologia no cosmo, mas apenas o acaso (JOSHI, 2014). Na novela *A sombra vinda do tempo* (1934), Nathaniel Wingate Peaslee tem sua consciência abduzida pela “Grande Raça”, seres que habitaram a Terra há milhões de anos e que tornarão a habitá-la

milhões de anos no futuro. Peaslee, então, reflete sobre a efemeridade não apenas da vida humana, mas da própria humanidade como espécie, habitante de um cosmo que existia antes dela e permanecerá quando a humanidade não mais existir.

Na novela *Nas montanhas da loucura* (1936), todas as formas de vida, inclusive os humanos, são o resultado das experiências da raça dos Anciões:

Após sintetizar as formas mais simples de alimento e criar um bom estoque de *shoggoths*, os Anciões com cabeça de estrela permitiram que outros grupos celulares evoluíssem para formar as mais variadas formas de animal e vegetal... (LOVECRAFT, 2011, P. 73.)

Aqui o homem será pouco mais que o resultado de experimentos ao acaso, fruto de uma intervenção alienígena em um longínquo passado que deu origem às criaturas terrestres, não há qualquer sinal de uma finalidade para a existência humana — mais um exemplo do pessimismo cósmico de Lovecraft.

As personagens de Lovecraft, muitas vezes, chegam à beira da loucura quando percebem a insignificância do ser humano em um contexto cósmico; em suas reflexões, desejam por vezes nunca terem tido acesso a esse nível de conhecimento. Nesse caso, a ignorância seria uma dádiva, como podemos observar logo no início de “O chamado de Cthulhu”:

O que há de mais misericordioso no mundo, creio eu, é a incapacidade da mente humana para correlacionar tudo o que ela contém. Nós vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a negros mares de infinitude, e não fomos destinados a nos aventurar muito longe. As ciências, cada qual se empenhando em seguir seu próprio rumo, poucos danos têm até o presente nos causado; mas quando, algum dia, as peças do nosso conhecimento desagregado se juntarem, irão expor o panorama de uma realidade tão aterrorizante — e também a posição apavorante que ocupamos nela —, que ou enlouqueceremos com a revelação ou nos refugiaremos das luzes letais na paz e na segurança de uma nova idade das trevas. (LOVECRAFT, 2009, pp. 46–47.)

O socialismo fascista de Lovecraft

Lovecraft se definia politicamente como adepto de um fascismo socialista, forma de governo adotada pela “Grande Raça”, que é descrita em *A sombra vinda do tempo*, de 1934. Nessa novela, o personagem narrador elogia as conquistas alcançadas em termos de tecnologia e organização política por essa espécie antiquíssima:

O sistema político e econômico de cada unidade era uma espécie de socialismo fascista, com os recursos básicos distribuídos racionalmente e o poder delegado a pequenos conselhos de governo eleitos pelo voto de todos que fossem capazes de passar em certos testes educacionais e psicológicos. (LOVECRAFT, 2003, p. 182.)

Podemos destacar dois elementos desse trecho que representam muito bem o pensamento político de Lovecraft. Primeiramente, ele admitia a distribuição dos recursos produzidos pela sociedade de forma racional. De acordo com Daniel Ituvídes Dutra (2012), Lovecraft considerava preocupante a perda da qualidade de vida da população, resultado da crise econômica de 1929. Portanto, não é de se estranhar sua defesa da distribuição de recursos básicos como um dos elementos principais em uma sociedade altamente evoluída como a da “Grande Raça”. Destacamos também, nesse trecho, o desejo de Lovecraft de que o voto estivesse condicionado a testes educacionais e psicológicos — essa não é uma ideia exclusivamente lovecraftiana. Lembremos que, no Brasil, manteve-se, da Proclamação da República até 1985, a proibição do voto aos analfabetos, mesmo sendo estes a maioria da população por grande parte desse período.

Lovecraft, durante longo tempo de sua vida, apesar de sua cultura erudita, jamais conseguiu remuneração para viver bem do seu trabalho como escritor e tampouco conseguiu emprego em outra atividade. Apesar da difícil situação financeira, Lovecraft tinha orgulho de sua ascendência familiar aristocrática, mesmo considerando a pobreza em que vivia, principalmente após a crise de 1929, tendo inclusive que mudar de residência e morar com a tia por não conseguir manter o aluguel (JOSHI, 2014).

O sistema político proposto por Lovecraft — socialismo fascista — seria capaz de resolver ambas as questões práticas vividas por ele. Esse sistema garantiria um nível de renda básico a toda a população. Nesse sentido, Lovecraft, que era anticomunista, defendia inclusive a intervenção governamental em assuntos econômicos e criticava o capitalismo *laissez-faire* (DUTRA, 2012). Entretanto, os direitos políticos estariam associados ao nível cultural, garantindo assim os privilégios de uma aristocracia culta, que perdeu gradativamente seu poder econômico, da qual Lovecraft fazia parte.

No ensaio “*Some Repetitions on the Times*” (1933), Lovecraft faz algumas propostas para uma reforma das condições econômicas dos Estados Unidos no período pós-crise de 1929: o controle governamental de recursos a fim de atender as necessidades da população; diminuir a jornada de trabalho e implementar a aposentadoria e o seguro-desemprego (JOSHI, 2014). Para Lovecraft, o importante é “manter as massas sociais mais ou menos satisfeitas...”, “não importa se por meio de instituições sociais e políticas [...] ou pela promessa da possibilidade de ascensão social” (DUTRA, 2012, p. 98). E, ao mesmo tempo, manter a sociedade governada pela aristocracia, que, “na concepção lovecraftiana, é o indivíduo responsável pela manutenção e cultivo de valores morais e, principalmente, estéticos, de alto padrão” (DUTRA, 2012, p. 98).

Em carta ao escritor Robert E. Howard (criador do personagem *Conan, O bárbaro*), em 28 de junho de 1934, H.P. Lovecraft comenta o que entende por fascismo, buscando afastar suas ideias dos movimentos fascistas em curso em diversas nações nos anos 1930:

não julgue essa espécie de fascismo advogada por mim por intermédio de qualquer forma existente hoje. Cada civilização necessita de formas diferentes adaptadas a seu próprio temperamento; e as formas italianas, turcas e alemãs representadas por Mussolini, Mustapha Kemal e Hitler não são apropriadas a nós. Eu seria o último a endossar qualquer um desses restritivos sistemas enquanto aplicados aos anglo-saxões. (LOVECRAFT, 2013, p. 436.)

Nesse trecho, podemos observar que Lovecraft não condena as formas políticas de fascismos apresentadas, as de Mussolini, Kemal e Hitler, mas apenas endossa que cada uma não tem uma forma de governo

mais aceitável ao seu “temperamento”. Para os anglo-saxões, Lovecraft desejaria outra forma de fascismo, certamente o fascismo socialista proposto por ele. Nessa carta, é revelada outra importante característica do pensamento político-social de Lovecraft: sua ideia de superioridade da cultura anglo-saxã.

O pensamento social de HPL: eugenia e racismo

No conto “O chamado de Cthulhu”, escrito em 1926, a personagem principal Francis Wayland Thurston, herdeiro do professor de línguas semíticas George Gammell Angell, investiga o misterioso “Culto de Cthulhu”. Como é recorrente nos contos de Lovecraft, as personagens principais são homens brancos, de cultura erudita e racionalistas.

Esses homens se envolvem com o *Necronomicon* e, posteriormente, com as entidades cósmicas alienígenas, geralmente devido a sua curiosidade científica e um pouco de má sorte. Já os seguidores dessas entidades alienígenas são, em geral, descritos como negros e mestiços, o que leva Lovecraft a tratar o não branco ocidental com clara conotação racista, identificando-o àqueles que cultuam entidades malignas.

Vejamos um exemplo retirado do texto citado:

Tinha o sabor dos sonhos mais desenfreados dos mitômanos e dos teósofos, e revelava um grau assombroso de imaginação cósmica entre mestiços e párias, que se julgaria serem os últimos a possuí-la. (LOVECRAFT, 2009, p. 56.)

Podemos inferir aqui que, caso fossem descritos por “mitômanos e teósofos”, geralmente brancos ocidentais, podia-se esperar um mito tão elaborado como é o “mito de Cthulhu”, mas, para o autor, é “surpreendente” que “mestiços e párias” tenham tal nível de imaginação.

Em outro trecho do mesmo conto, Lovecraft retoma suas observações sobre os adoradores de Cthulhu:

Examinados na delegacia após uma viagem extensa e fatigante, os prisioneiros revelaram-se todos homens do tipo mais torpe, mestiços e mentalmente perturbados. [...] a feitiçaria negra. [...] Degradadas e ignorantes como eram [...] (LOVECRAFT, 2009, p. 58.)

A associação que Lovecraft faz entre “sangue mestiço e mentes desviadas” não era incomum para a época, sendo parte integrante do movimento eugenista. A eugenia, movimento científico, social e político criado a partir das ideias do estatístico britânico Francis Galton, em 1883, em que se pretendia aplicar os conhecimentos da biologia, genética e medicina para separar os humanos entre “os mais aptos” e os “menos aptos”, defende, por exemplo, que o talento é hereditário, bem como a doença mental, o crime, a marginalidade etc. Mais tarde, outros eugenistas iriam utilizar essa pseudociência para tentar justificar cientificamente suas ideias racistas (SMANIOTTO, 2012).

No campo da antropologia criminal, chegou-se a aplicar a craniometria, medida do crânio, com base nas ideias de Cesare Lombroso, que afirmava, por exemplo, que o homem branco se desviava para o crime por ter em si ainda características dos homens primitivos. Ao mesmo tempo, tentava-se justificar que o negro era a raça que mais mantinha elementos do símio primitivo, e assim tentavam justificar biologicamente a exclusão social existente. Lembramos, entretanto, que a eugenia não era uma ciência, mas um pensamento social que deturpava os dados empíricos em favor de uma ideologia político-social racista execrável (SMANIOTTO, 2012).

Outra particularidade do movimento eugenista era a associação de características físicas e comportamento moral. Assim a aparência do indivíduo poderia ser usada para designar, por exemplo, sua menor ou maior propensão ao crime. Esse movimento foi bastante difundido nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, gerando uma verdadeira “guerra contra os fracos” que durou até pouco depois da descoberta dos campos de concentração nazistas e os horrores da eugenia nazista (BLACK, 2003).

Lovecraft escreve: “O *Alert*, tripulado por melanésios e mestiços mal-encarados”. Nesse trecho de “O chamado de Cthulhu”, podemos identificar a associação entre aspecto físico e moral, a “aparência malévola” — tal aparência vem do fato da tripulação ser mestiça e melanésia, ou seja, não brancos. Uma ideia tipicamente eugenista, aqui propalada por Lovecraft.

Nesse caso, para nós, nenhum conto exemplifica melhor esse pensamento que *A sombra em Innsmouth*, de 1931. Lovecraft volta ao tema

da mestiçagem biológica, em que critica a imigração:

O que um monte dos nossos navios da Nova Inglaterra tinham que fazer com portos estranhos na África, Ásia, nos mares do sul e outros lugares, e o tipo estranho de gente que traziam com eles. (LOVECRAFT, 2013, p. 230.)

Há também comentários sobre a aparência dos habitantes de Innsmouth:

Alguns têm cabeças esquisitas e estreitas com narizes achatados e olhos esbugalhados e fixos que parecem que nunca fecham, e a pele deles não parece muito boa, é grossa e áspera, e os lados dos pescoços são ressequidos ou cheios de pregas. Também ficam carecas muito cedo. (LOVECRAFT, 2013, p. 231.)

Para Joshi,

ao longo de todo o conto o narrador expressa — esperando que partilhemos dessa perspectiva — sua repulsa ao grotesco físico das pessoas de Innsmouth, assim como em sua própria vida Lovecraft frequentemente aborda a aparência peculiar de todas as raças exceto a sua. (JOSHI, 2014, p. 348.)

Nessa mesma novela, ficamos sabendo, logo no início, que o governo, ao descobrir a existência dos híbridos de Innsmouth, procedeu a uma campanha militar na cidade:

espantaram-se com o número incomum de prisões, a absurda força policial usada para fazê-las e o sigilo em torno da destinação dos prisioneiros. Nenhum julgamento, nem sequer processos definidos foram relatados; nem mesmo algum dos cativos foi subsequentemente visto nos presídios regulares do país. Havia vagos rumores sobre doenças e campos de concentração... (LOVECRAFT, 2013, p. 227.)

O destino da população de Innsmouth não era incomum para a época. Em seu monumental estudo sobre a eugenia nos Estados Unidos, Edwin Black (2003) relata como mais de sessenta mil americanos foram esterilizados e milhares internados em asilos para loucos (verdadeiros

campos de concentração), em prol da ideia de, através da eugenia, buscar a formação de uma raça superior anglo-saxã. Nesse sentido, *A sombra em Innsmouth* pode ser lido como um conto que afirma diversas ideias eugenistas.

Lembramos que essas ideias eram populares na época, portanto muitas das ideias expressas por Lovecraft em seus contos faziam parte do *establishment* intelectual da época. Como afirma o pesquisador Caio Alexandre Bezarias:

A trajetória de Lovecraft nos seus 47 anos de vida representa com extremo, mas também com exemplaridade, o que foi, aos membros dessa comunidade anglo-saxã, resistir às mudanças que a presença das hordas de imigrantes, mais que representar, encarnava, tanto que podemos afirmar, em consonância aos temas e imagens ao mito de Cthulhu, em uma invasão “alienígena” abatendo-se sobre os Estados Unidos da segunda metade do século XIX. (BEZARIAS, 2006, pp. 59–60.)

Conclusão

Este pequeno ensaio não pretende de forma alguma ser um ponto de chegada para as discussões sobre política, filosofia e raça na obra de H.P. Lovecraft, mas sim apresentar algumas possibilidades de interpretação de seu pensamento a partir da leitura de seus contos. Salientamos, entretanto, que seus contos não podem e não devem ser lidos apenas em função de suas ideias políticas e sociais, e que o valor literário e estético da obra lovecraftiana não deve ser julgado por suas concepções ultrapassadas de raça, por exemplo.

H.P. Lovecraft foi um dos grandes mestres da literatura fantástica do século XX, inovando tanto em relação à temática quanto ao aprimoramento estético literário que imprimiu a sua obra, mesmo quando publicada em revistas *pulps* que não primavam por essa qualidade.

Esse é o Lovecraft que apreciamos como o grande e inovador escritor de horror que foi. O Lovecraft pensador social é muito mais um reflexo do pensamento de sua época do que um inovador, um objeto de estudo, pelo qual podemos compreender uma época histórica específica

e a forma com que este escritor respondeu aos desafios sociais que lhe foram apresentados. O Lovecraft escritor de literatura de horror, este sim um imortal, vicejará permanentemente no imaginário literário ocidental.

Bibliografia

BEZARIAS, Caio Alexandre. *Funções do mito na obra de Howard Phillips Lovecraft*. São Paulo: USP/FFLCH/DLM, 2006. (Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)

BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2003.

DUTRA, Iturvides Daniel. “A Utopia na obra de H.P. Lovecraft: uma leitura política de *Nas montanhas da loucura*”. *Cadernos do IL*, Nº 45, dezembro de 2012.

JOSHI, S.T. *A vida de H.P. Lovecraft: o grande mestre do horror*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2014.

LOVECRAFT, Howard Phillips. “Carta de H.P. Lovecraft a Robert E. Howard”. In *O Mundo Fantástico de H.P. Lovecraft*. Denílson Earhart Ricci (org.). Trad. Jonas Lemes Bertoldo Scherer. Jundiaí: Clock Tower, 2013.

_____. *Nas montanhas da loucura*. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2011.

_____. *O chamado de Cthulhu e outros contos*. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2009.

_____. *A sombra fora do tempo*. In *A cor que caiu do céu*. Trad. Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. *A sombra em Innsmouth*. In *O Mundo Fantástico de H.P. Lovecraft*. Denílson Earhart Ricci (org.). Trad. Allan Moraes. Jundiaí: Clock Tower, 2013.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. *Eugenia e literatura no Brasil: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949)*. Marília: UNESP-FFC, 2012. (Tese de Doutorado)



Cthulhu Mythos: a mitologia da subversão

por *Nathalia Sorgon Scotuzzi*



A obra de H. P. Lovecraft é composta por contos e novelas que podem ser compreendidos sob a forma de algumas categorias. A que mais representa sua estética autêntica é conhecida como *Cthulhu Mythos* — termo cunhado por seu amigo e companheiro de escrita August Derleth — e foi criada no período maduro de sua vida, que representa o desenvolvimento de sua filosofia e de sua escrita. Por *Cthulhu Mythos* podemos entender o grupo de textos de Lovecraft que possui alguns elementos em comum e que caracterizam uma forma de mitologia literária. Entre eles estão os famosos “O chamado de Cthulhu”, “A cor que caiu do espaço”, *Nas montanhas da loucura*, *A sombra vinda do tempo* e *A sombra em Innsmouth*. S. T. Joshi, maior teórico a respeito do autor na atualidade, lista os elementos que estão presentes em todas essas obras:

O primeiro, dos “deuses” inventados e dos cultos e adorações que surgem em torno deles; depois, uma crescente biblioteca de livros míticos de tradições Ocultistas; por fim, uma topografia fictícia da Nova Inglaterra (Arkham, Dunwich, Innsmouth etc.). Fica imediatamente claro que os dois últimos já estão presentes de formas nebulosas em seus primeiros contos; mas as três características se reúnem apenas no trabalho maduro de Lovecraft (2014, p. 281).

O trabalho maduro de Lovecraft, citado acima, situa-se entre os anos de 1926 e 1937 — ano de sua morte. O ano de 1926 marca essa transição, pois foi quando Lovecraft escreveu um de seus mais importantes contos — “O chamado de Cthulhu”, que não necessita de apresentação. Ele exemplifica todos os elementos citados anteriormente e estabelece uma espécie de padrão na obra do autor, que se estende para todos os outros contos desse círculo. Esses elementos, entretanto, não surgem espontaneamente em sua obra, mas são o resultado de anos de desenvolvimento de uma filosofia pessoal e de uma prática literária bastante peculiar. Desde sua infância, Lovecraft tivera bastante contato com variadas mitologias. A primeira delas foi o cristianismo, uma vez que sua família era religiosa e protestante, e assim Lovecraft pôde conhecer de perto os valores dessa religião. Entretanto, conhecer tais valores fez com que ele se afastasse dela:

A primeira manifestação de minha natureza cética provavelmente ocorreu antes do meu quinto ano, quando me contaram o que eu já sabia — que o “Papai Noel” era um mito. A revelação me levou a perguntar por que “Deus” não poderia ser da mesma forma um mito. Pouco tempo depois fui colocado na “classe infantil” da catequese na vetusta First Baptist Church, [...] e lá abandonei todos os vestígios da fé cristã (2011a, p. 70).

Esse abandono da fé cristã também é uma consequência do contato do escritor com outras mitologias, que considerava muito mais interessantes. As crenças greco-romanas, por exemplo, o entusiasmavam a ponto de passar muitos de seus dias realizando cultos a deuses como Pã e Atena e gastar longas tardes admirando bosques e campos em busca de sátiros e outras criaturas mitológicas. O contato com a obra *As mil e uma noites*, ademais, fez com que nutrisse um respeito e admiração pelo islamismo que, comparado ao cristianismo, parecia mais agradável aos olhos do autor. Porém, após sua infância, Lovecraft abandonou de vez qualquer convicção religiosa e sua filosofia materialista começou a desenvolver-se. Sua ideia de mundo ampliou-se de forma que ele passou a refutar qualquer possibilidade metafísica, acreditando puramente na materialidade do universo e do ser humano. Joshi comenta:

Quando Lovecraft descrevia sua filosofia como “materialismo mecanicista”, seu intuito era negar certos princípios centrais da filosofia idealista ou religiosa, especificamente que qualquer evento pode ocorrer no universo para além das fronteiras das leis naturais (embora todas as leis naturais não sejam conhecidas atualmente e talvez nunca venham a ser), que qualquer substância “imaterial” (como a “alma”) possa existir; e que o universo como um todo progride em direção a qualquer objetivo particular. A recusa de Deus, da alma e da vida após a morte está implícita em todas essas formulações (2014, p. 157).

O abandono dessas convicções, entretanto, não impediu que sua obra tratasse de elementos mitológicos. Partindo desse tipo de temática, ele percebeu que poderia especular a respeito das esferas distantes do universo, uma especulação que foi desenvolvida sem que as leis da natureza fossem quebradas, mas sim aprimoradas:

Escuridão, pôr do sol, sonhos, névoas, febre, loucura, a tumba, as colinas, o mar, o céu, o vento, todos esses e muitos outros me parecem reter certa potência imaginativa apesar de nossa vigente análise científica a seu respeito. Logo tentei traçá-las em uma espécie de fantasmagoria sombria que pode conter a mesma espécie de coerência vaga de um ciclo tradicional mitológico ou de lendas — com panos de fundo nebulosos de Forças Antigas e entidades transgalácticas que espreitam esse planeta ínfimo... nele estabelecendo postos avançados e ocasionalmente deixando de lado outras formas de vida acidentais (como seres humanos) em detrimento de assumir a morada por completo. Esse é essencialmente o tipo de noção prevalente na maioria das mitologias raciais — mas uma mitologia artificial pode tornar-se mais sutil e plausível que uma mitologia natural, pois pode reconhecer-se e adaptar-se à informação e atmosfera do presente. (1976 apud SCHULTZ, 2011, p. 226, tradução nossa).

O *Cthulhu Mythos*, sendo assim, apresenta semelhanças e diferenças com as mitologias da humanidade, distorcendo muitos de seus conceitos e desprovendo a humanidade de importância. As mitologias que conhecemos costumam possuir elementos e funções que são praticados e exer-

cidos sempre em função da humanidade. De acordo com Mircea Eliade, um dos maiores teóricos do mito na atualidade:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (ELIADE, 1972, p. 9).

A temporalidade em que esses Entes Sobrenaturais teriam vivido e criado nossa realidade é uma temporalidade mitológica, ou seja, é um tempo inacessível para a humanidade — ele não faz parte do tempo de sua história, nem de seu tempo geológico. A função dessas histórias sagradas é prover um ponto de partida para a humanidade: ela mostra como as coisas devem ser, ela revela as funções de cada elemento da natureza e, principalmente, ela ensina como devem portar-se. Uma mitologia possui diversas relações com a humanidade. Joseph Campbell (1992), em sua obra *O poder do mito*, lista quatro funções que explicam essas relações.

A primeira delas é a função mítica, que coloca a humanidade em contato com a vastidão do cosmos e nos coloca defronte ao mistério, que jamais pode separar-se do mito, caso contrário perderia todo seu sentido. Mito e mistério não podem ser dissociados. Podemos notar que o *Mythos* de Lovecraft faz apelo a essa questão, sendo ela uma premissa para a sua constituição, uma vez que seus personagens acabam por entrar em contato com fenômenos que não podem compreender, que nunca deixarão de ser misteriosos de uma forma ou outra. Por mais que essa mitologia tenha grande base científica, muitos de seus segredos permanecem encobertos.

A segunda função elencada por Campbell é a função cosmológica, que é utilizada para darmos sentido ao nosso mundo. A humanidade possui consciência de seus arredores a partir dessa função, que justifica o lugar de cada coisa no mundo, situando, assim, também a própria humanidade. É nessa categoria que observamos a presença da Ciência, que

como não consegue explicar tudo, continua dando espaço para o mistério. O *Mythos* também apresenta essa função, ainda que com um teor deturpado. Isso se dá pelo motivo de que a história da humanidade pode ser conhecida em vários dos textos dessa mitologia, e é apresentada como algo que aconteceu ao acaso, sem grandes propósitos — os “deuses” que nos criaram não se importam conosco. No entanto, essas são explicações que, ao invés de nos reconfortarem, nos apavoram, já que não é possível receber delas forma alguma de consolo ou esperança. São verdades que, para o bem da humanidade, devem permanecer ocultas.

A terceira função que Campbell propõe é uma função sociológica, responsável por inserir ordem social nas vidas humanas. Ela estabelece regras e morais e proporciona princípios éticos que são seguidos pelos indivíduos que pertencem a essa esfera religiosa. Como exemplo, temos os mandamentos cristãos apresentados na Bíblia, que ensinam sobre como agir, se portar etc. O *Mythos* de Lovecraft não se compromete com essa função, já que seus seres transcendentais não se relacionam de forma alguma com a humanidade. Assim, não haveria sentido no estabelecimento de regras ou normas para nossa conduta. Não existem deuses que instaurem punições para nossos erros ou que nos levem a um paraíso por nossas virtudes. Simplesmente não há nada, apenas o vazio. A ausência dessa função nessa mitologia permite uma total liberdade ao ser humano, algo que, entretanto, pode causar o caos, uma vez que a humanidade descobre que a ética e a moral nada significam em um panorama em que não há ninguém “nos observando”. Sem essas regras, estamos abandonados à barbárie.

A última das funções comentadas por Campbell é a função pedagógica, que se relaciona com a anterior. Ela existe para que a humanidade possa se aprimorar e alcançar seu potencial máximo. Para o *Mythos* isso não se faz necessário. Isso pode ser demonstrado com os cultos realizados a Cthulhu, feitos por diversas tribos humanas ao redor do globo. Esse culto é atribuído a indivíduos deturpados e degenerados, que cultuam um ídolo que representa seu “deus”. Em “O chamado de Cthulhu”, esse culto é descrito da seguinte forma:

Uma clareira natural do pântano abrigava uma ilha coberta de grama, com talvez um acre de extensão, sem nenhuma árvore e razoa-

velmente seca. Lá saltava e contorcia-se uma horda indescritível de aberrações humanas que apenas um Sime ou um Angarola seriam capazes de pintar. Despidos, aqueles seres híbridos zurravam, mugiam e convulsionavam-se ao redor de uma fogueira circular, em cujo centro, visível por entre frestas ocasionais que se abriam na cortina de fogo, erguia-se um enorme monólito granítico com dois metros e meio de altura; e no topo deste, em sua contrastante estatura diminuta, repousava o odioso ídolo entalhado em pedra. De um amplo círculo composto por dez patíbulos montados a intervalos regulares ao redor do monólito envolto em fogo pendiam, de cabeça para baixo, os corpos terrivelmente mutilados dos posseiros indefesos que haviam desaparecido. Era no interior do círculo que a roda de adoradores saltava e rugia, movendo-se da direita para a esquerda em bacanais intermináveis entre o círculo dos corpos e o círculo de fogo. (LOVECRAFT, 2009, pp. 111–112).

Podemos notar que esses cultos que são praticados no *Mythos* são ritualísticos e bestiais. Quem os realiza não possui a intenção de tornar-se uma pessoa melhor; a finalidade de seu culto é trazer Cthulhu de volta à Terra e, assim, espalhar o caos e a destruição. Isso implica em um retorno à selvageria completa, ausente de leis, moral e em um sentido em que o bem e mal não sejam mais relevantes ou distinguíveis. Essa função pedagógica do *Cthulhu Mythos* apresenta-se, assim, avessa às religiões exercidas pelo resto da humanidade.

Observando as criaturas extraterrestres que Lovecraft criou, podemos notar que cada uma delas relaciona-se de forma diferente tanto com a humanidade, quanto com o espaço e o tempo. Seres como Azathoth, — o ser supremo na mitologia lovecraftiana — situam-se para além de nossa concepção de tempo-espaço. O lugar que ocupa é o “centro da infinitude”. Essa entidade não possui relação alguma com a existência humana, sequer tendo conhecimento a seu respeito. Não possui forma física, pois é constituída de alguma “matéria” desconhecida ao planeta Terra, além de habitar câmaras “inconcebíveis”, tendo como súditos seres irracionais e amorfos. Todas essas descrições não passam de meras alusões a um ser que não pode sequer ser imaginado. É apenas a forma que a humanidade encontra para referir-se a ele. Eudoro de Souza, em sua

obra *História e Mito*, apresenta os conceitos de *lonjura* e *outrora*, que utiliza para diferenciar as formas de compreensão humana sobre sua própria História. A seu ver, tudo o que conhecemos e podemos alcançar pertence a uma “presença do presente” e não a um passado. Nosso passado seria constituído pelo mito, não podendo ser acessado ou alcançado pela humanidade. Esse passado define-se pela lonjura e o outrora. A lonjura é a “indimensionável dimensão do espaço — que não é espaço — de um além-horizonte”. O outrora se apresenta “fora ou para além de todos os ‘agoras’ que se alinham, para trás e para frente, direto ao passado ou ao futuro da hora presente” (SOUZA, 1981, p. 3). Não pode ser compreendido, uma vez que pertence a uma “época” inassimilável pelo pensamento humano. Esses conceitos, de acordo com Souza, não pertencem à ordem do sentimento e da emoção e assim nos causam um estranhamento que podemos chamar de cósmico. O entendimento que a humanidade possui de sua vida e de sua origem se limita à História, nossa capacidade de compreensão jamais pode excedê-la. Assim, temos a disposição a *humanizar* tudo o que não podemos compreender; para Souza, essa é uma falha humana, em que “o pior não é que tudo se hominize, mas sim, que se queira tudo nivelar pela orla inferior da humanidade” (SOUZA, 1981, p. 27). Considerando esses conceitos, podemos situar Azathoth e seus “semelhantes” no passado da concepção de Souza. Como dissemos, essas entidades estão sempre para além de nossos horizontes, sejam eles intelectuais ou históricos. Lovecraft demonstra claramente em seus textos que o conhecimento da realidade dos seres que criou e dos mistérios do cosmos só pode levar o ser humano a dois fins: a morte ou a loucura. Também podemos relacionar essa ideia ao passado de Souza, pois este comenta que “tão inútil é o esforçar-se, a história, por ultrapassar seu horizonte, quanto seria o pretender que o passado tome a iniciativa de se aproximar do presente”, ou seja: é uma tentativa inconcebível e insana. A humanidade nunca poderá compreender o que se esconde nesse além e devemos notar que isso independe de qualquer avanço científico, já que a Ciência e a mitologia são compreendidas por esferas diferentes do intelecto humano.

Em oposição a Azathoth, várias das criaturas do *Mythos* não pertencem ao passado isolado de Eudoro de Souza, situando-se não no tempo mitológico, mas no tempo geológico do universo. A novela *Nas monta-*

nhas da loucura apresenta o descobrimento de civilizações extraterrestres sob o gelo das planícies antárticas. Essa descoberta é feita por uma equipe da Miskatonic University que leva físicos, geólogos, biólogos e geógrafos ao continente com a intenção de realizar uma análise de campo, acabando por deparar-se com uma verdade brutal. As criaturas encontradas naquele local, os Ancestrais (*Elder One*), apresentam uma diferença crucial em relação a Azathoth: possuem um corpo físico e compreensível aos sentidos humanos. As descrições a seu respeito são minuciosas e científicas, e indicam que pertençam à realidade de três dimensões espaciais que conhecemos. Como consequência, obedecem às leis de nossa configuração de tempo-espço. Assim, podemos observar uma categoria de entidades lovecraftianas inferior a Azathoth, pois são parte de uma realidade limitada e possuem um corpo físico sendo, assim, mortais. Em uma mesma condição de existência encontra-se o já citado Cthulhu. Essa criatura, junto de sua prole, teria vindo à Terra durante o tempo em que os Ancestrais a habitavam e governavam, travando uma guerra contra eles. Ao fim do embate, Cthulhu fora condenado a habitar sua cidade monstruosa, R'lyeh, no fundo do mar. Cthulhu só estará livre de sua moradia quando as estrelas estiverem em posicionamento correto. Dessa forma, essa entidade abjeta é também escrava do tempo-espço que se aplica à humanidade, e é poderosa apenas quando comparada ao ser humano em toda sua fragilidade; em relação a tudo que há no cosmo, é apenas mais um de seus habitantes.

Devido a todos esses elementos, alguns teóricos da obra de Lovecraft buscaram utilizar termos específicos para caracterizar sua mitologia. Robert M. Price refere-se ao *Mythos* como uma “mitologia artificial”, já que é uma criação literária e não pode ser confundida com as mitologias da humanidade. Já David E. Schultz utiliza um termo distinto para referir-se ao *Cthulhu Mythos*: ele o apresenta como uma *antimitologia*. Isso se justifica quando analisamos as funções de um mito e com quais delas ele se relaciona. Ao deturpar, inverter ou simplesmente não considerar algumas dessas funções, podemos concluir que o *Mythos* é uma mitologia de subversão.

Bibliografia

BERRUTI, M. *The unnamable in Lovecraft and the Limits of Rationality*. [S.l.: s.n], 2005.

BEZARIAS, Caio A. *A totalidade pelo horror*. São Paulo: Annablume, 2010.

BRICE, M. P. Lovecraft's "Artificial Mythology". In: JOSHI, T. S.; SCHULTZ, D. E. (Ed.). *An Epicure in the Terrible: A Centennial Anthology of Essays in Honor of H. P. Lovecraft*. Nova York: Hippocampus Press, 2011.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Associação Palas Athena, 1992.

COLAVITO, J. *Atheism's Mythographer*. 2001. Disponível em: <http://jcolavito.tripod.com/lostcivilizations/id19.html>. Acesso em: 25 jun. 2015.

JOSHI, S.T. *A vida de H. P. Lovecraft*. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2014a.

_____. *Lovecraft and a world in transition: collected essays on H. P. Lovecraft*. Nova York: Hippocampus Press, 2014b.

LOVECRAFT, H.P. *O chamado de Cthulhu e outros contos*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2009.

_____. *A cor que caiu do espaço*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2011a.

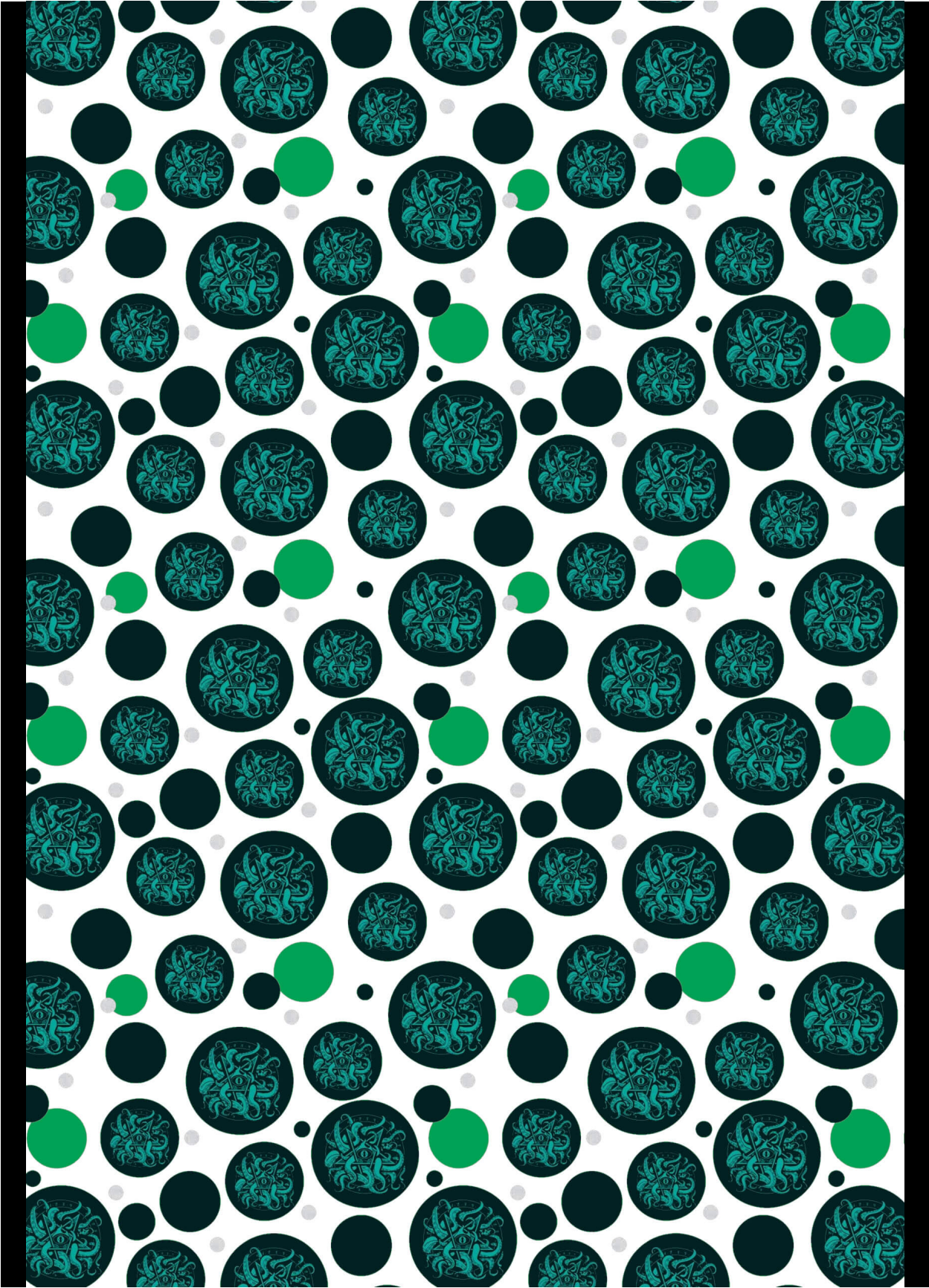
_____. *Nas montanhas da loucura*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2011b.

MORALES, J. *H. P. Lovecraft and the Myth of the 20th Century*. 1997. Disponível em: <http://baharna.com/psychozoan/9701/lovecraft.htm> Acesso em: 25 jun. 2015.

SCHULTZ, D. E. From Microcosm to Macrocosm: The Growth of Lovecraft's Cosmic Vision. In: JOSHI, T. S.; SCHULTZ, D. E. (Ed.). *An Epicure in the Terrible: A Centennial Anthology of Essays in Honor of H. P. Lovecraft*. Nova York: Hippocampus Press, 2011.

SOUZA, E. *História e Mito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.





Notas

1. O *Ciclo de Cthulhu* compreende as histórias relacionadas diretamente às divindades alienígenas do panteão mitológico criado pelo autor. Já o *Ciclo dos Sonhos* abrange as histórias de inspiração dunsaniana e remetem às Dreamlands (Terra dos Sonhos), terras e civilizações situadas em outras dimensões, acessíveis apenas por meio da atividade onírica. A divisão chamada aqui de *Miscelânea* é composta pelas histórias fantásticas, góticas, de horror e ficção científica que 1) ou não se enquadram em nenhum dos dois ciclos anteriores; 2) ou apenas aludem a um ou a ambos de forma episódica. *Colaborações* traz textos produzidos através colaborações diretas, textos de outros autores em que Lovecraft revisou a ponto de sua escrita integrar-se nas peças, e os em que atuou como *ghostwriter*. A parte *Juvenília* possui contos imaturos do autor, escritos entre 1898 e 1902, período em que a influência de Poe e do discurso científico em geral já se fazem notar no tom e na matéria dos enredos. Em *Poesias* está incluído alguns dos poemas e das poesias que H.P. Lovecraft escreveu ao longo de sua vida. *Extras* engloba contos de outros autores que se passam no mesmo universo ficcional e, contos de autores que foram inspiração para Lovecraft. O segmento *Bestiário* integra extratos da própria ficção de HP em que descreve deuses, entidades e seres, acompanhados de ilustrações de Enrique Alcatena; Por fim, *Apêndices* reúne algumas cartas que HP enviou e que recebeu, ensaios, e rascunhos.

∴

1. Segunda estrofe do poema “Nemesis”, de HPL, escrito em 1917 e publicado em *The Vagrant*, em junho de 1918.: *Vi escancarar-se um escuro universo / De negros planetas que vagam a esmo— / Vagueiam os astros em horror ignoto, / Sem nome e sem lume, inscientes, no abismo.*

∴

1. O Kaiser Guilherme II comparou as forças alemãs aos hunos sob o comando de Átila quando da Rebelião dos Boxers. Durante a Primeira Guerra Mundial, a propaganda aliada se referia aos alemães como hunos. Na primeira publicação do conto, o narrador faz referência às forças do “Kaiser”, e não do “Huno”.

2. Referência ao poema épico de John Milton.

3. Edward Bulwer-Lytton (1803–1873), romancista e dramaturgo britânico, muito popular em sua época, autor do clássico *The Last Days of Pompeii* (1834) e de algumas obras de ficção insólita, como *Zanoni* (1842) e *A Strange Story* (1862). Publicou uma obra pioneira da ficção científica: *The Corning Race* (1871).

4. O homem de Piltdown é um dos mais famosos casos de fraude científica na história da antropologia. Sua descoberta foi anunciada em 1912 por Charles Dawson, um arqueólogo amador, que afirmou que o crânio em questão havia sido encontrado por trabalhadores numa mina de cascalho em Piltdown, condado de Sussex, Inglaterra. O fóssil, que unia características humanas e símias, chegou a ser declarado um “elo perdido” entre homens e macacos, porém gerou controvérsias na comunidade científica desde seu descobrimento. Em 1953, demonstrou-se sem sombra de dúvida que se tratava de uma falsificação, montada a partir de um crânio humano datado da Idade Média, partes do crânio de um orangotango e caninos de um chimpanzé. Lovecraft, morto em 1937, não poderia saber disso ao escrever este conto, em 1917.

5. Polifemo era um dos ciclopes e filho de Poseidon. É famoso o episódio da *Odisseia* em que Ulisses, feito prisioneiro por Polifemo, consegue cegá-lo e logra escapar.

6. Em Samuel, livro I, capítulo 5, os filisteus tomam a Arca da Aliança dos hebreus e a guardam no templo de Dagon. Contudo, a estátua do deus filisteu amanhece caída e então sem mãos ou cabeça. Em hebraico, Dagon significa “pequeno peixe”. Sua figura era representada como um homem que apresentava a forma de peixe da cintura para baixo.

∴

1. “... na escuridão silenciosa do abismo”, extraído do conto “*Probable Adventure of the Three Literary Men*” (A provável aventura dos três literatos), de Dunsany: “E Sippy, muito imprudente, tentou fugir, e Slorg, com igual imprudência, tentou se esconder; porém Slith, bem ciente de por que a luz havia sido acendida naquele quarto secreto e de quem a acendera, saltou sobre a orla do Mundo e ainda está caindo, afastando-se de nós, na escuridão silenciosa do abismo.” (N.E.)

∴

1. Jean Laffite (c. 1776–c. 1823) — ou Lafitte, como seu nome era grafado pelas autoridades estadunidenses, foi pirata francês e atuou na região do Golfo do México e da Flórida. Laffite estabeleceu sua base de operações na baía de Barataria, na região do *bayou*, o pantanal da Louisiana.

2. Pierre Le Moyne d’Iberville (1661–1706), aventureiro, corsário, explorador e administrador colonial francês nascido no Canadá, explorou a região do rio Mississippi e estabeleceu ali a colônia francesa da Louisiana.

3. René-Robert Cavelier, Senhor de La Salle (1643–1687), explorador francês, nascido em Rouen e falecido no que hoje integra o estado do Texas. La Salle explorou a região

dos Grandes Lagos, entre os atuais Estados Unidos e o Canadá, o rio Mississippi e o Golfo do México. Foi o primeiro a reclamar a bacia do rio Mississippi para a França.

4. Sidney Sime (1867–1941), pintor vitoriano, conhecido por suas obras de caráter fantástico ou satírico. Anthony Angarola (1893–1929) foi um pintor estadunidense, descendente de imigrantes italianos, bastante apreciado por Lovecraft.

5. Arthur Machen (1863–1947) foi um escritor galês conhecido por suas narrativas de horror e fantasia. Quanto ao californiano Clark Ashton Smith (1893–1961), além de escritor de narrativas sobrenaturais e de ficção científica, foi também escultor e pintor. Smith foi amigo e correspondente de Lovecraft, e publicou algumas obras que davam seguimento ao chamado “horror cósmico” lovecraftiano e ao próprio Mito de Cthulhu.

∴

1. Cotton Mather (1663–1728) foi um influente ministro puritano da Nova Inglaterra, que demonstrava grande preocupação com o que considerava a falta de fé da população de sua terra. Suas ideias foram influentes para a instauração dos processos de Salem e da famosa caça às bruxas associada a eles.

∴

1. A referência para esse nome vem da novela *A História do Califa Vathek*, escrita em francês pelo aristocrata inglês William Beckford (1760–1844) e publicada em 1782. Em 1786, Samuel Henley traduziu a história para o inglês e adicionou diversas notas. Em carta para Clark Ashton Smith, Lovecraft diz que retirou o termo *azif* dessas notas. A tradução de Herbert Grimsditch também afirma que o nome era uma referência ao som de insetos noturnos. Há um trecho da história que diz o seguinte: “Os bons muçulmanos imaginaram ouvir o sombrio zumbido dos insetos noturnos que anunciam a desgraça e suplicaram a Vathek que cuidasse de sua sagrada pessoa” (cf. William Beckford, *Vathek*, trad. Henrique de Araújo Mesquita. 3ª ed. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 56). *Vathek* era uma das histórias favoritas de Lovecraft, por sua inspiração orientalista nas *Mil e Uma Noites* e pelo estilo gótico da narrativa. Outro grande nome da literatura, o argentino Jorge Luis Borges, também tinha a novela em alta conta e escreveu dois famosos prólogos para o texto. No segundo deles, publicado em 1984, ele diz que o inferno descrito em *Vathek* é “o primeiro inferno realmente atroz da literatura”.

2. Este pequeno ensaio compõe uma carta de Lovecraft endereçada ao amigo Clark Ashton Smith. A missiva data de 1927. A primeira publicação do ensaio se deu em 1938, editada como um panfleto pela Rebel Press.

3. Texto que compõe uma coletânea homônima de contos escritos por Robert W. Chambers (1865–1933), publicada pela primeira vez em 1894. Os quatro primeiros contos do livro são ligados por uma espécie de peça de teatro, chamada justamente *O Rei de Amarelo*, que transforma radicalmente a vida de quem a lê. Em seu ensaio “O Horror Sobrenatural em Literatura”, Lovecraft é bastante elogioso ao livro de Chambers, afirmando que a obra “atinge alturas notáveis de medo cósmico”.

4. Em novembro de 1927, Lovecraft escreve outra carta para Smith em que trata novamente do *Necronomicon* contando a história acima relatada. “Não tive chance de produzir novo material neste outono, além de notas de classificação e sinopses para alguns contos monstruosos que estão por vir. Em particular, tracei alguns dados sobre o celebrado e indizível *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred! Parece que essa blasfêmia chocante foi produzida por um nativo de Sanaá, no Iêmen, que floresceu por volta de 700 d.C. e fez muitas peregrinações misteriosas para as ruínas babilônicas, às catacumbas de Mênfis e às vastidões assombradas por demônios e intocadas pelo homem dos grandes desertos ao sul da Arábia — o Roba el Khaliyeh, onde ele diz ter encontrado registros de coisas mais antigas que a humanidade e descoberto o culto de Yog-Sothoth e Cthulhu. O livro era um produto da velhice de Abdul, passada em Damasco, e seu título original era *Al Azif* — *azif* (ver as notas de Henley para *Vathek*) é o nome que se dá aqueles estranhos ruídos (de insetos) que os árabes atribuem ao uivar de demônios. Alhazred morreu — ou desapareceu — sob circunstâncias terríveis no ano de 738. Em 950 *Al Azif* foi traduzido para o grego pelo bizantino Theodorus Philetas sob o título de *Necronomicon*, e um século mais tarde foi queimado por ordem de Miguel, patriarca de Constantinopla. Foi traduzido para o latim por Olaus em 1228, mas colocado no *Index Expurgatorius* pelo papa Gregório IX em 1232. O original árabe foi perdido na época de Olaus e a última cópia grega conhecida desapareceu em Salém no ano de 1692. A obra foi impressa nos séculos XV, XVI e XVII, mas poucas cópias sobraram. Caso existam, estão guardadas cuidadosamente para o bem da felicidade e da sanidade do mundo. Uma vez um homem leu a cópia da biblioteca da Universidade Miskatonic, em Arkham — leu e fugiu com um olhar louco para as montanhas... mas essa é uma outra história!”. Em 1936, em uma carta para James Blish e William Miller, Lovecraft brinca sobre o livro, com datas de publicação diferentes daquelas apresentadas para Clark Ashton Smith: “Vocês têm a sorte de conseguir cópias do infernal e aberrante *Necronomicon*. São elas os textos latinos impressos na Alemanha no século XV, a versão grega impressa na Itália em 1567, ou a tradução espanhola de 1623? Ou essas cópias seriam textos diferentes?”.

∴

1. Livro fictício, inventado por Clark Ashton Smith na história “Ubbo-Sathla” (publicada em 1933) e, segundo Joshi, criado por Smith como um análogo ao *Necronomicon*

2. Personagem de Robert E. Howard e seu livro, *Cultos inomináveis*, da história “The Black Stone” (1931).

3. A denominação desse tipo de tribunal, estabelecido pela lei inglesa, deriva da expressão francesa “*oyer et terminer*”, ouvir e decidir. Nesse tipo de júri, empregado particularmente no julgamento de casos graves, como os de traição e outras infrações sérias, cabe ao juiz inquirir o acusado para tentar apurar a verdade, e com base no depoimento assim colhido, e no parecer emitido pelo júri, decidir sobre a culpa ou inocência do acusado e determinar sua eventual pena. Esse tipo de julgamento foi empregado nos processos de bruxaria de Salem.

∴

1. Em latim, no original: “Os demônios operam de modo que coisas que não existem se apresentem aos olhos do homem como se fossem reais”.

∴

1. Salmos 91:6. “A pestilência que se propaga nas trevas.” (N.E.)

∴

1. Segunda estrofe do poema “Nemesis”, de HPL, escrito em 1917 e publicado em *The Vagrant*, em junho de 1918. Em uma de suas cartas, Lovecraft anota: “[que o poema] apresenta a concepção, aceitável à mente ortodoxa, de que os pesadelos são punições impostas à alma pelos pecados cometidos em encarnações prévias — quiçá milhões de anos atrás!”. (Selected Letters, 1.51)

2. Tradução latina do *Livro de Eibon*, cf. primeira nota de “Os sonhos na casa da bruxa”.

3. Aklo é uma língua fictícia, a que se atribui poderes místicos, mencionada por Arthur Machen na sua história “The White People” (1899). Lovecraft faz menção a ela também na noveleta “O horror de Dunwich”.

4. No endereço aqui atribuído a Blake situava-se, no ano em que “The Haunter of the Dark” foi originalmente publicado (1935), a residência do pintor e escritor Robert Bloch, amigo de Lovecraft, a quem o autor dedicou este conto.

5. Lovecraft refere-se aqui ao personagem de um dos mais célebres contos de Edgar Allan Poe, “A queda da casa de Usher”.

∴

1. Famosa fábrica alemã de aeronaves fundada por Claudius Dornier em 1914.
2. Derby é um nome que aparece em algumas histórias de Lovecraft, principalmente em “A Coisa na Soleira da Porta”; o mesmo ocorre com Pickman, do conto “O Modelo de Pickman”.
3. Nicholas Roerich (1874–1947), escritor e artista plástico russo, cujas pinturas eram muito admiradas por Lovecraft. Manipulando a perspectiva e a iluminação dos quadros, Roerich criava imagens realistas que evocavam estranheza e surrealismo.
4. “Ulalume” (ii, 15–19), poema composto por Edgar Allan Poe em 1847.
5. Único romance escrito por Edgar Allan Poe, publicado em 1838. Lovecraft empresta de Poe alguns elementos para sua história, como a presença dos estranhos pinguins gigantes.
6. William Scoresby (1789–1857), cientista e explorador inglês cujas viagens inspiraram Herman Melville, autor de *Moby Dick*.
7. O oficial naval Charles Wilkes (1798–1877) comandou a expedição americana pelo oceano Antártico em 1838. Notório por sua rigidez no trato com a tripulação, teria sido uma das inspirações de Herman Melville para compor o obsessivo capitão Ahab, de *Moby Dick*.
8. O grito também é um elemento retirado da obra *A Narrativa de Arthur Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe.

∴

1. Uma viagem similar é narrada no conto “A Cidade sem Nome”.
2. *De Vermis Mysteriis* é um livro ficcional criado por Robert Bloch (1917–1994) para o conto “The Shambler from the Stars” (1935). Bloch foi o mais jovem autor a fazer parte do chamado “círculo lovecraftiano”, sendo um correspondente assíduo de Lovecraft e tendo hospedado o amigo mais velho durante uma viagem. Lovecraft contribuiu com um texto de um encantamento em latim para a história de Bloch e faria referências ao conto em outras histórias.
3. Línguas aglutinativas são aquelas em que a junção de algumas palavras possuem o sentido de uma frase completa. Entre as línguas aglutinativas, temos o japonês e o turco.
4. Os Antigos descritos em *Nas Montanhas da Loucura*.

5. A Ciméria é uma terra fictícia criada por Robert E. Howard para as histórias de seu personagem Conan, O Bárbaro. Crom é a mais importante divindade ciméria.
6. Outro tomo fictício cuja primeira aparição se deu no conto “The Sealed Casket”, de Richard F. Searigh, publicado em 1935 na revista *Weird Tales*.
7. O termo usado por Lovecraft é *blackfellows*, uma forma pejorativa de se referir aos aborígenes muito comum no século XIX.

∴

1. Por esse nome era conhecido, na Idade Média, o grupamento de sete estrelas que formam o Grande Carro da Ursa Maior.

∴

1. Em latim, no original: “O destino mostrará o caminho” (Virgílio, *Eneida* X, 113).

∴

1. Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, dito Paracelso (1493–1541), médico, cientista, alquimista e ocultista suíço.
2. Santo Alberto Magno (c. 1193–1280), doutor da igreja, filósofo e teólogo alemão, que se teria dedicado à Alquimia e à Astrologia.
3. Johann Heidenberg (Johannes Trithemius) (1462–1516), monge e erudito alemão, foi o criador da esteganografia (técnica de escrita criptográfica). Foi o autor do primeiro livro sobre o personagem Fausto, médico, mago e alquimista alemão que vendeu a alma ao diabo em troca de conhecimento ilimitado e prazeres mundanos.
4. Hermes Trismegisto é o nome grego dado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas ao deus egípcio Thoth, identificado com o deus grego Hermes. Seria o autor do *Corpus Hermeticum*, uma série de textos sagrados que constituem a base do hermetismo.
5. Pierre Borel (Petrus Borellius) (c. 1620–1671), alquimista, médico, químico e botânico francês.

∴

1. “Naquela noite, o Barão sonhou desgraças,/ Como seus convivas, com sombras e espectros/ De bruxas, demônios e grandes vermes,/ Teriam por longo tempo

pesadelos.” Versos extraídos do poema “Véspera de Sta. Agnes”, de John Keats. Tradução de Alberto Marsicano e John Milton.

∴

1. Em latim, no original: “A maldade dos antigos — a maldade dos antigos realizou-se... realizou-se por fim”. (N.T.)

∴

1. Com o subtítulo de *The Ecclesiastical History of New England* (A história eclesiástica da Nova Inglaterra), esta obra de Cotton Mather apresenta-se como uma narrativa dos avanços do cristianismo nas colônias da Nova Inglaterra, particularmente Massachusetts. Em uma de suas passagens mais notórias, Mather descreve os processos de Salem.

∴

1. Crosta vitrificada originada pela fusão de areia, ou de qualquer outra rocha, por efeito do calor do raio. (N.E.)

2. Na tradição judaica, a palavra *Abbadon* significa “local de destruição” e refere-se, portanto, a um lugar associado ao reino da morte, ao submundo. Já no *Apocalipse de S. João*, Abadom é descrito antes como uma entidade demoníaca, um anjo caído que reina sobre o abismo e rege as pragas — particularmente a dos gafanhotos, que é descrita no texto bíblico como uma nuvem de locustas com caudas de escorpião e feições humanas. No versículo II do nono capítulo desse livro que encerra o Novo Testamento, lê-se: “E tinham sobre si como rei o anjo do abismo; em hebraico era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom”.

3. *Mynbeer* é uma forma de tratamento respeitoso utilizada por falantes da língua holandesa, equivalente a “senhor”.

4. Rio do inferno greco-romano. (N.E.)

∴

1. É importante esclarecer aqui que o instrumento referido por Lovecraft ao longo do texto como “*viol*” e nesta tradução como “viola” não se trata do mesmo que designa o instrumento de arco e cordas semelhante ao violino, um pouco maior, e de timbre mais grave. Trata-se muito provavelmente de uma *viola da gamba*, instrumento semelhante ao violoncelo, tocado na posição vertical, entre as pernas do executante, e que tem origem no século XV, tendo sido muito popular no período barroco. De fato, em carta

a Elizabeth Toldridge (31 out. 1931), o autor se refere a Zann como “*cellist*” (violoncelista).

∴

1. Essa passagem não é do romance *Drácula* de Bram Stoker, de 1897; mas de uma ligeira variação de um diálogo do filme de Tod Browning de 1931, cujo roteiro é creditado a Garrett Ford:

DRÁCULA: *Morrer ... estar realmente morto ... isso deve ser glorioso.*

MINA: *Ora, conde Drácula!*

DRÁCULA: *Há coisas muito piores ... aguardando o homem ... do que a morte.*

A citação é omitida de muitas versões publicadas desta história. (N.E.)

2. *Djinn* ou demônio da religião islâmica, particularmente temido pela sua força.

3. Eblis ou Iblis, cujo nome significa *desespero*, é o líder dos *djinn* e o maior dos demônios do Islã. Equivale ao Satã do cristianismo.

4. Sabatarianismo é a prática religiosa da estrita observância ao sábado; legislação suntuária diz respeito a uma legislação da Nova Inglaterra que proibia muitas atividades (como a compra de bebidas alcoólicas aos domingos) e interferia no modo de se vestir, se alimentar, etc. das pessoas. (N.E.)

∴

1. Em latim, no original: “Possa em um lugar agradável, após a morte, repousar”.

2. Relativo aos quatro reis George que reinaram na Grã-Bretanha de 1714 a 1830. (N.E.)

3. No original em inglês: *Come hither, my lads, with your tankards of ale, / And drink to the present before it shall fail; / Pile each on your platter a mountain of beef, / For'tis eating and drinking that brings us relief; / So fill up your glass, / For life will soon pass; / When you're dead ye'll ne'er drink to your king or your lass! / Anacreon had a red nose, so they say; / But what's a red nose if ye're happy and gay? / Gad split me! I'd rather be red whilst I'm here, / Than white as a lily — and dead half a year! / So Betty, my miss, / Come give a kiss; / In hell there's no innkeeper's daughter like this! / Young Harry, propp'd up just as straight as he's able, / Will soon lose his wig and slip under the table, / But fill up your goblets and pass 'em around — / Better under the table than under the ground! / So revel and chaff / As ye thirstily quaff; / Under six feet of dirt'tis less easy to laugh! / The fiend strike me blue! I'm scarce able to walk, / And damn me if I can stand upright or talk! / Here, landlord, bid Betty to summon a chair; / I'll try*

home for a while, for my wife is not there! / So lend me a hand; / I'm not able to stand, / But I'm gay whilst I linger on top of the land! (N.E.)

4. Personagem da mitologia romana que é sacrificado como uma oferta a Netuno e abandonado à morte sem um enterro apropriado. (N.E.)

∴

1. Gilles de Rais (1404–1440), que figura em algumas obras literárias também com o nome de Gilles de Retz, foi um cavaleiro bretão que liderou o exército francês contra os ingleses ao lado de Joana D'Arc. Apesar desse passado de glórias militares, passou para a história também como um assassino em série, que teria violentado, torturado e assassinado cerca de duzentos meninos.

2. Trata-se de Warren Gamaliel Harding (1865–1923), proprietário do jornal *Marion Daily Star*, de Ohio, e presidente dos EUA pelo Partido Republicano entre 1921 e 1923, cujo mandato encerrou-se com sua morte súbita, provavelmente em consequência de um ataque cardíaco.

∴

1. Parlamento holandês. Reuniu delegados de estados provinciais pela primeira vez em 9 de janeiro de 1464 sob o reinado de Felipe III, Duque da Borgonha. (N.T.)

∴

1. Trecho do conto “The Red Hand” (1895), do autor galês Arthur Machen (1863–1947), que Lovecraft tanto admirava. A história também é citada em seu ensaio “O horror sobrenatural na literatura”.

2. “Terão existido demônios, íncubos e súcubos, e de tal conjunção poderiam nascer rebentos?” A frase citada pertence ao teólogo jesuíta Martin Anton Delrio (1551–1608), cuja ampla obra incluiu comentários a Sêneca, ao Gênese e a outros livros do Velho Testamento, tratados sobre legislação civil, estudos históricos, entre outros. Seu trabalho mais conhecido, porém, e que teve grande popularidade em seu tempo, foi o aqui citado *Disquisitionum magicarum libri sex*, publicação em que discorre sobre magia, e que forneceu argumentos para a Inquisição — e também para os famosos processos de Salem.

∴

1. A lua cheia mais próxima ao equinócio de outono.

∴

1. “Eu me sinto tomado pelo sono.” Fala do personagem Bottom em *Sonho de uma noite de verão* (Ato IV, Cena 1), tradução de José Roberto O’Shea.
2. Estrela beta da constelação Perseus. *Algol* deriva do árabe *Al Ghul*, que significa “demônio”. *Algol* é uma estrela binária eclipsante, cujo brilho diminui e aumenta a intervalos regulares. Eis o motivo de Lovecraft compará-la a um farol que pisca com regularidade.

∴

1. Em latim, no original: “Salve, César, os que vão morrer te saúdam”. (N.E.)

∴

1. Em latim, no original: “Homem de acérrimo engenho e pouquíssimas letras”.

∴

1. Abreviatura latina para “confira”, “compare” ou “consulte”.
2. “Schweinkopf” significa “Cabeça de Porco” em alemão.
3. *Rome and Byzantium: A Study in Survival* (waukhesha, 1869), Vol. XX, p. 598 (N.A.)
4. *Influences Romains dans le Moyen Age* (Fond du Lac, 1877), Vol. XV, p. 720 (N.A.)
5. Repare-se que os nomes Littlewit e Bêtenoir se poderiam traduzir, respetivamente, por Desmiolado e Ovelha Negra.
6. De acordo com Procópio, *Goth* x.y.z. (N.A.)
7. De acordo com Jornandes, Codex Murat, xxj. 4144 (N.A.)
8. Segundo Pagi, 50–50. (N.A.)
9. O que em latim significa “cem celas”.
10. Não após o aparecimento dos trabalhos de Von Schweinkopf, em 1797, St. Ibid e o retórico foram propriamente identificados (N.A.)
11. Título dado a certos chefes de tribos índias.

12. Nação composta por tribos de índios algonquinos.

∴

1. O Museu de Cera de Madame Tussaud foi aberto em Londres em 1835 e continua aberto até hoje. Confira: www.madametussauds.com.

2. Trata-se de personagens históricos, que cometeram ou foram vítimas de assassinatos. Com eles, o narrador dá uma ideia do acervo macabro do museu de Rogers.

3. Gilles de Rais ficou conhecido por estuprar e matar crianças. O Marquês de Sade, pela perversão que leva seu nome.

4. Trata-se de obras fictícias: o *Necronomicon* é uma criação de Lovecraft. O *Livro de Eibon*, do escritor Clark Ashton Smith. *Unaussprechlichen Kulten* (também conhecido como *Cultos Inomináveis* ou *Livro Negro*) e seu autor, Friedrich Von Junzt, foram criados pelo escritor Robert E. Howard, em homenagem a Lovecraft.

5. Éon é uma unidade de tempo geológico, que equivale a um milhão de anos. A palavra vem do grego *aion*, que significa “era”, como em “Era do Gelo”.

6. Dinastia que reinou na Inglaterra entre 1485 e 1603.

7. Cidade do extremo oeste do Alasca, às margens do mar de Bering.

8. Sidney Sime (1867–1941) e Gustave Doré (1832–1883) foram artistas plásticos e ilustradores de obras marcadas pelo sobrenatural, o mistério e a fantasia.

9. Leopold Blaschka (1822–1895) produzia artesanato em vidro e ficou famoso por reproduções em vidro de espécimes botânicos.

∴

1. Esta é uma pronúncia regional do final do século XIX para “canadian” (canadense), nome do rio citado. (N.T.)

∴

1. Neste conto, *The Mound*, Lovecraft atuou como escritor-fantasma (ghostwriter) para Zealia Bishop que queria uma história tradicional de assombrações e velhas maldições indígenas. (N.E.)

2. Nome dado pelo explorador espanhol Francisco Vásquez de Coronado, em 1541, ao lugar onde estavam as míticas Sete Cidades de Ouro, que nunca foram encontradas. As

cidades estariam situadas na região central do estado do Kansas. (N.T.)

3. Em francês no original. (N.T.)

4. Estes erros encontrados no “original espanhol” decerto se devem às circunstâncias em que foi produzido. Lovecraft não era fluente em nenhum idioma moderno, o que significa que o “original” citado não foi escrito por ele, é uma tradução encomendada. Como não dominava a língua, é possível que Lovecraft tenha transcrito o texto com erros. Outra possibilidade para a origem dos erros é que Robert H. Barlow, o datilógrafo que transcreveu a versão original deste conto, era um jovem de apenas dezessete anos, que também não sabia espanhol. Finalmente, a caligrafia de Lovecraft, reconhecidamente difícil de ler, pode ter também levado Barlow a cometer erros adicionais. Corrigindo os erros ortográficos evidentes, mas mantendo o costume antigo de iniciais maiúsculas, o texto “original” deveria ser: *Relación de Pánfilo de Zamacona y Núñez, Hidalgo de Luarca en Asturias, tocante al mundo soterraneo de Xinaián, A. D. MDXLV. En nombre de la Santísima Trinidad, Padre, Hijo, y Espíritu-Santo, tres personas distintas y una solo, Dios verdadero, y de la Santísima Virgen Nuestra Señora, Yo, Pánfilo de Zamacona, hijo de Pedro Guzmán y Zamacona, Hidalgo, y de la Doña Ynés Alvarado y Núñez, de Luarca en Asturias, juro que todo lo que dezco es verdadero como sacramento...* Ademais da dificuldade com a língua, Lovecraft também erra na genealogia do personagem, desrespeitando os costumes onomásticos ibéricos. Como o pai de Pánfilo se chamava Pedro Guzmán y Zamacona e, na época, não era ainda costume a mulher adotar o nome do marido, a sua mãe somente se chamaria Ynés Alvarado e o nome do personagem teria de ser Pánfilo Guzmán y Alvarado. Para dar-lhe o nome de Pánfilo de Zamacona y Núñez, Lovecraft teria de dar-lhe pais chamados Pedro de Zamacona y Guzmán e Ynés Núñez. (N.T.)

5. Divindade das culturas mesoamericanas cultuado, em especial, pelos astecas e pelos toltecas, e identificado por alguns estudiosos como a principal entidade do panteão centro-mexicano e pré-colombiano. O nome significa serpente emplumada. (N.T.)

6. Tal como Quivira, esta é, também, um das sete cidades de ouro. (N.T.)

7. Nome de um suposto continente perdido, localizado no Oceano Índico ou no Oceano Pacífico, identificada por alguns como a chamada Terra de Mu. (N.T.)

8. Na mitologia fenícia, a deusa da lua, da fertilidade e da guerra. (N.T.)

∴

1. Sítio arqueológico que funcionou como necrópole da antiga cidade de Mênfis, uma das várias capitais que o Egito Antigo conheceu ao longo da história. (N.T.)

2. Farsa que envolveu os restos fossilizados de um suposto gigante antediluviano de cerca de três metros de altura com um pé de 53 centímetros, na realidade, esculpido um ano ou dois antes da sua “descoberta” em 1869. O falso fóssil foi ideia de George Hull e de Stubb Newell, que tinha uma quinta em Cardiff, Nova Iorque, onde a farsa foi perpetrada. Embora cientistas tenham chamado a atenção para a falsificação, foi grande o interesse do público para ver o “fóssil”. (N.T.)
3. Ponape, hoje Pohnpei, é uma das ilhas que constituem os Estados Federados da Micronésia. A denominação persistiu até 1984. Nan-Madol, situada a sudeste da ilha de Pohnpei, é uma série de pequenas ilhas artificiais ligadas por uma rede de canais e é frequentemente chamada de “Veneza do Pacífico”. (N.T.)
4. Na mitologia grega, terra mítica situada em algum lugar remoto no norte da Europa e da Ásia, onde o sol brilhava 24 horas por dia. (N.T.)
5. Os livros citados são fictícios. O *Liber Ivonis* (ou *Livro de Eibon*) foi criado por Clark Ashton Smith; O *Necronomicon* e seu autor, o árabe louco Abdul Alhazred, bem como os *Fragments Pnakóticos*, são criação de H. P. Lovecraft; o *Livro Negro* ou *Cultos Inomináveis*, obra de Friedrich von Juntz, é, na verdade, produto da imaginação de Robert E. Howard, tal como o “autor” alemão. (N.T.)
6. Averaigne é uma região fictícia do centro-sul da França, um cenário criado por Clark Ashton-Smith para as suas histórias de horror mais convencional, com ambientação medieval. O castelo de Fausses-flammes, já em ruínas na época das histórias narradas por Ashton-Smith, era “muito antigo e há muito evitado pelas pessoas da região, pois havia lendas a respeito de um mal ancestral nele oculto e se dizia que era residência de espíritos imundos, um ponto de encontro de feiticeiros e súcubos.” (N.T.)
7. Naacal, ou Muviano, seria uma língua falada no continente perdido de Mu, que teria afundado no Oceano Pacífico. Ensinada por um sacerdote hindu ao coronel inglês James Churchward (1851–1936), seria encontrada apenas em pequenas tábuas às quais ninguém mais teve acesso. A história de Mu foi relatada por Churchward em livros publicados, originalmente, nas décadas de 1920 e 1930. (N.T.)
8. Os areoi, ou aroiti, habitavam as Ilhas da Sociedade, ou Arquipélago da Sociedade (hoje parte da Polinésia Francesa), no Pacífico Sul e eram uma sociedade secreta de guerreiros que se acreditavam descendentes de Ora-Tetefa e de Uru-Tetefa, dois irmãos celestiais. Os membros, homens e mulheres, eram escolhidos entre os membros da nobreza local. (N.T.)

1. Montanhas Adirondack: uma cordilheira do estado norte-americano de Nova Iorque (N.T.).
2. Damão e Pítias são personagens da mitologia grega. Sua lenda simboliza a confiança e a lealdade de uma verdadeira amizade (N.T.).
3. Raça de cachorro popularizado pelos filmes da *Lassie* (N.T.).
4. Hallow Eve é outro nome para Halloween (N.T.).

∴

1. Guias de viagem originalmente publicados pela editora alemã Verlag Karl Baedeker, pioneira na produção e difusão desse tipo de obra.
2. Trecho do poema “Alciphron”, do poeta inglês Thomas Moore (1478–1535). proezas de um “*habwi*”, ou mágico, estrangeiro é causa de ressentimento e disputa. Pensei no quanto meu guia de voz cavernosa chamado Abdul Reis parecia-se com um antigo sacerdote egípcio, faraó ou esfinge sorridente... e admirei-me.
3. Relativo a Egipã, divindade mitológica dos bosques, representação de Pã com pés de bode e corpo coberto de pelos.

∴

1. Referência a Robert E. Howard
2. Referência a Bernard Austin Dwyer, de West Shokan, Nova Iorque
3. Referência a William Lumly
4. Referência a H. Warner Munn
5. Referência a David H. Keller
6. Referência a Miles J. Breuer
7. Referência a A. Hyatt Verril
8. Referência a George Allan England
9. Referência a Frank Belknap Long, Jr.
10. Referência a Forrest J. Ackerman

11. Referência a Margaret Brundage (artista da *Weird Tales*)
12. Referência a C. C. Senf (artista da *Weird Tales*)
13. Referência a Hugh Rankin (artista da *Marvel Tales*)
14. Referência a Wilfred Blanch Talman
15. Referência a Howard Phillips Lovecraft
16. Referência a August Derleth (*autor de Evening in Spring*)
17. Referência a Julius Schwartz
18. Referência a H. C. Koenig (empregado do Laboratório para Testes Elétricos)
19. Referência a Howard Wandrei
20. Referência a Robert S. Carr
21. Referência a Seabury Quinn
22. Referência a E. Hoffman Price
23. Referência a E Lee Baldwin
24. Referência a Hugo Germbach
25. Referência a Clark Ashton Smith
26. Referência a *Weird Tales*
27. Referência a W. Paul Cook
28. Referência a Dauber & Pine
29. Referência a Samuel Loveman
30. Referência a A. Merritt (autor de *Dwellers in the Miragé*)
31. Referência a *The American Weekly*

∴

1. Verdete, verdigris: Pigmento antigo, utilizado, sobretudo, até o século 17. Acetato básico de cobre, artificial, $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 + 2\text{Cu}(\text{OH})_2$.

2. Siniforme: Em formato chinês.

∴

1. Septicemia acompanhada de numerosos focos secundários de supuração (N.R.).

2. Caldo feito com carne, peixe ou legumes fervido em água com ervas e considerado remédio para um resfriado ou uma dor de estômago (N.R.).

3. No original “*Thou shalt not suffer a witch to live*”. A frase significa, literalmente “*Tu não debes permitir que uma feiticeira viva*” Essa passagem é encontrada na versão do Rei James da Bíblia e é parte da história de Saul e a feiticeira de Endor. Segundo consta, a frase serviu de mote para a morte pelo fogo de muitas mulheres acusadas de bruxaria tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Todavia, na Bíblia de Jerusalém (Samuel, 28:3) — Saul e a feiticeira de Endor — estas palavras não são encontradas. Há, apenas, a advertência da feiticeira a Saul em relação ao expurgo de necromantes e de adivinhos por ele próprio promovido (N.R.).

4. Nêmesis: deusa grega da vingança e da justiça distributiva (N.R.).

5. Apolônio de Tiana: filósofo neopitagórico e professor de origem grega. Seus ensinamentos influenciaram o pensamento científico por séculos após sua morte (N.R.).

∴

1. Se referindo a Alice através do espelho, de Lewis Carrol.

2. Usado no século 18.

3. Em todos os dicionários rug só consta como tapete, alfombra. Uma busca a imagem no Google mostrou, nesta figura, Chey in the rug, que é também poncho.

4. Sanduíche, Massachusets, tradicional produtora de vidro fino.

5. Paleogêneo (ordoviciano): Segundo período da era paleozoica, que se estendeu de 500 milhões a 435 milhões de anos atrás.

∴

1. Referência satírica a *Weird Tales*

∴

1. “Father” no original, em inglês, refere-se tanto a *padre* quanto a *pai*. [N.T.]

∴

1. O termo *dominie* tem o mesmo sentido de pastor ou ministro nas igrejas protestantes (N.R.).

∴

1. O inferno gelado da mitologia nórdica.
2. Uma das três harpias da mitologia grega.
3. Relativo a um festival da Roma Antiga em honra ao deus Saturno.
4. Em latim: “*Cristo é a minha esperança.*”

∴

1. Referência à Rive Gauche (margem esquerda) do rio Sena. Além do aspecto geográfico, a expressão *Rive Gauche* designa, também, um estilo de vida mais livre e despojado (N.R.).

∴

1. Os citas eram um antigo povo de pastores nômades que, na Antiguidade Clássica, dominaram a estepe conhecida à época como Cítia (N.R.).
2. Antiga cidade na margem leste do rio Nilo, na Núbia, a região do vale do rio Nilo que atualmente é partilhada pelo Egito e pelo Sudão (N.T.).

∴

1. King John. (N.A.)

∴

1. (A fragata.) [Nota do Autor.]

∴

1. Evidentemente, o ritmo datílico do original não foi reproduzido na tradução do poema.

∴

1. *Narcophagi*. No *Medical Dictionary* (v.I, trilingue), de Emmanuel Veillon, o termo se traduz para o francês como narcophage e para o alemão como betäubungsmittelkonsument, significando “comedor de narcóticos”.

∴

1. DIS segundo os “Mitos de Cthulhu” era uma cidade invisível. Foi mencionada algumas vezes por HPL e por Clark Ashton Smith e outros do círculo.

∴

1. Sam Perkins era um pequeno gato de HPL, cuja morte causou a este fundo desgosto.

∴

1. Telhado de gambrel: Telhado à holandesa, com duas águas quebradas

∴

1. No original: “Midsummer’s Night”, refere-se ao solstício de verão, que acontece entre 21 e 25 de junho, a data exata varia em diferentes culturas. Na Igreja Católica, a data é 24 de junho, dia de São João.

2. Coven: assembleia de bruxas (especialmente um grupo de 13).

∴

1. Em tradução live: *Sob a luz da lua, o pescador lança sua rede ao mar — o que ele encontra [...]*. (N.E.)

∴

1. “Há mais coisas, Horácio, em céus e terras,/ Do que sonhou nossa filosofia.” (Hamlet Ato I, cena 5)

∴

1. Na mitologia nórdica, é uma entidade dos rios, a qual atraía os navegantes com seu canto (N. T.);

2. Os “medos”, aos quais Robert E. Howard se refere, são os habitantes da antiga Média — ou Pérsia. (N.T.);

3. Uma fraternidade secreta de assassinos e ladrões de viajantes, que se tornou operante a partir do século XVI, na história da Índia. (N.T.);

∴

1. Planeta fictício, mencionado por Lovecraft, e que consistiria no então recém-descoberto Plutão. (N.T.)

2. Seguidores de uma religião do Oriente Médio, na qual os fiéis acreditam terem sido criados à parte do resto do gênero humano e se segregam do resto da sociedade. (N.T.)

3. Monte cuja localização exata é imprecisa, pois somente os que possuem os mapas corretos são capazes de encontrá-lo. (N.T.)

∴

1. Bosques de Viena

∴

1. Navios baleeiros são usualmente providos de tanques de óleo; por que o *Gampus* não os tinha jamais pude verificar. (N.A.)

2. O caso do brigue Polly, de Boston, vem tão a propósito aqui, e sua sorte, sobre muitos aspectos, se assemelha tão notavelmente à nossa, que não posso deixar de aludir a ele aqui. Esse navio, de cento e trinta toneladas, saiu de Boston com uma carga de madeira e de víveres, para Santa Cruz, a doze de dezembro de 1811, sob o comando do Capitão Casneau. Havia oito pessoas a bordo, sem contar o capitão, o piloto, quatro marinheiros e o cozinheiro, e mais um Sr. Hunt, com uma negra de sua propriedade. No dia quinze, depois de ter passado o banco de Georges, começou a fazer água em consequência duma rajada de vento de sudeste e, por fim, voltou-se de cima para baixo; mas, tendo os mastros caído ao mar, ele voltou à posição natural. Ficaram seus tripulantes nesta situação, sem fogo e com muito poucas provisões, durante o período de cento e noventa e um dias (de quinze de dezembro a vinte de junho), quando o Capitão Casneau e Samuel Badger, únicos sobreviventes, foram recolhidos do navio naufragado pelo Fame, de Hull, comandado pelo Capitão Featherstone, e com destino ao Rio de Janeiro. Quando os recolheram, achavam-se a vinte e oito graus de latitude e a treze graus de longitude ocidental, tendo derivado mais de duas mil milhas! A nove de julho o *Fame* encontrava o brigue Dromeo, do Capitão Perkins, que desembarcou os dois desventurados em Kennebeck. A narrativa de que extraímos estes pormenores acaba com estas palavras: “É muito natural perguntar agora como puderam eles flutuar a tão vasta distância, na parte mais frequentada do Atlântico, sem serem descobertos durante todo esse tempo. Mais de doze navios passaram perto deles, um dos quais

chegou tão perto que eles podiam distintamente ver as pessoas que se achavam no convés e nos cordames olhando para eles; mas com inexprimível desaponto para aqueles homens famintos e enregelados, aquelas pessoas sufocaram os ditames da compaixão, içaram velas e cruelmente os abandonaram ao seu destino.” (N.A.)

3. *Mother Carey* (Mãe Carey) é uma anglicização, feita pelos marinheiros, da expressão latina *mater cara*, que se refere à Virgem Maria, padroeira dos homens do mar. (N.T.)

4. Entre os navios que, em tempos vários, se disse terem-se encontrado com as Auroras, podem ser mencionados o barco San Miguel, em 1769; o barco Aurora, em 1774; o brigue Pearl, em 1779, e o navio Dolores, em 1790. Todos eles concordam em dar a latitude média de 53 graus sul. (N.A.)

5. Os termos manhã e tarde, de que faço uso para evitar confusões em minha narrativa, tanto quanto possível, não devem, é claro, ser tomados em seu sentido natural. Durante longo tempo não tivemos absolutamente noite, sendo contínua a luz do dia. As datas são citadas de acordo com o tempo náutico e as direções indicadas pela bússola. Devo anotar também, neste ponto, que não posso, na primeira parte do que aqui se escreve, pretender estrita exatidão a respeito de datas, latitudes ou longitudes, por não ter mantido um diário regular depois do período de que trata essa primeira parte. Em muitas ocasiões dependi exclusivamente da memória. (N.A.)

6. Esse dia tornou-se notável por observarmos, ao sul, vários rolos imensos de vapor cinzento a que já me referi. (N.A.)

7. A greda era também preta; na verdade. Não vimos substância de cores vivas de qualquer espécie, na ilha. (N.A.)

8. Por motivos evidentes, não posso pretender ser estritamente preciso nessas datas. São dadas, principalmente, tendo em vista esclarecimentos à narrativa, tais como se encontram em minhas notas a lápis. (N.A.)

∴

1. Último rei da Lídia, famoso por sua enorme riqueza (N.R.).

2. Sigla em inglês (Young Men's Christian Association) para a Associação Cristã de Moços (N.R.).

∴

1. Nesta carta, escrita para o amigo Clark Ashton Smith em 27 de novembro de 1927, Lovecraft aborda vários temas recorrentes na vasta correspondência que deixou: os

serviços que prestava como revisor, o trato com os editores, a publicação em revistas *pulp*, a literatura e as artes pictóricas — e anuncia também a escritura de “História do Necronomicon”, que no ano seguinte ganharia mais um capítulo com a escritura de *O horror de Dunwich*.

∴

1. Quando outros colaboradores da *Weird Tales* começaram a fazer alusões ao *Necronomicon* e a outras criações de Lovecraft, muitos leitores da revista *pulp* perguntaram-se se essas referências não teriam um fundo de verdade — o que Lovecraft sempre negou enfaticamente. Um dos leitores intrigados foi o escritor Robert E. Howard, criador de Conan, o bárbaro. Nessa carta, redigida em 14 de agosto de 1930, Lovecraft explica a Howard o que pensava a respeito dessas “pseudomitologias”.

∴

1. No original: “The night was dark O reader hark! and see Ulysses’ fleet / All homeward bound, with vict’ry crown’d, he hopes his spouse to greet. / Long hath he fought, put Troy to naught, and levell’d down its wall. / But Neptune’s wrath obstructs his path, and into snares he falls!”

∴

1. O nome de solteira da autora era Zealia Brown-Reed. Ao se casar, adotou o sobrenome Bishop, de seu marido. Ela é mais conhecida como Zealia Bishop, nome que foi usado na publicação dos contos de sua “parceria” com H.P. Lovecraft. (N.T.)

∴

1. Wilfred Blanch Talman (1904–1986) foi escritor, romancista e historiador americano. Contribuiu com Lovecraft no conto “As Duas Garrafas Negras” (Two Black Bottles). Publicou um livro de memórias sobre Lovecraft em 1973 com o título “O Normal Lovecraft” (The Normal Lovecraft).

2. Argosy era uma revista de publicação semanal de “pulp fiction” — uma subliteratura caracterizada por aventuras sensacionalistas e chocantes ao público. A edição que Lovecraft se refere trazia o conto “The Voodoo Express”, de Theodore Roscoe.

3. August William Derleth (1909–1971) escritor e antologista americano. Foi o primeiro a publicar as obras de Lovecraft e fundador da Editora Arkham House.

Também foi um prolífico escritor de poesia, romances policiais além de contos do gênero de horror cósmico. Contribuiu com Lovecraft em alguns de seus contos.

4. Ao se referir ao trabalho de Derleth, Lovecraft utiliza-se do termo “Hokum” para enfatizar a característica estranha de seus contos.

5. Arthur Machen (1887–1947), Algernon Blackwood (1869–1951) eram escritores contemporâneos e do mesmo gênero literário de Lovecraft. Edgar Allan Poe (1809–1849) falecido 31 anos antes do nascimento de Lovecraft foi um dos mais famosos escritores estadunidenses do século XIX e um dos inspiradores de Lovecraft.

6. Seabury Quinn (1889–1969), jornalista, advogado do governo americano e escritor de contos de aventura e romance policial. Otis Aldebert Kline (1891–1946) romancista de aventura e agente literário. Lovecraft deixa transparecer que não apreciava seus estilos literários.

7. Keneth Vrest Orton (1897–1986) era amigo de H. P. Lovecraft. Ajudou a organizar a editora Stephen Daye, de Brattleboro, Vermont, para a qual Lovecraft trabalhou.

8. Vovô Theobald era o modo como Lovecraft referia-se a si mesmo de forma cômica.

∴

1. Demônio lendário que ataca túmulos e se alimenta de cadáveres.

2. Instrumento musical semelhante ao cravo.

3. Fada da mitologia celta, o seu aparecimento prenuncia a morte de alguém.

4. *Kalpa* é uma palavra sânscrita que assinala um longo período na cosmologia hindu e budista, equivalente a aproximadamente 4 bilhões de anos. O conceito aparece no Mahabharata e nos Puranas.

∴

1. Artistas fictícios de contos de HPL.

∴

1. Composto apenas seis dias após a morte de Lovecraft.

∴

1. Embora não seja possível estabelecer uma hierarquia precisa no tocante à importância de uma determinada leitura para a melhor compreensão de uma criatura específica, minha intenção neste bestiário foi apresentar as sugestões mais ou menos em ordem de relevância.